Bibliotheque
de M.r le comte Riant

Port 30.6

HARVARD UNIVERSITY LIBRARY

FROM THE LIBRARY OF
COUNT PAUL RIANT

MEMBER OF THE
INSTITUTE OF FRANCE
HISTORIAN OF THE
LATIN EAST

MDCCCC

BOUGHT WITH INCOME OF THE
HENRY L. PIERCE FUND

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

ESTUDOS DE

MANOEL BERNARDES BRANCO

CONTENDO

I — Diccionario dos escriptores estrangeiros
que escreveram obras relativas a Portugal ou a assumptos portuguezes,
com a traducção dos trechos mais notaveis d'essas obras.

II — Diccionario dos traductores estrangeiros que verteram para os seus idiomas
obras portuguezas.

III — Noticia dos portuguezes que nas letras e nas sciencias se distinguiram no estrangeiro, e
Resenha das obras de auctores portuguezes publicadas em Portugal
e reimpressas repetidas vezes em paizes estrangeiros.

IV — Noticia das recordações e monumentos ainda existentes em differentes partes
do mundo feitos pelos portuguezes ou erigidos em honra d'elles.

Obra adornada de nove retratos

TOMO 1.º

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR
30 — Rua Augusta — 32

1879

Digitized by Google

Digitized by Google

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

Digitized by Google

Digitized by Google

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

OBRA DIVIDIDA EM QUATRO PARTES

CONTENDO OS SEGUINTES ASSUMPTOS

I — Diccionario dos escriptores estrangeiros, que escreveram obras consagradas a Portugal ou a assumptos portuguezes, com a traducção dos trechos mais notaveis d'essas obras

II — Diccionario das obras portuguezas vertidas em linguas estrangeiras

III — Noticia dos portuguezes que no estrangeiro se distinguiram nas lettras, e resenha das obras portuguezas reimpressas nos paizes estrangeiros

IV — Noticia das recordações e monumentos existentes em diversas partes do mundo, construidos por portuguezes, ou erigidos em honra d'elles.

ADORNADA DE NOVE RETRATOS

ESTUDOS DE

MANOEL BERNARDES BRANCO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

TOMO I

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA—EDITOR
50 — RUA AUGUSTA — 52
1879

Digitized by Google

Part 30.6

Harvard College Library
Plant Collection
Henry Lillie Pierce Fund
May 7, 1900.

Digitized by Google

A SUA MAGESTADE EL-REI

DOM LUIZ I

O. D. C.

O AUCTOR

Digitized by Google

Digitized by Google

Real Senhor!

O meu trabalho — Portugal e os Estrangeiros — no qual já consumi uns dez annos, vai provar, até á evidencia, que é glorioso o ser portuguez; julguei por isso que só ao digno Chefe d'este povo, Chefe, que tambem sabe perfeitamente avaliar a importancia d'estes trabalhos, devia ser dedicada a obra, composta por aquelle que tem a honra de ser de

Vossa Magestade

O MAIOR ADMIRADOR E RESPEITADOR

Manoel Bernardes Branco.

Digitized by Google

Digitized by Google

PROLOGO

Rien ne peut arrêter dans leurs projets nouveaux
Ces Portugais ardens qui volent sur les eaux.
Oh combien de heros guidèrent leur audace!
Que de faits immortels ont signalé leur trace!

ESMENARDE.—Chant. v.

«Ninguem deve negar que a lingua portugueza foi quasi a lingua universal de todos os povos maritimos; ninguem deve negar que os maiores potentados da Asia disputavam a preferencia de serem nossos vassallos.»

VISCONDE DE SANTAREM.—*Quadro Diplomatico*, tom. I.

Portugal, um dos mais pequenos paizes, e situado na parte mais meridional da Europa, encravado entre o oceano e um estado potentissimo, parecia pela sua posição votado ao esquecimento; não sendo de presumir que houvesse pelos seus feitos de conquistar muitas paginas na historia; por um seculo dar leis a uma porção de territorio superior áquelle em que os romanos dominaram; apresentar um grande numero de homens distinctos em todo o genero de conhecimentos[1]; e dar religião e idioma culto a um grande numero de povos, de maneira tal que, se em virtude das vicissitudes humanas um dia Portugal perder sua autonomia, e escravisado pelo direito do mais forte, for convertido n'uma obscura

[1] «Encontram-se nomes portuguezes nas listas das corporações litterarias de Berlim, Bordeaux, Edimburgo, Philadelphia, Florença, Leão, Liège, Londres, Madrid, Marselha, Paris, Saxonia, Stockholm, Toscana e Turim.» José Maria Dantas Pereira, *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. x.

Digitized by Google

provincia de qualquer outro paiz, ainda assim nem ha de deixar de cultivar a lingua de seus maiores, e na qual suas glorias foram escriptas, nem os povos civilisados deixarão de estudar o idioma de Fernão Lopes, João de Barros, Mendes Pinto, Thomé de Jesus, Amador Arraes, Luiz de Sousa, Herculano, Camões, Bocage, Philinto Elysio, Nicolau Tolentino, João de Lemos, Gonzaga, Garrett, Castilho, Julio Diniz, Thomás Ribeiro e tantos outros[1]; nem os commerciantes hão de despresar o estudo de um idioma, do qual tantos milhões de individuos se servem nas suas transacções commerciaes, pois que a lingua portugueza não é só cultivada em Portugal, suas numerosas possessões e Brazil. A nossa lingua, forrando-me ao

---

1 «Parece que os hespanhoes sempre se acharam convencidos que nunca podiam attingir a ternura romantica dos portuguezes. Uma certa simplicidade e intensidade na expressão dos sentimentos ternos, aos quaes a lingua de Portugal é particularmente favoravel, tem sido em todos os tempos uma das feições caracteristicas da poesia portugueza desde o XV seculo até aos presentes tempos.» Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Litterature*, vol. II, pag. 17.

«O numero preponderante dos escriptores poeticos de Portugal, comparado com os de Hespanha durante o seculo XV, é uma circumstancia merecedora de especial noticia, por isso que prova que o solo de Portugal era então, bem como em epochas de maior antiguidade, mais fertil do que a Hespanha em genio poetico.» Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Litterature*, vol. II, pag. 19.

«No glorioso reinado de D. Manuel nenhum poeta hespanhol tinha alcançado tanta celebridade, como aquella de que gosava o portuguez Bernardim Ribeiro. A litteratura hespanhola n'aquelle tempo não podia ter orgulho d'alguma obra escripta n'um estylo tão culto.» Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Litterature*, pag. 38.

«Portugal póde ser considerado como a verdadeira patria da poesia romantica pastoril, a qual, todavia, pelo mesmo periodo florescia na Italia, onde assumiu fórmas mais cultas, particularmente depois que Sannazaro escreveu; porém propriamente nacional só o foi em Portugal.» Frederick Bouterwek, *History of Spanish and Portuguese Litterature*, pag. 43.

* * *

«Nenhuma nação nos seculos XV e XVI mostrou maior audacia, emprehendeu ou assombrou mais os homens com proezas maiores do que o fazia um estado tão pequeno. Descobriram e frequentaram os portuguezes, commercialmente ou com guerra cinco mil leguas de costa; conquistaram Goa, Malaca, Ormuz, Ceylão, fundaram Macau, subjugaram parte da India, por toda a parte precederam os inglezes: mas perco-me n'estas conquistas!... E é depois do desenvolvimento da grandeza portugueza na India, que o genio da nação se manifesta: encontrar-se-hia nas cartas de Albuquerque, como nos versos de Camões; nas versões de alguns missionarios, como nas paginas eloquentes do historiador Barros. Os homens d'acção foram n'aquelle tempo homens de lettras, e o talento de escrever recebeu d'esta alliança uma valentia particular no XVI seculo. Portugal é um paiz encantador! Em nossos dias, quando um grande poeta, fatigado pelos prazeres, tendo o *spleen* da saciedade e o do genio, deixou melancolicamente sua nebulosa patria com o fim de se desenfastiar, apenas tocou Portugal, sentiu-se renascer á vista d'este bello clima, e d'esta terra outr'ora gloriosa, e sempre fertil.» Ferdinand Denis, *H. de la Litt. Port.*

Digitized by Google

trabalho de dizer em que sitios da Africa se faz uso d'ella, é fallada por alguns milhões de individuos tanto no Paraguay, como em varias localidades da America do sul; é lingua ainda conhecidissima em varios pontos do globo. A lingua portugueza (segundo nos assevera pessoa muito competente, o sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, no seu prologo (pag. XXVI) á Grammatica da lingua Concani) — «Falla-se, e é vulgar desde o Guzarate até o Cabo Comorim. Não é desconhecida na costa de Coromandel até Bengala. É commum, com maior ou menor pureza, em Ceylão, no archipelago Malaio e na China. Entende-se em Sião, e em varios grupos dos archipelagos oceanicos, etc. Não duvidamos de que seja o inglez a lingua em que no dia de hoje *um natural bem educado*, chegando da India superior, de Bengala ou de Madrasta, se faça entender de outro *natural bem educado* em Bombaim; que seja o inglez a unica lingua que o *mesmo natural bem educado* use para escrever a seus amigos Bengali de Calcuttá ou Tamil de Madrasta; mas é ao mesmo tempo certo, que em todas as classes da população, não só do continente indiano, mas dos archipelagos e territorios acima mencionados, ainda mesmo n'aquellas classes, que não passam por mais illustradas, haverá quem saiba comprehender e exprimir o portuguez; e sem duvida uma carta escripta em portuguez será entendida no logar do seu destino em todas aquellas vastas regiões.»

Foi talvez pela celebridade que Portugal adquiriu pelos seus feitos, pelas suas descobertas mormente, pela extensão de seu commercio, que ainda no fim do seculo passado, segundo a expressão de um celebre escriptor francez, era prodigioso, e por suas glorias litterarias em todos os ramos de conhecimentos, e até mesmo pelo estudo das linguas orientaes, (chegando F. Dinis a dizer que n'este genero não se deve mais aos inglezes do que aos portuguezes), que um extraordinario numero de escriptores se occupou de nossas cousas, já escrevendo um incalculavel numero de livros sobre assumptos portuguezes, havidos não poucos d'estes como obras primas na litteratura, já traduzindo os escriptos mais notaveis ou uteis que pelos nossos foram compostos; já finalmente fazendo edições sobre edições em um extraordinario numero de cidades estrangeiras dos livros que saíam dos nossos prélos em Portugal [1].

A historia dos primeiros tempos da monarchia portugueza póde ser estudada, quanto possivel, nas antigas chronicas, compostas

[1] «Não se julgue que a lingua portugueza é unicamente restringida ao povo, que a falla. Ella é ainda a lingua do commercio asiatico: está derramada desde o cabo Não até ás ilhas do Japão, e desde a ilha da Madeira até o Brazil. Além d'isto esta lingua é bella, sonora, harmoniosa, livre d'essa aspiração gutural, que censuramos á hespanhola: tem toda a doçura, e flexibilidade da italiana, a gravidade e o colorido da latina. Uma outra qualidade

Digitized by Google

tanto por nacionaes como por hespanhoes. De D. João I por diante servem tambem de subsidio os chronistas francezes, o celebre Froissart consagra mais de uma pagina aos gloriosos feitos dos heroes de Aljubarrota e o mesmo pratica Filippe de Commines a respeito de D. Affonso V. Tendo, porém, o mestre d'Aviz por um

---

d'este idioma é, que ainda não envelheceu: é sempre a mesma ha tresentos annos.»—Sané, *Poesie Lyriq. Port.*

***

No seculo passado o celebre viajante inglez Bruce, com o fim de examinar as nascentes do Nilo tinha chegado a Jiddah. N'este porto tratava de obter passagem n'um navio. O capitão inglez Thornill fallando com Bruce servia-se da lingua ingleza, e fallando com seu proprio filho usava do portuguez, pensando que Bruce não entendia o que elle dizia. Bruce porém gaba-se em seus escriptos de saber perfeitamente o portuguez, mostrando n'isso certo orgulho, e ria-se interiormente do engano em que Thornill se achava.—James Bruce, *Voyages aux sources du Nil en Nubie et en Abyssinie en* 1768 à 1772, tom. II, pag. 206.

***

«Em muitos reinos da Asia, principalmente nos portos maritimos, se falla um dialecto portuguez, como linguagem commum entre aquelles povos, quasi da mesma maneira que na Europa nos servimos do francez. O capitão inglez King refere que na primeira visita que fez á ilha Melville, na costa do norte da Australia, os naturaes que sairam á praia o chamavam dizendo: *Vem acá*, o que bem mostra que conheciam os portuguezes e d'elles tinham aprendido estas e por ventura outras palavras.»—*Panorama* de 1842, pag. 56.

***

«La lingua portoghese, al pari dell'italiana, francese e spagnuola, é filia della latina, ed é assai ricca, armoniosa, adattata alla poesia, à tutti generi di letteratura, ed in nulla inferiore alle sue sorelle.»

«Questa bella lingua non é ristretta al solo regno di Portogallo e alle sue isole nell'Europa; ma é la lingua di cui si serve il commercio asiatico, e corre per tutta la costa occidentale e meridionale dell'Africa e dell'Asia: ed é per consequenza una lingua che si parla, o s'intende in tutte le quattro parti del mundo.»—D. Vittore Felicissimo Francesco, *Grammatica Portoghese ad uso degl'Italiani*, Parigi, 1869.

***

«Em Siam ha um grande numero de descendentes portuguezes, fallando a nossa lingua, e tendo nomes portuguezes. Entre estes distingue-se Paschoal Ribeiro de Albergaria, mandarim e general de artilheria de Siam.»—*Archivo Pittoresco* de 1863, pag. 344.

***

«Em 1833 tendo-se feito um tratado de commercio entre o rei de Siam e o governo dos Estados-Unidos da America, apesar de ser escripto em inglez e siamez juntou-se-lhe uma traducção em portuguez para testemunho do seu conteudo.»—*Archivo Pittoresco* de 1863.

E em 1872 mandou o governo d'esta mesma republica publicar um *Memorandum* ácerca da celebre questão do navio Alabama, pela qual esteve im-

Digitized by Google

lado conquistado Ceuta, e por outro o infante D. Henrique dado começo ás maravilhosas descobertas, que tornaram immorredouro o nome lusitano, Portugal, este cantinho da peninsula, saíu da obscuridade, e desde então fez com que todos os povos civilisados tivessem os olhos fitos n'um paiz, que diariamente pelo espaço de

---

minente uma guerra entre os Estados-Unidos e a Inglaterra, escripto em tres idiomas francez, inglez e portuguez, o que um jornal considera uma grande honra para o nosso paiz.

Mr. George Harrison, cidadão americano, na Pensilvania mandou erigir no seu jardim em honra de Philinto Elysio um monumento, no qual fez gravar alguns versos da sua famosa Ode á Liberdade Americana.—Sr. José Maria de Sousa Monteiro, *Historia de Portugal*, vol. II, pag. 463.

Nos Estados-Unidos a lingua portugueza deve ter um grande numero de cultores, servindo de prova os magnificos jornaes illustrados que n'este idioma se publicam n'aquelle paiz.

Ha pouco tempo publicou na Hespanha, para ensino de portuguez aos hespanhoes, uma grammatica D. Agostinho Blasco, parocho de Criptana, doutor em direito e philosophia, e membro de varias sociedades scientificas e litterarias.

Como se verá n'este trabalho é extenso o numero de grammaticas coordenadas para uso dos estrangeiros, que querem aprender a lingua portugueza. A de Antonio Vieira contava já em 1869 treze edições, como se vê do seu titulo: A. Vieira. *A Grammar of the Portuguese language*, 13th edition. Carefully revised, corrected and improved by M. G. Henriquez, London.

* * *

«Na edade média esta mesma impressão dos logares, esta natureza suave e rica, este bello céu sem nuvens dispunham a alma dos portuguezes para cantares tão maviosos, quanto sua vida era trabalhosa e aguerrida. Sim: alem dos mares, em Macau, em Goa, em Ceylão, o portuguez era indomavel, duro, intolerante até á ferocidade: mas o portuguez nas margens do Tejo, quando não era inflamado pelo ardor do combate, e pela rapacidade da conquista, parecia um povo pacifico occupado na lavoura, e gostando de cantar seus doces folgares. Suas poesias teem alguma coisa de distincto entre os cantos meridionaes. Ignoro a causa que approximou a litteratura portugueza d'esse caracter de meditação e de melancolia, que se attribue principalmente aos povos do norte. Vem-me n'este instante ao pensamento esta expressão de Camões n'um de seus sonetos, *Camões, cuja lyra sonorosa será mais afamada que ditosa.* Este encanto da tristeza não se póde definir. Encontra-se debaixo de mil fórmas nos poetas precursores de Camões, e offuscados pela sua gloria. Não é entre os portuguezes esse jubilo susurrante, essa louca alegria dos provençaes; tambem não é a gravidade austera dos hespanhoes, e essa altivez, que deseja enternecer-se, e essa imaginação pomposa que exagera e carece de sentimento. Não: é uma emoção ao mesmo tempo viva e reflectida, que se deleita com as imagens do amor e dos campos. D'ahi nasceu entre os portuguezes a poesia pastoril. Essas poesias ao mesmo tempo ideaes e naturaes, esses versos bucolicos, que foram inspirados aos portuguezes pelo seu bello clima e genio scismador.»

«Quando no seculo XV um portuguez, de alma viva e apaixonada, errante sobre as margens floridas do Tejo, sobre as bordas do Mondego, perto d'esse rio, onde D. Pedro ia ter com Ignez, quando um portuguez, penetrado d'essas lembranças, então recentes, cantava eclogas em sua lingua harmoniosa que fazia contar a seus pastores a vida aprasivel d'estes, suas laranjeiras

Digitized by Google

um seculo, enriquecia as sciencias com descobertas novas, e principalmente a geographia, cujos verdadeiros progressos só datam d'aquella epocha, verdade reconhecida pelos proprios inglezes, que não duvidam confessar que mesmo todas as descobertas, que d'aqui por diante se fizerem n'este ramo, são devidas á iniciativa

---

suas ceifas quasi sem amanho da terra, duvidaes vós do encanto d'aquella poesia? Não devia esta ser mais simples ainda que a de Virgilio, cujas eclogas são, para melhor dizer, imitações de Theocrito, que dos campos?

«Os portuguezes deviam possuir em grau extraordinario o talento descriptivo. O paiz os inspirava, e as emprezas longiquas o desenvolviam tambem. Deixavam as margens do Tejo para percorrerem as florestas da ilha de Ceylão, o litoral de Moçambique, a peninsula do Ganges. Em as narrações de seus historiadores scintillam todos os thesouros, todas as maravilhas d'aquellas ricas regiões. Camões com a imaginação dominada pela poesia antiga despresou as scenas da natureza oriental patenteadas a seus olhos.»—Villemain, *Cours de Litterature*, pag. 695 e seguintes.

* * *

«Não admira, pois, que o conhecimento da lingua portugueza se propagasse tanto, lembremo-nos do que disse o famoso Raynal: «Sem a descoberta de Vasco da Gama a luz da liberdade apagava-se de novo, e talvez para sempre.

«Os turcos iam substituir essas nações ferozes, que das extremidades da terra vieram substituir os romanos, para se tornarem como estes o flagello do genero humano, e nossas barbaras instituições teriam sido substituidas por um jugo ainda mais pesado. Este resultado era inevitavel, se os ferozes vencedores do Egypto não tivessem sido repellidos pelos portuguezes nas differentes expedições tentadas por aquelles nas Indias.»

«As riquezas da Asia lhes asseguravam as da Europa.

«Senhores de todo o commercio do globo, teriam tido necessariamente a mais formidavel marinha, que em tempo algum se viu no mundo. Que obstaculos teriam podido conter este povo, que era conquistador pela indole de sua religião e de sua politica?»

«Se nos devemos assombrar do numero das victorias dos portuguezes e da rapidez de suas conquistas, que direito não teem á nossa admiração seus homens intrepidos? Tinha-se visto até então um povo com tão pouco poder fazer tão grandes coisas? Não havia quarenta mil portuguezes em armas, e comtudo faziam tremer o imperio de Marrocos, todos os barbaros da Africa, os mamelucos, os arabes, o oriente inteiro desde a ilha de Ormuz até á China. Eram um contra cem; e atacavam tropas, que muitas vezes com armas eguaes disputavam seus bens e sua vida até ao ultimo arranco. Que homens deviam então ser os portuguezes, que machinismo extraordinario tinha formado d'elles um povo de heroes!... *Raynal, Histoire Philosophique et Politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes.* Geneve, 1781, vol. I, pag. 170.

«Mesmo em epochas muito mais proximas de nós Portugal pesava alguma coisa na balança da Europa, «Em 20 de janeiro de 1770 representava-se ao governo francez n'uma memoria, que no caso de guerra das forças hespanholas e francezas contra Portugal era mister reflectir: *Que a conquista de um reino na Europa era materia que requeria maduras reflexões; e que para avassalar Portugal seriam necessarios exercitos de sessenta mil homens cada um.*»—Visconde de Santarem, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, tom. VII, pag. 394.

«Apenas o gabinete inglez declarou guerra a Luiz XIV, mandou a Lis-

Digitized by Google

dos nossos. Os maiores nomes na historia das navegações figuravam então a bordo das frotas portuguezas, nas quaes Colombo, Americo Vespucci, Cadamosto e outros muitos se habilitaram para adquirirem um nome immortal. Um paiz n'estas condições, fossem quaes fossem os destinos que lhe estivessem reservados, não podia

---

boa em missão extraordinaria o chanceller de Irlanda, o cavalheiro Methwen, o qual propoz a el-rei D. Pedro em nome do seu governo, bem como do de Hollanda, que se Portugal se quizesse declarar em favor d'estas potencias, de lhe darem o numero de navios, que o mesmo monarcha pedisse, vinte mil homens de tropas, e alem d'isso de garantirem as conquistas, que as armas portuguezas podessem fazer aos hespanhoes e finalmente de nos auxiliar em qualquer tempo, e em todas as circumstancias em que fossemos atacados pela França ou pela Europa, e de darem por saldadas as reclamações pecuniarias, e outras que a Inglaterra e a Hollanda tinham contra Portugal.

«Com effeito D. Pedro veiu a seguir a politica ingleza, e por isso dizia o embaixador francez que (segundo as noticias de Inglaterra) constava que em Londres se tinham feito grandes regosijos por se ter concluido o tratado.»

«Em 1733, por occasião da eleição do novo rei da Polonia foi a nossa alliança, ou antes a nossa neutralidade buscada á porfia, como em todos os tempos aconteceu, pelas grandes potencias belligerantes. Ao passo que a França e a Hespanha tratavam de conseguir abraçar-se, o nosso gabinete, o partido da neutralidade, as côrtes de Vienna e de Londres, e o eleitor de Saxonia não cessavam de negociar para alcançarem egual resultado, chegando o imperador a offerecer a Portugal a Sicilia e a Corsega para o infante D. Manuel, caso que com elle fizessemos causa commum, e acenando-nos a Inglaterra com o augmento do territorio, se por ventura nos declarassemos por ella contra a Hespanha, obrigando-se o monarcha inglez a assegurar-nos na paz geral a dita posse e senhorio.

«Em 1753 officiava o conde de Baschi ao ministro de França, que Portugal estava bem longe de se considerar debaixo do jugo dos inglezes, os quaes esperava pelo contrario que fossem seus tributarios.

«N'outro officio: Que o ministro Carvalho lhe havia expedido os passaportes, servindo-se dos termos mais lisonjeiros para com a França, mas sempre affectando de pôr o nome de Portugal em primeiro logar, como faziam as grandes coroas, que queriam hombrear com a de França; que elle embaixador se lhe mandara queixar por terceira pessoa, e viera a saber que fora el-rei seu amo, que assim lh'o ordenára, porém que depois de varios debates consentira em que se pozesse *As duas Corôas*, em logar de Portugal e França. D'isto tomava o embaixador pretexto para animar contra nós o seu governo, dizendo que elle nos havia estragado com mimos.

«No anno seguinte officiava o mesmo Bachi: Queixando-se amargamente da pouca contemplação que a nossa côrte tinha com os representantes das potencias estrangeiras, dando por prova o modo como fôra tratado o duque de Sotomayor, que no seu tempo estivera para arrebentar de paixão; que verdade era que n'aquella mesma occasião o embaixador de Hespanha e o ministro de Hespanha eram tratados com distincção e agrado, mas que aquillo era momentaneo e fingido, e que no meio d'aquellas mostras de cordealidade transpirava a soberba portugueza, e o aborrecimento que aquella nação tinha aos estrangeiros.

«9 de maio de 1769. Officio do cavalheiro de Clermont para o duque de Choiseul participando: Que lhe era forçoso dar conta da sensivel differença, que observara entre as tropas hespanholas e portuguezas, sendo estas ultimas a todos os respeitos superiores ás primeiras, tanto no pessoal das praças, co-

Digitized by Google

d'ahi por diante deixar de interessar aos estrangeiros, e com effeito muitos, quer arrastados pela sede do oiro, quer aguilhoados pelo amor da sciencia, de remotas regiões se encaminhavam a Lisboa com o fim de observarem as frotas carregadas de riquezas entrando a foz do delicioso Tejo, e de estudarem aquellas drogas e espe-

---

mo no aceio, disciplina e conhecimento das manobras: que a comparação de Elvas com Badajoz offerecia a maior disparidade, não havendo n'esta ultima praça uma só peça de artilheria com reparo nos baluartes, nem nos armazens, nem um só jornaleiro no arsenal, assim que o serviço da praça estava posto de parte, de sorte que era uma dôr de coração, e o que mais a augmentava era ver a confiança em que estava a este respeito o ministerio hespanhol, e o despreso com que olhava para o seu inimigo natural: que era opinião sua que a Hespanha só poderia levar a melhor de Portugal abrindo a campanha com tropas francezas, e com commandantes da mesma nação á frente das suas; mas se o ministro hespanhol persuadido da fraqueza do inimigo fosse o primeiro a atacal-o, desfallecido de tudo quanto elle acabava de mencionar, n'esse caso era para temer que fizessem os portuguezes em Hespanha taes progressos, que apenas os poderiam reparar os esforços de muitas campanhas bem succedidas.

«Em 21 de janeiro o embaixador francez avisava sua côrte da continuação de nossos armamentos militares, dizendo que a mão que os dirigia, mostrava uma habilidade consummada, e que era mister que a Hespanha fosse mui habil para poder escapar aos perigos de que a ameaçavamos. Todo o Rio Grande na America ficará nas mãos dos portuguezes, e ver-se-ha que este acontecimento tornará immortal o marquez de Pombal.» Visconde de Santarem, *Quadro Diplomatico.*

***

«Ainda que a nação portugueza se sustentou gloriosamente por seculos, nada com tudo a faz mais recommendavel que o que obrou n'estes ultimos tempos por suas descobertas e conquistas no mundo novo. Ha nada mais illustre que o ter levado nossa religião até ás extremidades da terra, e o ter feito com que uma infinidade de nações mergulhadas nas trevas do mahometismo ou idolatria abrisse os olhos á luz? Ha nada mais famoso que ter levado a todos os povos da Europa a facilidade do commercio de que gosam hoje, abrindo-lhes um caminho até então desconhecido para reunir no seio d'elles os thesouros e riquezas dos paizes mais longiquos?

«Mesmo sendo pouco assombrados com estas grandes vantagens devemos sentir que lhe devemos nosso reconhecimento por nol-as terem grangeado, especialmente se attendermos a que são o fructo de duzentos annos de trabalhos e de fadigas immensas.

«Durante este longo periodo de tempo vê-se esta nação no decurso de uma historia continuada e sempre interessante, vencer os obstaculos mais invenciveis por meio de uma paciencia e coragem a toda a prova, apresentar grandes homens em todos os generos, terem a superioridade, apesar do seu pequeno numero em toda a parte, que se apresentam; estabelecer sua reputação e seu dominio sobre a ruina dos imperios, forçar de alguma sorte a fortuna a auxilial-os sempre por meio de prosperos successos.

«Deve isto ainda parecer mais digno de admiração, quando considerarmos que Portugal é um reino muito pequeno, e encerrado em limites muito estreitos, e que por isso não era natural presumir que podesse encontrar em si mesmo tantos recursos, formar tão vastas emprezas, abranger uma tão grande extensão de paizes, poder com tão grandes despezas, subjugar tão diversos

Digitized by Google

ciarias, que pela primeira vez appareciam nos mercados europeus, e das quaes Amador Arraes eloquentemente falla em seus dialogos. Veneza, a orgulhosa Veneza, estava abatida, e a Europa salva da ferocidade dos turcos! E eram só quarenta mil portuguezes, exclama o abbade Raynal, cheio de assombro! E os livros portuguezes eram então anciosamente procurados pelos outros povos, lidos com avidez e immediatamente traduzidos em todas as linguas europeas!

---

povos, e pôr em acção um tão grande numero de individuos capazes de fazer com tão grande gloria terem seus projectos tão bom exito.»

«Não teem faltado á nação portugueza escriptores para celebrar a gloria de suas conquistas em linguas differentes da nossa, e talvez que o merito d'esses escriptores tenha desanimado aquelles d'entre nós que tivessem querido emprehendel-a.—Lafitau, *Histoire des découvertes et conquêtes des Portugais dans le nouveau monde.* Prefacio.

* * *

«Não é o proprio Portugal que entregou alternadamente a Peninsula a Richelieu e á Inglaterra, e que mais recentemente na presença da Europa abatida inaugurou a lamentavel decadencia da França imperial?

«Por maior tristeza que possa inspirar a situação actual de Portugal, a historia d'este pequeno reino não fica por isso menos uma das mais dramaticas e maravilhosas. O imperador tinha tido o cuidado de recommendar o estudo d'ella nos lyceus. Encontrava n'ella com rasão uma excellente escola de enthusiasmo e de heroismo para essas jovens gerações, que elle arrastava após si para todas as capitaes da Europa.

«Que auge de gloria e de grandeza!

«Apenas Portugal tocou seus limites naturaes, repelliu os infieis, confundiu o orgulho castelhano, e fundou sua constituição interior, que não quer contentar-se sómente com o ser livre. Falta-lhe immediatamente o ar nos seus estreitos limites, e impaciente de derramar fóra do paiz sua actividade, sua coragem e seu zêlo, eil-o que se apressa em levar á Africa a guerra, que de lá tinha vindo tantas vezes. D'ahi todos esses prodigios, que illustraram o seculo seguinte, as fecundas meditações do infante D. Henrique, todas as costas da Africa reconhecidas, a America descoberta como uma magnifica recompensa conferida pelo acaso á audacia portugueza, o grande Oceano impunemente atravessado, as Indias descobertas, a Asia avassalada, todo o commercio do mundo mudado, o homem entrando finalmente na posse de toda a sua residencia! Que repentina revolução, e que nação poderosa levou jámais ao cabo empreza mais importante?» Auguste Bouchot, *Histoire de Portugal sous la direction de mr. Duruy.*

* * *

«A nação portugueza em particular, póde revindicar a gloria da iniciativa das viagens longiquas sobre o Atlantico, e das grandes explorações dirigidas para oeste e sul. Sua missão foi a de estabelecer as primeiras relações directas da Europa com a India por meio do oceano. Não é isto ainda tudo: a colonisação de metade da America do Sul é obra sua.

«Um povo que se apresenta perante a posteridade com egual titulo, está seguro que quaesquer revezes que tenha depois experimentado, de conservar na historia um logar honroso, que ninguem lhe poderá contestar sem ingratidão.»—Charles Vogel, *Le Portugal et ses colonies.*

Digitized by Google

Que illusão a de alguns, que julgam terem apenas as poesias de Camões sido traduzidas! As obras do nosso padre Vieira não contam menor numero de versões do que as do nosso poeta; as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto, ainda hoje são traduzidas em varios paizes, o *Hyssope* acaba agora mesmo de encontrar um novo traductor, e n'uma palavra difficilmente se encontrará um bom livro composto pelos nossos, aos quaes os estrangeiros não tenham tributado esta honra, que ainda não ha muitos annos a douta Allemanha mais uma vez prestou ás *Decadas* do nosso Barros. Não admira, porém, que os estranhos pagassem um tal tributo de admiração aos escriptos de nossos maiores, narravam aquelles, feitos nunca praticados, e hoje difficilmente cridos, se não foram comprovados por monumentos de mais de uma especie. Ao mesmo tempo combatiam em Marrocos contra os moiros, sustentavam cercos apertadissimos, ganhavam batalhas campaes, descobriam paizes nem sequer sonhados pelos antigos, e não só isto, opulentavam as sciencias e aperfeiçoavam as artes. Apresentavam o primeiro poema epico moderno, e a segunda tragedia, e na poesia bucolica tomavam o primeiro logar, davam a conhecer á Europa as plantas asiaticas e americanas, enriqueciam as sciencias mathematicas e naturaes, escreviam um numero extraordinario de obras sobre as linguas da Asia, America e Africa, e Deus sabe até onde chegariam, se a inquisição e os jesuitas não lhes tivessem atalhado vôos tão arrojados!...

Desde então as coisas mudaram completamente; em Portugal já não era possivel escrever senão o que fosse grato, ou a tão detestavel tribunal, ou ao governo sopeado pelos jesuitas e frades, e o jugo era tal que qualquer escriptor tinha de declarar mui positivamente que não acreditava nos deuses do paganismo! Não procureis d'aqui por diante a historia de Portugal nos escriptores portuguezes, a verdade só a encontrareis nos escriptos estrangeiros. Innumeraveis são as obras publicadas em todos os paizes a respeito da catastrophe de Alcacer Quibir, da deposição de D. Affonso VI, da administração do marquez de Pombal, n'ellas podereis encontrar a narração dos factos taes quaes se passaram; mas, se os procurasseis conhecer com toda a exactidão nos escriptos nacionaes, darieis prova de que ereis pouco sabedores do modo de viver d'aquella epocha.

O conhecimento, pois, das obras publicadas por estrangeiros em tantos e tão varios paizes torna-se indispensavel para aquelle, que desejar conscienciosamente escrever ácerca de nossas coisas. Não havia, porém, um guia. Que obras ler relativas á acclamação de D. João IV, ou á nossa heroica lucta contra Napoleão I? Sabia-se apenas que existiam muitas. Havia conhecimento d'uma ou outra. Mas o presente trabalho vae mostrar que ha dezenas. Vae declarar o titulo exacto de cada uma, sempre que seja possivel, o nome por extenso do author, e até mesmo fazer extractos

Digitized by Google

d'aquelles trechos que mais directamente nos interessam, respeitando com tudo os limites proprios d'este trabalho.

O leitor vae ficar talvez um pouco surprehendido ao ver a grande aureola de gloria que cinge o nome *Portugal* entre os estranhos. Escriptores de primeira ordem consagram-lhe paginas repassadas da maior admiração e respeito, e ácerca de nossas coisas escrevem obras tão importantes, que não podem deixar de ter um logar distincto nas primeiras bibliothecas do mundo. O prussiano conde de Hoffmansegg emprega perto de cincoenta contos de réis na publicação da sua *Flora Portugueza*, e põe em perigo sua vida nos pincaros da Serra da Estrella. Seu companheiro de jornada, o celebre botanico Link, escreve sua viagem a Portugal e n'ella tece os mais pomposos elogios ao nosso paiz. A marqueza de Abrantes fica absorta ao contemplar as bellezas do Tejo, e não cessa de gabar as maravilhas que encontra em Portugal, maravilhas cantadas por poetas e poetizas em todas as linguas. Murphy escreve sobre as bellezas da Batalha uma obra verdadeiramente monumental, o mais bello trabalho que a respeito d'ella existe. O architecto francez Taylor na sua magnifica obra nada encontra comparavel ás columnas de Belem. O prussiano conde de Rackzynski é o primeiro que em dois volumes dá esclarecimentos relativos ao nosso legendario Grão Vasco. Poucos annos depois vae da Inglaterra expressamente a Vizeu o inglez Robertson com o fim de estudar o mesmo assumpto. Adamson escreve uma biographia de Camões, verdadeiramente digna de apreço, e Henry Major ainda bem não acaba de dar á luz a *Vida do infante D. Henrique*, logo pega na penna para trabalhar n'outra obra relativa ás nossas navegações. Lamartine, n'uma soberba ode, immortalisa o nosso Philinto Elysio. E o leitor encontrará elogios de Chateaubriand, Racine, Boileau, Quinet e outros aos nossos escriptores. Em remate as melhores historias da litteratura portugueza são escriptas por estrangeiros, e muitos sabem as obrigações em que estamos para com Ferdinand Diniz, Stanley, Smith, Ruscala, Schaeffer, e muitos outros.[1]

---

[1] Em 26 de junho de 1876, o rei de Dahomey, em guerra com os inglezes, remette uma carta escripta na lingua *portugueza*, ao commodoro britannico Hewett, pedindo que este lhe enviasse um parlamentario para tratar d'um accordo.

* * *

«Amo e venero a nobilissima nação portugueza (diz o celebre hespanhol Feijóo no seu *Theatro Critico*) pelas rasões que a fazem gloriosa em todo o orbe. O nascimento me fez seu visinho, e o conhecimento apaixonado. Os que sabem a primeira coisa estranharão a segunda, porque entre povos limitrophes sujeitos a diversas coroas, costuma reinar certa especie de emulação que os torna mal avindos. Porém como o céo me deu um espirito desembaraçado d'estas preoccupações vulgares, estimo o merito em qualquer parte que o encontre.

Digitized by Google

Quereis conhecer o importante papel que na politica europeia representou o celebre D. Antonio Prior do Crato? Não o procureis nos livros nacionaes, pois-ai d'aquelle que tivesse o arrojo de dizer a verdade em Portugal n'aquelle tempo, mas procurae-a no grande numero d'elles, que por então se publicaram em muitos paizes. Quereis ter informações sobre a maneira como a inquisição tratava seus presos no reinado de Affonso VI? Só as podereis obter lendo-as na obra que Dellon escreveu a tal respeito. Quereis ver nossos monumentos? Vel-os-heis tambem no *Portugal Illustrated*, de Kinsey, e em muitas outras obras especialmente dedicadas a este objecto.

Não trata, porém, o presente trabalho sómente dos livros compostos por estrangeiros relativos a assumptos portuguezes, e dos traductores que verteram em linguas estranhas obras compostas pelos nossos patricios: darei tambem noticia resumida de muitas obras escriptas pelos nossos, quer em portuguez quer n'outros idiomas, reimpressas frequentes vezes em paizes estrangeiros; e terminarei dando uma succinta noticia, extrahida em geral de trabalhos estrangeiros, de varios monumentos que pelos nossos foram erigidos em varios paizes.

«Nem o paiz onde o sugeito nasce, nem o partido que segue, ajuntam um só grão de peso na balança em que examino o que vale.

«Torno pois a dizer que venero a nação portugueza por suas muitas qualidades relevantes que conciliam o meu respeito. Brazões são que ornam a sua gloria militar, continuada até hoje desde os mais remotos seculos; o seu ardente zelo pela conservação da fé, a sua alteza nas letras, e a sua fecundidade em produzir excellentes engenhos.»

* * *

E tinha rasão Feijóo: não foram só as navegações, guerras e descobertas que tornaram Portugal conhecido dos estrangeiros; em todos os ramos de conhecimentos humanos Portugal contou sempre grandes engenhos: Pereira, auctor do methodo de ensinar os mudo-surdos, que recebia uma pensão de Luiz XIV; Constantino, o rei dos floristas, estabelecido em Paris; Sequeira, que no Louvre expoz o admiravel quadro de Camões moribundo. Coelho, cujas télas ornam o Escurial; Moura, tão conhecido em Londres pelas suas pinturas; Fr. Francisco de Santo Agostinho, em Roma e Padua disputando de *omni scibili* com os maiores sabios da Europa; Arthur Napoleão, em tenra edade, despertando a admiração do mundo musical com seus concertos nas primeiras capitaes da Europa; Bomtempo, pianista tão conhecido em Londres e em toda a Europa; Marcos de Portugal, cujas operas eram cantadas nos theatros de primeira ordem; Todi, recebendo applausos pela maestria do seu canto em S. Petersbourg e n'outras capitaes; Antonio Vieira, prégando em Roma na presença de Christina, rainha da Suecia, onde então se achavam oradores dos mais distinctos. Canonistas e theologos da maior reputação, que no concilio de Trento attrahiam as attenções d'aquelle illustrado congresso; o Visconde de Santarem, cujos trabalhos geographicos hão de ser em todas as epochas de primeira ordem; Casado Giraldes que n'esta sciencia egualmente lhe faz distincta companhia; Antonio Vieira Transtagano, professor de linguas orientaes em Londres; P. Manuel Alvares, por cuja grammatica (segundo declara a edição impressa em Lucca) se aprendia o latim em quasi toda a Europa.

Digitized by Google

Notará o leitor que alguns artigos são longos, ao passo que outros apparecem muito succintos. Provem a causa ou de o auctor possuir o livro mencionado, ou de o ter á sua disposição, ou de apenas poder momentaneamente lançar sobre elle um relance de olhos, ou vêl-o tão sómente mencionado n'um catalogo, ou citado em qualquer livro.

Qualquer leitor conhecerá de quão grande difficuldade é escrever uma obra a respeito de assumpto tão espinhoso. No entanto trabalhei por alguns annos, e fiz quanto pude, não me poupando ao trabalho. De muitas obras, apesar das maiores diligencias, nunca me foi possivel obter um exemplar, entre as quaes a de Ebeling. Como seria possivel a qualquer individuo ver tantas obras compostas em tantos idiomas e localidades tão differentes, sendo n'outro tempo a entrada de muitas rigorosamente prohibida em Portugal, escriptas por pessoas que não respeitavam a inquisição nem as ceremonias religiosas dos portuguezes?[1] Outro tanto succede na

D. Francisco de Mello, o author da celeberrima *Historia dos movimentos de Catalunha*, uma das mais notaveis obras da litteratura hespanhola. Tambem um portuguez foi medico de Catharina II, imperatriz da Russia, e n'esta sciencia contamos actualmente varões muito abalisados, entre os quaes brilha o nome do sr. Alvarenga.

Em 1806 a academia de Copenhague offereceu um premio ao melhor livro sobre a *composição das forças*, e o professor de hydraulica na universidade de Coimbra, Manuel Pedro de Mello, foi quem o ganhou.

As obras do abbade Correia da Serra acham-se impressas nas *Philosophical Transactions*, de Londres, e nos *Annaes do Museu de Paris*.

Nas actas da academia de Munich estão publicados trabalhos do nosso José Antonio Monteiro, e o Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca d'Alcobaça, por Fr. Fortunato de S. Boaventura recebeu elogios de Maï e d'outros sabios. O nosso João Pedro Ribeiro disputava com o celebre auctor da *España Sagrada*, o P. Florez, e censurava passagens das suas obras. Brotero era um botanico distincto, e a *Flora da Cochinchina*, do nosso padre Loureiro, era reimpressa e accrescentada na Allemanha, a qual tantas reimpressões e traducções está fazendo das obras portuguezas. E em remate, como o leitor ha de ver, os trabalhos dos nossos patricios sobre os idiomas chinez e japonez estam sendo ou reimpressos, ou extractados em Roma, Paris e n'outras partes. As obras do nosso arabista Fr. João de Sousa são conhecidas em toda a parte, e o celebre professor de linguas orientaes em Paris, mr. Dubeux, fez seus primeiros estudos em Lisboa. Qual será o sabio estrangeiro que não conheça as obras do nosso Silvestre Pinheiro Ferreira, e o diplomata que não aprecie o merecimento do nosso fallecido Duque de Palmella? Se o nome de Silvestre Pinheiro Ferreira é conhecido pelos seus livros philosophicos, tambem os trabalhos publicados em diversas epochas pela universidade de Coimbra commentando as obras de Aristoteles são de grande apreço (segundo dizem estrangeiros competentes) e a Logica de Verney não só foi bem acceite na Italia, mas até mesmo recebeu grandes elogios no *Journal des Savants*.

[1] Apenas chegava um navio estrangeiro a qualquer porto portuguez, era a embarcação visitada pelos padres de S. Domingos, ou individuos da Inquisição, que apprehendiam todos os livros que dissessem mal dos costumes religiosos dos portuguezes.

Digitized by Google

França. N'aquelle paiz são rarissimas, segundo diz o sr. F. Diniz, as primeiras traducções que se fizeram das obras portuguezas relativas ás nossas primeiras viagens e descobertas. E em Portugal quantas pessoas se podem gabar de ter visto um Garcia da Horta em francez, ou um F. Mendes Pinto em hollandez?

Divide-se pois este trabalho em quatro partes, tratando cada uma d'ellas do seguinte assumpto:

I — Diccionario de todos os escriptores estrangeiros que escreveram obras expressamente consagradas a Portugal ou a assumptos portuguezes, acompanhado da traducção dos trechos mais notaveis que provam á evidencia o alto apreço que os maiores sabios estrangeiros fizeram dos portuguezes.

II — Diccionario dos traductores estrangeiros que verteram para os seus idiomas, obras portuguezas, trabalho digno de ser lido por aquelles que julgam que os estrangeiros ou não conhecem a nossa litteratura, ou não lhe dão o devido apreço.

III — Resenha das obras compostas por portuguezes, impressas em Portugal e reimpressas repetidas vezes em paizes estrangeiros pelo grande credito que n'elles obtiveram.

IV — Noticia dos monumentos existentes em varias cidades do mundo, construidos por portuguezes ou erigidos em honra dos nossos compatriotas.

Termina o 2.º volume em um indice remissivo, o qual com a maior facilidade indica as obras que podemos consultar a respeito de qualquer assumpto.

É tempo de terminar, mas cumpre-me dar agradecimentos áquellas pessoas que me obsequiaram, já dando-me algumas noticias, já favorecendo-me com o emprestimo de algumas obras, com o fim d'ellas eu poder fazer extractos. Serei por conseguinte sempre grato aos obsequios recebidos dos ill.^{mos} e ex.^{mos} srs.

Angelo Carrero
Antonio Henrique Leal
Antonio Maria Pereira Junior
Antonio Rodrigues
Antonio da Silva Tullio
Cassassa, e varios empregados da Bibliotheca publica de Lisboa
Conde de Geraz de Lima
Francisco Arthur da Silva
Francisco Marques de Sousa Viterbo
Manuel José Ferreira
Marquez de Sousa Holstein.

Digitized by Google

Declaro francamente que ao ex.mo sr. Silva Tullio devo o terme dado conhecimento de algumas obras existentes na Bibliotheca Publica de Lisboa, sem o qual eu as não mencionaria, pois eram para mim completamente desconhecidas.

Não sendo infelizmente versado no conhecimento do idioma allemão, tive de recorrer aos ex.mos srs. Alfredo Keil, e Sophia Roeder nas traducções que indispensavelmente tive de apresentar de varios trechos de obras escriptas n'esta lingua.

Ainda mais uma vez repito: lutei com muitas difficuldades, mas subiram ellas de ponto principalmente na 2.ª parte d'este trabalho, quando trato das versões dos escriptos portuguezes para idiomas estrangeiros.

Se, porém, este meu trabalho for bem recebido pelos meus conterraneos, dar-me-hei por bem pago de todas as minhas fadigas e vigilias, e com muitos outros, exclamarei:

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha patria amei e a minha gente!

Digitized by Google

Digitized by Google

PARTE I

DICCIONARIO DE TODOS OS ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

QUE ESCREVERAM OBRAS

CONSAGRADAS A PORTUGAL OU A ASSUMPTOS PORTUGUEZES

COM A TRADUCÇÃO

DOS TRECHOS MAIS NOTAVEIS D'ESSAS OBRAS

«Lusitania!
Regnorum Regina potens, quam Solis ab ortu
Solis ad occasus Orbis uterque colit.»

LOBKOWITZ.

Digitized by Google

Digitized by Google

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

A

1) **ABBEVILLE (CLEMENT FOULLON CLAUDE D')** — Missionario e escriptor francez da ordem dos Capuchos, nascido em Paris no anno de 1632.[1]

E. — *Histoire de la mission des PP. Capucins à l'ile de Maragnon et terres circonvoisines, où il est traité des singularités admirables et des mœurs merveilleuses des Indiens.* Paris, 1614.

(Historia da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão, etc.)

2) **ABBTS (THOMAS).**

E. — *Fragment der Portugiesischen Geschichte.* Berlin et Stettin, 1781, 8.°

(Resumo dos feitos dos portuguezes, etc.)

3) **ABLANCOURT** (MONSIEUR D').

E. — *Memoires de — Envoyé de sa Majesté Très-Chrétienne Louis XIV en Portugal, contenant l'Histoire de Portugal, depuis le Traité des Pyrenées de 1659 jusqu'à 1668. Avec les Revolutions arrivées pendant ce temps-là à la Cour de Lisbonne, et un détail des batailles données et des Sieges formés sous les ordres et le commandement du Duc de Schomberg, avec le Traité de Paix, fait entre les Rois d'Espagne et de Portugal, et celui de la Ligue offensive et defensive, conclú entre Sa Majesté Très-Chretienne et cette Couronne.* A la Haye, Chez Abraham de Hondt, Marchand Libraire, près de la Porte de la Prison. 1701, 8.°, 382 pag.

(Memorias de mr. d'Ablancourt desde 1659 até 1668.)

Esta obra tem sido consultada, e ha de sel-o em todos os tempos por aquelles, que quizerem escrever circumstanciadamente a historia dos reinados de D. João IV e D. Affonso VI. Fremont d'Ablancourt, segundo nos diz o viscon-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Générale*, vol. 10.°, pag. 695.

Digitized by Google

de de Santarem,[1] era individuo algum tanto enfatuado, e mal acceito aos portuguezes. O auctor d'estas Memorias faz uma horrivel descripção da indole de Affonso VI; elogia extraordinariamente os feitos de Schomberg, apesar de ser quasi sempre contrariado pelos portuguezes, e lamenta o pouco desejo, que os nossos tinham de augmentar seu territorio, pois que toda a Galliza até á Corunha deveria pertencer a Portugal, no dizer d'este escriptor.

4) ABRANTES (LAURE PERMON, Duchesse d') — Mulher do general Junot, commandante da primeira invasão franceza em Portugal.

Nasceu em Montpellier a 6 de novembro do anno de 1784, e falleceu em Paris a 7 de junho de 1834.[2] Viveu sempre com tão excessivo luxo e ostentação, que se arruinou completamente a ponto de por fim ter de viver com o producto de seus escriptos. Alem de muitas outras obras, escreveu tambem:

Souvenirs d'une ambassade et d'un sejour en Espagne et en Portugal, de 1808 a 1811. Bruxelles, Société Belge de Librairie, de Hauman, Cattoir et Comp.ª, 1838, 12.º gr., 289, imprimerie de P. Marz.

O tomo 2.º tem exactamente o titulo do 1.º, mas com o accrescentamento das seguintes palavras: Leipzig. L. Michelsen. 326 pag.[3]

A viagem em Portugal começa a pag. 113 d'este 2.º vol.

«*Quem não tem visto Lisboa, não tem visto cousa boa!*[4] Estas palavras admirativas, que o orgulho nacional inspira sempre a qualquer portuguez habitante de Lisboa, serão reconhecidas como verdadeiras por aquelles, que tiverem tido á ventura de viver sobre as margens encantadas do Tejo!... Com effeito, nada mais bello, que a vista de Lisboa, chegando ao rio, ou por Aldeia Gallega, ou por Cacilhas, ou pela Moita. — Tenho percorrido toda a Europa, e, exceptuando Napoles, nada vi que me tenha penetrado de admiração como esta cidade, levantando-se em fórma de amphitheatro na margem da *immensa planicie de agua* do Tejo. É especialmente ao vir de Aldeia Gallega que seu aspecto é o mais magestosamente imponente. No primeiro plano do quadro o Tejo, cuja largura n'este sitio é de mais de duas leguas francezas, está coberto de milhares de embarcações, cujos mastros empavezados annunciam, que toda a marinha do mundo póde vir demandar asylo á bahia de Lisboa. É do seio d'este lago, ou antes d'este mar, que se levantam como amphitheatro as collinas, sobre que assenta Lisboa. Á medida que o barco se desvia da margem do Alemtejo, descobre-se uma nova belleza no quadro, que se tem diante

[1] *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, vol. 1.º, parte 2.ª, pag. 145.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 27.º, pag. 251.

[3] Ha outra edição de 1837, feita em Paris, e mencionada na mesma pag. do vol. 27.º da *Biographie Universelle* de Firmin Didot.

[4] «No vayas á creer, lector amigo, que es del todo cierto el axioma portuguez de que *quien non veu Lisboa, non veu cosa boa*». G. Calvo Asensio. Lisboa em 1870, pag. 26 E' um dos livros mais recheiados de falsidades que teem saido dos prelos estrangeiros.

Digitized by Google

LAURE PERMON

(Duchesse d'Abrantes)

Digitized by Google

Digitized by Google

dos olhos. A cidade estende-se sobre as collinas, que limitam o rio, e se vos apresenta com seus zimborios, seus conventos, palacios, jardins, campos cultivados, que separam um palacio de um mosteiro, uma praça publica de um cemiterio, e lhe dão assim parecença com uma cidade oriental; e depois desenrolam-se ao longe esses jardins embalsamados, essas quintas, que estão em roda de Lisboa, como um rico e suave cinto. Sobre um plano mais longinquo, as rochas de Cintra formam o fundo d'esse rico quadro, phantastico de belleza... Eis o conjuncto, que se vos offerece, quando, ao sahirdes de Aldeia Gallega, depois de terdes atravessado a arida e areienta provincia do Alemtejo, embarcaes no rio d'este nome n'um escaler dirigido por vinte remadores, e avançaes rapidamente para a cidade maravilhosa, sobre esse rio coberto de navios de todas as nações... cada impulso do remo descobre uma parte d'essa rica decoração, que se torna cada vez mais visivel. É principalmente pela manhã, ao nascer do sol, que devemos ver dourar com seus raios, (antes que sejam mais ardentes), suas novas ruas, a bella Praça do Commercio, o Arsenal, o Terreiro de Trigo, e Belem com sua quinta e sua egreja gothica,[1] Ajuda e seus pomares de laranjas e limoeiros... ao passo que o rio mais rapido e mais profundo e stá apertado entre as serras de Almada, e se precipita para o mar, onde se lança entre collinas, que limitam o lado do sul. Não sómente o aspecto de Lisbo a offerece uma prespectiva tão rara, como notavelmente bella; mas uma vez na cidade, a estranheza da direcção de suas ruas, de suas praças, a maneira caprichosa como seus proprios defeitos se apresentam á curiosidade do estrangeiro, suas bellezas, que não são communs a nenhuma outra cidade europe a, tudo a torna uma cidade á parte entre as mais extraordinarias, e dá o desejo de voltar para ella, quando já se habitou uma vez.

«A pretenção de todas as cidades fundadas sobre montes é de ter sete, á maneira de Roma. Lisboa faz como as outras, e os portuguezes sustentam que tem sete montes.

«Porém uma particularidade notavel é que em 1806, cincoenta annos depois da catastrophe, viam-se ainda nas ruas de Lisboa não sómente signaes do terremoto de 1755, mas até os entulhos, taes como os deixára aquelle anno maldicto. Varias ruas de Lisboa, pequenas praças continham ainda esses restos da colera do céu. Immundicies, esqueletos de cães, cabras, jumentos, até de machos, jaziam por cima das ruinas, e a cidade ameaçada de peste pelas exhalações mephiticas d'esses montões de materias algumas vezes em putrefacção, não devia sua salvação mais que ao ar activo e salubre, que purifica com seu sopro, e dá saude a uma cidade, que deveria, como se vê, perecer com a morte commum aos povos do oriente.

«Via frequentemente em Lisboa uma senhora encantadora, para quem minha amizade se tornou dentro em pouco muito forte, a duqueza de Cadaval, irmã do duque de Luxemburg. Era mulher, a quem tanto eu, como toda a gente achavamos bella; mas depois de produzida esta impressão, tinha cau-

[1] Aliás de estylo manuelino ou portuguez.

Digitized by Google

sado uma outra em mim com sua alma, e todo encanto, de que era dotada; indulgente para com tudo, que podia tornal-a severa; terna, fina e espirituosa ao mesmo tempo, jovial com uma agradavel facilidade de se divertir, e uma necessidade de ver os outros alegres, não se achava feliz senão com as pessoas, a quem ella amava, bem certa de que nenhuma d'ellas tinha pezar no coração, nem sequer uma contrariedade.[1] Quantas noites passámos juntas a conversar a respeito d'essa França, cujo nome só bastava para a fazer chorar! Quanto era donairosa, bella até, quando entrava n'um festim com sua rica e elegante figura ornada com a fita azul de Maria Luiza, e de côr de rosa e branco de Santa Isabel! Tinha o porte tão magestoso, como de quem mais o tivesse no mundo, apezar de o ter algum tanto curvado. Não vi este mesmo porte gracioso de cabeça, este andar altivo e flexivel, com uma gentileza peregrina, senão a uma outra senhora, a duqueza de Montmorency.

«A duqueza de Cadaval era uma senhora, cujo grande encanto principalmente consistia em se não modelar por ninguem; seu modelo era ella propria, e a naturalidade era encantadora. Pelo que diz respeito a seu marido, era coisa bem differente, e principalmente uma outra natureza. Era bello, pelo menos assim o pretendiam em Lisboa. Eu, porém, em tempo algum o pude achar tal. Era alto, bem apessoado, semsaborão, no genero do Principe da Paz, e além d'isto ignorava as qualidades e os encantos de sua mulher, como se fôra cego, e lhe tivessem explicado tudo em hebreu. Tinha tomado uma regra de proceder bem singular. Assim, por exemplo, era elle em Portugal, o que o duque de Orleans fôra na França, o primeiro principe de sangue. Então fazia opposição sem saber o que era. Começava as hostilidades com o principe, seu real primo, o que não era difficil, porque, como todos os estupidos, arrufava-se por ninharias, e sómente d'isto se occupava, e tambem de arremedar o regente e o duque de Orleans, morto na revolução. Sobre tudo tinha a mania de contrahir dividas, e fazer côrte ás mulheres, porque o regente tinha arruinado a França, e fôra dissoluto.

«Ora, como tinha a pretenção de parecer-se com o regente, copiava-o em todos os seus defeitos, mas a duqueza, que se não modelava por ninguem, senão por si mesma, que era um anjo de perfeição, disse-lhe um dia, que queria saber o estado de sua casa. Pobre senhora! Que conhecimento tão triste! N'esse mesmo dia soube que podia ter saudades do exilio, e dos desgostos da emigração... Conteve se comtudo, e quiz pôr em ordem sua casa.

«Entre as dividas mysteriosas, que tinha o duque, existia uma principalmente, a de seu cosinheiro, a qual era de nove contos de réis. Como tinha o duque deixado chegar as cousas a tal ponto? Eis o que a duqueza perguntou sem obter resposta. Comtudo dispoz as cousas, e pagou por inteiro ao rei da cassarola. Disse-o ao duque no mesmo dia, recommendando-lhe, que nunca mais contrahisse dividas d'este genero.—Mas hei de pôr minha casa em ordem, disse ella! Ao saber que os nove contos tinham sido pagos integralmente, o duque ficou furioso.

[1] *Souvenirs d'une ambassade*, vol. 2 °, pag. 125.

Digitized by Google

«Que é isso? Vai pagar a um homem, que talvez me roubou cinco contos n'essa quantia de nove!

«É minha opinião, replicou a duqueza, que, visto o criado do duque se ter tornado seu credor, o duque está abaixo d'elle, porque lhe deve. Esta posição falsa não é conveniente! Eu devia fazel-a cessar, fosse qual fosse o sacrificio. Agora ella é o que deve ser. O duque acha-se livre para o despedir, se quizer: mas creio que continuará a tel-o em seu serviço!...

«O duque passeiava d'um lado para outro, sem saber como exprimir seu descontentamento.

«Pagar áquelle homem! exclamava elle, pagar áquelle homem!...

«A duqueza não lhe prestou attenção, e poz-se a trabalhar.

«N'essa epocha achava-me eu em Lisboa, e visitava a duqueza muito a miudo. Tive noticia d'este caso quasi logo, que se passou: porém o duque reservava-nos um desenlace, que nós estavamos bem longe de esperar.

«Alguns dias depois da explicação, que tivera com a duqueza, entrou em casa pulando, dansando, cantando, poz-se de joelhos diante d'ella, beijando-lhe as mãos e dizendo-lhe mil sandices. A duqueza ficou assustada, pois tudo isto era opposto ao seu genio habitualmente macambuzio. Mas seu espanto depois ainda veiu a ser maior.

«Sabe duqueza a minha felicidade?

«Esta abanou a cabeça.

«Lembra-se dos nove contos de réis, que pagou ao maroto do cosinheiro. Pois é verdade: eu não dormia nem comia depois de saber que uma tão bella quantia se achava nas mãos d'elle: era indispensavel que ella para cá tornasse!

«Santo Deus, misericordia, exclamou a duqueza! Então foi pedir-lhos emprestados? E suas faces ficaram como purpura.

«Não, não; disse o duque ás gargalhadas, a ponto de cair por cima d'um camapé. Não, por Deus: não era eu tão estupido. Elle joga: propuz-lhe uma partida, ganhei, disse elle, erguendo-se, e esfregando as mãos!

«A duqueza ficou como anniquilada; julgou ao principio ser gracejo. Não, o facto era bem verdadeiro. Com effeito o duque tinha apanhado os nove contos.

«Que acção tão nobre! [1]

«Encontrei em Lisboa quem tinha mudado o aspecto d'esta cidade, o conde de Novion. Antes d'elle as ruas d'esta capital apenas eram illuminadas por pequenas lanternas, suspensas diante das imagens de Nossa Senhora, que estão quasi a cada canto; porém esta luz baça guiava o assassino, mostrando-lhe a victima, e não era de nenhum soccorro; por isso é que as ruas de Lisboa eram mais perigosas para se andar por ellas a pé em 1797 por exemplo, que por qualquer de nossas estradas. Á meia noite ninguem ousava sair sem ir armado, e as proprias armas quasi sempre eram inuteis, porque os bandos de ladrões eram tão numerosos, que mal se lhes podia resistir. Teem-se visto pessoas presas pelos bandidos, serem completamente roubadas, e obterem d'el-

[1] *Souvenirs d'une ambassade en Portugal*, vol. 2.º, pag. 130.

Digitized by Google

les um salvo-conducto para não serem atacadas segunda vez. Pelo que toca aos assassinatos, era costume ir a certas egrejas, onde se encontravam homens que faziam justiça prompta e sanguinolenta, conforme a vingança que lh'a pedia. Aquelles homens viviam ali, n'aquelle logar santo, como n'um logar de refugio, onde a propria Inquisição não os podia ir arrancar; e além d'isto as egrejas quasi todas estão contiguas a conventos de homens, ou de mulheres, e o assassino estava certo da impunidade, se *trabalhasse*, como dizia, para o abbade ou abbadessa do convento. Eis um caso acontecido na propria Lisboa em 1798.

«O consul d'uma nação estrangeira teve uma questão com o parente d'um outro consul. Poderia vingar-se com sua espada, mas preferiu ir procurar n'uma d'essas egrejas pessoa, que trazia sempre escondido um punhal prestes a ferir. Encontrou a quem desejava; fez seu ajuste, deu metade da somma exigida, que foi (creio que attendendo á qualidade da victima) 24$000 réis. Devia receber a outra metade depois do assassinato.

«O sicario, depois de ter tomado todas as informações possiveis, despediu seu freguez, porque tinha outro negocio entre mãos.

«Mas o freguez não era cruel; sentiu depois acalmar essa agitação febril, que dá o furor d'uma offensa a uma alma nobremente nascida. Bem depressa sentiu uma outra tempestade levantar-se em logar d'aquella, que se extinguia, e esta tornou-se terrivel, e bem ameaçadora, porque era contra elle, e elle tinha andado mal. Finalmente os remorsos tornam-se insuportaveis.

«Eram apenas nove horas; a cidade estava ainda animada e susurrante.

«Embrulhou-se em seu capote, poz seu chapeu baixo, e com passos rapidos dirigiu-se para casa do homem, que por um pouco de ouro devia tomar a desforra. [1] N'este momento a torre de Belem soou as dez horas, o grande sino vibrava no ar, levando para longe o som argentino, e por isso solemne de suas badaladas. O individuo estremeceu.

«Ia finalmente descer, quando ouviu barulho no quarto do homem, barulho que se parecia com o ranger d'um leito, quando alguem se vira. O individuo bateu com força, e d'esta vez uma voz lhe respondeu: era a do sceleradó. Abriu sua porta ao reconhecer o som da voz de F...

«Oh! já vós por aqui, disse elle bocejando, e estendendo os braços. Por Santa Maria da Gloria, que bem apressado sois. Julgava que só nós, que vivemos ao ardor do sol, elevavamos a vingança a tal ponto! Mas parece...

«Oh! Não, interrompeu o outro, pelo contrario venho dizer-vos que já não quero a morte d'aquelle, a quem eu tinha condemnado.

«Ah! exclamou o assassino com um espanto de que estava possuido pela primeira vez, isso é indifferente; porém é tarde de mais.

«Já o mataste, miseravel?

«E que outra cousa me tinheis vós dito que fizesse senão que o assassi-

[1] Obra ultimamente citada, pag. 139. E' possivel ser verdadei ro este facto: a bas tantes pessoas ouvi dizer que nas egrejas é que se procuravam os assassinos, os quaes n'ellas se fingiam beatos os mais fervorosos.

Digitized by Google

nasse? Quem poderia esperar que, depois de terdes condemnado vosso inimigo no tribunal de vosso odio, vós o fosseis absolver n'esse mesmo tribunal, uma hora depois?

«Nós não procedemos assim em nossa terra. Pelo que me toca, disse elle, com uma expressão de demonio, a unica pena que tenho do meu inimigo, é não estar elle ainda em estado de sentir meu punhal.

«F. estava abatido. N'este momento o clarão da lua reflectia perfeitamente por cima do pequeno terraço, que ficava ao lado da porta do homem. O clarão caiu direito sobre este, e fez ver uma longa mancha de sangue na manga e na mão do assassino. F. não poude conter um grito, e deitou a fugir pela escada abaixo; mas foi agarrado por esta mesma mão ensanguentada.

«Mais um momento, um momento, senhor! Tenho pena, apezar de tudo, que o nosso negocio andasse tão depressa; mas julguei que fazia bem, e deve-se-me a minha paga. Dae-ma então, e que não haja mais questão entre nós: bem vos conheço, e eu sabia bem procurar-vos, se me não quizesseis pagar meu trabalho.

«F. atirou-lhe com a bolsa, sem querer tocar n'aquella mão manchada de sangue. O malvado apanhou a bolsa, e contou o dinheiro, que continha:

«Está aqui mais do que é preciso, disse elle ao separar sua paga do resto do dinheiro. Aqui está isto que vos pertence.

«Ficae com tudo, respondeu F.

«Então ficarei com elle, visto estardes penalisado da morte d'aquelle homem, que todavia era um homem valente, e não vos disse isso por ser inutil para o nosso fim. Defendeu-se como um diabo, e vi-me obrigado a chamar em minha ajuda um dos meus homens, um dos meus ajudantes, porque muitas vezes o negocio é custoso, e corre seus riscos. Um de nossos collegas, Sebastião, bem novo ainda no officio, foi morto por um inglez, a quem não atacava, e do qual sómente queria a bolsa. Sua mulher ficou sem nada, e nós vimo-nos na necessidade de lhe fornecermos uma pequena mezada, contribuindo cada um de nós com sua quota. Se quizerdes, senhor, as tres peças, que sobram, serão para a viuva de Sebastião, e para mandar dizer missas por alma do rapaz, por cuja morte estaes mortificado. Ouvi então; a culpa não foi minha; disseste-me ás onze horas... o rapaz passou porém em occasião favoravel para a ponta do meu punhal... ás oito horas e meia... a occasião era excellente... ah! palavra de honra, caiu, mas levantou-se ainda...

«Esta historia, que me foi narrada por aquelle mesmo, que d'ella foi o heroe, póde fazer conhecer os costumes de Portugal no fim do ultimo seculo sómente.

*
* *

«A festa do Corpo de Deus em Lisboa é uma solemnidade desconhecida em qualquer outro paiz. [1] É uma theoria pagã; é uma ceremonia fabulosa; é phantastica de riqueza e de maravilhas.

[1] *Souvenirs d'une ambassade*, tomo 2.°, pag. 158.

Digitized by Google

*
* *

«O monte ao Este de Lisboa é o mais bem situado para morada. Muitas vezes o subi para contemplar o painel magnifico, que se ostenta como um panorama phantastico causado pelas impressões d'um sonho, no qual vós tivesseis sonhado um paiz encantado, debaixo d'um ceo puro e azul, onde um sol de ouro luz sempre sem nuvens. D'esta altura domina-se todo o valle de S. Bento.

«Á esquerda, conventos, egrejas, jardins, quintas, pomares de larangeiras, onde os aureos pomos brilham ao lado das flôres embalsamadas. Em frente, a ingreme altura, sobre que está construido o castello, que defende a cidade. Á direita o Tejo, coberto de navios com pavilhões de mil côres, ao passo que ao longe, e de todas as partes, se descobrem campos, prados, flôres por todos os lados, e por todos os sitios um ar doce e embalsamado, que vos enfeitiça, que vos penetra com seu encanto, e por cima de tudo isto dardeja um sol puro! Tudo em volta de vós respira uma duplicada alegria; tudo, até os edificios, que parecem cobertos d'um veo de varias côres, dando ares d'um docel lançado por cima de suas grimpas. N'este paiz a natureza está sempre em festival. Nunca lhe pedi uma distracção, uma consolação, que me não respondesse concedendo-m'as com profusão. Não ha soffrimento da alma, não ha dôr de corpo, que me não tenham sido mitigadas com a vista d'este paraizo. Durante minha residencia em Portugal, vi chegarem áquelle paiz doentes condemnados a morrer, e todavia prendiam-se á vida! Muitos desmentiram a sentença, e aquelles que a padeceram, não soffriam pelo menos o aguilhão ardente da morte. Sem duvida, n'este paiz morre-se, chora-se, soffre-se como em todas as outras partes; a dôr é uma lei de nossa natureza, a que não podemos fugir: mas, assim como o opio adormenta os padecimentos do corpo, a vista d'este paiz lhe mitiga os soffrimentos.

«Na margem do Tejo fica a bella Praça do Commercio. Nada temos em Paris, mesmo actualmente, tão bello como os caes, que terminam este lado da praia.

«Muito tenho viajado;[1] percorri o norte e o meio-dia da Europa, e nunca se patenteou a meus olhos uma cidade tão extraordinaria, e ao mesmo tempo tão notavel e tão formosa, como Lisboa. Nunca um céu mais bello espargiu sua luz sobre uma cidade rodeada d'uma natureza, que a cinge com suas maravilhas: mas ao mesmo tempo em logar nenhum eu vi tantos dons de Deus tão mal conhecidos e inutilisados.

«É nos arrabaldes de Lisboa que se torna necessario aprender a conhecer este paiz, que se póde descrever, mas nunca pintar. Estas circumvisinhanças parecem ser formadas para fazerem uma decoração á maneira de vestibulo, e de entrada a este valle de Cintra, cantado pelo amor com sua voz de cisne em Camões, e celebrado por lord Byron em Child Harold, e admirado por quantos o percorreram, a ponto de não o quererem deixar.

[1] *Souvenirs d'une ambassade*, pag. 165.

Digitized by Google

«Entre os emigrados francezes, residentes em Lisboa, distinguia-se tambem o conde de Artaize, da casa de Roquefeuille. O conde de Artaize estava na legião estrangeira do marquez d'Alorna, e tinha mesmo um esquadrão como propriedade n'esta legião. Era amigo e ajudante de campo do referido marquez. Conheceu, ha algum tempo, que nós não possuiamos traducção de Camões, e verteu em verso o bello episodio de Ignez de Castro. Leu-me a versão ha poucos dias, e fiquei não sómente encantada da fidelidade bem guardada das pinturas e das descripções, cousa tão rara n'uma traducção em verso d'uma obra tambem escripta em verso; mas fui agradavelmente surprehendida achando n'ella o sainete primitivo do poeta portuguez, tão insolentemente mutilado por La Harpe, que julgou poder-se fazer uma traducção pegando n'uma grammatica e n'um diccionario. Não é d'um homem tal que Carlos V disse: Um homem que sabe quatro linguas, vale por quatro homens.

«Fiquei pois encantada d'esta traducção de Camões; lamento que seja apenas d'um episodio. A fidelidade, com que o conde de Artaize tratou este episodio, serve de fiador á, que empregaria para nos apresentar a passagem do Cabo da Boa Esperança! O genio das tempestades erguendo-se em frente de Vasco da Gama, e predizendo-lhe o futuro! Todas as vezes que leio em Camões esta passagem admiravel, fico cheia de respeito á vista d'esta elevação do espirito humano, que approxima da divindade o homem!

«O nome de Ignez de Castro quasi que é magico para evocar tudo quanto se refere á sua bella patria,[1] a essas margens encantadoras do Mondego, a esses maravilhosos arrabaldes de Coimbra, cuja belleza póde rivalisar com tudo, quanto a Hespanha póde por sua vez offerecer ao estrangeiro, que percorre aquelle paiz. Posso mesmo accrescentar que a universidade de Coimbra levava muita vantagem a todas as outras de Hespanha. Ai! Que dôr ao ver aquellas bellas margens do Mondego manchadas pelo sangue, e assoladas pelo ferro e fogo! Nada póde dar uma idéa dos arredores de Coimbra! Apesar de montanhosos são bem cultivados, e todos os montes estão coroados de pequenos bosques de bellos pinheiros de topo elegante, e d'esses magnificos carvalhos de França, cuja sombra secular redobra de belleza, maior em cada anno, que passa por cima d'elles.

«São os valles cortados pelos ribeiros, que conservam não sómente uma grande frescura, mas até uma fertilidade desconhecida em nossos paizes do Meio-dia; elegantes casas de campo, quintas, mosteiros, fabricas mesmo, cercadas de pomares de laranjas, de oliveiras, do bello arbusto, cujo porte elegante é realçado ainda por sua bella verdura, e pelo rubor de seus fructos, o medronheiro. O bello cypreste de Portugal, todas as arvores da Europa, e até aquellas, que admiramos nás bellas florestas da Baixa Saxe, formam nas circumvisinhanças de Coimbra retiros encantados, e bordam o bello rio Mondego, que banha as muralhas da cidade, e gyra no estreito, mas fertil valle, onde Coimbra está fundada. Ao longe enxerga-se no horisonte a alta serra da

[1] Engano da duqueza d'Abrantes: Ignez de Castro era hespanhola.

Digitized by Google

Louzã, e ainda mais longe a do Bussaco, em cujo pincaro está construido o famoso mosteiro dos Carmelitas, afamado por suas reliquias. Á fronte associou-lhe Massena depois uma outra celebridade.

«Foi n'esta serra do Bussaco que se feriu aquella cruenta e funesta peleja, em que seis mil francezes foram exterminados pela loucura de um chefe que fôra habil, mas n'outro tempo. O marechal Ney, o duque de Abrantes, bem como o general Reynier, todos tres primeiros chefes dos tres corpos de exercito, que formavam o de Portugal, foram todos de opinião contraria. O principe de Essling a nada quiz attender; foi atacar esta serra, que era a pico, e cujo alto estava coroado pelas tropas inglezas e portuguezas, que atiravam contra os francezes como sobre caça, que tivessem cercado com o fim de a levarem para sustento do exercito. Oh que recordação a d'aquelles desgraçados, mortos quasi sem defesa, pelo ferro de um inglez, cahindo debaixo da balla certeira de um portuguez, ao passo que este mesmo exercito anglo-luso, forte de mais de quarenta mil homens, formava dois annos antes uma ponte de oiro a quinze mil francezes para os verem afastar-se de Portugal!

«Defronte de Coimbra fica a quinta das Lagrimas. M. de Forbin, encantado da belleza do assumpto, fez um quadro representando a coroação de Ignez. Este quadro tem merecimento, como todos que elle pintava então. Sabe-se que Forbin não é habil na pintura de figuras. Mostrou um outro genero de habilidade no painel de Ignez, cujo bello colorido, transparencia e pureza das aguas, são admiraveis; mas não se encontra n'elle um só rosto. O de Ignez fica de tal sorte na sombra, que se não vê, e alem d'isto as feições estão desbotadas de proposito. D. Pedro tem, segundo creio, a vizeira baixa; o fidalgo de Portugal, que rende homenagem, está inclinado, com a cabeça cahida. O prior do mosteiro tem seu capuz muito puchado para diante. Emquanto aos outros personagens estão na sombra, ou teem seu capuz ou vizeira cahidos na frente.

«O quadro de Saint-Evre, que o duque de Orleans deu a Victor Hugo, e que representa o mesmo assumpto, foi pintado talvez d'um modo mais intelligente. Ignez está assentada no seu throno, debaixo do docel, e seu esqueleto coberto com um lençol, deixa-se ver atravez das pregas, que deixam contemplar a fórma horrivel e ossea do esqueleto. Os braços principalmente pendentes, deslocados e cobertos de luvas brancas, mettem pavor na verdade. É um bello painel.

«É pois sobre as margens do Mondego que Luiz de Camões imaginou seu terceiro canto dos Lusiadas, esse terceiro canto, que bastaria só para fazer esquecer as imperfeições do grande poeta; esse terceiro canto, no qual a dita de Ignez é pintada por um modo tão mavioso. Nossa lingua não póde traduzir aquelles versos admiraveis. Nada tenho encontrado tão harmoniosamente poetico em Tasso, e em Dante, como estes dois versos:

De noite em doces sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos, que voavão. [1]

[1] *Souvenirs d'une embassade*, tomo 2.°, pag. 219.

Digitized by Google

«O que muito contribue para a belleza do paiz n'esta parte de Portugal, é um ornato da natureza, que ella n'esta terra produz profusamente, e que lhe dá um caracter particular de belleza — é o cypreste de Portugal (*cupressus Lusitanus* de Lhéritier). Não é bello senão nas margens do Mondego, e perto da serra do Bussaco, para onde foi primeiramente levado de Goa por um frade.

«Alli se acham os bellos loureiros da India vindos d'esta ultima cidade aquellas bellas arvores tornadas indigenas, e trazidas da ilha da Madeira, aquellas larangeiras, aquelles limoeiros. Oh! Em logar nenhum se póde ver um paiz mais favorecido do céu! Granada, sem duvida; mas Granada é unica no mundo; é a rainha das cidades; com tudo Coimbra é sua nobre e encantadora irmã!»

Eis algumas das passagens mais notaveis, que dizem respeito a Portugal. O que porém mais se distingue n'este livro, é a descripção da familia real portugueza, da nossa aristocracia, e do corpo diplomatico estrangeiro, residente em Lisboa, no qual fazia uma figura tão saliente o manhoso nuncio italiano. O que ella tambem faz com mais desenvolvimento na obra tão conhecida *Memoires*, a começar do vol. 7.º por diante.

A duqueza de Abrantes tinha emprehendido com Alexandre de Laborde, Charles Nodier e o marquez de Custine, uma obra intitulada *La Péninsule, tableau pittoresque de l'Espagne et du Portugal*, obra de que, segundo diz a *N. B. Universelle*, apenas appareceu um fasciculo publicado em Paris no anno de 1835. V. Laborde.

5) **ABREGÉ CHRONOLOGIQUE** *de l'histoire d'Espagne et de Portugal, avec des remarques particulières à la fin de chaque periode.* Paris, 1765, 2 vol.

(Resumo da Historia de Hespanha e de Portugal.)

«O *Novo Diccionario Historico* por uma sociedade de gente de letras, em francez, hoje 9 vol. em 8.º, diz que o seu auctor é Filippe Macquer, natural de Paris, advogado do parlamento. Chega até parte do reinado de D. José I.» [1]

6) **ABREGÉ SUCCINCT** *d'une infinité de maux lamentables et de dégats déplorables que la violence et la conjuration des quatre élements ont fait éprouver à la grande ville et à la cour de Lisbonne, le 1er novembre de cette année 1755. Traduction litterale de l'imprimé espagnol.* Orleans, 1756, folheto.

(Resumo dos estragos causados pelo terremoto de 1755 á cidade de Lisboa.)

Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto dos livros portuguezes, e escriptos em varias linguas, mas relativos a Portugal, que existem na Bibliotheca Imperial de Paris, catalogo de que existe uma copia na Bibliothe-

[1] *Bibliotheca historica de Portugal e seus dominios ultramarinos*, pag. 389.

Digitized by Google

ca Publica de Lisboa, e do qual tive conhecimento por indicações do ex.mo sr. Silva Tullio.

7) **ACCOUNT (AN)** *of the Court of Portugal under the reign of the present king D. Peter the second.* London, 1700. [1]

(Noticias da côrte de Portugal no reinado de D. Pedro II.)

8) **ACCOUNT** *of the discovery of the Madeira Island. Letter to a friend on ditto.*

Vi mencionada esta obra n'um catalogo de livros antigos, e não me acho habilitado para dar mais pormenores a respeito d'ella.

9) **ACCOUNT** *of the most remarcable places and curiosities in Spain and Portugal.* London, 1749.

(Noticia dos logares e causas mais notaveis de Hespanha e Portugal.)

10) **ADAMS.**

E. — *A Guide to Madeira with an account of the climate.* London, 1801.

(Guia da Madeira, etc.)

11) **ADAMSON (JOHN).**

John Adamson descendia de uma familia respeitavel do condado de Durham. Foi o ultimo filho do tenente da armada real Cutberth Adamson, e nasceu em Gateshead a 13 de setembro de 1787. Sendo muito novo foi mandado para Lisboa, onde seu irmão mais velho se achava estabelecido, porém viu-se obrigado a regressar á sua patria na occasião da invasão dos francezes. Falleceu a 27 de setembro de 1855. [2]

Conservou sempre uma agradavel impressão do paiz, em que tinha residido, ao qual tinha particular affeição, bem como á sua litteratura, que cultivou toda a sua vida. Possuia a mais completa collecção das edições e obras de Camões, a qual constava de uns cento e vinte volumes, e uma collecção iconographica composta de uns tresentos desenhos, gravuras, retratos, medalhas do barão de Dillon, morgado Matheus, correspondencias, etc.

E. — *Memoirs of the life and writings of Luis de Camoens, by.* — F. S. A. London, Edinburg, and New-Castle upon Tyne. London. Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1820. Com o retrato do poeta.

(Memorias da vida e escriptos de Camões.)

8.°, 310 pag. e com uma vinheta representando a gruta de Camões em Macau.

O vol. 2.°, composto de 392 pag. é adornado com um supposto retrato de D. Ignez de Castro, com o de Manuel de Faria e Sousa, de Luiz de Camões,

[1] Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio, catalogo que apenas ligeiramente pude consultar.

[2] Sr. visconde de Juromenha — *Obras de Camões*, vol. 1.°, pag 279.

Digitized by Google

D. Francisco de Almeida, e de D. G. de Noronha, conforme a edição de Manuel Correia.

Esta obra é dedicada a Thomás Davidson, Esquire, Clerk of the Peace for the Country of Northumberland.

A dedicatoria segue-se um soneto de J. X. de Mattos em honra de Camões, e traduzido para inglez pelo dr. J. Leyden.

Começa o prefacio, no qual nos diz Adamson que o fim do seu trabalho é dar aquellas informações a respeito da vida e escriptos de Luiz de Camões, que possam ser colligidas dos pormenores deixados por seus primeiros biographos, ajudados com a leitura das obras do poeta, e com uma diligente investigação entre os artigos, que apenas se encontram uma ou outra vez. A este prefacio, no qual agradece a varias pessoas que lhe prestaram serviços na composição d'esta obra, seguem-se immediatamente as memorias da vida de Camões.

«A apparição dos *Luziadas*, [1] o primeiro poema epico moderno, foi saudada como uma era nova na poesia. O sol da fortuna nunca brilhou sobre este poeta, nem este participou de algum de seus favores. Os seculos, não influidos pela ingratidão do seu paiz, nem pelo despreso dos pobres, deram a immortalidade a seu nome, ao passo que sua lyra, mais perduravel que um monumento de pedra será escutada por todo o mundo habitavel.[2]

«O dr. Black em uma nota á sua vida de Tasso, depois de comparar a sorte de Camões com a do poeta italiano, escreve: Ambos os poetas, todavia, se foram infelizes durante a vida, teem pelo menos alcançado aq uella gloria, pela qual suspiravam; e é uma reflexão agradavel, que, em quanto os grandes, soberbos e titulares, que despresavam o bard o lusitano, são despresados, o nome do poeta é pronunciado com respeito, mesmo no meio dos ultrajes da violencia, e das tempestades da guerra. A instrucção publica (diz Junot na sua proclamação aos habitantes de Portugal no 1.º de fevereiro de 1808) a instrucção publica, a unica fonte da civilisação das nações, será diffundida pelas differentes provincias, e o Algarve e Beira-Alta possuirão seu Camões. A traducção dos *Lusiadas* em todas as linguas cultas da Europa dá testemunho da estima, em que sempre foram tidos, ao passo que numerosos tributos a seu genio e talento, que poetas e escriptores sem interrupção lhe teem prestado, attestam sufficientemente o sentimento de admiração, que despertavam seus enthusiasmos. Seria impossivel referir todas as variadas opiniões formadas a respeito das composições do poeta, ou noticiar os graus empregados para elogiar o auctor.

«Lope de Vega era um ardente admirador das composições de Camões, e varias passagens de suas obras testificam a estimação, em que elle tinha o poeta portuguez. Faria e Sousa, que era amigo intimo de Lope, escreve terem-lhe dito que este illustre hespanhol appellava usualmente para as obras de Camões com o fim de dissiparem a tristeza, com que sua alma estava so-

[1] John Adamson — *Life and Writings of L. de Camoens*, vol. 1.º, pag. 292.
[2] Idem, pag. 213.

Digitized by Google

brecarregada por causa de algum desgosto casual ou infortunio. No seu Laurel d'Appollo encontra-se este elegante tributo a Camões:

Llegando pues la Fama
A la mayor ciudad que Espana aclama
Por justas causas despertar no quiso
(I fue discreto aviso)
Al gran Sá de Miranda,
Que le dexe Melpomene le manda:
Y al divino Camoes
En Indianos aloes
Que riega el Ganges, y produze Hidaspes,
Durmiendo en bronze, porfidos y jaspes
(Fortuna estrana que al ingenio aplico
La vida pobre, y el sepulcro rico),
Porque se despertaran,
Y a las Cortes, Parnasides llevaran;
Docto Corte Real, tu nombre solo,
Aun no que dava con el suyo Apolo.
Como lo muestran oy vuestras Lusiadas
Postrando Eneydas, y venciendo Iliadas.
Que triste suerte, que notables penas,
Acabada la vida hallar Mecenas;
Mas no por esso puede
Dexar de ser gloriosa vuestra fama,
Si bien claro Luis la tuya excede
Por quanta luz derrama
El farol Didimeo
Y mas quando te veo
Banar pluma de Fenix tinta de oro,
Diziendo com decoro
I magestad sonora,
Por la lealdad, que nũca el tiempo olvida
Que mais anos servira se non fora
Para tan largo amor tan curta a vida.

(Silva Tercera, pag. 26. Edic. de Madrid de 1630.)

«A Inglaterra tambem não se deixou ficar atraz em tributos a Camões: Mr. Hayley no seu *Essay on Epic Poetry*, assim caracterisa o poeta e suas composições:

Tho' fiercest tribes her galling fetters drag,
Proud Spain must strike to Lusitania's flag,
Whose ampler folds, in conscious triumph spread,
Wave o'er her Naval Poet's laureate head.
Ye Nymphs of Tagus, from your golden cell,

Digitized by Google

That caught the echo of his tuneful shell,
Rise, and to deck your darling's shrine provide
The richest treasures that the deep may hide:
From every land let grateful Commerce shower
Her tribute to the Bard who sung her power;
As those rich gales, from whence his Gama caught
A pleasing earnest of the prize he sought,
The balmy fragrance of the East dispense,
So steals his song on the delighted sense,
Astonishing with sweets unknown before.
Those who ne'er tasted but of classic lore.
Immortal Bard! thy name with Gama vies,
Thou, like thy Hero, with propitious skies
The sail of bold adventure hast unfurl'd,
And in the Epic Ocean found a world.
Twas thine to blend the Eagle and the Dove,
At once the Bard of Glory and of love:
Thy thankless country heard thy varying lyre
To Petrarch's softness melt, and swell to Homer's fire!
Boast and lament, ungratful Land, a name
In life, in death, thy glory and thy shame.

Terminam estas memorias da vida de Camões, com uma comparação biographica entre o nosso poeta e Cervantes, composição d'um escriptor hespanhol, a qual occupa perto de tres laudas.

A pag. 239 começa uma noticia das *Rimas de Camões*. «Porque a fama de Camões não provém tão sómente do seu poema epico: tal era a versatibilidade de seu genio, que compunha em todos os metros usados n'aquella época, e foi bem succedido na maior parte d'elles.»

O 2.º volume principia por uma traducção para inglez da obra do Morgado Matheus intitulada *Ensaios sobre os Luziadas de Camões*, que occupa 58 pag.

A esta traducção segue uma noticia das versões dos *Luziadas*, com informações a respeito dos traductores.

Esta noticia é interessante, se bem que a do sr. visconde de Juromenha no 1.º volume das suas obras de Camões é muito mais ampla, posto que ainda difficiente. O nome de Camões tem soado por toda a parte do mundo, e em todos os logares da terra tem havido admiradores do nosso poeta, que escreveram ácerca d'elle. E este numero vae já sendo tão grande, que não admira que o mais diligente indagador não possa ter conhecimento de quanto se tem escripto, e vae escrevendo em pontos tão differentes do globo. Ainda não ha muito tempo que o sr. Varnhaguen nos dava noticia d'uma traducção dos *Luziadas*, em lingua hungara, da qual ninguem ainda nos tinha fallado.

As noticias d'estas versões em Adamson occupam as pag. 61 até 252, apresentando o episodio da morte de D. Ignez de Castro, em varias linguas, para conhecimento da habilidade dos traductores.

Digitized by Google

Vem em terceiro logar uma resenha das differentes edições das obras do nosso poeta.

E termina finalmente este volume com uma lista dos commentadores e apologistas de Camões.

O exemplar de que me servi para a composição d'este artigo, foi-me emprestado pelo ex.mo sr. conde de Geraz de Lima.

Outra obra notavel devida á penna de John Adamson, é *Lusitania illustrata: Notices on the History, Antiquities, Litterature, of Portugal. Litterary Department. Parte* 1.ª *Selection of Sonnets, with biographical sketches of the Authors by.* Newcastle 1842, 8.º de XII, 100 pag.

Lusitania illustrata etc. Parte 2.ª Ibi., 1846, 8.º de XVII, 54 pag.

D'estas obras se dará mais ampla noticia na parte d'este trabalho destinada para os traductores de obras portuguezas.

A respeito d'este benemerito escriptor diz-nos o sr. Innocencio a pag. 88 do volume 16.º do *Panorama*. Da sua particular predilecção pela litteratura classica portugueza, e das riquezas, que n'este genero possuia, é prova sobeja o volume que imprimiu e distribuiu particularmente aos seus amigos com o titulo: *Bibliotheca Lusitana or Catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Litterature and Poetry of Portugal; forming part of the Library of John Adamson.* Newcastle on Tyne 1836, 8.º de 115 pag. Ahi se comprehende a mais ampla collecção, que até áquelle tempo se havia reunido das obras e edições de Camões, passante de 120 volumes.

12) ADLERHOLD (GERMANUS).

E. — *Die Nacht des Portugiesischen scepters. etc.* Frankfort, 1703, 8.º

(Poder do sceptro portuguez, ou descripção circumstanciada do reino de Portugal, suas riquezas naturaes, seus antigos habitantes, reis, decadencia durante o dominio hespanhol, sua restauração e seu governo até o rei actual.)

13) ADMINISTRATION (L') *de Sébastien Joséph de Carvalho et Méllo, comte de Oeyras, marquis de Pombal, sécretaire d'état, etc. Prémier ministre du roi de Portugal, Joseph I.* A Amsterdam, 1786, 4 vol., 4.º

«Quando se reflecte com attenção sobre as revoluções de Portugal, vê-se que teve um destino unico. Desde seu nascimento experimenta vicissitudes, que não são vulgares. No seculo XV faz a conquista das Indias. A Asia inteira passa para debaixo de seu dominio. Desde então a fortuna de Portugal é prodigiosa! Não diz a historia que nenhuma outra nação se tenha elevado com um vôo mais rapido ao cume das grandezas. A propria Roma, no auge da sua gloria em tempo nenhum conquistou tantos estados, ou dominou sobre tantos povos, ou se apossou de tantos sceptros, ou lançou ferros a tantos reis. É um espectaculo o ver o mais pequeno estado da Europa tornar-se a primeira potencia do mundo!

Digitized by Google

«A descoberta do cabo da Boa Esperança pelos portuguezes transfigurou a sorte da republica geral. Vemos grandes imperios converterem-se em pequenos estados, e estados mediocres elevarem-se á ordem das grandes potencias. O commercio é quem produz esta mudança. Então começa esta celebre revolução, cuja influencia se estende por todas as partes do globo.

«O mundo antigo e novo não forma senão um theatro de riquezas.

«Até então a Asia sómente constitue um emporio de ricas producções, das quaes os portuguezes são os unicos possuidores. Mas dentro em pouco a ambição, ou a avareza das outras nações, procura attrahil-as para si. A Hollanda, a Inglaterra, a França, a Suecia, querem ter parte dos thesouros da India, procurando estabelecer-se n'ella.

«Por esta época começaram guerras, das quaes se não acha nenhum exemplo nos antigos annaes militares. Os combates, que se dão n'este novo campo de batalha, são tanto mais sanguinolentos, quanto o inimigo vencido não tem abrigo.

«A descoberta do Brasil dá um novo esplendor a Portugal. Além da gloria pessoal de accrescentar um novo mundo ao antigo, suas producções bastam ellas sós para elevar sua potencia acima de todas as potencias».

Esta obra attribuida a um certo Desoteux é favoravel ao nosso marquez, e censura muitas das passagens, que se encontram nas *Memoires du Marquis de Pombal.* [1]

14) ADVENTURES OF A YOUNG RIFLEMAN *in the French and English armies, during the war in Spain and Portugal, from* 1806 *to* 1816.

(Aventuras d'um soldado atirador, nos exercitos francezes e Inglezes, durante a guerra de Hespanha e Portugal.)

15) AGUILERA (D. VENTURA RUIZ).

E. — I. *Camino de Portugal. Drama en un acto, original y en verso por —, representado con gran aplauso en el teatro de la Cruz, el año de* 1849. Madrid, 3.ª edicion. 1860.

II. *Ecos Nacionales y cantares con traduciones al Portugues, Aleman, Italiano, Catalan, Gallego, Polaco y Provenzal.* Madrid, 8.°, 416 pag.

Uma das mais notaveis poesias d'esta collecção é a seguinte

BALADA DE IBERIA

Dicen que va con España
Á casarse Portugal;
Si mucho vale la novia
No vale poco el galan.

[1] Publicou-se uma traducção d'este livro em Lisboa no anno de 1841.

Digitized by Google

El mismo sol los alumbra,
La misma tierra feraz
Rinde á sus piés, generosa,
Ricos tesoros sin par.

El mar que sus costas baña,
Tiene en los dos nombre igual;
En los propios claros rios
Los dos contemplan su faz.

Una es su lingua armoniosa,
Una su historia inmortal;
En los siglos venideros
Uno el destino *será*

Bello fruto de estas bodas
Iberia al orbe ha de dar
Envidia por su grandeza,
Y por sus virtudes, más

Cuando ese dia
Cuando vendrá?
Quien no lo ansia?
Quien lo verá?

Los dos cruzaron valientes
Las soledades de un mar,
Donde sonado no habia
La voz humana jamás.

Oro dicen que trajeron
De su expedicion audaz;
No cuenta quien los acusa
Lo que dejaron allá

Sangre, industria, ciencia y arte,
Y entrada en la humanidad
Dieron á razas dormidas
En hondo sueño fatal.

Y entonces alli brotaron
(Flores de su inmenso afan)
Ciudades, talleres, tempo,
Maravillas que admirar.

Digitized by Google

Ojalá unidos por siempre
Desde entonces, ojalá,
Hubieran los dos estado
Con vinculo fraternal!

Cuando ese dia, etc.

Todo el mundo conocido
Resueltos los vió pasar
A vencer los que imposibles
Juzgaba la antiguedad:

Con el leon de Castilla,
Las quinas de Portugal;
Las barras aragonesas
Con el blason catalan.

Fuertes con sus libertades
Y su poder colosal,
En sus empresas llegaron
Donde nadie llegará.

Ellos derrocan imperios,
Ellos los saben fundar,
Y uncen monarcas altivos
Á su carroza triunfal.

Hoy con recelo se miran,
Y no se conocerán,
Hasta que luzca la aurora
Que tantos esperan ya.

Cuando ese dia, etc.

El tiempo se acerca; un trono
Ha barrido el huracan,
Sobre el desplomando fiero
Una oleada del mar.

Dinastias extranjeras
Hollaron su dignidad:
Si España tiene memoria,
Ya nunca lo occuparán

Digitized by Google

Lázaro ha roto su tumba;
La tiniebla huyendo va;
El muerto resuscitado
Saluda á la Libertad.

En esta sagrada via,
Sin volver un paso atrás,
Con el Pueblo Lusitano
España se encontrará.

Y olvidando sus querellas,
Su allianza sellarán,
Fiel, sincera, indisoluble,
Con un ósculo de paz

Cuando ese dia, etc.

Iberia! yo te estoy viendo,
Bella, joven, celestial;
Como en sus ensueños pudo
El poeta ambicionar.

Iberia! yo te estoy viendo
Vestida de majestad,
Presentarte á las naciones
Con aplauso universal.

Iberia! yo te estoy viendo
En el senado brillar
De todos los pueblos libres,
Tan alta como el que más.

Iberia! yo te estoy viendo
Serenamente marchar
Al porvenir que adivina
La musa de nuestra edad.

Iberia, yo te estoy viendo;
Iberia! tu nacerás,
Pues han de hacerse las bodas
De España con Portugal.

Ese gran dia
No faltará;
Quien no lo ansia?
Quien lo verá?

Janeiro, 1869.

Digitized by Google

16) **AGUIRRE (MICHAEL AB).**

E. — *De successione Regni Portugalliae pro Philippo Hispaniae Rege.*

(Da successão do reino de Portugal. Obra em favor de Philippe rei de Hespanha.)

17) **A... J...**

E. — *A Compleat Account of the Portugueze Language. Being a copious Dictionary of English with Portugueze, and Portugueze with English.* London. Printed by R. Janeway, 1701, fol., 300 pag.

(Diccionario inglez-portuguez e portuguez-inglez.)

18) **ALAUX (G. D').**

E. — *Portugal (Le) en* 1850 *et le Comte de Thomar.* 12.°, 46 pag. Paris, imprimerie de G. Stapleaux.

O auctor pretende provar que Portugal encerra muitos elementos de prosperidade latentes, mas que o conde de Thomar é o predestinado para se aproveitar d'elles, e elevar assim o seu paiz ao maior auge de grandeza, por isso que a bahia do Tejo ainda não seccou, e os camponezes de Portugal são ao mesmo tempo a raça mais energica e mais disciplinavel da peninsula.

19) **ALDENBURGK.**

E. — *Relação da tomada da Bahia pelos Hollandezes, e sua restauração,* obra impressa em Coburgo no anno de 1627, e da qual nos falla o sr. Varnhagen na sua *Historia das lutas com os Hollandezes no Brazil* (pag. XXI).

20) **ALEMANIO FINI.**

E. — *Descrittione dell' Isola della Madera scritta nella lingua latina del Conte Giulio Landi. Piacenza.* 1574.

(Descripção da ilha da Madeira.)

Vi esta obra mencionada n'um catalogo de livros antigos, e nada mais posso dizer a respeito d'ella.

21) **ALEMAN (MATTEO)**—Auctor do celebre romance *Guzman d'Alfarache.*

E. — *Panegyrico de Santo Antonio de Padova.* Sevilha, 1604.

22) **ALEWIN (ABRAHAM)** — (Parece ser flamengo).

E. — *Vocabulario das duas Linguas Portugueza e Flamenga, Em que se explicão Com a possivel clareza e brevidade As palavras, termos & phrases mais necessarias. Para o uso destas Linguas.* Amsterdam, 1718. (Tem 933 pag., 8.° grande).

Além d'este titulo portuguez tem n'outra folha o seguinte em hollandez: *Woordenschat Der Taalen Portugeesch, en Nederduitsch Waar in de beteekenissen der Portugeesch Woorden, volgens de Rykheid van de Nederduitsche Taalkunde, omstandig aangeweesen worden; Een werhstuk, dat 't algemeen voor alle lief hebbers der beide Taalen bysonderbyk de leeraars en leerlingen*

Digitized by Google

derzelve ten hoogsten dienstig is Door Mr Abraham Alewyn en Joannes Collé Tot Amsterdam By Pieter vanden Berge, op de Heylige Weg, in de Groene Berg 1714. (sic.) [1]

Traz um extenso prefacio em hollandez.

23) ALEXANDER (JAMES EDWARD).

E. — *Sketches in Portugal during the Civil War of* 1834. London, 1835.

(Esboços sobre Portugal durante a guerra civil de 1834.)

Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

24) ALLIOT — Professor de nação franceza, que residiu por algum tempo na cidade do Porto, ensinando a sua lingua.

E. — *Grammaire Française à l'usage des Portugais.* Porto, 8.°, 1859 ?

25) ALMÈS (DR. LUCIEN PAPILLAUD HENRI).

E. — *Du traitement de la Fièvre tiphoide par les reconstituants.*

(Tratamento da febre typhoide.)

Appareceu publicado este trabalho na parte 2.ª do tomo 4.° das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* classe de sciencias mathematicas etc. Nova série.

26) ALVIELLA (E. GOBLET D') — Docteur en sciences politiques et administratives.

E.—*L'établissement des Cobourg en Portugal. Étude sur les débuts d'une monarchie Constitutionelle. Écrit sous les yeux du Lt. Général Comte Goblet d'Alviella ancien envoyé de Belgique à Lisbonne.* Bruxelles, 8.° gr., 399 pag.

Não é para admirar que o sr. Visconde de Sá da Bandeira [2] tivesse que pegar na penna para refutar algumas passagens d'esta obra, quando seu author logo no principio d'ella diz que a mulher de D. João VI tinha o nome de Maria! (pag. 22). No emtanto o livro é muito interessante relativamente ás luctas civis, que tanto affligiram o paiz durante o reinado de D. Maria II, e para vêr como Leopoldo I, rei da Belgica, se intromettia nos negocios de Portugal.

27) AMADE (H.) — Ancien commissaire des guerres adjoint.

E. — *Voyage en Espagne ou Lettres Philosophiques, contenant l'histoire générale des dernieres guerres de la Péninsule.* Paris, 1822.

(Cartas philosophicas sobre a historia das ultimas guerras na Peninsula.)

[1] O exemplar examinado existe na Bibliotheca Publica de Lisboa. Para mais amplos esclarecimentos veja-se o vol. 8.° do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio, a pag. 4.

[2] *Lettre adressée au Comte Goblet d'Alviella par le Marquis de Sá da Bandeira sur l'ouvrage* L'établissement des Cobourg en Portugal, *acompagnée d'une notice sur les événements qui ont eu lieu dans ce pays depuis* 1836 *jusqu'en* 1837. Lisbonne, 1870.

Digitized by Google

lemão. O seu *Examen historique sur l'apparition de la maladie Venerienne*, foi reimpresso em Leyde no anno de 1777, e suas *Observations sur les maladies Veneriennes* traduzidas em allemão.»

Mas tornando á obra publicada por M. Andry *Les observations sur les maladies Veneriennes*, este livro é dedicado ao embaixador portuguez D. Vicente de Sousa Coutinho, e precedido dos juizos dos sabios a respeito do merecimento d'elle.

O primeiro é do professor Gaubius: «Estou persuadido (diz este) de que vossas idéas deduzidas de vossas observações são justas, interessantissimas para os medicos, e para toda a humanidade, tanto para o seculo presente, como para o tempo futuro, e que por isso seria de grande utilidade que fossem publicadas.»

É o segundo juizo critico o dos doctores regentes da faculdade de medicina de Paris, Maigret, Lepreux e Guenet.

«A obra — dizem estes — honrando a memoria do doutor Sanches, despertára a recordação d'estes dois medicos (Andry e Sanches), que, tendo-se estimado toda a sua vida, encontraram, n'aquelles que os conheciam os mesmos sentimentos, que tinham um para com o outro.»

É finalmente o terceiro juizo critico extrahido dos registros da Sociedade Real de Medicina, apresentado por Poissonnier, Geoffroy, Desperrieres, Vicq-d'Azyr, Thouret e Defourcroy:

«O doutor Sanches, cujos grandes trabalhos e zelo para com o adiantamento da arte de curar são conhecidos de todos os sabios, passou a maior parte de seu retiro a recolher os materiaes, que uma longa pratica lhe fornecera, e a delinear varias obras importantes, das quaes suas observações numerosas faziam o fundo principal. O auctor, tendo observado um grande numero de affecções chronicas, cujo caracter era muito difficil de conhecer, e tendo visto um grande numero de autopsias e lesões, que não tinham sido descriptas por Bonnet, e outros observadores, suspeitou que tinham uma causa occulta, e que eram devidas a um *virus venereo* degenerado. Questões multiplicadas, investigações escrupulosas confirmaram bem depressa esta desconfiança. O doutor Sanches entregou-se por isso a seguir a marcha da doença venerea, a reconhecer seus effeitos sobre as pessoas, que d'ella estavam infeccionadas, havia muito tempo. Notou que deixava vestigios, que ficavam escondidos, e como sepultados durante alguns annos, e que os meninos recebiam tambem a punição das faltas de seus paes, e que a velhice em seu começo não era apoquentada por enfermidades mais ou menos graves, senão por causa das consequencias d'este virus contrahido na mocidade. Estas observações levaram o auctor a adoptar um sentimento muito opposto ao dos medicos, que pensam que as doenças venereas perdem sua força diariamente, e que se aniquilarão pouco a pouco, como a lepra dos antigos. Julga pelo contrario que são mais perigosas do que nunca, porque atacam o interior das visceras sem se manifestarem no exterior, e que influem sobre todas as gerações, etc. Reconhece-se por toda a parte um observador exacto, um pratico esclarecido.

Digitized by Google

O que deve fazer com que se deposite maior confiança no auctor são quarenta annos de observações.

«Á vista d'este relatorio lido no Louvre a 24 de dezembro de 1784, a Sociedade Real de Medicina adoptou as conclusões da obra, e julgou-a dignissima de sua approvação. Vicq d'Azyr. Secretario perpetuo. Paris, 28 de dezembro de 1784.»

34) ANECDOTES *du Ministère de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, comte de Oeyras.* Varsovie 1783.

(Anecdotas do ministerio do marquez de Pombal.)

Não poude encontrar um exemplar d'esta obra.

35) ANECDOTES *Espagnoles et Portugaises depuis l'origine de la nation jusqu'a nos jours.* A Paris. Chez Vincent. 1773, 2 vol., 8.°, 1.° com 648 pag., 2.° com 700.

É uma especie de Selecta, por ordem chronologica, dos factos mais notaveis e chistosos da historia de Hespanha e de Portugal.

«Em 1641 começa a guerra entre os portuguezes e hespanhoes. Estes são os primeiros a entrar em campanha, assolam o paiz, saqueiam egrejas, fazem prisioneiros, e retiram-se sem ordem, tocando instrumentos. Vós cantaes cedo de mais, dizia-lhes o commandante: nunca ha certeza da victoria, em quanto se está nas terras dos inimigos. D'ahi a pouco, avistando os portuguezes: Largae vossas guitarras e flautas: não se trata agora de cantar, é necessario combater: mostrae-vos bravos e animosos. Não tarda em serem atacados, derrotados e postos em debandada; e para occultarem sua vergonha cortando as orelhas aos soldados, que tinham perdido, mostram-n'as asseverando serem as dos portuguezes, aos quaes acabavam de punir. Um conego de Badajoz dizlhes: Era melhor trazer as armas de vossos inimigos, do que suas orelhas: pois não é possivel differençal-as das dos castelhanos.»

*
* *

«Immediatamente depois da conclusão da paz com a França, Filippe IV tinha fixado toda a sua attenção sobre Portugal; mas as forças reunidas da Hespanha não eram sufficientes para executar o que se chamava castigo de um corpo de rebeldes. Uma batalha só parecia dever decidir da sorte dos portuguezes: deu-se a 8 de junho. Os castelhanos perderam a victoria, depois de se terem batido de lado a lado com uma furia quasi incrivel. Doze mil homens foram mortos ou prisioneiros, e seis grandes de Hespanha levados como tropheus para Lisboa. Este desastre acabou de alterar a saude do rei de Hespanha, a quem o receio de um triste futuro para seus povos assustava sobre modo. Mas novas derrotas causadas pelos portuguezes, que em vez de se conser-

Digitized by Google

lemão. O seu *Examen historique sur l'apparition de la maladie Venerienne*, foi reimpresso em Leyde no anno de 1777, e suas *Observations sur les maladies Veneriennes* traduzidas em allemão.»

Mas tornando á obra publicada por M. Andry *Les observations sur les maladies Veneriennes*, este livro é dedicado ao embaixador portuguez D. Vicente de Sousa Coutinho, e precedido dos juizos dos sabios a respeito do merecimento d'elle.

O primeiro é do professor Gaubius: «Estou persuadido (diz este) de que vossas idéas deduzidas de vossas observações são justas, interessantissimas para os medicos, e para toda a humanidade, tanto para o seculo presente, como para o tempo futuro, e que por isso seria de grande utilidade que fossem publicadas.»

É o segundo juizo critico o dos doctores regentes da faculdade de medicina de Paris, Maigret, Lepreux e Guenet.

«A obra — dizem estes — honrando a memoria do doutor Sanches, despertára a recordação d'estes dois medicos (Andry e Sanches), que, tendo-se estimado toda a sua vida, encontraram, n'aquelles que os conheciam os mesmos sentimentos, que tinham um para com o outro.»

É finalmente o terceiro juizo critico extrahido dos registros da Sociedade Real de Medicina, apresentado por Poissonnier, Geoffroy, Desperrieres, Vicq-d'Azyr, Thouret e Defourcroy:

«O doutor Sanches, cujos grandes trabalhos e zelo para com o adiantamento da arte de curar são conhecidos de todos os sabios, passou a maior parte de seu retiro a recolher os materiaes, que uma longa pratica lhe fornecera, e a delinear varias obras importantes, das quaes suas observações numerosas faziam o fundo principal. O auctor, tendo observado um grande numero de affecções chronicas, cujo caracter era muito difficil de conhecer, e tendo visto um grande numero de autopsias e lesões, que não tinham sido descriptas por Bonnet, e outros observadores, suspeitou que tinham uma causa occulta, e que eram devidas a um *virus venereo* degenerado. Questões multiplicadas, investigações escrupulosas confirmaram bem depressa esta desconfiança. O doutor Sanches entregou-se por isso a seguir a marcha da doença venerea, a reconhecer seus effeitos sobre as pessoas, que d'ella estavam infeccionadas, havia muito tempo. Notou que deixava vestigios, que ficavam escondidos, e como sepultados durante alguns annos, e que os meninos recebiam tambem a punição das faltas de seus paes, e que a velhice em seu começo não era apoquentada por enfermidades mais ou menos graves, senão por causa das consequencias d'este virus contrahido na mocidade. Estas observações levaram o auctor a adoptar um sentimento muito opposto ao dos medicos, que pensam que as doenças venereas perdem sua força diariamente, e que se aniquilarão pouco a pouco, como a lepra dos antigos. Julga pelo contrario que são mais perigosas do que nunca, porque atacam o interior das visceras sem se manifestarem no exterior, e que influem sobre todas as gerações, etc. Reconhece-se por toda a parte um observador exacto, um pratico esclarecido.

Digitized by Google

O que deve fazer com que se deposite maior confiança no auctor são quarenta annos de observações.

«Á vista d'este relatorio lido no Louvre a 24 de dezembro de 1784, a Sociedade Real de Medicina adoptou as conclusões da obra, e julgou-a dignissima de sua approvação. Vicq d'Azyr. Secretario perpetuo. Paris, 28 de dezembro de 1784.»

34) ANECDOTES *du Ministère de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, comte de Oeyras.* Varsovie 1783.

(Anecdotas do ministerio do marquez de Pombal.)

Não poude encontrar um exemplar d'esta obra.

35) ANECDOTES *Espagnoles et Portugaises depuis l'origine de la nation jusqu'a nos jours.* A Paris. Chez Vincent. 1773, 2 vol., 8.°, 1.° com 648 pag., 2.° com 700.

É uma especie de Selecta, por ordem chronologica, dos factos mais notaveis e chistosos da historia de Hespanha e de Portugal.

«Em 1641 começa a guerra entre os portuguezes e hespanhoes. Estes são os primeiros a entrar em campanha, assolam o paiz, saqueiam egrejas, fazem prisioneiros, e retiram-se sem ordem, tocando instrumentos. Vós cantaes cedo de mais, dizia-lhes o commandante: nunca ha certeza da victoria, em quanto se está nas terras dos inimigos. D'ahi a pouco, avistando os portuguezes: Largae vossas guitarras e flautas: não se trata agora de cantar, é necessario combater: mostrae-vos bravos e animosos. Não tarda em serem atacados, derrotados e postos em debandada; e para occultarem sua vergonha cortando as orelhas aos soldados, que tinham perdido, mostram-n'as asseverando serem as dos portuguezes, aos quaes acabavam de punir. Um conego de Badajoz dizlhes: Era melhor trazer as armas de vossos inimigos, do que suas orelhas: pois não é possivel differençal-as das dos castelhanos.»

*
* *

«Immediatamente depois da conclusão da paz com a França, Filippe IV tinha fixado toda a sua attenção sobre Portugal; mas as forças reunidas da Hespanha não eram sufficientes para executar o que se chamava castigo de um corpo de rebeldes. Uma batalha só parecia dever decidir da sorte dos portuguezes: deu-se a 8 de junho. Os castelhanos perderam a victoria, depois de se terem batido de lado a lado com uma furia quasi incrivel. Doze mil homens foram mortos ou prisioneiros, e seis grandes de Hespanha levados como tropheus para Lisboa. Este desastre acabou de alterar a saude do rei de Hespanha, a quem o receio de um triste futuro para seus povos assustava sobre modo. Mas novas derrotas causadas pelos portuguezes, que em vez de se conser-

Digitized by Google

varem na defensiva, accommettiam á força de armas e de intrigas secretas, novos sustos e doenças agudas conduziram Filippe IV ao tumulo.»

36) **ANEDDOTI** *del ministero di Sebastiano Giuseppe Carvalho, Conte di Oeyras, Marchese di Pombal, sotto il regno di Giuseppo I Re di Portogallo. Per servire di supplemento alla Vita del Medesimo.* 1787, sem logar de impressão, 8.°, tomo 1.° 297 pag., 2.° 251 pag.

(Anedoctas do ministerio do marquez de Pombal.)

37) **ANGLO-LUSITANIAN** *Discourse concerning the complaints of the British factors resident in the City of Lisbon. By a serious and impartial well-wisher to the prosperity of both Nations.* Lisbon, 1771.

(Discurso a respeito das queixas dos feitores inglezes.)

Esta obra é a refutação de outra intitulada *Memorials of the British Consul and Factory at Lisbon.* É uma analyse das cinco memorias especificadas n'esta ultima obra, em que se attribue a origem d'ella a machinações dos jesuitas. (V. *Bibliotheca Historica, Supplemento,* pag. 8.)

38) **ANNALS OF THE PENINSULAR CAMPAIGNS** *from* 1808 *to* 1814. Edinburg, 3 vol. 1829.

(Annaes das campanhas peninsulares.)

39) **ANNUAIRE DES VOYAGES** *et de la Geographie pour l'année* 1847 *par une réunion de geographes et de voyageurs sous la direction de M. Fréderic Lacroix.*

(Annuario de viagens e de geographia.)

Vem n'este livro um extenso artigo sobre os trabalhos geographicos do nosso illustre visconde de Santarem, que por tantos annos honrou o nome portuguez com seus escriptos, indispensaveis para qualquer bibliotheca de primeira ordem.

40) **ANSTETT (PH.)** — Parece ser professor de allemão em Lisboa.

E. — *Grammatica da lingua allemã, approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e Brazil.* Lisboa, typographia da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1853, 297 pag., 8.°

41) **ANTILLON (D. ISIDORO DE)** — Professor de astronomia, geographia e historia, no Seminario Real dos Nobres em Madrid. Nasceu em Santa Eulalia, aldeia de Aragão no anno de 1760, e morreu em 1820. [1]

E. — *Elementos de la Geografia Astronomica, natural y politica de España y Portugal.* Tercera edicion. Madrid, en la Imprenta de D. Leon Amarita, 1824, 8.°, 440 pag. com alguns mappas.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 2.°, pag. 783.

Digitized by Google

A primeira edição é de Madrid em 1815. Foi traduzida em francez com o titulo seguinte: *Geographie physique et politique de l'Espagne et du Portugal.* Paris, 1823. E em inglez por William Smith.

Esta obra de Antillon é digna de apreço; e seu auctor não só faz elogios aos portuguezes, mas até pretende refutar algumas accusações, que nos faziam escriptores estrangeiros.

42) ANTOINE, ROY DE PORTUGAL, *ses Psaumes où le Pecheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu.* Suivant la copie imprimée à Paris.

(Psalmos de D. Antonio, rei de Portugal.)

A respeito d'esta obra veja-se a parte, que trata das traducções.

43) APERÇU NOUVEAU *sur les campagnes des Français en Portugal, en* 1807, 1808, 1809, 1810 *et* 1811; *contenant des observations sur les écrits de MM. le baron Thiebaut, lieutenant général; Naylies, officier supérieur des gardes du corps de Monsieur; Gingret, chef de bataillon en démi-activité.* A Paris, Chez Delaunay, 1808, 8.°, 228 pag.

(Sobre as campanhas dos francezes em Portugal.)

É hostil esta obra á politica de Napoleão invadindo Portugal, e no prefacio, entre outras passagens notaveis, traz a seguinte:

«As tentativas infructuosas dos exercitos francezes para se apoderarem de Portugal, formam o mais interessante episodio da guerra peninsular. A primeira, que sem motivo arrogou a si o titulo de expedição, conduzida e consummada pela perfidia, e não pela força de armas, teve um começo prospero, que dentro em pouco se desvaneceu. As duas outras, tentadas de mão armada por dois generaes celebres, á frente das mais bellas tropas do exercito francez, falharam completamente. A falta de bom resultado d'estas operações imprudentes contribuiu poderosamente para o livramento de Hespanha, se é que não foi ella a unica causa efficaz, porém até mesmo attrahiu mais tarde o exercito anglo-hispano-portuguez ás provincias meridionaes da França, precisamente no momento critico da invasão das provincias do éste e norte d'este imperio pelas potencias alliadas; circumstancia, cujo concurso simultaneo trouxe a quéda do terrivel colosso do poder imperial, que, alguns mezes antes dava a lei á maior parte da Europa, e ameaçava a liberdade de todas as nações.»

Este livro é destinado a refutar os erros, que se encontram nas obras citadas acima, e por isso pergunta como é que se escreve que Junot se apossou da capital, do exercito, e do reino de Portugal, quando não sómente a cidade lhe abriu suas portas, mas até o proprio general Junot foi convidado a entrar n'ella? (Pag. 39.)

44) APOLOGETICO *contra el tirano y rebelde Verganza y conjurados, arzobispo de Lisboa y sus parciales, en respuesta á los doze fundamentos del padre Mascareñas.* Zaragoza, 1642, 4.°

Digitized by Google

Foi seu auctor D. Juan Adam de la Parra, inquisidor ordinario de Madrid, segundo declara uma nota manuscripta.

C. M. B. I. P.

(Contra a conspiração de D. João IV, segundo parece.)

45) **APOLOGIE OU DEFFENSE** *de Monsieur Anthoyne roy de Portugal contre Philippe roy d'Espagne, usurpateur du dict royaume de Portugal &c. Ensemble les tyrannies et cruautez qu'il exerce nouvellement sur ses propres subjects. Traduit d'Espagnol en Français.* (Sem logar de impressão), 1582, folheto.

46) **ARAGO (JACQUES).**

E. — *Le Duc d'Almeida.* Paris, 1855, fol.

É um romance, parte de cuja acção imagina-se representada em Portugal, no tempo da invasão franceza. Não merece especial menção.

47) **ARANA (DIEGO BARROS).**

E. — *Vida y viajes de Hernando de Magallanes.* Santiago de Chile, 1864.

48) **ARCONVILLE (MARIE GENEVIEVE CHARLOTTE DARLUS THIROUX D')** — Litterata franceza.

Nasceu no anno de 1720, e falleceu em 1805. [1]

E. — *Dona Gratia d'Ataide, Comtesse de Menezes. Histoire Portugaise.* Paris, 1770. Haye, 1770.

49) **ARDIZONE (ANTONIO MARIA SPINOLA).**

Nasceu em Napoles no anno de 1609. Vestiu a roupeta de S. Caetano na casa de S. Paulo, d'aquella cidade, [2] e chegou em 1640 a Goa com o fim de missionar na India. Morreu em outubro de 1697 na mesma cidade, em que nascera.

E. — *Gemidos dos Christãos, Bremanes e Canarins e de outras muitas Castas, e Nações do Estado da India, por não commungarem em nenhum tempo da vida, nem ainda na Pascoa, e perigo de morte, conforme Deus, e a Santa Madre Igreja determina.*

Além d'este publicou varios outros livros mysticos, cujo titulo se póde ver na obra abaixo mencionada.

50) **ARLINGTON (BENNET COMTE D').**

Nasceu no anno de 1618 em Arlington, no condado de Middlesex, e falleceu em julho de 1685. [3]

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 3.°

[2] D. Thomaz Caetano do Bem — *Memorias Historicas dos Clerigos Regulares*, tomo 1.°, pag. 271.

[3] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 5.°, pag. 367.

Digitized by Google

E. — *Lettres aux comtes de Sandwich et de Sunderland et aux chevaliers Fanshaw, Godolphim, et Southwell depuis l'année 1664 jusques en l'an 1674.* Utrecht, 1706, 2 vol.

Estas cartas são importantes para a historia do reinado de Affonso VI.

51) **ARNAULT (LUCIEN EMILE)** — Dramaturgo francez.

Nasceu em Versailles no anno de 1787. [1]

E. — *Pierre de Portugal. Tragedie.*

52 **ARS GRAMMATICÆ PRO LINGVA LUSITANA** *addiscenda Latino Idiomate proponitur, in hoc libello, velut in quadam academiola diuisa in quinque classes, instructas subselliis, recto ordine dispertitis, vt ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint. Ad finem ponitur Ortographia, ars rectè scribendi, vt sicut prior docet rectè loqui, ita posterior doceat rectè scribere linguam Lusitanam. In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent. Authore P. Doct. Benedicto Pereira, Societ. Iesv, Portugallensi Borbano, In Supremo Lusitaniæ S. Inquisitionis Tribunali Censore Qualificatore, & modò Romæ pro assistentia Lusitana Revisore. Lvgdvni. Sumptibus Lavrentii Anisson.* 1672, 8.°, 323 pag.

Não obstante ser esta grammatica composição d'um portuguez, faz-se menção d'ella, não só por ser impressa n'um paiz estrangeiro, e pela sua raridade, mas principalmente para que se saiba qual a arte por onde os italianos e muitos estrangeiros aprendiam o nosso idioma, fóra de Portugal.

Bento Pereira diz no prefacio, que o motivo que o impelliu a compor esta grammatica, foi ver que commerciando os portuguezes com todas as nações do mundo, não tinham no entanto os estrangeiros um compendio, pelo qual podessem aprender a nossa lingua.

53) **ARTECHE (D. JOSÉ GOMES DE).**

E. — *Geographia historico-militar de España y Portugal.* Madrid, 1859.

54) **ASCHBACH (DR. JOSEPH)** — Historiador allemão.

Nasceu [2] em Hœchst (ducado de Nassau) no anno de 1801. Teve em Francfort uma cadeira de historia, e foi depois chamado para a universidade de Bonn.

E. — *Geschichte Spaniens und Portugal's zur Zeit der Herrschaft der Almoraviden und Almahaden Francfort.* 1833-1837, 2 vol., 8.°

(Historia de Hespanha e de Portugal no tempo dos almoravides e almohades.)

55) **ASENSIO (G. CALVO)** — Jornalista hespanhol, [3] por algum tem-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle geographie Universelle*, vol. 3.°, pag. 291.

[2] Vapereau — *Dictionnaire des contemporains*, pag. 63, edição de 1870.

[3] Modesto Fernandes y Gonsalez — *Retratos y Semblanzas*, pag. 181.

Digitized by Google

po secretario da Legação Hespanhola em Portugal, e fundador do diario liberal *La Iberia*.

E. — *Lisboa en 1870. Costumbres, litteratura y artes del vecino reino, por* —. Madrid, imprenta de los señores Rojas, 1870, 8.°, 147 pag.

Poucas vezes se tem escripto uma obra tão insultante e calumniadora dos portuguezes, como esta, e isto devido a um escriptor que entre nós residiu, e entre nós viveu.

A traducção dos seguintes trechos farão ver as amabilidades e finezas, que devemos ao sr. Asensio:

«Lisboa não é uma cidade, que brilhe pela belleza, correcção de linhas, pureza de contornos, proporção nas partes, e harmonia em seu conjuncto: não tem numerosas ruas tiradas a cordel, planas, bem calçadas, com passeios limpos, e com espaço bastante para conter a par grande numero de carroagens. Não possue passeios frondosos e bem symetricamente distribuidos, povoados de arvores, aformoseados com jardins, bem debuxados, com ruas largas, nas quaes, ao lado da natuzeza, se descubra e surprehenda agradavelmente a arte. Não conta praças, nem com profusão monumentos notaveis, magnificos, e edificios publicos, que despertem a admiração geral. Não ha n'ella *arredores pittorescos*, [1] onde a mão da cultura apresente obras primorosas e recreativas em extremo, que predisponham em favor da capital o animo do viajante. Não se levantam dentro da cidade grandes e sumptuosos theatros, verdadeiros templos da arte, onde se lhe possa render um verdadeiro culto. Nada d'isto: não vás pois crer, amigo leitor, que é de todo certo o axioma portuguez: *Que quem não viu Lisboa, não viu coisa boa.*

«Apenas ha um passeio, que mereça tal nome, e quasi nada d'aquillo, a que temos alludido. Que rio tão formoso, e que porto tão mesquinho! Que bellissima perspectiva, e que porto tão pouco esmerado! Que riqueza poetica no conjuncto, e que pobreza nos diversos pormenores! Imagine o leitor um porto ainda não terminado, sem mais que alguns quarteirões de casas, nem todas bellas, nem explendidas, com um caminho em meio, e em declive, falto de embarcações, o que lhe dá uma apparencia de deserto, [2] e ter-se-ha formado uma idéa approximada do que é o Atterro. Grandes são as reformas, que a municipalidade deve emprehender se quer que o porto seja inteira-

[1] A respeito dos arrabaldes de Lisboa, não tinha a mesma opinião o hespanhol Urcullu. V. o 2.° tomo do *Tratado* da sua geographia.

[2] Sendo infelizmente certo que o porto de Lisboa não é frequentado por aquelle numero de embarcações, que era para desejar, em vista da sua excellencia e posição geographica, tem todavia ainda um movimento de perto de 8:000 navios, entre entrados e saidos, não fallando n'um extraordinario numero de barcos de pesca, e n'uma immensidade d'embarcações de navegação fluvial. Que numero de navios seria necessario para que parecesse bem cheio d'elles um rio, que em partes parece um mar? No anno preterito de 1871 entraram pela foz do Tejo 2:266 navios de vella e 1:256 a vapor, não fallando dos barcos de pesca. Em 1860 navegavam continuamente entre Lisboa e varios pontos banhados pelo Tejo 1:143 barcos de diversos tamanhos e feitios. (V. *Archivo Pittoresco*, vol. 3.° pag. 381.)

Digitized by Google

mente digno de uma cidade de primeira ordem, como deve ser a hoje desattendida e pobre capital do reino lusitano.

«A estatua equestre de D. José I é pessima por suas disformes proporções e por sua nenhuma belleza de fórmas.

«Todas as ruas, a Aurea, da Prata, Augusta e da Rainha, não se distinguem pela limpeza, porque este ramo de policia é bem descurado.

«O passeio da Estrella, além de ser irregular, e não de mui grandes dimensões, causa lastima e nojo pela falta de aceio, em que se encontra. [1]

«Um tanque com agua corrupta, uma montanha russa cheia de abrolhos, e de difficil accesso, as ruas immundas. E este é o espectaculo que offerece o passeio da Estrella, tendo condições para ser excellente.

«O theatro de S. Carlos é velho, de mau gosto, e pesado.

«Em quanto a templos nenhum ha, que por sua belleza architectonica mereça fixar nossa attenção.

«É lastima que a subida para o real palacio da Ajuda seja asquerosamente immunda.

«A estatua de Luiz de Camões não tem bellas proporções, e com tão má ventura se ideou a allegoria, que o poeta apparece com a espada na mão, e com os livros de sua epopeia aos pés, como se o guerreiro podera eclipsar nem n'um ponto ao divino filho de Apollo.

«Não ha nenhuma estatua erigida em honra de Viriato, o *verdadeiro fundador da nacionalidade.*

«Em quanto a edificios publicos (exceptuando os da Praça do Commercio), não ha em Lisboa nenhum outro. O Governo Civil é um casebre velho e sujo, a Imprensa Nacional está albergada n'um mesquinho *convento. Só é bello* e de gosto severo o destinado para Escola Polytechnica.

«Contraste grande é o que apresentam os dois povos peninsulares em sua vida e costumes! Quão diversos e variados matizes accentuam suas differenças, e como nas miudezas se marcam os vestigios de parentesco, que os portuguezes contrahiram desde o tempo de D. Manuel, e em seguida dos descobrimentos de seus grandes navegantes com a *molle e apoltronada raça brazileira.*

«Como o hespanhol o portuguez é imaginativo, poeta, poltrão, muito amigo de passar tempo, pouco industrial e commerciante, nada emprehendedor, amantissimo de insignificancias, abundantissimo de palavreado, fanfarrão, e excessivamente cuidadoso de exagerar as glorias nacionaes; mas, alem de tudo isto, o sangue romano e arabe, que por suas veias corre, modificado e misturado com o brazileiro, *de tal modo ha debilitado a energia do caracter meridional,* que mais parece pertencer áquella fleugmatica raça de flamengos, que tão admiravelmente retratados estão pelo pincel de Van Dick, em cujos largos e avolumados rostos, coloridos por não sei que tinta alcoolica se reflecte completamente uma mansidão natural.

«Não ha mais que duas coisas, que façam sair de suas casas á um bom

[1] Poucas falsidades se proferiram jámais d'um tal calibre.

Digitized by Google

portuguez: sua autonomia e uma andaluza. Apenas se falla de seu Portugal, levanta a voz, arranca-a do fundo do peito, põe-se nos bicos dos pés, e com dicção campanuda e estylo grandiloco Montes Claros, Aljubarrota e 1640 saem de seus labios como bombas, que atroam, derribam, e intontecem. Mas se por este motivo o socego proverbial do lusitano se altera, é para ver como brilham seus olhos, sorriem seus labios, quando com cicio encantador alguma andaluza lhe dirige palavras adocicadas. Exceptuando estes casos o portuguez é impassivel, severo, grave até á exaggeração: na sua vida intima, no pouco amor a passeios e theatros, e a espectaculos que o affastem de sua casa, na pouca disposição, com que se acha sempre para receber os adventicios,[1] e na hesitação em conceder sua amizade, mais parece um filho da soberba Albion, do que um latino; mais um habitante do norte, do que um morador nas regiões do sul.

«Não quer isto dizer que no povo portuguez se tenham perdido completamente as tradições latinas, tanto mais que todos seus defeitos vieram a ser augmentados e correctos com os peculiares á *somnolenta e ridicula raça brazileira*.

«O Chiado é o centro de murmuração, passatempo dos ociosos, martyrio cruel de todas as reputações, templo consagrado a desejos levianos, escola de mentira e de vicio, livro aberto a todos os epigrammas mais repulsivos, e refugio hospitaleiro de intrigantes e caloteiros.[2] No Chiado os que geralmente pullulam, mentem e diffamam, são os rapazes mal educados e aristocraticos: os velhos lascivos e repugnantes, que apenas se occupam em deshonrar mulheres, e discutir acaloradamente sobre o jogo e modas. Seus constantes frequentadores são os janotas, enxerto de reptil e de homem, nascidos para o vicio, e educados na maledicencia, para quem a vida é um festim, e cujo unico pensamento é o prazer.

«Vivem formando uma sociedade de seguros sobre a deshonra, não sabem occupar-se de outra coisa senão de cavallos, jogo, mulheres; não sabem ler, nem escrever, mas em compensação cantam o fado com acompanhamento de viola. Não possuem outra instrucção mais que a adquirida em alguns lupanares immundos, onde aprendem mal o hespanhol, mas perfeitamente as torpes artes da crapula e do cynismo, e, se não respeitam, nem comprehendem nada, que seja serio, como indemnisação contendem com quantos se applicam ao estudo, e se esforçam por serem uteis á patria. Esta é sem exaggeração a raça empestada, que frequenta o Chiado, sem contar as nullidades invejosas em politica, e ridiculas em litteratura, que com ella se agrupam, e com ella formam côro desaccorde, e nada agradavel.

«Nas reuniões, ou bailes aristocraticos ha uma seriedade, uma compostura tão epicamente ridiculas e incommodas, que para qualquer homem, que o, que leve sobre os hombros, seja uma cabeça, são horrorosos tormentos, mais tremendos que os imaginados por Dante em seu famoso *Inferno*.

[1] Bem faz; para que lhe não aconteça dar entrada em sua casa a outro Calvo Ascusio.

[2] Mas como é refugio? Que escriptor tão interessante!

Digitized by Google

«N'elles a conversação é um continuado chorrilho de tolices, quando não sejam injurias: a dama de alto cothurno entretem-se innocentemente em desacreditar quantas senhoras e meninas, impellidas pelo redomoinho da walsa passam arquejantes ao seu lado: o dandy occupa-se por sua vez em murmurar, e dizer sandices ás meninas, por mais que na linguagem official dos salões recebam o nome de galanterias, os tesos e magestosos diplomaticos, cujas reuniões se confundem com as de nobreza de sangue, por serem identicas fallam pouco e dançam menos: por toda a parte ouvem-se agudezas offensivas, que, se não possuem muito de sensatez, em troca teem bastante de insultante, *sandices offensivas*, das quaes só riem os que as dizem; porém nada de finos epigrammas, ditos engenhosos; tudo isto é moeda falsa, que não tem curso nos salões aristocraticos, e que está reservado para esses desditosos politicos, escriptores, jornalistas e homens de sciencia, que os não costumam frequentar, e aos quaes separa de seus olympicos habitadores um cordão sanitario.

«Fóra d'isto e da grande profusão de luzes, vestidos de gaze, gravatas, luvas brancas, fraques pretos ou azues, gelados, walsas, contradanças e lanceiros, nada existe n'esses tão decantados bailes, que attraia e que fascine. Não se encontra n'elles essa conversação picante, incisiva, epigrammatica, que os escriptores francezes em tanta abundancia empregam em seus romances, quando descrevem saraus sumptuosos, não existe desgraçadamente (ainda que as excepções, que não são poucas, merecem na verdade admirar-se) figuras elegantes e formosas, nas quaes a par do luxo [1] brilhe a belleza fascinadora; a raça brazileira tem contaminado com seus perfis as antigas feições esculpturaes, as quaes tão celebradas fizeram as damas portuguezas.

«Não ha mais do que essa discorde e desharmonica confusão produzida pela reunião de muitas pessoas, que correm, bailam, suam, agitam-se, fallam, riem, fazem cortezias e murmuram, quando se não entreteem docemente com um gelado, ou temperam a acritude de suas palavras com alguma delicada golozeima.

«Emquanto á nobreza do oiro, essa que se adquire por outra grande injustiça social, similhante á recebida pela herança legendaria, é particularissima, e tem um sainete tão especial, que com nenhuma outra se póde confundir. Não a compõem esses ricos commerciantes, esses riquissimos proprietarios, esses celebres banqueiros, que em todas as sociedades deslumbram por seu fausto, e enchem os salões com seu numero: na sociedade lisbonense não se podem contar esses Jupiteres olympicos da banca e do credito, esses modernos Mercurios, porque não ha commercio, não ha fortes casas bancarias, a raça dos contos e dos patacos pertence *de facto e direito aos brazileiros*, que são nossos antigos indianos, cujo typo é salientissimo.

«O brazileiro geralmente adquire suas riquezas *por meio do iniquo trafico da escravatura*, e feita uma vez sua fortuna, vem para Lisboa, *edifica um palacio*, [2] relaciona-se com a nobreza, cuja benevolencia, visto despresal-o por

[1] Pag. 57.

[2] Quantos palacios ha em Lisboa mandados levantar por brazileiros? Que escriptor tão conscienciosо!

Digitized by Google

causa de sua origem, trata de captar com seu capital, e quando tem adquirido certa posição, com o fim de alcançar um titulo, dá explendidos bailes, para os quaes convida todo o mundo official, até lograr seu desejo. N'estes bailes, de um sainete um tanto grutesco, nos quaes tudo é luxo sem gosto, e abundancia sem arte, confundem-se todas as classes da sociedade, o jornalista com o ministro, o diplomatico com os fidalgos, os individuos da classe media com a *alta* nobreza, e no meio da confusão de tão diversos typos, ostenta-se accentuada com energicos caracteres comicos a figura do protogonista, que veste o fraque estudadamente, que falla o francez com a mesma difficil imperfeição, que o portuguez, que se empenha em ser delicadamente fino com a affectação de um Juan Peranzules, que dança como que ostentando as elegantes maneiras de um dandy exaggerado, provocando por esse motivo aqui o riso, alli o desprezo, e em todas as partes a satyra e o epigramma. [1]

«N'estes bailes, para differença dos aristocraticos, riem-se com estrondo, fallam ruidosamente, tragam com ancia os doces, gelados e bebidas em abundancia, e, oh segredo poderoso e magico de bom tom! ceiam com um appetite voraz, e que não é permittido ter nos palacios dos descendentes dos senhores de faca e cutello, nos quaes, sem duvida para não causarem indigestões, acautelam-se muito de apresentarem outra coisa mais que chá e bolos, e quando muito, alguns queijinhos mal feitos, com os quaes despertam a sede d'aquelles que os comeram, deixando-os retirar para suas casas já de madrugada, com bellas recordações da distincção e amabilidade dos novos pares, e, com uma fome espantosa, e nada edificante. Felizes brazileizos, tornados ricos á custa da carne dos negros, dos quaes todos mofam, e a cujos saraus todos acodem promptamente procurando a ceia!

«Não fallarei mais de bailes: os do palacio real são, como todos os da côrte, amaneirados pela adulação, e monotonos pela ridicula seriedade mal fingida, e nada apresentam de nacional ou local, que mereça estudar-se.

«As pateadas são sempre certas tratando-se de hespanholas feias: é regra infallivel. Não ha em geral grandes bellezas no theatro portuguez: não se admiram rostos deslumbrantes de formosura na scena lisbonense: entre suas celebridades artisticas não está o publico certamente acostumado a contemplar continuamente a graça, o encanto, a correcção de linhas e a pureza de contornos, e este é o motivo por que se não comprehendem á primeira vista as rasões para exigencias estheticas de tanto rigor por parte dos portuguezes, quando se trata de actrizes estrangeiras.

«Aqui não ha progressistas, nem moderados, whigs nem torys, radicaes nem reaccionarios; aqui não ha partido conservador, nem partido reformista; aqui as situações politicas, que se seguem umas ás outras, nem apresentam programma distincto dos que as precederam, nem se formam pela necessidade de realisar uma idéa, ou de reformar uma instituição para o que se ache habilitada uma fracção ou uma eschola; aqui não ha mais que individualidades, que aspiram ao poder sem principios, sem idéas, sem systema definido e

[1] Pag. 39.

Digitized by Google

accentuado, e que o obteem ou perdem por intrigas pessoaes, ou indifferenças e animosidades, que muitas vezes nada teem que ver com a administração dos negocios publicos, todas liberaes, segundo dizem de si mesmas, confundidas, amalgamadas e separadas ou reunidas, inimigas ou amigas segundo a subida e descida das antipathias ou sympathias, antes particulares, que politicas, que decidem n'este paiz da opposição ou da conformidade com os actos de um ministerio. Esta é a triste situação politica de um paiz acostumado ao regimen representativo, e hoje indifferente aos negocios publicos.»

Muito mais poderiamos traduzir, mas isto basta para conhecer o escriptor. Pelo dedo se conhece o gigante.

Consta que actualmente o sr. Ascencio está escrevendo uma biographia de Camões, mas sejam quaes forem as causas, o auctor não possue o condão da necessaria imparcialidade para tratar de nossas cousas.

56) **ASHE.**
E. — *History of the Azores.* London, 1813.
(Historia dos Açores.)
Nunca vi esta obra.

57) **ASSARINI (LUCAS).**
E. — *Vita e miracoli di S. Antonio di Padova.* Genova, 1646.

58) **ATKINS (JOHN).**
E. — *A voyage to Guinea, Brazil, and the West Indies, Madeira, Cape de Verds, etc.* London, 1737.
(Viagem a —.)

59) **AUGOYAT.**
E. — *Précis de l'expedition de D. Pedro en Portugal.* Paris, 1839.
(Resumo da expedição de D. Pedro.)

60) **AUS DEM LEBEN** *Portugiesischen Israeliten Dr. Caprodose. Traduit du Français par G. St.* Strasbourg, 1839, folheto.
(Tratado da vida do doutor Caprodoso (? talvez Cardoso) israelita portuguez.) C. M. B. I. P.

61) **AUTHENTIC MEMOIRS** *of the Portuguese Inquisition.*
(Sobre a inquisição.)
Nada mais posso dizer ácerca d'esta obra, que vi citada, mas da qual não pude encontrar nenhum exemplar.

62) **AVANTURES ADMIRABLES** *ou discours des succès du roi de Portugal D. Sebastien depuis son voyage d'Afrique en* 1578 *jusqu'en* 1601 *avec la suite.* 1603.
(Sobre D. Sebastião.)

Digitized by Google

Vi citado d'esta maneira o mencionado livro, sem d'elle poder dar mais esclarecimentos.

63) **AVEZAC (M. DE)** — Garde des Archives de la Marine et des Colonies, des Societés Geographiques de Paris, Londres, Francfort et Bombay; des Societés Asiatiques, Syro-Egyptienne et Africaine de Londres; des Societés Ethnologiques de Paris, et de New York, des Societés Archéologiques d'Angleterre et d'Espagne, de la Societé Orientale, etc. etc.

E. — I. *Notice des découvertes faites au moyen-age dans l'Océan Atlantique antérieurment aux grandes explorations Portugaises du quinzième siècle, lue à l'Academie Royale des Inscriptions et Belles Lettres de l'Institut dans ses séances du 14 Novembre et 5 Décembre 1845 et du 6 Mars 1846 par —.* Paris, imprimerie de Fain et Thunot, 1845, 8.° gr. X, 86 pag.

(Sobre nossas descobertas.)

II. *Note sur la première expedition de Béthencourt aux Canaries, et sur le degré d'habilité nautique des Portugais à cette epoque.* Paris, 1846, 8.°

(Sobre a expedição de Bethencourt ás Canarias.)

Na primeira d'estas obras, diz o author o seguinte:

«Estas paginas não são inspiradas por um espirito de ciume e de destruição a respeito d'um povo, do qual temos gosto em proclamar a gloria immorredoura, e cujas susceptibilidades nacionaes sabemos respeitar presentemente da mesma maneira, que admiramos suas proesas no passado.

«Declaramol-o em voz alta antecipadamente, não vimos contestar nenhum dos titulos reaes da nação portugueza a uma celebridade justamente adquirida na carreira das descobertas geographicas.

«Ah! Quem quereria pois fechar os olhos ao espectaculo dos maravilhosos desenvolvimentos d'esta potencia nos seculos XV e XVI?

«Quem fechará os ouvidos aos cantos do grande poeta, que d'ella escreveu a magnifica epopea? Longe de nós o pensamento de attenuar esse patrimonio de gloria, do qual os filhos dos *Luziadas* teem tão justamente o direito de serem orgulhosos, e que elles conservam com um piedoso fervor, digno de respeito em seus principios, de indulgencia em seus desvarios, e que nunca deixou de ter todas as nossas sympathias.

«As grandes explorações portuguezas do seculo XV, no oceano Atlantico, tiveram o immenso resultado de abrirem o caminho das Indias pelo cabo da Boa Esperança, de elevarem repentinamente á primeira ordem das potencias europeas uma nação até então sem importancia, de assegurarem uma immortal celebridade aos principes, que tinham sabido conceber e executar esta nobre empreza. Nada pode a este respeito causar detrimento ao seu direito á admiração da posteridade.

«Mas esta grande obra, que tiveram a gloria de levarem ao cabo, foram elles os unicos, foram os primeiros a concebel-a e tental-a? A prevenção nacional póde pretendel-o, e inspirar obras sabias para o sustentar: os testemunhos historicos o desmentem.»

Digitized by Google

Avezac sustentava polemica principalmente com o visconde de Santarem, que pretendia serem os portuguezes os primeiroe povos, que fizeram descobertas na Africa.

Na obra *Univers Pittoresque*, vol. 4.º de pag. 36 a 82 vem uma discussão sobre a descoberta dos Açores pelos portuguezes.

64) **AVISI DIVERSI** *particulari dall'Indie di Portugallo ricevutti dall'anno* 1551 *fino al* 1558 *dalli Rev. P. della Camp. de Giesu.* Vinegia, 1558.

(Sobre a India portugueza.)

Na *Bibliotheca Africana e Asiatica de Ternaux Campans*, encontram-se ainda citadas as seguintes obras do mesmo genero:

Damiano de Goes. Avisi delle cose fatte da Portuguesi nel India di qua del Gange. Venegia, 1539.

Avisi delle cose fatte da Portuguesi nel India di qua del Gange nell'anno 1538 *scritti in lingua Latina da Damiano de Goes et tradotti en Toscano.* Venezia, 1539.

Avisi particolari delle Indie di Portogallo ricevuti in quaesti anni de 1551 *et* 1552 *de li reverendi padri del Compagnia de Jesu.* Roma, 1552.

Nuovi avisi del Indie di Portugallo tradotti della lingua Spagnuola nell'Italiana. 1559.

Diversi avisi particolari ricevuti dell'Indie di Portogallo. Venezia, 1562-1565, 4 vol.

Diversi avisi, etc. Venezia, 1568, 2 vol.

Nuovi avisi, etc. Roma, 1570.

Nuovi avisi, etc. Brescia, 1571.

65) **AYALA (D. JOSÉ DE ALDANA)** — Ingeniero gefe de 2.ª classe del Cuerpo de Minas, etc. etc.

E. — I. *Noticias Geologico-mineras del Reyno de Portugal.* No 1.º vol. da *Revista Peninsular.*

II. *Compendio Geografico-estadistico de Portugal y sus posesiones ultramarinas por* —. Madrid, imprenta de la Viuda de D. Antonio Yenes, 1855, 8.º gr. 639 pag.

O auctor veiu a Portugal formando parte d'uma commissão de engenheiros hespanhoes e portuguezes, nomeada para marcarem na fronteira de ambos os estados peninsulares o ponto de junecção da via ferrea de Lisboa a Madrid.

«Conhecem-se melhor em Hespanha e Portugal os povos, que occupam os abrazados areaes da Africa e da Arabia, as costas do mar Glacial, as regiões Asiaticas, e mesmo a China, do que os dois povos peninsulares.

«Em Lisboa encontram-se e conhecem-se as obras scientificas e litterarias mais importantes, que saem dos prelos da culta Europa, e os portuguezes acham-se familiarisados com a litteratura franceza, ingleza e allemã, e até com a antiga hespanhola, porém ignoram completamente a contemporanea.

«É nossa intenção dar a conhecer o estado presente da monarchia portu-

Digitized by Google

gueza, os grandes elementos de engrandecimento e de riqueza, que em si propria contém, os progressos, que tem feito no caminho da civilisação, collocando-se, senão ao nivel, ao menos mui proximo d'outras nações, que passam por mais adiantadas, e desvanecendo por conseguinte os preconceitos, que a generalidade das pessoas do nosso paiz conservam a respeito d'essa bella porção do occidente da peninsula.»

66) **AYALA (PEDRO LOPES DE)** — Chronista hespanhol.

Nasceu no reino de Murcia, no anno de 1332, e falleceu em Calahorra em 1407. [1]

E. — *Cronicas de los Reyes de Castilla Don Pedro, Don Enrique II, Don Juan I, y D. Enrique III, por —, Chanciller Mayor de Castilla: Con las enmiendas del Secretario Geronimo Zurita: Y las correcciones y notas añadidas por Don Eugenio de Llaguno Amirola, Caballero de la Orden de Santiago, de la Real Academia de la Historia.* Madrid, 1780, 3 vol.

Como todos sabem, ha varias edições d'esta celebre *Chronica*, parecendo que a primeira foi impressa em Sevilha, no anno de 1495. [2]

Ayala, um dos mais famosos escriptores europeus, assistiu á celebre batalha de Aljubarrota, na qual tendo sido prisioneiro, ficou depois por muito tempo preso no castello de Obidos. Como tal foi obrigado a residir por algum tempo n'este paiz, e o que observou com seus proprios olhos na lucta heroica travada por causa da independencia de Portugal, deixou-o escripto na sua estimadissima *Chronica*, da qual não póde prescindir o escriptor, que desejar escrever minuciosamente as occurrencias d'aquelles tempos varonis. N'aquella época o nosso Fernão Lopes, o castelhano Ayala, e o francez Froissart, eram talvez os primeiros historiadores, que a Europa com orgulho podia apresentar.

67) **AZPILCUETA (MARTIN DE).**

Natural de Varazoin, perto de Pamplona, fallecido em Roma no anno de 1586. Foi lente na Universidade de Coimbra, na época que n'ella ensinavam litteratos estrangeiros de primeira ordem, entre os quaes se distinguiu o celebre Fabricio. [3]

E. — *Manual de Confessores e penitentes, que clara e breve contem a universal decisam de quasi todas as duvidas que em as confissões soem occorrer dos peccados, absolvições, restituyções e irregularidades. Composto pelo ho muyto resoluto e celebre Doutor ... Pela ordem de hum pequeno que fez hum Padre Portuguez, da Provincia da Piedade. Acrecentado agora por ho mesmo Doutor ... Com seu repertorio copiosissimo.* Coimbra, por João de Barreira 1560.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 3.º, pag. 894.
[2] C. Ximenes de Sandoval — *Batalha de Aljubarrota*, pag. 331.
[3] Pedro de Mariz — *Dialogos de Varia Historia.*

Digitized by Google

B

68) BACCIA (Doтor LUIS DE) — Capellan del rey nuestro señor en su real Capilla de Granada.

E. — *Historia de la union del reino de Portugal á la corona de Castilla: de Jeronimo de Franchi Conestagio, caballero genovez. Traduzida da lingua italiana en nuestra vulgar, por el* —. Barcelona, 1610, 124 pag.

69) BADCOCK (LIENT. COL-LOVELL).

E. — *Rough leaves from a Journal kept in Spain and Portugal during the years* 1832, 1833 *e* 1834. London, Richard Bentley, 1835, 4.º XI, 407 pag.

O auctor fôra mandado a Portugal na companhia de lord William Russell e do coronel Hare para procurar renovar com o governo portuguez aquellas antigas relações, que tinham sido interrompidas. Conta minuciosamente o cerco do Porto, e as luctas d'aquelle tempo.

70) BAHLDUR (ROJAH KALCE-KRIEHNA).

E. — *Vidwun-Moda-Taranginee. Or Fountain of pleasare to the learned. Translated inglié by — Second edition. The text of the original in Deva-nagara letters; and the versiou with improvements.* Calcutta, printed at the Scohha-Bazar Press, 1834, 8.º

Obra sanskrita e ingleza. O original é extrahido d'uma obra composta por Chirunjeeri, pandit de Gwõra.

(Todas estas palavras são copiadas do catalogo manuscripto dos livros portuguezes e relativos a Portugal, existentes na Bibliotheca Imperial de Paris, manuscripto que se guarda na Bibliotheca Publica de Lisboa, não podendo eu comtudo asseverar que esta obra seja effectivamente relativa ao nosso paiz.)

71) BAILLET (ADRIEN) — Erudito francez.

Nasceu no anno de 1649 na aldeia de Neuville, e falleceu em 1706. [1]

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, tomo 4.º, pag. 183

Digitized by Google

E. — *Jugements des savants sur les principaux ouvrages des auteurs*, 1685 a 1689. 9 vol.

Esta obra foi reimpressa (de cuja edição me sirvo) e accrescentada com o seguinte titulo:

Jugemens des Savans sur les principaux ouvrages des auteurs par —, revus, corrigés et augmentés par M. de la Monnoye, de l'Academie Française. Paris, 1732, 4.° gr., 7 vol.; aos quaes se accrescenta mais um com o titulo de *Anti-Baillet ou Critique du livre de Mr. Baillet.*

No tomo 4.°, em a lista dos poetas latinos modernos encontram-se as biographias de:

Pag. 304, Henrique Caiado. Por esta pequena biographia vê-se que Erasmo lhe tecia elogios, e que tinha reputação entre os estrangeiros.

Pag. 331, Arias Barbosa, a quem chama um dos principaes restauradores das letras na Hespanha, com Antonio de Lebrixa e André de Resende. «André Schott diz que era feliz na construcção dos versos, e que para isso tinha uma vantagem particular, o ter nascido musico, pois os portuguezes (assim diz) *sobresaem em geral n'esta profissão:* para a qual parecia ter uma harmonia e cadencia particular. Effectivamente D. Nicolau Antonio assevera que era superior a Nebrissa na poesia.»

Pag. 410, Jorge de Montemaior.

Pag. 434, André de Resende. «Clenard achava em seus versos muita magestade, força e invenção, de maneira que se tivesse querido continuar e aperfeiçoar-se, teria emparelhado com Lucano.»

Pag. 440, Luiz de Camões. «O Camões passa no mundo, pelo Marcial, pelo Ovidio, pelo Horacio, e pelo Virgilio dos portuguezes. Poderiam tel-o tomado tambem pelo Plauto do paiz, se para isso bastasse apenas ter composto comedias.

«Mas não o consideraremos aqui senão como um poeta heroico, e como o verdadeiro Virgilio, por causa de seu celebre poema *Os Luziadas.*

«Apesar de me desviar algum tanto do meu designio, direi algumas palavras sobre a fortuna do poema, e biographia do poeta, para não ser insensivel ao gosto d'aquelles de meus leitores, que desejariam praticasse eu o mesmo a respeito de todos.

«Camões ao sair do collegio foi fazer a guerra na Africa, onde perdeu um olho luctando contra os moiros, deixou a guarnição de Ceuta, no estreito de Gibraltar, para ir para a India. N'aquelles longinquos paizes compoz a maior parte de suas poesias, que lhe valeram a benevolencia de seu capitão e de alguns portuguezes, que tinham alguma tintura das bellas letras.

«Mas tendo offendido com versos satyricos e licenciosos algumas auctoridades, que não reconhecem o privilegio dos poetas, foi obrigado a salvar-se na China, até seus amigos terem pacificado a desintelligencia. Quando regressava para Goa naufragou surprehendido por uma tempestade, que lhe fez perder quanto possuia. Não perdeu com tudo o tino, e teve presença de espirito sufficiente para salvar seu poema *Os Luziadas.*

«Nosso Camões querendo se aproveitar de sua boa fortuna, obteve licença

Digitized by Google

para voltar a Portugal, com o designio de offerecer seu poema ao joven rei D. Sebastião. Mas o merito, que tinha adquirido trabalhando assim para a gloria de seu principe e de sua nação, não foi capaz de o pôr ao abrigo dos insultos e dos maus tratos da madrasta commum dos poetas, quero dizer da desdita, que sempre o acompanhou até á sepultura, e que não contente com reduzil-o a pedir esmola, não lhe deixou o goso e a posse pacifica de sua reputação, senão depois de sua morte.

«Se esta madrasta não gostava d'elle, não era tanto porque este fosse ruivo e zarolho, por ter um nariz comprido, arredondado em fórma de globo na extremidade, quanto porque ella não póde tolerar aquelles poetas, que se querem distinguir, e sair da vulgaridade dos outros.

«Com effeito Camões tinha um genio bem extraordinario: nascera poeta: tinha o espirito vivo, sublime, claro, abundante, facil, e prompto para quanto queria. D. Nicolau Antonio, que nos informa de todas estas particularidades, diz que elle saia-se perfeitamente nos assumptos heroicos e galantes, do que não sómente os conhecedores do paiz, mas ainda todas as pessoas de bom gosto espalhadas pelo mundo lhe prestaram testemunho. Accrescenta que este poeta tinha um talento particular para fazer descripções de logares e pinturas das pessoas, e que é tão exacto e tão perfeito, que sua arte quasi que iguala a natureza. Suas comparações são ricas, seus episodios muito agradaveis e variados, apesar de não desviarem o leitor do assumpto principal de seu poema. Por toda a parte dá mostras de muita erudição, mas não affectada, e acha-se que tem o sabor dos antigos, que é todo o fructo que um poeta póde pretender tirar do conhecimento da antiguidade.

«Eis-aqui os defeitos, que o padre Rapin notou nos *Lusiadas*. Diz na 1.ª parte de suas *Reflexões*, que por mais divino que o Camões seja no pensar dos portuguezes, não deixa de ser censuravel por serem seus versos tão obscuros, que poderiam passar por mysterios. E na 2.ª parte pretende que o desenho d'este poema é vasto de mais, sem proporção, sem rigor de expressão, e que é um muito mau modelo para o poema epico. Accrescenta n'outros logares que este poeta é soberbo, fastoso na sua composição, que não tem juizo, e que falla sem discrição de Venus, de Baccho, e das outras divindades profanas n'um poema christão: e que mesmo tem pouco discernimento, e boa direcção em tudo mais.

«Apesar d'estes defeitos, é bom que se saiba que o publico se obstinou em conservar-se na estima e amor, que testemunhou ao poema dos *Lusiadas*. É o que o tem feito passar muitas vezes pelo prelo dos impressores. Traduziram-n'o em francez, ha coisa de cem annos. Appareceram duas versões italianas, a primeira por um anonymo, a segunda por Carlos Antonio Paggi, de Genova, a qual appareceu em 1659, dedicada ao papa Alexandre VII. Publicaram-se quatro traducções hespanholas, isto é, do portuguez para o castelhano. A primeira de Benito Caldera; a segunda de Luiz Gomes Tapia, que lhe ajuntou notas e observações: a terceira de Henrique Garcez: porém D. Nicolau Antonio não nos refere o nome do quarto traductor. Finalmente foi passado para latim por um carmelita, chamado Thomé de Faria, bispo de Targa, na Africa.

Digitized by Google

«Entre os que fizeram commentarios a este poema, além do tal Gomes de Tapia, conta-se Manuel Correia, Pedro de Maris, Luiz da Silva Brito. Porém o mais consideravel é incontestavelmente Manuel de Faria e Sousa.»

Tomo 5.º, pag. 28, Manuel Pimenta.

Idem, pag. 29, Luiz da Cruz. «Além do Psalterio de David, que este padre poz em verso, e que foi impresso em Ingolstadt, Napoles, Milão, Leon, e n'outras partes, ha d'elle ainda diversas comedias e tragedias, que Cardon imprimiu em Leon no anno de 1605, etc.»

Idem, pag. 74, Pedro Lopez ou Lobo. Este auctor publicou *Poesia Philosophica* à imitação de Lucrecio, cujos versos são muito elegantes no pensar de D. Nicolau Antonio. Borricheo diz que seu estylo não é muito culto, mas que não deixa de ter cadencia e numero, que o sustenta, e lhe dá graça, n'um assumpto que a não tem por sua natureza.

Idem, pag. 141, André Bayão.

Idem, pag. 214 Manuel de Faria e Sousa.

Tomo 7.º, pag. 253, Caramuel. «O famoso Caramuel era um dos mais zelosos partidarios da corôa de Castella; e não causará isto admiração ao considerarmos qual era seu temperamento, quaes os seus compromissos por nascimento e obrigação. Desde o começo dos movimentos, que se fizeram em Portugal para sacudir o jugo do dominio hespanhol, pegou na penna para fazer valer os direitos, ou as pretenções do rei Philippe II a favor de seu neto. E mandou imprimir em Anvers um volumoso livro escripto em latim com o titulo de *Philippus Prudens*. [1]

«Esta obra appareceu em 1638, era no proprio anno da morte de D. Manuel, que fallecera a 22 de junho.

«Este D. Manuel era filho de D. Antonio de Portugal, que tendo tomado o titulo de rei em 1580, depois da morte de seu tio o cardeal Henrique, successor de D. Sebastião á corôa, fôra derrotado na batalha de Alcantara pelo exercito de Philippe II debaixo do commando do duque de Alba, e tinha morrido em Paris no anno 1595.

«D. Antonio era filho legitimo (no que concorda toda a gente) [2] de Luiz, duque de Beja, tio de D. Sebastião, e irmão do cardeal D. Henrique.

«D. Luiz, duque de Beja, era filho de D. Manuel, rei de Portugal. De maneira que, se D. Manuel de Portugal era filho do rei D. Antonio, refugiado na França, podia com justiça gritar contra a dominação hespanhola, e protestar de novo contra a usurpação de Philippe II.

«Com tudo é d'este D. Manuel, que Caramuel pretendeu publicaras memorias que escreveu contra a casa de Portugal a favor de Philippe II e de seus successores. Parece até que D. Manuel tomou grande parte na composição do livro *Philippus Prudens*. Se dermos credito a Caramuel, e a D. Nicolau Antonio depois d'elle, D. Manuel recebera de seu pae D. Antonio de Portugal este grande numero de papeis e de memorias manuscriptas, que ser-

[1] V. Lobkowitz.

[2] Mas não os historiadores portuguezes, que bem sabem que era illegitimo.

Digitized by Google

viam para destruir suas pretenções, e estabelecer os direitos da casa d'Austria. Mas, como D. Manuel tinha deixado, quando morreu, todos estes papeis em legado a Caramuel, como um penhor de sua amizade, a auctoridade e valor de todos elles não se poude basear mais, que sobre a boa ou má fé de Caramuel, isto é, um dos grandes *habladores y burladores* d'entre os sabios de seu tempo.

«Não fizeram grande caso de seu livro na França, e foi bem notorio que em Portugal tambem lhe não prestavam grande attenção, quando se publicou um manifesto em nome de todo o reino, para fazer valer o direito da casa real, e restituir a corôa a D. João IV.

«Caramuel não deixou de responder ao manifesto. Mas como esta composição era em lingua vulgar, não julgou conveniente responder em latim.

«Esta segunda obra foi impressa no anno de 1642, em 4.°, na mesma cidade de Anvers, debaixo do titulo de *Respuesta al Manifesto del Reino de Portugal;* e reimpresso vinte annos depois em Saint-Angelo, onde Caramuel sustentava uma imprensa á sua custa, qualificada de *Imprensa Episcopal*, para a impressão de suas proprias obras. Mas como o livro não podia servir aos que ignoravam o hespanhol, um dos discipulos ou amigos de Caramuel, chamado Leandro Bandtius o verteu em latim, e publicou sua traducção em Lovain no anno de 1643 debaixo do titulo *Joannes Brigantinus Lusitaniæ, Algarbiæ, Indiæ et Brasilæ illegitimus Rex demonstratus.*

«Contra esta resposta appareceu o *Anti-Caramuel* para defeza do manifesto do reino de Portugal, o qual teve por auctor um portuguez, por nome Manuel Fernandes de Villa Real. Este auctor era consul da nação portugueza em Rouen, na Normandia, quando compoz a obra, mas só a publicou em Paris no anno 1643 com o titulo de *Anti Caramuel, ò Defença del Manifesto de Portugal à la Respuesta que escrive Don Juan Caramuel Lobkowitz, Abbad de Mebrosa.*

«Teve o tino de prever que o titulo de *Anti Caramuel* poderia surprehender seus leitores, e julgo-o mais desculpavel que a maior parte dos outros auctores de *Anti*, que nem se dignaram fazer-nos ver que tinham razão para empregar o titulo.

«Ha tambem uma outra obra com o titulo de *Anti Caramuel*, composição de Humanus Erdemannus, a qual vem analysada no primeiro mez da obra *Nouvelles de la République des Lettres.*»

72) BAILLIE (MARIANNE).

E. — *Lisbon in the years* 1821, 1822 *and* 1823. London, 1824, 2 vol., 8.°, o 1.° de 219 pag. e o 2.° de 250. Offerecida ao conde de Chichester.

(Lisboa nos annos de... etc.)

A primeira carta é datada d'um hotel em Buenos-Ayres (Lisboa) de 27 de junho de 1821, e realmente não é muito lisongeira para os portuguezes, pois n'ella se queixa de pouco aceio, de falta de arvoredo, immensidade de cães. Gosta da vista do Tejo, *mas temos gosado de vistas de estylo similhante muito superiores em differentes partes do continente.* Acha o theatro de S. Carlos

Digitized by Google

indigno da attenção dos estrangeiros. A quinta parte dos habitantes de Lisboa são pretos ou mulatos.

Assevera que não existe uma unica boa edição portugueza dos *Luziadas*.

Suffoca-se a gente n'esta cidade com os maus cheiros e outros horrores. Os mosquitos são numerosos de modo que por maior numero que se conceba na idéa, ainda este é limitado. Não poude encontrar boas frutas, pois as cerejas geralmente eram azedas, e os morangos muito raros. A propensão dos portuguezes é para as construcções maritimas, alguns modelos de naval architectura estavam então fluctuando no Tejo, mas são tão ignorantes na arte de os dirigir, que o melhor d'elles seria facilmente posto em silencio por uma fragata ingleza no espaço de meia hora. Seu filho mal se podia conhecer por causa das incessantes ferroadas dos mosquitos. As velhas portuguezas parecem-lhe ser invariavelmente horrendas. Não se atreveu a lançar a vista para os costumes de uma cosinha portugueza, porque as noticias que lhe deram a tal respeito são aterradoras. A carne vendida em Lisboa é repugnantemente preparada, porque os carniceiros portuguezes ignoram o methodo de matar os bois. Um epicurista suicidar-se-hia, se fosse obrigado a passar um mez em Lisboa no caso de não ser amigo de peixe. Os medicos portuguezes parecem ter feito muito poucos progressos desde o tempo do dr. Sangrado. Os portuguezes não fazem a mais leve idéa de uma illuminação, a não ser por meio de lanternas. Sua lavadeira em Cintra era moira e a primeira vez que fallou a esta tão verdadeira escriptora, beijou-lhe a mão, e disse-lhe em bom inglez, que tinha muito prazer em a servir. [1]

Numa palavra a nossa escriptora piegas, tudo, sem excepção, acha detestavel; mas vae para Cintra e tudo sem excepção acha bom, optimo, e até algumas coisas superiores ás inglezas.

As cartas d'esta delambida são realmente uma obra sem merecimento, na qual as mentiras formigam a cada passo, como entre outras: Que o aqueducto das aguas livres foi mandado construir pelo marquez de Pombal: Que os fidalgos comem diariamente uma grande porção de açorda com alhos, e que por isso o mais ligeiro segredar do mais bem educado fidalgo não differe no cheiro, do mais grosseiro camponez: a gente de Lisboa tem falta de forças por causa do constante e excessivo emprego do azeite, junto aos relaxantes effeitos da indolencia e do clima: não havia um unico cabelleireiro n'esta cidade que soubesse cortar o cabello convenientemente: o palacio do Ramalhão tinha exteriormente a apparencia d'uma prisão sordida, melancolica e arruinada: as caras das damas de Lisboa eram desengraçadas e grosseiras a ponto de lhe parecer impossivel como podiam passar por bonitas: civilidade ou hospitalidade para com os estrangeiros pareciam virtudes desconhecidas dos portuguezes: que o Campo Grande estava duas leguas distante de Lisboa: os mercadores em Lisboa eram uns grosseirões, pensando que faziam um grande favor em mostrarem o que tinham para vender, costume que provinha do tempo dos Moiros: os padres rapinantes d'este paiz supersticioso nada faziam, sem

[1] Vol. 1.°, pag. 67.

Digitized by Google

que se lhes pagasse: o theatro de S. Carlos achava-se excessivamente immundo, e os ouvintes completamente não entendedores de musica, pois applaudiam exactamente o que não o devia ser: a immundicie em Lisboa não era uma porcaria vulgar: a execução do pianista portuguez Bomtempo era milagrosa, porém não a sensibilisava no mais pequeno grau, pois seus defeitos pareciam proceder de falta de sensibilidade, e nunca existe um verdadeiro genio sem ella, motivo porque não podia concordar em considerar Bomtempo como um verdadeiro mestre na sua arte: se lhe dessem ouvidos a ella escriptora nenhum doente do peito iria para Lisboa, pela total carencia de confortos n'esta cidade «As ceremonias da Semana Santa chegaram n'este paiz a um tal extremo de farça impia e absurda, que sem se ver, torna-se impossivel de acreditar, pois até nas ruas enforcavam Judas, e faziam procissões em que um homem representava de Abraham!»

Já por isto se faz uma perfeita idéa do resto. O livro de Marianne é digno de estar ao lado do de Ascensio Calvo.

73) **BAKER (M. A.)**

E. — *A complete History of the Inquisition in Portugal, Spain, Italy, the East and West Indies in all its branches, from the origin of it in the year 1163 to its present State. Illustrated with many Genuine and curious cases of unhappy Persons imprison'd in that Holy* (aliaz diabolical) *Office. Particularly of Isaac Martin, an Englishman. Collected from the most authentick and impartial Writers, Popish, and Protestant and from original papers of Gentlemen that have resided many years in those countries, by the Reverend Mr. —. The whole imbellished with several plates representing their manner of punishment, etc. etc. etc.* Westminster, 1736, 4.°, VIII, 532 pag.

(Historia completa da inquisição de Portugal ... e da prisão do inglez Isaac Martin.)

A estampa do rosto representa o tribunal da Inquisição de Granada, e o auctor trata tambem da prisão de Dellon, na Inquisição de Goa.

D'esta obra ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

74) **BALBI (ADRIEN)** — Ancien professeur de géographie, de physique et de mathematiques, membre correspondant de l'Athénée de Trevise, etc. etc. Geographo celebre.

Nasceu em Veneza no anno de 1782, e falleceu em março de 1848.

E. — I. *Essai Statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe, et suivi d'un coup d'œil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux arts parmi les Portugais des deux Hémispheres. Dedié a Sa Majesté Très-Fidèle par —.* Paris, Chez Rey et Gravier, 1822, 2 vol. 8.° gr., o 1.° de 480 e o 2.° de 272 pag. alem de CCCXLVIII de introducção.

(Ensaio estatistico sobre o reino de Portugal.)

II. *Varietés politico-statistiques sur la Monarchie Portugaise, didiées a M. le Baron Alexandre de Humboldt, Associé étranger de l'Institut Royal de Fran-*

Digitized by Google

ce, Membre de l'Académie Royale des Sciences de Berlin, de la Societé Royale de Londres, etc. etc. Paris, 1822, Chez Rey et Gravier, 8.º gr. 232 pag.

(Este volume trata do commercio, industria e estatistica de Portugal.)

O *Ensaio Statistico* de Balbi, apezar do decurso de tantos annos, ainda hoje é o melhor, que n'este genero existe a nosso respeito, quer escripto por estrangeiros, quer por nacionaes. É obra que, apezar de algumas inexactidões censuradas pelo conego Villela, creou fama bem merecida para seu auctor, o qual teve a fortuna de conseguir do nosso governo, que lhe mandasse patentear os documentos, que estavam guardados em nossos archivos e secretarias. Balbi mostrou-se agradecido, e na sua obra pretendeu mostrar que Portugal não estava em tão grande atrazo na civilisação, como pretendiam alguns escriptores estrangeiros, pouco amantes das coisas portuguezas, ás quaes o escriptor genovez em muitas partes tece os maiores elogios.

«Os portuguezes distinguem-se entre todos os outros povos por seus disvellos para com os estrangeiros, e fazem reviver aquella hospitalidade, que os povos antigos punham em o numero dos deveres e virtudes mais sublimes.»

É curioso comparar esta passagem com o que a nosso respeito, pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, dizia a ingleza Marianne Baillie.

«Póde-se dizer sem sermos accusados de exaggeração, que não ha talvez um só paiz na Europa, que conte um maior numero de más descripções feitas por estrangeiros, e sobre o qual a ignorancia ou a maledicencia tenham espalhado mais inexactidões e falsidades. Qual não foi o nosso espanto ao acharmos n'um paiz, que nos tinham pintado como mais atrazado do que a Turquia, um balanço geral do commercio feito annualmente desde 1755 até á actualidade por Mauricio Teixeira Moraes, por um plano e com uma exactidão que difficilmente se encontra nos paizes mais civilisados da Europa? Que surpreza não foi a nossa ao acharmos espalhados em differentes secretarias uma grande parte dos materiaes necessarios para a redacção d'uma statistica, e alguns ensaios muitos felizes feitos já sobre a provincia do Minho, sobre a de Traz-os-Montes, sobre o Algarve, e a respeito de algumas comarcas da Extremadura e Alemtejo? Não ficámos menos pasmados, quando soubemos que alguns portuguezes, dirigidos pelo seu compatriota, o habil astronomo Ciera, tinham desde 1793 até 1802 medido duas grandes bases na Extremadura com todo o rigor da geodesia moderna, para determinarem com exactidão o comprimento d'um grau do meridiano, e tinham feito a triangulação da maior parte de Portugal; que alguns sabios portuguezes tinham viajado por toda a Europa á custa de seu governo com o fim de examinarem os estabelecimentos litterarios mais importantes, e de se aperfeiçoarem no estudo das sciencias naturaes; que alguns tinham percorrido em differentes direcções seus vastos estabelecimentos na America e na Africa meridionaes, e tinham feito recuar as balizas da mineralogia, da botanica e da zoologia por causa das novas es-

Digitized by Google

pecies que alli tinham descoberto: que alguns governadores instruidos haviam redigido memorias mais ou menos sabias a respeito das capitanias geraes de Cabo Verde, Angola, Moçambique, e possessões portuguezas na India, China, Oceania? Que o valor só dos productos das fabricas e manufacturas portuguezas, exportados para além mar, se tinha elevado annualmente de 1795 a 1807 até oito e dez milhões de cruzados? Que esta nação possuia jornaes com artigos tão interessantes, e escriptos com tanta eloquencia, que daria honra aos Malte-Brun, Gentz, Etienne, Benjamin Constant, e aos mais celebres publicistas da Europa.

«Todos quantos fallaram relativamente a Portugal até este dia, escreveram muito, e citaram poucos factos. É verdade que escrevendo n'uma época em que a nação é bem differente do que era outr'ora, por causa das circumstancias politicas em que se tem achado, ha annos para cá, o quadro que apresentamos deve só por este motivo differir muito d'aquelles traçados por Dumouriez, Châtelet, Bourgoing, Carrère, Robert Southey, Murphy, Link, Costigan, Ruders e Ebeling. As tres invasões dos francezes em Portugal, a longa residencia das tropas inglezas e o grande numero de officiaes d'esta nação amalgamados no seu exercito, as ligações intimas e multiplicadas d'estas duas nações entre si, o grande numero de jornaes politicos e litterarios, publicados desde 1807 em Hespanha e Portugal, e principalmente alguns jornaes politicos e litterarios, dados á luz em portuguez fóra do paiz, bem como os sabios trabalhos da Academia Real das Sciencias, os dos professores da Universidade de Coimbra, e de algumas escolas especiaes, instituidas ultimamente em Lisboa e Porto, contribuiram muito para dar aos portuguezes o desenvolvimento manifestado nos ultimos acontecimentos. Qualquer nação póde ter grandes falladores, porque basta só a natureza para os formar, mas é mister uma longa instrucção para ter oradores. Os que brilham actualmente nas Côrtes por sua eloquencia e profundo saber nas mais altas theorias da economia politica, e nos mais complicados ramos da administração, demonstram victoriosamente aos detractores da nação portugueza que esta possuia muitas pessoas, que se preparavam no silencio, e cujo merito só aguardava a occasião para se patentear.

«Concedendo aos escriptores que nos precederam que falta ainda muito aos portuguezes para estarem ao nivel dos francezes, inglezes, allemães, dinamarquezes, italianos ou suecos, em tudo que diz respeito ás fabricas, manufacturas, commercio, navegação, agricultura, sciencias, artes, e differentes ramos de administração, não hesitamos em dizer que teem sido injustamente calumniados, e que estão muito mais adiantados n'este ramo, do que o estavam ha 40 annos. Em appoio d'esta asserção bastaria citar os eloquentes discursos pronunciados no Congresso, todos tendentes a fazerem renascer o credito publico, introduzindo a mais severa economia, e a maior ordem nas finanças; a reorganisar a marinha militar, a animar a marinha mercante, a multiplicar os institutos litterarios e de instrucção publica, a dar melhor methodo ao ensino, e a dirigir a educação moral da mocidade, a animar a agricultura, o commercio, as pescarias, a navegação e a industria.

Digitized by Google

*
* *

«Nós não hesitamos em dizer, [1] sem receio de sermos accusados de parcialidade, que as sciencias mathematicas, em toda sua extensão, e em todo seu aperfeiçoamento actuaes são perfeitamente conhecidas dos portuguezes, e muito mais do que seriamos inclinados a acreditar á vista do pequeno numero de obras publicadas sobre este assumpto ha 38 annos.

«Todavia, se alguma coisa mais positiva fosse necessaria para convencer os incredulos, pedir-lhe-iamos tão sómente que quizessem considerar que todos os mathematicos, que fazem o orgulho e a gloria dos portuguezes, se formaram no paiz: que os 6 volumes das *Memorias de Mathematica e Physica* da Academia Real das Sciencias de Lisboa conteem algumas memorias, que provam, até á evidencia, os profundos conhecimentos dos mathematicos portuguezes; e que as *Ephemerides Astronomicas* para uso do observatorio da Universidade de Coimbra, e para o da navegação portugueza d'isso dão outra prova. Estas ephemerides, que se publicam todos os annos desde 1804, bem longe de serem (como diz certo viajante) uma reducção, ou uma copia do *Almanack do Observatorio de Greenwich*, são pelo contrario calculadas immediatamente sobre as taboas astronomicas. A distribuição engenhosa de seus numerosos artigos, os novos methodos, que apresentam para o calculo das longitudes sobre o mar, e para o dos eclipses, bem como varios outros methodos particulares para a formação e verificação de alguns assumptos astronomicos, deram a esta obra uma justa superioridade sobre a maior parte das do mesmo genero, e mereceram para seus sabios auctores a estima dos mathematicos mais distinctos da Europa, que tiveram occasião de a verem e examinarem.»

*
* *

«Se bem que os portuguezes foram [2] uma das ultimas nações, que se entregaram ao estudo das sciencias naturaes, não se deve por isso acreditar que ellas tenham sido, ou sejam ainda inteiramente desprezadas por elles. Ao considerarmos quão pouco o governo as tem animado, e a carencia total de motivos individuaes proprios a attrahir os homens de genio a entregarem-se a pesquizas longas e penosas, que não deviam conduzil-os quer ás honras, quer aos empregos lucrativos, ha logar para nos admirarmos do numero consideravel de portuguezes, que, sem mais estimulo que o amor da sciencia, se elevaram a uma classe distincta entre os naturalistas da Europa. É verdade que á excepção de Manuel Ferreira da Camara Bettencourt, de João Antonio Monteiro, de José Bonifacio de Andrade, de Felix Avellar Brotero, de José Corrêa da Serra, póde-se dizer que Portugal não conta quasi nenhum outro naturalista, a quem se possa dar o nome d'um grande pratico, apezar de possuir

[1] Adrien Balbi — *Essai Statistique*, vol 2 °, pag. XXXIX
[2] Idem, pag. XLVII.

Digitized by Google

alguns, que conhecem perfeitamente a parte theorica, na qual podem sustentar comparação com os grandes homens das outras nações.

«Não fiquei pouco surprehendido ao saber que o sabio Brotero, o illustre Corrêa da Serra, Magalhães (physico distincto, fallecido em Inglaterra na segunda metade do ultimo seculo), o celebre medico Sanches, o padre Loureiro (auctor da *Flora Cochinchinensis)* só deveram a seus proprios esforços os conhecimentos profundos, que adquiriram ou em sua patria, ou no estrangeiro.

*
* *

«Ainda que Portugal [1] produziu alguns medicos, que adquiriram uma reputação distincta, taes como Amato Lusitano, Zacuto, Rodrigo de Castro, Ribeiro Sanches, e varios outros, é preciso comtudo confessar que antes da grande reforma da Universidade de Coimbra, o plano de estudos em medicina era muito irregular e defeituoso para formar bons medicos. Desde essa época, celebre na litteratura d'este paiz, a arte de curar, graças ao plano do curso de estudos, que devem seguir todos, que para elles se destinam, tem sido exercido, e ainda o é por alguns individuos, que podem figurar ao lado dos maiores medicos da Europa.

*
* *

«A imparcialidade severa, á qual nos temos restringido, obriga-nos a confessar que os portuguezes estão longe de terem feito nas sciencias geographicas os progressos notaveis, pelos quaes se abalisaram os outros povos civilisados; facto tanto mais assombroso, quanto nos seculos XV e XVI esta nação possuia um grande numero de navegadores celebres, cujas descobertas importantes lhes mereceram um logar distincto na lista dos grandes navegantes no *Annuaire des Longitudes*. Mas, se não se applicaram os conhecimentos physicos e mathematicos á geographia d'este paiz e de suas vastas colonias na *Chorographia portugueza* da Europa e na do Brazil, estas duas obras não são comtudo inferiores em coisa alguma ás obras estrangeiras contemporaneas do mesmo genero, principalmente o *Roteiro ou arte de navegar*, do cosmographo Pimentel, e outra mais moderna de Melitão, onde os hydrographos inglezes e francezes beberam tantas noções exactas sobre todos os paizes percorridos e explorados pelos portuguezes. As geographias de Busching, Pinkerton, Guthrie, e Lacroix não conteriam tantos erros, a respeito de Portugal e suas possessões, se seus auctores tivessem estudado as obras portuguezas, como o fizeram Ebeling e Malte-Brun.

*
* *

«Nunca povo algum, apertado por limites tão estreitos, estendeu n'um mais curto espaço de tempo seu dominio por paizes tão vastos e tão distantes. Desde a gloriosa conquista de Ceuta (1415) até á atrevida expedição de Barreto e

[1] Adrien Balbi — *Essai Statistique*, vol. 2.°, pag. LXII.

Digitized by Google

Homem (1573) ás minas de oiro de Manica e de Botua no Monomotapa, este povo, animado d'uma actividade sem exemplo, descobre Madeira, Açores, Canarias, ilhas de Cabo Verde, e as do golfo de Guiné, e n'aquellas paragens se estabeleceu. Explora e assenta numerosas feitorias ao longo da costa occidental d'Africa. Dobra o terrivel cabo das Tormentas, e submette a seu dominio, ou faz tributarios os principes mouros da costa oriental d'Africa. Arranca das mãos dos arabes a navegação e o commercio da India e do mar Vermelho, em poder d'elles havia seculos. E assombrando os povos orientaes com prodigios de audacia e de valor, conseguiu estabelecer-se em Ormuz, Dio, Damão, Goa, Bombaim, Cochim, Ceilão, Meliapor, Malaca; e d'aqui rompe um caminho atravez do vasto archipelago das Indias para Java, Borneo, Timor, Molucas, China, Japão, ao passo que outros navegantes tão intrepidos como habeis descobrem a Nova Hollanda, Nova Guiné, ilha Mindanao e outras terras, que formam o que se chama actualmente Oceania.

75) **BANDINI (ANG. M.)**

E. — *Vespucci. Vita e lettere racolte e illustrate da* —. Firenza, 1745.

(Vida de Americco Vespucci.)

76) **BANDT (LEANDRO VANDER).**

E. — *Joannes Bragantinus Lusitaniæ illegitimus Rex demonstratus a D. Joanne Caramuel Lobkowitz Dunensi Religioso,, Melrosensi Abbate et Cistertientis Ordinis per Angliam, Scotiam, Hiberniamque Progenerali translatus in idioma Latinum a D.* —. Lovanii, typis Everardi de Witte, anno de 1642, 4.°, 220 pag. além de 16 folhas não numeradas, ás quaes se segue a versão em latim do manifesto do reino de Portugal.

Este livro é ornado com o retrato de D. Francisco de Mello, marquez de Tor de Laguna, governador da Belgica.

Como é facil de ver, esta obra não só é contraria á independencia de Portugal, mas até insultante para os portuguezes.

77) **BARCA (PEDRO CALDERON DE LA)** — Famoso poeta hespanhol.

Nasceu em Madrid no anno de 1601, e falleceu em maio de 1687. [1]

Na collecção de suas obras vem uma notavel comedia intitulada *El Principe Constante*, da qual o nosso infante santo D. Fernando, filho de D. João I é o protogonista. Entram em scena D. Fernando, D. Henrique, e D. João, além d'outros personagens.

Eis o que a respeito d'esta notavel peça, uma das mais famosas de Calderon, nos diz Bouterweck: [2]

«É n'esta comedia de D. Fernando que o auctor ostenta todo o seu genio.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Générale*, vol. 8.°, pag. 170.

[2] *Histoire de la Litterature Espagnole*, vol. 2.°, pag. 161. (Paris 1812).

Digitized by Google

«Se n'ella a unidade de tempo e de logar é pouco respeitada, esquecemo-nos d'isso em favor da unidade de acção, d'uma acção heroica, em que Calderon soube empregar o pathetico mais verdadeiro, sem todavia se desviar do estylo da comedia nacional. D. Fernando, principe de Portugal é o heroe d'esta peça, á qual tambem se poderia dar o titulo de *Regulo Portuguez*. Desembarca na costa d'Africa á frente d'um exercito acompanhado por seu irmão D. Henrique. Ataca os estados do rei de Marrocos, e fica vencedor na primeira batalha, na qual faz prisioneiro um heroe africano, chamada Muley.

«Este Muley, que está enamorado da filha do rei de Marrocos, conta sua historia ao principe, e este, cuja generosidade se commove por esta narração, dá liberdade ao seu captivo. Muley mal teve tempo de exprimir sua surpreza e reconhecimento, quando reforços chegados ao exercito inimigo o põem em estado de dar nova batalha, na qual D. Fernando é derrotado e levado captivo por sua vez. Começam aqui as scenas tragicas, que são preparadas por lances enternecedores d'uma outra especie. O rei de Marrocos offerece-se a dar a liberdade ao seu prisioneiro em troca da fortaleza de Ceuta, que os portuguezes possuem na costa d'aquelle paiz. O principe declara que prefere morrer no mais cruel captiveiro ao ver uma cidade christã entregue aos infieis por causa d'elle. O rei envia uma embaixada a Portugal para apresentar esta proposta, e calcula de tal modo que será acceite, que trata seu captivo com a maior distincção até ao regresso de seus embaixadores. A resposta dos portuguezes é como elle a deseja, mas D. Fernando recusa ser resgatado por este preço. Tentam inutilmente vencer sua resistencia á força de tormentos. Supporta os sem murmurar e com uma religiosa constancia, mas seu corpo succumbe finalmente, e morre inabalavel. Os soffrimentos e o heroismo do principe, a lucta da religião e do reconhecimento no coração de Muley, que faz inuteis esforços para libertar seu bemfeitor, o amor d'este mesmo Muley á princeza de Marrocos, que está promettida a um principe mouro, e o amor mais interessante na sua exaltação melancolica d'esta princeza a Muley, tudo isto fórma um todo tão commovedor, tão verdadeiramente poetico, que os defeitos que se encontram n'esta peça, e para os quaes não póde haver dissimulação, são muito pouco notaveis para serem mencionados n'uma obra tão resumida como esta nossa. A acção parece terminada com a morte do principe, mas um novo exercito chega de Portugal, e o *espirito* de D. Fernando com um archote na mão, se põe á sua frente, e o conduz á victoria. A impressão causada por esta apparição leva a seu auge o effeito pathetico das scenas precedentes.»

78) **BARCLAY (WILLIAM).**

E. — *Le Portugal pittoresque et architectural dessiné d'après nature.* Paris, 1846.

(Portugal Pittoresco, etc.)

Nunca vi esta obra.

79) **BARET (E.)** — Ancien élève de l'École Normale, professeur agregé au Lycée de Poitiers.

Digitized by Google

E. — *Études sur la Rédaction Espagnole de L'Amadis de Gaule de Garcia Ordoñez de Montalvo.* Paris, Auguste Durand, 1853, 8.° gr., 203 pag.

Obra consagrada á memoria de Mr. Ch. M. de Feletz, de l'Academie Française.

(Estudos sobre a redacção hespanhola do *Amadis de Gaula.)*

Esta obra é destinada para provar que o celebre romance de cavallaria *Amadis de Gaula* é de origem hespanhola, e não portugueza:

«Tasso não parece suspeitar nem da versão de Lobeira,[1] nem das preten-

[1] «Foi na luzida côrte do mestre d'Aviz, onde achou a cavallaria de toda a Europa o seu Homero, em Vasco de Lobeira. Como antes d'aquelle houve poetas, assim antes d'este houve romancistas; como Homero eclypsou a memoria dos cantos de seus antecessores, assim Lobeira fez esquecer as mal tecidas invenções dos mais antigos novelleiros, e o *Amadis de Gaula* é a primeira e principal novella no extensissimo catalogo dos contos de cavallaria.

«Poucas memorias nos restam ácerca de Vasco de Lobeira. Sabe-se que foi natural do Porto, e armado cavalleiro por D. João I, antes de começar a batalha de Aljubarrota. Viveu a maior parte da sua vida em Elvas, e morreu em 1403.

«Escripto muito antes da invenção da imprensa, o *Amadis* correu manuscripto até o tempo de D. João V, porque os nossos antepassados nunca tiveram a curiosidade de o imprimir. Foram assim escasseando as copias d'elle, e nos ultimos tempos se havia tornado tão raro, que apenas se lhes conhecia um ou dois exemplares.

«O conde da Ericeira, testemunha acima de toda a excepção, o viu, e o abbade Barbosa diz que o proprio original estava na livraria dos duques de Aveiro. O fatal terramoto de 1755 fez desapparecer este monumento precioso da nossa litteratura, e tudo nos incita hoje á crer que se perdeu para sempre.

«O theatro, em que se passam as aventuras de *Amadis de Gaula*, é um theatro quasi tamanho como o mundo conhecido no tempo de D. João I. O heroe e os mais cavalleiros seus contemporaneos cruzavam mares extensos, peregrinavam centenares de leguas com a mesma rapidez e facilidade, com que nós fazemos visitas dentro de Lisboa; esta commodidade aproveitaram-na todos os novelleiros, que vieram depois de Lobeira; e para as distancias, que seria incrivel fazer correr em curtissimo praso a um cavalleiro, lá estavam as magas ou encantadoras, especie de espada de Alexandre, que o escriptor sempre tinha á mão para cortar todos os nós gordios, que embaraçavam as suas narrações.

«A época escolhida pelos romancistas de cavallarias para n'ella collocarem os seus heroes fabulosos é indeterminada em todas as novellas. A do *Amadis*, ainda que bastante incerta, é menos vaga. O heroe viveu muito antes do celebre Arthur ou Arthus, rei de Inglaterra; mas já quando este paiz e o de França eram christãos. Segundo isto, que se lê no 1.° capitulo do *Amadis*, este guerreiro floresceu no VI ou VII seculo; e, como a maior parte dos romances de cavallaria, que ainda existem, versam sobre a vida dos seus imaginarios descendentes, podemos tambem para elles estabelecer, ainda que imperfeitamente, uma especie de chronologia.» *(Panorama* de 1838, pag. 124. Artigo attribuido ao sr. Alexandre Herculano).

«Todas as tres nações portugueza, hespanhola e franceza, pretendem para si esta novella; e na contenda os portuguezes parecem estar peior que os seus adversarios, visto

Digitized by Google

ções dos portuguezes; é á Hespanha que deve pertencer a honra de ter creado sobre um thema antigo uma composição original.

«É certo ter existido uma versão portugueza do *Amadis de Gaula*. A prova resulta d'um conjuncto de testemunhos formaes. 1.º Gomes Eannes de Azurara na *Chronica do conde D. Pedro*. 2.º Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*. 3.º Uma poesia de Antonio Ferreira. 4.º Garcia de Resende, no *Cancioneiro*.

«Eis os unicos testemunhos authenticos allegados em favor da origem portugueza do *Amadis de Gaula*. D'esta fonte dimanam todas as opiniões dos criticos modernos favoraveis a esta origem.

«Não é sem espanto que se vê em 1550 mesmo a côrte de Portugal bem pouco firme a respeito da origem d'este romance, para attribuir a composição d'elle, não já a Lobeira, mas a um principe de sangue real.

«Ouçamos a narração de D. Luiz Zapata, embaixador de Hespanha em

já não existir o original. Mas ao cabo são elles que teem razão, segundo nosso entender; e por isso não duvidámos de attribuir o *Amadis* a Vasco de Lobeira.

«O rei Perion reinava na Gaula (França); o rei Garinter na pequena Bretanha, hoje a provincia de França d'este nome. Levado pelo desejo de conhecer Garinter intenta Perion *uma longa viagem;* e com effeito o encontra n'uma caçada; dão-se a conhecer um ao outro, e Perion é conduzido á côrte do seu novo amigo. Tinha este uma filha chamada Elisena, que se namora de Perion, o qual d'ahi a pouco parte para a Gaula, deixando-a gravida. Ella para esquivar-se á infamia entrega o fructo dos seus amores á mercê das ondas, encerrado em uma caixa. Foi este Amadis. Encontrado por uma barca, em que ia Gandales, cavalleiro escocez, este o salva, e cria com seu filho Gandalim, depois escudeiro de Amadis. Os dois moços são levados á côrte de Languines, rei de Escocia. Aqui viu a Amadis el-rei Lisuarte, que de Dinamarca vinha reinar em Inglaterra, o qual deixou na côrte de Languines a sua filha Oriana. Foi então que começaram os amores d'esta princeza com Amadis, que são o principal objecto da novella. Amadis é reconhecido por seu pae Perion, já casado com a filha de Garinter; e cresce em poder e renome. Mil difficuldades se levantam para elle chegar a possuir Oriana, as quaes vence com repetidos actos de generosidade e valentia. Emfim o romance acaba de um modo incompleto com os trabalhos, que nos ultimos annos cercaram a el-rei Lisuarte.

«É esta, em summa, a materia que enche o volumoso romance de *Amadis*, novella cheia de muitas paginas fastidiosas, mas tambem de muitas, que grandemente excitam a curiosidade. O estylo em que está escripto, é o de uma velha chronica do xv seculo, e notâmos n'elle uma grande similhança com os escriptos do pae da nossa historia, o singello chronista de D. João I, Fernão Lopes, que tantas vezes se mostra mais poeta, que muitos, que se arrogam este titulo.

«Traçando um leve esboço da novella de *Amadis de Gaula*, segue-se o tratar a questão de saber se a devemos attribuir a um escriptor portuguez.

«Primeiro que tudo é de notar que a tradição constante em Portugal foi sempre que o *Amadis* fôra composto por Lobeira.

«Pretendem os francezes (não todos os que na materia teem escripto) que esta novella fôra traduzida em hespanhol do idioma Picardo, e Herberay diz a vira n'esta lingua; mas isto nada prova. Quem impedia que os francezes traduzissem o original de Lobeira? A outra objecção contra nós é ter feito o auctor os seus heroes francezes e ingle-

Digitized by Google

Lisboa, por aquella época: *(Miscellanea original,* na Bibliotheca Real, codice citado por D. Juan Pellicier). Entre outros grandes personagens, que se teem distinguido como escriptores, mencionarei, diz elle, D. Fernando, segundo duque de Bragança, auctor do *Amadis de Gaula.* É a opinião assente na familia real portugueza, e eu mesmo a ouvi da bocca da sr.ª D. Catharina. E bem me parecia que uma obra tão alta e tão nobre devia ter saido d'uma raça illustre, e não podia pertencer a um homem vulgar.

«O licenciado Jorge Cardoso affirma que Pedro de Lobeira traduziu do francez a historia de *Amadis,* por ordem do infante D. Pedro, filho do rei D. João I.

«É verdade que Barbosa não cita a opinião d'este auctor, senão para a taxar de erronea. Este facto não testemunha menos a incerteza dos portuguezes, e prova que no tempo de Cardoso (1650) existia uma opinião, que attribuia á França a composição do *Amadis.*

res: mas isto tambem nada prova; porque prova de mais. Os inglezes teriam ainda mais razão para pedirem a gloria d'esta obra, visto que, apesar de ser franceza a personagem principal, a maior parte dos acontecimentos põe-os o auctor na Inglaterra, e quasi todos os cavalleiros notaveis são d'este paiz, á excepção de Amadis e seu irmão Galaor.

«O certo é que Lobeira tendo vivido no tempo d'el-rei D. Fernando I e de D. João I tinha visto as proezas, que em Portugal obraram os cavalleiros inglezes. Devia elle fazer portanto alta idéa da cavallaria d'aquella nação. Nada havia mais natural do que fazer da Inglaterra o theatro das façanhas dos seus imaginarios heroes. Como porém o agente principal de todos os successos devia ser o amor, naturalissimo era que o auctor buscasse um principe estrangeiro, que viesse tornar brilhante a côrte ingleza, com seus amores pela dama principal, a filha de Lisuarte, que não poderia aliás corresponder á affeição d'um subdito de seu pae. Eis a razão obvia, porque Amadis é francez.

«Além d'estas observações ha uma principal, o examinar em si a novella para vêr se das suas proprias entranhas se podia arrancar a certeza da sua origem.

« Garciordoñez diz — emendára os tres livros de *Amadis,* que andavam mui viciados, e *trasladára* o quarto; — aqui o verbo *trasladar,* é claro, que não póde significar senão traduzir, o que mostra a olhos desapaixonados que a obra não era originalmente hespanhola.

«Seria franceza? Dizemos sem duvida alguma que não. Perion encontrando Garinter diz-lhe que viera de mui remotas terras para o vêr. Era possivel acaso que um escriptor francez fizesse o rei da Pequena Bretanha desconhecido do da França, e pozesse na bocca d'este um tão descompassado erro geographico? Além d'isto Perion e Lisuarte reunem côrtes, nos casos difficeis e circumstancias importantes: n'estas côrtes apparecem não os *barões* das antigas assembléas feudaes da Inglaterra e França, mas os *ricos homens* e *homens bons* nas côrtes portuguezas. Emfim o auctor descreve a passagem do canal de Inglaterra como uma viagem de nove dias com vento favoravel. As frequentes relações de guerra e de paz entre a Grã Bretanha e a França permittiam por ventura que ignorasse um escriptor francez a distancia de um a outro paiz?» *(Panorama* de 1838, pag. 140.)

A pag. 6 do mesmo jornal de 1840, confirma o sr. Alexandre Herculano quanto havia dito acerca do *Amadis de Gaula,* e accrescenta um trecho da *Chronica do Conde D. Pedro* composta por Gomes Eannes d'Azurara. (Cap. 63)

Digitized by Google

«De todos estes factos reunidos qual a conclusão legitima, que se póde tirar? A existencia pelos fins do seculo XIV d'uma versão portugueza do *Amadis de Gaula*, ácerca de cuja origem e auctor os proprios portuguezes não estão concordes, mas que se póde todavia attribuir com mais probabilidade a Vasco de Lobeira. Hoje esta versão, que parece nunca ter sido impressa, desappareceu. Resta pois a importante questão de saber até que ponto ella serviu ou não, de modelo á versão de Montalvo, a mais antiga, que subsiste hoje. Esta questão será implicitamente resolvida, se nós provarmos que anteriormente a Vasco de Lobeira circulava já na Hespanha um romance de *Amadis*.

«A antiga *Litteratura Castilhana* contém duas allusões importantes á historia de *Amadis*. Acha-se a primeira n'um poema de Pedro Lopez de Ayala, auctor estimado da *Chronica de quatro reinados*. Feito prisioneiro em 1367, na celebre batalha de Najera, na qual empunhava o estandarte da ordem da Banda, e levado para Inglaterra, Ayala compoz durante seu captiveiro uma especie de poema moral intitulado: *El rimado palacio*. O poeta lamentando os erros de sua mocidade, exprime-se assim na estancia 162.

Plegomi otrosi oir muchas vegadas
Libros de devaneos e mentiras probadas,
Amadis e *Lanzarote*, e burlas a sacadas,
En que perdi mi tiempo a mui malas jornadas.

«Depois de se ter involvido muito activamente nos acontecimentos d'este seculo tão fertil em agitações, o chanceller Ayala morreu em Calahorra em 1407, na edade de 75 annos, o que faz descer até 1342 o anno do seu nascimento. Ayala tinha pois 25 annos na época da batalha de Najera. Tomando parte no partido de Henrique de Transtamara, o qual desde 1359 estava em lucta com seu irmão Pedro, o *Cruel*, quasi que nos não podemos enganar, suppondo que este chanceller, que escreveu com tão grande exactidão a narrativa d'esta lucta fraticida, esteve bem occupado desde o principio para não designar o espaço de 1359 a 1367 como um tempo de ociosidade, occupado unicamente de leituras frivolas.

«A época em que elle se entretinha a ler *Lancelot* e *Amadis*, foi sem duvida a da sua adolescencia, quando, simples pagem ou escudeiro, bebia n'estes romances, [1] como todos os nobres d'aquelle tempo, as idéas dos deveres

[1] *Amadis de Gaula*. Este romance, cujas quatro primeiras partes principalmente teem grande merecimento, tiveram no seculo XVI uma aceitação prodigiosa, e que não excede talvez aquella, que em nossos dias coroou as producções justamente celebres do fecundo e admiravel auctor do *Waverley*. Publicados primeiramente em Hespanha, e por diversos escriptores, que se não nomearam, os *Amadis* não transpozeram facilmente os limites da peninsula, e foi até necessaria a residencia, que fez n'este paiz o illustre prisioneiro de Pavia, para nos fazer conhecer este romance, cheio de attractivos. Mas desde que a pedido do monarcha francez tornado livre, o senhor des Essarts transportou para a nossa lingua a engenhosa ficção Iberica, a obra passou bem depressa para Italia, Al-

Digitized by Google

d'um gentil cavalleiro. É pois permittido concluir que uma versão do *Amadis* que desde 1360, pelo menos circulava na Hespanha conjunctamente com o *Lancelot*, devia necessariamente ser redigida n'este paiz muito tempo antes, provavelmente desde o começo do seculo XIV, talvez mesmo desde o XIII.

«Dar-se-ha o caso, vista a extrema analogia dos idiomas portuguez e hespanhol n'aquella época, que Ayala designe, sem a nomear, a versão de Lobeira? De nenhum modo: eis aqui as razões.

«Machado, concordando n'isto com as chronicas portuguezas refere que Vasco de Lobeira foi armado cavalleiro na occasião da batalha de Aljubarrota pela propria mão do rei João I. No tempo, em que as leis da cavallaria esta-

lemanha, Inglaterra, e até mesmo para a Hollanda, e appareceu successivamente no idioma proprio de cada um d'estes paizes, mas com differenças e continuações.

O primeiro auctor d'este celebre romance, aquelle, a quem somos devedores dos quatro primeiros livros, não é bem conhecido. Segundo Antonio, que adopta a este respeito as tradicções conservadas em Portugal, seria um portuguez chamado Vasco de Lobeira. É esta a opinião seguida mais geralmente, não obstante o testemunho contrario de Nicolau de Herberay, senhor des Essarts, que no começo do prologo collocado por elle em frente da sua traducção do primeiro livro de *Amadis*, exprime-se d'esta sorte: «É bem certo que elle esteve primeiro em nossa lingua franceza, sendo Amadis francez, e não hespanhol. E de que assim fôra, encontrei ainda alguns restos d'um velho livro escripto á mão em linguagem Picarda, pelo qual julgo que os hespanhoes fizeram uma traducção.» Esta asserção do senhor des Essarts pareceu concludente a Mr. de Tressan; mas não é admittida pelos bons criticos, que em nenhuma parte encontraram o menor vestigio d'esse original em lingua Picarda, citado pelo traductor. A opinião favoravel a Lobeira foi sustentada acaloradamente no *Journal de Paris*, no anno de 1779 e no *Esprit des Journaux* em setembro de 1779, por Cochu, litterato fallecido no principio do corrente seculo.

EDIÇÕES EM HESPANHOL

Salamanca, 1519. Desconfia-se porém haver uma edição anterior, de 1510, impressa na mesma cidade.

Saragoça, 1521.
Sevilha, 1526.
Sevilha, 1531.
Veneza, 1533.
Sevilha, 1535.
Sevilha, 1539.
Medina del Campo, 1545.
Sevilha, 1547.
Lovain, 1551.
Sevilha, 1552.
Burgos, 1563.
Burgos, 1587.
Salamanca, 1575.
Sevilha, 1575.
Alcala de Henares, 1580.
Sevilha, 1586.
Madrid, 1838.
Barcellona, 1847.

Digitized by Google

vam em pleno vigor, ninguem podia ser armado cavalleiro antes da edade de 21 annos completos. Mas na decadencia da instituição foi-se pouco severo para com este principio. Na vespera d'um cerco, d'uma batalha, quer para augmentar o numero dos combatentes, quer para estimular o ardor dos escudeiros, ou em algumas occasiões solemnes, taes como as de coroações, casamentos, viu-se conferir o titulo de cavalleiro a mancebos, que não tinham passado por todas as provas da ordem. Esta circumstancia da occasião mesma da batalha —*ao estar para dar-se batalha* faz nascer uma forte presumpção de que em 1385 Vasco de Lobeira, que se distinguiu cedo como cavalleiro, tinha talvez menos de 20 annos. Como admittir então que possa ser o auctor d'um livro,

La Sergas del virtuoso cavallero Esplandiano, hijo d'Amadis de Gaula. Toledo, 1521.

O mesmo livro. Salamanca, 1525.

O mesmo livro. Burgos, 1526.

O mesmo livro. Sevilha, 1526.

O mesmo livro. Caragoça, 1587.

O mesmo livro. Burgos, 1587.

O mesmo livro. Alcalá, 1588.

Sexto libro de Amadis de Gaula, en que se cuentan los grandes fechos de Florisando. Salamanca, 1510.

O mesmo livro. Salamanca, 1526.

El septimo libro de Amadis, en el qual se trata de los grandes fechos en arma de Lisuarte de Grecia fijo de Esplandian y de Perion de Gaula. Sevilha, 1525.

O mesmo livro. Toledo, 1539.

O mesmo livro. Sevilha, 1548.

O mesmo livro. Lisboa, 1587.

O mesmo livro. Tarragona, 1587.

El oitavo de Amadis, que trata de las estrañas aventuras y grandes proezas de su nieto Lisuarte, y de la muerte del Rey Amadis. Sevilha, 1526.

El noveno libro... que es la chronica del muy valiente y efforçado principe y cavallero de la Ardiente espada Amadis de Grecia. Burgos, 1555.

O mesmo livro. Sevilha, 1542.

O mesmo livro. Medina del Campo, 1564.

O mesmo livro. Valencia, 1582.

O mesmo livro. Lisboa, 1596.

Don Florisel de Niquea. La Cronica de los muy valientes y esforçados y invencibles cavalleros dõ Florisel de Niquea y el fuerte Anaxartes: hijos del muy excelente principe Amadis de Grecia. Valladolid, 1532.

O mesmo livro. Sevilha, 1546.

O mesmo livro. Taragona, 1584.

O mesmo livro. Caragoça, 1584.

Parte tercera de la coronica del muy excelente principe don Florisel de Niquea, etc. Sevilha, 1546.

O mesmo livro. Evora.

Don Florisel de Niquea. La primera parte de la quarta de la chronica del excelentissimo principe don Florisel de Niquea. Salamanca, 1551.

O mesmo livro. Çaragoça, 1568

Libro segundo de la quarta parte. Salamanca, 1551.

Digitized by Google

que Ayala, o qual tambem assistiu a esta batalha de Aljubarrota, e n'ella feito prisioneiro pela segunda vez, declara ter lido antes de 1360?

«Póde-se chegar á mesma conclusão por uma outra maneira. Tomando sempre como data certa a existencia d'um *Amadis* no anno de 1360, supponho que Vasco de Lobeira fosse auctor d'este romance, e que o tivesse acabado na edade de 25 annos. Tinha então pelo menos 25 annos desde 1360, o que levaria a 1335 a data do seu nascimento, que é desconhecida. Ora, por confissão dos portuguezes, só em 1385 é que foi armado cavalleiro. Não teria á vista d'isto recebido este titulo, senão em a edade de 50 annos, o que verosimilmente não poderiamos admittir.

«É pois permittido asseverar que existia na Hespanha uma traducção do

O mesmo livro. Çaragoça, 1568

Tercera parte de la quarta. Salamanca, 1551.

Dozena parte del invincible cavallero Amadis de Gaula. Sevilha, 1546.

O mesmo livro. Sevilha, 1549.

EDIÇÕES EM FRANCEZ

Les livres I à XII d'Amadis de Gaule. Paris, 1540-1556. Reimpressos de 1543 a 1559.

Os mesmos livros. Paris, 1548 a 1560.

O XIII livro. Paris, 1571.

O XIV livro. Paris, 1574.

Livros I a XII. Paris, 1557, 12 vol.

Livro XII. Avignon, 1557.

Livros I a XII. Anvers, 1561.

Os mesmos livros. Anvers, 1572.

Livro XIII. Anvers, 1572.

Livro XIV. Anvers, 1574.

Livro XV. Anvers, 1577.

Livros I a XII. Lyon, 1575, 12 vol.

Os mesmos livros. Lyon, 1577.

Livro XV. Lyon, 1577.

Livros XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI. Lyon, 1577-1582 6 vol. varias vezes reimpressos.

Livros XXII, XXIII, XXIV. Paris, 1615, 3 vol.

Tresor de tous les livres d'Amadis. Lyon, 1582, 3 vol., 1605, e 1606. E varias outras edições.

Os mesmos livros. Anvers, 1574.

EDIÇÃO EM ITALIANO

Vinetia, 1546 a 1594.

EDIÇÃO EM ALLEMÃO

Francfort am Mayn, 1583.

EDIÇÃO EM HOLLANDEZ

Utrecht e Dordrecht, 1619 a 1624, 6 vol.

EDIÇÕES EM INGLEZ

London, 1619.

Traducção de Robert Southey. London, 1803, 4 vol. — *Extractado do Manuel du Libraire, par Brunet.* Edição de 1866.

Digitized by Google

Amadis de Gaula, anterior á versão portugueza. Uma curiosa passagem do texto hespanhol acabará de dar o caracter da certeza.

«O personagem de Amadis distingue-se entre tantos heroes cavalheirescos por uma lealdade a toda a prova, e pela mais escrupulosa fidelidade.

«As aventuras de sua vida errante levam-no a restabelecer sobre o throno de seus paes uma joven princeza por nome Briolania, a qual muito encantada da belleza e valentia de Amadis, namora-se do cavalleiro com uma viva paixão, e não aspira a mais do que pol-o de posse de seu reino e de sua pessoa. Mas todas as corôas do mundo não poderiam distrahir Amadis do pensamento da sua querida Oriana. Os votos de Briolania não foram escutados.

«Tal era, segundo parece, a respeito d'este ponto delicado a lição constante da velha historia.

«No emtanto o infante D. Affonso de Portugal, filho natural de D. João I, principe instruido, de genio cortez e galanteador, fez-se o campeão da triste Briolania. Indignado com a insensibilidade de Amadis, exigiu que Lobeira, de quem era protector, modificasse esta passagem do velho romance, e restituisse a felicidade á bella princeza, á custa da infidelidade de Amadis.

«Esta interpolação da versão portugueza é notada por Montalvo, e censurada com tanta gravidade, como se se tratasse da historia mais importante, e authentica — Amadis dió enteramente á conocer que las angustias e dolores con las muchas lágrimas derramadas por su señora Oriana, no sin gran lealtad las passava; aunque el señor infante Alfonso de Portugal, aviendo pietad d'esta hermosa donzella, *de otra guisa lo mandasse poner*, en esto hizó lo que su merced fué, mas no aquello que en efecto de sus amores *se escrivia*. De outra guisa se cuentam estes amores, que con razon a ellos dar fé se deve.

«Mais longe o escrupuloso auctor depois de ter acabado a narração d'esta aventura, crê dever ainda accrescentar: — Todo lo que mas desto en este libro primero se dize de los amores de Amadis e d'esta hermosa reyna *fué acrecentado*, como ya se os dixo, etc.

«Esta passagem decisiva não carece de commentarios. Attraiu e devia attrair a attenção dos melhores criticos. O mais judicioso e authorisado de todos sir Walter Scott d'ahi concluiu a existencia certa d'um original hespanhol, muito anterior á versão de Lobeira — Parece-nos evidente por esta passagem notavel, que a obra, de que se occupava Lobeira, debaixo dos auspicios do infante D. Affonso, seu protector, deveu ser necessariamente uma traducção mais ou menos livre de alguma obra antiga. Se o *Amadis* tivesse sido parto proprio da imaginação de Lobeira, teria este auctor certamente experimentado repugnancia em prejudicar a imagem da perfeição ideal, que traçára no seu heroe, em consideração da compaixão exquisita de seu protector para com a bella Briolania; mas não fazia nenhum sentido dizer que fizera uma interpolação no texto verdadeiro (allusão ao dito Montalvo *aquello que en efecto se escrevia)* se não houvesse tirado sua historia de algumas narrações independentes dos recursos de sua propria imaginação.

«Encontram-se tambem no *Cancionero de Baena* algumas allusões a uma antiga versão do *Amadis*. A mais importante é contida n'uma peça de *Perro*

Digitized by Google

Ferruz dirigida a Lopes de Ayala exhortando-o a proseguir na gloria das armas, sem receiar nem fadigas nem perigos.»

Eis o que diz Baret. Parece porém que o assumpto é de origem franceza, e muito antigo, mas que o romance formado sobre este assumpto é de origem portugueza, embora se tivesse perdido o original. Quem ignora que ainda temos hoje em Portugal e nas bibliothecas estrangeiras um grande numero de manuscriptos importantissimos, que nunca foram impressos, e tambem em risco de se perderem para sempre? Quem não sabe que o *Cancioneiro* d'el-rei D. Diniz ainda existe quasi todo inedito na Bibliotheca do Vaticano, e que na de Evora existe o *Esmeraldo* de Duarte Pacheco Pereira, para não fallar de muitos e muitos outros ineditos importantissimos?

80) **BARETTI (JOSEPH)** — Secretary for foreign Correspondence to the royal Academy of Painting, Sculpture and Architecture.

E. — *A Journey from London to Genova through England; Portugal, Spain and France, by* —. In four volumes. London, 1780, 8.°

(Viagem de Londres a Genova, atravez da Inglaterra, Portugal, etc.)

O auctor esteve em Portugal no anno de 1760. Diz que os portuguezes são muito ricos de dinheiro e joias (I. pag. 97): que as manufacturas são insignificantes, e as unicas coisas, que o paiz produz em abundancia, são limões, laranjas e vinho. Dá noticias muito circumstanciadas das ruinas do terramoto em Lisboa.

Baretti encontrou uma vez o patriarcha na rua, e eis como elle nos descreve o seu sequito:

«Abriam a marcha dois cpches cheios de padres; seguiam-se cincoenta creados de libré, caminhando a dois e dois (pag. 153). Um padre a cavallo levava a cruz. Seguiam-se sete coches. Os dois primeiros conduziam officiaes ecclesiasticos, e no terceiro ia o patriarcha com seu mestre de cerimonias. De cada lado marchava um padre a pé, levando uma especie de umbella. Seguia-se o coche d'estado vasio, tão rico, que a rainha Semiramis não o julgaria indigno de ir n'elle. Atraz iam ainda tres coches cheios de officiaes.

«E que sentia o patriarcha? Conforme as palavras de Petrarcha — *Stavasi tutto umile in tanta gloria.*»

81) **BARLAEI (GASPARIS)** — Poeta, theologo e medico.

Seu nome sem estar alatinado é Gaspar van Baerle.

Nasceu em Anvers no anno de 1584, e falleceu em Amsterdam no mez de janeiro de 1648. [1]

E. — *Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum sub Praefectura Illustrissimi Comitis L. Mauritii, Nassoviae &c. Comitis, nunc Vesaliae Gubernatoris et Equitatus Fœderatorum Belgii Ordd. sub Auriaco Ductoris Historia.* Amstaelodami. Ex Typographeio Joannis Blaev. 1647. fol. max.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 4.°, pag. 143.

Digitized by Google

340 pag. com grande numero de estampas. 2.ª edição, 8.º Clovis ex Officina Tobiae Silberling, 664.

(Historia dos successos occorridos pelo espaço de oito annos no Brazil, debaixo do governo do conde S. Mauricio de Nassau, etc.

De cada uma d'estas edições existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa, onde servem de pasto á traça, tão numerosa n'aquelle estabelecimento que julgo já impossivel exterminal-a.

«Como escriptor de meritos superiores se nos apresenta [1] nos dois annos de 1637 e 1638, e nos seis seguintes até 1644 o hollandez Gaspar van Baerle, mais conhecido com o nome de Barlaeus, na historia que escreveu da administração e feitos de Nassau em Pernambuco. Preclarissimo poeta, assim na lingua hollandeza como latina, cujos primorosos versos, comparados aos melhores da antiguidade, lhe grangearam muita nomeada, agudo theologo protestante, penetrante philosopho, e distincto doutor em medicina, consagrou Barleus os seus ultimos annos a essa historia, que publicou em Amsterdam em 1647.

«A *Latinissima Historia dos oito annos do governo de Nassau*, por mais que corram os seculos, será sempre um livro importante e digno de consultar-se. Só depois que tivemos occasião de folhear detidamente a correspondencia official do mesmo Nassau, é que nos convencemos que Barleus a tivera egualmente presente, e se aproveitára d'ella com o devido criterio; sendo que, como panegyrista d'esses oito annos pouco se lhe poderá acrescentar. Para ser porém considerado como historiador imparcial d'esse periodo, faltou-lhe obedecer ao preceito — *audietur altera pars.*

«E o mais é que o haver o auctor deixado de consultar alguns documentos ou auctoridades do lado dos nossos foi causa das muitas incorrecções, que a obra contém nos nomes proprios e geographicos portuguezes e do Brazil.»

82) **BARNARD (LIEUT).**

E. — *Three years Cruise in the Mozambique Channel.*

(Tres annos no cruzeiro do canal de Moçambique.)

Não tive occasião de ver este livro.

83) **BARROW (JOHN)** — Compilador.

Nasceu em Inglaterra, e falleceu no fim do XVIII seculo. [2]

Escreveu uma obra em inglez, que foi vertida para francez com o titulo seguinte:

Abregé Chronologique ou Histoire des découvertes faites par les Européens dans les differentes parties du Monde, extrait des rélations les plus exactes et des voyageurs les plus veridiques. Traduit de l'Anglais par Targe. Paris, 1766, 12 vol., 8.º

[1] Sr. Varnhagen — *Historia das lutas com os hollandezes no Brazil*, pag. XII.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 4.º, pag. 599.

Digitized by Google

(Resumo chronologico das descobertas feitas pelos europeus, nas diversas partes do mundo.

Se bem que esta obra não trata exclusivamente das viagens feitas pelos portuguezes, todavia merece ser mencionada, pois n'esta collecção apparecem com minuciosidade as gloriosas descobertas, viagens e peregrinações dos nossos.

O volume 1.º começa pela viagem de Colombo, e de suas relações com os portuguezes, viagem que se estende de pag. 1 até 242, onde começa a de Vasco da Gama, baseada no que escreve Jeronymo Osorio, terminando esta a pag. 294, onde principia a de Pedro Alvares Cabral, para findar a pag. 329.

Tomo 3.º Viagem de Fernão de Magalhães, de pag. 318 a 373.

O tomo 4.º não contém nenhuma viagem feita por algum portuguez: traz as dos estrangeiros Drake, Raleigh, Cavendish, Van Noort, Spilbergen, Schouten, Lemaire, Rowe, mas em compensação rara é a passagem, em que se não faz menção dos portuguezes. Por toda a parte estes appareciam para porem estorvos áquelles que nos queriam roubar o sceptro do mar!

No emtanto as forças portuguezas não podiam chegar para tudo, e o odio que os indigenas nos tinham era grande, e a passagem seguinte bem o comprova:

«A 24 de novembro os inglezes commandados por Drake chegaram ás Molucas, com o fim de irem a Tidore: mas foram desviados d'este seu designio pelo vice-rei de Ternate, que veiu ousadamente a bordo para lhes dizer, que o rei d'esta ilha queria commerciar livre e cordealmente com elles, e tornar-se seu amigo, comtanto que não fossem a Tidore, porque residiam alli os portuguezes: que os odiava de morte, e não se podia resolver a ter com elles algum commercio, ou com aquelles que se ligassem com elles.» [1]

Tomo 5.º Historia da descoberta e das guerras do Brazil por Mr. Jean Nieuhoff, de pag. 222 até 434. É a historia da derrota dos hollandezes n'este paiz, e de como os portuguezes os expulsaram de vez.

Se no tomo 4.º quasi que se não encontrava uma folha, em que se não tratasse de portuguezes, no 6.º quasi que se não encontra uma linha, em que os nossos não entrem em scena. Contém este tomo os seguintes assumptos.

I. Descripção das Indias orientaes, por Mr. Nieuhoff de pag. 1 a 210.

II. Viagem do capitão Abel Tasman, em descoberta dos paizes banhados pelo mar do Sul, de pag. 211 a 238.

III. Descripção das costas de Malabar e de Coromandel por mr. Baldaeus. [2]

N'esta viagem de, pag. 239 a 333, vem uma descripção da cidade de Goa, a respeito da qual, entre outras, coisas se diz o seguinte:

«Goa foi conquistada por Affonso d'Albuquerque, cujo nome é bem conhe-

[1] Barrow — *Histoire des découvertes*, vol. 4.º, pag. 2.

[2] Philippe Baldeus, missionario hollandez, vivia na segunda metade do seculo XVII. Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 4.º, pag 254.

Digitized by Google

cido n'esta parte do mundo. A policia é muito boa e bem desempenhada. Ha um hospital, que aquelles, que o viram e comparavam, consideram o mais bello existente no mundo. As egrejas de Goa são soberbamente ornadas : [1] o porto é muito bello, e póde-se comparar com Constantinopla e Toulon, julgados os melhores do mundo.

«A vice-realeza de Goa é uma das mais consideraveis, que existem no universo. E aquelle, que exerce este cargo, tem á sua disposição os governos de Moçambique na Africa, o de Moscate na Arabia, o de Ormuz na Persia, o de Ceilão perto do Cabo de Comorin, o das Molucas á entrada do golpho da India, cada um dos quaes é tão lucrativo, como o melhor que houver na Europa. É certo apezar de Goa já não render tanto depois que os inglezes e hollandezes fundaram estabelecimentos solidos na India, produzir comtudo sempre grandes riquezas para a corôa de Portugal. Os Portuguezes em geral são indolentes: entregam-se á sensualidade e aos prazeres, e deixam o cuidado de seus negocios nas mãos de seus escravos. A devassidão é n'esta cidade mais vulgar, que em nenhum outro paiz do mundo; e os prazeres carnaes e o adulterio passam por galanterias. Os homens um pouco acima do vulgar, são precedidos de dois pagens um para lhes levar a espada e o outro o guarda sol, etc. etc.»

IV. Descripção da ilha de Ceilão, e resumo das disputas que alli se suscitaram entre os portuguezes e hollandezes, por Philippe Baldaeus, de pag. 334 a 427, e vae acabar na pag. 57 do o tomo seguinte.

84) **BAUMÈS (J.).**

E. — *De la limite des Possessions Portugaises au sud de l'Equateur. Extrait de la Revue Coloniale (Mars 1858).* Paris, 1858.

(Limites das possessões portuguezas ao sul do Equador, etc.)

85) **BAVOUX (EVARISTE).**

E. — *A. B. da Costa Cabral, Comte de Thomar. Notes historiques sur sa carrière politique et son ministère. Extrait de l'ouvrage publié a Lisbonne sous le titre — Apontamentos Historicos.* Paris, Amyot-Libraire, 1846, 8.°, 275 pag.

(Notas historicas sobre a carreira politica e ministerio de A. B. da Costa Cabral.)

Antonio Bernardo da Costa Cabral por causa dos feitos notaveis, que se passaram em Portugal durante o seu ministerio, foi um dos ministros portuguezes mais fallados n'estes ultimos tempos. Não é por isso para admirar que ainda tenha de mencionar varios outros escriptos estrangeiros relativos ao seu ministerio. Evaristo Bavoux mostra-se muito affeiçoado á sua administração.

«É um assumpto interessante para a observação a lucta encarniçada e confusa ainda do principio constitucional ás bulhas com a exaltação meridio-

[1] Barrow — *Histoire des decouvertes*, vol. 4.°, pag. 261.

Digitized by Google

nal, e com a infancia das paixões politicas. Estas paixões envenenam a discussão, cegam o juizo. O exame d'esta situação ganha muito em imparcialidade sendo transportado para um terreno neutro. Tal é a mira d'esta publicação.

«Uma coisa nos maravilhou e seduziu, alli, como em qualquer outra parte que a encontramos: a elevação d'um homem por meio de suas proprias forças aos mais altos empregos do Estado. Filho d'um honrado proprietario da Beira, Costa Cabral elevou-se por seu proprio merito d'uma posição modesta ao ministerio, e ao senado, esforço do verdadeiro talento, que tem jus a nossas homenagens. Em certos respeitos, e talvez com mais energia ainda, faz-nos lembrar Casimir Perier, luctando contra os motins em nome da ordem, pronunciando a dissolução do corpo de artilheria da guarda nacional, a destituição de seus officiaes, o desarmamento das companhias, exposto em sua propria carroagem ao tumulto das ruas insurgidas, arrostando corajosamente o perigo, as ameaças, a morte, luctando corpo a corpo, e combatendo essa coragem, que revela uma convicção, e até justifica o erro, porque então parece emanar d'uma alma nobre, d'um principio elevado.

«O homem eminente, de quem esta noticia tem por fim dar a conhecer a administração, prestou ao seu paiz immensos serviços. A realisação de seus grandes e honrosos trabalhos, a construcção das estradas, a circulação dos capitaes e das idéas, a reorganisação social, de que é auctor, testemunham bem altamente a força e grandeza de suas concepções; mas não é menor no ponto de vista politico um certo aspecto, que me commove, e a respeito do qual não posso fechar os olhos, rendendo ao mesmo tempo com imparcialidade homenagem a seu genio notavel, á potente energia do moderno marquez de Pombal.

«Costa Cabral é um homem d'estado, para quem está reservado um logar distincto na historia contemporanea do seu paiz. As raras qualidades que o teem mantido no poder ha seis annos, provocaram a admiração de quantos não são dominados pelas paixões e espirito partidario, e que julgam o ministro conforme os resultados de sua politica, conforme a unidade de seu pensamento administrativo, conforme a resolução energica, e prudencia de seu procedimento nas mais difficeis circumstancias. Se mais alguma coisa é necessaria para provar isto, bastará lembrar que o odio implacavel de seus inimigos, incessantemente alimentado pela inveja, e excitado pelo despeito, é um testemunho mais que sufficiente de seu merito e de suas qualidades.

«Assignalados por intrigas e difficuldades sem numero, por insurreições de mão armada, por combates encarniçados quer na tribuna, quer nas praças publicas de Lisboa, os seis annos do ministerio de Costa Cabral provaram toda sua coragem e sua energia. Outro qualquer que não fosse elle, mesmo dos mais fortes, que fosse, teria já infallivelmente succumbido. Esta situação não foi obra de Costa Cabral; achou-a toda feita, viu-se obrigado a dominal-a com vontade de ferro, e de a mudar com sua audacia pouco commum. Quantas vezes achando-se na vespera cheios de esperanças de obterem sobre elle uma victoria completa, não adormeceram seus inimigos para receberem,

Digitized by Google

quando acordassem, o golpe decisivo que os devia humilhar. É assim que pela rapidez e certeza de seus olhares o ministro surprehende seus adversarios, e anima seus amigos. N'um instante aprecia, e sabe vencer os perigos e difficuldades, e depois por uma resolução, que parece filha do acaso para aquelles, que o não conhecem, decide em favor de si problemas, cuja solução parecia impossivel. Tudo se póde esperar dos recursos de seu genio: e nos momentos arriscados deve-se vêr como seus amigos se agrupam em volta d'elle, rodeiam-no de todas as partes, ao passo que tranquillo no meio das tempestades mais terriveis, sustentando o leme com mão firme, dirige a nau do estado, e a leva a porto de salvação. Entre o resolver e o obrar, entre o pensamento, que concebe, e a vontade, que executa, não conhece hesitação alguma: apenas tomou sua resolução, põe-a em obra, sempre com aquella energia, que lhe é peculiar. Póde-se altamente asseverar que todos os esforços dos inimigos do ministro, todos os meios extremos, que teem empregado para o derrubar, não tem produzido outro resultado, senão o de elevar o pedestal de seu monumento; pois Costa Cabral deve quasi outro tanto a este respeito a seus inimigos, que póde dever a si mesmo.

«Em sua vida privada, ás virtudes domesticas Costa Cabral reune maneiras faceis e agradaveis, que fazem sobresair a franqueza natural de seu caracter. Pertence ao numero de estadistas do seu paiz, que adoptam as idéas sans do seculo, que comprehendem as necessidades da época, que teem a firme vontade de satisfazer a ellas, e a capacidade de achar os meios para isso.»

Em poucas palavras: n'este livro Costa Cabral é o grande homem, o homem sem defeitos, um verdadeiro heroe: todos os outros são pigmeus.

Mousinho d'Albuquerque em vinte annos não passaria d'um soffrivel boticario. Rodrigo da Fonseca Magalhães principalmente é um homem dotado dos maiores defeitos. Almeida Garrett era poeta na politica, e em suas ultimas obras mau politico em prosa e verso. O visconde de Sá da Bandeira um visionario incoherente. Porém José Bernardo da Silva Cabral, irmão do conde de Thomar, era homem de talento superior, e solido, d'uma grande capacidade na administração, fertil em expedientes e de infatigavel auctoridade.

Nós porém, os portuguezes, juizes talvez mais competentes que Evaristo Bavoux, seremos todos da sua opinião?

86) BAXTER (WILLIAM EDWARD).

E. — *The Tagus and the Tiber, or notes of travel in Portugal, Spain and Italy in* 1850-1851, *by* —. In two volumes. London, Richard Bentley, 1852, 8.°, o 1.° de 302 pag. e o 2.° de 299.

(O Tejo e o Tibre, ou notas de viagem em Portugal, etc.)

A viagem a Portugal vem no 1.° volume, e termina a pag. 68. Nada apresenta digno de especial menção.

87) BAZONCOURT (Baron de).

E. — *Le mariage en l'avenir de Portugal.* Paris, 1862.

Digitized by Google

(O casamento ou o futuro de Portugal.)

Não encontrei esta obra; e por isso nada mais posso dizer. Mas é de suppor que verse sobre o casamento do nosso rei D. Luiz,

88) **BEARN** (Le Comte Stéphen de).

E.— *La Dynastie de Bragance et l'avenir du Portugal par* —. Paris, 1865, 4.°, 59 pag.

(A dynastia de Bragança e o futuro de Portugal.)

«Felizes, disse Fenelon, os povos, cuja historia não é interessante. Se a maxima formulada pelo illustre arcebispo de Cambrai fosse uma sentença sem appellação, seria mister tirar d'ella por consequencia que a nação portugueza foi desgraçada entre todas, por apresentarem seus annaes o espectaculo não interrompido de scenas dramaticas, e de peripecias enternecedoras.

«Lançar um olhar para traz pela historia de Portugal, vêr no decurso dos seculos sair victorioso este estado de todas as luctas, avançar inabalavel e forte pela scena do mundo, e apresentar o espectaculo de varias gerações de heroes, todos animados por um mesmo ardor para a independencia, gloria e prosperidade de seu paiz, não é isto um exemplo e uma lição digna de fixar a attenção da historia?»

*
* *

«E que possante vitalidade! Que exuberante energia em um povo moderno. Para este não basta repellir os mussulmanos, ter abatido a altiva Castella, haver conquistado a liberdade; dirige suas vistas ambiciosas além dos limites, que a natureza lhe traçou; e situado em frente do oceano, pensa já em submettel-o ao seu dominio. Christão, deita suas vistas rancorosas para Africa, e suspira por levar ás suas praias a invasão, que a si propria por tanto tempo assolou. Avida do bem estar e de riquezas, segue com olhos invejosos a rapida fortuna de Veneza, e sonha nos meios de abrir para si um caminho até ás opulentas regiões da India.

«Que novos prodigios vão apparecer aos olhos do mundo estupefacto! E que não devemos nós esperar d'este valente povo?

«Favorecidos, animados por um principe esclarecido, D. Henrique, arrojados mareantes se lançam á procura do incognito; para elles nada de obstaculos invenciveis, nada de fadigas, que não sejam supportadas com perseverança, nada de perigos, que não sejam arrostados corajosamente.

«Dentro em pouco as costas africanas são exploradas desde o Cabo Bojador até o Cabo da Boa Esperança, desde o Cabo da Boa Esperança até ao de Guardafui: a India é patenteada, a America descoberta, poderosos reinos destruidos por um punhado de homens; por mar e por terra um combate contra cem, e a victoria é sempre fiel aos portuguezes; colonias florescentes se estabelecem. Lisboa torna-se o emporio do commercio do mundo.

«Os grandes conquistadores da antiguidade e da edade média apenas deixaram vestigios infecundos de sua passagem: seus feitos tornaram-se mais

Digitized by Google

nocivos, que uteis á humanidade; porém os immortaes trabalhos de Bartholomeu Dias, que reconheceu o littoral africano, de Vasco da Gama, que dobrou o Cabo das Tormentas, e achou o caminho para as Indias, por tanto tempo procurado, de Alvares Cabral, de Almeida, de Albuquerque, que fundaram na Africa e na Asia o imperio portuguez: aquelles immortaes trabalhos, digamol-o, foram para o mundo inteiro uma fonte inesgotavel de prosperidade e de gloria.

«Ao lado d'esses nomes illustres a posteridade reconhecida collocou o de Pero da Covilhã e de Affonso de Paiva: este ultimo pagou com sua vida seu amor á sciencia e sua dedicação á patria. As emprezas d'estes ousados exploradores, fizeram conhecer o mappa das costas africanas, e contribuiram com as de Bartholomeu Dias para abrirem á Europa um novo caminho, que os devia conduzir ás Indias, sonho de todas as ambições.

«O genio de seus filhos, as descobertas maritimas, a immensa extensão do commercio, que d'ellas foi a consequencia, tudo concorreu para dar a Portugal a maior somma de grandeza, á qual um povo póde aspirar.

«As consequencias politicas emanadas das felizes explorações dos portuguezes, são de uma ordem de tal sorte elevada, que á primeira vista a intelligencia não conhece, senão mui fracamente todo o alcance; não as podemos comparar senão á invenção de Guttemberg no xv seculo, ou á mais recente, do vapor.

«Não o esqueçamos; é sómente a partir d'esta época, que se começou a comprehender o papel importante da marinha no futuro das nações, e que fonte de prosperidades o imperio do mar póde conceder aos povos.

«Foi Portugal que primeiro teve a gloria de revelar ás nações civilisadas, que não é sómente em seu territorio, que devem procurar sua fortuna; mas que tambem a podem tirar com seus navios dos pontos mais remotos do globo.

«Porém Portugal não devia gozar por muito tempo de seus triumphos, e seu explendor devia ser de curta duração. Arrastado por uma corrente irresistivel, tinha-se arrojado a uma empreza superior ás suas forças: não dando ouvidos mais que á sua coragem, sonhava ao mesmo tempo no dominio das Indias, do Brazil, da Africa Occidental, sonho d'um povo de gigantes, ao qual devia fatalmente succumbir, mas ao qual, façamos-lhe ao menos esta justiça, succumbiu gloriosamente.

«Faltaram os recursos a Portugal para sustentar seu dominio nas numerosas e longiquas colonias, que semeára no littoral da Africa e da Asia, e quando a Europa, invejosa de seu poderio, se ligou contra elle, trahido por suas proprias forças, esgotado em exforços generosos, mas impotentes, ficou incapaz de resistir, e succumbiu, no apogeu de sua gloria, abandonando aos outros povos os caminhos do extremo do Occidente, depois de por muito tempo ter sido o senhor temido d'elle.

«Tinha morrido Albuquerque! Heroe illustre, cuja gloriosa ambição e genio aventureiro foram uma das glorias do seu paiz, ao mesmo tempo que foram uma das causas da sua ruina! Seus successores, incapazes, avidos ou corruptos, não fizeram senão precipitar esta queda, e a decadencia de Portu-

Digitized by Google

gal d'ahi por diante tornou-se completa. Bem depressa o despota Philippe II, esse terrivel destruidor dos thronos, veiu pôr o cumulo aos males da nação portugueza, e n'um mez lhe arranca com seu rei a independencia e liberdade.»

O resto d'este livro è uma série não interrompida de elogios feitos a Portugal por causa dos seus melhoramentos de todos os generos, operados n'estes ultimos annos.

89) **BEAUCHAMP (M. ALFONSE DE)** — Litterato e auctor de *L'histoire de la guerre de la Vendée, etc.*

Nasceu em Monaco no anno de 1767, e falleceu em 1832. [1]

E. — I. *L'independence de l'empire du Brésil presentée aux monarches Européens.* Paris, 1824.

(Independencia do Brazil.)

II. *Histoire du Brésil, depuis sa découverte en* 1500 *jusqu'en* 1810, *contenant l'origine de la monarchie portugaise; le tableau du règne de ses rois, et des conquêtes des Portugais dans l'Afrique et dans l'Inde; la découverte et la description du Brésil; le dénombrement, la position et les mœurs des peuplades Bresiliennes; l'origine et les progrès des établissements portugais; le tableau des guerres successives, soit entre les naturels et les Portugais, soit entre ces derniers, et les différentes nations de l'Europe qui ont cherché à s'etablir au Brésil; enfin l'histoire civile, politique et commerciale, les révolutions et l'état actuel de cette vaste contrée par—. Orné d'une nouvelle Carte de l'Amérique Portugaise et de deux belles gravures.* Paris, 1815, 8.º

(Historia do Brazil.)

Compõe-se esta obra de 3 volumes, dos quaes o 1.º consta de 388 pag., o 2.º de 500, e o 3.º de 516. A estampa do 1.º representa a chegada de D. Thomé de Sousa, primeiro governador geral do Brazil; a do 2.º o acto de se arrojar ao mar o almirante hollandez Patry por vêr o seu navio perdido; e finalmente a do 3.º é um mappa do Brazil.

III. *Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal, pendant les années* 1807 *à* 1813, *plus la Campagne de* 1814 *dans le midi de la France, par le colonel sir John Jones, avec des notes et des commentaires, par —. Ornée de la Carte du théatre de la guerre d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1812, 2 vol., 8.º o 1.º de 380 pag. e o 2.º de 384.

(Historia da guerra de Hespanha e de Portugal.)

Esta obra é contraria á politica de Napoleão. Beauchamp assevera n'ella que na guerra da Peninsula morreram um milhão de homens.

«Exempto de qualquer sentimento de parcialidade o auctor esforçou-se, segundo suas proprias observações [2] e a correspondencia de officiaes sensatos

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 4.º, pag. 906.

[2] No prefacio, pag. XIX.

Digitized by Google

e intelligentes, a traçar uma narração militar, fiel e imparcial da ultima guerra, que se travou em Hespanha, Portugal e meio dia da França.

«O tratado de Fontainebleau apresentava uma tal infracção das leis da honra e da boa fé, que punha todos os contractantes no mesmo nivel, e obtendo vantagens incalculaveis para aquelle, que o tinha concebido para cumprimento de seus perfidos projectos, obstava a qualquer appello á piedade da Europa em favor do velho monarcha, victima de sua credulidade e fraqueza. (I pag. 5.)

«Junot, vendo que os portuguezes não podiam ser enganados por mais tempo com promessas, e que alguns motins parciaes despertavam outros mais perigosos, decretou que qualquer cidade ou villa, que se oppozesse aos francezes, havia de ser entregue ao saque: que os habitantes haviam de ser passados ao fio da espada, e as casas arrasadas. Além d'isto qualquer individuo encontrado com armas na mão, fosse debaixo de qualquer pretexto que fosse, seria fuzilado acto continuo. Adquiriram estas medidas nova força pela severidade terrivel, que empregou em Leiria o general Margaron. Mas o nome para sempre famoso do agente mais activo d'estas atrocidades é o de Loison: os cidadãos de Evora e da Guarda hão de conservar uma eterna lembrança d'ellas.

«Na primeira d'estas povoações os meios de defeza foram organisados pelo general Leite com um corpo de tropas hespanholas, e por conseguinte a resistencia foi antes uma defeza regular, do que um motim popular. Todavia Loison na occasião da tomada da cidade, a 29 de julho, a entregou ao saque, e em vez de reprimir as atrocidades da soldadesca, animou-as. Os que foram poupados, estremecem ainda com a lembrança dos actos d'uma crueldade reflectida e insultante, ás quaes se entregaram durante um dia inteiro. Uma immensidade de mulheres e de creanças, mas principalmente de padres, foram tirados de seu refugio e maltratados ou mortos. Testemunhas dignas de fé asseveram que alguns milhares de pessoas foram assassinadas durante o saque da Guarda: doze mil mortos foram contados no terreno. Ignoram-se as minuciosidades dos excessos commettidos por Loison na Atalaia, outra scena digna de suas façanhas. Como os habitantes eram em pequeno numero é bem de perceber que não perdoou a ninguem, com o fim de melhor causar terror. Similhantes crueldades foram praticadas n'outros logares. Contribuições excessivas eram exigidas rigorosamente, e a impossibilidade de as pagar servia de pretexto para a pilhagem illimitada.

«Estas vexações e horrores deram consistencia aos movimentos; e ao passo que o general Freire se esforçava para organisar a insurreição ao norte, numerosas guerrilhas sem disciplina ás ordens do conde Castro Marim se espalhavam no Alemtejo.

«Assim o fogo da revolta envolvia o paiz occupado pelos francezes. Todavia eram senhores das fortalezas de Almeida, Elvas, Peniche e differentes outras posições como Setubal, Palmella, S. Julião, Bugio, etc. Tal era a situação de Portugal, quando os inglezes vieram em seu soccorro. (I pag. 36.)

«Os portuguezes são um povo eminentemente apto para os combates: os

Digitized by Google

soldados tirados das classes inferiores, são em geral robustos, pacientes e doceis, ao passo que os militares, que receberam educação, conservam a lembrança das proezas de seus maiores, e amam as emoções violentas, que faz experimentar o orgulho das armas. Todavia muito tempo se tinha passado sem estas qualidades se terem desenvolvido. O governo, conscio da fraqueza de seus recursos e contando com a amizade e poder de Inglaterra, tinha sempre recorrido a ella na hora do perigo. N'esta crise, sempre movido pelos mesmos sentimentos, entregou-lhe com confiança e sem restricções o cuidado de guiar os seus exercitos. O general Beresford, escolhido pelo ministerio inglez foi, em fevereiro, nomeado marechal e commandante em chefe do exercito portuguez; e ao mesmo tempo officiaes inglezes foram nomeados para os postos superiores de cada batalhão. Estas medidas introduziram promptamente um systema geral de disciplina e de subordinação, mudança tão necessaria para tornar o exercito formidavel. (I pag. 92.)

«As tropas portuguezas, que tomaram parte na batalha do Bussaco, portaram-se com valor, e desde então poude-se contar com o appoio de suas armas, as quaes cada combate havia de tornar mais formidaveis. (I pag. 184.)

«Na guerra Peninsular depois da tomada de Tarragona e Valencia a Hespanha sem exercito regular foi reduzida por algum tempo a potencia auxiliar, e o cuidado da guerra foi inteiramente confiado aos portuguezes e inglezes. (I pag. 313.)

«É com sentimento d'uma grande satisfação que se póde asseverar que na época em que Ciudad Rodrigo e Badajoz foram tornadas a tomar, Bonaparte achava-se no auge da gloria e do poder. Estendia-se seu imperio desde o Elba até aos Pyreneos, e desde as costas do mar do Norte até ás aguas do mar Adriatico, ao passo que em toda a Europa continental reconhecia-se e temia-se sua superioridade militar. Para prova da ultima asserção não temos outra necessidade senão de recordar os differentes decretos arbitrarios que, na arrogancia d'uma auctoridade sem freio, fazia apparecer para estorvar e restringir a industria do mundo. Obedecia-se-lhe sem nenhum movimento hostil: o poderoso e o fraco conformavam-se com isso plenamente, ainda que contra vontade, a Russia duplamente ao abrigo de sua intervenção por causa de sua immensa extensão, e por sua posição afastada, julgou prudente submetter-se-lhe, até que finalmente sendo ameaçada a propriedade de seu imperio com uma adhesão mais longa, esforçou-se por meio de representações amigaveis a obter uma exempção. Não tendo podido conseguir coisa alguma, a discussão tomou por este tempo a fórma de reprehensão aspera, precursora ordinaria da guerra. Mas como uma longa série de acções tyranicas e de replicas insultantes não a tinham feito abraçar uma resistencia aberta, não se podia duvidar que estava nas mãos de Bonaparte conservar seu alliado por meio de attenções conciliadoras e amigaveis. Nada tinha pois que receiar do exterior, que podesse desviar sua attenção dos negocios de Hespanha, e o historiador imparcial, seja de que paiz fôr, é obrigado a recordar que esses triumphos brilhantes, que os portuguezes e inglezes obtiveram sobre os exer-

Digitized by Google

citos francezes, foram ganhos no momento, em que Bonaparte estava em amizade com todo o resto do mundo, e que seu imperio militar estava no zenith de sua força e gloria. (II pag. 41.)

«As forças francezas além dos Pyreneos, em maio de 1812, excediam a cento e setenta mil homens, quasi todos soldados velhos, e commandados por officiaes distinctos. Soult tinha ás suas ordens cincoenta e oito mil homens na Andaluzia; Marmont cincoenta e cinco em Leon; Souham dez mil (o exercito do Norte) na Castella Velha; Suchet quarenta mil em Aragão e nas provincias do Este; e Jourdan podia dispor de quinze mil homens, chamados o exercito do centro para segurança de Joseph e tranquillidade de Madrid. E a capitulação de Valencia tinha privado a Hespanha de quasi todas suas tropas, que tinham adquirido alguma experiencia em seus numerosos e desgraçados esforços. O governo não tinha dinheiro para apromptar outras forças, quando mesmo os hespanhoes se resolvessem a secundal-o, os quaes fatigados d'uma guerra que parecia interminavel, abalados pelos revezes continuos, tinha caido n'um estado de turpor e de desalento. Até o proprio systema de guerrilhas perdia todos os dias sua influencia geral. (II pag. 43.)

«Os exercitos, porém, inglez e portuguez tinham chegado a uma grande perfeição, e seu general não querendo permittir que o repouso dos hespanhoes degenerasse em apathia, decidiu-se a tomar a offensiva, livrando as provincias do Sul. (II pag. 46.)

«E pouco depois os portuguezes tomaram setecentos prisioneiros perto de Salamanca, e poucos dias mais tarde Marmont foi completamente derrotado *Jamais armé ne fut en déroute plus complète.* (II pag. 65.)»

90) **BEAUVAIS** (Pere).

E. — *La vie du Vénérable Pere Jean de Britto de la Compagnie de Jesus, mis à mort aux Indes dans le Maduré.* Paris, 1746.

(Vida do padre João de Brito.)

Vem annunciada a apparição d'esta obra a pag. 318 do *Journal des Sçavants*, do referido anno.

91) **BEAUVOISIN** (Chevalier CALMET).

E. — *Notice sur les nouvelles Cartes d'Espagne et de Portugal.* Paris.

92) **BEAVER** (Capitain PHILIP).

E. — *African memoranda relative to an attempt to establish a settlement on the Island of Bolama, on the Western coast of Africa in the year* 1792. London, 1805.

(Sobre a posse da ilha de Bolama, que os inglezes diziam pertencer-lhes.)

93) **BEAVES** (The late WYNDHAM).

E. — *Civil, commercial, political and litterary History of Spain and Portugal.* London, 1793, 2 vol.

(Historia de Hespanha e de Portugal.)

Digitized by Google

Vê-se esta obra citada no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

94) **BEBRINSAEZ (ANASTASIO FRANCO Y).**

(Anagramma de Sebastian Sanchez Sobriño.)

E. — *Viage topographica desde Granada até Lisboa.* Granada, 1774.

«Foi elle que nos deixou informações ácerca da primeira collecção de inscripções feita em Lisboa por Cenaculo, e que juntamente com Salgado começou o catalogo do monetario então ainda pequeno do dito bispo.» [1]

95) **BECKFORD (WILLIAM).**

E. — I. *Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha by the author of Vathec.* London, Richard Bentley, 1835, 8.° gr. com o retrato do auctor, 228 pag.

D'esta obra, que pinta admiravelmente os costumes e a phisionomia da sociedade portugueza no ultimo quartel do seculo XVIII, serviu-se Rebello da Silva para a formação da parte historica do seu romance *Lagrimas e Thesouros.*

II. — *Italy with sketches of Spain and Portugal.*

Além d'estas duas obras escreveu uma collecção de cartas relativas a Portugal, das quaes ainda não pude encontrar um unico exemplar, mas de que apparecem extractos na obra abaixo mencionada com o titulo de *Memoirs.* De algumas das referidas cartas appareceu uma traducção publicada no volume XII do *Panorama,* e por ella se vê descreverem os costumes e côrte de Portugal interessantissimamente, no reinado de D. Maria I, motivo pelo qual passo a transcrever algumas passagens.

«Beckford era filho d'aquelle espirituoso William Beckford, que sendo lord maire em Londres, [2] com resolução rara dirigiu a Jorge III em 1770 as severas queixas do povo contra o seu governo. Este acto de valor levou os cidadãos da capital a perpetuarem a boa memoria do magistrado, erguendo-lhe na casa da camara a audaciosa estatua, que sustenta no braço erguido a famosa falla, origem da sua popularidade. [3]

«Grandes riquezas, e a importancia que ellas quasi sempre dão, unidas a um caracter vigoroso e respeitavel, tinham determinado a eleição de William; e parece que o conceito publico, nunca desmentido, o acompanhou até á sepultura, á qual desceu em edade pouco adiantada, deixando por universal herdeiro de seus immensos bens, reputados em cem mil libras estrelinas de

[1] Hübner — *Noticias Archeologicas de Portugal*, pag. 6.

[2] Luiz Augusto Rebello da Silva — *Panorama*, vol. 12.°, pag. 266.

[3] A biographia e historia de suas viagens vem na obra intitulada *Memoirs of William Beckford of Fonthill, author of Vathek.* In two volumes, London, Charles J. Skeet, Publisher 1859, o 1.° vol. de 352 pag. e o 2.° de 402. A descripção das viagens do Beckford em Portugal, começa a pag. 277 do 1.° vol.

Digitized by Google

rendimento annual, a seu filho unico, ainda menor, que é o mesmo que veiu a Portugal em 1787, e veremos estimado dos fidalgos, e bemquisto até dos plebeus, graças ao condão, que possuia de saber insinuar-se.

«Concluidos os seus estudos, o mancebo, notavel pela magnificencia do seu trato, e pelos grandes talentos, com que a realçava, foi olhado como um dos cavalheiros mais distinctos da Grã-Bretanha, e a sua alliança invejada pelos orgulhosos fidalgos da antiga e poderosa aristocracia.

«A sua escolha não se demorou. Em 5 de maio de 1783 Beckford ligava a sua sorte, e offerecia os seus thesouros á formosa e seductora Margarida Gordon, filha do conde Aboyne, par de Escocia, e n'este doce enlace abençoado por todas as venturas cifrava o jubilo e a esperança da sua mocidade.

«Mas os mais felizes e opulentos estão expostos, como os pobres e humildes, aos mesmos rigores da fortuna.

«Passados tres annos, quando os laços do amor conjugal, se é possivel, estavam mais apertados, a esposa de Beckford foi arrancada de repente aos extremos de seu marido, e sepultou comsigo no tumulo todas as alegrias, que o ditoso consorcio havia feito nascer.

«Dando á luz o segundo fructo da sua união, Suzana Eufemia, depois duqueza de Hamilton na Escocia, de Brandon em Inglaterra, e de Chatellerant em França, lady Margarida não poude resistir aos effeitos de um parto desastroso, e expirou nos braços de seu marido. A magua d'este foi sincera e longa; e a vista dos logares, que lhe recordavam os serenos dias, tão curtos! do seu amor tranquillo tornou-se-lhe insupportavel. Para não ceder á intima e desesperada tristeza, que o consumia, separou-se pois de suas filhas, e deixou a Inglaterra, procurando o allivio d'ella nas variadas sensações d'uma viagem extensa. Executou o projecto em 1787, e começando pelo reino de Portugal, aportou a Lisboa, seguindo directamente de Falmouth.

«Apezar do tempo e da inquietação, com que de proposito queria sobresaltar-se, a sombra querida da esposa não se lhe apagava da alma, e até no meio dos prazeres e regozijos o vemos de repente desviar-se para enchugar as lagrimas, que lhe arranca a suave imagem, sempre viva no fundo do seu peito.

«A carta XXIII é uma prova do que dizemos.

«Admittido a beijar a mão da rainha, e a assistir com a côrte a um festejo, o observador interrompe-se de subito para nos descobrir a nodoa indelevel, que lhe pizava o coração.

«A similhança casual, que se lhe figurou achar entre o rosto da condessa de Lumiares e o da esposa, que chorava, foi quanto bastou para logo se commover e arrebatar! Por mais que tente conter-se, foge-lhe dos labios a verdade; e por fim nem elle mesmo lucta já para a esconder.

«Ouçamol-o: O conde de Sampaio, camarista de semana, ajoelhou e offereceu assim o chá á rainha. Depois d'esta cerimonia, porque tudo é cerimonioso n'esta côrte cheia de ostentação, annunciou-se o fogo de artificio, e as reaes victimas acompanhadas das suas victimas entraram em outra sala. A marqueza de Marialva, suas filhas e a condessa moça de Lumiares, vieram para o aposento, aonde eu me achava, e apossaram-se das janellas. Sete ou

Digitized by Google

oito rodas de fogo, e outros tantos valverdes collossaes começaram a arder, lançando admiraveis foguetes por todos os lados, com grande alegria da condessa de Lumiares, que não conta ainda mais que dezeseis annos, e já é casada ha quatro. A sua jovialidade quasi infantil, e as loiras madeixas que se annelavam, emmoldurando as faces risonhas e vivas de côr, fizeram-me lembrar tanto da pobre Margarida, que a sua vista me infundia a mais terna melancolia. O estado interessante em que se achava, ainda augmentou a illusão; e emquanto ella sentada, me apparecia por vezes envolta no clarão azulado dos foguetes, que subiam silvando, e estalavam no ar, eu estremecia como se um espectro surgisse de repente, e dava por mim com os olhos banhados em lagrimas.

«Nos fins de 1787 Beckford passou a Hespanha, e escreveu ácerca d'esta segunda viagem outra collecção de curiosas cartas.

«Depois recolheu-se á patria, e lá residiu, ora em Londres, ora na sumptuosa abbadia de Fontill, morada de principes, que a sua inclinação ás novidades e ao explendor o decidiram a enriquecer de magnificas obras no estylo gothico da renascença.

«Em 1794 uma accusação grave, que se julga provada, obrigou-o a sair precipitadamente da Grã-Bretanha, refugiando-se em Portugal, para onde o attraiam os laços da convivencia anterior e as sympathias pessoaes.

«Então é que edificou em Cintra, n'um dos pontos mais pittorescos, a casa de recreio de Monserrate, sumptuoso capricho d'uma imaginação, que sabia crear e desejar.

«O marquez de Marialva estimava o opulento inglez, e em casa d'este fidalgo, tão distincto pelo sangue e pela cortezia, é que elle avaliára o conchego amavel e a benevolencia intima da hospitalidade portugueza.

«Sabedor da causa que forçára o amigo a expatriar-se, e do processo que o ameaçava na sua terra, o marquez não poupou diligencias com o principe D. João para o resolver a interpor a sua protecção, recommendando a Jorge III o negocio de Beckford, e alcançando, como a final obteve do governo britannico, a promessa do mais completo esquecimento.

«Em testemunho da sua gratidão o estrangeiro pediu licença para offerecer á rainha quatro soberbos lustres de filagranna de oiro destinados a ornarem a capella real: mas a soberana recusou, entendendo que não ficava airosa a sua corôa, acceitando de um particular presente de tanta valia. Beckford, tendo vivido alguns annos em Portugal, requereu o titulo de visconde, e pediu a mão de uma filha natural da casa de Marialva, segundo se crê; porém a sua qualidade de estrangeiro, e a religião protestante, que professava, não lhe permittiam obter nem uma, nem outra coisa.

«O fausto oriental do seu trato pessoal eclipsava já a grandeza do throno, e conselheiros menos prudentes insinuaram a necessidade de o constranger a abreviar a sua residencia.

«Seguiu-se esta perniciosa opinião, e o opulento proprietario, contra vontade, e muito a seu pezar, teve de deixar o paiz, que desejára adoptar para patria, transportando para elle as suas immensas riquezas.

Digitized by Google

«Voltando para França e Italia, e assignalando por toda a parte a sua passagem, Beckford recolheu-se a Inglaterra; e em Fontill, onde morava quasi todo o anno, ostentou as posses da magnificencia, e o gosto delicado, com que sabia utilisar os seus thesouros.

«Bekford, antes de cerrar os olhos, ainda teve a satisfação de receber em sua casa a neta de D. João VI, a rainha D. Maria II, quando veiu a Londres aguardar que a espada dos portuguezes ficis á sua causa, lhe restituissem a corôa dos seus reinos usurpados

«A abbadia de Fontill, depois da morte do proprietario, vendeu-se em hasta publica; e um capitalista, M. Farquhar, foi quem a arrematou por trezentas e quarenta mil libras esterlinas.

«No meio dos primores d'arte, que ennobreciam o seu palacio, os objectos que recordavam a sua longa residencia em Portugal occupavam o primeiro logar; e na sua instructiva conversação eram frequentes as saudades, com que o faustuoso inglez confessava ter sido constrangido a separar-se do nosso brando clima, e dos lindos olhos, que o levariam a esquecer a patria, se mesquinhas invejas lhe não cortassem os desejos, e não o afastassem para sempre.» [1]

CARTA I

Passeio a Palhavã

30 *de maio de* 1787.

«Horne induziu-me, bem contra minha vontade, a acompanhal-o na sua sege portugueza á residencia dos filhos bastardos de D. João V, em Palhavã, em vez de proseguir as minhas costumadas excurções pela beiramar. É detestavel a estrada até aquelle magnifico jardim, nem conheço outra mais infestada de mendigos, cães, moscas e mosquitos. A quinta pertencente ao marquez de Louriçal fica n'uma cova, e o basto arvoredo, que a cerca nem passagem deixa á viração do ar; por isso eu abafava á sua sombra.

«Um grande espaço plano da banda da frontaria da casa de campo está occupado com tristonhos labyrintos de murta tosquiada; de que surgem altas pyramides, no desprezivel estylo hollandez do, que foi plantado pelo rei Guilherme em Kensington, e arrancado ha annos pelo rei Jorge III. Para lá d'esta brenha intrincada ha extensos carreiros de perenne verdura sombria, litteralmente, e com grande propriedade denominados ruas, mais apertadas, com maior formalidade, e não menos pulverulentas do que High-Holborn. Tomei d'ahi para uns canteiros de hortaliças e plantas aromaticas de regadio, fechadas por uns caniçados muito limpos, que engrinaldavam mui perfeitas e virentes rosas, do todo livres de insectos e polilha, dignas de se espargirem nos leitos, ou metter no seio de Lais, Aspasia ou lady... Bem sei eu o enthusiasmo, com que toda a pessoa de bom gosto se deleita n'estas amaveis flores: e quan-

[1] William Beckford foi viajante instruido, observador penetrante, e escriptor naturalissimo e desaffectado. Luiz Augusto Rebello da Silva, *Lagrimas e Thesouros*, pag. IV. Nunca pude vêr o *Vathec*, tudo porém, até mesmo algumas palavras de lord Byron me inclinam a acreditar ser um romance.

Digitized by Google

to a miudo e em versos harmoniosos foram pelo Ariosto celebradas. E não tem lady... um camarim pintado todo de rosas? Por ventura não as esfolha no seu banho, e de nenhumas outras flores enfeita os seus idolos?

«Quem lhe contestará esse direito?

«Em quanto eu estava poeticamente embevecido nas rosas, Horne travou conversação com um tal mestre de picaria anglo-portuguez, da casa de suas altezas bastardas, o qual trazia sua cabelleira mui composta e bem polvilhada, lustroso espadim de punho de prata, toda a andaina do fato de côr carmezim, e era dotado de uma guapa e bojuda pança.

«Com a mão direita na abertura do colete, e a outra em acção de tomar a pitada, encarecia a piedade, temperança e pureza de vida de seus augustos amos, que viviam retirados do mundo, em perfeito estado de socego, aborrecendo companhias profanas, nem sequer olhando para as mulheres.

«Curioso de vêr a vivenda d'estes sisudos regios enxertos, entrei no palacio: nem um insecto se bolia, nem se ouvia o mais leve susurro. Os aposentos principaes consistiam n'uma série de salas de tectos altos, magestosas, e forradas uniformemente de damasco carmezim escuro: o topo de cada uma era coberto por um pezado docel de veludo lavrado: da direita e esquerda estavam enfileiradas immensas poltronas dos mesmos materiaes: nada de espelhos, de pinturas, doirados, ou decoração, nada mais do que monotona tapeçaria: até as mezas tapavam pannos de veludo franjados, no gosto d'aquelles que as nossas viuvas ricas usavam antigamente para arreiarem seu tocador. Basta a vista das mezas assim tapadas para fazer suar a gente; e não posso atinar como o diabo tentou os portuguezes a buscar moda tão sediça.

«Este gosto de vestir saias ás commodas e bancas é geralmente havido aqui por bonito, ao menos nos aposentos reaes. Em Queluz nenhuma mesa de jogo ou de jantar escapou; e suspeito que não poucos vestidos velhos da côrte foram desmanchados para fornecerem aquelles atavios; ha de todas as côres, lisos ou floreados, com ramagens campezinas, ou esplendidamente recamados. Não assim em Palhavã, onde só predomina o carmezim, tingindo sem rival todos os objectos com a sua regia côr opaca. Arrumadas á parede entre duas das sobreditas mezas, estão duas poltronas para suas altezas, e defronte uma ordem de cadeiras para os reverendos em Christo, que de tempo a tempo tem a honra da admissão.

«Quanto póde a força da educação! Que exforços não demandaria da parte das aias, escudeiros e camaristas abafar todas as vividas e generosas sensações no animo dos principes, que educavam, violentar a natureza humana, sujeitando-a aos habitos d'uma realeza sem poder! A magestade sem dominio é de todas a carga mais pezada. Um soberano achará em que se occupe; tem a escolha do bem ou do mal; porém, principes como os Palhavã, sem mando, nem influencia, que nada mais tem a manter do que uma imaginaria grandeza, bocejarão com o espirito hebetado, e no andar do tempo se mostrarão tão cerimoniosos e inanimados como as pyramides de buxo enfezado em seus jardins. Quanto mais felizes foram os rapazes, que o rei João entendeu, que não devia reconhecer, e que não são pouco numerosos, porque o piedoso mo-

Digitized by Google

narcha «largo como os seus dominios, espalhava a imagem e similhança do seu creador pela terra.» Talvez que esses, emquanto seus irmãos bocejam inertes debaixo de enferrujados doceis, passem a vida zangarreando em suas violas nos ranchos vadios e descuidadosos passeios ao luar, ou saracoteando-se no alegre fandango, ou gozando do profundo somno, das iguarias campestres, e das galhofas, revestidos do caracter de curas d'alguma festiva povoação rural.

«Folguei de vêr-me fóra do palacio: o silencio, a luz fraca desalentavam-me, e n'uma atmosphera restricta, impregnada do cheiro de alfazema queimada, quasi desfallecia. Estou sequioso de ar. Nem é coisa que mova espanto; póde uma pessoa achar-se tão bem na cama com um esquentador, como dentro d'uma sege portugueza com o corpulento Horne, que ostenta a volumosa barriga, ataviada n'esta estação com um colete de brilhantes lantejoulas. Forçoso me é partir para Cintra, ou morrer abafado.»

CARTA II

Jardim Botanico — Açafatas do paço

31 *de maio de* 1787.

«Debalde chamo pelas nuvens, que me cubram, e por nevoeiros, que me envolvam. Não podeis formar adequada idéa do continuo deslumbramento, que nos offusca a vista, n'este afamado clima. Lisboa é de todo o mundo o sitio mais apto para se exclamar: —Abriga-me da pomposa claridade do dia! Mas achar o abrigo não é coisa facil. Nem aqui ha mattinhas de pinheiros, como nas classicas quintas italianas, nem os tremulos choupos e folhudos castanheiros, que cobrem as planicies da Lombardia. O arvoredo nos arredores mais proximos d'esta capital, consta, com bem poucas excepções, de larangeiras anãs e cinzentas oliveiras.

«Estava eu determinado a não bolir pé fóra da sombra do meu toldo; mas de tarde, tendo afrouxado algum tanto o extremo ardor do sol, o velho Horne (que parece que ainda lhe não nasceu o dente do siso) conseguiu mover-me a passeiar no Jardim Botanico, onde não é raro encontrar certos animaes de pouca edade, e do genero feminino, chamados em portuguez açafatas, especie entre a camareira e a dama de honor. A rainha fizera o favor de levar comsigo para as Caldas, as mais feias; e as que ficaram tem rasgados olhos pretos, em que scintillam amorosas tendencias, uma exuberante trança de cabello azevichado, e beicinhos da côr das rosas. Tudo isto não constitue uma belleza perfeita, nem eu quero dizer isso, só quero que fiqueis sabendo que as nymphas de que fallo, são as flores do rancho da rainha, e que ella tem na sua comitiva, pelo menos, quatro ou cinco duzias mais d'essas damas dotadas de boccas grandes, olhinhos franzidos e tez morena.

«Não me achando assaz habilitado para florear cumprimentos em lingua portugueza, dirigi principalmente a conversação a uma irlandeza de olhos azues, amavel rapariga de quinze a dezeseis annos, recem-casada com um official das alfandegas de sua magestade. O marido foi a uma romaria a Nossa Senhora do Cabo, e a senhorita espaneja-se no Jardim Botanico com as da-

Digitized by Google

mas do paço e um rancho de sopranos, que lhe ensinam a gargantear e a fallar italiano; bem digna é de se lhe ensinar o que cada um sabe: o seu cabello d'uma mimosa côr de castanha e as suas bellas feições e fórmas gregas, fazem notavel contraste com a pelle morena e madeixas pretas das suas companheiras; parece um ente sobrenatural, que se evade ao longo das alamedas, deixando muito atraz os bojudos sopranos, e as mal amanhadas açafatas em pasmaceira á vista da sua agilidade.

«O jardim é bastante agradavel, situado n'uma eminencia, cheio de arvores frondosas carregadas de flôres; acima das suas mais altas copas eleva-se um soberbo e espaçoso terraço com balaustradas de marmore de lustrosa alvura e d'um singular molde oriental.

«N'este paiz desenham sem escolha, mas o lavor da obra é mui puro e perfeito. Nunca vi balaustres melhor cinzelados do que os da escadaria que conduz ao terraço grande.

«Esta ampla superficie é dividida em repartimentos oblongos de marmore contendo variedades, em pouca abundancia, de heliotropios, aloes, geranios, rosas da China, e de plantas mais communs das nossas estufas: tão pezadas divisões produzem desagradavel effeito; fazem lembrar um cemiterio, e causaram-me uma impressão como se os habitantes defuntos do palacio adjacente brotassem do chão na fórma de espinheiros, figueiras da India, loução azevinhos e pimenteiras.

«O terraço terá mil e quinhentos passos de comprido; tres copiosas fontes lhe dão um ar de frescura bastante augmentado pela ondulação de grandes acacias, expostas em virtude da sua situação elevada a toda a brisa, que sopra da foz do Tejo, cujas bellas aguas azuladas se descobrem com um bom effeito atravez da movediça ramagem.

«A senhorita ingleza e o vosso fiel correspondente correram como creanças ao longo do terraço, e, quando fatigados, repousaram á sombra d'um grupo de gigantes aloes brazilicos, junto d'uma das fontes. A porção fusca da companhia de passeantes separou-se do seu principal guarda, um guapo clerigo moço, para observarem todas as excursões e descanços de nós outros gente branca.

«Era já tarde, e havia alguns minutos que se tinha posto o sol, quando me despedi. Os olhos pretos e os olhos azues parecem-me horrivelmente ciosos uns dos outros. Receio que a minha juvenil e espirituosa companheira tenha soffrido alguma coisa por ter sido mais esperta que as açafatas, e que a beliscassem com alguns remoques, quando a companhia se recolhesse pelos escuros e intrincados passadiços, que dão serventia do paço d'Ajuda para os jardins. Ruim lembrança deixar assim uma bella e jovem creatura em mãos de altivas e despoticas mulheres, que tão inferiores lhe são na polidez e em formosura Aposto que teriam o especial cuidado de encher os ouvidos do marido com suspeitas menos caridosas, do que as inspirações da Senhora do Cabo.»

Digitized by Google

CARTA III

Bispo do Algarve — Arcos das Aguas Livres — Marquez de Marialva

3 *de junho de* 1787.

«Fomos por especial convite ao real convento das Necessidades, pertencente aos congregados, vêr a cerimonia da sagração do bispo do Algarve, padre d'esta casa; estivemos collocados defronte do altar n'uma tribuna atulhada de figurões de lustrosos trajos, pessoas relacionadas com o novo prelado. O pavimento estava alcatifado com ricos tapetes e cochins de veludo, onde se podia ajoelhar muito bem; mas, não obstante esta commodidade pensei que a cerimonia nunca acabava. Havia um excessivo explendor de cruzes, thuribulos, mitras e baculos em continuo movimento, porque varios bispos assistiam com toda a sua pompa.

«A musica, que era extremamente simples e pathetica, parecia commover profundamente os fidalgos, que ficaram ao pé de mim, pois que mostravam semblantes compungidos e batiam nos peitos, como quem se considerava que a maior parte d'elles são miseraveis peccadores. Sentindo-me opprimido pelo calor e pelo sermão, effectuei a minha retirada da explendida tribuna sorrateira e caladamente, e passei para o jardim por alguns corredores estreitos, tão quentes como tubos de chaminé. Mas isto era sómente mudar de uma scena de formalidades para me encerrar em outra. Eu almejava por ar, e a fim de gozar d'este beneficio evadi-me por uma portinha para o silvestre e despejado valle de Alcantara. Tudo ahi estava solitario, ouvindo-se o zumbido das abelhas, e as frescas virações sopravam da entrada do Tejo por cima das copadas larangeiras dos pomares. O susurro refrigerante da agua nas azenhas parecia dar-me vida nova.

«Arrostei com o ardor, e encaminhei-me para aquella parte do valle, que atravessa o enorme aqueducto, que tantas vezes tendes ouvido mencionar como o edificio mais colossal do seu genero na Europa. Tem uma só ordem de arcos ponteagudos, e o principal, galgando um rapido ribeiro, mede quasi 250 pés de altura.

«Mas n'este aqueducto é a vastidão, e n'uma fieira de arcos, que infunde assombro. Sentei-me no fragmento d'um penedo debaixo do arco grande, e olhei para aquella abobada lá tanto acima de mim com certa impressão de respeito não de todo desacompanhada de temor, como se o edificio, que eu contemplava fosse obra d'um ente incommensuravel dotado de força gigante, a quem désse a teneta de andar saracoteando n'essa manhã por cima da sua construcção, e por capricho bruto me reduzisse a impalpaveis atomos. [1]

«Perto do sitio, onde me sentei, havia alguns cerrados cheios de cannas da altura de onze ou doze pés, cujas folhas viçosas, agitadas pela viração, faziam perenne susurro; gostei d'este murmurio, que me acalentava n'um es-

[1] Na *Historia da Academia das Sciencias de Paris*, anno de 1772, 2.ª parte, vem o plano do Aqueducto das Aguas Livres. Existe um outro plano levantado pelo engenheiro hydraulico Joseph Therese Michelotti.

Digitized by Google

tado de repouso bem necessario depois das fadigas de trepar por alcantis e precipicios.

«Logo que recolhi do passeio, Horne levou-me a jantar com elle, e depois ao palacio de Marialva afim de pagar uma visita ao grão-prior. O pateo cheio de mesquinhas seges, recordou-me a entrada d'uma casa de posta em França; lembrança que não foi desvanecida pelo aspecto de volumosos montes de estrume, por entre os quaes não andamos pequeno espaço até á escadaria principal, tendo empeçado n'uma porca que alli retouçava com uma numerosa progenie fugindo por entre as nossas pernas, com queixosos grunhidos.

«Esta bulha annunciou a nossa chegada, vindo receber-nos o grão-prior, e seu sobrinho, o abbade velho, e um tropel de criados; todas as principaes familias portuguezas são infestadas de bandos d'estes, em geral, desfavorecidos dependentes, e ninguem mais que os Marialvas, que distribuem diariamente trezentas rações, pelo menos, de arroz e outros comestiveis a tão avidos devoradores.

«O grão-prior desataviado de seus habitos prelaticios fez as honras da casa, e nos conduziu promptamente a todos os aposentos, e ao picadeiro, onde o marquez velho, seu irmão, posto que de edade bastante avançada, ostenta os primores da mais consummada picaria. Parece ter decidido gosto pelos relogios de parede, bussolas e pendulas; contei nada menos de dez no seu quarto de cama, quatro ou cinco em plena oscillação dando estrondosos assobios; tocavam e davam horas, porque eram as seis em ponto, quando eu seguia o meu conductor subindo e descendo meia duzia de lanços de escada até uma sala forrada de damasco desbotado.

«No centro d'este antiquado aposento havia uma mesa atulhada de raridades postas alli por ostentação; curiosas obras de conchas, crucifixos de marfim, modelos de navios, xaireis bordados de pennas, e Deus sabe quantas coisas mais, tudo recendendo a camphora d'um modo capaz de tombar um homem.

«Quando nós olhavamos com grande applicação tapando o nariz com os lenços, appareceu o conde V... vice-rei do Algarve, de grande uniforme verde e agaloado, e de pernas largas fazendo tregeitos, como a quem tinha acontecido algum accidente desagradavel.

«Comtudo estava na melhor disposição, e era o novo bispo, que com muita complacencia recebeu, assim que se fez conhecer, os nossos cumprimentos.

«A conversação sustentou-se coxeando intercalada de variedade de idiomas, hespanhol, italiano, portuguez, francez e inglez, todos por seu turno em rapida successão. Os assumptos d'esta salgalhada polyglota foram as magnificencias e piedade do rei D. João V, o pezar pela extincção dos jesuitas, e o inverso pela morte do marquez de Pombal, á memoria do qual o bispo consagra pouco menos que a execração. Este fluxo de eloquencia era acompanhado pelas mais extravagantes e ridiculas visagens, que eu tenho observado, com uma chuva de perdigotos, porque o vice-rei tendo continua humidade de bocca baba-se a cada syllaba. Comtudo não se deve decidir de salto pelas apparencias exteriores. Este personagem babão e manhoso é um distincto esta-

Digitized by Google

dista e habil empregado, preeminente entre os poucos, que teem prestado serviços e dado provas de vigor e capacidade.

«Para evadir-me ás enfadonhas narrações, que me escandeciam os ouvidos, refugiei-me ao pé d'um cravo, ao qual cantava, fazendo ao mesmo tempo acompanhamento o Polycarpo, um dos primeiros tenores da real capella. Meio corridas as cortinas da porta d'um escuro quarto contiguo, deixaram-me entrever um transitorio vislumbre da pessoa de D. Henriqueta de L..., irmã de D. Pedro, adiantando-se n'um momento, e retirando-se logo no outro, desejosa de approximar-se e examinar as nossas figuras estranhas, porém não se aventurando a entrar na sala na ausencia de sua mãe; pareceu-me uma interessante menina com olhos d'uma languidez feiticeira; do que oiço dizer a seu respeito só divisei uma figura pallida, evaporavel como as que a phantasia nos finge ás vezes em sonhos. Um grupo de amaveis creanças, suas irmãs, creio eu, sentavam-se no chão a seus pés, similhando genios occultos parcialmente nas dobras dos cortinados n'alguns bellos quadros allegoricos de Rubens ou de Paulo Veronense.

«Aproximada a noite brilharam as luzes nas torrinhas, terrados, e por toda a parte da singular mistura, de que é composto este palacio com parecenças de mourisco; metade da familia occupava-se a rezar a ladainha, outra metade com venetas e brincos, talvez de natureza pouco edificante; as monotonas vibrações da guitarra acompanhadas do ameno e brando susurro das vozes femininas entoando modinhas, tambem formavam uma extraordinaria, posto que não desagradavel combinação de sons. Escutava eu com avidez, quando o clarão de archotes e a bulha d'agua batida dos remos nos attrairam ás varandas a tempo de presencear uma procissão, que de maravilha se terá visto desde o tempo de Noé; duvido que a sua arca abrangesse uma collecção de animaes mais hoterogenea do que saiu d'um escaler de cincoenta remos, d'onde desembarcaram o velho marquez de M... e seu filho D. José, acompanhados d'um enxame de musicos, poetas, toireiros, lacaios, frades, anões e rapazes de ambos os sexos, phantasiosamente vestidos.

«Parece que todo o rancho voltava d'uma romaria a certo Santo da outra banda do Tejo.

«Primeiro saltou um anão corcovado, assoprando uma pequena e chiadora trombeta, logo em seguida um par de capitães de guias apparentemente commandados por um personagem fanfarrão, velho e burlesco, de uniforme apparatoso, e que me disseram ter representado a parte d'uma especie de brigadeiro geral n'uma casta de ilha: se fosse a Barataria, Sancho o teria cedo despojado de cargo, porque, a acreditar a chronica escandalosa de Lisboa, de raro apparece um truão mais impudente, parasita e ratoneiro.

«Logo nos calcanhares d'estes vinham com affectada gravidade um frade de aspecto selvagem, alto como Sansão, e mais dois capuchinhos pezadamente carregados, ignoro com que previsões; apoz dos frades um boticario muito magro e descorado, todo vestido de preto, completamente correspondendo em gestos e trajo á figura, que cada um imagina do sr. Apuntador no Gil Braz; seguia-o um orate improvisador, que nos disparava um esguicho de versos ao

Digitized by Google

passar debaixo das sacadas, a que estavamos encostados. Difficultosamente se podia ouvir no confuso tumulto de aguadeiros e criados de servir com gaiolas de passaros, lanternas, cabazes de flôres, caminhando aos saltos, com grande deleite d'um bando de rapazes, que para melhor arremedarem os habitantes dos ceus traziam azas resplandecentes e ondeantes pegadas aos hombros rozados. Alguns d'estes anginhos de comedia, eram extremamente lindos e tinham o cabello encaracolado com muita elegancia.

«O marquez velho é loucamente amigo d'elles: com elle estão noite e dia, e assim participa de todas as vantagens, que uma constituição physica decadente póde tirar do folego juvenil e innoxio; o patriarcha dos Marialvas tem seguido este regimen ha muitos annos, e tambem alguns outros, que serão custosos de acreditar. Tendo uma facilidade mais que romana para engulir immensa profusão de golodices, e dando sempre campo a novo provimento, é enorme a comida, que eu vi estendida na mesa para elle. Ninguem me acreditaria em Inglaterra, se pelo miudo a referisse; dê-se largas á imaginação sobretudo o que póde conceber-se em materia de gula, e nenhuma hypothese excederá a realidade.

«Logo que todo o conteudo, quer do reino animal, quer do vegetal, existente no escaler principal, e em mais tres ou quatro lanchas da comitiva, foi depositado nas respectivas tocas, cantos e poleiros, recebi convite do velho marquez para participar d'uma merenda no seu aposento. Estou bem certo que nada menos de cincoenta criados faziam o serviço da meza; e além de meia duzia de tochas, que eram levadas por estado adiante de nós, para mais de cem vellas de cera estavam accesas ao longo das camaras, de mistura com perfumadores e caçoilas, que diffundiam mui agradavel aroma.

«Achei o dono de toda esta magnificencia mui cortez, lhano e affavel. Ha uma urbanidade e genio alegre expresso no seu olhar, voz e gestos, que immediatamente predispõe a seu favor, e justifica a geral popularidade de que goza, e o affectuoso nome de pae, com que a rainha e real familia frequentemente o tratam. Todas as graças da corôa se tem accumulado na sua pessoa, tanto pelo actual, como pelos precedentes soberanos, fluxo de prosperidade não interrompido nem mesmo durante o grande *visiriato* do marquez de Pombal. «Procedei, como julgardes mais acertado com toda a outra nobreza (costumava dizer o rei D. José ao seu formidavel ministro) mas livrae-vos de intrometter-vos com o marquez de Marialva.»

«Em consequencia d'esta decidida predilecção o palacio de Marialva veiu a ser em muitos casos uma especie de ponto de reunião, um asylo para os opprimidos, e seu dono em mais d'uma occasião um escudo contra os raios de tão poderoso ministro. As recordações d'esse tempo parece estarem ainda vivas, porquanto o cordeal respeito e filial affecto, que eu vi tributar ao velho marquez, são na verdade notaveis: os seus mais leves movimentos de olhos eram obedecidos, aquelles, a quem se dirigiam, mostravam-se gratos e animados; seus filhos, o marquez de Tancos e D. José de Menezes, nunca se chegaram a offerecer-lhe alguma coisa sem ajoelharem; o conde de Villa Verde, herdeiro da grande casa de Angeja, e o *vice rei* do Algarve, ambos de pé no

Digitized by Google

circulo, que se formára á roda d'elle, recebiam uma palavra sua benigna ou affavel com o mesmo fervoroso agradecimento dos cortezãos, que dependem dos sorrisos e favor de seus soberanos. Por muito tempo me lembrarão as gratas sensações, de que me penetrou esta scena de reciproca benevolencia; afigurou-se-me um escambo de amigaveis sentimentos, benevolencia dispensada sem artificio nem affectação, e protecção recebida sem maligna ou abjecta vileza.

«Quão preferivel é um governo patriarchal d'esta natureza ás deslavadas theorias, que sophistas pedantes desejariam estabelecer, e que, se fossem avante os seus interesseiros e atheistas delirios, solapariam os melhores e mais seguros esteios da sociedade! Quando os paes deixarem de ser venerados por seus filhos, e se não conhecerem os sentimentos de agradecida subordinação n'aquelles de edade ou condição, que carecem de amparo e auxilio, em breve os reis cessarão de reinar, e as republicas de ser governadas pelos conselhos da experiencia; a anarchia, a rapina, a carnagem percorrerão a superficie da terra, e a morada dos demonios será transferida do inferno para o nosso desventurado planeta.»

CARTA IV

Procissão do Corpo de Deus da Patriarchal

7 de junho de 1787.

«Atroadores repiques de sinos, bellicoso arruido de tambores, e agudos toques de trombeta me puzeram fóra da cama ao alvorecer o dia. Segundo o grau de devoção, que possuis, acho que não ignoreis que é hoje o dia da festa do Corpo de Deus. Estava meio disposto a ficar em casa folheando uma curiosa collecção de *Chronicas Portuguezas*, que o grão-prior d'Aviz me mandára; porém tinha ouvido maravilhas taes da esperada procissão, que não pude resistir a tomar algum incommodo afim de presenceal-a.

«Todos se haviam posto em movimento, antes que eu saisse, e as ruas do suburbio, onde habito, bem como as da cidade, que segui encaminhando-me á Sé patriarchal, estão inteiramente desertas; parece que passou um ramo de peste pela grande Praça do Commercio e os estabelecimentos mercantis e fiscaes da Bolsa e Casa da India, porque até os vadios, os varredores das ruas, e mesmo os mendigos na ultima phase da decrepitude abalaram manquejando para o logar da scena. Só ficaram nas ruas desamparadas uns poucos de miseraveis cães vagabundos e estropiados, e não vi nas janellas individuos humanos, á excepção de meia duzia de creanças tinhosas choramingando, porque as deixaram em casa.

«O borborinho da multidão apinhoada á roda da patriarchal, ouvia-se muito antes de lá chegar, avançando difficultosamente entre as fileiras dos soldados formados em ordem de batalha. Ao voltar um angulo escurecido pela sombra dos altos edificios do Seminario contiguo á Patriarchal descobrimos as casas, lojas e palacios, convertido tudo em pavilhões, forrados d'alto abaixo de damasco encarnado, tapeçarias, cobertores de seda, e colxas de franjas reluzindo em oiro. Julguei achar-me no meio do acampamento do grão-mogol, tão pomposamente descripto por Bernier. Em especial a frontaria do templo

Digitized by Google

estava armada com toda a sumptuosidade; esta fachada levanta-se d'um espaçoso adro de lanços de escadaria, que estava coberta de archeiros da guarda real com suas ricas fardas multicôres, e d'uma infinidade de padres trazendo luzidas e diversas bandeiras de seda pintada; rebanhos de frades macilentos, de habitos brancos, pardos e pretos, vinham saindo de envolta e successivamente, como bandos de perús levados ao mercado.

«Demorando-se fastidiosamente esta parte do espectaculo religioso, aborrei-me, e deixando o balcão, onde estavamos mais á vontade, entrei na egreja. Celebrou-se missa pontifical com pompa magestosa; subiam ao ar nuvens de incenso, numerosos cirios faziam rutilar mais os diamantes da custodia elevada pelas tremulas e devotas mãos do patriarcha.

«Antes de acabada a ceremonia ganhei a minha janella para gozar da plena vista da procissão do Sacramento. Tudo era espectação e silencio no povo.

«A guarda real se enfileirou de ambos os lados do adro em frente da porta da egreja; e por fim um choveiro de flôres annunciou que se aproximava o patriarcha trazendo a custodia debaixo d'um rico palio cercado dos grandes da côrte, e precedido por uma longa serie de personagens mitrados, de mãos postas em acto de adoração, com suas vestes purpureas roçando pela terra, trazendo os seus assistentes os baculos, e outras insignias da dignidade prelaticia.

«A procissão desceu vagarosamente os degraus do adro ao som dos canticos e do rebombo distante das salvas d'artilheria, sumiu-se n'uma larga rua, toda decorada de luzidas armações, e deixou-me os sentidos enleiados, e os olhos offuscados, como se acabasse de despertar de uma visão do esplendor celestial. N'este momento tenho a cabeça azoinada, e os ouvidos a zunir com a bulha confusa dos sons, sinos, vozes, echos dos tiros de canhão prolongados pelos montes e diffundidos pela superficie do Tejo.»

CARTA V

Casa de campo e banquete de Mr. S* * * —A donzella tragica

11 de junho de 1787.

«Hoje fomos convidados a jantar no campo, na quinta d'um cavalheiro, que tem uma carga de nomes, os quaes pronunciados com o mau accento portuguez soam como uma expectoração.

«O nosso agazalhador hospedeiro é irlandez de origem; gaba-se de uma estatura de 72 pollegadas, proporcional largura de costado, rosto vermelho, pernas herculeas, e todos os attributos exteriores, pelo menos, d'aquella raça emprehendedora, que não poucas vezes alcança a fortuna de cazar com a riqueza. Haverá um anno ou dois que se arranjou com uma opulenta herdeira braziliense, e acha-se agora senhor de vastas propriedades, e de uma nedia e acacapada mulher com uma cabeça, que arremeda a de Holophernes das tapeçarias antigas, e uns hombros que representam muito bem a figura de grandes pratos. Pobre creatura! Para maior certeza de que não é nenhuma Venus nem Hebe, tem beiços grossos e voz de machacaz, e notei-lhe algumas disposições para hydropica; com tudo os seus risos são frequentes e esperdiçados; ainda agrada ao marido com a maior perseverança.

Digitized by Google

«Mr. *** é um caracter singular, não acceita emprego civil ou militar, e blazona de certa franqueza mordaz, que segundo eu penso hade desagradar muito n'este paiz, onde a independencia, quer de bens da fortuna, quer de opinião, é raras vezes ou nunca tolerada. Este cavalheiro gosta de ostentação na mesa; sessenta pratos se me afigurou que seriam pelo menos, oito d'elles de fumegantes assados, alem de toda a casta de guizados á franceza, á ingleza, e á portugueza. A sobremeza apresentava-se como um modelo de fortificação; a principal empada-torre afoito-me a dizer que tinha tres pés d'altura perpendicular. A companhia não correspondia nem no numero, nem na consideração ao esplendor do banquete. Se não tivesse ficado ao pè de mim, por felicidade, miss Still e Bezerra, eu teria morrido de enfadamento.

«Uma sisuda donzella com portentosas sobrancelhas e olhar, que exprobava á porção masculina da assembléa a sua desattenção, era a unica dama do paço, que Mr. S *** havia convidado.

«Eu esperava achar-me com todo o rancho do meu conhecimento tomado no Jardim Botanico, e acompanhal-o pelas vinhas e pomares d'esta casa de campo; mas ai de mim, que não estava fadado para tão recreativa excursão! A tragica donzella, que me constou ter sido infeliz nas suas ternas inclinações, aproveitou-se do meu braço, e nunca o desamparou em um longo passeio pelas extensas fazendas de Mr. S *** Conversámos em italiano, e dissemos aos passaros que cantavam, aos regatos que susurravam, lindissimas coisas n'uma prosa estonteada, rapsodia de trechos de operas e cantatas, do *Amintas* de Tasso, e do *Adonis* de Marini.

«O sol acabava de dourar com seus ultimos raios os distantes rochedos de Cintra; o ar tornava-se balsamico; nas veredas por entre as vinhas medrava a herva viçosa, e milhares de flôres reanimavam-se com o rocio da tarde. Deixando á senhora o trilho estreito, que dá serventia pelo meio d'estes dominios ruraes, caminhei a seu lado por uma regueira bem guarnecida de ortigas, acanthos, e piteiras anãs, arranhando-me e esfolando-me a cada passo. Esta penitencia, e a logração, que eu sentia mais vivamente, tiraram-me um tanto do meu genio jovial; pezava-me ter passado uma tarde deliciosa em tão mesquinha sociedade, e ter lacerado as minhas pernas para tão pouco resultado. Quanto eu teria gozado passeando com a joven irlandeza por estes odoriferos atalhos entre festões de folhagem vecejante, e de vides pampinosas, não prezas a ramos esgalhados, ou a tanchões como em França e na Suissa, mas trepando por leves cannas a oito e a dez pés de altura.»

CARTA VI

Convento de Belem — Noite da vespera de Santo Antonio

12 *de junho* 1787.

«Passámos o dia em Belem inteiramente como em reunião de familia com toda a legião dos Marialvas. Alguns reverendos padres, não sei de que communidade, lhes tinham mandado uma immensa quantidade de sopa muito espessa, glutinoza e azeitada, porção da qual, segundo parece, costumam os devotos engulir na vespera de Santo Antonio.

Digitized by Google

«Depois de uma refeição, que foi servida debaixo de um toldo estendido sobre um dos terraços, logo que o pude fazer airosamente, escapuli-me da roda dos fidalgos e senhoras, dos anões, frades, bobos, toureiros, e capellães, para visitar o proximo mosteiro. Subi os grandes lanços construidos a expensas da infanta D. Catharina, rainha viuva de Carlos II, e tendo percorrido os claustros de D. Manuel examinei a livraria, que está longe de achar-se na melhor ordem e aceio. [1]

«Os espaçosos e altos claustros apresentam uma notavel extensão de arcadas, que, posto não sejam do mais puro estylo, attrahem a vista pelos seus ornatos d'arabescos delicadamente lavrados, e pela phantastica côr arruivada da pedra. O dormitorio, para o qual tem serventia uma linha quasi interminavel de cellas, mede em comprimento 500 pés folgados. Cada janella tem seu commodo descanso, onde os monges se encostam á vontade, e desfructam a vista do rio.

«N'uma pequena e escura casa de thesouro, que por uma escada de caracol communica com a parte do edificio, que a tradição designa como habitação do rei D. Manuel, quando em certas épocas religiosas do anno se retirava a este recinto, mostraram-me á luz de velas algumas alfaias extremamente curiosas, e em especial uma custodia feita em 1506 do mais puro ouro de Quiloa; não ha coisa mais bella como specimen do bem trabalhado lavor gothico do que esta complicada peça esmaltada, e com mui leves esteios e pinaculos cinzelados, tendo os doze apostolos em seus nichos debaixo de pavilhões, formados por milhares de voltas e ramificações.

«D'este sombrio recanto fui conduzido á egreja, uma das maiores de Portugal, vasta, magestosa e phantastica como o interior do templo de Jerusalem, segundo o tenho visto representado n'algumas antigas Biblias allemãs. Comtudo pouco havia nos altares, ou monumentos digno de minha investigação.

«Já era escuro, quando sai da grande portada, e achei o terreiro em frente alumiado com a luz coruscante de um renque de fogueiras á beira do Tejo. A custo alcancei a minha carruagem sem ser chamuscado por buscapés e bombas, e desejei ver-me fóra no momento, em que entrára, por quanto estourou um foguete mesmo debaixo dos focinhos dos meus machos, que os espantou terrivelmente.

«Se por milagre me não acalentasse Santo Antonio, esperava não pregar olho em toda a noite, tamanho era o estrondo do fogo artificial, das lavaredas estridentes das fogueiras, das gaitadas das bozinas em louvor da festa d'ámanhã, 555.º anniversario do memoravel dia, em que o santo querido de Lisboa passou em placido transito aos gosos do paraizo; vi a sua imagem á porta de quasi todas as casas, e até das barracas d'esta populosa capital, collocada em altar, e adereçada com profusão de velas de cera e de flôres.»

[1] Se os frades nos salvaram muitos livros e manuscriptos, tambem nos deram cabo de muitos. E isto, que diz Guinguené na sua *Historia da Litteratura Italiana*, é a pura verdade.

Digitized by Google

CARTA VII

Egreja de Santo Antonio — Sermão de Fr. João Jacinto — Convento da Cartuxa.

13 *de junho de* 1787.

«Dormi melhor do que esperava, o santo foi propicio; alta noite entibiou o ardor de seus devotos, e as chammas de suas fogueiras um chuvisco vernal, que rumorejava agradavelmente esta manhã por entre as parreiras do meu quintal. As nuvens dispersaram-se pelas oito horas, e ás nove, quando eu subia as escadas do adro da nova egreja, edificada no proprio local da casa, em que Santo Antonio nascera, resplandecia o sol com todo o seu brilho.

«Não posso dizer bem se este edificio me recordou o magnifico santuario de Padua, que ha cinco annos n'este mesmo dia fez na minha imaginação uma impressão tão viva.» Aqui não ha constellações de alampadas aureas suspensas do ferro lavrado da mysteriosa abobada em lustrosas correntes, nem arcarias de alabastro, nem marmores esculpidos. A egreja estriba-se em duas fileiras de pilastras, de cantaria, bem lavrada, mas de mesquinhas proporções. Sobre o altar mór, onde estava a venerada imagem no meio de brilhantes luzes, avultava um docel de veludo bordado. Esta armação com ricas franjas e borlas marca o logar onde foi o quarto do santo; e recebe uma suave claridade de uma serie de janellas altas com ricas guarnições de douradura burnida.

«Muitas caras largas sobresaiam petulantes d'entre a turba do vulgo profano no portal do templo; e todos dirigiam os olhos para o seu enthusiastico patricio; mas não era para ser mirado assim o seu sisudo semblante.

«A ceremonia foi extremamente pomposa. Um prelado da primeira jerarchia officiava com um troço consideravel de padres da real capella ao som de buliçosas contradanças e minuetes, mais proprias para excitar uma dança de patuscos na copa dos banhos thermaes, do que para dirigir os movimentos de um pontifice e seus assistentes.

«Depois de muita musica mediocre, vocal e instrumental, executada a galope no mais rapido alegro, subiu ao pulpito Fr. João Jacinto, famoso prégador, elevou as mãos e os olhos, e despediu uma torrente de phrases sonoras em louvor de Santo Antonio. O que não daria eu por uma tal voz! Alcançaria de uns aos outros confins da terra de Israel.

«O padre indubitavelmente era dotado de grande vigor de elocução, e não tinha aquelle accento nasal, lamentoso e hypocrita, tão commum na recita dos sermões dos frades. Tratou os reis, tetrarchas e conquistadores com indizivel desprezo, reduziu a pó os seus palacios e fortalezas, os seus exercitos a formigas, as suas vestes imperiaes a teias d'aranha, e incutiu em todo o auditorio, excepto os maliciosos herejes da porta, perfeita convicção da superioridade Santo Antonio sobre todos aquelles objectos de uma erronea e impia admiração.

«Felizes (exclamou o prégador) eram esses tempos gothicos, falsamente denominados tempos de barbarie e ignorancia, em que os corações dos homens, não corrompidos pela allucinadora bebida da philosophia, se abriam ás

Digitized by Google

palavras de verdade, que manavam, como o mel, das bocas dos santos e confessores, taes como as que distillavam os labios de Antonio.

«Acabado o sermão, começaram a chiar novamente as rebecas com redobrado vigor, e eu aborrecido de tão intempestiva leveza, retirei-me agastado para casa. Esta tenue nuvem de enfadamento dissipou-se em breve pela amavel presença do bom prior de Aviz, como o qual não existe talvez no mundo um caracter mais benigno e evangelico, que glorifique Deus com menos ostentação, e tenha uma benevolencia mais sincera para com o proximo. Este excellente prelado tinha gasto a manhã, não em assistir a ceremonias pomposas, mas em consolar os enfermos, e remediar os indigentes, subindo aos seus miseraveis aposentos a ministrar soccorros em louvor do santo, cuja festa se celebrava, e cuja reputação da pratica de toda a casta de actos de caridade se tem transmittido de paes a filhos entre os habitantes da cidade por uma longa serie de gerações.

«A nossa conversação não foi de natureza tal que me inclinasse a abandonar pompas e vaidades. Hesitei se veria a procissão, que se esperava que passasse pelas principaes ruas da cidade, e acompanhado do meu reverendissimo amigo fui gosar da serenidade da tarde na praia de Belem. Fiz alto ao passar pelo palacio de Marialva, e levámos comnosco D. Pedro e seu aio, o velho abbade, que propoz uma visita ao Convento da Cartuxa de Laveiras.

«Em meia hora quasi estavamos sentados á vista da egreja, que faz frente para os jardins e quinta real de Caxias: fomos introduzidos n'um vasto e silencioso quadrangulo: alguns espectros d'aquella ordem monacal se escoam pelos claustros, que se ramificam d'este pateo. No meio ha uma fonte de marmore, sombreada por pyramides de buxo tosqueado, e em redor sete ou oito pequenas capellas, uma das quaes contem a imagem incarnada do Salvador na mais tremenda agonia de sua Paixão, a qual se figura coberta de contusões e sangue coalhado.

«Quando nos occupavamos a examinar esta imagem tão propria, alguns monges por ordem do seu superior se juntaram ao pé de nós; um d'elles interessante e bem apessoado, attrahiu a minha attenção pela profunda melancolia retratada nas suas feições. Tendo-me informado soube que apenas contava vinte e dois annos d'idade, que era de illustre ascendencia, e dotado de viveza e talento; mas a causa immediata de ter procurado esta morada de quietação e de austeridades repugnava ao grão prior o communical-a.

«Não pude deixar de observar, tendo diante de mim a victima novel, e contemplando a lua vespertina, que coava pelas arcadas do quadrangulo, quantos occasos do sol verosimilmente elle teria de ver desperdiçar seus luzeiros sobre estas paredes, e quão enfadosa serie d'annos essa, a que se sacrificou, consumida com toda a probabilidade dentro d'este recinto. Os olhos do bondoso prior humedeceram-se de lagrimas, Verdeil estremeceu de horror, e o abbade, olvidando o supersticioso papel, que geralmente representa nos logares santificados, prorompeu em vehementes exclamações contra a tolerancia dos sacrificios humanos, e de permittir que renunciem o mundo mancebos ainda incapazes de fazerem devida apreciação de suas magoas ou vantagens. Quanto

Digitized by Google

a D. Pedro a sua compleição melancolica recebeu um supplemento de tristeza á vista dos objectos, que o rodeavam. O vento frio, que soprava de uma casa de abobada, onde os padres os enterram, e cujo pavimento dá um som cavo, quando se anda, lhe incutiu terror. Era a primeira vez que entrava n'um convento Cartuxo, e, com admiração minha, mostrava ignorar as austeridades da ordem.

«Tinha-se posto o sol antes de voltarmos á nossa carruagem, e na conversação em todo o caminho até casa ressumbravam as impressões, que nos inspirára a scena, que presenciámos.»

CARTA VIII

Curiosas visitas — Padre Theodoro d'Almeida — Mensagem de Freiras — Theatro da Rua dos Condes — Arcebispo de Thessalonica — Modinhas Brazileiras — Phantasias.

14 de junho de 1787.

«Coube-me hoje a sorte de receber uma curiosa serie de visitas. O primeiro foi Pombal, que parecia gasto por excesso de prazeres e pelas noitadas, mas que se apresenta com um agrado e modos elegantes, não muito communs n'este paiz. [1] Posto que seja um dos mais ricos proprietarios de fazendas no reino, de rendimento de cento e vinte mil cruzados por anno, quiz metter-me na cabeça que seu defunto pae, o açoite e terror das casas mais nobres de Portugal, o unico administrador do real erario por muitos annos, não obstante isso fallecera em circumstancias apuradas, carregado de dividas, que contraira para manter a dignidade de seu cargo.

«O immediato que, me honrou com a sua visita foi o juiz da conservatoria ingleza, João Telles, ramo, não sei bem se legitimo, se espurio, da casa dos Penalvas; este sujeito, que ascendeu a um dos mais eminentes logares da magistratura só pela força de sua capacidade, é dotado de um estylo de expressão original e nervoso, que me trouxe á idéa Lord Thurlow; mas a todo o seu vigor de caracter e de dicção reune a flexibilidade e ardileza de serpente; e aquelles, que não póde levar d'assalto, está certo de vencel-os com algumas astuciosas descargas de lisonjas e blandicias.

«Logo que elle se retirou, veiu um par de frades com um cestinho de doces mettidos em papel de lavores, dadiva de uma abbadessa fidalga, supplicando-me o dote para duas lindas donzellas, que iam ser esposas de Christo n'um convento dos suburbios.

«Apenas os tinha despedido, entrou o padre Theodoro d'Almeida com outro de seus confrades: quasi que só se lhe viam as alvas dos olhos; nem o original doutor vesgo do Foote era capaz de os revirar com maior sciencia.

«Prestei a maxima attenção ao seraphico discurso do padre Theodoro, não sendo para desprezar tão excellente opportunidade de ouvir um specimen, de primeiro lote, de geringonça hypocrita. Inda bem os frades não tinham sido conduzidos ao patamar da escada com a devida cerimonia, annunciou-se a che-

[1] *Panorama* de 1855, pag. 317.

Digitized by Google

gada de monsenhor Aguilar, um dos prelados da Sé Patriarchal; o qual me confirmou na opinião, que eu tinha formado do padre Theodoro. Ninguem poderá accusar de hypocrisia o monsenhor Aguilar: ao contrario é de rasgada franqueza, e trata a egreja, d'onde lhe provém pingue mantença, não como patroa, mas como humilde companheira, assumpto e alvo constante dos seus sarcasmos. Em Portugal, ainda no corrente anno de 1787, tal proceder é doudice, e receio-lhe qualquer dia severa perseguição.

«Ao tomar pacificamente uma chavena de chá fez-nos erguer uma estrondosa bulha na rua, e correndo á sacada achámos apinhada a sordida relé de velhas furias, rapazes e maltrapilhos, tendo á frente meia duzia de tambores, e uns poucos de pretos de vestias escarlates assoprondo trombetas com extraordinaria vehemencia, e apontando-as directamente para a casa. Maravilhou-me este modo de assediar uma porta como as muralhas de Jerichó; e recuando um pouco para não ser chamuscado por um foguete, que zuniu obra de uma pollegada adiante do meu nariz, vi entrar um criado trazendo em salva de prata um crucifixo, e uma delicadissima mensagem das freiras do mosteiro do Sacramento, que mandavam a sua musica com pandeiros e fogo do ar convidar-nos para rasgada funcção no seu convento em honra á festividade do Coração de Jesus. Na verdade que estas funcções de egreja começavam a perder para mim o attractivo, que lhes dera a novidade: estava já um tanto farto de motetes e de kyrie eleisons, de incenso, bandejas de doces e de sermões.

«Aquelle heretico Verdeil, para quem valeria quasi tanto estar no inferno, como n'este ceu empachado, não descançou, emquanto não deu commigo no theatro da Rua dos Condes afim de dissipar com um pouco de ar profano os vapores de tamanha santidade. O drama causou-me mais enfado, que divertimento. O theatro é baixo e acanhado, e os actores, porque não ha actrizes, são inferiores a todo o criterio.

«Tendo as ordens absolutas da rainha afastado do palco scenico as mulheres, os papeis attinentes a estas são representados por mancebos. Julgae que agradavel effeito esta metamorphose produzirá, especialmente nos bailarinos. Alli se vê uma robusta pastora trajando as candidas vestes virginaes, de macia barba azulada e proeminente clavicula, colher flores com um punho capaz de derrubar o gigante Goliath, e um rancho de leiteiras, seguindo as suas enormes pégadas, aos pontapés ás saias a cada passo. Taes meneios e saltos desconcertados, taes tregeitos de olhos nunca eu tinha visto, nem espero tornar a vêr na minha vida.

«Estavamos cordealmente enfastiados do espectaculo, inda bem não chegava ao meio da peça; e como a noite era serena e agradavel tentou-nos a dar um passeio até á grande praça do palacio, que recebia a frouxa claridade das luzes nos aposentos reaes, abertas todas as janellas para entrar a viração. O arcebispo confessor de sua magestade ostentava n'uma das sacadas o seu volumoso vulto: da classe de homens rusticos este personagem, agora muito importante, veiu a ser soldado raso, d'ahi passou a cabo d'esquadra, de cabo d'esquadra a frade, e n'esta ultima profissão deu tantas provas de tolerancia

Digitized by Google

e bom genio, que o marquez de Pombal, topando com elle por uma das casualidades, que se esquivam a todos os calculos, julgou-o sufficientemente astuto, jovial, e ignorante para fazel-o innoxio e acommodado confessor de sua magestade, então princeza do Brazil: pela accessão d'esta senhora ao throno foi despachado arcebispo *in partibus*, e inquisidor-mór; é a primeira mola do actual governo portuguez. Nunca vi um sujeito mais obstinado e obtuso: parece ungir-se com o oleo do contentamento (banhar-se em agua de rosas), folgar e engordar a despeito da critica situação dos negocios n'este reino.

«N'uma janella, immediatamente por cima da luzida testa de sua reverendissima, divisámos as duas formosas irmãs Lacerdas, damas de honor da rainha, acenando-nos com as mãos a convidar-nos: era incentivo bastante para galgarmos vastos lanços de escadas até o seu aposento, que se achava atulhado de sobrinhos, sobrinhas, e primos, apinhando-se em torno de duas jovens mui elegantes, as quaes acompanhadas de seu mestre de canto, um frade baixo e quadrado e de olhos verdes, garganteavam modinhas brazileiras.

«Quem nunca ouviu este original genero de musica, ignorará para sempre as mais feiticeiras melodias, que tem existido desde o tempo dos sybaritas. Consistem em languidos e interrompidos compassos, como se faltasse o folego por excesso de enlevo, e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica de algum objecto querido. Com infantil desleixo insinuam-se no coração antes de haver tempo de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia; imaginaes saborear leite, e o veneno da sensualidade vae calando no mais intimo da existencia: pelo menos assim succede áquelles, que sentem o poder dos sons harmoniosos: porém não respondo n'este caso pelos animaes do norte fleugmaticos e duros de ouvido.

«Uma ou duas horas correram quasi imperceptivelmente no deleitoso delirio, que aquellas notas de sereia inspiravam, e não foi sem magua, que eu vi a companhia dispersa, e o encanto desfeito. As donas do aposento tendo recebido aviso para assistirem á ceia de sua magestade, fizeram-me uma mesura com o maior donaire e desappareceram.

«De caminho para nossa casa encontramos o Viatico, acompanhado de vividas luzes, levado em procissão a fazer a algum enfermo a visita de despedida; o esperançoso fidalgo, moço conde de Villa Nova (depois marquez de Abrantes) precedia a umbella, de capa encarnada, e tangendo uma campainha de prata. Nunca falha a estes acompanhamentos, e passa a flôr da mocidade n'este singular beaterio; ainda não houve amante mais cioso da sua namorada, do que este ingenuo mancebo o é da sua campainha; não lhe soffre o animo que as vibrações d'esta sejam obra d'outra pessoa; os mezarios parochiaes do extenso e populoso bairro onde está situado o seu palacio, consentem n'este capricho, por attenção ao seu nascimento e opulencia; e de certo não podiam escolher mais assiduo porta-campainha. A toda a hora, e faça o tempo, que fizer, está prompto a desempenhar este bento ministerio; e nas trevas de alta noite, no mais intenso calor do dia, ou subindo ou descendo, quer a uma espelunca, quer a um sotão, lá vae onde se requer um auxilio espiritual d'esta natureza.

Digitized by Google

«Por vezes se tem observado que taes coisas não se hão de levar á conta de manias; cada pessoa tem a sua tineta, que segue, como póde, e que prefere a tudo. As delicias do velho marquez de Marialva consistem em jantar entre os seus dois aparadores de prata: as do marquez seu filho em esperar muito tempo pela rainha: e as do conde de Villa Nova em annunciar com a sua campainha a todos os fieis crentes a aproximação da celeste magestade. A actual tineta do rabiscador d'estas extravagancias são as modinhas brazileiras, e sob a sua influencia acha-se muito tentado a dar á vela para o Brazil, terra natal d'aquellas feiticeiras composições, a viver em choças, taes como as descreve Parny.»

CARTA IX

Noites de verão — Vespera de S. Pedro — Palacio da casa de Angeja — Convento das Salesias — Madame Scarlati

29 *de junho de* 1787.

«O sol resplandecente, com que os ultimos dias nos brindaram, apezar do seu explendor começa a enfastiar-me. Vinte vezes no dia debalde cubiço estirar-me ao comprido na fresca relva de algum frondifero valle inglez, onde as fadas dançam ás horas do crepusculo estivo, e segredam a seus somnolentos amigos as boas ou más sinas, que os aguardam. Em Portugal o calor é demasiado para esses vaporosos entes fatidicos; não ha, pois, que esperar as suas inspirações: prouvera ao ceu que alguma revelação, d'esta ou d'outra natureza, a tempo me tivesse avisado da poeira de cegar, e da excessiva calma de Lisboa e seus suburbios. Que tolice de quem está bem e refrigerado em casa, vadiar por fóra na futil esperança de melhorar no que já de si é optimo! Capacitae-vos do que vos digo, ha mais delicias de primavera, e mais goso em nossas verdejantes collinas e bosques do que em todos estes enfezados olivedos e crestados promontorios.

«Temos um rifão que diz: — É peçonha para uns, o que para outros é manjar — não ha coisa mais certa. Estes dias e noites de temperatura ardente, que me opprimem sem allivio, são o deleite e ufania dos habitantes d'esta capital. O calor não sómente parece ter avenenado os ferrões das moscas e mosquitos, mas tambem arrojou para a rua, por noites inteiras, todos os abelhões humanos, que pulam e bailam e arranham bandurras desde o sol posto até á alvorada. Junte-se-lhes os cães em abundancia, latindo e uivando sem interrupção; a vozearia das ladainhas, dos terços; os estalidos do fogo de artificio, que os devotos deitam sem cessar em louvor de algum membro da celestial jerarchia; a bulha suja da vadiagem insolente, que percorre as ruas em busca de aventuras; ver-se-ha que não ha pilhar uma piscadella de somno, ainda quando o suão o permittisse.

«Quanto ás mansas convivencias nocturnas, onde ingenuos mancebos repousam as cabeças, não em o regaço da mãe terra, mas de suas amasias que pacificamente se empregam em livrar d'uma copiosa população as madeixas azevichadas de seus affeiçoados, nada tenho a dizer contra ellas; nem me perturbam os sons das caldeiradas jorrantes das janellas; porém os uivos caninos

Digitized by Google

de que acima fallei, excedem todo o incommodo, que n'este genero tenho supportado, e fornecem não pequena noção previa das regiões infernaes.

«Como em a presente estação só se cuida em folias e algazarras, e a celebração da festa de S. Pedro com o maior barulho e dispendio, que fôr possivel, não é tanto uma inclinação profana, como um pio dever, o tal bolonio conde de Villa Nova abriu os seus jardins a noite passada a toda a fidalguia e maltezia de Lisboa; fez uma insipida illuminação de balões de papel, e armou uma casa de pavilhão para dansa, achavascadamente construido, sob o qual as mais elegantes costureiras francezas e inglezas e capellistas da metropole figuravam nos cotilhões com o duque de Cadaval e outros moços da principal nobreza, os quaes, como muitos da nossa capital, e tambem de boas esperanças, só estão á sua vontade em humilde companhia. Dois ou tres dos meus criados acompanharam o meu alfaiate á festa, e vieram extasiados dos modos jocundos das capellistas estrangeiras e da nobreza nacional.

«Dei-me por satisfeito de ficar em casa a coberto dos meus transparentes verdes, ouvindo por mera preguiça, qualquer destempero que aprouvesse a alguem dizer-me. Mas tinhamos ha muito sido convidado a jantar com D. Diogo de Noronha no palacio de Angeja. Chegando ao nosso destino, achámos o herdeiro da casa rodeado de padres e pedagogos, doutrinando-se em mirar á janella, precipua occupação da vida d'um fidalgo portuguez. Oh que preciosa collecção de contos eu ouví n'este banquete attico. Aconteceu achar-se na companhia um estupido padre ainda moço, não me lembra de que universidade (espero que não fosse a de Coimbra) que nos regalou durante o jantar com estupendas narrações, taes como de uma perola da rainha defunta, e de inestimavel valor, moida para se engulir em beberagens medicinaes; outra ácerca de umas freiras do convento do Sacramento, que tendo seus namoricos com o proprio Belzebuth em pessoa, foram mettidas na inquisição, e a janella por onde sua magestade infernal entrára, depois d'esta proeza de galanteio, foi entaipada, e toda pintada de cruzes vermelhas; accrescentou que a mesma decoração preventiva foi distribuida por todas as frestas da frontaria, para que nenhum demonio, ainda o mais atcado em desejos, podesse repetir o feito. Tambem nos quiz embutir que uma mulher mui guapa, engordando a olhos vistos, com os peitos sempre arrebentando de leite, que tomava creanças de mama, mais barato do que outra qualquer ama, e que de ordinario as sumia, lá jazia agora nos carceres do santo officio accusada de ter feito em picado para cima de vinte innocentes!

«Deus me livre de relatar outras mais particularidades da nossa conversação á meza; se o fizesse, ficarieis aceiadamente empazinado.

«Depois de jantar a companhia dispersou-se, uns para os seus encostos da sésta, alguns para ouvirem uma tocata de salterio acompanhada na harpa hebrea, por um par de anões; o herdeiro presumptivo para a sua querida janella; e Verdeil e eu tomamos para o convento de freiras saboyanas em Belem, o mais fresco e limpo retiro d'estas cercanias, e ainda por cima d'isto abençoado pelo especial patrocinio e direcção do padre Theodoro d'Almeida. Parece que sua reverendissima foi o principal instrumento, abaixo da Providencia, da

Digitized by Google

transplantação d'estas bemditas vergonteas de santidade do convento da Visitação em Annecy para o ardente clima de Portugal.

«Como eu tinha acabado de receber uma assucarada epistola d'este exemplar de piedade, recommendando o seu prezado estabelecimento n'algumas paginas de fervoroso panegyrico, elle não poude deixar de sair do interior de seu ninho; e fez-nos bom gazalhado com um semblante rebuçado de brandos sorrisos, posto que ouso dizer que, pela nossa invasão, desejaria esfolar-nos.

«Pobres creaturas! (nos disse fallando das educandas d'esta capoeira) fazemos quanto em nós cabe para aperfeiçoar seus tenros entendimentos e suas castas linguas nos idiomas estrangeiros. Soror Thereza tem singular pericia para ensinar arithmetica, a nossa veneravel madre é bastante profunda em grammatica, e soror Francisca Salesia, que eu tive a dita de trazer de Lyon, não só é mui persuasiva moralista, como tambem geralmente reconhecida por uma das eminentes mestras de costura em toda a christandade; estamos soffrivelmente quanto a bordados. Em musica não ha grandes proficiencias; não permittimos modinhas, nem arias de opera; e o que n'este ramo podeis esperar é apenas o canto singelo; em summa não estamos bem preparados para receber tão distinctos hospedes, e nada possuimos do que o mundo chama interessante, que nos recommende; mas, em compensação, eu, seu indigno confessor, devo declarar que tanta docilidade, e tão puras consciencias como tenho achado n'este asylo são thesouros muito acima de quantos as Indias nos possam fornecer.

«Verdeil e eu, conscios da nossa pequeneza, ficámos de todo o ponto humilhados por esta sublime declamação, despejada de braços cruzados sobre o peito, e olhos postos no tecto, como algumas imagens, que tenho visto de S. Francisco Xavier. Um minuto pelo menos esteve sua reverencia sem mudar d'esta attitude; d'ahi a pouco correu uma cortina, tendo a condescendencia de admittir-nos n'um espaçoso locutorio deliciosamente fresco, perfumado de jasmins, e povoado de pombinhas brazileiras, papagaios, e canarios; arrulhos e chilros taes nunca se ouviram em maior auge de perfeição, excepto no paraizo de Mafoma; nem faltavam as *huris*, por quanto n'um esconderijo, que se dilatava para dentro da clausura, detraz d'uma rotula soffrivelmente larga estava sentada uma fileira das mais amaveis donzellas, que eu tenho visto; seus olhos de feiticeira meiguice parecia adquirirem nova fascinação n'aquella mysteriosa especie de crepusculo, luzindo atravez do duplicado ralo d'arame.

«De quando em quando os passaros, de nenhum modo intimidados pelos predatorios relances d'olhos do padre Theodoro, violavam o santuario, e pousavam nos collos alabastrinos, sendo recebidos com milhares de caricias pelos anjos d'este pequeno e retirado Eden, que tão refrigerante parecia, e que pelo seu religioso socego formava notavel contraste com o turbulento mundo cá fóra e sua rutilante atmosphera; de maneira que não pude reprimir-me, e exclamei: Oh quem me dera azas como a pomba, que voasse atravez d'essas grades, e lá repousasse para sempre!

«Desnecessario é referir-vos que passamos meia hora deliciosa fallando de musica, flores e devoção com as meninas; quasi nos ia esquecendo a promes-

Digitized by Google

sa de ouvir cantar Scarlati, cujo pae de origem italiana, antigo capitão de cavallaria, reside não muito longe do convento da Visitação; por isso não tivemos tempo de experimentar no transito a penosa differença entre o fresco locutorio das freiras e o abafador ar externo.

«Numeroso grupo de parentes das senhoritas achava-se á porta da casa com a hospitaleira cortezia, que tão notavelmente distingue os portuguezes, para introduzir-nos no andar superior em uma galeria adereçada de pannos de raz e de placas, na apparencia mais d'uma ostaria italiana, do que de palacio de cavalleiro; para nos confirmar nas idéas das casas de posta, aspiramos ao subir, os fortes effluvios da estrebaria, e ouvimos as patadas e rinchos, como se um bando de monteadores viesse tomar parte no concerto.

«Muitas caras singulares e indigenas de ambos os sexos estavam alli reunidas, collecção disparatada e extraordinaria, segundo conjecturo; dispenso-me de individual-as. A dona da casa, senhora ainda moça, encantou-me á primeira vista pelas suas maneiras engraçadas e modestas; porém, quando cantou algumas arias da composição do famoso Peres, não só me deleitou, fez-me pasmar; a sua voz modula-se em uma negligencia desafectada nos tons mais patheticos. Posto que tenha adoptado o estylo magistral e scientifico de Ferraruti, um dos primeiros cantores da rainha, dá uma simplicidade de expressão aos trechos mais difficeis, similhando as effusões d'alma d'uma heroina de novella trinando solitaria no recondito das florestas.

«Sentei-me n'um canto obscuro, sem dar fé nem do que se passava no aposento, nem das extravagantes physionomias dos que entravam ou saiam; as vistas attentas, o cochichar, os movimentos e mexericos da assembléa eram para mim cousas perdidas; não fui senhor de proferir uma syllaba, e bastante me affligiu que uma despotica tia velha insistisse em que não se cantasse mais, e propozesse uma partida e dança.»

CARTA X

Altos e baixos de Lisboa—Quinta do duque de Lafões—O jesuita Duarte e um medico ridiculo — Os Penalvas — Concerto importuno

30 *de junho de* 1787.

«Depois de jantar puzemo-nos na rua para pagar visitas. [1] Nunca vi em minha vida tão amaldiçoados altos e baixos, tão abruptas ladeiras, tão ingremes subidas, como se topam a cada passo caminhando por Lisboa; cincoenta vezes me julguei a ponto de despenhar-me no Tejo, ou de tombar em vallas areientas entre chinellos velhos, gatos mortos, ciganas fuscas; que se acoutam n'essas espeluncas e esconderijos para ler a *buena dicha*, ou vender amuletos contra febres e quebrantos.

«A inquisição muito a miudo pilha estas miseraveis sibyllas, e as vexa abominavelmente; ao passar pelas ruinas d'um palacio, que o terramoto demolira, vi uma d'essas mulheres, que arrastavam á claridade; se a filava nas garras algum familiar do santo officio, ou se lhe tomava contas algum rufião

[1] *Panorama* de 1855, vol. XII, pag. 351.

Digitized by Google

burlado, é o que não pretendo, nem posso affirmar. Como quer que fosse, tive a fortuna de se arredar da vista aquelle hediondo vulto, cujas contorsões e nivos eram na verdade horriveis.

«Quanto mais conhecemos Lisboa, menos corresponde á expectativa suscitada por sua magnifica apparencia do lado do rio. Se um viajante pudesse ser transportado subitamente, sem prevenção nem apparato a differentes partes, rasoavelmente podia conjecturar que tinha atravessado uma serie de povoações ligadas desconcertadamente, e ficando-lhes sobranceiros massiços conventos. Os templos em geral são d'um pezado gosto de architectura, o estylo de Barromini, com empenas *arrugadas*, cornijas e torrinhas com *folhos*, algumas á maneira das caixas de relogio da antiga moda franceza, como Boucher as desenha, com muitos arrebiques e floreados, para adornarem as salas de madame de Pompadour.

«Esta tarde atravessámos a cidade em todo o seu comprimento, dirigindo-nos ao palacio de campo do duque de Alafões, e fornecemos a um copioso numero dos mais fieis subditos da rainha a opportunidade de admirarem na altura da caixa da carruagem o gibão curto do cocheiro, e outros inglezismos da equipagem. O duque tinha sido chamado a um conselho d'estado; só achamos o marquez de Marialva, que nos andou mostrando todos os aposentos da casa de campo, que nada tem notavel, excepto uma ou duas vastas salas de bellas e assombrosas proporções.

«Propoz-nos em seguida acompanhar-nos obra de meia milha mais adiante á quinta de Marvilla, propriedade de seu pae. Este sitio tem grandes bellezas pittorescas. As arvores são antigas e de fórma caprichosas, curvando-se por cima de fontes destruidas e estatuas de guerreiros mutiladas, que o lapso dos annos serapintou de innumeraveis tintas de vermelho, verde e amarello. No centro de quasi impenetraveis balsas de louro e buxo alteiam-se extravagantes pyramides de pedra lavrada, que rodeiam leões de marmore, de catadura magica e symbolica. O marquez tem o sentimento delicado de respeitar estes rudes monumentos de uma epoca, em que seus ascendentes praticaram muitos feitos heroicos; e francamente me prometteu nunca as sacrificar, nem as venerandas sombras, que abarcam as ruas, ao gosto ligeiro e loução da moderna jardinagem portugueza.

«Voltamos de passeio para casa por um luar sereno da lua cheia, que despontava detraz dos montes, na opposta margem do Tejo, o qual n'esta extremidade da metropole tem quasi nove milhas de largo. Lisboa, que poucas horas havia me parecêra tão desinteressante, assumiu mui diverso aspecto sob aquelle suave clarão. Os atrios, eirados, capellas e portadas de varios conventos e palacios á borda do rio luziam como edificios de marmore branco, ao passo que as escabrosas ribanceiras e os mesquinhos telhados sobre ellas erguidos quasi jaziam submersos em sombras espessas. O terreiro do paço, por onde seguimos caminho, estava cheio de ociosos de todas as classes e sexos, pasmados para as vidraças illuminadas do palacio, na esperança de ver n'um relance a sombra momentanea de sua magestade, do principe, do confessor, ou das damas, escoando-se d'um para outro aposento, e sendo alvo espaçoso de

Digitized by Google

vãs conjecturas. Disseram-me que o confessor, ainda que um tanto adiantado na carreira dos annos, está longe de ser insensivel aos engodos da belleza, e segue de janella em janella as nymphas moças do paço com juvenil alacridade.

«Davam as nove, quando entramos em casa, e ainda bem não tinha repousado do passeio, e posto em ordem algumas plantas colhidas nas moutas de Marvilla, tres distinctas badaladas da campainha na minha porta annunciaram a chegada de algum personagem distincto; não me achei burlado, porque era o velho marquez de Penalva, e seu filho, que apenas haverá um anno, antes de lhe conceder a rainha o mesmo titulo do pae, chamava-se Conde de Tarouca.

«Tereis ouvido fallar muito n'aquelle nome, que o avô do marquez velho assaz illustrou em diversas e bem succedidas embaixadas; as suas brilhantes conferencias no congresso de Utrecht vem largamente descriptas na obra de madame de Noyers, e em varios livros de memorias.

«Os Penalvas traziam em sua companhia n'esta tarde um celebre jesuita, padre Duarte, que o marquez de Pombal julgou tão importante, que por dezoito annos esteve encarcerado; e vinha tambem um medico alto, de joelhos desengonçados e faceira rubicunda, vestido de uma andaina magnifica de setim lustroso, um dos mais desastrados e presumidos professores da arte de matar, que eu tenho topado. Entre o jesuita e o doutor não fiz pequeno esforço para manter-me commedido e serio; palraram incessantemente, com pretenções de mui implicita admiração por tudo quanto vinha d'Inglaterra, quer em materia de moveis, quer de bellas-artes, e confundindo nomes, datas e individuos n'uma indigesta mixordia, perguntaram se não era sir Peter Lely o actual presidente da nossa academia real, e espraiaram-se em vivos encomios ao meu compatricio Hans Hobbeim. Pedi licença para certificar a estes complacentes sabios, que o ultimo dos mencionados artistas nascera em Basilea; e que sir Peter Lely tinha morrido ha um seculo. Assombraram-se algum tanto com esta informação; apesar d'isso continuaram na cantilena á solta, disparando uma bateria de cumprimentos empolados ácerca do nosso progresso nacional em pintura, relojoaria, fabrico de meias etc. a tempo que entrou o general Forbes, e operou uma diversão a meu favor. Conversámos um pouco sobre o estado presente de Portugal, e os riscos que corre de ser absorvido pelas negociações, não pelas armas d'Hespanha, no lapso de poucos annos.

«O nosso discurso foi interrompido pela vinda de um rabequista, um padre e um musico italiano, humildes criados e commensaes aduladores de minhas illustres visitas; deram rijas taponas no meu pobre piano forte, e tocaram symphonias quer eu quizesse, quer não. Bem sabeis quão pouco sou apaixonado de sonatas, e que certos meios tons e guinchos de rebeca, quando o musico revira as alvas dos olhos, torce o besuntado queixo, e affecta extasis, fazem-me embotar os dentes na bocca; a crispatura do doutor já era de sobejo para produzir o effeito sem o reforço de seus companheiros parasitas, o padre e o musico. O jesuita, ao que parecia, via-os com tão bons olhos como eu; o general Forbes fez uma prudente retirada; e o marquez velho, inspirado por um pathetico adagio, percorreu de subito a sala n'um passo, que eu te-

Digitized by Google

mei pela abertura de um bailado heroico, e que porém desandou n'um minuete á moda portugueza com todos os pinotes e requebros, ao qual foi convidada parceira Miss S. *** que viera ao chá, e que accedeu muito contra seu gosto. Inda bem não tinham concluido, o doutor alardeou a sua lugubre e esguia pessoa n'um arrebatado minuete *anguloso*, que não tenho expressões para descrevel-o; de fórma que entre as artes irmãs, a musica e a dança fizeram-me passar uma *deleitavel* noite!»

CARTA XI

S. José de Ribamar — Hospitalidade portugueza — O almoço — Outra vez o bispo do Algarve

2 de julho de 1787.

«Accordou-me de noite o horrido alarido dos cães; nem aquella infernal matilha, que Dryden nos descreve em seu divino conto de Theodoro e Honoria acompanhando em todas as sextas feiras um phantasma uivava mais espantosamente; Lisboa é infestada, como nenhuma das capitaes, que tenho habitado, por bandos d'aquelles animaes semi-famelicos, que com tudo são d'alguma importancia e utilidade, limpando as ruas d'alguma parte, ao menos, de seus fetidos entulhos.

«Verdeil, que dormiu tanto como eu, por causa d'uma furiosa batalha, longamente protrahida entre dois troços dos taes cerberos, persuadiu-me a erguer-me com o sol, e passeiar a cavallo pelas praias de Belem, que appareciam em todo o seu esplendor matutino; era bello ver a côr variegada do firmamento com as nuvens radiantes de purpura orladas d'oiro, e o mar coalhado de innumeraveis embarcações de differentes portes, fazendo espadanar a espuma em todas as direcções, ao passo que as vagas á foz do porto se agitavam violentas.

«Para variar um tanto a nossa excursão nos afastámos do transito commum, e visitamos o convento de S. José de Ribamar. O edificio é irregular e pittoresco, levantado n'uma eminencia ingreme, tendo nas costas a sua matinha d'olmos, louros e olaias. Fomos recebidos pelos frades risonhos e simples, n'um pequeno pateo dos claustros sustentados em pezadas columnas toscanas. No meio d'um repuxo, borrifando a profusão das flores, dava um aspecto oriental a esta pequena claustra, que excessivamente me agradou; os frades pareciam conscios de seu merecimento, porque a conservavam soffrivelmente limpa, que é o mais que posso dizer do seu jardim.

«Trepadeiras e aloes anões quasi impediam a passagem para a mata, delicioso retiro, refugio e conforto de metade dos passaros d'aquelles contornos graças á preguiça fradesca, os arbustos estão por tosquiar, e invadem á vontade as ruas, que ficam sobranceiras ao mar de um modo assaz romantico.

«Os frades quizeram mostrar-nos o seu jardim, que é um bonito terraço, bem calçado de tijolo, entremeado de lavores n'um estylo, que eu conjecturo tão antigo como o dominio dos mouros em Portugal; limoeiros e larangeiras em latadas forram os muros, e teem quasi tomada a melhor parte de um lustroso embrexado, em que os incrustára um reverendo padre ha dez ou

Digitized by Google

doze annos; pratos da China e pires, que o circumdam, compõem o principal ornamento; notei a mesma tendencia para embrexados de conchas e loiça da India quebrada n'outro exemplo de mr. de Visme, cuja quinta em Bemfica eclipsa as nossas de Clapham e Islington em todos os attractivos de estatuas de chumbo, templos chinezes, arroios serpeantes e empoados eremiterios.

«Recolhemos a casa antes que a força da calma se tornasse intoleravel, justamente a tempo de almoçar com o marquez de Penalva, que nos tinha convidado na vespera. Quando um portuguez d'alta jerarchia determina admittir um estrangeiro nos penetraes de sua familia, não poupa disvelos para apresentar com o maior realce tudo quanto tem, e offerecel-o a seu hospede com mais liberal acolhimento; é como se vós o dominasseis, e elle a tudo; por tanto a nossa recepção foi mui sumptuosa e cordeal.

«Se desejassemos um concerto, alli estavam os melhores musicos da capella real para executal-o; se quizessemos examinar as primitivas edições dos classicos ou os auctores raros portuguezes, a livraria estava franca, e o bibliothecario prompto a mostrar, e explicar todo o objecto, que attraisse a nossa attenção; se procurassemos ver as pinturas, as paredes dos diversos aposentos ostentavam uma interessante collecção das duas escolas italiana e flamenga; se preferissemos a conversação, achavamos reunidas quasi todas as pessoas de reputação litteraria n'esta capital, academicos e artistas. Suppondo serem do nosso particular gosto as flores e os especimens botanicos menos vulgares, nos foram apresentados alguns dos mais perfeitos, que eu tenho visto; e para que nada faltasse em qualquer sentido, as ricas meias portas da capella estavam abertas de par em par, e a ara esplendidamente illuminada parecia convidar os que sentissem inspirações espirituaes a entreter-se n'ellas. Pela minha parte, como a viração do mar tivesse aguçado o meu appetite mundano, deitei-me ao almoço com o maior contentamento; foi elle magnifico e bem servido. Não posso deixar de especialisar a bellissima qualidade das toalhas e guardanapos de linho, curiosamente bordados com brazões e flores, encarnado sobre fundo branco: salvas de prata de soberbo relevo sustentavam pratos de frutas geladas, particularmente morangos, que não são communs em Portugal, e enchiam de fragrancia a casa, o que me foi mui grato, porquanto suscitava, pela grande força das idéas associadas, recordações dos lares patrios e de Inglaterra.

«Muito susurro e galhofa surdia da fresca sombra de alguns mysteriosos camarins, contiguos á sala, onde estavamos á meza: estes sons provinham das senhoras da familia, que se fossem naturaes de Bagdad ou de Constantinopla difficilmente estariam n'um estado de exclusão mais asiatico. Comtudo foi-me permittido fazer-lhes a minha reverencia no seu proprio *harem*, o que, segundo me deram a entender, eu devia considerar como o mais lisongeiro signal de distincção. E quem havia de achar no meio do grupo das senhoras, sentado como ellas no chão á moda de Barbaria? O recem-sagrado, e ainda com muitos visos de moço, bispo do Algarve, cujas bochechas morenas, nedias e de rapaz d'escola ficavam á sombra d'um enorme par de oculos verdes! A verdade me obriga a confessar que a expressão, que transluzia de seus olhos

Digitized by Google

debaixo d'aquelles formidaveis vidros não participava absolutamente do mais sisudo, manso e apostolico caracter.

«O marquez de Penalva velho instou comnosco para o jantar, que estava posto com todo o primor n'uma casa agradavel e fresca: Verdeil não poude resistir á tentação; mas eu estava fatigado com as berrarias da noite passada, e recolhi-me para uma partida mais quieta com o grão prior e D. Pedro.

«De tarde fomos descair a Marvilla, o abandonado jardim que já mencionei, e que é sobranceiro á maior largura do Tejo, vista que me fez lembrar o lago de Genebra. Condescendi em acompanhar o grão prior pelas ruas e terraços d'esta romantica cerca, theatro da sua meninice, e de que elle é particularmente apaixonado. O palacio, pateos e fontes estão quasi ruinas, os buxos e murtas cresceram como o mato bravio cobertos de flores, as estatuas estão meio encobertas com os jasmineiros.

«Aqui ha um pequeno theatro para operas, e uma ermida com suas parecenças de mesquita pela fórma e monumentos arabes, toldados com bastas bandeiras castelhanas, tropheus da batalha d'Elvas, ganha por um ascendente dos Marialvas. Um extenso parreiral sobre pilares de pedra conduz do palacio á capella: ha certa magestade n'esta verdejante galeria, e a luz scintillante do sol no occaso penetrando entre as parras allumiava as physionomias desbotadas de alguns caducos servos da casa, que se arrastavam fóra de seus deteriorados quartos, e vinham ajoelhar na presença do grão prior e de D. Pedro.

«Vagueámos por este solitario e abandonado jardim, cujo silencio iguala a um convento da Cartuxa, até o lusco fusco, que se levantou uma brisa fresca fazendo nutar as cimas dos cyprestes, e sacudindo os alvos jasmins sobre os canteiros de buxo como frocos de neve. D. Pedro encheu a carruagem com raminhos floridos arrancados das estatuas mutiladas; estavamos todos meio embriagados antes de chegar á minha pousada com aquelle delicioso, mas excessivo perfume.»

CARTA XII

Rapida jornada — O Ramalhão — Quinta de Marialva em Cintra — Collares — Regresso a Lisboa

9 de julho de 1787.

«Achava-me no palacio de Marialva pela volta das nove horas, e parti d'alli com o marquez para Cintra; este que mandava nas reaes cavallariças, onde havia quatro mil muares e dois mil cavallos, deu ordem para quantas mudas lhe aprouve, de fórma que mudámos de machos quatro vezes por hora.

«Poucos minutos depois das dez [1] nos apeámos no Ramalhão, quinta n'uma baixa inferior ás pyramidaes rochas de Cintra, que o sr. Street-Arriaga tivera a bondade de facultar-nos havia um mez ou dois, e que até hoje eu não podera visitar. Todos os aposentos são espaçosos e ventilados, com illimitada vista de mar e de terra; mas, se o calor não fosse tão forte, estaria n'elles mais fresco do que desejaria, não tendo outra chaminé senão a da cosinha.

[1] *Panorama* de 1855, pag. 390.

Digitized by Google

«Achei o jardim em excellente ordem, e florescentes em quantidade as plantas, vegetando entre os renques de larangeiras e limoeiros. Tal é influencia do clima que as gardenias e plantas do Cabo, que eu trouxe de Inglaterra ainda com troncos despidos, estão cobertos de lindas flores. Os malvaiscos e algumas variedades de milho, semeiadas pelo meu jardineiro inglez, cresceram a extraordinaria altura, e começam já a formar avenidas sombrias e selvas, onde os rapazes podem á sua vontade jogar ás escondidas.

«Tendo consumido meia hora na observação d'estas coisas, metti-me na carruagem com o marquez, e partimos para a sua quinta, creação nova, que lhe tem custado muitas mil libras sterlinas: ainda ha cinco annos era um cabeço maninho, alastrado de sebes e fragmentos de penedos. Ao presente achaes um elegante pavilhão desenhado por Pillement, e adereçado com elegancia, um jardim com estatuas e fontes, ruas densamente guarnecidas de loiro, buxo e cedro, cascatas, arvoredo, o buxo tosqueado de differentes feitios, e todos os ornamentos, que se podem apetecer no gosto da jardinagem portugueza.

«Jantámos n'uma aceiada e commoda hospedaria, situada ao meio da povoação de Cintra. A rainha tinha ultimamente doado ao marquez aquella casa e a grande porção de terreno adjacente. Das suas janellas contemplaes profundos algares e empinadas encostas de matos e florestas, variegados com pedras musgosas e caducos castanheiros.

«Assim que o sol declinou, fomos para Collares, e passeiamos no eirado pertencente a Mr. la Roche, negociante francez, que mostrou alguns visos de gosto no arranjo da sua quinta.

«As matas de pinhaes e castanheiros elevando-se das fendas da penedia, crescendo umas em sucalcos acima das outras até consideravel altura, dão a Collares o aspecto d'uma aldeia dos Alpes. Innumeraveis arroios, sobre os quaes se debruçam sobreiros e esgalhados limoeiros, rompem pelos arruinados muros da banda da estrada, e espadanam em tanques de marmore. Um valido do defunto rei, que tem n'estes suburbios uma vasta fazenda, nos convidou com muita attenção e urbanidade para o seu jardim; imaginei que entrava nos vergeis de Alcinoo; os ramos curvavam-se ao peso dos pomos, o mais leve abalo alastrava o chão de ameixas, damascos e laranjas.

«Esta quinta ufana-se d'uma grande cascata artificial com tritões e golphinhos vomitando torrentes d'agua, mas não lhe prestei metade da attenção, que o proprietario esperava, e acolhendo-me á sombra das arvores fructiferas regalei-me de doiradas maçãs e purpureas ameixas, que em tanta profusão caiam ao redor de mim: o marquez, que participa com a maior parte dos portuguezes da extremada predilecção pelas flores, atulhou de cravos e jasmins a carruagem. Nunca vi plantas tão assignaladas em crescimento e vigor como as que tiveram a boa sorte de ser semeadas n'este afortunado torrão, cuja exposição é notavelmente propicia, abrigada por oiteiros declives, e defendida com o espaço de algumas milhas de matas e pomares. Não sentia a menor vontade de largar um sitio tão favorecido da natureza, e M. *** se jacta de que eu me tentasse a comprar esta fazenda.

Digitized by Google

«O vento tornou-se incommodo, quando subiamos a eminencia coroada pela quinta de Marialva; a atmosphera estava cristallina, e o sol declinava radiante. O convento de Mafra ao longe scintillando com vivo fulgor, similhava o palacio encantado d'um gigante, e o terreno circumvisinho desbotado e esteril, era como se o monstro o tivesse devastado.

«Para descançarmos um pouco do nosso veloz passeio entrámos no pavilhão, que eu já disse ter sido delineado por Pillement: representa uma rua de phantasticas arvores Indicas, que entrelaçando os ramos superiores convergentes formam arcos abaulados, descobrindo-se pelas roturas dos intervallos o ceu d'um tempo estivo; da bocca d'um dragão volante pende um magnifico lustre para cincoenta lumes, ornado de festões de cristal, que rutilam como collares de diamantes. Detivemo-nos n'esta sala do mirante até o cair das sombras.

«Os pagens cavalgavam adiante levando archotes, e o vento nos atirava á cara com o fumo e fagulhas; de modo que eu vinha atordoado, embruxado, experimentando taes sensações, como as d'um noviço em feitiçaria montado pela primeira vez á garupa d'uma bruxa a correr por matagaes. Em menos d'uma hora tinhamos galgado ruidosamente doze milhas de aspera e desegual calçada, trepando e descendo ingremes cabeços n'um galope convulsivo, em que eu esperava por momentos estirar-me de nariz no chão: mas felizmente as muares eram escolhidas d'entre um cento, e nunca tropeçaram.

«Nos altos d'Ajuda senti o ar muito fino e penetrante.»

CARTA XIII

Palacio real de Cintra, e capella real — O consul hollandez Guildmeester

24 de julho de 1787.

«Vacillei por alguns momentos se encaminhasse os passos do meu cavallo para o Penedo dos Ovos,[1] ou para o outro lado da montanha até á Peninha, Conventinho dos Jeronymos, e dependencia da sua principal acolheita, Penha Longa; porém Marialva, que encontrei com toda a sua comitiva de cavalhariços e picadores saindo da quinta, resolveu-me a deixar caminhos de cabras, e a acompanhal-o ao paço, que eu ainda não tinha visitado interiormente.

«O proprio Alhambra de raro será mais serraceno em materia de architectura do que esta confusa molle, que parece brotar do cimo da rocha, em que assenta, desabrochando n'uma variedade de recantos e projecções. De milhares de miserias foram testemunhas estas venerandas paredes, fechadas por uma ordem de seguras arcadas, e que repartem uma extremidade da casa grande em dois ou tres aposentos medianos, como guarda-roupas d'um theatro. As frestas, n'um phantastico estylo oriental, em recortes deseguaes e laçarias sustentadas em pilares espiraes e de marmore liso, são maravilhosas e campeiam sobre vistas romanticas dos fraguedos e da povoação de Cintra. Alguns pateos irregulares e lojas, formados pelos angulos quadrados dos tor-

[1] *Panorama* de 1856 (XIII), pag. 6.

Digitized by Google

reões, aviventam-se com fontes de marmore e de bronze doirado, que despejam de continuo copiosos jorros d'agua mui pura.

«Uma especie de deposito de comprimento tal, que se póde quasi denominar canal, continuado em toda a extensão da casa grande, é como um paraizo de cardumes dos maiores e mais brilhantes peixes doirados e prateados, em que tenho posto a vista. O susurro dos repuxos, que resaltam d'este canal, os borbotões deslisando por degraus, e em bacias de marmore polido, o brilho e o giro veloz dos peixinhos, o admiravel contraste da luz e da sombra produzido pelo intrincado labyrinto de arcarias e columnas combinam-se para formar uma scena magica, como as que ás vezes se nos figuram em sonhos, mas que mal presumimos realisaveis. Reina uma sobriedade de matiz nos marmores, um mysterio nos aposentos opacos e reconditos vistos em perspectiva; é tão solemne a côr das aguas quasi proxima da negridão na parte, a que fazem sombra os altos do edificio, que eu não posso deixar de achar-lhes superioridade a todo o esplendor e labyrinto das mais afamadas construcções mouriscas de Granada e de Sevilha.

«A sumidade rasa d'um dos mais altos eirados, nada mènos de cento e cincoenta pés acima do nivel do chão, está preparada como um elegante jardim, que se estende á similhança d'uma alcatifa bordada diante do portal de um immenso torreão quadrado, que é quasi todo occupado por uma sala, cujo remate é uma cupula das mais singulares; entre as volutas dos arabescos, que a enfeitam, apparecem os brazões das principaes casas nobres portuguezas: a divisa da desventurada familia Tavora foi apagada, e o vão, que occupava, está em branco. Subimos ao terrado e ao torreão por uma d'essas escadarias empinadas, e em volta de caracol, que abundam no palacio, e prendem com passagens de abobada por um modo secreto e suspeitoso.

«O marquez indicou-me o pavimento ladrilhado d'um pequeno quarto, poido e gasto pelos passos de D. Affonso VI, que em tão estreito espaço esteve recluso muitos annos.

«Descendo d'alli vimos o interior da capella, não menos singular na fórma e construcção do que o restante do edificio. O tecto baixo e chato, bem como as intersecções dos arcos, aproximam-se muito do estylo das mesquitas: mas a barbarica profusão de oiro, e ainda mais barbaras pinturas, de que estão cheios todos os apainelados, quasi póde suppôr-se obra de artistas chingalezes ou indostanicos, e trazem-me á idéa os subterraneos pagodes, onde sua magestade diabolica recebe homenagens sob a fórma de Shiva ou de Budha.

«O brilho original de toda esta extravagante capella acha-se grandemente amortecido pelo fumo dos lampadarios, que ardem ha seculos em frente do altar, mysterioso composto de obra de talha e de estatuaria em perfeita consonancia, no que toca a estylo carregado e inculto, com todos os objectos alli existentes. Diz-se que estando ajoelhado ante este mesmo altar o joven, impetuoso e cavalleiro D. Sebastião, recebera aviso sobrenatural para desistir da fatal expedição d'Africa, que lhe custou a corôa e a vida, e que um espirito heroico tem em mais elevada estimação, do que a fama immortal, que segue as emprezas bem succedidas.

Digitized by Google

«Uma coisa, que difficil me seria descrever, certa melancolia oppressiva parece impendente sobre esta capella, que, segundo imagino, jaz ainda pelo mesmo gosto, em que a deixou o malfadado D. Sebastião. A falta da livre circulação do ar, a nuvem pezada de incenso, atacam-me os musculos da cabeça tão desagradavelmente, que muito me apraz abalar e seguir o marquez aos quartos preparados para a rainha e infantas. Estes são agradaveis e bem ventilados; em vez de os guarnecer de ricos pannos de raz, representando aventuras de cavalleiros e heroes, os armadores da casa real andavam azafamados a forrar as fortes paredes com esplendidas sedas e setins das mais brandas e mimosas côres. Não vi moveis dignos de menção, nem uma pintura, nem um traste rico de gabinete; e não havendo que vêr, pequena foi a nossa demora.

«Assim que o marquez deu algumas ordens, que lhe encarregára a sua real ama, voltámos ao Ramalhão, onde nos esperavam Horne e o consul hollandez, altercando ácerca de seguros, percentagens, commissões e outras especulações commerciaes. Eu tinha persuadido o marquez a acompanhar-me ámanhã a casa do consul, M. Guildemeester; é o dia dos annos d'este velhote, e elle inaugura a sua casa nova com baile e ceia. Teremos uma bonita amostra de senhoras de negociantes, escreventes e caixeiros, alguns agentes do corpo diplomatico, e sabe Deus quantas mil libras de pezo de gordos mercadores hollandezes.»

CARTA XIV

Dia de gala — Funcção de annos do consul Guildemeester — Dois caracteres oppostos

25 de junho de 1787.

«Grande gala, a que o marquez vae assistir; este abençoado dia não só deu nascimento a Guildemeester, mas tambem á princeza da Beira. Vamos jantar com a marqueza. Uma banda de musica regimental de caminho para casa de Guildemeester, começou a tocar no pateo, e fez sair um d'esses curiosos enxames de gente de todos os sexos, edades e côres, que esta bemfazeja familia tanto gosta de agasalhar. D. Henriqueta está sentada nos degraus, que sobem para o grande mirante, cochichando com algumas das suas criadas validas, que á maneira do côro na antiga tragedia grega, de continuo davam a sua opinião sobre o que vinha apparecendo.

«No momento, que D. Pedro e eu nos dispunhamos a partir para o baile dado pelo velho consul, agradavelmente nos tomou de subito a chegada do marquez, que se tinha safado do paço muito mais cedo do que esperava. Conduziu-o na minha carruagem á residencia de Horne, onde tomámos chá no terraço, do qual se descortina a vista mais romantica de Cintra, a vastidão das cimas do arvoredo com variada folhagem, marachões seguros pelas raizes enleiadas, troncos de enormes castanheiros de mistura com os salgueiros, chorões da mais viçosa verdura, e limoeiros vergando com o fructo. Muito acima d'esta scena silvestre alteam-se tres fendidos pinaculos de rocha, distinguindo-se o do meio pelas torrinhas e recinto de Nossa Senhora da Penha, convento de Jeronymos, frequentemente escondido nas nuvens. Encosto-me a um sobreiro, que dilata os ramos cobrindo quasi toda a varanda, afim de gozar

Digitized by Google

d'aquella vista, e de observar no meu remanso as exquisitas figuras hollandezas, inglezas e portuguezas, que passavam para casa de Guildemeester. Este carreiro de pessoas era bastante variado para me entreter por algum tempo.

«M. *** não se impacientava, nem se incommodava por coisa alguma. Tendo dado entrada seu cunhado S. *** V. *** a quem elle professa mortal aversão, as forças da luz e da sombra, se fossem personificadas, não exhibiriam mais saliente contraste do que estes dois personagens; M. *** todo elle inculcando benignidade, e S. *** V. *** todo malevolencia. E de certo se metade das atrocidades, que a voz publica attribue a este fidalgo são verdadeiras, não maravilhará o negrume de vingança e tyrannia tão profundamente assignalado em cada linha da sua physionomia.

«Aproveitando a primeira opportunidade atravessámos beccos escuros e medonhos, admiravelmente adequados a proezas como aquellas, a que acima alludimos, e corremos o risco de saltar a pés juntos uma regueira, quando estavamos quasi batendo á porta do velho consul: o terreiro defronte d'esta casa nova está na peior desordem, o edificio pouco mais tem do que as paredes nuas, e achava-se muito mal alumiado.

«Pelo que toca á companhia, achei-a exactamente como a esperava. Madame G*** que é senhora de penetração e discernimento, fez as honras de casa com desembaraçada affabilidade, e prestou a suas principaes visitas as mais distinctas attenções: ha uma certa agudeza original em todas as suas observações, que me agradou muito: não pertencendo á laia dos indulgentes, reforçou Verdeil em cortar pela pelle da gente mercantil. M*** deu-lhe o braço, quando fomos á ceia; e esta parte da funcção foi magnifica; havia uma brilhante illuminação, immensa profusão de iguarias n'uma mesa tão vasta, as mais delicadas, que se podiam obter, e um apparato de dessér de 50 ou 60 pés de comprimento, todo lustroso de figuras burnidas e vasos argentinos de flôres.»

CARTA XV

A MUSICA DA CAPELLA REAL — O ARCEBISPO MINISTRO — PROPOSTA DE JORNADA A MAFRA

26 de agosto de 1787.

«A musica de capella da rainha de Portugal é por certo a primeira da Europa quanto a excellencias vocaes e instrumentaes: nenhum outro corpo similhante, nem a capella pontificia, apresenta uma tal reunião de admiraveis musicos. Para onde quer que sua magestade vae estar, elles acompanham-a, ou á caça d'altaneria em Salvaterra, ou á busca de saude nos banhos das Caldas; até para o meio d'estas agrestes fragas e montanhas vem cercada d'um côro de mimosos cantores, que engordam como codornizes, e gorgeiam com tanta melodia como rouxinoes. Os rebecas e rebecões de sua magestade deixam a perder de vista todos os de primeira ordem, e o seu viveiro de tocadores de oboés e flautas não tem rival.

«O marquez de M.*** na qualidade de primeiro camarista e estribeiro-mór, e tambem como primeiro valido entre os nobres, goza decisiva influencia sobre todo aquelle imperio de vozes harmoniosas; e teve para comigo tanta

Digitized by Google

bondade, que me facilitou participar d'essas bemaventuranças musicaes, sendo permittido desfructar, onde me aprouvesse, uma banda escolhida de tão estupendos executantes. Exactamente na manhã de hoje, e para minha vergonha o consigno, passei quasi horas e horas no meu pavilhão de novo composto, sem ler uma palavra, escrever uma linha, ou entrar em conversação, absorvidas todas as minhas potencias d'alma na harmonia dos instrumentos de vento, postados os instrumentistas a distancia n'um macisso de larangeiras e loureiros, não por falta de proposito ás vezes de me esquivar á magia dos tons; mas tantas vezes voltava, quantas forcejei por evadir-me. Se eu consultasse sómente o meu entendimento, despediria os musicos; os seus insinuantes tons maviosos despertaram-me longa série de melancolicas lembranças, e pela força das idéas associadas prostraram-me em estado de abatimento e tristeza.

«O meu excellente amigo o prior d'Aviz praticou um verdadeiro acto de amizade tirando-me quasi á força do meu retiro, e subtrahindo-me aos meus devaneios: insiste que o acompanhe a casa do arcebispo, onde vae fazer-se o ensaio d'um conselho, que devia celebrar-se perante a rainha, e para isso estão reunidos os ministros d'estado com os seus sub-secretarios. Taes congregações são novas para o bom do velho confessor, que acaba de ser investido da suprema direcção do gabinete muito contra sua vontade: bem conhece quanto valem a commodidade e o socego para deixar de lamentar tão violento desvio dos seus ordinarios habitos de viver. Achamol-o, por tanto, como era de esperar, inquieto e irritado, rubro até á raiz do cabello, côr que muito e muito contrastava com seus largos vestidos de flanella branca, que elle a miudo sacudia e amarrotava, batendo mais de uma vez com vehemencia na volumosa barriga, que, não obstante declarar elle ter esperado uma hora fóra do costume para sua completa repleção, de nenhum modo soava como tonel vazio. Comtudo o rifão velho — pança gorda, cabeça ouca — não lhe póde ser applicavel: foi tão benigno e confidencial, que me expoz ao summario o que lhe haviam representado as differentes repartições publicas, e fel-o com muita clareza e tino. Não obstante o interesse, que devia excitar esta singular communicação, não lhe prestei metade da attenção que merecia; ainda me dominavam as impressões, que de manhã me ficaram da musica de Haydn e Jomelli. O grão-prior conhecendo que a politica não as dissiparia, foi consultar o seu sobrinho, que aconteceu achar-se então no aposento da rainha, e voltou com a proposta de que tendo eu ha muito expressado o desejo de vêr Mafra, se pozesse em execução ámanhã este intento; assim o ajustámos.»

CARTA XVI

Excursão a Mafra

27 *de agosto de* 1787.

«Mettemo-nos na carruagem ás 9 horas, apezar do vento, que nos açoitava a cara. [1] A distancia da quinta, onde eu habito, a este convento, é de quasi quatorze milhas inglezas, e a estrada, que por fortuna nossa tinha sido con-

[1] *Panorama* de 1856, pag. 286.

Digitized by Google

certada, atravessa um territorio descoberto e tostado, por onde se vêem espalhados escassamente alguns moinhos e logarejos. O retrospecto para os silvestres declives e ponteagudas rochas de Cintra é bastante agradavel; mas, quando olhavamos para diante não póde conceber-se coisa mais árida e descolorida. Graças ás mudas de cavalgaduras progredimos rapidamente, e em menos de cinco quartos de hora nos achámos junto á grossa parede, que abraça os oiteiros, e fecha a tapada de Mafra.

«Então descobrimos n'um relance de olhos as torres marmoreas e o zimborio do convento, realçado pelo espaço azul celeste do oceano, assoberbando as summidades das eminencias matagosas, e variando a scena aqui e acolá as copas fechadas dos pinheiros, e as verticaes pyramides dos cyprestes. Ainda se não viam os tectos do edificio, e continuámos por algum tempo a costear as ondulosas ladeiras da tapada primeiro que as descobrissemos. Um piquete de leigos esperavam para abrir as portas da real cêrca, tristemente ennegrecida pelo fogo, que haverá um mez consumio grande parte da mata e verdura. A nossa chegada deu terrivel rebate aos bandos de corças, que pacificamente pasciam n'uma encosta mais viçosa, que as circumvisinhas: fugiam a toda a pressa, e refugiaram-se n'uma brenha de pinheiros meio queimados.

«Tendo rodeado a muralha do jardim grande, torneámos de subito o angulo, e se nos descobriu uma das vastas fachadas do convento, similhando uma rua de palacios. Não pretendo que o estylo do edificio seja digno da inteira approvação do conhecedor da genuina architectura grega: as portas e janellas são na maior parte de fórmas caprichosas, mas pelo menos bem proporcionadas. Admirava eu a ampla fileira d'ellas á proporção que ia passando rapidamente, quando ao virar do soberbo pavilhão quadrado, que flanqueia o edificio, a principal frente se patenteou á minha vista na extensão de oitocentos pés. O centro é formado pelos porticos da egreja, ricamente adornados de columnas, nichos e baixos relevos de marmore. De cada lado duas torres, algum tanto similhantes ás de S. Paulo em Londres, elevam-se á altura de quasi duzentos pés, e juntando-se a este enorme corpo, o terminam á direita e á esquerda, com seus magestosos pavilhões. As torres são esbeltas, graciosas, carregadas de pilastras notavelmente bellas; mas a sua figura em geral atira muito para o estylo de pagode, carece de solemnidade: contem muitos sinos das maiores dimensões e o famoso carrilhão, que custou alguns centos de mil cruzados, e tocava na occasião, em que se participou a nossa chegada.

«O adro e o lanço de escada em frente dos porticos do templo são admiravelmente espaçosos; e o zimborio, que arrogante campeia acima do remate do frontispicio, merece gabos pelo que tem de ligeiro e elegante.

«Alonguei a vista pela extensão ampla do palacio para ambos os lados, até fatigar-se, folgando depois de retiral-a do esplendor deslumbrante do marmore e da confusão dos ornatos de esculptura, pondo os olhos na azulada vastidão do oceano distante. Defronte d'esta colossal fabrica estende-se um grande terreiro nivelado, na extrema do qual se vêem dispersas algumas casas caiadas. Posto que estas de nenhum modo sejam mesquinhas, parecem, em contraste com a immensa mole, que lhe fica proxima, como as barracas dos

Digitized by Google

trabalhadores, pelas quaes as tomei á primeira vista, e não pouco me admirei quando ao chegar mais ao perto conheci as suas verdadeiras dimensões.

«Poucos objectos fazem interessante a vista do terreiro de Mafra: vêdes os telhados de uma villa de pouca monta, e as encostas areientas, além das quaes se divisa o mar sem limites: á esquerda fecham o horisonte as alcantiladas serranias de Cintra, e sómente á direita um pinhal na dilatada fazenda do visconde de Ponte de Lima, dá algum pequeno refresco aos olhos.

«Para nos abrigarmos do sol, que dardejava com força sobre nossas cabeças, entramos na egreja, passando por debaixo d'aquelle sumptuoso portico, o qual não poucas lembranças me dá da basilica de S. Pedro, sendo povoado de estatuas de santos, cinzeladas com extremo primor e delicadeza.

«A primeira vista da egreja é magestosa. Dá logo nos olhos o altar-mór com duas magnificas columnas de marmore vermelho e variegado, ambas inteiriças, e de trinta pés d'altura. Trevisani pintou magistralmente o retabulo, que representa Santo Antonio no extasi de tomar nos braços o Menino Jesus, baixando á sua cella cercado da refulgencia da gloria.

«Por ser ámanhã festa de Santo Agostinho, cuja ordem religiosa está actualmente de posse d'este mosteiro, appareceram todos os candelabros aureos e cirios accesos. Tendo-nos demorado poucos minutos no meio d'esta esplendida illuminação, visitámos as capellas collateraes, enriquecidas de perfeitissimos baixos relevos, e com soberbos arcos de marmore preto e amarello, de ricos veios, e tão perfeitamente polido, que reflecte os objectos como espelho. Nunca observei um conjuncto de formosos marmores como o que resplandecia por cima, abaixo e em redor de nós; o pavimento, a abobada, a cupula e até o lanternim do remate são forrados dos mesmos preciosos e duraveis materiaes, rosas e grinaldas de palmas de marmore, mui primorosamente lavradas enriquecem todas as partes do edificio. Nunca vi capiteis corinthios melhor modelados, nem esculpidos com a maior precisão e engenho, do que os das columnas, que sustentam a nave.

«Satisfeita a nossa curiosidade pelo exame de varios ornamentos dos altares, seguimos o nosso conductor por um extenso corredor coberto á sacristia, casa magnifica de abobada, apainelada com almofadas de algumas variedades mui bellas de alabastro e porfido, e alcatifada como a capella adjacente com grande fausto. Passámos por mais alguns repartimentos e capellas, adornado tudo com egual pompa, até que nos achámos cansados e desgarrados como cavalleiros andantes no labyrintho d'um palacio encantado.

«Começava a persuadir-me que não tinham fim aquellas espaçosas casas. O frade, que nos precedia, homem de bom genio e velho baboso, tendo para si que nós não percebiamos palavra da sua lingua, tentava explicar-nos os objectos por signaes, e quasi que não dava credito aos proprios ouvidos perguntando-lhe eu em bom portuguez, quando acabariamos de ver capellas e sacristias. O velho parecia muito agradado dos meninos, como elle nos chamava a mim e a D. Pedro, e para nos dar occasião de estendermos as pernas, caminhava com tal desembaraço, que o marquez e Verdeil lhe desejavam por premio o purgatorio: é certo que avançámos em tão veloz escala, que n'um ou

Digitized by Google

dois minutos galgavamos de cabo a cabo um dormitorio de seiscentos pés de comprimento. Estes vastos corredores e as cellas, que com elles communicam em numero de trezentas são todas como arcadas, e de construcção sumptuosa e solida; cada cella, ou antes camara, pois que sendo bastante espaçosas, de bom pé direito e com muita claridade merecem tal denominação, é guarnecida de mezas e contadores de madeira do Brazil.

«Exactamente ao entrarmos na livraria, o abbade revestido das vestes de sua dignidade veiu dar-nos as boas vindas, e convidar-nos a jantar com elle no refeitorio amanhã, dia de Santo Agostinho, o que parece ser um rasgado obsequio. Comtudo julgámos conveniente recusar esta honra, receiosos de que para gosal-a perdessemos pelo menos duas horas, e ficassemos meio cosidos pelo vapor de enormes vitellas, perus e leitões, de antemão engordados para esta solemne occasião.

«A livraria é de prodigiosa extensão, nada menos de trezentos pés, o tecto de abobada d'uma forma agradavel, bellamente estucado, e o pavimento de marmore branco e vermelho: não póde dizer-se o mesmo a respeito das estantes dos livros; são d'um desenho vulgar, toscamente executadas, e escurecidas por uma galeria, que corre toda a sala d'um modo desengraçado. A collecção, que consta de perto de sessenta mil volumes, acha-se ao presente aferrolhada n'uma serie de quartos, que tem serventia para a bibliotheca. Algumas das primeiras edições dos classicos gregos e romanos, muito bem conservadas, e ricamente illuminadas me apresentou o padre bibliothecario; mas o nosso lesto conductor não me deu tempo d'examinal-as.

«O nosso conductor partiu de carreira, e subindo uma escada de caracol nos conduziu ao terraço, largo e plano, fechado por uma balaustrada magnifica, desembaraçado de chaminés, d'onde se vêem d'alto a baixo os pateos, o jardim, a horta [1].

«D'esta elevação toda a planta do edificio se comprehende n'um relance de vista. No centro avulta o zimborio, como um formoso templo d'entre os espaçosos muros d'uma quinta real. É infinitamente superior, no que toca ao desenho, ao resto do edificio, e póde de certo ser reputado como o mais esbelto, mais proporcionado dos que ha na Europa. D. Pedro e mr. Verdeil propozeram subir uma escada, que vae ao lanternim ou claraboia; mas eu pedi desculpa de os não acompanhar, e diverti-me durante a sua ausencia andando de uma banda para a outra, profundando de vez em quando á vista nos objectos, que estavam lá tão em baixo, e frequentemente contemplando as torres, que resplandeciam com o brilho do sol, e o azul ferrete do mar ao longe. Uma viração fresca e balsamica, emanada dos pomares de laranja e limão me recreava ao parar nos degraus do zimborio, e modificava o ardor da calma estiva.

«Breve me tirou d'esta pacifica e desassombrada situação a confusa matinada de todos os sinos, seguindo-se-lhe uma complicada sonata, tangida com grande proficiencia. O marquez, que tambem subira comnosco, de proposito

[1] *Panorama* de 1856. pag. 315.

Digitized by Google

para no proprio manancial gozar d'esta catadupa de sons, que algumas pessoas chamam melodiosos, quiz que eu me aproximasse para examinar o mechanismo; fiquei meio atordoado: sou na verdade pouco entendedor de carrilhões e sinos, e não tenho pena da perda d'um divertimento de campanario; porém o meu amigo, que herdou uma natural inclinação mechanica de seu pae, famigerado patrono dos sinos e relogios, investigou cada roda com muita attenção. Acabada a sua revista, descemos innumeraveis escadas, e recolhemos a casa do capitão-mór, cuja jurisdicção se estende á tapada e ao districto de Mafra; tem sete ou oito mil cruzados por anno, e a sua habitação manifesta todas as apparencias de commodidade e abastança; o soalho é coberto de esteiras finas, e as portas e janellas armadas com cortinas de damasco vermelho. As nossas camas, novas á estreia, estavam alastradas de cobertores de seda com ricas bordaduras e franjas: serviram-nos uma comida opipara, e muito melhor sobremesa, do que os proprios frades nos poderiam ministrar, tomando o capitão-mór os pratos das mãos da longa serie de seus criados, e pondo-os elle diante dos convidados, inteiramente ao modo feudal.

«Tomado o café apressamo-nos a ouvir as vesperas na egreja do convento; caminhando entre as ordens de capellas illuminadas fomos occupar assentos na real tribuna; e logo entraram os frades processionalmente, precedendo o abbade, que subiu á cadeira prelaticia, com uma fileira de sacristas a seus pés, e de conegos á mão direita; as vestes e paramentos eram de brocado d'oiro. Cantou-se o officio com summa solemnidade ao formidavel som dos orgãos, pois que ha na egreja nada menos de seis, e todos de tamanho desmesurado. Acabado este, e novamente guiados pelo activo leigo, fomos conduzidos por uma escadaria magnifica ao palacio. Os aposentos occupam o espaço de sete centos ou oito centos pés; e a quasi interminavel successão de portas magestosas, vista em perspectiva, causa assombro; em pouco tempo cansados de meramente admirar concordámos em que eram as casas mais enfadonhas e menos commodas, que temos visto; não ha variedade na fórma, e pouca nas dimensões. Estando agora guardadas em Lisboa todas as colgaduras predominava geral nudez; nem um nicho, nem uma moldura interrompe a tediosa uniformidade das despidas paredes brancas.

«Folguei da volta ao convento, e de refrigerar os olhos com a vista das pilastras de marmore, e os pés pisando alcatifas da Persia. Por onde quer que andavamos, em cada cella, passagem, capella, sacristia ou sala, seguia-nos uma extraordinaria mistura de frades curiosos, sacristães, leigos, individuos da justiça e de clerezia, e casquilhos da terra com seus espadins e rabichos. Se acontecia fazermos alguma pergunta, meia duzia d'elles todos a um tempo afinavam o gasnete para dar resposta. O marquez completamente molestado de andar de batida e com tanto tumulto, tentou por varias vezes esquivar-se á turba, dando voltas rapidas ora para uma, ora para outra parte: mas elles atrelados aos nossos calcanhares baldavam-lhe as diligencias, e engrossava o tropel a tal ponto, que parecia estar varrido de seus moradores todo o convento e a povoação, para andarem atraz de nós por uma das sobrenaturaes attracções, que lemos nos contos e romances.

Digitized by Google

«Por fim percebendo uma larga porta aberta para o jardim, saimos por allí de subito; embrenhando-nos em um labyrintho de murtas e loureiros, assim nos desembaraçámos dos nossos perseguidores. A cerca, que terá obra de milha e meia de circumferencia, comprehende além de matas de pinheiro bravo e de loireiros, alguns pomares de limão e laranja, e dois ou tres taboleiros de jardim mais cheios de hervas, que de flores: muito me desagradou achar este formoso recinto despresado tão miseravelmente, e suas viçosas plantas mirrando-se á falta de serem convenientemente regadas.

«Podereis suppor que ajuntando um passeio nas principaes ruas do jardim ás outras nossas peregrinações começamos a sentir-nos algum tanto fatigados, e não desgostámos de descançar no aposento do abbade, até que de novo fomos convidados para a tribuna a ouvir cantar matinas. Cerrava-se a noite; e os innumeraveis brandões accesos nos altares, e por toda a egreja diffundiam já uma luz mysteriosa. Outra vez os orgãos tocavam em cheio, e as longas fileiras de frades e noviços vinham entrando a passos lentos e graves, o abbade reassumiu o seu throno com egual pompa á das vesperas: o marquez resmontava as suas orações, o grão prior rezava pelo breviario, e eu embebi-me em vagos pensamentos por tanto tempo, quanto durou o officio, isto é, quasi duas horas. Verdeil semi-morto de enfadamento, não poude aturar o calor da tribuna, nem a nuvem de incenso, que toldava o côro baixo, e foi respirar mais livre ar no corpo da egreja e capellas adjacentes.

«Era perto das nove quando os frades, tendo cantado um solemnissimo e mui sonoro hymno em louvor do seu venerando patriarcha Santo Agostinho, largaram o côro: acompanhámos a sua procissão pelas altas capellas e arcadas dos claustros, os quaes com luz fraca parecia não terem tecto nem fim, até entrarmos n'um octogono de quarenta pés de diametro, com fontes nos quatro principaes angulos, dispersando-se a lavar as mãos n'estas, os monges ordenaram-se outra vez em prestito, e passaram a dois e dois por um portal de trinta pés de altura para uma espaçosa casa, que communica com o seu refeitorio por outra portada das mesmas elevadas dimensões; ahi fez uma pausa a procissão, por ser logar dedicado á recordação dos finados, e por isso se chama á casa *De profundis*. Antes de cada comida usam os monges estarem de pé em sisudas fileiras em volta do refeitorio, silenciosos passando pela idéa quão precaria é a nossa fragil existencia, e deprecando pela salvação das almas dos seus predecessores.

«Não pude deixar de penetrar-me de reverencia vendo á luz scintillante dos lampadarios tantos vultos veneraveis, com seus habitos pretos e brancos, de olhos inclinados para o chão absortos na meditação mais espiritual e melancolica.

«Findo o momento destinado a esta solemne rogativa cada um tomou seu logar nas compridas mesas do refeitorio, feitas de madeira do Brazil, e cobertas com alvissimas toalhas. Cada religioso tinha sua garrafa de agua e vinho, seu prato de maçãs, e salada postas diante de si; não havia manjar de peixe ou de carne, porque a vigilia de Santo Agostinho guardava-se com o mais rigoroso jejum.

Digitized by Google

«Para gosarmos n'um lanço geral d'olhos este singular e magestoso espectaculo, retirámos para o vestibulo anterior ao octagono, e alongámos a vista por todas as portadas e os renques de candelabros até dentro do refeitorio, que em razão de seu grande comprimento, nada menos de duzentos pés, simulava rematar em ponta. Demorando-nos alguns minutos a desfructar esta perspectiva, vieram depois quatro frades com tochas alumiar-nos até fóra do convento, dando-nos as boas noites com muitas reverencias e genuflexões.

«A nossa ceia em casa do capitão-mór foi assaz divertida, boa parte da noite, não obstante o nosso cansaço, estendemos a conversa ácerca da variedade de objectos, que nos passaram pelos olhos em tão curto espaço de horas, o reboliço das brutescas figuras quasi inseparaveis dos nossos calcanhares por tanto tempo, e tão de perto, e a vivacidade achavascada do frade leigo.»

CARTA XVII

Regresso a Cintra — Deleite do descanso depois da jornada

28 *de agosto de* 1787.

«Meio dormente, meio acordado, retiniu-me nos ouvidos o sonoroso carrilhão do convento; as vozes do marquez e D. Pedro em porfiosa conversação com o capitão-mór no quarto contiguo, completamente me despertaram. [1] Engolimos o café á pressa; o grão-prior largou com reluctancia o travesseiro, e acompanhou-nos á missa conventual. Os frades redobraram os esforços para nos reduzirem a jantar com elles; continuámos, porém, inflexiveis, a fim de evitar novas importunações e partimos açodados, finda a missa, para a quinta do visconde de Ponte de Lima, onde a fechada sombra dos loireiros e azevinhos nos abrigava do excessivo ardor do sol.

«O marquez, sentando-se a meu lado ao pé d'uma das limpidas e copiosas fontes, que refrescam e aviventam o magnifico jardim á italiana, encetou um discurso mui serio e semi-official sobre a minha estada em Portugal, e os meios, que se projectavam em mui alta região, para que fosse não só agradavel para mim, mas tambem de alguma valia para outros muitos. Alliviou-me a presença de D. Pedro e de seu tio, que tendo passeado até o fim d'uma avenida de pinheiros longamente extensa, vieram mudar a conversação, que já se me tornava pesada; voltámos todos á poisada do capitão-mór, e achámos o jantar prompto.

«D. Pedro e eu tinhamos pena de deixar Mafra; nem poriamos objecção a outra corrida pelos claustros e dormitorios com o frade leigo. A tarde estava brilhante e limpa, e a côr azul do mar distante indisivelmente agradavel. Fomos levados com tumultuaria velocidade pelas escabrosas estradas, de maneira que mal podiamos o marquez e eu dar palavra um ao outro. D. Pedro ia montado no seu cavallo, e Verdeil, que nos precedia no carrinho, parecia-nos ir desafiando o vento: o seu macho, um dos mais arrogantes e corpulentos d'esta casa, incitado pelas chicotadas e exclamações d'um esgalgado postilhão portuguez empoleirado atraz do vehiculo, galopava desencabrestada-

[1] *Panorama* de 1856. pag. 315.

Digitized by Google

mente, e a obra d'uma legua das rochas de Cintra, assentou de arrojar seus conductores para o meio d'umas moitas no fundo d'um fojo quasi perpendicular, onde ainda esperneava, quando nós passavamos.

«Verdeil veiu para nós manquejando, e apontando para o carrinho caido no barranco; excepto a leve contusão n'um joelho, não teve outro detrimento; exclamou immediatamente que escapára por milagre, e que sem duvida Santo Antonio tivera mão n'elle. O meu amigo, que traz sempre os horrores da heresia diante dos olhos, cochichou-me ao ouvido que d'esta vez o diabo o tinha salvado, mas que talvez d'outra não estivesse tão bem disposto.

«Ainda não eram cinco e meia, quando chegámos a Cintra; a marqueza, o abbade e os meninos nos esperavam. Andando-me a cabeça á roda, e as idéas tão abaladas e confusas, como tinha o corpo, recolhi-me a casa logo ao cair das sombras, a fim de gosar umas poucas de horas de não interrompido descanço; o apparato da minha ampla sala, a sua solidão e silencio infundiam momentanea tranquilidade no animo agitado. A macia e bem lisa esteira, fabricada do melhor e mais lustroso junco, assumia á luz das bugias uma côr deliciosa, suave e acorde; vi-a tão fresca e brilhante, que me estendi n'ella, e alli me deixei estar de papo para o ar, contemplando o cristalino e sereno céo de verão, e a lua, que vinha nascendo vagarosa detraz da corôa de um outeiro matagoso; uma frouxa viração afastando as cortinas descobria os topes das arvores silvestres do jardim, e ao longe extenso tracto de paisagem, terminada pela superficie do mar, e os ennevoados promontorios.»

CARTA XVIII

Salão oriental — D. João V e Odivellas — Conversão de uma ingleza velha — Seu enterro

29 *de agosto de* 1787.

«Achava-me desmedidamente encalmado; desperdicei toda a manhã no meu mirante, cercado de fidalgos com seus chambres mui garridos, e de musicos vestidos de roxo, com largos chapeus de palha á similhança de bonzos, ou talapões, parecendo tão queimados do sol, ociosos e negligentes, como os habitantes de Ormuz ou Bengala, de fórma que a minha companhia assim como o aposento offerecia a mais decidida apparencia oriental; por exemplo, o divan levantando-se poucas polegadas acima do soalho, as gelozias doiradas das frestas, as cristalinas regueiras manando d'um tanque logo debaixo d'aquellas, e que constantes supprem as fontes da rocha nativa.

«Agradavel variedade predomina na minha sala asiatica; metade das cortinas ostentam as mais ricas dobras; outra metade são transparentes, e derramam jucunda claridade sobre a esteira e sophás; grandes e luzidos espelhos multiplicam a profusão das armações; alguns dos meus hospedes não se enfastiavam de andar de canto para canto observando os differentes grupos de objectos reflectidos por todos os lados nas direcções menos esperadas, como se phantasiassem ser admittidos por encanto a espreitar por um labyrintho de camarins magicos.

«Um individuo da sociedade, malicioso velho, italiano e clerigo, que tinha

Digitized by Google

saido da sua terra natal antes que o celeberrimo terremoto derrubasse pelos alicerces mais de metade de Lisboa, disse-me que se recordava d'um aposento, boa amostra n'este mesmo gosto; isto é, adornado de espelhos e cortinas, uma especie de palacio de fadas, que communicava com o convento de freiras de Odivellas, tão famigerado pelo piedoso retiro d'aquelle exemplar de magnificencia e santidade, o rei D. João V. Deleitosos dias ahi passou o monarcha, e os favorecidos companheiros das suas devoções.

«De que serve (accrescentou mui judiciosamente o padre mestre) a gaiola mais formosa sem passaros, que a aviventem? Se tivesseis ouvido a celestial harmonia das reclusas do rei João V, nunca vos terieis contentado no vosso primoroso pavilhão com o esganiçamento dos sopranos e os roncos dos rabecões. A suavidade, refiro-me áquellas puras vozes, saindo do sagrado asylo recondito, onde não é dado penetrar ente humano masculino, á excepção do monarcha, produzia um effeito, de que ainda me lembro extasiado, posto que já lá vão bastantes annos. Quatro dos nossos mais abalisados cantores, dois de Veneza e dois de Napoles, attraidos pela liberalidade verdadeiramente régia, accrescentaram tudo quanto o gosto consumado e a sciencia podia prestar ás mais excellentes vozes de Portugal: o resultado foi a perfeição.

«Exactamente ao levantar-nos de jantar para a mesa do *desser*, posta no terraço fronteiro á rua principal do jardim, entrava o abbade Xavier apregoando a admiravel historia da conversão d'uma ingleza phtysica, e nada creança, que achando-se em vesperas de despedir-se do mundo, ao que parece, requereu um padre para confessar-se e abjurar seus erros de toda a casta.

«Acontecendo alojar-se na hospedaria de Cintra, de que era dono um dos mais fervorosos catholicos irlandezes, os louvaveis desejos da senhora foram expeditamente satisfeitos, e Mascarenhas e Acciaoli, e mais dois ou tres padres e monsenhores chamados para ajudarem a esta boa obra. [1]

«Grande tem sido (exclamou o abbade) o nosso regosijo por este motivo. N'esta mesma tarde o ditoso anjinho será sepultado em triumpho; Marialva, S. Lourenço, Asseca e outros muitos da principal nobreza concorrem para tornar mais apparatoso o acto; creio que vireis comigo, e acompanhareis o prestito?

«Com a melhor vontade (respondi), e ainda que não gosto de funeraes, como esse de que fallaes, é tão festivo, posso fazer uma excepção.

«Partimos, transportados tão velozmente, quanto o podiam as parelhas de excellentes machos, para que não chegassemos tarde á função; muita concorrencia de povo havia diante da porta; n'uma das janellas estava o grão-prior rezando o breviario, e em ar contemplativo, como quem desejava ver-se d'alli cem leguas. Subi as escadas, e immediatamente me fizeram roda o velho conde de S. Lourenço e outros devotos, innundando-me de congratulações. Mascarenhas, um dos mais conspicuos membros da Sé Patriarchal, chapado hypocrita e doutor ascetico, foi-me apresentado. Acciaoli, de quem eu era já co-

[1] *Panorama* de 1856, pag. 351.

Digitized by Google

nhecido, aos pulinhos pela casa esfregava de contentamento as mãos, e com olhar surrateiro e risinho velhaco espraiado no semblante jovial dava trincos com os dedos para Satanaz, como quem dizia:

«Figas, demonio! Ao menos tiramos-te uma das garras, já está agora livre do teu caldeirão.

«Havia tal azafama no quarto interior, onde o mirrado cadaver estava depositado, tal cantarola e reza, porque nenhuma lingua estava ociosa, que a cabeça andava-me á roda, e fui refugiar-me ao pé do grão-prior; bem se via que não lhe era agradavel a assembléa; mas encolhendo os hombros dizia que era muito edificante, por certo muito, e que monsenhor Acciaoli fôra em extremo vigilante, em extremo activo, e merecia subido louvor, salvo o poder-se ter poupado similhante bulhaça.

«Por algumas indicações, que escaparam, não quero dizer a quem, vim a descobrir que o innocente anjo, agora na estrada real da felicidade eterna, não quizera passar por este mundo sem provar da taça do prazer, e vivera muitos annos folgadamente, não só com um galhardo moço solteiro da sua nação, mas com outros individuos, casados, e não casados, do seu particular conhecimento. Comtudo ella virou subito de bordo achando-se levada velozmente pela maré de uma rapida phtysica, e foi rebocada para o porto pelos conjuntos esforços do estalajadeiro irlandez, e dos membros acima nomeados.

«Oh! tres vezes feliz ingleza (exclamou M—a), que fortuna é a tua! No outro mundo a immediata admissão ao paraizo, e n'este, teu corpo gozará a insigne honra de ser conduzida á sepultura por pessoas da mais alta jerarchia! Viu-se jámais tanta ventura?

«A chegada d'uma multidão de padres e sacristães, de tochas accesas e cruz alçada nos chamava á scena d'acção. Mettido em ordem o acompanhamento foi conduzido o corpo, vestido de branco, n'um caixão forrado de côr de rosa com seis argolas prateadas, a fim de se levar á mão. M. que detesta a vista d'um cadaver, fazia-se vermelho até ás orelhas, e daria uma quantia para fazer uma retirada honrosa; mas já nenhuma retirada era compativel com a piedade christã, e viu-se obrigado a vencer a sua repugnancia, e pegar a uma das argolas do caixão, outra foi encaixada na mão do notorio S. Vicente, outra coube ao velho fanhoso conde de S. Lourenço, a quarta ao visconde d'Asseca, excellente cavalheiro, mancebo d'exterior sincero, e a quinta e a sexta tocaram ao capitão-mór de Cintra e ao juiz, sujeito de desagradavel aspecto.

«Assim que o grão-prior pilhou fóra da vista o livido semblante da defunta, que era levada pela escada abaixo fez uma tentativa para abalar, e preceder em vez de seguir o acompanhamento; porém Acciaoli, que fazia de mestre de cerimonias, não o deixou safar-se tão facilmente, distribuindo-lhe o logar mais honroso, logo adiante do caixão, collocando-se-lhe á esquerda, dando a direita a Mascarenhas.

«Todos os sinos de Cintra repicavam, e á sua alegre toada iamos nós caminhando á pressa por meio d'uma densa nuvem de pó, com uma canalha de rapazes a retouçarem por ambos os lados, e as avós manquejando atraz, re-

Digitized by Google

zando pelas contas, e de vez em quando arreganhando o resto da carcomida dentuça, e a cochicharem ao ouvido umas das outras sobre o seu triumpho contra o principe das trevas.

«Felizmente o caminho para a egreja não era comprido, aliás a poeira nos suffocaria; o grão-prior conservando fechada a bocca, não recebia uma particula d'ella; mas Acciaoli e seu collega estavam de tal modo enfatuados com a sua afortunada empreza, que não cessavam de palrar.

«O pobre velho S. Lourenço, gordo, acaçapado, e asthmatico, querendo tomar folego parava de vez em quando a descançar da jornada. Marialva, a quem a natural aversão a estes actos ainda mais lhe fazia pesada a carga, tambem não se lhe dava d'estas pausas.

«Achámos todos os altares da egreja scintillantes com lumes, aberta a cova para receber o seu purificado habitante, e uma numerosa cohorte de padrecas saindo-lhe ao encontro. Á entrada cantaram muitissimas vozes juvenis de coristas, o que o ritual prescreve no enterro das creanças de mâma, ou de pouca idade, o incenso elevava-se em rolos ao ar, e brilhava alegria e contentamento em toda a congregação.

«Susurrou outra vez o borborinho de applausos e congratulações recebidos por aquelles, a quem mais cabiam com toda a affabilidade, e até denguice. O ancião S. Lourenço atracando o grão-prior, erguerdo-o ao ar nos braços, e borrifando-o de tabaco, pregou-lhe um forte espirro. O S. Vicente, assim que desceu á cova a defunta com as suas vestes candidas da innocencia, retirou-se com malicia, porque nunca estava bem na presença de seu cunhado Marialva. Quanto ao outro zeloso fidalgo a exaltação e triumpho lhe faziam ultrapassar os limites do decoro; escarneceu dos hereges com acrimonia, pintou com vivas côres a felicidade da convertida, e quando saiamos da egreja gritou tão alto, que o podessemos ouvir — *Ella agora está c..... para nós todos.*

«Concluida sua pia tarefa, os dois monsenhores nos acompanharam aos altos de Penha Verde a respirarmos a frescura do ar á sombra dos resinosos e odoriferos pinheiros; e d'ahi voltando em nossa companhia ao Ramalhão participaram da merenda de gelados e doces, e fechou-se a tarde com discursos jucundos ácerca da scena, que tinhamos presenciado.»

CARTA XIX

Anecdotas do conde de S. Lourenço — O consul hollandez — Cria lugubre

«Os principaes personagens, que tão piamente se distinguiram hontem, jantaram comigo n'esta abençoada tarde. O velho S. Lourenço tem prodigiosa memoria, e a imaginação escandecida, ainda mais exaltada por um leve toque de loucura. Apresenta-se perfeitamente conhecedor da politica geral da Europa, e, posto que nunca désse um passo fóra de Portugal, narra tão circumstanciada e plausivelmente os modernos successos, e a parte, que elle proprio desempenhou no congresso d'Aix-la-Chapelle, que eu cai no logro, e acreditei, em quanto não me informaram do segredo, que elle effectivamente presenceára, o que só tinha sonhado. Não obstante a subida graça, em que estava para com o infante D. Pedro, o marquez de Pombal o havia encarcerado com

Digitized by Google

outras victimas da conspiração do duque d'Aveiro, e por dezoito tristissimos annos achou-se a sua idéa activa reduzida a se alimentar dos seus proprios recursos.

«Pela exaltação da rainha actual saiu solto, e encontrou participante do throno S. A. R. seu intimo amigo; porém vendo-se recebido friamente, e posto de banda com vilania, arrojou a chave de camarista, que lhe haviam mandado a um logar pouco limpo e decoroso, e recolheu-se á casa religiosa das Necessidades. Certificaram-me que não houve meios que o rei não tentasse para o afagar e lisonjear; mas todos foram infructiferos. Desde esse periodo, posto que largasse o convento, nunca appareceu na côrte, e recusou todo o emprego. Agora só a devoção lhe absorve a alma. Excepto quando lhe tocam na corda da prisão, e do marquez de Pombal, acham-no placido e rasoavel, como hoje o achei extremamente, e com carradas de mui instructivas e divertidas anecdotas.

«Tomado o café, a minha companhia estirou-se toda ao comprido, e do modo mais commodo, uns na esteira, outros nos sophás, para realentar o espirito, supponho eu, depois das piedosas lidas e enthusiasmado prestito do dia antecedente, venci do Marialva que me acompanhasse a casa de Guildmeester, com quem fomos dar n'um vasto, mas desencadernado salão. Serviu-nos excellente chá, alambazadas fatias de pão de mistura, e manteiga, fresquinha d'aquelle dia, e manipulada segundo o genuino e invariavel modo hollandez.

«D. Genoveva é uma velha do feitio d'um poial, com uma cabeça de pião, e um par de beiços grossos, placida, risonha, e benevola: miss Coster havia de ter sido bonita ha uns poucos d'annos, faz o chá com todo o decoro, fecha as portas, e abre as janellas com sciencia, e já tem bastante que allegar, quando póde repotrear-se na sua cadeira.

«Apenas tinhamos começado a comprimentar a dona da casa ácerca do completo resultado da sua creação de vaccas, veiu o consul e sua velha mulher com muitas mesuras e saudações trazendo uma gamella envernisada, onde brilhava com profusão um copioso thesouro de diamantes, tanto brutos, como lapidados, fructo de seu famoso e mui lucrativo contracto no tempo do Pombal; alguns dos maiores fazia elle empenho, em que Marialva os recommendasse á rainha, e disse-me ao ouvido, que tambem estimaria que eu désse algumas palavras a seu respeito.

«Fiquei estupefacto, e o marquez deslumbrado com aquelle esplendor e riqueza; voltou para o seu gabinete interior sem lhe reviverem as esperanças, e nós saimos.

«Adiantava-se a tarde, e um nevoeiro com seus borrifos toldava os pincaros penhascosos da serra de Cintra; isto porém não nos impediu de ir a casa de mr. Horne. Passámos por debaixo de arcadas de ulmos e castanheiros, cuja ramagem humedecida exhalava o cheiro refrigerante das matas. Dissipados os vapores exactamente, quando desembocavamos da sombria avenida, apparecia a torrinha do Convento da Pena, debilmente tinta com os ultimos raios do sol, e afigurando-se-nos, como a arca no monte Ararat, n'um mar de nuvens ondeantes.

Digitized by Google

«Em casa de Horne, Aguilar, Bezerra e a companhia do costume achavam-se reunidos. O marquez assim que desempenhou as suas complacentes e alcatrusadas cortezias para a direita e para a esquerda retirou-se á sua quinta; eu tomei Horne na minha carruagem até á residencia da senhora Staits, pessoa baixinha, de cintura delgada e esbelta, de olhar damninho, porém nada desagradavel, nem de coração deshumano; fazia annos n'esse dia, e havia congregado a maior parte dos inglezes, que estavam em Cintra, n'um jardim humido de setenta pés de comprido por trinta e dois de largo, illuminado com trinta ou quarenta lampiões. A dama Guildermeester ahi estava coberta de diamantes, reluzente como uma estrella no meio da sua obscura atmosphera. Tivemos uma funebre ceia fria debaixo d'uma barraca á imitação de gruta.

«O marido de miss Staits, bem disposto e de boa feição, deu-me logar junto de mrs. Guildermeester, que se divertiu soffrivelmente á custa do festim. A apparencia subterranea da barraca, a luz desmaiada dos escassos lampiões, e a fragrancia d'um prato de camarões grandes, e *mais do que maduros*, me suggeriram a idéa de estar morto e enterrado. «Ai! (disse para a minha amavel visinha) foi-se tudo para nós! Eis o nosso primeiro banquete nas infernaes regiões; todos somos eguaes, e aqui confundidos. Alli está a piedosa presbyteriana miss Tussock com a empertigada rapariga sua irmã, e logo ao pé o casal de adulteros pombinhos, mr... e a sua sultana; eu, miseravel peccador, fico defronte do vosso honesto e pacifico esposo, e pouco mais abaixo o nosso benigno hospedador, modelo de brandura e resignação conjugal. Escutae! Não ouvis a bulha de coisas, que cáem, e se amontoam? Estão despejando uma carregação de mortos!

«N'este estylo continuámos, até que o assumpto se esgotou, e chegou o tempo de cada um retirar-se ás suas poisadas.»

CARTA XX

Espera-se a rainha em Cintra — Duque de Lafões — Feira da Penha Longa — Passeio nocturno

10 *de Setembro de* 1787.

«Adeus tranquillidade de Cintra, em breve só haverá confusão e bulha! Está para chegar a rainha com todas as suas damas de honor, secretarios de estado, anões, negrinhas e cavallos brancos, pretos e malhados. Metade das quintas d'estes contornos ficarão seccas, tomando-se posse militarmente dos aqueductos, e derivando-se as suas aguas por novos canaes para uso do arraial.

«Passeava eu debaixo de longas latadas de limoeiros dispostas em arco, quando me appareceu ao cabo da avenida M... acompanhado do duque de Lafões, o mesmissimo personagem bem conhecido em toda a Europa pela denominação de duque de Bragança, posto que não tenha direito a este illustre titulo, que anda unido á corôa. Chamasse-se elle duqueza viuva, não seria eu quem lhe disputasse a propriedade do titulo, conhecendo-o por uma especie de camareira velha, com eguaes ninharias e melindres; põe ainda côr e signaes, e posto que já tenha setenta invernos, ainda procura fazer rodopio so-

Digitized by Google

bre os calcanhares, e mexer-se com juvenil agilidade; muito me abysmou a facilidade de seus movimentos, por quanto me haviam dito que era martyr de gota. Depois de cecear em francez com a mais requintada accentuação queixas contra o sol, e as estrelas, e o estado de architectura, abalou (graças a Deus) para ir marcar o sitio do acampamento da cavallaria que hade guardar a sagrada pessoa da rainha durante a sua residencia n'estas montanhas. M... tinha obrigação de acompanhal-o; porém deixou seu filho, e seus sobrinhos, os herdeiros da casa de Tancos para jantarem comigo.

«Á tarde Verdeil enfastiado de andar d'uma banda para a outra nas varandas, propoz uma cavalgata á proxima povoação, onde havia feira; elle e D. Pedro montaram nos seus cavallos, precedendo-me e aos mancebos Tancos, que iamos em carrinhos puxados por valentes machos. As estradas são abominaveis, e correm ao longo da falda ladeirenta das montanhas de Cintra, que na primavera são, não ha duvida, soffrivelmente vestidas de verdura; porém na estação actual qualquer fevera de relva está resequida e mirrada. As rodas da nossa carruagem, resvalando de esguelha por aquelles escorregadios declives, faziam exhalar cheiro muitas hervas aromaticas meio pulverisadas.

«Não sabia da cabeça, quando chegámos á feira, que se faz n'um rocio, limitada d'um lado pelos pittorescos edificios de um convento de Jeronymos, e pelo outro por eminencias penhascosas, quebradas em grande variedade de fórmas extravagantes; um penedo especialmente, que chamam dos Ovos, coroado por uma cruz, remata aquella aggregação, e exhibe exquisita apparencia brutesca. Detraz do convento, densa mata de oliveiras, e os pomares occupam um valle curto e refrigerado pelas fontes, cujas limpidas aguas são encaminhadas para os differentes claustros e cerca por um aqueducto de marmore ordinario, que sustentam arcos chanfrados ao gosto mourisco.

«Os camponezes, que concorreram á feira, andavam espalhados pelo terreiro, conversando alguns com os frades, outros meio vinolentos cambaleando, e estendendo-se no chão, outros comprando coifas de seda e arrecadas d'oiro falso para presentear as namoradas. Os monges, que andavam azafamados em administrar toda a casta de consolações, tanto espirituaes, como temporaes, conforme as suas respectivas idades e vocações, felizmente não deram por nós, e assim escapámos de sermos empanturrados com doces, e perseguidos de comprimentos.

«Ao sol posto voltámos ao Ramalhão, e tomámos chá na sala mirante, em que ha nada menos de onze portas envidraçadas, e janellas de vastas dimensões. O vento estava socegado, o ar balsamico, e o céo d'um azul tão suave, que não nos soffreu o animo ficar engaiolados, e tomámos outra vez os nossos vehiculos, indo até á nova casa do consul hollandez, á luz confusa de innumeraveis estrellas.

«Passava das dez, quando recolhemos á quinta do Marialva, e antes de chegarmos, ouvimos as toadas sentidas de vozes e instrumentos de vento, que saiam do arvoredo. Á borda do tanque principal sentavam-se a marqueza e D. Henriqueta, e um numeroso grupo de criadas, algumas bem engraçadas creatu-

Digitized by Google

ras, escutando com todo o embevecimento d'alma o ensaio da musica deliciosa, que havia de ser executada n'uma serenata a sua magestade d'ahi a dias.

«Era uma das serenas noites encantadoras, em que a musica adquire duplicado attractivo, e abre o coração a impressões maviosas, posto que melancolicas: nem uma folha susurrava, nem um leve sopro de vento perturbava a clara chamma das luzes collocadas junto das fontes, e que exactamente serviam para tornal-as visiveis; as aguas correndo para as caldeiras cavadas em redor dos pés dos limoeiros formavam um murmurio brando; e nas pausas do concerto nenhum som se escutava, excepto o de phrases imperceptiveis ditas baixinho ao ouvido; de modo que os encantos do clima, da musica e do mysterio me enlevaram n'um extasi, de que sai com pena e reluctancia.»

CARTA XXI

Anecdotas — Jantar do arcebispo confessor

12 de setembro de 1787.

«Apenas estava levantado vieram annunciar-me o grão-prior e mr. Street; este vituperando reis, rainhas e principes, com toda a sua força, e bramando por liberdade e independencia: o primeiro queixando-se dos nevoeiros e humidades.

«Assim que saiu o advogado do republicanismo, fomos, como haviamos concertado, a casa do arcebispo confessor, e ahi immediatamente nos admittiram ao seu *sancta sanctorum*, agasalhado aposento, communicando por uma escada de caracol com o da rainha, e adereçado de lustrosa tapeçaria, de vivas cores. Um frade leigo, rochunchudo e chocarreiro, completamente tosco e vulgar como qualquer carreiro, ou almocreve, nos entreteve com divertidas, posto que não mui decentes historias palacianas, até que seu patrão nos appareceu.

«Quem esperar ver no inquisidor-mór de Portugal cara chupada, e tristonha com olhos de improperio e maldição, acha-se enganado; raras vezes temos o gosto de encontrar uma presença tão jovial e sincera como aquella, de que o céo o dotou; recebeu-me do modo mais franco e cordeal, e tenho razão de capacitar-me que lhe cai muito em graça. [1]

«Conversámos sobre serem casados os arcebispos em Inglaterra. «Com effeito (dizia o prelado) os vossos arcebispos são singulares sujeitos, sagrados nas vendas de cerveja, e bons consocios de botelha! Contaram-me que aquelle estouvado Lord Tyrawley era arcebispo lá na sua terra.» Imaginae quanto eu riria d'este incomprehensivel despreposito; e ainda que não possa dizer de sua reverendissima que as verdades divinas sáem melhoradas da sua bocca, seja-me licito declarar, que o absurdo se torna mais notavelmente ridiculo vindo de origem tão auctorisada.

«Quando chegámos ás janellas da sala para ouvir a banda de musica marcial, vimos João Antonio de Castro, habil engenheiro, que inventou o actual systema da illuminação de Lisboa, dois ou tres graves dominicanos, e o famoso truão D. João da Falperra, mascarado com falsas condecorações das ordens,

[1] *Panorama* de 1856, pag. 113.

Digitized by Google

subindo todos elles os degraus, que conduzem á grande sala da audiencia.— «Sim, sim! (disse o leigo, que é uma creatura petulante e comica). Eis ahi o fiel retrato dos nossos freguezes: tres castas de pessoas acham mais facil entrada n'este palacio, homens de superior talento, bobos e santos; os primeiros cedo se desgostam da habilidade que possuem, os santos vem a ser martyres, e só bobos prosperam.

«A tudo isto o arcebispo prestou o seu ingenuo assentimento por um significativo meneio de cabeça; e achando-se na mais graciosa e communicativa disposição não me permittiu que saisse, quando me levantei para despedir-me. «Não, não penseis em deixar-me tão depressa: vamos á sala dos cysnes, e peço que depois me digaes que idéa fazeis dos nossos primeiros fidalgos.

«Tomando-me pelas pontas dos dedos conduziu-me por muitos quartos sombrios e passagens escuras a uma porta secreta, que dá serventia da sala de visitas da rainha para outra muito espaçosa, atulhada então por metade das dignidades do reino; alli estavam bispos, prelados das ordens, secretarios d'estado, generaes, camaristas, cortezãos de todas as denominações, bizarros e flammantes com suas fardas bordadas, estrellas, veneras de habitos, e chaves doiradas.

«Era visivel o assombro d'este grupo á nessa subita apparição; apresentámo-nos ao começar um minuete: o apessoado arcebispo com seu vestido monacal como um perú increspado, e eu avançando a passo grave, deslumbrado da subita transição das trevas para a luz, como a coruja que o sol apanhou fóra do ninho. Ajoelhavam muitos mettendo á cara memoriaes e petições, requerendo a maior parte logares e promoções, e alguns solicitando bençãos de que o meu reverendo guia não era avaro. Afigurou-se-me que tratava as pressurosas demonstrações de servilismo com um certo modo de pouco caso sem insulto. A audiencia foi interrompida por uma ordem da rainha, que chamava immediatamente o arcebispo; porém este, antes de retirar-se, tocou-me no hombro, e disse-me: apenas me demoro meia hora, e jantareis comigo.—Este convite excitou nos cortezãos grande inveja. Em mim o effeito era o contrario, porque tinha função ajustada para Penha Verde, o mais fresco e romantico sitio d'esta poetica comarca, e não me queria encaixar n'um aposento cheirando a verniz. Mas, emfim, não tinha remedio, porque todos os figurões da côrte, obedecem a sua reverendissima. A meia hora assignada pelo arcebispo deitou quasi a uma. O marquez de... foi encarregado de me conduzir áquelle invejado jantar, e disse-me que era a primeira vez que tinha a honra de assistir á meza do arcebispo. Batemos á porta reservada, e seguindo pelos quartos já conhecidos fomos dar a um pequeno aposento, com frente para uma hortasinha, onde o frade leigo com as mangas arregaçadas até aos hombros nos fez hospitaleira recepção; na casa das tapeçarias estava a mesa com tres talheres, e n'um dos angulos em cima d'um sophá o omnipotente prelado coberto com uma capa parda cheia de remendos.

«Vem cá (disse ao leigo batendo as palmas ao modo oriental) serve a mesa, e tenhamos algum prazer. Que praga é aturar essas mulheres lá de escada

Digitized by Google

acima! Quem melhor de que vós, marquez, conheceis quantos enigmas ha que desembrulhar? Atrevo me a dizer que os arcebispos inglezes não se vêem abarbados com metade dos embaraços, em que me vejo enleado. Olá! vamos a saber o que nos dão para comer.

«Entrou o leigo com tres leitões assados n'uma bandeja enorme de prata, e com uma torta de correspondentes dimensões; estes pratos nunca variam: tal é sempre o jantar do arcebispo, salvo nos dias de magro. Porém a simplicidade da primeira coberta foi resgatada pela profusão das sobremesas, que em variedades de frutas e doces nada podia egualar. Em vinhos, não fallemos; eram delicados e escolhidos, tributo de todos os dominios portuguezes á mesa de sua reverendissima: a companhia do Porto, que então solicitava a renovação do seu privilegio, contribuia com a flor das suas colheitas; de tão boa qualidade, que o meu obsequiador hospede prometteu-me, e logo no outro dia mandou pôr em minha casa alguns barris d'este licor genuino.

«Passou-se alegremente o jantar, e mais duraria a palestra *inter-pocula* se o marquez como estribeiro, e o arcebispo na sua especial missão, não tivessem de ir ao paço. Por outro labyrintho de passagens, mais intrincado do que aquelle, por onde entrara, me conduziu á rua o leigo faceto e anecdotico.»

CARTA XXII

Visita aos conventos da Serra—Scenas da costa maritima

19 de setembro de 1787.

«Nunca tive um dia mais formoso, nem vi um céo de azul mais aprazivel. Os marquezes já estavam comigo ás seis horas e meia, e divagámos por outeiros incultos, sobranceiros a uma grande extensão de paiz apparentemente deserto, porque os logarejos, onde os ha, estão escondidos nas quebradas e covas da serra.

«Intentando explorar as montanhas de Cintra d'um a outro extremo da cordilheira, collocámos mudas em differentes estações. O nosso primeiro objecto foi o convento de Nossa Senhora da Pena, pequeno e romantico conjuncto de edificios branqueados, que eu tinha visto brilhar de longe a primeira vez que naveguei pela costa de Lisboa. D'esta pyramidal altura o horisonte é infinito; vêdes, logo immediatamente abaixo immensa expansão de mar, o vasto, illimitado Atlantico. Uma longa série de nuvens soltas, de alvura deslumbrante, tambem abaixo de nós suspensas sobre as ondas produzem effeito magico, e nos tempos do paganismo pareceriam sem esforço algum da phantasia, os carros das deidades maritimas, que viessem surgindo da profundeza do seu elemento.

«Não havia coisa verdadeiramente interessante nos objectos, que proximamente nos cercavam. As reliquias mouriscas das circumvisinhanças do convento apenas merecem menção, e de facto mostram não pertencerem a edificio algum consideravel; foram provavelmente fabricadas com as delapidações feitas a um templo romano, cujos constructores talvez que tambem se tivessem aproveitado de algum fanum punico ou tyrio erecto n'este sitio elevado, e denegrido pelo fumo de sacrificios horriveis.

Digitized by Google

«Por entre as rachas dos muros esbroados e particularmente na abobada d'uma cisterna, que indica ter servido tanto para deposito, como para banho, descobri algumas plantas capillares e polypodios de estremada delicadeza, e n'uma pequena chã defronte do convento numerosa tribu de cravos, gencianas e outras plantas alpinas, agitadas e robustecidas pelo ar puro das montanhas. Estas brisas refrigerantes, impregnadas do perfume de innumeras hervas aromaticas e flôres, parece que me infundiam nas veias nova vida, movendo-me por um impulso quasi irresistivel a prostrar-me e adorar n'este vasto templo da natureza a fonte e a causa da existencia.

«Como estivemos largo espaço em contemplação, não pude passar metade do tempo, que eu desejava n'esta aeria e solitaria sumidade. Baixando por um caminho soffrivelmente commodo, que serpeia entre as rochas em muitas e irregulares curvas, seguimos por algumas milhas em trilho estreito sobre os cumes de eminencias marinhas e agrestes até ao convento de cortiça, que corresponde exactamente, no primeiro relance d'olhos, á pintura que se póde imaginar da vivenda de Robinson Crusoé. Da banda de fóra da entrada, que formam dois enormes rochedos proeminentes, que se tocam pelos cimos, estende-se um macio terreirinho de relva tosada pelo gado, cujos tintinnabulos me recordam antigos dias decorridos em meio da rustica paizagem dos Alpes. O eremiterio e suas cellas, a capella, o refeitorio, tudo é cavado no marmore nativo, e guarnecido de cortiça de sobreiro; em muitas partes não é só o forro do tecto, mas tambem o soalho recamado do mesmo material, extremamente macio e agradavel ao piso. Os arbustos e as plantas de jardinagem dispersos entre as rochas musgosas, que jazem na mais silvèstre desordem, são coisa deleitosa, e muito gostei de explorar aquelles recantos e voltas seguindo o curso d'um regato transparente e rumorejante, que é conduzido por um canal rustico atravez de moitas de alfazema e alecrim do verde mais mimoso.

«O guardião d'este romantico retiro é apresentado pelos Marialvas, e n'este dia era a sua posse, de modo que tão instados fomos para o jantar, que não pudemos desculpar-nos; como era ainda muito cedo, cavalgamos com o intuito de vêr a famosa arriba maritima, chamada Pedra de Alvidrar, que é um dos objectos mais notaveis d'este famigerado promontorio. Levava-nos o nosso caminho pelas beiras dos arvoredos proximos da deleitosa villa de Collares até outra ordem de escalvadas eminencias, que se dilatam ate á costa brava do mar. Cheguei mesmo ao pino do rochedo, que é de grandissima altura, e quasi perpendicular. Seguia-nos uma tropa de rapazes alcançando os cavallos; e cinco dos mais taludos descerám com todo o desembaraço pelo temeroso precipicio; um d'elles, especialmente, baixava de braços abertos, e como individuo de ordem superior aos mais e á natureza.

«A costa maritima é o que se póde chamar pittoresco consistindo de bojamentos muito arrojados, que se entremeiam com penedos pyramidaes uns apoz outros em perspectiva theatral, avistando-se os mais remotos coroados por uma torre muito alta, que serve de pharol.

«Não ha termos que expliquem a suavidade da atmosphera e a luz prateada, que o mar reflecte. Da orla do abysmo, aonde nos demorámos alguns

Digitized by Google

minutos como por encantamento, descemos uma ladeira tortuosa, obra de meia milha até á praia. Achámo-nos fechados por penedias desordenadas e varias grutas, amphitheatro imaginoso, que não havia nenhum mais proprio para suppor os brinquedos das nymphas neptuninas. Nunca vi angras como estas, tão fundos e interceptados esconderijos, um jogo assim da linha geral de perfil, e tambem nunca ouvi tão valente mugido das aguas, que investem com a costa.

«Não admira que a escandecida e susceptivel imaginação da antiguidade enthusiasmada pela paizagem da localidade, os persuadisse a que tinham visto as conchas dos tritões resoando ao entrar nas cavernas maritimas; e por isso alguns dos mais auctorisados e antigos luzitanos positivo declaram que não só os tinham ouvido, mas tambem visto, e despacharam um mensageiro ao imperador Tiberio, annunciando-lhe o successo e congratulando-o por tão evidente e auspiciosa manifestação da divindade.

«A maré começava a vasar, e deu-nos licença para entrar, não sem algum risco, n'uma caverna de pasmosa altura, cujos lados estavam encrustados de bellos mariscos e de uma variedade de conchinhas em varios grupos. Contra alguns asperos e porosos fragmentos, não distante da bocca, por onde tinhamos engatinhado, as ondas empolavam-se violentas, arremettiam para o ar, formavam instantaneos doceis de espuma, e depois escorriam em milhares de regueiros côr de prata. As vacillantes espadanadas da luz pelas irregulares arcadas batendo nas mais sombrias e reconditas cavernas, o crepusculo mysterioso e humido, os murmurios resonantes e quasi todos os tons musicaes, occasionados pelo embate dos ventos e das aguas, o cheiro activo da atmosphera impregnada de particulas salinas produzem tal desvario dos sentidos, que eu não duvido que um genio poetico se inclinasse alli á crença das apparições sobrenaturaes. Não me espanta, por isso, a credulidade dos antigos, e só me maravilha que a minha imaginação não me illudisse similhantemente. Se a solidão excitasse as nereidas a certificarem-me da sua existencia por uma apparição, não faltaria esta, porque todos os meus companheiros se haviam trasmalhado, deixando-me inteiramente só; por uma hora estive recluso do mundo animado; a unica creatura viva, que pude depois descortinar foi um arisco corvo marinho, empoleirado n'uma rocha, insulada a cincoenta passos da abertura da caverna.

«Os sons complicados e susurros, que me entraram pelos ouvidos, atordoavam-me a ponto, que estive alguns momentos sem poder distinguir as vozes de Verdeil e D. Pedro, os quaes voltavam d'uma colheita de algas e conchas, chamando-me estrondosamente para montar a cavallo e reunir-nos ao marquez e sua comitiva, que todos tinham ido á missa ao conventinho da Serra.

«Felizmente as pequenas nuvens soltas, que tinhamos visto do cume altissimo da Pena, em vez de se fundirem no firmamento azul haviam-se condensado, e nos protegiam contra o calor do sol. Foi, portanto, deliciosa a cavalgata; assim que nos apeámos, appareceu-nos o abbade velho, que chegava na occasião com Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, cercado de

Digitized by Google

todo o synodo de frades, pittorescos quanto podiam tornal-os as cabeças calvas e as barbas venerandas.

«Logo que o marquez findou as suas devoções, serviu-se o jantar no gosto do que se póde esperar em Mequinez ou Marrocos; cuscús e similhantes massas, saborosas codornizes e pyramides, de arroz coradas de açafrão. A nossa sobremesa, emquanto a fructas e doces, foi mais opipara; nem a propria Pomona se envergonharia de trazer no regaço pecegos e abrunhos, como os que rolavam com profusão por cima da mesa.

«O abbade parecia animado depois do jantar pelo espirito de contradicção, e não queria conceder que o marquez ou Luiz de Miranda soubessem mais da côrte de D. João V do que da de Pharaó, rei do Egypto. Para não ensurdecermos aos berros da disputa, em que dois ou tres frades com vozes de stentor começaram a metter-se com vehemencia, galgámos D. Pedro, Verdeil e eu pelas empinadas moitas de medronheiros e murtas até um terreirinho, atapetado de mimosa relva, que á mais leve pressão recendia com perfumes suaves. Alli nos sentámos, acalentados pelo borborinho das ondas distantes, que rebentavam na penedia da praia, que de manhã tinhamos visitado; as nuvens passavam vagarosamente por cima dos outeiros. Os meus companheiros partiam as pinhas e davam-me os pinhões, que teem agradavel sabor de amendoa.

«A tarde ia muito adiantada, quando deixámos este pacifico retiro, e fomos ter com o marquez, que não fôra capaz de accommodar o abbade; o velho vozeador appellou tantas vezes para o guardião do convento em defeza das suas opiniões, que eu pensei que nunca d'alli nos despregariamos. Afinal partimos, e divagando entre nevoas e trevas espaço de duas horas, chegámos exactamente ás dez a Cintra.»

CARTA XXIII

Penha Verde — Caracteres da corte — Festas

22 de setembro de 1787.

«Quando me levantei, a nevoa encobria os cabeços, e o mar distante apresentava o seu azul esplendido.

«Não obstante esperar algumas visitas de consideração, procedentes de Lisboa, a manhã convidava tanto que não pude resistir a montar a cavallo, depois de almoço, correndo o risco de não estar presente á sua chegada.

«Tomei a estrada de Collares. O ar estava deliciosamente sereno e fragrante, algum chuvisco, que havia pouco caira, refrescou toda a superficie do terreno, e coloria os alcantis para lá da Penha Verde de purpura e esmeralda; a numerosa tribu das urzes começava a florescer; e os pequenos plainos irregulares, sobre os quaes pendem tortuosos sobreiros, e que tão frequentemente se encontram por aquelle caminho, viam-se cobertos agora de avantajados lyrios brancos raiados de carmezim.

«Penha Verde é de per si um sitio agradavel. A casa de campo com seus tectos baixos e chatos, e um corpo saliente n'uma extremidade, assimilha-se exactamente aos edificios das paizagens de Gaspar Poussin, diante d'uma das

Digitized by Google

fronteiras ha um jardim quadrado com sua fonte no meio, e nas paredes nichos occupados por bustos antigos. Acima d'essas paredes variedade de arvores sobem a grande altura, e compõem uma condensação da mais rica folhagem. Os pinheiros, que pelo seu lustroso verde deram o epitheto a este rochedo ponteagudo são tão pittorescos, como os que eu costumava admirar tanto no jardim Negroni em Roma, e de certo tão antigos ou talvez mais: a tradicção refere que foram plantados pelo afamado D. João de Castro, cujo coração repousa n'uma capella de marmore á sua sombra.

«Quantas vezes aquelle coração heroico, emquanto bateu dentro do melhor e mais magnanimo seio humano, se affligiu depois no seu socegado retiro! Aqui pelo menos aguardou aquelle repouso, que tão cruelmente lhe negava a cega perversidade de seus ingratos concidadãos!

«Estas paisagens, posto que ainda encantadoras, provavelmente soffreram grandes mudanças desde o tempo do heroe.

«Temos lido que os fechados bosques desappareceram, e com elles muitas das nascentes, que alimentavam. Fontes architectonicas, alinhados terraços, e talhões regulares plantados de larangeiras usurparam o logar d'aquelles vergeis silvestres e borbulhantes ribeirinhos, os quaes bem podemos suppor que a phantasia lhe representava em sônhos, quando distante milhares de leguas do seu torrão patrio. Essas coisas mudaram; mas os homens são os mesmos, que os do tempo d'elle, egualmente insensiveis á voz fervorosa do puro patriotismo, e egualmente dispostos a vergar de rastos sob a vara da corrompida tyrannia.

«Impressionado com todas as recordações, que este interessantissimo sitio não deixa de inspirar, custava-me separar-me d'elle. Uma e outra vez segui os musgosos trilhos, que vão em voltas por entre sombrios penedos até á pequena assentada da capella funeraria, acima da qual se agitam com stridor as copas dos pinheiros.

«Não vos admirará pois que eu viesse preoccupado em todo o caminho para casa, d'aquelles mysteriosos susurros, e que em tal disposição não me agradasse ver uma procissão de seges, e uma caravana de burros encaminhando-se para o portão da minha quinta. É certo que eu estava preparado para esperar consideravel affluencia de visitas; mas aquillo era uma innundação.

«Não vos envio a lista da companhia, porque vos enfadaria tal individuação, como a mim, uma similhante invasão em massa.

«Basta nomear-vos dois dos principaes caracteres, o piedoso ancião, conde de S. Lourenço, e o prior de S. Julião, um dos principaes validos do arcebispo confessor, e pessoa de muito respeito. Acontecendo estar sobre a mesa a biblia hollandeza de Mortier, folhearam-na de um modo muito grosseiro. Eu que aborreço ver os livros enxovalhados, e as estampas com as nodoas da pêga de um pollegar besuntado, ralhei ao conde velho, e lancei um olhar severo ao prior, que debruçava todo o seu peso clerical sobre o volume, e dobrava os cantos das paginas.»

Digitized by Google

CARTA XXIV

«Não posso abonar a erudição do prior, mesmo em materias ecclesiasticas, [1] pois que elle positivamente affirmava ter sido o proprio Henrique VIII que fizera saltar os miolos de S. Thomaz Becket (ou de Cantuaria), e que na besta do Apocalypse era Luthero claramente designado. Aborreço altercações, e se não tivessem besuntado as minhas estampas, eu nunca contradiria sua reverencia, mas, como me achava um tanto fóra da minha pachorra, rebaixei-me um pouco em a opinião do conde acertando a verdadeira data do assassinio de S. Thomaz, e com argumentos soffrivelmente especiosos arredando de Luthero os cornos da besta, e pespegando-os muito tesos... em quem pensaes que seria?.. Em Ecolampadio. Um nome tão comprido, e que elles provavelmente nunca tinham ouvido pronunciar em sua vida, dando outro exemplo do triumpho do som sobre a intelligencia, abafou a disputa.

«Eramos ao todo uns trinta ao jantar, e apenas começava a sobremesa veiu Berti dizer-me que a senhora Arriaga e um rancho de donzellas do paço corriam a quinta a cavallo em galizianos burros; apressei-me a ir encontral-as; eram D. Maria do Carmo e D. Maria da Penha, com seus cabellos fluctuando sobre os hombros e os grandes e bellos olhos tão espertos e desinquietos como os de uma antilope. Mandei apromptar o cavallo, e galopámos pelas lamedas, roçando por folhas, fructos e flores; cada sopro da viração nos conduzia os sons dos oboés e trompas da musica da sala. As senhoras mostravam deleitar-se infinito com a novidade e isenção d'esta sortida, e pesava-lhes que tão pouco durasse, porquanto ás sete eram obrigadas a voltar ao imprescreptivel serviço da rainha, e sendo a pena da desobediencia algum extravagante conto de fadas, metamorphose em abobora ou pepino, era forte o seu cuidado e ancia, quando bateu a fatal hora das sete; felizmente não tinham de ir longe, porque sua magestade e a real familia estava tudo reunido na quinta de Marialva a participarem de uma esplendida merenda, e verem o fogo d'artificio n'um conchegado camarim, que tem vista para o grande pavilhão, cuja festiva e phantasiosa scena ganhava realce pelas luzes de innumeraveis velas de cera, que dos lustres de crystal para todos os lados reflectiam. A pequenina infanta D. Carlota estava empoleirada n'um sophá conversando com a marqueza e D. Henriqueta, que ao modo oriental se haviam sentado no chão de pernas encruzilhadas; uma ranchada de damas de honor commandada pela condessa de Lumiares ficava a pouca distancia na mesma postura; a negrinha anã e valida, que chamam D. Rosa, vestida de escarlate mui vivo, não tão folgazã como eu tive o gosto de a ver no seu aposento de fada, estava agora mais sentimental encostada á porta, fazendo gaifonas a um esbelto moiro da casa do marquez.

«Então a rainha, seguida de sua irmã e nora, a princeza do Brazil, levantou-se da merenda, e tomou logar em frente da gelozia, por detraz da qual eu estava collocado; as suas maneiras me fizeram impressão por serem caracte-

[1] *Panorama*, vol. xiv, pag. 258.

Digitized by Google

risticas de magestade e agrado; parece nascida para mandar, mas, ao mesmo tempo, para fazer aquella summa auctoridade mais querida que temida. A justiça e clemencia, mote ou divisa tão enormemente mal applicada na bandeira da detestavel inquisição, pode ser transferida com a mais restricta verdade para esta boa princeza. Durante a fatal contenda entre a Inglaterra e as colonias, a prudente neutralidade, em que ella perseverou, foi do mais vital beneficio para os seus dominios, e até agora o commercio nacional portuguez tem-se elevado sob os benignos auspicios da rainha a um gráo de prosperidade, que não tem precedentes. Nada excede o profundo respeito e cortezania, que a sua presença inspira. O conde de Sampaio e o visconde de Ponte de Lima ajoelharam perante as augustas personagens com veneração nada inferior, cuido eu, á dos mahometanos ante o tumulo do seu propheta, ou os tartaros acatando o Dalai-Lama; só o Marialva, que tomou o seu logar do lado opposto a sua magestade, parecia conservar-se no seu usual desembaraço e modo alegre. O principe do Brazil e D. João figuravam estar enfastiados, porque estavam encolhidos, com as mãos mettidas nas algibeiras, as boccas em perpetuo bocejo, e os olhos vagueando de objecto para objecto na pasmaceira de regia eciosidade.

«A etiqueta mais rigorosa encerra os infantes de Portugal dentro dos seus palacios, e raro se encontram, mesmo de incognito, misturados com a sociedade geral; por isso aquelles seus lisongeiros sorrisos ou os confidenciaes bocejos não se desperdiçam em observadores vulgares. Este modo de embalsamar principes na vida não é por fim de tudo má politica; reveste-os d'uma apparencia sagrada; concentra a sua real essencia, mui facil de evaporar-se pela franca exposição ao ar livre.

«Deitadas as ultimas peças de fogo partiram a rainha e infantes. A marqueza e as outras senhoras desceram ao pavilhão, onde tomámos uma refeição magnifica e verdadeiramente real. D. Maria e sua irmã pequena, animadas pela illuminação deslumbrante tropeçavam nos leves vestidos de caça com toda a folgança e brinquedo d'umas fadas, taes como eu as supponho descidas das nuvens fluctuantes, que Pillement representou tão excellentemente nas suas pinturas a fresco.»

CARTA XXIV

A Sé — O convento dos Caetanos — O poeta Bocage

8 *de novembro de* 1787.

«Verdeil e eu ralhavamos das calçadas desconjuntadas indo esta manhã no meu coche tosco de viagem com o objecto de fazer exercicio; o pretexto da nossa digressão era vermes uma notavel capella embutida de jaspe e lapis lazuli na egreja de S. Roque; mas, quando chegámos, celebravam-se tres ou quatro missas, e não havia uma creatura assaz desoccupada para correr a cortina, que cobre o altar, de maneira que voltámos com cara de parvos.

«Não tendo ainda visto a Sé nos encaminhámos para aquelle bairro. É um edificio de dimensões nada maravilhosas, estreito e sombrio, sem comtudo ser respeitavel. O terremoto reduziu a pó as suas magnificencias, se é que as teve

Digitized by Google

e tão espontaneamente despedaçou as capellas, de que está incrustado, que mui tenues vestigios se podem perceber de terem feito parte d'uma mesquita.

«Posto que não fosse movido de esperança alguma de grandes coisas, apesar das descripções das viagens e obras topographicas, que, como os livros do pariato, e de linhagem, tem affectuosa inclinação para figurarem ser alguma coisa, o que na realidade está proximo do nada, indaguei, segundo faz o viajante diligente, pinturas e ornatos de altares, e os tumulos, e não posso blazonar de descoberta alguma. Certo não dispenderiamos muito tempo com o que por alli havia; mas os padres e sacristães pegaram de nós insistindo que de novo examinassemos o recanto do vão d'uma escada, onde estão para se beijarem e venerarem os signaes dos dedos de Santo Antonio. Parece que o santo vendo-se apertado pelo pae da mentira e origem do mal, gravou o signal da cruz n'uma parede do mais duro marmore, e assim poz ponto á tentação.

«Tudo isto era assombroso; porém nada em comparação com algumas historias relativas a certos corvos sagrados. «Existem os mesmos passaros» disse um sacristão. «O que! (retroquei-lhe) os proprios, que acompanharam S. Vicente? «Exactamente não, (foi a resposta segredada ao ouvido), mas os seus immediatos descendentes» «Muito bem (lhe disse), ainda n'esta tarde, querendo Deus, virei fazer-lhe os meus cumprimentos, e em boa companhia; por agora adeus.»

«O ponto, onde em seguida nos dirigimos, foi ao convento dos Theatinos. Demos uma vista d'olhos á livraria, que ainda jaz na mesma confusão, em que a deixou o terremoto, metade dos livros tombados uns sobre os outros em montões pulverulentos. Um frade esperto e activo, que me disseram ter escripto uma historia da Casa de Bragança, ainda não impressa, guiou os nossos passos n'este cahos de litteratura, e depois de procurar meia hora algumas viagens curiosas, que desejava mostrar-nos, levou-nos á sua cella, e chamou a nossa attenção para um gabinete de medalhas, que com sua diligencia, e alguma despeza havia colligido.

«Não sentindo em mim vocação para investigações numismaticas, deixei Verdeil com o frade abarbados com algumas legendas duvidosas, e fui recrutar de improviso quem me acompanhasse a vêr os corvos sagrados. Encontrei primeiro o abbade Xavier, depois o famoso missionario prégador da Boa Morte, logo o grão-prior e por ultimo o marquez de Marialva. D. Pedro pediu que não o deixassem ficar de fóra, de maneira que fomos com o coche todo cheio, e eu conduzi toda a carrada a jantar em minha casa.

«Verdeil já estava de volta acompanhado do reverendo antiquario das medalhas, e tambem tinha arrebanhado o governador de Goa, D. Frederico de Sousa Calhariz, e o seu constante companheiro, um fanfarrão saboyano, ou piemontez, por nome Lucatelli, e tambem um mancebo pallido, de compleição fraca, de olhar e modos excentricos, o sr. Manuel Maria, a mais fóra do commum, mas talvez a mais original das creaturas poeticas formadas por Deus. Succedeu achar-se n'uma d'aquellas disposições de espirito, de enthusiasmo e

Digitized by Google

de exaltação, que á similhança do sol no pino do inverno, brilham quando menos se espera; milhares de ditos agudos, de expansões de alegria zombeteira, de repentes satyricos, disparava-os de chofre, de modo que todos andavamos a tombos com riso; mas, quando começou a recitar algumas das suas composições, nas quaes a profundeza do pensamento se mistura com os rasgos mais patheticos, senti-me abalado, commovido. Em verdade, póde dizer-se que este caracter extravagante e versatil possue a verdadeira varinha de condão, com que, a seu bel prazer, anima ou petrifica.

«Percebendo o quanto me attrahia, disse-me:

«Não esperava que um cavalheiro inglez se dignasse prestar alguma attenção a um versejador, moço, obscuro e moderno. Vós outros julgaes que não temos outro poeta senão o Camões, e que o Camões não escreveu coisa digna de memoria senão os *Lusiadas*. E tem um soneto que vale metade dos *Lusiadas*. Nenhuma imagem de belleza campestre escapou ao nosso divino poeta; e quão sensivelmente se transportam da paizagem para o coração! Que encantadora melancolia, como os derradeiros raios do sol no occaso, se diffunde em toda aquella composição! Se eu valho alguma coisa, fez-me este soneto o que sou; mas que sou eu comparativamente com Monteiro? Julgae, continuou elle entregando-me alguns versos manuscriptos d'este auctor, de que os portuguezes são vehementes partidarios; posto que façam impressão e sejam sonoros, devo confessar que o soneto de Camões, e muitos dos proprios versos do sr. Manuel Maria me agradaram infinitamente mais; todavia é certo que eu não estou bastante iniciado na força e fórmas da linguagem portugueza para ser juiz competente.

«O nosso jantar foi alegre e de bons convivas; á sobremesa o abbade apresentou uma immensa bandeja de fructas seccas e doces, que um dos seus cento e cincoenta protegidos lhe mandou, não me lembra de que exotica região. Todas estas iguarias elle reservava para nos mandar, querendo quasi empurral-as por nossa goela abaixo, como se fossemos perus, e elle gallinheiro cujo modo de vida dependesse de nos cevar bem.—«Já vistes (disse elle) em parte alguma tão admiraveis producções? A nossa rainha tem milhares de leguas de pomares, e rochas de oiro e diamantes; as riquezas e fertilidade de seus dominios não tem limites, e tambem o mar, o proprio mar deve pertencer-nos, se vos apraz, pois que temos immensos meios para construcção naval, mastros de duzentos pés d'altura, madeiras incorruptiveis, corajosos marinheiros. D. Frederico vos póde contar as proezas d'alguns de nossos heroes ainda não ha muito tempo, contra os gentios em Goa; os vossos John Bulls não são metade tão activos, nem metade tão valorosos.

«E assim por diante blazonando e ensurdecendo-nos. Em patrioticas jactancias e gabos nenhuma nação leva a melhor aos portuguezes, e nenhum portuguez ao abbade.

«Afinal evaporados estes louvores e gozos, partimos equilibrados nas azas da santidade a satisfazer nossa obrigação para com os corvos bentos. Desde tempo immemorial está consignada certa quantia para mantença de dois passaros d'aquella especie, e os achamos commodamente aquartelados n'um es-

Digitized by Google

conderijo da claustra adjacente á cathedral, bem nutridos, e de certo mui devotamente venerados.

«Já era tarde, quando nós chegámos, e os plumosos santificados se tinham empoleirado tranquillamente; mas os sacristães á espreita de que chegassemos, assim que nos viram, officiosamente os fizeram levantar. Como estavam nutridos, nedios e lustrosos! A minha admiração por seu tamanho, plumagem e retumbantes grasnidos receio eu que me fez passar os limites do sagrado decoro; quando estendia a mão para afagar-lhes as pennas, o missionario reprimiu-me com um solemne olhar prohibitivo. Os mais da companhia, sabedores do cerimonial proprio, guardavam respeitosa distancia, em quanto o sacristão e um padre desdentado, curvo pelos annos, enfiavam um rosario de milagrosas anedoctas concernentes aos actuaes corvos bentos, os seus immediatos antecessores, e outros que em tempos remotos os precederam.

«A todas estas sobrenaturaes narrações parecia o missionario estar attento com implicita fé, e nunca abriu os beiços, emquanto nos demorámos na claustra senão para fortalecer a nossa veneração, e exclamar com pia compostura —*honrado corvo!* Creio que estariamos até á meia noite, se não viesse um pagem de sua magestade chamar o marquez de *** e o seu capellão.

«Satisfeita a minha curiosidade pelo que tocava aos corvos bentos, facilmente me persuadiu o grão-prior a retirar-me e passear as ruas principaes para vêr as luminarias, por festejo do parto dá infanta consorte de D. Gabriel de Hespanha, que deu á luz um principe. Era grande a multidão de ociosos, que vagueavam pelos mesmos sitios, e por isso andavamos com difficuldade, e por pouco esteve que não saltassem fóra as rodas da nossa carruagem, quando tentou abrir caminho um anachronico e arrevezado coche, pertencente a uma dignidade da sé patriarchal. Não tenho de que espraiar-me em louvores a respeito das illuminações, mas alguns foguetes deitados do Terreiro do Paço causaram-me admiração pela altura a que subiram, e o extraordinario numero de transparentes estrellas azues, que espargiam. Os portuguezes primam nos fogos de artificio, tendo gasto muito e muito dinheiro em levar á perfeição esta arte o fallecido, baboso e beato monarcha.

«Do Terreiro do Paço fomos á grande praça, onde está o palacio da inquisição; ahi achámos immensa multidão, á qual tres ou quatro prégadores capuchos apregoavam as glorias e illuminações do outro e melhor mundo. Teria prestado alguma attenção aos seus discursos, que pelas amostras, que conheço seriam repassados de fogo e phrenesi, se o grão-prior com seu perpetuo medo de rheumatismo se não queixasse do ar da noite; e por isso recolhemos a casa. Todos os aposentos estavam mornos com a evaporação das luzes de cera, que em boa fé se poderiam chamar lavaredas; enfadado sacudi a fumaça, e abri as janellas. Saindo o grão-prior, veiu Polycarpo, o famoso tenor, que nos entreteve com algumas arias de vigor e pasmosa volubilidade antes da ceia, e durante ella em estylo egualmente professional com muitas anecdotas particulares da alta nobreza, e dos principaes empregados, que de certo não lhe eram favoraveis.»

Digitized by Google

CARTA XXV

Divagação no valle de Collares — Caminhada ao alto da serra

19 *de novembro de* 1787.

«A minha saude melhora [1] de dia para dia; o tempo sereno e jucundo, que vamos disfructando esperta a sensação da existencia; ando a cavallo, passeio, subo ladeiras, quando e por onde me apraz, sem me fatigar; o valle de Collares ministra-me objectos de perenne recreio; tenho descoberto variedade de trilhos, que por entre castanheiros decotados e pomares conduzem a pequenos rocios de fórmas irregulares e relvosos, e ahi loireiros nascediços e balsas de limoeiros bracejam livremente acima da beira pedregosa d'um regato, largando flôr e fructo na corrente d'agua. Podeis andar milhas pelas margens d'este arroio deleitoso, aproveitando interminaveis perspectivas de moitas floridas nos espaços, que deixam os choupos e castanheiros. A paisagem é de certo a dos Campos Elysios, e tal qual os poetas designam para repouso das almas bemaventuradas.

«Os musgosos fragmentos de penedia, os brutescos toros de arvores e pontes rusticas, que encontraes a cada passo, traçam na imaginação a Saboya e a Suissa; porém a apparencia exotica da vegetação, o verde lustroso dos limoeiros, os doirados pomos da laranjeira, os palmitos da murta, a rica fragancia dos torrões guarnecidos de côres as mais brilhantes e das mais aromaticas flôres, levavam-me a acreditar sem violento esforço da phantasia, que me achava nos jardins das Hesperides, e esperava ver surdir um dragão debaixo de cada arvore. Não me passava pelo pensamento abandonar estes risonhos sitios, e vinte vezes n'este dia estive para revogar as ordens, que dera para a minha jornada.

«Quaesquer que fossem as objecções, que eu pozesse á demora em Portugal, desvaneciam-se, quando resolvia deixal-o; porque é tal a depravação da natureza humana, que as coisas nos parecem mais estimaveis precisamente na occasião em que vamos perdel-as.

«Havia esta manhã um brando luzeiro dos raios do sol, e uma balsamica serenidade do ar, que infundiam o voluptuoso desleixo, o desejo de ficar endensado n'um logar deleitavel, como em as ficções classicas se presume tornarem-se deslembrados da patria, dos amigos e de todas as obrigações, os que provaram o lotus. O que eu sentia, não era dissimilhante, repugnava-me a idéa de retirar-me d'alli.

«Não obstante haver-me embrenhado n'estes formosos pomares pouco depois de nascer o sol, os campanarios de algumas egrejas distantes bateram horas apoz horas, primeiro que eu me vencesse, e decidisse largar os odoriferos e ramosos loireiros, debaixo dos quaes me recostava.

«Se as sombras frescas e fragrantes assim convidam a repousar, devo tambem dizer que não ha veredas mais azadas para tentar a passeio os individuos ainda os mais mandriões, do que os caminhos, que d'aqui abrem para todos

[1] *Panorama* de 1857 (XIV), pag. 338.

Digitized by Google

os lados, e são compostos d'uma areia macia e enxuta, tão ligada e compacta, que fórma uma superficie dura como cascalho.

«Estes trilhos plainos vão em voltas por entre um labyrintho de esbeltas e viçosas arvores fructiferas, amendoeiras, abrunheiros e gingeiras, lembrando as lamedas de Tonga-taboo, como as vemos descriptas nas viagens de Cook; e para augmento de similhança, tapumes bem compostos de canavial e telheiros baixos colmados de caniços, que se descortinam por intervallos, quebrando as linhas horisontaes das perspectivas.

«Dilatei-me e vadiei muito a meu sabor quasi toda a manhã; mas, posto que a minha illusão me afigurasse como um habitante dos Elysios, quanto o podia auctorisar a paisagem, e o clima inspirar, não podia considerar-me individuo tão ethereo, que existisse sem alimento; para fallar claro achei-me esfomeado; e as peras, marmelos e laranjas baloiçadas sobre a minha cabeça não eram tão succosas e gratas ao paladar, como se esperaria da sua promettedora apparencia.

«Estando embrenhado mais d'uma milha na floresta sem guia, nem lembrança do caminho, por onde me safasse, demorei-me meia hora pelo menos a cogitar, por onde voltaria. Os telheiros e cercados, que mencionei, estavam feitos com diligencia e até primor; porém mostravam não ter outros moradores senão uns bandos de gallinhas de Java, pavoneando-se, e destruindo os ovos e as esperanças de muitas familias de insectos. Estas aves lustrosas como as suas eguaes, descriptas nas viagens de Anson, que animam as profundas solidões da ilha de Tinian, parece não terem dono.

«Porfim, quando eu começava a desejar-me com todas as veras n'uma região menos romantica, ouvi os sons grossos, porém não desentoados d'uma forte voz feminina, retumbando pelas ruas cobertas de vecejantes arcadas; a esse tempo vinha saindo um mancebo camponez, robusto e corado, mui pittorescamente vestido de pardo e escarlate, tangendo uma besta muar, carregada com dois enormes cestos d'uvas. Pedir um quinhão da sua preciosa carga e cumprimentar o garrido conductor, foi acto instantaneo da minha parte, mas baldado. Respondeu-me piscando os olhos de matreiro :—Pertencemos ao sr. José Dias, que tem a quinta d'aqui meia legua; se o senhor quizer vir por este caminho, indo sempre seguido sem desgarrar-se, nem para a direita nem para a esquerda, lá chegará breve; e afoito-me a dizer-lhe que o feitor terá gosto em lhe dar quantos cachos appeteça, Deus lhe dê bons dias; que vou tratar da minha vida.

«E assentando-se entre os cubiçosos cestos partiu n'um instante. Eu tive a boa fortuna de ir parar direito ao portal d'um muro de pedra secca, que torneava de alto a baixo irregular e rusticamente alguns oiteiros matagosos; porém, se o exterior do cercado era desabrido, e não promettia coisa boa; da banda de dentro apresentava-se o mais aprazivel painel de opulencia rural, vendo-se ordenhar as vaccas e as cabras em quantidade, os fornos d'onde se estavam tirando grandes e gostosos pães e bolos, fileiras de colmeias e uns como alpendres sobre pilares, todos forrados de cachos purpurinos e do loiro moscatel, meio passados, dispostos em pendura para seccar.

Digitized by Google

«Um jovial e classico *magister pecorum*, maioral, seguido por dois cães bem ensinados, inda que de olhar bravio, e que um leve aceno de seu dono não deixava ladrar, saudou-me cordealmente, e com sincera hospitalidade não só me franqueou a sua fazenda, mas até andou mostrando o melhor d'ella. Á porfia dois ou tres rapazes bochechudos, de cabello emmaranhado, contendiam a qual primeiro havia de trazer-me nozes recem-descascadas, taças de leite, e queijos frescos, fabricados pelo melhor modo, isto é, ao uso do Alemtejo.

«Senti-me tão abstracto do mundo, n'este retiro, tão perfeitamente transportado aos primitivos tempos patriarchaes, que não me recordo de ter jámais gosado umas poucas de horas de placidez mais deleitosa. — Aqui (disse para commigo) estou livre do reboliço das côrtes, dos cerimoniaes, dos cumprimentos e visitas da tabella, e das palrações de golhilheiros. Mas ah! quanto o que pensamos e dizemos para comnosco, falha noventa e nove vezes em cada cento!

Quando bemdizia a minha estrella por esta tregua no molesto tumulto da vida, que tenho levado, desde que sua magestade chegou a Cintra, subito me salteou do socegado recanto, em que entrára, e dissipou todas as minhas illusões uma estrondosa vozeria acompanhada de estoiros dos lategos e do estrepito dos cavallos. Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, confidente e mui valido do principe do Brazil, investiu-me com um sem numero de cortezes queixas por eu ter desamparado o Ramalhão na propria manhã em que elle vinha com tenção de jantar commigo, e propôr para depois da comida um passeio a cavallo até um especial ponto da serra, sobranceiro, pelo que me assegurou, a uma vista como eu ainda não tivera a fortuna de descobrir em Portugal.

«Ainda não é muito tarde; (disse), trouxe os nossos cavallos, que achei impacientes e pateando debaixo da sombra d'uma grande arvore, á entrada d'estas mesquinhas azinhagas. Venha: e por Deus faça-me favor de pôr pé no estribo, que eu fico que se dará por bem compensado com a paizagem, que vou patentear-lhe.

«Como era destino meu ser perturbado e empurrado para fóra do elysio, em que me embrenhára nas ultimas sete ou oito horas, não importava, em que postura, se a pé, se a cavallo, annui por isso, e logo mettemos a trote. Os cavallos eram seguros e firmes de cascos, senão, bem creio que rolariamos pelos precipicios abaixo; o nosso caminho, se póde dar-se o nome de caminho, onde nenhum ha, levou-nos por zigs-zags e atalhos em subidas ingremes costa acima por espaço de tres ou quatro leguas, até chegarmos a um ermo, em que só crescem urzes, onde uma cruz solitaria, sobresaindo d'entre os matos açoitados pelos temporaes marca o mais elevado ponto d'esta agreste eminencia; um dos mais dilatados conspectos de mar, campos e montanhas distantes desenrolou-se repentinamente aos nossos olhos admirados, tornando-se ainda mais vasto, aereo, incommensuravel em razão do illusivo e magico vapor, que cercava o sol no occaso.

«Tendo gosado por alguns momentos o effeito geral, comecei a distinguir os principaes objectos, quanto podiam desenhar-se atravez da nevoa deslum-

Digitized by Google

brante, encadeada com os raios derradeiros do astro luminoso. Segui o curso do Tejo desde a sua foz até onde se derrama em esteiros apaulados para além de Lisboa; por outro lado avistei Cascaes com os seus lanços de muralha e quarteis á prova de bomba, similhando uma cidade mourisca, e com auxilio d'um bom oculo divisei uma crescida palmeira campeando sobre uma pinhota de casas caiadas.

«Muito bem (disse ao meu guia) este painel tem de certo bellezas dignas de serem contempladas; porém não tanto que me faça esquecer de que é mais que tempo de voltar a casa e refrescarmos.

«Nem tanta pressa (foi a resposta); ainda temos muito para vêr.

«Tendo adquirido, nem posso dizer porque, nem como, um habito á moda dos carneiros de ir por onde vão os outros, dei de esporas atraz d'elle por uma aspera ladeira abaixo, juncada de bastos seixos e calhaus soltos; ao cabo d'esta descida se estende para todas as bandas um chão raso, medonho, queimado do sol. Desmontando e fazendo alto por alguns minutos para dar respiro aos cavallos, não pude eximir-me de observar que tudo, que estavamos vendo, muito mal pagava o risco de partirmos a cabeça, baixando a cavallo por tão rapidos declives. Elle sorriu-se, e perguntou-me se não divisava coisa interessante.

«Agora sim (lhe tornei) percebo a distancia quasi d'um quarto de milha uma especie de caravana, objecto que não deixa de ser curioso; aquelles ranchos de gente vestida de côr encarnada, com suas armas lustrosas, e azemolas carregadas, e aquelles toldos listrados, esticados e seguros nos muros velhos, offerecem exactamente uma pintura do que se poderia vêr nos arredores do Cairo.

«Venha cá (me disse) é tempo de lhe aclarar o mysterio, e explicar-lhe porque nos demos ao trabalho de tão longa e fadigosa cavalgada. A caravana, que se lhe afigura tão pittoresca, compõe-se dos creados da comitiva do principe do Brazil, que foi passar todo o dia n'uma caçada, e é agora o momento de descançar alguma coisa á sombra dos toldos, que acolá estão. Foi por desejo do principe, que vos conduzi aqui, tendo-me incumbido de vos manifestar o gosto que teria de meia hora de conversação vossa, sem ser observado, mantendo-se rigorosamente incognito. Passeae, como se andasseis colhendo plantas, ou tirando esboços de paisagem; assim se fará saber a sua alteza real, e encontral-o-heis como por acaso e sem formalidade alguma; ninguem se chegará tão perto, que oiça uma só palavra do que ambos disserdes, porque eu me postarei a distancia pelo menos de cem passos, e afastarei todos os espreitadores e intromettidos.»

Terminam aqui as viagens de Beckford traduzidas no *Panorama*, nem posso dar ulterior informação a respeito do resto, pelo motivo, que disse no principio d'este artigo—o nunca ter deparado com um exemplar inglez.

Emquanto porém á outra obra do mesmo auctor *Jornadas a Alcobaça e Batalha*, d'ella existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa. É livro muito interessante, e d'elle (como tambem disse) se serviu o nosso romancis-

Digitized by Google

ta Rebello da Silva para composição do seu lindo romance *Lagrimas e Thesouros*, cujo heroe é Beckford.

Beckford, depois de vêr todas as preciosidades guardadas em Alcobaça, desejava dar um passeio para ver os campos proximos, embora o calor estivesse na sua maior força. «Quereis vós então vêr nossas colheitas, lhe pergunta o frade, que lhe servia de guia, enfadado: olhae porém que os coelhos agora estão todos a dormir, e que é crueldade ir acordal-os. (Pag. 51). Beckford insistiu, e depois de o frade o ter acompanhado por algum tempo, deixou-o sosinho, e foi-se deitar debaixo d'uma arvore.

O viajante inglez diz que um dos portaes da Batalha lhe trouxe á memoria William of Wydeham, e a nave lhe fez recordar Winchester e Amiens.

Como já se disse, esta viagem é muito interessante, e bem digna de ser traduzida em portuguez.

Rebello da Silva serviu-se tambem d'esta ultima obra para a composição do seu já mencionado romance.

96) **BEGIN (EMILE).**

E. — *Voyage Pittoresque en Espagne et en Portugal par —. Auteur du Voyage Pittoresque en Suisse. Illustrations de Mrs. Rouargue Frères.* Paris, Belin-Leprieur et Morizot, editeurs, 4.°, 556 pag. com um grande numero de estampas sobre assumptos hespanhoes.

(Viagem pittoresca em Hespanha e Portugal.)

A viagem a Portugal é descripta desde pag. 537 d'este volume até 549, acompanhada d'uma estampa, que diz representar Lisboa. Nada porém nos apresenta este livro, que seja digno de especial menção.

Fallando de Lisboa diz-nos: «Que nenhum local podia ser melhor escolhido, que o d'esta cidade para o desenvolvimento magestoso d'uma capital: abraça sete collinas, tendo cada uma seu valle intermediario. O Tejo offerece alli duas milhas inglezas de largura na sua parte mais estreita, e até nove na mais espraiada. Uma bahia tão bem situada poderia tornar Lisboa a metropole commercial de meio dia da Europa, se alli se encontrasse um milhão de habitantes em logar de tresentos mil.»

«Que homem de genio n'este paiz se resolverá a entrar n'uma carreira de abnegação, para ser calumniado, perseguido, como o infante D. Henrique para acabar miseravel como o almirante Pacheco, como Camões: ou para vegetar esquecido como o pintor Glama, reduzido a fazer taboletas de tavernas; como o esculptor Machado de Castro, e como o fundidor Costa, auctores d'uma estatua equestre de Joseph I, digna de rivalisar com as mais bellas obras do ultimo seculo?» (Pag. 539.)

97) **BEKE (CHARLES TILSTONE)** — Viajante inglez.

Nasceu no anno de 1810. [1]

E. — *Mémoire justificatif en faveur des pères Paëz e Lobo.* Paris, 1848.

[1] Vapereau — *Dictionnaire des contemporains*, pag. 150.

Digitized by Google

(É uma defeza da opinião d'estes padres a respeito das nascentes do Nilo.)

«Em tempo de Felippe II de Portugal [1] se descobriu o occulto e notavel nascimento do rio Nilo em 12 gráos da linha Equinocial, da parte do norte na Abassia por diligencia e observação dos padres da Companhia de Jesus, coisa de que não havia até os nossos tempos noticia certa, e que errava toda a cosmographia, que tratava do nascimento d'este grande rio; porém depois que o patriarcha de Ethiopa, D. Affonso Mendes, e outros padres doutos, que n'aquellas partes assistiram, fizeram observação, se soube a certeza, de que fizeram a este reino relações fidedignas, dando noticias do nascimento do rio Nilo, de suas catadupas, e da grande lagoa Dambea, e de outras coisas notaveis, do que já tem saido livros em mais dilatado estylo.»

98) **BEKER.**

E. — *Viriath und die Luzitanier.* Altona, 1826.

(Viriato e os Luzitanos.)

99) **BELCHER (SIR EDWARD).**

E. — *Direction for the river Douro.* London, 1835.

(Direcção para o rio Douro.)

100) **BELL (JOÃO)** — Negociante inglez, residente em Lisboa.

E. — *Taboa mostrando o valor da moeda de oiro e prata do reino de Portugal, desde o reinado do Senhor Rei D. Duarte até o anno de* 1806.

São uns cinco mappas, que veem na 2.ª parte do vol. 3.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* (Anno de 1812.)

A respeito d'este trabalho diz Manuel Bernardo Lopes Fernandes: «O negociante inglez João Bell publicou umas taboas com os nomes, pezos, e valores exactos das moedas portuguezas, sómente do reino, desde tempo do senhor D. Duarte até o anno de 1806, e parece que o não fez dos reinados anteriores talvez faltando-lhe os necessarios esclarecimentos; mas apezar d'algumas opiniões pouco exactas dos auctores, que elle seguiu, e a falta de conhecimento de bastantes leis, que deveria notar, é sem duvida a obra mais regular, que n'este genero possuimos. [2]

101) **BELLERMAN (CHRÉTIEN FRÈDERIC)** — Litterato allemão.

Nasceu em Erfurth em julho do anno de 1793.

De 1818 a 1825 foi pastor da egreja evangelica allemã, em Lisboa. [3]

E. — I. *Die alten Liederbücher der Portugiesen.* Berlin, 1840.

(Velhas canções portuguezas.) [4]

[1] P. de Mariz — *Dialogos*, pag. 132. *(Supplemento).*

[2] *Memoria das moedas correntes em Portugal desde o tempo dos romanos até o anno de* 1856, pag. 22

[3] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 155.

[4] «Interessante e conscienciosa memoria.» Garrett — *Romanceiro*, vol. 1.º, pag. XXI.

Digitized by Google

II. *Erinnerungen aus Südeuropa.* Berlin, 1851.
(Recordações do sul da Europa.)
III. *Die Römische alterthumer in Portugal.* Berlin, 1851.
(Antiguidades romanas em Portugal.)

102) **BELLEBAT (DE).**
E. — *Relation du voyage de Monseigneur André de Mello de Castro à la Cour de Rome en qualité d'envoyé extraordinaire du Roy de Portug. D. J. V. auprès de Sa S. Clément XI.* Paris, 1709, fol.
(Viagem de André de Mello e Castro á côrte de Roma.)

103) **BELLOY PIERRE.**
E. — *Declaration des droits de succession légitime sur le royaume de Portugal, appartenant à la reine mère du roi très chretien Catherine de Médicis.* Montauban, 1581. Anvers, 1582.
(Declaração do direito de Catharina de Medicis á corôa de Portugal.)

104) **BELMAS (J.)** — Chef de Bataillon du Génie.
E. — *Journaux des sièges faits ou soutenus par les Français dans la Peninsule de 1807 à 1814, redigés d'apres les ordres du Gouvernement sur les documents existant aux archives de la guerre et au depot des fortifications.* Paris, Chez F. Didot, 4 vol., 8.° gr., 1836.
(Cercos postos ou sustentados na Peninsula pelos francezes.)

105) **BEMBO (PIERRE DE).**
E. — *L'histoire du nouveau monde découvert par les Portugallois.* Paris, 1556.
(Historia do Novo Mundo descoberto pelos portuguezes.)

106) **BENDOCCI, ou BINDOCCI (ANTONIO)** — Advogado e poeta, natural de Siena, na Toscana. [1]
E. — *Carolo Alberto in Oporto.* Poema.
(Carlos Alberto no Porto.)

107) **BENEDICT (JULES).**
E. — *I Portoghese a Goa.*
(Os portuguezes em Goa.) — É uma composição theatral.

108) **BENTHAM (JEREMIE)** — Moralista e legislador.
Nasceu em Londres no anno de 1747, e falleceu na mesma cidade em 1832. [2]
E. — *Essai sur la situation politique de l'Espagne, sur la constitution et*

[1] *Revista Popular*, vol 5.°, pag. 295.
[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 5.°, pag. 403.

Digitized by Google

sur le nouveau Code Espagnol, sur la Constitution de Portugal &c. &c. Traduit de l'Anglais, précedés d'observations sur la révolution de la Peninsule et sur l'histoire du gouvernement représentatif en Europe, et suivis d'une traduction nouvelle de la constitution des Cortès. Paris, 1823, 8.° XXXI, 263 pag. e mais um Supplemento com 100 pag.

(Sobre a situação politica de Hespanha e constituição de Portugal.)

É uma serie de cartas dirigidas ao conde de Tereno a respeito do Codigo Hespanhol e da politica de Hespanha. Bentham censura o rigor das leis.

«Lançae os olhos para Portugal. Esta nação magnanima, regenerada hoje acaba de atirar para longe de si o duplicado jugo d'um despotismo domestico, e d'um despotismo estrangeiro. Fazendo-se independente, fez-se livre. Pense-se na extrema apathia, no extremo aviltamento dos opprimidos, no seu silencio, na sua paciencia, na sua miseria; pergunte-se-lhe se tanta vergonha e lagrimas foram pagas com uma só vingança. Ella responderá: Não.»

A pag. 241 começa a carta á nação portugueza. Seu fim é aconselhar os portuguezes, a que adoptem para seu governo a constituição baseada na representação nacional.

109) **BERESFORD** (Lord Viscount G. C. B.) — General inglez.

Nasceu no anno de 1770.

E. — I. *Strictures on certain passages of L. Col. Napier's History of Peninsular War.*

(Reparos sobre certas passagens da historia da guerra peninsular de Napier.)

II. *Further structures.*

(Novos reparos.)

III. *Refutation of Col. Napier's Justification.* London, 1831–1834, 3 vol., 8.° gr.

(Refutação da justificação de Napier.)

IV. *Letter to Charles Edward Long, Esq. on the extracts recenlby published from the manuscript Journal and private correspondence of the late lieut. Gen. R. B. Long.* London, John Murray, 1833, 8.°, 61 pag.

(Carta sobre o diario e correspondencia de Long.)

V. *A second letter to Charles Edward Long Esq. on the Ms. Journal and private correspondence of the late Lieut. Gen. R. B. Long.* London, John Murray, 1834, 113 pag.

(Segunda carta, etc.)

110) **BERGERON (LOUIS)** — Jornalista francez.

Nasceu em Chauny, no anno de 1811. [1]

E. na *Bibliotheque Populaire*, impressa em Paris, a obra seguinte:

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 5.°, pag. 508.

Digitized by Google

Campagnes d'Espagne et de Portugal sous l'Empire. Paris, 1833.

(É um interessante resumo de nossas luctas na guerra peninsular.)

«Tres tentativas desgraçadas (diz Bergeron) bastaram a Napoleão: parou na presença d'uma fortuna invencivel, e não expõe mais suas aguias ás affrontas no territorio portuguez.» [1]

111 **BERJUMERA (D. NICOLAU DIAZ DE)** — Litterato hespanhol. Escreveu um extenso e assaz desenvolvido trabalho offerecido á Academia Real das Sciencias de Lisboa, no qual examina, e discute contra D. Paschoal de Gayangos (que pretende ser o celebre romance *Palmeirim de Inglaterra*, de origem hespanhola), a questão sob todos os aspectos, procurando não deixar de pé alguma das objecções propostas pelo seu illustre patricio. Entre as provas que apresenta, não é talvez a de menor peso a que resulta da confrontação minuciosa, que fez das edições portugueza e castelhana, mostrando com repetidos exemplos de logares parallelos, que a segunda não passa de traducção pouco esmerada, e por vezes menos fiel da primeira. [2]

Em 1826 no catalogo dos livros hespanhoes e portuguezes impresso em Londres por D. Vicente Salvá, attribue-se a paternidade do referido romance ora a Miguel Ferrer, ora a Luiz Hurtado: o que se lê na pag. 163 da 1.ª parte e nas 156 e 157 da 2.ª Funda-se para arrancar aos portuguezes a palma de Inglaterra, conforme a expressão do immortal Cervantes, em sair á luz o livro hespanhol em 1547, e o portuguez só em 1567, edição de Evora por André de Burgos. [3]

A edição hespanhola é precedida d'um acrostico, que significa — Luiz Hurtado autor al lector dá sadud. E d'aqui tirou por consequencia tambem Salvá que Luiz Hurtado era o auctor do romance, sendo elle tão sómente auctor do acrostico, no qual não ha belleza de estylo, nem coisa que cheire a poesia, na opinião de Odorico Mendes.

Para refutar Salvá tomou a penna o escriptor brazileiro, e, n'um bem elaborado opusculo de 79 pag. provou, quanto era possivel, que o *Palmeirim*, um dos romances mais notaveis devidos á penna dos portuguezes fôra composição de Francisco de Moraes, e que Luiz Hurtado havia sido traductor do romance e auctor do acrostico.

D. Paschoal Gayangos pesaroso de ver a litteratura do seu paiz privada

[1] «Napoleão quiz fazer um terceiro e ultimo esforço para se apoderar de Portugal, e expulsar d'elle a Wellington. Mas que chefe assaz invencivel se poderia dar a esta nova expedição? Em que grande general repousavam bastantes esperanças para que se lhes podesse pedir uma victoria n'aquelle paiz, onde Soult e Junot tinham ficado mal. Este grande general, este chefe invencivel foi Massena, a primeira gloria do exercito francez abaixo de Napoleão, o filho querido da victoria, e que por garantia do futuro levava comsigo suas campanhas da Italia, e uma reputação militar o sem mancha.» (Pag. 95.)

[2] Sr. Innocencio Francisco da Silva — *Diccionario Bibliographico*, vol. 9.°, pag. 350.

[3] Manuel Odorico Mendes — *Opusculo ácerca do Palmeirim de Inglaterra e de seu auctor*, pag. 1.

Digitized by Google

d'uma tão bella joia, publicou em 1862 alguns artigos em os numeros 2 e 3 da *Revista Española de Madrid*, pretendendo demonstrar: 1.º Que vinte annos antes que em Portugal fosse conhecido o *Palmeirim*, saira este á luz em Toledo, e era pouco depois traduzido em francez e italiano, com a particularidade de se dizerem ambas as versões feitas sobre o original castelhano. 2.º Que da dita obra se declarou auctor, sem que ninguem se lhe oppozesse, um escriptor toledano (Luiz Hurtado). 3.º Que antes de 1567 não se imprimiu aquella obra em Portugal, e na primeira edição de Evora nem sequer se lhe nomea o auctor. 4.º Que só passados vinte annos, e quando Moraes já era fallecido, foi que um livreiro de Lisboa se lembrou de reimprimir o *Palmeirim* fazendo-o preceder de uma dedicatoria de Moraes á infanta D. Maria, na qual se diz por modo terminante e decisivo, que elle e não outro fôra o auctor do livro em questão.

Todos estes argumentos foram pulverisados pelo sr. D. Nicolau Diaz de Berjumera, e parabens lhe devem os amantes da litteratura portugueza. De modo que *Amadis*, uma das nossas maiores glorias, é attribuido aos hespanhoes, com o *Palmeirim* succede o mesmo, e *Dianna de Montemayor* n'aquelle idioma é escripto. E não será licito dizer que nossos antepassados eram desleixados, e negligentissimos em legarem a seus filhos aquellas glorias, que de direito lhes pertenciam?

E de nós que direi? Tão importantes polemicas litterarias travadas só por estrangeiros, e em que os portuguezes, a quem cumpria mais do que a ninguem tomar parte n'ellas, não comparecem, fallam eloquentissimamente a nosso respeito.

112 BERMUDES (FR. JERONYMO) — Natural de Galliza e professor em Salamanca.

E. — I. *Nise lacrimosa.*

(Tragedia, cujo assumpto é a morte de D. Ignez de Castro.)

II. *Nise laureata.*

(Coroação de D. Ignez de Castro.)

Suscitou-se uma questão litteraria muito importante: Se a tragedia *Ignez de Castro*, do nosso Antonio Ferreira era uma traducção ou imitação da de Bermudes, ou se a d'este era copiada ou imitada da do nosso poeta.

Martinez da La Rosa, porém, sentenciou o pleito a favor do nosso compatriota, no que não devia ter escrupulos, pois Antonio Ferreira em vida dava como sua a *Castro*, que por isso lhe valeu os louvores de Diogo Bernardes.

Quem desejar tomar conhecimento d'esta grave questão mais a fundo, veja *Diccionario Bibliographico*, vol. 1.º, pag. 140 e 141, e vol. 2.º, pag. 143 a 146.

113) BERTELLETI (DAVIDE).

E. — *Ignez de Castro.* Tragedia. Milano, 1826.

114) BERTHOUD (S. HENRI).

E. — *Camoens mourant.* (Camões moribundo.)

Digitized by Google

Pequeno romance acompanhado d'uma estampa, que se publicou no 1.º vol. do jornal francez *Musée des Familles*, anno de 1833.

115) **BERTOLOTTI (DAVIDE).**

E. — *Storia di Portogallo tratta dal La Clede, dal Vertot, dal Durdent, dal Balbi e da altri autori per —cura di —. In continuazione della Storia Universale scritta dagli Autori i piu distinti con rami e carte geografiche.* Nella stamperia di Pio Cipicchia, 3 vol., 12, Roma, 1833.

(Historia de Portugal.)

Existe um exemplar d'esta obra na Bibliotheca Publica de Lisboa.

116) **BERTOLOTTI.**

E. — *Descrizione dell' ornato di pittura che se ammira nella capella di S. Antonio di Padova, nella chieza di S. Petronio.* Bolognia, 1662.

(Descripção dos ornatos das pinturas, que se admiram na capella de Santo Antonio de Padua, na egreja de S. Petronio.)

117) **BERTUCH (FREDERIC JUSTIN).**

E. — *Magasin der Spanischen und Portugiestschen litteratur, herausgeben.* Weimar, 1780–1782, 3 vol.

(Deposito de litteratura hespanhola e portugueza.)

118) **BES-CHRYVIN** *van Spanien en Portugal, etc.* (Em hollandez.)

(Descripção de Hespanha e Portugal contendo os pormenores de tudo quanto seu estado passado e presente offerece de mais interessante. Leyde, 1707, fol.

119) **BETENDORF (P. JOÃO FILIPPE)** — Antigo missionario do Brazil.

E. — *Compendio da Doutrina Christã na lingua Portugueza e Brasilica. Composto pelo P. — e reimpresso de ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente N. S., por Fr. José Marianno da Conceição Vellozo.* Lisboa, 1800. Officina de Simão Thaddes Ferreira, 131 pag., 12.º

120) **BIANCARDI (MIGUEL ANDRÉ)** — Padre da congregação da Missão em Portugal.

Nasceu em S. Martinho de Noagli, no arcebispado de Genova, no anno de 1772, e falleceu em Lisboa, em 1842.

Na vida d'este missionario, escripta pelo padre José Coelho da Silva, e impressa em 1848 n'esta cidade de Lisboa, encontraram-se algumas poesias mysticas, compostas na lingua portugueza, pelo padre Biancardi.

121) **BIANCHI (FRANCISCO).**

E. — *D. Ignez de Castro.* Opera, Londres, 1797.

Digitized by Google

122) **BIELFELD (DE).**

E. — *Instituciones politicas, obra en que se trata de los reynos de Portugal y España, de su situacion local, de sus posesiones, de sus vecinos y limites, de su clima... de la nobleza, de la forma, de su gobierno, de sus departamentos, del Soberano y de sus titulos, de la sucesion al trono, de sus exercitos &c. Aumentada de muchas notas por D. Valentin de Forenda.* Bordeus, 1781, 4.°

(Descripção de Portugal e Hespanha.)

123) **BIERING (CHRISTIAN HENRI).**

E. — *Poetiske Tauher over Lissabons Undergang.* Copenhague, 1756.

(Pensamentos poeticos sobre a destruição de Lisboa.)

124) **BIGOT (STANISLAS)** — Ingénieur civil.

E. — *Pont suspendu de Porto. Détails des travaux, suivi de trois planches explicatives.* Lisboa, na typographia de Morando, 1843, 4.°, 23 pag.

(Ponte pensil do Douro.)

Por este relatorio se vê que a solemnidade para o começo dos trabalhos foi celebrada a 2 de maio de 1841, com assistencia das auctoridades do Porto e que a ponte (cujo comprimento é de 170m,14) assenta sobre quatro obeliscos de 18m de altura, ligados dois a dois na sua parte mais alta por tirantes de ferro. O rio Douro por debaixo d'ella tem a largura de 155m. Abriu-se á circulação publica em fevereiro de 1843, e foi concessionario d'esta empreza o conde de Claranges Lucotte, e engenheiros Stanislas Bigot e Amédée Carruette.

125) **BIOTA (D. ANTONIO DE FUERTES Y).**

E. — *Anti-manifestio ó verdadera declaracion del derecho de los Señores reyes de Castilla a Portugal. A la Sacra y Real Magestad del rey D. Philippe IV. Escrivelo* —. Brujas de Flandres, 1643, 4.°

(Direito dos reis de Castella á corôa de Portugal.)

126) **BIRAGO (GIO: BAT)** — Jurisconsulto italiano, que vivia na primeira metade do seculo XVI. [1]

E. — *Historia delle revolutione di Portogallo per la quali la corona é transferita del re di Castiglia al duca di Braganza Giovanni IV.* Genova 1646, Leone 1646.

(Historia das revoluções de Portugal.)

Ha uma edição que apparece mencionada com o seguinte titulo: *Historia della desunione del regno di Portugallo dalla corona di Castiglia.* Amsterdam, 1646.

No catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio apparece men-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 4.°, pag. 115.

Digitized by Google

cionada outra edição d'esta ultima obra, impressa em Amsterdam no anno de 1646.

Encontrei ainda uma outra dada por impressa em Lugduni, 1644.

127) **BIRAGUS &.**

E. — *Responsio Juridico-politica ad librum inscriptum Jura Joannis IV. Portugalliae Regis & a Livio Giotta & in qua primo rejiciuntur praetensiones inhantium corona Portugalliae.* Augustae Vindelicorum, 1644, 4.°. Em latim e italiano.

(Resposta juridico-politica contra o livro intitulado *Jura Joannis IV Portugalliae Regis.)*

128) **BLAIRIE (OLLIVIER DE LA).**

E. — *Lisbonne et les Portugais, par* —. Paris, 1820.

(Lisboa e os portuguezes.)

129) **BLANCHINO VERONENSI (JOSEPHO)** — Presbytero Congregationis Oratorii Sancti Philippi Nerii de Urbe.)

E. — *Evangeliarium quadruplex Latinae Versionis antiquae seu Veteris Italicae nunc primum in lucem editum ex Codicibus manuscriptis aureis, argenteis, purpureis aliisque plus quam millenariae antiquitatis sub auspiciis Joannis V Regis Fidelissimi Lusitaniae, Algarbiarum &c. a* —. Romæ, 1748, 4 vol. fol.

Dá noticia d'esta obra o *Journal des Sçavants* de 1750 a pag. 308. É uma impressão dos Evangelhos feita sobre manuscriptos antiquissimos, debaixo dos auspicios do nosso D. João V.

130) **BLANC (SIEUR VINCENT LE —).**

E. — *Les voyages du — dans la plupart des pays de l'Asie et dans des Indes Orientales.*

(Viagem na maior parte dos paizes da Asia, e das Indias orientaes.)

Esta obra apparece citada na *Vida de Camões*, que precede a traducção dos *Luziadas* por Ortaire Fournier et Desaules (pag XXXVI).

Trata da India portugueza.

131) **BLANEY** (LORD).

E. — *Narrative of a forced Journey through Spain and Portugal*, 3 vol.

(Descripção de marchas forçadas atravez de Hespanha e Portugal.)

132) **BLAZE (HENRI).**

E. — *Don Sebastian.*

Romance publicado no *Musée des Familles* (anno de 1844, vol. 12.°) acompanhado de duas estampas.

133) **BLONDIN (J. N.)** — Sécrétaire-interprète à la Bibliotheque du

Digitized by Google

Roi, auteur de diverses grammaires dediées à S. M. Louis XVIII; d'un Manuel de la pureté du langage, adopté comme classique dans le Collége Royal de la Marine, etc.

E. — *Grammaire Polyglotte, Française, Latine, Italienne, Espagnole, Portugaise et Anglaise; Dans laquelle ces diverses langues sont considerées sous le rapport du mécanisme et de l'analogie propres à chacune d'elles. Dediée au Roi. Seconde edition.* Paris, Chez Brianchon, libraire, 1826, 4.°, 111 pag.

(Grammatica Polyglotta-latina-portugueza.)

134) BLOUNT (EDWARD).

E. — *The historic of the uniting of the kingdom of Portugal to the crown of Castile.* London, 1610.

(Historia da união do reino de Portugal á corôa de Castella.)

135) BLUTEAU (D. RAPHAEL).

Nasceu em Londres a 4 de dezembro de 1640, [1] e falleceu em Lisboa a 13 de fevereiro de 1734, sendo então Proposito dos regulares de S. Caetano, n'esta cidade.

Apezar de estrangeiro foi elle quem compoz o primeiro diccionario completo do nosso idioma com o seguinte titulo:

I. *Vocabulario Portuguez e Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brazilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymio, Hierologico, Ichtyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Orthographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quiddidativo, Qualitativo, Quantitativo, Rhetorico, Rustico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, auctorisado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos, e offerecido a el-rei de Portugal D. João V.* Tomo 1.°, Coimbra 1712, 8 vol. O ultimo tomo foi impresso em 1721, fol.

II. *Supplemento ao Vocabulario Portuguez e Latino, que acabou de sair á luz. Anno de* 1721. Lisboa, 1727, 2 tomos.

Todos estes dez volumes custaram dez annos de trabalho ao seu auctor.

III. *Primicias Evangelicas ou sermões e panegyricos do P. D. Raphael Bluteau. Offerecido á serenissima alteza de Cosmo Terceiro duque de Toscana.* Lisboa, 1676, parte 2.ª 1685, parte 3.ª, Paris 1698, 4.°

IV. *Sermões panegyricos e doutrinaes.* Tomo 1.°, Lisboa 1732, tomo 2.° 1733, fol.

[1] *Archivo Pittoresco*, vol. 3.°, pag. 201. Porem o sr. Innocencio diz que nascera em 1638. V. *Diccionario Bibliographico*, vol. 7.°, pag. 42, bem como tambem discrepa em quanto ao dia do fallecimento.

Digitized by Google

V. *Prosas portuguezas, recitadas em differentes congressos academicos.* Parte 1.ª, Lisboa 1728, parte 2.ª 1728, fol.

VI. *Instrucção sobre a cultura da amoreira.* Coimbra, 1769.

136) **BOA (DARTIN DE).**

E. — *Flos sanctorum: fiestas y santos de Andalucia, Castilla y Portugal.* Sevilha, 1615. (Festas dos santos de —.)

137) **BOCAGE (BARBIÉ DU).**

Publicou em o n.º 195 do *Moniteur* de 1807 uma memoria, lida em 3 de junho do mesmo anno em sessão publica do Instituto, na qual pretende provar que a costa oriental da Nova Hollanda foi visitada pelos portuguezes em 1525, muitos annos antes que o capitão Cook alli abordasse em 1770. [1]

138) **BOCANDÉ (BERTRAND)** — Naturalista e viajante francez.

Nasceu em Nantes, no anno de 1800. Estabeleceu-se em Guiné, e escreveu. [2]

Notes sur la Guinée ou Sénégambie meridionale: E diversas memorias publicadas no — Bulletin de la Societé Geographique, en 1849.

(Notas sobre a Guiné portugueza.)

139) **BOCANEGRA** — (Ill.mo Senr. D. Francisco, entonces arcediano de aquella iglesia, y hoy obispo de Guadix y Baza).

E. — *Oracion funebre que en las suntuosas honras que á la perpetua, digna, bien merecida memoria de la Señora Doña Maria Anna de Austria, reina viuda de Portugal, consagró la M. N. M. L. ciudad de Almeria, con asistencia del Ill.mo Cabildo eclesiastico de ella, en los dias 4 y 5 noviembre del año 1754, dijo el —. Con licencia.* Madrid, 1770, imprenta de F. X. Garcia.

(Oração funebre de D. Maria Anna de Austria.)

140) **BODIN (HENRI SOULANGE).**

E. — *Histoire de Portugal depuis sa separation de la Castille jusqu'à nos jours, par Henri Schaeffer Professeur d'Histoire à l'Université de Giezen. Traduit par —. Avec une note sur la Chronique inedite de la Conquête de Guinée donnée par le Vicomte de Santarem de l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne, et Membre Correspondant de l'Institut de France.* Paris, Adolphe Delahays, libraire-editeur, 1858, 4.º, 662 pag.

A traducção franceza do original allemão não ficou terminada.

«A pesar nosso o dever e a justiça requerem acres e merecidas censuras ao traductor francez. Com effeito, se pelo dedo se conhece o gigante, avaliaremos logo a consciencia com que tal versão (antes inversão) se perpetrou, lendo na capa em letras, que arremettem com os olhos a clausula de ser feita a tra-

[1] Balbi — *Essai Statistique*, vol. 1.º, pag. 19.

[2] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 217.

Digitized by Google

ducção — avec des notes de M. le vicomte de Santarem, e logo no rosto a seguinte limitação contradictoria: avec une note sur la chronique de la conquête de Guinée, donnée par M. le vicomte de Santarem — avultando este ultimo nome em letra maiuscula. E realmente só uma nota, ou antes especie de annuncio, ou prospecto da nova publicação de Azurara, é que ahi apparece da penna do sr. Santarem.

«Vistes nunca mais dourada taboleta de vendedor de cominhos? Factos d'estes, que parecem de importancia nulla, são graves injurias contra todo o genero humano, que sabe ler; são crimes litterarios, que a todos os que pegam na penna cumpre punir. Servir-se de um nome accreditado na critica da historia portugueza como de isca para pescar assignantes e compradores á obra, é proprio de traficantes de letras, [1] e não de litteratos.

«A traducção nada contém de mais, e tem muito de menos do que o original, e pouco satisfeito ficaria o sr. Schaeffer, quando viu o seu filho querido e legitimo proclamado bastardo em nação estranha, e por juizes sem provas.

«O sentido do author, quando não adulterado, é saltado aos pés juntos pelo empenho de poupar escripta. A doutrina é apresentada, quando o é, com divisões de outra fórma. As notas, em que o sr. Schaeffer poz tanto esmero, principalmente as que são escriptas em portuguez, vem ás vezes tão desfiguradas que se não podem ler. Em citações não fallemos, que nem julgamos valer a pena de nos darmos a esses escrupulos de algarismos, quando temos tão notaveis pontos de censura. Por derradeiro nem vem o reinado do sr. D. João II, que já no allemão se publicou.

«No demais é um livro excellente — isto é no papel e no typo.» [2]

141) **BOILEAU** — Um dos mais celebres poetas francezes do tempo de Luiz XIV.

E. — *Resposta á Carta, que S. E. o Conde da Ericeira me escreveu de Lisboa, remettendo-me a traducção da minha — Arte Poetica — feita por elle em verso portuguez.* 1697.

«Apesar de minhas obras terem dado que fallar pelo mundo, não concebi todavia de mim uma opinião excessivamente alta; e, se os louvores, que me deram, me lisonjearam bem agradavelmente, não me cegaram com tudo. Mas confesso que a traducção, que v. ex.ª se dignou fazer da minha *Arte Poetica*, e os elogios, com que a accompanhou ao remetter-m'a, produziram em mim um verdadeiro orgulho. Desde então não me foi possivel julgar-me um homem vulgar, vendo-me tão extraordinariamente honrado; e pareceu-me que o ter um traductor com a vossa intelligencia e jerarchia era para mim um titulo de merito, que me distinguia de todos os escriptores do nosso seculo. Apenas

[1] Este facto traz á memoria a reimpressão da *Grammatica Ingleza*, de Urcullu, em Paris, como sendo composição do dr. Constancio.

[2] Sr. Francisco Adolpho Varnhagen na *Revista Universal Lisbonense*, vol. 1.º, pag. 24, anno de 1824.

Digitized by Google

possuo um imperfeitissimo conhecimento de vosso idioma, e nenhum estudo particular fiz d'elle. Com tudo comprehendi muito bem a vossa traducção, a ponto de n'ella me admirar a mim mesmo, e de me julgar um escriptor muito mais habil em portuguez, do que em francez. Realmente enriqueceis todos meus pensamentos, quando os exprimis. Tudo quanto manejaes, converte-se em ouro, e os proprios seixos, se a expressão é permittida, nas vossas mãos transformam-se em pedras preciosas. Á vista do exposto julgae, se deveis exigir de mim, que vos note as passagens, onde podereis ter-vos um pouco desviado do meu sentido.

«Quando, em logar dos meus pensamentos, me tivesseis, sem n'isso reflectir, emprestado alguns dos vossos, bem longe de os fazer desapparecer, pensaria em me approveitar do vosso descuido, e adoptal-os-hia para com elles me honrar: porém vós em nenhuma parte me fazeis passar por uma tal prova. Tudo é egualmente justo, exacto, fiel em vossa traducção: e, se bem que me tendes muito embellezado, não deixo eu de me reconhecer em toda a parte d'ella.

«Não torneis, pois, a dizer, senhor, que receiaes não me terdes entendido bem. Dizei-me antes o que fizestes para me entenderdes tão bem, e para perceberdes na minha obra até mesmo subtilezas, que eu julgava não poderem ser sentidas senão por pessoas nascidas na França, e educadas na corte de Luiz, o Grande. Vejo claramente que não sois estrangeiro em nenhum paiz, e que, pela extenção de vossos conhecimentos, sois de todas as cortes, e de todas as nações. D'isto dão testemunho a carta e os versos francezes, que me fizestes a honra de escrever. N'elles apenas se encontra de estrangeiro o vosso nome, e não existe na França um homem de bom gosto, que não desejasse tel-os feito. Mostrei-os a alguns de nossos melhores escriptores. Nenhum houve, que d'elles não ficasse extremamente encantado, e que não me désse a entender que, se de vós tivesse recebido eguaes louvores, ter-vos-hia já tornado a escrever volumes de prosa e verso. Que pensareis vós então de mim, tendo-me eu contentado com o vos responder por meio d'uma carta de cumprimentos? Não me accusareis então de ser ou incivil, ou grosseiro? Não, meu senhor: nem uma, nem outra cousa eu sou: mas, com franqueza, eu não faço versos, nem mesmo prosa, quando quero. Apollo é para mim um deus caprichoso, que não me dá a mim, como dá a vós, audiencia a todas as horas. É mister que eu aguarde os momentos proprios. E d'elles terei cuidado de lançar mão, quando os encontrar: e serei bem infeliz, se morrer ficando-vos em divida d'uma parte de vossos encomios. O que desde já vos posso dizer, é que na primeira edição de minhas obras, não deixarei d'introduzir n'ella vossa versão, e que não perderei nenhuma occasião de fazer saber a todo o mundo, que das extremidades de vosso continente, e de tão longe, como as columnas de Hercules, me vieram os louvores, de que eu me pago mais, e a obra com a qual me sinto mais honrado». [1]

[1] *Oeuvres de Boileau* Paris, 1861, vol 2.º, pag. 206.

Digitized by Google

142) **BOIS (DU).**

E. — *Voyages faits par le sieur D. B. aux Iles Dauphines ou Madagascar et Bourbon ou Mascarenne, és années* 1669-70-71-72 *dans lesquels il est curieusement traité du Cap Vert &c. &c.* Paris, 1674.

(Viagens feitas a — nas quaes se trata curiosamente de Cabo Verde.)

143 **BOLAFFIO (JOSÉ VITA)** — Mestre de Arithmetica em Trieste.

E. — *Numeros certos para formar as combinações de cambio entre a praça de Lisboa, e diversas outras praças da Europa, que tem cambio estabelecido com a mesma. Compostos por* —. Vienna, na officina de Mathias André Schmidt, 1803, 4.°, com um mappa.

(Esta obra é dedicada a Antonio Maria Calvet, consul geral de Portugal em Trieste.

144) **BONDE (GUILLELMUS).**

E. — *Ad Serenissimum Dominum Joannem V Portugalliae regem de Julii Clovii clari admodum pictoris operibus, sive sermones tres.* Londini, 1733.

Esta obra, que vi citada pelas palavras referidas, parece ser um discurso offerecido ao nosso rei D. João V, a respeito das obras do celeberrimo pintor em miniatura D. Giulio Clovio.

145) **BON (LE) ADVIS MESPRISÉ,** *ou la lettre de Monsr. Tristan de Mendosse, Jadis Ambassadeur pour le nouveau Eletto Don Joan el Quarto: par grace de trahison Roy de Portugal, escrite à sou successeur l'Ambassadeur de Portugal. Francisco de Sousa Cotinho: presente a la Haye.* 1649, 4 folhas, 4.°

Este folheto é relativo á restauração de Portugal, a qual vitupera; e faz parte d'uma bella collecção de opusculos, concernentes ao mesmo assumpto, e á lucta contra os hollandezes no Brazil, a qual pertence ao ex.mo sr. marquez de Sousa, e que este senhor teve a bondade de pôr á disposição do auctor d'este trabalho, para d'ella tirar os apontamentos que fossem convenientes. [1]

146) **BONNET (CHARLES)** — Engenheiro.

Escreveu a *Memoria sobre o Algarve,* abaixo citada, que é o fructo das suas viagens feitas n'esta provincia nos annos de 1846-47.

Mémoire sur le royaume de l'Algarve contenant la description des montagnes, des sources, des cours d'eau, des villes etc., du climat, de la végetation, des animaux, de l'industrie, du commerce, etc. ainsi qu'une esquisse historique de cette contrée. (Nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* 2.ª série, tomo 2.°, parte 2.ª, de pag. 1 até 176.)

No vol. 9.° (pag. 230 e seguintes) da *Revista Universal Lisbonense* vem

[1] Sempre que d'aqui por diante apparecerem estas lettras M. S. é porque a obra referida vem na collecção do ex.mo sr. marquez de Sousa.

Digitized by Google

uma noticia de M. M. Franzini ácerca dos trabalhos da commissão geologica dirigida por mr. Charles Bonnet nas suas explorações á provincia do Alemtejo, em 1849.

147) **BONNEVAL (RENÉ DE).**

E. — *Réponses aux paradoxes de l'Abbé Desfontaines contre Ignez de Castro.* 1723.

(Resposta aos paradoxos do abbade Desfontaines contra Ignez de Castro.)

148) **BONUCCI (ANTONIO MARIA,** Della Compagnia di Giesu).

E. — I. *Orazione nelle solenni esequie Della Maestá del Ré de Portogallo scritta in italiano e in portoghese da — E detta nel primo linguaggio dal medesimo nella Chieza Nazionale di S. Antonio in Roma.* In Roma, nella stamperia di Antonio di Rossi, alla Piazza di Ceri, 1707. Con licenza de Superiori, 8.°, 61 pag.

(Esta oração funebre de D. Pedro II é offerecida ao rei de Portugal D. João V.)

II. *Istoria della vita ed eroiche azioni de D. Affonso Henriques, primo re de Portogallo.* Veneza 1719.

(Historia da vida e acções heroicas de D. Affonso Henriques.)

Creio que este livro foi composto por occasião de se tratar da canonisação do nosso primeiro rei, ardentemente desejada por D. João V.

149) **BORDIGNÉ** (Conte de).

E. — *Legitimité Portugaise.* Paris.

Nada mais posso dizer a respeito d'esta obra, que vi citada.

150) **BORELLO (CAMILLO).**

E. — *Theatrum Regium sive Regum Portugalliae a —.* Bruxellas, 1628.

(Theatro régio, ou dos reis de Portugal.)

Parece ser uma biographia dos nossos reis.

151) **BÖSCHE (EDUARDO THEODORO).**

E. — I. *Novo Diccionario geral das linguas Portugueza e Allemã, com particular menção dos termos das sciencias, artes, industria, commercio, e navegação.* Hamburgo, em casa do editor-proprietario Roberto Kittler, o tomo 1.° de 847 pag. e o 2.° de 808.

Vi tambem n'um catalogo de livros esta obra como impressa em Leipsig.

II. *Dialogos Portuguezes e Allemães.* Hamburgo, 1836.

152) **BOSSIO (MATTHEUS).**

Diz o sr. Innocencio a pag. 164 do 4.° tomo do *Diccionario Bibliographico*, que este escriptor lhe parecia ser de nação italiano, que fôra secretario da embaixada de Saboia, n'esta côrte, e que traduziu do italiano para portuguez o seguinte livro:

Compendio genealogico da real casa de Saboya, com um appendice em

Digitized by Google

que se dá succinta noticia dos estados, rendas, forças e titulos que tem esta augustissima casa. Offerecida á Serenissima Infanta de Portugal pelo conde D. Jeronymo Marcello de Gubernatis, presidente no Supremo Senado de Niza, enviado extraordinario de S. A. R. de Saboya, n'esta côrte, etc. Lisboa, por Miguel Deslandes, 1682, 4.°, 38 pag.

153) BOTERO (GIOVANNI — BENESE)—Escriptor italiano celebre.

E. — *Delle Relatione Universali di —. Parte prima. Nella quale si da raguaglio de Continenti, e dell'Isole sino al presente scoverte. Revista dall'Autore, e di nuovo arrichita in infiniti luoghi di cose memorabili e curiose.* In Roma, 1595, fol. 1.ª parte 403 pag. 2.ª 289.

Trata esta obra amplamente das descobertas e conquistas dos portuguezes, de cujos feitos era grande admirador, e aos quaes considera como um dos primeiros povos do universo.

«Má nissuna natione si mostró mai piu vehemente, e che partecipasse piu della terribilitá del furore, che i Portoghesi: le cui navigationi oltre al capo di Bonasperanza, e oltre allo streto di Sincapura, e gli acquisti di Ormuz, di Goa e di Malacca, e le difese di Cocin e di Diu, e di Cau *(sic)* e di Goa, hanno piu del vero, che del verisimile.

«Lisbonna á giuditio universale, la piu popolosa Citta delle Christianitá, se tu ne eccetui Parigi. Questa Cittá val quasi tutto il resto del regno; perche fá popolo grandissimo, e vi capita tutta la mercantia, e tutto il trafica dell'Ethiopia, del Brasil, della Madera, e dell'altre Isole, e di tutto Settentrione.»

154) BOUCHOT (AUGUSTE) — Professeur d'Histoire au Lycée Napoleon.

E. — *Histoire de Portugal et de ses colonies par —.* Paris, libraire de L. Hachette, 1854, 8.°, 470.

Esta historia de Portugal faz parte da collecção de compendios de historia, compostos por uma sociedade de professores e de litteratos, debaixo da direcção de M. Duruy. Seu auctor mostra-se um enthusiasmado admirador dos feitos dos portuguezes, e diz que Napoleão I tinha tido muita razão em mandar estudar a historia de Portugal nos lyceus de França.

155) BOULLIAU (ISMAEL).

E. — *Pro ecclesiis Luzitanicis ad clerum Gallicanum libri duo.* Strasbourg, 1656. Paris, 1657, Argentinae, 1670

(Dois livros dirigidos ao clero francez em prol das egrejas lusitanas.)

Todos sabem que depois da restauração de Portugal, o papa, acerrimo partidario de Castella, tinha-se obstinadamente recusado a confirmar bispos para o nosso paiz, d'onde resultou virem as dioceses portuguezas a ficar sem pastoras e o escreverem-se alguns livros a este respeito.

Digitized by Google

156) **BOURCHIER (JOHAN).**

E. — *The Cronicles of Englande, Fraunce, Spayne, Portyngale, &c. Translated out of Frenche into our maternall englisshe tongue.* London, 1523-25, 4 vol. (Chronicas de Inglaterra, França, Hespanha, Portugal, etc.

É a traducção das celebres *Chronicas de Froissart*, em que este famoso escriptor falla circumstanciadamente da nossa batalha de Aljubarrota, e dos feitos dos portuguezes por aquelles tempos.

157) **BOURDIEC (MIGUEL LE).**—Francez.

E. — I. *Nova grammatica da lingua franceza, por Lhomond, traduzida e accrescentada da conjugação por extenso dos verbos irregulares e defeituosos.* Lisboa, 1823.

II. *Grammatica ingleza de Siret, traduzida e posta em nova ordem, por um methodo mais claro e facil dos que tem havido até ao presente.* Lisboa, 1813.

III. *Elementos da grammatica latina, exposta em nova ordem.* Lisboa, 1816.

IV. *Historia da conjurasão de Catilina e da guerra de Jugurtha, por Sallustio, traduzida em vulgar com o texto latino em frente, e notas criticas e historicas para a intelligencia do auctor.* Lisboa, 1820.

V. *Jesu Christo por sua tolerancia modelo dos legisladores, traduzido do francez.* Lisboa, 1821.

158) **BOURGOING (JEAN FRANÇOIS,** Baron de) — Escriptor e celebre diplomata.

Nasceu em Nevers no anno de 1748, e falleceu em julho de 1811.[1]

Residiu pelo espaço de sete annos em Hespanha, como secretario d'embaixada, e durante este tempo recolheu os apontamentos necessarios para a sua obra *Quadro da Hespanha moderna*, obra estimada, da qual existem quatro edições, e que foi traduzida em dinamarquez, inglez e allemão.

Porém d'este auctor o que mais nos interessa é a *Voyage do Duc de Chatelet en Portugal.*

Eis o que Bourgoing nos diz a respeito da referida obra:

«Portugal, um dos paizes, com os quaes temos, ou pelo menos podiamos ter mais relações commerciaes, uma das potencias de segunda ordem, que mais nos interessam relativamente á politica, Portugal é muito pouco conhecido, especialmente pelos francezes. Até agora sómente appareceram descripções ou falsas, ou incompletas d'esta porção da Europa, outrora tão florescente, na actualidade tão degenerada. Algumas obras foram consagradas a apresentar certas epochas de sua historia; outras a narrar as conquistas e a gloria dos antigos portuguezes, e a pol-os em parallelo com a escravidão e nullidade dos nossos dias. Um inglez James Murphy publicou recentemente um volume

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 7.°, pag. 90.

Digitized by Google

sobre o estado de Portugal, mas quasi que n'elle se limitou a observações relativas á sua profissão de architecto... O auctor do *Tableau de Lisbonne* escreveu particularidades curiosas; porém limitou-se quasi unicamente á descripção d'esta capital. Faltava, pois, mostrar ainda Portugal debaixo de diversas faces, descrever suas provincias da Europa, e suas colonias, costumes, habitantes, população, progressos nas sciencias e artes, sua politica etc. e o duque de Chatelet, cuja obra publicamos, achou-se no caso de poder desempenhar esta tarefa. Consultou as pessoas mais instruidas do paiz percorrido por elle com maior cuidado, que pelo trivial dos viajantes. Vio de perto o marquez de Pombal em seu retiro; d'elle recebeu diversas informações tão curiosas, como authenticas, cuja exactidão verificou nos mesmos logares.

«Seu manuscripto, que nos foi confiado, continha algumas imperfeições. Diligenciamos rectifical-as, e substituir algumas lacunas. O auctor não tivera vagar para limar seu trabalho. O estylo achava-se por vezes incorrecto. Tomámos, pois, a liberdade de fazer desapparecer estas ligeiras manchas, sem alterar nem seu plano, nem suas idéas. Póde-se, por tanto, considerar o texto como pertencendo-lhe exclusivamente.

«Porém, como ha alguns annos que Chatelet viajou em Portugal, muito imperfeitamente offereceria sua obra a descripção d'este reino, se lhe não tivessemos ajuntado algumas notas, e até alguns supplementos, que farão completamente conhecer os portuguezes dos tempos actuaes. Para esse fim procurámos o auxilio dos escriptos mais recentes, e esclarecimentos fornecidos por pessoas que residiram n'aquelle paiz...

«Algumas attenções politicas tinham impedido no tempo de nosso antigo regimen a impressão d'este manuscripto. O auctor e editor procuraram egualmente evitar quanto podesse offender os portuguezes. Fazem-lhes por vezes algumas censuras assás graves, dão-lhes lições algum tanto asperas; porém abstiveram-se tanto um como outro d'aquelle azedume, que offende, e não corrige. Ha, todavia, portuguezes illustrados, que gemem sobre a situação de seu paiz tanto, quanto o podem fazer os mais severos estrangeiros.

«Conhecem as causas de sua degeneração, e os remedios, que curavam os males, que estão padecendo. Se o duplo terror, religioso e politico, que os contem, obsta a que se expliquem com franqueza, hão de perdoar, e agradecer talvez a estrangeiros mais independentes o pintarem as desordens, de que seu paiz é presa, o despertar em seus compatriotas a lembrança de sua antiga grandeza, o chamar para o meio d'elles a sabedoria, e a energia em appoio das antecipações da natureza. E que paiz na Europa foi mais bem tratado por ella, que Portugal? Rivaliza com todos pelo que diz respeito á bondade do clima, e á variedade das producções, que podem prosperar sobre seu terreno. Possue tantas costas, quantas comporta a extensão de seu solo. Tem valles ferteis e risonhos, montanhas repartidas de maneira a fazerem manar em todas as direcções de seu centro e alturas as aguas vivificantes, que tornam as irrigações faceis, e suavisam os inconvenientes das séccas debaixo d'um céo ardente; algumas, que para elle são uma trincheira quasi inexpugnavel contra o unico inimigo, que teem a temer por terra: varios rios, que podem ser

Digitized by Google

navegaveis; um, especialmente, cuja embocadura lhes dá um dos bellos portos da Europa: habitantes naturalmente espirituosos, e nos quaes o valor escapou ao torpor quasi universal, que se apoderou de todas suas outras faculdades: habitantes, que teem provado poderem ter a coragem e actividade necessarias para as grandes empresas, e manejar com prospero resultado todos os instrumentos da prosperidade.

«Porém ha mais d'um seculo que má administração, falsos calculos, instituições viciosas, o dominio dos frades e dos inglezes reduziram a quasi nada todas estas brilhantes vantagens. A philosophia allumia a maior parte da Europa, e Portugal ainda jaz nas trevas. Tem nas suas producções, e nas de suas vastas colonias os elementos do mais variado commercio, e desampara-o em mãos perfidamente obsequiadoras, que o condemnam á ociosidade e á miseria. Reina em Moçambique e Macao, e obedece servilmente em Lisboa e Porto.» V. Chatelet (duc de).

159) **BOURNISIEU (BERTHE DE).**

E. — *D. Pedro á D. Ignez de Castro. Heroide.* Paris, 1788.

160) **BOUTERWEK (FREDERICK)** — Celebre philosopho, poeta e critico allemão.

Nasceu em Okar no anno de 1766, e falleceu em Gœttingue em setembro de 1828. [1]

«A obra capital que assegura ao nome de Bouterwek uma longa duração é a sua *Historia da poesia e da eloquencia dos povos modernos.*»

E. — *History of Spanish and Portugueze Literature by —. Translated from the original German by Thomasina Ross.* London, 1823.

V. Ross (Thomasina).

161) **BOWDICH (THOMAS EDWARD).** — Viajante inglez.

Nasceu em Bristol no anno de 1790, e falleceu em 1824. [2]

E. — I. *An Account of the discoveries of the Portuguese in the interior of Angola and Mozambique.* London, 1824.

(Narração das descobertas dos portuguezes no interior de Angola e Moçambique.)

Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

II. — *Excursions in Madeira and Porto Santo, during the autumn of* 1823. London, 1824.

(Digressões pela Madeira e Porto Santo.)

Nesta obra vem *Observações sobre Cabo Verde.*

162) **BOWLES (W. L.)** — Poeta inglez.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Générale*, vol. 7 °, pag. 127.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 7.°, pag. 151.

Digitized by Google

Nasceu em Kingis Hitton no anno de 1762, e falleceu em 1850. [1]

E. — *Last Song of Camoëns.* London, 1809. (Ultimo canto de Camões.)

163) **BOYD** (CAPTAIN).

E. — *A description of the Azores or Western Islands.* London, 1835.

(Descripção dos Açores ou ilhas occidentaes.)

«Esta relação rescende ao caracter britanico, que raras vezes pecca pela indulgencia para com as outras nações: acham-se n'ella comtudo muitas noticias importantes para o conhecimento physico do archipelago.» [2]

Vem uma pequena analyse d'esta obra em o n.º 1 do *Diario do Governo*, de 1835.

164) **BRADFORD (WILLIAM).**

E. — *Sketches in the country, character and costume in Portugal and Spain.* London.

(Esboços do paiz, caracter e costumes de Portugal e Hespanha.)

Traz ao lado uma traducção franceza.

165) **BRADSHAW'S.**

E. — *Illustrated Hand-Book to Spain and Portugal: a complet guide for travellers in the Peninsula. With maps, town plans, and steel illustrations.* Londres, 12.º largo.

(Guia illustrada de Hespanha e Portugal.)

166) **BRANDANO (ALESSANDRO).** — Natural de Roma.

E. — *Historia della guerre de Portugallo succedute per l'occasione della seperazione di quel regno della Corona Cattolica.* Venezia, 1689, 2 tomos, 4.º, o 1.º de 515 pag. e o 2.º de 432.

Chega até o reinado de D. João IV. — V. Brandano (Francisco).

(Historia das guerras de Portugal succedidas por causa da separação d'aquelle reino da corôa de Castella).

167) **BRANDANO (FRANCESCO)** — Sobrinho de Alexandre Brandano.

Continuou a historia começada por seu tio.

Dell' Istoria delle guerre di Portogallo che continua quella di Alessandro Brandano. Parte seconda, nella quale si contengono gli Avvenimenti accaduti nel tempo della Regina Ludovica. Roma, 1716, 4.º, 451 pag.

(Historia das guerras de Portugal continuada —.)

168) **BRANDT IN BRAZILIEN** *Gedruct in't Jaer ons Heeren.* 1648, 9 pag., 8.º

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 7.º, pag. 157.

[2] Morelet — *Les Açores*, pag 15.

Digitized by Google

Diz respeito ás luctas entre os portuguezes e hollandezes por causa do Brazil.—M. S.

169) **BRASILSCHE CORLOGHS OVERWEGING** *Gedruckt in't Jaer.* 1648, 4 folhas sem numeração.

Diz tambem respeito á lucta dos nossos com os hollandezes.—M. S.

170) **BRASILSCHE GELT-SACK WAER** *in dat claerlijk vertoont wordt waer dat de Participanten van de West Indische Comp. haet Celt ghebleven is Gedruct in Brasilien op't Reciff.* Anno de 1647, 15 folhas sem numeração.—M. S.

171) **BRASYLS SCHUYT** *Practien ghehouden tusschen enn Officer een Domine, en een Coopman, noopend den Staet van Brasyl: Mede hoe de Officieren en Soldaten tegenwoordich aldaer ghetracteer t werden, en hoe men plackt te leven ten tyde doen de Portogysen noch onder het onverdraeghlijck lock der Hollanderen saten Ghedruckt inde West Indische Kamer by Maerter, Daer het gelt soo lustich klinckt alsser zijn Ales-staerten.* 11 folhas.

Trata dos negocios do Brazil no tempo em que os hollandezes se queriam apossar d'aquelle paiz. [1] —M. S.

172) **BRAY** (Mr.)

E.— *Talba or the Moor of Portugal.* A romance. New York, 1831.

(Talba, ou o Mouro de Portugal. Romance.

173) **BRAY** (Mrs. **ANNA ELIZA**).

E.— *Von Dr. E. N. Barmann Der Talba von Portugal; oder schidfale der Ignez de Castro.* Kiel, 1835, 3 vol.

Parece-me ser um romance baseado na historia de D. Ignez de Castro.

174) **BRESIL** *et Portugal.* Paris, 1824. Imprensa de Plassan, 8.°, folheto.

175 **BRETON.**

E.— *L'Espagne et le Portugal ou meurs, usages et costumes des habitans de ces royaumes. Precedé d'un précis historique par —. Ouvrage orné de cinquante quatre planches représentant douze vues et plus de soixante costumes différents la plupart d'après des dessins executés en* 1809 *et* 1810. Paris, 6 tomos, 1815, 12.°

(A Hespanha e Portugal, ou costumes, usos, trajos d'este paiz etc.)

[1] O auctor deste trabalho não possue conhecimentos sufficientes da lingua hollandeza para poder fazer a traducção dos titulos das obras escriptas n'este idioma, nem conhece pessoa a quem possa consultar.

Digitized by Google

Até agora ainda não encontrei exemplar algum com as referidas estampas' apesar de não ser esta obra das raras, e que não passa d'uma compilação.

O volume sexto é o destinado para tractar de Portugal.

O compilador serviu-se para este trabalho das obras de Twiss, Raynal, Murphy, e de duas ou tres outras.

«Para formar uma idéa do aspecto encantador, que offerece a cidade de Lisboa, é necessario imaginar um rio magnifico, com mais de tres leguas de largura, e cujo vasto porto está continuamente coberto d'uma multidão de navios.

«Ao longe ergue-se em amphitheatro a cidade sobre soberbas collinas.

«Os proprios arrabaldes estão de tal maneira semeados de casas de recreio e de conventos, que toda a extensão das margens do Tejo, até se perder de vista, parece não formar mais que uma só cidade, e custa a differençar o que pertence exclusivamente a esta bella povoação. Com effeito, ainda que a propria cidade occupe sobre a margem do rio, um espaço de duas leguas, as povoações de Pedrouços, Belem e algumas outras são o prolongamento, como Chaillot, Passy e Auteuil o são da parte occidental de Paris na margem direita do Sena.

«Não se poderia imaginar na Europa cidade maritima mais favoravelmente situada para o commercio de todas as partes do mundo, principalmente da America. Lisboa é o principal mercado de todo o commercio do reino com suas colonias, e com os paizes mais ricos do universo. Sua riqueza e a de todo o Portugal seriam immensas, se os habitantes fossem mais industriosos, se não importassem da Inglaterra a maior parte dos objectos de consumo.

«Os negociantes portuguezes são fallados por sua probidade severa, e pelo seu zelo escrupuloso no cumprimento de seus deveres.

«A ignorancia, e a superstição em geral são os maiores defeitos, de que os habitantes de Portugal podem ser accusados, mas estes defeitos não os arrastam a excessos criminosos.»

176) **BREVIS ASSERTIO** *et apologia acclamationis et justitiæ, Serenissimi et Potentissimi Portugalliae Regis Joannis inter veros et legitimos Lusitaniae Reges nomine Quarti, opposita aliquibus contrariis. impudentibus et temerariis scriptoribus.* 9 folhas sem data nem logar de impressão.

(Breve vindicação e apologia da acclamação e justiça do serenissimo e potentissimo rei de Portugal João, o quarto em quanto ao nome entre os reis verdadeiros e legitimos de Portugal, contra alguns escriptores contrarios, descarados e temerarios).

Faz parte da collecção de opusculos formando um volume, e relativos á acclamação de D. João IV, pertencente ao ex.mo sr. marquez de Sousa.

177) **BREVIS ET FIDA** *narratio et continuatio rerum omnium a Drako et Norreysio (post felicem ex occidentalibus insulis reditum) in sua expeditione Portugallensi singulis diebus gestarum.* Francofurti, 1590, 4.°, folheto.

Digitized by Google

(Narração breve, e fiel continuação de todos os successos de Drake e Norrys (depois do seu feliz regresso dos Açores) acontecidos diariamente na sua expedição a Portugal.

178) **BREVIS REPETITIO** *omnium que, Excellentissimus D. Legatus Portugalliae ad componendas res Brasilicanas proposuit vel egit a die* 23 *Maij usque ad* 1 *Novembris hujus anni* 1647. *Exhibita Celsis Prepotentibus D. D. Ordinibus Generalibus harum Confœderatarum Provinciarum ad.* 28. *diem ejusdem mensis.* Hagae-Comitis. Excudebat Ludolphus Breeckevelt Typographus. Anno 1647. 8 folhas.—M. S.

(Breve recapitulação de tudo, quanto o ex.mo sr. Legado de Portugal propoz ou praticou com o fim de pacificar os negocios do Brazil desde o dia 23 de maio até 1 de novembro d'este anno de 1647. Apresentada aos potentissimos Senhores Estados Geraes d'estas provincias confederadas até o dia 28 do mesmo mez.)

179) **BRIAND (P. CESAR).**

E.—*Les petits voyageurs en Espagne et en Portugal.* Paris, 1835.

(Os pequenos viajantes em Hespanha e Portugal.)

180 **BRIEFVE ET SOMMAIRE** *description de la vie et mort de Dom Antoine premier du nom, et dix-huictiesme Roi de Portugal. Avec plusieurs Lettres servantes à l'Histoire du Temps.* A Paris. Chez Gervais Alliot, au Palais prés la Chapelle sainct Michel. MDCXXIX. Avec Privilege du Roy.

Traz um magnifico retrato de D. Christovão, filho de D. Antonio, em volta do qual estão os seguintes dizeres:

No alto — *Christophorus + Dei + Gratia + Princeps + Portugalliae +*

Por baixo — *Filius D. Antonii XVIII. Portugalliae Regis.*

Á esquerda d'estas ultimas palavras:

D.
Dumonstier
Pinxit. 9.e Septembre
1632.

Do lado opposto:

Iaspar
Isac Fecit ••

E no baixo da folha:

Hic wultu. et. meritis Princeps de Sanguine Regnum
Quo magis atteritur, tanto virtute resurgit
Renatus de la Rachemaillet.

Começa esta obra por uma dedicatoria ao rei, feita por D. Christovão, filho de D. Antonio, e auctor d'este livro.

Segue uma advertencia ao leitor, e copia da approvação de dois doutores em theologia, datada esta ultima de 26 de janeiro de 1629.

Digitized by Google

«D. Antonio, primeiro do nome, e decimo oitavo rei de Portugal, descendente em linha varonil dos reis de França, Hugues Capet, e Roberto seu filho pelo ramo dos primeiros duques de Borgonha era filho legitimo de D. Luiz, segundo filho do rei D. Manuel de boa memoria; o que se viu claramente tanto pelo testamento do referido infante seu pae, como pelo tratamento e recepção que lhe fez o rei D. João III, seu tio, depois da morte de seu pae, deixando-lhe usar do timbre de suas armas, sem n'ellas haver signal de bastardia, e tambem pela estima, que d'elle fez o rei D. Sebastião, quando pela primeira vez foi á Africa, em Tanger, dando-lhe o cargo de condestavel na presença de D. Duarte, seu primo, que n'elle estava provido.

«Foi proclamado e reconhecido como verdadeiro rei, primeiramente em Santarem, e depois em Lisboa, dia de S. João, 24 de junho de 1580, e immediatamente depois em Setubal pelo corpo dos tres estados do reino, que alli estavam congregados, tendo fugido os cinco governadores, dos quaes tres para Hespanha, e tendo ficado dois em Portugal; e em seguida, depois de reconhecido pela Universidade de Coimbra, e por todas as outras cidades de Portugal, e possessões da corôa fóra do dito reino.

«D'alli voltou a Lisboa para se preparar contra as forças do rei de Hespanha Philippe II, commandadas pelo duque d'Alba, que começavam a entrar, dizendo pertencer-lhe o dito reino por ser filho da infanta D. Izabel sua mãe, fundando-se antes em suas forças, que no direito por elle pretendido, sabendo as leis do reino, que d'elle excluem as filhas, como a lei Salica na França; reconhecendo tambem a fraqueza do reino por causa da perda do rei D. Sebastião na Africa; e fiando-se em um grande numero d'aquelles, que tinham sido subornados com grandes promessas pelo duque de Ossuna e D. Christovão de Moura, seus embaixadores.

«Isto foi o que o resolveu a esta conquista, a qual se fez, como se segue:

«A saber:—Ao duque de Medina foram recommendadas as terras situadas ao longo do rio Guadiana até Moura e o reino do Algarve: ao marquez de Saraval a fronteira de Castellobranco até Pinhel e extremo da Beira: ao conde d'Alba e de Lista, senhor de Samora foi designada a cidade de Miranda até Torre de Moncorvo e Freixo d'Espada á Cinta: ao conde de Benavente foi recommendada a conquista de Bragança: ao conde de Monterei a da terra de Chaves, Vinhaes, e Mirandella; e ao conde de Lemos a provincia d'Entre Douro e Minho. A cada um dos quaes foram assignados dois mil homens de pé, e duzentos de cavallo, não fallando no exercito do duque de Alba.

«O rei D. Antonio, ainda que carecendo de forças, o esperava com grande coragem, e o referido duque de Alba tendo desembarcado na entrada do rio Tejo, tomou Cascaes, e o castello de S. Julião, por causa da traição do governador, que estava dentro, chamado Tristão Vaz da Veiga, e approximou-se de Lisboa. O dito rei com as poucas tropas, que tinha, o aguardou na ponte de Alcantara, e tendo alli combatido por alguns dias, vendo-se abandonado dos soldados, foi constrangido a deixar a ponte, e retirando-se para a cidade, achou que um dos seus servidores familiares estava cercado pelos inimigos, e querendo-o livrar, como o fez valorosamente foi ferido na cabeça, e assim passou atra-

Digitized by Google

vez de Lisboa mandando abrir as prisões da cidade, e foi fazer-se tractar a tres leguas da referida povoação, perto de Santo Antonio do Tojal, e depois em Santarem, onde começou a reunir algum resto da nobreza e dos fidalgos que o seguiam.

«D'ahi foi a Aveiro, e vendo que lhe não queriam abrir a porta, fez tomar de assalto a cidade em pleno dia, e entregou-a aos soldados para a saquearem. Em seguida marchou para o Porto, onde os da cidade receiosos de serem tambem saqueados e maltratados lhe mandaram por dois religiosos pedir misericordia, a qual sendo-lhes concedida, o rei entrou na cidade, e d'ella mandou ao rei de França Henrique III, e á rainha sua mãe, um embaixador chamado Antonio de Brito Pimentel pedindo-lhes soccorro, e fazendo-lhes saber o estado, em que se achava, dos quaes foi bem recebido e honrado.

«Fortificando-se o rei, e congregando suas forças na mencionada cidade approximaram-se os hespanhoes, e quizeram passar o rio Douro para o apanharem, emquanto elle lhes resistia por um lado; os habitantes da cidade lhes deram entrada por um outro, de modo que foi obrigado a retirar-se para um porto de mar chamado Vianna, para d'alli se embarcar, e ir á França, mas não o podendo fazer, retirou-se para os montes, donde deu aviso para França, por meio d'um portuguez chamado Jeronymo da Silva, de quanto lhe acontecera; e o rei Christianissimo e a rainha sua mãe enviaram um navio, no qual estava um chamado Pierre d'Or para procurar salval-o, o que não podendo por então fazer, mandou embora o navio, e o rei D. Antonio se conservou escondido em Portugal todo o resto do anno de 1580 até 6 de janeiro de 1581, em que se embarcou em um navio de Enchuse, cujo capitão se chamava Cornelius d'Egmond.

«Deve-se aqui notar que se embarcou á tardinha do dia de Reis, e começando a viajar, viram-se tres bellas estrellas no Céo, o que admirou a todos por não estarem no costume de serem vistas: o navio, no qual estava, chamava-se tres Reis: um galleão de guerra, que fazia guarda para reconhecer os navios, que passavam, e observar se elle estava dentro d'elle, perto do qual passava, tinham tambem o nome de Tres Reis, e chegando a Calais na França, a primeira hospedaria, em que entrou tinha por insignia Tres Reis.

«De Calais passou á Inglaterra, para dispôr a rainha Izabel a juntar suas forças com as de França, das quaes estava seguro; e voltou promptamente a Dieppe, onde o esperavam o senhor de Atrozze com varios senhores francezes, o condestavel de Portugal, e o embaixador Antonio de Brito; e d'alli foi conduzido a Paris, onde foi bem recebido tanto do rei, como da rainha sua mãe, pela qual foi tambem muito visitado, e pela rainha então reinante, e pela rainha de Navarra, e por todos os senhores, que então estavam na corte, e hospedou-se no palacio da rainha mãe, onde se conservou alguns dias: depois passou para o castello de Plessis Picquet, perto de Paris, e d'ahi para Tours, onde se descobriu um portuguez, que tinha sido mandado para o matar, e d'alli foi para Nantes para se embarcar na armada do senhor de Strozze, a qual se lhe preparava, e estando em Belle Isle á espera de tempo, o senhor de Saincte Soleine foi comprado por um hespanhol chamado o capitão Antonio por se-

Digitized by Google

senta mil escudos pagaveis em Genova, o que foi a causa principal da perda d'aquella armada; e embaraço á restauração de Portugal.

«O rei retirou-se para a Ilha Terceira, onde mandou cortar a cabeça a um, que viera para o matar, e d'alli voltou á França, donde se mandou o commendador de Chastes com alguma tropas para o guardarem, e defenderem a dita ilha, a qual sendo assaltada pelo marquez de Santa Cruz, foi tomada pela combinação, que este marquez fizera com um sargento mestre chamado João Baptista Sarniche, o que foi a causa, porque o dito commendador voltou para França.

«O rei de Portugal estava então em Rueil, perto de Paris, onde vieram quatro para o assassinarem, e d'alli se retirou para Bretagne para um castello, que a dita rainha mãe lhe dera para seu retiro, chamado Sussignon, e depois de n'elle residir alguns mezes começou a liga na França, e sabendo que Montigny, capitão do dito castello, o queria entregar ao duque de Mercueur, d'elle saiu, e se retirou para perto d'Auray para casa d'um nobre e generoso gentilhomem chamado Le Plessis Duquer; e alguns mezes depois veiu a Poictou para o castello de Beauvoir sobre mar, onde a dama de la Ganache, duqueza de Ludunois lhe pedira que ficasse; e algum tempo depois o duque de Mercueur tendo suas tropas reunidas, e a dita dama sendo avisada de que elle queria mandar prender o referido rei, e pol-o nas mãos d'um pagador geral por nome D. João de Heredia, por outro nome Moreau, para o levar á Hespanha, lhe enviou seu mordomo com outras pessoas, cavallos e dinheiro (sabendo que o dito rei estava muito falto d'elle) e lhe pediu se deixasse acompanhar por elles para um logar seguro; o que o rei fez, levando unicamente o principe D. Manuel seu filho, um fidalgo, seu primeiro camarista, deixando alli o principe D. Christovão, seu outro filho, com todos os outros seus gentishomens, o qual disfarçado no trajo de lacaio veiu ter com o rei seu pae á Rochella.

«D'alli o dito rei passou á Inglaterra, tendo sido para alli chamado, e convidado pela rainha Izabel, a fim de o fazer escapar do perigo, em que podia incorrer por causa da liga; e indo de Plymouth a Londres, a rainha lhe mandou fazer uma magnifica recepção por alguns gentis-homens disfarçados em pastores sobre a montanha de Salisbery, dizendo-lhe que elle era o bem vindo, e assegurando-o da parte do grande pastor do paiz de sua benevolencia, com promessas de lhe dar todo o soccorro. E por todas as povoações, pelas quaes passava, os governadores d'ellas, o vinham receber ás portas, apresentando-lhe as chaves, e mandando tocar os sinos, como o faziam a seus reis.

«O rei estando em Londres enviou desde 25 de outubro de 1588 o principe D. Christovão, seu filho ao imperador de Marrocos para servir de refens de cem mil miticaes, equivalentes a quatro centos mil francos, que o dito imperador lhe promettera, e tendo alli estado mais de tres annos bem tratado, e honrosamente servido, enviou-o ao rei seu pae, sem nada ter cumprido de sua promessa, tendo ouvido que estava no caminho um dos quatro principaes chaoux do grão senhor para o sollicitar a cumprir a palavra, ou a remetter o dito principe para Constantinopla, e este chaoux tinha ordem de tomar todas as galés e gentes de guerra necessarias para accompanharem o dito principe.

Digitized by Google

«No principio do anno de 1583 a rainha d'Inglaterra deu um soccorro ao dito rei de doze mil homens para saltarem em terra, commandados por sir Francis Drak no mar, e pelo general Norris em terra, e estando prestes a fazerem-se de vela, o thesoureiro d'Inglaterra, milord Burlé propoz ao conselho, que seria bom, achando-se a armada tão forte, que procurassem na passagem tomar Corunha na Galliza; e effectivamente se mandou um postilhão para dar ordem aos generaes de effectuarem isto; o que foi causa de não terem libertado Portugal, e de tal sorte que sem tomarem a cidade de Corunha, se retiraram com perda de muita gente, e separação de navios. O que vendo o rei protestou contra os generaes não querendo passar adiante: mas dizendo estes que tinham ainda bastante gente continuaram sua viagem, e chegando a Peniche, o capitão, que estava dentro, entregou o castello, e ali se aprisionou o resto dos soldados, que tinham ficado, em numero proximo a cinco mil homens, com os quaes o rei marchou para Lisboa, distante quatro leguas, e pelo caminho não se encontravam mais que festejos dos portuguezes aos inglezes com abraços, bom agasalho e tratamento, dizendo-lhes que eram bem vindos, pois que lhes traziam seu rei; e assim chegaram aos arrabaldes de Santa Catharina de Lisboa sem nenhum obstaculo: estando alojado n'aquelle sitio, o rei era a toda a hora avisado da boa vontade dos coroneis e principaes commandantes das tropas da cidade, e que appresentando-se, se lhe abririam as portas.

«Elle communicou isto ao general Norris a fim de o persuadir a accompanhal-o, e entrar com suas tropas; ao que Norris respondeu, que não tinha polvora, nem balas, e que era mister il-a buscar a Cascaes, aonde Drak tinha chegado. O rei replicou-lhe dizendo: Que depois de o ter levado até á porta de sua casa, não o fizesse apartar d'ella; e lhe disse, que para o confirmar a respeito dos offerecimentos, que, lhe faziam de o receberem, elle iria a trezentos passos na frente com seus portuguezes, e no caso que lhe faltassem, e que elle fosse trahido, poder-se-hia facilmente retirar com todas suas tropas para Cascaes. Ao que o general Norris não querendo annuir, o rei viu-se na necessidade de voltar a Cascaes, e ali foi constrangido a embarcar-se na esquadra, a qual achando-se desprovida de viveres, e infectada da peste, em que se tinha contaminado na Corunha, voltou em desordem para Inglaterra, aonde, logo que o rei chegou, não perdeu tempo em participar á rainha, e descobrir-lhe a falta, pela qual nada se tinha feito em Portugal, sollicitando-a de novo a que o soccorresse, e lhe désse novas forças para lá tornar.

«A isto a rainha respondeu: Que em quanto ás despezas com os navios e munições de bocca e de guerra, ella as faria; mas que procurasse n'outra parte o dinheiro, que era necessario para pagar aos soldados. O que vendo o rei, e sabendo que o rei Henrique o *Grande* estava em Dieppe no anno 1590, foi ter com elle, e lhe pediu auxilio e soccorro: A isto lhe deu o rei em resposta: Que com grande sentimento seu n'aquella occasião não o podia prestar, mas que, quando se visse mais firme em seu estado, o faria com todo o prazer.

«D'ali voltou o rei D. Antonio para Londres, onde estava então o embaixador de França, o senhor de Beauvois la Nocle, a quem deu relação do offere-

Digitized by Google

cimento generoso, que o rei lhe fizera, pedindo-lhe que o avisasse das noticias de prosperidade de sua magestade; e d'ali por diante se communicavam e frequentavam até ao anno de 1594, em que o dito sr. embaixador o avisou de que podia então vir á França; o que fez: e por este tempo foi descoberta a traição de tres, que conspiravam contra sua vida, e contra a da rainha de Inglaterra; os quaes foram executados em Londres. E veiu ter com o rei em Chartres, onde foi bem recebido, e assegurado pelo sr. marechal de Matignon de parte de sua magestade, que teria toda a satisfação; o qual sr. marechal lhe disse que, se elle quizesse assistir á sagração do rei, fosse adiante, que teria cuidado de lhe ministrar o que lhe fosse necessario. O que o rei de Portugal não poude effectuar por causa de sufficação, que não o deixava descançar uma hora: e d'alli veiu a Paris, onde estando o rei, começou a sollicital-o para que lhe désse soccorro, e para este effeito que lhe emprestasse cento e vinte mil escudos: o que o rei lhe concedeu, e não lhes podendo fornecer em metal sonante, deu-lhe uma carta patente assignada por sua mão, e referendada por Neufville, e sellada com o grande sello na data de 22 de abril de 1595, com o fim de embolsar no anno seguinte a dita somma áquelles, que lh'a adiantavam; e lhe concedeu entre varios outros senhores o senhor de Clermont d'Amboise para ser general dos francezes, que deviam ir a Portugal; e o rei D. Antonio procurando quem lhe adiantasse esta somma, foi accommettido d'uma doença, de modo que a 26 de agosto no dito anno falleceu na edade de 64 annos, tendo alguns dias antes feito seu testamento, e disposição de sua ultima vontade, e deixando tres cartas, uma para o rei Christianismo, outra para a rainha d'Inglaterra, e a terceira para os senhores estados de Hollanda, pedindo-lhes que tivessem a bondade de proteger seus filhos e famulos. E o principe D. Christovão, seu filho, participou por um gentil homem mandado expressamente a sua magestade, (que estava n'aquelle tempo em Leão,) a morte do rei, seu pae, e lhe remetteu a mencionada carta, ao qual, e aos executores testamentarios d'aquelle rei, sua magestade referida respondeu e participou ao senhor principe de Conty, e ao cardeal de Gonday a ordem, que deviam observar a respeito do corpo do defuncto, os quaes o mandaram embalsamar, e estando n'um caixão de chumbo, queriam-n'o depositar na capella da defuncta rainha mãe com uma capella ardente, o que os referidos executores não quizeram permittir, dizendo que isso fazia uma despeza excessiva, e enviaram seu coração para a egreja da Ave Maria, e seu corpo para o convento dos Franciscanos de Paris por um dos mestres de ceremonias, o qual fez armar de preto com as armas de Portugal a capella, que fica por tráz do altar mór da egreja, onde foi depositado, e ainda agora repousa na dita egreja, na primeira capella da nave.

«O rei D. Antonio era dotado de todas as perfeições reaes, e dignas d'um grande principe, sendo misericordioso e compassivo, inimigo dos mentirosos, dos calumniadores, dos detractares, dos juradores, dos blasphemos, repellindo pessoas taes de sua presença, e dizendo que uns e outros eram indignos de estarem entre as pessoas de bem, visto que aquelle, que se fiasse n'elles, por fim seria trahido, sendo taes que não pensavam senão no seu proprio in-

Digitized by Google

teresse. Sua piedade e virtude se patenteia claramente nos psalmos penitenciaes, que deixou por sua morte. Era muito liberal, de maneira tal que não havia ninguem, quer fosse nacional, quer estrangeiro, de qualquer qualidade, que tendo recorrido a elle, não fosse ajudado liberalmente. E com effeito ninguem saia de sua presença que não tivesse bom resultado em seus pedidos, até seus inimigos, herdando isto do infante D. Luiz seu pae, que no seu tempo era cognominado pae dos estrangeiros, e da nobreza por aconselhar á obediencia, fidelidade, e amor, que devia ter ao rei D. João III, sendo inimigo de todos aquelles, que se esqueciam de tal dever, dizendo que não eram dignos do titulo de nobreza.

«O dito rei foi tão zeloso da liberdade de seu reino, que nada omittiu, nem deixou pedra, em que não bulisse, para o fim do livramento e restauração de Portugal, como se verá nas cartas seguintes, que d'isto fazem prova, e que testimunham a verdadeira justiça de sua causa. Deixou dois filhos, o principe D. Manuel (que na Hollanda se casou com a irmã do fallecido principe de Orange Mauricio de Nassau, da qual teve dois filhos, e seis filhas, e no fim de dois annos, que alli residiu, quer fosse pela viagem, que se fez ao Brazil sem lh'o participarem, ou por qualquer outra causa, elle se passou para o partido de Hespanha, com seus dois filhos no anno de 1626 (em abril), e indo-o visitar o principe D. Christovão, a quem o rei seu pae apresentou ao rei Henrique, o *Grande*, no dia seguinte áquelle, em que voltou a Paris, depois da tomada de Laon na Picardia, no fim de dezembro de 1594.

«O referido principe assistiu á morte do rei, seu pae, que lhe deu sua benção, de quem é actualmente verdadeiro e unico herdeiro e successor de todos os direitos, que lhe pertenciam; e tendo ficado debaixo da protecção do fallecido rei Henrique o *Grande*, e actualmente debaixo da do grande triumphador Luiz XIII, o *Justo*, acha-se sempre desejoso, como o dever o obriga, de achar, se fôr possivel, o meio de restituir Portugal á sua liberdade, tanto para alli mandar enterrar o corpo do fallecido rei, seu pae, como ordena em seu testamento, ao que é obrigado como seu filho, como para com Deus com todas as sortes de serviços e submissões, como deseja generosamente ser reconhecido á magestade do rei Christianismo, que o protege: e segundo a grandeza de seu valor, nada lhe será mais custoso que o morrer sem effectuar o que seu regio coração pretende, apesar de se achar sobrecarregado de maguas e de angustias.»

Depois d'esta biographia seguem-se as cartas:

I *Cartas patentes do rei Henrique III, a respeito da tomada dos navios portuguezes emprestados ao rei D. Antonio.* Em francez, pag. 29.

II *Cartas patentes de commissão para informar e proceder contra aquelles, que se tinham esforçado para tomar o dito rei de Portugal.* Em francez, pag. 39–44.

III *Carta do rei ao duque Mercueur relativa ao mesmo assumpto.* Em francez, pag. 45–48.

IV *Cartas patentes de salva guarda passadas pelo rei Henrique III ao rei de Portugal.* Em francez, 48–53.

Digitized by Google

V *Carta do rei a respeito das sobreditas cartas patentes de commissão e salva guarda aos maiores e almotaceis da cidade de Nantes.* Em francez, pag. 53–56.

VI *Carta em hespanhol do conde de Leycester ao rei de Portugal D. Antonio.* Pag. 57–58.

Traducção da mesma carta em francez, pag. 59–60.

VII *Carta da rainha mãe do rei Henrique III, escripta ao rei de Portugal, quando estava na Inglaterra.* Em francez, pag 61–64.

VIII *Carta do imperador de Marrocos ao rei de Portugal, traduzida do arabe em latim pelo senhor Gabriel Sionita, professor regio da lingua arabica em Paris.* Em latim, pag. 64–69.

IX *Carta da rainha de Inglaterra Isabel, escripta ao imperador de Marrocos, na occasião em que o rei de Portugal lhe enviou o principe D. Christovão, seu filho.* Em hespanhol, pag. 69–74.

Traducção da mesma carta de hespanhol em francez, pag. 74–77.

X *Carta de Sir Francis Drak ao rei D. Antonio.* Em francez, pag. 78–82.

XI *Carta da referida rainha, escripta em latim ao grande senhor sultão Murad Cham a respeito do referido rei de Portugal.* Em latim, pag. 82–86.

Traducção da referida carta em francez, pag. 86–91.

XII *Carta em hespanhol da referida rainha escripta ao imperador de Marrocos, a respeito do dito rei.* Pag. 91–96.

Traducção da mesma carta em francez, pag. 98–102.

XIII *Carta em italiano da dicta rainha escripta ao rei de Portugal.* Pag. 102–107.

Traducção da mesma carta de italiano em francez, pag. 107–112.

XIV *Cartas patentes do rei Henrique o* Grande, *em favor do dito rei de Portugal.* Em francez, pag. 112–116.

XV *Carta do rei de Portugal, escripta em portuguez, pouco antes de sua morte ao rei Henrique o* Grande. Pag. 116–120.

Traducção da mesma carta em francez, pag. 121–125.

XVI *Extracto d'um artigo do testamento do rei de Portugal, feito em Paris a 13 de julho de 1595.* Traduzido de portuguez em francez, pag. 125–128.

Vem em seguida esta advertencia:

«O rei Henrique o *Grande*, escreveu de Lyon ao principe de Portugal D. Christovão uma carta, depois da morte do dito rei de Portugal, a qual tendo-se perdido durante as guerras, não poude ser incluida aqui, mas apresentam-se as duas seguintes, que o rei escreveu a Diogo Botelho, e Scipião de Figueiredo.»

XVII *Carta escripta ao senhor Diogo Botelho.* Em francez, pag. 128–130.

XVIII *Carta escripta ao senhor Scipião Figueiredo.* Em francez, pag. 130–132.

XIX *Carta que D. Antonio I d'este nome, e decimo oitavo rei de Portu-*

Digitized by Google

gal escreveu ao santissimo padre o papa Gregorio XIII, em Rueil no anno de 1583. Em francez, pag. 133–261.

XX *Segunda carta escripta da Rochella pelo rei D. Antonio ao nosso santo padre o papa Sixto V.* Em francez, pag. 261–275.

XXI *Terceira carta escripta de Inglaterra pelo mesmo rei ao papa Sixto V.* Em francez, pag. 276–282.

XXII *Quarta carta do dito rei ao papa Sixto V, escripta de Inglaterra.* Em francez, pag. 282–287.

XXIII *Quinta carta do dito rei ao papa Clemente VIII.* Pag. 287–291.

XXIV *Sexta carta do dito rei ao papa Clemente VIII.* Em francez, pag. 292–300.

O referido livro da vida de D. Antonio é d'uma raridade extraordinaria. O unico exemplar, que tenho visto, é o que obsequiosamente me emprestou o ex^mo^ sr. conde de Geraz do Lima para d'elle me servir n'este trabalho.

181) **BRIGNOLI** (Dr.)

E.—*In morte di Sua Alteza Imperiale La Principessa Amelia. Ode.*

Foi publicada esta sentida poesia no vol. 12.º da *Revista Universal Lisbonense.* (1853).

182) **BRILLAC** (Mademoiselle S. B. DE)

E.—*Agnes de Castro. Nouvelle Portugaise.* Amsterdam, 1710.

(Ignez de Castro, novella.)

183) **BROCKWELL (C.)**

E.—*Natural and political history of Portugal during the reign of John V.* London, 1726, 8.º

(Historia natural e politica de Portugal durante o reinado de D. João V.)

É livro rarissimo, diz o visconde de Santarem a pag. ccexxxii do tomo 5.º do *Quadro elementar das relações politicas de Portugal com as diversas potencias do mundo.*

A um escriptor do mesmo nome vejo attribuida na *Historia de Portugal* do sr. João Felix (Lisboa, 1848, vol. 1.º pag. 60) uma obra com o seguinte titulo: *The natural and political history of Portugal to which is added the history of Brasil, and other dominions subject to the crown of Portugal in Asia, Africa and America.* 1825.

Não vi nem uma nem outra, e por isso não posso dizer se ambas são uma e a mesma obra, ou se effectivamente são duas differentes.

184) **BROME (JACQUES).**

E.—*Travels through Portugal, Spain and Italy,* London, 1712.

(Viagens em Portugal. etc.)

185) **BROOK (T. H.)**

E.—*A history of the Island of St. Helena, from its discovery by the*

Digitized by Google

Portuguese. London, 1808.--(Historia da ilha de Santa Helena, desde a sua descoberta pelos portuguezes.)

186) BROUGHTON.

E. — *Letters from Portugal, Spain, and France during the campaigns of* 1812, 13, 14.—(Cartas escriptas de Portugal, etc. durante as campanhas de —.)

187) BROWN (GENERAL).

E. — *Portugal in* 1820, *an historical view of the late revolution of Portugal*. 1827.—(Portugal em 1820, vista historica da ultima revolução.)

188) BROWN (ROBERT) — Celebre botanico inglez.

Será este o agronomo escocez nascido no anno de 1770, e fallecido em 1831, de quem nos falla F. Didot no vol. 7.º da sua *Biographia Universal*?

«Este botanico dando noticia das *Observações botanico-medicas sobre as plantas do Brasil*, obra do nosso Bernardino Antonio Gomes, chama-lhe a *respectable work*. O mesmo botanico dando informações de uma nova orchidea do Brazil, descripta por elle, e estampada no vol. XLI do *Botanical Magazine*, de Curtes, pag. 1784, e reconhecendo a planta um genero novo, dedicou-a ao dr. Gomes, pelo serviço, que prestara com as suas observações botanicas, especialmente na parte phytographica.

«Em 1797 appareceu publicado em Edimbourg um escripto do dr. Currie com o titulo de *Medical reports on the effects of water cold and warm as a remedy on fever and other deseases*, do qual escripto sairam mais duas edições, até 1804. Esta obra, de que Bernardino Antonio Gomes teve noticia no anno de 1800, foi o incentivo para elle fazer ensaios sobre as effusões frias no tratamento de febres graves; ensaios para que muito auctorisavam os bons resultados d'esta pratica, annunciados na obra do dr. Currie. A occasião, que se offereceu para isso na epidemia de Gibraltar era a melhor, o auctor não podia deixar de a aproveitar. E' o que fez, e com a satisfação de obter effeito correspondente á sua expectativa.

«Estes bons resultados constaram ao dr. Currie, o qual escreveu ao dr. Baeta, com quem tinha relações, para d'este modo obter do auctor as informações desejadas. Isto foi motivo de uma extensa carta ao dr. Currie, na qual lhe dava miuda conta do que observou.

«Esta carta foi depois impressa pelo dr. Currie na ultima edição da obra citada (tom 2.º pag. 531), e ahi exprime o medico inglez o grande apreço em que teve as observações do nosso auctor, e o seu especial merecimento.

«O ensaio sobre chinchonino, obra tambem de Bernardino Gomes, foi em inglez reproduzido no *Edinbourg Medical and Cirurgical Journal*, vol. 7.º, pag. 120; e no *Medical and Physical Journal* vol. 27. [1]

[1] *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa—Classe de Sciencias Mathematicas, etc.* — Nova serie, tomo 2.º, parte 1.ª

Digitized by Google

189) **BRUCE (JAMES).** — Celebre viajante inglez.

Nasceu em Kinnaird no anno de 1730 e falleceu em 1794. [1]

E. — *Voyage aux sources du Nil en Nubie et en Abyssinie pendant les annés* 1768, 69, 70, 71, *et* 72. *Traduit de l'Anglois par J. H. Castera.* Londres, 1791, 13 vol.

Ha varias outras traducções d'esta obra em differentes idiomas.

Se bem que este trabalho não foi escripto para tratar exclusivamente de assumptos portuguezes, é todavia um d'aquelles, em que a cada passo se está fallando das acções de nossos antepassados.

Vejamos algumas das passagens mais notaveis d'esta obra.

Tomo 4.º pag. 142 e seguintes: «João I rei de Portugal, depois de ter vencido os mouros em varias batalhas, constrange-os a tornarem a passar o mar, e a regressarem á sua patria. [2] Suas victorias apagaram a vergonha da alcunha, que lhe tinham posto; e João o Bastardo não foi depois designado senão pelo nome glorioso de João o *Vingador*. Não era porém isto ainda bastante para sua grande alma. Ajudado por alguns marinheiros inglezes, fez uma descida ás costas da Barbaria, poz cerco a Ceuta, e tornou-se promptamente senhor d'esta grande cidade. As ligações d'este principe com os inglezes eram uma consequencia de seu casamento com Filippa de Lancaster, irmã d'Henrique IV, rei d'Inglaterra. João, o *Vingador* teve d'este consorcio cinco filhos, todos bravos, todos guerreiros na tomada de Ceuta, e em estado de commandarem exercitos. Henrique, o mais novo d'estes principes, tinha então apenas vinte annos, mas foi o primeiro a subir á brecha debaixo das vistas de seu pae, que o nomeou immediatamente mestre da ordem de Christo.

«Apesar de todas as felicidades, que teve o rei João I na guerra d'Africa, o principe Henrique conheceu bem depressa que Portugal era excessivamente limitado para luctar sosinho contra o enorme poder dos mahometanos, cujo dominio se estendia sobre as mais ricas partes do mundo conhecido. O engrandecimento repentino de Veneza feriu ao mesmo tempo os olhos d'este principe. Veneza devia só ao seu commercio a vantagem de poder resistir a seus formidaveis inimigos. Portugal de per si era mais importante que Veneza; mas reinavam em seu seio a pobreza, a ignorancia, o orgulho, e a preguiça: desde a expulsão dos mouros ate a agricultura n'este paiz estava em despreso.

«Desde sua mais tenra juventude o principe Henrique [3] amara apaixonadamente as mathematicas, e cultivara cuidadosamente a astronomia. Generoso e valente era inimigo da superstição, da vaidade e da ira. Tratava com a maior bondade os judeus e os arabes, unicos, que podiam secundar o ardor, que tinha de se instruir. Em vão, indubitavelmente, teria elle tentado tornar Portugal rival do commercio do Mediterraneo, do qual Veneza estava de posse. Porém restava-lhe um outro meio d'ir procurar as mercadorias á India: era mis-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biogriaphie Universelle*, tomo 7.º, pag. 562.

[2] Bruce não estava, como se vê, perfeitamente conhecedor da historia de Portugal.

[3] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 4.º, pag. 143.

Digitized by Google

ter atravessar o Oceano Atlantico, dobrar o famoso Cabo, ao qual então se dava o nome de Promontorio das tormentas, e penetrar no mar da Asia. Estimulado por esta idéa o principe Henrique retirou-se para uma casa de campo solitaria, afim de poder consagrar todo seu tempo ao estudo e á meditação de seus grandes projectos. A ignorancia e os preconceitos de seu seculo eram contra elle. Não se conhecia então outra geographia mais que a dos poetas. Os portuguezes imaginavam que todas as terras semeadas entre os tropicos não podiam ter habitantes, sendo abrazadas por um sol, cujo ardor nada havia que refrigerasse, e banhadas por um mar ardente. Por isso acreditavam que qualquer empreza para descobrir aquellas regiões era não sómente uma loucura, mas até um excesso d'audacia, um attentado contra a Providencia.

«Com tudo se o principe Henrique teve que combater os preconceitos de sua nação, achou por outro lado poderosos motivos d'animação. A historia grega, que elle estudava cuidadosamente, lhe provou que a viagem, na qual pensava, tinha sido já executada duas vezes: primeiramente pelos Phenicios, durante o reinado de Necho no Egypto, e depois por Eudoxo, no reinado d'um outro rei do Egypto muito menos antigo, em tempo de Ptolomeu Lathyrus. Eudoxo dobrou a ponta mais meridional d'Africa, e chegou a Cadix. Hannon tinha ainda feito mais: partira de Carthago, e depois de ter passado o estreito, tinha avançado para o Oceano Atlantico, até 25° de latitude Norte.

«Mas um exemplo mais recente é o de Macham, navegador inglez, o qual no seculo XIV, voltando da costa occidental d'Africa, naufragou, e se salvou na ilha da Madeira, então deshabitada, com uma mulher, a quem elle amava ternamente. Pouco depois Macham teve a desgraça de perder sua companheira, e não podendo supportar por mais tempo a solidão completa, em que se achava, [1] construia uma canoa, com a qual ganhou o continente, onde os habitantes se apoderaram de sua pessoa, e o apresentaram ao califa como um objecto de curiosidade. Finalmente em 1364 os Normandos de Dieppe tiveram uma companhia, que ia commerciar até Serra Leoa, que não está mais que a 7° da linha.

«A doçura, com que o principe de Portugal, tratava os prisioneiros mouros, foi recompensada pelas instrucções, que recebeu d'elles. Participaram-lhe que alguns de seus compatriotas do reino de Suz tinham penetrado muito pelo deserto dentro, montados em camellos, levando comsigo agua e provisões; que depois de alguns dias de marcha tinham encontrado minas de sal; que tinham tomado um carregamento extrahido d'ellas, e depois tinham ido alem dos limites das chuvas do tropico, onde acharam grandes cidades habitadas por homens negros e de cabello revolto. Estes homens haviam recebido muito bem os viajantes mercadores, e lhes tinham ensinado que havia ainda alem de seu paiz um grande numero de tribus bem povoadas e guerreiras. Por fim D. Pedro, irmão do principe Henrique, trouxe na sua vinda de Veneza um mappa-mundi, no qual toda a costa do Oceano Atlantico estava distinctamente tra-

[1] James Bruce — *Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 146.

Digitized by Google

çada, e estava figurado na extremidade meridional d'Africa um cabo rodeiado d'um mar, que communicava com o Oceano Indico.

«Apenas o principe se julgou seguro de haver uma passagem para as Indias, dando a volta d'Africa, que se occupou em mandar construir quanto era necessario para esta navegação. Corrigiu as tabuas solares dos arabes, fez algumas alterações no astrolabio, porque o quarto do circulo ainda não era conhecido em Portugal.

«Henrique pela sua beneficencia e liberalidade tinha attrahido para seu lado os mais habeis pilotos de seu tempo, e os mais sabios mathematicos, e lhes propoz de pôr sua theoria em pratica. Havia já dez annos que fazia partir navios para tentarem executar seus projectos sem ter ainda podido determinar os marinheiros, que os tripulavam, a passarem o Cabo Nan, isto é, avançarem trinta leguas mais até ao Cabo Bojador. Sua coragem só se limitava a isto, e a idéa d'um Oceano tempestuoso lhes fazia uma tal impressão, que voltavam successivamente satisfeitos de sua audacia e de sua sciencia. Mas o principe pensava muito differentemente. Dissimulando comtudo a opinião desvantajosa, que elles lhe davam de seu talento, continuou a demonstrar-lhes a possibilidade, que havia, d'executar seu projecto, e a prometter-lhes recompensas. Então emprehenderam novas viagens, e bem depressa voltaram tendo adiantado tão pouco como da primeira vez. Ha até probabilidades de que estes ensaios inuteis teriam durado ainda muito tempo, se um acaso, ou antes a providencia, não tivesse vindo em sua ajuda.

«João Gonçalves e Tristam Vaz, ambos da casa do infante D. Henrique na qualidade de gentishomens de sua camara, vendo a impressão, que a incapacidade de seus pilotos fazia n'elle, obtiveram d'este principe o commando d'uma pequena embarcação, e resolveram dobrar o Cabo Bojador, e descobrir a costa, que se prolonga alem. Foram surprehendidos por uma tempestade violenta, e depois de terem estado por alguns dias em perigo de morte, abordaram a uma pequena ilha, a que deram o nome de Porto Santo. João Gonçalves e Tristam Vaz estavam animados d'um verdadeiro espirito de descobertas. Longe de se julgarem perdidos em um novo mundo, e de se contentarem com o que tinham feito, occuparam-se em examinar bem o local, aonde o acaso os tinha arrojado. Emquanto os dois viajantes percorriam esta ilha, que era esteril, e pouco valia, observaram no horisonte um ponto negro, que nem mudava de sitio, nem de figura, e convencidos de que era uma terra, voltaram a Lisboa para darem parte ao infante D. Henrique de sua duplicada descoberta.

«Immediatamente este fez preparar tres navios, dos quaes dois foram confiados a Vaz e a Zarco, e o terceiro a Bartholomeu Perestrello, gentilhomem da camara do principe D. João, irmão de Henrique. Estes navegantes não enganaram as esperanças de quem os enviára. Ganharam primeiro Porto Santo, e depois avançaram até o ponto negro, visto por seus predecessores, que não era outra coisa senão a ilha da Madeira, então completamente coberta de arvoredo. No tempo d'esta descoberta tinha cessado de viver João I, e D. Duarte subira ao throno. Porém não impediu isto a Henrique de continuar o curso de seus projectos.

Digitized by Google

«Gil Eannes estimulado pela ventura dos ultimos viajantes partiu com a intenção de dobrar o cabo Bojador, sem se desviar da costa, de maneira a poder encontrar terras desconhecidas. Os ventos e o mar favoreceram-n'o. Dobrou facilmente o cabo, e depois de se ter adiantado algumas leguas para a bahia, que fica ao sul, veiu felizmente contar para Portugal que tinha achado um mar não menos navegavel além, que áquem do cabo Bojador, e que as difficuldades, os perigos d'este oceano, que tinham até então espantado os marinheiros, eram sem nenhum fundamento.

«A passagem do cabo Bojador foi dentro em pouco conhecida na Europa, e despertou no espirito de todos os navegantes o desejo de tentarem aventuras. Os mais ousados vieram depressa ter com o infante D. Henrique; e esta emulação augmentou ainda a coragem dos portuguezes, já orgulhosos com suas prosperidades. Mas ha sempre homens, que incapazes de produzirem alguma cousa grandiosa, passam seu tempo a criticar as emprezas dos outros. Estes homens censuravam o infante de ter escolhido o momento, em que a guerra dos Mouros acabava de custar muita gente e dinheiro a Portugal, para fazer novas despezas procurando descobrir paizes, que elles consideravam como inuteis e perdidos no oceano. Apesar de se não atreverem a avançar como outr'ora que este oceano fervia continuamente á roda d'estas terras ardentes, sustentavam ainda que estas terras estavam de tal sorte abrazadas pelo sol, que todos os homens, que as habitavam, deviam tornar-se pretos, e que n'ellas não podia haver alguma vegetação [1]. Raciocinios taes teriam com tudo sido sufficientes para transtornar todos os designios do infante Henrique, se o rei de Portugal tivesse pensado, como a maior parte de seus vassallos. Porém Portugal estava destinado a chegar dentro em pouco ao mais alto ponto de heroismo e de gloria, graças á longa serie de principes sabios e valentes, que o governaram.

«O rei Duarte em logar de responder aos detractores das novas emprezas, testemunhou mais respeito e confiança a seu irmão [2]. Querendo mesmo excital-o a levar ainda mais longe seus projectos deu-lhe por toda sua vida a soberania da Madeira e Porto Santo, e de quantos paizes podesse mandar descobrir sobre a costa d'Africa, e submetteu para sempre a jurisdicção espiritual da Madeira á ordem de Christo, do qual o infante era grão-mestre.

«As viagens continuaram então debaixo dos auspicios de Henrique. Nuno Tristão dobrou o cabo Branco, e chegou até um pequeno rio, em cujas margens encontrou habitantes, que possuiam ouro, pelo que este rio se ficou chamando rio do Ouro, e construiram alli um forte, a que pozeram o nome de Arguim. No anno 1445 Diniz Fernandes foi o primeiro, que descobriu o rio Senegal, cuja margem septentrional é habitada por mouros asenagi, de côr baça, e a margem meridional pelos Jalofs, negros que recolhem, e vendem a gomma arabica.

[1] James Bruce — *Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 152.

[2] Bruce chama-lhe tio (pag. 152). Como já disse este auctor commette muitas inexactidões na historia de Portugal.

Digitized by Google

«Depois o navegador portuguez avançando além do rio avistou Cabo Verde, e foi não menos encantado, que surprehendido do espectaculo, que se lhe offerecia no meio da zona torrida, quando achou uma região regada por grandes rios, e ornada da mais brilhante verdura. A guerra civil assolava o povo dos Jalofs. Bemoi, um de seus principes reinava pela astucia de sua mãe, que tinha conseguido collocal-o sobre o throno n'um tempo de menoridade com prejuizo de seus tres outros irmãos, que eram os herdeiros legitimos. O mais velho d'estes principes conservava uma sombra de poder, e parecia favorecer o usurpador. Durante aquelle tempo Bemoi se ligou estreitamente com os portuguezes. Prometteu-lhes tudo quanto elles quizeram, e principalmente de lhes conceder um terreno para construirem um forte sobre o continente, e até d'elle mesmo se converter ao christianismo, o que parecia mesmo desejar ardentemente. O irmão mais velho de Bemoi não tardou que morresse, e os outros dois irmãos attacaram Bemoi; porém foi defendido pelos portuguezes, de quem elle tinha recebido por emprestimo grossas sommas de dinheiro. Depois hesitou em se converter, e deu ordem aos portuguezes de sairem d'aquelle paiz, e de o deixarem sosinho sustentar sua fortuna. Com tudo tendo perdido uma batalha contra seus irmãos, foi bem depressa reduzido á necessidade de fugir atravez do deserto até Arguim, e d'alli embarcou para Lisboa com um grande numero d'aquelles, que lhe eram affeiçoados. Foi acolhido pelo rei de Portugal com todas as honras devidas a um soberano, e recebeu o baptismo sendo apresentado na egreja pelo rei e rainha. Fizeram-se muitas festas na occasião d'esta conversão.

«O rei de Portugal appressou os preparativos, que deviam servir a tornar a pôr seu alliado no throno: e logo que os festejos acabaram, estava prompta para partir uma frota e um exercito consideravel. Porém infelizmente para Bemoi o commando d'esta expedição foi dado a Tristão da Cunha, guerreiro bravo e experimentado, mas d'um caracter tão orgulhoso e cruel, que seus compatriotas lhe tinham posto a alcunha de Biragudo.

«A frota não tardou em chegar á Africa. Desembarcaram as tropas, e seu numero e valor não lhes deixando receiar alguma opposição, o general portuguez começou a construir um forte, sem se importar se o logar, em que lançava os alicerces, era doentio. Era um logar baixo e pantanoso, e por isso as febres começaram immediatamente a causar estragos entre os portuguezes, e a fazer perder de vista o fim da expedição.

«Com tudo os murmurios do exercito e o receio de ficar sosinho para commandar seu forte desesperavam Cunha. Um dia, que elle estava a divertir-se a bordo de seu navio, tendo tido alguma altercação com Bemoi, trespassou-lhe o coração com uma punhalada, e o estendeu morto a seus pés, sem que o desgraçado rei tivesse tempo de dizer uma só palavra. Immediatamente o forte foi abandonado, e o exercito voltou para Portugal, depois de ter feito maiores despezas, que todas as descobertas do principe Henrique.

«Porém o ceu recompensou a sabedoria do rei de Portugal com uma descoberta, que o indemnisou amplamente. O principal fim das expedições do principe Henrique era achar uma passagem para as Indias orientaes, dobrando

Digitized by Google

a ponta meridional d'Africa, coisa que se julgava então impossivel. [1] Para obviar aos inconvenientes, que podessem sobrevir nas viagens por mar, emprehendeu-se uma outra por terra. No commercio da India atravessava-se a Africa em toda sua largura, d'oriente para occidente. O principe Henrique tinha tido designio de fazer seguir um caminho parallelo para ir ao meio dia, passando por paizes, onde dominava o christianismo; por quanto alguns christãos vindo da Palestina tinham referido, havia muito tempo, que existia em Jerusalem um convento de monjes, subditos d'um principe christão, que habitava no coração d'Africa, e cujo imperio se estendia das costas do mar Vermelho até á do Atlantico. Accrescentavam ainda, que alguns d'aquelles monjes vinham frequentemente a Alexandria, cujo patriarcha era o unico, que tinha o privilegio de enviar um bispo ao paiz d'elles. Marco Paolo, viajante Veneziano, tinha derramado muita confusão sobre toda esta historia, dizendo que encontrara nas suas viagens na Tartaria este principe christão, que se chamava o Prestes João.

«Com tudo o rei de Portugal escolheu para seus embaixadores junto d'este principe a Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva. Covilhã era um homem muito capaz de desempenhar uma tal missão. Empregado algumas vezes pelo ultimo rei em negocios mui delicados, tinha mostrado muita sagacidade e prudencia. Além d'isso estava ainda em todo o vigor da edade, corajoso, activo, dextro para manejar toda a qualidade d'armas, modesto e jovial na conversação; e o que coroava tantas qualidades brilhantes, era que tinha a feliz vantagem de adquirir promptamente o conhecimento das linguas, e de poder bem depressa explicar-se por toda a parte sem interprete.

«Foi na corte de Bemoi que se teve a primeira certesa, que existia um principe christão no interior d'Africa. Os habitantes das costas do mar Atlantico contavam, que penetrando no paiz para éste, encontravam-se algumas nações poderosas, habitando em cidades e governadas por principes independentes uns dos outros; e que mais longe, ao oriente d'essas nações, estava um soberano, cujos vassalos nem eram pagãos, nem idolatras; mas meio judeus e meio christãos.

«Parece que estes pormenores deveram ser levados ao Senegal pelas caravanas. Certamente a linguagem dos negros não foi na origem mais que um dialecto do abyssinio.

«No Benim, outro paiz da Negricia, tiveram os portuguezes uma nova prova

[1] Não admira que Bruce usasse de expressões tão enthusiasticas: a *Historia Universal* composta por uma sociedade litteraria, e traduzida em francez diz a pag. 433 do tomo 23.°— Les portugais furent les fondateurs du commerce, et de la marine des européens.

«O primeiro unicornio, ou rhinoceronte da Asia, do qual se publicou a gravura, foi pintado por Albert Durer no principio do seculo XVI, conforme um animal vivo, que os portuguezes trouxeram da India. Durer pintou-o superiormente: e todavia é conforme este quadro que se teem espalhado por todas as partes do mundo tantas copias informes e monstruosas.» (Bruce) *Voyage aux sources du Nil* vol. 13.°, pag. 140.

Digitized by Google

de que existia um principe christão no centro d'Africa, e ao sudoeste d'este paiz.

«Os habitantes referiam, que era um principe muito poderoso, o qual se chamava Ogané, e que seu reino ficava a perto de duzentas e cincoenta leguas de distancia de Benim. Accrescentavam que na sua elevação ao throno os reis de Benim recebiam d'este principe uma cruz de cobre, e um bastão curvo.

«Parece que esta palavra Ogané é uma corrupção de João ou de Jeanoy, titulo, que os christãos orientaes deram aos reis d'Abyssinia. Mas é bem difficil de se acreditar que houvesse relações entre o imperio de Abyssinia e o Benim, não somente por causa da distancia, mas porque o intervallo, que os separa, é habitado pelos povos os mais selvagens do mundo, os gallas e os shangallas.

«Com effeito a corte da Abyssinia residia n'aquelle tempo em Shoa, provincia fronteira do sudoeste, e seria possivel que tivesse estendido sua potencia pelo paiz de seus barbaros visinhos até perto de Benim, que está nas margens do mar Atlantico.

«O rei de Portugal estava resolvido a não demorar por mais tempo a descoberta dos logares, que produziam especiarias na India, e d'uma passagem para se dirigirem por terra para a costa oriental d'Africa. Covilhã e Paiva foram pois encarregados d'esta missão, e munidos de credenciaes se dirigiram a Alexandria. [1] Deu-se-lhes ao mesmo tempo uma carta redigida debaixo da direcção do principe Henrique, e se lhes recommendou que a verificassem, e a corrigissem conforme o que vissem. Deviam informar-se onde se faziam os principaes mercados de especiarias, principalmente de pimenta; quaes os caminhos por onde se enviavam estas mercadorias á Europa, d'onde vinham o ouro e prata: e finalmente o rei lhes tinha recommendado que se informassem, se era possivel dirigirem-se á India dobrando o promontorio meridional da costa d'Africa.

«De Alexandria os viajantes portuguezes se encaminharam para o Cairo, e depois para Suez, na extremidade do mar Vermelho; e tendo-se aggregado a uma caravana de mouros, caminharam por Aden, cidade rica e commercial áquem do estreito de Babelmandeb. Alli separaram-se. Covilhã singrou para a India, e Paiva se fez de vela para Suakem, ilha pequena, e de pouco commercio, situada sobre a costa de Berberia. De Paiva apenas sabemos, que querendo ir mais longe, perdeu a vida, e nunca mais se ouviu fallar n'elle. [2]

«Covilhã mais feliz chegou a Calicut e a Goa. D'alli atravessando o oceano indico, foi ver as minas de Sofala. [3] Depois tornou para Aden e Cairo, onde, em

[1] A esta missão se referiu, ha poucos dias, Lesseps n'um discurso na Sociedade Geographica de Paris, a respeito da descoberta da Australia, pelo portuguez Heredia.

[2] Bruce—*Voyages aux sources du Nil*. vol. 4.°, pag. 163.

[3] «Um dia fallei ao principe de Shoa a respeito da historia, que se contou aos portuguezes na occasião da descoberta de Benin. Perguntei-lhe se era verdade, como a tal historia o referia, que os negros de Benin tivessem relações com um estado christão,

Digitized by Google

vez de encontrar, como esperava, seu companheiro Paiva, recebeu a noticia de sua morte. Foi encontrado no Cairo por dois judeus, chamados Abraham e Joseph, que lhe traziam cartas do rei d'Abyssinia. Então entregando a Abraham suas respostas, conservou Joseph comsigo, e tornando a tomar o caminho de Aden, dirigiu-se a Ormuz no golpho Persico. Alli Covilhã separou-se do judeu Joseph, que se aproveitou d'uma caravana, que atravessava o deserto para ir a Alepo. Covilhã não tendo outro projecto mais que visitar a Abyssinia, voltou ainda a Aden, e passando o estreito de Babelmandeb, desembarcou finalmente nos estados do rei d'Abyssinia.

situado no interior d'Africa, que elles reconheciam como soberano, e de quem recebiam a investidura de suas provincias? Se existiam taes relações com o Shoa, ou alguns vestigios de que tivessem existido outr'ora? E se havia finalmente algum outro estado christão ou judeu na visinhança do logar, ao qual o que se diz dos negros de Benin, podesse applicar-se? Amba Iassus me respondeu: Que em Shoa não se conhecia Benin; que até nunca ouvira pronunciar este nome, nem citar algum costume similhante áquelle, de que falla; quenão conhecia nenhum outro estado christão mais para o interior ao sul senão o reino de Narea, do qual uma grande parte estava conquistado pelos Gallas, nação pagã. Accrescentou que os negros visinhos de Shoa eram excessivamente ferozes, crueis, mais perigosos que os Gallas, e eguaes aos Shangallas d'Abyssinia. Os outros povos, tornou elle, eram em parte Mahometanos, e quasi todos da nação dos Gallas, porque alguns d'estes abraçam a religião de Mahomet. Porém não fazem trafico algum com o Oceano apezar de conhecerem o commercio do Oceano Indico, por ficar mais perto d'elles, e por lhes levarem os negociantes mouros mercadorias da India. Porém os Gallas invadiram quasi todos os paizes, que separam estas nações da costa do mar, e fazem com que o caminho das caravanas seja muito perigoso.» (Bruce — *Voyages aux sources du Nil*, vol. 10.°, pag. 164.

«Foi em Gondar que os jesuitas portuguezes construiram sua primeira e mais magnifica casa, quando emprehenderam a conversão do rei da Abyssinia. Socinios, que reinava então deu-lhes o terreno, e forneceu-lhes o dinheiro. Fizeram o convento e a egreja com suas proprias mãos, e a obra de talha em cedro muito bem feita. O monarcha zeloso da egreja catholica, quiz depois ter uma casa de prazer no mesmo sitio. Fizeram-lha os jesuitas e elle recompensou-os magnificamente. É um dos mais bellos sitios do mundo. Na frente prolonga-se o vasto lago Trana. As planicies ricas e ferteis do Dembea, do Gojam, do Maitsha o rodeiam, e as vistas não são alli embaraçadas senão pelas altas montanhas de Begander s de Woggira.» (Idem, idem, vol. 9.° pag. 17.)

«Nenhum dos primeiros portuguezes (vol. 9.° pag. 201) que chegaram á Abyssinia, nem Covilhã, nem Rodrigues de Lima, nem Christovam da Gama, nem mesmo o patriarcha Affonso Mendes viram as nascentes do Nilo, nem disseram tel-as visto. Pedro Paes veio depois, no reinado de Denghel, e a elle é que se attribue esta honra. Vou considerar por um momento se estas pertensões são bem fundadas.

«Paes deixou uma historia manuscripta da missão dos jesuitas, e das coisas mais notaveis, que no seu tempo se passaram na Abyssinia.»

«Esta historia está escripta em dois grossos volumes em oitavo n'um estylo simples e natural. Espalharam-se copias por todos os collegios e seminarios dos jesuitas; e na occasião da suppressão de sua ordem encontraram-se copias em todas as suas bibliothecas.

«Athanasio Kircher, jesuita, que se tornou celeberrimo pela variedade de seus conhecimentos, pelo numero de seus escriptos, e muito mais pelo arrojo com que assevera

Digitized by Google

«O principe chamado Alexandre estava então á frente de suas tropas para obrigar vassallos rebeldes a pagarem lhe o tributo, que lhes tinha imposto.

«Recebeu Covilhã com bondade: porém a curiosidade, mais que o proveito que podia tirar d'uma tal embaixada o interessou em favor dos portuguezes, e levou-o comsigo para Shoa, onde a corte então residia.

«Comtudo Covilhã não tornou mais á Europa. Uma politica cruel não permitte que os estrangeiros, que poseram o pé na Abyssinia, possam d'alli sair Covilhã alli casou; e conservando seu favor no reinado de differentes principes, chegou aos primeiros empregos, que desempenhou sem duvida com a su-

factos inverosimeis, e contrarios a todas as noções, que temos em historia natural; Athanasio Kircher é o primeiro, que publicou uma descripção das nascentes do Nilo, que diz ter tirado do Diario ou Historia do Paes.

«Com tudo devo observar que tal não achei nas tres copias da Historia de Paes, que vi na Italia, no meu regresso da Abyssinia. A primeira, que vi estava em Milão, onde por intervenção d'alguns amigos obtive a facilidade de a examinar com todo o descanço. Vi uma outra em Bolonha; e a terceira veiu-me ás mãos em Roma. Percorri-as rapidamente, e depressa me dirigi ao sitio, em que julgava dever estar a descripção, que procurava, porém não a encontrei. Todavia não me arriscarei a dizer minha opinião por este unico exame Appresentarei outras provas em confirmação de meu parecer, e demonstrarei que o missionario Paes não falla da descoberta, da qual lhe querem dar a honra, em nenhuma de suas obras, excepto n'aquella, que passou pelas mãos de Kircher. Affonso Mendes chegou á Abyssinia cousa d'um anno depois da morte de Paes. Mas apezar de que a descoberta das nascentes do Nilo seria muito lisongeira para elle, para o Papa e para o rei de Hespanha, e para todos seus grandes patronos d'Italia e de Portugal; ainda que escreveu a historia de seu paiz, e de quanto dizia respeito á sua missão, d'uma maneira muito circumstanciada, e com muita sensatez, nunca disse cousa alguma da pretendida viajem de Paes ás nascentes do Nilo: e todavia serviram-se da auctoridade mesmo d'Affonso Mendes para espalhar esta historia em Roma, e em Portugal. Balthazar Telles, jesuita muito sabio, escreveu a respeito da Abyssinia dois volumes em folio, nos quaes se encontra muita ingenuidade e imparcialidade, attendendo ao espirito d'aquelle tempo. Declara que sua obra é feita conforme as memorias do patriarcha Affonso Mendes, e os dois volumes de Paes, assim como conforme as relações e as cartas d'alguns outros jesuitas, que todos tinham estado em differentes sitios. Telles tinha tido uma plena communicação de todos estes escriptos. Principalmente não despreza as relações annuaes de Paes desde 1598 até 1622. E com tudo não fez nenhuma menção das nascentes do Nilo, apezar de não deixar de se espraiar com complacencia sobre o merito e os trabalhos de alguns missionarios, durante o longo reinado do sultão Segued, que occupava metade da sua obra.

«Em seguida ao que acabo de observar para provar que Paes nunca foi ás nascentes do Nilo, nem pretendeu ter la ido, quero transcrever a relação, que Paes faz d'esta viagem imaginaria, ou antes a relação que o padre Kircher lhe empresta. Se houver um unico de meus leitores, que possa accreditar que um homem de genio, tal como Paes, transportado por acaso junto d'essas nascentes, pulando de prazer, e sentindo toda a importancia de sua descoberta, como elle parece sentil-a, possa ter feito a descripção, que se lhe attribue, consinto em ser considerado sómente como o segundo depois d'este missionario

«Porem, antes de copiar esta descripção, resta-me fazer uma observação a respeito das datas da viagem. O dia memoravel, que se marcou para o da descoberta, é 21 d'abril de

Digitized by Google

perioridade, que um homem, cuja educação tinha sido esmerada, devia ter sobre um povo ignorante e barbaro. Escreveu amiudadas vezes ao rei de Portugal, que por sua parte nada poupou para continuar uma correspondencia sem interrupção. No diario, que Covilhã enviou ao monarcha, descreveu cuidadosamente os differentes portos da India, que tinha visto, a situação e a riqueza das minas de Sofala. Disse que este paiz era mui povoado, e cheio de cidades opulentas. Exhortou o rei a proseguir a descoberta d'uma passagem pelo sul d'Africa, passagem, que elle sustentou ser sem perigo. Asseverou, ser o cabo conhecido na India, e finalmente remetteu um mappa, de que um moiro

1618. N'esta epoca as chuvas começaram já a cahir; e a estação sendo doentia, não se poem exercitos em campanha sem uma extrema urgencia. E' só depois do mez de Septembro até fevereiro que os abyssinios se afastam de seus lares, e vão para a guerra.

«Ha na Abyssinia duas nações d'Agows; uma é a dos Agows de Damot, que habitam os arredores das nascentes do Nilo; a segunda é a dos Agows, conhecidos debaixo do nome Tcheratz-Agows, que vivem perto das nascentes do Tacazzé. Vemos na historia do reinado de Socinios, que elle marchou differentes vezes contra os Agows. A primeira vez foi em 1608, no primeiro anno de seu reinado; e os annaes Ethiopios dizem que fôra contra Tcheratz-Agows. Em 1611 Sosinios foi combater ainda os mesmos Agows de Lasta; de sorte que, se Paes tivesse sido morto com este principe, não teria podido ver outras nascentes, senão a do Tacazzé. A terceira expedição do rei foi em 1625, dirigida contra Sacala, Geesh e Ashoa. Os Gallas fizeram uma invasão no Gojam; mas retiraram-se, porque o exercito real marchou contra elles, e tornaram a passar o Nilo, defronte do paiz d'elles. Socinios avançou então contra os Agows de Damot, e deu batalha aos habitantes de Sacala, d'Ashoa, e de Geesh, que viviam em volta das nascentes do Nilo. Foi então que Paes, ou outro qualquer, que estivesse na comitiva do imperador, teria podido ver estas nascentes com segurança, pois que o exercito real estava acampado não longe d'aquelle sitio, talvez mesmo ao lado das nascentes, pois o logar seria perfeitamente conveniente para um acampamento. Porém Socinios achava-se alli em 1625, e Paes tinha morrido em 1622.

«Agora vou copiar a descripção que Kircher fez das nascentes do Nilo, disendo que a tinha tomado de Paes, e submetto-a a todas as pessoas sensatas para julgarem se ella parece ter sido traçada por uma testemunha ocular; se ella não pode applicar-se á nascente de qualquer rio, ou de qualquer ribeiro, como o Nilo se finalmente não é excessivamente vaga para dar uma idea clara do que se quiz fazer conhecer.

«Os Ethiopios dão hoje ao Nilo o nome de Abaoy. Tem nascimento no reino de Gojam e no districto de Sabala, cujos habitantes se chamam Agows. O nascimento do Nilo fica na parte Occidental do Gojam, e no sitio o mais elevado d'um valle, que se parece com uma grande campina cercada de altas montanhas. Achando-me n'esta terra a 21 d'Abril de 1618 com o rei, e exercito, subi até o sitio, onde está a nascente, e observei tudo com muita attenção. Descobri primeiramente duas fontes redondas, tendo cada uma um diametro de coisa de quatro vezes a largura de minha mão; e contemplei com um prazer extremo o que nem Cyro, rei dos Persas, nem Cambyses, nem Alexandre o grande, nem o famoso Julio Cesar poderam descobrir. Estas fontes não correm na esplanada, que está no cume da montanha; mas a agua nasce no pé d'esta montanha. Estam a coisa d'um tiro de pedra de distancia uma da outra. Disem os habitantes estar toda a montanha cheia d'agua, e accrescentam que toda a planicie dos arrabaldes fluctua continuamente, prova certa que ha muita agua por debaixo. E'esta a razão, pela qual em vez de transbordar

Digitized by Google

lhe tinha feito presente no qual o promontorio estava bem marcado, assim como todas as cidades, que bordavam a costa visinha.

«Com estas instrucções o rei de Portugal mandou armar tres navios, cujo commando deu a Bartholameu Dias, recomendando-lhe que se informasse bem do rei da Abyssinia, quando se achasse nas costas ocidentaes d'Africa. Dias foi até 24° e meio de latitude sul, e depois de alli ter posto um padrão, tomou posse d'aquelle paiz em nome d'este principe. Fez-se de vela, e entrou na Bahia dos Pastores, nome que deu a este logar por causa da multidão de bois, que vio em terra, Não sabendo muito bem para onde dirigia sua navegação, Dias

pelo alto da montanha, a agua abre com violencia uma passagem por baixo. O povo do paiz, bem como o imperador, que estava alli á frente de seu exercito, disseram que n'este anno a terra tremia menos em volta d'estas fontes, por causa da secca, mas que nos annos antecedentes tremia a ponto que era muito perigoso approximar-se d'ella. A esplanada, que fica no alto da montanha, tem coisa d'um tiro de funda de largura. Os naturaes habitam no pé da montanha, do lado do occidente, a uma legua da fonte.

«Este sitio chama-se Geesh; e a fonte parece estar distante de Geesh um tiro de peça d'artilheria. Finalmente a planicie, onde a fonte está situada, é d'um accesso difficillimo de todos os lados, menos do norte por onde se pode la subir facilmente.

«Tomarei a liberdade de fazer algumas reflexões, mas que bastarão para provar que esta descripção não pode ser de Paes, nem de nenhuma outra pessoa, que tenha viajado pela Abyssinia. Em primeiro logar não ha por estes sitios logar algum conhecido pelo nome de Sabala, mas sim um que tem o nome de Sacala. Sacala em lingua Ethiopica significa terra muito alta, d'onde a agua corre de todos os lados, tanto a este, como a oeste, a norte e a sul. Assim os telhados das casas em forma de cone são chamados Sacala, porque na occasião de chover, corre a agua egualmente de ambos os lados. Assim corre dos pincaros das montanhas. Assim se vê em Sacala o Nilo correndo para o norte, ao passo que varias outras nascentes formam o lago e ribeira de Temsi, e precipitam-se para o sul na planicie de Ashoa, trezentos pés acima do nivel da montanha de Geesh.

«Nem Sacala nem Geesh estão a oeste do Gojam, nem se approximam d'esta direcção. Para ir de Sacala ao Gojam é necessario primeiramente atravessar as altas montanhas de Litchambara, depois as de Amid-Amid; descendo-se de Amid-Amid entra-se na provincia de Damot, e depois de se ter atravessado em toda sua largura, chega-se ás fronteiras occidentaes do Gojam. Os erros, que se encontram na descripção attribuida a Paes, são de tal fórma, que é impossivel terem escapado a um homem, que tivesse estado n'aquelles logares, e fazendo parte d'um exercito, no qual cada official, cada soldado o conheciam como o favorito do monarcha, e se teriam apressado a ministrar lhe informações seguras. Não havia até ninguem n'aquelle exercito, que não tivesse considerado como uma honra tel-o Paes sómente empregado a ir-lhe buscar uma palha no mais elevado pincaro das montanhas d'Amid-Amid.

«Tudo é inteiramente falso na descripção de que acabo de fallar, tanto em relação ao numero e á posição das nascentes, como á situação da montanha, e da aldeia de Geesh. Tinha nas mãos a pretendida descripção de Paes, quando fiz o exame das nascentes do Nilo, e dos logares adjacentes. Medi todas as distancias, e achei-as todas imaginarias.

«Não é facil conceber porque Paes observa: «Que a agua, que acha uma saida no pé da montanha, não corre do alto.» Seria bem para extranhar que fosse d'outra sorte; e não duvido que uma montanha fazendo esguichar a agua pelo seu cume, quando esta

Digitized by Google

chegou ao rio do Infante, depois de ter alcançado aquelle formidavel cabo, termo dos desejos de todos os portuguezes. Alli querendo approximar-se da terra, foi por um mar tempestuoso, e contrariado pelos ventos; porèm obstinou-se em descobrir a costa, e chegou finalmente á vista do cabo, a que deu o nome de Promontorio das Tempestades, por causa de tudo quanto seu navio tinha tido que soffrer para alli chegar.

«O grande fim d'esta viagem estava em summa realisado. Dias e seus companheiros tinham passado por muitos perigos; e por isso na sua volta não se deixou de fazer justiça á sua intrepidez, e constancia. Estes navegantes tinham

agua tinha uma saida livre pelo pé da montanha, fosse a coisa mais curiosa, que os dois jesuitas tivessem podido vêr em sua viagem.

«Mas de qual montanha falla o missionario? Não a nomeou: disse pelo contrario, que as nascentes do Nilo estavam situadas na parte mais alta d'uma planicie. Se assim era, esta maneira de descrever as coisas não poderia ser entendida sem um interprete. Paes diz depois que a montanha está cheia d'agua, e estremece; e que ha uma aldeia alguma coisa abaixo do cume. Emquanto a mim nada vi de tudo isso. Qualquer que seja a montanha, da qual Paes quer fallar, póde realmente haver alli terrenos frios e humidos: mas se é a respeito da montanha de Geesh, posso assegurar que não existe aldeia a mais d'um quarto de legua de seu ambito. A aldeia de Geesh está a meia subida d'um rochedo, d'onde se desce para a planicie d'Asha. O pé d'este rochedo, isto é, a planicie está a trezentos pés abaixo da base da montanha de Geesh, e do sitio d'onde brotam as nascentes do Nilo.

«Paes diz em seguida que ha tres milhas da aldeia de Geesh ás nascentes. Meu quarto de circulo estava em minha tenda, posto perto da aldeia: por isso era-me necessario medir a distancia afim de poder fazer a compensação, e calcular minhas observações, como se tivessem sido feitas nas proprias nascentes. Eu caminhei desde a margem do cume do rochedo até ao centro da esplanada verdejante, d'onde brota a principal nascente, e achei 1760; e é a isso que Paes chama uma legua, ou o maior alcance d'uma bomba. Pelo que me toca, creio que é impossivel que alguem tendo estado nos logares, commettesse taes erros, ou então a narração devia ser considerada como não tendo exactidão.

«Terminarei por uma observação, que prova, creio-o invencivelmente, que Paes nunca viu as nascentes do Nilo. Elle diz que o campo, no qual estão situadas estas nascentes, é d'um accesso difficil, e que a subida é muito ingreme, excepto do lado do norte.

«Mas se se reflecte nas primeiras palavras d'esta descripção, achar-se-ha que é a descida e não a subida, que deve ser custosa; pois as nascentes do Nilo ficam n'um valle, e desce-se antes para um valle, do que se sobe para elle.

«Todavia, suppondo que seja um valle, e que n'este valle haja um campo, e que no meio do campo se erga uma montanha, e que sobre a montanha brotam as nascentes, direi ainda, que, se estes logares são inaccessiveis, é principalmente do lado do norte, por onde se sobe para alli pelas planicies de Gontto. Quando vimos do éste, sobe-se por Sacala, e pelo valle de Litchambara; e quando se sae da planicie d'Ashoa para o meio dia, tem-se o rochedo perpendicular e escarpado de Geesh, coberto de arbustos espinhosos, de arvores, e de bambus, que occultam a entrada de cavernas medonhas. Ao norte temos as montanhas de Aformasha, cobertas egualmente de todas as especies de arvores, de plantas armadas de espinhos, e principalmente de kantuffas. Estes logares estão além d'isso cheios de feras, e de grande numero de enormes macacos de cabello comprido, que muitas vezes andam em pé como homens. N'estas montanhas escarpadas não se encon-

Digitized by Google

experimentado tantas tempestades; e arrostado com tantos perigos, que durante o resto da vida do rei João, não se cessou de fallar d'este terrivel cabo. Com tudo o rei trocou o nome de Promontorio das Tormentas, que Bartholomeu lhe tinha posto, e quiz que se chamasse Cabo de Boa Esperança.

«Todavia apezar de se achar descoberta a passagem do cabo, não faltaram poderosos na corte, que queriam que se renunciasse á empreza.

«Uma das razões, de que se serviam em appoio de sua opinião é verdadeiramente curiosa; e, se os portuguezes não tivessem depois mostrado o maior heroismo, teriamos direito a crer que não existindo o principe Henrique,

tram mais que sendas muito estreitas, que parecem ter sido feitas para cabras, e outros animaes selvagens; quando se caminha por estas sendas ellas conduzem muitas vezes á borda de precipicios, e somos obrigados a retrogradar para achar um melhor caminho. Emfim vindo de éste, dos arredores de Zeegam, e da planicie, onde o rio faz tantas voltas e zig-zags, acha-se o caminho menos custoso, e comtudo os que sobem ás nascentes do Nilo por aquelle lado, não acham ainda que seja muito facil.

«Não me resta mais que uma coisa a notar; é que nenhum dos jesuitas, quer seja Paes, quer seja algum outro missionario, faz uso d'esta descoberta na geographia, nem a applicou a fixar a latitude, nem a longitude de nenhum logar.

«Os historiadores d'esta sociedade litterata não julgaram mesmo a proposito approveitarem-se dos documentos, que lhe tinham apresentado para fazerem menção da viagem de Paes; porque não teria sido facil sem duvida sustentar só com a auctoridade de Kircher, que escrevia em Roma, a realidade d'uma descoberta, que elle attribue a Paes, e que não se acha nos escriptos do proprio Paes. Se esta viagem fosse verdadeira, ter-se-hia pelo menos publicado o itinerario; e a maior parte dos jesuitas eram assaz instruidos para determinarem, ou bem ou mal, a latitude e a longitude de alguns logares situados n'estes paizes, onde elles residiram perto de cem annos Accrescentemos que nenhum membro d'esta sociedade disse em tempo algum palavra a respeito da idolatria, que reina nas cercanias das nascentes do Nilo; e no emtanto parece que quanto diz respeito á religião, não lhes poderia ter escapado.

«Se os jesuitas tivessem querido ir ás nascentes do Nilo, teriam podido partir de Dancoz, e por meio d'uma bussola, cujo uso era então bem conhecido dos portuguezes, ter-lhes-hia sido facil encaminharem-se para alli, e traçarem exactamente sua marcha. Quando habitaram seu convento de Gorgora, não estavam a cincoenta milhas de Geesh. Enganaram-se comtudo dez milhas, dizendo que havia mais de sessenta milhas de distancia entre estes dois logares; porém este erro provém de accreditarem que as nascentes do Nilo estavam na provincia de Gojam, e que do Gojám a Gorgora ha effectivamente sessenta milhas.

«Quando, depois de ter bem determinado a latitude e a longitude de Gondar, eu parti para me encaminhar ás nascentes do Nilo, pensei que o conhecimento geographico dos logares era o unico fructo, que a posteridade poderia tirar de minha viagem, e que valia mais traçar um simples itinerario, que descripções mais agradaveis, mas menos uteis. Em conformidade com isto marquei diariamente a duração da minha marcha com o relogio na mão, e regulei a direcção d'elles com uma bussola Tomei a altura do sol e das estrellas em Dingleber, nas margens do Helti, e em Goutt; e finalmente determinei a latitude das nascentes do Nilo por meio de varias observações, e sua longitude por uma observação unica, e mui favoravel. Retirei-me das nascentes do Nilo por um caminho differente d'aquelle, que tinha tomado, quando para lá me dirigi. Segui a margem

Digitized by Google

o zelo pela religião e o espirito de conquista tinha egualmente affrouxado n'esta nação.

«Os detractores das descobertas diziam pois, que a passagem á India pelo Cabo de Boa Esperança privando os estados Mauritanos do commercio das especiarias induziria estes povos a reunirem-se para exterminar os portuguezes. Porém o tirar-lhes este commercio fôra com effeito a ambição do principe Henrique. Queria a ruina dos moiros, como chefe da ordem de Christo, ordem estabelecida contra os infieis, e mais particularmente contra os sectarios de Mahomet.

opposta do rio e observei a altura do sol não longe do convento de Welled-Abbo, na propria casa do Shalaba Welled Amlac. Marquei tambem na minha carta todas as aldeias, que eu tinha atravessado, ou visto a pouca distancia do caminho, bem como o grande numero de rios, que me foi necessario passar. Quem lançar os olhos para a minha pequena carta, não poderá formar mais que uma idéa imperfeita dos incommodos que ella me custou. Todavia julguei-me amplamente recompensado de meus trabalhos, quando comparei em Gondar o calculo da minha jornada, conforme a bussola, com aquelle que me devia dar segundo minhas observações astronomicas. Achei que não me tinha enganado senão em coisa de nove milhas sobre a latitude, e sete milhas sobre a longitude, erro de mui pouca monta n'uma grande carta, e quasi imperceptivel n'uma carta reduzida. Certamente nem Pedro Paes, nem algum outro homem, que ouse aspirar a uma descoberta por tanto tempo, e tão ardentemente desejada, teria podido fazer o que eu fiz; de sorte, que partindo de Gongora ha metade menos de caminho, do que partindo de Gondar. Mas quando fosse verdade que Paes emprehendeu a descoberta, da qual Kircher lhe dá a honra, não era menos verdade, que tinha deixado o mundo na mesma ignorancia, em que o tinha achado, pois teria viajado como um ladrão, que descobrindo as nascentes occultas do Nilo, para ellas teria olhado, e de repente teria deixado cair o veu sobre ellas, como se tivesse receio de as vêr.

«Ludolf e Vossio divertiram-se muito com a historia d'esta descoberta; acreditam que Kircher a fez para Paes, do qual não citam o nome, mas a quem chamam o descobridor dos rios.

«Dizem ser muito ridiculo imaginar que o imperador d'Abyssinia fizesse vir um jesuita da Europa, para ser o antiquario do seu paiz, para lhe ensinar que as nascentes do Nilo estavam nos seus estados, e mostrar-lhe o logar d'onde ellas brotam. Mas a critica de Vossio é despropositada. Nem Paes nem Kircher, nem quem quer que foi o auctor d'este livro, onde se falla d'esta descoberta, nunca pretendeu que tivesse havido necessidade de ensinar ao imperador d'Abyssinia o logar, em que estavam as nascentes. Conta sómente que os Agows de Geesh lhe disseram que a montanha tremia no tempo da secca, e que mesmo tinha tremido n'aquelle anno, e que o imperador, que estava presente ao dito dos Agows, o tinha confirmado com seu proprio testimunho. Não é isto dizer que Paes ensinou o imperador, cujo exercito estava acampado perto de Geesh, que as nascentes do Nilo estavam em seus estados, e que eram aquellas mesmas, que elle estava vendo. (James Bruce —*Voyage aux sources du Nil*, vol. 9.°, pag. 201 a 220.)

«Conta-se que o celebre Affonso d'Albuquerque, vice-rei das Indias, escreveu muitas vezes ao rei de Portugal, D Manuel, para lhe mandar alguns habitantes da Madeira, homens costumados a nivelar a terra, para prepararem plantações de canna de assucar. Albuquerque queria servir-se d'elles para executar a empreza que formára de lançar o Nilo para o mar Vermelho, com o fim de esfomear o Egypto. O filho de Albuquerque

Digitized by Google

«D. Manoel, que occupava então o reino de Portugal desviando-se de erros vãos, resolveu seguir o projecto, o mais nobre e o mais arrojado, que uma nação poude jamais emprehender, e que, apezar de ter custado já muito tempo e dinheiro, tinha tambem já começado a apresentar bellos resultados, superiores a quanto se esperava. Não teve necessidade de andar a procurar muito tempo para lançar as vistas sobre Vasco da Gama, homem distincto pela sua coragem e por uma grande presença d'espirito. Escolheu-o para commandar esta frota, e entregou-lhe na sua partida o diario, e o mappa da India por Pedro da

refere este caso inverosimil, e accrescenta que não duvida que seu pae se tivesse saido bem, porque elle sabia d'um modo incontestavel, que, quando os arabes do alto Egypto estavam em guerra com o sultão, interrompiam o curso do canal, que está entre Henna, no Egypto, e Cosseir sobre o mar Vermelho.

«Tellez e Le Grand ao referirem as opiniões de Albuquerque e de seu filho, fazem muitos elogios ao filho á custa do pae, mas sem duvida não teem razão.

«Em primeiro logar vimos na historia d'Abyssinia, que tudo quanto D. Manuel poude fazer, foi enviar quatrocentos homens em soccorro do rei d'Abyssinia, cujos estados estavam então quasi totalmente invadidos pelos turcos e pelos moiros. Não é pois da India que se podia esperar a execução d'uma empreza tão grandiosa e tão difficil, como a de desviar o curso do Nilo. Depois o joven Albuquerque engana-se evidentemente no facto que assevera.

«Nunca houve canal entre Cosseir e Cana. As mercadorias que veem pelo mar Vermelho foram sempre transportadas por caravanas. (Idem, idem, vol. 9.º, pag. 355.

«Diz-se nos escriptos dos jesuitas que os Agows adoram as cannas· Veja-se a notavel carta que o ras Sela Christos dirigiu ao imperador Socinios, e que está inserta em Balthazar Telles; tomo 2.º, pag. 496. Porem eu nunca observei n'este povo algum vestigio de tal culto. (Pag. 400.)

«A infanteria abyssinia tem estandartes pintados de duas côres differentes, e com tiras, que se cruzam em amarello e branco, ou em vermelho e verde; porém os estandartes da cavallaria teem um leão vermelho, verde ou branco. A primeira invenção d'isto é attribuida aos portuguezes. (Idem, idem, vol. 8.º, pag. 104.)

«Vou agora contar a relação que faz do baptismo annual dos abyssinios Alvarez, capellão do embaixador portuguez D. Rodrigo de Lima.

«O rei d'Abyssinia tinha convidado D. Rodrigo de Lima a assistir á celebração da Epiphania. Os portuguezes encaminharam-se a milha e meia do acampamento, para a borda d'um lago destinado para a cerimonia. Alvarez diz que todos aquelles, que encontravam no caminho, lhes perguntavam se se iam baptisar, ao que este capellão respondia que não, porque tinham sido baptisados á nascença.

«De noite, diz elle, reuniu-se um grande numero de padres, que se poseram a cantar, ou para melhor dizer a mugir com a intenção de abençoarem a agua. Depois da meia noite começou o baptismo. O abuna Marcos, o rei e a rainha foram os primeiros a entrarem no lago. Tinham cada um d'elles uma porção de panno de algodão em volta da cintura; porém o povo não estava tão coberto. Ao romper do sol a cerimonia estava quasi acabada, e quando Alvarez chegou ao lago, viu que estava cheio d'agua benta, e que se tinha deitado n'elle muito azeite.

«Parece, segundo esta passagem, que o capellão portuguez não estava ainda no lago, quando a cerimonia estava mais de metade feita, e que elle não foi testemunha nem da benção da agua, nem da immersão do rei, da rainha e do abuna. Emquanto ao azeite

Digitized by Google

Covilhã, com cartas para todos principes indianos, dos quaes tinha ouvido fallar.

«Porém, o que Vasco da Gama fez na sua partida, não annunciava nem um guerreiro, nem um grande homem; suas procissões, seus votos, suas momices, sua devoção apparatosa e digna d'um verdadeiro supersticioso, todo seu procedimento finalmente parecia mais dirigido a desanimar seus soldados, do que a os animar a servir valentemente sua patria.

«Lembrou-lhes muito inconvenientemente as tempestades, que Dias tinha soffrido perto d'aquelle terrivel cabo que iam dobrar, e não fez mais que per-

deitado na agua, não quero contradizer positivamente Alvares, porque, ainda que eu tivesse chegado cedo, quando fui vêr o baptismo d'Adowa e o de Habba, seria possivel que se tivesse praticado a mesma coisa, e que a obscuridade me tivesse impedido de vêr. Comtudo, nunca ouvi dizer na Abyssinia que se empregasse o azeite para esta cerimonia. Continuemos a narração de Alvares:

«Tinha-se erguido um amphitheatro, onde o rei estava assentado, de maneira que tinha a face voltada para o lago. O rosto do monarcha estava coberto com um veu de tafetá azul; e um velho, que era o aio d'este principe, tinha-se mettido na agua até aos hombros, nú como a mão, e meio morto de frio, pois tinha caido muito gelo durante a noite.

«Este velho pegava na cabeça de todos aquelles, que se aproximavam d'elle, e os mergulhava na agua, dizendo-lhes em lingua abyssinia: Eu te baptiso em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

«A provincia de Shoa, onde o rei d'Abyssinia estava então, achando-se aos 8° de latitude norte, e o sol 22° sul de sua declinação meridional, avançando para o norte, este astro devia estar no dia da Epiphania a menos de 30' do zenith do lago, onde se fazia o baptismo. N'esta estação o thermometro de Farenheit sobe em Gondar a 68°, e em Shoa não póde elevar-se a menos de 70°; porque Gondar fica pelos 12° de latitude norte, isto é, a 4° mais ao norte. Ora é impossivel que a agua gele em Shoa, e posso asseverar que nunca vi gelo em algum sitio da Abyssinia, mesmo nas mais frias montanhas. E além d'isso n'este paiz o mez de janeiro é um dos mais quentes do anno.

«O baptismo, diz Alvarez, começou á meia noite, e o velho que presidia á cerimonia, mergulhava na agua a cabeça dos neophitos, dizendo-lhes: Eu te baptiso em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

«Ao romper do sol a multidão augmentou, e só ás nove horas é que tudo foi acabado. É mister convir que o tempo deveu parecer bem longo a um velho, que estava mettido até aos hombros na agua gelada.

Mas o numero dos baptisados não foi menos de quarenta mil, porque as mulheres estavam misturadas confusamente com os homens; e póde-se julgar que o baptisador geral teve bastante occupação para não ter frio, se é verdade que passaram pelas suas mãos no espaço de nove horas, quarenta mil pessoas.

«As mulheres, conforme o capellão portuguez, estavam na presença dos homens sem terem nada no corpo, que as podesse cobrir. O abuna, o rei e a rainha foram os primeiros baptisados, e não tinham outro vestuario senão um panno de algodão em volta dos rins, mas eu atrevo-me a affirmar que nunca se contou coisa alguma mais opposta aos costumes d'um paiz. O rei d'Abyssinia anda todo coberto, e a unica parte do corpo, que se lhe póde vêr são os olhos.

«A rainha e todas as outras mulheres, quer em publico, quer em particular, estão

Digitized by Google

suadir-lhes por esta maneira, que esta viagem lhes offerecia maiores perigos, que gloria.

«Com tudo a 14 de julho de 1497 Gama partiu de Lisboa com sua pequena frota; e como a arte da navegação tinha já feito grandes progressos, singrou no alto mar em direitura ás Ilhas Canarias, e depois ás de Cabo Verde, onde lançou ferro, e onde tomou agua e mantimentos. Tendo-se feito de vella, foi contrariado quatro vezes pelos ventos e mau tempo, e opprimido de fadiga viu-se obrigado a entrar na grande bahia de Santa Helena. Vasco viu que os habitantes d'esta bahia eram baixos, negros, e fallavam uma linguagem desconhecida, linguagem que se vio depois ser a mesma, que a do Cabo de Boa Esperança.

«Os portuguezes não tinham ainda conhecimento dos ventos geraes e das

egualmente cobertas até á barba. Teem por vergonha deixar um estranho vêr-lhes a ponta do pé, e teem grande cuidado em terem as mãos cobertas até á extremidade das unhas.

«O velho aio, que estava no lago, pronunciava em abyssinio a formula: Eu te baptiso em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. É certo que Alvares não percebia uma unica palavra d'esta lingua, mas o que é mais para admirar é que o capellão portuguez fallou em latim ao rei, que o entendeu muito bem, e que lhe perguntou se se tinha doutorado em Sarbonne. *Qui crediderit, et baptisatus fuerit, salvus erit*, disse ainda Alvares.

«Tendes razão emquanto ao baptismo, responde o rei; estas palavras são do nosso Salvador; porém a cerimonia, que acabamos de praticar, foi inventada por um de meus avós, em favor dos abyssinios, que se tinham feito mahometanos, e que desejavam regressar ao christianismo.

«Alvares, querendo persuadir-nos que esta cerimonia era realmente um baptismo, diz que antes da sua chegada ao lago, tinha-se deitado azeite na agua. Não se atreve pois a affirmar que o vio fazer, porque é uma falsidade; mas sabe que era um dos ritos das egrejas do Oriente, é por isso que falla d'elle.

«O capellão de D. Rodrigo de Lima teria devido ver, que não sómente os homens e as mulheres se lavavam no lago, mas que faziam banhar alli os cavallos, vacas, mulas, e uma quantidade immensa de burros.

«Não terei por conseguinte escrupulos em dizer, que tudo quanto Alvares diz n'esta relação, não passa d'uma mentira grosseira, porque os abyssinios nunca olharam como um baptismo a cerimonia, que praticam no dia da Epiphania. (*Voyages aux sources du Nil*, vol. 8.°, pag. 138)

«A cataracta d'Atala, no rio Nilo offereceu á minha vista um dos mais bellos espectaculos, que tenho visto. O jesuita Jeronymo Lobo pretende que se poz debaixo do arco que fórma o Nilo, precipitando-se. Conta que não sómente alli se assentou com tranquillidade, mas que, olhando atravez da massa d'agua que caía, viu a luz dividida como por um prisma, n'uma infinidade de circulos matisados como o do arco iris. Porém eu ouso sem hesitar dizer que é uma mentira. A bacia que recebe a cascata é muito profunda, e a agua está alli extremamente agitada. Mas suppondo mesmo que houvesse no meio d'esta bacia uma elevação, onde se podesse sentar, seria impossivel a um homem chegar alli. (Idem, idem, pag. 281.»

Bruce a todos os escriptores portuguezes tinha, como se tem visto, na conta de falsarios e mentirosos. De egual modo procederam para com elle os escriptores europeus, que chegaram a duvidar que Bruce tivesse estado na Abyssinia.

Digitized by Google

monções, que reinam n'estes mares; e Gama tinha partido para a India na estação mais desfavoravel. A 16 de novembro fez-se de vela para o Cabo com vento de sudoeste: porém no mesmo dia o mau tempo se declarou, e os portuguezes foram de tal maneira acossados pelo temporal, que a 18, tendo finalmente descoberto o Cabo, não se atreveram a dobral-o. Viu-se então quanto as impressões, que lhes tinha deixado a viagem de Dias, eram mais fortes, que os deveres, obediencia e resignação, que tinham tão solemnemente jurado na capella da ermida, aonde Vasco os tinha levado em procissão. Toda a equipagem se revoltou, e se recuzou a ir mais longe, estando os pilotos, e contramestres mesmo á frente dos amotinados. Porém Vasco, bem convencido que nenhum perigo extraordinario os esperava alem do Cabo, persistiu em querel-o dobrar, e os officiaes animados do mesmo ardor, que seu commandante apoderaram-se dos chefes amotinados, e pozeram-nos a ferros no porão.

«O proprio Vasco tomou na mão o leme de seu navio, e se desviou da terra, com grande espanto de seus mais bravos companheiros. O temporal durou ainda dois dias, mas elle não poude abalar a constancia do almirante, que a 20 teve finalmente a honra de dobrar o cabo. N'este momento de triumpho as trombetas e tambores fizeram-se ouvir, e Vasco permittiu a seus companheiros toda a sorte de regosijos, a fim de banir a lembrança de seus receios, fazel-os concordar com elle em que este cabo tinha sido mui justamente chamado o Cabo de Boa Esperança.

«A 25 os portuguezes ancoraram n'um pequeno porto, a que deram o nome de S. Braz. Pouco depois viram um grande numero de habitantes, correrem á praia, e aos montes proximos. O almirante temendo alguma surpreza, fez desembarcar gente armada. Porém antes d'isso mandou que atirassem para a praia guisos de metal, e outras bagatellas. Os indigenas apoderaram-se d'ellas precipitadamente, e aventuraram-se mesmo a chegar tão perto, que um d'elles tomou alguma coisa mesmo da mão do almirante. Logo que Vasco desceu á terra, os selvagens acolheram-no cantando e tocando flauta; e elle mandou aos portuguezes, que tocassem trombeta, e dançassem á roda dos selvagens.

«De S. Braz até sessenta leguas mais longe, a costa pareceu aos portuguezes coberta de arvoredo, e d'uma verdura extremamente agradavel. Em dia de Natal approximaram-se da terra, e entraram n'um rio, ao qual deram o nome de rio dos Reis. Chamaram tambem toda a que se extende de S. Braz a este rio—Terra do Natal. O tempo tinha-se tornado muito bello; os portuguezes deitaram todas suas lanchas no mar para descerem a terra, e viram a praia juncada de homens e de mulheres de grande estatura, mas que não tinham maneiras affaveis e agradaveis. O almirante mandou desembarcar Martim Affonso, que fallava varias linguas dos negros. Este fez-se muito bem entender, e foi agradavelmente acolhido pelo chefe, ou rei, a quem o almirante mandou de presente algumas bagatellas, e que em compensação offereceu quanto produzia seu paiz. Tanto estava encantado dos portuguezes!

«A 15 de janeiro de 1498, tendo renovado sua provisão d'agua, que os proprios negros ajudaram os marinheiros a metterem a bordo, Gama deixou este povo affavel e generoso, e adiantou-se até ao Cabo, a que deu o nome de Cabo

Digitized by Google

das Correntes. Alli termina a Costa do Natal, e começa a de Sofala ao norte do Cabo. Gama, vindo do meio dia ao Cabo das Correntes, chegou exactamente ao mesmo sitio, aonde Covilhã tinha ido ao vir do Norte, de maneira que estes dois portuguezes tinham feito elles sós a volta inteira d'Africa.

«Subiu ao throno d'Abyssinia Iscander, e os portuguezes derramaram uma grande confusão sobre uma parte da historia d'este paiz, Iscander subiu ao throno em 1475. Morreu, diz-se, em 1490, o que é confirmado por Ludolf; e todavia todo o mundo sabe, que não devia ter morrido, senão em 1492. A maioria dos portuguezes confessa além d'isso que Covilhã viu Iscander, e conversou com elle algum tempo antes da sua morte: o que deve effectivamente ser verdade, se este principe viveu até 1492; porque Pedro da Covilhã entrou effectivamente na Abyssinia em 1490, assim como nol-o conta Galvão nas memorias de seu pae. Mas por outra parte Telles diz-nos que Iscander tinha morrido seis mezes antes da chegada de Covilhã. Que acreditar? Se Covilhã não chegou effectivamente á Abyssinia senão seis mezes depois do assassinato d'Iscander, foi então no fim do reinado de Amdo-Sion, menino, que não occupou o throno mais que sete mezes. Nem Alvarez, nem Telles fazem menção d'este joven rei, e ambos commetteram uma serie d'erros, o que prova que os historiadores portuguezes prestam pouca attenção á Chronologia Abyssinia. Dizem que Iscander era pae de Naod, quando era seu irmão. Fallando depois a respeito de Helena apresentam-na como mãe de David; e todavia Helena, declarada Iteghé, durante a menoridade de David III, não era senão avó, ou para melhor dizer esposa do avô d'este principe, e ella nunca teve filho.

«Achei perto de quatro annos de differença entre meu calculo, e o dos auctores, que acabo de citar. Mas julguei não dever servilmente renunciar á minha opinião, para seguir a de estrangeiros, que entendiam muito mal a lingua, e quasi que não conheciam a maneira de contar do paiz, do qual escreviam a historia. Meu calculo aliás é apoiado por um eclipse de sol succedido em 1553, no decimo terceiro anno do reinado de Claudio. Partindo d'esta epocha até o instante, em que puz os pés nas terras d'Abyssinia; e remontando depois ao tempo d'Iscander, parece que este principe subiu ao throno em 1478, e que reinando 17 annos, deveu viver até o anno de 1495. D'esta sorte poude ver Pedro do Covilhã, e conversar com elle, se Covilhã effectivamente foi á Abyssinia em 1490.

«Depois do assassinato d'Iscander os abyssinios offereceram a coroa a Naod, irmão d'Iscander, e morrendo depois d'um reinado de treze annos, succedeu-lhe David. [1]

«Por este tempo os turcos, que até então tinham sido julgados como nada valendo no meio dia da Africa e da Asia se mostraram de repente debaixo d'um aspecto, que fez tremer todos estes estados.

«Selim, imperador de Constantinopla, venceu Canso El Guari, Sultão do Egypto, que morreu no combate. Algum tempo depois tendo dado uma segunda batalha, Selim ainda vencedor se apossou do Cairo, e debaixo do espe-

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol 1.°, pag. 189.

Digitized by Google

cioso pretexto que Tomum-Bey, successor de Canso, tinha mandado matar os embaixadores turcos, mandou enforcar o desgraçado Sultão na porta principal de sua capital, e com esta execução sanguinolenta destruiu a raça dos Mamelukos. Sinan-Becha, primeiro ministro e general de Selim; conquistou bem de pressa toda a peninsula da Arabia até ás margens do Oceano Indico.

«O povo por muito tempo acostumado a combater, e a quem Mahomet tinha inspirado seu enthusiasmo, conquistou o Oriente. Mas o luxo o desarmou bem de pressa, e o reduziu á mesma situação, em que elle estava, logo que Augusto quiz submettel-o. Sinan-Pacha não teve, pois, necessidade mais que d'um punhado de guerreiros para exterminar os soberanos legitimos d'estas regiões. Uns foram vencidos pela força, outros pela perfidia, e Sinan os substituiu em cada cidade principal por officiaes de confiança, com guarnições de janisaros, que não conheciam outras leis mais que as militares.

«A guerra comtudo tinha mudado de fórma debaixo d'estes novos conquistadores. As espingardas, a artilheria estavam empregadas contra os dardos, lanças, frechas, unicas armas usadas na Arabia e na Abyssinia. Uma frota carregada de soldados, e de instrumentos de guerra, cujos nomes eram tão desconhecidos aos povos d'estas regiões, como seus effeitos destruidores, foi destinada pelos turcos a conquistar a India; e ainda que o valor portuguez veiu em ajuda dos indios, e repellisse gloriosamente os othomanos, estes fortificaram sem cessar os diversos postos, que tinham na Arabia, e com os soccorros dos quaes contavam, se um inimigo quizesse detel-os, se a tempestade, ou qualquer outro obstaculo tivesse podido oppôr-se ao regresso d'elles.

«Póde se dizer que estas guarnições de janisaros devoravam as entranhas do commercio debaixo do pretexto de o proteger. Seu commandante tinha pois estabelecido alfandegas em alguns portos. Mas viu-se bem depressa que o verdadeiro motivo era o de conhecer melhor as pessoas, ás quaes podiam extorquir mais dinheiro. Jidda, Zibid, Moka, cidades commerciantes e visinhas de Abyssinia, ainda que situadas sobre a costa d'Arabia; Suakem, ilha na costa d'Africa, ás portas dos abyssinios, e no caminho das caravanas, que vão da Abyssinia ao Cairo, estavam todas debaixo do commando d'um bachá turco, e tinham guarnições turcas enviadas pelo imperador Selim, e por Solimão, seu successor.

«Os mercadores arabes não gostando senão da paz, e tendo aquella boa fé, que um commercio prospero inspira, fugiram sem demora para longe da violencia, e da injustiça dos turcos, e levaram suas riquezas para as costas do reino d'Adel. O commercio da India, querendo escapar aos mesmos tyrannos, foi tambem para Adel refugiar-se entre seus amigos; e alli foi que os mouros o cultivaram durante todo o tempo, que durou a impolitica e barbara oppressão dos turcos.

«Zeyla é uma ilhota, situada na costa d'Adel, opposta á Arabia Feliz, na entrada do Oceano Indico. Os turcos estabelecidos na Arabia, apesar de não advinharem a verdadeira causa da fugida do commercio, ficaram muito quizilados de o verem refluir para o reino d'Adel. Apoderaram-se de Zeyla, e estabeleceram alli uma alfandega, e por meio d'este posto, e das galeras, que en-

Digitized by Google

viavam em cruzeiro para os estreitos, submetteram o commercio, que o reino d'Adel fazia com a India, ás contribuições, que podiam d'alguma sorte indemnisal-os da deserção, que suas injustiças e violencias tinham occasionado na Arabia.

«Este novo estabelecimento dos turcos ameaçou destruir ao mesmo tempo o reino d'Adel, e o imperio d'Abyssinia. Considerando a disciplina firme e severa do governo dos turcos, e a politica fraca, os prejuisos dos adelios e dos abyssinios, parece mais que provavel, que estes dois ultimos povos teriam sido submettidos, se a India não tivesse sido o principal alvo da ambição dos turcos, e se não tivessem alli encontrado os portuguezes solidamente estabelecidos. Os portuguezes foram governados por uma successão de reis, que não tiveram talvez outros, que os egualassem; e seus officiaes e soldados eram superiores emquanto á disciplina, á coragem, ao amor da patria, a todos os exercitos, dos quaes a historia nos offerece o exemplo.

«A imperatriz Helena informada então dos progressos do poder portuguez na India conheceu que o soccorro d'esta nação era o unico, que podia salvar Adel e a Abyssinia.

«O portuguez Pedro da Covilhã vindo como embaixador á côrte d'Abyssinia, alli tinha residido durante dois reinados, sem que quizessem de modo algum deixal-o ir embora. Tinha-se d'alguma sorte tornado antes um objecto de curiosidade, que de utilidade. Além da liberdade nada lhe faltava. A imperatriz tinha-o casado com uma mulher de alta jerarchia, e accumulado de riquezas e de honras. Comtudo, na época em que havia a receiar as conquistas dos turcos, esta princeza começou a perceber de que importancia podia ser para ella um homem, que lhe fornecesse meios seguros de correspondencia com a India e Portugal; pois as pessoas, a quem ella tinha resolvido dirigir-se, não lhe eram menos desconhecidas, que as linguas d'ellas.

«Havia então na corte d'Abyssinia um mercador chamado Matheus, [1] homem intelligente, honrado, e havia muito tempo acostumado a percorrer os estados do Oriente para as necessidades mercantis do rei e dos grandes da Abyssinia. Estivera no Cairo, Jerusalem, Ormuz, Ispaham, nas Indias Orientaes, e na costa de Malabar, tanto nos logares conquistados pelos portuguezes, como nos que tinham ficado debaixo do dominio de seus principes legitimos. Era finalmente um d'esses agentes que eram empregados pelos monarchas e abyssinios ricos a irem vender ou trocar as mercadorias, que lhes são pagas em generos. Em summa Matheus foi escolhido pela imperatriz Helena para ser seu embaixador junto do rei de Portugal: ella o mandou acompanhar por um joven abyssinio, que morreu na viajem. As cartas, que Helena dirigiu n'esta occasião ao monarcha europeu, são muito extensas, e conteem mais ficções e vaidade, que coisas verdadeiras.

«Na primeira metade da carta, metade que se suppõe dictada por Covilhã, a imperatriz diz que o que ella pede ao rei, lhe será explicado por Matheus, seu embaixador, a quem ella qualifica com o titulo de confidente, e

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 198.

Digitized by Google

de homem informado de seus mais secretos designios. Pede ao monarcha, que dê credito a quanto este embaixador lhe disser em particular, [1] como se ella mesma lhe fallasse. Tanta prudencia annuncia sem duvida tudo que se devia esperar d'um homem por muito tempo acostumado a negociações secretas.

«Mas o final d'estes mesmos despachos divulga todo o segredo da embaixada, e este final é dictado, segundo se póde crer, pelos ministros da Abyssinia.

«Pede-se ao rei de Portugal que envie forças sufficientes para libertar Meca e Medina; que arme uma esquadra para defender as costas d'Abyssinia, e atacar o poder dos turcos por mar, ao passo que os abyssinios exterminariam por terra todos os mahometanos. Finalmente prodigalisam-se aos mahometanos turcos e moiros os epithetos mais injuriosos.

«A primeira parte d'esta missiva não podia impedir Matheus de passar, nem causar-lhe algum desgosto, mas comtudo se Matheus tivesse sido preso, e seus despachos interceptados, sua embaixada teria sido recompensada com a perda da vida.

«Quando o joven monarcha d'Abyssinia esteve em edade de reinar, longe de approvar a missão de Matheus, obstinou-se em ser contra ella.

«Matheus chegou felizmente até Dabul, mas o governador tomando-o por um espião mandou prendel-o. Foi salvo das mãos d'este governador por Affonso d'Albuquerque, que tinha já suas vistas sobre a Abyssinia.

«Albuquerque, antes que Matheus desembarcasse, quiz tractar particularmente com elle, afim de o persuadir a que lhe mostrasse seus despachos. Mas Matheus recusou-se absolutamente a isso. Este procedimento foi prejudicial ao embaixador, pois Albuquerque desde este momento pareceu disposto, bem como todos seus officiaes, a fazerem pouco caso d'elle, quando desembarcasse. Porém Matheus sabendo bem que o caracter, de que estava revestido, tornava sagrada sua pessoa, não quiz ser tractado como um simples particular. Mandou advertir o vice-rei, o bispo, e todo o clero que independentemente de seu titulo de embaixador, que exigia o respeitassem, elle era portador d'um pedaço da verdadeira cruz, que a imperatriz enviava ao rei de Portugal; e lhes mandou dizer que a não ser que quizessem ser arguidos de sacrilegos, deviam testemunhar a maior veneração a esta reliquia preciosa, e celebrar sua chegada com uma festa solemne. Não foi preciso mais. Todas as ruas de Gôa foram cheias de procissões. [2] O vice-rei e os primeiros officiaes foram receber Matheus, quando descia da chalupa, e o acompanharam ao palacio, onde foi alojado e tratado com magnificencia. Mas, apesar d'isto, só passados tres annos de residencia na India é que teve licença, em 1513, de continuar sua viagem para Portugal.

«O historiador Damião de Goes, homem cheio de bom senso e de candura não pode comprehender, porque se enviava como embaixador um armenio, e não um dos primeiros nobres da Abyssinia. Mas é provavel que ninguem fosse mais capaz que elle para desempenhar as intenções da imperatriz.

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 200.
[2] Idem, idem, pag. 203.

Digitized by Google

«A desgraça, que tinha acompanhado Matheus á India, o acompanhou até Portugal. Os capitães dos navios pareciam disputar entre elles sobre quem o trataria peor. Mas finalmente chegou a Lisboa. O rei, apenas foi informado da maneira indigna como seus officiaes tinham procedido com Matheus, mandou-os carregar de ferros, e provavelmente teriam ficado presos o resto da vida, se o proprio armenio não tivesse tido a generosidade de pedir o perdão d'elles.

«David não tinha mais que doze annos, quando subio ao throno, e durante sua menoridade Helena concluira um tratado de paz com o rei de Adel. Mas os turcos continuavam suas hostilidades, e David não tendo ainda 16 annos tomou repentinamente o partido de reunir um exercito, e de o commandar em pessoa. Deu-se a batalha n'um valle entre a provincia montanhosa de Fatigar e as planicies de Adel. Diz-se que ficaram no campo de batalha doze mil mussulmanos, e que os abyssinios pouca gente perderam. O estandarte verde de Mahomet foi tomado, bem como a tenda de veludo preto bordada a ouro, que o rei deu depois ao embaixador de Portugal, para servir para a celebração da missa. Esta victoria foi alcançada no mez de julho de 1516, e no mesmo dia uma esquadra portugueza, debaixo do commando de Lopo Soares de Albergaria se apoderou da ilha de Zeyla na entrada do mar Roxo, e queimou os estabelecimentos d'ella. [1]

«É certo que nem as suspeitas que tinha havido na India a respeito do armenio Matheus, nem o nascimento obscuro d'este embaixador fizeram impressão no rei de Portugal. Este principe prestou-lhe as maiores honras á sua chegada, e não lhe testemunhou menos apreço para com os objectos de sua missão, que consideração para seu amo. Emquanto Matheus esteve em Lisboa foi alojado e tratado magnificamente.

«O rei D. Manoel considerando de quanta utilidade podia ser para os portuguezes um amigo tão poderoso nas costas do mar Vermelho, onde suas esquadras achavam toda a sorte de provisões e de soccorros, quando perseguissem as esquadras turcas, mandou preparar uma embaixada, e ao mesmo tempo enviou Matheus na frota de Albergaria. E Duarte Galvão homem de grande capacidade, foi nomeado para ir como embaixador á Abyssinia.

«Com tudo a esquadra de Soares entrou no mar Vermelho, e parou na ilha baixa de Camarão, sobre a costa d'Arabia Feliz. [2] Era o logar mais doentio, que o almirante podia escolher. Por isso Duarte Galvão alli morreu. Com tudo Soares resolveu passar o inverno n'aquelle sitio, e levou ao cabo sua resolução.

«Quando o ignorante Soares voltou á India, foi substituido por Lopes Sequeira. Saiu de Goa com uma frota consideravel, entrou no mar Vermelho, fez-se de vela para a ilha de Masuah, donde chegou a 16 d'abril de 1520, levando comsigo o embaixador Matheus. Á primeira vista da esquadra todos os habitantes de Massuah abandonaram a ilha, fugiram para o continente, para Arkééko. Sequeira tendo-se conservado alguns dias em frente de Massuah, sem

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 215.
[2] Idem, idem, pag. 216.

Digitized by Google

deixar praticar o menor acto de hostilidade, um christão e um mouro vieram ter com elle, e lhe participaram que a costa fronteira fazia parte do imperio da Abyssinia, e era governada por um official abyssinio, revestido com o cargo de Baharnagash. Disseram-lhe que os habitantes de Massuah haviam fugido, porque os turcos tinham por costume desembarcar na ilha, e saquear-a, mas que todos os habitantes eram christãos. O commandante portuguez ficou encantado com taes novas, e vendo que Matheus só tinha dito a verdade, entrou a tratal-o com muito maiores attenções. Louvou os habitantes por terem fugido para Arkééko, antes do que exporem-se aos insultos dos turcos, e disse-lhes que eram christãos os portuguezes, e que tinham vindo para aquellas paragens em seviço ao rei da Abyssinia.

«No dia seguinte o governador d'Arkééko veiu á praia, acompanhado de trinta homens a cavallo, e de duzentos a pé. A conversação entre este governador e Sequeira foi franca e amigavel. O abyssinio convidou o portuguez a vir a terra, affirmando lhe que o Baharnagash estava já informado da chegada da esquadra.

«Sequeira fez-lhe varias perguntas relativas á religião do paiz; o governador indicando-lhe com o dedo uma montanha, que estava a cousa de vinte milhas de distancia, lhe disse haver alli um convento, que se chamava o mosteiro de Bissan, cujos monges informados de sua chegada tinham mandado sete d'entre elles para irem ao seu encontro. Com effeito os sete monges não tardaram em appresentar-se e o general portuguez recebeu-os mui affectuosamente. Matheus tinha muitas vezes fallado a Sequeira a respeito do mosteiro de Bissan.

«Os monges, apenas viram Matheus, derramando lagrimas d'alegria felicitaram-no pela sua vinda, depois d'uma tão longa ausencia. O general portuguez convidou estes monges para virem a bordo, deu-lhes um banquete, e presentes convenientes. Depois escolheu sete portuguezes, á frente dos quaes estava Pedro Gomes Teixeira, auditor das Indias Orientaes, a quem a lingua arabe era muito familiar, para irem pagar a visita ao mosteiro do Bassan. Teixeira trouxe do mosteiro um manuscripto em pergaminho, de que os monges lhe fizeram presente para o rei de Portugal.

«A 24 d'abril o Baharnagash veiu a Arkééko. Este começou dizendo ao portuguez que, por certas prophecias, havia muito tempo, que eram esperados no paiz; e que elle e os outros empregados abyssinios estavam promptos a prestrar-lhes todos os serviços, que estivessem nas suas mãos. Depois que o general portuguez lhes agradeceu, os padres e monges terminaram sua conversação por alguns actos religiosos, e deram presentes uns aos outros.

«N'esta entrevista todas as suspeitas, que tinha havido a respeito de Matheus, cessaram, e foi reconhecido como um verdadeiro embaixador. Todos os portuguezes se agruparam então em volta de Sequeira desejando cada um ser escolhido para acompanhar o Armenio á côrte. Nomeou então para embaixador a D. Rodrigo de Lima, em logar do fallecido Galvão, e escolheu para o acompanharem a Jorge d'Abreu, Lopez da Gama. João Scolare era o secretario; João Gonçalvez seu feitor e interprete; Manuel de Mara, seu organista, e

Digitized by Google

mestre João, seu medico. Havia ainda na sua comitiva mais tres portuguezes. Os capellães eram João Fernandes, Pedro Affonso Mendes, e Francisco Alvares. Ia tambem Matheus, e levava comsigo tres portuguezes, Magalhães, Alvarenga e Diogo Fernandes. O rei, que andava em guerra com os turcos, tinha marchado para o oriente, até ás fronteiras de Fatogar, e alli se tinha deixado ficar, achando-se exactamente ao meio dia de seus estados. O embaixador portuguez tinha desembarcado ao Norte da Abyssinia, de maneira que para ir ter com o monarcha foi preciso atravessar quasi todo o imperio, caminhando por florestas, sobre serras inteiramente differentes das da Europa, cheias de féras, e de homens ainda mais selvagens, que as proprias féras, e separadas por grandes rios, que as chuvas do tropico fazem muitas vezes transbordar. Além d'isto encontram-se muitas vezes por este caminho desertos, que realmente não são muito extensos, mas onde nem homens, nem animaes podem encontrar alimento, ou soccorro algum. Comtudo este pequeno bando de portuguezes, foi tão bravo que não hesitou um só momento. Nada do que podia contribuir para a gloria de seu principe, honra de seu paiz lhes pareceu difficil. [1]

«Depois de muitos trabalhos encontraram os portuguezes uns monges do convento de S. Miguel, que lhes deram uma vacca. Aqui Matheus separou sua bagagem da dos outros viajantes, e a pôz debaixo da guarda dos monges. Trazia sem duvida dinheiro de Portugal; e desconfiando da recepção do rei, teve a prudencia de pôr o, que lhe pertencia, ao abrigo do perigo: mas foi-lhe inutil esta precaução, porque oito dias depois uma febre fez morrer este armenio. Pouco depois o criado de D. Rodrigo foi victima da mesma doença.

«Comtudo a morte de Matheus não deixava meios aos portuguezes de se explicarem com o rei a respeito d'uma promessa, que elle, ou a imperatriz mãe tinham feito de lhes ceder um terço do reino como paga dos soccorros, que dessem aos abyssinios. Temiam além d'isso a epidemia, á qual Matheus acabava de succumbir.

«Vou deixar agora D. Rodrigo continuar sua viagem, cuja relação escripta por seu capellão Alvares não achou grande credito nos historiadores do seu paiz. É verdade que ha, principalmente no tocante á religião, um grande numero de coisas mui difficeis de se acreditarem, e que, segundo creio, são obra dos jesuitas. Alguns annos depois de Alvares deixar a Abyssinia, Telles contemporaneo de Alvares, o accusou de falsidades, e Damião de Goes, um dos primeiros historiadores portuguezes diz que viu debaixo do nome de Alvares um diario muito differente d'aquelle, que se publicou. Emquanto a mim confesso que o, que se contou da primeira audiencia concedida pelo rei, me parece ser, bem como outras muitas coisas mencionadas depois, obra de pessoas, que nunca estiveram na Abyssinia. Se minha opinião é justa, Francisco Alvares não deve ser accusado das interpolações mentirosas, das quaes não foi auctor. Não posso conceber como os catholicos poderam ser tão bem e tão ge-

[1] James Bruce — *Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.° pag. 224. E muito curiosa a descripção da viagem, e gloriosa para os portuguezes, mas não se traduz, assim como se tem já feito a outras passagens interessantes, por este artigo ir já excessivamente longo.

Digitized by Google

nerosamente recebidos, como nos diz Alvares. O sangue, que se derramou pouco depois, nos prova que, se os abyssinios sentiram com effeito alguma inclinação em si para a egreja Romana, esta inclinação foi passageira. Emquanto ao resto da relação entrego-a ao juiso do publico, como uma obra bem pouco digna de fé.

«Ha na relação de Alvares duas coisas, que me surprehenderam muito. A primeira é o perigo continuo, que correram os viajantes de serem devorados pelos tigres, que se approximavam até ao alcance d'uma lança; [1] e a segunda é o campo de favas, por meio do qual passaram. Confesso que nunca vi favas na Abyssinia.

«D. Rodrigo de Lima tinha desembarcado na Abyssinia a 16 d'abril de 1520, e não chegou á vista do acampamento do rei, senão a 16 d'outubro do mesmo anno. E depois d'uma viagem tão penosa, que acabava de fazer, esperava ter sem difficuldade uma audiencia d'este principe, mas enganava-se. Em vez de o mandar vir á sua presença, o rei mandou-lhe ordem pelo commandante dos burros para assentar sua tenda a tres milhas mais longe do acampamento.

«O embaixador portuguez nem por isso foi muito bem acolhido por David, e parece mesmo que as intenções d'este principe eram não o deixar regressar ao reino, o que era costume na Abyssinia, mas, depois de o ter demorado cinco annos, como resolveu enviar uma embaixada a Portugal, era necessario deixar partir D. Rodrigo, todavia reteve á força o secretario da embaixada, o mestre João, e o pintor Lazaro d'Andreas, e D. Rodrigo foi obrigado a retirar-se sem elles.

«Zaga-Zaab, monge abyssinio, que tinha aprendido a lingua portugueza durante a residencia de D. Rodrigo na corte d'Abyssinia, foi escolhido para embaixador. Os portuguezes, e elle partiram bem fornecidos de tudo, que lhes era necessario para a viagem, e chegaram felizmente a Massuah, onde encontraram uma esquadra commandada pelo governador do India Heitor da Silveira, que estava esperando D. Rodrigo. Mas ou o imperador d'Abyssinia tivesse mudado de parecer, ou não, a 27 d'abril de 1526 quatro mensageiros chegaram da côrte, trazendo ordem para D. Rodrigo voltar para traz, e levar Heitor comsigo. Os portuguezes recusaram obedecer, e contentaram-se com que Zaga-Zaab fizesse o que quizesse. O abyssinio declarou que se fosse apanhado, talvez fosse lançado n'uma cova de leões, e por isso apressou-se a embarcar na esquadra, que saiu de Massuah no dia seguinte.

«As viagens frequentes dos portuguezes causaram serios sustos aos turcos; mas nem o rei d'Abyssinia, nem os portuguezes tinham tirado alguma vantagem d'estas viagens. E ha muitas apparencias de que as diversas esquadras, que se dirigiam a Massuah, não tinham outro fim senão procurar o embaixador D. Rodrigo. Os seis annos perdidos em questões e em puerilidades entre o rei d'Abyssinia e o embaixador de Portugal tinham tido ar de formar ligações serias entre as duas nações; e o que inquietava ainda mais os mouros,

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 231.

Digitized by Google

era que nada transpirava. [1] Mas, porque não tinha nada transpirado? Porque não se tinham fixado em nenhum plano determinado, porque não se tinham feito mais que propostas vãs e ociosas, que não havia nem poder, nem vontade d'executar. Tal era por exemplo o projecto de reunir dois exercitos para conquistar a Arabia até Jerusalem.

«Depois da chegada de Covilhã á Abyssinia as coisas estavam bem mudadas. Os portuguezes tinham primeiramente desejado a amisade dos abyssinios para poderem por meio d'estes communicar com a India. Porém depois podiam prescindir d'um tal soccorro, pois que tinham achado a util passagem do Cabo da Boa Esperança. Por outro lado David, livre de receio dos mouros d'Adel, a quem elle vencera, vendo que o poder formidavel dos turcos, depois de terem conquistado o Egypto, era constantemente repellido na India pelos portuguezes, e descontente finalmente do procedimento pouco affavel do embaixador D. Rodrigo, e das promessas exorbitantes, que a imperatriz Helena tinha feito, sem elle saber, por meio do armenio Matheus, não desejou apertar mais com os portuguezes laços, dos quaes não previa a utilidade.

«A conquista da India era o principal objecto da ambição de Selim; mas encontrou tantos obstaculos, que renunciou a isso, e tendo já submettido a Arabia, que se estende sobre um lado do mar Vermelho, resolveu levar seu dominio para a margem opposta. Tres rasões o determinavam a este projecto: a primeira, que a cidade sancta de Meca estaria então em muito maior segurança, caso que uma esquadra portugueza viesse unir suas forças a um exercito abyssinio; segunda que as galeras turcas não haviam de navegar tranquillamente na extremidade do golpho arabico, emquanto os abyssinios fossem senhores de conceder aos portuguezes uma ilha, ou um porto de mar, para alli se estabelecerem e fortifical-o. A terceira, finalmente, porque sendo o imperador da Abyssinia, segundo se dizia, um principe, do qual o propheta tinha honrado um predecessor com uma correspondencia, julgava Selim de seu dever convertel-o e a seu reino ao islamismo por meio da espada.

«Os turcos eram habeis no manejo da espingarda, e munidos d'uma poderosa artilheria, e ajudados por numerosas esquadras, que apesar de continuamente vencidas na India pelos portuguezes, contra os quaes eram destinadas, não tinham comtudo cessado jamais de cruzarem no mar Vermelho, e de reforçarem os portos turcos com guarnições novas.

«A imperatriz Helena morreu em 1525, um anno antes que D. Rodrigo deixasse a Abyssinia. Pouco depois da morte d'esta rainha David se preparou a começar de novo a guerra contra os mouros. [2] Depois do rei da Abyssinia ter ganho uma batalha, avançou para perseguir os mouros, e deu um combate em Shimbra-Coré, em que os abyssinios ficaram completamente derrotados, e os mouros continuando a guerra iam assolando quanto encontravam, e reduziam ao captiveiro os habitantes poupados pela espada. No primeiro de maio de 1528 deu-se ainda outra batalha, e o monarcha abyssinio foi outra vez

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4° pag. 240.

[2] Idem, idem, pag. 245.

Digitized by Google

nerosamente recebidos, como nos diz Alvares. O sangue, que se derramou pouco depois, nos prova que, se os abyssinios sentiram com effeito alguma inclinação em si para a egreja Romana, esta inclinação foi passageira. Emquanto ao resto da relação entrego-a ao juiso do publico, como uma obra bem pouco digna de fé.

«Ha na relação de Alvares duas coisas, que me surprehenderam muito. A primeira é o perigo continuo, que correram os viajantes de serem devorados pelos tigres, que se approximavam até ao alcance d'uma lança; [1] e a segunda é o campo de favas, por meio do qual passaram. Confesso que nunca vi favas na Abyssinia.

«D. Rodrigo de Lima tinha desembarcado na Abyssinia a 16 d'abril de 1520, e não chegou á vista do acampamento do rei, senão a 16 d'outubro do mesmo anno. E depois d'uma viagem tão penosa, que acabava de fazer, esperava ter sem difficuldade uma audiencia d'este principe, mas enganava-se. Em vez de o mandar vir á sua presença, o rei mandou-lhe ordem pelo commandante dos burros para assentar sua tenda a tres milhas mais longe do acampamento.

«O embaixador portuguez nem por isso foi muito bem acolhido por David, e parece mesmo que as intenções d'este principe eram não o deixar regressar ao reino, o que era costume na Abyssinia, mas, depois de o ter demorado cinco annos, como resolveu enviar uma embaixada a Portugal, era necessario deixar partir D. Rodrigo, todavia reteve á força o secretario da embaixada, o mestre João, e o pintor Lazaro d'Andreas, e D. Rodrigo foi obrigado a retirar-se sem elles.

«Zaga-Zaab, monge abyssinio, que tinha aprendido a lingua portugueza durante a residencia de D. Rodrigo na corte d'Abyssinia, foi escolhido para embaixador. Os portuguezes, e elle partiram bem fornecidos de tudo, que lhes era necessario para a viagem, e chegaram felizmente a Massuah, onde encontraram uma esquadra commandada pelo governador do India Heitor da Silveira, que estava esperando D. Rodrigo. Mas ou o imperador d'Abyssinia tivesse mudado de parecer, ou não, a 27 d'abril de 1526 quatro mensageiros chegaram da côrte, trazendo ordem para D. Rodrigo voltar para traz, e levar Heitor comsigo. Os portuguezes recusaram obedecer, e contentaram-se com que Zaga-Zaab fizesse o que quizesse. O abyssinio declarou que se fosse apanhado, talvez fosse lançado n'uma cova de leões, e por isso apressou-se a embarcar na esquadra, que saiu de Massuah no dia seguinte.

«As viagens frequentes dos portuguezes causaram serios sustos aos turcos; mas nem o rei d'Abyssinia, nem os portuguezes tinham tirado alguma vantagem d'estas viagens. E ha muitas apparencias de que as diversas esquadras, que se dirigiam a Massuah, não tinham outro fim senão procurar o embaixador D. Rodrigo. Os seis annos perdidos em questões e em puerilidades entre o rei d'Abyssinia e o embaixador de Portugal tinham tido ar de formar ligações serias entre as duas nações; e o que inquietava ainda mais os mouros,

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 231.

Digitized by Google

era que nada transpirava. [1] Mas, porque não tinha nada transpirado? Porque não se tinham fixado em nenhum plano determinado, porque não se tinham feito mais que propostas vãs e ociosas, que não havia nem poder, nem vontade d'executar. Tal era por exemplo o projecto de reunir dois exercitos para conquistar a Arabia até Jerusalem.

«Depois da chegada de Covilhã á Abyssinia as coisas estavam bem mudadas. Os portuguezes tinham primeiramente desejado a amisade dos abyssinios para poderem por meio d'estes communicar com a India. Porém depois podiam prescindir d'um tal soccorro, pois que tinham achado a util passagem do Cabo da Boa Esperança. Por outro lado David, livre de receio dos mouros d'Adel, a quem elle vencera, vendo que o poder formidavel dos turcos, depois de terem conquistado o Egypto, era constantemente repellido na India pelos portuguezes, e descontente finalmente do procedimento pouco affavel do embaixador D. Rodrigo, e das promessas exorbitantes, que a imperatriz Helena tinha feito, sem elle saber, por meio do armenio Matheus, não desejou apertar mais com os portuguezes laços, dos quaes não previa a utilidade.

«A conquista da India era o principal objecto da ambição de Selim; mas encontrou tantos obstaculos, que renunciou a isso, e tendo já submettido a Arabia, que se estende sobre um lado do mar Vermelho, resolveu levar seu dominio para a margem opposta. Tres rasões o determinavam a este projecto: a primeira, que a cidade sancta de Meca estaria então em muito maior segurança, caso que uma esquadra portugueza viesse unir suas forças a um exercito abyssinio; segunda que as galeras turcas não haviam de navegar tranquillamente na extremidade do golpho arabico, emquanto os abyssinios fossem senhores de conceder aos portuguezes uma ilha, ou um porto de mar, para alli se estabelecerem e fortifical-o. A terceira, finalmente, porque sendo o imperador da Abyssinia, segundo se dizia, um principe, do qual o propheta tinha honrado um predecessor com uma correspondencia, julgava Selim de seu dever convertel-o e a seu reino ao islamismo por meio da espada.

«Os turcos eram habeis no manejo da espingarda, e munidos d'uma poderosa artilheria, e ajudados por numerosas esquadras, que apesar de continuamente vencidas na India pelos portuguezes, contra os quaes eram destinadas, não tinham comtudo cessado jamais de cruzarem no mar Vermelho, e de reforçarem os portos turcos com guarnições novas.

«A imperatriz Helena morreu em 1525, um anno antes que D. Rodrigo deixasse a Abyssinia. Pouco depois da morte d'esta rainha David se preparou a começar de nôvo a guerra contra os mouros. [2] Depois do rei da Abyssinia ter ganho uma batalha, avançou para perseguir os mouros, e deu um combate em Shimbra-Coré, em que os abyssinios ficaram completamente derrotados, e os mouros continuando a guerra iam assolando quanto encontravam, e reduziam ao captiveiro os habitantes poupados pela espada. No primeiro de maio de 1528 deu-se ainda outra batalha, e o monarcha abyssinio foi outra vez

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.° pag. 240.

[2] Idem, idem, pag. 245.

Digitized by Google

vencido, e nos annos seguintes os mouros iam sempre invadindo os territorios, assolando tudo, e queimando as egrejas. A 6 de fevereiro de 1531 foi outra vez David derrotado em Dalukus, nas margens do Nilo, e os mouros, julgando então não ser necessario estarem unidos, se dividiram em dois corpos; um separando-se para ir queimar Axum, e o outro ficando em Amhara, e continuando de victoria em victoria obrigaram o rei, para salvar a vida, a refugiar-se nas montanhas.

«Havia doze annos que D. Rodrigo de Lima tinha partido de Massuah para regressar a Portugal, levando comsigo a Zaga-Zaab, embaixador do rei da Abyssinia. Este embaixador chegou felizmente a Lisboa, e foi recebido com muita magnificencia pelo rei João. Mas, como na sua saida Zaga, tinha deixado a Abyssinia prospera, e como provavelmente a vida, que passava em Portugal; era mais agradavel para elle, que a de seu paiz, não se appressou a pôr fim á sua embaixada. Além d'isso os estabelecimentos portuguezes na India tinham chegado a tal ponto de grandesa, e de prosperidade, que não lhes deixavam tempo para cuidar d'um alliado tal como o rei da Abyssinia. E no decurso de doze annos as cousas estavam tão mudadas, que não tinha ficado ao rei da Abyssinia mais que o titulo de rei, e uma vida tão aventurosa, e tão perigosa, que um só dia não podia contar com o dia seguinte.

«David tinha retido na Abyssinia dois portuguezes, que D. Rodrigo trouxera das Indias, um chamado mestre João, e o outro Lazaro d'Andrade. O abuna Marcos, velho, e enfermo, já não tendo relações com o Cairo desde a conquista dos turcos, tinha-se tornado muito indifferente para com a egreja grega. Algum tempo antes de sua morte designou a pedido do rei para seu successor ao portuguez João; e por conseguinte sagrou-o abuna, depois de lhe ter dado as ordens inferiores todas d'uma vez; porque João não era mais que um secular estudante de medicina, muito simples e muito supersticioso. Chamar-lhe-hemos d'aqui por diante João Bermudes.[1]

«Este João consentiu promptamente em acceitar a prelatura,[2] com a condição todavia que o papa a approvaria; e partiu para Roma, não pelo caminho ordinario da India, mas atravessando a Arabia e o Egypto. O novo bispo chegou sem accidente á Italia; e Paulo III, então, papa lhe confirmou não sómente o patriarchado d'Abyssinia, mas deu-lhe tambem o de Alexandria. A estes empregos Bermudes ajuntou ainda um outro. Foi nomeado embaixador de David na corte de Portugal; e certamente era digno de desempenhar este cargo, quaesquer que fossem seus talentos militares. Tinha residido doze annos na Abyssinia, conhecia perfeitamente o paiz, e fôra testemunha d'uma alluvião de desastres, que pozeram este imperio na ruina. As desgraças de David estavam então no seu cumulo, e este principe morreu em 1540.

«Pela morte de David subiu Claudio ao throno. Todos os chefes mahometanos se apressaram a formar uma liga contra elle, mas Claudio caiu sobre aquelles de subito, e completamente os derrotou. Depois seguindo de victoria

[1] Este famoso João Bermudes jaz na egreja de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

[2] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, pag. 258.

Digitized by Google

em victoria poz seu estado em posição bem differente d'aquella, em que o tinha deixado seu pae.

«Em quanto as cousas se mudavam tão favoravelmente na Abyssinia, o embaixador João Bermudes dirigiu-se de Roma a Lisboa, onde o rei de Portugal o reconheceu por patriarcha d'Alexandria e d'Abyssinia. A primeira cousa, que fez, foi dar um exemplo de disciplina abyssinia pondo em ferros Zaga Zaab por ter perdido tanto tempo em cumprir o objecto de sua missão. Mas o rei de Portugal obteve poucos dias depois que Zaga Zaab fosse solto. Bermudes occupou-se então com zelo do motivo de sua viagem. Fez um quadro tão sombrio dos desastres da Abyssinia, tanto intrigou junto do rei e dos grandes, que obteve uma ordem do monarcha para que D. Garcia de Noronha, que ia exercer o cargo de vice rei das Indias, enviasse quatro centos soldados portuguezes a Massuah para soccorrerem a Abyssinia.

«João Bermudes querendo ainda melhor certificar-se d'este soccorro, resolveu embarcar na frota, que levava D. Garcia de Noronha; mas foi repentinamente accommettido d'uma doença, a qual elle attribuiu a veneno, que lhe dera Zaga Zaab, e adiou sua partida. Achando-se restabelecido no fim d'um anno chegou felizmente á India. Mas D. Garcia de Noronha tinha já morrido, e seu successor D. Estevão da Gama não seguiu o projecto de soccorrer a Abyssinia com tanto ardor, como Bermudes o teria desejado.

«Com tudo, depois d'algumas delongas, D. Estevão da Gama emprehendeu passar o estreito de Babelmandeb, e ir queimar as galés turcas, que estavam em Suez. Mas o general portuguez não conseguiu seu fim, pois tendo sido descoberto seu projecto, as galés estavam todas varadas em terra. De Suez dirigiu-se para Massuah, onde a esquadra tinha necessidade de fazer aguada. Por conseguinte mandou suas barcaças a Arkééko, onde a agua é muito boa. Mas os turcos e os moiros de Zeyla e d'Adel, então senhores de Arkééko se apoderaram d'uns mil fardos d'algodão, que tinham sido mandados em troca da agua e mantimentos, e mandaram dizer ao general portuguez: Que o rei de Adel, seu senhor, era d'aqui por diante senhor de toda a Ethiopia, e não queria que se continuasse a regosijar com seus vassallos; com tudo, se o commandante da esquadra quizesse fazer paz com elle, restituir-lhe-ia seus mil fardos d'algodão, fornecer-lhe-ia mantimentos com abundancia, e lhe daria as satisfações necessarias por causa d'uns sessenta portuguezes, que tinham sido mortos junto de Zeyla.

«D. Estevão viu facilmente o laço, que lhe armavam os mouros, e querendo pagar-lhes na mesma moeda, lhes mandou dizer: Que estava disposto a tratar com o official mouro, que não pedia a restituição dos mil fardos d'algodão, em quanto aos portuguezes mortos, que mereciam a morte como traidores e desertores; que remettia ainda mil fardos d'algodão para que lhe désse agua e mantimentos, principalmente gado vivo; que finalmente, como era tempo de festa, queria celebrar paz com os habitantes, e que elle mesmo traria suas mercadorias a terra, apenas o dia de paschoa tivesse passado.

«Tendo sido acceites estas convenções com má fé reciproca, D. Estevão tendo obtido os fornecimentos, de que tinha precisão, prohibiu expressamente

Digitized by Google

aos portuguezes irem a terra. Depois escolheu seiscentos homens, dos quaes deu o commando a Martim Correa, que embarcou em barcos ligeiros, desembarcou ás escondidas junto de Arkééko, apoderou-se da povoação, e passou todos os habitantes ao fio de espada. Nur, que commandava na provincia pelo rei d'Adel fugiu, mas foi morto com um tiro de espingarda por Martim Correa, que lhe cortou a cabeça, e a mandou de presente á rainha Sabel Wengel, que a recebeu com grandes signaes de alegria.

«Com tudo D. Estevão da Gama escolheu os portuguezes, que destinava para ajudar Claudio. O desgraçado resultado d'esta campanha, em que os portuguezes ficaram completamente derrotados, e seu general D. Christovão da Gama morto, pode ver-se em Diogo de Couto.

«Claudio mostrou o maior pesar pela morte de D. Christovão; [1] pranteando-o por tres dias; depois mandou tres mil onças para serem repartidas pelos portuguezes, que para o logar de D. Christovão tinham nomeado por general Affonso Caldeira. Estes bravos soldados appressaram-se então em ir ter com Claudio, e lhe pediram fervorosamente que os levasse ao combate, a fim de poderem vingar a morte de D. Christovão. Pouco depois morreu Affonso Caldeira, e foi para seu logar Arias Dias, que veiu a ser um dos favoritos do rei. Os portuguezes effectivamente foram levados ao combate, os inimigos foram derrotados, e seu general morto pelo portuguez Pedro Leão.

«Claudio, depois de ter destruido completamente os inimigos do seu paiz, applicou-se aos negocios da religião. Tinha mandado pedir ao Cairo um abuna para successor do abuna Marcos, e já este successor vinha no caminho, quando Bermudes, não podendo supportar este golpe, declarou publicamente ao rei, que tendo sido embaixador de David em Roma, e tendo feito homenagem do reino e do rei ao soberano pontifice, esperava que Claudio cumpriria as obrigações de seu pae abraçando a religião romana. Porém o rei recusou. Até então os abyssinios tinham assistido com respeito á missa dos portuguezes, e estes iam ás egrejas dos abyssinios, e casavam com mulheres abyssinias, e parece que as creanças eram baptisadas indifferentemente nas egrejas dos dois povos. Claudio dizia que não tinha feito promessa alguma, e que Bermudes não era verdadeiro abuna, e que não o considerava senão como abuna dos Francos, Bermudes porém declarou-lhe que estava maldito e excommungado, e que ia reunir todos os portuguezes, e retirar-se para a India. Ao que o rei deu em resposta que desejava até que Bermudes se retirasse; mas que em quanto aos portuguezes não podiam sair do reino sem licença sua. As disputas theologicas, e por fim as injurias e desordens continuavam sempre, e chegaram as cousas a ponto, que n'uma noite os portuguezes assaltaram a tenda do rei, e mataram alguns de seus creados. Bermudes foi mandado então para o paiz dos gafats, onde residiu sete mezes, e, quando voltou á corte, achou já Arias Dias morto, e os portuguezes muito affeiçoados ao monarcha. Bermudes quiz então intrigar, mas Claudio desterrou-o para as montanhas pelo resto de sua vida.

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 288.

Digitized by Google

«O novo general dos portuguezes era Gaspar de Sousa, [1] homem egualmente amado de sua nação e do rei da Abyssinia. Suas sollicitações e as de Kasmati Robel foram a causa de se effectuar o desterro de Bermudes, mas aconselharam-lhe secretamente que embarcasse para a India, em quanto ainda era tempo. Por conseguinte dirigiu-se a Dobarwa, onde parece que se demorou dois annos tranquillo e esquecido da corte, dizendo todos os dias missa a dez portuguezes, [2] que se tinham estabelecido n'esta cidade, depois da derrota de D. Christovão. Depois foi a Massuah, e approveitando-se d'uma monção favoravel embarcou n'um navio portuguez, levando comsigo seus dez compatriotas, que persuadira a deixarem Dobarwa, e que chegaram felizmente a Goa. Ignacio, fundador da ordem dos Jesuitas, estava então em Roma, e acabava de lançar os alicerces do poder, a que se elevaram seus discipulos. A conversão da Abyssinia pareceu importante ao Santo, e nomeou um jesuita patriarcha da Abyssinia sem se importar de Bermudes. O novo patriarcha chamava-se Nunes Barreto. Ignacio entregou-lhe para Claudio uma carta, e com ella, e accompanhado de grande numero de padres, Barreto se dirigiu para Goa. Porém, sendo informado ao alli chegar da aversão de Claudio á egreja catholica, julgou que, em logar de comprometter a dignidade d'um patriarcha, valia mais enviar André Oviedo, bispo d'Heliopolis, Melchior Caneyro, bispo de Nicea, e alguns outros padres como embaixadores do vice rei das Indias junto de Claudio, e fornecel-os das necessarias cartas de crença. Estes enviados chegaram a Massuah em 1558. Quando Claudio foi informado da sua chegada, ficou contente por julgar ser um reforço, mas vendo que eram padres mudou de sentimento e disse: Que muito se admirava de que o rei de Portugal se envolvesse em seus negocios; que elle e seus predecessores não tinham prestado homenagem senão á cadeira de S. Marcos, e reconhecido outro patriarcha senão o de Alexandria. Todavia mandou-os admittir á sua presença.

«Nunes Barreto morreu na India, e Oviedo herdou o titulo de patriarcha d'Alexandria, como o papa tinha ordenado.

«Pela morte de Claudio, n'uma batalha contra os mouros em 1559, subiu ao throno seu irmão Menas.

«D. Sebastião, rei de Portugal, informado do mau estado da religião na Abyssinia, pediu ao papa que encarregasse todos os missionarios, que alli estavam já, que fossem prégar o Evangelho ao Japão. Mas Oviedo deu ao papa uma resposta, em que appresentou tão boas rasões, que sua missão na Ethiopia foi confirmada.

«Na sua elevação ao throno Menas tinha recebido com complacencia as felicitações do patriarcha portuguez Oviedo. Mas, sabendo depois que elle prégava, e que suas prégações semeavam a discordia e a animosidade entre seus vassallos, mandou-o vir á sua presença, e lhe impoz um silencio absoluto. [3] Oviedo recusou obedecer; e então o rei perdendo a paciencia, deitou-se a elle,

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 4.°, pag. 301.
[2] Idem, idem, pag. 302.
[3] Idem, idem, pag. 320.

Digitized by Google

bateu-lhe indignamente, arrancou-lhe a barba, rasgou-lhe o fato, tirou-lhe o calix a fim de o impedir de dizer missa. Depois desterrou-o, bem como a Francisco Lopes para uma montanha deserta, onde estes dois padres passaram por toda a sorte de soffrimentos durante os sete mezes, que alli estiveram.

«Menas fez ainda publicar varias ordens rigorosas contra os portuguezes. Não quiz consentir que elles casassem com mulheres abyssinias, e mandou ás abyssinias, que estavam casadas com elles, que fossem para as egrejas catholicas. Depois d'isto, tendo mandado chamar o patriarcha do logar do desterro, prohibiu-o de ficar no reino debaixo de pena de morte. Mas Oviedo recusou obedecer, e o rei puchando pela espada o mataria, se não fosse contido pelas supplicas da rainha, e das pessoas, que o cercavam.

«Depois de terem batido muito em Oviedo foi outra vez mandado para a montanha; e d'esta vez a ordem de seu banimento comprehendia o de todos os portuguezes, que se achassem na Abyssinia, mas o patriarcha em logar de cumprir esta ordem, juntou-se a seus compatriotas, e todos se passaram para o Baharnagash, que era inimigo do rei; e acabava de concluir um tractado com Selim. Os portuguezes, como este mostrava desejos de abraçar a religião christã, lhe asseguravam que receberia promptamente da India todos os soccorros, de que tivesse necessidade.

«N'esta esperança postou-se o mais vantajosamente, que lhe foi possivel, evitando a batalha, e poz sua esperança nos auxilios portuguezes, cuja chegada o rei muito receiava, mas tendo-se passado a estação da chegada de navios da India sem que nenhum apparecesse, resolveu dar combate ao rei, mas foi derrotado por Menas a 20 d'abril de 1562.

«O comportamento dos catholicos no reinado antecedente tinha-lhe causado horror. Que se imagine um rei tal como Claudio sentado no seu throno, no meio de seus cortezãos, maldito, anathematisado e chamado na sua face hereje e mentiroso por um padre ignorante e grosseiro como João Bermudes, atacado de noite, e obrigado a fugir para salvar a vida do furor d'um bando de estrangeiros, aos quaes sustentava com seu pão. Depois considere a Menas pedindo a Oviedo que não prégasse uma religião nociva á tranquillidade de seu paiz, e o fanatico Oviedo declarando, não querer obedecer ás ordens do rei? Que teria acontecido na França, na Hespanha, em Portugal a estrangeiros, que tivessem procedido de fórma egual?

«Accrescentemos ainda que desde o primeiro portuguez até o ultimo todos combateram no exercito de Baharnagash, que lhe queria tirar a coroa.

«Pela morte de Menas succedeu no throno Sertza-Denghel, que tomou o nome de Melec Segued.[1]

Oviedo e os outros portuguezes não lhe appareceram na corte. O rei não impedia comtudo que os padres catholicos baptisassem, prégassem, e desempenhassem outras funcções de seu ministerio. Fallava muitas vezes com elogio de sua moral, de sua paciencia e da pureza de seus costumes; mas condemnava altamente seus principios religiosos.

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, pag. 328.

Digitized by Google

«O reinado d'este principe foi passado quasi todo em guerras, e sempre muito affeiçoado á egreja de Alexandria. Morreu em 1595.

«Succedeu-lhe Za Denghel.

«A religião romana achava-se sem appoio.[1] Todos os padres d'esta religião, que tinham ficado na Abyssinia, alli tinham morrido, e a entrada no reino ficara fechada aos outros por causa da violenta animosidade dos turcos, e das crueldades, que exerciam sobre os missionarios, que caiam nas suas mãos. Comtudo Melchior Silvano, indio, vigario da egreja de Santa Anna em Goa foi julgado proprio para ir levar alguns soccorros ao pequeno numero de catholicos, que a Abyssinia contava ainda. Dirigiu se a Massuah em 1597, e penetrou na Abyssinia, sem que se suspeitasse quem elle era.

«Em 1600 Pedro Paes, o mais estimavel de quantos missionarios appareceram na Abyssinia, e aquelle, que melhores resultados colheu, chegou a Massuah. Tinha estado preso por muito tempo, e soffrido muito, antes de poder chegar a esta ilha, mas finalmente poude conseguir tomar a direcção d'um pequeno rebanho catholico.

«Paes não se appressou a appresentar-se na côrte, como tinham feito seus antecessores, mas conservando-se fechado no convento de Tremona, na provincia de Tigre, começou a aprender sem descanço a lingua geez, e adquiriu um conhecimento d'ella tal, que a sabia muito melhor, que os naturaes do paiz. Applicou-se á instrucção da mocidade, e recebia na sua escola tanto os rapazes abyssinios, como portuguezes. Os grandes progressos dos discipulos levaram bem depressa longe a reputação do mestre. João Gabriel, um dos officiaes portuguezes mais distinctos foi o primeiro, que fallou d'elle ao rei, o qual deu ordem para que Paes fosse á sua presença.

«Em abril de 1601 Paes accompanhado de dois de seus jovens discipulos se apresentou ao monarcha, que tinha então sua corte em Dancan,[2] e que o recebeu com as mesmas honras, que se concedem ás pessoas de primeira cathegoria. Uma tal distincção não deixou de desagradar aos monges abyssinios, que previram brevemente que o abatimento d'elles se seguiria á elevação de Paes no que se não enganaram. N'uma disputa, a que se procedeu na presença do rei no dia seguinte ao da chegada de Paes, este portuguez quiz que seus dois jovens discipulos sustentassem sua causa contra todos os theologos abyssinios. Uma victoria a mais facil e a mais completa ficou do lado dos estudantes.

«Então disse-se a missa conforme o rito da egreja romana, e Paes recitou em seguida um sermão, que apesar de ser o primeiro prégado na Abyssinia, excedeu tanto em elegancia e pureza de dicção tudo, quanto se conhecia na lingua sábia, no Geez, que os ouvintes o consideraram como um primeiro milagre do prégador.

«O rei ficou tão encantado da belleza d'este sermão, que desde este instante não sómente tomou a resolução de abraçar a religião catholica, mas até

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 5.°, pag. 12.

[2] Idem, idem, pag. 14.

Digitized by Google

deu parte d'isso a Paes, obrigando-o todavia a jurar que havia de guardar segredo por um certo tempo.

«Todavia este juramento exigido foi imprudentemente violado pelo proprio rei, que prohibiu d'ahi por diante festejar o sabbado dos judeus. Escreveu ao mesmo tempo a Philippe III rei de Hespanha e de Portugal pedindo-lhe jesuitas para a prégação da fé.

«Estas medidas promptas de mais foram bem depressa divulgadas, e cada descontente, que trazia em seu coração os principios de revolta, não deixou de asseverar que seu descontentamento provinha de seu zelo em prol da verdadeira religião.

«A maior parte dos cortezãos seguiram o exemplo do rei. Alguns trabalhavam como cortezãos para merecerem o favor do principe, e propunham-se a seguir a religião catholica, só em quanto fosse moda, e em quanto os não expozesse a perigo. Outros conformavam-se com o sentimento do rei pela verdadeira affeição, que a este tinham.

«Entre as pessoas da corte mais affectas ao rei distinguiu-se Laeca Mariam, o companheiro inseparavel de sua boa e má fortuna. Foi este homem um dos que abraçaram a religião catholica no mesmo dia, que o principe. Mas esta conversão tornou-se bem depressa o pretexto, de que se serviram seus inimigos para assassinarem a ambos.

«Za-Selassé irritado começou a formar conventiculos com os monges, aos quaes fez crer que o procedimento do rei annunciava diariamente, que a egreja de Alexandria ia ser totalmente reprovada, e que nenhuma outra religião seria tolerada na Abyssinia, senão o romana.

«A provincia de Gojam sempre opposta ao, que apresentava a menor apparencia d'inclinação para a egreja Romana, declarou-se contra o rei. [1] Za Selassé teve uma conferencia com o abuna Petros, e lhe propoz de absolver os soldados, e todos os vassallos do rei de seu juramento de fidelidade. E o abuna depois d'alguma hesitação desligou todos os abyssinios da fidelidade, que tinham jurado a Za Denghel, declarando o rei maldicto e excommungado, bem como todos aquelles, que defendessem e favorecessem sua causa. Za Selassé poz-se á frente do exercito dos rebeldes reunidos em Gojam, e o rei estava prompto a partir de Dancaz para marchar ao encontro do traidor.

«Za Denghel avançou repentinamente para a planicie de Bartcho. Emquanto ia no caminho foi desamparado pelo ras Athanasius, e depois por uma grande parte de suas tropas. Esta deserção mostrou-lhe os primeiros effeitos da excommunhão lançada pelo abuna; e as coisas chegaram a ponto que João Gabriel, official portuguez de primeira distincção, aconselhou ao rei o evitar uma batalha, e retirar-se, em quanto ainda era tempo, para algum logar fortificado, com o fim de passar alli o resto do anno, e esperar que o erro de seus vassallos se dissipasse. Mas este principe julgando-se deshonrado se désse ares de fugir na frente d'um rebelde, resolveu combater Za Selassé.

«A 13 d'outubro de 1604, tendo o rei formado seu exercito para a batalha,

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.°, pag. 20.

Digitized by Google

estando á direita o proprio rei com 200 portuguezes, e um grande numero de abyssinios, mandou chamar Paes para lhe deitar a absolvição, mas este jesuita estava então muito longe, na provincia de Tigré.

«Deu-se a batalha, e depois d'uma lucta porfiada as forças do rei achando-se envolvidas pelo exercito inteiro de Za Selassé, e seu numero diminuindo a cada instante não poderam resistir por muito tempo. O proprio rei foi morto, e com elle acabou a batalha.

«O resto d'este anno e o seguinte foram passados em terriveis luctas entre Jacob e Socinios, aspirando ambos a subirem ao throno. Feriu-se finalmente uma grande batalha entre os dois, na qual Jacob foi derrotado, e perdeu a vida. Os jesuitas dizem que a perseguição dos vencidos entrou pela noite dentro, que um corpo de cavallaria, no qual havia muitos portuguezes, e que fugia diante dos vencedores, caiu n'um precipicio muito profundo, que a obscuridade não deixava ver. Que o portuguez Manuel Gonçalves sentindo que o seu cavallo faltava debaixo de si, se agarrou a uma arvore, onde passou a noite com grande medo, e sem saber onde se achava; mas que o dia lhe augmentou o susto, descobrindo-lhe seus companheiros esmagados, bem como os cavallos, no valle profundo, que estava por baixo d'elle. [1]

«Socinios achando-se sem competidor começou a reinar em 1605.

«Os portuguezes, que restavam do exercito vindo á Abyssinia debaixo do commando de Christovão da Gama, tinham-se excessivamente multiplicado, e haviam sempre acostumado seus filhos ao uso das armas de fogo. Formavam então um corpo particular commandado por João Gabriel, antigo official, que se conservou sempre junto do rei, se bem que depois do reinado de Claudio a maior parte dos soldados seguia a fortuna, que mais lhes convinha.

«Menas não estimava muito os portuguezes, para os conservar no seu exercito, com receio das fallas sediciosas de seus padres, sempre promptos a dizerem mal da religião e do governo do rei. Expulsou-os pois a todos de seu reino; porém em vez d'obedecerem, reuniram-se ao Baharnagash Isaac, então ligado com os turcos, e revoltados contra seu amo. Não parece que Sertza Denghel fizesse mais caso dos portuguezes, que Menas, nem que os empregasse muito durante seu reinado. Mas, quando o rei menino Jacob subiu ao throno aggregaram-se-lhe todos; e, depois do desterro de Jacob, alguns d'elles seguiram o partido de Za Denghel, e combateram com a maior coragem na batalha de Bartcho.

«Quando Jacob tornou a tomar posse da corôa, os portuguezes voltaram para elle, e foram vencidos com este principe no combate de Lebart, onde se tinham reunido todos contra Socinios. Vê-se pois que para qualquer parte, que se declaravam, eram batidos por causa da cobardia dos abyssinios, com os quaes se achavam ligados. Comtudo, apesar dos multiplicados revezes dos partidos, que abraçavam, perdendo sempre pouca gente, fosse qual fosse a sorte do resto do exercito, as tropas do paiz nunca ousavam fazer-lhe frente, e se retiravam com a mesma segurança, que se tivessem alcançado victoria, pois

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol. 5 °, pag. 39.

Digitized by Google

os vencedores tinham interesse em não os atacarem, estando quasi sempre certos de que não podiam resistir a suas armas.

«Socinios procedia d'um modo inteiramente contrario ao de Menas. Resolveu attrair a si os portuguezes, e pol-os em estado tal que podesse perfeitamente contar com elles. Por isso começou a fazer grandes favores a seus padres. Chamou o jesuita Paes para a côrte, onde, depois das costumadas disputa sobre a supremacia do papa, e as duas naturezas de Christo, foi celebrada uma missa, e prégado um sermão com o mesmo resultado, que no tempo de Za Denghel, e com não menor descontentamento do clero. [1]

«A provincia de Dembea estendendo-se em roda do lago Trana, é a mais fertil, e a melhor cultivada de toda Abyssinia. Sobre a borda meridional d'este lago ergue-se, mas não a grande altura, um rochedo, formando uma especie de promontorio, e avançando muito para o lago. Não ha talvez no mundo sitio mais bello, e pittoresco do que este, regado d'aguas por todos os lados, menos pelo sul. O clima é alli delicioso, e a febre não faz estragos. Paes pediu este promontorio, e o rei lhe concedeu a posse para sempre. Depois ficaram os abyssinios cheios de pasmo ao contemplarem um convento construido de pedra e cal, coisa, de que até então não tinham a menor idéa. Mas ficaram ainda muito mais maravilhados, quando Paes emprehendeu construir da mesma um palacio, que o rei lhe tinha pedido. Este palacio está na extremidade mais meridional da peninsula, n'um sitio chamado Gorgora. Os abyssinios experimentavam uma admiração misturada com terror ao verem uma casa erguer-se sobre outra casa, pois assim é que chamam a uma casa, que tem mais d'um andar. Paes desenvolveu n'esta occasião toda sua industria, e a extensão de seus talentos. Foi ao mesmo tempo architecto, pedreiro, carpinteiro, ferreiro, e se serviu com muita destreza das variadas ferramentas, das quaes se faz uso n'estes officios.

«Como Socinios se propunha então a atacar os Agows de Damot, que se tinham revoltado, e reprimir as incursões, que faziam os Gallas na provincia de Gojam, viu com a maior satisfação um edificio commodo, collocado na parte de seus estados, em que contava fazer sua principal residencia. Seus desejos mais ardentes eram mandar vir para seu reino um certo numero de portuguezes, que juntos aos, que lá estavam já, e aos neophitos, que elle se lisonjeava de ter, quando abraçasse a religião Catholica, podessem ajudal-o a extirpar esse espirito de rebellião, que parecia ter-se apoderado geralmente do coração de seus vassallos, e principalmente do clero, ensinado havia pouco a servir-se do perigoso privilegio de amaldiçoar e excommungar os reis. Este principe não tinha visto em Paes e seus companheiros, nada senão a submissão e um grande amor á monarchia. Seu procedimento e costumes eram verdadeiramente apostolicos.

«Quando Paes construiu o palacio de Gorgora, desenvolveu genio e talento universaes, que lhe mereceram a admiração de todo o imperio d'Abyssinia.

[1] James Bruce—*Voyage aux sources du Nil*, vol 5.°, pag. 45.

Digitized by Google

Mas se empregou zelo e actividade n'esta obra, não foi remisso n'um outra mais importante a seus olhos, o da conversão d'aquelle paiz. [1]

«O proprio ras Sela Christos tinha-se convertido estando proximo a ir a Gojam para ir combater os Gallas, e desejou muito fazer uma abjuração authentica na presença de Paes; mas como este trabalhava então no palacio e mosteiro de Gorgora, Sela Christos foi obrigado a contentar-se com um outro jesuita chamado Francisco Antonio de Angelis. Depois. tendo regressado vencedor dos Gallas, deu á companhia um terreno e dinheiro para fundar em Collela um convento, que foi o terceiro, que os jesuitas tiveram na Abyssinia.

«Comtudo, apesar de convertido no fundo do coração, não tinha ainda Socinios dado um passo, que podesse chamar a conversão dos outros. Assistia frequentemente ás disputas theologicas entre os missionarios e os monges abyssinios, disputas, que versavam quasi todas sobre a questão muito tempo agitada das duas naturezas de Christo; mas ainda que a victoria ficasse do lado dos jesuitas, não conseguiram comtudo convencer seus adversarios. O abuna Simão acabou por se queixar mesmo ao rei de que se tivesse disputado sobre artigos de fé sem o convidarem a ajudar o clero nas suas controversias.

«O rei, que não pensava que o saber e eloquencia do abuna podessem ser d'um grande peso n'estas disputas, mandou que fossem renovadas na presença do pontifice. Porém a ignorancia do abuna ainda foi mais nociva á sua egreja; e o rei olhando desde este momento a questão como decidida, declarou publicamente pela primeira vez, que havia duas naturezas, uma divina, outra humana, absolutamente distinctas entre si, mas reunidas n'uma só pessoa, que é Christo.

«N'aquelle tempo o rei recebeu por via das Indias cartas de Philippe II, de Madrid em 1609, e do Papa Paulo V com data de 1611. Mas estas cartas nada continham senão exhortações empoladas para induzir a Socinios, que perseverasse na religião Catholica, e para o assegurar do soccorro do Espirito Santo, em vez do soccorro dos portuguezes, que elle pedira. Todavia a conversão de Socinios estava combinada entre o rei e Paes, e foi decidido que faria primeiramente uma abjuração publica, e depois se contaria com o rei e com o papa para lhe enviarem soldados.

«Era necessario que o monarcha abyssinio escrevesse ao papa para lhe dar parte de sua submissão á Sé de Roma. Mas pensou-se que cartas sobre um tal assumpto eram importantes de mais para se enviarem como seus primeiros despachos para a Europa, sem as mandar acompanhar por pessoas, que podessem em occasião conveniente tomar o caracter d'embaixador, e dar as explicações e seguranças necessarias. [2]

«Considerou-se primeiramete que o caminho de Massuah estava sugeito a muitos perigos, e que talvez as cartas não chegassem á Europa, por causa do estado de rebellião, em que aquella provincia se achava, e então escolheu-se o mais longo por ser o mais seguro. Havia de se passar por Narea, e pelas

[1] James Bruce — *Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.°, pag. 110.
[2] Idem, idem, pag. 113.

Digitized by Google

provincias meridionaes para irem a Melinde, nas costas do Oceano Indico, onde ellas por mar pederiam ser enviadas para Goa.

«Os missionarios tiraram á sorte qual d'elles emprehenderia esta longa e perigosa viagem; e a sorte cahio em Antonio Fernandes, homem muito prudente, e estimado do rei, e por confissão geral o mais proprio para levar ao cabo uma tal empresa. Depois Fernandes escolheu para seu companheiro, e embaixador junto ao papa, e ao rei de Hespanha a Fecur Egrié, um dos primeiros Abyssinios convertidos á religião Catholica, na qual persistio até á morte.

«No principio de março de 1613 Antonio Fernandes partiu para a provincia de Gojam, onde encontrou o ras Sela Christos. Fecur Egrié tinha partido adiante para poder dispôr seus negocios domesticos, levando comsigo dez portuguezes, dos quaes seis só o deviam accompanhar até Narea, e os quatro deviam embarcar com elle para a India. Sela Christos procurou guias entre os Shats e os Gallas, povos barbaros, fazendo-os dar refens, e pagando-lhes muito bem para ensinarem o caminho aos portuguezes.

«A 16 de abril os viajantes deixarem Umbarma, onde estava acampado Sela Christos, que tambem os tinha feito accompanhar de quarenta homens, armados de escudos e dardos. Dirigiram-se para o occidente, e no fim de dois dias chegaram a Senassé, villa principal dos Gongas. Fernandes vendo que estes povos estavam dispostes a tratarem mal os portuguezes, foi com um d'estes a Sela Christos, que immediatamente mandou partir tres officiaes e um corpo de tropas para castigar os Gongas, e accompanharam a caravana até fóra do seu territorio e alcance. Mas os Gongas sabendo o que se passava appressaram-se em dar ao embaixador uma guarda, que o accompanhou até Mine junto d'um vau do Nilo. Um dia depois de atravessarem o Nilo, entraram no reino de Bizamo, habitado pelos Gallas. No dia seguinte entraram num bosque, do qual tiveram muito trabalho para sair, e era quasi meia noite, quando chegaram á margem do rio Meleg. Ao outro dia acharam o vau, e passaram-no sem difficuldade. Atravessaram depois uma serra, e chegaram a Gonea, onde encontraram tropas commandadas pelos principaes officiaes d'este reino, que os receberam com muita honra.

«Seis dias depois de terem deixado Ganea os Socinios chegaram á corte de Bonero. Este rei recebeu-os com civilidade, mas com um ar de constrangimento e de friesa; e os viajantes souberam que provinha isto de ter um monje persuadido ao rei que o fim d'aquella viajem era conduzirem para Abyssinia tropas portuguezas por aquelle caminho, as quaes mais cedo ou mais tarde haviam de destruir Narea. Por tanto os conselheiros de Bonero fizeram com que elles fossem desviados do caminho direito, e tivessem que passar no reino de Bali por um caminho mais comprido e mais perigoso, dando-lhes com tudo cincoenta cruzado em ouro como indemnisação, e recommendando-os a um embaixador do rei de Gingiro, por onde os portuguezes tinham que passar.

«Fecur Egrié e sua comitiva partiram da corte de Narea com este embaixador, e caminharam directamente para Oriente. Ao quinto dia chegaram a um posto dos narcenses, no qual o official estava encarregado de lhes dar uma guarda até ás fronteiras.

Digitized by Google

«Tendo marchado quatro dias seguidos num paiz inteiramente devastado pelos Gallas, sempre com receio de serem encontrados por estes povos, tiveram de se esconder até á noite num bosque, para não serem vistos pelo Galas, que andavam guardando seus rebanhos na planicie; e só de noite poderam continuar seu caminho. Chegaram depois á margem d'um rio que os portuguezes chamavam Zebée. A passagem d'este rio, foi medonha para os viajantes. Tinham-se amarrado arvores da praia ao primeiro rochedo; depois d'este rochedo, a um outro, e assim sem interrupção até á margem.

«Eram tão elasticas estas arvores, que o peso d'uma só pessoa as fazia vergar. A corrente rapida e escumante do rio formava um abysmo tão profundo, que perturbava a cabeça d'aquelles, que passavam por cima d'esta ponte oscilante, presa á ponta das rochas. Com grande susto passaram pois a ponte, e foi então necessario informar o rei de Gingiro da chegada d'esta caravana, e pedir-lhe a honra d'uma audiencia. Mas só passados oito dias é que foram admittidos á sua presença. Levavam uma carta do imperador d'Abyssinia para este rei, o qual depois de a ter lido disse que a unica coisa que Socinios n'ella pedia era de os proteger, e de lhes dar uma boa guarda, em quanto estivessem em seus estados, e de os mandar acompanhar mais longe: o que faria com o maior prazer.

«O embaixador e o jesuita deixando o reino de Gingiro, marcharam directamente para Oriente, e entraram no reino de Cambat, independente do imperio d'Abyssinia. Pararam em Sangara, capital do paiz, onde residia um mouro, que era o governador. Passados dois dias tiveram que repellir uma aggressão dos povos Guragués, tribu visinho, os quaes ficaram derrotados.

«Ao sairem do reino de Cambat [1] os viajantes entraram no pequeno territorio d'Alaba, independente do rei d'Abyssinia, cujo governador era mouro, e se chamava Aliko.

«Este crendo que o fim da viagem do jesuita era fazer vir por este caminho os portuguezes da India, para trabalharem na destruição da religião mahometana, como o tinham feito outr'ora, entrou n'uma tal colera, que chegou a ameaçar o jesuita de o mandar matar, bem como a quantos o accompanhavam; e teria immediatamente posto em execução sua ameaça, a não ser a segurança, que Baharo lhe deu da autenticidade das cartas do rei, e a não ser o respeito para com o direito das gentes, que lhe inspirava o titulo de embaixador, de que Fecur Egrié estava revestido. Com tudo mandou fechar toda a caravana n'uma estreita prisão, onde alguns portuguezes morreram. Depois reuniu um conselho, no qual houve quem désse o voto de se matarem todos; mas um homem d'um caracter distincto disse que bastava contentarem-se com o mandarem os estrangeiros para Amelmal, de cuja casa vinham, e esta opinião prevaleceu.

«Recuaram pois para o reino de Cambat, e d'alli para a corte de Socinios, sem nenhuma vantagem para elles.

«Ainda que Socinios não tinha declarado abertamente a resolução, que hou-

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.°, pag. 141.

Digitized by Google

vera formado, de abraçar a religião catholica, com tudo significou que sua vontade era que d'aqui por diante ninguem negasse que havia duas naturezas em Christo, e quem se atrevesse a negal-o, ou pol-o em duvida, seria desterrado por sete annos.

«Mas o abuna, orgulhoso com a protecção d'Emana Christos, um dos irmãos uterinos do rei, pronunciou uma sentença de excommunhão, que mandou affixar n'uma das portas da egreja do palacio, declarando amaldiçoados quantos sustentassem que havia duas naturezas em Christo.

«O rei tinha marchado contra os agows, mas ao saber a audacia do abuna, marchou promptamente para Gorgora, e mandou-lhe dizer que, se immediatamente não levantava a excommunhão, lhe mandava cortar a cabeça. O abuna receioso obedeceu. Com tudo formaram-se depois varias conjurações umas, atraz das outras contra o rei, mas foram debelladas, n'uma das quaes os portuguezes prestaram grande auxilio ao rei.

«Foi em 1620, anno, em que Socinios marchou contra um revoltoso chamado Janael, que Paes empregára na construcção da egreja de Gorgora. Ao voltar para Dancaz o imperador encontrou Paes em Gorgora pela primeira vez, e alli esteve até 3 d'outubro, em que lhe trouxeram na presença de Paes a noticia da victoria de Sela Christos sobre os rebeldes de Damot. [1]

«Depois da derrota de Jonael o rei tinha resolvido deitar fóra a mascara, e professar abertamente a religião catholica, e as prosperidades do Sela Christos o confirmaram n'esta opinião. Mandou ir á sua presença Paes com o fim de fazer uma profissão publica do catholicismo, e depois de lhe ter declarado suas idéas, disse-lhe que para prova da sinceridade de sua conversão, não ficava senão com sua primeira mulher, e que tinha mandado embora todas as outras.

Paes, depois de ter recebido a confissão do imperador, e a abjuração publica da religião grega, voltou para Gorgora, cantando o cantico de Simeão *Nunc dimittis*, como se sua missão estivera acabada. Não se enganou, pois sendo atacado d'uma febre violenta, morreu em maio de 1623, com grandes signaes de piedade e resignação, e uma firme convicção de ter cumprido seus deveres durante o curso d'uma vida pura, activa e bem empregada. Tinha estado sete annos captivo entre os mouros d'Arabia, e dezenove annos missionario na Abyssinia, durante os mais difficeis tempos, e sempre saira das situações perigosas com honra sua, e vantagem para a religião. Era extremamente magro por causa de sua abstinencia e trabalhos continuos. Conhecia perfeitamente a theologia escholastica, e todos os livros, que diziam respeito á sua profissão. Intendia muito bem o latim, o grego e o arabe, e trabalhava continuamente com suas mãos, mostrando-se tão bom obreiro como architecto. Tinha-se feito pintor, esculptor, pedreiro, carpinteiro, ferreiro, ferrador e carreiro: estava em estado de erigir conventos, palacios, ornal-os, mobilal-os, sem ter necessidade da ajuda d'uma só pessoa. Assim é que fez o mosteiro de Collela, e o convento e palacio de Gorgora. Porém o seu dote mais distincto era

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.°, pag. 166.

Digitized by Google

a paciencia e o zelo, que tinha na instrucção da mocidade. N'uma palavra era elle na Abyssinia o sustentaculo da religião. Na sua chegada havia cem annos, que as sementes do catholicismo tinham sido lançadas no paiz, mas só mui pouco fructo tinham produzido. Dezenove annos de trabalho d'este missionario mudaram de tal sorte as cousas, que a religião romana foi abraçada publicamente pelo monarcha, e seis annos depois da morte de Paes caiu n'este paiz a religião, apesar de defendida vigorosamente por um principe, por um patriarcha enviado de Roma, e por mais de vinte missionarios muito zelosos.

«A abjuração que fez Socinios da religião grega, foi seguida por um violento manifesto, em que começa por estabelecer a supremacia da egreja de Roma e da cadeira de S. Pedro. Insiste muito sobre as duas naturezas de Christo, e accusava em geral o clero abyssinio de mau procedimento.

«Mas nem o exemplo do rei, nem seu manifesto, tiveram o effeito que se desejava. [1] Um rebelde se declarou contra o rei na provincia de Ambara, e foi necessario o emprego d'armas para o anniquilar.

«A alegria da victoria foi augmentada com a da chegada d'um patriarcha. Era este o jesuita portuguez Affonso Mendes, sagrado em Lisboa a 25 de maio de 1624, e homem de muito saber, o qual depois de muitos trabalhos na viagem chegou á Abyssinia, e teve a primeira audiencia do imperador a 11 de fevereiro de 1626, e foi decidido que Socinios prestaria juramento de obediencia á cadeira de Roma.

«Celebrou-se esta ceremonia com toda a pompa. O patriarcha para mostrar sua superioridade sobre os abunas, prégou um sermão em lingua portugueza, no qual provava a supremacia da cadeira de S. Pedro. O imperador, o principe real Facilidas prestaram o juramento, mas a corte estava cheia de descontentes. Pronunciou-se uma excommunhão solemne contra as pessoas, que traissem seu juramento, e que todos aquelles, que estavam a ponto de receber ordens sacras, deviam primeiramente abraçar a religião catholica, debaixo de pena de morte no caso de desobediencia, que todos os abyssinios em geral deviam celebrar a paschoa, e guardar a quaresma conforme os ritos da egreja de Roma, com risco de serem egualmente mortos, se a isso faltassem.

«Ainda que o patriarcha tinha chegado á Abyssinia, não succedia o mesmo áquelles, que deviam ajudar a missão. O rei deu ordem para se mandarem cartas de protecção a Francisco Machado e a Bernardo Pereira, dois jesuitas, que estavam na India, para chegarem com segurança a Bilur, no reino de Dancali; mas o secretario do monarcha poz por malicia, ou descuido Zeyla, em vez de Bilur, e n'aquella ilha pertencente ao rei de Adel havia o maior odio á religião catholica, e o sheik de Zeyla mandou-os matar. Além d'isto escreveu-se uma carta a Socinios, na qual o tratavam de apostata e d'outros nomes odiosos por ter desamparado a religião de seus paes.

«Tecla Georgis, genro de Socinios, governador então na provincia de Tigré resolvido a revoltar-se, associou-se aos homens mais distinctos e mais poderosos da provincia, e particularmente a Guebra Mariam e a João Akayo, a quem

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.°, pag. 174.

Digitized by Google

declarou não poder supportar por mais tempo a religião romana, e querer defender a antiga egreja de Alexandria. E para melhor convencer os abyssinios de sua sinceridade, queimou todos os crucifixos, todas as imagens de santos e todos os paramentos das egrejas, e mandando vir o abbade Jacob, seu capellão catholico, o matou por sua propria mão.

«Á primeira noticia da traição de seu genro Socinios deu ordem a Keba Christos de marchar contra os rebeldes com as tropas, que tinha comsigo. [1] Este cumpriu as ordens, e derrotou completamente as forças de Tecla Georgis, e foi apanhado e enforcado. Revoltaram-se depois os agows de Lasta, e derrotaram as tropas do imperador, o qual no principio de fevereiro de 1629 marchou contra elles, mas ficou mal, e os adversarios creando brios marcharam para a capital: foram todavia derrotados pelas forças do rei.

«N'aquelle tempo o principe Facilidas começou a attrair as attenções de todos os abyssinios. Tinha mostrado grande valor na guerra, e julgavam-n'o inimigo da religião catholica. Comtudo vivia com os jesuitas de maneira, que não sabiam se era amigo, ou inimigo d'elles.

«Este principe recebeu do papa Urbano VIII uma mensagem muito lisongeira, á qual não respondeu.

«Outra grande perda para os catholicos foi a morte de Fecur Egrié, um dos primeiros sustentaculos da religião catholica. Tinha a mesmo abraçado antes do rei, e de Sela Christos, e foi o principal author da versão dos livros portuguezes em lingua ethiopica, versão em que foi muito ajudado pelo jesuita Antonio de Angelis. Entraram logo os catholicos a serem perseguidos pelos revoltosos, e o rei vendo o descontentamento geral, que havia no seu reino, foi permittindo a pouco e pouco algumas das ceremonias da egreja grega. O imperador partiu então para a guerra de Sasta á frente d'um grande exercito, do qual um dos principaes corpos era formado por filhos de portuguezes. Depois de se ter assenhoreado de duas montanhas, chegou a uma terceira tão excessivamente alta e d'um accesso tão difficil, que os assaltantes cheios de terror perderam logo as esperanças de se fazerem senhores d'ella. Todavia o principe perdeu alli muito menos gente, porque foi ajudado pelos portuguezes, que interceptando por baixo toda a communicação, fizeram com que a guarnição d'uma montanha não podesse soccorrer a da outra; fizeram-se senhores d'ella, e um capitão portuguez tomou a cadeira, que servia de throno ao rebelde Melcha Christos, que teve de fugir só com dez cavalleiros.

«Quiz depois o imperador entrar em segunda companha contra os habitantes de Lasta, mas então as tropas recusaram obedecer, mandando-lhe dizer: Que ellas não podiam dizer se a religião romana era má, porque a não conheciam, nem a desejavam conhecer: que ninguem podia pretender professar uma religião, que se não podia comprehender, nem acreditar: que finalmente estavam promptas a combater, e a perder a vida pelo imperador, mas com a condição, que lhes restituiria a sua antiga religião; sem o que não podiam tomar parte nas suas guerras, nem desejarem ser victoriosas.

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 3.º, pag. 200.

Digitized by Google

«O rei mandou então responder que restabeleceria a religião, se voltasse victorioso de Lasta. [1]

«Tendo com effeito regressado vencedor teve uma conferencia com o patriarcha Affonso Mendes, que lhe censurou muito ter abandonado a fé catholica no mesmo tempo, em que a victoria obtida pelas orações dos padres d'esta religião lhe forneciam uma occasião de melhor a consolidar. O rei respondeu com um modo de grande indifferença: Que tinha feito todos os esforços possiveis para a defender: Que se tinham já derramado torrentes de sangue, sendo ainda necessario vir a derramar outro tanto, e que com tudo era incerto se isso viria a produzir algum effeito: mas que pensaria, e no dia seguinte daria resposta.

«Com effeito no dia seguinte Socinios remetteu uma declaração ao patriarcha por meio de Za-Mariam: Quando abraçamos a religião romana, sustentamol-a com zelo; mas o povo não lhe mostrou nenhuma affeição. Julio revoltou-se por causa do odio, que tinha a Selas Christos, mas servindo-se do pretexto de defender a fé de seus paes, e morreu com um grande numero de seus partidarios. Gabriel imitou-o depois, e teve a mesma sorte. Tecla Gorgoris formou tambem uma liga a favor da egreja de Alexandria, e arrastou á ruina uma immensa multidão de bravos guerreiros. Tal foi, não ha mais que um anno, o motivo da rebellião de Serca Christos; e agora mesmo é isto o que põe as armas na mão aos montanhezes de Lasta. A religião romana não tem nada de mau; mas os habitantes d'este paiz não a comprehendem. Que aquelles, que são affeiçoados a esta religião, continuem a seguil-a, como fizeram os portuguezes em tempo de Azenaf Segued; porém que comam e bebam com os abyssinios, e casem com suas filhas. Mas tambem que aquelles, que não gostam da religião de Roma, sigam aquella, que antigamente receberam da egreja da Alexandria.

«O patriarcha perguntou a Za Mariam se esta declaração vinha do mesmo rei, ao que respondeu que sim. E o patriarcha tendo reflectido por um momento, encarregou Manuel de Almeida de levar ao rei esta resposta: Que o patriarcha acabava de ser informado que o exercicio das duas religiões seria livre no reino, e que os sectarios da egreja da Alexandria obteriam quanto se lhes podesse conceder, sem violar a pureza da fé catholica, que effectivamente não havia difficuldade em conceder aos habitantes de Lasta a religião de seus antepassados, tal como era, pois não tinham abraçado outra. Mas que em quanto áquelles, que tinham promettido ser fieis á egreja catholica, e que tinham commungado n'esta egreja, não se podia, sem commetter um grande peccado, permittir-lhes renunciar uma religião, na qual tinham entrado com o juramento de viver e crer n'ella. [2]

«O rei ouviu com attenção esta resposta, a qual bem esperava, e replicou sómente: Que posso eu fazer? Não me é possivel governar por mais tempo meu reino! E immediatamente deu ordem para se fazer a seguinte proclamação feita a 14 de junho de 1632: Ouvi! Ouvi! Ouvi! Nós o primeiro vos demos

[1] James Bruce—*Voyages aux sources du Nil*, vol. 3.°, pag. 215.
[2] Idem, idem, pag. 250.

Digitized by Google

a religião romana, julgando-a boa: mas varias pessoas morreram combatendo contra esta religião, entre outras Julio, Gabriel, Tecla Gorgoris, Serca Christos, e ultimamente ainda os selvagens camponezes de Lasta. Nós vos restituimos pois a fé de vossos paes.

«Que os padres digam suas missas em suas proprias egrejas. Que o povo volte a seus primeiros altares, á sua primeira liturgia, e que seja feliz. Em quanto a mim, já velho pela edade, e pela guerra, e opprimido de enfermidades, já me não sinto com forças para governar; e nomeio meu filho Facilidas para reinar em meu logar.

«Assim foi destruida n'um só dia a egreja catholica, e a jerarchia de Roma na Abyssinia. Foi destruida pelos esforços, que o governo civil fez para se defender das usurpações dos padres, e da tyrannia ecclesiastica, que sem duvida não tinham outro alvo mais que anniquilar a constituição da Abyssinia, e de submetter este imperio ao governo portuguez, como já o tinham experimentado varios reinos da India.

«O rei morreu a 7 de setembro de 1632, tendo professado a religião romana até o ultimo momento de sua vida.

«Facilidas escreveu ao patriarcha: Que a religião grega achando-se restabelecida, tornava-se indispensavel que todos os padres catholicos deixassem a Abyssinia: que acabava de saber que um abuna pedido do Cairo pelo imperador seu pae, e por elle mesmo, estava a caminho, e só esperava para entrar no imperio o ver sair todos os missionarios romanos: que lhes ordenava que deixassem seus conventos, e se reunissem em Fremona, e esperassem alli suas ordens.

«Chegaram pois o patriarcha e seus companheiros a Fremona no fim de abril de 1633, tendo sido maltratados no caminho, e resolveram fazer partir para a India e para Hespanha Jeronymo Lobo, o mais fanatico d'aquelle grupo, com o fim de fazer vir um exercito, que podesse assolar, e submetter a Abyssinia.

«Mas Facilidas estava informado de tudo. Vendo que o patriarcha só procurava ganhar tempo, e sabendo que elle e seus missionarios tinham um grande montão de armas de fogo, deu ordem a um de seus officiaes para ir a Fremona pedir aquellas armas, e todas as munições de guerra, que tinham; [1] e os mandou prevenir ao mesmo tempo que estivessem promptos para partir para Massuah. O patriarcha recusou primeiramente obedecer, e Facilidas, em logar de o punir se contentou de lhe mandar representar com doçura, a imprudencia e inutilidade de sua recusa, e as más consequencias, que podia ter para elle. Então o patriarcha entregou as armas. Mas em logar de conduzir seus missionarios para Massuah, tinha intenções bem differentes das do rei da Abyssinia. Concebeu o projecto de deixar seus padres, e de os fazer dispersar por todas as provincias do imperio, se fosse obrigado a embarcar para Massuah, bem resolvido a não o fazer senão em ultima extremidade.

«Com este designio tractou de se pôr debaixo da protecção do Baharna-

[1] James Bruce--*Voyages aux sources du Nil*, vol. 5.º, pag. 263.

Digitized by Google

gash João Akay, que estava então revoltado contra seu soberano; e elle reuniu um grupo de homens armados para irem buscar os missionarios perto de Fremona, e pol-os fóra do alcance do governador de Tigré. Este projecto audaz teve o melhor resultado. Akay prometteu sua protecção; e o patriarcha e seus companheiros tendo fugido de noite á vigilancia dos guardas, a quem o rei os tinha confiado, encontraram-se com os soldados do Baharnagash, commandados por Tecla Emanuel, e se refugiaram em Adicota. O Baharnagash recebeu muito affectuosamente o patriarcha e os missionarios.

«Porém algum tempo depois receberam os padres ordem de sair de Adicota, e o Akay continuou a transferil-os d'um logar doentio para outro, até que lhes estragou a saude.

«Com tudo Facilidas mandou dizer ao Baharnagash, que lhe perdoaria tudo quanto se tinha passado, com a condição de lhe entregar o patriarcha e seus companheiros: mas João Akay recusou. Para não faltar á sua palavra não quiz entregar os jesuitas ao rei, mas consentiu em os vender aos turcos. Por isso estes padres foram entregues por uma somma de dinheiro ao bacha de Massuah, que os acolheu muito bem.

«Dois jesuitas ficaram em Adicota de combinação com Akay, sem que Facilidas o soubesse. Esperavam occasião de soffrerem o martyrio, e ella chegou. Todos que ficaram na Abyssinia morreram de morte violenta, por ordem do monarcha, e a maior parte foram enforcados, sendo o ultimo Bernardo Nogueira.

«Facilidas irritado com a obstinação dos missionarios, e principalmente com o boato, que espalharam, que o vice rei das Indias não tardaria em enviar um exercito á Abyssinia, concluiu um tratado com os bachas de Massuah e de Suakem para fecharem seus portos aos portuguezes, não deixando nenhum d'elles penetrar na Abyssinia.

«Com effeito, quantos padres europeus poderam conseguir entrar na Abyssinia durante este reinado e o seguinte foram todos mortos.

«Depois da morte do ultimo missionario Bernardo Nogueira nada mais se soube do que se passava na Abyssinia, senão por meio d'alguns mercadores ethiopes, que iam commerciar com os hollandezes da Batavia. Foi alli que o engenhoso Ludolf, muito occupado com a historia Abyssinia, e não se poupando a algum trabalho para conservar correspondencia com aquelle paiz, soube que Facilidas depois d'um longo e prospero reinado tinha morrido e deixado a coroa a seu filho Hannès, primeiro.

«Este mandou ajuntar todos os livros, que os jesuitas tinham traduzido em lingua ethiopica, e fel-os queimar. Morreu em 1680, e succedeu-lhe seu filho Jasous I.»

Realmente este artigo tem sido excessivamente longo, mas a penna recusa-se a parar, quando vê a cada passo nomes e recordações portuguezas n'aquelle celebre paiz, conhecido antigamente pelo nome de imperio do Preste João das Indias. Sendo a obra de Bruce composta de treze volumes, se d'ella extrahisse só o que nos diz respeito, teria traduzido um terço de toda ella.

Digitized by Google

«Durante o anno de 1835 e 1836 Mauricio Tarnisier e Edmundo Combes viajaram na Abyssinia, e imprimiram a relação no *Boletim da Sociedade Geographica de Paris* nos mezes de junho e julho de 1837. Esta viajem durou quinze mezes, e tiveram a felicidade de percorrer e estudar paizes ainda pouco conhecidos, e encontrar os vestigios deixados pelos portuguezes.» [1]

«Ás dez horas atravessei o Tadda, [2] uma das aldeias mais risonhas e pittorescas da provincia: passo o Moghetch por uma ponte levantada pelos portuguezes, bellissima construcção, sem a qual as communicações estariam interrompidas durante cinco mezes do anno entre Gondar e as provincias do sul.»

190) **BRUCKER (MIGUEL RAYMOND).**

E. — *La chapelle des crânes dans l'Ile de Madère.*—(Capella dos craneos na ilha da Madeira.)

E' uma extensa descripção acompanhada d'uma estampa, que publicou a pag. 19 e seguintes do *Musée des Familles*, do anno de 1834.

191) **BRY E MERIANI** (De Franckfort).

E. — *Collectiones Peregrinationum in Indiam Orientalem et in Indiam Occidentalem.*

«De vinte e cinco partes, [3] memorias de differentes escriptos em diversas épocas, e originalmente em idiomas varios, se compõe a *Collecção*, que é entre os amadores conhecida pelo titulo convencional de grandes e pequenas viagens, denominação, que lhe nasce de formato menor e maior das duas séries, em que parece estar dividida.

«A primeira série, em folio ordinario, comprehende doze partes, em cinco volumes, e consta toda de escriptos relativos ás Indias Orientaes. A segunda série *(Grandes viagens)* em folio maior, abrange treze partes, em tres volumes, respeitantes ás Indias Occidentaes, sob o titulo de *Historia da America ou do novo mundo.*

«Paciencia e trabalho aturado tirariam d'esta grande collecção de viagens muitas noções da nossa historia; algumas importantes, outras de pequena transcendencia, inda que assim mesmo uteis talvez um dia á controversia; e todas perdidas em velhos livros, por cujos titulos se não denunciam.

«Oitava entre as partes, que compõem a primeira série da *Collecção* é o itinerario do hollandez João Hugo Lintschoten ás Indias portuguezas, ou Orientaes: volume unico, impresso a duas columnas. que abre com a viagem de Lisboa para a India começada em 8 d'abril 1583.

«Muitas são as edições e traducções, que este livro tem tido. Escripto originalmente em hollandez, saio em 1596; depois em latim em 1599; em francez em 1610; em allemão em 1614 etc.»

[1] Urcullu—*Geographia*, vol. 3.°, pag. 160.

[2] Guillaume Lejean—*Voyage en Abyssinie* en 1862 a 1863. No *Tour du Monde* de 1865, pag. 246.

[3] José de Torres — *Panorama*, vol. 13.°, pag. 391.

Digitized by Google

Parte d'esta viagem foi traduzida sobre o latim pelo sr. José de Torres, e publicada no vol. 13.º e 14.º do jornal litterario *O Panorama*, impresso em Lisboa. Vide Lintschoten.

192) **BUCHANAN (CLAUDIO).**

No 4.º volume do *Investigador Portuguez em Inglaterra* encontra-se a traducção d'uma curiosa viagem feita por este escriptor inglez a Gôa com muitas noticias da nossa inquisição n'esta cidade.

«A magnificencia das egrejas de Gôa excedeu toda a idéa, que formava de prévias descripções. Gôa he propriamente a cidade das egrejas, e parece que a riqueza das provincias se tem gasto na sua erecção. As amostras de architectura antiga n'este logar excedem tudo o que se tem feito de semilhante na outras partes do Oriente, em tempos modernos, tanto em grandeza, como em gosto. A capella do Palacio é edificada segundo o plano de S. Pedro em Roma, e diz-se ser um exacto modello d'aquella incomparavel architectura. A egreja de S. Domingos, fundador da inquisição é decorada com pinturas dos mestres da Italia. S. Francisco Xavier jáz encerrado em um bello monumento de arte, e o seu caixão é marchetado de prata e pedras preciosas. A Cathedral de Gôa é digna de uma das principaes cidades da Europa! e a egreja e Convento dos Agostinhos he um nobre edificio situado sobre uma eminencia, e faz de longe uma vista magnifica. (Pag. 27.)—Sobre Goa Velha. Vide Pyrard.

193) **BULLAR (JOSEPH).**

E.—*A winter in the Azores, and a summer at baths of the Furnas.* Londres, 1841, 2 vol. com estampas. — (Um inverno nos Açores, e um verão nos banhos da Furnas.)

«Obra consagrada principalmente á descripção pittoresca do paiz, e dos usos, contém informações uteis acerca do clima, aguas e doenças do archipelago.» [1]

194) **BULLIALDI (ISM.)**

E.—*Pro Ecclesiis Luzitanicis libelli duo (mense decembri* 1649, *mense martio* 1651*)* Parissiis. Ex officina Cramosiana, 1653. — (Dois opusculos a favor das egrejas de Portugal.)

Mencionado no catalogo manuscripto dos livros portuguezes e relativos a Portugal existentes na Bibliotheca Imperial de Paris.

195) **BURGE (GUILLAUME VANDEN).**

E.—*Niewe Historische en geographische Reisbeschryvinge.*

(Novo Itinerario historico e geographico de Hespanha e de Portugal. Contendo uma descripção exacta d'estes reinos e dos paizes e cidades submettidas a seu dominio tanto na Europa, como nos outros continentes. Com uma expo-

[1] Morelet — *Les Açores*, pag. 15.

Digitized by Google

sição clara de suas divisões antigas e modernas, de sua situação. Tudo em forma de cartas por —. Haia, 1705, 4.°)

196) **BURGO (THOMAS DE).**

E. — *A Cathechism moral and controversial proper for such as are already advanced to some knowledge of the Christian Doctrine to which is annexed by way of an appendix a practical method of preparing for Sacramental Confession, dedicated to his Eminence Cardinal Manuel.* Lisbon, 1752, 8.°, 446 pag.

Este cathecismo é destinado para as educandas e freiras irlandezas do convento dominicano do Bom Successo (proximo de Lisboa) fundado em 1639 por D. Irena de Brito, condessa da Atalaia. [1]

É de suppôr que Thomaz de Burgo fosse algum padre irlandez, capellão d'este convento.

197) **BURY (DE).**

E. — *Lettre au sujet de la découverte de la Conjuration formée contre le roy de Portugal.* — (Carta a respeito da descoberta da conjuração formada contra o rei de Portugal.)

198) **BURKHARDT.**

E. — *Methodo de Ahn em Portuguez.* Leipsig, 1868, 1 vol. 8.°

Vi esta obra citada em catalogos, e d'ella nada mais posso dizer.

199) **BURNETT.**

E. — *Views of Cintra.* London. — (Vistas de Cintra.)

É apenas uma collecção de estampas, da qual só tenho visto um exemplar.

200) **BURTON (RICHARD FRANCIS)** — Viajante e orientalista celebre.

Nasceu no condado de Norfolk, em 1820.[2]

E. — *Goa and the blue Mountains.* 8.° — (Goa e as montanhas azues.)

201) **BUSSIÈRE (VICENTE TH. DE).**

E. — *Histoire du Schisme Portugais dans les Indes, par* —. Paris, 1854. — (Historia do scisma portuguez na India.)

202) **BUSCA (GABRIELLO).**

E. — *Della espugnatione et difesa delle Portuguezze.* Turine, 1598. — Ataque e defeza dos portuguezes.)

[1] Fr. Lucas de Santa Catharina — *Quarta parte da Historia de S. Domingos*, cap. 19.° e seguintes.

[2] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 308.

Digitized by Google

203) **BYRON** (LORD). — Um dos mais famosos poetas inglezes dos tempos modernos.

Nasceu em Londres no anno de 1788, e falleceu em Missolonghi (na Grecia) a 19 de abril do anno de 1824. [1]

Por algum tempo a leitura favorita do grande poeta britanico foi a traducção das poesias do nosso Camões, vertidas em inglez por lord Strangford.

Lord Byron escreveu a seguinte poesia, na qual lamenta as amarguras do poeta, recommenda a uma dama a leitura de suas obras, e deseja a esta que não passe pelas mesmas desventuras, que tornaram a vida de Camões tão amargurada

STANZAS TO A LADY

WITH THE POEMS OF CAMOENS

This votive pledge of fond esteem,
Perhaps, dear girl! for me thou' lt prize:
It sings of Love's enchanting dream,
A theme we never can despise..

Who blames it but the envious foul,
The old and disappointed maid,
Or pupil of the prudish school,
In single sorrow doom'd to fade?

Then read, dear girl, with feeling read,
For thou will ne'er be one of those;
To thee in vain I shall not plead.
In pity for the poet's woes.

He was in sooth a genuine bard;
His was no faint, fictitious flame:
Like his, may love be thy reward,
But not thy hapless fate the same.

CINTRA

XVIII

Lo! Cintra's glorious Eden intervenes [2]
In variagated maze of mount and glen.
Ah, me! what hand can pencil guide, or pen,

[1] John Galt — *Lord Byron, complete Works and Life.* Paris, 1837.

[2] Para fugir da immundicie de Lisboa, e de seus ainda mais immundos habitantes, a villa de Cintra, a umas quinze milhas da capital, é talvez a todos os respeitos a mais deliciosa da Europa. Contém bellezas de todo o genero, naturaes e artificiaes, palacios e jardins saindo do meio das rochas, cataractas, despenhadeiros conventos sobre alturas es-

Digitized by Google

To follow half in which the eye dilates,
Through views more dazzling unto mortal ken
Than those whereof such things the bard relates,
Who to the awe struk world unlock'd Elysium's gates?

XIX

The horrid crags, by toppling convent crown'd,
The cork-trees hoar that clothe the shaggy steep,
The mountain-moss by schorging skies imbrown'd,
The sunken glen, whose sunless shrubs must weep,
The tender azure of the unruffled deep,
The orange tints that gild the greenest bough,
The torrents that from cliff to valley leap,
The vine on high, the willow branch below,
Mix'd in one mighty scene, with varied beauty glow.

XX

Then slowly climb the many-winding way,
And frequent turn to linger as you go,
From loftier rocks new loveliness survey,
And rest ye at «Our Lady's house of woe;»
Where frugal monks their little relics show,
And sundry legends to the stranger tell:
Here impious men have punish'd been, and lo!
Deep in yon cave Honorius long did dwell,
In hope to merit Heaven by making earth a Hell.

XXI

And here and there, as up the crags you spring,
Mark many rude-carved crosses near the path:
Yet deem not these devotion's offering
These are memorials frail of murderous wrath:
For wheresoe'er the shrieking victim hath
Pour'd forth his blood beneath the assassin's knife,
Some hand erects a cross of mouldering lath;
And grove and glen with thousand such are rife
Throughout this purple land, where law secures not life.

pantosas, uma distante vista do mar e do Tejo e alem d'isto é noiavel (se bem que de consideração secundaria) como scena da convenção de sir Hew Dalrymple. Une em si mesmo toda a rusticidade das serranias com a verdura do sul da França —*Byron's complete Works* pag. 86

No 3.º vol. do *Investigador Portuguez* (pag. 449 e seg.) vem uma traducção em prosa destes versos do Childe Harold e uma censura a Lord Byron.

Digitized by Google

XXII

On sloping mounds, or in the vale beneath,
Are domes where whilome kings did make repair;
But now the wild flowers round them only breathe;
Ict ruin'd splendour still is lingering there
And yonder towers the Prince's palace fair:
There thou too, Vathek! England's wealthiest son,
Once form'd thy Paradise, as not aware,
When wanton Wealth her mightiest deeds hath done,
Meek Peace voluptuous lures was ever wont to shun.

XXIII

Here didst thou dwell, here schemes of pleasure plan,
Beneath yon mountain's ever beauteous brow:
But now, as if a thing unblest by Man,
Thy fairy dwelling is as lone as thou!
Here giant weeds a passage scarce allow
To halls deserted, portals gaping wide;
Fresh lessons to the thinking bosom, how
Vain are the pleasaunces on earth supplied;
Swept into wreks anon by Times's ungentle tide!

XXIV

Behold the hall where chiefs were late convened!
Oh! dome displeasing unto British eye!
With diadem hight foolscap, lo! a fiend,
A little fiend that scoffs incessantly,
There sits in parchment robe array'd, and by
His side is hung a seal and sable scroll,
Where blazon'd glare names known to chivalry,
And sundry signatures adorn the roll,
Whereat the Urchin points and laughs with all his soul.

XXIX

Yet Mafra shall one moment claim delay,
Where dwelt of yore the Lusian's luckless queen;
And church and court did mingle their array,
And mass and revel were alternate seen;
Lordlings and freres-ill-sorted fry I ween!
But here the Babylonian whore hath built
A dome where flaunts she in such glorious sheen,
That men forget the blood which she hath spilt,
And bow the knee to Pomp that loves to varnish guit.

Digitized by Google

XXX

O'er vales that teem with fruits, romantic hills,
(Oh, that such hills upheld a freeborn race!)
Whereon to gaze the eye with joyaunce fills,
Childe Harold wends through many a pleasant place.
Though sluggards deem it but a foolish chase,
And marvel men should quit their easy chair,
The toilsome way, and long league to trace,
Oh! there is sweetness in the mountain air,
And life, that bloated Ease can never hope to share.

XXXI

More bleak to view the hills at length recede,
And, less luxuriant smoother vales extend;
Immense horizon-bounded plains succeed!
Far as the eye discerns, withouten end,
Spain's realms appear, whereon her shepherds tend
Flocks, whose rich fleece right well the trader knows
Now must the pastor's arm his lambs defend:
For Spain is compass'd by unyielding foes,
And all must shield their all, or share Subjection's woes.

XXXII

Where Lusitania and her Sister meet,
Deem ye what bounds the rival realms divide?
Or ere the jealous queens of nations greet,
Doth Tayo interpose his mighty tide?
Or dark sierras rise in craggy pride?
Or fence of art, like China's vasty wall?
Ne barrier wall, ne river deep and ride,
Ne horrid crags, nor mountains dark and tall,
Rise like the rocks that part Hispania's land from Gaul

XXXIII

But these between a silver streamlet glides,
And scarce a name distinguisheth the brook,
Though rival kingdoms press its verdant sides.
Here leans the idle shepherd on his crook,
And vacant on the rippling waves doth look,
That peaceful still 'twixt bitterest foemen flow;
For proud each peasant as the noblest duke:
Well doth the Spanish hind the difference know
Twixt him and Lusian slave, the lowest of the low.

Digitized by Google

C

204) **CABANES (D. FRANCISCO XAVIER DE)** — Brigadero de infanteria de los reales ejercitos.)

E.— *Memoria que tiene por objeto manifestar la posibilidad y facilidad de hacer navegable el rio Tajo desde Aranjuez hasta el Atlantico, las vantajas, de esta Empresa, y las concesiones hechas à la misma para realizar la navegacion. Por* —. Publicase de real Orden. Madrid Imprenta de D. Miguel de Burgos. Año de 1829. fol. 210 pag.

«Durante a guerra de Hespanha contra as tropas de Napoleão meus diversos empregos nos exercitos me subministraram meios de observar em differentes occasiões o curso e propriedades do rio Tejo desde Aranjuez e Toledo até Lisboa. Surprehendia-me que um rio tão caudaloso, que atravessa de levante a poente duas terças partes da Peninsula, e que em seus extremos tem dois mercados tão concorridos, como Madrid e Lisboa, não tivesse fixado a attenção das gerações passadas, nem merecido ao menos um ensaio pratico, se podia, ou não ser navegavel; mas o que mais contribuiu para excitar minha surpreza foi a navegação pelo mesmo rio desde Abrantes até Villa Velha, promovida e executada pelo engenheiro portuguez Anastacio, e que tão util foi ao governo portuguez n'aquella epoca. Dizia então commigo: Porque motivo não se ha pensado em prolongar esta obra do Tejo até Alcantara, Talavera, Toledo e Aranjuez? Quando via em algumas antigas relações, que n'outro tempo se transportavam cereaes, e outras mercadorias desde Cordova a Sevilha, não podia deixar d'exclamar: porque não imitamos este exemplo? Não cessei de pensar nos meios de formar uma planta da navegação do Tejo, que na minha opinião é a obra mais facil de executar de todas d'esta classe, e a mais propria para dar àquelles, que a tentarem, uma lucrativa e proporcionada recompensa de sua decisão, trabalhos e riscos.

«Convencido da exactidão e verdade, com que está escripto o projecto de navegação geral da Peninsula, formado pelos fins do seculo XVI por João Bau-

Digitized by Google

tista Antonelli, e inserto n'um dos tomos dos Elementos de Mathematica (tom. IX) por D. Benito Bails, dei começo á tarefa de colligir apontamentos, e de emprehender diligentes investigações, que me podessem elucidar ácerca de quanto diz respeito ao rio Tejo, do qual sómente se tinham idéas mui confusas. Na continuação do *Almacen de frutos literarios*, publicada no anno de 1818, encontrei algumas noticias relativas ao meu projecto, mas pouco claras, e ainda menos seguras para poder formar juizo ácerca do conjuncto e dos pormenores da operação. Por ultimo as relações, que tive com algumas pessoas curiosas e instruidas, me proporcionaram varios conhecimentos applicaveis ao mesmo designio, de sorte que cheguei a saber que o rio Tejo havia sido objecto de grandes considerações em tempo de Filippe II, e que sua navegação havia sido intentada com tal actividade, e praticada com tão bom exito, que o engenheiro Antonelli, chegou n'um barco desde o Oceano até Aranjuez, e logo por Jarama e Manzanares até mais alem da ponte de Segovia, e sitio, que chamavam *el molino quemado*, coisa que pareceria incrivel, se não convencessem de sua verdade os documentos authenticos, em que o facto está consignado, e que ainda se conservam. Abandonou-se depois por varias causas, sendo uma d'ellas a separação de Portugal, um plano, que havia já feito tantos progressos; mas sempre ficou assegurada a idéa de sua possibilidade.

«Em 1827 tive occasião de observar tanto na França, como na Inglaterra e Paizes Baixos a applicação do vapor por meios mais adequados ao meu projecto do Tejo, do que os, que me haviam suggerido os trabalhos feitos pela companhia do Guadalquibir para as obras d'aquelle rio. Tambem rectifiquei então minhas idéas em geral; porém confirmando-me cada vez mais de que era possivel a navegação do Tejo, mediante o conveniente indireitamento de suas margens, pois d'este modo tornava-se mui facil praticar-se n'ella uma via constante de aguas de tres pés e meio a quatro de profundidade, e de vinte e cinco de largura, que é de quanto se necessita para a navegação a vapor.

«Antes das investigações ultimamente feitas sómente se conheciam alguns pormenores ácerca da navegação do Tejo, contidos nas Memorias de Garibay, bem como n'uma relação do passeio, que pelas aguas dos rios Jarama e Tejo deu embarcado o rei D. Filippe II, e aquelles de que se faz menção n'uma carta do padre Burriel, e no informe de Savedra sobre varios pontos de navegação interior. Parte d'estas noticias estavam ineditas. Por noticias de tal qualidade, tão minuciosas e authenticas fica provado até á evidencia ser mui possivel navegar pelo Tejo.

«João Bautista Antonelli era um engenheiro distincto, e mui acreditado, que havia servido com applauso e bom exito em muitas commissões importantes, auxiliando D. Filippe II e o duque d'Alba na expedição de Portugal no anno 1580. O plano geral de navegação interior, que propoz da Peninsula Hespanica podia reputar-se para aquelles tempos como grandioso, extraordinario, de muita novidade e merito, superior ás producções contemporaneas. Filippe II, que adoptou a proposta de Antonelli, tributou-lhe uma solemne homenagem navegando pessoalmente acompanhado de sua familia pelos rios Jarama e Tejo desde Vaciamadrid até mais abaixo de Aceca.»

Digitized by Google

«Os procuradores do reino reunidos em Madrid em 1583 approvaram o projecto de navegação interior apresentado por Antonelli, e votaram para sua execução cem mil ducados, que se não deviam applicar para outro fim; e o famoso architecto do Escurial, Herrera, era o conselheiro de Filippe II n'esta empreza.

«No tempo de Filippe IV os engenheiros Carduchi e Martelli procederam a um novo reconhecimento no rio.

«Tambem se póde contar em o numero dos monarchas hespanhoes, que hão favorecido esta idéa, D. Fernando VI, que a poz debaixo de sua protecção para que se realisasse! Por isso seu ministro D. Ricardo Wall ouviu os informes, e examinou os planos e propostas, que lhe appresentou o alcaide D. Carlos de Simon Pontero, que abundava nas mesmas idéas de Antonelli e Carduchi, e a cujo dictame se aggregaram varias pessoas illustradas, e com especialidade os engenheiros Briz e Simó Gil.»

Os documentos relativos a esta importante empreza estavam guardados nos archivos de Simancas e de Toledo, e bom serviço prestou o hespanhol Cabanes publicando-os por meio da imprensa, pois d'esta fórma podemos conhecer com a maior minuciosidade quanto se passou relativamente a este assumpto.

Dá-nos, pois, o auctor [1] todas as noticias seguintes:

«Desde Aranjuez até Toledo (dez leguas) é mui regular o curso do Tejo, e em geral tem todas as apparencias d'um canal sem corrente excessiva.

«Nas immediações de Toledo ha muitos obstaculos, mas evitar-se-hiam na maior parte com o canal, que estava projectado.

«Desde Toledo até Puente del Arzobispo (vinte e seis leguas) offerece o Tejo as mais formosas e faceis ribeiras para a navegação, como o declara o engenheiro Antonelli, a ponto de as comparar com as do Pó, e outras da Lombardia.

«Desde Puente del Arzobispo até Herrera (quarenta leguas) ha lanços de mais difficuldade, que os já citados: porém tambem é maior o numero das obras a que se deve proceder, com que ficariam notavelmente acommodados e dispostos para a navegação.

«De Herrera até Abrantes (dezesete leguas) torna o Tejo a ser mais facil para se navegar por elle, de maneira que a maior parte d'este districto, ou pelo menos desde Villa Velha até Abrantes se navegou sem interrupção em 1812 e 1813, e actualmente por elle se navega tambem.

«Desde Abrantes até Santarem (onze leguas) está sempre aberta a navegação, a qual é muito facil de Santarem até Lisboa, por espaço de quatorze leguas.

«Tanto as obras necessarias para passagem das represas e pontes, como as, que exigem as limpezas e encanamentos, longe de serem d'um custo muito grande, podem realisar-se por uma quantia bastantemente modica em compa-

[1] Pag. 13.

Digitized by Google

ração das vantagens, que devem proporcionar. [1] Calcularam-se as despezas superiormente ao que hão de ser effectivamente, e vê-se que a somma total d'ellas não excede a somma de 11.600:000 reales de velon.

«Ha mui exactos dados, que asseguram não estarem errados estes calculos. Em primeiro logar as vinte e quatro leguas, que ha de rio desde Abrantes a Alcantara, custaram, incluindo o caminho de sirga 418:000 reales velon. Ha noticia do importe do encanamento da navegação desde Talavera la Vieja a Toledo, vinte e cinco leguas, que importou em 14.742:995 maravedis, que são 433:617 reales de velon. Comparando o valor do dinheiro da Peninsula do seculo XVI com o que tem actualmente equivaleria ao seguinte calculo:

Obras	Importaram	Corresponde ao dinheiro actual
De Abrantes a Alcantara.....	418:000 r. v.	1.672:000
De Alcantara a Talavera la Vieja...	343:095	1.372:381
De Talavera la Vieja a Toledo.....	433:617	1 734:470
Somma.....	1.194:712	4.778:851

«E como nenhuma d'estas obras exige muitos mezes para sua conclusão, bastará um só verão para tornar navegavel o Tejo.

«É preciso confessar em boa fé, que a respeito d'esta empreza se tem procedido em todos os tempos com bastante injustiça, e mesquinhez implacavel. Em primeiro logar, porque desde o reinado de Filippe II em nenhum tempo quizeram examinar lealmente, nem mesmo ouvir as razões, que a favor d'ella apresentavam pessoas de merecimento, que d'ella trataram; e em segundo, porque sempre foram mesquinhos com fundos para um objecto tão grandioso, e de tão incalculaveis vantagens, quando pelo contrario se teem applicado immensas quantias para obras inteiramente improductivas, e de cuja utilidade, mesmo considerada debaixo do aspecto de ornato, se duvida não poucas vezes.

«Como se responderá á accusação, que a respeito de nossa incuria nos póde fazer a posteridade, sabendo que até ao anno de 1829 nada de positivo se sabia emquanto á navegação do rio Tejo, ao passo que em Simancas, e n'outros archivos existiam os documentos preciosos, que agora pela primeira vez sáem á luz? Como se responderá á accusação, que a mesma posteridade nos poderá fazer de não havermos tirado partido do rio Tejo para exportar nossas amontoadas colheitas, em tempo, que nos sobrava o oiro e a prata, que empregavamos inconvenientemente em objectos contrarios a nossos interesses?

«As causas principaes, porém, que teem obstado á canalisação do rio são as seguintes: 1.ª O serem despovoadas as margens do Tejo, e os terrenos adjacentes a ellas. 2.ª A escacez de conhecimentos relativos ao curso d'este rio, e aos terrenos visinhos. 3.ª A desconfiança dos proprietarios das obras construidas no Tejo, e a falta de direitos para a existencia de algumas d'ellas. 4.ª A necessidade de caminhos de sirga. 5.ª A constante escassez da falta de nume-

[1] Pag. 11

Digitized by Google

rario. 6.ª A separação de Portugal. 7.ª A preferencia, que se dá aos canaes de derivação, por causa da dupla utilidade de navegação e rega, que proporcionam.

É incrivel a falta de povoação, que se nota nas margens d'este rio, pelo menos desde Talavera até Abrantes.

O Tejo partindo de Aranjuez corre na Hespanha as provincias de Toledo e Extremadura, e em Portugal as do Alemtejo e Extremadura portugueza. Na provincia de Toledo está deserto o districto de Aranjuez a Toledo, e regularmente povoado o que corre desde este ponto, até Talavera. Continua logo o Tejo atravessando o districto mais deserto da Extremadura hespanhola, a qual provincia é a mais despovoada de Hespanha. Entra em seguida na do Alemtejo, que das de Portugal é a menos povoada, e só desde Abrantes, onde começa a Extremadura portugueza, entram a encontrar-se povoações importantes, como a mesma villa de Abrantes, Constancia, Tancos, Santarem, Villa Franca e outras. Por isso o viajante, que sem grandes conhecimentos da Peninsula, percorre pela primeira vez as margens do Tejo, não pode deixar de admirar-se como margens de tanta celebridade se encontram em tão incrivel desamparo.

«Garibay nas suas memorias manifesta claramente a opposição dos toledetanos á navegação, e além d'isso sabe-se que os procuradores do reino, reunidos em Madrid no anno de 1583 adoptaram com gosto a proposta d'esta empreza, não estando situadas nas margens do Tejo as cidades ou villas, que representavam: e somente se oppozeram, mas mui fortemente, os procuradores de Toledo, que representavam e pertenciam a uma cidade situada na margem d'aquelle rio. E não é possivel explicar o fundamento d'esta opposição, senão attribuindo-o ao errado conceito, que d'ella formaram, com respeito a seus interesses, os proprietarios das obras praticadas no rio.

«Outra difficuldade eram os caminhos de sirga, pois se tratava nada menos que de praticar uma linha de communicação pelo espaço de cento e vinte seis leguas, com seis palmos de largo, conforme exigia Antonelli, o que não podia deixar de custar sommas immensas.

«Antonelli, o dr. Guillen, e varias outras pessoas [1] empregadas nas obras do Tejo durante o reinado de Filippe II se queixaram constantemente da escassez de numerario para as mesmas. Vê-se pelos documentos, que o dinheiro se desviava d'estes trabalhos para outras obras.

«Nos dois reinados, que se seguiram, a falta de numerario foi cada vez maior, a ponto de acconselhar ao rei o conselho d'estado a que mandasse parar as obras por causa da falta de meios. Na ultima metade do seculo XVII era quasi impossivel pensar em similhante negocio, pois as hostilidades dos dois povos duraram pelo espaço de vinte e oito annos desde 1640. Depois de reconhecida a independencia de Portugal pelo governo hespanhol, D. Pedro, que governava então Portugal, achou-se em circumstancias tão difficeis, que estas o obrigaram a pensar em assumptos bem differentes, ao passo que na Hespanha a complicação dos negocios não era menos lastimosa.

[1] Pag. 20.

Digitized by Google

«Um canal de derivação, que se praticasse desde Aranjuez até ao Atlantico n'um calculo moderado importaria em quinhentos milhões de reales: mas não daria resultados, que compensassem tão enorme despeza. Porém a navegação do Tejo é de tal importancia, que não é possivel prescindir de indicar suas vantagens, e para isso se partirá sempre da hypothese, que verificando-se a passagem de barcos de Lisboa até Toledo e Aranjuez, se continuem os trabalhos em termos, que depois não haja difficuldades, em que prosigam até Madrid.

«Pelo espaço d'umas quarenta leguas desde a fronteira de Portugal [1] até ao Atlantico apresenta o curso e estado do rio differenças notaveis, que dão margem a varias reflexões não faltas de importancia. Para examinar este districto convenientemente considerar-se-ha dividido em tres partes, a saber: desde Villa Velha, ou portas de Rodas até Abrantes: desde Abrantes até Santarem, e desde Santarem até Lisboa.

«Pelo primeiro lanço, perto de quinze leguas de comprimento, se navegou pelos annos de 1811, 1812 e 1813 pelo systema do engenheiro portuguez Anastacio, em barcos chatos de capacidade de cento até cento e cincoenta quintaes os quaes barcos tripulados por tres ou quatro homens faziam sua viajem de subida por meio de remos e sirga, e raras vezes á vela, n'uns oito dias só. Com estes barcos se levavam a Villa Velha os viveres, de que necessitava o exercito anglo-luso.

«Pelo segundo lanço, desde Abrantes até Santarem, doze leguas, navega-se actualmente sem interrupção em barcos chatos da capacidade de duzentos quintaes.

«Pelo terceiro lanço até Villa Franca navegam barcos de seiscentos até sete centos quintaes.

«Por agora só diremos que o rio Jarama offerece meios seguros de estabelecer uma navegação activa entre Aranjuez e Vaciamadrid durante oito mezes do anno, e que as combinações, de que é susceptivel o real encanamento de Jarama com os recursos, que hão-de augmentar as aguas de Madrid e do Manzanares, estabelecerão uma commoda e rapida communicação por agua entre as respectivas capitaes dos dois reinos, que formam a Peninsula Iberica.

«Em nosso modo de intender a navegação do Tejo deve assegurar aos que a verificarem meios de transportar annualmente acima de dois milhões e seis centos mil quintaes, a saber: milhão e meio em direcção desde o Atlantico até Aranjuez, e acima de milhão e cem mil quintaes em direcção desde Aranjuez até ao Atlantico. Para chegar a este fim parece-nos que serão sufficientes quarenta barcos a vapor, e outros quarenta de transporte sem machina, trinta e seis dos quaes estarão em continuo serviço, e os quatro restantes em reserva, tendo cada um setenta pés de largo, e dezeseis de comprimento, de quinze toneladas, e da força de vinte cavallos, e calculando-se cada viagem entre ida e volta desde Aranjuez até Lisboa em doze dias.

«Depois de concedido pelo governo hespanhol o privilegio da navegação no Tejo ao auctor d'estas memorias, era necessario, além do privilegio, que o go-

[1] Pag. 29.

Digitized by Google

verno de Portugal permittisse a passagem dos barcos até ao Atlantico; dirigiu-se por isso ao governo portuguez, que despachou, depois d'um detido exame, d'um modo favoravel ao interesse dos dois paizes. [1] As pessoas, que mais contribuiram para esta concessão, além dos ministros, foram o duque de Cadaval, visconde de Santarem, o conde da Figueira, Joaquim Severino Gomes e D. Joaquim Acosta y Montealegre, ministro plenipotenciario de Hespanha.

«O calculo dos gastos do estabelecimento da empreza chegará tão sómente á importancia de vinte milhões de reales. Constam estes gastos de tres partes: 1.ª Obras avaliadas em 11:600:000 reales: 2.ª barcos 8:000:000 reales: 3.ª gastos imprevistos 400:000 reales.

Os rendimentos annuaes devem orçar por.....	17:620:000 reales
Despezas annuaes.....	10:500:000
Differença a favor da empreza	7:120:000

«Regosijemo-nos, pois, hespanhoes e portuguezes, com a celebração d'este tratado, e consideremol-o, como o pacto de familia peninsular, que unirá as duas nações com um vinculo tão intimo, como é evidente signal da concordia e harmonia, que reina entre as esclarecidas e augustas dynastias de Borbon de Hespanha e de Bragança de Portugal. [2]

«Sendo necessario examinar a fundo a corrente do rio, a 8 de abril de 1829 embarcou em Aranjuez n'um barco, a que se poz o nome de Antonelli, o ingenheiro Marco Artu, e com uma viagem de quarenta dias chegou a Lisboa, durante os quaes só navegou vinte e seis, sendo os outros destinados para observar todos os pormenores e incidentes dignos de se notarem. A admiração, que isto causou aos habitantes das margens do Tejo, foi extraordinaria, e inexprimivel, pois por nenhum modo julgavam que um barco procedente de Aranjuez podesse descer pelo rio, sem ser arrebatado pelas correntes, ou sem se despedaçar contra os penedos. Porém, onde a admiração chegou ao cumulo, foi em Lisboa, em cujas aguas, ainda que frequentadas por navios de todo o universo, não se tinha visto nenhum, que procedesse do centro da Peninsula desde o seculo XVI, em que o immortal Antonelli levou ao cabo egual operação debaixo dos auspicios de Filippe II. A viagem de regresso durou 138 dias, dos quaes sómente se navegou por 112, sendo os restantes empregados em estudos e reconhecimentos.»

205) **CABINET (THE)** *Cyclopedia*. London, 1832.

Apparece n'esta collecção uma *Historia de Portugal e de Hespanha* em 1 vol., obra de que vi um exemplar em poder do sr. Francisco Arthur da Silva.

[1] Pag. 43.

[2] Pag. 51. Se bem que toda esta *Memoria* é mui interessante não se fazem mais extractos, porque a via ferrea fez dispensavel a navegação pelo Tejo, como a propunha Cabanes. Diz o sr. Ribeiro de Saraiva em o n.º 4:749 do *Jornal do Commercio* de Lisboa que as diligencias para a navegação do Tejo foram suspendidas e frustradas pela revolução franceza de 1830, e pela invasão de Hespanha por Mina, sob auspicios francezes.

Digitized by Google

206) **CABRERA (LUIS DE CORDOBA)** — Chronista hespanhol. Falleceu em 1655. [1]

E. — *Cronica de Felippe II re d'España.* Madrid, 1619.

A historia de Hespanha está tão intimamente entrelaçada com a de Portugal, que difficilmente se encontrará livro historico hespanhol, no qual se não tope com passagens, que nos digam respeito. No entanto (por causa da brevidade) só mencionarei um ou outro.

207) **CACELADA (JUAN LOPES).**

E. — *Profecia politica verificada en lo que está succidiendo a los portugueses por su ciega aficion a los inglezes, hecha luego despues del terremoto de* 1755. Mexico, 1808.—(V. Profecia politica.)

208) **CAILLEMER (E.)**

E. — I. *Ant. Goveani ad DD. titulum ad senatusconsultum Trebellianum commentariolum quae supersunt juxta fidem Gratianopolitani Codicis edidit.* — Paris, 1865, 8.°

É uma nova edição da obra aqui citada do nosso tão famigerado jurisconsulto Antonio de Gouvea, que, apesar de ser um dos maiores vultos litterarios, que mais honra dão ao nosso paiz, ainda não teve um portuguez que condignamente lhe escrevesse a biographia.

II. *Antoine de Govea fut il conseiller au parlement de Grenoble?* Paris, 1865.

III. *Etude sur Antoine de Govea* (1505-1566), Paris, 1864, 8.° 46 pag.

209) **CALANDRELLI (JOSEPH)** — Socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a qual lhe publicou no 2.° volume das *Memorias* [2] o seguinte artigo:

Observatio Eclipsis Lunaris habita die 3 *januarii anno* 1787, *in Collegio Romano.*—(Observação do eclypse lunar no Collegio Romano).

210) **CALDERON.**

E. — *Memoria sobre el estado de la industria minera de Partugal.* Vem no *Bulletin de la societé geologique de France,* 2.ª serie, tom. 7.°

211) **CAMMARANO.**

E. — *Ines de Castro. A Lyric Tragedy, in three acts. Poetry by Signor Salvador Cammarano. The Music by Signor Persiani. As represented at her Majesty's theatre. Haymarket,* 1840. London, 1840, 8.° 81 pag. Em inglez e italiano.

Os cantores, que desempenharam esta opera, foram os seguintes:

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 8.°, pag. 13.

[2] Pag. 39 do mencionado volume.

Digitized by Google

HOMENS

D. Affonso, rei de Portugal, *Lablache.*— D. Pedro, *Rubini.*— Gonçalves, fidalgo hespanhol, *Morelli.*— Rodrigo, capitão de archeiros, *Gulli.*

DAMAS

D. Branca, *Mademoiselle E. Grisi.*— Ignez de Castro, *Madame Persiani.*— Elvira, *Madame Bellini.*

Ha mais duas edições d'esta opera publicadas ambas no anno de 1839, uma em Londres, e outra em Firenze.

212) **CAMPADELLI (F.)**

Publicou no tomo 13 do *Panorama* uma ode em louvor do grande florista portuguez Constantino, então residente em Paris.

ODE Á MONSIEUR CONSTANTIN

L'art sous ses mille aspects est d'essence divine;
Son horizon sans borne est l'espace vermeil;
En tous lieux il rayonne, il brille, il illumine:
C'est le disque d'or du soleil.
Il revêt à l'envi cent formes saisissantes.
Ici, sous les couleurs qu'animent les pinceaux,
Il étale à nos yeux des toiles ravissantes
Et de magnifiques tableaux.
Là, d'instruments sans nombre aux gammes infinies,
Et de la voix humaine aux magiques ressorts,
L'art créateur enfante un monde d'harmonies
Dans les plus merveilleux accords.
En mille objets divers il s'étale et s'exprime
A l'ouie, à la vue, à tous les sens humains;
Sous sa main qui le guide et l'esprit qui l'anime.
Il a des charmes souverains.
Constantin, vous, artiste, aux rives embaumées,
Au ciel des doux parfums, aux régions des fleurs,
Vous avez apporté d'autres fleurs animées,
D'autres parfums, d'autres senteurs.
Dans ce mond attrayant de graces merveilleuses,
De multiples couleurs, de beautés, de rayons,
Vous semez à l'envi sous nos mains curieuses
Vos charmantes créations.
Sur vos habiles doigts, dans vos ardentes veilles,
La nature à vous seul explique ses secrets;
Elle ouvre à votre esprit ses plus riches merveilles,
Qu'elle cache aux yeux indiscrets.

Digitized by Google

Votre art, c'est la nature, et les fleurs sont vos œuvres;
Fleurs des champs ou des monts, des jardins ou des bois,
Qu'on le doive au soleil comme aux soins des manœuvres,
Se multiplient sous vos doigts.
A ces créations, fruits de votre génie,
Rien ne manque, l'éclat, la fraicheur, la bonté;
Tout fait brillant cortège à la grace infinie.
C'est la nature en vérité!
Oui, vous êtes artiste, et le premier sans doute
Qui jamais ait traduit, à notre étonnement,
Les ouvrages de Dieu semés sur votre route
Avec autant de sentiment.
Car vous trompez nos sens, l'âme, l'intelligence,
Hesitent à marquer, dans mille fleurs au choix,
Celles que nous devons à la Toute-Puissance
Ou qui sont l'œuvre de vos doigts.

213) CAMPAGNE DE SIX MOIS *dans le Royaume des Algarves en Portugal.* Bruxelles, J. de Mat, imprimeur libraire, 1834, 4.° 54 pag. com um mappa do Algarve.

Esta obra é o diario do corpo de atiradores belgas commandado pelo tenente coronel Lecharlier no serviço de Portugal.

Em 23 de janeiro de 1834 o corpo belga, contractado por Mendizabal, achava-se reunido em Falmouth, donde saiu com destino a Portugal em dois vapores *Royal William* e *City of Edimburg.* Foi este corpo enviado para o Algarve com o fim de combater as guerrilhas, principalmente a de Remechido, tanto n'esta provincia, como na do Alemtejo. Celebrada a convenção de Evora Monte regressaram os belgas immediatamente ao seu paiz.

214) CAMPAGNE (LA) DE PORTUGAL, *en* 1810 *et* 1811. *Ouvrage imprimé á Londres, qu'il était defendu de laisser penetrer en France sous peine de mort; dans lequel les jactances de Buonaparte sont apréciées, ses mensonges dévoilés, son caractère peint au naturel, et sa chute prophetisée. Seconde édition.* Paris, 1814, 8.°, 67 pag.—(Campanha de Portugal.—Obra impressa em Londres, e prohibida de entrar na França debaixo de penna de morte, etc. etc.)

215) CAMPAIGNS OF THE BRITISH ARMY IN PORTUGAL, *under the command of general the earl of Wellington H. B. commander in chief, etc. etc. Dedicated by permission to his Lordship.* London, Printed by W. Bulmer and Co. 1812.—(Campanhas do exercito inglez em Portugal *etc.*)

Folio maximo (e a ponto de ser incommodo,) com treze magnificas estampas, e quatorze paginas de texto.

As estampas tractam dos seguintes assumptos:

1.° Desembarque do exercito inglez na Bahia do Mondego.— 2.° Ataque

Digitized by Google

dos corpos francezes commandados pelo general Laborde, a 17 de agosto de 1808.— 3.ª Batalha do Vimeiro.— 4.ª Embarque do general Junot no caes de Sodré, depois da convenção de Cintra.— 5.ª Ataque da forte posição de Grijó, a 11 de maio de 1809.— 6.ª Passagem do Douro pela divisão do commando do tenente general Edward Paget.— 7.ª Passagem do Douro pela divisão do tenente general Sir John Murray.— 8.º Ponte de Nodin, em que se representa os francezes a deitarem ao rio Ave a ultima de suas peças de artilheria.— 9.ª Ataque de retaguarda dos francezes em Salamonde.— 10.ª Ponte de Saltador, onde terminou a perseguição depois do successo de Salamonde.— 11.ª Vista da Ponte de Miserere, a umas tres leguas de Salamonde, onde os francezes fatigados estão em preparativos de se retirarem para a fronteira de Hespanha.— 12.ª Batalha de Talavera.— 13.ª Batalha do Bussaco.

216) **CAMPOMANES (D. PEDRO RODRIGUES).**

E.— *Noticia geografica del reyno y caminos de Portugal.* Madrid, 1762.

217) **CANDAU (M. L.)** — Ancien chef d'institution.

E.— I. *Expéditions portugaises aux Indes Orientales par—*.Tours, 1857, 8.º, 140 pag. com uma estampa, que diz representar Mendes Pinto visitando o rei d'um paiz da India. Esta obra faz parte da *Bibliotheque des Ecoles Chretiennes approuveé par l'Evêque de Nevers.* Ha outra edição de 1858, e ainda outra de 1860.

Este pequeno trabalho não é mais do que um resumo das viagens de Fernão Mendes Pinto.

II. *Mendes Pinto par* —. Tours, 1847, Idem, 1851.

218) **CAÑETE (D. MANUEL).**

Escreveu um artigo em o numero 15 da *Revista Litteraria Hespanhola,* em elogio da *Harpa do Crente* do sr. Alexandre Herculano. [1]

219) **CANNECATIM (FR. BERNARDO MARIA DE)** — Capuchinho italiano da provincia de Palermo, missionario apostolico, ex-prefeito das missões de Angola e Congo, e superior actual do hospicio dos missionarios capuchinhos italianos de Lisboa.

E. *Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense, compostas por* —. Lisboa, na impressão régia. Anno MDCCCV, por ordem superior, 4.º, 218 pag. É dedicada a João VI.

Esta obra é precedida d'um interessante prefacio, no qual apresenta a historia da lingua bunda, e a utilidade do conhecimento d'este idioma.

Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza e latina. Lisboa, impressão régia, 1804, 4.º, 720 pag.

220) **CARAYON (PÈRE AUGUSTE)** — Jesuita e historiador francez.

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol 3.º, pag. 156.

Digitized by Google

Nasceu no anno de 1813.

E. — I. *Prisons du marquis de Pombal, ministre du Portugal — Journal de 1759 à 1777.* Paris, 1865, 8.° — (Prisões do marquez de Pombal.)

II. *Lettres inédites sur le rétablissement des jésuites en Portugal, du pere Joseph Delvaux.* Paris, 1866, 8.° — (Cartas ineditas ácerca do restabelecimento dos jesuitas em Portugal.)

221) CARDON (EMILE).

E. — *Études sur l'Espagne, le Portugal, et leurs colonies, Lettres sur l'Exposition Universelle de 1862 par —.* Paris. *Revue du Monde Colonial,* 1865, 8.°, 75 pag. — (Estudos sobre a — e suas colonias.)

Faz uma pequena descripção de Portugal e suas colonias, apresenta um pequeno catalogo dos productos portuguezes, e prova que o paiz havia prosperado ultimamente, apezar das calamidades, que o teem ferido.

222) CAREL (AUGUSTE).

E. — *Precis historique de la guerre d'Espagne et de Portugal depuis 1808 jusqu'à 1814.* Paris, 1815. — (Resumo historico da guerra —.)

223) CARLISLE (Sir ANTHONY)—Presidente do Collegio dos Cirurgiões da Cidade de Londres.

Em 1835 presenteou a Escóla Medico-Cirurgica de Lisboa com uma bella collecção de livros escolhidos.

Vide *Diario do Governo* de 1835, n.° 297.

224) CARLOS (D.) E D. MIGUEL, *Oüi et non, est-il de l'intérêt des puissances légitimes et monarchiques de laisser périr dans la Péninsule la monarchie et la légitimité?* Paris, 1823, 4.°, Idem 1838. — (Sobre a guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel.

225) CARNARVON (Conde de).

V. *Portugal and Gallicia.*

226) CARNÉ.

E. — *Le Portugal au XIXeme siècle.* (Na *Revue des deux Mondes.)*

227) CARNOTA (Conde de).

V. *Smith (John).*

228) CARRERE (PEDRO).

V. *Voyage en Portugal, particuliérement à Lisbonne.*

229) CARRILLO (Fr. JUAN).

E. — *Historia de Santa Isabel, infanta de Aragon y reina de Portugal.* Zaragoça, 1615.

Digitized by Google

230) **CARRILHO** (Fr. **JUAN**).

E. — *Relacion historica de la real fundacion del Monasterio de las Descalzas de S. Clara de la villa de Madrid. En las vidas de la princeza de Portugal D. Juana y de la Emperat. Maria su hermana.* Madrid, 1616, 4.°

O unico exemplar, que tenho visto d'esta obra, foi em outubro de 1873 em um leilão de livros.

231) **CARTA D'UM INGLEZ** *a respeito do mathematico José Anastacio.*

Appareceu a traducção no 4.° vol. do *Investigador Portuguez*, pag. 31.

232) **CASAUS** (**D. PEDRO FERRER Y**).

E. — *Descripcion estadistica y geografica de España y Portugal. Escrita en inglez, traducida y aumentada com notas por* —. Madrid, 1817.

233) **CASIOVAI** (**STANISLAS**).

E. I. — *Monumenti relativi al giodizio pronunciato dell' Academia Etrusca di Cortona di un elogio d'Amerigo Vespucci.* Florença, 1780.

II. *Elogio d'Amerigo Vespucci, che ha riportato il premio dalla nobile Academia Etrusca di Cortona.* Florença, 1788.

III. *Dissertazione sopra il primo viaggio d'Amerigo Vespucci alle Indie Occidentali.* Florença, 1809.

IV. *Exame critico del primo viaggio d'Amerigo Vespucci.* Florença, 1811.

Americo Vespucci, como todos sabem, andou servindo na marinha portugueza, e tudo, quanto se escrever ácerca d'este celebre navegador, interessa áquelle, que estudar nossas antigas descobertas.

234) **CASTRO** (**FRANCISCO DE**).

E. — *Miraculosa vida y santas obras del beato Juan de Dios.* Granada, 1588. Ib. 1613, Burgos, 1621.

Como todos sabem este sancto é portuguez, natural de Extremoz.

235) **CASTRO** (**NICOLAU FERNANDES**).

E. — *Portugal convencido con la razon para ser vencido con las Catolicas potentissimas armas de D. Philippe IV.* Milan, 1648.

236) **CATALANO** (**JOSEPHO**).

E. — *De vita venerabilis servi Dei Bartholomœi de Quental.* Romae, 1734.

237) **CATALDO** (**AQUILA SICULO**). — Natural da Sicilia, estudou em Bolonha.

Desejando el-rei D. João II, escolher um mestre habil para seu filho natural D. George, havido de D. Anna de Mendonça, escreveu a João de Azevedo, então residente n'aquella cidade pedindo-lhe inculcasse pessoa idonea para o fim desejado.

Digitized by Google

Foi Cataldo o indigitado, veiu para Portugal. [1] Dirigiu-se para Aveiro, onde então se achava o discipulo entregue aos cuidados da princeza Santa Joanna. [2]

D'ahi a dez annos passou este principe para casa do Conde de Abrantes, para onde tambem Cataldo foi viver. Pela morte de D. João II, ficou o nosso escriptor ao serviço d'el-rei D. Manuel, com o fim de lhe escrever cartas em latim, e ao mesmo tempo occupava-se na educação litteraria dos filhos das pessoas mais distinctas da corte. Morreu em Lisboa com 52 annos de edade.

Em relação á sua epoca possuia Cataldo bastante instrucção, e vê-se pelas suas obras ter sido eminente no conhecimento da lingua latina, na qual todas são escriptas. O unico exemplar d'estas, que actualmente me consta existir em Portugal, acha-se na Bibliotheca Publica do Porto, havendo tambem na da Academia Real das Sciencias algumas folhas d'um outro exemplar. Um outro ainda se sabe existir em Paris em poder do sr. Ferdinand Denis. O exemplar da Bibliotheca do Porto está falto de rosto, e de algumas folhas no fim.

Na primeira folha lê-se o seguinte titulo: *Cataldi aquile primus ad Emanuelem philosophantissimum portugaliae regem ethiopie maritime et indie.*

Esta obra (da qual já o sr. Alexandre Herculano fez menção no primeiro volume do *Panorama*) é em folio: os caracteres são gothicos, os proprios da época.

Diz-se na primeira folha, em letra de mão, que este livro pertencera á livraria do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e no fim da obra tão bem se acha escripto na mesma fórma de letra—Impressum Ullissipone anno a partu Virginis MD mensis Februarii die XXI.

Além de se tornar este livro muito apreciavel pela sua extrema raridade, [3] faz-se tambem muito digno de estimação como documento do progresso da arte typographica em Portugal. Segundo nos diz o *Panorama*, foi seu impressor Valentim de Moravia.

E' muito interessante uma carta de Cataldo ao rabi de Napoles procurando tanto a conversão d'este como de seus correligionarios. Porém para melhor intelligencia d'ella é mister saber que tendo os reis catholicos expulsado de seus estados os judeus n'elles residentes, e querendo D. Manuel rei de Portugal casar com D. Isabel, filha dos referidos reis, viu-se por isso obrigado a annuir ás exigencias fanaticas d'aquelles de expulsar tambem d'este reino os ju-

[1] N'este resumo biographico, extrahido do que precede a collecção das obras de Cataldo publicadas no vol. 6.° das *Provas da Historia Genealogica*, composto em latim por Antonio de Castro, nada se vê que nos possa levar a crer que Cataldo, por se ver desprezado na sua patria, viesse estabelecer-se em Portugal, como se diz no 1.° vol. do *Panorama*, a pag. 165.

[2] Devia ser antes de maio de 1490, epocha da morte da Princeza Santa Joanna. — V. Fr. Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, liv. 5.°, cap. 10.

[3] Antonio Ribeiro dos Santos teve conhecimento de tres exemplares, ainda existentes em seu tempo. *Memorias de Litteratura da Academia*, vol. 8.°, pag. 97.

Digitized by Google

deus aqui residentes. Foi um passo bem impolitico e funestissimo para este paiz, mas o caso é que de poucas perseguições tão crueis nos faz menção a historia, como da, que se fez aos judeus d'este paiz em 1496. Entre outras cruezas praticadas contra este infeliz povo mandou D. Manoel tirar-lhes todos os filhos e filhas de quatorze annos para baixo, e distribuil-os pelas villas e logares do reino, onde á sua propria custa mandava que os creassem e doutrinassem na Fé de Christo. Esta crueldade encheu os judeus d'um tal furor que muitos d'elles mataram os filhos, afogando-os e lançando-os em poços e rios, atirando até mesmo com elles á parede, e querendo antes vel-os acabar d'esta maneira, que apartal-os de si, sem esperança de os tornarem a ver' chegando muitos no auge de seu furor até a matarém-se a si mesmos. [1]

Não só em Portugal e Castella eram os judeus opprimidos e detestados, eram'no egualmente em outros paizes, e daqui infere Cataldo que deveriam deixar sua religião, e seguir a de Christo, sendo tambem argumentos condescentes para o mesmo fim o cheirarem mal, e alguns outros de egual valor. Eis a traducção da carta curiosa, como lhe chama o sr. A. Herculano. [2]

CARTA DE CATALDO

Cataldo ao venturoso rabi de Napoles, afim de o converter á verdade.

«Accorda, accorda depressa: ergue finalmente a cabeça: até agora bastante, e de mais tens dormido.

«E' chegado o tempo de despertares. Porque hesitas ainda, e não vais lavar todo esse corpo com agua sacratissima, verdadeiramente salutifera?

«Obriga-me a escrever-te o amor da patria. E' mais perdoavel o crime saindo-se cedo do erro, que permanecendo n'elle. Se me fôra possivel da melhor vontade fallaria pessoalmente comtigo.

«Não vês claramente todo o mundo n'uma inundação contra os judeus? Arder em fogo todo o mundo contra elles ? Vós estaes já reduzidos a nada;

[1] Damião de Goes — *Chronica d'el-rei D. Manuel*, parte 1.ª, cap. 20.

[2] Quando Antonio de Castro publicou as obras de Cataldo estava persuadido de que ainda se achavam ineditas. «Venerant forte in manus nostras, Serenissima Princeps, Cataldi quæcumque extabant opera, quæ, cum studio quam maximo potuimus, illustrata, a tenebris in lucem edere, victus amicorum precibus statuissem : te potissimum eligi, cui Siculum ipsum una cum lucubratiunculis nostris, licet non fallaci ingenio, nostra tamen mediocritate appositis: nunc primum editum consecrarem.

N'outra parte. «Scio ego, fore quamplures, humanissime Lector, qui cum primum hæc. Cataldi opera in lucem venerint (ut sunt hominum ingenia) nostram quantumlacumque in his fuit, operam si non palam, saltem clanculum remordeant; et genio indulgentes libere insectentur.... Forte in bibliotheca quadam inter quædam nondum excussa cum plura evolvo volumina, librum capite censum lacerum semissum conspicio: et qui (ut ita dicam) jam pene cum blattis, et tineis rixabat, quem cum lego, cœpi continuo heroici carminis majestate moveri.» *Provas da Historia Genealogica da Real Casa Portugueza*, vol. 6.º, pag. 391 e 393.

É porem esta edição muito menos digna de apreço que a de 1500, até mesmo por não trazer os escriptos em prosa.

Digitized by Google

tendes sido expulsos da Allemanha, Inglaterra, Hespanha, França e Sicilia: n'uma palavra de toda a Europa para a casa da perdição. Não tendes onde reclinar a cabeça, ou para fallar com mais precisão, onde ponhais um unico pé!

«Como é grande vossa cegueira! Não reconheeeis vir tudo isto de Deus! Não queiras pois ser, rogo-te, tão intrepido soldado para perdição de teu corpo e de tua alma. Deus clementissimo pelo espaço de mil e quinhentos annos suavissimamente vos chamou, e vos nutrio: e agora mesmo, apezar de toda vossa dureza, não cessa de vos chamar: actualmente porem insta muito mais, e esta será a ultima admoestação.

«Com effeito, Manoel ministro de Deus Santissimo, vos acconselha, como a filhos carissimos, e dirige para o caminho da verdade. Não me admira que jovens e ignorantes se conservem pertinazes; porém admiro-me que velhos e peritos versados em tantos e tão excellentes livros permaneçam emperrados.

«Se recusas crer em tantos milagres não so manifestados, mas até evidentissimos depois do nascimento de nosso Redemptor dá credito a teus numerosos e grandes prophetas cantando por diversas maneiras, como musicos em côro, a concepção de nosso Salvador, seu nascimento, humanidade immaculatissima, vida, paixão e resurreição.

«Todas essas bellas prophecias, todas tendentes ao mesmo fim, foram já plenamente cumpridas. E senão fôras instruido n'ellas, de bom grado t'as repetiria uma por uma; N'essas prophecias muitas vezes os prophetas fallando dos tempos passados referiam-se comtudo ao futuro. — *Como filhos os creei e exaltei, porém elles me despresaram.—Conheceu o boi seu dono, e o jumento a estrebaria, que lhe dava seu dono; porém Israel me não conheceu.—E elle foi levado como um cordeiro á morte.—Sublevaram-se os reis da terra, e os principes se congregaram contra o Senhor e contra seu Christo:* e outras muitas, que tu bem sabes, e cujo sentido tu embaraçado invertes e depravas com rodeios e subterfugios.

«Mas dizes, (como tambem os outros teem por costume), se Deus estava possuido de tão ardente desejo de reparar o genero humano, não o poderia fazer com o minimo aceno, conforme aquellas palavras—*O mesmo fallou, e tudo se fez; o mesmo mandou, e tudo foi creado?*

«Ó miserrimo entre os miseraveis! Sequioso no meio de crystallinas e abundantes fontes, não vês a agua, e esfomeado no meio das mais delicadas iguarias recusas a comida? Visto estares a ponto de perecer uma só te offerecerei, mas delicadissima, a qual se bem comeres e digerires, nunca morrerás: *Deus é a summa bondade, e pertence á summa bondade o repartir de si alguma coisa com todos. Para nos fazer participantes de seus dons foi mister encarnar o Verbo de Deus, e viver entre nós para nos ensinar. Finalmente para exemplo da humanidade não recusou padecer uma morte, pela qual se havia de viver eternamente.*» Ora pois, amigo, dissipa de tua alma as trevas; arreda a escuridão dos olhos da intelligencia, e dirige sem constrangimento teus passos para a direita, que é estrada real, pois o caminho da esquerda nunca é bom.

«Chamei-te amigo na qualidade de homem; mas na de judeu tenho-te por

Digitized by Google

inimicissimo. Permittisse Deus, que como tal nem te conhecesse, nem te experimentasse. Muito melhor é começar mal, e acabar bem, que fazer o contrario.

«Põe diante dos teus olhos a Paulo e a Judas: Judas começando bem, acabou mal: com Paulo deu-se o contrario. Faze por ser antes Paulo, que Judas. Este, desesperando, inforcou-se, e matando-se deu cabo d'um homem scelerado. Aquelle, emendando seu erro, veiu a ser o mestre das nações. O primeiro está vivendo com o Diabo, o segundo com Deus. Está na tua mão seguires a um, ou a outro.

«Se por acaso cem famosos medicos, entre os quaes Hippocrates, Chiron e Esculapio, ou Apollo em pessoa, viessem juntos para curar um doente, se o doente não quizesse tratar-se, debalde empregariam seus artificiosos poderes contra vontade do enfermo.

«Deixa, deixa por algum tempo examinar tuas feridas: não vae n'isso nem perigo de vida, nem terás alguma dôr ou incommodo. Responde-me: d'onde procede que nem um só judeu, posto que perfumado com bons aromas, e vestido com preciosas roupas, deixa de cheirar mal; fede, e causa nausea aos circumstantes: e apenas recebe o sagrado e santo baptismo, já não exhala, como anteriormente, fetido, parecendo ter vindo das immundicies; mas pelo contrario, como se tivesse saido d'um rosal, ou d'um logar cheio de deliciosos aromas, não sei a que suave e odorifero cheiro rescende, por um repentino milagre de Deus.

«Mas asseveras que n'esta tão grande assolação, destruição e carnificina os judeus são martyres á maneira dos discipulos de Jesus Christo, que com grande promptidão soffreram variadissimos tormentos em diversos logares pelo seu predilectissimo mestre!

«Em tudo devemos oppôr exemplo a exemplo. Teriam esses ladrões soffrido tantos trabalhos e afflicções, tão crudelissimas mortes corporeas com o mesmo espirito com que aquelles ditosissimos varões as padeceram? O martyrio convertia-se para os christãos, quando estavam no meio das torturas, em delicias, alegria e admiravel jubilo: as brazas convertiam-se em rosas, que facilmente os reanimavam quasi moribundos. Quem os invocava, e cria n'elles promptamente, era livre de doenças e padecimentos. Peço-te ainda que me digas: qual é a lei, que ordena que aquelle que se inforca, se apunhala, ou se deita ao mar, seja havido por martyr? Será martyr, mas de Satanaz.

«Oh! Quantos vimos nós n'este mesmo anno coroados com um tal martyrio? Muitos valentes e magnanimos circumcidados com o fim de não possuirem a gloria eterna, para cuja posse deveriam praticar isso mesmo, primeiramente degollavam sua mulher e filhos, e em seguida á degollação, para que elles não fossem sem companhia, apertado o pescoço com uma corda, ficavam dependurados como lindissimo espectaculo! Ó cavalleiros dignos de eterna memoria!

«Tu, porém, manhoso, no meio de miserias taes, como da seita de Platão, e tambem para pareceres outro Platão, ris, e finges-te contente, emquanto os outros pelos seus merecimentos vão caminhando para o inferno.

Digitized by Google

«Andas bem: exhorta-os nas synagogas com tuas arengas a que se mostrem fortes alliados de Satanaz.

«Dizei-me, ó filhos e perfeitissimos imitadores de Judas: porque julgaes vós que o ser christãos é ser uma coisa vil, abominavel e horrenda: vós que, apesar de não serdes christãos, ousaes commetter acções tão infames? Quando o piedosissimo Manuel, depois de muitas supplicas, exhortações e carinhos, á maneira d'um optimo pae, vos chamava (não se passou ainda muito tempo) para a fé catholica, fé propria de homens de intelligencia, obriga-vos por acaso a vos transformardes em serpentes, sapos, morcegos, e percevejos? [1]

«Ó geração não de homens, mas de malvados brutos! O benignissimo rei acolheu-vos, e não se despresou de tornar-se vosso pae junto da fonte sagrada, e tambem de dar seu nome áquelles, que não o mereciam.

«Vós, os mais perdidos de todos os animaes, obraes como mulas. Tratadas bem por seus donos, que em signal de amisade e carinho as affagavam, passando-lhes levemente a mão por cima do espinhaço, recalcitram, e ou lhes ferram os dentes, ou lhes atiram um couce ao peito, ou ao estomago, d'onde lhes provém muitas vezes uma horribilissima morte.

«Ó viboras, ó basiliscos mais perniciosos, que as proprias viboras, e os proprios basiliscos! O justissimo rei não poderia, em minha opinião, offerecer um mais agradavel presente ao rei celeste, que esfollar a todos os principes da synagoga, e, depois de esfollados, arrojal-os a um rio, onde houvesse bastantes penedos: rio, que, ha tanto tempo, desejam ir vêr, e onde, (conforme elles proprios dizem) ha abundancia de judeus reinando e triumphando; e as pelles d'elles cheias de palha, collocal-as nas summidades das torres. Ignoras porventura, que n'este mesmo anno, em que nos achamos, os Davids, teus parentes (cujo numero era infinito) foram todos mortos na Panonia, e piissimamente estrangulados pelo povo? Ó habitantes da Panonia, vossos excellentes manjares constam de optimas carnes! *Julgando ter um lirio, senti um espinho.*

«Mas voltemos ao motivo, pelo qual se escreveu esta carta.

«Se eu visse, que tão excellentes pessoas (toma bem sentido no, que vou dizer-te), quaes são os pontifices, imperadores, reis, duques e condes eram judeus, e não christãos: ou que os vilissimos judeus faziam ao menos um pequenino milagre d'aquelles prodigalisados pelos apostolos, tão pobres, eu renegaria a crença, que hoje tenho por inabalavel, e me faria um immundo circumcidado. Mas como observo perfeitamente o contrario, sou mais duro, que diamante, e até mesmo nem o sangue de bode me amolleceria. [2] Faze-me a mercé de me provares que na lei de Christo existe alguma coisa, de que se deva fugir.

[1] Estes e ainda maiores improperios eram usados trivialmente nas argumentações d'aquella epoca. Para prova leiam-se os escriptos do nosso theologo Diogo Paiva de Andrade contra o lutherano Kemnitz, e vice versa.

[2] Era opinião de nossos antepassados que os diamantes amolleciam facilmente com o sangue de bode. V. Fr. Amador Arraes—*Dial.* IV *da gloria e triumpho dos lusitanos*, cap. 23 fol. 130. (Ed. de 1604).

Digitized by Google

«Ora, pois, o premio do paraizo, apesar de haver de ser muito grande, não o teriam as boas acções; e as más não teriam o do inferno, sendo dignissimas d'elle? Na necessaria lei de viver, que melhor coisa e mais conveniente se póde descobrir para a conservação do corpo e da honestidade da vida? Converte-te depressa ao caminho da verdade, e não queiras esperar os males. Deus, de todos os bens é o bem mais perfeito, e tem os braços e o peito muito abertos para os peccadores, e não para os justos. O Espirito Santo te illumine.»

*
* *

Na referida collecção das obras de Cataldo, impressas em 1500 apparece em primeiro logar um poema em quatro cantos sobre o fallecimento do principe D. Affonso, dedicado a el-rei D. Manuel, e o qual começa do seguinte modo:

1 Mesta [1] viris: jocũda deo: superũque catervis
2 Cũ gemitu: fletuque cano: reditũque per auras
3 Alphonsi in patriam: falsoque cetera lugent
4 Extinctum: eterno cum multis vere fruentem
5 Cum patris matrisque graves in gaudia luctus
6 Tum varii populi: pro re pro tempore versos
7 Sacrosque cum ludis eburе festosque hymeneos:
8 Jura diem diem functi successit avunculus heres
9 Emmanuel: summo regnis electus olympo:
10 Pace pius: belloque ferox: mirandus utroque
11 Mox letus dominum (trinum veneratus) et unum
12 Omnia victuro cantabo secula plecto.
13 Tu mihi mecœnas: tu sis octavius: et tu
14 Rex divine (precor) faveas quodcunque canenti:
15 In mea tu spira foturum viscera numen
16 Ipse licet nostri pars sis non parva laboris. Etc.

Este mesmo poema (mas com bastantes variantes) apparece reimpresso no já referido volume das *Provas da Historia Genealogica.* [2] Segue-se outro poema, a que seu auctor deu o nome de Arzitinge, offerecido a D. João II, rei de Portugal, e no qual canta a conquista de Arzilla e Tangere occupadas por D. Affonso V.

Vem depois o *Liber de perfecto homine,* obra composta por ordem do rei D. João. Na dedicatoria queixa-se o auctor das difficuldades, que teve para escrevel-a, pois necessitando consultar para a composição d'ella varias obras, o não poude fazer por serem então em Portugal os livros muitos raros, e es-

[1] Como sabem os versados nos livros antigos esta é a orthographia do seculo XVI.

[2] Omnia Cataldi Aquilæ Siculi, quæ extant, opera per Antonium de Castro, denuo correcta, ac nunc primum in lucem edita, quorum Catalogum sequens pagella indicabit. Appositis in margine adnotatiunculis, quæ brevis commentarii vice esse possunt.

Digitized by Google

ses poucos, que possuia, tinha-os trazido de Italia, sendo em geral obras de jurisprudencia.

Seguem-se varias outras composições, até que se encontra a oração recitada por Cataldo em Evora na occasião de chegar alli a princeza D. Izabel. N'esta composição engrandece os portuguezes o mais possivel, fazendo-nos os mais pomposos elogios.

Segue-se sua correspondencia com pessoas das mais distinctas, tanto nacionaes, como estrangeiras.

Creio ser este o livro mais antigo impresso em Portugal, no qual se encontram caracteres gregos.

Antonio Ribeiro dos Santos diz que em 1509 se fizera uma segunda edição das obras de Cataldo: isto parece-me engano: não conheço outra edição senão a de Affonso de Castro, (e esta só das obras poeticas) e impressa no VI vol. das *Provas da Historia Genealogica da Real Casa Portugueza*, a começar na pag. 389 d'este vol, até 572.

Era Cataldo respeitado pelos sabios estrangeiros, e muitas vezes consultado em varios assumptos, principalmente no, que dizia respeito á pureza das palavras latinas, de que temos um exemplo na carta, que lhe escreveu o Sicilianno Marco Ennensi.

Tambem Cataldo (como já notou o sr. Alexandre Herculano) [1] sempre que designa em latim as palavras portuguez e Portugal emprega os termos *Lusitani* e *Lusitania*, contra o que estava em uso pouco antes, que era dizer-se n'aquella lingua Portucalenses e Portucale.

Para se ver como os estrangeiros muitas vezes andam levianamente na composição de suas obras basta dizer que consultando eu varios livros para me informar do que dizem ácerca de Aquila (este escriptor é assim conhecido entre os estrangeiros) copiando-se todos uns aos outros; apenas dizem ser natural da Sicilia, e ter-se vindo estabelecer em Portugal em 1509, onde compozera varias obras!! Já vimos, que se devia achar entre nós antes de 1490.

238) **CAUSES DE L'ÉVÉNEMENT DE PORTUGAL.** *Ouvrage dedié à toute puissance seculière et temporelle.* 1759. Sem logar de impressão.

239) **CAVAZZI (P. GIO: ANTONIO — DA MONTECUCCOLO).** Falleceu em Genova, no anno de 1692. [2]

E. — *Istorica Descrizione de' tre regni Congo, Matamba, et Angola situati nell' Etiopia inferiore Occidentale e delle Missioni Apostoliche esercitatevi da Religiosi Cappucini, accuratamente compilata dal — Sacerdote Cappucino il quale vi fu' Prefetto e nel presente stile ridotta dal P. Fortunato Almandini da Bologna Predicatore dell'istesso Ordine all' illustrissimo Signor Conte Giacomo Isolani.* In Bologna 1687, per Giacomo Monti, fol. 933 pag. Com estampas no texto representando feras, aves, e usos dos povos mencionados.

[1] *Historia de Portugal.* Introducção pag. 9.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 9.°, pag. 287.

Digitized by Google

F. Didot falla-nos d'uma outra edição feita em Milão, no anno de 1690.

240) **CENNI STORICI E CANONICI** *del patronato portughese nelle Indie Orientali.* **Parigi, 1834,** folheto. — (Sobre o padroado portuguez no oriente.)

241) **CENSORINO (VICTORIANO).**

E. — *Furfur Logicae Verneyanae.* Pampelunae, 1752, 4.º

Este opusculo foi escripto impugnando o *Novo Methodo de estudar* do nosso celebre Luiz Antonio Verney.[1]

[1] «Luiz Antonio Verney, auctor do verdadeiro methodo de estudar. A acceitação, que esta obra grangeou, e com justa rasão na republica litteraria, deu o ultimo testemunho ao merecimento de seu auctor, sendo logo traduzida por varias nações estrangeiras, e adoptada nas escolas da mesma Italia. É digno de ler-se o elogio, que modernamente lhe consagrou Degerando, correspondente do Instituto Nacional de França e das academias de Turim, Leão e da sociedade das artes de Genova, na sua historia comparativa dos systemas de philosophia relativos aos principios dos conhecimentos humanos, tomo 1.º, pag. 402, onde diz: Que Luiz Antonio Verney, escriptor tão animoso em suas tentativas, como sabio em suas maximas fizera, apesar de tudo, no seculo passado admiraveis esforços para que brilhasse na Hespanha e em Portugal a luz que illustrava o resto da Europa.»

Para completar este trabalho e pôr em pratica as regras, que prescrevia em seu methodo compoz uma grammatica philosophica da lingua latina, que será sempre louvada e estimada entre os litteratos; obra de apurado gosto e de tanta utilidade para todas as nações, que mereceu logo ser adoptada nas escolas de Italia, no collegio real de Napoles, no ephebeo regio, e em outros diversos seminarios na Apulia, e em muitos mais fora de Italia. Compoz tambem a sua *Logica* em 6 livros, que imprimiu em Roma, e dedicou ao rei D. José I, o qual convencido do seu merecimento, creando então as escolas menores d'este reino, a mandou logo adoptar para uso d'ellas. Não foi só aquelle grande rei, tambem as nações estrangeiras a adoptaram, convencidas de sua utilidade, e de quanto eram bem merecidos os elogios que lhe faziam, no *Journal des Sçavants*, os quaes analysando-a com toda a imparcialidade, lhe deram a preferencia a todas, quantas até então tinham apparecido dizendo que Verney pela firmeza de seu caracter e espirito, pela attenção com que evitava os enganos dos sentidos, e pela louvavel perseverança com que regeitava todas as preoccupações que o habito, e costumo e as diversas paixões tem introduzido no mundo, era o unico homem que julgavam mais proprio para tratar dignamente a *Logica*. Assim, e pelo mesmo systema, publicou em 1753 quatro livros de metaphysica, que tambem imprimiu em Roma, e tiveram egual estima em toda a Italia, que então era o berço das sciencias. No *Jornal dos Litteratos de Roma* para os annos de 1752 e 1753 se dão a esta obra os titulos de bellissima e eruditissima por illustrar maravilhosamente aquella materia. Escreveu outra obra intitulada *Apparatus ad Philosophia et Theologiam*, que lhe grangeou muito credito, e os elogios dos sabios auctores do referido jornal, os quaes disseram que a historia d'estas sciencias escripta com gosto e intelligencia fôra bebida pelo seu auctor nas mais puras fontes, e que elle mostrava uma equidade e moderação tal, que era pouco commum, e que fazia tanta honra aos verdadeiros sabios.

Retratos e elogios dos varões e donas, por Pedro Josédo Figueiredo.

Digitized by Google

242) CENTELLAS (JOACHIM DE).

E. — *Voyages et conquestes des roys de Portugal ès Indes de Orient, Ethiopie, Mauritanie d'Afrique et Europe. Le tout recuelly de fideles tesmoings et mémoires du Sieur.* Paris, 1578, 8.º

243) CERUTI (D. JACIMTO).

Parece ter sido socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por isso que no 1.º vol. das *Memorias* d'esta illustre corporação apparece um pequeno artigo com o seguinte titulo: [1]

Observacion de la total Emersion ò fin del eclipse de sol del dia 17 de octobre de 1781, al Observatorio de la Academja Real de los Cavalleros Guardias Mariñas de Cartagena por—. Primer Professor de Mathematicas y director de los Estudios, y D. Joseph Gonzales alferes de navio y segundo professor de mathematicas de la referida Academia.

244) CERVANTES.

O celebre auctor do *D. Quixote*, uma das maiores glorias de Hespanha, mostrava-se muito affeiçoado ás coisas portuguezas. O sr. Carlos Barroso escreveu e publicou em Lisboa no anno de 1872 um opusculo no qual menciona os differentes logares, em que Cervantes se occupa de Portugal.

«Cervantes veio a Lisboa com Phelippe II em 1581, onde se namorou secretamente de certa dama incognita, e de quem teve uma filha, cujo nome foi Isabel de Saavedra. Suppõe-se que seus amores na corte Lusitana lhe inspiraram a linda novella pastoril da *Galatea*, onde o auctor figura disfarçado no pegureiro Lauso, que suspira pela formosa pastora Silena. O escriptor de tão bello idyllio assistiu á tomada da Ilha Terceira pelo Marquez de Santa Cruz.

«No D. Quijote dedica Cervantes um merecido elogio ao famoso rio Tejo, que beija as praias da inclyta cidade de Ulysses, e cujas areias consta da tradição serem de ouro.

«Entre os livros, que adornavam a bibliotheca do engenhoso fidalgo, encontraram alem de outros de auctores portuguezes, o Palmeirim de Inglaterra, e a Dianna de Jorge de Montemayor.

Quando exalta a imaginaria jerarchia de D. Dulcinea del Toboso, affirma que não é oriunda de outras familias celeberrimas de Hespanha, que menciona, nem mesmo dos Alemcastros, Pallas e Menezes de Portugal.

Era do excellentissimo Camões uma das eclogas, que haviam de representar as pastoras, em cujas redes se embaraçou o pensativo escravo de Dulcinea.

No *Licenciado Vidraça* observa-se a anecdota do portuguez, que pintava as barbas de negro, o qual altercando com um castelhano disse-lhe por estas barbas, que tenho no rosto, a quem redarguio o licenciado: Não digaes tenho, dizei Tinõ (palavra hespanhola, que em portuguez equivale a Tinjo.)

Em lingua portugueza canta o namorado Manuel de Sousa Coutinho seus

[1] Esta *Observação* occupa as pag. 526 e 527 do referido volume.

Digitized by Google

amores, cuja narração occupa todo o cap. x do liv. I dos Trabalhos de Persiles e Segismunda.

Na interessantissima parte terceira dos mesmos presenceamos a chegada a Portugal, e desembarque dos viajantes na praia de Belem, donde se dirigem á famosa Lisboa, cujos ricos templos e hospitaes são celebrados.—Aqui el amor y la honestidad se dan las manos, y se pasean junto: la cortesia no deja que se llegue la arrogancia, y la braveza no consiente que se le acerque la cobardia: todos seus moradores son agradables, son cortezes, son liberales, y enamorados, porque son discretos: la ciudad es la mayor de Europa, y la de mayores tratos: em ella se descargan las riquezas del Oriente y desde ella se reparten por el universo; su puerto es capaz no solo de naves, que se poedan reducir á numero, sino de selvas movibles de árboles que los de las naves forman: la hermosura de las mujeres admira y enamora, la bisarreria de los hombres pasma, como ellos dicen; finalmente esta es la tierra que da al cielo santo y copiosismo tributo.»

Ao fallar Cervantes de Valencia e de suas lindas mulheres, diz que é gracioso o dialecto valenciano, e que só com o idioma portuguez—puede competir en ser dulce y agradable.

Na *Viagem do Parnaso*, canto IV encontram-se os seguintes versos:

Asi como las naves que cargadas.
Llegan de la oriental India á Lisboa,
Que son por las mayores estimadas;
Esta llegó desde la popa á proa
Cubierta de poetas, mercancia
De quien hay saca en Calicut y en Goa.
De la alta cumbre del famoso Pindo
Bajaron tres bizarros lusitanos,
A quien mis alabanzas todas rindo
Con prestos pies y con valientes manos
Con Fernando Correa de la Cerda
Pisó Radrigues Lobo monte y llanos.
Y porque Febo su razon no pierda,
El grande Don Antonio de Ataide
Llegó con furia alborotada y cuerda.

Fallando de Bento Caldera traductor dos *Luziadas* diz o seguinte:

Tu que de luso el singular tesoro
Irigiste en nueva forma á la ribera
Del fertil rio, a quien el lecho de oro
Tan famoso le hace adonde quiera;
Con el devido aplauso, y el decoro
Devido á ti, Benito de Caldera,
Y á tu ingenio sin par prometo honrarte
Y de lauro, y de hiedra coronarte.

Digitized by Google

245) **CHAPELLE (J. DE LA).**

E. — *Vingtroisième lettre du Suisse contenant un examen du Manifeste Latin de Portugal.* Basle. 1704, 4.° — (Vigessima terceira carta do Suisso, contendo um exame do manifesto latino de Portugal.)

246) **CHARTE DU PORTUGAL** *comparée à la Charte Francaise et à la Constitution du Brésil.* 1826.

247) **CHASTE.**

E. — *Voyage à l'Ile Terceira des Azores.* Paris, 1796.

248) **CHASTE** (COMMENDADOR DE)

«A esquadra de D. Antonio [1] que em julho de 1582 chegou á ilha de S. Miguel, e n'ella entrou, mal poude gozar da rapidez do triumpho, que egual, ou maior poder do marquez de Santa Cruz corria sobre ella. Doze dias depois, nas aguas de Villa Franca do Campo, oppunham armada a armada, e, em ordem de batalha, terrivel era o aspecto de ambas as forças. Combatiam, d'uma parte o desespero d'uma causa quasi perdida; da outra, o receio de um revez, que podia difficultar, comprometter mesmo a posição, e o poder do soberano de Castella. Eram dois tremendos competidores rivaes empenhados em lucta de morte! Ao mais infeliz. que succumbisse, ignobil sepultura; ao vencedor, a posse da belleza, que na lucta ambos iam jogar uma corôa, objectos então de tantas ambições e complacencia; hoje, ornarto espinhoso, talisman impotente, cuja fronte miraculosa estancou para sempre!

«Depois de tão amarga provação só as ilhas Terceira e Fayal continuaram a resistencia ao vencedor até o anno seguinte (1583), em que novo e maior poder de nova armada, commandada pelo mesmo marquez chegou a vencel-as a despeito mesmo do recente soccorro, que tinham recebido de França na expedição commandada por mr. de Chaste.

«E' d'esta ultima expedição Franceza e dos maus successos, com que o partido de D. Antonio desfalleceu de todo ante o triumpho, que rematou a conquista dos Açores pelos hespanhoes, que trata a relação que agora, e em continuação damos pela primeira vez em lingua vulgar, como valioso subsidio para a nossa historia.

« A viagem feita á ilha Terceira dos Açores pelo commendador de Chaste foi original e contemporaneamente escripta em francez. Que o auctor foi testemunha ocular dos successos, que narra, parece proval-o o que elle proprio diz quando no fim da viagem falla da barbaridade dos biscainhos, cujos navios faziam tambem parte da armada hespanhola. Seria auctor da viajem o proprio commendador de Chaste?

«No fim d'ella se diz que elle entregára nas mãos da rainha de França— un *abregé de ce discours*—e mais abaixo na allocução, que por essa occasião lhe dirige, confessa que o discurso summario fôra escripto por elle «vous ver-

[1] *Panorama* de 1856, vol. 13.°, pag. 37.

Digitized by Google

rez s'il vous plaist, ce que la verité m' a *fait ecrire en ce papier*.» Não nos parece pois mui arriscado a erro suppor que a viagem seja escripta pelo proprio commendador.

«Melchisedec Thevenot foi, que nós saibamos, o primeiro, que d'ella fallou, e que a prometteu dar nas suas Relations de divers voyages curieux; mas não appareceu na primeira edição, que fez, e só depois da sua morte vem na 4.ª parte do tomo 2.º da nova edição; Paris 1696, comprehendendo 18 pag. em folio.

«O titulo da obra é o seguinte:

«Viagem feita á ilha Terceira pelo sr. Commendador de Chaste, gentil homem ordinario da camara d'el-rei (de França) e governador por sua magestade da cidade e castello de Dieppe e Arques.» [1]

E' narração mui interessante e digna de ser lida.

219) **CHATEAUBRIAND (FRANÇOIS RENÉ).**

Nasceu em Saint Maló em setembro do anno de 1768, [2] e falleceu a 4 de julho de 1848.

Fugindo em 1791 aos furores da revolução franceza com destino á America, passou o immortal auctor do *Genio do Christianismo* pelas nossas ilhas dos Açores, e desembarcou na Graciosa, onde foi muito bem acolhido pelos frades d'um convento, que ali havia. N'esta mesma ilha esteve em perigo de vida por se virar a lancha, quando ia a desembarcar. Admirou então Chateaubriand, segundo nos diz o escriptor de sua vida, as ricas collinas cobertas de cepas, o aceio das casas, a apparencia vigorosa dos camponezes queimados pelo sol, e quasi nus, a vivacidade das mulheres baixas e morenas, mas bem apessoadas e vivas.

Ao chegar á Graciosa o navio, em que Chateaubriand ia embarcado, os ha-

[1] A rainha mãe do rei, resolve oppor-se aos esforços que o rei de Hespanha tentava para reduzir á sua auctoridade as ilhas Terceira e Fayal, resto do reino de Portugal, que já possuia, havia cinco ou seis annos, sob titulo de vizinho forte e esperto, segundo creio» para cujo fim desde muito preparava, tanto em Lisboa como nos demais portos do seu dominio, uma grande armada. O senhor D. Antonio, acclamado rei do dito reino depois da morte de seu predecessor el-rei D. Sebastião, tendo por muito tempo implorado auxilio da dita rainha na extremidade de seus negocios, e para isso seguido e andado largamente na côrte do rei de França por boas considerações, prometteu Sua Magestade assistir-lhe, dando ao sr. commendador de Chaste o commando de nove companhias de pé.» Pag. 38.

«Depois do dito commendador agradecer a Sua Magestade lhe supplicou mui humildemente considerasse a importancia d'este plano e d'este embarque, a que não dava consideração pela perda da sua vida, com tanto que podesse dar alguma satisfação a Sua Magestade o que julgava mui difficil precipitando a viagem por causa das proposições de um pobre rei apaixonado e desesperado de poder ser jámais restabelecido no seu reino de Portugal, de que lhe não restavam senão as ditas ilhas, que se propunha conservar a expensas da honra e da vida de outrem, sem ter mesmo a menor experiencia em cousas de armas.» Idem.

[2] Ancelot, de l'Academie Française — *Vie de Chateaubriand*, pag. 2.

Digitized by Google

bitantes d'aquella ilha, desconfiando de que fosse algum navio argelino, por não conhecerem a bandeira tricolor, que ainda não tinham visto, correram todos á praia e perguntavam em portuguez e em varias outras linguas, quem eram, e que queriam, e os do navio tambem lhes respondiam em *portuguez*, e em outras linguas.

O illustre auctor dos *Martyres* e do *Itinerario de Paris a Jerusalem*, obras em que por vezes tambem apparece o nome de Portugal, conhecia bem quanto valia o nosso primeiro épico, pois fallando d'elle, diz:

«Finalmente os portuguezes perseguiam na Africa os mouros já expulsos das margens do Tejo: eram necessarios navios para sustentarem e accompanharem os combatentes ao longo das costas. O cabo Nunes deteve por muito tempo os pilotos; Gil Eannes o dobrou em 1433; a Madeira foi descoberta, ou para melhor dizer tornada a descobrir: os Açores sairam do seio das ondas; [1] e como se estava sempre persuadido, segundo Ptolomeu, que a Asia se approximava da Africa, tomaram os Açores pelas ilhas, que, na opinião de Marco Paolo limitavam a Asia no mar das Indias. Pretendeu-se, que uma estatua equestre, mostrando o occidente com o dedo se erguia na praia da ilha do Corvo: algumas medalhas phenicias foram tambem trazidas d'esta ilha.

De Cabo Nunes os portuguezes surgiram no Senegal: costearam successivamente as ilhas de Cabo Verde, Costa de Guiné, o Cabo Mesurado ao meio dia da Serra Leoa, o Benin e o Congo. Bartholomeu Dias tocou em 1486 o famoso Cabo das Tormentas, ao qual deram dentro em pouco um nome mais auspicioso.

Assim foi reconhecida esta extremidade meridional da Africa, que, no sentir dos geographos gregos e romanos, devia ligar-se á Asia. Alli se abriam as regiões mysteriosas, onde não se tinha entrado até então senão por este mar de prodigios, que viu Deus e desappareceu — *Mare vidit et fugit*.

Um espectro immenso, medonho ergue-se em frente de nós: sua attitude é ameaçadora: seu aspecto feroz; sua tez pallida; sua barba espessa e esqualida: seu cabello carregado de terra e lodo; seus labios são negros; seus dentes amarellos: seus olhos scintillam chamejantes.....

Elle falla: sua voz formidavel parece sair dos abysmos de Neptuno.

Eu sou o genio das tempestades, diz elle, domino este vasto promontorio que nem Ptolomeu, nem Strabo, nem Plinio, nem Pomponio, nem nenhum de vós conheceu. Eu ponho aqui balizas á terra africana, a este pincaro, que olha para o polo antarctico, e que até hoje, escondido aos olhos dos mortaes, se indigna n'este momento com a vossa audacia.

De minha carne secca, de meus ossos convertidos sem rochedos, os deuses, os inflexiveis deuses, formaram o vasto promontorio, que domina estas vastas ondas.

A estas palavras deixou cair uma corrente de lagrimas, e desappareceu. Com elle extinguiu-se a nuvem tenebrosa, e o mar pareceu lançar um longo gemido.

[1] *Voyage en Amérique*, pag. 28.

Digitized by Google

Vasco da Gama terminando uma navegação de memoria eterna, chegou em 1478 a Calicut, na costa do Malabar.

Tudo muda então no globo; o mundo dos antigos está destruido. O mar das Indias já não é um mar interior, um lago rodeado pelas costas da Asia e da Africa: é um oceano, que d'um lado se junta ao Atlantico, do outro aos mares da China, e a um mar do Este, mais vasto ainda. Cem reinos civilisados, arabes ou indios, mahometanos ou idolatras, ilhas embalsamadas por aromas preciosos, são patenteadas aos povos do occidente. Apparece uma natureza completamente nova; o véo, que desde milhares de seculos occultava uma parte do mundo, levanta-se: descobre-se a patria do sol, o logar d'onde elle sahe todas as manhãs para distribuir sua luz: vê-se a descoberto esse sabio e brilhante Oriente, cuja historia se misturava para nós ás viagens de Pythagoras, ás conquistas de Alexandre, ás lembranças das crusadas, e cujos perfumes nos chegavam atravez dos campos da Arabia e dos mares da Grecia. A Europa lhe enviou um poeta para o saudar, cantar e descrever: nobre embaixador, cujo genio e fortuna pareciam ter uma sympathia secreta com as regiões e destinos dos povos da India! O poeta do Tejo fez ouvir sua triste e bella voz nas margens do Ganges: pediu-lhes por emprestimo seu brilho, sua fama e suas desgraças, não lhes deixou mais que suas riquezas.

E é um pequeno povo encerrado n'um circulo de montanhas na extremidade oriental da Europa que abriu caminho para a parte mais pomposa da residencia do homem!

Em quanto os portuguezes costeam os reinos de Quiteve, de Sedanda, de Moçambique, de Melinde; que elles impõem tributos aos reis mouros; que penetram no mar Vermelho; que terminam a volta da Africa; que visitam o golfo Persico, e as duas peninsulas das Indias; que sulcam os mares da China; que tocam no Cantão, reconhecem o Japão, as ilhas das Especiarias, e até as costas da Nova Hollanda, multidão de navegadores seguem o caminho traçado pelas velas de Colombo.

Os portuguezes exploravam então as costas da India e da China; os companheiros de Vasco da Gama e de Christovão Colombo saudavam-se das duas costas do mar desconhecido, que as separava: uns tinham encontrado um mundo antigo, os outros descoberto um mundo novo; das praias da America ás praias da Asia os cantos de Camões respondiam aos cantos de Ercilla atravez das solidões do Oceano Pacifico.»

*
* *

«Era ainda um rico assumpto o dos Lusiadas [1]. Custa a conceber como um homem do genio de Camões não soube tirar d'elle maior proveito. Mas convém notar que esse poeta foi o primeiro poeta épico moderno, que vivia n'um seculo barbaro; que ha passagens patheticas e algumas vezes sublimes nos seus versos, e muito para notar-se é que foi o mais desgraçado dos homens. É so-

[1] *Genio do Christianismo*, tomo 1.°, pag. 215.

Digitized by Google

phisma digno da crueldade do nosso seculo affirmar que os bons escriptos são inspirados na desgraça. É falso que se possa escrever quando se soffre. Os homens consagrados ao culto das musas succumbem mais depressa á dôr que os espiritos vulgares. Um genio forte depressa quebranta o corpo que o encerra: as grandes almas, como os grandes rios, assolam as suas margens.»

* *
*

Carta de mr. de Chateaubriand, auctor dos *Martyres* ao sr. Francisco Manuel do Nascimento, traductor da mesma obra.

5 de setembro de 1812. Senhor:

Se tivesse recebido as cartas, que teve a bondade de enviar-me, temel-hia apressado a responder-lhes. Ignorava totalmente a honra, que me fez, traduzindo os *Martyres* na lingua de Camões. Acceite, por tanto, Senhor, todos os agradecimentos, que lhe devo. Tenho um ardentissimo desejo de ver minha fraca obra ataviada com todas as graças, que o Senhor lhe soube dar. Estou desde já convencido que Eudoro e Cymodocea hão de parecer bem mais nobres e bem mais enternecedores trajando os vestuarios de Gama e de Ignez.

Tenho a honra de ser com uma alta consideração,

Senhor,

Seu mui humilde e mui obediente servo.

Chateaubriand.

250) CHATELET (DUKE DE).

E.— *Travels in Portugal.* London, 1809, 2 vol.

(Viagens em—).

251) CHATELET (Duc. du).

E. —*Voyage en Portugal, ou se trouvent des details intéressants sur ce Royaume, ses habitants, ses colonies; sur la Cour et M. de Pombal, sur le tremblement de terre de Lisbonne, etc. Revu, corrigé sur le Manuscrit, et augmenté de notes sur la situation actuelle de ce royaume et de ses colonies, par J. Fr Bourgoing, ci-devant Ministre plénipotentiaire de la Republique française en Espagne, Membre associé de l'Institut National, etc. Avec la Carte du Portugal, et la Vue de la Baie de Lisbonne. Seconde edition. Tome 1. A Paris Chez F. Buisson.* Imp. Lib. rue Haute Feuille, n.º 20.

An 9.º (1801) 268 pag. 8.º gr. [1] Com uma estampa representando a torre de Belem e bahia de Lisboa: e com uma carta geographica de Portugal: ambas as cousas gravadas por Tardieu, l'ainé.

O duque de Chatelet achava-se em Londres, quando concebeu o desejo de visitar Portugal. Embarcou em Falmouth, a 8 de maio de 1777, a bordo do *Embden*. Depois d'umà viagem de seis dias chegou a Lisboa.

«Na época de minha chegada achava-se Lisboa em agitação impossivel de

[1] A *Nouvelle Biographie Universelle* de Firmin Didot, tomo 7.º, pag. 90, menciona outra edição de 1808.—V. *Bourgoing.*

Digitized by Google

descrever. Era vespera da celebração da coroação da rainha. O povo corria por aqui e por acolá cantando e dançando a *foffa*, especie de dança nacional que se executa aos pares com accompanhamento d'uma guitarra e d'outro qualquer instrumento: dança lasciva a tal ponto, que o pudor córa ao ser testemunha d'ella, e não ousaria eu emprehender descrevel-a. Atravessei pela multidão, e fui alojar-me n'uma hospedaria ingleza, situada em Buenos Ayres: sitio agradavel, e ao abrigo de cheiros fétidos, com os quaes a cidade está infectada durante o estio, e das chuvas, de que está innundada durante o inverno.

«Tinham escolhido a praça do Commercio, como o logar mais appropriado á ceremonia da coroação. Fez-se esta com grande magnificencia, ao som da artilheria, e das acclamações d'um povo immenso, que concorrera de todas as partes para assistir a ella. Só a rainha pareceu não participar do jubilo geral. Achava-se dolorosamente affectada. Os principaes senhores da corte tinham resolvido mandar-lhe pedir pelo povo a cabeça de Pombal: a rainha achava-se informada do designio d'aquelle, e receiava o perigo d'uma recusa; porém, apesar de não gostar do marquez, respeitava-o como amigo de seu pai.

«Eu estava egualmente informado de quanto se tramava: quiz ser de perto testemunha da agitação, que d'isto havia de resultar. Percorri as ruas com um francez versado na lingua portugueza, e introduzi-me na multidão. Por toda a parte nada mais se ouvia, que o nome de Pombal: os espiritos azedavam-se: o motim estava prestes a romper, quando de repente sobreveiu uma patrulha de cavallaria, com um official á frente, o qual dirigindo-se ás pessoas, que formavam este grupo, prohibiu-lhes debaixo das mais rigorosas penas de fallarem no marquez de Pombal. [1] Dentro em pouco dispersou a multidão; as ruas acharam-se n'um instante cheias de soldados a pé e a cavallo; e com tanta constancia se entretiveram na dispersão dos grupos na occasião em que parecia formarem-se, que o povo se dirigiu para a praça antes de ter podido decidir alguma cousa.

«Todos os fidalgos pareciam muito espantados, e no extremo da agitação. Viamol-os ir, vir, mandar emissarios do alto da galeria, onde se achavam, lançar para o povo olhares, nos quaes se pintavam a colera e a impaciencia. Tinha havido a prudente cautella de dividir este povo, mandando construir na praça uma estacada de distancia a distancia, de fórma que se achou separado, e por assim dizer preso sem ter dado por isso. Percebeu-se todavia uma especie de rumor, e sete ou oito vozes gritaram: *Pombal, Pombal*, porém foram no mesmo instante abafadas pelos gritos de *Viva a rainha*, que os partidarios do marquez levantaram. Uma grande quantidade de espectadores se tinha introduzido no interior da galeria depois de ter derribado os guardas, a rainha mandou que os deixassem alli estar. Não se podendo as carruagens approximar, ella mesma se viu obrigada a passar por entre a multidão com o fim de se dirigir para seu coche: foi este para ella o mais doce momento de sua vida: uns deitavam-se a seus pés, outros beijavam-lhe a ponta do vestido, e com isto se enterneceu a ponto de lhe marejarem os olhos.

[1] Duc de Chatelet — *Voyage en Portugal*, tomo 1.º, pag. 6.

Digitized by Google

«Foram brilhantes as illuminações: a ceremonia celebrou-se com tanto de pompa, quanto de tranquillidade: a colonia ingleza deu á noite um sumptuoso baile aos principaes habitantes da cidade, sem duvida em testemunho de seu reconhecimento, porque era ella nação ingleza a verdadeira soberana de Portugal que tinha sido coroada na pessoa da rainha. No dia seguinte tomaram outra vez o lucto, que na vespera se tinha largado. No meio da alegria geral produzido pela queda de Pombal, tudo tornou a tomar um aspecto lugubre, e sairam do baile para correrem para as egrejas.

«A rainha assignalou sua elevação ao throno por actos de bondade e clemencia. Mandou abrir as prisões, e soltar todos os desgraçados, que alli estavam detidos, alguns havia mais de vinte annos. Vi duas raparigas, que para alli tinham entrado ainda de mama na companhia de seus paes e mães: teem uma dezenove annos, e a outra vinte, e parecem ter quarenta. São as filhas do desditoso conde de Alorna, compromettido na conspiração. Seu unico crime era o ter emprestado, pela manhã do dia do assassinato, uma espingarda ao joven Aveiro, um dos conjurados, que lh'a pediu para ir á caça: pagou este favor, bem como sua mulher e filhos com vinte e um annos de prisão. É verdade que o marquez de Pombal tinha lançado mão da conjuração para abater a arrogancia dos fidalgos portuguezes, e reprimir as atrocidades até então impunes, das quaes se tornavam culpados frequentemente. Tinha-se visto alguns d'elles matar um seu criado, ou um particular d'uma classe inferior, quando tinha a desgraça de lhes cair em desagrado, ou praticar alguma falta. A severidade de Pombal tinha posto freio a excessos tão terriveis. [1]

«N'uma das digressões, que fiz em Portugal com o fim de visitar o interior d'este reino, fui ver o marquez de Pombal. Eu lhe era recommendado d'um modo particular, motivo pelo qual me recebeu com todas as attenções possiveis. Conhecia este ministro de fama, e não se podia exprimir o desejo, que eu tinha de conhecel-o pessoalmente. Cheguei pois á villa de seu nome, e, da minha hospedaria lhe escrevi com o fim de saber a hora, em que lhe poderia entregar as cartas, que tinha para elle. Alli me dirigi pelas dez horas da ma-

[1] A nobreza era tão insolente, tão desenfreada, que era para temer não sómente de noite, mas até mesmo de dia. Eis o que se passou em Lisboa ha algum tempo. Dois fidalgos vão em sua carruagem, e encontram um corregedor, que ia tambem na d'elle: era um velho de vista muito curta, que não conheceu os fidalgos, e passou sem os cumprimentar. Estes offenderam se d'isso, desceram da carruagem para maltratar o velho, e depois de algumas representações, que este julgou poder-lhes fazer, um d'elles o atravessou com sua espada. Fugiram para casa do embaixador de França, que os fez embarcar, mas passado pouco tempo tornaram a apparecer, tendo facilmente obtido seu perdão. Durante o ministerio do marquez de Pombal teriam sido punidos severamente. Ha seis annos um senhor matou um de seus criados n'um accesso de colera: conseguiu escapar-se, porém voltou para Portugal logo depois do exilio d'este ministro.»

«N'aquella epocha o gosto da maior parte dos nobres era ir de noite atacar as patrulhas, que percorriam a cidade. Tinham á sua frente o irmão do rei, homem feroz e cruel. Todas as noites eram assignaladas por encontros sanguinolentos entre estes estroinas e as patrulhas, e quasi sempre d'elles resultavam assassinios.» Tomo 1.º, pag. 120.

Digitized by Google

nhã, e fui introduzido na habitação d'este grande homem. Actualmente está algum tanto melhor alojado, mas na época, em que o vi, estava n'uma pobrissima casa, e dormia n'um quarto, cujas paredes tinham sido estucadas de novo.

«As maneiras do marquez de Pombal são agradaveis e attenciosas em extremo. Fez-me mil perguntas; affectou ignorar completamente o que se passava pela Europa. Pediu-me que o informasse dos acontecimentos. Até me fez perguntas relativas a Portugal, e sobre o estado em que se achava Lisboa. Quiz saber que motivo, ou acaso me conduzia áquelle logar tão affastado.— Costumado, lhe disse eu, a viajar desde minha mocidade, visito sempre o interior dos paizes, que percorro, não me limitando ás cidades principaes, e portos de mar, nos quaes nada ha de novo a estudar. Mas além d'isto desejava conhecer quem tanto tinha beneficiado seu paiz. Entramos pouco a pouco em conversa: convidou-me a passar com elle oito dias, e fez-me ficar para jantar e ceiar n'aquelle dia. Exprimi-lhe meu espanto sobre o estado, em que tinha achado Lisboa, attendendo ao pouco tempo decorrido depois de sua catastrophe. Respondeu-me que presentemente não cuidava em nada d'isso; achava-se velho, e pensava em descansar; porém que, se a providencia lhe tivesse conservado seu amo por mais tempo, ter-se-hia esforçado em continuar com o mesmo zelo a empreza, cuja execução apenas pudera esboçar; e que, sem duvida, teria lançado os alicerces d'um palacio para o rei. Patenteou-me o magnifico plano, que tinha adoptado para este edificio. Situado n'uma pequena eminencia, perto de Belem, teria dominado o mar e a cidade, seria construido no centro d'um grande jardim, cercado de altos muros, aos quaes estariam de distancia em distancia contiguos os palacios dos principaes senhores da corte, e aposentadas as pessoas, que n'elles fossem obrigadas a residir por causa de seus cargos.

«O marquez de Pombal trouxe comsigo muitos livros: ou lê, ou manda ler continuamente: os livros são todos francezes. Falla nossa lingua tão facilmente, como nós mesmos: sabe egualmente bem o allemão, inglez, e italiano. Não pronunciava sem grande ternura o nome de seu respeitavel amo. «Honrava-me, dizia elle, com sua confiança. Perder seu rei e seu amigo! É uma prova forte de mais para eu poder resistir a ella! Por isso o sol para mim perdeu o brilho de seus raios! Nada, nada me póde indemnisar da perda, que padeci!» A isto algumas lagrimas cahiam de seus olhos. Em vão procurava eu desviar a conversa para um outro assumpto, para este me levava sempre.—«Ao menos, continuava elle, aqui serei feliz. Vedes esta choupana? Não é minha: tomo-a de aluguer. Aquelle homem accusado de não ter pensado mais que em si, nem mesmo na sua terra mandou construir um aposento»— [1] Depois mostrando-me um grande edificio novo. «É um armazem pertencente á villa. Mandei-o construir para n'elle se guardarem os cereaes, dos quaes está cheio. Em

[1] Crê-se geralmente ter sido Lisboa sua patria. «Sebastião José de Carvalho e Mello nasceu em Lisboa, na bella casa da rua Formosa. Francisco Luiz Gomes, *Le Marquis de Pombal*, pag. 29.—*Panorama*, 1839, pag. 138.

Digitized by Google

fim, á maneira de Sully, viverei mais afortunado em meu retiro, que no meio dos grandes e da côrte. Deixaram-me trazer meus livros, e por isso pouco me resta a desejar.

«Acabava, quando a marqueza de Pombal, sua mulher, chegou: teve a bondade de me appresentar a ella. Conserva ainda uma parte de seus dotes pessoaes; e veste-se com muita arte e gosto. É discreta, sem duvida; porém não possue a força, nem o valor de seu marido para tolerar sua situação. No tempo da prosperidade do marquez de Pombal tinha a seus pés os grandes e o povo: sua casa era uma especie de corte. Quando os homens a iam visitar, punham-se de joelhos para lhe beijarem a mão, segundo o costume do paiz.

«Sua vaidade lisonjeada por tantas adulações não se póde acostumar ao isolamento, a que foi condemnada pela desgraça de seu marido.

«Desamparada de toda a gente, solitaria, n'uma villa desviada de povoações, a unica satisfação que tem, é de ver seus filhos, que algumas vezes vão passar com ella quinze dias. Nascida allemã tem o orgulho das grandes familias de sua nação, e, depois de ter tido tanto de que lisonjear-se, geme em segredo sua expiação.

«Tentou disfarçar suas maguas, mas não o poude conseguir por muito tempo. Passados dez minutos de conversação, achavam-se seus olhos arrazados de lagrimas. «Aquillo é proprio de seu sexo, me dizia o marquez; consolal-a é para mim uma outra occupação, mas seguindo meu exemplo, bem depressa apprenderá a supportar nosso infortunio.» Um instante depois vieram participar, que o jantar estava na mesa. «Vinde disse-me elle, tomar parte na comida frugal d'um eremita.» Em vez de comida frugal, que me annunciava, encontrei uma mesa bem servida, e na qual nada se resentia de sua desventura, nem mostrava o sainete da desgraça. Ao todo não passavamos de tres. A conversa foi muito longa. Entrei a fallar com a marqueza a respeito de Allemanha, e por algum tempo fallamos na sua lingua. Foi breve o jantar, ou pelo menos assim me pareceu: o calor era excessivo.»

«Depois de nos levantarmos da mesa, cada um foi descançar por alguns momentos. Approveitei-me d'este tempo para ir percorrer o logar habitado pelo illustre par. Não é tão desagradavel, como em Lisboa m'o tinham pintado. N'uma altura estão as ruinas d'um velho castello, offerecendo uma vista bastante pittoresca; as aguas são excellentes.

«Ao sair de casa do marquez encontrei á sua porta mais de duzentas pessoas, a quem se distribuia pão e caldo. D'este modo é que elle tem adquirido um grande numero de partidarios, que o exaltam mesmo com sua desgraça: pareceu-me ser bem quisto de todos habitantes do logar. Finalmente depois d'um passeio de cerca de duas horas, voltei para casa do marquez, a quem encontrei no meio de seus livros. Continuámos a conversa. Perguntou-me se tinha visto a ceremonia da coroação da rainha. Advinhei onde queria chegar: respondi-lhe que sim, e que me parecia ter-se celebrado com muita pompa e magestade.

«Quiz saber se eu tinha reparado em todos os incommodos, a que seus inimigos se tinham entregado para o perderem, e até me pediu alguns pormeno-

Digitized by Google

Quiz saber a maneira como o povo tinha procedido. Disse-lhe quanto sabia, e accrescentei que esta circumstancia era mais um triumpho para elle, porque demonstrava não só a impotencia de seus adversarios, mas até sua animosidade. A estas palavras disse-me com a maior vivacidade, a qual lhe fica muito bem. «Avançam um paradoxo, fazendo-se interpretes do povo: mandam-lhe dizer que me deteste! Mas isso é impossivel: minhas acções, meu procedimento, tudo me assegura do contrario. O povo portuguez não me póde odiar, e vós ides ouvir a rasão. Que é o portuguez hoje? Que era elle ha quarenta annos? Não o puz eu em estado de já não ter necessidade de seus visinhos? Não estabeleci eu por toda a parte as artes, as officinas, o ensino? Não fiz além d'isso reedificar um terço da cidade de Lisboa? Não propaguei a actividade, e não derramei o bem estar por entre os operarios? Por todos os direitos, que eu creio ter ao reconhecimento d'esse povo, tenho-o por assaz justo, para me querer devorar: e até não o fez. Vou dizer-vos quaes os auctores de quanto podereis ter ouvido e percebido no tempo da coroação. Os fidalgos, que se obstinavam em suas insolentes pretensões, as quaes eu quiz anniquilar, empregaram todos os meios possiveis para me perderem. Elles não podiam decentemente mostrar-se á frente do partido perseguidor. Que fizeram? Escolheram algumas de suas creaturas, que disfarçadas em barbeiros, cosinheiros, marinheiros, etc. divagavam pelos logares publicos, desacreditando-me e pintando-me com as mais horriveis cores. O povo, que facilmente é seduzido, secundou um resentimento, ao qual lhe faziam crer ser um dever associar-se. Aborrecia-me, porque lhe diziam que assim era mister. Varias pessoas, que vós conheceis, accrescentou elle, com o fim de malquistar-me, andaram por alguns dias debaixo d'um tal disfarce, confundiram-se com a ralé, e inventaram calumnias, que lhe appresentaram como verdades incontestaveis. Finalmente quanto obrei, foi por ordem de meu amo, e nada tenho de que arrepender-me. Accusam-me principalmente de ter sido cruel; mas obrigaram-me a ser rigoroso. Quando eu annunciava as ordens do rei, e não faziam caso d'ellas, era indispensavel recorrer á força: as prisões e os carceres foram os unicos meios, que encontrei para domar esse povo cego e ignorante.

«D'esta fórma passei em casa d'este ministro cinco dias nas conversas as mais interessantes. Teve a bondade de communicar-me a respeito de Portugal varias noções e reflexões, de que fiz uso no decurso de minha obra.

«O 2.º volume das *Viagens de Chatelet* (que nada appresenta digno de especial menção) termina com um *Supplemento* composto por Bourgoing, no qual se corrigem algumas inexactidões inseridas n'esta obra.

«O duque de Chatelet, de quem nos temos occupado n'este artigo, parece ter sido filho da celebre marqueza de Chatelet, amante de Voltaire, e o qual morreu no cadafalso revolucionario, em 1794 depois de ter sido embaixador na Austria e em Portugal, e coronel do regimento das guardas francezas em 1722 e 1729. [1]

«Veja-se Bourgoing.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, tomo 14.º

Digitized by Google

«Porém o que no duque de Chatelet nada tem de agradavel é a pintura, que nos faz do caracter dos portuguezes no tempo do marquez de Pombal.

«O povo portuguez é naturalmente orgulhoso, soberbo e animoso, e detesta em geral qualquer outro povo: crê sinceramente que não existe no universo nação mais esclarecida e perfeita, que a sua. Seu odio contra os hespanhoes é inexprimivel: até mesmo tem aversão aos inglezes, aos quaes olham como seus mais temiveis inimigos. Não sei se é prevenção nacional, mas julguei descobrir em Lisboa que ali não se viam os francezes com maus olhos.

«Seus habitantes nos consideram como intrepidos: estimam nossos militares, dos quaes concebem a mais elevada idéa: além d'isto, nossa vivacidade sympathisa com a d'elles. São (o que todavia custa a accreditar) propensos aos prazeres, e entregam-se a elles, quando o podem fazer commodamente. Ha, segundo julgo, poucos povos mais feios, que os portuguezes. São baixos, morenos, mal conformados: o interior corresponde bastante, em geral, a este repugnante involucro, principalmente em Lisboa, onde os homens parecem aglomerar todos os vicios da alma e do corpo [1]. Ha, todavia, entre a capital e o norte d'este reino uma differença notavel. Nas provincias septentrionaes os homens não são tão trigueiros, nem tão feios; são mais francos, mais trataveis na sociedade, muito mais valentes, e mais laboriosos; porém, se é possivel ainda mais escravisados pelos preconceitos. Esta differença dá-se egualmente nas mulheres: são muito mais brancas, que as do sul.

«Os portuguezes considerados no geral são vingativos, vis, soberbos, escarnecedores, presumpçosos excessivamente, ciosos e ignorantes. Depois de ter descripto os vicios, que julgo descobrir n'elles, seria injusto calando suas boas qualidades. São affeiçoados a sua patria, amigos generosos, leaes, sobrios e caritativos. Seriam bons christãos, se não estivessem cegos pelo fanatismo. Acham-se tão acostumados ás praticas religiosas, que são mais supersticiosos, que devotos. Os fidalgos ou grandes de Portugal teem uma educação muito escassa; orgulhosos e insolentes, vivendo na mais crassa ignorancia, quasi nunca saem de seu paiz para verem outros povos. A familia do marquez de Pombal, a qual frequentei muito, é quasi a unica onde encontrei instrucção, e um conhecimento não superficial dos outros povos: fala nossa lingua, o inglez e o italiano com facilidade; e o que n'ella me agradou infinitamente, foi o ver que pensava a respeito de seu proprio paiz mui sensatamente, e sem nenhuma preoccupação: cousa rara, mesmo nos povos os mais instruidos e civilisados. Se algum fidalgo portuguez vir o que escrevo, ganharei titulos a seu rancor, porque votou odio a quanto diz respeito ao nome de Pombal. Algumas outras casas se acham, mas em bem pequeno numero, nas quaes existem livrarias: porém mesmo essas casas e livrarias estão fechadas para os estranhos.

«Podemos, sem exaggeração, gabar os encantos das portuguezas. Não ha europeas, que tenham melhor carnação. Teem muito espirito, e talvez ainda mais vivacidade que as francezas. Em quanto ao galanteio excedem todas as mulheres da Europa: teem na expressão essa ternura seductora, que desperta

[1] Chatelet — *Voyages*, tomo 1.º, pag. 70.

Digitized by Google

e promette prazer: mas se este é facil, é muito perigoso obtel-o, porque os maridos e parentes conhecendo a extrema fraqueza de suas mulheres, nunca as desamparam, espionando quantos rodeiam a casa, e se por acaso sae ou entra alguem, que desperta suas suspeitas, cravam-lhe no coração um punhal, de que andam sempre munidos. As damas de classe superior vestem-se á franceza, exceptuando a cabeça, que enfeitam á moda do paiz com flores e diamantes collocados com muita garridice e arte. Todas ellas teem lindos olhos pretos muito expressivos.»

252) CHAUVAIN (LÉONCE — DE CETTE).

E. — *Histoire de Portugal et de la Maison de Bragance par* — Chez l'Auteur, a Cette. 1871, 8.º, 232. (Historia de Portugal e da casa de Bragança).

É dedicada a D. Luiz, rei de Portugal.

Esta obra não passa d'um não interrompido panegyrico dos portuguezes.

«É no livro d'um dos maiores poetas do mundo, do maior poeta portuguez, é nos *Luziadas* de Camões, que se encontra a primeira historia de Portugal. Camões foi o historiador épico de seu paiz á maneira do immortal Virgilio, e os *Lusiadas* é um poema nacional como a *Eneida*.

«O que os outros historiadores portuguezes, João de Barros, Diogo do Couto, Lopes de Castanheda contaram eloquentemente em prosa, Camões o consagrou melodiosamente em verso. Na poesia épica moderna Camões é em Portugal o que Tasso é na Italia, e Milton na Inglaterra. Não lhes procuremos equivalentes na França: o proprio Voltaire, sem embargo da sua Henriada asseverou que os francezes não tinham cabeça épica: outro tanto é mister dizer da Allemanha. A França tem grandes poetas, taes como Corneille e Racine; a Allemanha tem Goethe e Schiller; mas nenhuma das duas possue um Camões, um Virgilio, e um Homero.

«O assumpto dos *Lusiadas* não é nem uma guerra fabulosa, nem uma altercação de heroes, nem o mundo em guerra por causa de uma Helena, como na Iliada; não são as aventuras d'um Ulysses, como na Odyssea. E no emtanto é um poema inteiramente homerico. A base dos *Lusiadas* é uma nova especie de epopea, que celebra a descoberta heroica e maravilhosa d'um paiz por meio da navegação portugueza. O poeta dirige a frota para a embocadura do Ganges, descreve-o ao passar as costas occidentaes do meio dia e do oriente da Africa, e os differentes povos, que vivem n'essas regiões até então desconhecidas.

«As descobertas, expedições e conquistas dos portuguezes enchem bellas paginas na historia. Esta nação pouco ampla na geographia da Europa, é todavia muito vasta em todas as partes do mundo.

«São os portuguezes soldados honestos e excellentes. Quando se levantaram em massa para a defeza de seu paiz, mostraram-se certamente superiores aos hespanhoes, pois não deshonraram seu patriotismo com horriveis guerrilhas: e os francezes, ao combaterem contra Portugal, acharam n'elle inimigos, mas não aventureiros. Todas as tropas portuguezas foram encontradas com honra no campo de batalha, entre os soldados francezes e inglezes.

Digitized by Google

«Em seguida á França de 1789 foram os portuguezes os primeiros, que adoptaram uma constituição, que mais se approxima da franceza, e que já serviu, ou ha de servir um dia de modelo a muitos governos europeus. Por este meio o reino de Portugal alcançou, ha muito tempo, maiores proveitos para a humanidade, do que tantos outros colossos ou imperios.

253) **CHEMNITIUS (M.)**

De Lusitanorum in Indiam Orientalem navigatione Carmen. Lipsiae, 4.°, 1580. (Poesia á navegação dos portuguezes ás Indias Orientaes).

Ternaux Compans., pag. 63.

254) **CHERINGTON.**

E. — *Memoirs of the right honorable Lord Viscount Cherington containing a genuine description of the government, and manners of the present Portuguese.* London, 1782, 2 vol. 8.°— (Memorias de — contendo uma verdadeira descripção do governo e costumes actuaes dos portuguezes).

255) **CHERUBINI (LUIGI CARLO ZANOBI SALVATORE MARIA).**

E. — *L'hotellerie Portugaise.* Opera, 1798.

256) **CHEVALIER (MICHEL).**— Economista francez notavel, que tem escripto muitos artigos em diversos jornaes a respeito de nossas cousas, mas principalmente na *Revue des deux mondes*, e que sempre se tem mostrado muito affeiçoado aos portuguezes.

Tendo recebido o diploma de socio estrangeiro enviado pela nossa Academia das Sciencias, na carta de agradecimento, que remetteu, entre outras coisas, diz as seguintes:

«Quando a navegação aperfeiçoada e auxiliada pela sciencia abria um caminho inesperado á actividade commercial, industrial e scientifica da Europa nos fins do seculo xv, e principios do xvi, Portugal compartiu com a Hespanha a gloria das descobertas admiraveis, que caracterisaram e immortalisaram essa época.

«Se depois a fortuna de Portugal se eclipsou, hoje póde-se affirmar sem lisonja, que esse accidente, que aliás experimentaram todas as nações da terra em differentes épocas, cada uma por seu turno, está passado.

«O espirito novo reanima os portuguezes, e representa-os principalmente um soberano, a cujo respeito em toda a Europa só ha um parecer: representa-o uma pleiade de estadistas afamados, de sabios escriptores, cujo saber eguala o patriotismo, muitos dos quaes me felicito de haver encontrado no theatro das exposições universaes de Londres e de Paris, e de cuja amisade me lisonjeio.[1]

«Portugal é o paiz fadado, mais que qualquer outro, para auferir as maio-

[1] *Annuario do Archivo Pittoresco*, (1865), pag. 136.

Digitized by Google

res vantagens dos inventos, que distinguem a nossa época, e particularmente dos caminhos de ferro e da navegação a vapor.

«A liberdade do commercio, esta fórma especial do principio da liberdade geral, e de que a civilisação moderna tão namorada é, e com rasão, promette a este paiz uma inexhaurivel fonte de prosperidade.

«Pela sua peculiar situação topographica, Portugal está fadado para ser um dos agentes mais uteis da grandeza, e da riqueza collectiva de toda a Europa.»

Um dos trabalhos de Michel Chevalier é o seu estudo sobre o marquez de Pombal, publicado no jornal acima mencionado, em setembro de 1870.

257) **CHIUMAZERO E CARRILLO (GIOANNI).**

E. — *A sa Santita. Per — ambasciatore di S. M. C., contra la pretensione del Vescovo di Lamego.*

C. M. B. I. P.

258) **CHONSKI (DE).**

E. — *Etablissement Portugais de Macao, par* — Paris, 1850, 8.º

259) **CHRETIEN (NICOLAS).**

E. — *Les Portugais infortunés.* Tragedie, 1608.

260) **CIBRARIO (LUIGI)** — Senatore del regno, ministro da fazenda da Sardenha e successor de Cavour.

E. — *Ricordi d'una missione in Portogallo al re Carlo Alberto per —. Nuova edizione accresciuta. Torino, Dalla Stamperia Reale.* 1850, 8.º, 378 pag.

Carlos Alberto, rei da Sardenha, havendo sido derrotado pelos austriacos na batalha de Novara e tendo em seguida abdicado, demandara um asylo na cidade do Porto. Aqui o foi procurar uma deputação composta de tres membros Cesare Alfieri, Giacinto di Callegno e Luigi Cibrario. Os dois primeiros regressaram para o seu paiz, e o ultimo accompanhou o monarcha até á sua morte, acontecida em 28 de julho de 1849. Publicou depois em Turim o livro mencionado, no qual dá uma descripção de Portugal, e tracta extensamente da doença, morte, e enterro do rei Carlos Alberto.

«Não tem Portugal algum lago digno de ser mencionado, e só o Tejo forma um, o mais incantavel, e o mais bello porto do mundo.»

«Em quanto a livros de miniaturas Portugal possue um thesouro, com o qual nenhum outro pode ser comparado. Vi a preciosa collecção do rei de Wurtemberg, vi os livros com miniaturas de Vienna, Paris, Turim, Milão, Siene Roma, Napoles, Monte Cassino, e La Cava, mas não encontrei çousa, que se podesse comparar com a Biblia em 7 volumes dada de presente a el-rei D. Manoel pelo papa Julio III.»

«Quer pela via terrestre cheguemos [1] da deliciosa provincia da Beira ás mar-

[1] A traducção d'esta passagem foi publicada no *Panorama* de 1852.

Digitized by Google

gens, do Douro, quer, deixando o Oceano, vencidos os bancos de areia, que obstruem a foz, remontemos breve espaço do curso do rio, summamente magestosa e pitoresca é a vista da cidade do Porto, a qual campeia sobre duas altas collinas, cobre com seus variados edificios todo o declive até vir banhar quasi n'agua a extrema casaria.

«Por isso, contemplando-se do meio do Douro [1] veem-se umas casas surgindo de traz d'outras até mais a cima dos dois montes coroados pela Sé, o palacio do bispo, a porta do Sol e a Torre dos Clerigos, que serve de balisa aos navegantes.

«Em certos logares, onde mais ingreme é o declive, os edificios, que se levantam a varias alturas, uns acima dos outros, parece formarem um corpo só, de proporções desmesuradas, de altura gigante. Junte-se a isto um rio caudal, entalado nas margens, e fundo, sulcado de navios e barcos de todas as nações, atravessado pela ponte pensil, que liga a cidade á povoação de Villa Nova de Gaya, aggreguem-se-lhe as quintas espalhadas pelas encostas de ambas as margens em meio das mais excellentes e robustas arvores, que ha no mundo; o convento da Serra, que se eleva solitario á esquerda do Douro; o ceu, ora avivado pelos esplendores do sol meridional, ora offuscado pelos nevoeiros do oceano, os quaes, quando não se condensam muito, não tolhem a formosura das scenas da natureza, revestindo-as de tintas melancolicas, ora esfumando lentamente as ladeiras dos montes, ora afogando os pinheiraes solitarios, em parte occultando, em parte escurecendo apenas os objectos, multiplicam os paineis, que a vista procura, e em que se compraz a imaginação, principalmente quando pensamentos tristes e intimos, fructos de amargos desenganos e previsões sinistras agitam a mente, e, parece que a magoa se mitiga, se acha correspondencia no melancolico aspecto da natureza.»

O auctor descreve em seguida os principaes estabelecimentos, mas isto pouco interesse offerece para um portuguez, dando-se a circumstancia de haver hoje outros muito mais modernos, e tambem muito notaveis. O Porto é uma das povoações do nosso paiz, que mais tem progredido. É realmente uma grande e sumptuosa cidade, cheia de vida e de animação.

Desde pag. 184 até ao fim trata o livro da biographia, residencia no Porto e morte de Carlos Alberto, a quem a nossa cidade prestou as maiores homenagens. D'aqui proveiu serem os habitantes do Porto considerados como cidadãos da cidade de Turim.

«A cidade do Porto, que foi a primeira que em Portugal levantou o estandarte da liberdade, não teve nem terá outro hospede egual. Povo piedoso

[1] Cibrario é um dos mais distinctos escriptores da Sardenha, e é geralmente considerado como um dos primeiros escriptores da litteratura contemporanea em Italia. É auctor de uma *Historia da casa de Saboya*, bem conhecida e bem apreciada pelos sabios da Europa. Foi outr'ora conselheiro do tribunal de contas, e por algum tempo chefe d'uma repartição no ministerio da fazenda.— *Revista Universal Lisbonense*, vol. 10.º, pag. 516.

Digitized by Google

e cortez, que comprehendes os grandes pensamentos, e te compadeceste dos infortunios dos italianos, Deus te dê os agradecimentos das homenagens que prestaste ás virtudes de Carlos Alberto, Deus te conceda gozares por muito tempo d'uma verdadeira liberdade e d'uma verdadeira paz!»

261) **CIERA (MIGUEL ANTONIO).** Natural do Piemonte, e professor de mathematica no collegio dos nobres, e depois na universidade de Coimbra.

E. — *Os tres livros de Cicero sobre as obrigações civis, traduzidos em lingua Portugueza, para uso do Real Collegio dos Nobres.* Lisboa, officina de Miguel Manescal da Costa, 1766, 16.º

Ha outras duas edições mais modernas.

262) **CINCO LIBROS DE LA HISTORIA DE PORTUGAL,** *y conquista de las Islas de los Açores en los años de* 1582 *y* 1583. Madrid, 1591

263) **CIRCOURT** (Mr. ADOLF).

E. — *Catherine d'Atayde. Tiré de la Bibliotheque Universelle de Genève.* Juillet, 1853. Genève Imprimerie Ferd. Hamboz, 1853.

264) **CIVIL (THE) WAR IN PORTUGAL,** *and the siege of Oporto. By a British Officer of Hussars, who served in the Portuguese army during the Peninsular War.* London, Edward Moxon, 1836, 8.º, 285 pag. (Guerra civil em Portugal.)

Esta obra começa na conspiração de Gomes Freire, e termina na morte de D. Pedro. Seu author, que dizem ser o coronel inglez Owen, mostra-se muito sentido pelo fallecimento d'este soberano, e acerrimo partidario de sua politica.

Parece-me ser esta já uma segunda edição: da primeira nunca pude encontrar o original inglez, mas ha uma traducção em máo portuguez com o seguinte titulo: *A guerra civil em Portugal, o sitio do Porto e a morte de D. Pedro. Por um estrangeiro.* Impresso em Londres em 1836.

265) **CLAIRE (SAINTE-DEVILLE),** geologo francez, socio do Instituto;

Nasceu nas Antilhas no anno de 1814. [1]

E. —*Voyage géologique aux Antilles et aux iles Ténériffe et de Fogo.* Paris, 1856-1864.

266) **CLARAMOND (PRIVAT JOSEPH),** Comte de la Pelet de la Lozere.

E. 1 — *Coup d'œil militaire sur le Portugal.*

II *Relations de la Campagne de Portugal en* 1810-1811.

[1] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains.* pag. 1612.

Digitized by Google

Conservam-se estes trabalhos ineditos, segundo diz a *Nouvelle Biographie Universelle* de F. Didot.

267) **CLARETA (BARONE GAUDENZIO).**

E. — *Notizie storiche intorno della vita ed ai tempi di Beatrice di Portogallo duchessa di Savoia.* Torino, 1863. (Noticias historicas ácerca da vida e tempos de Beatriz de Portugal, duqueza de Saboia).

268) **CLEDE (N. DE LA)**, historiador francez.

Nasceu no anno de 1736.

E. — *Histoire générale de Portugal.*

Tome première *contenant l'origine, les mœurs, et les guerres des anciens Lusitaniens, leur etat sous la Domination des Romains, l'invasion des Gots et celle des Maures, l'érection du Portugal en Royaume et les Regnés de Henry et d'Alfonse jusqu'à celui de Dom Jean III inclusivement.* Paris, Chez Collin, Fils. 1735, 4.° gr. 783 pag.

Tome secundième *contenant les regnés de Sebastien, de Philippe II etc. jusqu'à celui du roi Jean á present regnant.* Paris, Chez Collini, Fils. 844 pag.

Ha outra edição do mesmo anno em 8 vol. in-8.°, em Paris em casa de Theodore le Gras.

A respeito d'este trabalho litterario diz o sr. Ferdinand Diniz.[1] «As fontes consultadas foram Marianna, Faria, Brandão, Birago, Barros, Ericeira, e o conde de Alegrete. Os chronistas do xv e do xvi seculos lhe são desconhecidos completamente: Fernão Lopes, Ruy de Pina, Azurara, Rezende nunca por elle foram citados, e até mesmo não conhece a compilação de Duarte Nunes de Leão.»

A traducção de algumas passagens do prologo d'esta obra fará conhecer o intuito d'ella:

«Como possuimos em nossa lingua a historia geral da maior parte das monarchias da Europa, julguei ser conveniente termos a historia completa d'um reino, que, apezar de pouco consideravel em extensão, o é todavia muito por sua vantajosa posição, fertilidade, industria e riqueza de seus habitantes, pelas gloriosas victorias, que os portuguezes obtiveram sobre seus inimigos na Europa, e pelas uteis conquistas, que fizeram em o novo mundo.»

A *Historia de Portugal* por La Clede era out'rora muito apreciada; hoje as tendencias historicas são mui diversas e póde-se asseverar que os leitores d'esta obra são actualmente bem pouco numerosos. Quem terá hoje paciencia para ler um escriptor, que narre a historia dos antigos lusitanos, seguindo as pisadas de Frei Bernardo de Brito?

D'esta obra se publicou em 1781 uma traducção portugueza em 16 volumes, illustrada com muitas notas historicas, geograficas e criticas; e com algumas dissertações singulares.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Générale*, vol. 28.°, pag. 535.

Digitized by Google

269) **CLENARTZ, KLEINARTZ, ou á latina CLENARDUS (NICOLAUS)** — Philologo celebre, natural de Diest, no Brabante.

Nasceu no anno de 1495.

Depois de ensinar por alguns annos as linguas grega e hebraica em Louvain, veiu para Portugal, convidado por el-rei D. João III com o fim de ser mestre de D. Henrique, depois cardeal e rei. Mais tarde estabeleceu aula de latim em Braga.

E. — I *Institutiones Grammaticae Latinae.*

II *Comitis Palatini, Ducis Bavariae, S. R. Imperii Electoris etc. ubi de diversoriis Hispanicis. Hanoviae. Typis Wechelianis apud Claud Marnium et heredes Joan.* Aubrii, 1606, 8.°, 340 pag.

III *Institutiones Grammaticae Graecae. Bracharae, etc.* D'estes dois compendios ha um numero extraordinario de edições.

IV *Nicolai Clenardi Epistolarum libri duo. His accedunt excerpta Huberti Thomae Leodii Annalibus de vita Friderici.*

Na Bibliotheca Publica de Lisboa existe um exemplar d'esta obra, que é rara, e que mereceria ser traduzida em vernaculo, se na época actual houvesse entre nós leitores para tal genero de livros.

São estas cartas escriptas em estylo faceto, e d'ellas parte foram dirigidas a Jacob Latomo, mestre de Clenartz, e parte a varios outros litteratos.

Logo na primeira dirigida a seu mestre narra como a convite do rei de Portugal se dirigira de Salamanca para Coimbra, e dá conta da sua viagem.

Diz que são tantos os mouros e ethiopes empregados na qualidade de criados de servir em Portugal, que lhe parece maior o numero de escravos, que o de pessoas livres n'este paiz.

Vamos agora ver como Clenartz aprecia alguns dos litteratos portuguezes d'aquelle tempo, e o estado dos estudos n'este paiz.

«Est Conimbricae apud Lusitanos jam praelum [1] non solum Latinarum, sed etiam Graecarum literarum, vide num consilium aliquod reperire possis, ut inde semper Graecorum librorum numerum justum consequaris: id quod facile fiat, si cum Vincentio Fabricio per epistolas aliquando confabuleris, qui illic Graece docet.

«Resendius primas partes obtinet, poeta cum veteribus comparandus, cui si juge studium staret poeticum, non minus nobilitaret suam Eboram, quam Lucanus Cordobam.

«Georgii Cœlii viri praeter Graecarum literarum peritiam, sic et prosa et carmine celebris, ut dubites utro magis polleat. Mihi semper ob id probata est oratio ejus soluta, quod nesciam an hodie sint qui tam prope accedant ad illam Romanam eloquentiam. Sermo est purus, concinnus, et eleganti munditie, nec quicquam tamen prae se fert affectatum. Videorque mihi non immerito Resendium inter poetas, Cœlium inter oratores collocasse, ut in bello, quod

[1] Carta a João Vasco, pag. 177.

Digitized by Google

spiro contra Machometum, Cœlius orare melius, Resendius canere possit sonorius. Inter Theologos autem quem, quaeso, praeferam Joanni Parvo?...

«Ceteras dotes et viri probitatem hinc colligite, quod cum multis egregie doctis spectataeque vitae non careat Lusitania, Parvum tamen nuper Rex inclytus, caeteris posthabitis, sua sponte designavit Episcopum.

«Erat etiam non postremae notae D. Franciscus Mellonius, genere ac literis adeo praeditus, ut et inter aulicos proceres dignitatem, et inter eruditos claram famam teneret.

«Nec silentio praetereundus est Franciscus Geraltes egregius medicus, utraque lingua bene percultus, et vir acerrimi judicii, qui tametsi inter amicos non infimum locum occupavit, partim eruditione commendatus, partim in me collato beneficio.

«Missos faciam reliquos, ut properem ad Antonium Philippum, tam deditum Medico Arabico, quam devotus esset Geraltes Graeco. Est hic, Antonius inter Eborenses summi nominis, et quod me titillabat libris Arabicis instructus quamplurimis.

*
* *

«Omitto reliqua quo properemus Conimbricam, ubi rex novam tum moliebatur Academiam. Hic quid opus est multis laudibus, quando se ipsa in dies magis ac magis commendat? Erant vacationes, et in ceteris professionibus [1] feriae. Nec judicium ferre possum nisi de auditorio Graeco, quod novo miraculo reddit attonitum. Vincentius Fabricius enarrabat Homerum, non ut Graeca verteret latine, sed quasi ageret in ipsis Athenis; et nihilo segnius discipuli praeceptorem imitabantur, ferme in totum usi et ipsi sermone Graecanico. E quibus auspiciis si fas est divinare, florentissima erit Conimbrica linguarum studiis.

«De Theologia speciem praebuerunt tres monachi, qui cum paucis mensibus in ea palaestra fuissent versati, de themate proposito disputaverunt argutissime, et reipsa testati sunt quam eruditis viris illic darent operam. Quod si *honos alit artes*, quid manet Conimbricam, nisi ut ipsam aliquando vincat Salmanticam? Neque enim Rex parcit ullis sumptibus, ut tam opimis proventibus donat Cathedras, ut in universa Hispania non sit Professoribus fructus uberior.»

270) CLUSII (CAROLI).

E. — *Aliquot notae in Garcia aromatum historiam ejusque descriptiones nonnullarum stirpium et aliarum exoticarum rerum quae a generoso viro F. Drake observatae in longa navigatione.* Plantin, 1582. T. Compans, pag. 62. (Algumas annotações ao livro de Garcia da Horta sobre as drogas do oriente.)

271) COCIO (D. MARGARIDA IRIARTE E SOMALLO AYMERIK BIOSLADA DE).

Nasceu em Buenos Ayres (America) no anno de 1801, e depois condessa do

[1] *Epistola ad Christianos de professione Arabica, militiaque constituenda adversus Machometum.*

Digitized by Google

Casal, por ter casado com José de Barros e Abreu Sousa e Alvim, conde do mesmo titulo).

E. — I *Poema épico, dedicado á nação portugueza.* Porto, Typographia de Sebastião José Pereira, 1849.

II *Branca. Drama em quatro actos e oito quadros. Producção e engenho da condessa do Casal.* Porto, Typographia de Sebastião José Pereira, 1847.

272) **COCKBURNE** (Miss. CATHERINE).

E. — *Agnes de Castro. A. Tragedy.* London, 1697.

273) **COISSARD** (MICHEL).

E. — *La vie du bienheureux François Xavier, mise en français sur le latin d'Horace Tursellini.* Lyon, 1612, 8.º (Vida de S. Francisco Xavier.)

274) **COLBATCH** (Dr.)

E. — *An examination of the late Archdeacon Echard's account of mariage-treaty between King Charles the second and queen Catherine infanta of Portugal.* Cambridge, 1733. (Exame do tratado de casamento do rei Carlos, com a infante D. Catharina.)

Apparece esta obra mencionada no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

275) **COLLECTION** *of general voyages, from the commencement of the Portuguese discoveries to the present time.* London.— (Collecção de viagens.)

276) **COLLOQUIA** *et Dictionariolum octo linguarum: Latinae, Gallicae Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae et Portugallicae. Liber omnibus Linguarum studiosis domi ac foris apprime necessarius.— Colloques ou Dialogues avec un Dictionaire en huict languages Latin, Flamen, François, Alleman, Espagnol, Italien, Anglois et Portuguez: Nouvellement revues, corrigéz et augmentéz de quatre dialogues, tres profitables et utiles, tant au faict de marchandise, qu'aux voyages et autres trafiques.* Londini. Excusa typis E. G. impensis Michaelis Spark Junioris, 1639, 362 pag.

277) **COLMENAR (DON JUAN ALVAREZ DE)**—Escriptor hespanhol, que vivia na primeira metade do seculo XVIII [1].

E. — I. *Les Delices de l'Espagne et du Portugal, où l'on voit une description exacte des Antiquitez, et des Provinces, des montagnes, des villes, des Rivieres, des Ports de mer, des Forteresses, Eglises, Academies, Palais, Bains etc. De la Réligion, des mœurs des habitants, de leurs fêtes, et généralement de tout ce qu'il y a de plus considerable à remarquer. Le tout enrichi de figures en taille douce, dessinées sur les lieux mêmes, par — A. Leide.* Chez Pierre Vander,

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 11.º, pag. 366.

Digitized by Google

1707, 5 vol. 8.º Com grande numero de estampas. Leyde, 1715 em 6 vol. Esta obra foi traduzida em Flamengo.

O vol. 4.º é o que trata especialmente de Portugal, se bem que nos outros tambem se encontra alguma coisa a este respeito. Diz que Portugal é um paiz muito bom, rico, fertil, e abundante de tudo, quanto se póde desejar para as necessidades e delicias da vida.

ESTAMPAS

1.ª Vista de Villa Nova e forte da Conceição (da Cerveira?) — 2.ª Vista de Braga.— 3.ª Vista de Coimbra.— 4.ª Vista de Lisboa.— 5.ª Vista do Terreiro do Paço.— 6.ª Palacio do rei em Lisboa.— 7.ª Vista d'um palacio, que o rei de Portugal comprou.— 8.ª Vista de Cascaes e Belem.— 9.ª Vista da barra de Lisboa e egreja de Belem.— 10.ª Vista da Egreja de Belem.— 11.ª Vista de Setubal.— 12.ª Vista de Evora.— 13.ª Vista de Estremoz.— 14.ª Vista de Elvas.— 15.ª Vista de Arronches.— 16.ª Vista de Olivença.— 17.ª Vista de Villa Viçosa.— 18.ª Vista de Ferreira.

No 2.º vol.—Vista d'uma corrida de touros em Lisboa.

No 6.º vol.—1.ª Embarque da princesa de Portugal, Catharina, esposa de Carlos II, rei d'Inglaterra.— 2.ª Vestuario dos cavalleiros de Portugal.

II. *Annales d'Espagne et de Portugal, contenant tout ce qui s'est passé de plus important dans ces deux royaumes et dans les autres parties de l'Europe, de même que dans les Indes Orientales et Occidentales, depuis l'etablissement de ces deux monarchies jusqu'à present. Avec la description de tout ce qu'il y a de plus remarquable en Espagne et en Portugal. Leur etat present, leurs interets, la forme du Gouvernement, l'etendue de leur commerce etc. par* — Le tout enrichi de Cartes Geographiques et de très belles figures en taille douce. A Amsterdam. Chez François L'Honoré et Fils, 1741, 4 vol. 4.º gr.

Algumas das estampas relativas a Portugal, que enriquecem esta obra, fazem differença, das que appareceram na outra já mencionada — *Les Delices.*

278) COLMEIRO (D. MIGUEL).

E. — *La Botanica y los Botanicos de la Peninsula Hispano-Lusitana. Estudios bibliographicos y biographicos.* Madrid, 1858.

279) COLOMEZ (JUAN).

E. — *Ignez de Castro.* Tragedia. Livorno, 1781.

280) COLVOCORESSES (LIEUT. GEO. M. — U. S.)— Navy and officier of the expedition.

E. — *Four years in the government exploring expedition commanded by captain Charles Wilkes to the Island of Madeira, Cape Verd Islands, Brazil, Coast of Patagonia, Chili, Peru, Paumato Group, Solety Islands, Navigatour group. Australia, Antarlick Continent, New Zealand, Friendly Islands, Fejee Group, Sandwich Islands. Northwest Coast of America, Oregon, California, East Indes, St. Helena, etc. etc. Second edition.* New-York, R. T. Ioung Publisher, 1858, 8.º, 371 pag. Com algumas estampas.

Digitized by Google

281) **COMEDIA FAMOSA**: *El falso nuncio de Portugal.* Barcelona, 1769.

282) **COMEDIA FAMOSA** *dos successos de Jahacob e Essav, composta por um auctor celebre, estampada á custa de Abraham Ramires e Ishac Castello, em cujo poder se acham a vender.* Delft. Anno 5459. (Corresponde a 1699.)

Falla d'esta obra o sr. Innocencio Francisco da Silva a pag. 92 do 2.º vol. do seu *Diccionario.*

283) **COMELLA (D. LUCIANO FRANCISCO).**

E. — I. *Doña Ines de Castro. Escena tragico-lirica por* —. Valencia, 1815.

II. *El mayor rival de Roma, Viriato. Drama tragico.* Cadix.

284) **COMPARETTI (ANDREA)** — Medico italiano.

Nasceu em Frioul no anno de 1746 e falleceu em Padua no de 1801. [1]

E. — *Osservazioni sulla proprieta della China del Brasile.* Padua, 1794, 8.º — (Observações sobre a quina do Brazil.)

285) **COMPENDIO DE LA HISTORIA DE PORTUGAL** *desde el principio de su monarquia hasta el año de* 1823 *por Alfonso Rabbe... traducido al Castellano.* Paris, 1827, 2 vol. 12.º

286) **CONCERT VAN REGLEMENT** *op Brasil Ghenoment by haere Ho. Do. de Heeren Staeten General der Hereenighde Nederdanden ende de Temindt-Hesboren der Teoctroveerde West-Indische Compagnie,* 1648, 8.º, fol. sem pag. — M. S.

287) **CONDER (JOSIAH).**

E. — *Spain and Portugal.* London, 1831, 2 vol.

288) **CONESTAGIO (JERONIMO DE FRANCHI-GENTILHUOMO GENOVESE).**

Nasceu em Toledo no anno de 1528, e ahi morreu em 1601.

E. — *Del unione del regno di Portugallo allo Corona di Castiglia. Istoria del Sig.*— In Genova. Appresso Girolamo Bartoli, 1589, 4.º peq., 412 pag.

«Tenciono escrever as coisas do reino de Portugal, desde o tempo que el-rei D. Sebastião I com uma numerosa armada passou á Africa para fazer guerra aos mouros da Mauritania Tingitana, até que (depois de varios trabalhos) o referido reino em tempo de Philippe II rei de Castella se uniu aos outros de Hespanha.»

Eis o começo d'uma obra bem conhecida em toda a Europa, e da qual existem varias traducções e edições, mas que em Portugal fez levantar altos

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 11.º, pag. 366.

Digitized by Google

brados de indignação contra seu auctor, [1] por se julgarem os portuguezes n'ella calumniados por um portuguez, [2] por isso que se accreditou que o tal Franchi Conestagio nada mais era de que um pseudonymo, sendo o verdadeiro nome do auctor D. João da Silva, conde de Portalegre. Realmente passagens como estas, e outras muitas do mesmo calibre não eram muito para lisonjear nossos antepassados:

«As delicias da India, e a abundancia do commercio tendo-os corrompido, não pensaram mais que em gosar do que ganharam, sem pensarem em Deus. Cairam n'uma ociosidade cheia de orgulho e de presumpção. Era impossivel retirar um povo tão corrupto do desregramento em que estava. É a nação a mais orgulhosa do mundo. D. Sebastião educado no meio de mulheres e de frades, sustentado nos prazeres e nas delicias, tinha tão grande paixão pela guerra, como se tivesse nascido e sido educado no meio do exercito.

«Entre todos aquelles preparativos não se via aquella ordem, e aquella intelligencia tão necessaria a todas as coisas da guerra: tudo era embaraço e confusão; nenhuma exactidão nas revistas, nenhuma fidelidade no pagamento, uma extrema abundancia de coisas inuteis, e uma grande carencia do que era mais necessario. Toda a nobresa por um requinte extraordinario vestia-se á hespanhola, não se lhe viam nem armas, nem couraças, nem as provisões necessarias de agua e biscouto para embarcarem. Tudo eram bordados, casquilhismo de estofos magnificos, doces e licores. Sómente se via baixella de prata, tendas forradas com fazendas de seda, e por toda a parte equipagens de principes, ao passo que os soldados morriam á fome.»

Realmente estas expressões parecem d'uma audacia inaudita attendendo aos tempos, em que se escreviam; mas os seguintes trechos deviam encher os portuguezes d'uma colera inexprimivel.

Trata-se da batalha de Alcacer Quibir — «Os portuguezes dispararam sua artilharia com tão pouca ordem e intelligencia, que se tornou quasi inutil; mas á segunda carga dos mouros, mal viam o fogo, deitavam-se immediatamente no chão. Na terceira linha os portuguezes, deitando fóra, as armas punham-se de joelhos diante dos mouros, e lhes pediam a vida. Os mouros preferem os prisioneiros portuguezes aos de todas as outras nações, pois sendo excessiva-

[1] É fama publica que o verdadeiro auctor da referida obra é D. João da Silva, hespanhol, conde de Portalegre, bem acceito ao sobredito Philippe II. O erudito e judicioso D. Francisco Manuel de Mello na sua Epanaphora 2.ª faz da sobredita Historia e do seu auctor em summa o seguinte juizo: Que elle se roubou a si mesmo, mais que a nós. Pois apesar das imposturas com que quiz escurecer a nossa fama, os portuguezes ficaram réputados por gente valerosa no mundo, e elle por auctor fabuloso do tempo.» *Bibliotheca Historica de Portugal*, pag. 337.» Jeronymo de Mendonça diz porém mui positivamente que o auctor era genovez, e occupado na feitoria da alfandega de Lisboa.

[2] Escreveu obras mencionadas por Barbosa, que attribuindo-lhe a qualidade de portuguez por sua mãe, lhe deu por isso logar na *Bibliotheca Lusitana*.» Sr. Innocencio. Dicc. tomo 1.º, pag. 35.

Digitized by Google

mente effeminados para soffrerem os incommodos do captiveiro, sacrificam facilmente grandes sommas para se resgatarem.

«Moura, foi quem n'esta conjunctura fez progredir mais os interesses de seu amo, mas de todos os meios, que empregou, o dinheiro e as promessas foram os mais efficazes para associar os nobres ao partido de Philippe II.

«O calor do clima, a immundicie da cidade de Lisboa, o mau sustento do povo, que em geral só vive de peixe, o pouco cuidado dos magistrados em separar os empestados dos que não o estavam, seu desleixo em tudo mais contribuiu muito para augmentar a epidemia de 1580.

«A confusão, em que se achava o reino, lançou os frades n'uma extraordinaria relaxação. Nada mais se via que devassidão e escandalo derramado por toda a ordem ecclesiastica.

«A desordem não era menor no governo ecclesiastico, do que no temporal. Todos os religiosos, á excepção dos jesuitas, renunciando á sua profissão, e a seu caracter, do qual nada mais guardavam senão o habito e o nome, passavam uma vida de soldados, todas suas funcções eram uma continua profanação de seu ministerio. Parecia que para elles não havia Deus, e D. Antonio, o prior do Crato, no meio de suas desgraças, continuava sempre uma vida de devassidão. As mulheres mais honestas mal se podiam livrar de suas violencias. Violou até religiosas, entre as quaes a luxuria e o escandalo se tinham introduzido como entre os homens.

*
* *

Vê-se pois que inevitavelmente os portuguezes se deviam julgar escandalisados com estes e varios outros trechos, e por isso Jeronymo de Mendonça publicou em 1607 a sua jornada de Africa, em a qual responde a Jeronymo Franqui: «Vendo o modo com que alguns estrangeiros como Jeronymo Franchi, e frei Antonio de S. Romão, tratam d'ella, accrescentando ás faltas e miserias outras muito maiores, como senão bastaram as que na verdade aconteceram, e que nosso descuido podia acreditar seus erros, vendo os que depois vieram, que ninguem os contradisse, sendo tão manifestos; me parecen rasão não passar em silencio cousa alguma, porque se saiba em todo o tempo o que aconteceu na verdade, apontando alguns lugares nos quaes se verá claramente aquillo de que estes auctores deviam ter errada informação.

«Assi que está manifesto não poder Jeronymo Franqui escrever dos portuguezes, nem é rasão se lhe dê algum credito, pois não se achou presente em quanto diz: errando o nome aos homens, e muitas vezes o officio, e quasi sempre os successos, além de ser suspeito claramente, tanto que frei Antonio de S. Romão diz que a nação portugueza se póde chamar offendida, e que as obras de Franqui arguem vingança contra os portuguezes, o que devia nascer de algumas paixões particulares.»

Seja como for, o que é certo é que das obras relativas a assumptos portuguezes, a mencionada de Franqui é uma das mais conhecidas na Europa, sendo uma leitura muito amena.

Digitized by Google

1.ª edição do original italiano. Genova, 1585.

2.ª edição Genova. Appresso Girolamo Bartoli, 1589. Traz uma dedicatoria ao governador da republica de Genova, onde o auctor se defende de varias accusações, que fizeram á sua obra.

3.ª edição, Venetia, 1592. Outra em 1642. Firenza, 1642.

O sr. Innocencio menciona edições de Milão, 1616, e Verona, 1642. Foi traduzido em hespanhol, por Luiz Bavia, Barcelona, 1610, 4.º Em francez, por Th. Nardin, Besançon, 1596, 2.ª edição, 1600, 3.ª 1601, 1613. Nova traducção em 2 vol. Paris, 1680, e reimpresso em 1695. E em latim com o seguinte titulo: *De Portugalliae conjunctione cum regno Castellae historia, ex italico sermone in Latinum conversa.* Francofurti, 1602.

289) **CONFUTATIO NUGARUM NONII LEONIS,** *Juris Consulti Lusitani, nonnullorumque ejusce farinae interpolatorum, qui lingua, calamoque venales, ex vafris mendaciis, atque scurrilitate quaestum sibi parant, molientes, Portugalliae regnum Philippo Austriaco, Castellae Regi, jure haereditario obvenisse, ignaris priscorum Portugallensium morum in suis Regibus eligendis, inaugurandisque falso persuadere, et Serenissimi Principis Domini Antonii, veri legitimiq; Portugalliae etc. Algarbiorum Regis jus vellicare:*

Excerpta ex incorruptis rerum Portugallensium monimenis, sed ex eruditissimi R. P. F. Joseph Texerae, Ord. Praed. Sacr. Theol. Magistri ad Inquisitores Portugalliae Anticrisi, cujus pars magna Lugduni Galliae anno 1589 *typis mandata fuit.* Ticini, Ad insigne persequentis iniquos et mendaces, anno 1594, 8.º, 123 pag. além d'um longo prefacio não paginado.

Dois fins tem este livro: 1.º Refutar a genealogia dos reis de Portugal, composta por Duarte Nunes de Leão, não deixando passar occasião favoravel para dirigir insultos a este auctor. 2.º Provar que D. Antonio, prior do Crato, é o legitimo rei de Portugal. Que pena, o não possuirmos um trabalho perfeito ácerca da biographia d'este varão, um dos vultos europeus mais notaveis do seu tempo!

290) **CONQUISTA DE LA ISLA DE LA TERCERA** *y de las demas islas de los Açores que hizo D. Alvaro Bazan, marques de Santa Cruz,* 1583.

«Le-se no fim d'este opusculo: Fecha en la Ciudad de Angra a onze de agosto de mil y quinientos ochenta y tres. M. Cotton no seu Typographical gazetteer infere que este volume foi impresso em Angra. Porém eu creio que é erro, e que esta data se refere ao logar em què a carta foi escripta, e não ao logar da impressão.» F. Compans, pag. 65.

291) **CONSTANTINI (EMAN).**

E. — *Historia de origine atque vita regum Lusitaniae.* Romae, 1601. (Origem e vida dos reis de Portugal).

Digitized by Google

292) **CONTRERAS (FRANCISCO).**

E. — *Nave tragica de la India de Portugal.* Madrid, 1624. T. Compans, pag. 148.

293) **COOLEY AND QUEEN.**

E. — *Africa. A memoir of the civilization of the tribes inhabiting the highlands near Delagoa Bay.* London, 1833.

294) **COPIA DELLA REPLICA** *fatta di ordine de S.S. dal nuntio di Spagna al Ré Catholico interno la lega diffensiva e pace con Portogallo.*

Sem data, nem logar de impressão.— C. M. B. I. P.

295) **COPIA DI SCRITTURA** *informativa concernente le presente vertenze di Portogallo con li P.P. Gesuiti, secondo le notizie trasmesse in Roma di monsignor nunzio alla Segretaria di Stato, o distribuite alle signori Cardinali del Sant'Offizio, unitamente col memoriale presentato da Padre Generale di Jesuiti il die* 31 *Luglio* 1758 *alla Santita di Clemente* VIII.

Sem data, nem logar de impressão.— C. M. B. I. P.

296) **COPPOLLA.**— Maestro italiano.

Compoz uma opera, intitulada — *Ignez de Castro*, a qual foi representada no anno de 1841, no theatro de S. Carlos em Lisboa; mas o exito não foi prospero, segundo diz a *Revista Universal Lisbonense* a pag. 169 do 1.º volume.

297) **COPYE VAN DE RESOLUTIE** *van de Heeren Burgemeesters ende Raden tot Amsterdam. Op't stuck vande West-Indische compagnie.* Genomen in August 1649, 8 pag. sem numeração.

298) **CORDUSA (P. JULES CESAR).**

E. — *Il buon Raciocinio dimostrato in duo scritti, ossia saggi apologetici sul famoso processo e tragico fine del fu P. Gabr. Malagrida.* Venezia, 1782. Ibid. 1784.

299) **CORNER** (Miss.)

E. — *The histories of Spain and Portugal from the earliest period to the present time, adapted for youth, schools and families by.*— London, 8.º, 176 pag. Com uma estampa na frente representando D. Ignez pedindo a vida ao rei de Portugal.

300) **CORNIDE (D. JOSÉ).**

E. — I *Estado de Portugal em* 1800. Obra manuscripta, que se conserva na Real Academia de Historia, em Madrid.

II *Descripcion geographica e historica de los pueblos mais notables del reino de Portugal.*

Digitized by Google

«D. José Cornide demorou-se em Portugal durante os annos de 1794 e 95 encarregado pela Academia Hespanhola, de estudar as antiguidades de Portugal. A maior parte dos seus papeis encontram-se em Madrid; de alguns porém existem copias na Bibliotheca Nacional de Lisboa.» [1]

301) **CORONACION DE LA MAGESTAD DEL REY DON FELIPPE III** *nuestro señor. Juramento del serenisimo principe de España, su hijo. Celebrado todo en el salon de palacio de la ciudad de Lisboa. Dase quenta de la forma y ceremonia con que se celebran estes solemnes actos, assistindo su magestad y alteza, compañados de los grandes, titulos, señores, prelados y procuradores de las ciudades de aquel reino. Quien tomó el juramento à S. M. y la forma y palabras del* etc. *Sasimismo se dice que dia começaron las Cortes, quien hizo por S. M. la proposicion dellas, donde se hacen al presente, y quantos dias han de durar. Y la grandeza que su magestad hizo con la duqueza de Avero etc.* Sevilla, 1619.

302) **CORPORAL KNIGHT.**
E. — *Battalion at Oporto with adventures, anecdotes and exploits in Holland at Waterloo, and in the expedition to Portugal.*

303) **CORREA (NICOLAS CASTOR DE CAUNEDO SUAREZ Y).**
E. — *Arvore genealogica dos Reis de Portugal.*
Publicou-se este trabalho no IV vol. da *Revista Popular*.

304) **CORRESPONDENCE** *relating to the affairs of Portugal.* London, 1847.

305) **CORTADA (JUAN).**
E. — *Historia de Portugal desde los tiempos mas remotos hasta* 1839, *escrita por.*— Barcelona, 1844, 8.º

306) **COSTANZO (SALVADOR).**
E. — *Juicio critico sobre la obra del sr. Alejandro Herculano, titulada «Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal.» Tentativa historica.* Lisboa, 1854 e 1855.

307) **COSTE (OLIVIER DE).**
E. — *Vita Sanctae Elizabethae Lusitaniae Reginae.* Parisiis, 1625. Aix 1639.

308) **COTARELO (JUAN).**
E. — *Guia del militar en marcha, ò itinerario general de Espana y Portugal, dividido en distritos militares por el Capitan.* Madrid, 1843.

[1] Hubner. *Noticias Archeologicas*, pag. 7.

Digitized by Google

309) COSTIGAN (ARTHUR WILLIAM —) Esq. late a captain of the Irish brigade in the service of Spain.

E. — *Sketches of Society and manners in Portugal in a series of letters from — to his brother in London. In two volumes.* London, Printed for F. Vernor, Birchi-lane Cornhill. (Esboço da sociedade e costumes de Portugal).

1.º vol. 8.º gr., 424 pag.

2.º vol. 8.º gr., 424 pag.

A primeira carta de Arthur William Costigan a seu irmão Charles Arthur Costigan é datada de Cadiz do anno de 1778, e n'ella faz sciente a Charles de que deixara o serviço no exercito hespanhol, e que achando-se resolvido a retirar-se da vida publica para a particular na companhia d'este seu irmão na Irlanda, approveita a occasião da sahida d'um barco de pesca de Cadiz para Faro, embarcando n'elle para fugir das horriveis *pousadas* hespanholas.

«A segunda é datada já de Faro. Aqui o auctor resolveu-se a visitar minuciosamente o paiz, para se achar habilitado a asseverar com conhecimento proprio se os portuguezes eram ou não um povo tão despresivel como os hespanhoes lh'o representavam, [1] e para melhor se entender com o povo toma para sua companhia um joven padre, que era um *perfeito mestre, tanto de portuguez como de inglez.* Acha esta cidade agradavelmente situada com lindos campos em volta, empinando-se gradualmente até formar uma alta cordilheira de montanhas. O principal commercio consistia em figos, e outros objectos monopolisados por tres ou quatro casas inglezas alli estabelecidas, as quaes auferiam lucros exorbitantes, comprando aquelles artigos por quantias insignificantes.

«Foi escripta a terceira carta em Mertola. D'esta povoação dirigiu-se para Tavira, onde encontrou ao entrar o povo na rua cantando o Terço, do qual faz a descripção. [2]

N'esta povoação foi que o auctor nos refere ter observado o seguinte caso. Achava-se na companhia de mr. Bagot, e este fallava ácerca da livraria d'um fidalgo de Tavira, o qual passava por ser muito instruido, e por ter uma excellente bibliotheca. Mas examinae sua livraria, dizia mr. Bagot, e se vós encontraes n'ella mais de tres mil volumes, não encontraes todavia tres livros militares, ou algum outro digno de se abrir, á excepção d'uma Biblia em inglez, lingua da qual nada entende.

«Quando mr. Bagot fallou da Biblia, um joven padre que alli se achava, mostrou um grande desejo de a ler, pois, dizia elle, era livro que nunca tinha visto!

«A pag. 73 e seguintes d'este volume [3] tambem se encontra a seguinte anedota, que pinta bem o estado de superstição, em que então nos achavamos:

[1] Vol. 1.º, pag. 13.

[2] Acha-se na 4.ª carta, datada de Beja, pag. 43.

[3] «Consta-nos tambem que o marquez de Pombal fizera encarcerar o juiz por lhe ter mostrado os inconvenientes da fundação de Villa Real de Santo Antonio, no local em que o marquez a fundou.» Pag. 57.

Digitized by Google

«Vós sabeis muito bem que não se encontra nos paizes catholicos, especialmente na Hespanha, e em Portugal, uma provincia, cidade, freguezia, ou mesmo individuo que não tenha como tutelar seu Santo, ou Anjo, a quem se recommenda a si e a seus negocios. Por conseguinte não ha um regimento n'este paiz, que se não tenha posto ha muito tempo debaixo da protecção d'algum Santo particular, segundo lhe dicta sua devoção, ou affeição; e um d'elles tomou Santo Antonio de Lisboa por seu patrono, ou protector, o qual cédo depois recebeu o posto de capitão do mesmo regimento, e soldo regular d'ahi por diante, o qual, bem como dois vintens pagos regularmente por cada pessoa do mesmo corpo se empregam n'um determinado numero de missas pelas almas d'aquelles, que morrem, em fazer a festa ao Santo, em sustentar os capellães, em enfeitar a capella, e em pagar varios encargos eventuaes debaixo da inspecção d'um official do regimento nomeado para esse fim. Este encargo de superintendente de Santo Antonio foi desempenhado por um major do dito regimento, fidalgo e estupido, por muitos annos com grande zelo e devoção, e nunca depois cessou de importunar a corte com memoriaes e certificados de serviços em favor de Santo Antonio, com o fim de ser promovido ao posto de major adjunto ao regimento. O ultimo ministro ria-se grandemente de taes memoriaes, lançava-os para os papeis velhos declarando que era apenas um outro meio de roubar o rei n'aquelle dinheiro empregado mensalmente em sustentar padres ociosos, procissões e superstições. Porém a rainha D. Maria I e seus ministros tomaram o caso a serio, e promoveram Santo Antonio para animar a superstição.

«Entre os milagres mencionados nos referidos certificados havia os seguintes: Ter restituido á mulher do major um cão de regaço muito estimado, que lhe tinham furtado, e ao qual tinha perdido as esperanças de tornar a ver outra vez, até que seu padre director a acconselhou a importunar Santo Antonio, o que ella apenas fizera por dois dias lhe levaram o cãosinho. Ter salvado tambem um pobre soldado, [1] que o invocou estando a ponto de afogar-se ao passar um profundo rio, atirando-lhe milagrosamente com uma corda. Ter um outro escapado das bexigas agradecendo a Santo Antonio, e isto depois de ter o estertor na garganta, e de ter sido abandonado pelo cirurgião do regimento. Finalmente uma outra certidão assevera que estando um tambor do regimento chamado João Ivo Alegre, na cama com sua mulher, e um filhinho dormindo no meio d'elles, quando se levantou de manhã, encontrou uma grande cobra (a qual se introduzira por debaixo da porta de sua barraca) na cama com estes, mamando no peito de sua mulher, em quanto ella estava profundamente adormecida, com a cauda na bocca do menino, que a estava chupando com muito contentamento. Á vista de tão extraordinaria apparencia o tambor immediatamente invocou Santo Antonio, que lhe inspirou presença de espirito e valor sufficientes para agarrar ao mesmo tempo pela cabeça e rabo da serpente, agora empanturrada com a grande quantidade de leite, que tinha mamado, e pondo cada um de seus pés por cima d'estas par-

[1] Vol 1.º, pag. 76

Digitized by Google

tes, segurou-a para não lhes fazer algum mal, em quanto com sua faca de matto, que estava á cabeceira da cama, cortou a cabeça do animal, e fel-a em bocados, como se para prevenir que lhe causasse mal.

«D'esta fórma o homem, mulher e menino tiveram uma salvação miraculosa!»

O attestado para provar que o caracter de Santo Antonio era o de um homem honrado, e d'um bom soldado era na fórma seguinte:

«D. Hercules Antonio Carlos Luiz Joseph Maria de Albuquerque e Araujo de Magalhães Homem, moço fidalgo de Sua Magestade, cavalleiro da sagrada ordem de S. João de Jerusalem, e da illustrissima ordem militar de Christo, senhor do districto e villas de Moncarapacho e Farragudo, alcaide mór hereditario da cidade de Faro, e major do regimento de infanteria da cidade de Lagos n'este reino do Algarve por S. M. F. a quem Deus guarde por longos annos.

«Attesto e certifico a quantos virem estas presentes, escriptas por minha ordem, e assignadas no fim com meu sello manual, com o grande sello de minhas armas, fechado pela minha dita assignatura, e um pouco á esquerda d'ella, que o Senhor Santo Antonio, por outro nome o grande Santo Antonio de Lisboa (commum e falsamente chamado de Padua) foi alistado, e teve praça n'este regimento sempre desde 24 de janeiro do anno de Nosso Senhor Jesus Christo 1668, como se evidenciará mais particularmente abaixo: attesto mais que os cincoenta e nove inclusos certificados, contando desde o numero 1 até 59, e com a firma de meu nome posta junto de cada nome, conteem e comprehendem uma verdadeira e fiel relação dos milagres e outros serviços eminentes que o referido Santo Antonio tem em épocas differentes feito e praticado n'este regimento pelo motivo de ter praça n'elle, dos quaes, além d'outras muitas incontestaveis evidencias, eu sou confirmado por ter conversado com muitas das pessoas agora vivas, que receberam estes serviços do dito Santo: Pelo que duvidar da veracidade d'estes milagres é um atroz crime contra o Espirito Santo, bem como o duvidar de qualquer dos dogmas de nossa Santa Fé, ou dos milagres do proprio Christo, cujas evidencias não são tão fortes e convincentes, como estas no presente caso diante de nós, e pelas quaes as proprias palavras de nosso bemdito Salvador são cumpridas; quando disse a seus discipulos, que — Depois de mim virá quem hade fazer obras maiores, que aquellas, que eu tenho feito — a qual prophecia claramente diz respeito ao nosso grande Santo Antonio.

«Certifico outro sim por minha palavra de honra, como nobre, como cavalleiro, e christão catholico (como sou pela graça de Deus) o que abaixo se segue: [1]

«Que tendo lido e observado attentamente todos os papeis de notas, livros e registros de nosso regimento, desde o principio de sua instituição, e tendo cuidadosamente copiado dos referidos papeis todas as cousas relativas ao acima mencionado Santo Antonio, é *de vérbo ad verbum* como se segue aqui: por

[1] Vol. 1.°, pag. 82.

Digitized by Google

cuja veracidade me reporto aos ditos livros e papeis, guardados nos archivos de nosso regimento.

«Que a 24 de janeiro de 1688, por ordem de S. M. D. Pedro II (que Deus tem na gloria) então principe regente do reino de Portugal, dirigida ao vice-rei d'este reino do Algarve, foi Santo Antonio alistado como soldado raso n'este regimento de infanteria de Lagos, logo no principio que se formou por ordem do mesmo principe; e de tal entrada no serviço militar se formou um registro, que agora existe no primeiro volume do livro de registros do regimento, fol. 143 vers. e onde deu por seu fiador a Rainha dos Anjos [1] que se tornou responsavel em como não havia de desertar do seu regimento, mas pelo contrario se conservaria sempre como um bom soldado nas suas bandeiras; e assim o santo continuou a servir e a fazer serviço na qualidade de soldado raso no regimento até 12 de setembro de 1683, no qual dia o mesmo principe regente foi elevado a rei de Portugal, pelo fallecimento de seu irmão D. Affonso VI; e n'esse mesmo dia S. M. promoveu Santo Antonio ao posto de capitão no regimento, por se ter pouco tempo antes posto corajosamente á frente d'um destacamento do regimento, que estava marchando de Jorumenha para a guarnição de Olivença, ambas na provincia do Alemtejo, e poz em fuga um forte corpo de castelhanos, em numero quatro vezes maior que a gente do referido destacamento, o qual corpo tinha sido posto em emboscada contra o destacamento, com a intenção de o levar todo prisioneiro para Badajoz, tendo o inimigo por meio de espiões obtido esclarecimentos a respeito de sua marcha.

«Outro sim certifico que em todos os papeis e registros acima mencionados não existe alguma nota de Santo Antonio, de mau comportamento ou irregularidade praticada por elle; nem de ter sido em tempo algum açoutado, preso, ou de qualquer modo punido durante o tempo, que serviu como soldado raso no regimento: Que durante todo o tempo, em que tem sido capitão, vae quasi para cem annos, constantemente cumprio seu dever com o maior prazer á frente de sua companhia, em todas as occasiões, em paz e em guerra, e tal que tem sido visto por seus soldados vezes sem numero, como elles todos estão promptos para testemunhar: e em tudo o mais tem-se comportado sempre como fidalgo e official: e por todos estes motivos acima referidos considero-o muito digno e merecedor do posto de major aggregado ao nosso regimento, e de quaesquer outras honras, graças ou favores que approuver a S. M. conferir-lhe. Em testemunho do que assignei meu nome, hoje 25 de março do anno de N. S. J. C. 1777.

MAGALHAENS HOMEM.

O livro das viagens de Costingan é sempre interessante, e ignoro o motivo porque o não vejo citado pelos escriptores, que narram os feitos do reinado

[1] Cada districto é obrigado a fornecer um certo numero de recrutas, os quaes devem ser filhos de mercadores, negociantes, campoñezes, lavradores. etc., habitantes do districto; e o pae, irmão, algum parente, ou outra pessoa idonea fica responsavel pelo bom comportamento de cada recruta, e se o recruta desertar, é obrigado a apresentar outra, pela qual tambem fica responsavel. E o motivo porque Santo Antonio dá aqui por seu fiador a Virgem Maria.» Vol. 1.°, pag. 83

Digitized by Google

de D. Joseph e D. Maria I. Os livros de viagens escriptos por estrangeiros teem muita cousa approveitavel para a historia.

A 5.ª carta é ainda escripta em Beja, a 6.ª em Evora, a 7.ª em Villa Viçosa, e a 8.ª em Jorumenha, e n'esta ultima, conta como encontrou em Evora um padre irlandez, que lhe deu minuciosas informações ácerca do estado do paiz, e do reinado de D. João V. A respeito d'este rei disse o irlandez (que era homem instruido) o seguinte:

«D. João V [1] gastou seu tempo na companhia ou de padres ou de mulheres, elevou a egreja de Lisboa a patriarchal, deixou reduzir seu exercito a nada, animou a superstição, a inquisição, e a nobreza. Na velhice para se tornar mais proprio para a companhia de mulheres, fazia uso de cantharidas, cujos effeitos o debilitaram a ponto que o puzeram n'uma continua desordem; e, depois de ter vivido como um sultão no goso de seu favorito prazer, teve não só tempo, mas tambem todos os meios de conversão, e de reconciliação com o céo, o qual padres velhacos e lisongeiros lhe podiam conceder para morrer como santo: de sorte que seus vassallos diziam d'elle —Viveu, como quiz, e morreu, como quiz.

«A administração d'este paiz durante o ultimo reinado foi marcada por feições muito differentes: um ministro resoluto e atropellador do direito, centralisou em si todos os canaes de poder e auctoridade: um rei fraco e pusillanime, tendo-se tornado desconfiado por causa da deslealdade de sua propria nobreza, lançou-se inteiramente nos braços de seu ministro, como sendo a unica pessoa, na qual podia confiar, e o ministro conscio de que era odiado ou desprezado pela nobreza, não perdeu nenhuma opportunidade, que a loucura ou imprudencia d'ella lhe conferia para curvar sua insolencia, e abater seu poderio. Uma questão pessoal, que o ministro tivera com um jesuita, o confessor do rei, no principio de sua administração, addicionada a outras causas preexistentes, tornaram-n'o séria e cordealmente resolvido a dispor de todo o maquinismo para trabalhar para destruição dos jesuitas, o que finalmente conseguiu. O terremoto de 1755 serviu apenas para confirmar sua auctoridade, e tornal-a mais absoluta, e foi então que se tornou dictador perpetuo. A guerra contra Hespanha, que se seguiu alguns annos depois, com a introducção de tropas estrangeiras no reino, e d'um numero de officiaes estrangeiros nos regimentos nacionaes, habilitou-o a pôr seu pé effectivamente em cima do pescoço do clero, de sorte que desde aquelle tempo até ao fim de sua administração, nunca o clero ousou levantar a cabeça. Fez muito bem, e egualmente muito mal, derivando-se tudo antes de motivos pessoaes, e de interesse proprio, do que de alguma consideração pelo bem de seu paiz. Diminuiu o numero das casas religiosas, e desanimou ou supprimiu o furor de se enterrarem na vida monastica. Arruinou ou empobreceu a parte mercantil de seus subditos, lançando o commercio (ao qual affectou animar muito) nas mãos de companhias exclusivas, compostas de alguns individuos favoritos, que foram os

[1] Vol. 1.º, pag. 137.

Digitized by Google

unicos a lucrar, em quanto o grande corpo d'aquelles, cuja subsistencia dependia do commercio, ficaram pobres.

«Depois da guerra, poderia ter formado um exercito completo, e menos mal armado, que effectivamente incutiria desconfiança, em todas as forças de terra, que a Hespanha podesse trazer contra elle, e para fazer isto tinha a cooperação d'um general muito habil, bem conhecido na Europa pela sua capacidade, e pela de alguns generaes experimentados: mas em vez de assim praticar, despresou o exercito, e julgou-o excessivamente dispendioso. Comportou-se para com o conde de Lippe da maneira mais velhaca e desagradavel, e tratou a maior parte dos officiaes estrangeiros com insolencia ou despreso, de sorte que seus melhores amigos consideravam seu procedimento a este respeito como um paradoxo; e ficavam perplexos, quando se tratava de o desculparem do seu desprezo para com o exercito, que fôra o melhor dos meios para consolidar sua auctoridade, e seria seu unico recurso, se aquella auctoridade n'algum tempo houvesse mister de defesa.

«O ultimo acto de seu governo, e quando o rei seu amo estava já no leito da morte, foi casar o herdeiro presumptivo da coroa, rapaz de dezeseis annos de edade com sua propria tia, mulher de trinta e um annos feitos, e foi este acto uma digna conclusão de sua tempestuosa administração.

«A morte de D. José I foi o signal da desgraça de seu ministro, e verdades e mentiras industriosamente se espalharam contra elle por um numero superior a oito centas pessoaes de todas as jerarchias, as quaes elle tinha conservado nas prisões, e que agora soltas augmentavam e inflammavam o popular rugido de clamor e insultos, que o accompanharam ao seu degredo, para o qual se retirou com toda a magnanimidade d'um antigo atheniense, exilado pelo ostracismo.

«Foi substituido, como é usual em casos taes, por um de seus maiores antagonistas, que durante a precedente administração fôra obrigado a conservar-se muito quieto, e a pôr em acção toda a vil astucia, de que era dotado para o deixarem viver em paz: pois é geralmente reconhecido que possue todas as más qualidades do antecessor no governo, e isto talvez em mais eminente grau, ao passo que juizes imparciaes, e os menos affeiçoados ao scepticismo duvidam que seja herdeiro d'alguma das virtudes de seu predecessor.

«Segundo uma observação commum o tempo e governo presentes são sagrados, e ninguem por isso se deve involver com elles. O confessor da rainha intromette-se excessivamente nos negocios temporaes: o confessor do rei escreve ensaios, que o expõem ao ridiculo publico: a rainha permittiu que a inquisição reasumisse sua auctoridade abdicada por muito tempo; e esta circumstancia fará com que a Europa em peso exclame —Vergonha sobre uma tal rainha e um tal governo. [1]

«Chegámos a Elvas: [2] ao approximar-nos da porta uma sentinella pergun-

[1] Vol. 1.º, pag. 144.

[2] Carta IX datada de Castello Branco, pag. 154. Lord Freeman andava actualmente viajando na companhia de Costingan.

Digitized by Google

tuo em alta voz quem eramos, e que queriamos? Respondemos que vinhamos de Estremoz, e traziamos cartas para s. ex.ª o governador. A sentinella então appresentou-nos ao official commandante da guarda, e este nos mandou com um soldado, armado segurando no freio dos dois cavallos, á presença do governador: n'esta situação nos conservámos á sua porta na rua. Depois de s. ex.ª acabar de ouvir missa, mandou-nos admittir á sua presença, e lord Freeman appresentou-lhe uma carta que para elle trazia. Depois de ler, disse-nos o governador que elle era muito feliz por ter a honra de nos conhecer, que sua casa, o regimento de seu commando, os fortes adjacentes de Santa Luiza e de Lippe, até mesmo toda a provincia do Alemtejo estavam ás nossas ordens para dispormos d'elles como julgassemos conveniente: que nos pedia o obsequio da nossa companhia ao jantar, que era á uma hora em ponto.

Chegamos a tempo, e servio-se o jantar. A esposa do governador era a unica senhora que estava á mesa. O governador tomou seu logar á direita da mulher, pedindo a Mr. de Valeré que se sentasse á esquerda. Lord Freeman sentou-se em seguida a Valere, e um homem prodigiosamente gordo, com o fardamento de official, e a cruz de Malta ao peito, sentou-se em seguida ao governador. Seu nome era D. João, e a companhia dava-lhe o tratamento de excellencia. Não disse uma palavra durante todo o tempo do jantar, mas comia e bebia mui regaladamente, e apparentemente com grande prazer, e ria com descomedimento, quando o governador e sua mulher diziam por acaso alguma coisa que estes desejavam que fosse tomada por engraçada. Em occasiões taes seus olhos desappareciam completamente, e sua proeminente barriga augmentava de volume, e era affectada de movimentos fortes e convulsivos. O resto da companhia, que era numerosa, occupava seus logares segundo suas jerarchias: o cavalleiro trinchante na extremidade da mesa servia os convidados em roda, os quaes estavam quietos e cerimoniosos: recorria se á ajuda do copo animador para alegrar os hospedes, mas parecia que a agua, da qual tomavam grandes golos, produzia o mesmo effeito: s. ex.ª D. João em particular despejou tres copos de quartilho, cheios do chrystalino licor, cada um n'um trago, o que fazia arripiar lord Freeman. Por fim o governador mandou vir um copo de vinho, no qual deitou coisa d'um dedal d'este liquido, e bebeu á nossa saude. Nós approveitámo-nos do ensejo, bem como mr. de Valeré, para correspondermos ao cumprimento, mas tinhamos nossos copos mais bem cheios, e repetimos isto duas vezes ainda á saude da senhora e de D. João. Um dos padres, que parecia ser divertido, pedia vinho repetidas vezes, pelo que a senhora entrou a motejal-o dizendo lhe que parecia beber como um *almocreve ou um inglez*. Então o governador pedindo uma outra gota de vinho, bebeu á saude do rei de Inglaterra, chegando o copo aos beiços, mas de nenhuma vez bebeu o vinho. O padre bebeu de novo, conversava, e dentro em pouco se tornou o mais folgasão da companhia; a senhora sorria-se, e D. João continuava a dar gargalhadas com todas as suas forças. Apenas acabou o jantar abriu-se uma porta, que estava fechada por detraz da senhora, e a companhia passou para a sala contigua, onde a sobremesa, consistindo de doces e fructas, estava posta n'uma mesa mais pequena: os convidados tomaram seus as-

Digitized by Google

sentos, e não estavam apertados, pois mais de metade d'elles se tinham retirado. [1]

«O luxo principal dos jantares portuguezes consiste na sobremesa. Cada um dos convidados toma uma, ou mais colheres de sopa cheias de doce liquido, e quanto mais está carregado de assucar, tanto mais é reputado por saboroso. Um criado está em pé atraz de cada cadeira com um largo copo de quartilho, cheio de agua muito fria, a qual bebem logo em seguida aos doces. Seus epicuristas, ou requintados no prazer da comida (taes como D. João) bebiam a agua muito vagarosamente, com o fim de prolongarem a deliciosa sensação, que a agua fria causa no paladar, quando misturada com a doçura, da qual n'esse mesmo instante acaba de ser tão fortemente impressionado, e asseveram que a agua n'essa occasião excede muito o sabor do mais delicioso vinho, que se possa beber. É verdade que os bebedores de agua na Hespanha e em Portugal, principalmente entre as classes mais elevadas, distinguem com maravilhosa exacção todas as graduações de differença entre as respectivas aguas, das quaes provam, o que seria totalmente imperceptivel para nós por termos o nosso sentido do gosto comparativamente grosseiro e embotado pelo frequente uso de vinho e d'outros licores embriagantes.

«Os convidados, depois de terem comido de differentes fructas, beberam um calix de vinho da Madeira, o qual estava em cima da mesa em garrafinhas de meio quartilho, com copinhos dourados nas cercaduras. Nós porém não bebemos d'este vinho por ser excessivamente adocicado a ponto de enfastiar. Depois de muita conversa sobre ninharias, appareceu o café, e lord Freeman approveitou-se da occasião para pedir ao governador licença para visitar o forte de Lippe. Valeré [2] puchou-lhe pela manga (mas já muito tarde) para evitar ouvir uma recusa. O governador immediatamente reportou-se ao proprio Valeré para servir de testemunha das ordens positivas, que elles tinham da corte, de se não deixar ver a pessoa nenhuma, fosse quem fosse, á excepção dos officiaes, que estavam em serviço. O governador exprimiu seu muito pezar por lhe não ser possivel condescender com os nossos desejos; porém que podiamos visitar toda a guarnição e forte de Santa Luzia na companhia de Valeré.

«Mr. de Valeré offereceu se para nos appresentar ás freiras de Santa Clara, o que aqui se considera como um cumprimento; mas lord Freeman não acceitou, annuindo todavia a accompanhal-o á noite ao palacio do bispo, onde ha uma sorte de assembléa, e onde podiamos jogar uma partida de whist. Mas dizei-me, perguntou lord Freeman a Valeré, quem era aquelle official monstruosamente gordo, que estava sentado ao jantar junto do governador? Uma besta, respondeu este, um animal, um verdadeiro emblema e epitome da fidalguia portugueza. Mas não penseis que é a materia que pense, ou, se aquelle possue o dom de pensar, não o emprega mais que no comer, no beber, e em procurar rapazes..... É um de quatro irmãos d'uma antiga familia. É o mais velho d'elles, e casou com uma filha do ultimo ministro, ao qual odiava

[1] Vol. 1.º, pag. 159.

[2] V. este nome no seu logar competente.

Digitized by Google

e despresava; mas deram-se occurrencias taes, que fazendo uso de sua rasão pela unica vez na sua vida, descubriu que era melhor estar preso pelo casamento, que por quatro fortes muros de pedra. Estes irmãos, cujo nome de familia, é Vilhena, hão de vos beber qualquer porção de vinho com os inglezes, ou de agua com seus compatriotas sem sentirem o mais leve incommodo com qualquer d'estas bebidas. Durante a campanha de 1762, e mesmo por alguns annos depois, quando ainda havia muitos officiaes inglezes n'este serviço, faziam repetidos ataques sobre estes irmãos, com o fim de beberem vinho, punch, ou qualquer outra bebida forte, mas eram constantemente derrotados, postos fóra de campo, ao passo que os irmãos ficavam triumphantes. N'elles ha realmente verdadeira vida animal, sem percepção, ou instrucção de qualquer especie, corpos sem almas; comer, beber e dormir é a principal occupação da familia dos Vilhenas. Todavia seria bem para desejar que todos os irmãos nobres fossem tão innocentes e inoffensivos como estes. O fidalgo, que vos vistes, é o irmão mais novo, é coronel do regimento de cavallaria d'esta guarnição; mas ha cinco ou seis annos, que não monta a cavallo, por não ter sido possivel encontrar um capaz de resistir ao seu peso: de fórma que supponho que depois de engordar um pouco mais, ha de ser nomeado, como seus irmãos o foram successivamente, quando inhabilitados para qualquer outra occupação, governadores nominaes de algum velho castello ou forte, para lhes darem o privilegio de usarem d'um colete encarnado com um grande laçarote por cima d'elle, e de se menearem até á corte aos dias santos para beijarem a mão de sua magestade.

«Lord Freeman perguntou então porque um tão grande numero dos convidados se tinham retirado depois do jantar sem terem participado da sobre mesa. A isto respondeu mr. de Valeré que havia um livro intitulado o *Perfeito capitão portuguez*, approvado pelo santo officio, e por muitos frades de differentes ordens, o qual nada continha relativamente aos deveres militares dos officiaes, mas que era o espelho da polidez e decoro, o qual ensinava o numero de pregas, que devia haver na camisa, como se havia de encrespar o rabicho, a largura do laço sobre o colete, como se devia curvar e ajoelhar ao entrar n'uma sala, a natureza dos sacramentos, e como se deviam receber, e entre outras muitas coisas, que todos os officiaes se deviam retirar, acabado o jantar, e quando o general ia comer a sobremesa. [1]

«Lord Freeman perguntou ainda qual a causa d'uma tão humilhante distincção para com os subalternos do exercito? A isto respondeu Valeré que a causa provinha de serem em geral os criados dos fidalgos, os que eram nomeados para officiaes dos regimentos.»

Acaba n'este logar a carta 9.ª, e a 10.ª datada tambem de Castello Branco começa por estas palavras: «Que delicioso paiz se poderia fazer d'aqui dentro em pouco, se estivesse nas mãos dos inglezes, francezes ou irlandezes, em vez de estar nas d'uns taes porcalhões! e logo continua a narração da fórma seguinte:

[1] Vol. 1.º, pag. 167.

Digitized by Google

«Em nossos passeios matutinos por aqui aconteceu-nos passar pelo convento dos frades capuchos: com effeito nossa attenção foi para alli chamada pelos guinchos de mulheres, os quaes ouviamos ao passar junto da porta da egreja. Ao entrar vimos dois dos frades revestidos de sobrepelizes e estolas em pé diante do altar mór lendo os exorcismos contra os endemoninhados. Diante d'elles jaziam sobre o chão tres mulheres. Duas d'estas uivavam piedosamente, e a outra estava guinchando e puchando pelo cabello, fazendo as mais estranhas contorsões com suas feições. Pela minha parte tenho visto e ouvido tantas cousas a respeito d'aquellas miseraveis velhacadas, que me retirei, e lord Freeman observou que na sua opinião aquelles frades eram bem proprios para exorcismar as mulheres. Depois disseram-me que aquelles dois eram no convento os unicos peritos nos exorcismos.

«Á noite fomos para casa do bispo. Pelo caminho nos foi dizendo Mr. de Valeré que este bispo certamente nos obsequiaria muito, mas emquanto ao caracter era o padre mais intrigante e malvado, que tinha conhecido. Sua occupação era propagar accusações e informações falsas pela guarnição contra o governador que se nomeasse; que se indispozera com um governador inglez para alli nomeado durante a guerra, debaixo do piedoso pretexto que uma pessoa do bello sexo viera de Lisboa para o visitar, o que escandalizou a pretendida severidade do bispo, ao passo que elle mesmo bispo mantinha em casa um par de amantes debaixo da denominação de sobrinhas, com as quaes nós provavelmente iamos jogar as cartas n'aquella noite.

«Dirigimo-nos pois para o palacio. Algum tempo depois appareceu o bispo precedido por tres jovens ecclesiasticos, e acompanhado das duas sobrinhas. Fomos apresentados e recebidos com grande cordialidade. Depois de muito ceremonial e tempo, salvas de bolos e copos d'agua foram offerecidos á sociedade, e em seguida veio chá e café. Pozeram-se depois as banquinhas para o jogo de cartas. O bispo pediu a lord Freeman que jogasse uma partida composta do governador e de sua sobrinha mais nova. Ao tirar parceiros, a sobrinha coube a lord Freeman, com o que a menina pareceu muito satisfeita. Lord Freeman julgou ser tempo de corresponder a alguns delicados toques, que tinha sentido repetidamente nos dedos dos pés, durante o jogo: porém não se aventurou a fazer o mais leve movimento até se certificar de que as pisadellas provinham da menina, e não casualmente de algum dos parceiros da direita ou esquerda. Porém, quando começou a segunda partida, viu os pés da menina muito bem estendidos para o seu, e não lhe restou a este respeito a mais pequena duvida, e então começou o jogo tanto em cima como debaixo da mesa. O mesmo me succedeu na mesa, em que eu jogava.

«Era tempo de nos retirarmos. O bispo parecia muito satisfeito, e as meninas mostravam-se muito felizes.»

As tres cartas seguintes, escriptas todas em Castello Branco, conteem a biographia de Mr. Valeré, biographia que realmente mais parece um romance, ou conto da carochinha, que vida de um militar[1]. Porém a carta 14.ª é já data-

[1] Isto é confirmado pela obra *Elogio de Mr. de Valeré*, publicada em Paris por sua filha.

Digitized by Google

da do Porto. Esta occupa-se da biographia de alguns officiaes inglezes n'aquelle tempo ao serviço de Portugal, e de pouco mais. Nas cartas seguintes narram-se factos tão aviltantes praticados por portuguezes, que realmente, se nossos avós no fim do seculo passado eram taes como nol-os descreve Costingan, tinha Byron rasão quando disse:

> Poor, paltry slaves! yet born! midst noblest scene
> Why, Nature, waste thy wonders on such men! [1]

No emtanto as viagens de Costingan fazem-nos lembrar as Chronicas monasticas: n'estas todos os frades eram santos, apesar de serem de carne e osso como quaesquer outros peccadores; n'aquellas todos os officiaes inglezes são excellentes, e todos os portuguezes vis e miseraveis!

«Os frades em vez de reprimirem o progresso do vicio nas familias [2], nas quaes eram recebidos, ou com as quaes estavam relacionados, servem de principaes alcoviteiros do grande vicio da nação: de sorte que por meio d'elles o incesto e o adulterio eram quasi universaes, e toda a sua habilidade consistia em conservar as mais rigidas apparencias exteriores de decoro; de fórma que debaixo d'este elles revelavam cada especie de desordem, a que aquella paixão livre de qualquer constrangimento póde levar; e de todas as enormidades, de que os penitentes se accusavam, o peccado da carne era aquelle que encontrava mais prompta e mais ampla indulgencia, da cadeira da penitencia; e por isso mui provavelmente se originou d'aqui um proverbio que diz: «Se Deus castigar a luxuria, pode ficar só no céo.»

Poremos ponto aos extractos das viagens de Costingan com o seguinte caso, o qual mostra como a inquisição ainda era formidavel no tempo de D. Maria I. [3]

«Sou natural da provincia de Entre-Douro e Minho. Meu pae possuia bellas fazendas na margem do Lima, a duas leguas de distancia de Vianna, que é perto do mar. Por ser herdeiro de seus bens, tive uma educação acommodada á vida de fidalgo de provincia; ia frequentemente á cidade do Porto, onde tinha algumas relações, e conhecia muitos dos feitores e negociantes inglezes d'alli, a um dos quaes meu pae vendia annualmente de cem a cento e cincoenta pipas de vinho. Meu pae tambem semeava uma consideravel porção de trigo e de milho, a qual vendia vantajosamente em Lisboa; de sorte que nós tinhamos uma boa carroagem, onde a minha familia costumava ir a Vianna assistir ás funcções. Ha n'aquella cidade um convento de frades capuchos, do qual minha familia é padroeira. Meu pae tinha sido sempre muito liberal para com estes frades, e um d'elles geralmente dizia missa em minha casa aos domingos e dias santos.

»Eu vivia muito satisfeito, mas aconteceu que n'uma manhã muito cedo navegando nós pelo rio abaixo, dentro do nosso pequeno barco, para irmos a

[1] Childe Hareld's Pilgrimage. Cant. 1—28.
[2] Vol. 2.º, pag. 68
[3] Vol. 2.º, pag. 178.

Digitized by Google

uns navios que estavamos carregando de cereaes para Lisboa, ao passarmos pelo castello, que está na barra de Vianna, vimos a porta, que deita para o mar, aberta, e alguns homens tirando fazendas de dentro de um barco, e levando-as para dentro do castello: esta circumstancia maravilhou-nos por sabermos que aquella porta estivera tapada com pedra e cal por muitos annos, e que ainda assim estava, havia poucos dias; todavia, como isso nos não importava, continuámos o nosso caminho.

«Algum tempo depois o intendente geral das alfandegas veiu á nossa provincia para devassar se alguem tinha transgredido as leis e ordenações, passando fazendas por contrabando; meu pae foi citado para comparecer em Vianna perante elle, e alli, depois de ter jurado aos santos evangelhos de responder com verdade ás perguntas que lhe fossem feitas, foi interrogado se em tal manhã tinha visto aberta a porta do castello, que deita para o mar, e um barco diante d'elle descarregando fazendas? Ao que obrigado em consciencia respondeu affirmativamente; porém como não estava obrigado ao segredo, foi immediatamente procurar o commandante do castello, fidalgo, e seu amigo intimo, para o informar do que se passava. Este abraçou-o cordialmente, como de costume, agradeceu-lhe sua participação, e disse que este caso de nenhum modo tinha relação com elle, e que meu pae obrára como devia, depondo a real verdade do que tinha observado.

«Coisa de dois mezes depois mandaram-nos dizer de Vianna que o dito commandante do castello tinha sido expulso do exercito pelo crime de contrabando; e tambem nos informaram de que isto proviera principalmente do depoimento de meu pae contra elle.

«A esta noticia, meu pae, que estava então em casa doente da garganta, mandou-me a Vianna para lhe dar os sentimentos pela sua infelicidade, e assegurar-lhe quanto estava mortificado por essa causa. O major respondeu: Que nenhuma censura fazia a meu pae, que era um juizo de Deus contra elle mesmo, por seus peccados, do qual faria o conveniente uso, segundo esperava como bom catholico.

«Era o dia 12 de dezembro seguinte (dia que nunca me ha de esquecer) um pouco antes da meia noite, quando toda a nossa familia estava deitada, e a maior parte acordada, pensei ouvir um forte e desusado sussurro e barulho da parte de fóra. Corri á janella, e vi que a nossa casa estava cercada por uma companhia de soldados armados. Estava para perguntar que queriam alli, quando fui prevenido por uma bulha como de trovão á porta principal. Mandei fóra saber o que queriam? Em resposta mandaram-me immediatamente abrir a porta da parte d'el-rei, e do santo officio. Obedeci sem demora, sabendo perfeitamente que não havia outro remedio, e alli passeiava na primeira fileira dos mosqueteiros seguidos por Constantino Rodrigues Calvo Mendragão, um velho commissario da inquisição, a quem eu tinha conhecido em Braga, com seu notario e alcaides ecclesiasticos. Disse ter vindo por ordem do santo officio de Coimbra para levarem preso meu pae para alli, para responder aos artigos de accusação que tinham recebido contra elle, e que se aprom-ptasse para ir n'uma liteira, que estava prompta á porta para o transportar.

Digitized by Google

Não podia haver resistencia. Toda a familia rompeu em choros e prantos; os proprios soldados estavam compadecidos, todos, á excepção do endurecido velho padre, bem costumado a taes scenas.

«Por fim meu pae foi mettido na liteira, e eu pedi para o acompanhar, mas fui grosseiramente repellido. Muitos dos soldados o seguiram, e sómente um guarda foi posto em nossa casa, a respeito da qual o notario, que tambem ficou, me notificou que estava confiscada para o santo officio, com todas as terras, moveis e immoveis: e que tinha ordem de fazer um exacto inventario de todas as coisas, e intimou nossa familia para se retirar no dia seguinte.

«Era por este mesmo tempo que um fidalgo de Barcellos estava para casar com minha irmã. Escrevi-lhe participando-lhe o que se passava, e elle poz-se a caminho apenas recebeu o recado. Chegou, mas minha irmã impressionada com a prisão do pae, tinha adoecido, e morreu no mesmo dia em que estava para casar.

«Não tendo onde residir, fomos para Vianna com o fim de alugarmos uma casa, mas nem uma pessoa n'aquella terra nol-a quiz ceder, sendo unanimes em nos terem por abominaveis, visto ter sido indispensavel o santo officio apoderar-se da pessoa de meu pae. Foi então um inglez meu amigo o unico que nos soccorreu, levando-nos para o Porto.

«Com dinheiro emprestado pelo inglez dirigi-me a Lisboa ver se podia fazer soltar meu pae: mas dinheiro, um anno inteiro e todas as minhas diligencias foram baldadas, até que passados oito annos, recebi uma carta do filho do referido major de Vianna informando-me que seu pae, em perigo de vida, muito anciosamente pedia para me vêr antes da morte. Para alli me dirigi, onde o encontrei tendo já recebido todos os Sacramentos, e indo-se começar missas por sua alma, e estando os frades de S. Domingos a ajudal-o a morrer. Á minha vista declarou que tinha subornado falsas testemunhas para irem denunciar á inquisição meu pae de ter batido e cuspido n'uma cruz, que estava n'um caminho, com o fim de se vingar de ter perdido seu emprego por causa de seu depoimento, de ter elle major passado contrabando; mas que agora declarava publicamente que elle estava innocente, e pedia perdão a Deus e a todos bons catholicos, que alli se achavam presentes. Ditas estas palavras, expirou. Eu tive cuidado de mandar lavrar uma certidão de quanto se passou alli, e de a fazer assignar por quantos se achavam presentes, para com ella requerer a soltura de meu pae. No emtanto era isto exactamente na occasião da morte do rei D. José, e nos principios do reinado seguinte nada mais havia que desordem e confusão. Promettia-se-me todavia depois de muitas instancias que meu pae seria solto pela occasião do primeiro auto de fé.

«Passado coisa de anno e meio celebrou-se o auto de fé. Fui dos primeiros a dirigir-me para a grande sala da inquisição. Appareceram muitas pessoas de differentes trajos: alguns até eram militares, e seus differentes crimes e sentenças foram lidas pelo secretario do tribunal. A sala estava prodigiosamente cheia,[1] e não era possivel mecher-me no meu logar; porém alongava

[1] Costingan. *Sketches of Society and Manners*, vol. 2, pag. 203.

Digitized by Google

meus olhos para descobrir, se fosse possivel, a face de meu pae entre os outros presos, o que era realmente muito difficil por causa dos horriveis vestuarios que elles traziam, com as cabeças rapadas, ou com o cabello cortado á escovinha, e as horrendas carapuças nas cabeças. Todos os presos foram por suas sentenças condemnados a soffrerem uma ou outra sorte de castigo, exceptuando unicamente meu pae, cujo nome o secretario pronunciou por fim, e mencionou os motivos pelos quaes fôra preso, por denuncias falsas, mas ordenava-se que sua honra fosse reintegrada e restaurada, e posto outra vez em posse de seus bens, dos quaes o santo officio tomára apenas administração.

«Apenas os presos foram removidos, eu dirigi-me ao secretario dizendo-lhe ser o unico filho da pessoa ultimamente mencionada na lista do auto de fé, e pedia-lhe que dissesse se estava já fóra da prisão, e onde o poderia encontrar? O secretario entregou-me então com a maior indifferença um papel dizendo-me que o levasse. Santo Deus! Porque sobrevivi eu um instante depois d'aquella terrivel leitura! Este papel era uma certidão assignada pelo proprio inquisidor geral certificando que meu pobre e innocente pae tinha morrido de rheumatico, havia tres annos, nos carceres da inquisição, pedindo ardentemente a Deus que perdoasse a seus inimigos. Passados alguns dias depois d'esta noticia, logo que meu estado de saude o permittiu, transmitti a nova do fallecimento de meu pae a minha mãe, a qual depois de a ouvir deu um alto grito e morreu.

«Tratou depois o filho de haver a restituição de seus bens em virtude da sentença dada pela inquisição; mas os memoriaes apresentados ao inquisidor geral eram por elle enviados ao secretario d'estado, e este mandava-os outra vez para o inquisidor, e n'estas voltas se passaram annos.»

Eis por extracto a traducção d'algumas das passagens mais notaveis da obra attribuida a Costingan. Mas será verdade quanto nos refere? Para apurarmos alguma coisa a este respeito temos um auxiliar. Costingan no primeiro volume traz uma biographia (não muito crivel) de Valeré: ora a filha d'este general francez mandou publicar tambem o elogio-historico de seu pae; vejamos pois se estão de accordo.

Mas eis o que nos diz a biographia de Vallerè: «Na Bibliotheca Britannica, tomo 6.º pag. 213 e 327, vem insertos os extractos de algumas das cartas sobre a sociedade e os costumes em Portugal por Arthur William Costingan, e impressas em Londres depois de passados dez annos. Os francezes, que teem feito da litteratura um ramo de commercio, e que por isso se não teem descuidado de traduzir tudo quanto tem apparecido mau e bom sobre Portugal e Hespanha, não as traduziram até agora,[1] o que prova a pouca estimação que ellas merecem. Ninguem hoje ignora que o brigadeiro F. é o verdadeiro auctor das sobreditas cartas, o qual pelo seu mau caracter moral, e opiniões religiosas foi constrangido a largar o commando do regimento de artilheria do Minho, e a sahir de Portugal no primeiro anno do reinado de S. M. que D. G.

[1] O elogio de Valeré, 2.ª edição, foi impresso em Paris em 1808.

Digitized by Google

«Este homem, para exhalar o veneno, que lhe roia o coração contra o governo e a nação portugueza, dos quaes se considerava offendido, serviu-se de um nome supposto para merecer mais crença, e soltar livremente as redeas á sua maledicencia, escrevendo um amontoado de calumnias e vituperios contra a nação em geral, e em particular contra aquelles, que tiveram a desgraça de serem d'elle conhecidos.

«Finge pois dois inglezes de distincção viajando em Portugal, e nas conversações, que os faz ter com diversas pessoas, não hesita um só momento em comprometter nomes respeitaveis, com tanto que satisfaça a sua raiva e o desejo insaciavel que tem de dizer mal, tendo a baixesa e infamia de attribuir ás pessoas, com quem suppõe fallar, o que sómente escreveu a sua penna, suggerido pela sua imaginação. Uma d'estas foi meu pae, e por esta rasão me propuz mostrar a falsidade de tudo o que elle disser.

«Lembro-me muito bem do brigadeiro F... ter estado em Elvas, e ser ahi hospedado por meu pae, que o recebeu com aquella affabilidade e franquesa, que lhes eram naturaes, e com que recebia todas as pessoas; duvido porém muito que elle lhe contasse alguns dos successos da sua vida, e se o fez, o brigadeiro os alterou de maneira que posso affirmar não haver uma só verdade em toda a sua narração!!«

Vê-se, pois, que o livro publicado debaixo do pseudonymo de Costingan não merece grande confiança: os insultos dirigidos aos portuguezes não podem ser maiores... no emtanto creio que alli ha tambem muitas verdades; os viajantes contemporaneos, e os factos historicos são concordes com muitas das asserções do Esboço da sociedade e costumes de Portugal.

Marianne de Baillie diz-nos na sua descripção de Lisboa (tomo 2.º pag. 2) que a obra attribuida a Costingan fôra tão mal recebida em Portugal, que se arriscava a ser punido pela inquisição quem a tivesse em sua casa.

É porém engano dizer que esta obra não foi vertida em francez: pelo menos o primeiro volume foi traduzido n'este idioma com o seguinte titulo: — Arthur William Costigan — *Lettres sur le gouvernement, les mœurs et les usages en Portugal.* Paris, 1810.

310) **COUCHE (FRANÇOIS.)**

E. — *Relations veritabiles et curieuses de l'ile de Madagascar et du Brasil*, etc. Paris, 1651.

311) **COUSTOS.**

E. — *Sufferings for Freemasonry etc. in the Inquisition at Lisbon.* London, 1746.—(Soffrimentos de um pedreiro livre).

312) **CROKER (R.)**

E.— *Travels trough Spain ad Portugal.* 1799.

Digitized by Google

213) **CROSSE (H.)**

E.— *Faunula malacologique terrestre de l'ile Saint-Thome par* —. (No *Journal de Conchyliologie*, vol. 8.°, 1868, pag. 125).

É uma lista de 9 especies determinadas por este habil conchyliologista á vista de exemplares authenticos, parte dos quaes haviamos submettido ao seu exame, por occasião da nossa ultima viagem a Paris. [1]

214) **CRUZ (C. DE LA —)** — Professeur de français, mathématiques, dessin d'architecture, auteur de la Methode unique de prononciation française, approuvée par le conseil genéral d'instruction publique. Natural de Malaga. Ensinou francez por algum tempo em Lisboa, e d'aqui passou para Mesão Frio, e actualmente é professor no Porto.

E. — I. *Grammaire Française á l'usage des Portugais, approuvée par le conle conseil de l'instruction publique, par* —. Lisbonne. 8.°, 298 pag.

II. *Diccionaire des Verbes irreguliers défectifs et impersoneles de la Langue Française, intièrement conjuguées dans leurs temps simples, contenant leur prononciation figurée, leur signification en portugais d'après les meilleurs dictionnaires, et la solution analytique des difficultés auxquelles ils peuvent donner lieu, par* —. Lisboa, 1866. 8.°, 143 pag.

215) **CUDEÑA (PEDRO).**

Escreveu uma descripção do Brasil, do qual se fez uma traducção em allemão, que foi impressa em Brunswich no anno de 1780.

216) **CUSANI (MARQUEZ FRANCESCO).**

E. — *Don Duarte de Braganza, prigionero nel castello di Milano, episodio storico del seculo* XVII. (D. Duarte de Portugal preso no castello de Milão).

Traz o fac-simile do principe e a gravura da chave do caixão em que foram encerrados os restos mortaes de D. Duarte.

Esta obra appareceu mencionada no *Jornal da Noite;* mas d'ella ainda não pude ver nenhum exemplar.

[1] *Jornal de Sciencias Mathematicas etc.*, vol. 2.° pag. 168.

Digitized by Google

D

217) **DAL (NICOLAU).**—Parece ser dinamarquez. Era missionario protestante, e morreu em 1747 em Trangambar, na India Oriental.

E.—I. *Primeira parte da Grammatica Portugueza para uso da escola portugueza de Trangambar.* Trangambar, na officina da Real Missão da Dinamarca. 1725, 8.°

II. *Segunda parte da Grammatica Portugueza para uso da mesma escola* Ibid. 1726.

218) **DALHUNTY (MARCUS).**

Nasceu em Belfast no anno de 1816, e actualmente residente em Lisboa.

E.—I. *Grammatica Ingleza.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1855, 8.°, 275 pag.

II. *Explicações de mathematica theorica e pratica para ensino popular.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1859. 193 pag.

III. *Explicações de Arithmetica superior, em seguimento ás da elementar.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1862.

Escreveu no *Panorama* alguns artigos sobre coincidencias notaveis de algarismos com factos da historia de Portugal. E na *Revista Popular* (2.° anno, 1849) alguns artigos sobre o ensino das linguas.

219) **DALLA BELLA (JOÃO ANTONIO).**

Nasceu em Padua, e para aquella cidade se retirou pelos annos de 1818 a 1820. Foi lente da Universidade de Coimbra, para a qual veio reger uma cadeira de philosophia, convidado pelo marquez de Pombal.

E.— *Memoria 1.ª sobre a força magnetica* (Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, tomo 1.°, de pag. 85 a 116.

Memoria 2.ª sobre a força magnetica (Id. id., de pag. 116 a 199).

II. *Noticias historicas e praticas ácerca do modo de defender dos raios.* Lisboa, 1783.

III. *Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a manufactura do azeite em Portugal*, remettidas á Academia Real das Sciencias. Coimbra, 1784.

Digitized by Google

IV. *Memoria sobre a cultura das oliveiras em Portugal.* Coimbra, 1786. 2.ª edição accrescentada com um appendice, por Sebastião Francisco Mendo Trigoso. Ibid. 1818.

320) DALLAS (ALEXANDER R. C. — Esq).

E. — *Felix Alvares or manners in Spain: containing descriptiv accounts of some of the prominent events of the late Peninsular War; and authentic anecdotes illustratives of the Spanish characer; interspersed with poetry, original, and from the Spanish — by — Three volumes in two. New York. Published by J. Eastburn and Co.* 1818. (Costumes de Hespanha, contendo alguns successos da guerra peninsular, etc.)

O segundo volume é o que mais interessa aos portuguezes.

321) DALRYMPLE (General Sir HEW — Bart.)

E.— *Memoir written by of his proceeding as connected with the affairs of Spain and the commencement of the Peninsular War. London — Thomas and Willian Boone.* 1830, 8.º longo, 317 pag.

Esta obra trata miudamente dos feitos dos portuguezes durante a guerra peninsular.

322) DARD (JEAN).

E. — *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Bresil et ces Indes Orientales, traduit de l'Italien.* Paris, 1628.

323) DARWIN.

E. — *Journal of researches into the various countries visited by Beagle.* London, 1840. (Diario das investigações geologicas de varios paizes.

[1] M. Darwin contava com infinita graça suas excursões geologicas na ilha Terceira, onde as aves e os insectos, que observou, lhe trouxeram á idéa as de Inglaterra. Infelizmente o navio em que os trazia, o *Beagle*, perdeu-se.

324) DAUNCEY (JOHN).

E.— *A compendious Chronicle of the kingdom of Portugal from Alphonso the 1.st to Alphonso the sixth.* London, 1661. (Chronica resumida dos reis de Portugal).

325) DAUX (A. A.) — Francez residente em Paris.

Trata actualmente (1875) de imprimir na referida cidade uma Historia de Portugal, escripta por elle em linguagem portugueza.

O auctor esteve por algum tempo em Lisboa, onde ensinava seu idioma.

326) DAVILLE (FRANÇOIS).

E.—*Déclaration sommaire des ilégitimes usurpations des roiaumes de Portu-*

[1] Morelet.—*Les Açores*, pag. 13.

Digitized by Google

gal, Navarre et autres pays, terres et seigneuries faictes par le roy de Castille et ses prédecesseurs sur les roys et princes de la Chretienté. Extretrait d'un escript de—estant à Seville adressé à frère Luys de Grenade, estant lors en Portugal. (C. M. B. I. P.)

327) **DAVY'S LETTERS ON LITTERATURE.**

Foi n'esta obra que pela primeira vez appareceu estampada aquella celebre descripção do terremoto de Lisboa em 1755, a qual o *Penny Magazine* (de Londres) publicou acompanhada de estampas no seu 1.º volume (anno de 1832), e foi reproduzida tanto em inglez, como em traducções n'uma infinidade selectas e jornaes litterarios.

328) **DAZA (FR. ANTONIO).**

E. — *Quarta parte de las Chronicas de la Orden de S. Francisco, sive continuatio Historiæ Minorum a Marco Ulyssiponensi.* 1559. Valladolid, 1611, fol.

329) **DE BRASILSCHE BREED.** *E-bil-ofte T'Sanaen Spraek, Tusschen hees Jansz. Schott, zomende uyt Brasil, en Jan Maet, Koopmans — knecht, hebbende voor desen oek in Brasil geweest Over den verlop in Brasil. In't Jaer onses Heeren,* 1647. 8.º, 36 pag. (M. S.)

330) **DECANDOLE.**

Na theoria Elementar de Botanica de Decandole, que foi o maior botanico da Europa, vem o seguinte elogio ao nosso sabio abbade José Corrêa da Serra:

«O termo *Symitria*, foi empregado pela primeira vez por Linneo, e o seu emprego indica que elle tinha idéas muito justas sobre o methodo natural. Porém Corrêa da Serra foi o primeiro que nas *Memorias da Sociedade Linneana* desinvolveu realmente sobre esta materia considerações novas e fecundas, e de que eu tenho feito muitas vezes uso n'esta discussão.» — (*Revista Universal Lisbonense*, vol. 3.º, pag. 565).

331) **DECISIONES ANONIMI JURISCONSULTI.** *Augustæ Taurinorum.* 1646, fol. (Tracta da prisão de D. Duarte, infante de Portugal).

332) **DÉCLARATION DES EMBASSADEURS D'ESPAIGNE,** *touchant une treve pour Portugal.*

No fim — *Faict á Munster ce 14 Aoust,* 1647, 7 pag. (M. S.)

333) **DECLARATIONUM (NOVARUM) ET VARIARUM LECTIONUM,** *resolutionumque Juris libri XXII diversorum Jurisconsultorum, scilicet: Vaconii à Vacuna, Ant. Goveani, Ant. Contii, Jac. Raevardi, Rain, Corsi, Nic. Belloni.* Coloniæ Agrippæ, 1575, fol.

334) **DEFENSE (THE)** *against the petitions of some English Factores at*

Digitized by Google

Oporto, by the correspondents of the Royal Wine Company for the Agriculture of the Wines do Alto Douro. London, 1812. (Defesa contra os pedidos de alguns feitores inglezes no Porto.)

335) DE JURE SUCCESSIONIS REGLÆ LUSITANLÆ, *deque legitima regis Antonii successione.* Middelbergi, 1596, (Do direito da regia successão de Portugal, e da legitima successão do rei D. Antonio).

336) DELLE COSE DEL PORTOGALLO, *rapporte à p. p. Gesuiti.* Lugano, 1760-62.

337) DELLON.

E. — I. *Voyage avec sa relation de l'inquisition de Goa.* Cologne. 1711.

II. *Relation de l'inquisition de Goa, revue, corrigée et augmentée.* A Cologne chez les heretiers de Pierre Marteau, 1711. Segue se o 3.º vol.: *Histoire des Dieux, qu'adorent les gentils des Indes, avec une addition de l'inquisition de Goa, etc.*—Todos em 8.º Este volume è obra d'um Missionario Portuguez.

Esta obra é rara, principalmente em Portugal, onde até hoje apenas tenho visto tres exemplares.

Creio haver uma edição anterior, feita em 1709, mas a qual ainda não vi.

Foram estas viagens vertidas em portuguez por Miguel Vicente d'Abreu, e impressas em Nova Goa no anno de 1866.

Dellon, impellido pelo ardente desejo de vêr o mundo, embarcou em Port-Louis, na Bretanha a 20 de março de 1668, na qualidade de cirurgião de um navio pertencente á Compagnie Royal des Indes. A 30 de abril achava-se em Cabo Verde. A 3 de setembro ancorou seu navio na ilha de Bourbon (chamada anteriormente de Mascarenhas). A 30 d'este mez entrou em Madagascar (por outro nome S. Lourenço). D'esta ilha foi mandado em um navio a serviço da Companhia das Indias Francezas a varias povoações com o fim de receber o pessoal das feitorias, que a Companhia abandonava, por lhe darem prejuiso; e a 12 de agosto do seguinte anno (1669) de Madagascar navegou para a India. A 21 de setembro achava-se em Surrate, onde permaneceu até o principio do anno seguinte. Saiu d'esta povoação a 6 d'este ultimo mez em direcção a Mirzeou, no reino de Visapur, d'onde saiu a 19. Foi depois para Tissery tratar de negocios da referida companhia, em cujo serviço percorreu muitas terras. A 31 de janeiro de 1673 ancorou dentro da barra de Goa.

«Haverá difficuldade em acreditar que uma cidade (Goa), cujos arrabaldes são tão soberbos, contenha em seu ambito com que causar admiração aos que a vêem. Com effeito, apesar de seus dominadores se acharem em decadencia pelos prejuisos soffridos, superiores á comprehensão, e do negocio já não ser nem a sombra do que foi n'outro tempo, Goa ainda é uma das mais bellas, e mais sumptuosas cidades do Oriente.» V. Pyrard.

«A 6 de fevereiro sahiu Dellon de Goa com destino a Rajapour. Em outubro achava-se já em viagem para a Persia, com destino a Bandar Abassi para com seu navio comboiar um outro, que se dirigia a Surrate. A 6 de janeiro

Digitized by Google

de 1673 pairava em frente de Diu, e a 12 entrava em Bombaim. Resolveu depois fazer uma digressão ás possessões portuguezas na costa de Coromandel. Passou a Damão, a que chama uma das praças mais fortes de todo o Oriente. Aceitando as vantajosas propostas que lhe fez o governador d'esta cidade, deixou-se ficar n'ella, na qualidade de cirurgião. Durante sua residencia em Damão, fez uma digressão a Tarapour, villa pertencente aos portuguezes.

«Havia n'esta povoação uma egreja parochial, uma da Misericordia, e um convento de Dominicos, a cuja egreja foi Dellon ouvir o sermão de sexta feira santa.

«Quando atravessava o claustro com destino a uma tribuna, em que lhe tinham reservado um 'logar, viu alguns penitentes com a cara tapada, e hombros núa, ferindo-se tão cruelmente com disciplinas guarnecidas de aço, que o sangue esguichava com bocados de carne. Pelo receio de que com o sangue lhe sujassem o fato, pediu-lhes que se afastassem alguma coisa para o deixarem passar; fizeram-n'o, e depois continuaram a disciplinar-se.

«Um momento depois de ter entrado na tribuna, appareceu o prégador. [1] Notei, que durante seu sermão fez muitas pausas para dar tempo a que seus ouvintes observassem os differentes mysterios da Paixão, que estavam sendo representados n'um theatro, como uma tragedia dividida em varios actos. O tal theatro estava tapado com um panno, que se levantava a cada pausa, que o prégador fazia. Da minha tribuna via quanto se passava no corpo da egreja, na qual os homens estão separados das mulheres por uma teia, onde ellas se acham: corre ao longo d'esta uma cortina, para não poderem ser vistas pelos homens.

«Mas, não obstante não se verem, teem grandes desejos de se fazerem ouvir, soltando gritos agudos, dão tão grandes pancadas no peito e na cara, e até arrancam os cabellos todas as vezes que o prégador diz alguma coisa, que desperta a compaixão dos ouvintes. O pranto das mulheres portuguezas, suas exclamações, a dôr de que parecem estar penetradas, não obsta a que muitas abusem da liberdade, que teem, de sair n'estes santos dias. Esperam-n'os algumas vezes com a maior impaciencia durante todo o anno, para os empregarem em usos bem differentes d'aquelles para que taes dias foram instituidos, e este tempo sagrado serve frequentemente para ultimar aventuras, nas quaes a prudencia não toma parte.

«Acabado o sermão, representou-se a descida da Cruz, e pozeram n'um esquife a imagem de nosso Senhor, que n'aquella occasião desprenderam. Á vista d'este novo espectaculo redobraram os gritos e alaridos. Começou no entretanto, a procissão a sair; os penitentes, em mui grande numero, marchavam na frente com o rosto coberto, e batiam nos hombros com tal violencia, que arrancavam ao mesmo tempo horror e piedade. Eram seguidos pelos habitantes mais distinctos da terra, caminhando dois a dois, levando na mão uma vella accesa. Vinham em seguida os frades, e depois d'elles trazia-se a imagem do Senhor deitada n'um esquife armado de preto, e descoberto. Rodea-

[1] Vol. 1.º, pag. 455.

Digitized by Google

vam-n'o uns vinte pretos mascarados, e armados de lanças, espadas e dardos. Tinham á sua frente um official, que de vez em quando voltava atraz para ver o esquife, como receioso que lhe tivessem roubado o corpo. Toda esta comitiva era precedida de tambores e clarins, que produziam um som perfeitamente lugubre e funebre. A procissão d'esta fórma disposta deu volta pela povoação. Depois de entrar na egreja pozeram o esquife com a imagem, que estava dentro, n'um sepulchro muito decentemente preparado. Acompanhei esta procissão até parte da volta que deu. As ceremonias, ou antes as caretas, que faziam os guardas pretos á roda do esquife, e seu official inspiravam devoção e arrancavam lagrimas a todos os portuguezes. Mas confesso que isto produziu em mim um effeito differente, porque fui obrigado a parar, quando passava por diante da casa de D. Petronilla, e de ficar alli, não podendo por mais tempo reprimir a vontade que tinha de rir, o que para mim seria bem perigoso, se se viesse a conhecer.

«No dia seguinte, sabbado santo, assisti ainda ao officio, onde nada observei de notavel; porém no domingo de paschoa, tendo-me dirigido, com os mais, muito cedo para a egreja dos Dominicos, acompanhei o Santissimo, que levavam em procissão com muita pompa e respeito d'alli para a parochia.

«Esta procissão começa ao despontar do dia, e acaba ao pôr do sol. É instituida para honrar e recordar a resurreição de nosso Senhor Jesus Christo, que, na opinião de muitos, saiu vivo e glorioso do seu tumulo ao nascer do sol. Pareceu-me muito edificante, muito convenientemente disposta, e a mais bella das ceremonias peculiares das egrejas de Portugal. Tendo o Santissimo entrado na egreja, deu-se benção ao povo, e fechou-se depois no tabernaculo. Immediatamente o mesmo, que prégara na quaresma, e na sexta feira, subiu ao pulpito, e recitou não um sermão, mas sim um discurso jovial. A instituição d'este ridiculo discurso foi, segundo se diz, para recrear os ouvintes e fazel-os rir, e para mitigar algum tanto a tristeza de que podessem ter sido affectados durante a quaresma.

«Confesso que esta oração me pareceu tão extravagante, e tão pouco em harmonia com a solemnidade da paschoa, que julguei a proposito referil-a succintamente.

«Tendo o prégador feito o signal da cruz, disse: Sabeis, senhores, que este sermão foi instituido por tres rasões. A primeira para dar as boas festas aos ouvintes. Para satisfazer, senhores, a esta obrigação, desejo-vos a todos n'estes santos dias todas as sortes de bens e de prosperidades. O segundo motivo d'esta prégação é para pedir os ovos da paschoa, ou, por outras palavras, os presentes, que é costume mandar ao prégador no fim da quaresma. Em quanto a este artigo, exhorto-vos a cumprir, o melhor, o mais depressa, e o mais generosamente possivel; e declaro-vos que receberei tanto mais gostosamente vossos presentes quanto mais valiosos forem. Finalmente, meus senhores, a terceira rasão para se prégar n'este dia, é, como sabeis, a de fazer rir alguma coisa os ouvintes, que talvez estejam abatidos e afflictos de mais com as austeridades e mortificações praticadas durante a quaresma. Com o fim de tentar conseguil-o, dir-vos-hei, que hontem pela manhã, ao sair do meu con-

Digitized by Google

vento, encontrei o pansudo do Gregorio, que julguei já não estar em jejum, e disse-lhe: Falla, ladrão, has de tu fazer sempre de Pilatos na paixão? Estas poucas palavras foram proferidas em um tom gracioso e chocarreiro de modo tal, que toda a assembléa rompeu em gargalhadas. Depois o orador, que tambem se estava rindo, desceu vagarosamente do pulpito, sem dizer mais palavra, e sem ter deitado a benção, deixando cada um na liberdade de rir quanto quizesse, e de se retirar depois de rir á vontade.

Tendo Dellon fixado a sua residencia em Damão, e vivendo com a maior satisfação n'esta cidade, foi denunciado á inquisição por um visinho, e preso a 24 de agosto de 1673, época em que contava 24 annos de edade. As causas apparentes da prisão parece terem sido o dar a perceber em algumas conversas, que duvidava da validade do baptismo do fogo: o não beijar as imagens dos santos, que alguns pedintes traziam ao pescoço em oratoriosinhos,[1] obstinar-se em não querer trazer o rosario ao pescoço, e não acreditar que o Espirito Santo assistisse ás sentenças dos inquisidores, etc., mas a verdadeira diz o auctor ter sido o desejo que o governador da cidade tinha de o ver removido para longe, cheio de ciumes com a affeição que nosso viajante mostrava a uma joven dama, á qual o governador fazia côrte.

«O denunciante fôra um dia a casa de Dellon, e vendo um crucifixo á cabeceira do leito, disse-lhe: Não se esqueça, senhor, de tapar aquella imagem se por acaso vier a sua casa alguma mulher, quando com ella estiver entretido. Pois que, disse-lhe eu, acredita que nos possamos assim esconder aos olhos de Deus? Cré, como as mulheres devassas, que depois de tapar a cabeceira do leito, as reliquias e rosarios, que geralmente trazem comsigo, possam então entregar-se a toda a sorte de excessos? Vá-se embora, tenha sentimentos mais nobres a respeito da Divindade, e não creia que um bocado de trapo possa occultar nossos peccados aos olhos de Deus, que vê o que existe no fundo dos corações: e demais aquelle crucifixo é apenas um pedaço de marfim.

«Meu visinho foi-se embora, e tratou de cumprir seu dever denunciando-me á inquisição, pois é bom saber que todas as pessoas vivendo em paizes sujeitos á jurisdicção do santo officio, são obrigadas, debaixo de excommunhão maior reservada ao inquisido-mór, a declararem no espaço de 30 dias tudo quanto virem ou ouvirem dizer relativo aos assumptos de que este tribunal toma conhecimento. E aquelles que faltarem a esta declaração dentro do referido praso, são reputados criminosos, e depois castigados como se tivessem commettido aquelles delictos, que não forem delatar. É este o motivo por que os amigos atraiçoam os amigos, os pais seus filhos, os filhos por um zelo indiscreto esquecem-se do respeito a que os obrigam Deus e a natureza.

«Dellon teve desconfianças de que seu visinho o fôra denunciar, e para vêr se desviava a tempestade, que se estava armando por cima da sua cabeça, resolveu-se ir ter com o commissario do santo officio, contar-lhe como as coisas realmente se tinham passado, e pedir-lhe a sua protecção,[2] e que lhe in-

[1] Tomo 2.°, pag. 10.
[2] Idem, pag. 18.

Digitized by Google

sinuasse de que maneira se devia portar para o futuro, declarando-lhe estar prompto a retractar-se do que tinha dito, se o julgasse conveniente.

«Respondeu o padre que meu proceder tinha escandalisado a bastantes pessoas, que estava persuadido não terem sido más as minhas intenções, e que em tudo quanto eu tinha dito nada havia, que em rigor fosse criminoso; mas que me dava o conselho de me accommodar algum tanto aos usos do povo, e de não fallar tão livremente n'aquelles assumptos. Que mui especialmente devia ser mais reservado, quando fallasse das imagens, não dizendo que não devem ser adoradas, e procurando proval-o com citações da Escriptura. Que o povo realmente vivia em certos erros passageiros, que se tinham como verdadeira devoção, porém que ninguem me tinha encarregado de o corrigir e reformar.

«Agradeci ao commissario os bons conselhos, que me tinha dado, e retirei-me da presença d'elle muito alliviado por saber que tendo-me confessado espontaneamente antes da prisão, já me não podiam prender, segundo os estatutos da inquisição.

«Mas apesar d'isto o governador, sempre ferido de ciumes, e sempre mostrando-se meu amigo, recebendo-me obsequiosamente em sua casa, sollicitava vivamente o commissario a que escrevesse para Goa informando os inquisidores a respeito das expressões proferidas. Este, apertado pelo governador, e por um padre secretario do santo officio, tambem inimigo de Dellon, e que tambem estava apaixonado pela mesma dama, escreveu para Goa, e d'alli recebeu ordem para mandar prender o francez.

«A prisão de Damão fica mais baixa que o rio, que d'ella fica perto, e o qual a torna humida, e os muros são muito espessos. Consiste esta triste habitação em duas grandes salas baixas, e uma superior proximo da qual fica o aposento do governador. Os homens ficam por baixo, e as mulheres no andar superior. A maior parte das duas salas baixas teem uns quarenta pés de comprimento sobre quinze de largura, a outra póde ter dois terços d'esta extensão. N'este espaço estavamos umas quarentas pessoas, e não havia logar para satisfazer as nossas necessidades senão aquelle. Os presos urinavam no meio d'esta sala, e o ajuntamento d'estas urinas estagnadas formava uma especie de pantano. Tambem as mulheres não tinham outra qualidade de latrina, e havia sómente entre ellas e nós esta differença: suas urinas corriam de sua sala alta, e caiam por entre o sobrado em a nossa, na qual todos estes liquidos se agglomeravam. Para os outros excrementos sómente havia uma grande celha, que apenas se despejava uma vez na semana, de maneira que d'alli se gerava uma multidão innumeravel de bichos, que cobriam o sobrado, e vinham até nossas camas. O fedor, apesar do cuidado que tinha de lavar o sobrado, era insupportavel.

«Não havia comida determinada para os presos: os magistrados descançavam na caridade das pessoas, que os queriam soccorrer; e como apenas havia duas pessoas na cidade, que lhes remettiam comida regularmente duas vezes por semana, e não recebiam na maior parte dos dias nenhuma coisa, viam-se reduzidos a uma miseria digna de piedade. Alguns dos que viviam na sala pe-

Digitized by Google

quena, chegavam a ponto de procurar subsistencia em seus proprios excrementos. Contaram-me que alguns annos antes, tendo sido aprisionados 50 corsarios malabares e encerrados n'esta mesma prisão, passaram tão grande fome, que uns quarenta cheios de furor se estrangularam com os seus proprios turbantes.

«Tinha-me accusado o padre commissario de herege dogmatisante. Ter-me-hia podido remetter para a inquisição de Goa logo immediatamente depois de minha prisão; e se assim tivesse praticado, poderia ter saido da prisão tres mezes depois, no auto de fé celebrado em dezembro, mas não era o desejo de meus rivaes que eu fosse posto em liberdade. Por isso o commissario em vez de fazer que eu saisse de Damão, elle mesmo é que tinha saido d'esta cidade para não ouvir minhas supplicas; e, apenas deu ordem para me prenderem, retirou-se para Goa, d'onde não voltou senão acabado o auto de fé, isto é, no fim de dezembro; e creio até que empregou os quatro mezes, que me fez jazer nas prisões de Damão, em me recommendar ao inquisidor como homem muito criminoso e perigoso, a quem era indispensavel afastar da India, no caso de não julgar conveniente mandar-me matar n'ella.

«Voltou o commissario para Damão em 20 de dezembro, e mandou-me preparar para partir para Cambaia. No dia ultimo de dezembro mandou o commissario ferros e grilhões para pôr nos pés de quantos deviam ser conduzidos para Goa. Prendiam-se os pretos a dois e dois, á excepção de alguns que se achavam tão extenuados pela fome, que houve necessidade de lhes deixar a liberdade dos pés, da qual já não podiam fazer uso. Em quanto aos portuguezes e a mim fizeram-nos a honra de nos pôr ferros a cada um em separado.

«Saimos, pois, do rio, no dia 1 de janeiro de 1674 com o fim de esperar o resto da frota em Baçaim, [1] onde chegámos no dia seguinte. Levaram-nos logo para a cadeia, onde nos conservaram até 7 de mesmo mez, em que nos embarcámos, e a 14 chegámos á barra de Goa, e no dia seguinte fui remettido para o Aljube. Esta prisão é a mais immunda, mais escura e horrivel de quantas tenho visto, e duvido até que se possa imaginar coisa alguma mais ascorosa e horrenda. É uma especie de cova, onde se não vê a claridade senão atravez d'uma pequena abertura, em que os raios do sol, mesmo os mais subtis, não penetram: o fedor é extremo; não ha outro logar para as immundicies senão uma especie de cisterna, aonde nem mesmo eu ousaria approximar-me.

«Tendo chegado a noite não me pude resolver a deitar-me, tanto por causa dos bichos, de que a prisão estava cheia, como das immundicies espalhadas por toda a parte. Vi me pois obrigado a passal-a assentado e encostado ao muro. Comtudo apesar de ser horrivel esta prisão, tel-a-hia preferido ás cellas aceiadas e claras da inquisição, porque no Aljube havia companhia e conversa, e nas prisões do santo officio não.

[1] «N'esta cidade existe o mais sumptuoso e magnifico templo de quantos os portuguezes erigiram ao verdadeiro Deus no Oriente.» Tomo 2.º, pag. 35.

Digitized by Google

«A 16 de janeiro, pelas 8 horas da manhã, veiu um official da inquisição com ordem de nos acompanhar a todos para o santo officio.»

N'esta prisão foi retido Dellon até janeiro de 1676. Chegou a tal auge seu desesperb que por vezes tentou suicidar-se, o que não poude realisar por causa da incessante vigilancia que havia sobre os presos. Saiu por fim, depois de horriveis soffrimentos, no auto de fé celebrado em Goa em 12 de janeiro de 1676, tendo sido condemnado na confiscação de todos os bens, a ser expulso da India, e a servir nas galés de Portugal por espaço de cinco annos.

Embarcaram-n'o portanto com ferros aos pés, a 27 de janeiro em um navio com destino a Portugal. A 20 de março viu-se o navio obrigado a arribar á Bahia, da qual saiu a 3 de setembro n'uma embarcação, que fazia parte de uma frota de 30 navios, que se destinava a Lisboa, aonde chegou a 15 de dezembro.

Do navio foi remettido para a prisão das galés. N'esta cidade esteve por algum tempo obrigado a trabalhar na Ribeira das Naus, até que por influencia de Mr. Fabre, francez e medico da rainha, a inquisição perdoou o resto dos cinco annos de trabalhos publicos, com a condição de se retirar para França, para onde embarcou, tendo perdido toda sua fortuna, confiscada pelo infame tribunal, que tão horrenda nodoa lança nas bellas paginas da historia de Portugal. A *Nouvelle Biographie Universelle de Firmin Didot* [1] diz-nos que Dellon na sua volta para a França exercêra a medicina com muita distincção, e que desde 1685 nada mais se sabe a respeito d'elle.

A leitura das viagens de Dellon deve ser recommendada áquelles que teem a mania de só elogiarem os tempos passados, e de nada acharem bom na actualidade. Taes pessoas só podem revelar muita ignorancia ou muito má fé. Ao mesmo tempo dá-nos noticias muito aproveitaveis para quem escrever sobre os usos e costumes d'aquella época.

«Nas festas mais solemnes, depois de acabar o serviço divino, fazem vir para dentro da egreja as mulheres ricamente enfeitadas, as quaes, na presença do Santissimo Sacramento, que fica exposto, dançam ao som de guitarras e de castanholas, cantam modinhas profanas, tomam mil posturas indecentes e impudicas, que mais conviriam para logares publicos, que para egrejas que são casa de oração.»

Não se passaram ainda muitos annos que taes danças impudicas e lascivas foram prohibidas dentro da sé do Porto, por occasião da festa de S. Gonçalo, chamada a festa das regateiras. E quem ignora o que ainda se pratica nos cirios e romarias?

O terceiro volume das obras de Dellon comprehende a historia dos deuses adorados pelos gentios. Não foi composta por Dellon, mas sim traduzida por elle de um manuscripto portuguez, composto por um frade nosso, que o deixou por sua morte ao escriptor francez. Contém 19 capitulos, e de pag. 103 até 276 traz um curiosissimo supplemento á historia da Inquisição.

A leitura d'esta obra foi prohibida pelo edital da mesa censoria de 12 de dezembro de 1769. Foi traduzida com o titulo: *Dellon's account of the in-*

[1] Tomo 13.°, pag. 484.

Digitized by Google

quisition of Goa. Translated from the French. With an appendix containing an account of the escape of Archibald Bover (one of the inquisitors) from the inquisition at Macerata in Italy. London, 1812.

338) **DEMERSAY (ALFRED —)** De la commission centrale de cette Societé, de l'Institut Historique et Géographique du Brésil, de la Societé Archéologique de L'Orléannais, Docteur en Medecine, etc. etc.

E. — *Une mission Géographique dans les Archives d'Espagne et de Portugal.* 1862-1863. *Fragments lus à la Societé de Géographie dans la séance générale du* 15 *avril* 1864 *par* — Paris. Librairie de L. Hachette et compagnie 4.°, 45 pag.

«As duas nações peninsulares muito mal conhecidas, frequentemente mal appreciadas, merecem as mais vivas sympathias da França. Conteem elementos de prosperidade moral e material ainda cobertos do pó dos tempos passados, mas fecundados pouco a pouco pelo sopro vivificante d'uma sábia liberdade.

«É principalmente quando se trata da geographia e da historia do Novo Mundo que os documentos affluem na peninsula, e que experimentamos muiseriamente o embaraço das riquezas. Se a Hespanha descobriu a America, algum tanto contra vontade d'aquella, é mister que se diga que a arrojada nação portugueza a tinha precedido na carreira das descobertas, a qual coroa tão gloriosamente o fim do seculo xv: ella não tardou em achar-se de costas a costas com sua rival; e em o novo bem como em o antigo continente uma antipathia desrasoavel continuou a dividir dois povos para os quaes, segundo a bella expressão de Montesquieu, parecia que o mundo se alargava.

«Foi na America do sul, entre as provincias do Rio da Prata e o vasto imperio do Brazil, cuja extensão excede doze vezes a da França, que a lucta se empenhou viva e encarniçada, ao mesmo tempo que no archipelago das Molucas, nos antipodas da velha Europa. Será necessario recordar aqui esses tratados numerosos, sellados com promessas solemnes, muitas vezes sancionadas pelo poder então incontestado do chefe da egreja, mas ainda mais frequentemente ficando no estado de lettra morta? Que pareciam não ter por alvo mais que conseguir treguas, durante as quaes cada potencia procurava engrandecer-se, adjudicar a si mesma provincias grandes como reinos, e arruinar com um contrabando desenfreado o commercio de sua rival?

«Ha muito tempo, que o homem de estado, que nos preside, se tinha convencido do interesse que havia em propôr uma exploração nos archivos peninsulares; e chegando a ministro me confiou o cuidado de procurar na Hespanha e Portugal documentos relativos á historia da geographia Sul-Americana, e á da dominação dos dois povos além do oceano. No mez de novembro de 1862, dirigi-me a Toulon, d'aqui a Marseille, donde parti para Barcelona, de Barcelona a Madrid, e d'esta capital para Lisboa.

«Atravessemos pois o nobre Tejo, tantas vezes celebrado pelos poetas, e entremos em Lisboa, n'esta bella cidade, cujo solo appresenta ainda vestigios da catastrophe que em 1755 enguliu quarenta mil de seus habitantes.

Digitized by Google

«Portugal conta entre seus filhos alguns homens applicados ao estudo das sciencias geographicas e das associações sabias, com as quaes nossa sociedade está em relações incessantes e regulares. Recebi d'elles o acolhimento mais favoravel, e posso dizer que desde o humilde empregado das bibliothecas até o joven soberano, que preside aos destinos d'este bello paiz, todos procuravam coadjuvar-me no cumprimento da tarefa, que me fôra confiada.

«Os estabelecimentos scientificos, que me promettiam mais ampla colheita, eram:

«Archivos do reino. (Torre do Tombo.)

«Bibliotheca publica.

«Bibliotheca da Academia das Sciencias.

«Archivo do Ultramar.

«Seriam necessarios muitos volumes para fazer uma enumeração, mesmo summaria, das riquezas, que conteem os archivos celebres da Torre do Tombo.

«A este immenso deposito de papeis do estado relativos a todos os ramos de administração se vieram ajuntar em 1835 os archivos dos conventos supprimidos, os das corporações religiosas e de certos tribunaes excepcionaes abolidos, entre os quaes citarei a Mesa de Consciencia e Ordens.

«Esta collecção, que augmenta continuamente, abrange hoje mais de vinte mil maços, compondo-se cada maço d'algumas centenas de documentos.

«Só a inquisição forneceu quarenta mil processos.

«Algumas obras manuscriptas teem um grande valor bibliographico ou historico: tal é o *Atlas* de Fernão Vaz Dourado; tal é a *Biblia* celebre do convento de Belem, que Junot levara para França, e que foi restituida a Portugal na época de nossos desastres.

«Quando o marquez de Pombal decidiu a suppressão da ordem dos Jesuitas, mandou reunir n'estes archivos os documentos pertencentes á Companhia, porém mais tarde desappareceram alguns, que mais a compromettiam. Investiguei comtudo os que ainda restam, e este trabalho não foi infructuoso.

«A Bibliotheca Publica continha em outubro de 1853, 132:000 volumes, sem contar as obras dos conventos supprimidos. E entre os seus dez mil volumes escolhi dois para d'elles fazer analyse. Papeis relativos á entrega da colonia do SS. Sacramento, onde encontrei documentos do mais alto interesse para a historia da guerra hispano-portugueza causada pela fundação da colonia em frente da cidade de Buenos Ayres.

«Outro volume contem o *diario da segunda marcha, que fizemos com o nosso exercito portuguez auxiliando o de sua magestade catholica para a evacuação das sete missões* N'este acha-se uma narração muito circumstanciada da campanha de 1755 a 1756. Esclarece com uma luz muito viva uma multidão de pontos, que tinham ficado obscuros na historia d'esta longa expedição. Mandei copiar as passagens mais notaveis d'este manuscripto para as offerecer á Bibliotheca Imperial.

«A Bibliotheca da Academia das Sciencias possue cerca d'uns 50:000 volumes e 833 manuscriptos.

O Archivo do Ultramar contém papeis relativos ás colonias. Encontram-se

Digitized by Google

alli reunidos com ordem os officios dos vice-reis, relatorios dos governadores das provincias dirigidos ao seu chefe immediato, ou ao primeiro ministro, as propostas relativas ás operações militares, aos reconhecimentos dos rios, ás obras publicas, etc.

«A parte politica d'estes relatorios (só fallo dos concernentes á America) mostra a cada instante usurpações de territorios commettidas pelos hespanhoes. Mostra, por assim dizer, dia por dia, a historia das relações do Brasil com seus visinhos. Consultei com fructo a correspondencia dos governadores da provincia de S. Paulo, cujas dependencias se estendem até aos confins do Paraguay. Sabe-se a guerra encarniçada que durante mais de um seculo os paulistas, debaixo do nome de mamelukos, fizeram aos estabelecimentos dos jesuitas, cujos habitantes estes vinham roubar para os fazer trabalhar nas minas, ou vender como escravos nos mercados do Rio e da Bahia.

«Nem todos os documentos relativos á historia das possessões transoceanicas de Portugal estão encerrados nas ricas collecções da capital, bom numero dos mais interessantes fazem parte da Bibliotheca de Evora. É n'esta bibliotheca que se guarda o celebre esmalte de Limoges, o qual pertenceu a Francisco I, e lhe foi tomado na batalha de Pavia. [1]»

339) **DE PORTOGYSEN GOEDEN BVYRMAN GHETROCHEN** *uzt de Registers van syn goet Gebuers van syn goet Gebuerschap gehouden in Lissabona, Maringan Coep Sint Augustin, Sint Paulo de Loando, en Sant Thomé. Gheduckt tot Lisbon, inde groote Druck sael Daer uzt hangh her Verradich Portegael. Anno* 1649, *den* 24 *December.* 8 folhas sem paginação. (M. S.)

340) **DEPPING.**

E. — *Vocubulaire geographique de l'Espagne et du Portugal, suivi d'un itinéraire de ces deux royaumes, traduit de l'espagnol; revu et augmenté d'un Aperçu historique et géographique de l'Espagne et du Portugal, par* —. Paris, 1823, 8.° longo, 111 pag.

É um resumido Diccionario geographico de Hespanha e Portugal.

341) **DER NEUSTE STAAT DES KONIGREICKS PORTAGAL.** (Situação actual do reino de Portugal, e de suas possessões na Europa, e em todas as outras partes do mundo, descripta conforme os escriptores antigos e modernos mais dignos de credito.) Halle, 1714, 2 vol. 8.°

342) **DESCRIPTIO URBIUM TOTIUS ORBIS.** Fol.

«N'esta obra [2] impressa no meiado do seculo XVI vem não só a vista de Lisboa em referencia ao anno 1500, mas tambem a de Cascaes, e outras, Goa, Diu, Damão, Cochim etc. com a descripção de cada uma d'ellas.

[1] Sobre as bibliothecas de Hespanha póde ver-se um artigo mui curioso, que vem no n.° 100 do *Diario do Governo* de 1835.

[2] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 5.°, pag. 54.

Digitized by Google

343) **DESCRIPTION DE LA VILLE DE LISBONNE** *où l'on traite de la cour de Portugal, de la langue portugaise, et des mœurs des habitants; du gouvernement, des revenus du roi, et de ses forces par mer et par terre, des colonies portugaises et du commerce de cette capitale.* A Paris, chez Pierre Prault, 1738. 8.°, 268 pag.

«Sendo Lisboa uma das mais celebres cidades da Europa, tanto por sua grandesa, como pela vantagem que tem de ser a residencia dos reis de Portugal, e até pela extensão de seu commercio, julgou-se que o publico receberia com algum prazer a descripção d'esta capital.

«Esta grande cidade está situada sobre sete montes, na margem do Tejo, a tres leguas do Oceano.

«Avançando coisa de duas leguas, encontram-se algumas povoações; a ultima, que tem o nome de Belem, dá á margem um ar muito risonho, por haver alli bellas quintas e magnificos conventos, entre os quaes um é da ordem de S. Jeronymo, de grandesa prodigiosa, e magnificamente construido, onde se vêem os tumulos de alguns reis de Portugal. Ha n'esta povoação uma torre grande e forte, edificada sobre uma lingua de terra que entra pelo mar dentro.

«Ao passo que se continua a subir pelo rio, este alarga-se, e acha-se defendido por diversos fortes de distancia a distancia até ás approximações da cidade, e do primeiro logar destinado para ancoradouro dos navios. D'alli descobre-se Lisboa, que ostentando-se como um soberbo amphitheatro, offerece á vista, por sua elevação, por sua extensão, e por uma especie de symetria natural um dos mais bellos aspectos do mundo. O Tejo fórma tambem em frente d'esta capital um porto muito consideravel, que tem tres leguas de largura, e está sempre cheio de grande numero de navios.

«As ruas proximas do rio são ingremes, estão bem calçadas, e são de largura variavel, mas muito immundas, não as varrendo senão de tres em tres, ou de quatro em quatro dias. Encontram-se alguns bellos palacios, e em geral as casas são bem bonitas. A pedra é muito vulgar, mas não produzindo o paiz quasi nenhuma madeira, vêem-se obrigados a servirem-se de pinho, que se manda vir do norte.

«O palacio do rei fica no meio da cidade, na margem esquerda do Tejo, sobre uma praça chamada Terreiro do Paço. Sua face principal reina sobre toda a largura d'esta praça, e termina n'um magnifico pavilhão, em cuja frente ancoram os navios, d'onde o rei tem o praser de vêr quantos entram ou saem do porto, e mesmo de olhar para o mar até ao mais longe que a vista póde alcançar. A area d'este palacio é consideravel, as salas muito grandes e mui ricamente mobiladas. Prolonga-se de um lado ao comprimento do rio, e do outro para as ruas visinhas. Contém um pateo cercado por um edificio quadrado, sustentado por arcadas, debaixo das quaes numerosos mercadores apresentam á venda tudo o que o commercio póde fornecer de mais raro em mercadorias.

«Entre outras praças as mais consideraveis são aquellas onde está situado o palacio real, e a que se chama o Rocio. A primeira tem uns quatrocentos passos de comprido sobre duzentos de largo. Além do palacio real, ella é ter-

Digitized by Google

minada pela alfandega, que é muito vasta, pelo tribunal de contas, e outros tribunaes, e por varias casas pertencentes a particulares, porém estes differentes edificios não teem nenhuma conformidade uns com os outros, e a vista d'esta praça é além d'isto um pouco repugnante por algumas barracas, que servem de açougues. A praça do Rocio tambem não é mais regular, nem tão grande como a primeira. Tem d'um lado arcadas, onde quantidade de pequenos vendilhões armam suas barracas, no meio um chafariz sem agua quasi sempre. N'esta praça estão o palacio da Inquisição, o grande convento dos Dominicanos e o hospital de todos os Santos.

«A Sé patriarchal está estabelecida na capella do palacio do rei. Sua architectura e pintura nada tem senão de muito vulgar, mas é muito vasta. Conta além do altar do côro, doze capellas especiaes, que estão soberbamente ornadas. Vê-se alli uma grande tribuna, d'onde o rei e a rainha ouvem ordinariamente missa. Officia n'ella o patriarcha regularmente todos os domingos e dias de festa: dezoito conegos o acompanham no altar, e o ajudam todos com mitra. O côro composto de perto de trinta ou quarenta beneficiados é acompanhado de musica á romana, isto é, sem orchestra, mas entre o grande numero de vozes que alli ha, são excellentes algumas.

«Quando o patriarcha sae á rua, caminha na fórma seguinte: Vê-se primeiramente a cruz patriarchal levada por um homem a cavallo; logo em seguida vae o patriarcha levado n'um rico coche ladeado de vinte lacaios a pé; a isto seguem-se quatro coches de um gosto e uma grandesa extraordinaria, cada um puxado por seis mulas. O primeiro coche, que é o de honra vae vasio, e os outros tres contéem os officiaes de seu sequito. Os conegos andam quasi sempre de trem, seguidos de seis criados a pé.

«A casa da camara é contigua á egreja de Santo Antonio. Nenhuma bellesa ou particularidade encerra.

«Expõem algumas egrejas, particularmente em quinta feira d'Ascenção canarios em gaiolas muito aceiadamente enfeitadas com flores e fitas, de sorte que estes passarinhos animados pelo cantar dos padres, não interrompem seu canto, e formam um concerto e um espectaculo assaz novo para os estrangeiros.

«Além do convento dos Capuchinhos italianos existe á porta de Santa Catharina uma egreja d'esta nação muito grande e muito rica, e que tem um orgão o mais bello de Lisboa. Tem capellão-mór, vinte capellães, oito clerigos, dois sacristães, e outros empregados que recitam diariamente o officio divino.

«Encontra-se na parte occidental, á borda do Tejo, uma casa da moeda, onde se fabrica dinheiro, tão bem, pelo menos, como em França. Perto vê-se o Arsenal, que é muito bello.

«O estaleiro para os navios de guerra quasi que toca no palacio.

«Vê-se na extremidade da cidade occidental uma casa chamada das galés. Tomou este nome do uso, em que se está de prender n'ella os condemnados ás galés, que pela maior parte procedem das assaltadas que os portuguezes fazem de vez em quando sobre os mouros, com os quaes estão continua-

Digitized by Google

mente em guerra. Esta sorte de escravos está empregada durante o dia nos navios de guerra, ou a acarretar lenha e agua para uso dos principaes officiaes de marinha, e de noite levam-nos para a prisão.

«A cidade tem alguns hospitaes perfeitamente administrados.

«Lisboa não tem nenhum passeio publico, nem outro divertimento mais que um mau theatro hespanhol. Os grandes e fidalgos frequentam muito, comtudo, este espectaculo; e quando saem d'elle vão passar o resto do dia a passeiarem dentro de seus trens na praça do Rocio, onde conversam uns com os outros até á noite, sem sairem de suas carruagens. Vêem-se muito poucas carruagens, por serem as ruas muito más.

«Ha muita caça, presuntos de Lamego, que são melhores que os de Bayona e de Magence. Os alugueis das casas são muito elevados.

«O açougue principal, que fica na praça do palacio, é notavel tanto por sua extensão e aceio, como pela boa policia, que alli se observa. Todas as paredes pela parte interior estão revestidas de quadradinhos de azulejo e cobertas de uma quantidade prodigiosa de carnes, expostas na altura de seis pés e mais: os compradores indicam as peças de carne que desejam, e immediatamente os cortadores, que estão em cima de estrados muito aceiados, á maneira de theatro, lh'as entregam ao longo d'uma taboa posta muito convenientemente para esse fim. No meio d'este recinto está um assento para um empregado, com balanças; e este empregado está sempre presente, a fim de se oppôr á desordem, e de administrar justiça promptamente áquelles que forem lezados.

«Pouco adiante fica uma praça para a venda de peixe, que é das mais bem fornecidas, que existem em todo o mundo. O peixe é em quantidade prodigiosa, e muitissimo barato. É trazido em duzentas ou trezentas caravellas e muletas que diariamente o transportam. As peixeiras distinguem-se pelo seu aceio e ricos ornatos, consistindo em braceletes de oiro, que trazem nos braços, cordões, aneis, cruzes, brincos, de sorte que se vêem algumas trazendo em cima de si até um marco d'este metal.

»N'esta cidade não ha mais que tres chafarizes com agua de beber; trazem-na em cima de burros, e vendem-na a quatro soldos a carga. Ha o inconveniente de ficarem todos no mesmo bairro, e de se estar exposto a ser enganado pelos vendedores, que para pouparem a caminhada, vendem algumas vezes agua d'uma quarta fonte muito perto das outras, que não é boa senão para cavalgaduras, o que faz com que as pessoas ricas a mandem buscar por seus proprios criados.

«Acha-se ao lado da praça do palacio [1] uma rua onde estão os confeiteiros, rua que tem a particularidade de, apesar de ficar sua area no mesmo nivel que o rio, o qual está sempre salgado, e de não estar distante mais de trezentos passos, terem as casas poços de agua doce excellente. As pessoas que vão áquella rua regalar-se com doces, segundo o costume do paiz, não põem duvida em bebel-a, e os que alli moram não bebem d'outra.»

[1] Description de Lisbonne, pag. 44.

Digitized by Google

«Apesar de serem os viveres muito baratos, as boas hospedarias quasi todas francezas, inglezas e hollandezas são muito caras. Na melhor, que é franceza, situada na margem do Tejo, n'uma pequena praça chamada Romulares, o preço é seis francos por dia, e as inferiores, onde pessoas decentes se possam accomodar, varia o preço de 48 soldos a 3 libras. Tanto n'uma como n'outra, fica a gente mal hospedada, mas come soffrivelmente. A causa d'esta carestia procede do pequeno numero de pessoas que vão hospedar-se n'ellas, e faz com que a maior parte dos viajantas, que teem de se demorar na capital, vão hospedar-se em casa de amigos, ou aluguem quartos.

«As pessoas que tomam este ultimo partido, contentam-se ordinariamente com muito pouca mobilia e da mais mediocre; apenas uma mesa com seis cadeiras de palha, alguma loiça de barro e camas, muito em voga no paiz, isto é, sem leito nem cortinas, consistindo apenas n'uma enxerga e dois colchões, que se estendem de noite por cima de esteiras, ou tecidos de junco muito aceiados. Comtudo, como as casas estão sempre muito caiadas, e teem por toda a parte até certa altura um revestimento de azulejo e são muito risonhas, prescindimos facilmente de cortinados. Por esta fórma poupa-se consideravelmente, e achâmo-nos alojados muito commodamente em comparação d'aquelles, que estão em casas terreas, e pela maior parte nos sitios mais ordinarios [1].

«Affirmam que o rei tenciona augmentar a cidade, construindo em linha recta de uma extremidade á outra um caes, que deve entrar pelo Tejo dentro umas cincoenta toezas, o que se póde fazer facilmente, porque o rio quasi que não tem profundidade até ao sitio, a que as obras devem chegar. E no local chamado a Boa Vista deve o rei mandar abrir uma doka para n'ella se acolherem os navios de guerra em occasiões de mau tempo.

«Em 1724 appareceu em Lisboa o cavalheiro Porta, gentilhomem de Lausanna na Suissa, para um negocio particular, que era reclamar os bens de D. Antonio, que foi antigamente proclamado rei de Portugal, de quem a esposa d'este gentilhomem descende em linha recta. Houve por esta causa diversas audiencias do rei, que o recebeu honrosamente, e que nomeou duas juntas ou conselhos para a decisão de seu negocio. Porém os letrados opinaram que este gentilhomem não tinha nenhum direito legitimo, pois D. Antonio fôra proscripto por Filippe II como traidor á patria, e seus bens justamente confiscados em proveito da corôa. Depois d'esta decisão o gentil homem despediu-se do rei, e este lhe mandou dar um presente.

«A côrte de Lisboa é muito triste. Ordinariamente não se encontra muita nobreza junta. O rei come sosinho, raras vezes com a rainha, e nunca em publico: sáe muito pouco, e apezar de ter uma casa de recreio em Salvaterra, a dez leguas de Lisboa, rodeada de vastos terrenos para caça, passa annos inteiros sem ir lá. Nada é mais simples do que sua saida ordinaria; vêem-no n'uma carruagem puchada por seis cavallos, na companhia do infante D. Antonio seu irmão, o duque D. Jaime, seu escudeiro mór, e gentil homem de semana. Sua comitiva não passa de cinco ou seis pessoas a cavallo.

[1] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 48.

Digitized by Google

«A rainha sae tambem muito poucas vezes. Vae todos os sabbados, depois do jantar, por devoção a um convento que fica no fim da cidade de Lisboa, acompanhada do principe do Brazil, das princezas sua filha e cunhada, da condessa de Unhão sua primeira camarista. Sua saida é sempre annunciada de manhã por um tambor e um pifaro, que andam a tocar pela cidade com o fim de que a este signal todos os archeiros, que não estão de guarda se dirijam para o palacio. A carruagem da rainha vae rodeada de alguns pagens a pé, e precedida por todos estes archeiros sem chapeo, commandados por um capitão e por um tenente a cavallo. O resto da sua comitiva consiste em quatro carruagens, em tres das quaes vão doze damas de honra.

«Antigamente os dias de grande gala eram festejados com corridas de toiros, que duravam alguns dias; foram porém supprimidas no fim do ultimo reinado pela influencia da rainha. Como o rei D. Pedro, seu marido, que tinha uma força extraordinaria, gostava immenso de ir n'estas occasiões agarrar um toiro á unha, a rainha receiando com razão que lhe acontecesse alguma desgraça, tanto trabalhou que obteve d'elle a suppressão d'estas corridas, e contentaram-se depois com o dal-as por occasião do nascimento de principes e princezas.

«Os portuguezes são ciumentos no ultimo grau, dissimulados, vingativos, escarnecedores, vãos e presumpçosos sem motivo, não tendo, com excepção da nobreza, senão uma educação muito mediocre, não estando acostumados á leitura, e quasi que não viajando para outra parte mais que para o Brazil, Africa e Indias Orientaes. São porém estes defeitos contrabalançados por outras qualidades estimaveis. Teem muita vivacidade e penetração, uma affeição extraordinaria a seu principe, são muito guardadores de segredos, amigos fieis, generosos, caritativos para com seus parentes, sobrios na comida: quasi que só comem peixe, arroz, aletria, legumes, bolos, e não bebem ordinariamente senão agua.

«Vê-se andarem os homens pela rua trazendo uma espada comprida, a maior parte do tempo debaixo do braço, e um rosario na mão, fallando ácerca de negocios e de seus divertimentos, mas não deixando de resar, ou pelo menos de o fingir, particularmente quando estão uns com os outros. Sua maior paixão no exterior consiste n'uma devoção apparente, capaz de enganar aquelles que não tiverem alguma pratica d'este paiz.

«A gente ordinaria ajunta-se em ranchos nas ruas em frente de nichos, onde rezam e dão bofetadas em si mesmos. Nas procissões de Quaresma azorragam-se a si proprios horrivelmente, ou arrastam ao andarem cadeias presas ás pernas, trazem barras de ferro com os braços em cruz e outras penitencias similhantes. Com tudo n'estas mesmas occasiões alguns trazem uma fita no hombro para serem reconhecidos de suas namoradas. Outros namoram por signaes na egreja, e isto diariamente, entregam cartinhas de namoro com muita destreza. Estão mesmo tão acostumados a verem todas estas coisas, que as pessoas do paiz as mais morigeradas não se escandalisam por observarem isto. A bondade do clima e a doçura da vida tornam-os preguiçosos, fazem com que trabalhem pouco, e se contentem com uma fortuna mediocre.

Digitized by Google

«Os judeus são muito mais laboriosos, o que provém de sua paixão ordinaria para ajuntar riquezas, e do desejo de se verem em estado de deixar um paiz, onde a Inquisição lhes faz uma guerra cruel. De vez em quando alguns, depois de terem adquirido fortuna, embarcam secretamente e passam para Inglaterra, Hollanda e outros paizes, em que podem exercer livremente sua religião. Sua vida em Portugal está cheia de contrariedades e inquietações. Fazem exteriormente todos os exercicios da nossa religião com a maior pontualidade para que não desconfiem que são judeus.

«Os que se convertem egualmente passam por muitos desgostos. São desprezados e marcados para sempre com o epitheto infamante de *Christão novo*, que os exclue a elles e a seus descendentes, a não ser por um extremo favor, da maior parte dos cargos seculares, e lhes tira para sempre a esperança de se poderem alliar com os christãos velhos. Fazem-se estas allianças algumas vezes, mas só por occasião de alguma aventura amorosa, ou quando christãos novos, sendo ricos, fazem a fortuna de raparigas pobres. Mas os filhos provenientes d'estes casamentos são chamados *meio christãos novos*, e successivamente á proporção. Finalmente quando se perdeu a memoria do grau de sua origem judaica, chamam-lhes *parte de christão novo*, de sorte que esta especie de infamia não se extingue quasi nunca. [1]

«Dizem que as mulheres por indole são muito affeiçoadas a seus maridos [2] e que é raro encontrar alguma que lhes seja infiel. É comtudo necessario confessar que o excessivo ciume dos maridos, e as precauções extraordinarias que tomam, poderiam fazer julgar que ellas são de uma compleição bem differente. Seja como fôr, o que é certo é que sua sorte é bem triste. Teem-nas quasi sempre fechadas, e vêem-se até mesmo simples commerciantes terem em sua casa capellas, em que mandam dizer missa para tirarem a suas mulheres e filhas qualquer pretexto para saida.

Não podem ellas fallar senão aos padres e aos frades: estão privadas absolutamente de todo o commercio com os outros homens, e não teem mais recreação que de dentro das gelosias olharem para quem passa.

Apenas se podem ver na egreja quando lá vão: collocam-se na têa separadas dos homens, mas isto não obsta a que por signaes e linguagem de dedos substituam a palavra. Accrescentarei ainda que estes signaes se fazem de uma e outra parte d'uma maneira tão subtil e tão prudentemente dirigida que um estrangeiro, que não estivesse prevenido d'este uso, juraria que elles não disseram uma unica palavra.

Esperam com grande impaciencia as procissões de Quaresma, porque se lhes permitte então sairem para irem ver as ceremonias, e porque aquellas que teem desejo de fazer outro uso da liberdade d'aquelle tempo, o podem fazer sem perigo, não sendo quasi possivel expial-as por causa da quantidade de mulheres, que se vêem n'estas occasiões, e da conformidade de seus vestuarios. Vão tambem na noite de Quinta-feira Santa visitar as egrejas, e em quanto

[1] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 99.

[2] *Idem*, pag. 110.

Digitized by Google

os maridos dormem tranquillamente por causa do preconceito geral que não lhes permitte resistirem à devoção verdadeira ou fingida de suas mulheres, diz-se que ha então muitas, que se indemnisam do tempo que passaram no constrangimento.

«Os medicos portuguezes passam no espirito da nação por muito habeis: odavia são extremamente prodigos de sangue, e quasi que não conhecem outro remedio senão a sangria. Nas doenças ordinarias começam por applicar *meia duzia de sangrias*; e, quando o mal é teimoso, elevam a receita até quinze ou vinte, de fórma que o que de melhor póde acontecer ao doente é ficar livre da molestia por meio de uma debilidade de que com muita difficuldade se restabelecerá. Finalmente se seus remedios não aproveitam, e o doente cae n'um estado desesperado, receitam-lhe *Agua do Francez*, e experimenta-se que muitas vezes os doentes recuperam sua saude com o uso d'esta agua. O francez, que a vende, é um provençal por nome Estienne, estabelecido em Lisboa, ha muitos annos, o qual sem ser medico ou cirurgião applica a toda a qualidade de doenças esta tisana, cuja composição diz ter aprendido de um turco. Apresenta certidões de uma infinidade de pessoas, a quem curou perfeitamente; e bem que mostrando o credito de sua tisana ou suas curas maravilhosas, tenha grande cuidado de guardar silencio a respeito das occasiões em que ella produziu effeito contrario; é todavia certo que tem ajuntado grossos cabedaes, e conservado sempre sua reputação com o mesmo vigor.

«Observa-se que a maior parte dos medicos e dos advogados são de raça judia: os cirurgiões, apezar de serem ignorantes, acham o sangrar muito abaixo de sua dignidade: são os barbeiros os que se prestam a este mister.

«Os homens e mulheres teem grande devoção a S. Bento, cujas reliquias repousam n'uma grande egreja de seu nome. Vê-se a 21 de março, dia da festa d'este santo, um concurso extraordinario de povo, que batendo á porta d'esta egreja pede ao Santo que não lhe deixe faltar o pão: e pelo anno adiante as raparigas mandam ali dizer missas para encontrarem bons maridos.

«Os velhos e pessoas achacadas teem egualmente uma singular devoção a S. Gonçalo, portuguez de nação, que está no convento dos dominicanos, na praça do Rocio. No dia de sua festa fazem ali suas danças bailando e cantando:

Quem com o santo quizer sarar,
Ao santo ha de bailar.

«Comtudo as ceremonias mais respeitaveis de nossa religião fazem-se n'este paiz de uma maneira pomposa. Leva-se o corpo de Nosso Senhor aos doentes com muita magestade. O padre vae debaixo de um pallio sustentado por seis pessoas, caminha vagarosamente, precedido por varias especies de trombetas, e seguido de uns vinte irmãos de capas encarnadas, uniformes, levando cada um uma véla na mão e as coisas necessarias para administração do Sacramento.

«A procissão do Corpo de Deus faz-se desde alguns annos com uma pompa e solemnidade, que excede tudo o que se pratica nos outros paizes da chris-

Digitized by Google

tandade. As ruas por onde passa a procissão, estão juncadas de verdura e de flores, e guarnecidas de tropas: estão tapadas pelo telhado das casas de um lado a outro com um toldo de damasco carmesim: vêem-se alli grandes lustres de distancia a distancia e magnificos altares. Ha n'aquelle dia, na praça do palacio e na do Rocio, uma fileira de columnatas de madeira em arcadas muito largas e altas, em fórma de arcos de triumpho envernizados e enriquecidos de bellas pinturas, debaixo dos quaes passa a procissão, como em todo o resto do caminho a coberto das injurias do tempo.

«As casas estão armadas com sedas; vêem-se ás janellas as mulheres mui ricamente ornadas, e é prohibido aos homens apparecerem n'ellas.

«O rei assiste á ceremonia acompanhado de todos os grandes de sua côrte, e precedido de todas as irmandades, cavalleiros de Christo, de Aviz, de S. Thiago, de todas as ordens ecclesiasticas, do patriarcha com seu cortejo, ao qual os conegos mitrados dão grande esplendor [1].

«A rainha dirige-se n'esta occasião para a residencia do ministro, cuja casa está situada de modo que S. M. tem o prazer de se ver alli no meio da Procissão; porque ella descobre-a ao longe vindo da sua esquerda, d'onde se estende depois para a grande rua dos ourives de oiro, que fica na frente das janellas que ella occupa, vê-a ainda voltar pela rua dos mercadores, que fica á sua direita.

«Esta procissão contém tanta gente, que grande parte está já de volta antes que a outra tenha acabado de passar por este sitio: de maneira que a rainha avistando a procissão de principio a fim a egual distancia da janella de sacada que occupa, a vê então em fórma de cruz, e a vista é soberba.

Tanto os portuguezes são economicos em suas casas, tanto são gastadores na celebração de seus casamentos, e nas ceremonias publicas. Para sustentarem o explendor e despeza pedem emprestado sobre penhor, e alienam seus rendimentos; de maneira que ha poucas casas, que não estejam muito individadas. Algumas d'ellas qualificam-se de puritanas, o que quer dizer, que não houve em suas familias alguma mistura com o sangue dos moiros ou dos christãos novos, e d'isto se ufanam a ponto de não quererem alliar-se com as que não o são, e por esta razão é que se vê mui commummente os portuguezes casarem-se com suas parentas, apesar de lhe custarem muito dinheiro as dispensas em Roma. Vêem-se ainda casas de tal fórma enfatuadas de sua nobresa, que ellas preferem anniquilar-se a alliarem-se com outras menos illustres do que as suas.

«A lei permitte todavia ás filhas casarem-se conforme a sua inclinação, de maneira mesmo que um homem do commercio, a quem uma menina de primeira nobresa tivesse promettido casamento, poderia desposal-o apesar da resistencia dos paes, com tanto que a menina não se retractasse: comtudo isto quasi nunca acontece, porque o pretendente seria infallivelmente assassinado, porém estes exemplos são vulgares na nobresa ordinaria, e entre os mecanicos. Eis a maneira como os pretendentes se comportam n'estas occasiões: ex-

[1] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 125.

Digitized by Google

põem seus direitos ao vigario geral, que ordena immediatamente que a menina compareça na sua presença. Feito isto, este ministro a interroga, e se as respostas se acham conformes á exposição do cavalheiro, dá-lhes immediatamente licença para irem casar-se.

«Esta lei dá occasião a aventuras muito divertidas, das quaes referirei uma que aconteceu á filha de um bom commerciante. Tendo-se esta pessoa enamorado de um particular, apesar de sua figura muito mediocre, o qual morava defronte d'ella, o amante não perdeu tempo em ir ter com o vigario geral; não procedeu todavia com tanto segredo, que o pae da noiva não fosse pouco tempo depois informado de suas pretenções e diligencias; mas como quasi que não ha remedio para contrariar taes golpes, este pobre homem contentava-se com deplorar sua sorte, não podendo principalmente consolar-se por ser seu pretendido genro, que apenas tinha uma fortuna muito mediocre, de raça judia, raça detestada por aquelles que não pertencem a ella. Em quanto derramava lagrimas na sua loja, passou um de seus amigos, que vendo-o n'aquelle estado, lhe perguntou a causa, ao que tendo-o o pae satisfeito, o amigo o consolou dizendo-lhe que elle se gabava de o tirar da difficuldade n'aquelle mesmo dia. Acrescentou que, como o ponto principal consistia em fazer desdizer sua filha, era necessario para o conseguir prometter-lhe satisfazel-a immediatamente no desejo que mostrava em casar-se. Que lhe affirmasse que conhecia intimamente um mancebo, bello, bem apessoado, muito proprio a fazel-a feliz: que este mancebo tinha na verdade pequena fortuna, mas que não lhe faltava talento, sendo principalmente christão de raça. O pae encantado do expediente, concordou em que, em quanto seu amigo ia trabalhar para lhe alcançar um novo genro, elle previniria sua filha, e nada esqueceria para lhe fazer um retrato do cavalheiro capaz de a lisonjear. A esta nova achou-se a menina muito embaraçada; comtudo sua inquietação não durou, pois o cavalheiro sensivel ás vantagens, que se lhe offereciam, tendo-se dirigido com o amigo a casa da menina, esta o achou de tal fórma á sua vontade, que n'um instante se lhe agarrou ao pescoço, dizendo: Este é meu marido; não quero outro.

«Tendo as coisas chegado a este estado, e depois d'uma affeição tão rapida, da qual a familia tinha interesse em obstar ao esfriamento, em nada mais se pensou do que em tomar todas as medidas necessarias para consummar o casamento antes do dia seguinte, o que foi executado com tanta diligencia e felicidade, que a bella foi dormir n'aquella mesma noite com seu marido. O antigo pretendente não deixou de se apresentar pela manhã muito cedo de sege, acompanhado por doze de seus amigos, e munido com a ordem do vigario geral; mas ficou bem depressa espantado, quando lhe disseram que a pessoa que elle pedia em casamento, se tinha recebido com fulano, morador em tal rua. Alli voou immediatamente com o seu cortejo, e o marido informado do motivo que alli o levava, e bem seguro de que a scena findaria pela confusão do outro, tomou o prazer de reunir promptamente um numero de amigos seus egual ao que tinha este rival, para acompanhar sua mulher com mais luzimento a casa do vigario. Tendo a coisa sido assim exe-

Digitized by Google

cutada, ella declarou a este juiz, na presença de todo este numeroso cortejo, por seu marido aquelle que a tinha acompanhado. D'esta sorte terminou este processo com grande regosijo do pae e do esposo, e o illudido pretendente voltou para sua casa, passando por milhares de apupos, e acabrunhado de dôr e de confusão.

«Quando um fidalgo tem seu casamento justo com alguma das damas do paço, deve trazer na abetoadura uma fita, que é um dos signaes de sua promessa; além d'isto é obrigado pelo espaço de seis mezes a apresentar-se no palacio todas as vezes que as damas saem ou entram com a rainha, e a seguil-as de longe sem que lhe seja permittido fallar á sua namorada senão por meio de signaes até ao dia da consummação do casamento.

«A mulher ennobrece o marido: os engeitados são nobres pela supposição de que podem ter fidalgos por seus paes.

«Os portuguezes ordinariamente fazem frades a seus filhos segundos, ao que estes raramente resistem, pois este estado é muito asado para a devassidão. A vista dos paes com isto é de tornar ricos os primogenitos, e procede tambem da impossibilidade em que se acham de dar aos primeiros um emprego honesto, não havendo alli nenhuma arte liberal, e o commercio sendo muito limitado. Além d'isto, quando teem um filho padre ou frade, consideram-no como uma grande honra, e ninguem pode ignorar que ficam isentos de judaismo, pois aquelles, que teem uma tal mancha, por muito leve que seja, estão excluidos do sacerdocio para sempre.

«Os paes empregam o mesmo constrangimento para com as filhas, mettem-nas a quasi todas freiras, quer seja por falta de meios de lhes dar um dote para terem um marido, seja pelo perigo em que incorrem por causa da liberdade que a lei concede ás raparigas de se casarem á sua vontade. Os paes de condição mediocre obrigam-nas a tomar este partido ainda por outro motivo, que é a honra de terem uma filha freira. Estas victimas da vaidade renunciavam além d'isto ao mundo tanto mais voluntariamente, quanto lhes parecia que deixando-o ellas entravam n'elle em vez de sair, pois sendo em casa d'ellas extrema a prisão, e achando nos conventos a liberdade de verem homens e de poderem conversar com elles quasi todo o dia, sua sorte parece-lhes mais agradavel.

344) **DESCRIPTION** *du tres humain, vertueux et invectissime roy de Portugal. Envoyé à nostre sainct pere le pape, des gestes faictz en la mer rouge. Et de la paix, paction, convenance commencée par lui avec prebistre Jehan roy de Ethiopie.* Lisbonne, 1521.

Apparece citada esta obra n'um catalogo de livros raros.

345) **DESCRIPTION** *geografica, historica de el reyno de Portugal.* Madrid (sem data), folheto.

346) **DESE MACHTEGUE EN GROT STATE ADE GENCEMT** *die gelege es int coninerye va persê indem wech va mecha was bestormt en*

Digitized by Google

beuochtê va Alfonso d'Albukerque capitein generael vandê bogê en machtege edele conic va portegael heer Emanuel mr. drieduist vyfhodert volchx voch te drie urê lac tregê die ide stat warê dese bataelge gesciede up dê beiigê, etc. Anvers, 1513.

Trata esta obra da tomada de Adem por Affonso d'Albuquerque, no reinado de el-rei D. Manuel, e vi-a citada n'um catalogo de livros raros para venda.

347) **DESFONTANES (ABBÉ GUYOT).**

E. — I. *Histoire de D. Juan, fils de D. Pedro et de D. Ignès de Castro.* Paris, 1724.

II.—*Inez de Castro ou histoire de Pierre de Portugal.* Paris, 1722.

348) **DE ZEEUSCHE VERRE-KYKER.**

Ghedrucht tot Ulissingen in 't Groene Wout. 1649. 8 folhas sem numeração. (M. S.)

349) **DIAS (PEDRO).**

E.—*Epistolæ de 52 Jesuitis interfectis in Brasilia,* Antuerpiæ, 1605.

350) **DICTIONARIUM MALAICO LATINUM** *et Latino Malaicum cum aliis quamplurimis quae quarta pagina edocebit. Opera et studio David Haex. Romae. Typis et impensis Soc. Cong. de Propag. Fide.* 1631. *Superiorum permissu.*

No fim d'este Diccionario Malaico Latino ajuntaram-se alguns termos portuguezes, que são muito communs entre os vocabulos malaicos, e usados nas ilhas de Amboyno, Banda, Java e Molucas. A lista das palavras portuguezas usadas por estes povos contéem 143 vocabulos.

O exemplar por mim consultado em 1861 existia na Bibliotheca do Porto.

351) **DIDOT (M. FIRMIN).**

Nasceu em Paris no anno de 1764, e falleceu no de 1836. [1]

E.— *La reine de Portugal.* [2] *Tragedie en cinq actes par —. Representée pour la première fois, sur le second theatre Français, le* 20 *octobre* 1823. Paris. De la Typographie de l'auteur, 1824, 4.°, 88 pag.

Pessoas, que entraram em scena: Affonso de Portugal, Mr. Lafangue.—Branca, esposa d'Affonso, M.elle Gros.—D. Pedro, Mr. David.—Constança, filha de Branca, Melle Falcoz.—Ignez, dama de Constança, Melle Dupont.—Castro, condestavel, irmão de Ignez, Mr. Delaunay.—Alvares, juiz, Mr. Auguste.—Maria, dama de Ignez, Melle Alex. Perroud.

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 14.°, pag. 115.

[2] Personne n'a pu s'intereresser aux amours d'Edouard et d'Eugénie, composition de Gresset, au lieu qu'on s'interesse beaucoup à ceux d'Inés et D. Pierre. — *La Harpe — Cours de Littérature I,* pag. 844.

Digitized by Google

Digitized by Google

FERDINAND DINIZ

Digitized by Google

352) **DIEZE (JEAN ANDRÉ).**

E.—*Histoire d'Espagne et de Portugal*. Leipzig. 1774.

353) **DINIS (FERDINAND).**

Nasceu em Paris no dia 13 de agosto de 1798, onde recebeu sua educação. Sendo mui moço residiu por espaço de tres annos e meio no Brazil. Foi primeiro nomeado bibliothecario do ministerio de instrucção publica, e passou depois na qualidade de conservador para a Bibliotheca de Santa Genoveva.[1]

E. — I *Histoire Géographique du Brésil*. Paris, 1833, 107 pag. Faz parte da *Bibliotheque Populaire*. Traz uma larga introducção, na qual faz uma resenha dos escriptores que escreveram sobre o Brazil.

Estes escriptores são: Jean de Lery, francez. 1578— André Thevet, francez, 1558 — Hans Staden, 1556 — Claude d'Abbeville, francez, 1614 — Pison et Margraff, 1648 — Barlœus, 1647 — Roulox Baro, 1651— Staunton, 1797 — Barrow, 1807— Lindley, 1804 — Mawe, 1812 — Langsdorff — Koster, 1816 — Neuwied, 1819 — Spix — Martius.

II. *Le Bresil*. Na conhecida collecção do *Univers Pittoresque* editado em Paris por Firmin Didot. E' o primeiro volume da collecção relativa á America. Esta obra foi traduzida em portuguez, e impressa em Lisboa no anno de 1844, formando dois volumes.

III. *Resumé de l'Histoire Litteraire du Portugal suivi du resumé de l'Histoire Litteraire du Brésil*. Paris, Lecointe et Durey, libraires, in-8.°, 625 pag.

«Para bem analysar os *Lusiadas*, (pag. 76), para fazer conceber suas bellezas, seria mister ser transportado por um momento ao cume d'essa collina á qual o Gama é conduzido por uma divindade, que lhe faz contemplar os gloriosos destinos de Portugal.

«Examinando esta vasta concepção, veem-se desenrolar todos os acontecimentos, que tornaram tão poderosa uma nação fraca ao principio, e dentro em pouco superior a todas as outras, porque reuniu a constancia ao valor. O que ha de mais admiravel, é que as bellezas d'esta epopea brilhante appresentam-se sem mostrar os esforços da arte; é o poeta viajante, o soldado, que canta navegantes e guerreiros.

«Deu-lhe a natureza um profundo sentimento da harmonia; pertence ao numero d'aquelles, que fixam uma lingua pelo encanto de seu estylo, pertence tambem ao numero d'aquelles, que animam um povo inteiro com um grande pensamento.

«O mais bello privilegio d'um poema épico é enobrecer uma nação a seus proprios olhos, é fixar nos corações as lições dadas pela coragem e pela honra; enternecer sobre os erros, inspirar horror aos crimes. Camões não mereceu grandes censuras no decurso de sua composição, mas desempenhou o verdadeiro fim a que se deve propôr um poeta nacional.

«O acontecimento, que acabava de elevar sua nação acima dos outros povos, era o que naturalmente elle devia escolher: Gama foi seu heroe.

[1] Visconde de Jorumenha.—*Obras de Luiz de Camões*, vol. 1.°, pag. 244.

Digitized by Google

«Um de nossos poetas modernos, capaz de bem comprehender o auctor dos *Lusiadas*, e de o fazer sentir, mostrou-nos a fórma adoptada por elle desde o principio—«O começo dos *Lusiadas*, diz Raynouard, é original, nobre, poetico, tem uma fórma magestosa, porque indica, agrupa e accumula os factos, que devem ser reproduzidos no poema; e somente quando este quadro feriu a imaginação do leitor, é que annuncia, que cantando-o ha de espalhar a fama pelo universo [1].

«Já que vemos apparecerem aqui os deuses do Paganismo n'um assumpto no qual em nossos dias só os poderes da religião christã se fariam intervir, lembremos que é necessario julgar os homens segundo os tempos, e não nos mostremos severos de mais, quando se nos offerecem grandes bellezas. Talvez não seja fóra de proposito recordar aqui a maneira como madame de Stael explica o emprego do maravilhoso mythologico, associado ao que era indicado pela religião christã; provavelmente que o pensamento do poeta está todo inteiro n'esta phrase, principalmente applicando-a á época, em que morreu Camões. «Censuram-n'o por esta alliança, mas não nos parece que nos *Lusiadas* produza uma impressão discordante. Sente-se alli muito bem que o christianismo é a realidade da vida, e o paganismo o adorno dos festins.»

«Na primeira descripção (pag. 81) da attitude e dos costumes d'um povo estrangeiro Camões mostra-nos qual a exactidão, qual a tinta local que deve conservar nas numerosas pinturas dos paizes longinquos.

«Ninguem melhor, que Camões (pag. 87) sabe variar todos os movimentos d'uma poesia brilhante; se no principio nos revelou as pompas do Olympo, agora ostenta a nossos olhos todo o luxo da Europa e dos paizes visinhos da Asia: suas pinturas são preciosas para o nosso seculo, e variou-as sem cessar.

«Ao ler o enternecedor episodio de *Ignez de Castro*, onde vemos agglomerados todos os generos de merecimento, quem se não sentirá commovido? (pag. 91.) O proprio Voltaire proclamou-o uma obra primorosa, apesar de muitas vezes não fazer justiça ás outras bellezas do poema. Parece, e tanta melancolia existe n'este canto lastimoso, que é um ultimo grito de dor escapado ao infeliz D. Pedro, que sua constancia fez sobreviver ao desespero. Camões recolhe tudo quanto póde despertar uma nobre tristeza; não se esforça em augmentar a dor, recorda o que fez já tantas vezes custar lagrimas.

«Os navios de Gama estão promptos para irem á descoberta. Comprehende-se que o poeta deixou sua patria, e que tambem elle viu mães abraçarem seus filhos, mulheres soluçarem nos braços de seus maridos. Camões, dotado da mais bella alma, representando sempre o que sentiu, Camões n'isso ainda é admiravel. Se pinta o poder dos laços da natureza, pinta tambem a ambição, e as desgraças que ella póde causar: fal-as annunciar por um velho, que se dirige aos navegantes, e este velho, a quem o prestigio das conquistas não póde seduzir, é sublime em suas expressões, como em seus pensamentos.

«Os viajantes costeam a Africa, e dentro em pouco vão passar a linha. As pinturas do poeta vão ser novas. Para descrever uma tromba maritima, não

[1] *Journal des Savants*, julho de 1825.

Digitized by Google

podia achar cores nos antigos. Sua profunda observação lh'as forneceu. Eu mesmo fui testemunha, ha alguns annos, d'este espectaculo, que causa aos viajantes tanta admiração e susto. Tornei a ler Camões, e conheci que elle era um dos maiores pintores dos phenomenos da natureza.

«Montesquieu disse, que este poema continha bellezas dignas da Eneida e da Odyssea. Mas é na apparição do gigante Adamastor, que se sente a verdade d'esta reflexão (pag. 103.) E como o estylo se modifica! Como este gigante vae fazer sentir todo o amor em que se inflammou para com a esposa de Peleo! Como elle faz comprehender todo seu furor, pintando a maneira como foi enganado! Não ajuntarei nenhuma reflexão a esta mais bella passagem dos *Lusiadas*, e contentar-me-hei em dizer com Parseval de Grandmaison na sua obra—*Les amours epiques*—que é talvez a mais primorosa da epopea.

«Nada ha mais animado que o episodio dos doze de Inglaterra, nada mais cavalheiresco do que a pintura dos torneios, e das festas.»

*
* *

«No começo do seculo XVII bastantes epicos se appresentam a nossos olhos, todos dotados d'um verdadeiro talento. Possuiam-nos os portuguezes n'uma época, em que nós os francezes apenas tinhamos informes ensaios. Corte Real, Quevedo, Pereira de Castro e Menezes escreviam n'uma lingua já elevada ao seu mais alto grau de perfeição.

«Em quanto Camões se entregava á solidão, depois de ter percorrido os logares, que cantava em seu poema, um homem celebre ia procurar em paizes estrangeiros estas cores brilhantes, com as quaes queria ornar sua poesia. Corte-Real percorreu a India e Africa, assistiu mesmo á celebre batalha de Alcacer-Quibir. Na volta para sua infeliz patria entregou-se á solidão, e resolveu consagrar seus ultimos descanços a celebrar a gloria de Portugal. Em seu poema o *Naufragio de Sepulveda*, as maiores bellezas brilham ao lado dos defeitos. Poema, do qual a maior parte nos deve commover profundamente, pois offerece sentimentos os mais ternos, e acontecimentos os mais pungentes. Este poema não podia ser concebido senão por uma alma ardente e sensivel. Desembaraçado das ficções mythologicas, Corte Real seria o primeiro depois de Camões [1].»

IV. Um grande numero de artigos relativos aos grandes homens, que Portugal tem produzido, publicados na *Biographie Universelle* de Firmin Didot, em 46 volumes. Estes artigos distinguem-se em geral pelo seu desenvolvimento e exactidão. Tanto n'estes artigos, como em todas suas obras, Ferdinand Denis mostra-se muito affeiçoado aos portuguezes.

V. *Une Fête Brésilienne celebrée a Rouen en* 1550 *suivie d'un fragment du*

[1] F. Denis analysa tambem varios outros poemas, como Affonso Africano, a Ulyssea, Malaca Conquistada, Viriato tragico, o Hyssope, o que não fizeram nem Bouterweck, nem Sismondi, nos quaes, bem como no escriptor francez citado, se encontram muitas paginas de nossos escriptores traduzidas.

Digitized by Google

VXIe Siècle roulant sur la Théogonie des anciens peuples du Brézil et des poesies en langue Tupique de Christovam Valente. Paris, J. Techener, 1851, in-4.° 104 pag. Com uma estampa representando a lucta simulada dos brasileiros.

É a reimpressão d'uma obra publicada em Rouen no anno de 1551, e que se tinha tornado da maior raridade. O titulo da edição antiga era o seguinte:

Cest la deduction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiques theatres dresses et exhibes par les citoiens de Rouen ville Metropolitaine du pays de Normandie, A la sacre Maiesté du Treschristian Roy de France, Henry secõd leur souverain Seigneur, Et à Tresillustre dame, ma Dame Katharine de Medicis, La Royne son espouze, lors de leur triumphant ioyeux et nouvel advenement en icelle ville, Qui fut es iours de Mercredy et ieudy premier et secõd iours d'octobre, Mil cinq cens cinquante, Et pour plus expresse intelligence de ce tant excellent triumphe, les figures et pourtraicts des principaulx aornementz d'iceluy y sont apposez chascun en son lieu comme l'on pourra veoir par le discours de l'histoire.

Avec privilege du Roy.

On les vend à rouen chez Robert le Hay Robert et Jean dictiz du Gord tenantz leur boutique, Au portail des libraires.

1551

«Meio seculo se tinha apenas passado desde a descoberta do Brazil, e coisa de cincoenta indios completamente nus, pertencentes á raça dos tupinambas reunidos a 250 marinheiros normandos, vinham simular seus combates nas margens do Sena, na presença de Catharina de Medicis. Facto que não deve admirar, se considerarmos por um momento quanto eram activas as relações de Rouen, Dieppe Honfleur com a America meridional. A este espectaculo assistiram o nuncio do papa, os embaixadores de Hespanha, Allemanha, Veneza, Inglaterra, Portugal, e d'outras nações estrangeiras.»

A edição moderna é acompanhada de grande numero de notas interessantissimas.

VI. *Chroniques Chevaleresques de l'Espagne et du Portugal suivies du Tisserand de Segovie, drame du XVIIe Siècle, publiées*—Paris, Ledoyen, Libraire editeur, 8.° gr. 1839, 1.° IV, 382 pag. 2.° 492 pag.

Traz as seguintes lendas e episodios portuguezes: I *Tomada de Evora, por Giraldo Sem-Pavor, conforme Fr. Bernardo de Britto.* Tomo 1.° pag. 45.—

Digitized by Google

O mau rei e o bom vassallo. Historia de Martim de Freitas, conforme Duarte Nunes de Leão. Pag. 62.— *Historia de D. Constança Manuel, conforme Ruy de Pina.* Pag. 83.— *Chronica de Ignez de Castro.* Pag. 105.

«Seria obra para um laborioso bibliographo o recordar mesmo summariamente tudo quanto tem sido escripto a respeito de Ignez de Castro. Poemas, romances, novellas, dramas, tragedias, e até coplas de romance popular, todas as fórmas litterarias e poeticas teem sido esgotadas a respeito d'esta grande catastrophe, que completa actualmente em todas as nações a historia cavalheiresca da edade média.»

A Garça de Portugal. Narração verdadeira, onde se refere a historia lamentavel de D. Ignez de Castro. Romance hespanhol. Pag. 143.— *Poesias do Rei D. Pedro a uma dama.—Os amores d'um filho de D. Ignez de Castro.* Pag. 167.— *O primeiro dia do trafico da escravatura em Lagos.* Tomo 2.º pag. 41.— *O naufragio de Sepulveda.* Pag. 78.

VII. *Luiz de Sousa,* par — Paris, Librairie de Charles Josselin, 1835, 8.º gr., 1.º vol. 351 pag., 2.º 336 pag.

E' um romance baseado na vida do nosso grande escriptor. O rei D. Sebastião dirige-se ao mosteiro da Batalha com o fim de ver os corpos dos reis e principes alli sepultados, e de pedir orações a favor de sua proxima expedição a Africa. Luiz de Sousa, D. Magdalena e o marquez de Kleist, parente do imperador de Allemanha n'aquella occasião achavam-se na egreja. Luiz de Sousa é chamado para fazer ao rei um breve elogio das pessoas, cujos corpos D. Sebastião ia visitando. Em quanto falla, D. Magdalena de Vilhena, mulher de D. João de Portugal conserva-se extasiada para o orador, a ponto de se tornar reparada. D. Magdalena casara violentada, e nutrira sempre uma grande paixão por Luiz de Sousa, e este é o motivo porque n'uma entrevista nocturna com este, insta e alcança a promessa de não ir para Africa, pois lhe tinha obtido do rei o emprego de governador do castello de Belem. Tendo encontrado, porém, na retirada o marquez de Kleist, que tambem estava apaixonado de Magdalena, e que cheio de ciumes andava espreitando Luiz de Sousa, chega á falla com este, provoca-o, e ha um desafio entre ambos ficando o marquez gravemente ferido. Achando-se Luiz de Sousa compromettido acompanha o rei para Africa, fica captivo, e consegue d'alli fugir por intervenção d'uma escrava moura, que D. Magdalena alli mandara expressamente. Casam, e passados poucos dias encontram na egreja de Belem um peregrino, que lhes dá noticia de que D. João de Portugal ainda é vivo. Cheios de escrupulos separam-se, e cada um vae professar em conventos da ordem de S. Domingos.

«Quem não viu a embocadura do Tejo com suas bellas collinas cobertas de palacios e de mosteiros, suas larangeiras cobertas de flor, seus limoeiros, que se miram no Tejo, nada tem visto. Os portuguezes possuem um velho proverbio, que o diz, e repetem com mais justa rasão talvez do que os enfatuados habitantes de Sevilha. No seculo XVI Lisboa era a maravilha do universo; era a maior cidade da christandade. No tempo de D. João III era já como Roma a cidade dos sete montes, a cidade guerreira, e de immensos conventos. De Belem até S. Bento de Enxobregas tinha perto de seis milhas: Paris não contava

Digitized by Google

então outras tantas. Era maravilhoso o contemplar esta cidade de soldados e de padres, formando um semicirculo de palacios.»

VIII. *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur influence sur la poesie; suivies de Camoens et José Indio;* par — A. Paris, Chez Louis Janet, 8.° IV, 514 pag. e uma estampa representando os ultimos momentos de Camões no hospital. O *José Indio* é um romance, no qual Ferdinand Dinis conta a vida de Camões. Termina este livro com a bella ode de Raynouard em honra do nosso poeta.

IX. *Hippolite Taunay et Ferdinand Dinis.— Le Brésil ou mœurs et coutumes des habitants de ce royaume.* Paris, 1822, 6 vol. in-12.°

X. *Analyse das viagens de A. Sainte Hilaire ao Brasil.* Na *Revue des deux Mondes*, vol. 1.°, pag. 405 e seg. (Anno 1831).

XI. *Atlas de la Litterature Portugaise.* Paris, 1831.

XII. *Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 par le P. Ives d'Evreux. Publié d'aprés l'exemplaire unique conservé à la Bibliotheque imperiale de Paris avec une introduction et des notes.* Paris, 1864, 456 pag.

XII. *Tableaux Chronologiques de Litterature Portugaise dans les Atlas des litteratures de mr. Janny de Moncey.*

•

«Consta-nos que ha dias mr. E. Denis enviara a S. M. F. um exemplar da sua obra — *Chroniques Chevaleresques.*

«E' este livro, como quasi todos os que saem da inexgotavel e deliciosa penna de seu auctor, uma brilhante manifestação de quanto elle conhece, e de quanto por isso mesmo, ama o nosso Portugal. Quem não leu uma e muitas vezes a sua *Novella historica de Camões*, e *José Indio*, o seu *Resumo da Historia Litteraria de Portugal*, a sua traducção da *Flor do Theatro Portuguez* e o seu *Prefacio a uma nova traducção dos Lusiadas?* Quem ao reler todos os seus outros escriptos, mormente as *Scenas da Natureza sob os Tropicos*, não julgou estar ouvindo o mais zeloso, o mais ardente portuguez? E que se em linguagem franceza se exprimia, era só pela ancia de tornar mais geralmente comprehendidos por esse mundo os nossos louvores E qual será o portuguez devéras, a quem, n'esta época de nosso quasi universal desamparo não faça muita força este amor d'um estrangeiro illustre, que nada nos deve, e só nos conhece pelos retratos, que de nós lhe hão dado os livros? Por nós confessamos que ao pronunciarmos ou ouvirmos pronunciar seu nome, dois affectos se nos levantam sempre na alma, ambos justos, ambos nobres, ambos vehementes, o primeiro a altiveza de havermos nascido na riquissima pobreza d'este ninho: o segundo respeito e gratidão para com o talento peregrino, que tão gratuita e generosamente dispende o seu cabedal poetico em coroas e incensos, com que atavie o nosso tumulo, com que divinise as nossas até já quasi por nós mesmos, tão apesinhadissimas reliquias.» A. F. de Castilho, *Revista Universal Lisbonense*, vol. 1.°, pag. 544. [1]

[1] Veja-se o mesmo escriptor no 2.° vol.

Digitized by Google

354) **DISCOURS DE LA PAIX CONTRE** *(sic)* **PORTUGAIS.**— 15 pag.

355) **DISCOURSE OF THAT WHICH HAPPENED IN BATTLE** *fought between the two navies of Spaine and Portugal at the Islands of Azores, anno* 1582 *by D. Alvaro Bazan, of Santa Cruz.* London, 12.° 1582. (Discurso do que aconteceu na batalha pelejada entre as duas frotas de Hespanha e Portugal nas ilhas dos Açores, etc.)

356) **DISSERTATIO DE TRIBUS IN LUSITANOS JESUS** *Socios publicis juditiis.* Norimbergæ, 1792.

357) **DIX (JOHN A·)**

E.—*A Winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence.* (Um inverno na Madeira e um verão em etc.)

358) **DOMINIQUE (PIERRE FRANÇOIS BIANCOLLELI).**

E.—*L'Agnes de Chaillot, parodie de l'Ines de Castro de Lamotte,* Paris, 1723.

359) **DONIZETTI (GAETAN)** — Celebre compositor italiano.

Nasceu em Bergamo no anno de 1798, e ahi falleceu em 1840.[1]

E.— *D. Sebastiano, re di Portugallo. Opera.* Paris, 1843.

Diz-se que o trabalho assiduo a que se entregou pelo espaço de dois mezes na composição d'esta opera fôra uma das causas da sua morte.

360) **DOUVILLE (JEAN BAPTISTE).**

E. — *Voyage au Congo et dans l'Afrique Equinoxiale.* Paris, 1832. 4 vol.

Esta obra foi considerada como um acervo de falsidades, e o auctor viu-se obrigado a escrever um livro em sua justificação.

361) **DRIVER (JOHN).**

Letters from Madeira in 1834, *with en appendix illustrative of the history of the Island, climate, wines, and other information up to the yar* 1838. *By.* London, 1838.

362) **DROUET (HENRI).**— Naturalista francez.

Nasceu em Troyes, em novembro do anno de 1829. Em 1857 effeituou na companhia de Arthur Morelet, de Dijon, uma viagem scientifica em Portugal e nos Açores.[2]

E.— I. *Rapport à S. M. le roi de Portugal sur un voyage d'exploration scientifique aux Açores.* Paris, 1858, 4.°, 2.ª edição.

II. — *Mollusques marins des Iles Açores,* 1859, 4.°

[1] Bouillet.—*Dictionnaire Universel d'histoire et geographie.*—Supplemento, pag. 40.

[2] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains,* pag. 562.

Digitized by Google

III. — *Cleopteres Açoreens*, 1859, 4.°

IV. — *Eléments de la Faune Açoreense*, 1860, 4.°

V. — *Lettres Açoreenes*. Poitiers, 1862.

VI. — *Catalogue de la Flore des iles Açores, procedé de l'itineraire d'une voyage dans cet archipel*. Paris, 1866.

Foi este trabalho publicado primeiramente nas *Memorias de la Societé Academique de l'Aube*.

363) **DUBEUX (LOUIS).**

Nasceu em Lisboa, de paes francezes, em 2 de setembro de 1778, e falleceu em Paris a 4 de outubro de 1863. Seu pae era armador de navios. A sua primeira educação foi inteiramente portugueza, e então é que elle se iniciou no estudo da lingua hebraica.

Tendo 20 annos, a familia passou a residir em Paris. Continuou alli os estudos orientaes, que, no tempo de Luiz Philippe, lhe deram posse da cadeira de turco na escola de linguas vivas, e em 1838 a successão provisoria de Quatremère na cadeira da mesma lingua no Collegio de França. Seus trabalhos, dos quaes grande parte foi publicada no *Nouveau Journal Asiatique* pertencem á litteratura da Asia; ligam-se á historia e á geographia pela traducção da *Chronica de Tabari*, emprehendida por conta da sociedade das traducções de Londres, cuja 1.ª parte apenas saiu a lume (Londres, 1836, em 4.°) e por 2 volumes escriptos para o *Univers Pittoresque* da livraria Didot, a *Persia* 1840; e o *Afghanistan* (em collaboração com Valmont), 1848.[1]

Annotou a traducção que dos *Lusiadas* fez J. B. J. Millié, e estampou em Paris no anno de 1862, de que foi editor Charpentier.

364) **DUBLIN (THE)** *University Magasine*.

Em o n.° 156 (vol. 26.°), 1845, traz uma curiosa viagem feita em Portugal.

«Tanto se tem dito a respeito de viajar no interior de Portugal e Hespanha, que poucas pessoas teem desejos de emprehenderem tão aventurosas jornada s porém um conhecimento mais bem fundado da condição social da Peninsula principalmente de Portugal, dentro em pouco dissipará taes receios, ou pelo menos mostrará que são excessivamente exagerados.

«Quaesquer que tenham sido os perigos de viajar em Portugal outr'ora, elles actualmente não são para temer, e não devem assustar o mais timido.»

Nos Carvalhos teve o viajante occasião para notar o conforto dos portuguezes comparado com a miseria dos homens do campo irlandezes.

Passou por Alcobaça e viu que a descripção da cosinha do mosteiro, feita por Beckford, não é exagerada.

Nada mais podia fazer que admirar o bello mosteiro da Batalha, cujas bellesas architectonicas eram o seu menor encanto, pois considerava aquelle monumento como pertencente a um periodo dos mais gloriosos da historia portugueza. Lastima os estragos feitos pelos francezes, e diz que as atrocidades

[1] Vivien de Saint Martin.—*Annéc Geographique*, 2 année, pag. 131.

Digitized by Google

de Massena, Loison e Kellermann estavam pouco em harmonia com o procedimento dos officiaes francezes, pois uma tal maneira de guerrear só era propria de turcos e selvagens.

«Na universidade de Coimbra, quando um estrangeiro entra na casa da aula, é recebido com a usual polidez portugueza; o professor pára, comprimenta, e os estudantes levantam-se. Ha tambem nos portuguezes um outro caracteristico não menos amavel. Estão alli muitos mancebos de Goa, Brasil e colonias portuguezas, cuja côr os excluiria das aulas, entre os democratas dos Estados-Unidos, amantes da egualdade, mas em Coimbra prevalece o sentimento mais christão; nenhuma pessoa é despresada por causa da côr da pelle, ou pelo crespo do cabello. É agradavel fallar da boa ordem e respeito que reina durante a lição.

«A faculdade de direito é considerada como a mais importante por causa de seu grande numero de estudantes. Nas disciplinas ensinadas inclue-se canones, direito romano, legislação portugueza, economia politica, medicina legal etc., de maneira que, se os diversos ramos da jurisprudencia fossem bem ensinados, os lettrados portuguezes deveriam ser os mais instruidos dos jurisconsultos europeus.

«Esta universidade está muito superior a qualquer universidade hespanhola. Mr. Kinsey, que visitou em 1826 o museu de Coimbra, queixa-se da imperfeição da collecção geologica, especialmente dos ossos fosseis. Porém n'aquelle mesmo periodo é que o estudo estava principiando a tornar-se popular, e talvez, exceptuando Londres e Paris, em nenhuma outra parte se poderiam encontrar collecções geologicas importantes.»

365) DUBLIN (THE) *University Magazine*, n.º 160 — February, 1847.— *Historia de Portugal* do sr. A. Herculano.[1]

«A historia de Portugal, se inferior em lustre á de Hespanha, é comtudo sómente a segunda no que toca á importancia; e com quanto menos poetica, offerece maior materia de interesse ao philosopho que pensar n'ella. Portugal, mais que nenhuma outra nação da Europa, nos espanta pela energia do seu povo, e pelo contraste entre a pequenez e fraquesa de seus meios, e a grandesa dos resultados e feitos que obrou. Os descobrimentos maritimos do illustre infante D. Henrique formaram a escóla que impelliu Colombo e Magalhães ás empresas atrevidas, que executaram em serviço de Hespanha: sendo que Portugal, por consequencia, tem parte indirectamente na gloria do descobrimento do novo mundo, bem como lhe compete a honra indisputavel de haver descoberto o caminho da India, abrindo assim á navegação e commercio da Europa as mais ricas regiões do Oriente. Por virtude d'aquella sua maravilhosa energia achamos que em pouco menos de um seculo os portuguezes estabeleceram o seu dominio ao longo das costas de Africa, desde Ceuta até ás costas do mar Vermelho. Na Asia estenderam suas conquistas desde o Golfo Persico até aos varios emporios da India e Ceilão, e d'ahi até Malaca e Cantão e ilhas

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 7.º, pag. 173.

Digitized by Google

de Maluco no mais remoto Oriente. Durante este glorioso periodo, seus navegantes visitaram o Japão, descobriram as ilhas de Loo-Choo, e abriram o caminho para Australia e archipelago de Tahiti. N'aquella época de energia e frenesi de empresas e navegações não se deram comtudo por satisfeitos os portuguezes com o senhorio do Oriente, e preciosidades da Asia. Fundaram o imperio do Brasil, e sem embargo da opposição de França e obstinados esforços em contrario dos hollandezes, conseguiram dominar nas mais extensas e ferteis regiões da America do Sul. O portuguez patriota, que lamenta a decadencia da sua patria, póde ainda ao menos consolar-se com a idéa de que a lingua de Camões, logo depois da de Milton, haja de ser a mais extensamente fallada no continente americano. Era pois com vangloria desculpavel que os antigos historiadores portuguezes costumavam dividir as suas obras pelas quatro partes do mundo.

«Além da grande energia que os portuguezes desenvolveram no seculo XVI cujas vastas consequencias deram em resultado tornarem-se os annaes de um pequenino reino um importante capitulo da historia do mundo e progresso da civilisação, ha tambem n'isto uma especie de interesse domestico para os inglezes.

«E com effeito, não só é Portugal o nosso mais antigo e mais seguro alliado, mas desde a fundação da sua monarchia, amigaveis relações teem subsistido entre os dois reinos. Na edade media os cruzados dos Paizes Baixos e da Inglaterra ajudaram, mais de uma vez, os portuguezes nas suas guerras com os mouros, tendo sido com similhante auxilio conquistada Lisboa aos serracenos. O primeiro bispo de Lisboa era inglez, e alguns seculos mais tarde a batalha de Aljubarrota, que estabeleceu a independencia do reino, foi ganha aos hespanhoes e francezes pelas forças alliadas de Inglaterra e Portugal. O casamento de D. João I de Portugal com D. Filippa, filha do nosso João de Gaunt, cimentou a amisade dos dois paizes. Quando depois de sessenta annos de oppressão hespanhola, Portugal em 1640 recobrou a sua independencia, os inglezes, seus alliados, segunda vez o ajudaram n'aquelle empenho, e fizeram bom serviço nas batalhas do Ameixial e Montes Claros. Foi desde aquella época que se estabeleceu intima alliança entre Portugal e Inglaterra. Carlos II casou com uma princesa de Portugal, e o celebre duque de Schomberg commandou os inglezes auxiliares, a cujos esforços se attribue principalmente a derrota dos hespanhoes.

«Não obstante o interesse da historia de Portugal, suas antigas relações com a Inglaterra, o facto de sermos nós seus successores no imperio do Oriente, e mais que tudo o ser ella um campo novo e inexhausto, é notavel que tenha sido tão completamente despresada pelos escriptores inglezes. Á excepção do Southey [1] ninguem mais ousou entrar no campo da historia de Portugal, e Mickle e Adamson são os unicos escriptores de algum tomo na quasi ainda não explorada mina da litteratura portugueza. A despeito d'esta incuria ha bellissimos themas de reserva para os estudiosos que se derem a historiar as coisas de Portugal. A historia do engrandecimento e decadencia do imperio

[1] Este nosso trabalho prova exactamente o contrario.

Digitized by Google

portuguez no Oriente não póde deixar de interessar o leitor inglez, e a vida do infante D. Henrique, o pae da navegação moderna, é apenas a segunda em pontos de interesse depois da de Colombo, cujo foi precursor. N'estes interessantes topicos e materias, a litteratura do continente é menos esteril do que a nossa, e differentes locubrações teem apparecido com o fim de dar uma historia a Portugal, ou de illustrar o seu estado presente. A historia de Portugal em allemão, por Schaeffer, não a vimos; mas emquanto ás obras francezas de Balbi e Ferdinand Denis, merecem que d'ellas demos uma breve noticia. A obra de Balbi é dedicada quasi exclusivamente á estatistica de Portugal, e póde dizer-se que é uma obra indispensavel a quem desejar ter conhecimento do estado d'este reino, anterior a 1834.

«A historia de Portugal por Mr. Denis é uma das da serie de obras histocas, que vem na collecção chamada *O Universo*. O auctor mostra conhecer muito a fundo a linguagem e litteratura d'este paiz, e a sua situação como bibliothecario tem-lhe dado a vantagem de consultar muitas obras novas e até manuscriptos. A Mr. Denis falta-lhe todavia inteiramente o talento da historia, e o melhor, que podemos dizer da sua obra, é que ella é uma especie de selecta de escolar, ou livro de logares communs, contendo mui raras e curiosas informações. Mas, completamente ignorante dos mais simples elementos de economia politica ou philosophia da historia, não achamos n'elle nenhumas d'aquellas discussões philosophicas, a que o commercio portuguez da Asia ou a colonisação do Brasil em tanta copia dão margem a quem tiver a minima aptidão para estudos especulativos. Se a nossa censura podesse parar aqui, desejáramos não ter dado noticia da obra; porém F. Denis é cumplice em commum com muitos de seus compatriotas de faltas mais graves — e não só de defeitos intellectuaes, senão tambem de culpas de vontade. *A anti-anglo-mania* de que tanto são iscados os francezes póde ordinariamente ser objecto de compaixão ou despreso; mas quando levada até para o campo da historia da Europa na edade media, ou adulterando os factos, ou sem ter conta com elles, e isto por parte de um escriptor, que aliás conhece a fundo a verdade, rasão é para que o publico se acautele de dar o mais pequeno credito á sua obra. Antes porém de apresentar prova alguma de exacção das nossas observações, não deixaremos passar por alto outra falta, que é commum a ambos, Mr. Denis e Mr. Balbi, a que immediatamente alludiremos.—Fallamos do espirito com que ambas as obras são escriptas: cada uma é ahi pintada e colorida, como se existisse em Portugal o systema do *optimismo*, e como se não houvesse um meio termo entre um louvar exagerado e um censurar desmedido. Se este modo de escrever procede de brandura e timidez de caracter, póde-se porventura admittir desculpa da nossa parte, mas combinado com observações malignas e narrativas falsas a respeito da legislação, não faz senão redobrar o nosso desgosto.

«Apontaremos agora alguns exemplos do modo como escreve a historia. Em 1147 Lisboa foi reconquistada com a ajuda de um corpo de cruzados, que visitaram os portos de Portugal na sua jornada para a Palestina. Mr. Denis conta-nos como ainda subsistem alguns costumes originados d'aquella época,

Digitized by Google

que attestam a *influencia franceza* n'aquelle remoto periodo. Ora tal coisa não attestam, nem podem attestar, porque o exercito dos cruzados vinha do norte da Allemanha, Flandres e Inglaterra. Diz que recordará o nome dos portuguezes que se distinguiram no cerco, e omitte os homens que estabeleceram a influencia franceza: mas elles ainda se conservam nos antigos archivos, e tem um sabor maravilhoso ao hollandez e ao inglez. No fim do seculo XIV a familia real portugueza se extinguiu, seguindo-se um longo periodo de discordia similhante ao que houve entre a Inglaterra e a Escocia durante o reinado de Duarte I. A desavença portugueza, bem como a escoceza, findou por uma victoria decisiva. Durante a contenda os portuguezes foram ajudados por expedições de Inglaterra: uma d'estas é descripta o mais miuda e prolixamente possivel, e as crueldades do exercito capitaneado pelo duque de Cambridge, pintadas com côres bastante negras. Poucos annos depois deu-se a celebre batalha de Aljubarrota. Os invasores hespanhoes foram ajudados por um poderoso corpo de auxiliares de França, e do outro lado um pequeno exercito inglez dava soccorro aos portuguezes. Durante este combate os inglezes derrotaram os francezes, e depois juntando-se aos portuguezes, os ajudaram a vencer os hespanhoes. Tudo isto, com quanto se ache na obra de Froissart, é omitido pelo nosso historiador, cujos leitores ficarão ignorando inteiramente esta circumstancia essencial do combate. Poderamos, se preciso fosse, alargar-nos sobre este objecto, a que meramente alludimos como prova de que pontos e questões, que todos os homens de tino reputam meras curiosidades historicas, podem ser torcidas por aquelles cujos fervidos sentimentos levam o fanatismo da *joven França* até ás recordações dos tempos feudaes.»

«Passando agora a considerar a valiosa obra do sr. Herculano, achamos nas suas paginas profundo saber unido á maior candura, uma liberdade de linguagem, e não sujeição a preconceitos nacionaes, que o elevam á categoria dos mais eminentes historiadores modernos. Quando reflectimos que é sómente ha poucos annos que existe em Portugal alguma coisa que se assimilhe á liberdade de fallar, ou de escrever, o apparecimento de uma obra tal como a do sr. Herculano, é uma prova da aptidão dos seus compatriotas para tomar parte no progresso litterario e scientifico da moderna Europa, e que, não obstante a tarefa e exito até hoje infeliz das suas instituições liberaes, o são juiso e as opiniões illustradas vão fazendo progressos. Nas honestas paginas do sr. Herculano não ha ver adulação servil ás preoccupações nacionaes; as fabulas (houradas pelo tempo) dos annaes portuguezes, acham-se expostas com severissima critica, e removidas da historia authentica para a epopea de Camões, onde tem graça e logar proprio. Os que sabem quanto intensa a nacionalidade dos portuguezes, e com que tenacidade adherem a lendas tão absurdas como as de Heitor Boecio, ou Geoffrey de Monmouth, melhor poderão apreciar a coragem com que o historiador dissipa ou faz esvaecer a illusão dos contos de fadas da antiga Lusitania. Ha outra, e não menos importante especie de merito, que pertence ao sr. Herculano, é o haver elle estudado a fundo o seu assumpto, o ter intimo, e podemos até dizer familiar conhecimento com a historia portugueza, durante o periodo feudal no meio de um vasto cahos de suc-

Digitized by Google

cessos, composto de dissensões intestinas e conspirações, desavenças com Castella por via de independencia nacional, e incessantes guerras de aggressão contra varios regulos e dynastias mouriscas. A narrativa é clara, limpida e corrente, e nós vemol-os e sentimol-os, como se o auctor fosse contemporaneo, os acontecimentos que relata. Mas não pára aqui o elogio devido ao historiador, elle aponta a um alvo de maior utilidade, e o systema social do seu paiz, no decurso da edade media occupa sua attenção principalmente, mostra bem que conhece a natureza da instituição municipal, a influencia do clero e as relações em que a aristocracia se achava com a realeza e com o povo; n'uma palavra, não é a historia dos reis de Portugal, que elle descreve, mas sim a dos progressos da nação portugueza. Talvez seja a historia de Escocia, de Tytler, aquella com que a obra do sr. Herculano tenha mais pontos de similhança, tanto pelo que respeita ao plano e extensa escala em que são concebidos, como pelo que pertence ao numero de investigações originaes a que em ambas se procede. Ha todavia uma differença e individualidade de caracteres e gostos que distingue os dois historiadores. Herculano é inferior a Tytler nas descripções, e mostra gostar bem pouco do estylo de Froissart no tocante a historiar por miudo os brilhantes feitos d'armas; mas por outro lado é mais profundo antiquario, e tem mais philosophia politica, a structura da sociedade e as remotas causas dos eventos e successos são para elle assumptos caseiros, com que, por assim dizer, está em tracto familiar. Criticar o estylo d'um escriptor portuguez será porventura em nós presumpção arriscada; todavia entendemos que, com quanto simples e claro, parece ás vezes falto de animação, o que certamente é devido a entrar em mais miudesas do que parece fòra mister: ou por outra, a que parte da materia introduzida no texto poderia talvez com vantagem da narrativa ser transferida para as notas.

«Como nós reputamos o sr. Herculano inquestionavelmente o primeiro dos historiadores portuguezes, não esquecendo nunca de que é inferior a Barros em energia e eloquencia, e até talvez lhe não seja superior em profundidade de saber, seremos brevissimos nas nossas observações a respeito dos escriptores antecedentes. Durante o periodo que abrange a edade media em Portugal abundou em monges, hagiologos e chronistas que recordavam muitos excessos contemporaneos, e por vezes deixaram brilhantes pinturas do caracter dos personagens, ou do estado social da época. No curto periodo em que as lettras floresceram em Portugal, mais extensas historias se escreveram, que podem dividir-se em duas classes, umas compostas segundo o modelo dos classicos, e outras que bem podem chamar-se uma ramificação, e as mais das vezes corrupção das chronicas antigas.

«Ora na ultima sorte de compiladores, a maior parte ecclesiasticos, podemos mencionar Brito, com quanto não seja o mais respeitavel, pois que apresenta da maneira mais frisante os defeitos e absurdos dos da sua classe. Á similhança de Heitor Boecio e do nosso Geoffrey Keating, principia pela creação do mundo. Entretanto os annaes do reino acham-se escriptos por Faria, Sousa e Brandão, homens que, supposto bastante credulos, eram com tudo mui superiores a fr. Bernardo de Brito.

Digitized by Google

«Ao tempo em que estes escreveram, surgiu ahi outra classe de historiadores, homens de caracter energico, que havendo recebido em Coimbra educação classica, entraram para a vida publica, já no mister da milicia, já no da magistratura. Estes escriptores, homens experimentados, e de juiso solido, por terem servido nas armadas e estabelecimentos portuguezes da Africa e da India, tinham, além do que aprenderam e estudaram, quanto á theoria, um conhecimento intimo das coisas e dos logares. No numero d'estes auctores podemos nós incluir João de Barros, o mais eloquente dos historiadores portuguezes, e que serviu em Africa; Castanheda, que visitou a India com o fim de habilitar-se para o mister de historiador, etc. etc.

«A decadencia de Portugal foi mais rapida que a de Hespanha. No anno de 1588 a sua dynastia real extinguiu-se, e elle definhou por sessenta annos debaixo do mau governo hespanhol. A litteratura tambem jazeu em abatimento, e todos os estabelecimentos de educação no reino ficaram prostrados debaixo do governo e influencia dos jesuitas. A universidade de Coimbra viu-se reduzida a um estado de degradação que mal póde imaginar-se; e uma das acções melhores e mais louvaveis do marquez de Pombal foi a reforma, que lhe fez, e o transferir para mãos mais dignas o cuidado da educação. Quanto, porém, de independencia intellectual poude escapar aos jesuitas de Coimbra, foi effectivamente encadeado e reduzido ao silencio pela inquisição: de modo que de então até aos nossos dias difficultosamente houve homem de lettras, que mais ou menos não soffresse por via de tão detestavel instituto. Em taes circumstancias mal poderia florecer o estudo da historia; e ainda que Portugal reconquistou a independencia politica sob a dynastia de Bragança, não aconteceu o mesmo com a intellectual, que continuou a jazer em lethargo.

«Durante os ultimos doze annos é que alguma coisa parecida com o livre exercicio do entendimento ha revivido em Portugal. Apraz-nos reconhecer que desde o indicado periodo as lucubrações historicas tem excitado progressivamente a attenção, contribuindo muito para isso, e do modo mais efficaz, tanto os esforços particulares, como o patriotismo do governo. O visconde de Santarem com auxilio do governo tem feito publicações de grande monta. Publicou a Chronica de Azurara, a mais antiga e mais authentica relação das expedições maritimas, que o infante D. Henrique despachou, enviando-as a explorar a costa d'Africa. O visconde publicou tambem uma explendida e inapreciavel obra original sobre os descobrimentos portuguezes na Africa, em que se vindicam as antigas glorias do paiz, e se prova que ainda ha n'elle talentos actualmente capazes de o defender. Este infatigavel fidalgo emprehendeu ultimamente, tambem sob os auspicios do governo, publicar uma volumosa e inapreciavel compilação com o titulo de *Quadro elementar*, etc., collecção de varios tratados entre Portugal e as outras nações. A valia de uma tal collecção é evidente, e a forma, porque é publicada, merece tambem grande louvor. O governo inglez publicaria uma obra d'esta natureza no formato de explendido e custoso in-folio só proprio de livrarias publicas e collecções particulares dos que raramente as consultam. As collecções portuguezas porem são fei-

Digitized by Google

tas no modesto formato de oitavo, e por consequencia ao alcance, em rasão do modico preço, dos estudiosos mais pobres. Com o mesmo espirito liberal e judicioso o governo portuguez tem auxiliado a publicação de uma serie de opusculos intitulados *Ensaios sobre a Estatistica das possessões portuguezas no Ultramar*. É na verdade lisonjeiro e agradavel mencionar empresas taes como estas.»

366) **DUBOIS (ABBÉ)** Emigrado francez, empregado no ministerio da guerra.

E. — *Grammaire Portuguaise*. Paris. — A primeira edição foi impressa em Agen, mas d'ella ainda não encontrei nenhum exemplar.

367) **DUBOIS (PIERRE).**

Escreveu no jornal francez — *La Patrie* — n.º 25, de abril de 1852 um extenso artigo ácerca do — *Ensaio sobre a Historia da Cosmographia e da Cartographia durante a edade media* — pelo nosso visconde de Santarem.

«O sabio auctor do *Ensaio sobre a Cosmographia e Cartographia* tomou sobre si uma tarefa das mais arduas; porém superou mui felizmente todas as difficuldades, e n'isso deu prova não somente da sua erudição, mas tambem da sua profunda sollicitude por uma sciencia, que no dizer de Strabão é das mais dignas das meditações do philosopho.

«Julgar-se-ha da vastidão dos trabalhos do visconde de Santarem, sabendo-se que este sabio membro do Instituto, antes de poder traçar o plano da sua obra, devia ter conhecimento dos livros d'uma multidão de auctores, verdadeiramente prodigiosa, que desde Moysés até á nossa época escreveram sobre a geographia, a cosmographia, e cartographia. Colligiu todas as cartas que reputou necessarias para a sua historia; fel-as gravar e cobrir com extremo cuidado, e formou d'ellas um atlas de inapreciavel importancia. N'esse atlas, e auxiliado pelo texto que o acompanha, poderá o leitor perceber todas as transformações geologicas, que successivamente soffreram as differentes regiões do globo desde os tempos mais remotos até nossos dias. Ver-se-ha até que época as cidades e localidades se conservaram nas cartas em logares que lhes não pertenciam; e tambem a época posterior em que essas cidades e localidades, em virtude de viagens, de observações astronomicas etc. foram collocadas exactamente nos mappas modernos.

«Finalmente, e é este um ponto bem importante para a historia e geographia, consultando o livro e o atlas do visconde de Santarem, poderá marcar-se com certeza as cidades, que desappareceram da superficie do globo, cedendo o campo a cidades novas, conhecer-se-hão as vicissitudes, que padeceram no correr dos seculos outras cidades grandes e florescentes n'outras eras, e que não se encontram já nos mappas modernos, ou estão convertidas em aldeias sem consideração; tambem as causas humanas ou physicas, que anniquilaram certas povoações maritimas out'rora commerciantes e ricas; e a rasão, porque outras sendo na edade media portos de mar insignificantes, progressivamente se engrandeceram, e se fizeram cidades maritimas de primeira ordem.

Digitized by Google

«Por tanto o visconde de Santarem prestou um serviço eminente á geographia; e o seu ensaio historico durará como uma das mais excellentes obras scientificas da época. Não se reproduzirão as cartas do seu atlas, sendo mui subido o preço da gravura; mas de certo as primorosas paginas que escreveu serão reproduzidas frequentemente. Os futuros geographos tomarão d'este livro mui interessantes documentos. Os commentadores procurarão talvez invalidar algumas asserções do auctor; serão porem baldados os estereis seus esforços. O visconde com a sua elevada e severa imparcialidade, aclarando o cahos que reinava na cartographia da edade media, só buscou a verdade e disse-a com independencia. Além d'isto pelas citações dos geographos, dos philosophos, dos historiadores, dos poetas que escreveram sobre geographia, reproduzindo o texto é que demonstrou os erros d'elles e provou sua ignorancia.

«O visconde ainda não publicou senão os dois primeiros volumes da sua obra, que deve constar de quatro. Acudiremos a dar conta dos dois que faltam, logo que estejam publicados, porque desde já estamos certos de achar n'elles factos interessantissimos relativos á historia e á sciencia geographica.»

368) **DUCKETT** (Dr. Richard.)—Missionario irlandez, residente no seminario inglez de S. Pedro e S. Paulo em Lisboa.

Prega frequentemente na capital em nossa lingua, e com facilidade, e n'este mesmo idioma compoz e mandou imprimir um Sermão sobre o Mysterio da Conceição.

369) **DUFOND (JOÃO ROBERTO).**—Italiano.

E. — I *A Maquina Aerostatica:* Poema epico dedicado a si mesmo. Lisboa. Officina de Lino da Silva Godinho, 1787, 8.º 52 pag.

II *O Novo Phebo em Lysia.* Lisboa. Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1788, 4.º 13 pag.

III *D. Elvira ou a noiva de si mesma.* Comedia extrahida das historias de Aragão, e adaptada ao theatro nacional. Lisboa, 1800.

IV *Os voluntarios do Tejo:* composição dramatica composta em as duas linguas, portugueza e italiana. Lisboa. Officina de Simão Thadeu Ferreira, 1783 8.ª 71 pag.

370) **DUJARDAY (M.me H.)**

E. — *Resumé des voyages, découvertes et conquêtes des Portugais en Afrique, et en Asie aux XV*me *et XVI*me *siecles,* par — Paris. H. Fournier Jeune, 1839, tom. 1.º 400 pag. 2.º 321, 8.º

371) **DULAC (ANTONIO MAXIMIANO).**—Era francez, e naturalisou-se portuguez em 1799 [1].

Falleceu em Lisboa a 5 de janeiro de 1849 [2].

[1] *Diccionario Bibliographico,* tomo. 1.º, pag. 206.

[2] *Revista Universal Lisbonense,* vol. 9.º, pag. 165.

Digitized by Google

Escreveu varias obras em lingua portugueza, mas a seguinte é a mais notavel, e ao mesmo tempo muito vulgar.

Vozes dos leaes Portuguezes, ou fiel ecco de suas acclamações á Religião, a El-Rei e ás Côrtes d'estes reinos. Lisboa, 1820, 2 tomos.

372) **DUMAND (JOSEPH.)**

E. — *Lettre historique et critique dans laquelle on prouve que Henri de Portugal n'est pas de la maison de Bourgogne duché, mais de celle des contes de Bourgogne,* 1758.

373) **DUMAS (ALEXANDRE).**—Um dos mais celebres romancistas francezes contemporaneos, e ha poucos annos fallecido.

E. — *Martim de Freitas,* romance.

Alexandre Dumas era tambem um grande admirador de Luiz de Camões.

374) **DUMAS (LOUIS CÉSAR).**—Professeur de Langue Française à Lisbonne.

E. —*Vasco da Gama.* Lisbonne. Imprim. Nationale, 1871, 8.° 35 pag.

E' um poemeto em louvor do nosso famoso navegador.

375) **DUMESNIL (M. M. VICTOR PIERROT ET ARMAND).**

E. — *Camoens. Drame en cinq actes et en prose par — representé pour la première fois à Paris sur le théatre royal de l'Odeon (Second theatre Français) le 29 Avril* 1845. Paris, Beek editeur, 1845.

376) **DUMOURIEZ (CHARLES FRANÇOIS).**— General Francez.

Nasceu em Cambrai no anno de 1739, e falleceu em Turville Parc no anno de 1823 [1].

E. — I *État present du royaume de Portugal en l'année* 1766 *A. Lausanne Chez François Grasset,* 1775, 2.ª edição correcta e augmentada, Hamburgo, 1796, 4.°

II *Campagnes du maréchal Schomberg en Portugal, de* 1662 *á* 1668, *traduites de l'Allemand de J. F. Aug. Hagner, avec des notes importantes.* Londres, 1807, 12.°

Este escriptor não se mostra nada affeiçoado aos portuguezes; mas uma das passagens, que mais desafia a gargalhada, é a seguinte: *Os portuguezes em todos os tempos foram pessimos navegadores!* [2]

377) **DUNBAR (LADY — OF NORTHFIELD.)**

E. — *A family tour round the coasts of Spain and Portugal during the winter of* 1860-1861. *Edinburgh and London, William Blackwood,* 1862, 8.°

E' obra insignificante; chama ao nosso Vasco da Gama —*Vasca de Gamos.*

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. 15.°, pag. 223.

[2] *Etat présent de Portugal,* pag. 60.

Digitized by Google

378) **DUNHAM.**

E. — *The History of Spain and Portugal.* London.

379) **DUNKER (G.)**

E. — *Index molluscorum quae in itinere ad Guineam inferiorem collegit G. Tams, auctore.* Cassel, 1853.

«Em quanto á zoologia dos Açores, ninguem ainda se occupou d'ella a não ser o dr. Tams, que tocou accidentalmente no Fayal em 1841, e o dr. Albers, que ao voltar da Madeira, dez annos mais tarde fez uma residencia de tres dias em S. Miguel. Estes dois naturalistas trouxeram de sua viagem um pequeno numero de molluscos terrestres e maritimos, os primeiros que foram recolhidos d'aquellas paragens [1]. »

380) **DUABYMONT.**

E. — *Fuora villaco. C'est à dire la liberté du Portugal. Auquel se montre le droit chemin et vrais moyens de résister à l'effort du Castillan, rompre la trace de ses desseins, abaisser son orgueil et ruiner la puissance... Traduit de langue Castillane en langue Française par —.* 1641.

C. M. B. I. P.

[1] Morelet— *Les Açores*, pag. 14

Digitized by Google

E

381) **EBELING.**

E' indubitavel que um escriptor d'este nome compoz uma obra a respeito de Portugal, que julgo ser uma chorographia do nosso paiz, mas como nunca pude ver um exemplar d'ella, é o motivo, porque não me acho habilitado para dizer mais alguma coisa a este respeito.

382) **EEN SCHOON HARANGUE AEN DE KONINCKLICHE MAJESTEYT PORTUGAEL DOM ALPHONSO DEN VI.** *Op Dagh van Krooninge geprononchieert, door den Peer Antonio de Sousa Macedo, haet in't Parlement van Lisbona, in den naem vande drie Staten des Portugael, Schen Rijchx. Ulyt't Porrugees vertaelt.* In s'Graven, Hage. 1657, 4 fol. M. S.

383) **ELIOT (WILLIAM GRANVILLE).** — Captain in the royal regiment of artillery.

E.— *A treatise on the defense of Portugal with a military map of the country; to which is added a sketch of the manners and customs of the inhabitants, and principal events of the campaigns under lord Wellington. By—. The second edition, with considerable additions. London. Printed for T. Egerton, military library.* Whitheall, 1811. 4.°, 304 pag. Com alguns mappas, representando:

1.° Novo mappa militar do reino de Portugal.—2.° Esboço do ataque contra as posições francezas em Zambueira, nas alturas da Roliça.—3.° Esboço da acção entre as forças britanicas e francezas no Vimeiro.—4.° Plano geral das marchas dos exercitos, antes e depois da batalha de Talavera, 1809.—5.° Plano da batalha do Bussaco a 27 de setembro de 1810.—6.° Vista dos arrabaldes de Lisboa, com as linhas de lord Wellington.

Esta obra trata principalmente dos obstaculos e defesa que Portugal podia n'aquelle tempo apresentar contra uma invasão estrangeira: nota alguns erros ao general Dumouriez no seu livro sobre o nosso paiz, e faz egualmente os maiores elogios ás tropas portuguezas:

«O exercito portuguez, depois da chegada do marechal Beresford, avan-

Digitized by Google

çou rapidamente [1] a um estado de disciplina muito além do que se poderia esperar. Bem armado, pago e alimentado (o que não acontecia anteriormente) agora rivalisa na apparencia com as melhores tropas do continente; e se eu posso julgar por uma brigada que vi marchar para um campo de batalha em setembro de 1809, não tardará que em pontos de disciplina se colloque em egualdade com a maior parte d'ellas. E estas mesmas tropas se mostraram dignas de combater nas fileiras juntamente com os soldados inglezes.

«Os camponezes de Portugal possuem duas das mais estimaveis qualidades exigidas para formarem um bom soldado, sobriedade e obediencia passiva ás ordens de seus superiores; e as occorrencias posteriores são sufficientes para removerem todas as duvidas nos espiritos dos mais incredulos com respeito á bravura do soldado portuguez, quando convenientemente disciplinado. Em prova d'isto basta-nos apenas referir a valente defesa da ponte de Alcantara pelo primeiro batalhão da Leal Lusitana Legião, as proezas do segundo batalhão d'aquelle corpo em Carvalho d'Este, e a magnifica maneira como lord Wellington em seus despachos menciona um regimento portuguez na tomada do Porto. Se precisassemos de mais alguma prova da energia do soldado portuguez, quando disciplinado convenientemente, bastava-nos olhar para o mappa da Peninsula, [2] e ficariamos absortos como um povo tão pequeno teve a possibilidade de manter sua independencia, estando completamente fechado pela Hespanha ao norte e ao nascente.

«A que se deve então attribuir senão ao valor proprio do paiz e ao patriotico ardor de seus habitantes? Sem este ultimo nenhum paiz é forte, por mais bem disciplinado que seja seu exercito. Rios, desfiladeiros, serras, baluartes, tudo isto para nada serve: defendidos porém por verdadeiros patriotas tornam-se completamente inexpugnaveis.»

384) **ELOI (JOSEPH).**—Barão de Munch Bellingausen.
E. — *Camões*, tragedia. 1837.

385) **ELWES (ALFRED).**
E.—*A. Portuguese Grammar in a simple and practical form, with a Course of Exercises. By* —. London, 1874.

386) **EMPOLI (GIOVANNI).**
E.— *Navigazione degli Indie sotto la autorita del signori Affonso di Albuquerque.* Vem na collecção de Ramusio.

387) **EMPRUNT ROYAL DE PORTUGAL.** *Réclamation des porteurs*

[1] Pag. 110.

[2] Id. id. pag. 113. Fallando o nosso escriptor do theatro de S. Carlos, diz que é dirigido por Marcos de Portugal, compositor da bella opera *Semyramis*, bem conhecido na Inglaterra, e cujos talentos são bem notorios e altamente apreciados. Pag. 185.

Digitized by Google

français de cet emprunt. Mémorandum (20 *juillet* 1852). Paris 1852. (Emprestimo real de Portugal, etc.)

388) **ENGELMAN (W. H.).**

E.—*Glossario das palavras hespanholas e portuguezas derivadas do arabe.* Leyde, 1861.

Não me foi possivel encontrar esta obra, mas creio que foi escripta em allemão.

389) **EPISODE DE LA GUERRE D'AFFRANCHISSEMENT DE PORTUGAL. 1830-1836.** Paris, 1873, 4.° gr., 47 pag.

Achando-se na Belgica, e em o Norte de França, um grande numero de emigrados portuguezes fugidos á perseguição, que lhes fazia D. Miguel, M. G. Malo, habitante de Dunkerque offereceu-se em 1831 a transportar n'um navio de 200 toneladas os emigrados portuguezes para o seu paiz, com o fim de tratarem de desthronar D. Miguel. Porém D. Pedro preparando então sua expedição para Portugal, Malo forneceu mais outro navio; com outro seu irmão tomou parte na expedição, poz-se ao serviço do governo portuguez, e foi de grande proveito á causa liberal, prestando os maiores serviços durante o cerco do Porto.

Em 16 de maio de 1834, pedindo uma indemnisação, lembrava o seguinte: «Não se deve esquecer que tomámos parte nos perigos durante o espaço de um anno, que dois dos nossos navios foram empregados no Porto activamente pelo espaço de 9 mezes, tendo então duas tripulações inteiramente ao nosso soldo, e que todas as despesas sem excepção foram pagas por nós: além de que os navios foram retidos em Dunkerque por mais de seis mezes, esperando todos os dias que nos dessem ordem de partida, o que o imperador bem sabia, e até nos disse que estava informado de que havia dezoito mezes estavamos a seu serviço...»

Os dois irmãos estiveram egualmente servindo durante o tempo do cerco, e um d'elles até recebeu uma bala na garganta, da qual esteve á morte.

A recompensa porém que lhes deram faz lembrar a que teve o conde de Farrobo: depois de os entreterem por muito tempo, nenhuma indemnisação pagamento ou agradecimento tiveram do governo portuguez.

390) **ERCILLA (ALONZO DE).**—Poeta hespanhol celebre.

Nasceu em Bermeu na Biscaia, e falleceu no anno de 1600.[1]

E.—*Primera, segunda y tercera partes de la Araucana.* Cadiz, 1626.

Ha varias outras edições.

N'este poema canta tambem seu auctor as glorias de Philippe II na conquista de Portugal.[2]

[1] Bouillet.—*Dictionnaire d'Histoire et de Geographie.*

[2] É verdade que, se Alonzo n'um só logar é inferior a Homero, em todo o resto fica abaixo do menor dos poetas. Ficámos assombrados de o ver cahir tão baixo depois de ter

Digitized by Google

391) **ERNAULT.**— Este francez pretendeu ser o auctor do methodo de ensinar a fallar aos mudos e surdos. Vejamos porém um interessante artigo, que a este respeito apparece a pag. 105 do 1.º vol. da *Revista Universal Lisbonense:*

«Os francezes consideram como inventor do methodo de ensinar a fallar os surdos-mudos o abbade L'Epée. Não é para admirar que a Portugal se pretenda roubar a gloria de um tal invento, quando isso lhe tem acontecido já por mais de uma vez; e sirva de exemplo o nonio, o sino mergulhador, os balões aerostaticos, etc., o que é para estranhar é que os proprios portuguezes ajudem a similhante roubo, pois em vez de revindicarem a gloria nacional por esta fórma ultrajada, contentam-se em repetir com os francezes que o abbade L'Epée foi o inventor, quando realmente o verdadeiro auctor é Jacob Rodrigues Pereira, natural de Peniche, que havendo posto por obra o seu methodo em Cadix, Rochelle e Paris, foi premiado e elogiado pela Academia Real das Sciencias d'esta cidade, e recebeu de Luiz XV em 1751 uma pensão annual de 128$000 réis, além de outras honras, com que depois foi agraciado. O seu alphabeto manual, a que chamou *dactilologia*, que compoz para se fallar aos surdos-mudos, que ainda não intendiam o que se lhes dizia, pelo simples movimento dos labios, e a mui engenhosa machina que inventou para ensinar arithmetica a seus discipulos, eram materia bastante para lhe grangear o reconhecimento de todos os homens philantropos; porém succedeu-lhe o mesmo que acontece á maior parte dos homens de merito e inventores. Em quanto animado pelos desejos de aperfeiçoar sua obra, e a que havia até sido estimulado pela mencionada academia (que tinha reconhecido já a bondade do seu methodo pelas provas publicas que em algumas das suas sessões haviam dado varios discipulos do nosso Pereira) trabalhava no melhoramento d'este tão engenhoso methodo, um tal Ernault quiz arrogar a si a honra de auctor de uma tão preciosa descoberta, apresentando á mesma Academia um opusculo sobre este assumpto, do que se seguiu grande emulação entre os dois rivaes; mas este não poude gosar as honras de inventor, porque documentos irrefragaveis comprovam a prioridade da descoberta do nosso portuguez, como se póde ver na historia da Academia Real das Sciencias de Paris, annos de 1740 e 1750, no *Journal des Savants*, dezembro de 1777, *Biographie Universelle ancienne et moderne*, Paris, 1823; Buffon na parte das suas obras que trata da historia natural do homem, etc. Foi d'isto que o abbade de L'Epée imaginou os signaes methodicos para ensinar os surdos-mudos, contra cujos principios o nosso patricio escreveu uma carta, que se imprimiu em Paris em 1777 na folha intitulada *Avis divers* de 22 e 26 de julho.

«A pag. 32 do tomo 20 da *Histoire Naturelle generale et particulière*, por Buffon, (edição de Sonnini) quando aquelle eximio pintor da naturesa, que

tomado um vôo tão alto. Ha sem duvida muito fogo em suas batalhas, porém nenhuma invenção, nenhum plano, nada de variedade nas descripções, nada de unidade em a narração. Este poema é mais selvagem do que as nações que d'elle fazem o assumpto.—Voltaire. *Essai sur la pocsie epique.*

Digitized by Google

tantos encantos soube espalhar no estudo da historia natural, falla do sentido do ouvido, por occasião de contar a historia de um surdo-mudo de nascença, por nome Azy d'Etavigny, a quem o nosso Pereira havia ensinado a fallar, ler, escrever etc. exprime-se assim a respeito do nosso portuguez: Rodrigues Pereira, portuguez, havendo diligenciado achar meios faceis de fazer fallar os surdos-mudos de nascença, tem-se dado de ha muito ao exercicio d'esta arte singular, a fim de a levar ao maximo grau de perfeição.

«Na historia da Academia Real das Sciencias de Paris, do anno de 1740, a pag. 184, tratando-se das machinas e invenções approvadas pela Academia n'esse anno, depois de se mencionarem os resultados espantosos, que pelo seu methodo havia Pereira conseguido em dois surdos-mudos de nascença, que foram apresentados áquella respeitavel corporação, e que muitos gabos lhe mereceram, remata-se o curto artigo, que a este respeito alli vem, com o seguinte trecho: «Como os progressos dos discipulos de Pereira demonstram a bondade do seu methodo (cujo segredo elle tem reservado para si), a Academia julgou do seu dever animal-o com todas as suas forças a cultivar uma arte, que póde restituir á sociedade consideravel numero de individuos, que sem o seu soccorro lhe serião inuteis; pois d'algum modo os tira, por uma feliz metamorphose, do estado de simples animaes para os fazer homens.»

«Na mesma obra do anno de 1750, a pag. 160, se encontra uma pequena noticia sobre a machina que o nosso Pereira inventou para ensinar arithmetica aos surdos-mudos, e que é do theor seguinte: Uma machina arithmetica de Pereira, já conhecido pelo seu methodo de ensinar a fallar surdos-mudos de nascença, que não fallam por não ouvirem. Esta machina pareceu reunir á simplicidade do Abacorabdologico de Perrault a facilidade de operar das de L'Epine e Boistissandeau, e ter demais sobre uma e outra a vantagem de ser mui pouco volumosa. Sobretudo a maneira de fazer com que cada roda d'uma divisão se adiante, quando a precedente tem corrido dez das suas, pareceu simples e engenhosa, e julgou-se que esta machina poderia ser de uso facil e commodo.

392) ESCALANTE (Licenciado BERNARDINO DE).

E.— *Discurso de la navegacion que los portugueses hazen a los reynos y provincias del Oriente, y de las grandesas del reyno de la China* (*ó sea autor Frey Gaspar de la Cruz, religioso portugues de la orden de St.º Domingo.*) Sevilha, 1577.

393) ESCHWEGE (GUILHERME, Barão de) — Allemão.

Falleceu em o 1.º do mez de fevereiro de 1855, em Welsfsanger, no eleitorado de Esse.[1] Estudou mineralogia na Allemanha, e applicou-se aos trabalhos d'este genero nas explorações do Hartz no Hanover. Veiu para Portugal em 1805, sendo a sua primeira praça no exercito em 24 de junho de 1807,

[1] *Revista Militar*, tomo 2.º, abril de 1855, pag. 187. O barão de Eschwege foi um dos fundadores d'este jornal. Tinha nascido no anno de 1788.

Digitized by Google

logo em capitão, e aggregado á companhia de mineiros do primeiro regimento de artilheria. Durante a invasão franceza desempenhou varias commissões de que fôra encarregado pelo governo portuguez. Foi incumbido desde 1839 da direcção das obras do palacio da Pena em Cintra. Era socio da Academia de S. Petersburg e de varias sociedades mineralogicas de França e de Allemanha.

E.—I. *Memoria sobre a decadencia das minas de oiro da capitania de Minas Geraes, e sobre varios outros objectos montanisticos* (vol. 4.º das *Memorias da Academia.* Parte 2.ª, de pag. 65 a 76).

II. *Noticias e reflexões estatisticas a respeito da provincia de Minas Geraes.* (*Memorias da Academia,* vol. 9.º, parte 1.ª, de pag. 1 a 27).

III. *Memoria Geognostica, ou golpe de vista do perfil das estratificações das differentes rochas de que é composto o terreno desde a Serra de Cintra na linha de Noroeste a Sudoeste até Lisboa, atravessando o Tejo até á Serra da Arrabida, e sobre a sua edade relativa.* (Id. vol. 11.º, parte 1.ª, de pag. 253 até 280, com um additamento por Alexandre Vandelli.)

IV. *Memoria sobre o melhoramento das providencias para atalhar os incendios, e para o augmento d'agua em Lisboa.* (Id. vol. 12.º, parte 1.ª)—O visconde de Villarinho de S. Romão escreveu umas Reflexões a esta Memoria, as quaes no referido volume veem como Appendice.

V. *Memoria Geognostica. Prospecto geognostico dos arredores de Setubal.* (Mesmo volume).

VI. *Memoria sobre as difficuldades das fundições e refinações nas fabricas de ferro.* (*Memorias Economicas da A. R. das Sciencias de Lisboa,* tomo 4.º)

VII. *Relatorio abreviado sobre o estado actual da administração das minas em Portugal.* Lisboa, 1826.

VIII. *Memoria sobre a Historia Moderna da administração das minas em Portugal.*

IX. *Asphalto, particularmente o asphalto artificial portuguez: reflexões dirigidas aos engenheiros e architectos.*

X. *Odologia dos engenheiros constructores, ou guia para a construcção e conservação das estradas em Portugal e Brasil.* 2.ª edição com additamentos. Lisboa, 1843. 4.º, 53 pag.

XI. *Portugal—Ein Staats-und—Sittengemaelde in Skivren und Bildern nach dreissyaehrigen. Beobachtungen und Erfahrungen. Hamburg,* 1837. *Bei Heffman und Campe* 312 *pag.* 8.º *Erster Theil.* (Quadros estatistico-moraes. Scenas.—Bosquejos extrahidos das observações e tracto de 30 annos. Tomo 1.º)

Esta obra nunca se completou.

Trata este volume dos seguintes assumptos: Situação moral e politica depois da quéda de D. Miguel.—Modo de alcançar os cargos publicos.—Ratoneiros, salteadores, barbaridades, prisões.—Estabelecimentos para a civilisação do povo e educação da mocidade.—Administração policial.—Guerra civil.—Vida do principe de Leuchtenberg em Portugal e sua morte.

XII. *Sobre os poços artezianos* (*Panorama* de 1838, de pag. 393 a 396).

XIII. *Caminhos de ferro.* Artigo inserto a pag. 367 da *Revista Universal Lisbonense* do anno de 1842.

Digitized by Google

XIV. *Sitios em que se encontra azougue em Portugal. Revista Universal Lisbonense.* Anno de 1843, pag. 166.

XV. *Sobre estradas.* Id. id. pag. 358.

XVI. *Sobre estradas e carros em Portugal.* Id. vol. 3.°, pag. 199.

XVII. *Maneira de abastecer de agua a cidade de Lisboa.* Id. vol. 4.° pag. 49.

N'este mesmo volume principia a publicação de alguns artigos sobre as minas em Portugal.

XVIII. *Sobre o systema metrico na Allemanha.* Id. vol. 9.° pag. 265.

XIX. *Abreviada exposição do estado da fabrica de ferro da Foz d'Algez.* (*Diario do Governo de* 1837, n.° 86.)

394) ESSAI HISTORIQUE SUR LA COLONIE DE SURINAN, *sa fondation, ses revolutions, ses progrès depuis son origine jusqu'à nos jours. Avec l'histoire de la nation juive portugaise et allemande y etablie etc. Le tout rediyé sur des piéces authentiques y jointes, et mis en ordre par les régens et representants de la dite nation juive portugaise.* A Paramaribo, 1788. 8.°

Creio ser uma das obras mais raras entre aquellas que nos dizem respeito, pois d'ella um só exemplar tenho visto, o qual appareceu á venda no leilão de livros do sr. Arthur da Silva, em outubro de 1873.

395) ESSAI SUR LES ÉVÉNEMENTS DE PORTUGAL. Paris, 1833; folheto. (C. M. B. I. P.)

396) ÉTAT ACTUEL DE LA MONARCHIE PORTUGAISE. Paris, 1829.

397) ETIENNE (CHARLES GUILLAUME).

E.—*Isabelle de Portugal ou l'heritage.* Comedie historique. Paris, 1804.

398) EXAMEN DE LA BROCHURE *intitulé—Un mot sur la crise de Portugal.* Paris, 1827, folheto. (C. M. B. I. P.)

399) EXAMEN *vande valsche resolutie vande Heren Burgemeesters ende Raden tot Amsterdam op't stuck vande West-Indirch Compagnie. Amsterdam.* 1649. 8.°, 36 pag. (M. S.)

400) EXCELLENT ET LIBRE DISCOURS *du droit de la succession royale au royaume de Portugal et la légitime succession du roy Dom Anthoine. Avec plusieurs lettres curieuses de papes, rois, princes et monarques de la Chrestienté sur la recognoissance du dit Dom Anthoyne roy de Portugal. Utile et necessaire aux amateurs de justice et equité.* A Paris. Chez Jean Micard tenant sa boutique au Palais, en la galerie allant à la Chancellerie. 1607. 12.°, 395 pag. numeradas, acabado de imprimir em 4 de janeiro de 1607.

O sr. José de Torres publicou no volume 9.° do *Archivo Pittoresco*[1] uma

[1] A pag. 378 e seg.

Digitized by Google

circumstanciada analyse d'este livro, pelo qual se prova a existencia de algumas cartas escriptas por D. Antonio em lingua portugueza.

401) **EXPLANATIO** *veri ac legitimi juris quo serenissimus Lusitaniæ rex Antonius ejus nominis primus nititur ad bellum Philippo regi Castallæ pro regni recuperatione inferendum.* Lugduni Batavorum, 1585. Coloniæ Aggrippinæ, 1613.

(Declaração do direito que assiste a D. Antonio etc. para fazer guerra a D. Philippe com o fim de recuperar Portugal etc.).

402) **EXPLANATION (THE)** *of the true lawful right and tytle of the most excellent Prince Anthonie, the first of that name against the king of Castile and against his subjects and adherents for the recoveries of his Kingdmo. By the commandment and order of the superiors.* Leyden, 1585.

É a traducção para inglez da obra mencionada em o n.º 401

403) **EXPLICATION DE L'ESTAMPE DE LA VILLE DE LISBONNE** *avec une description succinte des curiosités et événemens memorables de cette ville.*

Não tem declaração do logar, nem de anno da impressão. Julga-se que foi composta pelos fins do anno de 1754, ou nos principios do anno de 1755.

É um caderno de 20 folhas.

404) **EXTRACT** *ende Copye van vers-cheyde Brieven en schriften, Belangende de Rebellie der Paepsch Portugesen van desen Staet in Brasilien. Tot bewijs Dat de Koon van Portugael schuldich is aen de selve.*

Ghedruckt in't Iaer ons Heeren, 1646. 8.º, 31 pag.

405) **EXTRACT** *uyt den Brief vand Politicque Kaeden in Brasil, aende etc.* In 's Graven-Haghe. Anno 1635. 2 fol. sem pag. Sobre o Brasil. (M. Sousa).

406) **EXTRACT** *uyt seecker Missione gheschzeven eñ gesenden aen Siin Excell: den Heer Ambassadeur van Portugael, etc.* In 's Graven-Hage. Anno 1642. 4 folhas. (M. S.)

407) **EXTRACT** *uyt de Missione vanden President aende H. Mo. Heeren Staten Generael op't Recif den 22, April* 1648. In 's Graven-Hage. By Ludolph Breeckevelt. Anno 1648. 4 folhas.

408) **EXTRACT** *van leeckeren brief gheschreven uyt Loando, St.-Paulo in Angola, van wegen de groote victorie die de onse verkregen hebbentegen de Portugesen.* S'gravenhage. 1648, 4.º

(Extracto de algumas cartas escriptas de Loanda e de S. Paulo de Angola relativas á grande victoria, que os nossos alcançaram dos portuguezes). T. Compans, pag. 308.

Digitized by Google

409) **EYE-WITNESS (AN).**

E.—*Historical view of the revolutions of Portugal since the close of the Peninsular War exhibiting a full account of the events which have led to the present state of tat Country.* London, 1827. (Historia das guerras que em Portugal se seguiram á campanha da Peninsula, etc., por uma testemunha de vista.)

410) **EYRIÉS (JEAN BAPTISTE BENOIT).**

E.— I. *Voyage dans l'interieur du Bresil en* 1809 *et* 1810, *traduit de l'Anglais.* Paris, 1816.

II. *Traduction du voyage au Bresil par Maximilien, prince de Wied.* Neuwied, 1821-1823. 3 vol.

Digitized by Google

F

411) **FABER (JEAN ERNEST).**

E.— *Nachreehten von dem Portugiesischen Hofe und der Staatsverwaltung des Grafen von Geyras.* Francfort. 1768.

412) **FAMIN (PIERRE NOEL).**

E.— I. *Histoire monetaire du Portugal.*—II. *Expeditions maritimes des Portugais.*— III. *Essai sur l'industrie agricole au Portugal.*

Todas estas obras se conservam ineditas, e d'ellas nos dá noticia o sr. Ferdinand Denis no vol. 17.º da *Nouvelle Biographie Universelle* de Firmin Didot.

Parece que este mesmo escriptor residiu em Lisboa, onde se tornou fallado por causa da grande collecção de medalhas e moedas portuguezas, que chegou a juntar, e das quaes vem noticia a pag. 273 do vol. 7.º da *Revista Universal Lisbonense.*

413) **FANSHAW (Sir RICHARD).**

Morreu em Madrid a 16 de junho de 1666.[1]

E.— *Original Letters during his ambassies in Spain and Portugal.* London, 1702, in-8.º[2]

414) **FAU (PEDRO DU).** Francez.—Cirurgião chamado para reger a cadeira de anatomia do hospital real de Todos os Santos.

E.—*Exposição de Anatomia, pelo que respeita aos ossos e musculos.* Lisboa, 1764.

415) **FAUCHER (PAUL).**

E.— *D. Sébastien de Portugal.*

Villemain dá-nos noticia d'este drama[2] apresentado á Academia de Paris

[1] Rebello da Silva.—*Quadro Elementar das relações de Portugal com diversas potencias*, vol. 18.º, pag. 41.

[2] *Discours et Mélanges Litteraires.* Paris, 1855, pag. 393.

Digitized by Google

em 1845, e faz ácerca d'elle o seguinte juiso critico: «Pareceu este drama pedir menção publica, e como um penhor do interesse que se ligava a fragmentos da epopea christã, apresentado no theatro por uma imaginação estudiosa e viva. Offerecendo grandes desegualdades, mas sustentado por fortes intenções, e algumas scenas felizes, este drama é menos uma obra completa, do que uma esperança. Mostra um novo caminho, o da exaltação poetica unindo-se ao drama familiar n'um assumpto moderno.»

416) **FAURE (H.)**

E.—*De maritima navigatione veterum Hispania a Sacro Promontorio ad Pyrineos usque montes.* Molinis, 1870, 8.º (Da navegação dos antigos desde o cabo de S. Vicente até os montes Pirynéos).

417) **F. C.**

E.—*Anonimous poems. Imitations from Camoens.* London, 1850.

418) **FEITH (RHYNVIS).** Poeta hollandez.

E.—*Inez de Castro,* tragedia. Amsterdam, 1793.

419) **FENGER (J. FERD).**

E.—*History of the Tranquebar Mission.* Tranquebar, 1863. (Historia da Missão de Tranquebar).

420) **FENZL (Dr. ED.)**

E.—*Bericht uber einige der wichtigsten Ergebnisse der Bereisung der Portugiesischen Colonie von Angolà in West Africa in den Jahren* 1853-60 *durch Herrn Dr. Fried Wolwistch.* (No *Sitzungsberichte der Kaiserl Academie der Wissenschaft.* 48. Band. pag. 104).

421) **FERAUD.**

E.—*Vocabulary and Dialogues in the three languages English Spaniss and Portuguese, on subjects adapted to general use, as well as to military and naval affairs.* London, 1812.

422) **FEURSTEN (ALBERT).**

Eis a versão litteral do titulo de uma obra allemã.[1]

Historia dos reinos hespanhol, portuguez e africano: a saber — em qual época particularmente Portugal teve começo, e por quem foi elevado a reino, quaes guerras, qual commercio por mar ou por terra, tambem esta má guerra ordenada pelo rei Sebastião em Africa, e na qual guerra foi tão infeliz, tambem dois reis mouros e dezoito mil homens foram mortos, e por ella privou seu reino de herança, fortuna e melhor nobresa, e então varios reinos foram tirados a Portugal. Como D. Antonio, que esperava ser rei de Portugal, saindo

[1] Não se transcreve o titulo em allemão por ser excessivamente extenso.

Digitized by Google

da prisão em Africa, esperava ser eleito rei de Portugal, e do perigo em que incorreu, e por que meio escapou das mãos dos hespanhoes, e como o reino de Portugal voltou para a corôa de Hespanha, etc. Traduzido do italiano por —,

E no fim do livro: Impresso na capital de Munich, em casa de Adam Berg. em dia de Santa Anna, no mesmo dia em que no anno 82 os hespanhoes, D. Antonio e os francezes luctaram, e este livro foi acabado em allemão a 26 de julho de 1589.»

Esta obra in-folio compõe-se de 182 folhas, e é ornada de duas bellas estampas representando a primeira a batalha de Alcacerquibir, e a segunda uma batalha naval nas proximidades da ilha de S. Miguel.

423) FEVAL (PAUL HENRI CORENTIN).—Romancista francez.

Nasceu em Rennes no anno de 1817. [1]

E.—*Les fanfarrons du Roy par —. Nouvelle édition.* Paris. Michel Levy, 1869, 8.°, 286 pag.

O auctor pretende descrever n'este romance a côrte de Affonso VI, a loucura e extravagancias do rei, e muitas outras coisas da invenção do romancista.

Será um excellente romance para os estrangeiros, mas para um portuguez, que saiba a biographia do desditoso monarcha, deve ser bem insupportavel a leitura de tantos desconchavos. Entre outras coisas diz-nos que D. Pedro e sua mulher a rainha estiveram presos no Limoeiro.

424) FIELDING (HENRY) Celebre romancista e auctor dramatico inglez.

Nasceu em Sharpham-Park em abril do anno de 1707, e falleceu em Lisboa em outubro de 1754. Jaz no cemiterio inglez dos Cyprestes em Lisboa. [2]

Além do *Joseph Andrews* e *Tom Jones*, romances que immortalisaram seu nome, escreveu a seguinte obra:

Journal of a voyage to Lisbon by the late Henry Fielding. London, 1755.

Foi passada para francez com o seguinte titulo:

Journal d'un voyage de Londres à Lisbonne par Henri Fielding Écuyer, auteur de l'histoire de Joseph Andrews, de Jonathan Wild, de Tom Jones, des Aventures de Ruderic Random, d'Amélie, et de beaucoup d'autres livres. On y a joint un abregé de la vie de l'auteur et le catalogue raisonné de tous ses ovrages. A Lausanne, 1883, 8.°, 72, 225.

Ninguem espere encontrar n'este livro a descripção de Lisboa; não trata elle mais do que dos incommodos que o auctor padeceu na sua viagem para Portugal em procura de allivios para seus horriveis padecimentos

O tumulo de Fielding no cemiterio inglez em Lisboa tem o seguinte epitaphio, de cuja copia sou devedor ao sr. Angelo Carrero:

Henrici Fielding a Somersentensibus apud Glastonem oriundi viri summo ingenio, en quae restant stylo quo non alius unquam qui potuit cordis reserrare

[1] Vapereau. *Dictionnaire des Contemporains.*

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 17.°, pag. 647.

Digitized by Google

mores hominum excolendo suscepit virtuti decorem vitio fœditatem suum cuique tribuens non quin ipse subinde irretiretur evitandis, ardens in inicitia, in miseria sublevanda effusus, hilaris, urbanus et conjux et frater adamatus aliis non sibi vixit: sed mortem victricem vincit dum natura durat.....[1] *dum saecula currunt, natura prolem scriptis præ se ferens suam et suæ gentis extenderet famam.*

Perto d'este tumulo fica o de Philipp Doddridge, fallecido em 26 de outubro de 1751, que se diz ter sido muito sabio, e amigo de Fielding.

425) **FIGUEROA (C. MOSQUERA).**

E.—*Commentario de disciplina militar, en que se escrive la jornada de las Islas de los Açores por* —. Madrid, 1596.

426) **FLAUGERGUES (Mᵉˡˡᵉ PAULINE DE)**

E.—*Au bord du Tage.* Collecção de poesias. Paris, 1841.

N'esta collecção de poesias apparecem algumas cujos assumptos são portuguezes.

«Mademoiselle Flaugergues é energica, e muitas vezes sublime como madame Emilie Girardin, graciosa e ao mesmo tempo sabia como madame Amable Tastu; lyrica e florida como madame Desbordes Valmore; melancolica e apaixonada como madame Dufresnay, Mademoiselle Flaugergues, pelo rumo que sua propria indole, suas reflexões ou suas penas tem dado ao seu poetar, entre ellas apparece como o auctor das *Meditações* entre os extraordinarios poetas seus contemporaneos: é ella o Lamartine do seu seculo.»[2]

427) **FLEURIAU (BERTRAND GABRIEL).**

E.—*Relation des conquêtes faites dans les Indes par D. P. M. d'Almeida marquis de Castel Nuevo, conte d'Assumar.* Paris, 1749.

428) **FLOREZ (EL P. M. FR. HENRIQUE —)** del orden de San Augustin, rector que ha sido una y outra vez del Real Colegio de Alcalá, doctor theologo de dicha universidad, y consultado á sus cathedras de theologia por el supremo consejo de Castilla, etc.

E.—*España Sagrada. Theatro geographico-historico de la Eglesia de España. Origen, divisiones y terminos de todas sus provincias. Antiguedad, traslaciones y estado antiguo y presente de sus villas, en todos los dominios de España y Portugal. Con varias dissertaciones criticas para ilustrar la historia eclesiastica de España.* Madrid. Por Don Miguel Francisco Rodrigues, 1747.

Obra verdadeiramente monumental, na qual o padre Florez com uma critica quasi sempre judiciosa, e baseada em documentos authenticos trata das antiguidades sagradas e profanas da Peninsula Iberica. São numerosissimas as estampas disseminadas por todos os volumes, representando já folhas de

[1] Não se percebe aqui uma palavra.

[2] A. F. de Castilho.—*Revista Universal Lisbonense.*

Digitized by Google

codices antiquissimos, já medalhas e moedas, já inscripções e monumentos romanos, godos, mozarabes.

Esta obra tem sido e ha de ser em todos os tempos consultada pelos nossos escriptores, que minuciosa e seguramente quizerem fallar de nossos feitos em épocas tão remotas. É porém do tomo 13.º por diante que este trabalho interessa mais aos portuguezes. E bem se vê que d'elle se aproveitaram Antonio Pereira de Figueiredo, A. Herculano e muitos outros, o que não podiam deixar de fazer, pois n'esta obra é que pela primeira vez se imprimiu a *Historia Compostellana* (no tomo 20.º), onde se referem os factos mais notaveis acontecidos em Galliza e Portugal durante o governo de D. Theresa.

É pois a *Espagna Sagrada* livro de primeira necessidade para quem tratar de escrever a respeito de nossas antigas coisas.

429) FOLQMAN (CARLOS).— Clerigo presbytero do habito de S. Pedro, e Capellão mor de S. Bartholomeu dos allemães.

E.— *Grammatica Hollandeza ou Arte Compendiosa para um portuguez aprender a lingua Hollandeza. Com uma Nomenclatura copiosa, varios dialogos, e uma Collecção dos mais selectos Proverbios de ambas as linguas, pelo*— Lisboa. Impressão regia, 1804, 8.º, 118 pag. Ha outra edição.

430) FONDEYRE (POURCET DE).

E. — *Lisbonne et le Portugal.* Paris, 1846, 8.º

Segundo diz o *Athèneu* (vol. 1.º, pag. 228) este escriptor publicou um trabalho a respeito de Portugal, onde, entre outras coisas: Que viu barcos navegando em Cintra, um tal rei João mostrando uma perna de fóra do tumulo aos viandantes em S. Vicente de Fóra, e outras gentilezas peores ainda.

431) FONSECA (ANT. EDM. WOLLHEIM DA).

E. — *Diccionario portatil das linguas portugueza e allemã.* Leipzig.

432) FOR FORTUGUESE SAILORS, London, 1874.

Dizem ser uma collecção de contos moraes em portuguez e apropriados para a leitura dos marinheiros portuguezes.

433) FORRESTER (JOSÉ JAMES).— Barão de Forrester, membro correspondente da Academia Real das Sciencias de Turim, das reaes sociedades antiquaria, geologica, geographica e zoologica da Gran Bretanha; das sociedades geographicas de Paris e Berlin, etc. etc., e um dos estrangeiros que mais serviços prestaram a Portugal, e que em todo o tempo se mostrou affeiçoado aos portuguezes.

Nasceu na Escocia em maio do anno de 1809 [1], e falleceu afogado no rio Douro, no ponto do Cachão, em 12 de maio de 1861, não tendo sido possivel encontrar seu cadaver.

[1] *Archivo Pittoresco*, vol. iv, pag. 330.

Digitized by Google

Escreveu muito este homem, darei porém noticia do que julgar mais importante.

I. *Vindicação de—contra as imputações a elle feitas no parecer da direcção da Associação Commercial do Porto de 15 de maio de 1845, e observações sobre o que no dito parecer se assevera a respeito ao vinho do Porto. Com um Post-Scriptum sobre o folheto intitulado «A questão dos Vinhos do Douro, considerada politicamente.* Porto. Typographia Commercial, 1845, folheto de 16 pag.

Forrester sustentava que o vinho do Porto devia ser puro e bem fermentado, e sem mistura de qualidade alguma. (Folheto citado, pag. 6.)

II. *Paiz vinhateiro do Alto Douro. «É um precioso mappa do paiz vinicola, dedicado á rainha D. Maria II, publicado em portuguez e inglez, tendo uma nova edição em Londres, por ordem, e á custa da Camara dos Communs.*

«*O Douro Portuguez e o paiz adjacente*, grande mappa, que pela portaria de 1 de abril de 1848 foi adoptado como nacional, e premiado depois pelos monarchas de Hespanha, Sardenha, França, Prussia, Austria, Russia, Pio IX, e incorporado no Blue Book da Camara dos Communs em Inglaterra, sendo sem contestação o seu mais completo e valioso trabalho, em cuja composição e aperfeiçoamento gastou mais de doze annos, e valiosas quantias. N'este bello e interessante mappa não ha um claro por encher, nem o mais pequeno espaço que não fosse aproveitado com criterio. O Porto, e a ponte pensil, a Regoa, um barco do Alto Douro, um escaler do Porto, as pedras das Ancoras, os pontos do Cachão, salto da Sardinha e outros, são delicadas e lindissimas illustrações, que embellezam este minucioso, apreciavel e instructivo trabalho [1].»

III. *Prize Essai on Portugal, or Portugal and its capabilities.*

Esta obra foi premiada com uma especial e honrosa medalha de oiro.

Além d'estas escreveu varias outras obras, todas uteis e interessantes, que se podem ver mencionadas a pag. 331 do 4.º vol. do *Archivo Pittoresco.*

434) FORTUNATUS.

E. — *Historia de missionibus Angolae, Congi et aliorum regnorum Africae et Indiarum cum moribus illarum regionum.* Bononiae, 1687, fol.

435) FORTIS (LEONE).

O sr. José da Silva Mendes Leal traduziu em verso um poema dramatico, composto em italiano pelo referido escriptor, natural de Veneza, e poema que a celebre tragica Ristori representou em Lisboa.

«O auctor do poema inculca imaginação fogosa frequentemente desregrada. A verdadeira sensibilidade não abunda. A imitação de affectos convencionaes predomina. É antes um reflexo brilhante do que uma concepção feliz. O que

[1] O dito mappa é exactissimo pelo que respeita ás villas e freguezias, ás quintas e principaes fazendas vinhateiras, aos rios e regatos, estradas, pontos e até caminhos travessos, e creio que tambem o será, quanto é possivel, acerca da posição geographica das povoações e montanhas.» Visconde de Villarinho de S. Romão. *Revista Universal Lisbonense*, vol. III, pag. 145.

Digitized by Google

mais naturalmente respira é a impaciencia e o odio á dominação estrangeira.

Quanto póde a fraternidade intellectual! Quem diria, ha tres seculos, que a orgulhosa Veneza, desapossada pelo Gama do imperio do Oriente, cantaria hoje o cantor do grande almirante.»

436) FOUCHER (PAUL HENRI).

Nasceu em Paris no mez de abril de 1810 [1].

E. — *D. Sebastien de Portugal, tragedie en 5 actes.* Paris, 1839.

437) FOURNIER (EDOUARD). — Auctor dramatico e romancista francez. Nasceu em 1809.

E.— *Un prétendant Portugais au* XVI *siècle. Lettre adressée a M. M. Dantas, sécretaire de la legation de S. M. TF. à Paris, sur D. Antonio, prieur de Crato, suivie d'études sur un predicateur portugais à Paris en* 1610; *la Rosalinda et l'origine portugaise de la fiancée du roi de Garbe.* Paris. Imprimerie de Moulde et Renou, 1851, 141 pag. [2].

438) FOURRIER (ORTAIRE —) Chanceller da legação franceza em Lisboa.

E.— *Revue Lusitanienne.* 2 tomos, Lisbonne, 1852.

É um jornal litterario, onde se encontram alguns artigos importantes.

N'elle reproduziu Fourrier a sua traducção do *Naufragio de Sepulveda*, (mas com alterações), a qual já tinha sido publicada em Paris no anno de 1844. E tambem uma versão tambem na linguagem franceza da *Sobrinha do Marquez*, do nosso Garrett. E além d'estas traducções um romance intitulado *La Reine de Mohawks*, etc. etc.

«De todas as litteraturas modernas a menos conhecida talvez é a litteratura portugueza, e sem os sabios trabalhos do visconde de Santarem, Ch. Magnin, Dubeux, Ferdinand Denis, Principe Liknowski, poetas e escriptores d'esta nação, com algumas gloriosas excepções, seriam para o mundo litterario, como se nunca tivessem existido. Ha principalmente um contemporaneo do immortal auctor dos *Lusiadas*, e que talvez occupa immediatamente logar depois d'elle no antigo Parnaso, Jeronymo Corte Real, que mais que nenhum, padeceu este infeliz destino. E todavia Corte Real é uma d'essas intelligencias extraordinarias, das quaes o céo é avaro, um d'esses sublimes encantadores, cuja voz harmoniosa evoca todos os poderes creadores do pensamento, cuja imaginação rica e fecunda abre um largo rego no magnifico campo da poesia, e faz produzir magnificas searas.

«Sim, a obra de Corte Real é uma obra de genio, e pouco falta para que

[1] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains*, pag. 694.

[2] Fournier é um dos escriptores francezes mais antigos e entendidos da nossa historia e litteratura. Traduziu em francez a ballada *Rosalinda*». (*A Semana*, vol. II, pag. 433.)

Digitized by Google

elle lhe tenha merecido uma d'essas coroas, que consagraram para sempre o nome de Camões e o de Tasso.»

439) FOWLER (REGINALD —) Esq. Barrister-at-law.

E.— *Hither and thither, or, sketches of travel on both sides of the Atlantic, containing notes of a visite to Madeira, Lisbon, Gibraltar, Cadiz, Malta, Rome, New York, Canadá, Kingston, the falls of Niagara, Bay of Quinté and Montreal. By.*—London. (Aqui e acolá, esboços de viagens em Portugal, etc.)

440) FOY (Général).

E. — *History of the war in the Peninsula under Napoleon, translated from the french.* London, 1827, 3 vol. (Historia da guerra na Peninsula etc.)

441) FOY (Le Général. MAXIMILIEN SEBASTIEN).

Nasceu em Ham no anno de 1775, e falleceu a 28 de novembro de 1825.

Passou de Constantinopla para Portugal, distinguiu-se na batalha de Vimeiro, esteve a ponto de ser assassinado no Porto, recebeu uma ferida no Bussaco, e foi escolhido por Massena para ir á França avisar Napoleão do estado em que se achava o exercito francez em Portugal. Chegou á França quasi nu, tendo escapado como por milagre, das guerrilhas [1].

E.— *Histoire de la guerre d'Espagne et du Portugal sous Napoléon, precedée d'un tableau politique et militaire des puissances belligérantes, par — publiés par M.e La Comtesse Foy.* Paris Baudoin Frères, 1829, 4 vol. in-12.º Esta edição, creio ser a 2.ª, pois tenho visto exemplares d'outra in-8.º impressa em Paris no anno de 1827, com Atlas á parte. Ha outra edição. Paris, 1834, 8.º gr.

O general Foy nem teve tempo de concluir nem de limar esta historia, a qual apenas chega á retirada dos francezes de Portugal, depois da convenção de Cintra.

«Não conhecemos na Peninsula monumento algum notavel da industria de nossos inimigos inglezes, mais do que as linhas construidas em 1810 para defesa de Lisboa, mas d'ellas deve-se conceder a honra em grande parte aos engenheiros de Portugal, que communicaram aos inglezes, quer emquanto á concepção do projecto, quer emquanto á execução dos trabalhos, idéas luminosas e dados exactos recolhidos havia muito tempo.» 1, pag. 197.

«Portugal cobriu o Oceano com suas esquadras, submetteu a suas leis o litoral da India e as mais bellas porções da America meridional. Lisboa tomou no meio do mundo engrandecido por Colombo e por Vasco da Gama o logar que Constantinopla occupára no antigo continente. E como todas as faculdades do espirito humano caminham a par, pouco tempo depois que um pequeno povo europeu fez adoptar sua lingua aos habitantes dos paizes onde pararam as conquistas de Alexandre, esta lingua ennobrecida pela victoria produziu um poema epico antigo na sua fórma, e nacional em seu assumpto. Camões é o poeta da patria e da gloria. Seus *Lusiadas* fazem sentir á alma com

[1] F. Didot. *Biographie Universelle*, tom. XVIII, pag. 414.

Digitized by Google

a magnificencia da Illiada alguma coisa dos encantos da Odyssea.» 1.°, pag. 267.

«As tropas portuguezas partiram em numero de 8 a 9 mil homens. Mais de 4 mil, e entre estes alguns officiaes, fugiram ao atravessarem a Hespanha, e tornaram para o seu paiz. Quinhentos ou seiscentos ficaram nos hospitaes. Alguns foram mortos no primeiro cerco de Saragoça. Só 3240 soldados chegaram a Bayonna. Napoleão passou-lhes revista, e disse ao principe Wolkonski, ajudante de campo do imperador da Russia, que então se achava ao seu lado: «São homens do meio dia: teem paixão, hei de fazer d'elles uma excellente infanteria.» Com as tropas portuguezas formou-se uma legião. O general Junot recebeu ordem de apanhar os desertores, e de enviar soldados do paiz para completal-a. Esta ordem não poude ser posta em execução. Na falta de nacionaes completou-se a legião nos deposito de prisioneiros hespanhoes. Passou por diversas organisações até ao mez de novembro de 1813, em que um decreto imperial ordenou o desarmamento de todas as tropas estrangeiras, que se achassem no grande exercito, com excepção dos polacos.

«A legião portugueza nunca foi empregada na sua totalidade d'uma só vez; mas serviu por destacamentos. Dois batalhões cobriram-se de gloria na batalha de Wagram, no corpo de exercito commandado por Oudinot. Um regimento distinguiu-se na batalha de Smolensko. Os habitantes das serras ardentes do Alemtejo e da Estremadura estavam em bom numero entre os desgraçados que morreram gelados nos gelos de Moscou. Estes estrangeiros conduzidos pelo acaso debaixo das bandeiras de Napoleão, tinham tomado por divisa:

Vadimus immixti Danais, haud numine nostro.

Mereceram com tudo em todos os logares a estima de seus companheiros de armas. O imperador teve bem cuidado em não os tornar a mandar para a Peninsula. 2.°, pag. 27.

«M. de Pradt, que em 1808 era bispo de Poitiers e esmoler do imperador Napoleão, assistiu á audiencia dada por este principe á deputação portugueza. Elle faz conhecer nas suas *Mémoircs historiques sur la revolution d'Espagne* algumas particularidades, que devem ter aqui seu logar:

«A deputação portugueza esperava o imperador em Bayona, e lhe foi apresentada algumas horas depois da sua chegada. Achava-se á sua frente o conde de Lima, a quem tinham visto como embaixador de Portugal em Paris, o qual estava muito relacionado na sociedade. Napoleão não esperou que este presidente pronunciasse seu discurso, como era de estilo em eguaes circumstancias: mas quer fosse demora do conde de Lima em dizer o que tinha preparado, quer impaciencia natural da parte de Napoleão, abriu a conferencia de uma maneira muito singular. Depois de algumas formulas de polidez, disse dirigindo-se aos deputados: «Não sei o que hei de fazer de vós, pois isso dependerá do que se passar no Meio-dia. Estaes vós comtudo no caso de formar um povo? Tendes o volume necessario para isto? Vós estaes desamparados de vosso principe: deixou-se encaminhar pelos inglezes para o Brasil. Fez n'isso uma grande tolice; ha de arrepender-se d'ella.» Depois voltando-se para mim accrescentou com um ar muito satisfeito: «Os principes teem a mesma

Digitized by Google

obrigação que os bispos; é necessario que residam.» Dirigindo-se em seguida ao conde de Lima, perguntou-lhe por quantos homens era Portugal povoado; e juntando immediatamente resposta á pergunta, coisa que lhe acontecia muitas vezes fazer, e que succede ás pessoas que respondem ás suas idéas: «Dois milhões?—Mais de tres, respondeu o conde.—Ah! Não sabia, replicou Napoleão. E Lisboa, cento e cincoenta mil almas?—Mais do dobro, respondeu o conde de Lima.—Ah! não o sabia, respondeu de novo Napoleão.» Outras perguntas e respostas foram trocadas com esta mesma differença de opiniões e de avaliações, e de »não sabia, e não sabia, succedeu perguntar ao conde de Lima: «Que quereis vós outros, portuguezes? Quereis ser hespanhoes?» A estas palavras vi o conde de Lima, crescendo dez pés, empertigando-se na sua posição, levando a mão aos copos da espada, e com uma voz que retumbou pelas abobadás da sala, responde: «Não!» Os antigos heroes portuguezes não teriam dito melhor.» — 2.°, pag. 33.

442) FOZIO (JOSEPH).

E.— *Informatio pro venerabili servo Dei Ignatio Azebedo et socüs in odium fidei interfectis ab haereticis.* Romae, 1662. (Informação a favor do veneravel Ignacio de Azevedo, e de seus companheiros mortos em odio á fé.)

443) FRAMPTON (J.)

E.— *Discourse of the navigation which the Portuguese doe make to the realms and provinces of the east parties of the world, and of the knowledge that growes by them of the great things which are in the dominions of China. Written by Bernardine of Escalanta, of the realme of Galisia. Priest. Translated out of spanish into english by* — London, F. Dawson, 1579. (Discurso sobre a navegação, que os portuguezes fazem nos reinos e provincias orientaes, etc.)

444) FRANCAN.

E. — *Itinerarium Portugallensium e Lusitania in Indiam.* 1508. (Itinerario dos portuguezes de Portugal para a India.)

445) FRANCESCO (P.)— Carmelitano.

E.—*Viaggi all' Indie Orientali.* Roma, 1672, fol.

446) FRANCISCI XAVIERI (SANCTI).

E. — *Epistolarum libri V.* Pragae, 1667, 8.° (Estas cartas relatam por miudo os feitos dos portuguezes na India.)

447) FRANCIS MARIA.—Episcopus Portuensis.

E. — *De vita, sanctitate, canonisatione et miraculis Sancti Francisci Xaviéri.* Dillingae, 1622.

448) FRANCKENSTEIN (JACQUES AUGUSTE).

E.— *Das historische Theatrum von Portugall, Engelland und der Scyweitz.* Halberstadt, 1823. (Theatro historico de Portugal, Inglaterra e Suissa.)

Digitized by Google

449) FRANÇOIS COUCHE ET ROULOX BARRO.

E. —*Voyage du Madagascar et du Bresil.* Paris, 1658.

450) FRASCARELLIO (A Presbytero CAIETANO). — Era empregado na Nunciatura em Lisboa, e capellão do duque de Saldanha.)

Natione Italo, Domo Asculo, Picentium a Secretis Legationis Apostolicae.

E. I.— *Inscriptiones Regum Lusitanorum — Apud Reginam Fidelissimam exaratae.* Ulyssipone. Ex Officina Typographica Nationali, 1850.

II. *Inscrizioni Portoghesi che existono in diversi luoghi di Roma per* — Roma, 1862.

451) FRASSO.

E.—*De regio patronatu Indiarum.* Madrid, 1677, 2 vol. fol.

452) FRAZER (Sir A. S.)

E.— *Letters of Colonel, commanding the royal horse artillery in the army under the Peninsular War, and Waterloo campaigns.* London, 1859, in-8.°

453) FRIRION (FRANÇOIS NICOLAS, Baron de)

E.— *Journal historique de la campagne de Portugal entreprise par les Français sous les ordres du marechal Massena, prince d'Esling, du 15 septembre 1817 au 2 mai 1811.* Paris, 1841.

454) FRISON.

E. —*Xaverius Thaumaturgus.* Burdigálae, 1684.

455) FRITZ (SAMUEL).

E.— *El gran rio Maranon ó Amazonas con la mission de la Compañia de Jesus geographicamente deleneado.* Quito, 1707. (Os Jesuitas eram os soberanos verdadeiros do Paraguay. Voltaire, vol. IX, pag. 489.)

456) FROGER (FRANÇOIS).

E.— *Relation d'un voyage fait en* 1695–1697 *aux côtes d'Afrique, détroit de Magellan*[1] *Brésil, Cayenne, etc.* Paris, 1698, ib. 1700. Amsterdam, 1699, ib. 1702, ib. 1715.

[1] Tu Magaglianes, ti renditi al Mondo
nel tuo Nome immortal con chiaro vanto;
del Sol mentre immitasti il corso tondo
degno d'Istoria, e d'alto Aonio canto:
d'un generoso ardir nel cor secondo
tu si carpisti il tuo camin; ma quanto
o hime! soffristi dall'aversa sorte
che s'oppon qual Nemica all Huo che forte

Girolamo Bartolomei Gia Smeducci — *L'America*, c. XXVI est. 8.ª

Digitized by Google

457) **FROISSART (MESSIRE JEHAN).**—Chronista celeberrimo. Nasceu em Valenciennes no anno de 1337,-e falleceu, segundo parece, no principio do seculo seguinte. Viajou muito pela França, Italia, Inglaterra e Escocia.

E.—*Histoire et Chronique mémorable de—Revue et corrigée sur divers exemplaires et suivant les bons auteurs, par Denis Sauvage de Fontenailles-ens Brie, historiographe du tres chrestien roy Henri deuxiesme de ce nom.* A Paris, chez Jehan Ruelle, 1574, fol. A primeira edição foi impressa tambem em Paris no anno de 1498.

Froissart na sua *Chronica* conta muitos dos successos de Portugal occorridos por aquelle tempo. Mas mereceu-lhe especial attenção a nossa batalha de Aljubarrota, á qual não assistiu como Ayala, mas teve particular cuidado de pedir esclarecimentos minuciosos a cavalleiros, que n'ella se tinham achado. É pois a sua famosa *Chronica* um como subsidio para a historia da nossa heroica lucta.

458) **FULIGATI (JACQUES).**

E.—*Vita di Santa Elisabetha, régina di Portogallo.* Roma, 1625.

459) **FURIEUSE ET SANGLANTE BATAILLE,** *donnée entre les Portugais et les Hollandois aupres de Malacca en la quelle a paru la valeur de quatre seigneurs François descripte par le Capitaine Marque d'Or, Provençal present en icelle.* Paris, 1621, in-8.°

Digitized by Google

G

460) **GALARDI** (Mr. de)

E.—*Raisons d'Estat et reflexions politiques sur l'histoire et vies des roys de Portugal.* A Liege. Chez Pierre du Champs, 1670. 12.°. 370 pag. Offerecida á rainha da Grã-Bretanha.

E' uma Historia de Portugal, que chega até ao reinado do cardeal-rei D. Henrique. O auctor promette um segundo volume; ignoro se cumpriu sua promessa.

461 **GALERIE (LA) AGRÉABLE DU MONDE,**

O primeiro tomo d'esta obra [1] dedicado a el-rei de Portugal D. João V, comprehende Portugal e Hespanha e traz os mappas de Lisboa, Cascaes, Evora, Belem, Estremoz, Elvas com a planta da fortificação, e assim Olivença, Villa Nova, Arronches, Villa Viçosa, Ferreira, Setubal, Braga, Coimbra, além de muitas gravuras e vistas.

462) **GALIANO (D. ANTONIO ALCALA,** hijo.)

E.— *Portugal, su passado y su presente. Lecciones pronunciadas en el Ateneo cientifico y literario de Madrid.* Por —. Madrid, 1873. 8.°, 24 pag.

Só vi o 1.° folheto, e ignoro se o auctor publicou os restantes que prometteu.

463) **GAMOND (M. A. THOMÉ DE).** Engenheiro Civil.

E.— *Mémoire sur le projet d'agrandissement de la ville de Lisbonne comprenant l'établissement d'un grand port maritime; la création de quartiers nouveaux, et le chemin de fér de Collares. Ouvrage publié dans les trois langues française, portuguaise et anglaise avec le plan général et particulier des travaux projetés par* —. Paris. Dunond, editeur. 1870, fol.

Esta obra é dedicada ao duque de Saldanha.

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 5.°, pag. 54.

Digitized by Google

464) **GARCIA (F.)**

E.— *Vida de S. Francisco Xavier, apostolo de las Indias.* Toledo, 1673. Madrid, 1676.

465) **GAUTHIER (MADAME).**

E.— *Les amours de Camoens et de Catherine d'Athaide.* Paris, 1827. 2 vol. 8.°

«Não foram só os *Lusiadas* que eternisaram o nome de Camões, a collecção de suas poesias o puzeram a par dos maiores lyricos: tanto se podia modificar aquelle genio! Bastantes vezes tenho tido pena, ao desenhar o quadro de seus amores e de suas desgraças, de não saber bèm a fundo a lingua portugueza, para me arriscar a dar a meus leitores algumas imitações de seus canticos. Esta impossibilidade me reduziu a pôr na bocca do meu heroe versos da minha composição, que se não podem de maneira alguma comparar com os que legou á posteridade, e que devem ser considerados, conforme a sua situação, como um impulso d'uma alma victima de seus pesares, que esquece um instante depois as queixas escapadas á sua dôr, e que não lhe dá importancia alguma poetica.

Os infortunios de Camões e seu amor por Catharina d'Athaide não a base sobre que fundei a obra que offereço agora ao publico.»

466) **GAZZERA (CONSTANCIO).**—Secretario da Academia de Turim.

Publicou um manuscripto antiquissimo e muito importante para a historia de Portugal, com o seguinte titulo:

De itinere navali, de eventibus de que rebus a peregrinis Hierosolymam petentibus 1189 *fortiter gestis narratio.* Turim, 1840.

E' a historia da derrota e aventuras de uma armada de cruzados, que desaferrou do Escalda em o anno de 1189 com destino de arrancar a Terra Santa do poder dos infieis. Encerra a mencionada relação uma parte mui interessante da nossa historia nos tempos primitivos da monarchia portugueza, tal como o cêrco e tomada de Silves por el-rei D. Sancho I.[1]

467) **GABAEURS (GEORGE CHRISTIAN).**

E.—*Portugisiche Geschichte, etc.*

Traducção do titulo da obra:

Historia Portugueza desde os tempos mais remotos, em que se acham vestigios d'este povo até ao presente, acompanhada de tabellas genealogicas e muitas annotações. Para conhecimento e comprovação dos verdadeiros factos historicos. Leipzig, 1759.—4.°, 2 tomos n'um vol. O 1.° 238 pag., o 2.° 222. pag.

468) **GEDDES (MICHEL).**

E.—I. *The history of the Church of Malabar, by* —. London, 1694. 8.°

II. *Church History of Æthiopia.* London, 1696. 8.°

[1] João Baptista da Silva Lopes—*Relação da derrota naval, façanhas, successos dos cruzados, que partiram do Escalda para a Terra Santa no anno de* 1189.

Digitized by Google

469) GEDINKS ERIFTEN VAN DEN MARQUIS DE POMBAL. Te Amsterdan, 1784.

470) GEIBEL (EMMANUEL) — Poeta lyrico allemão celebre.

Nasceu em outubro de 1815 em Lubech.[1]

E.—*Spanish Volkslledec.*

Um volume de cantos populares e romances de Hespanha, seguido de dois outros volumes de poesias hespanholas e portuguezas. Stuttgard, 1862.

471) GENITZ (H. B.).

E.—*Analyse da obra de B. A. Gomes — Flora fossil do terreno carbonifero das visinhanças do Porto, Serra do Bussaco e Moinho d'Ordem, proximo a Alcacer do Sal.*

(No *Neues Jahrbuch fur Mineralogie, Geologie and Palaeontologie*, 1867 n.º 3).[2]

472) GÉNERAL (A) *collections of voyages and discoveries made by the Portuguese in the fifteenth and sixteenth century.* London, 1789.

473) GENERAL ORDERS OF THE DUKE OF WELLINGTON IN PORTUGAL, SPAIN AND FRANCE. London. 1832.[3]

[1] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 745.

[2] *Jornal de Sciencias Mathematicas*, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. 2.º, pag. 7.

[3] S. ex.ª o sr. marechal commandante em chefe do exercito portuguez tem que cumprir o agradavel dever para com as tropas de S. A. R. que estiveram na batalha do Bussaco, de lhes assegurar a sua plena satisfação pela brilhante maneira com que se houveram, a qual adquiriu a estima, admiração e confiança de seus companheiros de armas do exercito inglez. S. ex.ª viu factos no combate, e uma conducta nas tropas portuguezas, de fazer honra ás tropas mais aguerridas, e não faltará a dar a saber a S. A. R. o merecimento distincto das suas tropas, e em particular dos corpos e individuos que mais se assignalaram, e não tem que limitar-se senão a respeito d'aquelles que tiveram a fortuna de combater com o inimigo, todos estes cumpriram como deviam, e o inimigo o póde melhor dizer pelo que experimentou.»

«A conducta do regimento n.º 8 foi extremamente brilhante pelo ataque de bayoneta que fez ao inimigo com os regimentos inglezes. A conducta da brigada que commanda o sr. brigadeiro Pack, foi excellente. O batalhão de caçadores n.º 4, pela distincta coragem e constancia com que atacou o inimigo e soffreu o seu fogo durante todo o dia, merece tambem os maiores elogios, e o tenente coronel Luiz do Rego Barreto e seus bravos officiaes e soldados receberam approvação de s. ex.ª O sr. brigadeiro Colleman e os srs. coroneis Luiz Ignacio Xavier Palmeirim e José Cardoso de Menezes Souto Maior receberam a segurança da satisfação de s. ex.ª pela sua conducta. A boa carga que deram cinco companhias do regimento n.º 19, debaixo das ordens immediatas do tenente coronel M. Bean mereceu ser particularisada, e foi admirada de todo o exercito. O batalhão de caçadores n.º 9, commandado pelo tenente coronel Nixon, mereceu approvação de s. ex.ª O batalhão de caçadores n.º 1, commandado pelo tenente coronel Jorge d'Avilez compor-

Digitized by Google

474) **GÉNERAL VIEW OF THE STATE OF PORTUGAL** *containing a topographical description thereof.* (Descripção topographica de, etc.) London, 1799.

475) **GENIGE ADVYSEN** *ende verklaringhen uzt Brasilien. In dato den* 19 *Mez* 1648. *Van 't gepasseerde.* Tot Amsterdam. By Philips van Macedonien. Anno 1648, 4 fol. sem numeração. (M. S.)

476) **GENLIS** (Comtesse de).

E.—I. *Les tableaux de M. le Comte de Forbin, ou la mort de Pline l'ancien et d'Ines de Castro. Nouvelles historiques* Paris, 1817.

II. *Ines de Castro, suivie de la mort de Pline l'ancion.* Paris, 1826.

477) **GENLIS** (M.me de).

E.— *The companion for conversation as occur most frequently in travelling in English, French, Italian, Spanish, Portuguese.* Bremen, 1818. (É uma collecção de dialogos em, etc.)

tou-se extremamente bem, e contentou perfeitamente a s. ex.ª, e o tenente coronel acceitará seus agradecimentos. O batalhão de caçadores n.º 3, e o tenente coronel Elder tem que accrescentar a brilhante conducta n'esse dia á sua reputação já tão justamente adquirida: este batalhão tem sempre sido, e continua a ser admirado pelo exercito e por s. ex.ª O brigadeiro Campbell deu a melhor informação do modo com que se houve o batalhão de caçadores n.º 6, commandado pelo tenente coronel Sebastião Pinto d'Araujo Corrêa. A conducta das brigadas de artilheria de 9 e 6, commandadas pelo major Arenstchild, as quaes soffreram todo o dia o fogo de quatorze peças do inimigo, é digna de grandes elogios. O sr. general Picton informou a respeito d'ellas o melhor possivel. As brigadas de artilheria 3 e de montanha conduziram-se muito bem, e s. ex.ª dá os seus agradecimentos a todas estas brigadas e aos respectivos commandantes.

«S. ex.ª deseja que todos os srs. brigadeiros e commandantes dos sobreditos corpos deem aos officiaes e soldados a sua plena approvação e agradecimento pela sua conducta da qual elle mesmo foi testemunha; e os srs. commandantes enviarão ao ajudante general os nomes d'aquelles officiaes, officiaes inferiores e soldados que se distinguiram, a fim de que S. A. R. os recompense como elles merecem. S. ex.ª viu em todas as mais tropas o desejo e boa disposição com que se achavam para atacar o inimigo, e desejou que este lhes desse occasião de egualarem os seus companheiros, e de vingarem as offensas que sua patria tem recebido; mas esta occasião não está distante, e chegará quando o inimigo quizer, e será outro dia de gloria para o exercito portuguez, pois que o exercito deve estar seguro, que ainda que o inimigo não se atrevendo a tornar a atacar a frente por novas tentativas, tem influido em s. ex.ª o sr. marechal general lord Wellington para deixar uma posição, da qual todas as forças e esforços do inimigo não podiam desalojal-o, jámais com um exercito de soldados taes como os inglezes e portuguezes, elle poderá preencher as suas vistas contra a liberdade e felicidade do paiz; e quanto mais avançar, tanto mais caro pagará a sua temeridade, a sua cubiça, e sua injusta ambição. Vós sois portuguezes, e está aqui o exercito inglez, e ambos os exercitos conduzidos e dirigidos por aquelle que tem vencido tantas vezes o inimigo na causa de Portugal; e com taes exercitos, e debaixo das ordens de s. ex.ª o sr. marechal general lord Wellington, está segura a victoria.—Ajudante general, Mousinho.—Ordem do dia.—Quartel general do Bussaco, 28 de setembro de 1810.»

Digitized by Google

478) **GENTLEMAN.**

E.— *A picture of Lisbon.* London, 1809. (Pintura de Lisboa).

479) **GEORGE ANDRIESR.**

E.— *Reyzen door Oort. Sina, etc.* (Viagem às Indias Orientaes, China, Tartaria, Persia, Turquia, etc.) Amsterdam, 1670. 8.º

480) **GEORGE (MR. DE SAINT).**

E.— *L'esclave de Camoens,* opera comique en un acte, par —, musique de Fletaw. Paris, 1843.

481) **GESTA PROXIME PER PORTUGALENSES** *in India, Aethiopia, et aliis orientalibus terris, Petri Alfonsi Malhereo industria et correctione impressa.* (Feitos obrados recentemente pelos portuguezes na India, etc.) Romæ, 1506. J. Besicmenk, 4.º Coloniae Agripinae, 1507.

482) **GHILLANY (FRÉDERIC GUILLAUME).**— Escriptor allemão. Nasceu em Erlangen, no anno de 1807.[1]

E.— *Geichichte des Seefahrers Mart. Bahein.* Leipsick, 1853. Nurberg. 1853. (Historia do navegador Martin Behaim).

483) **GIL (ANTONIO).**

E.—*Don Pedro de Portugal, tragedia en 5 actos, escrita en francés por Mr. Lucien Arnault y traducida libremente al castellano por —.* Madrid, 1829.

484) **GIO: GIOSEPPE DI S. TERESA** (Carmelitano scalzo).

Nasceu em Lisboa, Marianno, chamado no seculo João de Noronha Freire.[2]

E.—*Istoria delle guerre del reyno del Brasile accadute tra la corona de Portugalo, e la republica di Olanda, composta ed offerta alla sagra reale Maesta di Pietro secondo re di Portogallo, etc.* Roma, 1698; fol. com grande numero de mappas de cidades do Brasil, e com os retratos de D. Pedro II e de D. João IV. 1.ª parte 232 pag.; 2.ª 211 pag.

Como unica excepção á regra por mim estabelecida de não tratar senão de obras compostas por estrangeiros, menciono esta: 1.º por ser escripta em lingua estranha; 2.º por ser impressa em paiz estrangeiro; e 3.º por ser obra muito conhecida e citada pelos escriptores estranhos, e na actualidade não facil de ser encontrada.

485) **GIOIA.**

E.—*Vita del P. Caraffa da Gaeta, capucino e in Affrica missionario apostolico, il quale morì in Loanda di Angola, l'anno de* 1662. Napoli, 1669. 4.º

[1] Vapereau. *Dictionaire des Contemporains,* pag. 758.

[2] *Bibliotheca Historica de Portugal,* pag. 185.

Digitized by Google

486) GLAZEMAKER.

E.—*Sheepvaart der Frantschen naar Oost-Indien*, etc. (Viagem dos francezes ás Indias Orientaes com tres navios da Normandia por Beaulieau, e traduzido por —). Amsterdam, 1669, 4.°

487) GLEIG (G. R.)

E.—I. *The hussar. Scenes in Spain and Portugal.* London. (Scenas em Hespanha e Portugal.)

II. *The light dragoon. Peninsular War.* London, 1850. (Sobre a guerra peninsular.)

488) GLUCK.

E.—*Parid ed Elena. Dramma per musica dedicato a sua alteza el signor duca Don Giovanni de Braganza.* Vienna. Nella estamparia de Giovanni Tomaso, 1770. V. *Bibliographia Critica de Historia e Litteratura*, pag. 110.

489) GODEFROY (DENIS THEODORE).

E.—*De l'origine des roys de Portugal, issus in ligne directe masculine de la maison de France.* Paris, 1610. Ibid. 1612. Ibid. 1614. Ibid. 1616. Ibid. 1624.

490) GODIGNI (N.)

E.—*Vita patris Gonzali Silveriæ in urbe Monotapa martyrium passi.* Lugduni, 1612. 8.°

(Vida do P. G. da Silveira, que padeceu o martyrio em, etc.)

491) GODMAN (F. DU CANE).

E.—*Notes on the birds of the Azores.* (Notas a respeito dos passaros dos Açores). No jornal *Ibis*, janeiro de 1868, pag. 88. V. *Morelet.*

492) GOES (FERNANDO DE).

E.—*Breve summa y relacion de las vidas y hechos de los reys de Portugal y cosas succedidas en aquel reyno desde su principio hasta el anno de* 1595. Mantua, 1596.

493) GOEZE (EDMOND).—Jardineiro allemão, chamado a Portugal com o fim de dirigir os melhoramentos do jardim botanico de Coimbra, e actualmente encarregado de formar o jardim botanico da escola polytechnica de Lisboa.

E.—I. *Sur la variabilité des espèces. Examen de la doctrine de la variation des espèces dans le règne végétal de M. Herdel.* (No *Jornal de Sciencias Mathematicas etc.* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. 1.°, pag. 209 e seg.)

II. *Bibliographie Botanique.* Idem, vol. 2.°, pag. 70.

E varios artigos sobre assumptos botanicos *Jornal do Porto.*

Digitized by Google

494) **GOIMPY** (Comte **FRANÇOIS LOUIS EDMONDE GABRIEL DE MAITZ DE —**)

E.— I. *Compte rendu au roi de Portugal des operations astronomiques et geographiques faites sur les côtes de ce pays.*

II. *Observations faites à Aveiro et à Funchal.* (Manuscriptos ineditos guardados na Academia da Marinha em Paris).

495) **GOLDSCHMIDT (BERTOLD).**

E.—*Noções praticas da lingua allemã.* Leipzig, 1859.

496) **GOLLUT (LOUIS).**

E.— *Mémoires historiques de la republique Sequanoise et des princes des catholiques rois de Castille et de Portugal, et de la maison desdicts princes de Bourgogne. Dole,* 1592, fol.

497) **GONDAR (ANGE).**

E.—*Discours politique sur le commerce des anglais en Portugal.* Paris, 1756.

498) **GONZALEZ (D. JUAN).**

E.—*Nueva corografia. Descricion de todas las provincias, villas e bispados, arzobispados, puentes, fortalezas y considerables lugares del reino de Portugal, en que se muestra el modo de hallar estes lugares en sus respectivas provincias, con los principales rios, bahias, mares, montañas, llanuras, sierras y collados, sobre que estan situadas, etc.* Su autor —. Sevilla, imprenta de J. Padal. 100 pag. Sem data. [1]

499) **GONZALES (MODESTO FERNANDEZ)** De la Sociedad de escritores y artistas, auxiliar del ministerio de hacienda.

E.— I. *Pastellero de Madrigal.* Romance.

II.— *Retratos y Semblanzas por* —. Madrid. Imprenta de la Biblioteca de instruccion y recreo. 8.°, 238 pag.

E' uma collecção de pequenas biographias de escriptores portuguezes e hespanhoes. Os portuguezes biographados são: Theophilo Braga — Eduardo Coelho —Luiz de Campos— Miguel Lobo de Bulhões—A. A. Teixeira de Vasconcellos —J. Costa Goodolphim — A. Pereira Marecos — Antonio Rodrigues Sampaio —José Maria Latino Coelho.

III.—*Portugal Contemporaneo. De Madrid á Oporto pasando por Lisboa. (Diario de un caminante).* Madrid. Imprenta de Manuel Tello, 1874. 8.° 256 pag.

«Portugal tem historia propria, ostenta galharda litteratura, e offerece a nacionaes e estrangeiros os productos do trabalho, do saber e do genio humano.

«Não póde renegar de sua origem nem tradições. Irmãos temos sido e con-

[1] Deve ser de anno de 1762. Hidalgo. —*Boletin Bibliografico Español*, tomo 3.°

Digitized by Google

tinuaremos a ser, sem cada paiz perder sua necessaria independencia. Não obsta porém isto a que Portugal reuna condições proprias para viver sem auxilio estranho, já pelos esforços dos naturaes, já pelas riquesas de seu solo.

«A natureza o tem favorecido com rios navegaveis, altas serras, valles ferteis e pittorescos, campinas deliciosas, lindas collinas, costas dilatadas com bahias abrigadas dos ventos, mineraes abundantes, e com as margens do Douro, Minho, Mondego e Tejo, base da agricultura nacional.

«O trabalho, o desinteresse e a piedade dos homens lhe deram templos sumptuosos, hospitaes magnificos, monumentos desejados, cidades bellissimas, caminhos de ferro e estradas com abundancia, formosas estatuas, castellos e muralhas sem conto, productos do solo excellentes, praças de guerra em estado de defesa, bibliothecas escolhidas, innumeraveis asylos de ensino, manuscriptos valiosos, palacios, amphiteatros, museus, quarteis, portos, diques, aqueductos: em summa, tudo de quanto ha mister uma nação na sua vida interna e manifestações exteriores.» Pag. 84.

«Poucas povoações europeas ostentam arrabaldes tão pittorescos e uma vegetação tão exuberante como a cidade de Lisboa. Belem, Bemfica, Queluz, Campo Grande, Paço d'Arcos, Oeiras, Nova Cintra, Cacilhas, Collares e Mafra comprovam que a capital do reino lusitano não tem que invejar ás mais afamadas do mundo civilisado. A profusão de casas de campo, a abundancia de arvoredo, o esmero nos jardins e a mimosa côr das flores predispõem o viajante para novas visitas e prolongadas demoras. Começa, pois, nossa peregrinação pelas profundas e risonhas quintas de Lisboa, e em primeiro logar por aquella de que disse o poeta Campoamor:

Lo tengo bien presente;
La quinta de Pombal, honra del Tajo,
Se encuentra rio abajo, rio abajo,
Saliendo de Lisboa hácia el Poniente.
En Portugal los suenos son pasiones;
Y en el bello jardin que os ha nombrado,
Hecho por algun sabio enamorado
Del arte de avivar las tentaciones,
Um dia, el más hermoso de mi vida,
Ninas bellas y jóvenes rendidos,
Jugamos a escondernos y en seguida
A volvernos á hallar bien escondidos. Pag. 397.

IV. *Los Compañeros de Vasco da Gama.* Madrid, 1875. Foi este romance vertido em vernaculo pelo sr. Candido de Figueiredo.

500) GOTOGRIDI.

E.—*Indiæ Orientalis Historia.* Francofurti, 1628, fol.

501) GOULARD (SIMON).

E.—*Histoire de Portugal depuis l'an 1496 jusqu'en 1578 sous Emanuel II Jean III et Sebastien I en vingt livres, dont les premiers sont traduits du Latin*

Digitized by Google

de Jerome Osorius, et les huit suivants pris de Lopez de Castagnede et d'autres historiens. Saint Gervais, 1588.

502) GOURLAY (Dr. WILLIAM).

E.— *Observations on the natural History, climate and deseases of Madeira during a periode of eighteen years.* London, 1811. (Observações sobre a historia natural, clima e enfermidades da Madeira, durante um periodo de dezoito annos).

503) GOURNÉ (PIERRE MATHIAS).

E.—*Description géographique des royaumes d'Espagne et de Portugal.*— 1743.

504) GRAHAM (MARIA).

E.—*Journal of a voyage to Brasil, and residence there during part of the yars,* 1821-22-23. London, 1824.

505) GRAMMATICA (NOVO E FACILIMMO METHODO DE) *Franceza e Portugueza, recopilada dos melhores auctores que escreveram Artes e Orthographia, de la Rue, Restaut, e Gelmace, de la Touche, Desmarais, etc. Feito por ordem do ex.mo cardeal de Rohan, ordenado por um genio amante dos progressos dos estudiosos d'este idioma.* Treveux. Na officina de Antonio Ginião, 1776. 8.°, 342 pag.

506) GRAMMATICA PORTUGUEZA. *Vocabulario em portuguez e malabar.* Tranquebar, 1733.

507) GRAMMATIK PORTUGUESISCHE. *Francfort, by Carl Gottlieb.* Etrauss, 1778.

508) GRANADA (Fr. LUIZ DE).—Celebre escriptor ascetico, frade da ordem de S. Domingos.

Nasceu em Granada [1] no anno de 1504, e falleceu em Lisboa no de 1587. Jaz ao entrar a porta travessa em S. Domingos de Lisboa.

E.—I. *Compendio da doutrina christã, recopilado de diversos auctores, que d'esta materia escreveram, pelo R. P. F. Luiz de —, provincial da ordem de S. Domingos.*—Accrescentaram-se ao cabo treze sermões das principaes festas do anno pelo mesmo auctor. Foi impresso em Lisboa, em casa de Joannes Blavio de Agripina Colonia. Anno 1559. 4.°, 174 fol.

509) GRANDPERE (LOUIS MARIE JOSEPH OLIVIER).

E.—*Voyage à la cote Occidentale d'Afrique, contenant la description des mœurs, usages, lois, gouvernement, et commerce des états du Congo, etc., et une*

[1] Fr. Luiz de Sousa - *Historia de S. Domingos*, liv. 5.°, cap. 12.°

Digitized by Google

discussion où l'on examine si les anciens avaient doublé le promontoire du Cap de Bonne Esperance avant les Portugais. Paris, 1801. 2 vol.

510) GRANT.

E.—*History of Brasil, comprising a geographical Account of the Country a narrative of remarkable events.* (Historia do Brasil).

511) GRAVIO (CADABALE).

E.—*De Ichthyotyrannide. Lib. in lusitanorum regum gratiam et commendationem.* Coloniae Agripinae. 1563. (Da tyrannia dos peixes. Livro em obsequio e louvor dos reis de Portugal).

Não pude encontrar este livro, por isso nada posso mais dizer. Talvez seja alguma obra graciosa.

512) GRENAILLE (CHESTONNIERES DE)

E.—*Mercure Portugais, ou relations politiques de la fameuse révolution d'Etat arrivée en Portugal depuis la mort de D. Sebastien jusqu'au couronnement de D. Jean IV à présent régnant.* Paris, 1643. 8.°

513) GREVILLE (Lord GEORGE).

E.—*Portugal. A poem. in two cantos.* London, 1812.

514) GRYSLEY)GABRIEL).—Allemão que veiu estabelecer-se em Lisboa no reinado de D. João IV.

E.—*Desengano para a Medicina, ou botica para todo o pae de familias. Consiste na declaração das qualidades e virtudes de 260 hervas, com o uso d'ellas: tambem de 60 aguas estiladas, com as regras da arte da estilação. Dirigido ao illm.° senado da camara de Lisboa,* por Henrique Valente de Oliveira, 1656. 8.°, 182 folhas.

II. *Viridarium Lusitanicum Ulysipone.* 1661.

Id. nominibus Linneanis illustratum a Dominico Vandelli. Olyssipone, 1789.

515) GROGNARD (Sieur P. CHAPELAIN DE M. R.)

E.—*La couronne du Portugal ou la perfaite connoissance de ses royaumes, conquêtes, loix, maximes, interets, etat presant etc. Avec un abregé de son histoire, et un traité curieux de la marine: du change de Portugal et du mariage de S. A. R. Le tout recueilli en abregé pour servir d'instruction à ceux qui auront l'honneur d'être à son service. Par le —.* A Turin, 1682. Chez Barthelemy Zappate. Avec permission. 12.°, 254 pag.

É dedicada esta obra a D. Diogo de Carvalho Cerqueira, enviado extraordinario de Portugal a sua alteza real.

Faz o auctor os maiores elogios a Portugal chamando-lhe um dos mais bellos paizes do Universo, e á cidade de Lisboa um dos mais bellos theatros do mundo. A fertilidade das margens do Tejo parece incrivel. Palmella é um logar de delicias e pode-se dizer que é um logar encantado (pag. 56.) A provin-

Digitized by Google

cia d'Entre Douro e Minho é um pequeno paraiso terreal. São n'ella os alimentos tão bons, que ali se vive muito tempo. N'uma palavra a Portugal nada falta, seja o que fôr.

«Não custa a conhecer a nação portugueza, se se reparar na historia de suas emprezas, nas suas victorias, gloria e conquistas.

«São os portuguezes ordinariamente mais propensos á navegação, ao commercio, á guerra, do que ás bellas lettras, apesar de serem elles dotados d'um espirito subtil. O que para isso mais contribue, é o exemplo de seus avós, que por aquelles meios estabeleceram suas casas e serviram ao rei para augmentar a gloria e forças do estado. Tem-se visto que souberam fazer para as consolidar e conservar tão bellas conquistas nas costas d'Africa, Asia e em o Novo mundo. Commerceiam com todos os povos do septentrião e enriquecem-se em pouco tempo.» (Pag. 63.)

«São mais cortezes que os castelhanos, cujo orgulho lhes pareceu sempre intoleravel. São tambem homens muito expertos, civis e proprios para tudo.

«As conquistas d'este reino estendem-se a mais de cinco mil leguas de costa, e como os portuguezes teem querido tornar-se por toda a parte senhores do commercio, todas suas praças estão á borda do mar, onde seu principe, que é conhecido em todas as quatro partes do mundo, tem varios reis por vassalos e tributarios com a commodidade de fazer vir para a Europa as mais raras e preciosas mercadorias do Oriente.»

Desde pag. 66 até 88 é a lista das possessões portuguezas nas differentes partes do mundo. «Póde-se dizer, exclama o auctor, que não ha nação na Europa que seja tão poderosa, tão rica e tão estimada como o é a portugueza nas Indias orientaes, quer isto provenha da pesca das perolas, e das conquistas que soube ganhar e conservar tão gloriosamente, quer de sua maneira de proceder, mais affavel que a dos hespanhoes, e de sua habilidade admiravel em todas as coisas.

«Castella deve sua liberdade aos reis de Portugal (pag. 181), cujas armas mais contribuiram do que as d'ella a expulsar os mouros dos reinos de Granada e de Andaluzia, e a desviar as conquistas que seus miramolins poderiam emprehender, se os portuguezes não se tivessem opposto a seu furor, etc.

«O reino é muito povoado, e todos os portuguezes aguerridos. D'aqui sairam grandes exercitos, e a nação povoou colonias muito notaveis, mesmo antes da conquista da India, e apezar de ter sido Portugal em todos os seculos um campo de batalhas ou de revoluções. Seus reis sustentaram só com as forças do paiz guerras contra os mouros e castelhanos, e outros visinhos que tinham um numero quasi infinito de soldados. Ampliaram os limites do paiz, e levaram ao cabo emprezas, que uma parte da Europa nem mesmo teria ousado emprehender. Povoaram as costas d'Africa, as Indias Orientaes, o Brazil, e para alli continuam a mandar annualmente mais de seis mil homens.....» Em quanto a marinha Portugal é a primeira nação do Universo (pag. 198). Os navios são tão bem construidos, e a habilidade dos marinheiros ajuda tão bem a coragem dos soldados e os projectos dos generaes, que com justa rasão a esquadra de Portugal é o terror das Indias, e por isso alli conserva praças afas-

Digitized by Google

tadas umas das outras, e no meio de tantos reis inimigos. A causa d'isto é que o numero dos navios em serviço da corôa é extraordinario; e se todas estas esquadras se unissem á frota que anda a crusar por aquelles mares ás ordens de S. M. Portugueza seria uma frota capaz de fazer tremer uma infinidade de povos.»

516) GUALTIERI (G.)

E.—*Relazione della venuta de gli ambasciatori Giaponesi à Roma, fino alla partita de Lisbona. Con una descrizione del loro paesi e costumi e con le accoglienze fatte loro da tutti i principi Christiani per dove sono passati.* Venezia, 1586.

517) GUATTANI (G. A.)

E.—*Pompa funebre par le solemni exequie di Maria Isabella di Braganza, regina delle Spagne et delle Indie, fatte celebrare in Roma da S. M. C. l'augusta consorte Ferdinando VII.* Roma, 1820, fol. max. Com magnificas estampas. Existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

518) GUATTINI E CARLO.

E.—*Viaggio nel regno del Congo.* Venezia, 1679, Reggio, 1672. Bologna, 1678. Em francez. Lyon, 1680.

519) GUÉNÉE (ABBÉE).

E.—*Lettres de quelques juifs portugais, allemands et polonais a M. de Voltaire, avec un petit Commentaire, extrait d'un plus grand, à l'usage de ceux qui lisent ses œuvres: suivies des Memoires sur la fertilité de la Judée par —. Dixième édition revue, corrigée d'après les manuscrits de l'auteur, et augmentés d'une table alphabétique et raisonnée des matières et des notes qui mettent cet ouvrage en rapport avec les œuvres de M. de Voltaire, imprimées à Kiel, ou leurs réimpressions,* Lyon, 1819. 3 vol. 8.°

As cartas de alguns judeus portuguezes são obra de Isaac Pinto, judeu portuguez. Estas cartas foram muito apreciadas, e teem por fim corrigir os erros que formigam nas obras de Voltaire, sempre que falla da religião judaica. Seguem-se depois as cartas dos judeus allemães e polacos, dirigidas ao mesmo fim. Veja-se a Biographia de Guenné, que precede esta edição.

520) GUERRA (LA) DELLA PENISOLA *sotto il suo vero punto di vista ossia lettera al Sig. Abbate F.... riguardo alla storia dell'ultima guerra publicata recentemente in Firenze. Con un Appendice, ed una Tavola Cronologica degli Avenimenti piu memorabili dall'anno* 1803 *al* 1814. 4.°, 253 pag. Italia, 1816.

O auctor pretende mostrar por occasião de censurar alguns erros que se encontram na historia da referida campanha escripta por Du Pradt, que os serviços prestados pelos portuguezes foram muito mais importantes, e contribuiram muito mais não só para a independencia da Peninsula, mas até para a queda de Napoleão, do que os dos hespanhoes. *Todo o continente Europeu*

Digitized by Google

chegou a estar debaixo do dominio do imperador dos francezes á excepção de Portugal.

«As tropas portuguezas foram um modelo de firmeza, regularidade e rapidez de movimentos, todas as vezes que se viram em frente das tropas francezas.» Pag. 9.

«Napoleão resolveu mandar em 1810 para Portugal um exercito de 115.000 homens sob o commando de Massena. E se elle poude destacar aquelle numero de soldados para fazer a conquista de Portugal, se durante os dez mezes d'aquella invasão não houve algum outro acontecimento notavel na Peninsula, nem os hespanhoes fizeram algum movimento para se approveitarem da diversão do marechal Massena e da de Soult, que tinha recebido ordem de se apossar de Badajoz e occupar a parte meridional do Tejo em Portugal, era evidente ser Napoleão senhor da Hespanha nos annos de 1809–1810–1811, como o era do resto do continente. Por isso em vez de considerar debaixo d'um ponto de vista secundario os acontecimentos de Portugal, e dar toda importancia aos movimentos da Allemanha, devia o auctor considerar n'aquella época a causa de Portugal, como a causa do continente inteiro.

«Por occasião da batalha de Barrosa, dada perto de Cadix a 5 de março de 1811 desenganaram-se os inglezes da possibilidade de formar um exercito hispano-inglez. D'aquella época por diante não pensaram mais os inglezes em entrarem sosinhos na Hespanha, e depois da retirada de Massena em maio de 1811 só houve o exercito Anglo Luso, que figurasse no referido paiz. A este de longe a longe se uniu algum pequeno e insignificante corpo hespanhol, mas em geral os hespanhoes operavam somente como guerrilhas; e depois de 1809 pode-se dizer que mui pequena parte tiveram nos brilhantes successos da guerra. Nenhuma, por exemplo, na batalha do Bussaco a 27 de setembro de 1810, e em todo o tempo da invasão de Massena.

«Nenhuma nos assaltos de Ciudad-Rodrigo, e de Badajoz no anno de 1811.

«Muito pouca e debil na batalha de Albuera a 16 de maio de 1811.

«Quasi que nenhuma na de Salamanca a 21 de julho de 1812.

«Muito pouca na de Victoria a 21 de julho de 1813.

«Nenhuma no assalto de S. Sebastião.

«Pouquissima em diversas batalhas de Pamplona e dos Pyrineos.

«Muito pouca em differentes refregas em torno de Bayona.

«Muito pouco na batalha de Orthez a 13 de fevereiro de 1814.

«Pouca na de Tolosa a 10 de abril de 1814.

«Por conseguinte o auctor da Historia representa-a debaixo de falsas cores quando omitte fallar dos triumphos de lord Wellington em Portugal, e dos esforços dos portuguezes, que foram o primeiro passo decisivo para o livramento do continente. Quando faz figurar um exercito anglo-hispano, que nunca existiu, e passa em claro o exercito anglo-luso.

«Lord Wellington, quando chegou a Portugal, escreveu aos ministros inglezes, dizendo-lhes que lhe parecia surprehendente a insurreição de Portugal, pois aos hespanhoes ainda restavam algumas tropas e todos seus arsenaes, ao passo que aos portuguezes nada que tal nome merecesse.

Digitized by Google

«A *Historia de Portugal* em quanto a este ponto desafia o calculo e a sagacidade dos mais habeis politicos. Esta nação em todos os tempos se mostrou bellicosa e propensa a defender sua patria, e todas as vezes que tem sido bem dirigida, tem obrado prodigios na guerra; duas vezes esteve sem offerecer resistencia em 1580 e 1807, e duas vezes se insurgiu contra o inimigo que a molestava, e em ambas foi bem succedida.» (Pag. 65)

Depois de impresso o presente artigo vim no conhecimento de que este livro é trabalho de um general portuguez.

521) GUERRA (PADRE JOSEPH).

E.— *Padre Retter. Vida y virtudes de la Señora D. Maria Anna, reyna de Portugal, traduzida por* —. Madrid, 1757.

522) GUEVARA (LUIZ VELEZ).

E.—*Comedia Famosa.—Reyna depues de morir. Inez de Castro.* Barcelolona, 1768,

523) GUIA DE CARRERAS DE CABALLOS *en Andalucia y Portugal*, 1874. Malaga, imprenta de Ramon Párraga, 8.°

524) GUINGRET (M.—) Chef de bataillon en demi-activité, et officier de l'ordre royal de la Legion d'Honneur.

E.—*Relation historique et militaire de la compagne de Portugal sous le maréchal Massena, prince d'Essling. Contenant les opérations militaires qui se rapportent à l'expedition de Massena, et les divers faits de l'armée de Portugal, jusqu'à la fin de la guerre d'Espagne. Par*—. Limoges. Mai, 1817, 8.° gr. 271 pag.

«É Portugal um dos paizes mais montanhosos e mais pittorescos; regado e fecundado por alguns rios magestosos, ornado de bosques e florestas, sendo tambem cortado por pequenos ribeiros e torrentes, que engrossam prodigiosamente com as menores chuvas. N'elle se veem logares os mais pittorescos e risonhos junto de vistas da maior aridez.»

«Apesar da antiga reputação de bravura dos hespanhoes, e de nos terem por bastante tempo causado muito mal, todavia não mostraram contra nós uma coragem tão activa, como a dos portuguezes. Nos ultimos tempos as tropas d'estes rivalisavam em valor com a melhor infanteria ingleza.»

«Citarei o sangue frio de alguns artilheiros portuguezes no cerco de Almeida, que tendo tido a felicidade milagrosa de sobreviverem á explosão, continuaram a disparar suas peças, em quanto os destroços da praça ainda voavam, e ameaçavam esmigalhal-os. Gostamos de admirar a coragem, mesmo em nossos inimigos.»

«Em geral todos os chefes inimigos que commandaram praças na Hespanha, ou em Portugal, adquiriram muita gloria. Quasi todos desenvolveram grande coragem, mostraram uma dedicação rara, e deram provas do mais nobre desinteresse durante suas defezas. Parecia que quanto menos esperavam

Digitized by Google

soccorro, tanto maior pertinacia mostravam. Um comportamento militar tão bello em nossos inimigos, realça a gloria dos chefes francezes que foram encarregados de lhes tomar as praças.»

«Passámos por Mangualde, pequena, mas bonita povoação. As plantas e arvores indigenas, que embellezam este logar, concorrem a tornal-o mais delicioso aos olhos do estrangeiro. Começamos aqui a encontrar monumentos de utilidade publica, monumentos muito raros na Hespanha, onde ainda menos existiam antes do reinado de Carlos III.

«Além dos monumentos de utilidade publica, as diversas fabricas, e as boas livrarias que se acham tão frequentemente nas cidades, e até nas villas, onde os principaes habitantes teem sempre porção de excellentes obras em varias linguas; os instrumentos de mathematica, physica, astronomia, marinha, que vemos frequentemente em Portugal, e cuja fórma se ignora mesmo na Hespanha, tudo isto parece attestar que a nação portugueza está muito mais adiantada que a hespanhola. Pode provir esta differença em parte por exercer a inquisição um despotismo menos fanatico em Lisboa, do que em Madrid. Em toda a parte onde os padres reinam exclusivamente, o erro tem seus altares, e a verdade encontra barreiras inexpugnaveis.» Pag. 44.

«Massena e Wellington attrahiram as attenções da Europa inteira: um veiu macular em Portugal uma reputação brilhante adquirida por vinte annos de victorias; o outro na mesma campanha começou a aureola d'um nome tornado depois illustre na guerra, mas ao qual a lisonja, espirito de partido e villeza de alguns escriptores assalariados quizeram collocar n'uma altura excessivamente elevada pondo-o a par com os maiores capitães. O vulgo enthusiasta e ignorante exagerou egualmente as qualidades e defeitos d'estes dois homens celebres.» Pag. 68.

«Durante o inverno tinha eu supportado noites bem terriveis na Allemanha e na Polonia, mas aquella, em que deixámos a posição do Bussaco é uma das épocas de minha vida, em que fui mais penosamente affectado. A marcha lenta e grave de nosso exercito occupada em transportar seus numerosos feridos em macas, offerecia o aspecto d'uma longa fileira de accompanhamentos funebres. O silencio melancolico da obscuridade era perturbado pelo ranger surdo e lugubre das carretas de artilheria. Alguns infelizes soldados esforçavam-se em vão para reprimir a expressão de seus soffrimentos: os gritos enternecedores, meio comprimidos pelos esforços da coragem, fugiam de vez em quando, do fundo de suas entranhas, e faziam estremecer compassivamente o coração menos sensivel. Os cadaveres d'aquelles, cuja morte terminava os males no meio d'esta marcha lugubre, lançados para a borda das covas, serviam para fazer reconhecer o caminho atravez da obscuridade ás tropas, que nos seguiam. Os gritos agudos das aves de rapina, que fugiam de seus esconderijos, e abandonavam seus ninhos á medida que avançavamos, e das quaes algumas acompanhavam atrevidamente o exercito por appetecerem sua presa, accrescentavam alguma coisa de sinistro a esta scena.» Pag. 79.

«Avistámos então o convento do Bussaco, do qual tinhamos distinguido uma parte da torre no dia da acção. Os religiosos d'este mosteiro tinham recolhido

Digitized by Google

e tratado com a maior humanidade os feridos do nosso exercito que tinham ficado no campo de batalha, a distancia fóra do alcance do soccorro, que nós lhes tivessemos desejado dar. Em muitos logares de Hespanha os frades tel-os-hiam matado em vez de diligenciarem sua conservação.» Pag. 70.

«Uma circumstancia bem particular d'esta guerra, e da qual nunca se fallou, é que chegou a relaxação até ao ponto de vender mulheres! Trocavam-se até por viveres e por cavallos: jogou-se ás cartas uma rapariga contra um objecto de luxo. Até um empregado do commissariado me sollicitou mui seriamente de lhe ceder por duas onças de ouro a propriedade de uma mulher, que se tinha refugiado na villa do meu commando.» Pag. 127.

«Tinham-se descoberto tantos esconderijos, que se não encontravam mais nenhuns; ou pelo menos os que ainda existiam tinham sido feitos com um cuidado tal, que era quasi impossivel dar com elles. O tacto, que nossos soldados tinham adquirido pelo habito, falhava cada vez mais: e as necessidades augmentavam gradualmente de maneira horrivel. A penuria era tão grande que tornava nossos soldados insensiveis e crueis, tentaram torturar os habitantes obstinados, que podiam apanhar com o fim de lhes fazer declarar os esconderijos de que tinham conhecimento. Este meio, d'uma barbaridade inaudita, aproveitou-lhes, e o exercito inteiro viveu algum tempo das confissões arrancadas por meio da tortura! Soldados, que nas circumstancias anteriores tinham mostrado sentimentos generosos, contavam então a sangue frio estas abominações.»

«Se a historia fallar um dia a respeito d'estas atrocidades, lembre-se que só restava ao exercito de Portugal commandado pelo principe de Esseling (Massena) este unico e ultimo meio para não succumbir ás agonias da fome, e isto ao passo que o exercito anglo-luso vivia na abundancia.»

«É com injustiça que se attribue a expulsão dos francezes da Hespanha aos hespanhoes: devem principalmente o livramento de sua patria ás forças de Inglaterra, e ás de Portugal.

«Estavam os hespanhoes mergulhados n'um somno apathico, quando uma perfidia inaudita lhes roubou Fernando VII. O despertamento foi terrivel. A indignação transformou de repente na peninsula o espirito de fanatismo em furor guerreiro. Numerosos exercitos se formaram; fortificaram-se á pressa muitas cidades e conventos, por toda a parte ouviram-se canticos patrioticos, misturavam-se com os hymnos consagrados á Divindade. Com o sentimento profundo da justiça de sua causa todos os hespanhoes levavam no coração a confiança da victoria. No emtanto não poderam resistir á superioridade, que o habito de vencer tinha dado a nossos soldados. Os exercitos hespanhoes vencidos logo que eram atacados; desappareciam diante de nós como areias assopradas pelo vento. Sanguinolentas derrotas, a queda de Saragoça affrouxaram os energicos esforços dos povos de Hespanha. Esta nação vilipendiada renunciou então em parte ao plano de defeza activa que tinha abraçado ao principio, e oppoz sua inercia natural á invencibilidade dos francezes.»

«No emtanto os destroços dos exercitos hespanhoes, numerosos corpos milicianos commandados por generaes patriotas; bandos de guerrilhas, á frente

Digitized by Google

das quaes se achavam contrabandistas, aventureiros e mesmo antigos chefes de salteadores conseguiram manter continuamente a maior parte das provincias n'um estado de guerra vantajoso á causa da nação. Os hespanhoes teem coragem, porém exagerou-se muito o valor que mostraram na ultima guerra. Os elogios excessivos que lhes prodigalisaram não são devidos mais que á sua perseverança, virtude inherente á sua vaidade.»

525) GUIZOT (Mr.). Escriptor francez contemporaneo muito conhecido.

E.—*Du gouvernement de la France depuis la restauration et du ministère actuel par —. Quatrième edition, revue, corrigée et augmentée d'un avant propos et d'une note sur les revolutions d'Espagne, de Napoles et de Portugal.* Paris.

526) GUMIEL (PABLO —.) Natural de Cuenca.

E.—*La victoria que tuvo Don Alvaro Baçan, marques de Santa Cruz contre Felipe Stroço en la isla de San Miguel a 26 de julio de 1582.*

É obra muito rara.

527) GUTHNICK, HOCHSTER E GIGAX.

E.—*Uebersicht der Flora der Azcrischen insel — no Wiegmanns Archiv. fur. naturg.* 1843 [1].

Vid. *Seubert (Mauritius).*

528) GUTHRIE (G. J.)

E.—*Commentaries on the surgery of the war in Portugal, Spain, etc.* London, 1853. (Commentarios a respeito da cirurgia militar, etc.)

529) GUTIERREZ (GARCIA).—Dramaturgo hespanhol.

E.— *Afectos de odio y amor.*

D'esta obra dá-nos noticia o sr. Pinheiro Chagas a pag. 79 do seu livro intitulado *Madrid.*

«A scena passa-se em Portugal em 1580. D. Diogo de Tavora é um portuguez, que vive em Evora com uma filha e uma pupilla, Ignez e Theodora. Cada uma d'ellas está occultamente apaixonada por um capitão hespanhol dos terços do duque d'Alba. Entra o seu terço em Evora, e ambas reconhecem que o seu namorado é o mesmo. D'aqui resultam ciumes entre as duas, e na patria nenhuma d'ellas pensa, nem sequer ao menos para sentir no fundo do coração um ligeirissimo remorso. Pelo contrario Theodora chama insolente ao povo portuguez, que accusa de atrocidades os castelhanos, e ambas desejam que o prior de Crato se affunde por uma vez no Douro, e que essa guerra acabe com a victoria de Philippe II. Accompanha-as n'esse desejo a sua creada Beatriz, que tambem traz amores com o camarada do capitão em conformidade com os velhos imbroglios, a que o theatro hespanhol é mais fiel do que seria para desejar.....

[1] Morelet.— *Les Açores*, pag. 11.

Digitized by Google

«Não censuramos o sr. Garcia Gutierrez pelo altivo escarneo, com que trata a frouxa resistencia do povo portuguez a Philippe II: o nosso orgulho não se revolta, ou pelo menos não se queixa. Em questões de arte não fazemos intervir um patriotismo deslocado; mas o que nos impressiona, revelando-nos mais uma vez o defeito caracteristico do theatro hespanhol, é a negligencia no estudo das paixões, na investigação psychologica; é esse castelhanismo declamatorio, que substitue a linguagem da verdade e do sentimento, pelo pomposo e muitas vezes admiravel lyrismo das apotheoses da honra hespanhola, e da grandeza de Castella. *Amor, honor y poder* é o titulo de uma peça de Calderon, e pode tambem ser o eterno mote glosado pelo theatro hespanhol.»

530) **GUYON (JEAN LOUIS GENEVIÉRE).** Cirurgião francez.
Nasceu em abril do anno de 1794, em Albert (Somme).
E.—*Un mot sur la fievre jaune de Lisbonne en* 1857.[1]

[1] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 840.

Digitized by Google

H

531) **HADFIELD (WILLIAM).**

E.—*Brazil, the River Plate and the Falkland Irland etc., including notices of Lisbon, Madeira etc.* London, 1854, 8.º

532) **HADET (MARIE ADELAIDE RICHARD).**

E.—*La vierge de l'Indoustan ou le portugais au Malabar.* Paris, 1816-1821. 4 vol.

II. *Les portuguais proscrits ou le dominican ambitieux.* Paris, 1821-1823.

Não vi as mencionadas obras, mas creio serem romances.

533) **HAEBERLIN (CHARLES LOUIS).**

E.—*Romantische Erzaehlungen aus Portugal Geschicht.* Franchfort, 1834. (Contos romanticos extrahidos da Historia de Portugal).

534) **HAERLEMS SCHUYT PRAETIEN** *op't Reders vande West—Indische Compagnie. Gedruet op't Jaer,* 1649. 12 folhas.

535) **HAGEMEIER (JOACHIM).**

E.—*Epistolae IX de statu Hispaniae et Portugalliae.* (Nove cartas a respeito de Hespanha e de Portugal).

Não vi esta obra, e nada mais posso dizer a respeito d'ella.

536) **HALLER (CHARLES LOUIS).**

E.—*Etudes historiques sur les revolutions d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1840. 2 vol.

O proceder de D. Miguel e de sua mãe encontra um egregio apologista em Carlos Haller.

537) **HALLIDAY (ANDREW,** Dr. M).

E.—I. *Observations on the present state of the Portuguese Army as orga-*

Digitized by Google

nised by lieutenant general in W. Carr Beresford H. B. London, 1811. (Observações a respeito do estado actual do exercito portuguez.)

Eis o conceito que a respeito d'esta obra, tão fallada entre nós no principio do corrente seculo, fórma o *Jornal de Coimbra* (tomo 1.º, pag. 33).

«Temos á vista esta obra, e tambem a sua analyse escripta em reino estranho em dois jornaes differentes. Um, pertencente ao mez d'outubro, comprehende-a em 6 paginas; não duvida da exactidão das observações e factos, que Halliday refere sobre o commissariado e a repartição dos hospitaes do exercito portuguez; deixa aos medicos portuguezes o defender-se da proposição de Halliday — *Em Portugal os medicos parecem em pratica de sua profissão estar um seculo atrasados do resto da Europa.* — O outro jornal, *Investigador portuguez em Inglaterra*, pertencente ao mez de dezembro, comprehende a em 50 paginas, das quaes só ao departamento medico-militar pertencem 42 e as 8 restantes abrangem tudo o mais.

«A obra, que temos á vista, foi escripta nos poucos momentos que os doentes e feridos deixavam a seu auctor; foi escripta no campo da batalha; foi impressa em uma mui curta licença, que elle obteve; e com tanta precipitação, que muitas folhas elle as reviu já para Portugal. Similhantes circumstancias não podiam deixar de dar de si muita imperfeição á presente obra; e seria talvez por isso, que Halliday acha necessario publical-a segunda vez.

«O nome de Halliday nunca se ouviu entre os litteratos. Medicos portuguezes, só os da Figueira e Abrantes (não sei se algum mais) tiveram com Halliday relações, que por caridade, que elle todavia não merece, devem occultar-se. A obra de Halliday não seria conhecida em Portugal senão na capa, e só das pessoas que por civilidade lha acceitassem, se o *Investigador Portuguez* lhe não désse um vulto tão grande; se não repetisse suas opiniões; se se não encarregasse de as refutar tão fundamental e extensamente, etc. Se na obra de Halliday ha verdadeiros insultos a Portuguezes, o *Investigador* é o culpado na sua leitura, na sua publicação em Portugal, e talvez na Inglaterra.

«Faltou a Halliday o tempo, crêmos nós, para se informar das coisas portuguezas mais triviaes, de factos que ninguem ignora. Diz Halliday que foi em 1802 a nossa ultima campanha com a Hespanha; e ella foi em 1801: a paz de Badajoz assignou-se, acho, que em 6 de julho d'aquelle anno. Chama D. Affonso ao duque marechal general n'aquella campanha: era o sr. D. João Carlos de Bragança, duque de Lafões, e não ha almanach que o não diga; não ha soldado, não ha portuguezes que o não saibam.—Julga o conselho de guerra composto de officiaes generaes com um ou dois desembargadores: talvez que Halliday quizesse dizer conselho de justiça; e então só havia a emendar que os desembargadores são agora quatro, algumas vezes tem sido cinco; menos que nós saibamos, nunca o mesmo almanach o mostra. Persuade-se que o conde Lippe foi desterrado de Portugal, entretanto que S. A. sahia d'este reino em tão boa amisade que em suas retiradas ia de caminho visitando regimentos e praças, voltou de seus estados aqui, fez o campo de instrucção nos Olhos d'Agua, e voltara mais vezes, se tão cedo não morresse; sendo tão constante a boa amisade, que aquelle homem grande nos conservou sempre, que em

Digitized by Google

seus estados, diz-se, até celebrava o anniversario natalicio do senhor rei D. José, mesmo de uniforme portuguez, e salvando das janellas de seu palacio com peças de artilheria e construcção e mimos portuguezes, etc.

Este mesmo vol. do *Jornal de Coimbra*, a pag. 402, nos dá a noticia de que Halliday fizera uma declaração no *Times* de 25 de abril de 1812 confessando: Que ha muitos erros na sua obra, os quaes elle se propõe corrigir na 2.ª edição, que vae dar da mesma obra: que sente muito ter, por falta de advertencia, publicado opiniões não só injustas e mal fundadas, mas offensivas á religião estabelecida e ao governo de S. A. R. o principe regente, etc.

Fez-se a promettida segunda edição da obra de Halliday, e ainda nos diz o *Jornal de Coimbra* [1]: «Interpretámos pela sua obra o espirito e o caracter de Halliday, e os factos nos tem mostrado que não foi mau o retrato que de Halliday fizemos.» Foi esta obra egualmente censurada no 5.º vol. do *Investigador Portuguez*, [2] e parece que por algum tempo o nome de Halliday se considerou entre nós como synonymo de charlatão e de mentiroso.

A nova edição tem o titulo seguinte:

The present state of Portugal, and of the Portuguese Army, With an epitome of the ancient history of that Kingdom, a sketch of the campaigns of the marquis of Wellington for the last four years; and observations on the manners and customs ef the People, agriculture, commerce, arts, science, and literature. By —. M. D. late assistant inspector of hospitals with the portuguese forces. Edimburg, 1812. 4.º

As inexactidões d'esta nova edição tambem veem censuradas n'um opusculo de P. J. A. de Macedo, intitulado—*Halliday.*

O mesmo auctor escreveu ainda o seguinte livro:

An historical view of the revolutions of Portugal since the close of the peninsular War, by an eye witness. 1827.

538) **HALLIWELL (JAMES ORCHARD).** Litterato inglez.
Nasceu em junho de 1820 [3].
E.—*Torrent de Portugal.* London, 1842.
Ignoro sobre que assumpto verse.

539) **HALM'S (FRIEDERICH.)**
E.—*Camoens. Dramatiches Godicht.* Wien, 1838. [4]

540) **HAMONIERE (G).**
E.—I. *Recueil de morceaux de prose en portugais et en français.* Paris, 1818.

[1] Tomo 3.º pag. 107 e seguintes.
[2] De pag. 190 a 242.
[3] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 851.
[4] *An extensive and unique collection of various editions of the Rimas, Obras and Lusiadas in the original Portuguese and other languages; biographies of the Poet and criticisme*, London, 1875, pag. 12.

Digitized by Google

II. *Grammaire Portugaise divisée en quatre parties, dont la première traite de la pronunciation, la seconde des différentes especes de mots; la troisieme de la syntaxe, et la quatrième de l'orthographie, et de la ponctuation, et de la prosodie. Avec un appendice contenant des remarques diverses; suivie d'un cours de themes, et d'un traité de versification. Par —. Seconde édition, corrigée et augmentée.* Paris. Bebée et Hingray, 1829. 8.°, 397 pag.

«O estudo da lingua de Camões, d'esse cantor immortal das proezas de seus compatriotas, não póde deixar de ter encantos para um litterato. Possue ainda esta lingua poetas e prosadores de um talento notavel, cujos nomes quasi ignorados na França, mereciam ser mais conhecidos. Em quanto a relações commerciaes é incontestavel a utilidade da lingua portugueza. Este idioma dos primeiros conquistadores da India é senhor de um vasto dominio nos dois hemispherios. Falla-se em Portugal, nas costas orientaes da Africa, n'algumas partes do continente da India, na maior parte das ilhas do Oceano Indico, e do mar da Africa, na Madeira, Açores e Brasil. O estabelecimento de uma monarchia independente n'este bello paiz, que por sua amplitude, posição, salubridade de seu clima e riquesas variadas de seu solo, deve aspirar a um crescimento rapido de população, e a brilhantes destinos, não póde deixar de dar ainda á lingua portugueza nova importancia.

«Tendo o estudo da lingua portugueza sido até ao presente pouco propagado na França, só duas grammaticas d'esta lingua foram publicadas; uma pelo abbade Dubois, e a outra por Sané. A primeira contém noções exactas sobre algumas partes da grammatica, porém o auctor despresou outras. A segunda não passa de uma traducção da grammatica portugueza escripta em inglez por Vieyra; contém principios muitas vezes inexactos, expostos sem ordem nem claresa, e é extremamente incompleta.»

541) HANS STADEN DE HOMBERG, EN HESSE.

E.—*Veritable Histoire et description d'un pays habité par des hommes sauvages nus, féroces et anthropophages, situés dans le nouveaux monde nommé Amérique, inconnu dans le pays de Hesse, avant et depuis la naissance de Jésus-Christ, jusq'à l'année dernière. Hans Standen de Homberg, en Hesse, l'a connu par sa propre expérience et le fait connaitre actuelment par le moyen de l'impression.* Marbourg, chez André Holbeñ. 1557.

Vem reproduzida esta curiosa viagem no 2.° vol. da collecção de Henri Ternaux. Segundo diz este compilador appareceu ella pela primeira vez escripta em allemão, em Marbourg, no anno de 1557. Foi traduzida em latim por De Bry, e inserta na terceira parte da Collecção das grandes viagens.

A passagem seguinte que se encontra a pag. 29 da traducção franceza mostra quão grande era n'aquelle tempo a navegação portugueza:

«Encontrámos depois cinco navios que pertenciam ao rei de Portugal: tinham ordem de esperarem junto das ilhas os navios que voltavam das Indias, para os comboiarem para Portugal. Ficámos com elles, e os ajudámos a comboiar um navio que chegava da India, até uma ilha chamada Terceira. Um grande numero de navios, procedentes todos do novo mundo, se tinham re-

Digitized by Google

unido n'esta ilha. Uns dirigiram-se para Hespanha, outros para Portugal. Deixamos pois a Terceira em companhia de perto de cem navios, e cheguei a Lisboa a 8 de-outubro de 1548, depois d'uma ausencia de dezeseis mezes.

542) HARCOURT (EDWARD VERNON).

E.—*Madeira. A Sketch of — containing information for the travellers or invalid Visitor.* London, 1851.

543) HARDUNG (VICTOR EUGENE).

E.—*Cancioneiro d'Evora publié d'aprés le manuscrit original et accompagné d'une notice litteraire-historique par —.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1875. 8.° gr. 77 pag.

«A memoria, ou folhas volantes foram ao principio os unicos archivos nos quaes os trovadores, os menestreis e os minnesingers allemães conservavam suas poesias e melodias. Quando o numero sempre crescente já não permittia reter a memoria d'ellas d'esta sorte, e que alguns espiritos esclarecidos encontravam bastante interesse em ler e estudar as producções d'estes cantores populares, começaram a recolher os textos dispersos, e organisaram collecções mais ou menos vastas.

«Assim se formaram, em quanto á poesia provençal, as celebres collecções do Vaticano, cod. 3206 e 5232, os manuscriptos 7226, 7614, 7693, 7698 da Bibliotheca Nacional de Paris, e o cod. 42 da Bibliotheca Laurenziana em Florença. Os cancioneiros de Heidelberg, de Benedictbeuren, de Wemgarten e do cavalleiro Manessi, que transmittiram á posteridade grande numero de canções dos minnesingers, deveram sua origem á mesma necessidade.

«Em Portugal, estas collecções de poesias, a que dão o nome de cancioneiros são mais numerosas do que em nenhuma outra nação, e possuem uma importancia fundamental para a historia litteraria d'este paiz.

«A poesia lyrica começou em Portugal, por onde ella terminou nos outros paizes, por uma poesia aulica, vinda do estrangeiro. E no reinado de D. Diniz chegou a formar uma escola independente.

«O *Cancioneiro d'Evora* pertence ao fim do seculo XVI, e foi provavelmente composto entre 1590 e 1600.»

544) HARLEY (CAPTAIN).

E.—*Veteran or forty years in the British service in Egypt, Spain, Portugal.* 2 vol. (Quarenta annos de serviço em Portugal, Hespanha, etc.)

545) HARTNACK (DANIEL).

E.—*Sanches aliquid sciens.* Stettin, 1665. (Sanches sabendo alguma coisa.)

«Francisco Sanches, medico portuguez, fallecido em Toulouse no anno de 1632, era filho de um medico, judeu de religião, que o levou para Bordeaux ainda de pouca edade.[1] Destinando-se para a mesma profissão, visitou parte

[1] F. Didot. *Biographie Universelle*, vol. 43, pag. 251.

Digitized by Google

da Italia, e tomou seus graus em Montpellier. A fim de viver separado das questões religiosas, que agitavam esta cidade, estabeleceu-se em Toulouse, onde professou a philosophia, e em seguida a medicina, e dirigiu por espaço de trinta annos n'aquella cidade o *Hotel de Dieu*. Bayle disse d'elle: *É um grande pyrrhonico*, o qual o avaliou ligeiramente, e só pelo titulo do seu primeiro tractado de philosophia — *De multum nobili et prima universali scientia quod nihil scitur*. Leão, 1581. Francfort, 1621. (Da muito nobre e primeira sciencia — *que nada se sabe*).

«Em vez de collocar Sanches ao lado de Montaigne e de Charron, convem mais fazer d'elle um precursor de Descartes. «Meu projecto, disse elle, é o fundar uma sciencia solida e facil, purificada d'essas chimeras sem base, que se reunem com o fim não de nos instruirem, mas de nos mostrarem o espirito do auctor.» Porém contentou-se com lavrar contra a philosophia e methodo de argumentação um libello de accusação em regra, e as objecções, que apresenta antecipadamente, encontram-se mais tarde, e com mais força em Bacon. Definiu a sciencia *rei perfecta cognitio*. Seu livro é de uma leitura agradavel, escripto n'um estylo variado e animado; lamenta-se que não tivesse acabado sua tarefa fazendo conhecer as verdadeiras bases da sciencia e do methodo, e que os relampagos do seu espirito, conforme a expressão de Tenneman, em vez de dissiparem as trevas, não tivessem servido mais do que a tornal-as visiveis. Ulric Wild tentou refutar o pretendido scepticismo de Sanches na these intitulada *Quod aliquid scitur* (Que tambem se sabe alguma coisa). Leipsick 1664, e foi por sua vez refutado por Daniel Hartnack na obra acima referida.»

546) **HARTUNG (GEORGE).**

E.—*Die Azoren in ihrer aüssern Erscheinung und nach ihrer geognostischen. Natur geschildert. Nebst einen Atlas.* Leipzik, 1860. 8.°

547) **HASSENSTEIN UND AUGUSTUS PETERMAN.**

E.—*Geographische Keunstniss von Kongo und Angola in Jahre*, 1862. (Noções geographicas sobre o Congo e Angola no anno de 1862).

Appareceu esta publicação no Mittheilungen de Peterman n.° 12 com um mappa do Congo.

548) **HAUTFORD (CH. V. D').**

E.—*Coup d'œil sur Lisbonne et Madrid en 1814, suivi d'un Memoire politique concernant la Constitution promulguée par les cortes á Cadix, et d'une notice sur l'état moderne des sciences mathématiques et physiques en Espagne. Ouvrage dedié au roi.* Paris, 1820. 8.°, 439 pag.

«O espectaculo de Lisboa, elevando-se em fórma de amphitheatro na direita do Tejo, offerece os mais bellos typos ao pincel dos Vernet, e ao buril dos Woolett. A bahia, que se abre abaixo de Lisboa, ancoradouro excellente para todas as sortes de embarcações, é formada pelas aguas do Tejo, que n'este sitio conta tres leguas de largura. A multidão de navios alli ancorados, o aspecto variado dos edificios, que se desenhavam a meus olhos, os diversos ac-

Digitized by Google

cidentes d'este quadro, produzidos pela natureza e pelas artes, cobertos por uma incommensuravel cortina do mais bello azul, mergulharam minha alma n'um d'esses extasis, cuja força creadora tem produzido as primorosas télas dos Vanden-Velde, Vroom, Borzoni e Salvator-Rosa admirados pela Europa em suas galerias.» Pag. 6.

«Merece especial menção a maneira como em Portugal trabalham na pedra produzida n'este paiz. Nenhum outro possue melhores materiaes para as construcções. Esta pedra é calcarea, e o marmore nobile de Linneo. A pericia dos habitantes para a lavrarem é pouco vulgar, e as obras que sahem de suas mãos, são de uma perfeição admiravel.» Pag. 13.

«No centro da praça do Commercio admira-se a estatua equestre em bronze, de Joseph I, obra de Joaquim Machado de Castro, e que assegura a este esculptor uma reputação immortal. Tropheus e grupos emblematicos, collocados aos lados do pedestal, executados pelo mesmo artista dão a este monumento um ar de grandeza que eu não observei nas estatuas equestres dos grandes duques Cosme e Fernando, que vemos em Florença nas praças do Palacio velho, e da egreja da Annunciada, pertencentes ambas ao cinzel de João Bologna.»

«Bartholomeu da Costa é o nome d'aquelle que fundiu a estatua de um só jacto, operação que merece elogios, attendendo á dimensão da figura do rei e do cavallo. As proporções d'esta estatua equestre são as mesmas que as da estatua de Luiz XIV na praça Vendome; mas a figura do rei Joseph é de onze pollegadas mais, o que provém do capacete.

Não tendo podido ver o mosteiro de Belem, nada posso fazer para satisfação de meus leitores senão reportar-me ao elogio, que d'elle fazem Fregier e Aviler: o primeiro na sua obra de Stereotomia (tomo 3.°, livro 4.°, parte 2.ª, pag. 28); e o segundo no seu Diccionario de Architectura, na palavra *Haedi*.»

«Hautefort teve o talento raro de descrever melhor Lisboa depois de uma residencia sómente de duas semanas, do que o fizeram outros viajantes depois de a terem habitado por muito tempo.».—Balbi. *Essai Statistique*, vol. 1.°, pag. 32.

549) HAY (Sir ANDREW LEITH).

E.—*A narrative of the Peninsular War, by* —. Edimburg, 1831. London, 1839. 8.°, third edition. (Narração da guerra peninsular.)

550) H. (COMES DE SOLMS-LAFBACH). Philos. doctor. socio ad espondendum assumpto, Knipling, stud., etc.

E.—*Tentamen Bryo-geographiae Algarviae regni Lusitani provinciae. Commentatio, quam consensu et auctoritate amplissimi philosophorum ordinis in Academia Fridericiana Halensi cum Vitebergen consociata pro venia legendi rite impetranda die* 16 *maii* 1868, *hora* 12, *in auditorio maximo una cum thesibus publice defendit. Halis.* Typis Orphanotrophei.

Trata esta obra das plantas do Algarve, e principalmente das cryptogameas.

Digitized by Google

551) HEATHER (W.)

E.—*A niew and complete pilot containing sailing directions for the Bay of Biscay, coast of France, Spain and Portugal.* London, 1804.

552) HEBBE.

E.—*Relation sur l'ile du Fayal.* Stockolm, 1804.

«O auctor, official da marinha sueca, é o mais antigo viajante, que forneceu informações circumstanciadas e dignas de interesse ácerca de paragens tão pouco frequentadas na época em que as visitou.[1]

553) HEERINGEN GUSTAVE DE).

E.—*Meine Reise nach Portugal, etc.* (Viagem em Portugal no principio de 1836 por —.) Leipzig, 1838. 2 vol. 8.°

554) HEMAN (Mistress).

Escreveu uma linda poesia intitulada *The Coronation of Inez de Castro*, a qual anda na collecção de suas obras poeticas.

Dá-nos esta noticia M.me H. Dujarday na sua obra—*Résumé des voyages des Portugais.* Tomo 1.° pag. 365.

555) HEMSO (JACOB GROBERG DE). Consul da Suecia em Tanger e correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.[2] Em maio de 1838 achava-se em Florença, segundo se vê do estado do pessoal da Academia n'este anno.

E.—*Indagações sobre a lingua dos Barbaros. (Memorias da Academia das Sciencias.* Tomo 5.°, parte 2.ª, pag. 49 a 56.)

556) HÉNAULT (CHARLES JEAN FRANÇOIS).

E.—*Abregé Chronologique de l'Histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1759. 1765. 2 vol.

557) HENDERSON (J.)

E.—*A history of the Brasil, comprising its geography, commerce, colonisation, aborigenal inhabitants.* London, 1821.

558) HENNEQUIN (PIERRE).

E.—*Cours de Litterature ancienne et moderne, contenant un traité complet de poetique extrait des meilleurs critiques et commentateurs: enrichi de sept cents notices sur les poetes les plus celebres de tous les temps et de*

[1] Morelet.—*Les Açores*, pag. 15.

[2] *Memorias da Academia*, tomo 5.°, parte 2.ª, pag. 25.—*Memoria interessante sobre a lingua dos Barbaros, vulgarmente chamados Berberes e Chillohes, que habitam as serranias do Atlas, e fallam dialectos differentes da mesma lingua.* Mi A\. Tomo 6.°, parte 1.ª, pag. 16.

Digitized by Google

toutes les nations: ouvrage orné de citations et de traductions de differents poetes en français, en latin, en grec, en russe, en anglais, en allemand, en italien, en espagnol et en portugais. Moscou, 1821. 4 vol.

559) HENRY (WILLIAM JOHN CHARLES). Commendador da ordem de Christo.

Nasceu em Londres a 27 de março do anno 1846. Veiu para Portugal como secretario do sr. conde da Carnota. Reside em Alemquer.

E.— *Alemquer e seu concelho.* Lisboa.

Traduziu para inglez um folheto composto pelo duque de Saldanha com o titulo de *Verdade.* Londres, 1872.

Acha-se actualmente compondo em portuguez um *Guia do Viajante na Europa.*

560) HERNOUX (CONTRE-AMIRAL).

E.—*Notice historique sur le Portugal.* Paris, 1851, 8.°

561) HEROS (D. MARTIN DE LOS).

Leu á Academia de Historia de Hespanha uma dissertação intitulada: — *Examen historico critico de la supuesta aclamacion del primer rey de Portugal en el campo de Orique, y falsedad de las cortes de Lamego.*

Dá-nos esta noticia C. Ximenes de Sandoval na sua obra intitulada: *Batalha de Aljubarrota,* pag. 7.

562) HERPORT (ALBERCHT).

E.— *Ostindianische Reisebeschreibung.* (Viagem ás Indias Orientaes.) Schleswig, 1669, fol. Amsterdam, 1670, 4.°

563) HERRERA (ANTONIO).

E.— *Cinco libros de la Historia de Portugal y conquistas de las islas de los Açores en los años de* 1582 *y* 1583. Madrid, 1591.

564) HERRERA (D. BERNARDINO).

E.—*Memorias historicas de los desposorios, viajes, entregas y respectivas funciones de las reales bodas de las serenissimas señoras infantas de España y de Portugal, la señora D. Carlota Joaquina Mariana Victoria en el año de* 1785, *escritas en seguinte de* 1786 *por* —. Madrid, 1787. Imprensa de Sanches, 250, pag. 8.°

565) HERRERA (FERDINAND). Um dos mais notaveis poetas hespanhoes, cognominado por seus contemporaneos *o Divino.*

Nasceu em Sevilha no anno de 1534, e falleceu em 1597.

Suas duas mais notaveis odes teem por assumpto a batalha de Lepanto e a morte do rei D. Sebastião na desastrosa batalha de Alcacer-Quibir. A tra-

Digitized by Google

ducção franceza d'esta ultima, que appareceu no *Magasin Pittoresque*, é da maneira seguinte[1].

Donnez-moi une voix de douleur, un chant de plainte,
Un esprit de terreur et de colère,
Pour eterniser le cruel souvenir
De ce jour fatal, abhorré,
Où la malheureuse Lusitanie pleure
Sa valeur trompée et sa gloire eclipsée
Que les larmes de l'histoire
Couvrent à jamais de tristesse et d'horreur
Les terres funestes qui s'etendent depuis le pied brulant de l'Atlas
Jusqu'aux lieux où la mer a eté rougie par le sang,
Et où les ardentes barrières de l'Orient
Et ses nations féroces ont vu reculer les etandards du Christ!
Qui sont ils devenus ceux qui, confiants en leur chevaux
Et en la multitude de leurs chars
Pénétrèrent dans tes deserts, ó Lybie?
Comptant sur leurs forces et sur leur courage,
Ils n'ont pas mis leur espoir dans l'eternelle justice;
Leur orgueil assuré
N'a attendu que de soi une victoire incertaine;
Et sans élever les yeux vers le ciel,
La tête haute, le cœur enflé,
Ils n'ont consideré que les depouilles;
Et le Dieu d'Israel a ouvert sa main
Et les a laissés aller, et tout est tombé dans l'abime,
Le char, le cheval et le cavalier.
Il est venu le jour affreux, le jour plein
D'indignation, de colère et de rage, qui a precipité
Dans la solitude et dans les gémissements
Tout un royaume desherité désormais de ses enfants et de sa joie.
Le ciel est demeuré obscur; le soleil
A voilé sa face pour présager un si grand malheur.
Entouré de ses épouvantes,
Le Seigneur a visité les orgueilleux
Pour les frapper et pour les humilier;
Et il a preté main forte aux Barbares,
Qui, etonnés de voir la partie egale,
Du moins n'ont pas mis leur courage
A conquerir de l'or, mais avec le fer rapide
Ont tiré la vengeance du ciel et ont puni ses fils ingrats.
Les infidèles, pleins d'une aveugle rage,
Ont tiré leurs epées inflammées

[1] *Magasin Pittoresque* de 1843, pag. 274.

Digitized by Google

Pour obscurcir l'éclat sans tache
De ta gloire et de ta valeur; et non contents
De t'avoir donné la mort, ils ont voulu ôter ta gloire,
O Lusitanie, désormais condamnée au malheur!
D'un front assuré,
Ils ont brisé sans crainte, avec un affreux carnage,
Tes escadres et ton courage.
Le sable s'est changé en un marais sanglant,
La plaine en une montagne de morts.
La force et l'audace ont passé tout entières d'un côté,
De l'autre la faiblesse, la peur, la honte.
Sont-ce donc lá les fameux,
Les forts, les intrepides guerriers.
Dont la colère a emu toute la terre?
Qui ont ebranlé tant de puissants empires;
Qui ont dompté tant de nations redoutables;
Qui dans leurs impitoyables guerres, ont changé en un désert
Tous les rivages que baigne la mer des Indes;
Qui ont renversé tant des superbes cités?
Que sont devenus leur grand cœur; leur hardiesse?
Comment ont ils perdu
Leur heroique valeur en un jour?
Ecrasés, loin de leur patrie,
Ils n'ont pas même reçu de sépulture.
Tel le cedre magnifique
Du haut Liban, couvert
De rameaux, de feuilles, touchant les nues.
Les eaux l'ont fait puissant;
Elevés au dessus des plus grands arbres,
Ses bras ont vu chaque jour croître
Leur force et leur grace;
Sous ses vastes abris, les oiseaux que nourrit l'immense ciel.
Ont suspendu leurs nids.
Dans les cavités de son tronc, il a vu naitre les animaux sauvages;
Il a offert sa tente et son ombre á tout un peuple de créatures;
En grandeur, en beauté,
Il etait sans rival sur la terre.
Mais aussi haut que sa verte cime
S'eleva son orgueil;
Plein d'une folle présomption,
Il n'a fait estime que de sa majesté;
Et Dieu l'a livré
A des mains impies, étrangères,
Qui l'ont coupé par la racine.
Celui qui faisait gémir sous son poids les hautes montagnes

Digitized by Google

Est etendu sans rameau, sans feuilles, dépouillé.
Les hommes qui vivaient sous son ombre
S'enfuient pleins d'effroi,
Et parmi ses ruines les oiseaux,
Les animaux féroces, cherchent encore leurs abris violés.
Mais toi, Lybie maudite, qui sur ton sec rivage
As vu la Lusitanie expirer,
Et son honneur finir avec elle,
Ne sois point vaine, et ne t'enfle point d'un fol orgueil.
C'est sans espoir, que ta main débile
A remporté cette victoire,
Indigne de souvenir;
Car si jamais une juste doleur excite à la vengeance
Le courage espagnol
Mise en piéces par ta lance acérée
Tu expieras par ta mort tes outrages,
Et tu seras forcée de payer ta dette de sang
A la mer epouvantée.

566) **HERVEY (C.)**

E.—*Lettres from Portugal, Spain, Italy and Germany in the years* 1759, 1760, 1761, 1762, 3 vol. London, 1785.

567) **HET NADERSTE ENDE SCHERSTE JOURNALIER** *Werhael ofte Copye van sekeren Brieff, gheschreven uyt Brasil, aen de cen Heeren Bewint hebberen der geoctayeerde West Indische Compagnye, ter Kamer vande Mase, nopende de treffelijcke ende laughgwenschte Victorye die Gordt Almachtigh ons verleent heeft, onder't wysselijck beleyt Syn: Excell: Graef Maurits van Nassau etc. in Brasil, tegen de machtige Vloot des Konings van Spangen, bestaend in* 88. *Zeylen, voor-ghevallen in de Maendt van Januario etc In's Graven-Haje.* 1640, 8 pag. sem numeração. (M. S.)

568) **HEZECQUES (RAYMOND DE),**

E.—*Isaias inter majores prophetas primus a R. P. Hieronymo Oleastro Lusitano, quondam Inquisitore commentarius illustratus.* Paris, 1622. (Commentario de Isaias, composto pelo padre Jeronymo da Azambuja, e illustrado por—).

569) **HILAIRE (GEOFFROY ETIENNE ST.)** Celebre zoologista francez. Nasceu em Etampes, no anno de 1772, e falleceu em 1844.[1]

Vejamos o que a respeito d'este homem tão celebre nos diz o *Magasin Pittoresque*.[2]

[1] Bouillet.—*Dictionnaire Universelle d'Histoire et Geographie. Supplement*, pag. 50.
[2] *Magasin Pittoresque*, vol. 16.°, pag. 173. *Id.*, anno de 1845.

Digitized by Google

GEOFFROY SAINT-HILAIRE EM PORTUGAL

«A missão de Geoffroy St. Hilaire em Portugal, que alcançou para nossas diversas collecções riquesas tão preciosas, póde ser citada como um dos mais bellos exemplos das vantagens positivas, que resultam da moderação e da humanidade no exercicio do poder. É cheia de incidentes de toda a especie, que fazem da sua narração um dos capitulos mais interessantes da historia d'este illustre sabio.

«Pela occupação de Portugal em 1807, o imperador, que jámais separava os interesses da sciencia dos da politica, quiz que um naturalista alli se dirigisse immediatamente para explorar as riquesas scientificas que a longa dominação de Portugal na America n'aquelle paiz accumulava. O enviado do governo francez devia visitar as collecções d'historia natural, e determinar quaes os objectos que poderiam ser transportados para Paris. A pedido de Geoffroy St. Hilaire, encarregado da missão, juntaram-se á historia natural não sómente todas as sciencias em geral, mas até as lettras e artes. Suas instrucções confidenciaes davam-lhe a este respeito poderes illimitados. Por uma determinação cheia de grandeza, e cujos resultados deviam amplamente mostrar toda a prudencia, Geoffroy St. Hilaire quiz que sua missão fosse egualmente util a Portugal e á França. As collecções de Portugal eram ricas em objectos trazidos pelos navegantes dos paizes longiquos, mas incompletas em outros objectos não menos importantes, desordenadas, mal classificadas: nosso sabio tendo concebido a idéa de levar comsigo varias caixas cheias de duplicados do museu que, inuteis aqui, se tornavam n'aquelle paiz do mais alto apreço, e por conseguinte de servir aos interesses da sciencia nos dois paizes ao mesmo tempo.

«Chegado a Lisboa, depois de ter estado a ponto de ser assassinado na Hespanha, que elle acabava de atravessar no primeiro fogo da insurreição contra os francezes, foi recebido de braços abertos por Junot, pois este ultimo fôra seu companheiro no Egypto, e que dispondo de um poder quasi absoluto, lhe assegurava antecipadamente toda a protecção, de que podesse carecer na sua missão. Deram-se ordens aos conservadores dos museus e bibliothecas do Estado e dos conventos, e até dos particulares, de communicarem ao commissario imperial todas suas riquezas, e de annuir a todos seus pedidos. Houve um susto geral: via-se já Portugal despojado de todas suas riquezas litterarias e scientificas. Porém o receio não durou muito. Geoffroy St. Hilaire começou por declarar que os depositos publicos ou dos conventos seriam todos visitados por elle, mas na qualidade de inspector. O rico convento de Nossa Senhora de Jesus foi o primeiro a receber sua visita. Deixou aos frades quanto tinham, e recebeu d'elles sómente alguns fosseis, cuja importancia estavam bem longe de apreciar, e algumas amostras de mineralogia, que possuiam em duplicado. Por isso bem longe de esconderem, apressavam-se a tudo lhe patentearem. Em S. Vicente de Fóra, estando a admirar os manuscriptos preciosos que vinham mostrar-lhe, crendo que esta admiração não era mais que o preambulo adocicado d'um pedido formal, apressaram-se de o prevenir, pedindo-lhe unicamente licença para ficarem com as copias. Vim, respondeu elle, organisar os estudos, e não roubar os elementos. Contentou-se com

Digitized by Google

fazer n'este convento o que fizera no outro. Porém os religiosos em sua alegria foram mais expansivos, e lembraram-se de lhe enviar um presente. «E' pena, disse Geoffroy, ao retirar-se; eu tinha vontade de ir-me despedir d'esses bons religiosos. Os gabinetes de historia natural pertencentes ao governo não tiveram menos que lhe agradecer. Tratava-se aqui dos bens do rei, e, apesar de mais livre, tambem não abusou. Estes gabinetes na occasião de sua chegada nada mais eram que um montão de objectos não classificados, offerecidos à curiosidade publica muito mais que aos estudos e investigações dos sabios. Na sua partida tudo estava mudado. A ordem methodica e os rotulos tinham sido introduzidos, e a preciosa serie de mineraes levada por elle de Paris, tinha sido trocada.

Não se contentou em proteger as collecções, protegeu tambem os sabios. A amisade de Junot lhe forneceu os meios. Muitos sabios affeiçoados á antiga ordem de coisas eram victimas da nova: tiveram desde então em Geoffroy St. Hilaire um confrade dedicado. Por isso um dos professores mais distinctos da universidade de Coimbra, o botanico Brotero, suspenso e privado de seus ordenados, tinha-se refugiado n'um arrebalde, onde vivia obscuramente, e em miseria extrema. Geoffroy corre a sua casa, faz-se seu advogado perante Junot, insiste, e nada consegue. Brotero recebe comtudo no dia seguinte uma parte do que reclamava, com um convite a que guardasse segredo. «O general, disse, nem mesmo quer que vós lhe agradeçais, pois o caso se divulgaria, e toda a gente reclamaria como vós.» Apesar d'este convite, o reconhecimento não o poude conter. Brotero escreve ao duque, que fica como furioso, pois toma estes agradecimentos, não merecidos, como uma ironia. Mas bem depressa a confissão do piedoso estratagema de St. Hilaire o commove e desarma, e concede o que até então obstinadamente tinha recusado.

«O mesmo caso se deu com Verdier, membro correspondente do Instituto de França. Gravemente compromettido pelos acontecimentos politicos do começo de 1808, estava no exilio, e Junot mostrava-se excessivamente irritado contra elle. Á força de pedidos, e de ter attrahido sobre si mais do que uma vez a colera do general, o nosso joven sabio obteve que finalmente o tirassem do exilio: e foi Verdier quem no anno de 1814 por um generoso impulso escreveu a relação dos serviços prestados à instrucção publica em Portugal por Geoffroy St. Hilaire.

«Mas de todas as bellas acções do mesmo genero, que foi permittido a St. Hilaire fazer n'esta época de commoções e de reacções, nenhuma recebeu uma mais tocante recompensa, que o serviço que teve a ventura de prestar ao arcebispo de Evora, ameaçado um instante durante a occupação d'esta cidade. Algumas semanas depois o arcebispo por sua intervenção omnipotente, salvava por sua vez os homens dos nossos postos surprehendidos pelo inimigo, e dirigia a Geoffroy St. Hilaire estas enternecedoras palavras: Lembrei-me de vós.

«Em seguida aos dias de triumpho, como se vê em quasi todas as coisas humanas, vieram os dos revezes. Junot, reduzido a dez mil homens, contra o exercito inglez desembarcado debaixo do commando de Wellington, viu-se obrigado a deixar Portugal. Geoffroy St. Hilaire, que figurava na desastrosa

Digitized by Google

batalha do Vimeiro como cirurgião militar, teve que seguir a fortuna de seu general, e foi levado para França n'uma fragata ingleza. Não se retirava com as mãos vazias, pois as tinha enchido muito gloriosamente. Os commissarios inglezes, logo depois da sua occupação de Portugal, tinham-lhe dado ordem de largar immediatamente todas suas collecções; mas, apoiado pela Academia de Lisboa, que tanto tinha que lhe agradecer em attenção aos perseguidos, agora poderosos, aos quaes tinha soccorrido, obteve que suas caixas lhe fossem deixadas, mas como objectos d'elle, ao passo que para prestar homenagem ao principio, abandonava quatro. E' o que praticou; mas abandonou quatro, que lhe pertenciam.[1]

«Não foi bastante ter levado as collecções para França: 1815 veiu ainda alli ameaçal-os. O duque de Richelieu, tomando a iniciativa, escreveu ao ministro de Portugal convidando-o a fazer valer seus direitos. A resposta de Portugal foi que nada se reclamava, porque nada havia a reclamar. «Os commissarios da Academia e os conservadores da Ajuda (diz o ministro officialmente) consideram que Mr. Geoffroy recusou usar da auctorisação que tinha obtido para escolher os objectos unicos: sómente pediu duplicados, e o que recebeu lhe foi dado em troca de objectos de mineralogia raros e desconhecidos em Portugal, que trouxera de Paris, e por causa do cuidado que teve com a classificação e rotulos das collecções deixadas na Ajuda.

«Eis indubitavelmente um documento unico nos actos diplomaticos de 1815, e que não dá menos honra a Portugal, que ao sabio francez.»

E.—*Note sur les objets d'histoire naturelle recueillis en Portugal.* (No tomo 12.º dos *Annales du Museum de Paris).*

570) HILAIRE (ROSSEUW SAINT).

E.—*A revolução de Portugal em* 1640, *Memoria apresentada á Academia das sciencias moraes e politicas* (Instituto de França).

Foi vertida em portuguez esta Memoria, e publicada no n.º 5727 do *Jornal do Commercio.*

«A revolução de Portugal é uma grande pagina da historia. Em todas as outras conspirações se vê as mais das vezes os interesses particulares cobrirem-se com a capa do interesse publico, e as más paixões occultarem-se por detraz das boas. Mas aqui os homens desapparecem, porque os acontecimentos lhes são superiores, e arrastam-os em logar de lhes obedecerem. Não ha

[1] As galerias do museu achavam-se enriquecidas com uma multidão de objectos de Malabar, Cochinchina e sobre tudo do Brasil, e mesmo com varias especies desconhecidas totalmente na sciencia até então, e que Geoffroy St. Hilaire foi o primeiro a descrevel-as, taes como os coriamas, e os cephalopteros. Porém não se tinha limitado á historia natural, e a Bibliotheca nacional deve-lhe um dos mais preciosos accrescimos de seus manuscriptos. E com um verdadeiro transporte (diz Mr. Pavie no seu relatorio ao ministro de instrucção publica ácerca d'estes manuscriptos) que vi offerecerem-se-me a meus olhos cartas de todos os soberanos, que governaram Portugal desde 1557 até 1715, D. Sebastião, o cardeal rei D. Henrique, Philippe II de Hespanha, Luiz XIV, Delphim, Carlos II de Inglaterra, etc. Ao todo cinco mil documentos originaes.»

Digitized by Google

duvida que Pinto é a mola principal d'aquella grande empresa, em que, á excepção do duque de Bragança, todos teem a sua parte de acção e de dedicação; mas o verdadeiro auctor da conjuração é o povo tomando a palavra na sua accepção mais lata; nobres, burguezes e artifices, todos se unem n'um accordo patriotico. Todos os interesses particulares se calam ante aquelle grande, aquelle immenso interesse, a resurreição da patria portugueza, saindo do tumulo para não voltar mais para elle. Raro e sublime momento, como se não encontram dois na vida de um povo, e que consola o historiador das cobardias e dos crimes, de que se compõe ordinariamente o sanguineo encadeamento da historia.»

571) **HILL OF CAMALVA** *containing sketches of Portugal, Spain, and part of France.* 3 vol. (Monte de — contendo esboços de Portugal, etc.)
Não pude encontrar esta obra.

572) **HIMMEL (FREDERIC HENRY).**
E.—*Vasco di Gama*, opera. Berlin, 1801.

573) **HINCKLEY (JOHN-ESQ.)**
Traduziu do allemão para inglez as viagens de Link com o titulo seguinte:
Travels in Portugal and through France and Spain with a dissertation on the litterature of Portugal and the Spanish and portuguese languages by Henry Frederick Link professor at the University of Rostock, and member of various learned societies translated from the German by — with notes by the translator. London, 1801.

574) **HINTS THO TRAVELLERS IN SEARCH** *of the beautiful and grand in Portugal.* London. (Guia para viajantes.)

575) **HISPANIAE ILLUSTRATAE** *sive rerum urbiumque Hispaniæ, Lusitaniæ, Æthiopiæ et Indiæ scriptores varii.* Francofurti, 1603. 4 vol. fol. (Varios escriptores da *Hespanha Illustrada*, ou dos feitos e das cidades de Hespanha, Portugal, Ethiopia, etc.)

576) **HISTOIRE** *de ce qui s'est passé au royaume d'Ethiopie ès années* 1624, 1625 *et* 1626 par G. Scion.
Histoire de ce qui s'est passé au royaume de la Chine en 1624, par V. Pantaleon.
Histoire de ce qui s'est passé ès royaume d'Ethiopie, par A. d'Almeyda.
Histoire de ce qui s'est passé au royaume de Thibet, par A. d'Andrade. *De la Chine*, par A. Diaz, *et du Tunquira*, par Baldinotti.
Ces quatre histoires tirées des lettres adressées au général de la Compagnie de Jesus, et traduites de litalien en français, par un pretre. Paris, 1629.

577) **HISTOIRE** *de ce qui s'est passé en Ethiopie, Chine, Brésil, tirée des lettres ecrites à M. Vitelleschi.* Paris, 1628-1629. 3 vol. T. Compans, pag. 156.

Digitized by Google

578) **HISTOIRE** *de la première decouverte et conquete des Canaries en* **1402** *par Jean de Bethencourt escrite du temps même par P. Bontier et Jehan Leverrier, et mise en lumière par Galien de Bethencourt: plus un traité de la navigation et des voyages et conquetes modernes, et principalement des François.* Heuqueville, **1630**.

579) **HISTOIRE DU PERE VIEYRA,** *jésuite portugais, missionaire dans l'ancien et le nouveau monde.* Lyon, **1875**. 8.°, **168** pag.

«.....Se a Egreja nas suas tribulações poude salvar do naufragio a milhares de seus filhos; se ella poude arrancar á heresia a Polonia, a Hungria, a Austria e as provincias Rhenanas etc.: se ella obstou a que o erro se introduzisse na França; se nos logares onde não lhe foi possivel salvar o principio catholico, fez com que pelo menos boiasse á superficie: n'uma palavra, se o que ella não poude subtrahir ao inimigo na Europa, o foi tornar a buscar na America, atraz dos passos dos conquistadores do Novo Mundo, a historia nos attesta, que n'esta lucta encarniçada os mais intrepidos combatentes, aquelles que incessantemente encontramos na brecha, e no mais furioso da peleja, são os filhos de Santo Ignacio. Sim: eis um facto historico dos mais certos; porém que, entre esses valentes athletas tenha existido um que, por sua pujante originalidade, tenha levado uma grande vantagem aos outros, é o que a historia ainda não disse, pelo menos na França, e é o que vamos tentar de lhe fazer confessar.

«O facho da discordia, uma vez arrojado pelos innovadores, os grandes christãos que reuniram seus esforços contra o fatal incendio, são grandemente benemeritos da religião e da humanidade. Abalisaram-se uns pela santidade, outros pela sciencia, todos por um zelo infatigavel: porém se, entre elles, quizessemos encontrar um, que pela incommensuravel fecundidade de seus recursos, se houvesse mostrado o digno antagonista do chefe dos sectarios, é bem de crer que nos vissemos obrigados a fixar nossas vistas no padre Vieyra. E com effeito, quanto mais estudamos o caracter, a vida, o genero de eloquencia, os sermões d'este fervoroso missionario, d'este formidavel combatente, mais ficamos convencidos que, homem contra homem, podia medir-se, com armas eguaes, com Luthero.

Porém, tanto Vieyra se parece com o coripheu do protestantismo pela natureza, e pela potencia de seus meios d'acção, quanto differe d'elle pelo uso que d'ella fez. Vieyra via tambem os abusos e as desordens reinando; para as extirpar atacava as paixões dos homens, e não a obra de Deus, a Egreja de Jesus Christo: tambem Vieyra detestava a oppressão, a tyrannia, mas não queria que a liberdade tivesse seus direitos, senão para mais consolidar os direitos da auctoridade. Todo entregue aos interesses da verdade e da justiça, sua grande dôr era vêl-os sacrificados a indignas preoccupações pessoaes: O' Luthero, exclamava Vieyra n'um dos seus sermões (o do Jubileu), dize-me, se te houvessem nomeado prégador das indulgencias, não terias tu feito o mais pomposo elogio d'ellas? Não terias tu empregado toda a tua eloquencia em as recommendar? Sim, evidentemente. Ora essas mesmas indulgencias, que, se tu

Digitized by Google

as houvesses prégado, seriam verdadeiras, agora se tu não as prégas, são então falsas? Ah! desgraçado, vê com que ridiculos pretextos desertas da verdadeira fé!» Basta só a força d'esta apostrophe para conhecermos, que entre esses dois combatentes, se a Egreja era violentamente atacada, não o era ella menos ardentemente defendida. Comparando o ardor de um com o impeto do outro, vendo o mesmo fundo de intelligencia e de coragem, quer se estribe na humildade quer na oração, produzir tudo o que as paixões teem de mais ou menos funesto, ou tudo quanto a virtude possue de mais heroico, conhece-se melhor de que lado está a boa parte. Sendo dados os mesmos talentos, o emprego d'elles mostra n'um quanto no outro foi culpado o abuso; em compensação a profundidade do abysmo, para onde o arrastou a infidelidade, ainda mais faz brilhar todo o merito da fidelidade; e, tanto d'um lado, como do outro, sómente nos podemos inclinar perante os adoraveis decretos da divina providencia, que não permitte os grandes males, senão porque ella sabe oppor-lhe os grandes remedios.

«Sendo, porém, o padre Vieyra de nacionalidade portugueza, achar-se-hia no estado de representar um papel tão importante? Sim, e por esta mesma rasão. Na época de que se trata, Portugal, havia um seculo, tinha voltado toda sua actividade para o lado da navegação: tendo estendido seu imperio não sómente pelo littoral da Africa e da Asia, mas até por uma grande parte da America do Sul, tinha-se elevado á altura das primeiras potencias da Europa. É certo que a tanto esplendor succedeu repentinamente o mais profundo eclipse. Com effeito, o joven rei D. Sebastião, no seu ardor cavalheiroso, tendo ido com a flôr de seus guerreiros fazer-se matar nas planicies de Marrocos, tinha deixado o throno a um tio velho, o cardeal Henrique, que nada mais foi do que o triste espectador das intrigas que, depois de sua morte, tinham de fazer cahir o paiz no dominio do rei de Hespanha, Philippe II, em 1580. No emtanto, Portugal, assim convertido em provincia hespanhola, não se podia resignar a uma tal degradação. Esta nação pertence ao numero d'aquellas que são curaveis, e se mesmo hoje, apesar de seu enfraquecimento material, acha ainda no vigor de seu temperamento e na energia de sua fé, solidas garantias para o futuro, com mais forte rasão as achava no tempo em que, debaixo do dominio estrangeiro, seu patriotismo retemperado pela adversidade, estava prompto para todos os sacrificios, e não esperava mais do que o momento d'uma brilhante restauração. Todavia, só foi em 1640 que, com sua independencia Portugal recuperou suas colonias, suas jerarchias e toda a sua influencia.

«E' para notar que Vieyra estreiava-se na vida publica pelo mesmo tempo, em que sua patria renascia de suas ruinas, e não era homem para malbaratar circumstancias tão providenciaes. Ser então portuguez, era pertencer ao mesmo tempo ao mundo antigo e moderno, e poder tomar parte em tudo que de grande se fazia n'um e n'outro continente. Ora, se quizermos penetrar no amago dos grandes acontecimensos d'aquelles tempos, sigamos por um instante a Vieyra. Este homem de Deus e do povo, este verdadeiro padre, só teve sempre um pensamento, um alvo: defender, propagar a fé; porém a este alvo dirigiu-se elle de diversos modos, segundo os diversos logares em que se achava.

Digitized by Google

Se missiona no Brasil, onde o obstaculo é a escravidão, applica-se a mostrar que a liberdade não é outra coisa mais do que o respeito aos direitos de todos, a stricta justiça. Missiona na Europa, onde o embaraço é o descommedimento da rasão, prova a esta que nunca é mais forte, senão quando é mais crente. D'uma tal doutrina, quando a vemos illuminada pelas prégações, pelos exemplos e por toda a vida d'este humilde e grande religioso, nenhuma outra coisa podemos tirar como consequencia, senão que a nossos irmãos separados foi necessaria uma extraordinaria cegueira para se obstinarem em nome da liberdade e da rasão, em se revoltarem contra nossa mãe commum, a santa Egreja, que é o unico guarda da sã rasão e da verdadeira liberdade.»

580) **HISTOIRE DU SCHISME PORTUGAIS EN ORIENT.** Paris. 8.º

581) **HISTOIRE DE JEAN VI,** *depuis sa naissance jusqu'à sa mort, en* 1826*; avec des particularités sur sa vie privée et sur les principales circonstances de son règne.* Paris. Ponthieu et Compagnie, libraires, 1827.

É obra bem escripta, e na qual apparecem poucas inexactidões. Foi traduzida, e impressa em Lisboa em 1838. Fez-se ha pouco tempo uma nova edição, apresentando-a o editor como obra inedita e original!

582) HISTOIRE *de la reunion du royaume de Portugal à la couronne de Castille. Traduite de l'Italien de Jerosme Conestage, gentilhome genois.* A Paris, chez Lovis Billaine, 1680. 2 vol., o 1.º 533 pag., o 2.º 399.

O traductor diz na advertencia, que fez algumas alterações n'esta obra para accommodar o genio da lingua italiana ao da franceza, que não é sempre tão arrojada, nem tão figurada, E' por isso que abreviou no 2.º livro o discurso de Mulei Moluco, e no 7.º o de D. Sancho d'Avila. V. *Conestagio.*

583) **HISTOIRE DE PORTUGAL** *depuis* 1090 *jusqu'en* 1610 *comprise en* 20 *livres, parmi lesquels sont les douze d'Osorius, traduits en français, et les autres tirés de divers auteurs.* Géneve, 1610, 2 vol.

584) **HISTOIRE DE PORTUGAL** *depuis* 1496 *jusqu'en* 1578. Paris, 1581.

585) **HISTOIRE PALLADIENNE,** *traitant des gestes et généroux fait-d'armes et d'amour de plusieurs grands princes et seigneurs, speciallement de Palladien fils du roy Milanor d'Angleterre et de la belle Selerine sœur du roy de Portugal.* Paris, 1555. (É um romance.)

586) HISTOIRE *des choses memorables advenues en la terre du Bresil, partie de l'Amerique Australe, sous le gouvernement de Nicolas de Villegaignon depuis l'an* 1555 *a* 1558 *imprimée l'an* 1561.[1]

[1] No tomo 3.º a pag. 38 do *Catalogue des livres de la bibliotheque du feu mr. le duc de la Vallière*, par Guillaume de Bure vem uma lista de varias obras raras relativas a Villegaignon.

Digitized by Google

587) HISTOIRE SECRÈTE *de D. Antoine, roy de Portugal, tirée des memoires de D. Gomes de Vasconcellos Figueiredo.* Paris, 1696.

588) HISTOIRE VERITABLE *des dernieres guerres advenues en Barberie, et du succès pitoyable du roy de Portugal dernier D. Sebastien, qui mourut en bataille le 1er aout 1573. Traduite de l'espagnol en françois,* Paris, 1579.

589) HISTORIA DE BELLO AFRICANO *in quo Sebastianus rex Portugalliæ periit ad diem 4 aug. Anno* 1578. Noribergae, 1580. (Historia da guerra d'Africa, em que pereceu el-rei D. Sebastião, etc.)

590) HISTOIRE *des Brigands célebres et des bandits fameux en France, en Angleterre, en Italie, en Espagne, en Belgique, en Portugal, en Suisse et dans les autres pays du monde. Tirée de tous les documents authentiques.* Paris, 1837. 16.°

591) HISTOIRE VÉRITABLE *des dernières et piteuses adventures de D. Sebastian, roy de Portugal depuis sa prison de Napoles jusqu' aujourd'hui qu'il est en Espagne à S. Lucar de Barrameda* (30 *aut* 1602). Rouen 1602). (C. M. B. I. P.)

592) HISTORIA *desponsationis Frederici III cum Eleonora Lusitanica* (Historia dos desposorios de Frederico III com Leonor de Portugal).

Vem no tomo 2.°, pag. 11 e seguintes da obra intitulada *Rerum germanicarum scriptores varii de Struve.* Strasburgo, 1717.

593) HISTORIA *de Gabriel de Espinosa, pastelero en Madrigal, que fingió ser el rey Don Sebastian de Portugal; y asimismo la de Fr. Miguel de los Santos, en el año de* 1595. *Con licencia.* En Madrid, en la Oficina de Pantaleon Aznar. Año 1785. 8.° 163 pag.

Em uma nota que se encontra na ultima pagina d'esta obra diz-se que a primeira edição foi impressa em Xerez no anno de 1595.

Ha uma outra edição d'esta obra publicada na mesma cidade de Xerez, no anno de 1683, na imprensa de J. A. de Tarazona.

É a historia interessantissima de um aventureiro hespanhol, que fazendo-se passar por D. Sebastião, rei de Portugal, conseguiu ter relações amorosas com D. Anna d'Austria, sobrinha de Philippe II rei de Hespanha, e professa n'um convento do Madrigal. Foi enforcado em 1595.

A respeito d'esta historia póde-se consultar o livro do sr. Miguel d'Antas, intitulado *Les faux D. Sebastien,* impresso em Paris no anno de 1860. Obra muito interessante, e que veiu esclarecer muito a historia dos aventureiros que se fizeram passar pelo fallecido rei.

594) HISTORIA DE PORTUGAL *composta em inglez por uma sociedade de litteratos, trasladada em vulgar com as addições da versão franceza,*

Digitized by Google

e notas do traductor portuguez Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro. Lisboa, na officina da Academia Real das Sciencias, 1788. 8.º

O quarto volume d'esta edição, o qual abrange o reinado de D. Maria I, é composição do padre José Agostinho de Macedo.

Esta obra é vulgarissima, não se podendo depositar, comtudo, n'ella uma cega confiança, pois os erros (devidos a varias causas) são frequentissimos, de que temos uma prova no grande numero d'elles, que veem mencionados no quarto volume da *Revista Litteraria Portuense;* e note-se que estes são apenas os que dizem respeito á nossa expedição a Tanger no reinado de D. João I.

Appareceu por ultimo novissima edição no anno de 1828, em dez volumes, sendo os ultimos cinco (impressos em 1838) uma historia de Portugal desde o reinado de D. Maria I até á convenção de Evóra Monte, e devidos á penna do sr. José Maria de Sousa Monteiro.

O original inglez ainda o não pude vêr.

Da referida historia de Portugal ha outra edição continuada por Hypolito José da Costa, e impressa em Londres no anno de 1809.

595) **HISTORIA VON CALICUT,** *undandern, etc.* (Historia de Calicut, de outros reinos, provincias e ilhas na India e do mar das Indias). Ursel, 1565.

596) **HISTORIC** *sketches of Spain and Portugal.* London, 1835. 2 vol. (Esboços historicos de Hespanha e Portugal.)

597) **HISTORIE (THE)** *of the uniting of the Kingdom of Portugall to the crown of Castil, containing the description of Portugall, their principal towns, castles, places, rivers, bridges, of the East Indies, the Isles of Terceres, and other dependences, the last warrs of the Portugals against the Moores of Afriche, the end of the house of Portugall, etc.* London, 1600. (Historia da união do reino de Portugal á corôa de Castella, etc.)

598) **HISTORY (A) OF PORTUGAL.** London, 12.º (Historia de Portugal.)

599) **HISTORY** *of the discovery and conquest of India by the Portuguese.* London, 1695. (Historia da descoberta e conquista da India pelos portuguezes).

600) **HISTORY** *of Spain and Portugal.* London, 1854. (Historia de Hespanha e de Portugal.)

601) **HISTORY (THE)** *of Spain and Portugal. From B. C.* 1000. *A. D.* 1814. London, 1833. (Historia de Hespanha e Portugal desde o anno 1000 antes de Christo até o de 1814 depois de Christo).

602) **HISTORY** (THE) *of Azores or Western Islands.* London, 1813. (Historia dos Açores ou Ilhas Occidentaes).

Digitized by Google

«Quem diria que um subdito inglez escolhesse a época não só de uma profunda paz, mas a da mais stricta e intima alliança, que jámais existiu entre Portugal e Inglaterra, para aconselhar o governo inglez a empolgar as ilhas dos Açores aos portuguezes?» [1]

603) **HOCHSTTETER (FERDINAND DE).** Geologo e viajante allemão. Nasceu em Esslingen em abril de 1829.[2]

E.—*Madeira.* Vienna, 1861.

604) **HODJES** (Colonel).

E.—*Narrative of the expedition of Portugal in* 1832 *under the orders of his imperial majesty Don Pedro duke of Bragança.* London, 1833. (Narração da expedição de D. Pedro, etc.)

605) **HŒFER.**

E.—*Cap de Bonne Esperance, Congo, Mozambique, Azores, Madere, Cap Vert.*

Todas estas monographias apparecem na collecção intitulada *Univers Pittoresque.*

606) **HOFFMANNS (M. DE).**

E. I.—*Cause célèbre du droit des gens. Le marquis de Pombal et l'Angleterre, Episode de la guerre de sept ans. Publiée par* —. Paris, 1840.

II. *Memoire de Leibnitz à Louis XIV sur la conquête de l'Egypte, publié avec une préface et des notes.* Paris, 1840.

«A opinião, que este illustre sabio fazia de el-rei D. Manuel, é tão importante para a nossa historia exterior, que me parece opportuno transcrever aqui algumas passagens d'esta interessante *Memoria.* A pag. 18 diz elle a Luis XIV: Castella acabava de se unir ao Aragão, e os Sarracenos erão por fim expulsos de Hespanha. O talento de Ximenes concebeu o projecto de uma estreita alliança entre os mais sabios reis do seu tempo, e conseguiu executal-o. Digo os mais sabios, porque se póde com justiça segurar, que cada um d'elles tinha lançado os fundamentos d'uma nação poderosa; eram estes D. Fernando, rei de Castella e Aragão, Manuel, rei de Portugal, e Henrique VII rei de Inglaterra. A opinião de se apossar do Egypto, tomando primeiramente Alexandria, celebre pelo seu porto, foi adoptada pelo conselho. E esta opinião do cardeal foi adoptada pelos reis alliados. Tenho d'isto uma prova nas cartas d'el-rei D. Manuel dirigidas ao celebre cardeal, que me surprehenderam quando li a vida do cardeal. Citarei (continúa Leibnitz) só duas passagens. *Quanto ao que me dizeis do que se deve obrar n'esta guerra,* vós fallaes de um modo tão habil, e arranjaes as coisas com tanta força e energia, que parece que vós nunca tratastes de outra materia....

[1] *Investigador Portuguez* em Inglaterra, vol 6.º pag. 161.

[2] Vapereau — *Dictionaire des Contemporains,* pag. 903.

Digitized by Google

«No que diz respeito á expedição de Alexandria, sobre a qual vós discorreis sabiamente, pareceu-nos uma excellente empresa, cujo successo será mui vantajoso. Não nos esqueceremos, que é a vós que deveremos as vantagens e proveitos. Segundo a opinião dos homens instruidos, coisa alguma será tão facil, se todavia vos encarregardes de a dirigir. Parece-me opportuno dizer-vos que segundo a relação trazida por um navio, que tocou em Rhodes, esta nos vem confirmar na opinião, em que estamos, da facilidade do successo, e de tal sorte que dariamos desde já ordem de tental-o, se a expedição de que nos occupamos, nos não tivesse impedido; *mas virá tempo em que nos possamos occupar exclusivamente d'este assumpto.*»

Leibnitz accrescenta: «Taes são as expressões d'este illustre rei, o qual em outra parte dizia: Que durante o ataque do Egypto pelo Mediterraneo, uma segunda esquadra effectuaria um desembarque no Mar Roxo.» Mas todos estes projectos se desvaneceram pela morte d'el-rei Fernando Catholico, e a Hespanha convertendo-se em uma provincia d'Austria a rivalidade de duas poderosas casas produziu uma multiplicidade de projectos differentes, e Ximenes deixando-se influir pelos conselhos de Vianelli, atacou a Africa, apossou-se de Oran.»

Visconde de Santarem — *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com diversas potencias do mundo;* vol. 2.º, pag. 404.

607) **HOFFMANSEGG (JOÃO CENTURIO, Conde de)** Naturalista allemão.

Nasceu em Dresde a 23 de maio de 1766, e falleceu na mesma cidade a 13 de dezembro de 1849. Estudou em Leipzig e em Gœttingue, e residiu por alguns annos em Portugal. Aqui descobriu algumas centenas de especies de plantas até então desconhecidas, e um grande numero de insectos raros. Em reconhecimento dos serviços prestados por elle á botanica, Cavanilles deu o nome de *Hoffmanseggia* a um genero de plantas da America Austral.[1]

E.—*Flore Portugaise ou Description de toutes les plantes, qui croissent naturellement en Portugal avec figures coloriées, cinq planches de terminalogie et une carte par J. C., comte de Hoffmansegg, ancien officier aux gardes du corps de sa majesté le roi de Saxe et H. F. Link, professeur de botanique et de chimie à l'Université de Rostock.* A Berlin, de l'imprimerie de Charles Frederic. Amelang, 1809. 2 vol. de folio maximo, sendo o primeiro de texto com 388 paginas, e contendo o segundo 60 estampas.[2]

«Charles l'Ecluse,[3] observador muito penetrante, tinha, pelo amor ás plantas, percorrido algumas provincias d'este paiz, notando suas notabilidades com toda a exactidão que n'aquella época admittia o estado da sciencia. Grisley, que viveu em Portugal no meio do seculo xvii, apesar de infatigavel em suas pesquisas, apenas nos tinha transmittido nomes. As plantas alli conhecidas por

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 14.º, pag. 902.

[2] Esta obra é dedicada á rainha da Prussia.

[3] A descripção d'esta viagem foi composta por Link. V. este nome.

Digitized by Google

Tournefort e Antoine Jussieu estavam escondidas nos herbarios; apenas um pequeno numero tirado do esquecimento achava-se descripto na *Encyclopedica Methodica*. Vandelli tinha publicado bem poucas obras, mas essas mesmas não isentas de erros. Parece, pois, valer a pena ir examinar um paiz encantador, ao qual o clima mais suave prodigalisou tantos dons, e occuparmo-nos finalmente da *Flora* de um tão bello paiz europeu. O conde, ao voltar para Allemanha, sua patria, crendo que o numero de objectos para serem examinados exigia mais de um observador, associou-se com Frederico Henrique Link, professor de botanica e de chimica na universidade de Rostock. Tambem não hesitou em encarregar-se de todas as despesas, por mais consideraveis que fossem. Forneceu-se para este fim de livros escolhidos, de um herbario de plantas septentrionaes, de varios instrumentos, n'uma palavra, de quanto pareceu necessario para estudar, mesmo durante a viagem, o que merecesse fixar a attenção.

«Bem preparados d'esta sorte deixámos a Allemanha em 1797, e chegámos a Portugal na primavera de 1798. Um reconhecimento bem devido chama á nossa lembrança os famosos sabios, que n'esta viagem tiveram a bondade de nos auxiliarem em nossos estudos com uma benevolencia illimitada, principalmente Antoine Laurent de Jussieu, debaixo de cujos auspicios admiramos as riquesas do Jardim das Plantas; René Desfontaines, que nos mostrou sem reserva os vegetaes por elle recolhidos na Berberia, região cujas producções são muito analogas ás de Portugal: finalmente Joseph Canavilles, de quem recebemos o generoso presente de um grande numero de plantas escolhidas da Hespanha.

«Os floridos arrabaldes de Lisboa foram os primeiros a fixar nossas vistas. Alli com surpresa encontravamos ora collinas atapetadas de uma brilhante verdura, abundantes em vegetaes da maior bellesa e raridade, ora planicies areentas, com brilhante verdura, revestidas, até a vista se perder, de arbustos e plantas proprias das charnecas, variadas ao mesmo tempo por diversas especies de cistos. Mal podiamos dar credito a nossos olhos quando descobriamos tantas plantas incognitas, e rodeadas de algumas mouriscas, a ponto de nos parecer estarmos vendo a *Flora* de Berberia, emigrada para a Europa. Ao norte erguem-se em torno de Cintra elevadas montanhas formadas de rochas, onde entre as plantas septentrionaes se encontram algumas das Canarias. Para o Sul a serra chamada da Arrabida suspende sobre o Oceano seus pincaros ornados de soberbas orchideas.[1] Depois de termos observado estes objectos, fomos visitar as provincias boreaes do reino. A estrada conduziu-nos successivamente ás Caldas da Rainha, Leiria, Alcobaça e Coimbra. N'esta ultima ci-

[1] «*Orchideae plantae*, familia de plantas que tem grande analogia com o genero *orchis;* é uma ordem dos fragmentos do *Methodo Natural* de Linneo. As raizes da maior parte das plantas d'esta familia são compostas de uma ou mais producções carnudas, guarnecidas de radiculas fibrosas: algumas são inteiramente fibrosas; a todas comtudo se tem dado o nome de bolbos, mas na verdade bem vagamente.» Brotero, *Compendio de Botanica*, vol. 2.º, pag. 231.

Digitized by Google

dade tivemos a fortuna de travar conhecimento com o celebre professor de botanica Felix de Avellar Brotero, e bem depressa uma estreita amisade nos uniu a este amavel sabio. Ficou sendo o companheiro de nossas digressões, e foi elle quem nos guiou em nossas indagações até os recantos mais occultos do valle delicioso que rega o Mondego, frequentemente cantado pelos poetas, e realmente merecedor dos elogios que lhe prodigalisaram.

«Foi mister, todavia, deixar nosso amigo com o fim de avançarmos para a cidade do Porto, onde as margens do Douro nos forneceram um grande numero de plantas, cujos grãos sem duvida são trazidos da Hespanha pelas innundações das aguas d'este rio. Atravessamos em seguida as provincias de Entre-Douro e Minho até ao cume das montanhas da serra de Gerez, que tocando na Galliza, constitue por este lado a fronteira de Hespanha. A Europa meridional apenas possue um sitio, que possa ser comparado a este encantador local. Os campos recebem a sombra dos bosques não interrompidos de castanheiros e soutos. A vinha entrelaçada no arvoredo marinha com um vôo pouco vulgar até seu cume, e na fórma de grinaldas torna a cair de um modo pittoresco. Meio escondidas pela folhagem enxergam-se dispersas por aqui e por acolá as casas campestres dos habitantes d'esta Arcadia, onde vos acolhem com uma franca alegria. Este *Tempe Lusitano* é regado pelas murmurantes ribeiras com uma frescura admiravel, que caindo das escarpadas montanhas como pequenas cascatas, e correndo em leitos de um musgo sempre verdejante refrescam este solo aquecido por um sol bem activo. Chegando ao cume d'estas alturas sois detidos pelos rochedos a pique: immensos precipicios obstam a que o viajante passe além, e perturbe o covil da cabra monteza, cuja pista está calcando.

«Deixando com saudades estes romanticos sitios, dirigimo-nos para a cordilheira de montanhas chamada Serra de Marão, e descemos para o profundo valle do Douro, abrasador no verão, onde jaz situada Peso da Regua, cujos arredores produzem a primeira qualidade d'esse vinho espirituoso, que toma seu nome da cidade do Porto, por embarcar n'ella. Depois de termos subido ás planicies oppostas, tornou-se-nos indispensavel galgar as montanhas mais altas de todo Portugal, chamadas pelos antigos romanos *Herminium*, e ás quaes hoje se dá o nome de Serra da Estrella. O estio muito rispido d'este anno tinha derretido alli toda a neve, que n'outras occasiões é permanente. Mas por fim o ardor do sol tendo queimado todos os campos, nada nos restava senão voltar para Lisboa, onde chegámos em agosto de 1798.

«A primavera seguinte convidou-nos a deixar esta capital uma segunda vez, para continuarmos nossas pesquizas pelo Alemtejo. Depois de atravessarmos tristes e melancolicas campinas, cujo solo areioso apenas está coberto por tojos e urzes, ganhámos as montanhas, que a separam do Algarve, chamadas no paiz Serra de Monchique. Mas no alto d'ellas, em volta da villa do mesmo nome, mudando repentinamente a scena, ficámos surprehendidos de ver de repente brilharem, como por encanto, os jardins odoriferos das Hesperides no meio de soutos guarnecidos de loureiro rosa.

«Depois d'isto, tendo empregado a primavera de 1799 em atravessar o Al-

Digitized by Google

garve em toda sua largura desde o cabo de S. Vicente até ao Guadiana, seguindo a costa ornada de lindas plantas bulbosas, voltámos para Lisboa pelos caminhos de Mertola, Serpa e cidade de Evora.

«O professor Link, chamado em virtude de seus deveres pelo cargo que exercia, não poude por mais tempo deter-se em Portugal. Voltou para Rostock pela via de Inglaterra, e em Londres comparou as plantas portuguezas com o herbario do cavalheiro Joseph Banks.

«Comtudo o conde de Hoffmansegg, podendo dispor do seu tempo, e desejoso de levar sua empresa ao maior grau de perfeição, ficou em Portugal, onde se dispunha para outras novas digressões. Dirigiu-se no verão de 1799 para a Serra de Montejunto, examinou as nascentes salgadas perto de Rio Maior, transportou-se para Santarem, passou o Tejo, e chegou a Portalegre e Marvão, onde vastos soutos offereceram debaixo de seu abrigo deliciosos passeios. Tornando a passar depois o mesmo rio um pouco mais acima, achou-se em perigo nas aridas campinas antes de Castello Branco, onde as matas de estevas, das quaes toda a campina se acha coberta dão pela sua côr cinzenta a todo o horisonte uma physionomia triste e melancolica. Estes horriveis desertos operaram em mim uma impressão tão sinistra, que me apressei a voltar para Lisboa.

«O conde de Hoffmansegg durante o mesmo verão reuniu-se a um joven amador com o fim de fazerem uma digressão ao Algarve, especialmente para completar a collecção das plantas das fertilissimas e risonhas visinhanças de Tavira, que offereceram algumas lindas descobertas.»

«Tornou a sair de Lisboa o conde em dezembro de 1799 para as partes septentrionaes do reino. O primeiro objecto, que lhe prendeu a attenção, foi o vasto pinheiral perto da Marinha Grande. Visitou depois o convento do Bussaco [1] e muitos outros logares, retirando-se depois para Lisboa, e d'aqui para Hamburgo em 1801.»

[1] «O convento está situado ao lado septentrional de uma elevada serra que tem em altura quasi a de Cintra: o mar fica na distancia de cinco leguas quasi em linha recta. O espaço de perto de uma legua de circumferencia é rodeado de muros, contendo uma espessa mata, horta e campos cultivados. As arvores de sombra são o loureiro silvestre (*viburnum tinus*), o azevinho (*ilex aquifollium*), o medronheiro (*arbustus unedo*) e algumas outras especies. O arvoredo-alto compõe-se de carvalhos, pinheiros bravos, e cedro de Goa. Esta bella arvore foi trazida de Goa para aqui, ha mais de duzentos annos. Véem-se ainda as primeiras arvores que se plantaram, e d'esta mata sahiram originariamente quantos se observam no reino e talvez na Europa. O pincaro da serra dista mais de meia legua do convento. Disfructa-se alli um dilatado horisonte até ao mar, e nos arredores nada mais se enxerga, exceptuando ao norte a Serra do Caramulo, e ao nordeste a da Estrella. O viver dos frades é muito rigoroso. Algumas horas do dia e da noite não consagradas á oração, e a cantar no côro. Jámais comem carne, e não lhes é permittido fallar senão de quinze em quinze dias de tarde no passeio. Só o prior ou padre hospedeiro (que é o encarregado de receber os estrangeiros) está exceptuado d'esta regra podendo conversar com elles. Indemnisou-se amplamente do silencio, que fôra obrigado a guardar, por haver muito tempo que não via estranhos, fallou continuamente, cousa bem desculpavel. Os terrores da religião desapparecem bem depressa n'estes con-

Digitized by Google

Durante o tempo que o conde de Hoffmansegg estava publicando sua *Flora Portugueza*, na qual dispendeu trinta e seis contos de réis [1] appareceu á luz a *Flora Lusitana* do nosso Brotero, a cuja obra Link faz os seguintes reparos:

«Em primeiro logar este auctor não acompanhou seu texto de estampas, e pelo que diz respeito ás que se encontram na phytographia, a execução é bastante dura. Omittiu quasi sempre os synonimos, os quaes em toda a parte, segundo nossa opinião, contribuem singularmente para o conhecimento exacto da planta. Além d'isto menciona como novas numerosas especies, o que o celebre Desfontaines já divulgou na sua *Flora Atlantica* com descripções completas e excellentes estampas: outras acham-se na *Flora Britanica* de Smith. Tambem por falta de ter podido comparar suas especies com os especimens das plantas septentrionaes acontece-lhe muitas vezes pôr nomes conhecidos a muitas especies que effectivamente são novas e ainda não descriptas. Finalmente, e é este o motivo mais forte, não indica senão com curtas differenças especificas varias especies, que nós mesmos lhe communicámos, e das quaes elle sabia que nós tencionavamos apresentar descripções mais minuciosas. Eis as rasões que nos decidiram a não abandonar nosso projecto de publicar a *Flora Portugueza*.» [2]

Ora aqui está o motivo por que o auctor da vida de Brotero exclama:

ventos austeros pela conversação animada dos monges. * Fomos bem tratados e acolhidos pelo prior com muita polidéz e attenções. Deram-nos para o jantar legumes, ovos e bacalhau: todas estas coisas estavam muito bem preparadas; e o vinho era bom. Ao sahir deixa-se uma pequena offerta, que nunca se recusa, debaixo do pretexto de ser para dizer missas. Esta residencia solitaria, este convento consagrado ao silencio, o vestuario extravagante dos frades penetram a alma de um terror involuntario, Esquecendo o mundo, esquecidos por elle, os habitantes d'este logar passeiam á sombra dos cyprestes guardando um silencio religioso. Dir-se-ha que a religião estabeleceu aqui seu throno magestoso e formidavel.» (Hoffmansegg—*Voyages*, pag. 99-100.

[1] Link e Hoffmansegg infelizmente só chegaram a publicar dois volumes incompletos da sua esplendida *Flore Portugaise* contendo sómente as seguintes familias: Tomo I—*Labiatae, Buglossineae, Solaneae, Personatae, Acanthaceae, Polygalaceae, Rhinanteae, Orobanchineae, Primulaceae, Utricularinae, Gentianeae, Convolvulaceae, Apocyneae.*—Tomo II: *Companulaceae, Cucurbitaceae, Caprifolia, Aparineae, Valerianeae, Dipsaceae, Nucamentaceae, Ritroneae, Compositae, Umbelliferae*..... É uma edição de luxo, com magnificas estampas coloridas, a cuja conclusão obstaram sem duvida as avultadas despezas do seu costeio e as commoções politicas, que então abalavam profundamente a Europa.—Sr. Carlos Maria Gomes Machado, *Catalogo methodico das plantas observadas em Portugal*, no *Jornal de Sciencias Mathematicas*, da Academia, pag. 26.

[2] Prologo da *Flora Portugueza*, pag. 6.

* Não podem os nossos ermitães fallar uns com outros publica nem secretamente, excepto com os prelados; bem que ainda com os taes, nem em todos os tempos e lugares, por muitos lhes serem prohibidos. Para mais commodo regimento do mosteiro teem os officiaes escriptas nas portas das officinas em umas taboas as coisas que ordinariamente alli se usam para ministral-as promptamente aos que lhas pedem. Tão pouco se podem communicar com pessoas de fóra da religião, menos que sejam paes ou irmãos, e com os taes uma só vez no anno. Fr. João do Sacramento.—*Chronica dos Carmelitas Descalços*, liv. 4, cap. 24, pag 138.

Digitized by Google

«Mas apesar de tantos encomios, Link se contradiz no prefacio á sua *Flora Lusitanica*, onde critica acremente Brotero, deixando um documento da inconstancia do espirito humano, ou da volubilidade do censor, que hoje menoscaba o que hontem elogiou.» [1] D'isto quizemos prevenir o leitor, continúa Link no prefacio á obra do conde de Hoffmansegg, apresentando-lhe uma obra desejada pelos sabios ha tanto tempo. [2]

«Depois de terem os botanicos dirigido seus passos para todas as partes da Europa, dizia o immortal Linneo, nada mais lhes resta a examinar senão Portugal, paiz dos mais abundantes, e o qual se póde chamar a India da Europa. Não haverá, pois, ninguem que dé ao mundo litterario uma *Flora* exacta d'aquelle reino? Grande Deus! Que obra tão desejavel não faria aquelle que tal *Flora* publicasse! [3]

«Tantos annos passados sem que os desejos d'aquelle grande homem se realisassem. Apesar de bem compenetrados da difficuldade da empresa não nutrimos a presumpção de as ter vencido todas, mas julgamo-nos assás ditosos de termos, pelo menos, esboçado uma tal obra.»

VIAGEM DO CONDE DE HOFFMANSEGG Á SERRA DA ESTRELLA [4]

«Desde a Guarda até á Covilhã, pelo espaço de seis leguas o caminho não é muito agradavel. Algum tanto distante da Guarda atravessa-se um lindo valle, que todavia não continúa por muito tempo. Atravessa-se o Zezere, e avista-se Belmonte sobre uma montanha arida. Antes de chegar á Covilhã sobe-se um monte consideravel, porque este logar jaz nas abas da Serra da Estrella, e é nomeado pelas suas manufacturas de pannos alli estabelecidas no principio

[1] *Noticia Biographica do Dr. Felix de Avellar Brotero, coordenada por um distincto litterato*, pag. 17. Este litterato, segundo nos diz o sr. Innocencio Francisco da Silva, a pag. 260 do vol. 2.º do seu monumental *Diccionario Bibliographico*, era o beneficiado José de Avellar Brotero, sobrinho do nosso celebre botanico, como tão bem lhe chama o conde de Hoffmansegg na *Flore Portugaise*.

«Cumpre desde já notar algumas circumstancias a que muito se deve attender, sempre que procuremos interpretar devidamente as especies mencionadas por Brotero. A precipitação, que nos consta ter presidido á publicação da sua *Flora*, fez de certo com que Brotero não fizesse muitas vezes, como cumpria, as suas descripções á face dos exemplares por elle observados. As descripções das especies, que elle reputava já conhecidas, foram na maior parte copiadas do *Species* de Linneo, e da parte botanica da *Encyclopedica Methodica* de Lamarck e Poiret. Assim, quando Brotero tomava por especies conhecidas algumas que realmente eram novas ou menos differentes, limitando se á phrase lineana, não lhe juntava descripções sufficientemente desenvolvidas, que as fizessem com facilidade reconhecer.» Sr. Carlos Maria Gomes Machado, *Catalogo Methodico das plantas conservadas em Portugal*, no 1.º vol. do *Jornal das Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, publicado sob os auspicios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 115.

[2] O prefacio da *Flora* é composição de Link.

[3] *Linnaeus apud Roemei Scriptores de plantis hispanicis, lusitanicis, brasiliensibus*, pag. 173.

[4] Esta viagem é escripta pelo proprio conde.

Digitized by Google

do seculo XVIII pelo conde da Ericeira. [1] Esta villa tem uma numerosa população, apesar de não ser nem tão bonita, nem tão consideravel, como era para esperar. Comtudo esta situação é bem escolhida para manufacturas de pannos. A Serra da Estrella serve em toda a sua extensão para pastagem de carneiros, e sustenta quasi todos os do reino. Estas montanhas são muito povoadas, porém os meios de subsistencia são quasi nullos, por causa da aridez do solo, e do rigor do clima. A serra dá nascimento a muito menos ribeiros que o Gerez; e se estes ribeiros se convertem em grandes rios, ella com isso nada lucra.

«Um caminho pedregoso, que atravessa sitios tristes e desertos, conduz a Manteigas, situada a tres leguas da Covilhã, na margem esquerda do Zezere. D'aqui vimos os cumes da Serra da Estrella cobertos de neve. A aldeia de Sabugueiro fica na distancia de duas leguas. Sobe-se primeiramente para oeste, depois atrevessa-se uma mata de carvalhos, e chega-se a Sabugueiro por terras agrestes e cobertas de rochedos. Apesar de estarmos na primavera n'estas montanhas, os arredores da aldeia, nem por isso eram mais amenos que em a nossa primeira viagem no mez de julho. Fomos acolhidos pelos habitantes com polidez egual; mas a miseria reina na aldeia. As mulheres e creanças andavam cobertas de farrapos e pediam esmola. Um inverno longo e rigoroso era sem duvida a causa de sua penuria. Não teem algum outro meio de subsistencia senão seus rebanhos, mas vêem-se obrigados a mandal-os durante cinco mezes do anno para o Alemtejo, e a carestia das pastagens bem como as despesas da viagem quasi que absorvem o valor da lã. Não lhes resta outro rendimento mais que o queijo e a carne, dois artigos bem modicos em comparação de tantos generos que são obrigados a comprar com dinheiro á vista. Trepam com perigo de sua vida pelos rochedos á procura da raiz de genciana para ir vender á botica.

«A 31 de maio ainda havia neve a alguma distancia de Sabugueiro, comtudo não obstava a que se chegasse ás duas lagoas — Lagoa Redonda e Longa. N'alguns sitios fomos obrigados a passar por cima da neve, que estava coberta de uma camada de gelo espessa a ponto de nos sustentar em cima. Ha comtudo perigo, quando a neve está amontoada, e se fórma uma tal camada. As duas lagoas, cujas aguas tranquillas reflectiam sobre os rochedos cobertos de neve, offereciam um aspecto que deve espantar em Portugal. A neve, que se confunde algumas vezes com a verdura dos prados, trouxe-nos á lembrança os Alpes. A temperatura, que é quente no Sabugueiro, era n'este sitio de uma frescura agradavel. Vimos florescerem tres sortes de narcisos nos prados, os quaes muitas vezes abriam caminho por entre a neve, cuja espessura nos impediu de irmos de Lagoa Longa á Lagoa Escura. Comtudo a neve nunca permanece por tanto tempo n'estas montanhas: a grande quantidade cahida era um phenomeno tão extraordinario, que os mais velhos não se lembravam de terem visto tal. D'este phenomeno eram causa os invernos rigorosos de 1798, e de 1779 a

[1] As fabricas da Covilhã produzem annualmente mais de vinte mil pannos, o capital fixo é superior a mil contos, e estão empregados n'ellas seis a sete mil operarios. Sr. Joaquim Henrique Fradesso da Silveira—*As fabricas da Covilhã*—Lisboa, 1863.

Digitized by Google

1800. No inverno e na primavera a Lagoa Escura descarrega suas aguas na Lagoa Longa, e ambas estas se lançam no meio de varias correntes no rio Alva. Estas tres lagoas formam-se de nascentes e do derretimento das neves, e trasbordam apenas a agua está ao nivel das margens. Não possuem nenhuma das propriedades milagrosas que lhes attribuem varios viajantes.

«O conde, desejando passar alguns dias n'estas montanhas, tinha para esse fim mandado vir de Coimbra uma barraca para a Covilhã. Escolheu para a assentar um prado, que se encontra ao pé de grandes grupos de rochedos. São dois, um chamado Cimadouro dos Cães, e o outro Cantaro Delgado, separados por um estreito valle. O prado tem o nome de Albergaria. Para alli chegar vimo-nos obrigados a recuar para Manteigas. Segue-se o curso do Zezere n'um valle rodeado de montanhas aridas e calvas, em cujas faldas os habitantes recolhem algum trigo á força de trabalho e de cuidados. A uma legua de Manteigas vê-se precipitar do alto das rochas o rio da Candieira, corrente impetuosa que fórma uma cascata de uma altura e de um volume consideraveis. Depois de termos trepado por alguns rochedos, chegámos ao pequeno prado de Albergaria, á base, e a éste d'essas massas de rochas. O Zezere sae debaixo da neve e serpenteia como um pequeno regato no prado. Está comtudo separado d'este montão de rochedos [1] por um outro prado chamado Argentaria, e por precipicios horrendos. Um d'estes rochedos, Cimadouro dos Cães, é espesso, e fórma varias agulhas : o outro, Cantaro Delgado, parece um cone agudo, até cujo cume, conforme o testemunho unanime dos habitantes ninguem trepou : consideram-no mesmo como inaccessivel. Atraz da primeira massa de rochas acha-se o valle Cavar das Vaccas, que remata n'uma montanha escarpada. O rio de Unhaes sae d'elle, e fórma varias cascatas; dirige-se para o sul com o fim de se juntar á aldeia de Unhaes, onde existem banhos quentes.»

O conde de Hoffmansegg esteve a ponto de perder a vida nos precipicios e neves da Serra da Estrella a 4 de junho de 1800. Suas palavras a este respeito são as seguintes :

«Resolvi visitar esta manhã o valle ao pé do Cantaro Delgado. Depois de ter subido durante algum tempo, seguindo o curso do Zezere, cheguei a um lindo prado chamado Covão de Metade, e que se parece alguma coisa com Albergaria. D'ahi a pouco tive o prazer de encontrar pela primeira vez em Portugal o narciso amarello, mui pouco estimado em nossos jardins, mas que é mais bello n'aquelle paiz. Cresce na encosta de uma collina coberta de rica verdura, e chamada pelos habitantes Malhada do Covão Cimeiro. O Covão Cimeiro é um pequeno prado em uma situação mais elevada, e ao qual não cheguei senão depois de ter subido com difficuldade por um rochedo escarpado. Ficava-nos o rio á esquerda, e do lado opposto erguia-se o Cimadouro dos Cães, e á direita, a pouca distancia, o Cantaro Delgado. O prado achava-se ainda revestido de neve em alguns sitios, mas ella começava a derreter-se, e

[1] No *Panorama* de 1841, a pag. 37 e seguintes encontra-se uma excellente e minuciosa descripção da Serra da Estrella.

Digitized by Google

por entre elle abriam caminho duas especies de narcisos. O valle estava rodeado por todas as partes de precipicios e de rochedos a pico: á direita e ao norte os rochedos se elevavam perpendicularmente, e formavam diversas subidas até Cantaro Gordo, grupo de rochedos, que se assimilha ao Cantaro Delgado, porém mais consideravel e afastado d'este em linha recta, um quarto de legua. Os precipicios estavam cheios de neve que o vento tinha aglomerado, e que derretendo-se na sua base, formava diversos arroios. Muitas vezes os precipicios se ajuntavam de sorte que formavam pequenos valles cobertos de neve; esta era tão dura, que depois de ter hesitado um momento, resolvi atravessal-a. Minha tenção era dirigir-me para a cumiada mais elevada das montanhas, já minha conhecida pelas minhas precedentes viagens: estava curioso de ver qual o effeito produzido alli pela neve, e se sua quantidade era consideravel, o que mal podia acreditar, comparando-o com o estado em que então o vi, ainda que a borda superior estivesse coberta de uma neve muito espessa. Depois de ter trepado com as maiores difficuldades, e durante algumas horas, os rochedos a pique, cheguei á borda superior; porém era tão elevado, e principalmente tão escarpado, que foi com o maior perigo, que eu me arrisquei a subir por elle. Tornei a descer alguma coisa, e atravessei um valle de neve da largura de cincoenta passos. Cheguei depois á extremidade dos rochedos aridos, e finalmente á corôa mais elevada, cujas agulhas teem quasi a altura das dos Cantaros. O tempo estava secco e suave; mas o vento do éste, que traz sempre o bom tempo para estes sitios, tinha virado para sudoeste, e o céo cobriu-se de nuvens e de um nevoeiro espesso, que se espalhava já sobre a Argenteira. Tinha ouvido dizer que um nevoeiro repentino cobre estas montanhas, e se tornava perigoso para um viajante, comtudo não esperava achar confirmada esta verdade tão promptamente. Depois de ter transposto alguns montões de neve, vi que a cumiada superior estava completamente coberta por ella; e até ao mais elevado cume, chamado Malhão da Serra atravessei uma extensão de mais de dois mil passos por cima da neve, que tinha de tres a nove pés de espessura. O Malhão estava talvez cercado, durante mais de meia legua, de uma egual camada, pois nada mais vi que céo e neve. Quando passei esta camada, na qual minha curiosidade foi amplamente satisfeita por esta triste monotonia de inverno, e que o nevoeiro cobria já uma parte do horisonte, julguei prudente retirar-me. Tinha tido tenção de rodear o Cantaro Delgado e o Cimadouro dos Cães pelo sul, e de penetrar pelo Covão das Vaccas e pela Argenteira até Albergaria. Abandonei este projecto, e diligenciei (o que julguei possivel) ganhar o avesso d'estas massas de rochas que me pareciam unirem-se áquellas que separavam nosso campo da Argenteira. Desde a borda da cumiada não vi com effeito senão um mediocre valle de neve a atravessar para alli chegar; por isso julguei devêl-o passar. Desde os primeiros instantes tive alguns receios: desci menos mal a borda da cumiada; depois fui detido por um monte de neve, cuja extremidade, que estava degelada, destacava-se das rochas, e apresentava pouca solidez. Dei um passo em falso, e escorreguei durante alguns minutos.

Logo em seguida commetti a imprudencia de saltar, ainda que sem peri-

Digitized by Google

go, sobre uma rocha que ficava adiante; o que punha um segundo obstaculo ao meu caminho, se não podesse ir mais longe pelo sitio que primeiramente tinha escolhido; e este obstaculo se apresentou immediatamente com grande descontentamento meu, porque o local em que se achava não offerecia sahida alguma. De todos os lados não avistei senão precipicios horrendos, e nenhuma possibilidade de firmar o pé com segurança. Apenas me restava uma unica sahida: um enorme monte de neve reinava até uma certa profundidade ao longo dos rochedos, porém a extremidade se tinha descoalhado, e mostrava uma fenda, cuja profundidade não me atrevi a medir. Tentei pôr alli o pé, porém a neve soltava-se por toda a parte, e estava contente de me retirar sem algum accidente. Bem depressa vi que nenhum outro meio me restava, senão de trepar de novo até ao plano superior, e d'alli ou tornar a tomar meu primeiro caminho, ou de tomar o lado opposto para Sabugueiro, onde não incorria em perigo, por serem as montanhas accessiveis n'esta direcção, e haver pouca neve. Foi preciso em primeiro logar trepar pelo rochedo escarpado, ao pé do qual me achei; porém minhas tentativas foram vãs: era perpendicular, excessivamente elevado e escorregadio, porque em nenhuma parte pude pousar o pé; diligenciei-o por diversas vezes, mas sempre inutilmente, e o medo dentro em pouco se assenhoreou de mim. Dizia comigo mesmo: Se eu não puder conseguir trepar pelo rochedo, e a noite e o nevoeiro, que me podem ser funestissimos, me surprehendem n'estes sitios? Qual de meus companheiros me podia procurar ou ouvir n'esta solidão? Á vista do exposto estava eu resolvido a fazer os mais desesperados ensaios para sair de minha cruel posição. Depois de alguns instantes de reflexões e de tentativas reiteradas, servi-me de todas as forças, que me restavam, e com um praser inexprimivel vi meus esforços coroados de um feliz successo, chegando ao cume d'este fatal rochedo. Comtudo ainda não estavam dominados todos os obstaculos; faltava-me ainda trepar pelo monte de neve: como se sabe, eu não tinha descido por elle, mas tinha-me deixado escorregar. Tentei trepar pelo rochedo que d'elle está proximo, porém era escarpado de mais, e se bem que o monte de neve o era egualmente, podia n'elle abrir buracos, e por elles subir, como por uma escada. É o que effectivamente se praticou: e foi só com a ajuda de pés e de mãos e de minha bengala, que consegui subir ao alto d'esta escada de neve. Eis-me pois chegado á planicie superior, e em estado da continuar minha jornada; já não era por prazer ou curiosidade, mas por ser o meio mais curto e o menos difficil que resolvi pôr em execução meu primeiro projecto, e tornear o Cantaro. A espessura do nevoeiro, que obstava a que distinguisse os objectos, me foi muito contraria: durante muito tempo caminhei ainda por cima de neve gelada. Com receio de tornar a cair no precipicio da esquerda, conservei-me do lado da altura meridional, e não era para admirar que me tivesse achado muito longe. Quando me julguei bastante afastado do rochedo escarpado do Covão das Vaccas, pareceu-me ser tempo de deixar a neve. Desci da serra ao acaso, e, como o vim a saber mais tarde, tinha tomado uma boa direcção: enganava-me todavia a respeito de um unico valle, porquanto em vez de descer para aquelle que conduz da Argenteira a Unhaes, tomei um outro

Digitized by Google

mais estreito e menos accessivel a oeste do primeiro. Bem vi que estava alli ao abrigo da neve e dos precipicios; porém rodeiavam-me altas serras sem o mais pequeno vestigio de caminho. Notei que me tinha dirigido de mais para a direita; foi sómente depois de ter trepado por uma montanha á direita, que avistei ao longe uma aldeia que reconheci ser Unhaes, e conheci achar-me n'um valle desconhecido. Era tarde de mais, porém a necessidade e a certeza de ter escapado de um perigo imminente reanimaram minha coragem: resolvi descer para o valle até á aldeia, não obstante sua distancia, e andar até encontrar homens. A montanha era alta e alcantilada; mato e calhaus enormes a tornavam muito difficil. Consegui todavia descêl-a, e a alguns passos da aldeia encontrei um camponez que me informou que não tinha mais que passar o ribeiro de Unhaes sobre uma ponte visinha, e subir o valle á direita, para chegar á Argenteira, cuja distancia não passava de uma legua. O sol estava quasi a esconder-se, e apressei-me a ganhar o valle, porém não pude andar muito ligeiramente, porque desde as 7 horas da manhã tinha andado, ou para melhor dizer, trepado, sem tomar a mais leve comida. Tinha ainda que trepar a um rochedo para chegar á Argenteira, quando subitamente o nevoeiro se condensou, me roubou a claridade do dia. Continuei minha jornada do melhor modo que poude; avistei um prado, e julguei-me já restituido á minha barraca; atravessei-o, porém pareceu-me menos consideravel, e ouvi o sussurro de uma cascata, proxima de mais para poder ser o Argenteira. Quando cheguei ao cabo d'este prado, conheci que me tinha enganado. Vi tornarem a apparecer elevadas serras, e brilhar a neve ao crepusculo: dentro em pouco fiquei convencido de ter alcançado a extremidade do Covão das Vaccas. Nenhum outro remedio me ficou, senão o de voltar para traz, e de procurar o bom caminho. No emtanto tinha chegado a noite; e se a lua não espalhasse alguma luz, não obstante a espessura do nevoeiro, que descarregava em chuva muito fina, ter-me-hia visto obrigado a ficar no sitio onde me achava; porém esperava sempre chegar ao nosso campo, e tornei a descer a serra. Dentro em pouco descobri um prado, que julguei ser o Argenteira; porém era o mesmo que tinha visto no principio. Já não era possivel orientar-me. Finalmente perdi toda a esperança de atinar com meu caminho, e resolvi chegar-me a um pastor que eu tinha visto guiando uma manada de bois, quando subi a serra. No mesmo instante dissipou-se o nevoeiro alguma coisa, e me deixou observar uma montanha escalvada, que eu tinha já visto depois da Argenteira, e ao longe vi o rochedo, que separa do nosso. Pude então orientar-me, e subi immediatamente para Argenteira, onde cheguei pouco depois. Reconheci-o pelo silencio que alli reinava, pelo seu grande comprimento, pouca largura, e por varios ribeirinhos, de que era regado. Faltava-me ainda subir este ultimo rochedo; fazia muito escuro; e estava já entre as nove e dez horas da noite: havia perto de quinze horas que eu andava, e estava de tal fórma fatigado, que a cada instante me via obrigado a descançar, e a fazer esforços para não dormir. O desejo de abreviar minha jornada pela linha mais recta foi a causa de deixar de seguir o atalho mui pouco frequentado, que custa a reconhecer mesmo no alto dia. Tinha-me aproximado de mais

Digitized by Google

das serras elevadas, e cheguei a um grupo de rochedos e de mato. Ouvi chamar ao longe, e respondi immediatamente com toda a força da minha voz. A proximidade de um ente vivo deu-me novas forças, e avancei o mais expeditamente possivel, ouvindo sempre a mesma voz. Esta aproximou-se, e reconheci um velho pegureiro, que me tinha servido de guia; bem de pressa se achou perto de mim. Tinha havido grande cuidado com minha ausencia; e, quando ouviu onde eu tinha ido, calculou tão bem o caminho que eu devia seguir, que sahiu ao meu encontro. A certeza de chegar dentro em pouco ao cabo de minha penosa excursão reanimou minha coragem. Arrastamonos vagarosamente por entre o mato, pois era impossivel andar. O velho guardador de gado não poude reconhecer o atalho, e chegámos ao nosso campo, do qual avistámos as fogueiras, ao longe, por um caminho inteiramente opposto. Foi inexplicavel meu prazer ao achar-me no meio de meus companheiros, e o leite que bebi restabeleceu-me completamente. Julguei poder dormir bem, mas os esforços tinham sido excessivamente violentos; tive um somno inquieto e agitado por sonhos medonhos. Por espaço de alguns dias senti dores muito agudas em todos os membros.»

Este artigo foi excessivamente longo, mas a um estrangeiro que dispendeu 36 contos de réis n'uma publicação respectiva a Portugal, e que n'este paiz esteve em perigo de perder a vida, deve-se um tributo de gratidão.[1]

608) **HOLLAND** (Lord).

«Dos cinco benemeritos inglezes, cujos nomes temos de commemorar, notaveis alguns quer pelas qualidades de sangue, e riqueza, quer por elevadas funcções exercidas na hierarchia civil, dignos todos de respeito por dotes de engenho e sciencia, e que em nossos dias demonstraram mais apaixonada predilecção pela litteratura portugueza, como que sagrando-lhe uma especie de culto, ou convertendo-a em objecto de seus particulares estudos, cabe o primeiro logar, segundo a ordem chronologica a lord Holland.

«Herdeiro e representante de uma familia distincta da Grã Bretanha, elevada ao pariato por Jorge III em 1762 Henrique Ricardo Vassall Fox, terceiro lord Holland, nasceu, segundo se diz, em 1773. A sua educação foi esmerada, e propria para desenvolver seu talento e natural propensão para os estudos. Sobrinho do eminente orador e ministro Carlos Fox, e como elle, devotado membro e servido do partido *whig*, cedo começou a occupar-se das cousas publicas da sua patria, tomando assento nas cadeiras do parlamento. Ahi professou e defendeu as idéas e principios do tio, cujo collega veiu a ser no gabinete durante o curto intervallo em que aquelle celebre estadista se viu por segunda vez collocado á frente dos negocios como primeiro ministro em 1806.

«Ao cabo de vinte e seis annos, no de 1832, tocou-lhe ser ainda chamado

[1] A *Flore Portugaise* é muito rara em Portugal, e em todo o paiz talvez se não encontre meia duzia de exemplares. A Bibliotheca Nacional de Lisboa comprou em 1873 um exemplar pela quantia de 148$500 reis. Porém as viagens de Link, principalmente a versão em inglez, são vulgares.

Digitized by Google

ao serviço no importante cargo de chanceller do ducado de Lencastre, por occasião da subida ao poder do ministerio Grey Melbourne. Porém as lides politicas e os debates da tribuna jámais tomaram sobre o seu espirito preponderancia tal que por ellas se esquecesse do cultivo das lettras, sobre tudo estudos philologicos, que amava apaixonadamente.

«Havendo passado em Hespanha, e crêmos que em Portugal, uma parte da sua juventude, obtivera dos idiomas de ambos os paizes conhecimento bastante para entender os seus escriptores e poetas; e para apreciar nos originaes de cada um as bellezas e defeitos. Na sua escolhida e numerosa livraria, avultavam em grande copia os livros hespanhoes e portuguezes, ditos *classicos*. Como fructo dos conhecimentos philologicos adquiridos no estudo da litteratura peninsular, escreveu e publicou em Londres (1805) umas Memorias para a vida de Lopo deVega, ás quaes addicionou, reimprimindo-as em 1817, em dois volumes, outras ácerca de Guilhen de Castro.

«No periodo de 1828 a 1833 advogou calorosamente por mais de uma vez no parlamento britannico a causa liberal portugueza, e os direitos da rainha, e houve-se com a costumada generosidade para muitos dos portuguezes alli refugiados. Seu caracter affavel, instrucção e franca amenidade de trato faziam a sua sociedade uma das mais agradaveis e instructivas, não só do seu paiz, mas da Europa. Falleceu em 1840.

«Ignoramos o destino que tivesse, onde pára hoje a rica livraria de lord Holland. Entre os seus classicos portuguezes de maior estimação contava-se um exemplar da primeira edição dos *Lusiadas* (1572). D. José Maria de Sousa, morgado de Matheus, que o teve presente para a esplendida edição, que do mesmo poema fez em 1817, a elle se refere em mais de um passo com circumstancias que lhe realçavam o valor » [1]

609) **HOLLAND (JAMES).**

E.—*The tourist in Portugal illustrated from paitings.* London, 1839. (O viajante em Portugal, illustrado, etc.)

610) **HORNBEEK.**

E.—*De conversione Indorum et Gentilium.* Amsterdam, 1669, 4.° (Da conversão dos indios e dos gentios).

611) **HOSTEIN (HYPPOLITE).** Litterato francez.

Nasceu em Paris no anno de 1814. [2]

E. de sociedade com M. F. Taigny um drama intitulado — *L'Hotellerie de Lisbonne.* Paris, 1836.

612) **H. S.**

E.—*Aperçu geographique sur le Portugal pour faire suite au Résumé des principaux evènements arrivés dans ce royaume en* 1827 *et* 1829. Paris, 1827.

[1] *Diccionario Bibliographico.*
[2] Vapereau. *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 916.

Digitized by Google

613) H. S.

E.—*Cave of Camoens in Macau: notices of his life and works, especialy of his Lusiad.* (Gruta de Camões em Macau, noticias de sua vida, obras, e principalmente dos *Lusiadas*). No *Chinese Ropository*, vol. 8.º Março de 1840.

614) HUBNER (EMILIO). Um dos mais notaveis epigraphistas da actuadade.

E.—I. *Inscriptiones Hispaniæ Latinæ consiliis et auctoritate Academiæ Litterarum Regiæ Berussicæ edidit Aemilius Hubner. Adjectæ sunt tabulæ geographicæ duæ. Berolini apud Georgium Reimerum*, 1869, fol. (Inscripções latinas da Hespanha publicadas por conselho e auctoridade da Real Academia das Lettras da Prussia, etc.) Obra verdadeiramente monumental.

II. *Auszug aus dem Monatsberich der Konigl Akademie der Wissenschaften zu Berlin.* 8.º

N'esta segunda obra, *Actas da Academia de Berlin*, é que vem o relatorio da viagem de Hubner a Portugal, sendo este o trabalho que foi mandado verter em portuguez pela nossa Academia das Sciencias, e não o que vem no *Corpus Inscriptionum*, obra não menos digna de ser traduzida, principalmente no que mais nos interessa, o que vem ácerca de Portugal.

Até pag. 26 das *Inscripções latinas* trata o auctor n'um prefacio dos escriptores tanto hespanhoes como portuguezes consultados para este trabalho. Principiam depois as inscripções da Lusitania, ás quaes se seguem as de Hespanha, e termina o livro com a lista das inscripções julgadas falsas por Hubner.

Manda a justiça que se diga que tanto o corpo das inscripções romanas como o relatorio são obras muito apreciaveis.

É porém licito fazer algumas reflexões ácerca do *Relatorio*.

Foi Hubner encarregado pela Academia de Berlin de lhe apresentar um relatorio completo de quanto existe em Portugal do tempo dos romanos, ou só do que se encontra de mais interessante d'aquella época? Na primeira hypothese manda tambem a justiça que se diga, o relatorio é mui deficiente, e para prova eis as palavras do auctor viajante ao fallar das proximidades de Ourique: «Quem não poupar tempo e fadiga investigando todos os logarejos d'esta região, que as febres e o despovoamento fazem muito pouco hospitaleiras, ha de, com certeza, encontrar ainda um numero importante de monumentos romanos, e de época anterior ao dominio romano.» (*Noticias Archeologicae*, pag. 36.)

Na obra publicada, ha poucos annos, com o titulo de *Annaes do municipio de S. Thiago de Cacem* (pag. 2) pelo sr. padre Antonio de Macedo e Silva encontramos a descripção e copia de seis inscripções romanas existentes n'aquella villa, começando cada uma d'ellas pelas palavras seguintes: 1.ª, *Marti Sacrum.*—2.ª, *J. Scribonio.*—3.ª, *G. Pagusico.*—4.ª, *Pagusicæ.*—5.ª, *Veneri Victrici.*—6.ª, *Æsculapio Deo.*

De todas estas Hubner apenas menciona quatro, não dizendo palavra tanto da 2.ª como da 6.ª

Digitized by Google

Se porém o sr. Hubner foi encarregado de apresentar um relatorio só do que ha de mais interessante d'este povo, ainda assim parece-me que não preenche o fim desejado. Por toda a parte se encontram ruinas, monumentos, lapides e vestigios do povo rei em Portugal.

Tudo isto confirma que o corpo das inscripções romanas não abrange tudo quanto existe em Portugal n'este genero. Hubner procurou apenas as terras principaes, para as quaes havia meios de transporte facillimo. Esteve em Lisboa, Porto, Braga, Evora, e pouco mais, mas não dirigiu seus passos áquellas povoações, para as quaes a jornada se tornava algum tanto mais penosa, ou a vida menos commoda. Creio mesmo que Hubner não faz menção d'uma unica inscripção que não fosse já conhecida dos portuguezes; mas o que é mais, menciona como existentes dois cipos romanos á entrada da egreja de Santa Maria de Alcaçova em Santarem, cipos que havia já alguns annos tinham desapparecido, quando o referido escriptor esteve em Portugal. Parece que a Academia de Berlin lhe deveria agradecer um passeio até Villa Viçosa, com o fim de estudar e decidir tantas duvidas existentes na interpretação das lapides dedicadas ao deus Endovelico, e a respeito das quaes confessa que havendo tres monographias compostas por portuguezes e estrangeiros, nada se tem apurado digno de menção ácerca da significação do nome do deus.

E' tambem de admirar que para composição da sua obra se servisse de 2.ª edição do livro *Fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, por Luiz Marinho de Azevedo*, quando lhe não era difficil guiar-se pela primeira edição.

Eu creio que em nenhum tempo saiu dos prelos portuguezes uma obra mais horrivelmente deturpada do que a referida 2.ª edição. É mesmo um livro completamente inutilisado. Sua opinião relativa á antiga Eminium (opinião que ainda assim tinha sido antecedentemente manifesiada por um portuguez) não poude ser acceite pelos nossos litteratos.

Infelizmente, nós os portuguezes não possuimos ainda um trabalho completo a este respeito. Mais claro — não temos um corpo completo das inscripções romanas existentes em Portugal — nem um guia, uma resenha, um livro qualquer que indique aos amantes de antigualhas os locaes onde existem antiguidades d'aquellas épocas, acompanhadas dos competentes esclarecimentos, e a obra do sr. Hubner apenas nos pode servir para elucidar varias duvidas ácerca da intelligencia d'algumas inscripções.

Consta que o fallecido commendador Bernardino José de Senna Freitas deixára composto um livro, em que censura muitas passagens do relatorio.

615) HUGHES (THOMAS).

E.—*Treaties, agreements and engagements between the honorable East India Company, etc. also between her Britannic magesty's governement and Persia, Portugal and Turkey. Bombay*[1] 1851.

[1] Em Bombaim publicou-se no anno de 1873 a segninte obra: *Noticia ácerca de Portugal por J. J. Rodrigues de Freitas Junior*, traduzida em portuguez por J. F. de Gouveia. 8.°, 148 pag.

Digitized by Google

616) **HUGHES (T. M.)**

E.—*An overland journey to Lisbon at the close of* 1846. *With a picture of the actual state of Spain and Portugal.* London, 1847. 2 vol. (Viagem por terra a Lisboa no fim de 1846, etc.)

Ignoro se este mesmo Hughes é o auctor do poema *The Ocean Flower.*

617) **HUGHES** (T. M.). Author of Revelations of Spain.

E.—*The Ocean Flower, a Poem. Preceded by an vhistorical and descriptive account of the Island of Madeira; a summary of the discoveries and chivalrous History of Portugal and an Essay on Portuguese Litterature. By*—. London, 1845. 8.°, 309 pag. (*A Flor do Oceano,* poema, precedido de uma narração historica e descriptiva da ilha da Madeira, e d'um resumo da historia cavalheiresca de Portugal, e de um *Ensaio da Litteratura Portugueza).*

«Se o infante D. Henrique não tivesse existido, é muito provavel que tambem nunca tivesse havido um Christovão Colombo.» Pag. 15.

«O simples nome do infante D. Henrique é uma gloria sufficiente para qualquer paiz.» Pag. 18.

«Com a descoberta do Brasil se consumou a gloria das expedições portuguezas, e agora se observou o assombroso espectaculo de a mais pequena nação europea dominar quasi metade do globo.» Pag. 19.

«E' uma nação que nunca teve mais de tres milhões de habitantes e reinou por algum tempo sobre metade do mundo.»

N'esta obra apparecem traducções inglezas de algumas poesias de Filinto Elysio, de Bocage «(talvez o melhor improvisador quo o mundo jámais possuiu» (pag. 86). Nicolau Tolentino, «poeta satyrico muito admiravel» (pag. 95) Almeida Garrett e A. F. de Castilho. D'este ultimo não se mostra Hughes muito admirador.

618) **HUGHS (JOHN).**

E.—*Translation of the Revolutions of Portugal written by Vertot.* London, 1735. 8.°, 139 pag. com um appendice de 14. É já 4.ª edição.

619) **HUGO (VICTOR).** Um dos mais celebres poetas da actualidade.

Nasceu na cidade de Besançon em fevereiro de 1802.[1]

E., quando ainda contava poucos annos, o seguinte melodrama: *Inez de Castro, mélodrame en trois actes avec deux intermedes.*

Apparece esta composição theatral no 1.° vol. da seguinte obra: *Victor Hugo raconté par un témoin de sa vie avec œuvres inédites de Victor Hugo, entre autres un drame en trois actes, Inez de Castro.* Paris, 1868, do qual o sr. Brito Aranha fez uma descripção muito por miudo no *Archivo Pittoresco* de 1864.

A obra franceza foi traduzida em inglez com o seguinte titulo: *Victor Hugo. A life related by one who has witnessed it, including a drama in three acts intitled Inez de Castro* London, 1863.

[1] Sr. Brito Aranha no estudo que fez sobre este poeta. *Archivo Pittoresco,* vol. 8.°

Digitized by Google

620) **HUMBOLDT (ALEXANDRE — Barão de)**. Um dos mais famosos sabios de nossos dias.

Nasceu em Berlin no anno de 1769, e falleceu em 1859.[1]

No 2.º vol. do *Cosmos* diz o seguinte ácerca do nosso Camões: «Com verdade, eu não posso dizer o que se deve admirar mais na sua grande epopea nacional, se a riqueza da imaginação do poeta, se a singular verdade das descripções.[2] Não é a mim, por certo, que compete confirmar com a minha opinião o juizo de Frederico Schlegel, que, quanto á vivacidade das côres e á maravilhosa riqueza da phantasia, põe os *Lusiadas* muito acima do poema de Ariosto; mas por certo me é dado accrescentar, na qualidade de observador da natureza, que nunca houve poeta mais exacto na pintura dos phenomenos naturaes; e que em nenhuma parte da sua obra, nem o enthusiasmo de cantor inspirado, nem o ornato da sua linguagem, nem os seus melancolicos pensamentos, o fizeram um só instante infiel a esta especie de physica. A sciencia póde acceitar as suas descripções, ao mesmo tempo que a imaginação é arrebatada pelas suas pinturas. É realmente o céo da India; são os variados aspectos do oceano. Sente-se em todos estes cantos, ou já escriptos na gruta de Macau, ou já no desterro das Molucas, um cheiro embriagante de flores dos tropicos. O auctor viu, ou antes observou, e observou como poeta. Por isso não é possivel deixar de notar em toda a parte a viva physionomia dos grandes quadros da natureza, pintados por elle. Mas onde Camões é inimitavel, é nas pinturas do mar: como ninguem soube melhor perceber, nem pintar melhor estas mysteriosas harmonias que reinam entre a atmosphera e o mar, entre as mil conformações variadas que tomam as nuvens no céo, na successão dos seus phenomenos metereologicos, e os diversos aspectos, que, reflectindo-os, apresenta a superficie do oceano. Ora é uma doce brisa, que lhe encrespa superficie, enchendo-a como de carneiros, e d'estas pequenas vagas quebradas faz sair brilhantes faiscas de luz, que alli parecem mover-se: ora é a tempestade, com todos os seus horrores, que se levanta em roda das naus de Coelho e de Paulo da Gama, e solta os elementos enfurecidos. Todos estes quadros são de uma verdade palpavel. Camões tinha podido estudar pausadamente os phenomenos do mar: soldado tinha feito a guerra não só ao pé do Atlas, no interior de Marrocos, mas tambem nas margens do mar Vermelho e do golpho Persico: duas vezes dobrou o Cabo das Tormentas, e com a sua paixão tão viva pela natureza tinha podido em dezeseis annos de solidão nas costas da India e da China, observar as alternativas do Oceano. Nada lhe escapa, e em um logar descreve os pennachos electricos do fogo de Santelmo, que os pilotos da Grecia cuidavam ser Castor e Pollux, mas a que elle chama

> ..... o lume vivo
> Que a gente maritima tem por santo
> Em tempo de tormenta:

n'outro logar é a tromba assustadora com as suas successivas transformações, e se vê

[1] Bouillet—*Dictionnaire, Supplement*, pag. 60.

[2] *Panorama* de 1847, pag. 269.

Digitized by Google

..... levantar-se
No ar um vaporzinho, e subtil fumo
E, do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado um cano ao polo summo
Se via tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava
Estava-se co'as ondas ondeando,
Em cima d'elle uma nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céo chovendo emfim voou,
Porque co'a agua jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe,
Vejam agora os sabios.....
accrescenta o poeta
Que segredos são estes da natura.

palavras com que parece dirigir-se ainda aos sabios de hoje, que fundados na sua intelligencia e no seu saber, não duvidam tratar de visões as coisas que ouvem contar ao navegante, que só tem por si a experiencia.

«Mas se Camões é superiormente admiravel nas pinturas do mar, as scenas terrestres não chamaram tanto a sua attenção. Já Sismondi notou com razão que em todo o poema se não acha nenhuma verdadeira pintura da vegetação dos tropicos, e da physionomia particular das plantas d'aquelles novos climas. O poeta apenas mencionou algumas plantas aromaticas, producções que eram objecto de commercio. O episodio da ilha encantada encerra um delicioso quadro de paizagem, mas quadro commum e classico. Que se acha n'elle além das plantas banaes com que forçosamente se ha de ornar uma *ilha de Venus*, murtas, cidreiras, limoeiros odoriferos, romeiras, e outras arvores selvagens na Europa meridional, e ainda mais nas poesias pastoris d'aquella época? O poeta n'este logar julga-se infelizmente obrigado a entrar na natureza de convenção da poesia contemporanea. Quanto não ha em Christovam Colombo com uma observação exacta das fórmas da vegetação estranha, que offerecia aos seus olhos, um sentimento muito mais verdadeiro, e um enthusiasmo mais francamente poetico, em vista de novas costas cobertas de bos-

Digitized by Google

ques. Mas o almirante escrevia um *diario de viagem*, onde consignava diariamente as suas vivas impressões, ainda sob o imperio da sua imaginação abalada, e Camões compunha um poema épico para immortalisar os feitos dos portuguezes, juntando aos factos as maravilhosas creações da phantasia poetica. Que pintasse o oceano, é natural. Os navegantes luctam com o mar, é um combate de todos os dias; e demais, em uma viagem sempre ha tempo para estudar os phenomenos mais ou menos temiveis do mar: mas chegados a terra, a luta é quasi só com os homens: a acção que se trava não deixa vêr a natureza. A paizagem torna-se um fundo de quadro, a que se não dá importancia, quadro em que os guerreiros ou os mercadores portuguezes animam a parte principal. Ainda mais: e não faltavam as palavras para pintar a natureza nova da India? onde buscaria comparações ou epithetos? Adoptaria o poeta os nomes das plantas novas, do idioma barbaro dos naturaes do paiz? Uma descripção laboriosa, fórmas singulares, coisas sem nome, não podiam deixar de repugnar a um poeta costumado á sonora harmonia da sua lingua natural.

«Comtudo não deixou Camões de ter algumas vezes singulares ousadias nas grandes descripções pictorescas, no seu tempo muito originaes, nem deixou de esboçar em linhas ousadas a physionomia geral dos continentes. É assim que no 3.º canto faz uma pintura rapida de toda a Europa, desde as mais frias regiões do norte até

> Onde o sabido Estreito se ennobrece
> Co'o extremo trabalho do Thebano.

Mas é especialmente aos costumes e á policia dos povos do Meio-dia que elle dá mais attenção; em breve passa pela Prussia e pela Moscovia, nações septentrionaes,

> ..... que o Rheno frio
> Lava» .....
> Para chegar ás deliciosas regiões da Grecia
> Que creastes os peitos eloquentes
> E os juizos de alta phantasia.

No 10.º canto o espectaculo é ainda maior. Thetis conduz o Gama a um alto monte para lhe descobrir os segredos da

> grande machina do mundo,

e o curso dos planetas segundo o systema de Ptolomeu, que então reinava. E' uma visão no estylo do Dante. Depois de ter descripto o todo do universo, o poeta torna ao globo terrestre, que lhe fica no centro, e expõe então tudo o que se sabia dos paizes n'aquelle tempo já descobertos, e das suas producções; aqui já não é sómente um mappa pittoresco da Europa, como no canto 3.º; é um quadro de todas as partes do mundo, sem exceptuar a terra de Santa Cruz, e a costa descoberta por

> Magalhães, no feito com verdade
> Portuguez, mas não na lealdade.

Digitized by Google

Camões, posto que se encerrasse em um quadro classico, foi um dos primeiros que abriu caminho a uma poesia nova: o seu genio percebeu alguns dos maravilhosos recursos que um novo mundo nos vinha dar á poesia.»

621) **HUNT.** Antigo consul de S. M. Britannica nos Açores.

E. no *Journal of the royal geographical Society of London*, vol. 15.º, pag. 258, 1845 — dois artigos cheios de novas minuciosidades relativas á constituição do solo, boas observações a respeito do clima, e algumas informações superficiaes sobre a botanica e zoologia do Archipelago Açoriano.» [1]

622) **HYERONIMUS,** *Eines jesuiten aus Portugal. Bericht von der wahre, etc.* (Hyeronimo, jesuita portuguez. Verdadeira descripção do estado do paiz dos mouros). Nurnberg, 1670. T. Compans, pag. 225.

[1] Morelet.— *Les Açores*, pag. 13.

Digitized by Google

623) **IDÉE VÉRIDIQUE** *du réverend père Malagrida, jésuite italien, exécutée à Lisbonne par sentence de l'inquisition. Extrait de deux lettres, l'une écrite de Séville le 14 octobre 1761; l'autre de Madrid le 17 novembre 1761.*— Liège, 1762. Folheto.

624) **ILLUSTRATION (LA)** *Hispano-Portugueza.* Madrid, 1872.

Era um jornal litterario e illustrado, escripto em hespanhol, e que no primeiro numero publicou uma biographia do sr. Alexandre Herculano, e varios artigos relativos a assumptos portuguezes. Propunha-se continuar a tractar de nossas coisas, mas creio que morreu á nascença.

625) **ILLUSTRATED TRAVELS).**

Na parte 25.ª d'este jornal litterario publicado em Londres vem uma série de artigos relativos a coisas portuguezas debaixo do titulo de *Excursions near Lisbon.* São acompanhados das seguintes magnificas estampas:

1.ª *Capella imperfeita da Batalha.*— 2.ª *Uma parte do palacio da Penha Verde em Cintra.*—3.ª *Casa do capitulo.*

«A entrada do Tejo, as vistas nobres e magestosas em alguns respeitos, e sempre bellas, que se gozam ao navegar pelo Tejo até Lisboa, e a primeira vista da côrte de Portugal são d'aquelles objectos, que por muito tempo ficam impressos no espirito de viajante. Lisboa é, e deve ser em todo o tempo, uma das mais pittorescas e interessantes cidades europeas. Todavia na cidade não ha muito que vêr...

(Parece que não era da mesma opinião uma camara municipal, pois podendo ornar a cidade com uma magnifica estatua de D. Maria I, se recusou a fazel-o, allegando que esta rainha não merecia um monumento!)

626) **IL MUNDO NUOVO,** *libro de la prima navigazione per Oceano a le terre de Negri de la Bassa Æthiopia per commendamento del illustre signor D. Henrico de Portugallo.* Vicencia. H. Vicentino. 4.º 1507.

Vem esta obra mencionada na *Bibliotheque Asiatique et Africaine* de Ternaux Campans. Paris, 1841.

Digitized by Google

627) **IMHOF (JACOBI GUILIELMI).**
E.— *Stemma Regium Lusitanicum sive Historia Genealogica Familiæ Regiae Portugallicae. A prima origine usque ad praesens aevum deductae et narratione rerum a Portugallia a condito regno gestarum, ac factorum memorabiliorum illustratae insigniumque iconibus exornatae.* Amstaelodami. Apud Zacharium Chatelain. 1708. fol., 72 pag. (Brazões dos reis de Portugal, ou historia da familia real portugueza, etc.) Obra dedicada ao nosso D. João V.

628) **IMPRESA DEL GRAN TURCO** *per mare et per terra contra portoghesi, quali signoreggiano gran parte de l'India o s'avviciano al sepolcro di Mahometto.* Roma, 1531. Vem mencionada em Ternaux Compans.

629) **INDISCHE NEUE RELATION**, etc. (Nova relação da India, e do que se passou nas missões de Menomotapa, Mogol, Cochim, Malabar, China, Pegu, Molucas desde 1607. Augsburg, 1614). T. Compans.

630) **INES DE CASTRO.** *An historical Ballet.* London, 1833.

631) **IGNES.** *A tragedy.* London, 1796.

632) **INEZ DE CASTRO.** *A tragedy, as contributed to Hood's Magazine.* London, 1846.

633) **INEZ DE CASTRO,** *drama per musica.* Firenze, 1793. 12.° (Drama per musica. Wienna, 1807. 8.°

634) **INFLUENCE** *du ministère anglais dans l'usurpation de D. Miguel* Rennes, 1830. Talvez seja obra d'algum portuguez emigrado na Belgica.

635) **INGUIMBERT** (Fr. MALACHIA).
E.—*Vita de Monsignore D. Bartolomeo de Martiri, escritta da* —. Roma.

636) **INNOCENTIS** *et liberi principis venditio Viannae celebrata die* 25 *junii anno* 1642. *Venditore rege Hungriae, emptore rege Castellae... Venditus est infans Eduardus frater regis Portugalliae Joannis IV pretio* 40000 *reistalerorum* (sem logar de impressão) 1642. Folheto. (Venda feita em Vienna de um principe innocente e livre, etc.) Refere-se à prisão do nosso infante D. Duarte preso infamemente no castello de Milão, por suggestões do governo hespanhol.

637) **INSTRUZIONI** *date dalla corte de Roma a Mgre. Girolamo Capodiferro ed a Mgre. Lipomano (Coadiutore di Bergamo) spedite nunzii in Portogallo il primo nel* 1557, *il secundo nel* 1548. Marsiglia, 1828.

638) **INSTRUCTION** *de S. M. Tres Fidelle à son ministre en cour de Rome. Du* 8 *octobre,* 1757. Sem logar de impressão. C. M. B. I. P.

Digitized by Google

639) **IOUNG LADY.**

E.—*Agnes de Castro. A tragedy. Written by a* —. London, 1696.

640) **ISLA (LAZARO DE LA).** Genovez.

E.—*Breve tratado da arte de artilheria e geometria, e artificio de fogo.* Agora novamente impresso por ordem de Joseph Homem de Menezes, almoxarife das armas do reino. Lisboa, por Domingos Carneiro, 1676. 8.°, 96 pag.

641) **ITALY WITH SKETCHES** *of Spain and Portugal.* London, 1834. (Italia, com esboços de Hespanha e Portugal.)

642) **ITINÉRAIRE DE L'ESPAGNE ET DU PORTUGAL** *ou description géographique et historique de ces pays, avec leurs principales routes et les distances de chaque lieu à un autre; accompagné d'une carte ou plan routier d'après les observations les plus modernes; par l'auteur de la Geographie tant ancienne que moderne enseignée par l'histoire de tous les temps,* etc. Paris, 1809. 8.°, 60 pag.

643) **ITUBRIDE (D. AGUSTIN)**

E.—*L'illustre portugais ou les amants conspirateurs.* Bruxelles, 1825.

Digitized by Google

J

644) **JACKSON (LADY).**

E.—*Fair Lusitania! A Portuguese Sketch Book. By —. With twenty very beautiful full-page Illustrations.* London, 1874. (Bella Lusitania! Livro de esboços portuguezes, etc.)

645) **JACOB (ANDRÉ).** Inglez de nação.

E.—*Grammatica portugueza e ingleza por um methodo novo e facil.* Lisboa, typographia Nunesiana, 1793. 8.°, 379 pag.

646) **JAFFEUX (EUGENE).**

E.—*Les deux Chartes portugaises.* Paris. 1837.

O auctor depois de fazer algumas reflexões sobre o governo portuguez, e de apresentar a traducção da constituição politica da monarchia portugueza, e da carta constitucional dada no Rio de Janeiro a 29 de agosto de 1826, diz o seguinte:

«Os direitos civis e religiosos, os mais caros aos cidadãos, são consagrados n'uma e n'outra da maneira mais ampla e tambem a mais explicita. A liberdade individual, a dos cultos, a da imprensa, o direito de petição, e o não menos importante de denunciar á justiça, e de exigir a reparação de abusos de que se tivesse tornado culpado um juiz, um qualquer empregado publico, direito mesmo concedido ás pessoas, que não tivessem padecido com taes abusos: ainda mais, as nomeações de magistrados municipaes pelo povo estendidas até ás justiças de paz: tudo isto fórma uma agglomeração de vantagens, das quaes estamos bem longe de gosar em França.»

647) **JANSEN (J.)**

E.—*Histoire diplomatique du chevalier portugais Martim Behaim.* Strasburg et Paris. 1802.

648) **JARRIC (PIERRE DU).**

E.—*Histoire des choses plus memorables advenues tant ez Indes Orientales*

Digitized by Google

qu'autres pays de la découverte des portugais en l'etablissement et progrès de la foy chrestienne et catholique. Bordeaux, 1607. Ibid. 1608. Ibid. 1610. Valenchiennes, 1611. 3 vol. 4.° Arras, 1628. Em polaco — Cracovia, 1628.

Esta obra foi traduzida em latim por M. Martinez. Coloniae Agripinae, 1615, debaixo do seguinte titulo: *Thesaurus rerum Indicarum Lusitanorum opera detectus a Gallico in Latinum sermonem versus.* 4 vol. 8.°

Tal era o interesse com que em toda a parte se liam as descobertas feitas por nossos maiores! E isto em tempo que corriam por toda a Europa muitos outros livros sobre o mesmo assumpto. Creio porém que além das citadas ainda ha muitas outras edições feitas em diversos pontos do globo.

649 JANSEN (HENRI).

E.—*Lettres écrites du Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume, traduites de l'anglais de miss Philadelphia Stewens.* London, 1780.

650) JANSEN (JEAN).

E.—*Premier voyage au tour du monde par le chevalier Pigafetta de l'escadre de Magellan en 1519, 1520, 1521, 1522, et accompagné d'une notice sur le chevalier Behahim, célèbre navigateur portugais: par M. de Murr. Traduit de de l'allemand.* Paris. An. IX.

651) JANSEN (M.)

E.— *Sur un voyage fait aux Açores et dans la Peninsule Iberique, extrait d'une lettre à M. Elie de Beaumont.* (Vem na obra *Comptes rendus de l'Academie des Sciences,* 1867.)

652) JOHNSON (D. M. RAMSEY).

E.—*Collecção de palavras, phrases e dialogos, ou Guia da conversação em francez, inglez e portuguèz, por* —. Porto, typographia Commercial, 1861.

653) JOHANSON'S. *Account of the Island of Bolama.* (Noticia da ilha de Bolama). London, 1780.

654) JOHNSTON (WILLIAM).

E.—*Geodydrographie survey of Madeira,* 1788. (Inspecção geodydrographica da Madeira.)

655) JONES (M. JOHN). Colonel des ingenieurs royaux, aide de camp du roi.

E.—*Mémoire sur les lignes de Torres Vedras, elevées pour couvrir Lisbonne en 1810, faisant suite aux journaux des sièges entrepris par les alliés en Espagne. Par* —. *Traduit de l'anglais par M. Gosselin, traducteur des journaux de Sièges, etc.* Paris, 1832. 8.° gr., 261 pag. com 3 mappas. Obra muito estimada entre os estrangeiros.

Divide-se este livro em quatro partes. A primeira, que é a mais considera-

Digitized by Google

vel, contém a narração historica e a descripção das linhas. Na segunda consignou o auctor observações geraes sobre suas vantagens e inconvenientes. A terceira está occupada por observações a respeito das linhas e das posições entrincheiradas em geral. Na quarta se acham reunidos todos os pormenores relativos ao traçado e á construcção de diversos trabalhos de campanha.

«As posições entrincheiradas que cobriam Lisboa, e que eram conhecidas debaixo do nome de linhas de Torres Vedras, adquiriram uma grande celebridade por terem sido a primeira barreira que conteve o curso das conquistas do exercito francez. Não podem por conseguinte deixar de interessar não sómente aos engenheiros, mas até mesmo a todos os officiaes, que procuram assumptos para estudos militares.

«A resolução de as principiar remonta á batalha de Talavera. Tendo os movimentos offensivos, que occasionaram esta acção, habilitado o general em chefe a apreciar no seu justo valor a cooperação dos hespanhoes, e demonstrado toda a insufficiencia de seus exercitos por causa de sua falta de organisação, pouca disciplina, e falta de habilidade de seus officiaes, o duque de Wellington ficou convencido de que na proxima campanha não poderia contar senão com o corpo pouco consideravel dos veteranos inglezes, e com as tropas portuguezas recentemente recrutadas, e postas debaixo do seu commando.

«Estas linhas, depois de examinadas por Massena, contiveram-n'o, e é quasi escusado dizer que o exercito invasor não fez novas tentativas para reconhecer a força das obras, de que as linhas se compunham. Depois de ter occupado seus alojamentos até ao começo de março, o exercito francez operou sua retirada, seguido de perto pelos alliados. Era o primeiro e unico exemplo de uma empresa militar projectada e amadurecida por Napoleão, em toda a plenitude do seu poder, que não tivesse sido seguida de um bom exito, graças á previdencia superior e á firme perseverança de seus adversarios. Não é demais o pretendermos que esta falta de bom resultado diante de Lisboa deu um golpe fatal na opinião geralmente espalhada que os exercitos francezes eram invenciveis, e que ensinou a Europa opprimida que podia ainda resistir e vir a ser livre. Pag. 78.

«Durante um anno inteiro, que duraram os trabalhos obrigatorios na construcção d'estas linhas não se viu um unico exemplo de insubordinação ou de rixa, e deve-se aos portuguezes a justiça de reconhecermos que a seu habito de regularidade, e a seu zelo continuado se deve mais attribuir o immenso trabalho que foi executado, do que á efficacia da vigilancia exercida sobre elles. Pag. 119.

«Os officiaes do corpo dos engenheiros inglezes espalhados isoladamente por um espaço de cento e cincoenta milhas quadradas, e alojados nas casas as mais commodas para seus trabalhos, foram por toda a parte tractados pelos habitantes com tanta polidez como benevolencia. As classes superiores mostraram uma egual solicitude em admittil-os na intimidade de suas familias, o que deu logar a ligações de amisade tão sinceras como desinteressadas entre os individuos das duas nações. Com effeito é um tributo de justiça, que

Digitized by Google

se deve pagar aos habitantes portuguezes abastados e aos camponezes da Estremadura o dizer que durante alguns mezes de relações constantes e pessoaes, quer publicas, quer privadas, estes ultimos se mostraram sempre respeitosos, industriosos, doceis e obedientes, ao passo que os primeiros em todos os negocios publicos mostraram muita intelligencia, bom senso e probidade, e apresentaram-se em suas relações domesticas, bons, generosos, indulgentes, ao mesmo tempo como senhores e como parentes. Tinha-se recommendado o mais profundo segredo ácerca da extensão e genero de trabalhos, que se estavam executando, e é muito honroso para todos que n'elle tomaram parte, o observar que apenas uma phrase vaga chegou a escrever-se nos papeis publicos; e não obstante a immensidade das obras, os francezes ignoraram a natureza do dique que se estava levantando contra elles, até ao momento em que alli encontraram o exercito formado em batalha para conter seus esforços.»

656) **JONES (J. T.)**

E.—*Account of the War in Spain, Portugal, and the South of France, from* 1808 *to* 1814. (Noticia da guerra na Hespanha, Portugal e Sul da França.)

657) **JORGE (D.)** Commendador de Aliaga en el orden de S. Juan, y D. Antonio de Ulloa, capitanes de navio, de la real armada, de la real sociedad de Londres, y socios correspondientes de la real academia de las sciencias de Paris.

E.—*Disertacion historica y geographica sobre el meridiano de demarcacion entre los dominios de España y Portugal, y los parages por donde passa en la America Meridional, conforme a los tratados y derechos de cada estado, y las mas seguras y modernas observaciones por* —. Madrid, 1742. Imprenta de A. Marin. 176 pag.

658) **JORNADA** *y muerte de el-rey D. Sebastian, sacada de las obras de Franchis.* Valladolid, 1603.

659) **JOUFFROY (Miss de).**

E.—*Consideration sur le Portugal, par le* —. Paris, 1833, 8.°

660) **JOURNAL** *d'un officier français au service de D. Miguel.* Paris, 1834.

661) **JOURNAL** *of a few month's residence in Portugal and glimpses of the South of Spain.* London, 1847, 2 vol. (Diario da residencia de alguns mezes em Portugal.)

662) **JOURNAL** *of a regimental officier during the campaign in Spain and Portugal under Lord Wellington.* (Diario de um official d'um regimento durante a campanha na Hespanha e Portugal, etc.)

663) **JOURNAL (LE) DES SAVANTS** *pour l'année* 1735. A Paris. Chez Haubert, 1735.

Digitized by Google

E' uma collecção de noticias e juizos criticos dos livros publicados nos differentes paizes do globo. Darei noticia d'alguns artigos escriptos n'alguns volumes d'este jornal para se ver como tambem se occupava das nossas obras.

Maio. *Juizo critico da Historia de Portugal por mr. de la Clede*, pag. 261. Continua a pag. 344.

Agosto, pag. 437. *Noticia e Juizo critico da traducção dos Lusiadas*, por Mr. du Perron de Castera.

«On voit assez par l'extrait que nous venons de donner qu'il n'y a rien de nouveau ni de regulier dans l'ordenance de ce poeme; c'est en général le jugement qu'en a porté Mr. de Voltaire, et nous laissons aux lecteurs de decider de la justesse des recherches et de la solidité des raisonnemens, que le traducteur employe por le combattre. Mais la beauté des details, la force de l'expression, la poesie du stile, la varieté qu'il a jetté dans ses recits, la noblesse et l'élevation de ses sentiments feront toujours regarder le Camoens comme un grand poète, par ceux même qui sont persuadés qu'il n'y a qu'un interet national qui ait pu persuader aux portugais que la *Lusiade* est superieure au Tasse, et a tout ce qui a eté fait dans ce genre depuis Homère et Virgile.» Pag. 442.

1736. Traz um juizo critico ácerca da *Historia do Japão* pelo padre Charlevoix, e aproveita-se o censor d'esta occasião para n'algumas paginas fallar de nossos descobrimentos n'aquelle remoto paiz, declarando mui positivamente ser a descoberta do Japão devida aos nossos.

1741. Pag. 335. Na critica da obra *Description du Cap de Bonne Esperance* entram os portuguezes a figurar outra vez.

N'este mesmo volume se mencionam as obras seguintes que foram publicadas nas *Philosicophal Transactions of London. Observations de l'eclypse de soleil de 15 juillet 1730 à Pékin, et des immersions et emersions des satellites de Jupiter depuis 1729 jusqu'a 1730 par les pères Ignace Kegler et André Pereira, communiquées par Jacques de Castro Sarmento.* Pag. 396. *Lettre de Mr. Jacob de Castro Sarmento a Mr. Cromwel Martimer sur les nouveaux diamants du Brésil.* Pag. 698. *Immersion et emersion des satellites de Jupiter, observées a Pekin depuis le mois de novembre de 1730 par les pères Ignacio Kegler et André Pereira, et envoyées au P. Jean Baptiste Carbonne, qui les a communiquées a Jacob de Castro Sarmento.*

1743. Pag. 20. Analysa *Histoire du detronement d'Alphonse VI par Robert Southey, et traduite en françois par l'abbé des Fontaines.* Pag. 126. Annuncia a apparição em Altorf da *Maurologia ou historia da origem e guerras dos mouros na Hespanha e Portugal*, obra dedicada aos manes de João Segismundo Holtzschuher de Aspacth por Henrique Tobias Bittenezo. Pag. 127. Analysa a obra intitulada *De la formation du théatre*, par Louis Riccoboni.

Este auctor pretende que, por ter sido comico pelo espaço de 35 annos, estava habilitado para poder asseverar conscienciosamente que o theatro era nocivo aos bons costumes. Deseja que n'elle se opere uma grande reforma, até nas peças que se deviam representar. No emtanto algumas podiam apparecer em scena sem cortes, e n'estas inclue a nossa tragedia D. Ignez de Castro.

Digitized by Google

1744. Pag. 150. Analysa a *Historia das Indias Orientaes* por Guyon; e por esta occasião falla amplamente das descobertas portuguezas. Pag. 410. Critica da obra *Mémoires politiques et litteraires concernant le Portugal*, etc. par le chevalier d'Oliveyra. Haya, 1748. Tom. 1.º

1745. Pag. 500. Dá noticia da apparição da obra impressa em Roma: *Josephi Carpani e Societate Jesu Tragediae sex Lusitaniae et Algarbiorum Regi Joanni V dicatae.* Estas tragedias eram as seguintes: *Jonathas, Adonias, Evilmedorach, Sennacherib, Sedecias e Mathatias.* Pag. 575. Analysa a obra *Vita et Lettere di Americo Vespucci racolte e illustrate da Abbate Angelo Maria Bandini.* Fiorenza, 1745. N'esta analyse, como é de suppor, falla se largamente das navegações portuguezas.

1746. Pag. 48. Critica da obra *Relation abregée d'un voyage fait dans l'interieur de l'Amérique meridionale depuis la côte de la mer du Sud jusq'aux côtes du Brésil et de la Guianne. Par la Condamine.* Paris. Pag. 164. Critica da *Histoire générale des voyages.* Tomo 1.º Paris. É assumpto para muito se discorrer a respeito dos nossos. Logo no principio ajuiza de Fernão Lopes de Castanheda, e de Faria e Sousa, como historiadores.

Esta critica continua depois a pag. 730:

«Aos portuguezes pertence a principal gloria da descoberta do Novo Mundo. Ainda que os hespanhoes tenham descoberto a America antes dos Portuguezes terem penetrado até ás Indias Orientaes, é certo comtudo que foram estes os primeiros que tentaram a navegação do oceano, e que fizeram nascer ás outras nações da Europa o desejo de procurar um novo mundo. Os hespanhoes estavam tão longe de formar este projecto, que não sómente não começaram a occupar-se d'elle senão uns quarenta annos depois de seus visinhos; mas até n'este intervallo consideraram as emprezas dos portuguezes como aventuras romanticas e effeitos de uma imaginação exaltada. Só a experiencia foi capaz de os convencer de que os portuguezes tinham raciocinado sensatamente e de que as esperanças com que Colombo lisonjeava o rei de Hespanha não eram chimericas.»

1747. Pag. 67. Critica do 2.º e 3.º volumes da *Histoire des Voyages.* Diz que estes dois primeiros volumes conteem as primeiras viagens dos inglezes a Guiné e ás Indias Orientaes; mas que as relações d'ellas não são tão interessantes como as das expedições portuguezas contidas no primeiro tomo, etc., etc. Esta critica segue até pag. 73. De pag. 288 a 296. De pag. 406 a 412.—534 a 541. Pag. 745. Noticia da apparição em Lisboa do 1.º e 2.º tomo do *Corpus Illustrium Poetarum Latinorum Portucalensium*, promettendo fallar mais de espaço a respeito d'este trabalho. E' a primeira vez que o *Journal des Savants* trata das obras impressas em Portugal.

1748. Pag. 251. Noticia ter-se estabelecido em Lisboa, debaixo da protecção do rei de Portugal, a Academia dos Occultos. Pag. 354. Continúa a critica da *Histoire des Voyages.* Tomos 11.º e 12.º que tratam das viagens dos portuguezes na Africa.

1749. Pag. 23. Critica da *Histoire des Voyages.* Trata das viagens dos portuguezes Alvarez Semedo e Magalhães. Pag. 102. Critica do 1.º e 2.º tomos do

Digitized by Google

Corpus illustrium poetarum lusitanorum.—«Por mais superficial que seja a noticia que acabamos de dar dos dois primeiros volumes d'esta preciosa collecção, lisonjeamo-nos comtudo de ter dito bastante para fazer conhecer o valor, e para persuadir aquelles que possuem alguns trabalhos proprios para enriquecel-a, a darem parte ao sabio editor. Seu gosto na escolha das peças, e sua exactidão em nos fazer conhecer seus auctores, devem fazer desejar que esteja brevemente habilitado para cumprir a promessa que nos faz de publicar sem demora os tomos seguintes.»

1750. Pag. 21. Continuação da critica da *Histoire des Voyages*. Trata da Persia e das viagens que os portuguezes fizeram a este paiz.

1751. Pag. 356. Annuncia que vão reimprimir na Haia a seguinte obra: *Joannis Attamirani et Velasquez Lusitani Icti et in Salamaticensi Academia Juris Pontificii Primarii antecessoris in priores* XIII *libros ex* XX *Quaest. Q. Cervidii Scaevolae Commentarius. Opus postum. Cervariae*, 1739. Pag. 563. Noticia de se terem publicado em Lisboa varias obras, entre as quaes *Collecção Juridica de todas as allegações, Conquistas na India pelas missões apostolicas, Politica moral e civil, etc.* Pag. 695. Outra lista de obras editadas em Lisboa. Entre outras: *A verdadeira Fé triumphante — Arte theorica pratica de Confessores — Recreação philosophica — Distracção apologetica, historica, liturgica — Chronica dos religiosos Carmelitas —Dialogos de varia historia*, etc.

D'aqui por diante dá este jornal regularmente noticia das obras que se vão publicando em Portugal. Na Bibliotheca Publica não existe uma collecção completa d'esta obra; este é o motivo principal por que ponho ponto a este artigo, aliás daria noticia de tudo quanto apparece n'esta amplissima collecção relativo a Portugal.

664) **JOURNAL** *van de estindische Reyse. (Journal du voyage aux Indes Orientales par Isbrandtz Benteckoe.* Hoorn, 1646. 4.° com estampas.

665) **JOVENAZO** (Duque) **CARAVAL** (Duque) Marquez de Frontera y Fray, **D. MANUEL PEREIRA.**

E.—*Autos de las conferencias de los commissarios de las coronas de Castilla y Portugal.* Em italiano e hespanhol. Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

666) **JUMA (D. L. C. DE).**

E.—*Tablettes Chronologiques et historiques des rois de Portugal jusqu'à l'année* 1716. Haye, 1716. 8.°

667) **JURE (DE)** *successionis regiæ in regno Lusitania e seu Portugalliae, deque legitima regis Antonii successione brevis enarratio, ex probatissimis monumentis auctoribusque collecta, et ad rectæ rationis simplicisque veritatis regulas accuratissime exacta.* Middelburgi. Apud R. Schilders, 1591. (Breve narração a respeito do direito de successão de D. Antonio ao reino da Lusitania ou Portugal, collegida de documentos e auctores os mais acreditados, etc.)

Digitized by Google

668) **JUSSIEU (ANTOINE LAURENT DE).** Um dos mais celebres botanicos francezes.

Nasceu em Lyon no anno de 1748, e falleceu em 1824.[1]

Foi outro commentador á *Flora Cochinchensis* de João de Loureiro, publicando — Note sur quelques genres de la *Flore de Cochinchine* de Loureiro, qui ont de l'affinité avec d'autres genres connus.—Existe esta nota no jornal *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle*, tomo 11.°, 1808, pag. 74-76, pag. 150. 152, pag. 231-236, pag. 327-328. Tomo 12.° pag. 68-72, pag. 337-340.[2]

669) **JUSTICE (LA)** *des armes portugaises pour défendre la liberté des espagnols opprimés par la domination française et pour assurer la monarchie d'Espagne au sérénissime et tres puissant prince Charles III, roi catholique.* Haye, 1704. Folheto.

670) **JUSTIFICATION** *de D. Antoine, roi de Portugal, touchant la guerre, qu'il faict à Philippe, roi de Castille, ses subiectz et adherens pour estre remis en son royaume. Avec une histoire sommaire de tout ce qui s'est passé à cette même occasion iusques en l'an* 1583. Leyde, 1585.

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, tomo 17.°, pag. 279.

[2] Sr. Bernardino Antonio Gomes. *Elogio historico do padre João do Loureiro.* Nas *Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa*, pag. 25.

Digitized by Google

K

671) **KALLEY (ROBERT.)**

E.—*Excursion in Madeira.* New Iork, 1845. (Passeios pela Madeira).

672) **KAYSERLING (DR.)**

E.—*Romanische poesien du Juden in Spanien: ein Beitrag zur Literatur und Geschichte der spanischen-portugiesischen Juden.* Leipzig, 1859.

673) **KEATINGE (COLONEL MAURICE).**

E.—*Travels in Europe and Africa comprising a Journey through France, Spain and Portugal to Morocco.* 1816. (Viagem pela Europa e Africa, comprehendendo Portugal.)

674) **KERDU (PIERRE MARIE LOUIS DE BOISGELIN DE)**

E.—*Histoire des revolutions de Portugal par l'abbé Vertot, continuée jusqu'au temps présent enrichie de notes historiques et critiques d'une table historique et chronologique des rois de Portugal, et d'une description du Brésil.* London, 1809.

675) **KERHALLET (CHARLES MARIE PHILIPPE DE).**

Nasceu na Bretagne no anno de 1809, e falleceu em 1863.[1]

E.—I. *Description de l'Archipel des Açores.* Paris, 1851.

«É uma descripção hydrographica, obra especial, preciosa para os marinheiros, a qual se póde considerar como um excellente commentario dos trabalhos do capitão Vidal.» [2]

II. *Instructions pour entrer et naviguer dans le fleuve de Cazamance jusqu'a l'etablissement portugais de Zinguinchor.*

III. *Description nautique des iles de Cap Vert,* 1858. 2.ª edição.

[1] Vivien de Saint Martin—*Année Geographique,* vol. 2.º, pag. 135.

[2] Morelet.—*Les Açores,* pag. 14.

Digitized by Google

676) **KINGSTON (WILLIAM H. G. ESQ.)** Author *of the Circassiam chief, the Prime Minister*, etc.

E.—*Lusitanian sketches of the pen and pencil.* London, 1845. 8.° (Esboços de Portugal á penna e a lapis). Tem um grande numero de estampas.

677) **KINSEY.** The Rev. W. M. B. D. Fellow of Trinity College, Oxford, and chaplain to the right Hon. Lord Auckland.

E.—*Portugal illustrated by —. Second edition.* 4.°, 566 pag. com grande numero de estampas. E' uma das obras mais notaveis escriptas por estrangeiros relativamente a Portugal.

«As alturas ao sul coroadas com baterias, logarejos e vinhas, descendo por suas encostas até o lume d'agua; os numerosos barcos de pesca e de recreio cortando o rio em variadas direcções; a fileira comprida e não interrompida de palacios, conventos e predios correndo ao longo da praia desde Belem até Lisboa, debaixo da elevada serra, em cujo pincaro está erguido o palacio da Ajuda, esplendida residencia dos soberanos portuguezes; e finalmente a mesma bella cidade com os seus zimborios, torres e magnificos edificios estendidos sobre muitos montes: e, mais do que tudo, por cima a deslumbrante abobada celeste azulada, formam uma combinação de objectos, cujo commovente interesse mal póde ser representado a uma imaginação do Norte.» Pag. 12.

«A nação portugueza tem desempenhado um papel proeminente e distincto no gyro dos acontecimentos humanos; e não pode a historia humana apresentar em seus annaes uma potencia que mais dignamente tenha sustentado seu posto entre as nações do mundo pelo desenvolvimento de forças moraes e intellectuaes; pelo arrojo de suas empresas, por suas gloriosas conquistas; pela sabedoria nos concelhos, por noções justas do governo constitucional.» Pag. 14.

Se o auctor nos tece grandes elogios, não são menores as censuras que nos faz pelo estado de immundicie em que a cidade se achava. Tanto os elogios como as censuras eram bem merecidas, e ainda hoje as merecemos, se bem que Lisboa tem melhorado bastante desde o tempo em que Kinsey escrevia as suas cartas em 1827.

«A orchestra da opera de Lisboa é uma das mais completas na Europa, e na verdade o scenario, decorações e vestuarios estão perfeitamente a par d'aquelles que se podem ver em qualquer theatro europeu.» Pag. 66.

«As modinhas portuguezas são peregrinamente bellas e simples, não só emquanto ás palavras, mas até pela composição da musica. São geralmente expressão de algum sentimento amoroso, terno ou melancolico, de desespero ou esperança, e seu effeito é tal que, quando bem acompanhadas pela voz á guitarra, chegam a arrancar lagrimas dos ouvintes, apesar de acostumados á sua frequente repetição.»

Termina esta obra com uma historia da litteratura portugueza, composta por James Warre, na qual se fazem principalmente os mais pomposos elogios ao nosso abbade Corréa da Serra. Effectivamente este nosso escriptor tornou-se bem conhecido pelos seus escriptos em todo o mundo illustrado. Refugian-

Digitized by Google

do-se na França, foi um dos collaboradores da obra *The Litterary Archives of Europe*, e o Instituto de França nomeou-o socio.

ESTAMPAS E VINHETAS

1.ª Vista da Universidade de Coimbra—2.ª Sello do mosteiro de Tibães—3.ª Barcos que navegam no Douro—4.ª Mappa de Portugal, gravado por Arrowsmith—5.ª Torre de Belem—6.ª Alturas do cabo da Rocca—7.ª Candeeiros de que se faz uso ao Norte de Portugal—8.ª Collecção de modinhas portuguezas acompanhadas da musica e da traducção ingleza e franceza—9.ª Uma sege subindo uma ladeira—10.ª Sitio em que foi encontrada N. S. da Conceição da Rocha—11.ª Cintra—12.ª Palacio de D. Manuel em Cintra—13.ª O convento de cortiça em Cintra—14.ª Um burro e um burriqueiro—15.ª Duas estampas representando as moedas portuguezas—16.ª Um corcunda ou absolutista—17.ª Vista do Douro, perto do Porto—18.ª Varios votos suspensos nas egrejas de Portugal—19.ª Uma estalagem portugueza—20.ª Vista do Porto e Villa Nova de Gaia, tirada do convento da Serra—21.ª Barco de vinho e de passagem no Douro—22.ª Aloes em flor e a arvore de murta com uma videira entrelaçada—23.ª Maneiras de viajar em Portugal—24.ª Altar no caminho para receber esmolas para as almas do Purgatorio—Dois frades vistos em Tuy, na Hespanha—26.ª Valença vista do Rio Minho—27.ª Uma scena de noite em Ponte de Lima—28.ª Passagem da serra da Bruga em liteira— 29.ª Um camponez e sua familia nas provincias de Douro e Minho—30.ª Aloes americano—31.ª Vista do Douro, tirada do Peso da Regoa—32.ª Camponez tocando guitarra—33.ª Vista do Douro por debaixo do convento da Serra do Pilar—34.ª Barco allado por bois n'um ponto—35.ª Retrato de D. Ignez de Castro—36.ª Chafariz portuguez—37.ª Vista de Lima—38.ª Vista do mosteiro da Batalha—39.ª Arco da entrada occidental da capella velha em Leiria—40.ª Vista de Alhandra—41.ª Cruz e disciplina dos Franciscanos—42.ª Vista de Lisboa—43.ª Cromleh perto de Arrayolos—44.ª Torre de S. Julião da Barra—45.ª Retrato de Luiz de Camões—46.ª O paquete *Sandwich* ancorado no porto de Falmouth.—Nove estampas coloridas representando varios trajos portuguezes terminam este vol.

678) **KLOGUEN** (Rev. **DENIS L. COTTINEAU DE**).

E.—*An historical sketch of Goa, the Metropolis of Portuguese settlements in India.* Madras, 1831. (Bosquejo historico etc.)

Em Goa fez-se uma versão portugueza d'este livro.

679) **KNT (A. L.)**

E.—*Contribution to an historical sketch of the Roman Catholic Church at Macao, and the domestic and foreign relations of Macao, by.—Canton* (China), 1834. (Auxilio para um esboço historico da egreja catholica romana de Macau.)

680) **KOCK (PAUL DE)**. Um dos mais celebres romancistas francezes contemporaneos. Nasceu em Passy, perto de Paris, em 1794.

E.—*Le troubadour portugais*, melodrama. Paris, 1815.

Digitized by Google

681) **KORT ENDE WAERA CHTIGH VERHAEL** *van wegen executie over verscheyden vande Grootste ende gequalificeertste Heeren van Portugal gedean, van wegen hare begane verraderie tegens den Coning [van Portugal, welcke alle zijn ter diodt gebrocht tom Lisbon op den* 29 *augusti* **1641.** *In's Graven Haye. By Ludolph Breeckevett.* Anno 1641. 7 pag. (M. S.)

682) **KORTE OBSERVATIEN** *op het Vertogh door een ongenaemden uyt gegeven, aende Ho: Mo: Heeren Staten Generael der Vereenighde Nederlanden. Nopende de voor gaende ende tegenwoordige Proceduren van Brasil. In gestelt door een Lief-hebber des Vaderlants t'Amsterdan.* Anno **1647.**

683) **KITTLER (ROBERTO).**—Livreiro em Hamburgo, e editor de um grande numero de obras portuguezas, cujo catalogo apparece no fim do *Diccionario portuguez-allemão* de Eduardo Thedoro Bösche.

684) **KOSTER (HENRI).**

E.—*Voyages dans la partie septentrionale du Brésil, depuis* 1809 *jusq'en* 1815, *comprenant les provinces de Pernambuco (Fernambouc) Seara, Paraiba, Maragnan, etc. par —. Traduits de l'anglais par M. A. Jay. Ornés de huit planches coloriées et de deux cartes.* Paris. Chez Delaunay, 1818. 2 vol. 8.° gr., o 1.° de XLVIII—376 pag., o 2.° de 512 pag.

O auctor gaba-se de que a lingua portugueza ainda lhe é mais familiar do que a da sua patria.

685) **KUNSTMANN (FREDERICO).**

E.—*Historia da ordem de Christo, tirada de documentos da Torre do Tombo*

Nada mais posso dizer a respeito d'esta obra, que não pude ver, e a noticia devo-a á pag. 13 do 1.° vol. das *Memorias da Academia Real das Sciencias*, nova serie. (Discurso lido em 5 de julho de 1854 pelo secretario Joaquim José da Costa de Macedo.) Parece porém que a obra é escripta em allemão.

686) **KUTZE WARHAFFTIGE RELATION** *und Beschreibung der wunderbartsen vier Schiffahrten so jemals verrich wonden als nehmlich, etc.* (Breve e verdadeira descripção das quatro viagens mais extraordinarias que jámais se fizeram, a saber: De Fernão de Magalhães, portuguez, com Sebastian del Cano.—De Francis Drake, inglez.— De Thomaz Candish, inglez.— De Olivier de Noort, hollandez.—Todos os quaes andaram á roda do mundo. Nurnberg, 1603. 4.°—T. Compans.

Digitized by Google

L

687) **LABAT (JEAN BAPTISTE).**—Des Freres-Precheurs.—Missionario francez. Nasceu no anno de 1663, e falleceu no de 1738.[1]

E.—*Nouvelle relation de l'Afrique Occidentale contenant une description exacte du Senegal et des pays situés entre le Cap Blanc et la Rivière de Serre lionne jusq'à plus de* 300 *lieues en avant dans les terres. L'histoire naturelle de ce pays, les differentes nations qui y sont repandues, leurs religions et leurs mœurs. Avec l'état ancien et present des compagnies qui y font le commerce. Ouvrage enrichi de cartes, de plans et des figures en taille douce.* A Paris. Chez Guillaume Cavellier, 1728. 8.°, 5 vol.

O auctor diz que nunca foi á Africa, mas que fez o seu trabalho servindo-se de Memorias escriptas por pessoas sabias, esclarecidas, e de uma probidade reconhecida. Termina o 5.° volume com as observações de mr. Brue a respeito de Portugal (de pag. 259 a 370). Diz o auctor que se encontram em Lisboa larangeiras superiores a tudo quanto se póde imaginar de bello. Trata em seguida das arvores e flores de Portugal. «Emquanto áquellas, que nenhum arbusto se pode ver mais bello do que um chamado *crista de gallo*, proveniente da India, e que a flor mais rara, a qual alguns julgam a mais bella da Europa, é a *flor do arcebispo*, proveniente do Cabo da Boa Esperança. Encontrou tambem cebolas e alhos brancos de uma grossura prodigiosa, muito bons para comer e deitar na salada.»

II. *Relation historique de l'Ethiopie Occidentale; contenant la description des royaumes de Congo, Angolle, et Matamba, traduite de l'italien du P. Gavazzi, et augmentée de plusieurs Relations portugaises des meilleurs auteurs avec les notes, des cartes geographiques et un grand nombre de figures en taille-douce. Par* —. A Paris. Chez Jean Baptiste Delespine, 1732. 5 vol. 8.°

O referido padre Cavazzi partiu para a sua missão em 9 de fevereiro de 1654, e chegou ao Congo no mesmo anno. Como é de suppor, n'esta obra quasi que não ha pagina que não falle dos portuguezes. Trata dos usos e costumes

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 28.°, pag. 332.

Digitized by Google

d'aquelles povos, das missões, e da historia da celebre rainha Zingha, a respeito da qual apresenta duas estampas, uma representando a audiencia que lhe deu o governador de Angola, e a outra o seu baptismo. Termina esta obra com a relação de uma viagem nova e curiosa dos padres Michel Ange e Deny de Carlis, capuchinhos missionarios apostolicos ao reino do Congo.

III. *Voyage du chevalier Des Marchais en Guinée, Iles voisines et à Cayenne, fait en 1725, 1726, et 1727. Contenant une description tres exacte et tres étendue de ce pays et du commerce qui s'y fait. Enrichi d'un grand nombre de cartes et figures en taille-douce. Par —.* A Paris. Chez Charles Osmond, 1730. 8.° 4 vol.

O auctor diz que para descrever estes paizes tinha excellentes obras escriptas por portuguezes e francezes, mas que preferiu a relação de Des Marchais, por causa do profundo conhecimento que tinha d'aquelles paizes.

688) **LABORDE (ALEXANDRE DE).**

E.—*Vœu de la justice et de l'humanité en faveur de l'expédition de D. Pedro. Par —.* Paris, 1832. 9.°

689) **LAC (H. FOURNIER DU).**

E.—*Lettre à M. le Vicomte de Santarem, membre correspondant de l'Institut de France sur le sceau de Denis le libéral, roi de Portugal. Extrait de la Revue Archéologique, 3.e année.* Paris, 1851.

690) **LACOMBE.**

Pela leitura da *Historia de Portugal* por Alphonse Rabe vê-se que escreveu a respeito do nosso Affonso VI.

691) **LACORDAIRE (JEAN THEÓDORE).**

E.—*Douville au Congo.* Na *Revue des deuxs mondes.* Paris, 1832.

692) **LAET (JEAN).**—Geographo belga. Era director da Companhia das Indias.

E. I.—*Portugalliæ sive de regis Portugalliæ regnis et opibus.* Leyde, 1641. Ib. 1644.

II. *Historia naturalis Brasiliæ, in qua G. Pisonis de Medecina Brasiliensi et G, Maregravii Historiæ Rerum Naturalium Brasiliæ cum annotationibus.* Leyde, 1648. Fol.

693) **LAFITAU (JOSEPH FRANÇOIS).** Missionario francez.

Nasceu no anno de 1670; falleceu na mesma cidade em 1740.[1]

E.—*Histoire des descouvertes et conquetes des portugais dans le nouveau monde, avec des figures en taille douce par —, de la compagnie de Jesus.* Pa-

[1] F. Didot.—*Biographie Universelle*, vol. 28.°, pag. 747.

Digitized by Google

ris, 1733, 2 vol., 4.º Paris, 1734, 4 vol., 8.º Esta *Historia da India Portugueza* finda no anno de 1581, e é ornada com estampas.

Tomo I.—1.ª Vista da cidade de Lisboa—2.ª Mappa das descoberta dos portuguezes—3.ª Retrato do infante D. Henrique—4.ª Recepção dos portuguezes na côrte do Congo—5.ª Vista das cidades de Cochin e de Cananor—6.ª Vista de Moçambique o de Sofala.

Tomo II.—Vista da ilha e cidade de Goa—2.ª Vistas de Aden, Mambaça, Quiloa e S. Jorge da Mina—3.ª Retrato de Affonso de Albuquerque e vista da cidade de Ormuz.

Tomo III.—1.ª Retrato de Vasco da Gama e vista da cidade de Calecut—2.ª Retrato de Nuno da Cunha, fortaleza de Diu, e morte do sultão Badur.

Tomo IV.—Differentes especies de embarcações usadas nos mares das Indias—2.º Retrato de D. João de Castro, e vista da cidade de Malaca—3.º Retrato de D. Constantino de Bragança, e vista da cidade de Damão—4.º Vista das cidades de Chaul e de Baçaim—Retrato de D. Luiz de Athayde, e vista das cidade de Mangalor, Onor e Bracalor.

«Sem pretendermos diminuir em nada a gloria que os hespanhoes adquiriram, se suas conquistas sobresahem em se fazerem ler com prazer por causa da unidade de acção, é mister tambem considerar que ficam muito inferiores, quando se comparam conquistas a conquistas, reinos a reinos, nações a nações. Os mexicanos e peruvianos, apesar de formarem estados policiados, ricos e florescentes, eram todavia barbaros, que se não sabiam melhor defender, do que os outros povos selvagens da America, nem menos faceis para vencer do que os negros africanos. Pelo contrario os povos das Indias Orientaes, apesar de muito maus soldados por si mesmos, tinham comtudo maiores soccorros, por isso que entre elles estavam em uso as armas de fogo, e possuiam um numero consideravel de tropas auxiliares, formadas de christãos renegados e musulmanos, que tinham antes feito rosto ás tropas de todos os potentados da Europa, aos quaes fizeram ficar mal varias vezes na Asia em tempo das cruzadas. Mas, se apesar d'isto se teimar no despreso que se concebeu contra os reis e povos do Indostão, não se poderá comtudo recusar ás armas portuguezas o louvor que lhes é devido quando reflectirmos que o Sophi Ismael, conquistador da Persia, e os reis Mogoes preferiram procurar sua alliança, antes que declarar-lhes guerra, e que os caliphas do Egypto, e dois sultões tão poderosos como eram Selim e Solimão, imperadores dos turcos, que tentaram empecer-lhes suas conquistas, com a vergonha das derrotas e inutilidade dos esforços, nada mais conseguiram do que realisar a gloria dos portuguezes.»

694) **LAFUENTE (D. MODESTO DE).**—Historiador hespanhol moderno e notavel.

Mandou publicar no 4.º vol ume da *Revista Popular* algumas passagens do 4.º volume da sua *Historia de Hesp anha*, n'aquelle tempo ainda inedito.

695) **LALLE MAND.**

E.—*Murphy (J.) Voyage en Portu gal à travers les provinces de Entre Dou*

Digitized by Google

ro et Minho, de Beira, de Estremadura et d'Alemtejo dans les années 1789-90. *Traduit de l'anglais par* —. Paris, 1797. Fol.

696) **LAMAREE (JEAN BAPTISTE HIPPOLITE).**

E.—I. *Relation de la defense de la place de Badajoz en* 1812 *par les troupes françaises contre l'armée anglo-portugaise.* Bayonne, 1821.

II. *Relation des sièges et défenses de Badajoz, d'Olivence et de Campo Maior en* 1811 *et* 1812 *par les troupes françaises sur les ordres du duc de Dalmatie.* Paris, 1825.

697) **LAMARTINE (ALPHONSE PRAT DE).** Um dos poetas francezes mais notaveis de nossos tempos. Nasceu a 21 de outubro de 1792.[1]

Escreveu esta ode em louvor do nosso Francisco Manuel do Nascimento, seu mestre de portuguez:[2]

LA GLOIRE—A UN POETE EXILÉ

Généreux favoris des filles de Mémoire,
Deux sentiers différents devant vous vont s'ouvrir:
L'un conduit au bonheur, l'autre mène à la gloire;
Mortels, il faut choisir.

Ton sort, ó Manoel! suivit la loi commune;
La Muse t'enivra de précoces faveurs,
Tes jours furent tissus de gloire et d'infortune,
Et tu verses des pleurs!

Rougis plutôt, rougis d'envier au vulgaire
Le stérile repos dont son cœur est jaloux
Les dieux ont fait pour lui tous les biens de la terre,
Mais la lyre est à nous.

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.
Quand nous ne sommes plus, notre ombre a des autels
Où le juste avenir prépare à ton génie
Des honneurs immortels.

Ainsi l'aigle, superbe au séjour du tonnerre
S'enlace, et soutenant son vol audacieux,
Semble dire aux mortels: Je suis né de la terre,
Mais je vis dans les cieux.

Oui, la gloire t'attend, mais arrête, et contemple
A quel prix on pénètre en ces parvis sacrés,
Vois: l'Infortune, assise à la porte du temple,
En garde les degrés.

[1] *Dictionaire de la conversasion et de la lecture*, vol. 12.°, pag. 71.

[2] Il gagnait péniblement le pain de ses vieux jours en enseignant sa langue. Il m'enseignait le portuguais et m'apprenait à admirer Camoens.» Lamartine, *Premières Meditations Poetiques*, vol. 1.°, pag. 194.

Digitized by Google

Ici c'est un vieillard que l'ingrate Ionie
A vu de mers en mers promener ses malheurs :
Aveugle, il mendiait au prix de son génie
Un pain mouillé de pleurs.

Là le Tasse, brûlé d'une flamme fatale,
Expiant dans les fers sa gloire et son amour,
Quand il va recueillir la palme triomphale,
Descend au noir sèjour.

Partout des malheureux, des proscrits, des victimes,
Luttant contre le sort ou contre les bourreaux :
On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
Mesure plus de maux.

Impose donc silence aux plaintes de la lyre :
Des cœurs nés sans vertu l'infortune est l'écueil ;
Mais toi, roi détrôné, que ton malheur t'inspire
Un généreux orgueil !

Que t'importe, après tout, que cet ordre barbare
T'enchaine loin des bords qui furent ton berceau ?
Que t'importe en quels lieux le destin te prépare
Un glorieux tombeau.

Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage
N'enchaineront ta gloire aux bords où tu mourras :
Lisbonne la réclame, et voila l'heritage
Que tu laisseras.

Ceux qui l'ont méconnu pleureront le grand homme :
Athène à des proscrits ouvre son Panthéon ;
Corolian expire, et les enfants de Rome
Revendiquent son nom.

Aux visages des morts avant que de descendre,
Ovide lève au ciel ses suppliantes mains :
Aux Sarmates grossiers il a legué sa cendre,
Et sa gloire aux Romains.

Esta ode foi traduzida do seguinte modo pela nossa marqueza d'Alorna :

Generosos validos das Camenas,
Dois caminhos diversos se vos abrem :
Um conduz á ventura, est'outro á gloria ;
Mortaes, a escolha importa,

Seguiu a lei commum o teu destino :
Com prematuros dons fartou-te a Musa ;
D'infortunios e gloria encheste os dias ;
E tu choras, Filinto !

Digitized by Google

Teme invejar ao vulgo esse ocio esteril
Que stulto zela, nutre, e que idolátra;
Os Deoses dão-lhe os bens todos da terra,
Porém a lyra é nossa.

Os seculos são teus, tua patria é o mundo:
Se acabamos, tem nossa sombra altares,
Onde o Porvir prepara ao teu ingenho
Justas, immortaes honras.

Ao sitio dos trovões aguia suberba
Assim sobe e sustenta o voo excelso;
E parece que diz: Nasci na terra,
Mas nos ceos é que vivo;

Sim, a gloria t'espera: olha, e contempla
A que preço taes lares se penetram:
Ao portico do templo está sentado
Vigilante o Infortunio.

D'alli vês o Ancião que na Grecia ingrata
Vio transferir de mar em mar seus males:
Cego, mendiga a preço do seu estro
Pão ensopado em pranto.

Acolá Tasso, ardendo em fatal fogo,
Em ferros expiava amor e gloria:
E quando ia a colher triumphal palma,
Desceo ao negro abysmo.

Por toda a parte victimas, proscriptos,
Lutando contra a Sorte, ou contra algozes;
Creio que o Ceo destina a peitos nobres
Maior porção de magoas.

Impõe silencio aos ais da tua lyra:
Corações sem virtude é que esmorecem:
Rei desthronado! inspire-te a desgraça
Gloriosa soberba.

E que t'importa, emfim, que te agrilhoe
Longe das praias de teu berço, a força?
Em que logar teu fado te prepara
Tumulo glorioso?

Dos Tagides crueis, exilios, ferros
Não te encarceram fama; onde morreres
Lisboa te reclama; essa é a herança
Que opulento lhe deixas.

Digitized by Google

Lucto profundo, lagrimas sem conto
Ha de custar á patria o homem grande,
O Luso Cysne que expulsou raivosa
Para distantes plagas.

Chorará quem tua alma desconhece:
A proscriptos o Pantheon abre Athenas;
Expira Coriolão; de Roma os filhos
Revindicam seu nome.

Sobre as margens da morte antes que desça,
Ovidio aos Ceos levanta as mãos devoto:
Aos Sármatas grosseiros lega a cinza,
Sua gloria aos Romanos.

698) **LAMBERTINI (JEAN BAPTISTE).**—Viajante e historiador hollandez. Nasceu em Anvers no anno de 1570 e falleceu no de 1650.[1]

E.—*Theatrum Regium sive Regum Hispaniae, Aragoniae, Navarrae et Portugalliae, series et compendiosa narratio.* Bruxelles, 1628. (Theatro regio ou historia abbreviada dos reis de Hespanha, Aragão, Navarra e Portugal).

699) **LA MORT GLORIEUSE DE SOIXANTE ET UN CHRÈTIENS** *de Macao, decapités à Nangasaqui au Japon en* 1640. Rouen, 1643. Lille, mesmo anno.

700) **LAMOTHE (GUERIN DE).**

E.—*Charte Chorographique des environs de Lisbonne d'après les opérations trigonometriques de M. Ciera, et levées des ingenieurs portugais et français.* Paris, 1821.

701) **LAMOTTE (ANTOINE HOUDART DE).**—Poeta e critico francez. Nasceu em Paris no anno de 1672, e falleceu no de 1731.

E.—*Inez de Castro, tragedie en un acte et en vers.* Paris, 1723.

Houve quem a traduzisse para inglez com o titulo de *Elvira.*

«A tragedia de Ignez de Castro, de Lamotte, representada em 1723, teve um acolhimento tão prodigioso, que fez época na historia dramatica de França Geoffroy.»—*Cours de Litterature Dramatique,* vol. 2.°, pag. 290.

A referida tragedia é minuciosamente analysada no 2.° vol. do *Cours de Litterature de La Harpe*

702) **LAN (JULES —AVOCAT).**

E.—*Parallèle entre le marquis de Pombal et le baron Haussmann. Par —.* Paris, 1869. 4.°, 356 pag. Com os retratos de Haussmann e do marquez.

[1] F. Didot.—*Novelle Biographie Universelle,* vol. 29.°, pag. 163.

Digitized by Google

703) LAN.

E.—*Crédit (le) foncier en Portugal, son origine, ses progrès, son avenir.* Paris, 1865. Brochura.

704) LANDELLE (LA).

E.—*Le premier Tour du Monde.* —romance, cujo protogonista é o nosso Fernão de Magalhães, publicado no jornal *La Semaine des familles.* Paris, 17.° vol. Anno de 1875.

705) LANDI (G.)

E.—*La descrettione del Isola de la Madera gia scritta nela lingua latina de — tradotta da A. Tini.* Piacenza, 1574.

706) LANDMAN (GEORGE),—Lieutenant colonel in the corps of royal enginers, the same rank in the Spanish corps of enginers with brevet rank of Colonel.

E.—*Historical-military and pictoresque observations en Portugal. London. Printed for T. Cadell and W. Davies.* 1818, fol. max. 1.° vol. 607 pag.; 2.° vol. 293 pag.; mais 203 de documentos e 132 de appendice. (Observações historicas, militares e pittorescas sobre Portugal.)

Pode-se dar a esta obra o titulo de monumental, e é acompanhada de grande numero de estampas coloridas, algumas das quaes indubitavelmente não primam pela fidelidade. Tratam dos seguintes assumptos:

1.ª Palmella—2.ª Setubal—3.ª Alcacer do Sal—4.ª Alcacer do Sal vista do Oriente—5.ª Mertola—6.ª Faro—7.ª Aljustrel—8.ª Vimeiro—9.ª Albufeira—10.ª Albufeira vista do Oriente—11.ª Portimão—12.ª Porto de Portimão—13.ª Silves—14.ª Silves vista do Oriente—15.ª Banhos quentes na Serra de Monchique de Abrantes—16.ª Monchique, perto do Cabo de S. Vicente—17.ª Pomar velho na Serra de Monchique—18.ª Costa de Lagos—19.ª Bahia e porto de Lagos—20.ª Ponte de Lagos—21.ª Aljezur—22.ª Milfontes—23.ª Arraiolos—24.ª Estremoz—25.ª Cintra—26.ª Convento perto de Cintra—27.ª Convento na rocha de Cintra—28.ª Cintra vista da estrada de Mafra—29.ª Palacio real de Albufeira—30.ª Punhete na juncção do rio Zezere com o Tejo—31.ª Vista tirada do castello de Abrantes—32.ª Ponte de Niza—33.ª Passagem em barcos no Tejo em Villa Velha—34.ª Vau no rio Sever—35.ª Passagem pelas serras perto de Ladeira—36.ª Foz do Tejo—37.ª Vista do Tejo—38.ª Torres Vedras—39.ª Torturas da inquisição—40.ª Idem—41.ª Leiria—42.ª Pombal—43.ª Coimbra—44.ª Idem—45.ª Ponte de barcas no Porto—46.ª Penafiel de Sousa—47.ª Amarante—48.ª Idem—49.ª Ponte de Lima—50.ª Idem—51.ª Valença—52.ª Cidade de Tuy—53.ª Bahia de Vigo—54.ª S. Paio, perto de Redondella.

707) LANGLE (CONTRE-AMIRAL FLEURIOT DE).

E.—*Voyage au Malabar* (em o n.° 185 do jornal francez *Tour du Monde*, de 1863). E vem acompanhada das seguintes estampas:

1.ª Casa do governador, em Pangin ou Nova Goa, na Costa do Malabar—

Digitized by Google

2.ª Uma vista de Mahé, possessão franceza sobre a costa de Malabar—3.ª Uma vista de Mahé, sobre a costa de Malabar—4.ª Entrada das grutas em Elephanta—5.ª Mulheres indias das castas baixas em Bombaim—6.ª Casamento de Siva e de Parvati; baixo relevo de Elephanta—7.ª A gruta dos leões em Elephanta—8.ª Grande gruta em Elephanta.

«Os christãos são muito numerosos na possessão franceza de Mahè. Proveem ou das antigas conversões feitas pelos portuguezes, ou da mistura d'esta nação com as mulheres do paiz.

«Quando do sul se chega á barra de Goa, passa-se primeiro por diante das ilhas de S. George.

«O braço do rio de Goa, que desemboca ao sul chama-se Murmugão: abre-se bem depressa aos olhos dos viajantes, mas as terras são geralmente ennevoadas, e é difficil distinguir bem os accidentes dos terrenos. Grandes edificios corôam as alturas, e tudo annuncia que uma nação poderosa tinha feito de Goa sua capital. O convento do Cabo é um dos mais bem conservados d'aquelles edificios; está situado na extremidade da ilha de Salsete. Mais ao norte um pharol domina o ancoradouro da Aguada, e varias ermidas attestam o fervor dos primeiros portuguezes que se estabeleceram n'estas costas.

«Longas fileiras de fortes armados de peças enferrujadas corôam o ancoradouro da Aguada, mas este apparato militar já não póde resistir aos actuaes ataques. Pangin ou Nova Goa possue egrejas muito notaveis e quarteis. O palacio do governador é um edificio vasto.

«Á primeira vista admiramo-nos do grande numero de padres que circulam nas ruas de Pangim, mas a rasão é que ainda que os inglezes dominam politicamente toda a costa de Malabar, a direcção religiosa pertence a Goa: esta cidade é o vasto seminario d'onde sahem os padres que exercem o santo ministerio na India quasi inteira. A velha Goa fica a duas horas de Pangim, pelo rio acima. Uma calçada reparada pelo visconde de Torres Novas alli conduz facilmente, e tambem se pode ir em barco. Seria necessaria uma potente imaginação e conhecimentos archeologicos bem rigorosos para reconstruir pela lembrança a cidade dos vice-reis.

«A cathedral é uma nobre basilica, cuja frontaria se ostenta n'uma praça de vastas proporções. Suas duas torres quadradas são de um bello risco. O comprimento do edificio anda por uns 70 metros, e a largura da nave perto de 27. Quando penetramos em a nave ficamos maravilhados do grandioso do santo logar. Cada lado tem 7 capellas, e o altar mór é magnifico. O corpo de S. Francisco Xavier está na egreja do Bom Jesus, que pertencia aos jesuitas. E' em fórma de cruz esta egreja, e o altar mór é esplendido. O mausoleu do Santo é magnifico. A seus pés veem piedosamente os indios de todas as castas ajoelhar e beijar suas reliquias.

«O commercio de Goa é fraco, e esta antiga metropole das Indias está bem decahida do seu esplendor passado.

«Um convento, que os portuguezes tinham construido em Bombaim, está convertido em casa de recreio, e a casa do capitulo serve de casa de jantar ao governador de Bombaim.»

Digitized by Google

Esta viagem á costa do Malabar foi feita em 1859 e 1860.

708) LANGSDORF (GEORGE HENRI).

E.—*Memoire sur le Bresil pour servir de garde aux personnes qui desirent s'yetablir.* Paris, 1820.

709) LARA (DAVID BEN ISAAC COHEN DE). Judeu.

Nasceu em Lisboa, e residiu por muitos annos em Hamburgo e Amsterdam.

E.—I. *Kitter Kehuna;* isto é: *Corôa dos Santos e do Sacerdocio.* Comprehende até a letra *Iod.* Hamburgo, por Jorge Robenlino, 1667. Fol.

E' um copioso Diccionario Talmudico Rabinico, que contém a exposição e correspondencia das vozes talmudicas e rabinicas, em quatorze linguas, a saber: Chaldea, Syriaca, Arabica, Persiana, Turca, Grega, Latina, Italiana, Castelhana, Portugueza, Franceza, Allemã, Saxonia e Ingleza.

II. *Tratado de Moralidad y regimiento de la vida de Rabbenu Mosé de Egypto.* Hamburgo, 1662. Officina de Jorge Robellinos.

III. *Tratado del Temor Divino,* Amsterdam, 1633.

A respeito d'estas e d'outras obras. V. Antonio Ribeiro dos Santos nas *Memorias de Litteratura Sagrada dos Judeus Portuguezes.*

710) LAROUSSE (PIERRE).

E.—*Biographie du Camoens telle qu'elle figurera dans les colones du Grand Dictionaire par —.* Paris. Librairie de V.° J. P. Aillaud, Guillard et C.° 1867, 8.°, 13 pag.

«Eis ainda um d'esses grandes homens a quem um grande genio não salvou do infortunio. A quem imputaremos os longos transes que o perseguiram até á cova? A essa organisação nervosa, a essas paixões vivas e ardentes, inseparaveis talvez do genio, ou a isso a que se dá o nome de sorte, a essa fatalidade invencivel, que parece inherente a esses poetas creadores, destinados a erigirem monumentos immorredouros entre os homens?

«Homero, Tasso, Milton, Camões, Cervantes, illustres infelizes sobre quem pesou esta mão de ferro: seres mysteriosos, nos quaes tudo foi extraordinario, que soffrieis e mendigaveis ao cantardes vossos versos divinos, que hão de fazer o eterno recreio dos homens, dizei-nos o segredo de vossos prolongados infortunios; dizei-nos as causas de vossos peregrinos e deploraveis destinos. Mas quem os sabe, e sabel-os-hieis vós mesmos? *Sunt lacrymæ rerum.* E apenas se veem seus effeitos. A gloria serve de galardão ao soffrimento, e vossos nomes immortaes d'isso são a prova. Porém nenhum d'elles foi talvez mais acabrunhado de desditas de todos os generos, do que o poeta, ao qual Lisboa deve toda sua gloria litteraria.»

711) LASTEYRAC (JULES).

E.—I. *Le Portugal depuis la revolution de* 1810.

II. *Souvenirs des Açores.* (Na *Revue des deux Mondes, de* 1841 *e* 1842.)

Digitized by Google

712) LATOUCHE (JOHN).

E.—*Travels in Portugal with illustrations by Right Hon. Sotheron Estcourt.* London, 1875. (Viagens em Portugal).

713) LAVAL (FRANÇOIS PYRARD DE).

E.—*Voyage contenant sa navigation aux Indes Orientales, aux Moluques et au Brésil.* Paris, 1616. Ibid. 1619, 2 vol. Vide *Pyrard.*

714) LAVIGNE (A. GERMOND DE).—Escriptor francez. Nasceu em 1812.[1]

E.—*Itineraire descriptif, historique et artistique de l'Espagne et de Portugal.* Paris, 1860. 2.ª edição 1861.

II. *L'Espagne et le Portugal.* Paris, 1867.

715) LAVRO (CARLO).

E.—*Adventure admirable par dessus toutes les autres des siècles passés et présents, par laquelle il appert évidemment que D. Sebastien en vray est légitime roy de Portugal, incognu depuis la bataille qu'il perdit contre les infidèles en Afrique, l'an 1578, est celuy meme que les seigneurs de Venise ont déténu prisonier deux ans et vingt deux jours finis au XV décembre dernier passé au quel jour il fut extraordinairement remis en liberté, et sortant de Venise s'en vint à Florence. Le tout traduit du castillan en français, par l'incomparable astrologue* —. 1601, 8.° (C. M. B. I. P.)

716) LEAKE (JOHN).

E.—*Dissertation on the properties and efficacy of Lisbon die drink.* London, 1857. (Dissertação sobre as propriedades e efficacia da bebida para dieta em Lisboa).

717) LEBEN DES SEBAST. *Joseph von Carvalho und Mello Marq. von Pombal.* Leipzig, 1782. 2 vol.

718) LE BON VOISIN, *c'est à dire: le Portugais.* Sem logar de impressão. 1646, 4.° Folheto. (C. M. B. I. P.)

719) LEBRUN (PONCE DENIS ECOUCHAD).—Poeta francez. Nasceu em Paris no anno de 1729, e falleceu na mesma cidade no de 1807.

E.—*Ode sur la ruine de Lisbone.* Paris, 1755.

720) LEESER (ISAAC).—Hebraista americano. Nasceu no anno de 1806 em Neukrich (Westphalia), e rabbino da synagoga de Philadelphia.

E.—*Portuguese form of prayers*—com o hebreu em frente. Philadelphia, 1837. 2 vol.[2] (Rito portuguez das orações).

[1] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains*, pag. 1091.

[2] Idem, idem, pag. 751.

Digitized by Google

721) **LEFEBVRE (PHILIPPE).**

E.—I. *Examen de la tragedie d'Ines de Castro par de Lamotte Houdart.* Paris, 1723.

II. *Lettres d'un gentilhome de Province au sujet de la tragedie d'Inez de Castro.* Paris, 1723.

722) **LEFRANC.**

E.—*Histoire de Portugal.* Paris.

723) **LEGRAND ET DOMINIQUE (M. M.)**

E.—*Agnès de Chaillot. Parodie d'Ines de Castro.* Dijon, 1777.

724) **LEGITIMITÉ (DE LA)** *en Portugal. Question portugaise soumise au jugement des hommes impartiaux.* Paris, 1828.

725) **LEGLAY.**

Publicou nos seus *Analectes* curiosos documentos relativos aos filhos de D. Ignez de Castro, extrahidos dos archivos de Cambrai.

Dá-nos esta noticia o sr. Ferdinand Denis nas suas notas á traducção franceza dos *Luziadas* por Fournier e Desaules, pag. 351.

726) **LEMAIRE** (SIEUR).

E.—*Voyage of the—to the Canary Islands, Cap Vert, Senegal and Gamby.* London, 1696.

727) **LEMERCIER (LOUIS-JEAN-NÉPOMUCENE).**—Litterato francez. Nasceu em Paris no anno de 1771, e falleceu no de 1840. [1]

E.—*Pinto,* drama. «Ouvrage auquel on n'a peut etre pas rendu assez de justice, et qui sera un des plus beaux titres de gloire de son auteur.» [2]

728) **LENOBLE (PIERRE MADELEINE).**

E.—*Mémoire sur les operations militaires des français en Galice, en Portugal, et dans la vallée du Tage en* 1809 *sous le commandement du maréchal Soult.* Paris, 1821.

729) **LEON (D. LORENZO VANDER HAMMEN J.)**

E.—*D. Filippe el prudente, segundo deste nombre, rey de las Españas y nuevo mundo.* Madrid, 1622.

730) **LEPOWSOKY.**

E.—*Peter II. Koenig von Portugal.* Munich, 1818. (D. Pedro II, rei de Portugal).

[1] Firmin Didot—*Nouv. Biographie Universelle,* vol. 30.°, pag. 586.

[2] Alph. Rabbe—*Histoire de Portugal.*

Digitized by Google

731) **LERY (JEAN DE).**—Viajante francez. Nasceu no anno de 1534 em Lery, e falleceu em Berne no de 1611. Era pastor protestante, e foi mandado ao Brasil com o fim de estabelecer alli a egreja reformada.

E.—*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique, contenant la navigation et choses remarquables vues sur mer par l'auteur, le comportement de Villegaignon en ce pays lá, les mœurs et façons de vivre etranges des sauvages brésiliens, avec un colloque de leur langage; ensemble la description de plusieurs animaux, arbres, herbes, et autres choses singulières, et du tout inconnues par deçá, le tout recueilli sur les lieux.* La Rochelle, 1578, 8.°, Genève, 1580, 1585, 1593, 1600, 1611. 8.°

Ha uma traducção latina d'esta obra com o seguinte titulo: *Lorie Joanne Historia navigationis in Brasiliam quae et America dicitur. Escudebat Existathius Vignon*, 1586.

732) **LES DERNIERES NOUVELLES** *de l'état de la Chretienté en Ethiopie, empire des Abyssins communément appellé du pretre-Jean, où se voit sa conversion à l'Eglise Romaine, escripte en Espagnol par le P. Pierre Merejon.* Paris, 1622.

733) **LES ROYAUMES D'ESPAGNE ET DE PORTUGAL** *representés en taille-douce très exactes, dessinés sur les lieux mêmes, qui comprennent les principales villes, forteresses, montagnes... Avec les cartes géographiques tant génerales que particulières de ces deux royaumes.* Leyd. Sem data.

734) **LESSING.**

E.—*Description de l'Amérique Portugaise, ecrite par Cardena.* Brunswick, 1780.

735) **LESUR (CHARLES LOUIS).**—Litterato e publicista francez.

Nasceu em Guise, na Picardia, no anno de 1770. Falleceu em 1849. [1]

Sua publicação mais importante foi a do *Annuaire Historique et Politique.* Desde 1817 publicou annualmente um grosso volume, onde estavam expostos e resumidos com um espirito prudentemente independente os factos politicos, litterarios e scientificos da França, dos estados da Europa, e d'outras partes do mundo. Esta collecção tornou-se uma fonte preciosa para a historia contemporanea, pois além dos principaes successos, contém muitos documentos officiaes, que seriam difficeis de encontrar n'outra parte. Em 1830 Lesur retirou-se para sua cidade natal, e deixou a Ulysses Tencé toda a direcção do *Annuario.*

No que diz respeito a Portugal é tambem esta publicação muito importante: escripta com desenvolvimento e com a possivel imparcialidade deve ainda ser consultada por quem se propozer a estudar a nossa historia d'aquelles calamitosos tempos. Por exemplo, a historia de Portugal narrada no anno

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 30.°, pag. 998.

Digitized by Google

de 1828 occupa desde pag. 515 a 577. N'ella se refere minuciosamente a chegada de D. Miguel de Vienna d'Austria; os meios de que se serviu para ser acclamado rei absoluto, e termina pela recepção da rainha D. Maria pelo rei de Inglaterra. Esta historia continua a pag. 465 do volume seguinte.

736) **LETTER (A)** *to the editors of the Portuguese Investigador in England on the impropriety of abolishing the Royal Wine Company of Portugal.* (Sobre a abolição da companhia dos vinhos do Douro).

737) **LETTERA** *ad un amico che contiene come una risposta générale a tutte le Ragioni, che in sustanza furono addote nella stampa d'un certo libro con la data di Fossombrone, che ha per titolo Lettere dell' Abate N. N. Milanese ad un prelato Romano, apologetiche della Compagnia di Gesu contra due libelli intitolati: Riflessioni sopra il Memoriale presentato da P. P. Gesuiti Alla Santitá di Papa Clementi XIII felicemente regnante, e Appendice alle Riflessioni.* Lugano, 1761. 8.°, 116 pag. (Contra os Jesuitas.)

738) **LETTERE** *annue d'Ethiopia, Malabar, Brasil e Goa, dell'anni* 1620-1624. Roma, 1627.

739) **LETTRE** *d'un négociant de Lisbonne a un correspondant de Paris, contenant une rélation fidèle du tremblement de terre arrivé a Lisbonne le* 1 *novembre* 1755. (Sem data nem logar de impressão).

740) **LETTERA** *di un amico ad un suo concittadino, in cui si riferiscono i fatti che provano, che l'autore dell'attentato contra la vitta del Re ha de complici, e si ragguaglia il modo con cui é stato formato il di lui processo.* Avignone, 1759.

741) **LETTRE** *a l'auteur des «Nouvelles Ecclesiastiques» dans laquelle on lui demande si le scandale donné a Lisbonne par le jesuite Casnedi est le plus grand qui soi dans l'Eglise.* Sem data, nem logar de impressão. (C. M. B. I. P.)

742) **LETTRE** *du Serenissime Roy de Portugal a son embassadeur F. de Sousa Coutinho.* Imprimé a la Haye, chez Michel Staal, demeurant a la cour, vis a vis la prison, 1650; 4 folhas. (M. S.)

743) **LETTRES** *ecrites de Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume. Traduites de l'Anglois. Suivies du portrait historique de M. le marquis de Pombal.* A Londres, 1780. 8.°, 72 pag.

Esta obra, formada de dezesete cartas escriptas desde 26 de janeiro de 1777 até 3 de junho do mesmo anno, é uma resenha dos beneficios que Portugal colheu com a administração do grande marquez. Mostra o estado de torpor e de abatimento a que o paiz tinha descido, e o estado de engrandecimento, a que chegou no reinado de D. José.

Digitized by Google

«A nação viu-se livre do poder da inquisição, oppressão a mais horrivel e vergonhosa que povo algum jámais soffreu.

«A expulsão dos jesuitas seguiu-se pouco depois. Se a Europa gosa das vantagens, que foram o fructo da destruição d'esta ordem, deve-o mais que a tudo aos cuidados inquebrantaveis do marquez de Pombal.

«Fixou o numero das missas que seriam ditas por alma dos mortos, e marcou a esmola que se devia dar por cada uma.

«Antes da administração do marquez de Pombal a policia de Lisboa era tão má que se tornava perigoso achar-se na rua á tardinha, ou durante a noite, e os assassinatos eram tão frequentes, que até mesmo se olhavam como accidentes triviaes. Mas desde a ordem, que este ministro estabeleceu em Lisboa, mudaram as coisas de tal sorte, que é para crer que actualmente ha mais segurança nas ruas de Lisboa, do que nas de qualquer outra capital da Europa.

«Durante o tempo de seu ministerio a nação illustrou-se muito, e a agricultura fez grandes progressos, o commercio ampliou-se em grande escala, as artes e as sciencias foram cultivadas, estabeleceram-se algumas fabricas, as finanças chegaram a uma situação respeitavel. Estes factos dão indubitavelmente honra ao ministro, a quem a posteridade ha de fazer a justiça que lhe é devida, quando o tempo houver exterminado os preconceitos que se levantaram contra elle.

«Em tempo algum nem ministerio foi mais tempestuoso, nem mais glorioso que o seu. Houve mister de toda a sua coragem para vencer os perigos que encontrou, tanto pela maldade de seus adversarios, como pelos acontecimentos mais extraordinarios: mas quanto mais as occasiões eram terriveis, tanto maior grandeza e serenidade d'alma patenteava. N'uma palavra, póde-se comparar este ministro com o cardeal Richelieu, sem receio de ir de encontro á verdade. Ambos foram elevados ás maiores honras: ambos governaram por meio do terror, restabeleceram a auctoridade real humilhando a nobreza, ambos tiveram a ridicula pretenção de passarem por galanteadores e de possuirem universidade de talentos; ambos foram grandes politicos, senhores imperiosos, inimigos irreconciliaveis, amaveis na sociedade, affaveis para com os estrangeiros: ambos se elevaram por meios honestos, sem vergarem em tempo algum em frente da adversidade; ambos amontoaram grandes cabedaes; ambos foram a honra e o sustentaculo da nação, cuja leviandade, ingratidão e odio soffreram, o qual venceram por meio da firmeza e do rigor; ambos finalmente fizeram tudo desajudados.

744) **LETTERS** *from Portugal on the late and present state of that kingdom.* London, 8.º (Cartas de Portugal sobre o antigo e presente estado d'aquelle reino.)

745) **LETTERS** *from Portugal and Spain written during the march of the British troops under sir John Moore.* (Cartas de Portugal e Hespanha escriptas durante a marcha das tropas inglezas ás ordens de sir J. Moore.)

Digitized by Google

746) **LETTRE** *seconde de Lisbonne, écrite a un embassadeur, qui contient un détail tres circonstancié du furieux tremblement de terre qu'il a eu cette année dans le Portugal; du camp du roi pres de Lisbonne le 24 novembre* 1755. 4.° folheto. (Sem data, nem logar de impressão.)

747) **LETTRES** *et pièces concernant les changements actuels de Portugal a l'égard des jésuites envoyés par le Nonce resident a Lisbonne, a la secreterie de l'état ecclesiastique et distribuées aux cardinaux de la congregation du St. Office, avec le memorial presenté par le Pére Général des Jésuites le* 31 *juillet* 1758 *a S. S. le Pape Clement XIII.* (Sem logar nem data de impressão.

748) **LEVEQUE.**

E.—*Costume of Portugal illustrated by fifty coloured engravings with a description of the manners and usage of the country.* London, 1814.

749) **LIANCOURT** (Comte de **GODDE DE**).

E.—*Société de l'union des nations pour la Civilisation Universelle. Eloge funebre de S. M. D. Pedro, empereur du Bresil, duc de Bragance, regent du Portugal et de l'Algarve par le —. Suivi de stances par M. de Saint Antoine.* Paris, 1835. 4.°

750) **LIANO (ALVARO AGUSTIN DE).**—Historiador hespanhol. Falleceu em 1830 [1]

E.—*Repertoire portatif de l'histoire et de la litterature des nations espagnole et portugaise.* Berlin, 2 vol. (Sem data.)

II. *Observaciones y noticias curiosas sobre la litteratura castellana y portuguesa y sobre los escritores de estas dos naciones.* Aix la Chapelle et Leipzig 1829-30. 2 vol.

III. *Essai pour servir à l'histoire des nations espagnole et portugaise.* Berlim, 1820.

751) **LIBERTINUS (CAROLUS).**

E.—*Divus Franciscus Xaverius Indiarum apostolus elogiis illustratus.* Vetere Pragae, 1673. (S. Francisco Xavier, apostolo das Indias, illustrado com elogios.)

752) **LICKNOWSKY (FELIX DE,** Principe de). Seu pae foi Edward Maria de Licknowsky.

Nasceu em 5 de abril de 1814, sendo assassinado em 18 de setembro de 1848. [2]

Entrou bem novo para o exercito prussiano, deixando-o em 1838 para se-

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 31.°, pag. 107.

[2] Idem, idem, pag. 235.

Digitized by Google

guir as bandeiras de D. Carlos, de quem veiu a ser ajudante de campo. Em 1840 voltou para a Allemanha, e passados dois annos fez uma viagem a Portugal, indo residir mais tarde na Silesia. Depois de ter tomado em 1847 parte activa nos trabalhos da primeira camara prussiana, tomou assento em 1848 no parlamento de Francfort. Sendo membro da direita despertou muitas vezes a colera do partido democratico por sua eloquencia virulenta e incisiva. No dia 18 de setembro, pela occasião do conflicto causado pelo armisticio concluido com a Dinamarca, foi tanto o principe de Licknowsky, como o general Auerswal assassinados pelo vulgacho.

E.—*Portugal Erinnerungen aus dem Jahre* 1842. Mayence, 1843.

D'esta obra fez-se uma traducção em portuguez, a qual se imprimiu em Lisboa no anno de 1842, e d'esta versão nos serviremos nos seguintes extractos, pois do original allemão nem mesmo ainda pudemos ver um só exemplar.

O principe, tendo embarcado em Southampton no vapor inglez *Litle Liverpool*, no mesmo barco chegou a Portugal.

«Ao partir do Cabo da Rocca substitue-se ao primeiro quadro um outro egualmente encantador — pharoes, castellos, casas de campo e aldeias mostram-se na praia: veem depois as duas torres de S. Julião e Bugio, similhantes a duas vedetas avançadas para guardar o Tejo. Em poucos minutos entramos na corrente d'esse grande rio. Lisboa tem sido descripta tantas vezes que não intentarei eu renovar debil e descoradamente essas impressões, que traçaram tão brilhante e variadamente uma talentosa escriptora allemã nos ultimos tempos, e antes d'ella dois poetas de fundada reputação. A magestade e a pompa do Tejo excedem toda a expectação. Faltam, porém, aqui as riquezas e a vida; é entrada mais propria de uma capital do mundo, do que da côrte de um pequeno reino. Vulgarmente se tem comparado a vista gosada pelo ingresso no Tejo com a dos portos de Napoles e Genova: devo, porém, confessar, que não acho fundamento algum para similhante paridade. Genova e Napoles mostram repentinamente tudo quanto teem a offerecer, como um panorama ou uma decoração de theatro: em Lisboa trocam-se os quadros, cresce o interesse, e finalmente no ultimo plano é coroada a expectação. Logo ao entrar, a mais larga torrente de aguas do antigo continente: o mar verde, o rio azul, torres, aldeias, pharoes e castellos, Cascaes e Oeiras; á esquerda os montes de Cintra, á direita a Serra da Arrabida, que se prolonga pelo mar em remotissimo horisonte até ao Cabo do Espichel: depois segue-se Belem com a sua alta torre mourisca tenebrosa prisão de estado do ultimo duque de Aveiro, e da bella condessa de Tavora: em uma elevada collina as dimensões colossaes do palacio da Ajuda, e como *pendant* o castello e o monte de Almada; finalmente por terceira apparição Lisboa, tão grande e tão sombria, tão nobre e tão negligente»....

«O Tejo acha-se bastantemente vasio, como lhe succede quasi sempre depois da separação do Brazil. Um navio de guerra inglez e outro francez existiam fundeados, como representantes de duas potencias, que de boa vontade dominariam sobre aquellas aguas: depois seguia-se o navio portuguez de registro, a fragata *Duqueza de Bragança*, finalmente duas naus desapparelha-

Digitized by Google

das, *D. João VI* e *Vasco da Gama*, ultimas reliquias da magestade passada, depois que Portugal perdeu o dominio dos mares. Centenares de barcos de pescadores, de transporte, alguns navios mercantes, principalmente americanos, e vapores pequenos, que navegam dentro do Tejo, eram unicamente os que davam ainda alguma vida a este rio.

«Á primeira vista da Praça do Commercio, praça grande e regular, das ruas, que d'ella decorrem parallelamente entre si, e em geral da moderna parte da cidade, acredita-se poder assegurar que é Lisboa a mais brilhante das capitaes da Europa, mesmo em relação á elegancia. Imaginem-se trinta a quarenta mil casas edificadas sobre a encosta do sul de sete risonhas collinas, e que como uma orla bordam o Tejo desde Belem até Xabregas em um comprimento de seis milhas inglezas: formosas praças, bellos e grandes edificios publicos, um aqueducto egual ás obras dos romanos, o branco zimborio e torres do Coração de Jesus, o gothico mourisco convento de Belem, e o agradavel terrasso de S. Pedro de Alcantara. Esta é a vista que hoje apresenta Lisboa. Da velha, sombria e angulosa cidade, que existia antes do terremoto de 1755, já muito pouco se vê hoje, principalmente nos bairros baixos.

«O theatro de S. Carlos em Lisboa è um dos mais bellos e mais curiosos edificios d'esta cidade, e sem contestação póde ser collocado a par dos primeiros da Europa. No dia da minha chegada a Lisboa foi representada a *Rainha de Golconda*, que alternando-se com as *Prisões de Edimburgo* me perseguiu durante dois mezes da minha residencia n'aquella cidade. Porém a companhia italiana pareceu-me admiravelmente boa: póde soffrer parallelo com as de cidades italianas de segunda ordem.

«Cintra, *glorious Eden* de Byron, luzitano paraizo, quem deixa de sonhar comtigo, ou de retraçar a si proprio esse logar encantado, pintando-o com brilhantissimas côres, como quadro radiante da phantasia! É por isso que todo o estrangeiro se apressa o mais que póde em visitar Cintra. Quanto mais tempo n'ella me demorava, tanto mais aprasivel me parecia, e mais romantica, até que, quando finalmente me foi forçoso partir, repassou-me um tão intimo desgosto, que de todo se tornou manifesto para mim que alli havia muito mais do que aquillo, que a principio tinham descoberto meus olhos profanos. Essas frescas veredas cobertas de folhagem, o crescimento magestoso e exuberante da vegetação: as cascatas, e frigido oceano, tudo isso nunca o esquecerei, e com a auctoridade de Byron e de Camões, com a opinião dos poetas e dos litteratos de todos os tempos e de todos os povos da terra, proclamarei Cintra o mais bello de todos os sitios da terra. Mas o que verdadeiramente dá a Cintra encantos, como se não encontram em parte alguma do mundo, é a frescura perpetua de suas alamedas e bosques. Quando sahi de Lisboa o calor tinha subido a 30° de Reaumur, porém ao aproximar-me á montanha, vinha bafejar-me uma aragem tão amena ao longo da estrada, e abobadada por um tecto de folhagem, que conduz do Ramalhão até á praça de Cintra; e o ar achava-se tão deliciosamente tepido, como se fôra n'um bello dia de verão no Rheno ou no Danubio. Isto não era uma excepção; porque ordinariamente a differença de temperatura entre Lisboa e Cintra sobe de 8° até 10° R.

Digitized by Google

«As povoações á roda de Lisboa [1] estão cheias de palacios e casas de campo de fidalgos portuguezes e de ricos habitantes da capital. Estes edificios frequentemente construidos no melhor gosto, cercados de agradaveis jardins, fornecem aos arrabaldes de Lisboa um encanto especial, que entre todas as capitaes da Europa, apenas póde reproduzir Vienna, ainda que de um modo menos animado; porque faltam ás margens do Danubio o brilho meridional, o azul escuro do céo lusitano, e aquelle resplendor da natureza, como de um montão de pedras preciosas de todas as côres. Esse fulgir da vegetação é o que dá a graça particular, que possuem os jardins á roda de Lisboa. Para um habitante dos paizes do norte particularmente, é assumpto da maior surpresa ver aqui medrar livremente, e com robustez todas as plantas, que penosamente e com mil cuidados são cultivadas em mesquinhos vasos nas nossas apertadas estufas.

«No Calvario, a pouca distancia do palacio real de Belem, em um edificio construido de proposito por D. João V, acha-se uma collecção de coches, talvez a mais admiravel que existe no mundo.

«Os terrenos na direcção de Valle de Zebro para o interior do paiz apresentam uma triste apparencia. Um solo coberto de areia fina, de um amarello claro, prolonga-se desde a praia até á montanha de Palmella, e á Serra da Arrabida. O solo eleva-se pouco a pouco na direcção da serra, a qual se prolonga com variadas ondulações até ao Cabo do Espichel. No ponto mais elevado, sobre uma montanha conica, existe o mosteiro ou o castello de Palmella, que é visivel a remotissima distancia. D'aquella immensa altura dilata-se a vista sobre o verdejante e pomposo valle de Setubal. Creio que não ha porção alguma no mundo, que encerre um maior numero de laranjeiras, as quaes dispostas em apertados renques, enchem o valle inteiro, como se fôra um só pomar, formando um contraste pittoresco com a escarpada montanha, e com as selvaticas penedias da Arrabida. O valle de Setubal fornece a maior quantidade das mais bellas laranjas de Portugal, que são cultivadas cuidadosamente em grandes quintas. Os pomares são contiguos uns aos outros, de maneira que observados da altura do castello de Palmella parecem um unico laranjal, onde se vêem apparecer de espaço a espaço as paredes alvejantes das casas de campo, das aldeias, das egrejas, formando grupos pittorescos encravados n'aquella vasta extensão de folhagem verde escura. Comtudo, afastando as vistas d'alli, e olhando a alguma distancia n'uma direcção opposta, a scena muda completamente: para um lado prolongam-se como uma especie de deserto, as aridas e requeimadas charnecas do Alemtejo, até perderem-se em remoto horisonte, mais á esquerda, para além dos pinheiraes e dos areiaes, alongam-se as vistas por esse espaço dilatado, onde as aguas do Tejo se misturam com as do Oceano, divisando-se ao longe o vulto de Lisboa debilmente desenhado e envolto em uma atmosphera vaporosa. Uma poesia melancolica derrama-se por todo este quadro; apparece de novo completamente o aspecto bello, mas triste do Portugal dos nossos dias — pomposo, mas fatigado de viver, tal como se antolha do alto da Pena.....

[1] Compare-se isto com o que diz o sr. Ascencio Calvo.

Digitized by Google

«Descobrimos do alto de uma collina o apertado valle do Douro, e as sinuosidades d'esse verde rio, correndo por entre as suas margens alpestres. A nossos pés via-se o Porto edificado em semicirculo, e como em socalcos sobre uma montanha. Visto de longe, o Porto é talvez menos bello e grandioso do que Lisboa, comtudo o que lhe dá preferencia sobre a metropole é a vida e actividade tanto sobre as aguas, como em terra: o grande numero de barcos e navios que se apinham sobre as vagas do Douro; as laboriosas massas de povo, que se agitam nas ruas e nas praças, e que apresentam o quadro de uma cidade commercial cheia de vida e de energia, e finalmente (pareça embora insignificante o que vou acrescentar) além de todas aquellas coisas, a cidade possue tambem uma torre. Saudei pois com um sentimento de intima recordação patria a torre dos Clerigos, essa que no Porto se diz ser a unica torre de Portugal, e que effectivamente, á excepção das duas torres de Mafra, é a mais alta do paiz.

«É verdadeiramente encantadora a perspectiva que se gosa em muitos pontos, especialmente no passeio chamado das Fontainhas, d'onde se descobre o valle do Douro e o convento da Serra, e que faz lembrar os bretões de Hespanha. Visitámos tambem o celebrado Freixo, que offerece uma vista magestosa da cidade e do rio; a montanha da Arrabida, o Hospital, de que só está edificada a quarta parte, e que, se se concluisse, seria um dos maiores do mundo, e finalmente o convento de Santo Antonio.

«É maravilhoso o panorama que do alto da torre dos Clerigos se observa. Descobre-se o curso do Douro até ao mar além da barra, e vê-se o castello e pharol de S. João da Foz. O horisonte é limitado para o lado do norte pela Serra de Vallongo, e por encostas verdejantes vê-se serpear o rio até perder-se atravez das montanhas vinhateiras. Descobrimos tambem os vastos armazens da companhia, onde se deposita o vinho, e d'onde é exportado para todas as regiões do mundo.

«Foi sómente ao luar que as dimensões do Porto nos pareceram grandes e magestosas: a cidade alta, e a cidade baixa com as suas duas collinas da Sé e da Victoria, com os seus bairros, e na esquerda Gaia e Cabeçudo prolongam-se em amphitheatro, precipitam-se do mais alto cabeço da montanha até mergulhar-se na superficie das aguas; e ao passo que as luzes mais elevadas resplandecem junto ás estrellas, as pequenas chammas que existem nas margens parecem submergir-se no tenebroso rio.»

753) LIFE AND TRAVELS *of Joseph Mathias surgeon. A native of Portugal.* Kilnanork, 1833. (Vida e viagem do cirurgião Joseph Mathias.)

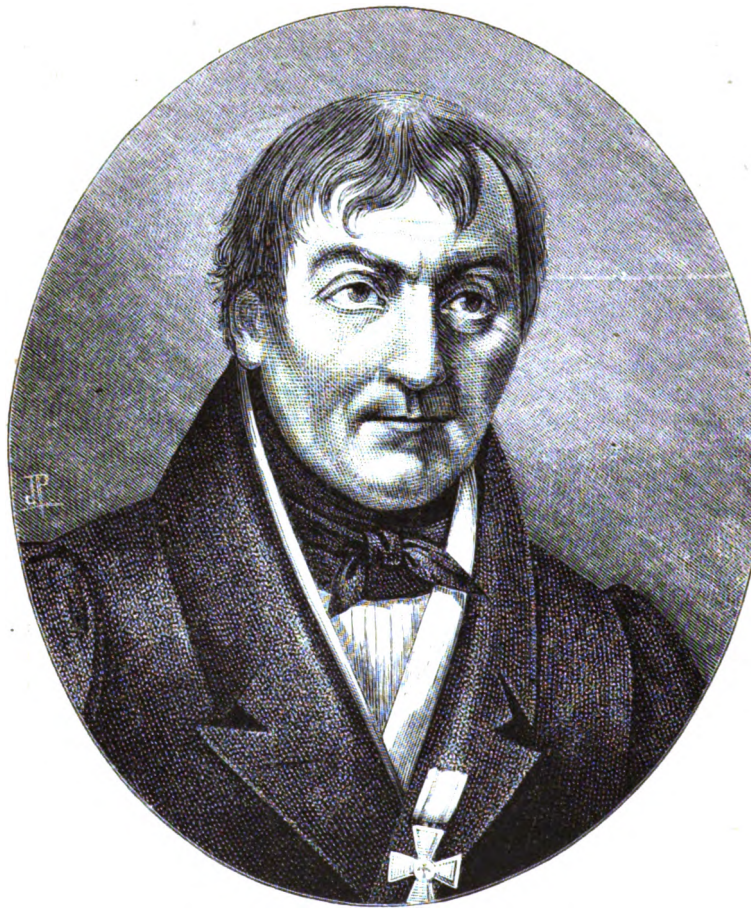
Vem esta obra mencionada no catalogo manuscripto do conde de Lavradio.

754) LIFE, *manners, costume and character of Portuguese.* (Modo de viver, usos, costumes e caracter dos portuguezes.)

755) LIFE (THE) *of St. Elisabeth Queen of Portugal. By a secular priest* London, 1859. (Vida de Santa Isabel, rainha de Portugal.)

Digitized by Google

Digitized by Google



A. F. Linx.

Digitized by Google

756) **LIMBERG (JEAN).**

E.— *Denkwurdige Reiserberchreiburg durch Teutschland, Italien, Spanien, Portugal, England, Frankreich die und Schweitz.* Leipzig, 1690. (Viagens por Allemanha, Hespanha, Portugal, etc.).

757) **LIMBORCH (PHILIPPE VAN)**

E.—*De veritate religionis Christianae amica collatio cum audito Judaeo: subjungitur huic libro tractatus cui titulus: Urielis a Costa. Exemplar vitae humanae.* Goude, 1687. (Polemica amigavel ácerca da verdade da religião christã com um Judeu: addiciona-se a este livro um tratado, cujo titulo é: *Exemplar da Vida Humana por Uriel da Costa.*

758) **LINBORCH (P.).**

E.— *The history of the Inquisition as it has subsisted in France, Italy Spain, Portugal.* London, 1816. (Historia da Inquisição).

759) **LINDLEY (T.).**

E.— *Narrative of a voyage to Brazil, terminating in the seizure of a British vessel, and the imprisonement of the author, and the ship's crew by the Portuguese.* London, 1885. (Narrativa d'uma viagem ao Brazil, terminando pela captura de um navio inglez, e aprisionamento do auctor e da tripulação pelos portuguezes.)

760) **LINDO (E. H.).**

E.— *The history of the Jews of Spain and Portugal from the earliest times to their final expulsion from these kingdoms.* London, 1848. (Historia dos judeus de Hespanha e Portugal desde os mais remotos tempos até final expulsão d'aquelle reino.)

761) **LINK (HENRIQUE FREDERICO).** Celebre naturalista allemão.[1]

Nasceu em Hildesheim a 2 de fevereiro de 1769. Falleceu em Berlim no 1.º de janeiro de 1851.

Depois de terminar seus estudos em Gœtingue, e de professar as sciencias naturaes nas universidades de Rostock e de Breslau (1792 a 1815) foi chamado para a universidade de Berlin, onde regeu até á sua morte a cadeira de botanica, e exerceu o logar de director do Jardim das Plantas. Escreveu com respeito a Portugal:

Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und Portugal. Keil und Helmstaedt 1800–1804, 3 vol. (Observações feitas durante uma viagem atravez da França, Hespanha e Portugal.)

Esta obra foi vertida para inglez com o seguinte titulo:

Travels in Portugal and through France and Spain with a dissertation on the Litterature of Portugal and the Spanish and Portuguese languages by...trans-

[1] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 38.º, pag. 286.

Digitized by Google

lated from the German by John Hinckley, Esq. with notes by the translator. London, 1801, 1 vol. de 504 pag.

Em francez com o seguinte:

Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799 par... Suivi d'un Essai sur le commerce du Portugal, traduit de l'allemand. Paris, 1er volume, an XIII (1803), 431 pag. O 2.º volume é do mesmo anno, e tem 395 pag. Porém o tomo 3.º apresenta o titulo seguinte: *Voyage en Portugal par M. le comte de Hoffmansegg, redigé par M. Link et faisant suite à son voyage dans le même pays.* Paris, an XIII (1805), 337 pag.

No prefacio a esta obra conta-nos Link o motivo da sua vinda a este paiz. «Que sendo o conde de Hoffmansegg um dos mais distinctos amadores de historia natural, resolveu fazer uma viagem a Portugal em 1797 e 98, desejando ser acompanhado de um litterato versado na botanica e mineralogia. Tive a fortuna de lhe agradar para este fim, e embarcámo-nos juntos em Hamburgo no verão de 1797. Ventos constantemente contrarios e frequentes temporaes nos obrigaram a fundear em Rumney, onde deixámos nosso navio para continuarmos por terra a viagem até Douvres. D'alli partimos para Calais, e depois de termos atravessado França e Hespanha, chegámos a Portugal. Desejando percorrer com fructo este paiz, alli passámos a maior parte de 1798. Minhas obrigações na universidade de Rostock obrigaram-me a retirar-me muito mais cedo que tencionára: deixei Portugal em 1799, embarcando para Falmouth e Londres, e d'aqui para Hamburgo. O conde de Hoffmansegg continuou sua residencia no interessante Portugal, d'onde me retirei com pesar, e elle ainda alli está occupado a visitar cuidadosamente todas as curiosidades para enriquecer a historia natural com as differentes descobertas que Portugal póde offerecer.»

A descripção da viagem em Portugal começa na pagina 165 do 1.º volume da traducção franceza, e a 129 da ingleza, sendo as laudas antecedentes destinadas para a narração de uma viagem na Inglaterra, França e Hespanha.

O nosso viajante entrou em Portugal tendo vindo de Badajoz. Acha o vestuario dos portuguezes das proximidades de Elvas muito mais aceiado que o dos hespanhoes. «Que differença entre o povo ordinario de Badajoz e o de Elvas! Fallarei ainda muitas vezes do povo baixo de Portugal.[1] Recordo-me sempre com prazer das horas agradaveis que passei n'aquelle povo sensivel, e achar-se-ha minha opinião bem differente da de outros viajantes que não viram mais que Lisboa, ou que não se entregaram ao trabalho de aprenderem a lingua portugueza.[2]

«Bem depressa perdemos de vista os bellos arredores de Elvas. A maior

[1] Versão franceza, vol. 1.º, pag. 169.

[2] Mas a verdade é que Link tambem apenas a sabia mui superficialmente, e a prova está em mandar pronunciar Azeitão *Asciloanoug*, e em censurar a grammatica portugueza de Meldola, porque seu auctor emprega n'ella infinitos terminados em *em*. Link certamente ignorava a regalia que tem a lingua portugueza de ter infinitos variaveis.

Digitized by Google

parte das villas e aldeias estão disseminadas por aqui, e por acolá como ilhas encantadas n'um mar immenso.»

Depois de passar por Estremoz, Arrayolos, Monte-mór-o-Novo e outras povoações, não se esquecendo nunca de descrever os arbustos mais notaveis, que encontrava, chega finalmente á capital do reino.

«Nada mais bello que a vista de Lisboa, quer a gente venha de Aldeia Galega, quer de Cacilhas: não conheço nenhuma grande cidade de aspecto tão imponente! Uma bacia d'agua immensa, formada pelo Tejo, que tem muitas vezes mais de duas milhas allemãs de largura, e que se acha todo cheio de embarcações: uma cidade magestosa, que se estende em amphitheatro sobre collinas, as quaes bordam o rio; grande numero de zimborios, os arrabaldes semeados de casas de campo, conventos, jardins, olivaes, tudo isto fórma um todo extraordinario e um aspecto magnifico! Pode-se contradizer aos portuguezes quando em seus passeios pelo Tejo consideram Lisboa a mais bella cidade do universo: *Quem não tem visto Lisboa, não tem visto coisa boa?* Realmente, em nenhuma parte existe uma vista egual! Os caes do Terreiro do Paço, onde abordam as bateiras e barcos pequenos são magnificos, e excedem infinitamente os de Londres e de Paris.» [1]

Lamenta depois a falta de divertimentos que havia em Lisboa, diz-nos porém, que a *Opera italiana* era um dos principaes divertimentos das pessoas distinctas.

«É sustentada não sómente pela côrte, mas até pelos particulares. Na occasião de minha estada era excellente a todos os respeitos. Os cantores d'este theatro fizeram-me insipida qualquer outra musica. Tinha elle attrahido os melhores *virtuosi* de Roma, que emigraram na occasião da tomada d'esta cidade pelos francezes. Crescentini eclipsava a todos os outros. Basta nomeal-o para quem conhecia a Italia, que antes de suas ultimas devastações era a patria da musica. Em Lisboa não é permittido ás mulheres representarem em scena, mas são substituidas pelos castrados, que são excellentes. Com isto perde-se pouco, a não ser pelo lado da imaginação. Confesso que a opera tem sido meu principal divertimento em Lisboa. A sala é grande e bella; reina alli uma ordem admiravel: o cuidado dos directores em que os espectadores estejam collocados convenientemente é um exemplo digno de seguir-se. Muitas vezes representam operetas portuguezas, mas que não passam de farças. N'estas a lingua portugueza frequentemente offerece encantos na bocca de Zamperini. Além do theatro da opera, cuja designação é de S. Carlos, ha tambem uma comedia nacional no theatro do Salitre, o qual fica n'uma rua estreita por de-

[1] Apesar d'este e de muitissimos outros elogios que Link faz a cada passo das coisas portuguezas, o nosso medico Francisco Ignacio dos Santos Cruz diz a pag. 18 do tomo 1.º do seu *Ensaio sobre a topographia medica da cidade de Lisboa* que Link fôra o mais mentiroso e embusteiro de quantos viajantes teem visitado o nosso paiz. Talvez esta apreciação seja injusta, mas a verdade é que este viajante claudica por vezes; pelo menos a respeito da nossa monumental egreja de Belem falla como quem nunca lá entrou, e quer improvisar.

Digitized by Google

traz do Passeio Publico. E' pouco frequentada da nobreza. Pela sua apparencia tão mesquinha ficámos pouco dispostos a favor do espectaculo. Os papeis de mulher são egualmente desempenhados por homens, aos quaes não custa pouco esconder a barba. Os actores em parte são artistas. Vi um sapateiro que depois de trabalhar todo o dia, fazia de velho, e não era mau actor. A maioria das peças aqui representadas são traducções do italiano, poucas traduzidas de outras linguas, e ainda menos as originaes. Nunca vi, quer representado no theatro, quer annunciado nos cartazes, o papel de *gracioso*, e todas as peças sérias são más ou mal desempenhadas. Nada mais detestavel que o *galan* n'este theatro. As peças pequenas são ainda mais miseraveis que os *sainetes* hespanhoes. Não se conhece aqui a *tonadilla*. Porém entre as comedias de apparato algumas não deixam de ter merecimento. A nação em geral propende para a satyra e critica, e a lingua presta-se facilmente á imitação comica. Vi com muito gosto a imitação do *Brother of Jamaica*, que tambem foi imitada do allemão com o titulo de *O Primo de Lisboa*. Alguns papeis foram superiormente representados.

«O Jardim Botanico está excellentemente situado. Goza-se d'alli uma vista deliciosa, ao mesmo tempo do rio e do mar, e d'onde se descobre, como do Jardim das Plantas de Paris, uma grande parte da cidade. Não é vasto, as estufas mesmo são pouco espaçosas, mas teem um excellente lago para as plantas aquaticas. Sua distribuição exterior é elegante, de maneira que não deixa de offerecer interesse a um botanico. Plantam-se n'este jardim os vegetaes, que o acaso offerece, mas deixa-se o cuidado e a cultura ao clima, muito favoravel ás plantas. Não se deve, todavia, esperar encontrar n'este estabelecimento uma boa indicação dos thesouros que encerra. Se pedis esclarecimentos, o professor Vandelli abre-vos o *Systema Vegetabilium* de Linneo (edição de Murray), e, ainda que a descripção que se lhe apresenta, tenha pouca analogia com a planta de que se trata, não hesita um momento em lhe assignar um nome. Finalmente este doutor Vandelli, nascido na Italia, é conhecido dos naturalistas por algumas obras, mas principalmente por suas relações com Linneo. Não se lhe póde negar ter sido na sua mocidade um homem estudioso, e ter emprehendido muito para ganhar celebridade. Pontedera foi seu mestre de botanica. Durante o governo de Pombal foi chamado de Padua juntamente com o italiano Della Bella para ensinarem em Coimbra. D'aqui veiu para Lisboa com o titulo de primeiro inspector do museu e do Jardim Botanico. Além d'isto foi aggregado á aula de commercio. Por differentes meios soube obter um rendimento annual de mais de oito mil cruzados. Porém acha-se bem atrazado em conhecimentos. Apenas conhece as plantas, que outr'ora elle mesmo descreveu: é egualmente mau mineralogista, e suas memorias de chimica insertas nas *Memorias da Academia* cobriram-no de ridiculo aos olhos dos sabios. Poder-lhe-hia perdoar sua ignorancia, se não se mostrasse (segundo se diz) invejoso e intolerante para com os que pelo seu merito estão acima d'elle.

«O segundo conservador do jardim é D. Alexandre Rodrigues Ferreira, do qual unicamente se póde dizer que *esteve muito tempo no Brasil e é gotoso.*»

Digitized by Google

Depois de ter visitado muitas povoações n'este reino, dirigiu-se Link para Coimbra, e entre tudo que viu, falla com mais particularidade ácerca da Universidade.

«O gabinete de Historia Natural é pouco consideravel, e poucas coisas notaveis contém. Está classificado por Vandelli, segundo o systema de Linneo. Porém a collecção de instrumentos de physica é preciosa, e entre elles alguns ha feitos na Inglaterra. Os construidos em Portugal pela maior parte são feitos de pau santo e dourados. Esta collecção em geral é uma das mais brilhantes. Este gabinete é precioso em tudo quanto diz respeito á mechanica, mas muito pobre em machinas electricas. O laboratorio de chimica é egualmente bom, vasto e muito claro. Além de tudo que diz respeito a um laboratorio tem ainda instrumentos pneumaticos e uma collecção de apparelhos chimicos segundo a nova nomenclatura antiphlogistica. Encontra-se alli tambem uma collecção de instrumentos de cirurgia.

«O observatorio é bem construido, e está situado na parte superior da cidade: é commodo e bem distribuido, mas carece de muitos instrumentos.

«O Jardim Botanico é mui vasto, e as estufas pequenas; mas pelos cuidados de seu director Felix de Avellar Brotero, lente de botanica, este estabelecimento foi superiormente organisado, e é mais interessante que o Jardim Botanico de Lisboa. Acha-se junto de cada planta uma estaca, na qual está escripto seu nome, distribuição similhante á do Jardim das Plantas em Paris, do qual, á primeira vista, parece vêr-se uma parte. Além de varias plantas exoticas encontra-se alli uma collecção das notaveis, que o digno inspector observou e descreveu com muito cuidado. É certo que nenhum amador deixará de visitar este jardim sem fructo e prazer.

«Finalmente os estatutos da Universidade de Coimbra não são para desprezar. No dizer de juizes competentes esta é preferivel a todas as universidades de Hespanha, sem exceptuar a de Salamanca. Ha na Allemanha muitas universidades, que em quanto á sabedoria de seus estatutos não valem esta, que em geral se despreza.

«Travei conhecimento com varios lentes, mas não me cumpre ajuizar de sciencias differentes d'aquellas que professo. Achei n'elles espiritos previdentes e sagazes, a quem a polidez portugueza ainda tornava mais amaveis. Conhecem a litteratura franceza e ingleza; seria porém exigir de mais que tivessem conhecimento da allemã. Na livraria de fr. Joaquim de Santa Clara, benedictino e lente de theologia, homem discreto e erudito, encontra-se a litteratura allemã, mas só até 1730.

«Eu teria desejado conhecer todas as sciencias para poder apreciar bem o merito dos sabios lentes da Universidade de Coimbra. Sou amigo de Felix de Avellar Brotero, professor de botanica. Seus conhecimentos n'esta sciencia são preciosos. Nas suas viagens em Portugal applicou-se particularmente a estudar as plantas d'este reino, e augmentou consideravelmente o Jardim Botanico. Respondeu quasi sempre a minhas perguntas de uma maneira satisfactoria. Posso com rasão incluil-o entre os melhores botanicos de todos os paizes que tenho percorrido; e o que mais é para maravilhar, tem melhor estu-

Digitized by Google

dado botanica, que muitos outros sabios mais conhecidos, e que recebem seus conhecimentos dos grandes *in folio*, ou que nada mais conhecem que o genero e a especie de que fazem menção em suas obras. A introducção á *Botanica* de Brotero [1] escripta em portuguez prova que elle possue tantos conhecimentos, e muito maior facilidade em fazer-se senhor de todas as descobertas, do que todos os sabios de Allemanha que tratam do mesmo assumpto. Brotero conhece as obras botanicas allemãs. Residiu oito annos em Paris com o fim de cultivar a sciencia, motivo pelo qual seus collegas lhe dão mil desgostos. Está minado pela magua e tristeza. Vandelli afastou-o de Lisboa por causa de seus grandes conhecimentos, e achou meios de obter para D. Alexandre, homem sem instrucção, um logar que era devido ao merito de Brotero. Recordo-me com prazer de nossos passeios botanicos em Coimbra. Apenas conversou comnosco por meia hora, e viu nossa collecção, que, conscio de seus conhecimentos, propoz-nos immediatamente um passeio. Era um espectaculo encantador ver e sentir augmentar diariamente a estima, que nos prendia mutuamente.» [2]

«Acabo de saber que este digno amigo foi chamado para Lisboa, e que o conde de Caparica tornou-o a pôr em actividade, e reanimou sua coragem.

«D. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, professor de physica, não vale Brotero. Falla muito, mas é superficial. Até seus conhecimentos em physica são muito mediocres; porém, em compensação é muito laborioso, e cultiva com fructo as sciencias economicas. A economia e outras sciencias que fazem esperar fructo immediato e prompto são actualmente muito cultivadas em Portugal, porém as musas repellem estas occupações venaes e mercenarias.

«D. Thomé Rodrigues Sobral, professor de chimica, é homem muito habil. Conhece os processos actuaes dos francezes n'esta sciencia, a qual ensina segundo os novos principios antiphlogisticos. Até mesmo traduziu sua nomenclatura em portuguez: occupa-se actualmente em publicar um *Manual de Chimica*.

[1] Este *Compendio de Botanica* foi impresso em Paris no anno de 1788, contendo o 1.º volume 171 paginas, e o 2.º 411 de 8.º grande. A introducção, que consta de 76, é muito interessante e instructiva. Trata da origem, progresso e estado, n'aquelle tempo, da botanica.

No prologo faz elogios a Domingos Vandelli «cujo merecimento é bem conhecido nas principaes academias da Europa. Este sabio restabeleceu não só a botanica em Portugal, mas ainda a zoologia, mineralogia e chimica, de que foi egualmente nomeado professor pelo Senhor D. José I. (pag. 75). Isto ao passo que Link nos diz que as obras de Vandelli o tinham coberto de ridiculo na Europa. Creio, porém, que Vandelli nem era tão ignorante, nem tão presumido como o viajante allemão nol-o representa. Pombal nunca chamou ignorantes para este paiz.

O 2.º volume termina com uma grande porção de estampas coloridas representando muita variedade de plantas.

[2] Brotero, perseguido pela inquisição, fugiu em 1778 para o Havre, tendo alcançado passagem em um navio por diligencias de Thimotheo Lecussan Verdier. A Sociedade dos Curiosos da Natureza de Bonna conferiu-lhe em 1818 o titulo de socio, e o saudou com o appellido de Clusio por allusão ao celebre botanico flamengo, que foi dos primeiros que visitou como botanico a peninsula. Por espaço de doze annos frequentou as aulas de sciencias naturaes em Paris, ganhando a affeição de Vicq d'Azyr, d'Aubenton, Brisson

Digitized by Google

«N'uma palavra, Portugal possue homens conhecedores do estado actual da litteratura: ha excellentes cabeças, mas é difficil encontrar n'este paiz sabios profundos que cultivem as sciencias unicamente por amor a ellas.

*
* *

«Os arredores de Coimbra são de uma bellesa extraordinaria, e apezar de montanhosos não deixam de ser bem cultivados. As montanhas são coroadas de pinheiraes e até de carvalhos de Allemanha. Os valles são cortados pelos ribeiros, e cheios de jardins, quintas, casas de recreio e conventos. A oliveira, larangeira e o bello cypreste de Portugal encontram-se alli por toda a parte e em grande numero. O Mondego, que banha as muralhas da cidade, serpenteia magestosamente n'uma planicie estreita, mas fertil, inundada no inverno por este rio impetuoso. Ao longe descobrem os olhos de um lado a alta serra da Louzã, e do outro a do Bussaco, em cujo pincaro existe o celebre mosteiro dos Carmelitas.

«Defronte de Coimbra, na margem do rio, está uma quinta, que ainda hoje tem o nome de Quinta das Lagrimas. Aqui, segundo a tradição, foi assassinada D. Ignez de Castro. Ignez e D. Pedro pareceram conhecer bem as bellezas da natureza, escolhendo este lindo sitio, onde Coimbra se apresenta à vista em toda sua magnificencia. A quinta das Lagrimas offerece no valle um logar favoravel ao espirito romantico, e se em Portugal a poesia apparece ainda em todo seu fulgor, deve-o a este lindo valle.

«Uma circumstancia notavel é que o bello assumpto da morte de Ignez nunca forneceu entre os portuguezes materia para uma excellente composição poetica. Esforçaram-se, é verdade, para a pôrem no theatro, mas o assumpto não se presta a isso sem grandes alterações. Ignez, por Lamotte, é uma tragedia esquecida, e digna de o ser. Creio que uma tragedia allemã, d'este nome, que

e Jussieu. Assistiu ao curso de Historia Natural aberto por Valmonte de Bemare em Paris no anno de 1781, e ás demonstrações de botanica no collegio de pharmacia, e foi admittido á convivencia e sociedade de Buffon, Condorcet, Cuvier e Lamark. Depois dos principaes estudos de Historia Natural foi doutorar-se na escola de medicina de Reims. Na primavera de 1790 voltou para Lisboa, e em maio d'este anno foi convidado por Vandelli e pelos viajantes russos Legaway e Doubat Chewskoy para uma herborisação nos montes visinhos de Lisboa, convite que acceitou. Foi socio da sociedade Philomatica de Paris, das sociedades de Horticultura, Linneana, e Medico-Botanica de Londres, da Physiographica de Lunden na Suecia, de Historia Natural de Rostock, das academias de Turim, e da sociedade das Sciencias Naturaes de Marburg. Os mais distinctos botanicos d'aquella época consideraram como um dever tributar-lhe a homenagem mais lisongeira, e a mais duradoura a que a nobre ambição do seu espirito elevado podia aspirar, designando varias plantas com o nome do nosso illustre compatriota, taes são a *Brotéra ovata*, de Cavanilles, e a *Brotera trinervata*, de Persoon.

«Era amigo de Willdenow, com o qual manteve uma intima correspondencia epistolar por muitos annos.»

Brotero falleceu em 1824, e jaz na egreja do extincto convento de S. José de Ribamar.—*Noticia Biographica do dr. Felix de Avellar Brotéro, coordenada por um distincto litterato.* Lisboa, 1847.

Digitized by Google

appareceu ha pouco, não deixará de ter a mesma sorte. Porém a mais lastimavel obra sobre este assumpto é uma opera italiana em que Ignez não é assassinada, mas perdoada pelo rei. Ha poucas composições poeticas tão oppostas ao bom gosto como esta opera. Vi sua representação em Londres, no theatro de Haymarket. Madame Banti, idolo do publico d'esta cidade, representava o papel de Ignez; sua fealdade insupportavel acabava de desgostar o espectador, e de destruir toda a illusão.

«Todas as imperfeições do grande poeta portuguez serão esquecidas á leitura do quadro da felicidade de Ignez:

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo o doce fructo,
N'aquelle engano da alma ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito:
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

Do teu principe ali te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam:
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

«Nossa lingua apenas poderia offerecer uma fraca idéa do encanto da expressão inherente á palavra *linda*. A idéa de belleza é aqui variada por tres vocabulos, cada um mais lisongeiro e harmonioso ao ouvido, do que o outro. Que expressões! *Lindo*, denota doçura; *ledo*, que pinta alegria; e *formoso*, que sómente se applica a uma belleza sublime! Como traduzir precisamente a palavra *saudoso* (que inspira um sentimento de languidez) e estes dois versos cheios de suavidade, em nada inferiores ao *Te dulcis conjux*, etc., de Virgilio, e que sómente se devem lêr no original:

De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam.

«Certamente, quem recusa a Camões as qualidades d'um grande poeta, conhece-o tão pouco, como pouco intende a lingua d'elle.».

*
* *

De Coimbra dirigiu-se Link para o Porto, e ficou surprehendido á vista d'esta cidade, observada do alto de Villa Nova de Gaia:

Digitized by Google

«Uma cidade, situada entre rochedos, na encosta d'uma montanha escarpada, ornada de torres e de innumeraveis egrejas; casas, jardins, conventos, que estanceiam no alto d'uma rocha coroada de pinheiros, um bello rio coberto de navios, o sussurro, a actividade dos homens, que vivem n'um paiz que a natureza parecia ter destinado para covil de feras, tudo isto offerece um aspecto extraordinario. A proximidade dos objectos (pois o rio não é largo, e o valle é acanhado) augmenta ainda a estupefacção. Lisboa annuncia-se ao longe com toda sua grandesa e magnificencia. Coimbra jaz em planicie deliciosa banhada pelo Mondego; mas o Porto surprehende pela altura da sua situação.»

O 2.º volume da traducção franceza das *Viagens de Link* termina com a versão para a mesma lingua da obra do bispo de Pernambuco, José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, intitulada *Ensaio politico sobre o commercio de Portugal.* [1]

O 3.º volume d'esta collecção comprehende a *Viagem de Hoffmansegg*, que ainda se conservou em Portugal, depois da saida de Link d'este paiz.

V. *Hoffmansegg* (conde de).

II. *Flore Portuguaise.* 2 vol. fol. maximo. Berlim, 1809. V. *Hoffmansegg.*

762) LINSCHOOTEN (JEAN HUGUES VAN).

Nasceu em Harlem. Desejoso de ver o que ouvia contar das terras novamente descobertas pelos hespanhoes e portuguezes, transportou-se para Castella, d'onde passou a Portugal, e depois á India, onde residiu por alguns doze annos.

E.—I. *Navigatio ac Itinerarium Joahannis Hugonis Linscotani in Orientalem sive Lusitanorum Indiam. Descriptiones ejusdem Terrae ac Tractuum Litteralium praecipuorum portuum, fluminum, capitum, Locorumve Lusitanorum hactenus navigationibus detectorum signa et notae, Imagines, habitus, gestusque Indiorum ac Lusitanorum per Indiam viventium, templorum idolorum, aedium, arborum, fructuum, herbarum, aromatum etc. Mores gentium circa sacrificia, politiam, ac rem familiarem. Enarratio mercaturae, quomodo, et ubi ea exerceatur. Memorabilia gesta suo tempore iis temporibus. Collecta omnia ac descripta per eundem Belgice. Nunc vero Latine reddita in usum commodum, ac voluptatem studiosi lectoris novarum, memoriaque dignarum rerum, diligentia, studio ac opera.* Hagae Comitis, 1599, fol.

Foi traduzida em francez com o seguinte titulo: *Histoire de la navigation de Jean Hugues de Linschot, Hollandois, aux Indes Orientales contenant diverses descriptions: observations des costumes et singularités de delá, et autres déclarations. Avec annotations de B. Pauludamus, Docteur en Medicine sur matiere des plantes et espiceries. Item quelque cartes geographiques et autres figures. Deuxieme edition augmentée.* A Amsterdam, 1619.

II. Escreveu tambem na lingua hollandeza uma descripção de Guiné, Congo e Angola; e uma carta de Portugal.

[1] Corre esta traducção desde pag. 223 até 395 do referido volume.

Digitized by Google

Esta ultima foi traduzida em latim com o seguinte titulo: *Portugalliae, sive de Regis Portugalliae regnis et opibus Commentarius*, 1641. Ex officina Elzeveriana. Foi tambem esta obra vertida para hollandez. Amsterdam, 1638. V. Bry e Meriani.

763) LIPPE (CONDE DE).

Nasceu em Londres no anno de 1724.[1] Distinguiu-se em varias campanhas na Europa, e em 1762, rompendo a guerra de Hespanha contra Portugal, encarregou-se, por intervenção de Jorge II, rei de Inglaterra, do commando dos exercitos alliados, inglez e portuguez. Retirou-se para os seus estados em 1766. Falleceu em setembro de 1777.

Em 1767 veiu a Portugal para velar nas obras do forte de Nossa Senhora da Graça, por elle então projectado junto de Elvas.[2]

No 2.º vol. do *Investigador* apparecem mencionadas as seguintes obras d'este celebre general.

I. *Observações e maneira de pôr em pratica a disciplina militar para maior segurança de Portugal.* (De pag. 379 a 397.)

II. Extracto de uma carta do conde de Lippe, datada de Buckeburg a 20 de abril de 1776, em resposta a uma do marquez de Pombal em que este ministro o informa que Portugal estava ameaçado por Hespanha, e exprimindo seu receio pela situação da familia real em Lisboa, datada a 12 de março de 1776. (De pag. 548 a 551.)

III. Extracto 2.º de outra carta do mesmo conde de Lippe ao marquez de Pombal, datada a 25 de maio de 1776, contendo algumas addições á precedente carta de 20 de abril do mesmo anno. (De pag. 551 a 553.)

IV. Extracto 3.º de outra carta do mesmo conde de Lippe ao marquez de Pombal, datada de Buckeburg a 30 de dezembro de 1776 (De pag. 553 a 554.)

V. *Memoria inedita do conde de Lippe sobre a campanha de Portugal em* 1762. (No 3.º vol. do *Investigador Portuguez*, de pag. 67 a 81. Continúa de pag. 244 até 256.)

764) LISSABON *und seine umgebungen, etc.* (Lisboa e seus arrabaldes, com uma descripção resumida, estatistica e topographica de Portugal, precedida de uma vista de Lisboa, de um plano d'esta cidade, e de um mappa de Portugal.) Leipzig, 1808, 8.º

765) LIVE *of the most literary and scientific men of Italy, Spain and*

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol. 5.º, pag. 549.

[2] O conde de Lippe tinha na capital dos seus estados um lago cuja circumferencia pouco mais ou menos era de uma legua, e no meio tinha uma pequena ilha em que fez um pequeno forte, que passou por modelo de fortificação. Grato á munificencia do senhor rei D. José I, no dia natalicio d'este augusto e esclarecido monarcha, o conde de Lippe dava descargas de artilheria com as peças de oiro massiço que o grande monarcha portuguez lhe tinha dado, entre muitos outros riquissimos presentes, na sua despedida de Portugal para os seus estados de Allemanha. *Investigador Portuguez*, vol. 2.º, pag. 518.

Digitized by Google

Portugal. London, 1835. 3 vol. (Vidas dos melhores litteratos e homens de sciencia de Italia, Hespanha e Portugal.)

766) **LIVES** *of the most eminent foreign statesmen (Pombal's memoirs, duke of Lerma, duke of Ossuna, count Olivares, etc.).* London, 1832, 5 vol. (Vidas dos mais eminentes estadistas estrangeiros).

767) **LJUNGSTEDT (SIR ANDREW, KNIGT OF THE SWE DISH ORDER WAZA).**

E.—*An historical Sketch of the portuguese settlements in China; and of the Roman Catholic Church and mission in China by —. A supplementary chapter, description of the city of Canton, republished from the Chinese Repository, with the Editor's permission. Boston James Munroe and Co,* 1836. 8.° gr. 323 pag. e 18 de indice.[1]

O meu exemplar traz as seguintes estampas: 1.ª Mappa da cidade e porto de Macau.—2.ª Plano da cidade e porto de Macau.—3.ª Cidade e arrabaldes de Cantão.—4.ª Epitaphio em lingua portugueza e chineza, que se poz em 1639, no sitio onde enterraram S. Francisco Xavier.

Apresenta o auctor uma lista das obras, de que se aproveitou para a composição d'este seu trabalho, e confessa ter-se utilisado tambem de muitos manuscriptos salvos da perdição pelo bispo de Pekin, D. Joaquim Saraiva.

«Tendo os portuguezes sido os primeiros que (pag. 1), pelo fim do XV seculo dobraram o Cabo da Boa Esperança, as asserções dos annalistas e viajantes de que durante o reinado de Hong-che, imperador da China, que morreu em 1504, os europeus commerciavam em Ning-po e Cantão, devem ser gratuitas e faltas de base. Os portuguezes, tendo-se senhoreado em 1510 de Goa, na costa occidental da Asia, o valente, mas intolerante Affonso de Albuquerque, estendeu em 1511 por conquista a auctoridade da corôa de Portugal sobre Malaca, n'aquelle tempo um emporio commercial de primeira importancia na Asia. D'alli com licença de George de Albuquerque, capitão do logar, Raphael Perestrello tomou em 1516 sua passagem a bordo de um junco chinez: d'aquelle paiz trouxe mui escassa informação, mas ganhou grandes cabedaes com a sua aventura. Seu bom resultado deu origem a uma empreza em maior escala. Quatro navios portuguezes, além d'um outro pertencente a George Mascarenhas, e quatro embarcações malaias foram postas de verga d'alto, debaixo do commando de Fernão Peres d'Andrade, que em 1517 entrou no golpho da China. A vista de navios alterosos e estrangeiros e a physionomia da tripulação inspiravam receio; seguiu-se a confiança pelo seu moderado comportamento, e principalmente pelos generosos presentes dados pelo commandante aos officiaes dos cruzeiros imperiaes.

[1] Costa e Silva no seu poema *O passeio* faz elogios a esta obra. Algumas passagens porém são censuradas na *Historia de Macau por José Manuel de Carvalho e Sousa.* Macau, 1845.

Digitized by Google

«Os mandarins deram favoravel informação d'elle: consentiram que seus navios ancorassem em Tamao, o unico porto no qual se permittia aos estrangeiros commerciarem. George Mascarenhas, que veiu com Andrade no seu navio para Tamao, encontrando juncos de Lew-kew ancorados, determinou embarcar-se n'elles e visitar a costa oriental da China. Sem duvida tocou n'alguns portos das provincias de Fuh-keen, e abriu o caminho a seus concidadãos para um proveitoso commercio. Este começou mui provavelmente pouco depois da expulsão dos portuguezes de Tamao em 1521. Por alguns annos não podiam os portuguezes aventurar a mostrarem-se sem grande perigo no golpho da China: toda sua actividade commercial devia portanto occupar-se nos portos orientaes do imperio. Alli, como em outras partes, os mandarins eram conniventes nas transacções em busca de emolumentos, até onde podiam. Formou-se finalmente um emporio em Liampo ou Ning-po. Para estudo d'esta localidade pode ser de alguma utilidade as *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto*, as quaes foram traduzidas em inglez e publicadas em 1653 por H. C. Gent, que n'uma defeza apologetica refutou a imputação de ser Pinto o principe dos mentirosos.

«Em seus dias de esplendor e prosperidade (pag. 3) Liampo tornou-se um asylo para os povos da China, Siam, Borneo, Lew-kew etc. contra os piratas, que em grande numero percorriam o mar. Aquelle logar tinha estado florescente por muito tempo, mas tornou-se excessivamente rico desde 1542, por causa do commercio com o Japão. Tinha duas egrejas, uma alfandega, dois hospitaes, e para cima de mil edificios particulares. Porém a distruição d'este logar foi devida a Lançarote Pereira, o ouvidor. Tendo vendido varias fazendas a um chinez que lhe não pagou, cahiu com alguns companheiros sobre uma povoação proxima, onde roubou e matou á sua vontade. Os habitantes d'esta povoação, tendo-se queixado ao mandarim, este mandou arrazar Liampo, em 1542.

«Os portuguezes estabelecidos em Chinchew tambem d'aqui foram deitados fóra em 1549 por causa de queixas, que d'elles tinham sido feitas aos mandarins

«Em 1554 fecharam os mandarins o porto de Tamão, concentraram todo o commercio estrangeiro em Lampacão, e uma carta enviada á companhia de Jesus nos assevera que quinhentos ou seiscentos portuguezes estavam constantemente commerciando n'este logar (pag. 5).

«Em minha opinião é mais seguro attribuir a posse de Macau (pag. 13) á bondade imperial, antes que a conquista; porquanto os conquistadores ver-se-hiam obrigados a deixarem o logar, bastando para isso somente que o governo chinez mandasse aos commerciantes, operarios e serventes que deixassem suas occupações, e se retirassem, não fornecendo provisões aos habitantes.

Seguem-se depois os seguintes assumptos: Cap. I. *Narrativa historica de Macau*, pag. 10 a 14. Cap. II. *Descripção topographica*, pag. 15-16. Cap. III. *Divisão de Macau*, pag. 17-25. Cap. IV. *População*, pag. 26-43.

«Os reis de Portugal (pag. 148) pretendem, em virtude de bullas de Grego-

Digitized by Google

rio XII e Clemente VIII, que nenhum ecclesiastico passe da Europa á Asia, senão por via de Lisboa. É este o primeiro ponto de um privilegio denominado Padroado real. Além d'isto, que os soberanos de Portugal teem direito de construirem egrejas e governarem as existentes dentro dos limites de seus dominios, não sómente por missionarios e bispos, mas tambem o de nomearem sacerdotes para quantas egrejas forem levantadas no mundo pagão da Asia, independente de Portugal. Desde o tempo de Gregorio XIII até ao de Innocencio XII estas pretenções não tinham sido examinadas minuciosamente; mas logo que Innocencio decidiu enviar vigarios apostolicos para a Asia, Pedro II, rei de Portugal, protestou contra sua missão, pretendendo que elles não podiam sem sua licença exercer tal missão na Asia. Esta questão era de natureza delicada; sua resolução envolveu restricções ácerca do patronato dos reis de Portugal, ou sobre a plenitude das prerogativas do papa para enviar *motu proprio* apostolos do Evangelho para quaesquer partes do mundo. Para decidir esta duvida séria, Pedro II foi convidado pelo papa a enviar um embaixador preparado para apresentar documentos taes que sua magestade julgasse convenientes para comprovarem suas pretenções ao patronato. O enviado adduziu cinco argumentos, os quaes foram em 1680 examinados por Innocencio XII. Os cardeaes depois de maduro exame, entenderam: 1.º que as bullas pontificias citadas pelo embaixador portuguez não apresentavam nem vestigios de que o governo espiritual da Asia fosse em tempo algum concedido a qualquer soberano de Portugal: provavam simplesmente que o rei tinha direito de exercer seu patronato em todas aquellas egrejas que dotára. 2.º Que para evitar que os padres passassem pelo caminho das ilhas Philipinas para Asia, tinham ordenado os pontifices que ninguem para alli se dirigisse sem prévia licença da côrte de Lisboa; mas depois que os hespanhoes, hollandezes, inglezes, francezes e dinamarquezes tinham estabelecimentos na India, Urbano VIII revogou como superfluas as bullas de Gregorio XIII e de outros, concedendo aos missionarios dirigirem-se para a Asia por qualquer caminho, que lhes fosse mais conveniente. 3.º Que era inadmissivel que o rei governasse egrejas christãs em paizes pagãos, onde não lhes podia dar protecção. 4.º Que a jurisdicção do padroado da India portugueza não era infringida na menor coisa pelo papa enviando missionarios para qualquer parte da Asia. 5.º Que os arcebispos e bispos, em virtude de um decreto da congregação da propagação da fé, lavrado a 7 de março de 1633 podem nomear bispos *in partibus infidelium*, para serem confirmados por Sua Santidade. Depois d'este summario os cardeaes decidiram a 3 e 22 de septembro de 1686: Que da delegação dos vigarios apostolicos não provinha algum prejuiso contra os direitos de Portugal.

«Zelosos da conservação da real prerogativa em 1688 publicaram em Lisboa uma ordem que os missionarios, para obstarem a ser expulsos da Asia, deviam passar pelo reino de Portugal, e prestar juramento ao real padroado: decreto ao qual se oppozeram os conselheiros do Vaticano, mandando no mesmo anno que nenhum superior do clero regular consentisse que algum de seus subditos prestasse juramento: prohibição renovada em janeiro de 1733. Todavia qualquer procurador das missões, cuja residencia em Macau tenha

Digitized by Google

de ter alguma demora, deve por causa da segurança pessoal, desobedecer a seus superiores, e submetter-se ao decreto de Lisboa.

«Vasco da Gama, tendo sido bem succedido (pag. 162), na sua tentativa de dobrar o Cabo das Tormentas; de estabelecer relações commerciaes em Calicut com os mais poderosos soberanos da costa do Malabar, de transportar para Lisboa amostras dos ricos productos das differentes partes da Asia, Paulo III, tendo por bulla de 27 de setembro de 1540 confirmado a companhia de Jesus, previu as vantagens que a Santa Sé podia tirar dos feitos dos jesuitas n'aquelles remotos paizes. Portugal offerecia-lhes um facil ponto de reunião, embarcavam em Lisboa e desembarcavam em Goa. D'aqui espalhavam-se com facilidade pelas differentes regiões do Oriente. Francisco Xavier dirigiu-se para o sul da China, desembarcou em San-shan, onde morreu no anno 1552. Um dominicano, Gaspar da Cruz, começou em 1556 a prégar na China, mas foi expulso. Os Agostinhos hespanhoes, dos quaes falla Grosier no prefacio da sua *Descripção da China*, deixaram as ilhas Philippinas na companhia de um almirante chinez, levando do governador de Manilha uma petição para o vice-rei de Fuhken, e tambem uma para o imperador com o fim de os deixar residir no paiz: sendo isto negado, retiraram-se os frades no mesmo anno de 1575. Quatro capuchinhos, tendo resolvido penetrar na China, naufragaram em ilhas desconhecidas, e salvando-se foram remettidos para Cantão. O Tsung-tuh mandou-lhes que voltassem para Manilha, mas elles preferiram ficar em Macau e alojaram-se no hospital dos leprosos (1579). Um anno antes, Alexandre Valignano, visitador da India e Japão, jesuita italiano, tocou na sua passagem para o Japão, em Macau, onde passou dez mezes. D'aqui escreveu a Vicente Rodrigues, provincial da India, recommendando-lhe que se dirigisse para Macau.

«Os primeiros missionarios eram todos jesuitas. Um italiano chamado Miguel Rogiero veiu em 1579 da India, e começou a estudar a lingua chineza, e em 1581 dizia missa n'uma pequena casa no Cantão. Em 1582 foi encarregado de acompanhar como interprete uma deputação a Shau-king-foo, e por sua urbanidade obteve licença do vice-rei para ir á capital. Os missionarios porém sómente quizeram ficar em Shau-king-foo, até que em 1589 foram postos fóra. Em 1595 o governo consentiu que Ricci lançasse os alicerces de uma casa religiosa em Van-chang-foo, a qual ficou ao cuidado do portuguez João Soeiro. Foi a christandade progredindo, e em 1605 compraram os jesuitas terrenos em Peking para uma grande egreja dedicada a S. Joseph. Foram porém perseguidos mais tarde, e mandados sair da China, mas Siu, conhecido entre os christãos pelo nome de Paulo, foi elevado á dignidade de kolas, ou ministro de primeira classe. Este, seus amigos e os protectores dos proscriptos fizeram persuadir que a dynastia poderia com a poderosa ajuda de Macau ser protegida contra os tartaros, pois os portuguezes eram artilheiros experimentados: seus padres, se fossem admittidos, serviriam a sua magestade com seu talento, e os soldados com seu valor; de sorte que nenhum inimigo jámais seria bem succedido em fazer uma duravel pressão sobre o imperio. O monarcha illudido annuiu. Novas chusmas de jesuitas se espalharam pela Chi-

Digitized by Google

na, e entre elles o mais notavel pelo seu zelo e conhecimento das mathematicas, era um allemão John Adam Shal.

«Foi a este que o tartaro Shun-che encarregou de reformar o calendario, o que o jesuita fez com tanta satisfação d'aquelle, que foi nomeado presidente do tribunal de astronomia. E foi-lhe concedida licença não só de fundar na capital duas egrejas, mas tambem de reparar algumas que na provincia estavam caindo. Novos missionarios vieram para a China, e a protecção real durou até 1661. Mais tarde vieram frades d'outras ordens, e estes entraram a questionar com os jesuitas, e pretenderam destruir a ordem politica existente. Houve queixas e foram examinadas por alguns tribunaes, e estes proferiram em 1665 que Shal e seus associados mereciam o castigo de seductores, por prégarem ao povo uma doutrina falsa e perniciosa. Shal morreu de pesar. Verbiest e outros esconderam-se, e muitos foram expulsos da capital e provincias da China.

«Kang-he, tendo tomado as redeas do governo, empregou Verbiest, e fel-o director do tribunal de astronomia. Este jesuita resolveu dirigir um pedido a seu soberano para que os missionarios banidos do Cantão fossem auctorisados a entrarem em suas respectivas egrejas. Foi concedido por um especial favor em 1671, mas com a condição de que nenhum chinez abraçasse o christianismo.

«O marquez de Louvois enviou quatro jesuitas para a China, dois d'elles Gerbillon e Bousset foram pela recommendação prévia de Verbiest em 1688 admittidos na côrte á sua chegada. No anno seguinte Gerbillon e o portuguez Pereira acompanharam como interpretes o principe Só-san para se encontrarem nas fronteiras com um plenipotenciario russo, o conde Theodor Alexeivich Golovin, com o fim de verem se podiam por meios conciliatorios evitar uma guerra, seguindo-se d'aqui um tratado de paz e amisade no anno de 1689 em Nip Chew.

«Os missionarios tinham já passado por duas tempestades denominadas perseguições geraes; uma terceira estava agora em progresso. Passou-se uma ordem para que nenhuma religião estranha fosse tolerada no imperio. Porém depois de muitas difficuldades foi ainda um decreto assignado a 22 de março de 1692 auctorisando o exercicio da religião catholica romana na China.

«Aquelles frades, que tinham vindo coisa de cincoenta annos mais tarde do que os jesuitas para a China, começaram a duvidar se a significação de certas palavras e ceremonias entre os chinezes podiam ser conciliadas com a pura orthodoxia. Se bem que um papa tinha decidido que as ceremonias da China eram de natureza civil, o vigario de Fuh-keen, Carlos Maigrot, teve o atrevimento de não fazer caso do decreto de Alexandre VII (1656) e publicar em 1693 um mandato decidindo que Teen e Chang-te nada mais significavam do que céo material, e que os costumes de venerar Confucio, e os mortos, são superstições, inovação que o Santo Officio adoptou, e Clemente XI confirmou em 1704. Kang-he não sendo homem, que transferisse para um papa e padres o direito de legislar, passou a 17 de dezembro uma declaração: que quereria ver aquelles missionarios que prégassem a doutrina de Ricci, mas perseguiria aquelles que seguissem a opinião de Maigrot, e para que

Digitized by Google

o paiz ficasse limpo de homens turbulentos e ineptos, mandou o imperador em 1707 que os missionarios fossem submettidos a um exame. Passava-se depois uma licença a um missionario para poder viver na China, no caso de não prégar nem approvar as doutrinas de Ricci. Soffreram depois os missionarios umá horrivel perseguição, mas em 1784 permittiu-se-lhes ficarem nas suas respectivas egrejas em Peking, ou dirigirem-se para Cantão para d'alli voltarem á Europa.

«Depois Gregorio XIII confiou o governo espiritual de toda a China ao bispo de Macau, e o cuidado das missões aos jesuitas e portuguezes. Mas como a população de Portugal era muito pequena, e não podia fornecer os indispensaveis obreiros para uma missão tão ampla na Asia, os papas foram permittindo a pouco e pouco aos franciscanos, dominicanos, agostinhos, padres seculares das missões estrangeiras em Paris, e aos da propaganda mostrarem seu devoto zelo nas varias partes da China. Houve queixas apresentadas por Portugal, e Alexandre VIII consentiu que Pedro II, rei d'este paiz, nomeasse tres bispos, e fixasse os limites de sua respectiva jurisdicção. As tres dioceses, que Pedro propunha, comprehendiam não sómente a China, mas tambem Tunkin e Cochinchina, pretensão tão extravagante, que o Vaticano recusou aunnir a ella. Innocencio XII annexou ao bispado de Peking as provincias Peh-chi-le, Shantung e a Tartaria Oriental: ao de Macau as provincias de Kwang-tung, Kwang-se, e o ilha Haenan: reservou para si mesmo governar o resto da China por meio de vigarios apostolicos, nomeados pela congregação da propaganda e approvados pelo papa.

«Em 1810 os christãos em toda a China andavam por perto de 600:000.»

768) **LO (ALEXIS DE ST.).**

E.—*Relation du voyage du Cap Vert.* Paris, 1637. 8.°

769) **LOBKOWITZ (D. JOANNE CARAMUEL).** — *Religione Dunensi Ord. Cister. S. T. Doctore Lovaniensi et Melrosensi Abbate.* Theologo nascido em Madrid em 1606, e fallecido em 1682.

E.—*Philippus Prudens Caroli V Imp. Filius Lusitaniae Indiae, Brasiliae legitimus rex demonstratus.* Antuerpiae. Ex Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1639. Fol. 430 pag. com estampas representando os retratos do rei de Portugal, incluindo o do principe Fernando de Hespanha, dos tres Philippes e da excellente senhora. As estâmpas são as mesmas (tirando talvez uma ou outra) que ornaram a *Anacephaleosis* do padre Antonio de Vasconcellos, publicada em Antuerpia no anno de 1621.

O fim da obra de Caramuel, (mais conhecido por este nome) é querer provar que os portuguezes devem obediencia aos reis de Castella como parentes dos reis de Portugal e seus legitimos successores no governo d'este paiz. No emtanto, quando o livro appareceu á luz, conheceu logo o auctor que tinha perdido o seu tempo. Publicaram-se varias obras em resposta á de Lobkowitz.

Digitized by Google

770) **LONDONDERRY** (MARQUESS OF —. G. C. B. etc.)

E.—*A Steam voyage to Constantinople, by the Rhine and the Danube in* 1840-41, *and to Portugal and Spain, etc. in* 1839 *by*—.*To which is annexed the author's Correspondence with prince Metternich, lords Ponsonby, Palmerston, etc. In two volumes.* London. Henry Colburn, Publisher. 1842, 8.° gr. O 1.° volume com o retrato do principe Metternich, 354 pag. O 2.° com o de Abdul Mehjid, 354 pag. A viagem a Portugal vem n'este 2.° volume, e occupa de pag. 97 a 144. Diz a auctora que o unico portuguez que lhe mostrou um poucochinho de civilidade foi o duque da Terceira.

771) **LONDONDERRY** (MARQUIS OF AND G. R. GLEIG).

E.—*Story of the Peninsular War.* London, 1858. 8.° (Narração da guerra peninsular.)

772) **LONG (CHARLES EDWARD** —ESQ.)

E.—I. *A reply to the misrepresentations and aspersions on the military reputation of the late Lieut.—Gen.—R. B. Long contained in a work entitled «Further Strictures on those parts of col. Napier's History of Peninsular War, which relate to the military opinions and conduct of general lord viscount Beresford G. C. B. etc.» accompanied by extracts from the M. S. Journal and private correspondence of that officer, and corroborated by the further testimony of living witnesses by* —. London. James Ridgway, 1832. 8.°, 145 pag.

II. *Letter to general viscount Beresford G. C. B. in reply to his Lordship's letter to the author relative to the conduct of the late lieutgeneral Long in the campaign of* 1811. *By* —. London. J. Ridgway. 1833, 8.° 150 pag.

Estes dois opusculos versam sobre varias asserções da historia da guerra peninsular de Napier, a respeito do general Long.

773) **LONGCHAMS (PIERRE CHARPENTIER).**

E.—*Malagrida. Tragedie.* Paris, 1763.

774) **LOPEZ D. MIGUEL CORTÉS Y** —.).—Academico de la Historia, socio de las Economicas de Valencia y Teruel.

E.—*Diccionario geografico-historico de la España antigua Tarraconense, Betica y Lusitana con la correspondencia de sus regiones, ciudades, montes, rios, caminos, puertos y islas á los conocidos en nuestros dias por* —. 3 vol., 4.°

775) **LOPEZ (D. THOMAS).**

E.—*Mappa general del reyno de Portugal,* 1770.

776) **LORMIAN (M. BADOUR).**

Publicou no mez de fevereiro de 1815 no *Mercure* uma brilhante imitação do episodio dos *Lusiadas* «Os doze de Inglaterra», a qual Ragon copiou nas annotações da sua traducção do referido poema (pag. 287-291), e se compõe de 172 versos.

Digitized by Google

777) **LOWE (R. P.)**

E.—I. *A Manual Flora of Madeira and the adjacent Islands.* London, 1862. Creio que existe uma outra edição de 1857.

II. *Sinopsis of the fishes of Madeira.* Publicada no vol. 2.°, parte 2.ª da obra *Transactions of the zoological society.* London, 1837.

III. *A Supplement to the Synopsis,* vol. 3.°, parte 1.ª, 1839

IV. *A fasciculus on a new genus of the family Lephides—Les Pectorales pedicules, Cuvier, discovered in Madeira, communicated to the Society Sept.* 22, 1846.

V. *Synopsis diagnostica, sive species quaedam novae mollusculorum terrestrium Insulis Madeirensibus detectae, notis diagnosticis succintis breviter descriptae.* London, 1052.

778) **LOY (AIMÉ DE).**

Nasceu em 1798 e falleceu em 1834. Residiu no Rio de Janeiro, e voltou d'alli para Portugal com o fim de defender a causa de D. Maria II.

D'este poeta francez diz-nos St. Beuve: [1] «Fallava e escrevia o portuguez maravilhosamente: o idioma de Camões tinha-se-lhe tornado o idioma favorito, e passou-se depois muito tempo antes de poder recuperar a fluidez da sua lingua franceza.

779) **LUCCOCK (JOHN).**

E.—*Notes on Rio de Janeiro and the Southern parts of Brasil en* 1808-1818. London, 1820.

780) **LUCDER.**

E.—*Ueber die industrie und Kultur der Portugiesen.* Berlin, 1808, 8.° (Sobre a industria e civilisação dos portuguezes.)

781) **LUDOLPHI (J.)**—Celebre orientalista allemão.

Nasceu em Erfurt no anno de 1624, e falleceu em Francfort no de 1704.[2]

E.—*Historia Æthiopiæ sive regni Abyssinorum, quod vulgo presbyteri Joannis.* (Historia da Ethiopia, ou do reino dos abyssinios, a que vulgarmente se dá o nome de Preste João). Jenae, 1676, 4.° Francfort, 1681. Traduzido em allemão por Calebius. Utrecht, 1687. Amsterdam, 1688.

II. *Epistolae Samaritanae Sichemitarum ad Ludolfum cum versione latina et adnotationibus.* Zeitz, 1688. É a resposta dos samaritanos de Sichem a uma carta que Ludolf lhes tinha dirigido por intervenção de um judeu, portuguez de origem, mas que habitava perto de Hebron, e que viera á Europa reclamar soccorros de seus correligionarios.

[1] *Portraits contemporains,* vol. 2.° pag. 233. St. Beuve conhecia o nosso Camões, como se vê a pag. 530 d'este mesmo volume.

[2] F. Didot.—*Biographie Universelle,* vol. 32.°, pag. 139.

Digitized by Google

782) **LUMBERA (FRUTOS MARTINEZ Y).**

E.—*España y Portugal y sus banderas.* Madrid, 1874. Folheto. (É uma explicação das bandeiras portuguezas e hespanholas).[1] 8.°, 23 pag. O capitulo 4.° d'este opusculo apresenta uma resenha das batalhas em que andaram juntos os estandartes de Portugal e Hespanha. É porém um pouco deficiente, pois fallando com algum desenvolvimento da batalha de Navas de Tolosa, nem palavra diz da do Salado, tão gloriosa para as nossas armas.

783) **LUNARDI (VICENTE).**

Nasceu em Lucca no anno de 1759.

E.—*Viagem aerea do capitão Vicente Lunardi, por elle escripta.* Lisboa, Officina de Simão Thaddeu Ferreira, 1794. 4.°, 11 pag.

A referida viagem aerea foi feita por Lunardi em Lisboa, a 24 de agosto de 1794.

784) **LUSITANIAN (THE)** *scenes and sketches, in Portugal.* Porto, 1844 (Scenas e bosquejos lusitanos).

[1] Aproveito a occasião para agradecer um exemplar que o auctor se dignou offertar-me.

Digitized by Google

M

785) **MABELLINI (GIOVANNI BATTISTA MARIA PACIFICO,** mais conhecido por **MABLIN).**

E.—*Lettre à l'Academie Royal des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiades.* Paris, 1826. 8.°, 77 pag. (É um estudo sobre as duas primeiras edições dos *Lusiadas.* O auctor, quando escreveu esta memoria, era sub-bibliothecario da Bibliotheca da Universidade de Paris.

786) **MACHI (ALOISIO DE COMITIBUS).**

E.—*Oratio habita in parentalibus solemnibus Petri V Port. et Alg. Regis Fidelissimi adstante sacro Patrum Cardinalium collegio in sacra aede Regali Sancti Antonii-ab-Romæ,* 1862. (Oração funebre de D. Pedro V, recitado em Roma na egreja de Santo Antonio dos Portuguezes.)

787) **MACKINNON (MAJOR).**

E.—*Account of the campaigns in Spain and Portugal, from,* 1809 *to* 1811. (Narração das campanhas em Hespanha e Portugal).

788) **MACQUER (PHILIPPE).**

E.—*Abregé chronologique de l'histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1759. 2 vol. Parece que ha uma outra edição feita em Paris no anno de 1777, augmentada por Lacombe.

789) **MADDEN (R. R.)**

E.—*The shrines and sepulchres of the old and new world including notices of the funeral customs of the principal nations ancient and modern including the Portugal with illustrations.* London, 1851, 2 vol. (Mausoleus e sepulchros do mundo antigo e moderno, incluindo noticias dos costumes funebres nas principaes nações dos antigos e dos modernos, em que entra Portugal.)

790) **MADDEN (THOMAS MORE).**

E.—*On change of climate. A guide for travellers in pursuit of health in*

Digitized by Google

Spain and Portugal. London, 1864. (Guia em Hespanha e Portugal para o viajante que anda á procura de saude).

791) **MADRIGANUS (ARCHANGELUS)**—Prelado italiano.

Nasceu em Milão, pelo meiado do seculo 15.°, e falleceu em 1520.

E.—*Itinerariū portugalēsiū e Lusitania in Indiā et in occidentem et demum ad aquilonem.*

No fim: *Operi suprema manus imposita est kalendis quintilibus. Ludovicó galliarum hujus urbis iclite (Mediolani) sceptra regēte.... anno ñrae salutis,* 1508. Fol. (Itinerario dos portuguezes, de Portugal para a India).

Segundo diz Brunet, esta obra é a traducção d'outra italiana composta por Montabbodo Franseano em 1507.

792) **MAFFEJI BERGOMATIS (JO PETRI).**—Este escriptor jesuita é notavel.

Nasceu em Bergamo no anno de 1536, e falleceu em Tivoli no de 1603. Diz-se que consumira doze annos na composição da sua *Historia das Indias.*

E.—*Indiarum Historiae.*

Se ha obra lida e relida na Europa, è esta uma d'ellas. Provirá porém o extraordinario numero de reimpressões da *Historia das Indias Portaguezas* das bellesas de linguagem, ou do assumpto? Creio que era esta a ultima causa, apesar das versões de Barros e Castanheira fazerem ver aos que não entendiam o portuguez, as proezas de nossos maiores. Hoje seria quasi impossivel apresentar uma resenha das edições feitas em diversos paizes, por isso mencionarei sómente aquellas de que tenho conhecimento: Roma, 1588—Florença, 1588 Leão, 1589—Colonia, 1589—Veneza, 1589—Bergamo, 1590—Colonia, 1591—Colonia, 1593—Antuerpia, 1605—Bergamo, 1747. Tenho noticia de uma outra edição feita em 1688, mas não sei o logar da impressão.

Foi traduzida em italiano por Francesco Serdonati Fiorentino, impressa em Fiorenza por Filippo Giunta, e em Veneza por Damian Zenaro, 1589. Em Milão 1806, 3 vol.

Em francez por Arnault de la Boirie, impressa em Lyon no anno de 1604, e por M. de la Pure, impressa em Paris no anno de 1605.

Eis o titulo da obra no original latino, conforme a edição de Bergamo, de 1747: *Opera omnia latine scripta nunc primum in unum corpus collecta, variisque illustrationibus exornata. Accedit Maffei vita Petri Antonio Serassio auctore.* Apresenta esta edição em primeiro logar a dedicatoria ao rei Philippe; em segundo, o prefacio; em terceiro, a approvação; em quarto logar a vida de *Maffeo;* imagem de Maffei, varias edições e testemunho de escriptores.

Esta historia chega sómente ao reinado de D. João III.[1]

[1] «A edição de 1593 em folio é a melhor. Arnaud de la Borie e o abbade de Pure desfiguraram em suas traducções esta bella historia das Indias, tão bem traduzida em italiano por Serdonat.» —*F. Denis, Chroniques Chevaleresques d'Espagne et Portugal,* 11 pag., 8.°

Digitized by Google

793) **MAGASIN PITTORESQUE.**

Um dos mais conhecidos jornaes francezes, fundado em 1833. Eis o que n'este semanario se encontra relativo a Portugal:

Tomo I, pag. 185.—Ruinas de S. Paulo em Lisboa, gravadas conforme uma pintura acabada por Le Bas em 1757. Eis a traducção do artigo que acompanha a estampa:

«Existem ainda algumas testemunhas do terremoto que destruiu Lisboa quasi inteiramente no primeiro de novembro de 1755, e suas narrações confirmam as particularidades das memorias espalhadas pela Europa depois d'este grande desastre. É principalmente nas *Philosophical Transactions* publicadas em Londres, que se encontram os documentos mais circumstanciados e mais dramaticos. Alli achamos entre outras peças importantes, o seguinte extracto de uma carta escripta de Lisboa com data de 18 de novembro de 1755 por Mr. Walfall, cirurgião. A serenidade e sangue frio do escriptor inglez contrastam de uma maneira estranha com o horror dos successos que refere.

«O verão fôra mais fresco que de costume, e durante os ultimos quarenta dias o tempo tinha estado muito claro e muito bello. No primeiro d'este mez, pelas 9 horas e quarenta minutos da manhã, um violentissimo tremor de terra se fez ouvir: pareceu durar um decimo de minuto, e n'este momento todas as egrejas e conventos da cidade, incluindo o palacio do rei e a magnifica sala da opera desabaram. Nem um só edificio consideravel ficou em pé: quasi a quarta parte das casas particulares tiveram a mesma sorte; e conforme um calculo muito moderado, morreram mais de trinta mil pessoas. O espectaculo dos corpos mortos, os gritos dos moribundos meio sepultados nas ruinas são superiores a toda a descripção: o medo e consternação eram tão grandes que as pessoas as mais animosas não ousavam ficar um só instante para arrancar á morte as victimas encerradas debaixo das ruinas: cada um em nada mais pensava que em se refugiar nas praças descobertas e no meio das ruas. Os que se achavam nos andares superiores foram em geral mais felizes do que aquelles que tentaram fugir pelas portas, pois estes ficaram enterrados debaixo das ruinas como a maior parte das pessoas que passavam a pé. Os trens tinham mais probabilidade de salvação ainda que os cocheiros e lacaios estivessem muito mal tractados. Porém o numero das pessoas esmagadas nas casas e nas ruas não foi comparavel ao das pessoas enterradas debaixo das ruinas das egrejas, por ser dia de grande festa, e na hora da missa todos os edificios religiosos, que são muito consideraveis em Lisboa, estarem cheios de fieis: as torres cairam quasi todas com as abobadas das egrejas, de sorte que pouca gente escapou. Quasi duas horas depois do terremoto o incendio se declarou em tres sitios da cidade: era occasionado pelo fogo das cosinhas, que o abalo aproximára de materias combustiveis de toda a especie. Por este tempo tambem um vento muito forte succedeu á calmaria, e animou de tal sorte a violencia do fogo, que em tres dias a cidade ficou reduzida a cinzas. Todos os elementos pareciam conjurados para nos destruirem immediatamente depois do terremoto, que aconteceu quasi no momento da maior elevação das aguas, as ondas subiram de repente quarenta pés mais alto do que se tinha

Digitized by Google

observado em tempo algum, e retrocederam tambem repentinamente. Se não tivessem assim retrogradado, a cidade inteira teria ficado debaixo das aguas.

«Apenas nos foi permittido reflectir, só a morte se apresentou á nossa imaginação. Em primeiro logar o receio que o numero dos cadaveres, a confusão geral, a falta de braços para os enterrar, dessem origem a uma doença contagiosa, era bem para amedrontar; mas o fogo, que parecia o nosso mais perigoso inimigo, os consumiu, e preveniu este resultado.

«Depois a fome estava imminente, porque Lisboa é o deposito de todos os cereaes produzidos a cincoenta milhas em roda. Comtudo salvaram-se felizmente alguns dos armazens; e ainda que nos tres dias immediatos ao terremoto uma onça de pão valesse uma libra de oiro, tornou-se depois bem abundante, e vimo-nos livres da fome.

«Finalmente havia que receiar a avareza da classe vil da população, que queria aproveitar-se da confusão para roubar e assassinar. Com effeito no principio um bem grande numero de crimes foram commettidos; mas por ordem do rei levantaram-se patibulos em volta da cidade, e depois de coisa de um cento de execuções, o roubo foi reprimido.

«Estamos ainda n'um estado de perplexidade difficil de descrever: temos sentido até vinte e dois tremores de terra differentes desde o primeiro. Ninguem se atreve a dormir nas casas que escaparam. Dorme-se ao ar, por falta de materiaes para fazer barracas. Não temos nem roupas, nem moveis, nem dinheiro.

«Dois dias depois do primeiro abalo fizeram-se escavações para procurar os corpos, e tiraram d'ellas um grande numero, que tornaram á vida. E' uma coisa para maravilhar o não termos morrido todos. Hospedei-me n'uma casa, na qual habitavam trinta e oito pessoas, e d'ellas apenas escaparam quatro.

«O rei e sua familia estavam em Belem, palacio real a uma legua de Lisboa. O palacio do rei na cidade desabou ao primeiro abalo, mas os habitantes asseveram que o palacio da inquisição foi o primeiro que foi a terra.

«O terremoto fez-se sentir em toda a extensão do reino, porém mais particularmente ao longo da costa. Faro, Setubal e algumas das grandes povoações commerciaes estão n'uma situação ainda peior que Lisboa, se é possivel: comtudo a cidade do Porto ficou intacta.

«E' possivel que a causa de todos estes desastres tenha vindo do fundo do oceano occidental, pois acabo de conversar com um capitão de navios, que parece ser pessoa de muito tino, o qual me disse, que achando-se ao largo umas cincoenta leguas, experimentou uma sacudidella tão violenta, que a coberta do navio ficou estragada. Julgou ter batido n'um rochedo; mandou immediatamente arriar a lancha ao mar para salvar a tripulação; porém conseguiu felizmente fazer entrar seu navio no Tejo, se bem que em mau estado.

Tomo III (1835), pag. 3. *Dança do Tabaco em Lisboa.* «Já recordámos em 1833 todas as difficuldades que experimentaram os amadores de tabaco em propagar o uso d'esta planta. Os pros e os contras tiveram cada um advogados obstinados. Medicos, reis e papas colligaram-se contra elle, porém havia egualmente defensores zelosos, que lhe asseguraram a victoria. Parece que pelo

Digitized by Google

meiado do seculo XVII a opinião publica lhe era favoravel em Lisboa, porque alli se celebrava então uma dança, da qual se conservaram alguns promenores.

«A scena representava a ilha de Tabago. Depois do prologo, no qual um grupo de habitantes cantavam a felicidade dos povos, aos quaes os deuses tinham presenteado com uma planta tão preciosa, viam-se entrar quatro verificadores, que tomando tabaco em pó de caixinhas de oiro pendentes da cintura, atiravam-n'o ao ar para applacar os ventos e as tempestades. Estes insulares armaram-se depois de compridos cachimbos, e girando em volta de um altar, com passos graves e cadenciados, deitaram á cara dos deuses baforadas de tabaco á maneira de incenso. Veiu então a representação das industrias, que vivem do tabaco: uns punham na corda folhas da planta, outros a picavam, estes a pisavam em almofarizes para a reduzirem a pó, aquelles a ralavam, e todos dançavam.

«Estes industriaes foram substituidos por aquelles que o consomem. Primeiramente appareceu uma immensidade de consumidores de tabaco em pó: espirravam á porfia, offerecendo sua caixa uns aos outros, e tirando pitadas com gestos e attitudes jocosas. Estes consumidores foram substituidos por um esquadrão de fumadores de todas as nações reunidos n'uma tabacaria: turcos, hespanhoes, mouros, portuguezes, allemães, francezes, polacos, e outros recebiam o tabaco da mão dos indios; cada um servia-se á sua maneira, sempre dançando e pulando.

Idem, pag. 71. Santo Antonio, generalissimo portuguez.

«O rei de Portugal tinha-se unido aos inimigos de Philippe V, rei de Hespanha. Berwick foi encarregado de defender o reino contra este novo aggressor. Acampou com um corpo de tropas nas margens da ribeira do Sabugal, a qual os portuguezes, inglezes e hollandezes quizeram passar. Já Berwick se preparava para os repellir, quando observou uma extraordinaria confusão em suas fileiras: bem depressa um pavor geral se manifestou entre elles, e retiraram-se com muita precipitação. Berwick fez alguns prisioneiros entre os fugitivos, mandou-os ir á sua presença, e interrogou-os sobre as causas d'este terror panico. Eis o que responderam-os portuguezes:

«Santo Antonio de Padua é o protector do reino de Portugal. Quando a nossa nação sacudiu o jugo hespanhol, protegeu-nos em diversas occasiões, e a elle devemos o bom resultado de nossa restauração. Em reconhecimento os portuguezes pediram então ao seu novo rei, que Santo Antonio de Padua fosse declarado para sempre generalissimo de seus exercitos. O conselho foi convocado para ser consultado a este respeito. Todos os grandes convocados declararam que a protecção de Santo Antonio tinha realmente salvado o paiz; mas que não tendo este santo servido no exercito durante sua vida, não se lhe podia conferir tal posto depois de sua morte. Então o rei, para cortar as difficuldades, resolveu fazer passar Santo Antonio por todos os postos militares. Fez para este effeito uma promoção, na qual o santo foi nomeado brigadeiro; depois n'uma segunda marechal de campo; n'uma terceira tenente general; depois do que foi declarado generalissimo para sempre. Sua imagem é sempre

Digitized by Google

trazida na frente de nossas tropas, e prestam-se-lhe as honras devidas á dignidade de que se acha revestido. N'esta manhã, quando estavamos promptos para passar o rio, uma bala vindo do nosso campo levou a imagem do santo. Esmorecidos por termos perdido nosso general, recuámos, e nossos alliados foram arrastados pela nossa fuga. Eis a causa d'essa retirada precipitada, que tanto vos surprehendeu.»

Pag. 313. Templo de Diana em Evora (com estampa).—O artigo que acompanha esta estampa diz-nos o mesmo que em geral trazem os artigos de identica natureza, e termina por estas palavras: «Actualmente, quasi que sentimos vergonha dizendo-o, serve de matadouro para os açougues de Evora.»

Pag. 385. Aqueducto e castello de Evora (com estampa).—No artigo que acompanha esta estampa dá-se o nome de *castellum* á torre que se acha sobre o aqueducto, e a respeito da qual se devem vêr os artigos que se publicaram no *Archivo Pittoresco.*[1]

Tomo V (1837), pag. 41. Templo de Santo Antonio de Padua (com estampa).—Pag. 294. Biographia de Luiz de Camões (com estampa representando a gruta de Camões em Macau).—Diz «que Luiz de Camões, auctor da primeira epopea moderna no gosto de Virgilio, é incontestavelmente o maior poeta que Portugal viu nascer», e termina dizendo-nos «que em Lisboa suas desgraças causaram uma impressão tão profunda, que a casa em que morava, ficára sem inquilino, por todos terem receio de residirem n'ella». Esta biographia é escripta com desenvolvimento, faz muitos elogios ao poeta, e contém bastantes inexactidões, o que não é para admirar, por varios motivos.—Pag. 394. Vista da praça do Commercio em Lisboa. Diz-nos o jornal «que a estampa representa a nossa praça do Commercio»; porém ella representará tudo quanto quizerem, menos a referida praça, nem com ella se parece, nem dá a mais leve idéa. No dizer dos viajantes, nenhum dos espectaculos do mundo civilisado excede em magnificencia exterior Lisboa, vista a alguma distancia, etc. «As cavidades dos olhos da estatua equestre de D. José no Terreiro do Paço (praça que tambem se intitula do cavallo negro) eram cheias antigamente com dois diamantes de alto valor, e a gente do povo conta que o general Junot na invasão franceza, não podendo levar o cavallo, vingou-se arrancando-lhe os olhos.» Diz que o convento de S. Vicente de Fóra é fundação de D. João III. Conta-se que o general Junot tinha feito tirar os mosaicos da capella de S. Roque para os remetter para França, mas que tendo as ferramentas dos operarios estragado o vidro, exclamára: Parae, não se diga que Junot foi tão barbaro que mutilou uma obra tão preciosa! Emquanto ao convento da Estrella diz-se que, o architecto furioso, como entre nós Soufflot, por causa da critica feita ás portas d'esta egreja, se foi precipitar do aqueducto das Aguas Livres. Em summa, póde-se dizer que todo este artigo não passa d'um amontoado de mentiras e inepcias. Que egreja será a Roia, de que nos falla? Que padres eram os que andavam vestidos de vermelho pelas ruas em 1837? Quando é que o convento da Graça poude aquartelar cinco mil homens? Artigos como

[1] Vol. 6.°, pag. 286. Vol. 7.°, pag. 7. Vol 8.°, pag. 313.

Digitized by Google

este desacreditam qualquer publicação litteraria. Pelo menos em Portugal não se está no costume de escrever d'esta fórma.—Pag. 383. Os contrabandistas em Portugal (com estampa).—Este artigo não merece especial menção.

Tomo VI (1838), pag. 25. Aqueducto mourisco de Elvas (com estampa.—Pag. 72. Jardins ridiculos. «Em nossos artigos a respeito de Portugal assignalámos como prova de mau gosto em certas cidades d'este reino o costume de talhar as arvores, de modo que formavam figuras de seres animados. Este costume existiu tambem ha um seculo na Inglaterra, e Pope metteu-o a ridiculo n'uma carta escripta em 1713.—Pag. 186. N'um artigo intitulado Histoire du seizième siècle, trata das antigas victorias e poder de Portugal.—Pag. 225. A egreja de Belem (com estampa). Quadro de M. Dauzatz, de grande effeito, exposto no Louvre em 1838, e muito admirado.

Tomo VIII (1840), pag. 265. Vista da cidade de Macau.—Pag. 397. Vista do tumulo de D. Ignez de Castro no mosteiro d'Alcobaça. O artigo que acompanha esta estampa é copia das Chronicas cavalheirescas de Ferdinand Denis, e a estampa copiada das Viagens do barão Taylor.

Tomo XI (1843), pag. 361 e seguinte. Um longo artigo sobre o infante D. Henrique, com uma estampa representando o seu busto por Mr. Droz, segundo uma antiga miniatura.

Tomo XIII (1845), pag. 181. Mausoleu de um cardeal portuguez, feito por Antonio Rosselino na egreja de San Moniato al Monte em Florença.

Tomo XIV (1846), pag. 175. Geoffroy St. Hilaire em Portugal. (V. Hilaire Geoffroy Etienne St.)

Tomo XVIII (1850), pag. 334. Um artigo ácerca dos azulejos em Portugal.

Tomo XIX (1851), pag. 94. Um artigo sem importancia a respeito do pintor Grão Vasco, no qual diz ser para admirar que os portuguezes não tivessem conhecido que os quadros attribuidos a este pintor, por varios motivos, não podiam ser obra do mesmo auctor, e que se deve ao conde de Rakzynski a descoberta do verdadeiro Grão Vasco.

Tomo XX, pag. 121. Uma vista da ilha do Principe.

Tomo XXI, pag. 13. Uma passagem da ilha de S. Thomé.—Pag. 328. Uma estampa representando a chuva de sangue em Lisboa no anno 1551.

Tomo XXII, pag. 246. Os Castros. Monumentos celticos da Galliza e de Portugal. (Este artigo não apresenta novidade).—Pag. 305. Vista de S. Paulo de Loanda. Desenho de Karl Girardet, conforme M. L. de Foulin.—Pag. 311. Alphabetos talhados por um cego. Falla do portuguez Diogo Alvares, que apesar de cego, talhava letras de fórma tal, que se guardavam como preciosidade.

Tomo XXIII (1855), pag. 202. O rinoceronte do rei D. Manuel, seu triumpho e morte. Artigo extrahido de Damião de Goes.—Pag. 278. Estatua equestre da ilha do Corvo, no grupo dos Açores.

Tomo XXIV (1856), pag. 148. Exposição universal em 1855. Portugal. Os vendedores de fructas em Avintes e os regatões. Quadro de F. A Sckenck.—Pag. 201. Catadupa na ilha do Principe. Desenho de Karl Girardet.—Pag. 242. O Muata Cazembe (com duas estampas copiadas da obra que com este titulo se publicou em Lisboa.)

Digitized by Google

Tomo XXV (1857), pag. 85. Restos da egreja dos Jesuitas em S. Paulo de Loanda. Desenho de Karl Girardet.

Tomo XXVI (1858), pag. 115. Armas e utensilios da ilha de Timor.

Tomo XXVIII (1860), pag. 187. Os Corte Reaes e o Labrador.

Tomo XXIX (1861), pag. 132. Palacio de Mafra. Desenho de Rouargue.—Pag. 186. O touro dos Açores. Desenho de Freeman.

Tomo XXXII (1864), pag. 7. Porta travessa de Santa Maria de Bèlem (fachada do Sul). Desenho de Thérond.—Pag. 167. As olas da India. Modo de escrever dos indios.—Pag. 177. Egreja de Santo Antonio de Padua. Desenho de Théron.

Tomo XXXIII (1865), pag. Porta da sacristia da egreja de Alcobaça. Desenho de Olivier Merson.—Pag. 111. Sellos de correio em Portugal.—Pag. 249. Fachada de Santa Cruz de Coimbra. Desenho de Olivier Merson.

Tomo XXXV (1867), pag. 279. Biographia e desenho de uma estatua de Jacob Rodrigues Pereira ensinando um surdo-mudo.—Pag. 397. Santo Antonio de Padua. Quadro de Murillo.

Tomo XXXVI (1868), pag. 192. Custodia de Belem. Desenho de Clerget.

Tomo XXXVII (1869), pag. 120. Passagem chineza entre Macau e Cantão.—Pag. 336. Cutello de salvação. Conta a historia do naufragio de um navio portuguez na costa de França, e como toda a tripulação se salvou levando na bocca cutellos quando se atirou ao mar, aos quaes enterrados na areia se segurou até lhe prestarem soccorros.

Tomo XXXIX (1871), pag. 363. Como vinham as mercadorias das Indias a Portugal no espaço de 3 mezes em 1528.

Tomo XL, pag. 105. Convento da Batalha. Vista do claustro real. Desenho de Gilbert.—Pag. 170. Um bordado historico. André Furtado de Mendonça. O pirata Cunhale. Defeza de Malaca. O que hoje é esta cidade.

794) **MAGNIN (CHARLES).**—Membre de l'Institut.

E.—*Biographia de Camões*, que precede a traducção dos *Lusiadas* feita por Millié.

«Ao esboçarmos esta vida de um poeta illustre, duas coisas tivemos em mira. Em primeiro logar esclarecermos diversos problemas biographicos: em segundo desejámos mostrar qual era a vida de um litterato em Portugal durante o bello seculo d'este pequeno e prodigioso reino.....

«Nada differe tanto d'um seculo a outro, e de povo a povo, como o que se chama vida de homem de lettras. Hoje na França um homem de lettras é um homem de prazeres e de negocios que, se não tem muita ambição, procura vir a ser chefe de divisão n'um ministerio, ou director de um estabelecimento.

«No seculo XVIII a vida dos litteratos era uma vida ao mesmo tempo caseira e sensual, passada entre a Academia, a Opera, os salões e o café Procopio. No seculo de Luiz XIV era coisa um pouco mais grave e frugal, e que tinha herdado de Port Royal um tanto dos habitos claustraes. O povo que entre nós allia tão frequentemente a imagem grutesca com o pensamento, traduziu a idéa de homem de lettras pela expressão pittoresca e grosseira de pé de chumbo.

Digitized by Google

«Esta definição popular, assás exacta geralmente na França, seria uma extranha falsidade se a applicassemos a todos os outros paizes. Encontrou-se na Europa um pequeno povo, no qual a idéa de homem de lettras correspondeu por muito tempo á de viagens, guerras, captiveiro entre os mouros, naufragios no Brasil, desterros nas Molucas. Não se encontrou n'elle durante o periodo de sua historia um só poeta que não tivesse andado suas duas ou tres mil leguas por mar, combatido na Africa, na America e na India. Teve esta nação uma litteratura, e não litteratos de profissão; teve bellas obras, e não homens de lettras; e grandes poetas, e nada que se assimilhasse a uma classe á parte, sedentaria, inactiva, e paga unicamente para escrever.

«E não corriam assim as coisas nem por escolha, nem por systema; era por necessidade. Ninguem tinha então em Portugal tempo para estar tranquillo n'um gabinete de estudo, e para não se applicar a mais do que a um só trabalho. Por tão precipitado movimento era o Estado arrastado para fóra; era envolvido n'uma corrente de conquistas e de grandeza tão rapida, que, como na coberta de um navio, que quer forçar suas velas, todos os braços eram necessarios para a manobra.

«Para nós, velha nação continental, quasi sem colonias, sem gosto ao mar, sem amor aos paizes longiquos, povo ha muito tempo assentado, poderoso pelo solo, pela população, pela industria, que vivemos fechados em nossa casa, ou na do visinho, em frente dos Alpes ou do Rheno, mal podemos comprehender que esforços foram necessarios, lucta, actividade, sacrificios, consumo de forças individuaes para que n'um momento dado um pequeno povo de arrojados marinheiros, como o de Portugal, podesse fundar capitaes a duas mil leguas de seus lares, e conservar, quasi durante um seculo, um imperio que por um momento foi mais vasto que o imperio romano. A gloria d'este pequeno ponto da terra, predestinado por sua posição geographica para a descoberta do Oceano o dos mares da India, é de não ter deixado de cumprir sua missão: de ter com tão fracos recursos, como eram os seus, mudado os caminhos do commercio, dilatado os limites da civilisação e do christianismo, transportado a Europa para a America e India: meteoro inaudito de poder e de gloria, tão maravilhoso, tão brilhante, tão passageiro, como aquelle que tanto illustrou um outro pequeno ponto do globo, chamado *Grecia*

«E demais, para que um reino tenha homens de lettras, é mister dinheiro para os subsidiar. Portugal, que consumia suas economias em esquadras, em exercitos, em construcções de arsenaes, de fortalezas, não podia abrir no seu orçamento um capitulo de animação para as lettras e artes. Dentro em pouco até o reino empobrecido pelas conquistas, empenhado por causa das victorias, não teve nada mais com que pagar as despezas de seus exercitos, e o Estado veiu a não poder pagar áquelles que melhor o tinham servido. Camões morreu no hospital... Morreu por causa dos revezes de sua patria, como muitos de seus companheiros de armas; como morriam então os almirantes e os proprios vice-reis sem terem sempre (testemunha D. João de Castro) com que comprar uma gallinha em sua ultima doença.

«Os *Luziadas* era a primeira epopea que apparecia n'uma lingua moder-

Digitized by Google

na. Aos encantos de uma poesia deslumbrante reune toda a seriedade da historia, e todo o interesse d'uma viagem de descoberta. Não tem por theatro mais que um navio, por horisonte mais que o céo e o mar, para pontos de abrigo só os pequenos portos de Moçambique, de Melinde e de Calecut, onde a equipagem aborda com difficuldade; e comtudo a arte do poeta é tal, que com tão insignificante material nada eguala a variedade dos quadros que representa a nossos olhos. Tem-se muitas vezes dito de Shakespeare que elle é o melhor historiador de seu paiz: outro tanto se póde dizer de Camões. Canta, como o indicam o titulo e o exordio de seu poema, tudo quanto faz a gloria de Portugal: mas é o historiador, e não o adulador da sua patria. Pintor enthusiasta das batalhas de Ourique e de Aljubarrota, reprehende com aspereza seus companheiros degenerados. Duas passagens admiraveis, louvadas exclusivamente de mais, o episodio de Ignez, e a ficção de Adamastor, estão ao meu vêr, longe de ecclipsarem as outras partes do poema.

«Ficam ao leitor lagrimas para outros infortunios não menos commovedores, e admiração para outras ficções não menos felizes. A apparição da India e do Ganges, a entrevista do rei de Melinde e do Gama, que pela variedade dos vestuarios e dos costumes produz uma illusão tão completa; as sinistras predicções do velho portuguez, ecco dos preconceitos vulgares, que nunca deixam de protestar contra o heroismo: a aventura de Velloso com os selvagens, onde o gracioso se mistura com o interesse: a scena do mar tão bem descripta, que precede a narração cavalheiresca dos doze portuguezes, todas estas bellezas e mil outras, graciosas ou terriveis, severas ou apaixonadas despertam entre ellas a admiração. Como principalmente tomamos parte nas magoas do Gama, obrigado a enterrar debaixo da areia estrangeira a alguns de seus infelizes companheiros! Como sahe bem do fundo da alma do poeta esta triste reflexão: Oh! quão facilmente o homem encontra no mundo sua ultima morada! Foi extraordinaria a recepção dos *Luziadas*, pois, coisa quasi inaudita em Portugal, n'aquelle mesmo anno o auctor publicou segunda edição!»

795) **MAI (JOHANN HEINRICH).**

E.—*Dissertatio historico philologica de origine, vita et scriptis Isaaci Abrabanelis.* Altorf, 1808. (Dissertação sobre a origem, vida e escriptos de Abrabanel).

Abrabanel, como muita gente sabe, foi um judeu celeberrimo nascido em Portugal, e cuja vida apparece em todos os diccionarios biographicos.

796) **MAIRAN.**

Tanto este mathematico como Mr. Bouguer foram encarregados de analysarem a Memoria de Manuel Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos sobre a passagem de Mercurio pelo disco do Sol em 6 de maio de 1753.

«Logo que José Joaquim Soares de Barros chegou a Paris, munido dos conhecimentos que em Inglaterra havia adquirido, o estudo da astronomia e da

Digitized by Google

geographia foi o principal objecto das suas applicações.[1] Alli contrahiu amisade com o celebre astronomo M. de Lisle, e adestrado por elle no observatorio de Clugny, em o manejo dos instrumentos astronomicos, patenteou um talento e pericia que em breve encheu de admiração os astronomos mais distinctos. A passagem de Mercurio pelo disco do Sol, acontecida em 6 de maio de 1753, lhe deu occasião de fazer tantas observações delicadas e difficeis, para as quaes com perspicaz prevenção se havia antecipadamente disposto que MM. Bouguer e du Mairan, commissarios nomeados pela Academia Real das Sciencias de Paris, para examinarem a Memoria que elle sobre este objecto escrevéra, não duvidaram dizer na sua conta, que a habilidade e destresa do nosso astronomo ia muito além da verosimilhança.

A publicação d'esta Memoria, de que o proprio M. de Lisle se encarregára, deu occasião a que a Academia das Sciencias e Bellas-Lettras de Berlim o conceituasse digno de entrar na sua associação. Não tardou o nosso Barros em obter esta honra, nem em enriquecer as actas d'aquella respeitavel sociedade, com uma nova Memoria sobre a influencia da opacidade da atmosphera terrestre, nos instantes das immersões e emersões dos satellites de Jupiter na occasião de seus eclipses. Esta Memoria, escripta em lingua franceza, publicou-se no volume das actas d'aquella corporação scientifica, correspondente ao anno de 1755, com o titulo seguinte: *Nouvelles équations pour la perfection de la théorie des satellites de Jupiter, et pour la correction des longitudes terrestres, déterminées par les observations des mêmes satellites.* Barros alli examina a influencia que deve ter a massa da atmosphera sobre a diminuição da luz dos satellites, nos differentes graus da sua elevação sobre o horisonte, e por consequencia sobre o momento da sua desapparição na entrada da sombra do planeta principal, e no da sua apparição á sahida d'ella; e combinando destramente todas as descobertas de Galileo, Cassini, ou de M. de Fouchy ácerca dos effeitos que a maior ou menor distancia do planeta ao Sol e a Terra, e dos satellites ao planeta, devem produzir na quantidade da luz por elles reflectida, não só calculou uma taboada das diminuições que soffre effectivamente na quantidade da sua luz o primeiro satellite, em todos os graus de elevação do horisonte, e das correcções, que deve fazer-se aos tempos das suas immersões e emersões apparentes; mas deu formulas geraes para se calcularem similhantes taboadas para todos os outros satellites: ensinou como se deve medir a diminuição que soffre a luz d'estes planetas secundarios, em rasão da sua maior ou menor proximidade apparente ao planeta principal; o que nem Galileo, nem outro algum astronomo até então havia feito: mostrou como a quantidade dos satellites depende, alèm de todas as causas mencionadas, tambem das suas distancias á luz, o que ninguem havia ainda advertido, e assim levou a theoria dos satellites de Jupiter a um grau de perfeição muito acima d'aquelle em que se achava.

«As outras partes ou ramos das sciencias mathematicas não foram extranhas ao nosso astronomo. A applicação do calculo das probabilidades ás ques-

[1] Stockler.—*Historia das Mathematicas em Portugal*, Pag. 62.

Digitized by Google

tões economicas e politicas, que dependem da duração da vida humana, lhe merecem particular attenção. Elle tirou das Taboadas Necrologicas de Londres, e de Breslaw, muitas e mui curiosas consequencias, que publicou, primeiro em um pequeno opusculo, que no anno de 1767 imprimiu em Paris com o titulo de *Nouvelles considérations sur les années climatériques, etc.;* e depois em uma Memoria que intitulou *Loxodomia da vida humana*, a qual a Academia Real das Sciencias imprimiu, depois da sua morte, em o 2.º tomo das *Memorias de Mathematica e Physica.*»

797) **MAIRE (ISIDORE HYACINTHE).**

E.—*Organogénie Générale.* (*Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. 12.º, parte 2.ª)

798) **MAJESTÉ (D. FRANCISCO).**—Doctor en ambos derechos, y fiscal general ecclesiastico del estado.

E.—*Oracion funebre, pronunciada en la santa iglesia matriz de la capital de la Republica Oriental del Uruguay, en las regias exequias que la poblacion portuguesa de esta capital consagró a la memoria de su malogrado rey D. Pedro V y de su augusto hermano el principe D. Fernando. Por el presbitero —, dedicada a s. e. el señor consejero, encargado de negocios y consul general cerca de las republicas del Plata y Paraguay, D. Leonardo de Sousa Leite Acevedo.* Montevideu. Imprenta del *Progreso*, 8.º, 36 pag.

799) **MALAGRIDA (GABRIEL).**—Jesuita italiano.

Nasceu na villa de Menajo, no ducado de Milão; foi estrangulado e queimado no auto de fé celebrado em 20 de setembro de 1761, facto bem conhecido, e não pouco deshonroso para a memoria do marquez de Pombal.

E.—*Juiso da verdadeira causa do terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no 1.º de novembro de 1755.* Lisboa, por Manuel Soares, 1756, 4.º, 31 pag.

A respeito d'este Malagrida existem muitas obras escriptas por estrangeiros.

800) **MALDONADO.**

E.—*De Joanne de Brito Lusitano in odium fidei a regulo Marava trucidato.* Antuerpiae, 1697, in-4.º (Biographia de João de Brito, portuguez morto pelo regulo de Marava em odio á fé de Christo.)

801) **MALDONADE (J. B.)**

E.—*Prodigieux événements de notre temps arrivés à des Portugais dans un voyage extremement dangereux du coté de la Chine, par —.* Mons, 1693.

802) **MALINGRE.**

E.—*Abrégé de l'Histoire d'Espagne et de Portugal et de Navarre contenant les choses les plus mémorables qui se sont passés en ces trois royaumes depuis leur origine jusq'à nos jours, recueillies de plusieurs mémoires par — M. M. Historiographe de France.* Paris, 1652.

Digitized by Google

803) **MALLET.**

E.— *D. Elvira (Inez de Castro) a Tragedy.* London, 1778.

804) **MAMIANI (LUIZ VICENCIO).**—Jesuita italiano.

E.—*Arte de Grammatica da lingua brasilica da nação Kariri.* Lisboa, por Miguel Deslandes, 1699, 8.°, 124 pag.

805) **MANCINI (POLIZIANO).**

E.—*Il principe Altomiro di Lusitania.* Padova, 1641.

Vem esta obra mencionada no Catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio, mas ignoro se é um romance ou não.

806) **MANDELSLOHE (J. A. VON).**

E.—*Oost Indische Reyse, etc.* (Viagem ás Indias Orientaes). Amsterdam, 1658,

807) **MANGIN.**

E.—*Abregé de l'Histoire de Portugal.* Paris, 1699. Ibid. 1707.

808) **MANIFEST DOOR D'INWOONDERS** *van Parnambuco wgtgegeven tot hun veratwoordinge op't taenemen der wapenen tgens de West-Indische Compagnie; ghedirigeert ven alle Christene Princen, ende besonderlijck aen Hoogh-M. H. U. Staten Generael van de Vereenighde Nederlanden. Ghedrukt ende uyt het Portugies overgeset in ouse Nederduytsche Tale. Tot Antwerpeen.* Anno 1646. 12 pag. 8.° (M. S.)

809) **MANIFEST** *ende redenen van Oorloge, tot Lisbona Uyt-ghegheven, ende gepubliceer: Tusschen Portugal ende de Seunierde Nederlantsthe Provintien met de aenmerckinge ende den oorspronck waer upt den self den ghe procedeert. is. Getrouwelick uyt de Portugesche Tale over geset: Sedruckt int Jaer ons Veeren,* 1658; 8 folhas.

810) **MANIFESTE POUR DOM EDOUARD,** *infant de Portugal, qui fera voir à tout le monde une trahison sans semblable, faite contre la personne de ce prince, qui étant innocent et libre a été par une lacheté autant infame que honteuse, miserablement vendu dans Vienne en Autriche, le 25 juin 1642, la somme de 40:000 rixdales; le vendeur (le roi de Hongrie), l'acheteur (le roi de Castille), les stipulans en la convention, du coté du roi de Castille, Dom Fernando de Mello... du coté du roi de Hongrie, le père Didac de Quiroga... extrait en substance d'un imprimé en latin l'an* 1642. Paris, 1643. (C. M. B. I. P.)

811) **MANLEY (G).**

E.—*Account of the Island of Japon and the exclusion of the Portuguese, composed by F. Caron and translated by —.* London, 1663, 8. (Narração da ilha do Japão e da expulsão dos portuguezes).

Digitized by Google

812) **MANRIQUE (P. S.)**
E.—*Itinerario de las missiones de la India Oriental.* Roma, 1653, fol.

813) MARACCI (P.)
E.—*Relation de ce qui s'est passé dans les Indes Orientales, en ses trois provinces de Goa, du Malabar, du Japon, de la Chine, etc.* Paris, 1651.

814) MARTY (ANGELO RAYMUNDO).—Hespanhol e tachygrapho-mór das côrtes constituintes em 1821, e das que se lhe seguiram em 1822 e 1823.[1]
E.—*Tachygraphia inventada por* —, accommodada á lingua portugueza. Lisboa, 1822. 8.°

815) MARAVILHOSO, *insigne y costoso arco ó puente que los inglezes han hecho en el Pelourinho viejo por donde ha de entrar S. M. en Lisboa. Refierese el modo, traça y architectura del, quadros de pintura, etc. Dase a si-mismo quenta del grandioso presente que á S. M. hizo el duque de Berganza, y el numero de criados que le acompañaram hasta donde lo fué á recibir y de de las muchas provisiones y bastimêtos que tiene prevenidos para los grandes señores y criados, etc.* Sevilla, 1619.

816) MARCHAND (JEAN HENRI).
E.—*Tremblement de Terre de Lisbonne. Tragedie par M. André.* 1756.

817) MARCHENA (JOSEPH).
E.—*Manuel des Inquisiteurs à l'usage de l'Inquisition d'Espagne et de Portugal.* Montpellier, 1819.

818) MARGGRAF (GEORGE).
E.—*De Medicina Brasiliensi, libri* 4.° Amstaelodam, 1648. (Quatro livros a respeito da medicina brasileira).

819) MARGUERITTES (JEAN ANTOINE TEISSIER).
E.—*La revolulion de Portugal.* Tragedie, 1775.

820) MARIA (A).
E.—*Gentes Angolae fidei mysteriis instructae.* Romae, 1661. (Povos d'Angola instruidos nos mysterios da Fé.

821) MARIA (D.) DA GLORIA, *D. Miguel y la España, ó resolucion de un problema politico en* 1832. Bordeus, folheto. (C. M. B. I. P.)

822) MARIA (G. DI SANTA).—Delegado Apostolico ne' regni de Malavari.

[1] Sr. Innocencio.—*Diccionario Bibliographico*, tomo 8.°, pag. 65.

Digitized by Google

E.—*Prima speditione al India Orientali.* Roma, 1668.

823) **MARIER (JAMES).**

E.—*A second Journey through Persia... between the years* 1810 *and* 1816 *With a Journal of the voyage by the Brazils and Bombay to the persian gulph.* London, 1818. (Segunda viagem pela Persia, Brasil, Bombaim, etc.)

824) **MARINI (GIOVANNI PHILIPPO DE).**—Missionario genovez nascido em Taggia no anno de 1608, e fallecido no Japão em 1677. Professou nos Jesuitas, missionou por quatorze annos no Tonking, e foi reitor do collegio dos Jesuitas em Macau. [1]

E.—*Delle missioni de' padri della Compagnia de Giesu nella provincia del Giapponi e particularmente di quella di Tunkino. Alta Santita de N. S. Alexandro PP. settimo.* Venetia, 1665. 12.°

É uma das obras que tratam amplamente das missões portuguezas no Japão, e principalmente em Tonking.

«A egreja e casa dos Jesuitas n'esta provincia foi erigida com as esmolas dos mercadores portuguezes e do Papa Gregorio XIII, depois de o rei ter concedido licença. E a religião progrediu tanto, que indo para alli o padre Amaral com mais quatro padres portuguezes, ficou admirado do progresso que a religião christã fazia já alli, chegando-se a contar setenta cathequistas.»

Conta esta relação os trabalhos dos missionarios portuguezes Onofrio Borges, Martim Coelho, Antonio Barbosa, Francisco Figueira, Balthasar Caldeira e varios outros.

Tambem por alli andavam missionarios italianos, mas parece que viviam em harmonia com os nossos, pois o padre Marini não só não se queixa, mas até mesmo tece elogios aos portuguezes. [2]

825) **MARITIUS (KARL FREDERICK PHILIPPE VEN).**

E.—*Historia Naturalis Palmarum, quas in Itinere per Brasiliam anno* 1817-1820 *collegit, descripsit et iconibus illustravit.* Munichii. (Historia natural das palmeiras do Brasil, etc.)

A respeito d'esta obra e de varias outras que escreveu sobre o Brasil, póde-se vêr a resumida noticia publicada pelo sr. Antonio Bernardino Gomes a pag. 94 e seg. das *Actas da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* 1851.

826) **MARLÈS (LACROIX DE).**

E.—I. *Beautés de l'Histoire de la domination des arabes et des maures en Espagne et en Portugal; ou abrégé chronologique de l'histoire de ces peuples jusqu'à leur expulsion de la Peninsule; contenant en outre des notices exactes sur leurs conquêtes, leur religion, moeurs, arts, usages; des anecdotes, curieuses et intéressantes; des traits divers d'heroisme, de courage, de grandeur d'a-*

[1] Firmin Didot.—*Biogr. Generale,* vol. 33.°, pag. 784.
[2] *Delle missione,* pag. 340.

Digitized by Google

me, etc. Par — avec de jolies gravures. Paris. A la librairie d'education d'A. Eymery, 1824. 8.°, 532 pag.—Este volume é ornado de seis estampas.

II. *Histoire de la domination des arabes et des maures en Espagne et en Portugal. Traduit de l'Espagnol de D. Jose de Conde.* Paris, 1825. 3 vol.

827) **MARLÈS** (M. DE —).—Continuateur de **LINGUARD**.

E.—*Histoire de Portugal d'après la grande Histoire de Schaeffer, et continuée jusqu'à nos jours par —.* Paris, Parent-Desbarres, editeur. 1840. 8.° 288 pag.—Nada contém que mereça especialisar-se,

828) **MARSANGY (BENNEVILLE DE)**.—Membro correspondente no estrangeiro da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Avocat à la cour imperial de Paris.

E.—I. *Moralité comparée de la femme et de l'homme au double point de vue de l'amélioration des lois pénales et des progrès de la civilisation par —.*

Esta Memoria foi publicada no tomo 2.°, parte 2.ª das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, classe de sciencias moraes, politicas, e bellas lettras. (Anno de 1861).

II. *Notice historique sur Dom Pedro V, roi de Portugal et des Algarves, par —.* Paris. Imprimerie de Charles Jouaust, 1861. 4.°, 11 pag.

É um tecido de elogios a este rei e a sua familia.

829) **MARTANGES (N. BONNET DE)**.

E.—*Le Roi de Portugal.* Conte. Neuwied, 1788.

830) **MARTIN (D. JOSE MARUGAN Y)**.

E.—*Descripcion geografica, fisica, politica, estadistica, literaria del reino de Portugal y de los Algarbes, comparado con los principales de Europa. Extractada del Ensayo Estadistico del mismo reino, publicado por Adriano Balbi en Paris en 1822 y de otras obras; y aumentada con noticias originales mas recientes, tanto sobre este reino, como en las comparaciones que se hacen con el de España. Com superior permiso.* Madrid, en la Imprenta Real, 1833. 4.° O tomo 1.° 344 pag. O 2.° 440.

O auctor d'este trabalho, por sua propria confissão, serviu-se do conhecidissimo trabalho de Balbi, mas adicionou-lhe de lavra propria a relação summaria da conquista de Portugal feita por Filippe II e a continuação dos acontecimentos politicos do referido paiz desde 1822 até 1828: o capitulo que trata da nobreza portugueza: uma descripção dos povos de Portugal, extrahida da obra inedita de D. José Cornide, intitulada *Estado de Portugal en el año* 1800: um capitulo intitulado *Resumo historico do estado da litteratura, das sciencias e das artes;* introduziu-se um interessante opusculo redigido pelo abbade Corrêa da Serra, as quaes noticias foram tiradas de um periodico publicado em Paris em 1804 por uma sociedade de litteratos, de-baixo do titulo de *Archives littéraires de l'Europe* ou *Mélanges de litterature, d'histoire et de philosophie;* e além d'estes, varios outros acrescentamentos.

Digitized by Google

«A obra de Balbi está cheia de digressões inuteis e de declamações pela maior parte alheias de um trabalho onde sómente se devem referir factos, comparal-os e deduzir d'elles sómente aquellas consequencias e resultados que não possam estar ao alcance de todos. Tambem por se haverem recolhido os materiaes e escripto o *Ensaio de Balbi* nos annos de 1821 e 1822, época em que Portugal era regido por instituições politicas differentes das actuaes, fez o auctor menção d'ellas, as quaes se omittem como inuteis, por já não existirem.

«Apresentar a meus compatriotas o quadro mais exacto de quantos hão sahido á luz até este dia relativos ao reino de Portugal, com o fim de mostrar o estado em que se encontram, em uma nação tão visinha da nossa, todos os ramos de administração publica; proporcionar-lhes uma idéa completa da immensa gloria e prosperidade, que chegou a adquirir esta nação, durante o periodo de seu maior poder e esplendor, por meio de suas conquistas mais brilhantes, dos descobrimentos mais assombrosos, e de um commercio rico e florescente; manifestar-lhes as causas que produziram a extrema decadencia e nullidade politica a que hoje se acha reduzido, desvanecendo ao mesmo tempo muitos erros e preoccupações em que hão incorrido os estrangeiros mais celebres que escreveram ácerca de Portugal; e finalmente fazer-lhes conhecer o vantajosissimo partido, que ainda se póde tirar de um paiz, que, apesar de sua curta extensão, é dos mais privilegiados da natureza por sua situação geographica, e porque gosa, e encerra em si mesmo os elementos mais essenciaes para constituir um estado rico, poderoso e respeitavel: taes foram os fins a que mirou este meu trabalho.»

831) **MARTINEZ (BENIGNO JOAQUIM).**

E.—*Visconde de Torres Novas.* Esta breve biographia publicou-se no 2.º vol. da *Revista Peninsular.*

Consta ter escripto artigos, e talvez opusculos a respeito de assumptos portuguezes, mas nada mais estou habilitado a dizer. Porém, se obtiver mais esclarecimentos, apresental-os-hei no *Supplemento* com que termina o segundo volume d'este trabalho.

832) **MARTINEZ (D. BLAS).**—Medico em Pamplona.

E.—*Dissertacion de concurso al problema seguinte:* «Qual es el método de curar radicalmente las disenterias crónicas de qualquiera causa que procedan?» Fundado en principios y confirmado por observaciones practicas.

Esta Memoria obteve medalha de prata conferida pela nossa Academia. *(Memorias da Academia,* vol. 6.º, parte 2.ª, de pag. 25 a 66).

833) **MAS (SINIBALDO DE).**

E.—I. *Iberia. Memoria sobre las vantajas de la union de Portugal y España.* Madrid, 1853.

II. Um artigo no primeiro volume da *Revista Peninsular* intitulado—*Murmurios.* Tomo de poesias por D. Augusto Lima. Impresso em Lisboa em 1851. O juiso critico é favoravel ao auctor, e termina por estas palavras: «No he

Digitized by Google

escrito un articulo laudatorio de las poesias del señor Lima. He pensado que el mejor elogio que se les podia hacer era dar una no regateada muestra de ellas. Creo que bastará para que el lector convenga commigo en que nuestro autor es poeta, y de los de alma sensible y inspiracion lucida y elevada. Deje ya de ser trovador de amores, dediquese a objectos mas serios y dignos de memoria, y tengo para mi que adquirirá alta prez y fama, y que hará algun dia grande honor á su patria y a la Peninsula entera.»

Algumas das referidas poesias apparecem traduzidas n'este artigo pela poetisa D. Gertrudes Gomez de Avellaneda.

III. *Contienda historico-politico religiosa. Sobre la batalha de Ourique y la aparicion de Cristo a Alfonso Henriquez, sostenida de una parte por A. Herculano, A. A. Rebello da Silva, un paleografo, un aldeano, Pascual de Gayangos y varios periodicos de Portugal; y de la otra parte por Diogo da Fonseca Pereira, A. Lucio Maggessi Tavares, A. Gaetano Pereira, padre José de Sousa Amado, padre Gaetano Francisco de Faria y varios anonimos y periodicos; siendo mediador entre los combatientes el padre Rodrigo A. de Almeida. (Revista Peninsular,* tomo 2.°, pag. 60 e seg.)

É uma interessante historia da polemica a respeito da batalha de Ourique.

834) **MASCARENHAS.**

E.—*A legend of the Portuguese in India by the author of* —. Prediction. 3 vol. (Uma lenda dos portuguezes na India, etc.) Talvez seja um romance.

835) **MASON** (J. A.)—M. D. Inventor of Mason's Hygrometer.

E.—*A Treatise on the climate and meteorology of Madeira; by*—. *Edited by James Sheridan Knowles. To which are attached a review of the state of Agriculture and of the tenure of land; by George Peacock, F, R. S. etc. etc. Dean of Ely, and Lowndean Professor of Astronomy in the University of Cambridge and an historical and descriptive account of the Island, and Guide to Visitors; by John Driver, Consul for Greece, Madeira.* London, 1850. 4.°, 386 pag. (Tratado sobre o clima e meteorologia da Madeira.)

E' um dos escriptos mais notaveis ácerca da nossa celebrada ilha da Madeira. Seu auctor, Mason, morreu prematuramente, por causa do grande trabalho, que teve na composição d'este livro.

836) **MASSEI.**

E.—*Vita di S. Francisco Saverio dell comp. de Giesu, apostolo dell' Indie.* Roma, 1681. 4.°

837) **MASSON** (A).

E.—*Un mot aux portugais. Par* —. Paris, 1834.

838) **MASSON** (MR. FRANCIS).

E.—*An Account of the Island of St. Michel by*—, na obra *Philosophica*

Digitized by Google

Transactions, tom. 68.º, parte 2.ª, pag. 601, etc. London, 1778. (Noticia da ilha de S. Miguel.)

O auctor viajava com o fim de enriquecer o jardim real de Kiew, passou pelos Açores ao regressar do Cabo pelas ilhas da Madeira e Canarias. As plantas novas, que recolheu nos tres archipelagos, foram descriptas por Acton no *Hortus Kiewensis*, principalmente a *myrsina retura*, a *myrico faya*, o *ilex perado*, o *hypericum foliosum*, etc. Morelet.—*Les Açores*, pag. 9.

839) MASSUET (PIERRE) *Annales d'Espagne et de Portugal, traduits de Colmenares.* Amsterdam, 1743.

840) MATAL (JEAN).

E.—*Epistolae de Hieronimi Osorii Indiarum historia.* Coloniae, 1574. (Carta a respeito da *Historia das Indias* por Jeronymo Osorio.

841) MATELIEF (CORNELIUS).

E.—*Vogages.* Amsterdam, 1705. Traz uma minuciosa relação da armada portugueza, descripção da cidade de Malaca, etc. etc.

842) MATÉRIAUX *pour servir à l'histoire de l'expedition de D. Pedro en Portugal, et de la guerre actuelle en Espagne.* Paris, 1836.

843) MATHEWS (HENRY M. A.)—Fellow of the King's College. Cambridge.

E.—*The Diary of an invalid, in pursuit of health being the Journal of a tour in Portugal, Italy, Switzland and France.* London, 1820. (Diario de um enfermo em procura de saude, ou diario de uma digressão em Portugal, Italia, etc.)

844) MATTEIS (MARIS DE COMITIBUS).

E.—*Oratio in funere Mariae I Lusitanae Reginae.* Romae, 1820. (Oração funebre de D. Maria I, recitada em Roma).

845) MAUGIN.

E.—*Abregé de l'Histoire de Portugal dedié à Monseigneur le Marquis de Cascaes, Comte de Monsanto, ambassadeur extraordinaire de Portugal à la cour de France.* A Paris. Chez Michel David, 1707, 8.º, 420 pag.

«Faz no principio da obra uma dissertação[1] sobre o estado antigo de Portugal, e no fim uma descripção d'elle. Começa a sua historia no conde D. Henrique, e acaba no anno do reinado do sr. D. Pedro II, 1695, em que casou a senhora D. Luiza, sua filha bastarda, com o 2.º duque do Cadaval D. Luiz Ambrosio de Mello, que morreu de bexigas em 1700 sem deixar successão, segundo genito do terceiro matrimonio do 1.º duque do Cadaval D. Nuno Al-

[1] *Bibliotheca Historica de Portugal e seus dominios ultramarinos*, pag. 333.

Digitized by Google

vares Pereira de Mello. O padre D. Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia Genealogica*, tomo 7.º cap. 4,º adverte alguns enganos ou equivocos em que cahiu o sobredito auctor. É pouco exacto.» Parece que d'esta obra ha uma outra edição feita em 1699 na mesma cidade de Paris.

O auctor, na sua dedicatoria ao marquez de Cascaes, diz que, escrevendo um resumo da *Historia de Portugal*, escreve um epitome dos mais bellos feitos que se praticaram na Europa.

846) **MANOIR (C.)**

E.—*La topographie et les topographes militaires en Portugal.*

Foi publicado este trabalho no *Spectateur Militaire*. 15 août 1864.

847) **MAUPERRIN (PIERRE AUGUSTE ADOLPHE).**—Professor do Collegio dos Nobres em Lisboa, e pela suppressão d'este bello estabelecimento, uma das glorias do marquez de Pombal, passou para professor de lingua franceza, addido á secção oriental do Lyceu Nacional de Lisboa.

Nasceu em Vannes (França) no anno de 1795, e morreu em Lisboa a 7 de abril de 1872.[1]

E.—*Grammaire française approuvée par le conseil général d'Instruction Publique.*—1.ª edição, Paris, 1846.—2.ª, Paris, 1852.—3.ª, Lisboa, 1857.—4.ª 1862.

848) **MAURICE.**

E.—*Découverte de Madère.*—E' um extensissimo artigo, que publicou no 4.º volume do *Musée des Familles* (anno de 1836), e que principia a pag. 90.

849) **MAVOR (WILLIAM).**—Vicar of Hurley.

E.—*The history of Spain and Portugal from the earliest periods to the present time. By*—. London, 1812. (Historia de Hespanha e Portugal desde os tempos mais remotos até o tempo presente.)

850) **MAYDIEU (M. L'ABBÉ)** Ci-devant Chanoine de l'Eglise de Troyes.

E.—*Histoire de la vertueuse portugaise, ou les Femmes Chrétiennes. Dediée aux Rosières de Salency. Par*—. A Bensaçon, 1817. 8.º, 388 pag.

Apesar de se dizer no prologo que esta obra é uma traducção do portuguez, na sua leitura nada encontrei que me podesse impellir a tal accreditar. Creio ser originalmente franceza.

851) **MAYNE (COL—)** Late commanding the first battallion of the Lusitanian legion).

E.—*A narrative of the campaigns of the Lusitanian Legion, under brigadier general sir Robert Wilson, with some account of the military operations in Spain and Portugal during the years* 1809-18-11. *By*—. London, 1812.

[1] *Ensino Livre* n.º 28.

Digitized by Google

(Narração das campanhas da legião lusitana, ás ordens do brigadeiro general sir Roberto Wilson, com algumas noticias das operações militares em Hespanha e Portugal.)

852) **MAJOR (RICHARD HENRY).**—F. S. A., F. R. S. L., etc. Keper of the department of maps and charts in the Royal Geographical Society.

E.—I. *The life of Prince Henry of Portugal, surnamed the navigator; and its results: comprising the discovery, with one century, of half world with new facts in the discovery of the Atlantic Islands; a refutation of French claims to priority in discovery; Portuguese knowledge (subsequently lost) in the Nile lakes and the history of the naming of America. From authentic contemporary documents.* London, 1868. 4.°, 487 pag. Com um mappa e o retrato colorido do infante D. Henrique, conforme se acha na *Conquista de Guiné*, por Azurara. (Vida do principe D. Henrique de Portugal, cognominado o Navegador, e suas consequencias, comprehendendo a descoberta durante um seculo de meio mundo com factos novos no descobrimento das Ilhas Atlanticas: refutação das pretenções dos francezes á prioridade nos descobrimentos. Conhecimentos dos portuguezes (posteriormente perdidos) relativos aos lagos do Nilo. Historia do nome da America. Tudo extrahido de documentos authenticos e contemporaneos).

«Deve realmente ser havido como uma coisa surprehendente que nenhum inglez até hoje tivesse intentado preparar uma monographia da vida de Henrique, o Navegador. Se podessemos julgar de interesse sufficiente para tentar a penna de um escriptor o phenomeno sem exemplo na historia do mundo resultante do pensamento e perserverança de um homem, certamente que de um tal estimulo não havia necessidade. Quando vemos a pequena população d'uma estreita orla da Peninsula Hispanica acanhada tanto em meios, como em gente, converter-se n'um espaço breve e incrivel de tempo em uma nação maritima e poderosa, não sómente conquistando as ilhas e costas occidentaes da Africa, e dobrando seu cabo do Sul, mas até mesmo creando imperios e fundando cidades capitaes n'uma distancia de duas mil leguas distantes de seus proprios lares, ficamos tentados a imaginar que resultados taes devem antes ter sido obtidos por algum aborto da fortuna. Mas não foi assim. Foram os effeitos da paciencia, sabedoria, trabalho intellectual, e exemplo de um homem coadjuvado pelo enthusiasmo de uma raça de navegantes, que a considerarmos nos meios de que dispunham, jámais em nenhum paiz, em nenhum seculo foram, como aventureiros, excedidos,»

Esta obra é offerecida ao nosso conde do Lavradio, D. Francisco de Almeida.

II. *The descovery of Australia by the portuguese in the year.* 1601. London, in-4.°

Este opusculo foi mandado verter em portuguez por ordem da nossa Academia Real das Sciencias.

Por occasião de um *lunch* dado depois do baptisado, em Londres, do couraçado portuguez *Vasco da Gama*, proferiu Major um discurso notavel, no

Digitized by Google

HENRY MAJOR

Digitized by Google

Digitized by Google

qual se encontravam os trechos seguintes: «Avalio a rasão por que o presidente mencionou o nome do illustre Vasco da Gama juntamente com o do principe D. Henrique, o Navegador.

«Até ao tempo d'aquelle principe nada se sabia do Oriente senão por tradição, e que a descoberta de um caminho por mar para o Oriente havia sido o principal objecto, a que o principe consagrava sua vida; e, embora não o conseguisse, setenta e cinco annos mais tarde Vasco da Gama podéra chegar á India, dobrando o Cabo da Boa Esperança.

«Era um facto muito notavel, mas não geralmente conhecido, que dentro do mesmo seculo havia sido descoberta mais de metade do globo que habitamos, e esse resultado fôra devido em primeiro logar ás descobertas dos portuguezes. A Inglaterra ufana-se de que nunca se põe o sol nos seus dominios, mas isso era devido ás descobertas dos portuguezes.

«Não havia paiz nenhum que podesse rivalisar com Portugal a respeito d'aquellas antigas glorias e arriscadas empresas. Havia porém uma coisa de que tinha a convicção, e era que se os inglezes não podiam competir com Portugal na antiguidade das descobertas, tratando-se da egualdade dos esforços, caminhavam a par dos navegadores portuguezes, que atravez de tantos perigos desconhecidos se haviam aventurado a tão grandes empresas.»

853) **MAWE (JOHN).**

E.—*Travels on the interior of Brasil, including a voyage to the Rio de la Plata.* London, 1712. Ibid. 1821. Em francez, Paris, 1816. (Viagem no interior do Brasil, incluindo uma digressão ao Rio da Prata.)

854) **MAZADE (V. DE).**

Com o titulo de *Portugal sous le roi D. Luiz—Impressions et souvenirs*, publicou na *Revista dos dois mundos*, de 1 de julho de 1864, um artigo notavel, apesar de muitos erros e de muitas apreciações falsas, que lhe pudemos encontrar. [1] «Mas estamos de tal fórma habituados a ver os estrangeiros, e principalmente os francezes, fallarem das nossas coisas, sem terem d'ellas o minimo conhecimento, e sempre com prevenções malevolas, que nos é agradavel depararmos com trabalho feito com alguma consciencia, e em que transparece principalmente uma tão viva sympathia pelas nossas coisas. Diz, pois, Mazade entre outras coisas:

«No mez de agosto de 1861 entrava eu n'uma especie de coche, que se comprometteêra a pôr-me intacto, ou quasi intacto, em Badajoz, levando cincoenta horas a transportar-me da formosa rua de Alcalá em Madrid á cidade illustrada pelos feitos d'armas do general Philipon. Graças a um obsequiador companheiro de viagem, que tambem ia para Lisboa, em breve se concluiram os preparativos de partida, e no dia 4 d'agosto atravessámos, a galope das nossas mulas, as ruas de Badajoz, tomando o caminho de Portugal. Quando,

[1] Sr. Pinheiro Chagas. *Panorama* de 1867, vol. 17.°, pag. 283. Esta viagem estende-se por alguns numeros.

Digitized by Google

depois de termos deixado atraz as portas e as fortificações da cidade, entrámos na estrada real, não fiquei pouco surprehendido achando-me n'um *coupé* muito aceiado, e não sentindo a cabeça resaltar, com os solavancos, de encontro ás paredes da minha prisão: o zagal, silencioso, parecia ter esquecido o seu reportorio de maldições e de pragas que em Hespanha offendem ás vezes os ouvidos menos susceptiveis. Já eu reparava na cortezia do freguez agaloado que nos viera abrir a portinhola. Decididamente era boa esta primeira impressão; o meu companheiro, a quem communiquei as minhas reflexões, disse-me que não admirava ter eu sido mal informado em Hespanha, porque o povo hespanhol é o que menos deseja conhecer Portugal, e o que realmente menos o conhece.

«Em geral, de qualquer natureza que sejam as fronteiras d'um paiz, rios ou serras, existe uma certa zona, em que se confundem as linguas e os costumes, uma especie de terreno neutro. Aqui (em Elvas) a planicie que separa estas duas cidades extremas só offerece esse caracter até certo ponto. Apenas se chega ao territorio portuguez, logo o aspecto do terreno parece modificar-se; como a altura do milho exige uma irrigação continua, contrasta pela sua frescura relativa com as planicies de trigo da Extremadura hespanhola.

«Ao sair d'Elvas apresenta-se Portugal sem mistura. O panorama e os costumes hespanhoes desapparecem muito realmente. Quatro cavallos fogosos substituiram as mulas ligeiras nos tirantes da mala-posta, ora conduzida por um grave cocheiro, que veste uma libré com as armas reaes portuguezas. O caminho que seguiamos não deixava logar ao fastio; as mudas succediam-se rapidamente; atravessámos valles ferteis e risonhos; subiamos collinas cobertas de verdejantes carvalhos, de oliveiras e de vinhas carregadas de cachos de uvas, ora rejubilados pelo panorama de uma vegetação luxuriante, ora impressionados pelo aspecto grandioso de rochedos avermelhados e pardacentos. Á beira do caminho agrupavam-se aldeias de casas brancas e aceiadas, cercadas de jardins. Quando aos ultimos clarões do dia appareceram ao longe as muralhas de Estremoz, já eu achava pequenos os dias de verão. Este passeio, que nada tivera de penoso, desenvolveu em mim um ardente desejo de travar conhecimento com a pousada portugueza. Ha em Estremoz uma estalagem, digna de ser recommendada aos *touristes* que o acaso levar alli. O dono d'ella é barbeiro e cutelleiro. Á luz de um candeeiro de fórma antiga serviu-nos o honrado homem um excellente jantar composto de gallinha com arroz, lombo de porco do Alemtejo, fructa excellente e optimo vinho. Tinha escapado ao sabor de oleo de ricino, que por toda a parte se encontra na cosinha hespanhola, e não vi apparecer nem sombra de um grabanzo. Quando se tratou de pagar, por mais que eu desfigurasse a nobre lingua castelhana, não consegui transformal-a em portuguez. O meu patrão, empregando o mesmo processo com a sua lingua natal, não conseguiu fabricar hespanhol. O que havia mais claro na nossa palestra era que me pediam 480 reaes (perto de 126 francos) pelo meu jantar, e eu revoltava-me contra isso. O meu companheiro de viagem, entrando n'esse momento, explicou-me que se tratava de 480 réis (2 francos e 75 centimos).

Digitized by Google

«Quando chegámos a Montemór-o-novo parámos para tomar chá, esta bebida asiatica (dizendo de passagem) é tão querida dos portuguezes, que no mais pequeno logarejo do reino se encontra, e se toma. Emfim ás 7 horas da manhã a carruagem parava na estação de Vendas Novas, d'onde o caminho de ferro do Sul me devia conduzir a Lisboa.

«Um barco de vapor veiu esperar os passageiros do comboio para lhes fazer atravessar a enseada; saltei para o convez a fim de melhor disfructar este espectaculo. Emquanto o barco sulcava as aguas do rio, a custo o meu olhar abrangia essas immensas perspectivas da cidade alvejante. Aqui, á esquerda, era o palacio de Belem. Ahi não pude deixar de sentir uma viva commoção á vista do panorama grandioso que de subito se desenrolou diante de mim.

«Na margem direita do Tejo, á beira d'uma enseada immensa, esplendia o amphitheatro de Lisboa. As collinas pareciam vestidas de palacios, cujas columnas elegantes, brotando entre moitas de verdura e de flores se reflectiam nas aguas. Nem uma só nuvem maculava o azul do céo. Aqui, n'um relance, entre duas collinas mostrava-se o aqueducto das aguas livres; sobre uma rocha escarpada, surgia a velha cidade de S. Jorge; á medida que me aproximava, os contornos tomavam relevo, ou fugiam, segundo os accidentes do terreno. Logo appareceram as arcadas graciosas da praça do Commercio e o seu magestoso caes: vi D. José, que de cima do seu cavallo, encarando o rio, parece fazer ao estrangeiro as honras da cidade moderna, construida pelo seu grande ministro.»

855) **MAZZIO ROMANO (RAPHAELE)**—Sanctitatis Suae praelato domestico atque ab epistolis latinis.

E.—*In funere Mariae Lusitaniae Reginae Fidelissimae habita in Sacello Vaticano ad Sanctissimum Dominum Nostrum Pium Septimum Pont. Max Romae*, 1818. Tipis Pauli Salviucci Sup. Permissu, fol. 38. (Oração funebre de D. Maria I).

Segundo diz o auctor d'esta oração, foi esta a primeira que por uma rainha se recitou em presença de um Summo Pontifice, pois anteriormente sómente os papas mandavam celebrar exequias pela alma dos reis. Foi esta oração latina impressa em Lisboa no anno de 1824 na Typographia Rolandiana, por diligencias de Fr. José de N. S. do Carmo e Silva, natural da cidade do Porto, e carmelita dos calçados do real convento de Lisboa. Folheto de 35 pag. in-4.°

856) **MEDRANO (Dr. JUAN DE ESPINOSA)**.—Catedratico de artes y sagrada teologia en el seminario de S. Antonio el Magno del Peru.

E.—*Apologetico en favor de Gongora y contra Manuel de Faria y Sousa*. Lima. Imprenta de Juan de Quevedo y Zarate. 1694.[1]

No tempo em que as obras do celebre Luiz de Gongora eram tão bem recebidas pelo publico a ponto de o cognominarem «Pae maior das musas»; com-

[1] Amador de los Rios.—*Historia Critica de la literatura espanola*, vol. 1.°, pag. 31.

Digitized by Google

parando-o até com Homero e Virgilio, o nosso celebre Manuel de Faria e Sousa fazia côro com os que lhe chamavam Gongora dos declamadores, e nos seus *Commentarios de Camões* cognomina-o ironicamente «Mafoma dos poemas». Medrano, escandalisado da maneira como Faria tratava o seu idolo, toma a penna, e brinda o escriptor portuguez com os epithetos de — ansar palustre—elogiador huero—malo filosofo—peor teologo—pesimo escriturista.

857) **MELDOLA (ABRAHAM)**.—Judeu residente em Hamburgo.

E.—*Nova Grammatica Portugueza*, dividida em seis partes, a saber: 1.ª Orthographia; 2.ª Etymologia; 3.ª Syntaxe; 4.ª Prosodia com supplemento; 5.ª Lavores da lingua; 6.ª Miscellanea. Impresso na officina de M. C. Back, a custas do auctor, em Hamburgo, 1785. Segue-se a traducção d'estas mesmas palavras em allemão. 8.º gr., 671 pag.

Transcreverei o prefacio tal como se acha no original para se fazer idéa da linguagem do auctor:

«Preface. De todas as naçoëns, he a germanica a mais inclinavel na cultivação das linguas estrangeiras, por mais que se desvella a o presente em perfeiçoarse na sua.

«Esta consideração me tem dado os primeiros estimulos a compôr huma Arte Portugueza para dita nação, vendo que lhes faltava huma tal, e ser indispensavel de a precissarem para o Commercio.

«Como já a muitos Annos me tinha recopilado para este effeito as regras da Lingua, podia com tanta maior facilidade reduzir minha potencia a acto.

«Com os dezejos pois de fazer esta Materia, que per si é insipida, mais agradavel e mais utilosa, que até aqui se tinha tratada, ellegi o estillo Dialogico, pondo por ali a qualquer no estado de instruirse mesmo neste idioma.

«Nam bem tinha eu porem determinado nisso, quando apparece do Prelo no Anno 1778 huma Arte Portugueza de hum Author anonimo.

«Mas com nam pouca estranhesa observey ao querer ensinar por ella este idioma que não somente citava o auctor varias regras erradas, porem que mesmo na Conjugaçam do Verbo Pór usava nos seus Imperfeitos as palavras *puzeria, puzerias, puzeria*, etc. que se nam achão em todo idioma Portuguez, conjugandose esse tempo com as palavras *poria, porias, poria.*

«Eisaqui pois os fruitos de hum trabalho de quazi mais que seis Annos!

«No quanto merece esta Arte ser anteposta, ou posposta a outras escritas, mesmo no Reino de Portugal, deixo a decisam dos intelligentes.

«Sirva no em quanto porem de huma mais circumspecta sindicação, argumento e diffinição da obra a seguinte narração.

«He a lingua Portugueza filha da Latina, por cuja causa a verás concordar com ella quazi em todas suas regras. No demais tem como todos os Idiomas seus Idiotismos, ou expreçoens proprias ao genio da lingoa.

«Tudo isse se achará aqui demonstrado com a mór claresa, pois qualquer das partes da Grammatica ficam tratadas por si, e não confusamente huma entre outra, como se pratica nas demais Artes.»

.....

Digitized by Google

«A Seista parte comprehende huma Miscellanea Portugueza em Prosa e Verso, sacada dos mais selectos Autores de Portugal, na qual nam cuidei somente em instruir a mercancia, mas tambem pensei a dlvertir ao estudioso.

«Os principaes Canaes que hey comunicado forão Padre Lami, Raphael Bluteau, Bento Perreira, J. F. Baretto, Duarte Nunes de Leão, J. M. de Mad. Feijo e Jeronimo.

«No demais he geralmente tratada esta Grammatica em todos os sentidos com muitissimo Artificio e colmada com tantos Idiotismos Portuguezes, que se pode por ella inteirar-se nas ligitimas expreçoëns desta lingoa, podendo com facilidade comprender qualquer bom Autor na mesma.

«Breve, podese contemplar esta Arte, que vai tratada por Dialogos como hum Author facil e instructivo, etc., quem observar somente que o genio da Lingoa Portugueza he pôr no Modo afirmativo o Verbo logo depois do Nominativo, e no idioma allemão, se poem o mesmo as mais vezes no fim de periodo, poderá acharse no estado de a verter verbalmente. Para que a obra pois se não estendese demasiado, julguey por acertado o fazer dar a o Discipulo humas repostas satisfatorias sobre as inquiriçoëns do Mestre, introduzindo segum isso o Mestre no interrogativo.» [1]

Esta grammatica é censurada por Link no fim do capitulo 38.º das suas *Viagens em Portugal*. Sua composição (diz este) em perguntas e respostas em portuguez e allemão torna-a muito desagradavel. O que me revolta logo á primeira vista, é de o ver no proprio prefacio commetter um erro grosseiro porque o auctor serve-se do infinito no plural sem lhe ajuntar *em*. Isto prova o pouco conhecimento que o botanico allemão tinha da lingua portugueza; graves defeitos porém tem, mas o principal é o emprego de palavras barbaras, e não portuguezas, como *reprochar, lojar, ovos esfalfados, balancia*, etc. etc. Esta grammatica é de bastante raridade em Portugal.

858) **MELGAR (SEÑORA SAEZ DE —).**
E.—*La lira del Tajo.* Madrid.

859) **MELLIN (GUSTAVE HENRI).**—Litterato sueco.
Nasceu em Revalax, na Finlandia, em abril do anno de 1803. É o Walter Scott do Norte, segundo diz a *Revista Universal Lisbonense*.
E.—*La Princesse d'Angole*, romance, 1839. [2]

860) **MELLINGEN** (Dr.)
E.—*Stories of Torres Vedras.* London, 8.º (Contos de Torres Vedras).

861) **MÉMOIRES** *de Sebastien Joseph de Carvalho e Mello, comte d'Oey-*

[1] N'esta grammatica o capitulo que trata dos dialectos é um dos mais interessantes.
[2] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains*, pag 1094. É bem de suppor que o titulo da obra seja em sueco, e não em francez: nem mesmo este diccionario diz onde foi impressa.

Digitized by Google

ras, marquis de Pombal, secrétaire d'état, et premier ministre du roi de Portugal Joseph I., 1784. Sem logar de impressão. 4 vol., 8.°—Esta obra é hostil ao marquez.

862) **MÉMOIRES** *historiques généalogiques et chronologiques concernant les ascendances de Constantin, Marques, Moutinho, Borges, Araujo, Coutinho, Banha, Sequeira, Magalhães, Teixeira, Bacellar et Lacerda, Lopes, Mesquita, Pinto, Coelho, Pereira, Leite de Sampaio et Mello.* Paris, 1854, 236 pag.

863) **MÉMOIRES** *sur le Portugal.* Paris. Imprimerie de la Republique. Floréal, an IX, 8.°

864) **MÉMOIRES** *sur les opérations militaires des français en Galice, Portugal, et dans la vallée du Tage en* 1809, *sous le commandement du marechal Soult, duc de Dalmatie. Avec un Atlas militaire.* A Paris. Chez Barrois l'aîné, 1821. 8.° gr. 368 pag.

«Depois de termos passado o fraco ribeiro, que do lado de Chaves fórma a separação dos dois reinos, observámos uma differença sensivel em vantagem para Portugal. N'este paiz vêem se casas de campo isoladas: nas cabanas encontra-se louça ingleza, chicaras de louça do Japão, e chá verde; nas casas dos particulares abastados um grande luxo de louças, de moveis de acaju, pau sancto, e das madeiras mais preciosas do Brasil, e principalmente o que nós mui raras vezes tinhamos visto entre os hespanhoes, livrarias compostas das melhores obras francezas. Nos combates notou-se uma coragem pessoal extraordinaria, que nos trouxe á lembrança o caracter altivo e valoroso dos portuguezes, que debaixo do commando dos Gamas, Albuquerques, Carascos, Athaydes e Sousas chegaram a submetter as grandes Indias por meio de acções heroicas, que rivalisam com as mais celebres, que nos conservou a historia antiga.» Pag. 144.

«Antes da victoria de Lanhoso, Braga se apresentava á nossa imaginação fornecida de tudo de que o exercito tinha necessidade. Qual não foi nossa dolorosa surpresa ao entrarmos n'esta cidade, achando-a deserta! Vinte mil pessoas tinham abandonado em tres dias uma cidade que parecia conter todas as commodidades da vida! Que resolução! Que odio contra o dominio estrangeiro! Que funesto presagio para o exito d'esta expedição!»

865) **MÉMOIRS (AUTHENTIC)** *concerning the portuguese inquisition.* London, 1761. (Memorias authenticas a respeito da inquisição de Portugal).

866) **MEMOIR** *of the early campaigns of the duke of Wellington in Portugal and Spain by an officer employed in his army.* London, 1820. (Memoria sobre as primeiras campanhas do duque de Wellington em Portugal e Hespanha).

867) **MEMORIAS** *da Academia das Inscripções de Paris.*

No vol. 3.° da mencionada obra ha um trabalho ácerca das inscripções re-

Digitized by Google

lativas ao deus Endovelico, que n'outro tempo existiram em Portugal, e a respeito do mencionado deus. V. tambem Florez.—*España Sagrada*, vol. XIV, pag. 110 e seg.

868) **MEMOIRE** *istoriche del Portugallo.* Torino, 1682. 12.°

869) **MEMORIALS** *of the British Consul and factory at Lisbon to his Majesty at that Court and the secretaries of state of this kingdom.* 1766.

«Contem-se n'esta brochura cinco documentos. A saber: primeiro um memorial dirigido ao conde Kinnoul, embaixador da Grã-Bretanha n'esta côrte a D. José I relativo á confiscação de um pouco de oiro apprehendido n'ella a um inglez. Segundo: outro sobre a pretendida immunidade das pessoas e das propriedades dos vassallos britannicos em Portugal. Terceiro: uma exposição dos argumentos com que os inglezes pretendiam justificar as suas protestações contra a creação das companhias do Maranhão e Pernambuco, reputando-as como monopolios incompativeis com seus privilegios. Quarto: uma carta ao secretario d'estado britannico M. Pitt, depois lord Chatam, sobre outras vexações do seu commercio, que os inglezes se persuadiam soffrer injustamente em Portugal. Quinto: outra sobre o mesmo objecto a lord Halifax.»

870) **MERKWIIZ** *digkeiten von Portugal, etc.* Francfort, 1777-1789. 4 vol. (Particularidades notaveis de Portugal ou informações succintas ácerca da natureza do paiz, caracter dos habitantes e das diversas revoluções d'este reino. Com algumas anecdotas de recente data).

871) **MERLHIAC (MARIE MARTIN GUILLAUME DE GILBERT DE —).**

E.—*Traduction de l'Araucane avec des notes, et précedée d'une dissertation sur Camoens, Tasso, Arioste, considerés comme poetes.* Paris, 1821.

872) **MERLIN (M. SUEUR DE).**

E.—*Coup d'œil sur l'état actuel de la géographie mathématique de l'Espagne et de Portugal par —.* Paris (sem data) 8.° Folheto.

873) **MÉRY (LÉOPOLD).**

E.—*Emmanuel ou la domination portugaise au* XVI *siècle par —.* Tours 8.°, 236 pag. com uma estampa.

«Portugal sómente occupa um logar secundario entre as potencias europeas, mas houve tempo em que seu dominio em vez de se achar apertado nos limites estreitos que hoje lhe conhecemos, estendia-se além do Oceano por paizes tão vastos como remotos.»

874) **MERSON (OLIVIER).**

E.—I. Uma collecção de artigos acompanhados de gravuras que veem publicados no 2.° volume do jornal francez *Tour du Monde* (1861).

Digitized by Google

As estampas que acompanham os artigos representam os seguintes objectos: 1.ª Egreja da Misericordia e casa da camara de Vianna do Minho.—2.ª Vista da ponte e ruinas do palacio dos duques de Barcellos—3.ª Romaria da Serra do Pilar—4.ª Vista do castello de Guimarães, observado da estrada de Braga —5.ª Castello de Guimarães—6.ª Mappa de Portugal—7.ª Egreja de villa do Conde—8.ª Egreja de N. Senhora da Oliveira em Guimarães—9.ª Vista do Porto—10.ª Mosteiro de Leça do Balio—11.ª Torre dos Clerigos—12.ª Rua Nova dos Inglezes, no Porto—13.ª Praça do Commercio, no Porto—14.ª Costumes dos varinos, no Porto—15.ª Universidade de Coimbra—16.ª Um tumulo no interior da Batalha—17.ª Porta da capella imperfeita na Batalha—18.ª Vista da egreja e mosteiro da Batalha—19.ª Casa do capitulo no convento de Thomar—20.ª Portico da casa do capitulo na Batalha—22.ª Torre de Belem—23.ª Porta da egreja de Santa Maria de Belem—24.ª Porta do palacio da Pena, em Cintra—25.ª Palacio da Pena, em Cintra—26.ª Basilica de Mafra.

II. *Guide du Voyageur à Lisbonne. Histoire — monuments — mœurs.* Paris. Librairie de L. Hachette, 1857. 8.º, 264 pag.

O auctor mostra-se todo pretencioso e piegas, e seu Guia de pouca utilidade póde já servir, apesar dos continuos elogios a tudo quanto é portuguez.

«Portugal é pouco conhecido na França, e é pena. Viajamos muito, á imitação dos inglezes, mas limitamos nossas excursões ordinarias á Suissa, que temos debaixo da mão, á Allemanha *que temos como que na algibeira...*

«Os gallegos julgam-se orgulhosamente fidalgos desde o primeiro até ao ultimo, em virtude de um decreto real concedido não sei em que circumstancia. Hoje a Galliza é principalmente celebre pelas numerosas e monotonas lamurias que cantam os peregrinos na sua volta de S. Thiago de Compostella.

«As costas de Portugal são menos tristes e menos terriveis que as de Galliza. Aproximámo-nos em vez de fugir d'ellas, pois suas proximidades nada teem de ameaçador. O peristillo do theatro de D. Maria II é abaixo da critica.

«A direita do Passeio Publico fica o jardim de D. Pedro. Um francez chamado Maillard fabrica boa cerveja na rua dos Capellistas. Quando Montachique ou a Estrella não podem fornecer neve, o botequineiro faz sem cerimonia atravessar o Atlantico a um navio: a America está a dois passos do outro lado do Oceano, e é chamado o novo mundo a preencher n'esta occasião o *deficit* do antigo. As lojas dos cambistas em Lisboa estão immundas. Ha n'esta cidade cincoenta egrejas mais de duzentas capellas e setenta e cinco conventos.

«D. Affonso Henriques morreu em Coimbra em 1585. É na sacristia da Graça que se vê o mausoleu de Affonso de Albuquerque. Emfim é necessario saudar de passagem a egreja dos Martyres, Encarnação... *Santo André*, uma das mais antigas da capital, e a de *S. Bartholomeu*, que foi capella do rei D. Diniz.

875) **MESNARD (J. B.)**

E.—*Histoire du Portugal comprenant les notions géographiques, topographiques, statistiques, administratives, commerciales etc. de ce royaume.* Paris, 1833. 98 pag.—Vem esta obra na *Bibliotheque Populaire*.

Digitized by Google

«A historia de Portugal é uma das mais interessantes, das mais maravilhosas e das mais tristes dos povos modernos. Napoleão, que bem o sabia, tinha-a recommendado em seus lyceus; mas indubitavelmente Napoleão via n'ella menos uma fonte de instrucção para a independencia, do que um foco de enthusiasmo para o espirito de conquista, que o animava mais particularmente.

«Não é todavia menos verdade que a nação portugueza, a qual se ergueu sobre a ruina dos serracenos, gosou durante alguns seculos de instituições as mais liberaes, d'uma constituição representativa, e que houve necessidade nada menos que do imperio dos jesuitas, da inqnisição e do fanatismo para destruirem suas liberdades, tornal-a a mergulhar na ignorancia, e submettel-a aos despotas. É a historia d'um paiz tão grande por suas conquistas, pelo arrojo de sua navegação, e por suas assombrosas descobertas, quanto é limitado em superficie, e acanhado em população.»

II. *D. Miguel, ses aventures scandaleuses, ses crimes et son usurpation; par un portugais de distinction. Traduit par —. Deuxième edition.* Paris, 1833. 8.° gr. 312 pag. Com o retrato de D. Miguel.—É um acervo de insultos dirigidos contra este principe.

876) **MESMON (GERMAIN HYACINTHE DE ROMANCE).**
E.—*Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année* 1774. Bruxelles, 1783.

877) **MESTRE (FR. MIGUEL).**
E.—*Vida y milagros del glorioso San Antonio de Padua.* Madrid.—Obra moderna.

878) **MEZA (ABRAHAM HAIM IAHACOB DE SOLOMOH DE).**—Judeu portuguez residente em Amsterdam.
E.—*Meditaçoens sacras ou sermoens varios compostos e recitados n'este K. K. de T. T. por o insigne H. H. R. Abraham Haim de Jahacob de Selomoh de Meza, theologo, celebre prégador & primeira columna de Beth. Diu desta populosa & illustre congrega.* Primeira parte, contém doze sermões, sacados á luz da impressão, para utilidade do publico e beneficio universal pelos orphãos filhos do auctor, e dos orthographicos, por R. Ishac de Eliam Acohen Belinfante. Em Amsterdan. Anno 5524. Na officina typographica de Gehard Johan Jansen. Anno 1764. 4.° gr. [1]

879) **MEZA (MAESTRO SEBASTIÂN DE).**
E.—*Jornada de Africa por el rey D. Sebastian y union del reyno de Portugal á la corona de Castilla.* Barcelona, 1630.

880) **MICHEL (D.)** *et ses droits.* Paris, 1828. 8.°, folheto. (C. M. B. I. P.)

[1] Sr. Innocencio Francisco da Silva.—*Diccionario Bibliographico*, tomo 8.°, pag. 5.

Digitized by Google

881) **MICHELE (ANTONIO).**—Professor de linguas.

E.—*Elementos da conversação italiana e portugueza, divididos em duas partes.*—A primeira contém uma collecção de phrases familiares; e a segunda uma de dialogos sobre os assumptos mais usuaes. Obra utilissima e necessaria. Não só aos portuguezes que querem aprender a lingua italiana, mas tambem aos italianos que querem instruir-se na portugueza. Lisboa, 1807. Na nova officina de João Rodrigues Nunes. 8.º 140 pag.

882) **MICHEL (F.)**

E.—*Lettre d'un gentilhome portugais à un de ses amis de Lisbonne sur l'execution d'Anne Boleyn, lord Rochford, Brereton, Norris, Smeton, et Weston, publié pour la premiére fois avec une traduction française, par—, accompagnée d'une traduction anglaise par le vicomte Strangford.* Paris, chez Silvestre, 1832.

Eis o que o sr. Innocencio nos diz a pag. 181 do 4.º tomo do seu *Diccionario Bibliographico*: «Este curioso documento historico-litterario, datado de 10 de junho de 1536 foi impresso nitidamente no formato de 4.º em tres columnas de letra miuda, contendo a carta em portuguez e as duas accusadas versões franceza e ingleza. Consta que o texto original, que serviu para esta publicação, fôra mandado de Lisboa a Paris pelo procurador geral da ordem de S. Bernardo, Fr. Joaquim da Cruz, copiado exactamente do que existia a fl. 138 v. do codice manuscripto 476 da bibliotheca de Alcobaça, que se reputa perdido. Diz-se que unicamente se tiraram da referida edição vinte e seis exemplares.»

E a pag. 462 do tomo 5.º: «Descrevendo este curioso e raro opusculo, de que não tinha algum exemplar, limitei-me a apresentar as suas indicações, taes quaes se encontram na *Chronica Litteraria*. Cumpre agora rectifical-as em presença de novas informações com que me favoreceu ha pouco o sr. Pereira Caldas. Diz elle que possue na sua livraria um exemplar em papel de Hollanda, bem como tivera outro em papel vellino. Mais diz que da primeira especie se tiraram doze exemplares, e da segunda oitenta e oito, o que prefaz ao todo cem. Foi impresso na typographia de Pinard, expressamente com o fim de encadernar-se junto ás cartas de Henrique VIII a Anna Boleyn, publicadas com a traducção em 1826 por Crapelet.»

883) **MICHEL (GABRIEL).**

E.—*Lettre écrite à monseigneur le prince de Portugal, D. Christophe, démeurant à Paris, contenant un bref discours de sa vie.* Paris, 1623, 8.º

884) **MICKLE.**

E.—*Almada Hill, an epistle from Lisbon.* (Castello d'Almada — epistola de Lisboa).—Parece que o referido Mickle é o traductor tão conhecido dos Lusiadas.

885) **MIELLE (JEAN FRANÇOIS).** V. *Orban (Fortia).*

Digitized by Google

886) **MILFORD (MARY RUSSEL)**
E.—*Inez de Castro. A drama in five acts.*

887) **MILIUS (PIERRE BERNARD).**
E.—*Extrait du journal d'un passager à bord d'un batiment parti de France au mois de mai de* 1818 *pour se rendre à l'ile de Bourbon, contenant des details historiques et statistiques sur les iles de Cap Vert.*

888) **MILLEVOYE (CHARLES HUBERT).**—Poeta francez celebre, auctor de *La chute des fleurs.* Nasceu em Abbeville no anno de 1782, e falleceu em Paris no anno de 1816.[1]

No seu poema *Invention poetique*[2] dedica estes quatro versos a Camões:

Peintre d'Adamastor, honneur sacré du Tage,
Un riche paléte est ton brillant partage,
La noble invention vient broyer tes couleurs
Et pour ta tendre Ignez y mêla quelques pleurs.

Além d'isto Millevoye, segundo nos assevera Ragon[3], imitou resumidamente o primeiro canto dos *Lusiadas*, e como mostra nos apresenta uns 126 versos.

889) **MINHÃNO (Dr. D. SEBASTIAN).**
E.—*Diccionario geografico estadistico de España y Portugal dedicado al rey nuestro señor por —, individuo de la Real Academia de la Historia y de la Sociedad de Geografia de Paris.* Madrid, 1826-1829. 11 volumes, 4.°
O auctor diz ter-se servido para a composição dos artigos relativos a Portugal do trabalho inedito de José Cornide.

890) **MINS (CAPTAIN).**
E.—*A narrative of the naval part of the expedition to Portugal under the orders of H. M. D. Pedro, duke of Braganza. With most and beautiful illustrations.* London, 1833. 8.° (Relação das operações navaes ás ordens do duque de Bragança.)

891) **MINUTOLI (DR. JULIUS FREIHERRN VON).**—Königl. Preussischen Wirklichen Geheimen Ober-Regierungsrathe, general-consul für Portugal und Spanien, der Konigl. Akademie der Geschichte in Madrid, der Wissenchaften in Barcelona und in Sevilla, des Ackerbaues auf der Insel Tenerifa, der Gesellschaf für Erdknde und der Gesellschaft naturforschender Freunde in Berlin, der Gesellschaften fur Naturgeschichte und für Natur und

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle.*
[2] Visconde de Juromenha.—*Obras de Camões*, vol. 1.°, pag. 251.
[3] *Les Lusiades* (2.ª ed.), pag. 268.

Digitized by Google

Hei kunde in Dresden und anderer historischen und natur historischen Akademien und Vereine Mitgliede und Ehrenmitgliede.

E.—*Portugal und seinen colonien in Jahre 1854. Erster Band. Mit dem bildnisse S. M. des Kœnigs Don Pedro V. Der ertrag ist als beitrag zum bau der Protestantischen Kapelle in Lissabon bestimmt.* Stuttgard, 1855. 2 vol. 8.° gr 1.° XIV.445 pag., 2.° 540 pag.

É uma estatistica de Portugal. Esta obra gosou sempre de creditos.

892) **MIRANDA (ALVITO BUELA PEREIRA DE).**

Este padre, segundo nos diz o sr. Innocencio a pag. 54 do 8.° vol. do seu *Diccionario*, nasceu em Galliza pelos annos de 1791.

E.—*Defeza de Portugal, semanario periodico, politico e moral.* Impressão Regia, 1831-1833. 2 vol. Este jornal é defensor do absolutismo.

893) **MIROIR (LE)** *de la procedure de Philippe, roi de Castille, et du droit qu'ont les portugais d'etre leurs rois et princes. Nouvellement traduit du latin en françois.* Paris, 1595.

894) **MISSIONE** *al gran Mogor del P. Ridolpho Aquaviva della C. de J. e d'altri quatro compagni uccisi in odio delle fede in Salsette de Goa, descritta del P. Daniel Bartholi.* Roma, 1663.

895) **M. M*****

E.—*Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et ailleurs, par—.* Amsterdam, 1700.

896) **M^e *****

E.—*Agnes de Castro. Nouvelle portugaise.* Amsterdam, 1710.

897) **M. M.** (Melle).

E.—*Essai d'imitation libre de l'Episode d'Inez de Castro, dans le poeme des Lusiades de Camoens, par —.* A la Haye, et se vend à Bruxelles, chez J. Vanden Berghen, imprimeur-libraire, rue de la Magdelaine, 1773, 8.°, 16 pag. Traz o original portuguez. [1]

Começa esta imitação da maneira seguinte:

O toi, qui fais aimer, toi qui regis la terre,
Dieu cruel et charmant, qui plus que le Tonnerre,
Fais redouter les traits, dont tu perces les cœurs,
Tu fis couler d'Inès et le sang et les pleurs;
Soumise à ton pouvoir, mais modeste et fidelle,
Ton culte était l'objet de ses soins les plus doux,
Et ce fut la plus tendre, ainsi que la plus belle,
Sur qui s'appesantit ton funeste courroux.

[1] O sr. visconde de Jorumenha falla-nos d'uma edição de 1733. Creio ser erro de imprensa.

Digitized by Google

Sur les bords consacrés a tes tendres amours,
Tu cueillais belle Inès les fruits de tes beaux jours,
Ce prestige enchanteur, cette erreur séduisante,
Qui regne avec l'amour dans une âme innocente,
Et qui finit, hélas! trop-tôt pour le bonheur
Composait de ton sort la trompeuse douceur.
Les pleurs qu'à tes beaux yeux faisait verser l'absence
Essuiés par les mains de la douce espérance,
Sans dechirer ton coeur exprimaient tes regrets,
Et dans tes champs fleuris, dans tes sombres forêts,
Les échos repétaient d'après ta voix touchante,
Le nom, le nom cheri de l'objet qui t'enchante.

Il est un charme heureux, connu d'une âme tendre,
Qui fait aimer les pleurs, que l'amour fait répandre,
Ce charme triomphant au sein de la douleur
Quand l'amour est content fait trouver le bonheur,
Éloigné de tes yeux, mais t'aimant sans partage,
Ton amant adoré ne voit que ton image,
De sa fidelité, chers et sacrés garants,
Tes attraits, ton amour lui sont toujours présents,
Des songes séducteurs la consolante ivresse,
Lui peignent chaque nuit, l'objet de sa tendresse,
Des souvenirs charmans l'occupent tout le jour
Et tout offre à son coeur les plaisirs et l'amour.

898) **M.** (Mr.).—Historiographe de France.
E.—*Histoire abregée de l'Espagne, de Portugal et de Navarre.* Paris, 1652.

899) **MACQUET (JEAN).**
E.—*Reyes, etc.* (Viagem ás Indias orientaes e occidentaes.) Dertrecht, 1656.

900) **MONACI (E.)**
E.—*Il Canzoniere Portughese della Bibliotheca Vaticana, messo a stampia da* —. Halle, 1875; fol. xxx, 456 pag. com 2 fac-similes.
II. *Canti antichi portughesi, tratti dal Codice Vaticano,* 4803, *com traduzione e note, a cura di* —. Imola, typ. de Ignacio Galeati, 1873, 8.° 12. 32 pag.
V. *Bibliographia critica de Historia e Litteratura* (Porto, 1873), pag. 244 e 31-8.

901) **MONCONYS.**
E.—*Voyage de Portugal, Provence, Italie, etc.* Lyon, 1665.

902) **MONCONNY'S** *Reyze nach Abyssinien, Portugal, Spanien, etc.* Augsburg, 1697, 4.° (Viagem na Abyssinia, Portugal e Hespanha.)

Digitized by Google

903) **MONTFAUCON.**

E.—*Histoire des révolutions du Portugal, par —.* Limoges, 1859.

904) **MONFORT (DAMOISEAU DE).**

Publicou na primeira parte do tomo 3.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* os seguintes escriptos:

E.—I. *Mémoire sur les variations des élemens élliptiques de Pallas et Céres.*[1]

II. *Mémoire sur la comete de* 1807.[2]

905) **MONTABOLDO (FRANCAZANO).**

E.—*Mundo novo e paezi novamente ritrovati da Americo Vespuzio Florentino.* Vicenza, 1507.

906) **MONTAIGU (ED. DE)**

E.—*Nova Gramatica portugueza-franceza, ou Methodo pratico para aprender a lingua franceza, seguida de um tratado de verbos irregulares.* Paris 1862.

907) **MONTANUS (ARNOLDUS).**

E.—*De Wenderen van Oosten, etc.* (As maravilhas do Oriente ou descripção das Indias Orientaes antigas e modernas). Amsterdam, 1652.

908) **MONTESQUIEU (CHARLES DE SECONDAT, Barão de la Brède e de—).** Publicista, philosopho e litterato francez, auctor das *Lettres Persanes* e do *Esprit des Lois.*

Nasceu em 1689, e falleceu em Paris a 10 de fevereiro de 1755.[3]

Este celebre escriptor tinha alguns conhecimentos da historia e litteratura portugueza, o que se comprova pelas passagens seguintes:

Nas *Lettres Persanes* (Carta 78). «Emquanto ás barbas, ellas são respeitaveis por sua propria natureza, se bem que não se deixa de tirar proveito d'ellas para serviço do principe e honra da nação, como o fez bem vêr um famoso general portuguez nas Indias, que achando-se necessitado de dinheiro, a si mesmo cortou as barbas, e sobre este penhor mandou pedir aos habitantes de Goa vinte mil pistolas emprestadas, que lhe foram promptamente enviadas.

«Comprehende-se facilmente que povos graves e fleugmaticos, como aquelles possam ter vaidade, e teem-n'a. Fundam-n'a ordinariamente sobre duas coisas bem consideraveis. Os que vivem na Hespanha e em Portugal sentem o coração extremamente exaltado, quando são aquillo a que dão o nome de christãos velhos, isto é, não serem descendentes d'aquelles aos quaes a inquisição persuadiu n'estes ultimos seculos a abraçarem a religião christã. Os que vivem nas Indias não se gloriam menos quando consideram terem o sublime merito de serem, como elles dizem, homens de carne branca.

[1] Volume referido, de pag. 15 até 67. Lisboa, 1812.

[2] Idem de pag. 198 até 201.

[3] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 36.º

Digitized by Google

«Nada deveria corrigir os principes do furor de conquistas longinquas como o exemplo dos portuguezes e dos hespanhoes. (Carta 122.) Estas duas nações, tendo conquistado com uma rapidez incomprehensivel reinos immensos, mais espantados de suas victorias, do que os povos vencidos de sua derrota, pensavam nos meios de os conservar, e tomavam cada uma um caminho differente para esse fim. Os hespanhoes, perdendo as esperanças de reterem as nações vencidas na fidelidade, tomaram o partido de as exterminar, e de mandar para alli de Hespanha povos fieis: em tempo algum designio tão horrivel foi mais pontualmente executado. Viu-se um povo tão numeroso como todos da Europa juntos, desapparecer da terra á chegada d'estes barbaros, que pareceram ao descobrirem as Indias, terem querido ao mesmo tempo descobrir aos homens qual era o ultimo periodo da crueldade.

«Por esta barbaridade conservaram este paiz debaixo do seu dominio. Julga por isto quanto as conquistas são funestas, pois que os effeitos d'ellas são taes. Pois emfim este remedio horrivel era o unico. Como teriam elles podido conservar tantos milhões de homens na obediencia? Como de tão longe sustentar uma guerra civil? Que seria feito d'elles, se tivessem dado tempo a estes povos de tornarem a si do assombro em que estavam á chegada d'estes novos deuses, e do receio de seus raios? Emquanto aos portuguezes tomavam estes um caminho diametralmente opposto: não empregaram as crueldades; por isso foram tambem dentro em pouco expulsos de todos os paizes que tinham descoberto. Os hollandezes favoreceram a rebellião d'aquelles povos, e aproveitaram-se d'ella. Que principe invejaria a sorte d'estes conquistadores? Quem quereria conquistas com taes condições? Uns d'elles foram cedo deitados fóra; os outros tornaram-n'os desertos, e deserto tornaram tambem seu proprio paiz. A bussola abriu, para assim dizer, o universo.[1] Achou-se a Asia e a Africa, das quaes apenas se conheciam algumas costas; e a America, da qual absolutamente nada se conhecia.

«Os portuguezes, navegando sobre o Oceano Atlantico, descobriram a ponta mais meridional da Africa; viram um vasto mar que os levou ás Indias Orientaes. Seus perigos n'este mar, e a descoberta de Moçambique, de Melinde e de Calecut foram cantados por Camões, cujo poema faz sentir alguma coisa dos encantos da Odyssea e da magnificencia da Eneida.»

Capitulo XIII.—Humilde censura aos inquisidores de Hespanha e de Portugal por causa de uma judia de dezoito annos queimada em Lisboa.

«Vós vos queixaes, inquisidores, de que o imperador do Japão manda queimar a fogo lento todos os christãos que se encontram nos seus estados; porém elle vos responderá: Nós vos tratamos a vós, que não credes, como nós, como vós proprios trataes aquelles que não crêem como vós: não vos podeis queixar senão de vossa fraqueza, que vos impede de nos exterminar, e que faz que nós vos exterminemos.....»

Traz por fim um esboço de biographia do marechal de Berwick, o qual se oppoz em 1704 ao exercito portuguez quando entrava em Madrid.

[1] *L'Esprit des lois*, liv. 21., pag, 21.

Digitized by Google

909) MONTGONT (Monsieur l'Abbé de).

E.—*Mémoires de —. Publiés par lui même. Contenant les differentes negotiations dont il a eté chargé dans les cours de France, d'Espagne et de Portugal; et divers événemens, qui sont arrivés depuis l'année 1725. Nouvelle édition, corrigée et augmentée.* A Lausanne, 1725. 8 vol., 8.°

Esta obra foi bem conhecida do visconde de Santarem, que no tomo 5.° do seu *Quadro Elemeniar* apresenta alguns extractos d'ella:

«Para darmos uma idéa do que tratou o abbade de Montgont, transcreveremos aqui algumas particularidades que elle refere nas suas *Memorias*.

«Nas vistas, que n'este dia, 19 de janeiro de 1729, tiveram el-rei de Hespanha e de Portugal por occasião dos casamentos que então se celebraram, o abbade de Montgont foi apresentado a el-rei D. João V pelo marquez d'Abrantes. O mesmo abbade refere que se aproximára então do monarcha e quizera beijar-lhe as abas do vestido, o que el-rei lhe não consentira, e lhe dissera com um ar affavel e cheio de bondade, que folgava muito de o conhecer, e que devia estar certo do apreço que d'elle fazia. Que o infante D. Antonio, que estava ao pé de el-rei, se servia, fallando-lhe, dos termos mais obsequiosos, e diz que sem exageração el-rei se mostrara n'aquella occasião, e durante a sua estada em Elvas com a dignidade, affabilidade e magnificencia digna de um rei, e que ninguem se aproximara de sua pessoa, que não observasse n'elle aquellas grandes qualidades. (*Memoir.*, tomo 7.°, pag. 149)

«Refere o mesmo abbade que o marquez de Abrantes, depois que a côrte de Hespanha voltára para Madrid, havia estado tão occupado com os casamentos e preparativos para sua entrada, que elle lhe não pudera fallar, senão superficialmente, na commissão de que o infante D. Miguel o tinha encarregado, porém que estando tudo concluido, elle abbade o fôra ver, e lhe informára miudamente da conversação que tivera com o infante em Segovia, e da resolução em que aquelle principe estava de se desposar com mademoiselle de Sans, irmã do duque de Bourbon, se isso fosse do agrado de el-rei seu irmão; accrescentando que o infante tinha manifestado o mais sincero desejo de entrar na graça de el-rei seu irmão, e de fazer quanto podesse por alcançar d'elle a licença para isso necessaria, e que proseguindo lhe dissera que bem entendia que se não devia fazer abertura alguma sobre aquelle casamento ao duque e duqueza de Bourbon, sem primeiro se haver o consentimento de S. M. F. Que o marquez de Abrantes lhe respondéra que apesar do grande respeito que tinha á pessoa do infante, e do desejo que lhe assistia de em tudo comprazer-lhe, não podia de modo algum encarregar-se de transmittir a el-rei seu amo o assumpto d'aquella conversação, accrescentado que ninguem sabia melhor que o mesmo infante o que convinha fazer para entrar em graça com el-rei seu irmão.

«Ao que elle abbade replicára que aquillo já estava feito, porque o infante não desejava outra coisa senão saber qual era a vontade de el-rei para com ella conformar-se, e que sendo assim, não lhe parecia que se faltasse á deferencia devida, supplicando-lhe de haver por bem que o infante se ca-

Digitized by Google

sasse, o que não podia deixar de renovar a antiga e constante amisade que existia entre as duas casas de Bourbon e de Bragança.

«Tornou-lhe a repetir, segundo diz o abbade, o marquez: Que me é vedado ouvir proposição alguma concernente a S. A. R., do que muito me pesa, mas S. A. bem deve saber que devo executar fielmente as ordens que me hão dado. (*Memoir.*, tomo 6.°, pag. 69.)

«Sem embargo da resposta do marquez d'Abrantes, continuou o abbade de Montgont a proceder na negociação da projectada alliança, e quando entendeu que ella não seria mal olhada em Portugal, assentou que era tempo de informar o duque e duqueza de Bourbon dos intentos do infante, mas para não comprometter pessoas de tão alta jerarchia, limitou-se a fallar-lhes n'aquelle negocio, como se fôra uma idéa que tinha occorrido ao infante, e que elle lhe communicára, e como criado affectuoso do duque e da duqueza não quizera deixar de communicar-lhes, accrescentando que sendo aquelle projecto da approvação d'elles trataria de lhes dar seguimento. Folgaram o duque e a duqueza com aquella participação, agradeceram-lhe e deixaram a seu arbitrio significar ao infante a alegria com que responderiam ás demonstrações de amisade de que eram o objecto, e lhe encommendaram de os ter ao corrente do progresso da negociação em que anteviam alguma difficuldade, sendo a principal o consentimento de D. João V.

«Responde o abbade ao duque e duqueza que lhe parecia necessario que ambos lhe escrevessem de modo a levar el-rei a entrar nas mesmas vistas, e que visto as relações que tinha com o marquez d'Abrantes, não duvidava conseguir d'elle que enviasse a Lisboa as cartas originaes com que Suas Altezas o honrassem, e que por conseguinte ellas podiam escrever n'aquella conformidade a respeito do casamento do infante com mademoiselle de Sans.

«Seguiram o seu conselho o duque e a duqueza, mandando-lhe as sobreditas cartas, e uma em que a duqueza lhe encommendava que fizesse com el-rei catholico que ajudasse a conclusão d'aquelle negocio, e que sendo isso do agrado do dito monarcha, ella desejava que o abbade de Montgont podesse ir a Lisboa para conciliar o infante com el-rei seu irmão, mas adoecendo el-rei catholico, ficaram suspensos estes projectos. (*Memoir.*, tomo 6.°, pag. 64.)

«O abbade chegou a Lisboa antes do consul encarregado de negocios ter recebido estas instrucções, e foi alojar-se em casa do mesmo encarregado. A nossa côrte fez-lhe as maiores distincções. Toda a nobreza o foi visitar, o secretario d'estado escreveu-lhe dizendo-lhe que el-rei o receberia em audiencia, pois o mesmo soberano lhe queria fallar. Elle porém demorou-se só vinte dias em Lisboa, e antes da sua partida para Madrid teve uma entrevista com el-rei, que durou duas horas. O agente francez diz que ninguem tinha podido penetrar o objecto da sua negociação, e que o dito abbade era homem mui fino e desembaraçado.

«Entretanto Coxe, na sua obra de *L'Espagne sous les Bourbons*, diz o seguinte: «On trouve dans la correspondance des ministres anglais à Paris et à Madrid une foule d'anecdotes, qui prouvent que l'abbé de Montgont était la riseé de tout le monde»

Digitized by Google

«O mesmo abbade refere nas suas *Memorias* (tomo 8.°, pag. 51), na data de 15 d'outubro de 1729, que achando-se em penuria fôra ter com o marquez, embaixador de Portugal em Madrid, e que el-rei D. João V lhe mandára dar uma gratificação de dez mil libras tornezas.

«Em 22 de fevereiro de 1729 o ministro dos negocios estrangeiros Chauvelin ordena ao consul de França em Lisboa que vigie com o maior cuidado o abbade de Montgont durante todo o tempo que elle residisse em a nossa côrte, mas que obrasse com tal prudencia que nem elle nem pessoa alguma suspeitasse que elle tinha tal recommendação.»

910) **MONTJOY** (F.)

E.—*Aveyro or the head in a glass case.* (Aveiro, ou a cabeça n'uma caixa de vidro.)

E' de suppor que seja algum romance, mas nada posso asseverar.

911) **MOODIÉ** (LIMUT).

E.—*Memoirs of the late War comprising the personal narrative of the Captain Cook, the Campaigns of* 1809 *in Portugal by the Earl of Munster, and the campaign of* 1814 *in Holland by* —. 2 vol. (Campanhas de 1809 em Portugal pelo conde de Munster etc.)

912) **MOORE** (GEORGE).

E.—*Lives of Cardinal Alberoni, the duke of Ripperda, and marquis of Pombal.* London, 1814. (Vidas do cardeal Alberoni, duque de Rippenda, e do marquez de Pombal.)

913) **MORALES** (JUAN BAPTISTA).

E.—*Jornada de Africa del re don Sebastian.* Sevilha, 1622.

914) **MOREAU** (PIERRE).

E.—*Histoire des dernières troubles du Brésil entre les hollandais et les portugais.* Paris, 1651. Foi esta obra traduzida em hollandez por Glazman, e impressa em Amsterdam no anno de 1652.

915) **MORELET** (ARTHUR).—Membre de l'Academie des Sciences de Dijon, correspondant de l'Academie des Sciences de Lisbonne, de la Societé d'Histoire naturelle de la Moselle).

E.—I. *Iles Açores. Notice sur l'histoire naturelle des Açores, suivie d'une description des mollusques terrestres de cet archipel, avec cinq planches gravés et coloriées par* —. Paris. J. B. Baillière et Fils. 4.°, 214 pag.

Esta obra é dedicada a D. Pedro V, rei de Portugal.

«Foram as ilhas dos Açores conhecidas de um pequeno numero de sabios antes da occupação portugueza. Figuram estas ilhas já sobre as cartas nauticas do seculo XIV, e principalmente sobre o famoso *Roteiro Mediceo* formado em 1351 por um navegante genovez: alli estão ellas representadas com uma exactidão relativa, que não póde deixar a mais pequena duvida. Foi mesmo

Digitized by Google

um documento d'esta especie que, trazido da Italia em 1428, decidiu um reconhecimento official, que se confunde geralmente com a primeira descoberta. A exploração emprehendida em 1431 pelas ordens e debaixo da direcção do principe Henrique, estendeu-se successivamente durante um periodo de vinte annos, desde os rochedos chamados *Formigas* até ás ilhas afastadas das Flores e Corvo. Não se póde roubar aos portuguezes o serviço de terem povoado este archipelago, e de terem transformado solidões incultas, perdidas nos nevoeiros do Oceano, em um paiz rico e florescente, que fórma hoje uma das melhores provincias do reino. Demais, a patria dos Gamas, dos Magalhães e dos Albuquerques póde dispensar um titulo, que pouco accrescentaria á sua gloria.

«A primeira impressão que se disfructa á vista dos Açores é uma impressão de assombro. O lugubre aspecto d'aquellas terras, que apresentam o sainete de sua origem vulcanica, fere vivamente a imaginação. Sua grandesa solitaria, seu profundo isolamento, imprimem tambem na alma um sentimento de melancolia. Assombramo-nos de que o homem tenha escolhido para patria estes rochedos açoutados pelos ventos e vagas, os quaes durante tantos seculos não tiveram mais habitantes do que as aves de rapina, das quaes deriva seu nome. No emtanto idéas mais risonhas não tardam depois de terem transposto a trincheira de trachyto, que oppõe um dique ao Oceano, descobrem-se ferteis campinas, jardins odoriferos, numerosas aldeias em fórma de escadaria pela encosta. Reconhece-se então que ao tomar posse d'aquelles logares, o homem fez uma conquista verdadeiramente util e proveitosa. (Pag. 17.)

«Ainda que o archipelago não prometta ao naturalista uma colheita muito variada, merece apesar d'isso ser visitado, e poder-nos-hiamos admirar de que não o fosse mais, se esta falta não se explicasse pela difficuldade de communicações. Não se apresenta no seu todo um espectaculo digno de impressionar vivamente o viajante, mas cada ilha em particular contém bellesas de um caracter selvatico ou romantico, e além d'isto algum objecto curioso que lhe é especial. S. Miguel, a principal, ufana-se de suas magnificas *caldeiras*, seus lagos azues, cascatas, como o famoso Valle das Furnas, onde o trabalho dos fogos subterraneos se manifesta por phenomenos de uma assombrosa actividade. Santa Maria é a unica que possue formações calcareas, ricas em fosseis marinhos, argilas de uma certa finura, e uma caverna. Pico mostra-nos o mais alto cume dos Açores terminado por um cone fumegante. Fayal uma cratera magestosa, na qual brotam aguas vivas, e arrebatadoras perspectivas. Graciosa, um lago subterraneo. Flores, uma terra arida ornada com sua graça e frescura primitivas. Corvo, um logar celebre pelos vestigios que alli se teem encontrado. A Terceira, finalmente, uma pequena cidade accidentada, a mais bonita do archipelago. (Pag. 81).

«Alguns exemplos darão uma idéa da fertilidade do paiz e da intelligente cultura praticada pelos habitantes:

«Visitei no mez de junho um campo cujo solo era pouco profundo, no qua a rocha apparecia mesmo á flôr da terra, promettendo uma excellente colheita de milho, graças ás chuvas abundantes da primeira estação.

Digitized by Google

«No mez de novembro do anno precedente tinham n'elle plantado couves, e semeado tremoços; as couves tinham sido apanhadas em fevereiro e substituidas pelo milho. Em março parte dos tremoços fôra arrancada e enterrada como estrume, o resto deixado para grão; depois, nos espaços novos, tinham plantado batatas e aboboras meninas. Em julho devia chegar a colheita das batatas; em agosto a dos tremoços, que tinham ficado na terra; em outubro, finalmente, a das aboboras meninas e do milho. É d'esta fórma que um só campo de mediocre extensão, por um processo de cultura engenhoso, sustenta uma familia inteira, depois de ter pago sua renda.

«Eis aqui um outro exemplo de cultura mixta, como se póde observar frequentemente nos Açores. Um bocado de terra fôra semeada de favas pelo Natal e de tremoço ao mesmo tempo, em regos parallelos na distancia de cinco metros. Em janeiro tinham alli semeado cevada, egualmente em linhas parallelas, mas perpendiculares ás primeiras, e apenas na distancia de dois metros. Em fevereiro plantaram couves nos intervallos, á sombra dos tremoços. No mez de maio foi cortada a cevada ainda verde como pastagem, e no meiado de junho semearam milho entre as favas. No fim do mesmo mez estavam colhidos estes fructos; depois, em julho as couves, em agosto os tremoços, e em ultimo logar o milho. Tal é a feliz fecundidade do solo: produz sempre, sem afolhamento, sem repouso, sem mais adubo que as hasteas dos favaes ou dos tremoços enterrados.» (Pag. 100.)

II.—*Frederic Wolwtsch (Dr.) Voyage dans les royaumes d'Angola et de Benguella, Afrique equinoxiale. Mollusques terrestres et fluviales par A. Morellet.* Dijon, 1867.

III.—*Catalogue de la Flore des iles Açores, précedé de l'itineraire d'un voyage de cet archipel en* 1857. Publicou-se na obra *Mémoires de la societé académique du departement de l'Aube.* 3ème *serie, tom.* 3.º, 1866.

IV.—*Coquilles nouvelles recueillies par le dr. Welwitsch dans l'Afrique Équatoriale et de Benguella.*—No *Journal de Conchyliologie,* n.º 11, pag. 153, anno de 1866.

«Mais recentemente, em 1865, o sr. Godman, desejoso de verificar por si mesmo os caracteres e importancia da ornithologia dos Açores, percorreu a maior parte das ilhas, e publicou n'um jornal exclusivamente consagrado á ornithologia, o fructo das suas investigações. O sr. Morelet menciona sómente trinta aves, e d'essas, duas veem apenas designadas pelos nomes vulgares. A lista do sr. Godman offerece cincoenta e duas especies.

«Além d'esta differença numerica encontram-se nas duas listas notaveis divergencias nas especies que cada uma d'ellas cita, e nos nomes vulgares attribuidos a algumas aves. Este facto deixar-nos-hia em grande perplexidade, se não reflectissemos que o sr. Morelet, mui distincto conchylogista, não estaria habilitado para determinar as especies com o indispensavel rigor, e talvez mesmo não examinasse todas as que cita, e se contentasse com informações pouco seguras. O sr. Godman, pelo contrario, é pessoa mais competente em ornithologia; e por isso entendemos que se devem aceitar com confiança as suas in-

Digitized by Google

dicações. (Sr. J. V. Barbosa du Bucage, no *Jornal de Sciencias Mathematicas*, vol. 1.º, pag. 89.)

916) **MORELLET (A.)**

E.—*Le Manuel des Inquisiteurs à l'usage des inquisitions d'Espagne et de Portugal.* Lisbonne, 1762.

917) **MORELI (DR. JUAN BAPTISTA).**

E.—*Reducion y restituicion del reyno de Portugal a la serenissima casa de Bragança en la real persona de D. Juan IV, rey de dicho reino con las razones, y causa de la confederacion que celebro con el rey christianissimo y otros principes. Discurso moral y politico por* —. Turim, 1648.

918) **MORGANTI (BENTO).**—Natural de Roma, onde nasceu a 13 de outubro de 1709. Formou-se em Canones na universidade de Coimbra, e foi beneficiado na sé de Lisboa.

E.—I. *Nummismalogia ou breve recopilação de algumas medalhas dos emperadores romanos de ouro, prata e cobre, que estão no museu de Lourenço Morganti, bibliothecario do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Thomaz, primeiro patriarcha de Lisboa. A que se ajunta huma bibliotheca de todos os authores que escreverão de medalhas e inscripções antigas. Parte primeira offerecida á magestade de el-rey nosso senhor D. João V.* Lisboa Occidental. Na officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real, 1737, 4.º, 176 pag., além de um Index alphabetico dos auctores que escreverão sobre medalhas, que occupa LXVI pag.

É obra estimada e enriquecida com grande numero de estampas entrecaladas no texto, e que se póde considerar como um resumo de numismalogia dos imperadores romanos, acompanhado de noticias das moedas gregas e hebreas. Escreveu ainda varias obras, cujo titulo e importancia se podem ver no primeiro volume do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva, e das quaes a principal é

II. *Dissertação historica e critica sobre a inscripção que existe no campo de Santa Anna da cidade de Braga, e huma moeda antiga do tempo de Julio Cesar, de que faz menção o M. R. P. D. Jeronymo Contador de Argote nas Memorias que escreveu do mesmo arcebispado. Dada á luz pelo doutor Mathias Pinheiro de Azevedo, e escripta pelo muito reverendo doutor Bento Morganti, protonotario apostolico e ministro do tribunal da Legacia.* Reg. officina Sylviana, 1742. Folheto de 51 pag.

919) **MORGANTI (LOURENÇO).**—Natural de Lucca na Toscana, e bibliothecario do primeiro patriarcha de Lisboa D. Thomaz de Almeida.

E.—I. *Vida de Santa Zita, virgem luqueza, traduzida do idioma italiano no portuguez, accrescentada com uma breve noticia do Santo Christo, ou verdadeiramente o Santo Vulto, obrado por S. Nicodemus, que se acha na cathedral da cidade e republica de Lucca em Toscana. Offerecida á serenissima senhora*

Digitized by Google

D. Maria Barbara, princeza das Asturias. Lisboa Occidental. Na officina de Antonio Pedroso Galram, 1735. 4.°, 139 pag. com tres estampas, a ultima das quaes representa a imagem do Santo Christo collocada na egreja cathedral de S. Martinho da cidade de Lucca.

II. *Desengano dos Peccadores, necessario a todo o genero de pessoas, utillissimo aos missionarios e aos prégadores, que só desejam a salvação das almas.* Dedicado ao serenissimo senhor D. Manuel, infante de Portugal. Escripto pelo R. P. Alexandre de Perier, da companhia de Jesus e missionario da provincia do Brasil, etc. Lisboa, 1735. 4.°, 460 pag. com grande numero de estampas.

920) **MORISOT (S. B.)**

E.—*Recueil de diverses relations nouvelles de l'ile de Madagascar, du Bresil, de l'Egypte, et de Perse.* Paris, 1651. 4.°

921) **M. P. B. E.**

E.—*Declaration du droit de legitime succession sur le royaume de Portugal apartenant à la reyne mère du roy très chretien, par —.* Anvers, 1582.

922) **MOITHEY.**

E.—*Atlas portatif de l'Espagne et du Portugal, composé de 7 cartes dessinées par —.* Paris, 1812.

923) **MOTIVI** *dell'accidente di Portugallo. Opera dedicata a tutte le potenze secolari e temporali.* Avignone, 1759.

924) **MOTIVEN** *Die d'E. Officiern der Militie in consideratie hebben ghenomen om met den Vyandt (namentlijick de Portugesen) in accoord te treden.* Ady, 13 january, anno 1654. 4 folhas. (M. S.)

925) **MOTTE (HOUDART DE LA).**

E.—*Inès de Castro, tragedie.* Paris, 1723. Ibid. 1774. Esta tragedia deu origem aos seguintes opusculos:

I. *Aynes de Chaillot, comedie par M. Dominique.* Paris, 1723.

II. *Reponse à M*** au sujet d'Inés de Castro, de M. de La Motte,* Paris 1723.

III. *Reflexions faites par M*** sur Ines de Castro.* Paris, 1723.

IV. *Lettre au sujet de la tragedie d'Inés de Castro.* Paris, 1723.

V. *Paradoxes Littéraires sur sujet de la Tragedie.* Paris, 1723.

VI. *Anti paradoxes ou Refutation.* Paris, 1723.

VII. *Le Secretaire du Parnasse au sujet de la tragedie d'Inés de Castro.* Paris, 1723. Haye, 1724.

VIII. *Lettre à Mr. de La Motte.* Paris, 1723.

IX. *Considerations philosophiques sur les succès d'Ines de Castro.* Paris 1724.

X. *Examen de la tragedie de —.* Paris, 1724.

XI. *Apologie de mr. Houdart de La Motte.* Paris, 1724.

XII. *La querelle de Thalie et de Melpomene au sujet d'Ines de Castro. Paris,* 1724.

Digitized by Google

XIV. *Arvest burlesque en faveur de la tragedie d'Inès de Castro.* Paris, 1724. 2.ª edição, Paris, 1823.

926) **MUJERES (LAS)** *Españolas, Portuguesas y Americanas, tales como son en el hogar domestico, en los campos, en las ciudades, en el templo, en los espectaculos, en el taller y en los salones. Description y pintura del caracter, costumbres, trajes, usos, religiosidad, bellesa, defectos, preocupaciones y excelencias de la mujer de cada una de las provincias de España, Portugal y Americas Españolas. Obra escrita por los primeros literatos de España, Portugal y America, y ilustrada con una numerosa coleccion de magnificos cromos cuyos cróquis son debidos al pincel de los mas notables artistas españoles y portugueses.*

927) **MÜLLER (JOÃO GUILHERME CHRISTIANO)**.[1]

Nasceu em Gottinga em maio de 1752. Em 1772, recommendado pelo dr. Müller, reitor da universidade de Gottinga, veiu para Lisboa na qualidade de pastor lutherano para a capella da legação hollandeza. Tratou, apenas chegado a esta cidade, de se entregar ao estudo da lingua portugueza, e resolveu tomar para domicilio perpetuo este paiz, continuando a servir de 1781 em diante como addido á enviatura dinamarqueza. Pouco depois nomearam-n'o socio supranumerario da nossa Academia. Foi em 1788 encarregado da direcção e classificação das medalhas que havia no museu da mesma Academia, escrevendo depois uma *Memoria* a respeito das medalhas portuguezas, lida á Academia em 12 de novembro de 1788. Sua terceira obra foi uma addição aos trabalhos de Antonio Ribeiro dos Santos sobre a litteratura sagrada dos judeus portuguezes. A 23 de novembro de 1791 abjurou o lutheranismo nas mãos do bispo inquisidor geral. No anno seguinte foi nomeado deputado da real mesa da commissão geral sobre o exame e censura dos livros, e em 1795 traductor de linguas na secretaria do Almirantado, e em 1801 director do estabelecimento da Impressão Regia. Apresentou outro trabalho á Academia com o seguinte titulo: *Observações sobre o Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, offerecido á Academia pelo socio Fr. Francisco de S. Luiz.* Veiu a fallecer a 15 de outubro de 1814, época em que andava trabalhando na biographia do celebre portuguez o papa João XXI.

E.—I. *Discurso historico pronunciado na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 24 de julho de 1810 por João Guilherme Christiano Müller, secretario da mesma Academia* (No 3.º vol. das *Memorias da Academia*, parte 2.ª)

II. *Discurso historico pronunciado na Academia das Sciencias de Lisboa em 24 de junho de 1812.* (No mesmo volume e parte.)

[1] *Elogio Historico* recitado por Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato na assembléa publica da Academia Real das Sciencias a 24 de junho de 1815. — *Memorias da Academia*, vol. 4.º

Digitized by Google

III. *Memoria sobre a litteratura portugueza, traduzida do inglez com notas illustradoras do texto, por J. G. C. M.*

É traducção de um *Ensaio* escripto pelo historiador e poeta inglez Robert Southey, e publicado em Londres no *Quarterley Review* de maio de 1809. Obra de que parece haver uma edição impressa em Hamburgo no mesmo anno de 1809.

928) **MUNCH (ERNEST ERMES JOSEPH DE).**—Historiador allemão. Nasceu em Rheinfelden, em outubro do anno de 1798.[1]

E.—*Grundzuge der Geschichte de repraesentatysystems in Portugal.* Leipsick, 1827. (Historia do governo representativo em Portugal.)

929) **MUÑOZ (FRANCISCO).**—Protonotario apostolico, examinador y theologo de la nunciatura de España. Nasceu em Granada.

E.—*Funiculo aureo, triplice indissoluble el muy alto y poderoso señor dignissimo rey de Portugal, el invictissimo emperador siempre augusto, y a la escelsa magestad catholica rey de España, y al sacro epithalamio, nupciales teas, real himeneo de la princesa de España nuestra señora la serenissima señora D. Mariana Victoria con el serenissimo siempre maximo señor D. Joseph principe del Brasil, y la serenissima señora Doña Maria Barbara Gloria de Portugal, honor del Austria, con el serenissimo señor principe de Asturias, Don Fernando. Cante Europa, compitiendole profusos gosos a la real casa de Castilla; sea indice de tanta universal alegria la que al glorioso nombre del serenissimo principe del Brasil consagra un ingenio andaluz, que prostrado a sus reales plantas le felicita y adora El M. D.* Lisboa Occidental, en la patriarcal impression de la Musica. Año de 1727. Esta obra em 4.°, de 267 paginas, é offerecida a el-rei D. João V.

930) **NUÑOZ (D. LUIZ).**

E.—*Vida de fray Bartholomeu dos Martyres.* Madrid, 1645.

931) **MURPHY (JAMES CAVANAH).**—Antiquario e architecto inglez. Nasceu na Irlanda, e falleceu no anno de 1816.[2]

E.—I. *Travels in Portugal through the provinces of Entre-Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo in the years* 1789 *and* 1790. *Consisting of observations on the manners, customs, trade, public Buildings, arts, antiquities etc. of that Kingdom, by —. Architect. Illustrated with plates. London Printed for A. Strahan and T. Cadell Jun. and W. Davies.* 1795. Fol. 311 pag.

É uma das mais notaveis obras que se publicaram no seculo passado a respeito do nosso paiz, e por mais de um motivo devemos ser gratos á memoria do architecto Murphy.—Este livro é dedicado a D. João VI, então principe do Brasil.

[1] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 1320.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 36.°, pag. 1021.

Digitized by Google

«O motivo que impelliu o auctor a escrever esta obra, foi o seguinte: A maior parte dos viajantes, que até aqui teem obsequiado o mundo com suas observações a respeito de Portugal, representam-n'o como um campo esteril e inhospitaleiro para informações, sem lhe concederem o possuir apenas um unico objecto digno de fixar a attenção do philosopho, do antiquario ou artista; e na realidade o conteudo de suas paginas parece confirmar a representação.

«Comtudo não me consentirá a verdade que eu apresente a mesma apologia pela falta de assumpto interessante n'esta obra; se ella não corresponder ao fim proposto, não deve a falta ser attribuida áquelle fertil paiz, mas á carencia de talento ou industria da minha parte.

«Uma nação outr'ora celebrada em todos os angulos do globo por suas descobertas e conquistas, que abundam nas mais valiosas producções mineraes e vegetaes, que tem um commercio da maior extensão e importancia, e possue muitas das mais valiosas colonias no globo, deve fornecer uma innumeravel serie de objectos para a consideração do historiador, naturalista e estadista.»

O escriptor sahiu de Dublin a 27 de dezembro de 1788, a bordo de um navio mercante, e dezoito dias depois entrou a barra do Douro.

«As margens do Sul do Douro, tanto quanto a vista póde alcançar, são matisadas com conventos e casas de campo, retiro durante o verão dos habitantes ricos. As alamedas e jardins que as acompanham produzem um effeito encantador nos olhos do visitante do Norte,[1] em quanto os vendavaes do inverno não as teem despojado de sua verdejante folhagem. A laranjeira, que póde com justiça ser considerada como emblema da gratidão, aqui excede em bellesa tudo o mais. A lindeza da paizagem e a serenidade do ar, quando comparadas com as arvores nuas e agudos vendavaes do paiz, d'onde partimos ultimamente, tornava a transição encantadora.

«Fomos visitados pela alfandega, e com justiça devemos declarar que cumpriram seu dever com tanta polidez, que mais parecia uma visita de amigos, do que uma pesquisa official. Aquelles que teem observado as visitas dos empregados das alfandegas inglezas em similhantes occasiões, difficilmente acreditarão que tão grande urbanidade exista entre homens d'aquella classe. O ultimo marquez de Pombal, na sua chegada como embaixador á côrte britannica, foi tão grosseiramente tratado por um grupo d'aquella gente, que o impressionou sempre depois com uma idéa desfavoravel da execução das leis aduaneiras n'este paiz. E suppõe-se geralmente que esta circumstancia operou como causa dos regulamentos que elle depois estabeleceu relativos ao commercio de vinhos do Porto, regulamentos não muito favoraveis aos interesses da feitoria britannica d'aquella cidade.

«Depois da visita da alfandega, estivemos á espera da do medico, mas por se achar doente, mandou um substituto para fazer suas vezes. Este illegitimo filho de Esculapio mandou que todas as pessoas a bordo apparecessem no

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 2.

Digitized by Google

convez, em quanto elle as revistava da praia opposta, na distancia de umas duzentas jardas, e com effeito, eu não pude deixar de o examinar desde os pés até á cabeça, pois nunca appareceu diante de meus olhos uma tão curiosa figura da classe medica. Para julgar de seus talentos pelo seu vestuario (criterio moderno do merecimento) pouco havia a esperar, porquanto parecia despresar os usuaes arrebiques da faculdade, taes como o chapéo de abas largas, o rabicho pelas costas abaixo, etc.; seu vestuario era apenas conveniente, consistia n'um barrete encarnado, uma jaqueta azul, um pouco rasgada nos cotovellos. Tendo-nos observado por alguns minutos, tomou uma pitada de rapé, e pronunciou as palavras seguintes: «Certifico que todos se acham de perfeita saude.»

«As egrejas do Porto são edificios vastos,[1] fortes e magnificos, mas totalmente faltos de tudo quanto constitue a architectura scientifica: é uma especie entre o teutonico e toscano. Os materiaes de que as formam são excellentes, e os trabalhos de pedreiro não deixam de ter seu merecimento. Custa a acreditar que riquezas são prodigalisadas no interior d'ellas; os altares, baldaquinos, etc. apresentam profusão de doirados. O oiro é certamente um remedio muito efficaz para encobrir a falta de arte e de sciencia. E comtudo os portuguezes teem alguns artistas não faltos de merecimento, mas infelizmente não são animados. Conheci n'esta cidade um pintor chamado Glama que daria credito a qualquer escola na Europa, se tivesse incitamento para fazer sair para fóra as faculdades latentes que estavam presas dentro d'elle. Tinha nascido em Portugal, e estudado por muitos annos na Italia, onde adquiriu correcção de desenho e pureza de colorido, que indicavam talentos não vulgares. Todavia asseverou-me que difficilmente podia sair da miseria, apesar de pintar quanto se lhe apresentava, desde a taboleta até o apostolo.

«Uma senhora, que por muitos annos residiu no Porto, refere a seguinte anecdota de um negociante d'aquella cidade que, tencionando embellesar seus aposentos com pinturas, dirigiu-se para este fim a Glama, que por acaso tinha n'aquella occasião alguns quadros antigos e valiosos para vender por um preço muito moderado: mas o negociante, que era melhor juiz do sumo da uva, que do pincel, ficou estupefacto quando elle lhe pediu vinte moedas por um Corregio, e respondeu: «Que pouco antes tinha comprado pela mesma quantia dois quadros novos de maiores dimensões.»

«Glama foi um dos artistas empregados por William Buston Conyngham para fazer desenhos e esboços de antiguidades durante sua viagem em Portugal, os quaes podem ser vistos na valiosa collecção d'este cavalheiro entre seus papeis relativos a Portugal.

«O edificio da feitoria ingleza está quasi completo. O risco é do consul inglez William Whitehead. No alto deve ser collocada uma estatua. Deveriamos suppôr que n'um edificio commercial, como este, tomando o paiz em consideração, uma estatua do principe Henrique, o pharol da navegação, e a origem do commercio, não deixaria de vir a proposito.

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 9.

Digitized by Google

«Cheguei finalmente á Batalha a 29 de janeiro. A vista do mosteiro recompensaria amplamente uma viagem mais longa, e até menos agradavel, do que acabava de fazer,[1] e o que realçava o prazer da vista, era a sua inesperada apparição, n'uma hora em que o sol se punha, e cada torre estava doirada com o brilho de seus descendentes raios. As trabalhosas espiraes, corucheus gigantes, e janellas, suas profundas e projectantes sombras, a solidão siberiana do logar e a veneravel apparição dos frades tornavam esta uma das mais maravilhosas scenas que jámais observei.

«A architectura da Batalha póde ser justamente considerada como um dos mais bellos e perfeitos specimens que existem d'aquelle estylo. Não observámos na construcção da egreja nenhuma d'aquellas insignificantes e superfluas esculpturas que muitissimas vezes são bem numerosas em outros edificios gothicos. Todos quantos ornatos ha empregados n'elle estão escassa, mas judiciosamente dispostos, especialmente no interior, que é notavel pela sua singeleza pura e nobre; e o effeito geral, que é grandioso e sublime, deriva-se não de alguns embellesamentos meretricios, mas do merito intrinseco do desenho.

«As fórmas de ornatos das cornijas são tambem differentes das de qualquer outro edificio gothico que eu em tempo algum tenho visto. Teem uma tal correcção e regularidade, que são evidentemente o resultado de um desenho original bem concebido, e sendo tambem evidente que este desenho foi immutavelmente seguido e executado n'uma progressão regular, sem aquellas alterações e interrupções ás quaes edificios tão amplos estão sujeitos.

«Em tudo quanto diz respeito ao ornato e elegancia, a porta principal da egreja não tem rival em qualquer outro edificio gothico da Europa. Pelo que toca á construcção, a casa do capitulo póde ser considerada como uma obra prima de architectura. Do mausoleu de el-rei D. Manuel nem a penna nem o lapis são sufficientes para exprimirem os reaes merecimentos de seus lavores. Se este mausoleu estivesse terminado, o mundo moderno poder-se-hia ensoberbecer de um jasigo em grandeza e construcção não inferior ao famoso mausoleu dos antigos, e a memoria da rainha D. Leonor, a quem alguns attribuem a fundação, seria transmittida á posteridade com tanto applauso como a de Artemisia. E mesmo no presente estado póde-se dizer d'elle o que os judeus diziam do de Judas Machabeu, que nunca estava sem visitantes para o admirarem.

Tambem n'este mosteiro está o tumulo do infante D. Henrique. Este parece ter nascido para felicidade do genero humano.[2] Nascido para o livrar do sys-

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 32.

[2] Idem, idem, pag. 61. Murphy tece n'esta obra os maiores elogios ao procedimento evangelico dos frades dominicanos d'este mosteiro da Batalha.

O nosso Fr. Francisco de S. Luiz (*Memorias da Academia das Sciencias*, tomo 10.° pag. 180) é bem rigoroso para com Murphy por algumas inexactidões que commetteu no livro das *Viagens em Portugal*. «1.° Nem perto nem longe da entrada da egreja se acha, nem esteve nunca sepultura alguma dos mestres das obras, com inscripção que assim o indicasse, senão sómente a de Matheus Fernandes. 2.° Que mal se póde contar Matheus Fernandes entre os primeiros mestres, quando o proprio Murphy escreve adiante do seu

Digitized by Google

tema feudal, e para dar ao mundo inteiro todas as vantagens, toda a luz que fosse possivel diffundir por meio de um commercio sem limites. O espirito da navegação, que até então tinha adormecido sobre o Oceano, debaixo de seus auspicios abriu suas azas e procurou as mais remotas praias. Em Sagres, como o grande Newton, viveu em perpetuo celibato, cultivando todas as sciencias nobres. A elle, como primeiro auctor, são devidas todas as inestimaveis vantagens que teem dimanado e hão de dimanar da descoberta da maior parte da Africa e das Ilhas Occidentaes. Que comparação ha entre um Alexandre coroado com tropheos á frente de seu exercito e Henrique contemplando o Oceano de uma janella do alto de um rochedo em Sagres? Este pharol da navegação tem sido celebrado por todos os poetas e historiadores de todas as nações europeas.»

«O nosso Thompson canta este celebre principe nos seguintes versos:

For then, from ancient gloom emerg'd
The rising world of trade: the Genius, then,
Of Navigation, that in hopeless sloth
Had lumber'd on the vast Atlantic deep [1]
The LUSITANIAM PRINCE, who Heaven-inspired,
To love of useful glory rous'd mankind,
And in unbounded commerce mixt the world.

«Da fundação do convento de Alcobaça data [2] a introducção em Portugal da architectura chamada Moderna-normanda-gothica. A egreja é inteiramente construida n'este estylo, exceptuando a frontaria que deita para poente. Mui poucas possuem aquella grandesa do effeito peculiar ao interior das egrejas gothicas, que esta possue n'um alto grau. Esta egreja é um dos mais antigos specimens do moderno normando-gothico na Europa, e talvez o mais magnifico do antigo periodo em que foi fundada. A capella dos noviços contém uma das mais bellas collecções de quadros que existem em todo o reino, [3] e

nome o anno de 1515, em que na verdade falleceu, e que era o anno 128 ou 129 da fundação do mosteiro. 3.º Que não ha fundamento algum para se dizer que mestre Congeate e mestre Conrado fossem mestres das obras. 4.º Que não ha em parte alguma noticia de mestre Ugado, nem de mestre Witacker; e se Murphy quiz designar Ouguet por Ugado, e Boutaca por Witaker, nem assim é verdadeira a sua noticia; porque mestre Ouguet foi em realidade mestre das obras, e não das vidraças; e mestre Boutaca nem é certo ter sido estrangeiro, antes com fundamento o temos por portuguez, nem consta que fosse mestre das obras ou das vidraças, etc. Por aqui se fará juizo do credito que nos devem merecer os estrangeiros quando tratam de nossas coisas, e quando confiando (ao que parece) na nossa ignorancia ou na nossa negligencia, e quasi indifferença, nos dizem falsidades e absurdos sobre aquillo mesmo que temos aos nossos olhos, e que facilmente podemos examinar.»

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 65.

[2] Idem, idem, pag. 90.

[3] Murphy traz n'este logar uma descripção mui minuciosa do mosteiro.

Digitized by Google

Alcobaça é uma das mais ricas e magnificas instituições do seu genero não só em Portugal, mas em toda a Europa. E aquelles que declamam contra sua opulencia, fariam bem de se informarem se existe algum fidalgo ou nobre na Europa que, possuidor de rendimentos eguaes aos d'este mosteiro, espalhe tantos beneficios por seu proximo, como os frades de Alcobaça.....

«Nossa attenção foi despertada pela apparição da cidade de Lisboa, que gradualmente vae subindo da margem do rio com toda a magnificencia da riqueza e da grandeza.[1] Quando pensamos sobre as vantagens que Portugal gosa relativas ao commercio, por causa de um tão magnifico rio e commodo porto, tão felizmente situado para o commercio com o hemispherio oriental e occidental, não podemos deixar de nos espantar como Lisboa não é superior em riquezas, grandeza e população a todas as capitaes europeas.

«A estatua equestre de D. José, no Terreiro do Paço, é um trabalho de um merito que não deve ser despresado. Quando consideramos o misero estado das artes em Portugal e a difficuldade de executar uma tão magnifica estatua, devemos concordar em que grande louvor se deve áquelles que dirigiram a execução d'ella. O grupo do Norte principalmente possue grande gosto, delicadeza e espirito.

«O zimborio da egreja da Estrella é magnifico. No que diz respeito á execução tem grande merecimento, mas não é para admirar, pois onde poderemos nós encontrar tão excellentes canteiros como em Portugal? Na Europa talvez não. A verdade porém não permitte que digamos outro tanto relativamente aos architectos.[2]

«O cemiterio dos Cyprestes foi concedido aos inglezes em 1655 em virtude de um tratado de alliança entre Portugal e Inglaterra no tempo de Cromwell. N'este cemiterio jazem os restos do famoso Henrique Fielding; mas sinto ter que dizer, sem um monumento, ou algum outro obsequioso signal de distincção digno de seus grandes talentos e virtudes.

«Em 1786 o cavalheiro St. Mark de Meyronet, consul francez então residente em Lisboa, tinha um pequeno monumento para aquelle fim, feito á sua custa, que actualmente se conserva no claustro do convento de S. Francisco. Porque não foi admittido no cemiterio inglez, não sei; mas aquelles que o excluiram certamente se justificaram por mais do que uma rasão. Em primeiro logar como monumento é de um risco muito despresivel. Em segundo o epitaphio é desapropriado e não poetico. Em terceiro parece ser feito antes por vaidade, do que gratidão; antes para se honrar a si mesmo e a seu paiz, do que para perpetuar a memoria de Henrique Fielding:

ERIGÉ EN 1786 Á HENRI FIELDING, MORT EN 1754

Sous ces cyprès charniers, parmi ces os muets,
Tu cherches de Fielding les restes mémorables;

[1] *Murphy's Travels in Portugal*, pag. 132.
A architectura do templo é censurada por Murphy, pag. 169-170.

Digitized by Google

De la mort et du temps déplore les effets,
Ou déteste plutôt l'oubli de ses semblables.
Ils élèvent par tout des marbres fastueux,
Un bloc reconnoissant ici manque à tes vœux,
Et ton pas incertain craint de fouler la cendre,
Sur laquelle tes pleurs cherchent à se répandre.
Vieillard, qui détruis tout dans un profond silence,
Ne dissous point ce marbre à Fielding consacré!
Qu'aux siècles à venir il arrive sacré
Pour l'honneur de mon nom et celui de la France!

*
* *

«Perto das margens do Tejo está situado o magnifico convento e egreja de Belem. O cavalheiro Frezier faz uma respeitosa menção da abobada d'esta egreja, e ninguem conheço mais competente do que elle em assumptos d'esta qualidade. Diz pois: «On peut remarquer dans les anciennes eglises gothiques une varieté admirable de compartimens; ce que j'ai vû de plus beau et de mieux executé dans ce genre au Monastère de Bethleem, est auprès de Lisbonne, en Portugal, tant à l'eglise qu'au cloitre, où la plupart des nervures sont de marbre.[1] O claustro annexo á egreja apresenta excellentes specimens de ornatos arabescos; são desenhados com bastante gosto e phantasia, e executados com cuidado. O aqueducto de Lisboa póde tambem ser considerado como um dos monumentos mais magnificos de construcção moderna na Europa: e emquanto a tamanho não é inferior talvez a qualquer aqueducto que os antigos nos tenham deixado. Aquella parte construida no valle de Alcantara é de uma construcção admiravel. Uma prova de sua solidez é que nenhuma injuria recebeu do terremoto.[2]

«Do clero menciono o bispo de Beja, cuja piedade e instrucção fariam honra aos seculos apostolicos ou de Augusto: o abbade Corrêa, capellão do duque de Lafões, e o padre Sousa, auctor de alguns trabalhos relativos á lingua arabica. Ha outros homens de um talento eminente entre o clero, mas escondidos em suas cellas.

DESCRIPÇÃO DE CINTRA

Cintra, whose mountains seek the skies,
Thy vallies deck'd in living green;
Thy flowrets rob'd in varying dies,
With grottos form'd by Fancy's queen.
Refreshing rills that never fail,
When Phœbus shoots his brightest beams;

[1] *Murphy's Travells*, pag. 175.

[2] A pag. 186 e 187 encontra-se uma descripção dos beneficios produzidos pelas santas casas da Misericordia, e termina por estas palavras: «Dosejamos sinceramente que ellas se propaguem por toda a parte, e sejam sómente contidas pelos limites do globo.«

Digitized by Google

Whilot balmy odorous lead each gale,
And nodding fruits survey the streams.
Here Zephyr courts each opening flower,
And birds that charm, of every song;
Here echo dwells in mary bower,
And love that lists the whole night long. [1]

«Em Mafra ha algumas estatuas muito bem feitas.»

Eis a traducção d'algumas das passagens mais notaveis de uma obra que em geral faz os maiores elógios ás nossas coisas, e que foi traduzida em francez por Lallemant (Paris, 1797), e em allemão por Sprengel. [2]

As interessantes estampas que adornam o original inglez são as seguintes: 1.ª Feitoria ingleza no Porto—2.ª Estalagem dos Carvalhos nas proximidades do Porto—3.ª Vista da egreja da Batalha—4.ª Plano geral de Lisboa em 1785—5.ª Vista das principaes ruas modernas em Lisboa—6.ª Vista da alfandega e praça do Commercio de Lisboa—7.ª Inscripção arabe da peça de Diu em Lisboa—8.ª Inscripções romanas existentes em Lisboa—9.ª Uma camponeza do Alemtejo, uma vendedeira ambulante de fructa em Lisboa, e uma mulher da Beira—10.ª Um negociante portuguez com sua mulher e criada—11.ª A dança chamada *fandango*—12.ª Vista de um antigo banho em Cintra—13.ª Copia de uma inscripção em lingua sanskrita existente em Cintra—14.ª, 15.ª e 16.ª Fragmentos de antigualhas romanas achadas em Beja e Evora—17.ª Aqueducto de Sertorio em Evora—18.ª Vista da mãe d'agua de Sertorio em Evora—19.ª Vista do templo de Diana em Evora—20.ª e 21.ª Inscripções do tempo dos romanos em Evora—22.ª Inscripções em latim existentes em Evora—23.ª Copia de uma inscripção arabe em Evora—Vista interior da capella dos ossos em Evora.

*
* *

Uma outra obra escreveu Murphy a respeito do nosso paiz, a qual tem o seguinte titulo:

II.—*A general view of the State of Portugal, containing a topographical description thereof. In which are included, an account of the Physical and Moral State of the kingdom; together with observations on the animal, vegetable, and mineral productions of its colonies. The whole compiled from the best Portuguese Writers, and from notices obtained in the Country by —. Illustrated with plates.* London, 1798. 4.º gr., 272 pag.

Este livro é dedicado a D. João d'Almeida de Mello e Castro, ministro plenipotenciario de Portugal em Inglaterra. Trata da biographia dos reis de Portugal, e dos portuguezes mais notaveis, do nosso commercio, marinha, agri-

[1] *Murphy's Travells*, pag. 257. Segue a biographia de D. João de Castro, que occupa desde pag. 259 até 273. Principia então a noticia do monumento sanskrito existente na quinta da Penha Verde em Cintra, e na traducção feita por Mr. Wilkins.

[2] Firmin Didot — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 36.º, pag. 1022.

Digitized by Google

cultura, etc., mas não apresenta passagem notavel que mereça especial menção. É enriquecida com as seguintes estampas:

1.ª Estatua equestre de D. José em Lisboa—2.ª Vista da bahia de Lisboa—3.ª Soldados portuguezes—4.ª Vista do interior de uma casa portugueza—5.ª Camponezes portuguezes—6.º Um fidalgo em jornada—7.ª Um frade e uma freira—8.ª Carro puxado a bois—9.ª Viagem em liteira—10.ª A filha de um lavrador indo para a feira de Leiria—11.ª Um correio de Lisboa para o Porto—12.ª, 13.ª e 14.ª Vistas de touradas—15.ª Vista da cidade e universidade de Coimbra—16.ª Mappa de Portugal.

*
* *

A obra, porém, mais importante relativa a Portugal é a magnifica collecção das vistas da egreja e mosteiro da Batalha, obra que importou em mais de mil libras, e foi publicada á custa de William Conyngham. Seu titulo é o seguinte:

III. *Plans, elevations, sections and views of the Curch of Batalha, in the province of Estremadura in Portugal, with the history and description by Fr. Luiz de Sousa, with remarks. To which is prefixed an introductory discourse on the principles of gothic architecture by —, illustrated with 27 plates.* London. Printed for I and J. Taylor, High Holborn, 1795. Fol. maximo, e obra inquestionavelmente monumental, dedicada a William Conyngham.

«O real mosteiro da Batalha é um edificio muito pouco conhecido, se bem que a excellencia de sua architectura justamente o habilita para ser classificado entre os mais celebres edificios gothicos da Europa. Meu primeiro conhecimento d'este veneravel monumento proveiu de ver alguns esboços d'elle em poder de William Conyngham, desenhados por elle mesmo e por mais dois outros cavalheiros,[1] que viajaram em Portugal no anno de 1783. Estes esboços, que são mui boa representação do original, deram-me tão alta idéa d'aquelle monumento, que despertaram em mim um ardente desejo de o visitar, e tendo-me os mencionados cavalheiros generosamente offerecido sua protecção e auxilio, sai de Dublin n'um navio mercante, e cheguei ao Porto em janeiro de 1789. Depois de breve demora, puz-me a caminho, e passados sete dias cheguei á Batalha, onde fui benignamente recebido pelo prior e por toda a communidade.

«Estas e outras considerações egualmente interessantes induziram-me a medir e delinear o mosteiro com o possivel cuidado; o que completei em treze semanas, durante o qual tempo me alojei e comi no convento. Considero-me feliz por esta occasião de dar meus mais sinceros agradecimentos ao prior, hospedeiro-mór e aos demais frades da Batalha, pela polidez e attenção com que sempre me trataram. A piedade, hospitalidade e simplicidade d'estes reverendos padres difficilmente póde ser imaginada n'estes degenerados tempos: trazem á lembrança a descripção que os historiadores nos apresentam dos

[1] O coronel Tarant e o capitão Broughton.

Digitized by Google

christãos dos seculos apostolicos: sua santidade de costumes realça a dignidade da mansão veneravel onde habitam.

ASSUMPTO DAS ESTAMPAS

1.ª Arcos de varias especies — 2.ª Fragmentos de architectura gothica — 3.ª Fragmentos d'architectura gothica—4.ª Costumes religiosos do seculo XIII —5.ª Córte transversal da egreja da Batalha—6.ª Plano geral da egreja e real mosteiro da Batalha—7.ª Alçado do norte da egreja da Batalha, com o mausoleu não acabado do rei D. Manuel—Córte longitudinal da egreja da Batalha—9.ª Alçado do arco cruzeiro da Batalha—10.ª Córte da casa do capitulo da Batalha—11.ª Alçado do norte do refeitorio da Batalha—12.ª Alçado occidental da egreja da Batalha— 13.ª Alçado da porta principal—14.ª Visita interior da egreja—15.ª Mausoleu do rei D. João I—16.ª Córte do mausoleu do rei D. João I—17.ª Effigies do rei D. João I e da rainha D. Philippa—18.ª Entrada do mausoleu de D. Manuel, o Grande, rei de Portugal. Estampa dedicada a S. A. o principe do Brasil—19.ª Risco para completar o mausoleu do rei D. Manuel—20.ª Arcos pertencentes ao mausoleu do rei D. Manuel—21.ª Ornatos e motes pertencentes ao real mosteiro da Batalha—22.ª Columnas, ornatos e jeroglificos do mausoleu de el-rei D. Manuel—23.ª Pilares da egreja da Batalha —24.ª Corucheu da extremidade do norte—25.ª Cancellos, cornijas e medalhões arqueados—26.ª Portada do volume (no principio)—27.ª Retratos (no principio).

932) **MURR (CHRISTOPHE THEOPHILE).**

E.—*Geichtche der Jesuiten in Portugal under der Verwalting des marquis von Pombal.* Nuremberg, 1787-1789. 2 vol. (Historia dos Jesuitas durante a administração do marquez de Pombal.)

933) **MURR (M. DE).**

E.—*Notice sur le chevalier Martin Behaim avec la description de son globe terrestre, traduite de l'allemand par H. J. Jansen.*

934) **MURY (Padre PAULO —).**

Escreveu a vida de padre Gabriel Malagrida em francez, de que nunca pude encontrar o original, mas appareceu traduzida pelo sr. Camillo Castello Branco com o seguinte titulo: *Historia de Gabriel Malagrida, da Companhia de Jesus, apostolo do Brasil no seculo* XVIII, *estrangulado e queimado no largo do Rocio de Lisboa, aos* 21 *de setembro de* 1761. *Auctor —, da mesma companhia. Trasladado a portuguez e prefaciado por —.* Lisboa. 1875.

935) **MUSONE.**—Maestro italiano.

E.—*Camões.* Opera.—Foi cantada em Napoles no anno de 1873, e em Parma no de 1874.

Digitized by Google

N

936) **NACHRICHTEN (EINIGE)** *von der Portugiesischen unde von Büchern die über Portugal gescrieben sind.* Frankfort an der Oder, 1779.

937) **NAHHRISTH VON PORTUGAL.**—Francfort, 1772, 2 vol.

938) **NAHCUHTEN** *von den Portugezirchen Hofe, etc.* (Promenores sobre a côrte de Portugal e administração politica do conde de Oeiras. Extrahidos d'uma correspondencia original, e traduzidos do inglez. Francfort, 1768. 8.°

939) **NAHARRO (BARTHOLOMEU DE TORRES).**—Poeta dramatico hespanhol, que vivia no seculo XVI.[1]

E.—*Trophea.*

É um drama composto em honra das glorias portuguezas no tempo d'el-rei D. Manuel, representado em Roma na occasião em que o mencionado rei mandou ao papa Leão X aquella celebre embaixada tão conhecida na historia d'este monarcha.

940) **NAISSANCE (LA)** *d'un monstre ayant la face humaine, la tête et le reste du corps couvert d'une armure, façon d'écailles, né à Lisbonne, ville capitale du Portugal, le lundi 10 avril 1628, et mort le 14 du même mois, avec les noms de père et de la mére. Traduit de l'espagnol en français.* Paris, 1628. 16.°, folheto. (C. M. B. I. P.)

941) **NANTES (FR. BERNARDO DE).**—Capuchinho francez, e missionario no Brasil.

E.—*Katecismo Indico da lingua* kariris, *acrescentado de varias praticas doutrinaes e moraes adaptadas ao genio e capacidade dos Indios do Brasil.* Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, 1709, 363 pag.

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, tomo 37.°, pag. 130. Traz uma descripção desenvolvida do *Trophea*.

Digitized by Google

942) NAPIER (ADMIRAL CHARLES).—Vice-almirante inglez.

Nasceu a 6 de março de 1786, e falleceu em 6 de novembro de 1860, em Londres. Como é sabido, esteve ao serviço de D. Pedro contra seu irmão D. Miguel, pelo que obteve o titulo de visconde do cabo de S. Vicente. [1]

E.—*An account of the War in Portugal between D. Pedro and D. Miguel.* London, 1836. Foi esta obra traduzida em portuguez por Manuel Joaquim Pedro Codina, e impressa em Lisboa no anno de 1841.

943) NAPIER (SIR WILLIAM FRANCIS PATRICK).—General e historiador inglez. Nasceu em Castletow (Irlanda) no anno de 1785, e falleceu em Clapham no mez de fevereiro de 1860. [2]

E.—I. *Histoire de la guerre dans la Peninsule et le midi de la France.* 6 vol. Acabada de imprimir em 1840. Traduzida em francez pelo general Mathieu Dumas.

II. *Les batailles et les sièges des anglais dans la Peninsule.*

III. *A letter to general lord Beresford.*

IV. *Reply to lord Straford's Observations. On some passages in colonel Napier's History of the War in the Peninsula.* London, 1827.

944) NARDIN (THOMAZ).—Negociante francez. Nasceu no anno de 1540 em Besançon, e falleceu em 1610. [3]

E.—*Histoire générale de Portugal et des Indes Orientales. Ensemble les dernières guerres des portugais contre les maures d'Afrique, et l'union de ce royaume à la couronne de Castille. Où se voit plusieurs batailles. Traduite de l'italien en français par —.* Arras, 1617.

Vejo mencionadas outras duas edições, uma em Arras, 1600, e a outra em Paris, 1680. V. *Conestagio.*

945) NARRATIVE *of the persecution and imprisonement in Portugal of William Ioung.* London, 1833. (Noticia da perseguição e prisão de —).

946) NAXARA ou NAJERA (ANTONIO DE).—Este escriptor é considerado por uns como hespanhol, por outros como portuguez. [4]

E —*Discursos astrologicos sobre o cometa que appareceu em 25 de novembro de* 1618. Lisboa, por Pedro Craesbeeck, 1619. 8.° de 28 pag.

947) NAYLIES (M. DE).—Officier superieur des gardes-du-corps de Monsieur, chevalier de Saint-Louis et de la Légion d'Honneur.

E.—*Mémoires sur la guerre d'Espagne, pendant les années* 1808-1809-1810-1811. A Paris, 1817, 8.° gr., 338 pag.

[1] Firmin Didot. *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 37.°, pag. 182.
[2] Idem, idem, vol. 37.°, pag 179.
[3] Idem, idem, vol. 37.°, pag. 462.
[4] Sr. Innocencio.—*Diccionario Bibliographico*, tomo 1.°, pag. 211.

Digitized by Google

«Eu entrava em Uma quando o meu regimento d'alli sahia para se dirigir ao Minho; tomo posição em Santa Maria de Cella, perto do Minho, rio que n'este logar separa a Galliza de Portugal.

«Ao boato de nossa aproximação os sinos tocaram a rebate por toda a parte sobre a margem esquerda, e a noite foi illuminada com uma quantidade immensa de fogueiras accesas pelas bordas do Minho. No dia 16, ao despontar da manhã, avistámos uma chusma de camponezes de Portugal, que bordavam a margem opposta. Apesar da agua aos cantaros, o numero crescia a cada instante. Cobertos de capotes de palha, cuja côr se confundia com as das rochas, alguns avançavam até entrarem na agua e atiravam sobre tudo que se aproximava do rio. Defronte da aldeia de Santa Maria de Bide a margem menos escarpada offerecia um logar favoravel para um desembarque. Como os portuguezes sabiam que tinhamos algumas barcas e jangadas, receiaram um movimento sobre este ponto, e para alli se dirigiram em chusma. Levantaram uma bateria em poucas horas, onde assentaram duas peças de calibre mui pequeno. Mais de quatrocentas mulheres, entre as quaes se viam muitas freiras, trabalhavam n'esta obra, umas com a enxada na mão rivalisavam com os homens mais robustos; outras levavam terra em cestos ou nas saias, e a lançavam para fóra da trincheira; os meninos, que não podiam trabalhar, levavam a seus paes vinho e alimentos; alguns frades com a cabeça descoberta e a tunica arregaçada, dirigiam tudo; estavam em toda a parte, e corriam para onde o perigo era maior. Com seus discursos e exemplo electrisavam esta multidão que bastante nos odiava sem a ajuda d'elles. Pag. 62.

«Quando entrámos no Porto, e o povo fugiu pela ponte, esta quebrou-se: um numero infinito de habitantes morreram afogados; a maior parte, porém, agarrados ao que restava da ponte, e opprimidos pela multidão que ia sempre crescendo, foi metralhada pela artilheria portugueza, que da margem esquerda atirava contra a nossa columna: este espectaculo era horroroso. Vi um outro, que prova quanto o fanatismo da liberdade animava o povo; um soldado de infanteria ligeira acabava de atirar para as margens do Douro, avista uma mulher que luctava contra as ondas; deita-se á agua, toma-a pelos cabellos, e põe-a na praia. Era uma rapariga de dezoito a vinte annos: seus vestidos denotavam uma pessoa de classe distincta. Recuperou os sentidos, lança em torno de si um olhar desvairado, reune suas forças, e corre a precipitar-se no rio uma segunda vez, dizendo: «Não, não deverei a vida a monstros que dilaceram minha patria!» Que heroismo! Quanto não era para receiar de um povo que mostrava tão grande energia! Pag. 99.

«Precedidos pelo terror que inspirava nosso nome, não achámos habitantes em Penafiel: um velho octogenario, que não tinha podido acompanhar os seus para as serras, ficou sósinho; estava assentado n'um marco, na praça publica, e dirigia supplicas ao céo. O fogo que brilhava em seus olhos e os olhares que nos lançava indicavam bem a qualidade das supplicas que fazia para nós. Um silencio medonho reinava na villa, só interrompido pelo som uniforme das horas, e pelo ladrar de alguns cães abandonados. As armas da casa de Bragança postas nos edificios publicos estavam cobertas de crepe, e

Digitized by Google

pareciam indicar o lucto da sua patria. Todas as casas estavam abertas, só as egrejas se achavam fechadas, como se nossa presença devesse profanar a santidade d'ellas. Os comestiveis e tudo quanto nos podia ser util, tinham sido levados ou destruidos. Este odio implacavel de nossos inimigos, este cuidado continuo de nos prejudicarem e estes grandes exemplos de dedicação fizeram desde então alguma impressão no espirito de nossos soldados, acostumados a viverem em casa dos bons allemães, e tão tranquillamente n'um dia de batalha, como em seus alojamentos.» Pag. 103.

* * *

«A 12 de abril, pelo meio dia, o inimigo, vindo de Amarante, nos atacou em tres pontos. Sua intenção era de se apossar da ponte de Sousa, e de nos cortar a retirada. Foi enganado no seu projecto, porque deixámos Penafiel, e fomos tomar posição na margem direita d'este rio. O general Silveira commandava esta expedição: tinha ás suas ordens um capuchinho conhecido no paiz por sua audacia e força prodigiosa: chamavam-lhe o capitão mouro, vestido de vermelho, com um cinto preto, viam-n'o á frente em todos ataques, e foi um dos primeiros a entrar em Penafiel. Esta villa, na qual não tinhamos visto uma unica pessoa durante nossa residencia, foi bem depressa cheia de habitantes. Appareceram como por encanto ás janellas e telhados, atirando com pedras, mobilias, e com tudo quanto se lhes apresentava ás mãos. Um miseravel remendão, que tinha entrado havia dois dias, e tinha ganhado muito dinheiro comnosco, distinguiu-se pela sua furia: atirava com suas formas e ferramenta á cabeça dos soldados da infanteria da retaguarda, e parecia fazel-o com tanta mais animosidade, quanto receiava que seus compatriotas lhe imputassem como um crime o ter trabalhado para os francezes. O toque de rebate fazia-se ouvir por toda a parte, o som lugubre e pavoroso dos sinos imprimiam uma especie de espanto, que nunca fôra inspirado pelo ribombar da artilheria e da espingardaria.» Pag. 109.

* * *

«Até 10 de maio, que occupámos as mesmas posições nas alturas de Amarante, experimentámos as mesmas difficuldades para forragear e obter subsistencias. Os obstaculos sempre crescentes e os movimentos dos inglezes sobre Lamego tornaram a nossa situação muito assustadora. Encontravamos ainda alguns recursos na margem esquerda do Tamega, mas era mister disputal-os aos camponezes nos bosques e nas serras. Corria-se atraz de um habitante, como de uma féra, e os soldados, gritavam pegando nas espingardas: «Acolá vae um homem, acolá vae um homem!» e corriam em sua perseguição, até que o matavam. Vi um, cuja perna se partiu, e cahiu sem abandonar sua arma, teve ainda a coragem de se deitar de frente e de matar um brigadeiro do meu regimento. Vi ainda n'outra occasião um velho de cabellos brancos aninhado atraz d'uma pedra com uma espingarda de dois canos, e armado de bayoneta, ferir tres homens e cinco cavallos: não se quiz render, e foi necessario matal-o á pedrada, defendendo-se por muito tempo.» Pag. 118.

Digitized by Google

***

«Encontrámos no caminho, perto de Lixa, um destacamento de 25 homens commandado por M. de Saint-Geniès. Este official era portador de ordens do marechal. Com suas pequenas forças tinha atravessado muitas povoações insurreccionadas. Tinham-n'o tratado bem, tomando-o por inglez; porém reconhecido n'uma aldeia pela imprudencia d'um soldado, foi investido pelo povo, que disparou contra elle, e lhe arrojava pedras. Carregou contra esta multidão furiosa, e conseguiu sahir de uma rua estreita, onde deveria morrer com toda a sua gente, com excepção de tres homens, que foram apanhados. Quando passámos por esta povoação, achamol-os pregados de pés e mãos contra uma parede: ainda respiravam.» Pag. 122.

Esta obra foi traduzida em inglez com o seguinte titulo: *Travels in Portugal and Spain comprising an account of the operations of the arms under the duke of Wellington and sir John Moore.* (Viagens em Portugal e Hespanha).

948) NECK (J. VAN).

E.—*Shipvaert op Oost Indie.* Amsterdam, 1648. 4.° (Viagem ás Indias Orientaes.)

949) NETO (DAVID).—Judeu nascido em Veneza, medico, e prégador na synagoga de Leorne.

E.—*Noticias reconditas y posthumas del procidimiento de las inquisiciones de España y Portugal con sus presos. Divididas en dos partes: la primera en idioma portugues, la segunda en castellano; dedusidas de autores Catolicos, apostolicos y romanos, eminentes por dignidades ó por letras. Compiladas y anadidas por un anonymo.* Villa Franca, 1722. A impressão foi feita em Londres.

Foi vertida em latim com o seguinte titulo: *Notitiae reconditae de processu inquisitionum in Hispana et Lusitania adversus illos, qui in carceribus illarum detinentur.* Londini, 1722.

950) NETSCHER.

E.—*Les hollandais au Brésil, notice historique sur les Pays Bas et le Brésil au* XVII *siècle.* Paris, 1869, 8.° Ha outra edição impressa na Haya, 1853.

951) NEUESTES GEMALDE *von Lissabon.* Leipsig, 1799.

952) NEUVILLE (Mr. JACQUES LE QUIEN).—Historiador francez. Nasceu em Paris no anno de 1647, e falleceu em Lisboa a 20 de maio de 1728. Dizem que a sua *Historia de Portugal* lhe custára mais de trinta annos de trabalho.[1]

E.—*Histoire général de Portugal par* —. A Paris. Chez Annisson, directeur

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 29.° pag. 367.

Digitized by Google

de l'Imprimerie Royale, 1700. Tomo 1.º, 4.º gr., 626 paginas; tomo 2.º, 608 paginas. [1]

O tomo primeiro tem em primeiro logar a dedicatoria offerecida a el-rei de Portugal. Segue-se uma advertencia, na qual declara o methodo que tenciona seguir na sua historia, que vem a ser — informar o leitor das allianças, guerras e tratados de paz que os portuguezes fizeram com as nações que descobriram. «Ver-se-ha primeiramente o nascimento do rei, sua educação, casamento, numero de seus filhos, suas allianças, seus empregos, acções, descendencia, morte, etc.

Apoz esta advertencia, que occupa seis paginas, apparecem transcriptas as leis das côrtes de Lamego, seguidas de uma taboa chronologica dos reis de Portugal até ao anno de 1521, em que termina esta historia, não a tendo seu auctor podido ultimar.

Como era proprio da época do auctor, principia sua narrativa fallando-nos de Tubal, dos carthaginezes, romanos e outros povos antiquissimos. Felizmente não nos falla nem na historia dos Geriões, nem de outras muitas patranhas, com as quaes Fr. Bernardo de Brito se entreteve a encher paginas e paginas da sua *Monarchia Lusitana*.

A pag. 21 começa a descripção chorographica de Portugal, fixando sempre suas vistas para as fortificações do reino, das quaes trata com alguma minuciosidade. Pelo que diz respeito aos mausoleus da egreja de Belem, diz: «En fait de tombeaux, il n'y a rien de plus beau en Europe.» [2]

[1] «Le Quien, da Academia Franceza, havia começado a escrever uma *Historia de Portugal* no tempo de el-rei D. Pedro II, que acabou reinando D. João V, pelo modo que elle refere em carta escripta a Mr. de Torcy, de 10 de abril de 1715, na qual expunha ao sobredito ministro, que tendo o embaixador abbade de Mornay fallado por vezes ao conde da Ericeira, de que elle havia escripto uma *Historia de Portugal*, o conde lhe dissera que tinha em seu poder muitas memorias e documentos sobre o mesmo assumpto: que informado elle Le Quien d'aquella particularidade, se determinára a ir visitar o conde que achára ter muita instrucção, e que o conduzira a casa do cardeal da Cunha, a quem o apresentára; que tanto o cardeal como o conde haviam sido de parecer que antes d'elle Le Quien adiantar mais o seu trabalho, deveria tratar de fazer os seus cumprimentos a el-rei: que elle havia seguido aquelle conselho, e que el-rei lhe dera audiencia, e o tratára com a maior benevolencia, e lhe dissera que trabalhasse com o conde da Ericeira, a quem nomeára por censor e examinador do seu terceiro e ultimo volume, e porque estava informado que el-rei seu pae o não havia recompensado como devia, dissera ao secretario d'estado que o queria fazer, o que pozera em effeito dando-lhe uma pensão e o habito de Christo: motivo por que lhe pedia houvesse de obter de el-rei de França seu amo licença para aceitar. Foi-lhe concedida a dita licença por despacho de 5 de maio do referido anno.» Visconde de Santarem.—*Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo*, tomo 5.º, pag. 244.

«Mr. de Neufville a supprimé um grand nombre de faits interessants, et il a passé légérement sur plusieurs faits interessants. La vue de Mr. de la Clede en composant une nouvelle a été de donner une histoire plus complète et plus exacte, que celle de Mr. de Neufville» *Journal des Savants*. Maio de 1735, pag. 261.

[2] Neufville.—*Histoire de Portugal*, pag. 261.

Digitized by Google

O segundo volume, apesar das suas 608 paginas, abrange apenas o reinado de D. Manuel, cuja biographia é baseada sobre os escriptos de muitos historiadores portuguezes e estrangeiros. Era a época em que a nossa gloria estava no apogeu, e por isso tinha Neufville motivo para dizer: «Um zelo tão manifesto da abolição do paganismo, e da propagação da fé, dava todos os dias novo esplendor á reputação de Manuel nas côrtes estrangeiras. Como Segismundo I, rei da Polonia, tivesse as mesmas intenções que elle, fazia educar a oven nobresa de seu reino no exercicio das armas para a fazer marchar um dia a tão gloriosas expedições. Tres d'estes jovens polacos, que desejavam com paixão ver o rei, e fazer para esse fim uma viagem a Portugal, aqui vieram, e conheceram com effeito pessoalmente o que tinham ouvido pela voz publica. Manuel honrou-os com a ordem de cavallaria, que lhes conferiu por sua propria mão, e fez-lhes donativos accommodados á sua edade.» [1]

953) **NEUVILLE (JEAN GUILLAUME HYDE DE).**—Embaixador francez em Lisboa no tempo de D. João VI.

E.—*De la question portugaise.* Paris, 1830.

954) **NEUMAN.**

E.—*Notitiae de Claudii Visdelou Societatis Jesu scriptis sinologicis in Bibliotheca Vaticana extantibus, quorum apographa Ulixbonae asservati dicuntur.* (Noticia dos escriptos sinologos de Claudio Visdelou, existentes na Bibliotheca Vaticana, e dos quaes se diz existirem os apographos em Lisboa.)

955) **NEW (THE) QUARTELY REVIEW.**

Apparece n'esta publicação uma viagem com o seguinte titulo: *Notes of Travel in Portugal.*

O viajante entrou em Portugal, vindo de Tuy. Apesar de só um rio, e não muito largo, separar os dois povos, acha o camponez de Portugal muito superior ao hespanhol, e elogia muito a hospitalidade do nosso paiz, e finalmente admira o grande numero de diamantes que os portuguezes possuem, attendendo á pequenez do reino.

«Mal conheço algum outro serviço maior que se podesse prestar ás lettras do que a traducção (pag. 36) para francez ou inglez dos tres volumes da *Historia de Portugal* por Alexandre Herculano, por isso que é o mais eminente dos escriptores portuguezes vivos. Herculano é talvez o primeiro historiador do presente seculo. Seu estylo puro, não egualado em Portugal desde o tempo de Barros, cognominado o Livio de Portugal, é um frisante contraste com os escriptos rhetoricos de muitos de seus contemporaneos. Sua agudeza e sensatez na appreciação das auctoridades, sua lucidez, e a arte com que faz que o leitor fique satisfeito com a instrucção do auctor, sem lançar na sua narrativa a aridez dos chronistas, entre os quaes suas investigações se baseiam, estas são as qualidades que n'um historiador o mundo não tornou a ver depois

[1] Neufville.—*Histoire de Portugal*, pag. 470.

Digitized by Google

da morte de Gibbon. Infelizmente, a historia de Herculano apenas chega ao fim do seculo XIII.»

956) NICOLAU (VITO PERERA A SANTO—). E clericis regularis scholarum piarum.

E.—*Oratio de felicitate Lusitaniae a regibus brigantinae familiae aucta atque amplificata ad quosdam academicos illustrissimos ac doctissimos viros, habita die 18 januarii anni Domini 1755. Superiorum Permissu. Matriti: Apud Joachim Ibarra typographum Urosarum via.* 4.°, 30 pag.

Esta narração, na qual celebra os principaes feitos dos reis de Portugal, é dedicada aos principes D. Antonio, D. Gaspar e D. Joseph, de Bragança.

957) NICOLAU (ANTONIO).—Celebre bibliographo hespanhol. Nasceu em Sevilha no anno de 1617, e falleceu em Madrid no de 1684.

E.—*Bibliotheca Vetus.* Romae, 1696, 2 vol. fol. O auctor inclue n'este seu trabalho monumental os escriptores portuguezes, dos quaes trata desenvolvidamente.

958) NIEUHOFF (JEAN).—Viajante allemão. Nascido em Usen (Westphalia) em 1630, e perdido na ilha de Madagascar em 1672.[1]

E.—I. *Voyage curieux au Bresil par mer et par terre.* Amsterdam, 1682. O original é composto em hollandez.

II. *Voyage par mer et par terre à differents lieux des Indes Orientales avec une description de la ville de Batavia.* Amsterdam, 1682-1693. Fol.

Ha varias traducções d'estas obras.

959) NIÑO (FRAY JUANNETIN)—Confessor de su alteza, lector de theologia, y hijo del real convento de San Francisco de Salamanca, ministro provincial que ha sido de la misma provincia de Santiago, calificador del Santo Officio en el consejo real supremo de la santa y general Inquisicion.

E.—*Chronicas antiguas de la orden de nuestro Serafico Padre S. Francisco del R. S. D. F. Marcos, Obispo del Puerto: dispuestas y ordenadas en el convento de S. Antonio de Salamanca, de la santa provincia de Santiago, en la regular observancia. Dedicadas a la serenissima señora infanta sor Margarida de la Cruz, religiosa de su real convento de Descalças Franciscanas de Madrid. Con licencia.* En Salamanca, en la emprenta de Antonio Ramirez. Año 1626. A costa de Nicolas de Santa Ana, familiar del santo oficio de Madrid. 2 vol. fol.

Não é uma simples versão da chronica do nosso Fr. Marcos de Lisboa, pois o traductor agrupou as biographias por conventos, assim como, por exemplo, se encontram em Fr. Luiz de Sousa, ao passo que Fr. Marcos segue a ordem chronologica.

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 32.°, pag. 66.

Digitized by Google

960) **NIPHO (D. FRANCISCO MARIANNA).**

E.—*Descripcion historica y geografica del reyno de Portugal con la serie y panegirico de todos sus reyes. La poblacion repartida por provincias, comarcas, corregimentos, intendencias, oidorias, dando circunstanciado el vecindario y situacion de sus cidades, villas y lugares, que con un indice geografico, para maior claridad extractó de varios autores y particularmente del P. Luiz Caetano de Lima, clerigo regular, etc.* Madrid, 272 pag.

961) **NOBLE (LE).**

E.—*Memoires sur les operations militaires des français en Galice, en Porgal, et dans la vallée du Tage en* 1809 *sous le commandement du maréchal Soult, duc de Dalmatie.*

962) **NOSRAG.**

E.—*Derniers moments de D. Miguel, tyran de Portugal. Les aveux de ses crimes. Mort de Bourmont.* Paris.

II. *Attaque par terre et par mer de la ville de Lisbonne, par les constitutionels français, polonais, portugais et Anglais. Proclamation de D. Maria II de Portugal.* Paris.

963) **NOTICE** *sur la vie et les œuvres de Joseph Marie Dantas Pereira de Andrade.* Paris, 1833. 4.°, folheto.

964) **NOTICE** *des titres et travaux scientifiques de M. Antonio da Luz Pitta à l'appuy de sa candidature au titre de membre correspondant étranger de l'Academie Impériale de Médicine de Paris.* Paris, 1860. 4.°, folheto.

965) **NOTICE** *sur la vie et les écrites du P. Théodore de Almeida.* Paris, 1852. 16.°, folheto.

966) **NOUGARET (PIERRE JEAN BAPTISTE).**

E.—*Beautés de l'histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1814.

967) **NOUVELLES INTÉRESSANTES** *au sujet de l'attentat commis le* 3 *setembre* 1758 *sur la personne sacrée de S. M. F. le roi de Portugal,* 1759. 2 vol.

968) **NOVO E FACILLIMO METHODO** *de Grammatica Franceza e Portugueza, compilado dos melhores auctores que escreveram Artes e Ortographias, de la Rue, Restaut e Glamace, la Touche, Desmarais, e do Tratado da Orthographia franceza, feito por ordem do excellentissimo cardeal de Rohan, ordenado por um genio amante dos progressos dos estudiosos d'este idioma.* Em Trevoux. Na officina de Antonio Ginião. Anno 1766. 8.°, 342 pag.

969) **NUNES (HERNAN).**—Natural de Pincia, professor de rhetorica e grego na universidade de Salamanca, e fallecido em 1552.

Digitized by Google

E.—*Refranes y Proverbios en romance que coligio y glosó el commendador Hernan Nunes, professor de retorica y griego en la universidad de Salamanca. Y la Filosofia vulgar de Juan de Mal Lara, en mil refranes glossados, que san todos los que hasta aora en castellano andam impressos. Van juntamente las quatro cartas de Blanco de Garay, hechas en rafranes para enseñar el uso dellas. Año* 1619. Madrid, por Juan de la Custa. 4.°

Se bem que a obra é escripta em hespanhol, traz grande numero de adagios portuguezes.

970) **NUOVA DELLA PRESA** *della gran citta de Diu per lo invitissimo re di Portugallo, e de l'artigleria e grandissimo tesoro que vi se trovo.* 1536. Ternaux Compans, pag. 29.

Digitized by Google

O

971) **OBSERVATIONS** *critiques d'un romain sur tes Reflexions d'un portugais, ou Nouveau Supplément aux dites reflexions sur le Mémorial des Jésuites, présenté à N. S. P. le Pape Clément XIII.* En Europe, 1760. 12.°

972) **OBSERVATIONS** *intéressantes et relatives au procès des Jésuites en Portugal.* Sem data nem logar de impressão. (C. M. B. I. M.)

973) **OF THE NEW LANDES** *and the people found by the mensengers of the kinge of Portugal named Emanuel, of the divers nation crystened of pope Johan and his landes.* London, 1521. (Das novas terras e povos descobertos pelos emissarios do rei de Portugal chamado Manuel).

Vem mencionada esta obra na *Bibliotheca de Ternaux Compans.*

Aproveito esta occasião para declarar que os titulos dos livros inglezes apparecem tão estropiados n'esta obra que por vezes se tornam inintelligiveis: e no emtanto a *Bibliotheca de Ternaux de Compans* foi impressa em Paris.

974) **OLDKNOW (JOHN).**

E.—*A month in Portugal.* London. (Um mez em Portugal.)

975) **ÓNEIL (LT. COUNT T.)**

E.—*A concise and accurate account of the preedings of the squadron under the command of rear admiral sir W. Sidney Smith, K. C. in effecting the escape, and escorting the royal family of Portugal to the Brazils on the 29 of november,* 1807, etc. London, 1808, 8.° Com o retrato de D. João VI quando principe. (Sobre a fugida de D. João VI para o Brasil.)

976) **ONTDECKINGHE** *van Rijck Miynen in Brasil.* T'Amsterdam, 1639. 4 fol. sem pag.

977) **ORBAN (M. LEMIS DE FORTIA D'—).**—Membre de plusieurs

Digitized by Google

academies de France, d'Italie et d'Allemagne, et M. Nielle, officier de l'Université de France, ancien professeur à la faculté de Leyde.

E.—*Histoire générale de Portugal depuis l'origine des lusitaniens jusqu'à la régence de Don Miguel.* Paris. Chez Gauthier Frères.) 9 vol. 8.° gr.

E' uma reimpressão da *Historia* de La Clede com acrescentamentos, mappas e estampas, das quaes a primeira é um retrato de Viriato, seguindo-se os dos reis de Portugal, e o de D. Antonio, prior do Crato.

978) **OREBICH (GIUSEPPE RAGUSEO).**

E.—*Lettere contenent il ragguaglio del trasposto de* 83 *padri gesuiti de Lisbonna à Civitta Vécchia.* Genova, 1750. (Sobre o transporte de 83 jesuitas de Portugal para Civitta-Vecchia).

979) **ORIGINAL (THE)** *journals of the campaigns in the Peninsula of field-marschal the duke of Wellington. To which is added an appendix containing the state papers. Campaign in Portugal,* 1808. London, 1815. 8.° (Diarios originaes das campanhas do duque de Wellington).

980) **ORLEANS** (Pere de).—De la compagnie de Jesu.

E.—*Vie de Marie de Savoie, reine de Portugal, et de l'infante sa fille.* Paris 1696. 8.°

981) **ORLEANS (P. JOSEPH).**—De la compagnie de Jesu.

E.—*Histoire des revolutions d'Espagne depuis la destruction de l'empire des Goths, jusqu'à l'entière et perfaite reunion des royaumes de Castille et d'Arragon en une seule monarchie, revue et publiée par les P. P. Roullé et Brumoy, de la même compagnie.* A Paris, 1734, 3 vol. 4.° gr.

«Esta victoria do grande Affonso (pag. 337, vol. 1.°) alcançada em 1184 foi a ultima de suas acções militares, as quaes não particularisarei por ser este principe o fundador de uma monarchia separada, que não está ligada senão por incidente com a de Hespanha, da qual escrevo a historia, e da qual não faz parte. Por isso não devo contar os negocios de Portugal senão quando tem relações necessarias com os de Castella e com os dos outros estados que compõem hoje a monarchia inteira. Morreu este principe em Coimbra aos noventa e um annos d'uma vida ainda menos cheia de dias, que de virtudes extraordinarias e grandes acções.»

Apesar do que promette o P. Orleans succede a cada pagina entrar em scena nosso paiz, pelo motivo conhecido por todos—não ser possivel escrever a historia de Hespanha, sem que o nosso povo n'ella figure continuamente. No emtanto o referido escriptor, apesar de escrever a historia de um povo sempre hostil aos portuguezes, mostra-se imparcial, e tece-nos os maiores elogios.

Ignoro se este mesmo padre é o auctor da *Vida de Maria de Saboia.*

982) **ORMSBY (J. W.)**

E.—*Lettres from Spain ond Portugal during the campaigns of* 1808 *to*

Digitized by Google

1809, 2 vol. (Cartas de Hespanha e Portugal durante as campanhas de 1808 a 1809).

983) ORSEY (Rev. ALEXANDER J. D. D'—). Chaplain to the English Church, becco das Aranhas, Funchal.

E.—I. *Colloquial Portuguese; or, the Words and phrases of every day life. Compiled from dictation and conversation, for the use of English Tourists and visitors in Portugal, the Brazils, Madeira, and the Azores. With a Brief Collection of epistolary phrases. Second edition, considerably enlarged and improved.* London. Longman, Green, Longman and Roberts; Whittaker and etc.: Trubrar and etc.: 1860.

O fim d'esta obra, segundo diz seu auctor, é habilitar os doentes inglezes que vão á Madeira a fazerem-se intender dos criados portuguezes. E de caminho rende um elogio aos madeirenses, dizendo que a gente ordinaria estropia muito menos as palavras, do que muitos outros povos europeus.

II. *A practical Grammar of Portuguese and English, in the form of progressive exercises, so planned as to exhibit a complete comparison of the idiomatic peculiarities of both languages, according to Ollendorff's System of teaching languages. By the Rev.—Late English Master in the High School of Glascow (resident in Madeira since 1851) assisted by Señr. Marcelliano R. de Mendonça, Rector of the Lyceo, Funchal.* London. Trubner and etc.

Existe ainda uma outra edição d'esta grammatica, ou pelo menos com rosto differente d'aquelle descripto n'este logar.

984) ORTENSE (EVANGELISTA).

Successi della guerra di Portogallo, ne quali non solamente si descrivono gli apparecchi tutti che in essa furono fatti; ma l'incoronatione ancora della maesta del re Felippo. Venetia, 1582. (Successos da guerra de Portugal).

985) ORTIZ (D. ANTONIO ROMERO).

«Ortiz sabe muito da nossa litteratura e é amantissimo de Portugal.» (Sr. Thomaz Ribeiro,—*Jornadas*, vol. 1.º, pag. 50).

E.—*La Literatura Portuguesa en el siglo* XIX. *Estudio Literario por* —. Madrid, 1870. 4.º, 434 pag.

«Não ha presentemente na Hespanha quem se occupe da litteratura portugueza.» Não é tanto assim, sr. Ortiz! Pelo mesmo tempo em que v. ex.ª escrevia uma tal asserção, o sr. Modesto Fernandez y Gonzalez trabalhava no seu livro *Retratos y Semblanzas*;[1] o sr. G. Calvo Asensio compunha o seu livrinho *Lisboa em* 1870, collecção de finezas dirigidas á nação portugueza, obra onde se não encontra uma unica falsidade;[2] o sr. D. Antonio Alcalá Galiano (filho) tecia os maiores elogios a este povo no seu opusculo *Portugal, su pasado y su presente*; Ximenes Sandoval trabalhava na sua monographia *Batalha de Al-*

[1] É uma collecção de biographias de escriptores hespanhoes e portuguezes.

[2] Veja-se este amontoado de sandices e de grosserias no artigo «Asensio.»

Digitized by Google

Antonio Romero Ortiz

Digitized by Google

Digitized by Google

jubarrota, a *Ilustracion Hispano-Portuguesa* trazia logo no seu primeiro numero o retrato do sr. Alexandre Herculano acompanhado de uma biographia, e a seguir um parallelo entre Camões e Cervantes: publicava-se exactamente por esse tempo um trabalho util com o titulo *Una Semana en Lisboa*. Tambem precisamente por essa época dois hespanhoes trabalhavam na traducção dos *Lusiadas* — o conde de Cheste em Madrid, e o conego Sandoval em Badajoz.

«Fenomeno na verdade singular e digno de estudo! Os dois povos peninsulares tocam-se.» É verdade, mas odeiam-se.

«Não se levanta entre elles uma fronteira natural formada pela mão de Deus.» Mas separam-nos, o que ainda é um pouco mais forte, a lembrança da maneira como pelos hespanhoes fomos tratados durante o espaço de sessenta annos. Mas nós somos suspeitos; leia porém o sr. Ortiz a *Historia do desthronamento de D. Affonso VI* pelo inglez Southwell (vol. 1.º). Separa-nos a idéa de que se contarmos todos os annos, em que os hespanhoes nos guerrearam, sommam seculos; separa-nos a indole d'aquelle povo; quer ella seja melhor, quer seja peior, é em todo o caso diametralmente opposta á nossa. Separa-nos o idioma, pois para o entendermos é necessario diccionario e estudo grammatical. N'uma palavra, separa-nos a liberdade que desfructamos. E quem é livre, só perdido o siso, desejará ser escravo.

«Houve um tempo em que os escriptores lusitanos cultivavam com preferencia o nosso idioma.« Ainda isto é verdade. Uma das causas era a affinidade das duas linguas; ambas provinham da mesma origem. Tambem a lingua portugueza já se pareceu muito mais com a franceza do que actualmente. Muitos vocabulos hoje repugnantes para aquelles que prezam a vernaculidade, já foram portuguezes de lei.

«Muito antes da batalha de Alcacer Quibir, nenhum engenho lusitano deixava de publicar algum dos seus escriptos na lingua de Solis e Cervantes.» Houve excepções. Mas se ha portuguezes que escreveram em hespanhol, tambem os ha, e não foram poucos, que escreveram em latim, grego, hebraico, arabe, italiano, francez, inglez e allemão. Diz tambem o sr. Ortiz «que o seu livro não tem aspirações», mas passadas poucas linhas, encontro a seguinte passagem: «Portugal, que en um porvenir mas ó menos lejano, lejano sin duda, pero seguro, habra de subordinarse sin abdicacion de su importancia, sin sacrificio de sus intereses legitimos, *por su proprio y espontaneo impulso*,[1] y por medios que la Providencia reserva, a esa tendencia universal, poderosa, irresistible, que conduce los pueblos hacia la unidad, à semejanza de esa otra fuerza tambem poderosa y tambien irresistible, que lleva las aguas de los rios a perderse y confundirse en la immensa unidad del mar.»

Assim será. Mas n'estes seis annos, que o livro conta depois de impresso, ainda se não observam nem vislumbres. «Um homem (dizia o marquez de Pombal) na sua casa é tão poderoso que mesmo depois de morto são necessarios quatro para o tirarem d'ella». Além de que vem de Hespanha um cheiro

[1] Não podendo prever o porvir, creio comtudo as gerações futuras incapazes de tal villesa.

Digitized by Google

tão continuo de polvora e de cadaveres, e tão repugnante aos portuguezes, que os afugenta d'alli para bem longe. Póde ser que os portuguezes não tenham bom gosto, mas o sr. Ortiz bem sabe que os gostos não se discutem. O sr. Ortiz, que diz ter lido tudo quanto em portuguez se publicou no seculo presente, deve ter tambem conhecimento de quão rico é o nosso idioma de proverbios e anexins, entre os quaes ha o seguinte, que anda na bocca de todo o mundo: «Gato escaldado, de agua fria tem medo.

É o livro do sr. Romero Ortiz uma resenha da litteratura portugueza no presente seculo. Começando minuciosamente no celebre padre José Agostinho de Macedo, vae analysando quasi todas as obras de nossos principaes escriptores, dos quaes transcreve muitas passagens, infelizmente quasi sempre tão estropiadas, que se devem tornar inintelligiveis para aquelles que não estiverem bem certos de como ellas se encontram no original portuguez, o que ainda mais vem comprovar a differença das duas linguas. Se os compositores de Madrid entendessem ao menos soffrivelmente o portuguez, certamente que não o desfiguravam a tal ponto.

Em seguida do padre José Agostinho de Macedo falla o sr. Ortiz da nossa marqueza de Alorna, Garrett, A. Herculano, C. Castello Branco, e de outros escriptores notaveis, lamenta o estado de abatimento em que se acha o paiz, e pede por fim ao sr. Thomaz Ribeiro que não atisse odio e rivalidades entre os dois povos peninsulares. Mas para ser justo deve tambem fazer o mesmo pedido aos escriptores hespanhoes.

986) **ORTOLAN (JOSEPH LOUIS ELÉZAR).**—Jurisconsulto francez. Nasceu em Toulon no anno de 1802.[1]

E.—*Etudes sur les constitutions des Pays Bas, des ligues asiatiques, d'Espagne et du Portugal, etc.* Paris, 1831 a 1837.

987) **OSBORNE (JOHN).**

E.—*Guide to the West Indies, Madeira, Mexico, etc. With cartes and other illustrations.* London 1845. (Guia para as Indias Occidentaes, Madeira, etc.)

988) **OTHON (GUILLAUME —, Comte de Koenigsmark).**

E.—*Voyage de Madrid à Lisbonne.* Paris, 1669.

989) **OVERBEKE (AERNOUT).**

E.—*Reysbeschryving van, etc.* (Viagem ás Indias Orientaes). 1671.

990) **OVIEDO (SEBASTIAN ANTONIO DE GADEA Y).**

E.—*Triunfales fiestas, que a la canonizacion de S. Juan de Dios, patriarca consagro la muy nombrada, leal y gran ciudad de Granada.* 1595.

991) **OVINGTON (JOHN).**

E.—*Vogage to Surate in the year,* 1689-1693 *with a description of the Is-*

[1] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains,* pag. 1380.

Digitized by Google

ands of Madera and St. Helena, the account of Golconda, etc. London, 1696–1698. Em francez. Paris, 1724. Ib. 1735. Ib. 1753. 2 vol. (Viagem a Surrate no anno —, com descripção da ilha da Madeira, etc.)

992) OWEN (HUGH).

E.—*Here and there in Portugal. Notes of the present and of the past. By — with illustrations after photographs.* London, 1856. 8.°, 216 pag.

Esta obra é dedicada pelo auctor a seu pae o coronel Hugh Owen, cavalleiro da ordem da Torre e Espada, e de S. Bento de Aviz.

E' muito interessante a leitura d'este livro. O auctor gosta muito de Portugal, ficou encantado do Tejo, ao qual chama «o mais nobre dos rios da Europa», mas diz verdades amargas, no que quasi sempre a rasão está do seu lado. Tendo vindo de Inglaterra no magnifico paquete inglez *Severn* fizeram-no desembarcar n'um bote em que iam vinte carvoeiros, um carneiro e pessoas immundamente vestidas, para d'aqui passar para o Lazareto.

Lamenta principalmente a carencia quasi completa de estaleiros e estabelecimentos, onde os navios se possam reparar das avarias. Tem rasão!

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

Digitized by Google

Digitized by Google

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

Digitized by Google

Digitized by Google

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

OBRA DIVIDIDA EM QUATRO PARTES

CONTENDO OS SEGUINTES ASSUMPTOS

I — Diccionario dos escriptores estrangeiros,
que escreveram obras consagradas a Portugal ou a assumptos portuguezes,
com a traducção dos trechos mais notaveis d'essas obras

II — Diccionario das obras portuguezas vertidas em linguas estrangeiras

III — Noticia dos portuguezes que no estrangeiro se distinguiram nas lettras,
e resenha das obras portuguezas reimpressas nos paizes estrangeiros

IV — Noticia das recordações e monumentos existentes
em diversas partes do mundo, construidos por portuguezes, ou erigidos em honra d'elles.

ADORNADA DE NOVE RETRATOS

ESTUDOS DE

MANOEL BERNARDES BRANCO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

TOMO II

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR
50 — RUA AUGUSTA — 52
1879

Digitized by Google

Digitized by Google

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

P

993) **PACCA (CARDINALE BARTOLOMEO).**

E.—*Notizie sul Portugallo ed sula nunziatura in Lisbonna.* Velletri, 1835.

Esta obra foi vertida para francez com o seguinte titulo: *Mémoires sur le Portugal, et voyage à Gibraltar, avec des considérations sur les principales causes de la révolution par le* —. Traduits de l'italien sur la seconde edition. Avignon, 1836. 8.°

994) **PACIAUDE (PAOLO MARIA).**

E.—*Medaglie rappresentanti i piu gloriosi avvenimenti del magesterio Emmanuele Pinto.* Neapoli, 1749.

Este Manuel Pinto era portuguez e grão-mestre em Malta, onde existem gloriosos monumentos do seu governo. V. na 4.ª parte o artigo *Malta*.

995) **PAGÉS (LÉON).**

E.— *Une question catholique aux Indes et en Chine. Le Portugal et le concordat avec le Saint Siège par* —. Paris, 1858.

996) **PAIGE (LE).**

E.—*Réponse au jesuite de la lettre au sujet de la découverte de la conjuration formée contre le roi de Portugal (le 25 juillet 1759).*

997) **PALLAVICINI (MARCHESE CAMILLO).**

E.—*La legislazione ed economia agraria del Portogallo.* Torino, 1850.

998) **PANEGYRICO APOLOGETICO** *por la desagraviada Lusitania de la servitud injusta, del tyranico yugo y de la insoportable tirania de Cas-*

Digitized by Google

tilla; con el derecho, virtude y cuydado de D. Juan IV, rey justo, legitimo Señor y buen padre, año sessenta de su catividad; impresso in Francia en latin, y despues en Barcelona, traduzido. 1641. 4.°, folheto.

999) **PANEGYRIS APOLOGETICA** *pro Lusitania vindicata a servitute injusta, ab jugo iniquo, a tyrannide immani Castellæ jure, virtute, opera Joannis IV justi regis... anno captivitatis* LX. Parisiis, 1641. 4.°, folheto.

É a versão latina da obra antecedentemente citada.

1000) **PAPERS** *relative to Portugal, correspondence relative to the British demands upon the governement of Portugal.* London, 1808. (Papeis relativos a Portugal: reclamações feitas ao governo de Portugal, etc.)

1001) **PAPERS** *respecting the relations between Great Britain and Portugal.* London, 1829. (Papeis relativos ás relações entre a Grã-Bretanha e Portugal.)

1002) **PAPILLAUD (DR. HENRI ALMÉ LUCIEN).**

E.— *Du traitement de la fièvre typhoide par les reconstituants.* (Na parte 2.ª do tomo 4.° da *Nova serie das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1870.)

1003) **PAQUIS (AMÉDÉE).**—Litterato francez. Nasceu em 1800.[1]

E.—*Histoire d'Espagne et de Portugal d'après les meilleurs écrivains espagnols et allemands*, 1846–1848. 2 vol., 8.°

1004) **PAQUIS ET DOCHETZ.**

E.—*Histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1838.

1005) **PARADA (D. DIEGO IGNACIO).**—Medico en Madrid.

E.—*Noticia sobre las aguas alcalino-gasosas de Petras Salgadas en Portugal, premiadas en la exposicion de Viena de* 1873, *y equivalentes y aun superiores à las celebres de Vichy.* Madrid.

1006) **PARADA (D. JUAN DE BAENA).**—Licenciado, presbitero natural de la coronada villa de Madrid.

E.— *Epitome de la vida y hechos de D. Sebastian,* 16.° *rey de Portugal y unico deste nombre. Jornadas que hizo à las conquistas de Africa, y su muerte desgraciada.*—Com discursos escolasticos, politicos, hystoriales y morales, deducidos de la mesma historia. Dirigido a la serenissima reina de los Angeles, Maria Santissima Nuestra Señora con titulo de la Soledad, por el—. Madrid, 1642. Ibid. 1691.

1007) **PARAQUARIAE PROVINCIÆ SOCIET. JESU** *adjuvantibus novissima descriptio admodum in Christo Patri suo Patri Francisco Ritz Soc.*

[1] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains*, pag. 1397.

Digitized by Google

Jes. Præp. Generali XV. Hanc terrarum filiorum suorum sudore et sanguine excultarum et rigatarum Tabulam. D. D. D. Provinciae Paraquariae Soc. Jesu anno 1732. Romae, impresso por João Petrosch, e depois em Veneza por João Domingos.

E' uma descripção do Paraguay, no tempo em que uma parte d'este paiz pertencia a Portugal, e estavam alli estabelecidos os jesuitas.

1008) **PARAVICINO** (FRAY HORTENCIO FELIX).

E.—*Santa Isabel, gloriosissima reyna de Portugal.* Madrid, 1625.

1009) **PARDOE** (Miss).

E.—*Traits and traditions of Portugal collected during a residence in that country.* London, 1833. 8.°, 2 vol. (Feitos e tradições de Portugal.)

1010) **PARDOUX** (BARON DE).

E.—*Campagnes de Portugal en* 1833 *et* 1834. *Relation des principaux événements et des opérations militaires de cette guerre, par un officier français attaché au service de D. Miguel.* Paris, 1835.

Ha uma traducção portugueza d'esta obra, impressa em Lisboa no anno de 1836.—O auctor é partidario decidido da causa de D. Miguel.

1011) **PARIS ET PEDEGACHE.**

E.—*Recueil des plus belles ruines causées par le feu du 1er novembre* 1755. *Dessiné sur les lieux par M. M. —, et gravé à Paris par Jac. Ph. le Bas, premier graveur du cabinet du roy, en* 1757.

As vistas são as seguintes: Torre de S. Roque — Egreja de S. Paulo — Sé de Lisboa — Casa da Opera — Egreja de S. Nicolau — Praça da Patriarchal.

1012) **PARISOT (VAL).**

E.—*Petite histoire de Portugal, par —.* Paris, 1841, 18.°

1013) **PARRY (PIERRE MOREAU DE).**

E.—*Klare on waarachtige Beschryving van de leste berocnten en afval der Portugesen in Brasil.* Amsterdam, 1652. (Clara e verdadeira relação dos ultimos acontecimentos e derrota dos Portuguezes no Brasil.)

1014) **PARTIE (SECONDE) DU COMPLOT** *contre le prince D. Miguel, suivie de l'analyse du discours prononcé par M. Canning dans la chambre des communes le* 12 *décembre* 1826 *à l'effet d'envoyer des troupes en Portugal, avec quelques observations sur la politique anormale qui le caractérise.* Paris, 1827. 8.°—Nunca vi a primeira parte.

1015) **PASSAC (PHILIPPE JEROME GAUCHER DE).**

E.—*Lettres Portuguaises et Brasiliennes.* Blois, 1824, 3 vol.— Não vi, e por isso nada mais posso dizer.

Digitized by Google

1016) PASSARELLO (R. P. D.) CAIETANO.—Catansariensi, Clerico Regulari, é concionibus Caroli II Hispaniarum Regis, et in sacro Hispaniae Inquisitionis Senatu Censore.—Natural de Catania.

E.—*Bellum Lusitanum ejusque regni separatio a Regno Castellensi cum abrogatione superadjecta Alfonsi Regis Lusitani. Authore* —. Lugduni. Apud Anissonios Juan. Posuel et Claud. Rigaud, 1684, fol. 532 pag. (Guerra Lusitanica, e separação de Portugal do reino de Castella.) Esta obra é dedicada a Carlos II, rei da Hespanha.

Uma das causas, a que o auctor attribue a revolução de Portugal, é á singular e vehemente malevolencia de qualquer portuguez [1] contra qualquer castelhano, e a um certo enjôo e rancor que faz com que deteste não só o seu dominio, mas até o seu vestuario, usos, companhia, casamento, e quasi que até o mesmo nome. Confessa comtudo o auctor que os portuguezes eram mal tratados pelos hespanhoes, e que na Hespanha tudo se conseguia por artimanhas.[2]

Consta de dez livros. «Começa por uma descripção da Lusitania; depois trata da restauração d'esta provincia pelo conde D. Henrique de Borgonha, da doação da cidade do Porto, e da mercê do titulo de conde ao dito senhor por el-rei de Castella, em dote pelo casamento d'aquella sua filha a sr.ª D. Theresa; da acclamação do senhor rei D. Affonso Henriques; da morte do senhor D. Sebastião em Africa; da successão do senhor cardeal D. Henrique na corôa de Portugal; dos aspirantes a ella depois do fallecimento d'este; da acquisição da mesma por Filippe II de Castella, e da separação d'este reino do de Castella, cuja historia prosegue, e termina no regresso do senhor D. Affonso VI, da ilha Terceira para Portugal.» [3]

O conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, fallando ácerca d'esta composição, diz [4] ser uma obra mentirosa. Seu auctor, pouco sincero e adulador de Carlos II, abate os feitos de nossos generaes, suas façanhas, victorias e glorias bellicas; obscurece muitas acções dignas dos elogios da fama, e refere muitas coisas de bem differente modo do que ellas aconteceram, etc. etc.

1017) PAULET (JULES).

E.—*Don Luis de Camoëns, ou le poete voyageur.* Appareceu este trabalho no *Buletin de la Societé de Géographie*, 23 mars, 1861.

1018) PAZ (ABDON DE).

E.—*España y Portugal.* Madrid, 1861. Imprenta de J. Pecina. 24 pag.

1019) PAZ (FRANCISCO ANON DE).

D'este escriptor encontra-se no 2.º vol. da *Revista Peninsular* a seguinte poesia:

[1] Pag 7.

[2] *Omnia erant projecta, venalia, et malis artibus pervia.* Pag. 8.

[3] *Bibliotheca Historica de Portugal e seus dominios ultramarinos.* Pag. 338.

[4] *Historiarum Lusitanarum ab anno* MDCXL *usque ad* MDCLVII *libri decem.* Vol. I. *In praef.*

Digitized by Google

LISBOA

Ciudad hermosa, reina de Occidente,
Que en orillas del Oceano sentada,
Riendo ostentas la orgullosa frente
De castillos y torres coronada;
Mansion de encantos, hoy por ti suspira
Lejos de ti mi abandonada lira.

¡Ay quien me diera de la brisa en alas,
Cual paloma cruzar tu puro cielo
E nagenado contemplar tus galas,
Y adormirme un instante en ese suelo
Respirando el aroma de tus flores,
Que brinda al corazon dulces amores!

Sirve a tus pies de matizada alfombra
La mar azul cubierta de bajeles,
Cada bandera al ondular te nombra
Y parece saluda tus laureles;
Que es vano empeño oscurecer tu gloria,
Pues grabada hondamente está en la historia.

De esa plaga salio el inclito Gama
Com su flota a buscar el rico Oriente;
Y entre Colon y el plugo la fama
Repartir uno y otro continente...
Oh! si: los dos surcando el mar profundo
Dieron á Iberia posesion del mundo.

Y para eternisar tamaña empreza,
Gran monasterio alzaste en esa orilla,
Y el onda humilde murmurando besa
Su augusto templo, insigne maravilla,
Monumento precioso, tan sagrado
Qu'el mismo terremoto ha respetado.

¡Ai! al pisar aquel recinto santo
Bajo la immensa bóbeda sombria,
Revuela absorta en alas del espanto
A otros tiempos la ardiente fantasia;
Y al ver del gran Manuel la regia tumba,
La Lusitana gloria en torno zumba.

Digitized by Google

Arrostrando las olas y los vientos
En la cuna del sol las armas lusas
Brillaron, y en los magicos acentos
Del plectro que Camoens robó á las musas
Para enzalsar, ó Portugal, tu gloria,
Y legar a los siglos tu memoria.

¡Patria ingrata! ni aun le has consagrado
Un humilde sepulcro reverente
Al que doble guirnalda ha laureado,
Como Vate illustre y Adalid valiente!...
¡Dios lo ha querido asi!... de esta manera
Tiene por tumba la nacion entera!

Desaparecieron tus pasadas glorias;
Mas no por eso llores, Lisia bella;
Otras te esperan menos ilusorias,
Eclipsada no está tu blanca estrella
Que si dueña ayer fuiste del Oriente,
Serás mañana reina de Occidente.

Cuando de Tubal la indomable raza
En vinculo fraterno se haya unido,
Vasto horizonte el Porvenir nos traza,
Iberia será aun mas de lo que ha sido,
Que no es grandeza conquistar por guerra,
Sino el ser libres é ilustrar la terra.

E entretanto del cefiro en las alas
¡Quien pudiera cruzar tu puro cielo,
Gozoso contemplar tus ricas galas,
Y dormir en el cesped de tu suelo,
Aspirando el aroma de tus flores,
Que brinda al corazon dulces amores!

Madrid, 18 de Febrero de 1857.

1020) P*** B***

E.—*Itineraire de Portugal ou Guide des voyageurs et Tableau des grandes routes, chemins de traverse et de communication de toutes les villes du Portugal à Lisbonne, et de ces differentes villes entr'elles. Traduit du portugais sur la dèrnière édition, et augmenté d'un petit Dictionnaire géographique du Portugal, et de la route de Bayonne à Lisbonne par Madrid et Salamanque.* Bordeaux, 1810. 12.°, 83 pag.

Digitized by Google

1021) P. D. G.

E.— *Sketches of Portuguese life, manners, costume, and character, illustrated by twenty coloured plates, by —.* London, 1826. (Esboços do viver, costumes e usos dos portuguezes, etc.)

1022) PECCHIO (Comte JOSEPH).

E.— *Lettres historiques et politiques sur le Portugal par —, continuées par un ancien magistrat portugais; publiées par M. Léonard Gallois, et augmentées d'un coup d'œil militaire sur le Portugal, par M. le Général Pelet.* Paris.

A primeira carta é datada de Lisboa, 9 de fevereiro de 1822, e n'ella se queixa amargamente Pecchio do deploravel estado em que se achavam as estradas de Portugal.

«Em todas as povoações que atravessei tenho encontrado homens robustos, esbeltos e de physionomia agradavel.»

«Se fosse verdade ter Ulysses sido o fundador de Lisboa, seria mister admirar n'elle seu bom gosto, tanto como seu genio e astucia. A situação d'esta cidade encanta. A entrada é verdadeiramente digna da Europa!

«Se os viajantes escrevessem que Lisboa é habitada de dia pelos homens, e de noite pelos cães, diriam a verdade. Que grandes serviços prestaram então os cães a esta cidade para n'ella serem melhor tratados que os gansos do Capitolio? Na praça do Caes do Sodré, onde resido, reune-se durante a noite tal multidão d'elles, que com seus uivos continuos acordam Enoch e Elias.

«Antes de hontem pude finalmente assistir a uma sessão das côrtes. Um deputado levantando-se attrahiu toda minha attenção. [1] As feições de seu rosto eram austeras e fortemente caracterisadas; seus olhos eram de fogo, seus cabellos curtos e crespos começavam a enbranquecer. Sua tez era d'um moreno pronunciado: sua voz retumbava como o ribombo do trovão: suas idéas eram claras, suas phrases concisas e nervosas. Em seus discursos nem se encontravam parentheses, nem circumloquios: nem offendia, nem lisonjeava pessoa alguma: parecia não cuidar na impressão que produzia no auditorio, e com os olhos fixos no presidente não estava attento, senão para a inspiração de sua consciencia. Á vista d'este orador observei nas physionomias dos ouvintes um sorriso de satisfação misturado com respeito.

«Não podendo conter minha curiosidade por mais tempo, perguntei o nome d'aquelle deputado. «E', responderam-me, Fernandes Thomaz, o rei da nossa revolução.

«Depois levantou-se um outro homem de estatura mais alta, demorado na sua elocução, mas impetuoso, vigoroso e irresistivel em suas idéas. Ouvi pronunciar o nome de Borges Carneiro. Este deputado provoca frequentemente o enthusiasmo do auditorio; seus movimentos são sempre audazes, e ajudam as paixões populares.

«O terceiro que tomou a palavra foi um padre revestido de ornamentos pontificaes, de estatura baixa, calvo e de voz fraca. A discussão versava so-

[1] *Lettres*, pag. 12.

Digitized by Google

bre um regulamento militar, e fallava a respeito d'elle desassombradamente. Perguntei a um visinho se aquelle padre, que se envolvia em assumptos militares, era um templario [1] Não, me respondeu elle surrindo-se: é Castello Branco, lente na Universidade de Coimbra, e um dos nossos maiores eruditos. Antes da revolução era membro da inquisição; actualmente consagra sua eloquencia encyclopedica á defesa da liberdade.

«Apesar de ser d'uma boa legua a distancia da cidade baixa ao palacio das côrtes, as galerias reservadas para o publico estavam cheias. Reinam alli ordinariamente a ordem e a mais perfeita tranquillidade; porém n'aquelle dia. Andrade, deputado do Brasil, tendo-se levantado para combater a opinião do orador favorito, Borges Carneiro, o povo tomando partido pelo seu tribuno, entrou a agitar-se. Este deputado conteve-o immediatamente por meio d'esta apostrophe: Deveis conter-vos aqui, dentro dos limites do respeito. Nas eleições sois reis, n'este recinto sois subditos.

«Quero contar-vos uma anecdota, que vos provará quanto os deputados portuguezes estão possuidos de sua propria dignidade. Antes da revolução estava o rei no costume de dar a mão a beijar a quantos se apresentavam na sua presença. Quando o rei entrou pela primeira vez no recinto das côrtes, Sua Magestade apresentou a mão a beijar ao primeiro que se aproximou. Este fingiu acreditar que o rei desejava encostar-se, tomou-lhe a mão, pôl-a sobre seu braço, e subiu a escadaria com o rei.

«Sou e serei sempre o cortezão dos homens illustres. [2] Não tive nenhuma difficuldade em vêr o general Sepulveda, o primeiro coronel do exercito portuguez, que a 24 de agosto de 1820 fez ouvir no Porto o grito da liberdade. É accessivel para toda a gente, e a qualquer hora do dia; é alto e esbelto; suas maneiras são simples e populares por instincto. É modesto e de cumprimentos tão frios, que o tomariam por um inglez; mas no fim de alguns minutos de conversação, sua figura se anima, suas faces tomam côr, seus olhos brilham, e reconhece-se immediatamente um habitante do meio dia. Os amigos da liberdade escolheram-n'o na cidade do Porto para primeiro actor da revolução. A natureza tinha-o dotado, para uma tão grande empresa, da prudencia necessaria, antes de pôr em execução, e da audacia e enthusiasmo na acção. Quando a regencia de Lisboa enviou as tropas, que lhe obedeciam, contra a guarnição do Porto, que avançava para a capital, Sepulveda, seguido apenas de duas ordenanças, se apresentou perante os batalhões de Lisboa, e os convidou a unirem-se aos libertadores da patria. Estas tropas, espantadas de tanto arrojo e confiança, não hesitaram um só instante em passarem para as bandeiras da liberdade.

«O general Sepulveda emprega todo o seu tempo no bem da sua patria: poderia viver n'uma casa de vidro, pois nenhuma das suas acções tem necessidade de ficar escondida. Está sempre rodeado de seus amigos. Sua conversação é constantemente interessante por causa de sua franqueza e natura-

[1] Quereria dizer cavalleiro d'alguma ordem militar?

[2] *Lettre* 9, pag. 41, 25 de maio de 1842.

Digitized by Google

jidade. Abomina o dominio que a Inglaterra pretendia exercer sobre a sua patria; porém em seu odio nunca confunde os individuos com o governo. Hontem fallando com elle ácerca dos cento e cincoenta officiaes inglezes que serviam no exercito portuguez antes da revolução, fez-me o maior elogio d'elles, sem nenhuma affectação de generosidade. No primeiro movimento occorrido no Porto, os officiaes inglezes retiraram se declarando que nem queriam, nem deviam envolver-se nos negocios internos do reino. Os portuguezes, não querendo deixar-se supplantar em generosidade, deixaram-lhes a escolha ou de ficarem no exercito com seus postos, ou de se retirarem com os soldos correspondentes. Nenhum dos officiaes inglezes aceitou posto ou pensões, alguns offereceram mesmo gratuitamente a sua espada para ajudarem os liberaes e continuaram a ter relações de amisade e de estima com o general Sepulveda.

* * *

É preciso concordar em que Portugal tem bem merecido da Europa:

«1.º Porque os portuguezes foram os primeiros a dobrar o Cabo da Boa Esperança, e a mostrarem aos navegantes um novo caminho para se dirigirem á India. [1]

«2.º Por terem sido os primeiros em 1760 a destruir a monarchia universal dos jesuitas.

«3.º Depois da desgraçada experiencia da republica franceza, foram os primeiros a adaptarem uma constituição que d'aquella mais se aproxima, e que servirá um dia de modelo a muitos governos europeus. Este reino, apesar de pigmeu, tem presenteado a humanidade com mais vantagens do que o collosso disforme da Russia, da Polonia e de todo o imperio da Austria reunidos.»

Esta obra foi traduzida em italiano com o titulo: *Tre mesi in Portugallo.* 1822.

Vejo mencionada como pertencente ao mesmo auctor a seguinte obra: *Anecdotes of the Spanish and portuguese revolutions.*

1023) **PEDRO UND INES.** *Ein Deutsches Originaltrauerspiel in versen von fünf Auszugen.* Wien, 1771.

1024) **PEEL (GEORGE).**

E.— *The battle of Alcazar fought in Barbary between Sebastian king of Portugal, and Abdelmelec king of Morocco with the death of capitaine Stuckley, as it was sundrie times plaid by the Lord high admirall his servants.* London, 1594. (A batalha de Alcaçar pelejada na Barbaria entre Sebastião, rei de Portugal, etc.

1025) **PELLICIER (JOSEPH).**

E.—*Succession de los reynos de Portugal.* Madrid, 1640.

1026) **PELSAERT.**

E.— *Journal van, etc.* (Diario da viagem do navio *Batavia* ás Indias Orientaes). Amsterdam, 1651, 4.º

[1] Carta de 29 de maio de 1822, pag. 46.

Digitized by Google

1027) **PÉNE (HENRI).**
E.— *Esquisses portugaises.*

1028) **PENINSULE (DE LA),** *faisant suite à la politique royaliste.* Paris, 1827. 8.°, folheto.

1029) **PENINSULE (LA) EN TUTELLE.** Paris, 1828, 8.° (C. M. B. I. P.)

1030) **PENINSULE (LA).** *Tableau pittoresque de l'Espagne et du Portugal par madame la duchesse d'Abrantes et M. M. Alexandre de Laborde, Charles Nedier, etc.* Paris, 1836–1837. 2 vol., 8.°

1031) **PEREZ (ANTONIO).**—Célebre ministro hespanhol.
Nasceu no anno de 1539 e falleceu no de 1611.[1]
E.—*L'art de gouverner, discours adressé à Philippe III* (1598) *publié par la primière fois en espagnol et en français par J. M. Guardia.* Paris, 1867.

«Portugal é um reino de gente vaidosa e soberba, inimiga do jugo estranho. Viveu sempre desde o principio da monarchia com soberano proprio e natural; e por isso lhe repugna estar sujeito a Castella, que lhe inspira inveja, e de quem é rival pela visinhança e pela independencia em que outr'ora estivera. Acostumados os portuguezes a tratarem o seu rei como egual, e a consagrarem-lhe amor e respeito como a pae, dir-se-hia que os deslumbra agora o esplendor de tão elevada magestade; e d'aqui provêm que a nobreza e ainda os plebeus não podem ter em vossa magestade (nem talvez fosse de rasão que tivessem) o trato e convivencia que tão estreitamente os enlaçavam com os seus soberanos naturaes...

«Demais, se já não existe a causa das guerras civis, não acabou ainda a má vontade que animou os inimigos do senhorio castelhano. Se a plebe se revoltar, não lhe faltará um chefe: é isto o que se tem presenciado em reinos que se avisinham; sendo ainda menos para admirar que succeda em Portugal, onde já alguma vez ha sido transmittida a soberania contra as proprias leis da successão. É opinião geral entre portuguezes que os traidores foram premiados e acrescentados em honras e mercês pela necessidade que d'elles houve, emquanto que dos homens leaes não se fez caso, porque os tinham-se guros. D'esta sorte se outra occasião se offerecer, bom será que se comece por desconfiar dos traidores, porque não os galardoaram...

«Se para tornarem odioso o jugo castelhano não podem allegar o excesso de encargos e tributos (argumento de grande força para os populares) é certo que em logar d'estas rasões trazem á lembrança os desastres da guerra, os prejuisos causados pelos corsarios, as perdas occasionadas pelas tempestades... que tudo isso lançam á conta da nossa responsabilidade. Singular natureza humana! Quando chegâmos a aborrecer alguem, imputâmos-lhe como delicto tudo quanto succede, ou seja natural ou por accidente! Finalmente,

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 39.° pag. 578

Digitized by Google

por qualquer lado que encaremos o assumpto, é incontestavel que os portuguezes são inimigos dos castelhanos, ou pelo menos detestam o jugo; e em se lhes offerecendo oportunidade, emquanto durar a lembrança da independencia, de bom grado mudarão de regimen.....»

1032) PEREZ (GERONIMO).

E.—*Relacion de muchos portugueses que derramaron su sangre por la fé en los reynos del Japon.* T. Compans, pag. 306.

1033) PEREZ (D. NICOLAU DIAS Y).—Socio da Academia Madrilena e auctor da *Historia de Talavera.*

E.—*Estudo sobre Camões.*

Dizem que esta obra lhe merecéra ser condecorado com o habito de Christo pelo governo portuguez. O referido escriptor, no anno de 1874 achava-se em Lisboa consultando (diziam) varios documentos dos nossos archivos, com o fim de escrever alguns livros relativos a assumptos portuguezes.

1034) PERINI (CESAR).

Nasceu em Lucca no anno de 1807.[1] Residiu por muitos annos em Portugal, até que em 1848 se retirou para Genova.

E.—I. *O Conde Andeiro*, drama historico portuguez, premiado pelo jury dramatico do Porto. Lisboa. Typographia da Academia das Bellas Artes, 1840, 4.°

II. *O Cigano*, drama em 4 actos. Lisboa. Typographia de Antonio Sebastião Coelho. 1842,

III. *O Marquez de Pombal ou vinte annos da sua administração*, drama historico em 4 actos. Lisboa. Typographia da viuva Coelho e Comp.ª, 1842

IV. *A vespera de um desafio na regencia de D. João I*, drama em 5 actos premiado pelo Conservatorio real de Lisboa. Lisboa. Typographia Rollandiana, 1848.

1035) PERPINIANI (PETRUS JOHANNES).

E.—*De vita et moribus Elisabethae Lusitaniae Beatae. Coloniae*, 1609. (Vida de Santa Isabel, rainha de Portugal.)

1036) PERREYMOND (C.)

E.—*Le Portugal devant l'Europe et le Monde, ou les traités de 1815 et la politique du travail.* Lisbonne, 1854.

1037) PERSAS (D. JOSÉ).

E.—*Memorias secretas de la princesa del Brasil, actual reyna viuda de Portugal la Señora D. Carlota Joaquina Borbon.* Bordeos, 1830.

1038) PERSIANI.—Mestre do Real Conservatorio de Napoles.

[1] *Diccionario Bibliographico*, tomo 2.°

Digitized by Google

E.—*D. Ignez de Castro*, tragedia lyrica em 3 actos. Foi esta opera representada no real theatro de S. Carlos de Lisboa em 1838.

1039) PERSONAL NARRATIVE *of adventures in the Peninsula during the late War. By an Officer of late Staff Corps Regiment of Cavalry.* (Parece tratar da guerra da Peninsula.)

1040) PETERS (GUILHERME C. H.)

E. *Reise nach Mossambique.* Berlin, 1862. (Viagem historico-nacional a Moçambique, feita por ordem de sua magestade Guilherme IV nos annos de 1842 a 1848.)

«Pelo anno de 1842, um dos filhos da universidade de Berlim, acabados os seus estudos medicos e de naturalista, recorria á muito valiosa protecção do barão de Humboldt, para que este o coadjuvasse no empenho de obter do governo prussiano o ser enviado em missão scientifica das mais arriscadas, como era a de explorar o interior [1] do vasto territorio de Moçambique. Debalde o sabio e grande explorador lhe apontou para as difficuldades de similhante empresa muito superiores ás que elle proprio debellára nas suas viagens pelas regiões montanhosas da America do Sul.

«Estas naturaes objecções da parte de seu illustre preceptor não conseguiram demover do seu firme proposito o joven doutor. Partiu com effeito de Berlim pelos fins de setembro de 1842, encarregado pelo rei Frederico Guilherme de investigar a fauna e a flora de Moçambique, segundo o desejo generoso, que mostrava. Seguiu caminho para Francfort, Hollanda e Inglaterra, onde não deixou de visitar os museus, que podiam excitar o interesse de um naturalista explorador. Chegou a Lisboa em fins de outubro, e demorou-se aqui dois mezes, sendo recebido pela melhor sociedade portugueza com a estima e consideração que a natureza da sua missão, a sua posição official, a amisade e recommendação de Humboldt lhe não podiam deixar de assegurar. E não foram poucos aqui tambem os conselhos dissuasivos que ouviu dos homens mais conhecedores da triste realidade da vida colonial n'aquellas paragens.

»A 24 de dezembro embarcou no transporte portuguez *Affonso de Albuquerque*, na pouco animadora companhia de 300 degredados.

«Um anno antes, a 17 de dezembro de 1841, um outro doutor allemão, Theodoro Vogel, membro da celebre e infelicissima expedição ingleza ao rio Niger, discipulo tambem da universidade de Berlim, e provavelmente collega de estudos do dr. Peters, succumbia victima das febres africanas, poucos mezes depois de ter inaugurado com zelo e amor inexcedivel os trabalhos scientificos da expedição. N'esta lucta arriscada contra os climas mortiferos de um e outro lado da Africa, coube a sorte feliz ao mais abandonado aos proprios recursos. O dr. Peters, isolado na sua empresa de naturalista, conseguiu mais do que o seu collega infeliz, e mais do que toda a expedição ingle-

[1] Sr. B. A. Gomes.—*Jornal das Sciencias Mathematicas, etc.*, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. 1.°, pag. 344.

Digitized by Google

za de que este fazia parte, e que, apesar de provida de abundantes recursos de todo o genero, soffreu perdas irreparaveis em vidas e capitaes, sem resultado util que satisfizesse os seus promotores.

«A 16 de março chegou a Loanda, e depois de uma demora de algumas semanas seguiu para Moçambique, onde desembarcou a 17 de junho. Quilimane, as ilhas de Zanzibar, Comoro e Anjoane foram os pontos que primeiro visitou, concluindo essas excursões preliminares de 21 de outubro a março do anno seguinte. Partiu então de novo para Quilimane com tenção de se dirigir a Sena e Tete; mas em junho sobrevieram-lhe as primeiras febres, e por tal fórma que teve de as abandonar na fragata ingleza *Cleopatra*, que alli aportára e que o levou a melhores terras para se restabelecer. Tres mezes viajou assim ou residiu no Cabo e em Madagascar, tendo a fortuna de recuperar inteiramente as forças, e de se ver apto a proseguir na sua empresa.

«Voltou para Quilimane, onde se demorou até novembro para acceder ao pedido do governador, que lhe propoz partirem ambos para o interior, o que se effectuou no dia 8 d'esse mez.

«Chegou a Tete a 9 de dezembro, e demorou-se n'este porto nove mezes, fazendo varias excursões para o noroeste, visitando as minas de oiro de Machinga, Mucanga, Monomotapa e Chidiva. Subiu o Zambeze até Chicova, e partiu em setembro de 1845 para Sena, onde permaneceu até janeiro de 1846, regressando a Quillimane n'esta data.

«O anno novo foi empregado em uma nova serie de excursões pelo litoral, particularmente para o sul. Fez primeiro a jornada de Quilimane a Boror, e reviu Moçambique dois annos depois de ter d'alli sahido. Em julho partiu para Inhambane, e d'este ponto em outubro para Lourenço Marques, onde só se demorou tres semanas, voltando no fim d'ellas para Inhambane. Logo depois seguiu para Sofala, passando ahi o resto do anno de 1846.

«A 13 de janeiro de 1847 sahiu de Sofala para regressar por Quilimane a Moçambique, onde chegou a 7 de fevereiro. Depois de uma excursão ás Querimbas, que o occuparam de 4 de abril até 25 de julho, largou finalmente a Africa Portugueza, partindo a 20 de setembro de 1847 de Moçambique para a India, onde teve occasião de visitar Goa, Damão e Bombaim, regressando ao seu paiz com cinco annos e alguns mezes de viagens incessantes.

«As collecções valiosas que assim poude obter n'uma região tão desconhecida dos naturalistas, tinham sido entretanto remettidas para a Europa, com tão boa fortuna, que de cincoenta caixotes enviados consta ter-se extraviado apenas um.

«O dr. Peters, hoje professor ordinario de zoologia na real universidade de Berlim, director do real museu zoologico e membro da Academia das Sciencias d'aquella grande capital, encontrou, de volta do seu paiz, todos os incentivos de uma brilhante sociedade scientifica e a cooperação de distinctos especialistas no estudo minucioso dos objectos que colligira.

«Logo em 1848 appareceu publicado no *Jornal da Sociedade Geographica de Berlim* um primeiro relatorio resumido de toda a viagem. Os resultados scientificos da expedição tinham já começado a ser communicados ao publico

Digitized by Google

durante a viagem, e continuaram a sel-o, logo depois d'ella concluida. Mas a sua publicação sob uma fórma definitiva só poude começar em 1852, e não estava ainda concluida, quando em 1865 tivemos a feliz occasião de rever mais uma vez o auctor, e de com elle combinar alguns meios que então se tinham em vista para o fim de tornar mais accessiveis entre nós trabalhos tão valiosos, relativos a uma das colonias portuguezas menos exploradas e conhecidas.

«O dr. Peters no prologo do 1.º volume da sua grande publicação sobre Moçambique indica summariamente as difficuldades da investigação scientifica d'este territorio, acrescentando que já tinham feito falhar diversas expedições alli mandadas para esse fim pelos governos de Portugal, assim como mallograram a primeira que os inglezes emprehenderam.

«O dr. Peters encarregou-se especialmente de toda a parte zoologica da sua obra, com excepção do entemologia, e foi auxiliado na coordenação e descripção de cerca de 110 especies de mammiferos.

«Os generos novos descriptos são sete, e as especies quarenta e oito. Vem acompanhados de quarenta e seis estampas primorosamente lythographadas ou gravadas e coloridas.

«Outro volume abrange os insectos e myriopedes, de que enumera ou descreve 774 especies pela maior parte novas, com 35 estampas.

«Os dois volumes restantes comprehendem toda a parte botanica, em que estão apontadas ou descriptas cerca de 580 especies, das quaes mais de 300 designadas como novas. O numero das taboas d'estes dois volumes é de 61.

«O 4.º volume de zoologia é consagrado aos peixes que habitam os rios caudalosos d'aquella região. Alli se acham descriptos 5 novos generos e 36 especies novas, e nas magnificas estampas que acompanham o texto veem representadas 47 especies, algumas já conhecidas anteriormente, mas quasi sempre por descripções imperfeitas que o dr. Peters tratou de completar agora por meio de desenhos fidelissimos.»

1041) **PETITJEAN** (Mr.)—Vicaire apostolique du Japon.

E.—*Dictionnaire latin-japonais, reproduit du Dictionnaire-latin-portugais-japonais, publié pour la première fois à Amacusa (Japon) en* 1595, *par les pères de la Compagnie de Jesus. Augmenté et reimprimé en* 1868 *par les soins de* —. Paris.

1042) **PHARAR ou FERRAR (ABRAHAM).**—Tinha a profissão de medico, e em 1639 era *parnassim*, ou cabeça da synagoga dos judeus portuguezes em Amsterdam.

E.—*Declaração das seiscentas e treze encommendanças da nossa santa lei, conforme a exposição de nossos sabios.* [1] Mui necessaria ao judaismo, com a taboada d'ellas, seguindo as *Parasioth;* e no fim estão annexas as *distincções das*

[1] Sr. Innocencio.—*Diccionario Bibliographico,* vol. 1.º, pag. 2. Id. vol. 8.º pag. 6. Antonio Ribeiro dos Santos — *Memorias de litteratura sagrada dos judeus portuguezes no seculo* XVII, pag. 255.

Digitized by Google

penas em que incorrem os transgressores, e outras curiosidades. Amsterdam, em casa de Paulo Aertser de Ravestein. Por despesa e industria de Abraham Pharar, judeu do desterro de Portugal. Anno 5387 (de Christo 1627).

1043) PHILALÉTHE (THEOPHILE).

E.—*Lettre consolatoire au serénissime D. Christophe, prince de Portugal, sur le facherie qu'il a des tristes nouvelles que son très chere frère ainé D. Emmanuel a quitté la Hollande, et s'est retiré à Bruxelles, par* —. Paris. 1626, 16.°

1044) PHISIOPHILUS (JOHN).

E.—*Specimens of Natural History of the various orders of monkes. Of the discovery of Madeira.*—Vem mencionada esta obra a pag. 475 do Catalogo da livraria Hookham.

1045) PICKEN (ANDREW).

E.—*Madeira illustrated by — with a description of the Island edited by dr. James Macaulay. Second édition.* London, 1842, fol. maximo.

Esta obra é dedicada a Webster Gordon, residente na Madeira, e a parte principal d'ella é uma collecção de magnificas estampas que representam:

1.ª Vista do Machico (serve de rosto á obra).—2.ª Planta topographica da ilha.—3.ª Vista da bahia do Funchal.—4.ª Vista da cidade do Funchal, tirada de S. Lazaro.—5.ª Vista do Funchal, tirada do Éste.—6.ª Camara dos Lobos.—7.ª Vista do curral.—8.ª Fosso de S. Jorge.—9.ª Vista de Penha da Agua.—9.ª O Rabaçal.

1046) PICCO (RANUCCIO).

E.—*La principesse santa overo la vita di Elisabetta reina de Portugal.*

1047) PICQUET (C.)

E.—*Carte chorographique des environs de Lisbonne. Dedié à D. Pedro de Menezes, marquis de Marialva.* Paris, 1821.

1048) PICTURE OF LISBON in 1809.

1049) PIERRE THOMAS. Sieur du Fossé et ISAAC LOUIS, maitre de Sacy.

E.—*La vie de Dom Barthelemy des Martyrs, de l'ordre de S. Dominique, tirée de son histoire écrite en espagnol et en portugais par cinq auteurs dont le prémier est le père Luiz de Grenade.* Paris, 1663.

1050) PIETER VAN BROCKE.

E.—*Voyage naer Cabo Verde, Angola, byzonderbyk naer Oostende.* Haerlem. 1634. 4.°

1051) PIETER (VAN DEN ROEK).

E.—*Itinerarium, etc.* (Itineraire ou voyage aux Indes Orientales). Amsterdam, 1648, fol.

Digitized by Google

1052) **PIGAFETA (FILIPPE).**—Viajante e historiador italiano. Nasceu en Vicencia no anno de 1533, e falleceu em 1603.[1]

E.— *Relazione del reame di Congo.* Roma, 1591. Veneza, 1728. Vidè *Ramusio.*

1053) **PISANO (MATHEUS DE).**

E.—*Incipiunt gesta illustrissimi regis Johannis de Bello Septensi acta per reverendum Matthæum de Pisano, artium magistrum poetamque laureatum.*

Vem publicada esta obra no 1.º vol. da *Collecção de livros ineditos da Historia Portugueza*, publicados pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, e precedida de uma introducção pelo abbade Corrêa da Serra, na qual nos diz: «Que o auctor é pouco conhecido, sabendo-se, porêm, com certeza pelo chronista Gomes Eannes de Azurara ter sido mestre do rei D. Affonso V, julgando-se com algum fundamento ter sido filho de Christina de Pisana, mulher famosa pela sua sabedoria no seculo XV, auctora de varias obras então muito celebradas, e que serviram de assumpto a algumas Memorias dos academicos Boivin e Sallier: sendo o estylo do historiador superior ao dos latinistas d'aquelle seculo, e conhecendo-se-lhe vontade de imitar Sallustio.»

O codice, que serviu para esta impressão, pertencia ao marquez de Penalva, e era authentico.

1054) **PISONIS (GUILLIELMI).**—Naturalista hollandez, que vivia na primeira metade do seculo XVII.[2]

E.—*Historia naturalis Brasiliae. Lugduni Batavorum*, 1648.

1055) **PITAVAL (GUYOT DE).**

E.—*Recueil des causes celebres.*

Acha-se n'esta collecção na integra o celebre processo contra os criminosos que junto da Memoria, na freguezia de Belem, attentaram contra a vida de el-rei D. Joseph.

1056) **PITHOU (PIERRE).**

E.—*De l'origine des roys de Portugal yssus en ligne masculine de la maison de France.* Paris, 1610.

1057) **PLACET, VAND HO: MO**: *Heeren Staten Generael raekende de navigatie ende commercie op de havenen van Portugael ende specialijck het Verboth van toevoet van Waren van contrebande aende subjecten van't selve Rijck. In's Graven-Hage*, 1657, seis folhas.

1058) **PLAINTE DE L'UNIGENITUS** *à la Societé, sa mère, au sujet de son désastre en Portugal.* 12.º, folheto. Sem data, nem logar de impressão. (C. M. B. I. P.)

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 40.º, pag. 120.
[2] Idem, idem, pag. 338.

Digitized by Google

1059) **PLAYFAIR** (Mr.)

«João Manuel d'Aboim, achando se em França, emprehendeu e executou uma traducção em francez dos *Principios Mathematicos* de José Anastacio da Cunha.

Consta-nos[1] que ella fez grande sensação em França, e chegando a Inglaterra prometteu Mr. Playfair, bem conhecido entre os mathematicos inglezes, fazer a revisão e censura d'ella no *Journal de Edimburgo.*

CENSURA DOS REDACTORES DO EDIMBURG REWIEW AOS PRINCIPIOS MATHEMATICOS DE JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA, NOVEMBRO, 1822.

«Esta é a primeira obra scientifica de Portugal que nos tem chegado á mão, e nós estimamos achal-a tal, que não faria descredito aos paizes mais famosos por seus conhecimentos philosophicos. O auctor era natural de Lisboa, e foi professor de mathematicas na universidade de Coimbra.....

«A presente obra é um tratado elementar sobre os differentes ramos de mathematicas puras desde os axiomas de geometria até os problemas de calculo integral, e é inquestionavel que o comprehender tudo isto em 299 paginas de de 8.° era uma empreza de mui consideravel difficuldade. A execução, bem que sujeita a algumas objecções, no todo é altamente digna de recommendação, e este livro fórma um tratado mui util e conciso de estudos mathematicos. E o estudo d'esta obra seria um exercicio mui util para o mestre e para o discipulo.

«Em toda esta obra se vê que o auctor empregou a mais rigorosa logica; mas para conseguir seu objecto elle substituiu em muitos cásos, mesmo em algebra (o que nós consideramos como não pequeno sacrificio) o methodo synthetico ao methodo analytico de raciocinar. É sómente pelo exercicio e emprego d'este ultimo que as potencias inventoras se desenvolvem e exercem, e que tanto a rasão como a imaginação se acostumam ao penoso caminho das descobertas, de maneira que só a mais urgente necessidade poderia induzir um auctor a separar-se d'este methodo.

«A maneira de tratar das linhas parallelas tem sido mui varia entre os escriptores de tratados elementares, e difficultosamente n'algum caso tem sido exempta de objecções. O axioma em que Cunha funda a doutrina das linhas parallelas é o mesmo que o de Euclides; comtudo elle fez um consideravel melhoramento na maneira de deduzir as propriedades d'estas linhas. Pag. 539.

«Cunha demonstra as propriedades das parallelas, sem a proposição subsidiaria que Euclides foi obrigado a ir buscar fóra do seu caminho, em ordem a poder demonstral-as. É esta uma circumstancia no primeiro livro que nos parece mui digna de mencionar-se, e é sem duvida um consideravel melhoramento na geometria elementar.

«O terceiro livro trata da proporção; e como qualquer tentativa para unir claresa e precisão no modo de considerar este objecto merece attenção, o me-

[1] *Investigador Portuguez em Inglaterra*, vol. 5.°, pag. 535.

Digitized by Google

thodo do nosso auctor é digno de saber-se e mencionar-se. E a definição que serve de fundamento a este objecto parece-nos ter um grande merecimento, porque enuncia a mesma idéa que a definição de Euclides n'uma fórma muito mais simples.

«A doutrina da proporção derivada d'estas definições contém-se em onze proposições que nos parece são logicamente demonstradas, rigorosamente deduzidas, e com mui grande simplicidade.

«As proposições elementares aqui deduzidas são principalmente relativas á inversão, alternação e outros differentes modos de arranjar as mesmas series de quantidades proporcionaes, e nós julgamos que nosso auctor se desembaraçou, e venceu as difficuldades do seu objecto, que são por certo mui consideraveis, com grande saber e successo.

«A extracção das raizes faz o objecto das proposições 20 e 21. Esta materia é tratada com notavel brevidade e claresa, e nós não nos lembramos de ter visto o principio e pratica do methodo mais breve e claramente explicados em algum tratado elementar qualquer. N'estes pontos, que não são de pequena importancia, julgamos que o auctor portuguez difficultosamente póde ser excedido. Pag. 542.

«O decimo livro trata das raizes das equações, de que o auctor dá uma idéa mui distincta e exacta, livre de muitas difficuldades que se encontram n'esta parte da algebra.

«No methodo das fluxões encontra-se uma demonstração que tem merecimento. A prova é satisfatoria, e nós a julgamos nova. Pag. 545.

«O livro vigesimo contém a doutrina das differenças finitas, que é tratada quanto a nós mui claramente e de uma maneira que póde ser verdadeiramente util.

«Ainda que temos estabelecido algumas objecções a esta obra, admittimos que ella tem no todo um grande merecimento e póde ser muito util a duas classes de leitores: 1.ª aos estudantes que ouvem as prelecções de um mestre a quem este livro serve como de texto; 2.º áquelles que já iam instruidos nas sciencias mathematicas; mas que desejam ter á mão um compendio portatil, para se recordarem d'aquellas formulas e demonstrações, de que podem ter-se esquecido. A obra a que esta que temos presente póde mais facilmente comparar-se é o *Tratado elementar* do abbade La Caile, obra egualmente comprehensiva e difficultosamente menos concisa. O auctor francez não apresenta tanta originalidade de methodo como o mathematico portuguez, e a este respeito a obra d'este é talvez mais util. Em clareza aquella excede muito a esta, e é, quanto a nós, o melhor compendio de sciencia mathematica no mesmo tamanho que se tem dado ao mundo. Ser segundo ao tratado de La Caille equivale a um alto louvor; e nós temos grande prazer e gosto em render este elogio á producção de um paiz, que até agora não tem concorrido muito para o melhoramento actual das sciencias.»

1060) POINCTEN VAN CONSIDERATIE, *rackende de Vrede met Portugal 't Amsterdam*, 1648, 8 pag. (M. S.)

Digitized by Google

1061) POLICY *of England towards Spain. Sequel to in Answer to the Earl of Carnarvon's Portugal and Galicia.* London, 1837.

1062) POLITIQUE *de l'Espagne envers le Portugal, et l'appuy qu'elle trouve dans les torys en Angleterre.* Lyon, 1831. 8.° Paris, 1832.

1063) PORCHESTER (Lord).

E.—I. *The last days of the portuguese Constitution, by —.* London. 1830. 4.°, 110 pag.

O auctor mostra muito por miudo o estado em que se achava o reino de Portugal, e demonstra como os fidalgos, clero, companhia dos vinhos do Douro, lentes da universidade e pessoas d'outras jerarchias eram em geral hostis á constituição que feria os interesses dos individuos que compunham estas classes. Mostra-se egualmente partidario de *D.* Miguel, e queixa-se da politica seguida pelo governo inglez.

II. *Don Pedro. A tragedy.* London, 1828.

1064) PORTALUPI (NAPOLEONE).

Escreveu na lingua italiana, ha pouco tempo, uma *Collecção de biographias de escriptores portuguezes e hespanhoes*, obra que ainda não vi.

1065) PORTE (Abbé JOSEPH DE LA). —Critico e litterato francez. Nasceu em Béfort no anno de 1713, e falleceu em Paris no de 1779.

E.—*Le voyageur français ou connaissance de l'ancien et du nouveau monde.* Paris, 1765 a 1795, 42 vol., 12.° (Recopilação extrahida em fórma de cartas de todas as viagens conhecidas).

O tomo 15.°, impresso em 1773, é o destinado a tratar de Portugal, e corre a descripção desde pag. 242 até 503. Principia a narração por esta historieta:

«Antes de chegarmos a Lisboa, vimos á esquerda a pequena villa de Cascaes, capital do marquezado d'este nome, pertencente a senhores, que segundo se diz, descendem de um antigo rei de Castella.

«É costume quando se celebra um auto de fé acompanharem os principaes senhores na qualidade de officiaes do Santo Officio á fogueira as desgraçadas victimas d'este horrivel tribunal. Conservam-se no meio d'ellas em quanto os frades as enchem de exhortações e de resas. Antes de irem para o supplicio conduzem-n'as para a egreja dos dominicanos, e alli, em presença do povo, se lhes lê em voz alta a confissão que lhes obrigaram a fazer de seus crimes. Aconteceu que um judeu muito rico que tinha uma casa de campo na visinhança do marquez de Cascaes, foi encerrado na Inquisição. Este senhor vivia intimamente com seu visinho, fazia grande caso de certos figos que nasciam profusamente no quintal d'este judeu. E mandava-lhe todas as manhãs um cabaz cheio, o qual não servia senão para este uso. Porém como o odio d'este povo contra os christãos não tem limites, este miseravel tinha a insolencia e a malicia de fazer passar cada um d'estes figos pelo sitio do seu cor-

Digitized by Google

po o mais deshonesto e immundo. Trahido por seu proprio criado, confessou o caso, o qual foi publicamente lido no processo. O marquez, que conforme o costume acompanhava o culpado, ouviu esta confissão, e dando uma cotovellada no judeu, lhe disse encolerisado: «Infame, é verdade que me praticavas esta acção infame?—Sim, senhor, respondeu o criminoso, e como v. ex.ª tinha achado boa a primeira remessa embalsamada, com este perfume, continuei a segunda a seu gosto. Os figos do marquez de Cascaes passaram em proverbio, e diz-se que este senhor morrêra de vergonha e de pesar.[1]

1066) PORTER (Miss ANNA MARIA).

E.—*Don Sebastian or the house of Braganza, an historical romance.* Langeau, 1809. 4 vol.

Este romance foi vertido em francez com o seguinte titulo: *Don Sebastien roi de Portugal; roman historique de Miss Anna Maria Porter, traduit de l'anglais.* Paris, 1820. 3 vol.

1067) PORTUGAL *and Gallicia, with a review of the social and political State of the Basque Provinces, and a few remarks on recent events in Spain. In two volumes.* London. John Murray, Albemarde-Street, 1836. 8.º, 1.º vol. 344 pag., e o 2.º 463.— Ha uma outra edição impressa n'um só volume, em Londres, 1861.

Se bem que esta obra foi publicada anonyma, todavia pelo catalogo da livraria Hookhom vê-se que seu auctor foi o conde de Carnarvon.[2]

O auctor embarcou em Portsmouth a 28 de julho de 1827 no vapor *Duke of York.* Ao chegar a Lisboa, seis dias depois, foi hospedar-se n'uma especie de hospedaria ingleza, que então havia na cidade. Creio mesmo que esta capital n'aquelle tempo não tinha uma hospedaria que podesse offerecer conveniente abrigo aos estrangeiros de classe elevada, que procuravam a nossa cidade. «A entrada do Tejo é bella:[3] d'um lado a praia está cheia de palacios; da outra as collinas, ainda que não mui elevadas ou variadas, possuem elevação sufficiente para darem realce á scena. Á medida que iamos subindo pelo rio, a belleza da vista crescia. O nobre, mas não acabado palacio da Ajuda, coroava o topo d'uma elevação, e então toda a cidade de Lisboa construida sobre seus sete ladeirentos montes, e pendurados sobre o Tejo, gradualmente se revelava: e seus palacios e conventos espalhados com jardins viam-se erguer uns por cima dos outros, e do rio apresentavam a prespectiva mais magestosa.

«A vista de minhas janellas estendia-se sobre Lisboa, sobre o rio com suas numerosas embarcações, e milhares de velas latinas deslisando sobre sua superficie, e agora illuminado pelos ultimos raios do sol pondo-se. Poucos objectos ferem o espectador com maior admiração do que estas velas peculiares, que são delicadamente bellas quando vistas de perfil; e quando observadas de

[1] Abbé de la Porte.—*Lettre* 186, pag. 244.

[2] *Hookham's Catalogue of English Library*, pag. 131.

[3] *Portugal and Gallicia*, pag. 4

Digitized by Google

frente assimilham-se a uma borboleta pousada n'um logar escuro com as azas abertas. Pouco depois appareceu a lua, e nós girámos pela cidade com uma luz especialmente favoravel para cada objecto natural ou artificial.

* * *

«Cheguei á pequena villa de Alcobaça, e parei n'uma estalagem melhor fornecida de abelhões, do que de comidas. Fui depois ao mosteiro, e enviei uma carta de apresentação. Um frade de maneiras commedidas e agradaveis me recebeu cortezmente, e levou-me por soberbos claustros que cercam um outro cheio de laranjeiras. Tornou-se evidente logo desde minha primeira apresentação a estes frades, que elles eram muito superiores á maior parte dos de sua ordem, impressão plenamente confirmada pelo conhecimento posterior, porquanto possuiam aquella cortezia e distincção de maneiras que só podem ser dadas pelo nascimento ou longo uso da boa sociedade. E eu posso dizer que [1] as denegridas accusações tantas vezes feitas pelos viajantes contra os frades e ordens monasticas proveem, com uma singular graça, do pouco gosto de homens que, andando de jornada por um paiz agreste, e privados das commodidades usuaes da vida, aproveitam-se com franqueza de sua generosa hospitalidade, e recompensam-lhe depois o beneficio com asserções que a verdade e justiça não confirmam, e as quaes a gratidão e sensatez deviam moderar.

Quaesquer que sejam os remotos effeitos da suppressão dos conventos mais ricos em Hespanha e Portugal, ainda no despresado estado de agricultura dominante em tão vasta extensão da Peninsula, sua existencia foi uma felicidade, e sua abolição é, segundo creio, um mal positivo para o estado. Os frades foram muitas vezes os unicos proprietarios residentes n'uma terra abandonada por seus naturaes proprietarios; e sua benefica influencia foi visivel no aperfeiçoamento de suas propriedades, e no augmento do bem-estar da população circumvisinha, pois empregavam no amanho de suas propriedades grandes capitaes e intelligencia, empregavam em grande escala a industria do lavrador, e recompensavam-n'o liberalmente: suas terras eram em geral as melhor cultivadas do reino, e a repentina e mal pensada abolição dos conventos por muitos annos ha de destruir, antes que promover, os interesses da agricultura.

«A livraria é uma sumptuosa sala, elegantemente decorada, bem proporcionada, e abundante em obras uteis. Mostraram-me os frades uma edição magnifica da *Iliada*, que lhes fôra dada de presente por mr. Canning, e uma esplendida copia dos *Lusiadas*, presente de lady Bute.

«A recente secularisação do convento d'Alcobaça, um dos monumentos mais sumptuosos do reino, foi ao mesmo tempo um insulto aos preconceitos religiosos do povo, e desagradavel ao gosto dos portuguezes modernos.

* * *

«Dirigi-me para o Bussaco com o fim de ver o memoravel campo de bata-

[1] Vol. 1.°, pag. 31.

Digitized by Google

lha. Depois de caminhar debaixo de um sol intoleravel, cheguei ao mosteiro. Bati por muito tempo á porta do porteiro do convento, antes que ella me fosse aberta, e minha primeira recepção foi bastantemente desagradavel, observando-me o porteiro que visitas eram inconvenientes n'uma tal hora. Eu estava tão incommodado por causa do calor, que mal me podia sustentar a cavallo, e não estava por conseguinte disposto a ser facilmente afugentado, por isso compellindo o reluctante criado a informar o prior de minha chegada, e seguindo-o vagarosamente por entre uma linda floresta de carvalhos e pinheiros, cheguei ao convento, completamente occulto entre a floresta. O prior recebeu-me cortezmente, e poz diante de mim vinho e peixe salgado, dizendo sentir não me poder offerecer melhor comida, por ser a carne rigorosamente prohibida pelos estatutos do convento. Acompanhou-me depois para minha cella, onde me deitei na cama, muito feliz por gosar um intervallo de descanço. Estes dormitorios fradescos são bem gratos para o viajante fatigado, por causa de sua frescura, perfeita limpesa, e total ausencia dos cannibaes alados e trepantes que infestam as hospedarias.

«Quando o frade me levou em volta do convento, fiquei surprehendido do inquebrantavel silencio, que invadia o logar, silencio que parecia antes indicar mansão de mortos, que a social habitação de frades. Este profundo silencio era apenas interrompido pelo ecco de nossos passos, e pelo som da voz baixa de meu conductor.

«Quando montei meu cavallo, os ultimos raios do sol estavam escondendo-se, e as arvores da matta descreviam suas compridas sombras sobre o terreno. Uma cruz, emblema da paz, estava erguida sobre um pedestal diante da porta, a bellesa e solidão do sitio pareciam tel-o apropriado como peregrinamente para o goso da pacifica felicidade, mas a errada piedade do homem o roubou d'aquelles prazeres moderados, os quaes a natureza tinha tão prodigamente concedido para seu gôso. O carvalho e o feto traziam-me ao pensamento aquelles profundos bosques de Inglaterra, e o magestoso cypreste portuguez com seus ramos ondeantes adornavam a scena com um caracter de graça oriental: todavia, mesmo n'uma tarde tão serena e celestial não era permittido aos frades passeiarem debaixo da sombra das arvores da floresta: tão activos e engenhosos foram os fundadores d'este mosteiro em inventarem meios de augmentar as privações de seus moradores, como se o curso commum das paixões e tribulações humanas não fizessem o calix, de que todos devem beber, sufficiente amargo, sem preverter os mais simples dictames do senso commum para o tornarem ainda mais intragavel.

«Depois de deixar o convento passei algum tempo examinando as posições occupadas pelos exercitos. Bussaco conta-nos sua propria historia, pois o ingreme e especial caracter do terreno habilita o viajante a acompanhar sem difficuldade a historia d'aquelle dia repleto de peripecias.

«A influencia dos frades é exercida principalmente sobre as classes agricolas, e nenhuma raça mais bella de homens existe em nenhuma parte do globo, do que as classes agricultoras de Hespanha e de Portugal. Se é verdadeira esta these, que não posso crer seja negada por aquelles que tiverem viajado bas-

Digitized by Google

tante por aquelles paizes, como poderá ser asseverado que a influencia dos conventos tem sido em summa contraria ao bem estar do povo? Os preconceitos protestantes do publico religioso da Grã-Bretanha naturalmente indisposto contra os estabelecimentos monasticos, teem formado uma estranha alliança n'este ponto com a parte infiel do mundo catholico, o qual é unanimemente hostil á sua continuação, e tem assim encaminhado o espirito dos inglezes para um erro grande e geral.

* * *

O auctor dirigiu-se depois á Galliza com o fim de estudar as antiguidades e bellezas d'esta provincia, pouco conhecida então dos inglezes, mas suspeito de espião dos constitucionaes foi preso, e soffreu bastantes incommodos. Por informações dadas a seu respeito pelo consul inglez, foi solto, mas mandado sahir immediatamente da Hespanha. «Finalmente embarcámos no Minho, um bello rio, e dissemos um final adeus á Hespanha, cognominada romantica, paiz sempre envolvido nas tempestades das dissensões civis. Eu desembarquei na praia de Portugal, e respirei livremente.

«A peregrina bellesa do paiz entre Tuy e Ponte de Lima zomba de qualquer descripção. Eu ia a cavallo, por montes cobertos de sobreiros e oliveiras, sobre outeirinhos nus, e em parte revestidos de pittorescos grupos[1] de castanheiros, rivalisando com as mais ricas bellezas dos jardins, e atravez de campos da mais deliciosa verdura, entrecortada por correntes de limpida agua, e sombreada por antigos carvalhos. Aqui tambem a nogueira cresceu profusamente, com cuja folhagem a da nogueira ingleza não póde rivalisar mesmo no meiado de novembro. A rara união de arvores e arbustos pertencentes a diversos climas, e crescendo uns ao lado dos outros, é a mais admiravel feição d'este paraiso terrestre. Póde-se dizer que o norte e sul dão aqui as mãos em termos amigaveis, porque o milho, o escuro sobreiro, a verde larangeira e a luxuriante videira, completamente perfeitas d'um deslumbrante vermelho foram misturadas com o carvalho, olmo, e a robusta vegetação do mundo do Norte. Finalmente cheguei a Ponte de Lima, e andei vagabundo ao longo das margens do delicioso Cavado. Julgo que nunca fiquei tão absorto por uma scena tão maviosa como quando vi o sol esconder-se gloriosamente por detraz d'uma ingreme serra, então revestida da mais viva purpura, e illuminar com seus ultimos raios muitas pacificas e pittorescas casinhas construidas de sobreiro e cobertas de giesteiras. De Lima continuei para Braga, por entre o mesmo lindo paiz e detestaveis estradas, ao passo que as sebes, altas e cobertas de flores silvestres, me traziam ao pensamento os caminhos perto de Dawlish n'um dia de primavera; pouco mais adiante eram numerosos os pinheiros misturados com urzes vermelhos carregados de flôr.

* * *

«Depois de chegar a Braga fui visitar o convento de Tibães, edificio espaçoso construido no meio de um encantador jardim. A verdura era maravilho-

[1] *Portugal and Gallicia*, vol. 1 °, pag. 252.

Digitized by Google

samente rica: as roseiras na plenitude de sua flôr, e todo o campo observado das janellas do convento, assimilhavam-se a extensos jardins de recreio. Este mosteiro encerra alguns quadros de consideravel merecimento. Diz-se que dois são trabalho de Rubens, e pouca duvida lhe ponho de que um, pelo menos, seja original. Ha tambem um de Raphael, e alguns outros chamados italianos, os quaes podem, segundo creio, ser attribuidos indubitavelmente á escola de Bolonha. Ha ainda dois paineis representando D. Ignez de Castro, que parecem antigos. [1] Tanto os habitantes de Traz os-Montes como os do Minho, são tenazmente affeiçoados a seu nativo solo: o povo do Minho sustenta a miudo que nem o resto de Portugal, nem parte alguma conhecida do globo podem emular em belleza com seus valles, e que um tal céo é que possue apenas do tal encanto.»

Vê-se pois que nem todos os escriptores inglezes são inimigos das ordens religiosas. Porém o mais curioso d'estes dois livros está nas minuciosas noticias, que nos dá da guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel, para com os quaes o auctor se mostra imparcial, e das pessoas que figuraram n'aquella calamitosa época, olhando em todas as suas viagens com o maior cuidado para a botanica d'este paiz, e fazendo os maiores elogios á hospitalidade portugueza, não obstante ter sua vida corrido grande perigo por occasião da revolta de Evora em favor de D. Miguel.

1068) **PORTUGAL**, *being some account of Lisbon and its environs and of a tour in the Alemtejo from a Journal kept by a lady during three years actual residence.* London, 8.°. 275 pag. com algumas estampas.

1069) **PORTUGAL ET PRUSSE**. *Traité du commerce et de navigation de 20 février 1844 entre le Portugal et la Prusse.* Paris, 1845. 8.°, folheto.

1070) **PORTUGAL** *in* 1872. *Constitutional life of the latin race. An essay published in january* 1873 *in the Diplomatique Memorial of Paris presented by the translator to the Portuguese Bond-Holders.* Lisbon. National Printing Office. 4.°, 40 pag.

«Temos presente a nosso espirito um paiz de segunda ordem, o qual mui raras vezes occupa a attenção da imprensa politica da Europa; um paiz que é completamente extranho ás grandes questões europeas internacionaes, mas cuja existencia politica, economica e social deve interessar no mais alto grau todos aquelles que estudam a historia da civilisação da época.

«Depois de dois seculos e meio de decadencia, depois de um periodo de revoluções, guerra civil e commoções publicas, que na realidade só terminaram em 1854, Portugal entra arrojadamente no curso regular da vida constitucional, reforma a sua legislação, organisa as suas finanças, construe estradas, abre escolas, decreta a abolição dos bens de mão-morta, funda estabeleci-

[1] O auctor continua a fazer por algumas paginas os mais bellos elogios á provincia do Minho.

Digitized by Google

mentos de credito, supprime monopolios e attinge um grau de civilisação e prosperidade indubitavelmente inferior a muitas outras nações que o precederam muitos annos na carreira do progresso, mas apesar d'isso mesmo extraordinario e digno de observação, se tomarmos em consideração seu recente estado de decadencia e abatimento. E ainda é mais para notar que tendo ha pouco atravessado uma terrivel crise financeira resultante das enormes sommas dispendidas nos melhoramentos publicos, o paiz dentro de poucos annos sahiu d'estes apuros, sem recorrer áquelles meios violentos e reprehensiveis, que outros estados maiores, mais ricos e com pretensões a mais civilisados não hesitaram empregar em circumstancias identicas.

«Durante esta crise, quando se viram obrigados com o fim de pagar letras e satisfazer aos encargos, a tomarem dinheiro emprestado de dezesete a vinte por cento ao mez; com um enorme *deficit*, e uma muito mais importante divida fluctuante, o governo portuguez não suspendeu ou adiou por um só dia o pagamento a seus empregados, ou os juros da divida, nem recorreu ao papel-moeda, ou deu um curso forçado a qualquer especie de papeis ou de credito. No decurso d'alguns annos o *deficit* quasi desappareceu, a divida fluctuante foi muito reduzida, os fundos publicos foram-se elevando gradualmente ás suas cotações anteriores, e isto conseguiu-se reduzindo as despezas e augmentando os tributos, entre os quaes não existe um só monopolio ou algum tributo sobre a moagem de trigo, nem sobre o sal, nem algum imposto sobre as materias primas de qualquer industria, nem mesmo tributo sobre a transmissão directa da propriedade para os descendentes. A explicação d'es tes factos deve ser achada indubitavelmente na historia da nação, nas suas tradições, costumes e caracter.

«Ninguem ignora a parte, que Portugal toma na historia da civilisação pelo fim da edade media. Emquanto outros estados da Peninsula, como Castella e Aragão entravam mais ou menos no movimento europeu, Portugal consolidando sua independencia pela famosa victoria de Aljubarrota; separado por aquelles dois estados rivaes do resto da Europa, dirigira sua actividade, abrindo novos caminhos para o unico lado, que lhe estava aberto, o grande Oceano Atlantico, os mares nunca d'antes navegados, conforme a pittoresca expressão de Camões.

«No começo do seculo XV, o infante D. Henrique, que adoptou para sua divisa o mote francez: *Talent de bien faire*, e que fundou a escola nautica e o observatorio de Sagres no Cabo de S. Vicente, na extremidade da Peninsula e da Europa; seus discipulos, os navegadores Tristão Vaz, Perestrello, Zarco, Gil Annes e tantos outros começaram esta continuada serie de viagens maritimas e explorações que terminaram antes do fim d'aquelle seculo pelas duas grandes descobertas do caminho por mar para a India, e para o Novo Mundo. Inquestionavelmente nem Vasco da Gama teria dobrado o Cabo da Boa Esperança, nem Christovão Colombo teria descoberto a America sem os estudos preparatorios da escola de Sagres, sem os trabalhos do infante D. Henrique, e sem os padrões erigidos pelos primeiros navegadores no grande caminho do Oceano, pela descoberta de Porto Santo, Madeira, Açores, costa d'Africa, além

Digitized by Google

do Bojador e do archipelago de Cabo Verde. Em menos de um seculo Portugal conquistou 4:500 leguas de costa, tomou Ormuz na entrada do golfo persico, e Sacotora na boca do mar Vermelho, fechando assim contra os musulmanos e contra Veneza os antigos caminhos para o Indostão e para Indo China, e convertendo em seu proveito um commercio, que fôra estabelecido por mais de vinte seculos. Affonso de Albuquerque foi tão longe, que concebeu o projecto de fazer cahir o Nilo superior no mar Vermelho, com o fim de obstar a que o commercio seguisse o caminho anterior.

«A iniciativa das descobertas e trabalhos geographicos dos portuguezes abrem ás outras nações da Europa a estrada dos mares e dos caminhos desconhecidos. Tinha sido descoberta a arte da imprensa. Era o alvor da renascença e da reforma. Entramos já na historia moderna. Então depois de um periodo de gloria brilhante e rapida, começou para Portugal uma época de decadencia, que estava destinada a ser de mui longa duração. Carlos v e Philippe II dominam a Europa. Portugal não póde resistir: seu proprio governo desapparece por sessenta annos debaixo do jugo de Castella, periodo que, depois da restauração e independencia, os historiadores comparam ao captiveiro de Babylonia. Privado de sua liberdade, despojado de suas frotas e de seu predominio, o paiz de Vasco da Gama e de Affonso de Albuquerque contempla as outras nações da Europa vorazes e ambiciosas cahirem, como sobre uma facil presa, sobre suas vastas e remotas possessões na America, Africa e Asia.

«Em 1640, quando Portugal despedaçou o jugo dos hespanhoes e collocou sobre o throno a patriotica dynastia de Bragança, a ruina de seu antigo dominio estava consummada, e sua decadencia continuou por dois seculos, decadencia apenas interrompida pelos admiraveis esforços do grande marquez de Pombal. Comtudo, no seculo XIX, no tempo da resistencia aos exercitos francezes de Junot e Massena, os soldados portuguezes commandados pelo duque de Wellington provaram que debaixo da apparencia de uma nação decahida e moribunda havia um povo cheio de patriotismo, uma nacionalidade repleta de vida.

«Em 1820 Portugal faz uma revolução da maneira mais pacifica, o segredo da qual elle só conhece em taes circumstancias: proclama os principios de liberdade e egualdade politica, despede por um modo cortez e amigavel a regencia presidida por um general inglez que governava em nome do rei de Portugal, o qual tinha removido a séde do governo para o Brasil.....»

* * *

«Em 1851 não havia um só kilometro de boa estrada, exceptuando o caminho de ferro, nenhuma linha regular de vapores entre a metropole e suas ilhas e colonias. Os portos estavam obstruidos: havia uma completa carencia de pontes sobre seus numerosos rios e correntes, á excepção d'aquellas que tinham sido construidas em épocas remotas. O commercio estava n'um estado de estagnação por causa da falta de communicações; só havia dois estabelecimentos de credito, um em Lisboa e o outro no Porto. O correio sahia tres ve-

Digitized by Google

zes por semana de Lisboa, e as cartas eram transportadas em mulas. Jornadas da capital ás extremidades do reino eram mais demoradas e dispendiosas do que atravez da Europa, de Paris a S. Petersbourg: tal o estado em que um viajante contemplava Portugal em 1851.[1]

«Vinte e dois annos se passaram, e que transformação! 3:500 kilometros de estradas, continuando ainda a construcção em todas as partes do paiz. 715 kilometros de vias ferreas já em circulação. 131 mais ha pouco acabados de completar; e duas novas linhas agora começadas: mais de 200 pontes sobre os rios e ribeiros. 3:000 kilometros de telegrapho electrico, caminhos americanos e pelo systema de Larmanjat, aperfeiçoamentos nos portos do mar, creação e subvenção das linhas regulares de vapores de Lisboa para o Algarve, Açores, Madeira e colonias de Africa Occidental, construcção de alguns monumentos em honra dos grandes homens, e em commemoração de factos notaveis da historia antiga e contemporanea do paiz: taes são as mais importantes obras materiaes executadas n'estes vinte annos.»

1071) **PORTUGAL (LE)** *avant et après* 1846. Paris.

1072) **PORTUGALLIÆ**, *sive de regis Portugalliæ regnis et opibus commentarius.* Lugduni Batavorum, 1741. (Commentarios ácerca dos reinos e riquezas de Portugal.)

1073) **PORTUGAL**, *or the young travellers being some account of Lisbon and its environs, and of a tour in the Alemtejo.* London, 1830.

1074) **PORTUGAL RESTORED**, *or considérations on the successful struggle for the reestablishment of the constitutional system in that Country by the liberating army in* 1834, 8.°, folheto.

1075) **PORTUGAL.** *Traité d'amitié, de commerce et de navigation entre S. M. la reine de Portugal et des Algarves et S. M. le sultan, empereur des ottomans, signé à Londres le* 20 *mars*, 1843. Paris, 1844. 8.°, folheto.

1076) **PRADO (D. JACINTO DE AGUILAR Y).**

Escreveu uma relação da tomada da Bahia pelos hollandezes, obra que foi impressa em Cadix, Sevilha, Pamplona e Napoles, e da qual falla o sr. Varnhagen na sua *Historia das lutas com os Hollandezes no Brasil em* 1624 a 1654, pag. xxxi.

1077) **PRATI (G.)**

E.—*Amadeu VI di Savoia ossia il conte Verde. Conto Storico, fol.* Torino. Typografia esedi Bota. 1862. Poema dedicado a D. Maria Pia de Portugal.

[1] Quanto o viajante diz é pura verdade, e não faltando a ella podia carregar o quadro ainda um pouco mais.

Digitized by Google

Principia por uma ode dedicada á rainha de Portugal, começando da seguinte fórma:

Or che il celeste dono
Della tu man Tu fai,
E invidiata al trono
Di Lusitania vai,
Non par che al ceppo il Sole
Chiami i dispersi palmati
Di Lavinia prole.....

E o poema começa da seguinte maneira:

Oggi la violeta
A piè della sabauda alpe vapora,
E all' arduo sasso in vetta
Il solingo pastor canta l'aurora,
E fu gia tempo, che un garzon gentile,
Colla muta superba,
Pestó nel mattutino unido aprile
I fior selvaggi e l'herba
Su pel netio dirupo
La cavriola e l'aquila cacciando.

1078) **PRAT (P.)**

E.—*Histoire du bienheureux Jean de Brito, de la Compagnie de Jesus, missionaire du Maduré et martyr de la foi, composée sur les documents authentiques.* Paris, 1853.

«Á época a que nos encaminha nossa narração (os ultimos annos do seculo XVII) as missões dos jesuitas dividiam-se em duas provincias: a de Gôa e a do Malabar. A primeira comprehendia as missões de Maissour, Agra, Mogol, Thibet. A segunda abrangia as missões de Ceilão, Meliapor, Bisnagar, Golconda, Bengala, Maduré, Travancor, Zamorim, e finalmente a christandade de S. Thomé. Cada provincia era governada por um superior, de quem dependiam os superiores respectivos das missões, cada missão dividia-se em varios districtos confiados a outros tantos superiores dependentes do da missão. Mas todos obedeciam á jurisdicção dos arcebispos e bispos de Gôa, de Cranganor, de Cochim, de Meliapor ou de S. Thomé.»

1079) **PREFUMO (ANTONIO).**—Julga-se ser italiano, mas residiu por muitos annos em Lisboa, onde falleceu em 1857.

E.—I. *Grammatica da Lingua Italiana para os Portuguezes.* Lisboa, 1827. 4.°, 2.ª edição augmentada e corrigida pelo auctor. Lisboa, 1840.

II. *Diccionario Italiano e Portuguez, extrahido dos melhores Lexicographos antigos e modernos, contendo phrases italianas mais escolhidas e particularmente as que dão a conhecer a regencia dos verbos.* Lisboa. Typographia de Antonio José da Rocha. 1156 pag.

Digitized by Google

1080) **PRESAS (D. JOSÉ).**

R.—*Memorias secretas de la princesa del Brasil, actual reyna viuda de Portugal, la señora D. Carlota Joaquina de Bourbon, escritas por su antiguo secretario.* Bordeos, 1830. 8.°

1081) **PREUX (LE).** — Architecto.

Segundo dizem os jornaes, publicou em Paris uma collecção da maior parte dos modelos apresentados para o monumento de D. Pedro IV em Lisboa. Traz o retrato do imperador e uma biographia escripta pelo barão de Septenville. A obra é dedicada a D. Luiz, rei de Portugal.

1082) **PRIERAC (DANIEL DE).**

E.—*Observations sur un livre intitulé Philippe le Prudent, fils de Charles V, par D. Juàn Caramuel de Lebkowitz.* Paris, 1640.

1083) **PRIMERA RELACION** *de los progressos que han tenido las catholicas armas de S. M. en la provincia de Alemtejo, gobernadas por el serenissimo señor D. Juan de Austria desde domingo 7 de maio que salió el exercito de la ciudad de Badajoz hasta miercoles 25 del dicho mez, vispera de la solemnissima fiesta del Corpus Christi que ganó a Ebora Ciudad.* Sevilla, 1663.

1084) **PRISE (LA)** *de sept vaisseaux espagnols par les portugais. Avec la lettre du roi d'Espagne écrite au roi de Portugal et la réponse.* Paris, 1641. 8.°, folheto. (C. M. B. I. P.)

1085) **PRIVILIGES (THE)** *of an Englishman in the kingdom and dominions of Portugal contained in the treaty of peace concluded çy Olivier Cromwell.* London, 1736.

1086) **PRIX (FELIX BERRIAT ST.)**

Escreveu no tomo 31.° da *Nouvelle Biographie Universelle* de Firmin Didot a biographia algum tanto desenvolvida do nosso celebre Antonio de Gouveia, da qual não posso deixar de citar algumas passagens, como summamente gloriosas para o nosso compatriota:

«Antonio Gouveia, jurisconsulto celebre, philosopho e litterato estimavel, por seu nascimento pertence a Portugal; por seus trabalhos e ensino á França, onde passou a maior parte de sua vida. Veiu para Paris desde a edade de 22 annos, e aqui estudou debaixo da direcção de seu tio Diogo de Gouveia, regente do collegio de Santa Barbara. Foi depois regente em Bordeaux n'um collegio, de que era director André Gouveia, seu irmão. Sem pôr de parte seus trabalhos litterarios, estudou Direito em Toulouse em 1537, em Avignon, e principalmente em Lyon, onde seguiu durante tres annos a direcção de Emile Ferret. Ensinou philosophia em Paris de 1541 a 1544. Ramus começava então seus ataques contra a dialectica de Aristoteles. Gouveia mostrou-se zeloso peripatetico: tres mezes depois da publicação das *Animadversiones in Dialecticam Aristotelis* fez apparecer a refutação. A controversia fez impres-

Digitized by Google

são até sobre o parlamento. Francisco I chamou a si a questão, e auctorisou os dois adversarios a escolher cada um d'elles dois arbitros: Gouveia designou Pierre Danès e Francisco de Vicomercat: o rei encarregou Jean de Salignac de presidir á discussão. O presidente pendia visivelmente para Aristoteles: os dois arbitros oppostos retiraram-se, e Ramus foi condemnado por uma decisão que confirmou o pae das lettras. O talento de Gouveia deveu influir no resultado da lucta. Era segundo se expressava Scaligero, *um valente dialectico*. Em 1544 dirigiu-se para Toulouse, onde se abriu para elle a carreira do ensino do Direito. Nomeado professor em Cahors (1549) contrahiu matrimonio com Catharina Dufour, filha do presidente do parlamento de Toulouse. Em 1554 passou para a universidade de Valence; gosava então de uma grande reputação. Cujas, seu successor em Cahors o proclamava o maior de todos os interpretes do Direito romano (*quotquot sunt aut fuere*). Por isso apesar dos esforços do bispo de Valence, os habitantes de Grenoble attrahiram Gouveia á sua universidade no anno seguinte assegurando-lhe 800 libras de ordenado. Por causa da guerra sahiu de Grenoble e foi ensinar Direito na universidade de Mondovi, a qual foi dentro em pouco transferida para Turim. Nomeado conselheiro do senado de Turim, morreu n'esta cidade, por causa de uma indigestão de melão.

«A superioridade juridica de Gouveia nunca foi contestada, mesmo por seus contemporaneos. O presidente Favre, seu maior admirador, chegou a ponto de dizer que homem nenhum foi tão felizmente dotado para a jurisprudencia, como Gouveia. Gouveia, na opinião d'este illustre sabio, teria até excedido o proprio Cujas, se fiado excessivamente na força natural do seu genio não tivesse despresado o trabalho como inutil ou como proprio a rebaixar a idéa, que se fazia de sua capacidade. Este juizo concorda com a narração latina de Loisel, que viu Gouveia no anno de 1559 em Grenoble. Não se encontra na sua bibliotheca, diz este, nem tinta, nem pennas. Não se dá ao trabalho de consultar as obras dos outros: lê unicamente o texto que deve explicar, medita n'elle profundamente, ou deitado, ou passeiando. O supremo bem para elle é uma vida tranquilla, e abandonaria o professorado, se não tivesse necessidade do ordenado. Cujas, amigo de Gouveia, ficou espantado do seu talento, e disse: «Teria renunciado á interpretação do Direito romano, se Gouveia fosse capaz de se entregar a um trabalho serio, e não interrompido. Gouveia fallava tão bem o francez, segundo nos diz Scaligero, que se não teria podido adivinhar sua origem estrangeira. Suas lições attrahiram uma grande affluencia de ouvintes: em 1560 a cidade de Grenoble foi obrigada a tomar providencias para o alojamento dos estudantes, que as hospedarias não podiam receber. De Thou gaba os talentos litterarios e philosophicos de Gouveia, qualificando-o de *poeta elegantissimus* e de *summus philosophus*, etc. etc.» [1]

1087) PRODIGIOSO VOLCAN *de fuego que exhala en medio del mar*

[1] Uma biographia muito desenvolvida precede a edição das obras do nosso illustre compatriota feita em Rotterdam.

Digitized by Google

Oceano en frente de la isla de S. Miguel, una de las Terceras, y nueva isla que ha formado. Tuvo principio en tres de julio deste presente año de 1638. Madrid, 1638, Obra *muito curiosa* lhe chama T. Compans a pag. 172.

1088) **PROFECIA POLITICA** *verificada en lo que está sucediendo á los portugueses por su aficion a los ingleses, hecha luego despues del terremoto del año de* 1755. En la imprenta de la Gaceta.

Este é o primeiro rosto da obra, depois de um curto aviso do impressor em que diz ter gostado muito de ver como bem discorre o auctor sobre a causa das miserias de Portugal, segue-se o 2.º rosto da obra traduzida do francez com o seguinte titulo:

Discurso politico sobre las ventajas que puedem sacar los portugueses de sus ultimas desgracias, separando-se de los ingleses; y en el que se descubren los medios de que ha usado la Inglaterra para arruinar Portugal. Sieguese a este discurso una Relacion Historica del terremoto de 1755, *con una relacion por menor de la pérdida de hombres, iglesias, palacios, conventos, casas, muebles, mercadorias, diamantes etc. Año de* 1762. *Con licencia del rei nuestro señor.* En Madrid, en la imprenta de la Gaceta, 4.º, 126 pag. Ha uma edição feita no Mexico.

1089) **PROSPER** (AUGUSTE ST.). — Membre de l'Institut Historique, auteur d'un volume de *Dialogue des Morts*, et collaborateur du *Plutarque Français* et du *Dictionnaire de la Conversation*, etc.

E.— *Histoire d'Espagne, de Portugal, de Hollande et de Belgique, depuis les temps les plus reculés jusqu'en* 1838 *par* —. *Ouvrage orné de belles planches gravées, etc. et acompagné d'un Atlas géographique historique dressé sous la direction de A. Houzé, membre de la Societé de Geographie, etc.* Paris, 1839. 4.º, 499 pag.

1090) **PROPOSITIO** *facta celsis praepotentibus Dominis Generalibus Confoederatarum Provinciarum Belgii in concessu publico* 16 *augusti per D. Franciscum de Sousa Coutinho, Serenissimo Lusitaniae Regi a Consiliis illius Gubernatorem et capitaneum generalem insularum, quas Terceiras vocant, nec non status Brasiliae jam nominatum, atque in his confoederatis provinciis legatum ordinarium. Hagae comitis. Excudebat Johannis Breeckevelt typographus. Anno* 1647. 8.º, 12 pag.

Segue-se: *Naerdere propositie, gedaen dor de Heer ambassadeur van den Koning von Portugael, Francisco de Sousa Coutinho, etc. Op den* 15 *october* 1647. *Ter Vergaderingo van hare Ho: Mo: de Heeren Staten Generael der Vereenichde Nederlanden.* 3 folhas sem paginação. (M. S.)

1091) **PROPOSITIONS** *cathegoriques et dernière resolution de monsieur de Sousa de Macedo, ambassadeur de Portugal, touchant les differens du Bresil, imprimé l'an* 1651. 6 folhas. (M. S.)

Digitized by Google

1092) **PROPOSITIE GEDEAN** *by — de Commisearissen van de Vereenichde Nederlanden, aen de Koningin Regente van Portugael. Op 't subject van de schade, ende Injurien d'Onderdanen van selve Nederlanden aen ghedaen, ende op wat maniere haer den Oorloch aen gesecht, ende gedenunchlcerl is.*

Iten, een Brieff daer by sy haer beklaecht, ende versoecht dat alle verwarringe mochte by accommodatie wegh ghenomen ende den Oorlagh gecesseert weerden. Anno 1657. 8 pag. (M. S.)

1093) **PRÉPOSITIONS** *presentées par monsieur de Sousa de Macedo, ambassadeur de Portugal, lesquelles messieurs les Etats n'ont pas voulu recevoir, ny meme lire.* Imprimé a Leyden, 1651. 4 folhas. (M. S.)

1094) **PURMEREND (CORNELIS CLAESZ).**

E.—*Journal of the, etc.* (Diario e descripção de uma viag m ás Indias Orientaes.) Amsterdam, 1651. 4.° com estampas.

1095) **PUIBUSQUE (ADOLPHE LOUIS DE).**—Litterato francez.

Nasceu em Paris no anno de 1801.[1]

E.—*Le naufrage de Camoens. Ode couronnée par l'Academie des Jeux Floraux.* Paris, 1828. Ainda me não foi possivel encontrar um exemplar d'esta ode.

1096) **PUENTE (D. JOSEPH MARTINS DE LA).**

E.—*Compendio de las historias de los descubrimientos, conquistas, y guerras de la India Oriental, y sus islas, desde los tiempos del infante D. Enrique de Portugal su inventor, hermano del rey D. Duarte, hasta los del rey D. Felippe II de Portugal y III de Castilla, y la introduction del commercio portuguez en las Molucas, y sus operaciones politicas y militares en ellas. Hecha y anadida una descripcion de la India y sus islas, y de las costas de Africa, por donde se començó la navegacion del mar del Sur; sus riquesas, costumbres de sus gentes y otras cosas notables. Y dedicado al grande, al portentoso portuguez San Antonio de Padua. Por —.* Com privilegio. En Madrid, en la imperial. Por la viuda de Joseph Fernandez de Cuendia. Año de 1681. 4.° 380 pag.

O auctor, apesar de hespanhol, não se mostra hostil aos portuguezes, o que é bem de admirar, principalmente n'aquella época; pelo contrario, tece nos pomposos elogios, como, entre outros, os que se encontram no prologo, onde diz: «Os triumphos lusitanos, para quem era theatro curto a superficie da terra, fogosamente impacientes buscavam as campinas extensas do mar, por não caberem em menores ambitos suas glorias. Quanto voaram e se elevaram sempre suas pennas em todas as sciencias, e quanto suas ensanguentadas espadas fulminaram nas batalhas, bem o celebram as historias, desde que o mundo necessitou do utilissimo e desvelado suor d'aquellas, e do sangrento afan d'estes. Digam no a Europa, Africa e America d'onde sempre eccoou galharda e vencedora sua fama. Porem onde mais heroicamente se ostentaram

[1] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 1486.

Digitized by Google

suas proesas (para que nem mesmo os ultimos confins da Asia ignorassem seu nome) foi no descobrimento, conquistas e guerras da India Oriental e em suas ilhas.»

Esta obra nada mais é do que uma resumida descripção da Asia, e uma breve historia das descobertas e conquistas portuguezas nos paizes orientaes.

1097) **PYRARD (FRANCISCO DE LEVAL).**

E.—*Viagem de —. Contendo a noticia de sua navegação às Indias Orientaes, ilhas de Maldiva, Maluco e ao Brasil, e os differentes casos que lhe aconteceram na mesma viagem nos dez annos que andou n'estes paizes* (1601 *a* 1611). *Com a descripção exacta dos costumes, leis, usos, policia e governo: do tracto e commercio que n'elles ha: dos animaes, arvores, fructas e outras singularidades que alli se encontram. Vertida do francez em portuguez sobre a edição de* 1679, *correcta e accrescentada com algumas notas, por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.* Nova Goa, 1858. 2 vol.

É interessantissima a leitura d'esta viagem; por ella se vê quão assombrosa era a extensão da navegação e commercio portuguez na Asia, quão vulgar o conhecimento da lingua portugueza por aquellas regiões, e quão forte a guerra que promoviamos contra os europeus que ousavam entrar em nossos dominios ultramarinos.

«Fomos levados ao hospital de Goa,[1] não podiamos facilmente crer que alli era um hospital, porque pela apparencia mais inculcava um grande palacio, e comtudo por cima da porta estava um letreiro que dizia: *Hospital real.* Fizeram-nos entrar em uma grande portaria, onde ha muitas cadeiras e assentos para os doentes que chegam, e alli esperam que o medico, cirurgião ou boticario os visite para se saber se verdadeiramente estão enfermos, e de que enfermidade para os levarem aos logares que lhes são destinados. Alli pois fomos visitados com outros que lá estavam, e depois nos levaram para cima por uma longa escadaria de pedra, porque todos os doentes ficam em cima; e só os põem em baixo quando são muitos, o que acontece quando chegam as naus de Portugal.»

«Assim que nos foi destinado logar, um padre jesuita, director da casa, mandou que nos agazalhassem promptamente, o que foi feito, e nos trouxeram dois leitos, porque logo que um doente sae do hospital, levanta-se o seu leito, a que lá chamam esquife, com todo o seu apparelho. De sorte que não ha alli mais camas feitas do que doentes. As nossas foram promptamente apparelhadas.

«Os leitos são torneados, lacreados de lacre ou verniz vermelho, alguns pintados a côres, e outros dourados; o assento é forrado: os travesseiros são cheios de algodão, os colchões e cobertas de panno de seda, ou tambem d'algodão pintado de toda a sorte de figuras e de côres. Chamam aos colchões *guldins.* Os lençoes são de panno de algodão mui fino e branco.

«Veiu depois um barbeiro que nos rapou todo o cabello, e apoz elle um servidor com agua quente nos lavou todo o corpo, e nos deu calções, camisa

[1] Vol. 2°, pag. 3.

Digitized by Google

lavada, barrete e chinellas. Junto de nós poz uma bilha de barro com agua para beber, e um vaso de cama, uma toalha e um lenço de assoar, que se mudam de tres em tres dias. Não nos deram logo de comer, porque é mister esperar a hora ordinaria.

«É de notar que os superiores d'este hospital são portuguezes e os servidores canarins de Goa ou bramanes christãos, que dão de comer e servem os doentes com grande esmero, estando sempre junto d'elles, sem ousar desobedecer-lhes no que é rasão. Estes servidores recebem seu salario, e os officiaes portuguezes andam visitando de vez em quando a todos os enfermos, a vêr se lhes falta alguma coisa, ou se se obra contra a sua saude a qualquer respeito.

«É pois este hospital o melhor que na minha opinião ha no mundo, ou seja pela bellesa do edificio e suas pertenças, porque tudo está mui bem disposto e accommodado, ou seja pela boa ordem e policia que n'elle se guarda, limpesa que ahi ha, grande cuidado que se tem dos doentes, assistencia e consolação de tudo quanto se póde desejar, assim no que toca a medicos, drogas e remedios para restaurar a saude, e alimentos que se offerecem, como no que diz respeito á consolação espiritual que a toda a hora se póde haver. O edificio é mui amplo, jaz á borda do rio, e é sustentado pelos reis de Portugal com vinte e cinco mil pardaus (que vale cada um vinte e cinco soldos da nossa moeda franceza, e lá trinta e dois e meio) não fallando nos donativos e presentes que lhe fazem as pessoas qualificadas, o que é, segundo o estado da terra um grande rendimento para este effeito, visto que os viveres alli são mui baratos e mui bom o tratamento que n'elle se dá, porquanto os jesuitas que o administram mandam buscar até Cambaya e outras partes o trigo e abastecimento que é necessario. É, como digo, governado e administrado pelos jesuitas que alli teem um padre para este governo; os outros officiaes são portuguezes, excepto os servidores e escravos, que são indios christãos. Este padre jesuita é superior a todos os officiaes que são de todas as sortes como um grande mosteiro, competindo a cada um seu cargo especial, e até o porteiro entra na conta de official. Estes officiaes ralham muito com os doentes, e o reprehendem bem, quando vêem que fazem o que não devem, mas os servidores não ousariam dizer-lhes coisa alguma. Os escravos fazem todo o serviço baixo e pesado, e cada dia vão por todas as camaras dos doentes fazer o despejo, varrer e limpar tudo. Ha casinhas secretas com grandes vasos de louça para as necessidades dos doentes; e os escravos vasam tudo isso, limpam, lavam, enxugam a roupa, e fazem outros similhantes serviços no interior do hospital.

«Ha medicos, cirurgiões, boticarios, barbeiros e sangradores que se occupam só no hospital, e são obrigados a visitar duas vezes cada dia os enfermos. O boticario é um dos officiaes, e móra no hospital; e não assim o medico nem o cirurgião. Ás vezes é tão grande o numero de enfermos que, quando eu lá estive, chegou a haver até mil e quinhentos, tudo soldados portuguezes, porque alli não se aceitam os indianos, que teem um hospital apartado, que só para elles serve. Ha ainda outro hospital para mulheres, onde só estas são admittidas.

Digitized by Google

«Toda a agua que se bebe alli vem de Banguenim. Duas vezes no dia os servidores trazem grandes vasos d'ella, de que enchem as bilhas dos doentes, e estes bebem quanta querem. Cada doente tem junto de si a sua mesa, para pôr as coisas do seu uso.

«Os medicos, cirurgiões e boticarios visitam duas vezes por dia os doentes: ás oito horas da manhã, e ás quatro da tarde; e quando entram, tange-se uma sineta para advertir a todos; o que egualmente se faz ás horas da refeição. Os mestres cirurgiões e sangradores são assistidos de muitos ajudantes para applicarem os unguentos e medicamentos. Na hora da visita veem serventes com grandes braseiros, onde lançam muita copia de incenso e outros cheiros aromaticos.

«Ha noviços jesuitas, que vão pela cidade pedir e apanhar roupa velha de linho para provimento de fios do hospital, porque a roupa nova não é apta para isto. E com os cirurgiões na visita vão servidores com grandes cestos cheios de fios e pannos apparelhados para uso dos doentes. Os padres jesuitas teem tomado este hospital a seu cargo, o que elles desempenham mui dignamente; e se estivera a cargo de outros, mal poderiam imital-os, ainda que tivesse dobrado rendimento do que agora tem. N'este hospital ha camaras destinadas para cada enfermidade, e toda a gente que alli vae é infallivelmente revistada para se saber se leva aos doentes alguma coisa de beber ou de comer damnosa á sua saude. Tambem se não entra alli com armas, mas é mister deixal-as á porta.

«Quem vae ao hospital a visitar seus amigos, só lá entra desde as oito horas da manhã até ás doze, e de tarde desde as tres até ás seis. Póde comer com elles, e quando os serventes veem que um amigo vem visitar algum doente, trazem mais alguma coisa além do que ordinariamente se dá ao doente. Dão tanto pão quanto se pede. Os pães são pequenos, e ás vezes trazem ao doente tres ou quatro, não podendo elle de ordinario comer mais de um; e que seria desperdicio, se os pães fossem maiores, porque um pão encetado não volta segunda vez. O pão é mui delicado e fabricado pelo padeiro da cidade por arrematação. Vinho é coisa de que se não falla no hospital. Nunca se apresenta menos de meia gallinha assada ou cosida, ou ainda uma gallinha inteira; e se o doente tem necessidade de mais, mais se lhe dá. Não ha alli capões. Os doentes são assistidos e tratados com todo o esmero e delicadeza que dizer se póde. Mudam-lhe toda a roupa branca, de tres em tres dias, e é ella de algodão mui fino.

«Pela manhã, ás sete horas, serve se aos doentes passas com pão alvo de trigo e arroz, que vem de Cambaya e Surrate; bebem agua e não ousariam beber vinho. Ás dez horas vem o jantar, conforme ao que o medico tem ordenado, e ordinariamente é gallinha cosida ou assada, com doce por sobremesa. Ás cinco horas trazem a ceia. Dão-se aos doentes excellentes caldos feitos de diversas sortes de carnes cosidas com *bendés*, que é um fructo refrigerante do tamanho dos nossos pepinos. Estas carnes, sejam de carneiro, gallinha ou frangão, são bem temperadas com arroz. Comem carne todos os dias, salvo os que desejam comer ovos e peixe nos dias de abstinencia, porque dá-se-lhes o que

Digitized by Google

elles pedem, e que não seja prohibido pelo medico. Quando este vae fazer a visita é acompanhado de grande numero de escreventes. Primeiramente o boticario toma o nome d'aquelles a quem deve dar alguma coisa do seu officio e depois o que a cada um ha de dar. Outro tanto fazem o cirurgião. barbeiro escrivão da cosinha, o qual vae todos os dias ver os doentes, escreve os seus nomes, e o que elles desejam comer; e tudo fielmente lhes é trazido; e não ha um só que á hora costumada não tenha a sua ração.

«Toda a louça de mesa é de porcelana da China. Depois de jantar, os officiaes portuguezes perguntam em voz alta nas camaras se todos tiveram a sua ração, e o mesmo fazem depois da ceia. Todos os doentes são agasalhados á parte, cada um segundo o seu mal, e até os utensilios são separados segundo a sua especie em quartos apartados; e d'esta maneira todas as camas dos doentes estão em um deposito geral enroladas; n'outro logar todos os traveseiros, n'outro todo os colchões, cobertas, lençoes, camisas e outras roupas do uso do hospital. Ha grande provimento de calções, sem o que nunca se deitam a dormir os portuguezes da India; e esses calções descem até aos pés, porque todas as suas camisas são mui curtas, e não passam do meio da coxa. Ha tambem logares apartados para as chinellas, vasos e bacias de diversos usos. As camisas, calções, chapeus, sapatos, ceroulas, capas e roupões que dão aos que sahem curados, tudo tambem está separado. De cada uma d'estas coisas ha tão grande copia, que seria impossivel tel-as arrumadas, se não estivessem assim apartadas. O mesmo é para os viveres e provimentos; e cada deposito tem um guarda com sua chave, que tudo lança em escripto, e dá contas ao escrivão principal, que faz assentos de tudo, incluindo mesmo os doentes, seu nome e o dia em que entram e sahem. Ha um thesoureiro para o dinheiro; e de tudo se dá conta ao padre jesuita, que as não dá a ninguem.

«O escrivão faz assento de todo o oiro e prata, roupa, fato e outras coisas dos doentes, e esse assento se faz em presença do padre e dos outros officiaes; e de tudo se faz um fardo com seu bilhete, e se põe em quartos á parte. Manda-se lavar toda a roupa suja que trazem os doentes. Os que teem posses dão alguma coisa aos servidores, se é de sua vontade; e de tudo se lhes dá lembrança quando sahem. De nada do que pertence aos doentes se usa no hospital, e se o doente morre, tudo é levado á Misericordia. Se fez testamento, são os officiaes d'esta os seus executores; e se não ha testamento, guardam o espolio até haver novas dos herdeiros, dispondo a Misericordia de uma parte da roupa e fato em esmolas a outros pobres. Duas vezes por dia se faz a limpeza dos doentes, assim como de todo o hospital. Ha dois jesuitas que não fazem mais do que ir alli confessar e consolar os enfermos, e administrar-lhes os sacramentos; e dão-lhes contas de resa. Todos os dias se diz missa no hospital: em summa, nada falta alli do que é necessario. Os doentes estão deitados cada um n'uma grande cama á parte, separadas umas das outras o espaço de dois pés. A cama compõe-se de varios colchões de algodão e tafetá, uns sobre os outros, em leitos baixos, pintados de todas as côres.

«As doenças da terra mais communs são febres ardentes e dysenterias, além das molestias venereas, que tambem são mui ordinarias, mas sómente

Digitized by Google

onde ha portuguezes, e não em outra parte da India. Se os doentes morrem, e deixaram alguma coisa na mão do padre jesuita, isso e o seu fato é entregue aos officiaes da Misericordia, que é obrigada a fazer-lhes um enterro honesto, ainda que o defuncto não haja ou não tenha deixado meios para o fazer.

«Se o doente recobra saude, o padre jesuita dá uma andaina completa de vestuario a cada um dos que sahem do hospital, se d'isso tem necessidade, e um pardau, que vale trinta e dois soldos e meio. E ainda gente mui rica prefere entrar no hospital, por ahi ser melhor tratada que em sua casa, como de feito é.

«Todos os annos sahem d'este hospital mais de mil e quinhentos corpos mortos, e entra infinito numero de doentes. E quando vem as naus de Portugal chega a haver n'elle mais de tres mil, e o menor numero que ha é o de trezentos ou quatrocentos. Só os portuguezes e christãos velhos podem alli ser admittidos e tratados Verdade é que os judeus passam por portuguezes, posto que sejam christãos novos. Toda a gente que lá está com os portuguezes, e que vae d'estas partes, e lá chamam *homem branco*, velhos christãos, são acceitos no hospital. Não assim as mulheres, que nenhuma lá entra, nem sã nem doente. Os domesticos, sejam homens, mulheres ou creanças, não são acceitos, nem ainda os servidores portuguezes. Ha para elles outros asylos, se são pobres. No hospital real só se admittem os *soldados*, que quer dizer homens não casados. Porém, ainda que não sejam casados, se forem pessoas de familia ou servidores não são acceitos. Entram n'elle muitas pessoas nobres, porque isto não é havido por deshonra, e estes hospitaes só foram estabelecidos nas cidades da India para os soldados aventureiros. Ás vezes são os doentes visitados pelo arcebispo, vice rei e fidalgos, que dão grandes sommas de dinheiro. E ninguem ha que não sinta grande contentamento em ver um logar tão bello, onde todas as camaras são limpas e brancas e limpas como papel; e as galerias bem pintadas com passos da sagrada escriptura.

«Ha alli duas egrejas o mais bem paramentadas e enriquecidas que se póde vêr. A maior festa que n'ellas se faz é a de S. Martinho. N'esse dia faz-se em Gôa uma procissão geral.

«Todos os portuguezes e mestiços, que tem alguma doença, ainda que seja secreta, se desejam curar-se e tratar-se no decurso do dia n'aquelle hospital, quando os cirurgiões alli estão, são livres de o fazer sem paga ou despesa alguma. Os doentes, logo que estão curados, são despedidos; comtudo se algum deseja estar por mais algum tempo, basta que diga que ainda se não sente de todo restabelecido. As febres continuas são alli curadas promptamente por meio da sangria, de que fazem uso continuado emquanto sentem uma ponta de febre. Os indios gentios não usam da sangria. Quanto á siphilis não é havida por nota de infamia, nem parece mal, tel-a muitas vezes, antes fazem d'isso grande gala. Curam n'a com suores, com raiz de quina. Esta enfermidade só a ha entre os christãos, e a receiam menos que a febre ou desynteria. Reina alli outra doença, que vem subitamente, e lhe chamam *mordechi*, a qual vem acompanhada de grande dôr de cabeça e vomitos: os doentes gritam muito, e a maior parte das vezes morrem. É tambem aquella gente mui

Digitized by Google

sujeita aos envenenamentos e feitiços, de que vem a morrer extenuados. Á chegada das naus de Portugal o maior numero de enfermidades é de escorbuto e ulceras nos pés e nas pernas. Quando algum doente tem tomado laxante ou está fraco, ha servidores que lhe assistem para o levantar e mover Estes servidores são indios christãos mui limpos e aceiados, mui compassivos e carinhosos, porque se algum fosse aspero para com os doentes, seria logo expulso da casa. O systema de medicina que alli se usa é o mesmo que em Hespanha. É grande honra ser medico d'este hospital, e ordinariamente o é do vice-rei, que vem de Portugal. O padre jesuita, que tem a superintendencia da casa, está n'ella emquanto apraz á companhia e o julgam capaz; serve por dois ou tres annos pouco mais ou menos. São os mesmos jesuitas que enviam alli e mudam frequentemente os padres espirituaes; mas o padre superior do hospital tem ao mesmo tempo a administração temporal e espiritual, e governa sobre todos.

«Quanto ao edificio é elle grande e amplo, com muitas galerias, porticos e jardins de boas ruas, onde os convalescentes vão tomar ar, porque os mudam de logar logo que entram em convalescença, e ficam todos em separado dos doentes. Em todo o hospital ha de noite luzes de lanternas e velas, mas usam mais de lanternas, porque as vellas são de cera. As lanternas são feitas de cascas de ostras, de que alli se servem em vez de vidraças, nas egrejas e casas de Gôa. No meio d'este hospital ha um bello e grande pateo calçado, e n'elle um grande poço onde ás vezes os doentes vão tomar banho.

«Os portugezes e mestiços de boas familias, quando estão doentes, e padecem necessidades, são tratados em suas casas pela Misericordia.

«Ha outros hospitaes para os pobres da cidade onde só são recebidos os judeus christãos. Na cidade ha mais dois hospitaes, um para mulheres e outro para homens; mas ambos fazem um só, sendo sómente separados emquanto aos sexos.

«Os portuguezes ou mestiços pobres nunca vão mendigar, mas enviam memoriaes ás pessoas ricas; e as mulheres vão em palanquins ao palacio do vice-rei, do arcebispo ou dos fidalgos principaes, e fazem apresentar os seus requerimentos e memoriaes.

«Em summa, seria impossivel dizer todas as outras particularidades do interior, e a boa ordem e policia, que se guarda n'este admiravel hospital. Até se alguem tem por costume purgar-se ou sangrar-se todos os annos, ainda que não esteja doente, vae alli, e será recebido durante o tempo de sua purgação. Mas tornando aos meus companheiros e a mim, depois que fomos levados e recolhidos no hospital, ao seguinte dia o capitão-mór da armada mandou tambem para alli o outro nosso companheiro, posto que toda a sua doença não passava de fadiga, não julgando conveniente mettel-o só. Fomos entregues todos tres ao padre jesuita com prohibição de nos deixar sahir sem dar primeiramente conta ao capitão-mór. O padre não ousou declarar-nos que nós estavamos presos sob sua guarda, receioso de nos magoar, e nos consolava em tudo quanto podia, dando-nos o mesmo tratamento que aos mais portuguezes; se bem que não pareceria bem tratar a um melhor que a outros

Digitized by Google

porque a regra e serem tratados por egual e sem preferencia, assim no que toca aos alimentos, como aos medicamentos, e outras coisas, sendo alli cada um servido no logar que lhe cabe, sem differença de grandes a pequenos. Como nos vimos tão bem tratados, julgavamos estar já em liberdade, de sorte que passados vinte dias, começando eu a sentir-me melhor, adverti ao padre dizendo que, como eu, graças a Deus, ia melhor, desejava sahir com um dos meus companheiros. Mas o padre nos perguntou que pressa tinhamos, e disse que esperassemos que o outro nosso companheiro fosse curado, o que na verdade botava longe, porque esteve mais de tres mezes antes que se restabelecesse. Nós, porém, não entendiamos a causa porque o padre nos fallava assim, e era que queria dar antecipadamente conta a quem nos havia posto em suas mãos; e ainda porque sabia bem que sahindo d'alli nós não seriamos tão bem tratados, por isso ia sempre dilatando a nossa sahida, apesar de nossas instancias, filhas do desejo que tinhamos de ver aquella bella cidade, de que ouviramos contar tantas grandezas. Tendo elle pois dado conta ao capitão mor, no fim de cinco ou seis dias chegaram dois *meirinhos* com seus *peões*, e o padre jesuita veiu a nós e nos disse: «Meus irmãos, levantae-vos, e pois que tendes tão grande desejo de sahir d'esta casa, podeis fazel-o; acompanhae-me.» E nós mui alegres o seguimos, e elle deu a cada um dos dois (porque o outro ficava ainda mui enfermo) ceroulas, gibões, capas, sapatos, chapéo, duas camisas, dois calções novos (elles não usam meias, porque as ceroulas, chegam até aos pés) com uma moeda de *pardau*, que vale lá trinta soldos e meio, que fazem vinte e cinco soldos de França. Deu-nos tambem de almoçar, posto que o não queriamos pela pressa que tinhamos de sahir. Por fim, tendo-nos lançado a sua benção, despedimo-nos d'elle, agradecendo-lhe todo o bem que nos havia feito. Parecia-me que o padre tinha dó de nós, porque nos consolava quanto podia. Quando, porém, descemos a escada principal, topámos com os dois meirinhos que tinham o mandado na mão, armados de alabardas e partazanas, os quaes tomaram logo posse de nós e nos levaram comsigo tratando-nos mui asperamente. O modo de levar os presos é ir diante o meirinho com a sua *vara*, e detraz os *peões*, que seguram as duas pontas da corda com que o preso vae amarrado. Pensae agora o nosso espanto quando apoz uma tão curta alegria nos vimos entre as mãos dos diabos d'estes cafres mais negros que carvão. Eis como sahi d'este hospital, onde ainda de outra vez estive doente por espaço de quinze dias. Fomos, pois, assim levados á prisão a que chamam *sala*: é o logar mais sujo e sordido que ha no mundo, segundo o meu parecer. Ha quatro prisões geraes em Goa, afora outras particulares. A primeira é a da Santa Inquisição; a segunda a do Arcebispo, proxima á sua residencia. A terceira o Tronco, que é junto ao palacio do vice-rei, a maior e principal de todas: tem vasto alojamento para toda a sorte de presos. Ha n'ella todos os mezes uma audiencia geral, a que a maior parte das vezes assiste o vice-rei. É como entre nós a *Conciergerie*. A quarta é aquella aonde fomos levados, e serve como de auxiliar da antecedente. Estas prisões de Goa não são tão crueis como as de Cochim.

«A prisão aonde nos levaram é na cidade, proximo do rio, e chama-se a

Digitized by Google

prisão do vedor da fazenda, o qual tem a sua casa de morada fóra da cidade, tambem junto ao rio. O meirinho da prisão ou carcereiro nos assentou no seu papel á ordem do *ouvidor do crime*. O carcereiro e sua mulher eram mestiços. O carcereiro, tendo-nos perguntado quem eramos, e sabendo que eramos francezes e catholicos, disse-nos que não estivessemos tristes, e que nos não deixaria na sala com os outros. Esta sala é onde todos os escravos das galés e outra gente vil est ão juntos, ás vezes duzentos e trezentos com grande infecção. Está no alvedrio do meirinho da prisão ou carcereiro metter toda a gente indifferentemente n'esta sala; e as pessoas de qualidade dão dinheiro para ficarem em outros logares apartados, que são dois, um para os gentios e mouros, e outro para os christãos. O carcereiro não faz este favor senão por dinheiro, aos estrangeiros como nós, que fomos por elle tratados com muita cortezia e liberdade, a não ser que tinhamos de dormir de envolta com a chusma de escravos e condemnados ás galés, que traziam ferros aos pés. Havia na sala lanternas accesas, e de uma banda estava o aposento do meirinho ou carcereiro, e da outra banda junto da porta da sahida estava o filho d'elle com seus servidores escravos de vigia, porque a prisão não é forte. Havia dois sinos n'estes dois extremos para por elles se saber se algum dormia, porque quando o pae tangia o sino, o filho lhe respondia com outras tantas badaladas. De todos estes forçados se fazem duas esquadras para se revesarem na vigilancia nocturna, e se guardarem a si proprios, e toda a noite não fazem outra coisa mais que bradar e responder a dois e dois O primeiro brada o mais alto que póde: *vigia, vigia;* e os que estão n'essa hora de sentinella, que são até dez, lhe respondem uns apoz outros, e se tardassem um pouco, os escravos da prisão viriam logo bater-lhe. De sorte que fazem toda a noite a maior algazarra do mundo, o que junto com o grande calor impede tomar o minimo repouso. Ás nove horas da noite cantam por espaço de uma hora em voz alta, em portuguez, toda a sua resa e orações. A mulher e as filhas do carcereiro nos tratavam com muitos mimos, nos davam de comer e de beber, sem que elle o soubesse.

«Os presos são ajudados das esmolas de algumas pessoas de qualidade, e os officiaes ou irmãos da Misericordia vão visitar uma vez cada mez a todos os presos; os pobres, que estão no seu rol, assim como as viuvas e orphãos são sustentados á custa d'esta confraria. Aos christãos velhos dão esmola grossa, e aos novos christãos ou indios pequena. O pae dos christãos, que é um padre jesuita, tambem vem a visitar os presos e dar-lhes esmola, mas não é todos os dias. O regimento de el-rei de Portugal é sustentar todos os prisioneiros de guerra e estrangeiros, mas os officiaes divertem o dinheiro destinado a isto. Dá-se seis pardaus por mez a cada preso, como os soldados teem de soldo, o que monta quasi a nove libras e quinze soldos da nossa moeda franceza, e chega para mais do que aqui dez escudos. Fizemos a nossa petição para nos darem o que el-rei mandava dar, e foi dirigida por mão do meirinho da sala, que a apresentou ao vedor da fazenda, e este a despachou; mas tudo isto consome excessivo tempo, pelo grande numero de officiaes, por cujas mãos deve passar, de sorte que não podemos haver o nosso dinheiro senão seis dias antes de

Digitized by Google

sahirmos da prisão; e com medo que nol-o furtassem dêmol-o a guardar á mulher do carcereiro, fazendo com ella concerto de uma tanga por dia para nos dar de comer a mim e a meu companheiro. Uma tanga vale lá oito soldos e aqui cinco. Tratava-nos ella muito bem, mas quiz a nossa desgraça que sendo postos em liberdade, passados cinco ou seis dias, como nós lhe pedimos o resto do nosso dinheiro, respondeu-nos que se o queriamos, o fossemos comer e beber lá dentro, mas o vedor da fazenda sobre uma simples queixa que lhe fizemos nos mandou restituir tudo, e sem embargo d'isso perdemos ainda uma boa parte que lá ficou.

«Acertou porém de se achar alli um capitão castelhano, unico que lá vi, que teve dó de nós e do mal que se nos fazia, de sorte que nos disse que nos compensava da nossa perda, e em sua casa nos daria o dinheiro que faltava na conta. Declarou que era hespanhol, e não portuguez, e que se chamava D. Pedro Rodriguez. Regressou a Portugal um anno depois. Passado porém um mez do que acima digo, um cafre, escravo de um sujeito com quem aquelle capitão havia tido uma disputa, deu-lhe por detraz uma grande pancada de bambù na cabeça; mas elle, sem se perturbar, nem perder tempo, puxou do seu punhal, matou o cafre, e logo se recolheu a uma egreja, pelo que foi perdoado no fim de duas horas. Mas por isto, e ainda mais porque os hespanhoes não são alli muito bem acceitos, viu-se obrigado a voltar para Hespanha.

«O modo como sahimos da prisão foi este: depois de alli estarmos quasi um mez, veiu á prisão aquelle pae dos christãos, jesuita, chamado Gaspar Allemão. A Companhia de Jesus tem encarregado este padre de solicitar o livramento e liberdade dos presos christãos; e para esse fim vem visitar muitas vezes os presos, para saber se ha alli alguns christãos, ou que se queiram fazer christãos, e solicitar logo do vice-rei, da justiça ou das partes o que cumpre a seu livramento. Tendo pois este padre vindo á prisão, e pelas perguntas que me fez, reconhecido que eu era christão e francez, disse-me que tivesse paciencia, e que brevemente seria posto em liberdade, e advertindo-me que havia alli um padre jesuita, tambem francez, da cidade de Rouen, chamado Estevão da Cruz, que estava no collegio de S. Paulo de Gòa, ao qual padre escrevi, e elle veiu procurar-me no seguinte dia. Alegrou-se de me ver, consolou me, favoreceu me com algum dinheiro, e me disse que se empenhava com o seu superior para que fallasse ao vice-rei a favor da minha liberdade, como se fosse seu proprio irmão.

«Este padre apresentou a sua supplica ao vice-rei, que de nenhuma sorte queria vir em dar um despacho favoravel, e a principio rompeu em grandes ameaças, dizendo que eu incorrêra na pena de morte por haver ido áquellas partes contra os decretos do seu rei e contra os capitulos da paz feita entre os reis de França e Hespanha, que não podia pôr-me em liberdade; mas que me enviaria preso a el-rei de Hespanha para mandar de mim o que fosse servido. Porém o bom padre jesuita usou de tanta importunidade por espaço de um mez, que a final fui posto em liberdade; e no entretanto não cessava de vir visitar-me todos os dias, e me assistia em tudo que eu havia mister.

«Depois que sahimos da prisão, iamos comer e beber com os soldados, ora

Digitized by Google

aqui, ora alli, a casa dos fidalgos, de sorte que nos não custava nada o sustento, porque estavamos no rol dos soldados. Estive pois em Gôa com os portuguezes por espaço de dois annos, recebendo paga de soldado e indo a varias partes em suas expedições, tanto ao longo da costa do norte até Dio e Cambaia onde estive, e me demorei, como até ao Cabo Comorim, e ainda até á ilha de Ceilão.

«A ilha de Gôa tem de circuito quasi oito leguas, e ha n'ella sete fortalezas que guardam os passos. É cercada de um rio, que vem do reino de Dealcão, e vae cahir no mar a duas leguas da cidade, passando pelo pé d'ella.

«N'esta ilha os portuguezes teem fabricado uma mui bella cidade do nome da ilha chamada Goa, que tem legua e meia de circuito, não contando os arrabaldes, e encerra quantidade de fortalezas, egrejas e casas fabricadas a modo da Europa, de mui boa pedra, e coberta de telhas. Ha quasi cento e dez annos que os portuguezes se senhorearam d'esta ilha de Gôa, e muitas vezes me espantei de como em tão poucos annos elles teem podido levantar tantos e tão soberbos edificios de egrejas, mosteiros, palacios, fortalezas, e outros ao modo da Europa, e outro sim da boa ordem, regimento e policia, que tem estabelecido, e do poder que ahi tem adquirido, pois tudo alli se guarda e observa como se fôra na propria Lisboa.

«Quanto á multidão de povo é maravilha o grande numero que ahi vae e vem todos os dias por mar e terra a tratar toda a casta de negocios. Os reis da India, que teem paz e amisade com os portuguezes, quasi todos teem embaixadores ordinarios e muitas vezes extraordinarios, que vão e vem para entreter a paz, e outro tanto fazem os portuguezes da sua parte. E no que toca aos mercadores, que continuadamente vão e veem das partes do Oriente, parece que é todos os dias uma feira de toda a sorte de fazendas que são objecto de mercancia, porque mesmo d'aquelles reinos e terras que estão de paz com os portuguezes, não deixam de vir a Gôa as mercadorias e fazendas por meio de outros mercadores amigos que lá vão comprar. E ainda por muito inimiga que alguma gente da India seja dos portuguezes, se d'elles quizesse tomar passaporte e seguro, poderia vir livremente a suas terras; mas de ordinario não se querem abaixar e preferem ir a outras partes.

«Todos os que sahem da ilha para a terra firme a tratar os seus negocios, ou para provimento de viveres e outras coisas necessarias, se são indios e canarins de Gôa, quer sejam homens, mulheres ou crianças, é mister que vão a casa do capitão da cidade para receber o seu sello ou signal, o que se faz imprimindo-se-lhe na parte superior dos braços, que trazem nus, o sinete molhado em tinta, e na passagem os que estão á porta, depois de verem o signal, apagam-no, e deixam-no passar; e em cada um d'estes dois logares se paga um basaruco. Quando recolhem tomam o mesmo signal do capitão da fortaleza, e por este meio sabem o numero de pessoas que entram e sahem, porque em todas as passagens ha escrivães que fazem d'isso assento. E d'este meio se servem tambem para descobrir se os que saem, são accusados de roubos ou mortes, ou são fugidos das prisões, ou teem commettido algum outro crime. A entrada a ninguem é vedada, isto é sendo pessoa natural da terra firme;

Digitized by Google

mas se fôr estrangeiro, será preso. Aos portuguezes não é de fórma alguma permittido passar á terra firme, salvo tendo sua familia em Gôa, de modo que não vão servir os reis da India.

«É coisa admiravel vêr a grande multidão que pelos caminhos vae e vem como em procissão. Só os christãos podem trazer armas. Todas as fortalezas são bem guarnecidas de artilheria.

«Quanto aos estrangeiros ha os actuaes senhôres da ilha, que são os portuguezes, os quaes deixam morar n'ella os antigos habitantes em toda a segurança e franqueza, e segundo a lei não os podem fazer escravos como aos outros povos, porque alcançaram este privilegio d'el-rei. Os outros estrangeiros são indios que alli moram com permissão dos portuguezes, e aquelles que não são christãos, pagam tributo por suas pessoas. Christãos velhos, além dos portuguezes ha mui poucos castelhanos, mas muitos venezianos e outros italianos, que ahi são mui bem acceitos; ha tambem allemães flamengos, grande numero de armenios, e alguns inglezes, mas nada de francezes, salvos aquelle padre jesuita, de que já fallei e um Loreno, e outro Vallon, que ahi vi. Dos povos da India, não christãos, que são ahi em grande numero, ha baniares de Cambaya e Surrate, e bramanes. Ouvi muitas vezes dizer aos bramanes de Calecut que a ilha de Goa era d'elles, de sorte que por isso são grandes inimigos dos portuguezes, e assim os que d'entre elles teem honra e brio não querem estar onde governam portuguezes que os maltratam e despresam muito, e por esta rasão a maior parte foram morar em Calecut, onde estão em segurança e liberdade.

«De escravos ha em Gôa um numero infinito, e de todas as nações da India, e fazem d'elles grande trafico. Mandam-nos a Portugal e a todas as partes onde dominam. Roubam as creanças e escondem-n'as, assim grandes como pequenas, cada vez que podem, ainda que seja de nações amigas e com que estejam em paz, sem embargo de ser defenso fazer taes escravos; mas não deixam por isso de os apanhar ás escondidas e vendêl-os.

«A cidade de Gôa não é mui fortificada, os muros são fracos, e só é forte da banda do rio. Tem de extensão meia legua, com muitas portas, cada uma guardada por um porteiro, que são hòmens cançados, a quem se dá este cargo em recompensa durante sua vida. Entre a cidade e a borda do rio ha tres grandes praças ao longo d'agua, separadas entre si e fechadas com bons muros que se continuam com os da cidade, e entram muito pelo rio dentro, de sorte que se não pode entrar n'ellas nem sair senão pelas portas (onde os portuguezes apalpam toda a gente) ou por agua em bateis. A primeira d'estas praças que se encontra, quando se chega á cidade, vindo do mar, da banda do occidente, é a maior e mais rica, e lhe chamam Ribeira grande, e d'ella se entra na cidade por duas portas. É mui bem ordenada, e tem alguns terraplenos e tranqueiras com artilheria para defender o rio. Quem alli governa é o vedor da fazenda, que tem n'ella bellos e fortes aposentos, nos quaes ha uma porta do lado da cidade e outra do lado do rio; e só elle tem este privilegio; e todas estas portas ficam fechadas de noite, não por temor do inimigo, mas dos ladrões da cidade.

Digitized by Google

«Este vedor é o intendente de todos os negocios da fazenda e de tudo quanto em Gôa se faz, assim no que toca á guerra e armadas, como a todos, os outros negocios, porque é elle a segunda pessoa abaixo do vice-rei. Defronte dos aposentos do vedor na mesma praça ha uma bella egreja da invocação das Cinco Chagas, e bem e ricamente ornada, e n'ella ha dois padres sómente. No adro d'esta egreja ha um espaço bem fechado com grades, onde todos os dias o dito vedor e mais officiaes d'el rei estão sentados ao redor de uma mesa para despacho de todos os negocios que occorrem. Porque todos esses officiaes, e principalmente os que teem a cargo os negocios do apercebimento das armadas moram alli, e todos os aposentos e edificios pertencem ao rei, e os officiaes moram alli emquanto servem seus cargos.

«É n'esta ribeira ou praça que se bate a moeda, que se funde a artilheria, e outras ferragens proprias para os navios das armadas e dos mercadores. É maravilhoso o numero de artifices que alli trabalham em toda a sorte de obras, sem guardar festas nem domingos, dizendo que é para serviço de el-rei, e cada uma d'estas officinas tem um mestre principal, a que sobre o nome de officio acrescentam a designação de mór, o qual é portuguez e tem só por obrigação mandar aos officiaes da sua arte, como carpinteiros, ferreiros, patrões, calafates, bombardeiros, fundidores e outros que são indios pela maior parte. Recebem pagamento aos domingos pela manhã, e n'esse dia trabalham só de tarde. É a mais bella coisa do mundo ver o grande numero de navios que ahi ha, assim no porto, como varados em terra.

«D'alli caminhando para oriente vae sair-se perto do hospital real da cidade, e entra-se em outra grande praça tambem fechada, que está entre o dito hospital e a ribeira, e serve sómente para desembarcação dos pescadores e para embarcação e desembarcação de toda a mais qualidade de gente. Chama-se este sitio o caes de Santa Catharina, e tambem basar de peixe, porque alli se desembarca e vende. Este caes é mui commodo quando chega a armada de Portugal, porque logo que os doentes teem sahido em terra, acham-se junto da porta do hospital, cujas paredes fecham a cidade d'esta banda.

«Mas quando chegam os navios de Portugal é maravilha ver o concurso de gente de toda a sorte que se apinha n'este caes, assim escravos, como outros christãos, canarins, cafres e outros gentios, carregadores e mariolas, que lá chamam boye, e servem para levar qualquer fardo pesado que é mister porque não usam de carretas, mas carregam tudo ás costas com bambus, que são cannas da grossura de uma perna. Estes boyes, quando vão carregados vão sempre cantando certas canções por perguntas e respostas, e caminham sempre a correr. Todas as ruas estão cheias d'estes homens promptos para todo o serviço, ou seja para levar sombreiros e palanquins ou outra qualquer coisa que se queira, e acham-se em certas encruzilhadas. Esta praça é pois para toda a gente, sem differença.

«Mas a outra ribeira ou praça que se lhe segue, é mui bem fechada toda ao redor até muito ávante pela agua dentro, e se chama a *Ribeira das galés*, porque é o logar onde estão as galés de Gôa, que são do feitio das de Hespanha e Italia, mas não ha alli mais que tres ou quatro. Esta praça é bem construida

Digitized by Google

e provida de tudo quanto é necessario assim para os mestres, officiaes e armamento das ditas galés, como para os forçados, que todos alli estão, excepto alguns que ha na prisão da sala, para serviço d'ella, os quaes não sahem ao mar senão em caso de grande necessidade. As portas são guardadas por porteiros, e ninguem alli entra sem ter lá negocio. O logar é mui bello e espaçoso, e o vice-rei desce para elle por uma pequena porta do seu palacio, para alli embarcar sem ninguem o ver. A porta d'esta ribeira é proxima da grande porta da cidade, a qual está logo abaixo do palacio do vice-rei. Todas as mercadorias que se embarcam nas naus e navios que vão para Portugal alli se hão de embarcar, e o vedor da fazenda tem alli uma pequena casa á borda d'agua, e vae e vem aos ditos navios para ver, tomar conta e registar tudo quanto se embarca. Todos os caes são bem construidos, e a maior parte tem degraus de pedra.

«D'alli entrando na cidade, á mão esquerda estão os armazens de guerra e bocca, em grandes alojamentos bem edificados e fechados. A porta da cidade d'este lado é a mais bella e magnifica, contigua ao palacio do vice-rei, e na fachada tem pintadas todas as guerras dos portuguezes na India, e no alto da banda de fóra ha uma bella imagem de Santa Catharina, toda dourada, pois esta santa é a padroeira de Gôa.

«Afóra estas praças ha outras sobre o rio que não são fechadas, nem guardadas, como as precedentes. A primeira que se segue entre o rio e o palacio do vice-rei chama-se caes da fortaleza do vice-rei. Tem pouco mais ou menos setecentos passos de comprido e duzentos de largo, mui direita, plana e revestida do lado do rio de um bom muro com alguns degraus de pedra. É limitada de um lado pelas paredes do palacio do vice-rei e muros da cidade, e dos outros pelos das outras praças. Esta praça ou caes, a que chamam Terreiro, serve geralmente para o accesso de todos os navios de mercadores indianos, os quaes veem aportar alli, assim por causa da fortaleza do vice-rei, que está logo defronte, como porque o vice-rei póde ver da sua janella ou varanda tudo o que alli chega e se faz; e está sempre cheia de embarcações e de muito povo. Ha alli um mui bello edificio do feitio da praça real de Paris, posto que em mais nada se parece com ella, e lhe chamam a alfandega, onde se depositam e vendem toda a sorte de grãos por grosso, e não se podem vender nem levar a outra parte, e alli se pagam os direitos. Ha alli tambem outro grande edificio, a que chamam Bangaçal, para onde se descarregam as mercadorias, que não são coisas de comer.

«No fim d'este caes ha uma praça mui grande, arredondada, onde se faz o maior de todos os mercados de Gôa, no que toca a comestiveis, e lhe chamam o bazar grande. Todos os dias alli ha mercado, porque nunca fazem provimento de um dia para outro, e mesmo se vão aviar duas vezes por dia para o jantar e ceia, sem excepção dos domingos e festas, em que não deixa de haver venda de comestiveis. Ha muitas outras praças e mercados ou bazares, e n'elle a egreja dos Dominicos, mui bem construida e ornada, e ha tambem na cidade muitas outras egrejas e parochias, pela maior parte dedicadas a Nossa Senhora.

Digitized by Google

«Quanto á fortaleza ou palacio do vice-rei é mui sumptuosamente fabricado, e defronte d'elle ha uma grande praça do lado da cidade, a que chamam Terreiro do Paço, no qual os fidalgos e cortezãos se juntam, uns a pé e outros em palanquim, porque o vice-rei nunca sahe sem que no dia antecedente mande tocar os tambores pela cidade, e com isso avisar toda a nobreza para vir no outro dia pela manhã cedo áquelle logar a cavallo, e alli esperam até que o vice-rei sáia, todos o melhor paramentados e ordenados que podem. Defronte da porta do palacio do vice-rei ha um grande edificio onde se congrega o parlamento, que elles chamam camara presidial, e ao primeiro presidente desembargador maior. É a principal justiça das Indias para os portuguezes, e as outras justiças são-lhe sujeitas. Este palacio do vice-rei não é assaz forte para aguentar artilheria da banda da cidade, mas tem bons e commodos aposentos, e á entrada, á mão direita, acha-se a prisão, que chamam Tronco, que faz corpo com o dito palacio, e á esquerda estão os armazens reaes. Este palacio está provido de tudo quanto é necessario, egrejas, relogios, agua, e até o thesouro de el-rei ahi está em parte, porque a outra parte está no convento dos Franciscanos.

«Tem dois grandes pateos mui bellos, e de um se passa para outro. No primeiro pateo á mão esquerda ha uma grande escadaria de pedra mui larga, e que conduz a uma sala mui espaçosa, na qual estão pintadas todas as armadas e navios que tem passado á India, com seu numero, data, nome do capitão, e até os navios que teem padecido naufragio alli estão retratados. É coisa espantosa ver tantos navios perdidos. Em summa, não ha navio vindo de Portugal, por mais pequeno que seja, que alli não esteja retratado, e não tenha seu nome escripto. Mais dentro ha outra sala maior, que é a verdadeira sala do vice-rei e de toda a nobreza, e onde se congrega o conselho. Alli estão pintados ao natural todos os vice-reis que teem vindo á India, e não entra n'ella toda a gente, porque tem guardas. Este palacio está n'um alto, e é mui forte da banda do rio, com paredes mui altas, e é a coisa mais vistosa de toda a cidade. As estrebarias não são no recinto do palacio, mas misticas com elle á mão direita de quem entra. Tem o dito palacio uma sabida da parte do rio, mas esta porta não se abre senão quando o vice-rei quer embarcar. A guarda do dito vice-rei é uma companhia de cem homens, todos vestidos de azul, que é a sua libré ordinaria, e estão sempre junto de sua pessoa, isto é, á porta do palacio ou aposento onde elle está, e quando caminha, os tambores e pifanos tocam. Estes archeiros trazem alabardas, e são todos portuguezes, mas não são em tanta reputação de honra como os que andam nas armadas, e que são voluntarios. Além d'estes ha porteiros ás portas da fortaleza. Sahindo-se d'este palacio para o interior da cidade, entra-se na mais formosa rua de Goa, a que chamam *Rua Direita*, que tem mais de mil e quinhentos passos de comprido, e de cada lado é povoada de grande numero de ricos lapidarios, ourives, banqueiros, e dos mais ricos e melhores mercadores e artifices de Gôa, todos portuguezes, italianos, allemães ou outros occidentaes. Esta rua acaba n'uma egreja das mais bellas e ricas, e bem ornadas da cidade, a qual é toda dourada por dentro. É a egreja da Santa Misericordia, dedicada a Nossa Senhora da Serra.

Digitized by Google

Sobre o portal d'esta egreja, no logar mais eminente, está a figura em vulto de pedra doirada de Affonso de Albuquerque. Junto d'esta egreja ha um recolhimento para donzellas orphãs nobres, as quaes ficam alli até casarem. Os portuguezes casados, quando vão a viagens, tambem alli deixam as mulheres até voltarem. Tambem alli ha mulheres viuvas, que se querem retirar do mundo, e até alli podem entrar mulheres arrependidas, e guarda-se alli clausura. Esta grande rua Direita é tambem chamada dos Leilões, porque se fasem alli, de sorte que todos os dias excepto domingos e festas, desde as seis da mánhã até meio dia, está tão cheia de gente que mais não póde ser. A meio caminho do comprimento d'esta rua está um dos maiores e mais antigos edificios da cidade, a que se chama casa da santa Inquisição, na qual residem todos os officiaes da dita Inquisição, e se guarda a mesma ordem que na de Portugal, com a differença que aqui a justiça é ainda mais severa para com os ricos. Na frente d'esta casa ha uma grande praça ou mercado, e da outra banda está a casa da governança da cidade, mui bem construida, a que chamam a camara da cidade. O palacio da Inquisição é um edificio mui amplo, com uma sala mui bella e grande, com grandes escadarias mui compridas, e fabricadas de mui boa pedra, e não ha casa de rei que tenha uma sala tão bella.

«Alli perto está a egreja grande chamada a Sè, com seu cemiterio. É formada por uma grande e soberba traça, e que mui difficilmente se levará ao cabo, pois ha cincoenta annos que foi começada. Contigua a esta está a casa do arcebispo. A do bispo é tambem alli perto, onde ha a prisão ecclesiastica. Da outra banda do cemiterio da egreja grande está o convento dos Franciscanos, o mais bello e rico do mundo, em cujo claustro está pintada toda a vida de S. Francisco em oiro, azul e outras côres. A egreja d'este convento é mui frequentada, e está em sitio elevado, e o grande largo que lhe está adjacente é todo calçado de pedras largas, e sobe-se a elle por grandes degraus. No fim do mesmo largo ha uma grande cruz de pedra, mui alta e bem obrada, d'alli se desce a uma rua que vae desembocar ao hospital real, encontrando-se no caminho a capella de Santa Catharina, no logar por onde foi entrada a cidade, porque ahi havia uma porta e um baluarte. Esta capella de Santa Catharina nunca se abre senão no dia da sua festa, e sobre a porta está gravado em letras de oiro o dia e anno em que a cidade foi tomada, e uma das bellas ceremonias e solemnidades de Gôa é a procissão que n'esse dia se faz, na qual vae todo o clero e outra gente da cidade com mui boa ordem e magnificencia, e levam grande copia de figuras e mysterios, entremeados de musicas, folias e outras coisas ridiculas, como entre nós se faria em cavalhadas e danças publicas, mas alli é uso em todas as suas procissões geraes.

«Subindo d'alli vae-se direito a uma praça chamada Bazar pequeno, no meio da qual ha um logar elevado, da altura de seis pes, pouco mais ou menos, todo revestido de muro, e chamam aqui o *Terreiro dos gallos*, por respeito das aves e de outros comestiveis que ahi se vendem. D'alli caminhando-se para o meio da cidade, topa-se com a egreja do *Bom Jesus*, dos jesuitas. Logo depois entra-se na rua dos Chapelleiros, mui linda, grande e comprida, que vae dar a uma praça chamada do Pelourinho velho, onde tambem ha

Digitized by Google

mercado, e outro sitio elevado e revestido de pedra, e alli proximo está a justiça ordinaria de Gôa n'um edificio, e n'outro a policia, com um bello açougue. A esta praça vão dar seis ou sete ruas.

«Ha tambem a egreja de S. Thomé, grande parochia, e partindo d'alli e sahindo da cidade, chega-se a um grande largo chamado Campo de S. Lazaro ou de S. Thiago, e n'este mesmo campo está o hospital de S. Lazaro, onde se recolhem os leprosos, e é edificio bello e bem ordenado. Na egreja d'este hospital ha uma capella mui linda dedicada a S. Luiz, rei de França. Havia alli alguns doentes, e a cidade o fundou e o sustenta. Do outro lado e defronte d'elle ha uma lagoa mui bella, onde ha muitas aves aquaticas. N'este campo todos os cavalleiros e fidalgos fazem suas cavalhadas com cannas e laranjas nos dias de S. João e S. Thiago, padroeiros dos portuguezes e hespanhoes, e alli tambem os moradores fazem seus alardos.

«Em outro logar fóra da cidade ha uma praça cercada de muros, chamada o Matadouro, onde se matam as rezes, e d'essa mesma banda está o logar das execuções da justiça, onde ha uma forca de quatro pilares, e é na distancia de um quarto de legua da cidade onde se vão fazer as execuções. Pela rasão dos calores são constrangidos a matar as rezes fóra da cidade, e a enterrar ahi a sugidade e o sangue d'estes animaes. Perto do convento de S. Domingos ha um grande lago ou campo que serve para picaria dos cavallos.

«Mas seria uma coisa infinita dizer por meudo todos os nomes das ruas, praças, egrejas, conventos, palacios e outras singularidades de Gôa, e em geral se pode dizer que tudo alli está bem ordenado. Os banianes e canarins tem suas ruas apartadas, e similhantemente toda a sorte de mercadores e misteres, como os ourives, que teem a sua rua, os lapidarios a sua, e assim os outros, de maneira que é grande commodidade quando se ha mister de qualquer coisa, saber se logo a rua onde se encontra. E o que me fez dilatar tanto nas particularidades d'esta cidade, é que, quem a vê bem, fica sabendo todo o estado dos portuguezes nas Indias Orientaes.

«O numero das egrejas que n'ella ha, é maravilhoso, e não ha praça, rua ou becco onde não haja alguma; e entre outras apontarei a de Santo Agostinho, cuja obra continúa todos os dias, porque o arcebispo é d'esta ordem. Está situada no mais alto logar de toda a cidade sobre um monte, e na sua visinhança estão as egrejas de Santo Antonio e S. Roque, dos jesuitas, e em outro logar o mosteiro das religiosas de Santa Monica, a egreja de Nossa Senhora do Rosario, o convento de S. Thomaz e outras, de sorte que na cidade, arrabaldes, e por toda a ilha andam proximamente por cincoenta entre egrejas e conventos,

«Entre estas egrejas ha quatro dos jesuitas. A primeira e principal é da invocação da Conversão de S. Paulo, e este collegio é o principal de toda a India Oriental, e n'elle vi até ao numero de dois mil meninos estudantes, e mais, assim portuguezes como indios. Os jesuitas nada levam aos estudantes pelo ensino. Contigua a este collegio ha ainda uma mui bella casa d'estes mesmos padres, chamada o Seminario, e tem estudantes pensionistas.

Digitized by Google

«A segunda egreja ou collegio que teem os jesuitas está no meio da cidade, e é tão bello ou mais que o precedente, cuja egreja tem a invocação do Santissimo Nome de Jesus. É custosamente fabricada, toda dourada por dentro, e ainda não está perfeita, mas trabalha-se em a acabar todos os dias. Vi alli uma cruz toda de oiro massiço, que os padres da Companhia de Jesus haviam mandado fazer para dar de presente ao Papa, a qual tinha de cumprimento tres pés, de largo quatro dedos e de grosso dois dedos, enriquecida com toda a qualidade de pedras preciosas, bem lavrada, e pesava cem mil escudos ou mais, e foi enviada a Sua Santidade no navio em que eu vim embarcado na torna viagem. Esta segunda casa é sómente deputada ao serviço do publico, a saber, confessar e administrar os sacramentos, e para receber no gremio da egreja os infieis e baptisal-os. É n'ella que reside o pae dos christãos, que é obrigado a ir todos os dias ás prisões visitar os christãos e outros que quizerem converter-se á fé catholica, solicitar seu livramento e assistir-lhes com esmolas, como para commigo fizeram muitas vezes. Ha outra casa dos mesmos padres junto da segunda egreja, que se chama dos cathecumenos, para cathequizar e ensinar os novos christãos, e n'ella são sustentados e vestidos até serem instruidos e baptisados; dos quaes e de toda a casa tem cargo o pae dos christãos.

«N'um dia da festa da conversão de S. Paulo vi sahir d'esse logar quasi mil e quinhentas pessoas naturaes da terra, assim homens como mulheres e creanças, vestidos ao modo dos christãos em procissão pelas ruas da cidade, em duas alas, levando cada um seu ramo na mão para se differençarem dos outros, e em signal de não serem ainda baptisados, e d'alli foram á precedente egreja e collegio de S. Paulo, onde todos foram baptisados. Antes do baptismo vi um padre jesuita fazer-lhes um bom sermão sobre a excellencia da religião christã, e lhes disse que a não deviam abraçar por força, e que se algum d'elles ahi havia que viesse contra sua vontade, se poderia ir embora, e sahir logo da egreja, ao que todos responderam a uma voz que eram mui contentes, e queriam morrer na fé catholica. Depois de baptisados cada um se recolheu a sua casa, e aos que eram pobres, aquelle padre jesuita deu esmola de dinheiro e vestido; o que se repete todos os annos com similhante pompa e solemnidade, afóra os que se baptisam diariamente em particular. Vi tambem muitas vezes baptisar grande numero de pessoas na egreja dos Franciscanos, no dia seguinte ao da festa do Natal, e chegar o numero a oitocentas pessoas. No dia da Conversão de S. Paulo faz-se grande festa e solemnidade. O vice-rei acompanhado de toda a nobreza, chegando ao numero de duzentos a trezentos fidalgos a cavallo, bem montados e paramentados, vae á dita egreja, e depois da festa janta com os padres jesuitas, o que nunca mais faz, tirando este dia. Todos os estudantes dos jesuitas, ricamente adornados de toda a sorte de vestidos de seda vem esperal-o, formados em ordem de batalha, uns a cavallo, outros a pé, e todos armados, e assim marcham na dianteira do vice-rei fazendo todo o resto do dia alli muitos jogos e folguedos.

«A terceira casa e egreja teem a invocação de S. Roque, e se chama Noviciado, porque n'ella estão os noviços portuguezes que aspiram a ser jesuitas,

Digitized by Google

para se experimentar se poderão permanecer n'esta resolução e guardar a regra. Os naturaes da terra nunca são admittidos á companhia, salvo se procedem de portuguezes por pae e mãe, mas podem ordenar-se sacerdotes. As outras religiões aceitam mestiços, mas não indios puros.

«A quarta casa dos jesuitas é sita a meia legua fóra da cidade; é uma bella casa de recreio, onde ha mui lindas fontes, e serve para recrear e restabelecer a saude dos que estiveram enfermos, mas só sendo de sua ordem. Estes padres jesuitas são alli mui numerosos, e em toda a parte da India onde os portuguezes teem entrada, e ha-os junto de alguns reis infieis, onde fazem grande fructo na conversão dos indios á religião christã, e similhantemente os religiosos Dominicos e Franciscanos.

«Os edificios d'estas egrejas e palacios, assim publicos como particulares, são mui sumptuosos e magnificos, e feitos por canarins, tanto gentios como principalmente christãos. As casas são fabricadas com cal e areia. A cal faz-se de conchas de ostras e outros mariscos; a areia é de terra e não do rio. Cobrem as casas de telhas; não usam de vidraças, mas em vez d'ellas servem-se de cascas de ostras mui delgadas e lisas, que encaixilham em grades de madeira; e deixam passar a luz como se fosse papel ou chavelho, porque não são tão transparentes como o vidro. Tiram a pedra da cantaria na ilha, mas a de que fazem columnas e outras obras primorosas, mandam-n'a vir de Baçaim, onde sahem mui compridas e rijas: assimilha-se ao granito, e é ainda melhor: e não vi n'estas terras de cá columnas de uma so peça tão grandes e compridas, como lá vi. Os edificios são mui amplos, mas com poucos andares, e pintam-nos de encarnado e branco, assim por fóra como por dentro. As escadas são mui largas, feitas em parte de pedra, em parte de terra vermelha com bolo armenio que lhe serve de cimento. Quasi todos teem jardins e quintaes, mas não grandes, com poços dentro. Quanto aos arrabaldes da cidade, ha sete ou oito mui grandes, e todos os seus edificios, e de todo o resto da ilha são do mesmo feitio que os da cidade. Todavia as casas das boticas não são tão magnificas e soberbas como as outras.

«No que toca ás calçadas das ruas da cidade, são feitas de bellas pedras largas, e andam limpas, isto é, as que são em declive, porque as outras são mui lamacentas. Quando chove, vêem-se regueiros por toda a cidade e a agua corre por canaes grandes, profundos, concavos e calçados de sorte que no inverno isto faz com que a cidade ande mui limpa em alguns sitios; mas os regueiros das ruas são tão grandes que algumas vezes é bem trabalhoso passar de um lado da rua ao outro, d'onde vem que em muitos logares ha pequenas pontes e passadeiras, porque aliás seria impossivel atravessar a rua.

«Ha mercados todos os dias de trabalho desde as seis ou sete horas da manhã até ao meio dia. O mercado principal é em todo o comprimento da grande rua direita, a qual por um extremo toca na Misericordia, e pelo outro no palacio do vice-rei. Esta rua é das mais bellas e grandes, cheia de tendas de oalheiros, ourives, lapidarios, tapeceiros, mercadores de sedas e outros artifices de coisas ricas. Emquanto dura o mercado, ha tal concurso de gente na rua, que mal se póde passar. Não temem a chuva no inverno, nem o calor no

Digitized by Google

verão, em respeito d'aquelles grandes sombreiros ou chapéos, que cada um traz, e que tem pelo menos seis a sete pés de diametro, de sorte que, quando aquella multidão está reunida, todos aquelles sombreiros se tocam entre si, parecendo um só toldo inteiriço. Chamam a este mercado leilão, por se fazerem ahi as arrematações em hasta publica. Alli se acham indifferentemente toda a sorte de pessoas, assim nobres como das outras classes, de todos as nações e religiões, para comprar e vender, ou encontrar-se com aquelles com quem tem negocios a tratar, porque este logar lhe serve de praça de commercio. Não são os officiaes de justiça que alli fazem as arrematações, mas outras pessoas que particularmente teem este officio, de que pagam renda a el rei; pois não ha officio, occupação ou mister por infimo que seja, que não tenha seu rendeiro ou contratador da parte d'el-rei, que d'ahi tira sempre algum lucro. É pois alli que se faz a venda de todos os moveis, por justiça ou amigavelmente, e ha muita gente que vende por sua conta, sem apregoar nem affrontar, como se faz nas lojas.

«N'esta praça vê-se toda a sorte de mercadorias, e entre outras, quantidade de escravos, que são alli levados como aqui se faz aos cavallos. Estes vendedores levam apoz si grandes ranchos d'elles; e depois, para os vender, louvam-n'os e gabam-n'os, repetindo todas as suas prendas, officio, força e saude; e os compradores de tudo isso se informam, interrogam-n'os e examinam-n'os da cabeça até aos pés curiosamente, assim a machos como a femeas. E os mesmos escravos, esperando melhor tratamento, com a mudança de senhor, mostram a sua boa disposição, e se gabam a si proprios, para mover a vontade dos compradores. Mas quando os compram, assigna-se um certo dia fixo até ao qual se póde retractar o ajuste, a fim de que tenham tempo de saber a verdade.

«Entre os escravos encontram-se alli raparigas e mulheres mui bellas e lindas, de todos os paizes da India, as quaes pela maior parte sabem tanger instrumentos, bordar, cozer mui delicadamente, e fazer toda a sorte de obras, doces, conservas e outras coisas. Todos estes escravos são a preço muito diminuto, e os mais caros não valem mais de vinte ou trinta pardaus, moeda que equivale a trinta e dois soldos e seis dinheiros cada uma. As moças donzellas são vendidas por taes, e fazem-n'as observar por mulheres, e n'este ponto ninguem ousa commetter engano. Não tem por peccado ter trato com a escrava que compraram, no caso que ella não seja casada; mas quando o senhor a casa, não póde ter mais aquelle trato desde que deu a sua palavra para o casamento. Entre estas raparigas ha algumas mui bellas, brancas e gentis, outras trigueiras, morenas, e de todas as côres. Mas as de que alli gostam mais são as moças cafres de Moçambique, e d'outras partes d'Africa, que são de côr negra retinta, e tem o cabello crespo, e lhes chamam negras de Guiné. O maior rendimento e riqueza da gente de Gôa é procedido do trabalho de seus escravos, os quaes entregam no fim de cada dia ou de cada semana a conta a que são obrigados, e isto afóra os mais escravos que os senhores reteem em casa para seus servos.

«No dito mercado ainda se vê grande numero de outros escravos que não es-

Digitized by Google

tão á venda, mas que levam elles mesmos obras de sua mão a vender, taes como conservas de fructas e outras coisas; outros vão alli para ganhar dinheiro e levar e carregar para onde se quer quaesquer objectos. As moças adornam-se muito para agradar mais e vender melhor a sua mercadoria; e ás vezes são chamadas ás casas, e se alli lhes fazem proposições amorosas, de nenhuma sorte se mostram esquivas, antes aceitam logo a troco de alguma coisa que se lhes dê, e ainda muitas vezes tratam amores para suas senhoras, a quem servem de medianeiras, sem nunca lhes contradizer a vontade, ou revelar o segredo, porque lhe são mui fieis. E todo o dinheiro que ellas podem adquirir por qualquer d'estes meios deve entregal-o a seu senhor e senhora, que a isso dão seu consentimento, e depois repartem com ellas segundo bem lhes parece, mas as escravas não mostram sempre tudo. Todas estas mulheres da India, assim christãs ou mestiças desejam mais ter trato com um homem da Europa, christão velho, do que com os indios, e ainda em cima lhes dariam dinheiro, havendo-se por mui honradas com isso, porque ellas amam muito os homens brancos de cá, e ainda que haja indios mui brancos, não gostam tanto d'elles.

«Vende-se tambem no mesmo mercado grande numero de cavallos, bem arreados, pela maior parte; e são da Persia e da Arabia, similhantes aos cavallos da Berberia, e valem quinhentos pardaus em osso.

«Em summa, vêem-se alli todas as especies de riquezas das Indias, e as mais bellas joias que ser póde. Ha tambem alli cambistas, a que chamam xarafos, que egualmente estão em outros muitos logares da cidade, e teem suas boticas nas esquinas das ruas e encruzilhadas, todas cobertas de moeda, e pagam d'isto tributo a el rei. Tiram grandes lucros, porque alli é necessario ter moeda meuda para ir ao mercado, onde tudo é tanto em conta, que mais não póde ser.

«Perto da praça do Leilão ha outra a que chamam do Pelourinho Velho, na qual ha de dia mercado de toda a sorte de fructas e comestiveis. Mas depois de posto o sol e chegada a noite, é que os meirinhos e officiaes de justiça são recolhidos, faz-se ahi outro mercado a que chamam *Baratilha*, em que se vende a mui baixo preço, e como a medo, toda a sorte de trastes roubados, como roupa, armas e outras coisas, de que toda a praça fica cheia, sem embargo de ser bem grande. E todavia, ainda que seja noite, os meirinhos não deixam de passar por alli algumas vezes, e quando os sentem, cada um se retira velozmente; e depois de elles passarem, todos estes vendilhões voltam a vender as suas mercadorias, e são ás vezes em numero de quatrocentos ou de quinhentos.

«N'esta praça do Pelourinho Velho se acham todos os sangradores, e quem carece de algum para sangrar doentes, alli o vae buscar. Todos estes sangradores são indios christãos, como egualmente o são todos os cirurgiões e boticarios. Emquanto aos barbeiros, pela maior parte não são christãos, e andam pelas ruas a barbear todo o mundo, porque a gente commum não põem difficuldade em se fazer rapar no meio da rua, mas os homens de qualidade entram para isso dentro de casa. Estes barbeiros são mui serviçaes e satisfazem-se com pouco. A maior parte dos portuguezes fazem rapar a barba e o cabello.

Digitized by Google

«No que toca ás aguas potaveis, de que se usa na ilha de Gôa, é mister considerar que o rio cérca toda a ilha, e a maré chega na enchente e na vasante até á cidade. Mas ha em varios sitios muitas fontes de agua boa e excellente para beber, que sahe dos rochedos e das montanhas, e se junta em regatos que regam a ilha em muitos logares, o que é causa de haver tanta copia de coqueiros e outras arvores fructiferas. Além d'isso ha poucas casas que não tenham poços, mas não para beber, porque a agua d'elles não é boa, excepto a de alguns. Só servem as aguas d'estes poços para banhar e lavar o corpo, fazer a cosinha, barrelas e outros usos, pois alli até os homens e mulheres mestiças lavam as partes reconditas depois de fazerem as suas necessidades, assim como fazem os indios. Ha tambem alguns tanques e reservatorios mui bellos, e fabricados de pedra.

«Mas emquanto á agua, que ordinariamente se bebe assim na cidade, como nos arrabaldes, a melhor e a mais saudavel e leve é aquella que se vae buscar a um quarto de legua da cidade, onde ha uma grande fonte de agua bella e clara, chamada *banguenim*, que vem dos rochedos. Os portuguezes rodeiaram-n'a de muros, e a encanaram mui bem, e mais abaixo ha grandes reservatorios, onde a maior parte dos homens e mulheres vão lavar a roupa. Chamam a esta gente, que lava a roupa, *mainatos*. Ha ainda outros reservatorios para se banhar e lavar o corpo. De sorte que o caminho é mui trilhado e frequentado, apesar de ser penoso, porque é mister subir e descer tres e quatro grandes montanhas. Não se vê outra coisa senão gente que vae e vem a esta agua, e mesmo ás dez horás da noite vão em magotes com suas armas, em camisa e calções a lavar-se alli.

«Vende-se esta agua pela cidade; os escravos a levam a toda a parte em grandes cantaros de barro, cada um dos quaes contém dois potes, e vendem o cantaro a cinco bazarucos, que é quasi seis dinheiros. Põem-se com os seus cantaros em certas encruzilhadas e não andam apregoando pela rua. Fazem ajuste com seus senhores sobre quanto lhe devem dar por dia, além do sustento, que tiram do seu trabalho, salvo nos dias de festa e domingos, que os senhores lhes dão de comer, e quando estão doentes. Este mesmo estylo guardam os escravos em todos os outros mesteres. Os portuguezes teriam feito uma boa obra, se fizessem vir as aguas d'esta fonte á cidade por aqueductos e canos, mas dizem que isto assim os enriquece e occupa os seus escravos; e que os estrangeiros se lograriam d'esta boa agua sem lhes custar coisa alguma, porque ha alli mais estrangeiros que habitantes naturaes, e por estas razões não teem querido fazer conduzir aquella agua para a cidade. Ha outra fonte junto a S. Domingos, muito boa, e que vem de uma montanha onde ha uma bella egreja chamada de Nossa Senhora do Monte. Além d'esta ha outras aguas ao redor da cidade, que muitas vezes fazem passar por agua de Banguenim. Quanto á lavagem da roupa faz-se alli com maravilhosa perfeição, e mesmo assim custa muito pouco. Toda a roupa é de algodão mui fino e de longa duração; e é tambem mui saudavel, como eu proprio experimentei durante dez annos que d'ella usei. Os *mainatos* lavam mui bem, e ensaboam uma camisa e um par de calções por dois basarucos, e ainda trazem aquellas peças mui

Digitized by Google

bem e engraçadamente dobradas e pregadas, porque as dobram e pregam quando molhadas, e só depois as deixam enxugar, de sorte que estas dobras e prégas lhe duram longo tempo, e fica parecendo a roupa adamascada e fabricada com aquelles feitios. Usam d'esta roupa assim para a cama e para vestir, como camisas, bacalhaus, lenços de assoar e outras coisas. A maior parte da gente muda de roupa todos os dias. Uma excellente camisa não custa mais que uma tanga ou sete soldos e meio. D'estes pannos d'algodão vem a Gôa uma quantidade maravilhosa.

«Os gentios só bebem a agua dos poços de suas casas, se elles proprios a não vão buscar a outra parte, porque temem que se lhes lance alguma coisa na agua que hão de beber. Bebem por taças de cobre, feitas em fórma de pequenas panellas, e lhe não tocam nunca com a bocca quando bebem, o que os portuguezes e outros christãos da India observam tambem. Alli todos bebem só agua, assim homens como mulheres, rapazes e raparigas. É grande deshonra entre elles beber vinho, e se o fizessem lhe seria lançado em rosto como grande injuria. As mulheres nunca o bebem; mas os homens de qualidade bebem um até dois copos ao jantar e ceia, mas sempre pouco e sem agua. Este vinho vem de Portugal; mas os que não teem meios bebem só vinho de passa. O de Portugal vale a quarenta soldos a canada. E o melhor vinho de passa não vale mais que vinte e cinco basarucos, ou seis brancos, e é bom e forte. O de Portugal é um pouco acido, quando chega a Gôa. O outro vinho, que chamam Orraca, não vale mais de dez basarucos, e é ordinariamente usado pela gente de baixa condição e pelos escravos que com elle se embriagam frequentemente, e aproxima-se da agua-ardente.

«Bebem agua em vasos feitos do mais bello e fino barro, que vêr-se póde, e n'elles se faz extremamente boa e fresca. Estes vasos são esmaltados e ornados com mil sortes de figuras, animaes e flores de côr negra e vermelha, e são tão finos e delicados como vidro; e cada vaso tem a sua tampa. Os de que ordinariamente se servem são em fórma de garrafas de vidro, á excepção de terem a bocca mais larga e o fundo do gargalo mais estreito. Ha uma especie de vasos de barro mui delicados, todos furados de pequenos buracos symetricos, e tendo dentro pedrinhas que não podem sahir, e servem para limpar o vaso. Chamam-lhe *gorgoleta*, e d'ella só sahe a agua a pouco e pouco, e ainda que a voltem de bocca para baixo, não cahe nem uma gota. Zombam dos que não sabem beber por estes vasos, como nos acontecia a nós, mas não julgo muito bom este modo de beber, porque causa ventosidades, e por isso ha muitos portuguezes que o não usam. Copos de vidro só teem os que lhe vão de cá ou da Persia, mas são muito baços, por isso não os teem em grande estimação, e ainda porque tem porcellanas da China em muito boa conta.

«Mas tornando á ilha e cidade de Gôa, é ella emporio e desembarcadouro de toda a India, e maravilhosamente bem povoada, porque além dos estrangeiros, que alli abundam continuadamente, ha portuguezes que são os senhores d'ella, mestiços, indios christãos e grande numero de outros indios infieis, mahometanos ou gentios banianes de Cambaya, canarins de Gôa, bramenes ou outros similhantes, e fazem grande trafico e mercancia, e d'estes ha muitos ri-

Digitized by Google

cos com oitenta e cem mil escudos de seu, e são os que trazem as rendas reaes de toda a sorte de mercadorias, e nada se póde vender sem o consentimento d'estes rendeiros. Cada uma das classes d'esta gente tem suas ruas apartadas, e n'ellas suas tendas ou boticas para cada sorte de negocio, porque os portuguezes não exercem alguma arte mechanica por maior que seja a sua necessidade; e se dizem fidalgos, e vivem á lei da nobresa, e em tudo traficam no que bem lhes parece, e só elles teem faculdade de menear e ter armas, o que não é permittido aos indios, senão aos christãos.

«Os homens de qualidade portuguezes não andam senão a cavallo, e teem grande numero de cavallos que veem da Persia e da Arabia, os quaes são bonitos e bons, e se similham aos de Hespanha, salvo serem mais pequenos. Estes cavallos são amansados por picadores mui destros, que veem das terras de Dealcão. Os arreios d'estes cavallos veem de Bengala, da China e da Persia, e todos são bordados de seda, adornados de ouro e prata e perolas finas. Os estribos são de prata dourada, as redeas cravejadas de pedras preciosas e ornadas de campainhas de prata. Quando não andam a cavallo são conduzidos em liteira ou palanquim. Quando vão pelas ruas, vão acompanhados de pagens a pé, lacaios e moços em grande numero, os quaes levam armas e vestem a libré da casa. Nunca sahem estes homens sem levarem um escravo com um grande guarda-sol, a que chamam sombreiro, que lhes tapa a cabeça; e aquelles que não teem posses para ter escravos, levam elles mesmos o tal sombreiro.

«As mulheres de qualidade tambem não sahem senão sentadas e conduzidas dentro de um palanquim, que é uma especie de liteira levada por quatro escravos, coberta de pannos de seda ou de couro, e são acompanhadas de muitas escravas, todas mui bem vestidas, de pannos de seda, porque a seda é alli ão commum, que todos os criados se vestem d'ella: as damas e pessoas qualificadas mais querem usar algum tecido d'estes paizes da Europa, do que trajar sedas.

«Só os portuguezes podem ser providos em officios e beneficios. Os mercadores e artifices são todos indios, e teem as suas boticas, pagando tributo a el-rei, assim das mercadorias, como das boticas.

«De tres em tres annos el-rei envia um vice-rei, o qual nunca entra sem o seu predecessor ter sahido, e este se retira a uma casa destinada a esse effeito. Sendo retirado, entra o novo com grande magnificencia e triumpho; levantam-lhe muitos arcos triumphaes desde o desembarcadouro até á egreja cathedral, e cada officio e classe de mercadores fazem o seu sem competencia uns com os outros. É acompanhado de todo o clero, nobresa, povo, mercadores e artifices até ao seu palacio, com muitas salvas de artilheria, fogos de alegria e outros apparatos.

«O vice-rei é alli obedecido como o proprio rei, e tem a mesma auctoridade, podendo conceder graças ou condemnar á morte, excepto aos nobres, a quem chamam fidalgos, porque estes, appelando em causa crime ou civel, são mandados a Portugal presos com ferros aos pés. Vi em Gôa um soldado, que tendo sido condemnado á morte por um homicidio, quando era levado ao supplicio, a um quarto de legua da cidade, acertou por sua boa fortuna de ser

Digitized by Google

encontrado pelo filho do vice-rei, que já era provido na capitania de Ormuz, posto que então tivesse de edade dez ou doze annos, o qual averiguado o caso, e lançando-se-lhe aos pés o padecente a pedir graça, perguntou ao seu aio se podia ir pedir isto a seu pae sem o enfadar, e sendo-lhe respondido que sim, foi logo sem demora ao palacio fazer humilde supplica de graça a seu pae, que lha outorgou, com tanto que não fosse coisa que tocasse ao Estado e serviço de el-rei, e tendo o vice-rei sabido o que na verdade era, foi mui ledo de ver o bom natural de seu filho, e todos os que professavam armas lhe deram muitos agradecimentos, com o que ficou livre o pobre condemnado. O vice-rei não se familiarisa com pessoa alguma, nem vae a festas ou banquetes; sae raras vezes, salvo nos principaes dias festivos, ou em outros que lhe apraz. Na vespera do dia em que elle ha de sahir anda-se tocando tambor e trombeta pela cidade, para advertir a fidalguia que se junte vestida de gala e a cavallo defronte do palacio; e cheguei a vêr alli algumas vezes trezentas e quatrocentas pessoas. Estes fidalgos vão soberbamente trajados, e seus cavallos acobertados de oiro, prata, brocados, perolas e pedras preciosas. Quando cada um d'elles chega, apeia-se e entrega o cavallo a seus moços da estribeira, que todos são mouros, isto é, mahometanos de Balagate ou Decan, e não os que tratam dos cavallos. Estes homens adestram mui bem um cavallo, e não o temem, por mais bravo e manhoso que seja, e assim o montam em osso, picam-n'o e despedem-n'o a toda a brida, sem nunca cahirem. Os seus cavallos são os mais gordos e luzidos que é possivel, e para os domar e pôr mais seguros chegam-lhes tambores cheios de muitas campainhas, á similhança de nossos tambores biscainhos, e para os fazer correr a galope atam-lhes pequenos balotes nas juntas das pernas. Nunca vi cavallos tão velozes como aquelles; veem pela maior parte da Persia, e tambem da Arabia, e estes são estimados por melhores. Comem pouco, e dão-lhe feno, mas mais ordinariamente erva verde; e tambem lhes dão um certo grão que se assimilha a lentilhas. Tratam os cavallos com tanto resguardo, que, quando estão na estrebaria, os cobrem inteiramente, e até lhes põem uma especie de colchão para se deitarem, e dão-lhes de beber á mangedoura, e prendem-nos pelos pés posteriores para se não ferirem com couces.

«Mas tornando aos senhores e fidalgos portuguezes, quando se apeiam, aquelles moços da estribeira recebem os cavallos, dos quaes teem grande cuidado, trazendo sempre cada um d'elles o seu espanejador formado tambem de cauda de cavallo, com cabo de pau, para enxotar as moscas, um panno, uma esponja molhada e um pente n'um sacco para limpar a espuma e suor do cavallo, burnil-o e dar-lhe lustro quando é preciso. Usam bellos telizes de veludo encarnado, a maior parte d'elles com franjas e bordaduras; os mais ricos e estimados são de escarlate, e servem para cobrir os cavallos quando os senhores se apeiam, porque, estando montados, não põem telizes, nem quando andam pela cidade usam botas ou esporas. Os loros são de seda e as fivelas e outras guarnições de prata. A cauda do cavallo é atada e coberta de um rabicho formado de anneis e argolas de oiro e prata, adornadas de perolas e pedras preciosas. Além d'estes cavallos mandam mui ordinariamente ir com-

Digitized by Google

sigo uma liteira ou palanquim; e sempre ou vão a pé ou a cavallo, o seu sombreiro ou guarda-sol, assim quando faz calor, como quando chove. E mesmo quando vão a pé fazem levar apoz si o seu cavallo e palanquim e pagens até o numero de dez ou doze.

«Estes pagens não são nobres, mas moços vindos de Portugal, que ainda não teem forças para pegar em armas. Andam todos vestidos de seda, de libré e côres de seus amos, trazem capas, e só servem para acompanhar e fazer os seus recados, e não acompanham com outros servidores. Além d'estes pagens teem seis ou sete grandes cafres de Moçambique, que trazem capa e espada, e lhes servem de lacaios. Trajam de modo diverso dos pagens, mas todavia das côres da casa; e os trazem para sua segurança, porque estes cafres mais depressa morrerião, do que deixarem fazer o menor mal a seu senhor, pois são mui animosos, e de noite trazem outras armas, como piques e alabardas, chamam-lhe peões ou cafres. Os pagens portuguezes nunca vão atraz de seu amo, por mais senhor que seja, e se vão é a cavallo, como entre nós fazem os gentis-homens apoz os principes e senhores. O vice-rei, que no meu tempo havia em Gôa, quando sahia, seu filho não ia com elle, mas atraz uns duzentos ou trezentos passos, com seus fidalgos e servidores, e ordinariamente os de maior qualidade, que querem agradar ao vice-rei, acompanham-lhe ós filhos, e os outros vão com elle.

«Na egreja e nas procissões o vice-rei vae do lado direito, e o arcebispo do esquerdo. O filho do vice-rei vae logo atraz por ter a capitania de Ormuz, e ser assim a primeira pessoa abaixo do vice-rei, porque quem foi capitão de Ormuz não póde ser na India senão irmão do vice-rei. Comtudo o vice-rei pessoalmente não é tão dado á magnificencia como os fidalgos. Todos os que teem cavallos, ainda que não sejam nobres de linhagem, não deixam de acompanhar o vice-rei, porque alli todos se dizem nobres. Quando o vice-rei ou os fidalgos se recolhem a Portugal, vendem todos os seus cavallos aos outros que chegam.

«Quando um vice-rei chega á India, desembarca em Pangim, depois manda avisar da sua chegada com as provisões dos seus poderes, as quaes são abertas nas casas da camara em presença do antigo vice-rei, que se apparelha a deixar o posto; e os officiaes do novo vice-rei fazem mobilar e arranjar o palacio. Sete ou oito dias depois d'isto é recebido como rei, e se fazem para este effeito grossas despesas. O antigo vice-rei vem ao encontro do outro e lhe faz uma falla que diz: Que lhe entrega na sua mão todo o estado; e de que modo deva proceder com os indios, como com os portuguezes, aos quaes por sua arrogancia é mister ter a redea tesa. Isto feito, retira-se, e depois visitam-se pouco, por grandeza. Desde então o vice-rei está fóra do cargo, e já se lhe não dá o tratamento de senhoria, porque na India só o vice-rei e o arcebispo teem este tratamento. O novo vice-rei traz comsigo todos os officiaes da sua casa, e não toma outros, salvo se alguns morreram na viagem. O rei paga salario a todos os servidores do vice-rei.

«Logo que um vice-rei chega, todos os embaixadores dos reis da India os vão cumprimentar, e elle despede correios a todos os reis amigos para confir-

Digitized by Google

mar a alliança, os quaes lhe enviam embaixadores extraordinarios com presentes, fazendo com elle como uma nova alliança. No fim de todos, os christãos da terra (e não os portuguezes, que não querem que se saiba o seu numero) fazem seu alardo, e teem por capitão um portuguez ou mestiço, e são todos obrigados a ter armas. Não se juntam todos em um só dia; mas cada freguezia em seu, e é sempre em dia santificado. Isto faz-se na presença do vice-rei no campo de S. Lazaro, ou passam em formatura por diante do palacio da fortaleza, estando o vice-rei na sua galeria, e o capitão lhe faz uma falla, e todos lhe prestam juramento. Os infieis não fazem alardo, nem lhe é permitiido ter armas em sua casa.

«O vice-rei não vae comer a parte alguma, salvo no dia da Conversão de S. Paulo ao collegio dos Jesuitas, e no dia da Circumcisão á casa do Bom-Jesus. É servido com apparato real em sua comida, e come só; apenas o arcebispo vae algumas vezes comer com elle ao palacio. Nos dias das festas sobreditas os maiores fidalgos comem com elle á mesa, mas não em frente d'elle, nem do seu prato. As casas principaes mandam ao vice-rei muitos manjares delicados e excellentes, mas elle nunca os prova, porque teme muito ser envenenado. So se fia dos jesuitas, e até os ha boticarios que ordinariamente lhe dão os remedios, de sorte que estes padres estão em grande conceito e credito para com elle.

«Emquanto aos ordenados e propinas do vice-rei são pouca coisa em comparação dos grandes lucros que elle póde tirar durante os tres annos do seu cargo, que montam ás vezes a perto de um milhão de oiro. O ordenado é de trinta mil cruzados, cada um dos quaes vale dois pardaus, pouco mais ou menos, o que não chegaria á sua sustentação, se não foram os presentes e outros proveitos que estão em pratica e montam a muito. Logo que chega o vice-rei, os capitães, governadores e officiaes de el-rei o veem promptamente visitar para obter d'elle algum favor, como por exemplo uma capitania de viajem, dignidade ou outra coisa similhante, e para esse fim lhe fazem grandes presentes, e mesmo sem esse intento lhos fazem segundo o rendimento e valor de suas fortalezas, a menor das quaes deixa doze e quinze mil cruzados; porque elles não podem roubar e fazer o seu negocio sem o favor do vice-rei. Todos servem os cargos só por tres annos, e durante esse tempo é mister que juntem para o resto da vida.

«O vice-rei faz grandes mercês e dá recompensas em cargos, rendas e dinheiro aos que teem bem servido a el-rei e aos estropeados, viuvas e orphãs, tudo á custa da fazenda real; e dá de sua mão muitos cargos e officios. Os que teem feito serviços a el-rei procuram certidão d'elle para lhe serem levados em conta, e tambem devem ter a assignatura dos capitães com quem teem embarcado. Mas o mal está em que o vice-rei tira dinheiro de todas estas mercês e officios, e faz persuadir ao rei que os dá; e para isso despacha grande quantidade de petições de mercês, e o vedor da fazenda e os thesoureiros se entendem com elle, negando-se a dar o dinheiro, e todavia dão conta a el-rei, como se o tivessem pago; e o mesmo fazem quanto á paga dos soldados, officiaes e marinheiros.

«O vice-rei dá esmola ordinaria duas vezes por semana, e nos dias de festa e domingos em que sahe. Esta esmola é para os indios christãos po-

Digitized by Google

bres, a quem o seu esmoler dá dinheiro no largo do palacio. Se ha alguma mulher viuva de portuguez, mandam-n'a pôr á parte, e dá-se-lhe mais que aos outros indios. Quanto aos soldados, marinheiros e outros portuguezes pobres, entram na grande sala pintada; as mulheres e creanças ficam n'outra; e o vice-rei manda ao seu mordomo com o esmoler para lhes dar dinheiro. Chega a dar n'um só dia duzentos ou tresentos pardaus. Todas as mulheres e donzellas portuguezas veem em palanquins cobertos e entregam suas petições, nas quaes declaram a sua supplica e os fundamentos d'ella, e no seguinte dia veem ver se teem tido despacho, ou não; as que estão doentes podem mandar outra pessoa. Esta especie de esmolas dá-se segundo a qualidade das pessoas. O vice-rei recebe todas estas petições e as despacha em pessoa no dia seguinte, mas de tudo isso tira bem a desforra em dobro. Envia além d'isso frequentes vezes esmolas ás prisões, egrejas, pobres, hospitaes e outros logares pios; e casa muitas donzellas e mulheres viuvas.

«Ora nos tres annos que assim o vice-rei, como os outros capitães estão na India, teem mais cuidado de se enriquecer, do que de guardar e conservar o estado, e em tão pouco tempo não podem fazer grandes progressos na guerra. Porque no primeiro anno o mais que podem fazer é saber o estado e fórma do governo, conhecer os povos e enviar armadas. No segundo anno enchem as bolsas, porque não dão nada do seu; e se é mister dar presentes aos reis, senhores, embaixadores e outras pessoas, isso corre por conta da fazenda real. Emquanto aos capitães e fidalgos portuguezes, esses não recebem outros presentes, senão capitanias de viagens, permissão de certos traficos ou privilegios e cargos. Aquelles que não entram nos cargos esperam ser generaes, capitães-mores ou seus immediatos, e ter o mando das frotas e armadas de guerra ou mercantes que el-rei envia a differentes partes. Chegado o terceiro anno o vice-rei vae ás vezes visitar com uma grossa armada todas as fortalezas da costa da India, que se estende dêsde Coulão até Ormuz; mas elle tira grandes lucros d'esta viagem, assim dos capitães e governadores, como dos outros officiaes, e do proprio paiz; e ainda todas as despezas correm por conta da fazenda real. De sorte que não é maravilha enriquecerem tanto os vice-reis, além de seus servidores e officiaes em numero de cincoenta ou sessenta que ficam abastados para toda a sua vida.

«Se por ventura acontece alguma desgraça ao vice-rei que vem de Portugal, como muitas vezes acerta; o outro não fica com isso pesaroso, como succedeu no anno antes da minha partida, em que o vice-rei que vinha, e se chamava o conde da Feira, morreu na costa de Guiné, e seu corpo foi levado a Portugal. Vinha com quatorze navios, dos quaes só cinco chegaram a Gôa, e o resto perdeu-se e foi tomado pelos hollandezes. E é para notar que dos que morrem na India só os corpos dos vice-reis são levados a Portugal. Quando o vice-rei recolhe a Portugal escolhe os navios que quer, e os faz prover de mantimentos a que chamam *matalotagem*, para elle e sua comitiva; e ha tempo para isso. E quando os portuguezes sabem que algum vice-rei, arcebispo ou grande senhor e capitão se vae embora, cuidam em se metter no seu rol e obter licença para se irem com elle; porque n'este caso todos quantos vão no navio

Digitized by Google

tirada a gente do mar e officiaes do mesmo navio que levam e teem sua matalotagem á parte, são sustentados de graça, ou sejam fidalgos ou soldados. Assim quando algum grande senhor se apercebe para se embarcar para Portugal, faz metter mantimento para toda aquella gente, além do que para si ha mister. E todavia é preciso grande favor para alguem entrar no rol do vice-rei, porque para uma pessoa se aviar bem de mantimento para a viagem não dispende menos de duzentos ou trezentos pardaus.

É porém grande infelicidade para os portuguezes da India haver algum vice-rei agastadiço, colerico ou vicioso, como muitas vezes ha, ou seja por sua incontinencia com mulheres, ou por outros vicios, porque teem elles tal privilegio, poder e auctoridade, que quando desejam uma bella donzella ou mulher, é bem difficil que por dinheiro, amisade ou por força não logrem o seu intento. Mas de ordinario não carecem de violencia, antes as mulheres ficam com isso mui contentes, e se hão por mui honradas e gloriosas; e se ellas teem marido, este é mandado pelo vice-rei a alguma viagem distante. Mas muitas vezes acontece que como todas estas riquezas dos vice-reis veem da pilhagem e do roubo, por isso o mar fica sendo seu herdeiro e perecem miseravelmente.

«Esta frequente mudança de vice reis não agrada aos portuguezes e á outra gente da India, nem tão pouco a similhante mudança que ha nos capitães das fortalezas, e outros officiaes, e para significarem isto, contam que era uma vez um pobre á porta de uma egreja, com as pernas todas cheias de chagas, nas quaes pousavam as moscas em tal quantidade, que fazia grande compaixão, pelo que outro homem se chegou a elle, e julgando que lhe dava muito gosto, lhe enxutou todas as moscas, com o que o pobre paciente se agastou muito, dizendo que as moscas que elle enxotava já estavam fartas e o não picavam, mas as que viessem de novo famintas o picariam muito mais. Assim (dizem elles) acontece com os vice-reis, porque os fartos se vão embora e vem os famintos. Todavia o rei usa d'estas mudanças por duas rasões; a primeira pelo medo de algum levantamento, porque os capitães não entram todos ao mesmo tempo, mas agora um e logo outro: a segunda para enriquecer e contentar a seus subditos, porque para elle não ha proveito algum. Estando pois os vice-reis alli tão pouco tempo, não podem tomar resolução alguma para se rebellarem, porque, como disse, nem todos os governadores e capitães das fortalezas entram ao mesmo tempo, mas em diversos, e teem quasi todos suas mulheres, filhos e bens em Portugal. E quando tal coisa podessem fazer, seria mister que fossem bafejados de algum poderoso rei da Europa, que fizesse o mesmo que fazem os reis de Hespanha e Portugal, porque se elles não extrahirem as suas mercadorias e fazendas na Europa, toda a sua India não lhe valeria nada. Seria tambem mister que tivessem soccorros de homens, dinheiro, munições, navios e mercadorias da Europa, porquanto a sustentação d'este estado custa tanto, que só póde caber a um rei poderoso, e que conte dispender n'isso mais do que ha de sacar de proveito.

«Mas ha outras coisas que recompensam estas; e são: primeiramente o merecimento geral pela propagação da fé christã; depois a alliança com todos os

Digitized by Google

mais poderosos reis da India; e finalmente o enriquecer todos os seus povos e reinos, que brevemente morreriam de fome sem a India; e egualmente seriam justiçados muitos mais homens em Portugal do que agora são, se não foram estes paizes remotos, onde os enviam degredados para ahi fazerem guerra aos infieis, e servirem ao seu rei por todo o resto da vida.

«Tendo fallado do vice-rei e do seu estado, não será fóra de proposito dizer alguma coisa do arcebispo, primeiro prelado das Indias. Aquelle que o era quando eu estava em Goa, era da ordem de Santo Agostinho,[1] cujo habito trazia; orçava por cincoenta annos de edade, e havia quinze ou dezeseis annos que occupava o cargo. Tinha fama de ser muito caritativo e esmoler. Fez construir e fundou grande numero de conventos e mosteiros; dá esmolas publicamente a toda a sorte de pessoas necessitadas, do mesmo modo que faz o vice-rei, mas dá-as mais frequentemente, porque tambem sahe mais vezes. Á mesa é servido do mesmo modo que o vice-rei. Elle mesmo serviu por muito tempo de vice-rei e de arcebispo juntamente. Dá-se-lhe o tratamento de *senhoria*, como ao vice-rei. Tem amplos poderes sobre todo o clero da India, e re-

[1] «Reconquistada ao Hyde-el-khan a cidade de Goa pelo grande Affonso de Albuquerque, em 25 de novembro de 1510, dia de Santa Catharina, foi esta virgem e martyr da Alexandria escolhida pelo vencedor para padroeira da nova capital da India portugueza, e sob a sua invocação se principiou logo a edificar uma egreja, unica que a cidade possuiu até ao anno de 1542, e que mais tarde se transformou na sumptuosa cathedral, que ainda hoje se admira na velha e abandonada Goa.

Antes porém de começar a edificação d'este primeiro templo da christandade no oriente, já se havia celebrado missa no recinto de Goa, em uma mesquita que a piedade de Albuquerque fizera converter em igreja catholica, e que elle doára, logo depois da conquista, aos religiosos do S. Francisco, que o tinham acompanhado desde Portugal. Foram estes frades os primeiros pastores espirituaes de Goa, como haviam sido os primeiros capellães das naus que devassaram os mares da India.

Passados annos (1542) aportaram ao Indostão os padres da companhia de Jesus, guiados pelo apostolo do oriente S. Francisco Xavier, os quaes tomaram posse do seminario de Santa Fé, instituido por dois elerigos seculares, e que foi transformado em collegio e igreja de S. Paulo, da ordem dos jesuitas.

Appareceram depois no Malabar os filhos do patriarcha S. Domingos, porém só no anno de 1549 se reuniram em communidade n'aquelle estado, e em 1566 estabeleceram-se na India os reformados de S. Francisco; seguiram-se-lhe os augustinianos, que chegaram a Goa em numero de doze no anno de 1572, e logo fundaram convento da ordem dentro da nova cerca da cidade.

Após estes vieram á India os carmelitas italianos, que tambem estabeleceram um convento em Goa e se encarregaram das missões da costa do Malabar e do imperio do Mogol; porém foram expulsos da India portugueza em 1707 por se negarem, como estrangeiros, a prestar juramento de fidelidade ao soberano de Portugal. A sua igreja e cenobio passou para os padres de S. Filippe Nery ou da congregação do Oratorio, que pouco antes se tinham estabelecido na ilha (1682) Já a esse tempo haviam fundado outros mosteiros na capital da India portugueza os theatinos ou clerigos regulares de S. Caetano (1646), e os hospitaleiros de S. João de Deus (1681), que dirigiram por muitos annos os hospitaes d'aquelle vasto emporio. Os carmelitas (ordem terceira) foram os ultimos a estabelecer-se nos estados da India (1750)

Digitized by Google

presenta o papa. Come em publico, e é servido em pratos cobertos. É costume dos arcebispos fazerem comer á sua mesa, e das mesmas iguarias a doze pobres, mas assentados em logar mais baixo que elle; e todavia, este de que fallo os faz comer n'outra mesa perto da sua. Ao jantar e á ceia é servido em baixella de prata ou de prata doirada, e os pobres em porcellana. Estes pobres não são indios, mas soldados e marinheiros portuguezes caidos em necessidade, ou seja por effeito do jogo, ou por não serem pagos de seus soldos. De sorte que quando elle está á mesa, abre-se a porta da sala do jantar, e os seus domesticos esco'hem e fazem entrar as doze pessoas que bem querem. É coisa divertida vêl-os em competencia de quem se sentará primeiro, porque o que uma vez se sentou, não torna a levantar-se. Eu comi alli muitas vezes quando não tinha dinheiro; e quando ha mais de doze pessoas, os que excedem esperam na grande sala que o arcebispo acabe de comer, e então se manda a alguns do que sobeja ao levantar da mesa.

«O rendimento d'este prelado é maravilhosamente grande; e este do meu tempo tinha um mordomo que possuia de seu sessenta mil cruzados, e todos

Estes religiosos repartiram entre si as missões da Asia e Africa oriental do seguinte modo: os franciscanos tomaram para si as de Cochim, Coulão, Ceylão, costa de Coromandel e Japão; os jesuitas, missão universal, dividiram-se em quatro provincias orientaes: do *norte*, do *sul*, do *Japão* e da *China;* os dominicos tinham á sua conta a Africa oriental, Jafanapatão, Malaca, China, Solor e Timor; os reformados de S. Francisco encarregaram-se das christandades de Diu, Damão, Chaul, S. Thomé, e tambem de parte de Malaca, Moçambique, Cochim, Taná e Ceylão; os augustinianos, da Persia, Baçorá, Mascate, Ormuz, Baçaim, Bengala, Mombaça, e tomaram parte em outras muitas missões; os theatinos, do Malabar, Golconda, Bornéo e Sumatra; os carmelitas, de Canapur, Quitur e Tamaricopa; os congregados, de Ceylão, e os hospitalarios, dos hospitaes de Damão, Diu e Moçambique.

O unico convento de religiosas fundado na ilha de Goa, o qual ainda hoje existe, é o mosteiro de Santa Monica da ordem de Santo Agostinho, instituido pelo arcebispo D. fr. Aleixo de Menezes em 1606.

Quando, pela perda de Ceylão, Malaca, Cochim e outras conquistas dos portuguezes, ficou o estado da India reduzido a Goa, Chaul, Baçaim, Damão e Diu, em cujas cidades havia ao todo quarenta mosteiros, mas povoado cada um d'elles de poucos religiosos, tentou-se diminuir o numero de casas conventuaes, ou pelo menos prohibir que de futuro se erguessem novos cenobios; porém uma e outra idéa caducaram, porque as tendencias do seculo não animavam emprezas de tal ordem.

Pela extincção da companhia de Jesus em 1759 foram presos no estado da India os duzentos vinte e um jesuitas que ali viviam em casas conventuaes e collegios; e em 1761 foi cedida a sua casa professa do Bom Jesus, o noviciado da ilha de Chorão e a casa conventual de Rachol aos missionarios italianos de S. Vicente de Paulo, para ali estabelecerem seminarios. Estes padres, expulsos da India portugueza em 1790, por não quererem admittir alguns regulamentos contrarios aos seus estatutos, que o governador e o arcebispo de Goa lhes tentaram impôr, foram substituidos no magisterio por portuguezes da mesma ordem religiosa (do convento de Rilhafolles), e na sua falta por clerigos da congregação do Oratorio.

Por occasião de um incendio na casa do Bom Jesus foi extincto o seminario que ali existia, e os outros dois (Chorão e Rachol) foram ha pouco reunidos em um só. Os colle-

Digitized by Google

os outros seus officiaes e servidores á proporção. Estes servidores são chamados *criados*, e pela maior parte veem de Portugal; os outros são escravos, e chamam-lhes *captivos*. Quanto ás esmolas, não são sempre do proprio bolsinho do prelado, mas todos os annos se lhe entregam grandes sommas de dinheiro para este effeito. Tira grandes presentes e proveito de todos os outros prelados e ecclesiasticos da India. Tem sua justiça e suas prisões em Goa, e tem direito de inspecção sobre a Inquisição, e por este respeito tem sua parte na confiscação dos bens dos que n'este tribunal são condemnados. Este de que tenho fallado é mui curioso de fabricar egrejas e mosteiros, e principalmente um da sua propria ordem, que elle augmenta e enriquece muito e tem ahi feito aposentos separados para elle, onde se recolhe ás vezes por dois ou tres dias. Vae tambem algumas vezes passar oito dias a fio n'outro convento chamado de *Nossa Senhora do Cabo* que é de Capuchos ou Recoletos á entrada da barra, e vae alli por agua na sua *manchua* ou pequena galeota coberta.

Quando o vice-rei ou o arcebispo vão assim por mar, vão acompanhados de muitas outras *manchuas* de fidalgos. Tem tambem uma musica excellente

gios e igrejas de S. Paulo e de S. Roque de Goa, que pertenciam igualmente aos jesuitas, cairam em ruinas com a ausencia dos mesmos padres.

Quando foram extinctas as ordens religiosas na India (1835), existiam em Goa duzentos quarenta e oito frades, repartidos pelas seguintes ordens:

Franciscanos	27
Ditos reformados	31
Dominicos	41
Augustinianos	59
Theatinos	16
Hospitalarios	15
Congregados	36
Carmelitas	23
Total	248

Se a abolição completa de todas as ordens monasticas em Portugal é assumpto que admitte controversia quanto á sua utilidade ou inconveniencia, a extincção das casas religiosas da India não está no mesmo caso: os frades eram os maiores perturbadores da ordem publica, e os inimigos mais declarados da prosperidade d'aquelle estado.

«Affirmo a Vossa Magestade (dizia o vice-rei da India, conde de Villa Verde, em officio datado de 15 de novembro de 1694) que o maior trabalho que aqui teem os viso-reis é com os frades; e sendo-me necessaria toda a attenção para as materias politicas do governo, os frades me perturbam de sorte que para elles só todo o tempo não basta.»

E já em dezembro de 1691 escreviam ao rei os governadores interinos da India.

«Senhor:—Não dá tanto cuidado a quem governa este estado o em que elle se acha, como dão as continuas perturbações dos religiosos que assistem n'estas partes, sendo excepção de todos os *dominicos* e os padres da *companhia de Jesus*, porque só estes vivem com aquella moderação religiosa que em toda a parte costumam ter; porém nos mais é insoffrivel a inquietação que causam, pois apenas se socegaram os religiosos de Santo Agostinho, quando começaram a contender os capuchos, franciscanos e carmelitas; o que

Digitized by Google

de trombetas, charamelas e outros instrumentos, e por esta guisa todos os fidalgos principaes. Quando o arcebispo anda pela rua vae no seu palanquim, acompanhado de muitas pessoas nobres a cavallo, e de dignidades ecclesiasticas em palanquim, cada um em seu; atraz vão muitos pagens e lacaios a pé; os servidores portuguezes vão a cavallo. Nas grandes solemnidades e procissões geraes apparece com apparato pontifical, e adiante d'elle vae um capellão com uma cruz similhante áquella que vi na egreja dos jesuitas, e de que acima fallei. No pateo de seus aposentos e defronte d'elles ha sempre grande numero de cavallos e palanquins de fidalgos e outras pessoas, que alli veem ou a tratar negocios ou a fazer visita. Nunca sahe fóra de Goa, e não faz visitas, deixa isso ao seu bispo de Goa.

«O arcebispo sobredito tinha grande desejo de regressar a Portugal, mas não ousava fazel-o, porque é mister que el-rei envie outro que lhe succeda. Comtudo elle havia obtido licença para se ir embora, e havia feito todos os apercebimentos de mantimentos e *matalotagem* para mais de cem pessoas, afóra os seus domesticos, que montavam bem a outro tanto numero, e são ne-

fazemos presente a Vossa Magestade para que seja servido ordenar o como nos havemos de haver nas bulhas d'estes religiosos, que *devendo gastar o tempo na conversão dos infieis, o consomem e passam todo em dependencias particulares, parecendo os claustros mais quarteis de soldados que habitações de monges.*»

Devemos todavia confessar que se os frades não davam lições de moralidade ao povo, muitas vezes serviram para animar, com o exemplo, os soldados da India. Sabemos, por um documento official do seculo XVII, que os franciscanos obraram proezas na guerra, pelejando e morrendo muitos d'elles, como valentes, na defeza do forte de Chaporá, na investida do baluarte Santo Estevão em Goa, nas muralhas da fortaleza dos Reis Magos, na guarnição do passo de Carambolim, e em outros logares arriscados. A camara de Bardez porém não apreciava as qualidades bellicosas dos bons religiosos, e quasi ao mesmo tempo que elles praticavam feitos heroicos, e derramavam o sangue em defeza do estado, reclamava ella contra as *insolencias, desaforos e injurias* que soffria o povo d'aquella comarca da parte dos ditos religiosos, que parochiavam vinte e quatro egrejas do respectivo territorio.

A India, como todas as conquistas dos portuguezes na Asia e na Africa, estava a principio sujeita na parte espiritual ao prior mór da ordem de Christo, por bulla do papa Leão X, e passou em 1515, por outra bulla do mesmo pontifice, a ficar subordinada, com as demais possessões ultramarinas, ao novo bispo do Funchal e Arguim; porém no anno de 1534 constituiu-se o bispado de Goa (por bulla do santo padre Paulo III, de 1 de novembro) comprehendendo todos os estabelecimentos portuguezes desde o cabo da Boa Esperança até aos confins do oriente, e ficando por então suffraganeo do arcebispado do Funchal, cuja diocese fôra elevada á dignidade metropolitana em 1533.

A instancias de el-rei D. Sebastião foi Goa elevada á categoria de arcebispado, por bulla do papa Paulo IV, de 4 de fevereiro de 1557, com dois bispados suffraganeos: o de Cochim, cuja diocese começava em Cranganor e abrangia a costa de Coromandel até ás boccas do Ganges; e o de Malaca, comprehendendo a peninsula malaia, de Pegu até á China, Java, Sumatra e as Molucas. A diocese de Goa ficava restringida á parte da India ao norte de Cranganor e Africa oriental até ao cabo da Boa Esperança.

Depois foram creados outros novos bispados suffraganeos de Goa; a saber: o de Macau, comprehendendo toda a China e Japão, em 1575; o de Funay, desmembrando o Ja-

Digitized by Google

cessarios ao menos trezentos *pardaus* para mantença de um homem da India a Portugal. Eu e os meus dous companheiros lhe apresentámos a nossa petição, para que fosse servido deixar-nos embarcar na sua nau, o que elle nos concedeu, assim como a outra muita gente. Mas coisa de um mez antes de as naus estarem prestes a partir, determinou ficar ainda mais um anno, e de feito eu soube depois que no anno seguinte recolhera a Lisboa a salvamento. Quando eu estava ainda na India ouvi dizer que o rei de Hespanha estava raivoso contra elle por causa da morte do rei de Ormuz, que elle mandou queimar em Gôa, como adiante direi; porquanto todos os portuguezes dizem que só elle fôra d'este parecer, querendo o vice-rei, toda a nobresa e até a Inquisição salvar o homem; mas o arcebispo trouxe-os á sua opinião com boas pistolas de que estava munido. Pela minha parte eu sempre o achei homem muito de bem e grande esmoler. Mandou-nos dar com que comprassemos camisas e mais vestuario quando estavamos para embarcar. Fallava-nos

pão d'aquelle, em 1588; o de Meliapor, que começava na costa de Coromandel e terminava no Pegu (1606); os de Pekin e Nankin, na China, tambem desmembrados do de Macau, em 1690. O arcebispado de Cranganor, erecto por bulla de 3 de dezembro de 1609, em substituição do bispado de Angomalo (creado em 4 de agosto de 1600), comprehende o territorio do Indostão entre Cananor e Vaipim, e não teve, nem tem, suffraganeos.

Tambem tivemos um patriarcha na Ethiopia, um bispo de Sirene na Persia, e outros *in partibus infidelium*.

Celebraram-se em Goa cinco concilios provinciaes (desde 1567 até 1606), e n'elles se fizeram trezentos e dezeseis decretos relativos á disciplina da egreja.

Desde 1606 que o arcebispo de Goa tomou o titulo de *primaz do oriente*.

Em 1612 foi separada do arcebispado de Goa a costa oriental de Africa, desde o cabo Guardafu até ao da Boa Esperança, cujo territorio passou a constituir a prelazia de Moçambique.

Por bulla do papa Gregorio XIII, de 13 de dezembro de 1572, foi concedido aos bispos de Cochim o direito de governar o arcebispado de Goa na *sede-vacancia;* e por bulla do pontifice Leão XII, de 12 de dezembro de 1826, se estendeu esse mesmo direito ao arcebispo de Cranganor na falta do bispo de Cochim, e ao bispo de Meliapor na falta do arcebispo de Cranganor.

Os arcebispos de Goa e os cabidos da mesma sé perturbaram por varias vezes a paz do estado, a ponto de obrigarem os vice reis e governadores a tomar sérias medidas de repressão contra elles, e até mesmo a provocarem as censuras da côrte e determinações superiores para obviarem aos seus excessos. O breve apostolico de 10 de março de 1635, communicado ao vice-rei da India por carta regia de 27 do mesmo mez e anno, auctorisava-o a mandar governar a diocese pelo inquisidor, quando soffresse opposição do cabido.

O tribunal da inquisição de Goa foi fundado em 1560, abolido em 1774, de novo restabelecido em 1779, mas sem o apparato das fogueiras, e regulando-se o processo dos réus pelas leis geraes do reino; em 1809 passou este tribunal a ser presidido por um secular, e finalmente foi abolido, por carta regia de 21 de maio de 1814.

Quando soou a ultima hora a este tribunal de sangue, sacrilegamente chamado *santo officio*, já estava muito modificado o systema das *torturas*, e tinham acabado os espectaculos de cannibaes, denominados *autos de fé*.» Francisco Maria Bordallo.—*Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas na Asia*, pag. 141.

Digitized by Google

muitas vezes, e fazia-nos muito bem; e admirava-se principalmente como, sendo nós francezes, puderamos passar o Cabo da Boa Esperança, visto que os reis de França e de Hespanha eram entre si amigos, e d'ahi tirava por conclusão que todos eramos piratas e ladrões; opinião que alli era geral sobre nós, não sendo, segundo elles, tanto de estranhar este procedimento nos inglezes e hollandezes por serem seus inimigos assim no que tocava ao estado como na religião. Mas não obstante isto, este arcebispo não dizia, como toda a outra gente, que deviamos ser enforcados com a licença e passaporte do nosso rei pendurado ao pescoço.

«Ha longo tempo que os jesuitas e elle andam em letigio, porque lhe não querem reconhecer superioridade, mas só ao papa e ao seu geral; este processo está pendente em Roma. O arcebispo, quando sahe fóra, faz levar comsigo um grande *sombreiro;* e é para notar que assim o d'elle, como o do vicerei e dos outros grandes senhores, são mui magnificos e cobertos de velludo ou outro panno de seda, e no inverno de algum bom panno oleado; e o cabo d'esses sombreiros é de bonito feitio, pintado de azul, e doirado.

«No que toca aos outros prelados, governam-se em seus cargos do mesmo modo que em Hespanha. Quanto á Inquisição, é composta de dois ecclesiasticos, que são tidos em grande dignidade, e respeito, mas um é superior ao outro, o se chama *inquisidor-mór.* A justiça da Inquisição é alli muito mais severa que em Portugal, e queimam mui frequentemente os judeus, a que os portuguezes chamam christãos novos. Quando estes são presos pela justiça do Santo Officio, todos os seus bens são tambem confiscados, e não prendem senão os ricos. É esta justiça a mais cruel e impiedosa coisa do mundo, porque a menor suspeita, a mais leve palavra, seja de uma creança ou de um escravo que quer ser molesto a seu senhor, fazem logo condemnar um homem á pena ultima, e dá-se alli credito a qualquer creança, por mui pequena que seja, comtanto que saiba fallar. Ora são accusados de pôr crucifixos nas almofadas sobre que se assentam ou ajoelham, ora que açoutam imagens e não comem toucinho; emfim, que guardam ainda secretamente sua antiga lei, sem embargo de fazerem publicamente obras de bons christãos; e verdadeiramente creio que a maior parte das vezes provam contra elles o que querem, porque não condemnam á morte senão os ricos, e aos pobres dão sómente alguma penitencia. E o que é ainda mais cruel e iniquo é que um homem, que quizer mal a outro, por se vingar o accusará d'este crime, e sendo preso, não ha amigo que ouse fallar por elle, nem visital-o, ou procurar por suas coisas, como em similhantes casos acontece aos criminosos de lesa-magestade. O povo em geral não ousa fallar d'esta inquisição, salvo com grande acatamento e respeito, e se por ventura escapasse alguma palavra que de algum modo lhe tocasse, é mister ir logo accusar-se e denunciar-se a si a propria pessoa, se desconfia que alguem a ouviu; porque aliás se outrem a denunciasse, ficaria logo perdida. É horrivel e escandalosa cousa ser alguma vez alli preso, porque não ha nem procurador nem advogado que falle pelo pobre encarcerado; mas os ministros d'aquelle tribunal são juizes e partes ao mesmo tempo.

Digitized by Google

«A fórma de proceder na inquisição de Goa é em tudo similhante á de Hespanha, Italia e Portugal. Ha pessoas que ás vezes estão dois e tres annos presas sem saber porque, e não são visitadas senão pelos officiaes do tribunal; e no logar em que estão nunca vêem a mais ninguem; e se não tem posses para viver, dá lhes el-rei o mantimento. Os gentios e moiros indianos, de qualquer religião que sejam, não são sujeitos á inquisição, salvo se se houverem feito christãos; mas assim mesmo não são castigados tão rigorosamente como os portuguezes, ou *christãos novos* vindos de Portugal, e os outros mais christãos da Europa. Mas se por ventura um indio, moiro ou gentio, tiver divertido, ou impedido outro, que mostrasse vontade de se fazer christão, e que isto se provasse contra elle, seria castigado pela inquisição; como tambem aquelle que tivesse feito a outro deixar o christianismo, como mui frequentes vezes acontece. A causa porque não tratam estes indios tão rigorosamente é porque entendem que elles não podem ser tão firmes na fé como os christãos velhos; e tambem porque assim se impediria a conversão dos outros: de sorte que se lhes deixam ainda algumas pequenas superstições gentias, como não comer carne de porco ou de vacca, ou não beber vinho; e igualmente o seu antigo modo de vestir e adornos, assim aos homens como ás mulheres christãs.

«Ser-me-hia impossivel dizer quanto numero de pessoas esta Inquisição faz morrer diariamente em Gôa, e contentar-me-hei só com o exemplo de um joalheiro ou lapidario hollandez que alli assistia ha mais de vinte e cinco annos, e era casado com uma portugueza mestiça, de quem tinha uma filha mui linda prestes a casar, e havia grangeado uns trinta a quarenta mil cruzados de fazenda. Ora dando-se este homem mal com sua mulher, foi accusado de ter livros de religião protestante, e sendo por isso preso, sua fazenda foi confiscada, e d'ella deixaram metade á mulher, e a outra metade ficou á Inquisição. Não sei que mais aconteceu, porque n'esse meio tempo me vim embora, mas bem creio que terá sido sentenciado á morte, ou ao menos perdido toda a sua fazenda. Era hollandez de nação; não fizeram outro tanto a um soldado portuguez, que era casado em Portugal e na India; mas era pobre, e assim só o mandaram na nossa nau preso para Lisboa; se fosse rico, não teriam tomado o trabalho de o mandar.

«Todas as outras inquisições da India são subordinadas á de Goa. É nas festas principaes do anno que se fazem as execuções, e n'estes autos todos os pobres condemnados marcham juntos com camisas breadas e pintadas de chammas de fogo; e a differença que os que são condemnados a pena ult ma teem dos outros, é que as chammas d'estes correm para cima, e as d'aquelles correm para baixo. São levados á igreja principal, ou *Sé*, que é mui perto da prisão, e alli assistem á missa e sermão, no qual se lhes fazem grandes admoestações; depois são levados ao *Campo de São Lazaro*, e alli os queimam em presença dos outros, que assistem ao auto.

«Fallando agora dos ecclesiasticos da India; ha ahi grande numero de ordens religiosas, que todas recebem renda d'el-rei de Hespanha, além d'aquellas que são mendicantes, e que arranjam grossas esmollas, e a essas mesmas dá el-rei alguma pensão. Os parochos tambem recebem todos d'el-rei as suas

Digitized by Google

ordinarias, e este cobra os dizimos que o papa lhe concedeu: o pé d'altar e mais benesses pertencem aos vigarios e curas. Todos os ecclesiasticos andam vestidos de sarja d'algodão, por quanto a lã alli é mui rara e cara, porque vem de Portugal; e o algodão é mui commodo por causa do calor. Lá não é como cá entre nós, porque toda a sorte de religiosos alli baptisam, confessam, são curas d'almas, e administram todos os sacramentos como os outros sacerdotes seculares, que elles chamam *Clerigos*. Acceitam para padres aos indios naturaes, de qualquer religião que procedam, excepto os jesuitas que não querem senão christãos nascidos de pae e mãe europeus. Todos os ecclesiasticos são mui ricos, e cada um grangeia particularmente pára si o que póde; os jesuitas porém tem tudo em commum; e quando andam de viagem por onde quer que seja não levam mais que o seu breviario. Só elles tambem são os que ensinam a doutrina, e tem collegios n'aquella terra para toda a sorte de sciencias, e instruem toda a sorte de creanças, assim indios como portuguezes.

«O seu principal e primeiro collegio de toda a India é o de S. Paulo de Goa, onde mandaram fabricar contiguas ás sua casa e igreja aposento para isso, e ahi todas as classes são mui bem separadas e ordenadas. Os estudantes não entram na casa dos padres, e os mestres não saem de casa para ir ás suas classes, nem passam á rua para esse fim. Fazem alli muitas vezes brinquedos representam comedias, com guerras e batalhas, tanto a pé como a cavallo, e e tudo em muitó boa ordem, e com vestuario apropriado. Penso que ha n'este collegio mais de tres mil estudantes. Quando vão para o estudo, vão estes antes de entrar nas aulas ouvir missa á igreja de S. Paulo; e quando saem das aulas todos os de um mesmo bairro caminham juntos, e vão cantando pela rua em alta voz resas e orações com seu credo; mas só vão assim cantando os meninos menores de quinze annos; porque os de quinze annos para cima não seguem este estylo. O fim d'este canto é attrahir os infieis á fé.

«Todos os domingos e dias santos depois do meio dia os mestres e outros padres jesuitas para isso ordenados, vão em fórma de procissão pela cidade, com cruzes e bandeiras, cantando com todos os seus estudantes, que marcham formados segundo as suas classes, e então cantam todos, grandes e pequenos, e são seguidos de grande numero de habitantes, e todos vão á egreja do Bom-Jesus, onde um padre jesuita os cathequisa, e toda a egreja está cheia de bancos para este effeito. As mulheres tambem alli vão para ouvir o cathecismo, sem faltarem um só domingo ou dia santo. Estes padres jesuitas não recebem dinheiro dos estudantes. Todos os portuguezes da India teem tambem costume de no dia de finados enviar quanto cada um melhor póde, pão, vinho e outras iguarias sobre as sepulturas de seus parentes e amigos defunctos; e durante o officio todas as sepulturas se vêem cobertas d'estas coisas; e depois de o povo sahir da egreja, os padres ou religiosos aproveitam para si tudo isto, ficando em obrigação de rogar a Deus pelos finados.

«Jejuam vespera de Natal, e jantam ao meio dia; mas antes de irem á missa da meia noite, pela volta das onze horas fazem uma collação que equivale a uma ceia, salvo não comerem carne nem peixe, mas tudo o mais comem e bebem a fartar. As mulheres, sobretudo, assim senhoras como jovens desejam

Digitized by Google

muito esta noite, pòrque, como vão todas á missa, servem-se da devoção para gozarem seus amores. Por todas as ruas ha n'esta noite lanternas. No dia de Natal em todas as egrejas se representam os mysterios da natividade, com grande copia de personagens e animaes que fallam, como cá os bonifrates, e ha grandes rochedos, e por baixo d'elles homens que fazem mexer e fallar estas figuras como querem, e todos vêem estes brincos. Mesmo na maior parte das casas e encruzilhadas das ruas ha similhantes divertimentos, e faz lá n'esta estação melhor tempo que cá pelo S. João. Nas ruas, praças e outros logares da cidade ha mesas cobertas de bellas toalhas brancas e bem obradas, e sobre ellas muitos confeitos, doces seccos e bolos, a que chamam *rosquilhas*, de mil feitios diversos, de que toda a gente compra para dar mutuamente por consoada; e dura este especie de feira até passado dia de Reis. De noite vão pôr grandes letreiros com estas palavras — *Anno bom* — acompanhados de musica e instrumentos.

«Quando chega a festa da Paschoa toda a quinta e sexta feira santa fazem procissões geraes, como é uso em todas as terras de el-rei de Hespanha, e nas taes procissões vão grande copia de penitentes de todas as qualidades, que se disciplinam e marcham de joelhos com os braços cruzados. Seria impossivel representar todas as ceremonias e modos estranhos e supersticiosos, que n'estes actos observam. Para estes penitentes ha logares á maneira de hospitaes, providos de vinagres, doces, pão, vinho e outras especies de refrescos e muitos pannos brancos. O vinagre serve para lhes lavar as feridas, e o mais para os restaurar comendo e bebendo; e ainda os pannos para os limpar e curar.

«Em todas as egrejas fazem mui famosos monumentos. O interior d'ellas é ricamente ornado, e o pavimento juncado de hervas e flores, com grandes ramos de bellas e largas folhas aqui e alli, pela maior parte de palmas, e o mesmo fazem na parte externa, pois n'estas occasiões ao redor das egrejas e ainda nas ruas, que são mui bem variadas, plantam muitas ervas, flores e arbustos. Nos logares visinhos ás ditas egrejas põem grandes lamedas de palmeiras de uma e outra banda; e teem tambem para uso da egreja grande numero de charamellas, cornetas, tambores e outros instrumentos. Ás portas vende-se toda a casta de comestiveis, enfeites e brincos de creanças. Todas as festas começam ao meio dia, e passada esta hora não ha mais solemnidade. Annunciam com cartazes em todas as ruas e logares costumados as festas e as egrejas onde são, com os seus perdões e indulgencias.

«Todos os novos christãos, assim homens como mulheres, trazem ao pescoço grandes contas de pau. Os portuguezes e mestiços trazem-n'as na mão e nunca cessam, emquanto fallam, tratam negocios ou executam outra qualquer acção, de deixar cahir os padre-nossos e ave-marias; não sei o que elles dizem, mas vi muitas vezes que ainda jogando aos dados faziam o mesmo. Teem um costume, que é, quando se eleva o Sacramento, á missa, levantam todos a mão, como quem aponta para o Sacramento, e bradam todos em voz alta, duas ou tres vezes — *Misericordia* — batendo nos peitos. Não usam o pão bento, como nós. Quando seus escravos de um e outro sexo vão á missa, levam ferros aos pés, ao menos aquelles de que se desconfia, que querem fugir

Digitized by Google

«No que toca a seus casamentos, o homem nunca vê a noiva, senão quando ella vae á egreja, mas não falla. Vae ella mui bem enfeitada á moda de Portugal, e coberta de perolas e pedras preciosas; e se lhe agrada, vae o pretendente no outro dia com um padre a sua casa, e a pede em casamento; depois do que póde continuar a ir vêl-a, mas nunca os deixam sós. Casam-se ordinariamente de tarde, e vão em grande solemnidade á egreja. A noiva é ás vezes acompanhada de oitenta ou cem cavalleiros bem ordenados, porque todos os parentes e amigos de uma e outra parte assistem ao acto. Egualmente é acompanhado de outros tantos palanquins, em que vão todas as parentas e amigas. É conduzida por duas das suas mais proximas parentas, e similhantemente o noivo por dois dos seus até ao interior da egreja perante o padre. Estas quatro pessoas são chamadas compadres e comadres.

«Terminada a ceremonia da egreja voltam para casa pela mesma ordem ao som de muitas trombetas, cornetas e outros instrumentos que tangem desde a egreja até casa, e por onde passam lhes vão lançando muitas flores, aguas cheirosas, confeitos e doces sobre o acompanhamento, o que apanham os servidores. Chegados a casa os noivos com os homens e damas, mais proximos parentes e de mais edade entram, e os mancebos ficam na rua, onde recebem os agradecimentos; e no entretanto se recreiam em fazer menear, correr e saltar os seus cavallos defronte da casa, e se batem com laranjadas, e jogam cannas uns aos outros; estando os noivos e toda a mais companhia ás janellas, que são em fórma de galeria, d'onde assistem a esse passatempo. Por fim apeiam-se todos os cavalleiros, e entram n'uma sala baixa onde se lhes offerece toda a sorte de fructas e doces com agua de Banguenim, e depois o noivo lhes vem repetir agradecimentos com toda a cortezia. Segue-se um banquete a todos os parentes, que não dura muito tempo, e concluido elle, cada um se recolhe a suas casas.

«Nos baptismos usam das mesmas ceremonias e solemnidades, que nos casamentos. O padre mergulha tres vezes a creança na agua benta, e põem alli uma grande salva de prata dourada cheia de rosquilhas, biscoitos, massas e outros doces, com um grande cirio plantado no meio e uma peça de oiro pegada n'elle; e tudo isto é para o parocho, excepto a salva.

«No dia da festa do orago de um mosteiro ou convento dão alli um grande banquete a muitas pessoas da sua amisade, e o mesmo fazem os parochos e curas nas festas das suas egrejas.

«Todos os christãos de Gôa, assim portuguezes como mestiços e indios abastados e ricos, vão á egreja em grande pompa e ostentação, acompanhados de seus familiares, pagens e lacaios bem ordenados. São conduzidos no seu palanquim, e todavia não deixam de fazer levar apoz si seus cavallos e sombreiros, e os pagens levam cadeiras ou tamboretes bordados, com duas almofadas de veludo. Todos trazem espada á cinta, e atraz d'elle marcham todos os seus servidores e escravos, de que os mais ricos tem vinte ou vinte e cinco. Mas nunca vão sem as suas grandes contas na mão, e fazem levar um coxim para ajoelharem. Emfim marcham com a maior soberba do mundo, e são tão fausosos, que é mister que um dos servidores tome agua benta para a dar a seu

Digitized by Google

amo ou ama, e isto sendo homens ou rapazes, porque as moças donzellas, e as mulheres nunca chegam nem tocam na pia da agua benta.

«As mulheres ricas e nobres vão pouco á egreja, a não ser nos dias das festas principaes, e quando vão, apparecem soberbamente vestidas ao modo de Portugal com vestidos pela maior parte de brocado de oiro, de seda e prata, ornadas de perolas, pedras preciosas e joias na cabeça, mãos e cintura; e cobrem-se com um véo do mais fino crepe do mundo, que lhes desce da cabeça até aos pes. O véo das donzellas é de côr, e o das damas preto. Nunca usam meias. Os seus vestidos e saias arrastam pelo chão. As chinelas ou chapins são abertos pela parte superior e só cobrem a ponta do pé, mas são todos bordados a ouro e prata em palheta até abaixo do chapim, e por cima cobertos de perolas e pedras preciosas; e tem uma sola de cortiça de quasi meio pé de altura. Quando vão á egreja são levadas em palanquim o mais ricamente paramentado que é possivel; tem dentro um grande tapete da Persia, que elles chamam alcatifa, e ha d'estes alguns que valeriam cá quinhentos escudos; e além d'isso ha duas ou tres almofadas de veludo ou brocado de oiro, prata e seda, uma para a cabeça e outra para os pés; e na egreja estas alfaias são levadas por suas aias ou criadas, que são portuguezas ou mestiças. Se estas damas teem algum filho ou filha pequena, mettem-n'os comsigo no seu palanquim.

«As servidoras ou escravas vão atraz a pé, e chegam ás vezes a ser quinze ou vinte ricamente vestidas de seda de todas as côres, com um grande crepe fino por cima, a que chamam mantos; mas não se vestem ao modo de Portugal, e usam grandes peças de panno de seda, que lhes servem de saias e teem tambem roupinhas de seda mui fina, a qual chamam bajus. Entre estas escravas acham-se mui lindas moças de todas as nações da India. E é para notar que os maridos mandam tambem acompanhar suas mulheres de seus pagens, com um homem ou dois de boa condição, portuguezes ou mestiços, para as levar e suster pela mão depois de descerem de seu palanquim, e as mais das vezes chegam a entrar dentro da egreja no palanquim, tanto é o seu receio de ser vistas na rua. Não trazem mascara, mas andam todas tão arrebicadas, que é uma vergonha. E todavia não são ellas que receiam de ser vistas, mas sim os maridos, que são tão zelosos que mais não póde ser. Uma das servidoras ou escravas leva a rica alcatifa, outra as duas preciosas almofadas, outra uma cadeira da China, bem doirada, outra uma bolsa de veludo onde está o livro, lenço e outras coisas necessarias; outras uma bella esteira mui fina para pôr por cima da alcatifa; outra, finalmente, o leque e mais outras coisas do uso da senhora.

«Estas damas, quando entram na egreja, são levadas pela mão por um ou dois homens, porque não podem andar sós por causa da altura de seus chapins, que pela maior parte teem meio pé de altura, e são abertos por cima. Um d'estes homens dá agua benta na mão da senhora, e esta vae depois tomar o seu logar a quarenta ou cincoenta passos de distancia, gastando no caminho pelo menos um bom quarto de hora, tão grave e pausadamente marcham! e levam na mão umas contas de oiro, perolas e pedras preciosas. As-

Digitized by Google

sim o fazem todas, segundo suas posses, e não segundo sua qualidade. Quando levam consigo seus filhos, fazem-nos ir diante de si. As servidoras e escravas folgam muito de que suas senhoras não vão á missa, porque então vão ellas sós, e podem visitar seus namorados como ordinariamente fazem, e n'isto nunca se descobrem ou accusam umas ás outras.

»Eis ahi as coisas mais singulares e notaveis que eu vi em Goa, e seria um nunca acabar, se eu quizesse particularisar e dizer por miudo tudo o que ahi observei em dois annos que lá estive; contento-me só de haver tocado geralmente algumas coisas, deixando por ellas julgar do resto.

«De maneira que, quem houver estado em Gôa póde asseverar ter visto as maiores singularidades da India, pois é ella a mais famosa e celebrada cidade pelo trafico de todas as nações indianas que lhe levam tudo quanto as suas terras podem produzir, assim em mercadorias como em mantimentos e outras commodidades que alli ha em grande abundancia, porque aportam alli cada anno mais de mil navios carregados de tudo o que torna alli os mantimentos mais baratos que em outro algum logar do mundo, porque o que cá custaria cincoenta soldos, não vale lá cinco. A maior parte dos viveres, fructos e outros regalos e commodidades lhe vem do Dealcão. O peixe de mar é ali em tal abundancia, que ha mais do que é mister, comquanto se coma alli muito mais peixe que carne, porque é aquelle o seu quasi unico alimento, e sem embargo d'isso perde-se outro tanto como se come, porque se não pode guardar por mais de vinte e quatro horas, por causa do calor do paiz que corrompe logo todas as viandas. Não se vê pelas ruas e esquinas outra coisa mais que homens e mulheres que frigem e assam peixe para vender, tudo temperado com os molhos e especiarias necessarias.

«Acrescentarei ainda que tendo assistido dois annos em Goa entre portuguezes, é impossivel referir e exprimir as affrontas, injurias e opprobrios que padeci. E em verdade posso dizer sem vaidade, que se durante o tempo de dois annos que alli me detive, eu tivese o menor vislumbre de esperança de regressar a França, teria sido mais curioso de conhecer e observar as coisas bellas e curiosas d'aquella terra. Mas desde o dia do nosso naufragio até que sahi em terra na Rochella, nunca tive um momento de esperança de minha volta; o que tambem foi causa que me não applicasse a ajuntar riquezas, como podéra fazer, porque lá mui pouca coisa basta para sustentação de um homem, pois tudo é por preço vil. Não deixei, todavia, de observar muitas singularidades no que toca ás riquezas e mercadorias d'aquellas partes, por haver frequentado na maior parte da India, assim os indios naturaes como os portuguezes, com os quaes andei para o norte e para o sul, correndo e defendendo as suas costas, e dando guarda aos navios mercantes na ida e na volta.

«Mas sempre direi que, se os portuguezes tivessem julgado, que me passava só pelo pensamento observar alguma coisa d'entre elles, assim da navegação da India, como outras particularidades de seu estado e commercio, não me teriam nunca permittido o meu regresso, antes me haveriam dado a morte ou desterrado, como fazem aos seus malfeitores, mas eu tive sempre boa cautella de lhes não dar a menor suspeita n'este particular, estando de sobre aviso á

Digitized by Google

vista d'outros exemplos, como foi aquelle em que tendo elles apanhado o batel de um navio inglez na costa de Melinde, e tendo achado dentro d'elle um homem de sonda na mão para sondar e reconhecer a costa, o mataram cruelmente, o que não costumavam fazer aos outros estrangeiros. E posto que eu confesso ser pouco esperto, ainda lhe dava demonstração de o ser menos por medo de lhe dar má opinião de mim. E até lhes fiz crer que eu não sabia ler nem escrever, e que não entendia a sua linguagem; e para viver bem com elles me era mister obedecer-lhes em tudo e por tudo, de sorte que se algum d'elles me queria ou fazia mal, eu tratava por todos os meios de fazer a paz com elle, e de os ter todos por meus amigos. Eis como passei quasi dois annos e meio com elles, sem contar o tempo que levamos na torna-viagem desde Gôa até Portugal.

«Os exercicios a que se dão os Portuguezes, tanto em Gôa, como nos outros logares da India, são primeiramente menear as armas e montar a cavallo, e nos dias festivos e domingos se occupam em mil corridas a cavallo, lançando laranjas e jogando cannas uns com os outros, e estando cada um o melhor apercebido e ordenado que póde. Não passa festividade alguma em que não façam algum brinco a que assiste o povo que alli acode aos ranchos, e a todas as ceremonias e solemnidades da festa se acrescentam feiras, banquetes e musicas em toda a sorte de instrumentos, entremeiando assim os prazeres com as devoções. Deleitam-se tambem muito de ir a passeio pelo rio em suas *manchùas* feitas em fórma de galeotas, onde vão a coberto, com musicas, e assim vão desembarcar ás suas fazendas ou as de seus amigos, onde ha casas aprasiveis com jardins e hortas, mui povoadas de palmeiras e grande abundancia de reservatorios e regatos de aguas claras e frescas; e ahi se banham, merendam e tomam outros refrescos á sombra.

«No que respeita a jogos de cartas e de dados e outros de azar são permittidos, e ha casas deputadas para isso, cujos donos pagam tributo a el-rei, e ninguem ousaria jogar em outra parte fóra d'alli, sob pena de grossa multa. Os que teem por sua conta estas casas e bancas de jogo tiram grandes lucros, porque é coisa admiravel o grande numero de jogadores que ordinariamente ahi se juntam, de que a maior parte até comem, bebem e dormem alli por não terem outra occupação fóra esta. Tudo alli está mui bem ordenado nas salas e camaras, que são bellas, claras e bem alcatifadas, e ha sempre servidores prestes para servirem os freguezes de tudo o que hão mister. Nunca vi jogadores mais liberaes e bisarros do que aquelles, porque os que ganham dão voluntariamente dinheiro aos que estão de fóra do jogo, isto é, áquelles que se entretem a ver jogar, e querem entrar no jogo. Chamam a esta bisaria *barato*. E não é vergonha aceitar esta dadiva, porque passa mais por um honrado presente, que por uma esmola. Dão algumas vezes d'esta maneira boas peças de oiro; e bastantes vezes, quando eu não tinha dinheiro, ia vêl-os jogar, e mais promptamente m'o davam a mim, do que aos outros portuguezes e mestiços. A maior parte dos soldados, que não teem dinheiro, vão ordinariamente a estas casas. Dão tambem muito aos servidores da casa, e os donos tiram dos jogadores um certo tributo.

Digitized by Google

«Em quanto jogam, ha raparigas, servas e escravas do dono da casa, que tangem instrumentos, e cantam arias para recrear os parceiros, e note-se que para isto se buscam as mais bellas raparigas que se podem encontrar. Os parceiros jogam jogo mui forte e sem disputa, por causa da regra e policia que alli ha; e ainda que seja o maior senhor do mundo, sempre vai jogar áquellas casas publicas, mas ha n'ellas camaras particulares, segundo a qualidade das pessoas, e n'estes jogos dispendem grandes capitaes. Gostam muito do xadrez e das damas, e de todos os outros jogos de taboleiro. Não usam o jogo da pella, mas sómente jogam á bolla com a mão; e tambem usam muito do jogo dos paus e da bola. Ha tambem alli muitos pelotiqueiros, charlatães e parcistas, que para os recreiar lhes mostram serpentes e outros animaes raros. Lá, assim os homens como as mulheres, todos aprendem a cantar e tocar instrumentos, mas não usam danças.

«No que pertence a seu modo de viver em casa, todos, assim homens como mulheres, meços e moças, quando chegam a casa, tiram logo todo o vestuario, que julgam sobejo. Os homens ficam só em camisa e calções, que lhe chegam até aos artelhos, e são extremamente brancos e finos, tiram tambem o chapeu e põem um gorro ou carapuça, que é de veludo ou tafetá, em fórma de chapeu, e só tem borda de uma banda. As mulheres ficam com as suas roupinhas ou bajus, mais raras e finas que o mais delgado crepe de cá; de sorte que as carnes apparecem por baixo tão bem como se ellas nada tivessem sobre si, e além d'isso deixam ainda o seio mui descoberto, de sorte que se lhe vê tudo até á cintura.

«Na cabeça nada mais trazem que os cabellos atados e torcidos. Da cintura para baixo põem um panno de algodão ou de seda mui bello, mas não tão transparente e fino como o das roupinhas. A maior parte dos homens que se querem casar não se contentam de ver as raparigas, que pretendem, em seus vestidos de festa e ceremonia, por haver n'elles sobejo artificio; mas para concluir o ajuste, querem-n'as ver em casa nos habitos caseiros, afim de as contemplar com toda a sua natural simplicidade, e ver se ellas são bem proporcionadas ou contrafeitas; e tambem não desejam que ellas estejam então arrebicados, como estão quando sahem fóra e se enfeitam.

«A occupação das mulheres não è outra durante todo o dia mais que cantar e tanger instrumentos, e algumas vezes, mas raras, se visitam. Usam tambem dia e noite mascar *betel*, como fazem todos os indios. Seus maridos são mui zelosos, mas ellas são tão dadas ao amor e aos prazeres carnaes, que apenas acham a menor occasião, não a deixam perder. E nunca lhes faltam occasiões e amantes, quando são bellas e ricas, e por conseguinte podem ser amadas e da sua parte retribuir o amor; e as suas servas e escravas estão mui prestes para servir n'isso a suas senhoras, e grangear-lhe algum bom galan; mas os maridos as vigiam mui cautelosamente, e quando sahem a visitas enviam com ellas algum pagem ou outra pessoa de confiança para observar as suas acções; mas ellas são tão astutas e artificiosas, que quasi sempre chegam a lograr seus intentos.

«Ora todas as mulheres da India usam muito de um certo fructo do tama-

Digitized by Google

nho de uma nespera grande, que se produz não em arvore, mas em uma herva, e é todo verde, redondo, espinhoso por fóra, e por quasi toda a India, é chamado Datró.

«Quando as mulheres querem gosar de seus amores em toda a segurança, dão a beber a seus maridos d'estes fructos desfeitos em alguma bebida ou caldo, e uma hora depois ficam atordoados, e como insensatos, cantando, rindo, e fazendo mil momices, porque perdem então todo o conhecimento e juizo, nem sabem o que fazem, nem o que se faz em sua presença. E as mulheres aproveitam então a occasião de dar entrada a quem bem lhes parece, e fazer tudo quanto lhes apraz, mesmo em presença dos maridos, que nada podem perceber. Este estado dura cinco ou seis horas, pouco mais ou menos, segundo a quantidade da dóse. Depois dormem, e quando despertam persuadem-se que estiveram sempre a dormir sem se lembrarem de coisa alguma do que fizeram, viram ou ouviram.

«Quando tambem os homens querem gosar de uma rapariga ou mulher, e o não podem conseguir, fazem d'ellas o que querem, sem ellas darem por tal. Durante o tempo que n'aquellas terras estive aconteceu acharem-se gravidas muitas mulheres, sem saberem d'onde aquillo lhes vinha. Mas quem tomasse grande quantidade d'este fructo, infallivelmente morreria. Quando os soldados e ontros homens não podem possuir uma mulher, ganham as suas escravas, que por dinheiro vendem e atraiçoam suas senhoras d'esta sorte, fazendo lhes beber d'e ta erva. Verdade é que os escravos são tão mal tratados por seus senhores e senhoras, que cruelmente os tyrannisam, que não ha muito que estranhar se elles se arriscam a tudo para se vingar. Vi um dia em Gôa um escravo de dezoito ou dezenove annos de edade precipitar-se n'um poço, onde se matou para evitar a furia de seu senhor, que corria apoz elle para o castigar.

«Mas ainda que em Gôa as mulheres sejam muito impudicas, e que o clima e os alimentos da terra as favoreçam, todavia nem lá, nem nas outras cidades dos portuguezes ha alcouce publico, nem é permittido havel-o, como em Italia e Hespanha; mas encobre-se alli o peccado o melhor, que se póde; e todavia não se passam maiores privações, do que em muitos outros logares.

«Uma das recreações dos portuguèzes em Gôa é juntarem-se ás suas portas com cinco ou seis visinhas assentadas á sombra em bellas cadeiras para praticarem; e estão todos em camisa e calções, com muitos escravos ao redor de si, dos quaes uns os abanam e lhe enxotam as moscas, outros coçam os pés e mais logares do corpo, e catam os bichos. Assim passam a maior parte do tempo, e saudam cortezmente aos que passam, folgando muito de que se detenham para conversar com elles. Quando comem, ou quando se levantam e deitam, mandam vir toda a sua musica de escravos, assim machos como femeas, para os recrear; e emquanto comem, teem escravos que os abanam e enxotam as moscas de cima dos manjares, porque aliás seria difficultoso não engulir algumas d'estas moscas, de que ha grande abundancia por toda a India. O mais ordinario passatempo das mulheres é estar todos os dias as janellas, e são mui bellas, grandes e espaçosas, em fórma de galerias e sacadas,

Digitized by Google

com jelosias e rotulos mui lindamente pintados, de sorte que ellas podem ver sem ser vistas.»

«Para a guarda pois de toda a costa da India desde Goa até Cambaya, e algumas vezes até Ormuz de uma parte, e da outra até ao Cabo Comorim, para impedir as carreiras dos corsarios malabares, apercebem duas armadas em Goa, e chamam *Armada do Norte* á que vae até Ormuz, e *Armada do Sul* á outra que vae ao Comorim; e são compostas de cincoenta ou sessenta galeotas, com uma ou duas grandes galés como as de Hespanha. Estas armadas sahem no mez de outubro, que é o principio do seu verão, que dura seis mezes pouco mais ou menos, e é o tempo em que correm os corsarios malabares. Para remar em suas galés servem-se de captivos e forçados, e usam da mesma ordem que nós cá usamos. As galeotas são de quinze a vinte bancos de cada lado, e a cada remo não ha mais que um homem que não seja forçado ou captivo, mas canarins e habitantes de Goa, Bardez e Salcete, e colombins, que são a gente mais baixa e rasteira entre aquelles povos, e estes todos servem livremente segundo se concertam. Chamam-lhes *Lascarins*, ao seu patrão *Mocadão*, á galeota portugueza *Navio*, e ás dos malabares *Parós* ou *Paraó*.

«Alem d'estas duas armadas geraes, fazem-se outras que vão a Malaca, a Sonda, a Moçambique, e outras partes onde é mister, e conforme a seus desenhos; mas estas armadas são compostas de navios redondos, que são como galeões, urcas e náos da India, com alguma grande galeota; e vão a soccorrer e reforçar suas fortalezas, como a ilha de Ceilão, e outros logares onde elles tem guerra, ou onde são accommettidos.

«Todas estas armadas se fazem á custa d'el-rei. Sahem tambem galeotas e navios dos outros portos e enseadas dos portuguezes, que vem juntar-se áquelles mais possantes, e são bem armados; e todos juntos correm a costa, e entram e surgem em todos os portos que pertencem a seus amigos e alliados, assim para refrescar, como para o trafico, porque com estas armadas vae grande numero de navios e galeotas mercantes, a que chamam *Navios de Chatins*, para os differençar dos outros, que chamam *Navios da Armada*. Estes navios mercantes andam assim em conserva dos das armadas pelo temor dos corsarios, que obstam a que andem sós. E ainda a maior parte dos soldados, que tem posses, não deixam de fazer suas veniagas ao mesmo tempo que servem a el-rei, o que lhes é permittido e até certo ponto necessario, pelas poucas presas e soldos que tem. Os navios de guerra são apparelhados á custa d'el-rei, mas os navios de *Chatins* correm por conta de seus donos ou fretadores; e todavia não deixam de estar sujeitos, e de obedecer em tudo ao general das armadas, a que dão o nome de *Capitão-mór*.

«Nas grandes galés podem caber duzentos ou trezentos homens d'armas; n'outras galeotas grandes, a que chamam *Fragatas*, cabem cem; e nas pequenas, que são os navios communs, quasi quarenta ou cincoenta. Ha ainda outras embarcações mais pequenas, a que chamam *Manchuas*, onde cabem quinze ou vinte homens. Quanto aos navios redondos o numero de homens que levam é segundo a sua grandeza.

Digitized by Google

«A sua ordem e modo de embarcar é este. Quando se quer fazer um embarque em Lisboa para a India, fazem uma leva de soldados por todo Portugal em cada freguezia, como cá se faz com os gastadores, e acceitam toda a sorte de gente de qualquer qualidade e condição que seja, com tanto que chegue á idade de nove a dez annos; e a esses tomam a rol, e ficam tidos e pagos por soldados. Se não se acha quem queira ir de propria vontade, fazem-nos ir por força, sem differença de idade; e todos são matriculados na *Casa da India* de Lisboa, onde dão fiador até embarcarem. Adianta-se-lhes todo o dinheiro da viagem, porque a maior parte são filhos de gente pobre, e tem necessidade de se vestir e armar. A paga é segundo a qualidade das pessoas. O seu modo de contar o dinheiro é por *Réis*, como em Castella por *Maravedis*, que é uma certa moeda que vale dinheiro e meio da nossa, e dizem tantos mil *Réis*.

«Entre estes soldados matriculados ha dignidades e qualidades mais honradas umas que outras, e estas precedencias lhe vem umas da raça e prosapia, outras de seus serviços e virtudes, e outras ainda do favor; de sorte que recebem paga segundo estas differenças, uns mais, outros menos. Paga-se-lhes em Lisboa toda a passagem junta até á India, e não por mezes; e elles não tem necessidade de se aperceber de provimentos para seu uso particular, porque el-rei lhes fornece tudo o de que hão mister de viveres, refrescos e munições de guerra. Aquelles titulos e qualidades adquirem-nos em Portugal, e todavia o vice-rei não deixa de conferir alguns aos que os merecem, ou aos que elle quer favorecer na India.»

«Estes soldados alistados, ainda que não tenham titulos nem dignidades, não deixam por isso de se tratar entre si por homens bem nascidos, e se dizer todos nobres, quer sejam ou não de vil condição; e os verdadeiros nobres lhe não levam a mal, tanto mais que a differença de sua condição só é sabida entre elles e não dos indios, nem diminue em ponto algum a nobreza dos outros, de que todos os annos vem as listas de Lisboa ao vice-rei; antes estes titulos que elles se dão entre si, não é senão para persuadir aos indios que elles são todos homens de bom e illustre nascimento, e que não ha entre elles raça alguma vil nem mecanica. E por isso não querem que algum portuguez, ou seja soldado ou outro qualquer, faça cousa abjecta ou deshonesta, nem vá mendigar para viver, mas antes o sustentam o melhor que podem. De sorte que o maior trata com respeito o mais pequeno; e prezam este nome de *Portuguez* e *Portugal*, usando do nome de *homem branco*, e desprezam todos esses pobres indios, a quem trazem debaixo dos pés. E não ficavam esses indios pouco espantados quando nós lhe diziamos que elles eram filhos de mariolas, sapateiros, aguadeiros e outros homens de vis mesteres.

«Quando um soldado tem recebido a sua paga e quartel para se embarcar se depois d'isto se esconde para não ir na armada, e o podem apanhar, é punido corporalmente, e mettido em prisão. Nos navios fazem-se duas cosinhas, a saber, a do capitão e soldados, e a dos officiaes do mar e marinheiros. Em cada navio ha tres ou quatro pagens portuguezes, pagos e sustentados como

Digitized by Google

soldados, que só tem por obrigação servir o capitão, tenente e soldados, e os ecclesiasticos que vão a bordo, ou sejam jesuitas ou de outra religião; porque não ha navio onde não vão ecclesiasticos. A maior parte tem escravos, e criados particulares. Ha soldados de grande luzimento e qualidade, e todavia andam todos como os nossos soldados do regimento das guardas a pé com seu arcabuz, pique, partazana, pequenos escudos chinezes, arco e flexas. Usam pouco couraças, mas fazem grande estimação das gargalheiras de bufalo, e gibões acolchoados, que só são capazes de resistir aos golpes de espada, e ás flexas atiradas de longe. Servem-se tambem de capacetes e chapéus de ferro. Quando estão em terra trazem calças á maruja, que tem quasi dez varas de panno, e são mui amplas e largas em baixo, e chegam ao chão; com estas calças não usam meias, e é lhes impossivel correr. Mas quando andam embarcados usam calças de outro feitio, que chamam á franceza, isto é, como ha trinta annos era moda em França, e são mui curtas e estreitas. Não trazem tambem meias nem sapatos, porque dizem que os sapatos lhes impediriam firmar os pés sobre o navio, ou sobre o bordo e enxarcia. De noite tem tendas de folhas de palmeira feitas determinadamente para se cobrirem da chuva; e para se deitarem usam esteiras e chumaços, com tapetes da Persia ou de Cambaya, que são menores; e pela manhã dobram tudo, enfardelam e amarram. Nas embarcações ha tão pouco logar, que difficultosamente se podem os homens, quando estão deitados, estender ao comprido.

«Tendo fallado dos embarques, e do seu modo de viver no mar, direi agora alguma coisa da fórma e maneira de seu proceder quando estão nas cidades, e principalmente em Goa; porque quando se recolhem de suas viagens, residem nas cidades que bem lhes apraz; e da mesma sorte vivem os que se não embarcaram. Uns dão ordem á sua vida de um modo, e outros de outro. A maior parte travam amizade com moças e mulheres não casadas, a que chamam *solteiras*, que quer dizer mulheres de má vida, e vivem com ellas mui desabusadamente, como se fossem casados. Estas mulheres são tidas por mui honradas quando um homem branco, entende-se da Europa, procura a sua amizade; porque ellas o sustentam e tratam o melhor que podem, e lhe lavam e arranjam toda a roupa. Da sua parte estes soldados que são seus *amigos*, como lá dizem, as mantem e defendem em tudo, e até são zelosos d'ellas, como se fossem suas proprias mulheres; e por ellas se bateriam e matariam mui facilmente em duello. Mas é grande desventura para um soldado, ou outro homem portuguez, travar amizade com estas mulheres publicas, mestiças ou indias, porque poucos são os que sahem d'isso sem risco seu; porque se ellas sabem que elles frequentam outras mulheres ou moças, ou que tem vontade de se casar, ou de as deixar por qualquer modo que seja, infallivelmente ellas os envenenariam com uma certa droga, que os deixaria durar seis mezes, mas que no fim d'este tempo sem falta os matará; e por isso é mister que um homem use de grande finura e dissimulação para as deixar. Porém os filhos que d'aqui procedem não são tidos por bastardos, mas herdam de pae e mãe. Quinze dias antes de nós partirmos de Goa houve um contra-mestre de uma das tres naos, que partiram antes da nossa, que foi visitar a amiga de um

Digitized by Google

soldado, e qual entrou em casa n'essa occasião, e lhe deu uma cutilada de sorte que o deixou por morto, e se acolheu a uma greja. Mas a mulher e a criada ficaram mui calladas, e quando veiu a justiça não procedeu contra ellas, nem contra o soldado que se havia acoutado; o ferido porém foi levado ao hospital, e depois de ser são, vendo que a nau em que havia embarcado toda a sua fazenda era partida, viu-se obrigado a vir na nossa nau, na qual comprou gasalhado como passageiro sem emprego algum. Em summa estas mulheres são todas mui apaixonadas dos homens de cá. Quanto aos soldados que fazem vida com ellas, não deixam de se embarcar nas occasiões como os outros.

«Os outros que não fazem vida com as ditas mulheres, juntam-se em numero de nove ou dez, mais ou menos, e tomam um aposento, que lá são mui baratos; porque um aposento que cá vale doze escudos por mez, não chega lá a valer um. Mobilam estes aposentos de leitos, mesas e outros utensilios, e tem um escravo ou dois para todos. De ordinario moram em salas terreas por causa do grande calor. Por isso ha alli aposentos feitos de proposito, que não são divididos em camaras, e só servem para alugar aos soldados, ou outros forasteiros de poucas posses; com quanto haja casas maiores para alugar como cá. Estes soldados vivem pela maior parte mui mesquinhamente, ao menos aquelles que não tem alguma traça; porque alguns ha que tem mulheres casadas ou viuvas, que os mantem occultamente; outros alcançam as boas graças dos senhores e fidalgos, que os não deixam padecer necessidades; e outros mercadejam. Os que de todo em todo se vêem desamparados chegam-se áquelles quatro grandes senhores, de que já fallei, que tem mesa posta para todos.

«Aquelles porém que vivem em commum nunca comem juntos, mas cada um tem a sua ração, e tem n'ella mais vinho, pão, carne e peixe do que duas pessoas poderiam comer. Os que não querem ir comer a casa, mandam um moço buscar a sua comida e ração, e a comem onde querem. Em todo o dia estão na sua sala, ou á porta assentados em cadeiras, á sombra, e á fresca em camisa e ceroulas; e alli cantam, e tocam guitarra ou outro instrumento. Este logar é juncado de folhas verdes, e lançam-lhe muita agua para se conservar fresco. São mui cortezes com quem passa pela rua, e de mui boa vontade offerecem a casa para que possam entrar os que passam, sentar se, galhofar, e praticar com elles. Nunca sahem todos juntos pela cidade, mas aos dois e aos tres quando muito, porque ás vezes não tem mais de tres ou quatro vestidos para servir a dez ou doze. E todavia quem os vir marchar pela cidade dirá que são senhores de dez mil libras de renda, porque vão cheios de gravidade, e levam junto a si um escravo, e um homem que lhes segura um grande *sombreiro* ou guarda-sol. Ha logares aonde se vão alugar estes taes homens, e servem se d'elles meio dia por um vintem, que vale seis brancos. Andam os soldados, de que fallamos, vestidos de seda o mais soberbamente que se póde imaginar; mas logo que chegam ás pousadas, promptamente largam os vestidos, e os passam a outros, se querem sahir a seu turno.

«Vagueiam de noite pela cidade, e por via d'elles corre-se muito risco de andar pela rua depois das oito ou nove horas, apesar de fazerem rondas os meirinhos com seus homens, porque aquelles soldados são mais fortes. Tem

Digitized by Google

um mau costume, e é, que nunca accommettem um homem só por só, mas pela maior parte das vezes cahem sobre um só homem quatro ou cinco, e o matam, seja de dia ou de noite. De noite matam e roubam; e por dinheiro não tem duvida de ir matar um homem.

«Eis como os soldados passam sua vida na India, assim em terra como no mar, uns bem, outros mal, segundo sua boa ou má sorte. Mas a maior parte d'elles por fim casam-se e mercadejam, porque uns não querem voltar a Portugal por terem muito de que viver na India; os outros não podem por falta de meios para a torna-viagem. Não lhes é muito custoso viver lá, porque não bebem senão agua de Banguenim, e um homem acha boa pousada por uma tanga ou cinco soldos por mez; de sorte que com seis brancos, ou tres soldos por dia, póde alli um homem passar bem, e comer com muita abastança.

«Abaixo de Goa não teem os portuguezes mais bella e maior cidade que Cochim. Compõe-se de mui formosas casas, igrejas e mosteiros; e os portuguezes e christãos são regidos pelas mesmas regras e governo que em Goa. Ha alli um bispo, muitas igrejas e conventos, um collegio de jesuitas, e um hospital real para os portuguezes, como em todas as outras suas cidades. O rio que alli passa é bonito, grande e de bom porto. Entrando n'elle á mão esquerda, que é da banda do norte, ha uma pequena ilha, onde está o bello e soberbo palacio do bispo; e chama-se a ilha de *Vazpim*. A cidade é mui povoada, assim de portuguezes como de naturaes, ou sejam infieis, os quaes com tudo não logram alli o livre exercicio de seu paganismo na cidade, e tem de ir ás terras que dependem do rei de Cochim. Ha alli grande concurso e grande trato, e affluencia de todas as coisas necessarias á vida. [1]

[1] «O estado, ou imperio lusitano indico, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava de oito mil leguas de senhorio, de vinte e nove cidades cabeças de provincias, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios, pondo em admiração o mundo, com seus estendidos limites, estupendas victorias, grossos commercios e immensas riquezas; no presente, ou seja por culpas ou fatalidade de imperio grande, está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se póde duvidar se foi aquelle estado mais pequeno no principio, do que se vê no fim. Quem quizer formar cabal conceito do que foi e é agora o estado da India, deve consideral-o nas quatro edades do homem, pueril, juvenil, varonil e de velhice.

Todas estas quatro edades acharemos com a mesma propriedade no estado da India, ao qual, se não dermos tantos annos, daremos semelhantes feitos e progressos. Foi sua primeira edade no feliz reinado d'el-rei D. Manuel, porque no segundo anno de seu governo nasceu para nós a India, sendo descoberta por D. Vasco da Gama: desde seu nascimento até que morreu aquelle invictissimo rei se contam vinte e quatro annos que teve de menino o estado da India. Ao primeiro abrir de olhos descobriu toda a costa da India, desde o Indo até o Ganges, toda a de Ethiopia, Arabia e Persia com seus mares e ilhas, toda a da China e Malaca. Foram suas meninices fundar cidades, conquistar reinos, e fazer a muitos reis tributarios: sómente brincar não soube, porque em todas as guerras que n'aquelles principios teve não pelejavam os portuguezes a brincar; seus jogos eram tirar reis, e pôr reis, depondo os inconfidentes e coroando os fieis. Tudo foi o mesmo, começar a fallar e a mandar. As palavras que dizia eram leis que dava. Ensinou-se a andar, não sobre rodas por casa, mas sobre poderosas naus, porque a fortuna tinha tro-

Digitized by Google

«El-rei e todos os habitantes, naires, macuás, e outros malabares, gentios e moiros, dão-se mui bem com os portuguezes, e vivem todos em boa paz.

«Detivemo-nos em Cochim entre o tempo de prisão e de liberdade quasi dois mezes, e n'essa occasião chegou uma armada de cincoenta vélas portuguezas, governada por um fidalgo portuguez, a qual vinha das partes do Cabo Comorim e da Ponta de Galle na ilha de Ceilão a refrescar alli na fórma do

cado suas rodas. Em toda a terra em que punha os pés era sua. Com estar n'aquelle tempo o estado na primeira puericia, não deu uma só queda, fazendo-a elle dar a poderosos reis que lh'a armavam. Seu primeiro leite foi o sangue de milhares de mouros e gentios, que matou; seu primeiro sustento muitas presas que tomou, muitos commercios que abriu, muita especiaria que mandou a Portugal. Finalmente aquelle estado só no nome e na edade foi menino. E descendo ao particular; em tempo d'el-rei D Manuel se tomou Goa e Malaca aos mouros, se fizeram as fortalezas de Ormuz, Cochim, Calecut, Maldiva, Socotorá, Angediva, Cananor, Coulão, Columbo, Chaul, Pacem, Ternate, Cangranor e Sofala; e tributarios a el-rei de Portugal os reis de Ormuz, de Tidore. de Ceylão, das Maldivas, de Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalá, de Pacem; e outros muitos pediram pazes e communicação comnosco. Houve famosissimas victorias contra principes, que nunca tinham duvidado de as alcançar, ainda dos mais poderosos reis do mundo. Não ficou nação em toda a India, que os portuguezes não levassem diante em seus triumphos. Do Egypto, da Arabia e Turquia concorreram prisioneiros em grossas e poderosas armadas, para que vencidos pelos portuguezes fizessem seus triumphos mais gloriosos. Tão varonil foi a puericia do estado da India.

Os annos que reinou o piissimo rei D. João III, que foram trinta e cinco, são os que teve de adolescencia o estado da India, nos quaes cresceu e se dilatou por toda ella, fundando-se cidades, villas e logares nas terras que ou reis amigos nos largavam, ou as armas conquistavam. Na costa de Coromandel a cidade de S. Thomé ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão cabeça de seu reino, que possuiu muitos annos o estado. Na ilha de Ceylão as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticaloa e Triquimalé. Na costa do norte as cidades de Baçaim e Damão; com muitas villas e aldeias por toda a costa do reino de Cambaya, que é ainda nossa. Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale no Malavar, e a de Macau na China. As victorias foram tantas quantas as batalhas, e estas eram no anno tantas como os dias. Em terra e mar vencemos por vezes ao Çamorim, ao rei de Bintão, a sultão Badur rei de Cambaya, a seu neto sultão Mamude, ao Hidalcão, aos reis de Maluco, ao do Achem, ao de Pam, ao cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao de Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mumbaça, de Tidore e Bachão; fóra outros muitos que, por menos conhecidos, deixo de nomeal-os. E para que a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, castelhanos e turcos sentiram o rigor de nosso ferro, e o favor da fortuna que nos assistia n'aquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Maluco. Os reis que até então pozeram toda sua esperança em nos lançar fóra da India com crueis guerras, já se faziam tributarios, ou pediam pazes como o Hidalcão, o rei de Cambaya, o de Xael, o de Ujantana, o de Adem, o de Caxem, de Dofar, da Sunda, e o çamorim. Eguaes progressos se faziam na conversão das almas que nas armas; receberam o sagrado baptismo os reis de Butuane, de Casimino, de Pimilarano, de Ternate, de Travancor, de Tutucory, de Canor e de Bungo no Japão, com muitas provincias e reinos. Esta foi a segunda edade do estado da India, e por isso lhe podemos chamar adolescencia.

Chegou a edade perfeita com o reinado do senhor rei D. Sebastião, e se conservou ella desde o anno de 1560 até o de 1600 por espaço de trinta e nove annos, em que

Digitized by Google

costume porque os portuguezes e o vice-rei de Goa todos os annos sem falta no principio do verão aprestam duas armadas de cem galés com tres ou quatro galeões, e enviam metade d'ellas para o norte até Diu e Cambaia, e ainda mais avante para guardar a costa e senhorear os mares, a fim de que ninguem navegue sem sua licença ou cartaz; e a outra metade enviam para o sul até ao Cabo Comorim e Ceilão para o mesmo effeito, e principalmente para lim-

Portugal conheceu tres reis, D. Sebastião, D. Henrique e D. Philippe. Já n'este tempo o estado attendia mais a se conservar que a conquistar; comtudo, fez uma fortaleza em Mombaça para senhorear aquelle reino, tres no Canará, que foram Mangalor, Barcelor e Onor, a de Sirião em Pegú, os fortes do Sena e Tete nos rios de Cuama; fundou-se a cidade de Golim em Bengala. Pelejou-se valorosamente e defendeu-se o estado no sitio geral, que a todo o estado pozeram seus inimigos com poderosissimos exercitos. O Hidalcão desceu sobre Goa, o Izamaluco sobre Chaul, o Çamorim sobre Châle, o achem sobre Malaca, sem que a divisão do poder diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor de nossa gente. De tão grande invasão não tiraram nossos inimigos mais que desespe ação de não prevalecer contra um estado, que no mesmo tempo rebatia a quatro tão opulentos e bellicosos monarchas. Não contente o estado com se defender, tratou de se vingar do cunhale, que, tomado ás mãos em sua propria fortaleza, foi degolado em Goa; nem escapou da morte o rei de Lamo, por culpas que tinha commettido contra o estado; o de Ampaza foi castigado com assolação de sua côrte e reino; tomou-se ao Melique o morro de Chaul, uma das melhores fortalezas do mundo; e se fizeram pazes com quasi todos os reis da India, acceitando outros por vassallos d'esta corôa, como o de Pate, Pemba, Quiteve, Monomotapa. Este de mais de render vassalagem a el-rei de Portugal, promettendo de lhe guardar fidelidade, quiz tambem tomar sua fe e ser christão, como é já de paes e avós. N'esta edade do estado da India acham os antigos que foi a sua flôr dos annos; porque, opprimidos ou compostos nossos inimigos, gozava o estado de todos os bens que traz comsigo a paz. Andavam os mares cobertos de navios, que a toda a parte navegavam, com grandissimos interesses, que nos não tiravam os mouros, como d antes, porque já lhes tinhamos tomado os passos da sua navegação, assim com fortalezas em terra, como principalmente com armadas no mar das Maldivas, de Meca e de Arabia Pagavam os reis tributarios suas páreas, procuravam todos ser amigos do estado; os portuguezes estavam ricos, e éram respeitados como homens exemplares do valor. Iam e vinham ricas frotas do Japão, carregadas de prata; da China traziam ouro, sedas e almiscar; das Molucas o cravo; da Sunda a massa e noz; de Bengala toda a sorte de roupas preciosissimas; de Pegú os estimados rubins; de Ceylão a canella; de Mussulapatão os diamantes; de Manar as perolas e aljofares; do Achem o benjoim, das Maldivas o ambar; de Jafanapatão os elefantes; de Cochim os angelins, teccas e couramas; de todo o Malabar a pimenta e gengibre; do Canará os mantimentos; de Solor o seu pau; de Borneo a camphora; de Maduré o salitre; de Cambaya o anil, o lacar e roupas de contracto; as bandilhas de Chaul; o incenso de Caxem; os cavallos da Arabia; as alcatifas da Persia, com toda a sorte de sedas lavradas e por lavrar; o azebre de Socotorá; ouro de Sofala, marfim, ébano e ambar de Moçambique; de Ormuz, Diu e Malaca grossas quantias de dinheiro, que rendiam os direitos das naus que por alli passavam E emfim não havia cousa de estima por todo o Oriente, que, ou por tributo, ou commercio, não fosse do estado Os seus viso-reis, desembaraçados já das guerras, procuravam assignalar-se no governo da paz, e propagação da fe de Christo, que a olhos vistos se ia dilatando.

«Chegou o anno de 1600, e n'elle a declinação do nosso estado.»

(Padre Manuel Godinho.—*Viagem da India, por terra para Portugal*, cap. I.)

Digitized by Google

par o mar dos corsarios malabares, que lhes fazem guerra e a todos os mercadores, de sorte que ninguem, n'estas regiões da India ousará navegar sem cartaz dos portuguezes, se se não sente com forças como fazem os arabios e os de Sumatra e outros que com elles andam de guerra e de inimizade.

«Cananor é uma cidade assás bella, situada á beira, mas é tambem porto. Os portuguezes teem n'esta cidade uma pequena fortaleza, onde ha igrejas e um collegio de jesuitas.

«O hospital de Goa é um hospital verdadeiramente real, excellente e magnifico.»

Pyrard, depois de muitos trabalhos conseguiu chegar a Laval na Bretanha a 10 de fevereiro de 1611. Ambos os volumes de suas viagens são interessantissimos para os portuguezes, mas as dimensões d'este *Diccionario* não permittem maiores extractos.

Digitized by Google

Q

1098) QUELEN (AUGUSTE DE).

E.—*Breve rélation de l'état de Pernambuq.* Amsterdam, 1640.

1099) QUELEN (DOOR AUGUSTUS VAN).

E.—*Kort Verhael vanden staet vau Fernambuc, Toe-ge eygent de E. Heerea Gecommitteerde ter Vergae deringhe, vande Negenthiene, inde Geoctroyeerde West-Indische Compagnie, ter Camere van Amsterdam.* T'Amsterdam, 1640. 14 pag. sem numeração. (M. S.)

1100) QUESNEL (LEO).

Escreveu em o numero da *Revue Politique Litteraire* do anno de 1875 (jornal que se publica em Paris) um artigo intitulado *Le mouvement intellectuel en Portugal—les etablissements scientifiques, litteraires et artistiques* O artigo termina pelo seguinte periodo, no qual comparando-nos com a Hespanha, somos apreciados mui honrosamente:

«A cultura intellectual dos portuguezes é superior á dos seus visinhos: possuem menos talentos notaveis, mas a media é mais elevada. A sua instrucção primaria começou mais cedo e com mais desinvolvimento. Portugal tem finalmente hoje sobre a Hespanha um progresso de meio seculo.»

1101) QUIJARRO (D. MIGUEL).

E.—*Las mujeres españolas, portuguezas y americanas.* Madrid, 1872.

É edição muito luxuosa, e que segundo uma declaração do auctor deverá importar n'uns 45 contos de réis.

1102) QUILLINAN (Mr.).

E.—*Journal of a few months residence in Portugal and glimpses of the South of Spain,* 2 vol. (Diario da residencia de alguns mezes em Portugal, etc.)

Digitized by Google

1103) **QUINET (EDGAR).**—Litterato francez notavel, fallecido em março de 1875.

E.—*La France et la Sainte-Alliance en Portugal.* Paris, 1847, in-12.° É tambem auctor da obra intitulada *Mes vacances en Espagne*, na qual se encontra o seguinte artigo :

«Um navio inglez, que vae tocar em Lisboa, põe fim a meu captiveiro em Cadix. Este paquete recolheu ao passar por Gibraltar um grande numero de mulheres inglezas, e quasi egual numero de gaz ellas, que trazem das Indias. As alegres gazellas de Sacontala fazem cabriolas no meio do deserto entre os grupos de hespanhoes e portuguezes meio nus, e deitados no convés. Os dois maiores orgulhos alli estão em frente: hespanhoes e portuguezes acham uma secreta alegria em ostentar sua miseria diante do inglez que herda a fortuna d'aquelles. Este olha com pasmo para aquelles senhores cahidos do throno das duas Indias, vê n'elles como uma vaga prophecia do que espera os reis do Oceano, quando o subdito revoltado se lembrar de querer mudar de amo.

«No dia seguinte, depois de termos perdido a terra de vista durante quasi toda a viagem, entravamos no Tejo. O rio estava agitado por uma forte ventania do Norte. As collinas arredondando-se ao longe, formam uma immensa concha, onde a cidade se ostenta em espiraes de madreperola até sobre os pincaros: procurava com os olhos alguma parede negra contemporanea de Camões. Enxerguei pela proa do navio um velho monumento, cuja impressão se confundirá sempre para mim com a de Portugal. Imaginae no Tejo uma velha cidadella, cujas torres gothicas são sustentadas sobre gigantescos hippopotamos de granito, alguns nadando á flôr d'agua, e outros revolvendo-se nas areias. Via esta velha fortaleza no rio caminhar pelo mar dentro. Dos focinhos de pedra batidos pelas ondas saía um como mugido de um povo amphibio. Eu representava na imaginação a fortaleza embandeirada, levada ao longe pelos cardumes marinhos através dos estreitos, dos oceanos de Vasco da Gama, de Magalhães e de Albuquerque: e os Lusiadas naufragados appareciam no alto das ameias, que alternadamente se abaixavam e levantavam com o bramido das vagas, misturados com o som das torres ao anoitecer.

«Quando os antigos mareantes depois de terem conquistado mundos, entravam no seu paiz, desembarcavam diante do atrio do mosteiro de Belem: era a porta pela qual deviam entrar todos os triumphos de Portugal, segundo o dizer de João de Barros.

«Corri para este sitio, unico sobre a terra, e alli vi um monumento d'uma sublimidade tão nova, tão original, que todo o pensar do povo portuguez me pareceu alli encerrado.

«Não tivesse o terramoto deixado subsistir nenhumas outras ruinas, este monumento fallaria só, a alma maritima de Portugal viveria em cada pedra.

«No sitio do Tejo, em que Vasco da Gama embarcou para procurar o continente das Indias, n'esta *praia das lagrimas*, como lhe chama João de Barros que viu tantas sensações de receio, de esperança e de dôr, tantas partidas, abraços e adeuses que se julgavam eternos, e regressos triumphantes, o rei D. Manuel mandou erigir um templo. Sua architectura é gothica; mas o caracteris-

Digitized by Google

tico do genio é ter alli misturado todos os caracteres da vida do mar; cabos de pedra que ligam os pilares gothicos uns aos outros, altos mastros de mesena que sustentam as ogivas, os florões, as abobedas, em quanto a vela da humanidade incha, no seculo XVI, debaixo da viração do céo.

«É ainda a casa de Deus da edade média, mas apparelhada como um navio saindo a foz. Se entrardes no interior do claustro já os fructos e as plantas dos continentes recentemente revelados, os cocos e os ananazes, são colhidos e suspensos nos baixos relevos. O espirito de aventuras, perigos, sciencia e descobrimentos, respira n'aquellas paredes mais que em nenhumas outras. É a impressão d'esse momento inexprimivel de enthusiasmo, em que Christovão Colombo, Vasco da Gama, Magalhães e João de Castro, entoam de joelhos o *Gloria in excelsis* amainando as vélas diante das terras desconhecidas. Aqui sereias gothicas nadam n'um mar de alabastro; acolá macacos trepadores do Ganges se balanceiam nos cabos da nave da egreja de S. Pedro. Os periquitos do Brazil esvoaçam em torno da cruz do Golgotha. Lagrimas correm sobre os brasões. Ajuntai mappas mundi de marmore, astrolabios, esquadros unidos aos crucifixos, machados de abordagem, escudos, escadas, maçames, nós de cordas enroladas que amarram as columnas e os pilares, vós conhecereis na mais pequena miudesa, uma egreja maritima, a barca empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio das angustias do homem, cingra pacificamente ficando os ventos para traz, sobre oceanos ainda não visitados. Elephantes de marmore sustentam triumphalmente a urna funebre do rei Manuel, que presidiu á descoberta da India, outros mortos jazem perto d'aquella urna. Direis vós serem os pilotos adormecidos debaixo da abobeda abatida entre as duas pontes.

«Hoje o convento de Belem está abandonado: a tempestade civil agita-se em volta dos mastros de pedra; as andorinhas do mar pousam sobre as vergas.

«A magnificencia de Lisboa é mais triste do que os despovoados de Hespanha. Ruas sumptuosas, praças immensas, a cabeça de um grande imperio; e o silencio, a solidão de uma nação, ou de uma Gomorrha engulida. Esta melancholia me impressionava principalmente comparando-a com a embriaguez das cidades de Castella e de Andaluzia. Onde estão os cantares de Sevilha? Onde os grupos de la puerta del Sol de Madrid? A Hespanha dansa em cima de ruinas; Portugal agonisa no liminar d'um palacio. Apesar de Camões não ter nem estatua nem jazigo em Lisboa, tudo alli falla d'elle. A magestade dos logares, a miseria do homem, a pompa da cidade moderna, a fealdade da antiga, os edificios que ao longe se confundem nos seus tectos com os recortes das nuvens, e que de perto rescendem os cheiros cadavericos do hospicio, os eremiterios abandonados, o carro rustico de grandes rodas que atravessa o terreno deserto, uma parte do rio dourado atravez de uma viella fetida, tudo traz á memoria o esplendor e penuria de Camões.

«O unico personagem que se agita, se inquieta, e murmura no meio d'essas solidões sumptuosas e lividas, é o Tejo. Desce magestosamente das serras. Chama ao passar por seu antigo povo de argonautas, o rei dos oceanos. E o

Digitized by Google

que é para espantar, em nenhuma parte da Europa se attende melhor á apparencia, o exterior é mais regular e mais rico, a policia melhor instituida, o povo mais docil. Aquillo a que hoje entre nós se dá o nome de ordem é realisado alli com uma perfeição admiravel, o silencio soberano do tumulo. Com tudo isto Lisboa de D. Maria parece a capital de Ignez que desenterrada e assentada n'um throno posthumo, governa entre a bancarota e o jesuitismo uma monarchia defuncta.

«Ó meu querido paiz, *ditosa patria minha amada*, chegará para ti o dia da desgraça? Se esse dia tem de chegar, que meus olhos não lhe vejam o principio! Depois de ter atravessado tambem um mar de gloria, França, patria d'aquelles que esperam, assentar te-has tu tambem por tua vez na praia do silencio e do esquecimento? Bastantes pessoas te convidam para isso, e tu já te entretens com suas palavras de aspides deitados debaixo das flores. Ah! Se em algum tempo a empreza dos maus se cumprir, se elles conseguem arrancar-te o coração, não te deixando mais do que a avareza: se de mentiras em mentiras, de vicios em vicios, elles te fazem descer córada de vergonha até á região da morte, onde elles habitam, não esperes que te deixem um sepulchro tão bello, como o do imperio portuguez. Não has de ter as rosas de Cintra para ornarem tua sepultura: o céo das Hesperides não ha de dourar tua cabeceira. O Tejo não lavara a immundicie de tuas ruinas!

«E todavia, apesar d'este aniquilamento mortal juraria eu em como o fogo moral lavra ainda debaixo de algum logar; esta terra ha de começar a tremer e a lançar relampagos. Pois ha em Lisboa uma fibra, que estremece. Esta nacionalidade ferida, calcada aos pés da Inglaterra, irrita-se contra qualquer espirito estrangeiro. Ella não se defende sómente com seus odios; está refugiada em casa de poetas, e nada merece maior attenção do que a liga, que se fórma em Lisboa entre alguns escriptores para diligenciar erguer um povo naufragado. Acha-se n'elles um enthusiasmo para a historia, um sentimento de saudades e lagrimas, ás quaes a Hespanha nunca se entrega: alem d'isto no meio d'esta melancholia, lampejos subitos de esperança, como se a véla de D. Sebastião despontasse no horisonte. O menos triste d'estes poetas, Castilho, é cego de nascença; vê com os olhos da alma a antiga patria na sua antiga bellesa.

«O chefe da renascença litteraria é Almeida Garrett. Continua na sua vida aventurosa as provas dos poetas portuguezes. Na sua peça de Gil Vicente conseguiu apaixonar esta não impressionavel Lisboa. O espectaculo da côrte do rei Manuel e tantas recordações de poesia e de conquistas repentinamente reveladas, commoveram profundamente a cidade que se julgava morta. Desde esse tempo Garrett não cessou de remechar as cinzas de Portugal.

«Na sua ultima peça enterneceu as mais intimas fibras do seu paiz, apresentando em scena uma d'essas historias populares que não respiram mais que poesia e paixão. João de Portugal, um dos companheiros do rei Sebastião, foi deixado como este por morto na batalha de Alcacerquibir. Passados alguns annos sua viuva D. Magdalena, desposou um outro cavalleiro, D. Manuel de Sousa, de quem ella gostava secretamente. Um resto de incerteza ácerca da

Digitized by Google

morte de seu primeiro marido envenena todas as suas alegrias; este presentimento, sustentado pelas crenças populares a respeito da vinda de Sebastião, converte-se n'um indizivel terror. João de Portugal acaba finalmente por tornar a apparecer debaixo do vestuario d'um peregrino. Á sua vista Magdalena e Manuel retiram-se para um convento, sua filha morre de vergonha.

«O poeta faz pesar com muita arte, como a fatalidade antiga sobre o destino d'uma familia, a vaga esperança nacional do regresso de D. Sebastião. O enthusiasmo credulo da menina, que espera o salvador de Portugal, o terror de sua mãe, que não espera d'ahi mais que a morte e a deshonra, formam uma lucta tragica.

«Em sua simplicidade enternecedora, este drama representa o fundo intimo da vida portugueza, com a mistura de expectativa, saudades e esperança envenenada pela felicidade apparente e impossivel, que degenera n'essa melancholia ardente para a qual a lingua de Camões tem uma palavra, cujo equivalente não se encontra em nenhuma outra. A palavra *Saudade*, que significa desejo, magua, solidão — tudo juntamente.

«O effeito é tanto mais penetrante quanto a esperança realisada não serve, aqui mais que para dilacerar todos os corações. Finalmente, quando os principaes personagens dizem seus adeuses ao mundo para entrarem no convento, parece que a nação em peso se cobre de lucto.

«A nacionalidade reapparece hoje na litteratura, entre os hespanhoes como uma festa, entre os portuguezes como uma angustia. A poesia para estes ultimos é esse João de Portugal, que depois de ter passado por morto durante longos annos, vem pedir com a face magoada e o coração opprimido o antigo amor perdido. Accrescentae que estas duas renascenças se operam em dois povos visinhos, sem se importarem uma da outra, sem influirem uma sobre a outra. Não pergunteis em Lisboa em que região do globo Madrid está situada: estas duas cidades não se conhecem, nem sequer de nome. Tal é finalmente o fervor sincero com que se compozeram em Lisboa mais dramas nos ultimos cinco annos, do que antigamente n'um seculo; e a opinião a este respeito está mais alvoroçada do que nunca esteve depois dos Lusiadas.

«No silencio que os cerca, estes homens teem o ar de continuar a batalha em volta do corpo do rei Sebastião. Ninguem na Europa se occupa com o que elles fazem: estão com tanta attenção a animarem seus mortos, que não lhes acode o pensamento de se queixarem do isolamento. O que ha de certo n'este despertamento da litteratura é que a rhetorica alli não serve de nada, e que elle representa um estado verdadeiro do espirito do Meio-dia.»

1104) QUETIN.

E.—*Guide en Espagne et en Portugal*, etc. Paris, 1841.

Digitized by Google

R

1105) **RABBE (ALPHONSE).** — Litterato francez, nascido em Riez (Alta Provence) no anno de 1786, e fallecido em Paris no de 1830[1].

E.—*Resumé de l'Histoire de Portugal depuis les premiers temps de la monarchie jusqu'en 1823 par —. Avec une introduction par R. T. Chatelain.* A Paris. Chez Lecointe et Durey, 1824, 12.°, XXVIII, 440.

«Portugal parece ter sido destinado para dar ao mundo a solução de dois problemas igualmente instructivos, a saber: como um paiz, ao qual a exiguidade de seu territorio e de sua população parecia condemnar á obscuridade, póde pelo caracter de seus habitantes elevar-se á categoria dos grandes imperios: depois, como póde cahir d'essa alta categoria pelo abuso das conquistas, pelas instituições viciosas, e, mais que tudo, pelo dominio d'uma corporação, que consegue suffocar tudo quanto havia de grande e de generoso no caracter nacional. Toda a historia de Portugal encerra-se n'estes dois periodos. (Pag. 1.)

«Portugal rompia a unidade da peninsula hispanica, parecia ser uma emanação de Hespanha, e a desproporção das forças deveu muitas vezes inspirar aos reis catholicos a esperança de incorporar em suas possessões um paiz, que parecia destinado pela natureza a não passar de uma provincia hespanhola. Porém este paiz continha um povo bravo e amante de sua independencia. Vencidos algumas vezes antes que submettidos, os portuguezes ficaram sendo uma nação a despeito de seus poderosos inimigos.

«E tas guerras frequentes, a necessidade de se conservarem precavidos contra seus visinhos teriam podido ser sufficientes para a actividade d'um outro povo, mas era então necessaria uma outra coisa para a actividade emprehendedora dos portuguezes. Não era bastante para elles ter expulsado os moiros, foram procural-os á Africa. O espirito cavalheiresco, o fervor religioso, uma ambição mal dirigida sustentavam esta guerra, que inundou de sangue portuguez as areias africanas, sem mais resultado, que desastres frequentes, triumphos gloriosos, mas estereis, e a possessão de alguns logares que esta-

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 41.°, pag. 386.

Digitized by Google

vam bem longe de valerem todos os sacrificios que tinham custado. No entanto estas guerras tão contrarias á politica preparavam a grande epocha de Portugal. Conservavam os habitos militares, o gosto das correrias longiquas, e animavam o enthusiasmo dos navegadores. Novos estabelecimentos, novas descobertas na costa occidental d'Africa assignalavam de vez em quando seus esforços: a linha equinoccial foi passada, a tempestade arrojou Bartholomeu Dias além do Cabo da Boa Esperança. O caminho das Indias pelo Oceano estava desde então aberto ao navegante audacioso, que ousasse reconhecel-o. Vasco da Gama appareceu, e dentro em poucos annos o dominio portuguez se estendeu por paizes mais vastos do que os que tinham sido submettidos aos romanos.

«Foi uma grande epocha não sómente para Portugal, mas para o mundo inteiro. A Hespanha descobriu a America: as esquadras portuguezas abriam para Asia caminhos ignorados: o universo tão imperfeitamente conhecido até então patenteava-se á Europa assombrada. Um ardor de emigração se apossava de tudo quanto tinha uma imaginação viva e um coração intrepido. Não podemos deixar de ter inveja aos que viveram n'aquelle seculo de prodigios, em que o universo parecia engrandecer se diante d'aquelles que procuravam conhecer seus limites. Os acontecimentos que nos occupam hoje parecem bem mesquinhos, quando comparados com esses relatorios inesperados, que vinham annunciar novos mundos, nações incognitas, uma civilisação estranha a nossas artes, costumes e crenças. O mundo avelhantado já não póde esperar essas grandes revelações. Aquelle seculo de descobertas assimilhou-se aos seculos abalisados por um grande desenvolvimento do espirito humano: quasi nada deixou aos seculos seguintes.

«O valor portuguez brilhou com um clarão vivo na India, foi coroado com numerosas conquistas, conquistas mais gloriosas que as dos hespanhoes na America por serem mais disputadas, mais uteis á Europa, por deterem a inundação do poder musulmano. Não é ao terror de armas desconhecidas, ao medo superstitioso inspirado por seus corseis, que os portuguezes deveram seus triumphos: tiveram que luctar contra povos, que conheciam o uso das armas de fogo, contra os mamelukos havidos como a primeira cavallaria do mundo, Seu valor indomavel e sua disciplina triumpharam de todos os obstaculos. Estes atrevidos aventureiros reinaram como senhores absolutos sobre regiões que lhes prodigalisavam todos os thesouros do luxo oriental. Julga-se facilmente que effeito devia produzir sobre a imaginação dos portuguezes a narração de suas expedições longiquas, e das ricas conquistas que d'ellas eram o premio: que emulação deveu estabelecer-se entre elles para irem procurar uma parte de gloria e de riquezas nas vastas possessões que o valor de seus compatriotas acabava de conquistar na Africa, Asia e America Septentrional.

«Os primeiros conquistadores da India não pareceram unicamente guiados por aquella sede de oiro, que gera quasi sempre a sede de sangue. Foram rigorosos para com os povos, que querendo conservar ou recuperar sua independencia, apenas lhes pareciam vassallos rebeldes. Porém não foram barbaros, e a justiça temperou muitas vezes sua severidade. Coisa rara! Os procon-

Digitized by Google

sules enviados de Lisboa para governar aquelles paizes subjugados mostraram algumas vezes eminentes virtudes; taes foram os Almeidas e os Albuquerques. Quando depois da morte d'estes illustres chefes a avareza e effeminação, apoderando se dos portuguezes, augmentaram sua crueldade na proporção que lhes tiravam sua coragem, alguns historiadores referem que os indios opprimidos invocavam chorando a lembrança d'aquelles grandes homens e lhes pediam justiça contra os excessos de seus indignos successores. N'uma epocha mais recente, e em seculo mais illustrado, a India soffreu o jugo de novos conquistadores: horriveis crueldades teem ainda assolado suas margens, mas nenhum nome se tem apresentado ao reconhecimento dos indios, nenhuma recordação de justiça e de humanidade se associou aos estragos da ultima conquista; não houve Albuquerques nem Almeidas entre os novos dominadores da India.

«Aquelle caracter activo e audaz, que impellia os portuguezes ás emprezas arriscadas e ás conquistas longiquas, devia despertar n'elles o genio poetico. Vasco da Gama teve seu Homero. Camões, viajante e soldado cantou as viagens e combates dos primeiros conquistadores da India. Seu genio enthusiasmou-se ao aspecto das grandes scenas da naturesa; só podia crear a ficção de Adamastor quem tivesse arrostado com os perigos de uma navegação tempestuosa além do Cabo das Tormentas. Salvo da furia das vagas e dos riscos da guerra, o canter da gloria portugueza findou na miseria seus dias, amargurados pelas desditas, as quaes nem poderam extinguir seu genio, nem abater sua alma. Em nossos climas temperados vemos os poetas formarem se pelos estudos sedentarios e longas meditações, mas debaixo do céu da Peninsula parece que o genio gosta de se revelar no meio das agitações de uma vida aventurosa. Camões, entre os portuguezes; entre os hespanhoes, Cervantes, Alonzo d'Ercilla, Garcillaso de la Vega, poetas e guerreiros ao mesmo tempo, consumiram sua vida nos combates e nas viagens a remotos paizes. Esta escola tem feito mais para a gloria litteraria de Portugal e de Hespanha, do que as universidades de Coimbra e de Salamanca.

«Portugal elevava-se ao apogeu de seu poder. Este poder ia declinar, pois os mesmos meios que o tinham fundado deviam arrastar sua prompta decadencia.

«A conquista da India tinha consumido uma parte da população de Portugal. Frequentes expedições eram necessarias para reparar as perdas que o ferro e o clima faziam experimentar aos conquistadores. Tornavam-se estas expedições mais fracas á medida que os recursos do paiz minguavam. Os thesouros da India affluiam a Portugal, mas a industria e a agricultura definhavam. Quasi toda a população estava em armas, e o resto vegetava na indolencia. O governo julgava-se rico, porque suas frotas lhe traziam oiro; ignorava que a unica riqueza real de um paiz é a que se encontra na fertilidade de seu solo e na actividade de seus habitantes, por ser a unica fonte que se renova sem cessar. O oriente era tributario de Portugal, mas Portugal era tributario das nações industriosas da Europa. (Pag. XIII.)

«Poucos nomes são necessarios que soem aos ouvidos como Viriato e Ser-

Digitized by Google

torio para bastarem á gloria de um povo. Comtudo a gloria da nação portugueza não está limitada a esses fastos antigos. Ver-se-ha que era uma raça de homens proprios para coisas grandes, e verdadeiramente mais idoneos para vencerem do que para serem escravos. É outrosim uma verdade bem comprovada pela sua resistencia á monarchia hespanhola, sua constante inimiga, do que pelos prodigios de valente audacia nas terras da India. Os portuguezes, adversarios desproporcionados de seus ambiciosos visinhos, se compararmos as populações e os territorios, triumpharam d'elles antes que o poder hespanhol se tornasse colossal e se tivessem enfraquecido a si mesmos pela deslocação total de suas forças consagradas a suas vastas expedições d'além-mar. (Pag. 8.)

«Porém se a natureza não tivesse posto esta nação nas costas do oceano, como para abrir um campo sem limites á sua buliçosa inquietação, não se póde dizer aonde a teria levado essa necessidade de movimento e de conquistas, com as quaes todos seus passos nas Indias estão assignalados. Esta estreita facha de terra, apertada entre o oceano e as montanhas teria quiçá subjugado a Peninsula inteira. Póde ser que a nação portugueza tivesse representado na Europa o brilhante papel que coube á Hespanha no tempo de Carlos V, se bem cedo ella não tivesse ido derramar o melhor de seu sangue no golpho persico, nas margens do Ganges, em Ceylão, Java, Sumatra, nas duas margens d'Africa, no outro lado nas selvagens campinas do Maranhão e do Amazonas.

«Assim o destino de Portugal permittiu que, emquanto a Hespanha opprimida e conquistadora atormentava o occidente, fosse estabelecer o dominio da velha Europa nas regiões quasi esquecidas do oriente, e que a salvasse provavelmente da invasão dos povos selvagens, que tyranisavam ao mesmo tempo a antiga Grecia, e as mais bellas regiões da Asia. Sem a descoberta de Vasco da Gama o facho da liberdade apagava-se de novo, e talvez para sempre.

«E para bem comprehender a extensão dos direitos que a nação portugueza póde reclamar do reconhecimento eterno dos povos christãos, é mister considerar a natureza e o numero dos obstaculos que ella teve de vencer n'essa distante carreira dos estabelecimentos da India.

«Finalmente com uma imaginação impetuosa e uma sensibilidade apaixonada, a que seu excesso mesmo torna propria para todas as direcções, como um povo participando da ignorancia commum na Europa até ao seculo XVI, e depois calcado e mantido nas mesmas trevas pela inquisição, teria este povo evitado ser supersticioso? Confessemol-o então sem receio de prejudicarmos sua gloria: os portuguezes souberam resistir aos romanos; expulsaram os moiros ao cabo de tres seculos de occupação, e viveram livres em presença de Hespanha por setecentos annos submettida em suas mais bellas provincias á dominação do Crescente; mais tarde, em varias batalhas famosas, quebraram os ferros que esta rival lhes trazia; depois fundaram dois grandes imperios nas duas Indias. Tudo isto fizeram os portuguezes. Mas, depois de triumphos tão numerosos e tão variados em tantas regiões remotas e

Digitized by Google

variadas, estes mesmos homens, estes descendentes dos companheiros dos Viriatos succumbiram á inquisição e ao jesuitismo. Comtudo, que ha n'isso de extraordinario, e que não seja conforme á sorte de muitas outras nações? (Pag. 16.)

«A terceira epocha do commercio portuguez abrange todo o seculo XVI, e é a mais brilhante, é a que os historiadores cognominaram *edade de ouro de Portugal*, expressão que deve ser tomada aqui no sentido o mais litteral. Foi com effeito durante este bem longo periodo que as riquezas da Persia, Arabia, Mogol, costas da India, China, Japão, archipelagos da India vinham a Goa, deposito geral d'estes vastos dominios, e levadas d'alli a Lisboa em numerosas frotas se distribuiam pelas differentes nações da Europa, cujos navios affluiam a Lisboa. Durante um seculo inteiro os portuguezes fizeram o commercio exclusivo da Africa e da Asia. A idéa de seu poder (nota um escriptor) fez tal impressão sobre os habitantes d'estas regiões remotas, que n'uma geographia antiga composta na Persia, acha-se o reino de Portugal nomeado Capital da Europa. (Pag. 77.)

«Trinta annos se tinham apenas passado depois que o Cabo das Tormentas fôra dobrado pela primeira vez; e já a costa occidental e a costa oriental d'Africa estavam exploradas, e os vastos mares das Indias sulcados pelos navios da Europa; já o nome portuguez era conhecido, temido e respeitado até no Japão; dos confins do golpho persico até ás planicies de Visapur, até ás nascentes do Ganges, cem fortalezas encrespadas de bronze serviam de segurança para este novo poder, para este imperio colossal, cujos progressos e rapidez assombram a imaginação.» (Pag. 123.)

1106) **RACINE (JEAN)** grande tragico francez, nascido em Forté Milon no anno de 1639, auctor immortal (como lhe chama Voltaire) [1] de Iphigenia, Athalia, Phedra, Berenice, etc. etc.

E.—*Historia do livramento do Brazil do poder dos hollandezes.*

Depois de um captiveiro de sessenta annos, reduzidos os portuguezes ao maior abatimento, ainda grandes escriptores se occupavam de nossos feitos, e o proprio Racine em breves traços contou a heroica luta dos portuguezes no Brazil contra a invasão hollandeza.

«Em 1500 descobriram os portuguezes o Brazil, distante de Guiné 450 leguas. Pedro Alvares Cabral, almirante do rei de Portugal tomou posse d'elle em nome do rei seu amo, sete annos depois da descoberta do novo mundo, por Christovão Colombo. O papa para conservar a paz entre as coroas de Castella e Portugal mandou que cada uma possuisse as terras que podesse descobrir, tirando uma linha d'um polo ao outro, que as separasse das ilhas dos Açôres e das de Cabo Verde, na distancia de cem leguas.

«Tornaram-se os castelhanos senhores do Brazil, quando Portugal cahiu debaixo do poder de Filippe II, e mataram todos que se atreveram a fazer resistencia.

[1] No *Siècle de Louis XIV.*

Digitized by Google

«Os hollandezes no anno de 1623, não contentes com fazerem a guerra na Europa ao rei de Hespanha, quizeram tambem fazer-lh'a em o novo mundo. Passaram a linha, e tendo chegado ao Brazil apoderaram-se de Pernambuco, do Recife e do Cabo de Santo Agostinho, e n'uma palavra de toda a costa desde o Ceará até á Bahia de Todos os Santos, que sempre se conservou do partido dos castelhanos. Era esta conquista feita á custa de alguns particulares e não do estado. Vendo estes particulares as grandes riquezas que podiam tirar do Brazil, tanto pela venda do assucar como pela do pau Brazil, pediram aos Estados que lhes fosse permittido estabelecer uma companhia com poder para nomear officiaes de justiça, de guerra e marinha nas Indias, pelo espaço de trinta annos; depois do que, quantas terras tivessem tomado ficariam pertencendo aos Estados, aos quaes comtudo a companhia prestaria juramento de fidelidade. Foi isto approvado; e d'esta maneira ficou estabelecida a companhia das Indias Occidentaes em 1624. Formou ella um conselho de directores, em numero de dezenove, entre os quaes puzeram como honra o principe de Orange. Pouco tardou a companhia em estender suas conquistas, e apoderou-se de toda a costa desde a capitania do Ceará até á Bahia de Todos os Santos, isto é, de mais de trezentas leguas de costa. Estabeleceram os hollandezes um conselho politico que residia no Recife, e que decidia como soberano de todos os negocios. Exigiam grandes tributos dos portuguezes seus vassalos que trabalhavam no fabrico do assucar, descendentes dos primeiros portuguezes que descobriram o Brazil; e com medo de alguma revolta lhes tiravam todas as armas de fogo.

«Em 1641 a Bahia de Todos os Santos seguiu a revolução de Portugal; os castelhanos foram d'alli expulsos e ahi se reconheceu D. João IV.

«Deu o governador parte d'esta mudança aos hollandezes no Recife, com promessa de viver em harmonia com elles. Ficaram os hollandezes contentes com a perda que padecia a Hespanha, e n'este mesmo anno fizeram um tratado de treguas por dez annos com os portuguezes, e a companhia das Indias decidiu que o Brazil fosse comprehendido n'esse tratado. Apenas foi assignado mandaram navios ao Brazil, que em vez de irem directamente ao Recife para fazerem ahi publicar a tregua, foram a Guiné (maio de 1642), e apoderaram-se de Angola, Loanda e de quasi todas as outras possessões portuguezas. Gritaram os portuguezes contra a má fé dos hollandezes, e vendo que se lhes não fazia justiça resolveram vingar-se na primeira occasião.

«Começou o vice-rei da Bahia de Todos os Santos a exhortar os da sua nação que estavam no Recife, Pernambuco e nos outros logares do dominio dos hollandezes. Moveu com especialidade a João Fernandes Vieira, portuguez, que de simples moço de carniceiro, havendo-se posto ao serviço dos hollandezes, tinha-se tornado extraordinariamente rico, possuindo grande numero de escravos debaixo do seu dominio, aos quaes obrigava a trabalhar nos engenhos ou manufacturas que lhe pertenciam. Este homem, dotado de grande talento, conspirou com os da sua nação para sacudirem o jugo dos hollandezes. Conservaram os portuguezes por muito tempo aquellas tenções sem as revelarem na mais leve coisa. Pelo contrario lisongeavam os hollandezes mais

Digitized by Google

do que nunca com sua completa submissão, pedindo-lhes de proposito emprestadas grossas quantias, e comprando por alto preço todas as coisas que os hollandezes lhes vendiam, como carnes e aguas-ardentes. Em summa, andaram com tanta prudencia que persuadiram os hollandezes a vender-lhes por bom dinheiro armas para se defenderem, diziam elles, contra os tapuyas e brazileiros, que os odiavam naturalmente, porque n'outro tempo tinham sido tratados com todo o rigor pelos portuguezes. Deixaram-se os hollandezes illudir com tão bellas palavras, e especialmente com os ardis de Vieira, que se tornava muito necessario á companhia, pela sua intelligencia no commercio e pelos grandes serviços que lhes prestava.

«Por fim, estando tudo preparado, e tendo os portuguezes combinado o dia em que deviam fazer rebentar a conspiração e assassinar os chefes do conselho, tiveram os hollandezes aviso de varias partes, e mandaram tropas para prenderem Vieira, que, tendo-se salvado nas florestas, reuniu em volta de si grande numero de portuguezes, e se apoderou de alguns logares que não estavam em estado de se defenderem. Os hollandezes, que não esperavam esta revolta, e que pelo contrario, para fazerem economias, tinham mandado para a Hollanda a melhor parte de suas guarnições com os officiaes e o conde de Nassau, acharam-se muito embaraçados. Mandaram á Bahia queixarem-se ao vice-rei da revolta dos de sua nação. Este fingindo desapproval-a mandou um alteroso navio com 1:200 homens, que saltaram em terra e se uniram aos levantados. O forte de Santo Agostinho foi-lhes entregue por dinheiro; tomaram tambem Pernambuco, e quasi que não restava mais que o Recife que elles cercaram. Os hollandezes, tendo poucos viveres, mandaram levar estas tristes noticias á Haya e pedir soccorros.

«Os Estados fizeram grande barulho, não ameaçando com menos do que com exterminar o reino de Portugal. O povo de Haya quiz-se lançar sobre o embaixador portuguez, e o principe de Orange teve grande difficuldade em o livrar de suas mãos. Os ministros de França quizeram accommodal-os dizendo que os hollandezes e portuguezes não deviam romper por esta causa, mas antes imitar os francezes e inglezes que não deixavam de estar em paz na Europa, apesar de andarem quasi sempre em guerra na Terra Nova, e na America.

«Mandaram os hollandezes uma esquadra ao Brazil no principio de 1646 debaixo do commando de Baucher, almirante da Zelandia, ao qual elles nomearam almirante dos mares do Brazil e de Angola. Esta esquadra nada fez de importante, ainda que se compunha de 52 navios. A maior parte dos que iam embarcados morreram das calmas ou das doenças debaixo da linha, onde foram retidos por uma calmaria de 6 dias. O almirante Baucher foi mandado embora pouco tempo depois da sua chegada, e os Estados vendo que a companhia estava muito fraca, e não podia manter esta guerra, resolveram sustental-a ao mesmo tempo em seu nome, á custa da nação.

«No entanto o embaixador de Portugal procurava na Haya por suas negociações entretel-os e impedir que uma nova esquadra se fizesse de véla. Fazia varias offertas que todas foram recusadas.

«Foi esta guerra do Brazil uma das principaes rasões que determinaram os

Digitized by Google

Estados a fazer paz com a Hespanha. Com effeito fizeram comprehender no seu tratado com os hespanhoes todos os logares que os portuguezes tinham tomado aos hollandezes no Brazil, entre os logares que pertenciam aos Estados.

«A esquadra partiu, e os hollandezes cercados no Recife para fazerem uma diversão mandaram o coronel Scop apoderar-se de Taparica, ilha a tres leguas da Bahia. Fortificou-se e defendeu-se ahi por muito tempo, mas finalmente foi obrigado a abandonal-a no fim de 1647, depois de ter perdido muita gente. Chegou n'este tempo á Bahia a esquadra portugueza. A de Hollanda na força de 32 navios e 4:000 soldados chega ao Recife em 18 de março de 1648. Depois de terem descançado um mez põem-se os hollandezes em campo na força de 6:000 homens. Deu-se combate em 19 de abril, e os portuguezes ganham a batalha com grandes despojos. Perderam os hollandezes 1:200 homens, seu general Scop, por outro nome Segismundo, que foi ferido por um tiro de espingarda n'uma coxa. Continuaram os portuguezes a tel-os encerrados no Recife, achando-se senhores de todos os fortes que estavam por cima e em baixo. Por outro lado a esquadra hollandeza commandada pelo almirante Wiettens tinha a frota portugueza encerrada no porto da Bahia; porém pelo mez de agosto acha esta esquadra meios de sahir sem que os hollandezes désem por isso.

«No fim do mesmo anno de 1648 os portuguezes tornam a tomar Angola aos hollandezes, fingindo o rei de Portugal desapprovar esta acção ao governador do Rio de Janeiro, no Brazil, por se fazer esta tomada n'um tempo em que se negociava um accôrdo entre as duas nações a respeito dos negocios do Brazil, porque apesar de terem os hollandezes queixas contra os portuguezes, não se resolviam aquelles a uma guerra aberta, tanto receiavam perder as vantagens que lhes causava seu commercio com este reino. A provincia de Hollanda insistia principalmente em não romper com Portugal, e não queria que se praticassem hostilidades nos portos d'este reino, mas sómente no alto mar. Porém, finalmente, não se tendo podido chegar a um accôrdo, e a tregua de dez annos expirando a 11 de junho de 1651, o embaixador de Portugal retira-se, e prepara-se a guerra de ambos os lados.

«Com tudo os annos de 1652 e 1653 passaram-se sem hostilidades na Europa, e sem alguma expedição consideravel ao Brazil. Por fim no mez de janeiro de 1654 Francisco Barreto, que commandava os portuguezes revoltados em Pernambuco, tendo recebido algum pequeno reforço da esquadra da companhia de Lisboa, que veiu fundear perto do Recife, ataca todos os fortes, uns em seguida aos outros, que se achavam na frente do Recife, e por fim accommette o proprio Recife, que se lhe rende com todos os logares que os hollandezes occupavam nas costas do Brazil, e retiram-se para a Hollanda com os moveis e objectos que os portuguezes lhes tinham concedido levarem pela capitulação de 16 de janeiro de 1654.»

1107) **RACZYNSKI (ATHANASIO CONDE DE).**—Polaco nascido aos 2 de maio de 1788, e fallecido em Berlim no anno de 1874, irmão do celebre escriptor Eduardo, conde de Raczynski.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

CONDE DE RACZYNSKI

Digitized by Google

Digitized by Google

E.—I. *Les arts en Portugal. Lettres adressées à la societé artistique et scientifique de Berlin, et accompagnées de documents.* Pari 1846, 8.° gr. 548 pag.

II.—*Dictionaire historique artistique du Portugal.* Pari, 1847, 8.° gr., 306 pag.

É o conde de Rackzynski um dos escriptores estrangeiros a quem Portugal deve relevantes serviços. Creio que foi elle o primeiro entre nós que seriamente se applicou ao estudo dos quadros portuguezes, com o fim de descobrir o verdadeiro grão Vasco, ao qual sem critica os portuguezes estavam no habito de attribuir qualquer painel antigo, embora não fosse bastante a mais longa vida para a producção de tão grande numero de quadros. O conde parece ter descoberto os quadros do verdadeiro grão Vasco na sé de Vizeu: todavia ainda ha duvidas a este respeito! [1]

Rackzynski parece imparcial, pois nos diz: [2] «Pelo que diz respeito ás artes não tenho por estranhos senão os que são estranhos ás mesmas artes. Os allemães, inglezes, italianos, francezes, todas as nações teem seu quinhão de gloria no caminho, que o mundo incessantemente anda para o aperfeiçoamento. Os portuguezes teem o seu, e é grande. Situados n'uma das extremidades da Europa, fizeram nas outras tres partes do mundo conquistas taes, que seriam consideradas como grandes, mesmo que a metropole tivesse muito maior importancia e muito maior extensão do que aquella que possue realmente. Vizinho de uma monarchia emula, Portugal, se bem que tres vezes mais pequeno que Hespanha, soube, exceptuando um curto intervallo, manter sua independencia pelo espaço de perto de oito seculos. É um bello paiz: o povo não poderia ser mais interessante. Portugal agradou-me desde o dia em que desembarquei em Lisboa.»

Durante o tempo que o conde de Rackzynski residiu em Lisboa na qualidade de ministro da Prussia, foram-lhe pedidas informações pela sociedade artistica e scientifica de Berlim, relativas ás artes do nosso paiz. O conde resolveu responder a tão honroso pedido, e compoz uma collecção de cartas, nas quaes dava informações dos seus estudos já feitos a este respeito, e dos que ia fazendo. Logo na segunda carta envia informações ácerca do celebre pintor portuguez Francisco de Hollanda, datadas de 12 de dezembro de 1843. Consistem na traducção de parte do manuscripto que se conservava na bibliotheca de Jesus em Lisboa, e foi dirigido a D. João III, de Portugal [3], traducção feita pelo pintor suisso Roquemont, que viveu na cidade do Porto por muitos annos, e a qual principia na pag. 5 e termina na 73 do livro *Les Arts*.

Os estudos sobre o grão Vasco começaram na 7.ª carta, e para que se veja o estado de ignorancia em que nos achavamos a respeito d'este pintor, tradu-

[1] A respeito d'estes quadros veja-se tambem *Robinson*.

[2] *Les arts en Portugal*, pag. 2.

[3] V. a respeito do illuminador e pintor Francisco de Hollanda o *Diccionario Bibliographico Portuguez*, e o artigo *Tombino*. Parece-me, porém, que uma das obras de F. de Hollanda foi impressa, se bem que se tornou uma raridade bibliographica.

Digitized by Google

zirei a passagem seguinte: «Ser-me-hia difficil determinar quaes são os quadros que se attribuem aqui ao grão Vasco. Parece-me que esta denominação, na idéa que se lhe associa geralmente, designa mais depressa uma categoria de velhos paineis, considerados debaixo do ponto de vista de um certo ar gothico que lhe é proprio, do que uma origem, um nome de auctor, e mesmo uma nacionalidade distincta. Ha pessoas que chegam até a dizer que se encontram grão Vascos em grande numero na Allemanha: outros dão este nome indistinctamente a todos os quadros de Portugal que pertencem ao XVI seculo; outros finalmente estabelecem distincções: o que lhes parece bem pintado é sempre obra de grão Vasco; o que não está tão bem pintado é da sua escola. Portugal possuia no tempo de D. Manuel, e mais ainda em tempo de D. João III, um bom numero de pintores nacionaes e estrangeiros: n'essa mesma epocha mandaram vir muitos paineis de outros paizes, principalmente de Flandres; todavia todos estes quadros, ou quasi todos, são confundidos debaixo da mesma denominação — a de Vasco e de sua escola.

«Ouso affirmar desde já que nenhum dos quadros de algum merecimento attribuidos a grão Vasco, e que tenho visto até aqui é mais antigo que o começo do XVI seculo; e é mister acautelarmo-nos de querer attribuir todos ao mesmo pintor, ou a seus discipulos, nem tão pouco ao mesmo paiz. Em quanto a mim descubro n'elles origens diversas; mas emquanto á sua epocha persisto em acreditar que pertencem todos á de D. Manuel e D. João III. Note-se com tudo bem que, em 8 de fevereiro de 1843, não nego a existencia de Vasco como pintor, nem ter sido habil, nem que entre os velhos quadros que me teem mostrado não se possam encontrar alguns que sejam d'elle; sómente sustento que até hoje ninguem me apresentou uma prova em apoio da authenticidade de um unico de seus quadros; que é impossivel que todos os paineis que lhe attribuem possam ser obra do mesmo homem.»

Com effeito o conde de Rackzynski, depois de penosos estudos nos quaes manda a verdade que se diga ter sido coadjuvado por alguns portuguezes, chegou a descobrir um nome, que rasoavelmente julgou ser o verdadeiro grão Vasco, o auctor dos quadros existentes em Vizeu.[1] Na carta datada de Vizeu a 28 de julho de 1844, diz-nos o seguinte:[2]

«Cheguei hoje a esta cidade pelas 9 horas da manhã, e sem perda de tempo dirigi-me á sé. O sr. Santos, gravador da academia, e o sr. Fonseca, filho do professor d'este nome, acompanharam me n'esta viagem. Tinham, como eu, uma grande impaciencia por conhecerem esse grão Vasco, do qual tanto se fallava e tão pouco se sabia.

«Vasco Fernandes, cognominado grão Vasco, filho do pintor Francisco Fernandes, nasceu em Vizeu no anno de 1552. Espero que não o confundam mais com o outro Vasco, illuminador em 1450, no tempo de Affonso V. A actividade artistica de grão Vasco pertence aos ultimos annos do reinado de D. Se-

[1] O auctor entre outros cita o visconde de Balsemão, o sr. visconde de Juromenha e o sr. Alexandre Herculano, a respeito da igreja de Cedofeita no Porto.

[2] V. o artigo *Robinson*.

Digitized by Google

bastião, e á primeira metade da dominação hespanhola. Eis o que eu penso a respeito do seu quadro *O Calvario*. É de um grande merecimento, apesar de mal conservado. Tel-o-hia julgado mais antigo que 1570; mas emfim os documentos são maior auctoridade que meus sentidos. Além d'isto as roupas e a architectura nos quadros de grão Vasco são de um estylo que concorda muito bem com a epocha, á qual agora sabemos que pertencem. Não sómente o grande painel do *Calvario* tem muito merecimento, mas é necessario dizer outro tanto d'aquelles que formam a *predella*, e que representam passagens da Paixão. Os quadros da sachristia são evidentemente obra do mesmo mestre, de Vasco Fernandes, do pintor de Vizeu, do grão Vasco. São o *Pentecostes*, *S. Pedro*, *Baptismo de Christo*, *Martyrio de S. Sebastião*, e treze paineis de menores dimensões, representando bustos de diversos santos.[1] Nada se póde ver mais grandioso que S. Pedro. A postura, as roupas, a composição, o toque, o colorido, a architectura, os accessorios, as paizagens, as figurinhas do fundo, tudo é bello, tudo é irreprehensivel! Os outros grandes quadros não são isentos de defeitos, mas todas as obras de grão Vasco teem um caracter grave e elevado, que não descubro em igual grau nos quadros gothicos que vi em Portugal. Os paineis de grão Vasco não pertencem, como eu suppunha, á influencia italiana, porém sim muito decididamente á de Alberto Durer, e vê-se que esta continuou a inspirar os artistas portuguezes ao lado de Gaspar Dias e de Campellos, que tinham importado para seu paiz o estylo e as tendencias italianas da epocha classica. Direi mesmo que a influencia de Flandres e de Allemanha produziu melhores resultados que a da pintura classica de Italia. Grão Vasco occupa realmente entre os pintores do estylo gothico um dos primeiros logares e sua natureza artistica era uma das mais elevadas d'aquella epocha. Repito: Portugal no reinado dos cinco ultimos reis da gloriosa dynastia de Aviz, não possuiu unicamente seu grão Vasco, mas possuiu muitos artistas; as artes alli floresceram e brilharam. Não posso exprimir a alegria que senti quando, ao entrar a sachristia, avistei immediatamente defronte da porta o soberbo painel de S. Pedro.»

Foi pois o conde de Rackzynski quem nos deu a conhecer o verdadeiro Vasco Fernandes, cognominado mais tarde o grão Vasco, e o qual é incontestavelmente uma das maiores glorias artisticas do nosso paiz. Resta agora apresentar uma breve resenha das obras artisticas que o conde encontrou n'este paiz mais dignas de apreço, no que tambem julgo fazer algum serviço, pois os dois livros de Rackzynski não se encontram hoje com facilidade.

«Muitos objectos preciosos attestam[2] que o amor do bello e do gosto das artes em diversas epochas foi vulgar em Portugal. As opiniões sobre o merito relativo d'estas preciosas lembranças não estão fixas. Passa uma coisa por uma reliquia, e muitas vezes não tem valor nenhum; uma outra, da qual ninguem se occupa, tem um valor real. Em confirmação d'esta asserção apenas citarei o Holbein, da Bemposta; o quadro de Rubens do antigo convento de

[1] *Les Arts*, pag. 367.
[2] Idem, pag. 259.

Digitized by Google

Jesus, actualmente freguezia das Mercês; a batalha de Pavia, do sr Saldanha Castro; o livro de orações do conde de Mesquitella; as vidraças da casa do capitulo na Batalha; e uma quantidade consideravel de vasos de oiro e de prata tão preciosos que em nenhuma parte se podem ver mais bellos.

«Alcobaça. — A nave da igreja póde chamar-se magnifica: os tumulos são a parte mais rica e interessante. O espaço que a bibliotheca occupa é mais celebre do que merece, por ser tão pouco alta que suas proporções não deixam nenhuma impressão de grandeza. O aspecto exterior da igreja não deixa de apresentar grandeza, apesar da fachada accrescentada no seculo xvii ser uma monstruosidade.

«Batalha. — O que posso attestar é que existe no edificio d'esta villa uma homogeneidade perfeita, que alli vejo um monumento gothico classico, digno de João I, digno da gloria que illustra seu reinado e o de seus descendentes, digno emfim d'esta nação que contribuiu tão poderosamente para esta gloria e que n'ella tomou parte. Os portuguezes na minha opinião deixaram provas de seu gosto constante para as obras de architectura. A perfeição de seus monumentos no tocante á execução, a da Batalha em particular prova muito bem que esta arte é verdadeiramente nacional. Uma circumstancia que mostra mui fortemente que a architectura, mesmo nas epochas mais remotas, devia até um certo ponto ser filha do paiz, é a perfeição com a qual a pedra foi sempre talhada e esculpida aqui, e o gosto e polidez com que todos os ornatos na pedra foram e são ainda executados. A parte mais antiga do edificio, a mesma igreja, não differe talvez muito no seu estylo de todos os outros monumentos da mesma epocha no resto da Europa, e principalmente na cathedral de York, para que se possa affirmar com certesa que nenhum estrangeiro tomou parte na sua construcção; porem as capellas imperfeitas são uma creação, que no meu ver, teem um caracter eminentemente nacional e portuguez, e o mesmo se dá n'esses milhares de igrejas e de monumentos publicos, d'essas molduras de portas e janellas, d'esses ornatos de todos os generos, que no tempo de D. Manuel e de D. João III innundaram todo Portugal, e dos quaes ainda se encontram restos a cada passo. [1]

«Pelo que toca á magnificencia e ao grandioso do edificio, haveria exageração em asseverar com algumas pessoas ser o mais bello edificio de architectura gothica existente; mas póde dizer-se que (exceptuando umas vinte das mais bellas cathedraes de França, de Inglaterra, de Allemanha, da Belgica, de Italia e de Hespanha: Anvers, Malines, Saint-Gudule, Rouen, Reims, Amiens, Saint-Denis, Chartres, Notre Dame de Paris, Strasbourg, Durham, Lichfield, Salsbury, York, Westminster, Canterbury, Milão, Toledo, Cordova, Colonia, Friburgo e Vienna) a Batalha póde ser reputada um dos restos mais interessantes e mesmo mais seductores da pura architectura gothica.

«A casa do capitulo fórma um quadrado perfeito: termina no alto por um

[1] A respeito dos artistas que trabalharam na Batalha veja-se a Memoria de Fr. Francisco de S. Luiz publicada nas *Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*. Quasi todos eram portuguezes.

Digitized by Google

grande florão de um trabalho admiravel. Agrada principalmente por suas linhas, proporções e simplicidade, e pela elegancia de seus ornatos tão pouco numerosos. Os vidros que guarnecem a unica janella, pela qual esta casa recebe luz, são tão bellos como os mais bellos que n'este genero tenho visto. Faço votos bem sinceros pela conservação d'estes preciosos restos de pintura em vidro, que bem poderia ser um trabalho indigena, e muito mais por sabermos quantos pintores de vidro portuguezes foram empregados na Batalha como mestres de vidraças.

«Em o numero das bellezas que mais se devem admirar na Batalha, encontra-se o claustro. Os ornatos formando um arrendado de pedra são de um trabalho admiravel. O aspecto geral do interior da igreja é magestoso: recorda pelo seu estylo o de todas as cathedraes gothicas, sem ser tão vasta como as mais vastas d'ellas.

«Belem.[1] — No altar mór vêem-se *assumptos sagrados* de Campello. O estylo é grave e historico. As roupas são largas, sem comtudo serem de um desenho muito puro.

«Por cima da escadaria vê se um Christo caindo debaixo do peso da cruz, pintado por Gaspar Dias. É duro e as figuras monotonas.

«Um Christo coroado de espinhos. É melhor que o precedente, e reina alli certa elevação de estylo. Em todos os quadros Dias é muito superior a Campello.

«Os bancos do côro, de madeira, são soberbos.

«Na aula de desenho ha uma Annunciação, que não deixa de ter certa elevação de pensamento.

«Dos retratos na sala dos reis nenhum me pareceu bom.

«Os retratos de D. João III e de D. Catharina, por Antonio Moor, são insignificantes.

«A vida de S. Jorge na Sacristia, por José de Avellar Rebello, não é grande coisa.

«Os quadros do refeitorio todos são maus.

«Claustros magnificos.

«O todo do edificio magestoso.

«Cintra. — Emquanto ao palacio da Pena, em Cintra, notarei que sempre hei de sentir que as novas construcções não tivessem sido separadas do antigo edificio. Teria gostado que tivessem restabelecido n'este ultimo até a mais pequena pedra que d'elle tivesse caido, e nada mais. As minuciosidades do ornamento das novas construcções, são pela maior parte encantadoras, mas a maneira como estas construcções enchem o estreito espaço em que estão collocadas, e a fórma como se juntam ao antigo edificio, e como ellas o obstruem, não produzem até certo ponto em meu espirito uma impressão satisfactoria.[2]

Coimbra. — No dia 1 de setembro, pelas 4 horas da tarde, ao descermos

[1] *Les Arts*, pag. 287. «Em todas as epochas souberam muito bem em Portugal trabalhar na pedra, e ainda sabem.» Idem, 437.

[2] A respeito d'este edificio pode vêr-se o artigo *Taylor*.

Digitized by Google

uma ladeira escarpada e bem alta, podémos lançar através de espesso arvoredo um primeiro relance de olhos para esta antiga Coimbra, tão admiravelmente situada. Quando a paisagem se patenteou inteiramente a meus olhos, fiquei como embasbacado! Dirigi-me immediatamente á Sé Velha, cujo tecto da sachristia é do melhor gosto.

«Entre os quatro grandes paineis que se vêem na cathedral, o mais interessante, sem comtudo por isso ser muito superior a todos os outros, é o retrato da rainha Santa Isabel, de grandeza natural, e incontestavelmente de uma epocha bem posterior áquella em que vivia. Este retrato certamente não conta duzentos annos.

«Este edificio prova, apesar dos defeitos do todo, que a architectura foi sempre cultivada honrosamente em Portugal [1].

«A velha igreja de Santa Cruz offerece um modelo de architectura mais homogeneo em seus pormenores. A fachada não deixa de apresentar caracter e originalidade. O quadro do altar mór, obra que me parece pertencer ao ultimo seculo, representa o triumpho da Cruz: é um trabalho soffrivel, apesar de muito inferior na minha opinião á *Descida da Cruz*. Este ultimo painel, que é da mesma epocha, parece-me digno de elogios não só como estylo mas tambem como desenho: trouxe-me á memoria a famosa pintura de Daniel de Valterra. Comtudo a composição d'esta ultima téla não está tão presente na minha memoria, que eu possa affirmar ou negar sua perfeita analogia. Ha na mesma sachristia um santo pintado em madeira: é um excellente trabalho no genero das velhas pinturas attribuidas ao grão Vasco. Á mesma classe pertencem S. Sebastião, S. Vicente, S. Roque e S. Lourenço, que se acham na egreja e que são muito bons quadros n'este mesmo genero. Uma *Descida da Cruz*, que tambem está na sachristia, igualmente de madeira, pareceu-me pouco interessante. As pinturas mais dignas de attenção do sanctuario de Coimbra, e talvez de quantas igrejas visitei n'este paiz, são quatro cabeças encerradas em dois medalhões, n'um as de S. Pedro e S. Paulo, no outro as de Christo e de S. João; são algum tanto menores que as de grandeza natural. Não pude chegar a descobrir de que pintor eram, mas recordaram-me o retrato de Holzchur por Alberto Durer, e de boa vontade acreditaria terem vindo de Allemanha, e remontarem á epocha d'este pintor. O que porém é certo é que são admiraveis de desenho e de colorido.

«O pulpito é um magnifico trabalho de architectura no estylo *cinque cento*. Está perfeitamente bem conservado: é uma verdadeira joia que teriamos tentação de encaixilhar n'um medalhão, ou n'um annel. A pia da agua benta é menos rica em ornamentação, mas da mesma epocha, e suas proporções são bellas.

«O quadro do altar mór da igreja de S. Thiago é antigo, mas de pouco valor.

«D. João V foi o fundador da bibliotheca da universidade, a mais bella e a

[1] A respeito da fundação d'esta Sé Velha, veja-se o interessantissimo artigo de Rebello da Silva no vol. 10.º do *Panorama* (1853).

Digitized by Google

mais ricamente ornada que tenho visitado. A pintura do tecto é uma vasta composição, muito rica, como varias outras pinturas da mesma epocha, que visitei em Lisboa. Sua execução denota bom trabalho (*savoir faire*), mais ainda na parte architectural que na figura. N'esta bibliotheca, como por toda a parte em Portugal, encontram-se alguns restos de trabalhos de illuminadores; em todo o tempo encontraram aqui occupação. E da mesma sorte encontram-se por toda a parte provas do estado florescente da architectura. A quem me objectar que a architectura portugueza nada tem de original, respondo que, exceptuando a Italia, conheço bem poucos paizes onde tenha existido uma architectura ao mesmo tempo nacional, caracteristica e original, ao passo que affirmo que este caso se deu em Portugal, pelo menos no reinado de D. Manuel e de D. João III.

«No collegio das artes vi retratos tão detestaveis como a maior parte d'aquelles que formam as collecções d'este genero por mim visitadas em Portugal. Não ha menos de trinta e nove que reppellem a vista.

«Nada me attrahia mais vivamente do que a residencia da familia Telles Foi alli que viveu D. Maria Telles, foi alli que dominado por um injusto ciume seu esposo lhe deu a morte. Vi a escadaria na qual foi commettido o crime. A entrada da casa está ricamente ornada; é uma das mais antigas partes do edificio. O todo fórma um grupo de casas do mais pittoresco aspecto: são construcções de epochas differentes, bustos salientes de uma bella esculptura; ornatos de muito bom gosto recordam o buril de Cellini, e denotam um notavel sentimento artistico: nada se poderia ver mais gracioso.[1]

«Evora. — Não existe *Adoração dos Magos* na bibliotheca de Evora; a *Disputa*, que alli se encontra effectivamente, faz parte dos doze quadros da vida da Virgem, que ornavam outr'ora a capella principal da cathedral. Os onze restantes acham-se agora no palacio archiepiscopal, dos dois lados, e em frente de um outro quadro muito maior representando a Santa Virgem n'um throno rodeada de anjos tocando diversos instrumentos. Á Virgem assim representada dá-se o nome de Maria da Gloria. Todos estes quadros apresentam de uma maneira evidente a impressão da influencia dos Van Dyck. Com tudo no caso de serem de Christovão de Utrecht, como o faz crer o monogramma, são posteriores a Van Dyck mais de cem annos. Dou conta de minhas suspeitas e de minhas impressões, mas nada ouso affirmar. Na mesma, em que se encontram todas estas télas, vêem se outras seis representando passos da Paixão. Sua grandeza é quasi de 65 cent. sobre 80. São de merito secundario, se bem que offerecem alguma analogia com as obras de Hemmeling.

«O quadro da Virgem rodeada de anjos[2] é admiravel em todas as suas partes. É de quantos paineis gothicos vi em Portugal aquelle no qual encontro maior merecimento. Recorda-me o do altar de Gand. É infinitamente melhor que os outros doze, e difficilmente poderiam ser obra do mesmo pintor. Estes quadros não teem outra analogia com os de S. Bento e do Paraiso, expostos

[1] *Les Arts en Portugal*, pag. 171.

[2] Este quadro foi copiado no tom 11.º do *Archivo Pittoresco*, pag. 177.

Digitized by Google

na academia de Lisboa, senão a da epocha á qual pertencem, e da influencia flamenga commum a todos.

«A capella mór da Sé foi reconstruida por Ludovici, architecto de Mafra em 1721. A nova capella é de um effeito architectonico agradavel, e revestida interiormente de marmores de diversas côres, porém fórma para com o resto do edificio o mais revoltante disparate. O painel actual do altar mór, representando a Assumpção da Virgem, dá muitos ares das obras de Mengo, com tudo não póde ser d'elle nem de Batoni. Este quadro custou 700:000 réis.

«Na igreja de S. Francisco existem alguns quadros, que não deixam de ter seu merecimento. Taes são os seguintes: [1] por cima de um dos altares lateraes, do lado da epistola, vê-se um S. Jeronymo, e um outro santo eremita, o anjo custodio guardando as armas reaes de Portugal, e S. Miguel tendo na mão uma cadeia que toca n'uma nuvem. Por cima de outro altar vê-se S. Francisco recebendo as chagas, e Santo Antonio de Lisboa prégando aos peixes, e por baixo Santa Clara, e um santo da ordem de S. Francisco, a cujos pés se vêem tres mitras.

«A bibliotheca contém alguns objectos interessantes. No tocante a paineis citarei a Disputa, e um Christo caminhando para o supplicio, pintado em cobre: esta obra parece pertencer á epocha que precedeu immediatamente a de Rubens; varios quadros do morgado de Setubal, os retratos do arcebispo Cenaculo e do marquez de Pombal, por Joaquim Manuel da Rocha; um quadro de Josepha d'Obidos, representando um cordeiro deitado, ao qual circumda uma grinalda de flores; e alguns incendios que julgo serem de Pereira. Vi em Setubal e em Evora muitas obras do morgado de Setubal, que não augmentaram muito minha estimação para com seu talento. Vê-se que tinha nascido com certa disposição para aproveitar com verdade os caracteres das figuras, mas vê-se tambem que seu talento não foi sabiamente dirigido. Pintava grosseiramente, ou, para melhor dizer, vê-se que não sabia pintar, mas ter-lhe-hia sido facil aprender. O quadro de Josepha d'Obidos é um dos mais agradaveis que tenho visto d'esta auctora.

«O esmalte em cobre, que se conserva na bibliotheca de Evora, pelo que eu tinha ouvido dizer, não correspondeu á minha expectativa. Quasi que não é superior no que diz respeito á arte, a esses velhos esmaltes sahidos, segundo creio, pela maior parte das officinas de Limoges. Está em perfeito estado de conservação, e representa Christo na cruz; e nas duas meias portas, que se fecham sobre a peça principal: Pilatos lavando as mãos; Christo levando a cruz; os Limbos; e a apparição de Christo á Virgem.

«Ha tambem alli muitos desenhos de Vieira Lusitano, entre elles alguns bellos e até importantes. Todos que são feitos a lapis vermelho pertencem, segundo julgo, a Vieira Lusitano, os outros são obra de diversos artistas.

«A bibliotheca possue muitos missaes velhos e livros de orações. Entre estes ultimos ha dois que são admiraveis. Um d'elles acaba por estas palavras *Fidelium Deus oris*, e o outro *Opera p. d. n.*

1 *Les Arts en Portugal*, pag. 356.

Digitized by Google

«Vêem-se tambem aqui outros quadros de todo o genero, principalmente retratos, mas acho-lhes pouco merito artistico. Outro tanto direi a respeito d'aquelles que estão na *vestiaria* da cathedral, e de varios outros grupos de télas que se encontram em differentes casas. Na primeira sala do palacio archiepiscopal vê-se um S. José com o menino Jesus em pé sobre seus joelhos. Diz-se ser copiado de Rubens por André Gonçalves. Póde ter sido pintado por Gonçalves, mas duvido que seja copia de Rubens.

«Na sachristia da igreja da Graça conserva-se ainda uma parte de vidraça de uma janella grande, que não deixa de ter merecimento, e que bem como as que se achavam nas janellas do refeitorio, datam de 1542.

Lamego. — A portada da cathedral diz-se obra de Affonso Henriques. Eu tel-a-hia julgado da epocha de João I, ou muito pouco anterior. O interior é moderno e nenhum interesse offerece. A igreja de Santa Maria de Almacave é uma interessante antiguidade. O castello em ruinas, cuja existencia data dos moiros, apresenta um panorama o mais rico e o mais vasto. Na cidade algumas casas teem conservado ornamentos architectonicos da mais remota antiguidade, e de um trabalho curioso. De Lamego eu não trouxe nem uma unica impressão que não fosse agradavel.

«Lisboa. — *Igreja dos Inglezinhos.* — Apenas possue quadros muito mediocres.

«*Ermida dos Fieis de Deus.*—A vida da Virgem attribuida por Taborda a Bento Coelho da Silveira, fórma uma serie de quadros que pouco elevam a reputação artistica de seu auctor.

«*S. José.*—Historia d'este santo em um numero assás consideravel de paineis. Tem pouco mericimento.

«*Freiras do Carmo.*[1]—Historia da Virgem por diversos auctores. A Annunciação recorda o estylo de Baroche. O melhor d'estes quadros pareceu-me ser a Natividade. Excepto o quadro do altar mór, que é o mais moderno e o mais fraco de todos, toda esta serie de quadros parece-me pertencer ao fim do seculo XVII.

«*Santa Maria Magdalena.*—Contém algumas obras de Pedro Alexandrino. Tenho visto tantos quadros d'este pintor, e teem-me agradado tão pouco, que cedi á minha preguiça, e não entrei n'esta igreja.

«*S. Miguel d'Alfama.*—Os ornatos de esculptura em madeira na capella mór, são de uma grande belleza. A esculptura em pau (talha) foi levada a mui grande perfeição em Portugal e na Hespanha, mas em nenhuma igreja de Lisboa vi n'este genero obras mais ricas que n'esta igreja. Não teem graça nem ligeireza, todavia, teem um caracter particular, que lhes imprime interesse. É principalmente a epocha de D. João IV e D. João V que fornece os mais bellos specimens d'este genero.

«*Santo Estevão d'Alfama.*—Dos dois lados do altar mór vêem-se dois grandes quadros, achando-me muito embaraçado em lhes determinar epocha. São de valor secundario. O que ha de mais interessante n'esta igreja, são

[1] Creio ser o convento das Albertas, ás Janellas Verdes.

Digitized by Google

quatro altares de marmore de um estylo architectonico assás curioso. Dois parecem ser cem annos mais antigos que os outros dois.

«*S. Luiz.* — Contém alguns paineis que offerecem pouco interesse.

«*Santo Antonio da Sé.*—Vêem-se quatro grandes quadros de Pedro Alexandrino, que não são superiores á maior parte de suas producções. Estou muito fatigado de ver paineis d'este pintor. Asseguram-me que pintou mais de mil. Foi elle, a quem a sorte, na sua indifferença para com as artes em Portugal, encarregou de reparar os estragos produzidos pelo terremoto de 1755.

«*Igreja do hospital de S. José.*—A capella d'este hospital possue oito pequenos quadros representando a vida da Virgem. Julgo-os da epocha e da influencia de Carlos Maratti. Este hospital acha-se n'uma tão boa ordem, que me parece não poder ser excedida em nenhum paiz.

«*Igreja da Esperança.*—É de um aspecto irregular, mas pittoresco a não poder ser mais. Os azulejos do exterior da porta principal não deixam de ter graça, seu desenho é facil, o estylo *rococó*.

«*Santa Joanna.*—Vi alguns paineis de altar muito maus, e azulejos muito lindos. Na sachristia acham-se dois quadros em madeira, representando S. Domingos e S. Thomás d'Aquino de joelhos em oração, de grandeza natural. O estylo é muito bom. As roupas são largas e bellas. O modelo das mãos e das figuras é pouco estudado, mas o todo é de um toque fino.

«*Coração de Jesus.*—Por cima do altar mór está um grande quadro de Cyrillo representando o coração de Jesus e as virtudes, figuradas por anjos em adoração. A composição é rica, mas fraca, desenho fraco e fraca execução. No tecto vêem-se os quatro evangelistas de um effeito satisfactorio.

«*Loreto* [1].—Esta igreja é de um bello effeito, tanto interior como exteriormente. Não é um monumento grandioso, mas sim exemplar louvavel e completo do seculo XVIII. As proporções, ornatos, esculpturas, quadros, tecto, tudo está em harmonia, tudo é de um effeito satisfactorio. Examinemos os paineis, que todos são italianos.

«A Ceia: de auctor desconhecido; é fraca producção.

«Sant'Anna: tambem de auctor desconhecido é fraca producção.

«S. Carlos Borromeu: de auctor desconhecido; é uma boa pintura no genero de Batoni.

«S. Francisco de Paula: é uma excellente obra do pintor romano Pietro Lambruzzi.

«S. João Baptista: merece poucos elogios.

«S. Miguel matando o dragão: é, se não me engano, copia de Guido.

«Nossa Senhora do Carmo: attribuida a Rossi, é dos quadros d'esta igreja o que me attraiu mais. Acho-lhe muitos attractivos.

«Santa Catharina de Genova: por C. Ratti, e a Descida do Espirito Santo por Emmanuel Tagliafico não são tão bons como os quadros antecedentes.

«As figuras dos apostolos em camafeus, por Cyrillo, que imitam estatuas, e que se vêem em nichos sobre o tecto, são no meu pensar fracas, como tudo

1 *Les Arts en Portugal*, pag. 286.

Digitized by Google

quanto conheço d'este pintor escriptor. Os dois anjinhos sustentando um escudo, e collocados por cima da porta de entrada, vieram de Roma e são attribuidos a Baromino.

«*S. Roque.*—Contém specimens interessantes da pintura dos tres ultimos seculos.

«Rebello.—Um dos melhores quadros d'esta igreja é na minha opinião o da primeira capella á esquerda, quando se entra: Jesus entre os doutores, attribuido por Cyrillo a José de Avellar Rebello. Acha-se collocado por cima do altar. Este painel deu-me uma idéa muito favoravel de seu auctor. Dir-se-hia um Brusasorei ou um Farinati de Verona. Parece-me ter escapado aos restauradores, que são para Portugal uma calamidade maior que os terremotos. É um bom quadro. Parece ser do mesmo auctor um medalhão que se vê por baixo.

«A. Reinoso.—Á direita do mesmo altar vê-se uma Adoração dos Magos, de André Reinoso, contemporaneo de Rebello. Este quadro tem mais estylo que o outro e tambem mais defeitos. Varias figuras, principalmente o rei ajoelhado estão mal desenhadas, mas a figura da Virgem é a todos os respeitos de um effeito satisfactorio, e a cabeça do rei mais proxima do negro, é muito bella. Em frente d'este painel acha-se uma Natividade attribuida egualmente a Reinoso, que acho fraca, e que não pode de modo nenhum ser obra do mesmo artista. Na sacristia ha por cima dos armarios, uma longa serie de quadros attribuidos a Reinoso. Representam a vida de S. Francisco, e não deixam de ter merecimento, e julgo-os todos do mesmo pincel. Mas custa-me a crer que estes pequenos quadros sejam do mesmo author, que aquelle, que está collocado na capella.

«Vieira Lusitano.—A segunda capella contem dois quadros de Vieira Lusitano, que são excellentes especimens do talento muito distincto d'este pintor. Dizem respeito á vida de Santo Antonio.

«A capella de S. João Baptista é d'uma extraordinaria riqueza. Encerra bellos mosaicos feitos segundo quadros mediocres, que se poderiam comparar em merito a Carlo Maratta, ainda que não valham as obras d'este mestre. Em quanto aos bronzes, são soberbos, e a quantidade de lapis lazuli, de verde antigo, e d'outros marmores preciosos, que guarnecem o altar, as columnas e as paredes d'esta capella, dão a este logar um ar de riqueza e affectação. Tudo é de bom gosto (porque a moda nos levou para o rococó) e cada parte d'esta joia architectonica está em perfeita harmonia com o todo.

«Bento Coelho.—Bento Coelho da Silveira é o author de dois quadros, que se veem na primeira capella á direita da entrada: um representa Jesus Christo apparecendo á Virgem, o outro a Ascensão. Acho principalmente este ultimo digno d'elogios. E' d'um effeito que satisfaz no tocante a composição, a desenho e a colorido. Parece ter sido feito debaixo da influencia da escola de Bolonha do seculo XVII.

«Gaspar Dias.—Em o quadro de Gaspar Dias, da terceira capella á direita da entrada, representando S. Roque, a quem apparece um anjo, descubro a affectação da força e da grandeza, e á primeira vista fui desagradavelmente impressionado, com tudo esta mesma affectação não poude obstar a que o estylo

Digitized by Google

e o caracter historico me parecessem dominar n'este painel. Pareceu me retocado, sem que por isso tenha ficado tão desagradavel, como são a maior parte dos quadros, que teem passado pelas mãos dos restauradores. Em frente d'esta tela vê-se um outro quadro, cuja origem e data não advinho. A descida do Espirito Santo, que em certos dias festivos se vê por cima do altar mór, e que é attribuido a Gaspar Dias, em tempo nenhum poude ter grande valor artistico. O estylo d'este quadro não tem nenhuma analogia nem com o S. Roque d'esta egreja, nem com os quadros de Belem do mesmo author.»

«Os retratos de D. João III e da rainha D. Catharina deveriam ter sido excellentes antes de terem padecido do tempo e das restaurações.

«Ha ainda na sacristia um quadro de N. Senhora. A Virgem e o menino Jesus, quasi que não teem figuras humanas.

«*S. Domingos* — Os quadros de Pedro Alexandrino, que esta egreja contem em grande numero, não são tão bons como os que dó mesmo author se encontram noutras egrejas.

«*S. Pedro d'Alcantara* — S. João pregando na montanha poderia ser obra de Pedro Alexandrino, e é melhor que a maior parte dos outros seus trabalhos. O quadro do altar mór não é mau: todos os outros tanto da egreja, como da sacristia, não valem apena ser mencionados.

«*Martyres.* — Os paineis dos altares, os santos Evangelistas da sacristia, e o tecto da egreja são obra de Pedro Alexandrino: mostram todos uma grande facilidade de desenho e de composição; mas falta-lhes o vigor, elevação, e frequentemente o desenho é muito incorreto; não se pode todavia recusar a seu author uma certa habilidade, e muita fecundidade, apesar da frouxidão de seus quadros.

«*Sacramento.* — São paineis tambem de Pedro Alexandrino.

«*Encarnação.* — Pareceram-me os quadros de tal fraqueza, que julguei interessar pouco ás artes o conhecer seu author.

«*Estrella.* — Esta egreja é magestosa, e não poderia ser mais bem situada, e revestida interiormente de marmores extrahidos das pedreiras de Portugal.

«O painel do altar mór pintado por Pompeo Batoni é obra d'um artista consummado: tem os defeitos da sua epoca (1781), mas está pintado com habilidade, e satisfaz meu gosto. Por cima do altar lateral está collocada uma Ceia, da mesma grandeza, e tambem de Batoni. D'este author ainda ha outros paineis. Um sexto quadro é obra da princeza D. Maria Benedicta. É bem inferior áquelle, que da mesma princeza está na Ajuda. Até o acho abaixo de toda a critica.

«*Santa Izabel.* — Entre os quadros d'esta egreja existe um, que achei bem composto, e bem desenhado. Representa o Martyrio de S. Sebastião. Tambem alli estão Santa Anna e a Virgem com o menino Jesus, fracas obras.

«*Egreja de Jesus, actualmente freguezia das Mercès.* — Em nenhuma egreja de Lisboa achei reunidas tantas e tão boas pinturas.

«No côro, vê-se uma Resurreição attribuida a Rubens [1] e é na verdade,

[1] Este quadro parece actualmente fazer parte da galeria de S. M. D. Fernando no palacio das Necessidades.

Digitized by Google

segundo creio, uma obra d'este grande mestre: é até na minha opinião uma de suas mais bellas producções. É um suberbo quadro, e um dos objectos d'arte mais preciosos, que se encontram em Portugal. Parece-me intacto: ou, se foi restaurado, fizeram-no conscienciosamente. Defronte vê-se uma Adoração dos Magos, que em muitas das suas partes faz lembrar Ferdinand Boll. É muito inferior á Resurreição.

«Na capella de N. Senhora vê-se um papa e um cardeal visitando o tumulo de S. Francisco. Este quadro d'um estylo eminentemente Ficianesco parece-me excellente. Aquelle, que se acha defronte, parece do mesmo pincel: com tudo é inferior em merecimento. Representa S. Francisco, a quem apparecera Christo no ceu e a Santa Virgem. Na mesma capella encontram se ainda varios paineis, que merecem ser mencionados.

«Na capella mór a Visitação de S. Izabel, mãe de S. João, á Virgem Maria é uma excellente obra, cujo estylo se approxima muito da epoca classica da pintura Italiana. Outros tres quadros na mesma capella não deixam de ter um certo caracter de grandeza, mas em tudo mais pareceram-me pouco dignos d'elogios. Todos estes paineis pelo caracter, que n'elles domina, parecem pertencer ao fim do seculo XVI, ou ao principio do seguinte: com tudo pertencem muito mais á epoca classica, que á do Carrache.

«Vê-se na capella de S. José, S. Domingos e S. Francisco a quem apparecem no ceu Christo e a Santa Virgem. Parecem ser do mesmo author que a da capella de N. Senhora.

«A capella da Ordem Terceira é ornada de quadros relativos á vida de S. Luiz. São de merecimento secundario.

«A capella do SS. Sacramento contem dois quadros d'um trabalho muito duro, cujo estylo todavia não deixa de ter uma certa elevação e que tem analogia com o de Gaspar Dias.

«*Paulistas.* — Uma duzia de quadros de Vieira Lusitano representando santos eremitas, ornam o alto das paredes d'esta egreja, e são d'um acabado menos acanhado e mais facil, do que a maior parte de suas obras, sem com tudo serem faltas de estylo. Creio pertencerem á ultima epoca da actividade artistica de Vieira. Na mesma egreja vê-se a multiplicação dos pães, e Moysés no deserto. São obras d'arte importantes no tocante á composição, mas teem bastantes defeitos, e satisfazem pouco ao meu gosto.

«*S. Francisco de Paula.* — Por cima do altar mór vê-se um grande quadro muito fraco, cujo assumpto é S. Francisco, a quem um anjo appresenta uma coroa. É um excellente quadro aquelle, que se acha por cima do primeiro altar á esquerda da entrada, e que representa Santo Antonio e outras figuras. Tem assignatura de Vieira Lusitano, e a data de 1763. Por toda a parte onde encontro obras d'este artista sinto-me attrahido pela sua natureza artistica. O painel do segundo altar e um outro defronte, são attribuidos a Ignacio d'Oliveira. Um representa S. Joseph trabalhando de carpinteiro e o outro a coroação da Santa Virgem. O tecto não tem merecimento.

«*Bemposta.* — Na sacristia da capella do palacio, por cima d'um armario, está posto um quadro assignado por João de Holbein. Tem a data de 1619. É

Digitized by Google

uma obra admiravel, e está em perfeito estado de conservação. Os algozes, chamados restauradores, ainda lhe não tocaram. O assumpto é a Virgem assentada n'um throno, tendo o Menino Jesus em seus braços, e rodeiado de muitos Santos. Atraz do throno vê-se uma rica e bella architectura no estylo de Francisco I. Foi a filha de D. João IV, a rainha Catharina de Portugal, e mulher de Carlos II d'Inglaterra, que enviuvando, trouxe este quadro d'Inglaterra, e d'elle fez presente a esta capella.

«*Madre de Deus.* [1] — Os quadros d'esta egreja não podem de nenhuma fórma ser anteriores ao anno de 1518, porque o facto historico representado n'um d'elles, a entrada de Santa Auta em Lisboa aconteceu n'este mesmo anno: é tambem evidente que o casamento do rei, representado n'um d'estes quatro se fez na epoca, em que se pintavam estes paineis. O principe pintado tem ar de muito novo, e então é necessario accreditar que é D. João III, que desposou em 1525 D. Catharina.

«Estes quadros são talvez tão bons como o da galeria Boisserée (fazendo agora parte da galeria real de Munich), que se attribue a Scharel. Parecem ter tido outro destino ao principio, por quanto os pés das figuras do primeiro plano foram sacrificados ás dimensões do caixilho. A influencia d'estes quadros é Alemãa ou Flamenga.

«*Academia das Bellas Artes.* — Os quatro quadros vindos de S. Bento conteem na realidade grandes bellezas.

«Oito quadros de Abraham Prim tambem são notaveis.

«D. João III ainda menino é muito bom.

«O quadro de Nossa Senhora (n.º 163) não deixa de ter merecimento.

«S. João (n.º 160) é digno d'elogios pelo que diz respeito ás roupagens.

«Quadro attribuido a Miguel Angelo. É com effeito um excellente quadro. Não tenho a menor idéa de quem seja: mas estou tentado a acreditar que é Florentino. Não conheço painel pintado a oleo, que d'uma maneira segura possa ser attribuido a Miguel Angelo. Não vejo que o desenho n'este painel não participe do estylo de Miguel Angelo, mas não a ponto de justificar as supposições, de que é objecto.

«Os quadros das portas do oratorio portatil de Francisco I, tomado por Carlos V na batalha de Pavia, e attribuidos a Julio Romano, pareceram-me detestaveis.

«Uma Nossa Senhora attribuida a Raphael: nada tem que pareça de Raphael: julgo ser um quadro alemão. Á sua vista o nome de Amberger se appresentou á minha memoria.

«S. Bruno, trabalho de Sequeira. É com effeito um quadro muito bom, todavia a execução é fraca, mas pelo que respeita á concepção e ao claro escuro é digno d'elogios. Porem os quadros do mesmo auctor S. Paulo, S. Bruno, e S. Jeronimo não me satisfazem, nem pela composição, nem pela execução.

«Descida do Espirito Santo por Trevisani: acho este painel muito bom.

[1] *Les Arts en Portugal*. pag. 125.

Digitized by Google

«Um Senhor crucificado attribuido a Van Dick. É muito fraco, e nenhuma analogia tem com a escola de Rubens.

«Nossa Senhora do Rosario por Vieira Lusitano. É muito bom, bem composto, e mostrando tendencias sabias, direi até, elevadas. Santo Agostinho calcando aos pés a heresia, não é tão bom como o antecedente, mas não deixa de ter merecimento. Nós estavamos bem longe de possuir na Prussia, no tempo de Vieira um artista, que o valesse. Julgo que não é muito inferior a Vien.

«Uma procissão do Corpo de Deus, por Taborda. É mais fraco, que tudo quanto tenho visto d'este pintor.

«*Palacio d'Ajuda.* — Na primeira sala, em que fui introduzido, vi por cima das portas assumptos da Historia de Portugal, nos quaes estão misturadas figuras allegoricas. É obra de Taborda: bem fraca, mas d'um effeito agradavel.

«Na segunda salla do primeiro andar vi medalhões oblongos, contendo dansas e allegorias pintadas por Cyrillo. Dir-se-hia obra d'uma rapariga, que tem a cabeça cheia de chimeras. O tecto da salla seguinte é de Monteiro, representa caça morta, e objectos de caça. Uma figura de mulher, que se acha alli como por acaso, e a paisagem merecem poucos elogios. A caça é melhor.

«Na salla, que servia para beijamão, no tempo da infanta regente, vê-se no tecto a representação allegorica da Felicidade publica, e a Mentira muito perto. A mentira sahio boa; mas a Felicidade publica está abaixo de toda a critica.

«O tecto do quarto de dormir da infanta regente é composto no genero de Neureuter. São figuras d'animaes, plantas agrupadas e entrelaçadas com muito bom gosto. Esta obra foi executada em parte por Taborda, e em parte por Foschini. As figuras maiores são indubitavelmente de Foschini, e feias a não poderem sel-o mais.

«De todos os tectos o melhor composto e pintado é aquelle do quarto, em que dormia D. Pedro. A execução é facil, e o effeito geral muito satisfatorio.

«Fizeram-me ver em uma salla do mesmo andar um tecto de Sequeira, que me desagradou muito. [1]

«O tecto da escadaria é d'uma côr muito viva: com tudo pouco me satisfez. É obra de Norberto José Ribeiro, discipulo de Taborda.

«O tecto da salla do throno é de Maximo. Esta pintura não me fez impressão favoravel.

1 Dir-se-ha que acho tudo mau: mas é preciso considerar que em toda parte as coisas boas são mais raras, que as más. De mais, prefiro Taborda nascido em 1766, Vieira Portuense (1765-1805) Sequeira (nascido talvez em 1760) ao nosso Weitsch (1738-1828) e a Frisch (1737-1815) Pelo que diz respeito a Vieira Lusitano era realmente um artista distincto, e na epoca em que vivia (1699-1783) estavamos bem pobres na Prussia. Pedro Alexandrino (1720-1810), este pintor tão fecundo, era para Portugal o que Rode (1725-1797) era para a Prussia, com a differença, que o primeiro tinha tendencias mais elevadas. Não acho Vieira Portuense tão habil, como Batoni, mas acho-lhe mais fundo e merito, do que em Angelica Kauffmann.» *Les arts en Portugal*, pag. 170.

Digitized by Google

«Nada se pode ver mais ridiculo, que D. João VI n'uma concha. É trabalho de Foschini.

«Na salla do Estado, Taborda representou a acclamação de D. João IV. Faz bom effeito, e é bem superior á maior parte das outras pinturas.

«O tecto da salla das Côrtes por Taborda não deixa de ter harmonia em quanto ao colorido: a disposição dos grupos e das figuras é muito feliz: mas o desenho está muito desleixado.

«Em uma salla pegada a esta o tecto é de Foschini: desagradou-me tanto como as outras obras d'este pintor.

«Dois quadros de Maximo, um representando Santa Izabel, e o outro a degollação de S. João são muito pouco agradaveis. Um retrato de D. João VI por Maximo é horrivel. Um de Sequeira em pequenas dimensões é melhor.

«Cinco batalhas pelo pintor Rato não são d'um effeito desagradavel.

«O quadro pintado pela tia de D. João VI, D. Maria Benedicta, representando o coração de Jesus, attesta o gosto d'esta princeza para com as artes.

«O martyrio de S. Lourenço parece obra d'um pintor Bolonhez da epoca de Carrache.

«Um Christo morto poderia ser um painel original de Carrache. Este quadro é grave e grandioso, mas pouco agradavel.

«Um incendio de Troia por Diogo Pereira não tem nenhum merecimento, como effeito de luz, e as figuras são horriveis.

«De oito centos quadros aglomerados em varias sallas do primeiro andar, poucos vi, que não fossem muito maus. Na minha opinião um dos melhores é Christo entre os doutores, no genero de Caravagio: é talvez obra d'um hespanhol.

«*Palacio do Conde de Lavradio.* — Contem um grande numero de pinturas entre as quaes citarei dois quadrosinhos d'um acabado rasgado e facil. Foram pintados indubitavelmente por um dos melhores discipulos de Rubens, talvez Gaspar Crazer. Ha sobre tudo um, aquelle que se compõe d'um menor numero de figuras, que para mim tem bastantes encantos. Tem merecimento no toque e colorido. A virgem faz-me lembrar as de Murillo. Esta collecção contem egualmente um bom numero de quadros attribuidos a Rosa di Tivoli, grandes e pequenos fracamente desenhados, e grosseiramente pintados. Entre todos os quadros d'esta casa, o que ha de mais interessante, são os retratos da familia, como D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei das Indias em 1505 (grosseiramente e mal pintado), D. Lopo d'Almeida 1525 (bem desenhado, e d'um effeito que satisfaz), o cardeal D. Thomaz d'Almeida (1720) não menos bem pintados. Porém muitos quadros não teem nenhum merecimento artistico.

«*Palacio do Conde de Sobral.* — Vi n'este palacio alguns objectos dignos d'observação. Devo em primeiro logar pagar meu tributo de homenagem a uma pequena Familia Sagrada, attribuida a Corregio: acho-a encantadora, e creio ser original. Se é uma copia; é muita antiga e excellente. Quadro delicioso! Um Salvador Rosa, incontestavel, representando Ramoldo no deserto, merece elogios. Não conheço quadro d'este pintor, que para meus olhos tenha tanto merecimento.

Digitized by Google

«O retrato do conde de Narbonne, pae da senhora Sobral (ajudante de campo de Napoleão, tenente general morto em Torgau) é de Gerard; e o da duqueza de Narbonne Lara, de M.me Guiard. O retrato d'um tio do Conde de Sobral, Gerelt Braamcamp, por Terbouché, pintor do rei de França, é dos tres aquelle onde encontro mais merecimento. Os outros dois tambem o possuem incontestavelmente. A condessa possue os retratos em esmalte dos filhos de Luiz XV, que teem merecimento pelo lado artistico.

«*Palacio do Conde de Borba.* — Entre os numerosos quadros d'esta casa quasi nenhum vi, que me parecesse bom. Os incendios (supponho-os de Diogo Pereira) não dão honra ao seu auctor. O que melhor encontrei n'esta collecção são dois quadros em cobre da escola de Rubens, representando uma bacanal e um assumpto historico, em que uma mulher parece enterrar uma espada no seio.

«*Palacio do Conde de Penamacor.* [1] — Entre as telas existentes n'este palacio parece-me haver algumas de merecimento, como a batalha de Pavia, S. Domingos de Morales, e Santo Agostinho, attribuido a Francisco de Hollanda.

«O primeiro painel, que alguem attribuiu a Albert Durer, é um verdadeiro thesouro, é um soberbo painel.

«Em quanto ao Morales não pode existir nenhuma duvida sobre sua authenticidade. Reconheci o author d'este painel, como por um effeito magnetico no mesmo momento, em que transpuz o limiar da porta. Attrahiu minhas vistas de preferencia a todos os outros objectos. É um excellente quadro, e d'uma conservação perfeita.

«Em quanto a Francisco d'Hollanda nenhuma obra conheço d'este artista. O quadro representa o baptismo de Santo Agostinho. Além d'estes paineis ainda ha outros, que não deixam de ter merecimento. Na capella dos Castros, em Bemfica, encontram-se alguns quadros de familia, que teem um interesse historico incontestavel, mas privado completamente de merito artistico.

«*Habitação de Lord Howard de Walden.* — Tambem possue um grande numero de quadros antigos. Tem um excellente specimen d'essas santas Familias attribuidas a Leonardo de Vinci, não sei se este é o author; creio apenas que é um excellente e antigo painel da escola lombarda.

«Um pequeno quadro, cujo assumpto é *Dae a Cesar, o que é de Cesar*, é attribuido a Sequeira: não posso admittir que seja obra d'este pintor. É d'um trabalho e d'um effeito de colorido, que nunca encontrei em Sequeira. Seria mais depressa tentado a acreditar que este esboço é de Pompeo Batoni. Tambem possue desenhos dos dois Vieiras e Sequeira. Os d'este ultimo encontram-se aqui por toda a parte, e em muito grande numero. Fazia-os com boccados de papel enrolado, do qual queimava a ponta á luz; á penna, e de mil outras maneiras; muitas vezes á noite em sociedade. Todos estes desenhos mostram uma grande facilidade. Sequeira era habil, mas não um grande artista na minha opinião. Vieira Lusitano, e até Vieira Portuense lhe eram superiores no meu modo de pensar. Os desenhos d'estes dois ultimos dão prova d'um senti-

[1] *Les arts en Portugal*, pag. 274.

Digitized by Google

mento artistico mais puro, e mais elevado, suas tendencias eram louvaveis; suas obras mostram ao mesmo tempo menos presumpção.

«O gabinete d'estudo encerra duas encantadoras aguarellas de Taylor, artista inglez, representando os filhos de Lord Howard.

«*Casa do sr. Sequeira.* — O sr. Sequeira é sobrinho do pintor d'este nome. Vi na sua casa uma innumeravel quantidade de desenhos d'este artista tão fecundo. N'este numero agradaram-me alguns, mas em geral attrai-me pouco a natureza artistica d'este pintor. Uma muito bella composição sua é aquella, da qual Bertolozzi fez uma gravura, que não acabou. [1] Tambem alli está um retrato do pintor Sequeira por Pelegrini, que não acho mau. Sequeira fez em 1812 os desenhos da baixella, que foi offerecida a Lord Wellington: estes desenhos encontram-se em casa de seu sobrinho: são do estylo do tempo do imperio, que não se ageitam a nosso gosto. Creio que tinha talento; mas suas disposições naturaes, bem como a epoca, na qual viveu, opposeram-se egualmente a que seguisse os bons preceitos e os grandes exemplos; e que seu gosto fosse aperfeiçoado, e suas tendencias elevadas, e que fosse modesto e applicado.

«*Palacio da Condessa da Anadia.* — Entre os quadros portuguezes citarei o de Vieira Portuense, representando Venus e o amor n'uma paisagem. Vieira n'esta composição deixou-se inspirar pelo Albano. É um quadro encantador. Foi gravado por Bertolozzi. Um outro quadro do mesmo author que tambem é digno d'elogios, é aquelle, que representa a Condessa d'Atouguia armando seus filhos para os enviar á guerra d'Hespanha. Faz lembrar alguma cousa o genero de Angelica Kauffmann: mas, na minha opinião, muito melhor que maior parte das obras d'esta ultima. Defronte vê-se Martim de Freitas entregando as chaves de Coimbra a D. Affonso III, por Sequeira, e da mesma grandeza. Parece-me esta tela muito inferior á de Vieira. Tanto sympathiso com Vieira Portuense, tanto a natureza artistica de Sequeira, tal como suas obras me fazem parecer, me repelle d'este. Todavia não acho mau o busto d'uma menina, que se surri agradavelmente. Sequeira, segundo me dizem, tinha a Vieira um odio muito grande, procurava fazer-lhe mal, e encheu sua vida d'amarguras.

«Entre as obras, que não são Portuguezas, citarei.

«Um homem a cavallo, por Casanova.

«Um enterro de Christo, por Bassano.

«Um quadro insignificantissimo de Angelica Kauffmann.

«Um pequeno quadro em madeira no genero de Van der Werf.

[1] «Sequeira dirigiu-se a Paris nos fins de 1823, e na exposição de 1824 via-se uma de suas composições. Era um quadro representando os ultimos momentos de Camões. Este painel, apesar de pintado á pressa, foi elogiado por Gerard, Granet, Vernet, e varios outros pintores francezes. Algum tempo depois foi Sequeira estabelecer-se em Roma, e apezar de avançado em edade, occupou-se de sua arte com o ardor d'um joven. Os ultimos quatro quadros pintados por elle valeram-lhe elogios dos amadores e dos artistas. Biordi gravou ultimamente um d'estes quadros, representando a descida da cruz, e a offereceu á rainha de França. (*Jornal dos Debates* de 23 d'Abril de 1841.) *Les arts*, pag. 284.»

Digitized by Google

«Duas bambochatas em madeira, no genero de Bega ou Ostade.

«Um bosquejo italianno, no genero de Pietro de Cortona.

«Uma bella cabeça: retrato. De author venezianno ou hespanhol.

«Mas sobre tudo Christo trahido e S. Pedro cortando a orelha a Malcho, em cobre, é um pequeno quadro d'um merecimento incontestavel. É da escola de Durer, desenhado e executado como os de Gobrio.

«Veem se tambem n'esta collecção algumas pinturas a tempera muito fracas de Pilman, e uma Venus de grandeza natural de Pelegrini, pintor de retratos, que passou uma parte da sua vida na Inglaterra, e em Portugal, e que me deu por este retrato uma fraca opinião de seu talento.

«A baixella de prata, que possue a condessa, são especimens admiraveis das obras de ourivesaria de Cinquecento. N'este genero nada se pode ver mais bello e de melhor gosto.

«*Palacio do Conde d'Almada.* — São notaveis os azulejos representando a conferencia dos que conspiraram para levar D. João IV ao throno. O desenho é facil, e denota uma certa habilidade technica, que em geral se vê nos azulejos de Portugal.

«*Palacio do duque de Palmella, no largo do Calhariz.* — Vi um quadro antigo representando S. Miguel pizando o dragão, quadro, que de quantos vi em Portugal, é o que mais se assimilha com as obras do Grão Vasco, que vi em Vizeu. Ha ainda outros quadros antigos. Quatro paineis pintados em cobre, no genero d'um dos Breughel, não deixam de ter merecimento. Muito gosto do retrato d'um homem calvo, que se encontra n'este palacio. A cara tem uma expressão verdadeira, bem desenhada e bem pintada: às mãos pelo contrario a todos os respeitos merecem ser criticadas severamente. N'uma das sallas d'este palacio poderam conservar um tecto, que pertence á epoca de Luiz XV. É d'uma grande riqueza na dupla relação de composição e de prospectiva, denota no seu author grande habilidade artistica; mas as formas e as proporções contrastam singularmente com as dimensões das paredes, que sustentam o tecto; cujas figuras são abaixo de mediocres.

«O duque de Palmella possue tambem no seu outro palacio do Rato um grande painel, que é reprodução da Santa Familia de Julio Romano, da galeria de Dresde. É um bello trabalho da epoca classica d'Italia. N'este mesmo palacio vi alguns bons quadros flamengos, entre outros o retrato d'uma velha, á maneira de Dietrich, quando queria imitar Rembrandt. Vi tambem pertencente ao duque uma Santa Familia, que julgo ser de João de Maubeuge.

«No seu palacio do Lumiar possue tambem o duque bellos esmaltes no genero d'aquelles, que se faziam em Limoges nos seculos XIV e XV. Vi-os n'um dia que ficará sempre gravado em minha memoria, 24 de novembro, dia em que o duque tinha dado um soberbo jantar em honra de Fuad Effendi, enviado Turco.

«*Palacio de D. Fernando.* — Este rei tem feito um grande numero de gravuras á agua forte de diversas grandezas, que denotam um talento pouco vulgar. D'estas já o Museu de Berlim possue para cima de quarenta. Entre as gravuras citarei: Um mestre escola, conforme o desenho de Charlet, 1843.

Digitized by Google

«Dois cavallos diante d'uma casa, Verbockhoven, (1839).

«Uma cabra, pelo desenho de Verbockhoven, (1838).

«Meninos indo para a escola, conforme Charlet, (1839).

«Entre as composições:

«Um cavallo ao qual está encostado um rapaz a fumar.

«Um cavallo pastando n'um campo.

«O combate de dois militares em trajos do seculo VII, n'um caixilho formado d'arabescos, no gosto de Neureuter.

«O retrato de Pouy Rolly, (1839).

«Um pobre recebendo esmola, (1843).

«Um cavallo inglez.

«O rei possue uma rica composição attribuida a Sequeira, representando a descida da cruz. É um desenho magnifico: mas duvido que seja de Sequeira. Com tudo este pintor é tão variado nas suas producções artisticas, que não sei que pensar d'elle, e d'este desenho. Em todo o caso, não obstante algumas incorrecções ou descuidos, é trabalho muito notavel, e cheio d'encanto.

«Mafra. — A egreja é, como a da Estrella, uma imitação em miniatura da egreja de S. Pedro. O painel do altar mór, representando Santo Antonio em adoração diante da Virgem é uma bella obra do seculo passado. Toda a egreja appresenta interiormente um conjuncto de proporções e cores harmoniosas: é ao mesmo tempo rica e simples. É uma obra d'architectura irreprehensivel, e d'um só jacto. Alli não se encontram nem anachronismos, nem confusão de idéas. Uma das cousas que n'esta egreja mais me encantou foram duas enormes grades de ferro, d'um muito bello trabalho, ornadas de doraduras, para separação da capella mór d'uma outra capella lateral da nave.

«O mais bello quadro de Mafra na minha opinião é o que representa S. Domingos e S. Francisco em adoração diante da Virgem. É muito mais moderno, que Guido e Guerchin, mas tem tal merecimento, que não o julgo muito inferior ás boas obras d'estes dois pintores. O numero das estatuas, que ornam a egreja, o vestibulo e a fachada, é muito consideravel, e algumas d'ellas satisfizeram ao meu gosto.

«Obidos. — Fiz um esboço do seu castello em ruinas, um dos mais importantes, e dos mais pittorescos de Portugal. Devo dizer, que apezar de eu não conhecer mais que uma parte d'este paiz, aqui tenho já encontrado muitas ruinas notaveis, e que á excepção das margens do Rheno, seria difficil encontrar um tão grande numero d'ellas em qualquer outro paiz. Sem fallar de Alcobaça, e de Buarcos, posso citar entre as ruinas, que já explorei, Palmella, Obidos, Leiria, Pombal, Monte-mor: são massas enormes de pedra, tão vastas, como algumas do Rheno e do Conway.

«Porto. — *Egreja de Cedofeita.* — Muitos capiteis e columnas são d'um trabalho curioso.

«*S. Francisco.* — Tem uma portada gothica muito bella, mas nem todas as partes pertencem á mesma epoca. Anachronismos em toda a parte. Interiormente é ornada com esculpturas de madeira d'uma belleza, que excede quanto n'este genero tenho visto em Portugal, e em qualquer outro paiz.

Digitized by Google

«Na visinha egreja da Ordem Terceira veem-se quatro paineis d'altar, obra de Vieira Portuense, representando S. Margarida confessando em artigos de morte a um frade franciscano; N. Senhora da Conceição, Santa Izabel dando esmolla, e S. Luiz rei de França em oração. O primeiro d'estes quadros é o mais bello, e o ultimo muito fraco. N'estes quadros o author mostrou sensibilidade e um sentimento profundo de piedade. Vieira Lusitano era dotado d'um sentimento artistico mais elevado, estava mais d'acordo comsigo mesmo no caminho, que queria seguir, mas Vieira Portuense tambem tinha talento, e era uma amavel natureza de pintor.

«*Sé.* — Contém um altar de prata d'uma grande riqueza, do anno de 1713. Na sachristia acha-se um quadro da Virgem e do menino Jesus, que se diz obra d'um grande pintor; mas nada pude descobrir, que justificasse esta suposição. Os ornatos de madeira do altar mór são d'uma riqueza e belleza incomparavel.

«*Misericordia.* — Na sachristia da egreja vê-se um quadro soberbo representando a festa da misericordia, no meio Christo na cruz: dos lados a Virgem e S. João, com figuras em volta. As do primeiro plano parecem representar o doador, sua mulher, seis filhos de curta edade, e duas meninas, cuja primogenita parece ter de 14 a 15 annos. Este quadro é decididamente de influencia allemã, e parece de Holbein. No genero de quadros gothicos é uma das mais bellas cousas, que encontrei em Portugal. Recordou-me Burgomestre de Bâle da galeria de Dresda, sem todavia ter o mesmo merecimento. Julga-se que este quadro representa D. Manuel, rei de Portugal e sua familia.

«Na egreja vê-se um Christo na cruz, que me disseram ser copiado de Vieira Lusitano por M. Raphael. É um excellente quadro. Não direi outro tanto da Senhora da Conceição, original do mesmo Raphael, que achei excessivamente fraca. M. Raphael foi para o Porto o mesmo que Pedro Alexandrino era para Lisboa, mas com peior resultado.

«*Em casa do senhor Allen.* [1] — Vi algumas paisagens de Pilman; um Christo na cruz, de Vieira Portuense, muitos e lindos quadros flamengos, e de varios authores.

«*M. Silva Oeirense.* — Possue tambem boas cousas. É necessario observar na sua collecção, que é muito numerosa, dois bellissimos quadros de flores, varios velhos retratos, e um esboço de Vieria Portuense representando Viriato jurando sobre o cadaver d'uma rapariga de se vingar dos Romanos.

«*Em casa do senhor Francisco Wanzeller* — Vi uma grande pintura de Glama, pintor portuguez, representando o terremoto de 1755. Considerando tudo é bom painel. Este pintor morreu no fim do seculo XVIII: era do Porto, e seu pae italiano. Parece-me que Glama mostra analogia com Hogarth, menos a expressão.

«Fizeram-me elogios dos quadros de Graham. Eis o que mais chamaram minha attenção:

[1] Actualmente Museu da Camara Municipal, na rua da Restauração.

Digitized by Google

«Uma taverna no genero de Bega ou de Ostade: nove homens ou mulheres em volta d'uma mesa comendo e bebendo, é um excellente quadro: dois paineis no genero de Teniers, dos quaes um representa a morada d'um alchimista, e o outro o gabinete d'um pintor, excellente: uma bella cabeça de Christo, attribuida a Alberto Durer, uma vista de Veneza por Canaletti, o velho.

«O Museu da Academia poucos quadros bons possue. Admirei n'esta collecção uma Adoração dos Magos. Parece-me painel flamengo, e pertencer ao seculo XVII, mas d'isso não tenho a certeza. Um enterro do Senhor tão bem satisfez ao meu gosto. Acho n'este quadro alguma fraca analogia com Baroche. Tão bem aqui se encontram uma composição de Barreto, natural do Porto, no genero de Camuccini e outra de David representando a morte de Cleopatra. Um S. Bruno de Sequeira de grandeza natural, mas peior que o da Academia de Lisboa, o retrato d'um monge, obra de Glama, bem caracteristico.

«Entre os objectos preciosos guardados n'este Museu devo citar vinte e seis pequenos esmaltes antigos n'uma só moldura. Representam passagens do Novo Testamento. Nada se pode vêr mais bello, que a escrevaninha dada pelo papa a D. Frei Bartholomeu dos Martyres.

«Na Bibliotheca vê-se um encantador livro de orações ornado com antigas illuminaduras, d'um trabalho muito precioso.

«Em casa do sr. Forrester [1] senti uma vez mais que é mister não julgar d'um artista antes de vêr seus melhores trabalhos. Possue de Sequeira uma grande aguarella, que tinha feito para o marquez de Marialva. Foi depois de sua vinda da Italia em 1803. Representa o desembarque d'Affonso d'Albuquerque nas Indias. Ha n'este desenho bella composição, excellente disposição, bom gosto, encanto, colorido agradavel e harmonioso, effeito geral satisfactorio. É um quadro excellente. Com tudo o desenho não é irreprehensivel; as figuras são cumpridas de mais, e é antes um objecto de phantasia, do que uma obra grave, historica e d'um estylo puro.

«As salas do sr. Forrester são ornadas com objectos d'arte. Entre os quadros citarei: Gado n'uma paisagem. Um pintor diante da estatua de Hercules Farnesio. Este ultimo agradou-me infinitamente. Citarei ainda duas obras de architectura attribuidas a Pannini, e dois paines reputados hespanhoes.

«Admirei no gabinete d'estudo do sr. Forrester grupos de barro, que julgo terem provindo de Hespanha, pois que as obras d'este genero executadas no Porto, ainda que muito bem feitas, teem na minha opinião menos merito artistico. Teem o genero de merito e de interesse, que se reconhece nas figuras de Murillo, representando homens de baixo povo e mendigos, menos o encanto de seu collorido. Vemos na Allemanha velhas esculpturas de madeira n'este genero; mas nunca as vi de barro, que valessem estas. É uma parte da arte, da qual nenhuma idea tinha antes de vir a Portugal.

«A casa de Antonio Bernardo Ferreira é toda guarnecida de quadros. No primeiro andar vê-se uma grande vista de Ostende, com muitos navios, que se fazem de vella, e um pequeno quadro representando uma santa familia,

[1] V. no artigo competente os serviços que este illustre inglez prestou ao nosso paiz.

Digitized by Google

com um pequeno S. João e um cordeiro. Parece-me francez este ultimo painel, e nascido debaixo da influencia de Poussin.

«No segundo andar vi três meninos, entre os quaes uma menina corôada de flôres. Faz-me lembrar Vander Helst. Um Christo na cruz, attribuido a Van-Dyck, é uma bellissima cousa.

«Em casa do sr. Woodhouse vi seu retrato, obra de Roquemont: está excellente. É talvez o melhor, que conheço d'este estimavel artista. Notarei como obra excellente, original e incontestavel de Canaletti Junior uma lindissima vista de Roma, na qual se distingue o castello de Santo Angelo, e no fundo a egreja de S. Pedro.

«Thomar. Comecei minha digressão entrando na egreja de S. João, que se acha na praça principal. Por cima do altar mór vê-se um S. João baptisando Christo, e de cada lado oito quadros condemnados a passarem por obra do Grão Vasco. Em algumas partes não são maus de todo, n'outras são detestaveis.

«O convento de Thomar é depois da Batalha [1] o resto mais importante da antiga grandeza de Portugal. Este antigo monumento reune os generos os mais variados, producções de diversas epocas, durante as quaes sua construcção foi continuada, comprehendendo o genero gothico, o do tempo de D. Manuel, e o que florescia durante o reinado dos Philippes. Um dos pateos appresenta um magnifico modelo d'este ultimo genero. Quando em pé, defronte do altar, que se eleva até á abobada, no centro da egreja, que é de fórma octogona, se contempla sua architectura, que recorda a ordem bysantina, a simplicidade de suas fórmas, e a riqueza de seus ornatos, julgamo-nos transportados ao Oriente, no tempo, em que o catholicismo começou a estabelecer alli seu dominio. A sala contigua nos leva ao tempo dos templarios. Passando o limiar acha-se na fachada exterior uma das mais bellas e mais ricas obras de architectura do tempo de D. Manuel. O mais bello e mais brilhante ornato no estylo d'este rei é a janella da sala do capitulo.»

* * *

Eis quanto de mais interessante se encontra em Rackzynski a respeito das bellas artes em Portugal. É o livro do conde um bom trabalho, mas não completo: centenares e centenares de quadros se encontram dissiminados pelas egrejas e palacios d'este paiz, sem que d'elles nos diga uma unica palavra. O trabalho tem realmente merecimento; mas é para desejar que um portuguez intelligente escreva uma obra n'este genero, da qual tanto carecemos. Apezar porém dos defeitos, que se encontram na obra de Rachzynski, ella todavia ainda hoje é consultada com utilidade, porque tambem n'este genero nada melhor temos.

O Diccionario, que é a segunda parte d'este trabalho, traz alguns artigos

[1] Porque será que o conde de Rackzynski no primeiro volume quasi nada diz da egreja dos Jeronymos em Belem? Nem palavra a respeito de S. Vicente de Lisboa! No *Diccionario* alguma coisa diz; mas pouco é.

Digitized by Google

importantes, principalmente a respeito de Pedro Alexandrino, Cyrillo Volkmar Machado, Vasco Fernandes, Antonio e Francisco d'Hollanda, Abraham Prim, Vieira Lusitano, Vieira Portuense, e Domingos Antonio Sequeira.

D'este ultimo trabalho ainda farei alguns extractos para se ver como o conde de Rackzynski acabou por ser um grande admirador d'este nosso celebre pintor, a respeito do qual está o sr. Marquez de Souza escrevendo um trabalho mui apreciavel.

«Os quatro paineis de Sequeira pintados em Roma [1] nos annos de 1836 e 1837, e que pertencem ao numero das ultimas obras de sua vida, foram adquiridos pelo duque de Palmella, na occasião da sua estada em Roma em 1845. Comprou-os a Migueis, genro de Sequeira, e ministro de Portugal junto da Santa Sé. Estes quadros comparados com as obras anteriores do mesmo artista, mostram um tal progresso, que mudaram todas as minhas idéas acerca do seu author. Representam a adoração dos Magos, a descida da Cruz, a Ascenção, e o Juizo final. Todas estas composições são de grande riqueza, e conteem uma infinidade de figuras. Os dois primeiros quadros são os unicos terminados, os outros ainda o não estão. Todavia no concernente a effeito, côr e composição, estão concluidos e harmonisados; não fazem o effeito d'obras incompletas, mas antes de trabalhos em que tudo, quanto foi expresso d'uma maneira summaria, não tem necessidade, senão de ser melhor determinado, e mais particularisado. Não só não tenho pena que estes quadros estejam por ultimar, mas até mesmo é uma circumstancia feliz, porque nos inicia no genio do pintor, na sua maneira de conceber os assumptos, e nas suas emoções espontaneas.

«Sequeira estava na declinação de sua vida, tinha sessenta annos, quando pintou o Calvario, setenta, quando se occupou da Ascenção, e do Juizo final: comprehende-se difficilmente como se poude elevar a taes alturas, e ao mesmo tempo como em Roma, que, mais que nenhuma outra cidade da Italia, pode ser considerada como um dos grandes depositos das producções classicas da pintura, poude adoptar um methodo de pintar, e sentir-se animado d'inspirações, que appresentam a maior analogia com Rembrandt, e não mostram nenhuma com os grandes pintores de Roma e de Florença. Acho que os dois quadros acabados não se podem comparar senão aos das obras de Rembrandt, que são d'uma execução esmerada, e nos quaes as figuras teem pequenas dimensões. Pode-se, sem hesitação, comparal-os áquelles não somente debaixo da vista de caracter geral, que appresentam, mas mesmo debaixo do de execução e de habilidade technica. Estes dois assumptos teem egualmente analogia com Dietrich, quando imitava Rembrandt; mas acho-os sem nenhuma comparação menos stereotypados. Pelo que diz respeito á inspiração poetica, á espontaneidade, e á profundidade de emoções artisticas, que ali reinam, são bem superiores a todas as obras de Dietrich. Por estes quatro quadros Sequeira se fixou no meu pensamento muito perto de Rembrandt.

[1] *Dictionaire Historique Artistique du Portugal*, pag. 261.

Digitized by Google

«No Juizo final o effeito da luz, e a maneira como o assumpto é tratado, recordam algum tanto algumas das producções estravagantes e inexplicaveis do inglez Turner.

«O Christo, a Virgem, S. João, e principalmente a gloria dos anjos, são soberbos.

«Na Ascenção ha grandes bellezas: notam-se no grupo da esquerda algumas figuras parecidas com as da Assumpção da Virgem por Ticiano. O ceu tão sereno, tão bello, é grandioso na sua simplicidade, porém o Christo, ainda que suba muito bem, pareceu-me carecer de nobreza: julgar-se-hia ver uma bonequinha.

«O mais bello de todos os quadros é o que representa a descida da cruz. É nobre o corpo de Christo deitado, em que se encontra mais luz. Este corpo, bem como o grupo, que o rodeia, causaram-me a mais viva admiração. No primeiro plano um grupo de figuras por baixo da cruz tem de tal sorte o estylo de Rembrandt, que certamente este grande mestre não recusaria que passasse por obra sua. Á esquerda ha figuras de mulheres admiraveis no toque, no desenho e na expressão. Gosto infinitamente entre os dois grupos, que acabo de citar, da figura d'aquelle homem de turbante, que junta ambas as mãos debaixo da barba em signal de dor. Apezar da riqueza d'estas composições, em nenhuma parte se encontra confusão, ou desleixo. É bello no desenho, na distribuição, no colorido: é bello em tudo e por tudo!

«Na adoração dos Magos a expressão da Virgem é magnifica.

«Em todos estes quadros ha uma frescura de sentimento, uma profundidade d'emoção, que me tocam vivamente, e tal riqueza de composição, que me não canso de admirar.

«Com a compra dos quadros pelo duque de Palmella os Portuguezes podem julgar por si mesmos, e provar que Sequeira era artista de grande merecimento, que seu talento era d'uma ordem superior; e que, se desde o começo de sua carreira não tivesse sido desviado do bom caminho pelos excessivos elogios, e se cedo demais não tivesse uma idéa exagerada da altura, a que se tinha já elevado; se principalmente não tivesse passado sua vida a fluctuar entre as direcções artisticas as mais oppostas, ou menos homogeneas com suas disposições naturaes, sua vida teria sido mais fecunda em grandes resultados, e sua fama não teria sido obscurecida por obras tão mediocres como os dois quadros da Academia representando os santos ermitas Paulo e Antão, a quem um corvo traz pão, o milagre da conversão de S. Bruno, que tambem se encontra na Academia, e varios outros.

«As producções d'este artista appresentam caracteres tão differentes, que seria difficil reconhecel-o por aquellas, que precederam ou seguiram. De quantas conheço, os quadros do duque de Palmella, e o desenho do rei, são as unicas, em que se reconhece o mesmo auctor.

«Sequeira tem pois, na minha opinião, titulos irrecusaveis á estima do mundo artistico; e não conheço pintor portuguez de nenhuma epoca, que tivesse mais talento natural. Tornei-me pois enthusiasta de Sequeira, e talvez demais.»

Digitized by Google

1108) **RAGGUAGLI DI MISSIONE** *nelle provincie di Goa e Coccicina, e nell'Africa.* Roma, 1615.

1109) **RAGIONAMENTO CHE CONTIENE L'ELOGIO** *di sua excellenza il signor Marchese di Pombal. Tradotto del francese in italiano.* Neapoli, 1776.

1110) **RAGUAGLIO DUN NOTABILISSIMO NAUFRAGIO** *cavato duna lettera del P. P. Martinez, scritta da Goa.* Roma, 1588, 8.°

1111) **RAISON DE LA NULLITÉ DU MARIAGE D'ALPHONSE VI,** *roy de Portugal, et de la valité de celui de D. Pedro, prince de ce royaume, presentée aus Pape Clement IX.*

1112) **RAMANIER.** (H. D.) E.—*L'Ulyssipiade, ou les Calamités de Lisbonne par le Tremblemanl de Terre.* Poeme.

1113) **RAMBLES ON MADEIRA AND PORTUGAL** *in the early part of* 1826. London, 1827.—(Excursões pela Madeira e Portugal.)

Robert White diz na sua obra intitulada *Madeira,* (pag. 223) que o auctor d'este livro é Mr. Lyall.

1114) **RAMUSIO (GIA DA M. GIO BATTISTA).**

E.—*Primo volume ed terza editione delle navigationi et viaggi raccolto.... et com multi et vaghi discorsi, da lui in molti luoghi dichiarato et illustrato. Nel quale si contengono la descrittione dell'Africa, et del paese del Prete Joanni, com varie viaggi, della Citta di Lisbona et del Mar Rosso insino à Calcut, et all'isole Molucche, dove nascono le Spetierie, et la navigatione attorno il Mondo.*

Con la Relatione dell'isola Giapan, scoperta nella parte del Settentrione: Et alcuni capitoli appartenenti alla Geographia, estratti d'Historia del S. Giovan di Barros Portoghesi. Com trevole di Geographia in disegno, che hanno le marine, secondo le Carte da navigare de Portoghesi, et fra terra, secondo, gli scrittori che hanno descritto di detti viaggi.

Con due Indici, l'uno delli nomi de gli auttori, che descrivono le dette navigationi et viaggi: L'altro delle cose piu notabili di Geographia, de costumi de popoli, delle spetierie, et d'altro che in esso volume se contengono. Con privilegio del Sommo Pontifice et dello Illustriss. Senato Veneto. In Venetia nella Stamperia de Giunti l'anno MDLXIII, fol.

Esta obra é dedicada a Jeronymo Fracastor. Contem no que diz respeito aos portuguezes:

I. Primeira viagem de Alvise da Cadamosto, pag. 97.

II. Navegação do capitão Pedro de Cintra, portuguez, escripta por Cadamostro, pag. 110.

III. Discurso sobre a navegação de Hannon, carthaginez, feito por um piloto portuguez, pag. 112.

Digitized by Google

IV. Navegação de Lisboa á ilha de S. Thomé, escripta por um piloto portuguez, e mandada ao Conde Rimonde della Torre, gentil homem veronense. traduzida de portuguez para italiano, pag. 114.

V. Discurso a respeito d'algumas cartas e navegações feitas pelos capitães das armadas do Serenissimo Rei de Portugal ás Indias Orientaes, pag. 119. «Navegação de Vasco da Gama, pag. 119.

VI. Navegação de Pedro Alvares Cabral, escripta por um piloto portuguez, e vertida para italiano, pag. 120.

VII. Carta 1.ª d'Americo Vespucci Fioretino, dirigida ao magnifico M. Retro Soderini, gonfaloneiro perpetuo da magnifica e excelsa senhoria de Firenze, a respeito de duas viagens feitas por ordem do rei de Portugal, pag. 128. Id. id. Summario de duas navegações, pag. 130.

VIII. Navegação á India Oriental escripta por Thomé Lopes, escrivão d'um navio portuguez etc., pag. 133.

IX. Viagem feita á India por Giovanni do Empoli n'um navio do Serenissimo rei de Portugal, feita por conta dos negociantes de Lisboa, pag. 145.

X. Itenerario de Ludovicho Barthema, pag. 147. Trata tambem da India portugueza.

XI. Carta de Andrea Corsali, florentino ao Ill.mo duque Giuliano de Medici, escripta em Cochim, no anno 1515, a 6 de janeiro, pag. 177. É notavel esta carta por descrever o immenso poder dos portuguezes, pag. 179.

XII. Carta d'Andrea Corsali ao Ill.mo duque Lorenzo de Medici sobre a navegação do mar Roxo e golpho Persico. Cochim, 18 de setembro de 1517, pag. 181.

XIII. Viagem na Ethiopia ao Preste João, por D. Francisco Alvarez, portuguez, fol. 189 v.

XIV. Obediencia de Preste João ao SS. Papa Clemente VII, prestada por Francisco Alvares, em nome de David, rei da Ethiopia, pag. 255, v.

XV. Discurso de Gio Battista Ramusio sobre o crescimento do rio Nilo pag. 261.

XVI. Viagem escripta por um *Comito* Veneziano, que foi levado preso da cidade d'Alexandria, até Diu na India, com seu regresso ao Cairo, em 1538, pag. 274.

XVII. Livro de Duarte Barbosa, portuguez, pag. 288.

XVIII. Summario de todos os reinos, cidades e povos orientaes, que se encontram começando do Mar Roxo até aos povos da China. Traduzido do portuguez, pag. 324.

XIX. Viagem de Nicolo di Conti, veneziano, escripta por Messer Poggio, florentino, pag. 338, v.

XX. Ep stola de Massimiliano Transilvano, secretario da Magestade do Imperador, escripta ao Ill.mo e Rev.mo Sr. Cardeal Salrubergense, sobre a admiravel e estupenda navegação feita pelos hespanhoes á roda do mundo, no anno de 1519, pag. 347.

XXI. Viagem á roda do mundo feita e descripta por M. Antonio Pigafeta Vicentino, cavaleiro de Rhodes, dirigida ao Rev.mo grão Mestre de Rhodes

Digitized by Google

M. Philippo di Villiers Lisleadam, traduzida do francez para italiano, pag. 352.

XXII. Narração d'um portuguez, companheiro de Duarte Barbosa, o qual foi no navio Victoria, no anno de 1519.

XXIII. Informação da ilha novamente descoberta na parte septentrional, chamada Japão, pag. 377 v.

XXIV. Extractos da Historia do Sr. João de Barros, pag. 384 v.

Os outros volumes tratam de descobertas feitas por navegantes pertencentes a outras nações.

1115) RANQUE (H).

E.—*Lettres sur le Portugal, écrites à l'acasion de la guerre actuelle par un français établi à Lisbonne, avec des observations sur le voyage du duc de Chatelet, et des détails sur les finances de ce royaume. Publiées par* —. Paris, 1801, 8.°

1116) RAP (M).

E.—*Die farças des Gil Vicente.* Buhne, 1846.

1117) RATON (JACOME).

E.—*Recordaçoens de* —. *Fidalgo Cavalleiro da Caza Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, Ex-Negociante da Praça de Lisboa, e Deputado do Tribunal Supremo da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação, sobre occorrencias do seu tempo com Portugal, durante o lapso de sessenta e tres annos e meio, aliás de Maio de 1747 a Setembro de 1810, que residio em Lisboa: accompanhadas de algumas subsequentes reflexoens suas, para informaçoens de seus proprios Filhos. Com documentos no fim.* Londres Impresso por H. Bryer. 1813. 8.° grande 450 pag. Com o retrato do author, e uma planta topographica dos terrenos adjacentes ao Rio das Enguias, e curso d'este desde o porto da Barroca d'Alva até a sua embocadura no Tejo.

«É livro que tem tanto de raro, como de procurado actualmente. É obra mui curiosa (diz o sr. Innocencio [1]), e assás estimada, pela abundancia de noticias e particularidades, que encerra com respeito ao estado civil, e politico do reino durante aquella epoca; seu commercio, artes, industria etc. etc. acompanhado tudo de reflexões quasi sempre judiciosas, e de anedoctas interessantes.

«Nasceu Jacome Raton em Monestier de Briançon na Provincia do Delphinado de França, a 7 de Julho de 1736. Seus paes vieram pouco depois para Portugal, estabelecendo-se em Lisboa com casa de commercio, e para aqui mandaram vir o filho no anno de 1747, contando elle então quasi onze de edade. Educado na theoria e na pratica mercantis conservou-se em sociedade com a sua familia até que casando no anno de 1758 começou a negociar por conta propria. Fundou uma fabrica de chapeos finos em Elvas, e outra em

[1] *Diccionario Bibliographico*, vol. 8, pag. 253.

Digitized by Google

Lisboa, que por largos annos permaneceram em estado mui florescente; e foi elle tambem que associado a Timotheo Lecussan Verdier crearam ambos a fabrica de fiação de algodão em Thomar, afóra outras emprezas industriaes e fabris, que intentou, e das quaes umas foram avante, e outras se malograram. Tendo-se naturalisado Portuguez em 1762, foi em 1788 nomeado Deputado da Real Junta do Commercio, e depois condecorado com o habito de Christo, e com o fôro de Fidalgo Cavalleiro da Casa Real.

«Quando o exercito Francez, que invadio Portugal em 1807, foi expulso no anno seguinte pelas armas Anglo-Lusitanas, Jacome Raton ficou, como muitos outros individuos, mal olhado, e tido com razão ou sem ella, na opinião de Jacobino; e em consequencia das informações, que a regencia enviou a seu respeito para a côrte do Rio de Janeiro, foi mandado demittir do logar de Deputado da Junta do Commercio em Junho de 1810. Em Setembro do mesmo anno foi preso, e remettido para a Torre de S. Julião da Barra, donde o passaram com outros para bordo da fragata Amazona, que devia transportal-os para a Ilha Terceira. Obteve porém a concessão de ser transferido para uma fragata Ingleza, na qual seguiu viagem para Londres, e ahi permaneceu durante alguns annos, até que depois de restabelecida a paz geral regressou para Lisboa, onde veio a fallecer por fins do anno de 1821 ou principios do immediato.»

1118) **RAVARA (ANTONIO GALLEANO).**—Italiano. Residiu em Lisboa, onde publicou

E. I.—*Album Italo-Portuguez.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1853, 8.°, 228 paginas.

II. *Elegia á morte da princeza D. Maria Amelia.* Em italiano. Na *Revista Universal Lisbonense*, vol. 12.° pag. 389.

III. *Alla Virtu. Ode.* Idem, pag. 451.

1119) **RAYNOUARD (FRANÇOIS MARIE).** De l'Institut de France.

E.—*Camões. Ode. Avec la traduction de M. Francisco Manuel (Filinto Elysio).* Paris. De l'Imprimerie de A. Bobée, 1819, 8.°, 19 pag.

I

Habitans des rives du Tage,
Dirigez mes pas incertains:
J'apporte mon pieux hommage
Au Chantre heureux des Lusitains;
Montrez-moi l'auguste retraite
Où repose ce grand Poëte
Comblé d'honneurs et de bienfaits.
Que vois-je? votre indifférence
Dans le besoin, dans la souffrance
Laisse l'Homère Portugais!

II

Barbares! l'affreuse indigence,
Les noirs chagrins et la douleur
Auraient épuisé sa constance,
S'il ne dominait le malheur.
Dans ce délaissement funeste,
Un ami toutefois lui reste,
Mais ce n'est pas un Lusitain;
Chaque soir sa main charitable
Quête le pain que sur leur table
Ils partagent le lendemain.

Digitized by Google

III

Antonio ! ton digne maître
T'aurait célébré dans ses chants;...
Les miens t'assureront peut-être
Des souvenirs non moins touchants.
Apprends, Serviteur magnanime,
Qu'un dévoûment aussi sublime,
D'âge en âge, sera cité;
Oui, de mes chants écho fidèle,
L'avenir dira que ton zèle
Ennoblit la mendicité.

IV

Cependant ce zèle pudique,
Durant la nuit, à demi-voix,
Demande à la pitié publique
D'acquitter la dette des rois.
Pourquoi te cacher? Bélisaire,
Étalant sa noble misère,
Ne croyait pas s'humilier,
Lorsque ce casque où la victoire
Ceignit les palmes de la gloire,
Était réduit à mendier.

V

Ose te montrer dans Lisbonne,
Mendie à la clarté du jour,
Impose une pieuse aumône
Et sur le peuple et sur la cour;
Qu'avec toi l'illustre poeme,
Plus hardi que l'auteur lui-même,
Implore ses Concitoyens:
Et les cœurs les plus insensibles
Frémiront à ces mots terribles:
«*Faites l'aumône à Camoens.*»

VI

Mais non; digne rival d'Homère,
De son indigence héritier,
Il sait souffrir, il sait se taire,
Il veut le malheur tout entier.
Leur pitié serait un outrage.
Que la gloire le dédommage
Et de sa vie et de sa mort:
Fort de courage et d'espérance.
Il se résigne à la souffrance
Sans orgueil comme sans effort.

VII

J'écoute, il s'explique lui même:
«Dans les succès de mes héros,
«N'ai-je pas offert un emblème
«Du génie et de ses travaux?
«Pour conquérir aux eaux du Tage
«Les tributs d'un lointain rivage,
«Suffisait-il de la valeur?
«Non, non, il leur fallait encore
«Cette constance qui s'honore
«De lutter contre le malheur.

VIII

«Le géant du cap des tempêtes
«Soudain se dresse devant eux,
«Déploie au dessus de leurs têtes
«Son corps immense, monstrueux.
«D'une main il touche aux nuages
«D'où la foudre et tous les orages
«Seront à l'instant détachés;
«De l'autre il refoule les ondes,
«Ouvrant les cavités profondes
«Où les abymes sont cachés.

IX

«Fuyez, leur dit-il avec rage,
«O téméraires étrangers!
«C'est moi qui fermai ce passage;
«Ici j'amasse les dangers.
«Mais eux au haut du promontoire
«Ont bientôt reconnu la gloire
«Qui les promet à l'univers;
«Soudain ces guerriers magnanimes,
«Bravant la foudre et les abymes,
«Ravissent le sceptre des mers.

X

«Qui n'applaudit en cette image
«L'homme dont l'intrépidité
«Force le pénible passage
«Qui mène à la po térité?
«Si jusq'aux palmes immortelles
«Il tente des routes nouvelles,
«Son siècle voudra l'en punir;
«Mais quand l'ignorance et l'envie
«Persécutent sa noble vie,
«Il se jette dans l'avenir.

Digitized by Google

XI

«Et n'attendez pas qu'il se plaigne
«Ni des hommes ni du destin;
«Qu'on l'oublie ou qu'on le dédaigne,
«Son espoir n'est pas incertain.
«Souvent l'envie inexorable
«S'applaudit d'un essai coupable,
«Elle croit l'avoir insulté;
«Et lui, sans regret ni murmure
«Expiant la gloire future
«Rêve son immortalité.

XII

«Et que nous font les vains hommages
«D'un peuple follement épris,
«Qui tour à tour à nos images
«Porte le culte ou le mépris!
«Écoutons l'instinct magnanime
«Qui nous prédit la longue estime
«Des temps et des lieux ignorés;
«Que le vulgaire nous condamne,
«Autour de nous tout est profane,
«Nous n'en sommes que plus sacrés.»

XIII

Il a dit. Mon respect contemple
Ce vainqueur de l'adversité
A l'univers donnant l'exemple
De souffrir avec dignité.
Imitez cet exemple auguste,
Talens, qu'outrage un sort injuste,
Ou l'ignorance des mortels,
Soutenez cette noble lutte:
Si, vivants, on vous persécute,
Morts, on vous dresse des autels.

O nosso celebre lyrico Francisco Manuel do Nascimento, comparavel na adversidade a Camões, traduziu da seguinte fórma esta ode:

I

Vós, que as praias trilhais do Téjo aurifero,
Regei meu passo incerto,
No tributar meu pio rendimento
Ao Luso feliz Vate.
Mostrai-me o augusto sitio, em que repousa
Quem troou facção inclyta:
Veja eu as honras, veja os grandes prémios...
Que ingrata indifferença!
Dais á penúria, dais ao soffrimento
O Portuguez Homéro?

II

A não pôr elle os pés sobre o infortunio,
Pobreza houvéra-lhe hórrida
Apurado a constancia; houvéra-o, barbaros!
Atro cuidado, e penas.
No amargo desamparo, que lhe fica?
Só caridosa dextra,

Digitized by Google

(Caridosa e não Lusa!) que nocturna,
Esmóla o pão mesquinho
Que tem de apascentar, no sol vindouro,
O Escravo leal e o Amo.

III

Se o caro nome teu não poude o Vate
Illustrar no seu metro,
No meu te hei pôr segura, alta lembrança
De grão renome, Antonio.
Sabe, que esse sublime sacrificio
Tem de achar, nos meus hymnos,
Eccho fiel, oh! Servidor magnanimo,
Nos devolvendos séculos,
Pregoando, que ennobrece esse teu zêlo
Da mendiguez o opprobrio.

IV

Pudico zêlo, que com voz submissa
Pede á piedade publica,
Com nocturno recato, o que alto dia
Cumpria aos Reis pagarem.
Oh! não te encubras.—Olha a Belisario,
No marcio capacête
A esmola receber, nobre penuria
Sem pejo assoalhando:
Louros, palmas colhera em cem victorias;
Ei-lo cégo e mendigo.

V

Oh! piza ufano a triumphal Lisboa
De Phébo ao claro lume;
Impõe tributo ao Povo, impõe-no á Côrte,
Tão raro Ingenho o cobre.
Co' Poêma nobre em mãos, mais atrevido
Que o Vate mesmo, os peitos
Dos Cidadãos abala: vê quão briosos
Se pejão, se envergonhão
Da voz terrivel que pedio, na treva,
Para Camões esmóla.

VI

Oh não! Que elle rival de Homéro, e herdeiro
De seu mendigo Fado,
Calar sabe soffrido, e sorve inteira
A taça das desditas.

Digitized by Google

Serôdio prémio, a illustre offensa o houvêra,
Que perdões escasséa.
Deixai-lhe o pundonor brioso, e irado
Consolar-se em si mesmo
No conceito que á Patria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos.

VII

Escutai, escutai. Camões vos falla:
«Digno embléma a mim proprio
«Não dei, dos meus Heróes nos altos feitos,
«Consolador embléma?
«Par'avidos colhêr d'Eóo tributos,
«Que a foz do Tejo acceita,
«Bastára a Valentia? Não. Faltava
«Constancia, que blazona
«Lutar arca por arca, c'o infortunio,
«E lutando atterrá-lo.

VIII

«O Gigante do Cabo Tormentorio
«Entóna a fronte ao vê-los,
«Médra em vulto, devolve sobranceiro
«Monstruoso o corpo livido;
«Co'a dextra as nuvens preme, d'onde rompão
«Seguidas tempestades,
«Estalem os trovões, raios fuzilem;
«Recalca com a esquerda
«Cavadas ondas, que lhe, á vista, rasguem
«Do abysmo as profundezas.

IX

«E diz raivoso:—Oh Nautas temerarios,
—Virai de vélas subito;
—Que eu sou quem puz travézes neste passo,
—Puz-lhe os roncos dos p'rigos.—
«Mas Gama, e seus Heróes já lá avistárão,
«Raiar no cimo a gloria,
«Que tem de alardeá-los no Uuiverso,
«Magnanimos Guerreiros
«Affrontão raios, e transpondo abysmos,
«O azul tridente roubão.

X

«Quem não applaude, neste quadro, o intrépido
«Que denodado rompe

Digitized by Google

«O travéz, que lhe embarga o passo franco
«Ao póstero renome?
«Se novas sendas tenta colhér fouto
«Immortaes palmas, lógo
«Traça a Ignorancia, a Invéja castigar-lhe
«A proficua ousadia.
«Avéxão-no?—Elle nóbre se abalança
«Ao gremio do Futuro.

XI

«Não spereis, que elle frouxo se lastime
«Nem de homens, nem de Fados.
«Nelle desdem não punge, nem desprezo
«Vosso: lançou elle a anchora
«De esperança. Se Invéja inexoravel,
«De que o insultou se ufana,
«Elle contempla que a expiar o lanção
«Culpas de heróe virtuoso;
«Fita a gloria immortal, que o aguarda,—e olvida
«Murmurar contra a invéja.

XII

«Que nos vále esse obsequio vão, do Povo
«Tonto na affeição sua?
«Que, a revézes dá cultos, dá desprezos,
«Á imagem nossa? Ouçamos
«O que instincto magnanimo nos clama,
«Quão longa e nobre estima
«Em Éra, em Clima ignotos, nos espéra.
«Condemnão-nos? Desdenhão nos?
«Profano é tudo aqui?—Mais nossos nomes
«Serão, por lá, sagrados.»

XIII

Pôz fim Camões. Contemplo com respeito
O Heróe de adversos Fados,
Que exemplo de soffrer com dignidade
Em si brioso o ostenta.
Vós, Talentos, que ultraja a sorte injusta,
Ou de homens a ignorancia,
Mirai-vos nesse brio, e firmes séde
Na luta nobre:—Vivos,
Se perseguidos sois; na Era vindoura,
Mortos, vos érguem aras.

Digitized by Google

1120) **RATTAZI** (Mad.) Escriptora Italiana.—Trabalha n'uma obra a que deu o titulo *L'Espagne et le Portugal à vol d'oiseau.*

Madame Ratazzi é viuva do estadista italiano, Urbano Ratazzi. Neta de Luciano Bonaparte, principe de Canino, e filha do lord escocez, Sir Thomas Wyse e de Letitia Bonaparte.

Disseram alguns jornaes de Lisboa, no tempo em que esta dama residia n'esta capital, que Madame Ratazzi fallava com interesse das cousas de Portugal, que conhecia pelo muito que ácerca d'ellas tinha lido, e que sabia de cór alguns dos epizodios dos *Luziadas.*

1121) **RAZONES DE LA GUERRA** *del rey Catolico contra el rey de Portugal el archiduque Carlos de Austria y sus aliados.* (31 abril 1714.) Sem logar d'impressão.

1122) **RECHERCHES,** *historiques et critiques sur l'etablissement de l'art typographique en Espagne et en Portugal.* Bruges, 1830.

1123) **RECIT,** *de ce qui s'est passé entre les portugais et les hollandais au dela de la ligne équinoxiale avec la copie de la cargaison de trois navires chargés aux Indes pour venir en Hollande et en Zelande en* 1616. Amsterdam 1616. 8.º

1124) **RECOLLECTIONS OF THE PENINSULA.** London 1824 8.º *(Recordações da guerra Peninsular.)*

1125) **RECUEIL DES DECRETS APOSTOLIQUES** *et des ordenances du roi de Portugal, concernant la conduite des Jésuites dans le Paraguay etc. les moyens employés pour en procurer la réforme de la part du S. Siège, l'attentat du 3 séptembre* 1758, *les suites de cet attentat, la communication qui en a eté faite au S. Père, la punition des coupables etc.* Le tout traduit... Amsterdam, 1760-1761. 3 vol. 8.º

1126) **RECUEIL DE TOUTES LES PIÈCES** *et nouvelles qui ont paru sur les affaires des Jesuites, principalment dans l'Amerique meridionale et dans le royaume de Portugal.* 1760. 3 vol.

Vem esta obra mencionada no Catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio. Talvez seja a mesma obra mencionada no numero antecedente.

1127) **RECUEIL D'UN VOYAGE** *aux Indes Orientales par un gentilhome françois.* Paris, 1648. 8.º

1128) **RÉCUEIL (SECOND) DE PIÈCES** *concernant les usurpations des Jésuites dans l'Amerique Espagnole et Portugaise.* 1758. 8.º Sem logar de impressão.

1129) **REDENEN, ENDE VERSCHYDE** *notable omstandigheden:* **van**

Digitized by Google

Don Fernando Telles de Faro, Gewesne Extraordinaris Ambassadeur van Portugael by de H: Staten Generael der Vereenighde Nederlanden, Aengaende sijn vertreck uyt, s Graven Hage ten dienste van den Koning vair Spaenjen. In de Castillaensche Tale uytgegeven, ende in de Nederlandtsche overgeset. 1659.

1130) **REDEN VAN DAT DIE WEST** *Indische Compagnie oft Hande linge niet alleen etc.* Em letra gotica, 1636. Sem logar de impressão. 7 folhas.

1131) **REFLESSIONI SOPRA** *l'attentato commesso il di* 3 *septembre contra la vita del Re di Portugal.* Avignone 1759.

1132) **RÉFLEXIONS DES JESUITES DE ROME** *sur le celèbre jugement rendu á Lisbonne le* 12 *janvier* 1758, *qu'ils appellent le manifeste de Portugal, avec des notes sur ces réflexions.* Sem data, nem logar de impressão. 8.°

1133) **RÉFLEXIONS SUR L'ATTENTAT** *commis le* 3 *septembre* 1758 *contre la vie du roi de Portugal.* 8.° Sem logar nem data de impressão.

1134) **RÉFLEXIONS SUR LES DISCOURS** *des ministres de France et d'Angleterre, par rapport au Portugal.* Paris, 1829. Folheto.

1135) **REGGIO (MICHAEL ANGELO DE GUATINI DA — E DIONIZIO DE CARLI DA PIACENZA.)**

E. — *Viaggio del regno del Congo: descritto per lettere continuate fino alla morte, del porte di Genova alla cita de Loanda etc.* Bologna, 1674. Veneza, 1699. Em Francez, Lyon 1680.

1136) **REICHARD (M)** *An Itinerary of Spain and Portugal.*

1137) **REIDREW** *Deuxième lettre sur la Constitution Portugaise.* (28 *juillet* 1820). Paris, sem data.

1138) **REIFFENBERG** (BARÃO DE)

E. — *Coup d'œil sur les relations qui ont existé jadis entre la Belgique et le Portugal.* Bruxelles, 1841.

Esta obra, que tambem foi publicada nas *Memorias da Academia das Sciencias de Bruxellas,* é muitas vezes citada nos escriptos do visconde de Santarem.

1139) **REINHARDSTOETTNER (DR. CARLOS VON)** Professor de lingua e litteratura portugueza na Eschola Superior Polythechnica de Munich.

E. — I. *Beitraege zur Textkritik der Lusiadas des Camões. Habilitationsschrift.* München, 1872. 8.°

«Elle classifica em quatro divisões os erros nas edições dos *Lusiadas* — a falta total d'uma orthographia exacta e coherente, com base historica, não

Digitized by Google

sendo até a pronuncia das palavras inteiramente fixada: a conservação de evidentes erros typographicos: a má intelligencia de alguns latinismos e archaismos usados por Camões: a alteração do texto impresso pela queda ou deslocação de algumas lettras ou pequenas palavras. O sr. Reinhardstoettner exemplifica cada uma especie de erros, e as suas observações são quasi sempre exactas, se bem que em geral pouca novidade offereçam, e provam um conhecimento profundo da nossa lingua.» [1]

II. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Unter Vergleichung der besten Text Mit Angabe der bedeutendsten Varianten und einer Kritischen Einleitung herausgegeben von.* Strassburg, 1874. [2]

1140) **REISE NACH OOST INDIEN ETC.** *Voyage aux Indes Orientales par G. J. Bontekoe de Horn.* Francfurt, 1648. 4.º

É a 24.ª parte da *Collecção de Hulsius T. Compans*, pag. 186.

1141) **RELAÇÃO DAS COUSAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL** *ou breves noticias d'este reino, de seus habitantes, e do grande numero de mudanças que tem havido no seu governo, com algumas anecdotas do tempo moderno.* Leipsic, 1799. 2 vol. 8.º

É esta a versão do titulo de uma obra composta em allemão, e da qual nos falla a *Bibliotheca Historica* a pag. 360.

1142) **RELACION CIERTA Y VERDADERA** *de la feliz victoria y prosperos successos que en la India Oriental han conseguido los portugueses contra armadas muy poderosas de Olanda y Persia este ano de* 1624. Madrid 1625. fol.

1143) **RELACION DE ALGUNAS COUSAS** *tocantes á la vida y martyrio que con su provincial y siete otros religiosos de la Compagnia de Jesus padecio el P. Balthesar Torres en el Japon.* Salamanca 1630.

1144) **RELACION DE LAS BATALLAS** *navales que tuvo Nuño Alvares Botello con los Olandeses y Ingleses en la India Oriental.* Fol. 1626. T. Compans, pag. 152.

1145) **RELACION DEL VIAGE** *del marqués de las Balbases desde Madrid á Lisboa en* 1727.

[1] *Bibliographia Critica de Historia e Litteratura*, pag. 258.

[2] «O sr barão Hermann Freiherr Bart doutor em philosophia é o sabio allemão, que, por intervenção do venerando marquez de Sá da Bandeira, foi contratado pelo governo portuguez para ir estudar a geologia na provincia d'Angola. O illustre geologo falla portuguez, que apprendeu em Munich com o sr. dr. Carl von Reinhardstoettner.» *Diario de Noticias*, n.º 3573. Janeiro de 1876.

Digitized by Google

Foi publicada na *Revista de Archivos, Bibliothecas y Museos*. Tomo II. Madrid 1872.

1146) **RELACION VERDADERA** *del auto general de la fé que celebró el Santo Officio de la Inquisicion de Lisboa en el terrero de Palacio de la dicha ciudad, el domingo* 10 *de mayo deste presente año de* 1682. *Refierense por extenso todos les reos que oyeron sus sentencias aquel dia, asi difuntos como en persona, y los que fueron quemados vivos por impenitentes y otros dado garrote: y con otras particularidades que verá el curioso.* Madrid, 1682.

1147) **RELACION VERDADERA** *del auto general de la fé, que celebró el Santo Officio de la Inquisicion de la ciudad de Lisboa, en el terrero de Palacio de dicha ciudad, el dia* 8 *de agosto de este presente año de* 1683. *Refierense por extenso todos los reos que oyeron sus sentencias aquel dia, asi difuntos, como en persona, y de los que fueron quemados vivos por impenitentes, con otras curiosidades que verá el curioso lector.* Sevilha, 1683.

1148) **RELAES OFTE MEMORIE** *vande successen der Portegeische Wapenen uytgericht in 't Rijch van Portugal in desen tegenwoordigen Jaere* 1644 *tot den* 26 *May incluys. In 's Graven—Haje.* Anno 1644, 10 folhas.

(Relação ou memorias relativas aos successos das armas portuguezas no territorio portuguez, no presente de 1644 até 26 de maio inclusivé.)

1149) **RELATION DE CE QUI** *s'est passé dans les Indes Orientales, dans les trois provinces de Goa, Malabar, Japon, de la Chine, et autres pays nouvellement decouverts par les peres de la Compagnie de Jesus.* Paris 1657.

1150) **RELATION DE CE QUI** *s'est passé en Portugal par rapport aux opérations de la campagne de* 1700 *qui etoit la seconde année de la guerre de ce royaume.* 1708 —12.° Sem logar de impressão.

1151) **RELATION DE** *l'Auto da Fé de Lisbonne.* 21 *setembre* 1761. 12.° folheto. Sem data nem logar de impressão.

É aquelle em que foi queimado o P. Malagrida.

1152) **RELATION DE LA COUR** *de Portugal sous D. Pedro* II *apresent Reynant Avec des remarques sur les interets de cette Couronne par rapport aux autres Souverains, et l'histoire des plus considerables Traités, qu'elle ait fait avec eux. Traduit de l'Anglois.* Amsterdam 2 tomos 1712. 8.°

1153) **RELATION DE L'INQUISITION DE GOA**. Paris 1688.

1154) **RELATION DE LA MISSION** *des Peres de la Compagnie de Jesus en* 1655 *et* 1656. Paris 1659.

Digitized by Google

1155) **RELATION DE LO SUCEDIDO** *en la Isla de la Tercera desde veynte y tres de julio hasta veynte y siete del mismo mil y quinientos y ochenta y tres años.* Alcalá de Henares 1583.

1156) **RELATION DES DEUX CARAVELLES** *que le roy d'Espagne envoya de Lisbonne, l'an* 1618 *au mois d'octobre sous la conduite du capitaine don Jean Moore pour visiter et decouvrir le passage de le Maire etc.* Amsterdam 1632.

1157) **RELATION DES EINSETZUNG** *des D. Antonio in das Königreich Portugal dirch capitan Drake und colonel Norwich etc.* Franckfort 1590 Munch 1598.

1158) **RELATION DES TROUBLES** *arrivées dans la Cour de Portugal en l'année* 1667 *et en* 1668 *où l'on voit la renonciation d'Alphonse* VI *á la couronne, la dissolution de son mariage avec la Princesse Marie Fran. Isabelle de Savoie et le mariage de la même princesse avec le prince dom Pedro, régent de ce royaume, et les raisons, qui en ont eté allegées à Rome pour en avoir dispense.* Paris 1674. Amsterdam 1674. [1]

1159) **RELATION DES VOYAGES** *des Pères de la Compagnie de Jesus dans les Indes Orientales et en Perse.* 2 vol.. Paris 1656.

1160) **RELATION DU TREMBLEMENT** *de terre arrivé á Lisbonne le* 1 *novembre* 1755. Paris 4.° folheto.

1161) **RELATION D'UNE LETTRE** *arrivée de Madrid, qui confirme*

[1] «Portugal por este tempo appresentava um espectaculo extraordinario á Europa. D. Affonso, filho indigno de D. João de Bragança alli reinava: era furioso e imbecil. Sua mulher, filha do duque de Nemours, enamorada de D. Pedro, irmão de Affonso, ousou conceber o projecto de desthronar seu marido e de casar com seu amante. O embrutecimento do marido justificou a audacia da rainha. Era d'uma força de corpo acima do usual; tinha tido publicamente d'uma mulher mal procedida um filho, ao qual reconhecera; finalmente tinha dormido muito tempo com a rainha. Apesar de tudo isto, ella accusou-o de impotencia, e tendo adquirido no reino por sua habilidade o poder, que seu marido perdera por seu furor, fel-o prender em novembro de 1667. Obteve dentro em pouco de Roma uma bulla para casar com seu cunhado. Não é para admirar que Roma concedesse a bulla, mas é o que pessoas omnipotentes d'ella hajam mister. O que Julio II tinha concedido sem difficuldade ao rei de Inglaterra, Henrique VIII, Clemente IX o concedeu ao rei de Portugal. A mais pequena intriga faz n'uma occasião o que as maiores machinas não podem operar n'uma outra. Ha sempre dois pezos e duas medidas para todos os direitos dos reis e dos povos; e estas duas medidas estavam no Vaticano desde que os papas influiram nos negocios da Europa Seria impossivel comprehender como tantas nações tinham deixado uma tão extraordinaria authoridade ao papa, se se não soubesse quão grande força tem o uso.» Voltaire *Oeuvres completes*, vol. VIII, pag. 563 Ed. de Hachette.

Digitized by Google

le tremblement de terre arrivé dans l'Espagne et en Portugal le 1 novembre 1755. 4.° folheto. Sem data nem logar de impressão.

1162) **RELATION D'UN VOLCAN** *terrible qui vomit continuellement autour de Lisbonne des feux énormes, une quantité prodigieuse de pierres calcinées et des fleuves de métal fondu.* 1755. 4.° folheto. Sem logar de impressão.

1163) **RELATION DU TERRIBLE** *tremblement de terre, qui vient d'arriver dans les Iles Açores, dépendantes du royaume de Portugal.* Paris. 1757. Folheto.

1164) **RELATION D'UN VOYAGE** *aux Indes Orientales par un gentilhome François arrivé de la Chine depuis trois ans, avec une hydrographie pour l'intelligence dudit voyage.* Paris 1645.

1165) **RELATION HISTORIQUE** *du tremblement de terre de Lisbonne le premier Novembre 1755, Avec un détail contenant la perte en hommes, eglises, convens, palais, maisons, diamants, meubles, marchandises etc. Precedée d'un discours politique sur les avantages que le Portugal pourroit retirer de son malheur. Dans le quel l'auteur développe les moyens que l'Angleterre avoit mis jusque la en usage por ruiner cette monarchie.* A la Haye 1756. 8.° X—215 pag. Ignoro quem seja o author d'este livro, mas por sua linguagem não me parece francez.

O author d'esta obra, que diz ter-se achado em Lisboa na occasião do terremoto, considera este cataclysmo como um bem, pois d'elle provinha o anniquilamento da Inglatera: as riquezas immensas do Brasil, de que ella tinha a posse inteira, uma formidavel marinha, manufacturas florescentes, eis os instrumentos, de que se tinha servido para subjugar varios povos. Estava já tudo prompto para lançar os ferros a uma parte da Europa, quando o phenomeno sobrevindo a Portugal transtornou todos os seus projectos. Uma perda de perto de cento e sessenta milhões; a suspensão das artes e fabricas, bem como a interrupção das riquezas do Brasil acabam de fazel-a recuar pelo menos mais d'um seculo. Teria jámais a politica sosinha sido capaz de abater a este ponto a forças de tal povo? Teria em tempo algum restabelecido o equilibrio Europeu sem este phenomeno? Eis um problema.

«Da mesma sorte que as cheias são necessarias, pode tambem accontecer o haver casos, em que para restabelecer um estado, seja mister que parte d'elle seja anniquilado, e que o seja por algum accontecimento extraordinario.

«Tenho ouvido muitas vezes perguntar donde procede que Portugal com tantos elementos para ser poderoso era o estado mais fraco da Europa? Mas não se via que esta monarchia estava debaixo do poder d'um povo, que a sugava, d'um povo, que a impedia de cultivar suas riquezas naturaes para a fazer correr atraz d'uma riqueza ficticia, da qual aquelle só tirava todo o proveito?

«Todo o vestuario, de que os Portuguezes necessitam, vem da Inglaterra, o

Digitized by Google

qual eu avalio em cincoenta milhões tornezes por anno: ninguem ignora que a França não vende aos Portuguezes cincoenta peças de panno annualmente.

«A politica não sahia do seu espanto vendo um dos mais pequenos estados da Europa com um continente e população inferior á de alguns outros estados dar a lei a paizes mais extensos: mas não se via que este pequeno estado tinha elle só por sua industria a chave do mais rico thesouro do universo, e que pela posse inteira do ouro do Brasil fazia pender para onde queria o systema politico da Europa? Eis o enigma d'esta grandeza, que tanto tem surprehendido até agora.

«Sei que a agricultura dos Inglezes lhes tem adquirido grandes vantagens, mas sem as minas d'ouro do Brasil teriam ellas sido insignificantes. Foi esta riqueza que forneceu a esta nação os meios de fazerem de sua agricultura um objecto de commercio, e foi este commercio, que lhe forneceu os meios de formarem uma poderosa marinha, e com esta marinha lançarem os alicerces de seu grande poder.

«Quando mesmo se dissesse que, ainda que o Brasil não lhe tivesse fornecido suas riquezas, sua agricultura lhe havia de obter os mesmos lucros, direi affoutamente que estavam enganados.

«Portugal foi a causa, e ao mesmo tempo o effeito dos progressos da industria ingleza. Não sómente lhe forneceu meios, mas até consentiu que a Inglaterra os empregasse contra elle. Desde então a Inglaterra fabricou sempre para Portugal.

«Digo que sem o ouro do Brasil, e sem os fornecimentos continuos de suas manufacturas que esta monarchia fez a Portugal, depois de ter causado muitos estragos nos systemas politicos da Europa, teria voltado por si mesmo ao mesmo estado, donde sahira.

«Não é uma coisa bem contradictoria, que a maior parte dos estados da Europa que estão sempre attentos á mais pequena desvantagem, e ao mais pequeno de seus interesses, que questionam por bagatellas, que fazem guerra uns contra os outros por insignificancias, tenham deixado gozar pacificamente até agora a Inglaterra de todas as riquezas do Brasil? Era preciso obrigar Portugal a repartir suas riquezas com todas as outras nações.

«Desde a descoberta das minas, isto é, ha cousa d'uns sessenta annos, sahiram do Brasil dois mil e quatro centos milhões. Isto é uma verdade, os manifestos de cada uma das frotas, que levaram o ouro para a Europa desde Pedro II estavam em Portugal na mão de toda a gente. Quasi todo este capital immenso passou para Inglaterra. Foi com esta nova riqueza que fundou o colosso dessa grandeza, que surprehende hoje toda a Europa, e com a qual sustenta tanta arrogancia.

«Foi Portugal que lhe forneceu os meios de pagar grandes subsidios á Saboia, comprar allianças na Allemanha, sustentar numerosos exercitos, levantar uma formidavel marinha; n'uma palavra, trabalhar, intrigar, penetrar, iniciar-se nos grandes negocios do nosso mundo politico, e de representar n'elle por fim um primeiro papel. Foram as minas, que lhe forneceram os primeiros elementos de seu commercio. Todo o mundo sabe que o continente na Ingla-

Digitized by Google

terra não produz senão mui poucas materias primas; sem Portugal que lhe subministrava continuamente ouro para se prover d'ellas entre os povos estrangeiros, suas manufacturas nunca teriam chegado ao estado florescente, em que hoje se encontram.

«Não é que a Inglaterra antes d'esta epoca não tivesse commercio e industria: mas tinham limites, ao passo que depois da posse das minas d'ouro do Brasil tanto uma cousa, como outra não o tiveram mais.

«É claro finalmente que sem este recurso a Inglaterra não tinha senão uma alternativa, que era ou arruinar-se logo ao principio fazendo mais do que suas finanças lhe permittiam, ou conservar-se nos limites que sua pobreza lhe tinha prescripto, havia dez seculos.

«Os que teem algum conhecimento do local das finanças d'Inglaterra sabem que a moeda do Brasil é alli tão commum como a do paiz. A effigie de João v é mais conhecida em Londres do que a de George II.

«O Banco real está atulhado com ella, quasi todos os pagamentos dos particulares se fazem com esta moeda. Tem curso em todo o estado, e entre o povo miudo. O governo paga ás tropas com *lisboninas*, e o serviço da monarchia se faz quasi por inteiro com o ouro do Brasil.

«Não é uma especie de bruxaria que de todos os soberanos da Europa, que empregaram tantos meios para impedir a elevação d'esta monarchia, nenhum tenha pensado em cortar o nervo de sua potencia politica na propria junta? Espantamo-nos de que este estado não tivesse succumbido aos esforços repetidos das maiores potencias; mas não vemos que nunca o feriram na cabeça? Os estados, assim como os corpos humanos teem seus logares mortaes. Todas as feridas, que não atacam as partes solidas, podem curar-se com o tempo e com palliativos.

«Era mister para diminuir o poder formidavel d'este governo abatel-o no mesmo sitio, que o tinha elevado, isto é seccar-lhe a origem de suas riquezas, e repartir o Brasil.

«Porém o ceo acaba de vingar esta falta politica.

«Ha momentos decisivos, circumstancias unicas, acontecimentos imprevistos; a habilidade consiste em nos aproveitarmos d'elles para os convertermos em nosso proveito.

«A França principalmente tem o maior interesse em entrar nas vistas d'este acontecimento, e em estender a mão a este reino abatido menos pelo cataclismo, de que foi victima, do que por seu mau systema politico, e assim fazel-o renascer de suas cinzas.

«A Corte de Versailles deve approveitar-se d'esta catastrophe para acabar de tirar esta monarchia da mão dos Inglezes. É necessario fazer-lhe conhecer o abysmo do qual deve escapar por meio d'um outro abysmo. É necessario persuadir o ministerio de que o estado pode existir, e tornar-se florescente sosinho independentemente de sua alliança com a Inglaterra.

«A Hespanha havia de pesar muito na balança da Europa se a todas as suas conquistas em o novo mundo ajuntasse ainda esta monarchia na Europa.

«Na desolação, em que se achava Portugal depois do terremoto, sem ca-

Digitized by Google

pital, sem rei, ou pelo menos com um rei vagabundo, que n'este momento nem tinha auctoridade, nem poder, em que a monarchia se achava sem conselho, sem dinheiro, sem viveres, sem exercito, n'este momento, em que um terror panico se tinha apoderado de todos os espiritos, em que o pavor tinha ganho todos os corações, em que ninguem pensava nos negocios geraes, ninguem estava occupado mais que de seus interesses particulares, a Hespanha não precisaria mais do que fazer avançar dois mil homens para Portugal para fazer a conquista d'este paiz.»

É uma profecia que faz lembrar as do Bandarra.

Nao é porém este o unico livro que pretende sustentar que a grandeza da Inglaterra provinha da riqueza de Portugal. No artigo *Portugal* que vem n'um livro impresso em Copenhague, no anno de 1759 — apparecem as mesmas ideas. Aconselha os Portuguezes a que sacudam o jugo da Inglaterra, e se entreguem á Agricultura. «L'Angleterre perdoit, dans cette forme cinquante millions au moins chaque année, qui patent de Lisbonne dans la grande Bretagne: la pluie d'or, dont elle se vante tant, essuieroit son orgueil.» (Pag. 158.)

1166) RELATION OF THAT *worthy sea fight, which two east India ships had with four Portugals of great force in the Persian gulphe, with the lamentable death of Capt. A. Shilling with other memorable accident in that voyage.* London 1622. 4.°

1167) RELATION OF THE EXPUGNABLE *attempt and conquest of the yland of Tercera and of all the islands adjoining by D. Alvaro de Baçan.* London 1583. *T. Compans.* 65.

1168) RELATIO SEPULTURAE MAGNO *Orientis apostolo Sancto Francisco Xavierio, erecto in Insula Sanciano, anno seculari* 1700. Pekin 1700, fol.

1169) RELATION (TERCERA) DE LAS *grandiosas fiestas que la ciudad de Lisboa tiene prevenidas para recibir a la Catolica magestad del rey don Felippe* III *nuestro señor en la insigne, noble y leal ciudad de Lisboa, a veinte y nueve de junio, dia de los bien aventurados apostoles S. Pedro e San Pablo, á las cuatro de la tarde. Dase cuenta del grandioso acompañamiento de galeras, navios, barcos y otros vasos, que desde Belem à Lisboa fueron com S. M. y estraordinarias invenciones de pescados artificiales en la mar, muelles arcos, hieroglificos y pinturas en el lugar donde desembarcaron y en palacio. Ceremonias que antes de entrar en Lisboa se hicieron. Entrada debajo de palio, paseo por la ciudad etc.* Sevilla 1619.

1170) RELATIONS VERITABLES *et curieuses de l'isle de Madagascar, et du Bresil, savoir relation du voyage de François Couche, de Roven en l'Isle de Madagascar, Isles adjacentes et côtes d'Afrique en* 1638. Paris, 1651.

Digitized by Google

1171) **RELATION VERITABLE** *de ce qui s'est passé á Lisbonne au sujet des franchises des quartiers, que pretendent les ambassadeurs et envoyés des puissances étrangeres.* 1710. 4.° folheto. Sem logar de impressão.

1172) **RELATION VERITABLE** *et remarquable d'un sauvage qui a eté trouvé par Gilles Vilbroc, fameux pilote, natif de Lisbonne, en Portugal, qui prédit qu'il naitra* (sic) *un prince qui fera le plaisir de tout le monde: et l'ouverture du commerce tant par mer que par terre.* Sem logar nem data de impressão. Lê-se depois do titulo a data manuscripta de 1734. C. M. B. I. Paris.

1173) **RELAZIONE BREVE** *del tesoro nuovamente acquistato nella India Orientali di Portogallo. Milano.* 1614.

1174) **RELAZIONE DEL SUCCESSO** *della missione da fratri Capucini al regno del Congo.* Roma 1649.

1175) **RÉPONSE** *faite par un soldat de l'armée de l'Estremadure á une lettre d'un ministre de Madrid, qui lui demandait son sentiment sur un certain traité qui censurait la conduite de M. le Marquis de Caraceno, touchant son entrée dans le Portugal l'année* 1665. 1665, 12.° Sem logar de impressão.

1176) **REPONSES AUX LETTRES** *Portugaises de D. Marianna Alcanforado.* Paris, 1699.

1177) **REPORT ON THE PATOLOGY,** *therapeuties and general aitiology of the epidemic of the yellow fever at Lisbon* 1857. London 1859.

1178) **REPORTS TRANSMITTED** *to the Portuguese governement of the proceedings of the commission, appointed to conduct the arrangement for the expedition to Portugal.* London 1835.

1179) **RES BRASILIAE** *imperante I. M. I. Mauritis Nassoviae Principe.* Elivis 1660.

1180) **RESPUESTA A LA MEMORIA** *que presentó en* 16 *de enero de* 1776 *el ex.mo sr. D. Francisco de Sousa Coutinho, embaixador de S. M. F. relativa á la negotiation de limites de las possessiones espagnolas y portuguesas en America Meridional.* Parece ter sido impressa em Madrid.

1181) **REVEW** (A) *of the causes, tendency and progress of the revolution which commenced in Oporto on* 24 *august.* London 1820.

1182) **REVIEW OF THE CAUSES,** *tendency and progress of the revolution commenced on* 24 *august* 1820 *(for the restoration of the house of Bragança).* London 1821.

Digitized by Google

1183) **REVOLUTIONS OF PORTUGAL** *since the close of the Peninsular War.* London 1828.

1184) **R. H.**

E. — *De successione regni Portugalliae. Dissertatio juridica in qua jus Philippi Hispaniae regis adstruitur, et impostura Lusitanorum in suo manifesto detegitur.* Bruges 1647. (Da successão do reino de Portugal. Dissertação juridica, na qual o direito de Philippe de Hespanha é comprovado, e a impostura dos portuguezes no seu manifesto patenteada.)

1185) **RHODES (ALEXANDRE DE)**

E. — *Diccionarium Anamiticum Lusitanum.* Roma 1651.

Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

1186) **RIBERA (FRANCISCO ALVAREZ)**

E.—I. *Pro augustissimo Philippo II. Responsum de successione regni Portugalliae cum additisnibus Caroli Tapiae.* Matriti 1621.

II. *Responsum pro Serenissima Infante D. Elisabeth Hespaniae regis filia.* Matriti 1620. (Resposta a favor da Serenissima Infanta D. Izabel, filha do rei de Hespanha.)

1187) **RICHARD** *Guide du voyageur en Espagne et en Portugal, comprenant la manière de voyager dans ces deux royaumes.* Paris 1828, 1829.

1188) **RICHARD ET QUÉTIN** *Guide du voyageur en Espagne et en Portugal par.* — Paris 1850, 1853.

1189) **RICHARD (M)**

E. — *Itinerary (An) of Spain and Portugal.* London, 1820.

1190) **RICHERIUS (PETRUS)** Ministro protestante que foi ao Brazil em 1556.

E. — *Libri duo apologetici ad refutandas naenias, et coarguendos blasphemos errores, detegendaque mendacia Nicolai Durandi, qui se Villegagnonem cognominat* 1561. Sem logar de impressão. (Dois livros apologeticos para refutar as lamurias, accusar os erros e blasphemias, e patentear as mentiras de Nicolau Durand que se cognomina Villegaignon.)

Ferdinand Dinis, que falla d'esta obra no seu livro *Une fête Brésilienne*, diz-nos ser rarissima.

1191 **RIEDLINGEN (LAUX LERCHEN DE)**

E. — *Ein neuwe Zeitung etc.*

(Noticias d'um gigante chamado Christãas Grandes Indias, que foi trazido pelos marinheiros do rei de Portugal, e casado com uma rapariga chamada Europa Christãa. Descreve-se em primeiro logar jocosamente seu corpo, e seus

Digitized by Google

membros, e explica-se depois Christãmente. Tambem como a menina Europa lhe ha de dar filhos, que hão de crescer com brevidade, e ajudar a fazer a guerra contra os turcos infieis por — 1547.)

A noticia d'esta obra devo-a a *Ternaux Compans*, pag. 39.

1192) **RIOS (AMADOR DE LOS)** Individuo numerario de las reales Academias de la Historia y Bellas Artes de San Fernando, Catedratico del Doctorado en la facultad de filosofia y letras de la Universidad Central, Inspector general de Instruccion publica.

E. — *Historia social, politica y religiosa de los Judios en Espãna y Portugal.* Madrid. Tomo I. 4.° XVI. 596 pag.

Deve constar esta obra de 3 volumes.

Na historia da *Litteratura Hespanhola*, d'este mesmo author, encontram-se muitas noticias relativas á litteratura portugueza.

1193) **RISPOSTA PRIMA D'UN ITALIANO** *dimorante al servizio del Re Fidelissimo ad un prelato d'ella Curia, circa le presenti controversie della Corte di Portogallo co' PP. Gesuiti.* Barcelona 1769. 157 pag. 8.° (Contra os Jesuitas.)

1194) **RITTER (P. JOSEPHO** — Societatis Jesu Sacerdote SS. Theologiae Doctore).

E. — *Vita et virtutes Mariae Annae Portugalliae, et Algarbiae Reginae, Natae Regiae Principis Hungariae et Bohemiae, Archi Ducis Austriae. Viennae Austriae Litteris Johannis Tomae Frattrer.* 1756 8.° 252 pag.

Esta vida da mãe de D. Joseph I, rei de Portugal, é dedicada a este seu filho, e não passa d'um continuo elogio das virtudes e mysticismo de D. Maria Anna, não havendo passagem n'esta obra, que mereça especial menção.

1195) **RIVERA (LUIS)**

E. — I. *Union. Poesia en el album de mi amigo el joven poeta portugues D. Antonio X. R. Cordeiro.*

Foi esta poesia publicada a pag. 248 do vol. IX da *Revista Universal Lisbonense.*

II. *La Persiana* — Id. vol. IX pag. 312.

Ignoro se se chegou a publicar um periodico intitulado *Revista del Mediodia*, escripto em portuguez e hespanhol.

1196) **R. MARIA.**

E.—*Voyages to the Madeira and the Leward Cariblese Isles in* 1788, *with their natural history. Edinburg*, 1792.

1197) **ROBERT (ANTOINETTE HENRIETTE CLEMENCE.** — Romancista franceza nascida em Macon em dezembro de 1797.

E.—I. *La famille de Tavora.* Paris 1843.

Digitized by Google

II. *Le marquis de Pombal par* —. Paris, Arnauld de Vresse, editeur.

A condessa de Tavora, amante de el rei D. Joseph, vem casualmente no conhecimento de que está tramada uma conjuração para tirarem a vida ao soberano. Assustada, corre immediatamente a casa do marquez de Pombal, dando-lhe parte do que sabia, e a condessa dentro em pouco vê em o numero dos presos, seu proprio pae e mãe. A authora inventa ainda que a condessa era filha do proprio marquez de Pombal, mas no entanto fanatisada pelo padre Malagrida apezar de innocente, declarando-se tambem criminosa, é victima com os outros fidalgos compromettidos na conjuração. [1]

1198) ROBERTS. (G)

E.—*Voyage to the Cape de Verd Islands in* 1726.

1199) ROBERTSON (EUGENIO)

E.—*Relação da viagem aerostatica feita em Lisboa no dia* 14 *de março de* 1819 *por*—*e dirigida por seu pae Estevão Gaspar Robertson, membro da Sociedade Galvanica de Paris, e da Academia das Sciencias de Hamburgo. Offerecida á Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Lisboa, 1819. 4.° 15 pag.

«Depois de ter feito nas principaes capitaes do norte da Europa 52 viagens aereas, que todos os soberanos, se dignaram honrar com a sua presença, tendo sido em toda a parte acolhido com testemunhos de geral satisfação, e obtido a approvação de varias academias e das pessoas, que cultivam as sciencias e as artes; só faltava á minha gloria na carreira das sciencias physicas, e á consolação de meus cançados dias, accrescentar a estes applausos os de uma nação tão illustrada como a portuguesa.

«A idéa de offerecer lhe á vista tão interessantes experiencias, e de augmentar o numero de minhas viagens aerostaticas na mais bella região do nosso continente devia necessariamente electrisar a alma de um physico. Com a lisongeira esperança de realisar este projecto, eu me dirigi á bella Lisboa, cidade hospitaleira, e animado pela Academia Real das Sciencias d'esta cidade e por alguns outros sabios, ousei sollicitar da incomparavel bondade da condessa da Anadia o favor de me permittir que fizesse na sua quinta uma experiencia aerostatica, ao que s. ex.ª se dignou annuir. Mas contrariado pelo tempo vi-me obrigado a demorar a minha ascensão até o dia 14 de março.

«Principiei a minha operação ás dez horas da manhã, e á uma hora depois do meio dia estava cheia e prompta a machina. Meu filho entrou no barquinho ás duas horas e um quarto, e depois de ter fixado os instrumentos necessarios para as suas observações e equilibrado o balão para lhe dar a força

[1] Dans les immenses choses, que Pombal accomplit, on ne voit pas qu'il ait jamais songé á lui, ni agi autrement que dans l'intérêt par du peuple portugais. Il eleva ce peuple aussi haut que son âge moral lui permettait d'arriver; il lui donna une litterature, des artistes, il lui créá un commerce immense, une armée redoutee, une marine royale, des relations d'égal á égal avec les premières puissances d'Europe. Les monuments, les soldats, les navires, les tresors semblaient naitre sous ses pas. Pag. 21.

Digitized by Google

ascendente de 4 até 6 lh. e de ter recebido as instrucções necessarias, o fiz circular em torno da praça elevado em pequena altura para que todos podessem gozar d'este espectaculo. Ás duas horas e vinte e oito minutos o sr. Fletcher e eu largámos as duas guias, com que retinhamos o balão, que magestosamente se levantou quasi perpendicular.

«Continuei a elevar-me, diz meu filho, observando continuamente o barometro, que desceo a 22 1/2 pollegadas. Senti então um grande zunido aos ouvidos, e o thermometro marcava 7 de reaumur. O quadro que se ia apresentando debaixo de meus pés, me extasiava, e o Tejo que ao longe corria, apenas parecia uma fita: Lisboa e seus sumptuosos edificios se divisavam como uma verde alcatifa marchetada de pontos brancos; e o Oceano, tornando este espectaculo ainda mais magestoso, parecia formar a moldura d'este portentoso quadro. O frio já começava a sentir-se, e o hygrometro de barba de baleia continuou a marcar 64 de humidade.

«Notando que ia seguindo o rumo do noroeste, e que tinha a meus pés uma povoação (Bemfica), abri a valvula do balão, e descendo distingui muita gente que com attenciosos signaes me convidava a approximar-me; satisfiz a sua curiosidade, e lhes dei com isso provas do estado tranquillo da minha alma; quando cheguei ao alcance da voz, distribui-lhes versos e lhes testemunhei o sentimento de me não poder demorar mais tempo com elles, não estando ainda concluida a minha viagem; alliviei então a barquinha de algum lastro, saudei-os com as vozes de viva el-rei, e subi de novo aos ares.

«Elevei-me muito mais do que até então, porque o barometro desceu a 18 polegadas e 11 linhas, o que indicava 1500 braças de altura, ou 3/5 de legua. O ar tinha esfriado sensivelmente marcando o thermometro de Fahrenheit 36 e a sua grande rarefacção dilatava o gaz, e o fazia sahir com violencia pelo collo inferior do balão. Continuando na direcção de ONO. com bastante velocidade cheguei ao cimo da serra de Cintra, que me parecia ter pequena altura: porém a visinhança do mar, que attrahia toda a minha attenção, me obrigou a concluir a viagem passada a villa, que apenas eu divisava, o que executei abrindo outra vez a valvula, e suavemente desci na distancia ao Occidente de 1/2 legua de Cintra afastado da costa 1/3 de legua, junto de um outeiro á direita de Penha Verde, ao lado de Galamares e perto do ribeiro das Maçãs, aonde o balão tocou em terra ás 4 1/2. A velocidade do vento, e por consequencia do globo, era tão forte n'este ponto, que tendo deixado cahir a fateixa, a qual fez preza no mato, arrebentou a amarra instantaneamente, não obstante ter sido a sua força experimentada por dois homens robustos. Segurei-me então ao barquinho com todas as minhas forças para não perder o balão, emquanto alguem apparecesse para me soccorrer. Foi então que o padre fr. Carlos da Conceição, frade capucho, correu ousadamente a lançar-se sobre o sacco do lastro, que estava prezo á terra segurando-o com todas as suas forças, e expondo-se ao perigo de ser arrastado pelo balão.»

1200) ROBINSON (J. C.) — Consultor de bellas artes do museu de South Kensington em Londres, membro das Academias de Bellas Artes de Florença

Digitized by Google

e de S. Lucas em Roma, academico honorario da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa.

E. — *A antiga escola portugueza de pintura com annotações ácerca dos quadros existentes em Vizeu e Coimbra, e attribuidos por tradição a grão Vasco.*

Sahiu este trabalho no jornal inglez *The fine arts quarterly Review*. O author tinha vindo a Portugal em 1865 com o fim exclusivo de estudar a nossa antiga escola de pintura. Obrigado, porém, por motivos imprevistos a encurtar a sua demora aqui, apenas poude visitar de relance Vizeu e Coimbra, e tomar os poucos apontamentos, com os quaes mesmo em Lisboa, redigiu a memoria.

Para intelligencia d'este trabalho vejamos primeiro alguns periodos da biographia de grão Vasco escripta pelo conde de Rackzynski. [1]

«Vasco Fernandes, pintor, era filho do pintor Francisco Fernandes, e de Maria Henriques. Nasceu em Vizeu a 18 de setembro de 1552. Um manuscripto de Ribeiro Pereira, pertencente á bibliotheca do Porto, e que tem por titulo, *Dialogos moraes, historicos e politicos*, lhe attribue o painel, representando o Calvario que se acha na cathedral de Vizeu, na capella de Jesus. 78 annos somente separam o nascimento de Vasco da data do manuscripto. Suppondo que Pereira tivesse tido quarenta annos, quando escreveu suas memorias, deveria ter nascido, quando Vasco tinha 38. Ambos eram da mesma cidade, deviam então conhecer-se; e em todo o caso Pereira não pode ter ignorado o author d'este quadro do Calvario, de uma origem tão recente, e ao qual na sua cidade se attribuia tanta importancia.

«Vêem-se na mesma cathedral quatro grandes quadros que pela analogia, julgo serem egualmente de Vasco Fernandes: o mais bello representa S. Pedro assentado no seu throno. Ha tambem treze outros paineis de menores dimensões, representando meias figuras de diversos santos. Nada mais sabemos ácerca d'este artista, mas as obras, que venho de citar, bastam para o classificarem entre os pintores mais distinctos, que n'aquella época viveram em Portugal. Sobre o que se diz de uma escola de grão Vasco, não é isto fundado senão em supposições, e em todo o caso seria absurdo attribuir á escola de Fernandes, quadros que evidentemente remontam a uma data anterior áquella em que este artista trabalhou.

A este respeito faz o sr. marquez de Sousa Holstein o seguinte reparo:

«Rackzynski não comprehende muito bem, como aconteceu que um artista nascido em 1552 pintasse n'um estylo, e com processos muito anteriores á sua época e já desusados no tempo de sua actividade artistica: não sabe tambem explicar o facto de haver tantos quadros do mesmo genero indicando a existencia de uma escola eminentemente nacional, quando o chefe presumido d'essa escola não podia ter começado a pintar antes da dominação hespanhola, época de geral decadencia para as artes e para a litteratura portugueza; nada d'isso

1 *Dictionaire historico artistique du Portugal*, pag. 93 Robinson pretende provar que além dos cinco Vascos ou Vasques conhecidos de Rackzynski, houve um sexto, cujas particularidades biographicas são por ora inteiramente desconhecidas.

Digitized by Google

póde explicar, mas attendendo somente ao novo documento, e dando como certo que um filho de pintor ha de necessariamente ser pintor, ainda que assim não conste expressamente, não hesita em proclamar que o verdadeiro grão Vasco era Vasco Fernandes nascido em 1552.»

«Robinson foi o primeiro que examinou seriamente as conclusões do historiador allemão, e que procurou demonstrar quanto eram erroneas. Grão Vasco não pode ter sido filho de Francisco Fernandes: talvez tivesse sido seu pae. A data do quadro assignado por Vasco Fernandes, que se encontrou, prova que foi executado pelos annos de 1520, e não depois. Ora Francisco Fernandes, que baptisava um filho em 1520, podia muito bem ser filho de quem fosse ainda activo pintor antes de 1520. O costume, que ainda hoje é vulgar em Portugal, de dar a um dos netos, geralmente ao mais velho, o nome do avô paterno, justifica a possibilidade d'esta hypothese.

«A opinião de Robinson firmada em bases, que parecem solidas, merece em todo o caso uma discussão séria e profunda. É para desejar que a publicação d'este trabalho provoque novos estudos e novas indagações, que deem em resultado a descoberta de novos argumentos, e que deste modo se consiga ou sanccionar definitivamente a hypothese ultima, ou demonstrar que é insustentavel.

«Que houve uma escola portugueza de pintura [1] ninguem poderá hoje negar. É esse um ponto que parece bem demonstrado. Bastaria talvez para o provar, a quantidade de quadros de identico estylo, de identico molde, se poderia dizer, existentes no nosso paiz. Não se exportavam em tão grande quantidade obras de arte, de subido merito, sem que assim constasse nos annaes do paiz d'onde tivessem saido, e mesmo nos annaes do paiz para onde tivessem ido. Se a pintura tivesse sido em Portugal planta de todo exotica, é natural que o apparecimento de quadros em avultado numero, houvesse sido mencionado se não com sympathia, ao menos com curiosidade pelos nossos chronistas. Não póde mesmo explicar-se que um paiz inteiramente desafecto á arte possua tantas obras primas; se as possue, é porque as amava; se as amava, de certo promoveu a creação de artistas, que soubessem executar [2] o que tanto admirava. As vidas dos principaes pintores flamengos e allemães são bem conhecidas: os seus quadros, mesmo os perdidos estão relacionados: nenhuma particularidade, por insignificante que seja, tem escapado ás investigações minuciosissimas dos modernos historiadores da arte. Se os pintores d'aquelles paizes tivessem vindo a Portugal em grande numero, ou se as suas obras para aqui houvessem sido importadas é certo que alguma menção se encontraria d'estes factos. A historia, porém, é inteiramente muda n'estes pontos. De João Van Dyck se refere que veiu a Portugal, e a elle sem duvida se deve a origem de nossa escola; de Holbein se crê que fizera uma viagem á Peninsula, e se a sua visita teve logar, não póde negar-se que influiu sobre o desenvolvimento

[1] *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 20.

[2] Realmente em Portugal encontra-se por toda a parte uma immensidade de quadros (não digo se bons, se maus) o que prova ter a pintura n'este paiz sempre tido amantes.

Digitized by Google

do grande periodo da nossa arte, o qual deve ter começado pelos fins do seculo xv, para terminar depois da primeira metade do seculo xvi.

«Mas ha outra ordem de argumentos muito mais convincentes, e que se devem ir juntando, examinando, discutindo: são os argumentos deduzidos da comparação dos quadros reputados portuguezes com os quadros flamengos e allemães. Robinson na sua memoria firma-se principalmente n'estes argumentos. Ha mil particularidades a estudar; vestidos, armas, utensilios, vasos sagrados, moedas, typos de physionomias etc.»

Até aqui tem as palavras do sr. marquez de Sousa Holstein: ouçamos agora as do proprio Robinson.

«A historia geral de Portugal é pouco estudada; e da sua historia artistica ha um só trabalho moderno. Comtudo a historia de Portugal é um drama de variadissimo interesse; os acontecimentos principaes são de impressionar, e succedem-se em cyclos bem definidos: a arte portugueza, quasi inteiramente desconhecida na Europa, tem uma importancia intrinseca, que pelo menos lhe dá o direito a ser mais estudada. Quasi todos os paizes teem tido a sua época aurea para a arte, coincidindo ordinariamente com o apogeu da sua gloria, e da sua prosperidade material. Por este lado ainda, chama Portugal a attenção porque n'elle floresceram as artes n'um periodo sobre tudo notavel na historia do mundo. Para toda a Peninsula Iberica foi este periodo uma epoca de rapido desabrochar artistico, como nunca houvera no resto da Europa; nem se diga que este desenvolvimento é menos para notar em Portugal, pelo facto de ter sido seguido logo depois por um declinar não menos rapido.

«Portugal, situado na orla da Europa, estava mais perto das Indias e do novo mundo, d'aquellas terras de infindas riquezas [1] e de tentadoras promessas, e cedo começou a assimilar-se e a aproveitar as artes e os thesouros d'estes paizes. Entre o reinado de D. Manuel em Portugal e o glorioso periodo de D. Fernando e Isabel em Hespanha ha inteiro parallelismo. Nos dois paizes foi a prosperidade geral acompanhada de um notavel desabrochar da arte em todos os ramos e especialidades. A riquesa do Mexico e Peru espalhada pela Hespanha era toda empregada em obras de arte, e em Portugal a corrente das riquezas das Indias, seguindo e sempre em constante augmento o caminho traçado sobre o Oceano pelas naus de Vasco da Gama, ia promover o desenvolvimento da arte nacional em todos os generos plasticos. A gloria do monarcha portuguez ainda hoje por toda a parte é evidente; por todos os lados vence o estylo manuelino, que assim se póde chamar, triumphando na architectura, na esculptura, na pintura, e na ourivesaria. É bem saliente, que o chamado renascimento, ou reapparecimento do estylo classico, recebeu por este tempo em Portugal uma côr local, e um cunho nacional bem caracterisados. Não foi porém só do Oriente, e tão sómente na fórma puramente decorativa, que a luz da arte penetrou em Portugal; parece que desde remotos tempos a peninsula

1 *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 27. A respeito do nosso grão Vasco, e da pintura portugueza, devem-se consultar os artigos do sr. marquez de Sousa no jornal *Artes e Lettras*.

Digitized by Google

era o principal mercado estrangeiro para as innumeraveis pinturas e outras obras da arte produzidas pela velha escola flamenga. Em quasi todos os registros de obras nas cathedraes e conventos encontram se artistas com os nomes de João Flamengo, João de Borgonha, Francisco de Hollanda e outros, que evidenceiam a extracção estrangeira das familias, por quem eram usados. Estes homens tornaram-se fundadores de escolas de arte, e d'elles descendiam aquellas successivas gerações de habeis artistas, que enxertando na velha arte flamenga os caracteristicos nacionaes e locaes produziram, como o attestam Fernando Gallegos em Hespanha, e Vasco Fernandes em Portugal, obras notaveis e bem individualisadas, eguaes talvez em merecimento ás de seus illustres contemporaneos n'outros paizes.

«A prosperidade material de Portugal durou todo o reinado de D. João III (1523-1557) cujas tendencias para exaltar e engrandecer a egreja deram á arte religiosa um brilho sempre progressivo. Foi com tudo n'esse periodo que o elemento classico ou pagão, que ha muito predominava na Italia, penetrou na peninsula. Pelo meiado do seculo XVI quasi todos os artistas mais notaveis da Peninsula tinham abandonado o antigo estylo gothico de seus prototypos flamengos. Esta revolução porém, não foi universal: a escola antiga não desappareceu da Peninsula, onde continuou a ser seguida pelos pintores dados á pintura religiosa, que conservaram o antigo maneirismo sem alterar em nada a velha e convencionada rotina. Este estylo continuou tendo não só artistas para o seguirem, mas patronos para o protegerem.

«O conde Rackzynski na sua obra *Les arts en Portugal* menciona mui circumstanciadamente [1] as pinturas de Vizeu, apontando-as como as mais importantes e authenticas, que restam de grão Vasco.

«Depois de cuidadosamente examinar as vestes, os ornatos e outras indicações, assim como o estylo em geral convenci-me, que estas pinturas seriam feitas de 1500 a 1520, e pelo mesmo auctor. A minha primeira impressão foi que eram obra de algum artista flamengo, mas depois de mais detido estudo certifiquei-me que haviam sido executadas na peninsula Iberica e com muita probabilidade por um pintor portuguez, bem amestrado no estylo e execução technica da antiga arte flamenga.

«No principio das investigações do conde de Rackzynski eram tão perplexas e contradictorias as diversas noticias, que lhe chegavam, que se inclinou a descrer inteiramente da existencia do grão Vasco, e a reputal-o uma personificação representativa, ou um mitho. Não tardou porém em reconhecer que muitos quadros attribuidos a grão Vasco eram na verdade obra de mui diversas mãos, denunciando que em Portugal no seculo XVI havia uma escola artistica nacional, e que se dera n'este paiz um facto analogo, que succedera n'outros, quando quasi todos os quadros antigos de Italia eram indistinctamente attribuidos a Pedro Perugino, todos os da antiga escola allemã a Alberto Durer e os dos Paizes Baixos a Van Dyck ou Lucas de Leyde. [2] A analogia parecia

[1] *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 33.
[2] *Idem*, pag. 36.

Digitized by Google

levar tambem á conclusão, que deve ter aqui existido um artista de merito eminente, um grão Vasco real, ainda que fosse difficil discriminar as suas verdadeiras obras d'entre a grande quantidade de producções contemporaneas. Era esta a opinião do conde antes de ver os quadros. Pouco antes com tudo da sua visita a Vizeu deparou com uns documentos, sendo o mais interessante uma certidão extrahida dos registros da cathedral de Vizeu, pela qual constava o baptismo de um certo Vasco, filho de Francisco Fernandes pintor, e de Maria Henriques, sua mulher, aos 18 de setembro de 1552. Resultou d'aqui que apesar de Rackzynski se ter já convencido que as numerosas pinturas attribuidas a grão Vasco pertenciam sem duvida á primeira metade do seculo XVI e sendo por outro lado certo que o grão Vasco recentemente descoberto, ainda mesmo que aos vinte annos (isto é, em 1572) pintasse como mestre, nunca poderia ter chegado á sua maior actividade artistica antes do fim do seculo, apesar d'estas considerações Rackzynski um pouco inconsideradamente admitte que a certidão mencionada se refere ao grande pintor. Visitou depois Vizeu, e logo á primeira vista do Calvario e das quatro pinturas maiores da casa do Capitulo, saiu-lhe dos labios um triumphante *Eureca. Fica revogada toda a legislação em contrario.*»

O auctor nota porém, e com razão, que a serie, de quadros existentes na Casa do Capitulo parece ser de outra mão, e mais antiga.

«Foi com interesse egualmente vivo que cheguei a Vizeu, exactamente 20 annos depois do conde Rackzynski. A conclusão do conde parecia-me tão duvidosa, que procurei anciosamente ver e avaliar por mim proprio. Posso dizer que bastou um relancear de olhos para me convencer que o conde teria feito muito melhor em confiar nas suas impressões artisticas, do que na auctoridade destituida de outras provas, de um registo parochial, e que o grão Vasco, creança em 1552, apenas poderia ter entrado na juventude, na epocha provavel do fallecimento dos verdadeiramente grandes pintores de Vizeu. Digo *pintores*, porque é evidente que as pinturas da cathedral são pelo menos obra de dois differentes artistas, um dos quaes parece ter florescido um pouco anteriormente ao outro. Um d'estes artistas foi considerado pelo conde como sendo o famoso grão Vasco. A estimação em que se tinham as pinturas da sachristia, a tradição popular, a superioridade d'estas obras, e finalmente a supposição de que a existencia ou actividade artistica de Vasco eram comparativamente mais modernas, tudo isto fez com que se reputassem estas pinturas da sacristia, e não as da casa do Capitulo, como sendo realmente as do mestre.

«Em quanto estava examinando estas pinturas tive a fortuna de travar relações com o sr. Antonio José Pereira, artista de talento, nascido e residente em Vizeu. Logo percebi que o sr. Pereira, que havia acompanhado o conde Rackzynski, olhava com o mais vivo interesse para a questão sujeita, tant que obsequiosamente se prestou a guiar-me durante o resto do dia nas minhas investigações das antiguidades artisticas de Vizeu. Surprehendeu-me este cavalheiro, quando me informou que possuia um quadro com a assignatura de grão Vasco. A maxima importancia d'este quadro, visto que até hoje não se conhecia nenhuma pintura assignada por Vasco, nem sufficientemente authen-

Digitized by Google

tica para lhe ser attribuida sem perigo de erro, deixou-me primeiro suspeitar que houvesse engano. Porém, apenas entrei no estudo do sr. Pereira, fiquei convencido da realidade da sua asserção. Apresentou-me este artista tres tabuas separadas, que eram as tres partes de um retabulo. A parte central representa o Descimento da Cruz, e as abas S. Francisco em extasis, com um bello fundo de paizagem, e St.º Antonio na praia prégando aos peixes. Na parte inferior da taboa do centro está a assignatura abreviada do pintor — Vasco Frs. — clarissima e distinctamente escripta ou pintada de amarello como imitando ouro.

«Tinhamos pois aqui com toda a probabilidade uma obra genuina e inquestionavel de grão Vasco: e procedendo ao exame e á comparação cuidadosa dos quadros da Sé, convenci-me que a pintura assignada não era de certo do mesmo auctor, que as pinturas da sacristia, apesar de que em muitos particulares do desenho, da côr e do aspecto geral, este quadro tem parecença de familia com ambas as series da cathedral. [1] Notarei aqui que a serie da casa do Capitulo, sem duvida mais antiga, não deixa de ter similhança em certos pontos com as pinturas mais modernas da sacristia: ha em todas a incontestavel influencia de um estylo local.

«A não ser que me enganasse a imaginação, achei entre todas bastante parecença para poder suppôr que houve em Vizeu uma successão de artistas conhecedores das obras uns dos outros. Em todo o caso não hesitarei em propôr a adopção do termo — *Escola de Vizeu.*

«Estas taboas, ou para melhor dizer, esta pintura de Vasco Fernandes, pareceu-me occupar um logar intermedio na escola entre os quadros da casa do Capitulo, e os da sacristia, e depois de consciencioso exame creio poder affirmar, que foi executada pelo anno de 1520. A minha impressão é que esta tem mais analogia com as pinturas da sacristia, mas que nem por isso é do mesmo pintor.

«Cumpre-me agora dizer que tive a fortuna de descobrir o verdadeiro auctor das pinturas da sacristia, e que posso demonstrar com segurança, que não são obra de Vasco Fernandes.

«De Vizeu voltei a Coimbra, onde não perdi tempo em ir observar de novo certos quadros na antiga egreja e mosteiro de St.ª Cruz. Um d'elles deve ser obra de 1530-1540, e representa o Pentecostes. Não foi preciso longo exame para me convencer que tinha diante dos olhos outra obra do pintor de S. Pedro e do baptismo da sacristia de Vizeu. Verdade é que a composição do quadro de Coimbra differe muito do Pentecostes de Vizeu, sendo melhor em todo o sentido, mas a similhança exacta no desenho, no colorido, nas particularidades do vestuario, na execução, e sobre tudo nos typos physionomicos das figuras principaes, não me deixou duvida. Em summa estou convencido de que é esta uma obra do grão Vasco tradicional de Vizeu. Imagine-se pois qual seria a minha satisfação, quando achei a assignatura *Velasco F.*

«Aqui temos pois o verdadeiro nome do pintor do S. Pedro e do Baptismo

[1] *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 40.

Digitized by Google

em Vizeu, e tambem provavelmente do S. Sebastião, do Pentecostes, do Calvario e da pequena serie das predellas. Parece-me evidente que o grão Vasco de Rackzynski era na realidade este mesmo Velasco. Ha talvez o quer que é de penoso n'esta descoberta; mas a final a substituição de um nome por outro tem pouca importancia verdadeira, pois as pinturas não deixam de ser egualmente admiraveis, e de dar o mesmo credito ao paiz, que as produziu, embora não estejam já envolvidas na atmosphera de uma mysteriosa tradição.

«Todos estes quadros são trabalhos de grande excellencia artistica,[1] e não tão sómente pinturas antigas, e cujo unico valor é archeologico.

«Escusado é dizer que o Vasco Fernandes do conde Rackzynski, filho de Francisco Fernandes e nascido em 1552 não pode ser o Vasco Fernandes da pintura do sr. Pereira. Este quadro foi sem duvida alguma executado cerca de trinta annos antes do nascimento d'aquelle Vasco; julgo alem d'isso provado que o Vasco de 1552 não foi o pintor dos quadros da sacristia, como sempre o suppoz Rackzynski. Com tudo é fóra de duvida que um Vasco Fernandes nasceu em Vizeu em 1552, e tambem é certo que Francisco, seu pae, era pintor, mas ao mesmo tempo não ha prova alguma que o filho seguiu a profissão do pae. Não poderá admittir-se que Francisco Fernandes era filho ou parente do Vasco Fernandes do quadro assignado?

«Em summa creio que o auctor do quadro do sr. Pereira, Vasco Fernandes, como elle proprio se assignava, foi a pessoa, que mereceu em razão da sua preeminencia na arte o titulo de grão ou grande, que lhe foi conferido ou durante a sua vida, ou pouco depois da sua morte.

«Vejamos agora em resumo qual é o estado presente dos nossos conhecimentos ácerca dos pintores da escola de Vizeu: o seu catalogo é como segue:

«I. — O auctor dos 14 quadros da casa do Capitulo, cerca de 1520.

«II. — Vasco Fernandes (grão Vasco?) auctor do quadro assignado do sr. Pereira, cerca de 1520.

«III. — O que pintou a ultima cêa em Fontello (casa de campo dos bispos de Vizeu), e que reputo discipulo ou imitador de Vasco Fernandes.

«IV. — Velasco: o pintor dos quadros da sacristia e do Calvario em Vizeu e do Pentecostes em Coimbra; cerca de 1530-1540.

«V. — Francisco Fernandes, pintor que vivia em 1552.

«VI. — Vasco Fernandes, filho do precedente, que se julga, mas sem provas, ter seguido a profissão de seu pae.

«VII. — O auctor do quadro *Jesus em casa de Martha* em Fontello, e que parece ser imitador de Velasco.

«A este posso talvez accrescentar como pintores, que teem certa analogia com os de Vizeu.

«VIII. — *Ovia*. O pintor de Christo apresentado á populaça, em St.ª Cruz de Coimbra.

«IX. — O pintor do S. João que está na Academia em Lisboa.

«Todas as pinturas de Vizeu indicam de modo mais saliente a influencia

[1] *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 13.

Digitized by Google

dominante da arte flamenga; é porém importante observar que esta influencia é a da primitiva e grande epocha, isto é, a de Van Dyck, Memling e Quintino Martyres, e não a dos mestres flamengos contemporaneos dos pintores de Vizeu.

«Nada ha mais bello do que o colorido d'estas pinturas, e n'este ponto a novidade das transições causa profunda admiração. Todas as pinturas de Vizeu, tanto as da casa do Capitulo, como as da sacristia, distinguem-se por sua côr alegre e luminosa: os fundos são ordinariamente claros. Conhece-se em todas as pinturas d'esta escola amor da verdade e a maxima diligencia para imitar perfeitamente todos os accessorios: parece que foram conscienciosamente copiadas pelo original todas as roupagens de brocado, as correias, as fivellas, as espadas, os cinturões, as joias, e todas as peças de armadura. Ha varias transições de côr com muita harmonia e originalidade de concepção. Na serie da sacristia não podem deixar de observar-se as roupagens carmezins de uma tinta especial, côr de rubin, muito luminosa, clara e brilhante; e ainda que os quadros estejam cobertos pelo accumulado pó de seculos, brilharão diante de olhos praticos acostumados a desprezarem o ennegrecimento accidental e temporario com o fulgor scintillante de um mosaico de rubins, de esmeraldas e de saphiras engastadas em prata. Não posso finalmente tecer maior elogio ás pinturas de Vizeu, do que dizendo que abundam em vida e expressão humana: que são em tudo obras preciosas, e absolutamente livres de affectação, que dominava na epocha em que foram executadas.»

1201) **ROCA (D. ANTONIO DE MONRAVÁ Y)** Nascido em Pons no principado da Catalunha. Sua biographia acha-se a pag. 256 do vol. VIII do *Diccionario Bibliographico.*

E.—I. *Academicas orações phisico, anatomico, medico, cirurgicas para a conversão do errado lastimoso povo Apollineo.* Antuerpia, officina Plantiniana 1732, 4.°, 320 pag.

II. *Fisico certame sobre o sol, lua, luz e olhos: entre um escholastico conimbricense e um academico ulyssiponense.* Lisboa, por Pedro Ferreira, 1732, 40, 10 folhas.

III. *Novissima medicina impugnante á nova, velha e velhissima dos auctores antigos e modernos.* Lisboa 1744, 4 tomos.

1202) **ROCHEGUILHEN (M. DE LA)** Escriptora franceza nascida em 1640, e fallecida em Inglaterra no anno de 1710. [1]

E.—*Histoire des Favorites contenant ce qui s'est passe de plus remarquable dans plusieurs régnes. Nouvelle edition revue, corrigée et augmentée de deux nouvelles Histoires: Divisée en deux Parties.* A Amsterdam. Chez Paul Marret. 1703. Com estampas.

A primeira parte de pag. 49 a 86 contém um romance intitulado *Histoire de Leonor Tellez de Menese sous Ferdinand Roi de Portugal.*

Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, tom XXIX, pag. 662.

Digitized by Google

1203) ROCHELLE (JEAN FRANÇOIS NÉE DE LA)

E.—*Recherches historiques et critiques sur l'établissement de l'art typographique en Espagne et en Portugal.* Paris 1831.

1204) ROCHEMAILLET (GABR. MIG. DE)

E.—*Lettre a D. Christofle Prince de Portugal.* Paris 1623.

1205) ROEDER (A. H.) Professor da cadeira de lingua alleman no Lyceu Nacional de Li boa. Nasceu em Borna na Saxonia.

E.—*Exercicios portuguezes para leitura e analyse e para versão em linguas estrangeiras extrahidos de bons anctores modernos por —. 5.ª edição.* Lisboa, 1873, 120 pag.

1206) ROEDING (J. H.)

E.—*Allgemeines Worterbuch der Marine in allen Eurupaischen Sees prachen.* Hamburgo 1794. 4 vol.

É um diccionario universal da marinha em Allemão, Hollandez, Dinamarquez, Sueco, Inglez, Francez, Italiano, Hespanhol e Portuguez.

1207) ROES (THOMAS)

E.—*Reyren naar etc. (Viagem ás Indias Orientaes)* Amsterdam, 1656 4.º

1208) ROGEMONT (FRANCISCO)

E.—*Relação do Estado Politico e espiritual do Imperio da China, pelos annos de* 1659 *até o de* 1666. Escripta em Latim pelo P — da Cõpanhia de Jesus, Flamengo, Missionario no mesmo Imperio da China. Traduzida por um religioso da mesma Companhia de Jesus. Lisboa, na officina de João da Costa 1672.

Divide-se esta obra em 3 partes. A primeira trata de guerras entre os Chinezes e Tartaros, e do grande aperto, em que se viram os habitantes de Macau por lhes terem prohibido a navegação, e o darem-se com os Chinezes. A segunda parte contém a historia do dominio Tartaro na China por aquelles tempos. E a terceira, a ultima perseguição, que padeceram os pregadores da lei Evangelica, em 1665.

Esta obra é importante para conhecimento da historia da cidade de Macau e das missões portuguezas na China.

Vem n'este livro uma curiosa lista de trinta sacerdotes, que no tempo d'esta perseguição se apresentaram aos juizes na côrte de Pekin, e foram os seguintes padres: —Joam Adamo Schall, allemão. —Antonio de Gouvea, portuguez. —Pedro Canevari, genovez. — Miguel Trigaulcio, flamengo. —Ignacio da Costa, portuguez. —Francisco Barançato, siciliano. — Luiz Bulhio, siciliano. — Gabriel de Magalhães, portuguez. —João Francisco de Ferrariis, piemontano. — André Lubelli, napolitano. — Jacob le Favre, francez. — Stanislao Torrente. romano. — Joam Valat, francez. —Feliciano Pacheco, portuguez. —Cladio Motel, francez. — Jacob Motel, francez. —João Domingos Gabiani, piemontano. —

Digitized by Google

Humberto Augeri, francez. — Manuel Jorge, portuguez. — Fernando Verbiest, flamengo. — Felippe Couplet, flamengo. — Francisco Rogemont, flamengo. — Christiano Herdtrich, alemão. — Adriano Grelon, francez. — Pospero Interceta, siciliano. — Domingos Coronato, hespanhol. — Domingos Navarreta, hespanhol. — Domingos Maria Serpetri, siciliano. — Philippe Leonardo, hespanhol. — Antonio de Santa Maria, hespanhol. [1]

1209) **ROI DE PORTUGAL (LE)** *Conte. Suivi des Deux Achilles, Conte dedicatoire et d'une epitre au Juif Hirschel (en vers) Anecdotes portugaises sur les Regnes des princes de la Maison de Bragance depuis dom Jean IV jusqu'à Dom Joseph.* 1788.

1210) **ROLAND (HIPPOLITE,** artiste de la Compagnie française.)
E. — *Lisbonne au 26 janvier* 1835. *Scene en vers. A l'occasion du mariage de sa magesté Donna Maria II,* Lisboa, 1835.

Um francez

Dans les airs quels cris d'allégresse!...
Les cloches au son argentin,
La voix tonnante de l'airain,
D'un grand peuple attestent l'ivresse!
Quelle solemnité, remplissant tous les cœurs,
D'un bonheur éternel semble aujourd'hui le gage!...
Habitans désolés des bords fleuris du Tage,
Ce jour a-t-il séché vos pleurs?...
J'ai fui, naguère, un Sol en proie à trop d'alarmes,
J'ai vu les Portugais déchirer leur pays;
L'un contre l'autre ils dirigeaient leurs armes!...
Ceux par le sentiment, par la nature unis,
Confondaient leur sang et leurs larmes!!!...
O vous, témoin de tant d'horreurs,
De leurs combats, de leurs guerres civiles;
Expliquez-moi ces jours tranquilles
Et ce pavé jonché de fleurs.

Um portuguez

Français, qui revoyez nôtre Lusitanie,
Sachez que de son sein la discorde est bannie.
L'artisan de nos maux, l'auteur de nos dangers,
Avec elle a dû fuir vers des bords étrangers.
Du retour de la paix nous célébrons la fête:
Et l'hymen fortuné dont la pompe s'apprête,

[1] «Foi tal o furor d'esta perseguição da China, que, quem a considerar com madureza, com todas as suas circumstancias, a poderá comparar sem exageração com as maiores perseguições, em que por espaço de muitos annos se exercitou a Igreja Catholica.»

Digitized by Google

Assure au Portugal un heureux avenir.
Ce jour de touts nos droits garantit la conquête;
De nos sanglans débats chasse le souvenir;
Et pour jamais va nous unir.
Cependant il n'est point de beau jour sans nuage!...
Aux accens du plaisir se mélant des regrets;
Et les flambeaux du Mariage
Brillent à travers les Cyprès!!!...
Brave et Sage Don Pedre!... ainsi que Henri-Quatre,
Pendant près de trois ans il lui fallut combattre
Pour ressaisir le sceptre à sa fille échappé,
Par un perfide ami, par un frère usurpé,
L'exil et les malheurs, rien n'avait pu l'abattre,
Il triomphe à la fin.. et la mort l'a frappé!!!...
Quel Souverain pourtant méritait davantage
De recevoir le prix de son noble courage?...
Lorsqu'aux Champs d'*Oporto* l'on cite ses exploits,
Le but de ses efforts est le règne des lois.
Pour la Charte il combat sur les rives du Tage;
Pour l'affermir il brave les revers.
Des Portugais il brise enfin les fers!...
La Constitution succéde au Despotisme:
La tolérance au Fanatisme.
D'un peuple sous le Joug réveillant la fierté,
Il consacre ses droits, fonde sa liberté!...
Et quand tant de bienfaits semblent encore un rêve
La Parque inexorable à sa gloire l'enlève!!!
Près de goûter un éternel repos,
Tombant, hélas! à la fleur de son âge,
Il consolide son ouvrage;
Sa mort est celle d'un heros!...
Le bonheur de son peuple et celui de sa Fille,
Préoccupent son dernier jour,
Il confond dans un même amour
Et ses sujets et sa famille:
«Maria, pour régner je te dois un appui,
«Au Brésil tu connus Auguste... eh-bien, c'est Lui
«Qu'en secret, dès longtems, t'a choisi ma prudence...
«Il fut l'ami de ton enfance;
«Et pour époux je te l'offre aujourd'hui...
«Ses grandes qualités égalent son courage,
«Il marche avec le siècle, il sait bien que les Rois
«Par leurs seules vertus méritent son hommage:
«Qu'ils ne peuvent avoir de véritables droits
«Que par l'amour du peuple et le respect des lois!...

Digitized by Google

«Qu'il partage ce trône où la valeur te place;
«Tu combleras ainsi mon unique désir:
«Que dans ton coeur Auguste me remplace,
«Bientôt des Portugais il se fera chérir...»
En prononçant ces mots il ferme sa paupiére!!!
Que la terre lui soit légère;
Qu'il goûte la paix dans les cieux!...
Il fut de ses soldats le modèle et le père,
Il affrontait les perils avec eux;
Et demanda pour linceul funéraire
Du *Cinquième-chasseurs* l'habit si glorieux!
Docile à ses conseils notre Auguste Maitresse
Du Prince Leuchtenberg couronne la tendresse
Il sut toucher son cœur, et notre heureux climat
Voit triompher l'Amour, par la raison d'Etat.

Um francez

Quoi!... Leuchtenberg... le fils d'Eugene!
De l'enfant adoptif du grand Napoleon!...
Le petit-fils de cette Reine
Dont mon pays bénit le Nom!
Bonne et sensible Josephine,
Ta mémoire toujours sera chère au français
Il se rapelle tes bienfaits,
Et joint au souvenir que son coeur te destine,
Le nom sacré d'Eugene Beauharnais!!!
Heureux Enfant de la victoire,
Seul il sut conquérir sa gloire,
Et moissonna ses plus brillants lauriers
Aux Champs de la Russie, en sauvant nos guerriers!
Ses vertus le font vivre encore en Italie...
Du siécle qui l'admire il fixa le regard;
Mourut fidèle a sa patrie,
Fidèle à son noble étendard,
Sans reproche et sans peur comme un autre Bayard!...
Quel bien au Portugal promet cette alliance!
Esprit, beauté, douceur et bienfaisance,
De Donna Maria, sont les trésors heureux...
Auguste, de vos lois défenseur courageux,
Mettra tout son bonheur á soulager vos peines;
En des liens de fleurs il changera vos chaines;
Vos droits, sa loyauté saura les garantir
Et sa valeur les soutenir;
Le Sang de Beauharnais, circule dans ses veines
Et ce généreux Sang ne peut se démentir!

Digitized by Google

1211) **ROLLAND (LANNEAU)**

E. — *Nouveau Guide du voyageur en Espagne et en Portugal.* Paris.

1212) **ROMAN (FR. ANTONIO DE S.)** Natural de Placencia, e Benedictino.

E. — I *Historia general de la India Oriental, de los descobrimentos y conquistas que han hecho las armas de Portugal y en otras partes de Africa, e de la Asia, y dilacion del Santo Evangelio por aquellas grandes provincias desde sus principios hasta el año de 1557 en el Brasil.* Valladolid, 1603.

II. *Jornada y muerte del rey D. Sebastian de Portugal.* Valladolid, 1603.

Consta de 4 livros. Começa expondo o estado das cousas da egreja na Europa antes do descobrimento da India; enuncia o pouco conhecimento que havia na Hespanha da arte da navegação; toca nos descobrimentos da costa d'Africa principiados pelo infante D. Henrique; depois trata do descobrimento da India, e incidentemente do do Brazil; e termina na morte de D. João III relatando juntamente o estado das cousas da Europa. Passa por bom.» [1]

1213) **ROMAN (HIERONIMO)**

E. — *Historia de los dos religiosos infantes de Portugal, del infante D. Fernando hijo del rey D. Juan* I *de Portugal: y de la infanta doña Juanna, hija del rey D. Afonso el* V. Medina, 1595.

1214) **ROMANO (P. GIOVANNI FRANCISCO)**

E. — *Istoria delle missione dei Capucini nell' regno del Congo, colla descrizione geographica di quel regno e con altre notizie dei costumi i vita di quella nazione, dal.* Roma, 1646. 4. Napoli, 1646. Parma, 1649. Milano, 1651.

1215) **RONDET (LAURENT ETIENNE)**

E. — *Reflexions sur le desastre de Lisbonne.* 1756-1757. 3 vol.

1216) **ROON (A DE)**

E. — *Die iberische Halbinsel etc. (A Peninsula Iberica. Monographia no ponto de vista militar)* 1.ª Parte. *O theatro da guerra entre o Ebro e os Pyreneos.* Berlin, 1839. 8.º

1217) **ROSA (F. MARTINEZ DE LA)** Escriptor hespanhol celebre, nasceu em Granada a 10 de março de 1787,[2] e falleceu a 7 de fevereiro de 1862.

A pag. 198 do 1.º vol. da *Revista Peninsular* encontra-se a seguinte poesia escripta por este notavel poeta em Cintra, no mez de agosto de 1852.

[1] *Bibliotheca Historica*, pag. 356.

[2] Luiz Augusto Rebello da Silva. *Memoria acerca da vida e escriptos de D. Francisco Martinez de la Rosa*, pag. 17.

Digitized by Google

AL MONASTERIO DENOMINADO DE LA PEÑA

Esa que ves altissima montaña,
La plantó Dios en el immenso lhano:
Mira alli al Tajo, que los campos bana,
Y allá la mas en el confin lejano...
De enormes rocas sobre eterno asiento,
De los siglos el paso desafia;
Y qual gigante torre y atalaya,
Vé a sus plantas yacer la humilde playa
Y su cerviz eleva al firmamento.
Alli latiendo el pecho generoso,
Bañado el rostro en llanto de alegria,
El monarca piadoso
Las anheladas velas descubria:
Al subito contento
Falta la voz y aliento;
A Dios levanta los humildes ojos,
Y un voto hace ferviente;
En tanto que á sus pies arrodillado
Vese el heroe esforzado
Que al sol robó las llaves del oriente.
De austeros cenobitas
Esa fué la mansion, ese el asilo:
Del mundo aislados, qual la misma roca,
Sereno el pecho, el animo tranquillo,
Ruda tormenta, del sagrado albergue
Un dia los lanzó: mas la memoria
Del gran monarca vivira por siempre,
Qual de Vasco inmortal la eterna gloria;
Y es comun voz que en la callada noche
Suelen alli vagar sus sombras graves;
En tanto que en las nubes se retrata
La imagen fiel de las ansiadas naves. [1]

---

[1] Ha pouco tempo uma senhora americana, inspirada pelas bellezas de Cintra, fez em honra d'esta villa a seguinte poesia, que foi publicada no *Diario de Noticias* n.º 3813.

Cintra

T'is a most lovely spot, How the weary heart
After scant breathing's; in the heated air
Of the close city, and the crowded mart,
Treasure's a place like this where it may dwell
And breathe its beauty in; like some sweet, hallowed spell.

Digitized by Google

Do mesmo author se encontra ainda a seguinte poesia no referido volume pag. 200.

UN NUIT D'ÉTÉ AUX ENVIRONS DE LISBONNE

Charmant séjour, belles rives du Tage,
Triste et pensif je vous fais mes adieux!
Je vois les flots s'endormir sur la plage;
La lune éclaire et la terre et les cieux.

Le nautonnier sur sa barque fragile
Laisse, en passant, un sillon lumineux;
Sa rame fend la surface mobile,
L'écho répète ses amours et ses vœux.

Le doux zéphir, inconstante et volage,
Séme partout des parfums delicieux...
Charmant séjour belles rives du Tage,
Triste y pensif, je vous fais mes adieux!

(Estes versos los compuso el autor en Lisboa, en el verano de 1852.)

How beautiful it is, the very skies,
Bend O'er it with a holier look of love.
And in the dewy dark i'ts starry eyes
Seem gazing down, like angels from above,
As though to guard it through the long night
Were a sweet privilege, and a rare delight.

T'was early autumn, and a calm bright day,
Half wistfully I turned, and gazed around,
How smilingly and fair before me lay
Cintra; with all its weight of beauty crowned,
How beautiful, the sunset cloud's hung o'er it with warm light
And throwing o'er the villa a flush unearthly bright.

Long had I lingered; but the setting sun
Told a late hour; almost the close of day,
And breathing silently my sad farevell,
From the sweet place, I slowly turned away.
Loth that so fair a spot should fade from wiev
And turning often back to say a last, adiew.

Sweet Cintra; many a day has passed, since, when
With lonely steps, I walked thy sunny dells.
And yet my heart goes back, to thee again,
Bound to thy beauty by a thousand spells.
Of loveliness, and witchery, and a thrill
That in my heart like song; keeps gusking, gusking still.

Digitized by Google

1218) ROSS (THOMASINA) Traduziu do allemão a obra seguinte:

History of Spanish and Portuguese Litterature by Frederich Bouterwek. In two volumes. Translated from the Original German by—London. Boosey and Sons, Broad Street 1823 4.° 1. vol. 609 pag. 2.° 405 pag.

Analyse dos *Lusiadas* por Bouterwek [1]

«Os *Lusiadas* de Camões é um poema heroico: mas tão essencialmente differente na unidade do plano epico de todos os outros poemas heroicos, que para evitar cahir na injustificavel avaliação errada, com que esta famosa obra é por toda a parte julgada, exceptuando em Portugal e na Hespanha, é necessario analysando-a, pôr de parte as regras ordinarias de comparação, e avançar na idéa geral da poesia epica não modificada por alguma preoccupação para com os conhecidos modelos. Camões abriu inteiramente um novo caminho na região da epopeia. O estylo do seu poema é na verdade formado principalmente sobre os antigos modelos, e na sua dicção imitou as elegantes estancias dos italiannos; porém a idéa epica da obra é inteiramente sua: e o genero de composição, que forma seu alicerce, era coisa inteiramente nova na litteratura poetica. O assumpto de Camões era contar com melodia epica com puro sentimento poetico as façanhas dos heroes e grandes homens de Portugal na generalidade, não de algum individuo em particular, e por conseguinte não de Vasco da Gama, o qual é vulgarmente considerado o heroe dos *Lusiadas*. Elle não se devia satisfazer com o escrever um relatorio official poeticamente adornado, como a *Araucania hespanhola*, escripta por Ercilla n'um periodo mais moderno. [2]

«O titulo, dado por Camões ao seu poema heroico, denota sufficientemente a natureza de seu assumpto. Deu-lhe o nome de *Os Lusiadas* que quer dizer os Lusitanos ou Portuguezes. [3] A escolha do titulo foi indubitavelmente influenciada pelo dominante gosto dos poetas portuguezes d'aquelle tempo, aos quaes

[1] Vol. 2 pag. 150 e seguintes.

[2] Estes elogios são confirmados pelo author da *Vida de Camões*, impressa na Encyclopedia Americana, publicada na Philadelphia.

[3] «A primeira edição dos *Lusiadas* foi impressa em 1572, e o poema foi na maior parte escripto nas Indias Orientaes. Tasso leu-o, e elogiou o author n'um soneto, que não se perdeu. A primeira edição da *Jerusalem Libertada* appareceu em 1580, e por conseguinte um anno depois da morte de Camões.»

«Mesmo a apologia de Camões, que precede a traducção dos *Lusiadas*, feita por Mickle, por si mesma se destroe, porque o traductor inglez toma por estandarte a epopea de Homero, e com o fim de justificar os *Lusiadas* dá uma errada interpretação ao machinismo da Illiada. As observações aos *Lusiadas* por Voltaire no seu discurso sobre o poema epico estão abaixo da critica; e o juizo pronunciado ácerca d'este poema por Von Yung na introducção da sua *Grammatica Portugueza*, argue uma total carencia de gosto poetico. Ninguem deveria tentar uma versão dos *Lusiadas* sem possuir um intimo conhecimento da lingua portugueza e da poesia, aliás é impossivel comprehender o espirito de Camões. A traducção ingleza por Mickle é até agora a unica, na qual se possa dizer que pelo menos a elegante dignidade do estylo de Camões está representada.» Pag. 149 e seguintes.

Digitized by Google

não parecia poetico o nome vulgar de sua nação, e tambem pelo popular conhecimento, que o favorito termo Lusitania era derivado d'um certo heroe mythologico, chamado Luso, que visitou Portugal na companhia de Ulysses e conjunctamente com o guerreiro Grego, fundou a cidade de Lisboa (Ulyssipolis). Camões não merece censura, se os editores de seu poema desejando reconciliar seu titulo algum tanto desusado com os nomes de outras composições epicas transformaram os *Lusiadas* em *Lusiada*. Porém o poema póde ser designado pelo seu titulo vulgar sem offensa ao seu espirito ou assumpto. Ao mesmo tempo não nos devemos esquecer que os *Lusiadas* é uma especie de poema epico totalmente differente d'aquellas epopeas, ou felizes ou infelizes, nas quaes um só heroe é a mola principal de toda a acção epica. Conforme o plano esboçado por Camões para seu poema nacional, estava habilitado a prescindir da escolha d'um heroe, cujas proezas tinham de lançar as de todos os outros na sombra e formar a unica fonte do poema epico. Para este plano, todavia, uma bellesa essencial da poesia epica era indispensavelmente sacrificada. A composição perdia as vantagens d'aquelles pequenos grupos de caracteres, os quaes aliás deveriam ter sido reunidos em torno do caracter principal. Por causa de seu plano os *Lusiadas* não pode ser considerado como um modelo de tal perfeição epica como a *Illiada* ou mesmo como a *Eneida*, onde aquella perfeição se pode encontrar mais fraca. Porém, como poema narrativo derivando um effeito total da união de suas partes, os *Lusiadas* pode ser considerado um poema epico completo, e por conseguinte um poema inteiramente differente no genero das *Metamorphoses* de Ovidio, ou mesmo da *Divina Comedia* de Dante. Desejava Camões agrupar poetica e epicamente todos os grandes e mais interessantes successos nos annaes de seu paiz nativo. E por conseguinte mui felizmente escolheu o acontecimento, que constitue a mais brilhante epocha na historia portugueza, como um ponto commum de guarda para todas as differentes partes de sua pintura epica. A descoberta da passagem para a India por Vasco da Gama era certamente uma empreza heroica no usual sentido do termo, mas n'aquella epocha, quando taes aventuras tocavam as raias do incrivel, era uma empreza verdadeiramente heroica. Camões fez d'este acontecimento o alicerce da unidade epica do seu poema. Mas n'aquella unidade Vasco da Gama é simplesmente o fuso em torno do qual o fio da narração é fiado. Sua dignidade, no que diz respeito ao chefe de seus intrepidos compatriotas, torna-o notavel até certo ponto: mas a outros respeitos não é distincto, e o interesse de todo o poema não depende mais d'elle que de seus compatriotas. Os heroes que brilham com maior resplendor nos *Lusiadas*, mesmo o condestavel Nuno Alvares Pereira, que é o mais notavel entre elles, são todos introduzidos n'aquillo, a que se dá o nome de episodios. Porém os *Lusiadas* não tem realmente algum episodio, exceptuando a curta historia do gigante Adamastor. Outra parte da obra, a que vulgarmente se dá o nome de episodio, é um poetico esboço da antiga historia de Portugal, e pertence essencialmente ao todo, como qualquer das outras partes principaes do grande quadro. Ella até mesmo occupa perto de metade do poema. É exactamente n'estas partes chamadas episodios, que existe a grandesa epica de toda

Digitized by Google

a composição, e n'elles apparecem as mais bellas passagens de todo o poema A não ser que a idéa do plano dos *Lusiadas* seja justamente comprehendida, a composição apparecerá n'uma luz falsa, qualquer que fôr o lado por onde seja observada.

«Os *Lusiadas* considerado como um todo pode por tanto ser chamado uma pintura epica e nacional da gloria portugueza, algum tanto maior do que uma simples galeria de contos poeticos, mas menos do que uma perfeita epopea. Os principios da composição são excessivamente simples, mas para que elles não sejam mal comprehendidos, é mister entender o machinismo epico do poema, como o proprio poeta o teria entendido, e como foi entendido no espirito do seculo por seus contemporaneos. Camões era um verdadeiro poeta, e por isso não podia excluir dos seus *Lusiadas* o encanto do maravilhoso, e a cooperação de seres sobrenaturaes. Porém ou elle foi casualmente menos feliz, do que Tasso na escolha do machinismo epico, para um poema heroico moderno, ou elle de caso pensado preferiu a mythologia grega, como a mais bella. Nada o absteve de attribuir os papeis necessarios no seu machinismo aos agentes bons e maus da crença popular christã; e o assumpto parece particularmente calculado, porque uma applicação tal como a propagação do christianismo por meio das descobertas e conquistas dos portuguezes é celebrada no proprio poema como o maior serviço da nação. Todavia Camões parece ter sido de opinião que um poema epico tal como elle o tinha planeado, devia ser adornado com erudição, e sobre tudo erudição mythologica; e além d'isto pela introducção das divindades gregas toda a composição parecia ser elevada á verdadeira região poetica da antiga epopeia. Existe, pois, a singular incongruencia da mythologia grega e dos feitos dos portuguezes christãos, os quaes em nenhum ensejo deixam de praticar e discorrer no verdadeiro espirito de sua fé. Porém no pensar de Camões esta incongruencia era removida pela opinião, da qual elle participava em commum com seus contemporaneos, que o machinismo na epopeia era meramente uma figura poetica, e que todas as divindades pagãs podiam ser introduzidas como caracteres allegoricos na moderna narrativa poetica pelo mesmo privilegio, que habilita Cupido a conservar seu logar na composição lyrica dos poetas christãos sem alguma offensa theologica ou moral. Por isso Camões allegoricamente introduz o Olympo no seu poema. A erronea opinião, que extraviou o poeta, na verdade não redime este defeito no poema, se bem que contribue para lançar um veo sobre elle. Porém se o leitor admitte esta opinião, o que deve fazer com o fim de comprehender o poeta no seu proprio sentido, então mesmo a offensa contra o bom gosto se verá desvanecer imperceptivelmente. Feita esta convenção uma só vez, todo o poema se torna não sómente singular, mas até maravilhoso na sua singularidade, especialmente onde Vasco da Gama e seus companheiros se divertem com Thetis e suas nimphas allegoricamente, e com tudo no maior ardor: e o material historico começa como se de repente ennobrecido pela magia, a brilhar na plena luz da poesia.

«Os *Lusiadas* assume um caracter mythologico immediatamente depois das estancias mythologicas. Vasco da Gama com sua esquadrilha tinha já dobrado

Digitized by Google

o Cabo da Boa Esperança; e fazendo sua derrota ao longo da costa Oriental, approxima-se dos mares Indianos. Reunem-se então os deuses no Olympo para deliberarem ácerca da sorte da India. Venus e Baccho formam dois partidos, o primeiro em favor dos portuguezes, e o segundo contra elles. N'esta applicação da allegoria o poeta, sem duvida, faz o gosto ao seu orgulho patriotico; porquanto Portugal era, mesmo pelos hespanhoes, designado o paiz nativo do amor; e a temperança no uso do vinho era uma virtude nacional dos portuguezes. Com o fim de dar uma importancia ainda maior a esta allegoria, faz com que Venus considere os portuguezes como modernos romanos, e conserve para com elles a mesma inclinação, que ella antigamente prodigalisava ao povo da antiga Roma: porém Baccho lembra-se de suas expedições á India, e está indignado contra os portuguezes, cujas expedições ameaçam eclipsar sua gloria. Entre os deuses, que se declaram amigos dos portuguezes, Marte é particularmente conspicuo. No entanto a frota de Vasco da Gama toca em diversos logares sobre a costa da Africa Oriental. Vasco diligenceia entrar em relações amigaveis com o rei de Mombaça; porém Baccho se transforma em sacerdote Mahometano, e por meio de mostras traiçoeiras de amizade projecta a destruição dos portuguezes em Mombaça. Venus com tudo descobre a traição a tempo de prevenil-a. Appella para Jupiter. Suas supplicas a favor da armada portugueza são ouvidas. Mercurio em sonhos avisa Vasco da Gama, e este se escapa do perigo, que lhe estava preparado. Navega para diante para o africano reino de Melinde. Este rei, se bem que mahometano, faz uma hospitaleira recepção aos portuguezes, cuja coragem e gloria nacional excitam sua mais ardente admiração. Aqui o poeta liga o fio d'aquellas narrações, que teem sido erradamente consideradas como episodios dos *Lusiadas*. A pedido do rei de Melinde, Vasco da Gama relata os mais interessantes acontecimentos da historia de Portugal, e fecha sua patriotica narrativa com uma descripção de sua propria viagem até ao periodo de sua chegada a Melinde. Este rei agora torna-se enthusiastico amigo dos portuguezes: e começa aqui a segunda metade do poéma. Vasco continua sua viagem com os pilotos, que lhe devem mostrar o mais curto caminho para a India. Baccho, todavia, desce ao fundo do mar, e implora a protecção dos deuses e deusas de Neptuno a coadjuval-o na destruição da armada portugueza, antes que esta chegue á India. Levanta-se uma horrenda procella, e parece prometter o cumprimento do desejo de Neptuno, porém no momento critico Venus outra vez livra seus protegidos, e os portuguezes chegam a salvamento ao reino de Calecut, na costa do Malabar. Vasco da Gama é ao principio muito bem recebido pelo Çamorim, ou principe de Calecut. Esta opportunidade é approveitada por Camões para ajuntar uma especie de supplemento á narrativa poetica dos factos da historia portugueza: pois elle faz Paulo da Gama, irmão do almirante, explicar ao Catual, ou governador indiano de Calecut, as tapeçarias, e pinturas, que estavam a bordo dos navios portuguezes. Finalmente Baccho, que não está ainda cançado de representar o papel de Mussulmano, para prejuizo dos portuguezes, excita uma tal desunião entre Vasco da Gama e o Çamorim de Calecut, que o tratado commercial projectado entre Calecut e Portugal não se realisa, e a frota portugueza

Digitized by Google

está uma vez mais exposta ao perigo de destruição. Porém o grande objecto da viagem é agora conseguido, e Vasco da Gama levanta ferro, e dirige sua navegação para traz, para a Europa. Durante a viagem para a patria, Venus prepara para os emprehendedores navegantes uma brilhante festa n'uma ilha encantada no grande Oceano, onde as deusas e as nymphas do mar feridas pelas setas de Cupido, se enamoram dos portuguezes, que desembarcam na ilha. O festejo voluptuoso e magico, no qual a deusa Thetis ou Tethis (pois ambos os nomes denotam a mesma divindade), se torna a noiva de Vasco da Gama, proporciona ao poeta a ultima opportunidade de completar sua pintura da nacional gloria portugueza, porque uma nympha profetica relata as mais conspicuas proezas dos commandantes portuguezes na India, e Thetis levando Vasco ao pincaro d'uma alta montanha appresenta-lhe n'um globo magico as posições geographicas dos differentes paizes.

«Todas as objecções, que se podem levantar contra uma composição epica d'esta qualidade são tão obvias, que por um simples esboço do conteudo dos *Lusiadas*, é impossivel comprehender como um poeta, mesmo do mais extraordinario talento, poude formar um todo magestoso e bello n'um plano ao mesmo tempo tão trivial e tão irregular. Porém o plano da composição d'este poema assemelha-se a um palanque, o qual é cercado e encoberto pela bellesa e grandesa do edificio; que serve para encadear as partes n'uma especie singular de união, e com tudo não toma parte em produzir a unidade do effeito. A unidade do effeito, e por conseguinte do poema fica unica e sómente na execução do plano, fóra do qual só um poeta como Camões podia ter creado os *Lusiadas*.

«Porém o historiador da poesia portugueza, que não fôr inclinado a conceder as justas pretenções, que este poema possue da admiração de todos os seculos, deve appresentar a seus leitores uma outra analyse da obra e totalmente differente d'aquella que acabàmos de dar. Um accommodado ensejo se offerece pois de noticiar as bellesas, em que os *Lusiadas* abunda, e as faltas nas quaes não é difficiente.

«As estancias da introducção marcam com sufficiente precisão [1] o tom, que o poema sustenta até seu remate.

As armas e os varões assignalados,
Que da Occidental praia Lusitana
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

[1] «Camões indubitavelmente foi influido pela recordação das *Arma virumque cano* de *Virgilio*. Porém na sua primeira estancia o poeta portuguez allude aos heroes da sua terra natal, sem distinguir algum em particular; e assim logo desde o começo os *Lusiadas* diversifica da Eneida. A segunda estancia faz lembrar Ariosto.»

Digitized by Google

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

«Eis o que é annunciado como assumpto das estancias do poeta. Segue-se então uma exclamação, que tem mais de patriotica, que de poetica, combinada com uma dedicatoria panegyrica ao rei D. Sebastião, contendo não menos de desesseis estancias. A narração, que principia na estancia XIX, abre no meio do curso dos accontecimentos, e n'uma linguagem verdadeiramente poetica. O leitor póde agora facilmente perceber que não deve esperar achar nos *Lusiadas* uma obra escripta no espirito e estylo da antiguidade classica. Mostra realmente um certo grau de elocução, que parece correr contrario ao effeito do epico sublime. Mas ha alguma cousa que captiva nas maneiras enthusiasmadas do poeta; seu patriotismo desperta sentimentos sympathicos; nós esperamos achar no seu poema a producção d'um coração, que transborda; somos encantados com a linguagem natural, elegante e nobre da obra; e apenas começa a narração, o ponto poetico de vista parece egualmente ser fixado. O enredo mythologico, concebido por Camões como sendo indespensavelmente necessario á dignidade epica, fórma uma especie peculiar de ornato, para a qual na verdade o leitor está preparado desde o principio do poema.

«A descripção do conselho dos deuses no Olympo, com a qual abre a narração, ainda que algum tanto em desaccordo com o antigo costume, é todavia agradavel, e não falta de dignidade. Aqui o espirito poetico de Camões é patenteado n'algumas comparações pittorescas, nas quaes elle rivalisa até com Homero. Todos estes similes appresentam a impressão dos poderes do poeta d'uma percepção e representação activa. Ellas nem são excessivamente estudadas, nem vulgares, e abundam em verdade e energia poetica. Na decima quarta estancia, Vasco da Gama é mencionado pela primeira vez, e caracterisado em poucas palavras como um homem de soberbo e de altivo coração, a quem a fortuna sempre favorece. Porém occorrem cedo passagens, nas quaes a luz poetica da representação é totalmente extincta. Passagens d'este genero são depois frequentemente repetidas, sua semsaboria prosaica é mais desagradavel, quando comparada com o profundo espirito poetico, que penetra pelas mais bellas partes da composição. A descripção da primeira refrega entre os portuguezes da frota de Gama, e os mouros traidores de Moçambique fornece ao poeta outro ensejo de desenvolver seu talento na comparação pittoresca. Mas é obvio que seu talento deve ter sido formado sobre o modelo de Ariosto antes, que sobre o de Homero. Occorrem com effeito nas suas descripções do tumulto da batalha algumas imitações da exuberancia de Ariosto, as quaes não se harmonisam inteiramente com o estylo dominante dos *Lusiadas*.

Digitized by Google

«No canto segundo a singularidade do enredo mythologico torna-se ainda mais notavel, quando em Mombaça, na costa de Africa, Baccho toma o disfarce d'um padre christão, e para um altar encantado caminha durante a ceremonia da adoração christã com o fim de enganar os portuguezes. Mas a grotesca applicação do maquinismo n'esta passagem, prepara o espirito para scenas d'um caracter similhante, e assim o effeito comico das partes subsequentes do poema é diminuido pela anticipação. O leitor, que entra no espirito do poeta, torna-se imperceptivelmente acostumado a esta vista da antiga mythologia; e até dentro em pouco se reconcilia com o absurdo de Vasco da Gama offerecer orações como christão á Providencia, e de serem aquellas orações ouvidas por Venus. A descripção de Venus, que uma vez mais intercede a Jupiter pelos portuguezes, parece-se com a descripção de Alcina em Ariosto. Aqui o poeta pela primeira vez patentea sua predilecção pelas pinturas voluptuosas da bellesa. Pode dizer-se que esta encantadora descripção possue um caracter naturalmente classico. O discurso pelo qual o embaixador de Vasco da Gama ganha o rei de Melinde para os interesses dos portuguezes é excellente, e o pomposo encontro do rei com Vasco da Gama a bordo do navio almirante portuguez, é descripto elegante e pittorescamente.

«No principio do canto terceiro uma vida nova é infundida no poema. Porém o intentar um poetico resumo da historia portugueza, de sorte que estivesse em connexão com o todo por qualquer regra de prosaica verisimilhança seria affastar-se do espirito poetico dos *Lusiadas*. Com o fim de emprehender a narração, a qual Vasco da Gama relata ao rei de Melinde, é mister possuir o conhecimento d'aquelles factos, a que se allude, os quaes Camões presume que cada um sabia, mas que com toda a probabilidade não poderiam ter sido conhecidos pelo rei de Melinde. O leitor, que ler esta narrativa sem o necessario conhecimento da historia de Portugal, não poderá apprecíar muitas das mais essenciaes bellesas dos *Lusiadas*.

«Tanto quanto Camões pode ser cognominado Homero Portuguez, é merecedor d'um tal cognome pelo epitome poetico, que deu da historia de seu paiz; e este epitome é uma rapida successão de pinturas, as quaes esvoaçam como sombras diante d'aquelles, que não teem conhecimento dos alicerces historicos de sua obra, pois o poeta evidentemente esperava leitores, que tivessem prazer em observar quanta arte era capaz de elevar os successos da vida real á região da invenção epica. Esta parte do poema, que se estende desde o terceiro até o fim do canto quinto, contem passagens, as quaes no ponto da elegancia poetica nada mais deixam para ser desejado; porém mesmo n'este logar Camões tem n'alguns exemplos feito um prosaico alarde de erudição. Antes da narração de Vasco da Gama, o poeta falla de seu proprio caracter, e patrioticamente eleva a nação portugueza acima de qualquer outra. A narrativa de Vasco começa por uma fria enumeração geographica dos differentes estados da Europa, na qual os suecos, dinamarquezes, prussianos, russianos e livonios são tratados por *estranha gente*, tal e qual como um viajante moderno poderia fallar dos Ostiakos e dos Samoides. Hespanha é cognominada cabeça da Europa, e Portugal a corôa d'aquella cabeça. Vista á luz da probabilidade, as invectivas, ás

Digitized by Google

quaes Vasco da Gama em qualquer ensejo se entrega contra os Mahometanos devem-se julgar offensivas ao rei de Melinde; porém Camões no seu zelo patriotico perdia de vista muitas circumstancias, que deveriam ter despertado a attenção de qualquer outro poeta.

«Entre as mais bellas passagens d'estes tres cantos dos *Lusiadas* podem ser enumerados o tributo á memoria de Egas Moniz, o Regulo Portuguez, o qual todavia, acabou sua carreira mais felizmente do que o consul Romano; a descripção da batalha de Ourique, a qual lançou os alicerces do reino de Portugal; a descripção da visita da rainha Maria de Hespanha a seu pae, o rei de Portugal para implorar protecção para seu marido na sua lucta com os mouros; a relação da tragica sorte de Ignez de Castro, que é a mais celebre de todas as passagens delicadamente bellas nos *Lusiadas*; a descripção da sanguinaria batalha de Aljubarrota, a maior victoria, que os portuguezes jamais ganharam sobre os castelhanos; e algumas outras de egual caracter, que deveriam ainda ser enumeradas. A pintura da batalha de Aljubarrota sobresahe a todas as descripções similhantes, as quaes se encontram nos *Lusiadas*, notavel como este poema é por passagens taes. O valente Nuno Alvares, que por sua eloquencia e pessoal authoridade, não menos que por sua coragem, salvou a existencia politica de Portugal, brilha com tão conspicuo esplendor á frente dos guerreiros portuguezes, que elle com muito maior propriedade do que Vasco da Gama, podia ser denominado o heroe dos *Lusiadas*, fosse esta uma obra, que tivesse de ser julgada conforme as regras usualmente applicadas á poesia epica. Mesmo na pintura d'esta grande batalha, os mais bellos toques são inquestionavelmente copiados da natureza, por quanto o poeta não estava menos no seu logar entre o tumulto da guerra, do que na mais tranquilla região das Musas. Na continuação da narrativa das primeiras descobertas dos portuguezes no Oriente, o interesse particular, que o poeta tomou na allegorica descripção é outra vez desenvolvido de maneira nova. Os dois principaes rios da India, o Indo e o Ganges apparecem ao rei D. Manuel n'um sonho debaixo da personificação de dois velhos. A representação é verdadeiramente excellente.

«Em a narração feita por Vasco da Gama de sua propria viagem as seguintes passagens devem ser sempre distinguidas particularmente; a primeira a descripção dos adeuses da praia aos portuguezes em viagem para a India: a segunda, uma especie de episodio didatico consistindo em reflexões ácerca da vaidade da ambição humana, inteiramente no espirito d'aquella verdadeira poesia, que abraça toda a classe de existencia humana; e em terceiro logar, outra especie de episodio, o qual introduz o gigante Adamastor.

«Na descripção d'esta parte da viagem Camões pela primeira vez toma a liberdade de alliviar a solemne seriedade de sua narração por alguns toques comicos. Fernão Velloso é o gracioso entre os ousados companheiros de Vasco da Gama. Camões tambem uma ou outra vez rompe o poetico tom de toda a descripção com a ostentação de seu pedantismo mythologico e historico, e por suas diligencias para exhibir d'uma maneira poetica cousas que são totalmente prosaicas; como por exemplo, alludindo ao dia da partida da frota, diz:

Digitized by Google

Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento,
E o mundo, que c'o tempo se consume
Na sexta edade andava enfermo e lento;
N'ella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

Canto v, Est. 2.ª

«Estas deformidades algumas vezes são nocivas ás mais bellas partes do poema.

«A parte principal da segunda metade do poema desde o canto VI até o X é offuscada pela primeira metade; e a falta essencial de um interesse crescente, mingua o caracter epico da totalidade. Porém estes ultimos cinco cantos dos *Lusiadas* abundam em pa sagens classicamente bellas; e aquelle genero de unidade, á qual o poeta aspirava, em nenhuma occasião é esquecido.

«A descripção do palacio de Neptuno e as divindades maritimas nas profundidades do oceano é egualmente encantadora e original; ainda que devemos concordar que o retrato de Tritão degenera em grutesco. Com o fim de não omittir nenhuma occasião de entretecer na composição dos *Lusiadas* tudo quanto podesse derramar um lustre poetico sobre o nome portuguez, Camões faz com que Velloso, para entretenimento da tripulação, relate a historia dos cavalleiros portuguezes que, conforme a tradição portugueza, são chamados os Doze d'Inglaterra.

«Na descripção da tempestade que se segue, o poderoso desenho da horrenda borrasca mais uma vez revela o poeta, que tinha pessoalmente passado através eguaes scenas de perigo. O mesmo cunho de verdade é palpavel nas seguintes descripções de objectos indianos, os quaes nenhum grande poeta, á excepção de Camões, tinha esboçado da natureza. O poema não é deslustrado pela longa e energica apostrophe aos poderes europeus, com os quaes principia o canto VII.

«Segundo as vistas que deviam ser tomadas por um christão catholico, Camões foi justificado por exultar a gloria nacional dos portuguezes acima d'aquella das outras nações christãs, debaixo do pretexto que, emquanto os portuguezes por seu valor iam amplificando o dominio da fé catholica, e não tinham por um consideravel periodo intentado guerra contra algum dos estados europeus, aquelles estados estavam lutando uns contra os outros, e mesmo até certo ponto contra a egreja de Roma.

«Para reforçar de algum modo a probabilidade poetica com um facto, Camões introduz no periodo em que começa a correspondencia entre os portuguezes e o principe indiano de Calecut, um moiro chamado Monçaide, cujo destino o tinha conduzido actualmente por terra até á India. Por meio d'este medianeiro que falla hespanhol, e que finalmente se faz christão, os indianos tomam conhecimento do poder das armas hespanholas e portuguezas. Este

Digitized by Google

moiro é tambem o interprete que no canto VIII ajuda Paulo da Gama a explicar as pinturas historicas e bordaduras ao embaixador indiano.

«Em pontos de merecimento poetico este supplemento ao abstracto da historia de Portugal é muito inferior á narrativa nos cantos III e V; porém Camões não podia achar outros meios de conseguir seu fim; pois repugnava-lhe egualmente passar em claro alguma cousa que elle julgasse pertencer ás suas pinturas da gloria nacional portugueza, ou comprimir muitos dos successos dos tempos anteriores n'uma parte de seu poema.

«Nenhuma d'estas descripções historicas, que occupam um largo espaço no canto VIII formam pinturas acabadas; são meros esboços, e são em geral deficientes em ardor poetico; porém o canto IX indemnisa amplamente esta falta. O magico festejo que Venus prepara para recreiar seus amados navegadores depois das fadigas por onde passaram, é audazmente concebido, e encantadoramente executado; e n'esta parte da composição a fantasia do poeta se tem revellado em evidente deleite. Camões, como todos os outros poetas portuguezes de seu seculo, em seguida ao amor de sentimentos heroicos e de todo o energico patriotismo, era amigo de descrever luxuriantemente a paixão do amor. Exceptuando o tragico fim de D. Ignez de Castro, e as provas de Nuno Alvares Pereira na batalha de Aljubarrota, o poeta não escreveu nenhuma parte de seu poema com tão decidida predilecção como a visita dos navegantes á ilha encantada, e a nenhuma outra parte da epopeia é concedido tão grande espaço em relação a todo o poema. Toda a descripção dos preparativos para o voluptuoso festejo, e a do proprio festejo, que começa na estancia XVIII do canto IX, e se estende até o X, é cheia de bellesas pittorescas. Sua grande prolixidade todavia deve, mesmo attendendo ao incorrecto plano, seguido por Camões, ser considerado como um defeito na composição. Mas o leitor, como o proprio poeta, cedo se esquece de tudo, menos da seductora pintura, a qual muitas vezes, e deve ser confessado, mal respeita com rigor os limites do decoro, o que todavia não offende nenhum sentimento elevado, e o que não tem sido excedido por algum poeta mais moderno no mesmo estylo. A primeira idéa da ilha dos Amores, na qual Camões faz com que Venus entretenha os navegantes portuguezes, parece tomada de Ariosto, porém a descripção de Ariosto dos jardins magicos de Alcina mal apresenta um alicerce para as scenas e situações nos *Lusiadas*. Não ha todavia muito motivo para duvidar de que Tasso, quando caminhou nas pegadas de Ariosto a fim de descrever a morada de Armida, se aproveitasse da descripção de Camões. No tom de franca simplicidade com que o festejo é annunciado manifesta-se ainda outra vez o caracter do poeta. Descreve-o como simplesmente um refresco para restaurar as forças exhaustas dos navegantes; algum refrigerio para aquellas fadigas que tornam a vida curta ainda mais curta. Venus no seu carro puchado por pombas desce do Monte Ida em procura de Cupido. Encontra-o com uma multidão de amores empregados em forjar setas.

«A lenha usada n'este processo de forjar é allegorica e declara que os corações são humanos por um capricho, e as setas em brasa são esfriadas em lagrimas.

Digitized by Google

«Cupido e seus pequenos mensageiros encaminham-se a ferir numerosas deusas e nymphas maritimas, de sorte que cada pessoa a bordo da armada de Vasco da Gama ao desembarcar na ilha encantada se achará na situação de um amante feliz. No entanto Venus adorna a ilha com os mais aprasiveis encantos da natureza. Logo que desembarcam não conhecem os navegantes onde estão, porém cedo ficam contentes com a aprasivel realidade sem se importarem da natureza do milagre que os transportou ao céu terrestre. Quando o festejo está a acabar, o poeta pela primeira vez explica o objecto da ficção, asseverando ser uma representação allegorica da felicidade, que é a recompensa da coragem e da virtude.

«Depois d'esta fria maneira de dissolver o encanto, o leitor imparcial sente muito pouco interesse na conclusão do poema. As estancias, nas quaes a nympha prophetica celebra as futuras façanhas dos portuguezes, são fragmentos historicos, cuja ligação deve ser estudada com o fim de formar um justo juizo de seus merecimentos e defeitos poeticos. O supplemento geographico, que é posto na boca de Thetis, é ainda mais frio, apesar da peregrina idéa do globo, que gira no ar, e que engrandece o milagre da leitura geographica. Porém a sympathia do leitor é mais poderosamente despertada pela passagem no fim dos *Lusiadas*, onde Camões falla de si mesmo; cousa de que se tinha abstido desde a precedente parte da obra. Como se aproximava do fim de seu trabalho estava impressionado com a idéa de que nenhuma felicidade terrena o esperava, e agora vê que:

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já me não jacto, nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno.

«Seu coração a isto exhala o epiphonema do poema, consistindo n'uma apostrophe didactica a seu soberano, cheia de lealdade, mas não menos abundante de honesto zelo pela verdade, justiça e virtude.

«Um poema epico tão poderosamente imbuido com intensidade de sentimento e caracter, como os *Lusiadas*, naturalmente traz á lembrança a *Divina Comedia* de Dante, e a *Messiada* de Klopstock. Porém os *Lusiadas* nos apresenta a outros respeitos mais similhança com a *Messiada*, do que com qualquer outro grande poema, no qual as bellesas compensam numerosos defeitos. Os *Lusiadas* apresenta maior similhança com a obra de Dante. Ambos poemas são epicos, se bem que nenhum d'elles é epopea no rigoroso termo da palavra. Ambos são singulares, mas verdadeiramente poeticos na invenção; e em ambos uma caudal corrente da mais pura poesia é incessantemente interrompida por falsa erudição e varias excrescencias prosaicas. Mas com respeito á invenção a *Divina Comedia* é no seu original plano trivial; e apenas se torna grandiosa pelo poetico enchimento das vastas divisões do inferno, purga-

Digitized by Google

torio e paraiso. Os *Lusiadas* é mais poetico no seu exterior, mas não tão rico nas suas partes internas.

«Finalmente, os dois poemas são distinctos pela especie de sentimento que predomina em cada um, e por uma total differença de estylo. Dante introduziu toda a variedade do mundo terrestre, do qual elle tinha perfeito commando, para a mystica região da existencia celeste e subterranea, na qual elle como christão collocou a fé; e todo o plano de seu extraordinario poema tem por objecto a piedosa apotheose de sua amada Beatriz. Camões ardia em patriotismo e heroismo: e para evitar o enfraquecimento do caracter patriotico e nacionalmente heroico do seu poema, pela força de interesse religioso, elle preferiu o introduzir na sua ficção terrestre o céu da mythologia, porque sentia que este lhe suggeria as mais bellas pinturas. O estylo de Dante é por toda a parte energico, frequentemente rude, e sempre caracteristico do espirito do extraordinario escriptor que estava sósinho, e que em grande parte creou mesmo a linguagem na qual exprimiu seus pensamentos. Camões, como Ariosto, foi inteiramente o homem de seu seculo e de seu paiz, facto que é sufficientemente comprovado pelo estylo delicado e luxuriante, o qual em parte tomou por emprestimo de Ariosto, e o qual elle sómente cultivou tanto quanto era necessario para a expressão d'uma epopeia seria.»

***

«A respeito do maior dos poetas portuguezes, na verdade quasi o unico entre elles, que tem obtido alguma celebridade além dos limites de seu paiz natal, todos os escriptores da escola classica de Sá de Miranda (exceptuado Diogo Bernardes) estão silenciosos, prova sufficiente de que elles não o incluiam no seu partido.

«Mas a voz publica da critica portugueza, combinada com a geral approvação nacional, tem-o ha muito elevado acima d'aquelles que despresavam mencionar seu nome, apesar de estarem sempre promptos para se elogiarem mutuamente. Verdade era ser Camões um pobre aventureiro peregrinando pela India, no periodo em que Ferreira, Andrade, Caminha e outros escriptores contemporaneos estavam introduzindo a moda poetica na brilhante côrte de Lisboa. Porém os poemas que elle produzira anteriormente á sua partida para a India, aproximam-no n'um grau saliente das obras classicas de Sá de Miranda; e por isso é provavel que a influencia d'aquella escola e da mais antiga poesia portugueza possa ter operado n'um egual grau sobre seu genio. Esta connexão de Camões com todas as partes na litteratura polida de seu paiz natal, será collocada no mais claro ponto de vista introduzindo-o depois de Ferreira, e antes dos outros poetas que de mãos dadas com o ultimo proseguiram na carreira aberta de novo.

«Assim o genio de Camões, como o primeiro dos poetas portuguezes póde ser considerado conjunctamente com seus meritos como poeta no espirito do seculo em que viveu.

Digitized by Google

1219) **ROSSEAU (JESUÉ)**

E. — *Epitome des histoires Portugaises.* Amsterdam 1714. 4.°

1220) **ROUSSEAU (JESUÉ)** *Histoire de Portugal et des Algarves, qui contient ce qui s'est passé de plus considérable dans ces deux royaumes par—* Amsterdam 1714.

1221) **ROSSI (GIOVANNI GHERARDO DE —)** Direttore della Real Accademia delle Belle Arti di Portugallo in Roma.

E. — *Scherzi poetici e Pittorici.* Roma 1794. *A Sua Eccellema il Signor D. Alessandro de Sousa e Holstein, Conte di Sanfré e Motta Isnardi in Piemonte, Commendatore dell' Ordine Militare de Cristo del Consiglio di S. M. Fedelissima, e suo inviato straordinario e ministro plenipotenciario presso la S. Sede. Parma Co' tipi Bodoniam,* 1795 fol. É uma collecção de estampas e de poesias, cujo assumpto é o amor.

1222) **ROTA (VICENZC)**

E. — *L' Incendio del templo di Santo Antonio di Padova.* Poema em 6 cantos. Roma, 1749. Padua, 1753.

1223) **ROTTECK (CHARLES)** *Spanien und Portugal etc.*

(Hespanha e Portugal, quadro geographico, statistico, e historico da Peninsula.) Carlshue, 1839. 8.°

1224) **ROUGEMONT**

E. — *Raphael d'Aguilar ou les maires Portugais. Histoire veritable du dix huitième siècle.* Paris 1810.

1225) **ROY**

E. — *Illustrations de l'histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1843. 12.°

1226) **ROZIÉRE (MARQUIS DE LA)**

E. — *Relation de la campagne des Prusseens en* 1792. *et de celle de* 1801 *en Portugal.* Ha poucos annos ainda esta obra se conservava inedita.

1227) **ROZMITAL (LEÃO DE)** viajante do seculo XV, e do qual existe uma das mais antigas viagens que se conhecem a respeito de Portugal, com o seguinte titulo: [1]

E.—*Itineris a Leone de Rozmital nobili Bohemo annis* 1465-1467 *per Germaniam, Angliam, Franciam, Hispaniam, Portugalliam atque Italiam confecti.*

[1] Este Leão de Rozmital era barão de Blatria, senhor de Fryenbergh, e conde de Platen, irmão germano de Joanna, rainha de Bohemia, um dos aulicos do imperador Frederico III de Allemanha, denominado o *Pacifico*, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal. Actas da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. 3.°, pag. 45.

Digitized by Google

Stuttgart 1844. É reimpressão de uma obra considerada como uma das maiores raridades bibliographicas.

«A primeira cousa digna de observação no itinerario (diz o escriptor mencionado em a nota da pagina 176) é a serie de passaportes, salvos-conductos ou cartas patentes dos soberanos de cada uma das localidades, de que se acompanhava indefectivelmente o barão de Rozmital; documentos importantissimos, que comprovam o estado de incommunicabilidade e concentração dos povos e das potencias d'aquella edade. Cada um dos estados, como que se limitava a viver dos seus proprios recursos e da sua intellectualidade local; nem a imprensa apenas nascente, nem o commercio, nem a industria, nem as idéas e necessidades d'essa epocha haviam feito, como no tempo actual, uma especie de mercado universal, uma confraternidade tacita entre todas as nações europeas: e os governos defendiam cuidadosamente os segredos de sua administração e de seus meios, não menos do que as leis e os costumes dos povos repugnavam á communicação e livre transito dos estrangeiros. Para a admissão d'estes, quando de maior consideração, e a fim de os isentar dos tropeços, tributos e exigencias sem conto, que, como outras tantas barreiras, lhes fechavam o accesso do paiz, de conselho em conselho, de senhorio em senhorio, era necessario uma ordem soberana que derrogava momentaneamente o direito commum nacional, e fazia calar os interesses das localidades. A prerogativa real era então já assás forte para impôr silencio aos restos do predominio feudal, que ainda conservava divididos os reinos em pequenos estados, encravados dentro dos marcos de denominação senhorial. Todos os salvos-conductos lançados no itinerario são documentos curiosissimos, que raras vezes se encontrarão nas historias geraes: interessantes não sómente pela enumeração minuciosa dos artigos de que libertava os viajantes, como pela pompa realenga e aristocratica do estylo.

«Em todo o itinerario se encontra dominante o espirito de cavallaria e o sentimento religioso, estes dois apanagios da antiga aristocracia. Os dois homens de letras, que acompanhavam o principe de Bohemia vinham mais por ostentação do que por instrucção, á excepção de curtas observações sobre algumas producções agrarias do paiz, e ácerca do aspecto e formação d'elle, quasi tudo o mais que fez o objecto de seus reparos e reflexões se resolvia no que respeita áquelles dois principios dominantes. Assim que a côrte do rei e os monumentos sagrados são quasi exclusivamente a materia de seu escripto.

«Apresentarei agora a traducção das passagens mais notaveis relativas ás cousas portuguezas:

«O rio Douro leva uma grande quantidade de agua, de maneira que em Castella não existe rio algum mais caudaloso que este. Divide Castella de Portugal, de sorte que uma das margens pertence áquelle reino e a outra a este. Quem se dirige para este rio encontra serras altissimas que tornam os caminhos maus. Tanto que ali chegamos o passámos, de cada vez dois homens e dois cavallos, por não haver ali barca que podesse conter mais. D'este rio até Frezio (Freixo?) ha distancia de tres milhas: é uma villa com seu castello vasto e elegante, o qual é a primeira fortaleza que se encontra pertencente ao

Digitized by Google

rei de Portugal para os que vão dos territorios de Castella, situada em logares alcantilados. Em volta d'esta villa e castello estão muitas e bellas vinhas. Freixo dista cinco milhas e meia de Moncorvo (Turrim Montis Corvi).

«Para esta povoação situada em serranias caminha-se por logares asperos e difficeis. Produzem estas serras varias arvores, que nem eu nem algum dos nossos ainda tinhamos visto. Ha seis milhas da Torre do Moncorvo até Abbra (Barca d'Alva?) Esta povoação está situada n'um monte muito alcantilado, de maneira que ninguem lá póde ir a cavallo; ao cume é necessario chegar a pé. Por debaixo d'ella corre o rio chamado Tua. Tambem os caminhos para este povoado são maus e obstruidos. Nos montes visinhos ha uma grande multidão de serpentes, escorpiões e lagartos. São as serpentes curtas, porém grossas, com azas similhantes ás dos morcegos, e as cabeças armadas de ferrões curvos, e costumam voar pelo espaço de dois estadios ou mais. São os escorpiões da grandeza de um mediocre cão de caça, com as costas sarapintadas de varias côres, cousa que nenhum dos nossos ainda tinha visto. Os lagartos não são muito mais pequenos do que um gato, parecidos com este na cabeça e de côr verde. Os que quizerem passar por estes montes teem necessidade de fazer esta jornada na maior força do dia, e terem sempre á mão um contra-veneno, aliás não poderiam passar por causa d'estes reptis venenosos.

«Pois se não se servissem de antidoto contra a mordedura venenosa, morreriam immediatamente, a não ser que cortassem sem a mais pequena demora todo o logar infeccionado por ella. É indispensavel que os viajantes caminhem por estas serras na maior força do sol, como já disse, pelo espaço de dez milhas ou mais, porque a taes horas do dia estão os bichos a descançar escondidos dentro dos penedos e covas. Mas, quando o calor affrouxa, sáem para fóra, e deitam-se nas pedras ou na terra. Teriamos passado com mais prestesa por estes montes, a não ser que occultando-se o sol repentinamente nos vissemos obrigados a metter-nos dentro de nossas barracas com medo dos reptis. Por causa d'estes bichos nenhum gado se póde sustentar nas villas ou povoações situadas por aquelles montes. Pois aquellas serpentes voam muito alto, e arremessam-se de grande altura. Crescem por estes montes arvores taes como se não encontram em nossas terras, algumas d'ellas produzem um certo fructo, que ao partir lança um cheiro muito activo. E tambem ha outras arvores não muito altas, cujas folhas rescendem suavemente. Por estes montes ha tres qualidades de carvalhos; a primeira tem as folhas parecidas com as do cardo; a segunda produz folhas brancas, e pela parte inferior cobertas de uma certa penugem. A terceira, emquanto ás folhas, assimilha-se aos que crescem nas nossas regiões, excepto nas extremidades. Vêem-se tambem por aquellas serras muitas outras arvores e hervas, que se não dão nos outros paizes.

«Passadas estas serras tocamos então pela primeira vez em Portugal. Nas fraldas d'ellas ha uma grande quantidade de arbustos, que produzem uns certos *morangos* (*fraga*) a que se dá o nome de morangos marinhos (medronhos?) No tempo em que ali estivemos, a producção d'elles foi grande. Qualquer pessoa, sem que alguem se opponha, tem permissão de os colher. Estes sitios são

Digitized by Google

abundantes de amendoeiras, vinho de uvas seccas (*vino passo vel arefacto*), ao que entre nós se dá o nome de vinho grego. E apesar de não terem nenhumas minas de oiro ou prata, são todavia riquissimas em todas as demais cousas, em troca das quaes importam dos paizes estrangeiros abundancia de oiro e de prata.

«De Barca d'Alva a Villa Pouca (*¿Alebra Paucam*) ha sete milhas: esta povoação está situada entre montes. O caminho para ella é pelo meio de grandes serras, onde raras são as arvores, á excepção de castanheiros. De Villa Pouca a Mondim de Basto (? Varco deboule) ha o espaço de seis milhas.

«É uma villa, cujas casas estão distantes umas das outras um estadio.

«O caminho para esta povoação é por montes altissimos e extensissimos, de modo que nenhuns outros, por onde nos foi necessario passar, se podem n'isto comparar com aquelles. Por entre estas montanhas corre um rio, por nome Tamega (Tameca) sobre o qual está lançada uma ponte muito alta. Abaixo d'esta ponte mistura-se com este outro rio sem nome, tendo tambem sua ponte. Navegando pelo espaço de seis milhas contámos sessenta e dois riachos, que vão desaguar n'este rio, tendo aguas purissimas e abundantes de trutas. De Mondim de Basto (Varco debonle) á Povoa de Lanhoso ha seis milhas: esta povoação é dominada por um castello abandonado. Por estes montes observam-se alguns castellos despresados, e tão sómente habitados pelos camponezes que passam sua vida lavrando e semeando em volta d'elles. Por não haver pelo espaço de algumas milhas terras proprias para lavoura, por isso o povo passa por estas serras uma vida apoquentada e mesquinha. Para os que se affastam d'esta povoação, apparece ao lado um templo entre montes, no qual foi sepultado S. Domingos (S. Gonçalo d'Amarante?) e ali vimos seu sagrado corpo.

«A povoação de Lanhoso fica distante d'este templo quatro milhas, por entre a qual corre o rio Ava (Ave?).

«De Lanhoso a Braga são duas milhas. Tanto a cidade como o castello está situado entre montes. Diz-se que o apostolo S. Thiago não estivera distante d'ella trinta milhas grandes.

«N'esta cidade tem sua residencia o arcebispo de Portugal. Em nenhuma outra parte vimos como aqui tantas arvores, que produzem laranjas, limões, romãs, e outras de diversas especies, e até hervas nunca por mim vistas.

«Nas proximidades e nas muralhas d'esta cidade cresce a hera. A villa de Guimarães (*Gimarantium*) assás grande, dista de Braga tres milhas. D'esta cidade para aquella villa caminha-se por uma estrada montanhosa e ingreme, e pelos caminhos nasce por toda a parte a salva (*salva minor*) e o poejo (*pulegium*).

«Em Braga encontrámos o rei de Portugal, que recebeu honrosamente ao sr. Leão de Rozmital, e a toda a sua comitiva, pois trouxera cartas para o rei de uma irmã carnal do mesmo rei, mulher do imperador, escriptas por sua propria mão.

«Conservámo-nos n'esta cidade oito dias. E quando estavamos para sahir d'ella, indo-nos despedir do rei, este conversou com o senhor mui attenciosa-

Digitized by Google

mente. Sei que tu és da mais elevada nobreza, e por isso te rogo que para honra nossa e do nosso reino nos peças alguma cousa que te agrade, e nós havemos de satisfazer aos teus desejos.

«Ouvidas palavras taes, o senhor dava grandes agradecimentos ao rei, e lhe pedia que á vista da honra e da benevolencia com que era tratado, lhe désse dois pretos *(Aethiopes)*. O irmão do rei que se achava presente, ao ouvir um tal pedido, dava gargalhadas e dizia: Amigo, pede cousas mais importantes e decentes do que esses pretos. Mas, como sómente pedes isso, rogo-te que accrescentes a esse um outro presente meu, que é um macaco *(Simiam)*, e assim presenteado excellentemente voltarás para a tua terra. Talvez que no teu paiz não tenhas nem pretos nem macacos. Dizendo o senhor que eram raros: Entre nós, porém, replicou o duque, ha grande abundancia d'essas cousas. Este rei, meu irmão, possue tres cidades na Africa, para a qual região costuma mandar annualmente um exercito, e nenhuma expedição por pequena que seja, volta tão leve, que não traga perto de cem mil pretos ou mais, de toda a edade e sexo. E todos são vendidos á maneira de carneiros. Pois está em costume reunirem-se homens de outros paizes e virem compral-os aqui. Em cuja venda o rei colhe maiores lucros do que em todos os tributos do seu reino, pois o mais pequeno preto é vendido por doze ou treze moedas de oiro *(aureis nummis)*, e sendo de mais edade por muito maior preço. E é costume quando alguem alcança um preto robusto, e proprio para o trabalho, ter o cuidado de mandal-o baptisar, e não o vender ou ceder senão no caso de o dar de presente a algum amigo. Porém, emquanto não estiver doutrinado para o baptismo tem permissão de o vender por aquillo que puder.

«Tendo nós sahido do palacio do rei, este mandou dar ao senhor dois elegantes cavallos, a que chamam ginetes (Janettos), que em ligeiresa e velocidade difficilmente qualquer outro paiz dos christãos os produzirá eguaes, e mandou o presente para a nossa hospedaria, e n'ella pagou todas as nossas despezas

«Partindo de Braga chegámos a Ponte de Lima, que está situada entre serras, e a cinco milhas de distancia d'aquella cidade. Os que se dirigem para esta povoação teem de passar pelo rio Cávado, o qual corre perto de Braga, sendo uma ponte não muito extensa. Porém aquelle rio que passa por Ponte de Lima tem o nome de Lima: este tem tambem uma ponte de cantaria bem extensa. Esta povoação é cercada de uma muralha de pedra, e tem algumas torres de fórma quadrada da mesma pedra. De Ponte de Lima a Valença ha a distancia de cinco milhas. Esta ultima povoação não é muito grande, ergue se sobre um outeiro situado entre montes, e é regada pelo rio Minho.

«Este rio que se vae perder no mar, separa Portugal da Galliza, na qual provincia jaz sepultado S. Thiago. Tanto na ida para S. Thiago, como na volta passámos este rio. O castello e a cidade estão situados na margem opposta que tem o nome de Tuy, pertencentes ao dominio de um certo cavalheiro a quem os que desejam visitar a egreja de S. Thiago são obrigados a pedir um passaporte ou salvo conducto, como lhe chamam. Quem se dirige para Valença tem de passar por um monte altissimo e escabroso, intransitavel para cavallos, e sendo os logares mais elevados muito difficultosos, mesmo para quem vae a pé.

Digitized by Google

«Por isto fomos obrigados a levar os cavallos por duas milhas rodeiando sempre o monte, por sitios em que o caminho é tão mau e ingreme que peor não póde ser. Em Tuy está sepultado S. Pedro de Sala, que n'outro tempo resplandeceu muito em milagres, e prestou muitos auxilios áquelles que se punham a caminho com o fim de visitarem seu sepulchro.

«De Tuy a Redondella ha a distancia de cinco milhas: esta povoação não é grande: está situada entre montes, e perto do mar. Ao partirmos de Redondella se nos mostrava á direita o reino da Escocia, que jaz perto do mar, situado defronte da Inglaterra. Os escocezes de ha muito fazem sempre guerra aos inglezes. Não tem e ta terra rei, mas sim um duque (ducem) ao qual obedece e está sujeita; este tambem nós vimos.

«Junto a Redondella ha um mosteiro dedicado a S. Simão, situado n'um logar cercado pelo mar. Os que se dirigem para Pontevedra, povoação proxima da estrada de S. Thiago, encontram uma ponte não muito extensa, construida de pedra. Entre Redondella e Pontevedra ha tres milhas de distancia. Esta povoação é forte e grande.

«D'este logar até S. Thiago ha dez milhas de distancia. Fomos dez dos nossos a pé para S. Thiago, indo o senhor comnosco, umas vezes a pé, outras a cavallo. Tendo nós encontrado soutos por estes sitios, um pagem (puer) do senhor atirava pedras aos castanheiros, como via praticar aos indigenas; os quaes costumavam atirar longe, e a grande altura taes pedras. Desejando o pagem rivalisar n'isto com elles, atirava-as para diversas partes quando desacautelado feriu, fazendo sangue a um certo homem que, sem nós sabermos, estava por detrás de uma arvore. Este fallava muito irritadamente comnosco por meio de Haroldo, ameaçando-nos com o castigo d'esta acção. Haroldo respondeu-lhe: Meu homem não te impacientes tanto por um tal acontecimento, sabendo tu que este mancebo praticou uma tal cousa ignorando que estavas ali, pois não te via. A estas palavras nos fomos embora. Perto d'este caminho havia uma estalagem para onde os perigrinos se costumavam dirigir com o fim de comerem ou de beberem, pois pelo espaço de cinco milhas não havia castello algum ou povoação.

«Na vinda de S. Thiago, caminhando um dos nossos a pé outros a cavallo, tendo nós chegado a esta estalagem, encontrámos ali perto de cem homens armados de espadas, lanças, balistas e arcos de ferro, que reunidos queriam vingar aquelle que tinha sido ferido pelo pagem, e nos atacaram. Então o nosso Haroldo lhes fallava em lingua gallega, dizendo: Então por causa de vingardes uma tão ligeira ferida quereis matar-nos a todos? Não sabeis vós quem é este senhor, que viaja por estes paizes com o fim de ver os palacios dos principes e senhores, como é proprio de uma pessoa tão distincta? Sabei portanto que se nos matardes, não haveis de ficar impunes como pensaes. Ao ouvirem taes palavras perto de cincoenta d'entre elles se afastaram, e tomavam conselho a respeito d'este negocio, ficando os restantes em volta de nós. Porém o senhor fallando com os seus lhes dizia: Amigos carissimos, bem estaes vendo que elles se reuniram com o fim de nossa perda. Pelo que, se o caso chegar a esse ponto, resistamos-lhes fortemente até nos matarem, visto não haver entre elles

Digitized by Google

logar para supplicas. Tomae pois o meu exemplo, e segui-me quando eu avançar contra elles, se as circumstancias assim o exigirem. Se formos mortos por elles, conservar-se-ha com tudo o nosso nome, e a immorredoura gloria do valor até ao fim. Aquelles, porém, tendo conferenciado entre si, passando depois a fallar com Haroldo lhe disseram: Participa a esse excellente senhor que nós não queremos fazer alguma violencia ou a elle ou á sua comitiva, que nos esquecemos de tudo quanto aconteceu, e estamos promptos a acompanhal-o até á hospedaria se deseja que o sigamos. D'este modo nos retirámos d'elles sem nos fazerem mal algum.

«De Pontevedra a Padrão ha seis milhas. Esta povoação é banhada por dois rios em diversas partes, um dos quaes por nome Ulla tem uma ponte, e o outro nem ponte nem nome. Este é navegavel desde Padrão até S. Thiago. Tem este logar um castello por nome Rotyaplanta, o qual se diz ter habitado uma rainha pagã no tempo em que na Galliza prégava o Evangelho o apostolo S. Thiago. Esta era crudelissima n'um tal ponto que pela feresa facilmente a conhecerias ser gentia.

«N'esta povoação prégou o apostolo S. Thiago um anno inteiro, porém a ninguem, com excepção de dois homens, poude converter á fé de Christo. No alto da povoação está situado um templo n'um monte em que prégava S. Thiago, e um grande rochedo está junto d'elle, que tem uma gruta de entrada difficil. Chama se este *rochedo de S. Thiago*, porque o santo costumava prégar n'elle e no templo.

«Quem entrar n'esta gruta com espirito religioso alcança o perdão de muitos peccados. N'esta tambem eu estive, Buriano, Konesekio com seu irmão, Petipescense e Mirosio. João Zehroviense ao entrar n'ella ensanguentou-se e ennegreceu-se a ponto de o tirarmos com difficuldade, pois a entrada era muito apertada. O que vendo o senhor, que tambem n'ella queria entrar, cedeu do seu proposito.

«Aos que entrarem n'esta caverna concede o summo pontifice a remissão de muitos peccados. Pois S. Thiago quando prégava, ao atirarem lhe os gentios com pedras, costumava refugiar se dentro d'ella.

«No monte em que prégava está levantado um templo á Virgem Maria. Outr'ora S. Thiago, sendo ferido pelos gentios com varadas e pedradas, muito debilitado pelas pancadas, e abrasado n'uma ardente sêde, orava a Deus, dizendo: Meu Deus! Tu bem sabes que eu pacientemente soffro todas estas cousas por tua causa, olha portanto para mim e dá-me humidade com que humedeça minha lingua.

«Apenas proferiu estas palavras, pegando no seu bordão, bateu na terra, e immediatamente d'aquelle logar, em que batera, brotou um ribeiro de agua purissima com a qual se podia mover uma roda de moinho. N'este sitio foi construida uma elegantissima fonte, da qual costumam beber os peregrinos que frequentam estes logares.

«Porém S. Thiago na Galliza, afflicto com muitas contrariedades, não as podendo soffrer por mais tempo, retirou-se para outros paizes, isto é para Jerusalem.

Digitized by Google

«Ahi prégando a Christo, e esforçando se por levar os judeus á fé christã» sendo preso por Herodes, foi-lhe cortada a cabeça co n uma fouce de segador, a qual fouce ainda se vê presa ao altar na egreja de S. Thiago, onde foi sepultado seu sagrado cadaver. Porém seu corpo foi levado occultamente pelos discipulos e lançado n'um barco que estava na praia. Um anjo vindo para estes dirigia a navegação do barco, e immediatamente uma estrella brilhando por cima d'elles, com seu resplendor lhes mostrava o caminho até á villa de Padrão, onde antes tinha prégado, a qual dista quatro milhas do logar em que agora jaz.

«Como tivessem pois subido pelo rio, que se chama Sar, puzeram na praia seu sagrado corpo n'uma certa pedra, a qual nós todos vimos, e em que ainda ha impressos vestigios do seu corpo, e estão de tal fórma, como se hoje tivessem sido feitos.

«Sabendo o summo pontifice que os peregrinos quebravam de todos os lados esta pedra, teve cuidado de a mandar metter na agua, e de que se fizessem degraus do mesmo material, pelos quaes se lhe podesse chegar sem ser vista. Foi ella bem profundamente mettida na agua, porém d'aquelles degraus, correndo pelo meio uma agua purissima, póde ser vista com facilidade. Estavam presentes os ministros da rainha Lupa quando o barco chegou á praia, e indo ter com ella ao castello lhe annunciaram que S. Thiago, o qual tinha por aquelles sitios prégado e seduzido o povo, fôra trazido.

«Depois d'isto os discipulos de Thiago, estando a rainha no castello, lhe pediram que lhes désse bois ou mulas, das quaes se servissem para a conducção do corpo do Santo para o logar que a estrella lhes indicasse.

«Esta rainha, que em deshumanidade e feresa, principalmente contra os christãos, excedia a todos os mortaes, sustentava um dragão cruel e feroz, ao qual lançava os que ella queria que fossem mortos, e immediatamente por elle eram despedaçados. Tinha tambem dois toiros muito ferozes, aos quaes expunha tambem aquelles contra quem maquinava a morte.

«As feras matavam promptamente a quem apanhavam, de maneira que ninguem ousava approximar-se. Por isso mandou que estes discipulos de S. Thiago fossem primeiramente levados para o dragão: Ide alı, disse ella, e tomae cavalgaduras em que o conduzaes. Os discipulos tendo sido levados ao dragão para serem mortos por elle, não só nenhum mal receberam, mas o que é para admirar, foram respeitados pela fera, agachando-se na sua presença, o que causou grande espanto aos circumstantes. Sabendo isto a rainha admirava-se tambem grandemente, porque d'antes todo e qualquer que fosse deitado ao dragão, era no mesmo instante devorado por elle.

«Não tendo pois acontecido o que ella esperava, mandou-os deitar aos touros, dos quaes ninguem ousava approximar-se. Estes ao verem os discipulos ficaram atterrados. Porém os homens, que lhes desejavam mal, de novo foram contar á rainha o que se tinha passado. Esta atterrada e confundida com prodigios taes abraçou a fé de Christo com todos os seus, depois mandou que aquelles touros fossem dados aos discipulos de S. Thiago, que tendo-os acceitado conduziram o sagrado corpo para onde a estrella indo na frente os guiava.

Digitized by Google

Depois de chegarem áquelle sitio, ficando a estrella immovel, e parando tambem os touros espontaneamente deposeram o corpo n'aquelle local, em que ainda hoje se conserva sepultado. Alli os pagãos, vendo muitos e espantosos milagres obrados por S. Thiago, se convertiam á religião de Christo em nome do santo, e alli fundaram um templo dedicado ao seu nome, que tão famoso se tornou, que até a povoação dominada por aquelle monte, deixando o antigo nome de Compostella, se arreia com o de S. Thiago.

«De Padrão a S Thiago ha quatro milhas de distancia. O caminho por alli é montanhoso, junto do qual, debaixo d'uma tilia de peregrina belleza e altura, borbulha uma fonte, d'onde costumava beber o mesmo santo, quando descançava debaixo d'esta arvore. D'aqui á povoação de S. Thiago ha de distancia uma milha. Debaixo d'esta arvore tambem nós descançamos e bebemos da fonte. E corre fama de que as pessoas que beberem d'esta agua, estão livres durante todo aquelle anno de perigo de febres pela divina protecção do Santo.

«Partimos depois para S. Thiago. Esta povoação jaz entre serras. É grande bastante, e cercada sómente d'um muro. D'uma parte da muralha brota uma grande abundancia de violetas amarellas (*violae luteae*), de modo que são vistas de longe, e da outra cresce pelas muralhas herva, que a cobre como um bosque. Um fosso muito baixo circumda a cidade, e torres quadradas, construcção de antiga data, distantes entre si um pequeno intervallo, coroam por todas as partes os muros.

«Chegámos a S. Thiago n'uma terça feira, a qual precedia a celebre festividade da A sumpção da Virgem Santissima.

«N'esta occasião, estando a cidade tomada, era cercado o templo, em que está sepultado S. Thiago. O arcebispo tinha sido captivo antes [1] com alguns sacerdotes d'esta egreja em numero de vinte. Porém a mãe e um irmão do mesmo, fechadas as portas de dentro do santuario res stiam ao cerco. Tinham porém sido excommungados pelo papa aquelles que cercavam a cidade, e todos quantos cercavam o templo, e tambem todos os padres da Galliza por terem o arcebispo e conegos em prisão. For este motivo não se celebrava nenhuma missa em toda a provincia, nenhuns meninos eram baptisados, e os corpos dos defuntos jaziam por enterrar, pois toda a provincia seguia o partido do senhor que estava cercando o templo.

«Tendo nós alli chegado, por causa d'aquella guerra e discordia, não podemos entrar na egreja até ao terceiro dia em que alcançamos licença do barão que a cercava. O proprio senhor fallando com este lhe pedia que o não prohibisse, no caso de poder alcançar licença dos que estavam senhores do templo, de ser admittido n'aquelle logar, em que S. Thiago fôra enterrado. Pois que visitando os palacios dos reis e dos principes christãos, e viajando tambem por muitos paizes pagãos, tivera ido áquelle logar como piedoso, ver

[1] Os fidalgos estavam n'este tempo levantados contra Henrique IV, rei de Castella, e tinham posto cerco ao arcebispo, que dentro se defendia. J da Cunha Neves e Carvalho Portugal. Actas da A. R. das Sciencias de Lisboa, vol. III, pag. 52.

Digitized by Google

aquelle sitio, em que os ossos de S. Thiago tinham sido enterrados. E que elle e seus companheiros todos, havia já muito tempo, que ardiam em desejos de verem com seus proprios olhos aquelle logar. A quem elle deu em resposta: Amigo, intendo e vejo que és um varão excellente e nobre, e principe d'algum outro paiz, pois me chegou fama de ti, antes de chegares á minha presença. Porém pelo que diz respeito ao que pedes, o seres introduzido n'aquelle santuario, sabe que lá serás admittido; porém é duvidoso se te darão licença para sahires. Por quanto estão de posse d'aquelle templo, a mãe, mulher scelerada, e o filho, que lhe não é dissimilhante, os quaes não teem nenhum homem bom ou forte, que faça caso de seu bom nome e fama. Pelo que não te persuado a que vás ter com elle. Então este dispersuadia o senhor por esta causa, por ver que no caso de ser lá introduzido, a mãe e irmão do arcebispo haviam de accusal-o, porque damnadamente e contra o direito, tinha prendido o arcebispo seu senhor, ao qual se tinha sugeitado, e se tinha apoderado da cidade do mesmo e de muitos castellos.

«Tendo porém nós sido introduzidos, primeiramente se nos apresentaram alguns homens militares, que receberam benignamente o senhor e toda sua comitiva. Depois adiantando-se a mãe com seu filho, deu os parabens ao senhor pela sua chegada a salvamento accusando aquelle, que tinha prendido o arcebispo, e aggredido aquelle celebre logar, como se quizesse dar cabo das sagradas reliquias. Depois disse ao senhor: Amigo, sabe que estás excommungado, pois os que conversam com aquelles homens, ou com elles comem ou bebem, são réus do mesmo crime, que aquelles que lhes dão ajuda. E isto era notorio.

«Á vista d'isto fomos levados para uma especie de castello, situado defronte da porta do templo, para o qual costumava correr agua d'um logar superior por meio de tubos; porém então não a tinha por ter sido cortada pelo inimigo. Ahi tendo nós sido obrigados a descalçar-nos, e a pormo-nos de joelhos o legado sahio do templo, trazendo uma cruz preta alçada, com um acompanhamento de padres e estudantes, os quaes pondo-se em frente do templo n'uma tribuna de pedra, que ao pé da porta d'elle tinha sido feita, e para onde se subia por degráos de pedra, cantavam; e estiveram psalmodiando por muito tempo, expiando-nos, e absolvendo-nos do anathema. Depois de ab olvidos desceu o legado, e tomando um cinto bateu com elle uma vez primeiramente no senhor, e depois em cada um de nós.

«Em seguida elle mesmo levantou o senhor, e mandou que nos levantassemos, e entrassemos no templo com os pés descalços. Alli os sacerdotes com signaes de respeito mostraram ao senhor e a nós todos quantas reliquias existiam n'aquella egreja. Primeiramente se nos mostrou o sepulchro de S. Thiago no qual foi sepultado, construido no mesmo altar. Junto d'este altar observa-se a fouce, com que foi cortada a cabeça do Santo, presa do altar com uma cadeiasinha de ferro. Em cima d'este sepulchro dizem-se missas diariamente. Os sacerdotes d'este templo são d'aquella ordem, a que chamam conegos, como no templo de S. Wenceslau no castello de Praga. Depois nos foi mostrado o bordão, o qual mettido dentro de outro de chumbo, está suspenso do altar.

Digitized by Google

Porque os peregrinos o iam cortando aos bocadinhos, a ponto de ter sido todo dilacerado por elles, por isso mandou o summo pontifece mandasse á pressa que fosse coberto de chumbo. D'elle nada mais póde ser visto, do que o ferrão na parte inferior, o qual póde ser tocado com as mãos.

«Depois nos mostraram a cabeça de S. Thiago menor, por cognome Alpheo, um espinho da corôa de Christo, e um pedaço do Santo Lenho. Observamos tambem muitas outras reliquias do Santo, que só patenteam no anno do jubileu.

«Em seguida com os nossos proprios olhos vimos o estandarte de S. Thiago do qual usaram os christãos ao travarem peleja com os gentios. É de côr vermelha, e n'elle está pintada a imagem do Santo, montado n'um cavallo branco e vestido com vestes brancas.

«No cavallo e capacete do cavalleiro se veem pintadas as conchas ou vieiras, que costumavam levar nos chapeus os peregrinos. Porém aquelle estandarte está quasi consummido pelo tempo. Contavam os sacerdotes, que, na primeira vez, em que se travou peleja com este estandarte, sómente treze mil christãos, os quaes se tinham convertido á religião christã depois da morte de S. Thiago, com o auxilio divino e com o de S. Thiago, tinham derrotado cem mil gentios, que foram postos em fugida. E que n'este combate apparecera S. Thiago vestido de roupas brancas, montado n'um cavallo branco, como estava representado n'aquelle estandarte, e que tivera isto acontecido depois da morte de S. Thiago.

«Foi-nos depois mostrada a cadeia, com que o Santo foi preso. Está esta presa a uma columna, que se encontra indo para o côro de pedra. É aquelle templo vasto, porém em geral escuro e triste no interior, circumdado de oito torres, quatro de fórma quadrada, e quatro redondas. Uma d'estas acha-se levantada no angulo, não longe da entrada do templo, junto da referida tribuna de pedra elevada.

«Fóra da cidade vê-se um templo situado sobre um outeiro, dedicado a S. Domingos. Ha tambem outra egreja fóra da cidade, contigua ás mesmas muralhas, na qual os peregrinos ou as pessoas necessitadas, se por acaso alli morrem, são enterrados.

«De S. Thiago até Estrella obscura (Stellam obscuram) ha de distancia quatorze milhas, porém pequenas, as quaes podem ser andadas n'um dia.

«Porém aquelle logar é chamado de outra maneira pelos indigenas, isto é, Finis terrae.

«Os que se dirigem para aquelle logar, observam quasi no meio do caminho um navio com remos e amarras, e os demais apparelhos nauticos.

«Dizem que n'aquelle navio embarcára Deus com sua mãe, e desembarcando d'elle, subiram áquelle monte, e alli fundaram um templo á Virgem Maria, o qual ainda existe.

«Por baixo d'este templo fica uma aldeia grande, chamada Finisterra, pois além d'ella nada mais ha, do que agua e mar, cujos limites ninguem conhece senão o proprio Deus.

«Está, porém, escripto nos annaes d'elles: que um dos reis de Portugal man-

Digitized by Google

dára construir navios, e os enchera de todas as cousas necessarias, e pozera em cada navio doze escreventes, provendo-os de viveres para quatro annos, para que d'aquelle logar navegassem pelo espaço de quatro annos atè o mais longe possivel, e lhes mandou escrever o que vissem, os paizes desertos a que chegassem, e finalmente os contratempos que no mar experimentassem. Estes portanto, segundo nos foi contado, tendo sulcado o mar pelo espaço de dois annos completos, chegaram a umas certas trevas, das quaes sahindo, passado o espaço de duas semanas, aportaram a uma ilha. Alli, chegados os navios á praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construidas, abundantes de ouro e prata, das quaes com tudo não se atreveram a tirar nada. Por cima d'estas casas havia hortas e vinhas. (Tambem isto se vê na França.)

«Sahindo d'ellas, [1] demoraram se na ilha perto de tres horas, consultando entre si o que deviam fazer? Se deviam levar alguma cousa, ou não? Um d'elles disse: Minha opinião é que não tiremos d'aqui nada, pois é incerto o, que disso pode resultar. Tendo pois tornado a embarcar, depois de terem outra vez navegado por bastante tempo, viram ao longe o mar erguer-se em grandes escarceus, como montanhas, as quaes pareciam chegar até ás nuvens pelo que grande pavor se apoderou de todos, como se tivesse chegado o ultimo dia do juizo. Por isso todos tres navios pararam, e consultando uns com os outros, diziam os embarcados: Já vemos até onde chegamos, o poder divino se nos manifestou: tomemos por isso conselho sobre o que é melhor fazer, se penetrar n'aquelle rugido das ondas, ou retroceder? Então alguns d'aquelles disseram: Como seria avaliada esta nossa retirada? Que cousas, e que prodigios contaremos a nosso rei, que nos enviou para explorar? Examinemos antes que rugido seja esse das ondas. Mandaram por consequencia que dois navios o fossem explorar, e que o terceiro permanecesse no logar em que estavam, dizendo: «Vamos nós observar aquellas ondas; vós permanecei aqui; se ao quarto ou quinto dia não tivermos vindo ter comvosco, tende por certo que morremos.» Ao dizerem estas palavras dirigiram-se para aquellas ondas com os dois navios. Porém os homens da terceira embarcação, tendo esperado pela vinda dos outros até o dia decimo sexto, ignorando o que lhes teria acontecido, voltaram com grande susto no fim de dois annos para Lisboa, que é a cidade capital, e a mais sumptuosa do reino de Portugal. Tendo entrado no porto sahiram-lhe ao encontro os moradores d'ella, perguntando-lhes quem eram, e de que paiz vinham?

«Respondiam elles serem os que o rei tinha enviado para explorarem os confins dos mares, e para escreverem os prodigios que lá tivessem observado. Então alguns diziam: Caros amigos, tambem nós estavamos presentes, quan-

1 «Entre as narrações curiosas, que circulavam no seculo decimo quinto, relativas aos mysterios encerrados na extensão do Oceano, ha um que foi alterado frequentemente e o qual uma politica ciosa gostava de repetir aos estrangeiros desde a mesma época, em que os navios de Portugal sulcavam os mares africanos. Esta legenda tão curiosa foi contada no seculo XV a um viajante allemão, Rozmital, irmão da rainha Joanna de Bohemia, que nol-a conservou na sua ingenuidade primitiva.» Ferdinand Dinis, *Le Portugal*, pag. 80.

Digitized by Google

do o rei mandou aquelles navios, porém não enviou para ali homens da mesma fórma de corpo que vós, porque, apesar de serdes rapazes de vinte e seis annos, estaes todos brancos.

«Era isto um grande milagre de Deus, porque estes tinham parentes na cidade e nos arrabaldes d'ella, e comtudo não eram reconhecidos por nenhum d'elles, pois estavam tão alvos que pareciam arvores cobertas de neve no tempo do inverno.

«Sendo taes cousas participadas ao rei de Portugal, admirava-se muito este de haverem elles envelhecido tão depressa, não tendo andado por mar mais que dois annos, e dizia: Tudo na verdade dizem provavel e verosimil, tanto a respeito de terem sido enviados, como ácerca de tudo mais; porém póde ser que tendo encontrado os navios matassem os nossos: sejam pois interrogados a respeito das ordens que de nós receberam, pois lhes mandámos que depois de levantarem ancora de Stella Obscura, a quaesquer ilhas ou desertos que chegassem, ou quaesquer perigos pelos quaes passassem no mar, tudo isso escrevessem e annotassem, e para tal fim lhes demos trinta e seis escreventes, doze para cada navio.

«Sendo chamados á presença do rei, este lhes diz então: Caros amigos, por que se dá o caso que tendo nós enviado tres navios, apenas um voltou? Responderam elles: Clementissimo rei, tudo relataremos com verdade á tua magestade[1]. Tendo recebido doze escreventes para cada navio com o fim de escreverem tudo quanto vissemos no mar, e tendo levantado ferro sulcámos os mares por quinze mezes inteiros, dentro do qual tempo, como julgâmos, passámos seis mil leguas, pois não fomos retardados por embaraço ou impedimento algum, e tivemos ventos os mais prosperos. Em seguida, pouco mais ou menos seis mezes depois de nossa sahida, chegámos a sitios do mar tenebrosos e obscuros, passados os quaes, no espaço de duas semanas, chegámos a uma certa ilha, que tinha de largura e comprimento tres milhas. N'ella desembarcámos e a fomos visitar por tres horas. Ali achámos casas elegantes debaixo da terra riquissimas em oiro e prata, mas sem habitadores, das quaes nada trouxemos. Ao vermos aquillo, reunimo-nos e dissemos: Já encontrámos grandes e inauditas riquezas; porém se d'ellas tirarmos alguma cousa, ignoramos o que depois nos acontecerá. Então alguns dos nossos diziam: O nosso voto é que d'aqui nada tiremos, porém a toda a pressa nos embarquemos, para assim evitarmos algum perigo. E tendo-nos embarcado, nos afastámos d'aquella ilha, sem experimentarmos adversidade alguma[2].

[1] N'aquelle tempo os reis de Portugal não tinham o tratamento de magestade.

[2] «Através d'esta tradição e suas circumstancias, quem não vê aquelle maravilhoso e phantastico das imaginações que precederam ou acompanharam nossos primeiros descobrimentos maritimos! Quem não percebe por entre a composição concertada d'esta narração aquellas mesmas desculpas dos primeiros navegantes do infante D. Henrique, de que nos deixou interessante memoria. Azurara na Chronica de Guiné, quando recuavam ao aspecto do mar tenebroso, do fervedouro das aguas, das ondas e escarcéus erguidos nos baixos e restingas do Cabo Bojador.» João da Cunha Neves e Portugal. *Actas da Academia*, vol. 3, pag. 56.

Digitized by Google

«Sahindo nós d'ali, e sulcando o mar por longo tempo, chegámos ás mesmas trevas. Tendo ali parado, consultavamos se deviamos entrar n'ellas ou retroceder; alguns diziam que se não devia tornar para traz, pois não era para isso que tinhamos sido enviados pelo rei, mas sim para observar até onde era permittido ir, e o que encontravamos. Foi portanto resolvido animosamente introduzirmo-nos n'aquellas trevas. Entrando pois n'ellas ali navegámos por algum tempo até que chegámos a mar patente e claro. Como o tivessemos achado, vimos d'ahi a algumas milhas erguerem-se enormes vagas, cujos pincaros pareciam tocar o ceu, e ellas retumbavam com tão grande fragor e mugido, que nós todos consternados com grande pavor julgavamos estar chegado o ultimo dia. Então nós aconselhámos uns com os outros, se nos haviamos de introduzir n'aquellas ondas, ou se seria melhor voltar para traz? Tendo-nos interrogado reciprocamente a este respeito, os que estavam nos outros dois navios nos disseram: Vós conservae-vos aqui com o terceiro navio, e nós nos approximaremos para de mais perto observarmos o que seja aquillo; esperae até ao dia quarto, se até então não tivermos voltado, tende por certo que morremos. Nós, porém, tendo por elles esperado n'aquelle logar por dezeseis dias, como não tornassem, com medo não ousámos navegar mais além, mas nos fizemos de véla para traz, para Lisboa d'onde tinhamos ido. D'esta fórma, e não d'outra, foram por elles referidas estas cousas ao rei de Portugal, como aqui são narradas.

«De Finisterra, que se chama Estella obscura, voltámos pelo mesmo caminho outra vez para Braga, onde anteriormente tinhamos encontrado o rei de Portugal.

«De Braga a Guimarães ha tres milhas. Esta villa estanceia em montes, tendo duas fortalezas, sujeitas ao dominio d'um certo conde que era muito rico, e é considerado como um dos primeiros entre os fidalgos de Portugal [1]. Este tratou honrosamente ao senhor e a sua comitiva.

Salvo conducto

«A todos os reis, e a cada um de per si, principes tanto espirituaes como

[1] «Era o infante D. Fernando, filho de el-rei D. Duarte, irmão de el-rei D Affonso V, e por este lado senhor de uma principal parte da grande casa de Nuno Alvares Pereira, por via de sua mãe, filha d'este. De mais ficara elle com tudo quanto possuia o infante D. Henrique, que o adoptou por filho e deixou seu herdeiro; isto além das grandes doações que lhe fez el rei seu irmão. Era duque de Vizeu e de Beja, senhor da Covilhã e da praça de Moura, mestre das ordens de Christo e de S. Thiago, condestavel do reino, general commandante da cavallaria, fronteiro-mór no Alemtejo e Algarve. Era emfim o principe mais rico talvez que apresenta a historia nacional.

«Da casa de Bragança escusado fica mencionar a opulencia. O primeiro duque D. Affonso, filho natural de el-rei D João I, havia fallecido poucos annos antes em Chaves no anno de 1461. Seu successor, vivo no tempo em que viajava em Portugal o barão de Rozmital, era Fernando I, já velho na epocha da viagem. Era então seu filho primogenito e herdeiro D. Fernando, depois duque 2 °, conde 1.° de Guimarães, que ali recebeu o barão. Foi este ultimo que lhe deu o salvo conducto.» *Actas da Academia*, pag. 61.

Digitized by Google

seculares, duques, marquezes, condes, barões, fidalgos, nobres, militares, clientes, reitores, auctoridades, vigarios, officiaes, juizes e universidades das communidades, cidades, villas, e tambem a todos os outros, aos quaes forem presentes estas letras, eu o conde Fernando, primogenito do meu senhor, o duque de Bragança, etc.

«Serenissimos, illustres, preclaros, magnificos, generosos, nobres e famosos senhores, e amigos clarissimos, e todos os outros sinceramente amados.

«Visto que o nobre Leão de Rozmital e de Blatria, por mim muito amado, com o fim de maior experiencia, e para que dos costumes dos diversos reinos possa alcançar para si melhor fructo de vida e conhecimentos militares, determina dirigir-se a alguns logares do rei meu senhor e a diversos outros reinos: eu approvando muito esta sua resolução militar, e desejando que o referido Leão gose de plena segurança no decurso de sua viagem, vos recommendo o mesmo com sincero affecto, pedindo affectuosamente a vossas serenidades, e a cada um de vós, vossas amisades; ordenando porém rigorosamente a meus subditos, que quando se der o caso de ir para vós o mesmo Leão, para as vossas terras e logares, na sua passagem, por meu respeito, o recebaes, e tracteis favoravelmente, e n'aquellas cousas que tocam á segurança de sua viagem lhe queiraes mostrar e pôr em pratica uma vontade propicia e gratuita, e façaes com que o mesmo passe com sua familia, cavallos, bagagens e todas suas cousas por quaesquer passos, portos, pontes, terras, arraiaes, povoações, dominios, districtos, castellos, villas, cidades, e quaesquer outros logares da vossa jurisdicção, tanto por terra como por mar, sem pagamento de portagens ou encargo de qualquer outra paga, removidos quaesquer impedimentos ou incommodos, e lhe permittaes que permaneça, se demore ou volte em segurança e livremente, e façaes que lhe seja permittido, e providencieis a respeito de salvo conducto para elle, familia, cavalgaduras, e objectos seus, emquanto e onde necessario fôr, e de parte dos mesmos acima mencionados quando vol-os pedirem e requererem.

«No que nos mostrareis uma agradavel complacencia, a qual vos ha de ser retribuida e a qualquer dos vossos, offerecendo-se logar e occasião, e ha de merecer sempre as nossas boas vontades. Dada em nossa villa, 1466.»

Seguem-se varios outros salvo conductos.

* * *

«A principal cidade de Portugal é Lisboa. Em volta d'ella, dentro de cinco milhas, o irmão do rei recebe um grande tributo em vinho, o qual de boa qualidade e limpo de fezes lhe costuma ser pago em dia de S. João Baptista. Não se lhe pagando em vinho, paga-se lhe n'uma grande somma de dinheiro.

«O Porto dista de Guimarães oito milhas. O bispo ali tem seu palacio construido n'um logar alto; a cidade jaz entre montes e proxima do mar, e por este é cercada por um lado por onde passámos. Em nenhuma outra cidade situada perto do mar vimos maior numero de navios do que n'esta. Pois para aqui são transportadas por mar muitas mercadorias de outros paizes.

«N'esta cidade ha muitos gentios que são vendidos pelos christãos. Pois to-

Digitized by Google

dos os annos muitos milhares de captivos d'estes são trazidos, vendidos e comprados. Estes nunca mais voltam para as suas terras patrias, a não ser que alguem para ali os venda. Os que forem baptisados não são vendidos pelos seus senhores, excepto quando por estes forem dados de presente aos amigos, aliás são por elles conservados até o fim da vida. Qualquer d'estes póde ser conhecido pela barba pintada a côres, e que nunca póde ser lavada.

«Porém outros gentios que costumam ser trazidos da Barbaria, teem os corpos pintados, e d'estes e dos outros ha uma grande chusma em Portugal. Por quanto o rei d'este paiz com um grande exercito, tendo invadido aquella região, trouxe d'ali muitos milhares de mulheres e meninos, o que tinha por costume fazer annualmente; e as mulheres e meninos que d'ali trazia, os distribuiu pelas cidades, pelos seus cidadãos, que são obrigados a sustental-os á sua custa. A estes crescidos os questores reaes *(quaestores regii)* vendem para serem escravos, dos quaes recebem muitos mil aureos que entram no thesouro. E são obrigados a sustentar até edade adulta quaesquer filhos que os escravos tiverem, e estes por fim tambem são vendidos.

«Do Porto chegámos á Arrifana (Rifanam) por um caminho de quinze milhas. Esta povoação jaz entre serras, não distante do mar (rio?). D'aquella cidade até esta villa sempre o caminho vae perto do mar (rio?), que nos ficava á direita. E por esta parte não ha rei algum ou principe christão: mas habitam sarracenos que são de duas especies — negros e brancos [1].

«Agueda *(Aquada)* dista de Arrifana seis milhas, que tambem é uma aldeia lavada pelo rio Agueda que tem o nome da aldeia.

«De Agueda ao Sardão *(Anneladum)* correm quatro milhas; tambem é uma aldeia situada entre montes, pequena, e constando apenas de quatro choupanas. Do Sardão a Coimbra a distancia é de tres milhas. Esta cidade e castello é regado pelo rio Mondego (Monda), que lhe passa pelo meio, e se atravessa por uma ponte não muito comprida; está situada entre montes na encosta de um outeiro.

«Não é grande, porém elegante e fortificada. Abaixo da cidade, ao correr do rio, os campos são amenissimos. O caminho para esta cidade é por entre montes que produzem erva doce (*anisum*). E não longe d'ali se enxergam outros montes que produzem oliveiras, no meio das quaes ha vinhedos e outras arvores de diversos generos.

«Junto d'esta cidade, da outra banda do rio, ha um elegantissimo mosteiro. Tambem ali se vêem muitas arvores e hortas deliciosas. Não entrámos n'esta cidade, porque a esse tempo a atmosphera estava n'aquelle sitio empestada; mas passámos por perto e pernoitámos n'uma aldeia distante da cidade quatro milhas, por nome Rabaçal *(Rabazala)*, a qual está situada entre montanhas, e onde apenas se vêem quatro choupanas.

[1] «É a mais grauda inepcia que se nos depara no livro do secretario depois da dos alacraus parecidos com cães de caça. Queria o bom do letrado encontrar na Arrifana um rei ou principe christão! Como imaginou elle um retalho mourisco encravado no centro do paiz christão que ia percorrendo!» Sr. Camillo Castello-Branco, *Cousas leves e pesadas*, pag. 83.

Digitized by Google

«Do Rabaçal a Alvaiazer (*Alvaiazerum*) ha a distancia de quatro milhas; este logar jaz entre montes.

«D'ali a Thomar (*Tomaram*) ha o caminho de quatro milhas: não tem maravilhas esta povoação; é porém extensa, e jaz entre serras banhada por um ribeiro sem nome, superior ao qual fica um forte castello.

«N'esta villa vimos como os padres celebram sua primeira missa. Dita esta n'esse dia e nos seguintes percorrem a povoação com flautas, e n'ella tudo retumba com as danças e cantigas dos homens, mulheres e padres, entoando o côro o novo celebrante.

«Ha tambem ali esta costumeira: morrendo algum levam para a egreja vinho, carne, pão e outras comidas; os parentes do morto acompanham o funeral, vestidos de roupas brancas proprias dos enterros, com capuzes á maneira de monges, com o qual vestuario se vestem de um modo admiravel. Aquelles, porém, que são assalariados para carpirem o defuncto, vão vestidos com roupa preta, e fazem um pranto como os d'aquelles que entre nós pulam de contentes, ou estão alegres por terem bebido.

«De Thomar a Constancia (*Punhetum*) ha tres milhas: a aldeia está situada entre montanhas, tendo no alto um castello que se acha deserto. Esta aldeia é regada por dois rios em diversos sitios, que se convertem n'um só abaixo d'ella. O que vae desaguar no outro chama-se Dura, e tem a sua nascente em Portugal. O outro, que recebe o Dura, chama-se Tejo. Este, nascendo em Castella, e tendo o seu curso por Portugal, lança-se no mar perto de Lisboa.

«De Constança a Montragilum (Montargil) ha sete milhas: esta povoação está situada n'um logar entre montes, e o caminho para ella é por despovoados e olivaes. Pelo espaço de sete milhas que ha entre Constança e Montargil não existe logar algum.

«Em volta d'esta povoação ha muito grande abundancia de lebres e coelhos, de maneira que não parece crivel, a quem não vir, a grande quantidade que trazem para a aldeia. Era-nos contado como verdade, que d'uma só vez podiam ser apanhados e trazidos duzentos ou tresentos, e isto todas as vezes que houvesse vontade de se fazer.

«Teem permissão de caçarem não sómente os habitantes d'esta aldeia, mas tambem os dos logares vizinhos, pois estes animaes por toda a parte apparecem em grande abundancia.

«Real (Realum) dista sete milhas de Montargil; é um castello situado n'um monte. Para elle o caminho é mau por entre charnecas.

«Evora está separada de Real por tres milhas. É aquella uma das principaes cidades de Portugal, na qual encontrámos o rei com sua côrte. Esta cidade não tem castello algum, e apenas um palacio episcopal e outro ducal, que é do irmão do rei. O palacio fica proximo do templo, ao qual estão contiguos um portico elegantemente construido de pedra, e uma horta amena adornada de varias ervas e arvores. A propria cidade está situada n'uma planicie, havendo em volta frequentes vinhedos que produzem vinhos muito fortes e asperos, que se não podem beber sem lhes deitarem agua. N'esta cidade ha muitos sarracenos e perto de tres mil ethiopes, e mulheres ethiopes da Bar-

Digitized by Google

baria. E tambem será util accrescentar, o que é verdade, que n'estes sitios amadurece e colhem o trigo tres mezes depois de o terem semeado.

«Não será fóra de proposito lembrar n'este logar quaes são as cidades da Africa em que o rei domina: uma d'ellas chama-se Alcacer, ha oito annos que a tomou o rei que então governava. A outra cidade occupou o avô do mesmo quarenta annos antes.

«Em casa do rei de Portugal vi uns animaes que exhalam um cheiro agradavel, e aos quaes dão o nome de gatos de alcalia.»

* * *

Será agora o sr. Camillo Castello Branco quem vae terminar este artigo já assás extenso:

«Era rei de Bohemia em 1465 George de Podiebrad.

«Affecto ás doutrinas hereticas de João Hus, martyrisado em 1415, o monarcha attrahira a solemne excommunhão de Paulo II, que prégou contra a Bohemia cruzada de exterminio [1]. Mathias Curvinus, rei de Hungria, enteado de George, conspirou contra o padrasto, induzido pela promessa da coroa que o pontifice lhe fizera. George reagiu contra os raios do Vaticano, e pediu auxilio aos monarchas queixosos de Roma. Esta diligencia diplomatica foi commettida a Leão de Rozmital, seu cunhado. N'aquella epocha ainda as côrtes se não mutuavam ministros representantes com aposentadoria permanente. Leo, barão de Rozmital, sahiu de Praga a visitar as principaes côrtes da Europa em 1465.

«Dois homens letrados entravam no prestito do illustre viajante: um bohemio e outro allemão. Cada qual escreveu em sua lingua uma narrativa da viagem.

«A do primeiro vertida para latim, e a do segundo na lingua em que fôra originariamente escripta, foram reimpressas em 1844.

«O viajante praticava heroismo inaudito abalançando-se aos perigos de excursão tão demorada. A rainha da Bohemia, na carta em que o recommenda aos monarchas, espanta-se da temeridade de seu irmão, geme na incerteza da volta, e pede a Deus que o proteja. D'esta carta de chancella não transpirava o pensamento politico da embaixada: infere-se d'ahi quão secreta ella era, que nem os letrados addidos ao embaixador a mencionaram nos seus roteiros quasi sempre prolixos em bagatellas, e omissos nos factos de algum valor.

«Compunha-se o sequito de quarenta pessoas, cincoenta e dois cavallos e um carrão. Os homens fizeram em Tilsen confissão geral, e deram ás familias um adeus lagrimoso até ao dia de juizo.

«O alvo apparente da embaixada era participar do exercicio da cavallaria andante, colher informações dos costumes de varias côrtes, e adorar em peregrinação as santas reliquias, obsequiando os santos mais distinctos no culto dos differentes paizes. Vê-se que a hypocrisia das embaixadas d'aquelles tempos condizia com a velhacaria das negociações diplomaticas dos nossos. Roz-

[1] Sr. Camillo Castello Branco.—*Cousas leves e pesadas*, pag. 65.

Digitized by Google

mital devia ser hereje como seu cunhado, cujos interesses advogava e solicitava diante de monarchas affectos a Roma e simulados como o de Bohemia.

«Rozmital no trajecto do imperio austriaco, retalhado então em pequenos principados ia rompendo lanças em justas e torneios, e praticando gentilezas que as formosas damas remuneravam um pouco mais que cordealmente, se os secretarios não mentem. Em Francfort o proprio arcebispo assistiu ás justas e consentiu que um seu camarista travasse uma lança com um dos bohemios. Á noite as hospitaleiras damas aquartelavam os gentis cavalleiros, e nunca os addidos de uma embaixada experimentaram tão deliciosa ganancia da diplomacia. O bispo distribuira pela comitiva reliquias, quasi todas tiradas do espolio das onze mil virgens ahi martyrisadas, sendo muito para presumir-se que a devoção com que receberam as reliquias das onze mil virgens mortas, não santificasse o espirito dos bohemios a favor das virgens existentes.

«Em Aix-la-Chapelle viu o embaixador um cinto authentico de Nossa Senhora, posto que na cidade de Prato na Italia existisse outro mais authentico e outro em Tortosa tambem authentico, visto que os papas os declararam authenticos todos tres.

«N'um mosteiro de freiras tiveram os bohemios um almoço dançante, em que houve profusão de vinhos do Rheno, e danças nas arcadas do claustro executadas pelas noviças e peregrinos. Diz o historiador que nunca viu olhos mais travessos, nem pés mais lindos que os das hospedeiras monjas.

«Em Gueldre, onde estancearam depois, acharam cousa para grande espanto: era a quantidade enorme de vinho que os cavalleiros da terra bebiam. Surprehendeu-os tambem o primeiro moinho de vento que toparam, e mais haveria ahi que os surprehendesse, se não fosse a presteza com que se evadiam aos bandos hostis que se dilaceravam; uns porque eram os sequazes do duque Adolpho, outros porque tentavam arrancar da masmorra o pae do duque preso á ordem do filho.

«D'ahi passaram a Bruxellas. A côrte de Philippe o Bom era por esses tempos a mais luxuosa da Europa. O primeiro presente que o monarcha enviou ao illustre peregrino, foi uma profusa dadiva de vinhos brancos e tintos em grandes taças de oiro. Tres semanas de festa e torneios celebraram a chegada do embaixador bohemio, que ao oitavo dia foi honrado na côrte com um banquete *incrivel e superabundante*, diz o secretario allemão. Terminado o festim houve luta de patinadores sobre o gelo; e tal era a segurança de alguns, que os bohemios suspeitavam que entrava n'aquillo cousa de bruxedo. Mais os maravilhou ainda o thesouro do principe. Foi exame de tres dias, e é fabuloso o valor por que o fazem orçar os historiadores. O monarcha pediu a Leo de Rozmital acceitasse o que mais lhe agradasse do thesouro. «Deus me livre de acceitar cousa alguma, disse o barão. Querendo Deus hei de grangear oiro e prata; a gloria, porém, essa é immortal, e segue-me á sepultura.

«Não sahiram os peregrinos de Bruxellas sem deixarem illustre renome de proezas cavalheirosas. Um esforçado paladino do rei foi tres vezes a terra embatido pela lança de um bohemio. Não aconteceu o mesmo ao historiador, que atordoado por uma pancada, se não viu as estrellas, confessa elle que vira o

Digitized by Google

demonio. D'ahi sahiram finalmente com um interprete que fallava dezesete linguas.

«Levados a Sandwich por uma tempestade, encheu-os de assombro a frota ingleza que estanceava n'aquelle porto, composta de naus, galeões e galeras, com duzentos remadores e numerosos botes. Notaram elles a singularidade de andarem musicos de noite tocando violões e cornetas, para annunciarem a direcção do vento e avisarem a opportunidade de se fazerem á véla as embarcações. Chegados a Cantonberg gastaram o seu tempo adorando o relicario do mosteiro dos Agostinhos, e uma imagem da Senhora, que conversava regularmente com a mumia de S. Thomás Beckett, palestras que muita gente tinha presenciado, posto que os peregrinos bohemios não tivessem tal honra. Limitaram-se a beber d'uma fonte que se transforma em sangue e ás vezes em leite; quando porém elles beberam era meramente agua fresca.

«Eil-os em Londres quando reinava Eduardo IV.

«Seria preciso, diz o secretario, dois escriptores e duas semanas de trabalho para descrever as reliquias que vimos em Londres. Lá se lhes deparou outro cinto authentico de Nossa Senhora; uma tibia de S. George; um crucifixo de pau, que conversava com seus devotos, e uma das seis taças que serviram ás bodas de Caná.

«Foram os bohemios convidados a acompanhar a rainha ao templo processionalmente. Na vanguarda ia um regimento de padres com as reliquias expostas; seguiram-se os coros de cantores com cirios em punho; depois quarenta e dois cantores do rei acompanhados a trombetas e violas; uma fileira de formosas damas de Londres e circumvizinhanças; vinte e quatro arautos e reis d'armas; sessenta condes e cavalleiros; a guarda da rainha, que marchava sob um docel hasteado por duas duquezas, e no couce da procissão sessenta donas do paço.

«Recolhida a procissão houve lauto jantar, em que o embaixador bohemio teve assento ao pé de Eduardo IV. D'ahi passaram ao soberbo salão, onde devia jantar a rainha. Serviam-na de pé a mãe e irmãs do rei, ajoelhavam quando Isabel fallava, e só podiam assentar-se depois da primeira coberta. Serviam-na d'ahi em diante as condessas de joelhos. Todas estas ceremonias eram feitas com profundo silencio, que durava tres horas.

«Seguiu-se um baile, aberto pelas irmãs do rei e pelas duquezas com um minuete.

«Regalados com toda a casta de honraria, muitos dos bohemios foram armados cavalleiros pelo proprio monarcha. Não sabemos qual seria mais grato aos peregrinos, se os diplomas de cavallaria, se os beijos que elles confessam terem recebido das formosas inglezas.

«Despediram-se de Londres, embarcaram em Poole, e soffreram a abordagem de dois corsarios inglezes, que cahiram de joelhos diante de Rozmital, quando este lhes mostrou o passaporte com a assignatura de Eduardo IV.

«Depois de grandes trabalhos aportaram a St.-Malo. Viram o duque de René em Saumur, e passaram a Condé, onde residia Luiz XI. Com quanto a embaixada por ordem regia, parasse a uma legua de distancia da fortaleza, o

Digitized by Google

desconfiado monarcha admittiu-os á sua presença por tempo de nove dias. Vinte mil soldados de cavallo rodeavam o castello, sessenta guardas escoltavam sempre o rei e vigiavam noite e dia na ante-camara do seu quarto.

«De França passou a Hespanha a embaixada, através de grandes embaraços oppostos pelas guerras civis de Hespanha. Chegaram a Compostella e conversaram em Burgos com o bispo, judeu convertido, que se dizia parente da Virgem Maria; e viram no mosteiro de Holgas um Senhor crucificado, cujos cabellos e unhas cresciam a olhos vistos. Depois d'este edificante espectaculo assistiram a outro de corridas de toiros em que viram morrer dois capinhas. Os toiros não tinham curro, e corriam livremente as ruas da terra.

«Passaram a Segovia, e viram o aqueducto construido pelo architecto Satanaz. Encontraram em Oviedo Henrique IV de cocoras n'um tapete á guisa de moiro, cujos costumes adoptára, com tresentos moiros em volta de si. Os secretarios taxam-no de sovina, porque restringiu as suas dadivas a fazel-os cavalleiros com a insignia — *tende paciencia* — o que elles realmente precisavam para soffrer com bom rosto as estalagens de Hespanha, em que muitas vezes tiveram de purificar-se com jejuns forçados das impurezas peccaminosas dos beijos da Inglaterra. Junto de Cantalapiedra encontraram um rei da Polonia feito eremita, desde que uma infausta batalha o fizera abandonar o throno e a patria, onde o julgavam morto. Passaram ainda por Salamanca e cidade Rodrigo, e galgaram as fronteiras de Portugal, onde o embaixador bohemio entrou por Freixo d'Espada á Cinta.

«Viram depois Badajoz e Merida habitada por seis castas de gente que professavam o gentilismo. Chegaram depois a Nossa Senhora de Guadelupe, em cujo templo trabalhavam seiscentos peregrinos. Entre muitos objectos de muito preço, viram elles o retrato da Virgem pintado por S. Lucas; mas o que sobre tudo lhes deliciou a alma foi a chorumenta hospedagem que lhes deram os frades.

«Viram em Toledo o arcebispo, que no dizer de Tetael (é a graça do historiador) fazia e desfazia reis. Outrosim vira na cathedral a cazulla que a Virgem trouxera pessoalmente do céu a Santo Ildefonso, e uma biblia escripta com letras de oiro e offerecida por S. Luiz. De Madrid, que o chronista denomina povoação insignificante, foram a Saragoça, capital de Aragão. Havia ali guerra accesa; não obstante João II recebeu affavelmente os hospedes, e agraciou o chefe com uma ordem de cavallaria, e quizera provel-o de dinheiro, mas o barão, pouco previdente de ulteriores successos, não acceitou. Ahi lhes foi mostrado outro retrato de Maria Santissima, que a propria Senhora trouxera do céu, e presenteára ao apostolo S. Thiago em Hespanha, o qual foi a Hespanha milagrosamente.

«Através de calamitosos estorvos chegou a embaixada a Barcelona.

«Eram taes os tumultos no interior da cidade que os bohemios não ousavam pôr pé na rua.

«Solicita em pôr-se a salvamento, a embaixada entrou em França por Perpinhão. Viram em Avinhão o palacio dos papas, que é hoje um quartel, e a famosa ponte de S. Beneet que já não existe. Atravessaram os Alpes, e em

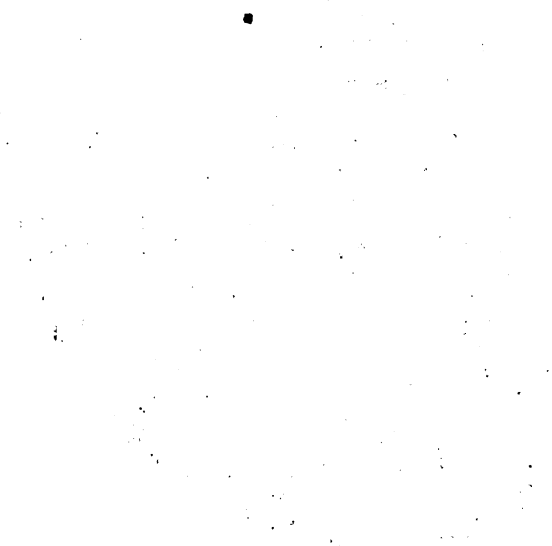
Digitized by Google

Digitized by Google

VEGEZZI J. RUSCALLA

Digitized by Google

Digitized by Google



Digitized by Google

Milão refizeram-se das fomes de Hespanha. Em Veneza veiu-lhe ao encontro o doge Christovão Manso, que fez ao barão as honrarias da rainha do Adriatico. Trataram-nos ali ás mil maravilhas, mas querendo Leo de Rozmital algum dinheiro sobre caução da sua assignatura, não houve christão nem judeu que lhe descontasse a letra. O mesmo lhe aconteceu em Gratz, onde estava o imperador, e não foi mais venturoso com a imperatriz, irmã do nosso Affonso V. A jovialissima senhora gostou muito de ouvir as seguidilhas da Peninsula até que seu filho, o futuro imperador Maximiliano as aprendesse; mas o barão teve de recorrer a um judeu que lhe emprestou mil e duzentos florins sobre um bracelete que valia doze mil.

«Accresce a este serio infortunio o ver-se a embaixada a braços com as difficuldades de passagem pela Hungria.

«Leo de Rozmital morreu em 23 de outubro de 1480. O historiador chegou a ser burgo mestre, e morreu em 1479, se é que póde morrer um homem que deixou um livro de viagens tão deleitoso como o latim do conego Paulewier, que o traduziu em bohemio.»

Aproveito esta occasião para agradecer a um dos mais distinctos cultores do nosso bello idioma o ex.mo sr. Camillo Castelio-Branco o obsequio de me ter emprestado as *Viagens de Rozmital*, sem o que ter-me-hia sido impossivel haver feito a traducção d'ellas, escriptas n'um latim tão barbaro. D'esta obra até hoje apenas tenho visto dois exemplares.

1228) **RUDERS.**

Um escriptor d'este nome compoz uma collecção de cartas a respeito de Portugal, obra citada por Bâlbi e outros, mas em que lingua ignoro, pois nunca pude encontrar esta obra.

No mesmo caso estão muitos outros escriptores que vejo mencionados em obras estrangeiras, mas das quaes até hoje não me foi possivel encontrar um unico exemplar.

1229) **RUSCALLA (VEGEZZI JUVENAL)**, nasceu no ultimo dia do seculo passado.

E. — *Noticia ácerca dos escriptos de Barbosa du Bocage.* Turin, 1829. 2.ª edição, 1860.

«Os artigos bibliographicos e politicos publicados na *Revista Contemporanea* e em outros periodicos italianos, pelo sr. Vegezzi Ruscalla se poderiam reunir em dois grossos volumes e n'elles se encontram a cada passo noticias litterarias ácerca do nosso Portugal e Brazil.

«Ha n'essa interessante collecção artigos ácerca dos trabalhos de Garrett, de A. Herculano, de A. F. de Castilho, de Rebello da Silva, de Mendes Leal, de Lopes de Mendonça, de C. Castello Branco, de Figanière, de Ramos Coelho e de muitos outros portuguezes, assim como a respeito das obras historicas de Varnhagen, das magnificas poesias de Gonçalves Dias, dos *Varões illustres* de Pereira, e das obras poeticas de Magalhães.

Digitized by Google

«A *Revista Contemporanea* de 8 de janeiro corrente, contém uma noticia da edição de Camões pelo sr. visconde de Juromenha.

«Os trabalhos do sr. Vegezzi Ruscalla em favor de Portugal são incessantes, e se os negocios politicos lhe não tomassem o tempo, já teria de certo posto a ultima lima a um escripto ácerca das letras portuguezas de 1850-1860.»

Escrevia isto o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, no *Commercio do Porto*, n'um artigo que foi depois copiado na *Revolução de Setembro* de 1861.

O sr. Ruscalla é um dos estrangeiros mais benemerito da litteratura portugueza, a qual tem diligenciado fazer conhecida na Italia. É traductor da Marilia de Dirceu, e de Fr. Luiz de Sousa, do nosso immortal Garrett: mas a este respeito veja-se a 2.ª parte d'este trabalho.

1230) **RUSTANT (D. JOSEPH VICENTE DE).**

E.—*Decadas de la guerra de Alemania e Inglaterra, Francia, España y Portugal con reflexiones politicas, militares sobre sus acontecimientos.* Madrid 1765, 10 vol., 8.º

Digitized by Google

S

1231) SAAVEDRA (HERNANDO DE MOLINA Y).

E.—*Epistola apologetica à la magestad catolica de D. Felipe el grande dignissimo principe de la monarquia española contra el parecer de cierto ministro consultado per su magestad sobre la recuperation de Portugal. Escrivela.* Colonia Agripina, 1650, 4.°

1232) SAGNIER (HENRI).

E.—*Estudo sobre a estatistica de Portugal.*

D'esta obra, por causa da qual foi conferida ao auctor uma medalha de prata, apresentou Drouyn de Lhuys um relatorio feito em nome da secção de economia, de estatistica, e de legislação agricola da sociedade central de agricultura de França.

«É necessario que Portugal se torne essencialmente agricola, se não quizer decair de todo. Esta necessidade comprehendem-n'a as melhores intelligencias do paiz, que procuram dirigir para a agricultura a actividade de seus compatriotas. Portugal atravessa n'este momento um periodo critico, que será decisivo para os seus destinos. Por isso não se deve estranhar o interesse que inspira a sua situação economica.

«A producção em cereaes é inferior ao consumo, o qual é avaliado em 7.654:770 quintaes metricos. A producção do trigo por hectare cultivado não passa, termo médio de 8 hectolitros apenas, e não excede o maximo de 14 hectolitros. Vê-se que a agricultura tem ainda de progredir muito em Portugal. O milho dá productos menos desvantajosos, e é assim que elle representa mais de metade do rendimento total em cereaes.

«O capitulo x que trata do gado é o mais extenso e o mais importante. Portugal não parece estar n'este particular inferior aos outros estados da Europa. Em 1870 exportou para Inglaterra 25:000 cabeças de gado, valendo perto de dez milhões de francos. Segundo as estatisticas cada portuguez não comeria mais de 17,60 de carne por anno. Isto, a ser verdade, deixa suppôr que muito pequeno é o consumo de carne no paiz [1].

1 *Jornal do Commercio* n.° 6:378 (11 de fevereiro de 1875).

Digitized by Google

1233) **SAIGNE (LUCIEN DE LA).**

E.—*Le Portugal historique, commercial e industrial*, in-8.º

É obra muito recente, pois apparece como publicação nova no *Catalogo da livraria franceza*, publicado por O. Lorens. Março de 1876.

1234) **SAINTONGE (M. DE—LOUISE GENEVIEVE GILLOT).**

E.—*Histoire secrete de D. Antoine, roi de Portugal. Par N... N... Gillot de Saintonge.* Paris, 1696. Amsterdam, mesmo anno.

1235) **SALA (PARIE SIMON).**

E.—*Réunion des porteurs d'obligations de l'emprunt de Portugal de* 1832 *Procès verbal de la Séance de* 8 *septembre* 1852. Paris, 1852, 4.º, folheto.

1236) **SALAMANCA (DIEGO PEREZ DE).**

E.—*Ordenanças reales de Castilla, por las quales primeramente se han de librar y juzgar todos los pleytos civiles y criminales, nuevamente glossadas y emmendadas en el texto, con las aplicaciones de los fueros de Arayon y ordenanças de Portugal.* 1560, fol.

1237) **SALAMANTINO (ISIDORO VELASQUES).**

E.—*Entrada de Philippe II en el reino de Portugal.* Lisboa, 1583.

1238) **SALES (ALBERTO JAOQUERI DE),** natural da Suissa, lente da aula do commercio em Lisboa.

E.—I. *Oração que com o motivo da abertura do quarto curso da aula do commercio fez em* 15 *de fevereiro de* 1771. Lisboa, 1771.

II. *Oração para a abertura do quinto curso da aula de commercio, pronunciada em* 21 *de agosto de* 1776. Lisboa, 1776.

1239) **SAMPAYO (CHRYSTOVAL FERREIRA Y).**

E.—*Vida y hechos del principe perfetto D. Juan II rey de Portugal.* Madrid, 1625.

1240) **SANDFORD (FRANCIS —)** Rouge Dragon, Pursuivant of Ames.

E.—*A Genealogical Hystory of the Kings of Portugal. And of all those ilustrious Houses that in Masculine Line are branched from that Royal Family. Containing a discourse of their several lives, marriages, and issues, times of birth, death, and places of Burial. With their armes and emblazons according to their several alterations, as also their symboles and mottoes. All engraven in Copper Plates. Written in French by Scevole and Lovis de Saincte-Marthe, Brethren, and advocates in the Court of Parliament of Paris unto the year* 1623. *Rendred into English and continued unto this present year* 1662. *By — London. Printed by E. M. for the Author.* Anno 1662, fol. max., 140 pag. e mais 53 de genealogias de familias illustres portuguezas.

Digitized by Google

Existe um exemplar d'esta obra, que deve ser muito rara, na Bibliotheca publica de Lisboa.

1241) SANDOVAL (ALONSO).

E.—*Vida de San Francisco Xavier y hechos de los Padres de la Compagnia de Jesus en las Indias.* Sevilla, 1619.

Desconfio que seja uma traducção do nosso Lucena. T. Compans.

1242 SANDOVAL (C. XIMENES DE).—Veiu de proposito a Portugal com o fim de estudar o local em que se travou a famosa batalha de Aljubarrota.

E.—*Batalla de Aljubarrota. Monografia historica y estudio critico-militar por* —. Madrid. Imprenta e estereotipia de M. Rivadeneyra. 4.º de 365 pag. com 7 estampas, representando: Mappa de Portugal e de parte da Hespanha. —Esboço indicador do cêrco de Lisboa em 1384.—Reconhecimento do campo da batalha de Aljubarrota, feito em 1869.—Plano da batalha de Aljubarrota. — Capacete e espada do rei de Portugal D. João I, e espada de Nuno A. Pereira.—Ermida de S. Jorge no campo da batalha de Aljubarrota.—Grande caldeira de Aljubarrota, e pá da forneira.

Esta obra apresenta algumas noticias curiosas, e é digna de ser lida com attenção:

«Tratam os chronistas com enlevo das pelejas victoriosas, porém occupam-se pouco, deixam correr a penna veloz ao mencionar as funestas, deixando aos inimigos o cuidado de referil-as e medital-as, dando com isso logar a que o tempo sanccione suas narrações apaixonadas, e esqueçam a immensa utilidade de que se conheçam bem as causas que as produziram: além d'isto as lições da adversidade encerram ensino mais saudavel do que as da prosperidade.» Pag. v.

«Por estas reflexões, e pelo convencimento de que no seu estudo são inseparaveis a parte historica e militar, me persuadi de que poderia resultar beneficio se, compulsados os melhores livros e documentos possiveis, se formassem monographias illustradas e criticas das mais funestas batalhas antigas e modernas das armas hespanholas até completar uma serie de pelejas perdidas em que entrassem nomes taes como Guadalete, Alarcos, Aljubarrota, Rocroi, Zaragoza, Ocanã e Ayacucho, escolhendo a de Aljubarrota, considerando-a de interesse permanente na Hespanha, pois sua transcendencia se revela de uma ou de outra maneira, todas as vezes que se reproduz a antiquissima idéa politica, a que na actualidade dão o nome de união iberica.» Pag. VIII.

«Entre tantas paginas gloriosas, como se lêem na historia patria, é mister confessar que, se nas duas longas guerras contra Portugal, começadas uma em 1384 e a outra em 1640 (porque ambas se prolongaram de 27 a 28 annos), não tiveram nossos generaes o favor da fortuna, tão bem não brilharam por sua intelligencia e demais dotes de bom general, ao que, *mais que ao valor e pericia*, deveram os adversarios suas vantagens, e ultimamente o triumpho da causa que sustentaram.» Pag. XIII.

Digitized by Google

***

Começa este trabalho por uma estirada narração dos principios de Portugal e das pelejas em que os portuguezes combateram ao lado dos castelhanos, e não se esquecendo nunca de mencionar as occasiões nas quaes os nossos soffreram alguns revezes causados pelos hespanhoes. Refere depois a interessante lucta travada por D. João I de Castella, para se apossar da corôa de Portugal.

«De modo que ao terminar o anno de 1386 podemos considerar terminada a campanha, que em vez de assegurar os direitos de D. Beatriz, elevou ao throno de Portugal o antigo Mestre de Aviz, fundador de uma nova dynastia, e produziu o abatimento e consternação em todo o reino de Castella! Segredos são da Providencia o permittir em occasiões humilhar o poderoso e exaltar o humilde, porém Deus deixa tambem ao julgamento da posteridade apreciar o procedimento dos homens de outras eras nos grandes successos em que figuraram. Passado tempo houve capitulações, e capitulações foram essas (diz o padre Marianna) minguadas e afrontosas para Castella; porém é mui grande prudencia accommodarmo-nos aos tempos, que corriam muito turbados e desgraçados; e soffrermos com paciencia a falta de reputação e de auctoridade; quando se torna necessario, é muito proprio de grandes corações.

«Ao cabo de quarenta e oito annos terminou de uma maneira legal a terrivel e porfiada questão que ensanguentou os campos de Portugal e Castella, chegando o ditoso Mestre de Aviz ao fim d'ella, não tendo morrido até 1433, deixando o reino em solida independencia com o novo dominio de Ceuta, adquirido por elle em pessoa, assegurada a successão com filhos distinctos todos por dotes relevantes de valor e talento, e afamado já o nome portuguez na Europa e Africa. A batalha, que tem o nome de Aljubarrota, ha de ficar imperecedoura tanto em Portugal como em Castella.» Pag. 107.

Á descripção da batalha de Aljubarrota, tratada no capitulo II, segue o capitulo III em que o auctor apresenta extractos das obras consultadas para o seu trabalho[1]. O capitulo seguinte contém o exame comparativo dos textos historicos, e estudo critico da guerra e batalha já mencionada.

Trata o capitulo V dos monumentos commemorativos da famosa batalha, que são: Mosteiro da Batalha; Santa Maria da Oliveira, de Guimarães; Ermida de S. Jorge na Batalha; Egreja do Carmo em Lisboa. Termina esta interessantissima monographia historica com a lista das obras para ella consultadas.

1243) SANTACILIA (JORGE JUAN Y).

E. — *Dissertation historique et geographique sur le Meredien de demarcation entre les domaines d'Espagne et de Portugal.* Madrid, 1794.

[1] O cap. I tratou da historia de Portugal resumidamente até o tempo do nosso D. João.

Digitized by Google

1244) **SANTAREM** *or sketches of society and manners in the interior of Portugal.* London, 1832.

1245) **SARRAZIN.**— Maréchal-de-Camp, un des commandants de la Légion d'Honneur et ancien chef d'état-major du prince royal de Suède aux armées d'Allemagne et d'Italie.

E.— *Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal, de* 1807 *à* 1814. *Ornée de la Carte d'Espagne et de Portugal, où sont tracées les marches des armées française, anglaise et spagnole, dressée par M. Lapie, Directeur du Cabinet Topographique du Roi.* Paris, 1814, 8.°, 404 pag.

O auctor, accerrimo partidario da restauração dos Bourbons, mostra-se muito hostil á politica de Napoleão, e á grande reputação que desfructava Massena, considerando-o general muito inferior a Soult. A leitura da sua guerra de Hespanha e de Portugal ainda hoje deve ser desagradavel a bastantes francezes, bem como a independencia e liberdade com que avalia muitos homens celebres da França, e até o mesmo Napoleão, de quem diz (pag. 341): Que teria feito perecer um milhão de homens por causa de uma porção de assucar e de café.

«Tenho o mais profundo respeito (pag. 173) para com as virtudes e qualidades brilhantes do estado maior geral do exercito de Hespanha, mas dir-lhe-hei com franqueza que seus esforços bem dirigidos teriam sido sufficientes para libertarem a Hespanha, se tivessem imitado os portuguezes que não devem sua independencia senão a esse espirito conciliador que lhes fez adoptar com ardor as medidas que lhes foram prescriptas pelos inglezes, tanto para a organisação do exercito como para administração geral do reino.»

Esta obra foi vertida para inglez com o seguinte titulo: *History of the War in Spain and Portugal from* 1807 *to* 1814.

1246) **SARRUT (GERMAIN).**

E.— I. *Biographie de l'ex ministre Augustin José Freire.* Paris, 1837, 4.°

II. *Biographie de M. Silva Carvalho.* Paris, 1837, folheto.

III. *Biographie de Louis-Antoine d'Abreu e Lima, Vicomte de Carreira.* Paris, 1840, 8.° folheto.

1247) **SAUNIER (ABBÉ).**

E.—*Voyage de Inigo de Biervillas à la côte de Malabar, Goa, Batavia et autres lieux des Indes Orientales.* Paris, 1736.

1248) **SAUSEVINO (D. CAMILLO).**

Por ordem do Marquez de Sande, embaixador extraordinario de Portugal na côrte de França, traduziu este padre para portuguez a primeira parte da celebre obra do padre Lourenço Scupoli, intitulada *Combate Espiritual.* A referida traducção imprimiu-se em Paris[1].

[1] *Combate Espiritual*, edição de Lisboa, em 1707, no Prologo.

Digitized by Google

1249) **SAUVEUR (MADELINE DE ST).**

E.—*Don Pedro demasqué, par* —. Amiens.

1250) **SCHAEFER (DR. HEINRICH —).** Professor de Historia na Universidade de Giezen.

E. — *Geschichte von Portugal von etc.* Hamburgo, vol. 1.º 1836, 487 pag. 2.º Hamburgo, 1839, 667 pag.

Parte d'esta obra acha-se vertida da traducção franceza para portuguez, n'uma linguagem horripilante, e impressa em Lisboa. É historia digna d'uma boa e completa traducção, pois n'este genero é o melhor trabalho feito por estrangeiros. [1]

«Em boa hora para Portugal, e em boa hora para Allemanha foi esta missão tocar ao sr. H. Schaefer, Lente de Historia na Universidade de Giesen, e litterato que, se já não tivera tão bons creditos, bastára o seu novo trabalho da *Historia de Portugal* para lhos grangear.

«Os livros de Historia Patria, raro folheados dos nossos proprios litteratos, e ricas, mas enfadonhas paginas da *Malta Portugueza*, os aridos documentos da *Hespanha Sagrada*, e das *Dissertações Chronologicas*, as explicações a cada pagina do *Elucidario*, as antigas *Ordenações*, a *Historia Genealogica*, as *Chronicas Profanas* e *Monasticas*, as *Memorias* em volumes ou avulsas, da nossa Academia, tudo foi convenientemente aproveitado pelo sr. Schaefer, que demais ajunta a isto ser allemão, que escreve a historia, como hoje não podia deixar de escrevel-a um allemão. Claro é logo que não havia o sr. Schaefer de encarar a de Portugal á moda antiga, só pelo elemento politico. Tão pouco pertence elle á seita dos novos Guizots, que fabricam a historia nas suas cabeças, para produzirem effeito philosophico, seja qual fôr a verdade. Não: o sr. Schaefer estuda profundamente os factos, e narra-os com fidelidade, citando as fontes, e desassombrado de preconceitos: não tem um historiador offensivo para o amor proprio do leitor; não se arroga o ensinar-lhe a interpretar os successos.

«Abrange o seu 1.º volume o periodo desde a desmembração de Portugal de Castella até á morte de el-rei D. Fernando, em quem parou a dynastia de Borgonha. O sr. Schaefer, seguindo a opinião de que a historia de Portugal, antes da existencia politica e independente d'este reino não pertence á de Portugal, mas sim á geral de Hespanha, dá apenas em uma introducção idéa desses tempos antigos, e entra logo no assumpto; de certos em certos periodos faz uma parada; olha do alto para a scena, que o seu trabalho poz patente, e então se recrea alargando a alma com o leitor pelo espaço andado, e deixando-o por seus olhos contemplar o que lá lhes fica. Com el-rei D. João II se nos remata o 2.º volume.

«Bem quanto privados estamos de proseguir jornada com tão agradavel

[1] O Visconde de Santarem chama a este trabalho *excellente*. — *Quadro Elementar* vol. XIV. E o sr. Alexandre Herculano na sua *Historia de Portugal* tambem lhe tece elogios.

Digitized by Google

guia, pois nos declara que poz por agora ponto para ir escrever a *Historia de Hespanha*, que deve primeiro trazer a certa altura, e passar depois á época brilhante da historia portugueza. Portugal no seculo XVI deverá em verdade ser obra digna de estampar-se com letras de ouro. [1]

1251) **SCHAR**

É certo que um escriptor d'este nome escreveu um livro acerca do casamento de D. Leonor, irmã de D. Affonso V com Frederico III imperador da Allemanha. Não pude, porém, encontrar um exemplar d'este trabalho.

1252) **SCHANENBURG**

E.—*Note sur la Sénégambie.* Strasbourg, 1868, 8.°

1253) **SCHEPELER**

E.—*Histoire de la revolution de Espagne et de Portugal, ainsi que de la guerre qui en resulta.* Liége, 1829, 3 vol.

1254) **SCHISME DE GOA**, Mans, 1853, folheto.

1255) **SCHLEGEL (AUG WILH)**.

E —*Blumenstraüsse Ital. Span und Portugiescher Poesie.* Berlin, 1804.
(Traz tambem a traducção do liv. VI dos *Lusiadas* em Allemão).

1256) **SCHLEGEL (F)**

E.—*Histoire de la litterature ancienne et moderne par — traduit de l'allemand*, Paris, 1829, 2. vol.

Eis as passagens mais notaveis que n'esta celebre obra se encontram relativamente á litteratura portugueza:

«A poesia dos paizes catholicos, a hespanhola, italianna e portugueza, formam n'este seculo um todo intimamente ligado: por isso o abrangeremos n'um só lance de olhos. [2] Tiveram os hespanhoes bem cedo o seu poema nacional do Cid: sua poesia dos trovadores floresceo no seculo XV, mais tarde por conseguinte de que em nenhuma outra nação. O espirito de cavallaria, e o genero de poesia, que lhe é inherente, conservou-se n'este paiz por muito mais tempo, do que em qualquer outra parte. Os livros de cavallaria dos hespanhoes os quaes eram pela maior parte originaes (qualidades, que as outras nações possuiram em menor grão), distinguiram-se por um estylo ornado e florido, e por um gosto marcado por exposições doces, e pertencentes ao gênero do idyllio: tal é pelo menos o caracter da mais conhecida e mais antiga d'estas obras o *Amadis*. Assim se confirma a observação, que já fizemos por occasião da poesia cavalheiresca, e principalmente da antiga poesia cavalheiresca allemã: que

[1] Francisco Adolpho de Varnhagen, *Revista Universal Lisbonense I* pag. 23. Anno de 1842.

[2] Vol 1.° pag. 102, e seg.

Digitized by Google

o gosto para o genero melancolico e terno na poesia é muitas vezes proprio de caracteres heroicos e de nações bellicosissimas. Aos livros de cavallarias juntou-se em tempos bem remotos, entre os portuguezes, o romance pastoril genero favorito d'estes povos. A poesia em geral, e os cantares dos trovadores em particular, foram favorecidos no seculo x v em seus progressos por dois homens, Villena e Santillana, os primeiros do reino por seu nascimento, jerarchia e influencia. Alem d'isso, desde a sua origem a poesia hespanhola foi mais cultivada pelos nobres e pelos cavalleiros, do que pelos sabios ou simples artistas. Não existe nação, que conte entre seus poetas tantos homens, que tenham empunhado a espada em defesa da sua patria. A poesia, que nós chamamos hespanhola, deveria, com mais justiça, nos tempos mais remotos, ser chamada poesia castelhana: pois ella não pertencia na origem senão a esta provincia; e alguns outros paizes da Peninsula Iberica tinham uma poesia particular, inteiramente distincta da poesia castelhana. Na Catalunha florescia uma poesia, que, emquanto ao idioma, é considerada como pertencente á poesia provençal. O ultimo cantico por nós conhecido d'esta poesia era consagrado á gloria heroica e ao triste destino de Carlos de Viana, o ultimo de seus principes, que o povo parece ter amado. Era o irmão mais velho do primeiro matrimonio, e herdeiro presumptivo d'esse Fernando, que mais tarde, reinou em Castella, debaixo do nome de Fernando o Catholico, e que, por isso, era considerado em alguns paizes de Aragão como mais que estrangeiro. O Aragão ia cahindo cada vez mais debaixo do jugo. Com a independencia do paiz desappareceu a poesia, que lhe era propria: e assim como a Castella se tornou o paiz dominante, do mesmo modo vimos reunir-se na poesia castelhana todas as bellesas poeticas que anteriormente existiam espalhadas nas diversas provincias d'este paiz tão poetico. Não houve mais do que os portuguezes, que, formando um povo e um reino á parte, conservaram na Peninsula sua lingua e sua poesia particular: com tudo Portugal continuou a manter com Castella um commercio intimo, cuja origem remontava a uma epocha distantissima. Muitos portuguezes escreviam em castelhano: ha uma multidão de cousas, que se consideram como provenientes da antiga Castella e que vieram dos portuguezes.

«A poesia das duas nações tem uma tão grande analogia, que não é facil distinguirmos o que, em quanto á invenção, pertence mais a uma do que a outra. Os arabes contribuiram tambem para enriquecer a poesia hespanhola, bem como para a embellesar.

* * *

«A poesia hespanhola floresceu com magnificencia e riquesa sempre crescentes sobre o solo da antiga Castella, enriquecendo-se com as invenções portuguezas, e ornando-se com as flôres provençaes: recebendo tambem mais tarde a viveza das côres arabes.

«Ha no primeiro poema epico dos hespanhoes, a *Araucana* de Ercilla, numerosas passagens d'uma mui grande belleza poetica; mas notámos n'ella em geral um numero excessivo de descripções verificadas, de viagens e de com-

Digitized by Google

bates. O poeta portuguez Camões foi n'isto mais feliz do que Ercilla. Os hespanhoes tinham-se feito senhores das solidões da America: a India, este paiz tão rico, coubera em partilha á nação de Camões: e era um assumpto muito mais feliz para o poeta. Sentimos na obra de Camões que elle mesmo era um guerreiro, um marinheiro e um aventureiro e que aspirava a gyrar pelo mundo. Quer ser verdadeiro, e começa o seu poema heroico d'um modo opposto áquelle pelo qual Ariosto havia começado o seu. Esperava triumphar da riqueza das ficções d'este pelo prestigio da verdade, ennobrecendo por meio de sua poesia acções ou proesas bem superiores a tudo quanto Ariosto havia contado relativo ao seu Rogero, personagem imaginario. O poema de Camões, principalmente no principio, dá seus ares do de Virgilio, ao qual n'aquella epocha consideravam como uma regra geral para a epopea d'um genero elevado e serio, mas cuja influencia servia com tudo de muito estorvo ao genio. Assim como o navegador arrojado, dentro em pouco deixa a costa, e se engolpha na vasta extensão do Oceano, do mesmo modo Camões não tarda a perder de vista o seu modelo, n'esse poema em que elle com o Gama faz o gyro do mundo por entre os perigos e os temporaes, até haver conseguido o seu fim, e os alegres vencedores porem os pés na terra desejada. Assim como os perfumes deliciosos veem recrear os sentidos do nauta, e allivial-o de suas fadigas no meio das vagas, annunciando-lhe a proximidade da India: da mesma sorte um embriagante vapor se exhala d'este poema escripto debaixo do céo do meio dia, e que d'elle reflecte todos os fogos. Embora seu estylo seja simples, o plano e a concepção do author sejam graves, no emtanto o seu poema é muitissimo superior na vivacidade das côres e na riqueza de imaginação ao de Ariosto, a quem poderia Camões arrancar a palma do genio. Não se limita, com effeito a cantar Vasco da Gama e a descoberta da India, o dominio e as façanhas dos portuguezes n'este paiz: seu poema contém alem d'isso tudo quanto a historia antiga do seu paiz appresenta de bello, de nobre, de grande, de cavalheresco e de enternecedor, tudo reunido n'um só corpo. Abrange este poema toda a poesia da sua nação. Entre todos os poemas heroicos quer dos tempos antigos quer dos modernos, não ha um só que seja nacional n'um tão alto grau. Nunca desde Homero, poeta algum tem sido honrado e amado de sua nação tanto como Luiz de Camões: de sorte que tudo quanto esta nação, descahida de sua gloria immediatamente depois d'elle, tem conservado de sentimento patriotico, anda inherente só a este poeta, que póde com justo titulo occupar o logar de muitos outros, e mesmo d'uma litteratura inteira. É no principio e no fim do seu poema que Luiz de Camões se appresenta com a maior dignidade como poeta. N'elle falla com amor e inspiração do joven rei Sebastião, que foi tão desditoso, e que arrastava um reino até então tão florescente para o seu funesto destino: mas exhortando-o e advertindo-o seriamente, como cumpria a um ancião, que por tão longo tempo tinha trazido as armas, fallar a seu rei.

«Tasso é um pouco mais moderno do que Luiz de Camões. Este poeta tão avido de gloria, quanto animado de sentimentos piedosos, estava inspirado por um sentimento não sómente poetico, mas tambem religioso, pela causa sagrada do Christianismo. No entanto não soube attingir a altura do seu assum-

Digitized by Google

pto: e tão pouco exgotou as riquezas d'elle, que para assim dizer nada mais fez do que tocar levemente a superficie. É uma verdade o dizerem que elle se achava embaraçado a certos respeitos pela fórma que Virgilio tinha dado ao poema epico: eis porque encontrâmos no seu poema certas passagens relativas ao maquinismo epico, nas quaes se não sahiu inteiramente bem. Todavia a mesma idéa de uma fórma necessaria para um poema epico não impediu Camões de introduzir no seu tudo quanto podia ennobrecer seu poema epico e nacional, nem de exgotar de todo seu assumpto: mas Tasso difficilmente o houvera conseguido, mesmo que tivesse idéas exactas ácerca da arte epica. Pertence á classe dos poetas, que em suas obras nada mais pintam do que a si mesmos, e a belleza de sentimentos, com que a natureza os dotou, e que não estão em estado de abranger claramente no seu espirito um mundo, e de n'elle se perderem e esquecerem. As mais bellas passagens de seu poema são aquellas, que, consideradas isoladamente, ou como episodios, seriam egualmente bellas em qualquer outra obra, e que não pertencem inteiramente ao assumpto. Os encantos de Armida, a bellesa de Clorinda, e o amor de Herminia, eis as passagens, que nos captivam em Tasso.

* * *

«Se agora considerarmos Tasso unicamente como poeta sentimental e harmonioso, não o poderiamos tachar de ser, n'um sentido monotono, e de ser tambem continuamente sentimental. Esta uniformidade é inseparavel da poesia, que fôr especialmente lyrica. Se em Tasso esta ternura da elegia está derramada até mesmo na exposição das bellesas sensiveis, acho n'isso antes uma bellesa do que um defeito. Mas se é mister que um poeta epico seja mais rico, que seja variado, que abranja um mundo de objectos, o espirito do presente e do passado, sua nação e a natureza inteira, não é porém mister que se conserve subido sempre no mesmo tom, mas que saiba enternecer e fazer vibrar todas as cordas do sentimento. Em quanto a este ponto de riqueza epica Luiz de Camões é infinitamente superior a Tasso. Seu poema heroico contem um tão grande numero de passagens em que predomina um sentimento de elevação e de amor, que são comparaveis ás mais bellas passagens de Tasso. Apezar do luxo das concepções meridionaes e do attractivo sensivel, que n'elle rescende, ouvimos n'elle principalmente retumbar a voz plangente da elegia e da dôr: por isso merece elle o nome de poeta heroico romantico, por ser inteiramente penetrado do fogo e do enthusiasmo do amor. Allia a plenitude pittoresca de Ariosto com a magia musical de Tasso, e addiciona-lhe além d'isso o grandioso e a gravidade do verdadeiro poeta heroico, que o Tasso deseja possuir em maior gráu, e que não possue.

«Não tenho necessidade de accrescentar que, entre estes tres grandes poetas epicos modernos, Ariosto, Camões e Tasso, a palma pertence, na minha opinião, ao segundo. Confessarei com tudo de boa mente que em taes juizos o sentimento individual domina sempre mais ou menos: pois não podemos encaminhar para principios e idéas fixas senão um mui limitado numero dos elementos, que constituem o merecimento d'um poeta, para d'elle tirar inducções:

Digitized by Google

em quanto ás mais é um sentimento para d'elle decidirem. Lembrarei a este respeito a anecdota conhecida de Tasso, a quem perguntavam qual era, no seu pensar, o mais famoso poeta da Italia, e que respondeu com algum desabrimento que Ariosto era o segundo. O amor da gloria foi sempre nos poetas um sentimento mui irascivel: e eis porque os que amam com preferencia um poeta são mui ciumentos da sua gloria.

1257) **SCHMAUS (JOÃO JACOB).**

Escreveu uma obra em allemão, cujo titulo em portuguez é o seguinte:

Novissimo estado de Portugal, e dos dominios que lhe pertencem. Halla 1759, 8.º [1]

1258) **SCHMELLER (DR.)**

E.— *Ueber Valentim Fernandes allemão und seine Sammbung von Nachrichten uber die Entdeckungen und Besitzungen der Portugiesen in Africa und Asien bis zum Jahre* 1508.

(Sobre Valentim Fernandes allemão, e a sua collecção de relações ácerca dos descobrimentos e possessões dos portuguezes na Africa e Asia até 1508). Falla d'esta collecção o *Diccionario Bibliographico* a pag. 397 do vol. VII, e tenho idéa de a ver mencionada n'outras obras.)

Falla tambem d'ella Henry Major a pag. 13 da *Vida do Infante D. Henrique* (versão portugueza) e diz que se compõe das seguintes obras:

Chronica do descobrimento e conquista de Guiné por Azurara, até 1448. — *Relação de Diogo Gomes, até* 1443. — *Relação de João Rodrigues, até* 1493. — *Jornal de Hans Mayr,* 1505 *e* 1506. — *Descripção de Africa por Fernandes* 1507. — *Noticia das ilhas do Atlantico por Fernandes — Derrotas de navios ou instrucções para pilotos.*

D'estas apenas o dr. Schemeller, publicou a *Relação de Diogo Gomes.*

Os outros documentos da collecção de Valentim Fernandes, tambem não foram impressos totalmente pelo dr. Schmeller, que se limitou apenas a descrevel-o succinctamente com um resumido commentario seu.

«No anno de 1847 imprimiu a Academia das Sciencias de Munich uma memoria do dr. Schmeller [2] sobre uma interessante collecção de documentos feita em Lisboa no anno de 1507 por um allemão. Este, posto que usasse do nome portuguez de Valentim Fernandes, era natural da Moravia, e sendo de origem allemã, umas vezes se appellida Valentim Allemão, outras Valentim o Moravis.

«Valentim Fernandes era impressor. N'aquelle tempo a arte de imprimir impellia muitos allemães a percorrerem paizes estrangeiros, e este veiu para Portugal. Em 1495 encontramol-o em Lisboa associado com outro allemão, Nicolau de Saxonia, na impressão da *Vida de Christo,* do monge cartuxo Lu-

[1] *Bibliotheca Historica* pag. 360.

[2] *Vida do Infante D. Henrique de Portugal apellidado o Navegador...* traduzida pelo sr. José Antonio Ferreira Brandão. Lisboa 1876, pag. 13.

Digitized by Google

dolpho de Saxonia, que já tinha sido traduzida em portuguez, no anno 1445, por Bernardo, monge cistercense do mosteiro de Alcobaça. Em attenção ao conhecimento, que tinha da lingua allemã, foi nomeado notario dos allemães em Lisboa, para lavrar todos os contractos e escripturas, que se fizessem com os negociantes allemães, assim como para authenticar as traducções do latim. Pouco depois Valentim Fernandes figurou não só como impressor, mas ainda como editor. D. Pedro, irmão do infante D. Henrique, trouxe comsigo de Veneza em 1428 um precioso manuscripto de Marco Polo, que lhe offerecera em homenagem, a senhoria da republica. [1] D'este manuscripto e do texto latino do frade dominicano Pepino de Bolonha, que fôra mandado de Roma a el-rei D. João II, fez Valentim uma traducção em portuguez, juntamente o fez das *Viagens á India*, do genovez Jeronymo de St.º Stephano. Tambem traduziu as viagens do veneziano Niccolo de Conti do texto latino de Poggio Bracciolini. A importancia que dava a estas obras el-rei D. Manuel, por cuja ordem foram traduzidas, póde avaliar-se pela circumstancia de conterem relações de viagens á India n'aquelle remoto tempo. As traducções inglezas tanto de Cont como de St.º Estevão, a primeira devida ao sr. Jolin Winter Jones, actual bibliothecario mór do Museu Britannico, encontram-se ambas no livro de que em 1857 tive a honra de ser editor por conta da sociedade Hakluyt, sob o titulo de *India, in the fifteenth Century.*

«Foi indubitavelmente em vista de uns estudos como estes que Fernandes depois compilou a sua collecção de relações geographicas.»

1259) **SCHMIDEL.**

E. — *Vera historia admiranda cujusdam navigationis Hulderici Schmidel, Straubigensis, in Americam, vel novum orbem juxta Brasiliam et Rio del Platam ab anno 1534 ab ipso Schimidelio Germanice descripta, postea latine reddita.* Noribergae, 1599.

1260) **SCHOTT (ANDRÉ).** — Philologo belga nascido em Anvers no anno de 1552, e fallecido em 1629. [2]

E. — *Hispaniae illustratae seu verum urbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae et Indiae scriptores varii.* Franckfort, 1603-1608, 4 vol. fol.

1261) **SCHRAMN (WILBRAND)**

E. — *Oost Indische Reyse etc.*

(Viagem ás Indias Orientaes) Amsterdam, 1652. [3]

[1] Esta traducção de Marco Polo uma das nossas mais importantes raridades bibliographicas foi impressa em Lisboa, no anno de 1502. V. *Bibliographia Historica Portugueza*, pelo sr. Figanière, pag. 277.

[2] Firmin Didot —*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XLIII, pag. 586.

[3] Na obra intitulada *Historical Disquisition*, composta por J. Robertson, e impressa em Londres no anno de 1809 (pag. 150) encontra-se a seguinte passagem relativa ao procedimento dos portuguezes na India. — «Por sua coragem emprehendedora, pericia mi-

Digitized by Google

1262) **SCHREIBERS (K VON).**

E. — *Nachrichten von den taiserl osterreechischen Naturforschern in Brasilien und deu Resultaten ihrer Betriebsamteit.* Brunn, 1820, com gravuras.

1263) **SCRIBE.**

E. — *Contes de La Reine de Navarre. Le Juif errant. D. Sebastian. Romans illustrés.* Paris, 1853, 2 vol. fol.

1264) **SEBASTIAN (MANRIQUE).**

E. — *Itinerario de las missiones que hizo el P. — in varias partes de la India Oriental, con una relacion del imperio de Zahiam, Corrombo, Gran Mogol.* Roma 1649, fol.

1265) **SEBASTIEN** (D.) Roi de Portugal. *Nouvelle historique.* Paris, 1679, 2 vol.

1266) **SEMANA (UNA) EN LISBOA.** *Guia del Viagero por la Ciudad, sus contornos y cercañias.* Madrid, fol. 36 pag. acompanhado de 10 estampas, representando a Estação do caminho de ferro do Norte — estatua de D. José I — Arco triumphal na Rua Augusta — Estatua de D. Pedro IV no Rocio — Palacio do Largo dos Jeronymos em Belem — Claustro da egreja dos Jeronymos em Belem — Palacio das Necessidades — Portico do Passeio Publico em Lisboa — Palacio da Ajuda — Palacio acastellado de D. Fernando em Cintra.

É um dos melhores guias, que conheço escriptos em linguas estrangeiras para uso do viajante em Lisboa; é muito mais verdadeiro e util do que o de Olivier Merson em francez, todo recheiado de pieguices.

O guia hespanhol começa daseguinte fórma: [1] «A imprensa franceza esperta como poucas em especular com os successos da actualidade, aproveitou o interesse produzido pela unidade de Italia, confederação da Allemanha do Norte e reconciliação da Austria e Hungria, para publicar um mappa da Europa no seculo XX, que fixava a capital de Hespanha em Toledo, a da Europa em Vienna e a do mundo em Lisboa.»

Não é mister recordar aqui o que, segundo um tal folheto cheio de utopias, significava essa capital universal, mas vem a nosso proposito que dizia o seguinte: «Lisboa está a egual distancia das duas Americas, na extremidade do nosso continente, que nada mais é que a continuação do da Asia, proxima de Africa. Examine-se o globo terrestre, e ver-se-ha de prompto que não ha nenhuma cidade, a que se possa chegar mais facilmente de todos os pontos do globo.

litar, e sagacidade politica dos officiaes, que tinham o commando supremo na India, e teem elles jus a serem equiparados ás pessoas mais eminentes por suas virtudes ou talentos seja de que tempo ou nação forem.» Gerson da Cunha. *Notes on the history and antiquities of Chaul and Bassein*, pag. 66.

[1] Este *Guia* é uma recapitulação dos artigos insertos na *Ilustracion de Madrid*.

Digitized by Google

«A esta vantagem d'uma centralidade incomparavel reune Lisboa uma posição tão excepcional, que só Constantinopla póde oppôr á magestade do Tejo a magnificencia do Bosforo; uma temperatura poucos invernos inferior a 7 gráos, poucos verões superior a 27, isto é, uma primavera perpetua, um céo azul e uma atmosfera transparente, junto com uma vegetação privilegiada propria para desenvolvimento das plantas das mais oppostas zonas, uma extensão de 12 kilometros de Este a Oeste, e 9 de Sul a Norte; bellesa na mistura desordenada de monumentos e epochas, na irregularidade de certos bairros, e na uniformidade de outros; uma physionomia material tão cheia de originalidade e uma poesia na contraposição de tintas fortes e suaves. etc.»

1267) SEPTENVILLE (BARÃO EDOUARD DE).

E. — I *Découvertes et conquetes du Portugal dans le nouveau Monde.* Paris 1863. 8.°, XI, 181 pag. Editeur, E. Dentu.

II *Vie du Marquis de Pombal.* Bruxelles, 8 °

III *Le Bresil sous la domination Portugaise.*

O barão de Septenville é um dos maiores admiradores dos portuguezes.

«Indubitavelmente foi um povo patriota aquelle, que, curvado debaixo do peso do seu infortunio, constrangido a obedecer ao vencedor, vigiado nos seus minimos movimentos, privado de recursos, mas não de esperanças, teve coragem bastante para jurar em como havia de recuperar sua liberdade e energia para a conquistar!

«Mas com que nomes havemos de saudar aquelles arrojados mareantes, celebres para todo o sempre, que tendo em nada a morte, rindo se dos perigos, sem outro ponto de mira mais que o de se sacrificarem pela gloria do seu paiz, foram hastear o estandarte de Portugal em praias incognitas, e obrigar os povos do novo mundo a inclinarem-se perante o sceptro da casa de Aviz ou debaixo da auctoridade da de Bragança?

«Que titulo tão glorioso não mereceram esses reis de Portugal, esses gentis-homens coroados que, tendo em suas mãos a sorte e o futuro de todos os paizes d'alem-mar, souberam tiral os do estado inculto e improductivo, para os converterem n'um manancial inexgotavel de riquezas, um Pactolo deslumbrante, uma terra de abundancia, onde a Europa em peso veiu abastecer-se? Os navios partem, sulcando mares incognitos, e voltam carregados de oiro e de metaes preciosos!

«Descobrem um cabo, e esse cabo tornar-se-ha o ponto de reunião dos navios de todas as nações, a vanguarda das Indias.

«Tomam posse de uma ilha, e esta ilha povoada de selvagens e coberta de uma vegetação luxuriante, tornar-se-ha um imperio poderoso e respeitado!

«Madeira, Açores e India, só estes nomes exprimem uma odyssea!

«É a historia da conquista e do governo das possessões, que estas brilhantes descobertas deram a Portugal que nos vae occupar.

«Começa ella em 1400, e continua até nossos dias. Durante este longo espaço de tempo, as colonias africanas e americanas de Portugal foram o theatro de grande numero de acontecimentos: a politica estrangeira ali represen-

Digitized by Google

tou um grande papel, e a Hollanda e a Inglaterra poderam tambem ali disputar uma influencia devida a uma cubiça incessantemente aguilhoada, contra a qual teve Portugal de arcar incessantemente. O espectaculo dos esforços sobrehumanos que teve de fazer esta nobre nação para obter o direito de gosar tranquillamente do fructo de suas conquistas, é grandioso e repleto de interesse.

«Quanto mais ellas se tornavam importantes, tanto mais sua conservação era difficil, por motivo da inveja que sua posse despertava. É mister pois reconhecel-o, esses immensos territorios, esses ricos paizes, cujo solo fertil occultava thesouros, foram não uma fonte de riquezas inexgotaveis para o reino, do qual eram ellas o apanagio, mas sim a causa de um enorme desperdicio nas forças vivazes da nação.

«Importava que Portugal prodigalisasse incessantemente o mais puro do seu sangue para implantar o seu dominio sobre as terras que tinha conquistado: escolhia elle seus filhos os mais bravos, seus braços os mais activos, e para ali os enviava, sem pensar em que se empobrecia para beneficio dos outros.

«O estabelecimento da companhia das Indias foi um funesto golpe descarregado no poder portuguez além dos mares, mas elle defendeu-se briosamente.

«Cada pollegada de terra que Portugal se viu na necessidade de abandonar áquelles que lhe queriam arrancar até a ultima nesga de suas possessões custou caro a seus invasores!

«A passagem da dynastia hespanhola sobre o throno de Portugal fez decrescer rapidamente a prosperidade colonial, mas a casa de Bragança, tornando a tomar o sceptro, poude fazer parar a ruina d'ellas, e conservar algumas das ricas joias de sua corôa maritima.

«A historia do Brazil occupa um extenso logar no das colonias portuguezas; nós a temos estudado com um vivo interesse, e embora hoje o imperio de Santa Cruz, de Cabral, forme um estado independente, nem por isso deve ser considerado menos essencialmente portuguez, pois deve-se aos sacrificios de todo o genero, que Portugal impoz a si mesmo, deve-se á benevola sollicitude de seus reis, e mormente ao nobre desinteresse de João VI ter o Brazil de ser elevado a imperio.

«Eis porque a historia das vicissitudes, pelas quaes passou anteriormente á sua declaração de independencia, deve encontrar logar em paginas escriptas com a mira em instruir e interessar aquelles que não limitam seus desejos ao conhecimento da historia de seu proprio paiz.

«Se contarmos a idade dos povos pelo numero dos annos decorridos desde sua origem até nossos dias, com certeza deve Portugal ser contado em o numero das nações mais antigas da Europa, por quanto a historia nos transmittiu a lembrança das guerras que os romanos levaram ao solo peninsular, e do dominio que exerceram sobre a lusitania.

«Mas se collocando-nos n'outro ponto de vista, não attendermos senão á sua idade politica, é só a partir do seculo XIV que vemos apparecer na scena do

Digitized by Google

mundo uma grande nação, dotada de todas as qualidades vitaes, amadurecidas pela sciencia e pelo estudo, cuja cabeça é fecunda em idéas germinadoras, cujo braço é prompto em executar, e cuja marcha é rapida na via do progresso e da civilisação. Até então Portugal tinha sustentado uma lucta incessante contra os conquistadores insaciaveis que pareciam terem-se incumbido espontaneamente da missão de a subjugarem para sempre. A partir do momento em que os teve vencidos e expulsos, mudaram as cousas de figura: já não era um povo que trabalhava para consolidar sua independencia, era um athleta poderoso, afeito ao duro mister da guerra, instruido pela experiencia, habil e corajoso, cheio de arrojo e de vigor, que não procurou visinhos para inquietar, mais fracos do que elle para esmagar, mas que se deitou valentemente não a um povo, mas ao mundo inteiro.

«Não se tratava agora de humilhar o orgulho de um rei, de dispersar um exercito ou de saquear uma cidade: era a um continente quasi inteiro que tratavam de fazer a guerra depois de o terem descoberto!

«O alvo era grande e nobre!

«O principe D. Henrique não aspirou na alta posição que lhe dava seu nascimento, a mais do que a pôr em pratica a divisa que elle tinha adoptado — *viver fazendo bem;* e as grandes expedições maritimas, que elle teve o genio de delinear, tiveram o immenso resultado de abrirem um caminho para as Indias pelo cabo da Boa Esperança, de arruinarem Veneza, e de lhe substituirem Lisboa, e entregarem á admiração da Europa uma quantidade de terras e de reinos incognitos, e por fim collocarem o reino de Portugal na primeira ordem das potencias europeas.

«Como todos os grandes homens, cuja memoria as nações honram, sua gloria foi, senão contestada, ao menos medida com parcimonia, com o intuito de a amesquinharem por meio de escriptores pertencentes a diversas nações, e os quaes movidos por um sentimento de nacionalidade exagerada, tentaram fazer passar para outros uma parte de sua celebridade, que mereceu por sua sciencia e sublime intelligencia o illustre infante, cujo nome está associado ás mais perigrinas obras da sua epocha.

«Cada povo tem fornecido á historia seu contingente de heroes e de varões immortaes: não tentemos, portanto, por causa de um vão amor proprio, despojar um em proveito do outro, e compenetremo-nos bem d'esta verdade que o genio tem azas assás extensas para fender os ares d'uma linha da fronteira, que tem direito a todas as sympathias, e que deve ser honrado em toda a parte em que se encontrar, tanto sobre os degraus do throno como debaixo do colmo.

«A Henrique o Navegador e a Christovão Colombo pertencerá eternamente a gloria de ter adivinhado e descoberto essas regiões ignoradas de que outros poderiam na verdade ter suspeitado,[1] nas quaes tinham até mesmo posto

[1] É uma allusão á prioridade das descobertas na Africa, prioridade que os francezes querem para si. Vide Avezac, nas obras já citadas n'este *Diccionario*, e Vivien de St.-Martin, *Dictionaire Geographique*, Paris, 1877.

Digitized by Google

o pé, mas que em todo o caso elles nem tinham sabido notar, nem indicar sufficientemente.

«O que constitue a nossos olhos e aos de todos os espiritos serios e logicos a gloria de uma descoberta, e á paciente investigação, é o trabalho lento e incessante, posto em pratica para a conseguir, e não o acaso, que põe nas mãos do primeiro que chega, aquillo, cuja existencia estava elle bem longe de suspeitar.

«É uma cousa bem simples um temporal arrojar um navio a uma costa desconhecida, e dar á sua tripulação a vantagem inesperada de uma descoberta; mas deveremos em tal caso galardoal o, e consideral-o a par do ousado peão que, sem outro guia mais que seu espirito de observação, se dirige através de milhares de perigos, para um ponto suspeitado, e do qual ninguem conhece o logar; ou do sabio, que, á força de estudos, de calculos e de trabalhos de toda a especie, consegue designar com a mesma certesa com que seus olhos a podiam ver a mil leguas distantes de si, a ilha que se ergue n'algum recanto do oceano?

«O infante D. Henrique foi um d'esses sabios.»

1268) SERENISSIMI ATQUE INVICTISSIMI PORTUGALLIAE, *Regis litterae ad Sanctissimum D. D. Paulum III. Pont. Max super insigni victoria, rebusque feliciter in Oriente gestis. Viennae Austriae. Per J. Singrenium* 2 *du* 1536, 4.° *C. M. B. I. P.*

1269) SERIE DE PIÉCES RELATIVES *aux privilèges du royaume de Portugal.* Sem data nem logar de impressão.

1270) SERIEYS (A).

E. — *Elémens de l'Histoire de Portugal contenant les causes de la grandeur et de la décadence des portugais, leurs lois, leur commerce, les révolutions de ce royaume etc. Par* —. Paris, 1805, 12.°

1271) SERLUPUS (FRANCISCUS).

E. — *Serlupi Francisci ab intimo Pontificio cubiculo in funere Josephi I Lusitaniae Regis Fidelissimi Oratio habita in Sacello Pontificio Vaticano Idib. Mai coram Sanctissimo D. Nostrò Pio Sexto Opt. Max. Romae* 1777. *Excudebat Generssur Salomonius Superiorum facultate. XX pag.*

É dedicada esta oração funebre á rainha de Portugal D. Maria Francisca. Está escripta com elegancia, e n'ella se fazem os mais pomposos elogios ao monarcha portuguez, [1] sem apparecer em todo o decurso da obra a mais pequena allusão ao marquez de Pombal, ou á expulsão dos jesuitas.

[1] Qui integritate animi, qui moderatione animi, qui amore, qui pietate, providentia justitia, cura, opibus, qui bonis artibus restitutis, propagatoque commercio, pacis, salutis, felicitatis publicae custos, vindex, conservator, firmator fuit.» Facilis ad eum aditus erat, patebant aures ejus querelis omnium, nullius inopia ac solitudo non modo accessu illo publico ac Throno; sed ne cubiculo quidem excludebatur. Quid ego hoc de re edita

Digitized by Google

1272) SERMENT (LE) DE FIDELITÉ *fait au Prince d'Espagne, á l'ouverture des Etats du royaume de Portugal.* Paris, 1619, 8.° folheto.

1273) SERMONES IN PSALMOS *Sancti Antonii Ulyssiponensis.* Bononiae, 1757. 2 vol. 4.°

1274) SEUBERT (MAURITIUS)

E.— *Flora Azorica.* Bonne, 1844. Paris 1841.

Guthnick, Hochstetter e Gygax, os dois primeiros botanicos, e o ultimo mineralogista, consagraram tres mezes e meio a uma exploração rapida, que se estende a todas as ilhas dos Açores, exceptuando St.ª Maria. O resultado o mais interessante, que se obteve, foi uma exposição da Flora dos Açores, publicada n'uma collecção scientifica da Allemanha com a cooperação do dr. Seubert, e reproduzida mais tarde em uma monographia especial, á qual este ultimo sabio adquirio o direito de dar seu nome. [1]

1275) SEYGER VAN RECHTEREN.

E.— *Voyagie naar Oostindien.* Zwoll, 1639 4.°

(Viagem ás Indias Orientaes.) [2]

1276) SEYNER (M FR.)

E.— *Historia del levantamiento de Portugal.* Barcelona, 1644. Mesmo anno Saragoça, por Pedro Laranja.

1277) S. G. S.

E.— *Histoire de Portugal contenant les entreprises, navigations, et gestes memorables des Portugallois. Par* —. Paris 1581.

1278) SHARPE (DANIEL).

A correspondencia trocada entre este geologo inglez e o sr. Carlos Ribeiro sobre a probabilidade de encontrar carvão industrial na parte Occidental da Beira, e debaixo dos depositos secundarios de gres e calcareo foi publicada no *Instituto,* jornal litterario de Coimbra. [3]

E.— *Districto secundario de Portugal ao Norte do Tejo.* Londres, 1851.

1279) SHAW (C. CHARLES) *Personal memoirs and correspondence of*

gravissima atque firmissima testimonia Senatus, Ordinum reliquorum, Societatum, Gentium denique omnium Europae, Africae, Asiae, Americae memorem ad quas ille Orbis terrarum partes sui imperii porrexerat magestatem? pag. XI.

[1] Morelet — *Les Açores* pag. 11.

[2] «Uma comparação entre as façanhas e feitos dos portuguezes com as façanhas e feitos dos inglezes n'um espaço de cem annos, depois d'estes ultimos terem ido para as Indias, é tanto a favor dos portuguezes quanto qualquer podo desejar» Mr. Naise, *The Konkan,* Bombaim, 1875, pag. 43.

[3] Vol. I, pag. 142 e seguintes.

Digitized by Google

colonel — of the portugueze service; comprising a narrative of the war for constitutional liberty in Portugal and Spain. London, 1837. 2 vol. gr. em 8.° com retratos.

1280) **SHELLEY, BREWSTER AND MONTGOMERY.**

E. — *Lives of the most eminent littererary men of Italy, Spain and Portugal.* London.

1281) **SHIRLEY (W).**

E. — *Observations on a pamphlet entitled the Genuine and legal Sentence pronounced upon the conspirators against the life of his Most Faithful Majesty.* London, 1759.

1282) **SIBELO (BARROS DE).**

Remetteu á academia real das sciencias de Lisboa um *Plano general estadistico, geografico y geologico de la tercera via militar romana que del Convento Juridico de Braga se dirigia al de Astorga.* 1860.

A nossa academia nomeou por este trabalho o auctor seu socio correspondente.[1]

1283) **SILHOUETTE (ETIENNE DE).**

E. — *Voyage de France, d'Espagne, de Portugal, et d'Italie en* 1729. Paris, 1770. 2 vol.

1284) **SISMONDI (JOÃO CARLOS LEONARDO).**— Correspondent de l'Institut de France, de l'Academie Impériale de Saint-Petersbourg, de la Academie Royale des Sciences de Prusse; de l'Academie et de la Societé des Arts de Genève etc. etc. Nasceu em Genova em 1773 e falleceu na mesma cidade em 1842.[2]

E. — *De la Litterature du Midi de l'Europe.* Bruxelles, H. Dumont, libraire editeur. 1837, 4.°, 1.° vol. 583 pag. 2.° 709 pag.

Esta é a terceira edição: a primeira é de Paris em 1813. Na terceira edição d'uma obra tão notavel, e conhecida dos estrangeiros, a *Historia da Litteratura Portugueza* começa a pag. 409 do 2.° volume, e termina a pag. 686.

Já no prologo d'este meu trabalho citei algumas passagens relativas ao juizo que de nossa litteratura fórma o author; vejamos ainda mais uma ou outra passagem:[3]

«A influencia oriental, fez-se sentir sobre os portuguezes mais vivamente, que sobre os castelhanos. O amor occupou uma parte ainda maior de sua vida, foi mais apaixonado, mais terno, mais scismador; e a poesia portugueza veiu a ser um culto mais enthusiasmado de suas bellas, que o de nenhum outro

[1] Hubner — *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 84.

[2] Firmin Didot.—*Biographie Generale*, tom. XLIV, pag. 14.

[3] O author serviu-se da obra de Bouterweck, como confessa.

Digitized by Google

povo da Europa.[1] O caracter da poesia portugueza parece sempre mais triste, que o da castelhana; e esta melancholia mesmo, que parte do coração, e que o espirito não procurou, reconhece se por um accento de verdade, que os castilhanos raras vezes attingem.

«Não é segundo a opinião de Bouterwerk, tantas vezes meu unico guia na litteratura portugueza, que julgarei do talento dramatico de Ferreira, escreveu uma tragedia sobre o assumpto nacional de Ignez de Castro, que tantos poetas portuguezes celebraram depois d'elle. Não tinha então outro modelo mais que os antigos: o theatro hespanhol não tinha começado, o dos italianos estava ainda no berço. Trissino morreu nove annos antes de Ferreira, e sua Sophonisba não poude preceder muitos annos a Ignez do poeta Lusitano. Além d'isto as quatro ou cinco tragedias, que existiam então em italiano, e que não tinham sido representadas senão nas grandes solemnidades, eram modelos bem imperfeitos. Ferreira compoz então sua tragedia sem conhecer o theatro, sem procurar advinhar o gosto d'um publico ainda não existente; mas seguiu fielmente os modelos gregos, que tinha debaixo dos olhos, e elevou-se d'este modo, segundo me parece, muito acima dos italianos seus contemporaneos.[2]

«Mas um só homem tornou esta epocha verdadeiramente gloriosa, é a elle, é ao grande Camões, que consagraremos nossos proximos capitulos.

«Chegamo-nos a um homem, que só elle faz quasi a gloria inteira da nação portugueza: é o unico dos poetas d'esta lingua, que seja conhecido fóra de seu paiz, e cuja reputação seja europea. Tal é o maravilhoso poder do genio em um homem, no qual se fórma a fama d'um povo inteiro, e que apparece sósinho aos olhos da posteridade, diante da qual milhões de homens desapparecem.

«Na epocha, em que escrevia Camões, não existia propriamente nenhum poema epico em nenhuma lingua romana.[3] Trissino tinha, é verdade tentado cantar a Italia libertada dos Godos, mas foi mal succedido na sua tentativa.[4] Alguns hespanhoes tinham dado o titulo de poemas epicos a historias rimadas de acontecimentos modernos, que não tinham sabido realçar por alguma poesia. Ariosto, com a chusma dos romancistas, dera ás fabulas de cavallaria o mais risonho colorido; mas Ariosto e todos aquelles, do meio dos quaes se tinha levantado, não tinham tido a pretenção de escrever poemas epicos. Tasso

[1] O padre João Baptista de Castro, no seu Mappa de Portugal pretende mostrar que os portuguezes são os povos da Europa mais firmes e extremosos no amor. E madame de Sevigné em 1671 dizia n'uma carta a mr. de Grignan: « Il me parle de son cœur á toutes les lignes: si je lui ferois réponse sur le même ton, ce seroit une portugaise.» Madame de Sevigné, *Lettres*.

[2] Sismondi tece os maiores elogios a esta obra de Ferreira, analysa-a, e acha-lhe passagens admiraveis e sublimes.

[3] Sismondi.—*De la Litterature du Midi de l'Europe*, tom, II, pag. 538

[4] «O poema, do qual Trissino quiz fazer sua obra capital, e na qual empregou vinte annos, *L'Italia liberata da Goti*, foi inteiramente despresado da posteridade, e não foi melhor accolhido dos contemporaneos. É uma obra languida e fastidiosa.» Firmin Didot. — *Biographie Universelle*, tom. XLV, pag 642.

Digitized by Google

finalmente não publicou sua *Jerusalem*, senão em 1580, um anno depois da morte de Camões; além d'isto tendo os *Lusiadas* sido compostos quasi na totalidade na India, Camões não podia conhecer tudo o que tinha sido escripto antes de 1553, epocha de seu embarque. Parece com tudo que o poeta portuguez tinha estudado muito os poetas italianos, seus contemporaneos, e que tinha procurado com elles os mesmos modelos na antiguidade: porque existem entre elle e toda a escola italiana analogias surprehendentes, e muito mais immediatas que todas quantas temos podido observar entre os poetas hespanhoes e italianos. Escolheu o metro de Ariosto, o jambo heroico, rimado em oitavas de preferencia ao de Trissino, o *verso sciolto*, ou jambo não rimado. Approximou-se tambem de Ariosto, mais que de Trissino, ou mais que de todos os hespanhoes, quando considerou a epopea como uma creação da imaginação, e não como uma historia versificada: mas julgou como Tasso, a quem precedia, que esta creação devia formar um só todo, que devia fazer sentir sua harmonia na unidade; que o alvo do poeta, seu pensamento dominante, e o pensamento dominante dos heroes deviam estar incessantemente presentes á imaginação dos leitores, e que a riqueza dos pormenores não bastava sem a magnificencia do conjuncto. Camões deu á epopea uma vivacidade de impressões ternas, uma phanatsia amorosa, um culto da voluptuosidade, que os antigos mais severos julgavam abaixo da dignidade d'este poema; mas enthusiasta como Tasso, e voluptuoso como Ariosto, associa, ainda mais que este ultimo, a alma e o coração ás creações risonhas de sua imaginação. O que o distingue essencialmente dos italianos, o que faz sua gloria e a de seu paiz, é o amor e o orgulho nacional, que o animam. Escrevia seu poema no momento, em que a gloria de sua patria tinha chegado a seu zenith, quando a face inteira do universo tinha sido mudada pelos portuguezes, e que as maiores cousas tinham sido operadas pela mais pequena das nações. A Europa, cincoenta annos antes d'elle, sahira de seus estreitos limites; tinha apprendido a conhecer a existencia do universo; tinha visto quanto sua população, riqueza, extenção, eram pouca cousa em comparação dos magnificos imperios da Asia: mas tinha tambem reconhecido quanto o imperio do pensamento e da vontade é superior á pompa e ao numero: tinha apprendido que aquelle lhe pertencia, e tinha-o apprendido dos portuguezes. Camões não podia prever a espantosa catastrophe que destruio a independencia de seu paiz, e que apressou sua propria morte. Escrevia na plenitude do enthusiasmo nacional, e faz que seus leitores participem, por mais estranhos que possam ser á gloria de Portugal, d'esse sentimento tão verdadeiro e tão nobre.»

«O sentimento patriotico de Camões, que consagrou sua vida inteira a erigir um monumento a seu paiz; que no exilio, nas perseguições e na miseria não teve jamais outro pensamento, senão o da gloria de uma patria ingrata, commove-nos profundamente; associamo nos de todo o coração a esta empreza generosa, e Portugal torna-se-nos caro porque foi caro a um grande homem. É todavia duvidoso que o assumpto escolhido por Camões seja eminentemente proprio para um poema épico. A descoberta da passagem das Indias, a communicação estabelecida entre os paizes onde teve começo a civilisação, e

Digitized by Google

aquelles d'onde ella sahe hoje, o imperio da Europa propagado pelo resto do mundo, são acontecimentos de uma importancia universal, e que mudaram para sempre os destinos dos homens; mas as consequencias do successo são maiores que o proprio succes-o, e o interesse de uma navegação perigosa, proveniente de minuciosidades quasi domesticas, uma narração poetica deve produzir menos effeito do que a verdade nua. Alem d'isto, se Camões não tivesse querido tratar senão da navegação de Gama em seu poema, e da descoberta da passagem para as Indias, dever-se-hia applicar mais a fazer-nos experimentar impressões, sempre novas, sempre variadas d'esses immensos paizes do Meiodia e do Oriente, cujo aspecto devia ser tão differente do das margens do Tejo; porém queria pelo contrario fazer entrar toda a gloria de Portugal no circulo estreito que a si mesmo tinha traçado; toda a biographia dos heroes que apresentou, todos os feitos deslumbrantes dos cavalleiros celebrados pelos antigos romances.

«Quiz fazer entrar ainda todos os acontecimentos posteriores, todas as descobertas que completaram o systema do mundo apenas mal visto por Gama, todas as conquistas que submetteram aos portuguezes esses immensos paizes, dos quaes Gama apenas tinha visto os primeiros limites. Estas differentes partes, no passado, no presente e futuro, ligavam-se á gloria nacional, e deviam concorrer para o glorioso monumento que Camões queria erigir em honra da patria, porém ellas repelliam necessariamente para a sombra o Gama, o heroe nominal do poema.

«Enfraqueciam a impressão da Lybia e da India, que teria sido tão nova, e confundiam o espirito n'um labyrintho de acontecimentos, dos quaes nenhum despertava bastantemente o interesse para deixar vestigios profundos.

«Tasso na sua *Jerusalem* tomava encantos e movimento do proprio assumpto, e sua poesia era enfeitada com o interesse e bellesa da guerra santa que cantava. Camões pelo contrario emprestava a seu assumpto um encanto, que não estava no assumpto; tinha necessidade de todo o prestigio de sua poesia para obrigar a ler uma historia de cuja leitura ninguem, á excepção d'elle, se importava. Era por um sacrificio continuo de si mesmo que immortalisava seus heroes. Camões foi bem succedido: prendeu toda a historia de Portugal á poesia; allumiou-a em todas as suas partes com a mais viva luz; mas seu bom resultado é um prodigio, e faz crer ainda que sua empreza era contraria á prudencia poetica. É na epopeia que o poeta tem menos força para captivar as almas, que menos dispõe do interesse, da piedade e do terror. Camões faz-nos devorar uma chronica, algumas vezes fatigante e aborrecida; encaixilhou-a tão bem no seu poema, que a liga ás mais brilhantes recordações; mas quanto mais não nos teria captivado, se o interesse de seu assumpto tivesse egualado por si mesmo aquelle que lhe sabia dar!

«Camões sentiu que n'um assumpto historico devia elevar-se acima do tom ligeiro, que Ariosto tomára, cantando heroes imaginarios. Guarda por toda a parte, em seu estylo, em suas imagens, uma nobre dignidade; não graceja, como Ariosto, com o leitor e com seus heroes. Toma por modelo a Virgilio, e não aos romances de cavallaria, e marcha magestosamente ao seu fim, dando

Digitized by Google

a todo seu poema esse ar classico, que foi consagrado pelos grandes genios da antiguidade e que seguiram todos aquelles que vieram depois. Por isso desde o primeiro canto tudo marcha conforme esse modelo regular, que se encontrou talvez com excessiva uniformidade em todos os poemas epicos. Gostaria eu de mais alguma variedade n'uma cousa, que não é fundada na essencia da arte, mas na imitação do primeiro modelo

«Camões considerou a mythologia dos antigos como uma parte essencial da arte poetica d'elles.

«A educação dos collegios, e a leitura dos classicos tinham dado a todas estas allegorias uma força que quasi egualava a da crença. Não parecia que o amor podesse ser outra cousa em verso mais que o filho de Venus: o valor representar-se de outra sorte senão pelo deus Marte; a sabedoria sómente por Minerva; e esta personificação que actualmente começamos a achar insipida, e que não tolerariamos já n'um poema epico, não está todavia excluida ainda de nossa poesia lyrica. As odes de Lebrun estão igualmente cheias de invocações a Minerva, a Marte, a Appollo, como ellas o teriam podido ser no seculo XVI, quando uma educação pedantesca não deixava na imaginação outras allegorias, senão as da antiguidade. Mas o que ha de particular em Camões é que ao passo que tomava por emprestimo uma mythologia estrangeira, tinha uma em si, que seus heroes, seu povo, e elle mesmo tinham adoptado com uma egual fé.

«A conquista da India não se fizera aos olhos de Vasco da Gama sem a protecção celeste; o Padre Eterno, a Virgem, os Santos, todos os poderes divinos tiveram sua parte n'esta grande empreza, não como uma providencia ordenadora, que dispunha tudo antecipadamente, conforme o cremos hoje; mas como seres impressionaveis, apaixonados, e que tomam parte individualmente no jogo das acções humanas. Esta intervenção milagrosa era para o poeta uma parte de sua crença religiosa: confundia-a naturalmente em sua narração; não podia mesmo excluil-a, e vinha d'esta sorte a associar dois maravilhosos contradictorios; o que elle julgava essencial á poesia, e o que lhe fora dado pela fé.

«A nossos olhos esta mistura de duas intervenções divinas, e ambas contrarias á nossa crença, produz um effeito que nos revolta; mas basta que a educação e os preconceitos nacionaes o expliquem, para que o possamos admittir n'um grande homem, e para que elle nos não deixe fazer um juizo errado do resto da obra.

«Varios poetas hespanhoes cahiram na mesma contradicção: as duas mythologias vão de encontro com a Numancia de Cervantes, e confundem-se na Diana de Montemayor. [1]

«O principio do poema é imponente, mas bem depressa a narração entra a desanimar; as circumstancias da navegação são todas de verdade historica,

[1] Este Montemayor, de quem falla Sismondi, é Jorge de Montemayor, portuguez, fallecido no Piemonte, auctor do celeberrimo romance *Diana*, tão bem recebido em toda a Europa, que chegou a ser moda imital-o na França. V. *Polo*.

Digitized by Google

e Camões nada ajuntou ao que se acha no livro IV da primeira Decada de Barros. Dir-se-hia que ali estudou o assumpto, em logar de viajar elle mesmo n'aquellas regiões desconhecidas: vai procurar todos seus ornatos na fabula grega, e não tira bastante partido do clima, dos costumes, e da imaginação Oriental. Continuemos com tudo; acharemos nos *Lusiadas* bellesas d'uma ordem tão superior, que merecem ser compradas ainda com alguma fadiga.

«O episodio de Ignez de Castro é o mais enternecedor e o mais celebre de todo o poema. O discurso posto por Camões na bocca de Nuno Alvares Pereira conserva essa dignidade cavalheiresca, esse vigor varonil e antigo, que caracterisa a edade media. A batalha de Aljubarrota é descripta com a maior poesia. Conta os prodigios dos mares desconhecidos, e faz uma descripção tão poetica, como nova da tromba maritima.

«Appresentei na integra os dois episodios mais celebres dos *Lusiadas*, o de Ignez, e o de Adamastor. Extractos não bastam para fazer apreciar este poder de creação, esta mistura de grandeza e de sensibilidade, que caracterisam o verdadeiro poeta. Infelizmente uma traducção tambem não é sufficiente. A harmonia de linguagem, a verdade, a pureza de expressão e a belleza dos versos são inimitaveis; e um ligeiro conhecimento da lingua portugueza dará maior prazer ao leitor, com a leitura do original, do que com a versão mais exacta.

«E' pois os *Lusiadas* o mais bello monumento que se tem jamais erigido á gloria nacional d'algum povo. Camões tinha introduzido no III e IV cantos toda a historia politica, toda a historia real de Portugal. No VI e VII tinha achado meio de fazer entrar tudo, quanto a historia, e a fabula tinham conservado sobre a biographia de seus heroes. No X um genio prophetico revela todo o futuro, desde a expedição do Gama até ao tempo em que viveu Camões. Completa assim a historia de Portugal. Os heroes passam em revista por diante de Gama. O grande Pacheco, Affonso d'Albuquerque, Soares, Menezes, Mascarenhas, Heitor da Silveira, e quantos adquiriram grande nome nas Indias, são introduzidos succe sivamente.» [1]

* * *

«Portugal tem uma litteratura propriamente nacional: sua lingua em vez de se tornar um dialecto do hespanhol tem sido cultivada com amor, e considerada por um povo independente como signal de sua soberania. Os homens distinctos, que Portugal produzio, tomaram a tarefa de dotarem sua patria com todos os ramos de litteratura; ensaiaram-se em todos os generos para não deixarem a seus visinhos alguma vantagem sobre si; e o espirito nacional deu a suas composições um caracter inteiramente differente do das composições castelhanas. A litteratura portugueza é completa, sem ser rica; n'ella se acha de

[1] A analyse das differentes obras de Camões principia a pag. 533 d'este *Curso de Litteratura*, e acaba em 611. Analysa depois tambem minuciosamente o *Naufragio de Sepulveda*, de Côrte Real.

Digitized by Google

tudo: mas, com excepção das poesias lyricas e bucolicas, nada se encontra alli com abundancia.

«O poder e a riqueza de Lisboa, esta grande capital d'uma pequena nação teve uma influencia muito saliente sobre os costumes e indole do povo. [1] Os portuguezes foram desde sua origem acostumados a uma vida menos solitaria; formaram-se pelo commercio dos homens, não pela vida dos castellos; foram por conseguinte menos selvagens, menos imperiosos, menos altivos, menos fanaticos; por outra parte um maior numero de mosarabes achando-se de repente incorporados em a nação, a influencia oriental fez-se sentir n'elles mais vivamente ainda do que sobre os castelhanos. O amor occupou uma parte ainda maior de sua vida: foi mais apaixonado, mais terno, mais melancholico e sua poesia tornou-se um culto de suas bellas, mais sensivel, mais enthusiastico, que o de nenhum outro povo de Hepanha.

«No mais bello paiz do mundo, na patria das larangeiras, sobre essas collinas onde se recolhem quasi sem cuidados os mais delicados vinhos, os portuguezes não parece terem levado muito longe os conhecimentos e cuidados para com a agricultura. A nação, repartida entre arrojados navegadores, soldados e pastores, mostrou-se mais propria para um grande desenvolvimento de energia e coragem, do que para a actividade persistente da industria. O amor, o desejo da gloria, a sede de aventuras podiam fazer supportar ao portuguez as mais rigorosas fadigas, as mais severas privações, pois a tudo se tinha acostumado como marinheiro e como pastor; mas logo que não sentia mais o aguilhão das paixões, tornava a cair na sua indolencia melancolica. A ociosidade dos povos do meiodia não enfraquece sua alma tanto como a dos povos do norte; não é aos gozos grosseiros que elles se entregam no seu repouso, mas á contemplação, e ás doces influencias d'um bello clima. Na mesma occasião em que menos trabalham, vivem ainda com a natureza. Por mais descahidos de sua grandeza passada que estejam os portuguezes nos ultimos seculos, recordam ainda com orgulho o logar que occuparam na historia do mundo. Um punhado de cavalleiros fizera em menos de uma geração a conquista de um reino; e durante oito seculos as fronteiras d'este pequeno povo nunca recuaram, pelo menos na Europa. Combates gloriosos contra os moiros deram-lhe uma patria, que tiveram de conquistar palmo a palmo. Nas expedições cavalheirosas soccorreram e protegeram seus poderosos visinhos — os castelhanos. Os reis christãos da Hespanha não deram aos moiros nenhuma das grandes batalhas que assignalaram sua historia, sem que os portuguezes a ellas fossem convidados, e n'ellas occupassem um honroso logar. [2] O espirito da cavallaria transportou-os no principio do seculo XV além do estreito de Gibraltar, e fez-lhes emprehender e fundar um novo imperio christão sobre as

[1] «LISBONA, amplissimum et celeberrimum emporium» HOLBERGIUS, *Historia Universalis*. (Leovardiae, 1770) pag. 210.

[2] Os portuguezes na batalha de Navas de Tolosa corriam para combater com os inimigos, como se fôra para um banquete, dizia d'elles *Lucas de Tuy*, escriptor contemporaneo.

Digitized by Google

fronteiras de Fez e de Marrocos. Uma ambição mais vasta, esperanças mais longiquas seduziram no meio do mesmo seculo os heroes que governavam Portugal.

«O infante D. Henrique, terceiro filho de João I, Affonso V e João II adivinharam a fórma peninsular d'Africa, e o vasto oceano que circumda o mundo. Os mais atrevidos navegadores atravessaram essa zona torrida que se tinha reputado inhabitavel, transpozeram a linha, viram elevar-se por cima de suas cabeças um novo polo, e dirigiram-se sobre um mar desconhecido pelas constellações de um céu igualmente desconhecido; dobraram finalmente esse terrivel cabo das Tormentas, que o rei João II, com uma justa previdencia, chamou Cabo da Boa Esperança.

«Abriram aos europeus o caminho ignorado da India; e a conquista de seus reinos os mais ricos, imperio que igualava, em extensão e em riquezas, aquelle que os inglezes ali possuem hoje, foi a obra de um punhado de aventureiros.

«Este imperio está derrubado, é verdade, mas a lingua dos portuguezes, monumento de sua grandeza passada, é ainda a lingua do commercio da India e da Africa; ella serve ali para todas as communicações, como a lingua franca no Levante.

«A litteratura sómente se viu nascer verdadeiramente no seculo XV, e a mesma epocha é tambem a do maior desenvolvimento do caracter nacional. Mais tarde appareceu Bernardim Ribeiro. As mais distinctas entre suas poesias são eclogas. Foi o primeiro entre hespanhoes e portuguezes que consideron a vida pastoril como o modelo poetico da vida humana, o ponto de vista ideal debaixo do qual todas as paixões, todos os sentimentos deviam ser considerados. Esta opinião que prestou suavidade, elegancia e encanto, ás poesias do seculo XVI, mas que as tornou monotonas, e que degenerou depois em uma languida affectação, tornou-se d'alguma sorte a fé poetica dos portuguezes; d'ella quasi nunca se apartaram; e eis o motivo, porque seus poetas bucolicos podem ser considerados os primeiros da Europa.

«O caracter da poesia portugueza parece sempre mais magoado que o da castelhana; e esta melancolia mesmo, que parte do coração, e que o espirito não tem procurado, reconhece se n'um accento de verdade, que os castelhanos raramente attingem. Mais tarde Ferreira escreveu uma tragedia sobre o assumpto nacional de Ignez de Castro. Não tinha então outro modelo mais que os antigos.

«Ferreira compoz por conseguinte sua tragedia sem conhecer o theatro, sem procurar adivinhar os gostos de um publico que ainda não existia, porém seguiu fielmente os modelos gregos que tinha á vista, e elevou-se d'esta maneira, segundo me parece, muito acima dos italianos seus contemporaneos.

«Era sempre nas Indias, n'esses paizes em que os portuguezes tinham brilhado com tão grande gloria, que elles ostentavam toda a pompa de sua poesia; ali tambem a importancia dos acontecimentos, o caracter romantico dos aventureiros que os dirigiam, principalmente o orgulho nacional do heroe e do poeta dão a suas composições uma vida e movimento que se não encontram nas epopeias dos hespanhoes ou nas dos italianos de segunda ordem.

Digitized by Google

«Foram os contemporaneos de Ferreira, Camões e Rodrigues Lobo, que deram á litteratura um novo ramo, compondo a historia das conquistas de seus compatriotas nas Indias. O talento do escriptor de viagens e do geographo, ali se acha associado ao da historia, e um interesse d'um genero inteiramente novo é despertado pelos feitos, aos quaes nada se assimilha na historia antiga.

«Á frente d'esses historiadores devemos pôr João de Barros. A *Asia* d'este escriptor é a primeira grande obra que nos ensinou a conhecer esses vastos e ricos paizes, separados da nossa Europa por uma tão immensa extensão de mares, e dos quaes antes d'elle não tinha havido mais que noticias vagas, confusas, e quasi sempre contradictorias. Serve ainda hoje de base não sómente á historia das descobertas portuguezas, e das primeiras communicações europeias, mas a toda a geographia, a toda a estatistica das Indias no seculo XVI. Um trabalho obstinado, uma indagação infatigavel da verdade, um credito, um poder prolongado por mais de quarenta annos, nos mesmos paizes que elle quizera estudar, o tinham habilitado para conhecer a fundo não só os successos mas tambem os logares e as pessoas. Pinta involuntariamente a indomavel coragem dos portuguezes, seu forte amor á gloria, á novidade e ao perigo. Se algum individuo, algum chefe commetteu uma acção vil ou perfida, condemna-o sem escrupulo para que a vergonha d'isso não recaia sobre seu povo; mas se o crime é nacional, se é approvado pela opinião publica dos portuguezes, glorifica-se n'elle. Barros foi continuado por Couto. Fernão Lopes de Castanheda, e Antonio Bocarro escreveram tambem a relação das conquistas dos portuguezes. Um dos maiores homens d'esta epocha assombrosa, Affonso de Albuquerque deixou igualmente nos commentarios publicados por seu filho numerosos escriptos; eram redigidos em portuguez sobre successos tão extraordinarios ao mesmo tempo que Damião de Goes escrevia uma chronica do rei D. Manuel. De todas as partes, emfim, esses mesmos homens que tinham assombrado o mundo com suas conquistas, esforçavam-se por transmittir a lembrança d'ellas á posteridade.» —(Sismonde de Sismondi. *De la litterature du Midi de l'Europe*, tom. I.)

1285) SIVER (IEGOR VAN).

E.—*Ueber Madeira und die Antillen nach Mittel America. Reisedenkwurdigkeuten und Forschungen.* Leipzig, 1861.

(Viagem á America Central pela Madeira e Antilhas. Recordações e investigações.)

1286) SKELTON (JONATHAN).

E.—*Iñez de Castro: an historical Drama.* London 1841.

1287) SKETCH (AN HISTORICAL) *of the Island of Madeira. With Ballad of the Tomb of Love.* London 1819.

1288) SLOANE (HANS).

E.—*A voyage to the Islands, Madera, Barbados, Nieves, St. Christophers and Jamaica with the natural history. By* —. London, 1707, 2 vol. fol.

Digitized by Google

1289) **SMITH (JOHN ESQ).** — Private Secretary to the Marshal Marquis of Saldanha. Actualmente conde da Carnota. Nasceu em 1819.

E. — *Memoirs of the Marquis of Pombal with extracts from his writings and from despatches in the state paper office never before published by. In two volumes.* London, 1843. 8.° gr. 1.° vol. com o retrato do Marquez XXII, 343 pag., vol. 2.°, 388 pag.

Foi traduzida esta obra em portuguez pelo sr. J. M. da Fonseca e Castro, e impressa em Lisboa no anno de 1872.

Do original inglez se fez nova edição com o titulo seguinte: *The Marquis of Pombal by the Conde da Carnota. Second edition.* London, 1871, 8.° grande 1387 pag.

Esta edição faz muitissima differença da primeira.

O sr. conde da Carnota está escrevendo a vida do duque de Saldanha em inglez, obra que deve vir a ser mais volumosa do que as *Memorias do Marquez de Pombal.*

O Marquez de Pombal foi inquestionavelmente um grande estadista, e como tal ainda hoje é respeitado por toda a Europa; Portugal deve-lhe grandes serviços, no entanto teve tambem graves defeitos; sua crueldade foi extrema. Nem os fidalgos compromettidos na conspiração deviam ser tratados com tanto rigor, nem é possivel absolvel-o na morte de Malagrida; não se julgam porém como defeitos e crueldades os factos mencionados na obra de que se trata; ao ler este livro parece-me estar lendo antes uma biographia ideal, um romance, do que uma historia verdadeira, a vida de um homem acompanhado das imperfeições inherentes á fragil humanidade. Sempre um elogio pomposo, sempre um panegyrico de quanto Sebastião de Carvalho e Mello obrou na qualidade de ministro.

1290) **SMITH (MR. ISLES).** — Negociante inglez residente no Porto.

E.—*Observações sobre o decimo quarto relatorio ao conselho privado de Sua Magestade Britannica, por Mac-Gregor.*[1]

O relatorio de M. Gregor achava-se recheiado das maiores calumnias e falsidades contra os portuguezes, o que produziu geral indignação entre os commerciantes britannicos residentes no Porto, e fez com que alguns, entre os quaes o mencionado Smith, pegassem na penna para mostrarem a verdade.

1291) **SMITH (REV. A. C.)**

E. — *A Sketch of the birds of Portugal, by.* (No Ibis, 1868, pag. 428.)

«A resenha das aves de Portugal, pelo sr. Smith, comprehende 193 especies, algarismo que está longe de representar a totalidade d'ellas, como se dá pressa em declarar este erudito escriptor. Este trabalho é o fructo das rapidas averiguações que o sr. Smith poude fazer durante a sua recente visita a Portugal, e funda-se em boa parte nos mater aes que lhe foram patentes no museu de Lisboa, onde todavia existem, além das especies mencionadas, varias

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol. III, pag. 384.

Digitized by Google

outras que escaparam ao seu exame[1]. Porém o sr. Smith não quiz incluir n'ella senão as especies de cuja existencia se poude certificar, ou porque as vira vivas, ou porque encontrára d'ellas exemplares authenticos no museu de Lisboa.»

1292) **SODEN (GRAFEN JULIUS VON).**
E. — *Ignez de Castro.* Berlin, 1791.

1293) **SOETEBOM (H.)**
E. — *Reyse naar Oost Indien gedaen etc.*
(Voyage aux Indes Orientales, fait avec la flotte d'Achem et des Moluques sous les amiraux Hermsherk et Hermansz). Amsterdam, 1648, 4.°

1294) **SOMMAIRE DES LETTRES** *escrites de l'Ethiopie par les R. P. André Fernandez et Louys Azebede au R. P. Andrè Palmire, visiteur des colléges de la compagnie de Jesus en l'Inde Orientale, du mois de mars* 1623 *et de celle du roy de l'Ethyopie, dit Preste-Jean, au R. P. Louys de Corolzoa, contenant l'heureuse conversion de l'Ethiopie et du royaume des Abessyns à la foi de Jesus-Christ, et sa subjection à l'Eglise Romaine.* Lyon, 1625, 8.° Ternaux Compans, pag. 151.

1295) **SORRENTO (G. MEROLLA DA).**
E. — *Breve relatione del viaggio nel regno do Congo.* Napoli, 1692.

1296) **SOSSIO (GULLIELMO).**
E. — *Lusitanicus seu de regum cultu ex praecepto naturae et sensu politices. Auctore, Pictavii.* 1642, 4.° (O portuguez, ou ácerca do respeito aos reis, segundo o preceito da natureza e o sentido da politica.)

1297) **SOULÉS (FRANÇOIS).**
E. — *Voyage au Bresil, par Th. Lindley,* 1806.

1298) **SOUTH (THE) EASTERN RAILWAY OF PORTUGAL.** — London, 1869, 8.°

1299) **SOUTHEY (ROBERT).**
Robert Southey nascido em Bristol pelo anno de 1774 e fallecido em 1843[2].
«Deixando se enthusiasmar de principio com todo o fogo proprio da mocidade pelas iras democraticas inauguradas em França com a revolução de 1789, a ostentação apparatosa que d'ellas fez em um drama Wat Tyler, que parece haver sido a sua estreia theatral, attrahiu sobre elle o desfavor do governo, intimando-se-lhe senão ordem formal, ao menos a insinuação para que

[1] *Jornal das Sciencias Mathematicas*, vol. 2.°, pag. 168.
[2] Firmin Didot.—*Biographie Universelle*, vol. 44.°, pag. 260.

Digitized by Google

sahisse temporariamente de Inglaterra. Veiu, pois, para Portugal, procurar a companhia de um proximo parente o reverendo Horbert Hill, a esse tempo estabelecido em Lisboa, na qualidade de ministro da igreja anglicana. Aqui se deu por alguns annos ao estudo das linguas portugueza e castelhana, e da litteratura peninsular,[1] em que muito aproveitou; até voltar em 1801 para a sua patria, onde fôra provido no cargo de secretario do chanceller do thesouro da Irlanda. As suas aspirações politicas tinham padecido entretanto uma completa transformação, de sorte que o ardente democrata se convertera em decidido conservador, alistando-se na bandeira do partido tory, ao qual permaneceu sempre fiel em todo o resto da vida.

«Referindo-nos unicamente d'entre as suas numerosissimas obras àquellas que teem com as cousas de Portugal mais estreita intimidade, pedem menção especial a sua *Historia do Brazil*, impressa pela primeira vez (1810 1819) em seis volumes de 4.° e ha pouco vertida em portuguez, publicada no Brazil pelo editor Garnier em 6 volumes. A memoria ou ensaio sobre a litteratura portugueza por elle inserta no jornal *Quarterly Review*, de Londres, maio de 1809, cuja traducção acompanhada de notas pelo academico J. G. C. Muller se imprimiu, segundo cremos, em Hamburgo no mesmo anno; e outra memoria ácerca de Camões com *Analyse do Oriente* de José Agostinho, publicada no tomo XXVII do sobredito periodico (n.° de abril a julho de 1822); postoque o auctor ahi se mostre assás injusto com o nosso grande epico, ao qual pouco mais concede que a facilidade de estylo!

«A livraria de Southey comprehendia muitos e valiosos livros portuguezes impressos dos nossos auctores de melhor nota; e além d'elles uma importante e variada collecção de manuscriptos, relativos á historia civil e litteraria de Portugal, adquiridos á custa de dispendiosa e perseverante curiosidade. Por occasião da venda do seu espolio, realisada em leilão no mez de maio de 1845, a maior parte d'esses manuscriptos foram comprados para o museu de Londres, e ahi se conservam accessiveis entre as innumeras preciosidades d'este immensissimo deposito. Os titulos e contextos acham-se devidamente mencionados no *Catalogo dos Manuscriptos Portuguezes* do museu britannico escripto e dado á luz em 1854 pelo sr. F. F. de la Figanière.

A estas noticias dadas pelo sr. Innocencio é necessario accrescentar que Robert Southey é auctor d'uma *History of the Peninsular War* (1823-32, 5 vol. em 4.°),[2] obra que nos toca muito de perto.

1300) SOUTHWELL (ROBERT).

E.—*The history of the revolutions of Portugal from the foundation of that Kingdom to the Year* 1667, *with letters of— during his Embassy there, to the Duke of Ormond; giving a particular account of the deposing Alfonso, and placing Don Pedro on the throne. London, printed for John Osborn* E. 1740, 8.°, XIV, 374 pag.

[1] Innocencio Francisco da Silva, *Panorama* de 1866, pag. 22.

[2] Seu titulo em inglez é *History of Brazil*, London.

Digitized by Google

Foi esta obra traduzida em francez com algumas alterações debaixo do seguinte titulo: *Histoire du dètronement d'Alphonse VI Roi de Portugal contenue dans les letres de M. Robert Southwell, alors ambassadeur à la Cour de Lisbonne. Et precedée d'un abregé de l'histoire de ce Royaume. Traduites de l'Anglois.* A Paris. Chez David Fils, 1742, 2 vol. em 8.º, 1.º XXIV, 245 pag., 2.º, 313 com um supplemento de 8 pag.

Foram estas cartas dirigidas ao duque de Ormond.

«Robert Southwell era um homem illustrado, sensato e de grande experiencia nos negocios; e como via de perto, e observava attentamente o que se passava diariamente em relação a todas aquellas intrigas, a narração particular que fez, deve passar por exacta e fiel. De todas as relações que appareceram até agora, não ha nenhuma que contenha pormenores mais simples e mais circumstanciados dos movimentos que causaram essa famosa revolução. A miudeza agrada sempre n'estas sortes de relações.

«D. Pedro, infante de Portugal, foi um principe de pouco espirito e merecimento, mas com um exterior grave e composto como o teem todos os portuguezes. Era fraco, leviano e governado por quantos se approximavam d'elle. Todos os cortezãos cahidos da graça ou desempregados, todos os descontentes do reino se agrupavam em volta d'elle. Entregue a seus conselhos, e impellido por sua propria ambição formou o projecto de desthronar seu irmão mais velho. As medidas foram tão bem tomadas, e na conformidade da constituição do estado, e trabalharam com tanta resolução e vigor que conseguiram vencer todos os obstaculos.

«O conde de Castello Melhor, primeiro ministro do rei, era homem de grande capacidade e sinceramente amante de sua patria. Illustrára seu ministerio por algumas victorias brilhantes alcançadas sobre os hespanhoes, e estas prosperidades tinham completamente restabelecido os negocios dos portuguezes, que anteriormente se achavam n'um estado muito melindroso. Porém este ministro tinha feito um numero muito grande de inimigos, principalmente entre os grandes, por causa de seu poder excessivo no estado, e da altivez insupportavel com que tratava todos os subditos. Tendo-se tornado extremamente odioso, foi-lhe impossivel rebater os projectos formados para o perderem, e o que era uma consequencia d'elles, para perderem seu amo, que obrigado a afastal o da côrte, e abandonado successivamente por todos aquelles, nos quaes tinha confiança, por não podel-os proteger mais, achou-se elle proprio sem conselho e sem apoio, e viu-se obrigado a entregar-se d'ahi por diante nas mãos de seus inimigos, e ceder o poder a seu irmão.

«O que parece mais extraordinario nas circumstancias d'esta revolução, e o que distingue este famoso acontecimento de todos os do mesmo genero, é que não foi occasionado por um descontentamento geral da nação, por um abuso das leis, pelo uso odioso de um poder arbitrario, pela negação da justiça, pela corrupção e violencia no ministerio, pelos maus resultados de uma guerra, pela desordem dos negocios publicos, pela quebra do commercio, pela indifferença para com o bem publico, nem finalmente pelos murmurios e queixas do povo.

Digitized by Google

«Pelo contrario a nação portugueza gosava então de uma vida doce e tranquilla. Não se queixava dos impostos, e não exprobava ao governo nenhuma sorte de injustiça e de oppressão. N'uma palavra, não se notava em a nação nenhuma d'essas disposições, que teem o costume de preparar e de annunciar revoluções n'um imperio.

«É verdade que o rei por seus impetos, devassidões, inclinações vis, e divertimentos indignos tinha chamado sobre si o despreso de todos seus vassallos, e particularmente da cidade de Lisboa. Mas poucas pessoas em particular tinham motivo para se queixarem do governo, a não ser o duque de Cadaval e alguns grandes com um pequeno numero de fidalgos, a quem tinham tirado seus empregos, e cuja queda tinha creado descontentes. Tudo isto não parecia capaz de occasionar um acontecimento tal como o que se seguiu. No entanto D. Pedro, herdeiro presumptivo da corôa soube tão bem tirar partido d'aquellas cousas, que d'ellas se serviu como de meios para desthronar o irmão; cousa que merece a attenção seria de todos os principes. É um exemplo memoravel que lhes ensina o que póde acontecer a um soberano, que, não sendo estimado de seus vassallos, confia sua auctoridade a um principe que d'elles tambem não é amado.

«A revolução acontecida no mesmo reino em 1640 foi mais repentina, apesar de ser mais custoso um bom resultado. Sendo as circumstancias muito differentes, foi mister tomar outras medidas. Portugal achava-se então submettido a uma potencia estrangeira, que tratava este reino como se lhe não pertencesse, acabrunhava-o para alliviar seus outros estados. Esta má politica não devia conciliar as affeições da nação portugueza; devia até necessariamente dispol-a para uma sublevação geral. Comtudo a côrte tendo guarnecido com hespanhoes todas as praças e grandes povoações de Portugal para assustar e intimidar o povo, calculava reinar pacificamente n'este reino por meio da altivez e da violencia. Estes soldados estrangeiros no coração do estado foram olhados como um attentado á constituição do reino e á liberdade da nação. É verdade que estes meios violentos descontentaram mediocremente o povo durante um tempo consideravel. Mas tendo-se multiplicado as oppressões, e augmentado n'um grau insupportavel, e vendo-se a nação finalmente no despinhadeiro de sua ruina inteira, aproveitou-se do momento em que a côrte de Hespanha luctava com as difficuldades das guerras que tinha de sustentar, e valeu-se da occasião para sacudir o jugo. Viu-se então aquelle povo acabrunhado com impostos, vexado de todas as maneiras, escravo, miseravel, reduzido ao desespero, erguer-se de repente contra a tyrannia, similhante a uma corrente impetuosa que destrue ou arrasta tudo o que se oppõe á sua passagem, derrubar n'um dia, n'um quarto de hora, um governo tyrannico de sessenta annos. Esta revolução foi o effeito estrondoso do descontentamento secreto da nação.»

«Este famoso acontecimento, que é uma das mais brilhantes passagens da historia, nunca foi representado, como deve sel-o. Na verdade não se podia esperar de Passerat, nem de outros escriptores assalariados pela Hespanha que dissessem a este respeito verdades, que causassem vergonha áquella côrte.

Digitized by Google

Naturalmente pertencia aos portugnezes escreverem a este respeito...

«Pelo que me diz respeito depois de ter lido tudo quanto se escreveu em latim, francez, italiano e portuguez a respeito d'esta revolução, recolhi a parte mais consideravel d'aquelles aggravos. Á vista d'um tal procedimento dos hespanhoes é mais para espantar sem duvida que seu governo tenha durado sessenta annos, do que o será vel o atacado e derrubado pelos esforços da nação, cujo designio era evitar sua ruina.

«A revolução de 1580 pela qual a corôa de Portugal foi submettida e unida á de Castella, foi o effeito do poder de Philippe II, e da desintelligencia, que reinava entre a nobresa portugueza. Este principe tinha uma especie de direito apparente. Appareceu então uma immensidade de escriptos de parte a parte para sustentarem os direitos respectivos dos pretendentes á corôa de Portugal depois da morte do rei D. Henrique.»

***

«Foi no reinado de D. Manuel que os portuguezes descobriram na America o vasto paiz do Brazil, do qual se fizeram senhores, bem como das ilhas de Ormuz, Ceilão, Madagascar, cidades de Malaca, Goa etc. Em quanto reinou, não se passou quasi nenhum anno sem que este principe mettesse de verga d'alto uma frota para alguma expedição importante nas Indias. De maneira que por fim se viu senhor de todas as costas do mar, desde o estreito de Gibraltar até aos mares da Arabia, Persia, Indias, assim como de muitas ilhas e reinos. A quantidade prodigiosa de ouro, prata, mercadorias, que seus vassallos tiraram de todos aquelles paizes, enriqueceu extraordinariamente o reino, e o tornou muito poderoso. É indubitavel que nunca Portugal se viu tão florescente, como no reinado de D. Manoel. (1.° vol. pag. 28).

«Os jurisconsultos e canonistas mais sabios da Europa foram consultados a respeito do direito que os diversos pretendentes diziam ter á corôa de Portugal, e publicaram-se suas differentes opiniões. Os das universidades de Padua e de Bolonha escreveram em favor do principe de Parma. Os de Coimbra sustentaram o direito de Catharina de Bragança; os de Salamanca e de Alcalá consultados pelo rei Philippe II, decidiram a favor d'este. Miguel de Aguerra doutor de Boulogne publicou um livro para sustentar a mesma opinião; e Affonso de Albuquerque, doutor de Lisboa, fez a mesma cousa. Catharina de Medicis tambem não deixou de ter escriptores para sustentarem suas pretensões. O doutor Pelletier, e Pierre Belloy, advogado do rei encarregaram-se de defender sua causa. As provas allegadas em seu favor com as respostas do doutor Felix Teixeira, e Alonso de Lucena, foram impressas com licença em Almeirim. Joseph Teixeira publicou igualmente em Paris no anno de 1582 uma defesa em favor de Catharina, e appareceu uma outra por author anonymo impressa em Leyde. (Idem pag. 58).

«É para assombrar que tendo a cabeça de D. Antonio, Prior do Crato sido posta a premio pela quantia de oitenta mil ducados desde de outubro de 1580 até julho do anno seguinte, tendo elle andado disfarçado em Portugal, não se

Digitized by Google

encontrou um unico traidor, que o entregasse por uma tão forte somma no meio de tanta gente, a quem elle dev a confiar seus segredos! Idem pag. 97.

O segundo volume d'esta obra contem a historia das negociações para a paz entre Portugal e Hespanha.

Carta 2.ª de Southwell a Mylord Arlington

«Vos não ignorais, senhor, que o rei na sua infancia teve a infelicidade de ter o lado direito queimado. Os medicos não sómente fizeram cahir uma paralysia sobre este lado de seu corpo, seguindo o methodo funesto de o quererem curar á força de sangrias, mas até lhe enfraqueceram e lhe debilitaram tão consideravelmente o cerebro, que não sendo já susceptivel de educação necessaria para o aperfeiçoamento da sua intelligencia, no qual todavia ella teria feito mediocres progressos, a falta de tudo quanto podia contribuir para esse fim o tem deixado n'um estado estupido e digno de lastima. Tem no entanto ainda alguns curtos intervallos, nos quaes sua razão parece estar n'um estado menos mau, dá até signaes d'um espirito lucido. Mas estas especies de faiscas extinguem-se bem depressa, e recahe frequentemente no seu primeiro estado. Mal se percebem estas mudanças, e quasi que se acha sempre no mesmo estado.

«As virtudes que possue este principe, se me é licito assim fallar, no estado em que se acha, são tão levadas ao excesso, que teem contribuido outro tanto para a ruina de sua authoridade, como alguns de seus defeitos. O rei não sabe o que seja dissimular, e por isso diz sempre a verdade. Não é nunca contido nem pelas considerações dos tempos e dos logares, nem pela jerarchia das pessoas e lança em rosto em suas furias a qualquer todo o mal, que d'elle tem ouvido dizer. É naturalmente muito liberal; porém suas graças estendem-se a pessoas, que d'ellas são indignas, escandalisam as que as merecem. A miseria do reino faz julgar prodigalidades, que em qualquer outro tempo passaria por generosidade. Seu espirito é elevado e corajoso, mas está inchado com a louca imaginação de ser o Heitor de seu seculo. Ouvindo fallar um dia de certo homem, que commettera varios assassinatos, mandou-o immediatamente vir á côrte, e pol-o em o numero de seus guardas. Gosta de matar touros com sua propria mão, ursos e outros animaes ferozes: tem havido mesmo algumas occasiões, nas quaes tem mostrado muito pouca consideração para com a vida dos homens. Seu modo extraordinario de viver chega a ponto de fazer do dia noite, e da noite dia. Janta ordinariamente na cama, e come prodigiosamente. Algumas vezes fuma e bebe vinho mais que nenhum outro portuguez. Em quanto a mulheres sustenta uma especie de serralho. Porém suas caricias segundo asseveram suas amantes, são vans: seu prazer consiste em pol-as em desalinho. O conde de Castello Melhor, para conservar secreta a impotencia, de que acusam o rei, faz crear no seu palacio uma menina de quatro annos, a quem faz passar por filha d'este principe: mas já ninguem é o alvo d'este embuste, e riem-se. Passo voluntariamente em silencio outras circumstancias relativas ao temperamento d'este principe, bem como os effeitos desregrados, que d'elle teem sido a consequencia: pois é sempre custoso fallar desfavora-

Digitized by Google

velmente d'um rei. É notorio que a rainha não ignorava nenhuma d'estas circumstancias antes de partir de França para o desposar. Porém esta princesa sendo d'uma ambição desmedida, e a paixão de dominar sendo no seu coração superior a todas as outras, tudo quanto se lhe poude dizer a respeito d'elle para affastal-a d'este matrimonio, não foram, dizem, senão outros tantos incentivos para ella. Logo que na sua chegada a Portugal achou o rei quasi escravo do conde de Castello Melhor e de seus partidarios, apenas conheceu, que as intrigas que armava, não tinham outro resultado mais que desviarem-na ainda mais e que o rei affectava por maneiras más fazer-lhe experimentar os dissabores vulgares do casamento, não poude ella supportar por mais tempo o estado em que se via. Tinha correspondencia secreta com o infante. Cuido que ao principio não teve outra intenção senão a de arruinar o conde: porém esta correspondencia produzio com o decurso do tempo outros effeitos, e mais consideraveis, pois que se chegou mesmo a ponto de tratar n'ella nada menos que de amores e de casamento. O padre Verjus, jesuita francez, seu confessor, e o abbade de Santo Romain eram os principaes agentes d'este negocio, e aquelles, cujos conselhos ella seguio. Uma intriga composta de espiritos tão activos, como os que tiveram muita parte em todos estes manejos, bastaria para deitar por terra os estados da metade do mundo. Uma pessoa digna de credito, que soube d'elles mesmos de que maneira projectavam esta empreza, me contou o que se segue: Que o infante achando-se fortemente enamorado dos encantos da rainha, tinha resolvido primeiramente desthronar o rei, quando as côrtes estivessem reunidas, e que então depois de o terem encerrado n'um convento, se poria a corôa na cabeça do infante. Que a rainha se retiraria ao mesmo tempo para um mosteiro, e que passado algum tempo á declaração que havia de fazer de que ainda se achava virgem, annular se-hia seu casamento, de maneira que sem nenhuma outra necessidade de dispensa, o infante a desposaria. Tudo isto, meu senhor, vos parece sem duvida bem extraordinario. No emtanto é um boato universalmente espalhado por aqui, e o proprio rei entre outras invectivas que espalha contra o designio de reunir as côrtes, diz abertamente, que uma de suas deliberações deve ser o trabalharem para o seu divorcio.

•Quando se perguntou a estes senhores da facção franceza, da qual acabo de fallar, se a rainha achava bastante segurança n'este partido com o infante, não tiveram nenhuma difficuldade em responder conformemente a seus sentimentos. Asseveram até que seja qual fôr o caminho, que as cousas tomem, a rainha deve antes arriscar tudo, do que viver com um marido d'esta especie. Se suas tenções são taes, como dizem, creio que ella ficará mal em seus projectos: pois tenho ouvido dizer a alguns dos partidarios do infante, pessoas distinctas, que a rainha tinha patenteado em alguns dos ultimos negocios, um espirito tão arrojado, e tão emprehendedor, que antes a lisongeiam por ter precisão d'ella nas actuaes circumstancias, do que parecem desejar seu governo ou sua regencia. Accrescentam que o infante se ha de lembrar talvez que ella não lhe foi favoravel senão com prejuizo de seu marido, e que elle bem poderá retel-a n'um convento, logo que uma vez ella tiver lá entrado.

Digitized by Google

«Pelo que diz respeito ao infante não posso imaginar que algum dos progressos de sua empreza seja fundado em seus proprios talentos. É d'um genio muito docil em se conformar com os conselhos, que lhe dão, e estimado assaz geralmente, tanto por sua habilidade nos negocios, como por suas virtudes. Porém esta estima tem um objecto tão indeterminado, que tenho ouvido a varias pessoas attribuirem inteiramente á sua doçura e moderação o não ter ainda havido sangue derramado; ao passo que algumas outras gabavam sua firmeza, e pretendiam que todos seus amigos teriam vergonhosamente abalado se elle mesmo os não tivesse animado a proseguirem a sua empreza. Eis aqui a grande móla de sua intriga. Em primeiro logar fundados no conhecimento perfeito, que teem do espirito desvairado do rei, e de suas paixões violentas, tiveram cuidado de afastarem todos os empregados que podiam guial-o em suas acções por meio de conselhos salutares e lançar assim um véo sobre seus defeitos, a fim de que por este meio deixado a seu proprio procedimento, e exposto aos olhos de seu povo tal qual é naturalmente, se tornasse elle mesmo o instrumento de sua propria ruina. Conforme este projecto todos os desvarios do rei teem sido notados, e em seguida divulgados, e quasi todos os empregados convertidos em seus espiões.

«Esta reforma, e esta exclusão de certas pessoas, que rodeavam o rei, arrastou a do conde de Castello Melhor, e é para notar, que quasi nunca mais se fallou do crime, de que o accusavam ao principio, apezar de ter parecido necessario fazel-o parecer criminoso d'um attentado tão enorme, como o de ter querido envenenar o infante para melhor assombrar o povo, e interessal-o em virtude d'esta accusação até que a verdade fosse conhecida. E não se pedia então nada, que não fosse na apparencia muito rasoavel, pois que tão sómente se exig a do conde o retirar-se da côrte durante algum tempo; porém pretendia-se com esta exclusão do conde, e de alguns outros como elle facilitar e apressar o exito da grande empreza.

«Conversei hoje depois do meio dia com um joven senhor muito sensato, e partidario do infante, o qual me fallou nos seguintes termos: Não se póde prescindir de convocar as côrtes para examinar e approvar tudo quanto se tem passado, ao que não se póde dar outro nome mais que o de rebellião; e aquem dos Pyrineos similhantes intrigas nunca se qualificaram d'outra sorte. Mas, logo que se convocarem, accrescentou elle, os tres estados do reino, que formam um tribunal soberano, e reduzem até a pessoa do rei á mesma posição que um simples particular, então os motivos e causas d'aquelles procedimentos tendo sido patenteados, sendo os crimes e as desordens dos accusados maduramente examinados, e julgados em ultima instancia, tudo quanto se tiver passado n'aquellas agitações será justificado pela authoridade d'aquella assembléa, e o mundo ficará convencido da justiça de todos os nossos movimentos.

«Creio que vem a proposito fazer-vos aqui observar, meu senhor, que em quaesquer mãos que a authoridade suprema caia, será necessario certamente mais de meio seculo para reduzir o povo áquelle gráo de submissão e de obediencia, que deve a seu soberano, e no qual estava antes d'estas agitações. Pois tem sido tão corrompido e ensoberbecido pela opinião, em que tiveram

Digitized by Google

cuidado de o conservar a respeito de sua pretendida authoridade, lisonjeando-o d'uma parte e d'outra para lhe fazer approvar e proteger toda esta conspiração, que elle se exprime em seus discursos d'uma fórma tão licenciosa, que se poderia imaginal-o em qualquer republica.

«A esperança que davam a si mesmo, que se poderia então fazer reviver o tratado com a Hespanha, era o mais forte dos motivos espalhados com o fim de excitar geralmente a impaciencia dos portuguezes pela reunião dos tres estados; e nenhum boato estava mais propagado entre o vulgo, que aquelle, que corria de que se receberiam propostas de Madrid, das quaes eu era o depositario. Consistiam ellas n'uma tregua de quarenta annos, e no titulo de corôa. Mas no meio d'estes rumores populares, chega de Madrid um tão grande numero de cartas, confirmando que o titulo de rei é já concedido pela Hespanha que todos os portuguezes voltam os olhos para aquelle lado, e esperam o expresso, que deve ser despachado por Mylord Sandwich. Mr. de San Romain receia muito vêr o effeito, e as consequencias poderão talvez fazer-lhe sentir que servio mal a França ajudando a precipitar o conde de Castello Melhor, pois elle contribuiu para isso e tomou parte nos conselhos da rainha, em que se resolveu a ruina do conde. Escreveo para a França com o fim de justificar seu procedimento, que se o conde se tivesse conservado por mais tempo no poder, se teria opposto ao tratado, e celebrado algum accordo com a Hespanha apezar de ser evidente o contrario. No emtanto todos os escriptos furiosos e diffamatorios, que apparecem presentemente, accusam o conde, ao passo que seus proprios amigos lhe exprobam o ter tido a simplicidade e imprudencia de haver preferido os interesses dos francezes ás propostas de accordo offerecidas pela mediação da Inglaterra. Os do partido dominante nada mais fazem que sorrir regosijando se de verem uma razão tão admiravel para se tornarem inimigos do conde, apezar dos grandes motivos, que tinham para conservarem sua amizade.

«Tendo o conselho de estado observado até que grão de orgulho o povo se tinha elevado, e com quanta impaciencia supportava a recusa do rei de convocar as côrtes, importunou e instou tanto com sua magestade para ceder aos clamores do povo, que por fim constrangido até certo ponto a satisfazel-o, consentio em convocal-as, sem querer todavia, assim como o desejavam, marcar a reunião para o *primeiro de janeiro*, mas sim para 2 de fevereiro.»

A leitura d'esta obra (que não é vulgar) torna-se indispensavel para um perfeito estado do governo de D. Affonso VI, e recommenda-se principalmente a leitura da pag. 116 do 2.º vol. áquellas pessoas, que só admiram a moralidade dos tempos antigos.

1301) **SOUSA** (MAD. DE). — Anteriormente condessa de Flahault. O nome d'esta illustre escriptora franceza era Adelaide Marie Emilie Filleul[1]. Nasceu em Paris no anno de 1761, e n'esta mesma cidade morreu a 16 de abril de 1836. Tendo sido educada n'um convento, d'elle sahiu para casar com o

[1] Firmin Didot — *Biographie Universelle;* pag. 275 do tomo 44.º

Digitized by Google

conde de Flahault. Porém havendo seu marido sido guilhotinado durante a revolução franceza, viu-se na necessidade de viver por algum tempo em Hamburgo, onde veiu a conhecer o diplomata portuguez José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, o celebre editor da sumptuosa edição dos *Lusiadas*, conhecida vulgarmente pelo titulo de *Edição do Morgado Matheus*, feita em Paris em 1817. N'esta cidade de Hamburgo casou a celebre escriptora franceza com o nosso compatriota.

Mad. Sousa é auctora d'um grande numero de obras, como *Adele de Senange — Emilie et Alphonse — Eugenie et Mathilde — Charles et Marie — Eugene de Rothelin — Comtesse de Fargy — Mademoiselle de Tournon — Duchesse de Guise.*

«Mad. Sousa é um espirito [1], um talento que se prende inteiramente ao seculo XVIII. Ella viu maravilhosamente o mundo, amou-o, bem como ao tom, usos, educação e vida convenientemente distribuida. Foi instruida pela sociedade, pelo mundo, e exercitou-se a ver e a sentir n'um horisonte que lhe foi traçado.»

1302) **SOVRANITA (LA) TEMPORALE DEI ROMANI.** — *Spagna — Portogallo — America Portoghese.* Roma, 1860.

1303) **SPECULATIEN OP'T CONCEPT** *van Reglement op Brazil.* T'Amsterdam, 1648, 22 pag. M. S.

1304) **SPECULUM TYRANNIDIS PHILIPPI** *Regis Castillae in usurpanda Portogallia, verique Portogallensium juris in elegendis suis regibus ac principibus.* Parisiis, 1595.

(Espelho da tyrannia de Philippe rei de Castella na usurpação da corôa de Portugal, e legitimo direito que os portuguezes teem de elegerem seus reis e principes.)

1305) **SPENCE (FERRAND).**

E. — *Don Sebastian king of Portugal. An historical Novel done out of French by.* London, 1683.

1306) **SPONTONE (CIRO).**

E. — *Ragguaglio del fatto d'arme seguito nell'Africa tra Sebastiano, re di Portugallo et Muley Anda Maluco.* Bolognia, 1601.

1307) **STAEL** (MAD.)

A correspondencia entre esta celebre escriptora e o fallecido duque de Palmella ainda hoje existe inedita, e a respeito d'ella dá-nos Lopes de Mendonça os seguintes esclarecimentos:

[1] Saint-Beuve. *Portraits de femmes*, pag. 45. A acção de um poemeto que termina este volume é passada em Portugal.

Digitized by Google

«Parte da traducção dos *Lusiadas* feita em francez pelo duque de Palmella, e cujo autographo a familia do duque, como é natural, conserva com toda a veneração, notam-se observações numerosas de Mad. de Stael, que provam que se a illustre escriptora não penetrara no inteiro conhecimento das bellezas da lingua de Camões, advinhára a maior parte d'ellas por aquella maravilhosa intuição dos talentos superiores.

«O duque teve de retirar-se para Roma, aonde devia residir como encarregado da legação portugueza, e foi n'esse tempo que começou entre ambos uma activa correspondencia, que ainda existe inedita, e que suppomos que assim ha de continuar por muitos annos. Pela leitura d'estas cartas, se justos melindres não impedissem a satisfação de uma curiosidade pouco respeitosa e por ventura indiscreta, poderiamos avaliar até que ponto se póde dar credito ás suspeitas que attribuem ao joven portuguez um parentesco poetico demasiadamente intimo com o romantico lord Oswald que divaga melancolicamente pela Italia, pungido pelo fastio devorador da vida, no celebre romance de *Corinna*.

«Não seremos ousados suppondo que na illustrada sociedade de Coppet, aonde o duque de Palmella residiu dois mezes completos em 1806, representando com mad. de Stael e Benjamin Constant, Mathieu de Montmorency e de Barante tragedias do theatro classico (a *Zara* de Voltaire e a *Phedra* de Racine entre outras) abraçaria o duque de Palmella as theorias da escola liberal ingleza, que apaixonavam n'esse momento a imaginação de mad. Stael e de Benjamin Constant, e a que os excessos da revolução e o regimen glorioso, mas oppressivo, que lhe havia succedido, concediam um prestigio capaz de seduzir os mais sisudos espiritos».

1308) **STAFFORD (IGNACIO)**.—Inglez de nação, jesuita e professor de mathematica no collegio de Santo Antão.

E. em castelhano. — *Elementos de mathematica dedicados á nobreza lusitana*. Lisboa, 1634, 8.°

Comprehende este livro os elementos de geometria e de astronomia.

1309) **STANCEL (VALENTIM)**.

E. — *Legatus Uranicus ex orbe novo in veterem, hoc est. Observationes Americanae cometarum factae*. Pragae, 1683.

(Trata dos cometas observados na Bahia nos annos de 1664 e 1665.)

1310) **STATISTICAL (A) AND GEOGRAPHICAL** *survey of Spain and Portugal, giving a detailed and special account of the provinces, cities, and towns of both kingdoms: their extent, population manufactures, distances and bearings, etc. Accompanied with an Index and illustrated with a map. Compiled from the best and latest authorities.*

London, 1808, 171 pag.

Digitized by Google

1311) **STEINDACHER (M. FRANZ).**

E. I. — *Catalogue des poissons d'eau douce de Portugal conservés au muséum d'histoire naturelle de Lisbonne, par —.*

Foi este trabalho publicado na parte 2.ª do tomo 3.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* — Nova serie.

II. — *Ichthyol. Bericht uber cine nach Spanien und Portugal unterne.* Reire, 1866.

1312) **STELLA (JOAQUIM CHAUMEIL DE).**— Chevalier de plusieurs ordres militaires de Portugal, e Auguste de Santeuil.

E. — *Essai sur l'histoire de Portugal depuis la fondation de la monarchie jusqu'à la morte de D. Pedro IV* (1080-1844). *Par* —. Bruxelles. 4.º, 1841, 2 vol., 1.º de 203 pag. com o retrato de D. Pedro IV, 2.º de 206 pag. com o de D. Maria II e com algumas copias de authographos de paginas notaveis do nosso paiz n'estes ultimos tempos.

O auctor é um grande admirador de D. Pedro.

«Até aqui (pag. 91 vol. 1.º) o theatro dos acontecimentos ampliou-se: dentro de alguns annos o veremos tornar-se mais vasto; depois, quando os portuguezes houverem tocado o apogéu da riqueza e da gloria, seu poder repentinamente derribado, virá extinguir-se debaixo do jugo dos estrangeiros, e teremos de contar a decadencia da monarchia e a iniciação do povo nos progressos da civilisação moderna. Estas duas ultimas phases dos annaes de Portugal são tão curiosas para estudar quanto as que teem já percorrido; todavia esta marcha decrescente reproduz-se muitas vezes na historia, ao passo que a prosperidade dos portuguezes é unica, incrivel. Pouco numerosos, occupando um territorio acanhado, fizeram nas quatro partes do mundo conquistas immensas, sustentaram por toda a parte a guerra, e tornaram-se senhores do commercio universal. Superiores em tudo, inspiravam terror, admiração, respeito, e os povos timidos da India, deslumbrados com a rapidez de suas victorias, diziam na sua ingenuidade: *Bem hajam os Deuses por não fazerem muitos portuguezes, pois o universo não poderia bastar á sua ambição!*

* * *

«O portuguez não é, como se tem muitas vezes dito, um dialecto do castelhano, mas sim uma lingua á parte, derivada do romano, com palavras e phraseado arabes. Ha muita differença na pronunciação e na construcção entre o castelhano e o portuguez. Menos pomposa, mais simples, mais clara que o hespanhol, convem a lingua portugueza mais á conversação, presta se mais facilmente á traducção rapida dos pensamentos. Os synonymos, diminuitivos e augmentativos, abundam n'ella, e tornam facil pintar os objectos sem periphrases, com uma infinidade de matizes.

«Um tal instrumento manejado por um povo folgasão, espirituoso, intrepido e voluptuoso, devia produzir uma litteratura variada e rica, mormente em poesias epicas e lyricas. Eis o que aconteceu. Até á epocha de D. Sebastião a maioria das obras de theologia e de jurisprudencia compostas pelos portu-

Digitized by Google

guezes, foram escriptas em latim: estão todas, como seus auctores, cahidos no esquecimento actualmente. Entre os que se serviram do idioma portuguez, João de Barros adquiriu uma grande celebridade com a sua *Historia da Asia*, continuada por Diogo do Couto. Não podemos citar, nem todos os nomes nem todas as obras, mas durante seu periodo heroico, os lusitanos não deixaram de ter jámais escriptores para registrarem suas proezas.

«Os portuguezes tambem compozeram romances de cavallaria. Cumpre considerar no primeiro logar o *Clarimundo* de João de Barros, e a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro; a *Historia de Carlos Magno e dos doze pares de França* [1], e por fim o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, que foi traduzido em todas as linguas da Europa.

«As luctas contra os arabes, e as descobertas das Indias, apresentavam objectos extraordinariamente grandes para serem pintados, e não podiam por isso faltar os poetas. Uma velha collecção do fim do seculo xv, contém os versos de mais de cento e cincoenta auctores differentes; no começo do xvi appareceu o poema heroico de *Nuno Alvares Pereira*, por Francisco Rodrigues Lobo, e o do *Cerco de Diu*, por Jeronymo Corte Real.

«Mas ao lado d'esta escola toda lyrica, celebrando as acções dos heroes, erguia-se mais modesta, e talvez mais litteralmente correcta, uma escola bucolica, da qual Bernardim Ribeiro é considerado como o chefe: depois d'elle vem tomar seu posto Diogo Bernardes, Francisco de Sá de Miranda, Lopo Serrão e Christovão Falcão, governador da Madeira, que consagrou seus canticos á pintura dos amores desditosos.

«Viram-se quasi ao mesmo tempo todos os generos de poesias cultivadas com bom resultado por Luiz Pereira Bayão, Marçal de Gouveia, Paulo Machado Escoto, Pedro de Andrade Caminha e Vasco Mousinho de Quevedo: todos contemporaneos ou imitadores de Camões, seu rival, seu vencedor e seu modêlo.

«Os *Lusiadas* era a primeira epopeia, digna d'este nome, publicada nos tempos modernos: Tasso e Milton ainda não tinham cantado, e a *Divina Comedia* não serviu de modêlo ao poeta portuguez.»

1313) **STERNE.**

E. — *Du Mondego, ou le français en Portugal, trad. du portugais par un refugié.* Paris, 1809, in-8.°

1314) **STEVENS (J.)**

E. — *The ancient and present State of Portugal.*
London, 1698, 2 vol.

1315) **STEWART (A. A.)**

E. — *Exile of Portugal*, 2 vol.

[1] Engano do escriptor: esta obra não é portugueza.

Digitized by Google

1316) STOOTER (JOÃO), natural de Anvers.

E. — *Arte de brilhantes vernizes e das tinturas, fazel as, e o como obrar com ellas, e dos ingredientes de que o dito se deve compor, etc. Como tão bem uma offerta de* 18 *ou* 20 *receitas curiosas e necessarias para os ourives do oiro.* Anvers, por la viuva de Henrico Verdussen, 1729, 8 °, 63 pag.

II. — *Spingardeiro com conta, peso e medida, que refuta desproporções, ou exactas speculações e experiencias observadas com conta, peso e medida.* Anvers por Henrico e Cornellio Verdussen, 1719, 4.°, 82 pag.

1317) STOTHERT (WILLIAM).

E. — *A narrative of the principal events of the compaigns of* 1809, 1810 *and* 1811 *in Spain and Portugal.* London, 1812.

1318) E. — *Observations on some passages in L. Col. Napier s'history of the Peninsular War.* London, 1829.

1319) STRICKLAND (AGNES).

E. — *Lives of the Queen of England, by.* London, 1857.

De pag. 478 do 5.° vol. d'esta obra até o fim d'elle (703) vem a biographia da nossa D. Catharina de Bragança, trazendo o retrato d'esta portugueza.

1320) STUART (CHARLES).

«Nascera este distincto diplomata em Buthe, ilha da Escocia, a 2 de janeiro de 1779; e depois de prestar ao seu paiz importantissimos serviços, pelos quaes mereceu ser elevado ao pariato com o titulo de lord Stuart de Rothesay, falleceu cumulado de honras e condecorações a 6 de novembro de 1845.

«Vindo para Lisboa pouco depois de realisada a expulsão do exercito francez em 1808, com o caracter de ministro britannico acreditado junto á regencia do reino, participou com ella dos actos e resoluções governamentaes nos annos que se seguiram, tomando assento entre os seus membros com voto deliberativo, que devia ser principalmente attendido em todos os assumptos de guerra e fazenda. Assim o determinára do Rio de Janeiro a suprema potestade do então principe regente! Este mesmo, quando reinante com o nome de D. João VI, o escolheu para seu plenipotenciario no Brazil, commettendo-lhe o cargo de negociar e assignar em seu nome o tratado de 29 de agosto de 1825, pelo qual ficou definitivamente sanccionada a separação, e reconhecida a independencia do imperio. O desempenho d'esta missão foi-lhe remunerado em 22 de novembro do mesmo anno com o titulo de conde de Machico. Á confiança do pae succedeu a do filho D. Pedro IV, que fazendo-o portador da carta constitucional decretada em 29 de abril de 1826, creava para elle no 1.° de maio immediato o titulo de marquez de Angra.

«Foi lord Stuart homem notavelmente instruido, e mui versado na litteratura antiga e moderna, conhecendo e fallando todas as linguas cultas da Europa. Amava com excesso os livros, e na leitura d'elles consumia a maior parte do tempo, que lhe sobrava do exercicio das funcções diplomaticas em que an-

Digitized by Google

dou constantemente empregado; com quanto de preferencia se dedicasse á lição das obras historicas.

«No periodo de sua primeira residencia em Portugal deu-se ao estudo da nossa lingua: e tal affeição lhe inspiraram os nossos escriptores antigos, que não poupou cuidados nem dinheiro para adquirir as obras impressas mais notaveis por preço e raridade, e para haver copia dos manuscriptos mais importantes[1] de nossos archivos e livrarias. Reuniu uma collecção completa, quanto era possivel, das actas ou capitulos de nossas antigas côrtes, e fez copiar o *Cancioneiro* original dito do Collegio dos Nobres, que mais tarde, em 1823, estando por embaixador em Paris, fez imprimir n'aquella com o titulo:

«*Fragmentos de um Cancioneiro inedito, que se acha na livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso à custa de Carlos Stuart, socio da Real Academia de Lisboa.* Em Paris, no Paço de Sua Magestade Britanica, 1823.

«Edição de que apenas se tirou um pequeno numero de exemplares, destinados exclusivamente para presentes, e da qual resultou tornar-se conhecido e celebre na Europa um monumento, cuja existencia era totalmente ignorada. Adquiriu pelo mesmo tempo um exemplar do *Cancioneiro geral* (impresso) de Garcia de Resende; porém mui damnificado, e até falto de folhas.

«O zeloso bibliophilo fez copiar com toda a exactidão as que faltavam; e imprimindo-as passados annos, em Londres, em caracteres iguaes aos da obra, conseguiu restaurar um exemplar mutilado, tornando-o completo e perfeito.

«Finalmente os que, levados da curiosidade, pretenderem a descripção minuciosa de todas as preciosidades que n'este genero conseguiu accumular em sua vasta e rica bibliotheca o illustrado diplomata, podem recorrer ao livro estampado em Londres, 1853 (anno em que veiu a realisar-se a venda da livraria) cujo titulo é: *Catalogue of the valuable Library of the late Right Honorable Lord Stuart de Rothesay... collect during many years residence as British Ambassador at the Courts of Lisbon, Madrid, the Hague, Paris, Vienna, St. Petersbourg, and Brazil.*

É um volume, que em 324 pag. no formato de 8.° grande contém 4:323 artigos, encerrando estes correspondentemente muitos milhares de volumes.

1321) **SUARCE (COLONEL BARON DE).**

E. — *Journal de l'expédition des Algarves sous le commandement du Maréchal Duc de Terceira. Année* 1833. Paris, 1834, 8.°

1322) **SUCCINTO RAGGUAGLIO DATO DA S. ECC. IL SIGN.** *Bal. Venceslau, Comte Arrach, circa el ceremoniale stato praticato nell'Ambasciata fatta d'anno scorso 1728 nella reale Corte di Portogallo.* Roma, 1728.

Narra esta obra a vinda a Lisboa do embaixador da ordem de Malta para visitar el-rei D. João V da parte do grão-mestre.

[1] Innocencio Francisco da Silva, no *Panorama* de 1866, pag. 43.

Digitized by Google

1323) **SUFFERINGS (THE) OF JOHN CUSTOS** *for free-masonry, and for his refusing to turn Roman Catholic, in the Inquisition at Lisbon; where he was sentenc'd, during four years, to the Galley; and afterwards releas'd from thence by the gracious interposition of his present Majesty King George II. To which is annex'd the origin of the Inquisition, with its Establishment in various Countries. A distinct Account of that Tribunal, with many Examples of its Injustice and cruelty; and the practice of the primitive Church, in bringing over Hereticks, compared with that of the Inquisition. Extracted from a great Variety of the most approved Authors. Enrich'd with sculptures, design'd by Mr. Bostard.* London, Printed by W. Strahan, for the Author, 1746, 8.º grande, 400 pag.

É offerecida ao conde de Harrington.

As estampas representam diversas torturas applicadas aos presos na inquisição.

1324) **SUPPLEMENTO ALLE OSSERVAZIONI** *che l'Autore N. N. offerisce al pubblico sopra la Condotta del Primo Ministro di Portogallo l'Iltriss. ed Excellentiss. Sig. Conde d'Oeyras interno à presenti fatti de Gesuiti del medesimo Regno.* In Lugano, 1761, 8.º, 96 pag.

É contra os jesuitas, pretendendo que o mau procedimento d'estes padres data de tempos antigos.

1325) **SWAINSON.**

E. — *Carta de Mr. — de Liverpool escripta ao professor Jameson, de Edimburgo em que lhe dá relação da viagem que fez pelo Brazil, em* 1817 *e* 1818.

Vem a referida carta em portuguez a pag. 243 e seguintes do *Jornal Encyclopedico de Lisboa.*

O fim da referida viagem era o de colligir objectos de historia natural.

Digitized by Google

T

1326) **TAMS (DR. GEORGE.)**

E.—I. *Portugiesische Besitzungen in Sud-West Africa Mit einem Vorworte von Prof. Carl. Ritter.* Hamburgo. 1845.

Foi esta obra traduzida do allemão para inglez com o seguinte titulo: — *Visit to the Portuguese possessions in South-Western Africa. Translated from the German by H. Evans Lloyd.* London. 2 vol.

Foi tambem vertida em portuguez esta obra, e impressa no Porto no anno de 1850.

«Ribeiro dos Santos, negociante, e consul geral portuguez em Altona, resolveu fazer[1] uma expedição commercial á costa Occidental de Africa com uma esquadrilha de seis navios—*Vasco da Gama, Camões, Sultana, Georgina, Hedwiges,* e *Esperanza,* a bordo do qual se embarcou aquelle cavalleiro, o doutor Tams medico da expedição, mr. Wrede, botanico hanoverianno, o doutor Growbendner, entomologo hamburguez, etc. Esta expedição tão dispendiosa e colossal, emprehendida á custa d'um só homem, e com tamanho fornecimento de especies commerciaes, como de objectos de particular commodidade e recreio saiu de Altona no dia 28 de junho de 1841. Um mez depois tocava no Porto Santo, atravessava o tropico de Cancer na noite do primeiro de agosto, e passados poucos dias fundeava junto á ilha de Santo Antão: d'ahi partindo a 8 de agosto, e tocando na de S. Vicente navegou para Benguella, de cujo porto deu vista a 10 de outubro, lançando ferro alli no dia seguinte.

«A 28 d'esse mesmo mez saiam já os navegantes para Loanda, aonde entraram a 4 de novembro, fazendo escala por Novo Redondo. Dois mezes depois regressaram a Benguella, e o doutor Tams partia com a nomeação de cirurgião mór d'aquella cidade pelo governador de Angola, e com promessa de melhor logar em Loanda: accommeteram-no então as febres climaticas: o sr. Ribeiro dos Santos falleceu aos 17 dias de doença, assim como mr. Heyne de

[1] *Atheneu.* vol. I, pag. 161.

Digitized by Google

Altona, seu primeiro caixeiro, e em Benguella foram encontrar o cadaver de mr. Wrede, e mr. Growbendner moribundo com as febres, de que veiu a morrer no mar quando regressou á Europa, assim como o secretario portuguez, que o chefe da expedição tomára em Lisboa, e que ainda era moço.

«Transtornada a empresa por estes desastres, voltou a expedição a Loanda, e n'ella o doutor Tams, já sem vontade de ser empregado na costa d'Africa; em fins de fevereiro fizeram-se de vela para Ambriz, donde abordando á ilha de Anno Bom a 11 de março, seguiram para os Açores, chegando ao Fayal a 10 de maio, e a 31 do mesmo mez de 1842 fundearam em Altona.

«Esta expedição tinha causado tamanha admiração, o seu objecto tinha sido tão suspeitado de tracto de escravatura, e a desgraçada catastrophe, que lhe poz termo, excitou tanto a attenção, que o doutor Tams, vendo o geral acolhimento dado a um artigo do *Jornal litterario* de Hamburgo ácerca do reino dos negros de Ambriz decidiu-se a escrever esta obra publicada em 1845.

«N'esta longa viagem, apesar da pequena demora em quasi todos os pontos, o doutor Tams foi incançavel em indagar tudo quanto podia ser proveitoso ás sciencias, e mesmo ao commercio, e ainda que a esphera das suas observações não seja muito extensa, como observa o professor prussiano Carl Ritter, os resultados são os mais amplos. Inflexivel contra o trafico da escravatura, e verdadeiro apreciador das vantagens da exploração dos immensos productos das nossas colonias, não cessa de lamentar a estagnação do utilissimo commercio, que ellas offerecem, sacrificado á facilidade, com que o trafico da carne humana enriquece em poucos annos os especuladores.»

1327) **TAYLOR (J).** — Chevalier de l'Ordre Royal de la Legion d'Honneur et l'un des auteurs des *Voyages pittoresques dans l'ancienne France.*[1]

E.—*Voyage Pittoresque en Espagne, en Portugal et sur la Côte d'Afrique, de Tanger à Tétouan; par—.* Paris, librairie de Gide Fils. 1832. fol. maximo. 3 vol. Obra verdadeiramente monumental.

O primeiro volume versa só a respeito da Hespanha.

É no segundo que o auctor principia a tratar de Portugal, e as estampas, que nos dizem respeito são as seguintes:

I. Cabo de S. Vicente. Narra defronte da estampa a batalha conhecida pelo nome d'este cabo, dada em 14 de fevereiro de 1797.

II. Egreja da Villa do Bispo no Algarve. Diz Taylor que esta egreja se torna notavel pelo seu genero de architectura, o qual foi depois introduzido no Brazil pelos portuguezes.

III. Vista de Lisboa, tirada do Tejo. «O espectaculo da vista de Lisboa é admiravel. Faz advinhar um povo celebre por sua coragem, conquistas maritimas, e que foi o primeiro a abrir caminho para a India.»

IV. Sachristia da Egreja de Belem. Faz-lhe os maiores elogios, achando-a superior á da Cathedral de Senlis.

V. Vista d'um acompanhamento funebre.

[1] O nome por inteiro do auctor é Isidore Justin Severin Taylor.

Digitized by Google

VI. Trajos usados nas proximidades de Lisboa.

VII. Vestibulo do palacio de Cintra. «E' este palacio um dos mais curiosos monumentos da Peninsula. Sua architectura e ornamentos pertencem geralmente ao gosto da renascença. Porém em Portugal este estylo não corresponde ao que tem este nome na França, e mesmo na Italia; esta observação é commum a todos os monumentos d'este reino construidos pela mesma epocha. A architectura antiga e a architectura gothica conservaram o caracter, que possuem em toda a Europa: porém o estylo da renascença tornou-se em Portugal um typo particular, que pertence á nação, typo de força, de graça, de riqueza, e de originalidade, que não tem outro exemplo na historia da architectura. Não saiu, com certeza, todo armado do cerebro dos portuguezes; com tudo não é menos certo que produziu tres monumentos deliciosos, dos quaes em vão procurariamos o modelo e a copia n'outra parte. São: — Cintra, Belem e Batalha. É realmente a liga do gosto oriental com o estylo occidental.»

VII. Entrada da salla d'armas em Cintra. «O palacio real de Cintra brilha em bellezas de primeira ordem. Data da epocha, em que Portugal viu levantar se o maior numero de monumentos dotados com um verdadeiro sainete de riqueza e de originalidade.»

IX. Pelourinho de Cintra.

X. Outro pelourinho em Cintra.

XI. Ruinas d'um castello mouriseo em Alcobaça.

XII. Tumulos de D. Ignez de Castro e D. Pedro. «É o que ha de mais precioso, e de mais admiravel em Alcobaça.»

XIII. Capella dos reis na Batalha. «Esta capella é sem duvida o mais bello florão d'este magnifico arrendado de pedra, a que se dá o nome de Batalha. Será sempre um assumpto de estudo dos mais interessantes para o sabio e para o artista.»

XIV. Tumulos dos filhos de D. João I na Batalha. «A riqueza dos accessorios e a pureza dos ornamentos d'este delicioso specimen da arte no seculo XV tornam este monumento funerario notavel mesmo na Batalha, esta maravilha de que Portugal se ufana com justo titulo, e que no entanto diariamente deixa arruinar cada vez mais.»

XV. Tumulo do rei D. João I na Batalha. «Este mausoleu fica á direita entrando na egreja, fórma uma capella, cujas disposições produzem o effeito mais nobre e mysterioso.»

XVI. Porta da capella dos Templarios em Pombal. «Este monumento é de alta antiguidade.»

XVII. Capella dos Templarios em Pombal.

XVIII. Castello da edade media em Pombal. «Só falta ás ruinas de Pombal um romancista como Walter-Scott, ou serem visitadas pelo auctor de Jean Sbogar.»

XIX. Despojos mortaes do Marquez de Pombal: «O homem, que fez erigir tantos monumentos, que protegeu as sciencias e artes, não obtem dos portuguezes algumas pedras para protegerem seus despojos mortaes.»

XX. Os terços em Coimbra. «É impossivel descrever os effeitos admira-

Digitized by Google

veis, que produzem no meio dia da Europa, os costumes e ceremonias do culto catholico. Os terços tomaram nascimento n'um uso solemne, que já se não encontra senão em algumas povoações pouco em communicação com as capitaes. Ao anoitecer, quando o sino da Ave Maria vem annunciar o pôr do sol, todos os habitantes de cada casa cantam junto de suas janellas, ou no limiar de suas portas em coro, ou cada um em separado, o Rosario ou as Ladainhas de Nossa Senhora. Eram seis horas, quando cheguei a Barcellos: toda a povoação estava a resar: a voz de meninos e meninas se misturava com a dos velhos, e dez mil almas ao mesmo tempo cantavam hymnos em louvor de Deus. É mister conhecer o gosto dos povos do meio dia, amar estas grandes scenas, em que um povo inteiro toma parte na acção, para que se possa conceber a sensação do viajante.»

XXI. Maneira de viajar em Portugal entre Valença e Porto.

XXII. Moinho nas proximidades de Milfontes. «Os moinhos de Portugal apresentam um aspecto extremamente desusado, que procede das velas, mechanismo que em nada se parece com o dos outros moinhos da Europa.»

XXIII. Moinho entre Badajoz e Elvas. «Elvas é uma das praças mais fortes da Europa.»

* * *

«Por espaço de cinco leguas seguimos a costa, que não apresenta algum abrigo; finalmente o Cabo de Espichel veiu annunciar-nos o termo de nossa navegação, e pouco tempo depois entramos no Tejo.

«Será a descripção insufficiente para pintar o admiravel espectaculo, que se desenrolava a nossos olhos; á nossa esquerda as altas montanhas dominando Cintra veem banhar seu pé carregado de verdura, e ornado de graciosas casas nas aguas limpidas do rio; d'este lado o Castello de S. Julião defende a entrada. Na margem opposta serras revestidas de arbustos agrestes coroadas de povoações importantes, lhe oppõem uma barreira invencivel: de todos os lados só vemos pomares, campos bem cultivados, e casas pittorescamente situadas. Os moinhos singulares, dos quaes nossos desenhos apresentam algumas vistas, dominam as alturas. Se lançamos a vista para o rio, o numero infinito de barcos de pesca, e de navios á vela, que se avistam, annuncia as proximidades d'uma cidade florescente.

«Com tudo, nosso navio avançava; já tinhamos transposto alguns bancos de areia que se acham á entrada do rio, quando descobrimos a torre do castello de Belem. N'este local o rio alarga-se consideravelmente; e dobrando um ultimo pontal achamo-nos em frente da cidade de Lisboa da qual distinguiamos havia muito tempo, as primeiras casas, que bordam o Tejo.

«O espectaculo d'esta cidade construida em amphitheatro na margem direita do Tejo offerece aos pintores os mais bellos assumptos, que seja possivel imaginar. A bahia, que forma o rio abrindo-se defronte de Lisboa, ancoradouro excellente para toda especie de navios, tem n'este logar tres legoas de largura. A quantidade de navios ancorados, o aspecto variado dos edificios, que se desenhavam a nossos olhos, os diversos accidentes d'este quadro, pro-

Digitized by Google

ducções da natureza e das artes, cobertos por um incommensuravel veo do mais bello azul, mergulharam-nos n'um extasis egual áquelle, que deveu experimentar Claude Lorrain, quando creou suas magnificas obras primorosas.

«O que attrahe em primeiro logar, e com razão, a attenção do estrangeiro, que chega a Lisboa, é a Praça do Commercio, centro do novo bairro, e gloria do Marquez de Pombal, o estadista mais celebre, que possuiu Portugal.

«Na Sé de Lisboa as tapeçarias, os vasos sagrados, os paramentos são d'uma riqueza difficil de comprehender; ficámos deslumbrados com a vista dos objectos, que mostraram á nossa curiosidade.

«O mosteiro de Belem é um d'esses edificios para os quaes se tem esgotado todas as formulas de admiração. Á primeira vista conhecemos que tal admiração nada tinha de exagerado.

«Os arredores de Cintra são encantadores, e d'isso nos convencemos durante o trajecto, que fizemos para nos dirigirmos a Mafra. De todas as partes sómente vemos campos bem cultivados.»

Taylor não percorreu as provincias do Norte de Portugal.

Parece ter sido este mesmo Taylor aquelle, que foi enviado por Luiz Philippe, rei de França, a Portugal, com o fim de tirar um modelo em gesso das columnas da Egreja dos Jeronymos em Belem, e de o remetter para França, o que assim se praticou.

1328) TEBAVERS (GEORGE CHRISTIAN).

E.—*Portugistsche deschichte von den attesten zesten bolts bis auf irigereiten mit genealogischen Zabellen und vielen unmerfungen versehen, etc.* Leipzig, 1759.

Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

1329) TEGEN ADVYS OP DE PRESENTATIF VAN PORTUGAL. *Gesonden wyt's Graven-hage. Aen cenen Vrient in Zeelant. Waer in de hedriegerije ende trouweloos handel der Portuguysen met de H. H. Staten de Vercenighde Nederlanden ende Gewindt-hebbers van de West-Indische Compagnie aengerecht klaer aen den dagh worden gebracht door Lief-hebber des Naderlandts,* 1648. Mensae (sic) Junii 15. 4 folhas sem numeração.

1330) TEJON (D. JOÃO). — Poeta muito conhecido em Hespanha, e natural de Malaga.

Terminou o seu *Romanceiro*, que tenciona dedicar a el-rei o sr. D. Luiz, *Romanceiro* a que faz muitos elogios a imprensa do paiz vizinho.

No *Romanceiro* narra o sr. D. João Tejon os factos mais gloriosos da monarchia lusitana. (*Diario Illustrado*, n.º 1435, 6 de janeiro de 1877).

1331) TELLAIS (C. DE LA).

E.— *Étude historique, economique et politique sur les colonies portugaises*

Digitized by Google

leur passé, leur avenir, d'après les decrets de novembre et décembre, 1869. Paris, 1870, 279 pag [1].

1332) **TELLIER (JEAN LE).**

E. — *Voyage aux Indes Orientales.* Dieppe, 1649, 4.°

1333) **TEMPORAL (JEAN).**

E. — *De l'Afrique contenant les navigations des capitaines portugalois et autres, faites en dit pays jusqu'aux Indes.* Lion, 1556.

1334) **TENNENT (SIR J. EMERSON).**

E. — *Christianity in Ceylon; its introduction and progress under the Portuguese, the Dutch, the British, and the American Missions, with an historical Sketch of the Brahamanical and Buddhist Superstitions.* London.

(Christandade em Ceylão; sua introducção e progresso no tempo das missões portuguezas, hollandezas e americanas, com um historico esboço das missões brahmenes e buddhistas.)

1335) **TERNAUX (HENRI COMPANS).**

E. — *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique.* Paris, chez Arthur Bertrand, 1837, 12 vol.

No 2.° tomo d'esta collecção vem a traducção da viagem do nosso Gondavo com o titulo seguinte:

Histoire de la Province de Santa Cruz que nous nommons ordinairement le Bresil par Pero de Magalhanes de Gondavo dediée au tres illustre Seigneur D. Leonis Pereira ancien governeur de Malacca, et de plusieurs parties de l'Inde Meridional. Lisbonne, A. Gonçalvez, 1576.

Corre esta versão de pag. 1 até 159.

1336) **TERRY.**

E. — *Voyage to East Indies Wherein some things are taken notice of in our passage thither, but many more in our abode there whithin that rich and most spacious empire of Great Mogol.* London, 1655.

(Viagem ás Indias Orientaes com informações principalmente do grande imperio Mogol.)

1337) **THACKERAY (W. T.)**

E. — *Notes of a Journey from Cornhill to Grand Cairo, by way of Lisbon, Athens, Constantinople, and Jerusalem, performed in the steamers of the Peninsular and Oriental Company. Third edition with sexteen illustrations.* London, 1864, 8.°, 208 pag.

(Apontamentos de uma viagem de Cornhill até ao Grande Cairo, tocando na passagem em Lisboa, etc. etc.)

[1] *L'année Geographique* de 1870, pag. 306.

Digitized by Google

1338) **THELO (F. D.)**
E. — *Ines del Castro.* Zurich, 1808.

1339) **THIEBAULT (PAUL CHARLES FRANÇOIS ADRIEN HENRI DIEUDONNÉ).**
E. — *Relation de l'expedition de Portugal, faite en* 1807-1808. Paris, 1817.
Diz-nos Balbi no seu *Ensaio Estatistico* (II pag. XII) que esta obra fôra refutada pelo nosso general Pamplona.

1340) **THIEURY (JULES).**
E. — *Le Portugal et la Normandie jusqu'à la fin du* XVI *siècle, par* —. Paris, 1860.

1341) **THOMAS (PIERRE).**
E. — *Vie de D. Bartholemy des Martyrs.* Paris, 1663, ib. 1664.

1342) **THOMSON (JAMES).** — Um dos mais notaveis poetas inglezes, nascido em Ednam no anno de 1700, e fallecido em 1748.
É auctor do celebre poema intitulado *Seasons*, até ha annos muito conhecido nas aulas de lingua ingleza em Portugal, mas actualmente com grande injustiça removido d'ellas.
No livro 2.º d'este poema encontram-se os seguintes versos e nota que nos dizem respeito [1]:

Amid the heavens,
Falsely serene, deep in a cloudy speck
Compressed, the mighty Tempest brooding dwells:
Of no regard, save to the skilful eye,
Fiery and foul, the small prognostic hangs
Aloft, or on the promontory's brow
Musters its force. A faint deceitful calm,
A fluttering gale, the demon sends before,
To tempt the spreading sail. Then down at once,
Precipitant, descends a mingled mass
Of roaring winds, and flame, and rushing floods.
In wild amazement fixed, the sailor stands.
Art is too slow: by rapid Fate oppressed,
His broad-winged vessel drinks the whelming tide,
Hid in the bosom of the black abyss.
With such mad seas the daring Gama fought
For many a day, and many a dreadful night,

[1] O ardente desejo de D. Henrique, terceiro filho de João I, rei de Portugal, de descobrir novas regiões foi a principal origem de todos os aperfeiçoamentos modernos na avegnação — *Thomson-Seasons*, London, 1811, pag. 91.

Digitized by Google

Incessant labouring round the stormy Cape;
By bold ambition led, and bolder thirst
Of gold. For then from ancient gloom emerged
The rising world of trade: the genius then
Of navigation, that, in hopeless sloth,
Had slumbered in the vast Atlantic deep
For idle ages, starting, heard at last
The Lusitanian prince, who, heaven-inspired
To love of useful glory roused mankind,
And in unbounded commerce mixed the world.

1343) THUNBERG (CARL PEHR).

E. — *Plantarum Brasiliensium Decas.* Upsal. 1807. (Decada das plantas do Brazil.)

1344) TIECK (LUDWIG).

E. — *Der Tod des Dichters Camoens.* Berlin, 1829. (Os ultimos momentos de Camões.) Tenho visto citada uma edição do anno 1834, impressa tambem em Berlim.

1345) TINELLI (LUIZ WALTER).—Italiano, consul dos Estados-Unidos no Porto, por algum tempo.

E.— *Arte de cultivar a seda.* Porto. 1843, 8.°, 88 pag.

Ácerca do mesmo assumpto escreveu muitos artigos que se podem ver nos vol. I, III e IV da *Revista Universal Lisbonense.*

No vol. 4.° d'este mesmo jornal publicou um artigo sobre o assucar de Beterrava.

1346) TISSOT (AMÉDÉE).

E.—*L'agonie de Camoens par* —. Paris. Dentu editeur. 4.°, XVIII, 144 pag. 1867.

«Entre os homens, a quem a superioridade tornou celebres, aos quaes o infortunio marcou um logar no volumoso martyrologio do pensamento, um dos mais celebres e dos mais desditosos sem contradicção foi Luiz de Camões.

«A vida do grande poeta portuguez não offerece com effeito senão um longo encadeamento de infelicidades, das quaes quasi que não ha exemplo, dado mesmo o caso de que jámais uma existencia tenha sido ferida por tantas ao mesmo tempo.

«Por isso depois de termos lido o seu bello poema dos *Lusiadas* se lançamos os olhos para a sua biographia tão recheiada de calamidades, não sabemos verdadeiramente o que mais devemos admirar, se o genio do poeta, que concebeu esta grande epopéa, um dos mais bellos monumentos litterarios dos tempos modernos, se o caracter do homem, que poude em menoscabo de tantas circumstancias acabrunhadoras emprehendel-a e terminal-a. (pag. IV.)

«Se elle poude, antes de morrer, ouvir as acclamações universaes, que sau-

Digitized by Google

daram a apparição dos *Lusiadas*, obra de sua vida, poema de seu coração, não poude saborear as alegrias tão doces, tão embriagantes concebidas pela gloria: a miseria envenenou seu triumpho, sua corôa de poeta foi uma corôa de espinhos.

«Poeta por genio, soldado intrepido, ardente patriota, amante infeliz, velho desditoso, sempre proscrito, perseguido, desconhecido, isolado, Luiz de Camões apparece [1] como uma d'essas individualidades varonis, d'essas naturezas cavalheirescas, como um d'esses grandes e nobres caracteres, cujas luctas e soffrimentos nada mais fazem do que realçar a gloria, e acabam por transformal-os, depois de passados alguns seculos, em heroes de legendas, e em martyres.

«Teremos então motivo para nos admirar á vista do exposto, se n'estes ultimos annos nossa litteratura se apossou avidamente d'este grande vulto, e se o escolheu com avidez para assumpto d'um certo numero de poemas, dramas e romances, entre os episodios dramat cos, de que está cheia a vida do cantor dos *Lusiadas*?

«Com certeza, não.

«Com tudo a poesia, o theatro, o romance teem suas exigencias, especie de forcas Caudinas debaixo das quaes a realidade deve quasi sempre apagar-se, e muitas vezes desapparecer: se os quadros expostos a nossos olhos n'estes caixilhos seductores estão dispostos com gosto, pintados com arte, são por isso os proprios retratos mais fieis? E ao mesmo tempo que fazemos ao talento do pintor a justiça, que elle merece, podemos deixar de suspeitar da verdade da similhança?

«Pretendemos pois agrupar n'um quadro fiel, expôr em toda sua triste simplicidade as peniveis circumstancias no meio das quaes se extinguiu a vida do poeta, e das quaes cada uma marcou para assim dizer, um novo periodo de sua cruel agonia, que durou perto de nove annos.

«Poeta e soldado, Luiz de Camões, como Homero, e como Belisario, passou os ultimos annos de sua vida na miseria, viveu de esmolas e morreu no isolamento. Pareceu-nos commetter um contrasenso o ajuntarmos á nossa narração peripecias imaginarias; e mais preoccupado da exactidão dos caracteres, da verosimilhança dos retratos, que do esplendor da apresentação na scena e da riqueza da invenção, applicamo-nos mui particularmente a restituir a cada um dos actores, pouco numerosos d'este drama intimo a physionomia que lhe era propria, e da qual nos esforçamos para desenhar as principaes feições na leitura attenta das diversas poesias do proprio Camões.»

* * *

«Os *Lusiadas*, esse poema concebido em Coimbra nos bancos da Universidade, começado em Santarem durante um primeiro desterro, continuado em Ceuta debaixo do fogo do inimigo, e nos hospitaes, tornado a continuar em

[1] «Camoens and Tasso, the greatest of modern epic bards.» Frederick Schlegel.— *Lectures on the history of Litterature ancient and modern*, pag. 207.

Digitized by Google

Goa no fundo d'uma masmorra, proseguido em Macau na gruta silenciosa de Patané, acabado em Sofala no meio da mais horrivel miseria, este poema, thesouro precioso que se tinha visto obrigado a disputar ás ondas, cujos cantos tinha já revisto com cuidado minucioso, hávia finalmente terminado essa obra grande e bella que devia, immortalisando seu nome, ficar como o beijinho da litteratura portugueza.

«Appareceram os *Lusiadas*.

«A publicação d'esta epopéa, a primeira escripta em lingua moderna causou sensação na velha Europa.

«A admiração foi universal. O accolhimento extraordinario.

«Duas edições, cousa inaudita para a epocha, foram esgotadas no mesmo anno.

«Appareceram traducções na Hespanha, Italia e França.

«Tasso que tambem n'aquelle tempo preparava essa obra primorosa, cujo nome é *Jerusalem libertada*, dirigiu um fervoroso soneto a Luiz de Camões, saudando-o como seu mestre, e proclamando-o seu guia.

«Não foi um bom accolhimento, foi um triumpho!

«Esta nobre poesia, que consagrava de maneira tão brilhante a velha gloria nacional causou sobre tudo uma profunda emoção na velha sociedade portugueza.

«Grandes e pequenos, ricos e pobres, cada um quiz apprender de cór as strophes mais brilhantes d'este deslumbrante poema. E não foi um enthusiasmo passageiro, uma fascinação ephemera: tal foi o embriagante perfume, que se exhalou d'esta poesia patriotica, que se tornou, para assim dizer, o canto nacional portugez, e cujas harmoniosas oitavas oitenta annos mais tarde no cerco de Columbo repetiam os soldados.

«E o grande poeta de Portugal viveu dos soccorros e das esmolas d'uma humilde vendedeira das ruas, e das esmolas colhidas por Antonio! [1]»

1347) **TOFINO DE S. MIGUEL (D. VICENTE—.)** Brigadeiro e director da escola dos guardas-marinhas. Nasceu em Carthagena no anno de 1740, e falleceu em Madrid em 1806 [2].

E.— I. *Derrotero de las Costas Hespanholas* [3]. São cartas maritimas das costas de Hespanha feitas desde 1786 a 1789. São 10 ao todo; 8 de Hespanha, 1 de Portugal, e outra das Baleares. As suas escalas variam entre $^1/_{109400}$ a $^1/_{256200}$. Referem-se a differentes meridianos, isto é, a Paris, Teneriffe, Cadiz, Ferrol e Carthagena. Encontram-se differenças consideraveis, tanto a respeito dos dados contidos no *Connaissance des temps*, como a respeito da boa carta franceza do

[1] «Antonio's faithful, gentle, generous love
To his heart-broken master, that might teach
High as it bears itself, a polish'd World
More Charity.»
Bowles.—*The Spirit of Discovery*, pag. 161.

[2] Firmin Didot.—*Biographie Universelle*. vol. XLV pag. 466.

[3] *Revista Universal Lisbonense*, de 1845 peg. 68. Artigo de A. Xavier Palmeirim.

Digitized by Google

Mediterraneo, do capitão Gauthier, e da hydrographia do sr. Franzini. Todavia, como são o resultado de observações astronomicas, apresentam o melhor contorno das costas de Hespanha. Em uma serie de 21 outras cartas mostra todos os portos, bahias e enseadas notaveis. Em fim uma carta geral na escala proxima de $^1/_{200000}$ abraça toda a Peninsula, e parte do Mediterraneo até ás ilhas d'Italia. Foi publicada em 1802 pela Direcção da Marinha.»

II. *Derrotero de las costas de España, de Portugal, y de las islas Azores o Terceras, en el Oceano Atlantico, para intelligencia y uso de las cartas esféricas que las comprehenden, Redactado por el Brigadier de la Armada en* 1789. *Corrigido y aumentado por la Direccion de Hidrografia, año de* 1849. Segunda edicion. Madrid. En la Imprenta Nacional 1849. 4.° 277 pag.

A descripção da costa de Portugal corre de pag. 147 até 192, e a dos Açores desde 214 a 277.

1348) **TORENO** (CONDE DE). — Nasceu em 1786 em Oviedo e falleceu em Madrid no anno de 1843 [1].

E.—*Historia del levantamiento, guerra y revolution de España por el —.* Paris, en la libreria Europea de Baudry 1838, 4.°, 3 vol.

O conde de Toreno tambem era amigo da união iberica, pois nos diz «que é para desejar que venha um tempo, em que, desapparecendo velhas rivalidades, e illustrando-se hespanhoes e portuguezes a respeito de seus verdadeiros e reciprocos interesses, se estreitem dois paizes, ao passo que juntos formariam uma invencivel muralha contra ambição dos estrangeiros, e desunidos são apenas victimas de lutas e paixões alheias.» (Vol. I pag. 153.)

Mas que outopia! Pois não era a França muito mais possante que a Peninsula Iberica unida, e não foi aquelle paiz esmagado pelos prussianos? E não era a Grecia incomparavelmente mais fraca do que a Persia, e não sahiu victoriosa da sua gigantesca lucta?

1349) **TORNEROS (D. BENIGNO JOSÉ FERNANDES).**—Nasceu em Saragoça no anno de 1814.

(A biographia vem a paginas 370 do VIII volume do *Diccionario Bibliographico*)

E.—*Manual theorico e pratico de tachigraphia portugueza, ou novo methodo para se escrever n'este idioma tão depressa como se falla, sem o auxilio de mestre.* Porto, typographia da *Revista*, 1859, 8.°, 126 pag.

1350) **TORSELLINI.**

E.—*De vita S. Francisci Xavieri S. J. qui primus in Indiam et Japoniam Evangelium invexit libri* 6.° Antuerpiae, 1596. (Seis livros da vida de S. Francisco Xavier, que foi o primeiro a introduzir o Evangelho na India e no Japão.)

[1] Bouillet. — *Dictionaire Universelle d'Histoire et de Geographie. Supplemento* pag. 124.

Digitized by Google

1351) TOSCAN (M.).

E.—*Description abreyée des ci-devant royaumes et provinces composant le royaume de Portugal et d'Espagne.* Paris, 1810.

1352) TOUCHES (PIERRE GUILLAUME GICQUEL DES).

E.—*Lettre contenant des renseignements importants sur les Iles de Tristan d'Acunha.* Paris. (No jornal intitulado, *Annales maritimes*, vol. 8.º)

1353) TOUR DU MONDE.

Excellente jornal de viagens illustrado, fundado em Paris no anno de 1860 e onde a cada passo se encontra menção das cousas portuguezas. Já a descripção dos principaes monumentos de Portugal por Olivier Marson; já descripção das nossas possessões africanas por Livingstone, já minuciosas descripções das varias povoações portuguezas. Falla-se de nós nas viagens á Abyssinia, á China, ao Japão, e não deixa tambem de apparecer uma descripção minuciosa da nossa Goa. Se a viagem é de Marrocos, o viajante não deixa de fallar dos fortes e ruinas portuguezas, que se observam nas costas d'aquelle imperio. Em Sevilha mencionam-se as toiradas portuguezas ali dadas pelo tempo da semana santa, no Senegal os nomes de origem portugueza, que ainda ali se conservam: já do odio que existe entre os portuguezes e hespanhoes (vol. 9, pag. 311) dos padrões divisorios entre as possessões portuguezas e hespanholas na America. Em summa quasi que se não passa um numero nos primeiros volumes sem que se falle de assumptos que nos digam respeito, se bem que por vezes diz cousas que não devem ser nada agradaveis para nossos brios nacionaes, como por exemplo: que as nossas possessões na Asia nada valem; que o presidio de Zinchichor, na Africa, se acha n'um estado miseravel, e que o pavilhão portuguez é o unico que ainda cobre o trafico da escravatura.

1354) TOVAR (D. J. PELLICIER DE).

E. — *Mission Evangelica al reino del Congo por la serafica religion de los capuchinos, por* —. Madrid, 1649.

1355) TRACTATUS INDUCIARUM ET CESSATIONIS *omnis hostilitatis actus, ut et navigationis ac commercii, pariterque succursus factus, initus et conclusus Hagae Comitis die duodecima Junii* 1641. *tempore Decennii inter Dominum Tristão de Mendoça Furtado, Legatum et Consiliarium Serenissimi, Praepotentis Don Johannis Quarti ejus nominis Regis Lusitaniae, Algarvae, etc. Et Dominos Deputatos Celsorum et Praepotentum Dominorum Ordinum Generalium Unitarum Provintiarum Belgicarum.*

Haga-Comitis. Typis Viduae ac Haeredum Hillebrandi Jacobi a Wouw. Anno 1642, 8.º, 8 folhas não numeradas.—M. S.

Na mesma collecção apparece uma traducção em hollandez com o titulo de *Translaet uyt het Latijn inde Nederlantsche Tale, etc. etc.* In's Graven-Hage. 1642. 8 folhas sem paginação.

Segue-se outro opusculo com o seguinte titulo:

Digitized by Google

Treslado do latim na lingua portugueza.

Trattado das Tregoas e suspensão de todo o acto de hostilidade e bem assi de navegação, Comercio e juntamente Socorro, feito começado e acabado em Haya de Hollanda a 12 de junho 1641, por tempo de dez annos entre o Senhor Tristão de Mendoça Furtado, do Conselho e Embaixador do Serenissimo e poderosissimo Dom João IV deste nome Rey de Portugal e dos Algarves, E os Senhores Deputados dos Muito poderosos Senhores Estados Geraes das provincias Unidas dos Paizes Baixos. Em a Haya. Em casa da Viuva e Erdeiros de Ilebrandt Iacobson van Wow, Imprimidor Ordinario dos Muy altos e poderosos Snnores (sic) Estados Generais, Anno 1642. Cum privilegio. 8 pag. sem numeração.

1356) **TRAEHN (CHRISTIANO MARTINHO).**—Socio da Academia Real das Sciencias de S. Petersburgo, e Bibliothecario do Imperador da Russia).

Segundo assevera Francisco Villela Barbosa [1] remetteu de presente á Academia Real das Sciencias de Lisboa varias obras ácerca de algumas inscripções sepulchraes e de medalhas arabes, com o fim de dar este insigne orientalista testemunho da distincta veneração (como elle mesmo confessa n'uma obsequiosa carta que remetteu), que n'elle excitaram para com esta academia as *Memorias de Litteratura* e os *Vestigios e Documentos Arabicos*, de Fr. João de Sousa.

1357) **TRAITÉ DE COMMERCE** *et navigation conclu le* 26 *Août* 1840 *entre le Portugal et les Etats unis.* Paris 1841. 8.° folheto.

1358) **TRANSLAT DE L'ESPAGNOL EN FRANÇOIS** *de ce qu'est succedé á l'armée de sa Maj l'aquelle commandoit cõme Capt. General le Marq. de St. Croix par la Bataille donnée a celle que conduissoit Don Antonio, es iles de los Açores.* Douay. 1582.

1359) **TRASLADO DE UNA CARTA** *embiada a esta villa de Setubal de D. Joseph de Acuña, caballero del habito de Christo, a un amigo suyo, dandole cuenta de una gran batalha y feliz victoria que han tenido los cavalleros portugueses en Melilla, Ceuta, Mazagan, y Tanger, costa de Africa a los 7 dias del mes de Octubre deste presente ãno* 1638. fol. 1638. T. Comp., pag. 173.

1360) **TRATADO DE PAZ Y AMISTAD** *entre los muy altos y poderosos res D. Carlos IV re de España y D. Juan Principe, regente de Portugal y de los Algarbes firmado en Badajoz a* 6 *de junio de* 1801. Madrid, 1801.

1361) **TRAVELS THROUGH SPAIN** *and part of Portugal with commercial, statistical and geographical details. In two volumes.* London, Printed for Richard Phillips. 1808. 8.° 1.° vol. 178 pag. 2.° 244 pag.

[1] *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 8, pag. XIV, parte I.

Digitized by Google

1362) **TRESILE (PIETRO FRANCESCO).**

E.—*La principessa Portughesa, spechio in cui praticamente se vede il progresso dell'anima ñella perfettione dell'amor divino.* (É a vida de Santa Joanna, Princeza de Portugal, filha d'el-rei D. Affonso V.

1363) **TRIAL OF GABRIEL MALAGRIDA** *by the Inquisition of Portugal, for Heresy.* London. 1761 (Execução do P. Malagrida etc).

1364) **TRINCHERIA (P. MANOEL).**

E.—*Vida y heroicas virtudes del glorioso San Juan de Dios, fundador de la sagrada religion hospitalaria por el—.* Madrid.

1365) **TRIUMPHANT (LE) TOURNOY,** *faict aux nopces du prince d'Espaigne et l'Infante de Portugal en Valledoly, le douziesme jour de mars, mil cinq centz quarante quatre.* Paris, rue neufve nostre dame, à l'enseigne du Faulcheur. 8.°, folheto. Sem data, C. M. B. I. P.

1366) **TROU-HERTIGHE ONDERRICHTINGE** *Aen alle hooft Participanten en Lief hebbers vande Te octroyeerde West Indische Compagnie Nopend Het open stellen vanden handel op de Cust van Africa, namentliick St. Thomé, Guinea, Angola, S. Paulo de Loanda etc.* 1643. 10 fol. sem pag.—M. S.

1367) **TRON E LIPPOMANI.**

Estes dois embaixadores venezianos foram mandados pela republica de Veneza, em 1580, cumprimentar Philippe II pela sua conquista de Portugal, e d'esta viagem publicou o sr. A. Herculano [1] alguns extractos no *Panorama*, dos quaes passo a descrever o que julgar mais notavel.

«Para o lado da porta, que chamam da Cruz, em Lisboa, ha uma fonte, ou antes *lago*, que denominam dos cavallos, porque da bocca de alguns cavallos de metal sae tanta agua que fórma uma corrente a modo de ribeiro.

«Posto que Lisboa seja tamanha e tão nobre povoação, não tem palacio algum de burguez ou de fidalgo, que mereça consideração quanto á materia; e quanto á architectura apenas são edificios muito grandes. Ornam-os, porém, de tal modo que na verdade ficam magnificos. Costumam forrar os aposentos de damascos, e de finissimos razes no inverno, e no verão de coiros doirados muito ricos que se fabricam n'aquella cidade.

«As ruas, bem que largas, são muito incommodas, por subidas e descidas continuas, a que obriga a desigualdade do terreno. Por isso usam os moradores andar a cavallo, do que procede verem-se n'aquella cidade bellissimos gi-

[1] Este grande escriptor acaba de fallecer n'este mez de setembro de 1877. Era na actualidade a nossa maior gloria litteraria. Os sentidos artigos que teem apparecido em numerosos jornaes estrangeiros mostram até que ponto Alexandre Herculano era conhecido em toda a Europa. Effectivamente Herculano e João de Barros foram os nossos primeiros historiadores, mas de merecimento mui transcendente.

Digitized by Google

netes, que os portuguezes compram por todo dinheiro, attendendo á grande estimação em que os teem.

«Não usam de coches, e quatro ou seis que ahi havia, eram de castelhanos que seguiam a côrte. Quanto ás ruas em geral são más e incommodas para andar assim a pé, como em coche, tanto é facil, deleitosa e bella a Rua Nova pelo seu comprimento e largura, mas sobre tudo por ser ornada de uma infinidade de lojas, cheias de diversas mercadorias para o uso de nobre e real povoação. Entre ellas ha quatro ou seis que vendem objectos trazidos da India, como porcelanas finissimas de varios feitios, conchas, côcos lavrados de diversos modos, caixinhas guarnecidas de madreperola, e outras obras similhantes, que d'antes se compravam por moderado preço, mas que ultimamente eram carissimas por tres respeitos: o da peste que havia assolado a cidade; o do saque dado pelos castelhanos quando entraram em Lisboa, bem que el-rei houvesse ordenado ao duque de Alva tal não consentisse aos soldados; e ultimamente pela rasão de não terem vindo armadas da India durante dois annos.

«Na mesma Rua Nova ha muitas lojas de livros, com infinito numero d'elles em portuguez, castelhano, latim e italiano. Todos são muito caros; e por isso os estudantes, por serem pobres, costumam alugal-os a tanto por dia, antes do que compral-os.

«Não deve esquecer aqui que na praça chamada do Pelourinho velho estão de continuo assentados muitos homens com mesas ante si, os quaes se podem chamar notarios ou copistas sem caracter de officiaes publicos, e que n'este exercicio ganham a sua subsistencia. Sabida que é a idéa de qualquer freguez, que se chega a elles, immediatamente redigem o que se pertende, de modo que ora compõem cartas de amores, de que se faz grande gasto, ora elogios, orações, versos, sermões, epicedios, requerimentos, ou outro qualquer papel em estylo chão ou pomposo. Junto da Rua Nova ha muitas outras ruas, cada uma das quaes tem suas lojas de uma só especie de mercadorias. Na dos ourives do oiro havia muitas mal abastecidas de pedras preciosas, de perolas, de ambar e de almiscar, em consequencia da tardança da frota. A prata em Lisboa é lavrada com delicadesa e variedade, por ser costume assim entre nobres, como entre plebeus, usarem de pratos e bacias de prata. Ha igualmente ahi lojas cheias de doces e fructas seccas e cobertas, primorosamente preparadas, de que se faz grande trafico, mandando as para diversas partes do mundo. Vende se tambem em uma unica rua grande quantidade de telas de toda a sorte, portuguezas, flamengas e italianas: das primeiras são na verdade bellas algumas que chamam *casiquino* mui finas e alvas, e alguns lenços á mourisca, que são baratos e lindos. N'outra parte, em certa viella, trabalham delicadamente ao torno, em que fazem guarda-soes de barba de baleia, obra acabada, e côcos lavrados a modo de taças, com embutidos de madeira do Brazil. Vasos de estanho, e mais objectos d'este metal se fabricam abundantemente, e se carregam para a India, onde dão grande lucro.

«O commercio da praça de Lisboa é muito consideravel pela correspondencia que tem ordinariamente com todas as outras da Europa e do Novo

Digitized by Google

Mundo, de modo que as permutações são importantissimas, e os negociantes possuem grossos capitaes; porque só nas especiarias e drogas, que vem a Lisboa, depois que expirou pelos annos de 1504 o commercio da Syria e d'Alexandria, ganham rios de dinheiro, que perdem os nossos venezianos, pois eram elles quem fazendo trazer estas preciosas mercadorias pelo Mar-rôxo a Beyruth e a Alexandria, d'alli as transportavam a Veneza nas galés d'alto bordo. Bem como costumam partir de Sevilha todos os annos armadas para irem ás Indias Occidentaes pertencentes á corôa de Castella, assim costumava el-rei D. Sebastião mandar ordinariamente uma frota de Lisboa ás Indias orientaes. No anno em que este rei morreu, partiu no mez de março para Malaca, segundo me contaram, uma nau de 1400 toneladas; e um mez depois mais 5 do mesmo porte para Goa. Era este o numero de vasos que ia annualmente, e aquella a monção da partida. Essas naus levavam carga d'el-rei e dos particulares. Por conta d'estes ia vinho, azeite, pannos finos de varias cores, d'Inglaterra, Flandres e Castella, barretes finos e ordinarios de Toledo, escarlatas de Veneza, e de Valencia, rasos de Florença, sarjas de lan de Flandres, marlotes de Constantinopla, acolchoados e calças de seda de Napoles, velludos de Genova, damascos de Lucca, taffetás e calças de seda de Toledo, sarjas de seda e luvas de Valencia. Por conta d'el-rei carregavam-se coraes em bruto e lapidados, azougue, cinabrio, arame, espelhos e diversos vidros de Veneza, mercadorias, que ninguem podia enviar sem expressa licença d'elle. O que, porém, principalmente se exportava, era uma grandissima porção de prata em reales castelhanos, negocio, em que se ganhavam 30 por cento; e affirmaram-me que os cantractadores das especiarias, e varios outros negociantes mandaram nas cinco ultimas naus para Goa um milhão e trezentos mil ducados. Este tracto havia crescido a tal ponto que era de maior lucro a ida, que a volta.

«A carga para Lisboa consistia principalmente em pimenta a granel, que devia subir por contracto, pelo menos, a trinta mil quintaes, e que se dividia, metade para el-rei, que não entrava n'este negocio com somma alguma, e a outra metade para os contractadores que tinham o exclusivo da pimenta: o quinhão de el-rei compravam-no ordinariamente os mesmos contractadores a 32 ducados o quintal. Aos particulares era licito mercadejar em qualquer outra especiaria pagando os direitos.

«Do reino de Sofala vinham todos os annos a Lisboa 170 barras d'ouro, e uma barra vale para cima de 300 ducados: tambem de Sofala e de toda a Guiné vinha grande quantidade de marfim.

«Traziam-se egualmente a Lisboa sedas da China, pannos finissimos e ordinarios de algodão do Brazil, bellos tapetes da Persia, ébano, aguila, pau brazil, dixes e louça transparente de porcelana, borax, camphora, laca aloes-hepatico, tamarindos, cera, almiscar, ambar, algalia, beijoim, perolas, rubins, diamantes, e mais pedras preciosas em abundancia, e outras varias mercadorias, que iam do Egypto para Alexandria, as quaes todavia, não eram a *millessima parte* das que vinham a Lisboa nas sobreditas frotas

«Os homens da cidade de Lisboa e de todo o Portugal são de mediana estatura, mais baixos que altos, magros, de côr ferrenha, cabellos e barba pre-

Digitized by Google

tos, olhos negrissimos, e mui similhantes no exterior aos gregos. O seu trajo antes da morte do cardeal rei, era mui mesquinho, em consequencia da pragmatica, que não consentia usassem vestidos de seda: pelo que trajavam um saio de baeta preta, calções de panno escocez, borzeguins de marroquim, chapeu de feltro, e capa comprida da mesma baeta. Com a chegada d'el-rei catholico alteraram o seu antigo trajo, porque, posto que conservaram a capa de baeta, começaram a usar de gibão de raso, bragas e calções de velludo e meias de seda, cousa que nunca tinham calçado, bem como escarpins, dos quaes não era possivel achar um só par antes da entrada d'el-rei, porque todos, sem excepção calçavam borzeguins. São os portuguezes mais ambiciosos de louvores, que outra qualquer nação do mundo, affirmando que as suas façanhas são milagrosas. Celebram Lisboa com tal copia de palavras, que a fazem egual ás principaes cidades do mundo, e por isso costumam dizer: Quem não vê Lisboa, não vê cousa boa. A gente miuda gosta, que lhe deem o tratamento de *senhor*, manha esta commum a toda a Hespanha. Vivem parcamente, porque a plebe pela maior parte é pobre, e os cavalleiros, que se teem em conta de ricos, fundam a opinião da sua riqueza em possuirem uma ou duas aldeias, com trinta ou quarenta vizinhos cada uma, no meio de campinas estereis com vinte ou trinta folhas cultivadas, e tudo o mais inculto, aspero, coberto de pedras, com alguns cazebres mesquinhos, e mal concertados, como eu o experimentei durante muitas semanas d'aquella viagem.

«Poucas pessoas se dão ahi ás letras; mas applicam-se muitos ao commercio, genero de vida aborrecida dos nobres, que nem podem ouvir fallar em tal, tendo por gente vilissima os mercadores. Exercitam-se apparentemente nas armas, e algum tanto em cavalgar, contentando-se com ter leves principios d'estas duas profissões, sem quererem supportar mui diuturno ensino.

«As mulheres portuguezas são singulares na formosura e proporcionadas no corpo; a côr natural dos seus cabellos é a preta, mas algumas tingem-nos de côr loura: o seu gesto é delicado, os lineamentos graciosos, os olhos negros e scintillantes, o que lhes acrescenta a belleza: e podemos affirmar com verdade que em toda a viagem da Peninsula[1] as mulheres que nos pareceram mais formosas foram as de Lisboa; posto que as castelhanas e outras hespanholas arrebiquem o rosto de branco e encarnado para tornarem a pelle, que é algum tanto, ou antes muito trigueira, mais alva e rosada, persuadidas de que todas as trigueiras são feias. O trajo femenino em Lisboa é o commum de toda a Hespanha; isto é, o manto grande de lã ou de seda, segundo a qualidade da pessoa. Com elle cobrem o rosto e o corpo inteiro, e vão aonde querem tão disfarçadas, que nem os proprios maridos as conhecem, vantagem esta, que lhes dá maior liberdade do que convem a mulheres bem nascidas e bem morigeradas. As damas nobres costumam ser acompanhadas pela cidade de creados bem vestidos, que as precedem com passos lentos e socegados, e de donas, que as seguem com grandissima gravidade, não tendo por signal de boa reputação o serem acompanhadas de donzellas.

[1] *Panorama* de 1843, pag. 98.

Digitized by Google

«O povo miudo vive pobremente, sendo a sua comida diaria sardinhas cosidas, salpicadas, que se vendem com grande abundancia por toda a cidade. Raras vezes compram carne, porque o alimento mais barato é esta casta de peixe, que se pesca em notavel copia fóra da barra, como se pesca muito outro de todas as qualidades, e muito grande: mas em geral menos gostoso do que o das aguas de Veneza, e tão caro, que faz espanto aos estrangeiros, e custa muito aos naturaes, que passam mal pelo preço excessivo de tudo o que serve Para o sustento. Comem os pobres uma especie de pão nada bom, que todavia é barato, feito de trigo do paiz, todo cheio de terra, porque não costumam joeiral-o, mas mandal-o moer nos seus moinhos de vento, tão sujo, como o levantam da eira. O pão bom e alvo faz-se de trigo de fóra que trazem de França, Flandres, e Allemanha os navios d'estas nações, quando vem a Lisboa buscar sal e especiarias. Este, na verdade, tambem não é joeirado, mas as mulheres pobres o escolhem grão a grão, assentadas á porta da rua com paciencia fleugmatica mais propria d'allemãs, que de portuguezas. Estas mulheres tem licença para fabricar o pão, e vendel-o pela cidade, onde e como lhes apraz, o que sempre é por alto preço. O trigo vale a 280 reis o alqueire. Nutre-se tambem a gente pobre de fructa, que abunda muito, e é baratissima.

«O vinho commum é pouco bom, por não dizer mau; porque não sabem ou não querem ter o incommodo de o fazer bom. Os vinhos finos são excessivamente caros. Os senhores embaixadores tiveram de pagar o branco para o consummo ordinario da sua mesa a 60 escudos a pipa.

«Quanto ás vitualhas não é em Lisboa que se hão de buscar cousas muito exquisitas.

«Até a vitella é rara: porque não costumam matar estes animaes, guardando-os para crescerem e servirem nos trabalhos do campo ou de abastecimento da cidade, sendo, além d'isso a comida ordinaria o capado, que é excellente.

«No tempo d'el rei D. Sebastião as rendas reaes consistiam nos direitos das alfandegas de Lisboa e de todo o reino, assim seccas como molhadas. D'umas cousas pagava-se o quinto, d'outras a decima; e do peixe, em muitas partes, mais de metade. Havia tambem rendas em cereaes, vinho, e outros generos; as rendas dos mestrados, a que pertenciam as ilhas de S. Thomé, Terceira, Cabo Verde, Madeira e Principe: as da Mina que pertenciam á ordem de Christo. As especiarias e outras fazendas que vinham annualmente da India e do Brazil, produziam tambem um avultado rendimento. Apezar, porém, d'este ser tamanho, nada vinha a entrar no thesouro; porque tudo se dispendia em armadas e mais cousas necessarias para conservação d'aquelles estados, e afora isso se distribuia em salarios d'officiaes e ministros da justiça no continente; em mercês vitalicias, que chamam tenças, aos benemeritos da corôa, aos fidalgos e mais pessoas, que serviam assim no reino, como na Africa e India: em juros perpetuos, que os reis vendiam, estabelecidos nos direitos reaes, em despesas com a gente e petrechos necessarios para defensão das praças d'Africa; em cinco gallés constantemente armadas, e no armar de navios redondos, que todos os annos sahiam juntos, assim para comboiar as frotas, que iam e vi-

Digitized by Google

nham dos portos, com que Portugal commerciava, como para mandar ao Brazil, a Guiné, á Mina, a S. Thomé; e finalmente em moradias, gastos da côrte e casa real, paga de creados, esmolas, presentes, embaixadas, dotes ás filhas dos creados, e conservação das fortalezas de Lisboa e do reino.»

1368) TUBINO.

Escreveu na *Revista de Madrid* o seguinte artigo a respeito do nosso Francisco de Hollanda:

«Conserva-se em logar reservado, na magnifica Bibliotheca regia do mosteiro de S. Lourenço do Escurial, em Hespanha, um magnifico livro de desenhos ineditos e originaes todos devidos á penna ou ao lapis do celebre artista lusitano Francisco de Hollanda.

«Formam um volume de formato grande, de 54 folhas com 114 desenhos, alguns d'elles coloridos, lendo se no frontispicio: *Reinando em Portugal El-rei João III que Deus tem, Francisco de Hollanda passou a Italia e das Antiguallas que vio retratá de sua mão todos os desenhos d'este livro.*

«Como notamos, esta collecção fórma uma verdadeira joia artistica, que até ha pouco tempo era sómente conhecida por alguns limitados amadores. Com a mira de salval-a do olvido, e quiçá da sua perda em periodo mais ou menos remoto, publicámos a seu respeito noticias sufficientes na monographia que consagrámos ao celebre Hollanda, no volume 7.º do *Museu Hespanhol de Antiguidades*, acompanhando a descripção do livro de investigações minuciosas sobre a vida e significação artistica do auctor.

«Dos desenhos contidos na obra, só foram dados á luz, que saibamos, o retrato de Miguel Angelo Buonaroti, publicado na *Arte em Hespanha*, um monumento veneziano e um desenho, copia de uma estatua mythologica, ambos juntos á dita monographia, e o famoso fac-simile d'outro desenho á penna, que vae na frente d'este numero.

«Sendo esta uma amostra fraca do que é a collecção, parece-nos acertado chamar de novo sobre ella a attenção dos governos de Hespanha e Portugal, e principalmente da Academia das Bellas Artes lisbonense, que no nosso parecer faria um bom serviço á historia da arte peninsular, decidindo-se a reproduzir tão bello monumento.

«A importancia de Francisco de Hollanda, as particularidades da sua vida, o influxo que obtiveram a sua doutrina e o seu exemplo no progresso da Renascença lusitana, são rasões de sobejo para aconselhar isto.

«Não é proposito nosso traçar aqui o quadro completo da vida do artista, basta tão sómente, em vista da indole d'esta *Revista*, rectificar os erros que correm com visos de verdade, relativamente a F. de Hollanda, e preencher as lacunas que se notaram na sua biographia.

«Nenhum dos escriptores portuguezes que se occuparam da arte, nem o proprio conde de Raczinsky, que com tanto zelo procurou reunir materiaes para a historia da pintura, da architectura e da esculptura lusitana, conseguiu dizer-nos, d'uma maneira terminante e exacta, o necessario e indispensavel, tratando-se d'um mestre, e do valor docente que se reconhece em Francisco

Digitized by Google

de Hollanda. Desejosos de satisfazer ás necessidades da critica, pelo que diz respeito a este ponto, fizemos opportunas investigações, e d'ellas resulta a confirmação ou rectificação do que se julgava já saber-se, e além d'isso o conhecimento de novos dados, em nosso parecer, importantissimos.

«É indubitavel que Francisco de Hollanda foi de estirpe estrangeira. Como muitos outros artistas flamengos ou hollandezes, parece que veiu dar ao reino visinho, atrahido pela protecção que lhes davam a liberalidade de seus reis, principes e senhores.

«Que Francisco de Hollanda nasceu em Lisboa, consta das suas obras, e já nós mesmos affirmámos que viu a luz do dia entre 1517 e 1518. Ainda muito joven occupava-se em Evora trabalhando nas illustrações em claro-escuro d'um breviario do Rei D. Manoel; e pouco tempo depois, contando só vinte e seis annos de idade, e provido de boas cartas de recommendação, o precoce artista, protegido pelo seu soberano, seguia o caminho de Italia, desejoso de satisfazer nas escolas e museus d'aquella peninsula, as suas affeições pelo estudo.

«De passagem tocou em Valhadolid aonde residia a imperatriz, mulher de Carlos V, e filha dos reis de Portugal. No decurso do anno de 1538 visitou o imperador em Barcelona, e d'alli se encaminhou para o condado de Niza aonde o encontramos a 18 de junho, presenciando a paz entre o papa Francisco I e o citado imperador.

«Encontram-se algumas recordações d'este acto no *Livro de desenhos:* mas não sendo nosso intuito descrever este minuciosamente, proseguiremos na nossa breve resenha biographica, acrescentando que Hollanda chegou a Roma no fim do dito anno, na occasião de residir alli a celebre e nunca assás celebrada Vittoria Colonna, tão notavel pela sua formosura e seus talentos, e não menos notavel pela adoração de que foi objecto da parte do insigne Miguel Angelo.

«Graças ao embaixador de Portugal Mascarenhas, e ás sympathias que inspirava, conseguiu Francisco de Hollanda introduzir-se nos mais elevados circulos aristocratico-artisticos da cidade eterna, e para dita sua, foi admittido na intimidade da sociedade escolhida e privilegiada, que contava em seu seio a Buonaroti, Vittoria Colonna, e a alguns outros eruditos de gosto acrisolado, e artistas celebres.

«Nos escriptos de Hollanda que chegaram até nós, acha-se a descripção d'estas entrevistas, e o extracto d'essas conversações fecundas e saborosas com que se entretinham em tão escolhida sociedade.

«Por elle sabemos quaes eram as idéas de Miguel Angelo sobre a estethica, n'um concerto geral, e tambem as suas vistas sobre a arte antiga, sobre a arte occidental ou gaellica, como então se dizia, e por ultimo sobre a reforma dos neo-classicos.

«Em Roma adiantou-se grandemente no desenho e na theoria, procurando identificar-se em doutrina com Miguel Angelo, e occupando-se tambem em estudar as antiguidades e trasladar muitos selectos monumentos ás paginas do seu repleto album.

«Segundo todos os calculos, Francisco de Hollanda abandonou a cidade

Digitized by Google

eterna nos principio de 1540, dirigiu-se a Napoles para percorrer os contornos d'aquelle emporio hespanhol, e voltando em seguida a Roma para visitar as principaes cidades do Veneto, do Milanez e da Toscana até entrar na Saboya por terras genovezas.

«No seu livro encontram-se razões de sobra, de ter emprehendido estas viagens.

«Encontram-se n'essas paginas desenhos que provam haver estado nas principaes cidades de Italia e que chegado a Hespanha, percorreu o littoral do Mediterraneo, detendo-se em Granada e Sevilha, e entrando em Portugal pela Estremadura.

«Por algum tempo continuou Francisco de Hollanda disfructando os favores que alcançára na sua juventude, e d'esse facto nos ministram testemunho varios documentos; mas não é menos exacto que os seus ultimos annos foram tristes, e que devia ter fallecido, pouco depois de 1571, no maior esquecimento, na sua humilde morada campestre, não longe de Lisboa.

«N'esta mencionada data lastima-se das suas angustias, e desde então por deante perdem-se os seus vestigios, sem que haja noticia alguma da sua morte, nem do logar onde foram depositados os seus ossos.

«Das obras litterarias que compoz conhecemos: o *Tratado de pintura antiga*, *Tratado do natural*, *Monumentos que faltam em Lisboa*, escriptos estes que segundo noticias que temos, a Academia de Bellas-Artes de Lisboa dará proximamente á luz com annotações e commentarios devidos á douta pena do nosso collaborador o sr. marquez de Sousa Holstein.

«Offerecendo publicar proximamente e a titulo de *especimen* outro desenho de Hollanda, não menos bello do que o reproduzido aqui, pomos termo a estes apontamentos, convidando o leitor que deseje mais pormenores a ler a nossa Monographia.»

1369) TUCKER (H—ST. GEORGE)

The tragedies of Harold and Camoens. London 1835. in-8.°

1370) TUCKEY (CAPTAIN J. K-R N.)

E. — *Narrative of an expedition to explore the river Zaire, usually called the Congo, in South Africa in* 1816 *under the direction of* —.

To which is added the Journal of Professor Smith; some general observations on the country and its inhabitants; and an appendix: the natural history of that part of the kingdom of Congo through which the Zaire flows. Published by permission of the Lords Commissioners of the Admiralty. London, 1818, 4.° com muitas estampas, 498 pag.

(Narrativa d'uma expedição para explorar o rio Zaire, actualmente chamado Congo etc.)

1371) TURQUET.

E. — *Fragments sur Portugal.*

Vem citada esta obra a pag. 407 da *Historia de Portugal* por Quien de Neuville, tomo I, pag. 407.

Digitized by Google

1372) TWISS (RICHARD) [1].

E. — *Voyage en Portugal et en Espagne fait en 1772 e 1773 par —, Gentilhome anglois, Membre de la Societé Royale. Traduit de l'Anglois. Orné d'une Carte des deux royaumes.* Berne, chez la Societé Typographique. 1776, 8.° gr. 380 pag. Com um supplemento contendo 54 pag.

Traz no principio uma estampa de N. Senhora conforme um quadro de Raphael, no Escurial, cuja estampa original gravada por Bertollozzi, foi copiada e reduzida a mais pequena fórma por Mr. Dunker. Apresenta tambem uma carta geographica de Hespanha e de Portugal.

Extractos

«Depois de ter passado 18 dias em Falmouth esperando vento favoravel, embarquei a 12 de novembro de 1772 a bordo d'um de nossos paquetes, e a 18, ao despontar do dia, estavamos já vendo o Cabo da Rocca: fundeamos no Tejo depois do meio dia, e ás 6 da tarde desembarcámos em Lisboa.

«Está esta cidade com pouca differença no estado, em que ficou depois do terremoto de 1755. Apezar de estarem construindo diariamente novos edificios, um grande numero de ruas ainda estão obstruidas pelas ruinas. As ruas não são illuminadas de noite, de sorte que um estrangeiro não poderia andar por ellas sem perigo: poucos dias antes de minha chegada tinha um italiano sido assassinado e roubado no meio das ruinas d'esta cidade.

«Existe em Lisboa uma opera italiana; a sr.ª Anna Zamperini, que esteve em Londres, e a quem conheci em Turin, era actualmente a primeira cantora da opera comica d'esta cidade, e representava todos os dias, tendo em cima de si de tres a quatro mil libras de pedrarias.

«Ainda ha outro theatro para a comedia portugueza, o qual tem quatro ordens de camarotes, e 27 camarotes em cada ordem. A sala da opera italiana é quasi do mesmo tamanho. Vi representar no theatro portuguez a tragedia de Ignez de Castro, seguida d'uma pequena peça intitulada o *Anão*. A entrada para a platea na opera custa um cruzado novo.

«A feitoria ingléza recebe durante o inverno em dois salões, nos quaes se dansa e joga as cartas duas vezes por semana. Faz-se aqui grande caso dos minuetes compostos por um D. Pedro Antonio Avendaño. Qualquer inglez, que não tencione estar mais de seis mezes em Lisboa, é admittido n'estas reuniões sem pagar: porém os que estão estabelecidos na cidade podem assignar por 7 moedas d'oiro por todo o inverno.

«Depois de minha retirada reuniram as duas assembléas n'uma unica salla, que para este destino foi construida. [2] Os inglezes dão em cada inverno dois grandes bailes, aos quaes são convidados os fidalgos portuguezes.

«Não existe ainda gravado o plano de Lisboa, porém ha duas vistas de Lisboa e de Belem bem executadas, publicadas em Londres por George Hawkins

[1] Falta o nome d'este escriptor viajante tanto na *Biographie Universelle* de Firmin Didot, como no *Dictionaire Universel d'Histoire et de Geographie*, par Bouilet.

[2] *Richard Twiss Voyage en Portugal et en Espagne*, pag. 5.

Digitized by Google

no anno de 1756 em duas grandes folhas. Todas as *Gazetas* portuguezas foram prohibidas em 1763, porém encontram-se as francezas, inglezas e hespanholas nos cafés de Lisboa: dois d'estes são muito elegantes, sobre tudo o do *casaco*, todo forrado de espelhos.

«A 26 de novembro, dia de Santa Cecilia, dirigi-me á egreja de S. Roque para ouvir musica, que durou tres horas. Era composição de Jomelli, e eis a disposição da orchestra. No coro dos orgãos, que fica por cima da porta principal, estavam dez castrados da capella real; a um lado tinham-se collocado 16 rebecas, 6 rebecões, 3 rebecões grandes, 4 violas, 2 charamelas, 1 buzina, e em baixo um côro de quarenta vozes, e do lado opposto exactamente a mesma cousa. O primeiro rebeca da orchestra era mr. Græmann, allemão, o qual tendo-se contratado alguns annos antes com mylord Clive para o acompanhar á Italia, o tinha deixado no Brazil, e d'aqui veiu para Lisboa, onde obteve o logar de primeiro rebeca do rei. Quem dirigia a orchestra era o celebre David Perez, muito conhecido na Inglaterra. Era prodigioso o numero de pessoas, que se achavam na egreja. Durante a celebração da Missa todas as mulheres vestidas com vestidos pretos, e cobertas de veos de garça branca se conservaram prostradas. A respeito de musica não posso deixar de fazer menção do talento de mad. May, mulher d'um negociante inglez estabelecido em Lisboa. Esta dama toca no cravo com tal delicadeza e habilidade, que fariam honra aos maiores mestres; junta á execução um extenso conhecimento da theoria de sua arte. Ouvi tambem o sr. Rodillo, hespanhol, conhecido em Londres pelo seu talento para a flauta e charamela. Lembro-me ainda d'uma senhora portugueza, que tocava *harmonica*, especie de cravo, formado de vidros harmonicamente talhados; tocava molhando os dedos em agua.

«Em 17 de novembro dirigi me ao palacio real em Belem, onde assisti á opera italiana de Ezio. A orchestra é excellente: n'este espectaculo não se admittem mulheres, exceptuando as da casa real. Tambem ellas não representam no theatro: castrados fazem as vezes d'ellas, e a illusão é perfeita. Porém repugnou-me ver as danças dos entre-actos desempenhadas por homens, cujas barbas pretas, e largos hombros com um vestuario de mulher realmente não inspiram nenhum agrado. Attribuem este costume extravagante aos ciumes da rainha.

«O theatro de Belem é pequeno e sem camarotes. A platea tem dez fileiras de bancos, e o camarote do rei, que é o unico, fica no fundo. Vi toda a familia real na opera: o rei D. José, homem de boa figura, contando então 58 annos, [1] a rainha, que tem 54. D. Pedro, irmão do rei, com sua sobrinha; o principe da Beira, herdeiro presumptivo da corôa, com 12, tendo um irmão e uma irmã. O rei tem ainda duas outras filhas, a infanta D. Maria Anna, e D. Maria Francisca Benedicta, a primeira de 36 annos, e a segunda com 29. Todas estas damas estavam em cabello, e cobertas de diamantes. A opera principiou ás 7 horas da noite e acabou ás 10. Durante todo o espectaculo guarda-se o mais profundo silencio: nos entre-actos toda a gente voltava a face para a familia

[1] Obra citada ultimamente. pag. 16.

Digitized by Google

real. O cardeal patriarcha era o unico que estava n'um pequeno camarote ao lado do rei. Qualquer homem bem vestido é admittido ao espectaculo sem pagar.

«Não se encontra hoje em todo o reino de Portugal um unico bom quadro de escola italiana, o pequeno numero dos que havia em Lisboa, pereceram no terremoto. O unico, de que ouvi fallar durante minha residencia em Lisboa, é o retrato do Marquez de Pombal, que se vê na casa de mrs. Purry e de Vimes. Este quadro é de Vanloo. O marquez é representado na acção de estar sentado, tendo diante de si em cima d'uma meza os planos das novas construcções em Lisboa. Ao fundo vê-se o Tejo quasi até Belem, coberto de navios em que se embarcam os jesuitas. Toda esta parte é pintada por Vernet. Este quadro foi feito em Paris ha 3 annos, e os possuidores o mandaram gravar.

«Foi em Mafra, que tive o prazer de ver dançar o *Fandango*. Foi n'uma tasca. Foi dançado pelo dono da tasca com sua mulher, e com o acompanhamento d'uma guitarra. O tocador dedilhava varias cordas juntamente, a tres tempos, e batia com a mão o compasso no corpo do instrumento. O fandango que se dança aos pares, parece-se muito com o que os hollandezes chamam *plugge dansen*. Apparentemente estes povos adoptaram esta dança, bem como outros usos no tempo em que se achavam debaixo da dominação dos hespanhoes. Os dançantes estão n'ùm movimento geral com todo o corpo, e todos os membros, algumas vezes até indecentemente: marcam o compasso com o pé e com castanholas. Havendo falta d'este instrumento, marca-se a cadencia com estalos dos dedos. O homem tem o chapeo posto na cabeça, e dança com sua dama chegando-se e affastando se, e fazendo numerosas reviravoltas e requebros. Dança-se o fandango no theatro com muita arte: toda a orchestra toca a musica, que é a mesma, quasi por toda a parte. Depois que o meu estalajadeiro e sua mulher acabaram de dançar correndo-lhes o suor em bicca, um outro par os substituiu, e tendo-se a casa n'um instante enchido da melhor gente da villa que dançou successivamente, fiz as despezas do baille, e acabei a noite jogando uma partida de whist com o estalajadeiro, sua mulher e irmã. Tive uma ceia muito boa consistindo n'uma peça de caça assada, sardinhas com pimenta e vinagre, uma salada de toucinho, ovos, maçãs e laranjas, e dormi n'um bom leito. [1]

«A 30 de janeiro deixei Lisboa, pelas 8 horas da manhã. No dia seguinte jantamos em Otta, d'alli, depois de quatro horas de jornada, chegámos a Tagarro, onde apenas achámos ovos para comer. Alli passei a noite, e no dia seguinte almocei gemas d'ovos, e vinho fervido com assucar, o que é muito nutritivo.

«Em 1 de fevereiro, depois de cinco horas de jornada, chegamos a uma venda. Estas vendas são especies de estalagens, ordinariamente distantes uma da outra 18 ou 20 milhas, estabelecidas por ordem do governo para os viajantes. A policia regula n'ellas mensalmente o preço dos generos, e a tarifa está

[1] Obra ultimamente citada, pag. 19.

Digitized by Google

posta a vista do publico, mas ordinariamente o vendeiro põe-a em sitio tão alto que se não póde ler, senão com ajuda de oculos.

«O tempo estava n'esse dia excessivamente frio e humido. D'alli chegamos em 5 horas a Alcobaça. Os caminhos estavam tão ruins que foi necessario, que dois homens sustentassem minha cadeirinha para não tombar. Tinha sahido d'ella, e apezar d'isso fui obrigado frequentemente a deixar as mulas tomarem respiração.

«A 2 de fevereiro entreguei ao superior do convento real uma carta, que para elle me tinham dado em Lisboa. Os religiosos, que chegam ao numero de 130, teem cada um d'elles um servente, de maneira que ajuntando as pessoas pertencentes á cosinha, aos jardins da casa, etc. sustentam mais de trezentos homens. As rendas d'este mosteiro são avaliadas em 180 mil cruzados. Vi na bibliotheca o Virgilio de Baskerville, e o Homero de Foilis, dados de presente por mr. George Pitt. A cosinha é atravessada por um pequeno ribeiro. As adegas são espaçosas e fornecidas abundantemente de toda a qualidade de vinhos. Jantei e ceiei com uns vinte d'aquelles bons padres: o resto comia no refeitorio; as garrafas giravam tão folgazãmente, como vi fazel-o na Escocia: durante a comida tivemos a musica de alguns instrumentos, e o dia se passou mui agradavelmente. Retirei-me depois da meia noite para minha estalagem, apezar de muito instado para ficar no convento, até mesmo estaria na minha mão passar uma semana inteira com aquelles joviaes padres, que eu deixei com muita saudade, e cujo bom accolhimento e cordialidade jámais esquecerei. Seu convento é o mais rico, de que tenho conhecimento, a sociedade d'elles a mais agradavel, que em tempo algum encontrei entre pessoas de tal classe.

«A 3 de fevereiro parti de manhã muito cedo para a Batalha, e fui a este convento, cuja egreja é d'uma bellissima architectura gothica, e similhante á capella do rei em Cambridge, entregar uma carta, que me tinham dado os religiosos de Alcobaça. Como n'este sitio não havia nem venda nem hospedaria continuei minha jornada, e fui dormir a Leiria, duas leguas mais longe. A 4 de fevereiro cheguei a Pombal, e no dia seguinte estava em Coimbra, onde ha cinco familias inglezas, das quaes uma é a de um medico. A 6 de fevereiro sahi d'esta cidade, e passados tres dias, cheguei a Villa Nova de Gaia. Depois de ter descido uma collina muito ingreme, passei o Douro n'um barco de passagem, e cheguei ao Porto, onde não encontrando hospedaria, fui alojar-me em casa d'um inglez no caes. Ha n'esta cidade trinta familias inglezas, que fazem o commercio do vinho, sustentam um ecclesiastico, que celebra o officio divino todos os domingos alternadamente em uma das casas inglezas. Teem em vez de cemiterio um campo situado a alguma distancia da cidade. Levaram-me a uma assembléa, onde vi umas vinte senhoras.

«O theatro do Porto é um dos peiores do reino, é velho e muito sujo, representam-se n'elle comedias portuguezas, e operas italianas. Vi alli representar Demofonte d'uma maneira muito proporcionada á belleza da sala. Na egreja de S. Francisco observei pelas paredes quantidade de cartas presas por cordeis, e dirigidas ao Sancto. Como estavam abertas, tomei a liberdade de ler

Digitized by Google

algumas, e n'ellas não achei mais que agradecimentos por curas obtidas, segundo diziam aquelles, que as escreviam, pela intercessão do Santo e de N. Senhora.

«A egreja dos Clerigos tem uma torre parecida com a da egreja nova de Strand, em Londres.

«O sr. Wood, a quem eu vinha recommendado, levou-me á sua quinta distante da cidade uma milha.

«Seus jardins estão no declivio d'uma collina, dez terrassos [1] se elevam uns por cima dos outros em fórma de amphitheatro, e cada um é embellezado por uma fonte e ruas de limoeiros e laranjeiras. Affirmou-me o proprietario que só n'uma arvore tinha colhido dezeseis mil laranjas, durante uma estação: do terraço mais elevado goza-se d'uma vista soberba, egual á do monte Edgecombe, em Plymouth.

«A 15 de fevereiro, tendo sahido do Porto pela manhã muito cedo passei o Douro n'uma barca, e a pé subi a collina n'uma hora. Jantámos no caminho á sombra de dois grandes sobreiros, e chegámos a Santo Antonio, tendo sempre a vista do mar á nossa direita. Vimos duas naus de guerra portuguezas á vella, e a nordeste duas grandes montanhas cobertas de neve. Encontrámos no caminho uns vinte forçados encadeados n'uma grande cadeia, que estava presa a collares de ferro presos a seus pescoços, a extremidade da cadeia estava segura por um cavalleiro e alguns soldados fechavam a marcha: estes desgraçados tendo as mãos amarradas, e a cabeça descoberta, dirigiam-se para o Porto, para onde iam embarcar para trabalharem nas minas do Brazil.

«No dia seguinte jantamos em Albergaria, e depois de ter passado o Vouga n'um barco, fomos dormir ao Sardão. Os caminhos achavam-se tão estragados pelas chuvas, que apenas chegamos a nosso domicilio muito pela noite dentro, fazendo-nos allumiar pelo nosso arrieiro munido d'um archote. Seguiamos exactamente a estrada de Lisboa, por não haver outra para ir do Porto a Almeida. A 17 de fevereiro caminhámos por entre olivaes, até á fralda da serra do Bussaco. Aluguei um carro puchado por dois bois, que em duas horas levaram minha bagagem ao alto da serra: eu montei a cavallo, e minha liteira ia atraz vazia. No alto existe um convento de Carmelitas, onde me disseram acharem-se dois filhos naturaes de D. João V. D'este local enxerguei as altas montanhas chamadas Serra da Estrella. Na descida d'aquella, que eu acabava de subir, minha liteira tombou, quebrando-se uma das rodas. Deixei Baptista, o carroceiro e seu companheiro com a liteira, e ficaram toda a noite na estrada. Eu porém, acompanhado d'um guia, armado com minhas armas de fogo, e seguido de meu creado inglez, cheguei a pé á aldeia de Baricho, depois de duas horas e meia de jornada. [2] No dia seguinte pela manhã chegou minha bagagem em cima d'um carro puchado por dois bois. Tendo minha liteira ficado atraz, tornou-se necessario mandar vir uma roda nova d'um lo-

[1] Naturalmente ha de ser aquillo a que no Porto, e nas provincias do Norte se dá o nome de socalcos.

[2] *Twiss Voyage*, pag. 55.

Digitized by Google

gar distante 14 milhas. Este accidente obrigou-me a ficar dois dias em Baricho, onde me entretive em matar caça. O sitio é montanhoso, e esteril, e pouco mais ou menos como o Westmoreland. As pedras d'estes sitios parecem ser uma especie de granito de Cornowailles. Allugue: alli uma casa inteira, consistindo apenas n'um só repartimento, soalhada como a estrada, sem outros moveis que uma mesa, um banco, e uma enxerga coberta de pulgas. A chuva penetrava pelo telhado e tecto, que deixava contemplar o ceo e estrellas.

«A 20 de fevereiro passámos de manhã uma ponte de pedra d'um só arco, por baixo do qual corria um ribeiro muito crystalino: depois chegámos ao cume d'uma montanha escarpada, no espaço de meia hora. D'aqui passando pela aldeia de Santa Comba, atravessámos pela segunda vez o mesmo ribeiro por cima de uma ponte de seis arcos. Goza-se aqui de uma vista muito pittoresca. É boa a estrada até Carjal, e passa por entre olivaes, onde se vêem numerosos rebanhos de carneiros brancos e pretos pastando á sombra. Não tendo encontrado aqui alguma tasca, hospedei-me na loja de um carpinteiro.

«A 21 de fevereiro passámos o Mondego sobre uma ponte de tres arcos, d'onde chegámos a uma serra. Accrescentaram-se dois bois para ajudarem nossas mulas a passar com a liteira. Chegados ao alto, deixámos descançar nossas mulas durante uma hora, e depois atravessámos uma ponte de um só arco: e d'ali por diante a estrada tornou-se muito perigosa, passando por cima de calhaus, terras humidas, pegajosas, e á borda de precipicios. Nossas mulas caiam frequentemente, os tirantes partiam-se, chovia muito, e chegámos muito tarde, já noite fechada a Vinhosa, onde me vi obrigado a pernoitar na mais detestavel estalagem, que jámais encontrei. Não havia mais que um só quarto cheio de gente, onde se tinha accendido no meio uma grande fogueira com lenha humida, cujo fumo sahia como podia, pela porta, e janellas por não haver chaminé. Procurei uma porção de palha, a qual puz por cima de uma grande arca, e tendo-me envolvido na minha capa sem me despir, adormeci passado um instante, se bem que obrigado a ficar com parte da cára fóra da janella para me não suffocar.

«A 22 de fevereiro continuei minha jornada atravez de serras incultas, cobertas de alguns sobreiros, castanheiros e pinheiros. Depois de ter passado uma ponte de dois arcos, alguns campos de milho, e por outra ponte tambem de dois arcos, cheguei a Celorico, e jantei em casa d'um estalajadeiro judeu, que se tinha tornado christão: este bom proselyto apresentou-me o melhor vinho tinto, que jámais bebi em minha vida: parece se com o vinho de Bourgogne, e excede-o em qualidade. Dormi a noite seguinte na aldeia de Carraçal, onde não ha estalagem: foi mister alojar-me n'uma miseravel cabana, porém a larga dóze de vinho, que tinhamos bebido ao jantar em casa do judeu, nos fez dormir alli como n'um palacio. Em Celorico vê-se um castello mourisco, situado sobre uma montanha com uma muralha de nove pés de espessura, feita de pedras toscas, sem argamassa: esta muralha corre do castello para a villa, seguindo o declive da collina. Observei ao lado da estrada cinco pedras erguidas, de 8 pés de altura, e outras quatro deitadas por terra, da mesma configuração, que me recordaram nosso Stonehenge. Em todas estas montanhas se

Digitized by Google

descobre um grande numero de pedras enormes postas em posições extraordinarias.

«A 23 de fevereiro tivemos uma jornada muito incommoda, tendo andado onze horas por um pessimo caminho coberto de pedaços de calhaos, e bordado de castanheiros crescendo no meio dos rochedos. Passámos o rio Coa sobre uma ponte muito alta e perigosa, de tres arcos, cujos parapeitos tinham caido, e que não tinha exactamente mais que a largura necessaria para a passagem de uma liteira. Depois de termos chegado ao cume de uma montanha muito alta, chegámos á villa de Almeida. N'esta povoação não havia uma unica hospedaria, e por isso o coronel Calder, que alli governava durante a ausencia do general Maclean teve a bondade de hospedar-me. Alli passei duas noites cheio de obsequios, e experimentando a hospitalidade particular aos escocezes. Almeida fica a legua e meia distante do primeiro castello hespanhol da provincia de Leon.

«A 25 de fevereiro, depois de hora e meia de jornada, passámos um riacho. que separa Portugal da Hespanha, e fomos obrigados a ficar na aldeia de El Obispo, por causa do desleixo do almocreve, que se tinha esquecido de tomar um passaporte para suas mulas.»

Digitized by Google

U

1373) **UDALAP.**

E.—*Tour through Spain and Portugal.* (Gyro em Hespanha e Portugal.)

1374) **ULRICH (SCHMIDEL DE STRAUBING).**

E.—*Histoire Véritable d'un voyage curieux fait par Ulrich Schmidel de Straubing, dans l'Amérique ou le nouveau monde, par le Brésil, et le Rio de la Plata, depuis l'année 1534 jusqu'en 1554. Où l'on verra tout ce qu'il a souffert pendant ces dix-neuf fans, et la description des peuples extraordinaires, qu'il a visités. Ouvrage écrit par lui-même, et publié de nouveau apres corrections des noms de villes, de pays et de rivières par Levinus Hulsius. Nuremberg aux frais de Levinus Hulsius.* 1599.

Vem esta obra no 3.º volume da collecção intitulada *Voyages, relations, et mémoires originaux pour servir à l'Histoire de la Découverte de l'Amérique publiés pour la première fois en français. Par Henri Ternaux Compans.*

1375) **UNENOUVELLE ABBDICATION** *ou encore un empereur et roi sans empire ni royaume.* Paris. 1831. 8.º folheto.

1376) **URCULLU (D. JOSÈ D').**—Hespanhol, socio correspondente da Real Sociedade Geographica de Londres, das de Paris e Rio de Janeiro. Serviu militarmente a sua patria durante a guerra Peninsular, e viveu muitos annos no Porto, exercendo alli, segundo creio, o emprego de corrector de provas typographicas, e n'aquella cidade morreu a 8 de junho de 1852. Os jornaes politicos d'aquella epocha e cidade apenas dão uma succinta noticia da morte d'este homem illustre, a quem Portugal deve ser reconhecido por ter preferido na composição d'uma obra notavel a nossa lingua á hespanhola, ao contrario do que em todos os tempos teem feito muitos portuguezes, escrevendo, em linguas estrangeiras obras, que podiam contribuir para tornar o nosso idioma mais estudado nos outros paizes, sendo escriptas em portuguez. [1]

[1] «Esta obra por seu auctor é de grande gloria para Hespanha; pela lingua em que foi escripta, de notavel honra e proveito para Portugal. O padre Rafael Bluteau bem

Digitized by Google

E. I.—*Tratado elementar de geographia astronomica, physica, historica, politica, antiga e moderna. Que o seu auctor D. José de Urcullu dedica ao Illmo sr. João Allen, Cavalleiro honorario da muito antiga e nobre ordem da Torre e Espada.*—Tomo 1.º Porto, na officina de Alvares Ribeiro 1835. 2.ª edição Porto typographia commercial Portuense. 1841.—Tomo 2.º Porto, typographia commercial Portuense. 1837.—Tomo 3.º Porto, typographia commercial Portuense. 1839.

O 2.º volume é ornado com uma estampa representando a fabrica da Vista Alegre, do lado de terra; e o 3.º com uma outra representando a casa de João Allen, na rua da Restauração no Porto, na qual havia um importante museu, além de varios mappas que enriquecem este volume.

E o primeiro tambem apresenta mappas, e vistas de algumas antiguidades do mencionado museu.

Esta obra grangeou creditos a seu auctor, que teve o prazer de receber por causa d'ella elogios de pessoas competentes. Não é uma simples recopilação; pois n'ella se encontram os seguintes trabalhos:

No 1.º vol. um extenso artigo sobre a orthographia portugueza, o qual abrange 16 paginas.

O 2.º além da geographia de toda a Europa traz-nos um apreciavel esboço dos principaes acontecimentos politicos e militares de Portugal desde a chegada de D. Miguel em 1828 até sua retirada em 1834. — O auctor foi testemunha ocular de grande parte dos factos narrados.

Tambem os additamentos (além de uma descripção do museu Allen no principio d'este volume) são muito interessantes, versam sobre o Peru, Canadá, Nova Galles Meridional, Ilha de Van Diemen, Australia Occidental e Meridional, sobre o descobrimento da Australia (carta do sr. Francisco Adolpho Varnhagen), descripção do *Atlas* do cosmographo portuguez Fernão Vaz Dourado feito em Goa em 1571, e hoje guardado na Torre do Tombo, e descripção do *Atlas* manuscripto de Lazaro Luiz feito em 1563, existente na livraria da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do mar Morto, da ilha de Madagascar.

mereceu de nós por nos haver dado, sendo estrangeiro, um diccionario, que ainda apezar de outros mais modernos, nada perdeu de seu preço e valia; o sr Urcullu não bem merecerá menos dos portuguezes por lhes haver dado uma obra de Geographia, a que por modestia chamou elementar, mas onde as pessoas entendidas e professas na materia terão muito que aprender. Se tantos charlatães estrangeiros, que inçam este pobre Portugal, e lhe devoram a substancia, fossem Bluteaus e Urcullus, á fé que seriamos nós os primeiros a victorial-os e acatal-os. A republica das letras é uma só; mas a do charlatanismo, essa é que, em relação a ella, jaz em outro cabo do mundo. O primeiro volume é notavel pela clareza, e ao mesmo tempo pela profundeza de sciencia e erudição em tudo que na obra diz respeito á parte mais difficil da geographia, a astronomia, a physica. etc. Como a presente noticia não é um d'aquelles artigos de encommenda, que apparecem pelos periodicos; mas a expressão sincera do nosso pensar, diremos que em uma obra intrinsecamente excellente, até mui boa pelo lado do aceio typographico, é de lamentar haja frequentes descuidos de linguagem, culpa que se não ha de imputar ao auctor, que como estrangeiro, d'isso deve ser absolvido... *Panorama* de 1839 pag. 200.

Digitized by Google

D. José de Urcullu mostra-se muito affeiçoado aos portuguezes (cousa não mui trivial em hespanhoes) e não perde ensejo de nos elogiar, ou de recordar nossas antigas glorias.

II. *Grammatica Ingleza para uso dos portuguezes reduzida a 27 lições.* 1.ª edição, Lisboa, 1830. 2.ª Porto, 1848. 3.ª Porto, 1853. 4.ª Porto. Typographia Commercial, 1860. É realmente uma boa grammatica, e a melhor, que tinhamos na occasião, em que pela primeira vez seu auctor a appresentou a publico.

Deu-se com este compendio um caso muito notavel, qual o de apparecer reimpressa pouco depois de se publicar, com insignificantes alterações, em Paris, declarando-se no rosto ser trabalho de F. S. Constancio, auctor d'um estimado *Diccionario Portuguez!*

Mudaram em primeiro logar o titulo da obra, chamando-lhe *Mestre inglez* em logar de *Grammatica ingleza*, e por aqui e por acolá trocaram uma ou outra palavra, acrescentaram ou diminuiram um ou outro exemplo! Não tenho conhecimento de maior pirataria litteraria!

1377) **USBORNE** (T. H.-ESQ).—Auctor of a new Guide to the Levant, Egypt, Syria, Greece etc.

E.—*Tales of the Braganza with scenes and sketches by. London.* 1842, 8.°, 277 pag.

É uma collecção de contos e historietas.

1378) **USSIEUX** (M. DE). — Litterato francez nascido em março de 1744 em Angoulême, e fallecido em agosto de 1805 no Castello de Vaux, perto de Chartres.

E.—*Histoire abrégée de la Découverte et de la Conquête des Indes par les Portugais. Par —.* A Bouillon, 1770, 8.°, 203 pag.

«A descoberta da India faz honra á humanidade; deve-se collocar este successo na ordem das epochas famosas.

«Começaram os portuguezes suas viagens maritimas n'um tempo, em que as mathematica-, a astronomia, e todas as sciencias relativas á navegação, estavam involvidas em trevas. Um principe digno de governar o universo ousou conceber uma empreza, que os espiritos pusillanimes de seu tempo não deixaram de accusar de temeraria. É assim que os grandes homens, os unicos que podem formar vastos projectos, terão sempre ou que triumphar da imbecilidade do vulgo, ou que arrostar com os maus calculos dos politicos, para conseguirem plena execução de seus projectos.

«Ver-se-ha n'esta historia por aquillo, que praticaram tres celebres capitães portuguezes, quanto podem o valor e a prudencia associados a um zelo verdadeiramente patriotico.»

Digitized by Google

V

1379) **VAKCEL (PLATÃO LVOVITCH).**—Viajante russo, que residiu na Madeira por 4 annos. Segundo dizem algumas pessoas, que o conversaram, fallava o portuguez mui fluentemente.

Além de varios artigos, que publicou na *Gazetta da Madeira* a respeito da musica e musicos portuguezes.

E. — *Quadros da Litteratura, das Sciencias e Artes na Russia por* —. Precedidos de um rapido lanço de vista por José Silvestre Ribeiro. Funchal. Typ. da *Gazeta da Madeira*. 1868, 8.°, 356 pag.

1380) **VAL (SIEUR DU).**

E. — *La description et l'alphabet d'Espagne et de Portugal*. Paris —. 1659, 16.°

1381) **VALENZUELA (D. PEDRO).**

E. — *Portugal unydo y separado. Escrivia el afecto espagñol de — al Excellentissimo Señor Don Agustin de Alencastre Sande y Padilla, duque de Abrantes*. Con privilegio. En Madrid, por Mateo Fernandez, Impressor del Rey nuestro Señor, Año de 1659, 8.° gr., de 97 pag.

1382) **VALLÉE (JOSEPH LA —. MARQUIS DE BOIS ROBERT).**

E. — *Histoire des Inquisitions réligieuses d'Italie, d'Espagne et du Portugal*. Paris, 1809, 12.°, 3 tomos. Esta obra tem muitas inexactidões. [1]

1383) **VALLERÉ (MAD. L. DE).** — Sa fille.

E. — *Eloge historique de Guillaume Louis Antoine de Valeré, Lu à la seance publique de l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne, le 20 Janvier 1798 par François de Borgia Garção Stockler, sécretaire de l'Academie, membre de la*

[1] *Diccionario Bibliographico*, vol. III, pag. 192.

Digitized by Google

Societé philosophique de Philadelphie etc; Publié de nouveau avec des additions. et des anecdotes sur sa vie, et la réfutation de l'article qui le concerne, inseré dans la Bibliotheque Britannique par —. A Paris, Chez Firmin Didot, 8.° gr., 282 pag. com o retrato de Mr. Valeré.

Obra conveniente para conhecimento do estado das nossas coisas de guerra no reinado de D. José. As annotações são egualmente muito interessantes para o mesmo fim. Valeré era um official francez, que veiu servir em Portugal, e n'este paiz se conservou desde 1752 até 1796, anno em que falleceu.

Esta obra serve ainda de refutação ás calumnias, que o celebre Costigan escreveu contra a nação portugueza.

Parece que Costigan (ao que diz este livro) era um pseudonymo, e que o verdadeiro auctor d'aquelle acerbo de calumnias era o brigadeiro Ferriere, que pelo seu mau procedimento fora expulso do serviço no exercito portuguez.

1384) **VANDELLI (DOMINGOS).** — Nasceu em Padua [1] pelos annos de 1730. Pelo convite do Marquez de Pombal veiu para este paiz reger uma cadeira de philosophia na Universidade de Coimbra. [2] Falleceu em Lisboa a 27 de junho de 1816. Foi socio das Academias de Upsal, Lucca, Padua, Florença e Lisboa. E nas *Memorias* d'esta ultima encontram-se os seguintes trabalhos de Vandelli:

E. — I. *Dominici Vandelli Florae et Faunae Lusitanicae Specimen.* Traz uma pequena dedicatoria á Universidade de Coimbra com a data de 13 d'abril de 1787. (*Memorias*, tomo I, de pag. 37 a 79.

II. *Ejusdem de Vulcano Olisiponensi et Montis Erminii (Memorias.* id. de pag. 80 a 84.)

Diz o auctor que os vestigios do vulcão extincto em Lisboa começam na parte septentrional em S. João dos Bemcasados e Alcantara; depois as escorias vulcanicas cobrem os montes calcareos até Rio Secco, e em seguida seguem-se estes montes vulcanicos até Paço de Arcos, do qual logar vão pedreiras de marmore até Penha Longa, onde entre os marmores se desenterram escorias solidas negras e lamelladas.

III. *Varias observações de Chimica e Historia natural. (Memorias* id. de pag. 259 a 561).

IV. *Dissertatio de arbore Draconis, seu Dracuena. Accessit dissertatio de studio Historiae Naturalis necessario in Medicina, Oeconomia. Agricultura, Artibus et Commercio.* Olissipone, 1768.

V. *Fasciculus plantarum cum novis generibus et speciebus.* Olissipone, 1771.

VI. *Memoria sobre a utilidade dos Jardins Botanicos.* Lisboa, 1770.

[1] *Diccionario Bibliographico*, tomo 2, pag. 200. Tambem com respeito a Vandelli vejam-se os artigos Link e Hoffmansegg.

[2] «O Dioscorides do Norte, Carlos Linneu tinha indicado Domingos Vandelli ao nosso governo, como um eximio naturalista.» Marquez de Rezende no tomo XII do *Panorama*, pag. 213.

Digitized by Google

VII. *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural, extrahidos das obras de Linneo, com sua explicação e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos.* Coimbra 1788.

VIII. *Viridarium Grisley Lusitanicum, Linnaeanis nominibus illustratum. Jussu Academiae in lucem editum.* Olissipone 1789.

IX. *Florae Lusitanicae et Brasiliensis. Et epistolae ab eruditis viris Carolo a Linné, Antonio de Haen ad Dom. Vandelli scriptae.* Conimbricae 1788. (Esta mesma obra, porém reformada, foi inserida no 1.º volume das *Memorias da Academia.)*

X. *Memoria sobre a ferrugem das oliveiras. Nas Memorias Economicas publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.* vol. I.

XI. *Memoria sobre a agricultura deste reino e conquistas.* vol. I.

XII. *Memoria sobre algumas producções naturaes d'este reino.* vol. I.

XIII. *Memoria sobre algumas producções naturaes das conquistas.* vol. I.

XIV. *Memorias sobre as producções naturaes do reino e das conquistas, primeiras materias de differentes fabricas e manufacturas.* vol. I.

XV. *Memoria sobre a preferencia, que em Portugal se deve dar á agricultura sobre as fabricas.* vol. I.

XVI. *Memoria sobre varias misturas de materias vegetaes na factura dos chapeos.* vol. I, tomo II.

XVII. *Memoria sobre o modo de aproveitar o carvão de pedra e paus bituminosos.* vol. I, tomo II.

XVIII. *Memoria sobre o encanamento do rio Mondego.* vol. I, tomo III.

XIX. *Memoria sobre as aguas livres.* vol. I, tomo III.

XX. *Memoria sobre o sal gemma das Ilhas de Cabo Verde.* vol. I, tomo IV.

1385) **VAN WEST ZANENS.**

E. — *Reize naar Ost Indien.* etc. (Viagem ás Indias Orientaes) Amsterdam. 1608, 4.º

1386) **VARENBERGH (EMILE).**

E. — *Les relations des Pays-Bas avec le Portugal et l'Espagne d'après un écrivain du* XVII *siècle.* Bruxelles.

1387) **VARGAS DE BEDEMAR.** — Conde, camarista d'elrei de Dinamarca, Director do Museu de Historia Natural, e Socio da Academia Real das Sciencias em Copenhague.

E. — *Resumo de observações geologicas feitas em uma viagem ás ilhas de Madeira, Porto Santo e Açores nos annos 1835 e 1836.* Lisboa, 1837. Na impressão de Galhardo irmãos. No vol. 2.º da *Revista Litteraria* (começa a pag. 61) vem uma censura a esta obra. Nunca vi o original dinamarquez.

1388) **VARGAS (FRANCISCO DIAZ DE).**

E. — *Discurso y sumario de la guerra de Portugal y successos della desde*

Digitized by Google

el año de 1578 *hasta el de* 1581. Zaragoça 1581 Ib. 1644.—Em Italiano, Veneza, 1582.

1389) VARGAS (D. THOMAZ TANAIO).

E. — *Restauracion de la ciudad del Salvador nel Brazil por Philippe* IV *de Espagna*. Madrid, 1628.

1390) VARNHAGEN (FREDERICO LUIZ GUILHERME DE). — Nasceu em Arolsem, no principado de Waldek, na Allemanha em 1783. Morreu em Lisboa no anno de 1842. Em Portugal foi administrador geral das mattas e pinhaes do Reino.

E. — *Contas da administração dos reaes pinhaes de Leiria dos annos de* 1824, 1825 *e* 1826; *e esboço do estado d'aquelles reaes pinhaes, com reflexões sobre a decadencia em geral das matas deste reino, e projecto para remediar as mesmas*. Lisboa. Impressão Regia, 1827, fol., 18 pag.

II. *Manual de instrucções praticas sobre a sementeira dos pinheiros. Publicado pela Academia Real das Sciencias*. Lisboa. Typographia da mesma Academia, 1836, 8.º

1391) VARTHENA.

E. — *Zee en land etc.* (Viagem por terra e por mar ás Indias Orientaes) Utrecht. 1654.

1392) VARTHEMA (LUDOVICO DI).

E. — *Travels*. London 1863.

«Varthema andou a viajar pela India de 1503 até 1508, e foi testemunha ocular das primeiras tentativas commerciaes dos portuguezes» [1].

1393) VASEAEUS.

E. — I. *Chronici Rerum Memorabilium Hispaniae Tomus prior. Authore Joanne Vasaeo Brugensi, humanarum literarum in Salmaticensi Academia Professore, Salmanticae*. fol. sem data. Esta obra foi composta por Vaseo, no tempo em que residiu em Portugal, e dedicada a D. Henrique, cardeal e mais tarde rei.

II. *Rerum Hispaniae Memorabilium Annales a Joanne Vasaeo Brugensi et Francisco Tarapha Barcinonensi, non minus docte, quam breviter, ad haec usque tempora deducti. Quibus accessit succincta rerum a Philippo Secūdo Catholico Rege gestarum descriptio: omniumq. Regum Hispaniae geneologia, recens ex Italico translata. Omnia partim nova, partim ad primam editionem accurate recusa: cum Indice locupletissimo*. Coloniae 1577. 8.º 781 pag. É tambem dedicada ao Cardeal rei D. Henrique.

1394) VASCONCELLOS (FELIX MACHADO DE SILVA CAS-

[1] Gerson da Cunha.—*Notes on Chaul and Bassein*, pag. 18. (Bombaim, 187)

Digitized by Google

TRO Y). — Marques de Montebello, Commendador de San Juan de Concieiro, en la Orden de Christo, su bisnieto y successor de su Casa.

E. — *Vida de Manoel Machado de Azevedo, Senhor de las Casas de Crastos Vasconcellos y Barroso, y de los Solares dellas, y de las Tierras de Entre-Homem y Cabado. Villa de Amares, Commendador de Sousel, en la Orden de Avis* Por —. *Escrevia-se a Dom Frañcisco Machado de Silva, su hijo, para que la imitasse, como imitó, hasta acabar la Filosophia, en edad de catorce anos y medio, en la qual fue Dios servido de llevarle para si. Oy se dá a la estampa para que estas dos vidas sirvam de dos espejos a Dom Antonio Machado de Silva y Castro, ultimo hermano de seis que tuve. Impresso por Pedro Garcia de Paredes. Ano* 1660. Parece ter sido impresso em Madrid.

1395) VATEL.

E. — *Droit des gens. Avec des notes de Pinheiro Ferreira et de Combrier d'Oleires.* Paris, 1682.

«O viajante portuguez, que ha poucos annos percorresse a Europa, não encontraria homem de Estado conspicuo, sabio distincto, philosopho afamado, ou publicista notavel, que lhe não fallasse do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira com profundo respeito e sincera veneração. Ainda hoje não ha bibliotheca publica na Europa, ou livraria particular escolhida, em que não estejam devidamente estimadas as obras do nosso benemerito compatriota.

«Assim aprouve á Providencia que solvessem estranhos a divida em que lhe estava a nação portugueza, e que nas amarguras a que o condemnou mais do que uma vez a ingratidão dos naturaes, o confortasse a estima e consideração dos estrangeiros; ainda agora elles commemoram nos diccionarios biographicos de mais importancia o nome que anda esquecido na patria, a cujo serviço o sr. Pinheiro Ferreira dedicou muitos annos da sua vida, e a cuja honra e progresso consagrou a existencia inteira.

«Já vimos citadas com louvor opiniões de publicistas francezes em assumptos politicos, e transcriptas com grande applauso, e applicadas com deliberada confiança no credito do auctor, sem que ninguem advertisse que eram copiadas ou traduzidas das obras do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira. E ainda bem, que se lhes houvesse descoberto a origem nacional, talvez que para logo as regeitassem ou que lhes duvidassem do acerto! (Sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, *Glorias de Portugal*, pag. 2.)

1396) VEER (GUSTAV DE).—Natural de Dantzick.

Publicou em 1864, em Dantzick na Allemanha, a vida do infante D. Henrique, em volume de oitavo.

1397) VENN (HENRY).

E. — *The missionary life and labours of Francis Xavier taken from his own correspondence.* London, 1862, 8.º

1398) VENTURINO (JOÃO BAPTISTA).

«Enviando o papa Pio V seu sobrinho Miguel Bonello, mais conhecido pelo

Digitized by Google

titulo de Cardeal Alexandrino, como legado aos reis de França, Hespanha e Portugal no anno de 1571, entre as pessoas que formaram a sua numerosa comitiva vinha um certo João Baptista Venturino, que tomou a seu cargo descrever em italiano o processo da viagem, acompanhando a sua relação de notas e observações sobre as terras, por onde passavam, e sobre os individuos com quem tratavam. Entraram em Portugal pelo Alemtejo, e é d'aqui avante que a viagem do legado se torna extremamente importante para a historia da sociedade portugueza n'aquella epocha: é pois só n'esta parte, que extrahiremos as mais curiosas passagens da copia que temos diante de nós, tirada do codice 1607 da Bibliotheca do Vaticano.[1]

Entrada em Elvas

«Avistando á mão esquerda uma torre dos portuguezes, que estava como para defeza da fronteira, appareceu D. Manuel, senhor de Monsarás, villa proxima de cem fogos. Vinha com cincoenta cavalleiros bem montados e vestidos, e logo apoz elle D. Constantino de Bragança, tio do duque d'este titulo, e do sangue real, juntamente com o conde de Tentugal, seu cunhado, com vinte pagens vestidos das suas côres, preta e amarella, com trezentos cavalleiros montados em formosos ginetes, e cavalgando á gineta, que vem a ser com a perna curva e com os pés mettidos em grandes estribos, que cobrem quasi todo o pé, e montam assim tão bem, e estão a isso tão costumados, que fazem, pondo-se em pé nos estribos, toda a casta de forças. Usam de esporas de roseta, e só com um bico agudo similhante ao de uma lanceta. Traziam botins vermelhos de carneira, uns lisos outros lavrados, ou prateados e doirados, e guiavam á dextra dez ginetes sellados e cobertos de brocados e veludos extremamente bellos.

«D'ahi a pouco veiu o bispo de Elvas, primeira cidade e povoação de Portugal por esta parte, homem já muito velho. Acompanhava-o o corregedor do civel, isto é o prefeito da justiça, e o seu juiz ou ouvidor, os alcaides e meirinhos, isto é, alguazis e outros magistrados e officiaes com vestiduras talares e varas nas mãos. Os cavalleiros, que vinham com elles, seriam tresentos.

«Ao entrar da dita porta de Elvas appareceram muitos homens e mulheres vestidos do modo em que já tinhamos visto em Castella estando com o cardeal Spinosa. Terminavam estes tres corpos de dançarinas.

«A primeira dança chamada a Follia, compunha-se de oito homens vestidos á portugueza, com gaitas e pandeiros acordes, e com guizos nos artelhos, pulavam á roda de um tambor cantando na sua lingua cantigas de folgar, de que obtive copia, mas que não ponho aqui por me não parecerem adaptadas á gravidade do assumpto. Bem merecia a tal dança o nome de follia, porque volteavam como loucos, fazendo ademanes uns para outros, como quem se congratulava da vinda do legado, para o qual constantemente se volteavam. A segunda dança, chamada a captiva, era de oito moiros agrilhoados, que dançando á moda mourisca, se declaravam escravos do legado. A terceira, chamada a

[1] Alexandre Herculano — *Panorama* de 1841, pag 309.

Digitized by Google

Gitana, era composta de ciganas vestidas e bailando como as que já descrevi do cardeal Spinosa. Vinham entre elles duas moiras, trazendo cada uma em pé sobre os hombros uma rapariga vestida de pannos cosidos em oiro e talhados de galantes e variados modos. Com aquelle peso bailavam levemente, ao som de um tambor, enfunando-se com o vento os vestidos das raparigas que faziam esvoaçar um lenço por varios modos, ora com a mão direita, ora com a mão esquerda, ora segurando-o debaixo do braço, ora nas costas, momos estes que depois repetiram com facas por diversas maneiras.

«Elvas está assentada em sitio similhante ao de Badajoz. É cingida de muros e fortes; tem falta de agua pela altura em que está; o seu territorio é bom, e bello o seu aspecto; a povoação terá obra de quatro mil fogos. As casas são caiadas por fóra á moda de Portugal. As mulheres são gentis e desembaraçadas: usam trajos similhantes aos das castelhanas, mas não andam tão embuçadas nem tão arrebicadas e brunidas.

Encontro do duque de Bragança

«Á segunda feira seguinte tendo sahido de Elvas vimos um aqueducto de oitocentos arcos murados, que de um monte distante legua e meia conduzia a agua até ao pé da cidade. Rebentaram depois os canos, não podendo subir a agua á altura que se pretendia para a fazer entrar dentro em beneficio dos moradores, mas sempre corre perto da cidade. E caminhando por bellos e ferteis campos de planicies e outeiros apraziveis, encontrámos a distancia de duas leguas D. João, duque de Bragança, mancebo de vinte e nove annos, de mediocre estatura, trigueiro e de boa côr, vista curta e de pouco robusta compleição, o que lhe serve de desconto á muita grandeza e fortuna de que gosa. É do sangue real de Portugal, tendo por armas as mesmas do reino. Vinha vestido com uma capa de panno raso, abotoado o capuz com diamantes e fechos de oiro, e as bandas compridas apresilhadas com rubis e oiro; o barrete era de veludo com flos de rubis, diamantes, perolas e oiro; as calças eram de veludo turqui (azul escuro) agaloadas de oiro. Montava em um cavallo rodado, cavalgando á gineta, e precedido por dois ginetes que, sobre as sellas cobertas de escarlata com franjas de oiro, traziam duas malas similhantes ás que os cardeaes levam adiante de si quando vão para o consistorio. Eram tambem escarlates com as armas de sua excellencia bordadas em brocado de oiro com florões e franjas de prata, na verdade bellissimas.

«Vinham quatro alcaides e quatro meirinhos ou alguazis com varas vermelhas, ao contrario das de Castella, e ainda d'Elvas, que eram brancas. Seguia-se a pessoa de s. ex.ª e apoz elle duzentos cavalleiros gentis-homens montados á gineta em bellissimos cavallos.

«Passada meia legua de caminho aspero e pedregoso chegámos ao pé de uma fortaleza do duque, que ficava á mão esquerda, na qual salvaram com artilheria e tocaram tambores. Um pedaço adiante, á direita, descobrimos um palacio do duque, bello e commodo, similhante a um serralho, cingido de muros que teriam tres leguas pequenas, que são nove milhas, e que fôra feito por s. ex.ª para seu divertimento, por gostar muito da caça. Dentro da cêrca havia

Digitized by Google

grande copia de javalis, cabritos montezes, veados e outras alimarias. Estava ordenado que se desse uma batida ás feras para recrear o Legado, que parou com o duque na chapada do monte pegado com o paços. Mas uma grande chuva acompanhada de vento não o consentio, e tendo o duque posto um capote de panno avermelhado guarnecido de passamanes d'oiro, e um chapeu de veludo preto com iguaes passamanes nos encaminhámos a passo cheio para Villa Viçosa, residencia do dito duque, onde chegamos perto da noite. Ao apearnos á porta do seu palacio houve grande estrondo de artilheria, em um castello roqueiro bem fortificado; soaram os atabales, tocados por pretos, os pifaros, trombetas, tambores, e sinos, mostrando-se por toda a parte extraordinaria alegria.

Villa Viçosa

«A esta villa corresponde bem o nome que lhe dão, porque tanto dentro como fóra está cheia de vinhas, olivedos e pomares: é plana, as casas são bellas e commodas, e de bom risco, ou pelo menos melhor do que é costume em Hespanha, caiadas por fóra, com chaminés brancas, e no topo vermelhas, resaltadas para fóra das frontarias, ou por causa da delgadeza das paredes, ou por adorno, ou por assim ser costume. Quasi todas as casas teem quintaes com agua; e serão ao todo 2000 fogos, pouco mais ou menos. É habitada por paisanos. Tem formosas mulheres, e entre outras uma que não o é menos da alma que do corpo, da edade de 23 annos, filha de Thomé de Castro, á qual por sua muita litteratura chamam Publia Hortensia. Esta donzella, que tinha estado em Salamanca quiz defender conclusões naturaes e legaes, o que não teve logar por causa da subita partida do Legado.

«O palacio é notavel,[1] bello exterior e interiormente, e o mais aprazivel e commodo, que até aqui vimos em Hespanha (ao menos em quanto a mim) exceptuando, porém o paço real de Madrid. Como estivessem ainda alguns quartos imperfeitos, o duque os mandou acabar por occasião d'esta vinda do legado. O edificio fecha todo em volta com grandes casarias, que dão para jardins fresquissimos, um dos quaes mui espaçoso está arranjado ao modo de Italia. Tem vastas cavalariças, adegas e todas as mais officinas necessarias. Está situado entre duas ruas, quasi insulado, e na frontaria principal fica-lhe uma formosa praça, á qual se segue um bosque de ciprestes, e logo um mosteiro de Franciscanos. Dentro dos paços estão pintadas muitas victorias alcançadas pelos duques de Bragança, principalmente contra os castelhanos, e no alto da escada se vê a tomada d'Azamor na Africa, tudo ornado de riquissimos pannos de Flandres.

«Os que estão porém na sala que fica no topo da escada da banda esquerda são de ouro, prata e seda, lavrados de figuras representando uma victoria ganha por Nunalvres condestavel, de Portugal, contra os castelhanos. Dos mesmos pannos está forrada outra sala tambem no cimo da escada, da parte opposta, bem como a camara e antecamara do legado, na qual estava uma cama de brocado d'ouro de canotilho, a mesa d'estado coberta da mesma tela, a cadeira

[1] *Panorama* de 1841, pag. 338.

Digitized by Google

de velludo carmesim franjado d'oiro, e o chão alcatifado de finissimos tapetes. Ao pé ha um oratorio bem ornado e devoto. No topo da escada, que já mencionei, sobre um estrado da altura de dois palmos, ou palmo e meio, coberto de tapetes de seda, havia um docel de brocado de oiro, debaixo do qual havia de comer o legado, estava um apurador grandissimo contando peças de oiro, de prata, e doiradas, que avaliaram em cento e cincoenta mil escudos d'oiro. Havia ahi dois vasos, como urnas antigas, duas bacias, dois gomis, e duas copas grandes, lavradas de figuras primorosamente. Os vasos doirados eram 56 de diversos feitios, uns levantados, outros lisos, além de muitas taças, de um numero quasi infinito de pratos. A prata era da mesma qualidade. Aqui comeu o legado no dia seguinte em publico, do modo seguinte: assentou-se em uma das cabeceiras da mesa, depois de ter lavado as mãos, só, porque o duque não quiz lavar-se no mesmo tempo por cortezia, apezar de rogado e quasi constrangido para o fazer, á qual cortezia de sua alteza corresponderam os nossos prelados, os quaes, apezar de convidados e rogados por elle, o deixaram lavar só. Assentou se o duque ao pé do legado, mas não antes deste estar assentado. Junto ao duque ficou D. Jaime, seu irmão, de edade de dez annos, vestido como o duque, e apoz elle D. Francisco, de edade de 20 annos, e D. Henrique de 18, de aprazivel aspecto e bom porte, filhos do conde de Tentugal, vestidos com tabardos. Seguia-se D. Constantino de Bragança, vestido de raxa preta com a cruz da ordem de Christo ao peito. Do outro lado estavam os nossos prelados e na extremidade d'uma e d'outra parte estavam outros fidalgos e cavalleiros, segundo o grau de cada um. A mesa estava delicadamente ornada e coberta com toalhas de bretanha, e tela da India. Os manjares eram abundantissimos e sumptuosissimos, pouco lautos ou exquisitos, e na maior parte agradaveis ao paladar, porque lhes deitavam á toa, e em todos grande quantidade de assucar, canella, especiarias, e gemas d'ovos cozidos, ao mesmo tempo que lhes faltavam os molhos, temperos etc. Todavia nenhum havia ahi que fosse extravagante, ou desusado em Italia, constando de salvaginas, pavões, perdizes, e boas carnes, entre as quaes o capado era excellente, e nada má a vitella. Vieram muitas fructas cobertas, que tornaram a polvilhar de assucar, e cobriram com folhado de mel, cousa que parece não ser ordinariamente usada. As cobertas da mesa foram cinco, cada uma de cinco serviços, afora o ultimo da fruta, confeitos e doces, com a galantaria de sairem voando perdizes e outros passaros ao abrir os pasteis. Durou o jantar por espaço de mais de tres horas. A cada coberta, que sempre era servida por fidalgos ou cavalleiros, tocavam os atabales, trombetas, e adufes mais com ruido que com suavidade, posto que os pifaros, que faziam acompanhamento, tornassem supportavel a bulha. Quando o duque bebia, o que fez só duas vezes durante toda a comida, sendo a bebida agua pura segundo costumava, vinha esta em um jarro de cristal alto e largo, que elle despejou de todo. N'este acto vinha adiante o mordomo com o bastão na mão, e atraz o mestre sala com a salva. Dos lados estavam dois creados vestidos de velludo preto e tabardos de panno, e canas na mão, chamados maceiros com maças de prata macissa, e as armas ducaes; e além destes, dois vestidos com sobrevestes, a modo de tunicas de brocado de oiro, cobertas de armas do du-

Digitized by Google

que e dos seus, chamados reis d'armas, todos os quaes tendo no meio o escanção com a copa d'oiro e com o dito jarro coberto, estavam de joelhos, como fazem sempre aquelles, que fallam com o duque, e do mesmo modo estava o escanção, tocando entre tanto os instrumentos. Repetiu-se esta mesma ceremonia, quando o legado bebeu.

«As ceremonias, foram segundo o rito Romano da missa na capella ducal. A musica era estrepitosa e retumbante; o canto era de boas vozes, mas tão altas, sendo os cantores pela maior parte eunuchos, que não pareceu sonora, nem bem concertada, como talvez fôra em aposento mais vasto.

«Depois da missa, voltando o legado ao seu quarto, encontrou á porta da camara ducal, esperando-o em pé, a infante D. Isabel, filha do defunto duque D. Jaime, viuva do infante D. Duarte, filho del-rei D. Manuel. Trazia um vestido preto afogado, coberta quasi toda com o manto: é de estatura alta e direita, de edade de 60 annos: ao pé d'ella estava sua filha D. Catharina, duqueza de Bragança, a qual, parecendo-lhe por ventura abatimento de sua real grandeza intitular-se duqueza, se chama a senhora Catharina. Teria de edade 29 annos. Trazia vestido de velludo preto afogado, cheio de espiguilhas galantes d'oiro, rubins e diamantes, com meias mangas, abertas ao meio com rede de oiro, cabello liso e levantado em topete como usa a rainha de Hespanha, com um rosicler de diamantes e rubins ao peito de inestimavel valor, e pulceiras e brincos de grossissimas perolas. Pegava-lhe na cauda d'uma saia de gorgorão branco que trazia por baixo, uma graciosa donzella, acompanhada d'outras dez vestidas de diversas telas, e todas do mesmo feitio com muitas joias, além de quatro donas vestidas como a infante viuva, só com a differença de não serem os veus tão compridos. Tinha ao pé de si, de um lado D. Theodosio seu filho, duque de Barcellos, de edade de quatro annos, e D. Duarte de tres, vestidos com gibões e calças de telas bordadas de prata listrada de vermelho, com cordões de oiro e perolas, estando ainda na ama o terceiro filho D. Alexandre. Do outro lado estavam as suas duas filhas D. Maria de sete annos, e D. Seraphina de seis, vestidas de razo cramezim bordado d'oiro. Feitos os comprimentos ao legado o convidaram a sentar-se em uma cadeira de brocado de oiro, debaixo de docel, e a infante e a senhora D. Catharina no chão sobre um estrado, que ficava defronte. Conversaram algum tempo, estando as damas em pé do outro lado, e o duque assentado á esquerda do legado fallando com o patriarcha Alexandrino, e os outros prelados e gentis homens em pé no meio da sala.

«Tem o duque nos seus estados grandes bancos de marmores alvissimos de veios amarellos, e d'outras especies, muitos e excellentes. A artilheria dos seus castellos é numerosa.

«Os escravos são considerados e tratados *como as raças de cavallos na Italia* pelo mesmo methodo; o que se busca é ter muitas crias para as vender a 30 e a 40 escudos. D'estes rebanhos de mulheres ha muitos em Portugal e nas Indias.

«O duque pode levantar sessenta mil homens de peleja, dando só Barcellos 13:000, afóra 6:000 cavallos.

Digitized by Google

«Veiu o duque com seu irmão e cem cavalleiros acompanhando o legado, obra de meia legua, e despedindo-se passou a Borba, villa sua, formosa e plana, de 600 fogos, a distancia d'uma legua. Pouco depois encontrámos o corregedor e alcaide d'Estremoz, villa de 400 fogos, e distante uma legua, acompanhados de cem cavalleiros. Aqui pernoitámos, o legado em casa do donatario D. Constantino de Bragança, e os demais por casas particulares, incommodados por dormirem em colchões no chão, sendo este o costume do paiz, por se usarem poucos leitos. Ao redor da villa ha montes de pedra marmore com veios vermelhos, a qual serve para os edificios, e n'algumas partes barro vermelho misturado de branco, do qual fazem diversos vasos muito lindos, e jarros, pelos quaes costumam beber os fidalgos e até o proprio rei.

«Foi de grande prazer, ao entrar n'esta villa, ver tres corpos de danças similhantes ás d'Elvas, e dos lados fogos d'artificio, e foguetes, e ouvir o estrondo da artilharia[1] e dos sinos, sendo acompanhado o legado com dez tochas acesas, e com muitas outras, os prelados e gentis-homens, aos seus respectivos aposentos.

«No dia seguinte chegámos a uma estalagem distante tres leguas, por caminhos algum tanto pedregosos e ingremes, posto que o territorio fosse bom e fructifero. Ahi encontramos o bispo d'Evora acompanhado de parte do clero e outras pessoas; ao todo 200. Na dita estalagem almoçámos doces, presunto do melhor que é possivel comer-se, capões assados frios, queijo excellente, pão alvissimo, e optimos vinhos, tudo ordenado pelos mantieiros d'el-rei com muito cuidado e diligencia: a louça era de prata, e os copos de oiro. Depois encaminhando-se para Evora, veiu-nos ao encontro D. Diogo de Castro, homem de 50 annos, e pessoa principal entre os vizinhos da cidade, logar-tenente d'el-rei nas coisas da guerra. Cavalgava um formoso e bem arreado ginete, vinha acompanhado de 500 homens de serviço ordinario, além de dez mil peões de sua milicia, e 400 soldados bem postos, montados em formosos cavallos, pela maior parte á gineta. Perto d'Evora, obra de um terço de legua, appareceu o governador, e alcaide, e o juiz com vestiduras talares de panno, seguidos de meirinhos e outros magistrados na ordem seguinte. Enfileirados d'uma banda vinham oito trombetas tocando, vestidos de lhama d'oiro, egual á das bandeirolas das trombetas, com divisas brancas e verdes, tabardos de mescla, e barretes de panno vermelho. Seguiam com a mesma divisa, e barretes brancos que a guarda do governador. Atraz destes vinham outros dez vestidos de panno de mescla com barretes pretos, os quaes eram a guarda do alcaide. Da outra banda viam-se tres pretos montados em mulas cobertas até o chão com gualdrapas de panno negro e amarello, com um pequeno capuz atraz, e com calças curtas de marinheiro, das mesmas cores, e barrete liso e alto com a aba revolta até meia altura, e uma faxa de cendal ao redor. Cada um d'elles tocava dois atabales pendurados de um e d'outro lado da sella. O som era ás vezes aprazivel e suave; mas batendo com mais força, era aspero e espantoso; o que fizeram ao approximar-se o legado em signal de maior alegria, o que tem

[1] *Panorama* de 1841, pag. 410.

Digitized by Google

por costume em tempo de guerra, quando alcançam victoria. Seguiam-se tres troços d'alabardeiros, cada um de seis homens diversamente vestidos, os quaes formavam a guarda dos outros magistrados. No meio d'estas companhias caminhavam os ditos senhores, precedidos de muitos ministros com varas na mão, insignia de justiça, todas compridas e brancas, á excepção da do governador, que era como bastão da grossura de um braço, pintado de verde e branco. Junto da cidade appareceram dez rapazes vestidos de verde dançando á mourisca ao som de pandeiro, e logo depois outros dez vestidos de amarello com tambor e flauta, dançando tambem e saltando com um meio arco, que cada um d'elles trazia, enredando-se e desenlaçando-se rapidamente. Apoz estes vieram mais dez vestidos de romeiros, bailando á roda de um tambor, e cantando os louvores do legado. Ainda appareceram mais dez egypcias ou ciganas, fazendo além da sua dança costumada e ao som do tambor, varios jogos com lenços e varas. Vieram logo apoz dez ciganos, que ao som de outro tambor, collocando-se cada um entre duas d'ellas formaram uma graciosa cadeia. Ultimamente á porta da cidade dez rapazes vestidos de branco com vergonteas nas mãos bailavam á roda de uma cadeira de velludo cramesim franjado d'oiro, a qual traziam oito rapazinhos mais pequenos com briaes brancos, e com aureolas d'oiro na cabeça, apresentando se ao legado, e curvando se, como todos os outros, que vinham fazer, um por cada vez, sua mesura, e depois todos juntos, em quanto as danças, jogos e cantos continuavam sempre adiante do legado.

«Entrou no palacio do arcebispo em Evora, que hospedou á sua custa o legado, os prelados e alguns mais com toda a sumptuosidade. O mesmo foi nas casas dos fidalgos, que recebiam esplendidamente os que eram hospedados n'ellas. Os aposentos, alem dos forros de finissimos pannos de Flandres, tinham os pavimentos cobertos de tenros e verdes juncos marinhos, que usam em occasião de festas e de casamentos. Costumam estar á mesa duas e tres horas. Cada qual tem o seu copo: a meio jantar mudam-se os guardanapos, os guisados de carne põem-se na mesa já partidos em bocados e cobertos, e tanto n'estes como em outros deitam dentro ovos cosidos, muitas especiarias e assucar. Não são lautas as comidas, mas são abundantes, e dizem que a maior parte d'ellas são usadas pelos moiros. De cada vez não trazem á mesa mais que um manjar, e por isso os jantares duram tanto tempo; o qual entretem conversando, fazendo saudes, e offerecendo uns aos outros o que vem á mesa, mostrando-se todos muito alegres.

«Viemos a tres pequenas leguas d'ahi á estalagem de Montemor o Novo, onde almoçámos doces e pasteis de peixe fresco e salgado, e andadas mais duas leguas pequeninas chegámos a Montemor, bella villa de oitocentos fogos, cercada de prados e assentada á margem de um rio. Acha-se povoada no sopé do monte, não podendo habitar-se a villa antiga (hoje quasi deserta) por causa do incommodo e despeza de subir ao alto, e conduzir lá as cousas necessarias, por ser elevadissimo o monte. Nem lá está auctoridade alguma á excepção de Fernando Martins, alcaide e castelleiro de uma fortaleza ou palacio antigo.

Digitized by Google

«No dia seguinte chegámos d'ahi duas leguas ás estalagens chamadas da Silveira e da (?) pouco distantes uma da outra, e tomando leve collação andámos outras duas leguas, e chegámos á Landeira, povoação ou burgo de vinte fogos espalhados, na qual posto que esteril e incapaz, tinham feito mercado de mantimentos trazidos dos arredores. Ergueram-se ahi dez tendas de campanha ao modo mourisco, e como o campo estava verde e alegre, n'ellas se recolheram alguns prelados e gentis-homens, querendo antes outros soffrer dentro das casas o dormir sobre um colchão deitado no pavimento, que debaixo das tendas, onde cada um tinha dois, só por não ficarem expostos ao ar. Apesar d'isto o legado accommodou se bem em uma casa, e foi servido de tudo. Gostámos do sitio por ser desafrontado e gracioso. De dia todo o territorio parecia coberto de um exercito em campo; á noite viam-se de redor muitas fogueiras, que alegravam os moradores da povoação. Eram estes promptissimos em servir-nos, e tendo vindo obra de uns trinta de encontro ao legado montados em ginetes creados n'aquelles sitios, nos divertiam bastante fazendo carreiras, dois a dois, com as mãos dadas, correndo com grande velocidade, e parando no meio da carreira com toda a facilidade.

«No outro dia (sabbado 1.º de dezembro) depois de almoço, partimos com chuva por uma estrada plana e arenosa, por meio de bosques; e deixando á esquerda Setubal, povoação de 4:000 fogos, e de muitas marinhas, que são onde o oceano espraiando-se fórma uma lagôa, da qual, como da de Cervia em Italia, tira sal em abundancia, chegámos a Palmella, villa de 1:000 fogos.

«Caminhámos por via plana e por entre bosques apraziveis, encontrando ora á esquerda. ora á direita algumas aldeias pouco distantes umas das outras, todas graciosas, com as casas muito claras por fóra, e rodeadas de regatos, olivaes e prados: eram estas aldeias Coina de 35 fogos, Alhos Vedros de 300, Palhaes de 40, Telha de 30. Pela volta da noite acompanhados com dez tochas, chegámos ao Barreiro, bella villa de 300 fogos. Apeámo-nos á porta de uma boa casaria, onde móra o alcaide, e onde os reis costumam receber as rainhas quando casam em Castella, ou outras personagens que por ahi passem. Estava toda adereçada de finissimos pannos de Flandres de seda e oiro, excellentemente historiados. A antecamara do legado tinha um leito com columnas embutidas de oiro e negro, com varios lavores de animaes e arvores. O cortinado era de damasco preto, orlado de recamo de oiro, os travesseiros de preciosa hollanda, recamados de oiro, abotoados com muitos botões de oiro macisso. A camara tinha um leito de brocado de oiro, canotilho sobre canotilho, com docel irmão, e travesseiros iguaes aos de fóra. A sala, onde comiam os prelados, tinha um docel de velludo negro todo coberto de lyrios de oiro, e orlado de brocado de prata com florões pretos. No aparador estava louça, entre doirada e de prata, que valeria doze mil ducados, havendo muitas peças lavradas de figuras, e quatro frascos ou talhas irmãs de 13 palmos d'altura. Na sala dois castiçaes de prata, que davam pela cintura, sostinham grossissimas tochas brancas, delicadamente lavradas de relevo. Em todos os aposentos havia cheiros suavissimos, adornos pelas paredes, e juncos pelo chão. Os do legado estavam todos tapizados. Nas casas onde alojámos tudo era commodis-

Digitized by Google

simo e bem adornado, como camas de seda, e comida prompta para os que preferiam comer no seu quarto, que eram poucos, sendo muito mais agradavel o sumptuoso apparato de casa do alcaide, onde, ainda que a mesa fosse mal ordenada, porque esta gente tem pouco geito para isso, tinhamos uma ceia magnifica e melhor que todas as que até ahi tiveramos, sendo servida por trinta mancebos fidalgos, e em riquissima baixella d'ouro e prata. Em outras duas casas os gentis homens e mais familia foram tratados com egual magnificencia, bebendo por copos de prata até os infimos creados, não faltando tochas para acompanhar os que vinham cear, voltando para a pousada, ou indo para qualquer parte. Á mesa dos prelados um improvisador cantou á guitarra em honra do legado e da infante D. Maria de Portugal, de quem era tudo aquillo, e que fazia toda a despeza, os louvores dos prelados e d'alguns gentis-homens; e depois varios outros á viola, aos tres e aos quatro, cantaram madrigaes engraçados, e bem trovados em palavras castelhanas. Muitos mancebos nobres, além dos trinta cuidavam com toda a attenção e presteza em servir o legado, e depois os prelados e mais pessoas, não deixando faltar cousa alguma, que fosse necessaria, ou que se desejasse, tendo sido com este intento mandados de Lisboa pela infante. Além do que os donos das pousadas faziam aos seus hospedes toda a casta de obsequio e cortezia. Á tarde, depois do escurecer, foi espectaculo admiravel o ver Lisboa, a distancia de duas leguas, n'um alto, que parecia arder todo, tal era a multidão de fogueiras.

No outro dia á tarde [1] cresceu a maré e podemos embarcar. Appareceram de repente muitos barcos de pesca e varios outros, afóra cinco bateis. Embarcaram os cavallos por uma ponte de madeira, que ha aqui, não sem a difficuldade e o perigo de se estropiarem, e pela passagem pagou-se meio escudo de cada um. Os familiares passaram em seis barcas toldadas de velludo, ou tapetes finos, com muitas bandeirolas variadas, e o legado e demais prelados em outra, que era pintada de vermelho e toldada de damasco da mesma côr, com uma quantidade ainda maior de similhantes bandeirolas; e n'outra toldada de velludo encarnado e verde D. Constantino de Bragança com varios fidalgos portuguezes. Teriamos andado obra de uma legua quando aferrou comnosco uma barca grande do feitio do Bucentauro de Veneza, pintada e toldada do mesmo modo, na qual entrou o legado com todos os seus, e D. Constantino com todos os fidalgos de sua companhia. Á pôpa havia um docel de téla d'oiro, e debaixo d'elle uma cadeira de brocado d'oiro para o legado, estando tudo defronte forrado de finos panos de Flandres, e cobertos de tapetes os escabellos, em que se assentavam os prelados, bem como o pavimento da popa, e até o da proa. Pelo que parecia que não estavamos em uma barca, mas sim em magnifica e bem ornada sala. Os bordos d'ella estavam cheios de ramos de loiro, e por cima esvoaçavam bandeiras de damasco verde e amarello. A galeota, para que por extrema velocidade não corresse algum risco, posto que o vento fosse de feição, não trazia vela, mas vogava com remos a compasso, e rebocada por dez bergantins pintados de vermelho. Chegavam a nós

[1] *Panorama* de 1842 pag. 211.

Digitized by Google

dez barcas variamente pintadas e ornadas, nas quaes ouvimos pifanos, trombetas, adufes, timbales e outros instrumentos, com cantores e bailarinos vestidos á mourisca, os quaes bailavam com garbo, mas o canto parecia-se com o que cantam os judeus nas suas synagogas. Esta gente rodeando a galeota, e fazendo seus cumprimentos deleitavam-nos muito. Depois d'isto ainda se approximaram muitas mais barcas, talvez 30, que salvaram a galeota cada uma com dez tiros de artilheria. N'uma d'ellas veiu o arcebispo de Lisboa, com muito clero, e beijando a mão ao legado se despediu para o receber depois em terra com ceremonial. Partindo o arcebispo vieram ainda mais bergantins toldados e vestida a marinhagem, uns de verde, outros d'amarello, outros de vermelho, outros em fim de côres misturadas com muitos estandartes similhantes, nos quaes vinham pintados, n'este um mundo, n'aquelle um jardim, n'aquell'outro um ceu estrellado, em alguns as armas e brazões de seus donos, ou outras divizas, e até as havia com motes e tenções que se não podiam bem discernir no meio d'aquella confusão. Varios d'estes bergantins eram dos magistrados da cidade, outros das ordens militares de Portugal. Alguns fidalgos e todos os officios mechanicos mandaram seu bergantim. Muitos indiaticos que residem em Lisboa enviaram dois cheios de varias plantas, flores e fructos da India, feitos de céra, que representavam uma primavera, não faltando ahi rosas, violas, e hervas odoriferas, naturaes e verdadeiras, colhidas em Lisboa. Eram tantos os barcos vindos de toda a parte, que se computaram em mais de 500. Distariamos um terço de legua da cidade, quando chegaram dez galés pequenas, seguidas por uma grande, que chamavam o galeão, as quaes saudaram o legado com 100 tiros d'artilheria, e o galeão com 24, deitando ao mesmo tempo muitos foguetes e outros fogos de vistas.

«Com esta bella e alegre companhia chegámos finalmante á cidade, em cuja praia havia tanta gente que se calculava em 50 mil pessoas. Deitou-se uma ponte de madeira, e por ella desembarcámos para outra ponte fixa, no meio da qual démos de rosto com o cardeal D. Henrique, que nos esperava com muitos cavalleiros.

«Deram principio á entrada muitos cavalleiros portuguezes, caminhando aos dois, aos tres, e aos quatro, e misturados com elles os familiares do legado, a cuja esquerda ia o cardeal infante. Tendo andado vinte passos vieram cumprimental-o todos os magistrados, e officiaes publicos de Lisboa, que seriam noventa, uns vestidos de vestiduras compridas até o chão, outros de saios até o joelho, feitos de diversas fazendas, com as varas nas mãos, e trazendo muitos alabardeiros e creados apoz si, uns mais, outros menos, segundo as suas graduações. Veiu então encontrar-se com o legado D. Sebastião, rei de Portugal, mancebo de 28 annos, de boa côr e muito parecido com D. Joanna, princeza de Portugal, sua mãe, e irmã d'elrei catholico. É de estatura mediocre, de olhar e sobrecenho algum tanto carregado e altivo. Trazia uma capa de panno preto, e o capuz com botões de diamantes, rubins e perolas, saio com abotoadura tambem de diamantes e as faldas até o joelho, calças vermelhas com poucos tufos, e quasi lizas, barrete chato de velludo carregado para a testa quasi até o sobrolho, e adornado com um cordão d'oiro, diamantes e perolas:

Digitized by Google

trazia botas largas nas pernas, de cordovão preto, que lhe subiam até os joelhos. A espada, cinto, estribos e esporas eram doirados, e a sella do cavallo de velludo preto recamado de oiro e perolas: na cabeça trazia o cavallo pendentes de pedras preciosas e oiro. Adiante d'el-rei dois escravos pretos conduziam dois ginetes, um claro, outro baio-claro com xaireis de brocado de oiro e jaezes d'oiro. Ao redor vinham cincoenta alabardeiros vestidos de panno preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas pelo joelho, e botas largas de cordovão preto. Seguiam-se o infante D. Duarte e muitos outros cavalleiros, que eram de bella presença e ricamente vestidos. El-rei parou á direita do legado, e descobrindo a cabeça ao mesmo tempo que este, fez uma leve inclinação, tornando immediatamente a pôr o barrete.

«Feitos os comprimentos, e correspondida a cortezia que fizera, caminhou ao lado do legado, e sempre á direita, e seguindo-se depois o cardeal infante e D. Duarte, e depois D. Constantino, D. Francisco e D. Henrique: apoz estes o duque d'Aveiro e seu irmão D. Pedro, aos quaes se seguiam os marquezes, condes e outros fidalgos titulares, e depois os magistrados da cidade com os seus alabardeiros e os cavalleiros das quatro ordens militares, além de outras pessoas distinctas, cada qual segundo a sua graduação. Caminhámos obra de uma boa milha por bellas ruas, direitas e largas (principalmente a que chamam *rua nova*, a qual é bellissima e povoada de nobres edificios) até que chegámos ao paço real, situado no sitio mais alto da cidade, que d'alli se descobre quasi toda, fazendo uma vista soberba com o braço de mar, que a cerca, cheia de grande multidão de navios. Por todas estas ruas era tão basto o povo que se calculou haver ahi mais de 150 mil pessoas. Estavam as ditas ruas adornadas todas de finos pannos de Flandres e d'outras qualidades, não havendo columna ou parede que d'elles não estives e cuberta. Dobrado era o adorno das janellas, porque não só estavam a ellas damas tão louçãs, que não sei a que comparal-as, mas tambem estavam colgadas de riquissimos tapetes e colchas, o que era tanto mais explendido, quanto as casas teem muitas janellas e muito juntas, e cada morada tres ou quatro andares, que se alugam facilmente pela grande frequencia d'estrangeiros. Era por este motivo que d'um e d'outro lado se não via vão do tamanho d'um dedo, que não estivesse coberto de tapetes e pannos, divididos por quadros de figuras em vulto, ou bordadas, de vistosa apparencia. Quando chegámos á egreja de Santa Maria (Sé) perto dos paços reaes, el-rei, fazendo leve menção de descobrir a cabeça, partiu para os ditos paços, acompanhado de cincoenta tochas, e o legado entrou na egreja.

«Partindo da Sé o legado com o cardeal infante e muitas outras pessoas foi apear-se ao dito palacio, chamado do castello, era sol posto. Acompanhado de 50 tochas conduziram-no a um aposento no andar nobre, por cima do quarto d'el-rei, onde ceou só, e os prelados e gentis-homens de seu serviço em publico, n'uma sala, e em outra maior os gentis-homens dos prelados. Assim os mais creados cada um segundo a sua jerarchia e classe.

«As mesas não eram tão bem ordenadas, lautas, e abundantes como em Madrid, porque os portuguezes não teem habito de banquetear-se. Conheciase-lhes a boa vontade com que davam tudo, e que eram abastados de peças

Digitized by Google

de oiro e de prata, e servidos por muitos creados; mas as comidas eram mais grosseiras que delicadas; os vinhos fortes; a fructa pouco singular. Quanto ao pão e carne eram optimos.

«O palacio do castello, todo por fóra de cantaria, assim como não tem fórma alguma d'architectura por ter sido feito aos poucos em diversas epochas, tambem por dentro é mais commodo que vistoso. Sobe-se por uma grande escada a um atrio, que gira em volta, e que dá entrada para diversas quadras, ficando á mão esquerda da entrada uma porta, que dá para outra escada ingreme e estreita, pela qual se sobe a alguns quartos bem ornados, nos quaes se alojaram varios prelados. Tomando por outra escada subimos a uma varanda, que dá passagem para as camaras d'el-rei, por cima das quaes fica uma grande sala, que tem 48 passos de comprido e 18 de largo, dividida em naves com um tecto pintado de brutescos, e forrada toda de bellos razes de Flandres, e de lhama d'oiro. Seguia se um quarto feito a modo d'escada, por ser em degraus, onde os gentis-homens dos prelados comiam. O tecto d'este quarto era feito á maneira de pinha, e de muito mau gosto. D'aqui subia outra escadinha de madeira para um aposento, ao lado do qual ficava outro onde estavam os aparadores com copa, assaz copiosa de peças d'oiro e prata, mas não tanto como a do duque de Bragança. D'esta casa se passava para uma sala forrada dos mesmos pannos de Flandres, na qual os prelados comiam. No fundo d'esta sala se descia para uma varanda feita de novo, em cujo topo havia um bellissimo panno de Flandres com uma imagem da virtude, que segurava pelo collo e pelos cabellos uma fortuna com seu letreiro, que significa:—Não sabe escapar, nem póde fugir a fortuna, quando a virtude com sua força a retem. Do meio d'esta varanda se desce para uma sala forrada de lhama de oiro, com seu docel de brocado, debaixo do qual está um estrado com tres degraus, coberto de panno verde. D'aqui se entra em uma camara, ornada do mesmo modo, onde está um grande leito de brocado d'oiro, com travesseiro, e duas almofadinhas de raz (setim) carmezim ricamente bordados d'oiro. Fica immediata outra, onde estava um leito para dormir o legado, cuja armação era de finissimos razes de seda e de oiro, com bem lavradas figuras poeticas, e franjas subtilissimas. Havia tambem ahi uma mesa pequena, de couro preto da India mais bello que o ebano, todo lavrado ao redor de folhagens d'oiro. Ao pé d'esta camara estava um oratorio, armado de razes similhantes aos da camara, com a differença de serem as figuras ao devoto.

«D'estas camaras sahe-se por uma porta secreta para um terrado, d'onde se descobre uma extensa vista, tanto de mar, como de terra.

«Os quartos d'el-rei ficam por baixo d'estes, e em tudo lhes são similhantes, salvo em alguma pequena diversidade nos estrados e doceis, e em serem bordados os pannos de raz com historias do Testamento Velho, e ao mesmo tempo com quantas ficções teem inventado os poetas. Havia ahi alguns que valiam bem mil escudos.

«Na quarta feira seguinte foi o legado visitar el-rei, o qual veiu encontrar-se com elle ao meio da sala grande, acompanhado de muitos cavalleiros, e vestidos singelamente, todo de panno preto. Tirou o legado o barrete primeira-

Digitized by Google

mente, e depois tirou el-rei o seu, mas tornou-o a por logo, tendo-o o legado ainda na mão; e sem dizer palavra, tomando a direita ao legado, se encaminhou para o seu quarto, sem fazer a menor ceremonia ao passar as portas, entrando primeiro que elle na camara, onde só havia uma cadeira. Ordenou então el-rei que viesse outra, mas antes que ella chegasse, ou por inadvertencia, ou por altiveza assentou-se debaixo do docel, e o legado defronte d'elle na que trouxeram, que era de velludo. Tendo fallado obra de uma hora, o legado tornou a descobrir-se, fazendo el-rei apenas signal d'isso, e acompanhando só até á porta do aposento, onde parou com o barrete na cabeça, em quanto os prelados lhe faziam suas cortezias, pondo o joelho em terra, e retirou-se depois.

«O legado jantou n'esse dia em publico, mas só á mesa, na sala do docel, n'um estrado de cinco degraus, assentado em uma cadeira de velludo carmezim franjada d'oiro, assistindo-lhe os prelados, e grande numero de fidalgos portuguezes. Ao mesmo tempo jantava el-rei em publico, e só á mesa, na sua sala principal debaixo do docel, em estrado levantado, e assentado em cadeira de brocado de oiro. Quatro padres jesuitas benzeram a mesa, e depois deram graças. O serviço era d'oiro: dez os creados que serviam, não mais. As comidas poucas, mal temperadas e grosseiras. Sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata, cheio de agua, do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portugueza *pucaro*, do feitio de uma urna antiga, d'altura d'um palmo, e feito de certo barro vermelho, subtilissimo, e luzidio, que chamam barro d'Estremoz, pelo qual el-rei bebeu seis vezes. Ahi estava sempre uma salva cheia de guardanapos, que se renovavam cada vez que el-rei bebia, ou mudava de prato. Comia depressa, e com a cabeça baixa, com pouca delicadeza. Um pagem posto atraz da cadeira lhe tinha entretanto a espada. Dez estavam de joelhos. Apezar de lhe assistirem muitos fidalgos, nunca disse palavra, nem olhou para nenhum, e levantando-se da mesa, retirou-se para a sua camara com passos velozes.

«Depois de jantar o legado cavalgou em uma mula, acompanhado dos prelados, e de quinhentos cavalleiros portuguezes, e seguindo quasi uma milha ao longo da margem do rio foi apear-se á porta de um convento de freiras franciscanas, d'onde passou ao palacio da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e irmã de Carlos V, avó do rei actual. Terá d'edade 60 annos, ou mais, mas está bem conservada: é d'alta estatura, e de gentil aspecto. Estava vestida como a duqueza de Bragança, de que já fallei. Achámol-a em pé n'um aposento desarmado, como o era todo o palacio. Deu só dois passos a receber o legado, com uma leve cortezia. Junto d'ella estavam quatro matronas, e seis donzellas formosas e ricamente vestidas. Despedidos os prelados e mais pessoas começou a conversar com o legado em lingua hespanhola e em voz alta, por espaço de hora e meia, tendo-se ella assentado no chão, e o legado defronte, em uma cadeira de couro, ambos sem docel, estando entretanto os prelados n'outro aposento, onde por orgulho ou descuido não havia cadeiras. Á partida do legado foram estes chamados dentro para cortejarem a rainha, o que fizeram pondo o joelho em terra, sem ella se mover, e quando o legado

Digitized by Google

se despediu poz-se em pé, mas não sahiu do seu logar, e apenas lhe fez uma leve inclinação de cabeça.

«Tendo anoitecido, acompanhados com vinte tochas adiante, fomos ao palacio da infanta D. Maria, irmã de D. João III, a qual tendo ficado orphã em tenra edade não quiz jámais casar, posto que fosse robusta, formosa e procurada. Era alta, e teria d'edade 50 annos, posto que não pareça á primeira vista. Dizem que é a princeza mais rica da Christandade, possuindo innumeraveis joias, e milhão e meio de bens patrimoniaes, que gasta com os pobres.

«Estava vestida a princeza com um vestido affogado de velludo preto com orla d'oiro, e botões d'oiro no colarinho, coifa de rede d'oiro na cabeça, e uma corôa no braço de rubins e diamantes, que avaliámos em trezentos mil escudos. Esperava em pé pelo legado, n'um aposento forrado de panno de Flandres, de seda e oiro, debaixo de um docel de brocado. Ajoelhou ao entrar de S. Ex.ma e levantando-se veiu recebel-o á porta do quarto. Depois assentou-se no chão debaixo do docel, e o legado defronte d'ella em uma cadeira de velludo cramezim franjada d'oiro. Estavam presentes quatro matronas, quatro damas, e tres donzellas não menos honestas, que formosas, similhantes ás tres Graças, duas vestidas de velludo preto, e a do meio de damasco branco, e todas cobertas de joias tanto no pescoço, como nas mangas, com coifas de fio d'oiro, que lhe chegavam só a meia cabeça, e os cabellos bem assentados na frente, algum tanto crespos, mas não entrançados. Depois de uma curta conversação, o legado voltou ao palacio.

«Esta capella (a dos paços d'Alcaçova) é de bom-tamanho. Tem um S. Miguel expulsando Lucifer, que é obra de mestre: está forrada de tapeçarias, uma das quaes representa ao natural el-rei D. Manuel rodeado do conselho dos grandes, quando resolveu mandar conquistar as Indias, que hoje chamam de Portugal. É de grande preço.

«Quando o legado voltou para a sua camara (depois da segunda visita de ceremonia a el-rei) os administradores do thesouro real lhe levaram para ver uma sella de diversas peças, com os demais arreios, feita na India. O corpo d'ella, ou assento, é de oiro e as orlas lavradas subtilissimamente. Está toda semeada de rubins, diamantes, perolas, e outras joias similhantes. Dizem que vale novecentos mil escudos, e é peça só digna de um rei.

«Na segunda feira seguinte fomos ver o arsenal, ou armaria d'el-rei, pegado com a praça principal, á beira do Tejo. Na verdade é coisa digna d'espanto! Compõe-se de tres grandes salas todas cheias. Os cossoletes, que ahi ha, são para 50 mil homens. N'outra que fica por cima, estão lanças para outros; e n'outra murriões e arcabuzes para egual numero de soldados (os portuguezes dizem que são para 80 mil) além de trinta mil armaduras inteiras para cavallaria. Em baixo estão 100 peças d'artilheria grossa, e 150 de artilheria miuda, bem que muitas d'estas se podiam contar entre as de grande calibre. As munições são abundantissimas, assim como os materiaes para a fabricação, nem n'esta parte ha mais que desejar.

«Fomos tambem ver as cavalhariças reaes, que estão junto a S. Domingos. Havia n'ellas 200 ginetes todos excellentes, e tratados com grande estimação.»

Digitized by Google

* * *

As pessoas, que formavam o acompanhamento do legado, eram as seguintes: um patriarcha, o bispo de Terne, o bispo de Sena, Mons. Brandino, Mons. Datario, Mons. de Gracis, Mons. Gisler, Mons. Protonotario, Mons. S. Jorge, Mons. Francisco Maria, o abbade de Basten, Ludovico, secretario, Mestre da Camara, Mordomo, todos com familias particulares e o fim da embaixada era uma proposta do papa para o casamento d'el-rei D. Sebastião com Margarida, filha de Henrique III, rei de França, e para uma liga contra o Turco. [1]

1399) VERA DESCRIPTIO REGNI AFRICANI. Francofurti, 1598. «Traz os mappas da costa do Congo, e o interior do mesmo paiz com as cidades, rios, montanhas etc. no tomo I; e nos outros as da Asia e America, com uma immensa quantidade de boas gravuras, e bons desenhos, admiraveis para o tempo, e nos mostram os costumes indigenas, e os dos portuguezes n'aquellas regiões.» [2]

1400) VERDIER (TIMOTHEO LECUSSAN). — Negociante e escriptor francez fallecido em Lisboa em 1831. Sua biographia pode-se ver no tomo VII do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio.

As lettras portuguezas devem serviços a este illustre francez, de quem, não fallando d'outros escriptos de menos vulto, temos o seguinte.

Version Portugaise de l'Ode a Camoens de M. Raynouard, membre de l'Institut Royal de France etc etc. Avec des notes du traducteur. Paris de l'Imprimerie de H. Tournier, 1825.

É tambem auctor da advertencia publicada no *Cancioneiro do Collegio dos Nobres.* [3]

1401) VERGÉ. — Docteur en droit.

E. — *Diplomates et publicistes — Maurice d'Hantérive, de Gentz, Pinheiro Ferreira, Ancillon d'Entraignes, Sieyès, Chateaubriand, Miguel.*

1402) VERHAAL END BESCHRLING, *van't ghene den admirael Cornelys Matelief in de Oost Indien voor Stadt Malacca wederfaren ist. Rotterdam,* 1602. (Relação e descripção do que aconteceu ao Almirante Cornebys Matelief nas Indias Orientaes em frente de Malaca.)

1403) VERTOT (RENÉ AUBERT, SIEUR DE).—Nasceu em novembro de 1655 no palacio de Benetot, em Caux, e falleceu em junho de 1735 em Paris. Foi capuchinho, e depois conego regular premonstense.

[1] *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tom VI, pag. 136 e 137.
[2] *Revista Universal Lisbonense*, vol. V, pag. 55.
[3] *Panorama de* 1842, pag 406.

Digitized by Google

E.— *Histoire des Revolutions de Portugal, Paris,* 1689, *Haye* 1765. Londres, 1765. Paris, 1711. Ib., 1768. Ib., 1822. Ib., 1833. Bruxellas, 1843. Avignon, 1794. etc.

Foi tão bem recebida esta obra na sua apparição, que mad. de Sévigné tinha-a por bellissima, e Bossuet dizia ter o auctor uma penna de oiro aparada para escrever a *Vida de mr. de Turenne* [1]. No emtanto as opiniões acham-se actualmente bem mudadas. Para os portuguezes passou sempre por conter grande numero de erros, o que já foi provado por bo n numero de escriptores. Com tudo é uma das obras mais conhecidas na Europa.

Ha uma traducção ingleza com o seguinte titulo:

The History of the Revolutions of Portugal by M. L' Abbé de Vertot, of the Royal Academy of Inscriptions and of the Belles Lettres. The fourth edition revised, and considerably enlarged by the Author. Done into English from the last Paris Edition. London. Printed for Knapton etc. 1735, 8.° gr., de 139 pag. e offerecida ao duque de Dorset.

1404) VESPUCIUS. *Paesi novamente ritrovati per la navigatione di Spagna in Calicut.* Venetia 1521.

1405) VEZELIZE (SIEUR FRANÇOIS DE).

E. — *Histoire miraculeuse et tres certaine, envoyée à frère André de S. Marie, Evesque de Cochin, en la quelle est rapporté qu'és Indes de Portugal se trouve un homme marié, agé de* 380 *ans, lequel a eté marié huict fois; à qui par deux fois les dents sont tombées et revenues. Le présent discours imprimé á Salamanca, Naples Foligne, Bologne, Venise et Milan. Traduict d'italien en françois par le* —. Paris, 1613, 8.° — T. Compans, pag. 125.

1406) VICENTE (D. JOSEPH).

E. — *Decadas de la guerra de Allemania, Inglaterra, Francia, Espana y Portugal.* Madrid. 1765.

1407) VICISSITUDES (LES) *de la Fortune ou Cours de Morale mise en action pour servir à l'histoire de l'Humanité. Ouvrage orné de figures en taille douce.* Amsterdam 1770.

A primeira parte d'esta obra começa pelo Feliz Viajante, ou as aventuras de Mendes Pinto, portuguez.

A respeito d'esta composição diz-nos o recopilador «Foi publicada em 1738, e fórma um grosso volume em 4.°, que tem por titulo — *Voyages aventureux de Fernand Mendez Pinto, traduits du Portugais.* — É inutil observar que não se fez mais que recolher as passagens mais curiosas d'esta historia: a reducção d'um volume em 4.° para 150 paginas deve-o fazer persuadir, e a leitura nos convencerá.»

Apparece ainda um outro conto n'este volume intitulado — *Montaleb et Lela*

[1] F. Didot—*Biog Universelle.* tom XLVI, pag. 43.

Digitized by Google

ou os esposos dignos d'uma melhor sorte, cuja acção se passa nas antigas possessões portuguezas no imperio de Marrocos.

1408) VIDA DE D. FR. BARTOLOMÉ DE LOS MARTIRES, *del Orden de Santo Domingo, Arzobispo de Braga, en Portugal, traducida en castellano de la que escrivieron en frances, de un modo nuevo y muy edificante, los reverendos padres de la misma Orden de Predicadores del Noviciado General del Convento de San German de Paris. Representada con su espiritu y sus dictamenes, tomados de sus proprios Escritos, y sacada de la Historia, que en diferentes lenguas escrivieron graves Autores, de los quales fue el primero el V. Fr. Luis de Granada.* Con privilegio. En Madrid, en la Imprenta de Manuel Fernandez. Ano de 1737, 4.°, 512 pag.

O traductor diz-nos no prologo: «Que trinta escriptores, de differentes nacionalidades, portuguezes, castelhanos, flamengos, italianos, e allemães escreveram a Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, fazendo-lhe os maiores elogios.»

1409) VIDA DEL BEATO JUAN DE BRITO. Madrid. É edição moderna.

1410) VIDA DEL GLORIOSO APOSTOL DE LAS INDIAS *S. Francisco Xavier.* Madrid, 1855.

1411) VIDA DEL GLORIOSO PATRIARCHA *S. Juan de Dios, padre fundador de la religion de la hospitalidad de los pobres enfermos.* Madrid, 1856.

1412) VIDA DEL GRANDE D. LUIZ DE ATTAIDE, *tercero conde de Attoguia y vis rei de India dos vezes.* Madrid. 1633.

1413) VIDA DE SAN ANTONIO DE PADUA, CONFESSOR. Madrid, 1855.

1414) VIDA DE UMA PRINCEZA ALLEMÃ ESTEPHANIA RAINHA DE PORTUGAL.

Foi esta obra composta em allemão por uma Senhora de Dusseldorf, e vertida para portuguez com o titulo mencionado, e impressa em Lisboa no anno de 1873, 8.°, 98 pag.

1415) VIDAL (ALEXANDRE CAPITAINE).

E. — *Description de l'Ile de Madère et des Iles qui l' avoisinent, par le— de la Marine Britanique. Traduite de l'Anglais par M. de Criolis.* Paris, 1849, 8.°

1416) VIDA Y HECHOS DEL GRAN CONDESTABLE DE PORTUGAL *D. Nuno Alvarez Pereira, Conde de Barcellos.* Madrid 1640.

Digitized by Google

1417) **VIE (LA) DE DOM BARTHELEMY DES MARTYRS,** *Religieux de l'Ordre de S. Dominique, Archevesque de Brague en Portugal. Tirée de son Histoire écrite en Espagnol et en Portugais par cinq Auteurs, dont le premier est le Pere Louis de Grenade. Avec son esprit et ses sentimens pris de ses propres ecrits. Nouvelle edition. A Paris. Chez Pierre le Petit,* 1664. 8.º gr. 109 pag. além do prefacio não paginado.

1418) **VIE DE ST. ANTOINE.** Limoges, 1859.

1419) **VIGIER (JOÃO).** — Diz o Sr. Innocencio a pag. 53 do tomo III de seu *Diccionario Bibliographico,* que este escriptor era francez, e depois de adquirir sufficiente pratica e conhecimento da lingua portugueza, n'ella escrevera as seguintes obras:

I. *Cirurgia completa de Leclerc, traduzida em portuguez.* Lisboa 1716.

II. *Pharmacopea Ulyssiponense.*

III. *Historia das plantas da Europa, e das mais usadas que vem da Asia, Africa e da America. Onde se vê suas figuras, seus nomes, em que tempo florecem, e o logar onde nacem. Com hum breve discurso de suas qualidades e virtudes especificas. Dividida em dois volumes, e acomodada na fórma do grande Pinax de Gaspar Bauhino por — Offerecida ao* Ex.mo *Cardeal D. Nuño da Cunha Inquisidor Geral.* Tomo I. En Lion Na Officina de Anisson. Posuel et Rigaud. 1718. 442 pag. tom. II. Continua d'esta pag. até 866.

IV. *Thesouro Apollineo, Galenico, Chimico, Cirurgico, Pharmaceutico, ou compendio de remedios para ricos e pobres.* 2.º impressão. Lisboa por Miguel Rodrigues 1745, 318 pag.

1420) **VILA (D. ANTONIO RODRIGUES).** — Individuo del cuerpo facultativo de archiveros liberos.

E. — *Biographia de D. Catharina, rainha de Portugal,* que julgo impressa em Madrid, ha poucos annos, e da qual ainda não vi nenhum exemplar.

1421) **VILA (D. PEDRO SEBASTIÁ Y).** — Nascido em Barcelona no anno de 1822, residente por algum tempo em Lisboa, e depois director d'um Collegio de rapazes na Rua de S. Catharina, no Porto, d'onde parece se retirou para Hespanha.

E. — *Curso de Calligraphia ingleza por — Professor theorico pratico de varios collegios e corpos militares, presidente nato de diversas sociedades Calligraphicas em Lisboa e Porto, Madrid Cadix, Sevilha, Barcelona, Granada, Corunha, Malaga, S. Tiago, Vigo, Bayona, Orense, Lugo, Ferrol, Xerez, Tuy, Vianna do Castello, Ponte Vedra, Genova etc.* Lisboa. Imprensa Nacional, fol. 2.ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1856.

1422) **VILLACASTIN (THOMAS).**

E. — *Apostolica vida, virtudes y milagros del santo padre y maestro Francisco Xavier.* Valladolid. 1602.

Digitized by Google

1423) VILLEGAS (D. DIEGO ENRIQUEZ DE)

E. — *Pyramide natalicio, y baptismal a la Soberana, Augusta, Excelsa Magestad de la Serenissima Reyna D. Maria Francisca Isabel de Saboya, Princeza de Portugal Delineava.* En Lisboa, 1670, 4.°, 140 pag.

Descreve em estylo horrivelmente gongoristico o nascimento e baptisado do primeiro filho de D. Pedro II e D. M. F. Isabel de Saboya.

1424) VINCENT. (JEAN BAPTISTE GEORGE MARIE BORY DE ST). — celebre naturalista francez. Nasceu em Agen no anno de 1780. e morreu a 23 de dezembro de 1846. Distinguiu-se na guerra, foi capitão no estado maior particular do general Davoust, depois acompanhou á Hespanha o marechal Ney, e serviu mais tarde ás ordens do marechal Soult. Escreveu um grande numero de obras notaveis, e a respeito de Portugal a seguinte:

Resumé Geographique de la Peninsule Iberique contenant les royaumes de Portugal et d'Espagne par M. le colonel Bory de Saint-Vincent, Correspondant de l'Institut, anciennement attaché au dépôt de la guerre. Orné d'une Carte dressée par l'Auteur. Paris, Ambrois Dupont et Boret, editeurs, 12, 575 pag.

Esta obra, aliás mui bem escripta, foi grandemente censurada por José Maria Dantas Pereira nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* [1]

Mas a verdade é que Dantas tem razão em muitas censuras que faz ás passagens do referido *Resumo Geographico,* onde se encontram estes e quejandos trechos: — Que os inglezes povoavam quasi inteiramente alguns districtos de Portugal. Que n'este paiz não se encontrava um pintor mesmo do menor talento. Isto n'uma epocha em que até o nosso illustre Sequeira acabava de se distinguir n'um concurso publico em Paris. Que o arcebispo de Braga se intitulava Patriarcha. Que Santarem fôra chamada Praesidium Zilium. etc. etc.

O auctor podia ter evitado este e muitos outros defeitos, se tivesse consultado os obras de Adrien Balbi, as Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, e varias publicações nacionaes e estrangeiras, que no seu tempo já existiam impressas.

1425) VIOU

E. — *Nouvelles intéressantes au suget de l'attentat commis le 3 septembre 1758 sur la personne sacrée de sa majesté tres fidèle, le roi de Portugal.* 2 vol. (Sem logar d'impressão).

1426) VIPERANUS (JO ANTONIUS).

E. — *De obtenta Portugallia a rege Catholico Philippo Historia.* Neapoli. Apud H. Salvianum, 1688, 4.° (Historia da conquista de Portugal pelo rei Philippe o Catholico.)

1427) VISMES (ALPHONSE DENIS MARIE DE—).

E. — *Amadis de Gaule. Opera de Quinault, reduit à 3 actes.* 1679.

[1] Vol. X, pag. 251.

Digitized by Google

1428) VITA DI SEBASTIANO GIUSEPPE DI CARVALHO E MELO. *March. di Pombal, Conte di Oeyras etc. Segretario di Stato e primo Ministro del Re di Portogallo D. Giusseppe I. Edizione IV. Riveduta e corretta dall' Autore; di nuovi aneddoti arrichita, e di alcuni Rami singolari corredata.* Yverdun, 1782, 4 vol., 8.° Traz no fim da obra um appendice extrahido do tomo v d'uma outra vida do Marquez de Pombal publicada em Firenze no anno 1781, na typographia de Antonio Giuseppe Pagani Garretiere.

1429) VITA FRANCISCI XAVERII *qui primus Evangelium in Indiam et Japoniam invexit.* Monachii 1626. (Vida de S. Francisco Xavier, que foi o primeiro que introduziu o Evangelho na India e no Japão.)

1430) VITA SANCTI ANTONII. Bononiae, 1757. (Vida de Santo Antonio.)

1431) VOCABULARY IN SIX LANGUAGES *English, Latin, Italian French, Spanish, and Portuguese.* London, 1725.

1432) VOGEL (CHARLES). — Attaché á la direction du commerce exterieur.

E. — *Le Portugal et ses colonies, tableau politique et commercial de la monarchie Portugaise dans son etat actuel par* —. Paris, 1860, 644 pag. 8.° gr.

«Portugal e Hespanha abriram-nos as duas entradas d'este mundo maritimo, que duplicou os elementos de riqueza da sociedade moderna, e quintuplicou o dominio da civilisação. (pag. 1) A nação portugueza, em particular, póde reivindicar a gloria da iniciativa das viagens longinquas no Atlantico, e das grandes explorações dirigidas para oeste e sul. Sua missão foi a de estabelecer as primeiras relações directas da Europa com a India, pela via do Oceano. Não é isto ainda tudo: a colonisação de metade da America do Sul é obra sua. Se Portugal, posto avançado maritimo de nosso continente, depois de ter desempenhado esta missão providencial, com um resultado egual ao enthusiasmo, que o inflammava então, se aproveitou por pouco tempo, se a decadencia seguiu de perto sua rapida e brilhante fortuna, nem por isso as descobertas de seus navegantes deixaram de aproveitar ao genero humano, e de operarem no mundo uma revolução immensa. Um povo, que se apresenta com titulos taes perante a posteridade, está seguro de que, sejam quaes forem depois seus revezes, ha de conservar na historia um logar de honra, que ninguem lhe poderia contestar sem ingratidão.»

Este escriptor acha muita falta de divertimentos em Lisboa — «Exceptuando a musica italiana, é Lisboa com tudo uma das capitaes que menos procuram agradar aos amantes das bellas artes. Nenhuma outra é relativamente tão pobre em quadros e estatuas aceitaveis. As egrejas e palacios quasi que não estão melhor dotadas que os museos. Algumas collecções particulares conteem um pequeno numero d'obras d'arte verdadeiras; porém as obras mediocres superabundam por toda a parte, e a esterilidade quasi completa da arte

Digitized by Google

portugueza não tem permittido encher a nudez causada pelo grande terremoto e pelas desordens da invasão de 1807. (pag. 478)

«A unica obra de architectura verdadeiramente primorosa, que possue Lisboa, é o grande e soberbo aqueducto das Aguas livres.

«A estatua equestre de D. José, imponente pelo effeito que produz á primeira vista, é muito defeituosa no que diz respeito á arte.

«As habitações da aristocracia, decoradas com o nome de palacios, não são, exceptuando aproximadamente uma duzia, mais que habitações de pouco luxo, mais ou menos vastas, e ás vezes muito mal mobiladas, que se não podem comparar com as opulentas residencias de nossos ricos proprietarios.»

Infelizmente Vogel diz a pura verdade. Qual será o portuguez amigo do decoro nacional, que de vergonha não cubra a cara ao passar pela frontaria da nossa Academia de Bellas Artes? Tão bem palacios, que verdadeiramente mereçam tal nome, não chegam a doze.

1433) VOIAGES (LES) ET CONQUESTES DES ROYS DE PORTUGAL *es Indes d'Oriente, etc.* Paris, 1578, 12.º

1434) VOLTAIRE (FRANÇOIS MARIE AROUET DE). — Nasceu em Paris no anno de 1694, e falleceu em 30 de maio de 1778 [1]. Escriptor ceberrimo, e auctor de grande numero de obras, algumas das quaes só de per si bastariam para o immortalisar, mas que todavia n'alguns assumptos mostrou a mais crassa ignorancia [2]. E uma das maiores provas que se podem apresen-

[1] Bouillet. *Dictionaire d'Histoire et de Geographie*, pag. 1877.

[2] «Eu estava, diz Mably, muito disposto a perdoar a Voltaire a sua má politica, a sua pessima moral, a sua ignorancia e a ousadia, com que mutila, altera e desfigura a maior parte dos factos; porém, ao menos, quizera encontrar no historiador um poeta, que tivesse sufficiente talento para não tornar ridiculos os seus personagens, e que descrevesse as paixões com o caracter que devem ter; um escriptor, que tivesse bastante bom gosto para nunca empregar a zombaria na historia, e que soubesse quanto é barbaro e escandaloso rir e zombar dos erros, que interessam a felicidade dos homens. O que elle diz, apenas é esboçado, e quando quer alcançar um fim, vae alem d'elle e exagera.

«O que ainda mais me admira, é que esse historiador; esse patriarcha dos philosophos, esse homem, emfim, que nos representam como o maior genio da nossa nação, para nos servirmos de uma phrase popular, não veja um palmo adiante do nariz.

«Voltaire gaba-se não sei onde, de ter lido os nossos capitulares; porém nem todos ahi podem saturar-se de graça bastante para serem ao mesmo tempo o mais frivolo e o mais divertido de todos os historiadores.

«Quantas cousas inuteis, que um historiador só emprega quando é muito ignorante.

«Desgraçadamente esse auctor terminou todas as suas obras antes de ter bem comprehendido qual era o seu fim.

«A verdade nem sempre é verosimil, e é isto quanto basta para que um historiador, que se gaba de philosopho sem ter estudado bem os desvios do espirito humano e os caprichos de nossas paixões e da fortuna, rejeite, como um erro, todo o acontecimento que lhe parece extraordinario; é assim que obra Voltaire.

«Para me provar que a sua critica é circumspecta e severa, elle dirá que a aventu-

Digitized by Google

tar, é a maneira como elle fallou do nosso *Camões* [1]. Agradeço-vos o *Camões*, dizia elle a M. de Vaisne; não o tinha lido todo, e creio que poucas pessoas o lerão de principio a fim [2]. Mas que admirar de quem escrevia uma biographia do nosso poeta, como a que se segue [3].

ra de Lucrecia não lhe parece baseada em fundamentos bastante authenticos, bem como a da filha do conde Julião. A prova que nos dá, é que um estupro é ordinariamente tão difficil de provar como de executar. Um caturra sem gosto poderá rir d'essa graça pesada, porém ella deshonra um historiador.

«A sua *Historia Universal* é apenas uma pasquinada, digna dos leitores que a admiram sob a fé dos nossos philosophos.

«Qual será o historiador, a não ser elle, que ousaria dizer que as creanças não se fazem ás pennadas?

«Um escriptor judicioso julgaria deshonrar-se com uma zombaria tão indecente. Voltaire semeou n'essa *Historia Universal* uma multidão de phrases chistosas, que eu applaudiria de certo n'uma comedia ou n'uma satyra, porém n'uma historia são improprias e insoffriveis.» Mably. Do modo de escrever a historia.

«Benjamin Constant, auctoridade não suspeita, dizia que para zombar como fez Voltaire a respeito d'Ezechiel, e do Genesis era preciso reunir duas cousas, que tornam a zombaria bem miseravel; a mais profunda ignorancia, e a mais deploravel leviandade.

«Citarei além d'isso o senhor Villemain com preferencia a muitos outros escriptores em primeiro logar porque a moderação d'esse prudente critico é bem conhecida; em segundo, porque se mostra geralmente bastante respeitoso para com o patriarcha da Encyclopedia; e finalmente, porque as suas lições professadas publicamente em presença da mocidade franceza, teem adquirido alguma cousa de solemne na expressão, e quasi de popular. No seu *Curso de Litteratura Franceza* diz, fallando de Voltaire (Lição XVI): O modo de zombaria com o qual encara o christianismo, altera a verdade da historia e destroe-lhe o interesse substituindo ao quadro do espirito humano um quadro de caricaturas... O auctor não gosta do seu assumpto (*Historia da edade média*); elle lhe causa piedade, despreza-o, e por isso mesmo engana se muitas vezes sobre elle, apesar de tanta penetração, e direi mesmo de tanta exactidão. Por que não julgueis que Voltaire é geralmente inexacto... o que unicamente falta na sua obra é aquillo mesmo que mais tinha promettido, a philosophia. Tinha estudado muito superficialmente a antiguidade, de que procura dar uma idéa summaria, conforme a de Bossuet. Os erros de nomes e datas, as citações mutiladas, e, é preciso dizel-o, as ignorancias abundam na sua pretendida critica da historia antiga.

«Elle estabelece este singular principio, de que as fraquezas dos principes nem sempre devem ser publicadas, e que a historia deve occultar alguma cousa... Voltaire que tantas vezes se queixa das mentiras historicas, acaba desgraçadamente por transformar a historia n'um panegyrico e n'um pamphleto. Esse livro tão celebrado obedecia a paixões despresiveis.

«Não é necessario recordar tudo quanto elle escreveu na sua velhice contra a Biblia, e quantas duvidas insidiosas, quantos sarcasmos e interminaveis zombarias elle foi buscar muitas vezes, aonde senhores? ás suas distracções, e ás suas proprias ignorancias.» Cesar Cantu, *Historia Universal*, traducção impressa em Lisboa, em 1855, 1 pag., 12. V. tambem Guinguené, *Histoire Litteraire d'Italie*, vol. IV. (A respeito de Ariosto.)

[1] Ferdinand Dinis, *Chron Cheval. d'Espagne et de Portugal*, II, pag. 82.

[2] *Oeuvres completes de Voltaire*. Paris, 1864, vol. V, pag. 222.

[3] «Voltaire não conhecia o poeta na lingua original, e parece que se serviu da traducção ingleza de Fanshaw.» Sr. Visconde de Juromenha, *Obras de Camões*, I, pag. 249.

Digitized by Google

«Emquanto Trissino na Italia seguia com passos timidos e fracos os vestigios dos antigos, Camões em Portugal abria um caminho inteiramente novo, e adquiria uma reputação, que conserva ainda entre seus compatriotas, que lhe chamam o Virgilio Portuguez.

«Camões, d'uma antiga familia portugueza, nasceu na Hespanha, nos ultimos annos do celebre reinado de Fernando e de Isabel, em quanto João II reinava em Portugal. Depois da morte de João veiu á côrte de Lisboa, no primeiro anno de reinado de Manuel o *Grande*, herdeiro do throno e dos grandes projectos do rei João. Eram então os bellos dias de Portugal, e o tempo marcado para a gloria d'esta nação.

«Manuel, resolvido a seguir o projecto, frustrado tantas vezes, de abrir um caminho para as Indias Orientaes pelo Oceano, mandou partir em 1497, Vasco da Gama com uma esquadra para esta famosa empreza, considerada como temeraria e impraticavel por ser nova. Gama, e os que tiveram o arrojo de embarcarem com elle, passavam por uns insensatos, que se sacrificavam ao prazer do coração. Tudo era gritaria na cidade contra o rei; Lisboa inteira viu partir com indignação e lagrimas aquelles aventureiros, e chorou-os como mortos. Todavia a empreza teve prospero resultado, e foi o primeiro alicerse do commercio, que a Europa faz actualmente com as Indias pelo Oceano.

«Camões não acompanhou Vasco da Gama na sua expedição, como disse em minhas edições precedentes, não foi ás grandes Indias, senão muito tempo depois. Um desejo vago de viajar e de fazer fortuna, e o escandalo que faziam em Lisboa suas galanterias indiscretas, seu descontentamento da côrte, e mais que tudo esta curiosidade inseparavel d'uma grande imaginação, o arrancaram da patria. Serviu primeiramente como voluntario em um navio, e perdeu um olho n'um combate de mar. Os portuguezes tinham já um vice-rei nas Indias. Camões achando-se em Goa foi d'ali desterrado pelo vice-rei. Ser desterrado d'um logar, que podia elle mesmo ser considerado como um cruel exilio, era uma d'essas desgraças singulares, que a fortuna reservava para Camões. Definhou por alguns annos n'uma nesga de terra barbara nas fronteiras da China, onde os portuguezes tinham uma pequena feitoria, e onde elles começavam a fundar a cidade de Macau. Ali foi que elle compoz seu poema da descoberta da India, a que deu o titulo de *Lusiada;* titulo que tem pequena relação com o assumpto, e que para fallar propriamente significa *Portugada* [1].

«Obteve um pequeno emprego mesmo em Macau, e d'ali voltando depois para Goa naufragou nas costas da China, e salvou-se dizem, nadando com uma mão, e segurando com a outra o poema, unico bem que lhe restava.

«Na volta para Goa foi lançado na prisão: não saiu d'ella senão para experimentar uma maior desgraça, a de acompanhar á Africa um governador arrogante e soberbo: passou por todas as humilhações, sendo protegido d'elle. Finalmente regressou a Lisboa com seu poema por seus unicos haveres. Obteve uma pequena pensão de umas oitocentas libras de nossa moeda actual; mas

[1] A respeito d'esta critica de Voltaire V. o Discurso Preliminar que vem no 1.º volume das *Obras de Camões*, da edição de Francisco Xavier Coelho.

Digitized by Google

dentro em pouco deixaram de lh'a pagar. Não teve outro asylo, ou outro soccorro mais do que um hospital. Foi ali que passou o resto da vida, e morreu n'um desamparo geral. Apenas morto apressaram-se a lhe erigir honrosos epitaphios e a o pôrem no catalogo dos grandes homens. Algumas cidades disputaram a honra de lhe terem dado o nascimento. Assim experimentou em tudo a sorte de Homero. Viajou como elle; viveu e morreu pobre, e não teve reputação mais que depois de sua morte. Tantos exemplos devem ensinar aos homens de genio que não é pelo genio que se faz fortuna e que se vive feliz.

«O assumpto dos *Lusiadas* tratado por um espirito tão vivo como o de Camões só podia produzir uma nova especie de epopêa. O fundo de seu poema não é nem guerra nem uma contenda de heroes, nem o mundo em armas por causa de uma mulher: é um novo paiz descoberto com a ajuda da navegação.

«O poeta conduz a frota portugueza á embocadura do Ganges; descreve de passagem as costas occidentaes, o meio-dia e o oriente de Africa, e os differentes povos que vivem sobre esta costa; introduz com arte a historia de Portugal. Vê-se no terceiro canto a morte da celebre Ignez de Castro, esposa do rei D. Fedro, cuja aventura disfarçada foi representada não ha muito no theatro de Paris. É no meu pensar o mais bello episodio de Camões; poucas passagens ha em Virgilio mais enternecedoras, e melhor escriptas. A simplicidade do poema é realçada por ficções tão novas como o assumpto. Aqui está uma que deve ser bem recebida em todos os tempos e em todas as nações.

«Quando a frota está prestes a dobrar o Cabo da Boa Esperança avista-se ao longe uma cousa formidavel. É um fantasma que se ergue do fundo do mar. Sua cabeça toca as nuvens; as tempestades, os ventos, os trovões estão em torno d'elle. Seus braços estendem-se ao longe sobre a superficie das aguas; este monstro, ou este deus, é o guarda d'este oceano, do qual nenhum navio tinha ainda fendido as ondas. Ameaça a frota, queixa-se do atrevimento dos portuguezes que vem disputar-lhe o imperio d'esses mares: prognostica-lhes todas as calamidades que hão de encontrar em sua empreza. Isto é grande em qualquer paiz sem duvida.

«Eis uma outra ficção, que foi extremamente do gosto dos portuguezes, e que me pareçe conforme ao genio italiano: é uma ilha encantada, que sáe do mar para refresco do Gama e de seus companheiros. Esta ilha serviu, diz-se, á ilha de Armida descripta alguns annos depois por Tasso. É ali que Venus, ajudada dos conselhos do Padre Eterno, e secundada ao mesmo tempo das frechas de Cupido, torna as Nereides amorosas dos portuguezes. Os prazeres mais lascivos ali estão pintados sem véo: cada portuguez abraça uma Nereida: Thetis obtem Vasco da Gama para seu par. Esta deusa transporta-o a uma elevada montanha, que é o sitio mais delicioso da ilha, e d'ahi lhe mostra todos os reinos da terra, e lhe prediz os destinos de Portugal.

«Camões depois de se ter entregado sem moderação á descripção voluptuosa d'esta ilha, e dos prazeres em que os portuguezes estavam mergulhados, lembra-se de informar o leitor de que toda esta ficção não significa outra cousa mais que o prazer que um homem honesto sente em cumprir o seu dever.

Digitized by Google

Porém é mister confessar que uma ilha encantada, da qual Venus é deusa, e onde as nymphas acariciam os marinheiros depois de uma viagem de longo curso, assimilha-se mais a um lupanar d'Amsterdam, do que a qualquer cousa honesta. Sei que um traductor de Camões pretende que n'este poema Venus significa a santa Virgem, e Marte é evidentemente Jesus Christo. Com effeito não me opponho a isso; mas declaro que tal não me teria vindo á idéa. Esta allegoria nova dará rasão de tudo: não se ficará tão surprehendido que Vasco da Gama n'uma tempestade dirija supplicas a Jesus Christo, e que seja Venus quem venha em seu auxilio. Baccho e a Virgem Maria achar-se-hão juntos muito naturalmente.

«O alvo principal dos portuguezes depois do estabelecimento de seu commercio é a propagação da fé, e Venus se encarrega do bom resultado da empreza. Para fallar seriamente um maravilhoso tão absurdo desfigura qualquer obra na opinião de leitores sensatos. Parece que este grande defeito teria causado a quéda d'este poema, mas a poesia do estylo, e a imaginação na expressão teem-n'o sustentado: da mesma sorte que as bellezas de execução puzeram Paulo Veronese éntre os grandes pintores, apesar de ter posto frades benedictinos e soldados suissos nos assumptos do Testamento Velho, e de ter sempre peccado contra os usos.

«Camões quasi sempre cáe em taes disparates. Lembro-me que Vasco, depois de ter contado suas peregrinações ao rei de Melinde, lhe diz: O' rei, julgae se Ulysses e Eneas viajaram até tão longe como eu, e correram por tantos perigos! Como se um barbaro africano das costas de Zanguebar soubesse alguma cousa de Homero e de Virgilio. Mas de todos os defeitos d'este poema o maior é o pouco nexo que reina em todas as suas partes: parece-se com a viagem da qual elle é o assumpto. As aventuras succedem-se umas ás outras, e o poeta não tem outra arte senão a de contar os accessorios: porém, esta arte só, pelo prazer que dá, substitue algumas vezes todas as outras. Tudo isso prova finalmente que a obra está cheia de grandes bellezas, pois que ha duzentos annos que faz as delicias de uma nação espirituosa, que deve conhecer os defeitos d'ella.

«Torquato Tasso começou sua *Gerusalemme liberata* no tempo, em que a *Lusiada* de Camões principiava a apparecer. Comprehendia muito bem o portuguez para ler este poema, e para d'elle ter inveja: dizia ser Camões o unico rival na Europa de quem se receiava. Este receio, a ser sincero, era muito mal fundado. Tasso estava tanto acima de Camões, quanto o portuguez era superior a seus compatriotas. Tasso teria tido mais rasão em confessar que tinha inveja de Ariosto.»

* * *

No mesmo volume, a pag. 588.

POEME SUR LE DESASTRE DE LISBONNE EN 1755, OU EXAMEN DE CET AXIOME TOUT EST BIEN

«O auctor do poema o *Desastre de Lisbonne* não combate o illustre Pope, a quem sempre admirou e amou; pensa como elle a respeito de quasi todos os

Digitized by Google

pontos, porém penetrado das desgraças dos homens ergue-se contra os abusos, que se podem praticar com este antigo axioma—Tudo está bem! Adopta esta triste e mais antiga verdade reconhecida por todos os homens—Ha males na terra; confessa que a expressão—Tudo está bem—tomada n'um sentido absoluto e sem esperanças de um futuro, não é mais do que um insulto ás dôres de nossa vida.»

«Se, quando Lisboa, Méquinez, Tetuan e tantas outras cidades foram engulidas com um tão grande numero de seus habitantes no mez de novembro de 1755 philosophos tivessem gritado aos desgraçados, que escapavam das ruinas:—Tudo está bem os herdeiros dos mortos hão de augmentar nossas fortunas; os pedreiros hão de ganhar dinheiro reconstruindo as casas; as feras hão de sustentar-se dos cadaveres enterrados nos entulhos; é o effeito necessario de causas necessarias; vosso mal particular não é nada; vós contribuireis para o bem geral—um tal discurso certamente teria sido tão cruel como o terremoto o foi. E eis ahi o que diz o auctor do poema sobre o desastre de Lisboa.

O malheureux mortels! ó terre déplorable!
O de tous les mortels assemblage effroyable!
D'inutiles douleurs éternel entretien!
Philosophes trompés qui criez: «Tout est bien»;
Accourez, contemplez ces ruines affreuses,
Ces débris, ces lambeaux, ces cendres malheureuses,
Ces femmes, ces enfants l'un sur l'autre entassés,
Sous ces marbres rompus ces membres dispersés
Cent mille infortunés que la terre dévore,
Qui, sanglants, déchirés, et palpitants encore,
Enterrés sous leurs toits, terminent sans secours
Dans l'horreur du tourment leurs lamentables jours!
Aux cris demi-formés de leurs voix expirantes,
Au spectacle effrayant de leurs cendres fumantes,
Direz vous: C'est l'effet des eternelles lois
Qui d'un Dieu libre et bon nécessitent le choix?
Direz vous, en voyant cet amas de victimes:
Dieu s'est vengé, leur mort est le prix de leurs crimes?
Quel crime, quelle faute ont commis ces enfants
Sur le sein maternel ecrasés et sanglants?
Lisbonne, qui n'est plus, eut elle plus de vices
Que Londres, que Paris plongés dans les délices?
Lisbonne est abymée, et l'on danse à Paris.....

***

«A morte dos cinco companheiros de Francisco de Assis, em Marrocos [1] ainda é celebrada todos os annos em Coimbra com uma procissão tão extraordi-

[1] *Oeuvres complètes de Voltaire*, vol. 2.° *Essai sur les moeurs et l'esprit des nations*, pag. 357.

Digitized by Google

naria, como as aventuras d'elles. Pretendeu-se que os corpos d'estes franciscanos voltaram á Europa depois de sua morte, e se deixaram ficar em Coimbra na egreja de Santa Cruz. Rapazes, mulheres e raparigas vão todos os annos, em a noite da chegada d'estes martyres, da egreja de Santa Cruz á dos Franciscanos. Os rapazes não estão cobertos senão com umas ceroulas curtas, que não chegam senão até o meio da perna; as mulheres e as raparigas levam uma saia não menos curta. O itinerario é longo, e param muitas vezes.»

* * *

A pag. 390, tratando da fundação do reino de Portugal, diz que Lisboa é o melhor porto da Europa.

A pag. 548. «Os portuguezes sahiam da obscuridade, e apesar de toda a ignorancia d'aquelles tempos começavam a merecer então uma gloria tão duravel como o universo, pela mudança do commercio do mundo, que foi dentro em pouco o fructo das descobertas d'elles. Foi esta a primeira das nações modernas, que navegou pelo Oceano Atlantico. Sómente a si deveu a passagem do Cabo da Boa Esperança, ao passo que os hespanhoes deveram a estrangeiros a descoberta da America. Mas foi a um homem só, ao infante D. Henrique que os portuguezes deveram a grande empreza, contra a qual elles murmuraram ao principio.

«Quasi nada de grande se tem feito no mundo senão pelo genio e intervenção de um homem, que lucta contra os preconceitos da multidão. Portugal estava entretido com suas grandes navegações e prosperidades na Africa, e nenhuma parte tomava nos acontecimentos da Italia, que assustavam o resto da Europa.»

* * *

O capitulo 141.º é todo dedicado ás descobertas dos portuguezes, tendo pouco antes tratado da inquisição em Portugal.

«Sómente no principio do seculo XV é que se fizeram as descobertas maritimas uteis e grandes. O principe Henrique de Portugal, que as começou, tornou seu nome mais glorioso que o de todos seus contemporaneos.

«Os portuguezes que sósinhos tinham a gloria de afugentarem para longe os terminos da terra, passaram o equador, e descobriram o reino do Congo; viu-se então um ceu novo, e novas estrellas. Os europeus observaram então pela primeira vez o polo austral, e as quatro estrellas, que d'elle ficam proximas. Depois o rei D. Manuel mandou uma pequena frota de quatro navios dobrar o Cabo da Boa Esperança, commandada por Vasco da Gama, nome que se tornou immortal. Foi esta viagem, que mudou o commercio do mundo antigo, ella afugentou de Veneza a origem das riquezas d'esta cidade.

«Affonso de Albuquerque, e varios outros famosos capitães portuguezes, em pequeno numero, combateram successivamente os reis de Calecut, de Ormuz, de Sião, e derrotaram a esquadra do sultão do Egypto. Os venezianos tão interessados com o Egypto a oppôrem-se aos progressos de Portugal, tinham

Digitized by Google

proposto a este sultão o córte do isthmo de Suez á custa d'elles, e abrirem um canal, que juntasse o Nilo ao mar Vermelho. Teriam por este meio conservado o imperio das Indias; mas as difficuldades fizeram abortar este grande projecto, ao passo que Albuquerque tomava a cidade de Goa áquem do Ganges, Malaca na Aurea Chersoneso, Aden na entrada do mar Vermelho, e se apoderava finalmente de Ormuz no golpho Persico.

«Dentro em pouco os portuguezes estabeleceram-se sobre todas as costas da ilha de Ceylão. Tiveram feitorias em Bengala, negociaram até Sião, fundaram a cidade de Macau. A Ethiopia oriental e as costas do Mar Vermelho foram frequentadas por seus navios. Por elles foram descobertas e conquistadas as Molucas. As negociações e os combates contribuiram para estes novos estabelecimentos: foi mister fazer o commercio com as mãos armadas.

«Os portuguezes em menos de cincoenta annos, tendo descoberto cinco mil leguas de costa, foram os arbitros do commercio pelo Oceano Atlantico e mar Ethiopico. Tinham em 1540 estabelecimentos consideraveis desde as Molucas até o golpho Persico n'uma extensão de sessenta graus de longitude. Tudo o que a natureza produz de util, raro e agradavel, foi por elles trazido para a Europa por um preço muito menor do que Veneza o podia apresentar. Era frequentado o caminho do Tejo ao Ganges, e Sião e Portugal eram alliados. E estabelecidos como ricos commerciantes e reis nas costas da India e na peninsula do Ganges passaram finalmente ás ilhas do Japão. Francisco Xavier, homem de um zelo corajoso e infatigavel, para ali foi prégar. Todo aquelle grande paiz esteve a ponto de ser um reino christão, e talvez um reino portuguez! Nunca os portuguezes tiveram um negocio mais lucrativo do que com estes povos, dos quaes, segundo dizem, os hollandezes tiravam mais tarde annualmente trezentas toneladas de oiro!

«Antes d'aquelles tempos as nossas nações occidentaes não conheciam da Ethiopia senão unicamente o nome. Foi no reinado do famoso João II rei de Portugal, que D. Francisco Alvares penetrou n'aquelles vastos paizes, que jazem entre o tropico e a linha equinoxial. D. Francisco Alvares foi o primeiro que ensinou a posição das nascentes do Nilo, e a causa das nascentes regulares d'aquelle rio: duas cousas desconhecidas de toda a antiguidade, e mesmo dos egypcios. Bermudes pretende que nas fronteiras do paiz de Damut, entre a Abyssinia e os paizes visinhos das nascentes do Nilo, ha um pequeno paiz no qual os dois terços da terra são de oiro. Eis o que os portuguezes procuravam e o que não encontraram; eis o principio de todas essas viagens: os patriarchados, missões e conversões não passaram de pretexto.

«E' ás descobertas dos portuguezes no mundo antigo que devemos o novo. Nós pronunciamos ainda com admiração respeitosa o nome dos argonautas, que fizeram cem vezes menos do que os marinheiros de Gama e de Albuquerque! Quantos altares se teriam erigido em honra de um grego que tivesse descoberto a America! Mas Christovão Colombo e seu irmão Bartholomeu não foram assim tratados.

«Quando os portuguezes chegaram ás ilhas Molucas ficaram espantados de encontrarem ali os hespanhoes, e não podiam perceber como ali tivessem

Digitized by Google

chegado pelo mar oriental, quando todos os navios de Portugal não podiam vir senão do occidente.

«Não suspeitavam que os hespanhoes tivessem navegado uma parte da circumferencia do globo. Foi necessario uma nova geographia para terminar a questão dos hespanhoes com os portuguezes, e para reformar a sentença que a corte de Roma tinha dado sobre suas pretensões, e sobre os limites de suas descobertas.

«Quando os hespanhoes invadiam a mais rica parte do novo mundo, os portuguezes, sobrecarregados com os thesouros do antigo, despresavam o Brazil que descobriram em 1500, mas ao qual não procuravam.

«Os portuguezes eram senhores do commercio de Surrate, e os povos do grão Mogol recebiam d'elles todos os generos preciosos das ilhas; e quando Filippe II se apossou de Portugal achou-se senhor ao mesmo tempo das principaes riquezas de ambos os mundos, sem ter tomado a menor parte em sua descoberta.

«Emquanto á Persia, o porto de Ormuz já lhe não pertencia. Os portuguezes tinham-se apossado d'elle em 1507. Uma pequena nação europea dominava no golpho persico, e fechava o commercio maritimo a toda a Persia. Tornou-se indispensavel que o grande Shah-Abbas, apesar de omnipotente, recorresse aos inglezes para d'ali deitar fóra os portuguezes. Os povos da Europa com sua marinha teem feito o destino de todas as costas ás quaes abordaram.

«Quando Portugal saccudiu o jugo hespanhol, recuperou quasi todo o Brazil, de que os hollandezes já estavam senhores, pois os portuguezes souberam defender melhor as suas possessões do que o tinham feito os hespanhoes.

***

«No tempo de Luiz XIV Portugal constituia-se em reino. João, duque de Bragança, principe que passava por ser fraco, arrancava esta provincia a um rei mais fraco do que elle. Os portuguezes cultivavam o commercio por necessidade, que a Hespanha despresava por orgulho. Acabavam de se ligar com a França e Hollanda em 1641 contra a Hespanha. Esta revolução de Portugal valeu á França mais do que lhe teriam valido as victorias as mais abalisadas. O ministerio francez, que em nada contribuira para este acontecimento, tirou d'elle sem trabalho as maiores vantagens que se podem ter contra um inimigo, as de o ver atacado por uma potencia irreconciliavel.

«Portugal, saccudindo o jugo hespanhol, ampliando seu commercio, augmentando sua potencia, faz lembrar a Hollanda que disfructava as mesmas vantagens de maneira bem differente.» Vol. 8.º, pag. 500.)

***

O nome de Portugal figura continuamente nas obras de Voltaire. Inimigo figadal dos jesuitas e da inquisição, não perde ensejo já de accusar, já de metter a ridiculo um paiz que sustentava aquellas duas corporações religiosas [1].

[1] V. entre outros muitos artigos: I. *Sermon du Rabbia Akile*, prononcé à Smyrne.

Digitized by Google

O casamento de D. Pedro II com sua cunhada tambem lhe offereceu ensejo para muitos sarcasmos dirigidos ao governo portuguez.

1435) **VOYAGE EN PORTUGAL Á TRAVERS LES PROVINCES**, Paris, 1797, 2 vol.

1436) **VOYAGE EN PORTUGAL, ET PARTICULIEREMENT A LISBONNE,** *ou Tableau Moral, Civil, Politique, Physique et Religieux de Cette Capital, etc., suivi de plusieurs Lettres sur l'etat ancien, et actuel de ce royaume.* Paris 1778, 2 tomos.

Visto não ter podido obter um exemplar d'esta obra, transcreverei o que a respeito d'ella diz Pinto de Sousa na sua *Bibliotheca Historica* (pag. 22, sup.)

«É fama publica que o auctor d'esta obra é um francez chamado Pedro Carrere, medico dos empregados no serviço da cavalhariça da infeliz rainha de França D. Maria Antonietta de Austria, o qual se transportou d'aquelle estado depois da morte de seu desgraçado rei Luiz XVI para Inglaterra, d'onde veiu para Portugal pelos annos de 1793 ou 1794; e d'onde por ordem da policia foi expulso e transportado com outros para Genova em 1795. Estimulado do referido procedimento, propoz-se em desforra d'elle, tomar a baixa vingança de compor a sobredita obra, para deprimir n'ella positivamente por todos os meios e modos, não só o amavel magistrado, por cuja ordem foi expulso d'esta capital, não só o phisico, o moral, o politico e o religioso d'este reino; mas até o seu illuminado ministerio; manifestando por uma parte a sua crassissima falta de conhecimentos da historia d'aquelle, e por outra a lesão do entendimento com que se achava, quando a compoz, como demonstrativamente se prova, por exemplo, da pagina 90, aonde diz: *Que Cintra dista de Lisboa sete ou oito leguas*, distando aliás sómente cinco; da pagina 288 e 289: *Que Mafra dista d'esta capital quinze ou dezeseis leguas*, distando aliás sómente cinco; da pagina 231: Que nem nos fastos das sciencias nem nos da litteratura, nem nas bibliothecas escolhidas, nem entre os nomes dos homens conhecidos nas sciencias, ou citados pelos sabios das differentes nações tem logar os auctores portuguezes; das pag. 34 e 35, aonde diz: Que não ha um templo, um palacio e um theatro, merecedores em Lisboa por um só instante da attenção dos amadores das boas artes; na pag. 65 porém enuncia: Que a feitoria italiana tem n'esta cidade uma bella egreja. Ora que comparação tem este templo com o de S. Vicente de Fóra, com o da Sé, com o de S. Domingos e com o de Belem, tanto em grandeza como na architectura? Da pag. 71: Que os portuguezes não se associavam entre si, e menos com os estrangeiros. Da pag. 113 e 114: Que em Lisboa pullulam os espiões em toda a parte por ordem da policia, por cuja causa todos vivem desgostosos e timidos, porque o irmão desconfia do irmão, o parente do parente, e o amigo do amigo. Da pag.

—II. *Balance égal*, 1762. — III. *Pétit avis à un Jesuite.*—IV. *Lettre a M. Pinto*, judeu portuguez em Paris.— V. *Un Chretien contre six Juifs on réfutation d'un livre intitulé — Lettres de quelques Juifs Portugais, Allemands et Polonais.*

Digitized by Google

273: Que o clero de Portugal é muito ignorante; que os regulares vivem na libertinagem mais desenfreada, e que as freiras são umas prostitutas claussuradas. Finalmente da pag. 318 a 319: Que no fim do Rocio, a um lado do convento de S. Domingos, defronte do tribunal da relação, é o logar onde se acham as testemunhas falsas para tudo quanto se quer, sem contemplação a ser ou não conhecido quem as procura, natural ou estrangeiro, que o seu preço era um cruzado novo, e que a sua divisa era uma ponta do lenço de fóra da algibeira, o que era notorio e bem sabido nos tribunaes.»

1437) VRAI (LE).

E. — *Intérêt des puissances Européennes et de l'Empereur du Brésil, á l'eyard de la situation actuelle du Portugal. Traduit de l'Allemand. Bruxelles. De l'imprimerie de P. J. Voglet, libraire.* 1830, 4.°, 50 pag.

Este opusculo é a favor de D. Miguel, como rei de Portugal, e termina com seguinte documento:

Acte de l'ouverture des Cortes á Lisbonne le 23 *Juin* 1828, *et du serment prêté à sa Majesté de roi Don Miguel* 1, *le* 7 *Juillet de la même année, et du serment d'hommage prêté a S. M. par les trois etats du Royaume. Traduit du Portugais.*

Digitized by Google

W

1438) **WADDINGO OU WADDING (LUKE).** — Historiador e celebre, theologo inglez, nascido em Waterford no anno de 1588, e fallecido em Roma no de 1657. [1] Professou a religião franciscana no convento de Mathozinhos (arrabalde do Porto) no anno de 1605, ou no seguinte. [2] Seguiu seus estudos em Leiria, Lisboa e Coimbra. Escreveu muitas obras, mas

«A obra de mais porte são os insignes *Annaes da nossa Sagrada Ordem* escriptos em 8 tomos, tão copiosos, e breves, tão claros e elegantes, tão fundados em verdadeiras noticias, e ajustados com o estylo historico, que grandes juizes admirados de tanta felicidade não sabem determinar, qual tem dado maior lustre, se Baronio nos seus á Igreja de Christo, ou Waddingo n'estes á Ordem de S. Francisco.» [3]

1439) **WADE (GUATER).** — Medico inglez, que veiu estabelecer-se em Lisboa.

E. — *Carta a hum amigo sobre o estado actual da inoculação das bexigas.* Lisboa, officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1768, 76 pag.

1440) **WAGENER (JOÃO DANIEL).** — Allemão

D. — *Novo Diccionario portuguez-allemão, e allemão portuguez.* — *Diccionario portuguez-allemão que contem muitas vozes importantissimas, que não se achão nos Diccionarios até agora publicados.* Lipsia, em casa e a despezas de Engelhardo Benjamin Schwckert, 1812, 3 vol. 8.° gr.

1441) **WAIBL (GUSTAVO).**

E. — *Mapa general de España y Portugal.* Barcelona, 1859.

[1] Firmin Didot.—*N. Biographie Universelle*, vol. XLVI, pag 482.
[2] Fr. Manuel da Esperança.—*Historia Serafica*, vol II, pag. 507.
[3] Idem, 509.

Digitized by Google

1442) WALKE FREERR (MARTHA).

E. — *The married life of Anna of Austria, Queen of France, mother of Louis XIV and D. Sebastian, king of Portugal etc.* London, 1864, 2 vol.

1443) WALLASTON (F. VERMON).

E. — *Insecta Maderensia. Being an account of the Insects of the Islands of Madeira Group.* London, 643 pag. e 13 estampas coloridas.

1444) WALTON (WILLIAM).

Era na Inglaterra o defensor do partido miguelista na imprensa. Representava pois, n'aquelle paiz o mesmo papel que o padre José Agostinho de Macedo em Portugal.

E. I. — *A Letter to the most noble the Marquess of Landsdown on the affairs of Portugal and Spain.* London, 1827.

II. *Letter adressed to Sir James Mackintosh on his motion respecting the affairs of Portugal submitted to the House of Commons in the first of June* 1829. London, 1829.

Esta obra foi vertida em francez com o seguinte titulo:

Lettre á Sir James Mackintosh sur sa motion relative aux affaires du Portugal du 1 Juin 1829 *par William Walton Traduit par A. Lardier.* Paris, Imprimerie de Pihan Delaforest, 1829, 8.°, 363 pag.

III. *A second Letter addressed to the Right Hon. Viscount Palmerston on his policy respecting Portugal and the injustice and danger af its continuance by William Walton.* London. Published by J. Hatchard and Son, 1833, 8.° grande, 170 pag.

IV. *D. Pedro's expedition or neutrality in disguise.* London 1832.

V. *Scraps and stubborn in defence of D. Miguel.*

VI. *Notes on the pretended rights of the Princess of Grand Pará.* London. 1839.

1445) WAPPAEUS DE GOTTINGEU.

E. — *Untersuchungen iiber die geographischen Entdeckungen der Portugiesen unter Heinrich dem Seefahrer.* Gottingue, 1842, 8.°

«Começou este professor a escrever em 1842 uma biographia do infante D. Henrique; mas infelizmente não passou do primeiro volume, que constava inteiramente de materia preliminar, trabalho que ainda assim denota a maior erudição e estudo.» [1]

1446) WAR (THE CIVIL) IN PORTUGAL *and the siege of Porto by a british officier of Hussard.* London, 1836.

1447) WATSON (H. C).

E. — *Notes on botanical tour in the Western Azores by. No London Journal*

[1] Henry Mayor—*Vida do Infante D. Henrique appellidado o Navegador, versão portugueza*, pag. 18.

Digitized by Google

of Botany. tomo II, pag. 1, 125, 394 (1843) tomo III, pag. 582, (1844) e tomo VI, pag. 380, (1847)

«Mr. Watson fez conhecer o resultado de suas excursões botanicas n'um catalogo, que comprehende 396 plantas phanerogamas, e 75 cryptogamas, ao todo 471 especies. [1]

1448) WEBSTER (J. W).

E. — *A Description of the Island of St Michel.* Boston, 1821.

Acha-se uma analyse d'esta obra em as *Nouvelles Annales des Voyages par Eyriès et Malte Brun*, tomo XVII, pag. 21, 1823.

«Esta obra, talvez a melhor, que se tenha escripto relativamente aos Açores, e a primeira, que tenha mostrado com toda a auctoridade da sciencia, a constituição physica d'estas ilhas, é ainda hoje o guia mais seguro, que os geologos podem seguir. Além das informações que n'elle se encontram a respeito da historia e statistica do paiz, clima, agricultura e commercio, contem um quadro bem ao vivo dos costumes, e usos da população, que desde aquella epocha se teem modificado de maneira sensivel. O livro do sr. Webster tem sido consultado utilmente pela maior parte dos escriptores, que se occuparam dos Açores, e que, sem o citarem, até seus erros reproduziram. [2]

1449) WEIMAR (ELISA LOEVE).

Esta celebre dama, que pertencia á melhor sociedade de Paris casou com o jornalista portuguez José Joaquim Gonçalves Basto. Sua belleza tinha sido enthusiasticamente elogiada por Jules Janin, como assevera o seu biographo o sr. Camillo Castello Branco. [3]

Tinha nascido em Paris no anno de 1805, e suicidou-se no Porto em 1875.

«Era solidamente instruida. Lia os livros portuguezes com rara intelligencia. Achava os romances peninsulares fastidiosos como a *Corte na aldeia* de Rodrigues Lobo. Dizia que nós apenas tinhamos um ceo azul com uma bonita lua, e na terra muitas flores e ribeiros cristalinos, que nos inspirassem: mas que o romancista carece de sociedade viva, com as suas boas e ruins paixões. E accrescentava que Portugal era geographicamente obrigado a ser um alfobre de lyristas.»

1450) WELD. (ALFRED).

E. — *The Suppression of the Society of Jesus in the Portuguese Dominions.* London. 1877, 8.°. vol. I.

Esta obra trata da expulsão dos Jesuitas dos dominios de Portugal no reinado de D. José. Como sacerdote o auctor torna-se o campeão da celebrada Ordem procurando sempre demonstrar que os seus membros foram victimas das mais nefandas intrigas concebidas e postas em execução durante alguns

[1] Morelet.—*Les Açores*, pag. 12.
[2] Idem, pag. 10.
[3] *Artes e Lettras*, vol. IV, N.° 4.

Digitized by Google

annos pelo celebre Marquez de Pombal. A malevolencia do auctor contra o afamado estadista revella-se em cada pagina da sua obra, levando-o a apresentar a asserção de que a conspiração das Tavoras nunca existiu, e que os tiros foram ordenados pelo marquez de Pombal para dar côr á accusação que forjava contra as principaes pessoas da côrte para as perder. Este livro foi escripto para combater a apreciação dos actos do grande Marquez, feita pelo conde da Carnota na sua obra.

1451) **WELT.**

E. — *Die New, der landochaften unnd Insulen, so bis hicher ullen Altwelteschrybern unbekant; Jungstaber von den Portugalesern unnd Hispaniern imb Niedergenglichen Meer herfunden.* Strasburg.

Apparece esta obra mencionada n'um catalogo de livros raros estrangeiros.

1452) **WELWITSCH (FREDERICO).** — Nasceu no anno de 1806 em Mariassal, proximo a Klogenfurt. [1]

Commissionado pela Sociedade *Unio itineraria* de Esslingen no Wurtemberg veiu a Portugal com o fim de estudar a sua vegetação. [2]

E. — I. *Carta á Academia Real das Sciencias de Lisboa remettendo porção do Herbario da Flora Lusitana. — Actas da Academia do anno* 1850, pag. 102 e seguintes.

II. *On the vegetation of West-Equinoctial Africa. Letters to W. Welson Saunder* (*Journal of the Linnean Society.* vol. III, pag. 150, 1850) Foi reimpresso em francez por Alphonse de Candolle. [3]

III. *Apontamentos sobre a Flora de Angola.* (*No Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, dezembro, 1858).

IV. *On the Botany of Benguella and Mossamedes. Letters to Sir W. J. Hook.* (*Journal of the Lin. Loc.* vol. V, n.º 182, 1861).

V. *Sur la végétation du plateau de Huilla etc. Lettre a Mr. Alph. de Candolle à ce sujet.* (*Bibliotheque Universelle et Archives des sciences physiques et naturelles de Genève*, 1861).

VI. *Cultura do algodão em Angola.* 1861, Lisboa. Foi traduzido para inglez. London, 1862.

VII. *Hooker (Dr. J. Dalton) On Welwitschia mirabilis, a new genus of Gnetaceae* (*Transactions of the Lin. Soc.* vol. XXIV *with* 14 *plates.* London, 1862.)

VIII. *Synopse explicativa das amostras de madeiras e drogas medicinaes etc. enviadas á exposição internacional de Londres em* 1862. Lisboa, 1862.

IX. *On a remarkable species of Cissus from the South of Benguella with*

[1] *Jornal do Commercio de Lisboa*, N.º 6022.

[2] *Jornal das Sciencias Mathematicas Physicas e naturaes*, publicado sob auspicios da Academia R. das Sciencias de Lisboa, vol. I, pag. 31.

[3] Sr. Bernardino Antonio Gomes.—*Jornal das Sciencias Mathematicas etc.*, vol. I, pag. 265.

Digitized by Google

remarks on the Ampelideae of Angola etc. (Journ. of the Lin. Soc. vol. VIII, pag. 75, 1864.

X. *Aphorismos acerca da fundação dos jardins de acclimatação na Ilha da Madeira e em Angola.* (No *Archivo Rural* de 1863, N.° 16).

XI. *Observations on the origin and the geographical distribution of the Gum Copal in Angola (Jour. of the Lon. Soc.* vol. IX, 1866, pag. 287 e 302.

XII. *Fungi Angolenses.* London, 1868.

XIII. *Sertum Angolense sive stirpium quarumdam novarum vel minus cognitarum in itinere per Angolam et Benguellam observatarum descriptio iconibus illustrata.* Londini. (No vol. XXVII das *Transactions of the Linnaean Society.)*

Veja-se a respeito d'esta publicação o *Jornal das Sciencias Mathematicas* da nossa Academia, vol. III, pag. 135. E no 4.° vol. a pag. 151 e seguinte um extenso artigo devido á penna do sr. Bernardino Antonio Gomes.

1453) WERTOOGH BY EEN LIEF HEBBER *de Vaderlants vertoont. Teghenhet ongefondeerd cende schadelijk sluytender vryen handel in Brazil. In't Jaet ons Peeren.* 1637, 4 folhas sem pag. M. S.

1454) W. G.

E. — *Treatise on the defence of Portugal.*

1455) WHITE (ROBERT) AND JOHSON (JAMES J).

E. — *Madeira, its climate and scenery. A handbook for visitors. Second edition with numerous illustrations and a map of the Island. Edinburgh,* 1860. 8.°, XII, 338 pag. A primeira edição d'esta obra tem a data de 1851, Londres.

É realmente um bom guia para o viajante n'esta ilha «Eu não conheço sitio no globo (pag. 12) diz o capitão Marryatt que tanto assombre e deleite, logo á chegada, como a Ilha da Madeira. O viajante tem talvez deixado a Inglaterra no melancolico findar do outono, e quando desembarca na ilha, que mudança! O inverno trocou-se em verão: as arvores despidas de folhagem, as quaes elle deixou, estão mudadas n'uma folhagem luxuriante e variada: a neve e o gelo estão trocados em calor e esplendor: as scenas da zona temperada na profusão e magnificencia dos tropicos; um ceo limpido e azul; um sol brilhante, collinas cobertas de vinhedos: um mar azul e profundo; vestuarios novos e pittorescos; tudo alegra e deleita os olhos, exactamente no preciso momento em que mesmo que houvessemos desembarcado n'uma ilha esteril, já isso teria sido julgado uma dita.

«Nenhum logar me pareceu mais apropriado, diz Humboldt, para dissipar a melancholia, e para restaurar a paz ao espirito perturbado, do que Teneriffe ou Madeira.

«Se a bella descripção da Ilha Pheacia feita por Homero, em que os fructos succedem aos fructos, e as flores ás flores, n'uma variedade rica e sem fim, pode ser aplicavel a alguma ilha moderna, é á Madeira.»

Digitized by Google

1456) **WICQFORT (ABRAHAM DE).**— Diplomata hollandez, nascido em 1598 em Amsterdam, e fallecido em 1682 em Zell [1].

E. — *L'ambassade de D. Garcias de Silva Figueroa em Perse. Contenant la politique de ce grand empire, les mœurs du Roy Schach Abbas, et une relation exacte de tous les lieux de Perse et des Indes, où cet Ambassadeur a resté l'espace de huit années qu'il y a demeuré. Traduite de l'Espagnol.* A Paris, 1667.

É uma das obras que mais nos patenteiam o estado em que se achavam os negocios portuguezes no oriente por aquella epocha.

O assumpto da embaixada de Figueroa á Persia foi o seguinte: O reino de Ormuz consistia na ilha d'este nome, onde estava a capital, n'algumas ilhas vizinhas que tambem jazem no golpho persico, e em alguns logares na terra firme. O rei d'este pequeno estado tinha-se posto debaixo da protecção dos portuguezes, de sorte que elle apenas tinha os rendimentos, e estes na realidade tinham a propriedade, havendo construido um baluarte em Ormuz, e alguns fortes nos pontos mais importantes. Ora Schah Abbas, rei da Persia, depois de conquistar o reino de Lara, lançou tambem suas vistas para o de Ormuz. Porém não queria romper tão cedo com os hespanhoes por se achar então em guerra com os turcos. Por isso este principe o mais manhoso que houve no mundo, andava a entreter o rei de Hespanha, para o que lhe tinha enviado Robert Schirley, inglez de nação, mas casado na sua côrte com uma de suas parentas. Serviu-se d'este homem para prometter e assegurar ao rei de Hespanha, que desejava estabelecer o commercio das sedas em Ormuz com os hespanhoes, com exclusão de todos os outros povos, convidando-o a enviar-lhe um embaixador para concluirem o tratado.

Foi escolhido para este fim Figueroa. Partiu de Hespanha em 1614, e pelos fins de outubro do mesmo anno chegou a Goa. Principia d'aqui a narração. Não lhe correram em Goa bem as cousas. Os portuguezes estavam *furiosamente invejosos* [2] por se ter enviado um fidalgo castelhano ás suas Indias, e o vice-rei Jeronymo de Azevedo, o olhava como um homem, que podia ser o censor e syndico do seu procedimento, de modo que illudiu sempre suas requisições, e o reteve ali perto de tres annos. No entanto o rei da Persia tinha-se já apoderado em 1614 do forte de Comerão na terra firme, a tres leguas de Ormuz e das ilhas de Baharem e de Queixome, aquella muito rica por causa da pesca das perolas, e esta porque abastecia Ormuz de agua doce e de refrescos. Como Figueroa julgava que a reputação de seu principe estava muito enfraquecida para com o rei da Persia, tinha já perdido o desejo de continuar sua viagem, todavia tendo recebido de Hespanha uma ordem expressa, resolveu-se a cumpril-a apesar do conselho das Indias não lhe ter fornecido dinheiro, nem embarcações. Embarcando pois n'um pequeno navio mercante, pertencente a um negociante de Baçaim, saiu de Goa a 17 de março de 1617, e depois de uma navegação de cinco semanas chegou a Ormuz.

[1] *Biographie Universelle de* Firmin Didot, tom. XLVI, pag. 719.
[2] Palavras do original.

Digitized by Google

A 12 de outubro de 1617 metteu-se n'uma galé para a costa do reino de Lara, e desembarcou no porto de Bandel. Foi recebido muito honrosamente por aquelle que ali era governador em nome do rei da Persia, e forneceu-lhe conselhos para transportar sua equipagem. Saiu de Bandel a 20 de abril, e caminhando ao longo da costa do mar, em dois dias chegou á pequena povoação de Cabrestan, em seis á de Lara, capital da Caramania deserta, em tres a Guin, primeira cidade da Persia propriamente dita, e em seis a Schira antigamente Cyropolis. Aqui residiu quatro mezes á espera das ordens do rei Schah Abbas, que estava na Hircania e que não tinha grande pressa de o ver. D'aqui sahiu a 5 d'abril de1618, e treze dias depois chegou a Ispahan. N'esta cidade esperou as ordens de Schah Abbas até 18de maio, em que se poz em caminho para Casbin, tendo recebido ordens para a continuação de sua viagem. Passou pela cidade de Caxen, que é a primeira da Media, e a 14 de junho chegou a Casbin, onde dois dias depois foi recebido em audiencia. Depois de dois dias de residencia alli, voltou para Ispahan pelo mesmo caminho, pelo qual viéra. Aqui passou todo o resto do anno, achando-se Schah Abbas com seu exercito na guerra contra os turcos, e depois ainda o inverno e a primavera do anno seguinte de 1618, porque este rei desejou que o embaixador o esperasse alli. Finalmente o rei veiu a Ispahan no principio dos grandes calores, e deu ao embaixador toda a audiencia, que este quiz. Não podia desejar d'este rei um melhor acolhimento, e conversas mais obsequiosas e familiares; mas em quanto aos dois pedidos, que lhe fez, que restituisse as praças do reino de Ormuz, e não admittisse os inglezes e os outros estrangeiros a commerciarem na Persia, recusou-os, a ponto do embaixador pedir licença para se retirar, e depois de longas peregrinações chegou a S. Sebastião na Hespanha em agosto de 1624. Residiu pois fóra de seu paiz dez annos completos.

N'esta narração se vê a tomada de Ormuz aos portuguezes, com todas as circumstancias d'este acontecimento memoravel. Segundo diz Figueroa as causas d'uma tão grande perda foram o orgulho e a ignorancia do Conselho das Indias Orientaes, que emprehendeu loucamente a guerra contra Schah Abbas; a vaidade dos vice-reis orgulhosos com sua grandeza, e com a adulação dos frades; a corvardia dos habitantes, e a confusão de seus capitães e gente de guerra.

Eis um extracto tirado do prefacio d'esta obra, pela qual se conhece a epoca da jornada, em tempo que o imperio portuguez na India se estava diariamente dilacerando. Esta viagem é toda ella muito interessante, principalmente no que diz respeito á Persia d'aquelle tempo: agora veremos algumas das passagens mais importantes relativas ás nossas cousas.

A 15 d'abril de 1617 em viagem para a Persia ao despontar do dia descobriu Figueroa na costa da Arabia certas montanhas chamadas Palleiros, nome que os marinheiros portuguezes lhes tinham posto, e pelo qual eram conhecidas entre os navegantes.

A 17 do mesmo mez apezar de navegar perto da costa, não appareciam barcos com refrescos, dos quaes havia grande necessidade. Mas ainda que aquelles logares, chamados Calayate, Tehede, e Curiate faziam parte do reino de Or-

Digitized by Google

muz, bem como todos os outros d'esta mesma costa da Arabia até ao cabo de Moncandão, com tudo algum tempo antes tinham-se subtrahido á obediencia d'este estado, com grande prejuizo para os portuguezes.

A 20 d'abril chegou Figueroa a Mascate. Quiz ir a terra para ouvir missa. Encontrou o embaixador ao sahir da barca o governador do castello, que se chamava João de Quadros, acompanhado de dois habitantes portuguezes, e de grande numero de arabes e mouros, que tinham ido a bordo para reconhecer os que desembarcavam. Os portuguezes com o prior e os frades de Santo Agostinho, que tinham chegado para receber o embaixador, o acompanharam até á egreja parochial, onde fez sua oração. D'alli dirigiu-se ao convento dos frades Gracianos, o qual tinha uma muito bella egreja, construida havia alguns annos. A casa do governador era muito mediocre, mas a cidade muito bem fortificada.[1] Os portuguezes d'aquella cidade negociavam para Ormuz, Cinde, costas da Arabia, e Persia. 22 d'abril.

O embaixador aqui demorou-se alguns dias, por causa do mau tempo. Passou pela Ilha da Victoria, pequeno rochedo, coberto d'alguma areia, mas muito celebre pela victoria, que proximo d'aquelle sitio obteve sobre os turcos, havia mais de cincoenta annos, D. Fernando de Noronha, filho do vice-rei D. Antonio de Noronha, combate naval, em que os turcos perderam nove galés.

29 d'abril. Depois de horriveis calmarias chegou o embaixador n'este dia a Ormuz. Principiou por avistar a ponta de terra, em que estava a ermida de N. S. da Esperança, e a de N. S. da Penha. Ás cinco horas da tarde lançou ferro em frente da ermida de Santa Luzia. Viu se immediatamente chegar a bordo o intendente das finanças Miguel de Sousa Pimentel, trazendo no seu barco o prior, e alguns religiosos Gracianos, que vinham pedir ao embaixador, que se fosse alojar no Convento. Appareceu tambem D. Luiz da Gama trazendo sua chalupa, na qual o embaixador embarcou. Compunha-se aquella cidade então de duas mil e quinhentas e tres casas, algumas de grande altura. A maior parte dos habitantes eram mouros arabes, fallando o persa, alguns christãos e indios da provincia de Cambaia, todos estes em numero superior a quarenta mil, comprando mercadorias aos portuguezes, e indo vendel-as na Persia e na Arabia. Os portuguezes, que moravam em Ormuz, formavam umas dusentas familias, não mencionando as dos soldados casados. Viviam todas do negocio que faziam na Persia, e com a cidade de Baçorá.[2]

12 d'outubro. Sahiu o embaixador de Ormuz na galera *S. Francisco*, que estava muito bem armada, com bom numero de soldados, e boa artilheria. Pouco depois chegou o embaixador a Bandel, em cujas proximidades estavam as ruinas do forte de Comorão, que os portuguezes tinham perdido havia tres annos, com grande desaire, não tanto d'aquelles, que o defendiam, como d'aquelles, que os podiam soccorrer, e não o fizeram.

Depois d'uma demoradissima peregrinação chegou finalmente o embaixa-

[1] N'este sitio apresenta Figueroa uma descripção muito desenvolvida da cidade portugueza de Mascate na costa da Arabia. pag. 13 a 23.

[2] A descripção da cidade portugueza de Ormuz corre de pag. 30 a 48.

Digitized by Google

dor a Ispahan, capital da Persia, e vejamos o que nos diz em relação aos portuguezes residentes em tão remota cidade.

D. Aleixo de Menezes, arcebispo de Goa tendo enviado, ha uns vinte annos, Fr. Antonio de Gouvea, que hoje é Bispo de Cyrene, a Schah Abbas com um presente muito consideravel, para lhe pedir permittisse que alguns religiosos de sua Ordem, que era a de Santo Agostinho, podessem residir na Persia, obteve a licença para esse fim, e até mesmo para construir uma pequena egreja na cidade de Ispahan. Desde aquelle tempo até hoje [1] houve sempre Convento de Agostinhos na capital da Persia, se bem que contendo um pequeno numero de religiosos, com muita satisfação dos portuguezes, que alli iam de Ormuz com suas mercadorias, e de outros negociantes estrangeiros, que teem a commodidade de poderem alli ouvir missa. Algum tempo depois, á noticia, que corria por toda a Europa, e particularmente em Roma, de que Schah Abbas, apezar d'infiel, testimunhava não ter aversão aos christãos, mas antes os tolerava n'aquelles sitios, o papa Clemente VIII querendo aproveitar-se d'esta occasião, e fazer propagar a religião Catholica por meio d'um maior numero de prégadores, enviou para alli Fr. Thaddeo de Santo Eliseu, religioso Carmelita descalso, com cartas para aquelle rei, nas quaes o exhortava a não ficar sómente n'aquillo [2], mas acabar de favorecer os christãos da Europa, offerecendo-lhe o favor dos Reis christãos e fazendo-lhe esperar, que estes fariam uma poderosa diversão, em quanto elle estivesse em guerra com os turcos que era a cousa do mundo, que Schah Abbas mais desejava. Fr. Thaddeu poz-se a caminho com alguns outros religiosos da mesma Ordem por Allemanha, Polonia, Moscovia, e Tartaria até á cidade de Astracan; e tendo entrado na Persia pela cidade de Derbente, foi recebido do rei com os mesmos carinhos que fizera aos Agostinhos, mandando-lhe dar um terreno e uma casa, onde encontraram com que acommodar-se para alli fazerem uma egrejinha, acompanhada d'um mosteiro para seu alojamento.

Além d'estas recordações portuguezas encontrou o embaixador ainda outras, eram as peças que tinham defendido Comeran, e que tomadas pelos persas, estavam agora ornando o castello de Ispahan.

O embaixador viu-se obrigado a conservar-se todo o inverno de 1619 e uma parte do verão n'aquella corte sem poder avisar o rei de Hespanha da tenção de Schah d'ir tirar Ormuz aos portuguezes, visto ter feito as pazes com os turcos, [3] e a não pedir soccorro de dinheiro, porque o não podia esperar de Ormuz vista a má situação em que se achava esta praça.

Tambem a difficuldade d'enviar e de receber cartas se augmentava diariamente por causa dos cuidados extraordinarios, que D. Luiz da Gama, governador de Ormuz, tinha d'impedir a passagem dos correios. Alguns dos frades Agostinhos que residiam em Ispahan, faziam outro tanto, empregando-se n'isso com tanto ardor, que se torna impossivel comprehender as despezas, que faziam

[1] Anno de 1618.

[2] Wicquefort, Traduction de l'Ambassade de Figueroa, pag. 190.

[3] Id. pag. 287.

Digitized by Google

para sustentarem em Bagdad e em Alepo algumas pessoas para espiarem, e a quem pagavam generosamente, assim como aos portuguezes que passavam das Indias para Hespanha fazendo caminho pela Persia, a quem o embaixador encarregava de seus despachos, por não achar pessoa em quem podesse depositar maior confiança. E apezar de parecer que para elles nenhum proveito havia n'isto, empregando-se com tanto cuidado em interceptar as cartas, pois que o embaixador não dizia n'ellas senão o que elles deviam escrever, e deviam fazer, é todavia impossivel para acreditar o dinheiro, que n'isso empregavam com tanta paixão, e com tão grande obstinação, sem considerarem o mal que faziam aos negocios de S. Magestade, nem a affronta feita a toda a nação, que por isso ficava toda desacreditada, mesmo entre os persas, pois isto fazia-se á vista de todos os europeos, que residiam em Ispahan, Bagdad e Alepo. É necessario tambem accreditar que se não teria feito isto nem tão publica, nem tão descaradamente, se essas pessoas não fossem empregadas, e altamente remuneradas por Hespanha, por isso que os auctores d'esta velhacada não só não se occultavam, mas d'isso até se gabavam, como se tivessem prestado um serviço assignalado ao rei. Mas a base d'este negocio foi lançada sobre as cousas, que passaram na Corte, logo que o Conselho d'Estado deu ao embaixador os despachos para esta viagem, pois em Portugal não se queria que ella se fizesse. O mesmo se póde dizer dos frades Agostinhos que habitam nas Indias, em Ormuz, e na Persia, os quaes muito abertamente se declararam contra o embaixador, desacreditando tudo quanto podia conciliar respeito sobre sua pessoa, ou contribuir para fazer ter bom resultado a negociação para a qual o rei o tinha mandado á Persia.

Desde o principio de setembro tinha o embaixador enviado a Farabat, onde a Corte estava n'aquelle tempo, Fr. Melchior dos Anjos com uma carta do rei, que o Conselho de Portugal tinha remettido por terra a respeito da proposta, que Robert Schirley alli tinha feito não só relativamente ao contracto da seda, como pelo que dizia respeito a uma esquadra, que o rei de Hespanha devia enviar contra o turco no Mar Vermelho. E o Conselho de Portugal tinha ordenado que Fr. Melchior se encarregasse d'este negocio, para o não entregar ao embaixador. E ainda que este ultimo sabia que esta viagem seria completamente inutil, porque quando viu o rei da Persia em Casbin, lhe recusou positivamente a restituição de Baharen, que é o forte de Comoran, com a ilha de Queixome, não quiz com tudo que lhe podessem lançar em rosto o ter desprezado este negocio, apezar de saber que isto ainda contribuia para arruinar mais a reputação dos negocios do rei, a qual estava já tão abatida. E com effeito Fr. Melchior foi tão mal recebido, que o proprio Schah Abbas não lhe quiz fallar; mas contentou-se com lhe mandar dizer pelo Secretario: Que em resposta á carta, que lhe trouxera, dizia que nenhuma precisão tinha d'uma esquadra no Mar Vermelho, nem do contracto da seda, pois tinha feito a paz com o turco, e estava resolvido a remetter toda a seda do seu reino para Alepo e Constantinopla: e que de todas suas conquistas não restituiria uma pollegada de terra. Com esta resposta grosseira, se bem que nenhuma outra se devia esperar, viu-se Fr. Melchior obrigado a retirar-se. Este frade era

Digitized by Google

aquelle, de quem mais se serviam para interceptar as cartas, e fez sem demora os preparativos para ir pessoalmente levar esta resposta á Hespanha, onde o embaixador já tinha feito intender que nada havia para esperar d'aquelle rei por meio d'embaixadas, pois além d'outros enfados, que diariamente mostrava, custava-lhe muito a soffrer que os ministros da corôa de Portugal emprehendessem tratar com elle, e quando se tornava necessario fallar do rei Catholico, não lhe davam o tratamento de rei de Hespanha, mas sim rei de Portugal, o que praticam em todas as occasiões, em que se offerece fallar d'elle. Por isso é que o Bispo de Cyrene se quizilava muito fortemente contra Luiz Pereira, e contra este Fr. Melchior, censurando-os, pois, quando lhes fallavam de S. Magestade, procediam da mesma maneira, dizendo lhes encolerisado: Porque dais vós o tratamento de rei de Portugal ao rei de Hespanha, e tratais com tão grande desprezo um tão poderoso monarcha, para procurardes tornal-o um reisinho? O proprio rei o disse ao embaixador estando em Casbin, e não poude deixar de dizer seu sentimento, que se admirava que o rei consentisse que lhe fizessem esta offensa á sua reputação tratando-o os portuguezes d'esta maneira. O que o rei da Persia dizia, era a pura realidade, pois a verdade é que os portuguezes teem tanta aversão á monarchia hespanhola, [1] que de modo nenhum querem que se lhes chame hespanhoes, ou que os tratem como taes.

O embaixador achou-se durante a devoção da Semana Santa com toda sua familia, e com alguns negociantes portuguezes e venezianos no officio, que se celebrava nos dois Conventos da Graça e do Carmo, onde tambem se encontraram em grande numero armenios, syrios, georgiannos, e entre outros dois jovens inglezes, que apezar de Calvinistas, não deixavam d'ir todos os dias á Missa, e até se confessavam com um frade.

Chegou finalmente á sua capital o rei depois d'uma bem longa ausencia, e elle mesmo familiarmente se dirigiu a casa do embaixador para conferenciar com elle, e quando se lhe apresentou uma carta do rei de Hespanha, entregou-a a Fr. João Thaddeo para lh'a traduzir por saber a lingua persa. Mas em quanto a concessões tudo foi inutil. Passado muito, quando o embaixador queria uma resposta decisiva para se retirar para seu paiz, Schah Abbas encontrando-se com elle, e mostrando-lhe do outro lado o embaixador do rei de Lahor lhe disse: Vedes vós aquelle homem? Se me não entregar espontaneamente a cidade de Candahar, irei tomal-a á força, e me apoderarei de quanto encontrar por aquelles sitios. Pois não quero, que meus filhos (os quaes tambem mostrou com a mão) me possam um dia lançar em rosto o ter eu permittido que se tirasse á corôa da Persia uma só pollegada de terra d'aquella, que lhe annexei pela força das armas. E não tendo dado resposta alguma ao pedido que se lhe fazia de não deixar os inglezes negociar no seu paiz, pediu o embaixador licença para se retirar, e effectivamente sahiu de Ispahan no dia 25 d'agosto de 1619.

[1] Note-se que o hespanhol Figueroa escrevia estas palavras dez annos antes que rebentasse a revolução, que elevou ao throno D. João IV.

Digitized by Google

A 4 de setembro encontrou o embaixador um soldado de Ormuz chamado João Carvalho Mascarenhas, que se dirigia para Ispahan com despachos do rei de Hespanha para Schah Abbas, pois que na Europa ainda ignoravam áquelle tempo que o rei da Persia se tinha recusado a annuir ao mais pequeno pedido como já se viu.

A 18 d'outubro embarcou o embaixador em Bandel na galera, de que era capitão André Coelho, com destino a Ormuz, onde chegou no dia seguinte, sendo recebido por Antonio Barreto da Silva, auditor geral das Indias, e pelo Vigario Geral. [1]

N'esta cidade esperava o embaixador encontrar navio para n'elle se embarcar para Goa; porém não o tendo achado, e estando Ormuz ameaçada de vir a ser cercada por Schah Abbas com auxilio dos inglezes, como effectivamente foi, teve de se demorar n'ella por largos mezes, e de ser testemunha da confusão, desleixo, e inepcia que alli reinava, motivo pelo qual pouco tempo depois os inimigos tão facilmente se apoderaram d'ella.

Embarcou o embaixador a 5 d'abril de 1620 n'um pequeno patacho, que por aquelles dias chegara a Ormuz, vindo de Cochim.

No dia 6 encontrou dois navios de Goa, um dos quaes trazia o novo governador de Ormuz D. Francisco de Sousa.

No dia 19 de dezembro a caravella *N. S. da Nazareth*, sahida da barra de Goa, e a qual o embaixador tinha mandado fretar, para n'ella passar á Europa.

A 23 de janeiro do seguinte anno chegou o embaixador a Moçambique, onde quiz tomar informações dos navios, que tinham alli chegado de Portugal. Disseram-lhe que alli tinham aportado o navio almirante, e o *Santo Amaro*, mas que se haviam dirigido para Mombaça.

Tendo partido de Moçambique em direcção a Portugal, depois d'uma longa viagem, obrigado pelos temporaes e ventos contrarios viu-se obrigado a retroceder para esta mesma cidade, aonde alguns dias depois chegaram tambem duas galeotas, e um patacho vindos de Goa. D'aqui tornou sahir a 14 de março.

Mas por erro do piloto teve o navio de arribar a Goa a 28 de maio, em cuja barra encontrou um patacho, que levava D. Francisco Manoel para Chaul, onde ia ser governador.

Pelo fim de setembro chegou a Goa um galeão, o qual noticiou que D. Affonso de Noronha fôra nomeado vice-rei das Indias, e que tinha embarcado n'uma esquadra composta de 5 navios e de 6 galeões.

Os portuguezes, que tinham levado a mal a ida d'um hespanhol como embaixador á Persia, agora procuravam embaraçar-lhe o regresso á Europa, motivo porque lhe não consentiram embarcar n'um de dois navios, que em março de 1622 sahiram de Goa para Portugal.

Logo no principio de março chegou uma fusta de Ormuz participando a perda d'aquella cidade.

[1] Wicqfort. — *L'Ambassade*, pag 871.

Digitized by Google

Passados alguns dias entrou o patacho de Cinde com parte da guarnição que se poude salvar.

A 22 d'agosto chegou o navio *S. Thomaz*, e por este se soube que a esquadra do vice-rei tinha voltado para Portugal.

Alguns dias depois chegou de Portugal o galeão *Trindade*.

No fim de setembro chegou um patacho de Moçambique com naufragos d'um navio portuguez.

Pelos fins de dezembro chegou o vice-rei com dois patachos.

Em abril de 1623 sahiu outro patacho para Portugal, mas tambem appareceram difficuldades para n'elle o embaixador não poder seguir viagem.

No principio d'outubro chegou de Lisboa um galeão com D. Filippe de Mascarenhas. Poucos dias depois veio uma galeota de Moçambique.

Apezar das mil difficuldades, que lhe oppunham, embarcou finalmente o embaixador em o navio *S. Thomaz*, e a 1 de fevereiro se fez á vela para Portugal.

É indispensavel ler esta viagem para ver o estado de desmoralisação, desleixo, e abatimento a que tinham chegado as cousas do Oriente. No emtanto, apezar de tão espantosa decadencia, o pavilhão portuguez tremulava frequentemente pelos mares Asiaticos. E hoje?

1457) **WIED (ALEXANDRE PHILIPPE MAXIMILIEN NEU).**

E. — *Reise nach Brasilien in den Jahren* 1815, 1817. Francfort, 1819-1820, 2 vol. (Viagem ao Brazil nos annos 1819 a 1820).

Ainda não encontrei exemplar algum d'esta publicação.

1458) **WILDE** (W. R. M. R. J. A). — Licentiate of the Royal College of Surgeons of Ireland, Member of the Dublin. Natural History Society etc.

E. — *Narrative of a vogage to Madeira, Teneriffe, and along the shores of the Mediterranean, including a visit to Algièrs, Egypt, Palestine, Tyre, Rhodes, Telmessus, Cyprus, and Greece. With observations on the present state and prospects of Egypt and Palestine, and on the climate, natural history, antiquities, etc of the countries visited.* In two volumes. Dublin, William Curry, Jun and Comps. 1840, 1.° vol. 464 pag. 2.° 495.

1459) **WILDENOW (CAROLI LUDOVICI).** — Med. D. Societ. Nat. Scrut. Turicens. Berol. Halan. Socii.

Publicou em Berlim a *Flora Cochinchinensis* do nosso celebre Padre João Loureiro com o seguinte titulo:

Flora Cochinchinensis, sistens plantas in regno Cochinchina nascentes, quibus accedunt aliae observatae in Sinensi imperio, Africa Orientali, Indiaque locis variis: omnes dispositae secundum systema sexuale linnæanum labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiae Scientiarum Academiae Ulyssiponesis Socii; olim in Cochinchina Catholicae Fidei Praeconis; ibique rebus Mathematicis, ac Physicis in Aula Praefecti. Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita Ulyssipone MDCCXC. Denuo in Germania edit cum notis. Impensis Haude et Spener,

Digitized by Google

prostratque Parisiis, apud I. J. Fuchs, Bibliopolam in Ripa Augustinorum, MDCCXCIII.

«N'esta edição de Berlim o illustre editor C. L. Willdenow reproduziu fielmente a edição de Lisboa, e só em notas ajuntou as observações criticas, que julgou dever fazer nos casos de determinação duvidosa, não avultando muito essas notas.» [1]

1460) **WILLK.**

E. — *Enumeratio plantarum novarum et rariarum quas in Hispania Australi regnoque Algarbiorum annis* 1845-1846 *legit.* Linnea, 1853.

1461) **WILLKOMM (DR. M).**

E. — *Zwei Jahr in Spanien und Portugal.* Leipzig, 3 vol, 2.ª edição, 1857.

1462) **WILL. (ISBRAND BONTECKOE).**

E. — *Journal of te etc. Ultrecht,* 1651. (Diario da memoravel relação de sua viagem ás Indias Orientaes nos annos de 1618, 1625).

1463) **WITHERING (VILLIAM.)**

E. — *Analyse chimica da agua das Caldas da Rainha.* Lisboa. Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1795, 4,° 61 pag. É escripto em inglez com a traducção portugueza ao lado.

1464) **WITTICH (DR. ALEX. VON).**

E. — *Erinnerungen an Lissabon.* Berlim, 1843.

1465) **WOLF (FERDINAND).** — Docteur en Philosophie, Conservateur da la Bibliotheque Imperiale de Vienne, Chevalier de l'Ordre Imperial Autrichien. etc. etc.

E. — *Studien zur Geschichte der Spanischen und Portugiesischen National-literatur.* Berlim, 1859

«Estes estudios han venido á consolidar la justa celebridad que alcanzaba ya entre los mas doctos criticos d'Europa.» [2]

O Sr. Wolf, que tambem escreveu uma *Historia da Litteratura Brasileira desde a descoberta do Brazil,* é um dos escriptores estrangeiros, a quem devemos maiores obrigações. É um escriptor conscienciosso.

1466) **WORTLEY (LADY EMMELINE STUART).**

E. — *A visit to Portugal and Madeira by the,* London, Chapman and Hall-1851, 8.°, 483 pag.

[1] Bernardino Antonio Gomes.—*Elogio historico do Padre João de Loureiro. Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa—Classe de Sciencias Moraes, Nova Serie.* tomo IV. Parte I. pag 21.

[2] Amador de los Rios.—*Historia critica de la Litteratura Española,* volume I, pag. LXXXVI.

Digitized by Google

A auctora chegou a Lisboa em 31 de outubro de 1851. Não tive tempo para ler detidamente esta viagem; julgo porém que o merece. D'ella existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

1467) **WURFBAIN.**

E. — *Reisebeschreibung welche etc.* (Description du voyage qu'il a entrepris en 1632 aux Indes Orientales, par ordre la Compagnie des Pays-Bas, et qu'il a terminé en 1646) Nüremberg, 1646, 4.°

1468) **WYTHFLIET** (C). — A. Magin et autres historiens.

E. — *Histoire Universelle des Indes Orientales et Occidentales, et de la conversion des Indiens par* —. Douai, 1611, fol.

Digitized by Google

Y

1469) **YOUNG.** — Allemão.

Escreveu uma grammatica portugueza, para uso dos allemães, mencionada por Link no fim do livro de suas viagens, mas que nunca vi.

1470) **YOUNG (WILLIAM).** — Officier au service de S. M. Britanique.

E. — *Le Portugal sous Don Miguel par —. Ouvrage traduit de Anglais par M. M. Nisard.* Paris, 1830, 8.°, XV, 335 pag.

O titulo d'esta obra em inglez é o seguinte. *Portugal in 1828, comprising a sketch of the state of private society and of Religion under D. Miguel.*

É a historia d'um inglez que, residente em Leiria, havia muitos annos, foi preso e accusado de ser pedreiro livre, pouco depois da acclamação de D. Miguel, como rei de Portugal. É interessante este livro para a historia d'aquella epocha. William Young por fim teve ordem para sahir do reino.

1471) **YVERSEN (ANDERSEN EN).**

E. — *Ost-Indische reyze.* Amsterdam, 1760, 4.°, (Viagem ás Indias Orientaes)

Digitized by Google

Z

1472) **ZANOLE (JULES).** — Em 1848 e 1849 era addido á legação franceza na China.[1]

I. E. — *Uma poesia dedicada a João Maria Ferreira do Amaral, governador de Macao.* Macao 1849, e uma *Descripção de Lisboa*, 1847 publicadas ambas em francez no 1 vol. do *Archivo Pittoresco.*

1473) **ZATA (ANTONIO).**

E. — *Lettera del magnifico Signor — a sua Eccellenza il Signor Duca di.* Fiorenza, 1761, 8.°, 28 pag. (Contra os Jesuitas.)

1474) **ZEILLERUS (MART).**

E. — *Itinerarium Hispaniae, oder Rains Reschreiburg durch die Konigreich Hispanien und Portugal.* Nurenberg, 1637.

1475) **ZINGARELLI (NICOLAU).**

E. — *Ines de Castro.* Opera, 1803.

1476) **ZINZERMAN.**

«Deve-se-lhe um poema sobre os desastre de Lisboa.»[2]

1477) **ZUGENBALG OU ZINGEMBAL (BARTHOLOMEU.).** — Dinamarquez.

E. — *Grammatica da Lingua Portugueza. Halae Saxonum.* 1716, 4.°.

1478 **ZUNIGA (IVAN ANTONIO DE VERE Y).**

E. — *Vida de la gloriosa santa Isabel, reyna de Portugal, à la Ill.ma y Ex.ma*

[1] Garrett.—*Romanceiro.*

[2] Antonio José de Lima Leitão.—*Tradução das Bucolicas de Virgilio.* pag. XVI.

Digitized by Google

Señora D. Inés de Zuniga duquesa de S. Lucar, condesa de Olivares. Buelta de Toscano en Español por. — Roma, 1625, 8.°

1479) ZURTA.

E. — *Dei viaggi e delle scoperte Africane di Cada Mosto.* Veneza, 1815.

Todos sabem que Cadamosto, italiano de nação, esteve muito tempo ao serviço de Portugal, bem como Americo Vespucci, e outros muitos viajantes estrangeiros cujos nomes hoje são famosos, e reflectem sua gloria sobre o nosso paiz, que lhes proporcionou os meios de se abalizarem. Por isso as viagens d'estes navegantes devem cansiderar-se como assumptos portuguezes, em quanto os viajantes estiveram em serviço d'esta nação.

Digitized by Google

Digitized by Google

SUPPLEMENTO

E

ADDITAMENTOS

AO

DICCIONARIO DE ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

«Lusitania!
La più bella del mondo e nobil parte!»
JOÃO BAPTISTA MARIN, *Flores Pindi.*

«Gentem vestram dico, id est Lusitanos jam
olim armis, imo et litteris inclytos.»
JUSTO LIPSIO.

Digitized by Google

O signal * indica que o artigo já appareceu, mas que passou ultimamente por algumas alterações.

Digitized by Google

A

«La societé de Geographie de Paris ne pouvait accueillir qu'avec le plus vif interêt le project formé par Son Excellence M. d'Andrade Corvo, de constituer á Lisbonne un centre scientifique, où la Géographie tiendrait une place importante. Une telle institution manquait au Portugal, dont le nom est placé au premier rang dans l'histoire des découvertes geographiques; dont les archives sont des plus riches qu'il y ait au point de vue de cette histoire, et dont le vaste empire touche d'ailleurs à des parties de la terre encore à peine connues.»

CH. MAUNOIR. Secretaire de la Societé de Geographie de Paris, 28 de outubro de 1875.

1480) **ACCOORT ENDE ARTICULEN** *Tusscheen de Croone van Portugal ende de koog mogende Peeren Staten Generael der vyde Nereenichde Nederdanden. Wegnes de West-Indesche Compagnie deser Landen t'Amsterdam.* Anno 1641, 8.°, 4 folhas sem numeração. M. S.

1481) **ACCOUNT (AN) OF PORTUGAL** *as it appeared in* 1766 *to Dumouriez since a celebrated General in the French army, printed at Lausane in* 1755. London, 1798, 8.° VIII, 274 pag.

1482) **ADVENTURE ADMIRABLE QUI CONTIENT** *un discours touchant les succès du roy de Portugal D. Sebastien depuis son voyage d'Aphrique uncquel il se perdit en* 1578, 1601, Ternaux Compans, pag. 95.

1483) **ADVYS OP DE PRESENTATIF VAN PORTUGAEL** *Het tweed Deel. Met een Remonstranci aen sijn Koninckliјche Majesteyt van Portugael by de Inwoonders Portugesen van de Capitanie van Pernambocq overgelevert.* 1648, 37 pag. M. S.

1484) **AFFECTING STORY (THE)** *of Lionel and Arabella, who first discovered the Island of Madeira, and perished there. With the voyage of Juan Gonsalvo Zarco, who completed the discovery of the Island. From the portuguese.* London, 1756. (Commovente historia de Leonel e de Arabella, os primeiros que descobriram a ilha da Madeira. etc.)

Digitized by Google

1485) AFRICANISCHEN KRIEGSBESCHREIBUNG *sampt der Portugalesern schrcklicken Nideriag.* (Historia da guerra d'Africa e da espantosa derrota dos portuguezes). Basel, 1581, T. Compans, pag. 291.

1486) ALAMADINI. (F).

E. — *Historische Beschreibung der in dem untern occidenta lischen Mohrenland liègenden drey Konigreichen Congo, Matamba und Angola, von J. A. Cavazzi.* Miinchen, 1694. (Descripção dos tres reinos de Congo, Matamba e Angola, que se acham na parte Occidental e inferior do paiz dos negros per—.)

1487) ALCANTARA (D. EMILIO LAFUENTE Y).

E. — *Siguidilhas em honra de Santo Antonio de Lisboa.*[1]

A' San Antonio le pido
Que me dé conformidad,
Que los bienes de este mundo
Dios los quita y Dios los dá.

Que tienes con San Antonio
Que tanto te acuerdas de el?
— San Antonio está en el cielo,
Quien estuviera com el?

San Antonio está en el cielo
Eso no lo ignoro yo,
Y tambien está en la tierra
La Antonia que adoro yo.

La estampa de San Antonio
Siempre la llevo en el pecho,
Quando me acuerdo de Antonio
Saco la estampa y la beso.

San Antonio lleva el nino,
Santo Domingo la estrella,
Y San Juan lleva la palma:
Entienda-me quien me entienda.

Tan impossible lo hallo
El duvidar tu carino,
Como llegar á quitarle
A' San Antonio su nino.

Ni mi padre, ni tu madre,
Ni San Antonio bendito
Me pueden a mi quitar
Que yo te quiera un poquito

Anque me digan de ti
Lo que dicen do demonio,
Yo te tengo de querer
Carita de San Antonio.

San Antonio bendito,
Ramo de flores,
A las descoloridas
Dales colores

La primera verbena
Que Dios envia,
Es la de San Antonio
De la florida.

De San Antonio venge,
Antonia mia,
Solo de ver el Santo
Tengo alegria.

Tienes una carita
De San Antonio,
Y una condicioncita
Como un demonio.[2]

[1] No *Cancionero Español.*

[2] Pela leitura da obra—*Embayxada do Conde de Villa Mayor Fernando Telles da Sylva, de Lisboa á Còrte de Vienna*, composta pelo padre Francisco da Fonseca, e impressa em Vienna d'Austria no anno de 1717, vê-se que o culto de Santo Antonio de Lisboa era mui vulgar na Allemanha.

Digitized by Google

1488) **ALCOCK'S (THOS).**

E. — *Sermons on the late earthquakes, more particularly that of Lisbon.* London, 1760. (Discursos acerca dos ultimos terremotos, principalmente a respeito do de Lisboa).

1489) **ALEGAMBE (PHIL).**

E. — *De vita et moribus Patris Johannis Cardim Lusitani S. J.* Monachi, 1746.

1490) **ALLAIN.**

E. — *St. Paul de Loanda et le pays d'Angola.* Publicou-se no *Bulletin de la Societè de Geographie,* agosto de 1869, pag. 162 a 166.

1491) **AMATI.**

E. — *Vita del P. Gonzalo de Silveira, martire.* Roma, 1612, 12.°

1492) **AMSTERDAMS DAM-PRAETJE,** *van Wat Outs en wat Nieuws eu Wat vreemts. Tot Amsterdam.* Anno 1643, 20 fol. sem numeração, M. S.

1493) **AMSTERDAMS TAFEL-PRAETJE** *van Wat goets en wat Quaets en Wat Naodichs. Tot Gouda.* Anno 1649, 16 fol. sem numeração.

1494) **AMSTERDAMSCHE VEERMAN OP MIDDELBURGH.** *Tot Ullissengen* 1650. 6 folhas, (Parece versar sobre os negocios do Brazil).

1495) **AMSTERDAMS VUUR-PRAETJE** *van 't Een ende 'tanter datter nu om gaet. t' Amstelredam.* Anno 1649, 18 folhas sem numeração. M. S.

1496) **ANALES DEL TAJO.** Lisboa, folheto de 8 paginas. É uma lamuria dirigida ao Tejo, cujo sentido se não percebe. Não designa nem a data nem a typographia.

* 1497) **ANCHIETA (JOSÉ DE).**—V. o art. n.° 30.

E. — *Epistola quamplurimarum rerum naturalium quae S. Vincentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens discriptionem a Didaco de Toledo Lara Ordonhez adjectis annotationibus edita: jussuque Regiae Scientiarum Academiae Olisiponensis. Ejus memoriis ad historiam transmarinarum nationum conscribendam proficientibus adjecta.* Olisipone, Typis Academiae, Anno 1799, 4.°, iv, 46 pag. (Epistola apresentando a descripção de muitos objectos naturaes que se encontram em S. Vicente agora S. Paulo, etc.)

1498) **ANMUTHGE LIEBESCHICHTE** *des D. Printz Roberts mit der Princessin Anna d'Arfet, die sich in der Insel Madera begebén.* 1694.

(Historia curiosa dos amores do principe Roberto com a princeza Anna d'Arfet, que se encaminharam para a Ilha da Madeira) T. Compans, pag. 267.

Digitized by Google

1499) **ANNO ANTONIANO,** *ossia concetti e meraviglie proposte in divoti di S. Antonio de Padoa.* Fossombrone, 1861, 16.°, 4 vol. [1]

1500) **ARGENSOLA (BARTHOLOMEO LEONARDO).** — Escriptor hespanhol nascido em 1566, e fallecido em Saragoça no anno de 1631. [2]

E. — *Conquista de las Islas Molucas*, Madrid, 1609, fol. Foi esta obra traduzida em francez.

Todos sabem a grande lucta, que por largos annos se travou entre hespanhoes e portuguezes ácerca da posse d'estas ilhas. É este o motivo, porque a obra de Argensola póde interessar áquelles, que estudam nossos antigos feitos.

1501) **ARTICULEN ENDE CONDITIEN** *gemaeck by het overleveren van Brasilien, Alo mede het Recif, Maurite Stadt ende Tor ten ende sterckten daer aen de penderende, Gesloten den* 26 *de January* 1654. *In S. Gravenhage.* Anno 1645, 8 pag. M. S.

[1] Visto fallar-se de Santo Antonio não será mui fóra de proposito dizer que uma das mais celebres biographias d'este nosso tão famoso compatriota foi composta em italiano pelo padre portuguez Manoel de Azevedo, e impressa em Veneza no anno de 1788.

[2] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. III, pag. 119.

Digitized by Google

B

«Nullam unquam nationem orbis vidit vehementiorem vel quae tantum terribilitatis et furoris haberet ut Lusitani, quorum immensae navigationes et prodigiosa facinora sunt magis vera quam incredibilia.»

JOANNES BOTERUS, *Relationes mundi.*

1502) **BALDÉE (P).**

E. — I. *Description de la côte des Indes Orientales, Malabar, Coromandel, Ceylan. etc.* Amsterdam, 1671, fol. [1]

II. *Beschryving von der Ost-Indischen Landschapen Malabar, Coromandel, Ceylan.* Amsterdam, 1671, fol.

1503) **BARCIA (D. ROQUE —).**

E. — *Poesia á el Tajo por —. Con el juicio critico de la «Illustracion Ultramarina.» Periodico que ve la luz publica en Londres, en el cual fué inserta dicha poesia.* Lisboa, 1867, 8.°, 70 pag.

Al pié sentado de arboles umbrosos
Casi me consolé de mis reveses:
¡ Que floridos, que alegres, que frondosos
Son los hermosos campos portugueses!

Miro aqui el Tajo que á las playas corre,
Allá una nave de pujante proa;
Allá a lo lejos la moruna torre
De una bella ciudad: Salve, Lisboa!

Y quizá un dia (aunque no sepa cuando)
Entre torrentes de materia informe,
Nade sobre tus aguas chispeando
De hondo volcan la catarata enorme.

[1] Ha poucos dias (novembro de 1877) trouxeram os jornaes a noticia de que o Papa Pio IX obrigara o patriarcha de Babylonia a restituir umas duzentas egrejas, que na costa do Malabar andavam usurpadas ao real padroado portuguez.

Digitized by Google

Y acaso esa ciudad, raro portento,
A eterna perdicion la frente inclina,
Y tus ondas, en curso macilento,
Resarán sollozando su ruina.

* 1504) **BARET (EUGÉNE).** V. o art. n.° 79. — Professeur de litterature étrangère á la faculté des lettres de Clermont, Associé etranger de l'Academie d'histoire de Paris.

E. — *Les troubadours et leur influence sur la litterature du Midi de l'Europe avec des extraits et des piéces rares ou inédites, par —, troisième edition* Paris, 1867 8.°, x, 481 pag.

«Quizemos tornar esta obra ainda mais digna do acolhimento, que recebeu tanto na França, como no estrangeiro, applicando a Portugal e á Italia, em dois capitulos inteiramente novos, as considerações que tinham sido apresentadas na primeira edição relativas á influencia dos trovadores sobre a litteratura e civilisação d'Aragão e de Castella.....

«Sabe-se quão prodigiosa revolução se operou na Italia, desde 1858. Lisboa ficou posta a tres dias de Paris, a antiga distancia de Toulose, e nada é mais interessante do que notar os esforços continuos para o progresso, que n'este momento, se executam em Portugal. Que este paiz não cesse de ter seus olhos voltados para as imagens de seus avós: que se lembre do seu nobre duque de Coimbra, do regio auctor do *Leal Conselheiro*, e do vasto movimento scientifico, intellectual e moral, que preparou os reinados de João II e de Manoel. Verá, pela comparação com o passado, que a verdadeira fonte do poder, mesmo da riqueza, não reside n'outra parte, senão na vitalidade energica da alma.»

Este mesmo Baret é o autor da obra sobre o Amadis de Gaula mencionada no artigo N.° 79 d'este diccionario.

Deve-se porém confessar que este ultimo livro não produziu o convencimento, pois ainda ha pouco o sr. Benjumea no seu bello trabalho sobre o nosso *Palmerin d'Inglaterra* assevera ser o Amadis de Gaula «el tronco y raiz de los *Amadises*, que sin duda alguna procede tambien de la Lusitania.»

1505) **BARTHOLI.**

E. — *De vita et rebus gestis Sancti Francisci Xavieri.* Lugduni, 1666. (Sobre a vida e acções de S. Francisco Xavier.)

1506) **BASAPOPI.**

E. — *Raguaglio delle guerre de Calecut.* Venezia, 1661.

1507) **BEGIN ENDE VORTGANG ETC.** *Commencement et progrès de la Compagnie des Indes Orientales des Pays Bas, contenant les principaux voyages etc.* Amsterdam, 1646, 4 vol, 4.°, com estampas.

1508) **BENEFICIA ET MIRACULA** *Sancti Francisci Xavieri Indiarum Apostoli.* Antwerpiae, 1658. (Beneficios e milagres de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias).

Digitized by Google

* 1509) **BENJUMEA (NICOLAS DE).**—V. o art. n.º 111.

E. — *Discurso sobre el Palmerin de Inglaterra y su verdadero autor presenteado a la Real Academia de Ciencias de Lisboa.* Lisboa, 1876, fol, 87 pag. [1]

O Sr. Benjumea com este seu trabalho prestou grande serviço ás lettras portuguezas, provando até á evidencia, contra a opinião do Sr. Paschoal Gayangos, que a obra é originalmente portugueza, e que só no original portuguez é que se póde entender o sentido d'algumas pessagens, que estão mutiladas na versão hespanhola feita em Toledo, e a qual pretende o Sr. Gayangos que seja a primeira edição que se fez do celebre romance *O Palmeirin d'Inglaterra.*

1510) **BERCHTOLD (LEOPOLDO —).** Cavalleiro da Ordem militar de Santo Estevão de Toscana. [2]

E. — I. *Ensaio de varios meios com que se intenta salvar e conservar a vida dos homens em diversos perigos, a que diariamente se acham expostos.*

II. *Ensaio sobre a extensão dos limites da beneficencia a respeito assim dos homens, como dos mesmos animaes.*

* 1511) **BERMUDES.**—V. o art. n.º 112.

Ácerca da tragedia de D. Ignez de Castro póde tambem ler-se Bouterwek, *Histoire de la litterature Espagnole, traduite de l'Allemand par Jean Muller.* Paris, 1812, vol. I, pag. 356 e seguintes.

1512) **BERNARD (L).**

E. — *Neue Reise durch England und Portugal.* Hamburg, 1802.

1513) **BERNARD (MAD. E.)**

E. — *Briefe uber England und Portugal.* Hamburg, 1808, 2 vol.

1514) **BESCHREIBUNG DER INQUISITION VON GOA.** 1698. T. Compans, pag. 273 (Descripção da Inquisição de Goa.)

1515) **BESCHREIBUNG DER JUNGST,** *abgesandten Japonischen Legation.* Delligen, 1587, 4.º (Descripção da viagem da embaixada enviada ultimamente do Japão a Roma e d'alli a Portugal, até a sua sahida de Lisboa.)

1516) **BESCHRIJVING VAN'T CONGO ETC.** Amsterdam, 1650 4.º (Descripção do Congo.)

1517) **BIANFORDI (F. J.)**

E. — *Successos de la provincia del Alemtejo.* Primeira parte.

[1] No artigo 111 do 1.º volume deste *Diccionario* leia-se Benjumea, em logar de Berjumea, que passou por engano.

[2] Veja-se o N.º 6663 do *Jornal do Commercio de Lisboa.* (Janeiro de 1876).

Digitized by Google

1518) BIONDI.

E. — *Viaggio nel regno del Congo.* Bologna, 1674.

* 1519) BIRAGO. — V. o art. n.° 126.

E. — I. *Historia della disunione del regno di Portugallo dal Corona di Castiglia. Con l'aggiunta di molti cose notabile del P. Fra Ferd. Helveo.* Amsterdam, 1647, 8.°

II. *Historia del regno di Portugallo, Lione,* 1646, 4.°

* 1520) BLANC (VINCENT LE). — V. o art. n.° 130.

E. — *Voyage aux quatre parties du monde, savoir: aux Indes Orientales et Occidentales, en Perse, et au Pegu, aux royaumes de Fez, de Maroc, de Guiné et dans toute l'Afrique intérieure, depuis le Cap de Bonne Esperance jusqu'a Alexandrie, publié par P. Bergeron.* Paris, 1649, Troyes, 1658, 4.°

1521) BLOXAM (JAS. MACKENZIE).

E. — *On Climate of the Isle Madeira. A Letter to Dr. Lund.* London, 1855

1522) BLUNDELL (DR. ED. S).

E. — I. *Narrative of the Committee of British Civil and Military Claimants on Portugal.* 1839.

II. *British and Military Claimants on the Portuguese Government.* 1835.

1523) BOISGELIN (LUIS).

Continuou a *Historia das Revoluções de Portugal* pelo Abbade Vertot.

1524) BOLLUOT (MR. ANTONIO).

E. — *Reflexiones de un emigrado sobre la posicion historico-geografica y politica de España y Portugal desde la invasion de los cartagineses hasta nuestros dias, por* —. Logroño, 1843, 8.°

1525) BOUGEAULT (ALFRED).

E. — *Histoire des Litteratures Étrangères par* —. *Tome Troisième, Litterature italienne, espagnole, portugaise, grecque moderne.* Paris, 1876.

Corre a litteratura portugueza desde pag. 447 até 518.

«É a lingua portugueza menos gutural que a hespanhola, e por isso é uma lingua mais doce, mais harmoniosa e mais adaptada a exprimir os sentimentos ternos e melancholicos; aproxima-se singularmente do idioma provençal. No emtanto o hespanhol e o portuguez são duas linguas irmãs, e vêmos varios escriptores servirem-se simultaneamente tanto d'uma, como d'outra.»

* * *

«Foi, porém, no genero bucolico que a poesia portugueza obteve seus mais brilhantes triumphos. N'este paiz tão rico e tão fertil, onde a terra produz quasi

Digitized by Google

sem cultura os fructos mais delicados, a indolencia natural fez com que desprezassem a agricultura e a industria; mas a vida pastoril tomou uma grande extensão, e a doce influencia do clima, favoravel a uma imaginação scismadora, desenvolveu as faculdades poeticas ao contacto das maravilhas da natureza, e dos encantos da vida campestre. Eis porque o primeiro poeta notavel, que encontramos na entrada do grande seculo litterario, é um poeta bucolico Bernardim Ribeiro. Fez consistir o ideal da vida humana na vida dos campos, e debaixo de nomes suppostos, poude pintar mais livremente os sentimentos, que agitavam sua alma; eis porque os exprimiu com uma ternura graciosa, e uma franqueza, que se torna amavel.

Ribeiro escreveu tambem em prosa um romance pastoril—*Menina e Moça*, Serviu este romance de modelo á *Diana* de Jorge de Montemayor, a qual foi ella mesma o typo escolhido por Honoré d'Urfé na sua *Astrée*. Assim, veiu talvez de Portugal toda essa escola de poesias pastoris allegoricas e requintadas, de que a Hespanha e a França foram innundadas no fim do seculo XVI.»

***

«Ferreira deu provas d'um verdadeiro talento dramatico na sua Ignez de Castro, assumpto, que tentou tantos escriptores de Portugal, e d'outros paizes. Para bem julgarmos esta tragedia cumpre recordarmo-nos da epoca, em que ella foi composta. Decorria metade do seculo XVI: a renascença classica ainda não tinha produzido para o theatro mais do que a *Sophonisba* de Trisino: Jodelle, na França, ia appresentar a sua *Cleopatra*, e a sua *Dido*. Inspirando-se unicamente no theatro grego, mas applicando-o a um assumpto nacional, compoz Ferreira uma obra imperfeita, é verdade, mas que tem alguma coisa da grandeza e da simplicidade antigas. Na sua inexperiencia, nenhum partido tirou da paixão do infante D. Pedro a D. Ignez: não apparece este principe na scena mais do que no primeiro acto, para fallar de seu amor com seu confidente, e no ultimo para se carpir da sua desgraça. Porém o poeta empregou muita arte para justificar a ordem cruel, que dá o rei Affonso de mandar matar a desditosa Ignez: faz ver a razão do Estado, o voto popular e a influencia dos conselheiros. O caracter de Ignez, cheio de paixão, de dedicação e grandeza d'alma, offerece bellezas patheticas. Admiram-se principalmente os córos, cujo lyrismo elevado, traz á memoria muitas vezes as poeticas inspirações do drama antigo. O espirito cavalheiresco addiciona a esta peça a elevação do sentimento moderno, e apezar da falta d'acção, produz n'algumas scenas uma profunda commoção.»

«Ainda isto não é tudo: Ferreira abriu tambem á comedia novos caminhos. O *Cioso* d'este auctor é a primeira comedia de caracter, que se viu em Portugal, e até mesmo na Europa.

***

«Gil Vicente não deu sómente o primeiro impulso ao drama portuguez, precedeu elle perto d'um seculo os auctores dramaticos de Hespanha. Lope de Vega e Calderon nada mais tiveram do que seguir seu exemplo aperfeiçoando-o: teem

Digitized by Google

elles mais imaginação, mais invenção e variedade, uma poesia mais brilhante e rica, cumpre porém não esquecer a differença das datas: um seculo devia ter acrescentado muito á experiencia e desenvolvimento dos escriptores hespanhoes.»

Portugal tem ainda a gloria de ter aberto, com Gil Vicente, a carreira dramatica ao resto da Europa, pois que, em nenhúm paiz, no começo do seculo XVI se teria achado um theatro, que tivesse tanta invenção, naturalidade e verdadeira poesia.

***

«A litteratura portugueza bem pobre em illustrações litterarias, tem no entanto um poeta que ella póde oppôr aos maiores, aos mais gloriosos dos outros paizes: este poeta é Luiz de Camões, auctor dos *Lusiadas*. Como Homero, o principe dos poetas epicos, e como Dante e Tasso, teve de luctar contra a ingratidão da sorte.» [1]

***

«João de Barros estava bem collocado para conhecer a fundo os logares, os successos e os homens, dos quaes falla; além d'isso, não se forrou nem a trabalho nem a pesquizas para chegar á verdade: tanto era a consciencia, que elle tinha da importancia de sua obra! Foi o primeiro, que fez bem conhecer essas vastas regiões recentemente abertas ás avidas conquistas dos europeus, e mesmo em nossos dias ainda o consultam com proveito. Como a de Camões, é sua pena guiada pelo ardor da patriotismo; falla com enthusiasmo das façanhas e da grandeza do povo portuguez, e pinta perfeitamente o caracter nacional, pois não procura disfarçar nem os defeitos, nem a cubiça, nem a ferocidade mesmo, de que deram provas seus compatriotas n'essas guerras remotas contra os mouros e indios. Tudo isto lhe parece natural: o espirito de conquista e de dominação cobria todos estes excessos, e a epocha não se prestava aos sentimentos humanitarios, dos quaes um historiador moderno não poderia fugir.»

«Como escriptor, Barros é cheio de fogo, de energia e de animação, ainda mais, os portuguezes admiram no seu estylo a pureza, a elegancia, e o torneado do periodo.»

***

«Rodrigues Lobo, o *Theocrito portuguez*, poeta bucolico, não se conservou fiel á simplicidade da natureza: tinha o gosto delicado e requintado, occupava-se muito com a escolha de palavras, e habil disposição dos periodos: poderia ter seu logar ao lado de Mademoiselle Scudéry, no salão azul de Arthenice.»

«Os portuguezes, podem diliciar-se com a pintura d'essa vida campestre, doce e contemplativa, que corresponde a uma necessidade, e a um habito da

[1] A biographia resumida do poeta e a analyse de suas obras occupam de pag. 461 até 475.

Digitized by Google

imaginação d'elles: porém possue apenas um interesse mediocre para os estrangeiros, habituados a um lyrismo mais verdadeiro, ou ao desenvolvimento de uma acção mais dramatica. Assim é que o gosto varia de um povo para outro: é preciso não lhe applicar regras excessivamente absolutas. Os hespanhoes, tão visinhos dos portuguezes, fazem uma idéa inteiramente differente da poesia, e preferem a pintura da vida activa.»

* * *

«Antonio Diniz da Cruz e Silva, o *Pindaro portuguez*, não é indigno d'este nome glorioso. Suas *Odes* são com effeito o que elle escreveu de mais magestoso, e de mais verdadeiramente poetico... Mais existe uma obra, que contribuiu mais que nenhuma outra para tornar seu nome vulgar aos estrangeiros. É o seu encantador poema satyrico e comico O Hyssope. O *anel de cabellos roubado*, de Pope, e a *Estante do Coro*, de Boileau, poder-lhe-hiam ter servido de modelos, mas é certo que nem por isso deixa de ser original pela agudeza de seu espirito, pintura dos caracteres, e pela naturalidade e variedade. O poeta portuguez respeitou bem a côr local, e apresentou uma pintura engraçada da sociedade do seu tempo: ha até mesmo muitas passagens e allusões que são ininteligiveis para o leitor moderno.»

* * *

Cumpre de passagem render uma homenagem aos trabalhos da Academia das Sciencias, que tem prestado, ha um seculo, grandes serviços ao desenvolvimento intellectual da nação. A Academia tem prestado relevantes serviços ás sciencias e ás lettras com a publicação de diversas obras, memorias e documentos de todo o genero.

1526) **BOUHOURS (LE R. P.).**

E. — *Vie de Saint François Xavier, Apôtre des Indes et du Japon, par —, suivie de l'eloge de ce saint, de son petit Office et de ses litanies, en latin et en français. Nouvelle edition, augmentée du Précis de la Vie du P. Charles Spinola et de la Relation du grand Martyre du Japon, em* 1622, *par le R. P. D. Orleans.* Poitiers, 1839, 8.°, 504 pag.

«É preciso fazer justiça a Hespanha e a Portugal, confessando que só estas duas nações deram maior numero de obreiros evangelicos á conversão dos americanos, dos asiaticos, dos chins e dos japonezes, que todos os outros reinos christãos juntos.» [1]

1527) **BRAMFELS (DR. LUDWIG).**

E. — *Historischer verpich uber den Roman Amadis von Gallien.* 1876. 8.°, com perto de duzentas paginas. (Sobre as origens do Amadis de Gaula).

«O auctor inclina-se á origem hespanhola d'esta novella, mas os seus argumentos são inconsistentes e imaginarios. Reproduzindo o estado da questão tal

[1] *Histoire generale des Missions Catholiques. (Archivo Pittoresco* 1868, pag. 215.)

Digitized by Google

como a deixou D. Paschoal Gayangos, repete as palavras de Theophilo Braga no opusculo *Origem portugueza de Amadis de Gaula* (Revista de Philologia Romana fasc. II, Roma) sem comprehender o portuguez, e por tanto imaginariamente. A missão d'este escripto seria legitimamente manter a imparcialidade critica entre os mantenedores hespanhoes e portuguezes e decidir sobre o valor dos argumentos. Nada disto fez, e por conseguinte o problema ainda ficou insoluvel.» [1]

1528) **BRAY**

E. — *Iguez de Castro.* Tragedia em inglez. Paris, 1875.

Falla de esta obra o Sr. Visconde de Castilho, (Julio) no seu drama intitulado *D. Ignez de Castro.* pag. 345.

A respeito dos tres artigos Bray tenho varias duvidas, mas actualmente não me acho habilitado para as resolver. Preciso examinar as obras mencionadas nos artigos 172 e 173, para ver se o auctor é o mesmo, se as obras são as mesmas, e se ha mistura de palavras em o n.º 173. Mas que fazer? Não me consta da existencia de nenhum exemplar nem nas bibliothecas publicas, nem em poder de algum particular. Fica de remissa para outra edição.

1529) **BUALDI (MICHEL ANGELO).**

E. — *L' India Orientali sogettata al Vangelo.* Roma, 1653, 4.º

1530) **BUCHANAN (JORGE).** — Lente da Universidade de Coimbra em 1542. Nasceu na Escocia em 1506 e falleceu em 1616. [2]

«Buchanan aos 14 annos de edade foi mandado por um tio aprender na Universidade de Paris, onde se entregou muito á lição dos poetas latinos, e em pouco tempo se tornou um dos mais perfeitos escriptores latinos dos tempos modernos. Seguiu, segundo parece, por pobreza a vida militar por algum tempo, e depois forneceram-lhe meios para partir para a universidade de Saint Andrews, onde foi admittido como alumno gratuito.

«João Mair, mais conhecido pelo seu nome de Major alatinado por Buchanan, estava então lendo nesta universidade grammatica e logica. Logo foi informado dos talentos extraordinarios do estudante pobre, e immediatamente o tomou debaixo da sua protecção. Buchanan era dotado d'um temperamento ardente, e ao mesmo passo susceptivel de tomar qualquer direcção que seus amigos lhe quizessem dar; e de mais, d'um caracter indagador, e que jamais poude soffrer um absurdo.

«Assim não podia deixar d'encontrar grande deleite nas doutrinas que o *Major* professava. Elle sustentava a superioridade dos concilios geraes sobre o Papa; negava que elle tivesse algum direito ao poder temporal: — e defendia que os dizimos eram uma instituição meramente humana, que podia ser alte-

[1] Fui obsequiado com este artigo pelo Ex.mo. Sr. Theophilo Braga, dignissimo professor do Curso Superior de Lettras.

[2] *Revista Litteraria Portuense*, Vol. I pag. 331.

Digitized by Google

rada, ou mudada pela vontade do povo. — Nas materias politicas a sua crença coincidia exactamente com as opiniões publicadas por Buchanan; — que a auctoridade dos reis não era de direito divino, mas proveniente do povo; — que por uma convenção legal dos estados, um rei em caso de tyrannia, ou de mau governo, podia ser processado, esbulhado do poder, e mesmo punido segundo as circumstancias.

«Se pois *Major*, que era um homem fraco, e de talentos pouco transcendentes teve tal preponderancia nas opiniões de Buchanan, muito mais devia ter João Knox, o celebre reformador Escocez, que era seu condiscipulo em Saint Andrews. Aqui travaram ambos uma estreita amisade que só acabou com suas vidas. Estes dois homens logo descobriram o methodo absurdo porque então se ensinava a logica. Buchanan nos diz que o seu verdadeiro nome devia ser *arte de sophisticar*. Seus mutuos estudos para estabelecer melhores raciocinios produziram grande effeito no methodo de ensino publico.

«Depois que Buchanan acabou os seus estudos em Saint Andrews, tendo tomado o grau de Bacharel em artes, acompanhou *Major* a Paris, onde a sua attenção se voltou seriamente para as doutrinas da reforma que por este tempo se discutiam fortemente; mas quer por medo das consequencias, quer por outros motivos, ainda então se não declarou Lutherano. Por espaço de cinco annos permaneceu fóra da patria, algumas vezes empregado, e outras a braços com as maiores precisões; até que voltou á Escocia com o Conde de Cassilis, que o havia tomado para seu companheiro de viagem. Seu nobre patrono o apresentou na côrte de James V, pae de Maria Stuart, e este monarcha o encarregou da educação de seu filho natural James Stuart, depois o abbade de Kelso.

«Emquanto permaneceu na Côrte, como estava pouco occupado, divertiu-se em escrever uma satyra mui severa contra os frades, á qual chamou «*Somnium*» Figura nesta pequena obra que S. Francisco lhe apparecera em sonho e o convidára a que se fizesse frade da sua ordem. O poeta responde que elle é improprio para tal fim, porque se não encontrava com disposições para ser impudente, enganador e pedinchão, e que além disso acreditava que mui poucos frades tinham a fortuna de chegar ás portas do paraizo.— Esta pequena satyra era mui bem escripta e demasiado acerba para não chamar a attenção; e os queixosos representaram coutra elle ao rei; mas como Buchanan lhe não tinha posto o seu nome, a queixa ficou nulla por falta de provas. Pouco depois os Franciscanos cahiram no desagrado na Côrte, e o mesmo rei instigou o poeta a renovar o ataque. Obedeceu, mas não satisfez o odio do monarcha em uma ligeira publicação. Sendo-lhe ordenado que fosse mais severo, appareceu com a sua famosa satyra intitulada *Franciscanus* na qual poz em pratica todo o seu espirito e poesia para atacar esta desgraçada ordem. O argumento do poema é o seguinte: suppõe o poeta que um seu amigo está mui desejoso de entrar na ordem Franciscana, ao qual elle diz que já tivera as mesmas tenções, mas que fôra despersuadido por uma terceira pessoa pelas rasões que passa a relatar. Refere-se então ao mau comportamento dos membros da ordem, segundo se colhe das abominaveis lições que põe na boca de um velho frade, mestre de

Digitized by Google

noviços. Não dá a este frade o caracter d'um ignorante, mas antes o apresenta contando uma historia habilmente traçada, e espraiando-se em todo o requinte da maldade que tem aprendido com a idade, e publicando n'este sentido as cousas do convento sem temor, nem escrupulo. — O latim é puro e isempto dos barbarismos d'aquelle tempo.

«Publicada esta satyra tão mordaz, não admira que a ordem injuriada fizesse uso de todos os meios ao seu alcance para perseguir o seu auctor. O Rei, homem fraco e versatil, depois de ter sido muito importunado, consentiu que Buchanan fosse preso em 1559 sob pretexto de heresia, juntamente com outros muitos que haviam publicado as suas idéas ácerca da Igreja Escoceza. Sobre todos o cardeal Beatoun fez os maiores esforços para alcançar sentença contra elle. Porém os amigos de Buchanan o avisaram a tempo dos desejos do prelado; e como não estivesse vigiado com grande cuidado, poude escapar-se pela janella da prisão, e fugiu para Inglaterra. Achando que alli não estava seguro, pois que Henrique VIII mandava então queimar no mesmo dia e com a maior imparcialidade, catholicos e protestantes, passou pela terceira vez á França. Chegando a Paris achou o seu antigo inimigo, o Cardeal Beatoun, embaixador na côrte de França, e receando que elle podesse alcançar meios de o prender, resolveu acceder ao offerecimento de um sabio Portuguez, André de Gouvêa, para ser professor no novo collegio de Bordeaux. Durante a sua residencia n'aquella cidade, compoz as suas famosas tragedias latinas *Jephtes* e *Joannes Baptistes*, e traduziu a Medea e Alcestes de Euripides para verso latino. Estas duas ultimas mostram que não era superficial o seu conhecimento do grego.

«Depois de ter persistido n'este emprego por espaço de tres annos, Buchanan, a instancias da Côrte de Portugal, veiu com Gouvèa, para lente da Universidade de Coimbra. Antes de partir para Portugal fez saber a ElRei que havia escripto o seu poema — *Franciscanus* — por ordem do seu soberano, esperando por isso que não seria inquietado por aquella causa. ElRei lhe prometteu a sua protecção. Não havia muito tempo que residia em Coimbra quando foi pelos frades accusado de heresia; e ElRei, esquecido da sua promessa, ou por a não poder sustentar, lhes permittiu que o tivessem recluso em um convento, com o fim, segundo diziam, de o resgatar á fé catholica. Ali lhe deram como pena, a tarefa de traduzir os Psalmos de David da Vulgata para verso Latino. Isto cumpriu elle admiravelmente, e esta producção gosa da reputação de exceder tudo o que existe n'este genero. Pouco depois sahiu d'esta prisão, embarcou-se para Inglaterra; e depois de se demorar ali algum tempo voltou para França.»

1531) BUCQUOI (JACOB DE).

E. — *Reyse naar etc.* Amsterdam, 1658. (Viagem ás Indias Orientaes.)

1532) BUSSCHE (EMILE VANDEN).

E. — *Memoire sur les relations qui existerent autrefois entre les Flamands de Flandres, particulierement ceux de Bruges et les Portugais.*

Digitized by Google

«N'esta memoria se encontram importantes noticias ácerca do infante D. Pedro e da rica bibliotheca do portuguez João Vasques, sobre João Fernandes de Lucena, e ácerca d'outras particularidades do principio do seculo xv.» [1]

1533) BUSSIÈRE (JEAN DE).

E. — *La vie de St François Xavier*. Lyon, 1671.

[1] Noticia dada pelo Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

C

«Sentaronse, pues, y publicaronse treguas por seis años, con ciertas condiciones. La principal era, que se restituyssen unos à outros las plazas, que tenian, y se avian ganado; en lo qual fue muy beneficiado el Portuguès, yà sea Rey de Portugal, ya Castilla le apellide rebelde. Mucho se le daba al de Avis del apellido, quando todo lo que el llamava reyno suyo le aclamaban, y obedecian por Rey. Lo mismo, por nuestras culpas, passa el dia de oy, quando esto escrivo, principios del año de sesenta y seis; pues aviendo-se hecho Rey el de Berganza, y sustentando se en su rebeldia veinte y cinco años, por mas que Castilla le ultraja de rebelde, ha venido à alcanzar, que se esté tratando casi de las mismas treguas y suspension de armas, con que al modo que el que vamos diciendo querra perpetuarse la Corona para siempre. Abra los ojos Castilla.»

Los reys nuevos de Toledo, pag. 387.

1534) **CADAVAL (ALVARO DE — VALLADARES DE SOTOMAYOR).** — Nas suas obras assignava-se Cadabal Gravio Cabydonio Tydense. [1] Este escripter, natural de Tuy, escreveu:

E. — I. *Encomiaston ad magnificentissimum, illustrissimumque principem Antonium Serenissimi nec non Serinissimi Principis Ludovici clarissimi filii, fortunatissimi Christianissimique Lusitaniae regis Emmanuelis nepotem.*

II. *In Roderici Pinarii Portugalensis episcopi laudes. Opus quod «Pithyographia» inscribitur.* Lisboa, 1568.

Cadaval, quando n'uma occasião ia de Lisboa para Tuy, cahindo do cavallo e ficando em perigo de vida, ao chegar ao Porto mandou dar conta do seu estado ao bispo d'aquella cidade, que então se achava na Quinta chamada de Santa Cruz da Maya. O bispo mandou buscal-o, tratou d'elle, e lhe salvou a vida. Eis porque escreveu o poema *Pithyographia*, no qual descreve as bellezas da quinta, a amenidade do rio Leça que a banha, e exalta as virtudes do bispo, seu protector.

O padre Florez diz (pag. 37) que esta obra em quarto, e que tambem comprehende um poema latino, intitulado *Brachiologia*, dirigido a D. Duarte, filho do principe D. Duarte, era *rarissima*, e por *isso fazia d'ella uma* descrip

[1] Florez—*España Sagrada*, vol. XXIII, pag. 34.

Digitized by Google

ção mais minuciosa. Eu pela minha parte só tenho conhecimento d'um exemplar exi tente em Portugal.

1535) CALDERON (D. MATHIAS DE PERALTA). — Licenciado.
E. — *El apostol de las Indias S. Francisco Xavier.* Mexico 1661, 4.°, Pamplona, 1665, 4.°

1536) CAMARA (XISTO).
E. — *A União Iberica —. por Rodrigo Paganino, e precedida d'um prologo.* Foi traduzida para portuguez pelo Sr. J. Maria Latino Coelho, Lisboa, 1859.
A biographia de Xisto Camara póde ver-se no 2.° vol. do *Archivo Pittoresco.*

1537) CAMPAGNES DE PORTUGAL *en* 1833 *et* 1834. *Par un officier français attaché au service de D. Miguel.* Paris, 1835, 8.°

1538) CANNING (GEORGE).
E.—*Relevé exact des discours du très honorable dans la Chambre des Communs d'Angleterre,* 12 *Déc.* 1826. *Discours complets de M M. Canning, Wilson, Hume, Broughan etc. sur le Portugal.* Paris, 1826, 2 vol.

1539) CARBONELL (D. ANTONIO DE RAMON Y). — Agente que fué del gobierno de S. M. F. en Londres.
E. — *Reseña del negocio de las cuentas de —.* Lisboa, Typographia de Lallemant. 1858. 4.°, 55 pag.

1540) CARCENAC (HENRY).
E. — I. *Des laines et des plantes textiles en Portugal, et dans ses colonies.*
II. *Dex textiles végétaux et des laines en Italie, en Espagne, et en Portugal.*

1541) CARL (ANDRÈ CHRISTIAN).
E. — *Tienfts Jahrang der gemermmukingen Spaniergange auf delle Tage in Jahr fur Eltem Kopheistein Jugendleher und Erzicher.* Brouschweig, 1795, 8.°

1542) CASA NOVA (JACQUES DE SEINGALT).
E. — *Memoires ecrits par lui meme.* Bruxelles, 1863.
«Nas *Memorias* d'este typo o mais completo do *Cynismo humano* existe um quadro, talvez o mais puro que ahi se acha, em que se retrata uma portugueza Paulina, filha do Conde de. . (Povolide?) victima como toda a sua familia dos attentados de Pombal. É um admiravel clarão sobre a sociedade portugueza nessa epocha tão falsificada pelos documentos officiaes.» [1] (*Memoires,* vol. v. pag. 402)

1543) CATHARINA (MR. DE SANTA).
E. — *Viaggio all' Indie Orientali.* Roma, 1673, fol.

[1] Este artigo é composição do Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

1544) C. D. B. S. L. G.

E. — *Relation d'un voyage aux Indes Orientales par* —. Paris, 1645, 8.°, T. Compans, pag. 183.

1545) CERTANI (GIACOMO).

E. — *L'Apostolo delle Indie. Vita de S. Francisco Xaviero, de la Compagnia de Giesu.* Bologna, 1648, 4.°

1546) CHAMBERLAYNE (EDW).

E. — *The right and title of the present king of Portugal Don John IV. Translated out of Italian, Spanish, and Portuguese.* London, 1653.

1547) CIANFOGNI (DOTT. PIETRO). — Can. Dell' I. Basilica di S. Lorenzo di Firenze e Academico Fiorentino.

E. — *Vita di San Giovanni de Dio fondatore dell' Ordine dell' Ospitalità scritta in francese dal Sac. Gio. Girard de Villethierri e tradotta* —. Monza, 1861. Tipografia dell'Istituto dei Paolini, 8.°, 2 vol.

1548) CLIFTON.

E. — *Dialogos Inglezes Portuguezes, etc. Por* —. Paris. N'esta obra tabalhou tambem o conego portuguez J. I. Roquette o qual por muitos annos esteve parochiando uma egreja em França.

1549) COINTHA (JOÃO). — Senhor de Boulez, de nação franceza. [1]

E. — I. *Paradoxo ou sentença philosophica contra a opinião do vulgo; Que a natureza não fez o homem senão a industria. Dirigido ao muy alto e invictissimo Rey de Portugal dom Sebastião Primeyro d'este nome. Por* —. *Agora novamente feyto e impresso n'esta Cidade de Lisboa em casa de Marcos Borges impressor del Rey nosso Senhor. Ao primeyro de Janeyro de* 1566.

II. *Catolica e religiosa ammoestaçam a subjetar o homẽ seu entendimento a obediencia da Fee, com a exposiçam do symbolo, dirigido á senhora D Maria, princesa de Parma e de Placencia.* Lisboa, 1566.

1550) COMINES (FILIPE DE).

E. — *Las memorias de* —. *Señor de Argenton, de los hechos y empresas de Luis undecimo y Carlos octavo reyes de Francia traducidas de frances com escolios proprios por Don Juan Vitrian prior y provisor de Calatayud, asesor del sancto officio y capellan del rey nuestro Señor, dirigidas a su sobrino el Señor Don Juan Vitrian, presidente de la Española, cavallero del Orden de Calatrava.* Amberes, 1643. fol.

N'estes commentarios de Juan Vitrion são incessantes as referencias a factos da historia de Portugal, contando-se muitas anecdotas de nossos reis e varões illustres.

[1] *Diccionario Bibliographico*, vol. III, pag. 351.

Digitized by Google

Em quanto ás memorias de Filippe de Commines, escriptor francez celebre, nascido em 1445, e fallecido em 1511, [1] são ellas indispensaveis para a historia do nosso Affonso V no tempo que residiu em França, á espera do soccorro promettido por Luiz XI para a conquista de Castella. [2]

1551) COMPENDIO ISTORICO *dell' espulsione dei Gesuiti dai regni di Portogallo e da tutti i suoi domini.* Nizza, 1791, 8.°

1552) COPIE D'UNE LETTRE *du P. Nicolas Trigaut, Jésuite, au R. P. Fleuron, Provincial de la Compagnie, datée de Goa en l'Inde Orientale en* 1607. Paris, 1609.

1553) CORDARA (G. C.)

E. — *Relazione della vita e martirio del vener. padre Ignacio de Azevedo, ucciso dagli eretici con altri trentanueve della compagnia di Gesù; cavata da processi formati per la loro cononizzazione.* Roma, 1743, 12.°

* 1554) CORNIDE (D. JOSÉ). — V. o art. n.° 300.

Escreveu tambem um trabalho sobre os peixes de Portugal intitulado: *Ensaio de una historia de los peces de Portugal.*

1555) COSENS.

Publicou uma biographia de Camões na ultima edição da *Encyclopedia Britannica.*

1556) COUPLET.

Veiu este mathematico no anno de 1697 a Lisboa, com o fim de n'esta cidade fazer observações para determinar a sua latitude, a qual achou ser de 38°, 45′ 25″. Os resultados dos trabalhos foram publicados nas *Philosophical Transactions*, do anno de 1726, n.° 394.

1557) COURTEN (M).

E. — *Catastrophe and adieu to the East Indies, or a general and particular protest framed there at Goa in the year* 1644. London, 1652.

1558) CRESCIMBENI (GIAN MARIA).

E. — *Giouche Olimpici in lode di Giovanni V Re di Portugallo.* 1690. [3]

1559) CROFT (JOHN).

E. — *A few notes on the services in Portugal from the year* 1810 *to* 1818. Maidstone, 1857.

[1] Bouillet.—*Dict. d'Hist. et de Geographie*, pag. 407.

[2] V. *Commines*, Cap. XCII.

[3] V Frascarelli.—*Iscrizioni Portoghesi.* Roma, 1868, pag. 98.

Digitized by Google

1560) CUCCACNI (L.)

E. — *Esame del libro — Analyse della professione di fede del Santo Padre. Pio IV da A. P. de Figueiredo.* Roma, 1792, 8.°

1561) CULLOCH (MAC).

E. — *Principles of political Economy by — abridged. Preceded by a preleminary discourse, by Pinheiro Ferreira.* Paris. 1829, 12.ª

1562) CUNHA (J. GERSON DA). — M. R. C. S. etc. L. M. Eng; L. R. C. P. Edin; Member of the Committee of Management of the Bombay Branch ot the Royal Asiatic Society; Fellow of the Geographical Society of Italy, Corresponding Member of the Asiatic Society of Natural Sciences of Trieste; Fellow of the University of Bombay; Member of the I. R. Zoological and Botanical Society of Vienna etc.

E. — *Notes on the history and antiquities of Chaul and Bassein by — illustrated with seventeen photographs, nine litographic plates and a map. Bombay, Thackner, Vining etc. Company.* 8.° gr., XVI, 262. pag.

É dedicada esta obra ao Sr. Francisco Caetano da Cunha, ultimo logar tenente commandante da fortaleza de Baga.

II. *Introducção ao estudo da sciencia da vida.* Bombaim, 1868.

III. *An historical and archaeological sketch of the Island of Angedi va.* Bombay, 1875.

1563) ÇURITA (GERONYMO).

E. — I. *Los cinco libros primeros de la primera parte de los Anales de la Corona de Aragon, compuestos por —.* 1562, 4 vol. fol.

Ha varias edições d'esta obra. A historia d'este auctor chega até ao anno de 1492, e é indispensavel para aquelles que tiverem de escrever minuciosamente ácerca dos primeiros tempos da nossa monarchia, sempre entrelaçada com a dos varios reinos, em que o solo hespanhol estava antigamente retalhado.

II. *Indices rerum ab Aragoniae regibus gestarum ab initiis regni ad annum* 1410. *Cesarae Augustae,* 1578 fol.

1564) CUTILLAS (FRANCISCO).

E. — *Cartas de S. Francisco Xavier.* Madrid, 1752, 2 vol. 8.°

Digitized by Google

D

«Ii, quam acerrimo studio re diu multumque agitata, astrolabium denique instrumentum, quod antea ad colligendos stellarum motus dumtaxat astronomi adhibere consueverant, praeclaro sane inventum ad usum rei maritimae transtulerunt: ac pari solertia declinationum tabulas confecere, quibus hodie naucleri ad explorandam locorum (quamadmodum cosmographi appellant) latitudinem utuntur: ut non parum, hoc etiam nomine, tota Europa Lusitaniae debeat.»

MAFFEJUS, *Historiarum Indicarum*, lib. I. pag. 8. (Bergomi, 1747)

1565) DAMA PORTOGHESE.
E. — *L'amore senza Fortuna, o sia Memorie d'una* —. Venezia, 1794, 2 vol., 12.°

1566) DARELL.
E. — *East India trade first discouvered by the English* London, 1651.

1567) DELATTRE (FRÉDERIC).
E. — *Le Portugal et la Révolution espagnole*. Paris, 1869

1568) DESCRIPCION ESTADISTICA Y GEOGRAFICA *de España y Portugal en la cual se dá una noticia bastante detallada de las provincias, ciudades y villas de ambos reinos, su extension, poblacion, manufacturas, distancias, latitud, longitud etc Escrita en ingles. Traducida y aumentada con notas por D. Pedro Ferrer y Casaus*. Madrid, 1817.

1569) DESFONTAINES (ABBÉ).
E. — *Traduction de l'Histoire du détrônement d'Alphonse VI, roi de Portugal, traduite de l'Anglois*. Paris, 1742, 8.°

1570) DIE PORTUGIESISCHE THRONFOLGE *bei berau launung der Thronbesteigung Sr. allergetrensten Magestat Dom Pedros V.* 1854.

1571) DIE REYZE VAN LISSABON *naar het eylandt Nagraria in groot Indien geleghen voorbi Callicuten en Gutschi*. Antwerpia, 1508, T. Com-

Digitized by Google

pans, pag. 281. (Viagem de Lisboa á Ilha da Negraria, situada na grande India, além de Calecut e de Gutschi).

1572) DIEZ (FRIEDRICH).

E. — *Uber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie.* Bonn, 1863.

«É o creador da *Grammatica geral das linguas romanicas*, e como tal não só pelo modo como estudou a lingua portugueza, como pela acção que exerceu em Portugal sobre os estudos romanicos, é digno da maior veneração. Escreveu especialmente sobre a epocha dos trovadores portuguezes, *Uber die erste portugiesische Kunst-und Hof poesie, von Bonn*,1863. 8.°, IV, 142 pag. Neste estudo caracterisa as principaes escolas trobadorescas portuguezas, e lança as luzes pelo estudo comparativo entre as creações de Gil Vicente e a dos *Cancioneiros palacianos*, para que se investigue as origens tradicionaes da nossa poesia do seculo XII a XIV.» [1]

1573) DOZY (R.) E ENGELMANN (W. H).

E. — *Glossaire des mots espagnols et portugais derivés de l'Arabe.* Leyde,

1574) DRABYMON (J. D).

E. — *Fuora Villaco; c'est à dire: la liberté de Portugal. Auquel se montre le droit chemin, et vrais moyens de resister á l'Effort du Castillan, rompre la trace de ses desseins, abaisser son orgueil, et ruiner sa puissance.* Veja N.° 380.

* 1575) DUCKETT (DR. RICHARD.) V. o art. n.° 368. — Vice presidente do collegio inglez de S. Pedro e S. Paulo.

E. — *Sermão do inclito martyr S. Lourenço, pregado na Egreja Parochial de Carnide, em 11 de agosto de 1872.* Lisboa, 1872.

1576) DUNSTAN (PADRE). — Religioso da Ordem de S. Jeronymo no extincto Convento de Belem.

E. — *O estrangeiro em Portugal ou vida e aventuras do —. Escripta em francez por elle mesmo, e traduzida em portuguez por —.* Lisboa, Imprensa Nevesiana, 1846, 8.°, 39 pag.

Tracta-se da biographia d'um Irlandez, que tendo no reinado de D. João V vindo para Portugal servir em o nosso exercito no tempo da guerra da successão, e tencionando fixar sua residencia em Portugal, por causa de graves desgostos domesticos, disse adeus ao mundo, indo professar no Convento de Belem, do qual passou para o da Pena em Cintra com o designio de n'este terminar seus dias.

[1] Palavras do Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

FRIEDRICH DIEZ

Digitized by Google

FRIEDRICH DIEZ

Digitized by Google

Digitized by Google

E

«Les communications qui existent entre l'Orenoque et l'Amazone sont un des phenomènes les plus remarcables de la géographie physique. Les Portugais annoncerent ce fait il y a plus d'un démi siècle, mais les geographes à systeme se liguerent pour prouverque de telles conjonctions des fleuves etaient impossibles. Aujourd'hui l'on n'a plus besoin ni d'analogies, ni de raisonnements critiques. M. de Humboldt a navigué sur ces rivières.»

MALTE-BRUN, *Geographie*, vol. II.

1577) EDWARD (ALEXANDER JAMES).

E. — *Sketches in Portugal during the civil war of* 1834. London.

1578) EINIGE NACRICHTEN VON DER PORTUGIESISCHEN *Litteratur, und von Buchern, die uber Portugall, geschrieben fiud.* Francfort, 1779, 12.°

1579) EISCHORN. — Allemão.

Pela pag. 303 da *Historia de Portugal de Rabbe* vê-se que escreveu ácerca do reinado do nosso infeliz monarcha Affonso VI.

1580) ELISABETH (MARIE — CLARETTA).

E. — *Vita di Maria Francisca Elisabetta di Savoia Nemours, Rêgina di Portogallo. Con note e documenti inediti.* Torino, 1865, 8.° gr., 312 pag.

1581) ERASMO.

Dizem que aprendera de proposito o portuguez para ler no original as obras do nosso Gil Vicente. Bougeault [1] diz que Erasmo o achava mais comparavel com Terencio, do que com Plauto.

No 1.° volume das obras d'este celebre escriptor, impresso em Leyde, apparecem os seguintes epitaphios, que lhe foram feitos pelo nosso compatriota Diogo Pereira.

[1] *Histoire des Litteratures*, vol. III, pag. 462.

Digitized by Google

Primeiro epitaphio em grego

Αθανατος σοφίαν, ζῶην δε θνητος Ερασμος
Ωδ' εν τοις κολποις κρυπτεται Ελβετιας.
Γαια μεν οιμωζει, μακρος συγχαιρει Ολυμπος
Αυτη οτι ςταρται, αυτος οτι μετεχει.[1]

Segundo epitaphio em grego

Ενθαδε κειται ανηρ θειος τρισεραςΙος Ερασυος,
Ψυχα δε των μακαρων οικον ολυμπον εχει.[2]

Terceiro epitaphio bilingue

Quod bonus, atque pius fueris, quod doctus, Erasme
Τουτογε τοις αγαθοις πασι δια ςομματος
Quod non ipse tuos mores culpaverit unquam
Ζῶιλος, ουκ αυτος Μωμος, Ερασμε, neget,
Quod divorum auges numerum novus incola cœli,
Δεικνυτο η αρετη τουτο, τεος Ις Θιος.
Quod proferre parem valeant tibi secula nostra,
Μη νεμεσις ρητοις, τουτο μεν αδυνατον.[3]

1582) **ESSAI STATISTIQUE SUR LE PORTUGAL.** Bordeaux, 1810.

1583) **EXERCISES UPON THE DIFFERENT PARTS** *of the portuguese language, refering to the rules of Vieyra's Grammar.* London, 1824, 12.°

1584) **EXPOSÉ DE LA CONDUITE POLITIQUE** *du consul général de Portugal pendant les derniers événemens de la République Orientale de l'Uruguay, avec la réfutation des calomnies publiées par le Gouvernement de Montévideo, dans le décret qui le suspend de ses fonctions, et qui le renvoye de cette ville.* Buenos Ayres. Imprimerie de l'Etat, 1843, 4.°, 93 pag. Ao lado de cada pagina traz uma versão para portuguez.

Tinha o nosso consul sido mandado sahir de Buenos Ayres por causa de accusações que lhe faziam, e por isso escreveu o referido opusculo, em que se justifica.

1585) **EXTRAIT DES RELATIONS** *et des lettres venues de la Chine et de Macao á Rome au mois de septembre de* 1711. Chassonnery, pag. 75.

[1] Erasmo, que he immortal na sabedoria, provou com tudo que era mortal na vida do corpo; e assim está occulto nas entranhas da terra Helvecia. O mundo o prantêa, em quanto o excelso Olympo se congratula, aquelle de o perder, este de o possuir.

[2] Aqui jaz o homem divinal, o amabilissimo Erasmo. A sua alma porém tomou assento na habitação dos bemaventurados.

[3] V. Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Memoria do começo, progressos e decadencia da Litteratura grega em Portugal desde o estabelecimento da Monarchia até ao reinado do D. José. (Nas Memorias da Academia Real das Sciencias,* vol. VIII).

Digitized by Google

F

«Quelque ignorée que soit de nos jours la littérature portugaise, je ne crains point d'affirmer qu'on peut la regarder comme aussi riche que celle des Espagnols, et qu'elle eût acquis bien plus de célébrité si une affreuse commotion politique n'avait arreté son essor; elle a d'ailleurs le mérite incontestable d'avoir donné à l'Europe son premier epique moderno.»

F. DENIS, *Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal.*

1586) **FABREGAS (D. SEBASTIAN).** — Professor de geografia universal en los colegios de humanidades de Madrid.

E. — *Novissima geografia universal de España y Portugal, por Adrian Balbi, traducida de la ultima edicion de Paris, y aumentada considerablemente por —. Nueva edicion, refundidos los dos tomos en uno.* Madrid, 1851.

1587) **FALKENSTEIN (NICOLAU LANKMANO).**

E. — *Historia disponsationis et coronationis Frederici III et conjugis ipsius, auctore.*

Esta interessante historia dos desposorios do imperador Frederico III com D. Leonor, irmã de D. Affonso V, rei de Portugal, publicada na obra latina intitulada *Rerum Germanicarum scriptores varii*, foi reproduzida nas *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* do pag. 601 a 633, e ex tractada pelo Sr. Vilhena Barbosa no *Archivo Pittoresco.*

Ainda hoje no largo da egreja parochial de S. Christovão existe o palacio (se bem que muito alterado) em que foi celebrado este casamento.

1588) **FABRICIO (VICENTE).** — Professor de grego.

Veiu de Paris chamado por D. João III para ensinar grego na Universidade de Coimbra,[1] e onde se conservou até 1545.

Clenardo na sua epistola ad Christianos[2] refere que no tempo, em que el-rei D. João III fundava a Universidade de Coimbra, elle Clenardo fôra vel-a; porém, que estando então as escolas em ferias, não podéra fazer juizo das sciencias, que alli se liam, senão só da lingua grega, que o deixára assaz ma-

[1] Pedro de Mariz — *Dialogos de varia Historia*, pag. 478. (Ed. de 1674).

[2] Francisco Leitão Ferreira. — *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, pag. 543. Este escriptor julga que Fabricio era allemão.

Digitized by Google

ravilhado, porque Vicente Fabricio (anno 1534) explicava Homero, não como quem o traduzia, mas como quem na mesma Athenas o estivesse lendo, e que da mesma maneira os discipulos imitavam o mestre, em fallar promptamente a lingua grega. V. Clenartz.

1589) **FAURE. (H.)**

E. — *Les plages portugaises*, —. Un mois a San Pedro de Muel.

1590) **FAXARDO (D. DIEGO DE SAAVEDRA).** — Padre hespanhol, nascido em Algezares na Murcia.

E. — *Corona Gothica Castellana y Austriaca, politicamente ilustrada en dos partes dividida por* —. *Cavallero de la Orden de Santiago, Del Consejo de su Magestad en el supremo de las Indias, y su Plenipotenciario para la paz universal.* En Amberes, 1677, fol.

Foi continuada esta obra até ao anno de 1210 por D. Alonso Nuñes de Castro, Chronista de su Magestad, e impressa na referida cidade, em 1678.

Qualquer escriptor que deseje tratar dos tempos, em que os godos dominaram na Peninsula Hispanica, encontra citadas n'esta *Coronica Gothica* uma immensidade de obras escriptas a respeito dos godos, as quaes poderá consultar com grande proveito. É quasi que como um guia bibliographico d'aquelles remotos tempos, apresentando trechos copiados dos originaes.

N'outra intitulada *Republica Litteraria*, diz Faxardo que o nosso Camões é honra de Portugal, meigo, amoroso, conceituoso e de grande genio lyrico e poetico. Agrupa a universidade de Coimbra com as mais celebres do mundo.

1591) **FELIZ ANNUNCIO DE EL NASCIMENTO** *de un principe deseado en el de una princesa aplaudido. Sermon gratulatorio por la dichosa entrada de la 4.ª princesa, infanta de Portugal a las luces de la vida.* Salamanca, 1746, 4.º

1592) **FORTEA (D. MANOEL).**

E. — *Elogio de Sto Antonio de Padova, predicado en la parochia de Sta Catalina, Martir de Valencia.* Valencia, 1800.

* 1593) **FORTIS (LEONE).** — V. o art. n.º 435.

E. — I. *Le ultime ori di Camoens, allo ospidale di Lisbona.* Scena drammatica in versi.

II. *Camoens, o un Poeta ed un Ministro. Dramma in cinque atti ed epilogo. Representato la prima volta in Torino nel teatro Carignano.* Turino (sem data) 30 pag. fol. Traz uma gravura representando Camões a escrever deitado na gruta de Macao. Foi representada pela primeira vez em 15 de fevereiro de 1851. Este impresso traz no principio o seguinte

Voto

«Il signor Fortis diede a rappresentare al Real Compagnia un seu dramma intitolato *Un poeta ed un ministro*. Nel porlo in scena parve ad alcuno di rav-

Digitized by Google

visarvi in certi punti dell'imitazioni di un altro dramma originale francese dal titolo *Camoens*. dei sigg. *Victor Perrot* e *Armand du Mesil*.....

«Chiamati i sottoscritti ad esaminare i due drammi, dopo attenta lettura dei medesimi, credono di poter affermare, che quantunque si aggirino entrambi sul medesimo argomento, pure nella tessitura e nei caratteri diversificano talmente fra di loro, che quelle del signor Fortis si può stimare veramente originale.»

1594) **FOSSA (JOÃO).**

E. — *Efflatio pulveris adversus Emmanuelis Alvari e Societate Jesu grammaticas institutiones ab Orlando Pescessio Veronae excitati*. Romae.

É uma refutação á critica feita por Orlando Pescessio, e impressa em Verona contra a celebre *grammatica latina* do padre Manoel Alvares.

«Nossa he Roma, porque na fonte da lingua latina se ensina esta pela Arte do Padre Manoel Alvares nosso Portuguez. Pela mesma razão nossa he Italia, Napoles, Sicilia, Sardenha, Allemanha, alta e baixa, Dinamarca, Suecia, Polonia, Lituania, e ainda Mascovia, porque ahi domina a honra do nome portuguez, onde nas Escolas e Universidades se ensina a lingua latina pela arte, que hes deu hum portuguez.» [1]

1595) **FOX.**

E. — *A Dictionary of the Ceylon-portuguese, singalese and english languages. A compendium of the Ceylon-portuguese language*. Colombo, 1859.

1596) **FRANK.**

Um escriptor d'este nome publicou um trabalho relativo ao casamento de D. Leonor, a irmã de D. Affonso V com o imperador de Allemanha Frederico III. Não me foi possivel até hoje ver um exemplar da referida obra.

Ácerca d'este casamento póde ver-se a obra *Os portuguezes nos Concilios Geraes* do nosso A. Pereira de Figueiredo, pag. 52.

1597) **FULGONIO (FULVIO).**

Diz um jornal que o poeta aqui mencionado acaba de publicar um libreto para uma opera intitulada *O louco de Evora*, composta por Emilio Ferrari.

[1] Francisco da Costa Eborense—*Contramina Grammatical* (Evora, 1731) no Prologo

Digitized by Google

G

«Lisbon is the greatest Port in Europe, except London and Amsterdam. The Venetians, Genoese, and other maritime powers in the Mediterranean, used to transport the Indian Merchandize to Europe, and grew immensely rich by that traffic, have declined ever since the Portuguezo brought the riches of India to Europe by the way of the Cape.»

SALMON, *A new geographical and historical grammar.*

1598) **GALINDO (GABRIEL).**

E. — *Epistula in Tentativam Theologicam R. Patris Antonii Pereirae, Congregationis Oratorii Presbyteri, ac Lisbonensi Sapientissimi Theologi. etc.* Matriti, 1767.

A esta censura á celebre *Tentativa Theologica* respondeu seu auctor n'um opusculo latino, intitulado: *Responsio Apologetica*, Olisipone, 1769.

1599) **GALLOWAY.**

E. — *Conduite du conte de —, en Espagne et en Portugal, traduit de l'anglois.* Rotterdam, 1711, 8.°

1600) **GARIBAY, (ESTEVAN DE — Y CAMALLOA).** — De nacion Cantabro, vezino de la villa de Mondragon de la Provincia de Guipuzcoa.

E. — I. *Los quarenta libros del Compendio Historial de las Chronicas de todos los Reynos de España. Dirigidos al dotor Monserrate Ramon, y del consejo de su Magestad, en el Principado de Cataluña.* Barcelona, 1628, fol.

Apparece n'esta obra (que começa na creação do mundo, como era moda n'aquelle tempo) uma *Historia de los Reys de Portugal.* (fórma o livro 34 e 35).

1601) **GATTEL.**

E. — *Mémoires de Sébastien Joseph de Carvalho et Melo, comte d'Oeyras, Marquis de Pombal, traduites de l'Italien.* Lyon, 1781, 4 vol. 8.°

1602) **GAYANGOS (D. PASCHOAL).** — Arabista hespanhol.

Escreveu na *Revista Española de Madrid* um artigo contra Odorico Mendes, no qual pretende que o celebre romance portuguez intitulado *Palmeirim de Inglaterra*, é obra d'um hespanhol. (V. BENJUMEA no *Supplemento.*)

Digitized by Google

Escreveu tambem contra Antonio Caetano Pereira a respeito dos textos arabes que fallam da batalha de Ourique. Como todos sabem, o primeiro asseverava que as referidas passagens diziam ser a batalha de Ourique muito importante, e o segundo diz-nos que nos textos arabes se encontra exactamente o contrario.

1603) GERARDI ANT.

E. — *Breve relatione della vita e miracoli di S. Isabella gloriosa Regina di Portogallo*, Roma, 1625.

1604) GERVINUS.

«*Na Historia do seculo* XIX, obra gigante, escripta com os mais profundos sentimentos liberaes, acham-se discutidos com a maxima clareza todos os successos da Historia moderna de Portugal, sobre tudo comparados com os factos da politica européa, que actuaram entre nós.» [1]

1605) GHOST (THE) OF HARCOURT *and the fair maid of Portugal*. London, 1803. (O espirito de Harcourt e a linda donzella de Portugal).

1606) GIEDROYE (PRINCE ROMUALD)

E. — *Resumé de l'histoire du Portugal au XIX siècle.*

A respeito do auctor, que diz ser austriaco, e da obra veja-se o N.º 6865 do *Jornal do Commercio*. O principe Giedroye faz tambem os maiores elogios aos portuguezes por causa dos melhoramentos operados em Portugal nos tempos modernos.

1607) GIRANDEAU (ADRIEN).

E. — *Don Juan ou Lisbonne sauvée, tragedie en vers par* — Paris, 1830.

1608) GIRARD (AIMÈ). — Chymico francez

Escreveu um livro intitulado *Estudo sobre as marinhas e industria do sal em Portugal*, que offereceu á nossa Academia Real das Sciencias.

1609) GONZALÈS (R. P.)

F. — *Rélation abregée de la nouvelle persécution de la Chine, tirée de la rélation composée a Macao, par les missionaires de l'Ordre de Saint Dominique, qui ont eté chassés de cette mission.* Catalogue de la Maison Chossonnery.

1610) GRAMMATICA PORTUGUEZA *para uso dos inglezes*. Londres, 1751, 8.º gr.

Compõe-se de duas partes: a 1.ª escripta em inglez, e a 2.ª em portuguez. Por um pequeno prefacio em portuguez que precede a 2.ª parte, vê-se que o auctor sabia mal o nosso idioma.

[1] Devo tambem este artigo ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

1611) **GRAS (A. LE).**

E. — *Description des côtes du royaume de Portugal.* Paris, 1869, XII.

1612) **GRUZMACHER (DR.)**

Publicou em 1865 uma descripção do *Cancioneiro portuguez* da Bibliotheca do Vaticano, contendo um excerpto com 12 canções. Acha-se a referida descripção no *Johrbuch fu romanische und englische Litteratur*, Bonn. vol. VI, pag. 351 a 361.

1613) **GUEVARA (ANTONIO DE).**

E. — *Libro llamado de privados y doctrina de cortisanos. Libro llamado Menosprecio de Corte y Alabança de Aldea dirigido al muy alto y muy poderoso señor Rey de Portugal D. Juan III. — Libro de los inventores del arte de marear y de muchos trabajos que se passan en las galeras.* Anvers, 1539.

Do Menosprecio de Corte etc. ha outra edição, impressa em Barcelona, no anno de 1613.

1614) **GUIRAUD (PIERRE MARIE THEREZE ALEXANDRE).** — Poeta tragico francez, fallecido em 1847.

E. — *Inès de Castro. Tragedie.*

Digitized by Google

H

«Je ne crains point de dire que les Portugais ont fait peut-être autant que les Anglais eux-mêmes pour l'étude des langues orientales. Ils ont acquis surtout une grande supériorité dans la connaissance du chinois et du japonais.»

F. Denis, *Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal.*

1615) **HAENEL (GUSTAVE FREDERIE).** — Jurisconsulto allemão nascido em Leipzick no anno de 1792. [1]

E. — *Catalogi librorum manuscriptorum, qui in Bibliothecis Galliae, Helvetiae, Belgiae, Britanniae Magnae, Hispaniae, Lusitaniae, asservantur.* Leipsick, 1829, 4.°

(Catalogo dos manuscriptos, que se guardam nas Bibliothecas de França, Suissa, Belgica, Inglaterra, Hespanha, e Portugal).

Vi um exemplar (o unico até hoje) em casa do fallecido dr. Velloso, medico no Porto, ha vinte annos. Catalogo completo, porém não o pode ser. Possuimos em nossas Bibliothecas milhares e milhares de manuscriptos, e alguns d'elles importantissimos, e cuja publicação redundaria em gloria para Portugal, principalmente a de alguns, que se guardam na Bibliotheca da Ajuda.

1616) **HAGEN (DE KŒNIGSBERG).**

Escreveu a respeito dos insectos da ilha da Madeira no vol. x da *Linnanea Entomologica.* — V. *Robert White*, Madeira, pag. 273.

* 1617) **HARDUNG (VICTOR EUGÈNE).** — V. o art. n.° 543.

E. — *Romanceiro portuguez, coordenado, annotado e acompanhado d'uma introducção e de um glossario, por* —. Leipsig, 1877. 2 vol. 8.°

«Formam parte da collecção de Brockaus, dos auctores portuguezes, t. VII. e VIII. Comprehende este romanceiro todo o romanceiro de Garrett, (exceptuando os romances *A Peregrina e Bernal Francez)*, parte do romanceiro do Algarve do Sr. Estacio da Veiga, e o Romanceiro geral e contos populares do Archipelago Açorianno, do Sr. Theophilo Braga. Na sua introducção, Hardung historia os modernos estudos sobre a poesia popular em Portugal, e conclue com estas promessas: «Intenciono publicar em breve uma *Historia da poesia*

[1] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains*, pag. 843.

Digitized by Google

dos romances em Portugal, a qual espero ministrará aos numerosos amigos d'este genero de creações poeticas bastantes recursos para penetrarem na comprehensão intima d'estas composições da alma popular, tão dignas de attenção e de estudo minucioso.»

Este escriptor veiu expressamente a Portugal com o fim de aprender a lingua portugueza, e nos jornaes de Colonia publicou alguns artigos sobre os nossos costumes. [1]

1618) **HARPE (LA).** — Celebre critico e poeta francez.

Le génie des Tempêtes

Ce hardi portugais, Gama, dont le courage
D'un nouvel océan nous ouvrit le passage,
De l'Afrique déja voyait fuir les rochers;
Un fantôme du sein de ces mers inconnues
S'élevant jusqu'aux nues,
D'un prodige senistre éffraya les nochers.

Il étendait son bras sur l'élément terrible;
Des nuages épais chargeaient son front horrible,
Autour de lui grondaient le tonnerre et les vents;
Il ébranla d'un cri les demeures profondes,
Et sa voix sur les ondes
Fit retentir au loin ces funestes accents:

«Arrête (dissait-il), arrête, peuple impie;
Reconnais de ces bords le souverain génie,
Le dieu de l'Océan dont tu foules les flots!
Crois-tu qu'impunément, ô race sacrilége,
Ta fureur qui m'assiège
Ait sillonné ces mers qu'ignoraient tes vaisseaux?

Tremble, tu vas porter ton audace profane
Aux rives de Mélinde, aux bords de Taprobane,
Qu'en vain si loin de toi placèrent les destins.
Vingt peuples t'y suivront; mais ce nouvel empire
Où tu vas les conduire
N'est qu'un tombeau de plus creusé pour les humains.

J'entends des cris de guerre au milieu des naufrages,
Et les sons de l'air rain se mélant aux orages,

[1] Devo estes esclarecimentos ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga, digniissimo lente do Curso Superior de Lettras, e a quem a litteratura portugueza deve relevantes serviços. O Sr. Theophilo escreveu no jornal portuense *A Actualidade* uma biographia e estudo critico sobre o *Cancioneiro d'Evora*, publicado por Hardung.

Digitized by Google

Et les foudres de l'homme au tonnerre des cieux.
Les vainqueurs, les vaincus, deviendront mes victimes;
Au fond de mes abîmes
Leurs coupables trésors descendront avec eux.»

Il dit, et, se courbant sur les eaux écumantes,
Il se plongea soudain dans ces roches bruyantes,
Ou le flot va se perdre, et mugit renfermé.
L'air parut s'embraser, et le roc se dissoudre,
Et les traits de la foudre
Éclaterènt trois fois sur l'écueil enflammé.

(*La Harpe*, Ode sur la navigation.)

1619) HARZÉ (ANATOLE).

E. — *Stances á Sa Magesté D. Maria Pia, Reine de Portugal.*

Esta poesia foi impressa em Lisboa, em 1877, embora tenha sido escripta em Liège. É em 4.° grande, com 8 paginas.

1620) HEER.

E. — *Ueber die fossilen Pflanzen von San Jorge und Madeira.* Zurich, 1855.

1621) HERBA (D. MANOEL FERNANDEZ). — Escriptor hespanhol, residente em Lisboa.

«*La Ilustracion española y americana.* Traz o retrato do fallecido marquez de Sá da Bandeira, com as noticias biographicas, que lhe foram remettidas pelo sr. dr. D. Manoel Fernandez Herba, que ha tempo reside entre nós, e que é incontestavelmente um dos talentos, que honram o seu paiz. O sr. dr. D. M. Fernandez tem escripto varios artigos scientificos e politicos de Hespanha e America, e é um dos maiores admiradores das nossas glorias.» [1]

1622) HERPIN (GUSTAVE)

E. — *Chronologie des rois de Portugal.* Paris, 1866, 4.°

1623) HILAIRE (BARTHELEMY ST.)

«No *Dicctionnaire des Sciences Philosophiques*, de Franks, acha-se sob o titulo de *Philosophie Conimbricense*, um rapido e excellente estudo sobre a phase do Aristotelismo em Portugal no seculo XVI, cujo centro principal era o Collegio das Artes de Coimbra. Este estudo foi traduzido na *Historia da Philosophia* em Portugal pelo Sr. dr. José Joaquim Lopes Praça.»

1624) HISTORIA DE LA VIDA Y MUERTE *del glorioso San Juan de Dios.* Madrid, 1674, 4.°

[1] *Diario de Noticias*, n.° 3573.

Digitized by Google

1625) **HISTORIA DE LAS REVOLUCIONES** *de Portugal, de Vertot, traducida en lengua castellana.* Leon de Francia, 1747, 12.°

1626) **HISTORIA DE PORTUGAL.** — Comedias que sobre ella se encontram no corpo do Theatro hespanhol.

Acclamação de D. João IV, por Cristobal Ferreira. — *Adversa fortuna del Infante Don Fernando de Portugal,* por Lope Vega. — *Affonso de Albuquerque,* D. Manoel Gallego. — *Amantes portugueses, y querer hasta morir,* pelo dotor Don Christobal Zagano. — *Auto del levantamento de Portugal* (anonymo). — *Banquete que hiza Apollo à los Embajadores del Rey de Portugal Don Juan IV,* por Pereira Bracamonte. — *Dicha del Forastera* (La Portugueza y —) por Lope de Vega. — *Divino portuguez, San Antonio de Padua,* por Montalban. — *Don Juan de Castro,* primera y segunda parte, por Lope. — *Don Manuel de Sousa,* ó *el Naufragio prodigioso y principe trocado,* por Lope de Vega. — *D. Ines de Castro, Reina de Portugal* (tragedia) pelo Licenciado Mejia de la Cerda. — *Dona Ines de Castro* (inedita) de Lope de Vega. — *Entiada de D. Felipe en Portugal,* por Manoel de Gallego. — *Fama posthuma portuguesa,* Tragicomedia del illustre baron Martin Vaz Villasboas, pelo dr. Juan Antonio de la Pena. — *Jornada del Rey D. Sebastian en Africa* (Ms. de 1632, pertencente a D. Agustin Duran). — *Lealdad en el agravo: En la mayor lealdad mayor aperio, y favores del cielo en Portugal.* — *das Ruinas de Portugal,* por Lope de Vega. — *La Mogiganga de Dona Ines de Castro,* con el titulo de: *Baben, morir y vivir,* por D. Alonso Martin Bahanes. — *Numero falso de Portugal,* por tres hygenios. — *Principe constante, y Martyr de Portugal,* por Calderon. — *Ruinas de Portugal,* por Fixo de Molina. — *Recebimento del Rey de Portugal* Archiduque. — *Rey Don Pedro en Lisboa.* — *Rey Don Sebastian fingido* (inedita) por D. Diego, duque de Entiada. — *Rey Don Sebastian, y Portugues não heroico,* por D. Francisco de D. Villegas. *Reyna despues de morir* (Dona Ines de Castro) por Luiz Velez de Guevara. — *San Antonio de Padua,* por D. Juan Salvo y Vella. — *San Francisco Xavier:* El sol en Oriente, por padre Callega. — *San Gil de Portugal,* por Matos Fragoso. — *Santa Isabel, Reyna de Portugal,* por Rija Zanilla. — Outra, por Villaflor. — *Silva portugueza.* — *Vida y muerte de la Muja de Portugal,* por Mira de Amescena.

(Póde consultar-se com vantagem o *Catalogo* de Banera y Leyrado, sobre este artigo). [1]

1627) **HISTOIRE DE PORTUGAL,** *contenant les entreprises, navigations, et gestes memorables des Portugallois, tant en la cõqueste des Indes Orientales par eux descouvertes, qu'ès guerres d'Afrique et autres exploits, depuis l'an* 1496 *joisques à l'an* 1578, *sous Emmanuel premier, Jean troisième et Sebastian, premier du nom, Comprise en vingt livres, dont les douze premiers sont traduits du latin de Jerosme Osorius, et les huit suivants pris de Lopes de Castagnede et d'autres historiens. Nouvellement mise en français par S. J.*

[1] Noticia dada pelo Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

S. avec un discours du fruit qu'on peut recueillir de la lecture de cette histoire et ample indice des matières pricipales y contenues. Paris, 1581. fol. de XII, 762, pag.

1628) **HISTORIA DE PORTUGAL** *por M. Ferdinand Dinis, conservador de la biblioteca de Sta Genoveva. Traducida por una sociedad literaria.* Barcelona, 1845.

1629) **HISTORIA NATURALIS BRASILIAE**. *Lugduni Batavorum* 1648, fol.

1630) **HISTOIRE DE DOM RANUCIO D'ALÉTÈS**. Venise, chez Antonio Pasquinetti, 1752, 4 partes, 1 vol.

«Romance de costumes mui picante. Encontram-se n'elle, principalmente, curiosos pormenores ácerca da vida dos licenciados e dos frades em Portugal.» [1]

1631) **HISTORY (A NEW)** *of the East-Indies, ancient and modern. In two volumes.*

Vol. I. — *Containing the Chorography, Natural history, Religion, Government, Manners, and Customs, Revolutions etc. of those Countries.*

Vol. II. — *Containing an Essay towards a History of the Commerce of the several Nations of Europe to the East-Indies. Shewing the rise, progress, and present State of that trafic; as carried on by the English, Dutch, French, Portuguese, Sweden and Danes, from the first discovery of a new Rout to the Indies, round the Cape of Good Hope, to the present time.* London, Printed for R. and J. Dodsley in Pall-mall. 1757. 2 vol. 8.°, 1.° de 480 pag. 2.° 595.

Uma declaração no principio d'esta obra diz-nos que o 1.° vol. foi traduzido do engenhoso escriptor francez o abbade de Guyon, e o 2.° escripto originalmente em inglez, exceptuando a historia da Companhia franceza na India, que tambem pertence ao auctor acima mencionado.

A historia das descobertas portuguezas começa a pag. 231 do 1.° vol. Diz que o infante D. Henrique parecia um prodigio. Pergunta que direito tinham os portuguezes para irem conquistar a India?

«Os chefes das colonias (pag. 256) de commercio e navegação, que nunca tinham podido perder de vista este essencial objecto, em nada mais pensavam senão em fazerem descobertas e conquistas, construir fortes, desviarem o commercio dos mahometanos, chaldeos, e mesmo dos indigenas, e tudo remettendo para Portugal. Póde-se assim dizer que elles se tornaram soberanos do maritimo das Indias e das ilhas adjacentes, das quaes extrahiram immensas riquezas em oiro, pedras preciosas, especiarias, madeiras valiosas, drogas, tecidos, que revendiam aos mercadores europeus pelo preço que elles queriam. Foi por aquellas violentas incursões, que espalharam o terror por todas as

[1] *Catalogue d'ouvrages et pièces rares de A. Chossonnery.* Paris, 1877, pag. 43.

Digitized by Google

partes; e fizeram estabelecimentos ao longo da costa do Malabar e de Coromandel, no golpho de Bengala, e em varios reinos da Asia. etc. etc.

A pag. 305 começa uma breve descripção da Inquisição de Goa, da prisão mr. Tavernier em 1648, e dos templos da cidade, cuja a maior parte eram construidos e adornados com assombrosa magnificencia. Os Jesuitas, entre outros, teem cinco egrejas aqui, muito ricas, como se póde ver na Relação de Mandelslo.

«O padre Bouchet, missionario Jesuita, n'uma carta escripta de Pondichery em 1 de abril de 1719 assim falla de Goa: «Vemos aqui por toda a parte mui bellas casas, e jardins commodos e agradaveis, e bosques de palmeiras dispostas em linha, que formam avenidas que se prolongam tão longe, que chegam a perder-se de vista.

«A cidade outr'ora sómente se podia comparar, e mesmo em muitas cousas era superior, com as mais bellas cidades na Europa; mas já não é o que era ha uns sessenta annos atraz. No entanto ainda por aqui ha alguns bellos edificios. O palacio do vice-rei e o do Inquisidor são perfeitamente magnificos.» (pag. 308) D'aqui por diante o auctor descreve as terras, que ainda pertenciam a Portugal, ou já estavam no dominio dos hollandezes, e nunca perde occasião de referir as infamias praticadas pelos nossos antepassados. Eu não os procuro defender, pois alguns actos não teem defesa possivel, mas qual é o paiz que não tem paginas negras na sua historia? Qual é hoje o povo na Europa, que se fia n'outro? Taes são os exemplos que ás nações modernas nos teem apresentado!

A pag. 154 do 2.º vol. começa a historia do commercio portuguez na India.

1632) HISTORIEN DER KONIGREICH, *Hispanien, Portugal, und Aphrica, daraufs dam zu sehen in welcher Zeit souderlich Portugal seinen Anfang genonmen, u. s. w..... Auch von dem iibel angeordneten Hriegzug Sebastians in Aphrica. u. s. w. Damerher allerley Unshu in dem Honigreich Portugal erwachsen. Wie Don Anthonio.... vermeynte Koning in Portugal zu werden.... Auch das Konigreich Portugal widerums zur Eron Spanica gebracht worden..... Auss dem Italiamischen durch Albrecht Fiirsten in das gebracht.* München, Adam Berg, 1589.

* 1633) HODJES, (G. LLOYD). — V. o art. n.º 604.

E. — *Narrative of the expedition to Portugal in* 1832, *under the orders of his imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Bragança* London, 1833. 2 vol. XII, 333, 334 pag.

1634) HOLLAND (LORD).

E. — *Recordations diplomatiques.* Ha varias edições.

O biographo de D. João VI deve ler esta obra, na qual se descrevem varios personagens importantes da politica portugueza no reinado de este infeliz monarcha.

Digitized by Google

1635) **HONORATI (PADRE ANTONIO).** — Da Companhia de Jesus.

E. — *O Chrysostomo portuguez, ou o padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, n'um Ensaio de Eloquencia compilado dos seus Sermões, segundo os principios da Oratoria Sagrada.* Lisboa, Typographia de Mattos Moreira.

O auctor é Italiano de nação, porém maneja perfeitamente a lingua portugueza. Este trabalho é original.

1636) **HUGHE (JOSEPH.)** — A gentleman residing at Lisbon.

E. — I. *Authentick letter to his friends in London, containing several curious and interesting particulars in relation to the late Conspiracy against the king of Portugal; with a circumstantial and affecting account of the behaviour of the principal conspirators at the place of execution.* London, 1759.

II. *Full, clear and authorized account of the late conspiracy in Portugal, and the horrid attempt on the life of his most faithful Majesty.* London, 1759.

III. *Full and clear account of the late Conspiracy against the life of his most faithful Majesty the king of Portugal, and of the base attempt and terrible execution of the Chief of the Conspirators, with a circumstancial and affecting account of their behaviour.*

1637) **HUMFREDO (LAURENTIO).**

E. — *Joelli Episc. Sarisburiensis Vita et Mors. Ejusque verae doctrinae defensio, com refutatione quorumdum objectorum, Th. Hardingi, Nic. Scandari, Alani Copi, Hieronimi Osorii, Pentaci Burdegalensis,* Londini, 1573. (Vida e morte de Joel, Bispo de Salisbury. E defeza de sua verdadeira doutrina, com a refutação de algumas asserções, de Thomaz Harding. Nicolau Scandari, Alano Copi, Jeronymo Osorio, e Pontoci Burdegalense).

Digitized by Google

I

«Com el feliz casamento de los principes Don Enrique y Doña Cathalina, se quitò el Rey Don Juan de acuestas un enimigo muy grande, qual era el de Alencastro, con todo el poder de Inglaterra. Pareciole ya con esto estar desocupado, para bolver á dar en Portugal, pero esso fuera si se dormiera el Portugués, el qual no solo cuidaba de lo que llamava, y ya lo era, reyno suyo, sino que ossado y animoso trató de entrarse en Castilla. Acometió por la parte de Galicia. Sitio la Ciudad de Tuy. Apretola y tomola. Por medio de Fray Fernando de Ilescas, confessor del Rey, se trató de poner treguas. A este estado avia reducido la suerte las fuerzas y las armas de Castilla!»

LOZANO, *Los reyes nuevos de Toledo*, pag. 386.

1638) IGNEZ DE CASTRO: *a Tragedy by the Author of Rural Sonnets*. London 1846.

1639) IGNEZ DE CASTRO, Bailado, representado em 1820 e tantos no Theatro Real de Copenhague.

Dá esta noticia o Sr. Visconde de Castilho (Julio) a pag. 347 no drama em verso *D. Ignez de Castro*.

1640) INDIANISCH RAISS *von dreyen chrwiidigen Priestern der Soc. Jesu welche in Jahr Christi* 1618 *nach Goa geschifft mit Beveleh von dannen in China zu raisen etc.* Augsburg, 1620.

1641) INÈS DE CASTRO. *Tragedia lirica in tre atti, da rappresentarsi nell'teatro dell'eccellentissima citta di Barcelona, l'anno* 1839. *Poesia del Sr. Salvador Cammorano, la musica del Sr. José Persiani*. Barcellona 1839.

1642) INTORCETTA (PROSPERO).

E. — *Compendiosa narratione dello stato della missione Cinese, cominciado dall'anno* 1581 *fino al* 1669. Roma, 1662, 8.°

Digitized by Google

J

«Constituido ha sete seculos pelo braço robusto de D. Affonso Henriques, e occupando apenas uma orla estreita de terreno na extremidade occidental da Europa, o reino de Portugal ufana-se de ter alcançado um logar distincto no banquete da civilisação dos povos. Apontando para o grande vulto do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, como symbolo do entranhado amor á independencia nacional, que tem constantemente animado a seus filhos, póde symbolisar egualmente nos nomes memorandos de Vasco da Gama e de Luiz de Camões a sua actividade e energia para os mais altos commettimentos, e a sua indisputavel disposição para a cultura das sciencias e das lettras. Os monumentos da Batalha e de N. Senhora de Belem, e o poema dos *Lusiadas*, serão com effeito em todo o tempo os brazões mais gloriosos, que attestem ao mundo o que pódem e valem os portuguezes.»

Sr. Francisco de Castro Freire. *Memoria historica da Faculdade de Mathematica desde a reforma da Universidade em 1772 até ao presente.*

1643) **JANTILLET (ALEIXO CALLOTES DE).** — Official de linguas.[1]

E. — *Horas Successivas.*

N'este trabalho apparece a descripção da quinta dos Marquezes da Fronteira em S. Domingos de Bemfica.

1644) **JEPHSON (R.)**

E. — *Braganza. A tragedy.* London.

1645) **JOHN CALLAWAY.** — Wesleyan Missionary.

E. — *A Vocabulary in the Ceylon Portuguese, and english languages, with a series of familiar phrases, at Colombo, printed at the Wesleyan Mission Press*, 1820. 8.° 44 pag. Vi um exemplar em casa do Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

1646) **JONES (EDWARD).**

E. — *Defence of the Convention concerning Portugal, the 30 August* 1808.

[1] Cardoso.—*Diccionario Geographico*, Vol. II, pag. 147.

Digitized by Google

1647) JOVIO (PAOLO). — Escriptor italiano celebre.

E. — I. *Elogios e vidas breves de los cavalleiros antiquos y modernos, illustres en valor de guerra que estan al bivo pintados en el Museo de — etc.* Granada, 1568 fol.

Epigramma de D. Miguel da Sylva cardeal de Portugal a Camilo Vilelo

En las antiguas hystorias
De los passados leemos
Del Rey Pyrro los estremos
Y hazanõsas victorias
Que en carescer no sabemos
Y su muerte desastrada
Fue de tal constelacion
Que le mato una pedrada
De una muger arrojada
En desastrada ocasion
Y otro valeroso y fuerte
Capitan de yllustre zelo
Con acelerada muerte
Murio desta misma suerte
Que fue Camilo Vitelo
Caso estrano y no pensado
Que aviendo tanta distancia
Y tantos siglos passado
Viniesse a hazer su hado
Una misma consonancia.

N'este mesmo volume vem um elogio em verso hespanhol ao grã-capitan Gonçalo Hermandes de Cordova.

A fol. 126 apparece o elogio do portuguez Tristão da Cunha, a qual termina com a seguinte poesia.

«En este monte encerrado
Estoy aquel Elefante
Poderoso
Que de Oriente sujetado
Por el Rey Manuel pujante
Generoso
A Leon Papa excelente
En señal de vencimiento
Fuy traido
Y de la Romana gente
Con admirable contento
Recebido
Del pueblo con alegria
Fuy mirado y muy bien quisto
Con ventura
Por que mucho tiempo avia
Passado sin aver visto
Mi figura
Espantalo en bruto pecho
Ver que humano entendimiento
Se encubria
Tuvo la Parca en su pecho
Embidia de mi contento
Y alegria
De aquesta embidia nacio
Mi muerte y todos mis daños
Sucedidos
Que servir no me dexo
Tan buen señor por tres años
Aun cumplidos.
Ventura corto la vida
Que a mi siglo se devia
De razon
Vos dioses dad la cumplida
Y con entera alegria
Al gran Leon»

Foi esta poesia composta por um poeta italiano, chamado Beroaldo.

Poesia composta por Pedro Angelo Bangeo em honra do retrato de David rei da Ethiopia, retrato trazido pelo portuguez Alvares.

Digitized by Google

II. *De la Historia general de todas las cosas succedidas en el mundo en estes cincoenta años de nuestro tiempo, etc.* Granada, 1566. fol.

Como é de suppôr esta obra trata desenvolvidamente das navegações e conquistas dos portuguezes, aos quaes tece os maiores elogios.

1648) **JULES (LAU. M.)**

E. — *Paralléle entre le marquis de Pombal et le Baron Haussmann.* Paris. 1869.

1649) **JUSTIFICATIE VANDEN DOORLUCHTIGEN** *D. Antonio Conınck van Portugael, d'eerste van dien Name, nopende d'Oorloghe die hy ghenootruct is teyhens den Coninck van Spaignien te vueren om in zyn Coninckrijck wederom ghestelt te werden.* Dordrecht, 1585.

Digitized by Google

K

«Aquel pueblo, salido de la restauracion castellana, formado de nuestra misma sangre, inspirado por nuestro mismo espirito, asombro del mundo. admiracion de nuestra raza, orgullo de nuestra familia, que dueno, y no en pacifica posesion, de poco mas de 3:500 leguas de territorio, en un olvidado rincon de Europa y en el limite occidental del mundo antiguo, alli donde surgian las brumas y comenzaba la furia del imenso cuanto desconocido Oceano, tuvo aliento bastante para lanzarse à las soledades de la mar, dispuesto á sojuzgar, como sojuzgó, con sólo 10:000 mil hombres todas las costas del Africa y Asia desde Marruecos á la China, á imponerse á ciento cincoenta principes y soberanos, y à aliarse con el Japon.»

RAFAEL M. DE LABRA, *Portugal y sus Codigos.*

1650) **KAUSLER** (DR.)

«Foi este illustre bibliologo quem dirigiu a edição de Stuttgart do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, em 1845. Consta esta edição de 3 volumes em 8.° grande, e é precedida de um extenso prologo historico e litterario, pag. IX a XXV, sobre a poesia portugueza no seculo XV. Este prologo foi vertido em portuguez pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos, e publicado com additamentos bibliographicos pelo Sr. Tito de Noronha, fazendo parte da *Collecção de Curiosidades Litterarias*, Porto, 1877, folheto de 70 pag. 8.° [1]

1651) **KINLOCH** (A.)

E. — *Compendium of Portuguese Grammar.* Outubro, 1876, Londres?

Vem annunciada em o numero CCXXVII do *Bookseller. London, Outubro* 1876

1652) **KLECZOWSKI** (LE COMTE).

E. — *Cours graduel et complet de Chinois parlée et ecrit. T. I. Phrases de la langue parlée, tirées de l'Arte China du P. Gonçalves.* 8.°

* 1653) **KOSTER** (HENRY).

E. — *Travels in Brazil.* London 1817, 2 vol. Vide o artigo n.° 684, onde se dá noticia da versão franceza d'esta obra.

[1] Palavras do Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

1654) **KUNSTMANN.**

E. — I. *Ueber Afrika voz den Entdeckungen der Portugiesen.* **München, 1853.**

II. *Die Handelsverbindungen der Portugiesen mit Timbuctu in XV Jahrhunderte.*

III. *Valentin Ferdinand's Beschreibung der Westkiiste Afrika's bis zund Senegal mit Einleitung und Aumerkungen.* München, 1856.

IV. *Valentin Ferdinand's Beschreibung der Westkiiste Afrika's von Senegal bis zur Serra Leoa,* Miinchen 1860.

V. *Valentin Ferdinand's Beschreibung der Serra Leoa mit einer Einleitung iiber die Seefahrten nach der Westkiste Afrika's in vierzehnten Jahrhnnderte.* München, 1861.

1655) **KURZ, (HERM).**

E. — *Aus den Tagen der Schmach. Geschichtsbilder aus der Melacszeit.* Stuttgart, 1871, 8.° gr.

Digitized by Google

L

«Sous Emmanuel le Fortuné, le Portugal etait devenu la première puissance maritime, et sa capital la plus florissant marché du monde. Les richeses de l'Inde y affluaient, dès avant l'exploiration des mines du Pérou et du Mexique par les Espagnols. Pour qu'aucune gloire ne lui manquât, il se trouva un poète comme Camões pour immortaliser, dans ses *Lusiades*, le voyage de Vasco de Gama.»

VOGEL» *Le monde terrestre*, vol. I pag. 723.

1656) **LABRA (D. RAPHAEL M. DE).**

E. — *Portugal y sus Códigos, estudio de politica y legislacion contemporaneas. El pueblo portugues. La legislacion luzitana.* 1 vol. 1877 Madrid.

* 1657) **LACOMBE.** — V. o art. n.º 690.

E. — *Histoire d'Espagne et de Portugal.* 2 vol. 1765.

Apparece mencionada para venda no Catalogo, cujo titulo é o seguinte: — *A Catalogue of Books in various languages remarkable for Beauty of Condition on sale by James Toovey, 177, Piccadilly.* London.

1658) **LAMBEA (D. MANOEL).** — Secretario cesante de gobierno civil de Castellon de la Plana.

E. — *Manual de cambios de España, arreglado á los reales decretos de 18 de febrero y 10 de junio de 1847, con las principales plazas de commercio de Europa, y de estas entre si, á saber: Amsterdam, Hamburgo, Paris, Belgica, Genova, Lisboa, Londres, Napoles, Roma y San Petersburgo. Contiene operaciones figuradas sobre dichas plazas, con el correspondiente numero de tablas á todos los cambios y fracciones que puedem ocurrir, por* —. Valencia, 1858.

1659) **LAMENTATIONS (LES)** *de la province des Jesuites en Portugal Avec des notes historiques.* Amsterdam, 1759.

1660) **LAMPILHAS (ABBADE D. XAVIER —.)**

E. — *Ensayo Historico Apologetico de la Literatura d'España.* Saragoça, 1784.

«Tratou com grande esmero e pontualidade dos eminentes varões caste-

Digitized by Google

lhanos e portuguezes, que em todo o genero deram brado por toda a Europa no seculo XVI.» [1]

1661) **LANDELLE (G. DE LA).**

E. — *La vieillesse du poète. Romance, cujo protogonista é Luiz de Camões, publicado no Journal pour tous, em* 1859. Com gravuras.

1662) **LAYNEZ (JOSÈ).**

E. — *Libro nuevo. El privado christiano con los movimientos de las provincias Cataluña y Portugal.* Madrid, 1641.

1663) **LESSINES.**

E. — *Le roi Louis I de Portugal et le Duc de Saldanha.* Paris. 1870. 8.° 27.

O auctor espera para Portugal as maiores ditas e prosperidades provenientes da revolta do Largo da Ajuda, pois o rei D. Luiz de mãos dadas com Saldanha nada mais tem em vista do que a felicidade do seu paiz.

«Belgica, Hollanda, Dinamarca, Suecia, Suissa e Portugal, povos de liberdade! isolados estareis sem força. Sereis povos gigantes, se estiverdes combinados.... Tende a coragem de seguir vossos impulsos do coração, e debaixo da direcção da França, de marchardes na vanguarda do mundo....

«Ao rei Luiz I de Portugal, a quem as circumstancias favorecem, e a seu ministro duque de Saldanha a quem o bom exito sublimou, pertence a gloria de emprehender a favor dos pequenos Estados uma gloriosa campanha e de propôr, como começo, as execuções d'essas idéas em separado: moeda uniforme, união alfandegueira etc.

«A conjuração de Portugal deve produzir grandes e uteis resultados.»

O auctor d'este livro sómente se lembra dos seguintes beneficios provenientes d'uma tal revolta: um posto d'accesso para os militares que tomaram parte n'ella, e a elevação do sr. Conde de Peniche a Marquez d'Angeja, na occasião, em que este sr. era ministro.

1664) **LETTRE DE CREANCE,** *en forme de Patente donnée par Dom Joan Roy de Portugal a Dom Ignacio de Mascarenas, son Neveu, el Ambassadeur ordinaire près Messieurs de la Deputation. Traduit de mot à mot d'Espagnol en François.* 1641.

1665) **LETTRE DE D. CHRISTOPHILE,** *fils du defunct Roy D. Anthoine pour la restauration de sa patrie.* Paris, 1610.

* 1666) **LINSCHOTEN.** — V. o art. n.° 762.

E. — I. *Histoire de la navigation de Jean Hugues de — Hollandois: aus Indes orientales (et occidentales) contenant diverses descripctions des lieux iusques à présent découverts par les Portugais: observations de coustumes et singula-*

[1] Antonio Pereira de Figueiredo—*Portuguezes nos Concilios geraes*, pag. 22.

Digitized by Google

ritez de delá, et autres declarations. Avec annotations de B. Paludanus sur la matière des plantes et espiceries: item quelques cartes géographiques et autres figures. Troixiesme édition augmentée. Amsterdam, 1638, fol.

II. *Le grand routier de mer de Jean Hugues de — contenant une instruction des routes et cours qu'il convient tenir en la navigation des Indes Orientales, et au voyage de la coste du Bresil, des Antilles et du cap de Lopo Gonsalves.* Amsterdam, 1638.

1667) LIPSIUS (JUSTUS).

E. — *Epistolarum Selectarum centuria prima ad Belgas.* Antuerpiae, 1605.

No fim d'este volume, na *Centuria singularis*, veem algumas cartas de Justo Lipsio a portuguezes. 1.ª A Fernando Dias, de cumprimentos e consolatoria. 2.ª A Lopo Soares, bispo de Portalegre. 3.ª A Nuno de Mendonça. 4.ª A Manoel Corrêa.

Justo Lipsio era tambem um grande admirador dos feitos dos portuguezes.

* 1668) LOBKOWITZ(D. JUAN CARAMUEL). — V. o art. n.º 769. Religioso á Dunas, Dotor de S. Theulugia *(sic)*, Abad do Melrosa, y Vicario General de la Orden de Cister por los Reynos de Ingalaterra, Irlanda, Escocia, etc.

E. — *Respuesta al manifiesto del Reyno de Portugal.* En Anberes en Oficina Plantiniana de Balthasar Moreto, 1642. 8.º 198 e uma dedicatoria a D. Francisco de Mello, Conde de Assumar.

Só depois de composto o primeiro volume pude ver um exemplar do *Manifesto*, do qual apenas eu tinha uma idéa mui vaga, motivo porque só apparece mencionado n'este *Supplemento*.

1669) LORENZANA (FREDERICO). — Poeta Italiano, que por algum tempo residiu em Portugal.

Compoz algumas poesias nas duas linguas Italiana e Portugueza, que foram publicadas no *Diario Illustrado* de 1873.

1670) LUCCA (FERDINANDO DE). — Membro della R. Accademia di Napoli.

E. — *Rapporto letto nella seduta del 11 giugno 1839. Sunto Geagrafico-Storico antico e moderno dedicato alla suddetta Accademia dal Colonuello J. P. Casado Giraldes al servizio di S. M. Fedelissima. Ufficiale della Segreteria di Stato per gli affari esteri, suo console generale negli stati, Cavaliere di più Ordini. membro della R. Accademia delle Scienze di Lisbona, di quella di Napoli Cardie di diverse altre, di Societá Litterarie etc.* Genova, Tipografia di L. Pellas, 8 14 pag.

«Noi dobbiam congratularci col sig de Giraldes, il quale fra gli altri pregi ha dato alla sua geografia quello del metodo, distribuendone lo studio in tante parte distinte, in ognuna delle quali ha ordinato tutti gli studi geografici da' piu elementari á più difficili.... E tanto più ci è grato questo sentimento di giusta considerazione, in quanto che alla stessa epoca, mentre egli stava ordi-

Digitized by Google

nando gli studi geographici in tre *divisioni*, ciascheduna suddivisa in altre parte, noi ci occupavamo a dar ordine á medesimi in tanti periodi distinti, ordinando in essi a mano a mano tutte le cognizioni geografiche, dalle piu facili alle piu sublimi.....

«E certamente non puó negarsi che queste descrizioni degli svariati articoli, i quali si referiscono ad ogni stato, comecché statistiche solamente, sono prezioze e per lo metodo onde sono disposte, e per le particolaritá di ogni maniera, le quali mettono quest'opera a fianco alle più accurate e piú minute geografie pubblicate a tempi nostri..... Noi riguardavamo una perfetta opera geografica, come opera superiore allo sforzo di un uomo solo, e giudicando che questa perfezione puó essere solamente l'opera riunita di tutt' i Governi, proponevamo un accordo fra essi per lo stabilimento delle societá geografiche, in modo che ciascuna di queste Società desse opera a far delle minute ricerche sulla geografia naturale, fisica, morale, antica e matematica dél proprio paese... Continuando a sporre l'ordine degli studi geografici che rendon pregevolissimo il compendio del sig. di Giraldes, noi vediamo esaurita nella prima divisione, ed in sei parte distinte, come un indice ragionato di tutte le svariete branche della geografia moderna....

«Egli serebbe impossible di enumerare tutte le particolaritá che rendono questo Compendio un deposito ricchissimo e prezioso di elementi geografici; una doviziosa sorgente di fatti e di cognizioni per attignervi i dati a ben ordinare un sistema di studi geografici. Ed altre a ció é ammirabile l'ordine col quale tante notizie svariate sono egregiamente raccolte....

«E certamente quest'opera, quando sará tutta uscita alla luce, sará un bello e durevol monumento elevato alla Geografia, la quale per essa riceverá il massimo incremento che potrebbero darle tutti gli sforzi di un uomo instacabile esercitato in questi lavori penosi, e che possiede un tesoro di fatti geografici raccolti con una pazienza straordinaria, e con quella specie di virtuosissima e rara ostinazione a superare ogni difficultá, senza la quale niuno si eleverá giammai su la sfera degli uomini ordinari....»

Recommendo este relatorio, apresentado á Real Academia de Napoles, ácerca da Geographia do nosso Casado Giraldes; é elle mui honroso para Portugal, mas os limites que este meu trabalho deve ter, não me permittem fazer mais extractos.

O relatorio é todo occupado com os mais pomposos e merecidos encomios á geographia de Casado Giraldes, obra da qual o hespanhol D. José de Urculu se aproveitou grandemente no seu *Tratado*, egualmente estimado, de Geographia. Porque não terá hoje Portugal geographos como o Visconde de Santarem, Casado Giraldes e D. José de Urculu?

1671) LUCAS.

E. — *L' Architecture en Portugal. Melanges historiques et archeologiques.* Paris, 1879,

Apparece esta obra citada a pag. XXX do 1.º vol. dos *Musicos portuguezes*, obra do sr. Joaquim de Vasconcellos.

Digitized by Google

M

«Petrus Nunnez, sive Nonnius, philosophus et mathematicus excellens. Saeculo XVI floruit, sed maiorem ab gloriam Nonnio Lusitania dederit, quae sapientibus suis quamplurimis viris mater, nutrix et decus, alienigenis tantum refugium et gratum domicilium semper extitit, an Nonius Lusitaniae attulerit, sive multiplici doctrinarum genere, quibus erat ornatus, sive tot egregiis operibus editis, quibus aeternam sibi famam comparavit, illic dicant, qui paraeclarum Lusitaniae Regni nomen perpensum et exploratum habentes et Nonnii magnarum ornamenta virtutum, totius orbis conspectui saepius objecta, commendataque, ex quibus eximium in patriam decus redundavit, acri judicio recolentes, aequa lance perpendere satis erunt.»

CAPASSI, *Historia Philosophica*, (Napoles, 1728).

1672) **MAIRE (LE).**

E. — *Voyages aux iles Canaries, Cap Verd, Sénégal, et Gambie.* Paris, 1695, em 12.

1673) **MAJESTÄTTISCHER EYREN SPIEGEL** *des fürtrefflichen Königreichs Portugal; von dessen Ländern und zugehörigen Provinzen.* Nürnberg, 1692.

1674) **MALLET (ALAIN MANNESSON).** — Francez, e engenheiro do rei de Portugal.

Escreveu uma obra em que trata da defeza do nosso paiz, intitulada — *Les Travaux de Mars.* [1]

1675) **MALTE BRUN.** — Celebre geographo dinamarquez, nascido em Thisted, na provincia de Jutland na Dinamarca em 1775, e fallecido em 1826.

E. — *Geographie Universelle,* da qual ha varias edições.

O leitor que ler com attenção este trabalho, principalmente na parte relativa a Portugal, e o comparar com o d'Elisée Reclus não poderá deixar de dar a preferencia ao geographo dinamarquez. [2]

[1] General Foy.—*Histoire de la guerre d'Espagne et du Portugal sous Napoleon*, vol. I, pag. 274.

[2] Alguns dos immensos erros que, a respeito do nosso paiz apparecem na *Geographie de Reclus* já por mim foram mencionados no *Jornal do Porto*. D'outros fallou o Sr. Marquez de Sousa mais tarde no *Boletim da Commissão Geographica*.

Digitized by Google

Malte Brun pinta perfeitamente o quadro dos começos e progresso das navegações dos portuguezes: «Por fim a bussola, invenção d'uma origem incerta tinha permittido que os marinheiros deixassem as praias, e se engolphassem no mar largo. No entanto é principalmente aos brilhantes triumphos obtidos diante de Ceuta, e á louvavel curiosidade do infante D. Henrique, que a Geographia é devedora da renovação das navegações ao redor da Africa, da descoberta dos paizes, que se prolongam desde o cabo Bojador até ao cabo Guardafui, e por fim do conhecimento mais exacto do Indostão e das regiões meridionaes da Asia, desde Ceilão até Nova Guiné, paizes outr'ora mergulhados nas trevas da fabula.

«Entre os motivos do principe Henrique é mister talvez contar as noticias, que judeos e arabes lhe forneceram ácerca do interior d'este paiz, a respeito dos *Azenaghis*, que habitavam em logares mais acima d'aquelles dos negros, e a respeito das minas de oiro de Guiné. O cabo Bojador havia sido até então o termo ordinario das navegações. Cada um receiava os perigos medonhos aos quaes a tradição dizia estarem expostos os que o dobrassem. Foi o que Gileanes, ou mais correctamente Gil Eanes conseguiu por fim em 1430 depois de varias tentativas inuteis. Todavia os temporaes e os vendavaes, que retardaram por tanto tempo esta empreza tinham arrojado em 1419 João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz á ilha de Porto Santo, e á ilha da Madeira, que provavelmente já tinha sido visitada mais de uma vez sem ser comtudo conhecida dos mareantes. Esta terra elevada pareceu ao principio aos portuguezes não ser mais do que um nevoeiro ao longe. Foi nas florestas immensas da Madeira que elles fundaram sua primeira colonia. O infante enviou para ella habitantes e animaes domesticos; e alli mandou plantar canas d'assucar da Sicilia, bem como bacellos de Chypre, e tambem engenhos de serrar, com o fim de que a mãe patria se podesse aproveitar das madeiras, que tinham escapado aos estragos do incendio causado por aquelles, que haviam descoberto a ilha Pelo tempo, em que se dobrou o cabo Bojador, outros portuguezes descobriram os Açores, os quaes parece com tudo que os arabes conheceram antes d'elles. Gonçalo Velho Cabral aportou á ilha de Santa Maria em 1432, as outras foram sendo encontradas a pouco e pouco, e sua descoberta só foi rematada em 1450. Ao principio julgaram ser as Antilhas, ou ilhas antes de chegar ás Indias de Marco-Polo; e Martin Behaim marcou na sua carta as costas do Kathai ao poente d'ellas. Começaram a ser povoadas em 1449. Em 1446, a duqueza de Borgonha mandou para ellas uma colonia de flamengos, o que fez com que tambem algumas vezes lhes dessem o titulo de ilhas flamengas.

«Muita obscuridade reina na historia do descobrimento das ilhas dos Açores. Ha divergencia a respeito das datas, que acabamos de citar; nem sequer sabemos coisa alguma de positivo a respeito da descoberta das ilhas Flores e Graciosa [1]; mas estão concordes em representarem estas ilhas como totalmente deshabitadas antes da chegada dos portuguezes. Pretendem até mesmo que

[1] O fallecido José de Torres bastante trabalhou n'este assumpto, e creio que, devida a elle, alguma luz penetrou em tão espessas trevas.

Digitized by Google

n'ellas não se encontrou um quadrupede sequer. No entanto temos visto que os mappas do XIV seculo indicam algumas paragens. A estatua equestre que pretendem haver sido achada pelos primeiros colonos na ilha do Corvo, e que, no dizer d'uns, apontava com o dedo para o oeste, ou no sentir de outros, fazia signal aos viajantes para que voltassem para traz, nos tem egualmente parecido a prova d'uma descoberta anterior. Mas os dinheiros carthaginezes e cyrenaicos encontrados na ilha do Corvo não nos auctorisam a fazer com que esta descoberta remonte aos seculos da antiguidade: podiam elles para alli ser levados pelos arabes, e mesmo pelos normandos ao regressarem d'uma expedição á Africa.

«No entanto a guerra com os mouros ou arabes continuava sempre além do cabo Bojador. Em 1442, Lisboa viu com assombro os primeiros escravos pretos com seus cabellos revoltos, e inteiramente differentes dos prisioneiros de guerra mouros, que não passavam de morenos. Os mahometanos os tinham dado, assim como oiro em pó, em resgate de alguns dos seus compatriotas cahidos nas mãos dos portuguezes; pois, antes da formação da companhia creada para o commercio de escravos, e estabelecida na ilha d'Arguim, e antes que o oiro de Guiné tivesse posto os portuguezes em estado de comprar negros, os desgraçados africanos eram todos os dias arrebatados á força. Em 1443, os portuguezes chegaram ao Senegal, onde encontraram os primeiros negros pagãos. Todos os povos, que elles tinham visto mais ao norte, e com os quaes sua feitoria d'Arguim fazia um commercio regular, eram mahometanos. As ilhas de Cabo Verde haviam sido descobertas em 1450 por Antonio Noli, genovez ao serviço de Portugal. Em 1456, o veneziano Aloysio de Cadamosto, na companhia de alguns genovezes, chegou á foz do Gambia, e reconheceu as ilhas de Cabo Verde; o cuidado que elle empregou em as visitar e em lhes pôr nome foi o motivo de lhe attribuirem a descoberta d'ellas. Pouco tempo depois, Pedro de Cintra foi o primeiro que tocou na costa de Guiné, deu a uma serra o nome de Serra Leôa, e se dirigiu para o Sul até ao Cabo Mesurado. Já a costa Africana, desdobrando-se para o éste, parecia abrir aos infatigaveis emissarios do principe Henrique o caminho da India. Já este principe, tão util ao seu paiz e á geographia, se podia lisonjear de ver chegarem ao remate seus nobres projectos, quando a morte o arrebatou no anno de 1460. Mas o espirito d'este grande homem não cessou de vivificar os portuguezes.

«O caminho estava traçado; para chegar ao remate nada mais era necessario do que uma constancia ordinaria. O estado imperfeito da navegação foi só a cousa que retardou os progressos das descobertas. Embora a companhia privilegiada unica que tinha licença para ir ás costas de Guiné, pagando 200:000 réis annuaes, se tivesse obrigado a avançar nas suas descobertas até 500 milhas mais ao Sul no espaço de cinco annos, os portuguezes não chegaram ao Cabo de Boa Esperança senão 54 annos depois de haverem dobrado o Cabo Bojador; circumstancia tanto mais digna de attenção, quanto ella refuta completamente a opinião dos que consideram o gyro da Africa pelos phenicios como um facto historico. Como poderão acreditar homens sensatos que uma galé phenicia tenha executado em tres annos o que não poderam levar

Digitized by Google

ao cabo em meio seculo navegantes arrojados, embarcados em fortes navios, e munidos da bussola?

«A companhia privilegiada não podia fazer o commercio em Arguim ou no Cabo Verde, mas tão sómente nas costas desconhecidas ao sul de Serra Leôa; o rei de Portugal reservava para si o direito exclusivo de alli comprar marfim por baixo preço.

«Alguns mareantes, cujos nomes são desconhecidos, descobriram em 1472 as ilhas de S. Thomé, Principe e Anno Bom, situadas na linha. A primeira não tardou em se tornar famosa por causa da cultura da canna d'assucar. Tendo-se refugiado em Portugal muitos judeos hespanhoes, foram desterrados para ella; e, muito tempo antes da descoberta da America, alli os escravos negros cultivaram a terra. A construcção do castello da Mina *(El-Mina)* sobre a Costa d'Oiro, descoberta em 1471 por João de Santarem e Pedro Escobar, facilitou muito o augmento dos conhecimentos ácerca de Guiné. Pouco depois, Diogo Cão achou o rio Zaire no reino de Congo, do qual alguns habitantes embarcaram voluntariamente para Portugal: ignoravam estes desgraçados africanos, que os estrangeiros, aos quaes concediam hospitalidade, vinham tomar posse da sua patria, hasteando n'ella uma cruz, e erguendo um padrão com uma inscripção em portuguez. Este pilar de pedra fez primeiramente dar ao rio Zaire o nome de rio Padrão, com o qual é conhecido em Martim Behaim. Pela mesma epoca, Affonso d'Aveiro descobriu o Benim, e d'alli trouxe pimenta para Lisboa: havia já muito tempo que n'esta cidade era conhecida esta planta. Os mercadores italianos a traziam do norte d'Africa, para onde as caravanas a levavam de Guiné, atravessando as terras dos Mandingos, e os desertos do Sahara. Como na Italia se ignorava qual era o paiz, que produzia esta preciosa especiaria, davam-lhe o nome de grão do Paraizo. Os portuguezes a levaram depois em grande quantidade ao porto d'Anvers; mas o monopolio regio das especiarias fez com que o uso d'ella fosse pouco vulgar durante muito tempo.

«Aquelles que foram os primeiros em abordar ao Benim, tendo ouvido dizer aos habitantes que a umas 250 milhas ao éste do seu paiz residia um principe christão, que adorava a cruz, julgaram ter-se finalmente encontrado na Africa o reino do *Preste João*, que andavam a procurar havia tanto tempo.

«O Benin e o Congo deram primeiramente uma direcção inesperada ao commercio dos negros feito pelos portuguezes. Os que antes de 1434, tinham traficado com o roubo dos pretos e dos mouros ao longo das costas, e nas ilhas para os irem vender em Portugal, onde era um artigo mui lucrativo, principiaram a commerciar na sua detestavel veniaga até mesmo na Africa. Conduziam seus captivos, quer directamente para o castello da Mina, quer para a ilha de S. Thomé, d'onde os transportavam em seguida para o castello: alli os trocavam por oiro, que os commerciantes negros ou mouros traziam do sertão. Por fim o rei João III prohibiu inteiramente este trafico, o qual fazia cair annualmente milhares de negros nas mãos dos infieis. Os portuguezes não assentaram feitorias ao Sul do Cabo Negro em Benguella e na Cafraria, e não examinaram o paiz com tanto cuidado, como as partes mais septentrionaes da

Digitized by Google

Africa. Por fim Bartholomeu Dias chegou, em 1486, á extremidade meridional: deu-lhe o nome de *Cabo das Tormentas:* mas o genio do rei João II viu n'elle o *Cabo da boa Esperança*, e dentro em pouco já se não duvidava de fazer o gyro d'Africa por mar.

«Antes que Dias trouxesse a noticia da descoberta a Lisboa, o rei D. João II tinha enviado dois monges a Jerusalem para obterem dos peregrinos, que áquella cidade se encaminhavam de todas as partes, informações a respeito do preste João, que residia na Africa. Esta deputação foi inutil, pois os emissarios não entendiam o arabe.

«Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva foram depois enviados a Alexandria para alli procurarem informações a respeito d'este principe christão, assim como a respeito da India. Chegaram até ao Cairo; aqui, tendo-se associado aos commerciantes mouros de Fez e de Tlemen, que se dirigiam a Aden, partiram para Suez. Covilhã embarcou alli. Visitou Goa, e Calicut, bem como as minas de oiro de Sofala na Africa. Regressou por Aden ao Cairo, com o fim de alli esperar pelo seu companheiro Paiva. Este tinha-se dirigido por terra á Abyssinia, onde havia fallecido. Mas, antes que os relatorios de Covilhã chegassem a Lisboa, dois judeus portuguezes, que haviam estado muito tempo em Ormuz e em Calicut, deram ao rei muito bons esclarecimentos ácerca das Indias e de todos os reinos, que d'ellas dependiam.

«Á vista da relação d'elles, e em conformidade com o conhecimento, que se tinha adquirido d'um mar, que se prolongava pelo meio dia da Africa, foi Vasco da Gama enviado em 1497, em busca das Indias por esta via: teve a missão de concluir com o preste João uma alliança para proteger o commercio d'estas regiões contra os mouros e arabes, que n'aquellas terras eram mui poderosos. Gama navegou ao cumprido das costas orientaes d'Africa. As numerosas frotas portuguezas, que o seguiram, havendo sulcado o mesmo caminho, todas as partes da costa, que anteriormente só eram conhecidas dos arabes, se ostentaram pela primeira vez aos olhos dos europeus. O *mar Tenebroso*, além de Sofala, que tinha parecido inaccessivel aos arabes, foi percorrido em todos os sentidos. Depois de ter dobrado o Cabo de Boa Esperança, Gama visitou uma parte da costa de Cafraria, á qual deu o nome de Terra de Natal, por ser esse o dia em que se fez aquella descoberta. Chegou até Sofala: mas dentro em pouco teve noticias dadas por Pedro de Rhaja, que alli mandou erigir um forte em 1506. Sofala conhecida dos arabes com o nome de *Terra do Oiro*, pertencia ao grande reino de *Monomotapa*.

«Os reinos de *Quiteve*, *Sedanha*, *Chicova*, e de *Butua*, dependentes do Monomotapa, foram dentro em pouco visitados cuidadosamente, pois que os portuguezes começaram a navegar pelo grande rio Zambese, e construiram nas suas margens os fortes de Sena e Tete. Tinham elles alli sempre, assim como em Bucati e em Nacapa, missões e feitorias, com chefes feitores para comprarem o oiro dos cafres, que residiam nas immediações das minas. Um exercito, commandado pelos portuguezes Barreto e Homem, partiu, em 1573, de Sofala e de Moçambique: depois de ter padecido bastante das fadigas, e travado grande numero de combates, penetrou até ás minas de *Manica* e de *Butua*.

Digitized by Google

Foi impossivel aos portuguezes estabelecerem-se n'estes desertos. Era com muita difficuldade que na lavagem separavam o oiro da areia: um artista, depois de ter trabalhado por muito tempo, apenas obtinha uns quatro ou cinco grãos. Os cafres não sabiam procurar as veias d'oiro no interior da terra; e as excavações, que faziam, ficavam diariamente entulhadas. Não queriam que os estrangeiros tomassem parte no commercio do oiro; recusavam-lhes viveres, e armavam-lhes ciladas.

«Não tendo Gama tocado em Sofala, descobriu Moçambique onde julgou poder encontrar pilotos para a India: mas foi em vão. Aportou, em 1497, na ilha de Mombaça. Aqui os portuguezes tiveram uma surpreza agradavel: uma cidade da Africa apresentou-lhes casas regularmente construidas, e costumes civilisados: era uma colonia arabe. Visitaram depois o reino de Melinde, onde reinava o luxo e florescia o commercio, e onde Gama viu pela primeira vez Banianes, ou commerciantes indios: alli obteve pilotos para o guiarem na sua viagem.

«As frotas, que o seguiram, e que todos os annos se enviaram de Lisboa, para as Indias acabaram a descoberta da Africa oriental até ao mar Vermelho Faria e Sousa fez um registro d'ellas, que abrange cento e quarenta annos. Pedro Alvarez Cabral, depois de ter sido arrojado por um temporal a uma terra incognita, á qual deu o nome de *Terra de Santa Cruz*, e que é o Brazil, chegou em 1500 a Quiloa, capital d'um reino arabe poderosissimo, sobre a costa de Zanguibar, que possuiu por bastante tempo Mombaça, Melinde, as ilhas Comores, e varios postos no Madagascar. Albuquerque, o Grande, descobriu, em 1503, a ilha de Zanzibar, nas proximidades de Mombaça, e impoz a seu soberano um tributo annual. Varios outros estados arabes não tardaram em ser submettidos a similhantes contribuições. Exigiam quinhentos miticaes por anno á republica de Brava. O rei de Portugal auferia um rendimento consideravel de todos estes Estados negros; o oiro da Africa era principalmente empregado no pagamento das mercadorias das Indias, que os portuguezes não podiam saldar com os productos e remessas da Europa. O boato, que tinha circulado, de que Madagascar, ou como então se chamava, a *Ilha de S. Lourenço*, por ter aportado a ella Lourenço d'Almeida, produzia especiarias finas, induziu Tristão da Cunha, em 1506, a visital-a minuciosamente. Apenas alli achou gengibre, negros ferozes, e alguns arabes espalhados ao longo da costa, onde elles tinham estabelecimentos, cuja importancia e segurança dependiam de suas colonias d'Africa. Pelo mesmo tempo outros navegantes portuguezes aportaram á costa d'Ajan, nome pelo qual os arabes comprehendiam todos os paizes entre o rio Quilimanci e o cabo Guardafui. A cidade de Magadoxo fazia então um mui grande commercio: seus habitantes tinham descoberto o paiz de Sofala, e estendido suas relações ao longo d'esta costa. Magadoxo era frequentada pelos commerciantes d'Aden e de Cambaia, que alli vinham cambiar as mercadorias da India por oiro e marfim. *Albuquerque* tendo finalmente conseguido expulsar os arabes d'Aden em 1513, foi o Mar Vermelho patenteado aos portuguezes: adquiriram elles um conhecimento exacto dos portos e dos paizes terminados pelas costas, bem como de sua navegação lenta e perigosa.

Digitized by Google

A Abyssinia fôra conhecida por elles desde 1487, pela embaixada, que tinham enviado a esta região, e por outras vias: mas não appareceram nas costas d'este reino, antes de 1520. Por esta epoca Lopez Sequeira alli chegou com uma frota. Francisco Alvares faz conhecer o paiz pela relação de sua embaixada.

«Assim, as costas da immensa peninsula d'Africa foram inteiramente conhecidas. Concedemos que alguns geographos antigos tenham considerado como possivel a circumnavegação d'esta parte do mundo, ao passo que outros se recusavam a acreditar n'ella: admittamos que um navio arabe, em o seculo IX, indo ás Indias tenha sido arrojado por um temporal para o Sul da Africa, e haja chegado ao Mediterraneo, nem por isso o caminho em volta do cabo era mais conhecido, e os arabes, para os quaes era mais facil descobril-o, pensaram nelle tão pouco, que o navio, do qual acabamos de fallar, lhes pareceu dever ter entrado no Mediterraneo pelo mar dos khazares, isto é, *pelo mar Caspio*, que elles suppunham juntar ao mesmo tempo o Oceano Oriental e o Mar Negro. Como é possivel ver, n'esta anecdota tão incerta e tão obscura, uma *descoberta* anterior á dos portuguezes?

«Cumpre lançar um relance d'olhos sobre as viagens dos portuguezes na Asia. Perdemos uma das fontes principaes, a geographia da Asia, por Barros, a mais completa das d'este seculo: mas Ramusio, nos conservou outras duas contendo excellentes esclarecimentos ácerca da Asia meridional, desde o Mar Vermelho até ao Japão. O auctor d'uma é Duarte Barbosa: alli colligio tudo quanto n'aquelles paizes havia observado, e o que tinha ouvido a outros. Barbosa accompanhou Magalhães na sua viagem em volta do mundo, e encontrou a mesma sorte que elle na ilha de Zebu. O nome do auctor da segunda geographia não nós é conhecido: com tudo tinha elle lido Barbosa, pois dispõe na mesma ordem os paizes, dos quaes falla. Promette uma descripção particular e minuciosa das Molucas; mas esta parte da sua obra perdeu-se.

«É em harmonia com estas fontes que apresentaremos o quadro dos progressos succes ivos dos portuguezes nas Indias, que indicaremos os reinos, que floresciam então, e diremos quaes são os serviços que estes europeus prestaram á geographia, completando nossos conhecimentos da Asia.

«Vasco da Gama aportou em 1498 em Calicut, capital dos Estados do Samorin na costa de Malabar. Seus companheiros não tardaram em espalhar-se por Cochim, Cranganor e outros portos do mar, que faziam o commercio da pimenta e o das especiarias finas. Os arabes e os viajantes da edade media tinham feito conhecer isoladamente alguns logares da costa do Malabar e d'outras regiões da India. As primeiras relações dos portuguezes representaram os paizes e os povos, mesmo os menos consideraveis, segundo sua posição e sua importancia reaes: e, em vez dos fragmentos, que se possuiam até então ácerca da India, poderam finalmente formar um quadro geral. Barbosa e Barros fazem já menção dos reinos situados entre os paizes Dillé e Comorin, taes como os de *Calicut*, *Cranganor*, *Cochin*, *Coulão* e *Travancor*, assim como de varios pequenos Estados dos Naires, como *Porca* e *Chettua*. Estes dois auctores escrevem tambem com a maior minuciosidade os usos do Malabar, a divisão por castas, e tudo quanto distingue das outras nações os indios.

Digitized by Google

«Não tardaram os portuguezes em chegar ás serras do Gattes, d'onde saiem todos os rios consideraveis, que regam a costa de Coromandel. Pouco depois da sua chegada, estenderam se ao comprido da costa occidental até ao golpho de Cambaia. Penetraram no reino de Kanara, que confronta com o Malabar: era então sua capital *Onor*, cidade commerciante, que ainda existe. Baticalá e Mangalor eram n'aquelle tempo cidades celebres. O rio Aliga formava, nas immediações das Ankedivas, o limite septentrional do paiz de Kanará: alli começava o *Dekhan*, Estado mui poderoso então, que se entendia até á costa de Coromandel, e que estava dividido em varios reinos, nomeados por escriptores modernos *Visapur*, *Berar*, *Golconda*, e *Kandeisch*. Em 1510, Albuquerque conquistou no Dekhan a cidade de Goa, depois tão celebre, e o centro da dominação dos portuguezes nas Indias. Dabul, Chaul e outras cidades maritimas foram forçadas a submetter-se ao vencedor. O ribeiro de Bainganga separava o Dekhan do reino de *Cambaia* que abrangia varias cidades de commercio mui florescente, taes como Damão, Barotch, e Surrate. Tinha tambem na sua dependencia a ilha de Salcete, cujos pagodes abertos nas rochas, idolos gigantescos e outras antiguidades attraiem ainda a admiração dos viajantes. Tendo chegado ao Gudjerate, os portuguezes fundaram na ilha de *Diu*, celebre pela riqueza de seu templo, uma fortaleza e uma cidade, que fez um mui grande commercio com a Arabia, Persia, e paizes vizinhos. Ao norte, nas serras, moravam os indomaveis *Rasbuttos*.

«Tendo os principes mahometanos d'estes Estados tentado, pela força das armas, afastar os portuguezes das suas costas, estes estabeleceram relações de amizade com varios grandes reinos indus do interior. A alliança com o de *Bisnagar* não tardou em se tornar summamente importante. Este Estado, que tinha o nome da sua capital, hoje destruida, contava os rajahs de Kanará entre seus vassallos. Barbosa dá a este reino o nome de *Narsinga*. Diz que ao norte do rio Aliga era elle limitado pelo Dekhan, e que dominava no Tanjaur e no Travancor. Barros parece comprehender n'este reino todas as provincias meridionaes da peninsula áquem do Ganges.

«Os portuguezes só começaram a frequentar a costa de Coromandel, depois de terem descoberto Malaca e as ilhas das especiarias. Em 1518 chegaram a Bengala debaixo do commando de João da Silveira. Pelo mesmo tempo, o rei D. Manoel deu ordem para procurarem o tumulo de S. Thomé em Meliapor. Nenhum dos historiadores portuguezes faz menção dos antigos reinos, ou provincias de Maraova, Kanjaur, e Karnatic; mas fazem-na d'um grande numero de cidades, entre as quaes, Tutucoryn Negapatão, Tranquebar, Pondichery, Palicate e Masulipatão que ainda existem. A costa de Coromandel era abastecida com o arroz do Malabar. Muitas vezes nem uma gota d'agua chovia n'estas regiões, o que era causa d'uma fome tão horrorosa, que até os pais vendiam seus filhos por dois ou tres pequenos dinheiros de prata, chamados fanams. Estes infelizes eram depois transportados como escravos para os outros logares do Indostão. Na parte septentrional da costa de Coromandel estava o reino d'*Orixa*, hoje provincia do Indostão inglez: alli se encontravam

Digitized by Google

varias cidades commerciaes, florecentissimas, das quaes a maior parte ainda existem. Quando João da Silveira chegou ao porto de Chittagong ou Chatigam, na *Bengala*, foi recebido com grande frieza, e pouco chegou a conhecer a respeito d'este jardim da India. Chittagon tinha relações com todos os portos da India. Ao tempo da chegada dos portuguezes, remettiam d'alli para a Persia um grande numero de eunuchos, que se vendiam a cem, e a duzentos ducados. Fabricavam-se em Bengala tecidos de algodão da maior finura: e d'alli se exportava tambem muito assucar, gingibre e seda. Depois da chegada dos portuguezes o commercio de Chittagong decresceu rapidamente por não poderem os arabes remetter com segurança os productos de Bengala para Malacca e Cambaia.

«Não tardaram em serem visitadas pelos conquistadores portuguezes as ilhas visinhas á India: Francisco d'Almeida construiu um forte nas *Ankedivas*, com o fim d'interceptar os navios mouros, que n'aquelle sitio se reuniam desde que os portuguezes se tinham assenhoreado de Cochim e de Calecut, e a costa de Malabar era um formigueiro de corsarios christãos. Em 1511 Simão d'Andrada foi arrojado ás Maldivas, que dentro em pouco se tornaram famosas pelos seus cocos; eram ellas já frequentadas, e os marinheiros iam á procura de enxarcias, que se fabricavam com as fibras de cocos, e de buzios, que serviam de dinheiro miudo em Bengala e Siam. Só os portuguezes extrahiam annualmente de dois a tres mil quintaes d'estas conchinhas, que levavam para Guiné, Congo e Benim. Desde 1506, tinham visitado Ceylão. Almeida pretendeu expulsar d'aqui os mouros, que levavam a canella para Aden e Ormuz, e que d'esta ilha se serviam como de logar de refresco para os seus navios carregados de especiarias, vindos de Malaca, e das Moluccas, e encaminhando-se para os golphos da Persia e da Arabia. Ensinaram os portuguezes aos insulares o uso das armas do fogo, bem como o fabrico das peças d'artilheria e d'outras armas. A fortaleza, que construiram em Colombo, residencia do rei dos Chingalezes, foi o seu primeiro estabelecimento n'esta ilha. Dentro em pouco todos os reis vizinhos foram obrigados a pagar-lhes um tributo annual em canella, anneis cravejados de perolas e rubins, e em elephantes.

«A esperança de encontrar em Malacca, ou nas ilhas vizinhas a patria das especiarias, alli attrahiu Lopez de Sequeira em 1509; mas só em 1511 fizeram um estabelecimento fixo, depois da tomada de Malaca por Albuquerque. Tinha esta cidade sido fundada havia uns duzentos e cincoenta annos, em logar da de Sincapura, já afamada pelo seu commercio: era a capital d'um reino particular, que se tinha separado do de Siam: seu porto era o mercado principal para as mercadorias, e para as especiarias: alli se viam negociantes da Arabia e da Persia, e para alli se encaminhavam do Malabar, Bengala, Siam, Java, China, Moluccas e Philippinas. A conquista d'esta cidade tornou os portuguezes senhores do commercio das especiarias, e lhes franqueou todo o archipelago indiano, bem como a peninsula além do Ganges. Acharam que o reino de Siam se compunha de outros nove, dos quaes Barros nos conservou os nomes. Sua capital chamava-se Judia, e seus portos mais frequentados pelos estrangeiros eram Tenasserim e Queda. O rei de Pegú, o mais poderoso

Digitized by Google

dos seus vizinhos, já tomava o titulo de senhor do elephante-branco. Martaban era o logar mais commercial do Pegú. Além das outras mercadorias das Indias, encontravam-se n'aquelle logar gomma laca, porcelana e aromas. Os outros reinos d'esta peninsula, como os de *Birman*, *d'Araka*, Ava Camboja, Ciampa, e da Cochinchina, até então ignorados dos europeos, foram sahindo da obscuridade á medida que os portuguezes iam progredindo nas suas incursões victoriosas.

«Penetraram estes infatigaveis conquistadores na China em 1516. Fernão Peres, tendo sahido de Malacca, aportou a Cantão, ou mais exactamente, á ilha de Faman, affastada uma tres milhas d'esta cidade. Já os chinezes tinham concebido tantas desconfianças dos estrangeiros, que já lhes não permettiam a entrada no seu paiz por terra, e os obrigavam a depôr suas mercadorias na ilha de Faman antes de as poderem levar a Cantão, e não quizeram conceder aos portuguezes liberdade de andarem pela cidade. Ficaram os portuguezes surprehendidos com a extensão immensa da China. No dizer d'elles, prolongava-se 31 graus para o norte. As cartas geographicas, feitas n'este imperio, e que chegaram então a Portugal, deram conhecimento da grande muralha, que separa a China da Tartaria. Á sua chegada, era este imperio composto de quize reinos differentes, aos quaes Barros dá os nomes seguintes: *Cantão*, *Fequiem*, *Chequeam*, *Cantão*, *Nanquim*, e *Quincii*, que jaziam ao comprido da costa; mais longe os de *Quinchen*, *Junna*, *Quancii*, *Suluam*, *Fuquam*, *Cansii*, *Xiansii*, *Honan*, e *Sancii*. Alguns d'estes nomes quasi que nem ares dão das provincias actuaes. A China contava duzentas e quarenta e quatro cidades de primeira ordem. Havia seculos que a imprensa trabalhava na China, e apenas então acabava de nascer na Europa. Um embaixador chegou até Pekin, mas não foi admittido á audiencia do imperador. As pessoas d'importancia de Cantão, mandaram dizer para a côrte que os portuguezes eram espiões, que vinham examinar o paiz. Faltavam ellas á verdade? Sim: a conquista de Malacca devia fazer com que os mandarins receiassem uma affronta egual para a China. O embaixador, obrigado a voltar para Cantão, alli morreu n'um carcere bem como as pessoas da sua comitiva. O odio dos chinezes aos portuguezes estava ainda tão acirrado em 1542, que sobre as portas de Cantão se liam estas palavras, escriptas com lettras douradas: «Não se deixa aqui entrar, nem se consentem os homens, que usam de barba cumprida, e teem olhos grandes.

«Desde 1511 que os navegantes portuguezes percorreram todo o archipelago Oriental das Indias. Depois da sua primeira viagem Sumatra foi examinada com mais exactidão, do que se tinha feito até então. Barros apresenta os nomes dos vinte e nove reinos malayos que existiam então n'esta ilha, não contando os que, situados nas serras do sertão, nenhumas relações tinham com os portuguezes; exportavam d'esta ilha as mesmas mercadorias, que ainda hoje a fazem importante para o commercio: o estanho, pimenta, pau sandalo, e camphora: esta ultima droga era alli muito melhor do que na China. Chegaram em 1513 a Borneo: mas esta ilha tão grande ficou menos conhecida do que as outras, e tudo quanto se poude dizer então foi que produzia tambem

Digitized by Google

camphora. Só em 1530 recebeu d'elles o nome de Borneo: Magalhães tinha-lhe posto o nome de Bunné. Desde 1513 frequentaram muito Java; no entanto Barros diz que se não visitou a costa meridional, cujos habitantes quasi que não tinham relações com os do norte. Produzia esta ilha arroz com abundancia, pimenta e outros generos. A cidade de Japara era a residencia d'um principe poderoso; mas o reino de Jacatia era o mais consideravel da ilha.

«O numero immenso das ilhas situadas ao sudoeste da Asia, tinha maravilhado o Tito Livio dos portuguezes; viu elle já n'ellas *uma quinta parte do mundo*, aquella a que havemos dado o nome de Oceania. Couto, seu continuador, abrange todas as ilhas além de Java e de Borneo em cinco grupos differentes. Ao primeiro pertencem as Molucas, ou Ternate, Motir, Fidor, Makian e Batchian, descobertas primeiramente pelos portuguezes, a quem os arabes as tiraram, e das quaes os portuguezes, commandados por Antonio d'Abreu, se apossaram em 1511. Dava se o nome de Molucas, ou *Ilhas das especiarias*, a um maior numero d'ilhas. O segundo archipelago abrangia Gilolo, Mortay e algumas outras ilhas habitadas por selvagens, bem como a de Celebes ou Macassar, a qual Garcia Henriquez quiz examinar em 1525, por ser famosa pelas suas minas d'oiro, mas os habitantes opposeram-se a que elle desembarcasse. Todavia os portuguezes não tardaram a construir alli um baluarte, e alli fundarem alguns estabelecimentos. O terceiro grupo continha a grande ilha de Mindanao, a de Soloo, e algumas das Philippinas meridionaes, entre outras, Mascate. Barros conhecia menos, as que jaziam ao norte, talvez por pertencerem aos hespanhoes. Com tudo faz menção da de Luçon referindo-se ao anno 1511. Entre os povos remotos, que vinham commerciar a Malacca, nomeia os chinezes, os habitantes das ilhas Lieou Khieou e os de Luçon: é por tanto, este nome mais antigo do que se crê geralmente. O quarto archipelago era formado pelas ilhas de Banda, Amboino, e varias outras mui pequenas na sua vizinhança, como Ay, Banda, Neira e Rom. As duas maiores foram descobertas em 1511 por Antonio d'Abreu. Os portuguezes pouco frequentaram o quinto archipelago, porque os habitantes, pobres e ferozes, fugiam a qualquer commercio com os estrangeiros. Eram tão negros como os cafres da Africa, não conhecendo nenhum metal, e servindo-se de dentes aguçados de peixes para furarem a madeira; a si mesmos davam o nome de Papus, isto é, negros. Havia entre elles alguns individuos de côr branca, que não podiam supportar a claridade do dia. Estas particularidades só podem convir á Nova Guiné e as ilhas vizinhas, ainda hoje habitadas por povos inteiramente similhantes. Foi tambem isto que fez com que se desse, nos mappas, á costa do nordeste da Nova Guiné, o nome de Terra dos Papuas. Apezar de terem sido estes paizes o termo das descobertas dos portuguezes para o éste, suspeitaram elles que ainda havia outras ilhas mais além, e supposeram que deviam jazer ao longo d'uma grande terra meridional, que se estendia até ao estreito de Magalhães. Seria aqui o logar de demonstrarmos que os portuguezes com certeza visitaram as costas da Australia, ou Nova Hollanda, antes do anno 1540, mas que as consideravam como uma parte do grande continente austral, cuja existencia se admittia em conformidade com Ptolomeo.

Digitized by Google

«Apezar dos obstaculos, que estorvavam os portuguezes a visitarem a China, percorreram elles o mar, que banha as costas d'ella. Peres, que foi o primeiro que aportou a Cantão, descobriu em 1518 as ilhas de Lieu-Khieu, ricas em oiro, e cujos habitantes navegavam até Malacca. Em 1542, Antonio da Motta, que procurava, apezar das prohibições, penetrar na China, foi arrojado pela tempestade ás costas do Japão, ao qual seus habitantes davam o nome de *Nipongi*. Eram mais brancos do que os chins, e tinham, assim como elles, olhos pequenos, e mui pouca barba: receberam os estrangeiros com maneiras mui amigaveis, e pagaram-lhes suas mercadorias com dinheiro. Esta descoberta foi dentro em pouco proseguida com ardor, principalmente pelos Jesuitas, que apressando-se a acompanharem para aquelle imperio os mercadores, n'elle estabeleceram missões, propagaram por toda a parte a religião christã, publicaram varias descripções do paiz, e mandaram imprimir a historia de suas aventuras.

«Taes foram os resultados do projecto formado pelo principe Henrique; pois era o espirito d'este grande homem, que animando os Gamas, e os Albuquerques, os havia conduzido das extremidades occidentaes da Europa até aos logares, onde o immenso Oceano oriental parece ter retalhado n'um milhar d'ilhas a vasta massa da Asia. Nada tinha podido detel-os, nem a extensão das costas aridas e selvagens, que havia sido mister percorrer, nem o exemplo horroroso de mais d'uma frota naufragada. Tinham passado além d'esse formidavel promontorio, onde a musa de Camões viu o genio do Oceano, do alto d'um throno de nuvens, agitar, encolerisado, o seu sceptro chamejante, que levantava as ondas, e desencadeava as tempestades: tinham dispersado esses numerosos exercitos d'arabes bellicosos, defendendo, contra um punhado de estrangeiros, sua fé, seus thesouros, e suas vidas, debaixo da direcção de principes illustres, e valentes capitães. Tudo havia cedido á coragem d'um pequeno povo europeu: todas as costas da Asia e da Africa enviavam seus tributos a Lisboa. Mas a temeridade do rei Sebastião cansou por fim a fortuna e a potencia portugueza encontrou o seu tumulo nas planicies cruentas d'Alcaçar-el-Kibir. Definhando debaixo do jugo hespanhol, viu Portugal seu magnifico imperio na Asia e na Africa perecer, e reduzir-se successivamente a algumas feitorias. A sêde de oiro, que tinha inspirado aos chefes das colonias portuguezas um procedimento tyrannico; a revolta das nações orientaes, as aggressões dos hollandezes, e as discordias intestinas, tudo concorreu para tornar inuteis os prodigios de valor, com os quaes o grande Castro e alguns outros, procuraram defender as conquistas da Asia.» [1]

* 1676) MANCINI (POLIZIANO). — V. o art. n.º 805
E. — *Il principe Altomiro di Lusitani regnant.* Roma, 1650, 12.º

1677) MARCHE (OLIVIER).
«As *Memorias* d'este escriptor francez, organisadas entre 1435 e 1488, são

[1] Deve-se ler em Malte-Brun (Vol. I), a parte em que elle attribue aos portuguezes a descoberta da Oceania.

Digitized by Google

a fonte mais preciosa, que se póde encontrar sobre as origens tradicionaes das *Quinas portuguezas*. Pódem-se consultar na *Collection complète des Mémoires relatifs à l'Histoire de France, par Petitot*, t. IX, 2ª serie, pag. 107. É para admirar que na celebre polemica sobre o Milagre d'Ourique, nenhum dos contendedores se lembrasse de interpretar um texto tão importante.» [1]

1678) MARCOU (LÉOPOLD). — Lente cathedratico no Lyceo Louis le grand, em Paris.

Reviu e augmentou a ultima edição da *Selecta Franceza de Roquette*, impressa em Paris no anno de 1874.

1679) MARGR (PIERRE).

E. — *Les navigations françaises et la révolution maritime du XIV au XVI siècle d'après les documents inédits tirés de France, Angleterre, d'Espagne et d'Italie par* —. Paris, 1867, 8.º

Versa esta obra sobre os pretendidos direitos dos francezes á prioridade do descobrimento da costa de Guiné, direitos até hoje não corroborados por documento algum, diz M. Major na Vida do Infante D. Henrique (versão portugueza, pag. 23).

1680) MARIANNA (P. JUAN DE). — Celebre historiador hespanhol.

E. — *Historia general de España que escrebio el ilustrada en esta nueva impression de tablas cronologicas notas y observaciones criticas con la vida del autor*. Valencia, y Oficina de Bento Montfort. Año 1783. 9 vol. fol.

Recommendo as annotações d'esta edição aos que desejarem escrever por miudo ácerca do nosso paiz, pois muitissimas vezes nos dizem ellas respeito.

1681) MARKLAM (D. R).

E. — *The portuguese expeditions to Abyssinia, in the XV.th XXI.th and XVII.th centuries*. Foi este trabalho publicado no *Journal of the Royal Geogr. society*, vol. 38 pag. 1 a 12.

1682) MARTEAU (P).

E. — *Rélation de ce qui s'est passé en Portugal, par rapport aux operations de la Campagne de 1765, qui etoit la seconde année de la Guerre en ce Royaume*. Cologne.

1683) MAWE (ARISTIDE). — Illustre Orientalista.

Na sua *Historia dos Reis Malayos de Malaca* (1252 a 1511) apresentada no Congresso dos Orientalistas em 1873, traz dados preciosissimos para completar a biographia do nosso Affonso de Albuquerque. [2]

* 1684) M elle *** V. o art. n.º 896.

E. — *Agnès de Castro. Nouvelle portugaise, par* —. Amsterdam, chez Pierre Savouret, dans le Kalver. Straat.

[1] Palavras do Ex mo Sr. Theophilo Braga.

[2] Noticia devida ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

1685) MEMOIRES INSTRUCTIFS POUR UN VOYAGEUR *dans les divers Etats de l'Europe: Contenant des Anecdotes curieuses très propres à éclarcir l'Histoire du Temps; avec des Remarques sur le Commerce et l'Histoire Naturelle.* Amsterdam, Chez H. du Sauzet, 1738, 8.º

Vi dois volumes, ignoro porém se a obra comprehende mais. O primeiro tracta de Portugal no reinado de D. João V, e esta viagem continúa no segundo; confesso que achei mui interessante a leitura.

«Apezar de eu ter estado já por duas vezes em Lisboa, tinha com tudo viajado por terra, e por isso nunca tinha visto a entrada do Tejo, que offerece um dos mais bellos pontos de vista, que se pódem imaginar. A torre de Bugio, que se apresenta no meio do mar, á direita, alguns outros fortes á esquerda, grande numero de casas de recreio n'uma campina verdejante, e coberta de larangeiras carregadas de fructos; a torre de Belem, Lisboa em perspectiva no seu conjuncto apresenta uma vista, que difficilmente se encontrará n'outra parte. Duvido que haja outra mais bella, exceptuando a que apresenta Constantinopla, quando nos approximamos d'esta cidade.

«Apezar de todos estes fortes, os senhores Fourbin, e Duguay Trouin offereceram-se uma vez a Luiz XIV para irem lançar fogo ao palacio do rei de Portugal, e queimarem a esquadra ingleza que se julgava ao abrigo de qualquer insulto.

«Embora o rei de Portugal D. João V tenha feito grandes cousas nos seus Estados, não tinha ainda podido no meu tempo extirpar o mau costume de fazer assentar praça na infanteria aos lacaios dos Senhores [1] com o posto de officiaes subalternos, embora não tenham nenhuma das qualidades requeridas para o commando de tropas. Estes officiaes calçam e descalçam a seus senhores, sem nunca largarem a banda e a espada.

«Como eu sabia por experiencia que as hospedarias em Lisboa são umas verdadeiras espeluncas, onde a gente está mal alojada, fui dormir na cama de um meu amigo, e depois fui percorrer a cidade para examinar os sitios, em que havia bocados de papel branco nas janellas, que é o signal usual de que se servem para indicar que as casas estão para alugar. Tive a dita de encontrar bem depressa um aposento conveniente: fui depois ao mercado da praça do Rocio, onde se encontra tudo quanto se póde desejar; comprei a mobilia necessaria, e fui alojado e fornecido de tudo em menos de trinta horas.

«Ganha-se esta despeza no praso de dois mezes. A que se fizesse na hospedaria no mesmo espaço de tempo, seria pelo menos tão consideravel, tendo ao mesmo tempo o dissabor de ser n'ella maltratado, e de suportar as maneiras grosseiras de um bodegueiro francez, pelo menos. As pessoas d'esta raça nunca deixam de trahir os seus hospedes, informando aos commerciantes seus amigos d'aquillo que os recem-chegados teem tenção de fazer, e empregam todos os meios para lhes subtrahirem alguns papeis, que possam fornecer esclarecimentos ácerca dos seus negocios. Eis ao que a gente está exposta nesta

[1] *Mémoires etc.* vol. I. pag 45.

Digitized by Google

sorte de hospedarias, pois os portuguezes não alojam ninguem nas suas casas, e os hollandezes dão muito má comida, e ainda levam mais dinheiro do que os tasqueiros francezes. O que augmentava a minha satisfação era ver-me abrigado contra a curiosidade importuna dos francezes de Lisboa, que correm atraz de um estrangeiro como os corvos atraz de um paciente, que levam á força, para lhe arrancaram os olhos. Estes individuos dentro em pouco julgam pela physionomia de um estrangeiro recem-chegado se vem dos paizes maritimos do Norte, se é inglez, hollandez, hamburguez etc. Neste caso seguem-no por toda a parte, procuram ganhar sua confiança, e não o largam, sem que o tenham roubado, ou sem que venham no conhecimento de que estão perdendo seu tempo, com um homem que não está resolvido a deixar-se enganar, ou que não está em estado de contentar sua avareza.

«Ha mui poucas boas casas francezas em Lisboa, e se nesta cidade se encontram alguns francezes ricos, é porque casaram com portuguezas e vivem em geral como os ursos.

«O estrangeiro não deve frequentar as casas de mulheres publicas, nem entregar se aos excessos do vinho. Os portuguezes desprezam os bebados, e o rei que não bebe vinho, tem uma aversão invencivel contra todos aquelles, que se entregam a este vicio. Em quanto ao commercio com mulheres, não poderia eu bastantemente exprimir a que perigos se expõe um homem, que procura satisfazer sua paixão a este sexo, e que se anda a divertir com as mulheres de má vida. Não deixa de ser remunerado com certos presentes de Venus, mui proprios para o amargurarem, e fazerem arrepender da sua imprudencia. Um homem está perdido, se lhe não applica o remedio de prompto; e se tem a ventura de recuperar a saude, dois annos ainda lhe não são bastantes para restaurar suas forças. Aquelles, que pretendem evitar esta desgraça, teem o cuidado de se fornecerem de uma amante: e póde-se ter uma por seis moedas de oiro cada mez. Então a mãe da bella, toma cuidado na filha, e não se incorre em nenhum perigo. Visto haver eu fallado dos terriveis perigos, a que os homens estão expostos por frequentarem as mulheres devassas d'aquelle paiz, dos quaes os estrangeiros se não podem curar, se forem com aquellas molestias para paizes frios, é aqui logar de dizer uma palavra a respeito dos famosos banhos de Portugal, aos quaes se dá o nome de Caldas. Estes banhos curam radicalmente as doenças venereas de qualquer especie. Vi o irmão do decano de todos os embaixadores do mundo, na edade de perto septenta annos, voltar d'aquellas aguas perfeitamente curado. Tinha antes de se fazer transportar para ellas o craneo tão podre, que, quando lhe punham em cima uma bolla de chumbo, formava uma cova com seu proprio peso: as carnes de suas pernas e braços estavam quasi a separarem-se dos ossos; exhalava um cheiro parecido com o de um cadaver, e ao sahir d'estes banhos, sustentava-se em pé como qualquer outro homem. Os cirurgiões portuguezes tendo pouca pratica do curativo d'esta doença, acham-se perfeitamente ignorantes na sua cura; e os estrangeiros, que se entregam nas mãos dos cirurgiões francezes, são em geral enganados por elles. O melhor partido, que se deve tomar, é ter uma vida regular: é este o unico preservativo contra esta sorte de doen-

Digitized by Google

ças, que são as unicas, que se devem temer n'aquelle paiz, devendo-se fazer um pequeno uso do vinho, e não se comer carne de tarde, nem figos, nem melões depois do meio dia.

«São a taes horas estas fructas mui nocivas, embora não o sejam nem pela manhã, nem ao jantar. É de notar que a melancia, tem tanto de saudavel comendo-se depois do jantar, quanto o melão tem de nocivo. [1]

«A infanta real de Portugal, que depois casou com o principe das Asturias, era então uma princeza, que dava grandes esperanças, e tinha uma indole excellente. As bexigas tinham extraordinariamente desfigurado o seu rosto. Falla varias linguas, como a rainha sua mãe, irmã do imperador Carlos VI, que hoje occupa o throno imperial. O principe do Brazil n'aquelle tempo era bello, e como não fallava francez, tomei a liberdade de lhe perguntar a razão. Sua Alteza real deu-me em resposta: *Minha Mãe não quer*. Tendo-lhe replicado que a infanta real fallava bem o francez, o principe respondeu-me: *Porque minha mãe assim o quer.*

«A rainha de Portugal é uma digna e grande princeza, uma boa mãe, que educa a familia real com todos os cuidados possiveis. Supportou com grande paciencia a affeição que o rei teve a uma certa casa religiosa, o que deu grande brado no mundo. Este principe poz termo a esta affeição com uma grandeza de alma digna de um grande rei, e que póde servir de exemplo a todos os principes

«O rei de Portugal, embora distrahido com os seus prazeres, não cessou nunca de ter as mesmas attenções para com a rainha. D'aqui resultou até mesmo um grande bem, pois os conventos das freiras em Portugal, que anteriormente eram logares de uma grande liberdade para o galanteio, se tornaram santos asylos, que podem bem servir de exemplo aos conventos de muitos outros paizes. Não é para surprehender que os amores do rei tenham feito muito barulho: pois a nobreza do reino se viu privada dos seus entretenimentos usuaes, sendo a entrada nos conventos prohibida a toda a qualidade de pessoas, sem excepção. O rei não isentou ninguem do castigo, que merecessem os que tivessem a temeridade de desobedecerem a suas ordens: viu-se desterrar um velho almirante de sessenta annos de edade, e ser punido com a mesma severidade, de que se teria usado para com um mancebo, por ter ousado não cumprir as ordens dadas. A gente da egreja, principalmente os frades, não teem gritado menos do que a nobreza, por que assim se repremia sua libertinagem, prohibindo-lhes todo o acesso nos conventos. As proprias freiras gemeram com o rigor das ordens, que as obrigava a uma solidão pouco conforme com suas inclinações, e para se vingarem, occuparam-se em primeiro logar em pregar mil peças a um chamado Bocalio, official de justiça, encarregado de executar com o extremo rigor as ordens de S. Magestade. As religiosas de um certo convento fizeram com que passasse certo dia fóra de horas pela

[1] De pag. 51 até 65 trata este livro das desintelligencias, que n'esta côrte houve com o abbade de Livry, embaixador de França. Os escriptores da vida de D. João V, biographia que ainda está por escrever, devem ler estas paginas.

Digitized by Google

porta, do seu convento, um senhor, que tinha fama de ser muito galanteador e desappareceu, sem que se podesse conhecer para que lado se tinha retirado. Bocalio, a quem tinham advertido, estava á espreita, e julgou surprehender o senhor, a quem seguia de longe. Entrou no convento com seus satellites, e foi logo direito ao parlatorio, onde viu um homem, que estava apertando a mão a uma freira. Transportado de jubilo por ir fazer uma tal prisão, elle proprio lançou a mão ao pescoço [1] do culpado, dando-lhe voz de preso da parte de el-rei. A freira pareceu assustada, e ao fugir empurrou o preso para cima de Bocalio, o qual n'um instante se achou coberto de sangue, e immundicies por um boneco representando um homem, que de proposito alli tinham posto para mangarem com elle.

«Bocalio enfurecido com a affronta, que vinha de receber, fez amargas queixas ao rei, que nada mais fazia senão rir, mas consolou-o com uma somma de dinheiro, e com uma nova dignidade, com que o remunerou para o animar a cumprir bem o seu dever. As freiras Carmelitas, em cujo convento a scena se tinha passado, riram muito com a peça, mas as ordens nem por isso foram menos rigorosamente cumpridas. Esta historia comica divertiu por muito tempo o publico, principalmente a nobreza, que se julgou até certo ponto vingada dos furores de Bocalio, o qual foi depois elevado á dignidade de *desembargador do paço*. O rei teve o gosto de assistir com toda a sua côrte ao exame, que foi obrigado a fazer, segundo o costume, na sciencia das leis, e embora elle estivesse muito longe de ser um douto jurisconsulto, Sua Magestade entregou-se ao prazer de fazer grandes elogios a seu profundo saber. Bocalio foi por tanto recebido como desembargador com applausos extraordinarios, e como dignissimo de desempenhar este logar. Soube-se fazer respeitar, como o sabem bem fazer as pessoas da lei em todos os paizes.

«A maneira como o rei D. João V poz fim ás suas entrevistas mantidas por tanto tempo, e que tão grande desgosto davam á Côrte de Roma, e a seus vassallos, tem alguma cousa de tão magnanima que se póde dizer terem tido poucos principes antes d'elle uma força de espirito egual á sua.

«Ha poucos annos cahiu sobre Lisboa um horrendo furacão, causado por um vento do sul, que fez ir a pique do lado da cidade todos os navios ancorados no Tejo. Septecentas ou oitocentas embarcações arrastadas pelo vento foram de encontrão umas contra as outras desde Lisboa até abaixo de Belem. Uma nau de guerra ingleza, commandada por mylord Were, e destinada para o transporte das peças de oiro, que secretamente passam de Lisboa para Inglaterra, foi a unica, que resistiu a esta furiosa tempestade; mas os navios de guerra do rei não foram isentos da desgraça commum. Os campos ficaram assolados, viam-se de todos os lados as casas derribadas, milhares de arvores com a raiz ao sol, até mesmo as grossas oliveiras, o que produziu uma perda irreparavel. Lisboa tinha já sido açoutada por uma doença, que se aproximava da peste, e que tinha causado uma espantosa mortandade. Sua Magestade tinha-se distinguido por um grande numero de esmolas, tendo liberalisado som-

[1] O original traz *colet*, palavra que se não encontra nem no diccionario de Littré.

Digitized by Google

mas immensas durante a prolongação d'este flagello. Mas, quando o rei foi informado dos estragos causados pelo cyclone, como bom pae da patria, teve o coração penetrado de dôr, e não poude deixar de derramar algumas lagrimas, na presença do reverendo padre Gouvea, capuchinho, grande prégador, ainda mais respeitavel pela santidade de sua vida, do que por seu illustre nascimento. Tinha levado o desinteresse até ao ponto de recusar a dignidade de patriarcha, e o chapeo do cardeal. Este homem de Deus aproveitou-se do lanço para representar ao rei, que Deus estava irritado, que algumas vezes pune os povos por causa dos peccados d'aquelles, que os governam, e que, se poupa os principes neste mundo por uma sabia providencia, nem por isso devem elles temer menos sua justiça. Sem entrarmos em mais miudos pormenores d'esta edificante conversão, o rei com estas palavras ficou profundamente commovido, e comprehendeu sem difficuldade o que o santo homem queria que elle intendesse. Tomou immediatamente a resolução de fazer a Deus o sacrificio do objecto da sua paixão, e de renunciar a ella para sempre. Esta resolução era digna da grandeza de sua alma, e tanto mais difficil de executar, quanto este principe havia alguns annos que nunca tinha deixado d'ir na bocca da noite a Odivellas, acompanhado do seu confessor, medico, e de varias outras pessoas. Tinha mandado construir para a sua amante um alojamento, cujo interior era digno da magnificencia do rei do oiro, e o tinha recheado de riquezas. Esta dama não vendo chegar este principe no dia seguinte ao do furacão, mandou saber o motivo, e lhe mandou de presente duas camizas, que ella tinha feito por sua propria mão. Mas por conselho do padre Gouvea, este presente não foi aceite.

«Sendo esta dama informada do que se passava, mostrou quanto ella era digna da attenção de um monarcha pela grandeza de seus sentimentos. Pois bem longe de pensar em agrilhoar outra vez seu amante, em nada mais pensou do que em imitar seu exemplo, e em consagrar a Deus o resto de seus dias. Deixou seu alojamento para se encerrar na sua primeira cella, contentou-se com recommendar á protecção do rei o que ella tinha de mais caro, e lhe restituiu todas as riquezas, que tinha recebido de suas liberalidades. Este principe dispoz d'ellas com essa generosidade, que lhe é tão natural, e os parentes d'esta dama foram accumulados de beneficios.

«Tendo sido advertido de que se preparava em Lisboa a festa de um *auto de fé*, [1] para alli me dirigi para o ver. Chamo a esta ceremonia horrivel uma festa por causa do prazer que os portuguezes teem de assistir a ella. É permittido nesse dia ás mulheres mostrarem-se nas suas janellas, e de nellas apparecerem ornadas com suas joias, e com todos os seus atavios, da mesma fórma que no dia da procissão do Corpo de Deus, e durante as procissões da Quaresma. Não se conhece o carnaval em Lisboa, mas a Quaresma dá occasião a procissões, que são tão variadas como as mascaradas de Veneza. É um tempo de folguedo para as damas. Além d'isto a visita das egrejas durante a Semana Santa faz crescer mais o numero dos adulterios n'um só dia, do que em

[1] *Memoires*, vol. I.

Digitized by Google

todo o resto do anno. As mulheres teem a liberdade de andarem pela rua toda a noite cobertas de seus manteos negros, e os galantes da sua parte se disfarçam em mulheres, e se misturam nas turbas. Os maridos teem bastante cautella em fazerem accompanhar suas esposas por escravas, que elles creem affeiçoadas a seus interesses; mas sua fidelidade não resiste aos presentes, que os galantes lhes dão, e estas escravas conduzem as bellas para as casas de seus amantes.

«Posso fallar a tal respeito perfeitamente, não que eu tenha jámais podido resolver-me a manchar a Semana Santa com crimes; mas tenho querido ver e experimentar por mim mesmo a verdade do que me tinham narrado. Achei que me não enganaram. Custou-me dinheiro, e experimentei quam facil me era diliciar-me n'estas occasiões: até mesmo por este meio arranjei conhecimentos, que mais tarde me deram prazer, sem incorrer nos riscos, em que se incorre nas entrevistas com pessoas, que se não conhecem, e que nunca se fallaram. É muito perigoso então fiarem se na boa fé de outrem; e não aconselho a ninguem a tentar a fortuna, principalmente a estrangeiros, cuja vida é avaliada como cousa tão insignificante em Portugal, pois para cincoenta estrangeiros assassinados de noite em intrigas amorosas, não ha que esperar justiça, pois são elles sempre reputados criminosos.

«Tive licença de entrar no palacio do Santo Officio. O rei alli foi ter antes que a procissão interior dos criminosos principiasse. Admirei a bondade d'este principe, que pessoalmente quiz fallar aos mais criminosos, e exhortal-os ao arrependimento. Entre estes desgraçados havia um padre brazileiro, christão velho, que tinha abraçado o judaismo, e se havia feito circumcidar, contra as leis do Estado. Sua Magestade apressou-se a convertel-o, pedindo lhe que reconhecesse seu Salvador, e se subtrahisse ao supplicio, que ia padecer, perecendo nas chammas como um reprobo, um rebelde a seu rei, e ás leis do Estado. Empregou as expressões mais commoventes para vencer a obstinação d'este indigno sacerdote, assegurando-o de sua protecção, e promettendo-lhe uma pensão para sua decente subsistencia. Todos os assistentes ficaram enternecidos da bondade do rei para com este miseravel, que preferiu ser queimado a renunciar ao judaismo. O rei fallou da mesma forma a varios outros, alguns dos quaes reconheceram seus crimes, e imploraram a clemencia do rei, que lhes perdoou.

«Depois d'esta ceremonia, a procissão que tinha percorrido o interior do palacio do santo Officio, sahiu, e se encaminhou para a egreja de S. Domingos, onde leram os processos dos criminosos, e fizeram as ceremonias usadas em casos identicos. Depois a procissão sahiu da egreja, e percorreu as ruas da cidade, onde as tropas tinham formado alas. N'estas occasiões mandam vir alguns regimentos para segurança publica, e para prevenir as desordens, que os judeos escondidos poderiam causar na cidade. O rei não apparece publicamente na praça da execução, assiste comtudo embuçado no seu capote com os principes seus irmãos.

«Sua Magestade ordenou que, embora as sentenças da Inquisição fossem olhadas como soberanas, deviam com tudo ser revistas pelo seu tribunal. Per-

Digitized by Google

mittiu aos criminosos que tomassem advogados para sua defesa; o que faz com que embora a procissão comece de manhã muito cedo, seja noite quando se faz a execução. Quando examinamos as cousas de perto, achamos que a Inquisição é um poderoso freio contra a sodomia; vicio odioso, e ao qual os portuguezes, que são naturalmente calidos, e cheios de fogo, teem uma excessiva propensão. Os que teem estado em Roma, ainda são mais attreitos a este vicio, e corrompem os outros; no entanto a Inquisição é muito mais perigosa em França do que o é em Portugal. [1]

«Devo com tudo advertir aos estrangeiros, que forem a Portugal, e quizerem assistir a esta ceremonia, que devem andar com a maior prudencia no dia do Auto de Fé, de modo que nada façam, ou digam, que possa escandalisar a superstição dos portuguezes. Devem estar bem seguros a respeito das pessoas, com as quaes vão ver passar a procissão: pois os portuguezes não estão menos animados n'aquelle dia a favor da gloria da Inquisição, do que o estavam antigamente as bacchantes em honra do deus da parreira. É difficil que um estrangeiro passe por entre a chusma de que as ruas estão apinhadas, sem que as pessoas do povo baixo deixem de resmungar por entre os dentes injurias que significam em geral: *Que bem que ficava uma carocha a este herege!* Proferem ordinariamente mil maldições contra os desgraçados, que vam queimar, e se veem algum espectador triztonho, não deixam de lhe dizer: *que está triste por levarem seus irmãos a queimar na fogueira!* Vemol-os por toda a parte dominados pelo zelo exclamarem: *Que grande clemencia! Bemdito seja o santo Officio!*

«Para não andarem expostos aos insultos do povoleo, é melhor ver de uma janella, e não fallar com ninguem, e ter nas mãos a lista impressa, a qual contém os nomes dos desgraçados, que vão executar, seus crimes, sentenças, e supplicio que vão padecer. D'este modo, entretidos a ler, não incorrem no risco de faltarem áquella discrição que é preciso ter.

«O padre do Brazil, que antes quiz deixar-se queimar vivo, do que renunciar ao judaismo, tinha pelo menos sessenta annos de edade. Não deu provas de fraqueza alguma, e nem sequer se dignou responder uma só palavra aos jesuitas e aos frades, que lhe diziam ao ouvido que se convertesse, e que lhe não poupavam injurias. Os outros, que só deviam ser queimados depois de estrangulados, repetiam em alta voz as orações e a ladainha, que os padres, que iam ao lado d'elles recitavam. Tinham amarrado com tanta força as mãos do padre, e com uma corda tão fina, que ella quasi que serrava os pulsos: uma tal prisão devia ser para elle um grande tormento, e supportou-o desde as cinco horas da manhã até bem pela noite dentro. Antes de o queimarem, esfolaram-lhe as extremidades dos dedos, que tinham podido tocar na hostia santa. Soffreu o fogo sem dizer mais do que estas palavras. *É uma grande infamia, e uma grande vergonha o tratardes assim um homem, que morre por affirmar que não'ha mais do que um Deus, que vos hade de punir, desgraça-*

[1] *Mémoires*, vol. I. pag. 152. O auctor defende n'um grande numero de paginas a Inquisição de Portugal. No entanto que nunca mais ella cá volte!

Digitized by Google

dos, de o offenderdes d'esta fórma! Affastou alguma cousa o fogo com o seu lenço, e tendo pegado o fogo n'este lenço, rendeu o espirito este padre, e foi reduzido a cinzas. Sua constancia n'este cruel supplicio foi um grande triumpho para os christãos novos, ou judeos disfarçados, e uma mortificação sensivel para o clero. É n'estes tristes momentos, e em quanto conduzem os judeos ao supplicio, que é facil reconhecer no seu rosto se elles são da raça d'Israel. Alguns d'estes miseraveis levam a obstinação ao ultimo extremo, e não querem confessar suas faltas, senão quando veem na egreja de S. Domingos, ou suas mulheres, ou alguns de seus parentes, em o numero de aquelles, que confessam haverem judaisado. Como assistiram com elles ás ceremonias illicitas de sua religião, conhecem bem que ha provas sufficientes contra elles, e então pedem publicamente perdão á Inquisição. Os judeos escondidos em Portugal são mui avaros, e interesseiros, mas não se póde negar que tenham muita constancia, e firmeza, e em geral são muito para lamentar. Cedo ou tarde a maior parte d'elles padece a punição, que mereceram por terem infringido as leis fundamentaes do Estado, que prohibem todo o exercicio da religião judaica. Sua sorte é pouco mais ou menos a dos salteadores, que depois de terem muitas vezes fugido ao perigo, caem com o andar do tempo, e por casos imprevistos, nas mãos da justiça.

«Lembro-me de que, havendo embarcado em um navio inglez, corremos risco de irmos a pique na costa de Hespanha. Havia n'este navio dois judeos, cuja physionomia e feições mudaram totalmente á vista do perigo que os ameaçava, pois se julgavam já nas mãos da Inquisição de Hespanha. Faziam lamentações espantosas ácerca de sua triste sorte, e não tornaram a si do susto senão depois de termos chegado a Gibraltar. Vi então uma cousa singular n'aquelles homens; estes judeos não eram conhecidos de ninguem n'esta terra, mas encontraram immediatamente amigos; pois tendo feito uma certa contorsão com a bocca, notei que esta especie de signal foi repetido por judeus marroquinos. Um momento depois achamo-nos rodeados de cincoenta hebreus. [1]

«No volume 2.º a pag. 126 começa vez a descripção de Portugal, principiando pela cidade de Elvas.

«Tem esta cidade uma cisterna, que eu julgo ser a maior, que existe no mundo.

«O toucinho de Portugal, e os presuntos de Lamego, n'este genero são o que ha de melhor.

«Os portuguezes fazem grandes paios, que são excellentes.

«O soldo dos officiaes e dos soldados é mui diminuto: estes ultimos fazem meia para terem de que subsistir.

«É uma cousa pasmosa o terem os portuguezes, nos quaes se observa sempre tão pouca ordem em tudo quanto diz respeito ás coisas militares, em todos os tempos supplantado os hespanhoes.

[1] A pag. 198 começa a viagem á Serra da Estrella. É uma descripção muito interessante. A pag. 120 (do 2.º vol.) principia a narração d'uma tourada.

Digitized by Google

«Seria bom que se pozesse termo em Lisboa á gritaria que se faz á noite, cantarolando o Terço diante das casas: é quem hade gritar com mais força.

«Os conventos de S. Vicente e da Graça disfructam a mais bella vista, de que se póde gozar no mundo.

«A maneira de agradar a D. João V é apparecer na presença d'elle com vestuarios ricos.

«A alfandega de Lisboa produz o melhor rendimento, que ha na Europa.

«A ribeira do peixe de Lisboa é sem contradicção a melhor da Europa em quanto a diversidade dos peixes.»

1686) MEMOIRES DE MONSIEUR DU GUAY-TROUIN, *Lieutenant general des armées navales, Commandeur de l'Ordre Royal et militaire de S. Louis. A Amsterdam*, Chez Pierre Mortier, 1746, 8.° xxxix, 312 pag. Com estampas, representando uma d'ellas o plano da Cidade do Rio de Janeiro na occasião, em que Du Guay Trouin a foi atacar.

É obra importante para a historia das nossas guerras com os francezes.

1687) MÈMOIRE POUR J. NAGLE, *écuyer irlandois, capitaine du régiment de Walsh, contre dame de Kearng, irlandaise, veuve du sieur d'Oliveira, portugais*. Paris, 1783, 4.° 104 pag.

«Processo de successão. Ácerca da questão de se saber se um gentilhomem irlandez, emigrado, tendo-se posto ao serviço da França, ficou sendo francez. Importantes esclarecimentos a respeito da revolução de 1688.» *Catalogue de Chossonnery*, pag. 10.

1688) MÉMOIRES SUR LE PORTUGAL. Lisbonne. 1832. 8.° 142 pag.

1689) MENDIZABAL (D. J. A. DE)

E. — *Exposicion e documentos relativos a la contrata de dos milliones de libras que se recommenda en Lisboa*. Madrid 1836, 4.°

1690) MENDOZA (D. INIGO LOPEZ DE). — Marquez de Santilhana

E. — *Obras de —. ahora por vez primera compiladas de los codices originales e ilustradas con la vida del autor, notas y comentarios*, Madrid, 1852.

N'estas obras do Marquez de Santilhana apparece uma carta escripta ao Condestavel de Portugal, D. Pedro, filho d'aquelle D. Pedro que morreu na batalha d'Alfarrobeira. Tanto este D. Pedro como seu pae eram grandes cultores das lettras. A carta do Marquez de Santilhana versa por tanto sobre assumptos litterarios, e é preciosissima para o estudo dos primeiros tempos da litteratura portugueza.

Lopez de Mendonça fez d'ella uma versão, acompanhada de algumas annotações, que publicou nos *Annaes das Sciencias e das Lettras*.

O referido Marquez nasceu em Carrion de los Condes, a 19 d'agosto de 1398. Seus senhorios paternos eram os de Guadajara, Hita, Buitrago e el Real de Manzanares, todos em Castella: e os maternos estavam nos valles das mon-

Digitized by Google

tanhas de Santander, chamadas então Asturias de Santander. Ganhou o titulo de marquez de Santilhana na batalha de Olms em que se achou no anno de 1445. Chegou a ser o magnate mais auctorisado e poderoso de Castella, e veiu a fallecer em 25 de Março de 1458.

Todas estas noticias e muitissimas outras nos dá a respeito de D. Iñigo Lopes o Sr. Amador de los Rios. Trata este escriptor muito por miudo de tudo quanto é relativo á litteratura hespanhola, tudo conhece, quer tenha sido impresso, quer jaza manuscripto nas bibliothecas, archivos, cathedraes, e palacios dos fidalgos hespanhoes. Tirou ou mandou tirar copias, pediu apontamentos, e não se poupou a fadigas para apresentar um trabalho que desse honra e gloria ao povo hespanhol. Mas quando tracta de assumptos portuguezes, que esterilidade, que falta de conhecimentos!....

O Sr. Amador de los Rios não visitou uma unica bibliotheca portugueza! Ignora completamente as riquezas que possuimos nas livrarias da Ajuda, da Academia das Sciencias, na Bibliotheca publica de Lisboa, na do Porto, na d'Evora, na de Mafra, na de Braga etc. N'uma palavra, o sr. Amador nem conhece o *Panorama*, collecção tão importante, vulgar, e que de tanta utilidade lhe podia servir na composição do seu trabalho. É realmente uma nodoa na *Historia da Litteratura Hespanhola* a maneira como alli é tratada a nossa. O Sr. Amador podia pôr de parte tal assumpto, para o qual não estava habilitado; ou então vir até Portugal, e fazer por aqui seus estudos. Faz-nos isto lembrar se o Sr. Amador de los Rios teria em vista apresentar um quadro no qual a litteratura do seu paiz deslumbrasse com dimensões colossaes, e a do nosso fosse amesquinhada com dimensões rachiticas e de pygmeo. Quiz talvez ainda mais fazer com que a sua avultasse á custa da portugueza....

O Sr. D. Amador, porém, nas questões intrincadas, toma para seu cyreneo ao Sr. D. Paschoal Gayangos, o qual, como é notorio, tem sempre pretendido privar a litteratura portugueza das suas mais bellas joias, dando-lhes paternidade hespanhola, motivo porque o Sr. Theophilo Braga ao tratar do *Amadis de Gaula*, fallando d'este ultimo escriptor, disse com toda a razão: «D. Paschoal Gayangos reuniu alguns argumentos no *Discurso preliminar* á sua edição dos *Libros de Cavallerias*, 3, para refutar alguns argumentos palpaveis e immediatos que nos provam como a primeira redacção d'essa obra litteraria foi indisputavelmente portugueza. Em uma doce miragem intellectual, mas sem logica nos seus processos criticos, tira conclusões adversas á primitiva redacção portugueza de um modo que se tem de attribuir a insufficiencia o que á primeira vista parecerá má fé.» [1]

Eis a amostra de alguns dos argumentos do Sr. A. de los Rios:

I. «A especie de que existiu o supposto original de Lobeira «na casa de Aveiro» proveiu dos *Poemas Lusitanos* do dr. Antonio Ferreira, dados á luz no anno de 1598. A pag. 72 dos mesmos ha dois sonetos, um escripto em linguagem antiga, dirigido a Vasco de Lobeira, a quem appellida auctor do *Amadis*, e outro, no qual se refere á modificação, que fez na sua obra, por mudado

[1] Sr. Theophilo Braga—*Amadis de Gaula*, pag. 161. (Porto, 1873).

Digitized by Google

do infante. D. Affonso, segundo advertimos no texto..... Mas, como observa D. Paschoal Gayangos, não existindo a dita nota na edição de 1598 (!) e achando-se na impressão feita em 1772, ha razão para crer que foi posta depois, e carece, por tanto, da auctoridade, que se lhe tem attribuido.

II. Ninguem tem podido dizer que viu o codice do *Amadis*, conservado na livraria dos Duques d'Aveiro! Os Srs. D. Amador e Paschoal que estudem o assumpto; e verão se houve ou não quem os visse. Quem não está habilitado para tractar de certos assumptos, não se metta nelles.

III. «O livro de *Amadis* existia muito antes que vivesse Lobeira, e a prova está em que sobre o tumulo de D. Lorenzo Soares de Figueroa, fallecido em 1409, estão repetidas, aos pés d'um cão, as palavras AMADIS, AMADIS.» Mas quem affirma que o heroe Amadis é portuguez? Parece até que este heroe vivia no seculo VI depois de Christo. De redacção portugueza, é porém, a novella em que aquelle heroe figura, novella attribuida a Vasco de Lobeira.

E que dirão os dois citados escriptores a respeito do seu compatriota, o Sr. Benjumea, que assevera do modo mais positivo ser o *Amadis* obra de um portuguez? [1]

E quem déra aos Srs. Gayangos e Amador terem os profundos conhecimentos, que da nossa litteratura, possue o Sr. Benjumea!

IV. Todos sabem que um dos mais fortes argumentos a favor da nacionalidade portugueza do *Amadis* é uma passagem da *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes*, composta por Gomes Eannes d'Azurara.

Agora o leitor vae ver como o Sr. Amador fugiu d'este trecho, que o devia incommodar alguma cousa.

No texto não diz sequer uma palavra a respeito d'ella, e em a nota á pag. 80 (vol. v) traz as seguintes palavras: «O *Amadis* (conclue Ticknor arrastado pela opinião de Bouterweck, e Sismondi) é um livro portuguez, escripto antes do anno 1400, e seu verdadeiro auctor o cavalleiro Vasco de Lobeira. Ticknor tinha conhecimento d'uma passagem da *Chronica do Conde D. Pedro* escripta em 1454 pelo guarda mór da Torre do Tombo Gomes Eannes d'Azurara. Adiante notaremos a fragilidade d'estas opiniões.»

Aqui está a promessa do Sr. Amador, eu porém li e tornei a ler, e no entanto vi que o auctor da *Historia da Litteratura hespanhola* não a cumpriu quer de proposito, quer por esquecimento.

O Sr. Amador nem conhece os estudos sobre o *Amadis de Gaula* devidos á penna do Sr. Alexandre Herculano: desconhece a existencia dos *Ineditos d'Alcobaça*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, e o Catalogo dos manuscriptos d'Alcobaça devidos á penna d'este mesmo escriptor, onde podia beber tantos conhecimentos a respeito dos primeiros tempos da litteratura portugueza.

Mas ponhamos ponto, pedindo desculpa ao leitor de até certo ponto tratar dos livros do Sr. Amador fóra do seu logar. Houve uma causa: quando escrevi o artigo Amador de los Rios não tinha ainda lido a sua *Historia da Litteratura hespanhola*.

[1] *El Palmerin d'Inglaterra.*

Digitized by Google

1691) **MENNECHET (EDOUARD).**

E. — *Matinées litteraires, Cours complet de Litterature Moderne, par —.* Paris, 1848, 4 vol. 8.°

De pag. 466 a 489 traz um resumo de litteratura portugueza.

Considera a lingua portugueza como completamente differente da hespanhola, embora proveniente da mesma origem.

1692) **MERCHANT'S AVISO (THE)** *or Instructions very necessary for their sonnes and servants, when they first send them beyond the Sea, as to Spaine and Portingale, or other countries.* London 1640.

1693) **MERCURE (LE) PORTUGAIS OU RELATIONS POLITIQUES** *de la fameuse révolution d'Estat arrivée en Portugal depuis la mort de D. Sebastien, jusques, au commencement de D. Jean IV á présant regnant,* Paris, 1643. 8.°

1694) **MERINO (P. ANDRÈ).**

E. — *La Muger feliz.* Madrid, 1786. 8.° 3 vol. É uma continuação do Feliz Independente do nosso padre Theodoro de Almeida. [1]

1695) **MESTSCHERSKI (LE PRINCE ELIM).**

E. — *Camoens, drame en un acte et en vers. Imité de l'Allemand.*

«Este drama faz parte d'um volume de poesias, que sob o titulo de «Les Roses Noires,» o mencionado principe publicou em Paris, em 1845, e occupa as pag. 119 a 159. Este drama é tão disparatado como o de Victor Perdoux. Apresenta Camões com um parche preto sobre o olho esquerdo, tendo por companheiros no drama: D. José Quebedo Castel Branco, rico mercador; Perez, seu filho, e um Mestre enfermeiro do grande hospital de Lisboa.»

Palavras do Exmo Sr. Antonio Martins Leorne, residente no Porto.

1696) **MICHAELIS (CAROLINA).** — Intreprete official da embaixada portugueza em Berlim.

E. — *Studien zur Romanischen Wartschopfung.* Leipzig, 1876.

«N'este livro se encontram vistas muito importantes sobre a lingua portugueza. Esta illustre romanista, interprete official da embaixada portugueza em Berlim, adoptou a nossa nacionalidade, e reside actualmente em Portugal, onde continua a occupar-se de philologia e litteratura portugueza.» [2]

1697) **MOCALTA (FREDERIC DAVID).**

E. — *The Jews of Spain and Portugal, and the Inquisition.* London, 1877.

[1] V. Innocencio.— *Dicc. Bibliog.* vol. VII, pag. 304.

[2] Fui brindado com este artigo pelo Exmo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

1698) **MOLINA (D. RICARDO).**

E. — *Portugal, su origen, constitucion y historia politica en relacion con la del resto de la Peninsula por* —. Madrid, 1870, in 16.° 244 pag.

Este livro faz parte de uma *Bibliotheca economica de Andalucia*. Esta obra é escripta no sentido da propaganda Iberica, e termina por uma *Memoria sobre el pensamiento de la Associacion Peninsular y los medios qui pueden ponerse en pratica para realisalo.*

Mas sempre direi ao auctor d'este livro, pois julgo que ainda é vivo, que havendo em Portugal ladrões, assassinos, e infames de toda a casta, assim como tambem os ha em todos os outros paizes, no emtanto não ha ibericos; tão monstruoso é um tal crime entre os portuguezes! Não esteja perdendo o seu tempo, e outro officio...

1699) **MONSIEUR M.*****

E. — *Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France, et ailleurs. Por* —. A Amsterdam, Chez George Gallet, 1699. 8.° 595 pag. com estampas.

«Em Estremoz começámos a ver os portuguezes com rosarios pendentes do pescoço, e chegando até ao chão. (pag. 184).

«Em Elvas principiamos a ver as modas francezas; ficamos surprehendidos ao vermos uma tão prompta mudança de vestuarios e de linguagem.

«As villas de Portugal são muito bellas, e as casas muito melhor construidas que as de Hespanha, tendo as casas varias chaminés. A maior parte d'estes logares acham-se rodeados de larangeiras e de limoeiros, os quaes são tão encorpados como os mais bellos olmos da França, e são em grande quantidade. Caminhámos depois de jantar por uma estrada muito agradavel pelo espaço de quatro leguas, para chegarmos á Venda Nova que é a melhor hospedaria, que encontramos n'esta estrada.

«Lisboa é muito populosa, por isso que todas as nações alli vão ter; particularmente os mouros e mourescos, que servem de escravos, e são em grande quantidade. (pag. 187).

«As egrejas são n'esta cidade mui bellas e mui aceadas. Os portuguezes trazem por armas a espada e o punhal. São ainda mais ciumentos de suas mulheres do que os hespanhoes, e saem mais raramente de suas casas, que as de Madrid, donde provém dizerem ellas que apenas vão á egreja tres vezes na sua vida, isto é, quando se baptisam, quando casam, e quando são enterradas. É notorio que á minima suspeita que seus maridos concebem d'ellas, as apunhalam, sem nenhum escrupulo, o que apparentemente faz com que sejam muito commedidas, achando no entanto sua industria bastantes meios para enganar os ciumentos, e para se vingarem da escravidão, na qual vivem.»

Esta viagem póde dar alguns esclarecimentos ácerca do modo de viver de D. Pedro II e de sua mulher D. Maria Francisca Izabel.

1700) **MONTIGNY (CHEVALIER MÉRY DE).** — Vice Consul de Portugal á Nille.

Digitized by Google

E. — *Notice relative á l'importance des départements du Nord de la France par —.* 1875.

1701) **MUNOZ (LUIS).** — Licenciado em Theologia.

Escreveu em hespanhol uma Vida do nosso grande Arcebispo de Braga, Fr. Bartholomeu dos Martyres. Como ainda a não vi, não posso dar mais esclarecimentos.

1702) **MUNSTER'S.** — Lieut-Col Fitz-Clarence, Earl of.

E. — *Account of the Bristish Compaign of* 1809 *under Sir A. Wellesley in Spain ad Portugal.* London.

* 1703) **MURR. (CHRIST. THEOPHILE DE).** — V. o art. n.° 933.

E. — *Histoire diplomatique du chevalier portugais Martin Behaim de Nuremberg, avec la description de son globe terrestre.* Strasbourg. 1813.

* 1704) **MUSONE.** — Maestro italiano. V. o art. n.° 935.

E. — *Camões.* Opera.

Foi tambem cantada com acceitação em Padua.

Digitized by Google

N

«Mickle has said that Milton must have heard of Fanshaw's translation of Camoens, which was published fourteen years before *Paradise Lost*, and he says: « Every one would have owned that the two last books of the *Paradise Lost*, were evidently formed upon it.»

STANLEY, *The three voyages of Vasco da Gama.*

1705) **NEMNICH.**

E. — *The Portuguese Dictionary of Merchandise. In three parts: I. Portuguese, English and German. II. English and Portuguese. III. German and Portuguese, by* —. Hamburgo. 1817. 4.º

1706) **NEWSTEAD (ROBERT).** — Missionario Wesleyano.

E. — I. *Cantigas por adoração publico, em lingua portugueza de Ceylon. Terceiro vez impressado.* Columbo: impressado ne Officina Wesleyana. 1823.

Copiei a primeira cantiga para que o leitor veja o estado, em que se acha a lingua portugueza na Ilha de Ceilão.

Primeira Cantiga

I

Opera hum mil linguas
Louvores per canta
De meu grande Rey, Deos
E sua gloria!

II

Jesus, Senhor, mi adjuda
Em todo o mundo,
Per declara teu amor
E nome glorioso.

III

Jesus, nome dulcissimo,
Tristeza que tira
Per peccadors precio o
Tem paz, amor, vida!

IV

As cadias de peccado
Que todos te mara
Com Jesus voz tem quebrado
Nos todos per livra.

V

Com a palavra de Jesus
Os mortos te irgue!
E corações dos cançados
Com fé tem bem livre.

VI

Ouvi, O vos quem tem surdo,
O voz spiritual!
Louvai, O vos quem tem mudo,
Com voz celestial!

Digitized by Google

VII

Olhai a Elle vos nações,
Olhai o Salvador!
Com confiando corações,
Buscai seu favor.

VIII

Olhai o santo Cordeiro,
Matado por todos;
Todos peccados do mundo
Trizido per a cruz!

IX

Sangue de Christo le limpa
Ellotros quem te vi;
Iniquidade te tira,
E lo limpa par mi.

X

Vi, Peccadors, olhai a cruz
Com fé per salvação;
Jesus tem Livrador de nos,
Que grande hum benção.

XI

Ar foi triste, mar, batendo geme,
Montes, Rochas, a terra, já treme;
Inferno já grita, mortos j'irgui,
Ceo já chura, gente per red'mi.

II. *A fórma da oração publica, e administração dos Sacramentos, conforme ao uso da Igreja Inglaterra. Tradusido, por o missão, em lingua portuguez de Ceylon. Pelo* —. Em Colombo. Impressado na Officina Wesleyano. 1824.

III. *O Psalterio ou Psalmos de David, Como apontado a ler nas Igrejas.* Traduzido em lingua portuguez de Ceylon, e publicado por a Sociedade Biblica de Colombo. Impressado na Officina Wesleyano. 1820.

Agora vou apresentar ao leitor a traducção em portuguez da ilha de Ceylão confrontada com a do nosso Ferreira de Almeida. (Londres, 1819).

Portuguez de Ceylão

1

Bendito tem[1] aquel homé quem nunca marcha no conselho dos malvados, nem nunca impe no caminho dos peccadores: nem nunca santa na cadeira dos zombadores.

2

Mas sua alegria tem na lei de Jehovah, e em sua lei elle te medita dia e noite.

3

E elle lo ser assi como hum albri, que tem plantado perto os rios das aguas; que dá seu fruito em direito tempo, e tambem sua folha nada murcha, e que seja elle te faze, lo pera.

Portuguez de Fer. d'Almeida

1

Bemaventurado o varão, que não anda no conselho dos impios: nem está no caminho dos peccadores; nem se assenta no assento dos zombadores.

2

Antes tem seu prazer na Ley de Jehovah: e em sua Ley medita de dia e de noite.

3

Porque será como a arvore, prantada junto a ribeiros de agoas: que dá seu fruito a seu tempo, e suas folhas não cahem: e tudo quanto fizer, prosperará.

[1] O verbo *Ter*, n'esta linguagem, tem a significação de *Ser*.

Digitized by Google

4

Os malvados não tem assi, mas elotros tem como palha, que o vento te espalha.

5

Por isso os malvados nada impe no juizo: nem peccadores na congregação dos justos.

6

Porque JEHOVAH te conhece o caminho dos justos; e o caminho dos malvados lo perece.

4

Assi não são os impios: mas como a pragana que o vento espalha.

5

Polo que nem os impios subsistirão no juizo: nem os peccadores no ajuntamento dos justos.

6

Porque JEHOVAH conhece o caminho dos justos: porém o caminho dos impios perecerá.

IV. *Evangelho, fórma de Santo Matteos*. Colombo, 1819.
V. *Genesis, Exodo, e parte do Levitico*. Colombo, 1832.
VI. *Pentateuco*. Colombo, 1833.
VII. *Novo Testamento*. Colombo, 1833. Ibid. 1853.

Evangelho de S. João

(Principio do Cap. I)

Portuguez de Ceylão

Ne o começo tinha a palavra, e a palavra tinha com Deos, e Deos tinha a palavra. O mesmo tinha ne o começo com Deos.

Todas cousas tinha feita de elle; e sem tem com elle nunca fica feita nenhum cousa que tinha feita. Ne elle tinha vida, e a vida tinha o lume de gente.

E o lume te luzi ne escuridão, e o escuridão nunca entende de aquel. etc.

Portuguez de Antonio Pereira de Figueiredo (Chelsea, 1821.)

No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deos, e o Verbo era Deos. Elle estava no principio com Deos.

Todas as cousas foram feitas por elle: e nada do que foi feito, foi feito sem elle.

E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não o comprehenderão etc.

No dia 20 de janeiro de 1878 dirigi-me á Cova da Piedade, a casa do Ex.mo Sr. Adolpho Coelho, pois é notorio ser um assiduo cultor das lettras, pedindo-lhe se dignasse fornecer alguns apontamentos para este meu trabalho. Não só se dignou fornecer-me esclarecimentos para este artigo, mas tambem para mais alguns, todos elles preciosissimos.

1707) NICOLAU (ANTONIO HISPALENSI).

E.—I. *Bibliotheca Hispana vetus, sive Hispani scriptores qui ab Octaviani Augusti aevo ad annum Christi M D floruerunt Auctore-Ordinis S. Jacobi e*

Digitized by Google

quite, patriae Ecclesiae canonico, regiorum negotiorum in Urbe et Romana curia Procuratore generali, Consiliario regio. Curante Francisco Perezio Bayerio, Valentino, Sereniss. Hisp. Infantum Caroli III. Regis filiorum Institutore primario, Regiae Palatino-Matritensi Praefecti, qui et prologum et auctoris vitae epitomen et notulas adjecit. Tomus primus, complectens milliarium saeculum. Matriti, 1788. fol.

Tomus secundus ab anno M ad M D. Matriti, 1788.

II. *Bibliotheca hispana nova, sive Hispanorum scriptorum qui ab anno MD ad MDLXXXIV floruere Notitia.* Matriti, 1783, 2.° Matriti, fol. 1788.

1708) **NORBERTO (R. P. CAPPUCINO LORENSE).**

E. — *Missionario apostolico e procuratore delle prefate missioni nella Corte di Roma. — Memorie istoriche presentate al Sommo Pontefice Benedito XIV, intorno alle missioni dell' Indie Orientali. In cui dassi a divedere, che I. P P. Capuccini Missionarii hano avuto motivo di separarsi di cummunione da i R. R. P P Missionari Gesuiti, per aver essi ricusato di sottoeterse al Decreto dell' Eminentissimo Cardinale di Tournon, Legato della Santa Sede, La quale contiene una continuazione compinta delle Costituzioni, de i Brevi, e altri Decreti, Appostolici concernenti cotesti Reti e Per servir di regola á missionarii di qual paese.* Tradotta dal Francese. Lucca, 1754, 4 vol.

Observações feitas ao papa a respeito dos motivos das desavenças entre Jesuitas e Capuchinhos por causa dos ritos malabares e chinezes. Obra preciosa para aquelles que desejarem estudar as cousas do nosso padroado no Oriente.

Este Norberto era o abbade Platel.

Devo o conhecimento d'esta obra ao Ex.mo Sr. Graça Barreto.

1709) **NORRIS (SIR JOHN).** — and Sir Francis Drake.

E. — *Ephemeris Expeditionis in Lusitaniam: Brevis et fida narratio et continuatio rerum omnium a Drake et Norreysio post felicem ex Occidentalibus Insulis reditum in sua expeditione Portugallensi singulis diebus gestarum.* Groningae, 1733.

1710) **NOVENA DEL GLORIOSISIMO SAN ANTONIO DE PADUA,** *segun se pratica en esta ciudade por los religiosos observantes en la capilla de la Aurora del Espiritu Santo.* Malaga. sem data.

1711) **NOVO (O) TESTAMENTO DE NOSSO SENHOR E SALVADOR JESUS CHRISTO.** Traduzido em indo-portuguez. Londres, J. Filling, 1826). «Este Evangelho serve para cincoenta mil portuguezes espalhados pela ilha de Ceylão.»

Devo o conhecimento d'esta obra ao Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

Digitized by Google

O

«A obra com que o Sr. Visconde de Santarem acaba de dotar a sciencia, tem para nós um duplicado merecimento: 1.º esclarece e resolve uma questão de geographia das mais importantes na historia das descobertas: 2.º reune no mesmo Atlas os documentos mais preciosos e mais raros dispersos, tanto em França, como fóra d'ella, em um grande numero de bibliothecas nacionaes, ou particulares, e debaixo d'este ultimo ponto de vista é evidente quanto a publicidade das Cartas manuscriptas em geral deve facilitar os estudos chorographicos. A bibliotheca das Cartas, assim considerada, augmenta de valor, porque, segundo a observação de um de nossos collegas, não é senão pela comparação das producções successivas de uma sciencia, que se póde fazer a sua historia, e é algumas vezes nas mais antigas, que se acha a solução das maiores difficuldades.»

Mr. Villemain, ministro da Instrucção Publica, no *Boletin da Sociedade Geographica de Paris*. Dezembro de 1841.

1712) OBSERVACIONES CRITICAS *acerca de la conversacion entre un forastero y vecino de la isla de Leon, sobre los derechos de la princesa del Brasil á la sucesion eventual del Trono de España.* Cadiz, 1811.

1713) OBSERVATIONS SUR LA CHARTE CONSTITUTIONELLE *de la France, extraites du Cours de Droit public de M. le Commandeur Silvestre Pinheiro Ferreira, Ministre d'Etat de S M. F.* Paris, Chez Rey et Gravier, libraires, 1832. 8.º 182 pag.

«Apezar de andar nas mãos de todas as pessoas, que cultivam esta sciencia, o *Cours de Droit public* do senhor commendador Pinheiro Ferreira, julgámos prestar um serviço a um publico ainda mais numeroso, mandando imprimir em separado as *Observations sur la Charte constitutionelle de la France*, que fazem parte do 3.º volume.»

1714) OCAMPO (FLORIAN DO).

E. — *Coronica general de España, que recopilaba el maestro Florian de Ocampo Coronista del rey nuestro Señor Don Felipe II.* Madrid, en la Oficina de Don Benito Cãno. 1791. 10 vol. 3.º Os ultimos volumes tractam das antiguidades Romanas na Peninsula Hespanica.

Digitized by Google

1715) **OMBONI (TITO).** — Giá Medico del Consiglio di Loanda nel Regno d'Angola, Membro dell' Academia Pontaniana di Napoli, Della R. Peloritana di Messina, Della Palermitana di Scienze e Lettere, Socio onorario della Lilibetana di Marsalla, etc. etc. Membro della Societá d'incoraggiamento d'Arti e Mestieri di Milano e Deputado a rappresentarla nell' VIII Congresso de'Scienziati Italiani.

E. — *Viaggi nell' Africa Occidentale, da Milano, Stabilimento di Civelli. G. e C.* 1846, 4.° grande, 260 pag. com estampas a cores.

Esta obra é dedicada á Rainha de Portugal D. Maria II.

Omboni sahiu de Lisboa, a 25 de setembro de 1834 na *Fragata Principe Real*, e a 5 d'outubro descobriu Porto Santo. A ilha da Madeira é encantadora. A 11 de novembro avistou as ilhas de Cabo Verde. Os habitantes são mui hospitaleiros, e mui orgulhosos do bom tratamento, que possam dar ao estrangeiro, que se aproximar. A 12 de fevereiro de 1835 sahia de Benguella. A 20 entrou em Loanda, e admirou o grande numero de pretos, que vinham a correr para verem o seu *Monoputo*, isto é, novo governador. Estavam então no porto cincoenta e cinco navios quasi todos negreiros.

Descreve minuciosamente os usos e costumes dos povos por onde viajou, e presta grande attenção a tudo quanto diz respeito á historia natural.

1716) **OPPERMANN (H. A. VON).**

E. — *Pombal und die Jesuiten.* Hanover, 1845. 1 vol.

1717) **ORMÈS.**

E. — *Fragments.*

O celebre Malte-Brun, quando narra as descobertas geographicas, e conquistas, dos portuguezes cita um auctor, por nome Ormès, que escreveu a obra acima mencionada. Pela minha parte nada mais posso dizer a tal respeito.

1718) **ORTIZ (LORENZO).**

E. — *El Principe del Mar, San Francisco Xavier.* Brusselas, 1682, 8.°

Digitized by Google

P

«Con estas capitulaciones (O que de agravios como estos se veran el dia de la cuenta! No con tinta, sino con sangre avia de referir la pluma ajustes, y condiciones semejantes), tan afrontosas para Castilla, tan ventajosas para Portugal, se pregonaron la treguas por quince años en Burgos, y en Lisboa á quince de Mayo, con grandes regocijos y placeres de las dos Naciones. Ladre el emulo aora, que vè esto; y diga para que ladra, porque en los tiempos presentes, mas bajados los animos, que entonces, mas sin fuerzas, se procuren las treguas con Portugal, pues por grandes condiciones que pida el Portugues, no han de ser tan menguadas è indecentes como las que quedan dichas.»

LOZANO, *Los reyes nuevos de Toledo*

1719) **PAESIELLO (GIOVANNI).**

E. — *Ines di Castro, tragedia per musica in tre atti da rappresentarsi nel regio teatro di S. Carlo.* Nella stamperia di Simone Taddeo Ferreira.

1720) **PALERMO (LUIGI ARCERI).** — Avocato.

E. — *Maria. Poema sacro dell' Lisbona,* 1862. *A Maria Pia di Savoia regina del Portogallo e degli Algarvi. etc.* 8.° 23 pag.

1721) **PAQUIS.**

E. — *Histoire d'Espagne et de Portugal, depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours: d'après Asohbach, Sembke, Dunhain, Bossi, Ferreras, Schaefer etc.* Paris, 1844. 4.° 2 vol. de VIII, 732 e 659 pag.

* 1722) **PARDOE** (Miss). V. o art. n.° 1009.

Depois de escripto o meu artigo n.° 1009 pude obter os dois volumes da obra de Miss Pardoe.

Os erros formigam por toda a parte, e para prova bastam estes «Belem é o Westminster da capital, assim como Buenos Ayres é o seu Santo James. (vol. pag. 11). A hydrophobia é desconhecida em Portugal. (Id.) A egreja de Belem é o logar em que se enterram os Infantes (Id. 16). O Convento do Sacramento entre Belem e Lisboa é um mosteiro magnifico! (Id. pag. 21). Os lisboetas teem um proverbio que diz Viva el-rei, e dá cá a capa. (Id. pag. 23). Em Alcantara

Digitized by Google

ha um Convento da Ordem de S. Bento (Id. pag. 23). etc. etc. A obra é toda n'este gosto.

Miss Julia Pardoe (que offereceu esta bella obra [1] a Sua Alteza Real a Princeza Augusta) veiu para Portugal na companhia de seu pae, que era militar, no anno de 1827. Gosta muito de Portugal, muitissimo. *Pleasant Portugal*, lhe chama no principio da sua obra, e *Pleasant Portugal*, repete no fim d'ella, depois de ter escripto 645 paginas. E ainda não contente exclama: «N'estas paginas, até certo ponto, me parece viver outra vez em ti as felizes horas que passei debaixo de teu brilhante ceo: entre um povo, onde adquiri muitos amigos, e onde, folgo de assim o pensar, não deixei um unico inimigo.»

Assim não fosse ella tão mentirosa!

1723) **PARRA (DE LA).**

Um escriptor d'este nome publicou uma obra contra a gloriosa restauração de Portugal em tempo de D. João IV, mas d'ella, apezar de minhas diligencias, não pude encontrar exemplar algum. V. Memoria V para a *Historia da legislação e costumes de Portugal* por Antonio Caetano do Amaral no vol. VI, parte II das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

1724) **PEACOK** (Dr.)

E. — *On the Agriculture and Tenure of Land in Madeira.*

Vem mencionada esta obra na *Madeira* de Robert White.

* 1725) **PECCHIO** (G). — V. o art. n.º 1022.

E. — *Tre mesi in Portogallo nel* 1822. Madrid, 1822.

1726) **PENSÉES DIVERSES,** *ecrites a un Docteur de Lisbonne.* Rotherdam. 1683. 12.º

1727) **PELTIER.**

E. — *Campagne de Portugal en* 1810 *et* 1811. Paris, 1814, 8.º

1728) **PEREZ (D. NICOLAS DIAS Y —).**

E. — *De Madrid a Lisboa. Impressiones de viaje por* —. Madrid, 1877.

* 1729) **PERSIANI.** — V. o art. n.º 1038.

E. — *Inés di Castro.* Opera italiana, em 3 actos, representada em Napoles no anno de 1835; em Genova, fevereiro de 1837; e no theatro italiano de Paris em 24 de dezembro de 1839. O grande *Diccionario de Pierre Larousse* analysa esta opera no artigo *Inès*. Tambem em 1838 foi cantada em Lisboa no theatro de S. Carlos. [2]

[1] O Sr. Calvo Ascencio póde-se rever nella. *Ambo Arcades!* Mas Miss Pardoe é incomparavelmente mais desculpavel.

[2] Sr. Visconde de Castilho (Julio) *D. Ignez de Castro*. Drama, pag. 348.

Digitized by Google

1730) **PEYRARD**.

E. — *Supplement á la traduction de la Geométrie d'Euclide, de Mr. — publiée en 1804, et á la Geometrie de Mr. Legendre: suivi d'un essai sur la vraie théorie de parallèles. A Agen, de l'imprimerie de Raymond Naul et Comp.*, 1800, *par J. M. d'Abreu, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, e lente da Academia de marinha.*

1731) **PEYRON ET FREYCINET**.

E. — *Voyage de decouvertes australes.* Paris, 1800, 1804.

Trata tambem das ilhas de Timor, Solor e Costa de Moçambique.

1732) **PICAMILHO (CH, DE)**.

E. — *L'imprimerie Nationale de Lisbonne à l'exposition Universelle de* 1867. Paris 1869, 4.°

1733) **PIGAFELTAM (PHILIPPUM)**.

E. — *Vera descriptio regni Africani, quod tam ab incolis quam Lusitanis Congus appellatur. Per —. olim ex Edoardi Lopez acroamatis lingua Italica excerpta; nunc Latio sermone donata ab August. Cassiod. Reinio. Iconibus et imaginibus rerum memorabilium quasi vivis, opera et industria Joan. Theodori et Joan. Israelis de Bry fratrum exorarta.* Francofurti, 1598 fol. 12 vol. Veja-se Debry.

1734) **PINERO (MATEO)**.

E. — *La Corona tragica de D. Ignez de Castro.* Poesia. Lisboa, 1628.

1735) **P. (J. FY)**.

E. — *Reduccion de las monedas de Francia, Inglaterra y Portugal, con una equivalencia de sus principales pesos y medidas por —.* Barcelona, 1841.

1736) **PLUNQUET (FR. FRANCISCO)**. — Irlandez, da Ordem de S. Bernardo.

E. — *Heroum Speculum de Vita D. D. Francisci Tregeon, cujus corpus septendecim post annis in aede D. Rochi integrum inventum est. Olisipone.* Ex Officina Craesbeckiana. Ano 1655. 8.° 56 pag. além de 14 não numeradas.

(Espelho dos heroes. Vida de Francisco Tregeon, cujo corpo foi achado inteiro na Casa de S. Roque depois de se terem passado 17 annos).

Tracta-se da vida d'um irlandez nobre, que por causa de perseguições religiosas procurou abrigo primeiramente na Hespanha, e depois em Portugal, e morreu em Lisboa com cheiro de Santidade, segundo affirma seu neto, auctor d'esta biographia. O Jazigo de Tregeon ainda hoje se conserva na Egreja de S. Roque em Lisboa.

1737) **POCKET (A)**. *Dictionary of the english and portuguese languages compiled on a new plan for the use of students.* Bombay, Furtado's Libra ry 1877. 8.°, 696.

Digitized by Google

1738) POLITIANUS (ANGELUS). — Celebre humanista italiano, nasceu no anno de 1454 em Monte-Pulciano, e falleceu em 1494, em Florença. [1]

E. — *Epistolarum libros XII ac Miscellaneorum Centuriam I complectens. Antuerpiae, apud Philippum Nutium, Anno* 1555.

Vi um exemplar d'esta obra na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, e nella a pag. 235 vem a seguinte carta ao nosso Bispo de Silves.

«Et doctrina quaedam non vulgaris, cujus mihi haud dubium specimen, et singularis quaedam humanitas, cujus omnes implevisti adversum me numeros, exigere quasi s uo jure aliquid a nobis videntur litterarum, quae nostri apud te memoriam fo veant, nec tam plane refrigescere patiantur. Nostra autem cautio esse debet, ne diutius quam par est, hominem scilicet occupatissimum teneamus. Itaque rem ipsam in pauca conferemus. Ego me praestantissimo domino Cardinali Olisipponensi, germano tuo, viro excellentis ingenii, doctrinae atque humanitatis, tantum debere intellego, quantum nunquam sim persolturus, etiam si me opposuerim pignori, aut si bonorum omnium, atque adeo ipsius capitis fecerim auctionem. Quare aut decidam cum ipso oportet, aut certe addicar. Atque ego quidem addici malo, ut illius mihi periculo vivendum sit, non meo. Sed heus tu, agas cum eo tamen te rogo, uti de nobis apud pontificem (ubi occasio tulerit) ita aliquam faciat mentionem, ut intellegat ejus sanctitas, nos etiam tanti viri judicio non improbari. Neque tu autem absurdum, ineptumque putaveris, si quo magis debemus, magis etiam debere nos postulamus. Nos hic videlicet debitoribus, cum sint maxime obruti aere alieno, tum pecunias maxime mutuantur. Sed haec hactenus. Nequeo autem quin obiter commendem Phaedrum nostrum, hominem candidissimique animi, elegantissimique ingenii, tibique in primis deditum. Scis eum minime dubitare, quin aliquando hortatu, impulsuque de horologio illo aliquid explicetur. Quae ne spes eum frustra habeat (siqua modo copia sit) etiam, atque etiam te rogo. Vale.» Sem data, nem indicação de logar.

Pag. 299. Angelus Politianus Joanni Dei gratia invictissimo Regi Portugalliae et Algarbiorum citra et ultra mare in Africa, dominoq: Guinae. S. D.

«Quanquam nec fortuna mea, nec eruditio, nec ulla omnino virtus ejusmodi est, ut licitum mihi putem scribere ad te Rex invicte, tanta me tamen dignitatis, splendoris, gloriaeque tuae, tantarumque laudum tuarum jam per omnium ora volitantium perculit admiratio ut sponte sua calamus ipse meas exhibere tibi litteras, laetari animum, significare voluntatem, gratias agere denique totius aetatis nostrae nomine gestiat. etc.

É interessantissima esta carta e a sua resposta, mas não tendo em casa o original latino á minha disposição, aproveitei-me d'uma versão d'ellas publicada nos *Poetas Palacianos*, pelo sr. Theophilo Braga, que tanto me recommendou as cartas de Policiano.

A pag. 294. Resposta del-rei D. João II. Datada de 23 de outubro de 1491.

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XL, pag. 618.

Digitized by Google

Angelo Policiano a D. João por graça de Deus rei invictissimo de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa e senhor de Guiné, saude!

Comquanto nem a minha condição nem o meu saber nem merecimento algum meu sejam taes que eu julgue ser-me licito escrever-vos, rei invicto, todavia a vossa grandeza, lustre e gloria, os vossos louvores, espalhados já por toda a terra, têm-me assombrado de modo que, de si mesma, a propria penna arde em desejos de presentar-vos lettras minhas, attestar-vos os meus sentimentos, exprimir-vos a minha sympathia e, finalmente, render-vos graças em nome de todos quantos pertencemos a este seculo, o qual agora, por favor dos vossos meritos quasi divinos, ousa já denodadamente competir com os vetustos seculos e com toda a antiguidade. De feito, se a brevidade de uma carta ou a consideração do tempo o consentira, a mesma verdade me déra ousadia para que tentasse mostrar que nem laureis nem dourados carros de nenhum antigo heroe pódem ser comparados ás vossas glorias e immortaes feitos. Sim: — deixando atraz os combates que, ainda em tenros annos, empenhastes contra os povos impios da insoffrida Africa, os poderosissimos exercitos de inimigos apartados uns dos outros que derrotastes, as praças que rendestes, as préas que fizestes, as leis que impuzestes a nações barbaras e indomitas, passando não menos em silencio os brazões pacificos, que não cederiam a palma ás glorias guerreiras, — que grandioso e vasto quadro de proezas apenas acreditaveis se me não offerecia, se eu fosse commemorar as vagas do tumido e soberbo oceano, antes intactas e sem carreira aberta, provocadas e quebrantadas pelos vossos lenhos, as balizas de Hercules desprezadas, o mundo que havia sido mutilado, restituido a si mesmo, e aquella Barbaria, d'antes nem por vagas noticias de nos assás conhecida, selvagem, feroz, vivendo sem organisação regular, sem figura de lei, sem religião, quasi ao modo de brutos animaes, agora trazida á policia humana, á brandura de trato, suavidade de costumes e, até, aos sentimentos religiosos! Que logar tão azado não teria eu então para recontar os preciosos beneficios que os habitadores do nosso continente d'alli receberam, os abundantes recursos que de lá vieram para nos melhorar e opulentar a existencia, o engrandecimento que até á historia antiga coube, a fé que adquiriram antigas narrativas que outr'ora escassamente se podiam acreditar, e, por outro lado, a quebra que tiveram na admiração? Então haveria eu tambem de absolver de toda a suspeita de falsidade o grande Platão e os annaes seculares do Egypto, que, sem prestarem credito, fizeram menção d'esse oceano por ti subjugado com poderosos exercitos. De maneira que tambem confessaria que rasão teve Alexandre de Macedonia em se amesquinhar lamentando que ainda restassem outros mundos ás suas victorias. Na verdade que outra coisa nos fizestes vós, preclaro principe, senão — achar seria expressão inadequada — trazer de trevas eternas e, quasi diria, do antigo chaos, para a luz que nos illumina, outras terras, outro mar, outros mundos e, em cabo, outros astros? — Mas a que fim veiu espraiar-me agora n'este assumpto? Foi para vos rogar em nome não só do presente seculo, senão tambem de toda a posteridade e de todos os povos, que não soffraes que

Digitized by Google

de tão sublimes obras feneça ou se perca a memoria que deve ser eternisada, mas antes ordeneis lhe alce um padrão a voz dos varões doutos, á qual nem o dente roedor do tempo no seu curso silencioso vale a consummir. E, se daes favor ao merecimento, porque não o haveis de dar á gloria, companheira do merecimento? E se ganhaes por mão a todos os monarchas em generosidade de brios e grandeza de animo, esta vida humana tão breve, tão instavel, que de tão escassas e mingoadas esperanças depende em tão angustiados limites é estreitada, porque a não haveis de prolongar com a carreira immortal de immarcessivel gloria? Porque não ha-de a memoria de feitos grandiosos transmittir-se aos vossos successores mesmos, para que essas illustres façanhas que jámais encontrarão segundas, lhes aproveitem servindo-lhes tambem de ensinamento e norma? Porque não haveis de deixar um como typo a vossos filhos e futuros netos, para que nenhum degenere jámais da perenne e abonada virtude dos seus maiores e a tenham diante dos olhos como traslado para se lhes formar o caracter e educar o coração segundo a principes convém? Finalmente porque não hão-de tambem os outros reis que nascerem sob os desvairados climas do mundo, haver de vós, senão que imitar, ao menos que admirar? Ora fazer extremadas proezas e não lhes dar realce e luz com as lettras o mesmo vale que procrear filhos de peregrina gentileza e não lhes dar sustentação. Não aconteça, não, rei excelso, que essas vossas glorias, tão credoras da immortalidade fiquem escondidas n'aquelle vasto acervo da nossa fragilidade, em que jazem sepultados os trabalhos de todos quantos não houveram os suffragios dos varões de saber prestante. Acordae-vos de Alexandre, acordae-vos de Cesar, os dois nomes principaes que a fastosa antiguidade nos alardeia. De um, assás memorada é a exclamação que soltou ao pé do tumulo de Achilles, chamando afortunado ao mancebo por ter encontrado em Homero o pregoeiro das suas glorias. O segundo, ainda quando estava apercebido para travar combate, e quasi que até no meio do estrondo das pugnas, com tal esmero compunha as memorias dos seus feitos, que nenhuma obra a critica julga por tão bem trabalhada que a purissima elegancia d'aquelle auctor lhe não leve a palma. A estes, logo, vós deveis, ao menos imitar, a estes a quem nos outros respeitos desmesuradamente vos avantajaes. O que vos acabo de dizer, comprehendereis que é a expressão da verdade e não a linguagem da adulação, quando para vós mesmo volverdes os olhos da vossa intelligencia soberana e tiverdes attentamente examinado os formosos titulos da vossa gloria, magestade e poderio, e considerado reflectidamente a que fastigio estaes subido nas cousas humanas. De feito, ver-vos-heis rei da Lusitania, isto é (para resumir em uma palavra o que entendo), de um povo de romanos de que outr'ora numerosas colonias, segundo a historia refere, se achavam disseminadas n'esta região mais do que em nenhuma outra. Vereis em vós o libertador da Africa, essa terceira divisão do orbe, que desde já, pelos vossos esforços, solta dos ferros dos barbaros, exulta cada vez mais com a esperança de completa liberdade. Vereis em vós tambem o domador d'aquelle vasto e indignado oceano, a cujos primeiros embates o mesmo Hercules, o subjugador do mundo, enfiou. Reconhecereis em vós o defensor da santa fé christã e da verdadeira religião,

Digitized by Google

e o mais potente arbitro da paz e da guerra contra a perfidia de Mahomet, alagando só com a vossa magestade, aquella pestilencial furia e acabando as guerras mais consideraveis só com o terror do vosso nome, só com a maravilha do vosso valor. E ao mesmo tempo, senhor das chaves de um novo mundo, como que abrangeis em um punhado os seus numerosos golfos e os promontorios e as praias e as ilhas e os portos e as praças e as cidades á beira-mar, e quasi tendes nas vossas mãos nações innumeras, aonde, comtudo, nem a propria fama com as suas azas tão velozes havia até então chegado. E quão grandioso não é ver os reis mais ignotos arderem em desejos de vos visitar, venerar as vossas pisadas, e correrem açodados a ajoelhar aos vossos pés e a receberem á porfia das vossas mãos tão poderosas pela fé como pelas armas as aguas purificadoras do baptismo?! e ver, espertados pelo amor de uma virtude jámais ouvida dos antigos seculos, os habitantes dos mais apartados confins da terra acudirem apinhados á vossa presença, e já todo o meio-dia, arrancado do fundo das suas moradas, dar-se pressa a correr venerabundo ante vós, para de mais perto contemplar esse semblante celestial, a auréola de gloria que vos adorna a regia fronte, essa magestade, fiel transumpto da divina?! Com taes grandezas venha alguem pôr em parallelo a tomada de Babylonia, bem que ufana dos seus muros de tijolo, a róta dos barbaros do oriente, já do proprio natural tão fugazes! Venha pôr em parallelo a provocação, não muito esforçada das iras do Scytha nomada, vagando por dilatadas campinas, comtanto que não lance tambem á conta de louvor o assassinato, em meio dos festins, dos mais caros amigos, nem a adopção de estrangeiros costumes e desdourosas adulações! Ponha em parallelo tambem o vencimento das Gallias a custo subjugadas ao cabo de dez annos, ou outros feitos inferiores a este comtanto que não tenha encomios para o sangue de concidadãos e parentes barbaramente vertido por todo o orbe! — Assim que, rei sem par, vós sobre todos (estoure embora a inveja), vós sobre todos sois digno de eternas honras. A vós, primeiro do que a ninguem, devem de ser consagradas as nossas vigilias, quero dizer, as de todos quantos somos sacerdotes das Musas. Por tal razão (se, homem desconhecido, mas a vós mui dedicado, encontro alguma fé junto á vossa pessoa), seja incumbido, eu vos conjuro, a sujeitos idoneos o encargo de pôr em memoria (sem duvida que interinamente), em qualquer lingua, em qualquer estylo o assumpto tão ubertoso dos feitos praticados por vós e pelos vossos, obra que, mais tarde, tanto os outros em quem ferve o mesmo enthusiasmo, como tambem nós mesmos, envidando todas as forças, hajamos de polir e aperfeiçoar. Na verdade, pedi, não ha muito, a estes subditos vossos que estão aqui, mancebos de subido talento e elevado caracter, os filhos de Teixeira, vosso Chanceller-mór, que por sua intervenção me fossem ahi copiadas as memorias (se é que existem) dos vossos feitos: prometteram elles desempenhar-se cuidadosamente no encargo em respeito da obrigação que devem ao seu preceptor; todavia não quiz eu faltar a mim proprio, mas assentei de vos endereçar eu mesmo esta carta, rei mui indulgente e clemente, a quem já posso dar tambem o nome de meu, querendo antes poder ser arguido de arrojado, se escrevesse, do que de apoucado de animo, se me conservas-

Digitized by Google

se silencioso. — No que respeita a minha pessoa, não é, certo, ordinaria a minha condição, mas, na profissão das lettras, tambem alguns crêem que não é de todo inferior a minha reputação. Quasi de menino fui eu criado (e porventura que esta circumstancia virá a proposito) no seio da honesta familia d'aquelle varão illustre, o primeiro personagem na sua tão florente republica, Lourenço de Medicis. Não cedendo a ninguem em dedicação á vossa pessoa, soube elle, fallando-me de vós, accender em mim enthusiasmo tão ardente pelos vossos merecimentos, que dia e noite, eu não largo de pensar no pregão dos vossos feitos, e o mais fervoroso voto que eu agora faço é que me seja outorgada força, poder e finalmente ensejo, para que o vosso nome tão digno de divinos elogios, os testemunhos da vossa piedade, integridade, rectidão, temperança, prudencia, juizo, os da vossa justiça, fortaleza, providencia, liberalidade e grandeza de alma, e emfim os de tantas obras, tantas e tão eximias façanhas vossas, tenham monumentos fieis levantados, ainda que seja por mim, na lingua latina ou grega, de modo que não haja vicissitude de humanos acontecimentos, nem assalto da varia e inconstante fortuna nem vetustade de seculos que valha a extingui-los.

* * *

D. João por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa, e senhor de Guiné, ao mui douto varão e prezado amigo, Angelo Policiano, saude!

A vossa agradavel carta, que já ha muito li, e, sobretudo o que amiudadas vezes nos tem referido o nosso querido Chanceller-mór João Teixeira, me deu cabal conhecimento de quanto vos interessa a nossa gloria (se em cousas humanas alguma existe) e quanto desejaes salvar do olvido com as vossas lettras o nosso nome e feitos. Tal vontade, ainda que é uma prova assaz clara de entranhado affecto e summa deferencia, todavia parece-nos que nasce ainda mais da bondade do vosso coração, da agudeza de ingenho e da copia de saber, que miram a alvo mais remontado. Assim que nos sentimos grandemente penhorados de vós, e, quando o tempo e as circumstancias o demandarem, testemunharemos mais amplamente o nosso agradecimento, esperando que não hajaes de vos arrepender da affeição que nos dedicaes. Respondendo em breves termos ao assumpto da vossa carta, dir vos-hemos que somos gratos sobremaneira ao offerecimento que tão frequentemente nos fazeis dos vossos serviços e affectuosa diligencia para nos alcançardes a immortalidade, e estimamo-lo. E para pôr em effeito o intento, teremos todo o cuidado de ordenar que a nossa chronica, que, seguindo o uso do nosso reino, mandamos escrever em lingua vernacula, seja composta no idioma toscano ou pelo menos no latim commum, enviando-vol-a depois, o mais depressa que ser possa, para que vós, sem vos afastardes do caminho da verdade, assegurando a nossa memoria, a adorneis com as graças e gravidade do vosso estylo e com a vossa erudição, e a aperfeiçoeis de fórma que, ao menos com o auxilio da vossa eloquencia, se torne digna de ser lida. Com effeito, muito releva (o melhor o sabeis) o estylo

Digitized by Google

em que é recontado cada feito, embora illustre. Porquanto, assim como a experiencia mostra que as comidas melhores de natureza, se houve menos aceio em as guisar, são avisadamente engeitadas, assim a historia, se lhe fallecem as devidas galas e donaire proprio, havemol-a por sem merito e merecedora de que a engeitem. Defeitos d'esta ordem, porém, não ha que receial-os, se fôrdes vós, sujeito de tão subidas partes e tão versado em todas as boas lettras, quem haja de tomar a peito a historia dos nossos feitos. Esta é pois a nossa intenção. Resta, Angelo amigo, que aos filhos do nosso Chanceller-mór, fidalgos da nossa casa, consagreis os maiores disvelos. Sem duvida que a vossa bondade não havia mister recommendação para assim o fazerdes espontaneamente, comtudo, encarecidamente vos rogamos que por nosso respeito tenha ainda algum augmento o vosso zelo. E na verdade a elles deveis toda a gratidão, porque o pae e os filhos, aquelle com os louvores, estes com os testemunhos provadissimos do vosso saber, não cessam de vos exaltar, fallando-nos de vós, e de fazer chegar até estes confins da terra, a fama do vosso nome, o que não faz pouco em prol da vossa gloria e reputação. Mas aos proprios mancebos nós damos os emboras, por lhes ter cabido o viver em tempo em que da fonte abundante da vossa sciencia possam beber alguma instrucção, para que, servindo primeiro a Deus e depois a nós, hajam de merecer e conquistar tanto a bem-aventurança celeste, como a terrestre.

De Lisboa, aos 23 dias do mez de Outubro de 1491.

1739) **POLO (GASPAR GIL).**

E. — *La Diana enamorada, cinco libros que prosiguen los VII de Jorge de Montemayor por* —. Madrid, en la imprenta de D. Antonio de Sancha, 1778, 8.°, 523 pag. Nueva impression con notas al canto de Turia. Madrid, 1802.

É mui interessante o prologo, que precede esta obra, mas não me foi possivel traduzil-o por não ter um exemplar á minha disposição. O certo é que Jorge de Monte Mayor, (assassinado no Piemonte), é um dos portuguezes que mais honra nos dão no estrangeiro.

1740) **POMARNE (G).**

E. — *Le credit foncier portugais.* Lisbonne, 1866.

1741) **POMPILI (Dr. G).**

E. — *Maresciallo duca di Saldanha e l'Antéomeopathie, ó difeza expositiva della dottrina di Hahnemann.* Roma. 1864.

1742) **PORTUGAL**: *A review of the causes, tendency and progress of the revolution, which commenced in Oporto, 1720, etc.* London, 1821, in 8.°

1743) **PORTUGAL** *erinnerungen aus dem Jahre*, 1842. Mainz. 1843. 8.°

1744) **POUGINS (CHARLES).** — Membro do Instituto Real de França,

Digitized by Google

e auctor do *Thesouro d'Origens* e do *Diccionaro grammatical da lingua Franceza.*

Faz os maiores elogios ao *Diccionario da lingua Portugueza* publicado pela Academia Real das Sciencias, e diz: «*Vous imiter* (fallando da nossa Academia) *vous suivre, c'est le moyen de ne point errer*» — M. da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. VI, parte II, pag. XIX.

1745) **PRIMATO (IL) DEL ROMANO PONTEFICE** *difeso contra il libro intitolado Della Potestá dei vescovi circa le dispense, dal Pe. Antonio Pereira, e tradotto in ital. nel* 1767. Ravenna 1769, 12.°

1746) **PROCÉDURES CURIEUSES DE L'INQUISITION DE PORTUGAL** *contre les francs maçons dans la vallée de Josaphat.* 1793, 8.°

* 1747) **PYRARD (F. DE LAVAL).** — V. o art. n.° 1097.

E. — *Voyage contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil.* Paris, L. Billaine, 1679.

As viagens de Pyrard são mui frequentemente citadas na *Historia Natural* de Buffon. A traducção d'estas viagens, que se publicou em Goa, é trabalho do Ex.mo Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

[1] Malte-Brun.—*Geographie*, vol I. pag. 138.

Digitized by Google

Q

«Otra maquina hay en la *Lusiada* mucho mas bella, y de una especie bien diferente. El genio del rio Ganges se aparece al rey de Portugal; le convida á que busque sus fuentes, y le hace saber que es le monarca destinado a poseer todos los tesoros del Oriente. Esta idea es muy feliz; pero la mas magnifica, la mas poetica invencion de este poema es la del canto quinto, en que, contando Vasco al Rey de Melindo todas las maravillas de su navegacion, le dice; que al llegar con su flota al Cabo de Buena-Esperanza, vió levantarse de repente sobre las aguas del Oceano un espantoso fantasma, en medio de truenos y relampagos; tocaba en las nubes con la cabeza, y sus myradas inspiraban terror: era el genio de este mar. Habla á los Portugueses con un tono de voz semejante al trueno; amenazoles con que castigará su audacia de querer entrar en unos mares de que era pacifico poseedor tanto tiempo hocio... Esta ficcion es de las mas magnificas, que se han inventado. Ella sola basta para probar que Camoens poseia el ingenio de la poesia, y una imaginacion noble y viva.»

BATTEUX, *Principios filosoficos de la literatura, traducidos por Arrieta*, vol. IV.

1748) **QUEVEDO (D. JUAN).**

E. — *Descripcion de la solemnidade con que en esta Corte se celebro la noticia de las felices bodas de la Magestade de D. Pedro II con la Señora D. Maria Sofia Isabel.*

Sem logar, anno e nome d'impressor.

1749) **QUICHERAT.**—Professeur á l'Ecóle imperiale de Chartres.

E. — *Histoire de Sainte-Barbe, Collège, communauté et Institution, par —.*

O primeiro volume d'esta obra tracta do nosso compatriota Gouvea, do qual já tenho fallado varias vezes, e que tanto honra o nome portuguez entre os estranhos.

Digitized by Google

R

«Dans toutes les langues il y a une magie de mots aussi intraduisible que le *Sesame* du conte arabe:—on peut retenir le sens, mais si l'on change les mots, le charme est détruit. Cette magie n'a d'effet que sur ceux à qui la langue est aussi familière que leur propre langue, peut être même sur ceux la seulement dont c'est véritablement la langue maternelle. Camoëns possède cet art dans la perfection: c'est son mérito particulier.»

SOUTHEY, *Quarterly Review.*

1750) **RANDOVILLIERS**. (MR. DE).

E. — *Oeuvres. etc.*

No primeiro volume das suas obras, apparece um escripto, cuja traducção do titulo é *Noticias do Collegio de Aquitania ou de Bordeaux*, sendo principal auctor André de Gouvêa em 1534.

Estas noticias foram extrahidas de um opusculo raro, impresso em Burdigala, apud S. Mellangium, Typogr. Regium, 1583, 8.° pequeno de 63 paginas, e d'elle tirou J. F. Adry, antigo bibliothecario da Congregação do Oratorio em França os apontamentos necessarios para formar uma excellente *Memoria* que apparece citada no I vol. das obras de Randovilliers.

Nunca encontrei nenhum d'estes mencionados trabalhos e em tudo me reporto ao que diz Fr. Fortunato de S. Boaventura na *Memoria do começo, progressos, e decadencia da Litteratura Grega em Portugal desde o estabelecimento da Monarchia até ao reinado do Senhor D. José I. (Mem. da A. R. das Sciencias de Lisboa*, vol. VIII).

1751) **RAYMOND (E)**.

E. — *L'Espagne et le Portugal*. Paris. 12.°, 191 pag.

Faz parte da collecção publicada em Paris com o titulo de Bibliotheque Utile. A historia de Portugal começa na pag. 163 d'este volume, corre até ao reinado do Sr. D. Luiz, e nada apresenta digno d'especial menção.

1752) **REBICH (JOSEPHO RAGUSANO)**.

E. — *Carta do capitão — a qual contem a noticia do transporte de 133 padres jesuitas de Lisboa para Civitavecchia*. Lisboa, 1759.

1753) **REDACTOR DO MONTHLY REVIEW**.

Escreveu no citado Jornal uma censura ao *Methodo das Fluxões* composto

Digitized by Google

Digitized by Google

Dr. Carl von Reinhardstoettner

Digitized by Google

Digitized by Google

pelo Mathematico portuguez Stockler. Este porém publicou o seguinte opusculo em defeza *Lettre á M. le Redacteur du «Monthly Review» ou Réponse aux objections qu'on a faits dans ce journal à la Méthode des lemites des Fluxions Hypothetiques.* A' Lisbone. 1800. 4.° 74 pag.

* 1754) **REINHARDSTOETNER.** — V. o art. n.° 1139.

E.—I. *Der Hyssope der A. Diniz, in seinen Verkaltuisse zu Boileaus Lutrin.* Zittorarhistorische Skizze von Dr. Leipzig. 1877. Opusculo em 8.° gr. com 40 pag. «N'este trabalho se cita uma segunda parte portugueza do *Hyssope*, e se procura provar que Diniz não imitou o Lutrin.» [1]

O auctor está actualmente vertendo para allemão o *Manual de Historia portugueza*, composto pelo Sr. Theophilo Braga.

II. *Luiz de Camones, der Langen der Lusiaden, biographische Skizze, von —.* Leipzig. 1870. 8.°, 80 pag.

«N'este opusculo estão em dia todos os trabalhos dos dois modernos historiadores de Camões.»

III. *Grammatik der Portugiesischen Sprache auf grunklage der Lateinischen und Romanischen sprachven gleichung bearbeitet.* Strasburgo, 1878. 8.°, gr. XVI 416 pag.

IV. *Critica do texto Camoneano.*

1755) **RESUMO DA HISTORIA BIBLICA** *ou narrativas do velho e novo Testamento, illustradas com cerca de 200 estampas.* Nova York, 8.° 293 paginas.

1756) **REVUE DES RACES LATINES,** *françaises, algerienne, espagnole, italienne, portugaise, belge, autrichienne, roumaine, bresilienne, et hispano americaine.* Paris.

Parece que esta revista começou em novembro de 1859.

1757) **RIOS (A. FERNANDEZ DE LOS).**

E. — *Mi Mision en Portugal.* Madrid 1877.

Esta obra foi muito censurada pela imprensa portugueza, e parece que ao seu auctor se póde applicar o apologo do *Mons parturiens.*

1758) **RIPANSO OU OFFICIO DA SEMANA SANTA** *em latim e portuguez com as rubricas do Missal e Breviario Romano. Contendo Orações para a Confissão e Communhão, tiradas da Sagrada Escriptura; e um Catalogo, onde se explicam as Ceremonias, e palavras difficeis na sua intelligencia. Recopilado de todos os Passionarios publicados até o presente,* Bombaim, Livraria de Furtado. 1876 pag. 8.°, X, 404 pag.

[1] Palavras do E.x^mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

1759) ROEDER (MARTINO).

Publicou na *Gazeta Musicale de Milão* (N.° 4 e 18) de março de 1877 o retrato e biographia do fallecido compositor portuguez Joaquim Silvestre Simão.

«É desconhecido este nome em Portugal, ao passo que na Italia é considerado como o compositor de musica sacra, que melhor comprehendeu este estylo no presente seculo. Nasceu este compositor em Setubal a 16 d'agosto de 1801, e morreu na ilha de S. Miguel a 20 de fevereiro de 1877.» [1]

1760) ROMANCES ALLUSIVOS Á HISTORIA DE PORTUGAL.

Nas *collecções hespanholas*, encontram-se bastantes cantos populares ou litterarios nos quaes se celebram assumptos da nossa historia patria. Eis a indicação de alguns:

Romance del Conde D. Alonso Enriquez (anonymo) Vid. Don Augustin Duran, *Romancero general*, t. II, pag. 215. — *Romance de Don Egas Moniz* (de Juan de la Cueva) no *Coro Febeo de Romances historiales*. ed. 1587. *Romance del Rey don Alonso quando liberto del tributo al reyno de Portugal* (de Lorenzo de Sepulveda), *Romances sacados de Historias*, fl. 203, Ed. de Anvers, de 1551. — *Romances de Don Pedro I de Portugal y Dona Ignez de Castro* (de Gabriel Laso de la Vega) *Romances y Tragedias*. Outro sobre o mesmo assumpto, do mesmo auctor. — *Don Pedro e Dona Inez de Castro*, (anonymo) nos *Romances de varios e differentes Auctores*. — *Dona Ines de Castro, Cuello de Garça, de Portugal* (anonymo) De um Pliego suelto. — *Romance de D. Isabel* (anonymo). No *Cancionero de Romances*, fl. 176 v. — *Romances de D. Isabel de Liar*, (anonymo) No Canc. de Romances. — Al mismo assunto, por Timoneda, *Rosa de Romances*, e *Rosa española*. — *Romances del Duque de Guimaraens* (anonymo) Em Fuentes, *Libro de los Cuarenta santos*. — *La Duqueza de Guimarans se queja al Rey la muerte que hizo dar a su esposo* (anonymo). No Cancionero de Romances. — *Romance del Duque de Braganza Don Jayme*: (anonymo). No Cancioneiro llamado *Flor de enamorados*. — *A la muerte del Principe de Portugal*, por Fray Ambrosio de Musterinos, no Cancionero de diversas obras. — *Romance á morte do principe D. Affonso*, (anonymo) extrahido por Mr. Gaston Paris do Ms. 12, 744 da *Bibl. nat. de Paris*, e publicado na *Romania*, e em Portugal na *Hist. de Camões*, t. I, pag. 231. — *Romance á la muerte de Don Bernaldino* (anonymo) No Cancionero de Romances. — *Romances del Rey Don Sebastian* (anonymo) No *Romancero generale*. Mais dois sobre o mesmo assumpto, e na mesma obra. — *Dom Duardo*, romance escripto originalmente em portuguez e admittido pela tradição popular hespanhola. V. *Romancero generale* de Duran, t. II, pag. 249. [2]

1761) ROMANIA, vol. III. pag. 263, 278. Jornal de Paris.

Apparece um artigo importante em portuguez escripto pelo Sr. Francisco

[1] Devo os apontamentos para este artigo ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

[2] Apontamentos dados pelo Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

Adolpho Coelho intitulado *Romances Sacros, orações e ensalmos populares do Minho.*

1762) **RONDINA (FRANCISCO XAVIER).** — Jesuita italiano.

É cultor da lingua portugueza, e n'este idioma escreveu um *Compendio de Philosophia*, em 2 volumes, que foi ha poucos annos impresso na Cidade de Macau.

Em lingua portugueza escreveu tambem as seguintes obras:

I. Um discurso contra a Vida de Jesus Christo composta pelo francez Rénan. II. Discurso recitado em Sanchoan (China) junto do sepulchro de S. Francisco Xavier. III. Discurso recitado na festa do vigessimo quinto anno do pontificado de Pio IX.

De nenhuma d'estas obras ainda pude ver um exemplar.

1763) **ROSS (NEIL).**

E. — *Inez, or the bride of Portugal.* London, 1871.

1764) **ROUTES IN ABYSSINIA.** *Presented to the House of Commons, in pursuance of their Address dated,* November 26, 1867. London, 1867.

N'esta obra verá o leitor como os inglezes estão informados de quanto nós fizemos na Abyssinia.

Devo ao Ex.mo Sr. Graça Barretto o conhecimento d'esta obra.

Digitized by Google

«Quand on lit les chefs d'œuvre de la litterature portugaise, et que l'on admire dans une langue noble et harmonieuse des poètes, des historiens, des romanciers, qui existaient bien avant que nos auteurs donnassent l'essor à leur génie: quand on se rapelle chez combien de peuples les Portugais avaient porté leurs coutumes et leur langage, l'on se demande comment il se fait que la litterature dont nous allons nous occuper soit si peu connue.»

FERDINAND DENIS, *Resumé de l'histoire litteraire du Portugal.*

1765) **SALGAT.**

E. — *Aux refugiés portugais. Dedié a M. M. Joseph et Manuel da Silva Passos.* Paris, 13 Juillet, 1832. É uma poesia.

Devo o conhecimento d'este opusculo ao Ex.mo Sr. Leorne, do Porto.

1766) **SALVÁ (VICENT).**

E. — *Catalogue of Spanish and Portuguese books on sale.* London, 1829.

1767) **SANÈ.**

I. Este traductor d'algumas odes de Philintho Elysio compoz tambem uma *grammatica portugueza* para uso dos francezes. [1]

II. *Coups d'œil sur la litterature portugaise.* No *Mercure etranger* (1.° vol.) publicado por Amaury Duval.

«Les poetes portugais sont surtout de grands peintres de marine, ce qui ne surprend point chez une nation qui avait alors l'empire de la mer, et dont les poètes avaient souvent fait le voyage d'Amérique, d'Oriente, des Indes, comme guerriers ou comme observateurs.»

1768) **SANTOS (FRANCISCO).**

E. — *Chronologia Hospitalera y resumen historial de la Sagrada Religion del glorioso Patriarcha San Juan de Dios.* Madrid, 1715, 16, fol. 2 vol.

[1] Ferdinand Denis, *Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal*, pag. 9. A pag. 213 d'este mesmo livro nos diz o seu auctor que «Os amigos da Litteratura do Meio Dia da Europa esperam com uma viva impaciencia um trabalho importante que M. Buchon fez sobre os historiadores portuguezes, e sobre os poetas considerados nas suas relações com a historia.»

Digitized by Google

1769) **SCALIGERO (JOSEPH JUSTO).** — Um dos mais celebres philologos francezes, nascido em 1540 e fallecido em 1609.

Consta-me que este celebre philologo e antiquario escrevera ácerca das *lapidas romanas* existentes em Evora, e accusara de falsas uma ou outra. E por isso não foi Hübner o primeiro que fez uma tal descoberta.

O nosso celebre André de Resende praticou talvez, o que era vulgar por aquelles tempos, nos quaes não havia escrupulo em forjar documentos, lapidas, e dinheiros, o que talvez ainda de todo se não deixe de praticar em nossos dias: todos sabem que o se faz na Italia no commercio de estatuas, e o que se passou na França, ha bem poucos annos, a respeito d'uns pergaminhos que só depois de muitos estudos se reconheceram ser forjados.

Não me é possivel porém dizer em qual dos seus escriptos tracta Scaligero d'este assumpto. Suas obras são immensas, e seria indispensavel, na falta d'um indice, remissivo lel-as até encontrar a passagem a que me refiro, o que ainda me não foi possivel fazer. No entanto, embora Hübner diga que Portugal não teve nenhum bom epigraphista, Resende em todas as epochas recebeu elogios dos homens mais celebres que viveram, no seu tempo, e mesmo posteriormente. Resende não é para se pôr ao lado d'esse celeberrimo falsario José Nella, natural de Malta, e de varios outros.

1770) **SCHELHORN.**

E. — *Dom Pedro V Konig von Portugal.* Nürnberg. 1866. 8.°

1771) **SCHUTZE (BENJAMIN).** — Missionario Dinamarquez na India Oriental.

E. — *O livro dos psalmos de David, com toda diligencia traduzido do texto original na lingua Portugueza, pelo P.* —. Trangambar, em India Oriental na Costa de Coromandel. 1721.

1772) **SEGURA.**

Um escriptor d'este nome compoz nma obra intitulada: *Romance do Reino de Portugal.*[1]

1773) **SEGURA (FRANCISCO).**

E. — *Relacion del lastimoso successo en la Isla Trecera... en 24 de Maio de 1614.* Barcelona. 1614.

1774) **SELECTIONS IN PORTUGUESE AND ENGLISH** *with the Portuguese words properly accented.* 1808. 12.°

1775) **SERENATA QUE SE HA DE CANTAR** *en el Salon del Ex.mo Señor Embaxador de Portugal en esta Corte de Madrid con el plausible motivo del doble desposorio de los Señores D. Juan Infante de Portugal con D. Carlota*

[1] Antonio de Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata*, pag. 11.

Digitized by Google

Joaquina, Infanta de España, y D. Gabriel Antonio Infante de España, con D. Maria Ana Victoria, Infanta de Portugal. Madrid, 1785.

1776) **SIMON.**

E. — *Brasilische Reise, von einem Teutschen Soldaten in America, wie es ihm allda ergangen, auch Leibe und Lebens-Gefahr allda ausstehen meissen. Nah mens, Lorentz Simon aus Sachsen. Gdruckt in jahr.* 1677, in-4 gr.

Com uma estampa representando a vista de Pernambuco. O catalogo do livreiro *parisiense Chossonnery*, onde esta obra vem mencionada na pag. 100, considera-a como rarissima.

1777) **SKELTON (S).**

E. — *Iñez de Castro. Drama.* London 1841.

1778) **SODEN (JULIUS GRAT VON).**

E. — *Inez de Castro. Tragedia (em allemão).* Berlim. 1791.

1779) **SOLA.** — Celebre rabino da Synagoga dos judeus portuguezes em Londres.

Seus discursos recitados em portuguez na Synagoga, e depois impressos, e distribuidos pelos seus amigos, são pelos judeus muito apreciados. Sola, parece que falleceu em Londres no anno de 1857.

Alguns exemplares dos referidos opusculos vieram para Portugal.

1780) **SOUSA (E. PINHEIRO DE —).**

E. — *Grammatik der Portugiesischen Sprache.* Leipzig. 1851. 323. pag.

O Ex.mo Sr. Adolpho Coelho assevera-me ser o referido E. Pinheiro de Sousa um pseudonymo, e que a mencionada *grammatica da lingua portugueza* é obra d'um allemão.

1781) **STATUTI DELL' OSPIZIO** *dei Portoghesi in Roma.* Tipografia Salviucci, 1863.

1782) **SYLVA (RODRIGO MENDEZ).** — Coronista de los reynos.

Este homem nasceu em Portugal, mas no entanto é geralmente considerado como hespanhol.

E. — *Poblacion general de España sus trofeos, blasones, y conquistas heroicas. Descripciones agradables, grandezas notables, com muchas y curiosas noticias. Flores cogidas en el estimable Jardin de la preciosa antiguedad. Reales genealogias y catalogos de dignidades eclesiasticas y seglares. P — Anadida y emendada por el mismo en esta ultima impression dedicado al Señor D. Fernando Valenzuela, Cavallero del Orden de Santigo.* Año 1675. Madrid. fol.

N'esta edição começa a descripção do reino de Portugal na fol. 113 v. e termina na 154.

Digitized by Google

T

«Indo Portuguese is more or less understood by all classes in the Island of Ceylon, and along the whole coast of India: its extreme simplicity of construction and facility of acquirement having caused it to be extensively used as a medium of traffic.»

The Bible of Every Land. London, pag. 276.

1783) **TALASSI.**

E. — *L'olmo abbatuto, poema dedicato a S. A. R. D. Giovanni, Princepe del Brasil.* Lisbonna, 1795.

1784) **TENNENT (SIR JAMES EMERSON K. C. S.—L. S. D. &).**

E. — *Ceylon. An account of the Island physical, historical, and topographical, with notices of its history, antiquities and productions.* London, 1860, 2 vol.

Deve consultar esta obra quem desejar escrever ácerca do nosso dominio na ilha de Ceilão.

O auctor diz horrores de nós, e eis o panno da amostra. There is no page in the story of European colonisation more gloomy and repulsive than that which recounts the proceedings of the Portuguese in Ceylon. Astonished at the magnitude of their enterprises, and the glory of their discoveries and conquestes in India, the rapidity and success of which secured for Portugal an unprecedent renown, we are ill prepared to hear of the rapacity, bigotry, and cruelty which characterised every stage of their progress in the East....

Depois de lida esta historia escripta por um inglez, povo humanitario, desejava eu que o leitor percorresse as paginas dos feitos dos inglezes no Oriente! Não será verdade que os inglezes declararam guerra á China porque o imperador d'este paiz lhes não queria admittir o opio no seu imperio? Que atrocidades não praticou a Companhia das Indias inglezas?

Parece porém que os indigenas não detestavam tanto os portuguezes como o Sr. Tenent quer dar a intender, pois o mesmo auctor nos diz; (vol. II. pag. 16). «Hence the frequent occurrence at the present day of Portuguese names, in addition to the Singhalese patronymcs in families of the highest rank in the maritime provinces. They were assumed at baptism three centuries back, and are still retained even where the bearers have abandoned Christianity.»

Pois nós tratamos atrozmente aquelle povo, e elle ainda se ufana de ter nomes portuguezes!

Digitized by Google

1785) **TEZA (EMILIO).** — Professor.

No Jornal *Il Propugnatore* vol. V escreveu um importantissimo artigo a respeito da lingua Indo-Portuguez.

Devo esta noticia ao Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

1786) **THE BIBLE OF EVERY LAND.** London. sem data. 4.°

Vi um exemplar d'esta importante obra em casa do Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

N'ella encontrei noticias a respeito de Biblias em portuguez, completamente desconhecidas de Antonio Ribeiro dos Santos, e de Innocencio.

N'esta obra apparece tambem uma interessantissima noticia a respeito da lingua portugueza de Ceilão, e da lingua Indo-Portugueza, particularisando os pontos em que se differença da lingua fallada em Portugal. «Indo Portuguese in more or less understood by all classes in the Island of Ceylon, and along the whole coast of India: its extreme simplicity of construction and facility of acquirement having caused it to be extensively used as medium of traffic.» (pag. 276

1787) **THIERS.** — Grande historiador francez, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Segundo asseveram alguns jornaes trabalhava n'uma obra relativa ás conquistas e navegações dos portuguezes. Outros mais felizes do que eu, melhor poderão averiguar o que o celebre historiador francez, ha pouco fallecido disse a nosso respeito. [1]

1788) **TORRE (FRANCISCO DE LA).**

E. — *El Peregrino Atlante S. Francisco Xavier.* Madrid, 1728, 4.°

1789) **TROTTER (CATHERINE).**

E. — *Agnès de Castro. A Tragedy as it is acted at the theatre royal by his Majesty's servants, written by a Young lady (Mrs. Catherine Trotter, afterwards Mrs. Cockburne,* London, 1695.

1790) **TROVE (GAET.)**

E. — *Saggio medico-fisico sulla mutazione della voce. Alla fine di questo opusculo Pensieri filosofici.* Lisbonna, 1813.

1791) **T. R.**

E. — *History of Azores.* London, 1813.

[1] «Thiers intendia o portuguez, mas uma especie de secretario allemão, que ás vezes trabalhava com elle, sabia bem a nossa lingua, e auxiliava-o na interpretação dos nossos livros. Dizia Thiers que desejava reparar a injustiça, com que reconhecia ter tratado o nosso paiz na *Historia do Consulado e do Imperio.*» *Jornal do Porto,* N.° 274 (anno de 1877).

Digitized by Google

V

«Les Portugais avaient anciennement manifesté un grand zèle pour les entreprises maritimes, et c'est à leur découverte du Cap de Bonne Esperance que les Anglais sont redevables du commerce qu'ils font aujourd'hui dans les Indes.»

WILLIAM GUTHRIE, *Geographie*, vol. I.

* 1792) VAKCEL (PLATÃO LOVITCH). — V. o art. n.º 1379.

Assevera-me o Sr. Graça Barreto ter este escripter russo composto um trabalho importante ácerca do nosso famoso Silvestre Pinheiro Ferreira, no qual lhe tece os mais pomposos elogios.

1793) VERHASSEL.

E. — *Observations sur la nouvelle phrarmacopée portugaise*. Anvers.

O auctor tece elogio á nossa pharmacopea.

1794) VANE (C W).

E. — *Histoire de la guerre de la Péninsule* (*années* 1808 *et suivantes*). Paris, 1828, 8.º, 2 vol.

1795) VIDA DEL BIENVENTURADO PADRE *Gonzalo de Silveira*. Madrid. 1614, 4.º

1796) VISTAS E MAPPAS DE PORTUGAL.

Appareceram em Londres no anno de 1756 quatro grandes estampas magnificamente executadas, representando: 1.ª Vista do Tejo e da terra entre Belem e Alcantara, por P. C. Canot. 2.ª Vista de Lisboa antes do terremoto, por Antony Walker. 3.ª Vista de Belem, por Foudrineir. 4.ª Vista do campo a oeste de Belem, por J. Mason.

***

Bowles fez em Londres uma vista da cidade do Porto.

A new Imperial Sheel Map of Spain and Portugal. London, 1812.

***

Piquet. Carte chrorographique des environs de Lisbonne. 1811 *Faden Map of Spain and Portugal* 1810.

Digitized by Google

W. H. Harrison. O Torista em Portugal, 18 magnificas estampas London, 1839. A parte litteraria é censurada no 2.º vol. da *Revista Litteraria*.

1.º *A new military Map of Spain and Portugal. Compiled from the nautical surveys of D. Vicente Tofiño.* London. 1812.

2.º *Beauvoisin, Plan de la ville, du port, e des environs de Oporto.*

3.º *Wyld. Plan of the town and environs of Porto.* 1832.

4.º *Wolley. Plan of the Island of Porto Santo.*

5.º *Fitzvilliam Owen. Chart of the Azores or Western Islands.*

Existem tambem alguns mappas de Portugal feitos por hespanhoes. É de suppor que este artigo podesse ser muito mais desenvolvido, faltam-me porém as noticias necessarias para o tornar mais extenso. Veja-se Forrester.

1797) **VITA DEL VENERABLE** *servio dio Pe. Giuseppe Anchieta detto l'Apostolo del Brasile, cavata da processi autentice formati per lu sua beatificazione.* Roma, 1738, 8.º

* 1798) **VOYAGE EN PORTUGAL, ET PARTICULIÈREMENT A LISBONNE,** *ou tableau moral, civil, politique, physique et religieux de cette capitale: suivi de plusieurs Lettres sur l'etat ancien et actuel de ce royaume.* Paris, 1798, 8.º de 142 pag. V. o art. n.º 1436.

Digitized by Google

W

«In Indiis pugnatum est a Lusitanis cum Javae majoris incolis, Alphonsus Alburquequius Indiae Pro-Rex in Erythaeo mari oberrans portum Aethiopiae quaerit; Adena deinceps expugnata, in sinus Arabici faucibus crucem erexit, Zeilaeque portum succendit, unde in eum Sultanus Aegyptius et Indiae reges conjurarunt, ut Lusitanos Indiis pellerent, quibus non obstantibus potiti sunt ingentibus victoriis...»

AUGUSTINO SARTORIO, *Compendium Annalium Baronii*, (Pragae, 1736.)

1799) **WALSHER (P. CHRISTOVÃO THEODOSIO).** Missionario de Trangambar.

Os quatro prophetas maiores. Dos quaes os tres primeiros são traduzidos pelo P. João Ferreira A. d'Almeida, e o quarto pelo — Trangambar, 1751.

1800) **WESLEY (REV. JOHN).** — A. M. of the University of Oxford.

E. — *Instructions for children by the late Rev. — In Portuguese and English.*

1801) **WILDICK (BARON DE).**

E. — *Le Portugal: Considerations sur l'état de l'administration, des finances, et du commerce de ce royaume et de ses colonies.*

* 1802) **WOLF (FERDINAND).** — V. o art. n.º 1465.

Escreveu tambem um importante artigo ácerca do nosso Gil Vicente na importantissima obra *Allgemeine Encyklopedi der Wissenschafter und Kunstein alphabetischer Folge von genannten Schriftstellern bearbeitet und kerausgegeben von J. Sm. Ersch und J. Gf.* Gmber. 1818, 1878.

Noticia communicada pelo Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

Digitized by Google

ADDITAMENTOS

E ULTIMOS RETOQUES

«Sua Magestade prosegue na grandiosa obra do duque de Vizeu, o famoso infante D. Henrique, que outr'ora animou os Dias, Gamas, Magalhães e tantos outros descobridores que tornaram immorredouros os nomes, os esforços e as intelligencias scientificas dos portuguezes. Nós, os francezes, valemos bem pouco comparados com esses gigantes.»

Mr. Abbadie, *Carta de agradecimento ao rei de Portugal, pela commenda de S. Thiago.*

1803) **ABREGÉ CHRONOLOGIQUE** *de l'histoire d'Espagne et de Portugal, divisé en huit périodes: avec des remarques particulières á la fin de chaque période, sur le génie, les mœurs, les usages, le commerce, les finances de ces Monarchies: ensemble la Notice des Princes contemporains, et un Précis historique sur les Savants et Illustres.* Paris, 1765, 8.° 2 vol. de 700 pag.

É este o titulo exacto do art. n.° 5, o qual devo ao Ex.mo Sr. Leorne, do Porto.

1804) **ABREGÉ DE L'HISTOIRE DE PORTUGAL.** Paris, Chez George Jouvenal. 1699, 12.° 1 vol.

1805) **ABREGÉ DE L'HISTOIRE DE PORTUGAL.** Paris, Chez Henri. Charpentier, 1707, 12.° 1 vol.

1806) **ABUHAH (ISAAC).**—Presidente da synagoga dos judeus de Hespanha em Amsterdam, traduziu para hebraico a obra intitulada *Casa de Deus*, obra do judeu portuguez Abrahão Ferreira. Foi impressa a versão hebraica em Amsterdam no anno de 1655.[1]

Outra obra do mesmo auctor, intitulada *Porta do Ceo*, foi passada para hebraico pelo mesmo traductor, e publicada em Amsterdam, e do hebraico para latim, e impressa esta ultima versão em Solisbaci, 1678.

1807) **ACADEMIA (LA)** *revista hispano portuguesa*, Madrid, 1877.

1808) **ACCOUNT (AN)** *of the Earl of Galway's conduct in Spain and Portugal.* London, printed by J. Baker, 1771, 8.°

[1] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Luzitana*, vol. I, pag. 2

Digitized by Google

1809) **A CRUZ DE CHRISTO** Colombo, impressado no Officio de E. H. Perterson. 1859, 12.°, 23 pag.

O sangue de Animals,
Que em altars te vaza,
Nampode hura mortals
Nem paz ou pureza, da;

Mas Christo o Cordeiro,
Per doloroso,
Tem hum nobre sacrificio

Tambem muito precioso;

Minha Fé, a Ti pega,
Per a expiação,
Quando pecados confessa,
E roga per perdão;

Minha alma o lembra,
Peso que Tu ja gosta
Quando em Cruz já pendura,
Minha culpas per carta;
Crendo vamos nos folga,

Nontem mais a maldição,
Seu sanguento amor canta,
Que já trize bendição;

Tinha o preço pagado?
oh sem!
O sol já olha, temor
n'elle vem,
Com preto nuvens, seu
rosto cubri,
Com medo, qui su credor
te sufri.

* 1810) **ADLEHORD.**

A obra d'este allemão, mencionada no artigo 12, foi impressa em Francfort, no anno de 1702. Existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

1811) **ADVENTURE ADMIRABLE** *pardessus toutes autres des siècles passez et present. Qui contient un discours touchant les succez du Roi de Portugal D. Sebastien depuis son voyage en Afrique jusqu'au 6 Janvier, au present...* 1601. Traduit du Castillan en Français.

1812) **AGUIRRE (JOSEPHI SAENZ DE).** — Beneditinae Congregationis Hispaniarum Magistri generalis, Regii ac Supremi Fidei Senatus Consultoris, in Salmaticensi Academia Doctoris Theologi, ac post plures alias cathedras Primarii Sacrorum Bibliorum interpretis, nunc S. R. E. Presbytéri Cardinalis tituli S. Balbinae, Protectoris Regni Siciliae.

E. — *Collectio maxima Conciliorum omnium Hispaniae, et novi Orbis, epistolarumque decretalium celebriorum, necnon plurium monumentorum veterum ad illam spectantium: cum notis et dissertationibus quibus sacri canones, historia ac disciplina ecclesiastica, et chronologica, accurate illustrantur. Tomus primus, cura et studio* —. Romae, 1693. Typis Joannis Jacobi Konarek Bohemi apud S. Angelum custoden. 6 vol. fol.

Na pag. 190 do 2.° vol. discorre o auctor ácerca do Concilio Bracharense que apparece no 2.° vol. da M. Lusitania. A pag. 292 tracta se do Concilio e do Synodo Bracharense celebrado no anno de 561. A pag. 316. Synodo Bacharense II. no qual compareceram 12 bispos, no anno 572. A pag. 325 Capitulos dos synodos Orientaes colleccionados por S. Martinho, bispo de Braga, e publicados no Concilio de Luca. A pag. 506. Epistola de Martinho, bispo de Braga,

Digitized by Google

ao Bispo Bonifacio, A pag 675. Concilio III Bracharense, celebrado no anno quarto do glorioso reinado do rei Wamba, no anno de Christo 675. No 3.º vol. tracta-se amplamente do rito musarabe, ainda usado, segundo me dizem, na Sé de Braga. etc. Por isto fica o leitor informado da importancia d'esta obra que tracta dos synodos diocesanos celebrados em Portugal.

1813) AILLAUT (J. P.)

E. — *Notice sur l'etat actuel de la publication de l'Atlas de Mr. Vicomte de Santarem.* Paris, 1846.

1814) ALARCON (D. ANTONIO SUAREZ DE).

E. — *Relaciones genealogicas de la Casa de los Marqueses de Trocifal Condes de Torres Vedras.* Madrid, 1586. fol.

1815) ALDELEY (LORD STANLEY OF).

E. — *The first voyage round the world by Magellan. translated from the accounts of Pigafetta and other contemporary writers. Accompanied by original documents, with plates and an introduction.* London, printed for the Hakluit Society. 8.º gr. 257 pag. e 14 d'appendice, com o retrato de Fernão de Magalhães, armas de Magalhães, facsimiles de assignaturas, mappa dos estreitos por Pigafeta, passagem do navio *Victoria* pelo Pacifico, ilhas de Amsterdam e S. Paulo.

1816) ALEGAMBE (P. PHILIPPUS).

E. — *De vita et moribus Patris Joannis Cardim Lusitani e Societate Jesu.* Romae, 1645.

1817) ALMANAQUE HISPANO-LUSITANIO, para 1872. Madrid. 1871.

1818) ALMEIDA (D. PIETRO MICHELE — PORTOGALLO).

E. — *Relazione della Conquista delle Piazze d'Alorna Bicidisio etc. Roma, Nella Stamp di Generoso Salmoni.* 1748. Ignoro se o auctor é portuguez ou estrangeiro.

1819) ANDRÈS (JUAN). — Nasceu em Planes (Valencia) no anno de 1740, e falleceu em Roma no anno de 1817.[1]

E. — *Dell'origine, progresso et stato attualle d'ogni letteratura.* Parma, 1782, 7 vol. Veneza, 1808-17, 8 vol. Pistoia, 1818, 3 vol. Pisa, 1821, 23 vol. Foi esta obra traduzida em hespanhol por um irmão do auctor.

Quem desejar escrever miudamente ácerca da litteratura portugueza deve consultar este trabalho do jesuita Andrès.

* 1820) ANDRY. — V. o art. n.º 33.

O Ex.mo Sr. Antonio Martins Leorne, residente no Porto, deu-me noticias ácerca d'uma edição das *Dissertations sur l'origine de la maladie vénérienne, etc.*, do nosso famoso Sanches, impressa em Leyde, no anno de 1778, 8.º de XII, 155 pag. O mesmo senhor me assevera ser a edição das *Observations sur les maladies venériennes*, do mesmo Sanches, impressa em Paris, 1785, 12.º de XXXVI, 204 pag. com o retrato do auctor, gravado por Levittain, positivamente a primeira, embora vá isto d'encontro á opinião de Innocencio.

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. II. pag. 586.

Digitized by Google

1821) ANSTETT-OLLENDORF *Methode zur erlernung der Portugiesischen Sprache, von* —. Frankfort, 1863.

* 1822) APERÇU NOUVEAU *sur les campagnes des Français en Portugal etc.* V. o art. n.° 43.

N'um papel escripto por Innocencio Francisco da Silva, em que elle ia lançando apontamentos, que eu lhe tinha pedido para este meu trabalho, papel que se encontrou depois do seu fallecimento, e me foi entregue, acha-se a noticia de que a obra acima mencionada é composta pelo general Pamplona, portuguez.

1823) ARAUJO (D. LUIS DE). — Maestro de latinidad en esta Corte.

E. — *Suplemento á la Gramatica de Mello, ó epitome del Arte metrica, ortografia, tropos y figuras Retoricas necessarias para la inteligencia de los autores clasicos, con que se completa el breve y metodico curso grammatico por* —. Madrid, por Cano, 1803.

«Los bien intencionados y amadores de la verdad conocerán que la breve y metodica Gramatica de Mello con estas pequeñas adiciones forma el curso mas breve y completo en este ramo de literatura.»

1824) ARCE (GASPAR (NUNES).

E. — *A la memoria del insigne historiador y poeta portugues Alejandro Herculano.* Madrid, Imprenta y estereotipia de Aziban y C.ª 1877, 13 pag.

1825) ARGENSOLA (B. L. D' —)

E. — *Beschreibung der Molukischen Insuln, und derer zwischen den Spaniern, Portugiesen und Höllandern darum gefuhrten Kriege.* Franckfort und Leipzig, bey der Witib M. 1710-11, 8.°

1826) ARGENSOLA (Dr. BARTHOLOME LEONARD DE —)

E. — *Histoire de la conquête des Isles Moluques par les Espagnols, par les Portugais, et par les Hollandais.* Amsterdam, 1707, 8.°, 3 vol.

1827) AVISI NUOVI *di piu lochi del'India et Missione de Brasil receuuti quest anno del* 1553. Roma, 1553.

1828) AVIZOS VARIOS *dels bons successos del Rey de Portugal y disposició de sus armadas de mar y terra: progresos y estat de las cosas de Alemania y Flandes.* Barcelona, em casa de Pere Lacavelleria. 1642. 4.° Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

1829) AVVISI DEL GIAPONE *degli anni* 1582-1584. *Con alcuni altri della Cina dell' 83 et 84. Roma, per Francisco Zanetti.* 1586.

1830) AVVISI DELLA CINA *et Giapone del fine del'anno* 1586 *con l'arrivo delli Signori Giaponesi nella India, cavati delle lettere della Comp. di Giesu, riceuuti il nette d'ottobre* 1588. Roma, 1588.

1831) AZARA (D. FELIX).

E. — I. *Descripcion é historia del Paraguay y del Rio de la Plata.* Mencionada no *Catalogo de la Bibliotheca del congresso de los deputados.* Madrid. 1857.

Todos os leitores sabem a razão porque a obra de Azara póde interessar aos portuguezes. Quem ignora essas peripecias da tão prolongada e continua guerra entre hespanhoes e portuguezes por causa da America?

Digitized by Google

II. — *Memorias sobre el rio de la Plata en 1801; demarcacion de limites entre el Brasil y el Paraguay, e informe sobre la America meridional española.*

1832) AZIR (FÉLIX VICQ D'). — Sabio medico francez, nascido em Valognes (Normandia) no anno de 1748, e fallecido em Paris em 1794 [1]. V. Andry, art. n.º 33.

Vicq d'Azir é o auctor do celebre elogio historico do nosso famoso medico Antonio Nunes Ribeiro Sanches, elogio traduzido pelo afamado lyrico portuguez Filinto Elysio [2].

«Em quanto assistiu na Russia nenhuma occasião perdeu que contribuir podesse aos progressos da Medicina, nem das Sciencias que lhe são accessorias. Quando soube que mr. Cook, primeiro cirurgião dos exercitos russos tinha de viandar até ás fronteiras da Persia, pediu-lhe o dr. Sanches, que de lá lhe mandasse as producções d'esse paiz, que mais revelassem para o adiantamento da sciencia. De lá recebeu o manná, que mr. Gmelin achou differente do que corre no commercio, e um sal que passava pelo borax nascediço, cujo sal na opinião de Baron é o borax mesclado com base de sal marinho.

«Tomou por vehiculo de util correspondencia com os missionarios que assistem na côrte do imperador da China, a caravana que parte da Russia para Pekin; com elles cambiava, e d'elles recebia tractos preciosos, que depois offertava aos sabios; sem que para essa offerta necessitassem mais pedreira, que o saber bem empregal-os. Obrigar a si os homens, prendendo-lhes a vontade foi para o dr. Sanches prazer mui de seu peito, e para todos assim o fôra, se todos, como elle, conhecessem quantos attractivos em tal prazer se encontram.

«Foi por tempos dilatados um dos socios mais assiduos da Sociedade imperial de S. Petersburgo. Como amigo do grande Euler contribuiu, como elle, a illustrar esse congresso de sabios, que encarregado de fazer com que florescessem as sciencias em quadras de torvação, relevava que alguns dos membros seus, por ellas mesmas se cultivassem, sem que em seus trabalhos se deixassem distrahir.

«Ja ácerca de diversos assumptos, que lhe proposera a Academia Real das Sciencias de Paris, tinha respondido satisfactoriamente o dr. Sanches, e mr. Mairan, que então a presidia, o propoz para correspondente, e conseguiu que esse titulo lhe fosse dado. Titulo, que procurado por quantos povos dão honra ás lettras, pareceu tanto mais recommendavel na Russia, onde não esquecerá nunca, que o restaurador d'esse imperio se ufanou de occupar na lista d'essa Academia um posto ao pé de Newton, e de alardear assim que, não contente de representar entre os soberanos foi Pedro o Czar o primeiro russo que assentou seu nome na pauta dos grandes homens.

«Aqui fenece a vida publica do dr. Sanches que para seu retiro, não depanara com cidade mais commoda que Paris, ou já quizesse dar-se, ou já encobrir-se, aos olhos da multidão. Alli chegou em 1747, e n'ella viveu até ao anno

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle.* vol. XLVI, pag. 90.

[2] Obras completas de Filinto Elysio. Paris, 1819 (no vol. IX).

Digitized by Google

de 1783, não ignorado (que o não podia ser) mas arredado de toda a ruidosa sociedade, no estreito circulo de amigos seus, dado ás inclinações do animo, gozando de si, entretido em relevantes memorias, como cabe a todos aquelles que presenceáram grandes acontecimentos.»

***

«M. Falconnet tão acreditado pela sua erudição, quanto recommendavel por seu bonissimo coração, foi o primeiro sabio, com quem o dr. Sanches tomou conhecimento em Paris, e na sua bibliotheca deparou com os soccorros de que precisava, até ao tempo em que se ladeou d'uma formosa collecção de livros seus. Como quem entendia tantas linguas, e conhecia tantos sabios da Europa, podia a passo igual ler-lhes as obras, e lograr o prazer de comparar as obras com o auctor; parallelo que muito acrescenta no attractivo da leitura. De lá lhe procedeu ser elle o primeiro, que soube em França o uso e propriedade das flores de zinco, e como d'ellas se serviu Gaubio; a tinctura de cantharidas, recommendada em Scocia por meio de fricções; a raiz de Columbo, a de João Lopes, a de Pinheiro, e a terra de Mafra. M. Payen, mui nomeado medico da Faculdade de Paris, e outros membros mais da mesma Faculdade, amigos do dr. Sanches, se encarregavam de fazer as tentativas dos novos methodos, de que lhes davam noticia os seus correspondentes.

«Conservou sempre o dr. Sanches rancor profundo contra certo tribunal, de que victimas foram alguns dos seus amigos. *Idéas para uso meu, ácerca da Inquisição* é o titulo d'um manuscripto seu; e d'essas idéas nasceu não voltar elle a Portugal, e vir antes morar em Paris, que por certo se ufana de ter sido muitas vezes o asylo dos que perseguia esse tribunal.

«Esses manuscriptos, parte d'uma alma activa e grande, e o intimo conhecimento do humano coração; esse quadro de seus pensamentos a quem os entregára o dr. Sanches? a M. Andry, consocio nosso, á pessoa que elle mais estimou, e ao melhor amigo seu; [1] uma parte de si mesmo lhe legava n'este mimo. E M. Andry entrado de respeitosa gratidão, lhe consagrou um *Elogio*, que é coração lhe estava dictando; e que a cada phrase sua me deixa o pezar, de que tecendo este elogio depois do seu, me não posso exprimir tão bem como elle.

«Parte dos manuscriptos, de que fallo, contem reflexões e observações ácer-

[1] «Tinha-o consultado a Faculdade de Strasburgo em 1752, ácerca d'um Curso de Cirurgia Pathologica, que ella queria introduzir nas suas scholas: ao que respondeu o dr Sanches com uma memoria, cujo plano foi adoptado, e mandou a Faculdade a M. Schœppin, que escrevesse, que M. Bœcler corresponderia com elle directamente; pedindo-lhe ao mesmo tempo, que aceitasse em signal de estima e deferencia, as estampas anatomicas d'um utero dobre, que a Faculdade (pouco havia) mandára abrir.»

«Prodigiosa foi a memoria que tinha o dr. Sanches, tal, que sendo o unico alumno, que não escrevia as lições de Boerhaave, nada lhe esqueceu das doutrinas d'esse grande Lente.»

Um dos manuscriptos de Sanches tinha o titulo de *De Matrimonio Cleri*. E outro o de *Plano para crear e educar os engeitados no hospital de Moscow*, 1764.

Digitized by Google

ca da medicina; que nunca elle na pratica, nem no seu teor de philosophar seguiu as trilhadas veredas: porque sempre foi d'aquella pequena porção de homens, que antes de obrar, de si tomam conselho. Por isso poucas obras suas ha, em que não revejam algumas idéas originaes ou novas, que inclinam para o adiantamento das sciencias, e nos affastam de encanecidos habitos.

«D'esse genero é a Dissertação ácerca dos banhos russos, que elle offereceu a esta Sociedade, como tributo do titulo de Associado estrangeiro, que ella lhe conferiu. E ninguem se capacite, que elle se limitou a descrever a fórma d'esses banhos, e o uso que d'elles fazem os russos: mas sim acompanhou essa noticia, com a historia dos Gymnasios, e banhos publicos, que com tanta magnificencia edificaram os gregos, e depois adoptaram os romanos, e a que Augusto poz o remate da perfeição; que descuidados, quando Roma sob Constantino se christianisou, foram, depois de muitos seculos de olvido, imperfeitamente restabelecidos em Constantinopla, e em alguns sitios de Allemanha, e até na Russia. Depois que o dr. Sanches ahi refere o teor, com que desprendem o vapor da agua, lançando-a em seixos abrazados, e tambem os effeitos d'esse vapor no corpo humano, demonstra quão util é para sarar de certas molestias, o costume, ao sahir d'esses banhos, de se mergulhar em neve, ou em agua fria, para abater com esse sobresalto as disposições a spasmos, a obstrucções, e acostumar o corpo a contrarias temperaturas.....

«Tendo-lhe referido certo cyrurgião, que receitavam na Siberia o sublimado corrosivo, em grandes doses, no curativo do mal venereo, fez (muitos annos antes que ácerca d'elle Van-Swieten apparecesse com suas reflexões [1] tentativas com elle o dr. Sanches; até fez a importante observação, que esse remedio surtia mais seguro effeito, e nenhum mal d'elle resultava, quando assugeitavam o enfermo á acção do banho de vapor, que amollecendo a nérvea tecedura da pelle, embrandecia o effeito sublimado de corrosivo, e que se devolve ao mesmo tempo com mais completa e mais estendida efficacia...

«Mostra o dr. Sanches, indagando a origem do mal venereo, quão longe estava de adoptar facilmente idéas alheias, e quanto apégo tinha ás suas. Sendo o descobrimento da America, e a primeira apparição do mal venereo, na Europa dois mui notaveis acontecimentos, cujas epochas coincidem mui perto uma da outra, não fóra de admirar que lhes achassem entre ellas (em certo modo) dependencia, ainda no caso de não haver entre ellas connexão alguma. Tal era a opinião que o dr. Sanches abraçou e susteve contra o parecer do sabio Astruc e do seu defensor Van-Swieten.....

«Assentava o dr. Sanches, como antes d'elle o Frascator, que o vicio venereo fóra em seu principio, como uma especie de epidemia na Italia, no anno de 1493, que foi depois affrouxando com o correr dos annos, e com o seu der-

[1] «Tinha o dr. Sanches feito diversas tentativas infructuosas com o remedio antivenereo do dr. Barry, e o D. Alvares, portuguez, e medico de nome, nos deu ácerca da historia d'esse medico, as mais exactas, e mais seguras particularidades.

M. Sthelin, distincto sabio, residente em Petersburgo, e amigo do dr. Sanches, que tambem nos remetteu preciosas individuações tocante á vida d'esse illustre medico.»

Digitized by Google

ramamento. Não é possivel conservar mais factos, mais noticias, a favor d'uma opinião, que se encontra n'esta obra do dr. Sanches. Lá é que se depara com erudição; não essa, que chamamos parasita, porque sómente se ceva em passagens citadas, e publicadas por outros; mas sim a erudição cavada em seu proprio saber tão fecundo em provas, quão allumiado na escolha.... [1]

Cumpria em Paris com as funcções de correspondente da Academia Imperial de S. Petersburgo, que o tinha encarregado de dar noticia dos descobrimentos, com que as artes e as sciencias cada dia se enriquecem; e tal zelo, e tal empenho mettia n'essa commissão, que vinha ella por isso a ser importante. Homem apto, que distinguindo as que eram invenções uteis, extremava das que o capricho ou a moda acreditavam, as invenções, que menos gabadas, fundavam em conhecidas vantagens a existencia. Que nunca se expoz elle a que o arguissem de que déra a conhecer em Petersburgo futilidades scientificas, a quem o publico successivamente mostra tanta indulgencia, e depois tanto desprezo; e cujo enthusiasmo, por maior que seja, comparar-se póde a essas epidemias de pouca monta, que causando na cabeça transitoria turvação, não deixam todavia vestigio algum do assalto, nos sitios, que desampararam. Lastimemos unicamente o dr. Sanches, de que não viveu bastante para que fosse testemunha das bellas experiencias, por meio das quaes, tão rapidos dilataram os homens a sphera de sua actividade; elle que, nada menos, viu na derradeira quadra da sua vida, as ridiculas pretenções do Empirismo, tambem acolhidas n'esta capital, que foi necessario para desmontar ante os olhos das nações emulas dos nossos talentos e nossa gloria, os aggravos que o empirismo fez, toda a sublime invenção de Messieurs Montgolfier.

«Já sentia gastas as forças, quando o grão duque das Russias, sob nome de Conde do Norte veiu a Paris; e como soube que tinha esse principe de honral-o com uma visita sua, adiantou-se a prevenil-o. Estava á mesa o duque, quando lhe foi o dr. Sanches nomeado, com distincto agrado o recebeu, e lhe deu assento ao lado de si. Aquelle velho, a quem tambem e tão mal tratara a Russia, recordou n'aquelle instante todas as suas ditas, e todos os seus revezes, e olhando enternecido para o herdeiro d'um throno, que tão rodeado vira de tormentas, tão profusas lagrimas derramou, que exprimiram ellas ao principe, tudo quanto a bocca não podia proferir. Voltando a casa, nunca mais sahiu, e bem diriamos, com mr. Andry, que na pessoa do Conde do Norte recebeu a Russia os seus ultimos adeus.

«A imperatriz da Russia ordenou que as armas do dr. Sanches fossem decoradas com a lenda:

[1] «Vide I. Dissertação ácerca da doença venerea, em que se prova, que não veiu da America, mas antes, que por uma epidemia começou na Europa; obra essa que o dr. Castro, medico de Londres traduziu em inglez.

II. Exame historico ácerca da apparição do mal venereo na Europa, e natureza d'essa molestia. Essas duas dissertações juntas n'um so volume as publicou em 1777 em Leyden M. Gaubio, ajuntando-lhe um prefacio, em que parece inclinar-se á opinião do seu amigo.»

Digitized by Google

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo, lenda tão honorifica para a sua memoria, quanto adaptada a designar um homem, que se esquecia de si para se empregar na felicidade alheia.

«O logar de associado estrangeiro, vago pela morte do dr. Sanches, occupa-o presentemente o dr. Black, lente de Chymica em Edimburgo.»

Na obra intitulada *Appendix* ao que se acha escripto na *Materia Medica* do dr. João de Castro Sarmento sobre a natureza, contentos, effeitos e uso pratico, em fórma de bebidas e banhos das aguas das Caldas da Rainha,[1] se encontra uma carta do nosso Sanches, com a data de 11 de novembro de 1752, a respeito dos banhos na cura da Paralysia.

Sanches forneceu muitos apontamentos a Buffon para a sua immorredoura Historia natural:—I. A respeito do rato da Russia, chamado Suslik (Obras completas, ediç. de Paris de 1835, vol. IV. pag. 169). — II. Noticia ácerca de certa especie de macacos. vol. V pag. 162. — III. Noticia ácerca dos gansos. vol. V pag. 506. Por esta occasião chama Buffon ao nosso Sanches *savant médicin. etc.*[2] V. *Buffon.*

1833) **BAILLEUL (GASPAR).**

E. — *Le Portugal et ses frontières. Mappe Chorographique.*

1834) **BALBI (GASPARO).**

E. — *Viaggio dell' Indie Orientali.* Venetia, 1590.

1835) **BARNARD.**

E. — *A three year's Cruzer in the Mozambique Channel, for the suppression of the slave trade.* London, 1848, 12.° gr. de XIII, 319 pag.

Eis o titulo completo do N.° 82. Sou devedor d'esta noticia ao Ex.mo Sr. Leorne, do Porto.

1836) **BEAUVAIS (P. DE —).**

E.—*La Vie de N. P. Ignace Azevedo de la Compagnie de Jesus*, Paris, chez Hypolyte Lonis Guerin, 1744.

1837) **BECERRIL Y BLANCO (D. JUAN).**

E. — *Atlas historico, genealogico, cronologico, sincronico y geografico de la Peninsula iberica.* Segovia, 1871.

1838) **BERRENGER.**

E. — *A grammatical arrangement on the method of learning the corrupted portuguese as spoken in Indian.* Colombo, 1811.

1839) **BIERVILLAS (INNIGO DE —).**

E. — *Voyage à la Côte de Malabar, Goa, Batavia, et autres lieux des Indes Orientales.* Paris. 1736.

[1] Impressa em Londres, 1757. «O dr. Antonio Ribeiro Sanchez. Medico que foi da Imperatriz da Russia, um dos mais doutos e benemeritos discipulos de Boerhaave.» pag. 136.

[2] «Fazemos menção d'este distincto escriptor, porque as suas observações sobre as raças humanas foram tão bem acolhidas por Buffon, que este grande naturalista as inseriu no 3.° vol. da sua *Historia Natural*, elogiando com a devida justiça o auctor portuguez que lhas communicou.» Sr. J. A. Simões de Carvalho, *M. H. da Faculdade de Philosophia.*

Digitized by Google

1840) **BIRAGO (GIO BATTISTA).**

E. — *Della Sollevatione del Brazile.* 4.

Está esta obra mencionada no *Catalogo da Bibliotheca Publica de Lisboa;* mas não se encontrou quando a desejei ver.

* 1841) **BIRAGO.** — V. o art. n.º 126.

E. — *Historia della disunione del regno di Portogallo dalla corona di Càstiglia: novamente correta, emendata ed illustrata: con l'aggionta di molte cose notabili dal molto Rdo. P. M. Fra Ferdinando Helevo: con l'appendice di una scriptura d'un Ministro di Spagna.* Amsterdam, 1647. 8.º peq. de 796 pag.

Devo o titulo d'esta obra ao Exmo Sr. Leorne, residente no Porto.

1842) **BOUCHOT (AUGUSTO).**

E. — *Historia de Portugal y de sus colonias. Traducida y continuada por D. Marcial Busquets.* Madrid, 1858, 8.º

1843) **BLANDOU (ARIAS).**

E. — *Carta que escrébió de Goa à los Padres y hermanos de la Compagnia de Jesus, en Portugal.* Porto Seguro, 24 de julio de 1555. Existe um exemplar na Bibliotheca Publica.

1844) **BLEEK** (Dr. W. H. J.) — Member of the german oriental Society.

E. — *The languages of Mosambique. Vacabularies of Lourenzo Marques, Inhambane, Sofala, Tette, Quellimane, Mosambique, Cape Delgado, Anjoane, The Maravi, Mudsau etc. Drawn from other materials, by —.* London, Printed by Harrison and Sons, 1856, XIX, 403 pag.

* 1845) **BROCKWELL** (Jun. Gent. late of Katterine-Hall, Cambridge). V. o art. n.º 183.

E — *The natural and political History of Portugal from its erection into a kingdom by Alphonso Son of Henry Duke of Burgundy, anno 1090 down to the present time. Shewing its extents, soil, production, history, trade, manufactures, customs, and manners of its inhabitants; with its revolutions and conquests. As also its provinces, cities, and noted towns, with their antiquity, building and present State. To which is added The History of Brazil and all their dominions subject to the Crown of Portugal in Asia, Africa and America by —.* London Printed for the Author and sold by T. Warner, at the Black-Boy in Pater Noster Row.

Eis o titulo exacto d'esta rarissima obra, da qual encontrei um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa. É em 8.º, 393 pag. com 1 estampa grande representando uma tourada, e 3 mais pequenas.

1846) **BUCHON.**

Diz o sr. Ferdinand Denis que no prefacio que precede as Obras de Froissart se encontram reflexões cheias d'interesse e de exactidão escriptas por mr. Buchon a respeito do chronista portuguez Fernão Lopes. [1]

1847) **BUFFON.** — Celebre naturalista francez.

E. — *Oeuvres complètes de — mises en ordre et precédées d'une notice his-*

[1] *Resumé de l'histoire litteraire de Portugal*, pag. 608.

Digitized by Google

torique par M. A. Richard, Professeur à la Faculté de Medecine de Paris. 20 vol. Paris, 1833. (Pourrat frères, editeurs.

Buffon nas suas obras cita um grande numero de auctores portuguezes, e dilicia-se o espirito d'um verdadeiro portuguez ao ver de quão grande proveito foram para a composição das obras de Buffon, Fr. João dos Santos, Duarte Barbosa, o capitão Ribeiro, Garcia da Horta (du *Jardin*, como elle lhe chama), padre Lobo, Balthasar Telles, Lopes, e tantos outros.

Buffon adoptou tambem os nomes que os portuguezes tinham posto a alguns animaes, como por exemplo, o *Encoberto* [1]

«M. Rodrigue Pereire, Portugais, ayant cherché les moyens les plus faciles pour faire parler les sourds et muets de naissance, s'est exercé assez longtemps dans cet art singulier pour le porter á un grand point de perfection: il m'amena, il y a environ quinze jours, son elève, M. d'Azy d'Étavigny: ce jeune homme, sourd et muet de naissance, est agé d'environ dix neuf ans. M. Pereire entreprit de lui apprendre à parler, à lire. etc. au mois de juillet 1746 au bout de quatre mois il prononçoit déja des syllabes et des mots; et, apres dix mois, il avoit l'intelligence d'environ treize cents mots, et il les prononçoit tous assez distinctement. Cette éducation si heureusement commencée fut interrompue pendant neuf mois par l'absence du maitre, et il ne reprit son elève qu'au mois de février 1748: il le retrouva bien moins instruit qu'il ne l'avoit laissé: sa prononciation etoit devenue tres vicieuse, et la plupart des mots qu'il avoit appris etoient déja sortis de sa mémoire, parce qu'il ne s'en etoit pas servi pendant un assez long temps pour qu'ils eussent fait des impressions durables et permanentes. M. Pereire commença donc á instruire, pour ainsi dire, de nouveau, au mois de février 1748; e depuis ce temps il ne l'a pas quitté jusqu'a ce jour (au mois juin 1749). Nous avons vu ce jeune sourd et muet á l'une de nos assemblées de l'Academie: on lui a fait plusieurs questions par écrit: il y a tres bien répondu, tant par l'écriture, que par la parole. Il a, á la verité, la prononciation lente, et le son de la voix rude; mais cela ne peut guère être autrement, puis que ce n'est que par l'imitation que nous amenons peu á peu nos organes à former de sons precis, doux et bien articulés.

[1] «*Encuberto* ou *Encubertado*, nom que les Portugais ont donné à cet animal, et que nous avons adopté» *Oeuvres*, vol. IV. pag. 291. (Ed. Paris, 1835).

«*Marmosa*, nome que os brasileiros dão á *Marmose*, e que nós adoptamos.» Idem pag. 314.

«Dou aqui a nome *d'elan* ao animal, que os hespanhoes e portuguezes conhecem com o nome de Danta.» Idem pag. 356.

«É bem singular que este nome de *viuvas* pelo qual certas aves são hoje geralmente conhecidas, e que parece convir-lhes tão bem... não lhes tenha sido dado senão por causa d'um engano. Os portuguezes deram-lhes ao principio o nome de aves de Widdah, (isto é de Juida) por serem mui vulgares n'esta costa d'Africa. A similhança d'esta palavra com a que significa *viuva* em lingua portugueza terá podido enganar os estrangeiros» Idem, vol. VI. pag. 94.

A pag. 514 do vol. VI tracta do nome que os portuguezes poseram a certa ave, *pintado*, nome que diz ter sido adoptado pelos inglezes. etc.

Digitized by Google

Tinha, pois, razão o sr. Pinheiro Chagas para exclamar:

«Em França os resultados do seu methodo foram accolhidos com espanto e admiração: choveram as recompensas sobre o portuguez illustre, que a patria repelliu do seio; os reis de França, da Polonia, Dinamarca e Suecia distinguiram-no com mercês e applausos, as academias elegiam-no seu consocio, os sabios mais notaveis, La Condamine, Buffon, Diderot, d'Alambert, Rousseau, não se fartavam de o elogiar, e em Portugal esperava-o a fogueira d'um auto de fé, se elle ousasse regressar á patria!» *(Portuguezes Illustres.)*

Buffon, *Oeuvres* (de l'homme), vol. IX pag. 143.

Tambem n'alguns volumes das obras de Buffon se está continuamente fallando dos portuguezes.

1848) **CABANO**.

E. — *Portuguese Grammar. (Ahn's system).* London.

1849) **CABRAL (ANTONIO)**.

E. —I. *Relazione della vita e martirio del venerabil Padre Ignazio de Azevedo.* Roma, 1743, 4.°

II. *Relacion del martyrio de los 40 martyres de la Comp.ª de Jesus. Vida del martyr P. Ignacio Acebedo.* Madrid, 1744.

1850) **CABRERA (NUÑES DE GUSMÃO MELCHIOR)**.

E. — *Madrid, patria verdadera del diamante de la fé, del martyllo de los hereges, de S. Damaso, el 1.° Pontifice.* Madrid, 1678, 4.°

O proprio Amador de los Rios confessa que S. Damaso é natural de Guimarães, e o mesmo dizem uma immensidade de escriptores. Vem n'esse caso Cabrera a ser uma especie de D. Paschoal Gayangos.

1851) **CAMPO (MARCELINO DE CLARO —)**.

E. — *Defensivo contra el frenesi que le ha dado a Portugal.* Alcala de Henares, 1641.

1852) **CAMPOS (MANOEL DE)**.

E. — *Relacion del soleñe recebimiento que se hizo en Lisboa a las Santas Reliquias que se llevaron à la Eglesia de San Roque de la Compañia de Jesus en* 1588. Alcalá, 1589.

1853) **CAPITOLO I.** *en que se trata de que gente eran los inimigos que vinieron a cercar la fortaleza de Moçambique y de la ocasion que los movió a hazelo.* Bibliotheca Publica de Lisboa.

1854) **CARDAMA (LOURENÇO)**.

E. — *Relação da grandiosa embaixada que em nome das Magestades dos senhores Reis de Portugal deu nesta Corte de Madrid ás Magestades dos senhores Reys Catholicos o Ex.mo Sr. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, Marquez de Abrantes em dia de Natal de* 1727. Madrid. 1727.

1855) **CARDON (EMILE)**.

E. — *Etudes sur l'Espagne et Portugal et leurs colonies.* Paris, 1863.

1856) **CARTA DE JOSEPH DE VILLA NUEVA** *Infante de la Vierge del Pilar a la mui Illustre Academia de Portugal, querellandose del Escritor contra la tradicion de la venida de Santiago a España. etc.* datada de Zaragaça, 1723, e impressa em Madrid. 1723.

Digitized by Google

1857) **CARTA DE MADRID** *embiada a un Vizino d'esta Ciudade de Barcelona en la qual se dá intera relacion de la victoria que la Armada de Su Magestad de la Esquadra Portuguesa ha alcançado de una esquadra de galeones Ingleses.* Barcelona, 1626. B. P. de Lisboa.

1858) **CARTA DEL EMBAXADOR DE PORTUGAL** *en Paris al de Portugal que va a Muster, con los Embaxadores de Francia en la Haya.* Barcelona, 1644.

1859) **CARTA DEL HERMANO** *Arias Blandou que escrevió de Goa a los Padres y hermanos de la Compañia de Jesus em Portugal.* 1554. 4.°, B. P. de Lisboa.

1860) **CARTA DEL MARQUES DE LAS MINAS** *al General Starenberg.* B. P. de Lisboa.—*Carta segunda al General Guido Starénberg.* Lisboa.

1861) **CARTA DE LISBOA,** *de un cortezano de Madrid escrita a un de Titol de la Andaluzia dandole noticia de los progressos de España.* Barcelona, 1641. B. P. de Lisboa.

1862) **CARTA EM QUE SE DÁ** *huma breve noticia do modo com que S. Mdes Sicilianas receberam a Esquadra Portugueza, sendo commandante José Sanches de Brito.* Lisboa, 1792.

1863) **CARTA ESCRITA** *por lo Rey de Portugal á los Conselleros de Barcelona.* Barcelona 1706. B. P. de Lisboa.

1864) **CARTAS** *que a rainha da Suecia escreveu a el-rei D. João IV e á Rainha, com a relação das armas que do Reino de Suecia trouxe o Embaixador Francisco de Sousa Coutinho.* Lisboa, 1642.

1865) **CARTA QUE HA ESCRITO** *un Cavallero de Lisboa a un correspondiente suyo en Barcelona, en la qual le dá noticia de lo que pasa por allá.* Barcelona, 1642. B. P. de Lisboa. — *Con noticias y llegada de una Esquadra de Vaxeles Hollandes.* Barcelona, 1642.

1866) **CARTA QUE HA ENVIAT** *lo Abate Joane Masó, de la escaramuça que han tingut en Roma lo Marques de los Velez, Embaxador de Castela contra lo Embaxador de Portugal etc.* Barcelona, 1642. B. P. de Lisboa.

1867) **CARTA QUE SE ESCREVEU** *de Utrecht a Lisboa, na qual se dá noticia da solemnidade com que os Ex.mos Conde de Tarouca e D. Luiz da Cunha celebraram o augusto nascimento do Principe do Brasil D. Pedro.* Lisboa. 1713.

1868) **CARTA QUE UN CAVALLER DE PORTUGAL** *á enviat a un cavaller desta Ciudad de Barcelona donant li noticia de una gran trayció... contra lo Sr. Rey de Portugal, y la sentencia... de D. Francisco de Lucena etc.* Barcelona, en casa de Jaume Mathevat, 1643 4.° Existe um exemplar na B. P. de Lisboa.

1869) **CARTA VENIDA DEL EXERCITO** *en que se avisa la tomada de Ebora Ciudad, y el feliz successo de las armas de Su Magestade.* Madrid, 1663. B. P. de Lisboa.

1870) **CARRILLO** (Fr. JUAN).

E. — I. *Historia y vida de Sta Isabel Reyna de Portugal y Infanta de Aragon.* Zaragoça, 1617 4.°

Digitized by Google

1871) **CASTRO (D. JOSEP RODRIGUES DE).**

E. — *Bibliotheca Española. Tomo I. Que contiene la noticia de los Escriptores Rabinos Españoles desde la epoca conocida de su literatura hasta el presente. Su autor.* Madrid. — 1781. —*Tomo II, contiene la noticia de los Escritores gentiles españolas y la de los Christianos hasta fines del siglo XIII de la Iglesia.* Madrid, 1786.

Quem consultar esta obra ha de encontrar muitas noticias relativas á nossa antiga litteratura.

1872) **CATALOGUE DES LIVRES** *en differentes langues sur l'histoire et la litterature de l'Espagne, du Portugal, et leurs colonies, provenant de la bibliotheque de Mr. de Sampayo.* Paris, 1842.

1873) **CHAPELLAIN (G. J.)** — V. Grognard.

1874) **CHAPUIS.**

E. — *Du Portugal en* 1822. *Lisbonne.* 4.°, 44 pag.

1875) **CLARAMONTII (SCIPIONIS CAESENATIS).**

E. — *De sede sublunari Cometarum opuscula III in supplementum Antitychonis cedentia: sunt I. Consideratio observantium Indicarum Cometae ultimi anni* 1618 *a PP. Jesuitis habitarum Goae etc. in tractu Malabarico. II Consideratio ac solutio rationum pro cœlesti Cometarum sede, quae post Antitychonem prodiere, vel ad auctoris manum pervenere: sunt autem Rationes an* 1577. *Antoni Santuttii,* 1582. *Ejusdem* 1585. *Christophori Rothmani,* 1597. *Santutii. Santutii et Joannis Kepleri,* 1618. *Kepleri, Willebrodi, Snellii, Tieni, Fromondi III. Libellus Apologeticus.* Amstaelodami, 1638.

1876) **COLMEIRO (D. MIGUEL).**

E. — *Enumeracion de las cryptogamicas de España y Portugal.* Madrid, 1867-68.

* 1877) **COSTIGAN (ARTHUR WILLIAM).** — V. o art. n.° 309.

E. — *Lettres sur le gouvernement, les mœurs et les usages en Portugal, écrites á son frère, Traduction de l'anglais.* Paris, 1810. 8.°, de VIII, 550 pag.

Devo o melhoramento d'este artigo ao Ex.mo Sr. Leorne.

1878) **CORRESPONDANCE COMMERCIALE** *en neuf langues, en français, allemand, ahglais, espagnol, hollandais, italien, portugais, russe et suedois.* Paris.

1879) **COUPÉ.**

Um escriptor deste nome escreveu nos *Soirées litteraires* XI e XII ácerca do poema latino *Chauleidos*, composto pelo nosso celebre Paiva d'Andrade, [1] e F. Denis transcreve as seguintes palavras.

«Li com attenção os doze cantos; o assumpto do Chauleidos é importante, como convem á epopea: sua acção é simples na sua imponente magestade, o heroe inspira o maior interesse: magnifica ordem, imaginação brilhante, bellos episodios, que dão novo realce ao que se chama fabula, imagens novas, muita sensibilidade, pintura animada dos costumes selvagens, versos harmo-

[1] F. Denis—*Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal* pag. 219. Por esta occasião falla tambem das poesias do nosso Caiado, que tiveram reputação mesmo na Italia

Digitized by Google

niosos: eis o que observei á primeira vista com o maior prazer. Distingui principalmente uma heroina tão brilhante como a Penthesilea de Homero, como a Camilla de Virgilio, e como a Clorinda de Tasso.

«M. Coupé accrescenta que a descoberta d'este poema ignorado o tornou o mais feliz homem do mundo, e que só uma unica magua teve, a de não apresentar a traducção d'elle por causa dos poucos meios de sua fortuna. Quizera publical-o com o texto.»

* 1880) CUNHA (J. GERSON DA). — V. o art. n.º 1562.

Tenho estado na duvida se este escriptor é portuguez ou inglez. Obtive porém esclarecimentos no dia 17 de março de 1878. N'uma carta me diz o Ex.mo Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara: «O Sr. José Gerson da Cunha he subdito portuguez, nascido em Goa, de raça indigena, e casta brahmane. Acha-se estabelecido em Bombaim como medico.» O sr. Rivara me assevera ser feita por S. Ex.ª a traducção das *viagens de Pyrard*, impressas em Goa, traducção de que fallei em logar competente.

1881) DEPURE.

Traduziu para francez a Historia das Indias portuguezas composta em latim por Maffejo.[1]

* 1882) DICTIONARIUM MALAICO LATINUM. — V. o art. n.º 350.

Eis a lista dos vocabulos portuguezes, que andam nos idiomas d'Amboyno, Banda, Java e Molucas, os quaes o Ex.mo Sr. Antonio Martins Leorne teve a bondade d'ir copiar á Bibliotheca do Porto.

Sagu sa-costa	Alcubitera	Proveito	Aguabenta
Desmorescer	Franga	Veillo *(Senex vir)*	Benpode
Camma	Valer	Veillo *(Anus, vetula)*	Merescer.
Barba	Costa		Mester
Rede	Ingeolar	Tempo	Mentaon
Coitado	Sabon	Curar	Mas que
Alfinetto	Taterouga	Matelote	Crear
Torto	Nen	Sangrar	Passear
Rua	Para	Hate	Costume
Remedio	Barato	Enganar	Parente
Fresco	Boetta	Basta	Obrigacion
Milagro	Gardenappa	Bolsa	Paresser
Orivis	Vidro	Ramo	Acerca
Igresia	Vara	Farda	Quanto
Grado	Marcadjota	Seguro	Mal-ensinado
Fidalgo	Tocca	Suberbo	Bem-ensinado
Contas	Açotar.	Cadera	Conseillo
Fantasma	Alcativa	Pulpito	Entregar
Requerer	Hora	Banco	Levantar
Semana	Imagem	Entendimento	Pregoar
Agradescer	Iscenso	Contento	Pregoaçaon

[1] Buffon.—*Oeuvres complètes*, vol. IV. pag. 198 (Ed. Paris, 1835).

Digitized by Google

Negociar	Sobrinjo	Tinta	Iear
Durar	Sobrinja	Concierto	Veludo
Tentar	Ismola	Citar	Alfiate
Consentir	Licensa	Forsa	Pena
Suffrir	Crescer	Par forsa	Castigar
Servir	Peito	Martéllo	Porfiar
Servitio	Cerco	Prego	Cásta
Sin	Cinto	Ferrero	Pouresa
Recado	Suissa	Alcunja	Armada
Fastio	Gallo	Intero	Bandera
Cudir	Grosso	Quanto mas	Bómbardero
Cuidado	Primo	Spada	Espingarda
Pay	Prima	Malediçaon	Canto
Cunjado	Regalas	Almursar	Ingenio
Cunjado	Libro	Sentar	Asaver

1883) **DIEZ.**

Informa-me o Ex.mo Sr. Adolpho Coelho que este celebre escriptor fizera na cidade de Bonn muitas prelecções publicas tendo por assumpto os *Lusiadas*, do nosso Camões.

1884) **DOZY (R).** — Commandeur de l'Ordre de Charles III de Espagne, correspondant de l'Institut de France et l'Academie d'histoire de Madrid, associé etranger de la soc. asiat. de Paris, professeur d'histoire à l'Université de Leyde, etc. Et W. H. Engelmann.

E. — *Glossaire des mots espagnols et portugais derivés de l'Arabe. Seconde édition, revue et tres-considérablement augmentée.* Paris, Maisonneuve, 1869.

A noticia d'esta obra me foi communicada pelo Ex.mo Sr. Graça Barretto.

1885) **DURDENT. (J. R.)**

E. — *Beautés de l'histoire de Portugal, ou abregé de l'histoire de ce pays, jusqu'a nos jours: dans le quel on trouve la description des mœurs et usages de ses habitants, leurs découvertes maritimes, leur commerce, leurs guerres, leur héroisme, et les évenements les plus remarquables, qui se sont passés dans la Lusitanie à toutes les époques. 2eme edition, ornée de six gravures et augmentée du Précis de la Révolution de 1820 et de 1821 par A. P. J. B. Nougaret.* Paris, 1821.

A existencia d'esta obra me foi communicada em janeiro de 1878 pelo Ex.mo Sr. Antonio Martins Leorne.

* 1886) **E. (W. V).** [1] — V. o art. n.° 393.

E. — *Dom Miguel I. Usurpateur des Portugiesischen Thrones etc.* 8.° Hamburgo, 1832.

Vi um exemplar na B. da A. R. das Sciencias de Lisboa.

1887) **FEBRONIO (ANGELO).**

E. — *Historiae Pisanae Academiae Auctore ejusdem Academiae Curatore.* Pisis, 1795. 3 vol., 4.° grande.

[1] É o barão d'Eschwege.

Digitized by Google

N'esta obra encontrará o leitor a noticia de muitos portuguezes que foram lentes na Universidade de Pisa; citarei, entre outros, os seguintes:

Lentes de Direito Canonico. — Antonio Dias Pinto, 1609-1610. — Bento Pinhel, 1610-1614.

Lentes ordinarios e extraordinarios de Direito Civil. — Antonio Dias Pinto, 1610-1618. — Pedro Rodrigues, 1613. — Bento Pinhel, 1614-1619.

Interpretes de Direito Criminal. — Jorge de Mattos Pinhel, 1612.

Interpretes de Direito feudal. — Jorge de Mattos Pinhel, 1610-1614.

Interpretes de Direito Civil. — Gaspar, 1500. — Thomaz Ximenes, 1596.

Lentes de Medicina. — Damião Dias, 1564 1609. — Rodrigo da Fonseca, 1584-1615. — Estevão de Castro, 1617-1640.

Lentes de Philosophia. — Rodrigo da Fonseca, 1581-1584.

Professores de Logica. — Rodrigo da Fonseca; Gabriel Fonseca; Jorge de Moraes.

É isto tanto mais glorioso para Portugal, quanto é indubitavel que a Universidade de Pisa era a favorita da celebre familia dos Medicis, tão fallada na Historia. Procuravam estes que esta Universidade subrepujasse em sciencia todas as outras, principalmente as da Italia, e não se forravam a despezas para attrahirem a Pisa todos aquelles que tinham uma reputação bem merecida.

Esta historia de Febronio conta por miudo a vida d'estes lentes, chegando até ao ponto de declarar quanto ganhava cada um d'elles, e tudo isto documentado.

Um dos lentes mais celebres que teve a Universidade de Pisa foi Norris. Escreveu este alguns livros nos quaes appareciam passagens com seus laivos de discordantes dos dogmas catholicos. Os jesuitas tendo do seu lado o nosso Frei Francisco de Macedo, que n'aquelle tempo era professor d'Ethica na Universidade de Padua, atacaram acremente aquellas passagens. Norris defendeu-se. Tinha alguns theologos da sua parte, mas em geral o clero francez, italiano e allemão e por fim o hespanhol era contra. Uma innumeravel quantidade de livros se escreveram tanto d'um lado como do outro. Macedo, por algum tempo jazeu n'um carcere como bulhento e amotinador. Mas por fim Norris confessou que tinha commetido alguns erros. Houve treguas, mas passados annos foi renovado o combate por ter Macedo escripto algumas passagens ácerca de Santo Agostinho que desagradaram a Norris.

Em fim a lucta parecia interminavel, e occupa um mui grande numero de paginas na historia da Universidade de Pisa por Febronio. Mas vê-se perfeitamente que a intelligencia e copia de conhecimentos do nosso Macedo era de tanta importancia que os jesuitas d'elle se serviram principalmente para se pôr á frente da lucta, acirrada e interminavel, que se tinha travado contra Norris e seus sequazes, lucta em que os proprios cardeaes tiveram d'intervir. Por fim Norris, carregado de desgostos, resolveu retirar-se á vida particular, e abandonar a lucta, quando o Papa Innocencio XII o nomeou Cardeal.

1888) FRANCISCO XAVIER (St.)

E. — *Lettres de —. Apôtre des Indes et du Japon. Traduites de l'édition latine de Bologne en* 1795. Paris, 1828, 2 vol.

Digitized by Google

* 1889) GOEZE (Dr. EDMOND). — Inspector do Jardim Botanico de Greifswald. V. o art. n.º 493.

E. — *Die Planzenwelt Portugals*. 1877.

O auctor, que residiu por alguns annos em Portugal, occupa-se na obra mencionada, *A Flora Portugueza*. Na introducção ha algumas expressões extremamente lisongeiras para Portugal.

1890) HALLAM (HENRI).

E. — *Histoire de la Litterature de l'Europe, pendant les quizième et dix septième siecles; traduit de l'anglais de — par Alphonse Borghers, Traducteur de l'Europe au moyen âge, du même auteur*. Paris, 1839, 4 vol.

«Não se tem podido provar que existisse uma edição do *Amadis de Gaula* d'uma data anterior á que foi impressa em Sevilha no anno de 1519, e da qual suspeitam com tudo não ser a primeira. Este famoso romance, quasi tão popular no seu tempo, como o proprio *Orlando Furioso*, foi traduzido em francez por Herberay, entre os annos de 1540 e 1557, e em 1619 em inglez por Munday. Os quatro livros compostos por Vasco de Lobeyra subiram até 20 com as addições successivas, que os amadores de romances teem considerado como bem inferiores ao original. Possuem, pelo menos, o inconveniente, ou se assim o quizerem, a vantagem de tornarem a obra inteira impossivel de ser lida pelo leitor o mais paciente, ou o mais ocioso. Talvez Amadis de Gaula podesse ainda causar algum prazer a uma imaginação joven e viva; mas a carencia d'um interesse profundo deixa, depois d'uma leitura superficial, uma arida impressão da inutilidade, que deve, segundo nos parece, desgostar um homem de edade madura. Amadis obteve, pelo menos, a palma na opinião de Cervantes, ao passo que um tão grande numero d'indignos imitadores eram condemnados ás chammas.» [1]

«Portugal produziu um outro escriptor que não foi infiel a seu doce e voluptuoso dialecto: era o primeiro poeta distincto, do qual este paiz se podia honrar. Ribeiro entregou-se principalmente ao genero pastoril, e suas poesias respiram essa melancolia monotona e exagerada, que não poderiam despertar nossa sympathia, se a nossa alma não tivesse subido ao mesmo diapasão. Um romance d'elle *Menina e Moça* é um dos primeiros entre os raros specimens de prosa nobre, que se encontra n'este idioma. Esta obra está, dizem, cheia d'obscuras allusões ás occurencias reaes da vida do auctor, e offerece pouco interesse: mas certos criticos pensaram que era o prototypo da *Diana* de Montemor, e de toda essa escola de romances pastoris que mais tarde, fez durante um seculo inteiro as delicias da Europa.» [2]

«Um auctor mais celebre foi Osorio, bispo portuguez, a quem o seu tractado ácerca da Gloria, e sua historia, mais conhecida, do reinado de D. Manoel collocaram n'uma jerarchia distincta entre os imitadores dos escriptores do seculo d'Augusto. Encontrar-se-ham alguns extractos de Osorio *De Gloria* no primeiro volume da *Petrospective Review*. Imaginaram algumas vezes que era

[1] Vol. I. pag. 311.
[2] Idem, pag. 212

Digitized by Google

a famosa obra de Cicero com o mesmo titulo, que Petrarcha teve em seu poder e perdeu depois, e que Petrus Alcyonius passou, dizem, para o seu proprio livro *De Exilio*. Não existe, porém, prova nem indicio em confirmação d'esta ultima conjectura: e em quanto ao outro, Osorio, se o avaliarmos pelas passagens citadas, não era certamente um Cicero. Lord Bacon diz d'elle «que *sua veia era fraca e aquosa*», e estes extractos confirmam esta opinião: não são dotados d'elegancia sufficiente para indemnisarem sua esteril verbosidade. Dupin (em Niceron) chama com tudo a Osorio o Cicero de Portugal. [1]

«Pretendem alguns criticos ter Gouvea, portuguez de nascimento, mas residente na França, um talento superior mesmo ao de Cujas, e ter sido o unico jurista de quem se disse: Que devia ainda escrever mais. D'elle diz Gennari, a pag. 281: «Gouveanus... vir de quo uno desideretur plura scripsisse, de cœteris vero pauciora... quia felix ingenio, naturae viribus tantum confideret, ut diligentiae laudem sibi non necessariam, minus etiam honorificam putare videatur.»

«Mas Portugal vira surgir um poeta, perante o qual Ercilla se acha totalmente eclipsado. O nome de Camões tem uma reputação verdadeiramente europea: os Lusiadas porém é um poema que está escripto n'um idioma geralmente familiar. Não seria rasoavel pedir aos criticos portuguezes uma opinião isenta de prevenção a favor d'um poeta tão illustre, e d'um poema tão eminentemente nacional. A Eneida reverbera a gloria de Roma como n'um espelho, os Lusiadas é directa e exclusivamente o que indica o seu titulo, *Os Portuguezes*, isto é, o elogio do povo portuguez. Sua historia passada vem encaixilhar-se, por meio d'episodios, no grande acontecimento da viagem do Gama. Os defeitos de Camões na disposição da sua fabula e na escolha do maravilhoso, são assaz evidentes: mas foi a primeira tentativa feliz que se fez na Europa moderna para construir um poema epico pelo modelo dos antigos.

«Camões é tambem nas suas poesias ligeiras o primeiro poeta portuguez d'esta epocha, e talvez de todas as outras: seus compatriotas o consideram como seu modelo, e avaliam as poesias modernas comparando-as com as d'elle. Em todos os generos de composições então na voga em Portugal, Camões deixou provas da sua superioridade. [2]

* 1891) HÜBNER. (Additamento ao artigo 614).

O sr. Antonio Francisco Barata, mancebo que em muitos trabalhos tem dado provas de sua assidua applicação ao estudo, me assevera que esteve em Santarem, viu os dois cippos a que eu me refiro no artigo 614, no muro de supporte do adro da egreja de Santa Maria d'Alcaçova [3] e que tambem encon-

[1] Vol. I, pag. 33. A pag. 113 e 114 tracta-se do nosso medico Sanches, que escreveu o celebre livro *Quod nihil scitur*.

[2] Idem. A pag. 314 tracta-se da *Diana* do nosso Jorge de Montemor.

[3] Ignacio da Piedade e Vasconcellos diz a pag. 87 do I. vol. da sua *Hist. de Santarem* estarem «duas pedras sepulcraes no adro» e como ellas effectivamente estão no muro de supporte do adro, e não no mesmo adro, d'aqui proveiu não atinar eu com ellas, quando alli as procurei. E até mesmo pessoa de Santarem me asseverou que já não existiam, o que eu accreditei facilmente, á vista do que por alli se tem praticado.

Digitized by Google

trara outra *(funeraria)* no pavimento onde está a pia baptismal na mesma egreja, e da qual não tinham dado conhecimento ao sr. Hübner. Em Evora encontra-se ainda uma outra lapida que o referido epigraphista não viu, e ficou muito admirado quando o sr. Barata d'ella lhe deu noticia n'uma carta, á qual o sr. Hübner respondeu n'uma outra, em que pede um calco d'ella, e diz que lhe podem escrever em portuguez, pois entende este idioma.

Fallando do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio diz o sr. Hübner que esta obra ia inutilisar a Bibliotheca de Barbosa! Inutilisar como? O sr. Hübner viu a referida Bibliotheca? Pois se Innocencio tracta expressamente de obras escriptas em portuguez, e apenas uma ou outra vez dá noticia mui succinta d'alguma obra escripta nos outros idiomas, ao passo que Barbosa tracta por extenso dos escriptores em todos os idiomas, e mui por miudo das versões feitas d'obras portuguezas, accrescentando ainda o juizo critico dos estrangeiros ácerca da nossas obras, como é então que a *Bibliotheca Lusitana* vae ser inutilisada por causa do *Diccionario Bibliographico*? Ambas as obras são excellentes (embora tenham seus senões, inevitaveis n'uma primeira edição); e ambas caminham por estradas differentes, encontrando-se apenas de vez em quando n'alguns pontos.

Compare o leitor o artigo ANTONIO VIEIRA em ambos os trabalhos, e decida. Barbosa dá noticia mui minuciosa das traducções d'este orador, o que Innocencio não faz. Mas leria o sr. Hübner algumas paginas d'estas duas obras mencionadas? Facil lhe era fazel-o na sua viagem de recreio a Portugal.

1892) INGUIMBERT (JOSEPH). — Lente da Universidade de Pisa.

E. — *Vita di Mons. Bartolomeu de Martyre.* Roma, 1727, 2 vol., 4.º [1]

1893) JANTILLET (ALEXII CALLOLIS DE).

E. — *Horae Subsecivae, Ulyssipone.* Ex Typographia Joannis a Costa, 1679 Cum facultate Superiorum.

Encontrei um exemplar na B. da A. R. das Sciencias de Lisboa, e passo a descrevel-o:

É em 8.º, com 391 pag. numeradas, além d'outras sem paginação, dedicado a D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre. Traz algumas poesias em latim, e uma em grego composta por Antonio Rodrigo da Costa em honra do auctor. Principia por uma collecção de cartas (em latim) a varios personagens estrangeiros e portuguezes, ao rei de França, da Grã-Bretanha, e uma ao Grão Mestre da Ordem de Jerusalem, Conde Claren etc. Segue se uma biographia do Marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes, a descripção do livramento de Elvas, a qual tambem foi publicada n'um livrinho á parte [2]. Varias poesias (tambem uma a D. Ignez de Castro).

1894) LÉGER (ABBÉ SAINT).

Publicou em 1806 uma edição das Cartas da *Religiosa Portugueza*, accompanhada d'um excellente estudo critico e bibliographico.

[1] Febronio.—*Historiae Academiae Pisanae*, vol. III. pag. 188.

[2] V. As traducções

Digitized by Google

1895) **MASSARELLOS (PEDRO GABE DE —).**

E. — *Pequena Chrestomathia portugueza. Petit Racueil d'extraits en prose et en vers de quelques auteurs modernes portugais. placés dans l'ordre d'une difficulté progressive. Publié par* —. Hamboarg, chez F. N. Nestler, 1809, 8.° gr. de XII, 251 pag.

* 1896) **MONACCI.** — V. o art. n.° 900.

Segundo me informa o sr. Theophilo Braga, o referido escriptor Italiano acaba de descobrir um preciosissimo *Cancioneiro Portuguez.*

«Por communicação de 9 de março de 1878 Ernesto Monacci diz que um seu discipulo encontrou em uma livraria particular de uma cidade da Italia o *Cancioneiro* que pertencera ao erudito philologo do seculo XVI, Angelo Colocci, cujo indice descobrira na Bibliotheca do Vaticano, e que vem publicado na edição de Halle do *Cancioneiro do Vaticano.* O *Cancioneiro Portuguez* de Angelo Collocci está completo, e é a fórma authentica de que o do Vaticano é apographo; tem seiscentas canções a mais do que o de Roma. Suppõe-se que seria adquirido pelo governo italiano.»

1897) **MORALES (AMBROSIO DE).**—Historiador hespanhol, nascido em Cordova e fallecido em 1591. [1]

Este escriptor hespanhol consultou o nosso André de Resende [2] ácerca dos seguintes pontos:

I. Como se deveriam intender as ultimas palavras que se acham no delubro da ponte de Alcantara. — II. Ácerca dos nomes dos povos, que se encontram na inscripção da ponte de Alcantara. — III. Ácerca dos motivos porque os reis godos conservam nos seus prenomes o nome de Favios. — IV. Se tinha noticia de alguma coisa notavel que o rei Recaredo houvesse feito em Evora. — V. Se tinha conhecimento de alguma coisa pelo qual se podesse provar o reinado d'um rei por nome Costa — VI. Pede-lhe que lhe remetta as legendas dos dinheiros dos reis godos que possuisse. — VII. Que lhe diga em que anno, mez, dia, e com que bispos foi celebrado o concilio de Merida.

Resende respondeu n'uma extensissima carta, que se encontra no 2.° vol. das obras d'este nosso antiquario impressas em Coimbra no anno de 1790, e n'este mesmo volume apparece a sua correspondencia com João Vaseo ácerca da era dos hespanhoes, e da colonia Pacensi, e com varios outros.

Quão incomparavelmente superior não é a latinidade do nosso Resende á de Hübner!

1898) **MORELLI.**

E. — *Reducion y restituycion del reyno de Portugal etc.*

Innocencio (vol. III, pag. 101) diz que Morelli é um pseudonymo, e que o auctor do livro fôra um frade graciano por nome Fr. Fulgencio Leitão.

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XXXVI, pag. 413.

[2] Amo te, Resendi dictissime, amo te, et unice profecto diligo: vel de tua nobilitate, quam mihi ego in bonis semper suspiciendam et colendam existimavi: vel de tua ista insigni eruditione et eximia Hispaniae antiquitatis cognitione, qua nostrates omnes praecellere et longo intervallo videris anteire....

Digitized by Google

1899) **O NOVO TESTAMENTO** *de Nosso Senhor e Salvador Jesus Christo. Traduzido em portuguez segundo o original grego.* Nova York. 1869. 372 pag.

1900) **RELACION DE LA VICTORIA** *que los Portuguezes de Pernambuco alcançaron de los de la Compañia del Brasil en los Garzapes.* Traducida del aleman, 1649.

1901) **RELATIONE DELL' AUTO SOLENNE** *celebrato nel Convento di Santa Croce di Coimbra, col qualo giurarono difendere la Bolla Unigenita,* Roma, 1721.

* 1902) **RELAZIONE DELLA VITA,** *e martirio del venerabil padre Ignazio de Azevedo ucciso dagli Eretici con altri trentanove della Compagnia di Gesù Cavata da' Processi autentici formati per la loro Canonizzione dedicata Alla Sacra Real Maesta' D. Giovanni V Re di Portogallo. In Roma, nella Stamparia di Antonio de' Rossi,* 1743 4.°, grande. 202 pag. Com um grande estampa representando o martyrio dos 40 portuguezes.

1903) **VIDA DO BEATO JOÃO DE BRITO.**

O Ex.mo Sr. Pereira Netto, residente no Porto e cultor da lingua arabe, me assevera possuir uma biographia d'este nosso compatriota escripta no mencionado idioma, e impressa em Bayruth.

Digitized by Google

Digitized by Google

PARTE II

DICCIONARIO

DE

TRADUCTORES ESTRANGEIROS

QUE VERTERAM PARA SEUS IDIOMAS OBRAS PORTUGUEZAS

SECÇÃO PRIMEIRA

TRADUCÇÕES FEITAS POR ESCRIPTORES CONHECIDOS

«Tous les Portugais se plaisent à vanter leur nation; mais c'est une conséquence du rôle important qu'ils ont joué sur le theatre du monde.»

MALTE-BRUN, *Geographie.*

Digitized by Google

A

1) ABREU (JOÃO MANOEL DE).

T. — *Principes mathematiques de feu Josephe Anastace da Cunha, professeur á l'Université de Coimbre, traduit litteralment du portugais par —.* Bordeaux, de l'imprierie d'André Rache, 1811. O traductor era portuguez.

2) ACOSTA (CHRISTOVAL). — Medico cijurano que la viu ocularmente.

T. — *Tratado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al bivo por — en el qual se verifica mucho de lo que éscrivio el Doctor Garcia da Orta. Dirigido a la mui noble y muy mas leal ciudad de Burgos cabeça de Castilla y camara de su Magestad.* En Burgos. Por Martin de Victoria impressor de su Magestad 1578, 8.°, Com o retrato de Christovão da Costa, africano, 448 pag. e 38 d'indice, e estampas representando varias plantas. Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

3) ADAMI (P. ANIBALE). — Jesuita.

T. — *Prediche del P. Antonio Vieyra della Compagnia de Giesu tradute in Italiano del P. — de la medesima Compagnia.* Parte I, Venetia, presso Niculau Pezzana, 1707. 4.°, Parte II, idem.

4) ADAMSON (JOHN). — M. R. S. L., F. S. A., F. L. S., Corresp, Memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon.

T. — I. *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature etc. Literary Department. Part I. Selection of Sonnets, with biographical sketches of the Authors, by —.* Newcastle upon Tyne, 1842, 8.° gr. XII. 100 pag.

Os sonetos traduzidos pertencem aos seguintes poetas: — Francisco de Sá de Miranda — Antonio Ferreira — Luiz de Camoens. — Pedro de Andrade Caminha. — Diogo Bernardes. — Agostinho da Cruz. — Fernão Alvares do Oriente. — Francisco Rodriguez Lobo. — Manoel de Faria e Sousa. — Antonio Barbosa Bacellar. — Violante do Ceu. — Francisco de Vasconcellos Coutinho. — Pedro Antonio Correa Garção. — Antonio Diniz da Cruz. — Domingos dos Reis Quita. — Claudio Manoel da Costa. — Joaquim Fortunato Valadares Gamboa. — João Xavier de Matos. — Paulino Cabral de Vasconcellos. — Antonio Ribeiro dos Santos. — Manoel Maria Barbosa du Bocage. — Francisco Manoel do Nascimento. — O Conde da Barca. — Domingos Maximiano Torres. — Belchior Manoel Curvo Semmedo.

Estas traducções são precedidas das biographias dos poetas.

II. *Lusitania Illustrata etc. etc. Literary Department. Part. II.* Newastle upon Tyne. 8.°, XVIII, 54 pag. É a traducção d'uma parte do *Romanceiro* de

Digitized by Google

Garrett, a quem este tomo é dedicado, havendo-o sido o primeiro ao Duque de Palmella.

III, *D. Ignez de Castro. A tragedy from the Portuguese of Nicola Luiz with remarks on the history of that infortunate lady* New-Castle, 1808.

5) ADONI P. ANIBALE).

T. — *Prediche del Padre Antonio Vieira tradotti nell' Italianno.* Milano. 1689. 4.°, 2 vol.

6) ALBERT (EMILE). — Da Universidade de Paris.

T. — *Les Lusiades de Camões; Traduction par* —. Paris. Imprimerie et Librairie Générale de Jurisprudence, Cosse et Marchal, Imprimeurs. Editeurs 1850, 8.°, 371 pag.

Contém este volume simplesmente a traducção do poema, com algumas pequenas annotações no fim.

Versão do episodio de D. Ignez de Castro

On dit, cruel amour, qu'en vain tu vois répandre,
Pour calmer ta fureur, les larmes d'un cœur tendre,
Inflexible tyran! Faut-il qu'a tes autels
Coule encore le sang des malheureux mortels!
Dans de champêtres lieux, retraites fortunées,
Tu cueillais le doux fruit de tes jeunes années,
Belle Inès, cette extase aux transports ravissants
Et qui dure si peu, captivait tous tes sens,
Aux bords du Mondégo, bords si remplis de charmes,
Oú jamais tes beaux yeux n'avaient versé de larmes [1];
A ta voix, les échos, témoins de ton bonheur,
Répetaient le doux nom imprimé dans ton cœur;
Ton prince répondait à ta modeste flamme,
Et ton doux souvenir, se gravant dans son âme,
Au moment où le sort l'eloignait de tes yeux,
Lui rappelait encor tes appas gracieux;
Dans un songe, la nuit, il te voyait tracée,
Le jour vers toi volait son ardente pensée,
Près de toi, loin de toi, ton image toujours
D'un bonheur sans mélange embellissait ses jours!
Sous l'empire enivrant de ces vives tendreses,
Il dédaigna la main des plus nobles princesses.
Car, pur amour, un cœur de tes feux inflammé
Méprise tout, hormis l'objet qui l'a charmé!
Mais, lorsque du vieux roi dont la prudence veille
Les murmures du peuple eurent frappé l'oreille,
Le refus de son fils qui renonce à l'hymen
Dicte á sa politique un arrêt inhumain;

[1] Por este verso verá o leitor como Albert entendia o portuguez!

Digitized by Google

De la touchante Inès il condamne la vie,
Il croit rendre à son fils sa liberté ravie
Il croit que dans le sang d'un objet adoré,
S'eteindra cet amour dont il est devoré!
Le ciel a donc permis que cette main puissante
Qui du Maure affronta la rage menaçante
Qui dans ses rangs pressés répandit la terreur!
Contre une faible femme ait tourné sa fureur!
Cependant, au palais, par des soldats trainée,
Aux pieds du roi, dejà, parait l'infortunée;
Le monarque indécis a deploré son sort,
Mais le peuple inflexible a resolu sa mort!
Ah! ce n'est pas la mort à son front suspendue
Qui de la triste Inès trouble l'âme éperdue.
Son prince au désespoir, ses enfants malheureux
Voilà, voilá l'objet de ses cris douloureux.....
Vers la voûte du ciel, en répandant des larmes,
Elle lève ses yeux où brillent tant de charmes,
Ses yeux.... hélas! déjà des bourreaux inhumains
L'implacable rigueur de fers charge ses mains!
Bientôt, sur ses enfants, en sa douleur amère;
Elle jète un regard, craintive et tendre mère,
Elle voit, sur leur front, s'amasser tous les maux,
Et, devant leur aïeul, laisse échapper ses mots:
«Si les monstres cruels que forma la nature
«Pour chercher dans le sang une horrible pâture,
«Si les hôtes ailés des noirs sommets déserts
«Qui vivent de rapine et dépeuplent les airs,
«A de faibles enfants, en soignant leur jeune âge,
«Ont payé le tribut de leur pitié sauvage,
«Et j'atteste ces noms, ces exemples connus,
«Les deux frères Romains, la mère de Ninus!...
«Toi qui, d'un homme, au moins, reçus les traits et l'âme,
«(S'il est d'un homme, hélas! de frapper une femme
«Sans appui, sans défense et de punir son cœur
«D'avoir paru touchante aux yeux de son vainqueur)!
«Tu vois avec dédain mes tourments, mes tortures,
«Au moins prends en pitié ces douces créatures
«Et si mon innocence est sur toi sans pouvoir,
«Ah! que leur sort affreux puisse au moins t'émouvoir!
«Si tu sais, dans les rangs du Maure redoutable,
«Lancer, le fer en main, la foudre inévitable,
«Pour qui n'a par failli, juste et compatissant,
«Sache épargner encor les jours de l'innocent!
«Mais si tu veux punir, dans la froide Scythie,

Digitized by Google

«Ou sous le ciel de feu de l'ardente Lybie,
«A l'éternel exil condamne mes malheurs,
«Là, couverte de deuil, je vivrai dans les pleurs,
«Des lions du désert et des tigres sauvages
«Dont le farouche instinct désole ces rivages,
«Peut-être j'obtiendrai cette douce pitié
«Que me refuse l'homme en son inimitié!
«Là, toute à cet amour dont l'attrait m'a ravie,
«Qui subjugue mes sens, qui m'arrache la vie,
«J'élevèrai, mes fils, mes fils, non seul espoir,
«Images du héros que je ne dois plus voir.»
Le roi gémit emu de tout ce qu' elle inspire,
Mais le mot de pardon sur ses lèvres expire,
Le peuple inexorable, un destin rigoreux,
Défendent l'indulgence à son cœur généreux!...
Des ennemis d'Inès ont brillé les epées...
Dans la sang d'une femme elles seraient trempées!
Quoi! votre main prépare un indigne trépas,
Vous etes chevaliers et ne frémissez pas!
Quand Achille, enfermé dans sa demeure sombre,
Eut demandé du sang pour apaiser son ombre,
Telle on vit Polixène, et, le fer à la main,
L'affreux Pyrrhus hâtant son supplice inhumain;
Ainsi qu'une brebis à l'autel entrainée,
Soumise à son destin, la jeune infortunée
Vers une mère en pleurs jette un regard temblant
Et s'offre en sacrifice au glaive étincelant....
Et les bourreaux d'Inès, dans ce beau cou d'aubâtre.
Dans un sein enchanteur que l'amour idolâtre,
Qui soutient son empire et charma le heros.
Plongeant un fer cruel... Dieux! le sang, à grands flots,
Jaillit en bouillonnant et souille tant de charmes!
Barbares, detournez ces parricides armes.....
Quelle fureur, ó ciel!... et vous ne songez pas
Qu'au bras puissant, un jour, vengera son trépas!...
Soleil! comme autrefois, quand, d'une main funeste,
Atrée offrait un fils à la faim de Thieste,
En ce jour, si rempli de honte et de terreur,
Ah! voile tes rayons et recule d'horreur!
Vous, sonores vallons, où sa voix déchirante
Jeta le cri d'amour de sa bouche mourante,
Redisant, attendris, ce triste et dernier son,
De don Pèdre, long temps, répétez le doux nom!...
Comme une fleur brillante à sa tige arrachée,
Par une main folâtre aux autels attachée,

Digitized by Google

Se fane en un matin et perd, avant le temps,
De ses vives couleurs les reflets éclatants,
Telle la douce Inès tombe pale et flétrie,
Le feu de ses beaux yeux s'eteint avec la vie,
Les roses de son front etincelant d'appas
S'effacent, sans retour, sous la main du trépas.
Nymphes du Mondégo! de sa mort douloureuse
Vous pleurates long temps la catastrophe affreuse;
A votre voix, dit-on, se forma de vos pleurs
Cette fontaine, aux bords tout émaillés de fleurs,
Qui rafraichit les lieux d'une beauté si pure
Où les amours d'Inès ont charmé la nature,
Qui vous a dû son nom, qui murmure toujours,
Et que l'on nomme encore: «Fontaine des amours.»

7) AGOSTINHO (Fr.) — Dominicano.

T. — *Fr. Bartholomeu de Martyribus. Compendio della dottrina spirituale, tradotto del latino dal* —. Genova.

8) ALESSON (D. MANOEL GARCIA). — El Licenciado, Abogado de los Reales Consejos, y Corretor General de Libros por su Magestad Catholica, quien le ha traducido à nuestro Castellano del Idioma Portuguès en que le compuso el Padre Mathias de Andrade, de la Congregacion del Oratorio de Feyjoo *(sic)* de Espada-Cinta.

T. — *Hijo instruido por el mejor Padre. Reflexiones morales, y mysticas sobre el segundo Capitulo del Ecclesiastico. Dedicado a la Serenissima Infanta de Castilla, oy Princessa Soberana de el Brasil, la Señora Doña Maria Ana Victoria de Borbon y Farnesio.— Dirigido por mano de D. Philipe Maria Fernando Antonio de Sicardo y Velandia, Ayuda de Camara del Serenissimo Señor Principe de Asturias, Primo y Amigo del Autor.* Con privilegio, En Madrid: Por los Herederos de Juan Garcia Infanzon, Año de 1733, 8.°, 167 pag. além de dez folhas de prologo e dedicatoria.

9) ALLEAUME. — G. de la Compagnie de Jesus.

T. — *Les Souffrances de Nôtre Seigneur Jesus-Christ, Ouvrage écrit en Portugais par le Pere Thomas de Jesus, de l'Ordre des Hermites de Saint Augustin, et traduit en François par* —. *Nouvelle Édition, revue et corrigée.* A Lyon Chez Pierre Bruyset Ponthus. 1767 8.°, 4 tomos em 2 volumes. 1.° 340 paginas, 2.° 220, 3.° 328, 4.° 226. Creio ha muitas reimpressões d'esta traducção. Possuo uma de 1858 em 2 volumes publicada em Lyon, 8.°

O traductor no prologo diz o seguinte a respeito d'esta obra: «Este livro foi composto em portuguez por um santo religioso no anno 1578, durante um rigoroso e longo captiveiro entre os mouros d'Africa. É tão cheio de unção e de sentimentos admiraveis sobre os padecimentos de Christo, que não é para admirar o ter sido depois impresso em tantas linguas.

«Desde que appareceu em Portugal, foi alli recebido com uma aprovação geral, e reputado um thesouro de graças e de luzes para todas as pessoas, que padecem. Passou bem depressa á Hespanha, onde D. Christoval Ferreira de

Digitized by Google

Sampayo o traduzia em Castelhano. D'alli se espalhou pela Italia, onde foi traduzido por um padre jesuita por nome Luiz Flori. Levaram no depois á Allemanha, onde o padre Henrique Lamparter, Jesuita Bavaro, o mandou imprimir em latim, em Munich debaixo d'este titulo: *Aerumnas Domini Nostri Jesu Christi.* Soube ha pouco que fôra vertido em francez ha uns quarenta annos, e impresso em Lyon com o seguinte titulo: *Travaux de Jesus.*

«Emprehendi esta traducção a pedido de algumas pessoas tão distinctas por sua rara piedade, como pelo zelo da gloria de Deus, e ainda pela illustre jerarchia em que se acham no mundo. Como tinham ficado commovidas, quando o tinham ouvido ler em outras linguas, julgaram que uma tal obra poderia fazer muito bem sendo traduzida em francez, e desejaram que a utilidade, que d'ella tinham tirado, se communicasse a outras pessoas. O que ha de mais surprehendente n'esta obra é que seu auctor póde sustentar em cada um dos soffrimentos do Salvador até 10 e 12 paginas de jaculatorias, com um calor de piedade quasi sempre egual; que estas jaculatorias não são nem tibias, nem fracas, e exprimem d'uma fórma elevada quanto ha de mais profundo, e de mais enternecedor na vida espiritual.»

10) A. M. (ANTHONY MONDAY).

T. — *Discours concerning the success of the king of Portugal D. Sebastian from the time of his voyage into Affricke where was lost in a battle against the infidels in* 1578 *to January* 1671 *whereby most evidently appeareth, that he whom the seigneurie of Venice hath held a prisoner for the space of two years and twenty two dayes is in the right and true king of Portugal D. Sebastian. Translated by* —. London. 1601. T. Compans. pag. 96. [1]

11) ANTILLON (Fr. THOMAZ).

Traduziu em hespanhol os *Tratados Quadragesimaes de Frei Antonio Feio.* Lerida, 1613. [2]

12) ARENTSCHILDT (LUIS VON).

T. — *Sonette von Luis Camoens, aus dem portugiesischen von* —. Leipzig, 1852, 16.° Comprehende as versões de 284 sonetos, uma biographia do poeta, e algumas notas.

Vejo attribuida e este mesmo traductor a seguinte obra: *Deutsch Poems of Camoens, von* —. Leipzig, 1852. Serão ambas uma e a mesma obra, ou differentes? Eu não as vi.

13) ARISTIZAVAL (JUAN).

T. — *Lo Catecismo de Fray Bartholomeo de los Martires.* Madrid, 1564.

14) ARKOSSY (F. BOOCH).

T. — *Louis de Camões. Die Lusiaden epische dichtung. Nach José da Fonseca's portugiesischer ausgabe im versmaasse des originals übertragen von* — *mit den biographien und portraits von Camões und Vasco da Gama.* Leipzig, 1854. 2.ª edição, Leipzig, 1857, LXXXVIII, 532 pag. 8.°

[1] Este tão fallado rei D. Sebastião, e que tanto deu que fazer, era um calabrez, que nem o nosso idioma sabia, como provou o sr. Miguel D'Antas, no seu bello trabalho *Les faux D. Sebastien*, impresso em Paris.

[2] Barbosa.—*Bibliotheca Lusitana*, vol. I, pag. 267.

Digitized by Google

15) **ARKOSSY (F. BOOCH).**

L. — *Deutsch Lusiad, nach Fonseca's Ausgabe, von* —. Leipzig, 1854, 8.°

16) **ARQUES (D. CARLOS SOLER Y —)** Catedratico e individuo correspondiente de la Real Academia de Historia.

T. — *Os Lusiadas (los Portugueses) Poema de Luis de Camones traducido por* —. *Edicion acompañada del legitimo texto portugues y de copiosas notas y noticias biograficas sobre el insigne poeta Ibero.* Badajoz. 1873. fol. IV. 263 pag. Com o retrato de Camões. Principia esta obra por um juizo critico de D. Francisco de P. Canalejas ácerca de Camões, no qual tece ao poeta os maiores elogios.

Episodio de D. Ignez de Castro

CXIX

Tu solo, puro Amor, tirano cruel de nuestros corazones, tu solo causaste la sensible muerte suya, como si la bella fuera una perfida enemiga. Bien dicen, fiero Amor, que la sed que te devora no se mitiga con lagrimas, y que quieres que tu altar se rocie con sangre humana.

CXX

Tranquilla vivias, hermosa Inés, coziendo el dulce fruto de tus temperanos años, y entregada a placenteras ilusiones, que bien pronto habian de desvanecerse. En las floridas vegas del Mondego, cuya corriente alimentan tus lagrimas de amor, los ecos del monte y las brisas del prado repetian el nombre que grabado en el corazon llevavas.

CXXI

A tus dulces ensueños correspondian los del alma del Principe que te adoraba. En las horas de ausencia sabia vivir de tu recuerdo: durante la noche en el fugitivo error de un sueño; durante el dia, en los tiernos pensamentos que hácia ti volaban. Cuanto veia y cuanto oia, todo eran memorias de su dicha inefable.

CXXII

Mostrabase el principe indiferente á la seduccion de otras damas y princesas: pues indiferente es el verdadero amor á todo halago y placer que no proceda de la persona amada. Su anciano padre se inquietaba ante los murmullos del pueblo, y reprobaba el capricho del hijo empeñado en rechazar todo enlace digno de su alta alcurnia.

CXXIII

Determinó al fin deshacerse de Inés, para arrancar á su hijo de sus enamorados brazos. Creyó el Rey que en la sangre de la infeliz se apagaria la vivissima llama del amor. Ah! Qué furor hace que tu gloriosa espada, espanto un dia del Agareno, se levante hoy contra una timida y debil señora?

CXXIV

Implacables verdugos la arrastraron á los piés del Rey, que se enterneció al verla. Pero las feroces reclamaciones del pueblo que exigia la muerte de

Digitized by Google

Inés, no permitieron que el corazon de Alfonso se abriera á la clemencia. Ella; sin embargo, lloraba y gemia, no por su propia desgracia, sino por el dulce recuerdo del Príncipe que adora y de los hijos que ha de abandonar para siempre.

CXXV

Levantó al cielo, en actitud piadosa, sus ojos bañados de lagrimas, porque sus manos estaban cruelmente atadas: y, contemplando luego á sus hijitos que, tan tiernos y queridos, habian de quedar huerfanos en la tierra, dirigió las siguientes palabras al inflexible abuelo:

CXXVI

Hasta las fieras, crueles por naturaleza, y las aves selvaticas han abandonado á veces su feroz instinto ante la infancia desvalida. Asi sucedió con las palomas torcaces que socorrieron á Semiramis, madre de Nino, en los desiertos de Asiria, y con la loba que crió á los dos gemelos fundadores de Roma.

CXXVII

O tu, que de la naturaleza recibiste semblante y corazon de hombre (si el corazon de un hombre es capaz de querer la muerte de una pobre y debil muger, sólo por haber enamorado al que logró rendirla) ten lástima siquiera de estes tres niños, ya que mi desgracia no te la inspira; muevate su inocencia, ya que no te mueve la mia.

CXXVIII

Tu, que en los combates, dar muerte supiste á infames Agarenos, ¿es posible que no sepas tambien conceder la vida a una desgraciada que no merece perderla? Si mi amor te ofende, castigame con un perpetuo y misero destierro, allá en la helada Escitia ó en los ardientes arenales de la Libia, donde esconda para siempre mis lagrimas.

CXXIX

Mandame ir al mas horrible desierto; ponme entre tigres y leones, pues estoy segura de hallar entre ellos la commiseracion que no encuentro entre los hombres. Allá, sola con los recuerdos de mi desgraciado amor, criaré a los hijos de mi siempre querido Príncipe: me hablarán de su padre, y ellos serán el mas grato consuelo de mi tristeza.

CXXX

Enternecido el monarca por estas lastimozas razones, queria perdonarla; pero no la perdonaron ni el enconado pueblo ni el fatal destino. No faltó quien considerando bueno el atentado, echó mano de la espada. Ó mengua! Sois caballeros los que con la sangre de una dama quereis mancharos?

CXXXI

Asi levantó en otro tiempo Pirro la cuchilla contra la linda joven Polixena, ultimo consuelo de su anciana madre, pero condenada por la sombra de Aqui-

Digitized by Google

les: asi obedeció Polixena: asi se ofreció al cruento sacrificio, semejante á una mansa oveja, y puestos en su madre infeliz aquellos ojos capaces de apaciguar la ira del Cielo.

CXXXII

Fieros asasinos se ensañaron tambien contra Inés: y chorros de sangre inundaron aquel cuello de alabastro, aquel turgente seno, nido de amores aquellas puras azecenas con tantas lagrimas bañadas, y aquella divina cabeza sobre la que su amante hizo poner mas tarde la corona. No sospechaban los verdugos el castigo que los esperaba.

CXXXIII

Bien debiste, ó Sol, negar en aquel dia tu luz á una esceno tan atroz, como lo hiciste en el horrible festin en que Atreo hizo comer á Tieste sus proprios hijos. — Vosotros, cóncavos valles, al recoger el ultimo sonido de la fria boca de Inés, oisteis el nombre amado de Pedro, y por mui largo espacio lo repetisteis.

CXXXIV

Como una candida y bella rosa del campo que, cortada antes de tiempo, pierde su aroma y se marchita en la juguetona mano de la niña que con ella adorna su cabello, asi palideció la querida del Principe; desapareció el carmin de sus mejillas, y todas sus facciones quedaran bañadas con la lividez de la muerte.

CXXXV

Las hijas del Mondego, inconsolables, lloraron por mucho tiempo aquella pérdida, y, para eterna memoria de Inés, transformaron en manancial cristalino las abundantes lagrimas de sus ojos, dandole el nombre que aun conserva. Visteis aquella poetica fuente, de flores rodeada? Sus aguas son lagrimas y se llama Fuente de los Amores.

17) ATREBATE (CAROLO CLUSIO).

T. — *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia. Primum quidem Lusitanica lingua per dialogos conscripta D. Garcia ab Horto, Pro regis Indiae Medico, auctore. Nunc vero Latino sermone in Epitomen contracta, et iconibus ad vivum expressis, locupletioribusque annotatiunculis illustrata, a —. Antuerpiae*, 1574.

18) AVELLANEDA (GETRUDIS GOMEZ DE).

Nasceu em 1816 na cidade do Porto Principe na Ilha de Cuba. Em 1836 veiu para Hespanha, e n'este paiz residiu em varias cidades, como foram Coruuha, Cadix, Sevilha, e Madrid. [1]

Traduziu para hespanhol algumas das poesias de Augusto Lima, impressas em Lisboa no anno de 1851, cuja traducção se encontra no 1.° vol. do Jornal Portuguez *Revista Peninsular*, acompanhada d'um artigo critico por Sinibaldo de Mas.

[1] Sr. Latino Coelho.—*Revista Peninsular*, tom. I pag. 203.

Digitized by Google

19) **AVISI (NUOVI)** *dell' Indie di Portogallo, ricevuti dalli reverendi Padri della Compagnia di Giesu, tradotti dallo lingua spnuola nell' Italiana.* Venetia, 1568.

20) **AUBERTIN (J. J.)** — Knight Officer of the imperial Brazilian order of the Rose.

T. — *The Lusiads of Camoens tranlated into english verse by.* London, C. Kegan Paul etc. Co., 1 Paternoster Square, 1878, 2 vol. 8.°, gr. 1. XXXV, 298 pag. 2.° 283 pag. [1]

Episodio de Ignez de Castro

CXIX

'Thou, only thou, of cruel power, pure Love,
Who o'er our human heart dost lord it so,
The cause of her most mournful death didst prove,
As if she were thine own perfidious foe.
If saddest tears, fierce love, have vainly strove
To quench the thirsty flames that in the glow,
'Tis that thy will, of harsh tyrannic mood,
Would bathe thy altars in our human blood.

CXX

'Thou, fair Ignez, wert bosomed in repose,
Gathering, the while, sweet fruit of thy young years,
In that soft blind delusion the soul knows,
Which soon, by fortune's change, soon disappears;
In the fond meadows where Mondego flows,
Whose stream can never dry of thy sweet tears,
Teaching the mountains and the meadows round
The name that in thy breast was written found.

CXXI

'There of thy Prince on thee those memories
Responsive smiled, that in his bosom lay,
Which always brought thine image to his eyes
When his from thine, so fair, were far away;
By night, in pleasing dreams, false phantasies,
In waking thoughts that flew to thee by day,
And all, in fine, that moved his sight or care,
All, but of joy the recollections were.

[1] «Póde-se dizer que a litteratura ingleza possue d'hoje em diante uma versão definitiva dos *Lusiadas*, que, na severa linguagem de Milton, recebeu um relevo novo, reforçando o seu caracter de epopea da grande navegação. A versão do sr. Aubertin tem hoje tambem a sua oportunidade perante o publico inglez» Sr. Theophilo Braga no *Jornal do Commercio*.

Digitized by Google

CXXII

'Of other lovely ladies the fair eyes,
And envied Princess 'beds, he lightly viewed;
For all, in truth, pure love, thou dost despise,
When by one pleasing form thou art subdued!
Seeing these love's vagaries with surprise,
His father who respected, old and shrewd,
The people's murmurs and the phantasy
Of his own son, who would not married be;

CXXIII

To take Ignez from life he purposeth,
And thus from her his son, whom she hath bound;
Thinking mere blood of an unworthy death
Could quench the living fire of love so sound!
What madness did consent the sword to unsheath,
Which e'en the fury of the Moor could wound
In deadly strife — and raise it to assail
With its sharp edge a gentle lady frail!

CXXIV

'Ignez the headsmen all horrific brought
Before the king now moved by pity's sense,
But all the people his persuasion wrought
For cruel death, on savage false pretence.
She, in sad plaintive mood of anguished thought,
Offspring of wounded heart and springing thence,
For prince and children whom she left behind,
Which more than death itself harrowed her mind;

CXXV

'All overflowing with most piteous tears,
Towards the clear heaven she lifts her ardent eyes;
Her eyes, for now a ruthless guard appears,
And her soft hands for execution ties;
Then gazing fondly, with a mother's fears,
On those who must be orphans when she dies,
The loved and fondled children of her breast,
Their cruel grandfather she thus addressed: —

CXXVI

«If e' en in beasts of prey whom nature meant
Should from their birth be cruel, as we know,
And if in birds of rapine, whose intent
Is but to slay in air, as these below,

Digitized by Google

To little children was such pity lent
In their sad need, as men have seen them show,
Such as to Ninus' mother once appeared,
And to the brothers who Rome's city reared;

CXXVII

«O thou that hast a human form and breast!
If human' tis a fragile girl to slay,
Only because to him, who knew the best
To vanquish it, she gave her heart away;
Oh, still regard these little ones at least,
E' en though my unworthy death thou wilt not stay!
Oh, let thy pity move thee, and my own,
Though for my faultless fault thou none hast shown!

CXXVIII

«And if victorious in the Moorish strife,
Thou knowest to deal death with sword and fire,
In clemency to her deal also life,
Who has not erred, its forfeit to require;
But if so much deserve this innocent wife,
Force me to lasting exile to retire,
In frozen Scythia or' neath Lybia's sky,
There let me weep out wretched life and die!

CXXIX

«Place me where beasts of prey infest the ground,
Midst lions I shall know, and tiger kind,
If, among them, that pity can be found,
Which among human breasts I cannot find;
There will I with eternal love be bound
To him for whom I die, in heart and mind,
To nurture these his pledges thou dost see:
The balm of their sad mother let them be!»

CXXX

«The kindly king would listen her appeal,
Wounded by words which agony begot,
But destiny and other's wicked zeal
(Which willed it in this manner) pardon not;
Now forth they draw their swords of finest steel,
They, who proclaim as right this horrid plot:
Against a lady! Butchers all and kites,
Wild beasts ye show yourselves, and are yet knights?

Digitized by Google

CXXXI

«As' gainst Polyxena, the lovely maid,
Last solace of her aged mother's care,
Because condemned of Achilles' shade,
His sword hard Pyrrhus did relentless bear;
She like a gentle lamb for slaughter laid,
Turning her eyes which calm the very air,
Towards her unhappy mother, mad with woe,
Offers herself a victim to the blow;

CXXXII

'Thus 'gainst Ignez the brutal murderous crew
In the alabaster neck, which did sustain
Those charms with which love did by love subdue
His heart, who afterwards proclaimed her Queen,
Bathing their swords, and flowers of pallid hue,
Which by her tearful eye had watered been,
They gloat relentless, savage and irate,
Regardless of avenging future fate.

CXXXIII

«Well mightest thou, o Sol! thy rays conceal
From sight of these, at that most wicked hour,
As when Thyestes, at his savage meal,
Through hand of Atreus did his sons devour.
Ye, O ye concave vallies, did reveal
The name her cold lips called with dying power,
The name of her fond Pedro which ye heard,
Long, long and oft, ye echoed back that word!

CXXXIV

'E, en as the daisy which once brightly smiled,
Plucked by unruly hands before its hour,
And harshly treated by the careless child
All in her chaplet tied with artless power,
Droops, of its colour and its scent despoiled,
So seems this pale and lifeless damsel flower;
The roses of her lips are dry, and dead
With her sweet life, the mingled white and red.

CXXXV

'Mondego's daughters this sad death obscure
Long time with weeping did commemorate,
And all the tears into a fountain pure
For everlasting record did translate;

Digitized by Google

They gave the name; that name doth still endure,
The loves of Ignez, which there met their fate;
See through the flowers what freshening fountains move,
Tears are the water and the name is Love.

21) BARAULT (SULPICE GAUBIER).

T. — *La mort d'Inez de Castro pour servir d'essai a une traduction Française en vers et complète de ce fameux poème Portugais. Ouvrage dedié et presenté au roi le 6 de Juin 1735, jour de la naissance de Sa Majesté par* — Major de la Place de Lisbonne. Lisbonne. De l'Imprimerie Royale, 1752.

22) BARCA (D. FERNANDO DE SETTIEN CALDERON DE LA —.) Doctor.

T. — *Vindicias de la virtud, y escarmiento de virtuosos, en los publicos castigos de los Hypocritas, dados por el Tribunal delSanto Oficio. En donde, segun rigor escolastico, se responde à todos argumentos, sophismas, è irrisiones, con que la gente carnal suele motejar à los que siguen la vida espiritual; y se demuestra la utilidad, y necessidad de la vida Devota, para conseguir la salvacion. Escritas en Portugues por el R.mo P. M. Fr. Francisco de la Annunciacion, del Orden de los Ermitaños del Gran Padre San Augustin de la Observancia, y Doctor de la Universidad de Coimbra. Y en Castellano, por* —. *Dedicadas al Ilustrissimo Señor Inquisidor General.* Madrid, En la Imprenta y Libreria de Manuel Fernandez, sem data, 4.° — 1.° tomo, 396 pag. — 2.° 246.

23) BARERE (B.)

T. — *Poesies de Louis de Camoens, traduites du Portugais en vers Anglais par Lord Strangford, et traduites de l'Anglais en Français par* —. *Membre de plusieurs Académies Bruxelles.* 1828, Bruxelles.

24) BARNOUT, ou segundo outros BERNOUT.

T. — *Nouvelle Relation de la Chine, contenant la description des particularitez les plus considerables de ce grand Empire. Composée en l'année* 1668 *ar le R. P. Gabriel de Magaillans, de la Compagnie de Jesus, Missionaire apostolique. Et traduite du portugais en françois par* —. A Pariz. Chez Claude Barbin au palais sur le second perron de la Sainte Chapelle. 1688.

É dedicada ao Cardeal d'Estrées, duque e par de França, 385 pag. e um mappa. Outra edição, Paris, chez Louis Lucas, 1690, tambem de 385 pag. É a traducção da obra do padre Gabriel de Magalhães, intitulada *As doze excellencias da China.*

25) BEADLE. — The lands of Cazembe.

T. — *Lacerda's Journey to Cazembe, translated and annotated by Capitain Burton; Journey of the Pombeiros across Africa, translated by Beadle: with Beke's Resumé of the Journey of Monteiro and Gamitto.* London, 1873, 8.°

26) BELLERMAN (Dr.)

T. — *Die allen Liederbucher der Port.* Berlin, 1840.

N'esta obra apparece a traducção allemã da antiga Canção *Tinhera bos, non tinhera bos*, que dizem alguns ser em portuguez antigo.

27) BELLER (JEAN).

T. — *Historiale description de l'Ethiopie contenant une vray relation des*

Digitized by Google

terres et païs du grand roy et empereur Pretre Jean. Ouvrage du Pere F. Alvarez. Anvers. 1558. [1]

28) **BELLOTTI (FELICE).** — Nasceu em Milão no anno de 1786, e falleceu em 1858. [2]

T. — *I Lusiadi, Poema di Luigi di Camoens, tradotto del lingua Portoghese da — Si prometono le memorie della vita e degli scritti del traduttore, ed in fine si aggiungono la vita di Luigi di Camoens, e le dichiarazioni di alcuni passi del Lusidi di Gio: Antonio Paggi.* Milano, 1862, 8.° gr.

Episodio de D. Ignez de Castro

Tu, bell'Ines gentil, tranquilla e queta
Tuoi begli anni godevi in quella cara
Illusion dell'anima, a cui vieta
Lunga durata la fortuna avara.
Mira degli occhi tuoi la consueta
Luce il Mondego, e da te il monte impara
E il piano a replicar quel che nel petto
Porti scritto d'amor nome diletto.

Del tuo prence colà ti rispondea
L'innamorato spirito presente,
Che innanzi agli occhi suoi te ognor vedea,
Quando era pur da'tuoi begli occhi assente.
Di notte el sogna la tua cara idea,
A te vola nel dì l'agil sua mente:
E quanto pensa insomma e quanto mira,
Tutto è memoria che dolcezza spira.

D'ogni dama regal bella e gentile
Il talamo ricusa pertinace;
Chè tu, Amor, tutto sprezzi e tieni a vile,
Quando servo a un bel volto il cor soggiace.
Del fantastico suo ritroso stile
La segreta cagion vede il sagace
Suo vecchio genitor, che molto cura
Pur la maligna popolar censura.

Toglier quindi alla vita Ines disegna
Per torle il figlio a sue bellezze preso,
Credendo che in quel sangue anco si spegna
L'amor in lui si ardentemente acceso.

[1] «Cette rélation d'Alvarez, qu'il faut lire dans Ramusio, est encore aujourd'hui digne d'un très grand intéret, même a coté des savantes explorations que notre epoche a vues s'accomplir.» — Vivien Saint Martin.—*Nouveau Dictionaire de Geographie Universelle*, vol. I. pag. I.

[2] Sr. Visconde de Jorumenha.—*Obras de Camões*, vol. V pag. 336.

Digitized by Google

Ahi! qual furore acconsenti, la degna
Nobile spada, che sostenne il peso
Del poter Mauritan, contra una bella
Innocente levar debil donzella?

E già gli orrendi manigoldi innante
Traggonla al re, che ne senti pietade;
Ma con false ragion la imperversante
Plebe al crudo supplicio il persuade.
Ella è tutta accorata e sospirante
Per lo prence fedel, ch'altre contrade
Or tengon lungi, e per l'amata prole,
Cui, più che il morir suo, lasciar le duole.

E al cristallino ciel, misera! alzava
Gli occhi afflitti, di lagrime lucenti,...
Gli occhi, poi che le man le avvince e grava
Di ferro un di que'truci empi sergenti:
Poi sovra i pargoletti gli abbassava
Figli suoi si a lei cari e si piacenti,
Che orfanelli di madre, ahi! già vedea;
E al lor avo crudel così dicea:

«Deh, se i bruti talor fieri animanti,
Cui fè natura di crudel talento;
Se gli augelli per l'aere volanti,
Che istinto han solo alle rapine intento,
Mostrar fûr visti a' tenerelli infanti
Spirto alcun di pietate e sentimento,
Come di Nino alla consorte, e come
Ai due, che a Roma origin diero e nome:

«Tu che umana hai sembianza e umano petto
(Se umano è a debil donna il viver tôrre,
Sol perchè fe'in amore a sè soggetto
Uom che a lei seppe un egual giogo imporre)
Di questi piccioletti abbi rispetto,
Se vuoi la madre a dura morte porre.
Abbi per loro alma benigna e pia.
Poi che non l'hai della innocenza mia!

E se vincendo il Mauritan furore,
A dar morte imparasti in guerra aperta,
Sappi ancora dar vita a chi d'errore
É scevro in tutto, e perderla non merta.

Digitized by Google

Che se, innocente anch'io, merto favore,
Pommi pure in qual vuoi spiaggia deserta.
Nell'arsa Libia o al freddo Tanai in riva,
Dovunque in somma in pianto eterno io viva:

«Pommi là dove tutto è feritate,
In fra tigri e leoni, e si vedrai
Se saprò in essi ritrovar pietate,
Quella che in petti umani io non trovai;
Ivi queste di lui reliquie amate,
Di quell'uom, per cui sono in tanti guai,
Crescerò con amore, e della loro
Trista madre ei saran dolce ristoro.»

Commosso il re da que' pietosi accenti,
Ben mostrava a salvarla animo prono;
Ma quelle triste, infellonite genti,
E il suo destino le negâr perdono:
Già snudano le spade rilucenti
Quei che fatto si reo tengon per buono.
Oh sanguinarii petti! oh! cavallieri,
Voi, contro a donna si spietate e fieri?

Siccome incontro a Polissena bella,
Conforto estremo dell'antica madre,
Sta il crudo Pirro, apparecchiato in ella
A placar l'ombra dell'irato padre:
Essa qual paziente e mitte agnella,
Guardando con le sue luci leggiadre
La genitrice che per duol delira,
Offresi al duro sagrificio, e spira:

Tal que' barbari bruti uccliditori
Nel collo d'alabastro, che reggea
L'opra, onde il cor conquiso avean gli amori
Del signor che regina indi la fea,
Bagnan le spade e que' candidi fiori
Troncan ch'ella di lagrime aspergea;
E in quell'ebro furor pensier non fanno
Qual poi castigo a sopportar n'avranno.

Ben potevi tu allor della celeste
Lampa la luce indi ritrarre, o sole,
Come già dalla mensa, ove Tieste
Cibò le carni della propria prole.

Digitized by Google

Voi, o cave convalli, che intendeste
Del freddo labro l'ultime parole,
A lungo il nome replicaste poi
Di Pedro, in che finir gli accenti suoi.

Qual della bianca margherita il fiore
Colto anzi tempo, e dalla man lasciva
Di villanella brancicato, smuore,
E l'odor perde onde gradito oliva:
Cosi repente di mortal pallore
Quel sembiante gentil si ricopriva;
Le rose illanguidirono e sparita
La bianchezza de' gigli è con la vita.

Pianser lunga stagion l'alta sciagura
Le figlie del Mondego, e delle sparse
Molte lagrime lor quivi una pura
Fonte, a ricordo eterno allor n'apparse;
E le diér nome, che tuttor le dura,
Degli amori, onde il petto ad Ines arse.
Mira il fresco ruscel, che irriga i fiori:
Lagrime è l'onda, e il nome suo gli Amori.

29) BERJEAU (J. PH).

T. — *A narrative of the second voyage of Vasco da Gama to Calicut 1502 with introduction and translation by* —. London, 1847, 8.°

30) BERMEJO (SALUSTIANO RODRIGUEZ).

T. — *El Monasticon. Eurico el Presbitero por Alejandro Herculano. Traducido de la sexta edicion portuguesa y adicionado con algunas notas y un plano de las cercanias de Calpe. Por* —. Madrid. Imprenta de T. Fortanet, 8.°, 288 pag., 1875.

«Qual tenha sido em Portugal a aceitação d'esta obra, o demonstra eloquentemente o haver-se esgotado alli numerosas edições. Depois d'isto é para estranhar que um livro, como o Eurico em particular, tão popularisado no reino visinho, tão hespanhol por seus quatro costados, e tão interessante para quantos havemos nascido n'este solo da antiga Iberia, em má hora dividido pelos erros e ambições dos cegos principes d'outro tempo, não tenha encontrado até hoje um traductor, que com vantagem, sem duvida, para os leitores de Hespanha, o tivesse posto em melhor linguagem, do que a nossa.» [1]

31) BERNARD (M. OSSORIO Y BERNARD).

T. — I. *El monje del Cister ó la epoca de D. Juan I. Traduccion española de* —. Madrid, 1877, 2 vol. 8.°, 1.° IV 208 pag. 2.°, 244 pag.

«Hespanha, diz o insigne escriptor Macaulay, deveria fazer esforços para conquistar Portugal, só com o fim de possuir Herculano.»

[1] O sr. Graça Barreto assevera-me que um dos romances de A. Herculano foi vertido para lingua russa.

Digitized by Google

II. — *Bóveda. Narracion portuguesa de Alejandro Herculano traduccion de* —. Madrid, 1877, 8.°, 75 pag.

«La leyenda que sigue á estas lineas es, en mi humild juicio, una de las mas sencilas y al proprio tiempo de las más interessantes narraciones que escribió el eminente historiador portugués, sobre cuyo cadaver acaba de cerrarse la losa del sepulcro. [1]

Tenho idéa de que ha mais alguma cousa de Alexandre Herculano traduzido tanto em hespanhol como em francez.

32) **BERTHERAD (E. L.)** — Lauréat du ministere d'agriculture, de plusieurs academies et societés savantes.

T.—*Anathomie pathologique et pathogénie des communications entre les cavités droites et les cavités gauches du cœur. Traduit du Portugais du Dr. Alvarenga.* Marseille, 1872.

33) **BILLECOC (JEAN BAPTISTE LOUISE JOSEPH).**

T. — *Voyages au Thibet faits en 1625 et 1626 par le P. d'Andrada.* Paris, 1797.

34) **BIRCH (Mr. W DE GRAY —.)** F. R. S. L of the British Museum.

Traduziu para inglez os *Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque.* Edição enriquecida com retratos e mappas. Serviu para esta versão a edição publicada em Lisboa no anno de 1774. [2]

Ao escrever este artigo já estão publicados 2 vol. d'esta traducção. •

35) **BOISSONADE (J. Fr.)** — Membre de l'Institut.

T. — *Le Goupillon (O Hyssope) Poème Heroi-Comique d'Antonio Diniz. Traduit du Portugais par — Deuxième édition revue et précédee d'une notice sur l'Auteur par M. Ferdinand Denis.* Paris, Léon Techer Libraire 1867, 8.° Ha outra edição publicada em Paris, 1828 em 32, Chez Verdet et Lequien, fils.

Foi este illustre humanista quem descobriu o nome da *Religiosa Portu-*

[1] «A Academia Real festejava o seu 119.° anniversario: estão presentes os ministros de Pfretschner, de Lutz, de Pfeuser etc.

O presidente da Academia, membro do Reichsrath, dr. von Dœllinger, proferiu na sessão de 28 de março de 1878 na Academia real das Sciencias de Munich o elogio do nosso historiador Alexandre Herculano, nomeado socio estrangeiro d'essa Academia desde 1876. A este respeito diz uma carta de Berlim: O benemerito orador expoz em traços largos, mas profundos e caracteristicos a vida do fallecido sabio, que elle definio como escriptor de extraordinario merecimento nos assumptos mais variados, como um homem cuja vida póde servir de exemplo brilhante aos homens da sua nação, que por certo devem respeitar os seus trabalhos, pelo alto valor que a sciencia nelles reconhece, trabalhos que são um verdadeiro thesouro. O discurso, apezar de durar mais de uma hora, foi lido pelo sr. von Dœllinger com voz clara e robusta, o que, attendendo á edade muito avançada do orador, é digno de admiração.» *Diario de Noticias*, N.° 4376.

[2] «The work is illustrated with portraits and maps executed by permanent photographic process from rare sources, and contains a lenghty Introduction respecting to the contemporary history, and the Bibliography of Portuguese India.» Zeitschrift fur vergleichende Litteratur, Novemb. 1887. pag. 339.

Digitized by Google

gueza, autora das *Cartas* dirigidas a Chamaly, publicando o seu achado casual no *Journal de l'Empire*, de 5 de janeiro de 1810. O nome de Marianna Alcaforado achava-se em uma carta manuscripta no seu exemplar das *Lettres Portugaises* de 1669. No *Catalogo dos livros de Boissonade*, N.º 4504, acha-se reproduzida a carta primitiva.

36) **BOISTE (J. A. D'ESCODEGA. DE).** — Empregado na imprensa imperial de França.

T. — *Luiz de Camões. Episodios de Ignez de Castro e Adamastor extrahidos dos Cantos III e V dos Lusiadas, com a traducção em versos francezes.* Lisboa. Imprensa Nacional 1865. 4.º, sem paginação acompanhado do original portuguez.

Episodio de D. Ignez de Castro

Amour, tyran du cœur; amour maitre de l'âme,
Toi, qui, dans ton caprice, embrases tes sujets
De feux où tout se perd, repos, sages projets,
Sa mort fut ton ouvrage, et tu punis sa flamme!
Impitoyable dieu, faut-il que de ta main
S'echappent trop souvent les regrets, les alarmes?
Pour apaiser ta soif faut-il toujours des larmes?
Faut-il qu'à ton autel fume le sang humain?

Belle Inez, tu vivais, tranquille et solitaire,
Dans ces illusions, où de trop courts instants
Embellissaient ta vie, et dotaient ton printemps
Des fruits que le bonheur dore dans le mystère,
Au Mondego, si fier de ses limpides eaux,
A ses riants vallons, à ses rives fleuries,
Tu disais, promenant tes douces réveries,
Le nom cher à ton cœur, redit par les échos.

Ton Prince te payait d'une égale tendresse;
Son ardeur et ses vœux répondaient à ta foi,
L'absence ne pouvait le séparer de toi;
De cet heureux époux toi seule étais l'ivresse.
Ton image toujours allait le retrouver:
La nuit, il te voyait sourire dans un songe,
Le jour, dans la pensée ou l'amour vrai se plonge,
Et tout parlait de toi pour mieux la captiver.

D'autres beautés en vain chercheraient à lui plaire;
Les fleurs d'un autre hymen s'ouvriraient vainement,
Amour, tu tiens son cœur. Qui donc, pour cet amant,
Remplacerait Inez, qui l'enivre et l'éclaire?

Digitized by Google

Et pourtant le vieu roi s'inquiète, irrité;
Le peuple, mécontent, de clameurs l'environne:
Ç'est la fille d'un roi, qu'il veut pour la couronne;
Seul, un hymen royal convient à sa fierté.

Le prince est sourd au peuple, à la voix paternelle,
A tout: il aime Inez ! Seule, la mort pourra
Rompre les nœuds si doux. Alors Inez mourra !
Le roi l'acondamné en sa fureur cruelle;
Il veut que de son fils l'impérissable amour
Soit noyé dans le sang de cette infortunée.
L'épée, effroi du Maure, est elle destinée
A frapper une femme, et faible, et sans détour ?

Les bourreaux ont trainé cette timide épouse
Devant le Souverain, qui de pitié s'emeut;
Fugitif sentiment ! Du peuple, qui se meut,
Le roi n'écoute plus que la trame jalouse.
Il voit gémir Inez sans plus s'en attendrir.
Qu'importe qu'à ses pieds, dans sa détresse amère,
Sur l'epoux, sur ses fils, pleure la pauvre mère,
Il confirme l'arrêt qui la fera mourir.

Vers le ciel la victime, en son angoise extrême,
Lève péniblement ses yeux noyés de pleurs,
Ses yeux !... car ses deux mains, que brisent les douleurs
Subissent des liens une étreinte suprême.
Puis, tournant ses regards sur ces beaux orphelins
Que sa mort va laisser sans appui dans le monde,
A leur aïeul, qu'aveugle une rage profonde,
Ses levres, en ces mots, exhalent ses chagrins:

On a vu des forêts les monstres sanguinaires,
Et les hôtes des airs, de rapine alterés,
A l'aspect des enfants par la faim dévorés,
Oublier leurs instincts, et remplacer leurs mères.
Exemples de pitié qu'ils donnaient aux mortels!
Ainsi de Ninyas la mère en son enfance;
Ainsi les deux jumeaux; delaissés, sans défense,
Qu'une louve sauva par des soins maternels.

Toi, qui de l'homme obtins le cœur et le visage
(S'il est vrai qu'un cœur d'homme est noble et généreux
Et qu'il ne ravit pas aux enfants malheureux
La mére dont les torts de l'amour sont l'ouvrage)

Digitized by Google

Resteras tu sans cœur devant ces innocents?
Sois touché de leur sort! pitié pour eux! fais grace!...
Helas! á desarmer ton courroux qui menace,
Leur âge et leur candeur seront-ils impuissants?

«Ta main, dans les combats, moissonna l'Infidèle:
Par le feu, par le fer, elle sema la mort:
Ne peut-elle aujourd' hui, dans un clément transport,
Se souvenir qu'Inez ne fut point criminelle?
Si mon amour t'offense, Alphonse, exile moi
Dans la Libye ardente ou la froide Scythie!
Dans ces tristes climats, perdue, anéantie,
Je vivrai dans les pleurs, et cacherai ma foi.

Relegue-moi parmi les lions et les tigres:
Peut-être, quelque jour, j'aurai leur amitié,
Qui sait! en m'accordant leur sauvage pitié,
Ils vengeront l'amour, l'amour que tu dénigres.
Lá, par le souvenir nourrissant ma douleur,
Je verrai mes enfants, ils auront ma tendresse,
Et leur voix angélique, ainsi qu'une caresse,
Par un nom adoré bénira mon malheur.

Le monarque cédait à cette voix plaintive,
Il allait pardonner, mais vain entrainement!
Le peuple et le destin ordonnent autrement;
Pour leur haine la mort n'est point assez active.
Les glaives menaçants sortent de leur fourreaux:
Arrêtez, chevaliers!... De quel sang votre épée,
En cet instant fatal, va-t-elle être trempée?
Soutiens de la beauté, vous seriez ses bourreaux!

Ainsi jadis Pyrrhus, vengeant son père Achille,
De Polyxène en pleurs se fit le meurtrier;
Rien ne put arrêter le bras de ce guerrier
Qui priva de sa fille une mère débile.
L'ombre a parlé; Pyrrhus ne pardonnera pas!
Pareille à la brebis qui se livre tremblante,
La victime, s'offrant á sa fureur sanglante,
En regardant sa mère, accepta le trépas.

Telle succombe Inez. Ses assassins féroces
La frappent... et les flots d'un sang pur et vermeil
Ont inondé ce sein à l'albâtre pareil,
Ces lis qu'elle arrosa de ses larmes précoces,

Digitized by Google

Cette tête charmante, et ce front que la mort,
Plus juste, doit bientôt orner du diadème.
Ses tâche meurtriers appellent l'anathème;
Ils seront chatiés par le retour du sort.

Soleil, qui te cachas quand l'implacable Atrée
Fit servir à Thyeste un horrible festin,
Devant ce crime affreux, qui tranche un beau destin,
Ne voileras tu pas ta lumière sacrée?
Vous, confidents d'Inez, vous tous, vallons fleuris,
Vous avez recueilli de sa lèvre expirante
Le nom de Dom Pedro, si doux pour la mourante,
Et que disent, au loin, les echos attendris.

Comme la fleur des champes, de sa tige arrachée,
En refermant son sein que l'aurore entrouvrit,
Perd son tendre parfum, se fane, se flétrit,
Et s'effeuille, en parant celle qui l'a touchée,
Telle se meurt Inez! Les roses de son teint
Viennent de se voiler d'une pâleur mortelle,
Ses traits se sont glacés, de la nuit eternelle
Le manteau l'enveloppe, et son regard s'éteint.

Du triste Mondego les filles eplorées
Virent changer leurs yeux en larmoyants ruisseaux;
Une source jaillit de leurs pleurs, et ses eaux
Parlent incessamment d'Inez à ces contrées:
Son nom, ces flots pieux le murmurent toujours
Passant, vois cette sourc, et respecte ses charmes;
Elle arrose des fleurs, et ses eaux sont des larmes.
Apprends qu'on la nomma: Fontaine des amours.

37) BONESE (P. ANTONIO MARIA).

T. — *Saverio adormentato et Saverio vigilante. Discorsi Panegirice et Ascetici di P. Antonio Vieyra.* Venezia. Per Paolo Baglioni, 1712.

38) BOSCH (P. JAQUEZ). — Allemão.

Traduziu para latim o *Sermão do Beato Stanislao Kotska* prégado na egreja de Santo André de Monte Cavallo pelo P. Antonio Vieyra. Cracoviae ex Officina Schedeliana, 1676. E para italiano, Roma, por Lazaro Varese, 1673, 8.°

39) BOWING.

Traduziu varias poesias de D. Violante do Ceo, e publicou-as na obra intitulada *Ancient poetry and romances of Spain.*

40) BRAVO (D. EMILIO).

T. — I. *Dois cantos dos Lusiadas*, os quaes foram publicados na Havana

Digitized by Google

Dá-nos esta noticia o V. de Jorumenha a pag. 229 do 1.º vol. da sua edição das *Obras de Camões.*

II. Traduziu em hespanhol a poesia de José Osorio, intitulada *Uma tarde no Tejo*, e ainda uma outra *A Saudade.* Ambas traducções foram publicadas no vol. VI da *Revista Universal Lisbonense.*

41) BRICOLANI (A).

T. — *Lusiadi del Camoens, recati in ottava rima da* —. Parigi. 1826, 32.º Co'tipi di Firmino Didot.

42) BRIGANTI (ANNIBAL).

T. — *Due libri dell' istoria dei simplici, aromati e altre cose che vengono portate dell' Indie Orientali, pertinenti all' uso della medicina dall Garzia, Orto, medico portoghese, con alcune brevi annotazioni di Carlo Clusio, e due altri libri parimente di quelle che si portano dall' Indie Occidentali di Nicolo Monardes, di Siviglia.* Venezia 1582. Ibid. 1605.

43) CAESARAUGUSTIANI (JO: FACUNDI).

T. — *Historia Ecclesiae Malabaricae cum Dimaperitana Sinodo apud Indos Nestorianos S. Thomae Christianos nuncupatos, coacta ab Alexio de Menezes anno 1599 nunc primum e Lusitano in Latinum versa.* Romae 1745.

44) CALDERA (BENITO).

T. — *Los Lusiadas de Luys de Camões tradusidos en octava rima Castellaña por* —. *residente en esta corte. Dirigidos al illustrissimo Señor Hernando de Vega de Fonseca, presidente de la Hazienda de Su M. y de la Santa e general Inquisicion. Con privileyio impresso en Alcalá de Henares por Juan Gracian. Año* 1580.

A respeito d'esta rarissima traducção elogiada por Cervantes póde ver-se o 1.º vol. das *Obras de Camões*, edição Jorumenha. Bento Caldera era portuguez, e em honra da traducção fez o famoso Cervantes os seguintes versos:

Tu que de luso el singular
Irigiste en nueva forma a la ribera
Del fertil rio, a quien el lecho de oro
Tan famoso le hace adonde quiera;
Con el devido aplauso, y el decoro
Devido a ti, Benito de Caldera,
Y a tu ingenio sin par prometo honrarte,
Y de lauro, y de yedra coronarte. [1]

45) CAMPO (Fr. PEDRO).

T. — *Istoria general de los Ermitanos de San Augustan. Traducida del Portugues.* Barcelona, 1640, fol. Existe um exemplar na Bibliotheca publica de Lisboa.

46) CARVALLO (DANIEL).

T. — *Ermida de Castromino, por A. A. Teixeira de Vasconcellos.* Madrid.

[1] V. *Obras de Camões*, edição do Sr. Visconde de Jorumenha, vol. I.

Digitized by Google

47) **CASSIODORUS (A).**

T. — *Eduard Lopez. Beschrsibung des Konegreichs Cong in Africa, verleutscht durch.* Francfort 1597, fol.

48) **CASTRO (D. NARCISO VARELA DE).**

T. — *La Preciosa. alegoria moral: obra del P. D. Theodoro de Almeyda, del oratorio y congregacion de S. Felipe Neri, que del idioma portugués tradujo al castellano para comun utilidad y recreo espiritual del pueblo cristiano —. Publicalo D. Antonio Ulboa y a su custa.* Madrid 1792, Imprenta de A. Ulboa 236 pag.

49) **CASTERA (LOUIS ADRIEN DUPERRON).** — Nascido em Paris, e fallecido n'esta cidade a 28 de agosto de 1753, com 45 annos d'edade.[1]

T. — *La Lusiade du Camoens, poeme heroique, sur la decouverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais par —.* Tomo 1.°, 8.°, 319 pag. Paris, 1735. Tomo 2.°, 8.°, 434 pag. Paris, 1735. Tomo 8.°, 334 pag. Paris, 1735.

O primeiro tomo offerece-nos em primeiro logar uma dedicatoria ao Principe de Conty, na qual se leem os seguintes versos:

Daignez souffrir, Seigneur,
Que les Muses du Tage
Vous offrent par ma main leur
plus celebre Ouvrage;
Vous y verrez briller le Nom et les Exploits
Des Héros, dont le Gange a respecté les lois;
Le Public en lisant les fastes de leur gloire
Lira de vos vertus une fidelle histoire.
Si du sombre sejour où descendent les morts,
L'illustre Camoëns revenait sur nos bords,
Bien-tôt on l'entendroit d'un ton mâle et sublime
Vous faire de sa veine un tribut légitime,
Et surpasser pour vous les chants mélodieux,
Que l'Epoux d'Euridice a consacrés aux Dieux! etc.

Segue-se o prefacio dizendo estar persuadido de que «faria um verdadeiro brinde á minha patria, dando-lhe em nossa lingua *Os Lusiadas de Camões*, que póde passar por um dos mais bellos poemas, que jámais se teram depois de Homero e Virgilio. O assumpto é importante, e tal como convem para a Epopea, a descoberta das Indias pelos portuguezes. A unidade da acção principal e a do Heroe nelle se acham guardadas perfeitamente: vê-se nelle um encadeamento dirigido com arte, uma allegoria sublime, varios episodios bem dirigidos, paixões descriptas com força e delicadeza, pinturas vivas; finalmente um estylo variado, acommodado á exigencia das materias; umas vezes suave e simples, outras rapido e magestoso; sempre admiravel, e nunca desfigurado por esse jogo de palavras, cujos falsos brilhos estragam algumas vezes os melhores escriptos dos italianos e dos hespanhoes.»

[1] Sr. Visconde da Juromenha.—*Obras de Camões.* 1 pag. 236.

Digitized by Google

O prefacio é seguido da biographia do nosso poeta, a qual finda com a versão franceza do conhecido *soneto de Torquato Tasso* em honra de Camões:

Magnanime Vasco, ton genereux courage
Bravant des Aquilons l'inflexible rigueur
Jusqu'au berceau du jour sçut t'ouvrir un passage,
Et Neptune etonné t'appella son vainqueur,
Ullyse n'a rien fait au prix de ton voyage,
Non plus que le Héros, dont l'heureuse valeur
Chassa de leur pays ces monstres pleins de rage
Qui sur le vieux Phinée exerçoient leur fureur.
Mais quel que soit ton rang au temple de memoire,
Tu dois au Camoens le plus beau de ta gloire,
Sa voix a penetré plus loin que tes vaisseaux.
C'est par le seul éclat, dont sa Muse te pare,
Qu'il n'est point sous le Cieux de peuple si barbare,
Qui n'admire ton nom et tes nobles travaux.

No fim do primeiro livro dos *Lusiadas* apresenta-nos a traducção dos versos latinos de Bucanan dirigidos a D. João III:

Le brillant Dieu du jour peut à peine suffire
Au soin de visiter ton redoutable Empire:
Tu regnes sur la terre et sur le sein des eaux,
Et lorsque sous les Cieux la nuit étend son voile,
Les deux Poles n'ont point d'étoile
Qui ne serve de guide à tes heureux vaisseaux. [1]

N'estas mesmas annotações pretende defender o nosso poeta das censuras que Voltaire lhe fez [1] esforçando-se tambem para o justificar da mistura que faz de deuses do paganismo com as crenças da religião Christã. Por isso pretende que Marte representa Jesus Christo: Venus a religião: Cupido o Espirito Sancto: Baccho os demonios: e os, que seguiam a opinião d'estes, tambem outros demonios: o antigo amor de Marte a Venus, o amor de Jesus Christo á sua egreja: Mercurio os anjos: as tres Nereides Doto, Nise e Nerina, as tres virtudes theologaes, Fé, Esperança e Caridade: Vulcano um demonio: Mercurio o anjo mensageiro de Deus, e finalmente o gigante Adamastor representa Mahomet.

Episodio de D. Ignez de Castro

Belle Inès tu etois dans une solitude agréable sur la rive du Mondego, ta bouche enseignait aux échos des forêts et des montagnes le nom cheri que tu

[1] Os versos de Buchanan são os seguintes:

Inque tuis Phœbus regnis orieusque cadensque
Vix longum fesso conderet axe diem.
Et quaecumque vago se circumvolvit Olympo
Affulget ratibus flamma ministra tuis.

[1] V. tom. 1. Voltaire.

Digitized by Google

portois gravé dans ton cœur, le nom de ton Prince, dont la presence faisoit tes délices, et dont le moindre éloignement te coutoit tant de larmes! De son coté, lorsqu'il ne te voyoit pas, le souvenir flatteur des doux momens qu'il avoit passés aupres de toi, remplissoit son ame qui te répondoit de sa tendresse: loin de tes beaux yeux tout ce qui s'offroit aux siens, lui retraçoit ton image; la nuit les impostures voluptueuses de mille songes charmans revelloient son ardeur, et le jour ses soupirs s'envoloient vers tes appas avec toutes ses pensées.

Pour toi seule aimable Inès, le fidel Don Pedre refusoit constamment le cœur et la main des Princeses les plus illustres et des beautés les plus dignes de plaire; le Roi met dans la balance cette passion si vive, le murmure de ses sujets, qui veulent voir son fils engagé sous les loix de l'Hymen: bien-tôt sa severité décide contre une tendre foiblesse, qu'il regarde comme un crime; il condamne la malheurese Inès à perir pour rompre par sa mort l'esclavage où ses attraits retiennent Don Pedre. Quelle furie put lever le bras d'un si grand Monarque sur la tête d'une infortuné qui n'avoit que des pleurs pour se défendre, et comment cette epée si formidable aux Maurusiens n'eut elle pas horreur de se tremper dans le sang d'une femme?

Les cruels ennemis d'Inès la trainent devant le Roi, il ne peut voir sa jeunesse, ses charmes et son malheur sans en être touché: deja la douce compassion se glissoit dans son ame, mais les cris feroces et tumultueux de son Peuple raniment sa colere. Inès est moins epouvantée de sa mort que de la solitude et du deplorable état où elle va laisser son prince et les fruits de son amour; elle levoit douloureusement vers le Ciel ses yeux baignés de larmes, elle n'y levoit que les yeux, ses belles mains etoient captives et ne pouvoient s'employer à ce triste usage, ensuite elle regarde ses enfants qui l'environnent; aussi tendre mere que vertueuse épouse, elle redouble ses pleurs à leur aspect, les disgraces dont ils sont menacés, la font frémir, son cœur s'enyvre d'amertume et d'affliccion; enfin elle rompt le silence, et tient ce discours au Roi. S'il est vrai que l'univers ait vû des oiseaux sauvages et des bêtes, que leur nature portoit à la cruauté, s'attendrir pour de foibles enfans, tels que la mere de Nynias et les deux fondateurs de Rome: ô vous qui paroissez humains (si pourtant on peut le paroitre en faisant perir une femme dont tout le crime est d'avoir soûmis son cœur à celui qui l'a sçu vaincre) jettez un œil de compassion sur ces malheureux orphelins, et que leur innocence vous desarme; je ne vous parle point de la mienne, vous voulez mon trépas, il faut contenter vos desirs: cependant, si votre clemence égale votre valeur, si vous sçavez donner la vie à ceux qui ne meritent pas de la perdre, comme vous sçavez donner la mort aux fiers Agareriens dans l'ardeur des combats: plûtôt que de verser mon sang, exilez-moi dans quelque miserable retraite ou dans la froide Scythie, ou dans les brûlans deserts de l'Afrique: confinez-moi dans le séjour des Tigres et des Lions, j'éprouverai si l'on ne trouve pas chez eux la pitié que les hommes me refusent: là, au milieu des pleurs et des soupirs, et le cœur plein du cher objet pour qui l'on me traîne au supplice, j'éleverai mes enfans, leur vûe sera l'unique consolation d'une mere plus tendre encore qu'elle n'est malheureuse.

Digitized by Google

Alonze penetré d'une juste compassion vouloit traiter Inès avec indulgence, mais enfin il cede à l'opiniâtreté du Peuple et á la rigueur du destin, qui proscrit cette victime innocente; les barbares qui ont conseillé au Roi ce meurtre abominable, tirent leurs cruelles epées pour l'exécuter eux-memes; l'aveugle fureur qui les trasporte ne leur permet pas de prévoir le châtiment qui tombera tôt ou tard sur leur tête: l'un trappe ce coup d'albatre qui soutenoit le plus beau visage que l'amour ait jamais adoré; l'autre perce inhumain ce sein si parfait et si capable d'attendrir les cours les plus feroces: troupe lâche et sanguinaire vous vous montrez hardis contre une femme! Tel autrefois Pyrrhus porta le couteau dans le flanc de la charmante Polyxene; encore la dureté du Grec fut-elle moins odieuse; puisqu'il ne faisoit qu'obéir á l'ombre de son pere.

«Brillant flambeau du jour, si l'horreur du festin de Thyeste te força jadis à voiler ta lumiere sous des nuages impenetrables, de quel œil vois tu perir la vertueuse Inès? le crime de ses assassins égale celui d'Atrée, retourne sur les pas et couche-toi dans l'Orient! Inès meurt. Sa bouche froide et pâle prononce le nom de son cher Don Pedre en poussant le dermier soupir. De même que la fleur touchée sans aucun ménagement par une bergere folâtre perd son brillant coloris, ainsi l'éclat du teint de la belle Inès s'efface apres sa mort. Les filles du Mondego la pleurerent long-temps, et pour eterniser le souvenir de sa vertu, de sa tendresse et de son malheur, elles changerent leurs larmes en une fontaine, qui s'apelle encore aujourd'hui la Fontaine des Amours.»

«Camões imitou de Virgilio todos estes versos; mas certamente foi superior ao seu modelo. O mesmo tom de seus versos exprime a dor e a tristeza, que reinaram por muito tempo em Portugal depois da morte de Affonso: a repetição do nome d'este principe dextramente apresentada fórma a imagem do echo; não se julga ler, julga-se ouvir povos que gemem, e echos que lhes respondem: são estas pinceladas proprias de grandes mestres. Actualmente dão-nos palavras pomposas; mas a natureza pintada com tantos attractivos e tanta verdade é um fructo raro nos jardins de nossos modernos.»

Á traducção de cada um dos cantos seguem se as annotações. Além d'estas edições ha tambem as seguintes: Amsterdam, 1735, 3 vol. Paris, 1768, 3 vol.

50) **CHARPY (D. GAETAN).**

T. — *Histoire de l'Ethiopie Orientale traduite du Portugais de Jean dos Santos par* —. Paris. 1684-1688.

51) **CHASLE (PHILARETE).**

Traduziu da *Chronica de Duarte Nunes de Leão* a historia de Martim de Freitas. O sr. Ferdinand Dinis no vol. das *Chronicas Cavalherescas de Hespanha e de Portugal* é quem nos dá esta noticia.

52) **CHESTE (EL CONDE DE).** — De la Academia Española.

T. — *Los Lusiadas, poema épico de Luis de Camões, traducido en verso castellano.* Madrid 1873. 396 pag.

Digitized by Google

Episodio de D. Ignez de Castro

CXX

Te hallabas, bella Inés, quieta en sociego,
De tus años cogiendo el blando fruto,
Del alma en el engaño dulce y ciego
(Que la dicha no dura como el luto)
En el florido campo del Mondego,
Del cristal de tus ojos nunca enjuto,
A las plantas diciendo y flores nuevas
El nombre que en el pecho escrito llevas.

CXXI

De tu Principe alli te respondian,
Los recuerdos que en su alma dominaban;
Que siempre ante sus ojos te traian;
Cuando ausentes los tuyos dél estaban,
De noche dulces sueños que mentian,
De dia pensamientos que volaban;
Siendo, en fin, todo sueño y pensamiento,
Sola ocasion de dicha y de contento.

CXXII

De Princesas y damas mil hermosas
El los preciados tálamos no aceta,
Que no halla fino amor prendas preciosas,
Sino en el caro bien que nos sujeta.
Viendo estas raras muestras amorosas
El noble padre anciano, que respeta
El murmurar del pueblo ante el capricho
De no casarse, que el doncel le ha dicho:

CXXIII

Sacar a Inés del mundo determina,
Para sacarle al que ella tiene preso,
Creyendo, con matar á la mezquina,
Sanar de amor el incurable acceso.
¿Qué furor hizo que la espada fina
Que pudo sustentar el grave peso
Del mauritano esfuerzo, fuese alzada
Contra una flaca fembra delicada?

CXXIV

Los sayones llevabanla feroces.
Ante el Rey, que ya pio se conduele:
Mas el pueblo con bárbaras y atroces
Razones, á que muera le compele.

Digitized by Google

Ella con ruegos y afligidas voces,
Salidas del recuerdo que la duele,
Del amante y los hijos que dejaba,
Que más que no la muerte, la apenaba.

CXXV

Al cielo cristalino levantando
Los ojos, con las lagrimas piadosos;
Los ojos, que las manos le và atando
Uno de los ministros rigurosos;
Y a los pequenos luego contemplando,
Que tan tiernos criaba y tan mimosos,
Cuya orfandad más que el morir temia,
Vuelta al cruel abuelo, decia:

CXXVI

«Si ya en las brutas fieras, cuya mente
Natura hizo feroz de nacimento,
Y en las aves, que ponen solamente
En la aérea rapiña el pensamiento,
Con tiernos rapazuelos vió la gente
Despertarse piadoso sentimiento,
Como ya com Semiramis mostraron,
E con los dos que á Roma edificaron:

CXXVII

Tu, que de humano tienes voz y aspecto
(Si de humano es matar una doncella
Flaca y debil, por solo haber sujeto
El corazon del que logró vencella),
De estas pobres criaturas ten respeto,
Ya que no de la oscura muerte de ella;
Muevate la piedad de su agonia,
Pues no te mueve la no culpa mia.

CXXVIII

Y si, venciendo Alarbe resistencia,
La muerte sabes dar con fuego y fierro,
Sabe tambien dar vida con clemencia,
A quien para perderla está sin yerro;
O si merece tánto esta inocencia,
Ponne en perpetuo y misero destierro,
Allá en la Escitia helada, ó Libia ardiente,
Donde en lagrimas viva eternamente.

Digitized by Google

CXXIX

Pónme dó mas se usare fuerza dura,
Entre pardos y tigres, y veremos
Si alcanzamos entre ellos la blandura
Que entre pechos humanos no podemos.
Alli la voluntad puesta y ternura
En aquel por quien muero, criaremos
Estas reliquias suyas que aqui viste;
Que consuelo seran de madre triste.

CXXX

Perdonarla queria el Rey benigno,
Sensible a las palabras que la abonan;
Mas el pueblo tenaz y su mal signo
Que lo quieren asi, no la perdonan.
Las hojas sacan del acero indigno
Los que el hecho por bueno alli pregonan,
¿Contra una dama? Oh pechos carniceros?
Asi valientes sois y caballeros!

CXXXI

Como contra la linda Polixena,
Amor prostero de la madre anciana,
Porque la Aquilea sombra la condena,
Pirro apresta el acero y furia insana;
Y ella los ojos con que el mar serena,
Cual mansa oveja que a morir se allana,
Vuelve a la triste madre que flaquece,
Y al sacrificio se ofrece:

CXXXII

Tal contra Inés los crudos matadores
En el cuello y marfil, que sostenia
Las obras con que amor mató de amores
Al hombre que despues Reina la haria,
Hundiendo el hierro entre las blancas flores
Que el llanto del dolor regado habia,
Se encarnizaban torpes y furiosos,
Del futuro castigo no cuidosos.

CXXXIII

Bien pudieras, oh sol! del caso reo
Tus ojos apartar como aquel dia
Cuando Tieste, en el festin de Atreo,
De sus hijos los miembros se comia.

Digitized by Google

Côncavos valles que gemisteis, creo,
La voz estrema de su boca fria,
El nombre de su Pedro que la oisteis,
Por espacio muy largo repetisteis.

CXXXIV

Como pura azucena que cortada
Antes de tiempo fue candida y bella,
Siendo entre los cabellos maltratada
Por mano esquiva de vivaz doncella,
Pierde aroma y color ya marchitada,
Tal muerta está la Lusitana estrella:
Secas las puras rosas y perdida
La luz del rostro con la dulce vida.

CXXXV

Las hijas del Mondego! oh noche oscura!
Llorando sin cesar te recordaron;
Y para alta memoria, en fuente pura
Las lagrimas lloradas transformaron:
El nombre la pusieron, que aun dura,
De «Las Cuitas de Inés» que alli passaron.
Y de essa fuente, hoy vida de las flores,
Son lagrimas el agua, el nombre *Amores*.

53) **CLUSIO (CAROLO).**

T. — *Aromatum et Simplicium aliquot Medicamentorum apud Indos nascentium Historia, Latino Sermone in Epitomen contracta a Carolo Clusio.—Christopheri a Costa Aromatum et Medicamentorum in Orientali India nascentium liber, ex Hispano Sermone Latinus factus a Car. Clusio.—Simplicium Medicamentorum ex Novo Orbe delatorum Historia Hispanico Sermone a Nic. Monardis descripta, Latio donata a Carolo Clusio. — Ejusdem hiistoriae libri III. Latio donatus a Carolo Clusio.* Antuerpiae, 1593.

É uma traducção do livro de Garcia da Horta. Ácerca d'este nosso celebre botanico veja-se Leitão, *Noticias da Universidade de Coimbra*.

54) **COGAN (H.)**

T. — *Voyages and adventures in Ethiopia, China, Tartary of Ferdinand Mendez Pinto*. London, 1663. Vi citada uma outra edição tambem de Londres, 1692. fol.

55) **COLLAÇO (P. A.)**

T. — *Relacion anuual de las cosas que han hecho los Padres de la C. de Jesu en la India Orientali y Japon en los años de* 1600 *y* 1601. *Traducida de Portugues à Castellano por el P* —. Valladolid, 1604, 4.°

56) **CONTRERA (FRANCISCO DE).**

T. — *Nave Tragica de la India de Portugal, dedicada a Lope de Vega Car-*

Digitized by Google

pio. 1624. É a traducção do Naufragio de Sepulveda. Encontrei citada uma outra edição de 1694. [1]

57) COOL (A. DE).

T. — *Les Lusiades de Camões.* Rio de Janeiro, 1876, 8.°, gr XVI, 308. Esta traducção é dedicada ao imperador D. Pedro II.
Começa a versão do seguinte modo:

Je ferai retentir de l'un a l'autre monde,
Si de son noble appui la Muse me seconde,
Le bruit de vos exploits, courageux Chevaliers,
Qui délaissant un jour les champs hospitaliers

De la Lusitanie aux bords de Taprobane
Oú seule alors, courait la voile Musulmane
A travers mille ecueils, allâtes sans palir,
A des peuples lointains enseigner l'avenir.

58) CORBELLETI (FRANCISCO).

T. — I. *Em italiano a obra do padre Antonio de Andrade. Novo Descobrimento do Grão Cathayo, ou dos Reinos de Thibet.* Roma, 1627. [2] Ternaux Compans falla d'outra edição em Napoles, no mesmo anno.

II. *Para italiano a Carta do padre João Fernandes escripta em 8 de março de 1623 ao provincial de Goa.* Roma, 1627.

59) CORPUT (DR. VAN DEN). — Professeur à la Faculté de Médicine de l'Université de Bruxelles.

T. — *De l'utilité de la Médicine. Traduit du Portugais du Dr. Alvarenga.* Anvers. 1869.

60) COULON (L.)

T. — *Historie Universelle du grand royaume de la Chine, traduit de Semedo en notre langue par —.* Paris, 1645.

61) COURNAND (ABBÈ DE).

T. — *Vie de l'Infant D. Henri de Portugal, traduit du Portugais de Francisco Joseph Freire.* Paris, 1781, 2 vol.

62) COTOLENDE (CHARLES).

T. — *Voyages de Pierre Teixeira ou histoire des Roys de Perse.* Paris, 1681 2 vol.

63) COULON (LUIZ).

T. — *Histoire universelle du grand royaume de la Chine, composé en italien par le P. Alvares de Semmedo, et traduit en notre langue par.* — Paris, 1645. Lyon, 1667. Vi citada uma outra edição de 1647.

64) CUBILLAS (D. FRANCISCO).

T. — *Sermones traducidos de lo P. Antonio Vieyra.* Madrid, por Juan Garcia Infanzon, 1680.

65) CUILLERAQUE.

[1] Pinelo.—*Bibliotheca Oriental*, vol. I. pag. 138.
[2] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Lusitana*, tom. I. pag. 203.

Digitized by Google

T. — *Lettres d'amour d'une religieuse portugaise ecrites au Chevalir de C. Officier François en Portugal*. Dernière edition, augmentée de sept lettres avec leurs réponses, qui n'ont point encore paru dans les impressions précédentes. 1696, 12.°, 209 pag.

Saint-Simon nas *Memorias da Corte de Luiz XIV (Oeuvres*, t. XI pag. 5, ed. de 1791) descreve o typo de Noël Bonton de Chamilly, Conde de Saint Léger, amante da celebre Mariana Alcanforado, que lhe dirigira as admiraveis cartas conhecidas debaixo do titulo de *Cartas d'uma religiosa portugueza*.

São mui numerosas as edições das *Cartas da Religiosa portugueza* feitas no estrangeiro. Paris, 1669, 1673, 1806, 1824. Avec des imitations en vers par Dorat, troisième edition, 1807. Avec une notice preliminaire par Alex. Pledgnel, Paris, 1876.

Amsterdam 1669, Ib. 1699.(Esta ultima edição é em 8.°, Traz tambem as cartas de Heloisa a Abaylard) Cologne, 1681, 1690, 1693, 1742. — Haya, 1682, 1688, 1690, 1742. — Lyon, avec les réponses, 1686.

Em inglez: Five love-letters from a nun (Marianna Alcaforado) to a Cavalier. Done out of french into english. London, 1678. 12.

Creio que ha muitissimas outras edições. Hoje está provado até á evidencia ser esta obra originalmente portugueza. V. Boissonnade.

66) DARDE (P. JOÃO).—JESUITA.

Verteu para francez a *Carta* datada de 8 de março de 1623 escripta ao provincial de Goa, pelo P. Antonio Fernandes. Paris, 1628.

67) DEKKER.

T. — *The Pancas case: or, an historic memoir on the rise, progress, and results of the famous cause... of Pancas. Translated into english by...* London, 1812, 8.°

68) DENIS (FERDINAND).

T. — I. — *Lettre de Pedro Vas de Caminha sur la découverte du Brésil*. No 2.° vol. das *Chroniques Chevaleresques*, pag. 133.

II. *Morte de D. Sebastião*, traducção de Jeronymo Mendonça, 2.° vol. pagina 195.

III. *O renegado e a Judia*, traducção do mesmo auctor, pag. 221.

IV. *Chefs-d'œuvre des théatres étrangers, Allemand, Anglais, Chinois, Danois, Espagnol, Hollandais, Indien, Italien, Polonais, Portugais, Russe, Suédois; traduits en Français, par Messieurs Aignan, Andrieux, membres de l'Academie Française; le baron de Barante, Berr, Bertrand, Campenon, membre de l'Academie Française; Benjamin Constant, Chatelain, Cohen, A. Denis, F. Denis, Esménard, Guizard, Guizot, La Beaumelle, Lebrun, Maltebrun, Mennêchet, lecteur du roi, Merville, Charles Nodier, Pichot, Abel Rémusat, membre de l'Institut; Charles de Rémusat, le comte Sainte Aulaire, le comte Alexis de Saint-Priest, Jules Saladin, le baron de Stael, Trognon, Villemain, membre de l'Académie Française; Vincens de Saint-Laurent, Visconti. Dix-neuvième livraison Théatre Portugais.—Gomes, Pimenta de Aguiar, José*. A Paris, 1823, Chez Ladvocat, 8.°, 496 pag.

Digitized by Google

Começa por uma noticia do theatro Portuguez escripta por Ferdinand Denis, e d'este escriptor são as traducções incluidas n'este volume.

1.° *A nova Castro*, tragedia em cinco actos, por João Baptista Gomes.

2.° *A conquista do Peru*, tragedia em 5 actos, por Manuel Caetano Pimenta de Aguiar.

3.° *O caracter dos Lusitanos*, tragedia em 5 actos, pelo mesmo.

4.° *A vida do grande D. Quichote de la Mancha e de Sancho Pança*, por Antonio José.

Todas estas versões são acompanhadas de muitas notas, e das biographias dos authores.

69) **DIOLA (M. HORATIO)**—Bolognese.

T. — *Chroniche de gli Ordini instituti dal Padre S. Francesco, che contegono la sua vita, la sua morte, i suoi miraculi, e di tutti i suoi Santi Discepoli, & compagni; Composte da R. P. F. Marco da Lisbona in lingua portoghese: Poi ridotte in Castigliano dal R. P. F. Diego Navarro; e tradotte nella nostra Italianna da — & hora di nuovo ristampate & con somma diligenza ricorrete. L'opera é divisa in due volume, & in dieci Libri, con nuove Tavole distinte e copiose.* In Venetia, Appresso Fioravante Prato, 1585, 4 °, 1 vol., 255. Parte II, 199 pag. O primeiro volume é dedicado a Monsenhor Gabrielle, Cardinal Paleoti, Bispo de Bologna. Volume II, Venetia, 1606, 342 folhas.

Vi um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa. Anda citada em catalogos uma edição de Brescia, 1581, e de Veneza, 1617.

70) **DONNER (J. J. C.)**

T. — *Deutsch Lusiad von.* Stuttgard, 1833, 8.° 2.ª edição, Stuttgard und Sigmaringen, 1854. Ha outra edição de Leipzig, 1869.

71) **D. S. PARISIEN.**

T. — *Chronique et institution de l'ordre du Pere S. François. Qui contient sa vie, sa mort et ses miracles et de tous ses Saincts Disciples et compaignons Composée premierement en portugais par R. P. Marco de Lisbone et en espaignol par le R. P. Diego de Navarre puis en italien par Horace d'Iola. Maintenant en françois par—. A Monsieur le Cardinal de Sourdis. L'œuvre est divisée en deux volumes et en dix livres, avec deux tables distinctes et copieuses A Paris. Chez Robert Foüet, Rue St. Jacques a l'ensigne du temps et de l'occasion.* 1623. *Avec privilege du Roy.* fol., 188 folhas, 2.ª parte, 342 folhas.

72) **DYCKIO (JACOBO).**

T. — *Verteo* para flamengo a obra do nosso Padre Antonio de Andrade *O descobrimento do Grão Cathayo.* Gand, 1631 [1].

73) **EITNER (K).**

T. — *Lusiad: aus dem Portugiesischen in Iamben übersetzt von—.* Hildburghausen, 8.°

74) **ENINER. (D. AUREL).**

T. — *Bok et Zulba Histoire allegorique. Traduite du Portugais de* — 8.°, 346 paginas.

[1] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitana*, vol. I, pag. 203.

Digitized by Google

Posso asseverar que não passa de uma pura ficção o attribuir este romance a um portuguez. Tive a pachorra de o lêr todo, e nem vislumbres encontrei n'elle de origem portugueza.

75) EPISTOLA PATRIS NICOLAI *Pimentae visitatoris societatis Jesu in India Orientali, Goae, VIII Kal. Januarii* 1599. *Mediolani*, 1601.

76) ESCOSSURA (PATRICIO DE LA).

T. — *Codigo Civil Portugues traducido.* Madrid, 1868.

77) EXAME DE LA CONSTITUCION *de D. Pedro y de los derechos del Infante D. Miguel, dedicado a los portuguezes fideles.* Paris, 1827.

78) EXEMPLAR EPISTOLAE QUAE ANTONII I *Portugalliae et Algarbiorum regis nomine ad Sanctissimum Patrem Gregorium XIII dicitur esse missa, lusitano sermone conscripta, opera tamen et industria Octavii Sylvii equitis latinitate donata et in lucem edita, ac Jacobo de Mendoça, hispano equiti dicata.*

79) FAMIANI.

T. — *Travagli o siano patimenti di Gesu Christo scritti in Portoghese dal Ven. Servo di Dio P. Tommaso di Gesú dell' Ordine eremitano di S. Agostino. Traduzione Italiano.* 1838, Napoli, 12°, 2 vol.

Declara-se no prologo ter sido esta nova traducção feita pelo Padre Famiani, servindo-lhe de subsidio a Franceza de Alleaume, e a Latina de Lamparter. Fazem se os maiores elogios aos Trabalhos de Jesus:—«Manná Çeleste —Aureo Livro», e varios outros.

80) FANSHAW (RICHARD—ESQR).

T. — *The Lusiad, or, Portugals Historicall Poem: writtem in the Portingall Language by Luis de Camoens; and now newly put into English by*—London Printed for Humphrey Moreley, 1655, fol., 244 pag. além de dez folhas não paginadas, e 3 retratos, Camões—Vasco da Gama, e outro que parece D. João I, mas que alguns dizem querer representar o Infante D. Henrique.

Thou wer't (fair Ines) in Repose, of Love's
Reflected Fires fost'ring the sweet heat, young;
In that sweet Error, that worse Fates removes,
Which Fortune never suffers to last long:
In sweet Mondego's solitary Groves,
Whose streams no day but thou didst weep among:
Teaching the lofty trees and humble Grass,
That Name which printed in thy bosom was.

Esta versão é offerecida a William, conde de Strafford.

81) FIGUEROA (CHRISTOVAL SOARES DE).

T. — *Historia y annal relacion de las cosas que hicieron los padres de la Comp.ª de Jesus en lo Japon .. Talada limada y compuesta de Portugues de Fernão Guerreiro en Castellano por—.* Madrid, 1614.

82) FIGUIER (SIEUR BERNARD).—Gentil-homme Portugais.

T. — *Les voyages advantureux de Fernand Mendez Pinto fidellement traduits de Portugais en François par—dediéz a Monseigneur le Cardinal de Ri-*

Digitized by Google

chelieu. A Paris. Chez Arnould Cotinet, rue des Carmes, 1645, 4.° 1020 pag.

Existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa. Ha mais duas edições, uma de 1663, e outra de 1830 em 2 vol.

83) **FLOREZ (FR. HENRIQUE).**

T. — *Trabajos de Jesus, escritos en portugues por el V. P. Fr. Thomas de Jesus, del Orden de Santo Agustin, estando preso y cautivo en Berberia, y en castellano por el R. P. M.—del mismo Orden.* Sexta edicion en Madrid, corregida y aumentada con la carta dedicatoria y un copioso Indice. Madrid, 1808.[1]

84) **FLORIAN (J. P. CLARIS DE).** O primeiro fabulista francez depois de Lafontaine. Nasceu em Florian, no Cavennes no anno de 1755, e morreu em Sceaux em 1794.[2]

«Florian, que entendia muito bem o texto Portuguez, fez uma traducção do episodio de Ignez de Castro, falta de energia, mas onde se encontra a feliz simplicidade, que fazia o caracter de seu talento, versos faceis e naturaes, e principalmente uma fidelidade notavel.[3]»

Episodio de Ignez de Castro

Cruel amour, toi seul commis le crime.
La tendre Inez ne vivait que pour toi:
Jamais un cœur ne suivit mieux ta loi:
Et tu la fis expirer ta victime!
Ainsi les pleurs des malheureux mortels
Pour toi, tyran, n'ont pas assez de charmes;
Tu veux encor, non content de leurs larmes,
Que de leur sang ils baignent tes autels.

Le front paré des roses du bel âge,
Charmante Inez, dans une douce erreur,
Tu jouissais de ce calme trompeur,
Toujours, hélas! si voisin de l'orage.
Du Mondego, témoin de ton ardeur,
Tu parcourais les campagnes fleuries,
En répétant aux nymphes attendries
Le nom qu' Amour a gravé dans ton cœur.

Un doux lien à ton prince t'engage;
Le jeune Pèdre est digne de tes feux:
Un seul moment s'il est loin de tes yeux,
Tout vient aux siens présenter ton image:

[1] Hidalgo.— *Diccionario General de Bibliographia Española por* —. Madrid, 1871, vol. v.

[2] Bouillet,—*Dictionaire d'Histoire et de Geographie*, pag. 630.

[3] Dubeux.—*Annotações á traducção dos Lusiadas por Millié*, pag. 119.

Digitized by Google

Pendant la nuit en songe il est heureux,
Pendant le jour il cherche ta presence;
Ce qu'il entend, ce qu'il voit, ce qu'il pense,
Tout est Inez pour son cœur amoureux.

A ses serments Pédre toujours fidèle
A dédaigné les filles de vingt rois.
O dieu d'amour! quand on vit sous tes lois,
Dans l'univers il n'est plus qu'une belle.
De ses refus son vieux père irrité
Apprend bientôt que le peuple en murmure
Dès ce moment les droits de la nature
Sont immolés à son autorité.

Le cruel roi, pour vaincre la constance
D'un fils qui doit lui succéder un jour,
Veut dans le sang éteindre tant d'amour,
Et sur Inez fait tomber sa vengeance.
Le fer est prêt: ce fer qui, dans sa main,
Du vaillant Maure abbatit la puissance,
Menace alors la beauté sans défense,
Et le héros devient un assassin.

Par des soldats indignement trainée,
Aux pieds d'Alphonse Inez attend son sort:
Le roi la plaint et diffère sa mort;
Mais par le peuple elle était condamnée.
Les fils d'Inez, désolés et tremblants,
Sur son péril témoignaient leurs alarmes;
C'etait pour eux qu'elle versait des larmes,
Non pour ses jours moins chers que ses enfants.

Leur désespoir, leurs prières plaintives,
Ont des bourreaux suspendu les fureurs;
Inez au ciel lève ses yeux en pleurs,
Ses yeux... les fers tenaient ses mains captives.
Elle regarde en poussant des sanglots,
Ses orphelins dont le sort l'épouvante;
Et d'une voix affaiblie et tremblante,
A leur aiéul elle adresse ces mots:

«Si l'on a vu plus d'un monstre sauvage
Près d'un enfant oublier ses fureurs;
Si l'on a vu ces oiseaux ravisseurs
Qui sont toujours altérés de carnage,

Digitized by Google

Aimer, nourrir la mère de Ninus,
Comme l'on dit qu'une louve attendrie
Avec son lait soutint la faible vie
Des deux jumeaux Romulus et Rémus:

Vous qui d'un homme avez la ressemblance,
(Si l'on est tel quand on prive du jour,
Pour n'avoir pu résister à l'amour,
Un être faible et qu'on voit sans défense!)
Oserez vous montrer tant de rigueur
A ces enfants qui demandent ma vie?
Regardez moi, je suis assez punie
D'avoir su plaire au maître de mon cœur.

Vous qui savez d'une main triomphante,
Avec ce glaive à qui tout est soumis,
Exterminer un peuple d'ennemis,
Sachez aussi sauver une innocente.
Si de Don Pèdre il faut me séparer,
Exilez-moi dans la froide Scythie,
Dans les déserts brûlants de la Libye,
Partout, hélas! où je pourrai pleurer.

Dans les rochers, loin des lieux où nous sommes,
Chez les lions, capables d'amitié,
Je trouverai sans doute la pitié
Que je n'ai pu trouver parmi les hommes.
De mes amours ces fruits tristes et doux
Rempliront seuls mon âme désolée;
Et de mes maux je serai consolée
En leur voyant les traits de mon époux.

A ce discours de la tendre victime,
Alphonse ému sent palpiter son cœur,
Mais les destins et le peuple en fureur
Ont résolu de consommer le crime.
Les grands, auteurs de ces affreux complots,
Le fer en main, volent sans plus attendre...
Ciel! arretez! vous, nés pour la défendre,
Vous, chevaliers, vous êtes ses bourreaux!

Ainsi Pyrrhus, sur la rive troyenne,
Voulant ravir á la mère d'Hector
Le seul enfant qui lui restait encor,
Des bras d'Hécube arracha Polyxène.

Digitized by Google

Comme un agneau destiné pour l'autel,
Elle suivit le héros sanguinaire,
Et, ne songeant qu'aux douleurs de sa mère
Sans murmurer reçut le coup mortel.

Telle est Inez; le glaive l'a frappée:
Ce sein d'albâtre, où le dieu de l'amour
Plaça son trône et fixa son séjour,
Est déchiré par la tranchante épée;
Ces yeux si doux se ferment pour jamais.
Les assassins, consommant leur ouvrage,
Ne pensent pas, dans leur aveugle rage,
Que Pèdre un jour punira leurs forfaits.

Et toi, soleil, que le coupable Atrée
Fit réculer loin d'un affreux festin,
Ah! tu devais reprendre ce chemin
Le jour qu' Inez á la mort fut livrée.
Et vous, échos du paisible vallon,
A qui sa voix, en mourant, dit encore
Le nom chéri de l'amant que'elle adore,
En longs accents répétez ce doux nom.

Comme la fleur qui, trop tôt moissonée,
De la beauté parè un moment le sein,
Fraîche et brillante aux rayons du matin,
Et vers le soir languissante et fanée:
De même Inez, á peine en ses beaux ans,
Descend, hélas! dans la nuit éternelle;
Sur son visage une pâleur mortelle
A remplacé les roses du printemps.

Le Mondego, dans sa course lointaine,
N'entend partout que de tristes regrets;
Tout est en deuil: des Nymphes des forêts
Les pleurs bientôt se changent en fontaine.
Ce monument dure jusqu'à ce jour;
Dans touts les temps mille fleurs l'environnent,
Et ce beau lieu, que des myrtes couronnent,
S'appelle encor la Fontaine d'amour.

85) **FOURNIER (ORTAIRE).** — Auteur d'une traduction des *Lusiades.*

T. — I. *Naufrage de Manuel de Sousa de Sepulveda et de Dona Lianor de Sá. Poëme Portugais de Hieronimo Corte Real, Traduit pour la première fois par—.* Paris. Carrier, Libraire. Éditeur, 1844, 8.°, 422 pag.

Digitized by Google

Esta traducção foi reproduzida com algumas alterações na *Revue Lusitaniense*. V. Tomo I [1].

II. *La Nièce du Marquis. Comédie en trois actes avec prologue par J. B. de Almeida Garrett. Traduction libre.*—Começa a pag. 283 da referida *Revue Lusitanienne*.

III. *La Dernière Course de Taureaux du Roi a Salvaterra—par L. A. Rebello da Silva. Traduit sur manuscrit par—*. Na *Revue Lusitanienne*, pag. 117

86) **FOURNIER ORTAIRE ET DESAULES.**

IV. T. — *Les Lusiades de L. Camoens. Traduction nouvelle par MM.—revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix de poesies diverses avec une notice biographique et critique sur Camoens par Ferdinand Denis.* Paris. Librairie de Charles Gosselin, 1841, 8.°, 375 pag.

«Camões não deve sua celebridade em Portugal só aos *Lusiadas*, posto que seja este poema o seu mais bello titulo de gloria. Deixou poesias, que se collecionaram desde o fim do seculo XVI debaixo do titulo de Rimas. Por seu merito real, por seu numero, pela variedade, que appresentam, parece que teriam devido fixar ha muito tempo na França a attenção dos homens que se applicam ao estudo das litteraturas estrangeiras.»

«Todos os seculos foram pedir á Universidade de Coimbra, e ella a todos respondeu. Sem duvida entre as instituições do mesmo genero, que floreciam então na Europa, e que imprimiam nos estudos um tão grande caracter não era nem a menos notavel, nem a menos brilhante aquella, de que o sabio Clenardo podia dizer que se explicava alli Homero, como se teria explicado em Athenas.»

Episodio de D. Ignez de Castro

«Toi seul, ardent amour, dont le pouvoir impitoyable commande imperieusement au cœur des humains, toi seul causas sa triste mort, comme si elle eût été une ennemie perfide. Si l'on dit, redoutable amour, que ta soif ne s'apaise même pas par des larmes douloreuses, c'est que, tyran féroce, tu aimes a baigner tes autels dans le sang humain.

Plongée en un paisible repos, cueillant le doux fruit de tes jeunes années, tu vivais, charmante Inez, en cette erreur joyeuse et aveugle de l'âme, a laquelle la fortune n'accorde pas une longue durée. Dans les riantes plaines du Mondego, dont les eaux recueillaient les pleurs echappés a tes beaux yeux, tu enseignais aux montagnes et aux prairies le nom, que tu portais gravé dans ton cœur.

[1] «Hieronimo Corte Real demeure un grand poète, et un poète original; mais savez vous comment il le devint? Comme le divinrent plus tard Shakespeare et Calderon, qui le depassent de si loin, comme l'a peut-être eté Homère, en ecoutant les soldats et les voyageurs, en répétant les paroles du peuple; poète enfant, lui veut qu' on l'amuse précisément des recits qu'il a le plus souvent entendus.» F. Denis. *Chroniques Cheval.*, tome II, pag. 86.

Digitized by Google

La te répondaient de ton prince bien-aimé les doux souvenirs qu'il gardait en son âme, et ces souvenirs, ils te rappelaient perpétuelment a ses regards, quand il était enchaîné loin de tes beaux yeux: la nuit, durant le doux mensonge des rêves, le jour en des pensées fugitives mais toujours renaissantes; enfin tout ce qu'il pensait, tout ce qu'il voyait, tout le conviait a l'allégresse.

Il refuse l'union ambitionnée des dames les plus belles et de celles même qui portent le titre de princesse; oui, divin amour, tu rejettes tout le reste avec mépris, quand une grâce enchanteresse t'a subjugué. Son vieux père, témoin de cette étrange passion, et voulant respecter les murmures du peuple et la volonté de son fils, qui repoussait toute proposition d'hyménée, son vieux pére, pour l'arracher Inez, décide d'arracher celle-ci au monde.

Il pense que le sang répandu par l'implacable mort pourra seul éteindre les feux dévorants de cet invincible amour. Quelle fureur a pu le porter a lever contre une faible dame cette noble épée qui put soutenir le poids terrible de la rage des Maures?»

.....

87) **FREIGIUS (JEAN THOMAS).**

T. — *Historia de bello Africano, in quo periit Sebastianus Portugalliae rex anno* 1578 *una cum ortu et familia Regum Africanorum nostri temporis ex Lusitano sermone in Latinum translata.* Noribergae 1581.

88) **FUESS (P. LEOPOLDO).** — Confessor da rainha D. Maria Sofia Isabel de Neoburg.

T. — *Rosa mystica, sive de excellentia, vi et virtute admirabili ejus precatoriae Coronae vulgo Rosarii: Augustae Vindilicorum apud Joannem Cusparum Bencard,* 1604, 4, São os Sermões que se encontram na *Rosa Mystica* do padre Vieyra, impressa em Lisboa 1686-1688, 2 tom. Porém os ultimos cinco foram traduzidos pelo padre Jacobo Boschio.

II. *Xaverius dormiens et experrectus. Augustae Vindilicorum, apud Joannem Cusparum.* Bencard 1704. (É o Xavier dormindo e accordado do padre Vieyra.)

89) **GABRIEL (G.)**

T. — *Nuevo scoprimento del Gran Catayo ó regno del Tibet da Antonio de Andrada reccato nell' Italiano da —. Neapoli* 1627, Roma, 1627.

90) **GARCEZ (HENRIQUE)**

T. — *Los Lusiadas de Luys de Camones traduzidos de Portugues en Castellano por —. Dirigidos a Philippo Monarcha Primero de las Españas y de las Indias.* En Madrid. Impresso con licencia en casa de Guilherme Droy empressor de libros. Año 1591.

91) **GARNIER (P).**

T. — I. *Anatomie Pathologique et symptomalogie de la fièvre jaune, qui a regné a Lisbonne en* 1857. *Traduit du Portugais de P. F. da Costa Alvarenga.* Paris, 1861.

Digitized by Google

II. *Mémoire sur l'insuffisance des valvules aortiques et considerations generales sur les maladies du cœur. Du même auteur.* Paris, 1856.[1]

III. *Le Climat de Madère et son influence thereupatique sur la phtisie pulmunaire par M. F. A. Barral. Traduit du Portugais.* Faris, Chez J. B. Bailière et Fils, 1858.

92) **GAZZANO (MIGUEL ANTONIO).**

T. — *Le Lusiade o sia la scoperta delle Indie Orientali fatta da Portoghesi di Luigi Camoens, chamato per sua excellenza il Virgilio di Portogallo, scritta da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima ed ora nello stesso mettro tradotta in Italiano da N. N. Piemontese.* Torino 1772.[2]

93) **G. (D F. V. PRESBITERO.)**

T. — *Tesoro de proteccion en la Santissima Virgen, ó estimulos de amor y devocion à la Madre de Dios Nuestra Señora. Escrito en portuguès por el P. D. Theodoro de Almeida, de la congregacion del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia real de las ciencias, de la Sociedade real de Londres y de la Viscaya.* Madrid, 1797, imprenta real.

94) **GIBBS (JAMES)** *The history of the Portuguese during the reign of Emanuel, containing all their discoveries, from the coast of Africk, to the farthest parts of China, their battles by sea and land, their sieges and other memorable exploits, with a description of those countries and a particular account of the religion, government and customs of the natives... written originally in Latin by Jerome Osorio... now first translated into english by —.* London, 1752, 2 vol. 8.°

[1] Na *Gazeta Medica de Bourdeaux*, N.° 18, de 1876, acham-se, entre outros elogios, os seguintes, feitos ao sr. Alvarenga: «N'este ultimo trabalho do sabio professor portuguez encontram-se as eminentes qualidades, que distinguem todas as suas obras, precisão rigorosa dos factos, justeza das deducções, e disposição clara e methodica. O dr. Alvarenga tem publicado consideravel numero de trabalhos, que lhe deram grande notoriedade. Estes numerosos trabalhos demonstram o zelo e o ardor infatigavel, com que este distincto professor prosegue incessantemente nas suas investigações scientificas. Recentemente tivemos a honra e a fortuna de conhecer pessoalmente o sr. Alvarenga de passagem por Bordeaux, e pudemos reconhecer que n'elle as qualidades de homem da sociedade não cediam em nada ás do sabio. Tão modesto, quanto instruido, cheio de urbanidade e de cortezia, o dr. Alvarenga faz a maior honra à medicina portugueza, de que é sem contestação o representante mais auctorisado entre nós.»

[2] «N'um auctor fecundo cada situação, cada facto recorda uma multidão de idéas e de sentimento, e quando esse auctor possue ao mesmo tempo gosto e arte, esses sentimentos tomaram a idéa principal: d'esta maneira, quando o Camões pinta a partida de Vasco da Gama e seus companheiros para uma navegação aventurosa, os representa preparando-se para a morte com orações, e acompanhados pelas procissões religiosas, que por elles fazem votos: pinta o tropel, que enche as praias, sepete os discursos da mãe ao filho, que vai partir, da esposa ao esposo, do prudente velho, que discerne as causas e consequencias de tão vasta empreza, e a vaidade da gloria, e os desastres que acompanham as conquistas: isto é mais alguma cousa do que narrar um embarque.»

J. B. Say. Passagem citada no *Panorama*, vol. V. pag. 168.

Digitized by Google

95) **GIL (ISIDORO).**

Traduziu em hespanhol o *Bernal Francez de Garrett*, e publicou a versão no jornal de Madrid *El Laberinto*. 1845.

96) **GIL (LAMBERTO).** — Penitenciario en el real Oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte.

T. — *Los Lusiadas, Poema epico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano*. Tomo 1.° Madrid 1818, 8.° 383 pag. — 2.° 285 — 3.° Poesias varias e rimas, 335. Imprenta de D. Miguel de Burgos.

Versão do episodio de D. Iguez de Castro

Pasada esta tan prospera victoria,
tornando Alfonso à su querida tierra
à gozar de la paz con tanta gloria
cuanta supo ganar con dura guerra;
el caso triste y digno de memoria,
que al vivo espanta y al difunto atierra,
á una infelice sucederle acierta,
que reina fué despues de ser ya muerta.

Tu solo! oh puro Amor! tu solo, cuya
fuerza à los corazones tanto obliga,
diste causa à la cruda muerte suya
como si fuera pérfida enemiga.
Si dicen, fiero Amor, que la sed tuya
ni con lágrimas tristes se mitiga,
es porque quieres! oh deidad tirana!
tus altares bañar con sangre humana.

Estabas, bella Ines, puesta en sosiego,
y el dulce fruto de tu edad cogias,
con un engaño de alma alegre y ciego
que habia de durar mui pocos dias.
En la florida vega de Mondego,
que regar con tus lagrimas solias,
le hacias repetir al monte y prado
el nombre que en tu pecho está grabado.

De tu principe alli te respondian
las memorias que el alma te llenaban,
y presente a sus ojos te traian
siempre que de los tuyos se apartaban:
de noche en dulces sueños que mentian,
de dia en pensamientos que volaban;
y en fin cuanto el pensaba y cuanto via,
era todo memorias de alegria.

Digitized by Google

De la dama mas bella y mas amable
el deseado tálamo no aceta:
pues amor todo lo hace despreciable
si à un bello rostro al hombre lo sujeta.
Considerando el padre inexorable
cuanto murmura el pueblo, à quien respeta;
y el obstinado empeño y fantasia
del hijo, que casarse no queria:

Sacar á Ines del mundo determina
por libertar al hijo en su amor preso:
esperando con muerte tan indina
matar su firme amor, y darle seso.
¿Qué furia consintió, que espada fina,
capaz de sustentar el grave peso
del furor Moro, fuese levantada
contra una dama fragil, *delicada?*

Ya los verdugos ásperos y atroces
la presentan al Rey yá enternecido:
mas con razones falsas y feroces
el pueblo le cerró el piadoso oido.
Ella con tristes y piadosas voces
nascidas del amor que habia tenido
al principe y los hijos que dejaba,
que esto mas que la muerte la angustiaba;

Al cielo cristalino levantando
con lágrimas los ojos amorosos,
los ojos, pues las manos le iba atando
uno de los ministros rigurosos;
y despues sus hijuelos contemplando
tan tiernos, tan queridos, tan hermosos,
cual madre que su pérdida sentia,
al abuelo cruel asi decia:

«Si hasta las fieras brutas, cuya mente
hizo natura cruel de nascimento,
y las aves, nascidas solamente
para buscar matando su alimento,
con niños desvalidos, vió la gente
que han tenido piadoso sentimiento;
como con Semiramis lo mostraron,
y con los dos que á Roma edificaron;

Digitized by Google

Tu, que de humano tienes el aspeto
(si de humano es matar una doncella,
porque á su ardiente amor está sujeto
el pecho que logró rendirla á ella),
de estes niños siquiera ten respeto,
ya que no te hace ni desgracia nella:
muévate la piedad que nos disculpa,
pues no te mueve el ver que estoy sin culpa.

Y si á la infame mora resistencia
la muerte sabes dar con fuego y hierro;
sabe tambien dar vida con clemencia.
á quien para perderla no hizo yerro.
Ó, si te lo merece mi inocencia,
pónme en perpetuo y misero destierro,
allá en la Escitia fria, ó Libia ardiente,
donde en lagrimas viva eternamente.

Pónme do mayor sea la fiereza:
ó entre leones y tigres: pues yo espero,
que en ellos he de hallar ménos dureza,
que en esto pueblo atroz y carnicero.
Alli, amando constante y con firmeza
al principe adorado por quien muero,
criaré estes sus hijos, que aqui viste,
consuelo extremo de una *madre* triste.»

Queria perdonarla el rey benino,
que está dé estas palabras lastimado;
mas el pueblo enconado, ó su destino
que asi lo quiso, no la ha perdonado.
Echan mano al acero puro y fino
los que por bueno dan este atentado:
¿contra una dama, pechos carniceros,
quereis mostraros bravos y *guerreros*?

Como contra la hermosa Polixena
(porque el alma de Aquiles inhumana
á no debida muerte la condena)
Pirro alzó con furor la mano insana;
mientras ella de amor y candor llena,
abrazando á su triste madre anciana
que con el caso acerbo se enloquece,
al duro sacrificio el cuello ofrece:

Digitized by Google

Asi de Ines los duros matadores
en el ebùrneo cuello (donde estaba
a gracia con que Amor mató de amores
al que despues por reina la juraba)
su acero bañan y las blancas flores
que con su proprio llanto ella regaba:
y se encarnizan férvidos y airados,
del futuro castigo descuidados.

De escena tan atroz, Sol, bien pudieras
los ojos apartar en aquel dia,
cual de las mesas de Tieste fieras,
cuando sus proprios hijos se comia!
Vos, valles, que escuchasteis las postreras
voces que articuló su boca fria,
el nombre de don Pedro, que le oisteis,
por espacio mui largo repetisteis.

Como rosa del campo, que cortada
antes de tiempo fué, candida y bella,
siendo por la muchacha maltratada,
que la cabeza se adornó con ella,
pierde el olor y queda marchitada;
tal estaba la palida doncella,
sin las rosas del rostro, y ya perdida
la blancura admirable con la vida.

Las hijas de Mondego, aquella oscura
muerte por mucho tiempo la lloraron;
y por memoria eterna, en fuente pura
las lágrimas lloradas transformáron;
y el nombre le pusieron, que aun le dura
de amores de su Ines que alli pasaron.
Mirad que fuente riega aquellas flores,
pues es el agua llanto, el nombre amores!

Conteem o primeiro e segundo volume:

1.° Prologo do traductor. Faz uma resenha das traducções que em diversas linguas teem apparecido dos *Lusiadas*, e affirma que as traducções antigas hespanholas são defeituosas parecendo que aquelles que as fizeram, muitas vezes não intendiam o poeta.

2.° Vida de Luiz de Camões. «Parece que assim como a sorte destinou Camões para que fosse sempre a admiração de todas as nações cultas, assim tambem dispoz que fosse constantemente esquecido por seus compatriotas.»

3.° Juizo critico dos *Lusiadas*. «Onde Camões nos deu a verdadeira medida

Digitized by Google

da ternura de seu coração foi no episodio de D. Ignez nunca assaz celebrado. Não é possivel conter o pranto ao ler a maviosa e pathetica narração d'aquella morte, tão injusta, como cruel, que a eloquencia de Camões soube tornar tão celebre. Todos os corações ternos, todas as almas sensiveis, que quizeram tratar do mesmo assumpto, tiveram de dirigir-se ao cantor do Tejo e do Mondego, para se compenetrarem bem dos sentimentos, que queriam communicar a seus leitores. Se Ferreira em Portugal, Bermudez na Hespanha, La Mothe na França, Colomes na Italia com suas tragedias fizeram derramar ternas lagrimas dos olhos de todos os ouvintes, é porque foram beber ao canto III dos *Lusiadas*, devendo confessar-se para gloria de seu autor que todos juntos não teem podido esgotar a fonte de sensibilidade, e de dor que alli encontram.»

4.° Historia da viagem de Vasco da Gama á India.

5.° Traducção do poema, acompanhada de annotações no fim de cada volume.

O tomo 3.° é destinado para a traducção de 96 sonetos, 1 parafrase, 5 eglogas, oitavas a Santa Ursula, 3 canções, 5 odes, 5 elegias, 2 sextinas, 1 estancia, 11 motes e glosas, 1 endecha, 2 redondilhas.

97) **GILLON (HEC)**.

T. — *Reglement consulaire portugais mis en vigueur par decret de 26 novembre de 1851, traduit par* —. Lisbonne, 1875.

98) **GIOTA (LIVIO)**.

T. — *Raggioni del ré di Portugallo D. Giovanni IV. col stablimenti fatto nell corti dalli tre stati di quel regno, et alcune allegationi giuridico politicho, con le quali si prova, che il suo ambasciatore mandato in Roma deve esser accettato dal Pontifice. Tradotto della lingua Portughese n'Italiana. Da* — Lisbonna, 1642.

99) **GIOVANNI CARCIATTO**. — Natural de Turim, professor de italiano em Lisboa.

Tem no prélo, n'esta ultima cidade, uma versão para italiano da *Morgadinha dos Canaviaes*. E já muito adiantada para o mesma idioma a traducção do *Retrato de Ricardina*, romance do sr. Camillo Castello Branco.

Tem o sr. Giovanni os maiores desejos de que a litteratura portugueza seja conhecida na Italia.

100) **GLEN (JEAN BAPTISTE)**.

T. — *Histoire Orientale des grands progrès de l'Eglise Catholique Apostolique et Romaine en la reduction des anciens chrestiens dits de Saint Thomas. Conversion encore des mahometans, mores et payens par les bons devoirs du rarissime et illustrissime seigneur don Alexis de Meneses, composée en langue Portugaise por Antoine Gouvea, et puis mise en espagnol par François Munez et tournée en français par* —. Bruxelles, 1609. Anvers, 1609. Cologne, 1611.

101) **GODEAU (EVÊQUE DE VENCE)**.

T. — *Abrégé des maximes de la vie spirituelle recueilli des sentiments des pères et traduit du latin de D. Barthelemi des Martyres etc. avec l'eloge du même par* —. Parisiis, 1699.

Digitized by Google

102) GODEAU (MICHEL).

T. — *Compendium spiritualis doctrinae a D. Bartholomeo a Martyribus.* Paris, 1699.

103) GRAND (JOACHIM LE —).

T. — *Jerome Lobo. Relation historique d'Abissinie. Traduite du Portugais, continuée et augmentée de plusieurs dissertations, lettres et memoires par —.* Paris, 1728. Amsterdam, 1728.

104) GRAND (MONSIEUR L'ABBÉ LE).;

T. — *Histoire de l'Isle de Ceylan, ecrite par le Capitaine J. Ribeyro, et présentée au Roi de Portugal en 1685. Traduite du Portugais par —.* Eurichie de figures en Taille-douce. Suivant la Copie de Trevoux. A Amsterdam Chez J. L de Lorme, Libraire, 1701, 8.° 352 pag.

1.ª estampa representa a arvore da canella. — 2.ª a arvore chamada talagaia. — 3.ª vista de Colombo, conforme se achava na epocha, em que pertencia aos portuguezes. — 5.ª A ponta de Gale. — 6.ª Bahia de Triquinimale e de Cotiari. — 7.ª Ilha de Manar. — 8.ª Plano da cidade e castello de Kandi, capital da ilha de Ceilão.

A dedicatoria d'este livro é dirigida á Condessa d'Ericeira. Nella diz o traductor: «Senhora! Teria desejado bem offerecer a V. Ex.ª uma obra que lhe desse maior honra, e que fosse mais agradavel ao publico, do que esta. E teriam sido cumpridos meus desejos, se V. Ex.ª me tivesse concedido licença de trazer para a França as cartas que a fallecida Rainha de Portugal Maria de Saboia vos escreveu, e as respostas, que vós lhes déstes. Por ellas se viria no conhecimento de quanto esta Rainha tão grande em todos os estados de sua vida vos honrava.... Conheço bem a pouca proporção, que existe entre tantas virtudes, e a obra que tomo a confiança de vos offerecem. Mas como todas as memorias, que eu trouxe de Portugal, vos pertencem, pois foi V. Ex.ª que mas obteve, espero que não desaprovará que eu procure pagar uma parte do que lhe devo, etc.»

Esta obra não consiste apenas na traducção, pois é augmentada com muitas addições, que o traductor colheu em varios escriptos.

105) GRANDMAISON (F. A. PARCEVAL).

T. — *Les amours epiques. Poème en six chants. (Camoëns V Lusiada).* Paris, 1824. Ibid. 1836.

«Esta obra compõe-se de differentes episodios ou imitações dos epicos Homero, Virgilio, Ariosto, Milton, Tasso e Camões. O auctor suppõe que estes poetas se reunem nos Campos Elysios, e cercados dos manes repetem entre si uns aos outros os cantos, que n'outro tempo tinham composto sobre o amor. O ultimo canto, o VI, é reservado a Camões, que o auctor elogia, e emparelha com Ariosto e Tasso:

Le brillant Camoens l'Ariosto et le Tasse,
.....
Rivalisant d'éclat, de fraicheur, et de grace
Des riche fictions ayant cueilli les fleurs
Partagerent le prix de leurs vers enchanteurs.

Digitized by Google

Esta poesia foi lida a Napoleão no Instituto do Cairo, e applaudida por este imperador. [1]

106) GRAPPIN.

T. — *Abregé du traité du pouvoir des evêques par le Pere Antoine Pereira* An XI.

107) GROUCHY (NICOLAS DE). — Erudito francez nascido em 1520 e fallecido em 1572. Ensinou philosophia e grego em Bordeaux, Paris e Coimbra.

T. — *Histoire des Indes de Portugal, contenant comment l'Inde a esté (sic) decouverte, par le commandement du Roy Emanuel, et la guerre que les capitaines Portugalois ont menée pour la conqueste dicelles, faict par Fernand Lopez de Castañeda, et traduit de Portugués en François par* —. En Anvers, par Jehan Steelsius à lescu de Bourgoigne lan 1554, avec privilege imperialle, 8.°, 211 folhas.

Depois do rosto vem o privilegio, e na folha seguinte a dedicatoria ao muito nobre e virtuoso senhor Carlos Martel senhor de Baqueville.

N'esta dedicatoria diz o traductor que uma das difficuldades para a versão era ser a lingua portugueza *assaz rude e mal polida, e o escriptor portuguez Castanheda ter mais experiencia que saber, principalmente em lettras humanas.*

Segue-se uma carta de Lamare, visconde do Ducado de Longueville ao leitor recommendando a leitura dos livros de viagens.

Este volume contém apenas (em typo muito miudo) o primeiro livro da *Historia da India.*

Ha um exemplar d'esta obra na Bibliotheca Publica de Lisboa.

Firmin Didot a pag. 222 do tom. XXII da *Biographie Universel*, falla-nos d'uma edição de Paris em 1553 em 4.°, e d'outra d'Anvers em 1576 tambem em 4.° não fazendo menção d'esta, cujo rosto aqui apparece copiado.

É indubitavel a existencia da versão italiana da *Historia da India* por Casthaneda, pois R. W. Ellis, de Dawlish (S. Devou — Inglaterra) possue um exemplar.

108) GUARNIERI (D. GIO. ORENZO).

T. — *La famosa Grammatica del P. Emmanuel Alvarez volgarizzata da* —. Nova impressione. Venezia, per Giacomo Tomasini, 12.°, 1723.

Áquellas pessoas que julgam ter a grammatica do padre Monoel Alvares sido completamente bannida do ensino, recommendo que vão ver a luxuosa edição d'ella feita em Paris no anno de 1859, em 4.° grande, pelo editor Adrien Le Clerc, e da qual existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

109) GUZMAN (ALEX. DE).

T. — *Historia del predestinado y su humano prescito; compuesto en lengua portuguesa por A. de G. de la Compañia de Jesus, y tradusida por outro de la misma Compañia.* Cordoba, 18.°

[1] Sr. Visconde de Jorumenha.—*Obras de Camões*, vol. I. pag. 239.

Digitized by Google

110) **HARPE [1] JEAN FRANÇOIS DE LA).** — Celebre critico Francez, e autor d'um Curso de Litteratura. Nasceu em Paris no anno de 1739 e falleceu em 1803. [2]

T. — *La Lusiada de Louis Camöens; Poëme Héroïque en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes et la Vie de l'Auteur.* A Paris. Chez Nyon aîné, 1776, 8.° Tomo 1.° 320 pag. Tomo 2.° 291. Começa esta obra por uma advertencia do livreiro, na qual declara: Que esta traducção é obra d'um escriptor muito conhecido; e que fôra feita sobre uma versão litteral do *texto portuguez*, versão composta com todo o cuidado e toda a exactidão possivel por um homem muito versado na lingua de Camões. Propondo-se o novo traductor a animar com o fogo da poesia esta versão escrupulosamente fiel.»

Segue-se a vida de Camões, e a esta o juizo critico dos *Lusiadas*.

«Não ha nos *Lusiadas* nem acção, nem caracteres, e por conseguinte nenhum interesse. É toda a historia de Portugal contada em episodios, que se succedem aborrecidamente, e que muitas vezes são mal fundados.»

Apoz isto vem a explicação das estampas dos *Lusiadas*.

A 1.ª representa: Desembarque dos portuguezes em Moçambique, e Venus no Ceo protege-os. — 2.ª Audiencia do rei de Melinde aos portuguezes. — 3.ª Morte d'Ignez de Castro. — 4.ª Nomeação de Vasco da Gama para chefe da expedição. — 5.ª Apparição do gigante Adamastor. — 6.ª Tempestade suscitada por Baccho. — 7.ª Entrevista de Vasco da Gama e do Çamorim de Calicut. —

[1] «Mr. de la Harpe, que adquiriu uma grande reputação pelas suas obras em Litteratura teve o valor de confessar que ignorando a lingua portugueza, composera sobre uma versão interlineal e litteral aquillo, a que elle quiz chamar traducção de Camões. Porém Mr. de la Harpe não se limita a traduzir; depois de annunciar que a versão sobre que trabalha he escupulosamente fiel, e que sómente quizera animal-a com o *fogo* da *poesia*, adverte que ajuntará notas criticas á sua traducção, nas quaes com effeito se abalançou a fazer juizos sobre o original. «Camões, diz elle não tem imaginação, que pinta.» A's pessoas eruditas e de bom gosto pertence avaliar a opinião de mr. de la Harpe, pronunciando que Camões não era dotado da imaginação, que inventa, etc.» Antonio de Araujo de Azevedo. Memoria em defeza de Camões contra mr. de la Harpe, *Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* tom. VII.

«Ambos os trechos, o pathetico episodio de D. Ignez de Castro, e a magestosa ficção do gigante Adamastor, foram mal vertidos por differentes traductores, mas por nenhum tão infiel e friamente, como por mr. de la Harpe. Por exemplo no III Canto dos *Lusiadas* Vasco da Gama refere a el-rei de Melinde a Historia de Portugal. Tendo fallado d'el-rei D. Affonso IV e de seus triunfos sobre os moiros, eis que lhe vem á lembrança as desgraças, e os amores de D. Ignez de Castro: então deixa o tom de historiador, e empregado aquella funesta narração com uma apostrophe ao Amor, seguida immediatamente de outra á mesma Ignez: Gama se esquece de que falla a el-rei de Melinde: entregue á lembrança de Ignez dirige a ella mesma o seu discurso *Estavas linda Ignez posta em socego etc.* Ex-aqui o que se deve chamar fogo e movimento de poesia.

«Mr. de la Harpe faz desapparecer de todo estas transições verdadeiramente poeticas. No seu livro, Gama conta a historia lamentavel de Ignez, como contaria qualquer outro facto, e como referira havia pouco os outros da historia da sua patria; e eis-aqui o que se deve chamar seccura e frieza.» Idem. pag.

[2] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XXVIII, pag. 877.

Digitized by Google

8.ª O Çamorim consulta seus idolos a respeito dos motivos da viagem dos portuguezes ao Malabar. — 9.ª Ilha dos Amores. — 10.ª Thetis prediz as conquistas dos portuguezes.

Il se plongea soudain dans ces roches bruyants,
Où le flot va se perdre, et mugit renfermé.
L'air parut s'embraser, et le roc se dissoudre,
Et les traits de la foudre
Éclatèrent trois fois sur l'ecueil enflammé.

Existe ainda uma outra edição feita no mesmo anno de 1776, em Paris [1] e outra na mesma cidade no anno de 1813.

111) **HAKLUYT (RICHARD).**

T. — *The discoveries of the World from their first original unto the year of our Lord 1635 by Antonio Galvano, governor of Ternate.* London, 1601.

A new edition reprinted with the original Portuguese Text and edited by Vice Admiral Bethune. London, 1862.

112) **HARRIS (Mr)**

T. — *A translation of the episode of Ignez de Castro.* Porto, 1844, Sahiu anonyma.

113) **HARTWELL (A).**

T. — *A report of the kingdom of Congo, a region of Africa and of the countries that border round about the same with description of its rivers, inhabitants, plants, fishes etc. by Lopez, and translated by —.* London, 1597.

114) **H. C. GENT.**

T. — *The voyages and adventures of Fernand Mendez Pinto, A Portugal: during his travels for the space of one and twenty years in the kingdoms of Ethiopia, China, Tartaria, Conchinchina, Calaminham, Siam, Pegu, Japan, and a great part of the East Indies. With a relation and description of most of the places thereof; their religion, laws, riches, customs, and Government in time of peace and war. Where he five times suffered Shipwrack, was sexteen times sold and thirteem times made a Slave. Written originally by himself in the Portugal Tongue, and dedicated to the Majesty of Philip King of Spain. Done into English by —.* London, 1653, fol. 326 pag. Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

115) **HEEMANS (MRS FELICIA).**

T. — *Translation from Camoens and other poets with original Poetry by —,* Oxford. 1818. in 8.º

Suas traducções consistem em 15 sonetos, uma parte da egloga XV, algumas redondilhas, e parte do episodio de Adamastor. [2]

116) **HEINE. (G VON).**

T. — *Eurich der Priester der Gothen von A. Herculano aus dem Portugie-*

[1] An extensive and unique Collection of various editions of the rimas; obras and Lusiades in the original Portuguese and other languages. London, 1875. pag 7.

[2] Jorumenha I. pag 276.

Digitized by Google

sischen ubersertzt. Leipzig. F. a Brockaus, 1847. 8.°, VIII. 184 pag. (Eurico o Sacerdote dos Godos por.)

É uma traducção com córtes consideraveis, sobre tudo nos primeiros capitulos. Devo esta noticia ao autor dos *Musicos portuguezes*, o Ex.mo Sr. Joaquim de Vasconcellos, de quem o leitor mais adiante ha de encontrar noticias mui apreciaveis ácerca das obras portuguezas vertidas para allemão. [1]

117) HEISE (Dr. C. C).

T. — *Deutsch Lusiada.* Hamburg und Altona, 1806, 2 vol.

118) HENRY (WILLIAM JOHN CHARLES).

T. — *The Truth by Field Marshal the Duke of Saldanha. Translated from the portuguese.* London, 1872, 12.°, 134 pag.

O traductor d'esta obra assigna-se ás vezes em portuguez Henrique Guilherme. É secretario do sr. conde da Carnota e author da *Guia do Viajante na Europa*, obra que escreveu em portuguez.

119) HERBERAY (NICOLAS DE). — Seigneur dns Essars.

T. — *Le premier livre de Amadis de Gaule, traitant de maintes avantures d'armes et d'amours, qu' eurent plusieurs Chevaliers et dames, tazt du royaume de la grand' Bretaigne que d'autres païs: Traduit nouvellement d'Espagnol en François, par le — Aveq' privilege du Roy.* A' Paris. Pour Jan Longis Libraire, tenant sa boutique au Palays en la galerie, par ou l'on va à la Chancelerie, 1548, fol., CL folhas. — Second livre, 1541, LXXXVI folhas. Tiers livre. 1547, XCIIII folhas.

Existe um exemplar na Bibliotheca publica de Lisboa.

120) HEZECQUES (RAYMOND DE).

T. — *Doctes et rares sermons pour tous les jours de Carême prononcés en*

[1] «Ου μετρίως ήμᾶσ ηνίασε τα υμετερα γράμματα, οἷς Αλεξανδρον τον Ερκουλανον τετελευτηκότα ἡμῖν δηλοῦτη. Ἄνδρες γαρ, οἷος ὁ κλεινός οὗτος τῆς Λυσιτανιας πεφηνε γονοσ, λογοις τε και σοφια, κεκοσμενοσ ἀμφιλαφεῖ καί πειστους ταυτη ωφελησας, ὁυχ ὅτι τοῖς περί λογους ἐσπουδακόσι καί φιλεπισ τημοσιν, αλλά και πᾶσι τοις ἀνθροποισ, ζῶντεσ μέν προσφιλεις ἑικοτως ἐισι καί οικεῖοι και τιμιοι, τον δε βιον μεταλλάξαντεσ, δυσπαραμοθητου λυπης αιτιοι γιγνονται καί ποθον ἑαυτῶν τοις επιβιοῦσι καταλειπουσι μέγον.....»

Τῷ μεγαλοπρεπει Πρυτανει καί τῳ σεμνοτατῳ Συμβουλίω της ἐν Ολυσσιπωνι της Λυσιτανιας βασιλικης Ακαδημιας τῶν επιστημῶν ο Προυτανις και η Σύγκλητος της εν Αθηναις ελληνικης Ακαδημιας.»

(Affligiram-nos em summo grau as vossas lettras, nas quaes nos informastes que se tinha finado Alexandre Herculano. Pois varões taes (qual se mostrou este famoso, natural da Lusitania, possuindo em alto grau o condão do talento e da sabedoria, e estribado n'esta, sendo util já não digo aos cultores das lettras e prezadores das sciencias, mas em geral a todos) proveitosos em geral a cada um em quanto vivos, consideram-se como pessoas da familia, e são honrados. E quando trocam a vida, convertem-se em motivo de pungente pranto, e deixam de si grande saudade...)

Ao magnanimo Prytaneo e ao congresso o mais venerando, o da Academia Real das Sciencias em Lisboa, o Prytaneo e Congresso da Academia grega em Athenas.)

Digitized by Google

Portugal par R. P. F. Antoine Feo. Nouvelle traduction en François par —. Paris, 1618.[2]

121) **HERNANDES (D. PEDRO GERONYMO Y MARZ).**

T. — *Opusculo hispano latino mariano jacobeo por la tradition de la historia, en que se afirma la venida de N. Señora en carne mortal á la ciudad de Zaragoza a visitar el apostol Santiago el maior etc. Traducida de portugues en español con observaciones latinas à los anagramas latinos sobre la salutation angelica y la antifona Salve Regina —.* Madrid, off. de Juan Zuniga.

122) **H. (F. V.)**

T. — *Leven en Bedryf van Koning Emanuel van Portugael vit het Latyn dan Hieronimus Osorius. Binchop van Sylvas vertaelt door. F. V. H.*

Hot. Rotterdam by François van Hoogstraeten. 1663, 2 vol. I 12.° 706 pag. É a vida d'el-rei D. Manoel em hollandez. Termina este volume com uns versos em latim e hollandez em honra d'el-rei D. Manoel.

2.° 702 pag. B. P. L. Pertenceu este exemplar a D. José Barbosa.

123) **HORTADO (LUIZ).**

T. — *Libro del muy esforçado cavallero Palmeirim d'Inglaterra.* Toledo; 1547, 1548. V. Benjumea.

124) **HUGHES (F. M.)**

Na sua obra intitulada *The Ocean Flower* apresenta a traducção ingleza de algumas poesias portuguezas, as quaes são:

Francisco Manoel do Nascimento. A Ode

«Juntando as pontas da eburnea lira
Tiraste sem cessar flechas a Nize, etc.

Idem. A Ode

Onde me sobes Musa?
Em que acceso licor me embebes a alma!

Diz *Hughes.* — Não accredito que em lingua alguma, antiga ou moderna, se possa encontrar uma ode mais bella do que esta.

Epigramma.

Quando o Cantor de Thracia, o Orpheu divino
Ás pousadas desceu do reino escuro

Bocage. — Diz d'elle: Que foi talvez o melhor improvisidor, que o mundo produziu; um admiravel mestre de linguagem, e na suavidade de versificação talvez egual a Camões.

Dysticho.

Dize-lhe então, soltando
Os derradeiros ais

Soneto.

Raios não peço ao Creador do mundo,
Tormentas não supplico ao Rei dos mares

E algumas satyras.

Nicolau Tolentino d'Almeida.—Traducção de algumas satyras.

[1] F. Denis—*Resumé de l'Histoire litteraire de Portugal*, pag. 643.

Digitized by Google

Garret.—Traducção d'um trecho do seu poema *Camões.*

A. F. de Castilho.—Uma passagem do seu *Amor e Melancolia.*

125) IGNACIO (Licenciado LUIZ). — Presbytero Castelhano.

T. — *Sermões (em castelhano) do P. Vieyra,* traduzidos do portuguez. 21 tomos em 8.°

1.° e 2.°, Madrid, por Manoel Ruiz de Murga, 1711. — 3.° Madrid, 1712. — 4.° 5.° 6.° Madrid, 1712. — 7.° por Agustin Fernandez, 1712. — 8.° 9.° por Manoel Ruiz de Murga, 1712. — 10.° Madrid. 1713. — 11.° 12.° Madrid, 1713. — 13.° Madrid, por José Rodriguez y Escobar, 1714. — 14.° Madrid, Manuel Ruiz de Murga, 1714. — 15.° 16.° 17.° Madrid. 1714. — 18.° 19.° 20.° Madrid, 1714. — 21.° Madrid, por Gabriel de Barrio, 1715. [1]

126) JAMET (ABBÉ J).

T. — I. *L'homme heureux dans toutes les situations de la vie, ou les aventures de Misseno. Poeme Portugais, composé par le Pere Theodoro de Almeida. Caen.* 1820.

II. *Trésor de Patience caché dans les plaies de Jesus Christ, du même auteur.*

127) JANT (JACQUES DE).

T. — *Le Meduse, bouclier de Pallas, ou défense pour la France contre un libelle intitulé Le Bouclier de l'Etat pour ce qui concerne le Portugais en France.* Dijon, 1786.

128) JANT (JACQUES DE).

T. — *Le Meduse, bouclier de Pallas, ou défense pour la France contre un libelle intitulé Le Bouclier de l'Etat pour ce qui concerne le Portugal. Traduction du Portugais en Français.* Dijon. 1786.

129) JANTILLET (ALEXIUS CALLOTES DE).

T. — *Helvia obsidione liberata auspiciis Alphonsi VI serenissimi ac potentissimi Lusitanorum Regis duce Lusitani exercitus Antonio Ludovico Menesio Comite Cantaniedii ab arcanis Status et belli conciliis Regii Fisci Moderatore Supremoque in Curia Ulixsiponensi Oppido Cascasio et Extremadura Provincia Armorum Praefecto. Scripsit* —. Ulyssipone Apud Antonium Craësbeeckiu An. 1662. 8.°

Traduziu tambem a *Vida de Camões.* O original foi composto por Antonio Barbosa Bacellar.

Deserviebat annos post septem Jacob
Pastor, Labano bellae Rachelfs patri etc.

130) J. C. (CH. ** D. E. S. R.)

T. — *Le Jésuite errant ou Lettres du père Alphonse, Jésuite Portugais au général de son Ordre á Rome, avec la réponse de ce dernier, sur la comparation de Lisbonne et ses effets. Traduit del'Italien, en, par le Ch. ** Rome,* 2 décembre de 1758.

131) JOHNSON (SAMUEL). — L L D.

T. — *A voyage to Abyssinia by Father Jerome Lobo, a portuguese missio-*

[1] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitania.* vol. I. pag. 121.

Digitized by Google

nary Containing the history, natural, civil, and ecclesiastical of that remote and unfrequented country, continued down to the beginning of the eighteenth Century; with fifteen dissertations on various subjects, relating to the antiquities. government, religion manners, and natural history of Abyssinia, by M. le Grand. Translated from the french by — to which are added various other tracts by the same author, not published by Sir John Hawkins or Mr. Stockdale. London, Printed for Elliot, 1789, 4.°, 500 pag.

132) KULB (TH. H.)

T. — *Fernand Mendez Pinto's abenteuersiche Reise. etc.* Jene, 1868, XVI. 412 pag.

133) LACHER (P. F.)

T. — *Relation de la Province du Japon, du Malabar, de la Cochinchine, de l'Ile de Ceylon, et de plusieurs iles et royaumes de l'Orient. Escrite en Portugais par le P. F. Cardim, traduite en françois par —.* Tournay, 1645, 8.°

134) LAMPARTER (P. HENRIQUE).

T. — *Aerumnae Domini Nostri Jesu Christi. Opus Thomae a Jesu.* Munich. É a traducção da celebre obra *Os Trabalhos de Jesus.*

135) LANDRESSE.

T. — *Eléments de la Grammaire Japonaise du Père Rodriguez, traduit du portuguais par — precédés d'une explication de syllabaires Japonais, par Abel Rémusat. Ouvrage publié par la Societé Asiatique.*

136) LANSTRON (CARLS JULIUS). — Ecclesiastico, nascido em Gelfe no anno de 1811. [1]

T. — *Lusiaderne hieldedikt af Luis de Camoens oversattning fran originalat padess verslag af — Frota Sangen. Upsala,* 1838. É o primeiro canto dos *Lusiadas* em oitava rima.

137) LEIS (D. FERNANDO ROMERO DE).

T. — *Nuevo metodo para enseñar la geografia à los niños: escrito en portugués y francés por el P. D. Theodoro de Almeida. Puesta en castellano, y igualmente en francés por —.* Madrid, 1799. Imprenta del real Arbitrio de Beneficencia.

É um compendio composto por um portuguez pelo qual se ensinava no estrangeiro. Muitos outros se hão de mencionar n'outro logar.

138) LEOPOLDO (D. JUAN).

T. — *Vida y virtudes heroicas de la Augustissima Emperatriz Leonor Magdalena Theresa. Traducida de aleman en portugues por — y en castellano por un sacerdote secular.* Madrid, Imprenta de los herderos de Francisco de el Hierro, 1734.

139) LINCHTFIELD (N. L. NICHOLAS GENTIL).

T. — *The first book of the discoverie and conquest of the East-Indies by H. Lopes de Castanheda, and now translated into english by —,* London. T. Cast, 4.°, 1582.

140) LOBKOWITZ CARAMUEL (JEAN DE).

[1] Innocencio, vol. V. pag. 276.

Digitized by Google

T. — *Psalterio de D. Antonio rey de Portugal, en que confiesa a Dios sus culpas.* Bruxellas, 1635.

141) **LORENZO (COMITE DE MAGALOTI).**

T. — *Relazioni varie cavate de una traduzione dell'originale Portoghese del Nilo, y perche il Nilo inondi e metta sotto le campagne d'Egitto nei giorni del maggior caldo d'Europa etc.* Florença, 1693.

142) **LOVEN (NILS).** —Ecclesiastico, nascido en Reng no anno de 1796,

T. — *Lusiaderne hieltedickt af Luis de Camoens oeversat fran.° portugesuken i originalets versform af* —. Stockolm, 1839. É a traducção dos *Lusiadas* em oitavas e annotada no fim.

143) **LUCOTTE (L. DE CLARANGES).**

T. — *Les Brahmanes par Francisco Luiz Gomes.* Lisbonne, 1870

144) **LUNDBYE (H. V.)**

T. — *Luis de Camoen's oversat af oct portugisiske ved* —. Kopenenhagen, 1828-1830, 8.°, 2 tomos. É uma traducção dinamarqueza dos *Lusiadas*.

145) **MALDONADO (FRANCISCO DE HERRERA)** — Licenciado.

T. — *Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendes Pinto, traduzida en castellano por* —. Valencia, 1645, fol. Tenho visto citadas edições de Madrid, 1620, fol. Ibid. 1627. Ibid. 1628, 4.°

146) **MARSANGY (L. BONNEVILLE DE).** — Avocat á la Cour de Paris.

T. — *De la proprieté litteraire chez les Romains par Levy Maria Jordão, avocat général á la Cour de cassation de Portugal, membre de l'Academie royale des Sciences de Lisbonne. — Traduit du portugais par* —.[1] Paris, 1862.

147) **MARTINI (MARTIN).**

T. — *Histoire Universelle de la Chine. Avec l'Histoire de la guerre des Tartares, contenant les revolutions arrivées en ce grand royaume depuis quarante ans: par* —. *Traduites en François, de Alvares Semedo, portugais.* Lyon, 1667.

Desta obra do Padre Semedo, escripta originalmente em portuguez, e vertida para hespanhol por Manoel de Faria e Sousa, se fizeram muitas traducções em varias linguas[2].

148) **MAMIANI (P. LUIZ VICENTE).** — Jesuita.

T. — *Prediche sopra gli Evangelii della Quaresima del P. Antonio Vieyra racolte dá dodici tomi delle sue prediche in forma d'un Quaresimale.* Roma, por Jorge Placho, 1707, 2 tom, 4.°

149) **MARCHANT (DR).** — Professeur á la faculté de médicine et membre effectif de la Societé des Sciences Médicalles de Bruxelles.

T. — *Remarques sur les ectocardies á propos d'une varieté encore non décrite, la trochocardie. Traduit du Portugais du Dr. Alvarenga.* Bruxelles, 1869.

[1] V. *Revue Critique de Legislation et de Jurisprudence*, tome XX. mai, 1862.

[2] *Imperio de la China*, Lisboa, 1731, na *dedicatoria a D. João V*, escripta por Miguel Lopez Ferreira.

Digitized by Google

150) MARAZZANO (FRANCISCO).

T. — *Vida del P. Gonçalo de Sylveira, martyr en el reino de Monomotapa.* 1615. T. Compans, pag. 128.

151) M. D. C.

T. — *Histoire de la conquete de la Floride, par les Espagnols, sous Ferdinand de Soto. Ecrite en portugais par un Gentil homme de la ville d'Elvas. Par* —. Chez Denys, Thierry, à l' Enseigne de la Ville de Paris, 1675, 16.° 300 pag. e 24 não numeradas.

152) MEDICIS.

T. — *Direitos de D. Catherina de — á corôa de Portugal*, 103. pag.

153) M. C. G.

T. — *Ferrão (Silva). Code réglementaire du crédit foncier presente á la Chambre des Pairs de Portugal, traduit du portugais par-conseiller* —, *référendaire à la cour des comptes de France avec une introduction et des notes de M. Marton.* Bruxelles, 1858, 8.°

154) MEGE (ANTOINE JOSEPH).

T. — *Le psautier Royal. Traduction des psaumes d'Antoyne, roy de Portugal.* Paris, 1671.

155) MEINHARD (JOÃO NICOLAO).

Verteu em allemão os episodios de *D. Ignez*, e do *Adamastor*, que se publicaram no jornal *Gelehrte Beiträge zu den braunsuchweiger anreigen* 1762.[1]

156) MELLIN.

T. — Traduziu em lingua sueca as *Cartas de Echo a Narciso* do nosso illustre poeta Castilho. Dá-nos esta noticia a *Revista Universal Lisbonense* a pag. 48 do 1 vol.

157) MELLO (G. DE).

T. — *Le devoir des Pasteurs de D. Barthelemy des Martyres.* Paris, 1672.

158) MELLO (MANUEL PEDRO DE).

T. — *Mémoires sur l'astronomie pratique de feu J. M. da Rocha, Commandeur de l'Ordre de Christ etc. traduites du portugais par* —. Paris, 1808.

159) MENESES (D. DIOGO DE).

T. — *Los cinco libros de la tercera decada de Barros.* Madrid, 1628.

160) MICHEL (FRANCISQUE).

T. — *Lettre d'un gentilhome portugais á un de ses amis de Lisbonne sur l'éxécution d'Anne de Boleyn, publieé pour la premiére fois avec une traduction française par* —. Paris, 1832.

161) MICKLE (WILLIAM JULIUS).

T.— I. *The Lusiad or the Discovery of India. An epic poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camöens. The second edition.* Oxford, 1778, 4.° gr. 496 pag., além de 236 em que se tracta de varios assumptos.

II. *The Lusiad.* — fifth edition. London 1877, revised by Richmond Hodges, M. C. P. Hon. Librarian to the Society of Biblical Archeology.

162) MILLIÉ (JEAN BAPTISTE JOSEPH). — Nasceu no anno de

[1] Sr. Visconde da Jorumenha.—*Obras de Camões* vol 1, pag. 292.

Digitized by Google

1772 em Baune, e falleceu no de 1826 em Paris. Depois de ter sido professor de humanidades no collegio de Juilly, entrou na administração das finanças, e no tempo de Napoleão I foi encarregado de organisar em Portugal as contribuições directas. [1]

T. — *Les Lusiades ou les Portugais. Poëme en dix Chants par Camoens; Traduction de — revue, corrigée et annotée par M. Dubeux de la Bibliothèque Imperiale. Precedées d'une Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens par M. Charles Magnin, Membre de l'Institut.* Paris, Charpentier, Libraire editeur, 1862, 8.°, 367 pag.

A 1.ª edição foi impressa em Paris, no anno de 1825. — 2.ª Paris, 1841. — 3.ª Paris, 1844.

163) MITCHELL (JOHN MURRAY).

T. — *Marath works composed by the Portuguese.* Bombaim, 1849.

164) MITCHELL (SIR T. LIVINGSTON. — K.[t] — D. C. L).

T. — *The Lusiad af Luis de Camoens closely translated, with a portrait of the poet, a compendium of his life, an index of the principal passages of his poem, a view of the Fountain of tears, and marginal and annexed notes, original and select. By —,* London, 1854.

165) MONGLAVE (EUGENE GARAY DE).

T. — I *Caramuru ou la découverte de Bahia par Santa Rita Durão.* Paris, 1829.

II *Palmeirin d'Angleterre. Chronique Portugaise par Francisco de Moraes.* Paris, 1829, 3 vol.

III *Correspondence de D. Pedro premier empereur du Brésil avec son pere, le roi de Portugal.* Paris, 1827.

166) MONGLAVE (E. DE) ET P. CHALAS.

T. — *Marilie. Chants élégiaques de Gongaza. Traduits du Portugais.* Paris, 1825.

167) MORAGO (FR. FRANCISCO).

Verteu para hespanhol os *Tratados quadragesimaes de Fr. Antonio Feyo.* Valladolid, 1614. [2]

168) MORALES (JUAN BAUTISTA DE).

T. — *Corte en Aldea y noches de invierno, de Francisco Rodrigues Lobo, de portugues en castellano por —.* Valencia, 1793, Imprenta de S. Fauli, 196 pag.

169) MORELET (ARTHUR).

T. — *Journal du voyage de Vasco da Gama en 1497, traduit du Portugais,* Lyon, 1864.

170) MURPHY (JAMES CAVANAH).

T. — *The history and description of the Royal Monastery of Batalha written originally in the Portuguese language by father Luis de Sousa, and translated in english with notes.*

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle,* tomo XXXV pag. 538.

[2] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitana,* vol. I, pag. 267.

Digitized by Google

Vem esta traducção na obra do traductor intitulada *Elevations and views of Batalha*, onde occupa de pag. 27 a 57.

171) **MUSGRAVE (THOMAS MOORE).**—Foi agente de paquetes em Lisboa.

T. — I. *D. Ignez de Castro. A Tragedy by Ferreira*, London.

II. *The Lusiad, an epic poem, by Luis de Camoens. Translated from the Portugueze.* London, John Murray, 1826, 8.º, gr. 585 pag. Traz o retrato de Camões desenhado por W. Skelton e o de D. Ignez de Castro, pelo mesmo. A traducção é offerecida ao Conde de Chichester. [1]

Segue-se um prefacio no qual o traductor declara que de bom grado escreveria a vida do poeta, se Mickle o não tivesse já feito, accrescendo a circumstancia de não se ter encontrado algum documento posteriormente, que elucidasse a vida de Camões, havendo ainda a este respeito muitas outras obras, como as de Adamson, Bouterweck, Sismondi etc., as quaes eram bem conhecidas.

«Seria realmente imprudente negar que independentemente das censuras que teem sido feitas ao machinismo mythologico de Camões haja alguns outros defeitos nos *Lusiadas*, os quaes difficilmente podem deixar de ferir a attenção dos mais indulgentes leitores do poema. Alguma vezes estão estes defeitos singularmente misturados com muita coisa, que póde justamente ser admirada. O episodio de D. Ignez de Castro em parte é bello; porém está estragado pela introducção de allusões as mais frias e desapropriadas. O genio do Cabo da Boa Esperança está revestido de portentosos terrores; mas se bem que seu aspecto é medonho, sua narração Titanica não desperta interesse. A Ilha dos Amores é encantadoramente descripta; mas a rica e agradavel vegetação, que a cobre, é de alguma sorte profanada pelas recreações figurativamente voluptuosas, das quaes a scena é composta. Nem se póde negar que as digressões historicas e geographicas nos *Lusiadas* occupam demasiada porção do poema, e que as varias citações classicas, nem sempre introduzidas com felicidade, algumas vezes apresentam as vãs pretenções de erudito, com exclusão das mais attractivas graças do poeta. É bem para lamentar ter Camões pedido emprestado tanto ao genio dos outros, quando com segura confiança, podia judiciosamente ter-se fiado no seu proprio.»

«Os ultimos cinco cantos foram submettidos á apressada, mas critica inspecção de Mr. William Lukin, no tino do qual depositou grande confiança.»

172) **NAVARRO (DIEGO).**

T. — *Primera parte de las Chronicas de la Orden de los frayles menores del Seraphico Padre San Francisco.* Villa de Alcalá. En casa de Juan Gracian. Año 1608. 2 vol. fol. O primeiro volume, que é o unico que possuo, tem 257 folhas.

173) **NERVI (ANTONIO).**

T. — I. *Lusiada di Camoens transportata in versi Italiani da* —. Stampe-

[1] Mr Ed. Quillinan avalia em muito pouco esta traducção.

Digitized by Google

ria della Marina e della Gazetta. Anno 1814, 8.º, 2.ª edição. Milano, 1821. — 3.ª Genova, 1824. 4.ª Napoli, 1828.

II. *I Lusiadi di Luigi Camoens. Nuova edizione corretta ed accresciuta degli argomenti ad ogni canto.* Genova, 1830, 32.º, 1 vol. XX, 281 pag. 2.º vol. 264 pag. e mais 5 com indice, variantes e erratas.

III. *I Lusiadi di Luigi Camoens. Edizioni illustrata con note di D. B. Si aggiungono le notizie biographiche dell'Autore, varii cenni e giudizi intorno al Poema, e gli argomenti dei Canti.* Torino, 1847, 307 pag.

174) NIETO (DAVID).

T. — *Notitiae reconditae de processu inquisitionum in Hispania et Lusitania adversus illos, qui in carceribus illarum detinentur.* Londini, 1722.

175) NIÑO (FRAY JUAN).

T. — *Chronicas antiguas de la Orden de los frayles menores .. del R. S. D. T. Marcos, Obispo del Puerto etc.* Tomo II. En Salamanca, en la Imprenta de Antonio Ramirez, 1626, fol. 548 pag.

No mesmo volume. — Segunda Parte, Salamanca por Antonio Ramirez. Año 1624, 239 pag.

3.º vol. Salamanca, 1570, en casa de Alexandre de Canova, (falto de rosto) B. P. L.

176) N. N. PIEMONTESE.

T. — *Lusiada. Tradotto in Italiano da* —. Torino, 1772, 8.º Parece que a tradução para Italiano, foi feita sobre a de La Harpe.

177) OGILVY.

T. — *History of China by Magalhains, translated by* —. London, 1688.

178) OLLOQUI (EMILIO). — Consul de Hespanha em Lisboa.

T. — *Fray Luis de Sousa. Drama historico en tres actos del Visconde de Almeida Garrett. Traducido por* —. Lisboa, Imprenta Nacional, 1859, 8.º gr.

179) ORSELLI (FERNANDO).

Verteu para italiano as *Meditações da Infancia e vida de Christo do nosso Bartholomeu do Quental.*

Foram impressas em Roma no anno de 1775, e dedicadas á Princeza Laura Catherina Altieri. [1]

180) PADILLA (Fr. PEDRO DE). — Carmelita.

T — *Verdadeira historia, y admirable successo del segundo Cerco de Diu, estando don Juã Mascarenhas por capitan, e governador de la fortaleza.* Compuesta por Geronimo Corte Real, y dirigido al Rey D. Sebastian, primero de este nombre. Traducido en lengua Castellana, por —. dirigido a Don Carlos de Alava. Com privilegio. Impresso en Alcalá de Henares en casa de Juan Gracian, 1597, 8.º, 360 folhas.

181) PADILLA (THOMAS).

T. — *Historia de las cosas d'Etiopia de Francisco Alvares.* Anveres, 1557. Caragossa, 1561. Toledo, 1588.

[1] *Vida do padre Bartholomeu do Quental*, traduzida do italiano por Francisco Joseph Freire, pag. 54.

Digitized by Google

182) **PAGGI (CARLO ANTONIO).**—Filho do celebre pintor Genovez João Paggi [1] Dizem estava em Lisboa exercendo a profissão de medico.

T. — *Lusiada Italiana di — Nobile Genovese. Poema eroico del grande Luigi de Camoens Portoghese, Principe de Poeti delle Spagne. Alla Santitá di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbonna, con tutte le licence. Per Henrico Valente de Oliveira.* 1658, 1 vol. 12.º

Seconda Impressione emendata dagl'errori trascorsi nella prima, Lisbonna. Per Henrico Valente de Oliveira, 1659, 12.º

183) **PAPILLAUD (HENRI ALMÈS LUCIEN).**

T. — I. *Rapport sur la Statistique des hôpitaux de S. José, S. Lazaro et Desterro de Lisbonne. Traduit du Portugais du Dr. Alvarenga.* Lisbonne, 1869.

II. *Des thermomètres cliniques, leurs conditions, mode d'application et avantages relatifs; et des registres thermosphygmo-pnésmétriques. Traduit du même.* Bruxelles 1870.

III. *Anatomie Pathologique des perforations cardiaques.* (Du même). Paris. 1871.

IV. *De la Thermopathologie générale.* Lisbonne, 1871 (Du même).

V. *De l'histoire de la thermometrie clinique et de la thermopathogenie.* (Du même). Lisbonne, 1871.

184) **PATRICIO (PEDRO).**

Foi tambem um dos traductores dos *Tratados Quadragesimaes de Fr. Antonio Feyo* para hespanhol. Valencia, 1614.

185) **PAVILLON (S. G.)**

T. — *La Diane de Jorge de Montemayor.* Paris. 1603.

186) **PEGADO (GUILHERME J. A. D.)** — Docteures Sciences; Professeur et membre de l'Observatoire á la même Université.

T. — *Essai de Trigonometrie spherique, traité d'après un nouveau plan, par Joaquim Maria de Andraide, professeur de la Faculté de Mathématiques á de l'Université de Coimbre. Traduit du Portugais. Brest, de l'imprimerie de Rozais, par —.* 1833. 4.º, VIII, 32 pag. O traductor era portuguez.

187) **PELICANO (CONRADO).**

Traduziu para latim a obra escripta em hebraico, com o titulo de *Tzeror kammor* (fasciculus myrrhae), e composta pelo judeu Abrahão Sabbaa, natural de Lisboa. A versão latina foi impressa em Cracovia no anno 1599. [2]

188) **PERRODIL (VICTOR DE).**

T. — *Etudes Epiques et Dramatiques ou Traduction en vers des Chants les plus celèbres d'Homere, Virgile, Camoens (Lusiad. V en Portugais et Français) et Tasse.* Paris, 1836, 8.º

189) **PHAFF (B.)**

T. — *Récueil des decrets apostoliques et des ordonances du roi de Portugal concernant la conduite des jesuites dans le Paraguay; les moyens employés pour*

[1] Sr. Visconde de Jorumenha.— *Obras de Camões*, vol. I.

[2] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Lusitana*, tom. I. pag. 3.

Digitized by Google

en procurer la réforme; l'attentat du 3 séptembre 1758; les suites de l'attentat. etc. Amsterdam, 1760. [1]

190) PIGAFETTA (FILIPPE).

T. — *Relatione delle Reame di Congo e delle circonvicine contrade: tratta dalli scriti e ragionamenti di Odoardo Lopes.* Roma, 1591.

191) P. M.

T. — *Delivrance (la) et le restablissement du royaume de Portugal. Traduit du Latin de l'Illustrissime Archevesque de Lisbonne. A Rouen. De l'Imprimerie de Laurant Maurry.* 1643.

É dedicada a Messire Jean Louys de Faulcon, Seigneur de Ris de Charleval etc.

192) POIRET (ABBÉ ALFRED.) — Prêtre du diocese d'Amiens.

T. — I. *Sermons du R. Père Antoyne Vieyra, Jesuite Portugais.* E' impossivel hoje dar uma noticia exacta de todas as traducções das obras d'este eminente classico.

II. *Trésor d'Amour par le Rev. P. Manoel Bernardes. Paris Casterman editeur.* 1862.

III. *Trésor d'amour comprenant:* 1.° *Les motifs de l'amour divin;* 2.° *Les moyens de pratiquer cet amour;* 3.° *Des élévations sur les attributs du Sauveur; par le R. P. Manoel Bernardes traduit du Portugais par —.* Tournai, 1862. Casterman editeur. 12, 322 pag.

193) POTROWSKI (DIONYZII).

Fez em lingua polaca uma traducção dos *Lusiadas*, que se publicou ha dois ou tres annos.

194) PRANDOMONTANO (T). — Capuchinho.

T. — *Gentilis Angollae Fidei mysteriis instructus. Ex Lusitano idiomate Latine redditus. Romae* 1661.

É na lingua portugueza, bunda e latina. Foi esta obra composta em portuguez pelo P. Antonio do Couto.

195) PRZYBYLSKI (JACK).

T. — *Lusiada Polish.* Krakowie. 1790.

196) QUETIF (JACOB).

T. — *Cathecismus Domini Bartholomaei a Martyribus.* Romae, 1735.

197) QUILLINAN (EDWARD). — Nasceu no Porto em 1791, passou para a Inglaterra onde seguiu a vida militar, e ahi falleceu em 1851.

T.—*The Lusiad of Luis de Camoens. Books I to V. with notes by John Adamson. K. T. S. and K. C. of Portugal; Corresp. Memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon, F. L. S. F. R. G. S. etc. etc.* London, Edward Moxon, 1853, 8.° gr. 267 pag.

198) R.

T. — *Deutsch Lusiad. Primeiro canto dos Lusiadas.*

Com uma nova versão allemão. Hamburgo, 1808.

[1] Vem mencionada esta obra no *catalogo de livros* para vender de A. Chossonnery, Paris, 1877, pag. 100.

Digitized by Google

Contém este vol. 1.º Carta a José Gomes Monteiro sobre esta nova traducção dos *Lusiadas*. — 2.º Noticia das edições das *Obras de Camões*. — 3.º Traducção ingleza feita por Mickle do *soneto* de Tasso a Camões.

199) **RAGON** (F.) — Nasceu em 1795 em Avallon, (Junne) e é professor no Collegio Bourbon. [1]

T. — *Les Lusiades, Poeme de Camoens, traduit en vers partug.* 1.ª ed. Paris, 1842. 8.º — 2.ª edição *revue et corrigée*, Paris, 1850, 8.º gr., 307 pag. Chez Hachette.

200) **RAMUSIO'S (GIOVANI BATTISTA).**

T. — *Viaggio di Giovan Leone (Descrizione dell'Africa) e le Navigatione di Alvise da Cadamosto: di Pietro di Cintra; di Annone; di un Piloto Portoghese e di Vasco di Gama*, Venezia. 1837.

201) **RAYNOUARD.** — Secretario da Academia Franceza.

Publicou no *Journal des Sçavants* a traducção para francez d'algumas passagens das *Georgicas Portuguezas de Mouzinho de Albuquerque.*

202) **RIBES (D. JOSÉ MAYMÓ Y).** — Abogado del collegio de esta corte.

T. — *Deduccion cronologica y analytica, en que por la successiva serie de cada uno de los reinados de la monarquia portuguesa, desde el gobierno del Sr. Rey D. Juan III hasta el presente se manifestan los horrorosos estragos que hizo en Portugal y en todos sus dominios la compañia llamada de Jesus, por un plan y sistema que inalterablemente siguió desde que entró en este reino hasta su expulsion, en consecuencia de la justa y sabia ley de 3 de setiembre de 1795. Escrita por el Doctor José de Seabra de Silva, ministro de la casa de Suplication y procurador de la corona de S. M. para que sirva de instruccion y sea parte del reccurso que interpuso el mismo ministro, y está pendiente ante la real presencia de dicho señor sobre la indispensable necessidade que insta para la urgente reparacion de algunas de las mas atendibles ruinas, que perturban la autoridad real y oprimen la tranquilidad publica. Traducida del idioma portuguès pol el Dr. — ilustrada con notas muy curiosas y utiles.* Madrid. 1768. 3 tomos.

203) **RIOL (DR. D. BENITO ESTAMY Y).** — Presbitero dedicado a Jesus crucificado.

T. — *Tesoro de pacienciu, ó consuelo del alma atribulada en la meditacion de las penas del Salvador. Escrito en portuguez por el P. Teodoro de Almeida, de la Congregacion del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, traducido al castellano por —.* Gerona. 1826.

Idem, Paris, 1840. Idem, Madrid, 1845. Idem Idem, 1846.

204) **RAVARA (A. GALEANO).**

Traduziu para italiano o *episodio de D. Ignez de Castro*, e o incluiu no *Album-Italo-Portuguez*. Lisboa, 1853.

[1] Sr. Visconde de Jorumenha. — *Obras de Camões. I.* pag. 245.

Digitized by Google

205) **ROEDER (CARLOS).**

T. — *Gutachten über den Bahn einer Eisenbahn in der Provinz Ober-Beira.* (Caminho ferro da Beira Alta) *durch die Portugiesische General correspondenz auf portugiesisch, franzosisch. spanisch. englisch und deutsch in Lissabon, Oporto Madrid, Paris, Brussel, London, Wien, Frankfurt, und Amsterdam, veræffentlicht.* Lissabon, Nationaldruckerei, 1878.

206) **RODILLAS (FR. PEDRO).**

Traduziu para hespanhol o poema de Jeronymo Corte Real intitulado o *Segundo Cerco de Diu*, o qual foi impresso em Alcalá no anno de 1597, 8.° [1]

207) **ROSSO (FRANCISCO MARIA DEL).** — Da Companhia de Jesus.

T. — *Vita Joannis de Castro Indiarum Pro Regis IV olim ab Hyacintho Freire de Andrada Lusitano sermone descripta, nunc in Latinum conversa, interprete* —. Romae, ex Typographia Rochi Bernabo 1727, 4.°, 373 pag. Superiorum permissu.

Foi dedicada aos sapientissimos e eruditissimos Academicos da Academia Real de Lisboa.

Esta *vida de D. João de Castro* foi traduzida pelo padre Rosso, quando este se achava em Goa.

Existe um exemplar na Bibliotheca publica do Porto, com o retrato do grande vice-rei.

Ha outra edição com o seguinte titulo: *De rebus gestis Joannis de Castro Indiarum Pro-regis IV olim ab Hyacintho Freyre de Andrade. etc.* Romae, 1752. Esta edição é mais rara do que a anterior.

208) **R. R.**

T. — I. *Delivrance (la) et le rétablissement du royaume de Portugal, traduit du latin de l'illustrissime archêveque de Lisbonne par* —. Rouen 1648. 12.°

II. *Lusitania vindicata.* 18.°

209) **ROYER (P. DU).**

T. — *Les Psaumes de D. Antoine Roy de Portugal où le pecheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu.* A Paris, Chez A de Sommavile. 1657, 12.°, 124 pag.

210) **RUSCALLA (CAV. GIOVENALE VEGEZZI)**

T. — I. *Notizie intorno agli scritti di Manoel Maria Barbosa du Bocage poeta portoghese.* Asti, 1860. Typografia de'fratelli Paglieri. 8.° 46 pag. [2]

II. *Marilia de Dirceo. Lire di Tommaso Antonio Gonzaga. Brasilianta, tradotte dal portoghese.* Torino, Stamperia Bociale dagli Artisti, 8.°, 238 pag. Esta tradução é offerecida á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

[1] *Diccionario Bibliographico.* vol III. pag 62.

[2] «O livrinho de Vegezzi-Ruscalla é um bello esboço critico de Bocage, reproduzindo com verdade as feições mais caracteristicas do seu grande talento. Denuncia que o estudou, que o comprehendeu, e que ficou habilitado a poder levantar uma estatua do esboço no dia em que tal emprehendesse.»

Sr. Ernesto Biester. — *Revista Contemporanea*, vol. II. pag. 581.

Digitized by Google.

«Ao passar poesias da nossa formosa lingua portugueza para a sua formosa lingua italiana [1], fazel-o com tanto amor, esmero e mestria, que, sendo fiel a traducção, ficou parecendo liberrimo e graciosissimo original, antolhou-se ainda pouco ao sr. Vegezzi Ruscala para nos testemunhar todo o benevolo interesse, que nos consagrava. Dedicou o livro á Academia Real das Sciencias de Lisboa, e lhe ajuntou um prologo, que nós vamos dar em linguagem para regalo dos que ainda se presam de ser portuguezes, e confusão dos zotes, que se envergonham d'esta boa terra, só ruim em os ter creado a elles, e d'esta lingua, por nenhuma outra excedida, em que foram acalentados no berço, e com que folgaram a sua infancia. Oiçamol o: é um filho da Italia quem vae fallar!

«Assim como a litteratura hespanhola não alardea só Cervantes, Lope, Calderon e Ercilla; assim a portugueza se não gloria unicamente com aquelle grande epico de Camões; e todavia a exceptuarmos este, já quatro vezes, que eu saiba, traduzido em nosso idioma, até os nomes dos maiores luzeiros do Parnaso Lusitano, como bem adverte Biondelli, são desconhecidos á maior parte dos italianos.»

«Por me parecer que hoje em dia, quando as diversas nações, que formam o grupo slavo, e as diversas germanicas, se unem entre si, e se propoem fazer commum o seu patrimonio, outro tanto devem fazer os outros povos, de que se compõe a grande familia latina, determinei com os meus apoucados conhecimentos concorrer para este empenho, fazendo conhecer aos meus patricios os poetas de um povo nosso irmão: de um povo, que na historia grangeou alta nomeada pelo seu hardimento maravilhoso; que tambem contribuiu para redimir a Europa do jugo mahometano: que descobriu tantas terras e tantos mares; e que dilatou o estandarte da Cruz pela Asia, pela Africa e pela America; de um povo, finalmente, cuja gloria, a despeito das politicas variedades, por onde veiu a perder a herança das conquistas compradas com o seu sangue, tem de durar emquanto durar o mundo. Movido d'estas considerações, e tambem d'aquella sentença de madame de Stael, a saber, que se não póde ás letras fazer beneficio maior do que transportar de uma para outra lingua, as obras primas do talento, já na *Antologia estrangeira* publicada em Turim por Pomba, no volume de março de 1830, estampei uma longa memoria ácerca dos escriptos de Barbosa do Bocage, auctor dos mais populares em Portugal. Hoje dou á luz a traducção completa das obras de um poeta caro aos portuguezes de um e de outro hemispherio; e o qual já tinha logrado a honra de ser vertido em francez, inglez e allemão.»

«Algo direi da traducção presente. Não sou eu poeta, nem escriptor primoroso: para ser poeta falleceu-me o engenho; para me fazer primoroso escriptor, faltaram-me os meios. Com estas duas minguas, como não seria para mim trabalho de costa acima trasladar para italiano, *em egual quantia de versos das mesmas medidas, e com as mesmas voltas de consoantes*, poesias escriptas n'uma lingua, que, dado seja irmã da nossa, me oppunha duas difficuldades

[1] *Revista Universal Lisbonense*, de 1845, pag. 580.

Digitized by Google

especiaes. O portuguez em muitas palavras de etymologia latina supprime varias consoantes, e ás vezes até syllabas, e por isso agorentando os vocabulos logra metter maior numero d'elles em cada metro, e por tanto facilita que em egual numero de syllabas se accomodem mais idéas do que em italiano. Em segundo logar conforme notaram Bouterweck, Sismondi, Schlegel, Denis e Hallam, a poesia portugueza propende de si para o genero pastoril, d'onde provém serem lá nobres e elegantes alguns termos, que entre nós são triviaes e rusticos: pelos quaes já Horacio tinha dito:

Difficile est proprie communia dicere;

e esta difficuldade, confesso eu, que nem sempre tive a fortuna de a vencer. Ora a isto ainda se ha de accrescentar que as linguas, por mais similhantes, por mais travadas que uma com a outra sejam, teem sempre locuções e vocabulos peculiares, que exprimem conceitos, idéas complexas ou graduações de idéas, que não ha traduzir para as linguas irmãs: *verbi gratia*, o francez *Flêtrir*, o hespanhol *Zaguero*, o portuguez *Saudade*, o valacco *Mitescu*, que as dê cá alguem em italiano sem ser por circumloquios, com que sempre se apouca a formosura, e efficacia ou a energia do texto original.»

«Estas advertencias me pareceu bem propôr já para que os leitores houvessem de ter alguma indulgencia no sentenciarem este meu humilde lavor.»

«Por desejo de ganhar fama não é que eu saco á luz a traducção das lyras de Gonzaga; já restejo pelo nono lustro, tardio e louco fôra o empenho. Tão pouco é para alardear que intendo o portuguez, porque essa donosa lingua qualquer italiano a aprende sem nenhum custo. Obrigou-me, repito, o desejo de concorrer para apertarmos relações litterarias com um membro d'aquella familia latina, á qual nós outros tambem pertencemos, e que é vergonha não conhecermos; obrigou-me o amor, que tenho a uma litteratura, que no genero pastoril e bucolico leva a palma a todas as mais da Europa. Forçou-me a ancia de render, quanto em mim cabe, homenagem a uma nação, que bem merece que o agradecimento universal a compense do seu antigo poderio tão desfalcado agora. Em summa, emprehendi esta publicação para que entre nós se honrasse um engenho, cuja memoria no Brazil e em Portugal está sobrevivendo á sua desventura, ao passo que o esquecimento cobre os sepulchros dos seus perseguidores.»

III. *Fra Luigi di Sousa.* Drama de G. B. Almeida Garrett. Torino, Typographia Speirani e Tortone, 1852, 8.°

211) **SAAVEDRA (D. FERNANDO DE BALLESTEROS Y).**

Traduziu para hespanhol *a Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Dá-nos esta noticia Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, *Memoria sobre o theatro portuguez*, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 5.°

E Innocencio no vol. 4.° do seu *Diccionario* diz-nos que fôra impressa em Madrid no anno de 1735, mas que existia uma edição anterior a esta.

212) **SACY (ISAAC LE MAITRE DE).**

T.—*Vie de D. Berthelemy des Martyres, traduite de l'espagnol et du portuguais, et abregée par Ant. Caittot.* Paris, 1825, Ibid. 1834.

Digitized by Google

213) **SALDE (JUAN DE LA).**

T.—*Cronica del valoroso Principe invencibre Capitan Jorze Castrioto Scandembergo escrita en Latin por Marino Barleio y en Portugues por Francisco de Andrade*, Sevilha, 1582, fol., 191 folhas.

214) **SAMPAIO (CHRISTOVAL FERREYRA Y).**

T.—*Trabajos de Jesus, que compuso el venerable Padre Fray Tome de Jesus, de la Orden de los Eremitas de San Agustin de la Provincia de Portugal, estando cautivo en Berberia. Traduzidos de la lengua Portuguesa por—. Vá añadido en esta Impression otro Tratado del mismo Autor, intitulado, Oratorio Sacro, y otras devociones de Nuestra Señora, e puestos à la margen los lugares da la Escritura, y Santos, y cosas mas notables, con Tablas muy copiosas para los Evangelios que se predicam. I aora nuevamente van añadidos los Trabajos de la Virgen, compuestos por Antonio de Mijangos Bravo de Sobremonte, residente en la Ciudad de Burgos.* Con licencia. Tomo 1.°, Barcelona. Por Pablo Campins. 8.° gr. 402 pag. 1738. Não ha 2.° vol. na Bibliotheca Publica de Lisboa, onde vi esta edição, bem como a seguinte: *Trabajos de Jesus...., dirigidos ao illustrissimo y reverendissimo Señor Don Fray Juan de Peralta Arçobispo de Zaragoça etc.* 1624, Zaragoça, por Juan de Lanaja y Quartanet, 4.° gr. 678.

215) **SANCHES (LUIS).**

Traduziu em hespanhol a obra do nosso P. Antonio de Andrade, intitulada *O descobrimento do Grão Cathayo ou dos reinos de Thibet.* Madrid, 1626.[1]

216) **SANDOVAL (EL P. ALONSO DE).**—Natural de Toledo, ambos de la misma Compañia.

T.—*Historia de la vida del P. Francisco Xavier y de lo que en la India Oriental hizieron los demas religiosos de la Compañia de Jesus. Compuesta en lengua portuguesa por el Padre Juan de Lucena natural de la villa de Trancoso.* Con privilegio, impresso en Sevilla por Francisco de Lyra, año 1619, 4.°, 857 pag.

Traz no principio uma biographia de João de Lucena. B. P. Lisboa. Parece existir uma outra edição impressa em Sevilha no anno de 1698.

217) **SANJUAN (D. MANUEL ARANDA).**

T.—*Los Lusiadas de Camoens segun la ultima edicion correcta publicada por el Dr. Caetano Lopes de Moura. Traduccion de —.* Barcelona, empresa editorial da Ilustracion. 1874. 8.° gr. 291 pag. No fim: Biographia de Luis de Camões por Fernando Denis. 61 pag.

218) **SANTINELLI (BARTHOLAMEO).**

Traduziu varios sermões do P. Vieyra em italiano, e sahiram impressos, Roma, apresso Michaele Hercules, 1663.[2]

219) **SANTIVAÑEZ (D. ALONSO ANTONIO RODRIGUEZ).**

T. — *Historia de lo futuro, libro ante primero prolegomeno a toda la historia de lo futuro, en que se declara el fin y se prueban los fundamientos della. Materia, verdad y utilidades de la historia de lo futuro. Escrita por el P. Antonio*

[1] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Lusitana*, vol. 1.°, pag. 203.

[2] Idem, idem, pag. 423.

Digitized by Google

Vieyra, de la Compañia de Jesus, predicador de S. M. Luzitana, traducida en lingua castelhana por —. Madrid, 1838, 369 pag.

220) SANÉ (A. M.)

T. — *Poesie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manuel, traduites en Français, avec le texte en regard. Precedées d'une notice sur l'Auteur, et d'une Introduction sur la litteratare Portugaise; avec des notes historiques, géographiques et litteraires.* Paris. Chez Cérieux jeune 1808, 8.° gr., 344 pag.

As Odes traduzidas são as seguintes: 1.° Ao Estro. — 2.° Neptuno aos Portuguezes. — 3.° Á Noite. — 4.° Em louvor de D. Antonio Araujo, Ministro dos negocios estrangeiros em Portugal. — 5.° Ao vate lyrico Domingos Maximiano Torres. — 6.° Á Poesia. — 7.° Aos Cavalleiros de Christo. — 8.° Á Virtude. — 9.° Contra a effeminação. — 10.° O sabio luctando contra os infortunios. — 11.° A Venus. — 12.° Ao dia dos annos de Anarda. — 13.° Marcia voltando, inopinada. — 14.° A dourada mediania. — 15.° Ao Senhor Agostinho Reutier, que emprehendia a traducção de Camões. — 16.° Os versos, não os bronzes eternisam os heroes. — 17.° O verdadeiro caracter de virtude. — 18.° A independencia dos Estados Unidos. — 19.° Os novos Gamas. — 20.° A gloria de Albuquerque. — 21. Á feliz inauguração da estatua equestre do Fidelissimo Rey de Portugal D. José I no dia 6 de junho de 1775.—22.° A uma joven bella.— 23.° A Calliope. — 24.° Aos tiros d'el-Rei D. José Primeiro. — 25.° Aos poetas Lusitanos. — 26.° A Esperança. — 27. A Amizade. — 28.° Á memoria dos meus amigos. — 29.° A Horacio. — 30.° Contra os Britannos que renovaram a guerra no anno 1803. — 31.° Consolação a uma illustre familia. — 32.° A Constancia do varão forte. — 33.° O vate desterrado. Esta obra é dedicada ao conde Regnault de S. Jean d'Angely.

Este traductor diz do nosso Filinto Elysio: Este poeta é um dos melhores do seculo XVIII. A natureza tinha-o ricamente dotado. A musica fel-o poeta. Suas odes o collocaram no primeiro logar entre os lyricos de seu paiz, e hão-de viver tanto, quanto a lingua portugueza. E Filinto Elysio diz do traductor: Sujeito de apurados estudos, conhecimento das linguas grega e latina, italiana, ingleza, hespanhola, e lusitana, que aprendeu comigo, e de que tem composto um Diccionario Portuguez e Francez, que está para dar á luz. Mas sobre tudo sujeito de honrados costumes.» *Obras de Filinto* (ed. de Paris) tom. I, pag. 109.

221) SCHEUS (HERMANO).

T. — *Relazione della grande monarchia della Cina*, Roma, 1643. É a traducção da celebre obra intitulada *Imperio da China*, composta por Alvaro de Semmedo.

222) SCHLUTER (C-UND W. STORK).

T. — *Rimas de Camões. Sämmtliche Idyllen.* Münster, 1869.

223) SECKENDORF (BARÃO DE).

Traduziu para allemão o primeiro canto dos *Luziadas* e foi publicado no 2.° vol. do *Magazin der Spanichen und portugiesischen Litteratur*. Weimar, 1782.

224) SEIXO (BR. D. VICENTE DEL). — Socio de numero de la real sociedad de Madrid.

Digitized by Google

T. — *Memorias historicas del ministerio del pulpito. Su autor el Ex.mo J. M. R. P. Fr. Manuel do Cenaculo, obispo de Beja. — Dalas á luz D. Tomás Albán.* Madrid, 1804, 2 vol. 4.º [1]

225) **SELVES (MIGUEL DE).**

T. — *Historia de las cosas de Etiopia, del Estado y potencia del Preste Juan, Emperador della, de la religion y cerimonias de aquella gente, segun que fue testigo Francisco Alvarez, Capellan del Rey don Manuel de Portugal.* Toledo, 1588, Amberes, 1557.

II. *Historia de la conquista de la India por los Portugueses, compuesta por Hernan Lopez de Castanheda y tradusida en romance castelhano por —.* Anvers, 1554.

226) **SENARIM (ABDEL-KASEM).** — Mahometano de Lahor nas Indias.

Traduziu para lingua persa a *Historia da Vida de Jesus Christo*, e a *Vida e Martyrio do Apostolo S. Pedro*, obras compostas em portuguez por Jeronymo Xavier.

Luis de Dieu, celebre professor de linguas orientaes na Universidade de Leyde mandou imprimir estas traducções persas, acompanhando-as d'uma versão latina e de notas. [2]

227) **SENTINELLI (BARTOLOMEO).**

T. — *Prediche del R. P. Antonio Vieyra dalla lingua Portoeghese tradotte nell'Italiano.* Roma, 1683.

228) **SHARPE (DANIEL).**

T. — *On the carbonifererous and silurian formation of the neighbourhood of Bussaco. By senhor Carlos Ribeiro.* London, 1853.

229) **SIMPSON (J. FRANCIS).**

T. — *Autobiography (the) of the emperor Charles V, recently discovered in the portuguese language by Baron Keroyn de Lettenhove. The english translation by —.* London, 1862.

230) **SMITH (BUCKIGHAM).**

T. — *Narratives of the career of Hernando de Soto in the conquest of Florida as told by a Knight of Elvas and in a relation by Luys Fernandez de Biedma factor of the expedition. Translated by.* New York, 1866, 324 pag. estampas, edição de luxo. B. P. L.

Smith assevera-nos que esta obra fôra vertida em dinamarquez no anno de 1706, e que ha d'ella duas edições inglezas, impressas em Londres, uma em 1609 e outra em 1686; e que tambem fôra vertida para francez.

231) **SOLTAU (DIETRICH WILHELM).**

T. — *Geschichte der Eutdeckungen und Eroberungen der Portugiesen im Orient vom jahr 1415 bis 1539 nach Anleitung der Asia der João de Barros. Von*

[1] Hidalgo.— *Diccionario General de Bibliographia Española*, tom 4 pag. 152.

[2] V. Croze, *Histoire du Christianisme des Indes*, tom. II. pag. 78. Croze diz muito mal das tendencias religiosas d'esta obra, assim como de tudo quanto é portuguez. É tambem um rancoroso inimigo do Papado.

Digitized by Google

Dietrich Wilhelm. Funfter Theil. Braunschweig bey Friederich Vieweg, 1821. — (Historia das descobertas e conquistas dos portuguezes no Oriente desde 1415 até 1539 conforme as decadas da Asia por João de Barros. — De Dietrich Soltau. Em cinco vòlumes. Primeiro volume. Braunschweig por Fredrico Viewg, 1821, 5 vol.

«João de Barros, o maior dos escriptores portuguezes do seu tempo, não precisa certamente, assim como pelo seu estylo como pela claresa e ordem do seu discurso, nenhum elogiador.»

232) SOUTHEY (ROBERT).

T. — *Palmeirin of England, translated from the Portuguese.* London, 1807, 4 vol,

233) SPINEDA (LUCIO).

T. — *Palmeirim d'Ingliterra.* Venezia, 1584.

234) SPINOLA (D. JUAN DE).

T. — *La libertad de la Ley de Dios en el Imperio de la China por P. Joseph Soares y traducida de Portuguez en Castillano por* —. Valencia, 1696. 8.°

235) STANLEY (HENRY C. J).

T. — I. *The three voyages of Vasco da Gama, and his vice royalty, from the Lendas da India of Gaspar Correa. Accompanied by original documents Translated from the Portuguese with notes and an introduction.* London, 1869.

II. *A description of the coast af East Africa and Malabar in the beginning of the XVI century, by Duarte Barbosa, a Portuguese. Translated from an early spanish manuscript in the Barcelona library, With notes and ad preface by* —. London, 1866.

«As noções, que se encontram n'esta obra são tão importantes, como cheias d'interesse. A marcha da narração é inteiramente parallela á dos Lusiadas, de forma que alli se póde ver a base historica da obra de Camões.» [1]

236) STEELSIO (JUAN)

T. — *Alvarez Franc. Historia de las cosas de Ethiopia, traducida del Portugues por* —. Anvers, 1557, 8.° Saragoça, en casa de Agostin Millan, 1561, fol. traduzida por Miguel de Silves, Toledo em casa de Pedro Rodrigues 1588. De cada uma das edições ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

237) STEVENS (CAPT. JOHN).

T. — I. *The history of Portugal from the first ages of the World, to the late great revolutions, under King John IV in the year MDCX.* 4.° *Written in Spanish by Emanuel de Faria y Sousa, Knight, of the order of Christ. Translated, and continued down to this present year* 1698 *by* —. London, Printed for W. Rogers C. 8.° gr., 572 pag.

E' offerecida esta obra a Richard Minshull of Bourton, no condado de Bucks. Existe um exemplar d'esta traducção na Bibliotheca publica de Lisboa.

II. *Portuguese Asia translated from M. de Faria y Sousa by* —. London, 1695. 3 vol. 8.°

[1] Vivien de St. Martin.— *Année Geographique de* 1867, pag. 555.

Digitized by Google

238) **STORK (WILHELM).** — Professor de Litteraturas Romanicas na Universidade de Munster, e eminente traductor das lyricas de Camões.

T. — I. *Saumultiche Idyllen Luis de Camõ:s, zum eisten Male überseght von Schulten und Stak.* 1870. Munster, 1 vol.

II. *Rimas de Camoens.* — *Sämmtliche Canzonen Deutsch, von* —. Paderborn, 1874.

III. *Luis de Camoens (Sonetto I. XXVII). Proh einen Verdenstlungen...* Munster, 1877. Opusculo sem numeração.

IV. *Glosas und voltas des Luis de Camoens.* Klausenburg, 1877, 8.°, 14 pag.

Aproveito a occasião para agradecer ao Exmo Sr. Theophilo Braga um exemplar das Glosas com que se dignou brindar-me.

239) **STRANGFORD (LORD VISCOUNT).** — Nasceu em 1780 na Irlanda; foi secretario da legação britanica em Portugal, e depois acompanhou D. João VI ao Brasil.

T. — *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes, etc. etc. by. The fourth edition.* London. Printed for J. Carpenter, Old Bond Street. 8.°, 160 pag., 1805. 1.ª edição, London 1803, 2.ª London 1804, 3.ª London 1804, 5.ª London 1808 (158 pag. 8.°) 6.ª London 1810 London, 1824, 91 pag. Esta obra é dedicada a Denham Jephson.

«O genio de Camões quasi que foi universal. Como o grande pae da poesia Ingleza, difficilmente se encontra algum genero de poesia desde epigramma até o epico, em que não escrevesse, e no qual não fosse bem succedido. O caracteristico geral de suas producções menores è a simplicidade graciosa e encantadora da Musa grega. Porem não devemos privar Camões do condão da originalidade. A este caracter tem elle, talvez, uma pretensão mais junta do que qualquer dos modernos, exceptuando somente Dante. Foi o primeiro que elegantemente escreveu na sua lingua patria. Atè certo ponto foi o creador do seu idioma.»

Compõe-se esta collecção da versão de 46 differentes poemas como canções madrigaes, sonetos, e de algumas estancias do livro VI dos Lusiadas, isto precedido d'uma biographia do nosso póeta em 32 notás e terminando o volume com diversas annotações,

240) **SZEMBECK (FREDERIC).** (outros dizem **SZIMBEK**).

Traduziu para polaco a obra do nosso P. Antonio d'Andrade, intitulada *Novo descobrimento do Grão Cathayo ou dos reinos de Thibet.* Cracovia, 1628.[1]

241) **TAPIA (LUIZ GOMES).**

T. — *La Lusiada de el famoso poeta Luys de Camões tradusida en verso Castellano de Portugues por el maestro — vesino de Sevilla. Derigida al illustrissimo Señor Ascanio Calona, Abbad de Santha Sophia.* Con privilegio. En Salamanca en casa de Jean Perier impressor de libros. Año 1580.

242) **TEMPORAL.**

T. — *Histoire de l'Ethiopie de Alvarez.* Paris 1830. Vem no 3.° tomo da obra «*De l'Afrique de Leon l'Africain.*

[1] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitana.* vol. I. pag 121.

Digitized by Google

243) **TERNOUX (HENRI).**

T. — *Histoire de la Province de Santa Cruz par Pero de Magalhães Gondavo.* Paris, 1837.

244) **THEREZA** (Fr. **JOÃO DE SANTA.**) — Theologo d'Elrei de Inglaterra.

Traduziu para italiano as *Meditações da Paixão* por Bartholomeu do Quental. Foram impressas em Roma, na officina de Rosati e Borgiani, no anno de 1733.

O censor d'esta obra, o theologo Francisco Maria Ganassoni, tece a este livro os maiores elogios. [1]

245) **THESES (DE 1765) SOUTENUES Á LISBONNE** *par Ant. Pereira de Figueiredo de l'independence et de l'authorité du Roi sur le Clergé.*

246) **THEVENOT (MELCHISEDECH).**

T. — *Histoire générale de l'Ethiopie par le P. Balthesar Teles.* Paris. 1675.

247) **THIEURY (JULES).**

T. — *Lusitania vindicata. Oeuvre de D. Manoel da Cunha. Traduite en français, avec une preface, par —. Texte et traduction.* Dieppe, Chez Marais, Libraire, 1863

«Haviamos reunido um bem grande numero de documentos para escrevermos uma historia popular da maravilhosa revolução de Portugal, quando nos faltou a coragem á leitura do manifesto de D. Manuel da Cunha. Suggerio-nos immediatamente o pensamento a substituição da obra do author portuguez ao que a nossa limitada capacidade teria imperfeitamente traçado. Tão sublimado é o assumpto! Alem disto, na verdade, a obra de Vertot, um de nossos compatriotas [2], é tão universalmente conhecida, que seria uma temeridade para um francez, mormente para um normando, narrár depois delle esta celebre conjuração. Nossa sympathia em prol de Portugal e nosso constante desejo de propagar, até entre o povo, sua gloriosa historia teem ficado muitissimo satisfeitos por poderem fazer conhecer ao mesmo tempo um de seus triumphos mais brilhantes, e uma obra portugueza. Desejamos que a nossa traducção não haja cerceado em nada o merecimento della, e a este respeito pedimos toda a indulgencia do publico a favor de nossas intenções»

Thieury declara-nos que as traducções desta obra não numerosas.

248) **THOMPSON (BENJAMIN).**

T. — *Inez de Castro a Tragedy in three acts written by Don Domingo Quita. Translated by —.* London. 1800. Vi tambem citada uma edição de Londres, 1812.

249) **TORRE (LUIZ ALVAREZ DE LA).** — Natural de la Villa de Valderas.

T. — *La Asia de Joan de Barros: de los hechos que los portugueses hicieron*

[1] *Vida do Veneravel padre Bartholomeu do Quental*, traduzida do italiano por Francisco Joseph Freire, pag. 53.

[2] Publicada pela primeira vez em Paris, no anno de 1689, conta já umas quarenta edições.

Digitized by Google

en el descubrimiento y conquista de los mares y tierras del Oriente; impresa en lengua portuguesa en Lisboa por German Gallarde en 28 de Julio de 1582; y agora nuevamente traducida en nuestra lengua castellana por —.

250) TRESSAN (COMTE DE —)

T. — *Traduction libre de l'Amadis de Gaule.* Amsterdam, 1780, 2 vol. 12.°

251) TRIGANT (NICOLAS).

T. — *De Christiana expeditione, Opus Benti de Goes.* Romae, 1617.

252) TROYES (E. T. SIMON DE).

T. — *Napoleão o Grande, imperador dos Francezes, Rei d'Italia. Ode pindarica por Luiz Rafael Soyé, traduite en françois par —.* Paris, 1808.

253) TYLVIUS (MARCEIO EMM. TELLESIUS).

T. — *Liber de rebus gestis Joannis II Lusitaniae Regis.* Hagae, 1712, 4.°

254) ULLOA (ALONSO DE). — Litterato hespanhol, nascido em Castella, e fallecido no anno de 1580 em Veneza. Como sabia perfeitamente o italiano, escolheu obras hespanholas e portuguezas, as mais bellas e uteis, para as traduzir n'aquella lingua. [1]

T. — I. *L'Asia del S. Giovanni di Barros, Gonsigliero del Christianissimo Re di Portogallo: de'fatti de'Portoghesi nello scoprimento etc. conquista de' Mari etc. Terre di Oriente. Nella quále altre le cose appartenenti alla militia, si ha piena cognitione di tutte le Cita, Monti etc. Fiume delle parte Orientali, con la descrittione de' paesi etc costumi di quei popoli. Nuovamente di lingua Portoghese tradotta dal S. —.* Con privilegio dell' illustrissimo Senato. Venetia, appresso Vincenzo Valgrisso, 1562. 4.° 200 folhas.

A versão é dedicada ao principe Guglielmo Gonzaga, III duque de Mantua e marquez de Monferrate. Este volume contém a 1.ª decada

O titulo da 2.ª pouco differe da primeira. — *Dell'Asia. La Seconda Deca del S. Giovanni di Barros etc. Nelle quale seguendo la materia della prima Deca, si trattanole le* (sic) *guerre fatte da' Portoghese co i Principi Orientali, etc. se descrivono le citta, Monti, etc Fiumi di quelle bande. Tradotta —.* 4.° 228 folhas. 1562.

Esta obra deve ser muito rara, attendendo ao grande numero de annos que por ella teem passado, e por isso não é para admirar que o unico exemplar por mim visto seja o existente na Bibliotheca Publica de Lisboa.

Esta 2.ª decada é offerecida ao muito magnifico e nobilissimo Senhor meu, o Senhor Duarte Gomez, gentilhomem Portuguez.

Começa a dedicatoria do seguinte modo: « Havendo eu acabado de traduzir» «magnifico e nobilissimo Senhor meu» a Asia do Sr. João de Barros, conselheiro do Christianissimo Rei de Portugal «obrá verdadeiramente grave e digna de ser vista» e devendo estampal-a, me pareceu publicar a 2.ª parte della debaixo do nome de V. Senhoria, como pessoa, que é membro daquella valorosissima e fortissima nação Portugueza, a qual militando por Christo. e por seu rei tem praticado aquelles tão grandes feitos nas regiões Orientaes, que nesta obra se conteem, adquirindo para si gloria eterna, submettendo ao

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle* vol. XLV, pag. 778.

Digitized by Google

imperio da Corôa Real de Portugal os estados e reinos que por meio do seu valor presentemente possue; oppondo-se com as armas «não sem derramamento do sangue Portuguez» aos Mouros infieis, e aos outros idolatras inimigos do nome de Jesus, empreza verdadeiramente sancta e gloriosa, e por isso a vossa nação, mais do que qualquer outra, é digna de eterno louvor, como suas maravilhosas acções mostram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente, que se veem aqui.»

II. *Historia dell' Indie Orientali, scoperte etc conquistate da' Portoghesi, di commissione dell' Invitissimo Re Don Manuello, di gloriosa memoria. Nella quale, oltre alle strane usanze, maniere, riti e costumi di quelle genti; si viene anco, in notitia di molte guerre fatte in quei paesi, etc. di molte Provincie, Isole, Citta, Castelli, Fiumi, Monti, Laghi, Mari, Minere di metalli, Perle, Gioie, Animali, droghe di speciere etc. di molte altre cose degne di meraviglia. Distinta in libri VII. Composti dal Sig. Fernando Lopes di Castagneda. Et nuovamente di lingua Portoghese in Italiana tradotti dal Signor' Alfonso Ulloa Parte Prima con le sue tavole copiessime.* Con privilegio. In Venetia. Appresso Giordano Ziletti. 1578, 4.°, 518 folhas.

(É dedicada ao carissimo e prestantissimo Senador o sr. Aluigi Giorgiomeo, senhor).

Tomo 2.° Idem. 1578, 365 folhas. Este volume contém os livros 4.°, 5.°, 6.°, e 7.°, da *Historia da India*. De cada um dos tomos ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

255) URRACA (D. J. F. SAENZ DE).

T. — *Un año en la Corte, novela por D. Juan de Andrade Corvo. Traducida del portugués por Poissy.* 1863. Imprenta de Bouret. 2 tom.

256) URBAN (G. D').

T. — *Routier des côtes de Portugal ou instructions nautiques pour servir à l'intelligence et à l'usage de la Carte qu'on a faite par Michel Franzini. Traduit du portugais par* —. 2ème edition, Paris. 1836.

257) VAZQUEZ (D. FRANCISCO GIRON. C. R.)

T. — I. *Sermones del Padre D. Theodoro de Almeyda, de la congregacion del oratorio de S. Felippe Neri de Lisboa, de la Academia real de las ciencias de la sociedade real de Londres y de la Viscaya. Traducidas al castelhano por el padre* —. Con privilegio. Madrid 1789. Imprenta Real. 3 tomos.

II. *El feliz independiente del mundo y de la fortuna, ó arte de vivir contente en todos los trabajos de la vida. Obra escrita en portugues por el P. Theodoro de Almeida, de la congregacion del Oratorio y de la Academia de las ciencias de Lisboa. Nueva traduccion variada en el estilo y en los versos pol el P. Con las notas del autor y adornada con 25 estampas.* Madrid, 1799. Imprenta de B. Cano. 4 tomos.

Ha outra edição de Madrid, estampada no anno 1806.

258) VEDIA (D. HENRIQUE).

Traduziu para hespanhol a *Marilia de Dirceu*, do nosso Gonzaga.[1]

[1] *Wolf. Le Brésil Litteraire.* pag. 70.

Digitized by Google

259) **VERJUS (P. ANTONIO).** — Jesuita.

T. — I. *Discours historique pour le jour de la Naissance de la Serenissime Reyne de Portugal où il est traité des grands évenements arrivés l'année dernière en ce Royaume là.* Paris, chez Sebastien Mabre Cramoysi. 1669. 4.°

Declara o traductor que este discurso saira vertido na lingua italiana, e se imprimira em Roma. Que tambem foi impresso em Saragoça por Diego Iturbi, 1668. 4.°

II. *Discours de rejouissance sur la Naissance de l'Infante de Portugal prononcé le jour meme de cette naissance devant toute la Cour de Portuyal assemblée dans la Chapelle Royale pour y chanter le Te Deum.* Pariz, chez Cramoysi. 1671. 4.°

260) **VIANA (D. JOSEF DE PALACIO Y).**

T. — *Apocalypsis del Apostol S. Juan, tradusido al Castellano segun la Vulgata, con las anotaciones historicas, dogmaticas y morales que trae en su version D. Antonio Pereira de Figueiredo, Diputado en Lisboa de la Real Mesa Censoria.* Madrid, 1789. 220 pag. Imprenta de J. Hernandes Pacheco.

261) **VIDART (LUIS).**

T. — *Versos* Madrid, 1872. in 16.° 112 pag.

Apresenta traducções de poesias de Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Simões Dias, Sousa Viterbo, João de Deus, Costa Godolphim, J. G. de Lima, Camillo Castello Branco, Bocage, Garrett, J. A. de Sousa Junior, Claudio de Chaby, Alberto Pimentel, e Julio de Castilho.

262) **VINCENT (JACQUES).**

T. — *L'histoire du Chevalier Palmeirim d'Angleterre etc. Traduit du Castillan en François.* Lyon 1553. Paris 1574.

263) **VINETO (ELIAS).**

T. — *Annotatio in extrema verba capitis de Climatibus Joannis de Sabroso. Vernaculo sermone scripsit Norius, id est Hispano Portugallico.*

264) **VITRAY (ANTONE).**

T. — *La Diane de Jorge de Montmayor.* Paris. 1623.

265) **VOSS (SCHILLER, A. W. SCHELEGEL, WOLF, GRIES, BOTH ETC).**

T. — *Chrestomathie polyglotte, ou extrait des poètes latins, grecs, italiens, espagnols, portugais, anglais et français, traduits en allemand par —. Publiés par Ms. Le Bas et Paris.* Paris. Regnier. 8.° 428 pag.

266) **XIMENES (AUGUSTIN MARIE).**

T. — *Lettres Portugaises en vers libres.* Paris 1759.

«As *Cartas de uma Religiosa portugueza*, seja qual fôr a sua origem historica, extremamente duvidosa e incerta, dão a conhecer a mão e alma d'uma mulher; e precedem gloriosamente essa escola de sentimento, que Bernardin de St Pierre, e J. Jacques Rousseau inauguraram no seculo XVIII, as quaes Gœthe realça com o seu inimitavel Werther, e a que Chateaubriand e Lamartine no nosso seculo devem a sua rapida e instantanea popularidade» Lopes de Mendonça, *Semana*, vol. II pag. 495.

Digitized by Google

267) WITURCH (ALEXANDES).

T. — *Ignez de Castro. Trauerspiel in funf Aufzugen von J. B. Gomes. Nach der siebenten Auflage der portugiesischen Urschrift ubersetzt von — Mit geschicht licher Einleitung und einer vergleichen den Kritik derschiedenen Ignez tragedien.* Leipzig. F. A. Brockhaus 1841, 8.°

268) WYCHE (P.)

T. — *Short relation of the river Nile, written by an eye wittness who lived many years in the chief kingdoms of the Abyssinian empire, translated out of a Portuguese manuscript.* London, 1669, 8.°

269) WYCHE (SR. PETER KT).

T. — *The life of Dom John de Castro the fourth Vice Roy of India, by Jacintho Freire de Andrade written in Portuguese. Translated into English by —.* London, Printed for Henry Herringman, 1664, fol. 272 pag.

O exemplar por mim consultado pertence á Bibliotheca Publica de Lisboa.

270) WINKLER (FRIED. AD. KUHN UND CARL THEODOR).

T. — *Deutsch Lusiada.* Leipzig. 1807.

271) WITTICH (Dr. ALEX).

T. — *Ignez de Castro. Frauerspiel von Jo: Bapt. Gomes übersetzt von —.* Leipzig, 1841.

272) WUCHERER (Dr. O.)

T.—*Grundzuge der Allgemeinen clinischen Thermometrie und der Thermacologie. Aus dem Portugiesischen ubersetzt von —.* (Dr. Alvarenga) Stuttgart. 1873. Uma das obras d'este auctor foi ha poucos mezes premiada na Belgica.

273) ZANOLE. — Foi addido á legação franceza na China em 1848-49.

Traduziu em 1847 para francez o romance de Garrett *Miragaya*. Vem no 1.° vol. do *Romanceiro* d'este nosso tão illustre poeta.

APONTAMENTOS FORNECIDOS PELO EX.mo SR. JOAQUIM DE VASCONCELLOS, DO PORTO

274) C. SCHLUTER UND WILHELM STORCK.

Sämmtliche Idyllen des Luis Camoens, Zum ersten Male deutsch von. ... Münster, Adolph Russell, 1869, 8.° [1]

T. Todos os Idylios de Luiz de Camões. Traduzidos em allemão pela primeira vez por C. S. e W. S. Münster (na Wesphalia).

WILHELM STORCK. — I. *Sämmtliche Canzonen des Luis de Camoens.* Zum ersten Male deutsch von... Paderborn. Ferdinand Schöningh. 1874, 8.° [2]

[1] De XXIII—253 pag. Vida de C. e critica dos *Idyllios* (I—XXIII); Texto p. 213; notas 215-252 e Indice 254 (inutilisada). Contem além dos XV *Idyllios* as *Elegias* VI e VII.

[2] De XXII-156 pag. Sendo I-XXIII Introd; 1-84 texto 84-156. Notas. Dedicado ao celebre Friedrich Diez.

Digitized by Google

(Todas as Canções de Luiz de Camões traduzidas em allemão pela primeira vez por W. S· Paderborn, na Wesphalia).

II. — Luiz de Camoens. *Sonnette* I — XXVII, Probe einer Verdeutschung von Wilhelm Storck. Münster. E. E. Brunus, 877, 8.°

Os Sonetos I — XXVII de Luiz de Camões. Amostra de uma versão allemã. por W. S. Sem notas, nem introducções com um Soneto (Dedicatoria) ao Frof. C. B. Schlüter. Sem numeração de paginas; não foi posta á venda.

III. — *Glosas und Voltas de Luis de Cumoens.* Klausenburg, 1877. Joh. Stein, 8.°, 14 pag. Tiragem á parte da revista: Ossezehasouhtó Trodalomtöténelmi Lapok vol. II, IV, XX, 1877. Não foi posta á venda, Tiragem de 100 exemplares.

Ha ainda a traducção dos Sonetos (284) por Louis von Arentschildt citada por Jorumenha I—295.

* * *

A traducção allemã dos *Lusiadas* de J. J. C. Donner, está na 3.ª ed. Leipzig, 1869. 8.° editor Fues (aliás R. Reisland,) Ignoro a data da 2.ª ed. (I—294.) A 1.ª é de Stutgart, 1833, 8.°

Collecções de poesias em que entram outros portuguezes:

Romanzero der Spanier und Portugiesen von Emmanuel Geibel und Adolf Friedrich von Schack. Stuttgart, 1860. 8.° Cotta.

Romanceiro (popular) dos hespanhoes e portuguezes de E. G. e A. F. de S.

Portugiesische Volkslieder und Romanzen. Portugiesiseh und deutsch mit Asmerkungem heraumgegeben von V. Christ. Fr. Bellermann. Nachgelassenes Manuscript des Herausgebers. Leipzig. 1864. 8.° W. Engelmann.

Canções populares e Romances. Publicados em portuguez e allemão e annotados pelo dr. C. B. Manuscripto posthumo do colleccionador.

Amostras de romances populares portuguezes. Com uma introdução historico-litteraria sobre a poesia popular em Portugal e na Catalunha, por F. W.

Blüthen Portugiesischer Poesie. Metrisch üertragen von Friedrich Withelm Hoffmann. Magdeburg, 1863, 16.° E. Balnsc. VIII—224 pag.

Flores da poesia portugueza. Traducção metrica de F. W. H. Os autores traduzidos foram:

D. Pedro I. o crú. — Affonso Valente. — Fernan da Sylveira. — Francisco de Sá de Miranda. — Antonio Ferreira. — Pero de Andrade Caminha. — Luiz de Camões. — Francisco Rodrigues Lobo. — Antonio Barbosa Bacellar. —Antonio Diniz da Cruz e Silva. — Francisco Manoel do Nascimento.

(THEATRO PORTUGUEZ).

Theater der Spanier und Portugiesen. Weimar. 1782 1.° vol (unico) publicado por Bertuch.

Contém um traducção (extracto) da *Ignez de Castro de J. B. Gomes* e a comedia *Bristo* de Antonio Ferreira, ambas traducções de H. v. Z. (von Zanthier).

Spanisches Theater. Herausgegeben von Moritz Rapp. Hildburghausen. 1868, 8.°

Digitized by Google

Theatro hespanhol. Publicado por etc. editado pelo Instituto Bibliographico de H. Fórma o volume 67 e 68 da «Bibliotheca dos classicos estrangeiros.»

De pag. 23 a 163, contém as seguintes peças de Gil Vicente: — Farça dos almocreves. — Farça do clerigo da Beira (fragmento). — Farça chamada Auto da Lusitania. — Farça de Quem tem farelos. — Farça de Ignez Pereira — Farça chamada Auto da India. — Auto de S. Martinho. — Dialogo sobre a Resurreição. — Tragicomedia de Dom Duardos. [1]

MEINHARD.

Prologo do 1.º vol. da 2.ª ed. dos seus *Versuch über den Character und die Werk der besten italienischen Dichter.* Braunschweig, 1774 [2] (em prosa).

CREIHERR VON SFIKENDORFF.

Magazin der spanischen und portugiesischen Litteratur. Weimar, 1780. [3] (em verso).

SCLHEGEL (AUG. WIL. VON).

Blumentiassen italinscer, spanischer und portugiesischer Poesie. Berlin, 1804. [4] (em verso).

Spanische und portugiesische Miscellen. [5] Leipzig, 1806, 8.º, Weige, 2 fasciculos.

Notarei que as collecções de poesias hespanholas dos Sr.ª Em. Geibel e P. Hvyse (Spanisches Liederburch. Berlim 1852 2.ª ed.) e Fr. W. Hoffmann [6] (Blüthen spanischer Poesie. Leipzig. s. d. 3.ª ed.; a 1.ª em 1841, 2.ª em 1844) contém obras de outros autores portuguezes que escreveram em hespanhol, por exemplo:—Na 1.ª Camões. — Gil Vicente. — Gregorio Silvestre. — Sá de Miranda. — Na 2.ª Jorge de Montemayor (só).

[1] O autor já havia publicado em 1846 no *Historisches Taschenbuch* de Prutz um excellente estudo sobre 12 peças de Gil Vicente: *Die Farcen des Gil Vicente.* pag. 335 e 336 da dita obra.

[2] Tinha apparecido antes em outra parte. V. Jur. I-292.

[3] Juromenha diz porém. 1782.

[4] E' talvez a citação imperfeita e incompleta de Jur. (I 224) que não cita a obra.

[5] De pag. 116-119 vem um fragmento do Canto 10 estancia 60 70. assignada. W. K. com a nota: A continuação talvez para «o futuro.»

[6] E o mesmo que publicou a collecção de poesias portuguezas, traduzidas, atraz citada.

Digitized by Google

SECÇÃO SEGUNDA

TRADUCÇÕES ANONYMAS

275) ABTRUCK AINS LATEINISCHEN *Sandbriefes an Babstliche, Heyligkeit von künigkliker Wurde zu Portugall von d'eroberte Stadt Malacha etc.* Augsburg. 1513.

(Carta do Rei de Portugal, a S. Santidade sobre a tomada de Malaca).

Vem mencionada esta traducção na Bibliotheque Asiatique et Africaine de Ternaux Compans.

276) ACCOUNT OF MADEIRA BY PITTA.

277) ACEBEDO (D. MANOEL).

T. — *Vida de San Antonio de Padua, escrita en italiano por el abate, portugués, — traducida al castellano por un devoto del Santo y corregida en esta segunda edicion.* Madrid. 1863, 446 pag. Ha uma edição mais antiga de Madrid, 1790. 4.°

278) ACOSTAE (EM).

T. — *Lusitani historia rerum a Societate Jesu in Oriente Gestarum, ad annum usq: a Deipara Virgine* 1568, *recognita, et latinitate donata. Accessere de Japonicis rebus epistolarum libri IIII, item recogniti, et in latinum ex hispanico sermone conversi. Et recentium de rebus indicis epistolarum liber, usque ad annum* 1570. Parisis, 1572.

279) ALCAFORADO (F.)

T. — I. *Relation historique de la découverte de l'ile de Madère, traduit du Portugais.* Paris, 1671. Ha uma edição moderna.

II. *The first descovery of the Island of Madeira,* London, 1675. fol.

280) ALMADA (FRANCISCO DE).

T. — *Gesta proxime per Portugalenses in India, Aethiopia, et alus orientalibus terris ab Emanuel Portugaliae rege ad Episcopum Portuensem cardinalem Portugaliae missa.* Norembergae, 1507.

281) ALMEIDA GARRET (J. B. DE).

T. — Fr. Luiz de Sousa. *Aus dem Portugiesischen in's Deutsche bertragen von* —. Franckfurt a M. 1847.

282) ALMEIDA (THEODORO DE).

T. — I. *Recreacion filosofica, ó dialogo sobre la filosofia natural para la instruccion de personas curiosas que no han frequentado las aulas. Obra escrita en portugués por el P. D. — de la congregation del Oratorio de San Felippe Nery y de la Academia de las Ciencias de Lisboa etc. traducida al castellano. Cuarta impresion.* Madrid. 1827. Imp. del *Diario.* Once tomos, 8.° com 55 laminas.

Digitized by Google

II. *Cartas fisico-matematicas de Teodosio a Eugenio, que para inteligencia y complemento de la Recreacion filosofica escribió en portugues el P. D. de la Real Sociedad de Lisboa y de la de Vizcaya etc. Tercera impression, corrigida y aumentada.* Madrid, en la Imprenta Real, Año de 1803. 8.°

III. *Harmonie de la raison et de la Religion par le P.*

IV. *Armonia de la razon y de la religion, ó respuestas filosoficas á los argumentos de los incredulos: obra del celebre P.* —. 3.ª edicion.

V. *Tesoro de proteccion en la Santissima Virgen, ó estimulos de amor y devocion á la Madre de Dios Señora Nuestra. Escrito en praticas por el P.* — *Meditaciones sobre los atributos de Nuestra Señora la Virgen Maria, por el P. Teodoro de Almeida.* Barcelona, 1850.

VI. *Hombre feliz por* —. Barcelona, 1859.

VII. *Sermones del padre.* 3 tom. 8.° maior.

Vem mencionada esta versão no *Catalogo de livros hespanhoes* de D. Miguel Guijarro, de Madrid.

VIII. *Gemidos de la Madre de Dios afligida, y consuelo de sus devotos, con diferentes obsequios ofrecidos á la misma Señora considerada en sus dolores y angustias: su Autor el — de la Congregacion del Oratorio, etc. traducido del portugues al castellano.* Madrid.

IX. *Gemissements et consolations de la Mère de Dieu. Avec les exercices en l'honneur des sept douleurs de la Sainte Vierge. Par le P.* —.

X. *Entretenimientos del corazon devoto con el SS. Corazon de Jesus con simbolo del amor, y varios actos de desagravio y de obsequio dispuestos por el* —.

XI. *El filosofo solitario, obra instructiva, curiosa y filosofica, compuesta por el* —. 2 tomos.

283) **ALVARENGA** (DR.)

T. — I. *Thermosémiologie (de la) et thermacologie; analyse de la loi thermodifferentielle, observations originales, touchant l'influence des divers moyens thérapeutiques sur la temperature pathologique. Du Dr. — Ouvrage couronné par la Societé de Medicine d'Anvers au concours de* 1871. Anvers. 1873.

II. *Cyanese, (de la) particulierment au point de vue de son historique, de sa nature, et de sa génèse à propos des symptomes de la communication entre les cavités droites et gauches du cœur; discussion des théories de la cyanose. Ouvrage couronné par la Societé Centrale de Médicine du Nord de La France au concours de* 1871. Du Dr. Alvarenga. Lille 1873.

284) **ALVARES** (FRANCISCO).

T. — I. *Historicale description de l'Ethiopie contenant vraie relation des terres et pays du grand roy empereur Prete Jean, l'assiette de ses royaumes et provinces, leurs coutumes, lois et religion ecrite en Portugais par* —. *Plus une lettre d'Andre Corsal Florentin ecrite de Cochin aux Indes en* 1515 *touchant ses voyages.* Anvers, 1558. Tenho tambem visto citada uma edição de 1588.

II. *Histoire générale du royaume d'Ethiopie.* Paris, 1674.

III. *Geschiche von Ethiopien.* Eisleben, 1566 fol. Ibid. 1571.

Digitized by Google

IV. *Kurtze und wahrhaftige etc.* Francfurt, 1562, 2 vol. fol.

V. *Historia de las cosas de Ethiopia, en la qual se cuenta muy copiosamente el estado y potencia de emperador della (que es el que muchos han pensado ser el preste Juan) con otras infinitas particularidades, así de la religion de aquelles gêntes, como de sus ceremonias, segun que de todo ello fue testigo de vista, capilan del rey de Portugal.* Saragoça, 1566.

285) **A. MENDEZ.**

T. — *Relation de l'Ethiopie touchant la conversion des ames, depuis* 1619. Lille 1643, 12.°

286) **ANALISI DELLA PROFESSIONE** *di Fede del Santo Padre Pio VII, tradotta dal Portoghese con alcune dilucidazioni di Antonio Pereira de Figueiredo.* Napoli, 1792, 4.°

287) **ANDERE DECLARITIE** *van Jean de Vierde Koninck van Portugael etc. Nae de rechte Originale Copye, uyt den Portugeesch.* Amsterdam, 1641. 8.°, 9 folhas.

288) **ANDRADE (P. ANTONIO DE).**

T. — I. *Grand Cathay, (le) ou royaumes de Thibet naguêres decouvert.* Gand, 1627.

II. *Relation de la nouvelle du grand Cathay, ou bien du royaume de Thibet, par le —.* Pont-à-Mousson. 1628.

289) **ARCHBISHOP (THE)** *of Goa and the Congregation de Propaganda Fide.* Nova Goa. 1863, 8.°, 92 pag.

O auctor portuguez do original é o sr. J. H. da Cunha Rivara.

290) **ARTICLES ACCORDÈS** *par le roi de Portugal à la Compagnie qui s'etablit dans son royaume pour l'etat général du Brésil* (8 *Mars* 1649) *Traduit du Portugais.* Rouen. 1649, 4.° folheto.

291) **BARRETTO (B.)**

T. — I. *Relazione delle missione e Christianitá in provincia Malabarica.* Roma 1645.

II. *Relations des mission du Malabar.* Tournay 1645, Paris, 1645. 2 vol

292) **BASTOS (JOSÈ JOAQUIM RODRIGUES DE).**

T. — *Discours Religieux composés en Portugais par —.* Paris, 1845, 8.°

Dizem que fôra tambem traduzida esta obra em varios outros idiomas.

293) **BERNARDES (P. MANOEL).**

T. — *Exercices spirituelles ou méditations sur les fins dernières par le R. P. Traduit du Portugais par un prêtre du Diocèse d'Amiens.* Paris, 1863, 8.° 1.° vol. 472 pag. 2.° 496 pag.

294) **B. (P.)**

T. — *Itineraire du Portugal. Tradut du Portugais.* Bordeaux. 1810.

295) **BRANCO (CAMILLO CASTELLO).**

T. — *Amor de perdicion (Historia de una familia.) Novela original Portugueza de —.* Madrid. 1872. 8.°

296) **CAILLOT (ANT.)**

T. — *Vie de Dom Barthelemy des Martyrs, archeveque de Brague en Por-*

Digitized by Google

tugal; traduit de l'espagnol et du portugais par Isaac Le Maistre de Sacy et abregée par —. Paris, 1826, 8.°, 377 pag.

297) CAMOENS (L.)

T. — *Translations from — and other poets.* Oxford, 1818, 8.°

298) CAMOENS.

T. — *Lusiady albo Portugal i Zygz.*

Traducção dos *Lusiadas* que se está imprimindo (Novembro de 1876) na Polonia. Dizem que a tiragem é apenas de 25 exemplares.

299) CAMÕES (L.)

T. — *Os Lusiadas-Unter Vergleichung der besten Text. Mit Angabe der bedeutendsten Varianten, und einer kritischen Einleitung.* Trübner, 1874.

300) CAMÕES (LUIZ).

Traducção dos *Lusiadas* em prosa italiana. Roma 1804. Esta versão foi publicada no tomo XIX da *Collecção dos poetas mais excellentes, e de bom gosto.*

«Camões é o primeiro epico entre os modernos, que arrebatou os applausos de todas as nações, e o primeiro, que mereceu o estudo dos verdadeiros poetas.»

Abbade Andrès a pag. 241 do IV vol. da obra *Del origine dei progressi dello stato attuale d'ogni litteratura.*

301) CARDIM (F.)

T. — *Relazione della Provincia del Giapone.* Roma 1643. Ibid. 1645.

302) CARVALHO (ANTONIO DE AZEVEDO MELLO E).

T. — *Translation of the speech of his Excellency Senhor* —. *Honorary Minister of State, one of the judges of the Supreme Tribunal de Justice in Lisbon, and deputy of the Portuguese nation. Delivered in the Chamber of Deputies on the 2 nd May,* 1856. Liverpool. Printed by W. S. Tyerman, 22, Tower Chambers. Old Church yard. 8.° gr. 25 pag.

Este discurso versa sobre os negocios politicos de Portugal em 1847.

303) CARVALHO (J. LIBERATO FREIRE).

T. — *Essai historique politique sur la constitution et le gouvernement du royaume de Portugal par* —. Paris, 1830.

304) CASTANHEDA.

T. — *D'Indiaensche Historie der Portugeezen onder de Regeeringe van tyf Portugeesche Koningen; ofanders, het vervolg der historie van Don Emanuel, Koning van Portugael, sedert het jaer 1521. tot op het jaer 1610. Beschreven door Kastagnede en andere Historyschrijvers. Tot Rotterdam. Ap. Fransois van Hoogstraeten.* Anno 1670. 12.° 760 pag. além d'um prefacio não paginado.

305) CHAMBERBYNE (ED).

T. — *Rise (the) and fall of the Count Olivares. The imposture of Michael de Molina etc. The right and the title of the king of the Portugal D. John the 4.th Translated from the italien, spanish, and portuguese by* —. London, by T. N. 1653. 8.° B. P. L.

306) CLASSICAL DESCRIPTIONS *of Love from the most celebrated Epic Poets: Homer, Ariosto, Tasso, Milton, Virgil and Camoens (Lusiada V.)* Translated from the French.

Digitized by Google

307) **COELII (GASPAR).**

T. — *Jüngste Zeitung sus der weitberuhunien etc.*

Ultimas noticias da celebre ilha do Japão, e relação do que os jesuitas alli obraram para conversão dos pagãos em 1582, bem como do estabelecimento d'uma nova Christandade. Dillingen. 1586. Foi traduzida em latim, e impressa n'esta mesma cidade e anno.

308) **COELHO (JOAQUIM GOMES).** — Vulgo Julio Diniz.

As *Pupillas do Senhor Reitor* foram vertidas para hespanhol, segundo me assevera o Exmo Sr. Antonio Martins Leorne.

309) **COPIA DE UNA CARTA** *que embio de la India el padre Enrique de la compañia de Jesus al padre maestre Simon preposito de la dicha compañia en Portugal. Tresladada de Portugues. Recebida el año de* 1551.[1]

310) **COPIA DE UNAS CARTAS** *embiadas del Brasil por el padre Nobrega.* Recebidas el año de 1551

311) **COPIA DE UNAS CARTAS** *del padre mestre Francisco y del padre mestre Gaspar y otros padres de la compañia de Jesu, que enbiaron de la India.* Recebidas el año de 1551.

312) **COPIA DE UNAS CARTAS** *de algunos padres y hermanos de la compañia de Jesus, que escrebieron de la India, Japon y Brasil.* Fueron recebidas el año de 1555.

313) **COPIA DE ALGUNAS CARTAS** *que los padres y hermanos de la compañia de Jesus, que andan en la India y otras partes orientales escribieron.* Desde el año 1557 hasta el de de 1561.

314) **COPIA DE LAS CARTAS** *que los padres y hermanos de la compañia de Jesus que andan en el Japon escribieron a los de la misma compañia de la India, y Europa desde el año de* 1548 *hasta el passado de* 63.

315) **COPIA DI UNA LETTERA** *del Re di Portugallo Emanuel mandata al re de Castella del viaggio e successo dall'India.* Milano. 1505.

316) **CONSTITUTION POLITIQUE** *de la Monarchie Portugaise decretée par les Cortés Generales extraordinaires et constituantes, reunies à Lisbonne l'an* 1821, *promulguée et juré le* 1.er *Octobre.* 1822. *Traduite du Portugais par* *** Paris. Octobre 1822. Imprimerie de G. Gratiot, 48 pag,

317) **COUTINHO (JOSÉ JOAQUIM DE AZEVEDO).** — Evêque de Pernambouc, et Membre de l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne.

T. — I. *Essai politique sur le commerce du Portugal et celui de ses colonies par* —. *Traduit du Portugais.* Paris, 1803.

II. *Political (A) essay on the commerce of Portugal and her colonies particularly at Brasil in South America. By* —. London. 1801.[1]

318) **DEDUZIONE CRONOLOGICA** *e analitica.* 1767.

319) **DE REBUS A HISPANIS,** *Lusitanis, Aragonicis, Indicis et Aethiopis Damiani a Goes, Hyeronimi Pauli, Hyeronimi Blanci, Jacobi Tevii opera* Coloniae Agrippinae. 1602.

[1] Sr. Jorge Cesar de Figaniere. *Bibliographia Hist Portugueza.*

Digitized by Google

320) DINIZ (ANTONIO DA CRUZ E SILVA).

T. — *Goupillon (Le). Poeme heroique, comique, traduit du Portugais d'Antoine Dinis.* Paris, Chez Verdiere. 1828.

Esta traducção é attribuida a Boissonade. Ha uma edição mais moderna com annotações de Ferdinand Dinis.

321) DIVERSI AVISI PARTICOLARI *dall' Indie di Portogallo ricevuto dall' anno 1551 fino 1558 dalli Reverendi padri della Compagnia de Giesu.* Venetia 1558.

322) EITNER (K.)

Traduziu os *Lusiadas* para allemão. O Ex.mo Sr. Joaquim de Vasconcellos desconfia que foi impressa esta versão em 1868.

323) EMMANUELIS REGIS PORTUGALLIAE *epistola ad Julium II pontificem maximum de Taprobana insula contra Saracenos aquisita. Ex oppido Abrantes, XXV Sept.* 1505. Romae. 1507,

324) EMMANUELIS REGIS LUSITANIAE *de victoriis in Africa habitis epistola ad Leonem X.* Basileae 1541.

325) EMMANUELIS SERENISSIMI PORTUGALIAE *regis epistola de provinciis, civitatibus, terris et locis orientallis partis, suae ditioni fideique Christianae novissime per eum subactis.* Ex Alcochete, junni 1508, T. Compans, pag. 282.

326) ENGLISH PERSON (A).

Appareceu uma traducção ingleza, com este anonymo, da obra a respeito do Imperio da China, escripta por Alvaro de Semmedo, e impressa em Londres, 1655. fol.

327) EIN SENDBRIEFF *des König von Portugal en Babst Clement den siebenden.*

Idem. *Ein Sendbrieffes des Morenkönigs au König Emanuel zu Portugal.* T. Compans. pag. 26.

328) EPISTOLA POTENTISSIMI *ac invictissimi Emanuelis regis Portugaliae et Algarbiorum ad Leonem X Pontif. Max. de victoriis habitis in Indis et Malacae.* Romae 1513. Argentorati 1513. Viennae Austriae. 1513.

Ha muitas edições sem data, nem logar de impressão, segundo diz Ternaux Compans.

329) ETIOPISCHE RELATION *oder Berich was sich in dem Königreich Etiopia so sonst Prester Johannesland genennt wird, anno 1604 zugetragen. aus den portugiesischen Exemplar verteutscht.* (Relação da Ethiopia, ou quanto se passou desde 1604 no reino da Ethiopia, chamado tambem Prestre João: traduzido do Portuguez). Cöln. 1611.

330) FERREIRA (ANTONIO).

T.— *Ines de Castro. Tragedie traduite en Français.* Paris, 1835, 8.°

331) FIGUEIREDO (ANTONIO PEREIRA DE).

T. — I. *Analyse de la Profession de Foi du S. P. Pie IV, traduite du Portugais.* Paris, 1870, 8.°

II. *Traité du pouvoir des Eveques par* —. 1772, 8.° Sem designar o logar de impfessão.

Digitized by Google

332) FROES (L.) ET N. PIMENTA.

T.— *Relation concernant l'accroissement de la foy Christienne aux Indes Orientales ès années* 1596 *et* 1597. Lyon, 1602.

333) GOES (DAMIANO DI).

T.— I. *Avisi delle cose fatte da Portoghese nell' India scritti in lingua Latina de — e tradotti in Toscano.* Venezia, 1593.

II. *Glaubhaftige Zeitung und Bericht*, etc. (Noticias criveis, e relação da guerra entre o rei de Portugal e o rei dos turcos na India àquem do Ganges, que acaba de ter lugar, redigida em latim), por — Augsburg, 1540.

334) GALVANO (ANTONIO).

T.— *Discoveries (the) of the World from their first original unto the year of our Lord* 1555 *by—governor of Ternate. Corrected, quoted and published in English by Richard Hakluyt* (1601). *Now reprinted with the original Portuguese Text: and edited by Vice Admiral Bethune C. B.* London. Printed by Hakluyt Society, 1862, 8.°, 242 paginas.

335) GONDAVO (PERO DE MAGALHANES).

T.—*Histoire de la province de Sancta Cruz, que nous nommons ordinairement le Brésil—dediée au tres illustre Seigneur D. Lionis Pereira, ancien gouverneur de Malaca et de plusieurs parties de l'Inde Méridionale.* Lisbonne, A, Gonsalvez, 1576.

A traducção d'esta viagem ao Brazil por Gondavo vem no vol. 2.° da collecção publicada por Henri Ternaux com o seguinte titulo: *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique, publiés pour la première fois en français.* Paris, 1837.

O colleccionador diz em elogio de Gondavo: «É indubitavelmente uma das obras mais notaveis que appareceram no seculo XVI, sobre a descripção dos paizes longiquos. O estylo é simples, dote bem raro nos escriptores de sua nação. Apezar de conter algumas noções falsas ou inexactas, que a ignorancia da epocha desculpa facilmente, não se encontra alli uma d'essas fabulas ou legendas. que os autores contemporaneos acolhiam tão cegamente. Por isso é que todos quantos d'elle fallam concordam em tecer-lhe elogio. Antonio de Leon Pinelo (Bibliot. Orient. et Occid.) que se contenta quasi sempre com o appresentar o titulo da obra, chama a esta — *Una obra curiosa y unica.* Gil Gonzalez Davila (Teatro de las grandezas de Madrid, pag. 504) lhe chama—*Una obra muy erudita y curiosa).* Nicolau Antonio e Joan Soarez de Brito tambem lhe fazem elogios.»

«Pero Magalhaens de Gondavo possède à un haut degré cette forme á la fois élégante et naive, qui distingue les écrivains Portugais du XVIe siècle, et que Camoens n'avait pu manquer de reconnaitre en lui. Son récit n'est point une relation de commande, une histoire arrangée dans le cabinet; il a vu ce qu'il raconte, il a visité curieusement les peuples qu'il décrit.»—F. Dinis, *Chron. Chev.* tomo 2.° pag. 179.)

336) GOVEA (A.)

T.— I. *Histoire Orientale des grands progrès de l'Eglise Catholique en la réduction des anciens Chrestiens dite de Saint-Thomas avec la messe des anciens*

Digitized by Google

Chrestiens en l'evêché d'Angamale aux Indes Occidentales. Bruxelles, 1609. Anvers, 1609.

II. *Relation des grandes guerres et victoires obtenues par le roi de Perse Cha Abbas contre les empereurs de Turquie Mahomet et Achmet, ensuite du voyage de quelques religieux envoyés en Perse par le roy de Portugal. Par le Pere. Traduction du portugais.* Rouen, 1646.

337) GODIGNO (N.)

T.— I. *Vita patris Gonzali de Silveira in regno Monomotapa martyris.* Coloniae Agrippinae, 1616, 8.°

II. *Vita Gonzali Silveirae S. J. Sacerdotis in urbe Monomotapa martyrium passi anno* 1561. Lugduni, 1612, 8.°

III. *De Abassinorum rebus, deque Aethiopiae patriarchis Joanne Nonnio Barreto et Andrea Oviedo libri III. Auctore P.*—Lugduni, 1615, 8.°

338) GRAND (LE) CATHAY, *ou royaume de Tibet naguères descouvert. Traduit de l'Espagnol.* Gand, 1627.

339) GRAMMATICA NUOVA DI EMMANUEL ALVAREZ *aggiunta de gl' Infiniti, Partitivi etc.* Neapoli. Stephani Abatis, 1736, 8.°

É incrivel o numero de edições que no estrangeiro teve a grammatica do do padre M. Alvarez. D'estas encontram-se muitas na Bibliotheca Publica de Lisboa.

340) GRAND PRIEUR DE NEUVILLE-LES-DAMES ET DE PRÉVESSIN.

T.— *Relation historique d'Abissinie, traduite du portugais par* —. Paris, 1728, 4.° [1].

341) GUERRE DE TRIPOLI. *Poeme traduit pour la première fois du latin en français, et précedé d'une notice sur la vie de l'auteur. Auguste Vatou Libraire.* 1847, 8.° gr. Paris.

É a traducção do celebre poema composto pelo P. Joseph Francisco Cardoso, com o fim de cantar os feitos dos nossos em Tripoli. O extensissimo prefacio d'esta obra é destinado para tratar por miudo dos poetas latino-portuguez, que Portugal teve em grande numero, e dos quaes se deve gloriar.

342) GUIMARÃES (FRANCISCO VAZ DE).

T.— *Declaração da muito dolorosa Paixão de Jesus Christo por* —. *Traduzida em lingua Concani.* Bombaim, 1845.

343) HORTA (GARCIA).

T.— *Aromatum et simplicium et aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia. Autore Garcia ab Horto.* Antuerpiae, 1567. Id. 1574. Id. 1582. Lugduni, 1584. Id. 1593. Id. 1642.

II. *Due libri Dell' istoria dei simplici, aromati e altre cose che vengono portate dell' Indie Orientali, pertenenti al uso de la medicina, per* —. Venetia 1582, 8.°

III. *Histoire des drogues espisceries et de certains medicamens simples qui*

[1] Catalogue de Chossonnery, pag. 87.

Digitized by Google

naissent es Indes et en Amerique. Ecriste en Portogais, par Garcie du Jardin. Lyon, 1619.

344) HISPANIAE ILLUSTRATAE *seu rerum urbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae, et Indiae scriptores varii, partim editi nunc primum, partim aucti atque emendati... Tomis aliquot divisi. Opera et studio doctorum hominum. Francofurti, Apud Claudium Marmium et Haeredes Johannis Aubri.* 1603, 4 vol. fol.

Vol. I, pag. 1160.—Damiani a Goes equitis Lusitani, Petro Mannio, latino apud Lovanienses professori dignissimo, amicoque non vulgari. Hispania.

É um breve resumo das coisas da Hespanha e de Portugal, onde trata principalmente da nobreza e das producções naturaes d'estes dois paizes.

Vol. II, pag. 823.—Damiani a Goes, Lusitani, vita. Collecta potissimum e scriptis ejus.—Pag. 827.—Damiani a Goes ad Jacobum Fuggerum pro defensione Hispaniae.—Pag. 828.—L. Andr. Resendii Lusitani epistola historica de Aera Hispanorum Joanni Vasaeo viro doctissimo.

Vol. III, pag. 879.—Damiani a Goes Ulisiponensis urbis descriptio.—Pag. 890.—Ejusdem de rebus de imperio Lusitanorum ad Paulum Jovium disceptatiuncula.—pag. 892.—L. Andreae Resendii Antiquitatum Lusitaniae, libri IV et liber unus Antiquitatum Eborae ab And. Schotto latinus factus.—pag. 985. —Jacobi Menoetii Vasconcelli de municipio Eborensi liber singularis.—pag. 997.—L. Andr. Resendii de Colonia Pacensi Epistola.—pag. 1003.—Ejusdem de Eborensis Ecclesiae Sanctis ad Bartholomoeum Kebedium.—pag. 1222.—Duardi Noni Leonis Censura in libellum de Regum Portugalliae origine, qui Fratris Josephi Teixerae nomine circumfertur.—pag. 1223.—Ejusdem de vera Regum Portugalliae Genealogia.—pag. 1287.—Johannis Port. Regis literae ad Clementem VII Pontificem.—pag. 1288.—Damiani a Goes. De religione et moribus Aethiopum. Epistolae aliquot Preciosi Johannis Aethiopum Regis Damiano et Paulo Jovio interpretibus.—pag. 1291.—Epistola Helenae aviae Davidis Aethiopum Regis ad Emanuelem Lusitaniae Imperator em scripta.—pag. 1293.—Davidis Aethiopiae Regis literae ad regem Emanuelem scriptae.—pag. 1295.—Ejusdem Davidis Aethiopiae regis literae ad Johannem Portugaliae Regem scriptae.—pag. 1297.—Ejusdem Davidis Aethiopiae regis binae litterae ad Clementem VII pontificem.—pag. 1313.—Deploratio gentis Lappianae.—pag. 1314.—«Lapiae descriptio —pag. 1315.—Epistola Emanuelis Regis Port. ad Leonem X Pont. max. de victoriis in Africa habitis.—pag. 1316.—«Epistola Johannis III Portug. Regis ad Paulum III de rebus in Oriente feliciter gestis. —1319.—Damiam a Goes Bellum Cambaicum seu Obsidio Urbis Diensis.—pag. 1328.—Ejusdem Bellum Cambaicum II Commentarii III.—pag. 1345.—Jacobi Tevii de Rebus ad Dium gestis Commentarius.—pag. 1372.—L. Andr. Resendii Epistola de rebus indicis ad Conradum Gochlenium.

345) HISTORIA DE LA INDIA, *por João de Barros, Castanheda Lusitano, Damião de Goes, etc., etc.* Valladolid, 1603.

346) HISTOIRE DE LA DERNIERE CONJURATION *de Lisbonne à laquelle on a joint deux pièces instructives, la première — La Republique des Jesuites, ou le Paraguai renversé: la seconde est un Decret de S. A. le Cardinal*

Digitized by Google

Saldanha pour la reforme des Jesuites du Portugal, et autres religieux du meme Ordre sugets de S. M. Tres Fidelle. Ouvrage traduit du Portugais. Francfort, 1759.

347) **HISTORIA DEL DESCOBRIMIENTO** *y conquista della India por los Portugueses compuesta por Hernan Lopez de Castañeda en lenguage portuguesa, y traduzida nuevamente en Romance Castellano. Dirigida al muy ilustre señor don Luys de Avila Cuniga Commendador mayor de Alcantara etc.* En Anvers. En casa de Martin Nucio 1554, 8.°, 220 folhas numeradas.

348) **HISTORIA Y ANNUAL RELACION** *de las cosas que hicieron los padres de la Compañia de Jesus por las partes del Oriente y obras los años de* 607 *e* 608. *Traduzida de Fernão Guerreiro.* Madrid, 1613.

349) **I LUPI SMASCHERATI NELLE CONFUTAZIONE,** *e traduzione del libro intitolato: Monita secreta Societatis Jesu. In virtu de quali giuxsero i Gesuiti all' orrido, ed esecrabile assassinio de S. S. R. Maestà F. D. Giuseppe I, re di Portogallo.* Ortignano, 1761. in 8.°

350) **I. O. S. E. D. E.**

T. — *En los felicisimos desposorios del Serenissimo Rey de Portugal D. Juan V con la Serenissima Reyna D. Mariana de Austria Epitalamio por —.* Vienna: En la Officina de Juan Diego Kurner, Ano 1708.

351) **IRVING (THEODORO).**

T. — *The conquest of Florida under Hernando de Soto,* London, 1830.

352) **JOÃO IV.** — Rei de Portugal.

T. — *Difense della musica moderna contre le false opinione del Vescovo Cirillo Franco di Spagnolo in italiano.* Sem data nem logar de impressão: mas parece ser impressa em Veneza.

É uma traducção para italiano da obra do nosso rei D. João IV intitulada *Difensa de la Musica moderna contra la errada opinion del Obispo Cyrillo Franco. Al señor Juan Loreço Rabelo, Portugues de nacion, fidalgo de la casa del Serenissimo Rey D. Juan el Quarto de Portugal, Commendador de la encomneda de S. Bartholomé de Rabal, de la Orden de N. S. Jesu Christo y assistente en el servicio del mismo Señor.* Lisboa 1649. [1]

353) **JUGEMENT DU CONSUEIL SOUVERAIN** *chargé par S. M. T. F. d'instruire le procès au suget de l'attentat commis sur sa personne sacrée, qui contient l'exposé des faits principaux, qui résultent des informations, et les noms des principaux chefs et complices de la conspiration; et qui condamne une partie des coupables à divers supplices, du douze Janvier* 1759. Sem data, nem logar de impressão.

354) **JUSTIFICATION DES ARMES** *de D. Pedro, roy de Portugal pour delivrer les espagnols de la servitude des Français.* Amsterdam. 1704.

É a traducção da obra portugueza de Antonio Rodrigues da Costa.

355) **LA GEMMA CERAUNIA D'ULISSIPONE** *hora Lisbona. Drama Musicale per li felicissimi sponsali della S. R. Maestà di D. Pietro Re di Portugallo, con la serenissima Maria Sophia Prencipessa Eleitorale Palatina. Escri-*

[1] Vide—*Musicos portuguezes,* I pag. 132.

Digitized by Google

bito, per commando del Serenissimo Philippo Guglielmo Eletore Palatino. Nella sua Elettorale Residenza di Heidelberga. Et dedicato alle S. S. R. Maestá delli stessi Reggi Sposi.

Heidelberga, per Michaele Franz, Stampatore di S. A. E. 1687. fol. 161 pag. em allemão e italiano.

356) **L'ECO IN GERMANIA** *al viva del Portogallo negli augustissimi e felicissimi Sponsale delle SS. MM. della Regina Maria Sofia e di D. Pietro Re di Portogallo. Funzioni poetiche, per commando di SS. Serenissima il Duca di Neuburgo, Principe elletoral Palatino. Condotte in Musica dal Sgr. D. Sebastiano Moratelli suo Mco. di Capella, e Capellano d'onore della Serenissima Archiduchesa Marianna d'Austria.* Dusseld, Typis Joh. Hen. Beyer.

357) **LEGGE DEL SERENISSIMO** *e motto potente Re di Portogallo overo la Tratta del Pepe Drogherie e Mercantie dell' Indie del suo gran Regno.* Fiorenza, 1571.

358) **LERIUS (BURGUNDUS JOANNES).**

T. — *Historia Navigationis in Brasiliam quae et America dicitur; nunc vero primum latinitate donata et variis figuris illustrata.* Genova, 1594, 8.°

359) **LETTERAE DEL GIAPPONE** *scritte delli P. P. della C. de Jesu.* Roma, 1578.

Lettere del Giappone e della Cina, de gli anni 1589-1590. Venezia 1592. Vallaolid. 1603.

Lettere annue del Giappone dell' anno 1601 *al P. A. Valignano.* Roma. 1603.

360) **LETTRE DE CRÉANCE** *en forme de Patente, donné par D. Jean, roi de Portugal a D. Ignacio de Mascarenhas, son neveu, et ambassadeur ordinaire près messieurs de la Députation en Catalogne servant de manifeste. Traduite fidèlement de mot à mot d'espagnol en françois.* Lyon. 1641. 4.°

361) **LETTRE DE MONSEIGNEUR** *le Prince de Portugal D. Christophe écrite de Paris le 24 Octobre* 1628 *à Mr. son neveu qui s'est rendu religieux de l'Ordre des Carmes déchaussés en Flandre.* 8.° C. M. B. J. P.

362) **LETTRE DU CONSEILLER ABRANTES** *à Sir William A' Court sur la régence du Portugal et l'autorité du Seigneur D. Pédre IV, en sa double qualité de roi de Portugal et de père de D. Maria II. Fidèlement traduit de l'original Portugais, publié à Londres.* Paris. 1827.

363) **LETTRES DE D. LEONOR DA CAMARA** (23 Outubro de 1833). Paris.

364) **LETTRE D'UN AMI** *à son ami qui lui a envoyé la rélation de la bataille de Villa-Viciosa, écritte à sa Magesté Catholique, par le Marechal Comte Schomberg.* B. P. L.

365) **LETTRE DU ROY DE PORTUGAL** *à notre sainct pere le pape de la conversion de quatre royaumes Indiens à la saincte foi chrestienne et du recouvrement du royaume de Aberim.* Paris. 1546.

366) **LETTRE ÉCRITTE** *à une dame avec une relation de la féte donnée à Utrecht le 13 Juillet* 1714 *par S. Excellence Mr. le Comte de Tarouca... pour la naissance d'un second Prince.* 4.° B. P. L.

367) **LETTRE ESCRITE DE PORTUGAL** *à tres Excellente Prince*

Digitized by Google

D. Christophe, fils de D. Antoine traduite de Portugais en François. Delf. 1616.

368) **LETTRES PASTORALES,** *l'une du Chapitre de l'Église d'Elvas (12 février 1759): l'autre du collège de Ste Église de Lisbonne (19 février 1759) en execution de la lettre royale du 19 Janvier 1759 pour détruire et anéantir les erreurs impies et séditieuses que les Jésuites ont voulu semer dans ces royaumes, avec un coup d'œil de leur usurpation dans l'Amérique Espagnole et Portugaise.* 1759. Sem logar de impressão.

369) **LETTRE QUE LE SEIGNEUR D. CHRISTOPHE** *fils de défunt roy de Portugal D. Anthoine a escript sur un nom posé a D. Christophe de Moura, viceroy de Portugal le persuadant de faire quelque chose pour la restauracion de sa patrie* (3 *Septembre* 1609). Paris, 1610.

370) **LIBRO DEL INFANTE** *Don Pedro de Portugal, que anduvo las quatro partidas del mundo.* Çaragoça 1570. Barcelona 1595.

371) **LITTERAE** *Serenissimi atque invictissimi Portugalliae et Algarbiorum regis ad Sanctissimum Patrem Paulum III super insigni victoria rebusque in India feliciter gestis.* Viennae Austriae. 1536.

372) **LOBO (P. JERONYME —).**

T. — *Relation de l'empire des Abyssins et des sources du Nil avec des remarques. Composé en Portugais par le —.* Paris. 1674.

373) **LOBO (FATHER).**

T. — *Voyage to Abyssinia.* London 1809.

374) **LOI ÉTABLIE** *par le Prince Régent de Portugal à la prière des Etats de ce royaume pour régler les successions de la couronne et les régences et les tutelles durant les minorités* (23 *novembre* 1674). Paris 1675. folheto.

375) **LOPES.**

T. — *Beschryving van het coningrycke Congo.* Amsterdam. 1658.

376) **LOPES (ODOARDO).**

T. — *Portoghese. Relatione del reame di Congo et delle circonvicini contrade.* Roma. 1591.

377) **LUCENA (JOÃO DE).**

T. — *Vida de S. Francisco Xavier y historia de lo que hicieron los Padres da la Compagnia de Jesus en las Indias.* Sevilla. 1619. 4.°

378) **MAGAILLANS (G. DE).**

T. — *Nouvelle description de la Chine contenant la description des particularités les plus considerables de ce grand empire, composée en l'anné* 1668 *par —.* Paris. 1688. 8.° com estampas.

379) **MAGELLAN (JOÃO JACINTHO).**

T. — *Addition relative aux derniers jours de J. J. Rousseau* Londres, 1778.

Magalhães foi talvez o compatriota que no estrangeiro mais honrou o nosso paiz no seculo passado.

380) **MALAGRIDA.**

Tragedie en trois actes et en vers. Traduite du Portugais. A' Lisbonne, de l'Imprimerie de l'Inquisition. 1763.

381) **MANIFESTE DU ROI DE PORTUGAL,** *contenant les erreurs*

Digitized by Google

impies et séditieuses que les religieux de la Compagnie de Jesus ont enseignés aux criminels qui ont eté punis, et qu'ils se sont efforcés de répandre parmi les peuples de ce royaume. Lisbonne 1759. 12.° 81 pag.

382) **MANUAL DE DEVOÇÕES** *e doutrina Christã. Vertido em lingua Concani.* Bombaim. 1848.

383) **MANUAL DE ORAÇÕES** *em lingua Concani.* Bombaim. 1849.

384) **MASCARENHAS (D. GERONIMO).**

T. — *Amadeo de Portugal en el siglo Juan Menezes da Silva, Religioso de S. Francisco, Fundador da Congregacion de los Amadeos en Italia.* Madrid, por Diego Dias de la Carrera, 1653.

385) **MATTOS (GABRIEL DE).**

T. — *Littera annua del Giapone dell anno* 1614. Roma 1617.

386) **MATTOS (GABRIEL DE).** — De la Compagnie de Jesus.

T. — *Lettre annuelle du Japon de l'an* 1603, *écrite par le P. Gabriel de* —. Donay. 1606.

387) **MEDNELLES (D. EMMANUEL DE).**

T. — *Relation des conquêtes faites dans les Indes par D. P. M. d'Almeida, Marquis de Castel-Nuovo. Vice-roi et capitaine général des Indes. Traduite du Portugais de* —, *qui s'y est trouvé présent, et de l'Italien d'un auteur anonyme, imprimée à Rome en* 1748. Paris 1649.

388) **MEMOIR ON THE ADDRESS** *of His Holiness Pius IX delivered in the Secret Consistory on* 17 *th February* 1851. *Translated from the original in Portuguese, and printed for Senhor João Bonifacio Misso, Consul general of Portugal in Ceylon.* Colombo. 1853, 8.°, 27 pag.

389) **MEMOIR ON THE ALLOCUTION** *of the Most Holy Father Pius IX in the secret Consistory of the* 17. *th February* 1851. *Translated from the original in Portuguese by auctority of the Ecclesiastical Commission of The Saint Thoma.* Madras. 1852, 8.°, 21 pag.

390) **MENDES (D. AFFONSO).**

T. — *Litterae Aethiopicae scriptae ab ipsomet Patriarcha Aethiopiae R. P.* Mechliniae. 1628, 12.°, Lille, 1633, in 12.°

É a traducção da carta do jesuita Affonso Mendes, patriarcha da Ethiopia, e impressa em Lisboa.

391) **MENESES (DIEGO DE MELLO Y).**

T. — *Nuevo epitome de gramatica latina, ó verdadero metodo de enseñar el latin á un principiante. Compuesto en lengua portuguesa por el R. P. Fr.* —, *monge de S. Geronimo en el real Monasterio de Belen, y professor Regio de lengua latina. Traducido al Castellanno primera vez.* Madrid. Ne la imprenta de Don Benito Cano. Año de 1797, 8.°, 172 pag.

392) **MENEZES (JEAN RODRIGUES DE SAA Y—).**

T. — *Rebelion de Zeylan y progressos de su conquista en el governo de D. Constantino de Saa y Noronha.* 1648. T. Compans, pag. 249.

393) **MIDOSI (PAULO).**

T. — *Who is the legitimate King of Portugal? A portuguese question submitted to impartial men, by* —. Plymouth, 1829, 8.°

Digitized by Google

394) MORAES (FRANCISCO DE).

T. — *Palmerin d'Angleterre. Chronique Portugaise par —. (Imitation abrégée)* 4 vol. Paris, 1829.

395) NARRATIVE (A) *of the persecution of Hippolito Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, a native of Colonia do Sacramento, on the River La Plata; imprisoned and tried in Lisbon, by the Inquisition, for the pretended crime of free-masonry. To which are added the bye laws of the Inquisition of Lisbon, both ancient and modern (never before published) taken from the originals in one of the Royal libraries in London.* London 1811, 2 vol. 1.° 338 pag. 2.° 344. Com um bom retrato do auctor.

396) NELLE FELICISSIME *nozze delle Sacre Reali Maestà di Don Gioannni V Re di Portogallo, e di Algarve etc. e di Maria Anna Archiduchessa d'Austria. Poesia per musica, consacrata a S. E. il sig. D. Fernando Telles de Sylva, Conte de Villamayor etc.* Vienna. Appresso Gio. Van Ghelen. 1708. 8.°

397) NEUKERCH (BURCHARDUS WESTPH). — Paderb. Juris utriusque Candidatus. Autor et Respondens.

T. — *Justitia Belli et Pacis in statu regni Portugallici fundata, sive Historia Portugalliae, in qua quae recensentur bella gesta, fœdera inita, judicia instituta, leges fundamentales, Ordinationes politicae, aliaque acta publica et domestica a parte Portugallorum justa, naturaeque ac gentium juri consentanea esse. Praeside viro amplissimo, excellentissimo atque consultissimo D N. Henrico Coccejo, Antecessore, Decret. Pandectarum et Juris gentium profess. Consiliario gravissimo D N O. Et fautore suo colendissimo. Ad diem — Juli, MDXXCVII* (sic). *Defendet* —. Heidelbergae. Excudebat Joh. David. Bergmaum etc. 85 pag.

É dedicada a D. Pedro II de Portugal.

398) NOTICE SUCCINCTE *sur la vie de D. Nuño Alvarès Pereira de Mello, sixième duc de Cadaval. Traduit du Portugais.* Paris. 8.° Sem data.

399) ORIGEMEENE SCHEEPS-TOGTEN*e n Manhafte Krygs-Bedryven to Water en Land, door Diego Lopez Sequeira als Kapitein en Governeur ter voortzetting van der Portugyzen Gobied en vryen Koophandel in de Oost-Indien met IX Schepen derwaarts in't Jaor* 1518..... *Als med nasporing van Abyssen of't Land van Preste Jan... Uit d'eyge Berigten en Order des Konings van Portugaal in't Portugys beschreven. door Joan, de Barros....* Te Leyden. By Pieter van der A A. 1707, 8.°, 383 pag.

400) OSORIO (JERONYMO).

T.— *Histoire de Portugal contenant les entreprises, navigations, et gestes memorables des Portugallois tant en la conqueste des Indes Orientales par eux découvertes qu'ès guerres d'Afrique et autres exploets, depuis l'an mil quatre cens noñat six jusques à l'an mil cinq cens septante huit sous Emanuel premier... traduits du Latin de* —. (Sem logar de impressão) 1581. fol.

«Fomos muy bem recebidos n'esta cidade de Nicosia, do Monsenhor Estanga, Legado de S. Santidade n'aquellas partes, e sobre maneira nos festejou o tempo que alli estivemos: porque á nossa partida de Trento lhe escreveu o arcebispo encommendando-nos muyto, e lhe escreveu o padre Bonifacio, e as-

Digitized by Google

sim mesmo nos festejaram os conegos e mais senhores da cidade: e muyto em especial o senhor conde de Tripoli, e seus filhos, e o sr. D. Jacome: a hum dos quaes filhos vi ter em muita estima os commentarios, que tratam das cousas da nossa India Oriental, escriptos pelo senhor D. Jeronymo Osorio em lingua latina, e perguntava-me muitas vezes se aquellas coisas passavam assim na verdade: admirava se muyto por eu dizer, que ainda havia pessoas vivas, que se acharam n'aquellas batalhas, assim navaes, como campaes.» [1]

401) PACHECO (PANTELEONE RODRIGUES).

T. — *Discorso diretto alla Santita di Urbano VIII per dimonstrare il diritto che assiste al re D Joanni il IV di regnare in Portogallo.* Leone, 1642, in fol.

402) PAIVA (JACOBI) *de Societatis Jesu Origine: libellus contra Kemnicii petulantem andaciam. Societatis Jesu Defensio adversus obtrectatores, ex testimonio et literis Pii IV.* Lovanii, 1566.

403) PIMENTA (N.)

T. — I. *Sendschreiben von dem glückselingen Fortgang der Christenheit in den orientalischen Indien.* Constanz. 1602.

(Carta a respeito dos felizes progressos do Christianismo das Indias Orientaes.)

II. *Lettres ecrites de Goa en* 1599. Venezia 1601, Idem 1602, 12.°

III. *De statu Rei Christianae in India Orientali anno* 1600 *Epistola Moguntiae.* 1602.

IV. *De felici statu et progressu rei Christianae in India Orientale epistola ad Claudium Aquavivam* Constantiae. 1603.

404) PIMENTEL (M.)

T. — *Brazil (the) Pilot, or a description of the coast of Brazil, translated of* —. London, 1809. fol.

Em 1811 offereceu João Bell de presente á Academia Real das Sciencia de Lisboa um exemplar d'este Roteiro de Pimentel em inglez.

405) PINTO (F. M.)

Merkwürdige reyzen von. — Amsterdam 1671, por Henrique e Dietrich livreiros. Impresso por Jacob de Velseu.

No rosto diz-se que a obra é — «agora sómente traduzida em allemão, e ornado com differentes gravuras.»

De Vonderlyke reizen von —. Amsterdam, 1650, 3 vol. Outra edição. Amsterdão, 1653, in 4.° (Peregrinações de F. Mendes Pinto). D'este celebre viajante temos ainda as seguintes versões:

I. *Voyages et aventures.* Paris, 1663.

II. *Voyages ad adventures.* London, 1663. fol.

II. *Historia Oriental de las peregrinationes.* Madrid. 1664.

406) PINTO (FERNÃO MENDES).

L'heureux voyageur ou les aventures de —. Amsterdam 1700.

(Este resumo das viagens do nosso celebre escriptor vem na obra intitulada *Les vicissitudes de la fortune).*

[1] Fr. Pantaleão d'Aveiro.—*Itinerario da Terra Santa*, cap. XIV.

Digitized by Google

407) **PINTO (HECTOR).**

Imagen de la vida christiana ordenada por Dialogos, como membros de su composicion El primero es de la verdadera philosophia. El segundo de la Religion. El tercero de la Justicia. El cuarto de la tribulacion. El quinto de la vida solitaria. El sexto de la memoria de la Muerte. Compuestos en lengua Portuguesa por el muy reverendo y docto padre Fray —, de la orden del glorioso San Hieronymo, trádusidas en nuestro vulgar en castellano. Con licencia de los señores del Consejo Real, impresso en Medina del Campo. En casa de Francisco del Canto. Año de 1579. A costa de Benito Boyer, mercador de libros.

Existe outra edição (ou traducção?) feita em Alcalá de Henares, no anno de 1580.

408) **POSITIO SUPER** *Beatificationis et Canonisationis V. Servi Dei Fr. Antonii a Conceptione.* Romae, 1673. fol.

409) **POSITIO SUPER DUBIO** *an sit signanda commissio pro introductione causae in Beatificatione et Canonicatione Venerabilis Servae Dei Joannae, filiae Alfonsi V Regis Lusitaniae vulgo Sanctae Principis appellatae.* Romae 1688 fol.

410) **POSITIO SUPER DUBIO** *ds Martyrio V. Servi Dei Joannis de Brito.* Romae. 1733, fol.

411) **PRIMO VIAGGIO INTORNO** *al globo terraqueo, ossia Ragguaglio della navigazione alle Indie Orientali per la via d'occidente fatta sulla esquadra del capitano Magaghanes negli anni* 1519-1522. Milano 1800. Idem 1805.

412) **PUCCINELLI (D. PLACIDO).**

Historia dell' Eroiche Attioni de B B Gometio Portughese e di Teuzonne Romito. Milano, 1645.

413) **PUCHE (F. FRANCISCO).**

Traslado fielmente sacado de dos cartas escritas, la una de Goa a 16 *de maio de* 1618, *y la otra de la Ciudad de los Reys metropoli del Peru.* Barcelona, 1620. B. P. L.

414) **RACCONTO ESATTO** *del Apparato, e sacre funzioni fatte nella Chiesa de S. Antonio della nazione portoghese per la nascita della principessa de la Beira, primogenita del Principe del Brazile, figlio di Giovanno V di Portogallo.* Roma, 1735, 4.°

415) **RACCOLTA DELLE COSE DEL PORTUGALLO** *rapporto a P. P. Jesuiti.* Lugano, 1760-62. 18 vol. B. P. L. É uma collecção importante para a *Historia dos jesuitas em Portugal.*

416) **RAGGUAGLIO** *del sontuoso treno delle carreze con cui andó alla audienza de S. Santitá il di* 8 *juglio* 1716... *D. Rodrigo Annes de Saa Almeida e Menezes.* Roma, 1716, 4.°

417) **RAZON DE LA GUERRA ENTRE PORTUGAL** *y las provincias unidas de los paizes baxos; con las noticias de la causa de que ha procedido. Translacion del papel que en lengua Portugueza se imprimio en Lisboa este año de* 1657. Sem data nem logar de impressão. 4.° folheto. C. M. B. I. P.

Digitized by Google

418) **RECUEIL DES PIÈCES** *au sujet de l'attentat commis le 3 sept. 1758 sur la Persone sacrée de S. M. le Roi Joseph I de Portugal, et du Séquestre de tous les biens de Jésuites de ses royaumes.* 6 vol. Paris, 1758-1760.

419) **REFLECTIONS OF A PORTUGUESE** *upon the memorial presented by the Jesuits to his present Holiness Pape Clement the XIV.th* London. 1860.

420) **REFLECTIONS ON THE PORTUGUESE** *patronage of the Orient, applied to the Pastoral Address of the Revd. Fre Angelicus, Pro Vicar Apostolic in Bombay, to the Roman Catholic Soldiers of that same Presidency, by a Portuguese. Translated from the Original Portuguese* —. Madras. Lusitanian Press. 1858.

Appendix to the Reflections on the Portuguese Patronage of the Orient by the same Author. Translated from the Original Portuguese. Madras, 1859.

421) **RELACIO DEL SUCCES** *de las armas d'elRey de Portugal y dels embelecos que usan los Castellas y tambe de las virtuts particulars del dit Rey.* 1642. Barcelona, por G. Nogues.

Relacio molt certa dels successos de las armas del Rey de Portugal y del rendimento de Badajos. Barcelona, por G. Nogues. 1642.

Relacio des successos venturozos de las armas de Portugal ha hontan guanyat moltas banderas de los Castellans y cremat moltas vilas y mochs y ells a Montery. Barcelona, Casa de J. Mathevat. 1642.

Relacio molt verdadera del bon success que han tingut las armas del Papa y del Rey de Portugal contra las armas de El Rey de Castella en Portugal y en los estats del Papa. Barcelona, 1643.

422) **RELACIO MOLT VERDADERA** *de la victoria que han tingut las armas del Rey de Portugal contra las del Rey de C. en la villa de Salvaterra, en lo regno de Galicia.* Barcelona, 1643.

Relacio de la gran victoria del rei de Portugal contra as d'elrey de Castilla entre Montijo e Badajoz. Barcelona, 1644.

Relqcio verdadera del arribo del Señor Archiduque en Portugal. Barcelona, por F. Guasch.

Relacio de la famosa batalha y victoria que han tenido las armas catholicas contra Portugal, viniendo a sitiar la Ciudade de Badajoz. Madrid. 1646.

423) **RELACIO MOLT VERDADERA** *de la victoria que han tingut las armas de el rey de Portugal contra las d'Elrey de Castella a 17 de Novembro de* 1642. Barcelona, 1642.

Relacio del bon succes de las armas del Rey D. Juan IV de P. en que se nota la presa y capitulacion de la famosa Villa del Fresmo, tambe per altra parte par la presa de Altamugen Porto Pedroso y altres places considerables en lo regno de Galicia, y perdicio de alguns sexantà uochs en lo reyno de Castella. Barcelona 1644. Ha muitas outras relações n'este genero, todas impressas em Barcelona.

424) **RELATION HISTORIQUE D'ABYSSINIE** *du P. Jerome Lobo, Jesuite, traduite du Portugais, continué et augmentée de plusieurs dissertations, lettres et memoires.* Paris. 1728.

Digitized by Google

425) **RÈLATION ÈCRITE DE GOA,** *par le R. P. Pereyra. de la C. de G. et envoyée á Lisbonne au R. P. Jean Baptiste Carbonne sur l'ouverture qui se fit le douzième Décembre 1744 du tombeau de St. François Xavier.* 4.°

426) **RELATION HISTORIQUE** *de la découverte l'Isle de Madère. Traduction du Portugais.* Paris, 1671. 12.°

427) **RELATION OF THE CONQUEST** *and invassion of Florida by the Spaniards under the command of Fernando de Sotto, writen in Portugues by a gentleman of the town of Elvas, now englished, to which is subjoned two journeys of the present emperor of China into Tartary in the years 1682 and 1683; with some discoveries made by the Spaniards in the island of California in the year* 1683. London, 1686. 12.°

428) **RELATIONS DE DIVERS VOYAGES CURIEUX** *qui n'ont point eté publiés ou qui ont esté traduites de Hachiyt, de Purchas, et d'autres voyageurs anglais, hollandais et portugais etc.* Paris, 1663, 2 vol. fol.

Traz no 1.° vol. a versão para francez do *Itinerario das Indias* por Aleixo da Motta cosmographo mór da carreira das Indias, (No prefacio do 2.° vol. diz-se que a traducção é de Grand Maison.

No 2.° vol. vem uma carta do Japão feita por um portuguez. É obra importante para a *Historia de nossas navegações.*

429) **RELAZIONE DELLA PRIMA** *udienza publica dell Excell. Sign. D. Andrea de Mello de Castro al Papa.* Roma, 14 de aprile 1709 fol.

430) **RELAZIONE DEL SONTUOSO** *ingresso fatto all' 7 de Guigno doppo prazo del Excell. Sign. Conte di Villa-maggiore Ambasciator Regio di Portogallo a la Corte Cesarea.* Viena, 1709. fol.

431) **RELAZIONE DEL REAME DI CONGO,** *di Duarte Lopes.* Roma, 1591.

432) **RELAZIONI VARIE CAVATE** *da una traduzione Inglese dell' originale Portoghese, ove si tratta del Nilo.* Firenza, 1693.

433) **REMO (FRÁ GIACOMO MARIA DA S.)** — De Minori Osservanti Refformati della Provincia di Genova.

L'Oceano imboschato in cui pati funesto naufragio Emanuel Sosa Cavalier portoghese. Storia descritta da —. In Milano, 1672. Nella Stampa Archiepiscopale. 12.° 191 pag. É dedicada ao padre Timoteo Canevese, de Milão, Leitor e prégador geral. B. P. L.

434) **RERUM ET REGIONUM INDICARUM:** *per Serenissimum Emanuelem Portugalliae Regem partarum novissima.* Em gothico.

É uma carta dirigida por Francisco Chalderia de Padua ao rev. senhor bispo de Aquilea.

Hec sunt nova: que Anno dñni MDXIII ex partibus Indie venere Serenissimo Emanueli Regi Portugalliae: Cui ibi omnia prospere succedunt: ac ipsi uti cuidam Deo obediunt.

É um folheto, que deve ser rarissimo, do qual vi um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

435) **RESENDIO (A. A.)** — LUSITANO

Epitome rerum gestarum in India a Lusitanis anno superiori juxta exem-

Digitized by Google

plum epistolae quam Nonis Acuña, dux Indiae ad regem misit ex urbe Cananorio, autore —. Lovanii 1531.

436) **RIBERO (G. PINTO).**

Discorso dell' usurpatione, retentione e ristoratione del regno di Portugallo, dal dr. —. Lisbona, 1646. 4.°

437) **RIBERO (J.)**

***History** of Ceylon. Translated from the portuguese.* Ceylon, 1847. Com cartas e mappas.

438) **ROCHA (ANTONIO DA SILVA LOPES).**

Injuste acclamation du Serenissime Infant D. Miguel, ou analyse et réfutation juridique de la décison des soi disant trois Etats du royaume de Portugal, du 11 Juillet 1828. Dediée à Sa Majesté T. F. D. Maria II par le Desembargador* —. *Traduit du Portugais. Paris. 1828.

439) **ROCHA (J. MONTEIRO DA).**

Mémoires sur l'Astronomie pratique par* —. *Traduites du Portugais. Paris. 1808.

Balbi diz-nos que existem traduzidas em Francez mais algumas obras d'este nosso celebre mathematico.

440) **SACRAMENTO (JUAN DEL SANTISSIMO).**

Viage y Perigrinacion de Jerusalem. Lisboa, 1744.

Parece-me que João do Santissimo Sacramento é portuguez, mas não tenho a certeza.

441) **SAMPAIO (DIOGO DE).**

Diz Balbi (vol. II pag. LXXXVII) que o *Tratado das côres* por Diogo de Carvalho Sampaio fôra traduzido em hespanhol.

442) **SAMPAIO (L. J. DE).**

***Question** Portugaise. Documents authentiques et officiels concernant les affaires de Portugal, depuis 1824 jusqu'en 1829 traduits en Français par* —. Brest. 1832.

443) **SAMPAIO (MANOEL IGNACIO DE).**

Apparece d'este nosso compatriota um trabalho em francez, cuja traducção no nosso idioma é: «Observações chymicas ácerca dos processos que convém praticar-se no fabrico do vinho tinto.» No tomo XXIX nos *Annaes d'Agricultura franceza.*

444) **SANTAREM (VISCONDE DE).** — Um dos mais notaveis geographos europeus no seculo actual.

I. *Introduction au tableau élémentaire des relations politiques et diplomatiques du Portugal avec les differentes puissances du monde, depuis le commencement de la Monarchie jusqu'a nos jours, mis en ordre et composé en Portugais par le* —. Paris. 1836, 8.°

II. *Portuguese Western Africa.* London, 1856.

445) **SEGUIN (EDOUARD).**

Jacob Rodrigues Pereire, premier instituteur des Sourds et Muets en France (1744-1780); pensionaire et interprète du Roi, Membre de la Societé Royale de Londres, etc. Notice sur sa vie et ses travaux. Et analyse raisonné de sa me-

Digitized by Google

thode, par —. Precedées de l'eloge de cette methode par Buffon. Paris, J. B. Baillière, libraire. 1847. 8.° 335 pag.

446) **SEMEDO (P. ALVARO. PORTUGHESE).** — Della Compagnia di Giesu.

I. *Relationç della grande monarchia della Cina del P. —. Com privilegio.* Romae. Sumptibus Hermanni Scheus. 1643. 4.° 309, pag. 4.° Idem, 1653.

II. *History (the) of That Great and Renowned Monarchy of China, Wherein all the particular Provinces are accurately described: as also the Dispositions, Manners, Learning, Laws, Government, and Religion of the People; Together with the Traffick and Commodities of the Country. Lately writen in Italian by —, a Portughess, after he had resided twenty two yeares at the Court and other famous Cities of that Kingdom. Now put into English by a Person of quality and Illustrated with several Mapps and Figures, to satisfie the curious, and advance the Trade of Great Brittain. To which is added the History of the late Invasion and Conquest of that florishing Kingdom by the Tartars. With an exact Account of the other Affairs of China till these presente Times. London Printed by E. Tyler for John Crook and are to be sold at his shop at the sign of the Ship in S. Pauls Church-yard* 1655. Vejo citada outra edição de Londres, 1655. fol.

III. *Imperio de la China y cultura evangelica en el. Obra de —.* Madrid. 1642.

IV. *Histoire veritable de la persecution excitée contre les Chretiens au royaume de la Chine en 1619, extraite des lettres du —.* Bourdeaux. 1620. 8.°

447) **SILVA (L. AUGUSTO REBELLO DA).**

Invasion et occupation du royaume de Portugal en 1580. Introduction à l'Histoire de Portugal au XVII et XVIII siècle par —. Traduit du Portugais. Paris. 1864.

448) **SOUSA (LUIZ DE).**

Historia de la religion de Santo Domingo, particularmente en los reynos y conquistas de la corona de Portugal. 1623.

Vem esta obra citada em *Ternaux Compans*, pag. 146. Será porém uma traducção hespanhola, ou noticia do original portuguez? Propendo a que seja uma versão, pois Compans costuma apresentar os titulos das nossas obras em portuguez. Nada, porém, dou como decidido.

449) **SOUSA (M. FARIA Y).**

Portuguese (The) Asia: or the history of the discovery and conquest of India by the Portuguese. Written by —. London. 1695, 2 vol. Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

450) **SUCCESSI NELLA GUERRA DI PORTUGALLO** *ne quali non solamente si descrivono gli apparecessi tuti che in essa furono fatti, ma l'Incoronatione ancora della Maestá Cattolica del Re Filippo.* Venetia, Presso Franc Ziletti. 1582.

451) **SWERTIUS (FRANCISCUS AUTUERP).**

Epitaphia latina, gallico, italica, hispanica, lusitanica, belgica, posteritati et urbanitati. Coloniae, Apud. Jodoum Kalcoven. 1645. 8.° 323 pag.

Digitized by Google

Aqui jas João Bras moleiro
Entre os dangantes mais destros,
A quem não falerao cestros
Nem tabaque, nem pandeiro

452) TEIXEIRA.

Voyage de —. ou histoire des rois de Perse. Traduit de l'espagnol en français. Paris. 1681.

453) TEIXEIRA (P.)

Relaciones del origen descendencia y succession de los reys de Persia y de Hormuz, y de un viaye hecho por el mismo autor desde la India Oriental hasta Italia por tierra, por P. Teixeira. Amberes, 1601, 8.°

454) TELLES (BALTHASAR).

Extrait de l'histoire d'Éthiopie, ecrite en Portugais par —, de la Compagnie de Jesus. Rouen 1671.

455) TESTAMENTO POLITICO *del Marchese di Pombal o sieno ultime istruzioni al conte d'Oeyras su figlio trovate fra i suoi manoscritti e tradotte dal Portoghese* 1782. Italia 1782. A sfese di Ranieri del Vivo. 8.°

456) TRANSLATION OF THE SPECH *of his Excellency Senhor Antonio de Azevedo Mello e Carvalho delivered in the Chamber of Deputies, on 2 of May of* 1856. Liverpool 1857.

457) TERSILE (PIER FRANCISCO). — della Compagnia di Giesu.

La Principessa Portoghese Specchio in cui praticamente si vede il progresso dell' Anima nella perfettione dell' Amor Divino. E che non é impraticable, como altri pensa, la strada della Virtu, che conduce á conseguirla.

Opera data in luce dal P. —. Dedicata alla M. R. Madre Suor Tereza Margherita Farnese Carmelitana Scalza. Ristampata cõ l'aggiunta di un altro Specchio expressivo delle principa'e specie, e atti più vivi dell' amore di Giesu C N S. Reggio, per Prospero Vedrotti. 1678. 12.° 214 pag.

458) UNJUST PROCLAMATION *of his serene highness the infante D. Miguel as king of Portugal. By Antonio da Silva Lopes Rocha.* London, 1829.

459) VASCO DA GAMA, *ou la découverte des Indes Orientales, traduit de l'allemand de Hening,* in 8.° 180 pag. Tournai. [1]

460) VASCONCELLOS (D. AUGUSTIN EMMANUEL ET). — Gentil-homme Portugais et Chevalier de l'Ordre de Christ.

Histoire de la vie et des actions de D. Jean II treiziesme roy de Portugal dict le plus grand roy, fils du meilleur homme. Traduit de l'Espagnol de D. —. A Paris, Chez Louys Vendosme. 1641, 8.°, Parte 1.ª 359, pag. 2.ª 447.

461) VASCONCELLOS (OSORIO).

Il Portogallo e Italia. Parole di —. al parlamento in morte del primo ré de Italia Victorio Emanuele II. 1878. Benevento.

462) VERA (ALVARO FERREIRA DE).

Origen de los reys de Portugal, titulos, oficios, appelidos y armas de las familias de aquel Reyno. Zaragoça, 1646. fol.

[1] *Bibliographie de la Belgique publié par la librairie de la Cour C. Muquard.* 1877.

Digitized by Google

463) VIE (LA) *de Dom Barthelemi des Martyrs, Religieux de l'Ordre de S. Dominique, Archeveque de Brague en Portugal. Nouvelle edition. A' Liege.* Chez Jean François Broncart. 8.°, 308 pag.

Esta edição é dedicada a Godefroid Ulric et Eyesden, bispo de Nicopoli.

464) VIEYRA (ANTONIO).

I *Sermão das chagas de S. Francisco prégado em Roma pelo padre* —. Em italiano, Roma, presso il Varese, 1672. Milano, por Francisco Vigone, 1672. Roma, com a traducção de varios outros sermões, por Michaele Hercules, 1668.

Em castelhano, 1673, 4.°, por um mercenario descalço, sem logar de impressão. [1]

II. *Sermão de Santo Ignacio de Loyola* (faz parte dos sermões, 1.ª parte, Lisboa, 1679). Valencia por Nicolao Droget, 1680. [2]

III. *Admodum Reverendi P.* —. *e Societate Jesu, regii Lusitania Praedicatoris Sermones Selectissimi faecunditate materiarum, sublimitate, subtilitate et acumine conceptuum admirabiles.* Pars I. Coloniae Agripinae apud Hermannum Demen. 1708. 4.° — Pars II. 1707. Id. Id. — Pars III. Id. 1707. — Pars IV. Id. 1707. — Pars V. Id. 1708. [3]

IV. *Las cinco piedras de la honda de David, en cinco discursos morales.* Lisboa, 1695.

V. *Sermones varios del Padre* —. Madrid, 1664, 4.°

VI *Prediche varie del P.* —. *tradotte della lingua spagnuola nell' Italiana,* Venezia, 1690, 12.°

VII. *Prediche sopra gli evangeli della Quaresma del* —. Venezia 1712. 4.°, 1 vol.

VIII. Saiu traduzido em italiano o *Sermão da Dominga de Sexagessima* do —. Neapoli, per Luca Antonio Tusco, 1688. (É o primeiro que apparece nos Sermoens (1.ª parte) impressos em Lisboa, 1679. [4]

IX. *Sermone delle Stimate di S. Francisco, nella Archiconfraternita delle Stemmate di Roma.* Milano 1672.

Las cinco piedras de la Honda de David en 5 discursos morales. Lisboa. 1676.

Sermones varios. Madrid, 1664. Imprenta de Joseph Buendia.

[1] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitana.* vol. II. pag. 423.

[2] «*Venerabili viro et Portugalliae Principis Concionatore disertissimo facilique omnium concionatorum antesignano, sive verius dixerim Principe.*» *Uthoa, Dissert de Legt. et Fideicom.* (Na dedicatoria ao Grão Duque da Toscana).

[3] Barbosa Machado —*Bibliotheca Lusitana*, vol. I.°, pag. 421.

[4] Do nosso padre Vieyra diz o celebre Feijóo «Aquel hombre aquien en pensar con elevacion, discurir con agudeza, y explicarse con claridad nó signaló hasta aora a Predicador alguno.» *Theat. Critico.* tom. I.

E no tomo IV. «Que sermon del Padre Vieyra no es un assombro? Hombre verdaderamente sin semejante de quien me atrevera decir lo que Veleyo Paterculo de Homero. Neque ante illum quem imitetur, neque post illum qui eum imitari posset, inventus est.»

Digitized by Google

Tomo VI. Imprenta de Francisco Fernandes. Madrid, 1713. — Tomo VII. Id. 1712. — Tomo XIII. Imprenta Real 1714. — Tomo XVIII. Imprenta de Manoel Rodrigues. Madrid, 1715.

Todos los sermones y obras differentes:

Tomo I. Barcelona, Imprenta de Maria Marti Vireda. 1734. — I. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez, 1711. — II. Barcelona, Imprenta de Maria Marti Vireda. 1734. — II. Madrid, Imprenta de Augustin Fernandez. 1712. — III. Barcelona, Imprenta de Juan Piterra. 1734. — III. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1712. — IV. Barcellona, Imprenta de Juan Piterra. 1734. — IV. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1712. — V. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1712. — VII. Madrid, Imprenta de Nicolas Rodrigues Francos. 1712. — VII. Madrid, Imprenta de Gabriel de Barrios. 1715. — IX. Madrid, Imprenta de Gabriel de Barrios. 1715. — X. XI. XII. XIII. XIV. XV. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1712 e 1713. — XVI e XVII. Madrid, Imprenta de Gabriel Barrios. 1712 e 1714. — XVIII. XIX. XX. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1713 e 1714. — XXI. Madrid, Imprenta de Herro. 1714.

«*Le V pietre della. Fonda di David spiegate in V sermoni.* Roma nella stamparia de Lozari. 1676.

De todas estas traducções ha exemplares na Bibliotheca Publica de Lisboa, por cujo catalogo formei este artigo.

«Pelo que toca á eloquencia, que persuade (que é a unica que merece o nome de eloquencia castiça e de lei) quizera que me apontassem outra mais activa, mais vigorosa, mais triumphante do que a do padre Antonio Vieira, nomeadamente em todos os sermões exclusivamente moraes, e ainda em muitos dos panegyricos. Leiam com reflexão os assumptos capitaes que trata nos sermões do Advento e da Quaresma, onde esmiuça os novissimos, e faz sobresair as verdades mais terriveis da religião; e digam me se algum orador, dos antigos ou modernos, tratou nunca estes pontos com maior viveza, com maior solidez, com maior valentia, ou com mais triumphante efficacia.»

Padre Isla auctor do celebre romance *Historia de Fray Gerundio de Camparas.*

X. *Prediche varie del Padre —, della Compagnie di Giesu, tradotte dalla Lingua Spagnuola nell' Italiana.* Venetia. 1673. Tomo 1.°, 372 pag. Tomo 2.°, 234 pag. 12.°

Quoi qu'en lisant ces Sermons on s'apperçoive facilement de la vivacité de leur Auteur, il semble néanmoins que la traduction leur a fait perdre beaucoup de leur subtilité.» [1].

Em seguida aos *Lusiadas* nenhuma obra possue a Litteratura portugueza tantas vezes traduzida e reimpressa como os *Sermões do nosso Vieira.*

XI. *Sermones del Rosario de Maria Santissima. Traducidos en Castellano de su original Portugues. Año* 1715. Con privilegio. En Madrid: En la Imprenta de D. Gabriel del Barrio. Hallárase en casa de Francisco Perez, Mercader de

[1] *Memoires de Litterature.*—Haye. 1715. Tomo I. pag. 112.

Digitized by Google

Libros, en la calle de Athocha. 8.°, 232 pag. É porém erro de impressão, deve ler-se 432. São 8 os sermões traduzidos. [1]

XII. *Discours historique pour le jour de la naissance de la Sérénissime reine de Portugal: où il est traité des grands événements arrivés l'année dernière. Traduit.. du R.* —. Paris. 1669 4.°

XIII. *Historia do Futuro pelo P.* —.

Saiu traduzida em castelhano, Barcelona, na impressão de Maria Marti. 1735. fol. V. Barbosa.

XIV. *Lagrymas de Heraclito defendidas, filosofo, que llorava siempre los successos del mundo.* Valencia, 1700. 4.°, em italiano, Neapoli, presso Felix Mosca, 1709. em castelhano, Barcelona, Off. de Maria Marti. 1734 fol.

XV. *Sermões do P.* —. Traduzidos em castelhano, 4 tomos fol. Barcelona, impressão de Maria Marti, 1734.

XVI. Appareceu traduzido em italiano o livrinho do P. —. intitulado. *As cinco pedras da funda de David.* Roma, presso Ignatio de Lazaris, 1686, 8.°

XVII. *Discours de rejouissance sur la naissance de l'Infante De Portugal, Prononcé en portugais le jour même de cette naissance, devant toute la Cour de Portugal, assemblée dans la Chapelle royalle de Lisbonne pour y chanter le Te Deum, par le R.* —. Paris, 1761, 4.°

XVIII. *Sermons du Père Vieyra.* Lyon. Chez Pelagand. 6 vol.

«Vieyra, quando prégava, além de Christina, rainha de Suecia, que não ignorava seu merito, via tambem muitos gentis homens romanos, todos os quaes eram sensiveis á honra e á gloria....

«Christina, que tinha o condão de agrupar em roda de si todas as celebridades, havia estabelecido no seu palacio uma especie de Academia, onde se discutiam grandes problemas de philosophia e de moral. N'um dia ella mesma propoz esta questão: Presta-se o mundo mais para chorar, ou para rir? E quem tinha mais razão Democrito, que estava sempre rindo, ou Heraclito, que nunca cessava de chorar? O padre Vieyra, tendo deixado a um outro ser o advogado do riso, fez-se o defensor das lagrimas; e apresentou tanta originalidade, e profundidade no quadro, que traçou das miserias, e anomalias d'este mundo, que este discurso, vertido immediatamente para varias linguas, foi reputado a obra prima do auctor. Por isso, n'aquelle tempo, tanto em Roma como em Lisboa, quando queriam dar uma elevada idéa de um trecho de eloquencia, diziam: esta passagem é bella como as lagrimas d'Heraclito.» *Vie du Père Vieyra*, pag. 121.

* * *

«Sa longue et bienfaisante activité, surtout dans le but d'obtenir que les Indiens fussent traités plus humainement, activité qui l'a fait surnommer le Las Casas du Brésil, sa grande eloquence, ses connaissances etendues pour son époque ont puissamment contribué á étendre la civilisation dans le pays, qui

[1] Diz o arcebispo da Bahia, censor do 2.° vol, dos *Sermões de Vieyra:* «Eu li os sermões d'este volume com gosto egual á admiração com que este maximo prégador he venerado em todas as partes do mundo.»

Digitized by Google

nous occupe. Ses discours et ses lettres ont rendu son nom illustre, et produit au Brésil une pépinière d'orateurs sacrés,-dont les plus célèbres sont Antonio de Sà e Eusebio de Mattos» (FERDINAND WOLF.—*Le Brésil litteraire.)*

465) VITA PATRIS GONZALI SYLVERIAE, *Societatis Jesu, in urbe Monomotapa martyrium passi. Lugduni, sumptibus Horatii Cardon.* 1612. 8.°,

466) VOCABULARIO DEL JAPON *declarado primero en Portugues por los Padres de la Compañia de Jesus, y agora en castellano en el Collegio de S. Thomas de Manilla.* Manilla. 1630.

467) VOYAGES EN AFRIQUE, *comprenant les découvertes et conquêtes des Portugais. Gama, Pacheco, Albuquerque, Jean de Castro, Roberts, Ca-Da-Mosto, Brue, Villault, Loyer, Atkins, Lamb etc.* Guiné, Cotes de la Guinée. A Paris, 1834. 2.° vol. 4.° 1.° 480 pag. 2.° vol. 486.

468) VOYAGES ET AVENTURES *d'un Portugais racontés par lui même. Limoges-Barbou Frères-Imprimeurs-Libraires.* Sem data. 4.° 128 pag.

Faz parte da collecção — *Bibliotheque Chrétienne et Morale approuvée par Monseigneur l'Evêque de Limoges.* 3ème Serie.

ADDITAMENTOS

Alite non fausta genti dum rursus Iberae
Restitutus Musas, hic Goveane jaces.
Cui tui Musis fuerit si mutua: nulla
Incolet Ebysium clarior umbra nemus.

Epitaphio de André de Gouveia, feito pelo celebre BUCHANAN. (Opera, *Lugduni Batavorum*, 1628.)

469) ALBUKERQUE.

Desc Machteghe em grot stat Ade genoemt gelege es int conincrye vũ perse inden wech vũ mech was bestormt en benochte vũ Alfonso dalbukerke capitein generael vande hoge en machtege edele coñic vũ portegael heer Emanuel mz drieduist vijhõ. dert volckx die welcke voch te drie ure lãc tsege die ide stat ware, dese bataelge gesciede die ide stat ware dese bataelge gesciede up de heilige paeschañot int iaer õs hiere Ihu cristi als me screef MCCCCCXIII (Anvers) 9 estampas representando a tomada d'Aden por Affonso d'Albuquerque, e que foram avaliadas em 360 francos por M. Tross.

470) ALL' EMINENTISS. PRINCIPE *D. Tommaso I Cardinal Patriarca di Lisbona. Traduzione toscana dell' elogio funebre recitato dal Reverendiss. Padre Antonio dos Reys nelle sontuosissime ezequie che celebró la religiosissima sua congregazione dell' Oratorio nell' anno 1735 alla pia memoria della fu Eccellentissima Signora Contessa dell' Atalaya.* 4.° 119 pag.

Digitized by Google

471) **ANDRADA (PÊRE ANTOINE).** *Grand Cathay ou Royaume de Tibet nagueres découvert. Par le Pere —.* Gand, 1627.

472) **ALIENTES DE LA VERDADE** *en los clarines de la fama... con que eternio su nombre en la Europa Don Manuel Telles da Silva, nupcial embaxador del invicto monarcha Lusitano a la magnifica Corte del SS. Elector Palatino hasta la hora de enbarcarse en Roterdam para Lisboa.* Amsterdam.

473) **ANCHIETA (JOSEPH DE).** *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil.* Lipsia, 1874, 8.°

474) **AVILA (BACHILLER D. ANDRES SAA DE).** *Breve noticia de las entradas, que por mar y tierra hicieron en esta Corte de Lisboa sus Magestades con los Serenissimos Principes del Brasil y Altezas, que Dios guarde, en 12 de febrero de 1729. Dedicada al Ex.mo Señor Pedro Gonzalez de la Camera Coutiño. Por su capellan Manuel Cuello de la Gracia, Presbytero, del Avito de San Pedro, y capellan del Hospital Real, natural de la Villa de Arey-o y traducida por el —.* Sevilla. *Sem data.*

475) **BELLIN.** *Description geographique de la Guiane, contenant la possession et les etablissemens des François, des Espagnols, des Portugais et des Hollandois dans ces vastes pays. Par le Sr. —.* Paris, Firmin Didot, 1763.

476) **BORDE (LA).** *Recueil de divers voyages faits en Afrique et en Amerique. Extrait de l'Histoire d'Ethiopie de Telles: relation des Caraibes par La Borde, description de l'empire du Prestre Jean, de la Jamaique, et relation du voyage fait sur les côstes d'Afrique en 1670 et 1771.* Paris, 1774, 4.°

477) **BOUTAN (A) ET D'ALMEIDA (J. CH.).** *Cours elementaire de physique precedé de notions de mécanique et suivi de problèmes.* Paris, 1872.

Este Almeida é portuguez. Morreu ha pouco na França Casado Giraldes, distincto lente a serviço d'aquelle paiz.

478) **BREVE NARRATIONE** *della vita della beata Giovanna Principessa di Portogallo. Dell' Ordine di San Domenico. Appellata communemente La Santa Principessa. Raccolta da un Religioso dell' intess' Ordine di lei Devoto.* Roma, Nella Stamp. della R. C. A. 1793, 4.°, 207 paginas.

479) **CAMOENS.** *Probeiner neberseizung Lusiade de —.* Hamburgo, 1808. Opusculo de 74 folhas.

480) **CASTRO (G. DE).**

Summario delle cose successe á don Giovan de Castro governator del stato della India per il potentissimo Re di Portogallo tanto nelle Guerre contra lo Idalcaaon, signore della terra ferma qual é presso alla Città di Gona, come anche principalmente nella vittoria che hebbe rõpendo l'exercito del Re di Cãbaia qual teneva assediata la fortezza della Cittá de Diu, one era per Capitano di essa D. Giovan Mascharenhas, et l' haueva difeso dal detto esercito per spatio di otto mesi che era durato l'assedio. Roma, per Antonio Blado, 1549 [1].

481) **COLOMBO (FR. FILIPPE).** *Vida del siervo de Dios V. P. Fr. Gonzalo Dias de Amarante, Padre de los pobres.* Madrid, 1678.

[1] P. Deschamps. — *Supplement au Manuel du Libraire de Brunet*, vol. 1, pag. 218.

Digitized by Google

482) **COPIA DER NEWEN** *Zeitung ausq Bresillg Landt.*

«M. Harrisse que cita esta peça curiosa e rara dá-lhe uma data approximada de 1520: Humboldt julga que esta relação allemã é traduzida do italiano, e não do portuguez, e que diz respeito a uma viagem ao estreito de Magalhães feita entre 1525 e 1540: Varnhagen diz, pelo contrario, que é um extracto da viagem hespanhola de Solis e Pinson, e fixa a data de 1508: M. Harrisse pensa que a primeira versão d'esta viagem foi escripta em portuguez, e vertida para o italiano, e depois para allemão» [1].

483) **COPIA DE UNA LITTERA** *del Re de Portogallo mãdata al Re de Castella del viaggio ed successo de India. Impresso in Roma per Maestro Joanni de Besicken nel anno 1505 a di 23 de octobre.* Avaliado em 800 francos [2].

484) **COPIA DE UNA LETTERA** *di nuove delle Indie Orientali, mandate dallo invittissimo Re di Portogallo alla Santitá di N. S. la qual narra la conversione di quattro Re con li loro popoli alla nostra santa Fede christiana. Con lo acquisto del Reame de Abexine di Prete Gianni, il quale era stato per il passato dalli Mori occupato.* 1544.

485) **CROZE (MATURIN VEYSSIERE LA)** Ancien professeur en philosophie et Bibliothecaire et antiquaire du Roi de Prusse.

I *Courte Relation de l'Ambassade du Patriarche Don Jean Bermudes, envoié au tres Chrétien et tres zelé pour la Foi Don Jean III Roi de Portugal, de la partie de l'Empereur d'Ethiopie, vulgairement appellé le Prête-Jean. Dedié à tres haut et tres puissant Prince, Don Sebastien, Roi de Portugal. Dans cette rélation est aussi racontée la Mort de Don Christophe de Gama et tout ce qui arriva aux Portugais qui l'accompagnerent dans son expédition.* Imprimée à Lisbonne, chez François Correa, Imprimeur du Cardinal Infant, l'an 1565. Esta traducção franceza foi feita sobre a versão ingleza de Samuel Purchas. Apparece esta versão franceza (de pag. 93 a 265) na obra de Croze, intituladà— *Histoire du Christianisme d'Ethiopie et d'Armenie.*

II Na *Histoire du Christianisme des Indes* appresentou a traducção de uma grande parte do Synodo Diocesano da Igreja e bispado de Augamale dos antigos christãos de S. Thomé.

Declara que só mais tarde é que veiu no conhecimento de que fôra vertida pelo dr. Geddes [3].

486) **CRUZ (FR. ESTEVÃO DA).** *Discursos sobre a Vida do Apostolo S. Pedro, em lingua brahmane-maratha.* Goa, 1634. B. P. L.

487) **DELICIAE LUSITANO HISPANICAE** *in quibus continentur: De magnitudine Hispanici Imperii Relatio: Novi Orbis regionum a Lusitanis subactarum brevis descriptio. De Lusitania ceterae Hispaniae adjuncta historia. Itemque Lusitaniae Antiquitates ab Andrea Resendio Collectae. Tam historicis quam philologicis cognitu tam jucundae quam utiles. Caloniae Agrippinae. Apud Gerhardum.* Greueubruch, 1613, 2 vol. 8.° B. B. Lisboa.

[1] Idem, idem, vol. 1.°, pag. 295.

[2] Idem, idem, vol. 1.°, pag. 297.

[3] «Mr. Geddes avait faite un long séjour à Lisbonne, avoit soigneusement lú les historiens espagnols et portugais.» *Histoire du Christianisme des Indes,* vol. I.

Digitized by Google

488) **DE NUPER SUB CASTILLAE** *ac Portugalliae regibus Serenissimis repertis insulis ac regionibus, Joannis Shoner Charolipolitani epistola et Globus geographicus.*

Vem na obra intitulada—*Joannes Honterus—Rudimentorum Cosmographicorum* libri III. Figuri, apud Froschoverum, 1546, 8.°

489) **EMMANUEL EPISTOLA** *potentissimi ac invictissimo Emanuelis Regis Portugaliae et Algarbiorum. De victoriis habitis in India Et Malacha. Ad Sanctum. Papam et Dominum nostrum Dominum Leonem X Pont. Max. Datum in urbe nostra Olisipone 8 idus Junias anno D.* 1513. Romae, impressa per Jacobum Mazochium 9 Augusti.

Outra edição: Viennae, impressum per Hieronymum Victorem et Joannem Singrenium 16 kalendas Octobris.

490) **EMANUEL (R.)** *Copia de una littera del R. de Portogallo mãdata al Re de Castella del viaggio ed successo de India. Impresso in Roma,* per Maestro Joanni de Besicken nel anno 1505 a di 23 de Octobre.

491) **EMMANUELIS REGIS** *Lusitaniae: Al Garbior: Africae, Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae Regis invictissimi obedientia.*

492) **EPITHALAMIA CANTABRIGIENSIA** *in nuptias auspicatissimas Serenissimi Regis Caroli II, Britanniarum Monarchae et illustrissimae Principis Catharinae Potentissimae Regis Lusitaniae Sororis unicae. Cantabrigiae.* Ex Officina Joannis Field, celeberrimae Academiae typographi. An. 1662, 4.° Em lat., grego e italiano.

493) **FIGUEROA (D. JOSEPH ENRIQUE DE —)** Archivero del ex.mo sr. duque de Uzeda.

Relacion lastimosa, octavas lamentables, sonetos funebres, y glossa tierna, à la muerte de la Reyna N. S. D. Maria Barbara de Portugal (que está en el Cielo) por — Com licencia. En Madrid: en la Imprenta de Antonio Perez de Soto, Impressor de los Reynos. Año de 1758.

494) **FONTANABONA (D. LUIGI).** *Compendio della vita e delle geste di S. Antonio di Padova.* Ferrara, 1871, in-16.°

495) **FUORA VILLACO.** *C'est à dire la Liberté de Portugal. Auquel se montre le droit chemin etc. vrais moyens de resister á l'effort du Castillan, rompre la trace de ses desseins, abbaisser son orgueil, & ruiner sa puissance. Dedié aux Roys, Princes, Potentats & republiques de l'Europe, particulierment au Roy Tres chrestien. Traduit de la langue Castillane en langue Française.* Imprimé nouvellement, 1641. 12.°, 206 pag. Eis o titulo exacto do exemplar existente na B. P. de Lisboa. O sr. Silva Tullio assevera que tambem foi vertida em hollandez e em inglez, e que, o author d'esta obra é o padre Fr. José Teixeira, o qual n'esta versão franceza apparece debaixo do pseudonymo—*Le Pelerin Espaignol, persecuté du temps et de la fortune.*

496) **FREYRE (BLASUS DE PINA —).** *De rebus S. Elisabethae Lusitanorum Regina libri II.* Lugduni. 1627, 16.°

497) **GHILARDI (FR. JOANE THOMA).** I *Vita venerabilis Bartholomaei de Martyribus.* Monteregali, 1869, 8.°

II *Petitiones in Sacrosancto Concilio Tridentino a venerabili Servo Dei Bar-*

Digitized by Google

tholomoeo a Martyribus Ordinis Praedicatorum Archiepiscopo Bracarensi et ab aliis factae accedunt collecta etab illo ex gestis in eodem Concilio Opusculum cum opportunis adnotationibus a Fr. Joanne Thuma Ghilardi ejusdem Ordinis Episcopo Monregalensi occasione futuri Concilii Vaticani editum. Monteregali apud Joannem Bianco. Impres. Episc. et Collegii Exter. Miss. 1869.

498) **GIOIA (P. FR. FRANCISCO MARIA DA NAPOLI).** *La maravigliosa converzione alla Santa Fede di Christo della Regina Singa, e del suo regno di Matamba nell' Africa miridionale.* Neapole, 1669, 4.°

499) **HISTOIRE ADMIRABLE** *d'un gentilhome portugais, lequel s'etant mis en un hermitage fut transformé en sanglier par l'artifice des sorciers, et mis en quartiers par ses propres compagnons, puis au bout de trois jours fut trouvé sain et entier, qui s'alla depuis rendre capucin avec ses compagnons. Translaté d'espagnol en françois.* Lyon. Nic. Hendier, 1644 [1].

500) **HISTOIRE MIRACULEUSE** *et tres certaine envoyée à D. frère, André de Sainte Marie, evêque de Cochin, en laquelle est rapporté qu' es Indes de Portugal, se trouve un homme marié agé de* 380 *ans, le quel a eté marié huit fois: à qui par deux fois les dents sont tombées et après revenues. Traduit d'italien en françois par le sieur François de Vezelize.* Paris, 1613.

501) **HISTOIRE VERITABLE** *de ce qui s'eut passé entre les François et les Portugais en l'ile de Maragoun.* Paris, 1616, 8.°

502 **HONTAN (BARON DE LA).** *Dialogue de monsieur le baron de — et d'un sauvage dans l'Amerique. Contenant une descripion exacte des moeurs et des coutumes de ces temps sauvages. Avec les voyages du même en Portugal.* Amsterdam, 1704.

503) **IN LAUDEM HISPANIAE.** *In laudem Fernandi que Emanuelis Hispaniae regum.* Romae (pelos annos de 1505).

504) **LETTRES DU JAPON,** *Peru, et Brazil envoyées au R. P. Général de la societé de Jesus, par ceux de la dicte societé qui s'employent en ces regions á la conversion des Gentils.* Paris, *Th. Brumen*, 1578, 110 pag.

505) **MAMERANUS (NICOL. ET PET.)** *Epithalamia duo Ill. Dñ. Alexandri Farnesi et Ill. Mariae de Portugallia... Additum praeterea de navigatione in Portugalliam: de ingressu ipsius Bruxellam, et de genealogia Regum Portugalliae.* Antuerpiae. Ex officina Christophori Plantini, 1566.

506) **MARCHAND (PROSPERE).** *Dictionaire historique ou Memoires critiques et litteraires concernant la vie et les ouvrages de divers personnages distingués, particulierment dans la Republique des Lettres. Par —.* A la Haye, Chez Pierre de Hondt, 1758, fol. Trata do nosso Vasco de Lobeira.

507) **MILAN (D. LUYS).** *Libro de musica de Vihuela de mano: intitulado el Maestro. El qual truhe el mesmo estilo y orden que un maestro traheria con un discipulo principiante: mostrando le ordenadamente desde los principios toda cosa que podria ignorar para entender la presente obra. Compuesto por —, dirigido al muy alto y muy poderoso et invictissimo principe don Johan: por la gracia de Dios rey de Portugal y de las Islas.* Valencia, 1536.

[1] Deschamps —*Supplément au Manuel du libraire de Brunet*, vol. I, pag. 631.

Digitized by Google

É obra rara e preciosa, e d'ella se vendeu um exemplar por 400 francos [1].

508) **NOVI AVISI** *di piu lochi dell' India et massime de Brasil riceuuti quest anno del* 1553. Roma, per Antonio Blado, 1552.

509) **ORLANDINO (NICOLAO).** *Historiae Societatis Jesu. Auctore — Antuerpiae apud Filios Martini Nutili*, 1620, fol. Consulte esta obra quem desejar escrever a respeito dos Jesuitas em Portugal. Na portada traz o retrato do nosso Simão Rodrigues.

510) **VITRÉ (MARTIN DE).** *Description du premier voyage faict aux Indes Orientales par les Français marchands de St. Malo, Vitré et Laval en* 1603, *par* —. Paris, 1604.

***

Noticias varias extrahidas do *Supplemento ao Manuel du Libraire* de Brunet. Paris, 1871.

511) I Acosta. *Historia natural das Indias, etc.*, foi traduzida em inglez, por Edward Grinstone, e dedicada a sir Rob. Cecill. London, 1604.

II Descobriu-se em Ferrara um exemplar do *Amadis de Gaula* em hespanhol, impresso no anno de 1510, em Salamanca, fol.

III Francisco Guerreiro. *El viage de Hierosalem que hizo, racionere y maestro de Capella de la Santa Iglesia de Sevilla.* A primeira relação d'esta viagem, Valencia, 1590, foi impressa em portuguez. A traducção de Castanheda por Grouchy foi primeiramente impressa em Paris, 1553, e é da maior raridade.

ULTIMOS ADDITAMENTOS

512) **ALPHONSE HENRIQUES** *(Histoire Portugaise).* Paris, an VII, 8.°

513) **APOCALIPSE D'UN JESUITE** *ou Relation d'un voyage merveilleux du T. R. P. B. à Lisbonne.* 1761.

514) **ARNAULT (L.)** *Pierre de Portugal et Sartorius. Tragedies.* Paris, 1827, 4.°

515) **BATAILLES, COMBATS ET VICTOIRES** *des armées françaises en Espagne et en Portugal.* Paris.

516) **BERGERON (L.)** *Campagnes d'Espagne et de Portugal sous l'Empire.* Paris, 1833, 12.°

517) **BIERVILLAS (D. DE).** *Voyage à la Côte de Malabar, Goa, Batavia etc.* Paris, 1736, 2 vol.

518) **BONNEJAY PERIGNON (MAD.)** *La Duchesse de Bragance.* Paris, 1840, 2 vol.

519) **CALVIN (JEAN)** (Galeo Portugais). *Relation de Calvin aux Champs Elisées et aux Enfers.* Bruxelles, 1734, 12.°

[1] Deschamps.—*Supplement au Manuel da libraire par Brunet*, vol. I, pag. 1034.

Digitized by Google

520) CISSEY (C.) *Amelina et Florello. Histoire portugaise.*

521) CHOUPPES (Marquis de)—Ambassadeur à Cour de Lisbonne. *Memoires.* Paris, 1753, 12.°

522) DEMBOWSKI (C.) *Deux ans en Espagne et en Portugal.* 1838-40. Paris, 1841, 8.°

523) DESCHANEL (E.) *Christophe Colomb et Vasco da Gama.* 2ª *edition.* Paris, 1865.

524) DUPRÉ ST. MAURE (E.) *Essai sur les relations commerciales du Departement de l'Aude avec les echelles du Levant, l'Espagne et le Portugal.* Paris, 1808.

525) FÉRE ET ST. IVES. *Louise de Guzman.* Paris, 1866.

526) FESCOURT (M.) *Lorenzo de Valvelhas. Histoire de deux amans portugais.* Paris, 1815, 2 vol.

527) GALLOWAY (EARL OF). *La Conduite du Comte de— en Espagne et en Portugal.* Rotterdam, 1711, 8.°

528) GRAMMATICA *Anglo Lusitanica Portuguez e Inglez.* Lisboa, 1705.

529) GRAMMATICA *hollandeza ou arte compendiosa para um portuguez aprender a lingua hollandeza.* Amsterdam, 1765, 8.°

530) GRAMMATICA *lusitanico anglica.* London, 1731.

531) GRAMMATIK *portugiesische.* Francfort, onder Oder bei Cost Gatlieb Straus, 1778.

532) HADOT (B.) *Les Portugais Proscrits.* Paris, 1821, 4 vol.

533) HALLER (CH. L. DE) *Etudes historiques sur les Revolutions d'Espagne et de Portugal.* Paris, 2 vol. 1841.

534) HEAULME (V. DE). *D. Sebastien de Portugal ou les Mystères de la Bataille d'Alcaçer.* 1578. Paris, 1854, 8.°

535) HEWITT (JAMES EDWIN). Está nos Estados Unidos fazendo uma nova versão dos *Lusiadas* para inglez.

536) HIPP (C. F.) *Grammaire Portugaise.* Hambourg, 1825.

537) HISTOIRE *de Jean de Calais, Roi de Portugal.* Paris, 8.° Vem esta obra mencionada no catalogo da casa Trübner, pag. 4.

538) HISTOIRE *de D. Juan.* Paris, 1831, 4 vol. 12.° Cat. Trübner.

539) HUET (EPISC.) *Diane de Castro.* Paris, 1728, 8.° Cat. Trübner.

540) HUGO (A.) *Romances historiques espagnoles et portugaises traduites par —.* Paris, 1822.

541) JESUITE ERRANT *ou Lettre du P. Alphonce Jesuite Portugais au Général de son Ordre à Rome.* Rome, 12.°

542) LASTIGUE (R) *Comptes faits des monnoies d'or coupé et cordonné d'Espagne et de Portugal qui ont cours dans la partie Française de l'Isle de St. Domingue.* Paris, 1776.

543) LEMERCIER (C.) *Le desastre de Lisbonne. Drame.* Paris, 1799.

544) LES LAMENTATIONS *de la Province des Jesuites en Portugal. Parodie des Lamentations du Prophete Jeremie.* Amsterdam, 1759, 8.°

545) LETTRES D'UNE CHANOINESSE *de Lisbonne à Melcourt, Officier Français.* La Haye, 1771, Paris, 1775, ib. 1782.

Digitized by Google

546) **LÉTTRES PORTUGAISES** *avec les imitations en vers par Dorat.* Paris, 1807.

547) **LE DÉSASTRE** *de Lisbonne. Dramme heroique.* Paris, 1804, 8.°

548) **MAFFEI (BERGOMATE)** Societatis Jesu Presbytero.

T. *Emmanuelis Acostae Lusitani Rerum a Societate Jesu in Oriente gestarum, ad annum usque Christi Domini MDLXVIII. Antuerpiae. Ex Officina Martini Nutii, ad insigne duarum Ciconiarum.* 1605. 8.°

549) **MARLÈS (M. DE).** *Histoire de Portugal racontée à la Jeunesse.* Paris, 1851, 8.°

550) **MÉMOIRE** *à consulter pour les colons de la Guyane Française spoliés par la violation de la capitulation du 12 janvier 1809 avec le Portugal.* Paris, 1839.

551) **MENTELLE (M.)** *Geographie moderne de Portugal.* Paris, 1784, 8.°

552) **MOREAU (M.)** *Analyse historique des royaumes d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1786.

553) **MORTONVAL (M.)** *Don Martin Gil. Histoire du temps de Pierre le Cruel.* Paris, 1831, 2 vol.

554) **PRAT (R. P.)** *Histoire du bienheureuse Jean de Brito.* Paris, 1853, in-8.°

555) **PICQUET (C.)** *Livre des postes d'Espagne et de Portugal.* 1810.

556) **POEMES** *sur la Religion Naturelle et sur la destruction de Lisbonne.* Genève, 1756.

557) **PRIEST (ST.)** *Pourquoi, par qui et comment l'Ordre des Jesuites fut proscrit au XVIII siècle en Portugal.* Paris, 1844.

558) **REPONSE** *pour M. Bremond, Consul general du Portugal en Suisse à l'Exposé des griefs et moyens de M. F. Frey.* Fribourg.

559) **ROBERT (C.)** *Le Marquis de Pombal.* Paris, 1860.

560) **ROUSSEAU (J.)** I *Histoire de Portugal et des Algarves.* Amsterdam, 1714.

II *Aventures de D. Ines de la Cisternas.* Utrecht, 1737.

561) **SANÉ (A. M.)** *Grammaire Portugaise.* Paris.

562) **SAVAGNER (M.)** *Histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris.

563) **SCHÉPELER (COL.)** *Histoire de la Revolution d'Espagne et de Portugal.* Liège, 1829, 2 vol.

564) **SCRIBE (M.)** *Dom Sebastien.* Opera. Paris, 1843.

565) **SÉGUE (M.)** *Don Juan de Portugal.* Tragedie. Marennes. 1840, 8.°

566) **SIRET (L. P.)** *Grammaire Portugaise.* Paris, 1854, 8.°

567) **SOUVENIRS** *d'un militaire des armées françaises dites de Portugal.* Paris, 1827, 8.°

568) **STERNE (L.)** *Du Mondego, ou le Français en Portugal. Traduit du Portugais.* Paris, 1809, 8.°

569) **VALLERANGE (P.)** *Alliance féderative de la France, la Belgique, l'Angleterre, l'Espagne, le Portugal, l'Italie, la Grèce etc.* Paris.

570) **VILLIAUMÉ (N.)** *De l'Espagne et du Portugal et de leur chemin de fer.* 1861.

Digitized by Google

PARTE III

OBRAS PORTUGUEZAS

PUBLICADAS EM PORTUGAL

E REIMPRESSAS NOS PAIZES ESTRANGEIROS

Digitized by Google

Digitized by Google

«Les Juifs portugais, qui formaient un élément tres considerable de la population du pays, avant les persecutions qu'ils eurent egalement à y subir au XV et au XVI.e siècle, sont connus comme une race aussi superieurment doúe que leurs frères expulsés d'Espagne, et dont ce n'est pas la moindre gloire d'avoir donné, dans l'exil, à la Hollande un penseur tel que Spinoza.»

VOGEL, *Le monde terrestre*, pag. 731, vol. 1.

Se os portuguezes não houvessem immortalisado o seu paiz com as descobertas e navegações feitas pelos nossos antepassados; se esta gloria tivesse pertencido a outra nação, ainda assim bastava o extraordinario numero dos nossos compatriotas, que brilharam com os seus escriptos para lhe adquirirem a immortalidade! Difficilmente se descobrirá uma universidade, uma academia, na qual se não fizesse ouvir a voz authorisada d'um filho de Portugal, e difficilmente se encontrará uma colleção de Memorias publicadas por alguma corporação scientifica, onde se não encontrem trabalhos dos nossos patricios.

Não eram, porem, em geral, estes trabalhos escriptos em lingua portugueza. Todos sabem que as linguas vivas não serviam n'outras epocas para os sabios n'ellas darem a publico os seus trabalhos scientificos e litterarios. Para este fim serviam-se do latim, como lingua universal para os sabios. Mais tarde entraram trabalhos taes a serem escriptos na lingua franceza, e em nossos dias quasi todas as linguas modernas servem para a publicação dos escriptos de certa importancia, perdendo, porém, terreno a lingua latina.

É pois uma verdade incontestavel que nunca as linguas vivas tiveram o favor de que logram na actualidade. Francez, inglez, allemão, russo, italiano, portuguez, tanto o reinicola, como os dialectos falados em varios paizes, tudo é estudado. Escreve-se hoje em castelhano, mas tambem se escreve na lingua de Catalunha. Estuda-se o portuguez usado em Portugal, mas tambem se publicam biblias, livros de orações e varias outras obras no portuguez de Ceilão e d'outras partes, em que a vernaculidade e grammatica do nosso bello idioma se acha já tão deturpada.

Já vê, pois, o leitor a razão porque a maxima parte das obras de nossos antepassados foram escriptas em latim. Era o idioma favorito dos sabios e das sabias; era uma lingua universal, e eis uma das razões porque bem cedo varios escriptores tractaram de fazer varias versões dos *Luziadas* e de outras obras portuguezas notaveis, como Os Trabalhos de Jesus, e o Tractado das Drogas por Garcia da Horta, para este idioma.

Digitized by Google

Como nos seculos XVI, XVII e XVIII um grande numero de portuguezes distinctissimos occupavam cargos eminentes em varios paizes estrangeiros, n'esses mesmos logares de sua residencia iam dando á luz seus trabalhos, obras que provam até á evidencia que os nossos nas sciencias theologicas, canonicas e juridicas estavam a par do que de melhor havia nos outros paizes.

Muitos livros, porèm, eram pela primeira vez estampados em Portugal, e depois, por causa do merecimento, que os estrangeiros lhe achavam, reimpressos frequentemente n'este ou n'outros paizes, como o leitor ha de ver.

Na actualidade é mui grande o numero de livros que em portuguez todos os annos saem á luz. Não só o Brazil concorre muito para este fim, fazendo até bellas reimpressões de classicos portuguezes, entre as quaes se distinguem as que são annotadas e revistas pelo sr. visconde de Castilho (Julio), continuando n'esta familia as glorias de seus antepassados; mas até mesmo outras cidades da America, pois é certo que em New-York teem sido dados á luz excellentes jornaes illustrados, como a *America* e varios outros escriptos no nosso idioma.

Na França ha um grande commercio de livros portuguezes, e entre outros estabelecimentos editores das obras escriptas em portuguez, podemos citar as casas Aillaud, Garnier, Hachette. Na Allemanha, F. A. Brockhaus, de Leipzig, que se distingue entre todas pelo primor das suas edições, e varias outras. Em Hamburgo temos a casa de Roberto Kittler, cujo catalogo já é volumoso. Em New-York a de Einsielden da qual saiem á luz edições primorosas, e em Bombaim a de Furtado & Irmão.

Pode-se mesmo asseverar que diariamente augmenta o numero [1] dos cul-

[1] No principio do seculo XVII era vulgar o conhecimento da lingua portugueza no Japão, o que se prova com a historia d'este paiz por Kaempfer; Amsterdam, 1738, 2 vol.

Ainda não ha muitos dias que em Paris se publicou a seguinte obra: SOARES DA SILVA *Le Portugais tel qu'on le parle, ou recueil de conversations portugaises et françaises avec la prononciation portugaise figurée par des sons français á l'usage des Français, qui vont en Portugal.* E' tambem moderna a grammatica de Paulino de Sousa.

A *grammatica portugueza* de Castro para uso dos inglezes conta já um grande numero de edições.

O sr. Mesnier na sua bella obra *O Japão* (Macao, 1874) assevera que a lingua Japoneza adoptou palavras portuguezas. (pag. 58).

N'um dia em que a situação do celebre explorador americano Stanley era mais desesperada (1877), o illustre americano vendo-se perdido, escreveu duas cartas, uma em portuguez e outra em francez, expondo o que havia feito, e as circumstancias, em que se achava, e expedin-as por expressos com recommendação de verem se podiam fazel-as chegar a mãos de brancos. Vieram as cartas parar ao poder de um portuguez estabelecido em Rama, e immediatamente os nossos compatriotas se poseram a caminho, acompanhados de guias, viveres e outros recursos, indo encontrar Stanley a dois dias de jornada. Conheceu então que effectivamente descera o Zaire. Mostrou-se muito grato para com os nossos, e confessou que a nossa lingua é a mais conhecida no sertão, tendo de se valer d'ella muitas vezes em que lhe diziam que certas tribus conheciam a lingua dos brancos, que vinha a ser a portugueza.

No lunch e baile que os officiaes da corveta *Sá da Bandeira* deram no dia 16 de se-

Digitized by Google

tores da lingua portugueza no estrangeiro, e que este numero por varias causas tende a augmentar cada vez mais, e não a diminuir.

Agora passo apresentar alguns exemplos d'obras impressas em Portugal e reimpressas no estrangeiro:

«Lusitanum nomen moriturum nunquam fama.»
ANTONIUS ALBISIUS, *Stemmata principum Christianorum.*

1) André de Rasende. Suas *Antiquitates Lusitaniae* foram reimpressas em Roma, 1597. Colonia, 1600. Id. 1613. Francfort, 1603. Opera omnia Coloniae 1600. etc. etc.

2) Bartholomeu dos Martyres, o celebre arcebispo de Braga:

I. *Compendium spiritualis doctrinae*, Matriti, 1594. Parisiis, 1601. Romae, 1603. Coloniae, 1622. Venetiis, 1711. etc. etc.

II. *Stimulus pastorum*, Romae, 1564. Id. 1582. Id. 1715. Parisiis, 1583. Id. 1586. Id. 1644. Id. 1677. etc.

III. *Summa Conciliorum*, Taurini, 1869.

IV. *Opera omnia*, Romae, 1735, 2 vol. fol.

3) Manoel Alvarez. *Grammatica Latina.* É incrivel o numero de reimpressões que teve esta grammatica tão afamada no seu tempo. Eram tantas, que se torna impossivel o fazer uma collecção completa d'ellas.

4) A *Biblia* do nosso celebre Antonio Pereira de Figueiredo tambem conta um numero extraordinario de reimpressões, feitas principalmente na Inglaterra e em Ceilão.

Mas é tempo de pôr termo a este trabalho, que já vai de foz em fóra. O leitor consulte a Bibliotheca de Barbosa, e verá o extraordinario numero de obras compostas pelos nossos, impressas e reimpressas em paizes estrangeiros. Ahi verá a noticia das obras e a reputação que lograva Achilles Estaço, secretario dos papas Pio IV; Pio V e Gregorio XIII. Agostinho Barbosa, bispo de Ugento; Affonso Alves Guerreiro, bispo de Monopoli, e presidente da Chancellaria de Napoles. Affonso Nunes. Agostinho Lourenço. Agostinho Osorio Ayres Pinhel. Alvaro Nunes. Alvaro Paes. Alvaro Thomaz. Alvaro Valasco.

ptembro aos exploradores portuguezes e ao americano Stanley, disse este as seguintes palavras «Que durante a longa travessia tinham sido os portuguezes os *unicos europeos*, cujo nome lhe tinha chegado aos ouvidos; que pelo que conhecia da historia, sabia desde muito que foram os portuguezes os primeiros que tinham levado a civilisação á Africa, mas que, da sua viagem se persuadira que a influencia d'elles era muito maior do que até então suppunha, e a unica que se conservava ainda com vigor inalteravel entre as tribus selvagens. Tinha sido detido por estas em varias guerras que contra ellas sustentára; mas todas as que o haviam festejado e prestado serviços, se gloriavam de ser portuguezas, e pronunciavam com respeito o nosso nome nacional.

Na Asia ha um grande numero de typographias portuguezas, como me asseveram varios macaistas. Temos em Shangae a typographia de José Homem de Carvalho & Ir-

Digitized by Google

Amador Rodrigues. Amato Lusitano, [1] André Bayão [2] Andre Eborense, Santo Antonio de Lisboa [3] Antonio de S. Bernardino, Antonio do Espirito Santo, Antonio Fernandes de Moura, Antonio da Gama, Antonio de Gouvea, Antonio Henriques Gomes, Antonio Pinheiro. Antonio Ribeiro Sanches, Antonio de Senna, Antonio de Sousa Macedo, Antonio Vieyra, Balthazar Alvares, Bento Pereira, Bento Pinhel, Braz Viegas, Christovão Gil. Cosme de Magalhães, Damião de Goes, Diogo Estrella, Diogo Lopes d'Andrade, Diogo Lopes de Ulhoa Diogo Mendes de Vasconcellos, Diogo de Paiva d'Andrade, Diogo de Teive. Dionisio Bernardo de Moraes, Domingos Antunes Portunes Portugal, Duarte Caldeira, Duarte Dias, Estevão Fagundes, Estevão Rodrigues de Castro, Fernando Ayres de Mera, Fernando Rodrigues Cardozo, Filippe Dias, Filippe Montalvo. Francisco de Santo Agostinho Macedo, lente em Padua, Francisco d'Araujo, Francisco Botelho [4] Francisco de Caldas Pereira, Francisco da Fonseca Henriques, Francisco Foreiro, um dos mais insignes theologos no Concilio de Trento, Francisco Manuel de Mello, o author da famosa obra *Historia de los movimientos de Cataluna*, Francisco Martins, Francisco de Mendonça, Francisco Sanches, esse philosopho celebre, author do livro *De multum nobilissima, scientia quod nihil scitur* impressa em Lugduni 1581, Francofurti, 1618 Retorodami, 1644. Gaspar Barreiros. Gaspar de Casal, Gaspar dos Reis Franco, Heitor Pinto, victima da politica hespanhola, Henrique Henriques, Henrique de Tavora, Isaac Pinto, Jacob de Castro Sarmento, da sociedade dos cirurgiões de Londres, Jeronymo d'Azambuja Jeronymo Gomes, Jeronymo Osorio, Ignacio

mão. Em Hong Kong a de Delphim de Noronha, e outra d'um Fulano de tal Sousa. Em Singapura a de Almeida. Em Cantão tambem existe imprensa portugueza. E na ilha de S. Domingos assevera-nos Lastingues *(Comptes faits)* que até corre dinheiro portuguez.

«Passan los portugueses por ser algun tanto vanagloriosos y altaneros, lo qual, aun siendo cierto, es bien discupable en una Nacion que ha hecho resonar con el nombre de sus hazañas el Africa y la America.» Miñano, *Diccionario Geografico*, vol. VII.

[1] «Amato Lusitano nasceu em Castello Branco em 1511 e falleceu em 1568. Esteve algum tempo em Veneza e Ferrara. N'esta, ultima cidade ensinou Medicina em 1547, e dissecou por sua propria mão doze cadaveres, o que era muito para uma epocha, em que os preconceitos religiosos se opunham ainda fortemente ao estudo da anatomia. Em 1549 achava-se em Ancona ensinando sua arte, e o Papa Julio III mandou-o vir mais de uma vez a Roma para o consultar. Por causa da sua religião judaica fugiu de Ancona para Pesaro com o fim de se subtrahir ás perseguições da Inquisição, depois para Ragusa, e d'aqui para Saloniki na Macedonia, onde morreu. Se julgarmos por seus escriptos, diz Haller, Amato fez uma leitura assidua de Galeno e dos medicos arabes: é um excellente critico, porém vaidoso, e notam-lhe muitos erros. Foi um dos primeiros que fez menção das valvulas das veias.» Firmin Didot. *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. II.

[2] André Bayão nasceu em Goa, no anno de 1566. Foi mestre de rhetorica no Collegio dos gregos em Roma, e depois, bispo Sabinense, regente do Seminario Manliense, e depois do de Veletri.

[3] Ensinou em Montpellier, Toulouse e Padua.

[4] O poema *Affonso*, de Botelho teve as seguintes edições: Paris, 1712. Lucca, 1716. Salamanca, 1731, Id. 1737.

Digitized by Google

de Santa Maria, João Ferreira d'Almeida, João Rodrigues Girão, author da arte da lingua do Japão impressa em Nangazaki no anno de 1604, João Rodrigues de Leão author d'uma obra impressa no Mexico em 1633, João Soares, João de S. Thomaz, Jorge Gomes Pereira, Jorge de Montemaior, assassinado no Piemonte e uma das maiores glorias de Portugal,[1] Jorge de Moraes, José Maria da Fonseca, José Teixeira, Lourenço Portel, Luiz Antonio Verney, cujas obras serviam para o ensino em muitos estabelecimentos litterarios da Italia, Luiz da Conceição, Luiz da Cruz, Luiz de Lemos, Luiz Nogueira, Luiz Nunes, Luiz de Sottomayor, Luiz Teixeira Lobo, Manuel de Azevedo, Manuel Barreto autor do *Flosculi de virtutibus et vitiis*, impresso em Nangasaki no anno de 1610, Manuel Brudo, Manuel da Costa, Manuel de Faria e Sousa, Manuel Goes, Manuel Gomes, Manuel Lourenço Soares, Manuel Mendes Castro, Manuel Rodrigues, Manuel de Sá, Manuel Soares da Ribeira, Manuel da Veiga, Miguel Cabedo de Vasconcellos, Pedro Barbosa, Pedro de Figueiró, Pedro da Fonseca, Pedro Nunes, a quem Montucla, na sua celebre *Histoire des mathematiques*, teceu os mais bellos encomios, Pedro de Santarem, Pedro da Veiga, Rodrigo de Castro, Sebastião Barradas, Sebastião Toscano, Simão Vaz Barbosa, Teive, Thomaz de Chaves, Thomé Corrêa, Zacuto Lusitano, etc. etc.

Mas em tempos mais chegados a nós, como não honrou na Inglaterra o nome portuguez o celebre physico Jacintho de Magalhães, natural de Aveiro, da Sociedade Real de Londres, e de S. Petersburgo, e auctor de obras tão notaveis e commentador da *Mineralogia* do celebre e famoso sueco Axel Cronstedt! João Antonio Monteiro tem o seu nome memorado com louvor nas paginas dos mais insignes mineralogistas francezes e allemães. Suas memorias foram estampadas nas actas da Academia de Munich e no *Journal des Mines*. Era muito apreciado pelo celebre Haüy. E Balbi (vol. II, pag. LIV) assevera-nos que as memorias escriptas por Joaquim Lobo faziam com que este fosse considerado como um mineralogista distincto na Allemanha.

Luiz Pinto de Sousa Coutinho, primeiro visconde de Balsemão, foi outro membro da Sociedade Real de Londres, e correspondia-se com sabios estrangeiros de primeira ordem, entre os quaes Robertson e Raynal.

Manuel Ferreira da Camara Bettencourt, chimico notavel, e membro da Academia de Historia Natural de Edimburgo.

João da Silveira Caldeira foi um medico que se tornou conhecido pelos seus trabalhos a que se entregou juntamente com Dubois, e por varios outros por elle feitos no Jardim das Plantas, e pela amisade com que o honravam os celebres chymicos Vauquelin e Langier.

[1] Lembro-me das seguintes edições da *Diana*. Pamplona, 1587, Antuerpia, 1580, Valencia, 1602, Madrid, 1588, Id. 1602. Id. 1622. Valencia, 15...? Ha porém muitissimas outras.

Ha tambem mui grande o numero de edições dos *Lusiadas* em portuguez impressas em varios paizes. Não fallando das reimpressões, brazileiras, tenho presente as seguintes: Napoles e Roma, 1731. Avignon, 1818. Paris, 1819. 1823. 1836. 1846. 1847. 1855. 1857. Hamburgo, 1834. Leipzig, 1845.

Digitized by Google

Manuel Pedro de Mello ganhou em 1806 com a sua Memoria sobre as forças, o premio proposto pela Academia de Copenhague.

Alexandre Herculano, membro do Instituto historico de França, uma das mais solidas glorias de Portugal.

Alexandre Magno de Castilho, outro membro do Instituto.

Antonio de Almeida, membro do Real Collegio dos Cirurgiões de Londres.

Antonio Feliciano de Castilho, membro do Instituto historico de Paris, da Academia das Sciencias de Rouen, etc.

Antonio Jacintho de Araujo, membro correspondente da Academia imperial de S. Petersburgo.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches, tambem da Academia de S. Petersburgo.

Antonio Vieira Transtagano, professor de arabe e persa no Collegio da Santissima Trindade de Dublin.

Francisco de Borja Garção Stockler, da sociedade real de Londres.

Isidoro Maria Baptista, da sociedade geologica de França.

Jacob Rodrigues Pereira, da sociedade de Londres.

Duque de Saldanha, da sociedade geologica de França.

Padre João Loureiro, da sociedade real de Londres.

Padre Joaquim Affonso Gonçalves, por causa do merecimento de suas obras ácerca da lingua chineza, nomeado socio da Sociedade Asiatica.

Joaquim Cesar de Figanière Mourão, da Academia de sciencias e litteratura de Maryland, da historica de Philadelphia, do instituto nacional de Washington, e da sociedade ethnologica de New York.

Joaquim José da Costa Macedo, secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa era reputado um sabio pelos estrangeiros, e pertencia a mais de quarenta academias e associações estrangeiras.

Padre Joaquim José Leite, sinologo, membro da Sociedade Asiatica.

José Joaquim Soares de Barros, das academias de Berlin e de Paris.

José Liberato Freire de Carvalho, do Instituto de Paris.

José Maria Dantas Pereira, da sociedade philosophica de Philadelphia.

Visconde de Santarém, da Academia de Berlin, do instituto de França, das sociedades geographicas de Berlin, Francfort, Londres, Paris, S. Petersburgo.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva, das Academias de Stockholm, Harlem, etc.

Padre Theodoro de Almeida da R. Sociedade de Londres.

Quem ha que tendo conhecimento dos trabalhos do abbade Corrêa da Serra de Brotero, José Bonifacio d'Andrada e André Rodrigues, astronomo no observatorio de Pekin, Alfredo d'Andrade, actualmente architecto na Italia, e que n'este paiz está dando realce ao nome portuguez, de Silvestre Pinheiro Ferreira, Casado Giraldes, Garrett e de tantos outros, não deva exclamar:

E vereis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente

ou com o celebre historiador hespanhol Marianna:

«*Regnum Lusitaniae magnitudine rerum gestarum cum primis nobile!*»

Digitized by Google

PARTE IV

NOTICIA

DAS

RECORDAÇÕES E MONUMENTOS

AINDA EXISTENTES

NAS DIFFERENTES PARTES DO MUNDO

FEITOS PELOS PORTUGUEZES

OU

ERIGIDOS EM HONRA D'ELLES

Digitized by Google

Digitized by Google

«Whether we consider the extent of the commercial portuguese empire in the East, its opulence, the slender power by which it was formed, or the splendour with which the government of it was conducted, there has hitherto been nothing comparable in the history of nations.»

DR. ROBERTSON, *Historical Disquisition concerning ancient India.*

1) **ABYSSINIA.** — Durante os annos de 1835 e 1836, Mauricio Tarnisier e Edmundo Combes, viajaram por esta região, e imprimiram a *Relação da sua viagem* no *Boletim da Sociedade Geographica de Paris* nos mezes de junho e julho de 1837. Durou esta viagem quinze mezes, encontraram varios vestigios do antigo dominio portuguez. [1] Guilherme Lejean, diz tambem o seguinte: «Ás dez horas atravessamos o Tadda, uma das aldeias mais risonhas e pittorescas da provincia, passámos o Maghtech por uma ponte levantada pelos portuguezes, *bellissima construcção*, sem a qual as communicações estariam interrompidas durante cinco mezes do anno, entre Gondar e as provincias do Sul.» [2]

2) **AGADIR.** *(Marrocos).* — A esta cidade na provincia de Sus, poseram os portuguezes, quando dominavam em grande parte d'aquelle imperio, o nome de Santa Cruz, nome pelo qual ainda é conhecida. [3] Ludovic Lalanne diz que os nossos introduziram a typographia no imperio de Marrocos. [4]

3) **AMBOINO.** *(Capital das Moluccas).* — «Os indigenas da cidade formam uma população indolente, variada, meio civilisada, que tira sua origem do Papus de Ceram, dos portuguezes e dos malaios, com alguma mistura de hollandezes ou de chinezes. O elemento portuguez é o predominante nos christãos velhos, como o indicam as feições, vestuario e emprego de algumas palavras portuguezas, que elles misturam com o malaio, seu idioma habitual. Sua linguagem contém poucas palavras hollandezas, apezar de ouvirem fallar esta lingua ha mais de duzentos e cincoenta annos: os nomes de passaros, arvores e varios outros objectos são evidentemente lusitanos.»

[1] Urcullu.—*Tractado de Geographia.* vol. III.
[2] Guilherme Lejean.—*Voyage en Abyssinie*, en 1862-1863.
[3] Erneste Faye.—*Histoire des Naufrages.* (Paris, 1859).
[4] *Curiosités Bibliographiques.* pag. 96.
[5] Alfred Russel Wallace.—*L'Archipel Malaisien.*

Digitized by Google

O capitão hollandez Stavorinus encontrou em 1774 n'esta ilha nomes visivelmente portuguezes, usados pelos indigenas, como *corre corre* (barco ligeiro) *marinho, bahia portugueza. etc.*

«Encontram-se em Amboino alguns descendentes dos portuguezes que pediram para ficar com os hollandezes, quando estes expulsaram d'esta ilha a seus antepassados.

«Os principaes christãos amboinos teem ainda hoje nomes portuguezes, que seus avôs receberam no baptismo. Com tudo a lingua portugueza é aqui menos usada do que em qualquer outró logar da India, e os descendentes dos portuguezes são em pequeno numero.» Stavorinus, *Voyages*, vol. I. pag. 272.

4) **AMSTERDAM.** — A synagoga dos judeos portuguezes n'esta cidade é um sumptuoso edificio, como se vê das estampas que adornam os *Guias do Viajante* em Amsterdam. Francisco Xavier d'Oliveira nas suas *rarissimas Cartas* [1] dá muitas noticias e curiosas ácerca dos judeos portuguezes n'aquella cidade, relativas ao anno de 1740, em que alli se achou.

5) **ARANDA DEL DUERO.** *(Hespanha).* — O portuguez D. Pedro, bispo d'Osma, fundou n'aquella villa um convento e egreja da Ordem de S. Domingos, escolhendo para seu jazigo a capella-mór. [2]

6) **ARGUIM.** *(Marrocos).* — «Fundaram os portuguezes em 1561 na ilha d'este nome um fórte, que successivamente foi conquistado pelos hollandezes e francezes. Algumas cisternas são hoje o unico vestigio, que indicam o local, que outr'ora o fórte occupou.» [3]

7) **ARZILLA.** *(Marrocos).* — Em 1789 ainda existiam as fortificações feitas pelos portuguezes no tempo, em que eram senhores d'esta cidade. «Em quanto Portugal a senhoreou, foi praça de força e de valor; mas, por haverem os soberanos marroquinos, em razão da sua indolencia e capricho, abandonado as fortificações, vão rapidamente desabando aos pedaços.» [4]

Para recordar a tomada d'esta cidade em 1471 aos mouros por D. Affonso V fez o famoso esculptor florentino André Contucci um baixo relevo, que foi mandado comprar a Roma por S. M. el-rei D. Fernando. [5]

8) **ATLAS.** *(Monte-Africa).* — «Mr. Jackson, na sua *Relação ingleza de Marrocos*, suppõe que algumas familias de Chillohes descendem dos portuguezes.» [6]

[1] Impressas em Amsterdam, 1741.

[2] Fr. Luiz de Sousa.—*Vida do Arcebispo*, liv. II. cap. 34.

[3] Vice-Amiral Fleuriot de Langle.—*Croisières à la Côte d'Afrique.*

[4] Guilherme Lampière.—*Viagens de Gibraltar a Tangere, Salé, etc.*

[5] Ribeiro Guimarães.—*Summario de varia historia.* vol. II.

[6] Jacob Graoberg de Hemso.—*Indagações sobre a lingua dos berberes.* (No vol. V das *Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa).*

Digitized by Google

Manoel Ignacio de Brito, foi no seculo passado, um valido do imperador de Marrocos Mulei Soleimão.

9) **BAÇAIM.** — «Esta praça cedida pelos reis de Goujerat aos portuguezes em 1534 cahiu em poder dos Mahratas em 1739. Suas ruinas são um testemunho da importancia d'esta cidade em tempos antigos; as ruas, as egrejas, e os palacios se desenham ainda no meio dos abrolhos, que as cobrem com seus ramos espinhosos. Os muros da cathedral e os restos de um Collegio de jesuitas chamam principalmente a attenção. [1] «Baçaim, esse viveiro da antiga fidalguia Indo-Luza, está hoje reduzida a uma pobre aldeia, e a um montão de ruinas! Assim exclamava um escriptor portuguez, [2] e isto mesmo foi depois confirmado por um escriptor francez:» As trincheiras ameiadas da antiga cidade portugueza não defendem hoje mais do que uma floresta de cacoeiros, por cima dos quaes sobresaem as torres arruinadas das egrejas. Em torno de Baçaim as collinas estão coroadas por baluartes, castellos, conventos, a maior parte em ruinas. O elemento portuguez é ainda hoje importante n'um grande numero de povoações do paiz.» [3]

«As ruinas de Baçaim ainda hoje avultam para dar testemunho da grandeza e riqueza da *côrte do Norte* por excellencia da India Portugueza, e hoje *campus ubi Troja fuit.*[4]

«It is of this vast portuguese empire that the now ruined cities of Chaul and Bassein were two important emporia of trade. They were, besides, when in their palmy days, the miniature of the Luso-Indian civilization of the age. Within the compressed area of their walls were contained appliances that imparted grace and dignity to life. Çhivalry, religious enthusiasm, scholastic pedantry and seigneurial arrogance.» [5]

«Estiveram os portuguezes de posse de Baçaim perto de duzentos e dez annos, durante o qual periodo medrou ella de modo tal, chegando a tanta grandeza e opulencia, que obteve para si o nobre cognome de Côrte do Norte, em relação á capital Goa. Abundava em edificios sumptuosos, tanto publicos, como particulares, civis e religiosos, os ultimos dos quaes, além da matriz ou cathedrál, consistiam em cinco conventos, treze egrejas, e uma misericordia, cujas ruinas mesmo no presente dia servem de silencioso epitaphio da grandeza, que findou. [6]

10) **BADAJOZ.** — Tem esta cidade estreitas relações com a historia de Portugal. Foi n'ella que em 1299 assentaram pazes el-rei D. Diniz e seu irmão, que andavam desavindos e em guerra aberta. Em 1801 em Badajoz se

[1] Alfred Grandidier. — *Voyage dans les provinces meridionales de l'Inde*

[2] José Joaquim Lopes de Lima. — *Jornal da viagem de Goa para Lisboa em 1842*,

[3] Louis Rousselet.—*L'Inde des Rajahs.*

[4] C. L. Monteiro Barbuda.—*Uma viagem de duas mil leguas.*

[5] Sr. Gerson da Cunha.—*Notes on Chaul and Bassein*, pag. VII.

[6] Idem, Idem. pag. 13[illegible].

Digitized by Google

ajustou a paz com a Hespanha, figurando no tractado o celebre principe da Paz, D. Manoel Godoy, e em janeiro de 1811 foi a cidade tomada pelo general francez Soult. Depois foi o exercito anglo-luso ao encontro dos francezes, e então se feriu a famosa batalha d'Albuera. Poucos dias depois poz-se em marcha Beresford para tomar a cidade, mas retirou-se.

Em 1812 temos o ultimo assedio de Badajoz, e d'esta vez coroou a victoria os heroicos esforços do exercito alliado. Em 18 de março começou a ser investida a praça por um exercito de 25:000 homens, e a 7 d'abril estava conquistada. Custou cara esta victoria. A guarnição franceza seria de 5:000 homens ás ordens do general Phillipon, e poz fóra de combate o cerco e assalto, 4885 homens, quasi homem por homem.

O tenente general Sir John Hope elogiou altamente o comportamento de todos os officiaes e tropas, e particularmente recommendou a primeira brigada portugueza do commando do brigadeiro A. Campbell.[1]

11) **BAYRUTH.** — N'esta cidade encontrou Fr. Pantaleão d'Aveiro, regressando da Terra Santa para Napoles, no reinado d'el-rei D. Sebastião, um grande numero de judeos, que lhe fallaram em portuguez.

12) **BENGALA.** — No tempo em que Francisco Bernier viajava, não havia no reino de Bengala menos de «huit a neuf mille familles de Franguis, Portugais natifs ou mestics.»

No Grão Mogol até mesmo havia piratas portuguezes, e um grande numero de portuguezes serviam de artilheiros nos exercitos dos principes asiaticos.[2]

13) **BOLONHA.** — Na egreja de S. Petronio,[3] viu o celebre arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres: «um archete de marmore, no qual lhe disseram que estavam os ossos de uma Margarida, portugueza, que deixada a patria e a cidade, em que nascera, se fôra viver a Bolonha: tinha sua morada em uma lapa pouco distante da cidade, e a vida, que fazia era mais de espirito angelico, que de corpo humano, e por tal lhe deram aquelle logar de morte.»

14) **BOMBAIM.** — Serve de palacio de recreio ao governador, em Parell, um convento fundado pelos portuguezes, cuja casa de capitulo serve actualmente de casa de jantar.[4] Este convento com sua egreja eram dos jesuitas.

Possue em Bombaim a corôa de Portugal o pequeno hospicio de S. Fran-

[1] Ribeiro Guimarães.—*Summario de varia historia.* vol. II. pag. 15.

[2] *Voyages de François Bernier contenant la description du Grand Mogol.* Amsterdam 1721. 2 vol.

[3] Fr. Luiz de Sousa.—*Vida do Arcebispo*, liv. II. cap. 19.

[4] Fleuriot de Langle.—*Le Malabar.* Os escriptores estrangeiros são concordes em asseverarem que *Bombaim* se deriva das palavras *Boa bahia.*

Digitized by Google

cisco Xavier com o terreno adjacente. A fortaleza de Bombaim tambem foi construida pelos portuguezes, segundo o systema de Vauban. Os inglezes posteriormente augmentaram-na e melhoraram-na. A Cathedral era antiga egreja portugueza, sobre a qual corre um terraço cercado de ameias. N'esta cidade, e ilha, residem uns dez ou doze mil canarins de Goa e Cochim. [1] E aqui se dá o nome de *Norteiros* a todos os christãos da ilha de Salsette, Baçaim, Damão, Surrate etc que, pela maior parte, fallam portuguez, e prezam em extremo a ascendencia portugueza. [2]

«Quizemos em Bombaim ouvir missa na Egreja Portugueza [3]. Indagámos, sem dizer o nosso intento, a que horas a dizia o parocho, e no dia 2 de maio, pelas 8 horas da manhã, dirigimo-nos ao templo de N. S. da Gloria, no bairro de Mazagão. Já perto do templo vimos o adro apinhado de gente: homens e mulheres indús: as mulheres christãs por via de regra, ou calçando um chinelinho, que apenas e mal lhes escondia os dedos, cobrem-se todas com um pano branco, largo e sem feitio, mas apertado por dentro, na cinta com uma fita. Com este panno encapotam a cabeça, e prendem-no sobre o seio com as mãos. Por baixo d'estas mantilhas descobrem-se-lhes ás vezes muitos objectos de oiro no peito e na cabeça, e sobre tudo, caras muito agradaveis. Aquelles cabellos retezados, e achatados na cabeça, chegam ao chão, e cobrem a indiana. Dos olhos negros dos orientaes já não ha que dizer.

«Ao chegarmos, abriu-se o povo em duas alas, recebendo no meio, com muita reverencia, o governador geral da India.

«Á porta abriu se um pallio, debaixo do qual foi recebido, entre cantares, o representante de Portugal, a mais de duas mil leguas da metropole, n'uma egreja ainda nossa, n'uma cidade, que já não é nossa, e saudado, como bem vindo, por uma grande familia, que falla a nossa lingua, e que se honra de dizer portuguez.

«Se algum povo tem ainda hoje prestigio no Oriente, especialmente em alguns pontos do Indostão, é o portuguez!

«A Inglaterra é grande; mas ella bem sabe o motivo porque nos deprime nas escolas, e tracta de nos fazer despreziveis aos olhos das novas gerações.

«Não sei que voz era a d'aquelle orgão, nem que magia tinham os cantos do sacerdote e do povo, que eu não pude assistir d'olhos enxutos áquella missa de alleluia. Se o meu paiz, que é tão grande, quizesse olhar pelo que lhe resta de suas possessões d'além mar, como seriamos ainda respeitados!

«Em Ceylão refere-se que ainda existe, como brazão proprio o escudo das quinas; e que ainda hoje os habitantes, naturaes da ilha, n'uma lingua, que elles chamam portugueza, vos dirão orgulhosos: *Nós somos portuguezes!* e perdemol-a em 1656, tendo-a possuido apenas desde o principio do seculo XVI. Os hollandezes primeiro, e depois os inglezes, teem querido, debalde destruir to-

[1] Bombaim foi em 1662 dada em dote, assim como Tanger, á infanta D. Catharina, quando casou com Carlos II, rei de Inglaterra.

[2] José Joaquim Lopes de Lima.—*Jornal da viagem de Goa para Lisboa em* 1842.

[3] Sr. Thomaz Ribeiro.—*Jornadas*, vol. I. pag. 388.

Digitized by Google

dos os vestigios do nosso predominio. É certo, que quando os padres quizeram ensinar o christianismo áquelles povos, relig ão que haviam acceitado de nós, substituindo o budhismo, cujo berço parece ter sido alli, tiveram de dar-lhes livros escriptos e impressos na lingua, que elles chamam portugueza.» Em Bombaim ha uma casa editora de livros portugueza, e n'esta cidade desde 1831 até 1848 se publicaram os seguintes jornaes em lingua portugueza:

I. *Mensageiro Bombayense.* 1831 1832. — II. *Investigador portuguez em Bombaim.* 1835 1837. — III. *Pregoeiro da liberdade.* 1838 1846. — IV. *Indio imparcial.* 1843 1844. — V. *Observador.* 1846 1848. — VI. *Abelha de Bombaim.* 1848.[1]

«Bombaim, provavelmente como nenhuma outra cidade do mundo, apresenta ao estudioso o contradictorio aspecto de ser ao mesmo tempo rodeada pelas sédes de antiquissimas civilisações Buddhista, Sivaita, Mahometana e Portugueza, charnecas habitadas por povo tão selvagem como a raça, que vive nos profundos esconderijos dos Sâtpûrâras.»[2]

15) **CAMBOJA.** *(Paiz da Asia).* — Em julho de 1850 o rei de Camboja enviou a Singapura um christão nativo, chamado Constantino Monteiro, que pelo nome certamente era de origem portugueza, encarregado de sollicitar das auctoridades britannicas adjutorio contra os piratas, que infestavam as costas de Camboja.

Em março de 1851, este mensageiro regressou para Camboja, em companhia do dinamarquez L. V. Helms, a bordo de um navio expedido em negociação áquelle reino pela Casa de Almeida e Filhos, de Singapura.

Constantino Monteiro parece que era homem intelligente e de conhecimentos; em quanto residiu em Singapura deu curiosas noções d'aquelle paiz, e forneceu os primeiros elementos para um mappa de Camboja, que foi publicado no *Indian Archipelago.*[3]

16) **CAPE-TOWN.** *(Cidade do Cabo).* — No Museu d'esta cidade vê-se uma porção da cruz de pedra (padrão?) trazida de Portugal por Bartholomeu Dias, e por elle erguida n'esta terra.[4]

17) **CHAUL.** — «Se algum dia o acaso levar a este theatro das façanhas dos portuguezes, como quasi sempre acontece, aos viajantes, que navegam esta costa, e que pelo mau tempo, ou pelas ameaças das tempestades, são obrigados a abordarem no seu quieto ancoradouro: desembarcai e dirigi-vos ao soberbo castello, que campeia opposto á cidade, e que é notavel[5] pela sua architectura

[1] Francisco Maria Bordalo. — *Ensaio sobre a Estatistica do Estado da India.*

[2] Sr. Gerson da Cunha. — *Notes on the history and antiquities of Chaul a and Bassein.* pag. VII.

[3] Sr. Carlos José Caldeira. — *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China.* vol. II.

[4] M. de Moges. — *Tour du Monde* (1° Semestre de 1860. pag. 300).

[5] Fortunato C. de Mello, a pag. 110 do Almanak *Luso-Indiano* de Bombaim para o anno de 1867 por Manoel Pedro de Sousa Franklin. Bombaim. Typographia de Viegas etc. Son.

Digitized by Google

antiga e aspecto venerando. Uma escadaria, desmoronada pelo correr dos annos, vos guiará a um bastião o mais alto do castello, esta porta do velho edificio se assenta no cume de uma collina escarpada e cheia de verdura, e cujo alicerce beija as aguas do oceano, avista-se do mar alto, a distancia de algumas milhas, e serve de ponto ou alvo aos pescadores d'esta povoação. É poetico e soberbo na verdade o sublime panorama que d'alli se desfructa! Difficilmente se encontrará em tão curto espaço mais bello panorama! Fronteira a esta sentinella monumental de gloria luzitana se ergue a bella cidade de Chaul, edificada pelas gerações passadas, que vieram plantar n'estas paragens as gloriosas quinas do nobre Portugal.

«Actualmente a cidade acha-se bastante arruinada pela acção do tempo, como tambem pelas mãos ingratas dos filhos de Albion, que teem por gloria profanar estes monumentos dos feitos de Albuquerques, Gamas e Castros. O viajante portuguez ao contemplar as altas torres da cidade, e mais edificios enegrecidos pelo correr do tempo, sentirá de certo as mesmas sensações que nós sentimos n'aquella hora.

«A presente condição de Chaul é a de uma obscura e pequena aldeia incluida no tâlukâ alibâ do collectorado Colabâ. [1]

«O forte, cujo circuito occupa obra de milha e meia, apresenta uma figura de quinze lados, sendo seus angulos formados por onze bastiões que terminam n'uma linha semicircular das muralhas, e quatro redutos, que conteem salas bastante largas para abrigarem uma guarda de vinte e cinco soldados. Cada um dos bastiões é, com excepção d'um chamado Santa Cruz, dedicado a um santo, e seus nomes são os seguintes: S. Pedro, S. Paulo, S Thiago, S. Jacintho, S. Luiz, S. Diniz, S. Francisco, S. Domingos, S. José e S. Jeronymo. As muralhas são de varia altura, de 25 a 30 pés do lado da terra, e de 20 a 25 do lado do mar: a disparidade é devida a ser o lado da terra mais exposto aos ataques do inimigo do que o outro. As muralhas teem em geral pouca apparencia de força, embora possuam em varios logares a ajuda de baluartes e terraços no lado mais interior, os quaes parecem achar-se bem divididos para o fim tanto do ataque como da defeza. As medonhas e velhas canhonheiras e bombardeiras, nas quaes foram montadas até 1728 cincoenta peças de artilheria desde o calibre de tres arrateis até o de quarenta arrateis, ou desde a pequena peça chamada pedreiro até aos immensos morteiros e basiliscos, estão agora n'um estado de delapidação, sendo as unicas reliquias de sua primitiva grandeza algumas velhas e enferrujadas peças de artilheria jazendo no chão nos baluartes, no supremo desprezo, em quanto as proprias muralhas apresentam ainda no dia de hoje, além dos signaes dos estragos causados pelo tempo,

[1] «Os descendentes dos portuguezes, habitantes de Chaul, que não tiveram meios para fugir para Goa, quando a cidade de Chaul em 1741 foi entregue aos Mârathâs, vivem ainda na visinhança do forte, em miseraveis choupanas, encostadas em profundas e bellas florestas de palmeiras em volta de Kôrte e Revadanda.» Sr. J. Gerson da Cunha. —*Notes on the history and antiquities af Chaul and Bassein.* Bombaim, 1876 (pag. 73). Id. pag. 74.

Digitized by Google

vestigios de terem resistido aos effeitos do fogo proveniente do exterior. Algumas das peças foram levadas por D. Martin Affonso para Malaca, e em 1728, coisa de um seculo depois, o feitor de Baçaim, André Ribeiro Coutinho, foi mandado pelo governo para inspecionar, e fazer um relatorio ácerca do forte. Suas recommendações para remediarem innumeraveis faltas parecem não ter tido bom resultado. Quasi todas as peças restantes ficaram no poder dos Maráthás quando tomaram Chaul, os quaes levaram comsigo as dealguma utilidade, deixando tão sómente as que estavam fóra de serviço.

«As alterações que a natureza tem depois operado, são realmente notaveis. Logares onde então o mar batia, e avançava vagarosamente, teem depois sido completamente cobertos por elle: a muralha está fendida em cinco ou sete differentes logares ao longo da praia; e a corrente da maré pacificamente entra dentro do forte, e lava os pés das ruinas dos mosteiros no interior, os quaes estão em imminente risco de desabarem. Alguns dos bastiões, e uma grande porção da muralha teem n'estes ultimos vinte annos cahido por terra, e d'aqui a mais alguns annos a porção, que ainda resta, a qual olha para o mar, talvez difficilmente venha a ser visivel. As areias, que estiveram uma vez enchendo o fosso, teem agora por si mesmas formado um monticulo, de modo que o inimigo, se alli houvesse algum, nenhuma necessidade teria d'escalar. Ao subir as areias facilmente o collocariam no cume da muralha. No lado reintrante d'esta parte da muralha, é ella rodeada por um pequeno bosque de bambus, que naturalmente datam a sua origem desde o periodo portuguez, e foi considerado como, segundo parece, uma obra exterior, para ter o destino de rebater o inimigo, quando usasse das areias invasoras como de escadas para o escalamento.

«O forte de Chaul tem, como alguns outros na costa, dois caminhos com cancellos, a saber a Porta do Mar, e a porta da Terra, tendo o primeiro além d'isso, uma espessa muralha a alguns passos defronte para o amparar do lado do rio, e o ultimo, a que tambem dão o nome de Porta dos Casados, conserva os restos de uma ponte levadiça sobre o fosso, o qual está actualmente entulhado de todo com areia, apezar de ser n'outros tempos largo e profundo, cercando toda a muralha chegado á terra, e poderia ser percorrido por gosto. A porta de entrada do sul está situada na margem do norte do porto de Chaul, onde está tambem o *bandar*. O primeiro objecto que n'este logar maravilha o viajante é uma enorme figueira da India.

A porta de entrada do sul tem agora a espessa muralha ao lado direito, a qual outr'ora a amparava completamente da vista do rio, em parte deitada por terra. Um charco d'agua suja, do comprimento de 4 pés e 3/4 polegadas, e da largura de 2 pés e 3 1/2 de largo, tendo uma figura que representa um guerreiro de alto relevo, com uniforme militar, condecorado com as insignias da Ordem de Christo, tendo na cabeça um capacete, está posta na parte externa remanescente da muralha, e era destinada como se crê, para representar um dos reis de Portugal, com um letreiro, no qual restam apenas seis lettras legiveis em duas linhas O J O A e T O no pé, restos, talvez do nome do rei D. João ou D. Sebastião, durante cujo infeliz reinado este fórte foi contrui-

Digitized by Google

do. A figura está convertida em idolo de Khandobâ, tendo a face untada com azeite, e a cabeça pintada com uma espessa camada de tinta encarnada. Um altar ao *tulsi* está erguido exactamente defronte d'elle, o qual recebe as diarias offertas de flôres e arroz, e reparte d'ellas com o guerreiro portuguez. É realmente uma reflexão bem humilhante que a figura de um dos reis de Portugal, que nos dias passados tudo punha em pratica, quanto lhe era possivel, e gastava milhões do seu thesouro para abolir a Idolatria da India, sirva agora de alvo ás supersticiosas propensões dos descendentes de seus primeiros vassallos!

Porém houve consciencioso iconoclasta que debastou completamente as mãos, ouvidos e nariz, e tornou a face tão liza como um pedaço de marmore. Tão forte era o stygma inherente ás representações de objectos viventes pelos sectarios, do Islam, que o mais infame principe entre os mahometanos teve escrupulos de consciencia em mostrar sequer uma tacita annuencia á naturalmente ignorante ostentação do zelo religioso dos indios.

A maior parte d'esta muralha exterior está agora derribada, e sómente resta uma pequena porção com uma janella oblonga por cima de um poço de agua, e uma passagem aberta ao oeste com as vergas prestes a fazerem-se em pedaços.

O exterior da porta do sul é feito de basalto preto, e sobreposto de uma corôa e armas gravadas na mesma pedra, mas actualmente quasi de todo encobertas com as folhas da vegetação. Está ainda n'um bonito estado de conservação, embora privada das massiças portas de teka, e trancas de ferro, e pregos, que outr'ora alli existiram.

Ao entrar a porta o visitante acha-se n'uma pequena área quadrada, murada por todos os lados, excepto nas portas. Á direita encontra-se uma pedra do cumprimento de 2 pés e 3 $^1/_2$ pollegadas e da largura de 2 pés e 2 pollegadas, posta n'uma reintrancia, na qual está meio sumida. A inscripção n'ella, com um emblema artistico como ornamentação hieraldica, consistindo em tres estrellas, e uma maça, provavelmente a cota d'armas do capitão do fórte, no tempo em que este muro foi construido, e o motto de Ave Maria, gratia plena, toscamente gravadas em volta, mostra bem claramente que n'ellas nenhuma excellencia da arte epigraphica existe tanto n'esta como nas outras inscripções de Chaul, mas que até mesmo não se serviam das ordinarias regras da caligraphia, mormente na sua absoluta carencia de attenção para com o sentido da clausula ou sentença.

Na inscripção acha-se a seguinte legenda: Na era de 1577 sendo capitão Alexandre de Sousa Freire d'esta fortaleza, se fez toda esta fortificação desde a praia ao mar.

Passando para o interior da porta observa-se o bem conhecido globo terrestre do D. Manoel á esquerda, tres frechas n'um feixe, á direita, e a real cota d'armas portugueza no meio, tudo sobreposto á cruz Malteza da Ordem de Christo. Cada um d'estes emblemas tem perto de dois pés de cumprimento e 2 $^1/_2$ de largo, e os circulos coisa de 2 pés de diametro. As pedras estão-se reduzindo a pó, e cobertas de vegetação. Á esquerda estão as ruinas de um edificio já sem sobrado nem tecto.

Digitized by Google

Do lado opposto d'esta porta estão duas pedras, n'uma veem-se umas letras que parecem querer dizer: Esta porta guarda-a N. S. das Dôres. E a outra: Na era de 1638 se reedificou esta porta.

Tendo transposto as portas, tem o visitante diante de si uma scena, que póde ser egualada, mas não excedida por quaesquer cidades em ruinas dos portuguezes na costa, exceptuando a velha cidade de Goa. Uma bem grande cidade cercada de todos os lados, salvo onde o mar tem feito algumas horrendas brechas, por uma alta muralha, ruas regulares, apezar de estreitas e não calçadas, e cabanas feitas de bamboo misturado com lodo e bosta de boi, e cobertas com um tecto de folhas de palmeira e palha, escondidas em espesso arvoredo, onde muitas pedras esculpidas e madeira pintada que outr'ora pertenceu ás egrejas e mosteiros portuguezes se veem em grutesca obra de retalhos. Os naturaes de Chaul, bem como os modernos Goenses acham mais barato excavar, e transportar pedras partidas do que cortal-as nas pedreiras.

O amor dos habitantes á commodidade apparece em alguns logares n'uma fórma tão vil, que fazem com que a parede de uma egreja ou mosteiro sirva para o mesmo fim na cabana quadrada, abrigada contra as inclemencias do tempo, onde tres paredes são feitas de lodo, e a quarta é parte de um convento.

As ruinas de Chaul, assim como as antigas ruinas christãs merecem especial menção. Consistem ellas principalmente de egrejas e conventos destelhados, e de soberbas residencias de nobres e mercadores, erguidas no meio de lindos jardins, agora entulhadas com as ruinas dos edificios que desabaram, e atapetadas de abrolhos; altos campanarios erguendo-se até ao ceo, com arqueadas torres de sinos, que já contiveram carrilhões que tocaram muitos e alegres repiques, agora mudos para sempre, sim, a morada do ominoso bufo com discordante guincho ainda mais accrescenta a desolação do logar. Todas estas coisas por si proprias teem um lugubre interesse, o qual fará, segundo espero, com que as ruinas de Chaul, por muitos annos futuros, até que sejam completamente varridas de cima da face da terra, sejam um logar digno de ser visitado pelos viajantes de Bombaim, classe que diariamente augmenta.

A imaginação por menos activa que seja não deixará de chamar outra vez á vida esta antiga scena do antigo poder e gloria dos portuguezes, onde ainda se pódem encontrar as reliquias de seu dominio — agora, ai! irrevogavelmente desapparecido.»

Na obra do sr. Gerson ainda veem mencionadas varias outras inscripções que se omittem por brevidade. A Egreja Matriz, dedicada a Santa Barbara, foi construida por um infatigavel franciscano, por nome (pag. 91) fr. Antonio do Porto. Tinha dimensões de uma cathedral. Está em ruinas. A poucos passos estão egualmente entulhos da Misericordia. Montão repugnante de ruinas invadidas por viçosa vegetação. Os actuaes habitantes de Chaul dão áquellas ruinas o nome de *Misri Kot*, alteração da palavra Misericordia.

Defronte das ruinas da Matriz, estão os entulhos da egreja e convento dos jesuitas. D'este edificio existem apenas a fachada, e algumas paredes, e signaes de arvores fructiferas e flôres, pelo cultivo das quaes os jesuitas portuguezes tinham uma reputação realmente invejavel. D'aqui a pouco encontram-se as

Digitized by Google

ruinas do mosteiro e egreja de S. Agostinho. A fachada e a torre dos sinos ainda estão de pé; tudo o mais está por terra. O altar, em que se erguia a cruz, serve agora de altar para os tulsi. Porém n'isto os portuguezes teem apenas encontrado uma tardia retribuição d'aquillo que praticaram nos seus dias dentro dos templos Hindus. Defronte d'estas ruinas veem-se as do Tribunal de Justiça. Deveria ter sido um vasto edificio.

Alguns dos claustros do Convento dos franciscanos teem uma fórma acastellada. É o que existe: tudo o mais são ruinas. E da immensidade d'estas ruinas o que ainda dá nas vistas é a torre. Tem uns 96 pés d'altura e os naturaes exprimem a sua admiração chamando-lhe Sâtkhani, ou os 7 andares: no entanto ameaça desabar. Voltando para o occidente encontram-se as ruinas do Convento de S. Domingos. A area occupada pelas ruinas d'este mosteiro é immensa.

Enxergam-se depois as ruinas d'uma pequena casa onde a tradicção diz ter residido S. Francisco Xavier. Uma capella de S. Ignacio contigua a esta já desappareceu completamente. Da egreja de S. Sebastião já não ha vestigios. Da egreja de S. João, parochia importante, ainda existem indicios. A rica e importante egreja da Madre de Deus está em ruinas. A unica egreja que fórma o nucleo de uma pequena communidade, natural de Chaul, no sopé do promontorio Kôrtè, é dedicada a nossa Senhora do Carmo, e parece de recente data. Existe tambem uma capellinha, fóra do fórte, que serve ao mesmo tempo de cemiterio. É pobrissima.

Os habitantes de Chaul ainda dão a alguns logares, nomes portuguezes, evidentemente estropeados, taes são: Sam Pâl Diul (Egreja de S. Paulo) Misri ou Misrikot (Misericordia) Padri Vigar (Padre Vigario, ou Matriz). Manel Coterel (Manoel Corte Real). Ales Perer (Aleixo Pereira). Mâm Gonsal (Simão Gonsalves) e varios outros

18) CHINA.— N'este vasto imperio é Portugal conhecido pelo nome de *Taisai-ion*, o grande reino do Occidente.

«Quando se espalhou em Shangai a noticia de que ia alli a corveta D. João I, o Tao-tai, mostrou-se um pouco inquieto, e informou-se cuidadosamente sobre a sua força, guarnição, etc., pouco depois insinuou que não tinha duvida de reconhecer o consul portuguez, logo que este lhe participasse a sua nomeação, pois que até então sómente o consul inglez lhe participara, que o negociante Beale tinha licença do governador de Hong kong para acceitar aquelle cargo, em serviço do governo portuguez.

«N'esta participação o interprete do consulado inglez *Medhurst* usou para traduzir os sons da palavra — Portugal — dos caracteres chinas correspondentes aos sons — *Pu-tum-ga*, o que produziu grande confusão ao Tao-tai; pois a significação de taes caracteres correspondia a — *reino das uvas e dentes*; — procurou informar-se com os europeus que exquisito reino era este, e julgou até ser alguma provincia de Inglaterra: mas parecia-lhe estranho que houvesse outro consul para ella, tendo já a Grã-Bretanha um em Shangai; finalmente custou muito a convencer-se de que se tratava de Portugal, que na China é só conhe-

Digitized by Google

cido pelo antigo e venerado nome de tradição *Taisai-ion* — o grande reino do Occidente.

«É duvidoso se o interprete Medhurst peccou por ignorancia, ou por acintoso espirito de nos deprimir, como em muitas coisas usam os de sua nação a nosso respeito.» (Sr. C. José Caldeira, *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China*, vol. I, pag. 336.)

Sainte Croix na sua viagem á China encontrou varios vocabulos portuguezes, pertencentes ao commercio e á navegação, usados pelos chins.

19) **CHU-SAION** *(China).*— «Na noite de 28 (1851), passámos muito perto de uma ilha chamada Chu-saion, que os chinas diziam, significa — *ilha portugueza*; fica proxima á que tem na carta o nome de Spider, um pouco antes de Double-Peak, ou Li-shen; disseram os chinas ser habitada por christãos, e que o são egualmente os povos das immediações.

Seria bastante curioso e util para a historia apurar a origem d'este nome de — Ilha Portugueza. Será talvez o logar, hoje incerto, onde se estabeleceram os portuguezes depois da mortandade de Liampô, ou Ning-pô, de que falla Fernão Mendes Pinto, dizendo ser cem leguas abaixo d'aquelle porto, em Chincheu, nome, que ainda hoje dão a esta parte da costa de Fuh-kien?» (Sr. Carlos José Caldeira, *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China*, vol. I, pag. 291.)

20) **CEILÃO.**— No relatorio da administração de Ceilão pelo governador, o barão Van Imhoff para instrucção do seu successor encontra-se um paragrapho que diz o seguinte:

«Muito se precisa de missionarios, que defendam a palavra de Deus em Ceilão. Devem saber as linguas portugueza, malabar e singaleza, etc.[1].

21) **CONGO** *(S. Salvador).*— «Em S. Salvador ainda existe no cume de um monte um castello, que os portuguezes alli fundaram, e restos de varias egrejas por elles construidas[2].

22) **CORDOVA.**—O convento da Ordem de S. Domingos, por nome Ara Coeli, foi fundado por um portuguez, chamado Alvaro, o qual era muito estimado de D. Izabel, mulher do imperador Carlos v[3].

23) **COROMANDEL.**— Tratando Sainte Croix das transacções commerciaes que os francezes poderiam fazer na costa de Coromandel em 1804, aconselha-os a que não especulem com o commercio do arroz, pois que só podia ser absolutamente *(absolument)* feito, por causa da grande pratica que tinham, por indios ou por portuguezes; todos os outros povos haviam infallivelmente

[1] *Archivo Pittoresco*, vol I pag. 42.
[2] Malte Brun, *Geog. Univ.* vol. II, pag. 37.
[3] Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, liv. V, cap. XIII.

Digitized by Google

de ser logrados, pois os indios intendiam-se perfeitamente com os portuguezes [1].

24) **CRUZ** *(Cidade de Santa* —. No imperio de Marrocos.) «A cidade de Santa Cruz é maritima, e está assentada no declive de uma alta e escabrosa serra, rematada na ponta occidental d'aquelle cordão de montes, que cortam quasi em dois os dominios de Marrocos, e são bem conhecidos debaixo do nome de Atlas. Em outras eras pertenceu aos portuguezes; e com a subida do ultimo imperador ao throno, cessou de ser o logar mais importante para negociarem os europeus. Hoje em dia está quasi deserta; e as poucas casas, que tem, vão aos poucos, reduzindo-se a nada [2]» V. *Agadir*.

25) **DAMASCO.** Caminhando por uma rua d'esta cidade Fr. Pantaleão no reinado de el-rei D. Sebastião, sairam de uma casa cinco ou seis judeus com grande alvoroço, gritando: Padre Fr. Pantaleão, o que vos trouxe cá? Quem havia de cuidar que havieis de vir a esta terra? Eram judeus nascidos em Portugal, e que se achavam n'aquella tão celebre povoação da Syria. Uns eram de Braga, outros do Algarve e de Lisboa.

26) **HONG-KONG**, soberba cidade ingleza em territorio chinez. O numero dos portuguezes é n'esta povoação muito avultado, e talvez foi esta a causa, porque Moges disse: [3] «Já lá vae o tempo, em que os intrepidos navegantes portuguezes eram os dominadores d'aquelles mares. Hoje seus descendentes degenerados veem-se reduzidos, para viverem, a procurar um emprego nas grandes casas inglezas ou americanas.»

Seja como fôr, o caso é que os portuguezes em Hong-Kong são em grande numero, e teem n'aquella cidade uma boa bibliotheca.

N'uma representação dirigida ao governo portuguez em 1877 por causa da nomeação do nosso consul para aquella cidade asseverava-se que havia n'ella 2:000 portuguezes estabelecidos [4].

Na quaresma do presente anno de 1878 levou o vapor da carreira entre Hong-Kong e Macau 200 e tantos portuguezes para n'esta ultima cidade irem assistir á procissão de Passos, que me dizem ser mui deslumbrante e digna de ser vista.

27) **JERUSALEM.**— Não admira que aos portuguezes este nome tenha sido em todos os tempos sempre bem caro. De todas as partes do mundo, em todas as epochas, os peregrinos em numero extraordinario teem affluido áquelle ponto com o fim de visitar aquella cidade, a mais famosa nos annaes da religião, e uma das mais celebres na historia profana. Alli se encontram recorda-

[1] Sainte-Croix, *Voyage commercial e politique aux Indes Orientales*, vol. I.
[2] G. Lempriere, *Viagens de Gibraltar a Tanger, Salé, Mogador, etc.* pag. 118.
[3] *Diario Illustrado*, n.° 1677.—17 de outubro de 1877.
[4] *Tour du Monde* de 1860.

Digitized by Google

ções de todos os povos christãos, e as dos portuguezes não são com certeza aquellas que menos brilham. No seculo XVI os judeus expulsos de Hespanha e de Portugal em grande numero foram estabelecer-se na Palestina, fundaram escólas, e suas sedes principaes foram Jerusalem, Sapheth e Tiberiades [1]. D'isto é uma importantissima testemunha o nosso fr. Pantaleão d'Aveiro, que no reinado de el-rei D. Sebastião andou por aquellas partes, e os encontrava em todos os logares, e com saudades d'aquelles paizes onde tão brutalmente tinham sido tratados.

Na egreja de S. Thiago no mais alto do Monte Sion viu fr. Pantaleão memorias de Mecia Pimenta, natural de Villa Viçosa [2], e alli mesmo por essa occasião se disse uma missa com um mui rico paramento, que havia dado para o Santo Sepulchro D. João Soares, bispo de Coimbra. Mandadas pela mesma portugueza havia obras no monte Olivete. Estando o nosso franciscano no templo de Jerusalem, ao qual D. João III dava trezentos cruzados annualmente para o azeite das alampadas e para o mesmo fim tinha deixado Jorge da Silva em tempo de D. Sebastião cem cruzados, vieram ter com elle tres moiros, e querendo lhe dar a intender que moravam em terras de christãos diziam-lhe Goa, Portugal, Cochin, Portugal, Frangi, querendo com aquellas palavras significar serem d'aquellas partes da India, e que tambem eram portuguezes [3]. N'aquella cidade de Jerusalem havia n'aquelle tempo uns trinta judeus nascidos em Portugal, entre os quaes um medico famoso, natural de Evora. E na synagoga viu ricos pannos de seda e ouro, para os quaes contribuiram judeus de toda a parte do mundo entrando os de Portugal [4].

Em Sapheth havia mais de quatrocentos portuguezes, que na lingua d'elles rogavam pragas aos turcos, quando os maltratavam.

Já passados muitissimos annos, em 1816, um frade portuguez exclama: «Os caminhos por onde os habitantes de Jerusalem iam ás solemnidades de Siam estão desertos, porém graças á divina Providencia que ainda alli conserva um pequeno resto de fieis adoradores sustentados pelas esmolas dos christãos, em cujo numero os portuguezes occupam um logar tão distincto, que alli teem merecido o glorioso nome de — *Redemptores dos logares santos!*» [5]

O titulo de Redemptores dos Logares Santos talvez não pareça exagerado, quando lermos o que diz fr. Antonio do Sacramento, guardião do convento de Belem na Terra Santa:—«Grande é a quantia de dinheiro, que todos os annos vae da christandade para a Terra Santa de Jerusalem. Só do nosso Portugal

[1] Munk, *Palestine*, pag. 644. Este author confessa que a lingua hespanhola é a mais usada pelos judeus da Turquia; devia tambem dizer o portuguez; mas em geral os escriptores estrangeiros tomam por um só ambos os idiomas.

[2] Fr. Pantaleão d'Aveiro. *Itinerario da Terra Santa*, pag. 212. Edição de 1721.

[3] Id., pag. 232.

[4] Id., pag. 248.

[5] *Viagem de um peregrino a Jerusalem, e visita que fez aos Logares Santos.* Lisboa, 1819, pag. 31. No tempo em que se fez esta viagem, o prelado do convento da Nazareth era portuguez, natural de Bragança, e exclamou ao vêr o peregrino com sua comitiva: É possivel que sejam estes os meus amados portuguezes! (pag. 35.)

Digitized by Google

vão 40:000 cruzados em dinheiro de contado, além de outras muitas coisas necessarias para o culto dos Logares Santos, que importam em grosso cabedal. Dos mais reinos tambem são remettidas esmollas mui copiosas, sendo que nenhum, nem todos juntos, importam tanto como Portugal e Hespanha [1].» Diz ainda mais: Para a grande despeza, que se fez na egreja de Santa Clara da Nazareth se applicou uma conducta do nosso Portugal, que constava de 40:000 cruzados, e foi feita pelos annos de 1730 [2].

«O tecto moderno do templo do Santissimo Sepulchro custou mais de cem mil cruzados, e disseram-me os religiosos e procuradores que fôra a sua redempção, uma conducta de Portugal, que constava de cincoenta mil cruzados, a qual havia chegado na mesma occasião da obra.»

«D. Pedro II confirmou em 25 de janeiro de 1669 um alvará de D. Filippe II, passado no anno de 1605 [3] pelo qual se concediam todos os annos na thesouraria da Casa da India 300 cruzados para se conservar accesa uma lampada no Santo Sepulchro de Jerusalem. Confirmou tambem outro alvará antigo, em que se ordenava a todas as camaras, villas e logares d'este reino, seus estados e conquistas, que, tendo ellas 400$000 réis de renda, fossem obrigadas a dar de esmola para a Terra Santa 4$000 réis. Confirmou mais outro alvará de 26 de maio de 1657, pelo qual mandou a todas as justiças d'este reino, que ajudassem a cobrar e cobrassem as esmolas dos Santos Logares, e assistissem com todo o favor e ajuda ao commissario geral d'ellas e seus companheiros. Mandou por alvará de 13 de novembro de 1686 que se cobrassem executivamente as dividas dos Logares Santos na capitania de Pernambuco. Offereceu aos mesmos Logares Santos, para sua veneração e ornato, varias peças de oiro e prata, e varios paramentos, que servem para o culto divino. No anno de 1674 mandou uma lampada de prata, cujo feitio importara em réis 378$720. No anno de 1682 enviou um ornamento tão ricamente bordado, que custou mais de 5:000 cruzados. No anno de 1688 remetteu 12 lampadas perfeitissimas de latão, por saber que eram necessarias d'esta sorte nos Logares Santos. No anno de 1691 mandou uma lampada sobredoirada, que serve dentro do Santo Sepulchro. E, para que esta, como mais preciosa, estivesse guardada e reservada para as festas principaes, mandou juntamente outra de prata para estar sempre com luz no mesmo logar todos os dias. Juntando as offertas referidas veiu a mandar este piissimo monarcha: 23 lampadas, 12 de latão e

[1] *Viagem á Terra Santa*. Lisboa, 1748.

[2] Por estes tempos não saia de Portugal sómente dinheiro para a Terra Santa. Grossas quantias eram tambem remettidas para Argel e Marrocos para o resgate dos captivos. «L'Allemagne, la France, l'Espagne et le Portugal ont fait de nombreuses Redemptions, où l'on peut compter plus de mille captifs delivres des fers et tires de la servitude où ils etaient expozes, les uns à Constantinople, et dans le reste de l'empire Ottoman, les autres dans les royaumes d'Alger, Tunis, Tripoly et de Maroc.» Philemon de la Motte et Joseph Bernard, *Voyage pour la Redemption des captifs aux royaumes d'Alger et de Tunis*, pag. 2. (Paris, 1721).

[3] Sr. Julio Firmino Judice Biker.—*A Terra Santa* e a *Liberalidade portugueza*.

Digitized by Google

11 de prata, e além d'estas e dos ornamentos, mais uma bacia grande de prata, que levava tres almudes de agua, para servir no Sabbado Santo.

«D. João V ainda na sua menoridade, sendo principe, mandou no anno de 1695 uma estrella de oiro para o logar veneravel, que primeiro tocou, saido do ventre materno, o grande Baptista. Em 21 de janeiro de 1715 confirmou amplamente todos os alvarás e provisões dos seus predecessores; assim como o privilegio de se cobrarem as dividas pertencentes á Terra Santa, da mesma fórma executiva, que se cobravam as da sua real fazenda etc. Mandou no anno de 1719 uma custodia de prata sobredoirada para o Santo Presepio de Belem, e para adornar a capella do Santo Sepulchro mandou em 1728 uma riquissima armação de velludo carmesim lavrado e tecido em fio de oiro com tanta grandeza e preciosidade que fez a regia admiração de todos, que a viram. A sanefa d'essa regia armação era de uma só peça, e da mesma materia e riqueza, mas de differente lavor, tendo tambem entre os ramos 23 escudos com as armas de Portugal; e para seu complemento foi mais uma porção do mesmo brocado.

«Mandou el-rei fazer tudo isto em Genova, e custou 22:000 cruzados. Como fosse muito abastada aquella armação, d'ella se pôde tirar um precioso ornamento de Pontifical inteiro com os mesmos escudos das armas reaes para o convento de S. Salvador, e não servia senão em Quinta Feira Santa e dia de Paschoa.

«D. José confirmou as provisões anteriores em 26 de abril, 25 de maio e 20 de novembro de 1760, 13 de julho de 1762, 23 de maio de 1766, e 6 de outubro de 1769, mandando as sommas mencionadas na conta junta.

«D. Maria I confirmou as provisões anteriores em 3 de setembro de 1777, 11 de maio de 1778, 12 de fevereiro, e 13 de março de 1781, 22 de fevereiro de 1787, 24 de agosto, e 8 de outubro de 1790, e 13 de outubro de 1800; e além das sommas, que mandou, e de outras dadivas que fez, enviou a Jerusalem em 1782 uma lampada de oiro para o Santo Sepulchro, avaliada em réis 2:600$000.

«A pedido do padre commissario geral se expediu a pastoral do bispo da Guarda, de 8 de abril de 1817, sobre as esmolas para a conservação dos Santos Logares.

«De particulares temos:

«Jorge da Silveira, que passou com el-rei D. Sebastião a Africa, e lá morreu; deixou cem cruzados por anno para o azeite das lampadas, que ardem assim na Casa Santa, como em Belem.

«D. Maria de Oliveira, que deixou 5:000 cruzados para um juro real cujo rendimento se applicasse e entregasse aos Logares Santos de Jerusalem por sua alma; e muitos legados avulsos de Portugal e do Brazil.

Pelo que respeita a esmolas, convém saber que estas foram mandadas para a Terra Santa pelos padres commissarios, e por via de Roma até 1668; depois por via de Castella até 1691, e d'este anno em diante directamente de Portugal. No anno de 1710 fez-se a primeira remessa com carta de el-rei D. João V para o guardião do sacro Monte Sião, datada de 14 de janeiro.

Digitized by Google

Mandou pois Portugal para a Santa Casa de Jerusalem, em dinheiro de contado, desde 1660 até 1733:

Esmolas		348:406$147
Despezas com o transporte das mesmas esmolas, com paramentos sagrados		28:402$493
		376:808$640
Esmolas de 1734 a 1756, a 40:000 cruzados por anno	368:000$000	
Despeza com o transporte das mesmas esmolas, a 400:000 réis cada remessa	9:200$000	377:200$000
Esmolas de 1757 a 1796	560:000$000	
Despezas com o transporte das ditas esmolas a 480$000 réis cada remessa	15:320$000	575:320$000
Total, réis		1.329:328$640

Peças e paramentos, que existem nos logares da Terra Santa mandados do reino de Portugal [1]

«No *Santo Sepulchro*.—Quatro lampadas de prata, que estão continuamente com luz na pedra do Anjo, junto ao Santo Sepulchro, e teem por titulo—*Principe de Portugal*.

«Mais uma lampada de el-rei de Portugal no Santo Sepulchro.

«Mais outra lampada dourada, que serve nas funcções de el-rei de Portugal, dentro do Santo Sepulchro.

«Mais duas lampadas de prata dos reis de Portugal, que servem no Santo Monte Calvario.

«Mais outras duas lampadas de prata do mesmo senhor em quanto principe, que estão na capella do Santo Sepulchro.

«Uma bacia de prata, que leva tres almudes de agua, em que esta se benze no Sabbado Santo, dadiva de el-rei de Portugal.

«Um perfumador de prata, de muito custo, que mandou D. Philippe de Noronha.

«Uma preciosa armação, com que se adorna o Santo Sepulchro, dadiva de el-rei D. João V.

«Um pontifical, que serve com a dita armação, e é do mesmo genero e preciosidade.

«Um pontifical roxo com ricas alvas, que mandou o cardeal da Cunha.

«Uma armação de damasco carmesim com galões de oiro, que mandou o mesmo cardeal para a capella do Anjo.

«Finalmente mais um relogio de parede, que mandou um bemfeitor de Portugal [2].

[1] *Paraizo Serafico*, part. I, liv. 7, cap. 5.

[2] «Na Quinta Feira Santa celebra de pontifical junto da porta do Santo Sepulchro o reverendissimo, onde se colloca um altar, que só serve n'estas funcções, a cujo altar commungam n'este dia todos os religiosos peregrinos e christãos. Alli concorre n'este dia um

Digitized by Google

«No *Convento de S. Salvador em Jerusalem*.—Uma alva riquissima, de que se serve o padre guardião nos pontificaes, dadiva do cardeal Cunha.

«Varias casulas e outros sagrados paramentos, que mandaram particulares bemfeitores.

«No *Convento de Belem*.—Uma lampada, que arde continuamente na gruta do Sacro Presepio, dadiva de el-rei de Portugal.

«Uma custodia de prata doirada, que serve na novena da festa da Expectação, dadiva de el-rei de Portugal.

«Quátro lampadas de latão, que servem no mesmo templo.

«Dois candieiros de prata, que servem nas funcções do Natal.

«Um ornamento branco bordado de oiro, que serve no pontifical da noite de Natal e na festa da Epiphania, com as armas de Portugal na capa, casula, dalmaticas, frontal, panno de estante, e veu de hombros.

«Dois livros grandes de côro, que mandou el-rei de Portugal no anno de 1732.

«No *Convento da Santa Casa da Nazareth*.—Um thuribulo e uma naveta de prata com as armas de Portugal; o sobredito foi mandado no anno de 1730.

«Nove vestimentas de damasco, todas com as armas de Portugal, que foram no anno 1730, com um psalterio para o côro.

«Tres casulas e cinco frontaes de brocado com galões e franjas de oiro, e com tarjas do mesmo, em que se veem debuxadas as armas de Portugal.

«Mais uma capa, dalmaticas, panno de estante e veu de hombros, tudo do mesmo brocado, e com os mesmos escudos. Foi obra de esmolas de varias pessoas particulares de Portugal, e levado no anno de 1732.

«Tres lampadas de prata para a mesma Santa Casa com as armas de Portugal.

«Ha alli mais oitenta covados de damasco para uma armação da Santa Gruta, que mandaram varios devotos de Portugal no anno de 1733.

«Tres casulas de damasco com galões de oiro; uma para o convento de Chypre, outra para o hospicio de Safa, e outra para o de Roma.»

CONTA DAS ESMOLAS REMETTIDAS PARA JERUSALEM

Desde 1757 até 10 de fevereiro de 1775.....	300:640$000
Pela rainha D. Maria I.—Desde 5 de setembro de 1777 até 19 agosto de 1796.....	274:680$000
Total.....	575:320$000

«A Allemanha, ainda que não mandava aos religiosos do Santo Sepulchro subsidios pecuniarios, lhes subministrava comtudo alfaias e adornos para os

em numero de pessoas, levadas da curiosidade de verem a magnificencia das sagradas vestes (donativos riquissimos dos reis, entre os quaes se distinguem os de Portugal, que são os mais preciosos, que apparecem na Terra Santa.» *Viagem de um peregrino a Jerusalem*, pag. 223.

Digitized by Google

sanctuarios, alliviando os religiosos d'estas necessarias despezas. Porém a philosophia do tempo, tão abundante em especulações destruidoras da piedade, philosophia, que no governo do imperador Joseph II tantos progressos fez n'aquelle imperio, decidiu que fossem privados d'estas esmolas os sanctuarios de Jerusalem.

«Os estados pontificios, e outros principados e ilhas concorriam com o que podiam. Reduzidos, porém, ao estado de pobreza em consequencia de uma guerra assoladora, nada podem contribuir; e apenas podem dispensar alguma cousa de sua pobreza para a manutenção de seus theatros [1].

«A França, esse reino tão piedoso debaixo do dominio de seus reis legitimos, soccorria não pouco os santos logares; os seus reis christianissimos se excediam uns aos outros em enviar a Jerusalem monumentos de sua real munificencia. Mas de de que alguns de seus filhos perpetraram por um frenesim de impiedade o mais escandaloso regicidio, e sentaram no throno dos Bourbons um estrangeiro, desde então até agora se perdeu a lembrança dos santos logares nos vastos dominios d'aquella nação.

«A Hespanha, que em outros tempos enviava a Jerusalem avultadas sommas, agora, que acaba de surgir de entre as ondas de uma prolongada guerra, guerra tão assoladora, como injusta, gemendo aind › sobre as suas ruinas, não concorre, nem póde concorrer para a manutenção dos cultos dos logares santos.

«Portugal somente, este reino abençoado de Deus, que tem volvido sobre elle os olhos da sua misericordia, sómente Portugal tem sido o redemptor, e o sustentaculo dos santos logares; e tanto que nem ainda no tempo da guerra faltaram em Jerusalem as suas conductas, que foram remediar as maiores necessidades dos religiosos. Em 1811 tendo saido de Jerusalem por falta de subsistencia alguns religiosos, se achavam no porto de Jaffa para embarcar para as suas respectivas patrias, quando os foi deter a conducta de Portugal. Reconhecendo n'isto um rasgo visivel da Providencia, bemdizendo a Deus, voltaram outra vez para os seus respectivos conventos. Finalmente quasi toda a subsistencia dos religiosos da Terra Santa desde que Bonaparte principiou a abalar com as armas os thronos da Europa, é devida aos portuguezes, segundo a confissão dos mesmos religiosos.

«As dadivas magnificas, que os nossos soberanos tem offerecido particularmente para o Santo Sepulchro, são o objecto da admiração das nações. D. Maria I além de outras dadivas preciosissimas, enviou a Jerusalem em 1782 uma alampada para o Santo Sepulchro. Sempre que de Lisboa saiam as conductas para Jerusalem se dignava escrever aos religiosos, representantes d'aquella Custodia, a quem incumbia fizessem por si e seus vassallos deprecações a Deus; em testemunho do que ainda alli se conservam as suas cartas.

«Em gratidão a tanta piedade se offerecia a Deus todos os annos por ella em Jerusalem no dia 17 de dezembro uma festa solemne além dos suffragios communs. Esta festa se faz agora a 13 de maio por D. João VI. A noticia de

[1] *Viagem de um peregrino a Jerusalem*, etc., pag. 263.

Digitized by Google

sua morte, que eu annunciei o primeiro em Jerusalem, foi recebida pelos religiosos com visiveis sentimentos de tristeza, e na egreja do Santo Sepulchro lhe fizeram sumptuosas exequias, ás quaes assistiu grande parte da cidade.

Parece que as coisas tinham melhorado em 1832, pois que Lamartine nos diz referindo-se áquelle anno: De dois em dois annos chega um navio de Hespanha, trazendo ao padre superior o producto das esmolas das potencias catholicas, Hespanha, Portugal e Italia. Esta somma, engrossada com as esmolas piedosas dos christãos do Egypto, da Grecia, de Constantinopla e da Syria lhes fornece, dizem, um rendimento de trezentos a quatrocentos mil francos. Reparte isto pelos differentes conventos, conforme o numero dos frades e as necessidades da communidade. Os edificios estão bem tratados, e tudo indica abundancia, e mesmo riqueza relativa nas casas, que visitei [1].»

28) **LEE-LOO.** *(China).* — «A bahia de Lee-loo fórma uma magnifica bacia, de bellos areaes, tendo algumas povoações. A mais de leste, com suas casinhas de tijolo vermelho, semeadas por entre o arvoredo, é de pobres pescadores, que são tão agradaveis no trato, como a sua povoação é bonita, vista do mar. Ao centro da bahia veem-se os restos de uma fortaleza, de cantaria, e de construcção ao gosto mourisco.

«Do que se póde ver pelas ruinas, parece ter andado alli trabalho de outras mãos differentes das dos chinezes. Lembrou-me pelo que tenho lido dos feitos dos nossos antepassados na China, se seria n'este logar que estiveram alguns annos os portuguezes depois de serem expulsos de Ning-pó, ou Siampó, em 1545, por causa das maldades commettidas pelo ouvidor Lancerote Pereira. Dizem chronicas antigas que os portuguezes se vieram a estabelecer então u'um logar da costa a que chamam *Chincheo.*» Gregorio José Ribeiro, De Macau a Funchau, *Recordações de Viagem*, pag. 58.

29) **MACASSAR.** *(Asia).* — Encontrou aqui em 1774 o capitão hollandez Stavorinus um fórte, que era construcção dos portuguezes [2], na distancia d'umas cincoenta toesas da costa.

30) **MAÇUÁ.** — Monsenhor Massaia, missionario apostolico na Abyssinia, [3] n'um relatorio dirigido d'aquella região ao conselho central de França, dá as seguintes informações do estado actual d'aquelle antigo imperio, apontando os vestigios, que alli existem ainda das egrejas e missões portuguezas nas terras do Preste João.

Maçuá (diz elle) primeiro porto da Abyssinia, é uma péssima ilheta, sujeita ao dominio turco. Foi um porto importante da costa do mar Roxo, nos dias florescentes do imperio Abexim. Ainda se vê uma egreja de janellas gothicas,

[1] Lamartine.—*Voyage en Orient*, pag. 127. Edição de Bruxellas de 1838.

[2] J. S. Stavorinus.—*Voyage par le Cap de Bonne Esperance a Samarang, a Macassar et Surate*, vol. I. pag. 134.

[3] *Archivo Pittoresco*, vol. IV pag. 46. anno de 1861.

Digitized by Google

edificada pelos portuguezes, que hoje está transformada em mesquita. É o unico vestigio da religião christã n'este porto.

31) MADRID. — «D. Joanna d'Austria, mãe de el-rei D. Sebastião, fundou n'esta cidade o convento real de religiosas descalças, e n'elle está sepultada n'um sumptuoso mausoleu com o seguinte epitaphio:

D. O. M.
JOANNA, VIRTUTIS EXEMPLAR
CAROLI V. ET ISABELLAE AUGUSTAE
FILIA
JOANNIS LUSITANORUM PRINCIPIS
UXOR
SEBASTIANI REGIS MATER
H. S. C.
OBIIT ANNO MDLXXIII AETATIS SUAE
XXXVIII [1]

«No convento de S. Filippe está, ou estava um tumulo com o seguinte epitaphio:

«*Aqui yaze debaxo deste altar el illustrissimo y reverendissimo señor don fray Alejo de Meneses, que aviendo tomado el habito desta sagrada religion en S. Agustin de Lisboa de edad* 15 *años, de* 30 *fue nombrado predicador de su Magestad, siendo difinidor en aquel Convento; y en el* 32 *Arçobispo de Goa, Primado de la India Oriental por el prudentissimo rey Filipe Segundo. Y aviendo sido diversas vezes Virrei de aquellos Estados, el Papa Clemente Octavo le embiò por su Legado Apostolico a la cõversion de toda la Sierra y Reynos del Malavar; y en ellos, con su predicacion, exemplo, y santa vida, convirtio gran multitud de infieles y cismaticos, y ganó à la obediencia del santo Evangelio muchos Reynos, y a la de su Rey, muchos Reyes: de donde el Catolico Rey dom Filippe Tercero lo llamó para la primacia y dignidad de Braga. Y aviendo llegado alli, despues de muchos naufragios, viniendo a esta corte para renunciar aquella dignidad Arçobispal, y recoger-se a la soledad de una cella; su Magestad Catolica, conociendo su valor y exemplar vida, le embió por Virrey de Portugal, y por tener cerca de si tan insigne varon, dentro de un año le mandó bolver a esta Corte, y le hizo del Consejo de Estado, Capellan mayor y Presidente del Supremo de aquellos Reynos, donde estando viviendo, com aprovacion de singular prudencia, dormio en el Señor, con increyble dolor de los que le conocieron, a* 2 *de Mayo,* 1617. *De su edad* 58 *años, tres mezes, onze dias* [2].»

«Convento dos Carmelitas Calçados, fundado em 1573. Contribuiu com grandes esmolas para a fundação d'este Convento D. Joanna, princesa de Portugal [3].

[1] Maestro Gil Gonçalez d'Avila. — *Theatro de las grandezas de la Villa de Madrid*, pag. 38.
[2] Id., id., pag. 245.
[3] Id , id., pag. 258.

Digitized by Google

«Convento e Collegio de Santo Agostinho, fundado em 1581. Foi seu primeiro reitor Fr. Alôso de Orozco, discipulo de Fr. Luiz de Montoia, confessor de el-rei D. Sebastião [1].

«Collegio de S. Thomaz, da Ordem de Santo Agostinho.

«*Aqui jaz Fr. Diego de Chaves, a quem o Papa mandou que persuadisse o rei de Hespanha a casar com a filha do Duque de Bragança* [2].»

«Convento de freiras de Santa Maria de los Angeles, fundado em 1564. Foi fundadora D. Leonor Mascarenhas, natural de Almada, e a egreja foi sagrada por D. Jorge de Athaide, bispo de Vizeu [3].

Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes, fundado em 1606. «O conselho de Portugal, para curar os enfermos naturaes d'aquelle reino, que residem na côrte, mandou edificar este hospital, onde são curados com grande piedade e carinho. [4]»

«O museu real de pinturas em Madrid foi fundado por Fernando VII, e sua mulher D. Maria Izabel de Bragança cedeu para esta fundação, de uma pensão que desfructava sobre o rendimento dos Correios [5].

32) **MAHÉ.** *(Possessão franceza, na Costa do Malabar).* — «Os christãos são bastante numerosos em Mahé, procedem ou das antigas conversões feitas pelos portuguezes, ou da mescla d'esta nação com as mulheres do paiz. A religião Catholica é acceite em todo este paiz, e os missionarios pódem penetrar nas povoações selvagens, que habitam o Gates [6].»

33) **MALABAR.** — «Por toda esta costa do Malabar ainda é commum entre os indigenas a linguagem portugueza, e conservam muito affecto á nossa nação, apezar de terem passado ha tanto tempo para o dominio estranho.» C. J. Caldeira. *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa á China,* vol. 2 pag. 27.

34) **MALACCA.** — Em 1804 havia na cidade de Malacca uma egreja catholica para os portuguezes. [7]

«Bayadère é a palavra portugueza empregada pelos europeus para designarem uma classe de mulheres, que dansam nos pagódes, e as quaes são, em geral, destinadas para a prostituição. A palavra *bayadère* deriva-se da portugueza *bailadeira*, nome que lhes foi posto pelos primeiros europeos, que apportaram a este paiz. Os indios só as conhecem pelos nomes de *devadassi* ou *devalliales*, que significa em sanscrito, *serva da divindade.*»

[1] Maestro Gil Gonçalvez d'Avila.—*Theatro de las grandezas de la Villa de Madrid*, pag. 266.

[2] Id., id., pag. 267.

[3] Id., id., pag. 288.

[4] Id., id., pag. 306.

[5] D. Ceferino Araujo Sanchez —*Los Museos de España*, pag. 22.

[6] Fleuriot de Langle.—*Le Malabar.*

[7] Ste. Croix.— *Voyage commercial et politique aux Indes Orientales*, vol 1. pag. 236.

Digitized by Google

«*La Lusiade*, poëme tres estimé, et mal traduit dans toutes les langues.»

«É a cidade pittoresca, suas ruas estreitas; suas lojas e habitações servem para os descendentes dos portuguezes e para os chinezes. Nos arredores encontram-se as casas dos funccionarios inglezes e de alguns negociantes portuguezes;[1] estão rodeadas de bosques, de palmeiras e de arvores fructiferas, em cuja folhagem variada a vista repousa agradavelmente, e offerece uma deliciosa sombra.

«O velho fórte, a grande casa do governo, e as ruinas d'uma cathedral testemunham a riqueza e a importancia que outr'ora teve esta cidade, quando era o centro do commercio do éste, assim como hoje o é Singapura. Linschott diz d'ella, ha 170 annos: Malacca é habitada pelos portuguezes, e pelos naturaes do paiz os malaios. Teem os portuguezes aqui um castello, como em Moçambique, e não ha fortaleza em todas as Indias, depois da de Moçambique, e da de Ormuz, em que os capitães melhor cumpram seus deveres, do que na fortaleza de Malacca. Esta cidade é o mercado da India inteira, da China, Moluccas, e outras ilhas circumvisinhas. De todos estes paizes, assim como de Banda, Java, Sumatra, Siam, Pegu, Bengala, Coromandel, e da India, chegam navios, que vão e veem continuamente, carregados de uma infinidade de mercadorias. Haveria muito maior numero de portuguezes, se o ar não fosse tão doentio. etc.

«Assim falla Linschott. Hoje, apenas entra no porto de Malacca um navio de mais de cem tonneladas, e o commercio limita-se a alguns productos das florestas, e aos fructos, que produzem para gozo dos habitantes de Singapura as arvores plantadas pelos antigos portuguezes.

«Varias raças compõe a população de Malacca, os chinezes, malaios indigenas, e pódem-se classificar em terceiro logar os descendentes dos portuguezes, raça mesclada e degenerada. Continuam a fallar sua lingua mãe, porém deturpando-a horrivelmente.

«O portuguez, que se falla em Malacca é realmente um phenomeno philologico singular: os verbos pela maior parte perderam suas inflexões, e a mesma fórma serve para todos os modos, tempos, numeros e pessoas. *Eu vai* serve tanto para exprimir eu vou, eu fui, como irei. Os adjectivos são tambem despojados de suas terminações femininas, de modo que a lingua tornou-se d'uma simplicidade assombrosa; se eu accrescentar que n'ella se introduziram palavres malaias, conceber-se-ha quanto ella deve ser difficil para aquelles, que até então não teem ouvido fallar mais do que o puro Lusitano.[2]

«Os differentes habitantes de Malacca variam tanto em seus vestuarios, como em sua linguagem. O portuguez prefere uma jaqueta leve, e a maior parte das vezes uma camiza e unicamente uma calça.

[1] Alfred Russell Wallace. — *L'Archipel Malaisien. No Tour du Monde de* 1870. 2.° Semestre. pag. 150.

[2] Alguns annos antes da viagem de Wallace estes portuguezes andavam por uns tres mil, eram todos christãos, e empregavam-se em geral na pesca. *Instrucção do Vice Rei Marquez de Alorna*. Nova Goa, 185 , pag. 74.

Digitized by Google

«Antes de me introduzir no interior do paiz tomei para meu serviço dois portuguezes, um para cozinheiro, e o outro para caçar aves, e tirar-lhes a pelle, o que constitue uma industria especial de Malacca.»

«Em janeiro de 1852 maravilhou nos, apenas saltámos sobre aquella terra de gloriosas recordações, ouvir fallar portuguez (muito adulterado é verdade) a toda a gente que se nos acercou. Dois seculos de dominio hollandez e britanico não foram sufficientes para fazer esquecer aos malaios o idioma do grande Affonso d'Albuquerque.[1]

«Depois de visitarmos o templo catholico da invocação de S. João, obra dos portuguezes, e que só tinha um sacerdote, natural de Goa, fomos ver os restos das muralhas da cidade, e a unica porta que ainda resta de pé.»

O sr. C. José Caldeira em 1852 visitou esta cidade a egreja de S. Pedro, espaçosa e aceada, administrada por padres portuguezes, os restos da antiga muralha, as ruinas da egreja de S. Paulo, onde jaz o 2.º bispo do Japão D. Pedro fallecido em 1598. Encontrou alli um mestre de portuguez, um falano Sousa, que fallava a lingua com muita correcção, e dizia ter muitos discipulos. Os habitantes chamados portuguezes eram uns tres mil, e todos christãos, ufanando-se muito da sua origem.[2]

35) **MALTA** — «Entre os grãos mestres de Malta, que mais se distinguiram pelo valor, virtude e sciencia de governo, tem um os primeiros logares[3] D. Antonio Manoel de Vilhena, mais conhecido pelo nome de grão mestre Manoel. Nasceu este homem tão celebre na Europa em Lisboa, a 28 de maio de 1663. Foi filho de D. Sancho Manoel, conde de Villa Flôr, que salvou a independencia Portugueza na batalha do Ameixial. D. Antonio Manoel entrou na Ordem de S. João de Jerusalém, e muito moço partiu para Malta a servir debaixo das bandeiras d'aquella illustre Ordem. Lá, sendo patrão da galé capitania de uma armada malteza, foi ferido em um combate contra dois navios de Tripoli, que o general Antonio Corrêa de Sousa tomou em 1680. Depois de varios outros feitos gloriosos foi elevado em 1703 ao cargo de grão chanceller da Ordem, e chefe da Lingua de Castella e Portugal; e depois a balio de Acre, e procurador do thesouro, e em 1722 eleito grão mestre, por voto unanime dos eleitoraes; eleição esta, de que no sentir de Vertot, o tornavam dignissimo a sua nobreza, virtude e perfeito conhecimento das maximas da Ordem. Apenas sentado no solio o seu nome soou com grande brado por toda a Europa, pela habilidade, prudencia e valor, com que deffendeu a ilha d'um ataque de turcos. Desassombrado d'este risco com tal politica e valor se houve, que o grão vizir de Constantinopla lhe mandou propôr a troca de captivos, e ao mesmo tempo um tractado de paz, o qual com effeito se fez, mas não teve effeito por circumstancias, que posteriormente occorreram.

«Entretanto as esquadras de Malta, que por ordem do grão mestre cru-

[1] *Archivo Pittoresco*, vol. I. pag. 169.
[2] *Apontamentos d'uma viagem*, vol. II. pag. 13.
[3] *Panorama de* 1838. pag. 1322.

Digitized by Google

zavam o Mediterraneo, voltavam sempre victoriosas dos infieis, ricas de seus despojos, e com grande numero de christãos resgatados, sendo, entre outros combates, celebre o recontro com a armada turca, no qual ficou prisioneiro o vice almirante inimigo e a sultana Kali-Michemet. Em 1728 mandou D. Antonio Manoel bombardear Tripoli pelos cavalleiros Trans e Aubepoint.

«Ainda que Malta estava bastantemente fortificada, o grão mestre, querendo que a ilha ficasse de todo o ponto deffendida contra qualquer tentativa de turcos, tractou de a fortalecer ainda mais. Para isso construiu um fórte, que ainda hoje se chama *fórte Manuel*. É esta uma das melhores fortificações de Malta, e que guarda a entrada do porto de Marsa-Musset, tendo entre outras coisas notaveis uma soberba ponte de um só arco lançada sobre um precipicio, para por alli transitar a artilheria. Esta obra magnifica foi toda feita á custa do grão mestre, como se vê de uma inscripção latina, que ha sobre a porta da fortaleza.

«Augmentava D. Antonio Manuel as forças maritimas da Ordem, ao mesmo tempo, que dava maior extensão a Valetta, edificando um bairro novo, que se ficou chamando *Burgo Villena*, e onde, tambem á sua custa, edificou um hospital de invalidos, e outro para velhos e incuraveis de ambos os sexos.

«Tal era a fama do grão mestre que o papa Bento XIII lhe mandou o estoque e casco bentos, distincção eminente, que a Santa Sé não concedia senão a principes e personagens, que se distinguiam por feitos memoraveis contra os infieis sendo elle o primeiro grão mestre, que recebeu esta honra.

«Tendo-se ajustado pelos annos de 1728 o casamento dos principes do Brazil e das Asturias, enviou a el-rei D. João V uma embaixada em quatro naus de guerra, para o cumprimentar por tão faustos desposorios, o que el-rei lhe agradeceu com um presente de muitas peças d'artilharia para o seu fórte Manuel, que elle acabava de edificar.

«Foi D. Antonio Manoel respeitado de todos soberanos da Europa e Luiz XIV o honrou com particular amizade. Falleceu em dezembro de 1736, e Malta lhe é devedora de grande numero de monumentos, e a cada passo se encontram provas da honrada memoria, que deixou entre os cavalleiros da Ordem e habitantes da ilha.

«No meio da praça do fórte lhe erigiu o commendador Suzo uma estatua, com uma honrosa inscripção gravada no pedestal. Na salla de armas do palacio dos grão mestres, entre as armaduras dos mais celebres d'estes principes, se ergue a sua estatua em bronze, e o seu tumulo na egreja de S. João é um mausoleu tão magnifico, que mr. Avalos o compara ao de Medicis em Florença.

«Achando que as instituições, que havia em Malta, careciam de ser reformadas, mandou compilar um novo codigo, o qual se veiu a concluir no tempo do grão mestre Rohan, em 1728. A lembrança, em fim, do seu brilhante governo, foi tão duradoura e grata nos animos dos cavalleiros maltezes, que entre elles ficou glorioso o nome Lusitano, e por ventura esta lembrança contribuiu para a eleição de outro portuguez á suprema dignidade, o qual foi o grão

Digitized by Google

mestre Pinto, quarto e ultimo grão mestre d'esta nação, de quem os *Annaes da Ordem* tambem fazem honrosa menção. [1]

Em Malta levantaram ha poucos annos outra estatua a D. Manoel de Vilhena.

36) **MAMORA**. *(Cidade de Marrocos).* — «Não contem coisas dignas de admiração. Em quanto foi sujeita a Portugal, cingia-a uma muralha de dois lanços, que ainda hoje resta.» (1789) Guilherme Lempriere, *Viagens de Gibraltar a Tanger, Salé etc.* pag. 46.

37) **MEHEDIA**. *(Cidade no imperio de Marrocos).* — «No tempo em que os portuguezes tinham feitorias n'esta cidade, era uma praça importante, assim como o attestam as ruinas d'alguns bellos chafarizes, e varias fontes.» [2]

38) **MILÃO**. — No côro da egreja de N. S. da Paz da Ordem de S. Francisco estava sepultado o corpo do Beato Amadeo. O arcebispo D. Fr. Bartholomeu alli o foi visitar, quando voltava do Concilio de Trento, e seu nome era celebrado em toda a Italia. [3]

Cesar Cantu, na sua famosa *Historia Universal* (pag. 43 do vol. XI, edição de 1867) falla d'este portuguez celebre na Italia, dizendo que fôra prégar para Milão, e com o dinheiro das esmolas fundara a mencionada Egreja de Santa Maria da Paz.

[1] «Se se considerar que a França conservava na religião tres linguas, que eram as de França, Provença e Auvergne, não será para admirar, que a maior parte dos grã-mestres tivessem saido d'aquella nação, assim contamos quatro portuguezes occupando aquella soberana dignidade, que todos no cathalogo dos grãos mestres conservam nome honroso, que são: D. Affonso de Portugal, filho natural d'el-rei D Affonso Henriques, que abdicou e veiu morrer em Portugal em 1207 conforme os melhores auctores, e jaz em Santarem, na egreja de S. João; D Luiz Mendes de Vasconcellos; D. Manoel de Vilhena, e Manoel de Vilhena, e Manoel Pinto da Fonseca » *Panorama de* 1859. pag. 27.

«Entrando en La Valletta pela porta Real nos dirigimos a ouvir missa na magestosa egreja de S. João, vasto e riquissimo templo, todo de marmore de differentes côres. Coube-me a sorte de ajoelhar sobre uma campa, perto da porta, e fitando os olhos no escudo d'armas, vi em um dos quarteirões as armas de Portugal: era de um Ballio Pinto de Carvalho, e de roda jaziam outros compatriotas, sobre cujas ossadas cubertas de pompa elevei o coração a Deus n'esta terra estrangeira. Acabada a Missa fomos visitar as capellas; entrei logo na de Portugal; quando ma não indicassem as armas reaes d'el-rei D. Manoel esculpidas no interior da arcada, bastavam para me guiar os dois tumulos de Manoel Pinto da Fonseca, e A. Manoel de Vilhena, o primeiro de marmore branco com uma fama, e um rico retrato em mosaico do energico grão mestre Pinto: o segundo de bronze e marmore negro, sustentado por dois leões de bronze, e em cima o busto do mesmo metal do grão mestre Vilhena: estes dois nomes se acham aliás esculpidos em muitos dos frontispicios das melhores, mais uteis fundações de Malta » *Jornal de José Joaquim Lopes de Lima de Goa para Lisboa em* 1842. pag 63.

[2] Malte-Brun.—*Geographie Universelle*, vol. II. pag. 101.

[3] *V. do Arcebispo*, liv. II, cap. XXXI.

Digitized by Google

39) **MINE**. *(China)*. — «Na foz do Mine, n'uma das ilhas á entrada, existe na parte mais alta d'um monte uma grande cruz de pedra: mais tarde soube que n'aquelle logar se acha enterrado Vasco José de Araujo Guimarães, natural de Guimarães, negociante portuguez, que alli residiu por muitos annos.» Gregorio José Ribeiro, De Macau a Funchau. *Recordações de viagem*, pag. 72.

40) **MOKA**. — «N'esta cidade ha memorias dos portuguezes, e até o nosso idioma lhe não é inteiramente desconhecido.» C. Lagrange Monteiro de Barbuda, *Uma viagem de duas mil leguas*. (Nova Goa, 1848) pag. 65.

41) **NAGASAKI**.— Foi esta cidade fundada pelos portuguezes em 1569.[1] Sobre um dos riachos, que correm por esta cidade está lançada uma ponte construida pelos portuguezes em 1570, que é a melhor obra n'este genero, que existe no imperio do Sol Nascente. Conserva-se ainda em bom estado, e consta de dois arcos circulares, com um pillar no meio do rio. Chamam-lhe os japonezes a ponte dos portuguezes. N'estas vizinhanças muitas lapidas antigas se teem encontrado em nosso idioma.

O monumento porém mais glorioso para Portugal existente no Japão é o Christianismo, alli introduzido pelos missionarios portuguezes, e que alli tem sobrevivido a tão horriveis perseguições, como se póde ver nas historias, que tractam d'este remotissimo paiz, e que pelos nossos foi descoberto.

42) **NARDEM**. — «A entrada do canal d'esta cidade é uma das coisas mais aprazivels da Hollanda. Esperava-me no caes hum sobrinho do *Monsieur Pereyra*, que em companhia de outras pessoas, que alli concorrerão a receber-me, me levaram a ver a fortificação, que é uma das mais dignas de ser bem observada. No pouco tempo que estive em *Nardem* vi quantidade de judeos portuguezes, que d'aquelle Reyno se tinham retirado a esta Cidade. *Monsieur Pereyra* é da mesma extracção: tem muitos termos politicos usados pella praxe da antiga sinceridade, que mostra em todas as suas acções e palavras.»[2]

43) **NICE**. — N'esta cidade de Italia jaz a infanta D. Beatriz, filha d'Elrei D. Manoel, tão notavel pelo amor que lhe teve o nosso Bernardim Ribeiro, segundo é tradicção. Em 1564 passando por esta cidade o nosso Fr. Bartholomeu dos Martyres, foi visitar seu tumulo e resar-lhe um responso. Dizem que d'esta princeza, é que provém o nome de Manoel, de que usava o rei d'Italia Victor Emanoel.[3]

44) **NICOCIA**. *(Capital da ilha de Chypre)*. — No reinado d'el-rei S. Sebastião o nosso Fr. Pantaleão d'Aveiro dirigindo-se para a Terra Santa passou

[1] Sr. Pedro Gastão Mesnier.—*O Japão*. Macau 1874. pag, 33.
[2] Francisco Xavier d'Oliveira.—*Memorias das Viagens*, vol. I. pag. 287.
[3] *Archivo Pittoresco*, vol. III. pag. 251.

Digitized by Google

por Nicocia, e ficou admirado ao ver na egreja de S. Francisco d'esta cidade um tumulo sumptuoso e magnifico com as armas de Portugal.[1] Mostraram-lhe tambem os frades um panno de pulpito, e outros egualmente do serviço da egreja, em que tambem havia as mesmas armas. Era este tumulo de D. João, filho de D. Pedro e, duque de Coimbra, a quem mataram na batalha de Alfarrobeira. D. João, tendo acompanhado sua irmã D. Beatriz á côrte de Borgonha, onde então era duqueza sua tia D. Izabel, veiu a casar com Carlota, herdeira presumptiva do reino de Chypre. Reinava então n'esta ilha Jono III. o qual de sua primeira mulher houvera aquella unica filha. Casara, porém, Jono em segundas nupcias com Helena Paleologo, grega do Peloponeso; deixava-se por ella governar, mas tambem esta o era pela ama, e a ama por um filho. Ousou este ter inveja de D. João, houve grandes dissensões; mas D. João morreu, e ninguem duvidou que fosse de veneno.»

45) **NINGPO.** *(China).* — «Não obstante haverem decorrido mais de tres seculos que os portuguezes habitaram em Chingae, na embocadura do rio, conservam-se todavia alguns vestigios de seus trabalhos (1851). O principal é uma fortaleza da fórma d'um polygono irregular, sobre o morro que está á direita e ao norte da foz, a qual está hoje transformada em pagode: dizem os naturaes que aquella fortaleza é obra dos antigos portuguezes, e é quasi evidente que assim seja, pela fórma da dita fortaleza, que contém angulos salientes, reintrantes, baluartes e couraça.

«Existem egualmente algumas partes de fórma ordinaria, todas de cantaria, e n'algumas d'ellas ainda se percebem lettras romanas; porém já illegiveis.

«O terreno, em que está hoje a egreja franceza, dentro da cidade, é o mesmo onde outr'ora estava edificada a egreja portugueza, segundo a opinião do padre *Danicourt*, vigario apostolico alli residente, e a tradição dos christãos chinas: além da dita egreja, os portuguezes tinham outra em a sua povoação de Chingae.

«As embarcações de pesca, que excedem ao numero de 3:000, conservam ainda o antigo apparelho portuguez, e são as unicas que differem de todas as embarcações chinezas da costa da China.» Carlos José Caldeira. *Apontamentos d'uma viagem á China*, vol. I. pag. 303-306.

46) **NUREMBERG.** — Uma das maravilhas d'esta cidade da Baviera é o celebre globo terrestre de Martin Behaim, feito em 1491.

«Não passa d'uma pequena bola de madeira[2] coberta com um bocado de pergaminho ennegrecido pelo tempo, e manchado por aqui e por acolá com algumas côres desbotadas. Mas quem ha, que a possa ver com indifferença? Apenas Behaim acabava em Nuremberg de traçar n'ella sabiamente o contorno de todas as terras até então conhecidas, quando tres caravellas, sahindo de Pa-

[1] *Panorama* de 1841. pag. 194.

[2] Edouard Charton.—Nuremberg. *Tour du Monde* de 1861, 1.º Semestre pag. 30.

Digitized by Google

los debaixo d'um vento favoravel, com Christovam Colombo por guia, começavam a descoberta d'uma outra metade de nosso mundo! O globo de Behaim é como o marco miliario, que marca a ultima baliza dos conhecimentos geographicos, anteriores a Colombo. Mais um passo, e levanta-se a cortina, um clarão do genio dissipa as trevas, e o velho Occidente assombrado vê duplicar-se como por milagre a profundidade do theatro humano.

«Contemplo com respeito este precioso monumento da cosmographia do seculo xv: meus olhos fixam se por muito tempo sobre a ilha Antilia [1] marcada por Behaim, entre a Europa e a Asia, ao oeste das Canarias, no 24.º de latitude, quasi debaixo do signo de Cancer. Behaim tinha scientificamente notado n'este ponto os presentimentos dos cosmographos e dos navegantes mais eminentes de sua epoca, entre os quaes elle proprio tinha o direito de ser contado, ainda que seu retrato pintado n'uma bandeira do Museu Germanico dê antes ares d'um bello e valente gentilhomem, do que d'um sabio. Nascido em Nuremberg, no anno de 1459, descendia d'uma familia originaria da Bohemia. Conhecera na sua terra natal o astronomo Regiomontanus (Jean Muller de Kœnigsberg, de *regio*, kœnigs, monte, berg), e desde sua mocidade tinha feito grandes progressos no estado das sciencias. A exemplo de outros patricios, tinha primeiramente viajado como representante d'um dos ramos do alto commercio de Nuremberg. Visitara os Paizes Baixos, Italia, Hespanha, e Portugal. Na côrte de Lisboa deixara-se facilmente inflammar da paixão das descobertas geographicas, animadas e estimuladas pela politica generosa de João II. cognominado o *Perfeito*. Tinha posto seus conhecimentos, ardor, e sua espada a serviço do rei, e não parece contestavel que tenha tomado uma gloriosa parte nas explorações portuguezas sobre as costas da Africa Occidental, principalmente n'aquella, que reconhecera o Gabão. Em 1486 casou nos Açores com a filha do cavalheiro Hurber de Mœkirchen, governador das ilhas do Faial e Pico. [2] Portugal tornara-se assim sua segunda patria: morreu em Lisboa, no

[1] Esta ilha fôra já indicada sobre algumas cartas, porém n'uma situação differente. Observamos tambem sobre este globo uma cadeia de ilhas, que Behaim desenhou entre os quarenta e cinco gráus do norte, e quarenta gráus do sul, na extremidade da Asia. Ficamos surprehendidos ao não encontrarmos nelle a designação do estreito de Magalhães. Com effeito conta Herrera, nas suas *Decadas*, que Magalhães confiara ao bispo de Burgos a certeza, em que estava de descobrir este estreito, por ter visto uma carta levantada por um certo Martin de Bohemia (Behaim) portuguez, na ilha do Faial, cosmosgrapho de grande nomeada; que lhe tinha dado grandes luzes a este respeito.

[2] «Em Nuremberg tem-se por coisa certa, que Behaim, quando vivia na ilha do Faial, onde elle tinha já quasi um pé em o novo mundo, teve relações com Christovam Colombo, e que o ajudou e animou com seus conselhos e demonstrações. Colombo, diz Herrera, foi robustecido no pensamento de procurar a oeste um caminho para as Indias Orientaes, por seu amigo e portuguez Martin de Behaim, da ilha do Faial, grande cosmographo.» *Decadas*, liv. I. e II. Em 1485, D. João II. nomeou Behaim cavalleiro do Espirito Sancto, e lhe entregou a espada n'uma cerèmonia publica. Nomeou-o membro d'uma commissão (Junta de Mathematicos) encarregada de procurar os meios de calcular a altura do sol. Behaim, discipulo, como se disse, de Regiomantanus, construiu um astrolabio para uso da navegação.

Digitized by Google

anno de 1506. Com tudo tinha querido tornar a ver Nuremberg em 1491, e alli se conservara até o fim de 1492. Foi durante esta sua residencia alli que fez seu globo, considerado com razão por seus contemporaneos como obra de alta importancia scientifica, e ao mesmo tempo d'uma engenhosa novidade. Para satisfazer á curiosidade dos homens instruidos e do publico, foi necessario fazer tão numerosos exemplares d'esta imagem da terra em miniatura, de aqui se originou uma nova industria. Desde 1510 que os fabricantes de globos formam uma corporação distincta em Nuremberg, e seus globos eram afamados em toda a Europa.» [1]

A respeito de Martin Behaim V. o nosso Stockler. *Ensaio historico sobre a origem e progressos das Mathemathicas em Portugal*, de pag. 109 por diante.

47) **ORMUZ.** — No anno de 1821 ainda existia o antigo castello feito pelos portuguezes n'esta cidade.

V. *Voyages en Asie par Timkowski, Amkerst. etc, etc.* traduits par Albert Montemart. Paris, 1855. Tomo IV N.º 9.

48) **PADUA.** — É a sumptuosa basilica de Santo Antonio um dos principaes monumentos d'esta cidade tão celebre.

No anno de 1259 deu-se principio aos trabalhos, dos quaes foi encarregado Nicolau de Pisa.

Tem 91 metros de cumprimento no interior, 3 naves, e 7 cupulas, sendo a do centro de enormes dimensões.

N'um dos altares veem-se preciosos baixos relevos em bronze, figurando varios milagres do thaumaturgo devidos ao famoso cinzel de Donatello. O altar do Santo é isolado, e está debaixo de riquissimo docel, á roda do qual se lê o seguinte distico: *Divo Antonio confessorum sacrum.* O docel sustentado por soberbas columnas, entre as quaes ha 4 representando os evangelistas, e por baixo d'elle vê-se o corpo do santo. Nas paredes admiram-se excellentes baixos relevos. Á entrada do altar estão dois candelabros lindissimos em fórma de palmeira, tendo o pé de marmore magnifico, e as folhas de prata primorosamente lavradas. A egreja possue alguns quadros notaveis, e no coro ha um retrato do thaumaturgo que é considerado o melhor, que existe.

Encontra-se ao lado do templo um edificio denominado Escola do Santo onde ha frescos admiraveis de Ticiano e de Campagnola. Os de Ticiano são apenas 4. O primeiro representa o milagre de dar vida a uma mulher assassinada pelo marido n'um acesso de ciume. A cabeça da mulher é admiravel. O segundo, por cima da porta da sachristia, figura o santo realisando o milagre do pé cortado a um rapaz. O assumpto do terceiro é Santo Antonio restituindo a vida a uma creança queimada por agua a ferver. O ultimo representa o Santo

[1] A Bibliotheca da Rua de Richelieu possue uma copia do globo de Martin Behaim, feita em Nuremberg, no anno de 1848. É uma das curiosidades mais preciosas da galeria da secção dos mappas.

Digitized by Google

fazendo fallar um pequeno para testemunhar a innocencia de sua mãe accusada de adulterio pelo marido.[1]

De Brosse diz nos que os paduanos costumavam pintar uma imagem de Santo Antonio nos recantos das paredes, com o fim de que alli não fossem urinar. O mesmo nos diz: Que a capella do Santo em Padua é toda enriquecida de oiro e prata, de candelabros do mesmo metal em pedestaes de marmore, tudo primorosamente obrado, afóra uma grande quantidade de baixos relevos de marmore, bons e maus, de Sansovino e de outros.

Ha alli alguns tumulos excellentes, como os de Cornaro, de Contarina, e de Ferrari.[2]

Em Padua foi tambem sepultado no anno de 1681 o nosso celebre Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo no Convento de S. Prancisco de Paula, e sobre a porta da sachristia, poseram o seu retrato acompanhado d'este letreiro:

D. O. M.

P. Francisco Macedo, Lusitano, hujus domus Patres eximio Contubernali suo istam ex aere imaginem pro aurea illa, quam in Patavino Gymnasio Moralis Philosophiae Doctor, et undique lingua et calamo vir doctissimus protulit unanimiter decrevere. Obiit ann. D. 1681, 1 Maji aetat. 90.[3]

49) **PARAMARIBO.** *(Cidade no Surinam).* — «Os judeus, cujo numero é mui consideravel, tanto portuguezes, como allemães, teem duas Synagogas. A dos primeiros é mui bella, mas a dos allemães está bem longe d'isso.»[4]

50) **PARIZ.** — «Foi sepultado o corpo de D. Antonio, prior do Crato, na Egreja dos Religiosos de S. Francisco de Paris na Capella de Gondi, onde conserva ainda sobre a sua sepultura as insignias reaes.

«Na Egreja do Mosteiro da Ave Maria de Religiosa de Santa Clara se guarda em deposito o seu coração, que muitos annos depois da sua morte se achou incorrupto em um caixão pequeno de marmore metido na parede com uma larga inscripção na lingua latina, compendio breve da sua vida e trabalhos; mas ao mesmo tempo da sua magnificencia e constancia.»[5]

N'esta cidade possuem os judeus portuguezes uma das mais bellas synagogas, que se conhecem.

51) **PEGU.** — N'este remoto paiz do Oriente foi rei um portuguez por nome Salvador de Sousa.

[1] *Artes e Lettras.* 1 vol. pag. 14.

[2] Sr. José Silvestre Ribeiro.—*Panorama de* 1867, pag. 326.

[3] Fr. Martinho do Amor de Deus. — *Chronica da Provincia de Santo Antonio.* pag. 773.

[4] Philippe Fermin, Docteur en Médicine.—*Description générale, historique, geographique et physique de la Colonie de Surinam.* vol. I. pag. 28. (Amsterdam, 1769).

[5] Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha.—*Memorias historicas geographicas e politicas observadas de Paris a Lisboa.* pag. 79. (Lisboa, 1746).

Digitized by Google

V. a este respeito a obra: *Breve discurso, em que se conta a conquista do reino de Pegu, na India Oriental, feita pelos portuguezes em tempo do viso rei Ayres de Saldanha, sendo capitão Salvador Ribeiro de Sousa, chamado Massinga, natural de Guimarães, a quem os naturaes do Pegu elegeram por seu rei no anno de 1600.*

52) **PEKIM.** — N'esta cidade existe o *Cemiterio Portuguez*, onde jaz o celebre missionario Matheus Ricci, que n'aquella cidade falleceu no anno de 1610.[1]

A egreja portugueza de Pekim, chamada em chinez *Nantam*, ou egreja do sul, é um templo magestoso, e pouco inferior no ambito á egreja de S. Domingos em Lisboa.[2] Foi fundada em 1650.

Havia uma egreja em cada um dos tres pontos cardeaes, faltava o quarto, ou do oriente, onde a munificencia dos portuguezes fundou a egreja de S. José, que segundo o costume das outras, se chamou, *Funtam*, ou egreja Oriental.[3]

Sobre uma embaixada que de Portugal foi em 1725, cumprimentar a Pekin o imperador da China, e dos presentes que este soberano mandou ao rei de Portugal. V. o vol. IV do *Archivo Pittoresco*.

53) **PONTA DE GALLES.** *(India).* — «Examinei as fortificações (refere-se o auctor ao anno de 1850) mui bem entretidas, e o guia me mostrava os vestigios de antigos trabalhos portuguezes, quando possuiram esta ilha, cujos naturaes ainda hoje dizem com orgulho serem portuguezes, e fallarem a lingua lusitana: mas se assim era, está de tal modo corrupta que para mim eram inintelligiveis.» Carlos José Caldeira. *Apontamentos d'uma viagem á China etc.* pag. 81. vol. I.

«Foram arrasadas, ou estão em poder de estranhos fortalezas notaveis que dependeram do Estado da India, e foram erguidas por mãos portuguezas, situadas nos seguintes portos: Chaul, Morro de Chaul, Barcelor, Mangalor, Cananor, Cranganor, Calecut, Cochim, Coulão, Columbo, Gale, Trequinimale, Jafanapatão, Meliapor, Malacca, Solor, Mombaça, Mascate, Curiate, Porcá, Soar, Orfacão, Trapor, Baçaim, Bombaim, Asseverim, Agaçaim, Manar, Negambo, Caliture, Tanavaré, Beligão, Baticalá, Sirgão, Sirião, Quiloa, Adem, Ava, Malvane, Saibana, Carangagem, Borneo, Patte, Puricale, Porpatane, Moloudim, Ambona, Challé, Taner, Parnel, Dobá, Libedia, Quelba, Matará, Sibo, Sangues e Piro.»—Francisco Maria Bordallo, *Ensaio sobre a Estatistica do Estado da India*, pag. 139.

54) **ROMA.** — Egreja de Santo Antonio dos portuguezes.

«Foi reconstruida no primeiro periodo do seculo XVII, á custa da nação portugueza, pelos desenhos de Martin Longhi,[4] junior. É em fórma de Cruz

[1]—[2]—[3] Carlos José Caldeira.—*Archivo Pittoresco*, vol. II.

[4] Antonio Nibby.—*Itinéraire de Rome et de ses environs redigé par —. d'après celui de Vasi.* Rome, 1863, pag. 262.

Digitized by Google

latina: a profusão dos marmores escolhidos e de côres, e os estuques doirados, que a ornam, lhe dão um aspecto agradavel.

«A primeira capella á direita tem um bello quadro d'auctor desconhecido, representando Santa Catharina e duas outras santas: encerra tambem o tumulo do illustre portuguez Alexandre de Sousa, fallecido em Roma no anno de 1803. O baptismo de N. S. na segunda capella é de Calandrucci; Nicolau de Lorena pintou o nascimento de S. João Baptista; Graziani, a pregação, e o mencionado Calandrucci executou as pinturas das duas claraboias.

«O busto de João Baptista Cimini é d'um auctor desconhecido, e não d'André Bolgi, cognominado o *Carrarino*, como alguns pretenderam. O referido Cimini, romano, ao qual pertenceu a capella, deixou n'ella, em 1683, um legado de cerca de 50:000 escudos, para com os juros d'este capital, dotarem raparigas pobres, suas concidadãs, as quaes quizessem abraçar o estado monastico.

«O quadro do altar mór, que representa a Santa Virgem e Santo Antonio de Padua, é do mencionado Calandrucci. Debaixo do altar, á direita do cruzeiro, admira-se uma bellissima urna de verde do Egypto: o quadro é de Luiz Agricola, e representa Santa Izabel, rainha de Portugal. A Conceição, sobre o altar em frente, é de Zoboli: Bracci esculpiu os dois tumulos, dos quaes o da direita é do commendador Sampayo,[1] fundador d'esta capella: a urna do altar é de bréche grise, marmore rarissimo.

«Na capella contigua ha tres bellos quadros de Nicolaï de Lorena, representando a Adoração dos pastores, o Descanço no Egypto, e a Adoração dos Magos. Julga-se ser de Marcel Venusti o quadro da ultima capella. Apresenta-nos Santo Antão, abbade, S. Vicente e S. Sebastião.»

Portugal é uma das quatro nações de primeira ordem no tocante ás relações diplomaticas com a Curia, sendo as outras a França, a Austria e a Hespanha.

No Mosteiro de N. S. del Populo está a sepultura do famoso cardeal portuguez D. Jorge da Costa, natural do logar de Alpedrinha, na Beira. O arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres não quiz regressar para Portugal sem ir visitar este tumulo.

Em Roma jaz um grande numero de portuguezes distinctos.[2]

Na egreja de S. Sebastião, extra-muros, uma irmã do papa S. Damaso, por nome Herena, fallecida no anno 360. E na mesma egreja o tumulo do papa S. Damaso.

Na egreja de S. Lourenço in Damaso, o papa João XXI.

Na egreja de S. João Latrão, o mausoleu de D. Sebastião de Menezes, arcebispo de Carthago.

No hospicio de Santo Antonio dos portuguezes, os Sepulchros de D. Antonio, cardeal portugallense; de D. Manoel do Quintal, de André Bayão, de Diogo

[1] A respeito dos epitaphios d'estes tumulos, veja-se Gaetano Cav. Frascarelli.—*Iscrizioni portoghesi que existono in diversi luoghi di Roma.* Roma 1868, 4.° 112 paginas.

[2] Idem, idem, pag. 403.

Digitized by Google

Lopes de França, fallecido em 1649, de Fr. Cosme de Goa, de Jacyntho de Oliveira Abreu e Lima, e de Patricio, fallecido em 1734, que depois de ter combatido muitas vezes contra os hespanhoes se fez frade.

Na egreja de Santa Maria del Populo, tumulo de João de Sales, Cardeal de Santo Angelo, e de João, physico.

Na egreja de S. Gisolamo della Cantà encontra-se o sepulchro de D. Jorge, arcebispo de Braga.

Basilica de S. Pedro no Vaticano, no pedestal de uma estatua, palavras recordativas de Jorge, bispo Albanense.

Egreja da SS. Trindade do monte Pincio, tumulo de Martin d'Azpicuelta Navarro, lente na Universidade de Coimbra.

Egreja de Santa Maria in Aquiro, sepulchro de D. Julia Antunes, mulher de Julio Perez.

Egreja de S. Luiz dos francezes, jaz Duarte Paulo, portuguez nobre.

Santo Izidoro dos padres irlandezes, Diogo Monteiro.

S. Pantaleão, João Telles de Moraes.

Convento d'Aracœli, Antonio d'Almeida Borges.

Egreja de Santa Anastacia, Nuno, cardeal da Cunha.

Egreja dos hespanhoes, Manoel Pereira de Sampaio.

Egreja de S. José, Manoel Sueiro d'Azevedo.

Além d'estes existem em Roma os mausoleus de multissimos outros varões portuguezes, e nas bibliothecas, egrejas e claustros se encontram muitas lapidas commemorativas de beneficios recebidos de portuguezes, o que tudo se póde ver no livro de Frascarelli.

N'esta cidade encontra-se tambem a *Rua dos Portuguezes*. V. o n.º 6831 do *Jornal do Commercio*.

55) **SALAMANCA.** — N'uma capella da Claustra na Sé d'esta cidade jaz D. Ordonho Alvares, portuguez, e que foi bispo de Salamanca. *Portuguezes nos Concilios geraes*, pag. 36.

56) **SALSETTE.** *(Ilha perto de Bombaim).* — Na sua capital, Fannah se veem as ruinas d'uma antiga egreja portugueza, construida em 1655.[1] «Na ilha de Salsette falla-se mais portuguez, que inglez, e os seus habitantes muito se presam dos portuguezes.»

57) **SANCHOÃO.** *(Ilha na China).* — N'esta ilha teve a primeira sepultura S. Francisco Xavier, fallecido em 2 de dezembro de 1552, quando andava diligenciando penetrar na China para n'esta região prégar o Evangelho.[2]

É logar muito concorrido dos christãos, que alli vão visitar a sepultura do Apostolo do Oriente.

Em 19 de novembro de 1864 os romeiros, que de Macau foram n'um va-

[1] Lopes de Lima.—*Viagem de Goa para Lisboa etc.* Lisboa, 1843.

[2] Alfred Grandidier.—*Voyage dans les provinces meridionales de l'Inde.*

Digitized by Google

por, eram portuguezes, hespanhoes, inglezes, irlandezes, italianos, francezes, chinas, americanos, allemães, indios, peruanos, e armenios, sendo naturalmente de portuguezes o maior numero, 90 a 95 pouco mais ou menos. Houve missa por esta occasião, e o padre Francisco Xavier Rondina fez um breve discurso, que commoveu os assistentes, e fez derramar lagrimas a todos pelo convencimento intimo, e pela unção com que foi proferido.

58) **SENEGAL.** — «As margens d'este rio abrigaram ellas a expedição de descobertas,[1] que seis ou oito seculos antes da nossa era, o carthaginez Hanon conduziu além do estreito das columnas? Pódem os carthographos identificar esta corrente de agua com o Stachyris de Ptolomeu? Eis assumptos, que se discutiram por muito tempo em vida de nossos paes do seculo XVIII, homens de vasta erudição, e de forte vontade, que por tudo se apaixonavam, mesmo pela geographia critica, mas que com certeza não inquietavam o pensamento dos aventurosos portuguezes do seculo XV, homens praticos primeiro que tudo e que não pediam ás costas africanas a solução de nenhum problema scientifico; procuravam simplesmente oiro e escravos. Devemos accrescentar que, como subsidio para este trafico, occupavam-se voluntariamente da conversão dos indigenas.

«Depois da descoberta do Senegal, e provavelmente até ao meio do seculo XVI foram os portuguezes os unicos, que navegaram e commerciaram em suas aguas. Sua presença, mesmo n'uma epoca mais proxima de nós, é confirmada por seus escriptores, por todos os exploradores da Senegambia, e particularmente pela conservação, nos idiomas *vualof serere*, e mesmo *malinké*, d'um certo numero de palavras evidentemente de origem lusitana, taes como *signare* (senhora), *rapace* (creado), *argamace* (argamassa) etc. Foram elles ainda, que applicaram ás tribus nomadas do Sahara occidental, mixto de berberes e de arabes, o nome generico de mouros, dado no tempo das invasões musulmanas a todos os conquistadores, vindos da Mauritania, na Hespanha.»

«A herança de Portugal, por occasião da queda rapida d'esta pequena nação, extenuada por um seculo de esforços gigantescos, que abraçavam o mundo, coube aos francezes.»

59) **SEVILHA.** — «Quatro vezes até á jornada do infante D. Diniz[2] sentiu Sevilha em seu territorio o braço portuguez, e suas armas; as tres primeiras para expugnal-a, e esta ultima para socorrel-a. Foi a primeira, quando o infante D. Sancho foi a Triana. A segunda quando seu irmão D. Martim Sanches, general que então era del Rey de Leão seu cunhado desbaratou o poder dos mouros junto da mesma cidade, como o relata o bispo de Tuy D. Lucas. A terceira, quando foi ganhada por el Rey D. Fernando com assistencia de muita nobreza de Portugal e do mestre D. Payo, cabeça principal d'aquella

[1] *Tour du Monde.* Anno de 1861. 1.° Semestre. pag. 17. *Extractos de relatorios officiaes.*

[2] *Quinta parte da Monarchia Lusitana*, cap IX,

Digitized by Google

empreza. A soccorrel-a entrou agora o infante D. Diniz com todo o cabedal d'esta corôa.»

O chronista mór Fr. Francisco Brandão emprega um capitulo inteiro da sua *Monarchia Lusitana* para provar o direito que Portugal tem á cidade de Sevilha e seu districto.

60) SIÃO. — Em 1787, reinando D. Maria I offereceu esta rainha soccorro d'armas e soldados ao governo de Sião, para o ajudar na guerra, que lhe faziam os birmans; ao que o rei se mostrou muito grato, [1] querendo desde logo ceder-nos terreno para estabelecer nova feitoria, edificar egrejas etc. Mas tão boas disposições foram desaproveitadas, e só em 1825 o zeloso governador da India, Conde do Rio Pardo mandou um consul para Bangkok, capital do reino, munido de presentes, e de poderes para fazer um tractado do commercio. Foi mui bem accolhido, conseguiu terreno para edificar habitações, e que para guardar o consulado e feitoria houvesse um destacamento de quatro soldados e um sargento, que effectivamente por algum tempo se mandou de Macau, rendido de tres em tres annos. Quanto, porém ao tractado, nada se fez, parece que por incapacidade do dito consul, que residiu em Bangkok até 1833. Foi então demittido, e em 1852 estava alli encarregado das mesmas funcções o macaense Marcellino d'Araujo Rosa, quando o actual rei Mongkut subiu ao throno.

Nas pomposas festas, que houve em Bangkok por aquella occasião, muito figurou o nosso consul, unico representante estrangeiro até então admittido. Na sala do throno via-se no logar mais nobre o retrato da rainha de Portugal, a quem o rei Mongkut tractava por irmã. Houve n'estas solemnidades salvas de 21 tiros por um corpo de artilheiros, que ainda se denomina *Artilheria Portugueza*.

Por fallecimento do consul Rosa foi nomeado outro macaense, Antonio Frederico Moor.

* * *

«Ainda hoje se conserva na Capital de Sião um bairro portuguez, e é alli fallada a nossa lingua com tal conceito, que ao tratado de commercio feito entre os Estados Unidos da America e o rei de Sião em 20 de março de 1833, apezar de ser escripto em inglez e siamez, se lhe juntou uma traducção em portuguez *para testimunho do seu conteudo*, segundo refere mgr. Pallegoix, bispo de Sião.

«Ainda mais, a intendencia e protecção dos interesses da população christã de Bangkok, capital de Sião, tem estado sempre confiada a portuguezes, alli nascidos e alliados por matrimonio a familias siamezas, como é actualmente o illustre mandarim Paschoal Ribeiro d'Albergaria, general d'artilheria do exercito de Sião, com o titulo de Fya Visset, e M. Henri Mouhat naturalista francez, fallando d'este nosso provecto cidadão diz: *Ce magistrat a dans les veines*

[1] Sr. Carlos José Caldeira.—*Archivo Pittoresco*, I. pag. 322.

Digitized by Google

du sang portugais de la bonne epoque, et il le revèle par ses traits et par son caractère.

«No relatorio da missão extraordinaria de Portugal a Sião, em 1859, de de que foi encarregado o sr. conselheiro Isidoro Francisco Guimarães, hoje visconde da Praia Grande, lê-se o seguinte:

«O general de artilheria Paschoal Ribeiro de Albergaria, é um dos descendentes de antigos portuguezes, como ha muitos em Sião. É homem de mais de sessenta annos de edade, e de mui agradaveis maneiras: falla o portuguez mui intelligivel, e escreve-o soffrivelmente. Estes descendentes de portuguezes são em tudo siamezes, menos na religião, porque seguem a christã. [1]

* * *

«Residem actualmente no districto consular de Sião 32 subditos portuguezes, dos quaes 12 são solteiros, 15 casados e 5 viuvos. Quanto a profissões 8 são logistas, 5 interpretes, 3 escreventes, 6 maritimos, 2 negociantes, 1 secretario do consulado, 2 proprietarios, 4 taverneiros, e 1 sem modo de vida. Residencias: 1 em Supen, 1 em Sam-sem, 1 em Petrio, 1 em Bangknarg, e os mais em Bangkok. Estes 32 subditos teem 57 pessoas de familia.» *Diario Illustrado* de 15 de Dezembro de 1875.

Em 1685 mandou o rei de França uma apparatosa embaixada ao de Sião. O abbade de Choisy, que tomava parte n'ella escreveu um livro sobre este assumpto, [2] e n'ella apparecem muitas noticias ácerca dos portuguezes n'aquelle remoto paiz.

Estava então um chinez por nome D. Gregorio Lopes designado para bispo e vigario geral, e ia ser sagrado por M. d'Argolis.

Foram ao encontro da embaixada franceza dois mandarins, um d'elles, o que commandava as tropas, era portuguez.

O abbade de Choisy mostra-se zangado por causa dos portuguezes. Foram elles os unicos estrangeiros que não quizeram ir cumprimentar o embaixador francez, e mais tinha-lhes o rei de Sião mandado que lhe fossem apresentar suas felicitações. (pag. 245).

Deram um banquete á embaixada, e n'elle appareceram guisados á japoneza, e á portugueza. Aos primeiros achou o abbade bons, e aos ultimos detestaveis. (Ao padre custava-lhe a roer o procedimento dos portuguezes, os quaes de mais a mais instavam com o rei para deitar fóra d'aquelle paiz os padres francezes que por lá andavam).

O embaixador de Portugal, que no anno antecedente fôra o Sião, sentara-se na presença do rei n'um tapete, mas o de França levara comsigo da Europa uma cadeira de oiro, e n'ella se sentou. D'isto gosta o abbade, que chega a dizer. «O nome de Luiz o Grande faz todo o paiz chuva e bom tempo.!» Mal sabia o abbade que seculo e meio mais tarde nem as cinzas respeitariam d'um tão grande monarcha!

[1] *Archivo Pittoresco de* 1863 pag. 344.

[2] Abbé de Choisy.—*Journal du voyage de Siam.* Trevoux, 1741.

Digitized by Google

Note porém, o leitor as seguintes palavras do abbade, vá notando; que os estrangeiros tambem nos não poupam: «Mr. Constance m'a fait voir bien de jolies choses qu'il veut envoyer en France, et dans quelques jours nous irons dans les magaz ns du Roi choisir ce qu'il aura de plus beau. S'il prend mes avis, et qu'il tombe sous ma main de gros vases d'or, je ne les laisserai pas echaper; cela vaut bien des paravents et du bois d'aigle.» E que tal? O francez era desinteressado!

No dia 1 de novembro Constancio, natural de Cephalonia, que depois de ter sido marinheiro por muitos annos, se estabelecera como negociante em Sião, foi pedir ao embaixador francez que fosse a sua casa, pois dava n'esse dia uma funcção em honra do rei de Portugal, e tambem só convidou para ella aos portuguezes que se tinham resolvido a ir visitar o embaixador de França. Começou a festa por um grande fogo d'artificio no *Campo dos portuguezes*. O fogo muito agradou ao abbade: diz que n'este genero são *os portuguezes muito habeis*. Bebeu-se em primeiro logar á saude do rei de Portugal: e os navios francezes, inglezes e hollandezes deram uma salva.

No dia 3 de novembro um siamez por nome Antonio Pinto sustentou no palacio do embaixador Theses de Theologia dedicadas ao rei de França. Não se podia responder «*avec plus de capacité.*»

No dia 8 de novembro celebrou se o casamento d'um francez empregado na Companhia franceza, com a filha de um portuguez, capitão de navios. O francez era M. Coche, e o portuguez João d'Abreu, grande amigo dos missionarios, aos quaes transportou varias vezes á Turquia e á Cochinchina.

Constancio era o encarregado de fornecer os presentes para se mandarem ao rei de França, e para se distribuirem pelo embaixador, e eram tantos que o abbade disse em bom portuguez, *basta*.

Ora este abbade (que tambem teve presentes e ficou contente) durante a viagem tinha se applicado ao estudo de portuguez. Diz nos até o dia em que começou a aprendel-o, e mandou comprar um *Fernão Mendes Pinto* em portuguez, para estudar. O comprador, porém, enganou-se, e mandou lhe um em hespanhol, coisa de que o abbade nada gastou, pois via o seu dinheirinho ir por agua abaixo. Para se indemnisar resolveu-se a não fallar senão em portuguez com a tripulação do navio pelo espaço d'oito dias. Conheceu porém que *Fernão Mendes Pinto* não era o mentiroso de que fallavam: «Est mon ancien ami, qui a remonté sur sa bête, car on a verifié la plupart de ce qu'il dit.» (pag. 18). [1]

Em carta do dia 30 d'abril mostra se o padre muito contente por fallar o nosso idioma, e n'outra 5 de maio nos informa de que os outros missionarios que estavam a bordo, o iam tambem aprendendo. Em 18 de maio diz-nos que para mais se exercitar, emprehendera verter para francez a *Historia da Etiopia* por Fr. João dos Santos: «onde ha coisas muito curiosas e desconhecidas.»

Em carta de 22 de maio mostra-se zangado: tem d'ir aprender o siamez, e o tempo faz-lhe falta para se aperfeiçoar no portuguez.

[1] Não se deve passar em silencio que um inglez Mr. Gilen, foi o primeiro que ha seculos pretendeu defender Mendes Pinto da imputação de mentiroso.

Digitized by Google

O abbade tinha razão: o conhecimento do nosso idioma tornava-se-lhe indispensavel: em 5 de maio fôra visitar o governador hollandez do Cabo da Boa Esperança, em companhia do embaixador. O governador só lhe fallou em portuguez!

A 11 de julho n'uma carta já se mostra todo fanfarrão, e faz alarde de palavras portuguezas. Em summa, n'uma grande porção de cartas vai-nos sempre dando noticias dos progressos que vai fazendo, e emprega palavras do nosso idioma. E a 19 de julho diz: «Que o ha de vir a saber perfeitamente.»

A capital de Sião chama-se *Sciajüthaïa:* foram os portuguezes que lhe pozeram o nome de Sião. [1]

Algum tempo depois da retirada do abbade houve uma revolta em Bangkok. Tinha Constancio, que em Sião era uma especie de Marquez de Pombal, mandado fazer um forte, com o fim d'entregar o governo delle, bem como o das tropas a um francez alli recem-chegado, o qual mais tarde se tornou celebre com o nome de Conde de Forbin. As tropas portuguezas, que então se achavam n'aquella cidade só em numero de 80 praças, induzidas por um padre, revoltaram-se, por julgarem uma vergonha o terem de obedecer d'ahi por diante a um francez. Esta revolta, porém pouco durou, e as cousas tornaram ao antigo estado [2].

Passado pouco tempo teve o conde de Forbin de servir se dos nossos em uma lucta contra os Macassares.

61) **SINGAPURA.** — «Visitei a capella portugueza (1850), que é bem pouco accommodada ás necessidades da communidade, que ainda hoje tem a veneração dos naturaes, pela tradicção de nossos maiores, que foram os primeiros, que prégaram o Evangelho aos povos da Peninsula Malaia; contrastando pobremente com os bellos templos de outras nações e de outros cultos.» (Carlos José Caldeira. *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa á China etc.* vol. I.)

No 2.º vol. (pag. 10) diz o mesmo escriptor: A nova egreja portugueza em Singapura já estava começada, e se erigia com o producto da subscripção que, para tal fim fizera correr em Macao o governador Cardoso, a qual produziu umas 600 patacas, e tambem com o de outra, que se abriu em Singapura, além dos auxilios do Collegio de S. José das missões em Macao: calculava-se a obra em 3:000 pesos, feito sob um simples plano o templo destinado a conter mais de 400 pessoas, que ainda hoje conta a communidade christã portugueza n'este paiz.

«Por uma carta que recebemos de Singapura, consta-nos que muitos portuguezes alli residentes esperavam a passagem de sr. bispo de Macao, D. Manuel Bernardo de Sousa Ennes, que acompanhava o novo governador d'aquella colonia, para lhes ministrar o sacramento da Confirmação.

«A ceremonia foi imponentissima. Mais de duzentas pessoas receberam o

[1] Abbé Choisy.— *Voyage*, pag. 397.

[2] *Mémoires du Conte de Forbin Chef d'escadre*, vol. I pag. 145 (Marseille, 1781)

Digitized by Google

crisma, e entre ellas a esposa filha do nosso consul em Singapura, sendo padrinho de ambos o sr. Carlos Eugenio da Silva.» *Diario Illustrado*, N.º 1419. (23 de janeiro de 1877).

62) **SURRATE.** — O hollandez Stavorinus encontrou n'esta cidade feitorias de portuguezes. [1]

63) **TANGER.** — Mr. Schckler sahira em 1859 de Gibraltar n'um barco, que servia de correio entre Hespanha e Marrocos. Favorecido pelo vento o barco se approximava ora das costas europeas, ora das costas africanas. Tinha-se já passsado Ceuta e Tariffa, e encontravam varias torres, restos das antigas fortificações portuguezas, as quaes ás vezes dominam um porto deserto. [2]

«No porto de Tanger, onde ainda se não tratou do caes pedido ao governo marroquino, e concedido em principio por este, fez-se sem embargo por iniciativa do conselho de saude, e com os fundos de que este dispunha, um pequeno desembarcadouro provisorio, construido de madeira; mas este melhoramento é insufficiente para as necessidades e commodidades do trafico cada vez maior d'este porto e do commercio, que não poderá prescindir, com o andar do tempo, de um bom caes de pedra, para o qual existem os solidos alicerces do antigo caes feito no tempo da gloriosa dominação portugueza n'este paiz.»

Relatorio do Sr. José Daniel Collaço, empregado de negocios e consul geral de Portugal, em 10 de novembro de 1876.

64) **TOLEDO.** — Na capella de S. Braz na Sé de Toledo temos o mausoleu do celebre arcebispo d'aquella Cidade, D. Pedro Tenorio, natural de Tavira, e que tão brilhante figura fez na Hespanha no reinado de D. João I de Castella.

O mencionado arcebispo finou-se no anno de 1399.

Nas proximidades d'esta cidade no Mosteiro de Sisla jaz o nosso illustre escriptor Fr. Heitor Pinto, tendo no epitaphio as seguintes palavras:

Hic jacet Hector ille Lusitanus.

Na Capella dos Reis novos em Toledo existia no tempo de Lozano (reinando D. Affonso VI em Portugal) o tumulo de D. João I. o vencido em Aljubarrota, de tantas recordações para os portuguezes. [3]

65) **TURIM.** — Havendo o rei da Sardenha Carlos Alberto perdido a celebre batalha de Novara contra os austriacos, refugiou-se na cidade do Porto,

[1] *Voyage par le Cap de Bonne Esperance a Samarang, a Macassar, a Amboine et a Surate em* 1774, 75, 76, 77 e 78 *par* —. vol. I. pag. 344.

[2] *Tour du Monde de* 1860. 1.º Semestre, pag. 5.

[3] Lozano.—*Los reyes nuevos de Toledo*, pag. 401. (Ed. de Madrid, 1749).

Digitized by Google

onde morreu em julho de 1849. Os portuguezes prestaram-lhe as maiores honras, e fizeram-lhe pomposas exequias.

Em reconhecimento, seu filho, o rei da Italia Victor Emanuel, mandou que uma das principaes ruas de Turim, então capital do pequeno reino da Sardenha, tivesse o nome de Rua da Cidade do Porto, e os habitantes da cidade d'este nome foram d'ahi por diante considerados como cidadãos de Turim.

Em Turim existe a Galeria dos retratos dos duques e duquezas de Saboya, na qual está tambem o de D. Beatriz, filha d'El-rei D. Manoel de Portugal, retrato que foi reproduzido a pag. 345 do vol. 2.º do *Universo Pittoresco*.

66) **TUY.** — Esta cidade foi ganha por el-rei D. Sancho I pelos annos 1198, andando n'esse tempo em guerra o rei de Portugal com o de Leão, e pertenceu por bastantes annos a Portugal. [1]

N'um letreiro entalhado sobre o portal da casa do capitulo do Convento de S. Domingos lia-se que fôra edificada aquella casa por Fr. Domingos de Valença no anno de 1330.

67) **VITERBO.** — Na cathedral d'esta cidade foi sepultado o Papa João XXI, pondo-se-lhe o seguinte epitaphio:

Joanni Lusitano XXI. Pontificatus Maximi sui mense VIII.
Moritur MCCLXXLVII. [2]

68) **YUNG-NING.** *(China).* — «A cidade Yung-ning vista do mar é bonita, e a sua muralha de ameias recortadas é imponente, e finge ser uma boa fortificação. Desembarcando-se, porém, acha-se um chavascal immundo, e um recinto acanhado, cheio de casas em ruinas, habitadas por gente miseravel. A propria muralha vista ao pé não vale coisa alguma, estando desmoronada em muitos pontos. O bazar, porém, extra-muros, é bem fornecido de viveres, que se vendem a preço commodo e rasoavel. N'uma d'estas ruas, encontrei uma loja com o seguinte letreiro em portuguez: A-luci, comprador. O celestial A-luci tinha o rosto bonacheirão, e fallava soffrivelmente o portuguez, para se fazer entender e entender os seus hospedes.» Gregorio José Ribeiro, *De Macau a Fuchau, Cartas a J. M. Pereira Rodrigues*. Lisboa, 1866.

69) **ZANZIBAR.** — Cameron aqui se forneceu de varios generos que lhe eram necessarios para a sua viagem ao interior da Africa, comprados aos Joés portuguezes.

Diz nos elle que *Joés* são goaneses que no Zanzibar exercem a profissão de alfaiates, cortadores de cabellos, e vendedores de grogs. [3]

1 Fr. Luiz de Sousa.—*Historia de S. Domingos*, livro IV, cap. 22.
2 P. Antonio Pereira de Figueiredo.—*Portuguezes nos Concilios Geraes*. pag. 36.
3 *Tour du Monde*, 1.º Semestre de 1877.

Digitized by Google

* * *

Na Italia ainda existem mais recordações portuguezas além d'aquellas que ficaram mencionadas nos artigos Padua, Roma, Bolonha, e Turim. Na egreja de S. Miniato, perto de Florença passa por um dos mais notaveis o tumulo do cardeal D. Jaime, filho d'aquelle famoso D. Pedro, a quem mataram na batalha d'Alfarrobeira. É longa a descripção que d'este tumulo, sumptuosissimo, apparece no *Magasin Pittoresque* e n'outros jornaes. No castello de Lozzolo, não longe de Vercelli, no Piemonte, temos a magnifica decoração d'uma sala feita pelo ainda vivo architecto portuguez Alfredo de Andrade, artista em honra de quem a Academia das Bellas Artes de Genova mandou cunhar expressamente uma medalha de oiro. Do mesmo artista existe no valle de Aosta a restauração do Castello d'Issogne, e o sumptuosissimo jazigo da familia Ogliani em Rivara. Estes e muitos outros trabalhos do artista, alguns dos quaes em Turim, contribuiram para que o rei Victor Emanuel em 1855 o nomeasse Cavalleiro da Corôa de Italia.

* * *

No dia 25 de outubro de 1878 mostrou-me o ex.mo sr. Silva Tulio a obra de Ruders, cujo titulo é o seguinte:

Nágra Anmärkningar öfver Portugall, meddelade genom Bref af —. Stockhlm, Tryckta hos Carl Delen, 1803, 8.° gr., 243 pag.

E' uma descripção de Portugal. Falla se n'esta obra da nossa celebre cantora Todi.

ERRATAS

Pag	Lin.	Erros	Emendas
		Tomo 1.°	
141	6	Berjumera	Benjumea.
328	12	Duabymont	Dualymont.—Dualymont é o traductor do *Fuora Villaco*, pois a obra é portugueza, composta pelo padre Teixeira, creatura do Prior do Crato.
465	19	Creio que era esta a ultima causa	Creio que esta ultima era a causa.
484	4	Major	Mayor.
508	26	Nuñoz	Muñoz.
		Tomo 2.°	
238	13	de paginas notaveis	de pessoas notaveis.
393	39	Bocalio	Bocalio, é uma extropiação do escriptor francez. Deve ler-se *Bacalhau*, alcunha de um desembargador celebre no reinado de D. João V.

Digitized by Google

INDICE REMISSIVO

DO

DICCIONARIO DOS ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

QUE ESCREVERAM OBRAS

RELATIVAS A ASSUMPTOS PORTUGUEZES

A

Abrabanel (Sobre o judeu portuguez). 795.

Abyssinia (Sobre os feitos dos portuguezes na). 189, 242, 322, 344, 468, (II), 481, 575, 576, 577, 626, 732, 738, 781, 902, 1114, 1260, 1294, 1681, 1764.

Academia Real das Sciencias de Lisboa (Elogio á). 1525, (pag. 341).

Açores (Ácerca das ilhas dos). 56, 163, 177, 193. 248, 249, 262, 355, 362, 379, 425, 491, 526, 527, 546, 563, 602, 605, 621, 651, 675, 711, 853, 915, 1087, 1163, 1274, 1347, 1387, 1447, 1451, 1620, 1709, 1791.

Aden (Tomada de — por Affonso d'Albuquerque). 469 (parte 2.ª)

Africa (Sobre as descobertas e guerras dos nossos na). 63, 242, 360, 370, 456, 485, 490, 509, 675, 687, 909, 944, 1108, 1114, 1176, 1125, 1326, 1333, 1359, 1370, 1399, 1452, 1498, 1485, 1520, 1654, 1731.

Affonso d'Albuquerque. 346, 386.

Affonso Henriques (Vida de D.). 148, 512, (parte 2.ª).

Affonso V. 1227, 1550.

Affonso VI (Sobre o seu reinado). 3, 50, 354, 376 (II). 382 404, 690, 1111, 1158, 1300, 1569, 1579.

Agostinho José Freire. 1246.

Aguas gazozas das Pedras Salgadas. 1105.

Alcobaça (Sobre o mosteiro de). 931, (pag. 512), 106, (pag. 25), 1107, (pag. 104), 1327, 1372, (pag. 267).

Digitized by Google

Alemquer (Sobre). 559.
Alexandre Farnese (Sobre o casamento de—, com D. Maria de Portugal). 505, parte 2.ª
Alexandre Herculano. 218, 306, 365, 424, 955, 1824.
Algarve (Chorographia do). 146.
Aljubarrota (Sobre a batalha de). 156, 457, 1242.
Allemanha (Successos da). 1828.
Almanach hespanhol-portuguez. 1817.
Alphabeto de Hespanha e de Portugal. 1390.
Amadeu de Portugal. 384, (parte 2.ª)
Amadis de Gaula (Qual a nacionalidade e diversas traducções do celeberrimo romance d'este nome). 79, 1256, 1527, 1690.
Ambiveri (D. Alberto Maria). 29.
Amelia (Ode á princeza). 181.
America. 905.
Americo Vespucci (Vida de). 75.
Anastacio da Cunha (Ácerca do mathematico José). 231.
Anedoctas d'um casamento. 343, (pag. 306).
—— d'um prégador em Tarapur. 337, (pag. 291).
—— do duque de Cadaval. 4.
—— da ingleza convertida. 95, (115).
—— do conde de S. Lourenço. 95, (117)
—— hespanholas e portuguezas. 35.
—— do arcebispo confessor de D. Maria I. 95. (121).
—— dos corvos na Sé de Lisboa, 95. (130).
—— de Santo Antonio. 309, (pag. 272), 793.
—— do Marquez de Pombal. 36.
—— de Verdeil 95. (pag. 114).
—— dos olhos da estatua equestre em Lisboa. 793, (pag. 469).
—— do conde de Lima e Napoleão. 441, (pag. 346).
—— do medico da saude no Porto. 931, pag. 510.
—— dos Figos do Marquez de Cascaes. 1065.
—— do principe do Brazil, 1685. (pag. 393.)
—— de Bocalio no Convento. pag. 39.
Angola (Obras sobre). 161, 239, 408, 420, 434, 547, 687, 762, (pag. 465), 821, 915, (II) 1050. 1485, 1490, 1715.
Anna Boleyn (Sobre). 882.
Antiguidades romanas em Portugal. 104, 428, 614, 1714, 1760, 1891, 1897, 487, parte 2.ª (pag. 469) 867, 1282.
Antonio Bernardo da Costa Cabral (ministro). 85.
Antonio da Conceição (Sobre a canonisação de Fr.). 408, (parte 2.ª)
Antonio (Sobre D.—prior do Crato). 42, 45, 71, (43), 177, 180, 288, (pag. 267), 289, 290, 335, 543, (pag. 303), 400, 401, 402, 422, 425, 437, 587, 667, 670, 921, 1157, 1167, 1234, 1358, 1534, 1649.
Antonio Diniz da Cruz e Silva. 1525, (pag. 341), 1754.

Digitized by Google

Antonio Ferreira. 1284, (pag. 218), 1284, (224), 1325.
Antonio da Luz Pitta (Sobre os trabalhos litterarios de). 964.
Antonio Pereira de Figueiredo. 1560, 1598, 1745.
Antonio (Sobre Santo—de Lisboa). 21, 57, 309, (272), 793, (pag. 468), 877, 1222, 1273, 1413, 1418, 1430, 1487, 1499, 1592, 1710, 494, parte 2.ª
Antonio (Sobre a egreja de Santo—em Padua). 116.
Antonio (Sobre a egreja de Santo—em Lisboa). 95, (88).
Antonio Nunes Ribeiro Sanches (Medico na Russia). 33, 1820, 1832.
Antonio Vieira. 579, 1635.
Aqueducto das Aguas Livres. 95, (80), 931, (pag. 514).
Aragão (Relações de Portugal com). 1563.
Architectura em Portugal. 1671.
Archivos de Portugal. 338.
Aristoteles (Philosophia de—na Universidade de Coimbra). 1623.
Atlas de Fernão Vaz Dourado, e de Lazaro Luiz. 1376, (pag. 272).
Atlas do visconde de Santarem. 1813.
Australia (Descobertas dos portuguezes na). 137, 852, (III).
Autos de fé. 1146, 1147 1151.
Aves de Portugal. 1291.

B

Baçaim. 1562.
Balanço do commercio de Portugal. 74, (pag. 47).
Bandeiras de Hespanha, e de Portugal. 782.
Barbosa (Apreciação sobre—Arias). 71, pag. 41.
Bartholomeu dos Martyres (Sobre). 635, 930, 1049, 1341, 1408, 1417, 1701, 1892, 463, (parte 2.ª), 497.
Batalha (Sobre o Mosteiro da). 364, 931, 1107, (pag. 104), 1327.
Batavia. 1839.
Beatriz de Portugal (Infanta D.). 267.
Behaim (Sobre Martim). 933, 1703.
Belem (Sobre o Mosteiro de). 793, (pag. 470), 931, (pag. 514), 1102, (pag. 105), 1327.
Belgica (Relações de Portugal com a). 1138.
Bermudes (Patriarcha S. João). 189, (pag. 198- 99 etc.)
Bexigas (Sobre as). 1439.
Bibliotheca celebre do portuguez João Vasques. 1523.
Bibliothecas de Portugal (Manuscriptos que n'ellas se guardam). 1615.
Bocage (Poeta). 95, (130), 1229.
Bolama (Sobre a ilha de). 92, 653.
Bomtempo (Sobre o pianista). 71, pag. 46.
Botanica (Sobre assumptos de). 493, 514, 550, 569, 607, 668, 687, 692, 761, 1384, 1452, 1459, 1460, 1876, 1889.

Digitized by Google

Botanicos portuguezes. 74, (49), 188, 278.
Bragança (Historia da Casa de). 251.
Brazil. 58, 81, 89, 105, 174, 178, 280, 286, 310, 315, 322, 329, 349, 353. Id. pag. 345. Id. (pag. 316, IX, X, XII.) 404, 405, 407, 410, 419, 456, 475, 484, 504, 510, 541, 557, 567, 577, 586, 674, 682, 684, 692, 708, 713, 731, 734, 738, 759, 779, 818, 823, 825, 869, 914, 920, 950, 958, 976, 1013, 1054, 1076, 1090, 1091, 1092, 1093, 1097, 1098, 1099, 1106, 1114, 1170, 1179, 1190, 1259, 1262, 1267, 1297, 1299, 1303, 1325, 1335, 1343, 1374, 1389, 1453, 1457, 1483, 1495, 1497, 1501, 1629, 1653, 1686, 1776, 1827, 1831, (II). 1840, 1900, 358, (parte 2.ª) 487, 488.
Brotero. 569, (pag. 381), 607, (392), 761, (pag. 449).
Buchanan em Portugal. 1530.
Bulla (Sobre a — Unigenitus). 1901.
Bunda (Sobre a lingua). 219.
Bussaco. 4, (pag. 10), 607, (pag. 393), 1067, (pag. 25).

C

Cabo Verde. 58, 280, 605, 675, 726, 768, 887, 1050, 1198, 1672, 1715.
Caldas da Rainha. 1463, 1685, (pag. 392).
Calecut. 595, 1404, 1506, 1571.
Cambios portuguezes. 1658.
Caminhos de ferro em Portugal. 1298.
Camões. 4, (pag. 9 e 10), 11, 71, (pag. 41), 114, 162, 249, 251, 353, (pag. 311). Id. (pag. 316), 375, 384, 417, 435, 442, 465, 480, 539, 613, 620, 663, (pag. 417), 710, 776, 785, 793, (pag. 469), 794, 871, 888, 908, (pag. 499), 1017, 1019, (pag. 10), 1033, 1095, 1105, (pag. 95), 1119, 1139, 1218, 1255, 1256, (pag. 207), 1284, (pag. 218), 1299, (pag. 228), 1344, 1346, 1369, 1400, 1434, (pag. 300 e seguinte), 1525, (pag. 340), 1555, 1590, 1593, 1661, 1695, 1704, 1754, (I e IV), 1883, 1890.
Campanha de Portugal em 1801. 1226.
Canarias (Sobre as). 63, (II), 578, 726, 1672.
Cancioneiros portuguezes. 900, 1320, 1612, 1650, 1896.
Canções portuguezas (Sobre as). 101.
Canteiros portuguezes (Elogios aos). 548, (pag. 374), 931, (pag. 513.
Carlos Alberto, rei da Sardenha em Portugal. 106, 269.
Carlota Joaquina (A rainha D.). 1037, 1080, 1775.
Cartas constitucionaes portuguezas. 646.
Cartas da religiosa portugueza. 1894.
Cartas de D. Marianna de Alcanforado. 1176, 546, parte 2.ª
Cartas de judeus portuguezes a Voltaire. 519.
Castella (Chronicas dos reis de). 66.
Catalogo de livros portuguezes para venda no estrangeiro. 1766.

Digitized by Google

Catharina (D.—Infanta de Portugal e Rainha d'Inglaterra). 274, 277, (pag. 264), 1319, 492, parte 2.ª
Catharina (Rainha D.—viuva deD. João III). 1398, (pag. 291), 1420.
Catharina de Medicis (Pretenção á corôa de Portugal). 103.
Cathecismo para uso do Convento do Bom Successo. 196.
Cathecismo indico da lingua Kariri, 941.
Cedro portuguez. 607, (pag.) 393.
Ceilão. 83, (64), 1334, 1502, 1784.
Ceuta (A respeito de). 1053.
Chaul. 1562.
Chauleiros. 1879.
China (Feitos dos portuguezes na). 443, 767, (pag. 457), 801, 1147, 1208, 1585, 1609, 1642. 1829, 1830.
Chineza (Sobre a lingua). 1652.
Chrestomathia portugueza. 1895.
Christovão (Sobre D.—filho de D. Antonio, Prior do Crato). 883, 1043, 1204, 1665.
Cintra. 4, 95, 103, 105, 199, 752, (pag. 442), 931, (pag. 514), 1107, (pag. 105), 1217, 1327.
Coburgos (Sobre o estabelecimento dos—em Portugal). 26.
Codigos portuguezes. 1656.
Coelho (A respeito de George). 269.
Coimbra e sua Universidade. 4, (pag. 9), 269, (pag. 262), 364, (pag. 319), 761, (pag. 449), 1107, (pag. 107), 1327, 1590.
Collares. 95, (102. 133).
Colonias (Estudo sobre as—portuguezas). 1331.
Comedias baseadas em assumptos portuguezes. 77, 397.
Comedias baseadas na Historia de Portugal. 1626.
Comedias sobre assumptos portuguezes. 281.
Concilios em Braga. 1812.
Congo (Portuguezes no). 509, 518, 547, 605, 687, 691, 762, 1052, 1125, 1174, 1214, 1295, 1354, 1370, 1399, 1483, 1516, 1518, 1733.
Constantino, rei dos floristas. 212, 862.
Constituição portugueza (Sobre a). 108, 986, 1063, 1074, 1137.
Convento d'Alcobaça. 95, (136).
—— da Cartuxa de Laveiras. 95, (89).
—— da Pena em Cintra, 95. (123).
—— das Salesias. 95, (95).
—— de Belem. 95, (86), 1576.
—— de jesuitas portuguezes na Abyssinia. 189, (pag. 204), (Id. pag. 208).
—— de Mafra. V. Mafra.
—— dos Theatinos em Lisboa. 95, (130).

Digitized by Google

Convento Odivellas. 95, (115).
—— S. José de Ribamar. 95, (99).
—— Tibães. 1067, (28).
Correa da Serra (Abbade). 330, 677, (pag. 422).
Credito predial (Sobre o—de Portugal). 703.
Credito predial em Portugal. 1740.
Correspondencia em inglez. 31.
Correspondencia em nove linguas. 1878.
Corridas de cavallos. 523.
Costumes portuguezes. 1617.
Cruzados (Sobre os feitos dos). 466.
Cyprestes (Cemiterio dos—em Lisboa). 931, (pag. 513).

D

Damaso (S.). papa, 1850.
Dansas portuguezas no reinado de D. Sebastião. 1398, (pag. 279).
Defeza (Sobre a—de Portugal). 1674.
Descobertas e navegações dos portuguezes. 130.
Dialogos portuguez allemão. 151.
—— —— inglez. 477, 652, 983.
—— —— francez. 477, 1548.
—— italiano e portuguez. 881.
Diana de Jorge de Montemayor. 1739.
Diccionario anamitico-portuguez. 1185.
—— belgico-portuguez. 276.
—— de marinha, em varios idiomas. 1206.
—— de portuguez de Ceylão. 1595, 1645.
—— dos verbos francezes. 214, (II).
—— flamengo-portuguez. etc. 22.
—— francez-portuguez. 276, 709, 1431.
—— hespanhol-portuguez. 276, 709. 1431.
—— inglez-portuguez. etc. 17, 276, 421, 709, 1431.
—— italiano-portuguez. 276, 709, 1079, 1431.
—— latim-japonez. 1041.
—— malaico-latino. 1882.
—— portuguez. 709.
—— portuguez-allemão. 151, 276, 431, 1440.
—— —— hespanhol. 477.
—— portuguez-inglez. 1737.
—— portuguez, inglez, allemão. 1705.
—— portuguez-latim. 1431.
Dictas (Em Lisboa). 316.
Disparates (Escriptores cujos livros são uma collecção de). 55.
Douro (Mappas do). 433.

Digitized by Google

Douro (Sobre a companhia dos vinhos do). 334, 736.
Douro (Sobre a ponte pensil do). 124.
Douro (Sobre o rio). 99.
Dramas sobre assumptos portuguezes. 283, 375, 415, 529, 539, 611, 630, 727, 939, 1034, 546, parte 2.ª
Duarte (D. — de Bragança). 216, 331, 636, 810.
Duque de Lafões. 95, (119).
Duque de Saldanha. 1741.
Duqueza de Bragança. 518, parte 2.ª

E

Eclipses (Observações de). 209, 243, 663, (pag 417).
Economia agricola em Portugal. 997.
Editores de obras portuguezas no estrangeiro, 683, e na parte 3.ª pag. 572 e 573.
Egrejas portuguezas (A favor das). 194.
Elogios a Portugal, por escriptores de primeira ordem. 88, 244, 852.
Elogios ao Diccionario da Academia Real das Sciencias. 1744.
Elogios de varões illustres portuguezes. 1647.
Embaixadas portuguezas. 1854, 1858, 1866, 416, (parte 2.ª) 429, 430, 472, 474.
Emprestimos reaes de Portugal (Sobre os). 387, 1235, 1689.
Endovelico (Sobre o deus). 867.
Ephemerides da Universidade de Coimbra. 74, (49).
Epitaphios portuguezes. 451, parte 2.ª
Erasmo (Epitaphio feito por um portuguez a). 1581.
Escriptor (O infimo de quantos escreveram ácerca de Portugal). 55.
Escriptores que só tiveram em vista diffamar os portuguezes. 55, 203, 537.
Escriptores estrangeiros, cujos escriptos apparecem em portuguez, 49, 67, 119, 120, 135, 143, 152, 157, 261, 271, 282, 218, 219, 368, 369, 371, 393, 414, 432, 433, 508, 514, 640, 694, 778, 783, 814, 878, 892, 919, 927, 946, 1034, 1042, 1201, 1205, 1238, 1316, 1345, 1349, 1376, 1379, 1390, 1419, 1421, 1510, 1549, 1575, 1576, 1762.
Escriptos sinologos de Claudio Visdelou. 954.
Estatistica de Portugal. 1232, 1582.
Estatua equestre de D. José (Elogios á). 548, (pag. 374), 931, (pag. 513). (Censuras á mesma). 1432.
Estephania (Vida da rainha D.). 1414.
Estrangeiros que fizerem presentes a Portugal. 223, 1067, (pag. 25), 1356.
Estrella (Serra da). 607, (pag. 392 e 395).

Digitized by Google

Ethiopia (Feitos dos nossos na). V. Abyssinia.
Exequias de D. Maria Izabel de Bragança. 517.
Exercicios de grammatica ingleza de Vieyra. 1583.
Exposições universaes (Portugal nas). 221.
Evora (Quadros de). 1107, (pag. 107).

F

Fandango (Dansa). 1372, (pag. 266).
Fayal (Ilha do). 552.
Febre amarella em Lisboa. 530, 1177.
Febre typhoide (Sobre a). 1002.
Feliz independente (Continuação do). 1694.
Fernandes Thomaz. 1022.
Fernando (D.—filho de D. João I.). 1213.
Fernão Lopes (Chronista). 1846.
Fidalgos portuguezes (Seu atrevimento). 251, (250).
Fielding (Ácerca do romancista inglez). 931, (pag. 513).
Fielding (Residencia de—em Lisboa). 124.
Filippe II (Sobre). 1169, 1231, 1237, 1272, 1388, 1426, 1574, 150, (parte 2.ª)
Filippe II (Sua entrada em Portugal). 815, 1304.
Fogo (Sobre a ilha do). 265.
Franciscanos (Sobre os—em Portugal). 1438.
Francisco de Hollanda. 1368.
Francisco Manoel do Nascimento (A respeito de). 697.
Francisco Tregeon. 1736.
Fredorico III (Casamento de—com D. Leonor de Portugal). 592, 1251, 1587, 1596.
Funeraes portuguezes (Sobre os). 789.

G

Galliza (Deve pertencer a Portugal). 3.
Galloway (Conde de—em Portugal). 527, parte 2.ª, 1599.
Garcia da Horta (A respeito de). 270.
Geographia mathematica (Sobre a—em Portugal). 872.
Geographos portuguezes. 74, (50).
Gil Vicente. 1116, 1525, 1572, 1589, 1802.
Glama (Sobre o pintor). 931, (pag. 510), 1107, (pag. 121).
Goa. 83, (63), 192, 200, 337, 678, 707, 738, 894, 1037, 1108, 1149, 1153, 1247, 1557, 1631, 1640, 1839, 1843.
Godos na Peninsula. 1590.
Gomes (Beato). 412, parte 2.ª
Gonçalo da Silveira, martyr. 1491, 1795, 465, (parte 2.ª)
Gonçalo Dias d'Amarante. 525, parte 2.ª
Gouvea (André—, obras ácerca de). 1750.

Digitized by Google

Gouvea (Antonio —, obras ácerca de). 208, 333, 1086, 1749, 1890.
Governo representativo em Portugal. 928.
Grammaticas allemãs. 497, 507, 1821.
—— das linguas do Brazil. 30, 804.
—— de portuguez de Ceylão, ou da India. 1595, 1838.
—— francezas para uso dos portuguezes. 24, 157, 214, 505, 847, 906, 968.
—— hollandezas. 429, 529, parte 2.ª
—— inglezas. 157, 218, 385, 645, 1376, 1651, 528, parte 2.ª 530.
—— italianas. 1079.
—— mais usadas na costa do Brazil. 473, (parte 2.ª)
—— portuguezas para uso dos estrangeiros. 52, 133, 217, 366, 857, 983, 1469, 1477, 1610, 1754, 1767, 1848, 1780, 531, parte 2.ª 536, 561, 566.
—— portuguezas para uso dos francezes. 540.
Grego (Sobre o estudo do —, em Portugal). 269, 1588.
Guerra da acclamação. 1121, 1150, 1860.
Guerra da successão na Hespanha. 669, 1406, 1599.
Guiana (Estabelecimentos portuguezes na). 475, parte 2.ª
Guiana (Os portuguezes na) 505, parte 2.ª.
Guiné portugueza (Sobre a). 138, 687, 1252, 1520, 1697.

H

Helena (Sobre a descoberta da ilha de Santa —, pelos portuguezes). 185, 991.
Henrique (A respeito do conde D.). 372.
Henrique (Sobre o infante D.). 852, 931, (pag. 511), 1062, 1396, 1454.
Hespanha (Politica de — para com Portugal). 852, 793, (pag. 470), 931 (pag. 511), 1062.
Hespanha (Sobre a união de Portugal a). 16, 68.
Historia da litteratura portugueza. 93.
Historia monetaria de Portugal. 412.
Holland (Recordações diplomaticas de lord). 1630.
Hollandezes (Luctas entre — e portuguezes). 168, 169, 170, 171, 178.
Hollandezes (Sobre a lucta dos — com os portuguezes). 19.
Horas successivas. 1643.
Hospicio de Santo Antonio dos portuguezes em Roma. 1781.

I

Iberia (Sobre a união da). 15, 833, 1536, 1698.
Ignacio d'Azevedo. 442, 1553, 1836, 1849, 1902.
Ignez de Castro. 4, (pag. 9 e 10), 51, 112, 113, 147, 159, 173, 182, 211, 272, 279, 283, 296, 347, 351, 353, (pag. 315), 358, 418, 476, 483, 522, 554, 619, 630, 631, 632, 633, 634, 639, 663, (pag. 417), 701, 721, (I e

Digitized by Google

II), 723, 725, 761, (pag. 451), 793, (pag. 470), 803, 886, 896, 897, 925, 1023, 1038, 1067, (pag. 28), 1286, 1292, 1338, 1475, 1511, 1528, 1614, 1626, 1638, 1639, 1641, 1684, 1719, 1729, 1734, 1760, 1763, 1777, 1778, 1789, 1893, 514, parte 2.ª

Imprensa nacional de Lisboa. 1732.

India (Sobre o scysma portuguez na). 201, 240, 995, 1254.

India (Sobre os feitos dos nossos na). 64, 191, 217, 242, 253, 297, 322, 370, 386, 392, 399, 426, 443, 444, 445, 446, 447, 454, 459, 472, 479, 481, 486, 500, 534, 562, 575, 590, 595, 599, 615, 628, 629, 648, 664, 693, 713, 762, 791, 792, 806, 812, 813, 822, 840, 841, 899, 907, 908, 944, 948, 958, 970, 973, 987, 991, 1026, 1051, 1094, 1096, 1110, 1114, 1123, 1127, 1130, 1140, 1142, 1144, 1159, 1164, 1173, 1191, 1212, 1247, 1258, 1260, 1261, 1264, 1267, 1268, 1275, 1293, 1329, 1332, 1336, 1353, 1366, 1378, 1385, 1391, 1392, 1402, 1405, 1433, 1434, (pag. 305), 1456, 1462, 1467, 1468, 1471, 1492, 1493, 1502, 1507, 1520, 1529, 1531, 1543, 1544, 1552, 1557, 1562, 1566, 1571, 1627, 1631, 1647, (II), 1666, 1675, 1683, 1717, 1747, 1787, 1818, 1827, 1834, 1839, 1843, 1881, 510, parte 2.ª 517.

Indios (Sobre a conversão dos). 610, 693.

Inglezes (Sobre as queixas dos). 37.

—— (Males que teem advindo a Portugal por causa da alliança com os). 206.

—— (Commercio dos—em Portugal). 497.

—— (Sobre os—em Portugal). 869, 1085, 1088.

Inquisição de Portugal. 61, 71, (pag. 46), 95, (pag. 94 e 96), 306, 309, (281), 311, 758, 817, 908, 916, 949, 1323, 1382, 1385, (pag. 395). —Em defesa d'ella), 1697, 1746.

Inquisição na India. 337, (293) 865, 1097 (pag. 70), 1514, 1631.

Instrucções aos nuncios de Portugal. 637.

Instrucções para creanças em portuguez e inglez. 1800.

Izabel (Sobre a rainha Santa). 229, 307, 458, 755, 1008, 1035, 1046, 1478, 1603, 1870.

J

Jacob Rodrigues Pereira. 391, 445, (parte 2.ª)

Japão. 516, 811, 813, 824, 1032, 1114, 1143, 1147, 1511, 1829 1830.

Jardim botanico (Na Ajuda). 95, (78), 161, (pag. 448).

Jeronymo Corte Real. 438.

Jeronymo d'Azambuja (Obra d'este auctor commentada). 568.

Jeronymo Osorio. 1637, 1890.

Jesuitas (Na India). 894.

—— (No Brasil). 349.

—— (No Paraguay). 1125, 1126, 1128, 1362.

—— (Sobre os—em Portugal). 220, 295, 336, 356, 638, 737, 740, 741, 747, 923, 932, 971, 972, 978, 1058, 1132, 1133, 1134, 1154, 1193, 1324, 1450, 1473, 1551, 1552, 1659, 1752, 415, parte 2.ª 509, 513, 541; 544, 557.

Digitized by Google

Joanna (Santa princeza de Portugal). 1213. 409, (parte 2.ª) 457.
João (Filho de D. Ignez de Castro). 347, 725.
João de Barros. 1284, (pag. 225). 1525, (pag. 340).
João de Brito (Martyr). 90, 800, 1778, 1409, (parte 2.ª) 410, 554.
João Cardim. 1489, 1816.
João de Castro (D.). 480, (parte 2.ª)
João de Deus (S.). 234, 990, 1364, 1411, 1547, 1624, 1768.
João Fernandes de Lucena. 1532.
João I (D.). 457.
João II (D.). 1239, 1738.
João Maria Ferreira do Amaral (Poesia a). 1472.
João IV (A respeito de—duque de Bragança). 44, 76, 125, 126, 127, 145, 155, 166, 167, 176, 197, 202, 206, 235, 257, 406, 570, 618, 674, 681, 742, 769, 918, 924, 940, 998, 999, 1016, 1025, 1031, 1082, 1083, 1084, 1175, 1184, 1186, 1276, 1381, 1434, (pag. 307), 1517, 1519, 1546, 1662, 1664, 1668, 1693, 1723, 1841, 1851, 1861, 1863, 1864, 1865, 1869, 1898, 421, (parte 2.ª), 422, 423.
João V (Em Odivellas). 95, (115), 1685, (pag. 394).
João V (Obras dedicadas a este rei). 129, 144.
João V (Em geral). 245, 309, (275), 909, 1322, 1685, (pag. 393).
João V (e Quien de Neuville). 952, (pag. 523).
João V (Seu casamento). 396, (parte 2.ª)
João VI (Descripção da côrte de). 4, 1634.
João VI (Sua biographia). 381, 711, 975.
Joaquim Silvestre Simão. (Compositor de musica.) 1759.
Joaquina (Sobre D. Carlota). 544.
Jogos olympicos em honra de D. João V. 1558.
José de Anchieta. 1797.
José I (Sobre el-rei D.). 967, 996, (V. Marquez de Pombal).
José Maria Dantas Pereira (Vida de). 963.
Joseph (Principe do Brasil, sobre o seu casamento). 929.
Joseph Mathias (Sobre o cyrurgião). 753.
Judeus portuguezes. 60, 237, 672, 720, 757, 760, 878, 1065, 1192, 1461, 1997, 1779.
Juizo critico sobre os auctores que escreveram a Historia de Portugal. 365.

L

Ladrões (Historia dos—celebres). 590.
Lagôa (Sobre a bahia de). 293.
Lamego (Sobre as Bellas-Artes em). 1107, (pag. 109).
Lentes portuguezes na Universidade de Pisa. 1887.
Limites das possessões portuguezas ao sul do Equador. 84.

Digitized by Google

Lingua dos barbaros (Indagações sobre a). 555.
Lisboa (Elogios a esta cidade). 4, 96, 127, 607, (pag. 391), 625, 752, (pag. 441), 761, (pag. 447), 911, (pag. 513), 1103, 1217, (pag. 163), 1327, 1685.
—— (Descripção de). 342, 343, 403, 439, 478, 531, 548, 700, 764, 874, (II), 951, 1022, 1047, 1048, 1067, 1073, 1145, 1156, 1266, 1337, 1367, (em tempo de Filippe II), 1464, 1699.
—— (Projecto de engrandecimento). 463.
—— (Continuação da Chronica de Fr. Marcos de). 328, 959.
—— (Ode á ruina de). 719.
—— (Seus quadros). 1107, (pag. 109).
Litteratura portugueza (Sobre a). 117, 160, 244, (pag. 243), 353, (n.os III, IX e XII), 365, 470, 471, 499, 540, 543, 558, 573, 608, 617, 663, 677, (pag. 422), 750, 796, 833, (II), 927, (II), 957, 985, 1064, 1100, 1118, 1255, 1256, 1280, 1284, 1299, 1320, 1400, 1449, 1465, 1504, 1525, 1572, 1578, 1660, 1667, 1690, 1691, 1696, 1707, 1767, 1807, 1819, 1871, 1872, 1890.
Livros, cujo titulo não dá bem a conhecer de que assumptos tratam, 348.
Loanda. 339, 485, 1715.
Lucena (Traição de Francisco de). 1868.
Luiz I (Sobre sua magestade D.—rei de Portugal). 87, 1663.
Luiz Antonio d'Abreu (Visconde da Carreira). 1246.
Luiz Antonio de Valleré. 1383.
Luiz d'Athaide (Vida de D.). 1412.
Luiza de Gusmão (A rainha D.). 525, parte 2.ª

M

Macau (A respeito de). 258, 679, 699, 767.
Madagascar (Sobre). 142, 449.
Madeira (Ácerca da ilha da) 8, 10, 20, 58, 161, 190, 280, 357, 361, 439, 502, 531, 542, 603, 605, 617, 654, 671, 705, 777, 835, 838, 848, 987, 998, 1044, 1045, 1113, 1196, 1285, 1287, 1288, 1387, 1415, 1443, 1455, 1458, 1466, 1484, 1521, 1616, 1620, 1715, 1724.
Mafra. 93, 103, 107, 1107, (pag. 120).
Magalhães (A respeito de Fernão de) 47, 650, 689, 1815.
Malabar (Sobre a egreja de). 468, 813, 1147, 1247, 1502, 1839.
Malaca. 459.
Malagrida (Sobre Gabriel). 298, 623, 799, 934, 1363.
Manoel (Sobre D.—rei de Portugal). 28, 606, 873, 503, parte 2.ª
Manoel Alvares (Contra a grammatica de). 1594.
Manoel de Faria e Sousa. 433, parte 2.ª
Manoel Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos. 796.
Manoel Machado d'Azevedo. 1394.
Manoel Pinto (Grão mestre da Ordem de Malta). 994.

Digitized by Google

Mappas de Portugal. 91.
Mar tenebroso (Lenda do). 1227, (pag. 186).
Maranhão (Missões no). 1, 455, 501, (parte 2.ª)
Maranhão (Rio). 455.
Marcos de Portugal (Sobre). 72, 383.
Maria (Infanta, irmã de D. João III). 1398, (pag. 292).
Maria Anna (Rainha de Portugal). 521, 1194.
Maria Barbara (Rainha D.). 493, parte 2.ª
Maria Francisca Izabel de Saboia (Sobre a rainha D.). 980, 1423, 1530, 1699.
Maria I (Sobre a côrte de). 95, 251, 309, (275).
Maria II (Sobre a rainha D.). 304.
Marinhas de Sal. 1608.
Marquez de Marialva. 95, (81-84).
Marquez de Sá da Bandeira. 1621.
Marquez de Sande. 1247.
Martim Behaim (Sobre). 482, 547, 650.
Mathematicas. 1308.
Mathematicos portuguezes. 74, (47) 1039.
Medicina (Sobre assumptos de). 832.
Medicina e cirurgia em Portugal. 528, 537.
Meninos de Palhavã (Filhos de D. João V). 95 (76-77).
Meridiano de demarcação entre os dominios de Hespanha e de Portugal. 1243.
Methodo Ahn para aprender portuguez. 198.
Miguel de Bragança (D.). Vide D Pedro IV.
Miguel (Sobre a ilha de S.). 838, 1448.
Minas (Sobre as—de Portugal). 65, 210, 393.
Miniaturas (Livros de—em Portugal). 260 (pag. 257).
Missão de Fernandes de los Rios a Portugal. 1757.
Moçambique. 82, 83 (pag. 63), 161, 605, 1040, 1835, 1853.
Moçambique (Linguas de). 1844.
Modo como as Magestades sicilianas receberam a esquadra portugueza. 1862.
Moedas portuguezas. 100.
Moedas portuguezas (Que teem curso da Ilha de S. Domingos). 542, parte 2.ª
Moluccas (A respeito das ilhas). 629, 713, 1096, 1097, 1114, 1293, 1500, 1825, 1826, 1882.
Mosteiro de Santa Clara em Madrid. 230.
Mouros (Sobre os). 622.
Mulheres celebres portuguezas e hespanholas. 1101.
Mulheres celebres portuguezas. 926.
Musica portugueza. 95, (92 e 96) Da capella real em tempo de

Digitized by Google

D. Maria I 95 (106) em tempo de D. João V (115) 676 (pag. 422) 1372 (pag. 265) 1379.

N

Nascimento (Francisco Manuel do). 249 (pag. 248).
Nascimento do principe do Brazil D. Pedro. 1867.
Navegação (Da — desde o Cabo S. Vicente até aos Pyrineos). 416.
Negociações com as côrtes de Hespanha, França e Portugal. 909.
Nilo (Sobre a descoberta das nascentes do — attribuida aos portuguezes). 97, 189.
Numismatica portugueza. 918.
Nuno (Vida de D. — Alvares Pereira, conde de Barcellos). 1416.

O

Obras cujo assumpto se não deixa conhecer pelo titulo. 292, 511, 538, 559, 665, 718, 1315, 519 (parte 2.ª).
Obras dedicadas aos reis de Portugal. 129, 488, 663, (pag. 418), 915, 929, 931, 1330, 1393, 1549, 1613, 1720, 1783, 1902.
Obras estrangeiras impressas em Lisboa. 1790.
—— **portuguezas** impressas em Bombaim. 1758.
—— —— —— em paizes estrangeiros. 1899.
—— —— —— em Trangambar. 1721, 1798.
—— —— vertidas para hebraico. 1806.
—— —— —— em New York. 1755.
Observações astronomicas. 494, 904, 916, 1309, 1556, 1875 (na India).
Operas baseadas em assumptos portuguezes. 107, 113, 121, 255, 359, 480, 572, 935, 1427, 1597, 564 (parte 2.ª).
Oração ácerca da felicidade de Portugal augmentada pelos principes da Casa de Bragança. 956.
Orações dos judeus portuguezes. 720.
Orações funebres de D. José I. 1271.
—— —— de D. Maria I. 844, 853.
—— —— de D. Maria Anna d'Austria. 139.
—— —— de D. Pedro II. 147.
—— —— de D. Pedro V. 786, 798.
Ordem de Christo em Portugal. 685.
Ordenanças de Portugal. 1236.
Organogenia geral. 797.
Ourique (Sobre a batalha de). 561, 833, (111), 1602.

P

Paços das Alcaçovas em Lisboa. 1398.
Padroado portuguez no Oriente. 451, 767, (pag. 457), 1708.

Digitized by Google

Palavras portuguezas introduzidas na lingua Malaica. 350.
Palavras portuguezas introduzidas nas linguas de Amboyno, Banda, Java, e Molucas. 1882.
Palavras portuguezas adoptadas por Buffon. 1847.
Palavras portuguezas derivadas do arabe. 388, 1573, 1884.
Palmeirim d'Inglaterra (Nacionalidade d'este romance). 111, 1509, 1612.
Paraguay (Sobre o). 1007, 1831.
Patriarchas de Lisboa (Sobre os). 80, 343, (pag. 301).
Pedro I (D. — rei de Portugal). Tragedias. Vide Ignez de Castro.
Pedro II (D. — Sobre o seu reinado). 7. (Sua côrte). 343, (pag. 303), 730, 1152, 1748, 355 (parte 2.ª), 356 (Idem)
Pedro IV (D. — Luctas entre este rei e seu irmão). 23, 59, 69, 149, 213, 224, 264, 389, 395, 396, 398, 536, 604, 634, 660, 688, 724, 735, 749, 821, 837, 842, 875, 880, 890, 942, 945, 953, 962, 1010, 1014, 1067, 1081, 1134, 1178, 1249, 1279, 1312, 1321, 1375, 1376, 1437, 1444, 1446, 1454, 1470, 1522, 1537, 1538, 1539, 1577, 1633, 1765, 1791, 1886, 567 parte 2.ª, 569.
Pedro V (D.). 828, 1570, 1770.
Peixes conservados no museu da Historia Natural em Lisboa. 1311.
Peixes de Portugal. 1311, (11), 1554.
Peninsula Iberica debaixo do ponto de vista militar. 1216.
Peninsular (Sobre a guerra). 14, 27, 38, 43, 89, 109, 110, 131, 186, 214, 215, 222, 266, 302, 320, 321, 383, 409, 440, 441, 452, 453, 473, 487, 520, 524, 544, 549, 656, 662, 696, 728, 744, 745, 771, 772, 787, 851, 864, 866, 911, 943, 947, 961, 979, 982, 1000, 1001, 1029, 1117, 1124, 1245, 1299, (pag. 228), 1317, 1318, 1339, 1348, 1559, 1646, 1702, 1727, 515 (parte 2.ª), 516.
Pensamentos varios escriptos a um doutor de Lisboa. 1726.
Persia. 1159, 1166, 1456, 1520.
Pharmacopea portugueza. 1793.
Pinhaes de Leiria. 1390.
Pinto (Ácerca de Fernão Mendes). 217, 1407.
Pintores portuguezes (Sobre os). 1200.
Plantas textis de Portugal. 1540.
Poema — Castello de Almada. 884.
Poema — Madeira. 617.
Poesia em honra de D. Pedro IV. 1210.
Poesia em honra da rainha D. Maria Pia. 1619.
Poesia em honra de Lisboa. 1019, 1669.
Poesia no album de Xavier Cordeiro. 1195.
Poesias italianas dedicadas a D. Alexandre de Sousa e Holstein. 1221.
Pombal (Ácerca do marquez de). 13, 34, 36, 220, 238, 251, 256 (pag. 257),

Digitized by Google

411, 469, 606, 702, 743, 762, 766, 861, 912, 931 (pag. 509), 932, 938, 1034, 1055, 1109, 1131, 1267, 1281, 1289, 1425, 1428, 1512, 1601, 1636, 1648, 1716, 559 (parte 2.ª).

Pombal (Filho do marquez de) 95 (90).

Porto (Sobre a cidade do) 260 (pag. 258), 752 (pag. 444), 761 (pag. 453), 931 (pag. 510), 1372 (pag. 267).

Porto (Sobre seus quadros). 1107 (120).

Portugal (Descripções de — em geral). 4, (pag. 11), 9, 12, 41, 53, 65, (11), 74, 78, 80, 86, 93, 94 (em tempo de D. Maria I, pag. 95), 118, 122, 158, 164, 165, 175, 179, 184, 195, 216, 228, 232, 250, 254, 277, 287, 308, 312, 341, 345, 352, 376 (no anno de 1766), 377 (em 1860-61), 381, 413, 430, 448, 461, 474, 498, 499 (III), 503, 535, 551, 553 (em 1836), 566 (de 1759 a 1769), 571, 573, 574, 575, 596, 601, 609, 612, 616, 625, 641, 642, 644, 651, 661, 673, 676, 677, 692, 695, 706, 712, 714, 733, 748, 750 (III), 752 (no reinado de D. Maria II), III, 756, 761 (em 1797 e 98), 770 (D. Maria II), 775, 784, 830, 843, 854 (D. Pedro V), 871, 874, 876 (em 1774), 889, 891, 895, 901, 902, 922, 931 (em 1789 e 90), 936, 937, 955, 960, 974, 988, 992, 993, 1009, 1015, 1018, 1020, 1021, 1022 (em 1822), 1027, 1028, 1030, 1060, 1061, 1065, 1067 (em 1827), 1068, 1070, 1102, 1104, 1115, 1120, 1136, 1141, 1187, 1188, 1189, 1211, 1223, 1227 (no reinado de D. Affonso V), 1228, 1244, 1257, 1260, 1283, 1310, 1314, 1327, 1347, 1351, 1361, 1367 (no reinado de D. Filippe II), 1371, 1372 (em 1772 e 73), 1373, 1398 (no reinado de D. Sebastião), 1424, 1432, 1435, 1436, 1441, 1466, 1474, 1512, 1513, 1524, 1541, 1568, 1586, 1589, 1611, 1673, 1685 (no reinado de D. João V), 1688, 1692, 1699, 1722, 1725, 1728, 1741, 1782, 1796, 1798, 1808, 1833, 1837, 1855, 1877, 502 (parte 2.ª), 521, 522, 551, 555, 570.

Portugal (Em tempo de D. João V). 183.

—— (Em tempo de D. Maria I). 309.

—— (Estado de). 1800.

—— (Geologia de). 1328.

—— (Historia de — em tempo dos mouros). 54, 826.

—— (Historia de — em 1822). 1874.

—— (Historia de — no seculo XIX). 1606.

—— (Historias de — em geral). 5, 115, 140, 150, 154, 205, 251, 268, 277 (II), 285, 291, 293, 303, 305, 324, 325, 378, 450 (I). 460, 462, 467, 489, 492, 496, 501, 515, 556, 560, 583, 584, 594, 600, 627, 649, 666, 698, 722, 788, 802, 807, 808, 809, 827, 839, 845, 849, 863, 868, 875, 898, 944, 952, 960, 966, 977, 981, 1003, 1004, 1012, 1056, 1057, 1071, 1072, 1089, 1105, 1219, 1220, 1225, 1230, 1233, 1240, 1250, 1279, 1277, 1312, 1393 (II), 1600, 1604, 1622, 1627, 1628, 1632, 1657, 1680, 1721, 1751, 1803, 1804, 1805, 1842, 1845, 1885, 397 (parte 2.ª), 549, 552, 560, 562.

Portugal, poema. 513.

—— (Seu commercio e finanças). 1801.

—— (Sobre os tempos remotos de). 428, 774.

—— (Sobre seus povos). 309.

Digitized by Google

Portugal e a Normandia. 1340.
—— **no seculo XIX.** 226.
Portuguez de Ceilão. 1706, 1711, 1785, 1786.
Portuguezes (Caracter dos). 251 (pag. 254), 252, 256, 754, 780.
Portuguezes (Feitos dos—em geral). 2; 152, 249, 275, 659.
Possessões hespanholas e portuguezas na America meridional. 1180.
Praça do Commercio e estatua. 4.
Pretensões dos embaixadores de potencias estrangeiras. 1172.
Princesa Amelia (A respeito da). 1118.
Princesa da Beira, filha de D. João V. 514, parte 2.ª
Princesa do Brasil, seus direitos á coroa de Hespanha. 1712.
Privilegios do reino de Portugal. 1269.
Procedimento do consul portuguez no Uruguay. 1584.
Procissão do Corpo de Deus. 4, 95 (84), 343 (307).
Publia Hortensia. 1398 (pag. 281).

Q

Quadros (Apreciações dos—existentes em Portugal). 1107.
Quental (Ácerca da vida de Bartholomeu do). 236.
Questões entre Portugal e Hespanha por causa dos dominios ultramarinos. 657.
Quinas portuguezas (Sobre as). 1677.
Quinta de Santa Cruz da Maia. 1534.
—— de Marvilla. 95 (97).
—— de Palhavãa. 95 (76).
—— de Penha Verde. 95 (127).
—— de Visme, em Benfica. 95 (100).
—— do Ramalhão. 95 (101).

R

Raças latinas (Sobre as). 1756.
Reducção das moedas de França, Inglaterra e Portugal. 1735.
Relações commerciaes de Portugal com a França. 1700.
Relações do departamento d'Ande com Portugal. 524 parte 2.ª
Relações dos flamengos, principalmente de Bruges, com os portuguezes. 1532.
Relações dos marquezes de Trocifal, condes de Torres Vedras. 1814.

Digitized by Google

Relações dos Paizes Baixos com Portugal e Hespanha. 1386.
Relatorio ácerca do tratado de geographia de Casado Geraldes. 1670.
Relatorio de Mac Gregor. 1290.
Reliquias de S. Roque. 1852.
Resende (Sobre André de). 269 (pag. 261).
Respeito aos reis. 1296.
Restauração de Portugal. Vide D. João IV.
Revolução de Hespanha e Portugal. 1567.
Revolução de 1820 (Sobre a). 187, 525, 1182.
Revolução do Porto. 1742.
Revoluções de Portugal. 536, 537 (pag. 370), 563, 903, 1181, 1183, 1253, 1300, 1403, 1523, 1625, 1687, 533 parte 2.ª
Rifões e proverbios portuguezes. 969.
Rodrigues Pereira. 1847.
Roma (Inscripções portuguezas em). 450.
Romanceiro portuguez. 1617.
Romances baseados em assumptos portuguezes. 46, 48, 172, 263, 353 (pag. 314), Id. (pag. 315), 373, 423, 499, 499 (IV) 523, 533, 585, 643, 704, 805, 829, 834, 850, 859, 860, 910, 1066, 1077, 1197, (I e II), 1202, 1209, 1224, 1262, 1265, 1287, 1305, 1313, 1377, 1498, 1565, 1605, 1630, 1676, 1760, 1772, 520 parte 2.ª, 526, 532, 537, 538, 539, 540, 545, 553, 560 (II), 568.
Romances sacros do Minho. 1761.
Ruy de Pina, bispo do Porto (Elogio de). 1534.

S

Sagração do bispo do Algarve. 95 (80).
Sanches (Sobre o philosopho). 545.
Sanskrito (Obra que se diz tratar de Portugal). 70.
Santarem (Ácerca dos trabalhos geographicos do visconde de). 39, 367.
Santos portuguezes (Em geral). 136.
Saude (Guia para os que pretendem restabelecer a — em Portugal). 790.
Schomberg (Campanhas do marechal de — em Portugal). 1807.
Sciencias (Varias). 25.
Sé (de Lisboa). 95 (pag. 129).
Sebastião (Sobre el-rei D.). 62, 132, 288, 422, 565, 588, 589, 591, 593, 658, 715, 717, 729, 913, 1006, 1024, 1212 (II), 1306, 1398, 1442, 1482, 1485, 1632, 1801, 534 parte 2.ª
Seguidilhas em honra de Santo Antonio. 1487.
Selecta franceza para uso dos portuguezes. 1678.
Selectas em portuguez e inglez. 1774.
Sequeira (Sobre o pintor). 1107.
Sermão pregado pelo nascimento da infanta de Portugal. 1591.

Digitized by Google

Setubal. 752 (pag. 443).
Siculo (A respeito de Cataldo). 237.
Silva Carvalho (José da—biographia). 1246.
Silvestre Pinheiro Ferreira. 1395, 1401, 1561, 1713, 1792.
Soberania temporal dos romanos. 1302.
Sousa (Madame de). 1301.
Sousa (Sobre fr. Luiz de). 353 (pag. 315).
Staël (Madame—e o duque de Palmella). 1307.
Stockler (Ácerca do mathematico Garção). 1753.
Supplemento á geometria de Legendre. 1730.
Supplemento á grammatica latina de Diogo de Mello. 1823.
Surinam (Sobre os judeus portuguezes de). 394.

T

Tabaco (Dança do—em Lisboa). 793 (pag. 467).
Tejo (Lamuria dirigida ao). 1496.
Tejo (Poesias em honra do). 426, 858, 1503, 1655.
Tejo (Sobre a navegação do—até Madrid). 204.
Terceira (Sobre a ilha). 290, 323, 1090, 1155, 1773.
Terremoto de Lisboa. 6, 32, 123, 327, 739, 746, 793, (pag 466), 1011, 1088, 1112, 1159, 1165, 1215, 1434, (pag. 303), 1476, 1488, 5436, 556.
Terrenos carboniferos de Portugal. 1278.
Theatros de Belem. 1372 (pag. 265).
—— (Opera portugeza). 761 (pag. 447), 1372.
—— da Rua dos Condes. 95 (91).
—— de S. Carlos. 752 (pag. 442).
—— do Salitre. 761 (447).
Theodoro d'Almeida (Padre) 95 (90) 965.
Thiago (Sobre a vinda de S.—a Hespanha). 1856.
Thomar (Ácerca do conde de). 18, 1107, (122).
Thomé (Ácerca da ilha de S.) 213.
Thompson (Elogio a Vasco da Gama). 1342.
Topographia de Portugal. 846.
Torneio celebrado no casamento do infante de Portugal. 1365.
Torres Novas (Biographia do visconde de). 831.
Torres Vedras (Linhas de). 441, 655.
Tractados com diversas nações. 1069, 1075, 1103, 1129, 1355, 1357, 1360, 1480, 1481.
Tragedias sobre assumptos portuguezes. 259, 384, 436, 483, 773, 816, 819, 1063, 1369, 1607, 1644, 514, parte 2.ª, 565.
Tranquebar (Sobre as missões de). 419.
Tristão da Cunha (Sobre as ilhas de—). 1352.

Digitized by Google

Tumulos portuguezes. (Elogios aos). 952, (pag. 523).
Typographia (Sobre a—em Portugal). 1122.
Typographica (Arte—em Portugal). 1203.

U

União (Sobre a—de Portugal á corôa de Castella). 134, 288, 289, 290, 294, 301, 326, 332, 355, 376, (II), 380, 382, 512, 563, 582, 597, 879, 893, 944, 984.

V

Valentim Fernandes (Impressor). 1258, 1654.
Vasco (sobre o pintor Grã—). 1107, 1200.
Vasco da Gama (Sobre). 83 (pag. 63), 374, 523, parte 2.ª
Vasco da Gama (Poesia em honra de). 1618.
Vasco de Lobeira. 506, parte 2.ª
Verney (Ácerca das obras do celebre Luiz Antonio—). 241.
Vespucci (a respeito de Americo—ao serviço de Portugal). 233.
Viagem aerostatica em Lisboa. 1199.
Villa Viçosa. 1398, (281).
Victoria sobre os Inglezes. 1857.
Viriato. 98.
Vocabulario geographico de Portugal. 340.
Vocabulario portuguez-malabar. 506.
Volcões em volta de Lisboa. 1162, 1384.

X

Xavier (Sobre os feitos de S. Francisco—). 273, 464, 751, 836, 1168, 1241, 1350, 1397, 1410, 1422, 1429, 1505, 1508, 1526, 1533, 1535, 1545, 1561 1718, 1788, 1888.

Digitized by Google

INDICE REMISSIVO DA PARTE II

ESCRIPTORES PORTUGUEZES CUJAS OBRAS FORAM VERTIDAS

EM IDIOMAS ESTRANGEIROS

A

Abrahão Sabba. 187.
Affonso d'Albuquerque. 34.
Affonso (Jesuita). 130.
Affonso Mendes. 390.
Agostinho da Cruz (Fr.). 4.
Agostinho Manoel de Vasconcellos. 460.
Alberto Pimentel. 261.
Aleixo de Menezes (D.). 43.
Aleixo da Motta. 428.
Alexandre de Gusmão. 109.
Alexandre Herculano. 30, 31, 116.
Alvarenga (Dr.). 32, 59, 91, 149, 183, 272, 283.
Alvaro Ferreira de Vera. 462.
Alvaro de Semmedo. 60, 63, 147, 221, 326, 446.
André de Resende. 344.
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. 46.
Antonio d'Azevedo Mello e Carvalho. 302.
Antonio Barbosa Bacellar. 4, 129.
Antonio d'Andrada (Padre). 33, 58, 72, 89, 215, 240.
Antonio do Couto. 194.
Antonio Diniz da Cruz e Silva. 4, 35, 320.
Antonio Feliciano de Castilho. 124, 156.
Antonio Fernandes. 66.
Antonio Ferreira. 4, 171, 274, 330.
Antonio Feyo. 11, 120, 167, 184.
Antonio Galvão. 111, 334.
Antonio Gouvea (ou de Gouvea). 100, 336.

Digitized by Google

Antonio José (o judeu). 68.
Antonio Mendes. 285.
Antonio Pereira de Figueiredo. 106, 245, 260, 286, 331.
Antonio (D.—prior do Crato). 78, 140, 154, 209.
Antonio da Purificação (Fr.). 45.
Antonio Ribeiro dos Santos. 4.
Antonio Rodrigues da Costa. 354.
Antonio dos Reis. 470.
Antonio da Silva Lopes Rocha. 438.
Antonio Vieira (Padre). 3, 5, 37, 38, 64, 88, 125, 148, 192, 218, 219, 227, 259, 464.
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. 261.
Arcebispo de Lisboa. 191, 208.
Arcebispo de Goa. 289.
Augusto Lima. 18.

B

Balthasar Telles. 246, 454.
Bartholomeu dos Martyres. 7, 13, 101, 102, 196.
Bartholomeu do Quental. 179, 244.
Belchior Manoel Curvo Semmedo. 4.
B. Barreto. 291.
Bento de Goes. 251.
Braz de Pina Freie. 496.
B. P. 294.

C

Camillo Castello Branco. 99, 261, 295.
Canção *(Tinhera bos).* 26.
Cardim (Fr). 133, 301.
Carlos Ribeiro. 228.
Carta do conselheiro Abrantes. 362.
Cartas do Japão. 359.
Christovão (D.—Principe de Portugal). 361, 369.
Claudio de Chaby. 261.
Claudio Manuel da Costa. 4.
Codigo Civil. 76.
Conde da Barca. 4.
Constituição de D. Pedro. 77.
Constituição politica da monarchia portugueza. 316.
Costa Goodolphim. 261.

D

Damião de Goes. 319, 333, 344.
Diogo Bernardes. 4.

Digitized by Google

Diogo de Menezes. 391.
Diogo de Sampaio. 441.
Domingos Maximiano Torres. 4.
Domingos dos Reis Quita. 4, 248.
Duarte Barbosa. 235.
Duarte Lopes. 47, 113, 190, 375, 376, 431.
Duarte Nunes de Leão. 51.
Duque de Saldanha. 118.
Durão (Santa Rita). 165.

E

Elvas libertada. 129.
Estevão da Cruz. 486.

F

Fernão Alvares do Oriente. 4.
Fernão Guerreiro. 81, 348.
Fernão Lopes de Castanheda. 107, 139, 225, 254, 304, 347.
Fernão Mendes Pinto. 54, 82, 114, 132, 145, 405, 406.
Ferrão (Silva). 153.
Francisco Alcanforado. 279.
Francisco d'Almada. 280.
Francisco Alvares. 27, 181, 225, 236, 242, 284, 485.
Francisco d'Andrade. 213, 288.
Francisco d'Annunciação. 22.
Francisco Caldeira. 434.
Francisco Guerreiro. 511.
Francisco José Freire (Candido Lusitano). 61.
Francisco Luiz Gomes. 143.
Francisco Manoel do Nascimento. 4, 124, 220.
Francisco de Moraes. 123, 165, 232, 233, 262, 394.
Francisco Rodrigues Lobo. 4, 168.
Francisco de Sá de Miranda. 4.
Francisco Vaz de Guimarães. 342.
Francisco de Vasconcellos Coutinho. 4.

G

Gabriel de Magalhães. 24.
Gabriel de Mattos. 385, 386.
Garcia da Horta. 2, 17, 42, 53, 343.
Gaspar Coelho. 307.
Gaspar Correa. 235.
Gaspar (M). 311.
Gentil homem da cidade de Elvas. 151, 230, 351, 427.
Gil Vicente. 274.

Digitized by Google

H

Heitor Pinto. 407.
Henrique (P.). 309.
Hypolito José da Costa. 395.

I

Irmãos da Companhia de Jesus. 312, 313, 314.

J

Jacinto Freire d'Andrade. 207, 269.
Jeronymo Corte Real. 56, 85, 180, 206.
Jeronymo Lobo. 103, 131, 372, 373, 424.
Jeronymo de Mendonça. 68, 87.
Jeronymo Osorio. 94, 122, 400.
Jeronymo Xavier. 226.
João de Andrade Corvo. 255.
João Antonio de Sousa Junior. 261.
João Baptista de Almeida Garrett. 4, 85, 95, 124, 178, 210, 261, 273, 281.
João Baptista Gomes. 68, 267, 271, 274.
João de Barros. 231, 249, 254, 345, 399.
João de Deus. 261.
João de Lucena. 216, 377.
João dos Santos. 50.
João Fernandes. 58.
João IV (El-rei D.). 98, 284, 290, 305, 352, 360.
J. G. de Lima. 261.
J. Monteiro da Rocha. 439.
João Pinto Ribeiro. 436.
João Ribeiro. 104, 437.
João Rodrigues de Sá. 392.
João Xavier de Mattos. 4.
Joaquim Fortunato Valadares Gamboa. 4.
Joaquim Gomes Coelho (Vid. Julio Diniz.).
Joaquim Maria de Andrade. 186.
Jorge de Montemor (ou Montemaior). 185, 264.
Jorge Ferreira de Vasconcellos. 211.
José Anastacio da Cunha. 1.
José Francisco Cardoso. 341.
José Joaquim de Azevedo Coutinho. 317.
José Joaquim Rodrigues de Bastos. 292.
José Liberato Freire de Carvalho. 303.
José Soares. 234.

Digitized by Google

José de Seabra da Silva. 202, 318.
José Osorio. 40.
José Teixeira. 495.
Julio de Castilho. 261.
Julio Diniz. 99, 308.

L

Lacerda. 25.
Leonor da Camara. 363.
Levy Maria Jordão. 146.
Luiz Augusto Rebello da Silva. 85.
Luiz de Camões. 4, 6, 12, 14, 15. 16, 20, 21, 23, 28, 36, 40, 41, 44, 49, 52, 57, 70, 73, 80, 84, 86, 90, 92, 96, 105, 110, 112, 115, 117, 136, 142, 144, 153, 161, 162, 164, 171, 173, 176, 182, 188, 193, 195, 197, 198, 199, 204, 217, 222, 223, 238, 239, 241, 270, 274, 297, 298, 299, 300, 306, 322, 479, 535.
Luiz de Froes. 332.
Luiz J. de Sampaio. 442.
Luiz Raphael Soyé. 252.
Luiz de Sousa (Fr.). 170, 296, 448.

M

Magalhães. 177, 378.
Magalhães (João Jacintho de). 379.
Manoel Alvares (P.). 108, 339.
Manoel de Azevedo. 277.
Manoel Bernardes. 192, 293.
Manoel Caetano Pimenta de Aguiar. 68.
Manoel da Costa. 278, 511, 548.
Manoel da Cunha (D.). 247.
Manoel do Cenaculo (Fr.). 224.
Manoel (El-rei D.). 275, 315, 323, 324, 325, 327, 328, 357, 483, 489, 490, 491.
Manoel de Faria e Sousa. 4, 237.
Manoel Ignacio de Sampaio. 443.
Manoel Maria Barbosa du Bocage. 4, 124, 210, 261.
Manoel Pedro de Mello. 158.
Manoel Pimentel. 404.
Marcos de Lisboa (Fr.). 69, 71, 172, 175.
Marianna de Alcanforado. (Vid. Religiosa portugueza.)
Mathias de Andrade. 8.
Mello (G. de). 157.
Miguel Franzini. 256.
Mousinho de Albuquerque. 201.

Digitized by Google

N

Nicolau Godinho. 337.
Nicolau Luiz. 4.
Nicolau Pimenta. 75, 332, 403.
Nicolau Tolentino de Almeida. 124.
Nobrega (P.). 310.

O

Osorio de Vasconcellos. 461.

P

Paulino Cabral de Vasconcellos. 4.
Paulo Midosi. 393.
Pedro de Andrade Caminha. 4.
Pedro (D. — Infante de Portugal). 370.
Pedro Antonio Correa Garção. 4.
Pedro IV (D. — rei de Portugal). 164.
Pedro Teixeira. 62, 452, 453.
Pedro Vaz de Caminha. 68.
Pero de Magalhães de Gandavo. 243, 335.
Pitta. 276.

R

Regulamento consular. 97.
Religiosa portugueza. 65, 266.
Rodrigues. (P.). 135.

S

Simões Dias. 261.
Sousa Viterbo. 261.

T

Theodoro d'Almeida. (P.). 48, 93, 126, 137, 203, 257. 282.
Thomaz Antonio Gonzaga. 166, 210, 258.
Thomé de Jesus. (Fr.). 9, 79, 83, 134, 214.

V

Vasco de Lobeira. 119, 250, 511.
Violante do Ceo. 4, 39.
Visconde de Santarem. 444.

Obras anonymas. 10, 19, 29, 55, 67, 74, 121, 126, 127, 138, 141, 150, 152, 159, 160, 163, 169, 174, 189, 200, 205, 212, 229, 253, 263, 265, 269, 274, 329, 340, 364, 365, 366, 367, 368, 371, 373, 380, 381, 382, 383, 387, 388, 389, 398, 401, 402, 411, 413, 414, 417, 418, 419, 420, 422, 423, 425, 426, 431, 432, 435, 440, 445, 450, 451, 455, 459, 466, 467, 468, 476 477, 478, 482, 484, 485, 498, 499, 500, 507, 508, 556.

Digitized by Google

COLLOCAÇÃO DOS RETRATOS

TOMO I

PAG.

Duqueza de Abrantes..... 2
Ferdinand Diniz..... 311
H. F. Lynk..... 445
Henry Major..... 484
Antonio Romero Ortiz..... 530

TOMO II

Conde de Raczynski..... 100
Vegezzi Ruscalla..... 197
Friedrich Diez..... 352
Dr. Carlos Von Reinhardstoetner..... 423

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Á VENDA NA LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50 — Rua Augusta — 52

Elogios Academicos, por J. M. Latino Coelho, tom. I. — contém o panegyrico do doutissimo cardeal D. Fr. Francisco de S. Luiz, e do notavel estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães. 1 vol. br. 800 réis.

Elogios Academicos, por J. M. Latino Coelho, tom. II, — biographia completa do grande sabio barão de Humboldt, na qual se acham compendiados os seus vastissimos trabalhos scientificos e litterarios, as suas longas e fructuosas excursões, e a parte que lhe coube no movimento intellectual do nosso seculo, 1 vol. br. 1$000 reis.

Elogio historico de José Bonifacio de Andrada e Silva, lido na Academia Real das Sciencias, e amplamente annotado, por José Maria Latino Coelho. 1 vol. br. 500 reis.

A Oração da Corôa, por Demosthenes, versão do original grego, precedida de um estudo sobre a civilisação da Grecia, por J. M. Latino Coelho, 1 vol. br. 1$000 réis.

Curso de geographia antiga e moderna, chronologia e historia da geographia, por Manuel Francisco de Medeiros Botelho, 3.ª edição, 1 vol. br. 1$700 reis.

Camões e os Lusiadas, por Francisco Evaristo Leoni, socio da Academia das Sciencias. Contém esta obra a vida do poeta escripta á luz da historia e da mais severa critica, e a analyse critica do seu immortal poema, *Os Lusiadas*. E precedida d'uma larga introducção mostrando quanto a entrada dos jesuitas em Portugal e o estabelecimento da inquisição foram fataes á prosperidade das letras no nosso paiz. 1 vol. br. 1$000 reis.

Varões illustres das tres épocas constitucionaes. Biographias dos homens que mais notavelmente trabalharam para plantar e consolidar no nosso paiz o systema constitucional, por Luiz Augusto Rebello da Silva, 1 vol. adornado dos respectivos retratos, br. 1$000 reis.

Memorias do marquez de Pombal, por John Smith (neto da Carnota), traduzidas em portuguez. Contém a vida publica e particular d'este notavel estadista, as suas importantes reformas para o desenvolvimento das artes, da industria, do commercio e da instrucção publica em Portugal: apreciação da sua politica interna e externa sempre patriotica e energica, tudo comprovado por documentos authenticos, etc. Adornadas com o retrato do grande ministro, com um seu autographo, e com o retrato do padre Malagrida e de outros jesuitas implicados no attentado contra a vida de D. José I. 1 vol. br. 1$200 reis.

Selecta Nacional, curso pratico de litteratura portugueza, por F. J. Caldas Aulete. Primeira parte: *Litteratura*, trechos dos mais notaveis prosadores, vigentes e anteriores. Segunda parte: *Oratoria*, preceitos geraes de rhetorica e discursos dos mais eloquentes oradores portuguezes. Terceira parte: *Poetica*, preceitos de versificação e trechos de todos os generos de poesia, dos principaes poetas portuguezes e brazileiros, antigos e modernos. Approvada pelo governo para uso dos lyceus e das escolas. 3 vol. 8.º cart. 1$800 réis. (Vende-se cada parte separada por 600 réis).

Os Portuguezes em Africa, Asia, America e Oceania, ou historia chronologica das navegações, viagens, descobrimentos e conquistas dos portuguezes nos paizes ultramarinos desde o principio da monarchia até á actualidade, adornada com os retratos dos homens mais eminentes d'estas gloriosas emprezas. 7 vol. 8.º br. 3$000 réis.

Historia da civilisação na Europa, desde a queda do imperio romano até a revolução franceza, por mr. Guizot, traduzida pelo Marquez de Sousa Holstein. 2 vol. adornados de estampas, br. 1$000 réis.

Verdades economicas, ou a riqueza ao alcance de todos; collecção de opusculos de economia politica, de eminentes publicistas, contendo os principios fundamentaes da sciencia economica expostos com a maxima clareza, e até com elegancia, traducção de Miguel Augusto da Silva. 1 vol. br. 500 réis.

Feira dos anexins da lingua portugueza, obra posthuma de D. Francisco Manuel de Mello, agora dada á luz pela primeira vez. Edição revista e dirigida por Innocencio Francisco da Silva, socio da Academia das Sciencias. 1 vol. 8.º br. 500 réis.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

3 2044 048 630 727

THE BORROWER WILL BE CHARGED AN OVERDUE FEE IF THIS BOOK IS NOT RETURNED TO THE LIBRARY ON OR BEFORE THE LAST DATE STAMPED BELOW. NON-RECEIPT OF OVERDUE NOTICES DOES NOT EXEMPT THE BORROWER FROM OVERDUE FEES.

WIDENER
BOOK DUE
FEB
CANCELLED
764HR26
JAN 26 1983

Digitized by Google